Descrição da Documentação	
Nome da Pasta	JOC Internacional (livretos, boletins, etc)
Número de Documentos	594
Quantidade e tipo de documentação	8 livretos, 4 boletins e 3 documentos distintos (1 folheto, 1 entrevista e 1 lista de nomes)
Dia/ Mês/Ano	1988-2010
Formato	A3; A4
Descrição	A documentação é composta por alguns livretos e boletins sobre a JOC Internacional. Alguns desses livretos e boletins foram enviados para o Padre Agostinho por membros da JOC de diferentes partes do mundo. Nos boletins encontramos informações variadas sobre a JOC Internacional.
Palavras-Chave	JOC Internacional, Padre Agostinho, Leonidas Proano, Fundação Internacional Cardijn, Albert Hari, Juventude Operária Católica, Georges Bejot, Rodolfo Escamilla
Notas explicativas	A documentação foi doada para digitalização pela Cúria Metropolitana de Nova Iguaçu, local em que estão depositados os documentos originais. Mantemos aqui a mesma organização da documentação que se encontra no Arquivo da Cúria: de forma geral, trata-se de Fundos, que estão subdivididos em caixas.

BOLETIM
ATUAIS E ANTIGOS JOCISTAS

No. 3 - março/95

Semana Internacional da Juventude Trabalhadora

No período de 24 de abril a 1o. de Maio, a JOC Brasileira estará realizando mais uma Semana Internacional da Juventude Trabalhadora - SIJT. O tema este ano será: "Do Brasil à África do Sul, a solidariedade quebra correntes". Esperamos que você embarque nessa ideia e que sejamos sempre construtores de uma sociedade melhor.

Encontro de Jocistas

Atuais e Antigos

Em 18 de fevereiro foi realizado um encontro de Jocistas atuais e antigos, na sede da JOC, que durou o dia inteiro. O objetivo do encontro era de se definir como os antigos poderiam apoiar a expansão do movimento na cidade de São Paulo e contou com o seguinte programa:

1.análise da juventude hoje, formação/informação;

2. retomada do movimento na cidade - trajetória até hoje e perspectivas;

3. como o grupo pode contribuir para a retomada;

4. quais atividades podem ser feitas em conjunto?

5. avaliação.

Análise da Juventude

Foi levantada a situação da juventude de hoje, que se caracteriza como migrante, que perde a identidade numa metrópole como São Paulo. Quando encontra trabalho é no setor informal, até porque é onde consegue ganhar um pouco mais. Tem mais acesso à escola, porém com mais rotatividade, sonha muito e busca na droga e nas gangs as respostas à sua sobrevivência. Desenvolve precocemente sua sexualidade e não se identifica com as propostas da Igreja. "Fogem" a uma proposta de trabalho em grupo porém demonstram necessidade de estarem juntos no lazer.

Trajetória e Retomada

Nos últimos dez anos, o movimento não contou com muitos militantes. No período de 85/89, quando a Izilda era liberada, haviam dois militantes na zona sul e quatro na zona oeste. Foi formado um grupo de assessores, dos quais o pe. Abib permanece até hoje. Foram feitos trabalhos em conjunto com a Congregação dos Filhos da Caridade. No período seguinte, foi tentada a extensão do movimento, através do trabalho de ex-coordenadores que fixaram residência na cidade, como o Leacir e Julia com o apoio da irmã Martina na zona leste, e do Valerim e Maria na zona sul. Esta experiência não se consolidou, restando alguns contatos.

Em seguida ocorreu o processo da realização do 5o. Congresso da Juventude Trabalhadora, que atingiu os bairros de Pedreira, Campo Limpo, Valo Velho e Jardim Jaqueline, não se conseguindo garantir sua continuidade. Foram também realizados trabalhos no MOVA e no projeto Mutirão, da Prefeitura, os quais tinham também um aspecto de sobrevivência dos militantes.

No sentido de conhecer melhor a realidade do movimento hoje, foi perguntado se a idade mais elevada dos militantes, e o fato de alguns serem casados não estaria dificultando a militância no meio dos jovens. Foi discutida ainda a questão da espiritualidade da ação do militante jocista, considerando-se que esta é que diferencia o militante cristão, dos demais. Foi colocado ainda que a opção político partidária deve ser de cada um e não do movimento, o qual deve estar acima dos partidos políticos. Ficou entendido também que o militante deve ser residente na cidade e que sob certo aspecto, o acesso dos simpatizantes à sede nacional do movimento, o envolvimento com seus problemas e peculiaridades, podem representar

uma situação de queima de etapas em sua formação, terminando por prejudicá-la.

Retomada

Nena informou que deixou a coordenação do movimento em dezembro e assumiu a tarefa de expandir a JOC em São Paulo. Ainda não decidiu onde irá morar, sendo Guaianazes uma opção. Fez uma primeira reunião de planejamento junto com o Davi, Roberto e João. Para as próximas etapas do planejamento convocará os antigos, cujo apoio julgou fundamental. Foram sugeridos contatos na zona leste para um possível início de trabalho.

Avaliação

Embora houvesse uma certa apreensão de parte a parte, a franqueza utilizada nas discussões foi aceita de maneira positiva e terminou por ajudar a remover dúvidas do lado dos atuais e dos antigos. Este clima de cooperação criou uma expectativa positiva de continuidade dos trabalhos. Como disse a Nena: "É bom saber que há pessoas querendo ajudar o movimento. Eu gostei e quero mais!" Ou ainda a Marli: "Estou sentindo firmeza". Os trabalhos foram encerrados com uma reflexão sôbre o Salmo 147, comentada pelo Luiz Fernandes.

Gente Nova na Coordenação da JOC

À partir de janeiro último, passaram a integrar a Coordenação Nacional Executiva da JOC, três novos militantes: Josinete (Nete), de Pernambuco; Amauri, de Minas Gerais e Marisete de São Paulo. Substituem a Nena, o Helio e a Mônica, que terminaram seu período na Coordenação.

Assumiu também a Coordenação Ampliada pelo Estado de São Paulo, o Eduardo (Dudu), de Mauá, que fará companhia à Marli, que já vinha desenvolvendo seu trabalho.

Aos que entram e aos que saem, nossos votos de um bom trabalho e muitas felicidades nesta nova fase que se inicia.

Falecimentos

Comunicamos o falecimento do Sr. Leonardo, pai da nossa companheira Mariana, ocorrido em 9/11/94; do pai da Lurdinha, da coordenação nacional da JOC, Sr. Jezo Candido, ocorrido no dia 24/1/95 e do pai da Marcia, Sr. Lopes, ocorrido em 31/1/95. Aos companheiros nossos sinceros sentimentos.

Alô Minas Gerais

O Grupo de atuais e antigos jocistas de São Paulo manda um alô para os companheiros de Minas Gerais. O negócio é o seguinte: O Gomes, da Coordenação Nacional da JOC, fez chegar às nossas mãos, uma listagem com 130 nomes de companheiros aí das Minas Gerais, entre eles o Tió, que tem muitos conhecidos por aqui. Embora alguns endereços estejam incompletos, gostariamos de estar enviando este Boletim aí para vocês. Antes porém, é necessário que vocês estejam de acôrdo e passem a mandar alguma matéria para a gente publicar. Como o Bartolo de Pôrto Alegre tem feito. O Bartolo colaborou com artigos enviados por carta, em vários números do Boletim. Depois enviou-nos uma listagem com mais de trinta nomes de companheiros. Pediremos para o pessoal da Coordenação levar em mãos alguns exemplares deste número e ficaremos aguardando a resposta bem como sugestões.

Curiosidades e Verdades

Em vários encontros de antigos jocistas, tem se brincado algumas vezes, dizendo que as moças jocistas da época, fizeram alguns padres desistir do clero.

A bem da verdade e sem delegação de nenhum dos envolvidos, devo esclarecer que a maioria deles tinha grandes dificuldades para fazer o seu apostolado, devido aos bloqueios oferecidos por seus superiores que não compreendiam e nem aceitavam a JOC. Daí de reunir o útil ao agradável: o padre deixava a batina e casava-se com a jocista que o tinha conquistado.

Pelo que sabemos, "deu certo".

Silvio (Vila Maria)

P.S. Seja você o próximo a escrever nesta coluna.

Benvindas

Desejamos boas vindas à Dandara e à Samara. Para quem não sabe, são as filhas gêmeas dos

nossos companheiros Davi e da Margarida, que nasceram prematuras mas estão crescendo e ganhando pêso, graças ao amor e à dedicação dos pais. Nossos votos de muitas felicidades ao casal e às meninas.

Vem aí o Dia Internacional da JOC, em 25 de agosto. Vamos fazer um encontro com todos os jocistas, atuais e antigos. Aguarde.

Construtores da Sociedade

O Vicariato dos Construtores da Sociedade, que conta com a participação de jocistas atuais e antigos, entra em seu terceiro ano de criação, com alguns projetos que estão sendo discutidos e implementados. Mensalmente, em suas reuniões, haverá um momento dedicado à formação dos seus integrantes, como maneira de apoiá-los nos seus engajamentos.

Outro projeto realizado, foi o encontro preparatório para a Conferência de Cúpula sôbre o Desenvolvimento Social, realizado no dia 4 de março, na sede do Parlamento Latinoamericano em São Paulo. Foram debatidos os três temas da Conferência, a saber:

- o combate à pobreza;
- a criação de empregos produtivos e
- a promoção da integração social.

O encontro contou com a participação de 120 pessoas, representativas dos diversos setores sociais que atuam na cidade, inclusive um grupo de jocistas. Do encontro foi tirado um documento com proposições e recomendações à delegação brasileira à Conferência que se realizou em Copenhague entre 6 e 12 de março e que teve o patrocínio da ONU.

Bodas de Prata

No dia 21 de janeiro foram comemoradas a bodas de prata do Valter Tavares e da Val. O pe. Croimans que realizou o casamento do casal estava lá e confirmou tudo de novo. Estiveram presentes dezenas de amigos e familiares. O acontecimento foi animado com muita música pelos integrantes do Bando Flor do Mato e do grupo do Ricardinho, filho do casal.

Rap: Protesto

Esta maneira de protesto, através de uma "música" falada, não aceita por alguns setores da sociedade, inclusive jovens, que consideram os cantores do Rap como marginais. As músicas, são na verdade poesias ou frases de ritmo cadenciado, conforme se observa nas gravações dos grupos de Rap. As letras procuram revelar a realidade dos excluidos pela sociedade, o desrespeito da polícia para com eles, e a discriminação racial que sofrem os negros e os nordestinos. Os seus valores são mais realçados pelo ritmo do que pela melodia que praticamente não existe. Os jovens favelados se identificam com o Rap, porque o conteúdo das letras descreve o problema das drogas, os traficantes (muitas vezes estes ligados por laços de parentesco) e o repúdio à polícia. A admiração que os defensores do Rap tem pelo mesmo, é pela maneira agressiva com que podem atingir a sociedade, a qual os coloca à margem do seu convívio.

Maria Dalva (V.Maria)

Solidariedade e Mudança Social

A campanha que o Betinho começou contra a fome e que teve tanta repercussão no Brasil todo, levou muita gente a sair do seu comodismo, de seu egoismo e a pensar mais no irmão que sofre. Mas levou também muita gente a repensar as ideias que tinha a respeito da solidariedade, do exercício concreto da ajuda mútua. Porque para muita gente, a solidariedade era simplesmente sinônimo de assistencialismo. Ora no assistencialismo, o que se pretende é ajudar o que sofre sem pensar mais adiante, isto é, sem pensar na maneira de acabar com a pobreza e o sofrimento. No assistencialismo se perpetua a injustiça que causa a fome, ao passo que na solidariedade a gente procura ajudar o irmão e ao mesmo tempo lutar para que as causas desses problemas possam ser eliminadas. Não é por acaso que a campanha do Betinho está agora dando ênfase a reforma agrária porque a péssima distribuição de terras é uma das causas da fome no Brasil.

O que estamos com tudo isso descobrindo é que uma coisa não exclui a outra, isto é, a gente pode ser solidário com o irmão que sofre, organizar um comitê para dar comida a quem está passando fome e ao mesmo tempo lutar para que as reformas das estruturas sociais possibilitem que ninguém mais passe fome. Muitos chegam mesmo a dizer que quem não é capaz de se solidarizar com o irmão faminto, não é capaz de lutar por uma reforma social e política que tenha uma verdadeira dimensão humana. Ou para citar uma frase do Betinho em entrevista à Folha: "há uma relação estreita entre conjuntura e estrutura. Se eu não sou capaz de mudar alguma coisa aqui e agora, seguramente não serei capaz de mudar no futuro."

A Campanha da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, começou a partir da luta pela Ética na Politica. Foi quando se fez chegar a todas as pessoas o grito de que nada mais imoral do que a fome de milhões de brasileiros. Ora, esse comportamento ético faz que a pessoa, com a mesma indignação com que se levanta contra a fome e a miséria, proclame que a estrutura fundiária é imoral, que a distribuição da renda é injusta. Ou seja, a consciência moral leva a lutar pelas reformas estruturais.

É verdade que muitas pessoas param no gesto meramente assistencialista, daquele que dá ajuda somente para se ver livre do pobre que o importuna. Essa atitude não é de solidariedade, é assistencialismo. Já a solidariedade nasce da consciência do valor da pessoa humana e de sua vida, da percepção de que somos todos irmãos e que temos todos os mesmos direitos e os mesmos deveres. No cristianismo, essa solidariedade tem o nome de caridade, de amor, que é o maior de todos os valores dos seguidores de Cristo. Eles sabem muito bem que é de todo impossivel ser discípulo de Cristo sem amar o próximo, sem dar um copo d'agua a quem tem sede ou um pão a quem tem fome. Mas é preciso também que os cristãos cada vez mais descubram que essa sua ação concreta de ajuda ao próximo seja capaz de desencadear um processo que leve a uma nova maneira de construir a nossa sociedade.

Parece que estamos chegando em nosso modo de pensar e de agir, a não separar mais a solidariedade e mudanças sociais, ajuda concreta e reforma, agir local e transformação global. Se isso de fato começar a acontecer, estaremos caminhando para um mundo mais justo e verdadeiramente solidário.

Pe. Dario Bevilacqua

do Vicariato dos Construtores da Sociedade

Colaboraram nesta edição: Roberto Custodio, Dalva e Sylvio Augusto Bento, Mariana Fernandes, Emilia Zanardo, Cida Nassif, Valter Tavares e Mons. Dario Bevilacqua.

Apoio: Papelaria São Miguel.

Expediente: Grupo de Atuais e Antigos Jocistas - R.Condessa de São Joaquim, 215 - cep 01320-000 - Tel.605-5146 - São Paulo - SP

JUVENTUD OBRERA CRISTIANA INTERNACIONAL
JUVENTUDE OPERARIA CRISTÃ INTERNACIONAL
JEUNESSE OUVRIÈRE CHRETIENNE INTERNATIONALE
INTERNATIONAL YOUNG CHRISTIAN WORKERS

JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA

Bogotá, Septiembre 5 de 1989

AGOSTINHO PRETTO
Catedral de Santo Antonio
Nova Iguacu - Rio de Janeiro
BRASIL
CEP 26.000

Estimado Amigo:

Este documento anexo, es de uso interno de la JOC de América. No es un documento terminado, pues está siendo sometido a la apreciación de los Movimientos Nacionales de la JOC. Entretanto, Usted es una persona la cual consideramos importante sea informada sobre lo que estamos desarrollando en cuanto a la reflexión de esta situación que vive la JOC. Entendemos que en una situación como esta, es muy importante que Usted nos pueda aportar en cuanto a complementación y crítica al proceso que ahora desarrollamos, también porque sabemos que un patrimonio como es la JOC es una obra hecha por muchas manos.

Entonces, lo que pedimos, es que si Usted tiene algo que le parezca importante señalar, nos envíe su reacción.

Llamamos su atención al hecho de que este es un documento interno, puesto que algunas informaciones están sujetas a cambios ya que son los Movimientos Nacionales los que pueden dar muchas informaciones de forma conclusiva.

Nosotros, la Coordinación, apenas estamos dando el primer chute en el balón. Lo pasamos a Usted también!

Un fuerte abrazo y esperamos poder contar con su reacción.

Gilberto Ferreira da Costa
por la Coordinación JOC América.

Uso interno
JOC AMERICA.

LA DIVISION EN LA JOC

Compartimos aquí algunas reflexiones e informaciones sobre la evolución de la Situación Interna a nivel de América. Es una reflexión inicial que pretendemos sea discutida por los Movimientos y que hagan sus reacciones a la Coordinación como forma de ampliar conjuntamente nuestra comprensión a cerca de esta situación.

Como Ustedes pueden constatar, en el "Boletín Continental" No. 15 de Abril de 1989, ya presentamos un poco el recorrido hecho por el Secretario General de la CIJOC, Tomaso Panero, en el continente americano. Sólo para retomar, vemos que en el año 88 el Señor Tomaso Panero estuvo visitando los siguientes países: Argentina, Brasil, Chile, Colombia, Ecuador, Costa Rica, Nicaragua, Paraguay y México. Si estuvo en otros países, no logramos saberlo como tampoco recibimos información desde los Movimientos. La información fue más que todo por contactos en las visitas, pero no llegamos a recibir cartas de los Movimientos. De hecho, esto es para retomar, porque la información que no está escrita se pierde con el tiempo.

Después, logramos hacer una reconstrucción del trabajo que ha hecho la CIJOC en estas visitas. Lo que falta mencionar aquí, sería bueno que los mismos Movimientos lo hicieran y lo envíen a la Coordinación. Pensamos que reconstruir todo el proceso es muy importante para el análisis que debemos hacer en el próximo Encuentro Continental y en el VIII Consejo Mundial.

ALGUNOS HECHOS EN LOS PAISES

Argentina:

Tomaso Panero se reunió con dos Dirigentes de la JOC y habló con ellos sobre el Movimiento en Argentina. Los Dirigentes confrontaron sobre aspectos del Movimiento y le insistieron sobre el diálogo y la unidad del Movimiento. El Pbro. Juan Carlos Angocani, en una charla informal con un Coordinador Continental, reconocía que se había precipitado al convocar al Movimiento de Argentina a pasarse para la CIJOC. Según él, su actitud fue motivada por la carta que recibió de la Secretaría de Estado.

Brasil:

Tomaso Panero estuvo con algunos antiguos de la JOC. Se sabe que hay un antiguo presidente nacional de la JOC (Tibor Sulik) que trabaja con el Cardinal Mr. Eugenio Salles y es miembro del SEP (Servicio de Educación Popular), quien declaró públicamente su apoyo a la CIJOC en un artículo publicado en el "Jornal do Brasil" (véase en anexo). Tomaso Panero también estuvo en el Encuentro Nacional de la PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular), donde fue cuestionado cuando empezó a hablar críticamente de la JOC de Brasil sin que la misma estuviera representada en dicho Encuentro.

Chile:

En conversaciones con algunos Obispos que simpatizan con la JOC, Monseñor Sergio Contreras y Fernando Ariztia, nos hicieron llegar su posición frente a la situación dejando en claro que no presionarían al Movimiento, pero que mantuviéramos prudencia en el transcurso de sucesos que se fueran presentando, en una actitud de cuestionamiento y escuchar que son necesarios en estos casos.

La JOC ha recibido al coordinador de la CIJOC, Tomaso Panero, "*con el cual compartimos abiertamente nuestros puntos de vista, manteniendo con firmeza nuestra crítica a la división internacional por lo que significa para los*

jóvenes trabajadores, especialmente del Tercer Mundo y porsupuesto nuestro cuestionamiento a la nueva estructura impulsada y nacida en Europa reconocida por el Vaticano en primera instancia... CIJOC".

Monseñor Sergio Contreras y Fernando Ariztia se reunieron con 4 Dirigentes de la JOC Chilena y una Coordinadora Continental. En esta reunión se compartió sobre la acción que realizan los militantes de la JOC, su compromiso con los jóvenes trabajadores arraigado en una fe liberadora, encarnada en Jesús hombre presente en el pueblo chileno que sufre la explotación, humillación, represión, atropello de los derechos humanos. También se reflexionó sobre la formación y papel de los Asesores.

Monseñor Fernando Ariztia vió la posibilidad de nombrar al Vicario de la Pastoral Obrera, Alfonso Baeza, para que acompañe el Equipo Nacional, y planteó la importancia de continuar informándole sobre lo que hace el Movimiento en Chile.

Haiti:

Durante la última Semana de Estudios de la JOC, Julio 89, han reafirmado su fidelidad y pertenencia a la JOCI.

Colombia:

El Asesor Internacional de la CIJOC, P. Giovanni Fornero, estuvo en Medellín. Se sabe que hizo una visita a la Curia y que se encontró con Sacerdotes de la Diócesis. En Medellín hay un grupo de JOC que se ha desligado del Movimiento J.O.C. Nacional. El P. Giovanni Fornero, no se encontró con los jóvenes de este grupo, pero después de su visita a la Diócesis, desde la Curia se pidió a los Jóvenes Trabajadores de este grupo que informaran los nombres de los jóvenes con los cuales están en contacto. El cardenal, Alfonso López Trujillo, escribió en el Boletín de la Diócesis que "la única JOC, es la que quiere el Papa".

Ecuador:

Durante los dos últimos años, Tomaso Panero, Pe. Pietro y el Pe. Giovanni Fornero, han visitado a Ecuador. En estas visitas encontraron a sacerdotes, jóvenes y laicos. También encontraron a la Comisión de Pastoral Obrera.

La Coordinación Continental, está apoyando el proceso de extensión de la JOC en la ciudad de Guayaquil desde 1982. Han dado pasos y hoy día son un equipo de militantes y dos grupos de iniciación. Estos jóvenes están caminando con la JOCI.

La CIJOC propuso al Secretario de la Pastoral Juvenil que fuera permanente para desarrollar la JOC a nivel del país. Fernando Teran aceptó el compromiso de trabajar con la CIJOC al mismo tiempo que la JOC de Turin en Italia se comprometió a enviar US$ 5.000.oo como forma de asegurar el desarrollo de la JOC.

La Conferencia Episcopal pidió a Fernando Teran que se desligara de la Secretaría de Pastoral Juvenil, puesto que como Conferencia Episcopal no quiere ser promotora de ningún movimiento específico. Fernando pidió su dimisión, la cual fue aceptada, aunque sigue apoyando la Comisión de Jóvenes y participa en la Comisión de Laicos.

La Coordinación Continental, estuvo en Quito y se encontró con la Comisión de Laicos, con Fernando Teran (3 veces), con Monseñor Gonzalo López Marañon (responsable de la Sub-comisión de Laicos en la Conferencia Episcopal Ecuatoriana), Cristianos comprometidos, organizaciones populares y sindicales, sacerdotes y jóvenes trabajadores. Con todos reflexionamos esta situación y les pedimos su apoyo para avanzar.

Resultados:

- La JOC de Guayaquil sigue su proceso y está bastante motivada.

- La Conferencia Episcopal recomienda que no se afilie la JOC que está impulsando Fernando Teran , ni a la JOCI ni a la CIJOC hasta que haya un Movimiento organizado con condiciones de decidir. También se recomienda que no se acepte el dinero. Que la Coordinación Continental cuando haga sus visitas se encuentre con Fernando Teran y con los grupos que él está trabajando. Que la JOC de Ecuador no participe en el Consejo de la CIJOC como un Movimiento Nacional y si hubiere participación, que sea más bien a título personal y que esto quede claro con las personas que acompañan la JOC.

Costa Rica:

En este país, Tomaso Panero, visitó algunos Obispos y mantuvo contactos con jóvenes trabajadores y gente de Pastoral. Tuvimos la oportunidad de hablar con el Obispo responsable de la Pastoral Juvenil en este país y de constatar que El tiene una preocupación muy fuerte con respecto a los jóvenes trabajadores. Lo que pasa es que El no se muestra convencido de que sea la JOC una cosa útil actualmente, pero al mismo tiempo, se mostró bastante interesado por conocer la JOC de hoy día.

En sus contactos en este país, la postura de la CIJOC fue de omitir todas las informaciones sobre la existencia de un Movimiento organizado en América. Con esto, algunas personas quedaron sin entender el hecho mismo de que hay JOC en Puntarenas (región costeña de este país en el Pacífico).A Algunas personas les cayó muy mal saber que Tomaso Panero conocía la Coordinación de América y ya se había encontrado más de una vez con diversos Movimientos Nacionales, pero que no les pasó dicha información. De hecho, para algunas personas dejó la impresión de que los intentó utilizar de manera poco transparente.

Nicaragua:

La única información que tenemos, es que después de la visita que hizo la CIJOC a este país, ellos recibieron críticas y advertencias de personas en Roma. Después de esto no se tienen más noticias.

Paraguay:

Lo que se sabe, es que en este país hay una disposición de fortalecer y de apoyar algo que sea fruto de una experiencia Latinoamericana.

En este país hubo un pequeño incidente, ya que Tomaso Panero, reclamó a un Coordinador Continental en México, de que estábamos diciendo en este país, que la CIJOC está ligada al Opus Dei. Aclaramos a Tomaso Panero, que por la información que tenemos, la misma ligazón que tiene la CIJOC con el Opus Dei, la tenemos nosotros también.

México:

Hace algunos años, hubo muchas tensiones internas en el Movimiento en este país. Sin que se llegara a consolidar una ruptura, los dos grupos que se confrotaban siguieron trabajando y cada uno fue consolidando en la práctica sus puntos de vista. De hecho, hay hasta una buena relación entre los militantes de los dos grupos. Lo que pasó, fue que la CIJOC mencionó el Movimiento de México como parte de su organización, lo que generó una reacción de los jóvenes del Movimiento quienes manifestaron su desacuerdo con la división y su deseo de que se concretara el diálogo para llegar a la unidad entre los jóvenes trabajadores.

En el año 88, los Equipos Nacionales de estos dos Movimientos, se encontraron algunas veces, sobre todo en el momento de las visitas de la Coordinación.

Desde la Coordinación no vemos que hay antagonismos entre los dos Movimientos, mas bien hay una complementación. Esto porque un Movimiento está más ubicado en el ambiente eclesial (Parroquia, Pastoral Juvenil, CEBS) y el otro es un Movimiento que está más presente en el barrio, pero sin tener necesariamente una ligazón con una Parroquia. Lo más importante, es, que tanto el uno como el otro, manifiestan una motivación muy fuerte por llegar a los jóvenes trabajadores en donde sea.

Las veces que la Coordinación tuvo la oportunidad de hablar con los dos Movimientos, no aceptamos hablar de la CIJOC sin que ellos tuvieran la oportunidad de contestar.

Fue por esto, que aprovechando que había una coincidencia en la fecha de la visita de Septiembre 88, se acordó un encuentro donde estuvieran presentes los dos Movimientos, el Coordinador de América y también Tomaso Panero para hablar de las causas de la división y de las perspectivas de unidad en la JOC Internacional. De hecho, la actitud de Tomaso panero decepcionó a todos.

Después de haber sido cuestionado por algunos jóvenes durante su visita, Panero tomó la decisión de partir dos días antes de dicho encuentro. Algunos jóvenes habían viajado hasta 6 horas para tal reunión y criticaron enérgicamente su actitud calificándola de "anti-militante".

Venezuela:

Estuvimos reunidos, el Equipo Nacional, un Coordinador Continental y el Asesor Internacional de la CIJOC. Fue una reunión de hora y media donde se compartió un poco la realidad en el país y la realidad de los jóvenes trabajadores de Europa. Se habló de las diferencias que han generado la división, y la posición del P. G. Fornero fue de que la JOCI no ha cambiado y por lo tanto sigue la división.

Perú:

El Movimiento Nacional reitera su pertenencia a la JOC Internacional y está reflexionando sobre el conflicto y sus consecuencias para la JOC de Perú.

OTROS HECHOS

Además de las visitas, la CIJOC ha impulsado otros medios para desarrollarse en América. Se sabe que sacerdotes europeos estuvieron visitando el continente y hablando con personas comprometidas en la Iglesia acerca de la situación.

Los artículos en la prensa también han sido un medio para impulsar la CIJOC. De estos artículos se puede hacer algún comentario, por ejemplo, el artículo publicado en la revista "Vida Nueva" (ver anexo) en Diciembre 88, que el mismo título muestra la estrategia de esta organización de cara a América: *"Un Movimiento que estuvo a punto de extinguirse - CRISIS DE LA JOC EN AMERICA LATINA"*; el artículo intenta presentar la CIJOC como la salvación para un Movimiento que estuvo a punto de extinguirse y que además está en crísis. Es interesante ver que el grupo disidente que no tuvo en todos los años anteriores la preocupación de compartir los problemas de la JOC en América, ahora se convierta en el que quiere salvarla combatiéndola, criticándola e impulsando disidencias en los Movimientos Nacionales. Pero lo más negativo está en el hecho de hacer afirmaciones bastante graves en contra de la Coordinación, por ejemplo, Tomaso Panero, habla en su artículo que *"a nivel continental se ha impuesto una línea ideológica y secularizada que ha pretendido hacer de la JOC un Movimiento exclusivamente político, en el mejor de*

los casos la fe venía identificada, reductivamente, con la acción, descuidando la espiritualidad y la vida sacramentel [...]". Es importante detenerse a buscar el objetivo de tal afirmación. Es posible que por su desconocimiento de la realidad del Movimiento en América, ésta afirmación sea fruto de un VER superficial y sin base concreta en cuanto a lo que es el papel de la Coordinación en América. Se podría preguntar entonces, dónde se ubican los hechos concretos para esto?. Por otra parte, no se puede negar que la JOC en América, en su búsqueda de vivir un compromiso con la Juventud Trabajadora haya cometido errores y descuidos, pero que al mismo tiempo ha mantenido su determinación de buscar junto con los cristianos de otros Movimientos y Pastorales, las respuestas para ser efectivamente: Joven, Obrera y Cristiana. Esto significa, que si tal afirmación es fruto de un ver superficial, ya es un grave problema y una contradicción con el método de la JOC.

En la JOC decimos que el VER es fundamental en todo el proceso. El VER de la JOC no acepta juicios superficiales y desligados de la realidad concreta que se vive.

Podemos comprender perfectamente, si se trata de un joven que está apenas iniciando en el Movimiento, pero a un Dirigente Internacional no se le puede aceptar que cometa tal falla. Sería importante confrontar tal afirmación con lo que se vive en los Movimientos Nacionales donde vemos muchísimos jóvenes que afirman haber descubierto a través de la JOC un sentido más profundo para su fe que es el de ser "*pescadores de hombres*", "*levadura en la masa*", una nueva forma de ser Iglesia en medio de los jóvenes trabajadores, el desarrollo de las relaciones fe y acción, fe y vida, fe y compromiso...

De otra parte, vemos tales afirmaciones como una "caricaturización" del Movimiento en América. Esta si, en lo mejor de los casos, bastante reductiva en cuanto a lo que es vivir la fe y la opción por los pobres en Latinoamérica.

La JOC de América no se muestra satisfecha con el aporte del conjunto de la Iglesia a los jóvenes trabajadores. Este es un hecho, pero tampoco por esto nos ponemos al margen, sino que buscamos ayudar a que se avance en este compromiso. De la misma manera, estamos atentos a las observaciones que se nos hacen con amor y también intentamos avanzar.

Ahora, es inaceptable que se quiera ponernos contra la pared como si fuéramos un cuerpo extraño en la Iglesia, alegando "ideologilización y secularización" de esta manera.

Esta cuestión no es nueva en América y tampoco es la JOC la única que vive tal tipo de presión; mismo, hasta injusticias, muchos están sufriendo por su compromiso con la Clase Obrera. Lo que vemos claramente, es que con este tipo de acusación, la CIJOC está aglutinando en torno a su propuesta, sectores que hasta hoy y desde hace mucho tiempo no han movido una paja para ayudarnos. Al contrario, lo que Tomaso Panero, llama de "apoyo insuficiente de los Obispos", nosotros llamamos omisión de muchos hermanos de cara al sufrimiento porque pasó y sigue pasando en el Movimiento.

Se podría preguntar, si en Europa la JOC no está en crísis y si allá el Movimiento es tan fuerte y organizado para que vengan a enseñarnos cómo salir adelante.

EL CUADRO JURIDICO

A consecuencia de la represión sufrida por la JOC en los tiempos más duros de las dictaduras militares, que aún siguen duras en varios países (basta ver que en el mes de Agosto de este año, un Coordinador Nacional de la JOC de Chile fue detenido e incomunicado por nueve días y que después fue liberado por falta de pruebas), el Movimiento ha sido marginado. Hace falta una ubicación clara en cuanto al marco jurídico de la JOC en los países. Hay desconfianza en muchos países porque hay un concepto de que la JOC es algo que se acabó en algunos países. Aunque la realidad muestra, mismo que sea bastante reducida, si se compara con la JOC de las dos décadas atrás, el Movimiento sigue existiendo y creciendo. El hecho es que, del punto de vista jurídico, la situación de la JOC es bastante débil en muchos países. Lo que planteamos es que se debe buscar en los países expertos en derecho canónico que nos ayuden a encontrar una ubicación de acuerdo con la realidad actual del Movimiento y también de toda la Iglesia. Al mismo tiempo, son los Obispos los que deben tomar decisiones a este nivel. Para lo cual hay que presentarles lo que hace el Movimiento, cómo está organizado, los contenidos y orientaciones, el método, y, más que todo, los frutos del trabajo.. Hay muchos Obispos que piensan que la JOC es un árbol que ya no da frutos, por esto debe ser cortado. El Evangelio nos habla que en estos casos, hay que ponerle abono y esperar.

En el Plan Internacional, tenemos ahora el desconocimiento de la JOCI como O.I.C. En el caso de América, este desconocimiento no corresponde a la realidad ya que tenemos el reconocimiento en muchas Diócesis y mismo en el plan de algunas Conferencias Episcopales. Esto significa que el reconocimiento de la CIJOC como O.I.C., es apenas una cosa que se da a ellos pero no se puede interpretar como algo que se nos quita. A lo mejor, significa que el llamado que se hace es para que los Obispos reflexionen con los Movimientos sobre su orientación, aspecto positivo para nosotros, puesto que es lo que estamos buscando.

ALGUNOS ELEMENTOS MAS SOBRE LA CIJOC

Nos han hecho algunas solicitudes de buscar más elementos sobre la JOC de Malta, puesto que la expulsión de este Movimiento en el 86 fue un hecho bastante significativo en cuanto a la división ocurrida en el mismo año. Aunque de manera bastante informal, hay un concenso en el Equipo Internacional de que fue una actitud precipitada promover la expulsión de la JOC de Malta. El mismo hecho de que el Consejo Mundial de Sao Paulo haya aprobado una moción de que en otras situaciones semejantes se promueba una consulta a los Movimientos Nacionales, fortifica esta comprensión. Además de esto, hemos recurrido a la Guía del Tercer Mundo para sacar algunos datos sobre el país: Malta tiene una población de 380.000 habitantes; su superficie es de 316 Km^2; comprende un grupo de 5 Islas de las cuales 2 están deshabitadas; el turismo es una de las principales fuentes de ingreso; en 1964 se independizó de Inglaterra (datos de 1985).

Francia: Hemos hecho dos contactos directos con la JOC de Francia. En 1988 y 1989. En este año pudimos compartir por algunas horas con tres Coordinadores Nacionales y entre ellos estaba el Secretario de Relaciones Internacionales, Luc Thoral. Hablamos de la realidad vivida por los jóvenes trabajadores en Francia y en América, también de los hechos provocados por la situación de división. De hecho en Francia lo que ocurre es que el Movimiento sigue trabajando y la división no trae consecuencias de mayor significación. Por otra parte, al presentar algunos hechos que están sucediendo en América, la reacción de estos compañeros fue de no estar de acuerdo; por ejemplo, que no les parece sano que se motiven divisiones en los Movimientos Nacionales.

En los contactos que hicimos con algunos antiguos del Movimiento, vimos que no hay mucha discusión sobre la división en la base del Movimiento. Sentimos un clima de solidaridad bastante positivo en estos Coordinadores con quienes hablamos y también con antiguos asesores de este Movimiento. Hay esperanza de que la JOC vuelva a la UNIDAD!

PERSPECTIVAS

El próximo año la CIJOC realizará su segundo Consejo Internacional en Africa. Es normal que estén buscando una mayor representatividad en tal encuentro. Pensamos que es importante aclarar que en la CIJOC sólo hay dos niveles de estatuto: MIEMBRO Y OBSERVADOR. En esta organización, el estatuto de OBSERVADOR se asemeja a lo que tienen nuestros estatutos como PERIODO DE PRUEBA.

Es importante recordar también que en el último Consejo de la CIJOC, los delegados que fueron enviados por el Consejo de Sao Paulo, fueron retirados de la plenaria porque manifestaron que estaban allí como representantes de los 40 Movimientos presentes en este Consejo. En la reunión del Equipo Internacional, acordamos hacer una solicitud de invitación para participar de este encuentro.

Desde la Coordinación de América, vemos que la participación de Movimientos Nacionales del continente americano debe ser de carácter colectivo. Es decir, que si hay invitaciones o interés de participar a este encuentro, que sea una decisión del conjunto de los Movimientos y no una actitud aislada de algún Movimiento. Esto porque no queremos que se presenten hechos de desinformación y provoquen confusiones en cuanto a la unidad de los Movimientos de América. Por tal razón, solicitamos desde ahora que los Movimientos que han recibido o que reciban invitaciones, informen a la Coordinación lo más pronto para que se pueda informar al conjunto de Movimientos Nacionales.

También decidimos solicitar a través del Secretario General del CELAM para que la CIJOC nos invite a su encuentro.

Durante todo el proceso hemos solicitado ayuda de los Obispos para que se llegue de nuevo a la UNIDAD de la JOC Internacional. Entonces, también vemos que para este encuentro se debe informar a los Obispos y pedirles que soli-

citen a la CIJOC la participación de algunos Movimientos de América. Para que queden claros los aspectos más importantes a asegurar, los participantes deben ser ubicados en la condición de Invitados Especiales y que tengan el acuerdo del conjunto de Movimientos de América. Por tanto, el proceso a seguir depende de la dinamización de las informaciones y de las reacciones del conjunto de los Movimientos.

Participación de disidencias:

Pensamos que algunas disidencias como es el caso de Chile y de Colombia, van a ser invitadas a participar de este Consejo como representantes de la CIJOC en estos países. Además de esto, seguramente van a participar personas que están trabajando para la CIJOC como es el caso en Ecuador.

Es importante que los Movimientos que viven tales situaciones envíen sus reacciones de cara a tales hechos.

También pedimos que nos informen sobre posibles visitas de la CIJOC a sus Movimientos Nacionales, aunque Tomaso Panero ya nos informó que no seguirá visitando el continente.

El Asesor Internacional de la CIJOC, hizo una visita aprovechando la participación del Primer Encuentro Latinoamericano de Pastoral Obrera, promovido por el DEPAS del CELAM. A pesar de estar en Colombia, no quizo encontrarse con el Equipo Continental como tampoco nos quizo informar sobre su programa de visitas, dijo que esto era una cosa interna de la CIJOC.

Por parte de la Coordinación de América, hay un gran interés de encontrar a las personas que vienen de la CIJOC, para seguir dialogando. Por esto, rogamos a Ustedes, que si tienen información al respecto nos la envíen.

Uso interno
JOC América.

EL PRIMER ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE PASTORAL OBRERA

Participamos de este Encuentro por invitación del DEPAS (Departamento de Pastoral Social del CELAM). En anexo, encuentran la relación de todos los participantes. Lo más importante a informar a Ustedes sobre este Encuentro es la parte que corresponde a la discusión sobre la JOC.

El Pe. Giovanni Fornero, argumentaba que se debía relanzar el Movimiento en América, mientras nosotros decíamos que era necesario una MAYOR INTEGRACION DEL MOVIMIENTO. A la hora de la aprobación del informe, se optó por la MAYOR INTEGRACION.

Aún no hemos recibido el informe final del Encuentro, pensamos que sólo lo tendremos después de las visitas que se extienden hasta el mes de Diciembre.

Es de suma importancia que los Movimientos Nacionales busquen a las personas que han participado de dicho Encuentro para seguir reflexionando sobre esta MAYOR INTEGRACION DE LA JOC y nos envíen los resultados.

RELACION DE ANEXOS

1- Grupo estuda documentaçao sobre a JOC (Jornal do Brasil, Agosto 88).

2- Artículo de Tomaso Panero en Vida Nueva.

3- Extracto de "GIOVENTU OPERARIA", de la JOC Italiana- Jul./Agosto 88.

4- La Santa Sede define... - El Catolicismo Agosto 89.

5- Relación de participantes al Primer Encuentro Latinoamericano de Pastoral Obrera.

La Santa Sede define discrepancias con la JOC

La Juventud Obrera Cristiana Internacional (JOCI), eliminada de la lista de Organizaciones Internacionales Católicas (OIC)

Roma/Bruselas, (APIC/CIP). Hace tres años, a raíz de una crisis que se incubaba desde diez años antes, la Santa Sede reconoció a la CIJOC (Coordinación Internacional de la Juventud Obrera, fundada menos de dos meses antes) como la nueva estructura provisional del movimiento de jóvenes trabajadores cristianos, en sustitución de la JOCI (Juventud Obrera Cristiana Internacional). Ahora, la Santa Sede acaba de firmar con la CIJOC un protocolo en que reconoce a la nueva estructura el estatuto de Organización Internacional Católica (OIC), "con todos los derechos y efectos correspondientes". Lo cual significa, como corolario, que la JOCI, cuya base está en Bruselas, deja de ser reconocida como OIC. Pero esta pide al Vaticano que reconsidere la decisión.

En una carta firmada por responsables de la JOCI y su presidente Félix Ollarves, la JOCI pide al Vaticano que reanude el diálogo y reconsidere la decisión de no reconocerla en adelante como OIC. La carta va dirigida a monseñor Edward Idris Cassidy, sustituto de la Secretaría de Estado del Vaticano. En carta dirigida al presidente de la JOCI el 26 de junio pasado, monseñor Cassidy recordaba que las diferentes JOC locales pueden sin embargo estar afiliadas a las Iglesias locales, dado que los obispos tienen el derecho de dar reconocimiento a las organizaciones dentro de su jurisdicción.

Una crisis que se veía venir

La CIJOC fue fundada en París el 22 de junio de 1986 por las JOC de Francia, Italia, Inglaterra y Malta a raíz de una crisis que se incubaba desde hacía diez años y que se vio exacerbada por el Consejo internacional reunido en Madrid en 1983. Al poco tiempo, la Santa Sede nombró un capellán internacional de la CIJOC (lo cual no hacía con la JOCI desde 1983). Más adelante, otros ocho movimientos nacionales adhirieron a la nueva coordinación, y otros han anunciado su participación.

Brevemente recapitulamos los motivos que provocaron la disidencia y que fueron ampliamente conocidos en el momento de la ruptura. Esencialmente se refieren a la naturaleza y a los fines del movimiento frente a las ideologías y a las religiones no cristianas, a su característica cristiana, su "dimensión misionera", la "fidelidad a la intuición de Cardijn" (el sacerdote belga que fundó la JOC en 1925), lo mismo que al estilo de relaciones entre el equipo internacional y los movimientos nacionales.

Uno de los problemas más discutidos, sobre todo en el tercer mundo, es el de si la JOC es un movimiento de masa, que acoge sin distinción a jóvenes trabajadores de todas las convicciones religiosas y filosóficas, o si, por el contrario, debe reclutar solamente trabajadores cristianos. En Asia, en donde los cristianos son minoría, la JOC trabaja frecuentemente con trabajadores no cristianos, lo cual ha provocado dificultades con los episcopados locales, como ya ha sucedido en India desde hace varios años. Sobre este tema deben celebrarse reuniones de la JOC en estos meses.

¿Qué es la característica cristiana de la JOC?

El asunto de la característica cristiana fue examinado por la JOCI en 1976 a petición de Roma, en un documento sobre "La especificidad cristiana y eclesial de la JOC". Documento aprobado por la Secretaría de Estado y más adelante por un protocolo de acuerdo. En su carta del pasado 26 de junio, en la que informaba a la JOCI de las nuevas disposiciones, monseñor Cassidy explica que la decisión "provisional" de reconocer a la CIJOC como nueva estructura, había sido tomada "en la esperanza de que la JOCI se comprometería hacia nuevas orientaciones que permitan un acercamiento y una unificación. En vista de que no ha habido claridad alguna sobre las cuestiones fundamentales, y en razón de la violación del protocolo de acuerdo (...), este queda revocado. Por lo tanto, a partir de la fecha, la JOCI ya no es reconodida como OIC".

Los responsables de la JOCI respondieron en una carta fechada el 14 de julio, ante todo para manifestar su sorpresa: la carta de monseñor Cassidy –escriben– "es la primera que recibimos desde que fue elegido el nuevo Equipo Internacional (septiembre de 1987)". El Consejo Internacional de la JOC había, sin embargo, dirigido una carta al Papa el 5 de octubre de 1987. La JOCI había escrito también al cardenal Pironio (el 3 de noviembre de 1987) y enviado las conclusiones del Consejo Internacional a la Secretaría de Esta-

do del Vaticano y al Consejo Pontificio para los Laicos (16 de noviembre), reafirmado en cada ocasión el deseo de encontrar las instancias respectivas para dialogar sobre la vida y las preocupaciones de la JOCI.

La sorpresa es tanto mayor, –añade la JOCI– puesto que en el último Congreso Internacional los movimientos nacionales "habían expresado unánimemente la voluntad de continuar siendo un movimiento de jóvenes trabajadores en el interior de la Iglesia, y de que su experiencia sea reconocida por esta", además, los movimientos nacionales habían resuelto comenzar una reflexión sobre la orientación del movimiento, para desembocar en una clarificación en el próximo Consejo Internacional (1991); también una Comisión de Orientación, en la que participan antiguos responsables de la JOCI, fue nombrada y comenzó a trabajar en junio; por último, los movimientos nacionales habían decidido establecer diálogo con la CIJOC y ya, por iniciativa de la JOCI, estaba previsto un encuentro para el presente año.

Quedan esperanzas

Aunque lamentan que su organización no sea reconocida en adelante como OIC, los responsables de la JOCI se alegran de la conclusión de la carta que les ha dirigido monseñor Cassidy, en la que se lee que "esta decisión tomada a nivel internacional no prejuzga sobre las relaciones que las Conferencias episcopales tienen con los Movimientos jocistas de su propio país, sino que es una invitación a que reflexionen con ellos acerca de su orientación. Por otra parte, esperamos que el diálogo entre la CIJOC y la JOCI se realice sobre cuestiones fundamentales, en vista de la búsqueda de una eventual unificación sobre bases de fidelidad a la herencia jocista de Cardijn, en comunión con el Magisterio y con la misión de la Iglesia".

Los responsables de la JOCI piden reunirse con monseñor Cassidy. Y le escriben: "Si nos ha impresionado que una decisión tan importante como la que usted nos comunica haya sido tomada en forma tan abrupta, sin tener en cuenta lo que acabamos de exponerle sobre la marcha de la JOCI ni los sentimientos de los Movimientos nacionales, reafirmamos nuestra fe en el diálogo y nuestra voluntad de situarnos en el interior de la Iglesia. Por ello pedimos a usted que reconsidere su decisión y que dé a los trámites comenzados el tiempo de llegar a conclusiones (en el próximo Consejo Internacional), antes de tomar cualquiera otra decisión".

Discreción a la orden

En el secretariado de la JOCI en Bruselas, la discreción es la consigna: "No es el momento de polémicas –manifiesta un responsable–. Ahora lo que se necesita es dar la posibilidad de un análisis sobre la forma en que se toman las decisiones en la Iglesia. Nuestro conflicto se sitúa en el marco más amplio del debate interno y del diálogo dentro de la Iglesia. No somos los únicos afectados". En la JOCI se espera también que la Santa Sede precise cuál es de ahora en adelante el estatuto de esa entidad, dado que ya no es reconocida como organización internacional católica.

AGOSTO 27 DE 1989

Un movimiento que estuvo a punto de extinguirse

CRISIS DE LA JOC EN AMERICA LATINA

Por **Tommaso PANERO**, de la Coordinadora Internacional de la Juventud Obrera Cristiana

A JOC, un movimiento que ha sabido ser una auténtica escuela de formación social y cristiana para los jóvenes obreros, ha vivido en estos últimos años una historia agitada y una profunda crisis, que en América Latina ha sido particularmente radical y la ha llevado al borde de la desaparición. Sin embargo, la JOC mantiene vivo su mensaje al interior de la Iglesia y desde esta perspectiva, el siguiente informe intenta desvelar cuál puede ser el futuro de este movimiento en Latinoamérica.

Balance y perspectivas

Ya en sí mismo sería interesante reflexionar sobre esta crisis para identificar sus causas. Pero hay otro elemento, al interior de una difícil situación que se ha arrastrado por años, que puede suscitar interés en relación con esta organización internacional de jóvenes obreros.

Hace poco más de un año, las JOC de 21 países (provenientes de Europa, Africa, Asia) decidían separarse de la histórica JOCI (Juventud Obrera Cristiana Internacional) para constituir una nueva internacional, la CIJOC (Coordinación Internacional de la JOC).

Esta decisión nos permite percibir la gravedad de la crisis, pero al mismo tiempo la firme voluntad de comprometerse para superarla, de aceptar el desafío sin estar seguros de vencerlo, de «abrir a la JOC las puertas del futuro», como decía el lema del primer congreso de la CIJOC realizado en Roma, el mes de octubre del año pasado.

Pero ¿hay un futuro para la JOC en América Latina? ¿Cuál es el balance del primer año de trabajo de la nueva secretaría internacional de la CIJOC, y cuáles son sus proyectos en América Latina? Nos puede ayudar a buscar alguna respuesta el señalar, antes de aquellos negativos, algunos aspectos positivos de esta crisis. Como lo ha recordado el **Padre Chenu**, la experiencia de la JOC y de otros sectores de la Acción Católica, ha prefigurado opciones teológicas y pastorales asumidas posteriormente por el Concilio.

Y, después, justamente por su fuerte eclesialidad, la JOC ha sabido «disolverse» en la Iglesia, enriqueciéndola con su experiencia y renovándola. El proceso que ha provocado la casi extinción de la JOC, al mismo tiempo ha ayudado a mantener vivo su mensaje al interior de la Iglesia.

Un estudio de **Scott Mainwaring** pone en evidencia cuánto ha sido relevante el rol que ha ejercido la JOC en el nacimiento de las comunidades eclesiales de base en el Brasil. Pero, de manera general, ha sido la Iglesia en su conjunto que ha asumido algunos aspectos significativos de la JOC: la encarnación en las diferentes situaciones y culturas, el método inductivo, la relación fe y vida, el rol activo de los laicos.

Sin embargo, no se pueden descuidar los aspectos negativos de la crisis.

Situaciones difíciles

Ciertamente la JOC ha debido soportar situaciones extremadamente difíciles a nivel social y político. En el Brasil ha desaparecido alrededor de los años 70, víctima de la brutal represión de parte de la dictadura y por el insuficiente apoyo de los obispos. La misma suerte ha sufrido en otros países donde regímenes violentos la han exterminado. Aun en otras naciones, como México, ha sido la misma Iglesia que, asustada por su fuerte compromiso social, le ha cortado su apoyo.

Pero la crisis también ha estado presente en su interior. El proceso de radicalización política vivida en los años 60-70 ha golpeado profundamente la JOC, influenciando sus orientaciones y trastornando su identidad. Y si bien algunos grupos nacionales han conseguido realizar una nueva síntesis entre el compromiso por el cambio, aun a nivel estructural, y la fe vivida al interior y a partir de este proceso de liberación, a nivel continental se ha impuesto una línea ideológica y secularizada que ha pretendido hacer de la JOC un movimiento exclusivamente político.

En el mejor de los casos, la fe venía identificada, reductivamente, con la acción, descuidando la espiritualidad y la vida sacramental. Una exasperada concepción de la autonomía, unida a un análisis de la fe y de la Iglesia dependiente de las posiciones más ideologicas y extremistas, llevaba luego a la JOC a los márgenes de la realidad eclesial, justamente en los años en que se iniciaba el fecundo camino de realización del Concilio.

Perdidos los contactos con la Iglesia, también se ha ido alejando paulatinamente de los jóvenes obreros, reduciéndose —no obstante sus intentos de expansión— a pequeños grupos muy politizados y siempre más aislados.

Lo expuesto sólo son algunas notas incompletas de una historia compleja, que necesitaría de un análisis menos superficial y que ha gozado de características propias en cada país. Por ejemplo, en algunos de ellos la desaparición de la JOC se ha debido preponderantemente a la dificultad de continuidad y a la fragilidad siempre presente en un movimiento juvenil, o al desinterés de la Iglesia respecto a ella.

Puesta al día

«La JOC puede tener un amplio espacio en América Latina: cerca del 70 por 100 de los jóvenes son trabajadores o pertenecientes al mundo popular. Ahora necesita una renovada expresión y una puesta al día». Probablemente, estas afirmaciones de un obispo de Costa Rica representan la opinión de otros obispos latinoamericanos, y no sólo de ellos. El cardenal **Carlo María Martini**, arzobispo de Milán y presidente de la Conferencia Episcopal Europea, hablando a los sacerdotes presentes en el encuentro internacional de los asesores, organizado por la CIJOC, afirmaba: «Tenéis la responsabilidad de realizar una reflexión sobre la actualidad de la JOC, hoy: cuál es la diferencia entre aquello que la JOC ha realizado al inicio y cómo puede responder a los problemas que encuentra hoy. Se necesita pensar nuevamente en la JOC para el presente. Les animo mucho a esta acción».

Este pensar nuevamente en la JOC se ha iniciado en el congreso de la CIJOC. A partir de sus experiencias, los movimientos presentes han comenzado a definir las características de la JOC de los años 2000. La JOC debe ser un movimiento de educación y de evangelización, en grado de formar militantes comprometidos en los sindicatos y en los movimientos populares, y que sean capaces de anunciar en ellos la buena noticia del Reino. A los riesgos innatos del compromiso social y político, la CIJOC no pretende responder con la fuga en el espiritualismo o en el integrismo, sino proponiendo al mismo tiempo un fuerte compromiso social y una profunda espiritualidad.

En este año que nos separa del congreso internacional, los responsables de la CIJOC han dedicado tiempo para visitar los países latinoamericanos, sobre todo para conocer y escuchar, pero también para interrogar a la Iglesia sobre su presencia evangelizadora en medio de los jóvenes trabajadores. Observando las multitudes de jóvenes latinoamericanos se ha podido notar la veracidad de cuanto dramáticamente se ha afirmado en el congreso de la CIJOC.

Efectivamente, los jóvenes de los países del tercer mundo viven en peores condiciones de aquéllas en las que vivían los jóvenes trabajadores belgas al inicio del siglo, cuando Cardijn, joven vicepárroco de Bruselas, y después cardenal, inició la JOC. Y, para la Iglesia latinoamericana es también difícil estar presente en esta realidad en la cual el anuncio del Evangelio debe medirse con la espantosa miseria y el escandaloso empobrecimiento del continente.

Por ello se comprende inmediatamente la llamada del Papa en la *Sollicitudo rei socialis*, para realizar una evangelización a la cual le «pertenece también la **denuncia** de los males y de las injusticias» (n. 41). Se trata de partir nuevamente de la vida de los jóvenes obreros, desocupados, desheredados, y de organizarse con ellos aprendiendo a ver, juzgar y actuar en cada situación, asumiendo la categoría de la liberación, correctamente entendida, como principio fundamental de acción para afrontar los problemas de la miseria y del subdesarrollo (*Sollicitudo rei socialis*, n. 46).

La pastoral juvenil

De la crisis de la JOC y de la Acción Católica han nacido, además de las comunidades de base, otras experiencias interesantes. Sin lugar a dudas, la pastoral juvenil es de las más animadas y de masa. Ella tiene en cada país diversas características, pero en todas está buscando una organización y una metodología que les permitan llegar a los sectores más difíciles de la realidad juvenil: jóvenes trabajadores, campesinos, indígenas.

En algunos países como el **Brasil**, es la misma pastoral juvenil que busca promover pastorales específicas. Así, desde hace algunos años, se está organizando a nivel nacional la pastoral juvenil de ambiente popular. En otros, la búsqueda aún continúa en curso y está abierta a diferentes soluciones. La JOC podría contribuir provechosamente, como en parte ya lo está haciendo la JEC, poniendo al servicio de la pastoral juvenil su metodología y su larga experiencia pedagógica con los jóvenes obreros.

El cardenal Cardijn, fundador de la JOC.

Las posiciones al respecto son diversas. Algunos continúan, a pesar que la JOC ya tuvo su época; otros, en la pastoral obrera y al interior de las comunidades eclesiales de base, también se están preguntando sobre la utilidad de un espacio específico para los jóvenes. «Nos estamos dando cuenta —me decía un obispo chileno— que es difícil formar militantes y dirigentes laicos maduros. La JOC y otros movimientos apostólicos han tenido esta gran capacidad que deberíamos redescubrirla».

La dramática realidad de los jóvenes, la fuerte exigencia de formación, las preocupaciones de muchos pastores de realizar una pastoral cercana a los obreros, la necesidad de poner en práctica las indicaciones que nos vienen del magisterio de la Iglesia a nivel social pueden representar el contexto en el cual la JOC puede encontrar espacio para una amplia reflexión sobre su propia identidad y un relanzamiento.

Transformar desde abajo

«Tenemos necesidad de una JOC pastoral y eclesial». Esta afirmación de un obispo del **Ecuador** también recoge bien las preocupaciones de la CIJOC. Iniciar nuevamente un trabajo de masa, ya sea con jóvenes que viven una religiosidad popular como también con aquellos secularizados de las grandes metrópolis, sólo será posible con la participación de la Iglesia, y si la JOC sabrá inserirse en el fecundo camino que ella ha trazado en **Medellín** y en **Puebla**.

Su eclesialidad deberá ser tal que permita realizar, aun hoy, aquello que ha sido su gran mérito: transformar desde abajo, llevando en su interior los obreros, la Iglesia. No se pueden reconstruir en un año relaciones que por mucho tiempo han sido olvidadas o conservadas sólo instrumentalmente. La CIJOC es consciente que se debe recorrer un largo camino, que quizás debe encontrar en cada país diversos itinerarios y nuevos protagonistas.

Por otra parte, no hay ninguna pretensión «colonial», sino el solo deseo de no dispersar un patrimonio latinoamericano tan rico en un sector igualmente difícil. Los positivos contactos con la pastoral juvenil, con militantes y sacerdotes comprometidos en la pastoral obrera y con numerosas conferencias episcopales son el inicio de un trabajo.

Ello tendrá que desarrollarse en una situación difícil aún si no parte de cero. Se han mantenido vivas y han crecido aquí y allá, junto a aquellas sectarias y confusas, experiencias significativas y complejas de JOC que nos pueden ayudar a encontrar el camino. Tampoco faltan señales positivas a nivel eclesial.

El cardenal **Pironio**, en su mensaje al congreso de la CIJOC, invitaba a los jóvenes presentes a no sentirse solos en la inmensa tarea de reconstrucción de la JOC. La beatificación de Marcel Callo, militante de la JOC, en la inauguración del Sínodo sobre los Laicos, es otro signo y una confiada invitación a recoger el desafío de ser capaces, también hoy, de formar en el mundo obrero militantes y santos. ■

Jornal Brasil

Grupo estuda documentação sobre a JOC

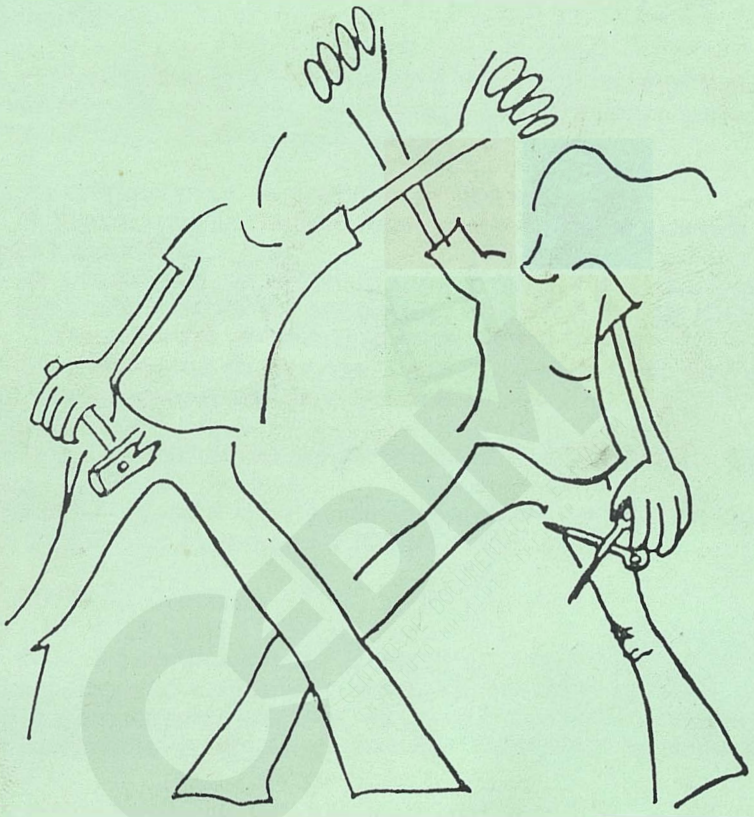
"Senhor Jesus (...), Permanecei em nossas fábricas, em nossos escritórios e em nossos lares. Fazei que permaneçam na Vossa amizade os operários que hoje se acharem em perigo.(...)" Com a *Oração Jocista* os integrantes da Juventude Operária Cristã (JOC), reunidos nos salões paroquiais iniciavam, até meados da década de 60, seus encontros semanais para discutir a doutrina social da igreja aplicada ao mundo do trabalho, à vida doméstica e ao convívio social. Devidamente adaptada aos novos tempos a JOC está voltando para reorganizar a ação pastoral dos trabalhadores católicos de acordo com a mística pregada e vivida no dia a dia.

Um grupo de antigos adeptos do movimento operário católico estuda a documentação da velha JOC, que sobreviveu à época autoritária. Segundo Tibor Sulik, membro do secretariado de pastoral da Arquidiocese do Rio e ex-presidente da JOC brasileira nos anos 50, os trabalhos serão iniciados com um grupo de jovens de Campo Grande, Zona Oeste do Rio. " Recriaremos uma experiência e são esses jovens que irão dinamizar o movimento", diz Sulik, um metalúrgico aposentado. O ressurgimento da JOC e a evangelização entre jovens trabalhadores, sob a diretriz da Comissão Internacional de Juventude Operária Cristã (CIJOC), foi estimulado a partir de orientação do Vaticano e do cardeal-arcebispo do Rio, Dom Eugênio Sales.

Em 1912 o jovem Cardijn, ao se formar sacerdote, foi designado para trabalhar numa paróquia do bairro operário de Laeken, em Bruxelas. Ele desenvolveu uma ação junto aos jovens para que eles pudessem ter uma "influência sã" em seu trabalho, como conta Tibor Sulik. Segundo ele, "o jovem deveria ter uma formação integral, no aspecto moral e religioso para enfrentar não só o ambiente de trabalho mas o seu próprio cotidiano." Nascia assim a Juventude Operária Cristã e em 1925 cinco mil jocistas foram até Roma para ter o primeiro contato com o papa Pio XI. "Esse é o tipo de movimento de ação católica que eu apoio plenamente", teria dito o papa, segundo Sulik. A partir daí, a JOC se estendeu para os países da Europa e depois por todo o mundo até que em 1957 durante a Assembléia Mundial da JOC, em Roma, reunindo 80 mil jovens de vários países, o movimento jocista foi reconhe-

C. I. J. O. C.
Coordination Internationale
de la J.O.C.
Via DEI BARBIERI , 22
00186 ROMA - ITALIA
Tél : 06/ 68 65 259

J O C



declaração de princípios

I. FUNDAMENTOS

A)ORIGENS

1. A JOC (Juventude Operária Católica) nasceu na Bélgica em 1925 pela iniciativa de um jovem Padre Joseph Cardijn e de um grupo de jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras.

2. Na origem da JOC há uma dupla constatação:
— A constatação da situação intolerável de trabalho e de vida da juventude trabalhadora.
— A constatação da distância entre a Igreja e a Classe Operária. Uma dupla missão constitui e continua a constituir a base da JOC:
— A libertação dos jovens trabalhdores e trabalhadoras..
— Ser testemunho da presença libertadora de Jesus e do projecto de Jesus Cristo no interior da Classe Operária.

3. A JOC desenvolve-se rapidamente em muitos paises dos 5 continentes.
Em 1957 , constitui-se oficialmente a JOC Internacional, cujo objectivo é coordenar e promover a JOC no mundo.

B) A QUEM SE DIRIGE:

4. A JOC é um Movimento de jovens (rapazes e raparigas) aprendizes, operários, empregados, estudantes, trabalhadores agricolas, desempregados e empregados precários, etc., jovens que estão marcados pela condição operária na familia, no trabalho, na escola, nos tempos livres, na cultura.

5. A JOC é dirigida e organizada pelos próprios jovens: entre eles, para eles, por eles.

C) OBJECTIVOS GERAIS:

6. O objectivo geral da JOC é o anúncio de Jesus Cristo a todos os jovens trabalhadores. Este anúncio é inseparável do compromisso na luta pela libertação completa de todos os Homens de todos os tipos de opressão, de alienação, e de exploração, tanto ao nivel individual como ao nivel colectivo e social.

7. Uma libertação pela qual todos e cada um poderão descobrir e viver o sentido profundo da sua vida, das suas aspirações e procurar os valores que podem verdadeiramente realizá-los.

8. No caminho da libertação, a JOC reconhece-se nas esperanças dos Homens e de todos os povos que na sua história e hoje lutam na mesma direcção.

9. Concretamente, a JOC reconhece-se no processo histórico de libertação do movimento operário, na sua luta, nos seus valores, na sua esperança, no seu objectivo de realização de uma sociedade sem classes na qual a igualdade, a justiça, a solidariedade, a liberdade, e a não violência serão as condições de base da realização de todos e de cada um.

10. Na perspectiva da libertação, a JOC anuncia e propõe ao mundo operário, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, como acontecimento decisivo para uma libertação completa, promessa e sinal de um futuro aberto para os Homens e para o mundo.

11. Pela descoberta de Cristo, pela celebração dos sacramentos, pela aquisição de uma experiência de Igreja, o que os torna protagonistas na construção da Igreja, sinal do reino de Deus.

D) OBJECTIVOS ESPECIFICOS

12. A JOC para tornar mais eficaz o seu objectivo geral de libertação, assume uma tarefa especifica no interior do movimento operário: a educação dos jovens para o compromisso e a militância.

13. A JOC propõe e vive um processo permanente de consciencialização que se realiza através da reflexão e da acção. É através desta ligação, reflexão-acção, que se desenvolve a tomada de consciência critica, a formação de um projecto e a transformação daqueles que aí estão implicados

14. A consciencialização conduz à militancia, valoriza-a e torna-a dinâmica. A militância é o modo de compromisso activo, critico, criativo e libertador que leva cada um a situar-se face a si mesmo, face aos outros, e à realidade social do mundo. É a capacidade de se situar historicamente e de se comprometer totalmente na perspectiva da libertação do Homem.

15. O processo de formação e de educação da JOC é um projecto completo porque ele toca e toma em consideração todas as dimensões do Homem e da sua vida: desde a dimensão pessoal e psicológica à dimensão social, politica e também à dimensão ética e religiosa.

16. A educação libertadora é um processo que parte das situações concretas dos jovens. Sobre estas situações faz-se uma análise profunda e uma descoberta das causas e consequências, dos valores e das aspirações maiores da vida, determinantes das acções concretas que provocam uma mudança.

17. A experiência de consciêncialização proposta pela JOC desenvolve-se num itinerário educativo que tem por objectivo levar os jovens da Classe Operária a um compromisso militante e crente, no interior do movimento operário e em todos os aspectos da vida.

E) O MÉTODO: PONTO DE PARTIDA

18. A atenção à vida da pessoa, de cada trabalhador é tipica na JOC. "Um Jovem trabalhador vale mais que todo o ouro do mundo" dizia Cardijn.

19. Esta atenção abre-se à análise da dimensão pessoal, mas também estrutural da vida dos jovens, descobrindo as situações ao nivel local, nacional e internacional, ultrapassando assim o risco do intimismo. Trata-se de um aspecto tipico da JOC e dos Movimentos da Acção Católica especializada.

20. A análise da realidade permite conhecer as situações de dependência, de insegurança, de alienação, de exploração dos jovens trabalhadores e dos jovens desempregados dos paises ricos, as quais são vividas de uma maneira mais dramática pelos jovens dos paises pobres.

F) Proposta original: A REVISÃO DE VIDA (RDV)

21. A JOC criou e elaborou um método original para realizar o papel educativo que ela fixou: A REVISÃO DE VIDA. Esta proposta enraiza-se em duas convicções: a vida de cada jovem trabalhador é importante e Deus está presente nesta vida.

22. *A RDV deve permitir:*

- transformar os jovens e as situações em que vivem
- formar militantes do Movimento capazes de conduzir eficazmente a acção com os seus companheiros
- formar crentes, capazes de discernir na vida e na acção os sinais do espirito de Cristo e capazes de testemunhar a sua fé aos seus companheiros.

O método da RDV é exigente. Ela leva os militantes a uma atitude de abertura: que passem de "estar na JOC por si" a "estar na JOC para os companheiros.

23. A RDV, tendo em conta a qualidade e o conteúdo que lhe se quer dar é uma autêntico método de Igreja. Ela situa-nos de maneira original na Igreja.

24. É uma experiência colectiva de militantes operários e de crentes. Ela formou gerações de militantes operários crentes e continua a fazê-lo.

25. A RDV é utilizada nas reuniões de grupos como método de reflexão, de análise, de verificação da acção. A RDV na JOC não é uma técnica, nem uma estratégia para realizar um objectivo.

26. Ela articula-se em três momentos fundamentais:

VER: Factos - situações - consequências - causas

JULGAR: Valores - aspirações - palavra de Deus - descoberta da fé

AGIR: Acção

27. *VER:*

O ponto de partida da JOC não é o problema dos jovens, nem tão pouco a teoria sobre os jovens.

O ponto de partida da JOC são os próprios jovens trabalhadores, na densidade e na riqueza da vida. Sua vida concreta. São as situações nas quais eles estão inseridos e que condicionam a sua vida.

O "VER" deve ser um olhar preciso sobre a vida, as situações, as necessidades, aspirações que exprimem os companheiros. Deve permitir procurar as causas de tais situações, já que o "VER" supõe que a fatalidade não existe. É um método vital para descobrir que é possivel agir e adquirir uma consciência de classe.

28. *JULGAR:*

Deve permitir a cada um avaliar como se vai transformando e expressar um projecto de vida. No "JULGAR" realiza-se uma confrontação entre aquilo que somos e aquilo que queremos ser. A partir desta confrontação, somos impulsionados à acção. O "JULGAR" deve ser também um tempo de recolhimento, um olhar de amor sobre a vida enraizada no "VER, na vida dos companheiros, e sua transformação.

É também um tempo de confrontação com a palavra de Deus para conhecer a sua presença na nossa vida e na dos companheiros. Um tempo de acolhimento do Outro, do testemunho dos primeiros crentes, de uma Palavra que nos interpela hoje. Este método deve permitir a cada um exprimir a sua própria palavra de fé, de a estruturar até suscitar a oração e a celebração em RDV.

29. *AGIR:*

Deve permitir a cada um concretizar os apelos contidos no "VER" e no "JULGAR" em direcção aos companheiros. Deve convidar a dar testemunho aos companheiros do sentido dado à acção, as suas riquezas, os sinais de Jesus Cristo vivo, que a RDV revelou. Deve também permitir encontrar os meios para avançar face às dificuldades ou questões encontradas no "JULGAR", na nossa expressão de fé.

A equipa deve dispor dos meios necessários para apoiar o "AGIR" de cada um.

G) O MILITANTE E O GRUPO DE MILITANTES

30. A base do Movimento, em sentido lato, é formada por todos os jovens que estão implicados na acção da JOC, e em sentido estrito, é constituida pelos militantes.

31. Os militantes da JOC são jovens do mundo operário, organizados em grupo, que se reconhecem nos objectivos do Movimento e que os realizam na sua vida. Eles suportam financeiramente o Movimento.

32. Antes de tudo, eles estão comprometidos no seu meio (trabalho, escola, bairro ...) para transformar as situações de injustiça e de alienação, participando na luta dos trabalhadores e do povo.

33. O grupo de militantes é uma pequena comunidade que se reune periodicamente. Aí os militantes avaliam a sua vida e acção, decidem,

planificam, realizam a acção, aprofundam e celebram a sua fé. Aí eles aprendem a dialogar e a escutar, a criticar a realidade e a criticar-se, a viver juntos e a desenvolver o sentido da solidariedade, a assumir a responsabilidade e a praticar um minimo de organização e disciplina. Neste sentido o grupo de militantes é uma escola de formação.

34. O grupo militante como pequena comunidade quer ser testemunho de um estilo de vida e de verdade que demonstra que é possivel lutar, viver e alegrar-se juntos.

II. CARACTERISTICAS

A) JOVEM E DE MASSA

35. A JOC é constituida, dirigida e organizada pelos próprios jovens, e propõe-se aos outros jovens.

36. Nesta afirmação a JOC quer por em evidência a forma como hoje a juventude está marcada por uma condição de marginalização, de exploração, de dependência, etc... mas portadora também de um potencial para fazer projectos de criatividade, de transformação, de luta e de esperança.

37. Este potencial dos jovens da JOC exprime-se de uma forma concreta. São os jovens que formam o Movimento, que o organizam, que decidem as orientações, que divulgam o Movimento e o seu conteúdo aos outros jovens, que decidem e organizam as acções e as intervenções face às diferentes situações da juventude.

38. A JOC defende que a acção dos jovens trabalhadores deve desenvolver-se a partir das suas capacidades, do seu nivel de compreensão e de formação.

39. A JOC com a sua acção e a sua proposta quer chegar ao conjunto dos jovens. Também, por outro lado, não se propõe aos jovens a massa pela massa ou uma identificação fácil, mas pelo contrário, propõe-se aos jovens tornarem-se protagonistas através da acção sobre o seu próprio meio (trabalho, escola, bairro ...).

Para salvaguardar esta caracteristica jovem, cada movimento estabelece uma idade limite e, se fôr possivel, estabelecerá laços com um movimento de adultos.

B) OPERÁRIA

40. A JOC nasceu no grito dos jovens trabalhadores, na opressão dos horários extenuantes, da fadiga insuportável, da humilhação social. Ela difundiu-se rapidamente porque por todo o mundo a juventude trabalhadora vive em condições de esmagamento e de alienação.

41. A JOC faz parte do povo oprimido, da massa dos trabalhadores, da Classe Operária. Ela identifica-se nas aspirações e na luta pela emancipação e o desenvolvimento, por uma libertação radical, por uma nova ordem económica e social.

42. No interior da Classe Operária e do povo oprimido, a JOC valoriza e analisa a condição dos jovens, denuncia as condições desumanizantes e trabalha para promover uma acção representativa dos próprios jovens e reivindicadora dos seus direitos.

43. A JOC, todavia, não se limita a este tipo de acção, pois a sua tarefa especifica é educativa. A JOC educa os jovens a agir em conjunto com os trabalhadores e com os movimentos que prosseguem um objectivo de justiça e de igualdade, de luta contra o sistema económico capitalista, de emprego para todos e de libertação do trabalho, por uma sociedade humana que não seja mais dominada pela opressão de uma classe sobre outra classe, ou de um pequeno número de pessoas ou de um povo sobre a grande maioria da humanidade.

44. Em particular, a JOC educa à participação e ao compromisso dos seus militantes no Movimento Operário. Há uma tal diversidade de associações politicas e sindicais para os trabalhadores, nos diversos países e continentes, que cabe a cada Movimento nacional determinar as formas de participação.

45. A caracteristica operária e popular da JOC é essencial e determinante, pois ela qualifica o Movimento, faz realçar a sua originalidade. A caracteristica operária, por outro lado, especifica a caracteristica jovem e indica o meio, o contexto e a cultura, na qual se enraiza a caracteristica cristã.

C) CRISTÃ

46. A JOC dirige-se a todos os jovens sem discriminação.

47. A JOC parte das situações e das condições pessoais e propõe a cada jovem um processo educativo de acção e de reflexão que o leva a descobrir e a viver os valores fundamentais da vida: a justiça, a liberdade, a solidariedade, o sacrificio, a generosidade, a alegria, o amor.

48. Neste processo de libertação, a JOC educa os jovens a colocarem a si próprios as questões de fundo que nascem do próprio processo de li-

bertação:

- Qual é para mim o sentido da minha acção?
- Que sentido tem a vida e a morte?
- Tudo acabará um dia para mim?
- Há alguma garantia que a opressão, de que os jovens são também vitimas, acabará um dia?

49. A JOC tem a sua própria proposta cristã neste processo de libertação e de consciencialização dos jovens trabalhadores. Ela oferece aos jovens a possibilidade de conhecer Jesus Cristo, como homem e libertador, Messias dos pobres e pecadores, crucificado pelos homens e ressuscitado pelo Pai para uma vida mais forte que a morte. Hoje Jesus continua vivo entre nós.

50. Deus torna-se fonte de amor para todos os Homens. É o Espirito que os anima, qualquer que seja a época em que vivem e qualquer que seja a sua fé, na busca incessante da dignidade do ser humano.

51. Esta experiência de fé deve viver-se na pequena comunidade que é o grupo de militantes, no Movimento e com os outros crentes do povo oprimido da Classe Operária.

52. A JOC experimenta na vida, a dificil relação entre a Igreja e o Mundo Operário, conhecedora da desconfiança e dos preconceitos que existem. A JOC propõe, também, aos jovens viver uma experiência de fé profundamente enraizada na realidade operária e popular. Não uma Igreja que se mostra hostil e longinqua, mas uma Igreja que se enraiza, que cresce no povo: pelo povo, pelo trabalho do Espirito, com a acção dos padres, religiosos, religiosas e dos leigos. Os padres reforçam a dimensão de Igreja, no Movimento.

53. Os jovens trabalhadores crentes e não crentes sentem-se então aceites e reconhecidos por uma comunidade eclesial mais larga, guiada pelos bispos, portadora das suas riquezas e da sua dignidade. Na Igreja Católica a JOC está presente com a sua responsabilidade e com o seu dinamismo operário. Ela torna protagonistas os jovens trabalhadores e interpela os crentes para uma conversão pelos pobres e os mais pequenos.

54. Nos paises onde fazem parte da JOC militantes de outras religiões ou não crentes, a JOC (sem perder a sua identidade eclesial) propõe-lhes descobrir, aprofundar e viver a fé na riqueza da sua tradição religiosa, com a abertura a uma atitude ecuménica do diálogo e da confrontação, com um enraizamento nas instâncias de libertação dos povos oprimidos.

D) INTERNACIONAL

55. A vida de todo o jovem trabalhador tem uma dimensão internacional. Cada vez mais o mundo está ligado e interdependente. As causas de muitas situações dificeis são internacionais, como as consequências de decisões são muitas vezes de ordem mundial. No mundo inteiro, jovens trabalhadores, de maneiras e formas diversas, vivem situações dificeis de esmagamento e de alienação, alimentam e exprimem aspirações comuns.

56. A CIJOC torna possivel o intercâmbio, a confrontação e a coordenação entre diferentes movimentos nacionais. Cada movimento nacional põe em comum as suas riquezas, a especificidade do seu próprio pais, as suas dificuldades e suas exigências. Em conjunto aprofundam os aspectos comuns, os laços reciprocos, a dimensão internacional. A CIJOC suscita a solidariedade entre eles.

A CIJOC é uma voz e um apelo da juventude trabalhadora que se dirige à mesma juventude, à sociedade no seu conjunto, à opinião pública mundial e às instituições.

Por isso a CIJOC é representativa da juventude trabalhadora.

E) AUTONOMIA

57. A CIJOC, como coordenação internacional de movimentos de jovens trabalhadores, eles mesmos autónomos, tem a sua personalidade e a sua autonomia.

58. A autonomia é, antes de tudo financeira. Para realizar isto, os movimentos nacionais contribuem para a auto-financiação que deve assegurar as despesas fundamentais da organização.

59. A JOC é um Movimento de jovens que forma para o compromisso e a militância. Cabe aos militantes decidir a que organização politica e sindical aderir.

A JOC não se confunde nem adere à linha de um grupo politico ou sindical, ela quer permanecer livre nas suas decisões.

Redação e Administração:
Rua das Escolas Gerais, 67 - 1100 Lisboa
Composição: Fundação Cardijn
impresso nos Serviços Regionais do F.A.O.J.

(Publicação interna do Movimento JOC)

TRADUCCION DE UN TEXTO ORIGINAL EN ITALIANO

LA JOC LATINOAMERICANA - UNA EXPERIENCIA QUE RENACE

En el mes de abril, Tommaso Panero, del Secretariado Internacional de la CIJOC realizo un viaje largo a América Latina, visitando Chile, Peru, Colombia y Nicaragua.
Durante su viaje, ademas de los dirigentes de la JOC de estos paises, encontro a responsables de la Pastoral obrera, obispos, militantes. Algunos encuentros tuvieron un interes particular, como los que tuvo con algunos obispos chilenos que son antiguos asesores de la JOC y que actualmente se situan en primera linea en la lucha contra la dictadura, o también con el teologo peruano Gustavo Gutierrez, fundador de la teologia de la liberacion. Durante su estancia en Bogota, el responsable de la CIJOC encontro a Monsenor Oscar Rodriguez Maradiaga, Secretario General del CELAM y a los responsables latinoamericanos de la Pastoral social y juvenil.

En Nicaragua, la JOC existió hasta el final de los anos 60. El viaje a este pais de America Central ha sido una oportunidad para conocer directamente la experiencia que se esta viviendo y expresar la solidaridad de la JOC de muchos paises con la revolucion Nicaraguense y con los jovenes sandinistas comprometidos personalmente en esta experiencia extraordinaria de liberacion.

A pesar de la profunda crisis que existio en la JOC de América Latina, se mantuvieron o van reapareciendo experiencias muy significativas que permiten vislumbrar perspectivas muy interesantes.

Hemos pedido a Panero que nos cuente las cosas mas interesantes de su viaje.

PREGUNTA: al mirar la lista de los 21 M/N afiliados a la CIJOC, se constata que, con excepcion de Jamaica, faltan todos los otros paises de América Latina. Cuales fueron los objetivos de tu viaje?

RESPUESTA: En estos anos, hemos intentado mantener contactos con todos los movimientos de la JOC, esten o no afiliados a la CIJOC.
Después de los 2 congresos internacionales realizados el ano pasado, parecia util informar a los movimientos que no habian participado en nuestro congreso de sus resultados, y también evaluar el congreso de la JOC Internacional (JOCI).
Muchos M/N, sobre todo en America Latina, a pesar de no compartir su orientacion, se quedaron en la JOCI porque pensaban que todavia era posible cambiarla desde dentro.
Teniamos objetivos comunes, escogiendo vias diferentes para alcanzarlos. Pero existen muchas posibilidades de colaboracion. Por ejemplo, son los M/N los que, durante el congreso, instaron a que la JOCI cambiara de actitud frente a la CIJOC y aceptara el dialogo.

Y también tienen un juicio critico del congreso. Basta pensar que se discutio de la division unicamente por que ellos lo han pedido con insistencia. En realidad, los dirigentes de la JOCI no habian previsto esto en el programa del Congreso.

Pero encontrar a los M/N no era el unico objetivo. En nuestro Congreso, habiamos decidido implicar a la Iglesia en el proceso de reconstruccion de la JOC. Tenemos la conviccion de que la crisis es tan profunda que los M/N no tienen la fuerza suficiente para superarla. Y ademas, la crisis de la JOC es un hecho de importancia eclesial. Sea por que la JOC es una experiencia eclesial, es la accion catolica por los Jovenes Trabajadores, sea por que la Iglesia tiene una responsabilidad frente a la crisis que estamos viviendo.

Tenemos la conviccion de que tenemos que interpelar a la Iglesia y pedirle que se preocupe de la formacion y la evangelizacion de los jovenes trabajadores.

PREGUNTA: Puedes decir algo sobre los jovenes trabajadores de América Latina?

RESPUESTA: Es dificil describir la situacion de los jovenes de América Latina a los jovenes trabajadores europeos. En nuestro Congreso, dijimos que en nuestros paises del Tercer Mundo, los jovenes viven en condiciones mas dramaticas que las que vivian los jovenes trabajadores belgas a principios del siglo XX, cuando Cardijn creo la JOC. Y es cierto. El 70-80% de los jovenes trabajadores de America Latina son pobres. Muy pocos tienen un empleo. Los otros viven de trabajos precarios o estan desempleados. En Lima, hay miles de empleados de hogar y en todos los lugares hay ninos que trabajan. La JOC de Peru lanzo con ellos el "MANTHOC", movimiento de ninos trabajadores.

Marcos trabaja en la fabrica "Renault" de Colombia. Es militante sindical y por eso ha sido amenazado de muerte varias veces.
Me llamo la atencion la realidad de violencia, de la cual se habla muy poco. La violencia de gente como Pinochet, o de jovenes democratas de Peru o Colombia, la violencia de los guerrilleros o de los traficantes de droga.
Delante la Universidad de Lima, junto a la bandera nacional ondeaba la del Sendero Luminoso. Cierto numero de jovenes apoyan la guerrilla, esperando cambiar la situacion de este modo.
Pero no es esto el medio, pues el proyecto del Sendero, me decia un intelectual peruano, es de hacer de Peru un gran cementero, de matar a todos los que no estan de acuerdo, como lo hicieron los jemeres rojos en Camboya.
La situacion es grave, sobre todo en Peru y Colombia.

PREGUNTA: Puedes explicar un poco mejor cual es la situacion de la JOC en América Latina?

RESPUESTA: Cuando uno me hace esta pregunta, contesto de una forma que puede parecer demasiado dura. Entonces ante todo quiero decir que nuestras relaciones con muchos M/N de América Latina son fraternales y que los militantes de la JOC en este Continente merecen todo nuestro aprecio y nuestra admiracion.
No sé lo que hariamos en su lugar. La JOC en América Latina tiene una historia gloriosa. Ha formado a miles de militantes laicos, lideres sindicales y politicos, sacerdotes y obispos.

Hoy casi ha desaparecido, o mejor dicho en los paises donde ha seguido la linea de la JOC, ha practicamente desaparecido o se ha reducido a unos pequenos grupos aislados e insignificantes.
Alli donde la JOC no ha seguido la linea de la JOCI sino que ha mantenido su identidad como en Chile, Peru y Haiti, ha sobrevivido pero de forma minima.

No quiero dar la impresion de ser superficial o despreciar los movimientos pequenos. Lo que me interesa es dar algunos elementos que permitan conocer con mas precision la situacion y sus causas muy complejas.
En muchos paises la JOC ha sido destruida por la dictadura, en otros el ha faltado el apoyo de la Iglesia. Pero la situacion empeoro después del Congreso Internacional de Linz en 1975. La responsabilidad incumbe a la JOCI que quiso imponer entonces a todos los paises un esquema unico de movimiento, y mas aun, de un movimiento politico que ignoraba totalmente la dimension educativa y evangelizadora que son caracteristicas propias de la JOC.

He hablado con algunos dirigentes latinoamericanos de la JOC de esta época, que ahora se dan cuenta de la gravedad de los errores cometidos. Pero van renaciendo experiencias extraordinarias, como la de la JOC de Medellin o la de la nueva JOC mejicana, demostrando que existe un espacio para una JOC completa, movimiento de formacion a traves de la accion y de la lucha, y movimiento de evangelizacion.

PREGUNTA: Como se posiciona la Iglesia latinoamericana frente a la crisis de la JOC?

RESPUESTA: La Iglesia latinoamericana esta dividida y hay procesos preocupantes. Incluso la misma CELAM ya no es la de Medellin y la de Puebla.
La Iglesia conservadora siempre ha visto la JOC con malos ojos. En la Iglesia progresista, hubieron muchas desilusiones frente a lo vivido en el movimiento en los ultimos anos, aunque la JOC haya mantenido un prestigio notable por su historia muy rica. La CIJOC hizo una reflexion muy simple con algunos obispos sobre la pastoral obrera y juvenil y les hemos preguntado si la JOC sigue siendo actual y puede responder a la situacion. Casi todos contestaron que si. Y es algo significativo, porque en los ultimos anos parecia que otras experiencias como las comunidades de base, u otras similares, podian remplazar la JOC.

Se noto la gran dificultad para formar a militantes adultos, papel que desempenaban muy bien los movimientos de accion catolica especializados en el pasado.

Muchos han entendido que la crisis de la JOC es un problema de Iglesia y miran hacia la CIJOC con esperanza. Gustavo Gutierrez es uno de ellos. Mi encuentro con él me gusto especialmente. En la JOC Italiana, habiamos seguido con mucho interes sus investigaciones y en particular aquellas sobre la espiritualidad.
El Padre Gutierrez me dijo con fuerza su conviccion de que la mision de un movimiento como la JOC es la evangelizacion y que se debe trabajar dentro de la Iglesia, aunque sea dificil. "Te lo digo por experiencia propia" me dijo. Me invito a continuar y esta dispuesto a ayudarnos.

PREGUNTA: Qué puedes decir de NIcaragua?

RESPUESTA: Con todo lo que mencioné antes, llegué a Nicaragua con muchos interrogantes. Durante mi estancia de una semana, he podido observar que la revolucion es un fenomeno de masas que ha transformado la vida del pueblo. Los contras, verdaderos terroristas, aunque sean pocos, tienen mucho poder destabilizador.

Me llamo la atencion la actitud de la jerarquia de la Iglesia que se encuentra en confrontacion directa con el gobierno y el pueblo, una confrontacion que aleja de la Iglesia a los cristianos comprometidos en la revolucion. Por lo que se refiere a la posibilidad de iniciar la JOC, hace falta mantener los contactos, a pesar de la dificultad de hacer previsiones.

PREGUNTA: Cuales son las perspectivas para los proximos anos?

RESPUESTA: Puedo decir que hay espacio y posibilidad significativa para relanzar la JOC, pero se necesita mucho trabajo. Esperamos poder llevarlo a cabo. Se trata de extender y continuar la reflexion que hemos tenido y establecer programas diferentes segun los paises. En algunos, como Chile, podemos pensar en un trabajo con el apoyo de los obispos; en otros como Colombia, hara falta trabajar mas en la base.

Me parece importante mantener los contactos con los M/N mas cercanos de la CIJOC. Se trata de entender bien qué es lo que quieren cambiar en la JOCI. Qué tiempo se dan para alcanzar estos cambios y como piensan trabajar.

En algunos paises han nacido nuevas experiencias de JOC o experiencias muy cercanas de la JOC, que no tienen relacion con la JOCI.

Es fundamental seguir desarrollando los contactos con ellas. Y también la CIJOC tiene que establecer la JOC en paises donde no existe.

Pero a los militantes de la JOC italiana les queda mucho trabajo que hacer. Los dirigentes de las JOC latinoamericanas que encontré muestran mucho interes por un intercambio con los jocistas italianos. Seria muy importante organizar para el verano del ano proximo un viaje a Italia para algunos responsables de la JOC de Chile, Colombia, Peru...

Ademas de conocer mejor la JOC italiana, les daria la posibilidad de compartir lo que viven, realizan y esperan con los jovenes de su pais.

EXTRACTO de "GIOVENTU OPERAIA", de la JOC italiana , de julio/agosto 1988.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM

50 ANOS de Missão
1960 - 2010

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

A história da Diocese de Nova Iguaçu ao longo dos seus 50 anos de missão tem muito em comum com a história recente do próprio Brasil. Criada em 26 de março de 1960 pela Bula Quandoquidem Verbis do papa João XXIII, a Diocese de Nova Iguaçu nasceu a partir do território desmembrado das Dioceses de Barra do Piraí-Volta Redonda e de Petrópolis. A Diocese de Nova Iguaçu abrange os municípios de Belford Roxo, Japeri, Mesquita, Nova Iguaçu (sede), Nilópolis, Paracambi, Queimados e o distrito de Conrado (Miguel Pereira).

Geograficamente está situada no Centro-Sul do Estado do Rio de Janeiro, limita-se com a Arquidiocese do Rio de Janeiro e com as Dioceses de Duque de Caxias, Itaguaí, Barra do Piraí-Volta Redonda e Valença. Segundo os dados do IBGE (2007) possui uma população de 1.908.216 habitantes numa área de 997 km², apresentando assim uma densidade demográfica elevada: 1.914 habitantes por km².

Baseada entre os valores cristãos e a consciência social, a luta sempre foi direcionada aos interesses comunitários, obtendo, assim, o amplo reconhecimento da sociedade em geral e a colaboração de todos que se mobilizam no esforço de amparar aos que mais necessitam.

A determinação da Diocese em lutar por condições humanas dignas e justas para todos, por muitas vezes se fez contrária aos interesses, alheios ao bem comum. E em defesa desses interesses alguns cristãos sofreram graves consequências por defender de forma incondicional os valores do evangelho.

O período registra acima de tudo a presença da Igreja na vida política e social do povo.

Completar e documentar 50 anos de missão da Igreja católica e da comunidade é motivo de grande júbilo a todos que participaram desta luta por um mundo melhor.

Essa sempre foi e será a grande missão da Diocese de Nova Iguaçu.

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU
50 ANOS de Missão
1960 2010

Agradecimentos:
Rio de Janeiro
Nova Iguaçu
Nilópolis
Paracambi
Queimados
Belford Roxo
Japeri
Mesquita

Apoio:
Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima
Unimed Nova Iguaçu

Patrocinadores:
ALERJ
PETROBRAS
BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE PASTORAL OBRERA

NOMBRE Y APELLIDO	PAIS	Dirección	Cargo
Pbro. JUAN CARLOS ANGOLANI	ARGENTINA	Uspallata 2086 Hurlinghann (1686) Bs. Aires	Vicario Episcop. Pastoral S. Morón
Mon. ITALO D'STEFANO	ARGENTINA	Obispo de San Juan de Cuyo Argentina	Presidente del DEPAS
OBISP. LADISLAU BIERNASKI	BRASIL	R. Isabel Redentora, 1372-83100 S. José Dos Pinhais. Curitiba	Obispo Aux.
JOSE DARI KREIN	BRASIL	Av. Pres. Kennedy, 1861/ 508 25.020 Duque de Caxias - Rio de Janeiro.	Coordinador Nac. Da Po Do Brasil
HENRIQUE PIZZOLATO	BRASIL	R. Atilio Formigmieri, 312 CX.P. 611-85900 TOLEDO - PR.	Secretario Polit. Sindical-CUTIPR.
R.P. HECTOR FABIO HENAO G.	COLOMBIA	Av. 28#35A 33 BOGOTA..	Subdirector S.N.P.S.
ORLANDO OBREGON SABOGAL	COLOMBIA	Calle 35#7-25 Piso 9 BOGOTA..	Vicepresidente C.U.T.
DARIO RUIZ LOPEZ	COLOMBIA	Calle 34 # 56-98 Bloque 1 Apto. 302Bello (ant)	Vicepresidente SINTRACRYOGAS
MIGUEL ANGEL CASTRILLON C.	COLOMBIA	Calle 34# 18-30 BOGOTA..	Secretario Seg. Social C.U.T.
MIGUEL ANGEL QUINTERO	COLOMBIA	Av. 28 # 35A-33 BOGOTA..	ASISTENTE DE PAST. SNPS.
R.P. JAIME PRIETO	COLOMBIA	CELAM- COLOMBIA	Secretario Ejec. del DEPAS.-
Mon. ALFONSO BAEZA D.	CHILE	Av. Bernardo O'Higgins 3155 2°piso Santiago	Vicario Episc. Pastoral Obrera
JOSE AGUILERA BELMAR	CHILE	Av. Bernardo O'Higgins 3155 2°piso Dep.C.Santiag.	Secret. Ejecut. V.P.O.Santiago
ENRIQUE VERGARA CORDOVA	CHILE	Arturo PRAT#1490-5T50	Dirig. Sindical CUT

ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE PASTORAL OBRERA

NOMBRE Y APELLIDO	PAIS	Dirección	Cargo
ENRIQUE M. ASTUDILLO C.	ECUADOR	MANABI 536 y VARGAS	Coordinador Nac. de FENACOMI
MON. GONZALO LOPEZ MARAÑON	ECUADOR	APARTADO 176	Presidente Past. trab. de C. Epis.
JORGE CUISANA VALENCIA	ECUADOR	APARTADO 1081-QUITO	Direct. Dep. Past. de los Trab. de la C.E.E
FRANCISCO MINDA	ECUADOR	Quito Rocafuerte 1477 y Venezuela	Presd. de la FETAL.
R.P. ARTURO CHAVEZ H.	MEXICO	Sranate #19-F. Pedregal Cd.López Mateos. Edo. de Mexico.	Promotor Dioces. Pastoral Social Caritas.
RAMON PERALTA MALDONADO	PERU	Apartado 432 Chimbote	Presid.Nac. del Mov. de trab. Xtos.
P. JORGE ALVAREZ CALDERON	PERU	Apartado1012 Lima-Peru	Asesor Nac. del Mov. de trab. Xtos.
HERNAN SILVA SANTISTEBAN LARCO	PERU	Av. Edo. Unidos 838 Jesús María Lima-Peru	Secret. Ejec.Ajet. del CEAS.
R.P. JORGE TECHERA	URUGUAY	Casilla de Correo 6476 11000 Montevideo-Urug.	Secretario del DEPAS.
ROSARIO RUSSI	URUGUAY	Soriano 1461-11200 Montevideo-Uruguay	Militante Sindical
GILBERTO FERREIRA DA COSTA	BRASIL--JOCI Ame.	Apto. Aereo. 37890 Bogotá Colombia	Coordinad. Intern. para América.
R.P. GIOVANNI FORNERO	ITALIA	perogonal C.R Marghezita 201 9144 Torino	CIJOL V.dei Bazbicc 22.
		Telf. 488835	00186 Roma Tef. 6865253

ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE PASTORAL OBRERA

NOMBRE Y APELLIDO	PAIS	Dirección	Cargo
MON. OVIDIO PEREZ MORALES	VENEZUELA	Curia Diocesana de Coro Edo. Falcón -Venezla.	Obispo de Coro
R.P.ANGEL RIBA C.	VENEZUELA	Torre Madrices Edf. Juan XXIII	Director de Pastoral Social
VICTOR VARGAS	VENEZUELA	El Guarataro, de cola a calle ciega #21	Respons. de JOC.
EDUARDO MONTES	VENEZUELA	Apatdo. 3437 Caracas 1010 A	Coord. Past. Obrera.
R.P.TEODORO HANSEN	VENEZUELA	Apdo. 94. 8024A San Felix	Comisión Past. Obrera.
FELIPE FOSSATI	VENEZUELA	Cesar Zamora s/n, Resid. La Floresta, Piso 3	
		Apto 33 Los teques EDo. Miranda Apartado 6681, Caracas 1010-A	DIRECTOR CIDUTAL.

Ado.20962
Carac. 10
20 A

DIME LA VERDAD

Vida y fe de jóvenes trabajadores

JOC Internacional, Bruselas 1995.

Para Agustinho:
Es nuestra misma experiencia. Tu vas a encontrarte en ella y guizás puedas aprovechar tu propia para añadir a ella 50% más de tu experiencia, como siempre haces; que es lo que le da la Historia.
Un abrazo,
David
18/12/95.

"DIME LA VERDAD"

Vida y fe de jóvenes trabajadores

JOC Internacional, Bruselas 1995.

ÍNDICE

Pág

PRÓLOGO: Un manojo de flores silvestres 7

PALABRA DE UN "ANTIGUO" Jacques Meert, Bélgica 9

PRIMERA PARTE: "Escuchádles y hablarán con el corazón en la mano"

"Me preguntaron cómo me llamaba"
AKIKO, Japón 14

"Fue todo un despertar"
JEAN BLAISE, Gabón 19

"¿Y si fuéramos a ver a los otros...?
RONALD, Quebec 23

"Una fe vivida, no idealista"
JULIO, Colombia 26

"Tras la represión, la esperanza".
MARGARIDA y EDENILSON, Brasil 29

"Somos la JOC"
HELIO, Brasil 35

"Hay que tener ánimos"
BIRGIT, Alemania 37

"Le debo todo lo que soy"
TERESA, Perú 40

"Me siento muy cercano a la Biblia"
POGISO, Africa del Sur 45

"Todas se pararon de trabajar"
MEI YUK CHEUNG, Hong Kong 49

"Pensaba vivir una vida normal"
MEI YI, Hong Kong 54

"Jesucristo y el movimiento no son dos cosas distintas"
YUEN YEE y WAI CHING, Hong Kong 58

"Aprendí a ser paciente"
YOUSSEF, Egipto 62

"Antes sentía tristeza"
MÓNICA, Colombia 66

"Callarme sería una falta de fe"
DANIEL, Ghana 68

"Lloraba pero estaba contenta"
STEPHANIE, Suiza 70

"Pasar de la teoría a la práctica"
JOSÉ LUIS, inmigrante en Alemania 76

"Triunfará la vida"
EDMOND, Argentina 79

"Un camino hacia la autorealización"
LUZ MARINA, Colombia 81

"Quiero tener amigos"
MACHIKO, Japón 87

SEGUNDA PARTE: Visión de teólogos

"Quiero tener amigos o el camino de liberación por la acción"
Honda Tetsuro, Japón 92

"No soy ni ebanista ni escultor"
Anastasio Gallego, Ecuador 96

"Lo que cuenta es la vida"
Benedito Ferraro, Brasil 104

"Los jóvenes, la JOC, la fe"
Jean-Claude Brau, Bélgica 109

"Una necesaria fraternidad"
Emmanuel Ntakarutimana, Roma 119

"Cambiar el mundo..."
Albert Nolan, Africa del Sur 123

A MODO DE CONCLUSIÓN

"Alzar la mirada hacia el futuro"
Moses G. Cloete, Presidente de la JOC Internacional 126

PRÓLOGO:
Un manojo de flores silvestres

"La JOC trabaja sin hacer ruido", dice Teresa en su testimonio. Si bien es una calidad, esta discreción puede tener también aspectos negativos. Los jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras organizados en el movimiento viven muchísimas cosas. Al margen del círculo, a menudo restringido, de los militantes y de los adultos que acompañan su proceso, ¿quiénes son conscientes de ello?

La JOC Internacional quiso conservar y dar a conocer los signos de esta inmensa riqueza, ocultada con demasiada frecuencia. Así pues, en distintas ocasiones, pedimos a militantes expresar cómo viven su compromiso en el movimiento y en la sociedad, frente a sus realidades, y qué incidencia tiene dicho compromiso sobre su fe, sobre el sentido de su vida.

Una reunión del Equipo Internacional

Es lo principal de este libro. No se trata ni del resultado de un estudio sobre la JOC de hoy en día, ni de las conclusiones de una encuesta sistemática a jocistas de todos los continentes, ni es la síntesis de una reflexión teológica sobre los principales temas de actualidad, sino más bien "un manojo de testimonios" recogidos en encuentros con jóvenes cuya vida fue marcada por la JOC.

Estos testimonios varían por su grandeza, origen, contexto, carácter, pero todos irradían la luz y la vida halladas en la JOC.

Los militantes que se expresan en el libro no están realizando sus primeros pasos en el movimiento. Todos tuvieron ya una trayectoria de años en la JOC, con sus altibajos. Su compromiso y las responsabilidades asumidas les ayudaron a crecer, a madurar. Es así como son capaces de echar una mirada lúcida a su experiencia.

Aun si se sienten próximos de la Biblia y demuestran tener un fe reflexiva, no son profesionales de la reflexión teológica y sólo quieren dar testimonio de lo que viven. Por esta razón hemos invitado a teólogos a reflexionar sobre estos testimonios de vida y de fe para ayudarnos a descubrir sus riquezas y sus cuestionamientos.

Procedentes de orígenes muy distintos, dichos teólogos fueron interpelados por los testimonios y entraron a su vez en el compartir. Confirman nuestra fe en la acción del Espíritu en el mundo y en el corazón de cada joven trabajador y cada joven trabajadora, de cada ser humano.

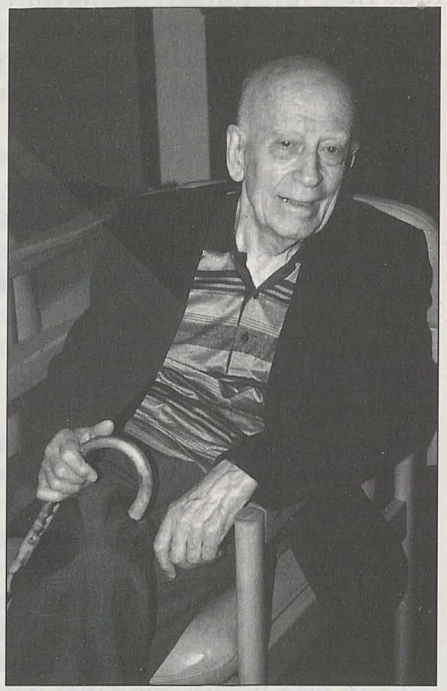
Agradecemos a cada uno de ellos por su testimonio y su reflexión. Agradecemos igualmente a los jóvenes que aceptaron presentar su testimonio y compartir su experiencia, y a los traductores y colaboradores que hicieron posible la compilación de este "manojo".

Este libro invita a los lectores a sumarse al compartir, abriendo su corazón, para descubrir las riquezas y las maravillas que a menudo brotan en la vida y las luchas cotidianas. Es una invitación a participar del dinamismo del Espíritu, que hoy en día hace nuevas todas las cosas.

El Equipo Internacional de la JOC

PALABRA DE UN "ANTIGUO"

JACQUES MEERT*



Me cuesta describir la sorpresa que me llevé al leer las páginas a continuación. Son testimonios llenos de espontaneidad, simplicidad, y verdad.

Son quizás la mejor definición de la JOC que uno pueda desear. Nada de teorías sino la vida tal y como es, completada por los comentarios y las reflexiones de los teólogos, quienes no se olvidan plantear algunos interrogantes.

Algunos rasgos se desprenden de forma sorprendente. El origen de los/as militantes que hablan: origen geográfico, familiar, social y cultural, e incluso religioso. Cada uno y cada una tiene su historia, su propio papel, que adquiere un significado total por el contexto en el que se desarrolla. Sin embargo, y eso es lo característico, todos los testimonios convergen, y tienen como claro denominador común la JOC en todos sus fundamentos. Cada uno de los protagonistas, joven del mundo popular, chico y chica, por muy pobre y desamparado que se encuentre, es un hermano o una hermana. Por el mismo hecho de ser hijo o hija de Dios. ¿No fue lo que dijo Cardijn?

Y Dios, lo encuentra casi sin darse cuenta, con vuestra amistad, vuestro compañerismo, vuestra ayuda y espíritu de equipo. El rasgo específico de vuestra fe como testigos no es más que vuestra fe puesta en práctica. Es decir la caridad evangélica.

Al leer los distintos testimonios, me sorprendió descubrir los tesoros de una fe viva que la juventud trabajadora oculta en los recovecos de su vida cotidiana, de lo más banal en apariencia. Es poco frecuente que una obra inspirada y escrita por jóvenes que en su mayoría no pudieron terminar la enseñanza básica revele a un amplio sector de la opinión pública el misterio que Jesucristo no temió en depositar entre sus manos, por absoluta confianza.

Y en la JOC, vemos que se responde a esta llamada, cualquiera que sea la generación. Esta constatación produjo en mí, en el momento en que escribía este breve preámbulo, una contemplación emocionante. El cuadro que evocamos en una visión mística durante la Asamblea Internacional del movimiento en Roma en 1957 en vísperas del primer Consejo Mundial, quedó gravado para siempre en mi memoria. Era para nosotros la actualización del extracto, lleno de esperanza, de la visión del profeta Isaías:

> *Levántate y resplandece, pues ha llegado tu luz, y la gloria del Señor alborea sobre ti.*
> *Alza en torno tus ojos y mira: Todos se reúnen y vienen hacia ti, llegan de lejos tus hijos, y tus hijas son traídas a ancas. Entonces mirarás y resplandecerás, palpitará y se ensanchará tu corazón.*
> (Isaías, 60)

Esta visión se mantiene de actualidad en una sociedad que parece haber perdido su alma. Es más: se ensancha cada vez más en el desarrollo y la toma de conciencia de los pueblos que traen al viejo mundo la esencia de lo que más le falta: la llamada a la solidaridad y al amor.
En este sentido, observamos en varios testimonios que lo aportado se refiere también a los no cristianos, de quienes se dice que tienen perfectamente cabida en el movimiento internacional. Todos no consideran este hecho con tanta naturalidad. Habrá que profundizar progresivamente la legitimidad de este hecho. No es nuevo en realidad y responde a la propia lógica de la universalidad del movimiento, que nunca erigió barreras ante nadie. Entonces, por qué negaría a determinados jóvenes el inestimable privilegio que cada uno de nosotros hemos tenido y vivido. Hubiésemos necesitado mucha imaginación en los inicios de la JOC para pensar que a finales del siglo, habrían jocistas en Bangladesh y en los confines de nuestro planeta.

Militantes de la JOC Internacional, es hora de alegraros por lo que la JOC realiza a través de vosotros entre la juventud trabajadora, hasta transformar la sociedad. Si tenéis fe, no olvidéis que ella mueve montañas cada día; que la JOC es como el grano de mostaza del Evangelio: al sembrarlo es el más pequeño de todos los granos - luego crece y un día se hace un árbol grande donde anidan los pájaros del cielo.

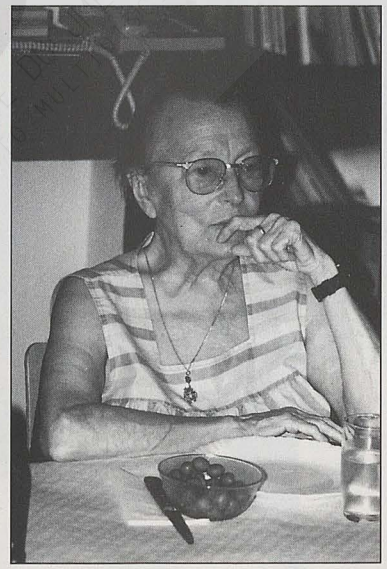
¡Tenéis todos un mismo lema: Fe, coraje y solidaridad!

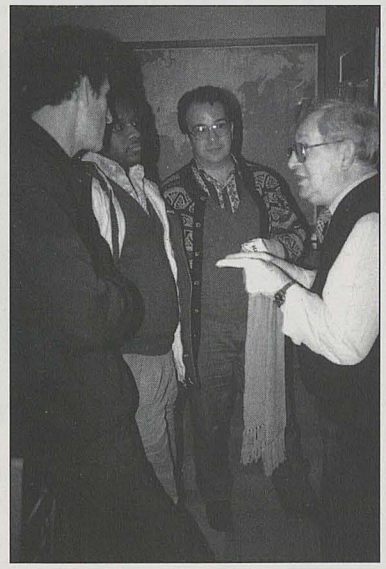
** Jacques MEERT, que nació en Bruselas en 1902, es cofundador de la JOC. Conoció al Padre José Cardijn en 1919, siendo joven ferretero y cerrajero de Bruselas.*
Formando con Fernand Tonnet y Paul Garcet el "trío fundador de la JOC" asumió en 1925 la función de Secretario General.
Fue uno de los más íntimos colaboradores de Cardijn a quien acompañó en la evolución de su pensamiento y en sus viajes a todos los continentes.
Hoy, con 93 años, Jacques continúa al tanto de la evolución de la JOC y sus opiniones son siempre muy apreciadas.

Entre otros "antiguos":

Marguerite FIEVEZ
Antigua secretaria de la JOC Internacional

Alex ERICX
Enviado durante 11 años al Africa, al servicio de los jóvenes trabajadores y de la JOC.





PRIMERA PARTE

"Escuchádles y hablarán con el corazón en la mano"

AKIKO, Japón, 1990

"Me preguntaron cómo me llamaba"

P. Como responsable nacional de un movimiento que acaba de celebrar su 40 aniversario, ¿cómo ves la JOC del Japón hoy en día? ¿Cuáles son las preocupaciones actuales del movimiento?

En la sociedad japonesa existen diversos movimientos sindicales o populares. Pienso que frente a estos movimientos la JOC tiene un lugar que ocupar porque es diferente y lo que busca también es diferente.

En el Japón existen muchos movimientos preocupados por los problemas de la sociedad. La JOC no parte de los problemas sino de la experiencia de las personas que sufren dichos problemas, lo cual es muy diferente. Se parte de las dificultades de los jóvenes para intentar resolverlas, pero a través de estos problemas, de estas acciones, ¿cómo se puede cambiar al mismo joven? Para nosotros, estos cambios personales en los mismos jóvenes es algo muy importante.

En relación al ocio, por ejemplo, antes de incorporarme a la JOC, yo no percibía la importancia de vivir con nuestros compañeros/as. Tenía algún tiempo de ocio, pero me lo pasaba sola y pensaba que así estaba bien, y no tenía otro tipo de experiencia. Desde que estoy en la JOC, he descubierto toda la riqueza del vivir en contacto con amigos para hacer algo juntos. Esto es también algo importante en la JOC y que no se conoce en ningún otro movimiento.

Cuando entré en la JOC, lo que me pareció interesante en este movimiento fue que los jóvenes me preguntaron cómo me llamaba. Luego, después del primer contacto, me volvieron a llamar por teléfono. Buscaron saber lo que estaba haciendo. Se interesaron por mí y eso me encantó. Con este punto de partida intenté descubrir los valores que podemos vivir juntos, a pesar de todas las diferencias que pueden existir y cómo se puede prestar interés en los demás. Pienso que se puede ser feliz en la medida que crece nuestro interés por los demás.

Al principio, no hice acciones aparatosas en la JOC, no fui a ver a ningún director de empresa para negociar esto o lo otro, sino que aprendí a reflexionar sobre el significado de la vida humana. Pienso que fue un gran cambio en mi manera de reflexionar y para mí, aún en la JOC y después fuera de ella, voy a seguir reflexionando sobre la vida humana.

P. ¿Cómo entraste en contacto con la JOC?

Después de 3 años de trabajo logré ahorrar algún dinero y pude tomar 5 días de vacaciones. Se lo comenté a mi párroco quien me dijo: "Sabes, hay un asesor que va a viajar a Filipinas con un grupo de jóvenes. Si quieres participar te puedo facilitar el contacto."

Luego de ese primer contacto con los jocistas, participé en una reunión, hablamos de cosas y luego me volvieron a llamar por teléfono y me preguntaron: "¿Vas a volver? ¿Qué te pareció la reunión? " Contesté que me gustó y me pregunté qué interés tenían por mi? Fue un problema para mí comprender que estos jóvenes, para quienes yo no representaba nada al principio, se interesaban por mis problemas y mi vida.

Para Filipinas, bien. No tendría problema en ir. Los jóvenes que iban eran cristianos y habría un sacerdote para acompañarme, o sea que acepté la invitación.

P. ¿Encontraste la JOC en Filipinas?

Casi puedo decir que fue la JOC de Filipinas la que me enseñó lo que es la JOC. Allí participé en un programa de cinco días. Aprendí muchas cosas. Hablamos en particular de las fábricas japonesas presentes en el país, en las que trabajan jóvenes en condiciones muy difíciles. Estaban explotados. Así es como ellos lo expresaban. Y yo relacioné esto con mi vida. ¿Qué vida llevo en Japón? Por vez primera me di cuenta que tenía las mismas condiciones de trabajo, a diferentes niveles, que los jóvenes filipinos.

Gracias a la JOC, pude descubrir muchas cosas en Filipinas. Hablaban de los métodos patronales en las fábricas japonesas. Ofrecen pequeñas ventajas a los trabajadores para impedirles reivindicar, es un poco la historia de la zanahoria y el palo. Yo me pregunté si no me encontraba a fin de cuentas al mismo nivel. Nunca cogí vacaciones, ni siquiera sabía que existían las vacaciones pagadas, y pensaba que todo estaba bien así. Vi que el patrono me invitaba a cenar con él, y yo lo veía bien, pero sabía que lo hacía para que renunciara a tomarme mis vacaciones.

Creo que los jóvenes quieren ser reconocidos por su valor, y a mi también me pasó. Quería que me reconocieran pero desde una imagen patronal. Quería trabajar más para que el patrono me considerara bien. Ahora bien, vi que el patrono utilizaba esa aspiración profunda que tenía, pero eso no me ayudaba. Vi que así la empresa iba acumulando más ganancias pero yo permanecía al mismo nivel de siempre. Es distinto decir que queremos crecer a nivel personal. La empresa se estaba forrando pero yo no.

P. De lo que dices se desprende que eres cristiana, e incluso católica... Tu encuentro con la JOC, ¿cambió algo en tu manera de ser cristiana, de vivir tu fe o tu religión?

En realidad, yo tenía ya la fe, iba a misa, pero no sabía lo que significa exactamente tener la fe. Pensaba que era ir a misa, hacer como hacían mis padres, pero eso no era tanto tener fe.

Descubrí que la vida y la fe no se viven por separado.

Desde que estoy en la JOC me doy cuenta que cuando voy a la iglesia, hay allí mucha gente pero no se habla de la vida. A la Iglesia no le gusta que se hable de la vida. Veo ahora que se trata de una aberración y me parece extraño.

Ahora el hecho de ir a la iglesia y vivir según el Evangelio, según las vivencias de Cristo, son dos cosas distintas. Se puede vivir profundamente el ejemplo de Cristo sin ir a la iglesia, encontrándose con gente con quien no se habla nunca.

Un día de Viernes Santo, por ejemplo, con unas amigas de las que una era también cristiana, fuimos a un restaurante donde ese día había carne en el menú. La amiga me dijo: "Hoy Viernes Santo no se puede comer carne". Nos pusimos a hablar de esta cuestión, y yo dije que ser cristiano no es seguir reglas establecidas en otra época y en

otro lugar. Si queremos privarnos para recordar a Jesús, se puede hacer cualquier otro día del año. Tener la fe no es hacer cosas, cumplir con reglas decididas por otras personas.

P. La JOC es un movimiento importante en Japón. Sin embargo, en tu país hay muy pocos cristianos. ¿La JOC está reservada exclusivamente para los católicos como tú u ofrece una mayor apertura?

Pienso que no es normal que la JOC se limite a los cristianos porque en mi sentir profundo cualquier trabajador, por encima de las diferencias de religión, tiene las mismas aspiraciones, una aspiración a vivir con dignidad humana. La belleza y la fuerza de la JOC radica en su apertura a todos los jóvenes trabajadores. Esa es en opinión mía la especificidad de la JOC.

P. ¿Tienes la impresión de que la JOC ayuda también a los otros jóvenes trabajadores a crecer en su propia fe, en su personalidad?

Por regla general, los jóvenes no hablan de religión y nosotros no hablamos de religión. Es así. Algunos en la JOC piden conocer y leer el Evangelio. Hay grupos que se forman así para conocer el Evangelio y algunos acceden así al bautismo.

Otros no hablan nunca de ello. Nos encontramos a un nivel más amplio, tratamos de atender a los demás, ver qué dificultades pueden tener o qué problemas se pueden compartir, cómo trabajar juntos, actuar en solidaridad, etc. Coincidimos en estos puntos que nos parecen a todos, cristianos o no, muy importantes en la vida.

P. ¿Tu contacto con jóvenes no cristianos, cuestionó tu fe, la hizo avanzar, crecer, madurar?

Cuando estoy con los jóvenes trabajadores no me pregunto nunca si son cristianos o no. En mis contactos aprendo muchísimo, me enriquezco, pero nunca me pregunté si este aporte era porque los jóvenes eran o no cristianos. Por regla general, es el contacto con otros jóvenes el que me aporta muchísimas cosas.

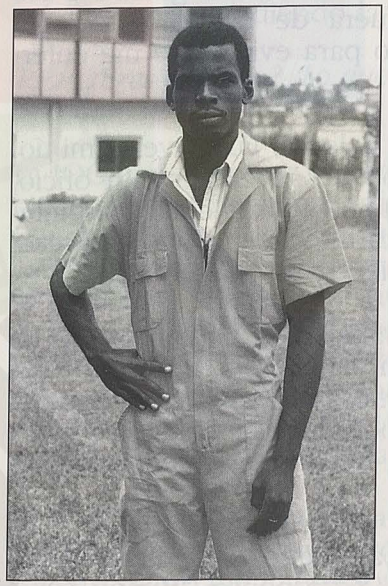
P. El Movimiento suele tener muchas dificultades para encontrar a jóvenes que acepten asumir responsabilidades. ¿Es así también en el Japón? Y tú, ¿por qué aceptaste asumir responsabilidades en el Movimiento? ¿Lamentas haberlo hecho o esto te ha aportado algo?

Cuando me pidieron si quería asumir responsabilidades, éramos varios en tener esa posibilidad. No sé por qué me preguntaron a mí. Acepté, y tampoco sé demasiado por qué. Pero no lo lamento. Estoy muy contenta de mi trabajo porque me permite ampliar mi visión, tener contactos con personas que sufren situaciones que yo no conocía, jóvenes a quienes les cuesta vivir, que no tienen competencias escolares, que incluso pasan hambre... todo esto nunca lo hubiera percibido quedándome recluida en mi propio entorno y no tomando responsabilidades. No, de verdad que no lamento para nada asumir responsabilidades.

Ahora puedo tomar tiempo para encontrar a la gente, discutir con ellos, algo que no hubiera podido hacer sin haber tomado responsabilidades en la JOC. Es para mí una gran riqueza que jamás hubiera conocido de no haber aceptado. Es formidable y estoy muy contenta de estar donde estoy.

JEAN BLAISE, Gabón, 1990

"Fue todo un despertar"



P. ¿Por qué acudiste a la JOC?

Es toda una historia. Había estado enfermo durante años. Al final del curso, cuando terminé quinto, mis padres vinieron del pueblo y quisieron que me iniciara [1] porque los estudios no me iban nada bien. No quise pasar por la iniciación. Fui al pueblo de mi abuelo que me recomendó la iniciación si esa era la voluntad de mi familia. Al final acepté a regañadientes... Fuimos tres en iniciarnos: mi tía, mi hermana mayor y yo. Estuve una semana en el templo. Me dieron madera sagrada, que es una madera amarga, es como una droga que te cambia por completo. Ellos dicen que ven a los muertos...me dieron de comer esa madera hasta que empecé a tener crisis de locura.

Tuve una crisis durante 5 meses. Me había vuelto como loco. Luego empecé a agonizar. Me llevaron a todas partes para curarme. Decían que me había convertido en vampiro, que yo había matado al hijo de mi hermana mayor, me acusaron de muchas cosas, porque eran incapaces de curarme, de devolverme mi estado normal.

Estuve en un estado parecido al coma durante cuatro meses. Hasta que un día, al parecer, empecé a hablar: "Mamá llévame al hospital". Mi mamá lo habló con la familia, pero la familia no quería, decía que me iban a hacer una inyección y que me iba a morir puesto que era un vampiro. Entonces mi madre dijo que me había llevado a todas partes para que me curaran y ella dijo que prefería verme morir en el hospital antes que dejarme como estaba.

1 *Rito africano de introducción del joven a la vida adulta*

Me llevaron al hospital de Libreville, a la unidad de cuidados intensivos. Era como un fenómeno, no sabían lo que me había pasado. Los médicos no comprendían y llamaron a un psiquiatra que me abrió los ojos y vio en seguida que me habían dado madera amarga. Mi madre tuvo que reconocer lo acontecido. Le explicaron que me habían dado una dosis muy fuerte y no la había soportado.

El psiquiatra comenzó a atenderme. Al cabo de 3 años ya estaba mejor y mi memoria comenzó a activarse de nuevo gracias a los medicamentos. El médico quiso que fuera de nuevo al colegio pidiendo al profesor no forzar demasiado para evitar que me enfermara de nuevo.

Mi mamá no tenía dinero para costear el colegio. Fue a ver a mi tío. El tampoco tenía medios, pero propuso que aprendiera un oficio, pues él era carpintero. Trabajé allí durante dos años como carpintero, pero seguía sufriendo momentos de cansancio... y tuve una recaída. El médico me atendió y sigue atendiéndome hoy en día.

Cuando mejoró mi estado, empecé a trabajar en Gabón Rotin. Mi padres me aconsejaron concentrarme en la oración, ir a misa... Así que fue lo que hice. Fui a la iglesia, escuché el Evangelio. Conocía los movimientos que existían en la parroquia. Beka dirigía los coros y yo formaba parte de ellos. Siempre me decía que viniera a la JOC. Siempre me hablaba de la JOC.

Un día se hizo un anuncio en la misa para aquellos jóvenes interesados por la JOC. Beka volvió a insistir. Y yo pensé: "Bueno voy a ver lo que pasa con la JOC puesto que estoy participando en todo lo que existe en la parroquia, incluso en los grupos de oración." Había poca gente en la JOC. Los jóvenes acudían después de un anuncio y se marchaban inmediatamente. Se les explicaba la historia de la JOC y ellos no comprendían nada en absoluto. Yo aceptaba todo lo que se proponía, y por eso me quedé. Primero creía que la JOC era un grupo de oración o algo por el estilo y por eso me quedé.

Comencé a conocer el movimiento cuando recibimos la visita de un responsable de la JOC Internacional. Me dio un ejemplar de "Echange" (publicación de la coordinación africana), me explicó cómo hacer las reuniones... Empecé a comprender...

P. Y ahora, ¿Qué es la JOC para ti?

La JOC me permite no retroceder ante las situaciones difíciles y tener confianza en el cambio de mi situación de vida. Sé que soy capaz de cambiar una situación y no desanimarme por una u otra situación.

Por ejemplo, en la empresa en la que trabajo, como me sentía solidario de mis compañeros, intentamos realizar una acción para tener tarjetas de fichaje y seguridad social. Fue la primera acción llevada a cabo ya comprendiendo la orientación de la JOC.

P. ¿Eres católico? ¿Lo que vives en la JOC, tiene algo que ver con tu fe o no?

La JOC tiene que ver con mi fe. Antes me centraba en los grupos de oración. Me había convertido en una persona que no reflexionaba bastante. Dios dijo: "Comerás el pan con el sudor de tu frente". En cambio cuando uno está en un grupo de oración, espera que Dios te lo dé todo, esperas, esperas...rezas al Señor.... pero la Biblia lo que dice es :"Llamen a mi puerta y os la abriré, quién me busca me encontrará". O sea que el hombre no debe recluirse sólo en la oración, debe dar el primer paso, y es lo que la JOC me enseñó, dar el primer paso para obtener lo que se quiere. Porque yo estaba esperando que Dios me lo diera todo. Pero no es así.

La JOC me enseñó cómo analizar una situación, cómo ver claro lo que pasa a mi alrededor. Por ejemplo, hay cosas que pasaban en el país y a mi no me interesaban, pues "eran asunto del partido". Ahora veo la necesidad de comprender lo que pasa a mi alrededor. En esta sesión de formación internacional, por ejemplo, descubrimos que es importante conocer bien su país, los vecinos del barrio, etc.

Estoy muy contento de estar aquí. Y si estoy aquí es gracias al responsable de la JOCI que vino a visitar Gabón. Me estimuló de forma que me despertó, porque es verdad que estaba dormido, estaba sumido en un sueño profundo. No sabía lo que era la JOC. Cuando me desperté dije que tenía que cambiar mi comportamiento. Comencé a abrir los ojos, a aproximarme más a los otros, a mis compañeros de trabajo, intentando discutir con ellos y haciéndoles muchas preguntas. Aun cuando te dan una respuesta, hay que seguir haciendo preguntas.

Aprendí a estar más en contacto con los otros y a ser más solidario con los otros militantes. Esto me permitió ampliar el diálogo con la

gente que encontré, esto me abrió el espíritu y el corazón. Cuando estaba en el grupo de oración, sólo veía a la gente que rezaban junto conmigo, y no a los demás. Ahora trato de analizar la realidad de mi entorno y considerar a toda la gente en pie de igualdad.

P. Hace varios años que estás en la JOC. ¿Los compañeros/as a tu alrededor, tú ves que la JOC les haya ayudado a cambiar o bien eres un caso aparte, y el único que haya logrado cambiar a través del movimiento?

Creo que la JOC también ha ayudado mucho a la actual permanente. Ella avanzó y cambió mucho. Comprende el movimiento, y es gracias a ella que tenemos contactos dentro del país y en mi grupo de base, todos intentamos avanzar, por ejemplo, en nuestra comprensión de la realidad.

RONALD, Quebec, 1990

"¿Y si fuéramos a ver a los otros...?

P. ¿Cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Era paisajista. Trabajaba en verano y estaba desempleado en invierno. Con mi subsidio de desempleo tenía algunos ingresos. Durante el invierno, me dedicaba a la música. Tenía una compañera... que acababa de perder a sus padres en un incendio. Los niños se salvaron pero no los padres. Carol, la hermana de Annie, mi compañera, tenía miedo de quedarse sola en casa. Entonces empezamos a renovarlo todo y vivimos allí. Benoit, el asesor de la JOC, notó en el entierro que Carol tenía una voz bonita. Se la invitó a la coral. Allí se encontró con Yves que era permanente de la JOC, y es así como se concretaron los contactos.

A mi también me pasó que durante los dos primeros años mis únicos contactos con la JOC se hicieron a través de la música y del grupo musical. Con Yves hacíamos excursiones. El quería que conociéramos la JOC, porque veía una relación entre nuestra situación y lo que reivindicaba en la JOC.

Yo sabía por donde iban los tiros y no quería comprometerme. No me sentía capaz de asumir los problemas de los demás, bastante tenía con los míos. Esto duró hasta que empecé a hablar de mis problemas de desempleo: el subsidio llegaba con retraso. Me pasé incluso dos meses sin recibir nada, y sin ninguna explicación de parte de la oficina del desempleo. Me decían que la culpa la tenían las computadoras.

Entonces Yves me dijo: vamos a ver a los demás, porque viven lo mismo que tú. Hicimos una encuesta, el secretariado nacional nos ayudó a perfeccionarla y a difundirla. La encuesta no partía de la situación de desempleo. Las preguntas eran para saber si nuestra vida había mejorado en los últimos 3 años. Se abordaban todos los aspectos del trabajo: servicios, industria, etc. Al ver dicha encuesta pensé que la JOC era algo bueno, una buena organización, bien estructurada.

Cuando se acabó el proceso hicimos una asamblea cuyo eslógan era: "Si tienes un trabajo malo, date prisa en denunciarlo". Fue así como comencé a militar. Presionamos a un parlamentario, nos movilizamos, reivindicamos. Con unos treinta amigos, fuimos incluso hasta la oficina del diputado. Le preguntamos por qué habían recortado el subsidio de desempleo, queríamos una respuesta precisa.

Luego me hice militante a nivel nacional. Me encargaron de lo que me gustaba: la música y la organización de juegos. Luego me propusieron para la coordinación nacional. Entonces Yves me pidió seguir mi compromiso, ir en busca de personas de otros movimientos, la JEC, el representante del obispo. Es así como aprendí a vincular lo que hacía, la fe, y nuestra acción.

Siempre fui cristiano, no siempre practicante. Cuando surgía la cuestión de la fe, no me resultaba molesto hablar de ello, sobre todo de la forma como lo abordábamos, en un ambiente de amistad.

También tuvimos problemas financieros. A Yves le suprimieron el salario, su mujer se quedó embarazada y él tuvo que buscar otro trabajo. Entró en el sindicato, y con él hicimos una acción importante y esto también me abrió los ojos.

Como él estaba muy ocupado, ya no tenía tiempo para dedicar a la JOC. Yo tomé el relevo, éramos unos doce en encontrarnos, todos jóvenes contactados a través de la encuesta. Nos encontrábamos de vez en cuando para hablar de cosas. El nivel nacional me animó a hacer reuniones más estructuradas. Yo dudé mucho y decía que no, que yo no era quien debía ocuparme de la JOC. Pero a fin de cuentas fui yo quien tomé la iniciativa y organicé reuniones más formales. Era la época en que se estaba reformando la legislación sobre ayudas sociales, y yo me encargué de un equipo de trabajadores y desempleados. Hasta el día en que me pidieron ser permanente. Dividimos el grupo en categorías: restaurantes, oficinas, fábricas, bares, peluqueras. Así seguimos funcionando hoy.

P. Ahora conocemos mejor tu trayectoria. ¿Que te aportó la JOC? Si echas una mirada hacia atrás, que ha cambiado para ti?

Antes pensaba que todo estaba bien como estaba. No habían problemas en este mundo. Y si los había, los evitaba. Decía siempre: hay que ver las cosas positivas. De hecho quería ignorar los problemas, pero hoy ya no los ignoro. Además, me gusta poder vivir otras referencias, otros valores. Soy más sensible ante las otras personas. Hablamos de cosas concretas, a veces de fe, también. Aprendí cómo analizar las situaciones. En cierto modo, creo que he madurado.

P. Ronald, acabas de participar en una reunión de asesores. ¿Qué te pareció?

En la JOC los asesores participan con nosotros. Pero esto fue una reunión internacional, continental. Yo pensaba ver a los asesores bien vestidos, muy rectos, y así. Y qué iba yo a hacer a una reunión como aquella. De hecho, hablamos de cosas serias, pero el ambiente era juvenil. Hablamos de asuntos de la Iglesia que no entendía demasiado, de las estructuras... Aprendí algunas cosas.

Comprendí que era una necesidad tener asesores para ayudar a los jóvenes en su militancia. Los asesores están para apoyar, si no uno se queda estancado. El asesor asegura un equilibrio. Entendí también que los militantes necesitaban tener un análisis sobre temas que los jóvenes tenemos dificultad en comprender. Es lo que quiero transmitir a la JOC del Quebec. Debemos avanzar en la cuestión de los asesores.

JULIO, Colombia, 1990

"Una fe vivida, no idealista"

P. ¿Cómo encontraste la JOC?

Conocí la JOC a través de un sacerdote francés, el Padre Michel Jeanne. Estaba en el seminario, en el primer año de filosofía. Me hacía muchas preguntas en relación a una opción por un compromiso social, por una atención por la vida de la gente. Lo hablé con un sacerdote que me habló de la JOC y me puso en contacto con militantes del lugar. Así que estando en el seminario empecé a participar en encuentros de fin de semana y durante las vacaciones participaba en las actividades. Es así como conocí la JOC.

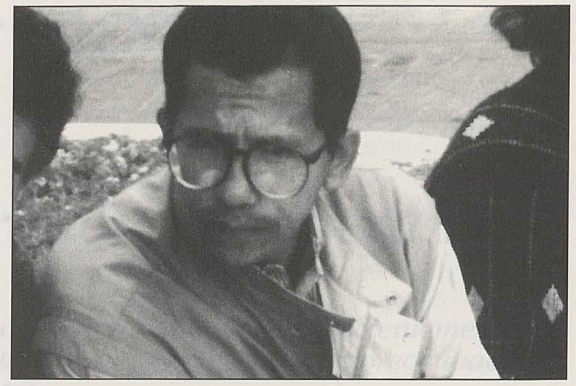
P. Tras este primer contacto, ¿por qué sigues en la JOC?

Estudié en el seminario durante 5 años. Primero me preocupé mucho del aspecto social de mis compañeros y trabajé mucho con el mundo obrero. Mi espiritualidad estaba muy marcada por los pobres y yo no encontraba el tipo de sacerdocio que correspondiera a mis preocupaciones.

Cuando terminé el seminario, la JOC en un consejo nacional me dio la oportunidad de tener una experiencia alternativa trabajando con ella. Ya tenía una experiencia de catequesis y como conocía un poco la JOC pensé que la juventud trabajadora era un sector en el que no existían planes pastorales. Todo el mundo está interesado por un trabajo con estudiantes o clases altas, pero nadie quiere trabajar con los obreros. Fue entonces cuando opté claramente por la juventud trabajadora y en concreto por la JOC.

Me gusta mucho el método del movimiento y me aporta mucho en mi formación a nivel de trabajo pastoral y de fe en Jesucristo, una fe vivida y no idealista, sentimental o espiritualista, pero de una manera más encarnada, más cercana a la realidad. El trabajo de equipo me ayudó a hacer una evaluación permanente, una planificación continua, y es lo que me motivó a quedarme en la JOC.

P. ¿Qué te aporta la JOC?



Me ayudó mucho en mi compromiso de clase y me dio más claridad en mi búsqueda de un proyecto de vida. Ya como seglar estaba buscando un trabajo pastoral enlazado con la comunidad y en particular con la JOC. Ahora cuando entro en el sacerdocio, me da una visión más clara del tipo de sacerdote que quiero ser y al servicio de quién debo ponerme. Me aporta mucho en mis opciones personales.

P. Así que cuando seas cura, ¿seguirás trabajando con la JOC?

Sí. Es mi proyecto, es lo que busco. Como sacerdote quiero tener la posibilidad de continuar trabajando con la JOC, apoyar en las parroquias y acompañar el equipo nacional, es la propuesta que me hacen de trabajar en la línea de la asesoría nacional. De todos modos, apoyaré el trabajo de la JOC porque es un movimiento válido para mi.

P. ¿Qué piensas del encuentro de asesores en el que acabas de participar?

Para mi fue un encuentro genial, primero porque fue mi primera experiencia de un contacto internacional con la gente de la JOC.

Luego por el compartir de las experiencias: algunos asesores trabajaron mucho tiempo con la JOC y siguen creyendo en la validez de su proyecto. Tienen mucho entusiasmo por seguir dicha labor. Son gente muy clara en su compromiso.

El encuentro aportó también mucho a través del compartir y de la comparación de la realidad vivida en los distintos países de América latina, muy similar en todos ellos. Nos planteamos también algunas preguntas sobre qué hacer ante esta realidad común.

En el encuentro, hubo mucho ambiente, espontaneidad, y buen humor. De verdad que estoy muy contento de haber participado.

MARGARIDA y EDENILSON, Brasil, 1990.

"Tras la represión, la esperanza".

P: Brasil ha vivido momentos muy importantes recientemente, las elecciones presidenciales, etc. ¿Cuáles son las grandes preocupaciones del movimiento actualmente?

Margarida:

Estamos ahora en un país que parece democrático, pero que pasó por 30 años de régimen militar, que acabó con todos los derechos de los trabajadores, que asesinó, torturó, exilió a las personas. El pueblo eligió un hombre que viene de la extrema derecha. El tiene una popularidad muy fuerte pero la realidad socioeconómica es muy compleja. La situación política también presenta muchas dificultades. Pero el pueblo conserva la esperanza.

Por esta razón debemos trabajar con el pueblo, ver cómo los trabajadores pueden descubrir la realidad y luchar para cambiarla. Hay que trabajar con los jóvenes, pues estamos en un país en que solamente el 40% de los jóvenes entre 16 y 18 años está en la escuela, la gran mayoría de los jóvenes de esta edad están trabajando. Y la gran mayoría de los que trabajan, trabajan en la economía informal.

El nuevo plan económico afecta a distintos sectores económicos: los metalúrgicos, la construcción, la economía informal y las pequeñas y medianas empresas. La realidad del desempleo, de la educación, es también un problema muy grave. Brasil cuenta hoy con 30 millones de analfabetos y los abandonos escolares son un fenómeno generalizado.

Hay otra preocupación en cuanto a las perspectivas que se presentan para la juventud. Porque vivimos en un país con mucha violencia, agresión a todos los niveles, violencia policial muy fuerte, violencia patronal, política,... Los jóvenes tienen mucho miedo de la policía porque en cualquier momento pueden ser detenidos e incluso asesinados sin motivo. En los últimos meses la policía asesinó a más de 10 jóvenes así, sin ningún motivo. Entonces todos estos aspectos sociales preocupan mucho.

Desde 1987, tenemos una serie de reivindicaciones específicas a este nivel: derecho al empleo, a la educación gratuita e igualitaria, derecho de voto... En el campo también es una situación muy difícil, sobre todo los jóvenes se ven muy afectados y la represión es muy fuerte. Entonces es un país donde se dice que hay democracia pero para los trabajadores aún no ha llegado esta democracia. La JOC debe adaptarse a esta realidad.

P. ¿Podéis presentaros en pocas palabras?

Edenilson:

Tengo 24 años y participo en la JOC desde hace ocho. Cuando era niño nuestra casa se derrumbó y toda la familia quedó dispersada. Me recogieron en una familia que participaba de la comunidad de base del barrio. Yo no estaba bautizado; tenía ganas de estarlo y seguir el catecismo para hacer mi primera comunión. Mi familia de acogida estaba muy interesada en que estuviera bautizado. Era una familia muy distinta de la mía, típica de muchas familias que se dicen católicas pero no asumen ningún compromiso ni participan en nada. Me gustaba porque los jóvenes de esta familia participaban en grupos juveniles de la parroquia y de la comunidad de base. Me incorporé a un movimiento de niños.

Cuando tuve 16 ó 17 años, hubo una misa del Primero de Mayo organizada por la JOC de mi ciudad. La JOC se estaba iniciando allí. Luego tres jocistas que organizaban el Congreso de la Juventud Trabajadora invitaron al grupo parroquial del que formaba parte a participar en el congreso.

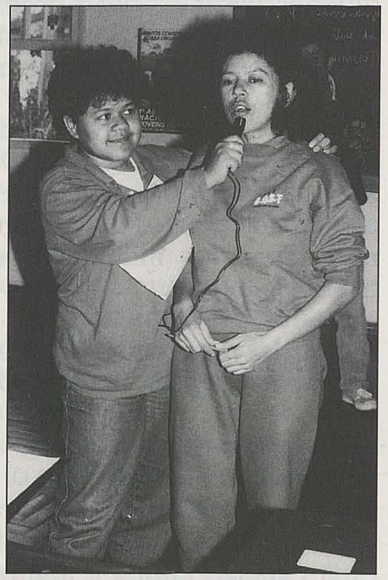
Fui a una reunión de presentación de la JOC. Es así como comencé a participar en el movimiento. Hacía tres meses que conocía la JOC. No tuve demasiadas dificultades para asumir mi compromiso. Este fue cada vez a más porque pude desarrollar algunas relaciones; además, era un período muy difícil a nivel político (1982). Vivía en un

barrio donde los vecinos luchaban por poseer la casa en la que vivían, un conjunto de casas modestas, construidas por el gobierno para los trabajadores pero cuyos precios eran inasequibles. Había muchos movimientos políticos en el barrio y yo participaba en algunas cosas. Ocupamos una casa. En el colegio, tuve algunas experiencias en el sindicato estudiantil. Todo ello facilitó mi comprensión de la JOC.

Participaba también de pequeñas actividades de la Iglesia, grupos de jóvenes, etc. y era simpatizante del Partido de los Trabajadores. Fue así como adquirí un nivel de información que aceleró mi paso a la militancia.

Margarida

Vengo del Nordeste brasileño. Conocí la JOC con motivo del Congreso de la juventud trabajadora en 1983. Una permanente nacional visitó mi región para lanzar grupos de contacto y crear la JOC. A raíz del Congreso, un grupo de jóvenes relanzó la JOC en Fortaleza. La JOC del Nordeste había sido prácticamente desmantelada por la represión militar. Fue una época muy difícil. Así pues, entré en la JOC justo después del Congreso. Ya estaba participando en un movimiento de Iglesia y también un poco en un sindicato.



P. Ya van varios años que estáis en la JOC. ¿Podríais explicar tal vez porque os quedasteis tanto tiempo?

Edenilson:

Cuando uno descubre la JOC, se enamora de ella. Algunos aspectos del movimiento son atractivos, no sólo el aspecto político sino también el proyecto que ofrece. De hecho, cuando uno entra en la JOC no domina todavía toda la dimensión del proyecto. Lo que sí se comprende es el respeto por los demás, la amistad, la posibilidad de hacer cosas juntos. El Congreso, por ejemplo, fue un acontecimiento histórico para el movimiento y sentí que estaba participando de lleno.
Margarida y yo conocimos la JOC en las mismas circunstancias históricas. Jóvenes como nosotros, con 17 ó 18 años, lograban asumir

responsabilidades y contribuir a todo un proceso. Busqué profundizar la experiencia; observé, hice preguntas, y la JOC me ayudó a hacerlo. Por eso estoy en la JOC. Este movimiento logra a menudo dar respuestas o al menos procura siempre buscarlas.

Margarida:

Cuando conocí la JOC, tenía contactos con varios grupos, algunos trabajaban en la parroquia, otros tenían contactos más estrechos con los partidos políticos. Tenía entonces una gran necesidad de estar en un grupo, para reflexionar sobre mi experiencia, aunque sin comprometerme de lleno. Me sedujeron dos aspectos: en primer lugar, la formación integral y la educación. En este sentido vi que la JOC era bastante diferente de las otras organizaciones. La educación se comprendía de una forma más colectiva.

En segundo lugar, la JOC hace descubrir a las personas su capacidad de actuar. Para mí es fundamental. Ahora estoy en la coordinación nacional y tengo el privilegio de conocer la realidad de otros países y otros continentes. Es un privilegio para nosotros, sobre todo para quienes venimos del Nordeste, donde la mayoría de la población es analfabeta, donde los jóvenes se encuentran desempleados, donde muchas personas deben emigrar hacia el sur.

Estos dos aspectos fueron determinantes para mí. Cuando entramos en el equipo nacional en 1986, la JOC vivía un momento difícil debido a la división a nivel internacional. Tuvimos que enfrentar distintas situaciones, tuvimos algunos roces con la Iglesia. Nos preguntamos cómo los militantes podrían reflexionar una situación de este tipo.

P. Los dos tuvísteis relaciones con vuestra parroquia. El hecho de participar en la JOC, ¿os ayudó en vuestra vida cristiana, en vuestra fe?

Margarida

Cuando entré en contacto con la JOC, el movimiento estaba en conflicto con la Iglesia, un conflicto relacionado con la fe. En mi parroquia existían también algunas divergencias. El párroco, un sacerdote holandés, condenaba la "macumba", que es una tradición religiosa afrobresiliana. Era una parroquia con un concepto de Iglesia muy europeo. Habían también sacerdotes alemanes.
En aquel entonces, colaboré con un grupo que hacía catecismo. Preparábamos a los niños para su primera comunión. No estábamos

de acuerdo con esa forma de catecismo. Éramos de un barrio pobre, y el cura quería que la gente viniera a la parroquia. Nosotros más bien pensábamos que teníamos que ir a encontrar a la gente. La JOC compartía esta idea y ello nos daba esperanza de cambiar la situación en la parroquia.

Edenilson

Mi experiencia de la fe, mi testimonio cristiano, se desarrollaron paulatinamente y en positivo. Al principio no participaba en nada, no tenía ni idea de lo que podía significar el hecho de ser cristiano. Según nuestra tradición familiar, nos educamos siempre en un ambiente "cultural" cristiano, católico. El primer cambio a realizar era pasar de un cristianismo cultural, tradicional, a una fe más profunda.

La JOC me ayudó a comprender mejor lo que significaba ser cristiano. Me hizo descubrir valores distintos a los que me proponía la sociedad. Por ejemplo, en mi región de origen la mayoría de la población es de raza negra. Yo tengo la piel muy clara y por ende, una mayor facilidad para encontrar un empleo. Asimilamos los valores impuestos por la sociedad capitalista, se educa a la gente en esa perspectiva. Se nos dice que tendremos más oportunidades que los demás. Ante una situación como ésta, la JOC nos enseña a ser cristianos, no de forma individual, sino colectiva. La búsqueda de soluciones colectivas es, a mi parecer, una forma de comprender y experimentar el sentido de lo cristiano.

Margarida

En primer lugar está mi experiencia en el equipo. La revisión de vida es para mí una experiencia muy positiva. Permite muchos cambios personales a partir de una autocrítica permanente y colectiva. Hacemos también revisión de vida a través de las celebraciones. Son momentos clave en la JOC, cercanos a lo que hacemos y vivimos. Es así como pude borrar de mi mente algunos prejuicios que tenía acerca de la Iglesia tradicional, oficial, porque lo veía todo de una manera diferente.

Otro elemento importante fue la posibilidad de vivir en comuna, con seis, siete u ocho personas de distintas culturas. De hecho, hay cinco Brasiles o más: la gente del sur tiene raíces italianas, alemanas, polacas. En nuestra región, la gente es más bien negra o indígena. La Iglesia del sur es más clerical, más tradicional, mientras que en mi región hay un mayor sincretismo religioso, más mezclas. La JOC, por

su parte, permite la confrontación de las distintas realidades del país, y creo que es una experiencia muy enriquecedora.

La Iglesia se aleja mucho de los jóvenes porque se impone desde arriba hacia abajo. Lo de la imposición es un rasgo típico de la Iglesia. La JOC lo rechaza pero da a entender que todo ello puede vivirse de otra forma.

Si a la gente les gusta las celebraciones y se identifican con ellas, comparten también las alegrías de quienes les rodean. A veces los caminos por los que se opta no son los que ofrecen la mayor facilidad, pero hay una búsqueda constante por saber qué camino elegir.

Fui miembro del equipo nacional con 22 años. Es una gran responsabilidad que me dio confianza en mis capacidades. Es un reto permanente. A veces es difícil explicar nuestra motivación, puede ser muy íntima. Es una forma de sentir que no estamos solos y podemos construir algo con los demás.

HELIO, Brasil, 1990

"Somos la JOC"

P. ¿Cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Me invitaron a participar en un seminario de la JOC en una ciudad de mi provincia. Participaba de la pastoral juvenil y con un compañero la representé en este encuentro. Fue así como conocí la JOC.

Luego, la pastoral juvenil de mi ciudad organizó un gran encuentro de jóvenes en el que participaron muchos jóvenes. La JOC también fue invitada a participar. A partir de ahí, militantes de la JOC y un asesor comenzaron a visitar mi ciudad. Un día organizaron una asamblea de jóvenes trabajadores con motivo de la semana de la juventud. A partir de esta asamblea, comenzamos a hablar mucho de la JOC y la comenzamos a organizar en la ciudad. En aquella época trabajaba en una empresa de ingeniería.

El año siguiente, comenzamos el proceso de preparación del Congreso Nacional de jóvenes trabajadores organizado por la JOC del Brasil. Es así como la organización de la JOC en la ciudad coincidió con la preparación del Congreso Nacional.

P. Hace ocho años que estás en la JOC: ¿por qué continúas en ella?

Cuando comencé en la JOC, acababa de encontrar un trabajo. La JOC me ayudó mucho. Fue un espacio que nos ayudó a evaluar y a organizarnos frente a los problemas que vivíamos.

P. ¿Por qué aceptaste asumir responsabilidades en el movimiento?

Porque la JOC es un movimiento formado y organizado por los propios jóvenes

trabajadores. Somos nosotros pues quienes debemos acometer los desafíos de organización y acción del movimiento. Pienso que los militantes de la JOC deben asumir como una de las tareas más importantes la de asumir las estructuras de su movimiento, así como la acción en el lugar de trabajo o el barrio. Nosotros somos la JOC, a nosotros nos toca asumir ese desafío.

P. Estabas en la pastoral juvenil y ahora tienes una larga experiencia en la JOC. Esta experiencia, ¿cambió tu forma de ver la pastoral juvenil y tiene una influencia en tu fe?

Para mí, la acción fue un paso adelante en la forma concreta de vivir mi fe. Esto se lo debo a la JOC. La pastoral juvenil era más general, no realiza un trabajo consistente que permita la continuidad de la reflexión realizada en los grupos de jóvenes. Estos vienen al grupo, reflexionan y luego se van porque su reflexión no conduce a una acción, otros vienen y a su vez se marchan. Por el contrario en la JOC hay una continuidad en los grupos que no es posible en la pastoral juvenil.

P. Durante el encuentro en el que has participado, hubieron distintas celebraciones. ¿Qué te parecieron?

Pienso que fueron buenas porque partían de lo que vivíamos. Para mí, una celebración es el complemento que refuerza nuestro trabajo dentro de la JOC por y para los jóvenes trabajadores. Para mi, cualquier celebración que parte de la vida, como fue en este encuentro, es una celebración rica, que nos ayuda, nos refuerza.

BIRGIT, Alemania, 1994

"Hay que tener ánimos"

¿Cómo conociste la JOC?

Una amiga que era miembro de un grupo de la JOC me presentó el movimiento. En nuestra parroquia habían varios grupos de la JOC pero estaban mal considerados, tal vez porque trastornaban la vida tan ordenada de esta comunidad. Un día, por ejemplo, la JOC distribuyó un cuestionario a los participantes en una peregrinación preguntándoles por qué participaron, si esto había tenido un impacto en su vida cotidiana, etc. La gente se indignó por este cuestionario, se sentía molesta. La JOC era considerada una organización de izquierdas y se aprovechaba cada ocasión para denigrarla.

Cuando era más joven no quería oír hablar de la JOC. Fue tras unos contactos personales y después de consolidar la confianza en mi amiga cuando dejé de tener prejuicios. En aquella época, la JOC se había implicado en una acción de protesta internacional contra las condiciones de trabajo de los trabajadores de Volkswagen Brasil. Yo estaba indignada por las condiciones sobre todo que teníamos en nuestra familia un coche Volkswagen.

La preparación del Congreso de la JOC alemana en 1980 cuyo tema era "La juventud trabajadora rompe su silencio" fue una etapa muy importante para mis inicios en la JOC. Era la primera vez que otros se interesaban realmente por mí, la gente quería saber cómo me iba. Nos pidieron relatar nuestras experiencias por escrito porque iban a ser publicadas en el "Libro de las mil verdades". Estaba muy entusiasmada porque había comenzado a analizar, porque relacionaba mi análisis con lo que vivía, porque tomaba conciencia de algunas cosas durante las reuniones de nuestro grupo. Además esta vida de grupo era importante para mí. Cantábamos, jugábamos a voleibol, nos encontrábamos para bailar, etc.

Durante la preparación del congreso, aprendí a conocer las distintas estructuras de la JOC. Los delegados eran elegidos, se hacían informes en las comisiones. Todo de repente se convertía en algo importante. Nosotros avanzamos en medio de una gran compromiso, de un sentido de la responsabilidad, y de cierto orgullo. Después del congreso, reflexioné sobre el tiempo dedicado a la JOC. No lamentaba haber dedicado aunque fuera un solo minuto a la JOC. Quería seguir adelante.

Me hice más activa en mi trabajo. Entré en el sindicato y me sorprendió mucho ver que militantes de la JOC me pedían si quería asumir mayores responsabilidades en las estructuras del movimiento. Aunque tenía ciertos temores, estaba dispuesta a hacerlo, porque me gustaba ese trabajo, aprendía mucho, aprendía a ver lo que ocurre en otros lugares y, de verdad, eso me dio ganas de comprometerme con y por los demás.

¿Qué importancia reviste para ti la JOC y el compromiso con otros trabajadores?

Es una pregunta que siempre me hice cuando me pidieron ser permanente de la JOC. En aquella época, significaba para mí renunciar a un trabajo "seguro" y "bien considerado" y lo hice en contra de la voluntad de mis padres y de mi compañero. Pero los amigos de la JOC no me dejaron de lado. Hubieron varias experiencias fundamentales que facilitaron mi decisión: tenía ganas de estar en la JOC.

Había esta relación de amistad, comunidad, solidaridad, y gracias al VER-JUZGAR-ACTUAR, es decir al descubrimiento de relaciones, cuando se descubren y se evalúan en común, una es llevada a actuar. Por otro lado, la revisión de vida me ayudó a lograr un "equilibrio" entre la vida cotidiana y la fe, una relación que no había entendido bien hasta entonces. Además mi compromiso reforzó mi personalidad a través del reconocimiento de los demás, de la confianza que se me daba y de la forma democrática que la JOC tiene para trabajar. Todos los jocistas son importantes, todos participan en la toma de decisiones y todos pueden elegir a su responsable, una experiencia que sólo conocía en el sistema de elección de delegados escolares.

Esa militancia en la JOC me marcó. Me estimuló en la autoreflexión, me llevó a soñar en la posibilidad de un mundo más justo, pese a todos los problemas que hay, a no perder la esperanza. Luego hubo la experiencia de ver que otros pensaban lo mismo que yo, que estaban buscando oponerse a todo lo que se nos imponía. A ello hubo

que agregar ciertos momentos de desilusión. Hay que tener "ánimos", muchos ánimos.

Estos se alimentan del encuentro con los demás, de signos de esperanza y de una fe en Dios basada en este mundo. Para mí, Dios y la fe ya no son algo aparte. Dios está en mí, en toda la gente, en todo lo que me rodea. Dios es más que un criterio para analizar mis experiencias, es una experiencia por sí sola. Es tal vez en períodos de crisis en la vida cuando se vive esta experiencia con mayor profundidad.

En nuestra sociedad "moderna", se exige que comprendamos, que trabaje la cabeza, que analicemos. Creo que es un peligro despreciar el campo de la vida, de la experiencia. Para mí ambas cosas van unidas y es esta unidad la que me da la fuerza y la esperanza. Con esta energía, me gustaría y me veo capaz de comprometerme en este mundo, sobre todo en los lugares donde viven personas dominadas y despreciadas. Para mí la JOC ha sido una escuela de vida, para la vida.

TERESA, Perú, 1990

"Le debo todo lo que soy"

P. Teresa, ¿Puedes explicarnos cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Antes de venir a la JOC formaba parte de un grupo de niños, el movimiento de niños trabajadores. Habían chicos y chicas que trabajaban en la calle. Es así como comencé a conocer un poco el mundo del trabajo. Es a partir de ahí cuando conocí la JOC a causa de la proximidad entre ambos movimientos.

Cuando entré en la etapa de adolescente, después de esta experiencia como niña trabajadora, me tomé el tiempo para conocer mejor la JOC porque lo veía como una gran responsabilidad para mí. Aprendí a conocerla, conocí a sus militantes a través de su testimonio de vida, y ello me interesó mucho y me motivó a incorporarme a la JOC.

P. Desde hace seis años participas en la JOC, ¿qué te aporta esa participación?

Creo en la JOC, en primer lugar, porque me da una identidad de clase, me ayuda a conocer mi realidad como joven, me motiva, es así como me inicié en la acción. Me ayudó a comprender la importancia de la lucha del mundo obrero, y la importancia de vivir en comunidad.

A la JOC le debo todo lo que soy, mi formación, incluso teórica, le debo el conocer a otros jóvenes, y hasta mi familia, puesto que me casé con un militante jocista, y le debo al movimiento el hecho de haber podido conocer al que es mi compañero, le debo mi felicidad y creo que también mi futuro.

P. Eres cristiana. ¿La JOC cambió algo en tu forma de vivir lo cristiano?

Sí. Yo diría que "volví a nacer" en la JOC, porque de costumbre, la Iglesia es muy tradicional, todas las formas procedentes de ella son muy tradicionales, pero en la JOC descubrí una Iglesia nueva, una

nueva manera de servir a Dios. Siento que todos los tabúes, todas las prescripciones de la Iglesia tradicional están cambiando y encuentro a un Jesús muy presente en mi vida cotidiana, un Jesús que me da la fuerza de continuar a luchar frente a la situación de mi país. Lo siento en mí, es mi esperanza, mi vida, mi lucha.

P. Preséntanos a grandes rasgos la JOC del Perú...

La JOC peruana no es un movimiento muy grande en términos de número de militantes. Reúne a jóvenes trabajadores de distintos oficios: carpinteros, vendedores ambulantes, jóvenes que hacen teatro popular, músicos, gente dedicada a la cultura... también alcanzamos a desempleados, jóvenes de fábricas, campesinos, muchachos/as que trabajan de profesores. Podemos decir que es un movimiento muy diversificado en términos de categorías.

Trabajamos con comunidades de jóvenes a partir del barrio. Estas comunidades se articulan en torno a una coordinación regional y una coordinación nacional. Trabajamos también por categorías. Hay dos: los que trabajan y los que están en el barrio. La categoría de barrio es la más fuerte debido a la situación del país. Es sobre todo a nivel del barrio donde encontramos a los jóvenes. Es más fácil el encuentro de estos jóvenes en el barrio que en el lugar de trabajo.

Trabajamos con las organizaciones populares. Nuestros militantes participan de estas organizaciones. El militante jocista suele ser una referencia a través de su apoyo, su trabajo desinteresado, y porque aporta el Evangelio a estos jóvenes. Les trae también una esperanza y una fuerza para seguir la lucha, porque en una situación tan dura como la nuestra, es fácil perder la esperanza. Trabajamos mucho sobre la mística de la esperanza, de la fuerza.

P. ¿Qué prioridades se marca hoy el movimiento del Perú?

Nuestras preocupaciones principales se centran en la juventud trabajadora. Tenemos una juventud desplazada, debido a la economía del país. En otros tiempos, teníamos a muchos jóvenes en las fábricas. Hoy en día, la mayoría de

los jóvenes están desempleados, y al menos un 50% de la población juvenil activa se encuentra desempleada. Los que trabajan lo suelen hacer de manera informal como vendedores ambulantes, o lo que salga...

Estamos pues muy preocupados por nuestra juventud y esto se sitúa también a nivel de la participación juvenil en la política del país. Los jóvenes no tienen ni voz ni voto frente a los problemas de nuestro país y no hay organización que pueda erigirse como portavoz de la juventud trabajadora.

La otra preocupación es que la juventud trabajadora pueda formarse a través de la acción. Saber como ayudar a los jóvenes trabajadores a descubrir una nueva forma de creer en Dios. Es un tema poco abordado en las organizaciones juveniles y nosotros insistimos mucho en la formación y la educación de los jóvenes trabajadores

La JOC es importante para el joven trabajador que la descubre. Decimos que la JOC es nuestra familia, es la gran familia de los trabajadores, porque se preocupa por las personas, te ayuda, y ayuda a otros jóvenes sobre elementos de fe, laborales, etc... Para ello, un grupo en la parroquia o un grupo sindical o barrial no ofrecen ese mismo espacio en el que los jóvenes pueden reflexionar, confrontarse, y ponerse en cuestión, porque la JOC proporciona este espacio donde se va cuestionando el militante. Se trata de una crítica, pero positiva y constructiva, que centra su preocupación en el militante o el joven en iniciación.

Otro elemento importante es cómo nuestro movimiento pudo extender su trabajo y originar otro movimiento como es el de los niños trabajadores. Es una experiencia lanzada por la JOC del Perú para dar respuesta a la situación de los niños que trabajan en la calle. Son los militantes quienes lanzaron un movimiento que pasó a ser autónomo. La JOC continúa apoyando y colaborando, pero lo hace de una forma muy discreta. En la JOC hacemos poco ruido, trabajamos con mucha discreción.

P. La JOC te permitió pasar de una religión muy tradicional a otra experiencia de Iglesia. ¿Cuál es la reacción de la Iglesia oficial frente a esto?

Participamos de manera muy activa en la vida de la Iglesia en colaboración con la jerarquía, por ejemplo a través de la pastoral de juventud, pastoral obrera, comisión de laicos, etc. Participamos porque creemos que es importante una presencia, sobre todo cuando

vemos que no se nos escucha mucho, y de cierto modo nos vemos marginados por nuestra opción de clase... porque somos algo diferentes de las otras organizaciones.

Pero nos parece importante y necesario participar, primero porque hay pocas oportunidades para que la juventud trabajadora exprese su opinión. Así pues, nos tomamos muy en serio y con mucha sinceridad esta participación y es un primer paso en la conquista de un espacio para los jóvenes trabajadores. Si nosotros como movimiento representante de la juventud obrera no podemos ofrecerles este espacio de expresión, ¿quién lo va a hacer?

En nuestra participación es necesario afirmar que los jóvenes trabajadores necesitan otra forma de anunciar la Palabra de Dios, es necesario considerar sus diferencias, su especificidad. La Iglesia debe comprenderlo. En este sentido, participamos muy sinceramente en esas instancias y a través de ellas desarrollamos nuestros contactos con la Iglesia.

Pero tenemos contactos más frecuentes con obispos que forman parte de la corriente de la teología de la liberación. Son obispos que nos apoyan, aunque siempre con sus límites.

P. Esta participación parece ser bastante cuestionante. ¿Cómo reacciona la Iglesia frente a esta participación?

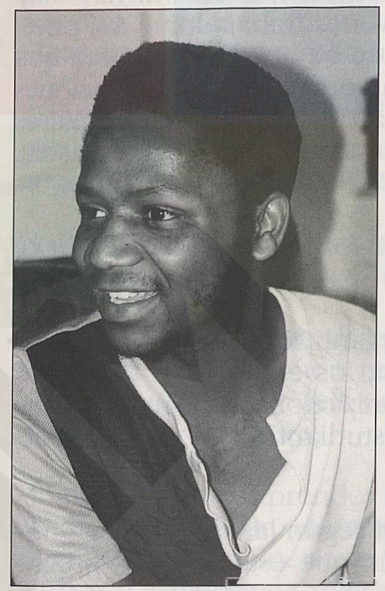
El tipo de participación que la JOC ha iniciado es también el de los otros movimientos de la coordinación, como es el movimiento de trabajadores cristianos, los estudiantes y todo un grupo de movimientos entre los cuales está el de niños trabajadores. Juntos representamos una fuerza dentro de la Iglesia y frente a la Jerarquía. Intentamos avanzar de manera muy prudente, intentamos hacer un trabajo evitando las tensiones. Intentamos explicar la necesidad e importancia de que la Iglesia se preocupe por los jóvenes trabajadores.

La reacción de la jerarquía no es muy buena porque dice: "No sabemos quienes son, puesto que no participan en las parroquias... apenas participan de la vida y mundo de la Iglesia..." Les respondemos que si queremos trabajar con los jóvenes trabajadores no es en las iglesias donde los vamos a encontrar, porque hoy los jóvenes trabajadores ya no tienen tiempo para formar grupos parroquiales, deben trabajar. Los encontramos en sus barrios y sin embargo, estamos trabajando para la misma Iglesia, pero de una forma que se corresponde con la manera de ver de los jóvenes.

Últimamente recibimos un apoyo total de un obispo que no acepta necesariamente todo lo que hacemos pero que nos dice y eso nos alegra, que es necesario que la JOC trabaje en el mundo de la juventud trabajadora, porque es el único movimiento que une a los jóvenes trabajadores a la Iglesia, es el único vínculo entre ellos. Esto nos dio una gran alegría...

POGISO, Africa del Sur, 1990

"Me siento muy cercano a la Biblia""



P. En todo el mundo se sigue con atención los acontecimientos de Africa del Sur. Estaría bien que nos hables de la reacción de la JOC frente a la evolución de la situación de este país. ¿Cómo se sitúa la JOC frente a los cambios que están teniendo lugar actualmente en Africa del Sur?

Las negociaciones actuales en Sudáfrica son muy importantes. En el movimiento estamos en favor de esas negociaciones y esperamos que permitirán una mayor libertad. Antes había mucha represión y era difícil que la JOC alcanzara a la masa de los jóvenes trabajadores, los organizara y realizara acciones, etc. Después de las negociaciones lo primero que se hará será suprimir el estado de urgencia. La gente estará libre de organizarse y tendremos más espacio para trabajar.

Por otro lado, esto va a ayudar a la gente a comprender el derecho de las distintas organizaciones a existir. Antes y durante las negociaciones, la mayoría de las organizaciones juveniles se dispersaron para adherirse al CNA. La JOC se planteó lo siguiente: "¿Debemos unirnos a la Liga de Juventudes". Intentamos explicar: "No, no debemos diluirnos y adherirnos a otras organizaciones porque somos un movimiento internacional, somos autónomos y tenemos el derecho de existir".

P. ¿Muchos jóvenes trabajadores de la JOC dejaron el movimiento para meterse en la Liga de Juventudes del CNA?

No, muchos no. El planteamiento era mucho más profundo. Como

movimiento, ¿teníamos que unirnos al CNA como lo hicieron muchas organizaciones afiliadas a la UDF? Hemos decidido mantener nuestra autonomía como movimiento.

P. ¿Piensas que la JOC puede desempeñar un papel en la evolución del país sin estar dentro del CNA?

Sí. Porque la JOC es muy diferente de todas las demás organizaciones juveniles. Su papel es muy específico. En Africa del Sur hay muy pocas organizaciones de base para los jóvenes trabajadores Así pues, necesitamos desarrollar nuestro papel. Este se aclarará una vez que el CNA acceda al poder. La gente se dará cuenta que organizaciones como la JOC son necesarias. El problema es que en muchos países la gente cree que todas las organizaciones deben unirse en una sola. Esto es una prueba de que la lucha todavía es muy larga.

P. ¿Cómo las otras organizaciones, la Iglesia... consideran la JOC? ¿Qué piensan del movimiento?

Las relaciones exteriores con las otras organizaciones varían de una región a la otra. Por ejemplo, en Soweto, los estudiantes de la JOC trabajan con los estudiantes de otras organizaciones, mientras que en otras regiones, algunas organizaciones estudiantiles se sienten amenazadas por los estudiantes de la JOC.

Incluso las relaciones con la Iglesia varían según las regiones, en función de la orientación de la Iglesia, según que ésta sea más progresista o más tradicional. Las relaciones con los sindicatos son muy buenas. La mayoría de ellos aprecian la JOC. Algunos nos preguntaron porque no nos unimos al gran movimiento lanzado por el CNA. Se lo explicamos y ellos respetan nuestra posición. Pienso que este asunto de la autonomía fue uno de los mejores logros de la JOC.

P. ¿Cómo llegaste a la JOC?

De hecho, conocí la JOC a través de la acción. En aquella época, era estudiante y participábamos en una acción. La situación estaba fuera de control, queríamos matar a un estudiante que había matado a uno de mis compañeros de clase. Afortunadamente, estaba presente un chico de la JOC que nos invitó a su casa para reflexionar sobre lo que se podía hacer. A través de esto descubrimos que habíamos encaminado mal esta acción.

P. Hace unos años que estás en la JOC y ahora eres responsable nacional. ¿Por qué demuestras tanto interés por la JOC?

Porque descubrí muchas cosas gracias al movimiento. Pienso que sólo pude lograrlo porque era la JOC. Ahora puedo reflexionar. Desde que estoy en la JOC he aprendido más que en la escuela a este nivel. Me gusta el método de reflexión del movimiento. No me siento nunca frustrado, incluso cuando hay problemas, porque el análisis y el método del movimiento me ayudan a enfrentar situaciones muy difíciles y muy complejas. Y eso, nadie puede quitármelo. El movimiento me ayuda mucho en este sentido.

El movimiento me da más fuerzas. Además, antes no sabía cómo preparar un folleto. Ahora sé cómo se hace, y también aprendí a mecanografiar y a conducir un coche...

P. ¿Piensas que lo que vives en la JOC tiene algún vínculo con tu creencia, tu fe, tu manera de comprender la vida?

Ya dije que la JOC me daba más fuerzas. No soy miembro de ninguna Iglesia. Lo fui siendo más joven. Acompañaba a mis padres a la iglesia. Ya de mayor dejé de ir. Sin embargo, me siento más cristiano que muchos cristianos.

Mi manera de comprender la Biblia es muy simple. Me acuerdo que un día, tuvimos un intercambio con seminaristas. Ellos decían que éramos teólogos. Bueno, la palabra no tiene mucha importancia pero se dieron cuenta que nuestra oferta de fe a los jóvenes trabajadores era más excepcional que la suya. En un grupo de trabajo hemos compartido nuestra propuesta de fe a los jóvenes trabajadores Es en ese sentido que dijeron que nosotros éramos teólogos. Me sorprendió mucho porque pensaba que un teólogo era un cura o algo por el estilo.

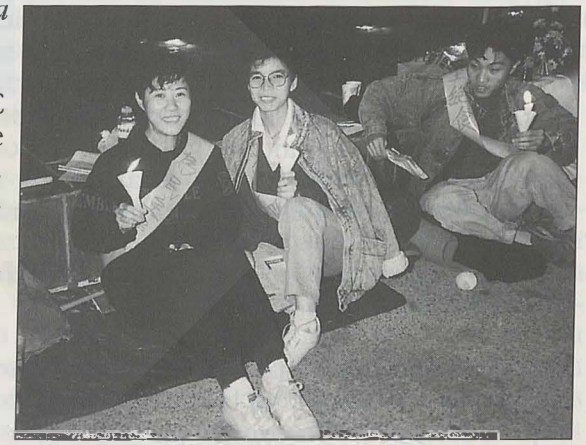
Aunque no pertenezco a ninguna Iglesia, vivo mi fe porque en la JOC rezamos, hacemos misas, etc. Pienso que la Iglesia que conozco en la JOC es más eficaz que de ir a rezar a una iglesia. En la JOC me siento más cercano a la Biblia que estando en una iglesia. Cuando voy a la iglesia, critico la manera que el cura tiene de interpretar la Biblia. Para mí eso no es aceptable. Dicen cosas que convierten la Biblia en algo incomprensible. Cuando estoy en la JOC entiendo la Biblia y puedo explicarlo sencillamente porque se hace a nivel de la base. Por esta razón, la JOC es más mi Iglesia que las Iglesias tradicionales.

Esto lo tengo que explicar a menudo porque me lo preguntan. A mi parecer, el carácter cristiano es uno de los más importantes en el movimiento. No podemos perderlo. Si lo perdemos, nos convertimos en un sindicato. Lo mismo pasa con el carácter obrero, que es esencial. Si perdemos alguno de estos caracteres entonces ya no somos la JOC. Si perdemos la característica obrera, no seremos más que un club de jóvenes. Por esta razón estas dos características me parecen fundamentales.

MEI YUK CHEUNG, Hong Kong, 1990

"Todas se pararon de trabajar"

P. ¿Cómo conociste la JOC?



Hace ocho años, la JOC lanzó un proyecto de extensión en mi parroquia. Me invitaron a participar. Estaba muy interesada. Para entonces ya había cumplido los 23 años. Comencé a trabajar en una fábrica de confecciones cuando tenía trece años. Sólo pude terminar mis estudios primarios.

Me sentía muy mayor y les pregunté: "Tengo 23 años, ¿puedo participar en vuestras actividades?" Y me dijeron que sí. Les pregunté qué hacían en sus reuniones y me dijeron que me invitaban porque eran una organización de jóvenes trabajadores en la Iglesia. "Compartimos sobre nuestra vida, nuestro trabajo".

Me interesaba mucho porque era muy tímida. Iba a la iglesia cada domingo cuando no tenía que trabajar. Pero inmediatamente después de la misa me escapaba porque en mi parroquia hay mucha gente de clase media, empleados de oficina, maestros, estudiantes... Yo como trabajadora manual me sentía inferior y por eso desaparecía nada más terminada la misa. No había participado nunca en ningún grupo.

Fue entonces cuando comencé a asistir a las reuniones de la JOC. Eramos como siete los que compartíamos nuestros problemas, el trabajo... Para mí era fácil porque explicaba simplemente cómo era mi trabajo en la fábrica. Pero cuando me preguntaron qué pensaba y lo que podía hacer, eso me llevó a reflexionar.

Hasta entonces, me conformaba con un compartir. Nunca había reflexionado sobre lo que podía hacer y lo que quería. Les dije: "Qué puedo hacer si sólo soy una obrera" Me contestaron: "Sí, somos trabajadores pero somos importantes con nuestro trabajo. Tenemos papeles diferentes y somos nosotros quienes creamos el trabajo". Esto era muy importante porque me permitieron descubrir mis valores y recobrar autoconfianza.

Algunos militantes hablaban de su experiencia. Explicaban cómo organizaban a los trabajadores en la fábrica. Así que yo también me dispuse a organizar a los trabajadores en mi fábrica.

Gracias a estas discusiones y mi compromiso en la JOC, aprendí a ver, a juzgar y a actuar. Me gusta ese método. Me ayuda en todos los aspectos de mi vida. Incluso cuando sea mayor y que la JOC ya no me necesite, este método seguirá ayudándome.

P. Tu dijiste que no creías ser capaz de actuar. ¿Puedes explicarnos tu primera acción?

Recuerdo que un responsable había dicho que para Navidad prepararían alguna comida y la compartírían con sus compañeros de trabajo durante el descanso del mediodía. Intenté hacer lo mismo. Propuse a dos colegas comprar unos regalos y tal vez organizar una rifa para divertirnos porque en mi fábrica sólo los empleados de oficina celebraban la navidad mientras los otros trabajadores seguían trabajando. Mis amigas estuvieron de acuerdo. Me encargaron la compra de los regalos y ellas traerían caramelos.

Estaba muy entusiasmada. Me levanté a las cuatro. Eramos entre 30 y 40 en nuestra planta, todas cosiendo. Pasé cerca de cada una de ellas para distribuir caramelos y pedirles que cogieran un trocito de papel en el que se les deseaba una feliz navidad. Mi sorpresa fue cuando todas se levantaron y dejaron su máquina de coser. Empezamos a hablar y a comer juntas. Algunas trabajaban en la fábrica desde hacía 9 años. Era la primera vez que se paraban de trabajar y se ponían a hablar juntas.

En nuestra fábrica trabajábamos a destajo. Algunas que solían trabajar mucho también se pararon. Mis dos compañeras también trabajaban mucho. Ellas compraron los caramelos pero yo fui la única en distribuirlos a cada obrera. Poco a poco todas se pararon de trabajar. Estaba muy contenta y esto me animó mucho.

P. Tienes buenas relaciones con tus compañeras de trabajo. ¿Organizaste la JOC en la fábrica?

No. Trabajé allí un año y medio y luego dejé la fábrica para ser permanente. En Hong Kong es muy difícil crear grupos de la JOC en las fábricas porque los trabajadores cambian mucho de empleo, sobre todo los jóvenes. Los que quedan muchos años en la misma fábrica es porque están casados y tienen hijos. Por eso se quedan y trabajan mucho. Los jóvenes cambian mucho. Yo también cambiaba mucho, salvo en la primera fábrica donde me quedé cuatro años. Luego ya no me mantuve nunca más de seis meses en una misma fábrica. ¿Por qué? Pues a veces porque no hay trabajo suficiente, o porque los salarios son más altos en otras fábricas.

En la última fábrica donde trabajé antes de ser permanente, los salarios eran muy bajos. No me era suficiente y quería irme pero yo pensaba que eso no era lo que la JOC me había enseñado, irse en lugar de enfrentar los problemas. Los bajos salarios no eran un problema propio de aquella fábrica. Si cambiaba de fábrica, estaría confrontada con el mismo problema. Entonces procuré quedarme en la misma fábrica para enfrentar el problema, organizar a los trabajadores para cambiar esa situación. En la JOC descubrí que evitar los problemas no era una solución. Pero era difícil porque necesitaba dinero. Era un gran desafío para mí y estaba muy contenta de ver que algunas compañeras pensaban como yo.

P. ¿Por qué necesitabas dinero?

Para comprarme un nuevo jersey, ir al cine... Y por supuesto, ayudar a mi familia. Mi padre tiene dos mujeres. En Hong Kong sólo se puede tener una mujer pero hace años la gente venía de la China para vivir en Hong Kong y tenían una mujer en China y otra en Hong Kong. Cuando yo era niña, mi padre no vivía con nosotros. Mi madre tenía que trabajar mucho. Por eso quise trabajar tan joven. Muchos jóvenes de mi edad no podían costearse estudios. Después de la primaria había que ir a trabajar. Los que no eran buenos en la escuela, no tenían ninguna posibilidad salvo si tenían dinero.

P. ¿Cuál es tu impresión al pensar en todos los años pasados en la JOC? ¿Crees que perdiste tu tiempo, o te aportó algo?

Claro que me aportó. Si no hubiese conocido la JOC, no habría cambiado, sería muy tímida y no habría encontrado un sentido a mi vida.

La JOC me permitió descubrir que soy importante como persona y como trabajadora. Comprendí que tenía una dignidad y responsabilidades que asumir.

La JOC cambió mis valores. Antes no tenía ninguna esperanza en la vida. Me conformaba con trabajar, siempre trabajar. Fue en el equipo de la JOC donde por vez primera me preguntaron lo que quería. En la familia, en la escuela, en la misma sociedad, te dicen lo que debes hacer pero nunca te preguntan lo que quieres hacer. La JOC me abrió los ojos. Me enseñó a analizar la situación en el trabajo, en la familia, y vi que había esperanza de que cambiaran las cosas.

P. ¿Por qué aceptaste trabajar para ASPAC ? (2)

Al principio, no quise ser miembro del equipo ASPAC porque conocía la situación de la JOC de Hong Kong. Nos faltaban militantes. Pensaba ser útil, incluso después de mi mandato como permanente, a nivel nacional. Pensaba que podría implicarme en los grupos locales.

Fue un responsable internacional que me animó a recapacitar. Me dijo que tal vez no era la mejor manera de contribuir, tal vez es más fácil contribuir cuando se pasa por otra experiencia, se ayuda a otro movimiento nacional. Acabé aceptando. Hablo muy mal inglés. Entonces pienso que puedo ayudar sobre todo a los países de habla china como Taiwan, Malasia, Singapur.

Algunas personas de Hong Kong estuvieron muy sorprendidas de que yo aceptara el cargo de ASPAC. Pero vi que aseguraron el relevo y se organizaron sin mí. La gente quería implicarse más en el movimiento. Eso se debe a que me había integrado en el equipo asiático. Por ejemplo, el nuevo permanente siempre había rechazado serlo pero finalmente aceptó porque yo me iba al ASPAC.

P. Y en relación con tu fe, ¿la JOC cambió algo?

Al principio me daba cuenta que tenía que hacer algo en mi vida pero qué. Iba a la Iglesia, pero no ligaba mi fe con mi vida. Lo que aprendía en la Iglesia era que había que ser una buena católica, no hacer cosas malas... pero en la realidad en la que vivía había mucha competencia con mis compañeras de trabajo y era muy difícil tener buenas relaciones con ellas.

2 *Asia–Pacífico*

La revisión de vida en el equipo de la JOC me animó a desarrollar el aspecto relacional con mis compañeros de trabajo. Era un gran desafío para mi por el sistema de trabajo que teníamos.

Así pues, no pienso que fuera una buena católica, aun si no hacía cosas malas, porque no había comprendido que tenía que asumir responsabilidades en la Iglesia y en la sociedad. Gracias a la JOC, me di cuenta que ser una buena católica era mucho más que ir a misa. Tenía que vivenciar mi fe en lo cotidiano.

Creo que hay muchos católicos como yo que no entendían que la fe debía vivirse en la vida cotidiana. Mi experiencia en el movimiento me demuestra que los no cristianos que participan en él no son distintos de los católicos en su compromiso, y a veces incluso se comprometen más. En Asia tenemos distintas religiones. Lo importante es que haya respeto mutuo y colaboración. Participamos juntos de un mismo movimiento porque todos tenemos la misma fe en la dignidad personal y queremos actuar por que se respete. Ya seamos cristianos, budistas o musulmanes, debemos trasladar nuestra fe a nuestra vida cotidiana.

En cuanto a ocupar responsabilidades en el movimiento, los miembros son quienes eligen como responsables a personas que entienden la orientación del movimiento y son capaces de asumir dichas responsabilidades. Por tanto, no veo ningún problema en que los no cristianos ocupen cargos de responsabilidad en el movimiento.

MEI YI, Hong Kong, 1990

"Pensaba vivir una vida normal"

P. ¿Cómo llegaste a la JOC?

¡Fue pura casualidad! Un día que volvía a mi casa vi un cartel que anunciaba una sesión de formación para responsables. Me informé y me dijeron que los trabajadores también eran bienvenidos. Me interesaba mucho: cómo era posible que los trabajadores pudieran recibir una formación de responsables. Participé en la sesión. Dos permanentes de la JOC eran responsables del evento. En aquel entonces, yo trabajaba ya hacía seis meses.

Al final de la sesión, uno de los permanentes me preguntó si queríamos continuar. Sentíamos que nos faltaba la confianza y la experiencia. El permanente nos propuso organizar un grupo para hablar de las relaciones humanas.

A partir de ahí, establecimos un grupo en el que discutimos cosas muy sencillas de la vida. Eramos 15 en participar pero sólo tres de nosotros estábamos dispuestos a continuar a hablar de relaciones humanas. Uno de nosotros invitó a dos de sus amigos. Así que éramos 5 además del permanente.

P. ¿Por qué decidiste continuar en el grupo?

Porque durante la sesión para responsables, me di cuenta que los trabajadores teníamos problemas en el trabajo. Sólo hacían seis meses que trabajaba y estaba harto de seguir contando siempre conmigo mismo y tenía ganas de conocer más aspectos de la sociedad. Todo era nuevo para mí. Este grupo fue para mí una ocasión de seguir aprendiendo.

P. ¿Ya hace cuatro años que estás en la JOC. Nos puedes decir lo que te aportó?

Los dos primeros años me quedé en un nivel de contacto. Seguía un proceso de iniciación. El movimiento nos ayudaba a hablar de nuestra vida cotidiana. Empecé pues a hablar de mi vida y de mi trabajo.

Luego la JOC nos ayudó a asumir algunas responsabilidades, por ejemplo preparar alguna actividad. Gracias a esta preparación, pude descubrir el potencial que tenía en mí. Descubrí que podía hacer algo.

Luego me invitaron a participar como observadora en el Consejo Nacional. Comprendí mejor lo que era la JOC, su tarea, sus objetivos. Poco a poco fui comprendiendo la importancia de la acción.

Aquel año me eligieron secretaria nacional. Ahora trabajo a nivel nacional y veo que en la JOC nos ocupamos de muchos aspectos diferentes. Veo también hasta qué punto es importante realizar acciones con los jóvenes trabajadores.

Hago lo posible por cambiar las situaciones que descubrimos en la JOC, por ayudar a los jóvenes trabajadores a tomar conciencia de la realidad como a mi me ha pasado. Antes no sabía nada. Ahora estoy creciendo y quiero transmitir esto a los otros para que a su vez puedan compartirlo.

Cuando se intenta ayudar a los trabajadores más jóvenes a tomar conciencia de la realidad y de su vida, a veces nos vemos confrontados con fracasos. A veces estoy decepcionada pero la JOC me apoya y me anima. Me da la fuerza de continuar.

P. ¿En qué has cambiado en estos cuatro años?

Tuve que decidir si me comprometía en la JOC o no. Esta decisión fue un gran reto para mí. Pensaba que podía vivir una vida normal, aprovechar de la vida preocupándome de otras cosas como lo hace mucha gente. Seguir el camino de la JOC significaba implicarme a fondo y actuar. Era un gran reto que finalmente decidí acometer.

Este reto me ayudó a madurar, a preocuparme del mundo que me rodea, de lo que pasa a mi alrededor. La JOC no sólo se preocupa de lo que ocurre en el trabajo sino también en la familia, en todo lo

que nos rodea. Me ayudó en ese sentido pero me dio el desafío de no sólo pensar en mí, en mi vida sino también en la de los seres que me rodean.

P. ¿En lo referente a la fe y la religión, qué situación viven los jóvenes trabajadores de Hong Kong?

En Hong Kong, muchos jóvenes trabajadores como yo no tienen religión o creencia personal. En cierto modo siguen simplemente la tradición budista de la familia. Somos siete hermanos. Seguimos la tradición budista pero estamos bastante abiertos en lo religioso. Mis dos hermanos menores son protestantes. Esto se remonta al período en que estuvieron en el colegio.

En la JOC de Hong Kong, la mayoría de los miembros no son católicos. Muchos no tienen referencia religiosa. En nuestra iniciación contactamos a muchos jóvenes que no tienen dicha referencia.

P. ¿Estos jóvenes trabajadores sienten que la JOC les quiere imponer una religión, quiere convertirlos al catolicismo? ¿Qué impresión tienen cuando se incorporan al movimiento?

No nos da la impresión de que la JOC quiere convertirnos al catolicismo. Porque cuando la JOC contacta a jóvenes lo más importante es la amistad, la preocupación de compartir cosas de nuestra vida. Hablamos de nuestra vida, de nuestras condiciones de trabajo... Es cuando salimos que nos damos cuenta de que es una organización católica. No nos molesta porque la JOC demuestra ocuparse de nosotros, de nuestra vida...

Hasta el asesor piensa lo mismo. No se comporta como un sacerdote que pretende ser superior a nosotros. En su forma de hablar y comportarse, demuestra ser un trabajador como los demás.

Cuando la JOC organiza una celebración, participamos a menudo por sus contenidos. Se habla de la vida, está vinculado con nuestra vida. Entonces, eso no nos plantea ningún problema. Encuentro que esta participación es una oportunidad para tener una reflexión espiritual. Es algo positivo para mí. Aunque desconozca la fe católica, me gusta participar en las celebraciones.

P. ¿La JOC tiene problemas con la jerarquía de la Iglesia católica debido a que está abierta a los no católicos e incluso a los no cristianos?

En Hong Kong tenemos buenas relaciones con los responsables de la jerarquía. Les ayudamos a comprender lo que hacemos mediante el envío de informes anuales, de encuentros con ellos... No tenemos problemas.

P. No eres cristiana y sin embargo eres secretaria nacional. Algunos dicen que pueden aceptar que jóvenes trabajadores no cristianos formen parte de la JOC siempre que no se hagan responsables del movimiento porque de ser así la JOC perdería su orientación. ¿Qué experiencia tienes tú a ese nivel?

Es la primera vez que me dicen que alguien que no es católico no puede trabajar a nivel nacional. En Hong Kong, nunca hemos hablado de eso. No pienso que sea un problema tener responsables no católicos en el equipo nacional, pues éste cuenta también con católicos y tenemos un colaborador. Además, seguimos la declaración de principios y siempre evaluamos para situarnos y asegurarnos de que estamos bien encaminados. Seguimos la orientación de la JOC. Así que no pienso que esto sea un problema.

P. ¿En Hong Kong, qué piensa la gente sobre la JOC?

La gente externa sabe que la JOC es un movimiento obrero, esto queda totalmente claro. Todos los miembros de la JOC son trabajadores. Mis amigos me preguntan por qué me sacrifico tanto, por qué dedico tanto tiempo al movimiento. Están impresionados porque siempre tengo algo que hacer. Por mi parte, intento explicarles que en el movimiento hablamos de nuestra vida, intentamos comprender nuestra situación. Les invito a determinadas actividades organizadas por la JOC. Quiero que hagan como yo, que se impliquen en la JOC.

YUEN YEE y WAI CHING, Hong Kong, 1990

"Jesucristo y el movimiento no son dos cosas distintas"

P. ¿Cómo las dos permanentes pueden sentirse responsables de la Juventud Obrera Cristiana siendo budistas?

YUEN YEE

"No me siento extranjera, ni en la piel de otra persona, porque la JOC es mi vida, es mi movimiento. No creo ser una excepción pues en el equipo nacional de Hong Kong sólo hay un cristiano en este momento, que es el presidente.

Fue a través de mi grupo de base como me puse en contacto con el movimiento jocista. Cuando llegué al equipo nacional, este grupo había desaparecido. Me hubiera gustado contar con el apoyo de un grupo en mi participación en el equipo nacional. Pues la formación de un joven trabajador se realiza a través del grupo de base y de la revisión de vida.

Antes de la JOC yo no sabía nada de lo que era la fe. Lo que compartimos en el equipo, en particular en el equipo nacional, está relacionado con la fe del movimiento. Cuando vine al Equipo Nacional, todos los miembros eran cristianos. Yo era la única no cristiana. Cuando hablábamos de ciertos acontecimientos, nuestra discusión se centraba en la fe.

Tengo un profundo sentido de pertenencia al movimiento, y pensaba que para poder compartir con mayor profundidad la vida de la JOC algo faltaba en mi vida. La JOC, con el ejemplo de Cristo, tiene una relación profunda que desconocía. Como era miembro del movimiento y me sentía partícipe de la JOC, pensé que yo también necesitaba tener dentro de mí algo de ese Cristo, de su actitud.

Precisamente en la JOC hay un grupo de reflexión para quienes están interesados por esos temas. Me apunté por curiosidad para saber de lo que iban a hablar.

Estuve en la escuela primaria en un colegio católico. Tuvimos clases de religión pero no me impresionaron. En el grupo compartíamos la fe de los que creen y vi una relación con lo que vive el movimiento. Esto permite orientarme, me ayuda a evaluar, a pensar en las cosas. Ahora ya no son dos cosas distintas, la fe y la vida son indivisibles, como Jesucristo y el Movimiento."

WAI CHING

"Mi formación procede más del grupo de base que del equipo nacional. No es que en el grupo haya visto que nos identifiquemos con un movimiento de Iglesia o cuestiones de fe, pero vi que lo que se comparte es la vida, la evaluamos y eso nos ayuda.

De niña estudié en una escuela protestante. Me habían hablado de Jesucristo, de los sacrificios, pero en eso me quedé. Luego una sí que ve lo que significa el sacrificio.

Para mí, la JOC es un movimiento de base, un movimiento obrero. Es distinta a los otros movimientos, porque los otros movimientos editan publicaciones y esperan a que la gente acuda. La JOC, por su parte, sale a contactar a la gente que no confía en si misma y que por eso no quieren venir. Es un movimiento obrero de base y eso es importante. Esto te da un sentido a la vida, un sentido de las relaciones con los demás, un sentido de lo humano.

En Hong Kong siempre es un problema cuando se busca a gente para el equipo nacional o para la permanencia. El año pasado me encontré frente a una necesidad de reflexionar: ¿acepto o no de ser permanente? El año pasado mi respuesta fue negativa. Eramos dos las que debíamos plantearnos esta cuestión. Decidí no aceptar y mi compañera tampoco aceptó.

¿Por qué no acepté? Porque hacían falta planes para la extensión del movimiento, yo no me veía capaz de ponerlos en marcha. Me veía con capacidades para participar en su realización pero no en su preparación y definición.

Había otro problema. Mi categoría de trabajo (textil) estaba perdiendo fuerza y acababa de seguir una formación profesional para especializarme. Pensé que una vez concluida esta formación podría entrar en una empresa de confecciones.
Pero había otro problema: mi personalidad no me ayuda cuando se trata de colaborar con los demás. Tengo dificultades para relacionarme con los demás. Entonces, me preguntaba si era realista ser permanente debido a mis dificultades relacionales.

Y el año pasado hubo los acontecimientos de Pequín, y eso cambió mucho mi visión de las cosas. Hubo el encuentro de responsables clave de la región asiática, vi que había gente que se sacrificaba por la JOC, y vi también que en China la gente se sacrificaba por una causa y esto me planteó de nuevo la cuestión de la responsabilidad, y acabé aceptando."

P. ¿Supone muchos sacrificios el ser permanente?

"Se reciben cosas y se pierden otras. Estoy pensando en algunas antiguas del movimiento, muy comprometidas en él, que aportaron y descubrieron mucho a través de su trabajo, que apoyaron a muchos miembros. Estas personas luego pasan a ser colaboradoras del movimiento.

Estas antiguas, cuando terminan en la JOC, se dan prisa por encontrar un trabajo, o una formación que mejore sus competencias profesionales. Siempre es un problema volver al trabajo después de haber sido permanente. Entonces cuando se tiene un trabajo uno reflexiona bien antes de dejarlo por un cargo de liberada. Las antiguas de la JOC sacrificaron mucho tiempo de formación sin tener asegurado el porvenir cuando acaban su mandato.

Está también la familia. Cuando se pasa a ser permanente, siempre hay problemas con la familia porque tienes poco tiempo que dedicarle. Muchas antiguas, cuando acaban su mandato, se precipitan para compensar el vacío que tuvieron con la familia.

Pero en un movimiento como la JOC, son los jóvenes los que deben venir, son jóvenes los que deben asegurar el relevo. Tener responsa-

bilidades en el movimiento cuando se es joven vale la pena. Pero siempre hay que cuidar que otros también asuman responsabilidades.

Al principio pensaba que después de mi mandato volvería al trabajo de producción. Hoy me pregunto si va a ser así. Tengo que ver cómo este compromiso me puede proporcionar otra visión para el futuro. Esto es también una formación para el futuro.

Pienso que estaría bien que durante mi mandato pudiera seguir una formación profesional distinta a la que lleva al trabajo de producción. Trataré de conseguir ese tipo de formación. Pero para mí, ser permanente no es un sacrificio. Incluso para un obrero al que le gusta su trabajo, éste no es tanto un sacrificio. No hay sacrificio cuando se hace algo que gusta."

YOUSSEF, Egipto , 1990

"Aprendí a ser paciente"

P. Te estás preparando para el sacerdocio copto y en este momento estás muy implicado en la JOC. ¿No puedes decir cómo entraste en contacto con la JOC y porqué te interesa trabajar con ella mientras que para muchos sectores de la Iglesia la JOC es algo anticuado?

Formo parte del Prado.(3) Hace tres años que vivo en comunidad con hermanos del Prado. Me muestran su vida, todo lo que hacen. Entre ellas, está la JOC. Cuando comencé con la JOC y el Movimiento Mundial de Trabajadores Cristianos, hablé con Michel (del equipo). "¿Qué hacemos?" porque yo estaba acostumbrado a trabajar con otros movimientos que hacían actividades. Michel me explicó lo que era la JOC. Es una manera de vivir.

Hace unos años me encontraba en el sur del Sudán donde pasé casi tres años. Mi encuentro con Jesús lo tuve en Sudán. Fue un hito que marcó mi vida. Me planteé muchas preguntas. Por qué hay gente así. Por qué la gente es pobre. Por qué no se mueve. Por qué, por qué, siempre por qué... Yo pensé que algo se podía hacer.

P. ¿Qué te sorprendió en el Sudán?

La pobreza, la simplicidad, la manera de cómo aceptan la cosas, no sé, pero al mismo tiempo vemos que no aceptan, y que son muy pobres. Entonces comprendí que se trataba de una forma de pensar. Es la forma de pensar la que condiciona el cómo vivir.

Pensé que se podían cambiar las cosas diciéndole a la gente: "Venga, despertad". Pero tras pasar un año en la JOC, me di cuenta que era lo contrario. Son ellos los que deben descubrir las cosas por ellos mismos. No hacen falta los bonitos discursos. No basta con decirles, sino que deben comprender que sin acción, nada es posible. Y esto sí que me sorprendió en la JOC.

Entonces, con Michel, comencé. A veces sólo escuchaba. Luego aprendí a ser paciente. Nunca en mi vida fui tan paciente como

3 *Asociación de sacerdotes*

estando en la JOC. Aprendí a aceptar a los demás, aun cuando no tienen la misma mentalidad que yo. Primero hay que desarrollar la amistad y la confianza.

Aprendo cosas en la JOC. No doy sino que recibo. Con la revisión de vida, aprendí mucho de la JOC y aprendí a vivir y a saber cómo actuar con los demás. Por esa razón continúo en la JOC. Ahora y después de mi ordenación, e incluso si no me ordenan, seguiré en la JOC.

Es una pena que yo no haya podido estar en la JOC de joven. Comencé mi vida laboral como mecánico en la fábrica "Hierro y Acero" del sector público. Vi como los obreros se juntaban aunque siempre con dificultades.

En el sector público algunos derechos están respetados. Desafortunadamente, en el sector privado, no hay sindicatos. En Egipto, debido al desempleo, hay gente que trabaja 2 ó 3 meses sin recibir salario, por ejemplo, en el sector de la construcción. Se les dice a los trabajadores que les pagarán cuando se termine la obra. Algunos están pagados con dos meses de retraso y conozco amigos que trabajando por cuenta de un ingeniero no fueron pagados durante más de tres meses. Cuando pidieron su salario les dijeron "otro día". Entonces dijeron: "si no nos pagáis, no trabajamos. Y los dueños les dijeron: "si no queréis trabajar, iros, no tenéis ningún derecho a reclamar".

Trabajé en una empresa petrolera. Era una empresa egipcio-americana. La costumbre de las empresas norteamericanas es trabajar con subcontratos. Por ejemplo, si necesita a un soldador, ofrecen 30 libras por un soldador, el subcontratista da 2 ó 3 libras al soldador y se queda con el resto. Veo que hay que hacer algo, hay que reflexionar y no aceptar algunas cosas.

P. ¿Piensas que la JOC puede ayudar en este sentido?

Con los adultos es difícil. Lo que hacemos es más para el futuro. Es

cómo plantar un árbol. El árbol tomará mucho tiempo antes de dar frutos, y a veces no dará nunca. Pero si se piensa que nada va a poder cambiar, entonces no se hará nada, pero siempre hay que tener esperanza en el cambio. Si se mira la historia, siempre hubo gente que creyó que no había nada que hacer. Por eso es necesaria la JOC.

P. En Egipto, trabajáis con jóvenes trabajadores sin mirar si son católicos. ¿Esto no os plantea dificultades?

Sí, a veces hay dificultades. Hay gente que tiene miedo porque los que iniciaron la JOC fueron todos extranjeros y los asesores son extranjeros. Piensan que es algo que procede de Europa. Incluso en la Iglesia local se dice que lo que viene de Europa no tiene nada que ver con lo nuestro. Y es que la Iglesia no le gusta los movimientos que ayudan a la gente a comprender. En la Iglesia se prefiere decir que hay que rezar o hacer tal cosa así o así. Es una dificultad. Ahora esperamos tener a antiguos jocistas bien formados que puedan hacer algo. Al menos es lo que esperamos.

P. ¿Hay musulmanes en la JOC de Egipto?

Sí que los hay. No sé, si un día un militante musulmán se hace responsable de la JOC, ¿cómo la Iglesia de Egipto va a aceptar esto? Es un interrogante que nos planteamos. O entonces, no hace falta alcanzar a los musulmanes, formarlos y decirles luego que sólo podrán asumir la JOC de manera limitada.

Sé que en Hong Kong, por ejemplo, hay no cristianos que pueden ser responsables del movimiento, incluso permanentes, incluso algún día podrían estar en el Secretariado Internacional, ¿entonces, por qué no los musulmanes?

Creo que está bien que en tal o tal país la Iglesia acepte a musulmanes como responsables jocistas, pero no creo que la Iglesia egipcia vaya a aceptarlo. Va a parecer muy extraño que un responsable de la acción católica sea musulmán. Ellos no podrían comprenderlo. La JOC es un movimiento de acción católica pero todos los obispos no la respetan. Tenemos incluso un cura del Prado que trabaja con la JOC y el MMTC. Su obispo dice: "No me gusta tu acción católica, hay que ser algo más espiritual." Cuando ves que un obispo le cuesta entender esto, pues mejor no imaginarse si el responsable fuera musulmán en nuestro contexto. Por otro lado, los musulmanes no entienden esto.

Pienso que deben haber musulmanes en la JOC. En una canción de la película egipcia de Youssef Shahin, se dice: "Tu nombre no me interesa, tu dirección no me interesa, ni el color de tu piel, lo que me interesa es lo humano". A nosotros nos gusta mucha esa canción. Esperamos que en Egipto todos van a pensar así.

Algunos sacerdotes u obispos entienden perfectamente esto, entonces con ellos no hay problemas, pero con otros... el trabajo va a ser duro. Siempre tendremos que llevar una cruz a cuestas, y la nuestra creemos que se llama "JOC".

cómo plantar un árbol. El árbol tomará mucho tiempo antes de dar frutos, y a veces no dará nunca. Pero si se piensa que nada va a poder cambiar, entonces no se hará nada, pero siempre hay que tener esperanza en el cambio. Si se mira la historia, siempre hubo gente que creyó que no había nada que hacer. Por eso es necesaria la JOC.

P. En Egipto, trabajáis con jóvenes trabajadores sin mirar si son católicos. ¿Esto no os plantea dificultades?

Sí, a veces hay dificultades. Hay gente que tiene miedo porque los que iniciaron la JOC fueron todos extranjeros y los asesores son extranjeros. Piensan que es algo que procede de Europa. Incluso en la Iglesia local se dice que lo que viene de Europa no tiene nada que ver con lo nuestro. Y es que la Iglesia no le gusta los movimientos que ayudan a la gente a comprender. En la Iglesia se prefiere decir que hay que rezar o hacer tal cosa así o así. Es una dificultad. Ahora esperamos tener a antiguos jocistas bien formados que puedan hacer algo. Al menos es lo que esperamos.

P. ¿Hay musulmanes en la JOC de Egipto?

Sí que los hay. No sé, si un día un militante musulmán se hace responsable de la JOC, ¿cómo la Iglesia de Egipto va a aceptar esto? Es un interrogante que nos planteamos. O entonces, no hace falta alcanzar a los musulmanes, formarlos y decirles luego que sólo podrán asumir la JOC de manera limitada.

Sé que en Hong Kong, por ejemplo, hay no cristianos que pueden ser responsables del movimiento, incluso permanentes, incluso algún día podrían estar en el Secretariado Internacional, ¿entonces, por qué no los musulmanes?

Creo que está bien que en tal o tal país la Iglesia acepte a musulmanes como responsables jocistas, pero no creo que la Iglesia egipcia vaya a aceptarlo. Va a parecer muy extraño que un responsable de la acción católica sea musulmán. Ellos no podrían comprenderlo. La JOC es un movimiento de acción católica pero todos los obispos no la respetan. Tenemos incluso un cura del Prado que trabaja con la JOC y el MMTC. Su obispo dice: "No me gusta tu acción católica, hay que ser algo más espiritual." Cuando ves que un obispo le cuesta entender esto, pues mejor no imaginarse si el responsable fuera musulmán en nuestro contexto. Por otro lado, los musulmanes no entienden esto.

Pienso que deben haber musulmanes en la JOC. En una canción de la película egipcia de Youssef Shahin, se dice: "Tu nombre no me interesa, tu dirección no me interesa, ni el color de tu piel, lo que me interesa es lo humano". A nosotros nos gusta mucha esa canción. Esperamos que en Egipto todos van a pensar así.

Algunos sacerdotes u obispos entienden perfectamente esto, entonces con ellos no hay problemas, pero con otros... el trabajo va a ser duro. Siempre tendremos que llevar una cruz a cuestas, y la nuestra creemos que se llama "JOC".

MÓNICA, Colombia, 1990

"Antes sentía tristeza"

P. ¿Cómo llegaste a conocer la JOC?

Entré en la JOC teniendo unos 16 años. Vivía en un barrio popular a 30 minutos de Bogotá. Era catequista en la parroquia y conocía a un militante de la JOC que era responsable nacional.

La JOC había lanzado una encuesta y distribuyó cuestionarios en el barrio. Teníamos un grupo de jóvenes que hacían teatro, danza y cosas por el estilo... les pasé la encuesta así como a otros jóvenes. Luego me invitaron a participar en un grupo que discutía sobre la encuesta. Allí encontré a varios jóvenes trabajadores conocidos.

En aquel entonces, trabajaba en una fábrica de material para pescar. Estábamos desarrollando una acción allí. Luego, después de la acción, de su evaluación y de una reflexión con mis compañeros, pensamos que necesitábamos un coordinador y es así como creamos la coordinación de la JOC en la ciudad. Me eligieron para asumir esta coordinación junto con un compañero.

Participé en esa coordinación durante 2 años. Hoy estoy en el equipo nacional de permanentes con un mandato de cuatro años, de los que ya he cumplido dos.

P. ¿Qué te aporta la JOC?

Pienso que me aporta mucho. A nivel personal, una formación que me permite conocer la realidad, tener un mínimo de análisis de esta realidad, compartir, comparar las experiencias de acción en los distintos ambientes.

A nivel personal me aportó un cambio. Antes sentía tristeza por las condiciones de vida que teníamos en casa, me peleaba con mi madre, mi padre, mi hermano. Teníamos una situación económica muy difícil, yo era estudiante. Cuando conocí la JOC y comencé a compartir mi situación con otros compañeros, encontré la alegría de vivir. No quería quedar en eso y comencé a ser militante en la casa... Pienso que uno de los grandes aspectos que me aportó la JOC fue esta formación que da la capacidad de construir una familia, una vida.

Otro elemento que me aportó fue confrontar la vida de los jóvenes trabajadores con el Evangelio. Esto me parece muy importante. Es así como los jóvenes trabajadores adquieren fuerza y coraje para luchar.

P. ¿Dijiste que fuiste catequista en la parroquia. La participación en la JOC influyó sobre tu fe? ¿Esta cambió y cómo?

Sí, mi fe ha cambiado. Como catequista se trabaja más a nivel teórico, se presenta el evangelio, lo que Jesús nos dice, pero no tanto la práctica. Había aprendido cómo presentar las cosas a los jóvenes pero no cómo vivirlas, sentirlas, expresarlas.

Es algo que encontramos en cada joven, la vivencia y la expresión de su fe. Hemos organizado un taller para compartir cómo los jóvenes trabajadores de Colombia vivimos nuestra fe. Hemos sacado un folleto sobre el tema y aparecieron muchas cosas. Por ejemplo, una joven trabajadora de las flores decía que en ese sector ella descubre a Jesucristo a través de sus compañeros/as. Ella dice que siente la situación de explotación y de represión como una llamada a construir algo con sus compañeros. "Sé que Jesús es quien me guía en lo que debo hacer para cambiar la situación."

Muchos de nosotros descubrimos a Jesús en nuestro compromiso con la juventud de una forma más educativa y más constructiva. Siento que así se va construyendo algo, no sé si llamarlo Reino, pero creo que algo va construyéndose.

DANIEL, Ghana, 1990

"Callarme sería una falta de fe"

P. ¿Cómo llegaste a conocer la JOC?

Ya van siete años que estoy en la JOC. Alguien me presentó el movimiento. Cuando iba al colegio estaba en la JEC, un movimiento de estudiantes. Cuando dejé el colegio y empecé a trabajar de maestro, una chica llamada Teresa me habló de la JOC. Me dijo: "Cuando eras estudiante, ibas a la JEC, pero ahora trabajas, y debes estar en la Juventud Obrera Cristiana". Le pregunté lo que se hacía allí. Intentó explicarme y me entregó un folleto sobre la JOC. Lo leí y vi que estaba bien. Se utilizaba el mismo método que en la JEC y pensé que tenía que seguir mi lucha dentro de la JOC.

Cuando me incorporé a mi grupo de base por primera vez, me eligieron secretario porque vieron que al ser maestro, podría realizar esta labor. Eramos dos maestros en el grupo, la mujer que me invitó a venir y yo mismo, los otros eran aprendices, técnicos o vendedores del mercado.

Después de un tiempo, me pidieron asistir a la reunión del Consejo Regional. Mi contribución fue buena y un año y medio después fuimos a un congreso regional. En dicho congreso, me nombraron coordinador regional de la región de Ashanti por dos años. Sin embargo, el secretariado nacional necesitaba a alguien para ayudarle y me cooptaron. Así que trabajé con ellos durante un tiempo. En el Congreso Nacional, salí elegido Tesorero Nacional.

P. ¿La JOC te aporta algo?

Lo que me hace seguir en la JOC es el aspecto educativo. Antes no lograba hablar con la gente. En la JEC, me encontraba con chicos y chicas, pero cuando llegué a la JOC, vi que allí las personas eran más maduras. Era difícil pero el movimiento me ayudó a expresarme mejor.

P. Eres cristiano y católico. ¿Tú crees que la JOC tiene algo que ver con tu fe?

En Ghana, la JOC es miembro de la Iglesia católica, está en las parroquias. Soy de la parroquia de St. Mary y es ahí donde me inicié.

P. ¿Así que la JOC es un asunto de Iglesia?

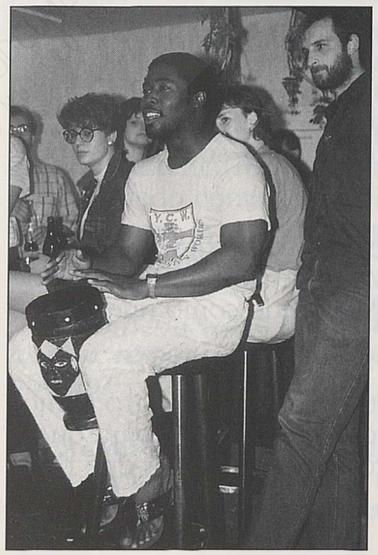
No, la JOC no es la Iglesia como tal. La JOC no tiene nada que ver con actividades de la Iglesia como la misa, etc. No. En la JOC hablamos de nuestros problemas. Cada uno los comparte y los reflexionamos.

P. ¿La JOC tiene un impacto en tu fe? ¿Cambió algo en tu forma de ver y vivir tu fe?

Pienso que sí. Si algo no funciona en el trabajo y no lo advierto, en cierto modo se trata de una falta de fe. Porque si Jesús estuviera aquí y le pasara lo mismo, él nunca hubiera aceptado que te exploten, que se aprovechen de ti obligándote a hacer horas extras. Así que yo les digo a mis compañeros que no deben prestar horas extras, hay que descansar y tener tiempo para cada cosa.

P. ¿Esto tal vez es política?

No, es una cuestión de fe, es así como debe expresarse la fe.



STEPHANIE, Suiza, 1990

"Lloraba pero estaba contenta"

P. ¿Cómo conociste la JOC?

Llegué a la JOC porque en mi pueblo (800 habitantes) no había grupo de jóvenes, no había nada. Al llegar a nuestra parroquia, el cura que de joven había estado en la JOC decidió formar un grupo de jóvenes pero sin saber exactamente qué tipo de grupo. Se presentaron distintos movimientos durante una velada organizada por él. Una chica permanente de la JOC de Friburgo vino a presentar el movimiento.

Personalmente no me sentía muy atraída por la oferta. No era una chica sociable, era un poco salvaje... No me gustaba el contacto con la gente y me sentía muy bien sola...

La chica de la JOC me llamó luego a casa y acepté ver de qué se trataba. Y a final lo encontré bien porque pensé que en lugar de pasarme una noche delante de la televisión o en la cafetería, tuve una velada bien simpática donde todos pudimos hablar.

La primera vez me encontré sola con la permanente y luego me presentó a un equipo que contaba con tres chicas de otro pueblo. Vino a buscarme para ir a una reunión con las otras chicas que hacía dos años que estaban en la JOC. Durante 6 meses no hablé mucho. Iba para escuchar... y decía: "Ay, si esas pobres chicas sólo tienen problemas..."

Hasta que un día me tocó abrirme. Me preguntaron: "¿quién eres, qué haces?" Esto me hizo tomar conciencia. Me acuerdo que después de la reunión, lloraba pero estaba contenta. Me quedé como nueva. Fue una toma de conciencia fulminante.

En mi familia éramos muy creyentes, y yo pensaba que claro vamos a misa cada domingo pero no cambia nada. No entiendo para qué y además lo veo muy aburrido. Y de pronto sentí que había que darle sentido a todas estas cosas y teorías.

Y 6 meses después asumí la responsabilidad de un equipo de adolescentes que había iniciado con la ayuda del cura. Eramos unas diez chicas. Un año después lancé otro equipo que pasó a ser mi grupo de base, pues el primer equipo había desaparecido porque las chicas se habían marchado a la Suiza alemánica.

Estuve trabajando como un año. La chica que aseguraba la transición se iba a casar, entonces acepté asumir la permanencia antes de tiempo. Fui al congreso europeo en septiembre. Esto me dio otra visión que la de mi pequeño pueblo suizo, porque era un acontecimiento de ámbito verdaderamente europeo. Esto me motivó, me dio energías. Empezamos a difundir información, publicamos pequeños anuncios en la prensa local, estábamos a tope de entusiasmo. Y esto reforzó mis convicciones en la JOC.

P. ¿Y ahora, no temes a asumir la responsabilidad de permanente para Friburgo?

¡No! No hay grupos en Friburgo, pero hicimos una fiesta de extensión con grupos que terminaban en el movimiento de apostolado de niños. Todo funcionó bien... el contacto fue bueno y los jóvenes estuvieron muy motivados. Estoy contenta porque es probable que tres grupos comiencen a funcionar este otoño, además de los dos grupos que ya acompaño actualmente. Fuimos al encuentro con una chica de mi grupo que tenía 18 años. Está bien también porque es una chica con la que puedo contar. Yo a veces soy un poco despistada, y ella siempre está para ayudarme en mi responsabilidad. Es importante tener a alguien con quien contar.

P. La JOC es algo importante para ti, y por eso aceptas continuar y asumir responsabilidades. ¿Puedes decirme lo que te aportó el movimiento?

En primer lugar, aprendí a ser tolerante. Aprendí también a creer en mis propias posibilidades, a tener confianza en mí y de hecho si antes no era muy sociable tal vez se debía a que no confiaba mucho

en mi, que era muy tímida y pensaba que no necesitaba de los demás. En realidad si que necesitaba a los demás y eso lo descubrí a través de la JOC.

Esto dio también otra dimensión a mi fe. Dije: eso es lo que quiero vivir, es así como quiero vivir mi fe. Mi fuerza la encuentro en los contactos que tengo a través de la JOC, intentando ayudar a los demás, creciendo, realizándome. Creo que la JOC fue una verdadera toma de conciencia. No sé donde estaría ahora sin la JOC. Todos los que me conocen no llegan a comprender cómo he podido cambiar. Logré tener seguridad en mi misma, saber administrar mi vida, mis problemas, reflexionar...

Este método de la JOC me ayuda en toda mi vida, incluso me ayudó en mi trabajo en la tienda, en la manera de resolver los problemas con mis compañeras de trabajo, discutíamos, veíamos, y luego actuábamos. Es así como hicimos una acción porque había gente enferma y el dueño no quería contratar a nadie para reemplazarla, así que teníamos que hacer todo el trabajo solitas.

La JOC ha influido en todo lo que hago en mi vida. Incluso en mi familia, donde habían muchas barreras, yo la puse en cuestión y no siempre es evidente que una chica de 20 años venga a poner en cuestión a su propia familia.

Ahora sí que he encontrado los valores que quiero defender.

P. A veces se dice que la JOC es algo para el tercer mundo, que en Suiza se tiene todo lo que se quiere, entonces... ¿Qué piensas? ¿Crees que la JOC es algo útil en Suiza?

Sí, porque en Suiza los jóvenes no tienen espacios para hablar de sus problemas. Trabajan para ganar dinero. Tienen tarjetas de crédito, lo cual facilita el endeudamiento. Deben trabajar aún más, hacer horas extras para ganar dinero. Cuando tienen un momento libre, salen, se emborrachan y esto no resuelve los problemas. No tienen espacio para hablar porque la familia no quiere hablar. Nos ponemos ante la televisión y nada más. Los padres también tienen sus problemas y no tienen ganas de hablar de los problemas de sus hijos. La enseñanza, la sociedad, la escuela nos educa para que seamos individualistas.

Y no es fácil tener amigos, gente en quien confiar. Creo que la JOC tiene algo que aportar, porque si bien el tercer mundo conoce problemas, tiene pobreza, también existe la solidaridad, la alegría, momentos de amistad, mientras que en Suiza a este nivel hay mucha pobreza, la gente no tiene nada, es arisca.

Los jóvenes tienen una urgente necesidad de expresarse, encontrar progresivamente la confianza, expresar sus problemas sin que se les diga: "eres tonto, tío, no supiste resolver el problema solo cuando ya tienes edad para hacerlo..."

Y a nivel de la fe, también. Yo encuentro que los jóvenes tienen ganas de hacer un montón de cosas, pero se ven decepcionados a menudo porque no encuentran respuestas a sus interrogantes, porque la Iglesia les hizo tragar la Biblia de memoria, sin explicarles para qué servía.

Los propios jóvenes buscan entonces su propio camino teniendo malas experiencias, porque no saben cómo actuar. Algunos lo buscan en las drogas, otros en el alcohol. Algunos encuentran solitos el camino, pero se quedan solitos... Mientras que la JOC es una dimensión de amistad, de compañerismo, de solidaridad. Creo que cuando van dándose cuenta de eso, es porque tienen mucha necesidad.

Por supuesto, desde el exterior, Suiza parece ser un país donde todo está bien pero la soledad de su gente es algo terrible. Los jóvenes intentan juntarse, pero lo hacen sobre todo en pandillas y para entrar en una pandilla, o bien hay que fumar o beber alcohol o drogarse, o bien hay que ser violento y esto da pena.

La gente no nos acepta tal y como somos. No hay espacio donde uno pueda realizarse. Siempre hay que demostrar una imagen, esto es Suiza, hay que tener dinero y creo que esto es terrible.

P. Es tu primera experiencia internacional a este nivel. Cuando piensas en tu experiencia suiza, ¿hay cosas que te chocan en la forma en que los otros participantes viven o expresan la JOC? ¿Hay cosas con las que no estás de acuerdo o que en opinión tuya no pueden funcionar en tu país?

No creo. Creo que somos todos iguales. Son los problemas los que cambian, la situación política y económica, pero los jóvenes somos todos iguales, todos expresamos el deseo de ser respetados como seres humanos.

Intenté tener un máximo de contactos. Me sentí solidaria con cuantos discutieron conmigo. A veces me daba la impresión de no ser ya una persona procedente de Suiza, sino de formar parte de lo que todos exponían.

Al principio temía no comprender lo que pasaba fuera de mi país, al venir yo de Suiza, pero me desgarró el hecho de saber que formaba parte del mismo mundo que el de los demás participantes. Fue una impresión muy fuerte. Hubo momentos en los que ya no comprendía nada, donde todo era demasiado intenso para mí. Harán falta meses para que asimile todo esto y le saque el mejor provecho.

Me gustaría aportar esto a los demás en Suiza, voy a intentar pero creo que es una experiencia que hay que vivir. La JOC es realmente una familia. Para darse cuenta hay que pasar por etapas, comprender la dimensión internacional, la solidaridad entre la gente, es un camino, una experiencia. La JOC es eso: un aprendizaje y una búsqueda permanentes.

P. A veces se dice que la JOC siempre habla de los problemas de los trabajadores y de luchas obreras, pero en Suiza... ya no hay luchas obreras...

¡Sí que las hay, y muchas! Tenemos todavía grandes sindicatos que intentan aportar cambios profundos, pero una vez más, el problema de los sindicatos es la dificultad para un joven que no sabe hablar de tomar el lugar que le corresponda en su estructura.

Por ejemplo en mi equipo de base hay dos jóvenes que forman parte de un sindicato de la construcción que creó una rama juvenil. Les pregunté qué hacían y me dijo: "Mira, escuchamos e intentamos participar en la lucha". Ahora estamos haciendo la revisión con ellos y evaluamos. Nos formamos una opinión juntos así que cuando vayan al sindicato sabrán de que va. Ya no deberá limitarse a escuchar sin actuar como pasa en la mayoría de los sindicatos.
De verdad que siguen habiendo luchas en Suiza y hay que darse cuenta que hay muchas cosas que hacer todavía en este país.

Personalmente, tuve la suerte de crecer en una familia sin demasiados problemas, estable, viviendo en el campo... Mi padre es obrero electricista. Pero uno debe elegir: o bien sigue siendo una máquina toda su vida o bien se toma conciencia de lo que acontece a nuestro alrededor.

Y lo mismo pasa con la fe, o bien toda la vida nos quedamos con una escucha dominical del Evangelio, pensando que así iremos al paraíso cuando nos moriremos o bien se decide que hay algo que hacer, se lucha, se intenta mejorar lo que debe ser mejorado. Eso es el Evangelio para mí.

JOSÉ LUIS, España, inmigrante en Alemania, 1990

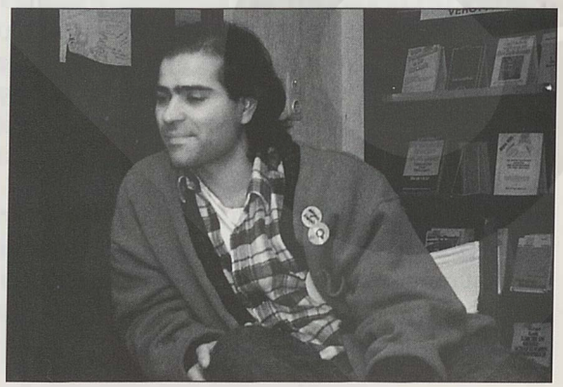
"Pasar de la teoría a la práctica"

P. ¿Cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Soy hijo de padres españoles emigrados a Alemania. Estaba metido en un grupo de jóvenes de una parroquia de Francfort. Tenía a un amigo sacerdote que acompañaba nuestro grupo. A través de él entramos en contacto con otros jóvenes en otras ciudades y en particular con una federación de la JOC Emigrante.

Entré en contacto con esta federación y a través de los encuentros y del trabajo de coordinación, pude conocer a la gente de la JOC y el método del movimiento. Lo que me interesaba sobre todo era el aspecto cristiano. Encontré interesante el trabajo que hacía la JOC, me uní al movimiento y empecé a ser militante. En aquel entonces, ya había dejado los estudios de bachillerato y empezado a trabajar para la empresa de aviación Iberia y por la noche seguía clases en nocturno.

P. ¿Por qué te has quedado tanto tiempo en la JOC?



Es sólo después de unos años cuando me impliqué realmente en la JOC, hace ya unos 6 años. Tuve la convicción de que podía cambiar las cosas, vivir y luchar por un proyecto: la construcción de un mundo nuevo.

Comprendí también que todo ello sólo era posible organizándonos. Descubrí

la importancia de estar organizados, y estarlo en un movimiento internacional, que amplia la visión y comprensión de la realidad.

Otro aspecto muy importante que siempre viví en la JOC fue el aspecto humano. En la JOC uno no se siente nunca extranjero... vivimos como en una familia, entre amigos. La JOC es como una escuela que permite desarrollar nuestras capacidades, y por tanto el comprometerme no era más que ser coherente conmigo mismo, era la consecuencia de todo un encaminamiento que viví en la JOC.

P. Dijiste al principio que te interesaba sobre todo el aspecto cristiano del movimiento. ¿Puedes explicar qué influencia tuvo la JOC sobre ti a este nivel?

Cuando entré en contacto con la JOC, era activo en una parroquia de Francfort, en la Misión española y tenía mucha amistad con un cura llamado Luis. En aquella época, yo me hacía muchas preguntas, buscaba una opción para un compromiso cristiano. Pero la parroquia y la misión española tenían poca visión,: perspectivas de cambio muy limitadas debido en parte a la difícil situación vivida por la gente. Es así como mi conciencia de un compromiso más sociopolítico era muy limitada.

Fue sólo después, a través de la JOC, cuando descubrí mejor la relación entre la clase obrera y su compromiso sociopolítico, y el compromiso cristiano. Gracias a la JOC, comprendí que no había contradicción entre ambos tipos de compromiso.

Para mi fue un momento importante que me motivó en mi compromiso cristiano porque la JOC vive el aspecto cristiano de una forma diferente. No solo lo hablamos en teoría sino que también lo vivimos en lo concreto. Para esto tiene mucho significado porque es importante no sólo hablar sino también actuar y provocar cambios. Es lo que vive la JOC y para mí fue como un paso de la teoría a la práctica, del verbo a la acción. Me abrió muchas puertas en referencia a mi compromiso. Me podía implicar en la Iglesia entendida como pueblo de Dios.

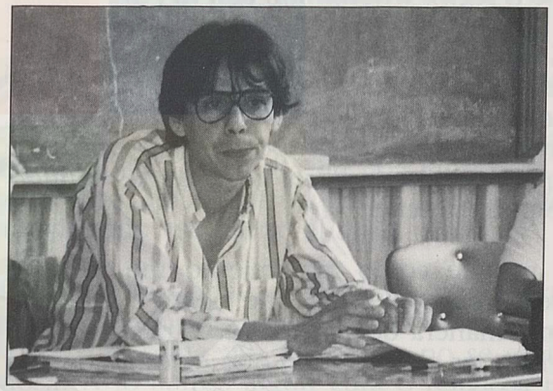
Es una labor de cristianos pero no sólo de ellos, porque en la JOC Emigrante se vive el aspecto intercultural... no sólo hay cristianos o católicos. En Alemania, hay bastante gente atea, pero no es realmente una contradicción porque si se es consecuente con la corriente cristiana, vemos en la Biblia que Jesús y sus apóstoles recibían a los forasteros y los paganos y les abrían su puerta.

Esto significa que los trabajadores extranjeros en Alemania están doblemente explotados y deben responder a esta situación y pienso que la referencia del Evangelio puede ayudar, así como otras referencias como el budismo o el Corán.

Al fin y al cabo, lo importante somos nosotros mismos, y no sólo lo que piensa la gente. Es así como explico las cosas tal como las vivimos en la JOC y no en teoría, sino tal y como las vivo personalmente.

EDMOND, Argentina, 1990

"Triunfará la vida"



P. ¿Me puedes decir cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Mi encuentro con la JOC se debe al esfuerzo de extensión del movimiento en mi región. Un responsable del Equipo Internacional que visitaba el país vino a mi región a encontrarse con antiguos de la JOC con la esperanza de relanzar la JOC, desaparecida tras la dictadura. Eran antiguos ya entrados en años. Estudiaba entonces en la capital y formaba parte de un instituto seglar para sacerdotes. Cuando volví a mi provincia, encontré a dichos antiguos. Fue así como comencé a hacerme una idea de lo que se estaba haciendo en el movimiento.

Luego hubo un encuentro en la región con un permanente nacional. Con él trabajamos el análisis y empezamos a discutir de nuestra experiencia pastoral. Yo trabajaba entonces en un sector marginado de la capital y en la línea específica de la pastoral juvenil. En estos contactos, conocí muchos aspectos referentes a la metodología y la experiencia de acción del Movimiento. Con este permanente discutimos la posibilidad y necesidad de un acompañamiento a nivel de la Iglesia y se planeó un encuentro nacional de colaboradores. Fue mi primer encuentro con el movimiento.

A partir de ahí, proyectamos con un militante poder compartir más, compartir el análisis como primer paso. Luego me propuso acompañar al equipo nacional. Así pues, comencé con muchos límites a nivel de comprensión, y límites en mi propia formación. Es así como hemos avanzado hasta ahora.

P. ¿Desde que trabajas con la JOC, sientes que te aporta algo?

Lo que la JOC me aportó hasta ahora sobre todo fue cierta definición de mi opción y un proyecto de vida más global. Mi encaminamiento fue formador, con muchas luchas y la necesidad de asumir compromisos. Me aportó también un modelo de Iglesia, y un modo de espiritualidad, que me ayudó fundamentalmente en lo personal.

P. ¿Por qué estás dispuesto a seguir trabajando con la JOC?

Sigo trabajando con la JOC porque qué es la fe si no se traduce en una acción militante, en luchas. No tiene sentido. Entre las opciones que se presentan está la posibilidad de elegir. Depende de nuestra comprensión de la fe. Yo creo que esta opción por la clase obrera, a la que pertenezco puesto que soy hijo de obrero, tiene más sentido que todas las opciones que pudiera tener.

Sigo también con la JOC porque como movimiento me permite expresarme a todos los niveles, porque en ella me siento Iglesia, no de forma separada sino como manera de ser Iglesia. Para mí es una forma de concreta una opción por el Evangelio que es en definitiva lo único absoluto.

P. ¿Qué piensas del encuentro de asesores en el que has participado?

Para mí el encuentro de asesores fue una experiencia vitalizadora. Viví algunas dificultades e incluso tensiones en mi encaminamiento con los responsables nacionales hace un tiempo, y me encontré aquí con gente, sacerdotes, religiosos, laicos, que tienen una opción radical por el mundo obrero y que lo acompañan con una conciencia clara de las exigencias que ello representa. Para mi el encuentro fue vitalizador, renovó mi esperanza. Es el Evangelio que se hace realidad con la luz que inunda las tinieblas... La última celebración fue para mí una representación de todo ello, con un sentido especial de fiesta. Esta fiesta es un indicio de que la vida triunfará de la muerte.

LUZ MARINA, Colombia, 1990

"Un camino hacia la autorealización"

P. Luz Marina, nos puedes explicar como llegaste a la JOC?

Conocí la JOC por mediación de un sacerdote que era asesor en Barranquilla. Trabajaba en una fábrica. El barrio donde yo vivía no tenía parroquia, era un barrio muy marginado, y el párroco había anexionado ese barrio al suyo.

Tenía muchos prejuicios con los curas porque no tuve formación religiosa, no había parroquia en el barrio, no se celebraba la navidad ni la semana santa. En mi familia no se seguía ninguna tradición religiosa. A lo sumo, algún cura o religiosa nos ofrecían caramelos en Navidad.

A petición del párroco, formamos un grupo en el barrio. Al principio me mostraba muy reacia por mis prejuicios acerca de los curas.

Tenía 17 años y era la única del grupo que trabajaba. El cura empezó a preguntarme sobre mi trabajo. Tomamos la costumbre de hablar juntos, conocernos mejor. El no dejaba de hacerme preguntas. Como era mi primera experiencia laboral, las preguntas que me hacía sobre mi salario, las condiciones de trabajo, etc. me ayudaron a situarme frente al trabajo.

En la fábrica trabajábamos por turnos. Una semana trabajábamos de 7 de la noche a 7 de la mañana. Era una fábrica de plásticos. El hecho de estar con otros militantes me llevó a hacerme preguntas sobre la realidad que vivía y a preguntar a los demás sobre lo que vivían.

Creo que conocí la JOC en un momento muy importante de su historia, que fue el de la preparación de la Declaración de Principios para el Consejo de Linz. La JOC de mi ciudad hizo todo un proceso de estudio y reflexión en el que yo entré. Para mí, todo esto fue muy importante porque conocí la Declaración de Principios nada más entrar en la JOC y así me identifiqué con sus objetivos. No lo comprendía todo pero de manera intuitiva me sentía cerca de todo esto, sentía que ello me indicaba cómo vivirlo.

Me invitaron al Consejo Nacional donde pude saber de la experiencia de otros jóvenes trabajadores. Creo que esto me marcó para siempre. Luego viví otros momentos que me permitieron comparar la JOC con otras organizaciones, con gente del Partido Comunista, por ejemplo.

Pienso que en la JOC tuve un proceso bastante rápido y estable. Por supuesto, hubieron momentos difíciles, momentos en el que una va descubriendo cada vez más la realidad y se plantea interrogantes, e incluso se pone en cuestión la misma JOC. Me planteé saber si la JOC era eficaz frente a las propuestas de otras organizaciones políticas y militares.

Fue un momento importante porque me vi obligada a hacer opciones y a mirar la eficacia de la JOC no sólo en términos políticos sino más bien en lo educativo, por una educación progresiva mucho más eficaz a largo plazo de que la eficacia político/militar o simplemente política, sin menospreciar por ello la importancia de la eficacia política. Pero se trata de un proceso de educación, un proceso de transformación profunda de las personas, una transformación profunda de lo que queremos cambiar. Porque no se quiere una transformación superficial sino profunda.

Es sobre 1980/81 cuando comencé a definirme y pensé optar más clara y radicalmente por el proyecto de la JOC, no para adueñarme dicho proyecto sino porque era importante vivirlo y ayudar a que otros lo vivieran. Independientemente de que yo esté o no en la JOC, creo que el proyecto de la JOC es válido.

Veo que la sociedad crea condiciones para enajenarnos, prostituirnos, volvernos pasivos. Ahora bien, una organización como la JOC es capaz de alcanzar con mucho tacto a sectores de la juventud a los que no llegan las otras organizaciones, es decir a los jóvenes marginados. Pienso que la JOC debe alcanzar este sector, claro que no es el único a alcanzar, pero debe hacerlo por sus condiciones y los valores que en él se viven.

Desde mi experiencia personal, puedo decir que la JOC fue un instrumento fundamental para mi realización personal, no sólo afectiva sino que permitiera también construir un proyecto de vida. Y hoy puedo decir que mi deseo es llevar a cabo dicho proyecto.

P. Ya no eres jocista porque eres adulta pero sigues trabajando con la JOC.

La primera razón es que creo en el proyecto de la JOC, como medio, dinámica, posibilidad de organización, de acción, de motivación para dar un sentido a la vida de los jóvenes que se inician en el proceso.

El segundo aspecto es que la JOC me formó, creo que recibí más de la JOC que lo que yo le pude dar. Pienso que es una forma de contribuir y retribuir el movimiento por lo que me trajo. No es algo sentimental sino que se trata de un proyecto válido. Por ejemplo, en el caso concreto de la JOC Colombia, movimiento con numerosas debilidades, me parece que los adultos pueden ser una referencia sana para los jóvenes, sin ideas de manipulación.

Cuando hemos comprendido claramente lo que podemos aportar, y si lo hacemos en una actitud de servicio, sin buscar a controlar, pero considerando que la JOC evoluciona, vive su experiencia, participa, se construye, es necesario aportar una referencia, un elemento de equilibrio frente a lo que viven los jóvenes. Es así como si tenemos una actitud sana a nivel psicológico en nuestra relación con los jóvenes, podemos ser un factor de equilibrio y estabilidad de forma que los jóvenes vayan sintiéndose seguros de si mismos frente a lo que son y lo que viven.

Un tercer aspecto, para mi muy importante, es que la JOC, de Colombia, de América e incluso la JOC Internacional, atraviesan por una difícil situación que desde luego no es exclusiva de la JOC. Frente a esta situación, no se trata tanto de criticar los aspectos positivos y negativos de la JOC sino preguntarse cómo a partir de lo que vivo y soy, puede contribuir a que el movimiento avance. Si creo en este proyecto, es precisamente porque el movimiento tiene dificultades y debemos estar presentes.

P. Tú explicaste que antes de encontrar la JOC sufrías un vacío religioso. La participación en la JOC, ¿cambió algo en tu enfoque de la fe?

Ya expliqué que no había tenido formación religiosa y vivía en un entorno religioso muy tradicional, muy popular, sin ninguna práctica del culto. La Iglesia era algo aparte, algo ajeno al mundo en el que me encontraba.

Cuando conocí a ese sacerdote, asesor de la JOC, comencé a tener otra visión de la que tenía, de los curas, gente diferente de los demás... Ello me llevó a reflexionar más profundamente sobre la Iglesia, la misión de la Iglesia en la sociedad.

Comencé a tener una posición muy crítica y muy dura. Fui radical en mi relación con la Iglesia.Y poco a poco fui entrando en un proceso de descubrimiento y equilibrio entre una posición rígida que compromete a la Iglesia con las instituciones y la política del gobierno, etc. y el descubrimiento de otro proyecto de fe que es proyecto liberador, proyecto de Jesucristo y eso lo descubrí en la JOC.

Hoy diría que se trata de un encaminamiento que no fue directo sino que tuvo altibajos. A veces era como si quisiéramos hacernos daño para crear un proyecto aceptando que el otro proyecto tuviera el espacio suficiente para desarrollarse. Encontramos también cierto equilibrio, y es así como me pasó, que nos impide fanatizar la fe. En esta propuesta de Jesús hay vacilaciones, límites, corrientes, ambigüedades, etc. pero lo importante es que me ayuda en mis convicciones y en dar un sentido a mi vida.

Pienso también que estoy en un proceso de escucha y de memoria. Pienso que la fe no es algo meramente individual sino un proceso en el que la experiencia de los demás nos ayuda a crecer. Y el encuentro de los asesores me aportó mucho a este nivel. Sentí que había mucha expresión de fe, una fe arraigada en la realidad. No soy muy mística... pero cuando es posible compartir la fe, la fe en Jesucristo, la fe en El a través de la realidad de los jóvenes trabajadores, que significa también fe en un cambio de sociedad, en condiciones dignas, esto me ayuda a desarrollar mi confianza, me da la alegría de tener una fe más profunda.

Todo esto fue un proceso que estamos viviendo. No es fácil luchar. Por ejemplo, para mí, todo lo que vive la JOC, la reacción del Vaticano, etc. me hace mucho daño, pero poco a poco una va pensando que nuestro proyecto no existe porque haya sido aprobado por ahí, y si Jesucristo es nuestra referencia, lo que está claro es que él no fue apoyado ni aceptado en la sociedad en la que vivió. Le seguimos, compartimos su proyecto y también todos los cuestionamientos y rechazos que vivió en su época.

P. Antes estuviste comentando algo sobre el encuentro en el que acabas de participar. ¿Nos puedes decir lo que te pareció?

Fue un encuentro vital, fundamental para la JOC América. Porque en primer lugar tuvimos la posibilidad de encontrarnos y que en el centro de nuestro encuentro no se trató de la asesoría como tal sino de la realidad del movimiento y la de los jóvenes trabajadores.

Hemos hablado de nuestra tarea... Pienso que fue una oportunidad para "desmistificar" el lugar de los adultos en el Movimiento. No nos situamos ni encima ni debajo ni en el centro, sino que estamos en colaboración con el proceso de desarrollo del Movimiento. Para cumplir con nuestro cometido como adultos, debemos tener la posibilidad de comparar, tener otras referencias. Cuando un adulto se encuentro solo con una responsabilidad sin ser confrontado por otros adultos, corre todos los peligros y tentaciones de las que hablamos.

Un adulto no puede negar que sus intereses, su vida y sus motivaciones sean diferentes de la de los jóvenes, y me parece muy conveniente ser conscientes de ello. Para que los adultos puedan colaborar con el Movimiento, éste quiere que asuman responsabilidades también en su vida de adultos.

El hecho de encontrarnos entre adultos es importante. Nos permite hablar de lo que somos, de lo que intentamos ser y de lo que deberíamos ser.

Este encuentro fue fundamental para el proceso de la JOC en América. Sentí que todos los participantes iban en una dinámica de aportar y no de cuestionar la JOC. Es una dinámica sana. Los asesores no se pasaron el tiempo cuestionando al movimiento sobre lo que es y lo que no es.

En este caso también encontré una expresión de este proyecto de Iglesia al que me referí. Se expresó el proyecto y hubo unanimidad en la búsqueda. Sentí una actitud de apertura de parte de los asesores.

P. ¿Tu compromiso actual en un proyecto de educación para adultos en Medellín te permite continuar de cierto modo lo que emprendiste en la JOC?

Sí. Porque en el proceso de formación de la JOC hay cosas que se reciben para toda la vida. Por ejemplo, un método, y también un aspecto ideológico, un concepto de la vida, proyectos. Nuestra participación en la JOC fue una etapa de la vida, pero el proyecto de la JOC sigue válido para toda la vida. Siento que en mi trabajo, transmito los elementos y valores adquiridos en la JOC.

Pienso que no hay dicotomía entre mi vida y el proyecto de la JOC. A partir de lo que vivo y hago, alcanzo un nivel de realización que me llena de alegría y entusiasmo...

MACHIKO, Japón, 1995

"Quiero tener amigos"

Me llamo Machiko. Soy miembro de la JOC de Osaka y me gustaría contaros cómo conocí la JOC. La conocí a través del "Diario Católico de Osaka" que relataba las acciones de la JOC.

En la JOC del Japón encontramos proporcionalmente un gran número de militantes que no comparten una fe explícita en Jesucristo. Pero, ¿cabe sorprenderse de esto en un país como el Japón, donde la población cristiana alcanza apenas el 1%, y en un movimiento que pretende estar abierto a todos los jóvenes trabajadores? Cuando leí el artículo del periódico, me pregunté: "¿Qué es la JOC? ¿Qué hace?" Entonces fui a ver.

Fue precisamente cuando empecé a trabajar en una agencia de trabajo interino. Son empresas que te colocan en una lista de espera y te envían como personal especializado a las empresas que tienen una necesidad momentánea de personal. Te mandan allí con un contrato de duración limitada, de 3 ó 6 meses, y luego hay posibilidades de renovar el contrato. De no ser así uno vuelve al punto de partida.

En la empresa donde me enviaron, tenía en teoría el mismo trabajo que los demás empleados, pero me decían: "tú no eres como las otras, si quieres conservar el puesto debes trabajar más y con mayor rapidez. Y es lo no que no dudé en hacer al principio. Trabajé con mucho ahínco, convencida de que tenía que comprobar que era una buena empleada.. No temía a las muchas horas extras que tenía que hacer, aun cuando no estaban pagadas. Regresaba a casa por la noche, y me encontraba sin nadie con quien compartir mis preocupaciones. Esto era cada vez más insoportable.

Me estaba estropeando la salud. Las computadoras que utilizábamos eran antiguas y desprendían mucho calor. Por tanto era imprescindible mantener baja la temperatura del despacho. Allí hacía siempre mucho frío. Como no me encontraba bien, fui al hospital. El médico me dijo que de seguir haciendo ese trabajo, podría quedarme estéril. Una compañera de trabajo me dijo que el médico le había dicho lo mismo. Ya no sabía qué hacer, estaba atormentada y lloré sin parar en muchas ocasiones. Dije: "Quiero tener amigos".

Fue en aquel momento en el que leí el artículo del periódico y que fui a ver un grupo de la JOC. Comencé a tener dudas sobre la empresa que me contrataba y sobre mi actitud. Después de trabajar desenfrenadamente, no sabía si me iban a renovar el contrato. Me pedía hacer un trabajo que superaba mis posibilidades y que no respetaba mi contrato. Las relaciones humanas en la empresa eran cada vez más complicadas.

Pude hablar de todo esto en el grupo de la JOC. Comprendí que se trataba de una empresa de trabajo interino. Comprendí mi posición de inferioridad como trabajadora con contrato eventual.

A menudo sentí tristeza porque me daba cuenta de que era débil psicológicamente y que utilizaban como un objeto que se arroja cuando ya no sirve. Cuando pude hablar sobre mi situación con los compañeros de la JOC, reflexionaron sobre mis problemas conmigo como si fueran los suyos. Para mí fue una gran consolación y sentí que "no estaba sola". Era difícil mostrar mi debilidad ante mis amigas pero cuando les hablé con franqueza me sentí aliviada.

Un día una de mis amigas me preguntó: ¿cuáles son las prioridades de tu vida? En ese momento no supe que contestarle. En mi lugar de trabajo, donde paso la mayor parte de mi vida, me llevo muchos disgustos y tengo muchas preocupaciones y yo nunca me había planteado ese tipo de problemas. Mi cerebro estaba como adormecido y eso me producía tristeza.

Con la JOC he podido crecer. Al participar en las actividades de la JOC, al estar apoyada por mis compañeras de la JOC que miran las cosas tal y como son, decidí también enfrentar mis problemas para mejorar mi situación y la de mis colegas de trabajo.

Los miembros del Equipo Internacional

En Quito para las Américas

En Nairobi para Africa

En Bruselas para Europa

En Hong Kong para Asia y el Pacífico

SEGUNDA PARTE

Visión de teólogos

Una celebración eucarística

QUIERO TENER AMIGOS O EL CAMINO DE LIBERACIÓN POR LA ACCIÓN

HONDA TETSURO, JAPÓN*

El sufrimiento de los débiles

Machiko, la muchacha japonesa, tenía un contrato en una "empresa de trabajo interino". Como sabía que su contrato era por un tiempo determinado, ella trabajaba por encima de sus propios límites. El trabajo que uno hace en estas empresas de trabajo interino es de lo más precario.

El sistema es sencillo. Te inscriben en una lista de espera y en cuanto una empresa expresa la necesidad de personal, te mandan allí teóricamente en función de tus capacidades.

Puede parecer un servicio a la sociedad pero en realidad en un país como Japón donde los empleos vitalicios siguen siendo una fuerte realidad, este sistema es un tapaagujeros sin ninguna seguridad.

En la empresa donde trabajas por un tiempo limitado, el salario es más bajo que el de los obreros fijos, y no existe ningún sistema de seguro.

El patrono te puede despedir en todo momento según su parecer. Uno se halla continuamente ante la obsesión de saber si te van a renovar o no el contrato. El obrero se encuentra en una absoluta inseguridad, preguntándose. "¿Qué me deparará el futuro".

Por esta razón trabaja por encima de sus fuerzas y posibilidades. Estas diferencias de trato son motivo de conflictos con los obreros fijos de la empresa. En la narración de su testimonio, Machiko dice que "las relaciones humanas se hacían complicadas".

En esta situación de debilidad, aun consciente de estas injusticias y sufriendo una gran soledad, Machiko decía que lo único en que pensaba era huir de las dificultades. Por regla general, la persona cree

que es responsable de la situación y esto es muy duro de vivir psicológicamente.

Esto es la pobreza, la inferioridad, la discriminación, que se suman a la falta de títulos y la inexperiencia de la juventud. Es el tapaagujeros de la sociedad, lo que se desecha cuando ya no sirve, típico del sistema de trabajo llamado de la tres "K" (Kitanai, Konnan, Kiken): sucio, duro, peligroso. Quienes deben sufrir este sistema son los verdaderos pobres de la sociedad, abocados a la desesperación.

Jesús de Nazaret era tal vez uno de ellos. Se dice que Jesús fue carpintero, sucediendo a José, su padre putativo. Está claro que la imagen del carpintero es desde siempre y en todas las civilizaciones la imagen de un artesano noble, dotado de una buena técnica. También en la Palestina de hace 2000 años, estos artesanos construían las casas, las carreteras, trabajaban para el rey o para el templo. Era en principio un oficio de buena fama y útil para la sociedad.

Sin embargo, pese a las apariencias, nadie elegía este oficio de su propia voluntad. En la sociedad judía de la época quienes se hacían carpinteros eran los llamados "impuros y pecadores", es decir aquellos que vivían en una extrema miseria, habían huido de la esclavitud, los refugiados, o aquellos que no tenían otro trabajo.

Se trataba de bajar bloques de piedra de la montaña, y tallarlos con un martillo y un buril. Desde la mañana hasta por la noche, cubiertos por el polvo de las piedras, estos hombres padecían dolencias pulmonares y morían por enfermedad del sistema respiratorio.

Esto está históricamente comprobado. En el libro de las Crónicas (22,2) "Mandó David que se reuniesen todos los extranjeros que había en la tierra de Israel, y encargó a los canteros que fuesen preparando piedras talladas para la construcción de la casa de Dios". En la época de David, 10 siglos antes de Cristo, los extranjeros residentes, así como las prostitutas y los huérfanos, se situaban en el peldaño más bajo del escalafón social, eran los más oprimidos, los más pobres. Se les llamaba "anawim". Eran requisados para el país, hacían trabajos forzosos como canteros.

Al hacer este oficio de carpintero o cantero (Hozeb, en hebreo), Jesús era considerado por su entorno como amigo de los publicanos y los pecadores (Mat.11,19). Al faltar el trabajo de talla de piedras, no era difícil imaginar que se trabajaba como jornalero en los tiempos de cosechas.

Jesús, al llevar el peso de la pobreza y la discriminación, fue con toda probabilidad uno de esos hombres que tallaron las piedras sin descanso, sin tener a nadie con quien compartir sus problemas. Jesús tiene relación con aquellos hombres y mujeres que viven en situaciones muy precarias y cuyas circunstancias les convierten en seres pequeños.

"Quiero tener amigos"

Cuando Machiko, en el trabajo, se halla en lo más profundo de su soledad y desesperación, lo primero que afirma con toda naturalidad es "Quiero tener amigos".

Ella no quiere ni ser "líder" ni profesora. Lo que quiere es "tener amigos", amigos que estén en la misma situación que ella, que sientan las mismas cosas, amigos con quien compartir sus debilidades en toda tranquilidad, amigos que piensen seriamente en los problemas como si fueran suyos...

Machiko dice haber descubierto a estos amigos en la JOC. En ese momento, fue grande su alegría de haber sentido en carne propia el hecho de no estar más sola.

Al comienzo de su obra de evangelización, Jesús empezó creándose amigos o un grupo de discípulos. En lugar de buscar a nobles o a una élite, Jesús llamó a hombres y mujeres que conocían la pobreza y el dolor debido a la discriminación, gente que la sociedad hizo pequeña y marginada, como Mateo el pecador, publicano despreciado o los hombres del mar, Pedro y Jacobo, todos ellos despreciados en la sociedad. Las prostitutas también formaban parte de su grupo, y pronto lo serían también los enfermos, aquellos que sufrían por tener un espíritu impuro (Lucas, 8,2-3). Fue con esos amigos con quien Jesús inició su obra de liberación según el Evangelio.

Este grito: "Quiero tener amigos" que surge de lo más hondo del sufrimiento y del dolor no es más que el grito y la llamada apremiante de la "comunión en el espíritu" (Ph 2,1) (koinonia). Las relaciones de amistad con quienes comparten el dolor son tal vez también las relaciones de amistad con Jesús tal y como las describe Pablo en su carta a los Corintios. (1 Cor. 1-9).

La comunión en el Espíritu, la "koinonia", parte del compartir del dolor y del sufrimiento. No se trata de meras relaciones amistosas. La verdadera koinonia es esta relación profunda, capaz de comprometerse y mancharse las manos por los demás. El grito "Quiero tener amigos" es de hecho un clamor evangélico y el eco de la labor del Espíritu Santo.

A Machiko le sorprendieron profundamente esos "amigos de la JOC que tenían una actitud positiva y en lugar de huir de los problemas, se ponían de pie".

Luego profundizó las relaciones de confianza con sus colegas de trabajo para hacer frente a las condiciones de trabajo.

** El Padre Honda Tetsuro nació en Japón en 1942. Tras un mandato como provincial de los Franciscanos en el Japón, se fue a vivir y a compartir su vida con los jornaleros de Osaka. En la actualidad, compagina sus estudios bíblicos con un trabajo como peón de albañil pagado por jornales.*

NO SOY NI EBANISTA NI ESCULTOR

ANASTASIO GALLEGO, ECUADOR*

Me puse a leer los relatos que preceden y si bien sus autores no son todos cristianos y provienen de diversas tradiciones, el elemento FE no deja de ser un aglutinante, tanto para los que la tienen como para los que no la tienen.

Estos testimonios vienen, una vez más, a afirmar la realidad de una Iglesia viva, una presencia del Señor actuante y sorprendente, que se basa "no en los problemas sino en la experiencia de quien vive esos problemas", como dice el primer testimonio. Es decir, una Iglesia que va más allá de los tratados teológicos, los catecismos y las exhortaciones, y que vive y palpita en las luchas, aspiraciones, ilusiones y desengaños de los jóvenes que se sienten seres humanos, hijos de Dios llevando en sí, "como frágiles vasijas de barro" un misterio insondable.

Por ello, intentar una reflexión teológica sobre estas experiencias es una tarea similar a la del ebanista que frente a un tronco de madera sueña con un mueble, o del escultor que adivina la estatua en el árbol que va a esculpir.

Ni ebanista ni escultor

El ebanista corre el riesgo de "ver" el mueble cómodo, confortable, con una familia reunida compartiendo el amor, el cariño, los sueños, los proyectos, mientras el más pequeño de los hijos se sube al mueble con sus zapatos sucios y su madre le recuerda lo que les costó comprarlo.

Lo mismo le sucede al artista: sueña con "su" escultura, casi confundiendo si ésta estaba en el tronco o en su imaginación. Si estaba en el tronco, la tratará con cariño, con delicadeza, como quien no quiere herir y sólo curar, no lastimar, sino embellecer.

Pero ambos pueden olvidar que un campesino plantó el árbol, lo cuidó, lo limpió, soñó a su sombra y lo convirtió en parte de la familia, como el compañero que siempre le esperó de pie, pues "los árboles siempre mueren de pie. De pie soportó el calor, el frío, la sequía, el aguacero, el viento, la helada, la noche y el día. Se le subieron hormigas, se le posaron los pájaros e hicieron sus nidos. Hubo ramas que se secaron y cayeron, cambiaron las hojas y el árbol siguió creciendo, ensanchando y, si tuvo suerte, llegó a viejo. Tal vez por eso lo cortaron y dejó un "vacío que no lo puede llenar la llegada de otro amigo".

Si el artista, en vez de soñar "su" escultura, ve en el tronco una vida, quizás lamente que lo hayan cortado y en vez de su escultura vea la imagen del árbol de pie como el mejor de los diseños.

Si se decide a esculpir, cada golpe de gibia, cada pedazo de biruta, será un lamento de parto.

Así me siento frente a estas páginas.

Pienso en la costurera, en el seminarista del Prado, en la angustia de Stephanie en su Suiza relojera, en el carpintero de Gabón, en los dos meses de Ronald sin sueldo, en José Luis hijo de emigrantes. Luz Marina me sonó a cumbia, vallenato (4) y desplazados de la violencia. Edenilson me recordó a los metalúrgicos cuyas luchas son "de vinho tinto de sangue".
Todo esto produce en mí una impresión imborrable: Cristo sigue vivo y actuando. "El cielo y la tierra pasarán, pero mis palabras no pasarán".

Pero son ellos quienes me lo han pedido. Me han ofrecido el tronco y yo les digo que no soy ebanista ni escultor. Que me gustan los árboles de pie, con hormigas, hojas secas, cortezas que se desprenden, nidos en la altura, pájaros que pasan la noche bajo sus hojas y que de día, cuando salen a volar, les espera siempre en el mismo sitio.

Así que, permítanme que me acueste boca arriba bajo su sombra y contemple los detalles, sin tocarles, sin el afán de coger el arbolito y hacer un bonsai.

4 *Músicas y danzas de origen colombiano.*

Pido perdón a los hermanos japoneses. No me gustan los bonsai. Vivo en el trópico, donde los árboles crecen libres, grandes, enredados en mil otras plantas (que los técnicos llaman parásitos) en una gran familia. Viven así hasta que, desgraciadamente, llegaron los seringueiros, los madereros, las empresas con sus tractores y motosierras. Entonces empieza la locura. Hasta los animales enloquecen. En el trópico, donde todo es subdesarrollado, sólo los árboles, las flores y las frutas, son desarrolladas. Por eso no me gustan los bonsai en el trópico. Me parecen árboles que les pasmaron sus ilusiones.

Un ecumenismo basado en la vida

Entre las cosas que veo, hay una que me llamó la atención: el ECUMENISMO.
Un ecumenismo que se plantea desde la vida, desde el encuentro con jóvenes trabajadores que buscan vivir con dignidad, y de pronto, descubren que la JOC es cristiana y que para participar en la organización y dirigencia hay que ser cristiano.

Pero, ¿por qué? He ahí la pregunta... Si son JÓVENES y TRABAJADORES...que sean musulmanes, budistas, sintoistas, agnósticos ¿les envejece o les hace empresarios?.

De nuevo surge, bajo un disfraz, el tema del poder. ¿Qué pasaría si la JOC la dirige un musulmán o un budista o un agnóstico? Se puede perder la recta doctrina, dejaría de ser "cristiana". Esto preocupa más que el hecho de ser trabajador y joven y luchar por la justicia. ¿Y si siguen siendo trabajadores y jóvenes y consiguen una "vida en abundancia"?. Nos hemos olvidado con frecuencia de aquello de "buscad primero el reino de Dios y su justicia, y lo demás se os dará por añadidura".

Es el problema del ECUMENISMO cuando se lo entiende como relaciones públicas, como un cese al fuego o como un moderno maquillaje. Para algunos el ecumenismo es una especie de cirugía plástica que mejora la figura, en unos tiempos en que el diálogo es lo civilizado (hasta que se cansa de dialogar el fuerte) "Cuando alguien viene a mi iglesia, es un convertido; cuando alguien se va a otra iglesia es un renegado". Así entienden algunos el ecumenismo: que vengan y sean como yo.

Esto es tergiversar el ecumenismo, que es el proceso de superar barreras para cumplir el mandato del Señor "que sean uno", pero añade, "como Tu y yo somos uno". Sin dejar de ser Padre e Hijo. Son

"tres personas distintas y un solo Dios verdadero". Qué poco han entendido algunos católicos, y cristianos en general, aquello que estudiaron sobre las procesiones y las relaciones...! Entienden la unidad como "fundición", como amalgama.

El ecumenismo es la intuición que se refleja en los testimonios: un proyecto de vida común, empujado desde las diversas concepciones de Dios, y a partir de Dios que va más allá de nuestras concepciones, que es absolutamente el OTRO y no se funde con nada. Para el cristiano hacer todo Dios, es panteísmo. Por eso para muchos el ecumenismo sería un panteísmo religioso.

Como se ve, entiende la JOC y los jocistas iguales y distintos. Somos JOC: proceso de llevar la "buena nueva" al mundo obrero y juvenil. Creo que esto es lo que aflora en los testimonios de casi todos los jocistas. Siendo la JOC un medio, no se transforma en un fin en si misma, por eso caben todos.

Ciertamente que hay que mantener una identidad, porque sólo quien la tiene, puede ofrecer algo. Caso contrario, copia. Lo específico de la JOC es llevar la buena nueva al mundo de los jóvenes trabajadores. Y la BUENA NUEVA aparece muy clara: luz a los ciegos, libertad a los presos, el año de gracia".

Dom Pedro Casaldáliga acuñó el término MACROECUMENISMO para hablar de ese caminar junto al encuentro del Señor. Ecumenismo macro que nos hace, a los cristianos conscientes de que los ídolos andan por doquier, pues cada uno de nosotros nos fabricamos el nuestro. Son los dioses digitales a control remoto. Dios en un grano de cuarzo, fácilmente manejable, programable y que responde siempre a nuestras preguntas, porque para eso le hemos programado. Pero Dios es más que eso. Es El quien pregunta y para escucharle hay que tener los oídos atentos, los ojos abiertos y la sensibilidad a flor de piel. ¿Un budista o un musulmán en la JOC?

Es la mejor noticia que hemos recibido en lo que va de año, pues no es el publicitado diálogo interreligioso, con TV incluida. Es no preguntar por el credo, sino vivirlo en tiempos de neoliberalismo.

Me preguntaron mi nombre

Desde mi puesto a la sombra del árbol, leyendo otro testimonio, me detuve en una frase: "me preguntaron mi nombre". Y me vino a la memoria el Buen Pastor..."que conoce a sus ovejas y las llama por su nombre".

La relación personal, dentro de un movimiento es la base. Si no se conoce el nombre que identifica, que pone rostro y apellido, que ve la clase o el sector social, pero, sobre todo, ve personas de carne y hueso que el sistema hizo números, pero que siguen siendo personas. Digo, si no se conoce el nombre, uno se convierte en un simple contribuyente identificado con un número que sirve para el Seguro Social, la policía, el banco y hasta el permiso de conducir.

En este mundo en el que vivimos, este mundo de la "excelencia", la "calidad total" y la "reingeniería", la eficacia en busca de la máxima rentabilidad, es interesante mejorar sus relaciones con el mundo del trabajo y hablar del conocimiento personal. Cualquier gerente y/o jefe de personal sabe hoy que debe conocer a sus obreros por sus nombres, conocer sus problemas, hasta el extremo de una anécdota sucedida en el reciente conflicto entre Ecuador y Perú. Un soldado no estaba rindiendo bien en los entrenamientos militares. La causa, según llegó a conocer su jefe inmediato, era la preocupación que tenía pues su casa se había derrumbado luego de una lluvia torrencial. Puesto esta situación en conocimiento de la superioridad militar, ésta dispuso que se le consiguiera de inmediato otra casa "para que pudiera estar tranquilo y rindiera mejor". Claro, el mejor rendimiento era en la guerra.

Un elemento importante en la vida de un movimiento, de una comunidad, es la ausencia de anónimos. Todos se conocen, con un conocimiento que es compartir la vida, las ilusiones, las esperanzas, pero respetando el espacio de individualidad. Esa parte del ser humano en la que no entra, ni debe entrar nadie. En el caso del creyente, sólo él y Dios. Una relación, pues, de compartir y de respeto al misterio del "otro", pues Dios quiere una relación personal y comunitaria.

Personal porque el movimiento no puede anular al individuo y convertirlo en víctima de la eficacia. El movimiento no puede ser una máquina trituradora de personas que están a su servicio y que las convierte en papilla o en "desechables", sino todo lo contrario.

De ahí la alegría que se siente no en que se haya descubierto al movimiento, sino en que en el movimiento, el militante se descubre a sí mismo y en relación. No es un club de corazones solitarios.

La otra relación que quiere Dios, es la relación comunitaria. El movimiento obrero juvenil tiene un reto por delante que es la evangelización en los más puros términos teológicos. Por eso, casi todos los testimonios hablan del "envío". "Alguien me habló", "alguien me dijo", "alguien me invitó".

San Pablo en su cartas nos dice "cómo creerán si no oyen; cómo oirán si nadie les predica; cómo les predicarán si nadie es enviado.."

Tres patas para un banco

Este trípode es el sustento que aparece en casi todos los testimonios: el nombre, el envío, el ecumenismo.

Si uno no se siente enviado, no por ser mejor que los demás, no como contrato o un honor, sino como una "urgencia" que brota de dentro, de comunicar a otros la propia vivencia, se convierte en un ensimismamiento infructuoso. Claro que en el mundo de los medios de comunicación masivos, el mundo de la TV que encadena y esclaviza, la relación es individualmente colectiva y ajena. Por eso, frente al esclavo encadenado al aparato, le han dado la ilusión de la libertad, el mando a distancia o control remoto, para que pueda cambiar de canal, no para que pueda cambiar lo que dicen en el canal.

Nosotros hablamos de otra relación, que es de persona a persona, recuperando la sorpresa de la aceptación y la libertad de la respuesta.

Hasta entonces la fe era una institución (soy católico, es decir pertenezco a la Iglesia católica), unos ritos, una cuasi-obligación. Luego del descubrimiento, se convierte en un desafío: la vida es la fe y la fe es la vida. La vida y la fe se van fundiendo en un encuentro siempre nuevo con el "Dios desconocido"; entra la obsesión por ir conociendo, viviendo a ese Dios que se revela permanentemente siempre más cercano y siempre más lejano. Se descubre "la música callada de la soledad sonora" y se percibe la fe como una "luz oscura", algo así como las lentes infrarrojas que detectan en la oscuridad y ve lo que a simple vista no se ve. Es Dios que se va metiendo dentro, hasta llegar al "fondo del abismo sin fondo" de nuestra propia vida. Se va descubriendo la fe al estilo de Jeremías: amada y rechazada.

Es desde esta experiencia que se puede pensar en un ecumenismo serio. Dios está más allá y más acá de los dogmas y las doctrinas que intentan, con la debilidad humana, explicar lo que El es, sabiendo que es más. La tragedia es que hemos hecho del dogma una barrera infranqueable, un "nec plus ultra", para que nadie pase en su búsqueda. Un PROHIBIDO, campo minado solo para expertos.

Tal vez sea por esto que los santos han estado tan cerca de ser herejes, y los guardianes de la doctrina, nunca llegarán a santos. El

dogma creado para dar seguridad a la comunidad ("confirma a tus hermanos"), se ha convertido, o mejor, la convirtieron en espada de Damocles que pende sobre aquéllos que se aventuran más allá.

EL MACROECUMENISMO: es el Pueblo de Dios que son muchos pueblos. Todas aquellas comunidades y Pueblos que asumimos ese sueño (el sueño de Dios), proyecto de Dios, somos Pueblo de Dios. Ninguna religión, ninguna iglesia, puede arrogarse la exclusividad de ser ese pueblo. Se excluyen, eso sí, del pueblo de Dios todos aquellos y aquellas que se niegan a asumir ese sueño de Dios y de su pueblo, sirviendo a los dioses del capital, del imperialismo, de la corrupción y de la violencia institucionalizada. Por ese culto idolátrico, en nuestra América y en todo el Tercer Mundo, cada vez son más los pobres y cada vez son más los empobrecidos.

Nadie, pues, puede arrogarse la exclusividad, aunque en la práctica lo hagamos todos y encerramos al Pueblo de Dios en unas cercas tan estrechas que sólo caben los de nuestro grupo.

Por eso, la necesidad de sentir el envío, la fuerza que nos impulsa a salir de nosotros mismos, de nuestro grupo, al encuentro siempre nuevo del OTRO, que nunca es como nosotros nos lo imaginamos. Ya lo decía el filósofo griego: "no son las cosas o las personas las que nos hacen daño, sino la idea que nosotros nos hacemos de ellas". EL OTRO siempre sorprende; no se trata de una "pesca selectiva".

El hecho de sentirse enviados, urgidos de comunicar " lo que hemos sentido y experimentado", nos lleva a la confrontación de nuestra vida con la vida del otro.

Los árboles mueren de pie

Podía seguir mirando al árbol y encontrar más cosas, pero otro riesgo es convertirlo en árbol de navidad, que ha venido a ser uno de los árboles menos apreciados. Le colgaron tantas cosas que lo taparon y le dieron más valor a lo que colgaba que al árbol mismo. Incluso, le cortaron, la arrancaron (lo mataron) para que soporte todas nuestras impertinencias.

Quiero el árbol del testimonio de la JOC. En la lucha de las discusiones sobre la pobreza en el siglo XIII, San Francisco de Asís decía a su frailes: Evangelio, sin comentario, sin comentario, sin comentario" Y es que los comentaristas de textos bíblicos creaban tal follaje que ocultaban lo verdadero. Ponían tantos matices, tantas explicaciones legales, que las vitaminas del Evangelio se perdían. Por ello, el santo quería el texto sin comentarios, sino vivido. Ser pobre y no discutir hasta dónde llega la pobreza. No son las cosas la medida. San Juan de la Cruz decía que era igual estar atado con una soga o con un hilo; mientras no se rompa, estás atado. Ciertamente que es más fácil romper el hilo, pero... hay que romperlo.

** Anastasio Gallego, que nació en España, participa desde hace 28 años al movimiento ecuménico en el Ecuador. Es uno de los colaboradores muy activos del Consejo latinoamericano de Iglesias (CLAI).*

LO QUE CUENTA, ES LA VIDA

BENEDITO FERRARO, BRASIL*

"El sábado ha sido hecho para el hombre, y no el hombre para el sábado." (Marcos 2,27)

Los testimonios de los jóvenes revelan un tema fundamental : "ellos hablan de la vida!" nos demuestran que lo más importante al final de cuentas, es la vida!. Esta es seguramente la mejor expresión que se desprende de esos testimonios de personas que llegan de diferentes continentes y países del mundo : Hong Kong, Canadá, Alemania, Ghana, Australia, Sudáfrica, Argentina, Japón, Egipto, Gabón, Suiza, Colombia, Brasil, Perú. Entre ellos existe una identidad clara : la comprensión del mundo a partir del trabajo!

Podemos analizar estos testimonios a partir de cinco ejes centrales :

El vínculo entre Fe y Vida

Encontramos a la base de todo, la comprensión de la vida como valor fundamental. Todo gira alrededor de su defensa, particularmente cuando está amenazada por la explotación, por la exclusión. Normalmente, el compromiso de los militantes tiene como punto de partida la experiencia de personas que sufren. De personas que experimentan el sufrimiento en carne propia o de aquellas que se vuelven solidarias de los sufrimientos del prójimo. Es esta solidaridad la que sustenta estos testimonios. Es la "Compasión" que está presente en la experiencia de Jesús mismo y que es descrita en los Evangelios: "Su corazón se llenó de piedad por la muchedumbre que veía, porque esas gentes estaban cansadas y desanimadas, como un rebaño que no tiene pastor." Esta piedad o compasión viene del verbo splagohnizomai y quiere decir "sentir dolor en las entrañas", ser solidario en el sufrimiento, estar abierto a la acogida. De hecho se trata de una acción divina. En todos estos textos, la acción está ligada a Jesús o a Dios. En Lucas 10,33 ella aparece aplicada al Buen Samaritano: defendiendo al excluido, al oprimido, él cumple una acción divina!

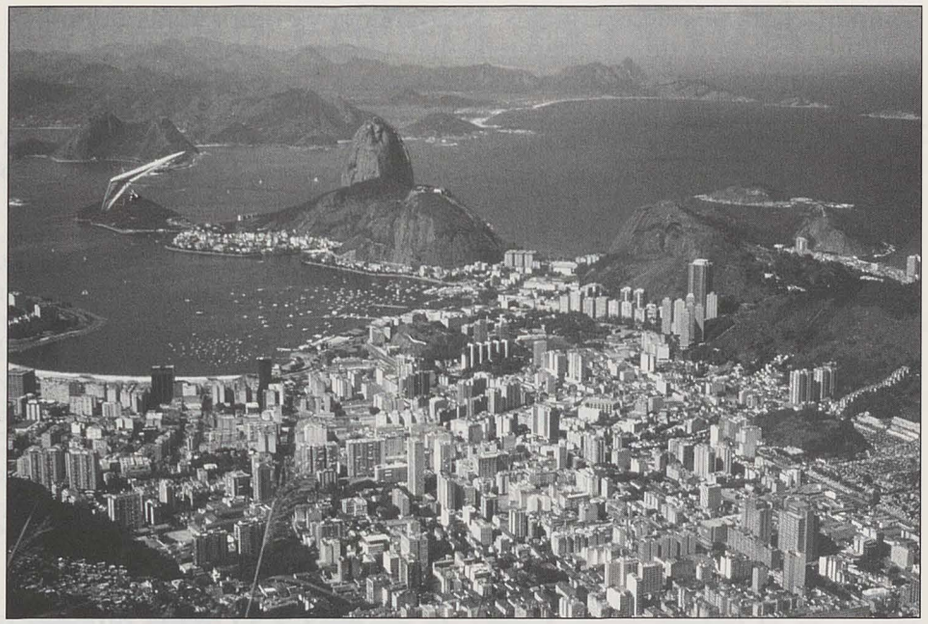
Yo creo que los testimonios de los militantes de la JOC nos ayudan a comprender la importancia de la solidaridad que une por medio de la acción, la Fe y la Vida! Los militantes afirman que ellos viven su fe

compartiendo sus vidas con sus compañeros y compañeras de trabajo. En este hecho de compartir no hay compromiso a medias. Es la Vida la que grita más fuerte. Las instituciones como la Iglesia, los partidos políticos, los sindicatos, pueden ofrecer un apoyo; pero lo que cuenta finalmente es el potencial de las relaciones personales. Lo que cuenta es la apertura hacia todos los trabajadores. Lo que cuenta es el saber escuchar. Y, a partir de la capacidad de escuchar, caminar hacia la acción. Parece que nos encontramos frente a lo que se dice en el Exodo 3,7 : "He visto la humillación de mi pueblo en Egipto, y he escuchado sus gritos, al maltratarlos sus mayordomos. Yo conozco sus sufrimientos. He bajado para liberar a mi pueblo de la opresión..." Es la escucha solidaria que hace que los jóvenes comprendan esta situación de explotación presente en todo el país. Esto hace también que los militantes trabajadores del mundo rico comprendan la explotación de los trabajadores de los países pobres. Esto les ayuda a comprender que las condiciones de trabajo son prácticamente iguales en todo el mundo y los abre a una nueva solidaridad hacia los niños trabajadores, los más explotados!

En realidad, el lazo fe - Vida reviste toda su importancia cuando pensamos en el trabajo como fuente de producción de vida y - como dice Juan-Pablo II en su Encíclica Laborem Exercens - como una clave esencial para comprender la cuestión social. Cuando, en una sociedad, el trabajo está mal organizado, esto termina por desorganizar toda la vida social. La miseria aumenta. La marginación aumenta. La violencia explota. Los valores se desmoronan y las personas se destruyen. Una economía deteriorada termina por deteriorar la vida de los trabajadores. Esa es la comprensión que sobresale de las afirmación del militante de Ghana, Daniel Kwabla, cuando se refería al lazo fe-Vida-Trabajo : "Si algo no funciona en el trabajo y que yo no me doy cuenta, se trata seguramente de una falta de fe!"

El valor del método "Ver - Juzgar - Actuar".

A partir de los testimonios, salta a la vista como el método utilizado por la JOC es importante. Si a la base del compromiso de los militantes encontramos la experiencia de vida y el compartir solidario del sufrimiento, el método cuanto a él mismo ofrece a los militantes las herramientas necesarios para una nueva comprensión de la vida y del mundo. El hecho de poder analizar la situación y de reflexionar sobre la realidad, abre las perspectivas para "el actuar", tratando de transformar el mundo dentro del cual vivimos. Analizar, tomar conciencia, poder actuar, encontrar medios para aportar cambios, poder



soñar en un mundo más equilibrado, hablarse de la vida : estos son unos de los tantos valores inherentes a este método. La revisión de vida, ligada a la vida comunitaria, nos parece una excelente base para mantener el equilibrio del individuo. Incluso en el Primer Mundo, los militantes demuestran el valor de este método que ofrece un espacio a los jóvenes para que puedan sobrepasar el peligro de "cada uno por si mismo, pensamiento no solidario", fuertemente en moda en nuestro mundo dominado por el Neoliberalismo. Es gracias a este método que los jóvenes trabajadores - incluso del Primer Mundo - llegan a hablarse, a discutir de sus problemas y a poder desmitificar la realidad opresora en la cual ellos y ellas viven. Es a partir de lo concreto, de la vida, de los problemas vividos que el método "ver-juzgar-actuar" colabora al descubrimiento de alternativas, a la planificación de acciones, la búsqueda de un sentido de la vida y a la acción misma.

Un desafío macroecuménico

La vida es la base para el encuentro, macro-ecuménico. Cuando la vida está amenazada, todos están presentes para defenderla. Y ahí, se encuentran con el Dios de la Vida! Sin tratar absolutamente de formar una masa gelatinosa, irrespetuosa de todas las tradiciones, los

testimonios de los militantes de la JOC nos conducen hacia el desafío macro-ecuménico. ¿Cómo los budistas, los musulmanes, los cristianos que no comparten la misma fe pueden ellos trabajar en el seno de un organismo católico? Ciertamente la respuesta no puede venir ni de la institución, ni de la doctrina. No, ella viene de la vida misma, por la vía de la práctica de los valores, de la "convivencia". Como uno de los militantes (José Luis, un inmigrante español en Alemania) se recuerda, había varios extranjeros y paganos en el seno del grupo que seguía a Jesús y sus apóstoles, y¡ todos eran acogidos! Una vez más, podemos decir que ¡lo que cuenta es la vida!

Viviendo valores comunes, la institución misma se depasa. Ella debe abrirse para coger y para fortalecer la vida que late en su seno. La institución se vuelve flexible para acoger esta nueva vida, como el vientre de una madre que se dilata a medida que el niño crece, hasta el momento en el que un nuevo ser viene al mundo! Los testimonios de los militantes señalan una nueva manera de vivir juntos en el plan ecuménico: "Pues el que no está contra nosotros, está con nosotros." (Marcos 9,40) En ese sentido el comentario hecho por uno de los militantes de Hong Kong es significativo : "Yo frecuenté una escuela primaria católica. Teníamos cursos de religión, pero no me impresionaron nada. En nuestro grupo, compartimos a partir de la Fe de los que son creyentes y descubrí una relación con lo que el movimiento vive. Esto me permite orientarme, recapitular y pensar en cosas. Ahora, la vida y la Fe no son dos cosas distintas : ellas son indivisibles como lo son Jesús y el movimiento."

O aún, esta afirmación hecha por Mei Yi, una militante de Hong Kong, refiriéndose a una celebración : "Cuando la JOC organiza una celebración, participamos a causa del contenido. Se habla de la vida y ella está vinculada con lo que vivimos!". Ciertamente el desafío está lanzado!

La visión internacional : uno de los valores de la JOC

Frente a la globalización de la economía, acompañado de una libertad total del capital repartido por la economía de mercado - con el mercado total - los testimonios de los militantes revelan la importancia de la JOC a nivel internacional. Por medio de diferentes encuentros y reuniones, la JOC favorece el intercambio cultural entre los trabajadores y colabora dando a conocer las experiencias de alternativas de lucha contra la explotación y la exclusión, fenómenos que son cada vez más internacionalizados. En este sentido, estos testimonios

demuestran que la JOC funciona como un instrumento de gran valor para contrarrestar el sistema neoliberal al que no le importa quebrantar la solidaridad entre los trabajadores. Este sistema trata de hacerlo por medio de un proceso de deregulación de la economía, de un proceso de privatización, por medio de nuevas tecnologías,..., y atacando al movimiento organizado de los trabajadores : los sindicatos y las asociaciones.

El trabajo de la JOC puede funcionar a contracorriente de esta ola neoliberal, sirviendo de lazo de unión entre los trabajadores del mundo entero. Ella puede fortalecer la resistencia a nivel internacional y ofrecer elementos para la construcción de una posible alternativa.

Retomando el sueño : una nueva espiritualidad

Varios testimonios hablan de la importancia de la espiritualidad que viene del trabajo. Los militantes se enfrentan a muchas exigencias, entre otras, la inseguridad frente al futuro, porque la militancia crea obstáculos para insertarse en su medio de trabajo e incluso para regresar hacia un trabajo en la base. A pesar de este hecho, notamos que la JOC implementa una "mística de esperanza" en sus militantes. Asumiendo incluso las dificultades, el militante suena con un mundo fraterno, donde pueda compartir y que sea más equilibrado.

En otras palabras, abre a los jóvenes trabajadores hacia el futuro. Ella les ayuda a reconstruir el sueño, dentro de un mundo en el que se predica " el fin del mundo"! Ayuda a pensar en lo imposible a fin de poder trabajar a partir de nuevas posibilidades. Ella muestra que siempre existe una brecha, aunque esta sea muy pequeña! Ahí está el germen de la esperanza: "El Reino de Dios es semejante a una semilla de mostaza. Cuando se la siembra es la más pequeña de todas las semillas de la tierra. Pero una vez sembrada crece y se hace más grande que todas las plantas del huerto. Entonces echa ramas tan grandes que los pájaros del cielo pueden refugiarse bajo su sombra". (Marcos 4,31-32)

** Benedito Ferraro nació en el Brasil en 1946. Como doctor en teología ocupó una cátedra de teología en São Paulo. Es capellán de las CEB (Comunidades Eclesiales de base) y párroco en Campiñas en el Estado de São Paulo.*

LOS JÓVENES, LA JOC, LA FE

JEAN-CLAUDE BRAU, BÉLGICA*

INTRODUCCIÓN

La lectura de estos veinte testimonios suscita en mí algunas impresiones contradictorias. En primer lugar se desprende una idea de semejanza. Se corresponden sus experiencias, sus interrogantes, sus problemas, su lenguaje, sus trayectorias. Es un indicio de situaciones comparables: las que viven los jóvenes trabajadores de todos los países, en un mundo unificado bajo la férula del neoliberalismo arrogante. Es también un indicio de la convergencia del trabajo realizado por la JOC en todos los lugares del mundo.

Tras una rápida mirada las diferencias adquieren un mayor relieve. Cada uno vive en un país. Hong Kong no es el Perú. Suiza es tan distinta de Ghana. Los países y los continentes tienen su propia historia, y los individuos también. Akiko cuenta una historia que no se parece a ninguna otra historia. Birgit también, y todos los demás.

¿Son todos parecidos? ¿Son todos diferentes? Son las dos cosas a la vez, de forma inextricable.

Voy a intentar recoger lo que contestan los jóvenes a la pregunta: ¿Qué es la JOC? Dicho de forma más precisa: si nos ponemos a la escucha de estos jóvenes, ¿en qué sentido podemos decir que la JOC es cristiana? A partir de su experiencia, ¿se puede contemplar las relaciones entre la JOC y la Iglesia?

LOS JÓVENES, SU IDENTIDAD, LA IGLESIA CATÓLICA

La carencia de algo es un punto de partida de muchos testimonios: falta de reconocimiento por los demás: la familia, el entorno, la sociedad; falta de confianza en sí mismo, puesto que nadie confía en ellos; falta de existencia como persona humana, como individuo. Resulta imposible afirmar: "soy alguien".

No es de extrañar que aumente el individualismo. Antes que considerarlo una traba a la solidaridad o una de las plagas de la sociedad moderna, es la expresión de múltiples maneras del valor esencial que Cardijn proclamaba: "Un joven trabajador vale más que todo el oro del mundo".

Al ensanchar nuestra mirada podemos reconocer en su experiencia la de muchos trabajadores del mundo entero, tanto jóvenes como menos jóvenes. Estos no son más que una estadística en los debates económicos o políticos de los centros de decisión en el mundo. No tienen voz ni voto. Representan a menudo una carga anónima. Cuestan demasiado dinero. Frenan la necesaria evolución. A través de la JOC, descubren que tienen verdaderamente una existencia.

Iglesia lejana

Muchos de estos jóvenes sólo ven la Iglesia como una institución ajena a su vida. Algunos no la conocieron o la conocieron poco. Son como una voz de alarma: en su mayoría, los habitantes del planeta, tanto ayer como hoy y mañana, no son católicos ni cristianos. Esta invitación a ser más modestos nos viene de los países de Asia. Los cristianos no son el centro del mundo, son uno de sus componentes, al lado de otros.

Los testimonios de quienes viven en los países de tradición cristiana suelen tener un carácter triste. Como jóvenes trabajadores, no fueron reconocidos por las comunidades cristianas. Tuvieron en la Iglesia la misma experiencia que en la sociedad, por ejemplo en el trabajo. No cuentan. No tienen rostro. Su testimonio es el de la verdadera evangelización, tal y como la viven quienes la reciben. "La Iglesia les enseñó la Biblia de memoria, pero no les explicó lo que debían hacer con ella.... Creo que soy más cristiano que muchos practicantes... Dicen cosas que hacen incomprensible la Biblia... Nada más terminada la misa me iba porque pensaba que muchas personas tenían un nivel de educación muy elevado... La Iglesia era como algo aparte, algo ajeno al mundo en el que me encontraba." Estas experiencias dejan huellas.

Los testimonios recibidos, expresión de jóvenes de países de mayoría o minoría cristiana, son el reflejo de la mayoría de los seres humanos del planeta. No conocen la Iglesia o sólo tienen de ella una imagen negativa. ¿Qué podrían esperar de ella?

En busca de una identidad

Gracias a su recorrido, estos jóvenes encuentran las palabras que expresan su búsqueda de identidad. Miden las injusticias que les aquejan: productivismo, obediencia condicionada, fatalismo, culpabilización. Tienen la posibilidad de expresar lo que se toman a pecho en su vida: libertad, amistad, autonomía... son palabras que todos mencionan.

Sin embargo, no es posible ninguna identidad individual sin una referencia colectiva. Descubren y afirman su pertenencia a la "clase obrera". En muchos ambientes, estas palabras ya no se estilan. Siempre causaron temor en las esferas de la Iglesia. Cuando no tienen la credibilidad necesaria, en las periferias urbanas, en los partidos o los movimientos, dan paso al nacionalismo o al integrismo religioso.

Las entrevistas tienen una convergencia: es a través de su identidad principal, personal y de clase donde los jóvenes trabajadores encuentran un camino de vida humana.

Oyeron hablar de la fe cristiana

Los entrevistados son miembros de la JOC desde hace ya mucho tiempo. Tuvieron la oportunidad de experimentar el proceso del movimiento, de encontrar a otros jóvenes y sacerdotes que les hablan de Jesús de una forma diferente, del Dios al que llamó "Padre", de la comunidad de los creyentes. Estas afirmaciones sólo tienen sentido porque designan con palabras su experiencia cotidiana. Sin esta coherencia, lo que se proclama no sería más que pura retórica.

Quienes tienen la ocasión de tener esta experiencia son una pequeña minoría. No son o no se sienten plenamente partícipes de la Iglesia. No obstante, tienen la oportunidad de conocer una forma de vivir y proponer la fe cristiana que corresponde a su vida, a sus interrogantes. Es algo que tiene credibilidad.

El encuentro personal, camino de humanización

El centro del proceso personal de muchos jóvenes en la JOC es el descubrimiento de si mismos, al lado de la mayoría de experiencias vividas en la sociedad, en el trabajo o en otros ambientes, en la familia y también en la Iglesia. En su camino encuentran a otros jóvenes que viven situaciones semejantes, que están preocupados por los mismos temas. Se convierten en alguien para los demás, se hacen más humanos. Entre ellos algunos son cristianos y otros no lo son.

Se les preguntó sobre su evolución en la fe cristiana. No la descubren en los grandes e impresionantes actos multitudinarios.

Encuentran la fe cristiana en una experiencia fuerte, inmediata, en contactos personales. Un rostro les habla. Con frecuencia el descubrimiento de la Biblia es determinante. Un hecho que no es sorprendente en los países con fuertes mayorías no cristianas.

Observamos sin más remedio que en los países cristianos la evangelización que allí se practica parece ser un fracaso total.

Tomemos en serio estos testimonios. Estos son portadores implícitamente de una despiadada crítica de la sociedad en la que vivimos, de Norte a Sur, de Este a Oeste: una sociedad inhumana, anónima, que genera la exclusión de la mayoría de sus miembros y les despoja del reconocimiento mínimo que las personas necesitan para vivir. Raras veces la Iglesia se libra de esto.

Complicidad entre el método de la JOC y la fe cristiana

En todo el mundo, los grupos de la JOC siguen partiendo de las realidades vividas por los jóvenes. La narración de la vida en toda su diversidad es un punto de partida inagotable. No es un pretexto para transmitir algo distinto, unas convicciones, un análisis, una ideología, sino la vida por la vida, la de las personas, grupos, clase obrera.

No es una casualidad que este tipo de pedagogía haya nacido y se haya desarrollado en un entorno cristiano, a iniciativas de un sacerdote, José Cardijn. Es sorpresa permanente. Se respeta la vida en su diversidad. Los demás no pueden quedar limitados a proyectos o programas.

Los testimonios cuentan historias positivas: descubrimiento de si mismo, de sus capacidades de acción, de la estima a los demás. El lector puede adivinar implícitamente los sufrimientos vividos por personas ignoradas, las trayectorias personales quebradas, una franja de edad víctima de las crisis del sistema económico y político, trabajadores sujetos a producciones reventantes e inhumanas.

Sin embargo, estos jóvenes no sólo son víctimas. No sufren simple y meramente su realidad. Sus gritos son también gritos de rechazo, de revuelta contra una situación injusta. No se quedan mudos.

Ni pasivos. Lo que dicen abre posibilidades. Abre una brecha en la morosidad capitalista. Apuestan por el futuro. Son jóvenes. El pueblo hebreo protestó contra la esclavitud impuesta por Egipto. Job se rebeló contra la desdicha que le aquejaba y contra los maestros de teología de la época que le culpabilizaban. Los jóvenes trabajadores siguen clamando un rechazo que es portador de esperanza.

Del clamor a la acción

El rechazo del fatalismo y la lucidez adquirida hacen posible un impresionante compromiso por la justicia a todos los niveles. A nivel local en las relaciones de proximidad, a nivel regional y nacional, a nivel internacional en las grandes corrientes de solidaridad en las que se integran. Esta acción es una escuela de vida formidable.

Un compromiso como éste es alimentado por las responsabilidades que cada joven quiere asumir dentro de la JOC. En ella el joven encuentra un sentido a su dignidad y saca la motivación, fuerza y experiencia necesarias para obrar por un cambio de sociedad.

Todos no tienen la misma historia dentro del movimiento y sin embargo todos están reconocidos con todo su valor. Todos no tienen las mismas convicciones. Varios testimonios hablan de tolerancia.

No se trata de un alto el fuego en el que cada uno aguanta al otro para ser tolerado a su vez. Es una vida común, dinámica, con la riqueza de las diferencias, basada en el respeto mutuo y los debates sin concesiones. Permite actuar juntos, en la aceptación de la diversidad. Es así como la JOC es una gran escuela de espiritualidad. Es portadora de una potente inspiración de lucha y de transformación personal y social.

No es de extrañar que varios de los entrevistados se alegren de haber descubierto por fin una relación entre la vida y la fe en el movimiento. La vida sin apertura a la espiritualidad carece de inspiración. La espiritualidad que no esté ligada a la vida es inconsistente.

UN CAMINO ABIERTO

Una realidad mosaica

No se puede comprender la JOC sin tener en cuenta el lugar que ocupa. Se sitúa en los confines de la sociedad: reúne a jóvenes que tienen acceso a un trabajo y también a otros muchos que no tienen empleo o el que tienen es precario. La JOC se halla también en los confines de la Iglesia: sus miembros son cristianos o no, se adhieren o no a una religión, creen en la vida o se sienten hastiados de todo. Además muchos rehusan ser catalogados en una categoría simple. Sienten afinidades con "creencias", con varias corrientes de pensamiento.

Entonces, estos jóvenes, ¿no son de Iglesia? Algunos sí, otros no. Sus trayectorias son variadas y fluctuantes. Aun cuando a veces se observa una aspiración a la seguridad institucional, muchos se integran en un ambiente antiinstitucional que influye en muchos jóvenes - y adultos - hoy en día. La Iglesia no se libra de ello. Raras veces, los jóvenes se adhieren explícitamente a otra pertenencia, por ejemplo a una corriente humanista o al Islam. Otros no sienten ninguna pertenencia significativa a la Iglesia, pero no quieren que nadie se adueñe de ello, para reforzar este nexo o declararlos fuera de la Iglesia.

Jóvenes de todos los países, culturas, razas, tradiciones, de muchas religiones o convicciones diferentes, todos forman juntos un lugar extraordinario donde hay abiertos espacios de encuentro. Hay lugar para que sople un viento nuevo. Los confines, las fronteras, son lugares de innovación.

La originalidad de la JOC, una oportunidad para la Iglesia

Debemos evitar las falsas reinterpretaciones del pasado. El nacimiento de la JOC no fue acogido con entusiasmo en todas las esferas de la Iglesia. Se pudo imponer gracias a la calidad del trabajo de tantos jóvenes y a la personalidad de su fundador. Después de un tiempo, pudieron obtener el reconocimiento de la jerarquía de la Iglesia.

Debido al trabajo que hace, al lugar donde se encuentra, a los jóvenes que organiza, la JOC tiene preocupaciones, utiliza un lenguaje que no es una mera reproducción de las posturas oficiales de la Iglesia. Es más: una JOC que utilizaría siempre el mismo lenguaje y las mismas posturas que la Iglesia no serviría de nada. Su práctica la lleva a tomar posiciones y expresar una palabra que poseen su originalidad - y por tanto sus diferencias - respecto de las posiciones oficiales. ¿No se trata acaso del papel de los jóvenes en todas las instituciones?

Una identidad abierta por construir

Uno siempre podría pensar que aquellos que hacen preguntas molestas están pasados de moda. El pasado grandioso de la JOC no le impide estar al día. La JOC es una forma indispensable de recordar los problemas estructurales más graves de nuestra época.

Al permitir que los jóvenes se organicen, es una interpelación para los cristianos. No se trata de abordar la cuestión de la exclusión sin los excluidos, de una forma humanitaria, como si fuera una ayuda otorgada por los pudientes, por los responsables del mundo o de los países ricos. La "caridad cristiana" debe resistir esta tentación. Los jóvenes son socios que asumen por sí mismos su situación y buscan en el conjunto de la sociedad, inclusive en la Iglesia, a quienes desean llevar la misma lucha.

Está de moda el repliegue sobre sí mismo, sobre su comunidad, sus especificidades. El refugiarse en una identidad nacional es una tentación muy actual. Una organización internacional permite reconocer, al margen de las diferencias, las afinidades existentes entre jóvenes de todos los países. Ofrece la posibilidad de identificarse con una causa, un proyecto. Evita asimismo el repliegue sobre una identidad religiosa recortada, por su preocupación por todos los jóvenes trabajadores del mundo y organizándolos entre ellos.

Libertad y autonomía

La JOC permite a sus miembros una verdadera experiencia democrática. No se trata de idealizar su funcionamiento pero ofrece un espacio donde sus miembros hacen una búsqueda, experimentan las distintas maneras de debatir democráticamente y compartir el poder. Una experiencia de este tipo es valiosa para la formación de ciudadanos responsables y cristianos adultos.

Este espacio de libertad permite también plantear libremente y sin tabúes la cuestión del sentido de la vida. Es así como es posible debatir convicciones, la fe de cada uno, en el respeto y la riqueza de las diferencias. ¿Acaso estos debates no son una forma de evangelización para quienes están apasionados por la fe en Jesucristo? Esta claro que un enfoque como éste, que respeta a cada persona y sus convicciones, exige una verdadera autonomía de las personas y del movimiento.

¿Es cristiana la JOC?

Con relación al pasado, la respuesta no da cabida para la duda. Sus orígenes, su fundador, el entorno donde nació, todo enmarca a la JOC dentro de una tradición cristiana. Además, nunca dejó de proclamar esta relación y reivindicarla frente a quienes la ponían en duda. La JOC no ha roto con dicho pasado en ningún momento de su historia. Muestra dicha referencia con orgullo y la reivindica.

Hoy en día, la JOC es consciente de que sigue el mismo camino, con la misma fidelidad. La elección de una ética solidaria se sitúa en el centro de la acción de la JOC. El movimiento lucha contra las actitudes incompatibles con el mensaje evangélico: la lógica del lucro, la negación de lo humano y de la dignidad de cada uno. Afortunadamente, los cristianos no somos propietarios de estas opciones. Tienen numerosos aliados para apoyarles, en la JOC y fuera de ella.

La JOC es consciente también de que no posee la verdad. La verdad queda siempre por descubrir y construir. No se limita a lo descubierto por una corriente o una persona determinada. Nuestra humildad ante la verdad nos ayuda a resistir todos los totalitarismos que quieren imponer su verdad, cada uno a su manera. La fe cristiana nos llama a una gran humildad.

En esta búsqueda de la verdad se plantea la cuestión del sentido de la vida. Nadie se libra de ello. Cuando tuvo que dar cuenta de sus actos, Jesús evocaba a Dios su Padre. Los cristianos se plantean la cuestión de Dios como lo hizo Jesús: un Dios que se descubre más claramente con quienes están al margen de la sociedad. Un Dios que respeta la autonomía humana. Esta búsqueda de Dios no tiene credibilidad, no puede ser "evangelizadora" si no se hace en el mayor respeto posible de las demás convicciones.

Por tanto podemos afirmar sin ambigüedad que la JOC es plenamente un movimiento cristiano.

Apertura a los no cristianos

Al situarse allí donde se desarrolla, en los confines de la sociedad, la JOC debe acoger a los jóvenes trabajadores, cualesquiera que sean. Si alcanza a no cristianos, no es por laxismo o por oportunismo, sino porque su razón de ser es ponerse al servicio de todos los jóvenes trabajadores, para formarles y organizarles. José Cardijn lo reiteró en una infinidad de ocasiones.

El respeto de cada joven impone un respeto de sus convicciones, de sus referencias. La JOC permite a cada cual tener confianza en sí mismo, abrir los ojos ante la realidad y analizarla, organizarse con otros para un cambio. Es una opción de vida muy clara. Una opción alternativa en la sociedad capitalista. Cada cual se ve estimulado a reflexionar sobre sus referencias y profundizarlas. Dicho respeto se origina y alimenta en la fe cristiana, que es propuesta con fuerza y suavidad. Los testimonios son prueba de que esta propuesta tiene credibilidad.

La JOC propone una formación seria y da a sus miembros la ocasión de asumir responsabilidades. Sería inaceptable reconocer como miembros de la JOC a jóvenes que luego serían apartado de determinadas responsabilidades, por ejemplo porque no se adhieren a la fe cristiana.

La relación entre la JOC y la Iglesia: un permanente reinvento

Este diálogo sólo es posible en el respeto mutuo. Exige que cada uno reconozca la verdad de la que es portadora el otro socio. Nadie posee toda la verdad. El intercambio permite progresar. No transcurre sin diferencias o sin tensiones. Es el precio de la vida.

El diálogo con la JOC permite a la Iglesia ser ella misma: católica, la que está abierta a todos los seres humanos. Si decidiera excluir a parte de la humanidad, tal vez renunciaría a ser lo que debe ser. Pero si renunciara a un grupo que está en primera línea en el mundo para recibir las bofetadas y para luchar por la justicia, tal vez daría la espalda a un interrogante que subyace en toda la Biblia: ¿Qué hiciste con tu hermano herido?

La JOC no es toda la Iglesia: ni tiene la ambición ni los medios de serlo. Se da cuenta de lo que puede hacer un movimiento de jóvenes, con sus límites y sus grandezas. No es más que eso y es todo eso. En este sentido, la JOC es portadora de futuro.

En nombre de la solidaridad que aplica, la JOC insiste en tener un diálogo que desafíe a los otros cristianos: ¿Qué hacen con el Evangelio? La pregunta produce perplejidad cuando vemos que algunos cristianos no respetan los derechos más elementales de la persona, apoyan a dictaduras, imponen condiciones de vida inhumanas a los trabajadores, agravan las injusticias hasta hacer imposibles las condiciones de vida de los jóvenes trabajadoras y de otras muchas personas. En sí su silencio ya nos parece una grave complicidad. Frente a estos contratestimonios, la JOC es, para muchos jóvenes, la única forma de Iglesia accesible.

La evangelización es una preocupación central en la Iglesia actual. Es muy normal. Pero no siempre fue fácil entenderse en este aspecto. Es sorprendente leer en varios testimonios que la fe cristiana sólo adquiere un sentido verdadero para estos jóvenes cuando han conocido la JOC. El movimiento estimula la escucha recíproca. Abre un espacio de diálogo. Desarrolla continuamente una profunda reflexión sobre las realidades de la vida. Impulsa un deseo de justicia y verdad. Impulsa a concretar en la acción las convicciones de cada persona.

No es tanto en su discurso como en las formas de ser y en la acción que se expresa y comunica lo que da sentido a la existencia. ¿Acaso esto no es presencia evangelizadora?

El que los cristianos reconocen como Hijo de Dios acabó siendo cómplice de los excluidos. Afirmaba que ellos eran los elegidos del Reino de Dios, su Padre. Por esa razón precisamente, los amos del mundo le asesinaron.

Quienes le conocieron y amaron nos dicen que ha resucitado. Su palabra sigue siendo un aliento de esperanza que compartimos, primeramente con los más débiles. Este aliento y esta esperanza pueden con todo.

** Jean-Claude Brau nació en 1944. Fue Asesor Nacional de la JOC Valona, Bélgica. Es actualmente asesor de la JOC Europea y al mismo tiempo coordinador del CEFOC (Centro de Formación Cardijn) en Namur, Bélgica.*

UNA NECESARIA FRATERNIDAD

EMMANUEL NTAKARUTIMANA, ROMA*

Más allá del lenguaje habitual de la fe, ya codificado en fórmulas, a riesgo incluso de crearse un lenguaje estereotipado con un vocabulario técnico para iniciados, nos encontramos ante una espontaneidad de la expresión que narra la vida tal y como es. Algunos testimonios parten de experiencias vividas en un entorno laboral que la Iglesia, tal y como está organizada oficialmente, no entiende en absoluto. Otros testimonios parten más bien de frustraciones personales que indican un deseo de evolucionar hacia un desarrollo de la personalidad. En muchos casos, el punto de partida no es ante todo una expresión de tipo espiritual. De entrada, parecen estar presentes una identidad de clase, una toma de conciencia efectiva de las injusticias en las empresas o las entidades sociopolíticas, una necesidad de ser tratados como personas y no como instrumentos de una institución, una necesidad de quebrar la soledad para construir espacios de encuentro donde puedan vivir como amigos - compañeros - en comunidades solidarias, un deseo de circunscribir mejor los problemas y organizarse mejor para enfrentarlos, una necesidad de descubrir el potencial que tenemos, la capacidad creadora, para recobrar confianza en sí mismos, un deseo de formación permanente a la vida.

Determinados testimonios cuestionan fuertemente el funcionamiento de la Iglesia oficial por su falta de sensibilidad ante las ya mencionadas preocupaciones. Según estos testimonios, la Iglesia debería desarrollar entre sus miembros el sentido crítico, el sentido de las iniciativas históricas, una solidaridad concreta, una fe concreta. El discurso de la Iglesia debería permitir que la Biblia fuera algo más comprensible. Se divisa un deseo de pasar de un cristianismo cultural hacia una fe efectiva.

Aunque algunos desean ver en la J.O.C. una "Iglesia nueva", "una nueva manera de servir a Dios", la impresión general es que la JOC

no es en primer lugar una referencia religiosa sino una experiencia de amistad y un deseo de compartir las cosas de la vida. En un contexto como éste, el "sentido ecuménico" que se percibe no es el fruto de una armonización de opciones espirituales o teológicas sino la puesta en común de un destino humano común. Se tiene la impresión de que se expresa un sentido ecuménico basado en las necesidades humanas más básicas. Es así como cristianos y no cristianos se dan la mano para un compartir de vida y no para un movimiento de Iglesia. En un contexto como éste, es normal que la atribución de responsabilidades dentro de la JOC no se base en un criterio de rigor ortodoxo y una rectitud moral como los ha magnificado el magisterio católico sino en un sentido del liderazgo que da respuesta a los anhelos de sus afiliados.

De paso se evocan aprendizajes bíblicos y la importancia discreta del asesor. En algunos testimonios hasta se afirma el nexo descubierto con la actitud de Cristo, un Jesús vivo, una experiencia interior de Dios, una espiritualidad muy marcada por los pobres.

De todos los testimonios se desprende una impresión de acierto pedagógico. A través de las experiencias concretas de la vida, se divisa una formación por grupos de edad, con la creación de un liderazgo y una creatividad organizadora. Parece importante el papel del "que tiene más experiencia e inicia a los más jóvenes, no sólo en materia de conocimientos y técnicas sino también para la vida y la sabiduría de la vida.

Cuestionar la experiencia actual de la sociedad

Hoy, en casi todos los países del mundo, todo sucede como si una opción radical contra las necesidades y valores éticos fuera la principal opción de la sociedad. Estamos confrontados con una estructura de pecado a gran escala que produce una sociedad en la que las demás estructuras se convierten en estructura de pecado que genera la muerte con su propio funcionamiento. Observamos un enorme conflicto de intereses que lleva a edificar un orden político, económico, social y cultural sin base moral ni fermento espiritual, llevando así a un juego de equilibrio de fuerzas de muchísima crueldad. Todo ello sucede ante la fría mirada de las distintas potencias que velan con mucha atención por sus intereses, en particular en el contexto mundial actual en el que el liberalismo se ha convertido en el partido único.

Frente a la tentación de ocultar su propia responsabilidad invocando realidades que superan nuestra comprensión y capacidad de resol-

verlas, iniciativas como las de la JOC intentan recordar la necesidad de cambiar las estructuras de muerte por estructuras de amor en un espíritu de solidaridad, compartir y justicia. Se trata de inventar lo social más allá de la violencia. Se trata de volver a una sociedad que reconoce el valor de la persona humana, de todas las personas. ¿Cómo salir de la ruina de las ambiciones del hombre sin Dios demostradas por el lamentable espectáculo de la torre de Babel?

Cuestionar la experiencia actual de la Iglesia

Como en todos los demás períodos de cambios históricos, las Iglesias se ven desafiadas hoy en día en sus discursos religiosos tradicionales por temas como la evangelización, la inculturación, el desarrollo, la liberación. Las Iglesias se encuentran ante nuevas responsabilidades que no habían sido preparadas desde el discurso religioso tradicional y el modo de organización eclesial tradicional. Los nuevos tiempos requieren nuevas estructuras. Va a ser difícil que la Iglesia católica dé respuesta a la situación si se empeña en perpetuar sus tradiciones. Serán nuevas fraternidades apostólicas las que van a ayudar a encontrar al Mesías, lo cual da paso a todas las posibilidades de transformación hacia el Mundo Nuevo. Ahora bien, cada período de mutación histórica da lugar al nacimiento de nuevos estratos socioprofesionales que se salen del control de las estructuras eclesiales existentes.

Se trataría de que la Iglesia vea cómo acompañar las distintas mutaciones, que éstas afecten las protestas de tipo sociopolítico o las difíciles relaciones con el Islam, el diálogo necesario con las otras religiones del mundo, la creciente agresión de las sectas, etc. La Iglesia no podría conformarse con una religión fijada en la ortodoxia de la doctrina y la rectitud moral, aunque ello se haga sin fraternidad controlable. La propuesta de una reflexión sobre el sentido de la vida humana debe tener en cuenta las condicionalidades concretas de la existencia humana.

Algunos interrogantes a la JOC

El Evangelio nos lleva ineludiblemente a una paradoja cristiana. Los cristianos son llamados a transformar el mundo para construir el Reino de Dios. Una fraternidad construida de esa manera se diferencia claramente de los hechos inmediatos que determinan las relaciones sociales y el trabajo, sobre todo en estos tiempos de crisis. La presencia de la fraternidad cristiana debe provocar una gran ruptura entre la gloria donde se desarrollan los encantos populares y el

mesianismo de la cruz a través de los cuales Dios presenta el Reino mediante la figura de un justo humillado y sacrificado a los intereses del poder político y religioso de turno. Es en este aspecto donde tendrá un profundo papel la diferencia entre un movimiento fundamentalmente cristiano y un sindicato meramente profesional. ¿Puede afirmar la JOC que no tiene de entrada esta referencia religiosa y seguir siendo un movimiento cristiano? Al igual que en el movimiento scout, una apertura a cualquier sensibilidad religiosa tal vez llevaría a suprimir la "C" de JOC para seguir siendo una juventud obrera con una vocación muy humanitaria.

¿Qué relaciones contemplar con la Iglesia? A partir del Evangelio, se pueden acometer desafíos, incluso frente a la Iglesia, como Jesús lo hizo con el judaísmo. Ello además no excluye la presencia de conflictos dentro de la Iglesia, siempre que la marca profética de la Iglesia no funcione de la misma manera que la marca sacerdotal o real, aunque cada una de ellas es indispensable para la Iglesia. ¿Cómo actuar de modo que la JOC sea el sacramento del "Ser Iglesia en el mundo del trabajo" sin institucionalizar un carisma profético para aniquilarlo?

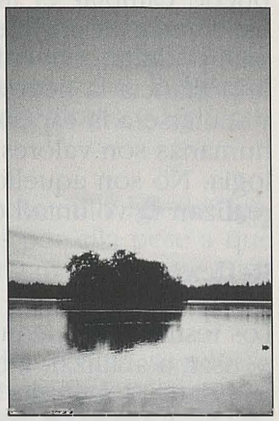
Con independencia de las condiciones y la organización del trabajo, trataríase tal vez de hallar el propio sentido del trabajo humano como fundamento de una existencia humana con vocación creadora.

Al plantear a la sociedad y la Iglesia interrogaciones sobre el sentido del trabajo humano, la JOC parece desempeñar un papel fundamentalmente profético en la locura productora y consumidora del mundo actual, con todas las perversiones e injusticias que acompañan las opciones de las civilizaciones mundiales actuales. Dada la evolución hacia una civilización universal de la informática que apuesta por una capitalización creciente del saber, del saber sobre el saber, por un funcionamiento en redes, por las hipervelocidades, etc. la persona humana se convierte con facilidad en un eslabón hiperespecializado de una red, sabiendo que los parados estarán condenados a dudar de su propia humanidad. Las sociedades que no logran entrar en estos circuitos están condenadas al olvido del resto de la humanidad, en medio de una miseria y conflictos inextricables. ¿Cuál es el sentido del trabajo en la sociedad actual?

** Fray Emmanuel, natural de Burundi, es profesor de teología. Es también, desde 1992, asesor del Maestro de los Dominicos para el continente africano.*

CAMBIAR EL MUNDO

ALBERT NOLAN, SUDÁFRICA*



Al analizar estos testimonios, lo primero que me sorprende es cómo estos jóvenes descubren los valores, valores humanos, morales, evangélicos, a través de su experiencia en la JOC. Aprendieron a rechazar los valores de la sociedad y se trata de un logro notable.

Sin embargo, es aún más notable el hecho de que se hayan naturalmente adueñado de estos valores. No son valores impuestos sobre ellos desde el exterior y que tengan que aceptar a regañadientes. Son en adelante *sus* valores.

Desde un punto de vista teológico observamos claramente la obra de gracia de Dios en estas actitudes.

¿De qué valores hablan?

Desinterés

Los jóvenes han aprendido a interesarse en los demás, a respetar y tolerar al prójimo e incluso a sacrificar su persona y su tiempo por los demás. En términos teológicos, esto es virtud de amor.

Comunidad

La JOC ha permitido a estos jóvenes superar el individualismo y el aislamiento. Encontraron a amigos en quienes confiar, un sentido de la solidaridad, apoyo, pertenencia, coraje y fuerzas (para utilizar sus propias palabras). Dicho de otra forma, descubrieron algo de la *Koinonia* (Comunión) en la que creemos como cristianos aunque a menudo no la practiquemos.

Autoconfianza

Todos hablan de ese descubrimiento de su propio valor, dignidad, capacidad de actuación, potencial. "Puedo hacer algo". Se trata de un logro notable que atestigua nuestra creencia de que todos los seres humanos estamos hechos a imagen y semejanza de Dios.

Esperanza

Uno de los mayores descubrimientos para estos jóvenes es que se puede cambiar el mundo y se pueden cambiar a sí mismos. Hay esperanza, es posible un mundo nuevo, llegará el Reino y las personas podrán convertirse. En este descubrimiento adquiere mucha importancia la necesidad de actuar. No se trata únicamente de rezar y sentarse a la espera de que Dios actúe. La acción y la planificación humanas son valores muy importantes en la JOC y es una buena teología. No son aquellos que dicen "Señor, Señor..." sino aquellos que realizan la voluntad de Dios (Mat. 7:21).

Reflexión

Los testimonios demuestran que los jóvenes trabajadores aprenden a pensar, a analizar, a evaluar y en general a ser más conscientes de su realidad. El método Ver-Juzgar-Actuar les ha ayudado a no caer en una mera militancia y a ser más reflexivos y críticos. "Juzgad para vosotros", dijo Jesús (Lc 12:57). "Interpretad los signos de los tiempos" (Lc 12:54-56)

LA FE

¿Y la fe en todo esto? En la JOC no parece existir ninguna experiencia de pérdida o incluso debilitamiento de la fe. Por el contrario: los jóvenes hablan de profundizar su fe, de unir fe y vida, de una fe activa en lugar de una fe idealista, emotiva y espiritual.

Un joven trabajador habla sobre su "renacimiento" en la JOC. Otro habla de pasar de un "cristianismo cultural a una fe más profunda". Y la fe está presente en cada uno de los testimonios aun cuando no se utiliza la palabra "fe". Dicen a menudo que ahora la vida tiene sentido y han descubierto una nueva forma de compromiso.

Pero, ¿esto es fe cristiana?
En la mayoría de los testimonios, la fe en Jesucristo es clara y explícita. "Encontré a Jesús en la JOC". "Muchos descubrimos a Jesús en nuestro compromiso". "Nos sentimos más próximos a la Biblia y a Jesús que muchos practicantes."

Jesús es el punto de referencia para estos jóvenes. Están inspirados y animados por El y están convencidos de que deben seguirle. Un joven dice: "El es mi esperanza, mi vida, mi lucha".

No obstante, lo más significante es que Jesucristo se convirtió en una realidad del presente para estos jóvenes trabajadores a través de su experiencia en la JOC.

Desde el punto de vista de la teología, el rasgo más revelador de su experiencia es el gran contraste entre la experiencia muy positiva sobre Jesús y el sentimiento sobradamente negativo sobre la Iglesia, o más precisamente sobre las parroquias, los sacerdotes y las jerarquías.

No pudieron encontrar los valores, la fe o Jesucristo en la iglesia "institucional". Critican la Iglesia. Se ven rechazados por ella pese a que valoran la importancia de la Iglesia y que intentan involucrarse en ella.

Como consecuencia, algunos experimentan la JOC como siendo su iglesia, su *Koinonia*. Y se inspiran y cobran fuerza en las liturgias o celebraciones realizadas en la JOC. Por otra parte, no pueden entender por qué los musulmanes y los budistas no son los bienvenidos. Un testimonio recoge que "Jesús acogió a los forasteros y los paganos".

Se trata en este caso de un problema teológico. Pero no es su problema sino nuestro problema. ¿Tenemos una eclesiología o un modelo de Iglesia en los que pueda cobrar sentido la experiencia de Iglesia de la JOC?

Tal vez es posible en este caso una comparación con el culto oficial del Templo en tiempos de Isaías y Amós. Era correcto desde un punto de vista litúrgico, legal, estructural y doctrinario, pero no era del gusto de Dios (Is. 1:11).

** Albert Nolan nació en Suráfrica en 1934. Una vez acabada su carrera de teología se dedicó a una labor pastoral en el mundo popular. Fue asesor de la JEC (Juventud Estudiante Cristiana). Actualmente trabaja para el Institute for Contextual Theology de Johanesburgo y es también redactor jefe de la revista "Challenge".*

A modo de conclusión

ALZAR LA MIRADA HACIA EL FUTURO

"¿Qué vais a hacer con todos estos testimonios y estas reflexiones de teólogos?", preguntaba una jocista del Quebec que tuvo en sus manos la compilación de documentos que serían la base para la publicación de este libro. Y agregaba: "Sabéis, me emocionó tanto la lectura de estos textos. Es como si de repente me dieran palabras para decir lo que sentía en mí."

La JOC, tal como la vivimos, tal como la vivieron tantos jóvenes trabajadores desde su fundación, se caracteriza por un hecho particular que le permite ocupar un lugar casi único en la Iglesia: parte de la vida, de la vida cotidiana de los jóvenes del mundo popular, la de las grises periferias urbanas de Europa o la de las favelas de América latina, la de las muchedumbres de Asia o la de los guetos del Apartheid... Una vida de mucho peso, de un peso a veces arrollador, que los militantes jocistas tratan de asumir día tras día a la medida de sus capacidades y de la solidaridad que logran construir con sus compañeros/as de trabajo.

Precisamente porque parte de la vida de los jóvenes trabajadores/as, la JOC siempre quiso ser una organización abierta a todos, sin distinción de razas, culturas o religiones, de la misma manera que la vida tejió los lienzos de la sociedad compleja en la que vivimos actualmente. Podríamos decir que se sitúa en los confines de la Iglesia establecida, allí donde la sal del Evangelio se mezcla con las aguas profundas del mundo.

Siendo su esencia la lucha y la esperanza de los jóvenes que se reúnen en ella, la JOC sólo puede pertenecer a quienes la conforman: es un movimiento "entre ellos, por ellos, para ellos", decía repetidamente su fundador, José Cardijn.

Es también "entre ellos, por ellos y para ellos" cómo se elabora, en los numerosos compartires de los equipos de base del movimiento, una búsqueda de sentido, una búsqueda de "palabras herramientas

de expresión" y cómo se realiza el encuentro con otras palabras, palabras nuevas, a veces inauditas, procedentes de otras luchas y otras esperanzas con las que el movimiento se identifica. No son palabras para contarse y sellar la verdad sino palabras que abren horizontes nuevos, inmensos, insospechados, palabras para contarse la vida de otra forma, palabras para reinterpretar su historia de acuerdo con la dimensión histórica de la humanidad. Son palabras para atreverse a levantar la mirada hacia el horizonte del Reino de los oprimidos y de los sedientos de justicia del que soñaba Jesús el carpintero.

La primera motivación de este libro es tal vez la de permitir la difusión de estas palabras entre los distintos grupos de militantes de la JOC Internacional: ¡para que se abran horizontes nuevos!

Este libro se publica tal vez también para que estas palabras nos permitan comunicar con tantas otras personas en el mundo que comparten nuestra lucha y nuestra fe.

Moses G. CLOETE
Presidente de la JOC Internacional.

El Secretariado Internacional

Editeur responsable : JOC Internationale, Rue Plantin 11, 1070 Bruxelles

Dépot légal : D/1995/7506/2
ISBN : 90-9008740-0

1995

Impression : Gillis s.a., Bruxelles

La JOC Internacional ha querido conservar y dar a conocer la inmensa riqueza contenida en la vida de los jóvenes trabajadores.

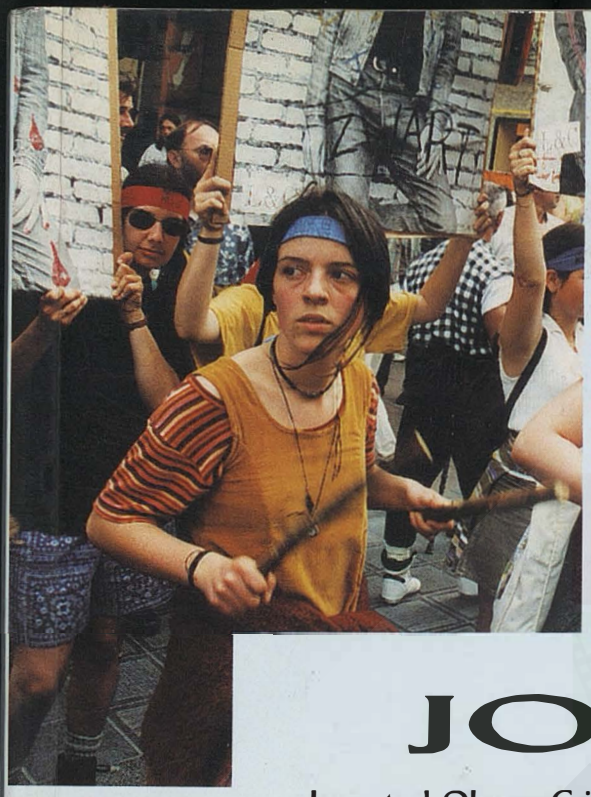
En distintas ocasiones, el movimiento pidió a militantes, hombres y mujeres, expresar cómo viven su compromiso en la JOC y en la sociedad, frente a sus realidades, y qué incidencia tiene dicho compromiso en su fe, en el sentido de su vida.

Es ante todo lo que presentamos en este libro. Quien lo lea se dará cuenta de la simplicidad del lenguaje utilizado por los jóvenes en las entrevistas: hablan como viven, sin preocupación por expresarlo con una gramática y un lenguaje más pulidos.

Por otro lado, el vocablo "fe" no deja de ser algo abstracto. Los jóvenes no están nada acostumbrados a explicarlo. Su explicación va más allá porque relatan meramente lo que es su vida.

Por último, cabe señalar que muchos de estos textos fueron traducidos de otro idioma, con lo cual fue necesario todo el arte de los traductores para lograr una fiel interpretación de los matices expresados.

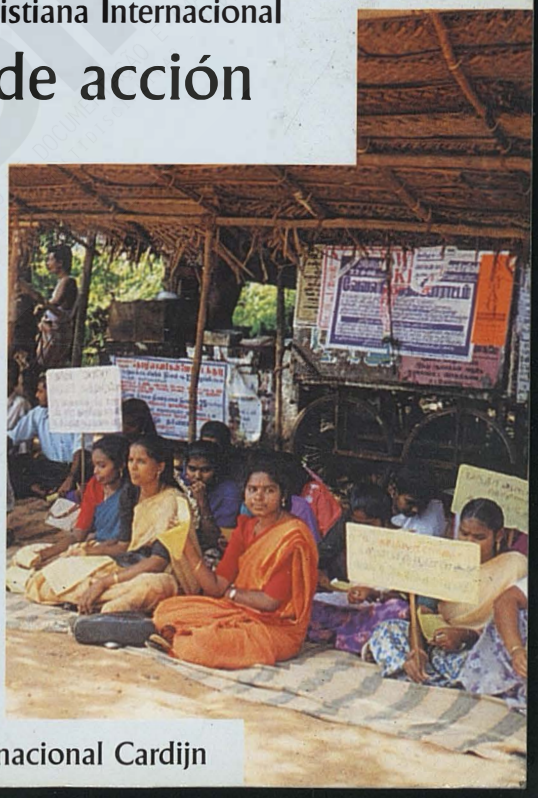
La JOC Internacional agradece profundamente a los teólogos invitados a reflexionar sobre estos relatos de vida, hallandoen ellos sus riquezas e interrogantes.



JOCI

Juventud Obrera Cristiana Internacional

75 años de acción



Fundación Internacional Cardijn

Editorial:
Éditions du Signe
1, rue Alfred Kastler
B.P. 94
67038 Strasbourg Cedex 2 - Francia

Tel.: 33 (0) 3 88 78 91 91
Fax: 33 (0) 3 88 78 91 99

© Fundación Internacional Cardijn
ISBN: 2-87718-976-7
Todos los derechos reservados
Dépôt légal 1er trimestre 2000

Fotografías:
© Alsace Média: págs. 31 (medio), 36
© Archivo de la JOCI
© AZIK: pág. 28
© Alain Kaufmann: pág 39
© Frantisek Zvardon: pág. 31 (arriba y medio), 42, 43, 45, 62-63

Impreso en España por Beta.

Fotos de portada:

Arr. Izq.: Bélgica flamenca, pág. 99
Arr. Dcha.: África 1999, pág. 131
Abjo. Izq.: Brasil 1999, pág. 137
Abjo. Dcha.: India 1997, pág. 124

JOCI

Juventud Obrera Cristiana Internacional

75 años de acción

Bajo la dirección de la
Fundación Internacional Cardijn

Elaborado por: Albert Hari
en colaboración con:
Stefan Gigacz
Pierre Perrard
Luc Roussel

ÉDITIONS DU SIGNE

Sumario

1. Nacimiento y desarrollo
1912 - 1939

2. La prueba del fuego
1939 - 1945

3. Fundación de la JOCI
1945 - 1965

4. Maduración y crisis
1966 - 1986

5. Nuevo arranque
1987 - 2000

Bruselas 2000

La JOCI en el mundo

Las distintas denominaciones de la JOC : YCW (países anglófonos), KAJ (Bélgica flamenca y Austria), CAJ (Alemania), KPM (Eslovaquia), CPM (Polonia), TMC (Rumania), JOCK (Hungria).

Introducción

La JOC es internacional desde sus principios.
Cardijn decía: "Vamos hacia los jóvenes trabajadores del mundo entero". Esto proyecto fue cobrando forma desde la fundación de la JOC hasta hoy en día, con sus etapas buenas y malas: guerra, aparente prosperidad, crisis económicas, mundialización. Jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras de muchos países se pusieron en acción y asumieron su movimiento.

La historia de la JOCI aún debe escribirse. Este libro es único en su género. Sus contenidos deben valorarse en conjunción con los volúmenes relativos a la JOC en los continentes: Africa, América latina, Asia-Pacífico y Europa. Se trata de un primer intento. Cada cual podrá identificarse con una determinada etapa de esta historia y solidarizarse a la vez con el dinamismo actual del movimiento.

Este libro es el resultado de un trabajo de equipo, realizado en cooperación con la "Fundación Internacional Cardijn". Sus límites corresponden a los plazos que nos dimos, es decir la fecha del Consejo Internacional de Bruselas en el año 2000. Su elaboración fue posible en gran parte gracias a la valiosa labor de los archivistas y de testigos que aceptaron expresarse. Se trata de un trabajo pedagógico y evolutivo, que se proseguirá en los próximos años con la máxima participación posible. En efecto, aunque está escrito para los jóvenes trabajadores de hoy en día, este libro pretende ser también una llamada a todos los antiguos jocistas, a fin de que den su testimonio (oral o escrito) y entreguen documentos que permitirán continuar la investigación histórica sobre puntos precisos y a veces conflictivos.

Esta mirada a la historia no sirve para complacerse en lo que ha sido el pasado de la JOC. La historia sólo cobra sentido si se convierte en enseñanza dinámica para el presente y el futuro. Por esta razón, el libro en su epílogo ofrece las perspectivas actuales de la JOCI, con la historia que va construyéndose hoy y seguirá construyéndose mañana en un mundo el que habrá que afirmar con la mayor determinación que "Un joven trabajador y una joven trabajadora valen más que todo el oro del mundo"

Paisaje simbólico del mundo obrero en la Bélgica francófona en los años 30. Cartel de la JOC.

1912 - 1939

Nacimiento y desarrollo

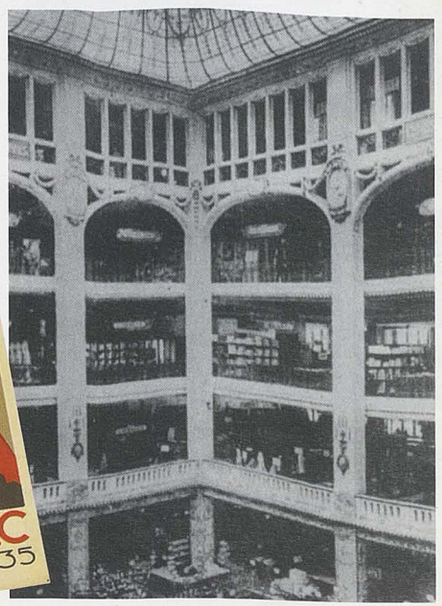
Cronología
La "Belle Époque"
Diferencias profundas
José Cardijn
Sindicatos de jóvenes trabajadores
La JOC
La mística de la JOC
En Francia
Crecimiento y expansión
Las tres verdades
La JOC en la crisis
Primera acción representativa internacional
Primera concentración internacional
París 1937
La JOC en el mundo en 1939

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1882	13/11: Nacimiento de José Cardijn.	
1883		Muere Karl Marx en Londres.
1884		Reparto colonial del Africa después la Conferencia de Berlín.
1886		Primeros "Primero de mayo".
1891		Encíclica "Rerum Novarum" de León XIII sobre la condición obrera.
1893		Nacimiento de Mao Tse Tung.
1894	18/4: Nacimiento de Fernand Tonnet, un pionero jocista.	En Francia, comienzos del "Sillon" por Marc Sangnier.
1895		Creación del sindicato CGT en Francia.
1904-05		Guerra entre Rusia y Japón.
1906	Ordenación sacerdotal de Cardijn, Viajes al extranjero.	
1912	Cardijn es nombrado vicario de Laeken. Sindicatos locales de jóvenes trabajadoras.	
1914		Primera Guerra Mundial. Los alemanes invaden Bélgica. .
1916-18	Cardijn es encarcelado en dos ocasiones..	1917: Revolución de octubre en Rusia.
1919	Fundación de la "Juventud Sindicalista" en Bruselas.	Fundación de la O.I.T. Comienza la acción de Gandhi en la India.
1920	Fundación de "De Jonge Werkman" en Amberes..	
1924	Las dos organizaciones pasan a llamarse JOC y KAJ.	
1925	Estatutos de la JOC belga. Encuentro de Cardijn con Pío XI.	Musolini. Fascismo en Italia.
1927	JOC en Francia.	
1928	JOCF en Francia.	
1929		Quiebra de la Bolsa de Nueva York. Crisis del capitalismo mundial. Quiebras y desempleo.
1931	JOC en Canadá.	Encíclica social "Quadragesimo Anno" de Pío XI.
1932	JOC en Colombia.	1931-1932: Guerra entre Japón y Manchuria..

1912 - 1939

JOC en Suiza.		1932
JOC en el Congo.	Hitler accede al poder en Alemania.	1933
JOC en Polonia. 5/6: Acción representativa internacional ante la O.I.T. 25/8: Gran Encuentro de la JOC Mundial en el estadio de Heysel en Bruselas.		1935
JOC en Inglaterra y en el Vietnam.	1936-1938: Frente Popular en Francia. Guerra civil en España.	1936
En París, gran encuentro con motivo del 10° Aniversario de la JOC francesa.		1937
Viaje de Cardijn a Austria (a principios de año). Agosto: viajes de Cardijn a Checoslovaquia, Hungría, Yugoslavia.	11/3: Anexión de Austria por Hitler.	1938
Preparación de la Peregrinación Mundial de la JOC a Roma.	3/9: Hitler ocupa Checoslovaquia y luego Polonia. Estalla la Segunda Guerra Mundial.	1939



Grandes almacenes en Bruselas en los años 20.

La "Belle Époque"

La JOCI (Juventud Obrera Cristiana Internacional) no nació por arte de magia. Sus raíces se extienden, a través de la JOC belga, hasta la sociedad de comienzos de siglo XX, el período previo a la primera guerra mundial, a veces llamado "Belle Epoque".

Es también el período en que se inició una segunda revolución industrial.
En la primera (en los siglos XVIII y XIX), las manufacturas y gran parte del trabajo a domicilio fueron sustituidos por las fábricas. La segunda se caracterizó por la aparición de nuevas fuerzas motrices (electricidad, derivados del petróleo, motor de explosión) y el desarrollo de la industria química y metalúrgica, de la producción de automóviles y armamento. Para los obreros, este período no era precisamente una "bella época". Muchos de ellos, emigrados del campo a los centros industriales, vivían en condiciones inhumanas: largas y duras jornadas laborales, trabajo peligroso, salarios de miseria, viviendas insalubres, deterioro de la salud, dislocación de la vida familiar, inseguridad ante el futuro, trabajo infantil.

Taller de costura
en Bélgica en los años 20.

" Belle époque ".
Museo de la cerámica,
Sarguemines (Francia).

Diferencias profundas

Los trabajadores no esperaron a entrar en el siglo XX para organizarse. En Gran Bretaña, se crearon las "alianzas obreras" que fueron la base del desarrollo posterior del movimiento sindical. Ya en 1825 - 1826, se reconoció el Trade Unionismo en el citado país. El sindicalismo alemán apareció entre 1830 y 1870.
En Francia, las "mutuas" fueron sustituidas por Cámaras sindicales que luego dieron lugar a la creación de la Confederación General del Trabajo (CGT) en 1895. En los EE.UU., el sindicalismo se organizó con arreglo al modelo de los Trade Unions ingleses. En Bélgica, la Primera Internacional Socialista ya contaba con numerosas secciones a mediados del siglo XIX. A partir de 1885, el Partido Obrero Belga (POB), de tendencia socialista, emprendió la creación de cooperativas, sindicatos, mutuas y cajas de auxilio. El sindicalismo se vio a menudo influido por corrientes revolucionarias marcadas por el marxismo y el socialismo.
La Iglesia católica en conjunto fue ajena a la fundación de un movimiento obrero organizado. Consideraba naturales las desigualdades y fomentaba actitudes paternalistas. La encíclica Rerum Novarum de León XIII sobre la condición de los obreros (15/5/ 1891) constituyó un esfuerzo por llenar el vacío que separaba a la clase obrera de la Iglesia. En dicha encíclica se denunciaba el mal social representado por "trabajadores aislados e indefensos... que viven a la merced de dueños inhumanos y son víctimas de la codicia de una desenfrenada competencia". Se rechazaba el socialismo por ser una "falsa solución y se invitaba a establecer instituciones cristianas" en las que el patrono y el obrero deberían aplicar principios de justicia y fraternidad. Esta encíclica tuvo un escaso impacto en el mundo obrero y su aplicación fue frenada por la reacción de los cristianos conservadores.
Aun así, un pequeño grupo de cristianos, "católicos sociales" se involucraron en la acción social. Estas iniciativas, pese a la buena voluntad de la que eran portadoras, fueron muy limitadas y quedaron marcadas por una mentalidad paternalista, corporativista y burguesa. Años después, los "demócratas cristianos" concederían un mayor respeto a la voluntad obrera.
El movimiento "Le Sillon" (1894 - 1910) optó por uno camino más innovador y dinámico organizando campañas de educación popular, círculos de estudio, cooperativas de producción y de consumo. Sin embargo, sus esfuerzos por vincular la religión católica con la República y la democracia llevaron al rechazo del movimiento por el

papa Pío X, el 25 de agosto de 1910, y a la sumisión de Marc Sangnier, fundador del "Sillon".

José Cardijn

José Cardijn nació nueve años antes de la publicación de Rerum Novarum y once años antes de la fundación del "Sillon". En una nota de 1955, Mgr. Cardijn recuerda su infancia y su compromiso:

Cardijn con 18 años.

"Según el Estado Civil, nací el *13* de noviembre de 1882 en Chaussée de Haecht, en Schaerbeek, donde mis padres eran porteros. Mi padre trabajaba también de cochero. Después de mi bautizo, el 16 de noviembre, en la Iglesia Saint-Servais, me dejaron con una nodriza en Hal, en la región de origen de mi padre, porque mi madre padecía una enfermedad grave. A los cinco ó seis años, mis padres se trasladaron a Hal, donde abrieron una pequeña tienda de alimentación que en seguida hubo que cerrar por falta de clientela. Luego iniciaron un pequeño negocio de repartidores de carbón. Al principio sólo teníamos una carretilla con perros para repartir el carbón y luego utilizamos ya una carreta y caballos para descargar el carbón en la estación o en el canal.

En casa se hablaba a menudo de las fábricas de la región, en particular de las fábricas de seda artificial de Tubize que atraían a muchas muchachas y mujeres, las cuales, embriagadas por el éter, ejercían la prostitución de forma precoz en los prados vecinos de las fábricas, y por la noche, en la estación y en los trenes. Era el principio de los abonos obreros y, por la mañana y por la noche, los grupos de obreros y obreras calzados con zuecos caminaban el trayecto que separaba su pueblo de la estación. Se les oía discutir y meterse unos con otros al pasar por la puerta de casa. Se hablaba también de huelgas y revueltas obreras en la vecina Valonia... Los líderes obreros ya venían a tomar la palabra en los mítines populares. Casi todos eran socialistas. Aunque estaba también el Padre Daens que organizaba reuniones políticas y de joven me colaba entre los asistentes para escuchar a los oradores.

Tenía entonces 13 años. Fue la edad con la que conocí por vez primera el problema de la juventud trabajadora.

Al regresar a casa de vacaciones, siendo estudiante en el seminario menor, vi que mis compañeros de aula y de primera comunión, que eran más inteligentes y devotos que yo, habían tenido que ir a trabajar a la fábrica o a otros lugares. Les encontraba corruptos, opuestos a la Iglesia, y ya no querían relacionarse conmigo. Para mi, fue como si me clavaran una espada en el corazón. Busqué las causas de esta perdición y corrupción y prometí dedicarme a su salvación. Comencé mis primeras encuestas en las fábricas y en los pueblos vecinos, y desde entonces no he dejado de caminar junto con estos jóvenes trabajadores, tanto en este país como en el extranjero".

(Nota autobiográfica de Cardijn, 1955).

Primeros contactos internacionales

José Cardijn estudió en el Seminario Menor y luego en el Seminario Mayor de Malinas. Su padre murió en 1903. José fue ordenado sacerdote en 1906. Estuvo estudiando derecho natural, sociología y ciencias sociales y políticas en la Universidad de Lovaina y luego le nombraron profesor de latín en el Seminario Menor de Basse-Wavre.

"Esto es una desdicha providencial", dijo Cardijn.

En efecto, aprovechó estos cinco años, en particular los períodos de vacaciones, para conocer mejor la situación, la organización y la acción de los obreros en distintos países de Europa.

En abril de 1907, realizó una encuesta sobre el trabajo a domicilio en la región de Colonia (Alemania) y se puso en contacto con responsables del movimiento obrero cristiano en Essen y Colonia. Luego participó en la Semana Social de Amiens (Francia), conoció a responsables del "Sillon" en la región de Lille, al Padre Six y a patronos sociales como Léon Harmel en Val de Blois. En aquel viaje, Cardijn vio que había entre los cristianos de Francia una oposición entre dos movimientos sociales: por un lado, el de los patronos sociales animado por los jesuitas, y por el otro, un auténtico movimiento obrero con sindicatos cristianos que el Padre Six intentaba crear pese a la resistencia de la jerarquía eclesiástica.

Entre 1908 y 1910, Cardijn visitó el sur de Francia e Italia. Se puso en contacto con grupos progresistas en Bélgica como el "Sillon" en Lieja. En 1911, estuvo en Inglaterra

Ben Tillett 1860-1943

Ben Tillett es considerado el fundador del sindicato inglés de cargadores portuarios. Posteriormente fue elegido diputado por el partido laborista. Tillet se consideraba socialista cristiano.
Cardijn conoció a Ben Tillett y estuvo con él durante su viaje de estudios a Gran Bretaña, al principio de su ministerio. Quedó muy impresionado por su personalidad y su compromiso en favor de la educación de los trabajadores. Con esta experiencia, Cardijn se dio cuenta que el cristianismo, en lugar de ser un obstáculo, podía ser una fuerza en la lucha de la clase obrera. Ben Tillett era la prueba en vivo de que ello era posible.

donde conoció a responsables sindicalistas y estudió los métodos de los movimientos juveniles (Scouts, YWCA). Este viaje a Inglaterra le dejó profundamente marcado. Cardijn escribiría posteriormente: "Este fue mi mejor retiro de los principios de mi sacerdocio... En Londres estuve prácticamente viviendo dos semanas con los jefes de los sindicatos, con Ben Tillet y otros. Fue poco antes de la huelga general. Asistía a las reuniones y, lo que me pareció más fundamental, participaba en las conferencias religiosas de Tillet dirigidas a los obreros, en sus barrios o en Hyde Park".

(Apuntes inéditos mencionados en "Cardijn", M. Fiévez y J. Meert, Bruselas, EVO, 3ra ed., 1978, p.31).

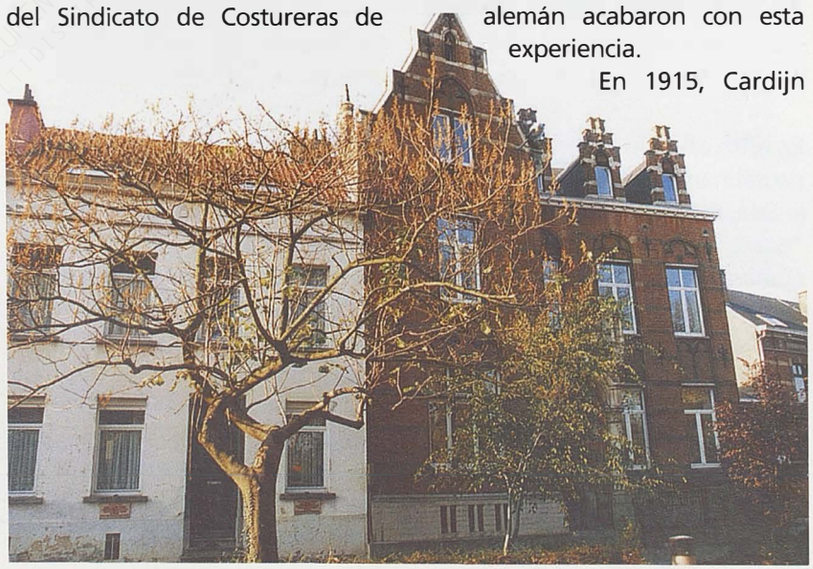
La casa blanca es aquella donde Cardijn organizó las primeras reuniones de jóvenes trabajadoras.

Sindicatos de jóvenes trabajadores

En 1912, la parroquia Nuestra Señora de Laeken, en las afueras de Bruselas, contaba con 25 000 habitantes. Cardijn no había estado allí nunca. El 17 de abril fue nombrado vicario de dicha parroquia. Tenía treinta años y ganas de meter manos a la obra.
Conoció la situación de los jóvenes trabajadores, en particular la sobreexplotación a que eran sometidas las jóvenes mujeres aprendices. Multiplicó los círculos de estudios, creó con ellas sindicatos femeninos en los oficios de la confección que se afiliaron al Sindicato de la Costura. Trabajó en estrecha colaboración con Madeleine De Roo, responsable de la Secretaría social de Laeken, y con Victoire Cappe, fundadora del Sindicato de Costureras de Lieja (primer sindicato cristiano de mujeres). A partir de entonces, fueron organizándose visitas a domicilio, encuestas sobre condiciones de vida y sesiones de formación. En 1914, el "Movimiento" tenía 89 afiliadas. Sin embargo, la primera guerra mundial y la ocupación de Bélgica por el ejército alemán acabaron con esta experiencia.

Madeleine De Roo en 1912.

En 1915, Cardijn



fue nombrado Director de las Obras Sociales de Bruselas. Hasta que acabara la guerra estuvo realizando esta labor paralelamente a su misión como vicario de Laeken. Le encarcelaron en 1916 por oponerse a la deportación de obreros a Alemania, y estuvo en la cárcel en otra ocasión, de junio de 1918 hasta el Armisticio.

Ya en 1916 existía en Bruselas un círculo de estudios para la juventud. No se trataba ya de "obras" para la juventud, dirigidas por adultos o jóvenes intelectuales católicos. Es así que en noviembre de 1919, Cardijn y Fernand Tonnet, secretario de las Obras Sociales católicas de Bruselas, fundaron un movimiento sindical de jóvenes llamado "Juventud Sindicalista". Este sindicato reunía a jóvenes entre los 14 años y la edad de ir al servicio militar. Fernand Tonnet, Jacques Meert y Paul Garcet estuvieron entre los más activos de este movimiento. En la parte flamenca, Jan Schellekens y otros pusieron en marcha "De Jonge Werkman" con sede en Amberes (1920).

Jacques Meert (alto), Fernand Tonnet (izquierda), Paul Garcet (centro), Jan Schellekens (derecha).

La JOC

En estos años, fue cobrando forma paulatinamente el futuro método jocista, el "ver-juzgar-actuar" y el "entre, por y para ellos". Sin embargo, las dos organizaciones (Bruselas y Amberes) entraron en conflicto con el sindicato cristiano (la CSC, Confederación de Sindicatos Cristianos) que estaba opuesto al principio de un sindicalismo juvenil.

Esta fue una de las razones por la que el movimiento que iba naciendo cambió su denominación. A partir de 1924, se le conoció como "Jeunesse Ouvrière Chrétienne" y "Kristelijke Arbeidersjeugd".

Al no encontrar un apoyo claro dentro del movimiento obrero cristiano, la incipiente J.O.C. lo buscó en la Iglesia. El hecho no era tan evidente debido a la férrea oposición expresada por los dirigentes de la Asociación Católica de la Juventud Belga (A.C.J.B.). La J.O.C. aparecía como un factor de división.

En efecto, el concepto de Acción Católica especializada ideado por Cardijn era muy distinto del de la Acción Católica general encaminada a reunir indiscriminadamente a todos los movimientos juveniles católicos. La jerarquía de la Iglesia se hizo eco de la crítica y valieron todos los argumentos. En una memorable sesión presidida por el Cardenal Mercier en 1924, Monseñor Picard acusó a la JOC de "romper la unidad del Cuerpo de Cristo".

Pese a ello, los estatutos de la J.O.C. fueron adoptados en 1925, y también los de la K.A.J., J.O.C.F. y V.K.A.J. en 1925. La audiencia concedida por el papa Pío XI a Cardijn en marzo de 1925 constituyó un indiscutible apoyo al proyecto de "Acción Católica Especializada" y a la JOC.

El primer congreso general de la J.O.C. tuvo lugar en Bruselas el 18 y 19 de abril de 1925. En él, 190 delegados afirmaron públicamente la existencia del Movimiento y presentaron su programa. Se consideró esta fecha la del nacimiento oficial del Movimiento fundado por los jóvenes trabajadores.

Los grupos locales no tardaron en multiplicarse. Muchos grupos parroquiales y círculos juveniles pasaron a ser JOC y JOCF. Se abrieron secciones locales en los centros industriales. El Movimiento jocista trascendió las fronteras y se desarrolló en distintos países europeos. Fueron los años en que la JOC belga organizó sus primeras peregrinaciones a Roma. La JOC realizó la suya en 1929 y la JOCF en 1931.

« La mística de la JOC »

Cardijn siempre pensó que los primeros grupos de jóvenes trabajadores y trabajadoras que había formado en la parroquia de Laeken en 1912- 1914 eran los que mejor encarnaban el ideal jocista, que llamaba también " mística de la JOC".

Así lo escribía Cardijn en 1958:

"La característica más fundamental de los inicios de la JOC fue aquella llamada absoluta y total para aquellas trabajadoras que debían formar a sus compañeras. Fue una época de muchas exigencias y compromisos apostólicos: dejar un buen puesto de trabajo para ir a trabajar a un taller, a un fábrica, para realizar un trabajo sucio, repugnante e infrahumano ; aceptar compartir su almuerzo con las obreras en las cantinas de las fábricas de caucho o de seda artificial; ir a vivir a un ático o a un barrio de prostitución".

Esta "leyenda dorada", que nunca se escribió, explica el fervor extraordinario creado por la JOC, la mística jocista. Creo que es la condición esencial para una verdadera revolución obrera. Sin ella, el aburguesamiento es casi una fatalidad y este es tal vez al mayor peligro actual. Esta mística jocista, esta llamada a un apostolado total, es la única explicación de este poder tan extraordinario de la JOC.

Fuente: "Fonds Cardijn, AGR 12".

En Francia

La JOC francesa nació poco después de la JOC belga, con sus primeros grupos en la región parisina y en el norte. En 1926, el Padre Georges Guérin que era vicario de Clichy (al norte de París) conoció el Manual de la JOC en la biblioteca de los jesuitas de la Acción Popular. Organizó una reunión con Georges Quiclet y dos ó

Jeanne Aubert.

tres muchachos más el 9 de julio de 1926. Se establecieron contactos con José Cardijn y Fernand Tonnet. El Movimiento se desarrolló y ya en enero de 1927 se publicó una hoja mimeografiada llamada "Boletín de la Sección francesa de la JOC". En los departamentos del Norte, fronterizos con Bélgica, la J.O.C. ya existía en 1927 con un equipo en Lille y cinco secciones en Tourcoing. En 1928, Francia contaba con unos 4200 jocistas distribuidos en diez federaciones: Angers, Clermont-Ferrand, Lille, Roubaix-Tourcoing, Lyon, Nancy, Reims, Nantes, Toulouse, París y Seine et Oise.

La JOCF siguió los pasos de la JOC. El movimiento arrancó bajo el impulso de Jeanne Aubert, Germaine Gautier... y el Padre Guichard. El 3 de marzo de 1928 el boletín "Jeunesse Ouvrière" (Juventud Obrera) anuncia el nacimiento de la JOCF en Clichy el 22 de febrero con el titular "Les jeunes filles s'y mettent", es decir "las chicas deciden ponerse manos a la obra".

En aquella época, la A.C.J.F. (Asociación Católica de la Juventud Francesa, fundada en 1886) acababa de crear sus "equipos obreros". Tras unos tensos debates acerca de la autonomía y especificidad del movimiento, la JOC aceptó entrar en la A.C.J.F.

La fundación del Movimiento se situaba en una Francia en la que el mundo obrero estaba muy alejado de la Iglesia, en la que los cristianos adoptaban una actitud defensiva. Un espíritu de conquista animó a las primeras generaciones de jocistas que cantaban: "Volveremos a hacer cristianos a nuestros hermanos".

Los padres Guérin (Francia) y Cardijn.

Crecimiento y Expansión

El período de 1928 a 1939 podría calificarse de "década gloriosa de la JOC". La JOC superó las fronteras de Europa e intentó asentarse en Asia, en Africa y en América. Un espíritu de "conquista" animaba a los jocistas. El número de miembros de la JOC fue creciendo. En 1939 en Bélgica, según informes elaborados para la ACJB y ACJBF, la KAJ tenía unos 23 000 miembros, la JOC unos 7000 miembros, la VKAJ, unos 25 000 y la JOCF unos 10 000. En Francia, el número de jocistas pasó de 4200 en 1928 a 90 000 en 1938.

Carnet de socio e insignia jocista.

La tirada del boletín "Jeunesse Ouvrière" pasó de 3000 ejemplares en 1927 a 270 000 en 1939.

Existía el orgullo de ser obrero, de ser jocista. Todo era "Orgullo, pureza, alegría y conquista". La insignia, las publicaciones, los cantos, la oración y el misal jocista, y la cuota permitían a los jóvenes trabajadores identificarse con el movimiento.

El método jocista fue desarrollándose y afinándose. Una referencia sigue siendo el Manual de la JOC, publicado en 1925 y reeditado en 1930. Se profundizó la espiritualidad jocista. La doctrina adquirió mayor coherencia pero dejó de lado parte de las características sindicalistas de sus inicios. Se dio un mayor protagonismo al aspecto religioso y el papel de los capellanes fue cada vez más importante. Se organizaron peregrinaciones para la JOC belga y para la JOC francesa.

Ya a principios de los años 30, Cardijn quiso establecer una verdadera secretaría internacional. Dicha secretaría reconocería a las JOC recién creadas en otros países. Sin embargo, Cardijn se tropezó con Mgr. Pizzardo de la Secretaría de Estado del Vaticano. El prelado, que luego sería presidente del Oficio Central de la Acción Católica, alegó que los obispos sólo reciben órdenes de Roma. La secretaría de Bruselas se conformó por tanto con tener una función de acogida, de información y de documentación. El padre Robert Kothen fue nombrado responsable de la coordinación internacional.

En este período, la JOC superó resueltamente las fronteras. Fueron diversos los caminos de la expansión, abiertos muy a menudo por las relaciones eclesiásticas y coloniales.
Misioneros, sacerdotes, religiosas, estudiantes que habían conocido la J.O.C. en Bélgica o en otro país fueron a implantar el movimiento en otras partes del mundo. Se iniciaron relaciones entre países fronterizos. Animada enérgicamente por Pío XI, la jerarquía local apoyó la fundación del movimiento.
"La característica del período de entreguerras fue la expansión internacional casi espontánea de la J.O.C. Se quería dar respuesta a un problema internacional. Los distintos países de Europa que conocieron esta respuesta jocista la adoptaron de forma espontánea.
Aceptaron inmediatamente las invitaciones jocistas, participaron en las Semanas de Estudios, en los Congresos, en las primeras reuniones internacionales; invitaron a dirigentes jocistas de otros países y las relaciones entre las JOC nacionales se habían hecho tan naturales que el Buró Internacional pudo preparar con facilidad la primera peregrinación internacional a Roma". Cardijn, 6/8/1965.

« Las tres verdades »

La acción de la JOC se basa en tres ideas fundamentales de Cardijn conocidas como las « tres verdades »

- *Cada joven trabajador, cada joven trabajadora, al igual que todos los seres humanos, tiene un destino humano y divino que nadie le puede arrebatar. « No son esclavos ni máquinas, sino hijos e hijas de Dios ». Todos tienen una misión específica.*
- *La sociedad en la que viven está en total contradicción con dicho destino, habida cuenta de las condiciones de vida, de trabajo, de vivienda, familiares, recreativas, etc.*
- *Es así que estos jóvenes deben juntarse, en una organización fuerte que les permita defenderse, luchar contra los abusos y extraerles de la injusta situación de explotación y dependencia en la que están sumidos. Nadie podrá hacerlo en lugar de ellos.*

Marguerite Fiévez, el Proyecto de Cardijn, número especial del Boletín JOCI, con motivo del 25° aniversario de la muerte de Cardijn, p. 12.

La JOC en la crisis de los años 30

La crisis económica de los años 29-33 y el desempleo que generó fueron una provocación para la incipiente JOC.
El movimiento vivió por vez primera una crisis mundial del capitalismo. La quiebra de la Bolsa de Nueva York, el 24 de octubre de 1928, el "jueves negro", anunció no sólo la quiebra de muchas empresas sino también una generalización del desempleo en Europa y en Norteamérica. Los jóvenes se vieron más afectados que los otros grupos de edad. En 1935, habían en Bélgica 100 000 jóvenes sin trabajo ni subsidio de desempleo.

La JOC reaccionó a esta crisis. En Bélgica, organizó campamentos de desempleados, publicó el boletín "Le Jeune Chômeur" (el joven desempleado) en francés y su versión en flamenco, "De Jonge Werkloze", organizó sesiones de formación y bolsas de empleo, reivindicó la prolongación de la escolaridad (más allá de los 14 años) y la reducción de la jornada laboral. En Francia, la JOC publicó en 1932 y 1933 un suplemento al "Jeunesse Ouvrière", "Le Jeune Chômeur". El movimiento creó numerosos servicios: centros de colocación, comedores de beneficencia, albergues, recaudación de fondos, centros de reciclaje de jóvenes desempleados.

Según el Manual de 1930: "La JOC quiere ser la tutora, protectora y representante de la juventud asalariada. Es una escuela, un cuerpo representativo, un conjunto de servicios profesionales y sociales". La crisis de los años 30 fue motivo para que la JOC realizara su primera acción representativa internacional.

Centro para desempleados en Tourneppe (Bélgica) en 1934-35.

Primera acción representativa internacional

Cartel de la KAJ anunciando la acción representativa en Ginebra.

El "Buró Internacional de la JOC" en Bruselas inició la acción en 1935 en cooperación con los sindicatos cristianos. La acción consistía en presionar a la O.I.T. (Oficina Internacional del Trabajo) en Ginebra. De este modo, el Buró tendría más fuerza para influir en la política de los Estados. Una acción paralela se llevó a cabo en muchos países: Bélgica, Francia, Suiza, Países Bajos, Checoslovaquia, Cataluña, Luxemburgo, Austria y Canadá.

El 5 de junio de 1935, cien delegados jocistas, muchos de ellos desempleados, entregaron a la O.I.T. una petición firmada por 86 000 jóvenes. En ella se proponían medios para reducir el desempleo como la puesta en marcha de obras públicas a gran escala, la prolongación de la escolaridad y la reducción de la jornada laboral sin disminución de salario... La J.O.C. pidió asimismo medidas urgentes como ayudas alimentarias y la creación de un subsidio de desempleo.

Fue la primera vez que la J.O.C. actuó a un nivel internacional en nombre de millones de jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras afectados por la situación en su salud y su dignidad.

Recepción de la delegación internacional (desempleados) en la OIT.

Primera concentración internacional

Delegados de la JOC de Francia en el 1er Congreso Mundial en Bruselas (1935).

La JOC belga preparó una gran concentración con motivo de su décimo aniversario. La concentración sería internacional. De visita en Roma, Cardijn percibió la oposición de determinados prelados cuya influencia se extendía hasta el entorno del sumo pontífice. ¿La internacionalización de la JOC no tenía acaso algún resabio de Internacional socialista? No obstante, el apoyo oficial del cardinal Pacelli, secretario de Estado de Pío XI, acabó con estos recelos.

La concentración tuvo lugar el 25 de agosto de 1935 en el estadio de Heysel, donde se agolparon 100 000 participantes. Ya no se trataba de un simple congreso nacional belga, sino de una concentración internacional, un primer "Congreso Mundial", que reunió a delegaciones de la juventud obrera de Francia, de Luxemburgo, de Suiza, de España, de Portugal, de Colombia, de Canadá, de Inglaterra y de países africanos y asiáticos.

El buen tiempo acompañó a los participantes y el entusiasmo fue máximo. Los lemas clave de la concentración fueron: "Respeto a la juventud trabajadora", "Estamos con los desempleados", "Paz entre los hombres", "El futuro es nuestro", "¡Ayer éramos 500, hoy 100 000 y mañana millones!".

Al día siguiente, unos mil participantes, sacerdotes y laicos, participaron en una sesión de cuatro días. Fue la primera Semana de Estudios Internacional. En ella, Cardijn afirmó las tres verdades de la J.O.C.: verdad de fe, de experiencia y de método.

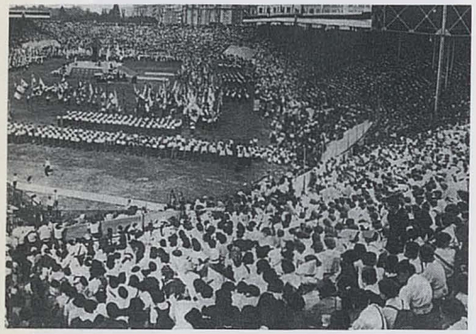
París 1937

Dos años después, le tocó a la JOC francesa celebrar su décimo aniversario, en pleno período de gobierno del Frente Popular.

La gran concentración de 16, 17 y 18 de julio fue preparada con 600 concentraciones regionales. El último día, 80 000 participantes se congregaron en el Parque de los Príncipes. Se mandaron mensajes de apoyo desde muchos países del mundo. Estuvieron presentes los dirigentes de la J.O.C. belga. En la sesión de clausura, se hizo hincapié en el respeto del joven trabajador y de la joven trabajadora, y de su legítima dignidad: "Ten orgullo, obrero, tu obra es fecunda, qué sería el mundo sin ti..."

Se hizo un llamamiento: "¡Clase obrera de Francia, cree en la esperanza, cree en tu valor, en tu victoria!"

Ese fue tal vez el acontecimiento en el que pensó Fernand Tonnet cuando dos meses después estuvo asistiendo a una semana de estudios francesa que contó con unos dos mil participantes. Durante este encuentro, Tonnet transmitió los saludos de Bélgica y expresó el deseo de realizar pronto la Internacional jocista.



10° Aniversario de la JOC de Francia en 1937.

"Un joven trabajador vale más que todo el oro del mundo porque es Hijo de Dios".

José Cardijn

La JOC en el mundo en 1939

Tras quince años de existencia, gracias al dinamismo de sus fundadores, a la acción de la secretaría de Bruselas, a las muchas relaciones creadas en todo el mundo, al apoyo de la Iglesia, a la forma en que el movimiento respondía a los problemas de la juventud trabajadora, la J.O.C. estaba presente en unos cincuenta países del mundo. Era una presencia muy diversificada, que iba desde humildes núcleos de jóvenes trabajadores hasta potentes organizaciones nacionales.

Aún va a ser necesario, en muchos casos, elaborar una historia de los orígenes de la JOC en estos países y cualquier testimonio escrito u oral sobre el tema va a ser valioso para dicha historia.

La panorámica que presentamos a continuación no es una reconstitución histórica de la historia de la J.O.C. sino la visión que tenía Cardijn de la JOC en el mundo en agosto de 1939, poco antes de la gran peregrinación internacional a Roma. Esta visión general fue elaborada a modo de "guía para los capellanes, para exaltar la ambición apostólica de sus jocistas".

Cardijn proponía a sus lectores realizar un "planisferio jocista" a partir de estos apuntes "recogidos apresuradamente".

En todo caso, sigue siendo difícil hoy en día determinar el momento exacto del nacimiento de un movimiento nacional. He aquí un documento significativo que cabe resituar en el contexto de la época.

En Europa

Bélgica. Catorce años después de su fundación, la primera JOC del mundo se ha convertido en una de las instituciones nacionales más potentes del país.

Francia. Ya en 1927, la JOC belga se propaga en este país. En 1936, la JOC y la JOCF tienen un contacto regular con más de 250 000 jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras. Los boletines mensuales alcanzan una tirada de 520 000 ejemplares.

Países Bajos. El "Jonge Werkman" (el joven trabajador), que es una organización nacional potente mantiene relaciones regulares con la JOC flamenca.

Luxemburgo. La JOC, que fue creada en 1929 a partir del aporte belga, cuenta con 27 secciones y la JOCF con unos cuantos grupos que ofrecen buenas perspectivas.

Portugal. La JOC fue implantada y desarrollada por jóvenes sacerdotes que estudiaban en Lovaina. La JOC masculina y femenina está implantada en todas las diócesis del continente y de las islas.

España. Antes de la guerra civil, la JOC belga estaba en contacto con distintos centros en Navarra y en el país vasco. Fue introducida en Cataluña por el Padre Bonnet. La organización navarra publica semanalmente una hoja jocista en un periódico regional.

Suiza. La secretaría nacional de Suiza Romanda se fundó en 1934. El primer Congreso jocista de 1936 reunió a 20 000 participantes en Ginebra.

Hungría. El movimiento va prosperando. Existe en 29 parroquias de Budapest y en algunos centros industriales (30 secciones). La acción va dirigida a obtener viviendas para los aprendices y al tiempo libre con la organización de campamentos de verano. El periódico jocista tiene una tirada de 7000 ejemplares.

Yugoslavia. Tres organizaciones existen en Zagreb (Croacia), en la región de Maribor y en Eslovenia.

Polonia. La Acción Católica va avanzando y mantiene relaciones con la JOC belga.

Inglaterra. La JOC, que existe desde 1930, tiene su secretaría nacional, publica un "magnífico boletín" en 5000 ejemplares y en 1938 organizó un congreso con más de 200 militantes procedentes de todas las regiones de Inglaterra.
Irlanda. La JOC aparece tempranamente en este país. Se organizó una gran fiesta en Dublín con la participación de casi 1000 personas.

Escocia. No hay una verdadera organización jocista aunque si hay algunos militantes.

Austria y Checoslovaquia. Tras unos principios prometedores, estamos sin noticias de estos países desde que están ocupados por los nazis.

Dinamarca, Lituania, Ucrania, Suecia, Rumania y Grecia. Existen contactos con la JOC belga.

Italia. La JOC mantiene relaciones con la Acción Católica italiana.

En América

Canadá. En 1935, un Congreso nacional de la JOC canadiense reunió a varios miles de jóvenes trabajadores. Otro Congreso está previsto en julio de 1939.

Terranova. JOC fundada en 1939.

Estados Unidos. La JOC existe entre los inmigrantes portugueses. Además, la JOC recién fundada organizó su primer Congreso el 18 de mayo de 1938 en Oklahoma-City. La JOC existe en distintos Estados o ciudades como Nueva York, New-Hampshire, Nueva Inglaterra, Chicago, Toledo, Illinois, Cleveland, Detroit, Michigan, Ohio, San Francisco, California.

México. Se conoce la JOC pero los acontecimientos (revolución y represión) demoran su organización.

San Salvador. La JOC existe y se desarrolla.

Costa Rica. Contactos con la JOC belga.

Colombia. El Congreso nacional del 15 de agosto de 1938 en Bogotá reúne a 10.000 participantes. La delegación colombiana ya emprendió camino hacia Roma.

Ecuador. Reacción de tristeza de la secretaría nacional al conocerse la muerte del Papa Pío XI, "defensor del obrero".

Venezuela. La J.O.C.F. existe oficialmente desde el 7 de octubre de 1936. La acción del movimiento se centra sobre todo en los tiempos libres.

Brasil. El movimiento aún no está unificado. Existen varias organizaciones y varios boletines jocistas masculinos y femeninos.

Argentina. La JOC acaba de nacer en Salta, en la Cordillera de los Andes. Sorprende a toda la provincia y publica un boletín mensual, el "Juventud Obrera".

Chile. Existen contactos entre la JOC belga y personas chilenas que desean que haya JOC en su país.

Perú, Uruguay, Paraguay. Sacerdotes de estos países estuvieron visitando la Central Jocista en Bélgica.

Antillas. Integradas en la JOC mundial a través de la JOC de Francia. Secciones jocistas en Cuba, en Puerto Rico, Santo Domingo, Guadalupe, Martinica.

En Asia

Siria. Fundación de la JOC en Alep.

Líbano. La sección jocista mantiene relaciones con la JOC francesa.

China. Relaciones de la JOC belga con China desde hace 10 años. Sin embargo, las circunstancias y los problemas financieros no permiten que acudan a Roma personas de dicho país.

Indochina, Annam, Cochinchina, Tonkin. Existen secciones jocistas que tienen relaciones con la JOC de Francia.

Corea y Filipinas. Existen secciones jocistas.

India. Numerosos corresponsales.

Japón. Sacerdotes salesianos informan de la creación de la JOC en escuelas profesionales.

En el Africa

Congo belga. La JOC entró en el Africa gracias a misioneros y a antiguos jocistas.

Marruecos, Argelia, Túnez. La JOC de estos países son una parte integrante de la JOC de Francia. Asimismo sucede con otras colonias francesas como son Sudán, Somalia, Senegal, Costa de Marfil, Dahomey, Congo francés, Guinea, Madagascar, Reunion.

Natal, Sudáfrica anglófona, Egipto. Contactos periódicos con la JOC belga.

Seychelles. Existe una organización jocista gracias a misioneros suizos.

En Oceanía

Australia. La JOC belga tiene muchos amigos en Australia y la idea jocista va abriéndose camino.

Nueva Zelanda. Interés por la JOC. Fundación reciente de una sección en Dunedin.

La JOC en el mundo en 1939, según Cardijn.

La ausencia de la Alemania nazi de este cuadro de la JOC mundial pesó como un silencio amenazador. En efecto, la segunda guerra mundial impidió la realización de la concentración internacional. En lugar de ir a Roma, los jóvenes trabajadores fueron al ejército, a los campos de trabajo, a los campos de concentración y a la muerte.

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1939	5/9: Fecha prevista para la gran concentración jocista en Roma, cancelada por motivos de guerra.	3/9: Estalla la 2a guerra mundial.
1940	22/8: La JOC queda prohibida en la zona francesa ocupada.	15/5: Ofensiva general alemana. Ocupación de Bélgica, Países Bajos, Luxemburgo, y parte de Francia. 16/6: Italia entra en la guerra.
1941	8/9: Fundación oficial de la JOC de Australia.	Abril. Hitler invade los Balcanes. 22/6: Hitler ataca la URSS. 7/12: Ataque de Japón en Pearl Harbour. Japón y Estados Unidos entran en la guerra. Comienza la guerra del Pacífico. 31/12: El ejército japonés ocupa Hong Kong, Filipinas, Malasia, y Birmania.
1942	11/6: Detención de Cardijn y de dos presidentes nacionales de Bélgica. 21/6: 15o aniversario de la JOC francesa (en la zona "libre"). Concentración de 70 000 jóvenes en 7 ciudades. 21/9: Cardijn sale de la cárcel. 6/10: Trabajo forzoso de los obreros belgas en Alemania. Reacción de la J.O.C.	Febrero. Japón ocupa Singapur. Marzo. Japón ocupa Indonesia. Agosto. Japón ocupa Nueva Guinea, Guadalcanal y amenaza a Australia. 6/9: Comienza la batalla de Estalingrado. 8/11: Desembarque aliado en Norteáfrica. 11/11: Los alemanes ocupan la zona "libre" de Francia.
1943	16/2: Servicio de trabajo obligatorio para los jóvenes en Francia. Reacción de la JOC. 13-14/6: Reunificación de la JOC francesa (zona ocupada y antigua zona "libre"). 3/8: Se cierra la secretaría de la JOC en París. Detención del Padre Guérin. 12/9: Primera jornada nacional de la "JOC del exterior" en Dessau en Alemania. 3/12: Comienza la represión de la Gestapo.	18/1: Rebelión del ghetto de Varsovia. 2/2: Capitulación del ejército alemán en Estalingrado. 10/8: Desembarque aliado en Italia. 8/9: Armisticio en Italia.
1944	(Principios). La JOC (del exterior) cuenta con 70 federaciones y existe en 400 ciudades alemanas. 7/4: Detención de los dirigentes de Berlín y de 10 militantes deportados al campo de concentración de Orlanenburg. 19/8: Reapertura de la Central jocista de París	6/6: Desembarque aliado en Normandía. 25/8: Liberación de París. 6/9: Liberación de Bruselas.

1939 - 1945

23/1: Muere Paul Garcet en Dachau. 2/2: Muere Fernand Tonnet en Dachau. 19/2: Muere Marcel Callo en Matthausen. 27-28/8: Jornadas de estudios internacionales de la JOC en Bruselas .	4-11/2: Conferencia de Yalta. Nuevo reparto del mundo. 25/4-26/6: Elaboración de la Carta de las Naciones Unidas. 8/5: Capitulación de la Alemania nazi. 6/8: Bomba atómica en Hiroshima. 2/9: Capitulación del Japón. Ho Chi Minh proclama la independencia del Vietnam.	1945

No iremos a Roma...

Mientras Italia se hundía en el fascismo, Franco vencía a los republicanos en España, Japón continuaba su política imperialista en Asia, Francia salía del Frente Popular y la Alemania de Hitler iba ampliando su "espacio vital", los jocistas de cuarenta países estuvieron preparando la Concentración internacional de Roma que debía ser una peregrinación por la paz. Sin embargo, la guerra estaba a la vuelta de la esquina y la concentración tuvo que ser cancelada. Se enviaron telegramas a todos los países del mundo. Las delegaciones de Canadá, de Colombia y del Tonkín, así como dos jocistas norteamericanos que ya estaban en camino, fueron los únicos en llegar a la Ciudad Santa. Cardijn dijo: "¡Pues ahora vamos a trabajar con todas nuestras fuerzas para quienes sufren, y después de la guerra iremos a Roma!"

El 1° de septiembre de 1939 las tropas hitlerianas invaden Polonia. Dos días después, Francia e Inglaterra declararon la guerra a Alemania. Había comenzado la segunda guerra mundial, que duraría cinco años.

La JOC debe ser reinventada cada día y en todas partes, porque los problemas de los jóvenes trabajadores, no se descubrirán ni resolverán de una vez para todas.

José Cardijn

La guerra lo trastorna todo

Esta guerra ponía frente a frente a democracias y dictaduras, países en los que el movimiento obrero podía organizarse y países donde dicho movimiento estaba integrado en el régimen político, países donde los jóvenes trabajadores podían tener su propia organización y aquellos en los que la juventud estaba enrolada por el Estado.

Todo quedó trastornado con este conflicto. Se modificaron las fronteras, a veces en varias ocasiones. Los valores vacilaron y el ser humano fue abofeteado. Los jóvenes trabajadores se fueron al ejército, algunos fueron incorporados a filas a la fuerza, otros fueron enviados a campos de trabajo, otros fueron prisioneros de guerra o prisioneros políticos torturados hasta la muerte en los campos de concentración. Las familias quedaron desgarradas, las ciudades y los pueblos fueron destruidos, la población quedó diezmada.

Surgieron nuevas necesidades. Había que dar acogida a los desplazados o refugiados, alimentar a los hambrientos, alojar a los damnificados, apoyar a quienes estaban en el ejército, en los campos de trabajo o en la cárcel, reaccionar contra el adoctrinamiento oficial, comunicar por allende unas fronteras totalmente cerradas, aprovechar todos los traslados debidos a la guerra (campos de trabajo, traslados de ejércitos por los continentes y a países de ultramar), encontrar medios de acción en nuevos entornos (fábricas, campos, cuarteles), andarse con rodeos con las autoridades de ocupación, tomar posición de cara a los movimientos de la resistencia, inventar modos de acción clandestinos, estar listos si fuera necesario para destruir cualquier documento comprometedor. Cabe preguntarse si esta escuela de guerra iba a ser saludable para el Movimiento, si la JOC iba a hallar su camino en esta nueva situación.

la " rue des Palais " en Bruselas, tras un bombardeo

La JOC en el torbellino mundial

La mayoría de los países indicados en el folleto de Cardijn "La JOC en el mundo" en 1939 se vieron afectados por la guerra. Raros fueron los países que se libraron directamente del conflicto mundial al adoptar una postura de neutralidad: Irlanda, Suiza, Suecia y Argentina. A estos países cabe agregar dos dictaduras: la de Salazar en Portugal y la de Franco en España. El primero permitió una presencia de los aliados en las islas Azores y en Timor y el segundo envió tropas para luchar contra el bolchevismo.

Todos los demás países, en los que la JOC estaba balbuceante o en pleno desarrollo, estuvieron implicados de una forma u otra en la guerra. Algunos incluso ya estaban integrados en el Tercer Reich como Austria o Checoslovaquia. Otros vieron afluir a las tropas enemigas y sufrieron la ocupación de los nazis: Bélgica, Países Bajos, Luxemburgo, Francia, parte de Polonia y de la URSS, países bálticos como Lituania. Otros países fueron ocupados por Japón: Indochina, Corea, Filipinas. Otros se unieron contra el nazismo: Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, Colombia, Egipto, Brasil, Australia, Nueva Zelanda, Seychelles. Las colonias francesas quedaron divididas: parte de ellas siguieron sumisas al gobierno de Vichy que colaboraba con Alemania (gran parte del Africa negra, Madagascar, Reunion), otros como Gabón, Camerún o Chad recibieron al ejército francés libre liderado por De Gaulle.

Pese a estos trastornos mundiales, y a veces gracias a ellos, la J.O.C. siguió viviendo y creciendo en un determinado número de países. Aún queda por recoger el balance de la acción del Movimiento durante estos cinco años de guerra. Se dieron tres tipos de situación. En primer lugar, estaban los países donde la J.O.C. estaba ya bien implantada y que fueron ocupados por la Alemania nazi (Bélgica y Francia); en segundo lugar, estaban los países como Alemania donde no existía la J.O.C., y con razón, pues sólo era permitido un movimiento de jóvenes que era la "Hitlerjugend", las juventudes hitlerianas; y por último estaban los países que pese a su intervención en el conflicto se situaban fuera de las zonas de combate, en particular Australia y Canadá. Cabe señalar que en otras regiones del mundo, el movimiento JOC llegó a desaparecer durante este período. Fue así con las JOC de China, del Japón, de las Filipinas.

En Bélgica

Durante los años previos a la guerra, la J.O.C. belga había condenado el nacionalismo, el fascismo y su forma belga, el rexismo.

En 1933, se publicó en el boletín "Jeunesse Ouvrière" que: "nos oponemos a una intoxicación colectiva de mano de dictadores que llevan a su pueblo a un abismo". En octubre de 1936, el boletín de los responsables de la K.A.J. se opuso a la "idolatría del Estado y a la divinización de la raza".

En mayo de 1940 Bélgica quedó sumergida por el ejército alemán. Ante los avances nazis, muchos belgas huyeron al sur de Francia, entre ellos los dirigentes nacionales de las cuatro ramas (JOC - JOCF - KAJ y VKAJ). El 27 de mayo, tras 18 días de combates, el ejército belga capituló y en septiembre los refugiados volvieron al país.

La J.O.C quedó parcialmente decapitada por la movilización y la no liberación de los prisioneros de guerra francófonos. Pese a los decretos que regulaban las actividades de los movimientos juveniles, los jocistas prosiguieron su acción y cada año se organizaron sesiones en las que participaron entre 6000 y 8000 militantes.

A partir de 1942, las actividades de los Movimientos fueron estrechamente vigiladas. El 11 de junio, Cardijn, su asistente y dos presidentes nacionales fueron detenidos y encarcelados por tres meses. Otros militantes fueron enviados a los campos de concentración.

Antiguos dirigentes como Fernand Tonnet y Paul Garcet murieron en dichos campos. Aun así, la J.O.C. continuó su acción utilizando el pretexto de reuniones religiosas. Se insistió en la educación, totalmente opuesta a la que proponía el Estado totalitario.

La J.O.C. y sobre todo la K.A.J. se tomaron a pecho el problema del trabajo forzoso en Alemania, logrando una rápida liberación de sus cuadros prisioneros políticos.

Durante la guerra el movimiento hizo también un inventario de las necesidades de los jóvenes trabajadores y sentó las bases de un programa de acción que se aplicaría nada más lograrse la Liberación. Este programa fue bautizado "Estatuto de la Juventud Trabajadora".

" Flores de fuego ", cristalización del vidrio, por Sachiko Hari.

En Francia

En Francia, la segunda guerra mundial comenzó con la llamada "guerra boba" que duró nueve meses (hasta septiembre de 1940) en los que los jóvenes fueron movilizados y la población fronteriza evacuada. La ofensiva relámpago de los alemanes en mayo y junio de 1940 dejó Francia dividida en dos zonas. En el norte, una zona ocupada y bajo el mando directo de los nazis, con Alsacia y Lorena integradas en el Reich. En el sur, la llamada zona "libre" dirigida por el gobierno de Vichy bajo las órdenes del mariscal Pétain.

En la zona "libre"

Durante la avanzada alemana, la Secretaría general tuvo que replegarse en Limoges, y luego en Lyon, desde donde se organizaron las acciones.

La JOC buscó estar presente en todos los lugares donde estaban los jóvenes trabajadores. Se organizaron servicios, sesiones de formación, acciones. Todo ello se llevó a cabo fuera de las políticas oficiales del Estado. La J.O.C. se opuso al sindicalismo único fomentado por el Gobierno de Vichy (Carta del Trabajo), reforzó su pertenencia al mundo obrero y consideró que había hecho demasiado hincapié en determinados aspectos espirituales.

El 15° aniversario del Movimiento en Francia se celebró el 21 de junio de 1942. Las manifestaciones en las que participaron unos 70.000 jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras en Lyon, Marsella, Saint-Etienne, Grenoble, Toulouse y Limoges consolidaron la unidad del movimiento y afirmaron su identidad.

El campo de Struthof en Alsacia (Francia).

En la zona ocupada

Tras la derrota de 1940, se reorganizó la secretaría de la JOC en París. La situación presentaba más dificultades que en la zona "libre". Los nazis estaban omnipresentes. A pesar del decreto del Gobierno militar (24/8) que prohibía las actividades de cualquier unión, sociedad o asociación, la JOC siguió existiendo y actuando. Se mantuvo en contacto con la JOC de la zona "libre" y con la JOC belga, a menudo a costa de traslados arriesgados (cruce de fronteras o zonas prohibidas).

En 1942 se organizaron casi treinta sesiones de estudios regionales en las que participaron entre 60 y 150 participantes en cada sesión. Además, el movimiento preservó su independencia financiera. Es así que en 1943, la venta de calendarios generó ingresos por más de dos millones de francos, cuando sólo bastaba un millón para asegurar el pago de los salarios de los permanentes y los demás gastos de funcionamiento.

El desembarque aliado en Africa del norte provocó la entrada del ejército nazi en la zona libre el 11 de noviembre de 1942. Siete meses después, el 13 y 14 de junio de 1943 tuvo lugar en Buzenval (cerca de Versalles) el "encuentro de la unidad" en el que fusionaron las dos secretarías (Lyon y París). Sin embargo, surgieron otros problemas que desafiaron a la JOC. En efecto, el Servicio de Trabajo Obligatorio (S.T.O.) instaurado el 16/2/1943 afectaba a numerosos jóvenes trabajadores.

El 3 de agosto de 1943, los locales de la secretaría de París fueron pesquisados y precintados. El Padre Guérin, considerado presidente de la J.O.C., fue detenido y encarcelado durante 142 días. Ese mismo día, un dirigente de Lyon, Paul Buttet, fue detenido y deportado a un campo de concentración. Muchos jocistas se comprometieron personalmente con la Resistencia.

" Un medio para identificarse "

En los campos de trabajo los jocistas de distintos países se identificaban silboteando el himno jocista.

De pie. La voz de Cristo Obrero
Nos llama el mundo a conquistar.
De pie, que el jefe nos invita
Legiones nuevas a formar.

Alegres, puros, sin temor,
Conquistadores del ideal,
Y firmes en compacto batallón
Jocistas avanzad.

En la Alemania nazi

La Alemania nazi necesitaba mano de obra para su industria de guerra. Sin embargo, los obreros alemanes, tanto jóvenes como adultos, estaban en el ejército y combatían en los distintos frentes. Era insuficiente la mano de obra constituida con los dos millones de prisioneros políticos. Por esta razón, Alemania organizó la requisición de trabajadores de Bélgica, de Francia y de los otros países ocupados, afectando en total a 1,3 millones de franceses y 200 000 belgas. Los movimientos jocistas de estos dos países fueron alcanzados de lleno por las consecuencias de este trabajo forzoso impuesto a los jóvenes.

Trabajo forzoso

En Bélgica se declaró obligatorio el trabajo forzoso el 6 de octubre de 1942 para los hombres entre 18 y 50 años, y para las mujeres solteras entre 21 y 35 años.

Opresión. Cerámica de Argentina.

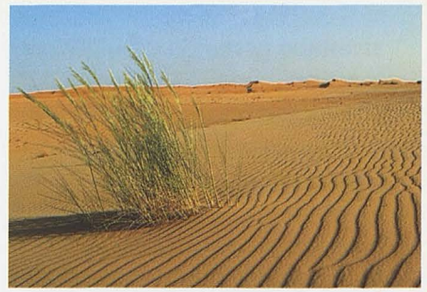
El movimiento reaccionó con fuerza: "No firméis, no os vayáis". Se emprendió una acción disuasiva que resultó ser muy eficaz con las muchachas. Es así que durante seis meses en 1943, de 84 000 mujeres convocadas, sólo 1000 se marcharon a Alemania. Obviamente, el movimiento puso en marcha medios para ayudar a los recalcitrantes que tenían que vivir en la clandestinidad.

En otro momento, la K.A.J. obró con determinación para apoyar a aquellos jóvenes que habían tenido que irse. La J.O.C. valona lo haría también aunque en menor medida dado el gran número de jóvenes trabajadores francófonos que seguían siendo prisioneros de guerra.

En Francia, no tardó en aplicarse la Ley sobre el Trabajo Obligatorio (S.T.O.). En efecto, habían fracasado las negociaciones con las que se proponía liberar a un prisionero por cada tres obreros que iban a trabajar a Alemania. El Trabajo Obligatorio afectaba a todos los hombres nacidos entre el 1 de enero de 1920 y el 31 de diciembre de 1922. 600 000 jóvenes entraban en esta categoría. La JOC francesa no se involucró plenamente en una acción para disuadir a los jóvenes de marcharse sino que prefirió dedicar sus fuerzas a quienes iban a trabajar a Alemania.

Nacimiento de la J.O.C.

Durante el año 1943 nacieron tres organizaciones jocistas en la Alemania de Hitler. Estas tres organizaciones fueron establecidas por la K.A.J. flamenca, La J.O.C. valona y la J.O.C. francesa. En muchos casos, todo empezó con la identificación de quienes llevaban la insignia jocista (cuando se autorizaba llevarla), de aquellos que silboteaban el himno jocista, con encuentros durante las misas del domingo. Las secretarías de Bruselas y de París recibieron centenares de cartas que describían la difícil situación en las barracas de los campos y en el trabajo. Al principio fueron formándose grupos que no tenían que ver unos con otros. Los movimientos nacionales enviaron sus boletines. La K.A.J. envió a dos permanentes a Alemania para organizar el Movimiento. Sacerdotes franceses salieron a trabajar como obreros para apoyar a los jocistas. Se organizaron encuentros más amplios, jornadas de estudios, acciones simbólicas, concentraciones, todo ello bajo "cubierta" religiosa. Se puso en marcha una amplia organización. La estructura de la K.A.J. se decidió en una reunión seguida poco después por una asamblea general en Dassau, el 12 de septiembre de 1943.



Siempre vuelve a brotar la vida.

La K.A.J. en Alemania tenía entonces unos 1800 miembros. No se trataba de todos los jóvenes que se encontraban en la JOC sino aquellos que tenían una relación más directa con Bruselas. El Movimiento se distribuyó por 25 regiones, siendo Berlín y Leipzig las más fuertes.

La J.O.C. belga francófona disponía también de una organización en Alemania, que colaboraba con los compañeros franceses.

En 1944, unos 10 000 militantes franceses y belgas estuvieron involucrados en acciones de ayuda mutua, de defensa de la dignidad del trabajador, y de resistencia al nazismo. El Movimiento estaba organizado en 70 federaciones y estaba presente en 400 ciudades. Entre las regiones más importantes estaban Berlín, Silesia, Stettin y Renania.

Las muchachas también dejaban Francia y Bélgica para ir a ayudar a las jóvenes trabajadoras obligadas de marcharse a Alemania. Aún queda por escribir su historia. Así pues, en plena guerra mun-

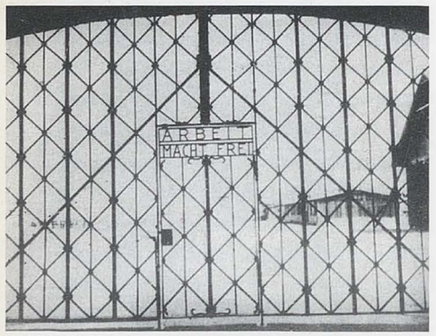
dial, en el antro mismo del león, se estaba gestando una "JOC del exterior", una "Auslands CAJ". ¿Cómo reaccionaría el león?

Represión

En el momento en que la K.A.J. adoptó sus estructuras comenzaron las dificultades con la Gestapo. La presión sobre los dirigentes fue cada vez mayor. Los alemanes preguntaban: "¿Por qué no trabajáis con nosotros puesto que luchamos contra el comunismo?" Se sucedieron intimidaciones, detenciones, interrogatorios y encarcelamientos. A partir del 3 de diciembre de 1943, las actividades antialemanas de sacerdotes, seminaristas y jocistas estuvieron en el punto de mira de una directiva dirigida a la Gestapo. La ola de represión alcanzó su auge en el verano de 1944. Numerosos jocistas fueron encarcelados y algunos pagaron su compromiso con su vida.

Sor Schalkhaz, colaboradora de la JOC de Hungría, asesinada por los nazis.

Entre ellos Marcel Callo es tal vez el más conocido porque fue beatificado. Conviene sin embargo no olvidar a todos los demás, conocidos y desconocidos, a los mártires de la resistencia, y a quienes fueron alistados a la fuerza en el ejército alemán.



Verja del campo de Dachau donde murieron Tonnet y Garcet.

Marcel Callo.

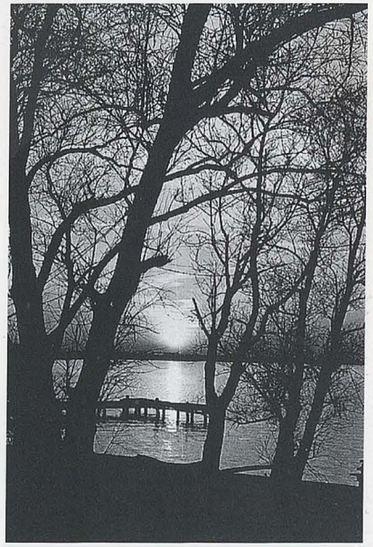
Una experiencia internacional fecunda

Implantada en un país dictatorial, la J.O.C. tuvo que buscar nuevos métodos de acción, a menudo clandestinos, y tuvo que sufrir persecuciones y muertes. Esta experiencia difícil, original y arriesgada fue internacional en varios aspectos.

En primer lugar, porque tenía lugar en un país extranjero y se situaba en entornos donde convivían personas de muchas culturas europeas distintas.
Luego, por que pese a algunas dificultades, se estableció una colaboración entre la J.O.C. francesa y la J.O.C. belga.
Por último, por que en muchos lugares se establecieron contactos con los alemanes, en particular con sacerdotes.

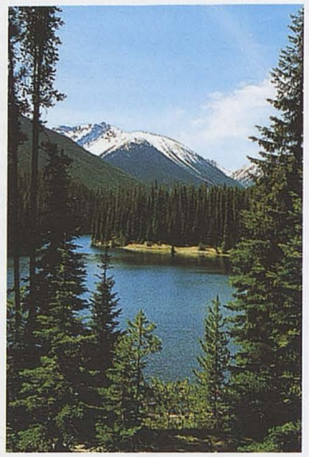
Esta experiencia fue fecunda porque tuvo que ver con la fundación de la J.O.C. alemana.
Además de los contactos de la JOC con sacerdotes alemanes que se la jugaban todas, se crearon otros contactos, pese a los problemas de lengua, con jóvenes trabajadores alemanes de modo que entraran en la J.O.C. En Stuttgart y en Aschaffenburg, todo quedó en meras relaciones amistosas. En Mannheim y en Meersburg, parece ser que algunos grupos de la J.O.C. alemana fueron descubiertos y reprimidos en la sangre por la Gestapo.

Una vez terminada la guerra, la J.O.C. belga emprendió acciones de ayuda mutua y de solidaridad con la incipiente J.O.C. alemana.
Además, la fundación de la J.O.C. alemana en Ludwigshafen fue el resultado de la acción de dos antiguos trabajadores del S.T.O. que intentaron convencer a los obispos, a sacerdotes y a jóvenes trabajadores de fundar su propia J.O.C.



Puesta de sol en Alemania septentrional.

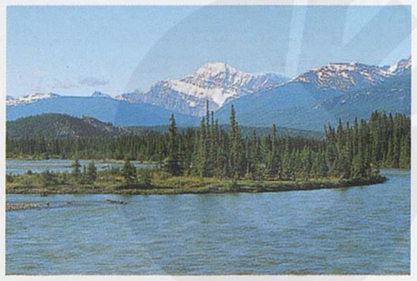
La vocación internacional del Canadá



Gran parte de Europa estaba bajo el dominio nazi, Norteáfrica era un verdadero campo de batalla, la guerra del Pacífico iniciada en Pearl Harbor (7/12/1941) estaba en su punto culminante. Mientras tanto, la J.O.C. iba naciendo, seguía viviendo y se desarrollaba en un determinado número de países fuera de Europa como Canadá, Australia o el Vietnam.

¿Que sucedió en el Canadá? La Juventud Obrera Católica del Quebec se fundó tempranamente, en 1931, tan sólo seis años después de la fundación oficial de la J.O.C. belga. Uno de los principales artífices de la fundación de la J.O.C. fue el Padre Henri Roy. El movimiento nació en el catolicismo tradicional del Quebec. La denominación "Católica" muestra cuáles fueron los orígenes de esta J.O.C. que, varias décadas después, tras realizar su "revolución tranquila" cambió "Católica" por "Cristiana".

A pesar del ambiente tradicional en que se desarrolló, la J.O.C. se abrió a lo internacional gracias a sus relaciones con Bélgica sobre todo, y también con Francia y Gran Bretaña. Les encíclicas sensibilizaron a la JOC al nacionalsocialismo y al comunismo. La prensa del movimiento presentó la historia y los problemas de la clase obrera en otros países. La J.O.C. del Quebec tomó conciencia de los problemas mundiales principalmente a través de los círculos eclesiásticos.



El 9 de septiembre de 1939 Canadá declaró la guerra a Alemania. Según determinadas fuentes, la J.O.C del Quebec tenía entonces unos 42 000 miembros de los que

4000 eran militantes. En 1941 se restableció la obligatoriedad del servicio militar. Más de medio millón de hombres fueron movilizados. La intervención de Canadá en los frentes franceses e italianos se cobró la vida de 41 000 soldados. Más de 10 000 jocistas fueron llamados a filas. Decenas de miles de mujeres jóvenes fueron empleadas en la industria de guerra.

Durante estos años, la acción de la J.O.C. continuó. Se organizó un "Servicio Jocista al soldado" que facilitaba la redacción de cartas y el envío de regalos a los soldados francófonos que combatían en Europa. Las concentraciones sobre temas de interés para los jóvenes trabajadores reunían con facilidad entre 400 y 500 personas.
Continuó el servicio de preparación al matrimonio iniciado antes de la guerra. En 1944, este servicio alcanzaba a 8000 novios (en las dos lenguas). Se organizó una cruzada de oración en favor de la "liberación de Cardijn o para que su detención, si debiera prolongarse en el plan de la Providencia, contribuyera al mayor desarrollo posible de la J.O.C. en su país y en el mundo entero".

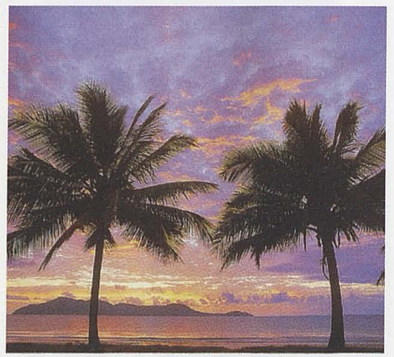
En 1944, se fundó oficialmente la JOC de lengua inglesa, la Y.C.W. (Young Christian Workers). Se organizaron sesiones conjuntas con las dos ramas (francófona y anglófona).

La J.O.C. del Canadá mantuvo relaciones importantes con los países extranjeros. En efecto, debido a la guerra estos países quedaron aislados de Europa. Las relaciones se establecieron con unos quince países, entre los cuales Chile, Costa Rica, México, Martinica, Haití, Cuba, y también Indochina.

¿ Volverá la paz ?

La articulación de la J.O.C. en Australia

La fundación oficial de la JOC australiana tuvo lugar durante la segunda guerra mundial. En realidad, el movimiento ya estaba formándose y actuando desde hacía unos diez años. Creemos útil recordar esta historia.



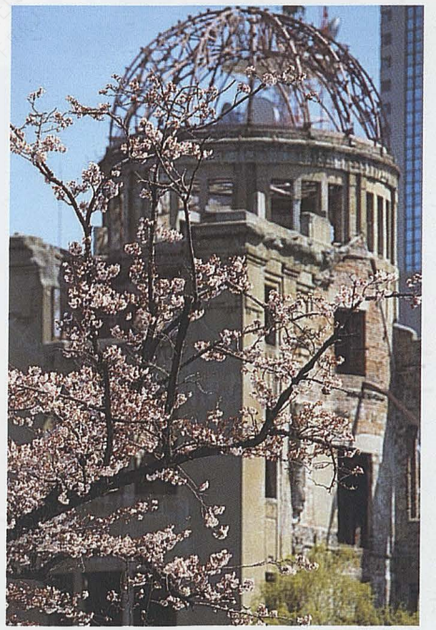
Queensland, Australia.

A principios de los años 30, la "Gran Depresión" llegó a Australia. El desempleo y la pobreza alcanzaron niveles sin precedentes. Decepcionados por la economía capitalista, los Estudiantes Católicos formaron un grupo para estudiar las enseñanzas sociales de la Iglesia y dar una respuesta cristiana. Kevin Kelly era uno de estos estudiantes. Kelly conoció la JOC en un libro y convencido de que la JOC era necesaria en Australia, organizó una campaña para dar a conocer el movimiento y sus métodos. Comenzó a escribirse con Cardijn y en particular con el Padre Robert Kothen.
Los esfuerzos de Kelly le llevaron a ser reconocido como corresponsal oficial de la JOC en Australia.

Kevin Kelly puso en marcha al menos un grupo sobre la base del método jocista. En 1939, él y otro laico publicaron un folleto sobre la JOC y la Acción Católica. Se vendieron más de 15 000 ejemplares de este folleto. Esto creó el contexto en que nació realmente la JOC

Durante aquel período, personas de otras ciudades de Australia, en particular de Adelaida, que era la ciudad natal de Paul Mc Guire, comenzaron también a experimentar y a promover la JOC
En 1939, Frank Lombard y unos jóvenes sacerdotes de Melbourne iniciaron a grupos de jóvenes trabajadores en sus parroquias. En 1941 lograron convencer al Arzobispo Daniel Mannix de que la JOC era el movimiento que se necesitaba. Mgr. Mannix ordenó convertir la existente "Legión Católica de Muchachos" en JOC
El 8 de septiembre de 1941, festividad de Nuestra Señora, fue la fecha simbólica elegida para la fundación oficial de la JOC de Australia, si bien ya existían grupos de JOC desde hacía varios años en Melbourne y en otras ciudades australianas.
Mientras tanto aparecieron los primeros dirigentes nacionales laicos de la JOC Frank Mc Cann y Ted Long fueron respectivamente primer presidente y primer secretario de la JOC de Australia. El primer Consejo Nacional tuvo lugar en 1943. Ted Long participó en la Semana de Estudios Internacional de Montreal en 1947.
Por su parte, las muchachas no tenían JOCF sino la NCGM (National Catholic Girls Movement - movimiento nacional de chicas católicas) que pasó a llamarse juventud obrera en 1959.

Durante la segunda guerra mundial, la JOC pasó por la tercera etapa de su breve existencia. Tras los años de fundación y la euforia de una rápida expansión internacional, la JOC entraba en un período de riesgo, purificación y profundización.



Hiroshima, Japón.

Roma 57

1945 - 1965

Fundación de la JOCI

Días de posguerra
Panorámica
La JOC se dota de un Buró internacional
Ver Juzgar Actuar
Montreal 1947
Braine-l'Alleud 1950
Misioneros laicos
Roma 1957 (1° Consejo internacional)
Nacimiento oficial de la JOCI
Después de Roma
Programas de año
Rio 1961 (2° Consejo Internacional)
Jocistas ingleses en Estrasburgo
Bangkok 1965 (3° Consejo internacional)
Los viajes de Cardijn

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1945	27-28/8: Jornadas de estudios internacionales de la JOC en Bruselas.	8/5: Capitulación de la Alemania nazi. 2/9: Capitulación definitiva del Japón. Ho Chi Minh proclama la independencia del Vietnam.
1947	Inicios de la JOC Alemana. Congreso Internacional de Montreal.	5/6: Plan Marshall. 15/8: Independencia de la India.
1948	Primer Congreso Nacional de la JOC del Brasil.	15/3: Proclamación del Estado de Israel. 26/6: Comienza el bloqueo de Berlín. 10/12: Declaración Universal de los Derechos Humanos.
1949	21/3: Primera sección de la J.O.C. japonesa en Kokura.	19/3: Llamada de Estocolmo en favor de la prohibición absoluta de los armamentos nucleares. 1/10: Mao Tse Tung proclama la República de China Popular. 7/10: Fundación de la República Democrática de Alemania.
1950	3-10/9: Concentración internacional de Braine-L'Alleud (Bélgica).	26/1: Creación de la Confederación Internacional de Organizaciones Sindicales Libres (CIOSCL), diferente de la Federación Sindical Mundial (F.S.M.) procomunista. 26/6: Comienza la guerra de Corea (hasta 1954).
1953	Los primeros "Extension Workers" ("extensionistas") salen de Bélgica.	
1954		7/5: Caída de Dien Bien Phu. 23/7: Acuerdos de Ginebra. División del Vietnam en dos zonas.
1955		17-24/4: Conferencia de Bandung de 29 países no alineados..
1956	12/9: Primer foro de las JOC de Africa en Duala (Camerún).	23/10: Principio de la insurrección húngara.
1957	23/8-4/9: Concentración de Roma (Italia). Primer Consejo Internacional y Fundación oficial de la JOCI.	25/3: Tratado de Roma. Fundación de la Comunidad Económica Europea.
1958	Encuesta mundial sobre la preparación para la vida familiar.	20-26/8: El Africa negra francesa accede a la independencia.
1960	Encuentro de las JOC de lengua árabe en D'Jounieh (Líbano). Encuentro Continental de Asia en Kuala Lumpur (67 participantes).	30/6: Independencia del Congo belga.

1945 - 1965

2-11/11: Segundo Consejo Internacional, en Río de Janeiro (Brasil).	La O.N.U. proclama el primer Decenio del Desarrollo. 13/8: Muro de Berlín.	1961
Encuesta mundial sobre el trabajo de los jóvenes.	18/3: Independencia de Argelia. 11/10: Juan XXIII abre el 2° Concilio del Vaticano.	1962
	3/8: Muere Juan XXIII. 22/11: Asesinato de John Kennedy.	1963
1-2/8: Marcha europea en Estrasburgo.	31/3: Golpe de Estado militar en el Brasil.	1964
Febrero de 1965: Cardijn es nombrado cardenal. 30/11-14/2: 3° Consejo Internacional en Bangkok (Tailandia). Encuesta mundial sobre los tiempos libres de los jóvenes. Plan de acción : migraciones, grandes ciudades. Establecimiento del equipo de extensión de Asia.	7/2: Principio de los ataques aéreos norte americanos en el Vietnam del Norte. Empieza la 2ª guerra del Vietnam..	1965

Comité Ejecutivo de la JOC.
Montreal, agosto de 1963.

Primer local de la JOC japonesa en Kokura.

1955 !
O primeiro
missionário-jocista alemão,
Paulo Fey,
sai da Alemanha para
trabalhar no Brasil
(até 1959)

Días de posguerra

El año 1945 fue un año terrible y a la vez lleno de esperanzas. Fue un año terrible porque se conocieron los horrores perpetrados en los campos de concentración nazis y el poder destructor del arma atómica en Hiroshima y Nagasaki. Fue terrible también por el balance que arrojó la segunda guerra mundial. Fue también un año de esperanzas, de regreso a la paz, de nuevos comienzos. Un año en el que se fue agrietando rápidamente la gran alianza contra Hitler y el Reich nazi sellada desde la agresión alemana contra la URSS el 22 de junio de 1942. Una prueba de ello fue la tensión en las discusiones entre los "grandes" en Teherán, Yalta y Potsdam sobre el futuro de Europa. El conflicto armado fue seguido por una "guerra fría" y la división del mundo en dos bloques. El 24 de febrero de 1948, los comunistas tomaron el poder en Praga; el 4 de abril de 1949, se firmó en Washington el Tratado del Atlántico Norte; y el 7 de octubre de 1949 se fundó la RDA... En un contexto como éste, las JOC de Hungría, de Polonia, de Rumania y de Eslovaquia pasaron a la clandestinidad y desaparecieron paulatinamente.

La JOC, que vivió de lleno el conflicto en todos los continentes, no tardó en hacer un balance y asentar los cimientos del futuro. Japón aún no había firmado su rendición (2/9/1945) cuando tuvieron lugar las jornadas de estudios internacionales. Este encuentro reunió a treinta y cinco dirigentes procedentes de siete países: Bélgica, Francia, Países Bajos, Luxemburgo, Inglaterra, Canadá y Estados Unidos..

Este encuentro puede considerarse el crisol en el que nació oficialmente la JOCI, Juventud Obrera Cristiana Internacional.

Panorámica

Los dirigentes reunidos en Bruselas comenzaron el encuentro con un examen general de la situación de la juventud trabajadora y de la J.O.C. en los distintos países. He aquí unos extractos de esta panorámica:

En Francia, "la juventud obrera experimenta una difícil situación tras cinco años de guerra.... La JOC adaptó y afinó sus métodos... La JOCF insiste en el gran número de madres adolescentes y de abortos, en particular entre las muchachas de 14, 15 y 16 años debido a la presencia de tropas". El movimiento se organizó por ramas: los mayores y los jóvenes.

En el Canadá, las deficiencias provocadas por la guerra "son menores que en Europa". La JOC "tiende a preocuparse por los aspectos materiales y sociales de los jóvenes trabajadores para alcanzar con ello los aspectos morales y religiosos". La JOCF indica que muchas chicas tienen mala salud por el trabajo de guerra y el hecho de que muchas fueron empleadas antes de los 14 años.

En Inglaterra, la mayoría de los jóvenes estaban en el ejército. "¿Cómo reintegrarlos en la industria después de la desmovilización?". Tras los bombardeos, el problema de la vivienda se ha vuelto crucial. Las encuestas sobre la juventud trabajadora son una preparación para la Carta de la Juventud Trabajadora.

En Holanda, en particular en el norte del país, la guerra causó estragos terribles, sobre todo en la situación de muchos jóvenes trabajadores. Muchas escuelas fueron destruidas. La inmoralidad y el desempleo van desarrollándose entre los jóvenes. Dos movimientos, el "St Josef Gezellenverein" y el "Jonge Werkman" fusionan y adoptan el nombre, el espíritu y los métodos de la K.A.J. belga

En Luxemburgo, los jóvenes han sido incorporados en las Juventudes Hitlerianas. La ofensiva de von Rundstedt en el invierno de 1944-45 destruyó una tercera parte del país. Se observa una reagrupación de las secciones jocistas. Hay que relanzar la JOC "en las masas".

En los Estados Unidos, "la guerra no ha afectado al estado general de la salud". Sin embargo, se observa un fuerte aumento de la delincuencia, en particular entre las muchachas. Los "negros" que son una décima parte de la población están muy abandonados. Se están creando núcleos en 48 Estados. Es importante "unificar y orientar a todos estos grupos hacia un movimiento único"

En Bélgica, la juventud trabajadora está marcada profundamente por la guerra: viviendas insalubres, bombardeos, trabajo de guerra, movilización, deportación, resistencia... A pesar de la ocupación alemana, las cuatro ramas del movimiento continuaron y adaptaron su acción (véase capítulo 2).

Central jocista en Bruselas.

La JOC se dota de un Buró internacional

El encuentro de agosto de 1945 no fue sólo internacional por la procedencia de sus participantes y por la visión que tenían de los diferentes países, sino también

Marguerite Fiévez, secretaria internacional del Buró internacional.

por el hecho de que sentó las bases de una futura labor internacional. En efecto, los participantes en dicho encuentro decidieron dotar a la JOC de una organización internacional más eficaz. La sede del Secretariado Internacional se mantuvo en Bruselas. Grupos locales de las JOC belga, francesa e irlandesa apoyaron a las JOC alemana y austríaca.

Era necesario formar un comité que reuniera a los delegados de todos los países afiliados. A él se incorporaron los capellanes nacionales. Por último, había que crear un Buró que estaría compuesto provisionalmente por delegados de Francia, Inglaterra y Bélgica, con objeto de asegurar la dirección cotidiana del Secretariado y de las actividades internacionales. El Comité contaría con una representación femenina de cada país y el Buró integraría también a representantes femeninas. A este Buró le encomendaron tres misiones fundamentales:

1) fomentar la fundación de las J.O.C.
2) facilitar los contactos entre los distintos países a través del Boletín de la JOC Internacional y preparar los viajes de Cardijn
3) representar el movimiento ante los numerosos organismos internacionales creados después de la guerra: Unesco, Consejo Económico y Social de las Naciones Unidas, Servicio europeo de la ONU, Conferencia de las Organizaciones Internacionales Católicas, Asamblea Mundial de la Juventud.

Cardijn y Pat Keegan.

Pat Keegan, de la JOC de Inglaterra, fue nombrado presidente, convirtiéndose así en el primer presidente internacional (no electo) de la JOC.

La labor de este Buró era titánica. Había que improvisarlo todo, buscar recursos, contar con colaboraciones voluntarias, mantener contactos epistolarios, recibir a los visitantes, clasificar la documentación, preparar las publicaciones, las reuniones, los Congresos y los viajes, llevar a cabo la acción representativa.

Es así que durante diez años, este Buró estuvo preparando la fundación oficial de la JOCI en el Congreso de Roma en 1957.

En mayo de 1946, se organizó en San José (Costa Rica) una sesión internacional para las Américas coincidiendo con una viaje de J. Cardijn; en junio de 1946 tuvo lugar en Bruselas una sesión con semejantes características para Europa.

Ver Juzgar Actuar

No se trata de una mera fórmula, de un botón en el que se debe pulsar para obtener lo que se quiere, sino del encaminamiento de una persona, de su proceso de vida.

Se invita a los chicos y chicas del mundo popular a mirar, observar su propia vida y la de sus compañeros. Esta capacidad de observación la adquieren con preguntas bastante sencillas, expresadas o no:
¿Cómo te llamas? ¿Dónde trabajas?
¿Cuánto ganas? ¿Vas al fútbol?
¿Quién es tu novia? Es esto que llamamos encuesta.
Luego se plantean otras preguntas más profundas que ayudan a reflexionar.
¿Qué cabe pensar de esto? ¿Cuál es la causa? ¿Qué sentido tiene mi vida?
¿Quién soy? ¿Qué vamos a hacer para que cambien nuestras condiciones de vida? Tras la reflexión y el juicio, se llega a la acción,
uno de los grandes pilares de la formación.

José Cardijn

Montreal 1947

El primer Congreso Internacional tuvo lugar en Bruselas en 1935, seguido por el de París en 1937. En julio de 1947, es decir diez años después y dos años después de acabada la segunda guerra mundial, se organizaron un nuevo

Dirigentes de la JOC en Montreal, un año antes del Congreso.

Congreso y una Sesión de Estudios Internacional. Ambos actos se realizaron en Montreal, en el Canadá. Fue el primer Congreso Internacional de la JOC organizado fuera de Europa. El movimiento canadiense realizó una preparación intensiva del Congreso. En el año previo al Congreso, cada federación y cada grupo organizaron una "quincena de propaganda" para galvanizar a los participantes.

Estuvieron representados todos los continentes: 12 países de Europa, 14 de América, 6 del Africa y 6 de Asia. Se contabilizaron en total 2860 participantes. Para la mayoría de los responsables delegados se trataba de una primera experiencia internacional. Fue así para los 75 participantes de Estados Unidos, para los delegados de Europa central (Alemania, Austria, Checoslovaquia), y para los delegados de Martinica, Cuba, Panamá, Ecuador y Jamaica.

El Congreso de Montreal fue la prueba de que era posible desarrollar el movimiento JOC en las repúblicas americanas. Fue asimismo en Montreal donde quedó expresada la necesidad de una JOC Internacional. En efecto, los delegados deseaban que "todas las J.O.C. de los distintos países se unieran para formar una JOC Internacional fuerte que diera una respuesta mundial a los muchos problemas encontrados". Las JOC se comprometieron claramente a brindar un apoyo financiero al Secretariado Internacional de Bruselas. Además, en el Congreso los delegados elaboraron un "Manifiesto de la Juventud Trabajadora".

La JOC en Cuba en 1949.

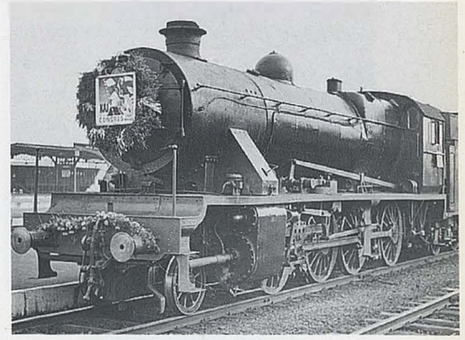
Braine l'Alleud 1950

El décimo aniversario de la J.O.C. belga en 1935 tuvo un marcado carácter internacional. Dicho carácter fue multiplicado con ocasión del 25° aniversario del movimiento. Braine-l'Alleud fue la cumbre de la JOC en la posguerra. Fue una etapa decisiva de la Internacional jocista.

Pío XII envió una carta a Cardijn y dirigió un mensaje radiofónico al Congreso jubilar celebrado el 3 de septiembre de 1950 en el estadio de Heysel en Bruselas. La concentración fue seguida por una "Conferencia Internacional" que se realizó durante una semana en Braine-l'Alleud, del 3 al 10 de septiembre.

Cuatrocientos cincuenta delegados de 45 países (en total 510 participantes procedentes de 52 países) se reunieron para trabajar juntos. La labor de esta asamblea internacional ya había sido preparada en los países en los 18 meses previos al acto. El 1 de julio de 1949, el Buró Internacional había enviado una circular a las secretarías nacionales para indicar en qué espíritu se quería desarrollar la preparación: "responsabilidad, esfuerzo, fe y unidad a fin de contribuir a la liberación y salvación de los jóvenes trabajadores de todos los países".

Tres años antes, el Congreso de Montreal había puesto de relieve el potencial de América latina. El Congreso de Bruselas hizo ya más hincapié en los países denominados en aquella época "países subdesarrollados". A partir de entonces, se organizaría una "Jorna-



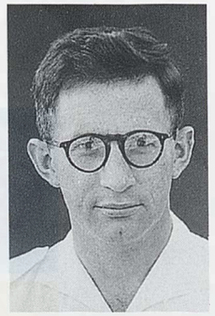
Camino de Braine-l'Alleud.

da Internacional" en cada país.
Treinta y dos países prepararon la encuesta sobre cultura, vivienda, familia, trabajo, desempleo, tiempos libres, higiene y salud. La síntesis de esta labor fue como un toque de alarma dado por la juventud obrera. La reflexión sobre "La hora de la clase obrera en la revolución mundial" no fue apreciada por Roma que formuló una advertencia criticando el documento por su orientación "clasista".
En 1952 y 1953 tuvieron lugar encuentros continentales: en Petrópolis (Brasil) para las JOC de América latina; en La Habana (Cuba) para las JOC de Centroamérica, en Hilversum (Países Bajos) para las JOC de Europa...
En 1955, las JOC americanas crearon un equipo itinerante encaminado a ayudar al desarrollo de los movimientos nacionales; en 1956, se creó un Asian Pacific Committee en Manila (Filipinas); y en Duala (Camerún), 50 delegados africanos se reunieron con motivo de una sesión continental.

Delegados africanos en Braine-l'Alleud.

Misioneros laicos

A partir de 1953 y por un período de unos quince años, la JOC estuvo enviando a "misioneros jocistas, laicos" al Africa, a América latina y a Asia. Fueron los llamados "extension workers" o "extensionistas".
En 1961, más dos 200 muchachos y muchachas ya habían respondido a la llamada del movimiento. Su tarea estaba muy definida y no era nada fácil. Se comprometían por tres años y trabajaban en equipos.
No recibían un sueldo sino sólo dinero para gastos menudos. En muchos casos trabajaban a media jornada. El país de origen y la JOC Internacional se encargaban de los gastos y de los seguros. Las diócesis locales debían garantizar el alojamiento y la comida, y en lo posible, darles algún dinero para gastos personales.
Los extensionistas debían tener una experiencia como responsables en el movimiento. Era importante que dominaran idiomas, fueran conscientes de las condiciones de vida, mentalidad y costumbres del país de acogida y conocieran a las organizaciones e instituciones de dicho país.



Alex Ericx (izq) y Jacques Meert (dcha), dos de los muchos extensionistas que tuvo la JOC.

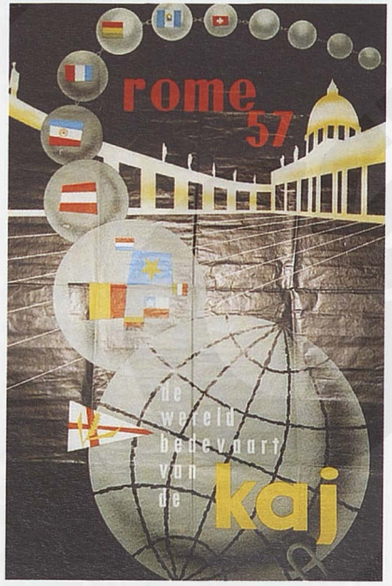
La misión de quienes eran enviados a los países donde la JOC ya existía era la de formar a responsables, ayudarles a adaptar el Movimiento a la situación local, a articularlo y a desarrollarlo. Quienes fueron enviados a países donde no había JOC tenían el objetivo de darla a conocer a sacerdotes, a seminaristas, y a otras personas.
Se presentaba la Acción Católica y el papel de los laicos en la Iglesia, el potencial de los y las jóvenes y la acción educativa de la JOC.
El 16 de mayo de 1963, en un encuentro de información, Cardijn dijo: "Los misioneros jocistas no se marchan como colonialistas, ni con medios capitalistas, ni con el objetivo de que los jóvenes africanos se parezcan a nosotros. Debemos ser misioneros desinteresados, para que la gente viva lo suyo. La JOC en el Congo debe ser congoleña, en Asia debe ser asiática".

Bernadette Dionne Dubuc (Quebec), extensionista en Argelia.

Roma 1957

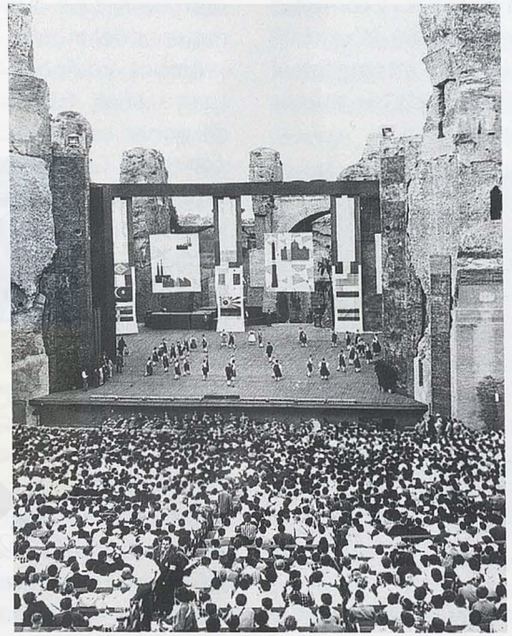
Hasta 1957, el Buró Internacional de Bruselas fue la clave del desarrollo del Movimiento en todo el mundo. En 1954, se amplió el equipo del Secretariado, abriéndose a responsables de otros continentes. Fue entonces cuando se inició una labor de definición de nuevas estructuras internacionales más estables, más centralizadas y más democráticas. Estos cambios se dieron al mismo tiempo que la preparación de la peregrinación mundial y del Consejo Internacional previstos en Roma para 1957.

La gran concentración mundial de Roma congregó a unos 32 000 jóvenes trabajadores de 85 países. Las delegaciones comenzaron a llegar el 21 de agosto de 1957. La velada folclórica en los Términos de Caracalla el viernes 23 de agosto marcó el inicio de los actos mayores. Los jóvenes trabajadores resaltaron la belleza de su cultura, de sus cantos, y terminaron la noche bailando una farándula internacional. El acto más importante del sábado fue el desfile con antorchas hacia el Coliseo y el Vía Crucis. La Misa del domingo 25 de agosto tuvo lugar en la Basílica de San Pedro. En la tarde del domingo, el Papa Pío XII saludó a los jocistas y a otras 10 000 personas presentes en la plaza de San Pedro. El lunes se clausuraron las celebraciones oficiales con un acto folclórico internacional en la Basílica de Majencio. Ese día y el siguiente permitieron una gran fraternización internacional superando países, lenguas y orígenes étnicos. Los últimos actos de preparación del Consejo Internacional fueron los encuentros continentales (Africa, Asia, América, Países Árabes) y una reunión de capellanes.



¡ Cita en Roma !

Nacimiento oficial de la JOCI


espectáculo escénico.

El Consejo Internacional celebró sus sesiones del 29 de agosto al 4 de septiembre de 1957. En él participaron unos 450 jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras representantes de 75 países.
El Consejo abordó principalmente los puntos siguientes:

- Un balance de la acción de la JOC Internacional que recogía un resumen de toda la historia del Movimiento
- Un estudio de la situación religiosa de la juventud trabajadora en el mundo, realizado a partir de una encuesta lanzada por la JOC Internacional.
- Un estudio de los fundamentos de la J.O.C. con aspectos como los principios doctrinarios del Movimiento, la JOC como movimiento organizado de jóvenes trabajadores/as que realizan "entre ellos, por ellos y para ellos" su vocación humana, divina, personal y comunitaria, y contribuyen a dar soluciones a los grandes problemas de la humanidad, y a construir un mundo nuevo.
- Una discusión sobre los Estatutos (previamente aproba-

dos por la Santa Sede) y el Reglamento de Orden Interno. Esta discusión marcó la constitución jurídica de la JOCI y confirmó un hecho consumado: la oficialización de la JOC Internacional con la realización de su primer Consejo Internacional

Maria Meersman (Bélgica), vicepresidenta de 1957 a 1961.

- La elaboración y la adopción de un plan de trabajo de cuatro años cuyos ejes eran los siguientes:

Prioridad al desarrollo de las JOC nacionales a través de la formación de los responsables y capellanes y del desarrollo de la JOC entre los jóvenes trabajadores;
Desarrollo de la JOC Internacional mediante la consolidación de la coordinación y el apoyo entre JOC nacionales. En adelante, los "extensionistas" serían enviados por la JOC Internacional.

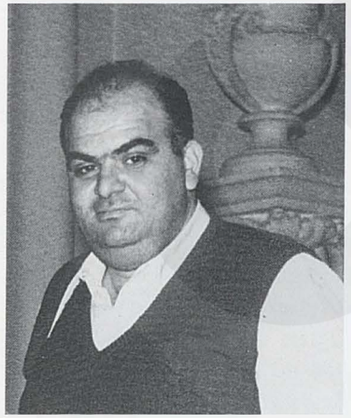
- Elección del primer Buró Internacional y de un Comité Ejecutivo de 16 responsables procedentes de distintos países y regiones del mundo.
- Ambos equipos, elegidos por cuatro años, fueron encargados de poner en aplicación las decisiones del Consejo Internacional.

El primer presidente electo de la JOCI fue Romeo Maione del Canadá.

- Adopción y publicación del Manifiesto de la JOC Internacional.

Como vemos, la labor de los delegados fue ardua y productiva, y siguió a la gran fiesta de la semana anterior.

Según Romeo Maione, "Roma fue una celebración y una fiesta. Era normal organizar una fiesta con motivo del nacimiento de la JOCI".



Romeo Maione (Canada), primer presidente electo.

El manifiesto de la JOCI

El primer Consejo Internacional se terminó con la publicación del Manifiesto de la JOCI Este fue la continuación de los manifiestos anteriores de la JOC: Montreal 1947 y Braine-l'Alleud 1950. Manifiestos como éstos no sólo desafiaron a la juventud trabajadora sino también a los responsables de las grandes organizaciones internacionales.

En efecto, el Manifiesto de 1957 quiso ser claramente internacional. Comenzaba con una mirada a un mundo en que las dos terceras partes de la población estaban subalimentadas, numerosos países sufrían una crisis de la vivienda, y había mucha desigualdad en los aspectos de la higiene, salud y esperanza de vida.

El Manifiesto invitaba al joven trabajador a ocupar un lugar específico en el mundo, entre los jóvenes que trabajan, buscan divertirse, están a menudo privados de cultura, viven en familias muy diversas, sin olvidar a las chicas y mujeres que trabajan.

Se planteaban los interrogantes siguientes: "¿Adónde va el mundo? ¿Qué peligros y qué esperanzas entraña? ¿Nos dirigimos hacia la fraternidad, en un respeto de las razas y de las civilizaciones? ¿Cómo dar respuesta a las verdaderas necesidades religiosas del ser humano? ¿Nos dirigimos hacia una paz mundial?"

El Manifiesto concluía con una conmovedora llamada, (véase página siguiente).

Ha nacido la JOCI.

Nuestro llamamiento

Joven trabajador, camarada y hermano.
Joven trabajadora, hermana y compañera
¿Has leído el Manifiesto que te dirigimos?
¿Puedes quedarte indiferente ante los problemas que deciden el futuro de toda la juventud trabajadora del mundo?
No seas escéptico (a)
No seas egoísta.
Es posible que no estés de acuerdo con algunos puntos de este Manifiesto. Dínoslo, escríbenos..
Quizás no tienes confianza en la J.O.C. que te hace llegar este llamamiento. Estúdiala, acércate a los jocistas.
En todo caso, no permanezcas solo y aislado. No te dejes cegar por el placer, el egoísmo, la indiferencia, la pasión o la ambición personal.

Ven con nosotros !

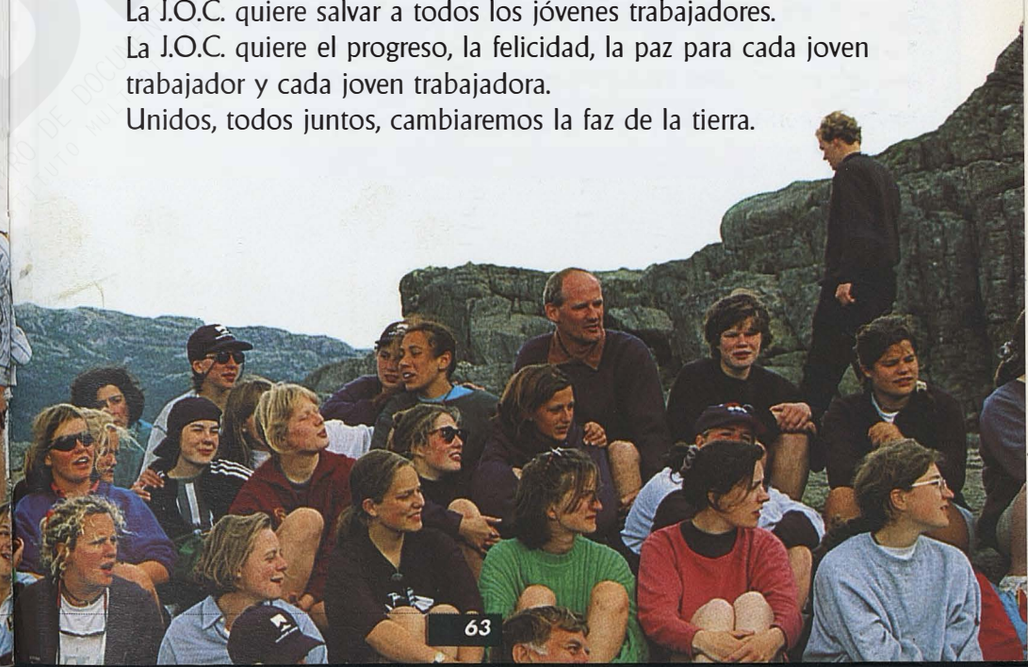
Tú tienes una misión magnífica.
Millones de jóvenes te esperan en Europa, en Africa, en Asia, en América, en Australia.
Millones de jóvenes cuentan contigo para ayudarles a levantarse, para tener confianza de salvarlos.
Todos tienen derecho a la felicidad, al respeto, a la dignidad

Ven con nosotros!

Nosotros queremos organizar una juventud nueva para construir juntos un mundo nuevo.
No un mundo estructurado en la explotación, la ignorancia, la violencia, la guerra.
Sino un mundo edificado sobre el respeto de la persona, de la familia, de la vida, de la conciencia.
Un mundo construido en la confianza, el desinterés, la amistad.
Un mundo construido sobre la fe en la misión y en la dignidad del más pobre, del más humilde.

Ven con nosotros!

La J.O.C. no te engañará jamás
La J.O.C. no te mentirá.
La J.O.C. te exigirá un gran esfuerzo, grandes sacrificios y una gran entrega, pero te dará, a cambio, un objetivo para tu vida, un solución para tus dudas, una esperanza para tus temores.
La J.O.C. quiere unir a todos los jóvenes trabajadores.
La J.O.C. quiere salvar a todos los jóvenes trabajadores.
La J.O.C. quiere el progreso, la felicidad, la paz para cada joven trabajador y cada joven trabajadora.
Unidos, todos juntos, cambiaremos la faz de la tierra.



Después de Roma

A partir de "Roma 1957", la vida del movimiento fue transcurriendo al compás de los Consejos Internacionales, organizados normalmente cada cuatro años. En cada Consejo, se examinaba o analizaba la situación de los jóvenes trabajadores de los distintos continentes, se evaluaba la acción de los años anteriores, se elaboraba y adoptaba un plan de acción para los cuatro años siguientes, y se renovaba el equipo dirigente.

Entre el primer Consejo y el segundo, que tuvo lugar en 1961, la economía del mundo capitalista parecía estar floreciente. Continuaban los "30 años gloriosos" iniciados en la posguerra. Asimismo seguía habiendo una división del mundo en bloques. Se hablaba sobre todo de guerra fría. La descolonización avanzaba a pasos gigantescos y numerosos países africanos accedían a la independencia.

Entre 1957 y 1961, la JOC creó Comisiones de estudios regionales para América latina, Europa, Africa y Asia.

Programas de año

Sudáfrica: El trabajo (JOC y JOCF)
Africa occidental: La dignidad de la joven (JOCF)
España: Por unos tiempos libres que contribuyan a desarrollar nuestras capacidades (JOCF). Respeto de la condición obrera (JOC)
Francia: La JOCF en el entorno laboral (JOCF). Nuestro futuro está en peligro: posibilidades de empleo, aprendizaje, salarios (JOCF)
Haití: ¿Dónde viven los jóvenes trabajadores? (JOC)
Trabajo: « escuela, aprendizaje, salarios » (JOCF)
Suiza: ¿Qué haces con tu salario? (JOC)
Tiempos libres, un medio para construirte (J.O.C.F.)
Chile: Tiempos libres (JOC). Profesión y cultura (JOCF)
Brasil: Desempleo, aplicación del salario mínimo (JOCF)
Ocio y cultura popular (JOC)
Uruguay: Situación y papel de la mujer y de la joven del mundo popular (JOCF)
Colombia: El Trabajo (JOC y JOCF)
Inglaterra: Situación del mercado de trabajo y de los trabajadores (JOC y JOCF)
Costa Rica: El trabajo (JOC y JOCF)
Bélgica: Ante el futuro (JOCF francófona). Familia nueva, mundo nuevo (JOC francófona). Hacia nuestra felicidad (JOCF flamenca)
Canadá: Importancia del cuerpo en la vida de la joven trabajadora (JOCF francófona)
Ceilán: La vivienda (JOC y JOCF)
Japón: El matrimonio (JOC y JOCF)

Rio 1961

El 2° Consejo Internacional de la JOCI se reunió en América latina, a Río de Janeiro, del 2 al 11 de noviembre de 1961, año y medio después de inaugurarse la nueva capital del país, Brasilia.

El Boletín de la JOCI indica que estuvieron presentes más de 262 participantes procedentes de 85 países. El Consejo fue totalmente financiado por la JOC del Brasil. Gérard Van Bakel, que era tesorero de la JOCI, subrayó la sorpresa y la alegría que le produjo el hecho de que un movimiento de un país subdesarrollado hiciera un esfuerzo como éste.

Este Consejo fue más que nada un Consejo de consolidación y estudio. A fin de consolidar el movimiento presente en distintas partes del mundo, se estableció un servicio de extensión y de formación, se optó por formar mejor a los "extensionistas", organizar su traslado a los países y apoyarles. Dicho servicio organizó asimismo seminarios de formación de responsables nacionales y continentales. Los estudios atañían a los fundamentos apostólicos de la JOC. Esta se preguntaba cómo el Movimiento podía ocupar su lugar original en el Movimiento Obrero o en países donde no había conciencia obrera? Una de las decisiones importantes de este Consejo fue el lanzamiento de una encuesta mundial sobre el trabajo.

Al mismo tiempo que el Consejo, la JOC del Brasil organizó junto con el sindicato de metalúrgicos su primer Congreso Nacional de jóvenes trabajadores, en el que participaron delegados de todos los Estados del Brasil. Estuvieron

participando Cardijn, Bartolo Perez y Betty Villa, vicepresidenta de la JOCI, interviniendo para apoyar a los congresistas.

A nivel europeo, la encuesta mundial sirvió para preparar la Marcha de Estrasburgo en 1964 y la elaboración del Estatuto del Joven Trabajador de Europa. Las JOC de Alemania y de España decidieron emprender una acción común con relación a la inmigración.

Betty Villa (Filipinas), vicepresidenta.

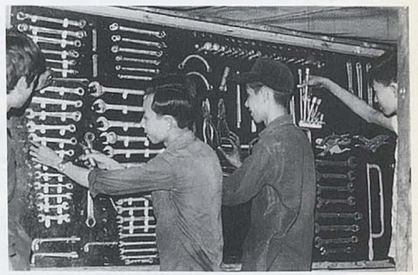
En 1963, en virtud del estatuto consultivo de la JOCI ante la UNESCO, el presidente internacional, Bartolo Perez, fue invitado a participar en calidad de vicepresidente en una comisión del citado organismo internacional. En septiembre de 1963, dicha comisión organizó la primera Conferencia mundial de la juventud en Grenoble.

Cuando se le pregunta acerca del Consejo de Rio, el padre Stan Fernando, asesor eclesiástico de Asia, natural de Sri Lanka, dice: " En aquella etapa observábamos los avances y la integración del movimiento asiático en la JOC Internacional. Fue también en aquella época cuando Asia comenzó a tomar iniciativas propias. Además, en las JOC nacionales de países como el Japón, Hong Kong, Malasia o Singapur, un determinado número de jóvenes trabajadores implicados en la JOC eran no cristianos o no católicos, y no pudimos encontrar la forma más adecuada de lograr una integración real de estos "no cristianos".

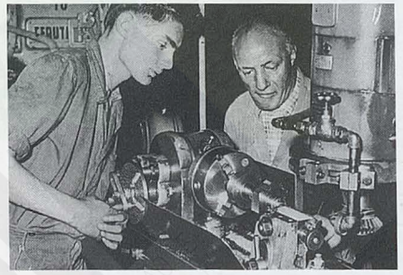
Bartolo Peres (Brasil), presidente.

1962 - 1964
Encuesta mundial sobre el trabajo

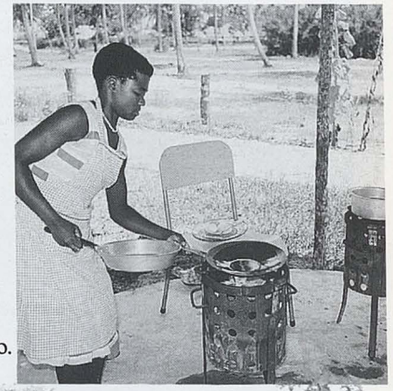
Japón.



Vietnam.



Europa.



Congo.

Tanzania.

Tras el Consejo de Rio y la encuesta mundial sobre el trabajo : **la marcha de Estrasburgo** en 1964.

Espectáculo escénico.

Jo Weber, secretario europeo, uno de los organizadores de la marcha.

Jocistas ingleses en Estrasburgo

Inglaterra envió a Estrasburgo a 120 responsables jóvenes trabajadores para participar en un acto de tres días previo a la concentración del 1° de agosto a la que acudieron 30.000 jóvenes. En dicho acto se promulgó una Carta de la Juventud Trabajadora de Europa. La preparación se había iniciado dos años atrás en Inglaterra y llevó a la organización de acciones locales, regionales y nacionales antes y después de la concentración de Estrasburgo.

En 1963 se inició una encuesta a gran escala sobre casi todos los aspectos de la vida de la juventud trabajadora (en ese mismo período se realizaron encuestas semejantes en la mayoría de los países de Europa). La encuesta concernía a la preparación al trabajo, formación en los lugares de trabajo, actitud ante el trabajo, y lugar de los jóvenes trabajadores en la empresa. Se analizaron unos 15 000 cuestionarios rellenados por los jóvenes trabajadores en el ámbito local, regional y nacional. Los resultados se utilizaron para demostrar la necesidad de mejorar las condiciones de trabajo de los jóvenes y realizar campañas en este campo.

En el ámbito local, los jóvenes trabajadores tomaron la iniciativa de crear comités para aprendices con objeto de analizar sus condiciones y representarlos ante sus empleadores. En Lancashire y en el norte de Inglaterra muchos jóvenes trabajadores se encontraban desempleados. Las acciones locales consistían en la búsqueda de trabajo y la oferta de servicios a los jóvenes desempleados a través de clubs y hogares juveniles.

En el ámbito nacional, los resultados de la encuesta permitieron al movimiento contribuir al debate parlamentario sobre el proyecto de ley de formación profesional y ofrecer testimonios al Comité Gubernamental (Government Committee) sobre los programas de formación para jóvenes trabajadores. Los responsables nacionales de la JOC entregaron información a los parlamentarios durante el proceso de aprobación del proyecto de ley, con objeto de pedir mejoras en dicho proyecto, aprobado finalmente en 1964. El informe tuvo una amplia difusión en todo el país y propició discusiones con miembros del Consejo Central para la Formación (Central Training Council) y del Congreso de Sindicatos (Trades Union Congress – TUC).

Bangkok 1965

El período entre el Consejo Internacional de Rio en 1961 y el Consejo siguiente en 1965 corresponde grosso modo al del Segundo Concilio del Vaticano (de 11/10/62 al 8/12/65). José Cardijn participó en dicho Concilio, primeramente como observador, y luego, una vez nombrado Cardenal, como participante con pleno derecho. Se invitó a Bartolo Perez a participar como observador laico. Su participación le permitió encontrarse con obispos de diócesis donde existía la JOC y con obispos que habían sido antiguos capellanes de la JOC Junto con Cardijn, intentaron insertar en el decreto sobre apostolado seglar (Apostolicam Actuositatem) algunos principios propios de la JOC.

Para su 3° Consejo Mundial, la JOCI eligió un país de Asia, Tailandia, y el Consejo eligió a un presidente asiático. Del 30 de noviembre al 14 de diciembre de 1965, se reunieron en Bangkok 260 delegados de 69 países, representantes de 116 movimientos nacionales. Se observó un protagonismo cada vez mayor de los movimientos no europeos. Los delegados latinoamericanos insistieron en el carácter obrero de la JOC. Otro eje de reflexión fue también la apertura a los musulmanes, budistas y no creyentes.

Se presentaron sesenta monografías que relataban acciones realizadas en distintos países, por ejemplo: cooperativas de soldadores o de viviendas, talleres de ebanistería, artesanía y reparaciones, centros de acogida para inmigrantes, grupos de amistad, comités de vecinos, centros de alfabetización, servicio de preparación para el matrimonio, cursillos de cocina, cuidado de niños, mecanografía, bordado, peluquería, fotografía, etc.

Rienzie Rupashinghe (Sri Lanka), presidente.

La reflexión estuvo centrada en el carácter obrero de la JOC porque este aspecto no quedaba claro. En

algunos países, la toma de conciencia de clase era mucho mayor que en otros donde, con la industrialización y el desarrollo, aquel aspecto de clase tal vez iba perdiendo importancia.
Además, Bangkok retomó la encuesta mundial sobre el trabajo y tradujo sus resultados en un "Manifiesto sobre el trabajo". Este manifiesto recogía cuatro ejes principales de análisis para la acción:
1. El sistema económico está basado en el lucro
2. Los falsos conceptos del hombre y de la sociedad colocan al hombre al servicio del lucro y de la producción.
3. Existen condiciones que facilitan el desarrollo de este sistema.
4. La falta de solidaridad entre los trabajadores fomenta la explotación.

Los delegados de este Consejo decidieron que los extensionistas que trabajarían en Asia debían ser asiáticos. Esta decisión se tomó sobre la base de las conclusiones de la Conferencia de Chittagong (Bangladesh) 1964 y comenzó a aplicarse a partir de 1967.
Según Jack Salinas, antiguo dirigente de la JOC francesa, *"pese al carácter folclórico de las primeras concentraciones internacionales de la JOC, Bangkok 65 tuvo mucha importancia para mí, porque me permitió conocer otras realidades y sobre todo otras mentalidades. Comencé a tener una idea más precisa de lo que llamábamos realidades diferentes".*

Grupo de delegados.

En 1973, Brian Burke, asesor de Australia, que sería asesor internacional de 1969 a 1973, escribía lo siguiente: *"El aspecto común de los tres Consejos (Roma, Rio y Bangkok) fue la decisión de realizar una encuesta mundial. En esto se notaba, me parece, la influencia europea, pues la encuesta era el medio utilizado en casi todos los Movimientos Nacionales de Europa. Se había concebido la encuesta mundial como un medio para desarrollar una acción internacional. Teníamos el sentimiento de que era necesario otro tipo de acción y unidad internacionales. En mi opinión, los resultados de Bangkok se notaron en Beirut."*

Los viajes de Cardijn

El primer viaje intercontinental de Cardijn se remonta a 1946, cuando tenía 64 años. Sus continuos periplos al servicio de la juventud trabajadora duraron 20 años.

1946. Gira por las tres Américas. El punto central fue la primera Sesión panamericana de asesores jocistas en San José de Costa Rica. En total, Cardijn recorrió 36 000 kilómetros en avión. Se dirigió a 3000 sacerdotes.

Cardijn en los Estados Unidos en 1946.

1947. Estados Unidos y Canadá, con motivo del 15° Aniversario de la JOC canadiense y de la Conferencia Internacional de la JOC en Montreal.

1948. Viaje a toda Norteáfrica, luego al Brasil y a toda Sudamérica. El motivo fue la constitución de la JOC brasileña como movimiento nacional. 34 000 kilómetros en avión.

1951. Viaje a América latina con regreso por Estados Unidos y Canadá. Escala y semana de contactos en Dakar durante el viaje de ida. Motivo del viaje: dar una serie de conferencias a petición de la Acción Social de Rio de Janeiro.

1952. Vuelta al mundo tras cuatro meses de hospitalización: Roma, India, Ceilán, Filipinas, Japón, Estados Unidos, Cuba. 42 000 kilómetros en avión.

1953. Primera visita al Congo belga, a Ruanda y Burundi.

1955. Cuarto viaje a Sudamérica con motivo del Congreso eucarístico internacional, de la Conferencia de las OIC, y de la primera asamblea episcopal latinoamericana en Rio de Janeiro. Dos meses después, primera visita a Israel y a los países de Oriente próximo.

Cardijn visitando Alemania.

1956. Duala (Camerún), Santiago de Chile, San José (Costa Rica) y Toronto (Canadá) en cuatro meses. Objetivo principal: cuatro encuentros continentales preparatorios a la concentración de la J.O.C. en Roma.

1957. Nuevos contactos con los países de Oriente próximo.

1958. Sureste asiático, Australia y Nueva Zelanda, región del Pacífico Norte. Regreso por Birmania, Paquistán, Irak y el Líbano. Antes de regresar a Bruselas, encuentro de asesores jocistas de Europa en Niza. En total 180 horas de vuelo.

1959. A partir de los Estados Unidos, visita a diez países de América latina, incluyendo Cuba poco tiempo después de su revolución, y regreso por Canadá. Presencia en el Comité Ejecutivo de la J.O.C. Internacional en La Habana.

1960. Dos viajes al Africa en espacio de cinco meses. Uno centrado en el Africa francófona con el primer Congreso nacional de la JOC del Congo ; otro dedicado al Africa anglófona y a Sudáfrica. Participación en el encuentro panafricano de Lomé (Togo).

1961. Viaje al Brasil (Rio de Janeiro y Petrópolis), país anfitrión del Consejo Mundial de la JOC.

1962. Estados Unidos: visita a la J.O.C. en las trece ciudades más importantes del país. Canadá: 30° aniversario de la JOC canadiense.

1963. Julio y agosto: viaje al Canadá para la reunión del Comité Ejecutivo de la J.O.C. Internacional.Noviembre: viaje a la Argentina donde Mgr. Podesta acoge el encuentro continental de la JOC sudamericana.

1964. Tres viajes intercontinentales: a Centroamérica para el Congreso centroamericano, y al Caribe ; al Africa oriental para el Comité Ejecutivo ; y a la India con motivo del Congreso eucarístico internacional de Bombay.

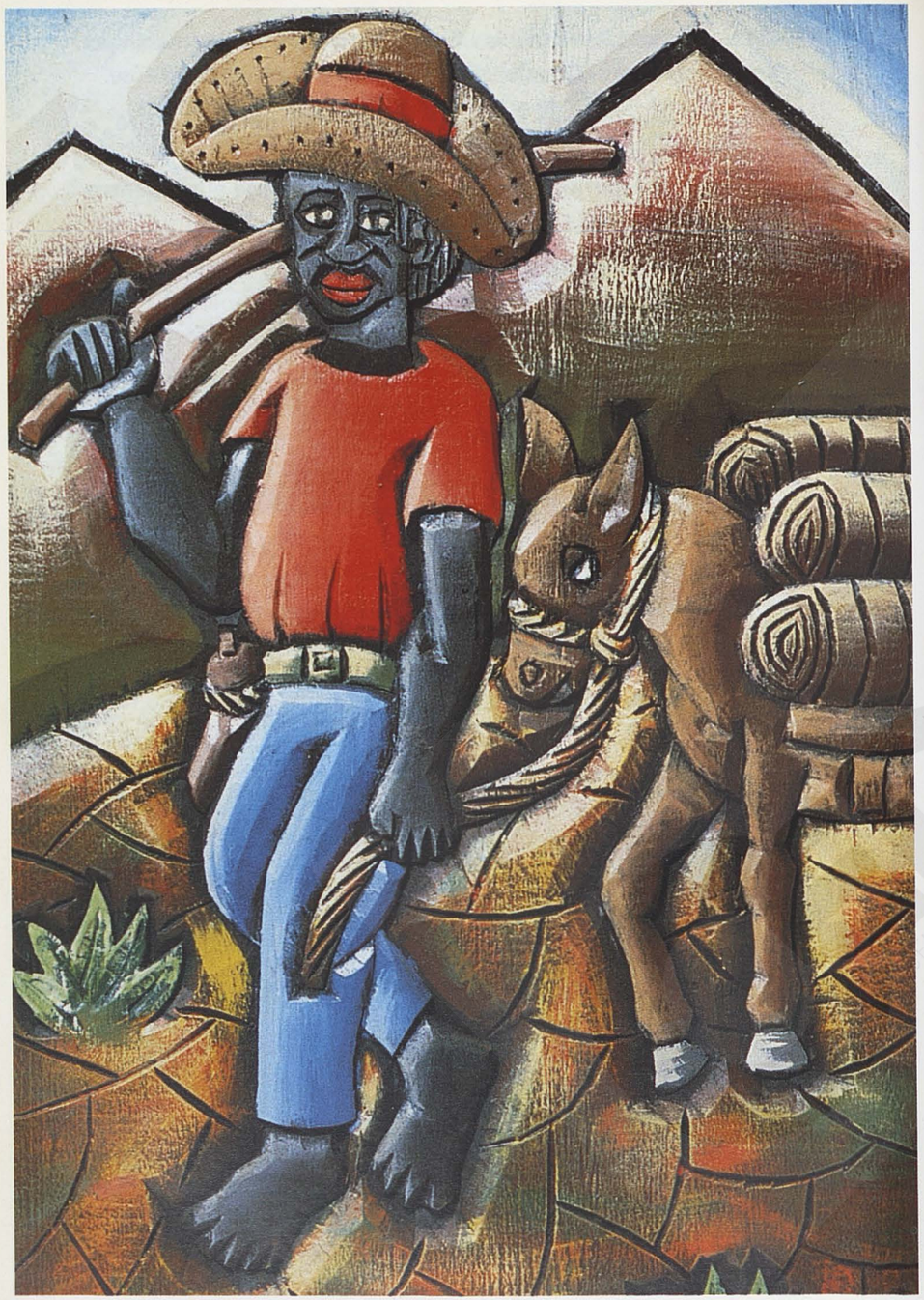
1965. Gira de cuatro meses por el Sureste asiático, Australia y el Pacífico Norte. Participación en el Consejo Mundial de la J.O.C. en Bangkok (Tailandia). 52 000 km.

1966. Visita a la JOC de México.

1967. Lejano Oriente: Hong Kong, Taiwán (Formosa) y Japón. Regreso a Bruselas sin haber podido entrar en el Vietnam.

M. Fiévez, J. Meert, Cardijn, 3ra ed., Bruselas, EVO, 1978, p.180-182.

Último viaje de Cardijn : Japón 1967.



Escultura sobre madera, Brasil.

1966 - 1986
Maduración y crisis

Cronología

Turbulencias

Beirut 1969 (4° Consejo Internacional)

Características de una acción por el desarrollo

Solidaridad con Brasil y Vietnam

Linz 1975 (5° Consejo Internacional)

Dificultades a nivel internacional

Madrid 1983 (6° Consejo Internacional)

La disidencia

El objetivo fundamental de la JOC

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1966	Encuesta mundial sobre los tiempos libres.	Revolución cultural en China.
1967	50 000 participantes en la concentración de la JOC/F francesa " París 67 ". 24/7: Muere Cardijn.	8/10: Asesinato de Che Guevara en Bolivia.
1968	Programa de Formación Internacional en Chile.	22/3: Primavera de Praga (20/8). 4/4.: Asesinato de Martin Luther King. Mayo: Disturbios estudiantiles y obreros en Francia, y luego en la RFA, en Italia, en Inglaterra, en España y en Estados Unidos. Creación de la Confederación Mundial del Trabajo (CMT).
1969	Campaña " Solidaridad Brasil ". Campaña " Solidaridad Vietnam ". 24/9–13/10: 4° Consejo Internacional de Beirut.	13/12: Abolición de las libertades en el Brasil. 21/7: Primer hombre en pisar la luna.
1970	Plan de acción internacional sobre el desarrollo.	14-15/11: Revuelta de Gdansk en Polonia.
1971	Comité Ejecutivo de la JOCI: evaluación de las decisiones de Beirut.	28/10: la China popular entra en la O.N.U.
1972	Encuentro de los países de Europa del sur en Malta. Participación en el Festival de la Juventud en Cuba.	
1973		11/9: Golpe de Estado militar en Chile (Pinochet) y represión.
1974	Sesión de Formación Internacional de Accra, en Ghana.	25/4: Comienza la revolución de los claveles en Portugal.
1975	7-20/4: 5° Consejo Internacional de la JOCI en Linz. Declaración de Principios. Encuentros " Empresas " en Bogotá, Colombia.	17/4: En Camboya comienza el genocidio perpetrado por los jemeres rojos 30/4: Caída de Saigón. Reunificación del Vietnam. 20/11: Muere Franco. Fin de la dictadura en España.
1977	Relaciones con los países del Este.	
1978	3/5: Detención del presidente de la JOC de Sudáfrica. Acción de solidaridad internacional.	16/8: Karol Wojtyla elegido Papa con el nombre de Juan Pablo II.
1979		1/4: Irán se convierte en un Estado islámico.

1966 - 1986

	31/8: Tras la huelga de los obreros de los astilleros de Gdansk, el gobierno acepta a los sindicatos independientes (Acuerdos de Gdansk).	1980
Manifiesto de la juventud inmigrada en Europa.		1981
Centenario del nacimiento de Cardijn. 25° aniversario de la JOCI.		1982
2-28/10: 6° Consejo Internacional en Madrid.		1983
Campaña por el empleo en Europa. Octubre. Sesión de Formación en Asia-Pacífico.		1984
Marzo: Sesión de Formación en Africa (Austral y del Este). 26-29/5: Intercambio europeo de militantes. Octubre: Encuentro de los movimientos nacionales de América. Noviembre: Encuentro de los movimientos en extensión.		1985
Febrero: Encuentro de los movimientos nacionales de Asia/Pacífico. 14-31/5: Sesión de Formación Internacional en Manila, Filipinas. 26/6: Disidencia de un grupo de movimientos y creación de la CIJOC.		1986

Revolución de los claveles en Portugal (1974).

Mayo del 68 en París.

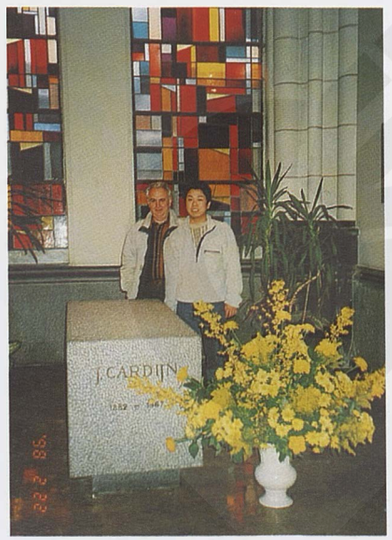
Tailandia.

Turbulencias

El final de los años sesenta anunciaba un período de turbulencias. El crecimiento económico fue menor. Algunas viejas dictaduras desaparecieron (Portugal) y otras nacieron (Brasil, Chile). Después de mayo de 1968, la juventud vivió una explosión, el mundo obrero fue cambiando. El tercer mundo fue cobrando más protagonismo. Tras abrir sus puertas al Concilio de Vaticano II, la Iglesia católica se hizo más tímida. Fueron consolidándose los integrismos religiosos (República Islámica de Irán ...) y las sectas fueron multiplicándose y desarrollándose.

La JOC continuó sin Cardijn. Era necesaria una renovación. Esta se situaba en la lógica de los desafíos que planteaban los países no europeos, en muchos de los cuales los cristianos eran minoritarios. Un momento importante de esta evolución fue el Programa de formación internacional de 1968. Reunió durante tres meses a 25 dirigentes de todos los continentes. El primer mes se dedicó a la visita de un país y de un movimiento de otro continente; el segundo a una visita a un segundo continente; y el tercero a la participación en una sesión en Santiago de Chile para poner en común todo lo adquirido durante las visitas. En opinión de los participantes, esta experiencia fue determinante en la consolidación de la acción internacional de la JOC. Fue también un factor que reforzó la voluntad de transformación radical de la sociedad.

Tras su nacimiento y desarrollo, tras la prueba del fuego y la reconstrucción, el Movimiento había llegado a un momento de cuestionamientos, con una necesidad de redefinirse como movimiento internacional. Todo ello produciría crisis internas y externas.



Cardijn descansa en la iglesia de Laeken.

Beirut 1969

El Consejo Internacional de Beirut en 1969 fue un momento clave de la historia jocista. Bangkok ya había levantado, aunque tímidamente, algunos interrogantes acerca de la acción internacional, de las estructuras, de la relación con los no cristianos, etc. El Consejo de Beirut abordó estos temas de forma más abierta.
La preparación del Consejo de Beirut estuvo marcada por dos acontecimientos importantes: la muerte de Cardijn el 24 de julio de 1967 y el Programa de Formación Internacional en Chile en 1968.

El Consejo, precedido y seguido por encuentros regionales (América latina, Norteamérica/Oceanía, Africa, Asia, Europa, Países Árabes), se realizó del 25 de septiembre al 13 de octubre con 150 participantes procedentes de unos 50 países.
Los puntos más importantes del programa del Consejo fueron:

1. La revisión del plan de cuatro años adoptado en Bangkok sobre los tiempos libres, la inmigración y la penetración de la JOC en las grandes ciudades;

2. Una reflexión sobre la JOC actual: Los jóvenes trabajadores estaban viviendo una época de cambios rápidos. Querían algo distinto y no siempre sabían cómo conseguirlo. Cuestionaban la sociedad y las estructuras de la Iglesia. No estaban dispuestos a conformarse con las normas tradicionales y las experiencias del pasado. Se daban cuenta además que las acciones a menudo se centraban únicamente en las consecuencias de la situación, que el movimiento no ayuda-

Picapedrera.

ba lo suficiente a los jóvenes trabajadores a conocer las causas de dicha situación y a emprender acciones para resolverlas. Decían: "ponemos una venda en la herida sin saber por qué hay una herida".

Una acción encaminada a ayudar a un joven trabajador en un país de Europa, en Australia o en Norteamérica podía acrecentar la explotación de los jóvenes trabajadores en el tercer mundo. De ahí que la JOC se preguntara qué aspectos permitían decir que el movimiento era realmente internacional. ¿Era internacional porque existía en muchos países del mundo, porque realizaba encuestas

Enrique Del Río (España), presidente, e Irene Kurzawska (Bélgica).

mundiales o porque su acción iba dirigida a las causas de la situación?

La acción de la JOC no se limitó a la juventud cristiana. Fue ampliándose a todos los jóvenes trabajadores sin distinción de religión o de ideología. Esta cooperación pretendía respetar todas las creencias. No se trataba de convertir a los jóvenes a las estructuras de la JOC o a la Iglesia sino que había que trabajar juntos para lograr más justicia y paz.

En Beirut se llegó incluso a decir que no era fácil hablar de Cristo: "Cada esfuerzo que hagamos debe tender en primer lugar a ayudar a los jóvenes trabajadores a vivir estos valores y luego a presentarles a Jesucristo y los valores cristianos de forma apropiada y significativa. Es necesario que la J.O.C. ayude a promover valores humanos como la amistad, la justicia, la solidaridad, etc. y vea en estos valores la señal y la llamada de Dios".

Se intentó analizar lo que significaba ser movimiento de Iglesia: "¿Qué Iglesia quieren los jóvenes trabajadores de hoy? ¿Cómo la JOC puede ser una fuerza vital en el

El desarrollo es asunto de todos

seno de la Iglesia? A veces la JOC tiene dificultades para alcanzar a cualquier joven trabajador, porque se la identifica con la Iglesia que a su vez es identificada con las tradiciones y el poder".

3. Campaña mundial por el desarrollo.

En lugar de organizar una encuesta como sucedió en los Consejos Internacionales anteriores, Beirut hizo hincapié en el tema del desarrollo.

Esto implicaba una nueva solidaridad internacional, acciones comunes, una respuesta a los acontecimientos, formación e información. El Consejo definió las características de una acción por el desarrollo:

Caracteristicas de una acción por el desarrollo

- ❑ La acción debe permitir que los jóvenes trabajadores adquieran paulatinamente una conciencia.
- ❑ Debe ser continua y fijarse siempre nuevos objetivos a partir de una reflexión sobre la acción llevada a cabo anteriormente.
- ❑ Debe alcanzar las estructuras, que son el espacio donde se toman las decisiones.
- ❑ Debe atacar las causas de los problemas y no simplemente las consecuencias.
- ❑ Debe desarrollar la solidaridad, desde las pequeñas comunidades locales, para alcanzar una solidaridad mundial.
- ❑ Debe dar una respuesta realista a la situación.
- ❑ Debe permitir a los jóvenes trabajadores reflexionar a fin de que puedan optar libre y personalmente por lo que van a hacer.
- ❑ Debe partir de la situación real en la que viven y llevarles a tener una dimensión total de esta situación.
- ❑ Debe tener en cuenta a la comunidad mundial.

Niños trabajadores en Egipto.

A raíz de este Consejo, se implementaron nuevos espacios de acción: empleadas de hogar, trabajadores de empresas multinacionales, desempleados.

La reflexión y las orientaciones de Beirut fueron decisivas. Plantearon interrogantes fundamentales. Hasta entonces, la JOC intentaba entrar en los países y en determinados sectores. A partir de Beirut, la juventud que planteaba nuevos interrogantes, el tercer mundo explotado, los militantes reprimidos por las dictaduras, ocuparon un mayor espacio dentro la JOCI y la cuestionaron profundamente. Se multiplicaron las reacciones más políticas acerca del Vietnam, de Chile, de Sudáfrica. Algunas certezas comenzaron a vacilar. Algunos militantes buscaron respuestas en otras organizaciones. Algunas discrepancias comenzaron a aparecer en determinados movimientos como en la JOCF de Francia. Beirut 1969 no fue más que una etapa en el camino hacia Linz 1975.

Angelina de Oliveira (Brasil), miembro del Comité Ejecutivo.

La reunión del Comité Ejecutivo de 1971 fue un momento decisivo. Fue en esta reunión donde se decidió el principio de trabajar "por categorías". En adelante se daría la prioridad a la organización de los jóvenes de acuerdo con su ocupación o su situación. Los estudiantes se reunirían entre ellos, y lo mismo sucedería con las empleadas de hogar, los aprendices, los trabajadores de grandes empresas... Es así que se organizaron acciones locales, nacionales e internacionales por categorías. Se dio la prioridad al compromiso político de los militantes. Los grupos en las parroquias ya no serían el único medio de organizar a la juventud trabajadora.

Solidaridad con Brasil y Vietnam

En **el Brasil**, un proceso de toma de conciencia fue desarrollándose a partir de 1961 con la fundación de Ligas campesinas, sindicatos rurales, movimientos de alfabetización y cultura popular, con la ley encaminada a una reforma agraria y la nacionalización de las minas. Todo este proceso se quebró con el golpe de Estado militar del 31 de marzo de 1964. El 13 de diciembre de 1968, el llamado "5° Acto constitucional" promulgó la abolición de las libertades.

El esfuerzo de la JOC por concienciar y actuar en las fábricas se vio muy comprometido. Algunos asesores fueron encarcelados y torturados. El capellán de la Juventud Universitaria, colaborador de Don Helder Cámara, fue asesinado. El hermano de dos militantes que pudieron huir fue secuestrado. En Nova Hamburgo, en el Estado de Rio Grande del Sur, cuarenta obreros fueros detenidos, entre ellos dieciocho antiguos de la JOC. En São Paulo, el ejército ocupó la sede de la JOC, acusada de "realizar actividades subversivas y en particular de organizar planes de guerra". En Rio de Janeiro, dos dirigentes fueron detenidos. Entre quienes fueron encarcelados, se sabe que dos hombres y una mujer murieron tras ser sometidos a la tortura. Algunos que sufrieron torturas acabaron teniendo desequilibrios mentales.

Según las autoridades, la JOC brasileña debía convertirse en un movimiento de jóvenes y de cristianos. Debía desaparecer su carácter obrero. La Iglesia estaba dividida. De 250 obispos, unos diez como mucho quisieron una JOC en su diócesis. Algunos tomaron la palabra en favor de la acción del Movimiento.

Acción " Brasil " de la JOC/F de Francia.

La JOC nacional, compuesta por miembros de cada región, informó a la JOCI sobre las dificultades que se vivían y expresó la voluntad de continuar. El 13 de mayo de 1969, el Equipo Nacional envió una carta a los militantes de los distintos grupos para informarles sobre la situación y animarles a continuar.

En esta situación en que quedaba silenciada la JOC del Brasil, la JOCI y con ella numerosos movimientos nacionales, se hizo el portavoz

de la JOC y de la clase obrera del Brasil. El presidente de la JOCI hizo un viaje al Brasil y pidió a la Conferencia Nacional de Obispos del Brasil (CNBB) que se esforzara por obtener la liberación de los jocistas encarcelados. Sin embargo, la acción de solidaridad de la JOCI no quedó exenta de cuestionamientos. Algunos pensaron que esta acción de apoyo no tenía nada que ver con la Acción católica. Otros prefirieron callarse o actuar por la vía diplomática. Otros más siguieron sin comprender que las manifestaciones pacíficas eran una nueva forma de expresión democrática. Pese a esto, el 17 de octubre, la JOC organizó una manifestación en varias ciudades europeas. En ese mismo momento, se inició una huelga de hambre en el secretariado de la JOCI. La pasividad del Vaticano en este asunto indignó a los militantes.

Marcia y Teodoro, responsables jocistas brasileños encarcelados.

El Consejo Internacional de Beirut tomó en consideración todas estas formas de expresión de la solidaridad. Analizó la relación existente entre la represión "aquí y allá" y fomentó una solidaridad internacional desde las bases. La campaña por el Brasil se reanudó en 1970, después del Consejo.

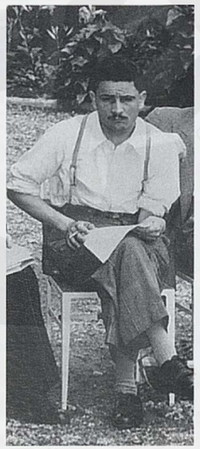
Durante la Navidad de 1968, el equipo de São Paulo recordó con mucha razón a los militantes una afirmación recogida del Monumento de Tiradentes:

Aun si me encadenas los pies;
Aun si me atas las manos
O me callas la boca,
Mi corazón clamará en favor
de la libertad.

En junio de 1972, le tocó a dirigentes de la JOC del **Vietnam** ser reprimidos y encarcelados. La JOCI hizo una nueva llamada de solidaridad. Se condenaron la guerra y la miseria. En los distintos países se publicaron folletos denunciando el imperialismo y la explotación del tercer mundo.

El golpe de Estado en **Chile** en 1973 fue también una ocasión para llevar a cabo una campaña de información y acción en solidaridad con el pueblo chileno.

En la **Argentina**, "Pepe" Palacio, antiguo presidente y asesor adulto de la JOC nacional, fue asesinado por la junta militar en 1976.



José " Pepe " Palacio.

Linz 1975

El 5° Consejo Internacional de la J.O.C. tuvo lugar en Linz, en Austria, del 7 al 20 de abril de 1975. Reunió a 107 participantes representantes de 52 movimientos.

La fecha del Consejo tenía mucho significado: se realizaba 50 años después de los inicios oficiales de la J.O.C. y casi 18 años después de que la J.O.C. se convirtiera en movimiento internacional en Roma 1957.

El Consejo de Linz se situó en la continuidad de las estructuras creadas en Bangkok y de los interrogantes planteados claramente por Beirut.

El Consejo intentó "reformular el pensamiento de Cardijn, sus intuiciones, sus orientaciones fundamentales, a la luz de 50 años de experiencia". Esto fue tanto más necesario cuanto que el mundo obrero y la JOC habían atravesado por momentos graves en los últimos años. Varios movimientos nacionales habían sufrido una represión debido a su acción. Se habían iniciado nuevas experiencias de acción y de coordinación de la acción en determinados países de cada continente. Quedó patente el hecho de que las estructuras y los medios utilizados con éxito durante muchos años ya no respondían a las necesidades de la juventud trabajadora.

La primera parte del Consejo se dedicó a la evaluación del período entre Beirut 1969 y Linz 1975, que fue un período de inflación y recesión, de mayor control de las multinacionales, de represión. Se examinaron los siguientes puntos:

- Los acontecimientos políticos que exigían al Movimiento hacer una evaluación y esclarecer su posición.
- Las campañas de solidaridad (Brasil, Vietnam).
- Los intercambios entre los países.
- Los encuentros continentales.
- La experiencia iniciada en Beirut acerca del trabajo por categorías.

Se observó una multiplicación de las tensiones, tanto dentro como fuera del Movimiento, debido a la "opción obrera". Se insistió en que había que prestar atención a las multinacionales. Se vio la necesidad de clarificar el tema

Acogida de los jocistas austríacos.

del "análisis" de la realidad obrera.
Se dedicaron cinco días a la "misión actual de la JOC". Se discutieron y sometieron a votación tres documentos preparados con mucha antelación en los continentes.

Equipo Internacional en Linz.

Primer documento: la Declaración de Principios.
Durante muchos años, las únicas referencias habían sido Cardijn y los Estatutos de la JOC de 1957. Ahora bien, Cardijn había fallecido y según lo expresado en Beirut, los Estatutos estaban desfasados. La Declaración de Principios no era un dogma intocable sino unos puntos de referencia que necesitaba el Movimiento. Pues se decía que: "Hoy en día cada cual se atribuye el lujo de decidir lo que es la JOC. No podemos mantenernos en una ambigüedad en la que cada cual justifica lo que quiere valiéndose de citas de Cardijn tomadas fuera de su contexto".
Fue la primera vez que la JOC como movimiento de jóvenes trabajadores trató de definirse a nivel mundial.

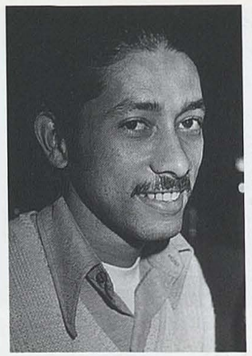
Segundo documento: La Tarea de Educación, una educación en y a través de la acción. En este documento, la JOC afirma su voluntad de educar a las masas de la juventud trabajadora. En él se expone el método de educación a través de la acción y se explica la necesidad de coordinarse para llevar a cabo esta tarea.

Tercer documento: La Revisión de Vida y de Acción Obrera.
Era necesario precisar la comprensión del "Ver-Juzgar-Actuar". Este "método Cardijn" había tenido mucho éxito y se utilizaba en otros muchos movimientos cristianos para valorar cualquier acción o situación en la que se podían hallar "valores evangélicos". A veces el método tenía un carácter moralizador. A veces, impedía descubrir las causas de la situación que

Marlyse Strasser (Francia) y Fabrizio Epis (Bélgica), del equipo europeo.

oprimía a los jóvenes trabajadores. El "Juzgar" cristiano se sustituía al "Juzgar" obrero. Era importante rescatar las raíces obreras de este método sin menospreciar la reflexión cristiana.
Estos tres documentos fueron aprobados por amplias mayorías en el Consejo.
En cuanto a los Estatutos y al Reglamento de Orden Interno, se adoptaron enmiendas para responder mejor a las decisiones tomadas en el Consejo con relación a la orientación y a las estructuras. Asimismo se decidió renovar el "Protocolo Adicional", un texto que regulaba las relaciones entre la JOC y el Vaticano. El plan de acción aprobado en el Consejo estaba encaminado a desarrollar la solidaridad de clase entre los jóvenes trabajadores.

Este Consejo estuvo marcado por una serie de preocupaciones: el carácter obrero del Movimiento, el esfuerzo por situar la dimensión cristiana en el carácter obrero, el persistente deseo de la JOC de abrirse a los jóvenes trabajadores de cualquier religión, la interdependencia de la juventud trabajadora y la unidad de acción que ello requería, la tarea específica de educación, la autonomía del Movimiento y su independencia.



José Luis Vélez (Puerto Rico), presidente.

De ahí que se insistiera en pers-pectivas financieras que apuntaban a una participación directa de los jóvenes trabajadores y en la petición de organizar campañas de financiación en favor de la JOCI. Esto debía servir para reducir paulatinamente la dependencia financiera de las fuentes externas.
En Linz cambió también la forma de contemplar la extensión del movimiento. En el período anterior a 1975, la extensión se realizaba según la experiencia y el modelo europeo; en adelante la referencia sería la síntesis de la experiencia vivida en Europa, en América latina, en Norteamérica, en Africa, en Asia y en el Mundo Árabe. Eran los militantes quienes debían tener mayor protagonismo en la acción y en la iniciación a la JOC. Desde Linz, se disponía de una referencia y de principios comunes. La JOC podía seguir construyéndose en cada país.

Delegación japonesa.

En Beirut, un delegado que descubría la injusticia de la situación mundial se preguntó: "¿A qué bando pertenezco?". El Consejo de Linz se hizo eco de esta preocupación, no sólo ante todos los jocistas sino también ante todos cuantos trabajaban directa o indirectamente con el movimiento. Así pues, el período posterior a Linz no iba a ser nada fácil.

Como indicio de estas dificultades, se publicaron artículos que criticaban la acción de la JOCI en periódicos austríacos, alemanes y latinoamericanos.

Un año después del Consejo de Linz, el Vaticano emprendió una encuesta en las conferencias episcopales para informarse sobre las orientaciones de la JOC en los distintos países.

Dos años después del Consejo, la JOC de Francia, que había votado en favor de los Documentos de Linz, se negó a pagar su cuota a la JOCI.

Dificultades a nivel internacional

Pasaron ocho años entre el 5° y el 6° Consejo Internacional. Entre 1975 y 1979, el Equipo Internacional elegido en Linz se reunió periódicamente para realizar su labor de evaluación e implementación de las decisiones tomadas en el Consejo Internacional.

Entre las acciones realizadas, la JOCI participó en 1976 en el Foro Internacional de la Juventud dedicado al desempleo juvenil en Ginebra. Ese mismo año, la Organización Internacional del Trabajo (OIT) convocó una conferencia tripartita sobre el empleo. La JOC estuvo representada en ella. Se organizaron encuentros continentales por categorías: América latina en noviembre de 1975, Asia en agosto de 1976.

En 1978, fueron detenidos unos treinta militantes de la JOC sudafricana. Afluyeron mensajes de solidaridad de todas partes. La Iglesia local brindó todo su apoyo al movimiento. En varios países del Africa, los sistemas de partido único llevaron a la prohibición de la JOC.

Sin embargo, fueron surgiendo otras dificultades. Estas dificultades concernían por ejemplo al equilibrio interno de la organización. Se había creado una relación de fuerzas entre el primer mundo y el tercer mundo. Algunos desacuerdos fueron surgiendo dentro del Equipo Internacional. Comenzaron a cuajar distintas interpretaciones sobre la Declaración de Principios y su aplicación. Estas dificultades desembocaron en 1979 en la disolución del Equipo Internacional por el Presidente, y la dimisión de la mayoría de sus miembros a principios de 1980. Se tuvo que cancelar el Consejo Internacional previsto en 1980 en Bangalore (India). Las JOC de Alemania y de Francia dejaron el comité preparatorio del Consejo Internacional.

Se creó una comisión encargada de preparar el Consejo Internacional para fin de año pero ésta no logró terminar su labor.

En 1981, la JOCI se encontró prácticamente sin coordinación. Sólo se mantuvieron los secretariados y los Equipos regionales de Asia, de América, de Africa y de Europa pero ya no había Equipo Internacional.

Fue entonces cuando tuvieron lugar dos encuentros. Por una parte, un Consejo Extraordinario en Malinas, Bélgica, del 25 de abril al 5 de mayo de 1981, y por otra, un Encuentro Intercontinental en Bogotá, Colombia, del 25 al 28 de noviembre de 1981.

Algunas conclusiones sacadas en ambos encuentros permitieron, tras una puesta en común, el establecimiento de un Comité Internacional Interino. El año 1982 se dedicaría a la preparación del 6° Consejo Internacional.

Concentración del primero de mayo en Manila (Filipinas) en 1979.

Madrid 1983

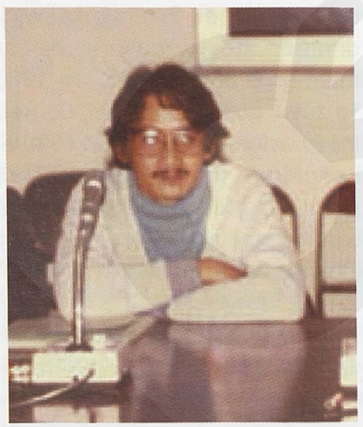
El 6° Consejo Internacional se reunió en Madrid del 2 al 28 de octubre de 1983. La elección de esta ciudad se hizo a pesar de las reticencias expresadas por el Vaticano que no quería que se organizara un Consejo Internacional en un país donde habían dos movimientos JOC diferentes. Madrid fue el Consejo más largo de toda la historia de la JOCI.
Casi todos los movimientos nacionales estuvieron representados, con un total de 130 participantes. Tras una larga crisis interna, el Consejo suponía un nuevo comenzar. En él se hizo un balance de:

1. La realidad de la juventud trabajadora, del movimiento obrero, de la situación económica, política, social y religiosa en el mundo.
2. La acción realizada por la JOC ante esta realidad.
3. La Coordinación Internacional adoptada en Linz en 1975.

El Consejo aprobó determinados cambios en los documentos jurídicos aunque no fueron modificaciones fundamentales. Así pues, se mantuvo la misma estructura internacional.
El Plan de Acción de la JOCI quedó aprobado por unanimidad. Se quería continuar el "desarrollo de la solidaridad internacional de clase entre los jóvenes trabajadores". El Plan de Acción insistía en la necesidad de un análisis constante, prestando especial atención a la interdependencia y a la acción militante en las cinco categorías prioritarias: empresas, escuelas, desempleo, barrios y plantaciones.

Asimismo se propuso la organización anual de una Semana Internacional del 24 de abril al 1 de mayo.

Se reafirmaron las perspectivas financieras en el sentido de una mayor participación de los jóvenes trabajadores y se decidió organizar una campaña financiera.



Juanito Penequito (Filipinas), presidente.

" Interdependientes y solidarios "

Testimonio de María del Carmen Archilla (España), a raíz del 6° Consejo Internacional de Madrid.

Nuestro tema era: " Somos interdependientes, seamos solidarios.. "
Nos unimos jóvenes trabajadores/as excluidos de todo poder de decisión, afectados por el desempleo internacional y por duras condiciones de vida y de trabajo...

En Europa... los jóvenes nacemos consumidores y una gran mayoría estamos en el paro. En España, el 80% de la juventud trabajadora sin empleo se sitúa entre los 16 y los 35 años. Casi un millón de jóvenes están buscando su primer empleo. En Alemania, en tres años, el número de desempleados pasó de 900 000 a más de 2 millones... Mientras las relaciones sociales se rigen por la propiedad privada de los medios de producción y el principio del máximo lucro, Europa tiene 12 millones de inmigrantes, excluidos hasta en su derecho de elegir a sus representantes.

Ante esta situación, que hemos analizado en el Consejo Mundial, nos hemos dado un Plan de Acción de cuatro años a fin de dar respuesta a los problemas que vemos prioritarios y de construir la solidaridad internacional.

Después de Madrid

En los años siguientes al Consejo de Madrid, el nuevo Equipo Internacional se reunió en cuatro ocasiones para recoger las experiencias, evaluarlas y poner en aplicación el Plan de Acción Internacional adoptado en Madrid.

Se organizaron numerosos encuentros y sesiones de formación en todos los continentes, y tuvieron lugar intercambios de responsables y militantes de muchos países.
Treinta movimientos estuvieron representados en la Sesión de Formación Internacional de Manila, en las Filipinas. Se organizaron concentraciones masivas sobre objetivos precisos como sucedió en Estrasburgo en mayo de 1985 en favor del empleo juvenil y en contra del desempleo.
Se promovió la extensión en los Estados Unidos, en la Argentina, en Birmania, en Bangladesh, en Tailandia, en Nueva Zelanda y en el Zimbabue. Se hizo más regular la publicación del Info, la revista de la JOCI. El Movimiento reanudó su participación en las OIC (Organizaciones Internacionales Católicas). La JOCI empezó a estar presente en los Foros de la Unesco. En 1985, se publicó un Manifiesto internacional de la juventud trabajadora.

Se reanudó la Semana Internacional y se realizaron acciones de solidaridad con objeto de defender a los militantes encarcelados en Chile, en Haití y en Sudáfrica.

Pese a los muchos aspectos positivos del Consejo de Madrid, se mantuvieron algunas dificultades: por ejemplo, el realizar procesos de acción con jóvenes que asumían cada vez menos compromisos a largo plazo; las diferencias de opinión acerca de la coordinación de la acción, la persistencia de los sistemas represivos, la disminución del número de militantes.

Sólo faltaba una disidencia, que en realidad estaba latente desde hacía algún tiempo. Se realizaron reuniones más o menos secretas al margen de las estructuras establecidas. En septiembre de 1985, el Equipo Internacional retiró el estatuto de movimiento miembro a la JOC de Malta alegando que la JOC de este país "estaba llamando a la creación de una federación disidente de la JOCI".

La disidencia

Reunidos en Turín (Italia) del 28 de febrero al 2 de marzo 1986, responsables nacionales de Italia, de Inglaterra, de Malta y de Francia, decidieron dejar la JOCI y crear otra estructura. El 4 de abril, la JOC de Francia escribió a todas las coordinaciones continentales y al Secretariado Internacional anunciando que ya no seguiría participando en la JOCI. Ese mismo día, la asesoría nacional francesa envió un documento confidencial a todos los sacerdotes franceses que trabajaban con la JOC en el que se afirmaba que "la escisión se había vuelto inevitable". En la concentración masiva de "Villavenir" de 25 y 26 de abril, los movimientos franceses comunicaron a los representantes de los movimientos nacionales invitados su intención de crear una disidencia.

Acción de la JOC Europea por el Empleo. Estrasburgo, 1985.

El 22 de junio de 1986, las JOC de Francia, de Italia, de Inglaterra y de Malta dimitieron de la JOC Internacional y decidieron crear una nueva coordinación denominada Coordinación Internacional de las JOC (CIJOC). Esta obtuvo en un plazo brevísimo (un mes y medio) el reconocimiento del Vaticano mientras que a la JOCI ya no se la consideraba un interlocutor válido.
El 4 de agosto de 1986, el Consejo Pontificio para los Laicos escribió a todas las Conferencias episcopales para brindar su apoyo a la CIJOC. En una carta de la Secretaría de Estado del Vaticano, con fecha de 26 de junio de 1989, se precisó que "en la fecha del 4 de agosto, la Santa Sede ha reconocido a la CIJOC como nueva estructura provisional de la JOC a nivel internacional". En esta misma carta, la Secretaría de Estado puntualizó que la decisión tomada a nivel internacional "no prejuzga las relaciones que mantienen las Conferencias episcopales con los movimientos jocistas en su propio país".

La rapidez con que la CIJOC obtuvo su reconocimiento fue un indicio de la determinación de Roma en un conflicto cuyas raíces ya se remontaban unos quince años atrás.

En la carta del Consejo Pontificio para los Laicos (CPPL) firmada por el Presidente y el Vicepresidente de dicho organismo, con fecha de 4 de agosto de 1986, el CPPL atribuyó los orígenes de la crisis al Consejo Internacional de Madrid en 1983. Según el Cardenal Pironio, las "orientaciones" definidas entonces y el "no respeto del Protocolo Adicional a los Estatutos" fueron motivo de tensiones internas y de dificultades con la Santa Sede. "Por tanto", el Presidente de la JOCI, "elegido de forma irregular en 1983, no ha sido reconocido". En realidad, el Presidente fue elegido de conformidad con los Estatutos pero su candidatura no fue ni aceptada ni rechazada por el Vaticano. En 1986, la CIJOC logró la adhesión de algunos movimientos europeos además de los miembros fundadores: Portugal, España "disidente" y V.K.A.J. Esta última volvió a incorporarse a la JOCI a tenor de una fusión entre la KAJ y la VKAJ. Determinados movimientos del Africa francófona se unieron también a la nueva coordinación. La CIJOC no tuvo éxito en América y tuvo poco en Asia.

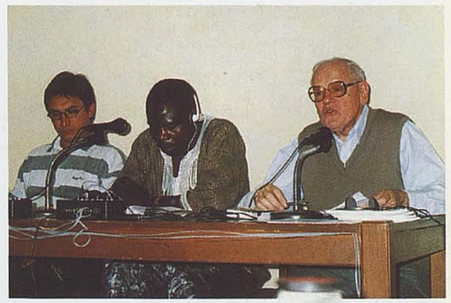
Obviamente, esta escisión no se hizo en un día. Muchas discusiones habían tenido lugar entre los movimientos de todos los continentes. Uno de los signos precursores fue el documento propuesto a la Conferencia Europea de Dworp (Bélgica) en 1977. En él la JOC francesa proponía una "reflexión global sobre la coordinación europea". El documento destacaba ciertas divergencias relativas a la finalidad de la JOC, criticando la creación de una coordinación internacional que se presentaba como superestructura que comprometía a los movimientos nacionales en nuevas orientaciones. En la conclusión, la JOC francesa declaraba que "no puede sino plantearnos interrogantes este concepto del movimiento de ser una organización de masas y de brindar su contribución a la construcción de la Iglesia. Nos parece en contradicción con nuestro concepto del movimiento, organización obrera de masas y de clase, Iglesia en la juventud trabajadora, tal y como lo hemos definido en nuestro 52° Consejo Nacional." Como vemos, se hacía hincapié en la misión de la JOC que era ser Iglesia para la juventud obrera e instrumento de liberación total de la juventud obrera.
Entre los motivos evocados para explicar este conflicto internacional, se mencionaron a menudo las consecuencias del Consejo Internacional de Linz, que modificó profundamente las estructuras y el tipo de acción de la JOC.

Uno de los elementos que contribuyeron igualmente a esta ruptura fue una definición "teológica" de la JOC que sobrevaloraba la misión evangelizadora del Movimiento.

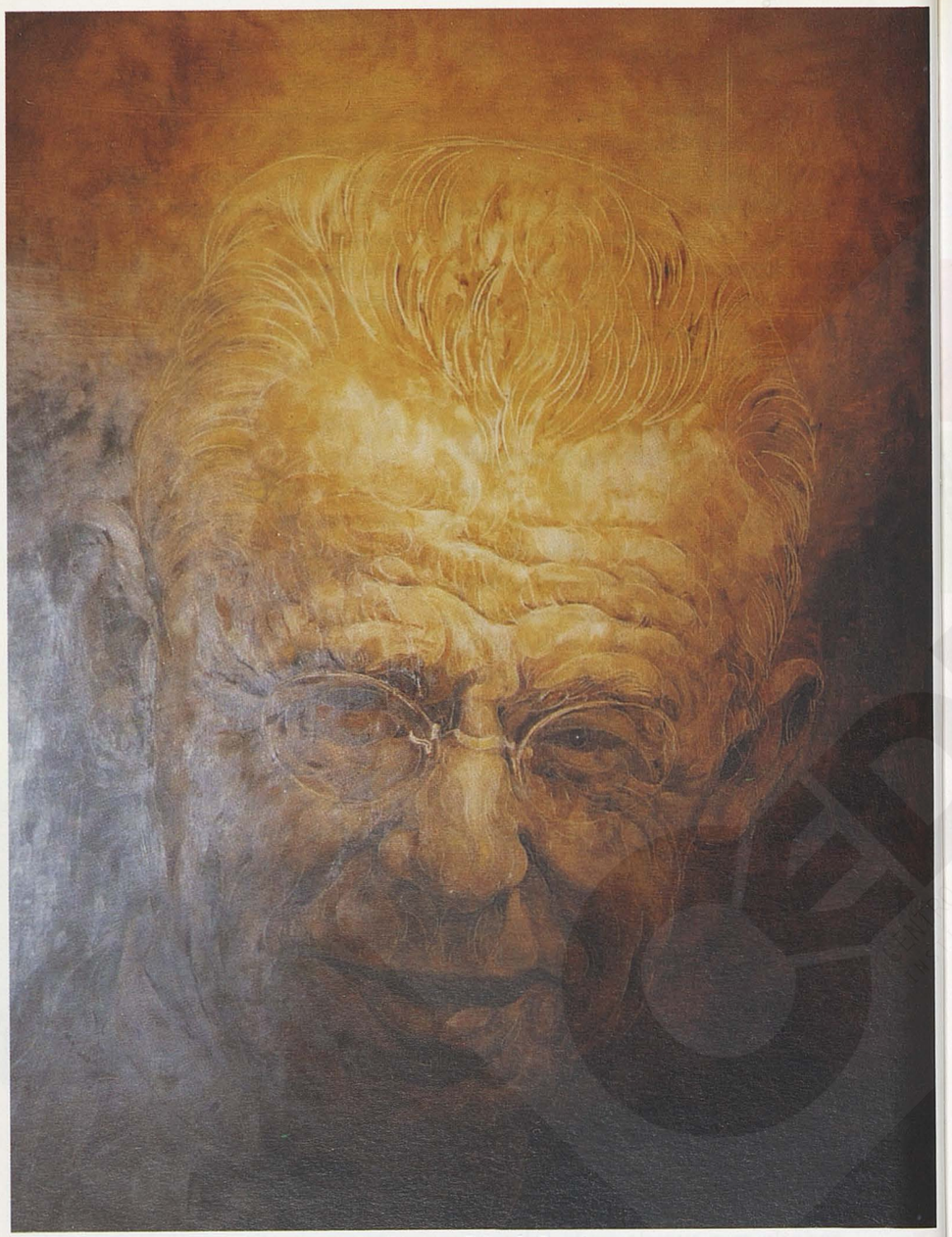
Las reflexiones del Concilio de Vaticano II sobre la Iglesia, "pueblo de Dios" en el mundo representaron indiscutiblemente un nuevo aliento. Sin embargo, este nuevo enfoque de la Iglesia dejó de lado una realidad sociológica que perduraba. El mirar la Iglesia, no ya como una estructura, sino únicamente como un misterio, imposibilitaba cualquier crítica y análisis sociológico.

A estos elementos que contribuyeron a la disidencia, cabe agregar hechos que vulneraron a la JOC y tienen que ver con los acontecimientos que trastornaron el mundo en los años 70: descolonización, reacción a Vaticano II, teologías de la liberación, movimiento de protesta juvenil, y comunidades de base. Muchos jocistas dejaron el Movimiento que juzgaban inapropiado para adherirse a otras organizaciones. Las nuevas orientaciones de Linz debían dar respuesta a estas expectativas. En España y en Bélgica tuvieron lugar escisiones apoyadas a veces por las jerarquías locales.

Esta evolución tiene que ver con todo lo que sucede en la Iglesia. Juan Pablo II propuso un proyecto de restauración de una sociedad cristiana y representantes de esta corriente fueron nombrados en los cargos clave de la institución. Numerosas organizaciones internacionales viven tensiones con el Vaticano. Las dificultades se sitúan siempre en el tema de la identidad cristiana y de la autonomía frente a la Jerarquía.



François Houtart (dcha) del CETRI (Centro de Estudios Tricontinentales), experto en el equipo internacional.



Cardijn, por Felix de Boeck.

El objetivo fundamental de la JOC

El objetivo fundamental de la JOC es que todos los jóvenes trabajadores:

- Descubran el sentido más profundo de su vida;
- Vivan de acuerdo con su dignidad personal y colectiva;
- Y asuman la responsabilidad de buscar soluciones a las situaciones que viven a nivel local, nacional y internacional.

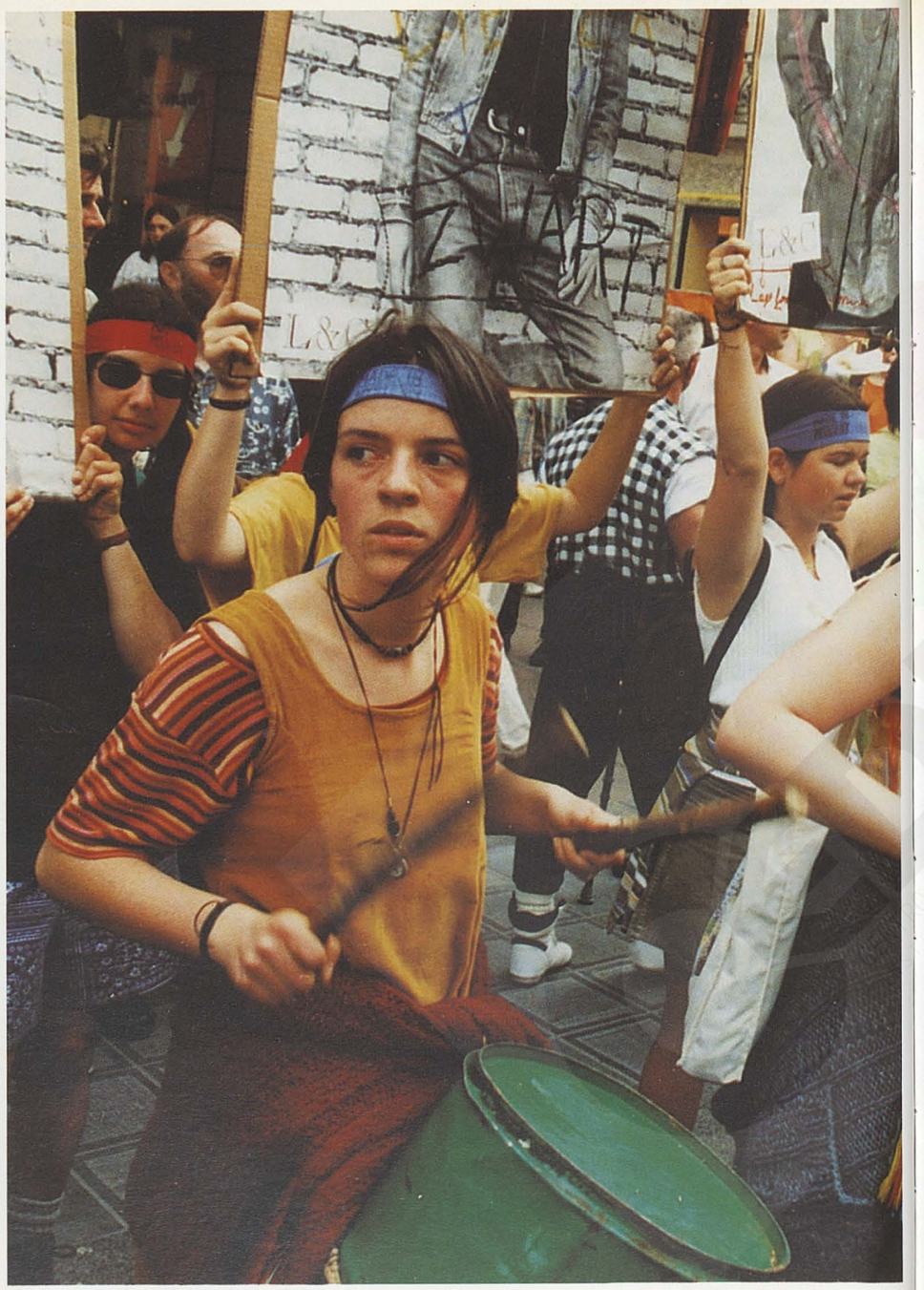
La JOC se esfuerza por alcanzar este objetivo:

- Llamando a cada joven trabajador y joven trabajadora a marcarse metas personales, a difundir un mensaje de liberación, de amor, de esperanza, de justicia, de paz, de solidaridad en la acción y la vida cotidiana.
- Luchando por la liberación total de los jóvenes trabajadores en particular y de la clase obrera, oprimidos, excluidos, en todos los ámbitos de la vida; para esto vive nuevos valores que lleven a un cambio total en la mentalidad de las personas y en las estructuras de la sociedad.
- Actuando por un cambio que lleve a una nueva sociedad, justa y sin clases, donde ya no haya explotación, pobreza, hambre o discriminación; donde la producción y el consumo estén organizados para servir a la humanidad y cubrir las necesidades de todos; donde las personas, pueblos y culturas tengan su propio espacio; una sociedad solidaria donde por fin se cumpla el sueño de la Tierra Nueva prometida a los oprimidos.

La JOC cree en la capacidad de cada joven trabajador y cada joven trabajadora de descubrir su importancia y su dignidad, de reflexionar sobre todos los asuntos que le conciernen, de decidir los ámbitos en los que desea involucrarse. Su participación es esencial.

Como la JOC cree en todo lo anterior, ofrece a todos los jóvenes trabajadores el desafío y la alegría de vivir y luchar. Es así como podrán nacer una persona y sociedad nuevas.

Declaración de Principios de la JOCI, 1995.



La KAJ (Bélgica) en acción.

1987 - 2000
Nuevo arranque

Cronología
Sao Paulo (7° Consejo internacional)
Semana internacional
Adelaida 1991 (8° Consejo internacional)
Johanesburgo 1995 (9° Consejo internacional)
Mandela: "¡Prosigan su labor!"

BRUSELAS 2000 (10° Consejo internacional)
La acción de la JOCI
La JOCI ha evolucionado desde hace cuatro años
Desafíos el futuro
¿Qué queremos celebrar?
"¿De qué religión eres?"
Países en los que está presente la JOCI en el 2000
Relación de dirigentes internacionales de la JOC
Afiliaciones internacionales

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1986		25/4: Catástrofe nuclear de Chernobil.
1987	2/9-4/10: 7° Consejo Internacional en São Paulo.	2/2: Victoria de Cory Aquino en el Referéndum de las Filipinas. En la URSS, Gorbachov y la Perestroika.
1988	5-20/11: Sesión de formación y de acción"Fe y Acción" en Asia-Pacífico.	
1989	26/6: Carta del Vaticano a la JOCI negándole a ésta el estatuto de Organización Internacional Católica.	2-28/5: Disturbios estudiantiles en la China y represión en la Plaza Tien An Men. 10/11: Caída del muro de Berlín, símbolo del fin de la guerra fría.
1990	24/4-1/5: Semana Internacional sobre la situación de la joven trabajadora. 24-27/5: Sesión de Formación Internacional en Aquisgrán, en Alemania (25 países).	
1991	26/11-17/12: 8° Consejo Internacional en Adelaida, Australia.	Guerra del Golfo.
1992	Participación de la JOC en la Cumbre de la Tierra en Río (Brasil). Agosto: Acción internacional de solidaridad con Haití.	12/10: 500° aniversario de la conquista española en América.
1994	Sesión de Fonmación Internacional en Bogotá (Colombia).	6/4: Comienza el genocidio en Ruanda.
1995	25/11-6/12: 9° Consejo Internacional en Johanesburgo (Sudáfrica).	6-10/3: Cumbre Mundial por el Desarrollo Social en Copenhague, Dinamarca. 4/11: En Jerusalén, asesinato de Izhak Rabin por su apoyo al proceso de paz con los palestinos . 14/12: Tras tres años y medio de guerra, firma de los acuerdos de paz en Bosnia.
1997		4/6-1/7: Devolución de la colonia británica de Hong Kong a la China. 3-28/11: Estalla una crisis financiera en Japón y en Corea del Sur.
1998	22/6-5/7: Sesión de Formación Internacional en Alejandría, en Egipto: Reinventar el mundo con nuestras acciones. 17-25/10: Encuentro de los países postindustrializados en Macao.	Febrero. Reunión de 300 delegados de movimientos populares de 71 países en Ginebra: Acción global de los pueblos contra el Mercado y la Organización Mundial del Comercio.

1987 - 2000

1-10/11: Sesión de formación de las JOC centroamericanas en Nicaragua. 9-12/12: Acción de la JOC Europea en Luxemburgo: "Contra la exclusión social y por una sociedad intercultural".	20/10: Renuncia al proyecto A.M.I. (Acuerdo multilateral sobre la Inversión) a raíz de la campaña organizada por los movimientos populares..	1998
25/5: La JOC participa en la Marcha de Colonia, donde estaba reunido el G8, para a pedir la abolición de la deuda del tercer mundo. 6/5-15/6: Encuentro continental en Lima, Perú. Septiembre. Sesión de formación continental en Nairobi, en Kenia.	Guerra en Kósovo. Referéndum y liberación del Timor oriental.	1999
30/4-21/5: 10° Consejo Internacional en Bruselas. 75° aniversario de la JOC.		2000

Encuentro regional del Africa austral 1988.

Sesión de Formación Internacional en Alemania, 1990.

Visita de la JOC de Taiwán a la KAI belga, 1993.

São Paulo 1987

Un año después de la escisión se reunió el 7° Consejo Internacional en São Paulo, en el Brasil, del 11 de septiembre al 4 de octubre. La elección de esta ciudad no fue fortuita. São Paulo es una ciudad superpoblada con 15 millones de habitantes en busca de un espacio en una metrópolis industrial con muchas posibilidades.

Brasil, famoso por su café, su fútbol y su deuda externa, es un país que cuenta con muchos pobres y São Paulo no es una excepción. La ciudad es una síntesis de los problemas que padece el mundo. La riqueza extrema coteja la más absoluta pobreza.
La acogida organizada por la J.O.C. de Brasil fue calurosa:

Reunión del Equipo Internacional, 1987.

"... Somos jóvenes trabajadores procedentes de distintas regiones del Brasil. Hemos seguido un largo recorrido rico de hallazgos, análisis, intentos de respuesta a las distintas realidades vividas. Hemos realizado el Congreso en 50 ciudades diferentes... Hemos celebrado Congresos locales en más de 220 municipios... 15.000 jóvenes participaron en este proceso. Nuestras condiciones de vida son muy precarias. Nuestros salarios son insuficientes y somos víctimas de la malnutrición. La salud está en manos de grupos privados. Pocos jóvenes trabajadores tenemos la ocasión de acceder a los estudios. No somos respetados en los lugares de trabajo. Las mujeres y los niños son los que más sufren la explotación porque realizan a menudo el mismo trabajo que hombres adultos por un salario más bajo. Nuestro poder adquisitivo sufrió una disminución real de un 39% entre 1986 y 1987...
Los jóvenes trabajadores del Brasil expresamos nuestra solidaridad con el 7° Consejo Internacional de la JOCI Les deseamos toda la firmeza y autonomía necesarias para tomar decisiones. Esperamos que el Consejo dará respuesta a las aspiraciones más profundas de la clase obrera y reforzará la organización de la juventud a nivel local, nacional e internacional. Transmitimos nuestro más caluroso saludo y esperamos poder reunirnos más a menudo para celebrar nuestras victorias. Un sueño no es más que un sueño, pero un sueño que tenemos todos juntos acaba siendo una realidad. Estamos construyendo una nueva Historia."

Estos saludos de bienvenida iban dirigidos a los 120 participantes del Consejo, entre los cuales estaban 91 jóvenes trabajadores de 42 países delegados de su movimiento nacional. El mensaje iba dirigido también a Don Eduardo Koaik, obispo de Piracicaba (región de São Paulo) que representaba a la Conferencia Episcopal del Brasil. Por su parte, la CIJOC no aceptó la invitación de la JOCI a participar en el Consejo.

El Consejo se desarrolló en dos etapas. En primer lugar se realizaron unos intercambios de experiencias y acciones, y luego se tomaron las decisiones y se identificaron las perspectivas de futuro.
En cuatro años había empeorado la situación de los jóvenes trabajadores: desempleo, malas condiciones de trabajo (bajos salarios, jornadas de más de diez horas, trabajo a tiempo parcial o a domicilio, sistemas de control, falta de higiene y seguridad), enseñanza y formación no adaptadas a la vida y a las necesidades de los jóvenes trabajadores, falta de participación y pésimas condiciones de vida (vivienda, transporte, etc.).

Félix Ollarves (Venezuela), presidente, con su familia.

¿Cómo reaccionaban los jóvenes ante estas situaciones? Algunos las aceptaban, otros perdían la confianza en si mismos, y otros más reaccionaban y participaban en las acciones para desarrollar la responsabilidad, la solidaridad, la justicia y la paz. Los jóvenes solían tomar la iniciativa de manifestarse contra los Estados represivos o la carrera armamentista.

¿Y la fe de los jóvenes trabajadores? Este aspecto se vivía de forma diferente según cada contexto. Muchos jóvenes consideraban el Evangelio un medio para su liberación. Aunque, por regla general, la mayoría no veían que la Iglesia fuera una referencia. Algunos jóvenes se precipitaban

en las sectas donde buscaban una solución para sus problemas.

Estas situaciones eran el punto de partida de la acción de la JOC. En la reflexión se examinaron todas las características de la J.O.C. concediendo especial atención a las características obrera y cristiana. El Evangelio anunciado por la JOC era el de la Liberación. Gracias a su testimonio de vida, a su compromiso y su lucha, el militante era portador del Evangelio de Liberación.

¿Qué decisiones se tomaron en São Paulo? El plan de acción para los cuatro años siguientes se titulaba: "Actuar colectivamente en el presente para construir el futuro".

El plan se concretaba en la acción, la educación, el análisis, la expresión diversificada de la fe, la extensión, la solidaridad internacional. Se tomó la decisión de emprender un proceso de revisión de la Declaración de Principios a fin de adaptarla a las nuevas situaciones de la juventud trabajadora y a la realidad del movimiento.

Se decidió continuar el diálogo con la CIJOC y sus movimientos nacionales. Con relación a la jerarquía de la Iglesia, pese a las experiencias frustradas de los años anteriores, la JOCI insistió en encontrarse con los responsables de la Iglesia (Santa Sede, Conferencias episcopales regionales y nacionales).

Semana internacional

La JOC venía organizando Semanas Internacionales desde hacía muchos años. En 1990, la JOCI propuso como tema de la Semana (celebrada del 24 de abril al 1 de mayo): "Las jóvenes trabajadoras construimos el futuro".

En efecto, se decía que "las mujeres representan la mitad de la población mundial. Realizan las dos terceras partes del trabajo (remunerado o no) pero sólo se benefician de una décima parte de la renta mundial y sólo son propietarias del uno por ciento de los bienes mundiales.

En 1980, el 58% de las mujeres económicamente activas en los países industrializados trabajaban en los servicios, el 26% en la industria y el 16% en la agricultura. El trabajo de la mujer es más barato; las mujeres son víctimas de la precariedad y están más afectadas que los hombres por la evolución del mercado y del empleo (tiempo parcial, contratos temporarios); las mujeres son las primeras víctimas del desempleo y las nuevas técnicas provocan nuevos problemas de salud.

En los países del tercer mundo, las mujeres representan un 34% de la población activa según los criterios habituales (en los sectores agrícola, agroindustrial, industrial de exportación, y de servicios).

Mujeres del Equipo Internacional, 1990.

¿Qué es una mujer económicamente activa en el tercer mundo? En las zonas rurales, las jornadas son largas (14-16 horas) y agotadoras: hay que producir los alimentos, prepararlos, ir a por leña, ir a por agua, hacer el comercio, criar a los hijos.

El acoso sexual existe tanto en los países del tercer mundo como en los países industrializados.

En conjunto, las mujeres son víctimas del sistema económico, de cierta imagen tradicional de la mujer (madre, esposa, sumisa, dependiente) y de la formación que reciben."

Ante esta situación, la JOCI compartió las acciones y llamó a la acción:

Algunos dirigentes internacionales.

- Acción por el aumento de salarios en una fábrica de prendas de vestir en las Filipinas
- Acción por la organización del trabajo, el pago de los salarios y el respeto al trabajador en un hospital de Venezuela
- Acción de las empleadas de hogar de Madagascar por el respeto de sus derechos
- Huelga para conseguir mejores condiciones de trabajo y oponerse a la represión en una planta textil de España
- Acción en la administración de Hong Kong para pedir el pago de las horas extraordinarias
- Campaña de acción de la J.O.C. de Austria contra la situación de inferioridad de las jóvenes trabajadoras "Pech Maria" ["María la mala pata"]
- Campaña de la J.O.C. alemana contra la flexibilidad.

Una militante del Quebec hizo un aporte a modo de conclusión:

"Las chicas que conozco en la J.O.C. son tan "vocingleras" como los chicos. No conozco a una que no sea capaz de tomar la palabra y echar para adelante. Esto es evidente. Cualquiera que entra en la J.O.C. cree en valores como la igualdad. En la J.O.C. queremos la igualdad de los trabajadores; por consiguiente, queremos también una igualdad de géneros. Para mí es una contradicción querer la igualdad en la sociedad y al mismo tiempo ser sexista."

Adelaida 1991

El 8° Consejo Internacional tuvo lugar en un momento particular de la historia. Se llegaba al final de un "orden internacional" que dividía el mundo en dos bloques desde 1945. Se anunciaba a bombo y platillo la llegada de un "nuevo orden internacional".

Estas contradicciones son más agudas que nunca. El hundimiento del comunismo puso fin a la guerra fría y quienes defienden el capitalismo lo presentan como el único sistema viable capaz de organizar a la humanidad. La sociedad en la que vivimos es una sociedad en la que el capitalismo domina y actúa a escala internacional.

Reunión del Equipo Internacional en 1991 en Lovaina, Bélgica, para preparar Adelaida 91.

La Declaración de Principios, preparada en los movimientos nacionales y elaborada en el Consejo Internacional de Adelaida en 1991, se adoptó en Johanesburgo en 1995.

Comenzaba echando una mirada al mundo de hoy en día
Hoy en día, al igual que cuando nació el movimiento, los jóvenes trabajadores están confrontados con las contradicciones del capitalismo.

El capitalismo ha creado un abismo cada vez mayor entre países ricos y países pobres, y entre los ricos y los pobres dentro de un país. La tecnología y la información están controladas por la clase dominante. Así pues, una pequeña minoría de ricos domina, explota y toma las decisiones por la mayoría de la población, la cual está sumida en la pobreza y la exclusión permanente.

Mientras siguen aumentando las

riquezas en el mundo, éstas sólo son en provecho de una minoría. La tasa de desempleo va crecien-

Delegaciones asiáticas.

do en todo el mundo y un número cada vez mayor de personas tienen un empleo precario o trabajan en el sector informal, mientras otros trabajadores están obligados de emigrar para ganarse la vida. Las mujeres están más explotadas y dominadas que los hombres. Los pueblos indígenas se ven forzados a abandonar sus tierras ancestrales; su lengua y su cultura son amenazadas y a veces destruidas.

Los recursos naturales quedan destruidos sin ningún miramiento por el medio ambiente. En muchos países aumentan el racismo, el fanatismo religioso y ciertas formas de nacionalismo que llevan a la exclusión.

Se impulsa el consumo a ultranza. El materialismo, la competitividad y el individualismo reinantes llevan a un número cada vez mayor de personas a la desesperación, a una pérdida del sentido de la vida, a la falta de perspectivas de futuro.

Van perdiéndose paulatinamente los derechos que los trabajadores pudieron conquistar en algunos países. Si bien la fuerza y el peso de la clase obrera y de sus organizaciones disminuyeron considerablemente, encontrándose éstas en una posición defensiva, sigue siendo tan importante la necesidad de crear alternativas a la sociedad actual.

Al margen de las formas históricas de organización de la clase obrera, aparecieron nuevas formas de organización que cubren aspectos diferentes de la vida y contemplan nuevos retos. Todos estos movimientos y organizaciones generan esperanza en un cambio aún posible de la sociedad.

(Extracto de la Declaración de Principios, Johanesburgo 1995).

Voto.

Australia que es un país tan extenso como un continente, contaba en la época del Consejo con 20 millones de habitantes. Los aborígenes, que fueron sus primeros pobladores, ya no eran más que 128 000. Formaban una comunidad pobre, necesitada, a menudo condenada a ser asistida. Australia es uno de los países más urbanizados, una sociedad rica. Sin embargo, estas riquezas se concentran en manos de una minoría. Las 2000 personas más ricas del país poseen tanto como

Día de descanso en Australia.

los 2,5 millones más pobres.

En 1991, la J.O.C. de Australia celebró su 50° aniversario, coincidiendo con el Centenario de la primera Encíclica social de León XIII, "Rerum Novarum".

La fecha y el lugar convenían perfectamente para este 8° Consejo Mundial. Es así que un centenar de delegados emprendieron camino hacia Adelaida, con escalas en otros países donde pudieron conocer a otros jóvenes trabajadores y otras realidades, a menudo muy distintas de la suya.

Los delegados de Kenia hicieron una escala en Bombay, los de Ghana pasaron por Malasia, que recibió también a las delega-

Delegación de Nueva Zelanda.

ciones del Japón y de Hong Kong.

Los delegados de Egipto y de las islas Seychelles fueron recibidos en Singapur, la delegada del Gabón aprovechó para visitar la J.O.C. valona en Bélgica. Los delegados de la República Dominicana hicieron una parada en España y los de la Argentina y del Quebec estuvieron en Nueva Zelanda.

Los de la JOC valona y los de Suiza estuvieron en Corea. Los delegados belgas flamencos y los españoles fueron recibidos por la JOC de las Filipinas, y los de Alemania y Luxemburgo estuvieron en Tailandia.

Enriquecidos por las acciones y los hallazgos realizados en camino hacia Australia y en los encuentros continentales previos al Consejo organizados en distintas

ciudades de Australia (Port Pirie, Sydney, Melbourne), estos delegados procedentes de 37 países se reunieron en Adelaida del 26 de noviembre al 17 de diciembre de 1991.

Ante la situación vivida por la juventud trabajadora y a pesar de la pasividad que caracterizaba a muchos jóvenes, las reacciones de algunos eran espontáneas y a veces violentas. Los delegados y delegadas compartieron acciones realizadas por la JOC en todo el mundo (Haití, Filipinas, Egipto, Venezuela, Suiza, Alemania, Ghana, etc...). Nueve grupos de trabajo hicieron una evaluación de estas acciones e identificaron los distintos desafíos que iban planteándose a la JOC.

Se decía que "la JOC debe intensificar su acción, responder a las necesidades de la juventud trabajadora, adaptar la acción a la mentalidad actual, fomentar una participación cada vez más amplia de los jóvenes".

A fin de ayudar al conjunto de los movimientos nacionales y grupos de base a acometer estos desafíos y luchar contra la marginación cada vez más generalizada de la juventud popular, el Consejo decidió lanzar una Campaña Internacional en favor de la participación de los jóvenes trabajadores.

La campaña se inició con una encuesta internacional sobre la juventud trabajadora en el mundo. Se planificó la organización de una sesión internacional de militantes de distintos países para examinar los resultados de la encuesta. La reflexión sería una base para la elaboración de un Manifiesto sobre la participación de los jóvenes trabajadores que se examinaría en

el siguiente Consejo Internacional. En los cuatro años siguientes a Adelaida 91, la preocupación fue sobre todo la de fomentar la participación de la juventud trabajadora.
Los delegados examinaron las relaciones existentes entre la JOCI y la CIJOC. Expresaron su voluntad de obrar por la reunificación y encomendaron al Equipo Internacional la tarea de impulsar el diálogo. El Consejo se centró también en la extensión de la JOCI, en particular a Europa central, a Centroamérica y al Africa austral.

En Adelaida, los 19 asesores y colaboradores adultos que participaron en el Consejo tuvieron la (rara) oportunidad de dirigir una carta abierta a los delegados:

"Nos impresionó la calidad del compartir entre los delegados, su voluntad de comprender las distintas situaciones en las que viven, su capacidad para acogerse mutuamente en un espíritu de apertura, respeto mutuo y compañerismo.

Fuimos testigos del compromiso militante de estos jocistas de tantos países que con su acciones buscan mejorar sus condiciones de vida. Hemos visto una JOC vivida en lo cotidiano, un movimiento construido por los mismos jóvenes trabajadores, como un indicio esperanzador y liberador.

Moses Cloete (Sudáfrica), presidente.

Hemos observado también que tanto hoy como en el pasado, el movimiento permite a los jóvenes trabajadores encontrar en su encaminamiento militante el mensaje liberador de Jesucristo. Los numerosos grupos de trabajo en los que participamos a menudo nos dieron la posibilidad de vivir estos aspectos juntos.

En nuestra opinión, creemos lamentable que el Vaticano haya retirado a la JOCI su estatuto de Organización Internacional Católica (OIC). Al actuar de esa forma,

Delegación de Egipto.

Colaboradores adultos de África y Asia.

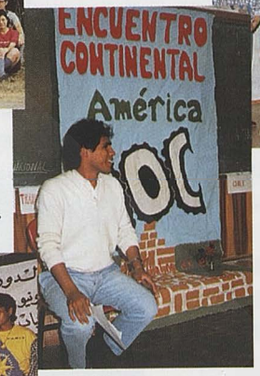
les da a estos jóvenes trabajadores y a la JOC en conjunto la sensación de que no hay lugar para ellos en la Iglesia.

Fuimos testigos de la inquietud provocada por esta decisión entre los militantes del movimiento. Asimismo, fuimos testigos de sus esfuerzos por continuar el diálogo y de sus esperanzas de que sea nuevamente reconocida por la jerarquía de la Iglesia la misión específica que ejercen en el mundo obrero.

Creemos que nuestra participación en el 8° Consejo Internacional de la JOCI, en nombre de centenares de asesores y colaboradores adultos del movimiento, y el apoyo oficial de parte de los episcopados de muchos países, en particular de la Iglesia australiana, es un signo que indica que la Iglesia sigue interesándose por la suerte de la juventud trabajadora, reconociendo el compromiso y la misión de los militantes de esta JOC, que ha sido una fuente de esperanza en tantos países durante más de 70 años".

Colaboradores adultos de las Américas.

en Asia.



en América latina.

En Europa.

en Oriente Medio.

LA JOCI EN LOS CONTINENTES

en Quebec.

en Africa central.

en Africa occidental.

en China.

Johanesburgo 1995

Después de "Adelaida 91", la JOCI decidió celebrar su Consejo Internacional siguiente en Sudáfrica. Fue como un acto de fe en la evolución de este país. Cuando algunos anunciaban una carnicería, una catástrofe total, la JOCI creyó en la victoria de la justicia y en las aspiraciones profundas de las millones de víctimas del apartheid.

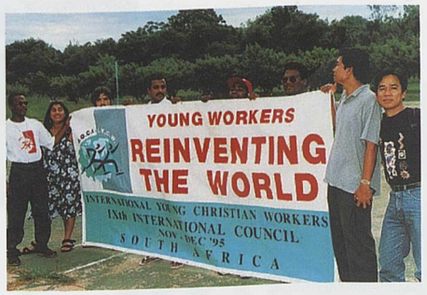
Hace tres siglos se impuso una minoría europea en este país de 40 millones de habitantes: 30 millones de negros, 5 millones de blancos, 3 millones de mestizos, y un millón de asiáticos.

La JOC sudafricana fue fundada en 1952 como movimiento no racial. Siempre estuvo opuesta al apartheid. Ya en sus inicios ayudó a los militantes a situarse en la lucha de empresa y en los barrios.

Reunión preparatoria en Sudáfrica.

Todo cambió con el fin del apartheid y la instauración de la democracia.

En 1994, el fundador de la JOC sudafricana, Erick Tyacke, declaró: "Hubo una época en que era casi imposible que un militante de la JOC sudafricana participara en un encuentro internacional. Mañana, el mundo entero se dará cita en Johanesburgo con motivo del Consejo Internacional del movimiento".



¡Reinventar el mundo!

El Consejo reunió efectivamente a finales de noviembre de 1995 a 120 delegados de 40 países. La apertura se hizo el 26 de noviembre en Oukasie, una pequeña ciudad negra, antigua zona de chabolas, un foco de lucha contra el apartheid, un lugar destacado de la lucha contra los traslados forzosos de la población negra, un lugar simbólico para la JOC sudafricana que contribuyó a esta victoria.

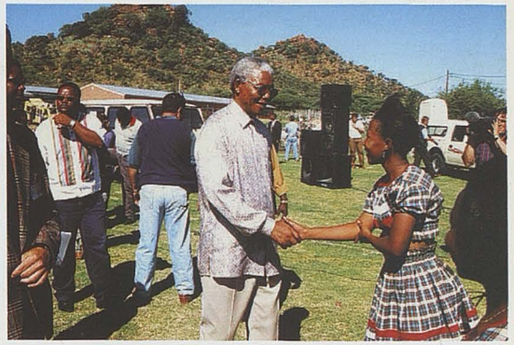
En el campo de fútbol, los jóvenes trabajadores locales presentaron la Carta Reivindicativa de la JOC nacional. La JOCI lanzó su Carta Reivindicativa Internacional. El Presidente Mandela acudió al acto y estrechó manos y dirigió algunas palabras a cada delegado. En su emotivo discurso, Mandela recordó que no había acabado la lucha contra la opresión y la injusticia, sino que iba a ser aún más intensa, contra el hambre, la ignorancia y la enfermedad.

Al día siguiente, el Consejo comenzó su trabajo en Johanesburgo. La mirada a la situación de la juventud trabajadora, alimentada por los resultados de la encuesta internacional sobre la participación, apuntaba a un mundo enfermo. Las potencias económicas y financieras extendían su dominio y controlaban todos los aspectos de la vida. Se utilizaban todos los medios para avivar la competencia sin importar las consecuencias en las masas de la población y en el equilibrio del planeta. Sin embargo, el futuro no se veía totalmente tan oscuro. El fin del apartheid o la revolución de Haití representaban una luz de esperanza en la oscuridad.

Se organizó un Seminario con la JOC sudafricana sobre la extensión del movimiento en el Africa austral: Alex Ericx, uno de los primeros extensionistas enviados al Africa, estuvo reunido un día con los delegados.

La misa de apertura del Consejo fue concelebrada y presidida por Mgr. Orsmond, obispo de Johanesburgo. La celebración tuvo lugar en Soweto, un lugar sumamente simbólico, testigo de tantas luchas, de la represión y de la esperanza. Mgr. Orsmond explicó por qué Cardijn fundó la JOC,

El presidente Mandela en la apertura del Consejo.



Mandela: " ¡Prosigan su labor! "

Extracto de la alocución del Presidente de la República sudafricana pronunciada en el acto de apertura del Consejo Internacional.

"Tengo el gran privilegio de asistir al acto oficial de apertura del Consejo Mundial de la JOCI. Me complace en especial asociarme a la larga tradición de lucha de la Juventud Obrera Cristiana contra la injusticia en el mundo, incluido en Sudáfrica.

La decisión de Uds. de celebrar el Consejo aquí, en esta pequeña y pobre comunidad de Oukasie, habla por sí mismo. Una vez más, la JOC demuestra concretamente que un verdadero compromiso por la justicia exige mucho más que buenas intenciones y palabras al viento. Ello exige en realidad una total solidaridad con quienes luchan por dicha justicia..."

Mandela recordó en breve la historia de la lucha de esta comunidad por su supervivencia. "Oukasie se convirtió en un símbolo de la fuerza que puede generar una resistencia común apoyada por la solidaridad internacional.
Una de las características más importantes de la JOC es que se sitúa ella misma en el seno de las realidades sociales del pueblo, en particular de las vividas por la juventud trabajadora, y hace especial hincapié en la necesidad de contar con una organización eficaz."

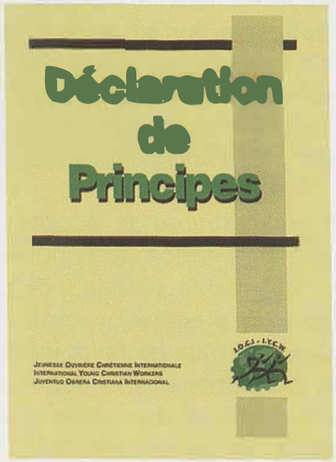
Recordó que la experiencia de Sudáfrica va en el mismo sentido y demuestra que cuando la gente está comprometida y bien organizada, nadie en definitiva puede callarla. A esto, Nelson Mandela agregó:
"Quiero agradecer a la JOC por su contribución a esta magnífica victoria."

cómo confió en la capacidad de los jóvenes trabajadores para organizarse y actuar juntos. Al final de la celebración, el primer ministro de la provincia de Gauteng recordó en pocas palabras lo que había vivido el pueblo sudafricano: "Cuando regresen a sus países, queremos que sean testigos de lo que han visto aquí. Tras 300 años de opresión, es un verdadero milagro lo que está sucediendo en este país".

El Plan de Acción Internacional tenía como meta la de reinventar el mundo y la JOC : una JOC más dinámica, más eficaz, más representativa, presente en todos los sectores (sector informal, inmigrantes, zonas francas, desempleados, empleos precarios, industrias, servicios...), una JOC en expansión, una JOC que colabore con las organizaciones obreras y populares, que intervenga ante las instituciones internacionales, que estreche relaciones de amistad y solidaridad con las distintas instituciones ecuménicas; una JOC que, pese al mutismo de la CIJOC ante las llamadas al diálogo, siga preocupada por su unidad; una JOC que dialogue con los organismos de la Iglesia para que se reconozcan a todos los niveles el lugar y la misión del Movimiento.

En Johanesburgo se adoptó la nueva Declaración de Principios. La "DP" había pasado por un proceso de preparación desde los equipos de base hasta las instancias internacionales, en todos los continentes. El texto tiene en cuenta la evolución de la sociedad, la situación actual de los jóvenes trabajadores, y la historia del Movimiento. No fue

nada fácil elaborar un documento como éste. En efecto, debía considerar las distintas sensibilidades, evitar un lenguaje estereotipado, ser una fuente de inspiración para los jóvenes tra-



La Declaración de Principios.

bajadores en todo el mundo, recoger los fundamentos de la JOC y hacerlos accesibles a los jóvenes trabajadores actuales.

Al leer este nuevo texto, algunos observadores tal vez verán pocas diferencias fundamentales con respecto a la Declaración de Linz de 1975. Esto es tal vez un indicio de que la JOC de hoy en día quiere mantenerse fiel a las convicciones que la animaron desde su fundación y a lo largo de toda su historia.

Poco antes de iniciarse el Consejo, los tres movimientos flamencos lograron reunificarse. En efecto, existían tres movimientos de la JOC en Flandes (Bélgica): la KAJ, movimiento mixto afiliado a la JOCI, la VKAJ, movimiento femenino afiliado a la CIJOC, y otro movimiento de chicos sin ninguna afiliación internacional. Tras dos años de esfuerzos y voluntad comunes por avanzar en el diálogo, estos tres movimientos lograron su reunificación. El nuevo movimiento, denominado KAJ, se afilió a la JOCI. El Consejo de Johanesburgo ratificó esta decisión con una votación.

En el Consejo se adoptaron también numerosas mociones: sobre los conflictos violentos que asolan en el Africa, el deterioro de la situación política en este continente, una llamada a construir un mundo desnuclearizado, el desarme de los grupos paramilitares de Haití, el fin del bloqueo de Cuba, la solidaridad con los trabajadores franceses en huelga, y la solidaridad con la JOC de Costa de Marfil, un país en el que las autoridades religiosas obligaron al movimiento a dimitir de la JOCI en contra de la voluntad de la mayoría de sus militantes.

La última palabra la daremos a Marguerite Fiévez, invitada al Consejo, que trabajó en estrecha colaboración con Cardijn durante muchos años:

"Cardijn siempre soñó mucho... al igual que Martín Luther King, Jesucristo o Mandela. Estos hombres tuvieron un sueño y buscaron concretarlo hasta donde fuera posible."

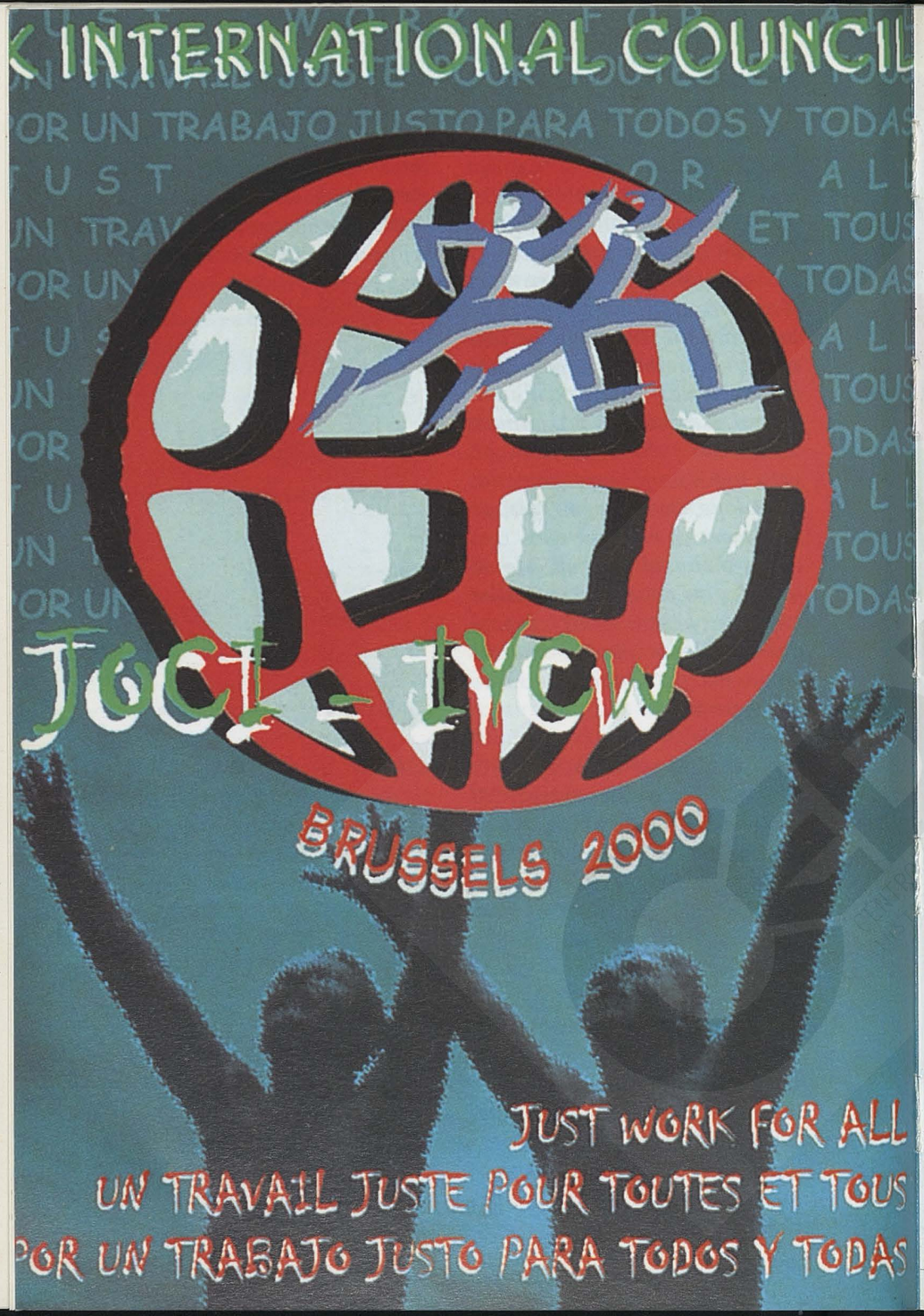
"¿Cuál es mi sueño? preguntaba Cardijn en 1930. El soñaba con ver a todos sus jóvenes hermanos de Europa, de Africa, de Asia, de las Américas, expresar cada uno en su idioma el gran alcance de la JOC y su expansión en todos los países y entre todas las razas del mundo, afirmar en el mundo entero la gran fraternidad que iba naciendo."

"¿Soñáis para construir la JOC?", preguntó Marguerite Fiévez. "El sueño debe impulsaros e impulsar a los demás... Soñad, atreveos, prendedle fuego al mundo. En el centro de la JOC hay fuego, la estructura mata pero la mística es salvadora."

"Si Cardijn no hubiese juntado a tantos miles de jóvenes trabajadores, este sueño no habría llevado a nada... ¿Quién ha de reinventar la JOC? No ya Cardijn sino vosotros. Así también lo dijo a nosotros: 'sois los fundadores de la JOC'. Hoy es responsabilidad vuestra."

"Quiero reafirmar el llamamiento que hizo en el primer Consejo Internacional de la JOC en 1957, para que lo hagáis vuestro para siempre: '¡Jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras de todos los países, uníos en la JOC Internacional!"

Helio Alves (Brasil), presidente.



Bruselas 2000

"Por un trabajo justo para todos y todas"

Por el Secretariado Internacional de la JOCI

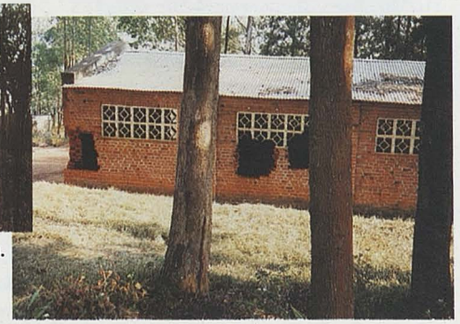
El texto a continuación concierne a los años venideros. Fue elaborado, no ya por historiadores o antiguos jocistas, sino por los responsables actuales del Secretariado Internacional. Es una muestra del compromiso de la JOCI y de sus proyectos. Es una llamada de la JOC Internacional.

"Por un trabajo justo para todos y todas" es el tema del 10° Consejo Internacional de Bruselas 2000.

En los años que siguieron al último Consejo Internacional, en noviembre de 1995, la JOCI fue el testigo de muchos acontecimientos que trastornaron el mundo. Personas fueron asesinadas o tuvieron que huir de sus casas por culpa de las guerras en Oriente medio, en el Africa central, en Colombia y en Europa del Este; fueron asesinados negociadores que participaban en conversaciones de paz; se justificaron algunas dictaduras. El milagro económico asiático se convirtió en una quimera del día a la mañana; Rusia se hundió en el caos económico y social; la economía mundial está trastornada; y el proyecto neoliberal en conjunto está siendo muy cuestionado.

Huracanes e inundaciones se han cobrado miles de víctimas mientras continúa la deforestación y sigue ampliándose el agujero en la capa de ozono.

Los fascistas y la extrema derecha han incrementado su clientela electoral y matanzas de carácter racial y genocidios (Ruanda, Timor oriental...) han sido denunciados en todo el mundo.



Rastros del genocidio en Ruanda.

Esperanzas.

Pese a esta situación, algunos signos positivos percibidos estos últimos años entrañaron muchas esperanzas. En el ámbito internacional, nos animan los esfuerzos realizados por muchas organizaciones que desean la implementación de las propuestas presentadas en la Cumbre Mundial por el Desarrollo Social de Copenhague (1995), en particular la promoción del pleno empleo.

Asimismo, estamos motivados por la campaña internacional "Jubileo 2000" que llama a la anulación de la deuda externa de los países pobres, una campaña que movilizó a numerosas organizaciones y personas en las comunidades locales.

Cabe mencionar también otros avances como la Declaración de derechos fundamentales del trabajo en 1998; la creación de un Tribunal Penal Internacional (avance en materia de respeto de los derechos humanos); el Convenio de Lomé que une el desarrollo de los países pobres a la economía europea; y la exitosa campaña internacional contra el Acuerdo Multilateral sobre la Inversión propuesto por los países ricos miembros de la OCDE.
Incluso se comienza a pensar que las políticas económicas neoliberales se han pasado de la raya y necesitamos una nueva "arquitectura financiera internacional".

Si bien estos avances nos animan, sabemos también que en definitiva nuestra situación ha ido a peor y aún queda que recorrer mucho camino.

Motivada por su fe en todos los jóvenes trabajadores y todas las jóvenes trabajadoras, la JOCI ha podido consolidarse como movimiento internacional. Gracias a la labor realizada estos últimos años, la JOCI está tal vez mejor preparada para acometer los retos que se le plantean , y para organizar a los jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras del siglo XXI.

La acción de la JOCI

En su aplicación del Plan de Acción Internacional adoptado en su 9° Consejo Internacional con el tema "Reinventar el mundo de la juventud trabajadora", la JOCI centró sus prioridades, en cada continente, en la formación de los jóvenes trabajadores a través de la acción.

En Europa, la "Campaña abierta" y el "Programa de Formación Global" dominaron la vida del Movimiento desde el Consejo Internacional de Sudáfrica.

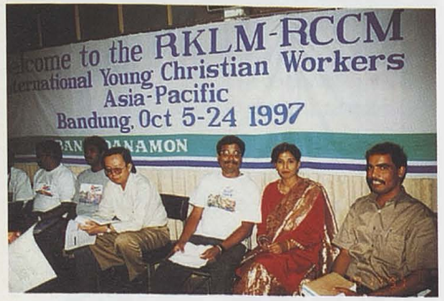
La Campaña Abierta estaba encaminada a promover el desarrollo de acciones locales en los movimientos nacionales, reuniéndose todos ellos en diciembre de 1998 con motivo de una acción común que congregó en Luxemburgo a más de 300 jóvenes trabajadores y trabajadoras. En el acto de Luxemburgo, los jóvenes trabajadores se encontraron con responsables de la Unión Europea y adoptaron una declaración "Contra la exclusión y por una sociedad intercultural".

Encuentro europeo
en Budapest (Hungría).

La JOC de España ha tomado la iniciativa de organizar una "bolsa de trabajo" cuya finalidad es facilitar la inserción profesional de las jóvenes. La JOC ha establecido servicios de gestión de la oferta y demanda de empleo, información sobre derechos laborales, asesoramiento jurídico y orientación profesional.

Acción por el derecho
de asilo en Bélgica.

Mientras tanto, en **Asia-Pacífico**, las campañas "China de mañana" y "países menos industrializados, nuevos países industrializados y países postindustrializados" sirvieron para promover la formación a través de la acción de los jóvenes trabajadores de esta región.



Encuentro continental Asia Pacífico 1997.

La campaña "China de mañana" reunió a jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras de la región (Taiwán, Hong Kong, Singapur y Macao) a fin de compartir su realidad común, llevar a cabo acciones comunes y ayudar a extender la JOC en la China continental.

Queremos una nueva sociedad, una sociedad justa y sin clases. Una sociedad libre de cualquier forma de explotación y discriminación, donde el trabajo esté al servicio del pueblo y las ganancias del trabajo humano se compartan equitativamente.

Plan de Acción internacional de la JOCI, 1996-2000, § 106.

Manifestación por los derechos laborales en la India, 1997.

La JOC de Tailandia ha sido la protagonista de una campaña de apoyo a los trabajadores de « Par Garment Company », iniciada por la JOCI en 1999.

Las actividades de Par Garment comenzaron en 1988. La empresa produce distintas marcas de prendas de vestir mundialmente conocidas. Los productos son exportados a los Estados Unidos, Canadá, Europa, Australia, Japón y Hong Kong. En 1988-1990, la empresa tenía una plantilla de 500 trabajadores, mujeres en su mayoría. Aplicó un sistema de trabajo por turnos e instauró condiciones de trabajo deplorables: salario mínimo, horas extraordinarias no pagadas, ambiente laboral insalubre, acoso sexual, etc. Un miembro de la JOC comenzó a organizar clandestinamente a los trabajadores. Paulatinamente, los trabajadores y trabajadoras fueron uniéndose a las acciones, comenzaron a hablar de sus condiciones de trabajo y acabaron presentando sus reivindicaciones a la dirección de la empresa.

Las acciones de la JOC impidieron una deslocalización anunciada de la empresa.

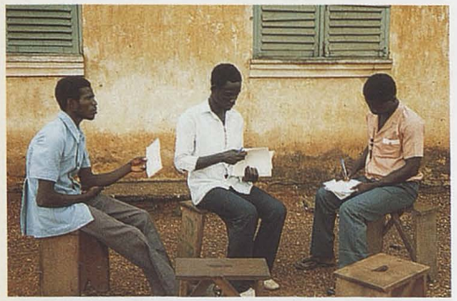
Hoy por hoy, la empresa tiene contratados a 202 trabajadores, de los que 180 están afiliados al sindicato.

El Convenio colectivo firmado en 1997 caduca en 1999. Por tanto, el sindicato tiene el derecho de volver a negociar las condiciones de trabajo con la dirección. Los jocistas siguen siendo muy activos dentro de la empresa.

Encuentro de asesores de Asia en Indonesia, 1997.

Jóvenes rescatados de la secta Moon a través de la labor de la JOC Japonesa.

En Africa, la JOCI aún debía realizar una amplia labor de consolidación. Por consiguiente, el movimiento centró sus esfuerzos en los programas de intercambio y en las sesiones de formación nacionales, subregionales y continentales.

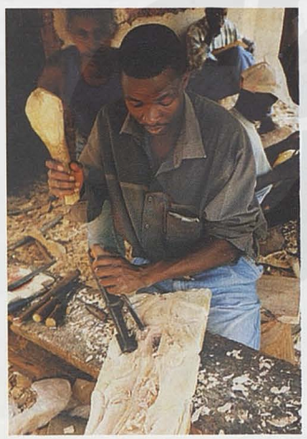


Reunión.

Durante las visitas de trabajo realizadas por los responsables continentales de la JOCI, se organizaron sesiones de formación nacionales con objeto de formar a los responsables nacionales al método ver-juzgar-actuar y enseñarles cómo desarrollar el movimiento a través de las acciones locales.

Jocistas de Ghana, 1995.

En 1998, la JOC de Sudáfrica realizó una campaña importante con los trabajadores eventuales. La campaña se desarrolló en tres etapas. En primer lugar, se identificaron los problemas específicos a través de más de 1000 entrevistas a jóvenes de este sector. Luego, se elaboraron las reivindicaciones en las asambleas locales. Los Congresos Regionales permitieron recoger todas estas reivindicaciones para la elaboración de un Manifiesto. La elaboración definitiva se hizo en un Congreso Nacional y el Manifiesto se presentó a empresas, sindicatos, y al Ministerio de Trabajo.



Artesano.

En los Andes, Perú.

En las Américas, la JOCI realizó una encuesta continental sobre el trabajo precario, el sector informal y el desempleo, animando a los movimientos nacionales a organizar más acciones con estas categorías de la juventud trabajadora.

La encuesta pudo evaluarse en el encuentro continental que tuvo lugar en el Perú en 1999 (organizado cada cuatro años). En dicho encuentro, los movimientos adoptaron acciones encaminadas a reforzar el proceso de iniciación y de formación, así como acciones en los sectores prioritarios.

La JOC del Quebec lanzó una campaña nacional sobre la precariedad del trabajo. En este caso, la JOC también partió de una encuesta realizada con unos 4000 jóvenes. Esta permitió darse cuenta que los trabajadores y las trabajadoras no están protegidos por la legislación laboral. La encuesta ofrece elementos que identifican las mejoras imprescindibles en la legislación para impedir los despidos arbitrarios de la empresas. Se definieron ejes de acción para cada región. Es así que se lanzaron peticiones y se organizaron obras teatrales en las que los grupos locales denunciaron los abusos de las empresas. En una gran concentración, la JOC presentó reivindicaciones claras a las autoridades políticas locales y nacionales.

Encuentro continental de América latina.

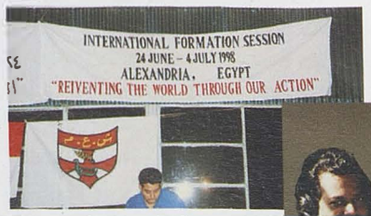
Jocistas de Egipto.

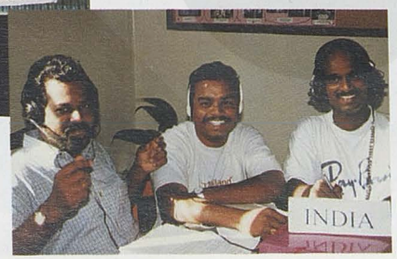
Por último, en **el ámbito internacional**, la JOCI realizó en 1998 su Sesión de Formación Internacional en Egipto (organizada cada cuatro años), en la que presentó oficialmente su campaña "Por un trabajo justo para todos y todas".

La Sesión de Formación Internacional (SFI) reunió a 42 jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras procedentes de 30 países diferentes. En ella, compartieron su forma de concretar en su movimiento nacional el plan de acción internacional adoptado en el Consejo Internacional de 1995.

Por otro lado, la SFI fue también un espacio donde se propusieron nuevas acciones, en particular la de unirse a las campañas en favor de la anulación de la deuda externa y la de fomentar la campaña de la JOCI, "Por un trabajo justo para todos y todas". La promoción de esta campaña se hizo mediante la elaboración de dossieres sobre los jóvenes trabajadores desempleados, el sector informal, la reorganización del trabajo y la exclusión, mediante la publicación de materiales y la organización de actividades con motivo de la Semana Internacional de la Juventud Trabajadora (24 de abril - 1 de mayo).

Desde el 9° Consejo Internacional de 1995, la JOCI estuvo prosiguiendo su labor de extensión internacional con el desarrollo de la JOC en Europa central, en los Estados Unidos, en Centroamérica, en el Africa central, en Asia meridional y en la China continental.





Sesión de Formación Internacional en Alejandría. Delegación de la India.

Asimismo, se reforzaron **las relaciones con la Iglesia** mediante un reconocimiento oficial o informal de la JOCI por parte de las conferencias episcopales continentales y nacionales. En la Conferencia de las Organizaciones Internacionales Católicas de 1997 (de la que la JOCI es miembro asociado), las 35 organizaciones internacionales católicas se pronunciaron por unanimidad menos una abstención en favor de la continuación del diálogo entre la JOCI y la CIJOC a fin de lograr una reunificación. En 1999, la Conferencia de las OIC celebrada en Beirut (Líbano) confirmó esta resolución por una mayoría muy amplia.

En cuanto a **la reunificación**, no se ha observado estos últimos años ningún avance significativo de parte de las instancias internacionales de la CIJOC, aunque observamos que se van creando buenas relaciones con determinados movimientos nacionales miembros de la CIJOC. De conformidad con la decisión tomada en el 9° Consejo Internacional, la JOCI está aguardando respuesta a la petición formulada al equipo internacional de la CIJOC de organizar otra reunión a fin de discutir sobre las formas en que podemos obrar juntos por la reunificación del movimiento.

Por último, la JOCI consolidó sus relaciones con **las organizaciones internacionales**, en particular con los órganos de las Naciones Unidas. Se creó la Unidad de

Los miembros del Secretariado Internacional.

Juventud del Consejo Económico y Social (ECOSOC) con objeto de promover la participación de los jóvenes en las distintas organizaciones de las Naciones Unidas. La JOCI tuvo una participación activa en el 2° Foro Mundial de la Juventud que se celebró en Portugal. En 1999, la JOCI participó en la Asamblea General de la OIT, lo cual permitió afianzar los contactos establecidos en el Foro Mundial de la Juventud o crear nuevos contactos. A raíz de estos contactos, la JOCI está en discusión con la OIT a fin de organizar una acción conjunta en favor de los jóvenes trabajadores del sector informal.

La JOCI ha evolucionado desde hace cuatro años

La primera evolución ha sido una nueva insistencia en el método jocista.

En Europa, en el empeño por desarrollar las acciones del movimiento, la JOCI debatió sobre el sentido de la acción y el de las actividades, llevando a los movimientos nacionales europeos a adoptar un plan de acción centrado en la formación a través de la acción, aprovechando mejor la "Revisión de Vida y de acción Obrera" (RVAO) y el método ver-juzgar-actuar.

En Las Américas, la JOCI buscó consolidar su proceso de iniciación y de formación. Es así que el Encuentro Continental en el Perú en 1999 hizo hincapié en la importancia de los grupos de base y de los equipos militantes, y en una práctica periódica de la RVAO.

En Asia-Pacífico, la JOCI trabaja en este sentido desde hace ya unos años, insistiendo últimamente en la importancia de la acción como medio fundamental para la formación.

En el Africa, la JOCI también hizo hincapié en la importancia de la RVAO en los grupos de base y en la cuota de los militantes.

El hecho más significativo es tal vez que la RVAO va a ser un punto prioritario del programa del X° Consejo Internacional del año 2000 en Bruselas. Va a ser la primera vez que la RVAO se va a someter a un amplio debate desde el Consejo Internacional de Linz.

Encuentro continental de las Américas, Perú 1999.

Cumbre del Congo Brazzaville/Kinshasa en Boma, 1999.

Otra evolución significativa es la toma de conciencia de que la JOCI debe ser una organización independiente para poder sobrevivir en el siglo XXI.

La creación de la "Fundación Internacional Cardijn" y la adquisición de una casa para las oficinas del Secretariado Internacional son gestos simbólicos encaminados a alcanzar este objetivo.

Tras muchos años de experiencia, la JOCI se vio obligada a organizarse fuera de las superestructuras de la Iglesia y del Movimiento Obrero. Si bien en muchos países, la JOC sigue apoyada por estas organizaciones (ayuda financiera, locales y personal), este apoyo va siendo cada vez más precario y es probable que no pueda continuar por mucho tiempo más.

Con esta ojeada a lo que fue la JOCI y a los cambios importantes acontecidos en estos últimos años, hemos llegado al momento de levantar interrogantes, de plantear los desafíos que tendrá que enfrentar la JOCI al entrar en una nueva etapa de su historia.

El nuevo secretariado internacional en Bruselas.

Desafíos para la JOCI del futuro

1) Análisis y acción

Necesitamos desarrollar con urgencia un análisis riguroso que sea comparable con cualquier investigación universitaria o profesional. No vamos a negar que vivimos en la edad de la información y la información es el poder, y si queremos que se nos tome en serio, debemos presentar un análisis que tenga en cuenta la complejidad de las relaciones económicas y sociales en una sociedad mundializada.

Como organización de jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras, nuestro análisis debe enfocar claramente los problemas de los trabajadores que se viven de forma aguda entre los jóvenes. Conviene presentar este proceso como el que hace que la JOCI sea única en el mundo, convirtiéndola en la voz de la juventud trabajadora. Como organización cristiana, nuestro análisis debe descansar en determinados fundamentos éticos, sin por ello ser un análisis fundamentalista. Asimismo debemos integrar en nuestras prioridades muchas preocupaciones sociales como los derechos humanos, la protección social, y la igualdad de géneros.

Se nos plantea el desafío de realizar acciones que respondan al mismo tiempo a las necesidades locales y a las prioridades internacionales. La acción debe ofrecer respuestas concretas a muchos jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras, producir resultados concretos y cuestionar el sistema actual, proponiendo cambios estructurales.

La JOCI debe realizar estas acciones en un marco global, debe crear un enlace entre los trabajadores de un mismo sector

en diferentes países, trabajadores de empresas multinacionales, productores y consumidores, jóvenes trabajadoras de distintos países, trabajadores del sector informal de distintos países, etc. Nuestras acciones deben superar las fronteras nacionales.

Esta solidaridad debe tener la forma de verdaderas asociaciones con otras organizaciones, sin caer en el riesgo de perder nuestra identidad o nuestra autonomía.

2) Misión

La JOCI, ¿tiene una tarea educativa? ¿Cuál debe ser? ¿Qué objetivo debe marcarse el proceso del ver-juzgar-actuar?

La realidad de los jóvenes trabajadores es en sí un principio de respuesta a estas preguntas. A diferencia de lo que sucedía a principios del siglo XX, hoy en día las víctimas de la explotación no saben que son explotadas, y sobre todo no saben por quiénes están explotadas. Hoy en día el sistema de autoridad visible ha sido sustituido por un sistema de manipulación en el que las víctimas ya no logran identificar su estatus. Si bien la pobreza y la insatisfacción de los necesitados eran obvias a principios de siglo, ya no lo son tanto en la actualidad. La posibilidad que tienen hoy los jóvenes trabajadores, hasta los más explotados, de poseer una televisión o un teléfono celular, o también la de cursar estudios universitarios, nos da la impresión de que no están tan explotados como algunos lo afirman. Están manipulados y acaban creyendo que al trabajar duro, todo les será posible.

El equipo internacional en 1999.

Esta realidad coloca a la JOCI ante el reto de realizar su tarea de educación a fin de identificar los mecanismos de la exclusión y construir una comunidad entre los jóvenes trabajadores. El paso de los jóvenes trabajadores por la JOCI debe ser un momento para conocerse a si mismos, conocer la realidad colectiva y descubrir el valor de la dignidad humana; un momento para descubrir los valores personales y sociales (diálogo, tolerancia y liberación) y el significado espiritual de la vida con los demás en el seno de una clase, de una familia, de un barrio, de una iglesia; un momento para descubrir las contradicciones de la sociedad y de la vida, así como la necesidad y posibilidad de cambio.

Teníamos la costumbre de referirnos a las características joven, cristiana y obrera como elementos separados, haciendo a menudo hincapié en una más que en las otras. Vemos sin embargo desde todo lo anterior que estas características tienen muchas similitudes y le toca a la JOCI armonizar estos elementos, reunirlos en un todo coherente. Además, la JOCI debe procurar rearticular estas características porque su significado ha cambiado. Incluso se percibe un cambio respecto del significado que tenían hace 10 años.

Hoy en día se es joven más tiempo. Con las elevadas tasas de desempleo y la prolongación de la escolaridad, muchos pretenden que se está desarrollando el fenómeno de la prolongación de la adolescencia. En efecto, se observa que muchos jóvenes, en particular en los países ricos, sólo consiguen su primer empleo a los 20 ó 25 años. Esto significa que la JOCI debe trabajar con un grupo de edad más amplio, tanto con jóvenes entre 25 y 35 años como con jóvenes entre 15 y 20 años. No cabe duda que esto acarreará consecuencias en el tipo de movimiento que la JOCI será en el futuro.

La dimensión cristiana de los jóvenes trabajadores sigue existiendo. Está viva aunque también ha cambiado radicalmente. Debemos redefinir lo que significa ser cristiano en un diálogo ecuménico e interreligioso. Esto conduciría a reforzar la característica cristiana de una forma nueva, haciendo hincapié en la dimensión espiritual de la vida que es común a todos. Como dijo Cardijn, la JOCI puede existir para TODOS los jóvenes trabajadores del mundo.

El mayor desafío que debe acometer la JOCI tiene que ver tal vez con la dimensión obrera de la vida del joven. Al igual que sucede con la característica cristiana, el concepto tradicional de obrero no se corresponde a veces con la forma en que los jóvenes perciben su identidad. Paradójicamente, se sigue valorando la dignidad del trabajo y su valor para el desarrollo humano se ha convertido últimamente en un tema prioritario en el ámbito internacional.

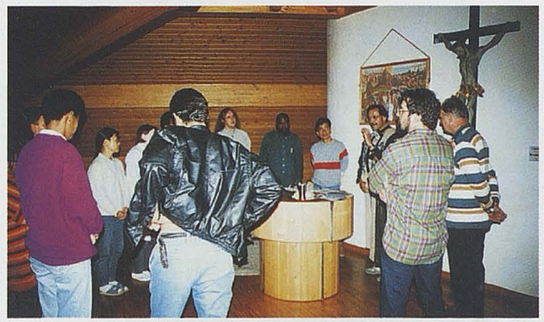
Al igual que ha sucedido con las dimensiones joven y cristiana, el sentido del trabajo en la vida de los jóvenes ha cambiado radicalmente estos últimos años. Antes que ser un medio para definir la pertenencia a una clase social, el trabajo tiene hoy un sentido más fundamental en relación con las personas y con la sociedad en conjunto. Se trata de transformar la imagen del trabajo, para que pase de ser una actividad de una clase de personas sin valor a un medio de valorización de la humanidad. De este modo, explotar a los jóvenes trabajadores significaría actuar en contra de la misma humanidad.

Cuando nos referimos a los jóvenes trabajadores, estamos pensado también en los desempleados y en los estudiantes que siguen una formación profesional.

3) ¿Cómo llevar a cabo todo esto?

La JOCI se encuentra ante la necesidad de transmitir su método con medios nuevos a una nueva generación de jóvenes trabajadores y responsables jocistas.

Para lograrlo eficazmente, la JOCI debe realizar programas de formación a través de la acción, identificando bien no sólo las distintas categorías de jóvenes trabajadores sino también los distintos grupos de edad (15-20;20-25;25-35) y los diferentes niveles de compromiso en la JOC: jóvenes en contacto, jóvenes en iniciación, y militantes. Por consiguiente, la JOCI necesita desarrollar nuevos medios, siendo los grupos de base una etapa importante de este proceso.



Celebración ecuménica.

En este tipo de programas se prestaría una atención particular a la formación de colaboradores adultos que podría considerarse el cuarto nivel de compromiso dentro de la JOCI. Los colaboradores no sólo desempeñan un papel fundamental de apoyo sino que garantizan también la continuidad entre las distintas generaciones de responsables jocistas. Además, el desarrollo de esta labor educativa y el riguroso análisis internacional y las acciones locales y globales no dejan de plantear algunos desafíos para las estructuras de la JOCI.

La JOCI necesitaría un tipo de organización en la que los movimientos nacionales asumirían más responsabilidades en las acciones, en la extensión a nuevos países, en la organización de los encuentros internacionales, etc. Al mismo tiempo, debería definir mecanismos de apoyo efectivos, capaces de dar respuesta a las necesidades técnicas del Movimiento como son la gestión financiera y la difusión de la información.

En este marco, la JOCI podrá gozar de una autonomía consolidada que garantizará su desarrollo futuro. Se van a preparar nuevas formas de organizar a los jóvenes, se van a idear nuevas formas de cooperación con la Iglesia y se van a crear alianzas con nuevas organizaciones internacionales.

¿Qué queremos celebrar?

Si bien celebramos el 75° aniversario del nacimiento de la JOC en Bélgica, todas las generaciones de responsables jocistas en todo el mundo van a poder celebrar una verdad: la capacidad de la JOCI para transformar la vida de los jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras.

En estos últimos años, un número incalculable de jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras experimentaron la mística de la JOC, descubrieron su dignidad humana, y pese a la adversidad, lucharon por la justicia al lado de otros jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras.

Esto es lo que cabe celebrar realmente, en un mundo que niega a los jóvenes la libertad de ser críticos, de ser solidarios con los demás, con la humanidad.

Cada paso adelante que dé la JOCI, por muy pequeño que sea, representa un avance hacia un mejor futuro en el que por fin "se concretará el sueño de una Tierra Nueva, prometida hace tantos años a los oprimidos". (Declaración de Principios).

Congreso de jóvenes trabajadores del Brasil, organizado por la JOC, 1999.

"¿De qué religión eres?"

Testimonio de Hara Tomio, presidente de la JOC japonesa en 1986, presentado con motivo del 50° Aniversario de la fundación de la JOC japonesa, el 25 de julio de 1999.
Tomio es hoy obrero en la cadena de montaje de la empresa automovilística Mazda.

"Estimados amigos, les doy un caluroso saludo y mi enhorabuena por el 50° Aniversario de la JOC japonesa.
Les quiero hablar de mi experiencia personal, de la época en que yo estaba en la JOC.
Estoy convencido de que la decisión del Consejo Nacional de la JOC en 1970 fue un acontecimiento de los más importantes en la historia de la JOC de los años 70 y 80.
Como saben, esta decisión fue la de reforzar la orientación obrera del movimiento.
En el período de desarrollo económico acelerado de la década de los 60, la situación de los trabajadores en las empresas no dejó de empeorarse. En aquella época, los trabajadores debían prestar entre 100 y 200 horas extraordinarias para incrementar la productividad de la empresa. Con estas condiciones de trabajo sumamente duras, la tasa de suicidios se había disparado. Fue un problema social tan grave que la JOC no tuvo más remedio que abordar el problema. Esto fue lo que motivó la decisión del Consejo Nacional.

En efecto, en aquel momento, la JOC del Japón había optado por vivir y permanecer entre los más explotados de la clase obrera. Debido a esta opción radical, muchos militantes y colaboradores dejaron el movimiento. No obstante, un puñado de militantes convencidos y muy comprometidos decidimos dejar nuestro empleo en una oficina para ir a trabajar al sector de la producción. Y con esto, la JOC pudo sobrevivir.

Me eligieron presidente nacional en 1986. Era la primera vez que se elegía a un presidente nacional de la JOC que no fuera católico.

Estuve en el Consejo Mundial de São Paulo en el Brasil en 1987 y uno de los delegados me preguntó: "¿De qué religión eres?". La gente pensaba que les iba a decir que era budista, pero les dije: "Mi religión es vivir con mis compañeros de trabajo y confiar en ellos". Esta respuesta les sorprendió mucho, pero la expresé con mucha serenidad puesto que eso era lo que realmente estaba viviendo en la JOC.

En la actualidad formo parte de un movimiento de adultos llamado "Asociación de trabajadores católicos" (Catholic Association Workers, CWA). Este movimiento se fundó en 1991 a partir de "antiguos de la JOC".
Al principio hubo mucho debate sobre la "denominación" de este nuevo movimiento, en particular sobre la "C". Esto hizo que muchos no quisieran entrar en el movimiento. Al final, mantuvimos la "C" y yo fui uno de los que apoyaron esta opción.
Desde hace 50 años, el catolicismo acepta y apoya la JOC, un movimiento en que personas como yo que no somos católicas estamos plenamente admitidas. Es en este movimiento en el que conocí los valores de humanidad y en el que crecí como persona. Comprendí que el espíritu de la JOC era el de un tal Jesucristo, cuyo estilo de vida era muy cercano al de los pobres, que había optado por ellos, viviendo con ellos. La "C" de la JOC es este espíritu de acogida, respeto, tolerancia y apertura al mundo.
Por último me gustaría decir lo siguiente: "Hay una palabra que llaman "fe". Muchos dicen que hace falta la fe para vivir. Así es como lo entiendo yo:

Cada persona quiere vivir en lo más profundo de su corazón, y basta con una ocasión para que ello se convierta en una fuente. Para mí, esa ocasión fue el encontrar a otros jóvenes trabajadores, el encontrar a la JOC.

En este sentido, no es exagerado decir que estos 50 años de JOC han sido 50 años de buena nueva, o como dicen algunos, de evangelización. Quiero pedirles a los responsables de la Iglesia seguir acogiendo a todos los jóvenes trabajadores, sin distinción de religión. Gracias por su atención."

Países en los que está presente la JOCI en el 2000

Europa

Alemania	Italia (Tirol del Sur)
Austria	Luxemburgo
Bélgica	Polonia
España	Rumania
Hungría	Eslovaquia
Irlanda	Suiza

Secretariado JOCI para Europa
Rue Vanderstichelen 21
B – 1080 Bruxelles - BELGIQUE
Tfno: 32-2-4262149
Fax: 32-2-4264172
E mail: joceurope@jociycw.net

América

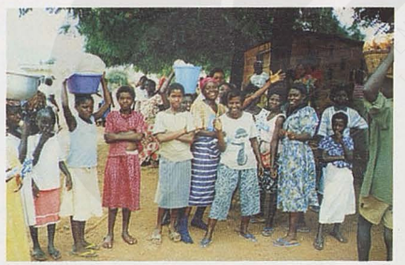
Argentina	Guatemala
Bolivia	Haití
Brasil	Honduras
Chile	Nicaragua
Colombia	Paraguay
Costa Rica	Perú
Ecuador	Quebec
Estados Unidos	Rep. Dominicana
	Venezuela

Secretariado JOCI
para las Américas
Apartado 17 – 21
1200 Quito – ECUADOR
Tfno: 593-2-501655
Fax: 593-2-501657
E-mail: jocamerica@jociycw.net

Africa

Sudáfrica	Kenia
Botswana	Mozambique
Congo	Namibia
R.D. Congo	Seychelles
Egipto	Zambia
Gabón	Zimbabue
Ghana	

Secretariado Panafricano JOCI
2nd floor Undugu House
Jogoo Road
PO BOX 46528
Nairobi – KENYA
Tfno: 254-2-53 70 78
Fax: 254-2-53 70 78
E-mail: ycwpanaf@jociycw.net



Asia – Pacífico

Australia	Nueva Zelanda
China	Paquistán
Hong Kong	Filipinas
India	Singapur
Indonesia	Sri Lanka
Japón	Taiwán
Macao	Tailandia
Malasia	

Secretariado JOCI para Asia Pacífico
P.O. Box nr 89464
Kowloon City Post Office
HONG KONG
Tfno: 852-2-3390939
Fax: 852-2-3390939
E-mail: ycwaspac@jociycw.net

Relación de dirigentes internacionales de la JOC

- Hasta 1957

- Marguerite Fiévez, responsable desde 1945 con un groupo compuesto por:
- Pat Keegan (Gran Bretaña)
- Arnold Wynants (Bélgica),
- Rosa Van Salen (Bélgica),
- Caroline Pezzullo (USA),
- José Castanó Colomer (España),Flo Triendl (USA), alguno tiempo más tarde de: René Salanne (Francia), Fred Martinache (Francia)
- José Cardijn, asesor general

Los padres Grenet (Francia), Edward Mitchinson (Gran Bretaña), participaban en las reuniónes de la junta directiva

- Primer Consejo Internacional en ROMA, 1957

- Romeo Maione (Canadá) primer presidente electo
- Maria Meersman (Bélgica), vicepresidenta
- René Salanne (Francia), secretario general
- Dora Torres (Chile) secretaria general adjunta, y luego Maria Pinto (Venezuela)
- Gérard Van Bakel (Países Bajos), tesorero no permanente
- Marcel Uylenbroeck (Bélgica), asesor adjunto que sustituyó a Cardijn como asesor general en 1964

- Segundo Consejo Internacional en RIO, 1961

- Bartolo Perez (Brasil), presidente
- Betty Villa (Filipinas), vicepresidenta
- Gérard Van Bakel (Países Bajos), tesorero no permanente
- Norbert Balle (Alemania), secretario general
- Denyse Gauthier (Quebec), secretaria general adjunta
- Marcel Uylenbroeck (Bélgica), asesor general

- Tercer Consejo Internacional en BANGKOK, 1965

- Rienzie Rupasinghe (Sri Lanka), presidente
- Sonia Bravo (Chile), vicepresidenta, y luego Maria Gimbel (Alemania)
- Helen Jagoe (Australia), secretaria general
- France Têvi Sedalo (Togo), secretario general adjunto
- Jo Weber (Francia), tesorero
- Marcel Uylenbroeck (Bélgica), asesor general
- Brian Burke (Australia), asesor adjunto en 1967

- Cuarto Consejo Internacional en BEIRUT, 1969

- Enrique Del Rio (España), presidente
- Bill Hebb (Australia), tesorero 1969-1973 secretario general 1973-1975
- Margaret Bacon (Canadá), secretaria general 1969-1973
- Sergio Regazzoni (Suiza), tesorero 1973-1975
- Brian Burke (Australia), asesor 1967-1969

- Quinto Consejo Internacional en LINZ, 1975

- José Luis Vélez Berrios (Puerto Rico), presidente
- Sylvester Thomas (India), secretario general
- Sergio Regazzoni (Suiza), tesorero 1975-1977
- Marie-Thérèse Pouget (Francia), tesorera 1977-1979
- Theo Schepers (Alemania), tesorero 1979-1981
- Rethinam Vincent Mathias (India), asesor 1977-1983

- Consejo internacional extraordinario en Malinas, 1981 y encuentro intercontinental en Bogotá, 1981

- Emilia Bráz Cardoso (Portugal)
- Richard Ochieng Menya (Kenia)
- Ezequiel Avila Curiel (México)
- Evelyn Victorino (Philipinas)
- Rethinam Vincent Mathias (India)

- Sexto Consejo Internacional en MADRID, 1983

- Juanito Penequito (Filipinas), presidente
- Sagrario Guerrero Peces (España), secretaria general
- Marinete Alves Bayer (Brasil), tesorera

- Séptimo Consejo Internacional en SÃO PAULO, 1987

- Félix Ollarves Sanchez (Venezuela), presidente
- Moses Cloete (Sudáfrica), secretario general
- Jean-Paul Saint-Germain (Quebec), tesorero 1987-1990
- Stefan Gigacz (Australia), tesorero 1990-1991
- Jean Marc Gaspoz (Suiza), asesor 1989-1992

- Octavo Consejo Internacional en ADELAIDA, 1991

- Moses Cloete (Sudáfrica), presidente
- Gilberto Ferreira Da Costa (Brasil), secretario general
- Stefan Gigacz (Australia), tesorero 1991-1993
- Pierre Perrard (Francia), asesor 1993-1995

- Noveno Consejo Internacional en JOHANESBURGO, 1995

- Helio Alves (Brasil), presidente
- Joe Magri (Australia), tesorero
- Dominador Olavere (Filipinas), secretario general, 1995-1997
- Gertraud Langwiesner (Austria), secretaria general 1997-2000
- Pierre Perrard (Francia), asesor 1995-2000

- Décimo Consejo Internacional en BRUSELAS, 2000

* La denominación "Secretariado Internacional" es de 1975. Entre 1945 y 1957, se hablaba de Buró Internacional, y entre 1957 y 1975, de Buró Restringido. No hay que olvidar tampoco a todos los dirigentes continentales y regionales.

Afiliaciones internacionales

OIT (Oficina Internacional del Trabajo) en Ginebra.
Estatuto especial.

UNESCO en París. Estatuto operativo.

ECOSOC (Consejo Económico y Social) en Nueva York.
Estatuto operativo.

UNIDAD de JUVENTUD de la ONU en Nueva York.

OIC (Organizaciones Internacionales Católicas).
Miembro asociado.

En el ámbito regional o continental, existen distintas afiliaciones específicas. En Europa, por ejemplo, la JOCI posee un estatuto en el Consejo de Europa y en el Foro de la Juventud de la UE.

Fundación Internacional Cardijn (FIC)

El objetivo de la Fundación es garantizar la estabilidad financiera a largo plazo de la JOCI y promover la herencia de Cardijn gracias a los archivos y a los testimonios.

FIC: 4, Av. Georges Rodenbach
B-1030 BRUXELLES - BÉLGICA
Tel: 32 2 245 0252 - Fax: 32 2 242 4800
E-mail: fic@cardijn.net
Internet: www.cardijn.net

Juventud Obrera Cristiana Internacional (JOCI)

JOCI: 4, Av. Georges Rodenbach
B-1030 BRUXELLES - BÉLGICA
Tel: 32 2 242 1811 - Fax: 32 2 242 4800
E-mail: international.secretariat@jociycw.net
Internet: www.jociycw.net

La JOC es internacional desde sus principios.
Cardijn decía: "Vamos hacia los jóvenes trabajadores del mundo entero".
Esto proyecto fue cobrando forma desde la fundación de la JOC hasta hoy en día, con sus etapas buenas y malas: guerra, aparente prosperidad, crisis económicas, mundialización.
Jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras del muchos países se pusieron en acción y asumieron su movimiento.

Este libro presenta por vez primera la historia de la JOCI en el tiempo (75 años) y en el espacio (internacional). Sin embargo, no sólo examina el pasado del movimiento.

Nos permite compartir también las perspectivas y el dinamismo que animan a la JOCI en el principio del 21° siglo.

CEDIM

LEONIDAS E. PROAÑO VILLALBA

OBISPO DE RIOBAMBA

CREO EN EL HOMBRE Y EN LA COMUNIDAD

2da. EDICION

LEONIDAS E. PROAÑO VILLALBA
Obispo de Riobamba

CREO EN EL HOMBRE Y EN LA COMUNIDAD

EL CREDO QUE HA DADO SENTIDO A MI VIDA
DESCLÉE DE BROUWER

CREO EN EL HOMBRE
Y
EN LA COMUNIDAD

Colección

EL CREDO QUE HA DADO SENTIDO A MI VIDA

1.—José M.ª González Ruiz: **«¡Ay de mí, si no evangelizare!»**

2.—José M.ª Llanos: **«¡Creo...!»**

3.—José M.ª Díez Alegría: **«¡Yo creo en la esperanza!»**

4.—Javier Domínguez: **«¡Yo creo en la justicia!»**

5.—Enrique Miret Magdalena: **«Catolicismo para mañana»**

6.—I. Rodríguez Argüello: **«¡Yo creo en el amor!»**

7.—Alfonso C. Comín: **«Fe en la tierra»**

8.—José M.ª Gil Robles: **«La fe, a través de mi vida»**

9.—Pedro Casaldáliga: **«¡Yo creo en la justicia y en la esperanza!»**

10.—Francisco Cuervo: **«¡Yo creo en Jesús de Nazaret!»**

11.—Alberto Iniesta: **«¡Creo en Dios Padre!»**

12.—Rosario Bofill: **«Creo, ayuda mi poca fe»**

13.—Carlos Alberto Libanio Cristo: **«¡Creo desde la cárcel!»**

14.—José M.ª García Escudero: **«El escándalo del cristianismo»**

15.—Eva Jardiel Poncela: **«Dios dentro»**

16.—José Vila Selma: **«Creo en Cristo hombre»**

17.—José Ortega López: **«Creo en el trabajo»**

INDICE

	Pág.
Prólogo: El obispo del hombre	9
Prólogo: Segunda Edición	13
I.— FAMILIA	21
1.— Pobreza	21
2.— Trabajo	23
3.— Amor al pobre	24
4.— Honradez	26
5.— Libertad	27
6.— Valentía	29
7.— Enseñanzas prácticas	32
8.— Vida religiosa	34
9.— Vocación al sacerdocio	36
10.— Aspectos negativos	40
II.— GRUPO	53
1.— Centro cultural	53
2.— Excelsior	55
3.— El Cuadrilátero	56
4.— La JOC	60
5.— La Cardijn	63
6.— "La Verdad"	66
7.— El equipo "Juan XXIII"	75
8.— La pastoral de conjunto	77
9.— Asambleas Cristianas	83
10.— Congreso Eucarístico	84
11.— El CEAS	85
12.— Escuelas Radiofónicas Populares	88
13.— Tepeyac	90
14.— Reflexiones	92
III.— COMUNIDAD	99
1.— El Hogar de Santa Cruz	102
a) Historia de la casa	102
b) Finalidad y espíritu	104
c) Experiencia de vida comunitaria	109
d) Proceso vivido	110
e) Teología existencial	118

f) Dificultades. 123
g) Resultados 126
2.– Pastoral comunitaria. 129
a) Nuestro objetivo 129
b) Método 131
c) Comunidades de base 135
d) Comunidad de base y evangelización 141
3.– Equipo de Santa Cruz 151
a) Necesidad 151
b) Primeros pasos 152
c) Crecimiento 155
4.– Formación de sacerdotes 157
a) Crisis del clero 158
b) Supresión del Seminario Menor 161
c) El Seminario Mayor 164
5.– Equipo Misionero 172
a) Primeras experiencias 173
b) Expansión 174
c) Metodología 175
6.– Equipos Pastorales 177
a) Dos antecedentes 177
b) Los equipos pastorales hoy 180
c) Fe y compromiso comunitario 182
7.– Equipo de Coordinación 183
a) Origen y organización 183
b) Hacia una mentalidad común 184
c) Al servicio del plan diocesano 188
d) Tejiendo articulaciones 191

IV.– LA SOCIEDAD 197

1.– Evaluación 197
2.– Ministerios 207
3.– Solidaridad 214
4.– Movimiento Indígena 221
5.– Conflictos 230
* La visita apostólica 230
* Toctezinin 236
* Detención de 55 personas 239

CREO 243

POEMA: "Tú . . . te vas . . ." 251

EL OBISPO DEL HOMBRE

Quiero que me escriba el prólogo... En vano intenté disuadirlo. Grandes o pequeñas, el Obispo Proaño no es un hombre que se vuelva atrás en sus decisiones. De todas maneras, me pregunté una y otra vez la razón por la cual me escogió para estar junto a él, en su profesión de fe. No encuentro otra respuesta que una virtud que él cultiva con amor: la amistad. Sobre ella escribía poéticamente hace varios lustros:

«Amistad..., vínculo fuerte,
de unión íntima y eterna,
eterna como las almas
entrelazadas por ella».

Las últimas líneas de las páginas que siguen: «Ven, Señor Jesús», confirman mi supuesto. Ellas fueron la divisa de otro gran obispo, luminaria de la Iglesia Católica de América Latina: Monseñor Manuel Larraín Errázuriz, obispo de Talca, Chile, al que también me unió una estrecha amistad y cuyos restos reposan en su catedral. Todos cuantos lo conocieron sabían de sus inesperados gestos de bondad con todos sus amigos a lo largo y a lo ancho de nuestro continente, por pequeños que fueren. Ambos obispos «rojos», rojos de amor evangélico, estuvieron también unidos por el ideal y el afecto.

Sólo la amistad «que al amigo eleva», me da, en este caso, el coraje necesario para cumplir este delicado encargo, que lo hiciera mil veces mejor, cualquiera de los indígenas de los que recibe continuamente cartas conmovedoras y a los que tanto ama.

América Latina ha sido descrita como una totalidad de dominación. La tierra y sus bienes, la ciencia —que no la

sabiduría— y la cultura, el trabajo dignificante y el sano esparcimiento, las posibilidades de realización personal, son ajenos a la inmensa mayoría de sus habitantes, lo que equivale a decir que son privilegios de unos pocos que, como es de suponer, no están dispuestos a cederlos y cuentan para ello con el apoyo de la fuerza.

La toma de conciencia cada vez más generalizada de esta situación, determina el que en nuestro continente la lucha por el hombre y su destino, tome características dramáticas. No es de extrañar que la Iglesia Católica juegue un papel decisivo en ella. Ningún otro continente de nuestro pequeño mundo, tiene tantos bautizados en su credo como ella. Si estuvo presente en los albores de su primera independencia, mal puede no estarlo en la que se está fraguíndo ahora, en favor de quienes, desde antes del Incario, son los primeros dueños de estas tierras, hoy en otras manos, y de todos los que con el sudor de su frente y la sangre de sus manos, generan día a día una riqueza, de la que no disfrutan.

Una cosa es cierta: a partir de la Conferencia Episcopal de Medellín (1968), *la fe cristiana, para esta Iglesia, ya no puede ser evasión sino compromiso. Compromiso con la liberación total del hombre. Del hombre de aquí y de ahora, porque como ya lo señalaba San Ireneo en los primeros siglos: «La gloria de Dios es el hombre viviente». Explicitemos: el hombre que vive como hombre.*

Sin embargo, se dan aún viejos y por desgracia «nuevos» cristianos que todavía siguen hablando de la felicidad en el «más allá» como del ámbito exclusivo de la Iglesia. Propugnan una Iglesia que a fuerza de ser trascendente, lejos de constituirse en sal y fermento como lo quiso Jesús, se vuelve incolora, inodora e insípida. La quieren, alejada de los problemas terrenales. Que desde un altísimo trono, bendiga por igual al explotador y al explotado, al que vive en la opulencia y al necesitado, dándole así la razón al marxismo. Cristianos que separan al Dios, Ser fuera del hombre, del que mora en su corazón; que ponen un primero y un después, en el culto que les es debido a cada uno, con lo cual no sólo vuelven ambigua la unicidad de Dios, sino que también vacían de contenido a la Encarnación y el objetivo final del proyecto redentor: incorporar plenamente

al hombre a la vida divina. Cristianos, finalmente, que califican de marxistas y subversivos, o en el mejor de los casos, de «idealistas», a todos los que piensan que la fe cristiana debe iluminar el quehacer histórico de los hombres y de los pueblos; que la Iglesia, como ya lo señaló el Concilio Ecuménico hace 15 años, debe hacer suyas todas las vicisitudes del hombre.

La opción en su favor, especialmente en pro del hombre marginado, no puede ser lujo o exotismo para un cristiano. Menos aún del que vive en nuestra América. Ella es un imperativo que surge del corazón mismo de su fe. Cuando ésta hunde sus raíces en el mismo Evangelio y en la experiencia personal del Cristo vivo, no hay peligro de horizontalismo. El amor a Dios y el amor al hombre hallan en El la más perfecta síntesis.

Mons. Leónidas Proaño es testimonio preclaro de esa fe. De la fe en un Dios que ha querido que lo reconozcamos en el rostro del hombre y que nos va a juzgar únicamente por ello (Mateo 25,31 y ss.).

A lo largo de las páginas que siguen, con estilo directo, sencillo, diáfano como un amanecer andino —el estilo trasunta al hombre— el obispo de Riobamba hace patente esa fe desde que nos relata, con singular encanto, varios episodios de su niñez. Luego, cuando paso a paso nos lleva desde su decisión de ingresar al Seminario hasta sus primeras actividades como novel pastor de la diócesis de Ibarra y por la explicación aleccionadora de su trabajo como obispo de la diocesis de mayor población indígena del Ecuador, trabajo complejo, erizado de dificultades y peligros, labor pascual, de muerte y de vida. Fe que, al llegar al capítulo de su «Creo», estalla con acentos de Gloria y en el que pone de manifiesto tanto su amor a María como a la Iglesia, en cuyo seno ha recibido tantos sinsabores, pero a la que sigue amando con su amor primero, amor probado.

Quienes no conocen a Mons. Leónidas Proaño, harán su descubrimiento al leer su «Credo». No pocos, espero, verán desvanecerse los prejuicios que tienen contra su persona, al conocer cuál es su verdadero pensamiento. Quienes nos identificamos con él y nos honramos con su fiel amistad, no podemos sino alegrarnos profundamente al leer esta pequeña

riquísima obra. En ella nos entrega, junto a facetas aún inéditas de su vida, reflexiones que abren horizontes, pautas que orientan la acción. Sobre todo, un mensaje de eseperanza: la que debemos tener en nuestra América, ancha y todavía ajena, hoy como nunca, rica en mártires y en profetas.

Voz de los que no pueden pronunciarla, Mons. Proaño es llamado «el obispo del indio». Otros hermanos suyos en el episcopado, también laboran sacrificadamente por el campesinado de nuestra sierra. Por ello me atrevo a extender ese calificativo: Mons. Proaño, el obispo del hombre y su vocación comunitaria.

José Gómez Izquierdo

párroco

PROLOGO A LA SEGUNDA EDICION

"El que cree en Cristo, hombre perfecto, se perfecciona cada vez más en su propia dignidad de hombre" (Gaudium et spes, n. 41).

La Comisión encargada de programar la celebración de los 30 años de labor pastoral de Monseñor Proaño como Obispo de Riobamba, ha resuelto reeditar su libro: "CREO EN EL HOMBRE Y EN LA COMUNIDAD"; y, para ello, me ha pedido unas palabras a manera de prólogo. Las consigno aquí con todo gusto, en esta hora crucial en que, prácticamente, Monseñor Proaño nos dice adiós, sabiendo a qué Dios nos encomienda. Este libro es algo así como su testamento pastoral. Es su autobiografía. En ella nos va narrando cuál ha sido el credo que ha dado sentido, coherencia lógica, a su vida de hombre, de cristiano, de Sacerdote y de Obispo.

Monseñor Proaño, ante todo y sobre todo, cree en el Dios vivo y verdadero, Quien ha sido, es y será el primero en creer en el hombre y en la comunidad. Al crear modélicamente al hombre a su imagen y semejanza, soñó hacerse hombre El mismo. Realizó su sueño: el Verbo de Dios se hizo hombre, plantó su tienda en medio de los hombres, formó comunidad con los hombres. Ese sueño de Dios se llama Jesucristo: ¡la solidaridad de nuestro Dios! ¡la verdadera divinidad de Dios, en la verdadera humanidad del hombre! Desde entonces, una vez por todas y para siempre, en la escala de valores de Dios, el hombre ocupa el primer puesto y la primera dignidad es la dignidad humana.

Con su extraordinaria personalidad, Monseñor Proaño es, llana y sencillamente, un hombre que ha vivido la vocación y la tarea de ir haciéndose hombre. Pendiente de Dios, en actitud de plegaria silenciosa, se ha ido recibiendo como un regalo de Dios; y, en actitud de humildad agradecida, se ha ido regalando a todos los hombres, especialmente a aquéllos en quienes ha sido más pisoteada la dignidad humana. Se ha ido haciendo hombre, dando a los pobres y recibiendo de ellos esas pequeñas muestras de humanidad que saben dar los pobres espontáneamente: servicialidad, sencillez, amistad, veracidad, lealtad, comprensión, solidaridad.

Monseñor Proaño es un cristiano que se ha ido haciendo cristiano en medio de una comunidad cristiana, en sus diversos niveles. Se ha dejado encontrar por el Cristo pobre que vive entre los pobres y se ha dejado evangelizar por ellos. Ha dialogado largamente con el Peregrino de Emaús. Ha descubierto el compromiso de la fe de El: su entrega total a Dios y a su Reino: ¡la cruz de su fe, que, como consecuencia lógica, lo llevó a morir crucificado a manos de los beneficiarios del pecado del mundo! Descubrió, así, que el sueño de Cristo era su Iglesia: nacida de su Costado abierto, llamada a ser comunidad de hermanos, comunidad de pobres de corazón y de vida, lanzada por el Espíritu Santo a continuar la revolución de Dios en la historia.

Nombrado Obispo, Monseñor Proaño se ha ido haciendo Obispo a lo largo de 30 años. Ha ido realizando el sueño que acarició cuando joven seminarista: llegar a ser Párroco de indios. Se lanzó a la arriesgada aventura de construir la Iglesia viva del Dios vivo, desde los impedidos de vivir, los "Cristos azotados de América": ¡los pobres indios!

Los miró, compasivo y cariñoso, con los ojos de María y, en su poncho, contempló el rostro desfigurado de Cristo.

Y, "entre las persecuciones del mundo y los consuelos de Dios", al conjuro del Sermón de la Montaña, está naciendo y creciendo esta conflictiva y alentadora realidad de fe, de amor y de esperanza: LA IGLESIA DE RIOBAMBA, auténtica y autóctona, que "se simboliza en el rostro mestizo de María de Guadalupe" (Puebla, n. 446).

Aspira a ser una respuesta clara, evangélica y sencilla, a una de las preguntas claves del Catecismo Elemental: "¿Para qué estamos los cristianos en el mundo?" Para edificar, desde los pobres, la Iglesia viva del Dios vivo y contribuir a la construcción de una nueva sociedad.

Una nueva sociedad desde los marginados de la sociedad . . . La Iglesia de Riobamba, dicen los campesinos, está empezando a abrir un camino nuevo, largo y difícil, hacia la liberación, desde los pobres y con los pobres, pero con los pobres evangelizados y evangelizadores, organizados y organizadores. ¡Un nuevo sueño del Obispo que cree en el hombre y en la comunidad! ¡La revolución del poncho, desatada por el Obispo que cambió su capa magna de "Príncipe de la Iglesia", por el humilde poncho de los hombres de poncho!

Así, por la puerta grande del Evangelio, han entrado juntos y seguirán viviendo juntos en la Historia Monseñor Proaño y LA IGLESIA DE RIOBAMBA. Han marcado una frontera cuyos hitos ya nadie po-

drá quitar. No separará el hombre lo que ha unido Dios. La aventura se está haciendo bienaventuranza. Los sueños se están haciendo realidad. Muchos testigos de la fe, unidos a Monseñor Proaño y siguiendo una línea pastoral, con un largo hilo de sangre, han escrito un nuevo e inmortal "delirio sobre el Chimborazo". El Rey de los Andes brilla hoy más que nunca, con resplandores de Tabor, que son las luces del Calvario que iluminaron el rostro transfigurado de Cristo en su diálogo con Moisés y con Elías acerca de su salida de este mundo, a través de la Pasión y la Muerte. (Cfr. Lc. 9, 30-31).

La fe "no es una flor de montaña que sólo abre sus pétalos en la cima de las montañas nevadas" (E. Schillebeeckx). Es una flor del valle de toda vida humilde. La peregrinación de la fe que estamos reseñando, viene desde muy lejos y tiene que avanzar más lejos todavía, anunciando la muerte del Señor, proclamando su resurrección y gritándole que venga. El Peregrino de Emaús continuará peregrinando sin descanso.

Consumando su entrega en el Calvario, Jesús nos descubrió la clave del misterio de su identidad. El "Yo soy", del libro del Exodo, tuvo su pleno sentido en la muerte del Testigo Fiel: "Cuando levantéis en alto al Hijo del Hombre, entonces comprenderéis que Yo soy el que soy" (Jn. 8, 27).

San Ignacio de Antioquía exclamó en la víspera de su martirio: "Cuando llegue . . . seré hombre".

Todos nosotros, como hombres, como cristianos, como Iglesia, somos peregrinos de nuestra identidad: vamos al encuentro de lo que estamos llamados a ser en plenitud. Mientras llegue nuestro último día, caminemos como pueblo de Dios en marcha,

convencidos de que "va Dios mismo en nuestro mismo caminar".

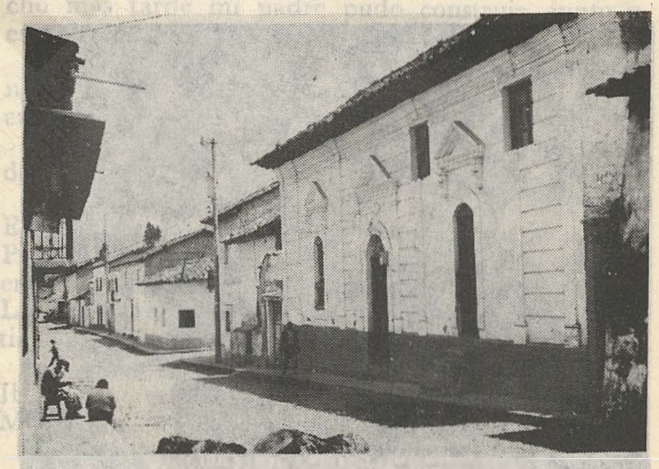
"Caminante! no hay camino:
se hace camino al andar" . . .
Por eso, Dios mismo vino
y se puso a caminar. . . . . .

AGUSTIN E. BRAVO MUÑOZ

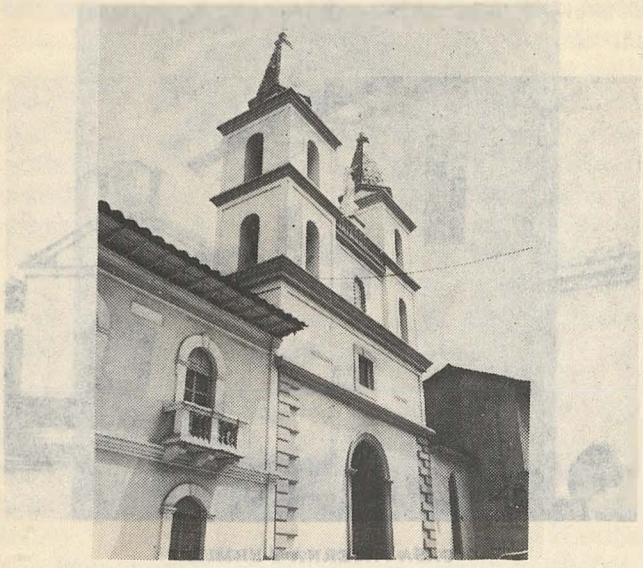
Sra. Zoila Villalba Ponce de Proaño

El joven Leonidas, cuando estudiante en el colegio San Diego

CASA PATERNA Y ERMITA



ESCUELA FISCAL "JUAN MONTALVO"



San Antonio de Ibarra: Iglesia Parroquial

Cuando seminarista: con el párroco, familiares y amigos.

I

FAMILIA

1. Pobreza

Soy hijo de familia pobre.

La casa en donde nací tenía tres piezas: un cuarto grande que servía de dormitorio, de sala de visitas y de taller de trabajo; una cocina, y un corredor que era utilizado para refectorio. Sólo mucho más tarde mi padre pudo construir, junto a esta casa, unas dos piezas más.

Detrás de la casa, teníamos un pequeño terreno —un cuarto de hectárea—, sembrado de maíz cada año.

Nací el 29 de enero de 1910, en San Antonio de Ibarra.

Mi pueblo pertenece a la provincia de Imbabura. El Ecuador, mi país, está dividido políticamente en Provincias. La provincia, en cantones. El cantón, en parroquias. La parroquia, en barrios o caseríos. La capital del Ecuador es Quito. Cada Provincia tiene su ciudad capital y cada cantón su cabecera.

La capital de la provincia de Imbabura se llama Ibarra, en recuerdo de su fundador español, don Miguel de Ibarra.

San Antonio de Ibarra, mi pueblo natal, se encuentra a 5 kilómetros de la capital de la Provincia.

Era un pueblo pobre. Digo «era», porque ahora ya no lo es tanto, pues las cualidades artísticas de

sus habitantes han encontrado caminos para el mercado de sus esculturas y pinturas, de sus tallados folklóricos en madera, dentro del país y en el extranjero.

En general, las casas de mi pueblo eran pobres. La mía, construída en las goteras de la población, era una de ellas.

Supe, como todos los pobres hombres, lo que es padecer de necesidad y de hambre. Pero aprendí también a soportar privaciones sin quejas ni envidias.

Aprendí lo que es la sencilla fraternidad entre pobres: poner en práctica una generosa y delicada **ayuda mutua entre vecinos. Mi mamá me envía a dejarles** estos poroticos tiernos, para que se sirvan», explicaba cualquier chiquillo o chiquilla del vecindario, portador del don y del mensaje. El don podía ser variado: maíz, fréjoles, **arb**ejas, papas. El mensaje era siempre el mismo. Y luego, había correspondencia de regalo y de mensaje.

¡La pobreza!... Es también un don. «Bienaventurados los pobres». Es un don, siempre que se llegue a tener conciencia de que somos pobres. Siempre que lleguemos los hombres a ser conscientes de nuestra congénita indigencia.

Todos podemos llegar a ser conscientes de nuestra congénita indigencia. Lo que pasa es que los pobres de bienes materiales están en condiciones de adquirir más fácilmente esa conciencia. En cambio, los ricos en bienes materiales endurecen el corazón, por el apego a las riquezas. Endurecido el corazón, la conciencia queda gravemente impedida, como por una costra o por una coraza de acero.

Los pobres sienten casi espontáneamente la solidaridad con otros pobres, con todos los que sufren. Los ricos se vuelven egoístas.

El inicio de las comunidades de base en el Brasil se debe a esta filosofía popular, la filosofía de los pobres, que se expresa de esta manera: «Un pobre ayuda a otro pobre, y entonces todo se arregla».

Los pobres viven más fácilmente la vocación comunitaria. Los ricos necesitan hacerse pobres para poder entrar en el Reino de los cielos. «Créanme que a un rico se le hace muy difícil entrar al Reino de los cielos. Se lo repito, es más fácil para un camello pasar por el ojo de una aguja, que para un rico entrar al Reino de los cielos» (Mt. 19, 23 y 24).

Si la pobreza es un don, este don viene también con su mensaje. El mensaje es éste: «Bienaventurados los pobres» (Mt. 5,3). Agradezco a Dios por el don y por el Mensaje que le da sentido.

2. Trabajo

Teníamos que trabajar, por lo mismo que éramos pobres.

Como en Nazareth, nuestra familia estaba compuesta sólo de tres miembros. Tres hermanos nacidos antes que yo murieron tempranamente. Como en Nazareth, los tres nos entregábamos al trabajo en la medida de nuestras fuerzas.

Tanto mi padre como mi madre dedicaban largas horas del día a tejer sombreros de paja. Desde temprana edad, en las vacaciones de verano, aprendí también a tejer sombreros. Malo el primero. Pero el estímulo de mis padres hizo que fuera perfeccionándome en el arte de tejer parejo y fino. Era para mí una alegría constatar que cada vez el precio de venta era más alto. Este trabajo era penoso. Había que permanecer sentado horas y horas, cruzando pajas. Dolía la espalda.

Pero, mientras tejíamos, mis padres cantaban. Canciones del pueblo, unas muy tristes y otras un tanto alegres. También conversábamos. Mis padres hacían planes para conquistar algún mejoramiento.

Mi padre tenía montado también un pequeño taller para el arreglo de esos mismos sombreros de paja que nosotros habíamos confeccionado y de los sombreros de uso de una numerosa clientela. El taller consistía en una gran piedra fina y lisa que servía para «macetear» los sombreros con un mazo de madera; en un gran cajón que podía cerrarse herméticamente: servía para el blanqueado de los sombreros, por medio del humo de azúfre; en una mesa convenientemente arreglada para planchar

los sombreros y darles la forma solicitada por los clientes; para darles forma, se utilizaba un poco de cola diluída; consistía también en una cantidad variada de hormas de madera, para adecuar cada sombrero a la cabeza y al gusto de cada cliente...

Tendría 10 u 11 años de edad, cuando empecé a ayudar a mi padre en este trabajo. Lo más duro y peligroso era macetear los sombreros. Duro, porque se rompían las manos, mientras no se formaran callos. Peligroso, porque el sombrero también podía romperse. Recuerdo que llegué a cumplir esta tarea satisfactoriamente y que me sentía orgulloso de ver mis manos ampolladas, sangrantes y luego encallecidas.

El trabajo agrícola fue, de ordinario, escaso, por la pequeñez del terreno que poseíamos. Pero, durante unos pocos años, mi padre arrendó unas cinco hectáreas de tierras. Entonces, también aprendí a sembrar, a desyerbar y a cosechar.

Aunque en pequeño, a través de estas diversas formas de trabajo, absorbí insensiblemente el sentido comunitario del trabajo. En la casa, todos aportábamos para nuestra subsistencia. La dureza o la monotonía del trabajo eran suavizados por la conversación y por el canto. El diálogo y el canto tienen un profundo sentido comunitario. El primero, el diálogo, es el mejor vehículo de intercomunicación personal. El segundo, el canto, es un vehículo inapreciable de armonización, a través de las voces, de los sentimientos. Y es un medio de crear alegría y entusiasmo.

3. Amor al pobre

Como ya dije antes, el trabajo de «compositor» de sombreros de paja que desempeñaba mi padre atraía a la casa una numerosa clientela de gentes del pueblo, también de campesinos.

Mis padres siempre se relacionaron con ellos con suma amabilidad. Su ejemplo fue dejando en mí un gran respeto y una gran simpatía por la gente.

Pero no era solamente el ejemplo la fuerza inspiradora de ese amor y respeto. También ejercieron

su influencia poderosa los hechos concretos, explícitos, y las palabras.

Hechos explícitos y concretos: Cada sábado, nuestra casa, como las casas de otros vecinos, era visitada por personas menesterosas, mendicantes. Por disposición expresa de mis padres, era yo el encargado de atenderlos, sea para depositar en sus manos alguna pequeña suma de dinero, sea para ofrecerles un plato de comida o, en otras ocasiones, una pequeña porción de víveres en crudo.

Las palabras: Frecuentemente me inculcaron ese mismo amor y respeto, a través de sus palabras. Tanto mi padre como mi madre tenían un grande aprecio a los indígenas. Parecía que encontraran un gozo especial en conversar con ellos y en servirles. Esto mismo inculcaban en mi ánimo, en conversaciones y reflexiones. Por ejemplo, cuando habíamos constatado que los indígenas eran objeto del desprecio, de la burla, de la explotación de otras personas, me hacían ver lo malo de un comportamiento semejante, diciéndome que ellos eran también hijos de Dios y hermanos. Llegaron a enseñarme las formas de trato en gestos y palabras que tenía que utilizar cada vez que me ponía en contacto con ellos.

Recuerdo que mis padres dieron hospedaje en nuestra pobre casa a un mendigo extranjero. Permaneció con nosotros largas semanas. Llegó vestido de harapos. Despedía de sí un olor repugnante. Sin embargo, le acogieron con todo cariño. Durante todas esas semanas, era como un miembro de la familia. Atendieron a sus necesidades de vestido y de limpieza, en la medida de lo posible y con una abnegación muy grande.

Ese amor y respeto a los pobres, particularmente a los indígenas, llegó a formar parte de mi propia existencia. Por esto, he dicho más tarde que no he querido nunca ser traidor a los pobres, pues nací en un hogar pobre y aprendí en ese mismo hogar a amar a los pobres.

Si antes dije que la pobreza es un don y que ese don tiene un sentido cuando viene acompañado del mensaje del Evangelio, ahora digo que tam-

bién la amistad de los pobres es un don y que también este don viene acompañado de un mensaje. «Entonces el Rey dirá a los que están a la derecha: ¡Bendecidos por mi Padre! Vengan a tomar posesión del Reino que está preparado para ustedes desde el principio del mundo. Porque tuve hambre y ustedes me alimentaron; tuve sed y ustedes me dieron de beber. Pasé como forastero y ustedes me recibieron en su casa. Anduve sin ropas y me vistieron. Estuve enfermo y fueron a visitarme. Estuve en la cárcel y me fueron a ver. En verdad les digo que cuando lo hicieron con alguno de estos mis hermanos más pequeños, lo hicieron conmigo» (Mt. 25, 34-40).

4. Honradez

«De lo ajeno, ni una aguja». Esta es una frase que se repetía mucho en el seno de mi pequeña familia y que tenía que ver, particularmente, en nuestras relaciones con los demás pobres.

De igual manera, no debía decir mentiras por nada de este mundo, aunque por decir la verdad pudieran sobrevenir dificultades y castigos, especialmente en la escuela.

Mi padre me enseñó a jugar. Se hizo niño con su hijo niño, quizá comprendiendo que no tenía otros hermanos. Le gustaba que aprendiera a jugar limpiamente y a realizar todos los esfuerzos para salir triunfante, pero sin trampas.

Mi padre me enseñó a jugar a la pelota de mano, a la pelota de tabla, a hacer bailar los trompos, a las bolas...

No era que me impidiese jugar con los niños del vecindario. Todo lo contrario, él mismo me insinuaba que fuera a jugar al caer de la tarde, después de largas horas de trabajo. Pero, me enseñaba a jugar y jugaba conmigo, para educarme en la honradez. Me decía, por ejemplo: «Si usted, en el juego de bolas, al asentar en el suelo su bola con la que pretende sacar las bolas que están en la «bomba», adelanta tramposamente unos centímetros y saca una o varias bolas, ha cometido un robo a su compañero».

De igual manera, hacía referencias concretas y minuciosas para la práctica de otros juegos.

La honradez, en relación con la verdad, sembró en mi ánimo una especie de culto por la verdad. No podía decir mentiras y me dolía cuando constataba que otros compañeros las decían con una facilidad espantosa, tanto en sus relaciones con otros compañeros, como en relación con sus padres y maestros.

Así, el respeto a los bienes ajenos y al derecho que tiene toda persona a la verdad imprimieron en mí uno de los rasgos característicos de mi personalidad, para toda la vida.

En muchas ocasiones, siendo ya sacerdote y obispo, frente a conflictos que he tenido que enfrentar, algunas personas amigas, llenas de la mejor buena voluntad, me han dicho que tenía que ser un poco más diplomático en mis relaciones con mis semejantes. Han explicado el uso de la palabra «diplomático», diciendo que no se trata de serlo en el sentido peyorativo de la palabra y han añadido que debía aprender a jugar un poco con las palabras, sin faltar a la verdad, y a utilizar ciertas circunstancias, sin dejar de ser sincero. Pero, me es imposible caminar por sendas tortuosas, aunque lleven a una meta buena y determinada. Pienso que la verdad se impone tarde o temprano. Pienso que los demás hombres tienen derecho total a la verdad total y que solamente así podemos entendernos y establecer vínculos de unidad auténtica. Una vida comunitaria, en escala reducida o en gran escala, no puede asentarse firmemente sino sobre la verdad clara, comprendida, aceptada, sin reticencias, sin reservas. «Digan sí cuando es sí, y no cuando es no» (Mt. 5, 37).

5. Libertad

Lo que más agradezco a mis padres es su permanente educación en la libertad y para la libertad.

Todos sabemos que el culto a la verdad engendra la libertad, al menos en teoría. Desde el punto de vista existencial, puedo decir que, cuando se actúa con honradez, con verdad, se experimenta la libertad interior que nada ni nadie puede arrebatarnos.

Mis padres no tuvieron grandes estudios: terminaron apenas la primaria. No estudiaron, por consiguiente, pedagogía. Pero fueron auténticos educadores.

Jamás escuché de sus labios prohibiciones. Gocé siempre de libertad para reunirme con los muchachos de mi edad del vecindario. Gocé siempre de libertad en el uso de las cosas de la casa. Aunque en mínima cantidad, cada domingo recibí un dinerillo para que pudiera gastarlo a mi gusto.

Cuando, alguna vez, realicé algo que no estaba de acuerdo con su manera de pensar y de sentir, no me castigaron ni me avergonzaron con reproches duros. Me hicieron reflexionar cariñosamente.

Un ejemplo de este modo de proceder: tendría 16 ó 17 años. Había terminado tercero o cuarto de secundaria. Nos encontrábamos en vacaciones. A mediados de setiembre, mi pueblo celebra la fiesta de la Virgen como Patrona. A esta fiesta concurre muchísima gente, no sólo del pueblo mismo, sino también de pueblos vecinos y aun de la ciudad de Ibarra. Con permiso de mi padre, salí a participar como espectador en algunos números del programa de fiestas que se realizaba en la noche. Me encontré con algunos compañeros de curso. Uno de los números del programa de fiestas era una representación dramática que debía iniciarse a las 9 de la noche y terminar a la 1 ó 2 de la madrugada. El permiso obtenido no comprendía la asistencia a esta velada. Pero los compañeros me insinuaron con insistencia que me quedara con ellos para este número del programa. Acepté, no sin remordimiento, por no haber contado con el conocimiento de mis padres. Cuando llegué a la casa, ellos me esperaban, pero no me dijeron ni una sola palabra de reproche. Interiormente, experimentaba una gran pena y una gran vergüenza.

Al día siguiente, cuando casi había olvidado mi falta de la víspera, mi padre me invitó a sentarme junto a él y empezó a hablar tranquilamente, como si nada hubiese pasado. En medio de la conversación, cuando comprobó la inexistencia de todo recelo o de cualquier mecanismo de defensa, me preguntó sobre lo ocurrido en la noche anterior. Le expliqué cómo sucedieron las cosas. Se mostró satisfecho, pero añadió estas palabras: «Quizá para otra vez convenga que invite a sus compañeros a nuestra casa, que nos dé a conocer su deseo, como éste de asistir a una velada. Usted sabe que no le negamos nada. Así, nosotros podremos estar tranquilos».

Cuando tenga que referirme a mi opción por el sacerdocio, volveré a tocar este importantísimo punto de la libertad, porque en ningún momento me he sentido constreñido a seguir el camino del sacerdocio.

No acabo de entender, por esto, la conducta de muchos padres de familia que creen **educar** a sus hijos haciéndoles una letanía de prohibiciones y castigándoles, a veces cruelmente, por la infracción de alguna de sus disposiciones. El miedo no educa. Vuelve más bien hipócritas. «Ustedes serán mis verdaderos discípulos si guardan siempre mi palabra; entonces conocerán la Verdad, y la Verdad los hará libres» (Jn. 8, 31-32).

La vida de familia y la verdadera vida comunitaria nos ayudan a ir conquistando la libertad, en todo sentido, en la medida en que somos verdaderos.

6. Valentía

Del mismo modo como la honradez en relación con los bienes ajenos, nos hace libres de toda traba interior para actuar con sencillez, con claridad, con amor, también nos comunica esa tranquilidad de ánimo la actitud que se llama valentía.

La actitud verdadera, esto es, la actitud de permanente búsqueda de la verdad y de sumisión a la verdad, una vez que creemos haberla encontrado, nos comunica una seguridad, una fuerza,

una capacidad de aceptación de desafíos y de riesgos que jamás puede proporcionar el miedo.

No es posible razonar de esta manera en la primera infancia. En esta etapa de nuestra vida, la seguridad que estoy llamando valentía nace de un sentimiento de confianza.

Uno de los primeros recuerdos que conservo en mi memoria es el siguiente: mi padre me llevó una tarde, en momentos caminando y en otros momentos subiéndome a sus hombros, a recoger de diversas casas sombreros de paja que había comprado. Vino la noche. Sentado sobre sus hombros, empezamos el regreso a casa. Cuando atravesábamos una quebrada, recordó que había dejado de visitar a una familia que vivía por allí y que tenía que entregar un sombrero. Haciéndome previamente un elogio, acomodó su «poncho» sobre una piedra grande, me hizo sentar allí y me dijo que esperara, mientras visitaba esta familia. El elogio iba en el sentido de infundirme confianza para vencer el miedo a la soledad en medio de la oscuridad de la noche y en un lugar desamparado. «Mi hijo es todo un hombre. Es valiente. Espéreme aquí. Regreso enseguida». Sentía que, interiormente, me hacía conquillas el miedo. Pero fui capaz de permanecer silencioso y esperanzado en esas condiciones. Pocos minutos después, sentí que una piedrecita se estrelló a un costado del lugar en donde me encontraba. Luego, cayeron otras y otras. Aunque tuve miedo, no dije una palabra ni lancé grito alguno. Mi padre se hizo presente al momento. Era él mismo quien había lanzado las piedras. Me tomó en sus brazos. Me apretó fuertemente y volvió a elogiarme por mi valentía. Tendría yo alrededor de 4 años.

Ya más crecido en edad, eran las narraciones de hechos históricos o de hechos en los que habían tomado parte mis padres los modeladores de la valentía. Llegué a tener, cuando estudiante de primaria, un gran afecto por determinados héroes de la Independencia. Admiraba a Abdón Calderón, el héroe de Pichincha. Admiraba y estimaba como

a un amigo al Mariscal Antonio José de Sucre: me gustaban su corrección y su valentía.

Mis padres y mis vecinos, en algunas ocasiones, se reunían para conversar. Y era muy sabroso para los muchachos, para mí especialmente, escuchar con toda atención los relatos de las revoluciones que se habían sucedido unas después de otras, dentro de esa pugna por el poder entre conservadores y liberales. Los conservadores, como es sabido, se identificaban como católicos. Mi padre y también mi madre tomaron parte, en algunas ocasiones, en estos movimientos guerreros y revolucionarios.

Quiero relatar aquí una de esas participaciones, cuando mi padre y mi madre estaban de novios. Soldados gobiernistas, en número crecido, habían sido asaltados por civiles desarmados, al sur del pueblo de San Antonio. Con las pocas armas que habían logrado arrebatarles y con las que ya tenían de otros encuentros, muchos hombres de mi pueblo les hicieron frente y llegaron a pelear en las calles mismas de la población. Según lo he escuchado de labios de mis padres, mi padre se encontraba al norte de la población sin arma alguna. En un momento dado, llegaron refuerzos de civiles provenientes del Carchi. Uno de ellos, fatigado por la caminata, le entregó un fusil. En compañía de un amigo, mi padre empezó a avanzar hacia la plaza del pueblo hasta que lograron tomársela y conquistar una cantidad de municiones.

Por su parte, mi madre, al ver pasar a un civil sin la insignia de los conservadores, salió de su casa, desafiando las balas, para colocarle un lazo azul en el brazo derecho. Y, a la espera de mi padre, salió al terreno interior de su casa, en donde tenían escondidos algunos proyectiles, para sacarlos y entregárselos, en un gesto de aliento y de colaboración en la causa por la que se estaba luchando.

Es indudable que relatos de este tipo me entusiasmaban. Desde el punto de vista de la formación de la valentía, ejercieron una fuerte influencia. Aprender a vencer el miedo. A superar inclusive una fuerza más grande. Pero nunca soñé en llegar

a ser soldado. Todo esto, unido a la reflexión posterior, fue creando en mí un espíritu de lucha. El mismo proceso me ha llevado también al convencimiento de que la lucha por los más grandes valores del hombre, si bien debe ser activa e incansable, de preferencia debe ser no violenta, no sangrienta, no atropelladora de la dignidad de la persona humana, aunque se trate de quienes ejerzan la opresión y la injusticia. El ideal del cristiano debe ser alcanzar la actitud de Cristo: «Uno de los que estaban con Jesús sacó la espada e hirió al sirviente del jefe de los sacerdotes, cortándole una oreja. Entonces Jesús le dijo: Vuelve la espada a su sitio, pues quien usa la espada perecerá también por la espada. ¿No crees que puedo llamar a mi Padre, y El al momento me mandaría más de doce ejércitos de ángeles?» (Mt. 26, 31-34).

Dentro de este espíritu de valentía, debo colocar las reflexiones que me hacía mi padre para dibujar el comportamiento que debía tener en medio de los peligros que trae consigo el ambiente en que vivimos. Nunca quiso que fuera interno en el Colegio, a pretexto de resguardarse de esos peligros. Usando un lenguaje militar, me decía: «Al soldado no se le conoce en el interior del cuartel. Al soldado se le conoce en el campo de batalla. De igual manera, al cristiano verdadero no se le forma en el interior de un seminario, resguardándole con gruesos muros y con un reglamento que le sirva de barrera. Al verdadero cristiano se le reconoce en medio de los peligros: debe saber luchar contra los peligros de su propio ambiente con firmeza de carácter».

7. Enseñanzas prácticas

Continuación del tema «valentía» es el tema «enseñanzas prácticas».

Con alguna frecuencia, en horas de la noche, antes de acostarnos para el descanso, mi padre solía contarme sus propias experiencias, los peligros que había corrido, el modo como los había enfrentado. Era ésta una pedagogía que me orientaba a saber aceptar los desafíos de la naturaleza. En muchas ocasiones, esas experiencias de mi padre me sirvieron muchísimo.

De sus experiencias aprendí, por ejemplo, a atravesar un río crecido con las debidas precauciones. Es necesario sostener en la mano un fuerte bastón para apoyarse contra el piso: es más difícil que el agua pueda vencer tres columnas que dos. Es necesario, en este mismo sentido, caminar arrastrando los pies, antes que levantándolos. Es necesario atravesar el río en sesgo, no contra corriente, sino siguiendo en parte la dirección del agua. Es necesario mirar al frente, para no marearse, pues si se mira la corriente sobreviene el mareo y se cae.

Lecciones como éstas he podido más tarde transmitir a grupos de muchachos con quienes he organizado excursiones largas y no exentas de peligros. Recuerdo haberlas utilizado para una excursión de siete días a través de una zona montañosa y de altos páramos, en donde abundaban toros salvajes y bravíos. Mi padre me había dicho que, en caso de encontrarse frente a esta clase de animales, no se debe correr. Que el toro ataca cuando ve que se corre. Que, en caso de ataque, lo conveniente es tumbarse resguardando la cabeza y permanecer quieto en esa postura. Antes de emprender la excursión, había yo repetido estas normas prácticas a los muchachos. Y tuvimos la ocasión de ponerlas en práctica. Al descender de un alto páramo, nos salió al paso uno de esos toros. Caminábamos en fila india. Siempre colocábamos a la cabeza al más débil por su edad o por su estado físico, para acomodar los demás nuestro paso al suyo. Cuando nos sorprendió la presencia del toro, el muchacho que marchaba adelante me regresó a ver con la angustia pintada en su rostro y particularmente en sus ojos. Le recordé en voz baja y brevemente las enseñanzas que les había transmitido. El muchacho continuó caminando. Detrás de él, sin modificar el paso ni la fila, continuamos los demás. El toro se mantuvo quieto y erguido, como un oficial que estuviera pasando revista a sus tropas. Yo era el último en la fila. Después

que pasé delante del toro, éste continuó caminando detrás de nosotros por un largo trecho. Al final, se detuvo y nos quedó mirando mientras nosotros descendíamos silenciosamente. Sólo cuando ya nos sentimos lejos del animal rompimos a hablar y nos sentamos a tomar un descanso para calmar la tensión que habíamos mantenido.

«Cuando se encuentre frente a cualquier peligro, póngase a pensar», me decía mi padre y añadía: «Nunca se debe perder la cabeza». La serenidad es condición indispensable para poder afrontar cualquier peligro. Y es necesario inventar una salida, la que más probabilidades de éxito ofrezca. Inventar una salida es saber tomar iniciativas. «Nunca hay que dejarse morir» era otro de los pensamientos de mi padre.

8. Vida religiosa

No debo olvidar que estoy escribiendo estas páginas para que sean publicadas dentro de la colección «El credo que ha dado sentido a mi vida». ¿Qué tiene que ver con la vida religiosa todo cuanto dejo relatado? ¿Qué tiene que ver todo esto con el título específico que he querido dar a estas páginas? ¿Qué tiene que ver concretamente con el título. «Yo creo en la comunidad cristiana»?

Cuanto dejo narrado, lo veo ahora, estuvo encaminado a la adquisición de lo que llamamos valores humanos, a la formación del carácter. Los valores humanos son algo fundamental para una vida cristiana auténtica, para una vida comunitaria auténtica.

Quiero contestar aquí un interrogante que yo mismo me he hecho y que puede se hagan también los lectores: ¿cómo fue posible que mis padres, sin mayor instrucción, fueran capaces de educarme de esta manera?

Acertada o no, completa o parcial, me doy la explicación siguiente: en primer lugar, mis padres, particularmente mi padre, aunque pobres, adquirieron una pequeña biblioteca. No era para tenerla de adorno. Mi padre leía. Cuando juzgaba que

algo podía interesarnos, nos leía a mi madre y a mí páginas del libro que tenía en manos. En segundo lugar, siempre les oí hablar de un párroco del pueblo de quien muchos padres de familia, todos los que quisieron, habían recibido muchas y valiosas enseñanzas. Cada domingo, congregaba en la iglesia parroquial a los padres de familia que aceptaban su invitación, para realizar lo que él llamaba «Catecismo de adultos». Y era el mismo párroco quien había divulgado libros interesantes de lectura en los hogares. Creo que mis padres aprovecharon bien de la acción apostólica de este sacerdote.

Volviendo a referirme a los valores humanos anteriormente mencionados, con esta mirada retrospectiva que tengo que tender para escribir estas páginas, comprendo que de allí parten: mi opción por los pobres, mi estimación a los trabajadores, mi postura inflexible en relación con la verdad y con la justicia, una permanente apertura unida a un inconformismo en relación con la conquista de la libertad, la capacidad de compromiso arriesgado al servicio del bien de los demás y en la proclamación de los valores trascendentales del hombre. Los años de mi infancia fueron, una lejana preparación para la misión y tareas a que Dios me destinaba.

Mis padres no fueron precisamente «piadosos». Fueron cristianos normales y corrientes, en el sentido de que no eran amigos de lo que el pueblo llama «beaterías».

Sin embargo, Dios estaba muy presente en nuestra vida. También conservo en la memoria, entre los primeros recuerdos, cómo mi madre, teniéndome en brazos, me mostraba, en una noche clara, la luna que ascendía por el oriente y me decía que esa luna y esas estrellas que aparecían en el cielo habían sido creadas por Dios. Recuerdo también que ella, tomando mi pequeña mano en el interior de la suya, me enseñaba a santiguarme.

A más de las enseñanzas religiosas que me daban en casa, mis padres se preocupaban también de que concurriera infaltablemente al Catecismo Pa-

rroquial de niños. Por otra parte, debo decir también que iba con gusto y prestaba toda atención a las palabras del párroco.

Mientras fui pequeñito, era mi madre quien me llevaba a la misa dominical. Cuando fui más crecido, iba con mi padre. Me impresionaba ver a mi padre en el templo. Guardaba una postura viril, seria, concentrada. Conservaba siempre cruzados los brazos.

No éramos fiesteros ni amigos de tomar parte en romerías. Solamente una vez organizó mi padre un viaje, la mayor parte a pie, hasta el santuario de las Lajas (Colombia). Fue cuando terminé mis estudios secundarios y de una manera enteramente distinta a lo que suele ser una romería. El propósito era pedir a Dios por medio de la Virgen luz para escoger el camino que debía seguir en mi vida.

En cuanto a la práctica de sacramentos, tampoco era muy frecuente. En tres o cuatro ocasiones del año, mi madre se preparaba para confesarse. Con un calor maternal inolvidable, me ayudaba a hacer el examen de conciencia; ella sabía cuáles eran todas mis faltas. Juntos íbamos al templo parroquial y nos acercábamos al confesionario. Comulgábamos al día siguiente y no volvíamos a hacerlo hasta después de tres o cuatro meses.

Hubo un párroco que se empeñó en organizar la Cruzada Eucarística para los niños. Decidí no dar mi nombre y permanecer libre, ante el asombro del señor cura.

En páginas posteriores, volveré sobre este tema e iré explicando cuándo y cómo llegué al descubrimiento de Cristo.

9. Vocación al sacerdocio

Ligada con este tipo de vida religiosa fue sembrándose, a través de hechos concretos, la vocación al sacerdocio.

Por este motivo, debo hablar ahora de mi primera comunión. La hice fuera de mi pueblo, cuando tenía siete años. Pasaba una temporada en casa de un tío paterno, cuando llegaron a la población en

donde él vivía los misioneros lazaristas. Su permanencia fue relativamente larga y uno de los misioneros se encargó de la preparación de los niños a la primera comunión. Por esta razón, la hice fuera de mi pueblo.

Este acontecimiento tiene relación con mi vocación al sacerdocio, porque el misionero que nos preparó me dijo, después de la misa de primera comunión: «Cuando seas más grande, te esperamos en el seminario». Yo no sabía lo que era el seminario, pero la invitación se me grabó en la memoria.

Nunca, que yo recuerde, me dio por celebrar misa, como he oído que han hecho otros niños que llegaron al sacerdocio. Ni se me ocurrió hacer de predicador del Evangelio. Lo que sí recuerdo es que, cuando ya aprendí a leer corrientemente, mis padres pusieron en mis manos una Historia Sagrada, bastante voluminosa, con estampas y dibujos. La fui leyendo día tras día con un gusto extraordinario. Motivado por este gusto, volví a leerla unas tantas veces. Y la mayor parte de los hechos bíblicos que constaban en esta Historia Sagrada se me grabaron en la memoria. Creo que a través de esta lectura, a más de la admiración que me despertaban personajes como Abraham, Moisés, el rey David, experimenté una gran simpatía hacia nuestro Señor Jesucristo. En relación con el sacerdocio, esta lectura, si bien no tuvo una explícita influencia, sentó sin embargo las primeras bases, nada sentimentales.

Estaba a punto de terminar la primaria. Una tarde, llegó hasta nuestra casa el párroco. Después de conversar sobre temas indiferentes, el párroco preguntó: «¿Qué piensan ustedes hacer con su hijo el próximo año»?

Mi sueño era ser pintor. Así se lo expliqué al párroco. Mis padres ya lo sabían.

El párroco, entonces, tomó un aire de severidad y dijo directamente a mi padre: «Tienes que ponerlo en el seminario». Objetó mi padre que éramos pobres y no estábamos, por lo mismo, en condiciones de sufragar los gastos del seminario. Con mayor severidad aún, el párroco conminó a mi

padre: «Si no le pones en el seminario, te irás al infierno». Dicho esto, se despidió.

Mis padres quedaron preocupados. Me consultaron. Y acabaron por resolver que me enviarían al colegio-seminario «San Diego» de Ibarra. Recuerdo que mi padre dijo palabras como éstas: «Trabajaré lo más que pueda, todo lo que den mis fuerzas, para que usted pueda realizar sus estudios. Usted verá oportunamente si se hace o no sacerdote».

Llegado el mes de octubre de 1923, acompañado de mis padres y de algunos familiares, fui a matricularme en el seminario. En el momento mismo en que habíamos ingresado en el edificio, descendía por las gradas el mismo misionero lazarista que me hizo la invitación el día de mi primera comunión. Para él y para todos nosotros este encuentro fue un motivo de gran alegría.

Me matriculé como externo. Para poder atenderme, convinieron: mi padre en permanecer en el pueblo, trabajando, aunque solo, y mi madre en que se trasladaría a vivir en Ibarra, para atenderme, en un cuarto tomado en arriendo. Mi padre iba a Ibarra, para vernos, con la frecuencia que le permitían sus compromisos de trabajo. También yo hacía a pie el viaje de cinco kilómetros entre la ciudad y el pueblo, en los días libres, para estar con mi padre.

Me adapté fácilmente al reglamento y a las costumbres del seminario. De acuerdo con el reglamento, todos los días concurríamos a la misa, dedicábamos a la meditación un cuarto de hora, rezábamos el rosario, hacíamos el examen de conciencia, repetíamos las oraciones de la mañana y de la noche, naturalmente en horas oportunas. Debíamos los externos estar en el seminario minutos antes de las seis de la mañana, para la oración, la meditación y la misa. El horario estaba arreglado de tal manera que podíamos salir en las horas de las comidas. Pero también debíamos volver a horas fijas para dedicarnos al estudio, a la participación en las clases y a las tareas escritas. Por esta razón, la jornada se terminaba a las 8 de la noche.

Quienes deseaban confesarse podían hacerlo cualquier día. Bastaba con que en la mañana el estudiante que quisiera hacerlo entregara un billete con esta frase: «deseo confesarme con el P. N. N.» El sacerdote solicitado entregaba billetes como éstos en horas del llamado «salón de deberes»: de seis a siete y media de la noche, a cada uno de los estudiantes que le habían manifestado el deseo de confesarse con él. Y les esperaba para ésto en la capilla. Hasta cierto punto, éste era un método de respetar la libertad. También había libertad para acercarse a la comunión o para dejar de hacerlo.

En este ambiente, mi vida de piedad se volvió intensa, aunque no exenta del peligro del rutinarismo.

No me preocupaba el problema de mi vocación. Había dentro de mí como un compás de espera. Mis padres tampoco me urgían una definición en este punto. Todo lo contrario: me hablaban de respeto a la decisión que yo quisiera tomar oportunamente. Los estudios del colegio-seminario «San Diego» no estaban, en ese entonces, reconocidos oficialmente. Mi padre me decía que si deseaba obtener el grado de bachiller, podíamos viajar a Colombia y convalidar los estudios hechos. El Gobierno ecuatoriano reconocía los títulos de bachillerato obtenidos en el país vecino.

El problema de elección de un camino para mi vida me acució al final de mis estudios secundarios. Pasé por una auténtica crisis. Tuve la buena o mala oportunidad de escuchar una conversación en la que se hablaba muy mal particularmente de un sacerdote. Se le describía con una gran voracidad por el dinero, con un apego muy fuerte a la bebida y también con una inclinación muy fuerte hacia las mujeres. La conversación produjo en mi ánimo una repugnacia tal que el camino del sacerdocio me parecía repudiable. Volví a pensar en la pintura. Recordé el ofrecimiento de mi padre para la obtención del bachillerato. Cualquier trabajo manual me habría agradado más que llegar a ser sacerdote. Sin embargo, una terrible angustia interior me acompañaba. No sabía qué hacer. Así terminé los

estudios secundarios. Así pasé la mitad de las vacaciones. Era como si tuviera una negra muralla delante de mis ojos. No veía claro. Mis padres adivinaban mi angustia y no acertaban a decirme otra cosa que la que ya me habían dicho tantas veces: debía sentirme enteramente libre en mi elección de camino.

Esta libertad solucionaba mi problema. Resolví, al fin, ponerme en camino desde mi pueblo hasta Ibarra, para hablar con uno de los sacerdotes profesores que más confianza me inspiraba.

Este profesor sacerdote me acogió bondadosamente. Pero, él también respetando mi libertad, me dijo que podía ingresar en el Seminario Mayor, para profundizar allí los estudios de Filosofía y, mientras tanto, estudiar si era mío el camino al sacerdocio. Si bien su respuesta no era terminante, me dio sin embargo fuerza para decidirme a ingresar en el Seminario Mayor y así se lo conté a mis padres.

La crisis se resolvió a los pocos días de mi permanencia en el Seminario. Puedo afirmar, sin vacilaciones, que en esos días descubrí al Señor de una manera clara, interior, experiencial, particularmente en la lectura de la Biblia y en el Sagrario. Junto con esta gran luz que me inundó de gozo, se hizo también luz acerca de mi camino en la vida. Vi que debía ser sacerdote. Se me hizo una convicción profunda. Desde entonces, jamás he dudado. Me aguardaban épocas muy duras de incomprensión, de lucha, de soledad. Pero he visto que todo eso formaba parte de la vida sacerdotal, de la misión a la que había sido llamado. Y, en lugar de desalentarme, esas épocas duras me han fortalecido y hasta han llegado a ser motivo de alegría.

10. Aspectos negativos

Lo que he contado hasta ahora puede dar la impresión de que es una apología de mi familia y una apología de mí mismo.

En realidad, lo que he tratado de recoger de mis recuerdos de infancia es lo que ha sido positivo,

como preparación lejana, a mis vivencias posteriores, comunitarias y comprometidas. Sin embargo, siento la necesidad de señalar algunos de los aspectos negativos de esa misma formación, aspectos negativos que se han proyectado a lo largo de mi existencia, a veces de manera invencible.

De vez en cuando, personas que han entrado en un clima de confianza me han preguntado si, por haber sido hijo único, aunque el último de otros hermanos, mis padres no me habrán mimado excesivamente.

Haciendo un examen detenido, compruebo que, desde ciertos puntos de vista, fui objeto de cuidados que no los habría tenido si mis hermanos hubieran vivido y hubieran sido numerosos. El cuidado de mi madre por presentarme siempre limpiamente vestido, por comprarme a veces prendas de vestir elegantes, a pesar de nuestra pobreza, pienso que es una prueba de eso que se llama mimo y que a mí me daba un sentimiento de superioridad frente a mis compañeros. Mi padre y mi madre, cada vez que volvían de algún viaje a ciudades como Ibarra u Otavalo, siempre se sentían obligados a traerme alguna cosa, como recuerdo de su viaje. Mi padre se desvivió trabajando para atender las necesidades y posteriormente mis estudios. Después de una experiencia frustrada de solicitud de ayuda económica, orgullosamente se hizo esta reflexión: «Me mataré en el trabajo, pero no volveré a abrir la boca a nadie para solicitar una ayuda».

Con todo, no puedo decir que he sido un hijo mimado en el sentido de «consentido».

Estimulado por mi padre y por propio temperamento, luché siempre por ser el primero, tanto en el juego como en los estudios. Este sentido de competencia, fomentado tanto en el seno de la familia como en la escuela y en el colegio y que forma parte de la mentalidad ambiental, es un serio obstáculo para la vida comunitaria, en la que se debe aspirar a marchar todos juntos. Además, el orgullo de ser el primero humilla a los demás, les impulsa hacia la murmuración y deja con frecuencia

en la soledad al que se adelantó a ocupar el primer puesto.

Estrechamente ligado con el aspecto negativo anterior, está el de la terquedad. He sido terco en mis decisiones. He pasado por encima de pedidos de compañeros y amigos. No aprendí a perder el tiempo para dar alguna satisfacción a mis compañeros. Si previamente había tomado alguna resolución, tenía que cumplirla cueste lo que cueste. Por esta terquedad, he provocado resentimientos de auténticos amigos.

Por esta misma terquedad, he sido duro conmigo mismo, con peligro de deshumanizarme. Y como he visto que era capaz de exigirme mucho, he cometido el error de ser también duro y exigente con los otros. Hasta ahora, me hacen falta palabras de estímulo para mis colaboradores, gestos de aprecio de su trabajo y comprensión de la necesidad que tienen de descansar, de expansionarse, de entregarse a un relajamiento de sus tensiones, por ejemplo, a través de un paseo o de una convivencia fraterna.

En la vida de una persona, todo está entrelazado, tanto lo bueno como lo malo. Nada hay bueno absoluto, nada hay tampoco absolutamente malo. Los anillos de los aspectos negativos antes señalados se entrelazan con este otro: he sido poco comunicativo. Hombre de pocas palabras, quizá con un sentido de ahorro del tiempo, de apremio por hacer otras cosas, no he sido jamás ni de lejos el ideal del conversador ameno. Si he tenido que decir algo, lo he dicho con la mayor claridad posible y con el menor número posible de palabras. Después, o corto la conversación o guardo largos silencios que deben resultar molestos para mis interlocutores. Me ha ocurrido muchas veces que, si alguien viene a consultarme algo o a pedirme alguna cosa, y empieza con rodeos, le llamo de inmediato la atención para pedirle que vaya al grano. He adquirido así lo que se suele llamar el estilo directo.

Si soy poco comunicativo, no es solamente por ahorro de tiempo para hacer otras cosas, sino también porque me creo de temperamento reflexivo,

amante de la soledad, del silencio, de la contemplación. Cuando viajo, converso poco, pero contemplo mucho la naturaleza y pienso, reflexiono, descubro el sentido de las cosas. Me parece escuchar, a través de las bellezas de la naturaleza, la misma voz de Dios y entonces permanezco como embelesado en ese mundo maravilloso de ideas y sentimientos. Me gustaría saber conversar como tantas personas que conozco. Pero, por más esfuerzos que hago, no lo consigo. En esto también puede haber influído mi vida de familia: éramos sólo tres, no tuve hermanos, no tuve hermanas. Y, desde el punto de vista comunitario, aquí reside una de las más serias dificultades, aunque, personalmente, creo haberla en parte vencido, cuando se trata de una comunicación a nivel profundo.

A pesar de encontrar poca comunicatividad en mi vida, desde el punto de vista afectivo, me veo fuertemente inclinado a la búsqueda de la amistad. No de la amistad fácil. Sino de la amistad profunda.

Desde luego, amé mucho a mis padres y, cuando niño, tuve mucho afecto a algunos de mis primos, compañeros de juegos y a veces de aventuras infantiles.

En relación con las niñas, fui siempre muy reservado. Guardo en la memoria el recuerdo de una de ellas quien, después de haber pasado largos ratos de juego con los muchachos de mi barrio y conmigo, había manifestado hacia mí un afecto especial. Esto me lo dijo un compañero. Pero la noticia no me impresionó. Por otra razón, la niña había comentado diciendo de mí que era «un ingrato». He sabido también más tarde que otras niñas de mi edad me observaban con curiosidad e interés, cuando pasaba yo por delante de sus casas.

Puedo decir, en este aspecto, que me mantuve extraño a todo lo que se llama enamoramiento, aun en mi adolescencia y en mi juventud. Ocasionalmente, me llamó la atención alguna chica, pero ese sentimiento de admiración y de atractivo pasó rápidamente. Repasando en la memoria algunos de mis primeros ensayos en prosa y en verso, encuentro que mis temas preferidos eran la noche

estrellada, las montañas, la tierra... Como deber de vacaciones cuando estudiaba literatura, como el profesor nos dejara libertad para escoger el tema, hice una novelita en la que describía los amores de un joven andariego con una chica del pueblo.

Siendo ya estudiante en el Seminario Mayor y más tarde sacerdote, guardé una distancia exagerada en el trato con las mujeres. Todavía hoy algunas señoras de mi provincia me recuerdan que pasaba sin mirarlas ni saludarlas. Esta actitud dio la impresión de que yo era frío, seco, rígido. Y creo que mi conducta daba pie para que así se pensara de mí. Sé que algunas mujeres hasta me tenían miedo.

Juzgo ahora que esta manera de proceder, si bien podía tener algunos aspectos positivos, era sin embargo negativa, sea simplemente para el ejercicio del ministerio sacerdotal, sea para un proceso de vida comunitaria.

Una de las explicaciones que me doy a mí mismo de esta actitud es que, en mi niñez, fui un apasionado por el juego. Me entregaba al juego, cualquiera que fuera éste, a fondo: quería ganar y todas las horas libres las dedicaba al juego. Más tarde, adolescente y joven, se me despertó la pasión por la lectura. Estudiaba a conciencia las materias que se enseñaban en la escuela y en el colegio. Como en el colegio, durante el día, no quedara tiempo para lectura alguna, dedicaba a la satisfacción de esta sed de leer largas horas de la noche: después de salir del colegio, iba a alguna de las bibliotecas públicas de la ciudad y me quedaba a leer allí hasta las diez de la noche. Volvía a la casa a continuar leyendo. Para ello, como no tenía dinero para comprar libros, los pedía prestados. Empecé a los 17 años a acostumbrarme a dormir poco: me acostaba a las doce de la noche y tenía que levantarme a las cinco y media de la mañana para poder llegar con puntualidad al colegio. Mi ambición era, por ese entonces, llegar a ser un gran literato. Por entonces descubrí mi vocación de escritor. Me gustaba escribir, aunque tampoco había dejado de lado la afición a la pintura. Al

final de mis estudios secundarios y durante los primeros años de mi permanencia en el Seminario Mayor, la afición por la literatura fue sustituída por la filosofía. No por la filosofía que se nos enseñaba, solamente. Me gustaba leer libros de filósofos tales como Olé Laprune, Ernesto Hello. Leí con mucha afición al Padre Gratry: propugnaba el estudio de la ciencia comparada.

Era tal mi afición por la lectura, que llegué a cometer permanentemente verdaderos abusos contra la salud. No sólo abusaba de la noche, para pasarme largas horas y a veces toda la noche leyendo, sino que también llevaba un libro para leerlo durante las horas de la comida, esto en los años en que estudiaba en el colegio. A pesar de las reprensiones de mi padre, no dejaba de hacerlo. Mi padre me advirtió de que así podía perder la vista. Efectivamente, a los 19 años tuve que hacer uso de lentes.

Siguiendo con mis aficiones, después de la filosofía tocó el turno a las ciencias sociales y a la Teología dogmática. No me gustaban nada la Teología moral ni el Derecho canónico. Contribuyeron a despertar en mí la afición por el estudio de las ciencias sociales los libros que cayeron en mis manos, el grupo de amigos del Seminario Mayor que tenían iguales aficiones y el mismo Rector quien se hizo un deber orientarnos en este campo a todos. La Teología dogmática me cayó en gracia, porque me ayudaba en el conocimiento de Dios, de Jesucristo, de la Virgen, de la Iglesia, del hombre. Y me desagradaba la Teología moral, porque la encontraba muy metida en una casuística angustiante y confusa. Estudiarla me parecía, cada vez, estar condenado a recoger del suelo granitos de trigo dispersos...

Esta pasión, primero por el juego y más tarde por los libros, explica que, en mi existencia, no hubiese podido tener preponderancia el impulso afectivo. Pero también, desde el punto de vista del exceso y del abuso, señalo lo negativo de esta pasión, pues me impedía relacionarme con los demás, hasta con mis mismos padres. La vida pastoral pudo de-

volverme la oportunidad de cultivar el contacto con la realidad de los hombres. De otra manera, bien habría podido ser un teórico, un estudioso, un hombre de escritorio, un especulativo.

Me falta señalar otros defectos procedentes de mi infancia. He sido muy propenso a la cólera. En aquellos lejanos días, la cólera fue violenta. De acuerdo con la formación que recibí en la familia y más tarde de acuerdo con los propios esfuerzos, la cólera se ha convertido en mí en una fuerza concentrada. Aprendí a no explotar de inmediato. Aprendí también que la cólera es destructiva. Cuando niño, causé un daño que pudo ser grave a otro niño vecino mío, introduciéndole la punta de un carrizo en la cara: por suerte no le hice daño en el ojo.

En mi primer año de sacerdote, cuando empecé a ejercer el magisterio en el Seminario Menor de Ibarra, en dos ocasiones, di violentas bofetadas a alumnos míos que me dieron respuestas altaneras.

Por último, quiero señalar un defecto que ha sido descubierto por mis más íntimos colaboradores. Se trata del excesivo respeto que suelo tener con las personas. Respeto que da la impresión de falta de interés y de olvido de los problemas de los otros. Quizá esta exageración se debe también, al menos en parte, a la dureza de mi carácter. Como me acostumbré en temprana edad a resolver mis problemas por mí mismo, a hacer uso de mi libertad, a ser exigente conmigo mismo y exigente con los demás, tengo la tendencia a dejar que cada cual aprenda a resolver su problema, o también a dejar que el tiempo se encargue de hacerlo. No me creo jefe. Jefe es el que da órdenes, el que toma medidas inmediatas frente a un problema dado. Me creo más bien un educador. Pero pienso que en ocasiones debo ayudar a los demás, pasando por encima de este excesivo respecto e interesándome por propia iniciativa en sus problemas.

GRUPO "CARDIJN"

"Por fin has venido Taitamito:"
Saludo de un campesino anónimo el día del ingreso a Riobamba.

". . . De la JOC aprendí, sobre todo, el proceso de su método: VER, JUZGAR, ACTUAR . . ."

Cursillo de Cristiandad con obras.

Las misioneras Lauritas fueron las primeras en integrarse a la pastoral campesina

". . . Debemos partir de la realidad . . ."

CEAS: — Centro de Estudios y Acción Social
Asamblea General en 1965

CEAS:— Curso práctico de forestación

ERPE:— Escuelas Radiofónicas Populares del Ecuador:
El día de su fundación

Personal de ERPE: hoy.

TEPEYAC: Líderes campesinos participan en un curso de formación

TEPEYAC: La Asociación de Conjuntos Musicales en un curso de capacitación

II

GRUPO

1. Centro Cultural

No estoy escribiendo mi vida. Estoy recogiendo lo que me parece significativo en relación con el «Credo que ha dado sentido a mi vida».

Cuanto he descrito hasta ahora, ya lo dije, viene a ser como una preparación remota, como si se tratara de la iniciación de un proceso. Inclusive los aspectos negativos tienen mucho que ver con mi fe en la comunidad cristiana.

Por estas razones, no he hecho una relación cronológica de edad ni acontecimientos.

En este segundo capítulo, escogeré sin sujeción estricta a la cronología, iniciativas y hechos que continúan un proceso, aunque no previsto por la mente humana. Me parece ver que Dios, a través de la vida, me ha ido llevando a lo largo de este proceso.

Inquietudes de organización de grupos nacieron en mí desde los últimos años de estudios secundarios. Quienes fuimos más amigos entre los compañeros de curso, intentamos organizarnos como un grupo de ensayistas literarios. Recuerdo que hicimos una hojita, multiplicada a través de un método primitivo, con nuestros primeros balbuceos en prosa y en verso. Recuerdo también que formé parte de un club deportivo que llevó el nombre de Simón Bolívar, con la finalidad de practicar el foot-ball

y las excursiones a pie. Adquirimos uniforme e insignias, pero tuvo corta duración.

Mi primera experiencia en la organización de grupos se realizó en las primeras vacaciones de estudiantes en el Seminario Mayor de Quito. Cuando regresé a mi pueblo, tomé la iniciativa de invitar a un grupo de jóvenes, con el que constituímos el Centro Cultural. Estaba formado por unas 30 personas.

Cada domingo, en horas de la noche, les dictaba alguna conferencia de carácter social y cultural. No solo concurrían los miembros del Centro. Asistían también numerosas personas adultas del pueblo.

El Centro dejaba de funcionar durante los nueve meses de mi ausencia en Quito y si alguna vez se reunían era simplemente para conversar y pasar el tiempo. Esperaban mi regreso en vacaciones.

Así funcionó este Centro durante todos los años de mi permanencia en Quito. Cuando fui ya ordenado sacerdote y designado como profesor para el Seminario Menor de Ibarra, continué con mi programa de conferencias todos los domingos. Viajaba a pie, desde Ibarra hasta San Antonio, los domingos por la tarde y regresaba, también a pie, por la noche.

Un domingo de esos, encontré a los jóvenes del Centro y a los pobladores en general muy inquietos con un problema. El pueblo estaba parcialmente rodeado por una gran hacienda. Inclusive, se conservaba la tradición de que parte de esa hacienda habían sido terrenos comunales del pueblo. Los jóvenes y los pobladores querían expropiar parte de esa hacienda. Me consultaron si se podía o no hacer esto de acuerdo con la doctrina de la Iglesia.

Les pedí plazo de ocho días para darles la respuesta. La Encíclica social con que podíamos contar en ese entonces era la Rerum Novarum de León XIII. A base de esta encíclica, elaboré una conferencia, poniendo el acento en la posibilidad de expropiación de la hacienda. Cuando fui, el domingo siguiente, a leerla, el pueblo se había congregado

en número tan grande que fue necesario reunirnos en el patio de la casa parroquial.

Los pensamientos expuestos en la conferencia no cayeron en saco roto. De inmediato, iniciaron las gestiones presentándose directamente ante el propietario de la hacienda. El propietario llevó la queja al señor Obispo. El señor Obispo, prudentemente, no me dijo nada de inmediato; pero buscó la oportunidad de hacerme ver con buenas palabras que no me convenía meterme en estos asuntos, añadiendo que una petición semejante era atentatoria contra la propiedad privada.

El problema no encontró solución de manera inmediata, por más que se movilizaron mucho los habitantes del pueblo. No había leyes adecuadas. Hablar de un asunto semejante en esa época era escandaloso. Sólo años más tarde la hacienda pudo ser parcelada.

Esta fue mi primera experiencia de organización de un grupo, como también de toma de posición frente a un problema social concreto.

2. Excelsior

Poco a poco fuimos descubriéndonos con inquietudes semejantes algunos estudiantes del Seminario Mayor de Quito, aunque éramos de diversos cursos.

Cuando íbamos de paseo reglamentario, cada domingo, procurábamos reunirnos en el sitio a donde nos había llevado el profesor de turno. Cada cual traía consigo el libro que estaba leyendo. Hacíamos resúmenes y comentarios de nuestras lecturas. Alguna vez, también nos leíamos cualquier ensayo, sea literario, sea de estudio sobre problemas sociales.

Así, nació la idea de publicar para conocimiento interno, una revista. No necesitamos pensar mucho para bautizarla con el nombre de «Excelsior». Los primeros números fueron escritos a mano. Obtu-

vimos del Rector del Seminario el permiso de leer cada número, a la hora del desayuno a todos los seminaristas. Esto provocó murmuraciones y un comienzo de división entre los seminaristas.

A pesar de todo, continuamos adelante, logramos el obsequio de un viejo mimcógrafo y la revista podía adquirirla el que quisiera, porque ya no se continuó dándole lectura a la hora del desayuno. Logramos más tarde, con ocasión de uno de los grandes aniversarios de fundación del Seminario Mayor de Quito, la publicación por la imprenta de un número extraordinario de «Excelsior». Extraordinario, por haberse publicado en la imprenta. Extraordinario, por el número de sus páginas. Extraordinario, por las ilustraciones. Hasta por la calidad del papel. Estuvimos orgullosos de este número. Nos esmeramos en la elaboración de nuestros artículos y poesías. Fue el último número de «Excelsior». Algunos de nosotros recibieron ya la ordenación sacerdotal. Los superiores tomaron parte en el asunto, para evitar las rivalidades que ya se habían agudizado. Una revista continuó publicándose bajo el control de los mismos superiores. Así queda explicado por qué murió «Excelsior» y también el grupo.

3. El Cuadrilátero

Otra experiencia muy significativa de grupo se realizó al poco tiempo de haber sido ordenados sacerdotes antiguos compañeros del Seminario Menor de Ibarra. Uno de ellos realizó estudios en Roma. Los demás los realizamos en Quito.

Eramos cuatro. Por disposición del señor Obispo, nos quedamos a trabajar en la ciudad de Ibarra como profesores y capellanes: dos en el Seminario Menor «San Diego» y dos en el recién fundado colegio católico «Sánchez y Cifuentes».

El antiguo compañerismo fue la base de una amistad cada día más profunda entre los cuatro. Poco a poco sentimos la necesidad de reunirnos, no sólo para conversar amenamente, sino también para cuestionarnos nuestra labor y nuestra vida.

Convinimos en reunirnos una vez por semana, por turno en la casa de cada uno. Nos contábamos entonces nuestras experiencias de trabajo, las dificultades que encontrábamos y nos ayudábamos mucho con nuestras propias reflexiones.

Después, vimos la necesidad de realizar mensualmente un retiro espiritual. Buscábamos un día en que todos estuviéramos libres de clases. Nos reuníamos la víspera por la noche, para preparar el programa del día siguiente: quién tenía que dirigir la meditación, quién tenía que escoger lecturas adecuadas, a dónde íbamos a salir por la tarde. Terminábamos esta reunión trasladándonos a la capilla del Santísimo en la Catedral. A la mañana siguiente, muy temprano, nos congregábamos de nuevo para hacer nuestra oración en común. Ibamos a nuestras capellanías y nos volvíamos a reunir alrededor de las diez de la mañana, para escuchar los pensamientos que sugería el compañero que había sido designado la víspera y ocupábamos en la meditación un tiempo largo. Por la tarde, salíamos al campo. Por este motivo, dimos en llamar a este día mensual, «día de potrero». Sentados en la hierba, escuchábamos la lectura de algún libro y la comentábamos. Luego, nos dedicábamos a una autocrítica bastante severa al mismo tiempo que fraterna. Por último, terminábamos la jornada jugando a las cartas.

Como éramos cuatro y se nos veía siempre juntos, el pueblo nos puso el nombre de «El Cuadrilátero». Al interior del grupo, todos fuimos conscientes del enorme beneficio que nos hacíamos mutuamente, tanto en el mantenimiento de nuestra vida espiritual, como en las realizaciones de nuestro trabajo apostólico. No se había introducido todavía la palabra equipo, para designar este tipo de grupo así cohesionado. Sin pretenderlo, dábamos un excelente testimonio de amistad sacerdotal. Así lo apreciaba el señor Obispo. Así lo apreciaba también el pueblo.

Pero, no solamente nos reuníamos cada semana y cada mes para fomentar nuestra vida espiritual y nuestra amistad, sino que nos ayudábamos en

nuestros trabajos ordinarios y en las iniciativas que íbamos tomando. Eran esos los años de mucho entusiasmo, en la Diócesis de Ibarra y en el Ecuador, por organizar la Acción Católica, en sus cuatro ramas. Yo recibí el encargo de organizar la Acción Católica de hombres. Otros compañeros tenían a cargo otras ramas de la Acción Católica. Cuando digo otros compañeros, me refiero, no sólo a los del grupo, sino también a otros que no pertenecían al grupo.

Más por iniciativa personal y de grupo, aunque con la aprobación del Prelado Diocesano, dos amigos de «El Cuadrilátero» se dedicaron a promover todo un movimiento de organizaciones obreras, a lo largo y a lo ancho de las provincias de Imbabura y Carchi que integraban en ese entonces la Diócesis de Ibarra. El movimiento adquirió, durante los primeros años, un auge extraordinario. Reuniones. Concentraciones. Congresos. Un periódico...

Los otros dos ayudábamos a este movimiento en todo lo que podíamos. Pero, a nuestra vez, nos pusimos de acuerdo para impulsar la JOC, ese movimiento de Acción Católica especializada que estaba cubriendo el mundo. El principal responsable era el P. Carlos Suárez Veintimilla. Yo era su ayudante. De la JOC volveré a ocuparme en páginas posteriores.

Nuestro grupo pretendió abrirse a otros sacerdotes. Hicimos la prueba. Una de las iniciativas que tomamos fue de invitar a comer juntos a algunos párrocos, el día de la reunión mensual del clero para el estudio de algún caso de conciencia, de acuerdo con los reglamentos vigentes. Les invitábamos a comer en alguno de los modestos hoteles de la ciudad. Nuestro propósito era conquistar su amistad y tratar de sembrar en ellos inquietudes pastorales. Pero no faltaron sacerdotes que interpretaron mal nuestras intenciones. Dijeron que estábamos propagando el rotarismo, pues nos reuníamos para almorzar y conversar y en esto se veía una semejanza con la sesión-almuerzo del Rotary Club.

Como jóvenes, sentíamos con frecuencia la necesidad de que una persona con mayor experiencia nos ayudara a reflexionar y a madurar nuestras inquietudes apostólicas. Había en Ibarra un sacerdote de avanzada edad, a quien la mayoría de los sacerdotes tenía verdadero miedo. Era un hombre rectilíneo, justiciero, inteligente, organizado, preparado. Estoy hablando del Deán de la Catedral, Mons. Elías Liborio Madera. Resolvimos un día visitarle y pedirle que nos asesorara. Aceptó gustoso. Nosotros empezamos a conocerlo a fondo. De exterior sumamente austero, tenía un corazón ancho para comprender a los jóvenes. El mismo solía decir de sí que era como ciertos frutos de cáscara amarga y dura, pero de comida interior dulce y agradable. Se constituyó en nuestro mejor amigo y guía. Empezamos a reunirnos con él, en su propia casa, cada semana. Nos sostuvo en las horas difíciles.

En las reuniones con él, empezamos a pensar en la publicación de una revista. Maduramos el proyecto. Pedimos la autorización del señor Obispo. Y nos lanzamos a sacar a luz el primer número el 13 de mayo de 1942. Debía aparecer cada dos meses. Salieron algunos números. No pudimos sostenerla desde el punto de vista económico. Con todo, este trabajo de escritores nos ayudó muchísimo para cohesionarnos más.

Por mi parte, como capellán de la escuela de los Hermanos de la Doctrina Cristiana, pensé en la utilidad de un periódico infantil. Lo llamé «Granitos de trigo». La colaboración de mis amigos consistía en la difusión en sus respectivas capellanías. También algunos párrocos colaboraron en este mismo sentido. El periodiquito alcanzó un tiraje de 3.000 ejemplares. Los niños lo leían con mucho entusiasmo y ellos mismos escribían cartas y respuestas a cuestionarios que les hacía a través de sus páginas.

Otro hecho que nos ayudó muchísimo a vivir la amistad sacerdotal fue nuestra participación en las visitas pastorales. Mons. César Antonio Mosquera realizaba las visitas pastorales con todas las

características de una misión evangelizadora. Las organizaba en el tiempo de verano, época de nuestras vacaciones. Se hacía acompañar de diez o doce sacerdotes. Entre ellos, casi siempre estábamos los del grupo. El trabajo era duro. En la atención a las confesiones, nos quedábamos ordinariamente hasta la una o dos de la mañana. El señor Obispo no dejaba literalmente casa alguna sin ser visitada.

Si bien es cierto que el trabajo era duro durante la visita pastoral, ésta sin embargo nos era también ocasión de fortalecer la amistad, no sólo entre el pequeño grupo de los cuatro, sino también con el mismo señor Obispo y con los demás sacerdotes, tanto compañeros de visita, como párrocos. Cuando nos reuníamos todos, nos contábamos los trabajos y aventuras, los problemas, la situación en que veíamos a la gente... Menudeaban los chistes y las tomaduras de pelo. Se vivía un gran ambiente de alegría. Cansados físicamente, retornábamos tonificados por el trabajo y por los resultados obtenidos.

4. La JOC

Uno de los compañeros y amigos del grupo del Seminario Mayor recibió una beca para estudiar en Francia. La amistad que habíamos trabado en el Seminario fue honda y fuerte. Duró hasta el día en el que el Señor quiso llevárselo: murió a la edad de 50 años, después de una vida sacerdotal íntegra y fructífera.

Wilfrido Barrera. Este fue su nombre. Cuando estudiaba en Francia, me envió muchos libros, entre ellos, una pequeña colección sobre la JOC. Aprendí a conocer esta organización a través de su lectura. Nació en mi interior el anhelo de iniciarla en Ibarra.

Poco tiempo después, Carlos Suárez Veintimilla, el compañero amigo del Seminario Menor, regresó de Roma, después de haber realizado allí sus estudios de Filosofía y Teología y después de haber sido ordenado sacerdote. También él regresó a la patria chica con un gran entusiasmo por la JOC.

Además de la amistad, éstos fueron los antecedentes que nos unieron a los dos para trabajar en la iniciación de este movimiento de juventudes obreras cristianas.

Visitas a los lugares de trabajo de los jóvenes. Ibarra no era una ciudad industrial. No lo es hasta ahora. Buscábamos a los jóvenes oficiales de talleres tales como: sastrería, carpintería, mecánica... Encontramos también jóvenes trabajadores en los talleres del ferrocarril. Nos quedábamos hablando con ellos largamente. Después, les invitábamos a reuniones en día y hora prefijados. Así, prendió el movimiento.

Cuando fuí ordenado sacerdote, en el año 1936, mi padre había muerto hacía algo más de un año. Ya sacerdote, se me destinó a Ibarra. Me acompañó mi madre. En un principio, arrendamos para vivir un pequeño departamento en casa de una señora, ella también viuda como mi madre. Cuando regresó Carlos Suárez Veintimilla, me invitó a ocupar un departamento de su casa. Esta circunstancia facilitó muchísimo la labor conjunta en la promoción de la JOC. Siempre estuvimos juntos en las reuniones. Compartíamos las inquietudes y los problemas de formación de los muchachos.

Ya dije que mi papel era simplemente de ayudante. El asesor era Carlos Suárez Veintimilla. Sin embargo, con frecuencia me encargó charlas y días de retiro, para la formación cristiana y apostólica de los muchachos. De esos días de retiro llamados «recolección jocista», conservo estas notas:

Primeras armas.—Hacer las primeras armas. Esta es una expresión que significa que un joven soldado ha tenido los primeros combates.

Un militante jocista es también un soldado, y un soldado de línea, un soldado que pelea, un soldado que conquista, un soldado que está resuelto al sacrificio.

Por eso ahora vamos a hablar de cómo ha de hacer las primeras armas un militante jocista, cómo ha de pelear, cómo ha de conquistar.

Distingamos tres clases de soldados: los soldados cobardes, los soldados temerarios e imprudentes, los soldados valientes.

Los soldados cobardes son: amantes de su propia comodidad, ciegos en el peligro, traidores.

Los soldados temerarios son: cobardes, pero orgullosos; también ciegos en el peligro; atolondrados e imprudentes.

El soldado valiente es: amante de su Patria, sereno, constante y táctico.

El militante jocista ha de ser como el soldado valiente: amante de Cristo y de la clase obrera, sereno en las dificultades y en las luchas, perseverante y táctico.

De la siguiente recolección jocista transcribo también estas notas:

Obreros de Dios.—Ustedes, no sólo son soldados de Cristo, como les dije en el retiro del mes pasado, sino también obreros de Dios. Y digo obreros de Dios y no de Cristo, porque Cristo es también obrero de su Padre y ustedes tienen que serlo con El.

Encuentro que se puede ser: obrero de sí mismo, o del mundo, o del demonio: son los que buscan su propia comodidad, o buscan hacer adeptos para el mundo o para el demonio; obrero de Dios, pero independiente, sin acordarse de El sino de cuando en cuando, como quien trabaja a destajo; obrero de Dios a cada momento, como un hijo: trabaja siempre delante de sus ojos y no se preocupa del mañana.

El movimiento jocista fue para mi otra valiosa experiencia de grupo. Allí aprendí a respetar el pensamiento ajeno. Aprendí, sobre todo, el proceso de su método: Ver, Juzgar, Actuar. Este método se hizo carne en mí. Ver la realidad. Verla en profundidad. Averiguar sus causas. Luego juzgarla, es decir, establecer una comparación entre lo que es y lo que debe ser, entre esa realidad y el Plan de Dios. Por último, actuar, esto es, tomar resoluciones para cambiar esa realidad de acuerdo a los planes divinos. Cuando en los últimos años se me ha calificado calumniosamente de comunista y de marxista, pienso en esas lejanas enseñanzas del método jocista y pienso también que mis detractores no tienen razón de acusarme de esa manera, pues ignoran que desde muchos años atrás me hice un hábito conocer la realidad y analizarla, para llegar, a través de la reflexión, a verdaderos compromisos de cambio. Más tarde, el Papa Juan XXIII canonizó en cierta manera este método.

5. La Cardijn

La amistad es fecunda. El Cuadrilátero produjo por un lado un gran movimiento obrero de adultos y, por otro, el movimiento jocista. De aquí, iban a salir otras organizaciones. Quiero hablar ahora de La Cardijn.

Carlos Suárez Veintimilla y yo, después de haber constatado la necesidad de una librería de orientación católica, concebimos la idea de fundar una que, además de llenar esta necesidad, promoviera entre los habitantes de la ciudad y de la provincia el gusto por la lectura.

No contábamos con medios económicos. Obtuvimos un préstamo de cinco mil sucres, a plazo indefinido y sin intereses. Con este dinero hicimos el primer pedido a la Editorial «Difusión» de Buenos Aires, Argentina. Nos llegaron los libros. No teníamos un local en donde exhibirlos para venderlos. Los mantuvimos arrumados en una de las piezas de la casa de mi compañero y amigo. Cada mes, cuando llegaba el día de la reunión del clero, llevábamos a la sala de reuniones una cantidad variada de esos libros. Si bien es cierto que los libros merecieron el interés de los sacerdotes, pronto vimos que era necesario contar con un local adecuado y con una persona que se encargara permanentemente de venderlos.

Escogimos a un muchacho de la JOC, oficial de sastrería quien se prestó con la mejor voluntad del mundo. Empezamos así una larga y, a veces, angustiosa aventura. Desde un principio, convinimos en que no haríamos negocio y en que, si se producía alguna ganancia, luego de sufragados

todos los gastos, se atendería al crecimiento de esta obra.

Conseguimos un local muy adecuado por su ubicación en la calle principal de la ciudad. Era pobre la presentación de la flamante librería. Quedaban largos espacios en los estantes sin libros. Se me ofreció entonces una oportunidad que era otra aventura: un amigo había cerrado su papelería y nos la ofreció en venta a crédito. Desde entonces, los espacios se llenaron y las ventas crecieron.

Como demostración del afecto que guardábamos al fundador de la JOC, el entonces canónigo José Cardijn, le pusimos el nombre de Librería Cardijn. Hicimos pintar un rótulo que fue colocado encima de la puerta de entrada. Fue Rubén Veloz el muchacho jocista que se puso al frente.

Sería largo narrar todas las aventuras que corrimos en la conducción de esta empresa de tintes económicos y con verdadera intención apostólica. Toda esta historia, aunque interesante, no viene al caso.

Poco a poco, vimos la necesidad de contar con otros muchachos. Otro artesano, miembro de la JOC, fue uno de ellos. El tercero fue un chico que terminó la primaria.

Me entregué de lleno a la tarea de formarlos, en todo sentido, inclusive en lo referente a la complementación de sus estudios.

No fui muy aficionado a matemáticas ni a cuentas, cuando fui estudiante. Pero, por esta necesidad de formación de estos muchachos y también por la necesidad de que se llevara una contabilidad adecuada, me dediqué a repasar el texto que habíamos seguido en el Seminario Menor. Así, las cosas marcharon correctamente. Más tarde, el primero de ellos siguió un curso de contabilidad hasta obtener el diploma.

Pretendíamos sobre todo una vida de unión, fraternal, casi de familia. Trabajábamos juntos, cuando había necesidad, hasta largas horas de la noche. Cada vez, procurábamos presentar los libros de manera novedosa y atractiva. Organizamos

concursos premiados. Se logró despertar de esta manera una gran afición por la lectura aun en los medios populares.

Entre los medios de formación introdujimos el ascensionismo. Subir a las montañas era para nosotros un ejercicio físico que nos obligaba a templar nuestra voluntad, a dominar la fatiga, a cultivar la constancia en el esfuerzo, a utilizar el método adecuado para la marcha, a conocernos más profundamente, a interesarnos los unos por los otros, a correr riesgos solidariamente, a descubrir a Dios en las bellezas de la naturaleza, a orar, a reflexionar, en una palabra, a unirnos estrechamente.

De mis notas sobre la preparación de una de esas excursiones a la montaña, recojo las siguientes expresiones:

Una grande e inexplicable alegría me embarga. Me siento luminoso, entusiasta. Veo, amo y agradezco. Quiero comunicarme. Es la armonía la que reina en estos momentos en mi espíritu.

Y es el impulso al canto el que brota en lo íntimo de mi ser. Gozo, en grande paz, de toda la belleza de la vida que me rodea, de la belleza de la vida entregada a Dios. Nado en poesía y en los dones de Dios. Ahora entiendo al salmista: «los montes saltarán de júbilo».

En este estado de ánimo preparo nuestra excursión. Dos cosas se me ocurren que debemos hacer allá arriba: 1.;) empaparnos de varios textos bíblicos y evangélicos que hablan de los montes, para descubrir el sentido de elevación espiritual que hay en ellos; 2.ª) situar bien a La Cardijn y planear su marcha: tratamos de apoderarnos de la ciudad para Cristo. ¿Un periódico para pronto que sirva a la Cardijn, a la JOC, a la A. C. en general? ¿Cuándo entraremos en la etapa de liberación de La Cardijn?

Realicé todos los esfuerzos que pude imaginar para lograr la formación de valores humanos en los muchachos: veracidad, constancia en los propósitos, espíritu de servicio, amabilidad en el trato, creatividad en toda circunstancia, esfuerzo de su-

peración... Para su formación en la vida cristiana, puse también en juego muchas iniciativas, entre ellas, la realización de la oración en común, por lo menos en determinados días de la semana.

No todo salía como había planeado, como había soñado. Muchas veces, me descubría a mí mismo demasiado exigente, nada metódico en la labor formativa, disgustado conmigo mismo y con los otros. Vi que era necesario hacer uso de paciencia, de una paciencia larga, para lograr el dominio de mí mismo y para ir caminando al ritmo que podían estos jóvenes. Pero nos fuimos unificando. También esta experiencia fue fecunda.

6. «La Verdad»

Juntos, en nuestras frecuentes reuniones, empezamos a soñar en un periódico que fuera instrumento de esa gran ambición de apoderarnos de la ciudad para Cristo.

Conforme avanzaba en edad y experiencia, iba viendo con claridad que debíamos compaginar en nuestra vida el sueño con la realidad, lo grande con lo pequeño, lo ideal con lo práctico. En mis mismas lecciones de profesor de Literatura en el Seminario Menor, decía a mis alumnos que teníamos que aspirar a ser a la vez quijotes y sanchos.

Muestras de este espíritu soñador y quijotesco y de este otro espíritu realista y concreto se encuentran en estas notas:

En una página titulada «hacer un camino», encuentro las siguientes reflexiones hechas en el silencio de un retiro espiritual: Estuve paseándome esta tarde después del almuerzo. Con mis pasos, se fue formando poco a poco un sendero blanco. Y me han venido, con esta ocasión, estos pensamientos:

Un camino se hace volviendo mil veces sobre sus propios pasos. No hacen camino los vagabundos, porque sus huellas se borran con el tiempo. No hacen camino los perezosos, porque no se mueven.

Para hacer un camino se necesitan: un punto de partida y otro de llegada. Se necesita andarlo y desandarlo muchas veces. El camino que no es transitado muy pronto se borra.

En las llanuras sembradas de grano, no es tarea difícil hacer un camino. Más difícil es abrirlo en la roca. Pero en ella queda trazado de manera indeleble.

Un camino puede hacerlo uno solo. Pero es más fácil hacerlo entre varios.

Lo que acabo de decir es un símbolo. A través de la vida, hay hombres que abren caminos, Yo quiero ser uno de ellos.

No son capaces de abrir estos caminos los espíritus noveleros, porque son semejantes a los vagabundos; ni los espíritus sedentarios, porque se asemejan a los ociosos.

Para abrir un camino se requiere un punto de partida: el hombre, aquí en la tierra; y un punto de llegada: Dios, en el cielo.

Para abrir un camino se requiere volver muchas veces sobre los propios pasos, es decir, hay que ir hasta Dios por la oración y volver sobre sí mismo por el examen, para constatar la distancia que hay entre nuestra miseria y nuestra divinización.

Lo que hace que estos caminos se graben indeleblemente son las dificultades vencidas: una grave dificultad vencida es como una roca destrozada.

Mientras mayor sea el número de los que trabajamos este camino, más fácilmente lo haremos. Y después, otros y otros y otros transitarán por este camino...

Si he dicho que queríamos apoderarnos de la ciudad para Cristo, era porque soñábamos con una ciudad cristiana en todo el sentido de la palabra. Los libros que difundíamos tenían ese sentido. El periódico con que soñábamos tenía el mismo sentido, el mismo anhelo. Preveíamos que la ciudad de Ibarra crecería rápidamente, una vez terminados los trabajos de construcción de la vía ferroviaria a la costa. Preveíamos también los peligros que sobrevendrían en esas circunstancias. Y queríamos adelantarnos.

Muestra del esfuerzo por ser concretos es la siguiente página de la misma libreta. Con el título

«El periódico», desmenuzo todas las previsiones que podían ser imaginables.

Dinero: dedicaremos a sostenerlo unos S/. 2.000,0 de los fondos propios de la librería «Cardijn».

Imprenta: la del señor Jaramillo que, si Dios lo quiere, pasará muy pronto a ser nuestra.

Formatum: de ser posible como el de «El Bien Social». Para que sea posible, trataremos de comprar una prensa más grande. Ocho páginas, si el formatum es grande. Doce páginas, si es pequeño.

Nombre: Hay que pensarlo bien. Podría ser uno de éstos: «La Palabra», «La Religión». Un nombre que sea sencillo y expresivo.

Fin: El Reino de Cristo. De un modo especial, la reforma del ambiente pagano, indiferente, materialista, apático que nos rodea. Se predicará a Cristo. Se predicará la Religión. Se predicará la Verdad. Se predicará la Moral. Se atacará al vicio y el error. Un periódico católico sin esclavitudes partidistas, sin esclavitudes interesadas y mezquinas. En todo, sumisión incondicional a la Iglesia.

Material: Religión, Moral, Acción Católica, Historia, Noticias...

Redactores: Los sacerdotes amigos. Seglares escogidos: Dr. Luis Madera, Sr. Jaramillo. Les pediré un artículo mensual. Tema libre. Turno en la publicación de esos artículos.

Dirección y administración: en mis manos.

Censura: ojalá el señor Obispo me deje la responsabilidad en este punto, comprometiéndome a ser severo y a consultar en las dudas.

Número: para comenzar, sólo 300 ejemplares.

Administración: todo el material debe estar listo en la imprenta el domingo por la tarde. El periódico debe estar impreso cuando más tarde el viernes a las 10 de la mañana: así se podrá despacharlo por correo viernes y sábado. Así se podrá venderlo en Ibarra sábado y domingo. Por lo mismo, los artículos deben estar sobre la mesa de redacción cuando más tarde el viernes por la noche, para tener tiempo de revisarlos hasta el domingo. Uno de la «Cardijn» pasará por la casa de la persona a quien toque el turno de entregar su artículo

el día lunes, para anticiparle, y el día viernes, para recogerlo. Prevenir a los redactores que avisen el lunes si prevén que no podrán escribir para en tal caso arreglar de otro modo las cosas. Toda la tarde del viernes será dedicada por uno de la «Cardijn» por turno al despacho de las suscripciones por correo.

Propaganda y venta: antes de la fecha de salida, habrá que hacer propaganda por medio de hojas volantes y la radio. Para la venta, procuraremos ir formando poco a poco una pequeña tropa infantil de voceadores que se llenen de espíritu apostólico más que de ambición del dinero. Poner los ojos para esto en algunos niños de la escuela de los Hermanos. Estos niños podrán ser más tarde agentes del mismo periódico y de libros en otras ciudades y en los pueblos. Mientras esto suceda, hay que contentarnos con los voceadores conocidos. Llevar una libreta de suscriptores. Llevar otra libreta de voceadores: hacer la entrega viernes por la noche o sábado por la mañana y tomarles cuentas el lunes. Para estímulo, a más de pagarles lo justo, premiar mensualmente al que más haya vendido. Si alguno comete faltas de honradez será rechazado.

Avisos: Se admitirán avisos comerciales. Pero también serán censurados. Cada jueves, un agente de la «Cardijn» recorrerá la ciudad buscando avisos y cobrando los que ya hubieren salido: llevará una libreta.

La libreta del periodista: así llamaremos a la libreta que llevaremos Rubén y yo. En ella anotaremos cuanto hallemos ser de algún provecho para el periódico: noticias, notas sociales, costumbres, lecturas, etc. La llevaremos siempre con nosotros y anotaremos en el primer momento que algo ocurra. Estudiaremos estas notas antes de ponernos al trabajo de redacción.

Propaganda de la «Cardijn»: Nos valdremos del periódico para hacer propaganda de libros. Un anuncio permanente. También de vez en cuando algún artículo. Promoveremos concursos como éste: un premio al mejor resumen o al mejor elogio de un libro dado.

Preparación: La mejor será unos días de oración con esta intención especial. Después pediré el consentimiento al señor Obispo. Luego hablaré a las personas cuya colaboración necesito. Buscaré las normas que ha dado el Papa a los periodistas católicos.

Nuestro deseo de tener un periódico era tan grande y ardiente que, en nuestras reuniones dominicales, resolvimos sacar a máquina un periódico semanal que nos sirviera de ensayo. Pero nos servía también como estimulante para mantener nuestra petición a Dios y obtener la oportunidad y la facilidad de lograr nuestro anhelo. Le pusimos el nombre de «La Verdad». Conservo todavía una colección y me emociono al ver la pasión con que todos los miembros del pequeño grupo nos sacrificábamos por lograr este objetivo.

No llegamos a comprar la imprenta de nuestro amigo, el señor Víctor Alejandro Jaramillo. El no quería desprenderse de ella. Pero fue él mismo quien nos dio aviso de que, en Quito, estaba en venta una imprenta usada. Viajamos de inmediato a comprarla, pero sin contar con un centavo en el bolsillo. Ibamos a correr otra aventura. Efectivamente, nos pusimos de acuerdo en cuanto al precio. La forma de pago era de contado. En este punto, visitamos a dos amigos. Entre los dos, nos prestaron la suma requerida. Y trasladamos la imprenta inmediatamente, viajando toda la noche desde Quito a Ibarra. Ya en esta ciudad, como no teníamos lugar en donde descargarla, ocupamos transitoriamente un garaje que nos prestó un amigo. Pasados pocos días, logramos arrendar una amplia pieza para el funcionamiento de la imprenta. Con la imprenta, contratamos que viajaran con nosotros a trabajar dos tipógrafos de la empresa que nos la había vendido.

Fue necesario buscar otros jóvenes que ingresaran en la «Cardijn», pero ya para trabajar en este nuevo empeño de sacar a la luz un periódico. Ingresaron efectivamente algunos como aprendices de tipografía. También ingresaron los dos muchachos que nos acompañaron desde Quito. Estos fueron los maestros de tipografía de los otros.

Al cabo de pocos meses, nos creímos en posibilidades de sacar a luz el periódico como semanario. Di entonces los pasos que había previsto. Obtuve el permiso del señor Obispo. Hablé con los sacerdotes amigos tanto del grupo «Cuadrilátero» como otros. Aceptaron la invitación con mucho entusiasmo. Nos distribuímos el trabajo. Discutimos acerca del nombre que debía llevar el periódico. Se sugirieron muchísimos nombres. Al final, se optó porque se llamara «La Verdad».

Vio la luz pública el semanario «La Verdad» el 14 de mayo de 1944, cuando se inauguraba también en mi pueblo el Colegio artístico «Daniel Reyes». Creo que vale la pena transcribir el artículo editorial del primer número:

«A cualquiera que vea nuestro semanario puede parecerle pretencioso el título que lleva. Y es que puede creer que nos presentamos al público con aires de maestros infalibles.

No es esa, sin embargo, nuestra actitud.

Partimos desde un punto más hondo, más sincero, más humilde: partimos desde nuestra condición de indigentes: vamos *en busca de la verdad*, como el sediento en busca del agua, como el ave en busca del espacio, como la flor en busca de la luz.

¿Qué es la verdad? —preguntó Pilatos a Cristo. Y no tuvo paciencia para esperar la respuesta.

¿Qué es la Verdad? —se han preguntado en todo tiempo los espíritus. Y es conmovedora el ansia que han puesto en su pregunta. Pero, cuántas veces no han tenido tampoco paciencia para esperar la respuesta.

Sobre todo, no han sabido guardar la paz, la soledad y el silencio, absolutamente indispensables, para poder escuchar en el interior la respuesta. Como Pilatos, han salido precipitadamente a la terraza del Pretorio, a escuchar el vocerío del populacho y a dar oídos a las intrigas de los fariseos.

Y es triste ver entonces al hombre claudicar cobardemente ante el griterío y ante la amenaza.

Es triste ver al hombre condenar a la Verdad, o dejar que se la condene, cuando se tiene autoridad y obligación de sacarla triunfante.

Es triste ver al hombre, abandonado a la maldad ajena y a la turbación propia, tratar de persuadirse de que obra rectamente y llamar verdad a la mentira.

Y es más triste todavía ver al hombre sumido en las tinieblas, sin remordimientos, sin ansias, sin ahogos, resignado a su propia miseria. «El hombre está muerto desde que cesa de esperar, de desear y de buscar» —ha dicho un filósofo.

Nosotros no queremos esclavizarnos al criterío de las muchedumbres, ni a la amenaza de los Césares. Nosotros no queremos morir por falta de deseos, de esperanzas, de inquietudes. Nosotros no queremos conformarnos con nuestra propia indigencia. Partimos de ella, eso sí, para ser verdaderos desde el principio. Pero partimos llevados de un gran anhelo de tener paciencia para escuchar la respuesta; con la esperanza firme de que podremos escucharla; con el deseo ardiente de comunicar a los demás cuánto nos diga en el silencio Aquel que «es el Camino, la Verdad y la Vida».

Buscaremos la Verdad en todos los campos que estén a nuestro alcance. La buscaremos, sobre todo, allí en donde más necesitemos de Ella: en el campo de la Sociología, para ver nuestros múltiples problemas sociales y tratar de hallarles una solución *verdadera;* en el campo de la Historia, para reafirmar nuestra personalidad en las tradiciones gloriosas; en el campo de la Literatura y el Arte, para levantar nuestro espíritu a la contemplación de la Belleza; en el campo de la Moral, para regenerarnos con la práctica del Bien y de la Virtud; en el campo de la Religión, para encontrar a Aquel que es el Principio y el Fin de todas las cosas.

«La Verdad os hará libres». Vamos en busca de la Verdad para ser libres.

El entusiasmo de mis colaboradores en la tarea de escribir artículos no duró mucho tiempo. Es realmente difícil mantener un compromiso tan serio sobreañadido a otros compromisos no menos serios.

Tuve que redoblar esfuerzos y disminuir horas de sueño para llevar adelante el anhelado proyecto. También yo tenía ya mucho trabajo.

A estas alturas, escribí lo siguiente en mi libreta de anotaciones:

La «Cardijn» es ahora una librería, una imprenta y un periódico, con unos jóvenes libreros, con unos jóvenes tipógrafos, y ojalá pronto también con unos jóvenes periodistas.

Señor: Tú sabes lo que es y lo que quiere llegar a ser la «Cardijn», con todos sus servicios. Es una obra de apostolado. Cuánto le hace falta para que sea también una obra de apostolado considerada espiritualmente, por la cantidad de ideal, por la cantidad de amor, por la cantidad de gracia tuya, por la cantidad de esfuerzo de los miembros vivos, de la «Cardijn».

Para una mayor eficiencia de esta obra, tengo que pensar en una organización mejor de las actividades exteriores y en una progresiva transformación de los espíritus, a fin de llegar a la creación del espíritu distintivo de la «Cardijn».

Debo tener en cuenta que la buena organización exterior, a más de conseguir mayor fruto en el trabajo, debe influir también poderosamente en la transformación de los espíritus. Debo tener en cuenta que la transformación de los espíritus no se consigue en dos por tres. Se la consigue más a fuerza de oración que de palabra, más a fuerza de sacrificio que de reprensiones. Luego: PACIENCIA, MUCHA PACIENCIA.

Debo tener en cuenta que no todos pueden lo mismo y que de unos hay que contentarse con poco y de otros hay que exigir mucho. Debo tomar en cuenta que las transformaciones se consiguen en la medida en que se ama. Luego: amarles mucho y amarles como son, con todos sus defectos. En la medida en que los ame, disimularé sus defectos, trataré de corregirlos con paciencia y estaré siempre preocupado por su progreso.

Para la organización exterior, anoto los siguientes puntos:

1) puntualidad en las horas de trabajo;

2) comenzar el trabajo de cada día con una oración;

3) procurar pasar juntos los domingos;

4) cada trimestre, un día de retiro;

5) ordenar bien el trabajo del periódico, de modo que podamos dormir lo suficiente, así: miércoles, dos páginas, jueves dos y viernes dos;

6) establecer un aprendizaje por grados.

Para la organización interna: aquí quiero señalar de manera concreta el objetivo inmediato que quiero conseguir de cada uno:

1) R. Más armónico, esto es, que junte a una cultura y amabilidad exquisita la circunspección y el respeto; la seriedad serena a la alegría; la reflexión a la vivacidad natural; la suavidad a la energía; la prudencia al entusiasmo.

2) A. Que se mantenga en su espíritu de buena voluntad y de servicio y que al mismo tiempo vaya matando su egoísmo.

3) O. Preservarle de la crisis de su edad, despertándole al ideal, dándole trabajo absorbente, ayudándole para que salga bien y se entusiasme, evitando todo medio que parezca coactivo.

4) M. Que sea más responsable como maestro de tipógrafos. Corregirle sus faltas, cada vez de la manera que mejor convenga.

5) V. Despertarle, casi empujarle, a una vida superior, mediante la amistad y procurando que R. le ayude a descubrir una vida cristiana.

6) E. Que adquiera más disciplina por sí mismo y sea más franco.

7) Mc. Que termine la primaria, ayudándole nosotros y que él venga a ayudarnos en los momentos libres.

El seminario se convirtió después en bisemanario. Tuvo que suspenderse su publicación por más de un año, a causa del déficit económico que dejaba. Volvió a salir para transformarse luego en diario.

Mi ambición era realizar con los muchachos una auténtica vida comunitaria al servicio de la ciudad y de la provincia. Cuando murió mi madre, el 15 de mayo de 1945, diez años más tarde que mi

padre, los muchachos de la «Cardijn» fueron para mí los mismo que una familia.

7. El equipo «Juan XXIII»

El 18 de marzo de 1954, se publicó la noticia oficial de mi nombramiento para Obispo de Riobamba. El 26 de mayo de ese mismo año, recibí la ordenación episcopal en la catedral de Ibarra. Y el 29 del mismo mes vine a Riobamba.

Me costó mucho salir de Ibarra. Me costó muchísimo dejar esta organización que, como ya dije, se convirtió en mi familia. Los muchachos también sufrieron mucho. Uno de ellos, Rubén Veloz, pasados algunos meses, dejó también la organización y vino a Riobamba para servirme de compañero.

Durante los primeros años, me dediqué a conocer la Diócesis un poco a fondo, realizando para ello visitas pastorales largas, un poco al estilo de lo que había visto hacer al Obispo de Ibarra.

Siempre inquieto y descontento de las realidades que iba descubriendo, empecé a buscar caminos de respuesta a los grandes problemas de la gente, particularmente de los campesinos. Cuando estudiante en el Seminario Mayor de Quito, mi sueño era llegar a ser párroco rural y dedicarme especialmente a los indígenas. No lo logré durante mis dieciocho años de ministerio sacerdotal en Ibarra. Vi que ahora se me presentaba la oportunidad, no precisamente de ser párroco rural, pero sí de dedicar mis afanes pastorales a los indígenas. Me impresionó el contraste entre la situación del indígena de la provincia de Imbabura con la del indígena del Chimborazo. Por esta razón, hice lo posible por conseguir la fundación de una casa de Misioneras Lauritas en Riobamba. Y lo conseguí en el año 1958. En el año 1956, pioneros de la Misión Andina, organización dependiente de la O. I. T., se pusieron en contacto conmigo, como con las autoridades de la Provincia, para estudiar las posibilidades de extensión desde Perú y Bolivia

a Ecuador, comenzando por la provincia del Chimborazo.

Cuento todo esto, porque las Misioneras Lauritas se comprometieron a trabajar en colaboración con la Misión Andina y porque para el mismo trabajo vino a la Diócesis de Riobamba un valioso sacerdote de Ibarra, Jorge Mencías.

Fue Jorge Mencías quien, a más de realizar su trabajo, tomó la iniciativa de ponerse en contacto con algunos sacerdotes y de iniciar con ellos la conformación de un equipo sacerdotal que luego tomó el nombre de «Juan XXIII».

Después de una experiencia de reuniones en las parroquias, el mismo iniciador vio la conveniencia de que las reuniones se realizarn en la casa episcopal. Participé continuamente en sus reuniones. Leíamos, al comienzo, el capítulo de algún libro que nos hiciera reflexionar sobre nuestra vida espiritual. Luego, estudiábamos algunos asuntos de carácter pastoral y tomábamos algunas resoluciones.

Para mí fue una experiencia alentadora. Encontré eco a mis inquietudes y a mi tendencia a romper ciertas barreras que podían encerrarnos en el pasivismo y en la rutina.

Los ejercicios espirituales del clero se realizaban cada año, en una misma casa, un convento de religiosos. Predicador era siempre uno de los religiosos de esa misma casa. De acuerdo con los sacerdotes del equipo «Juan XXIII», resolvimos buscar fuera de la Diócesis otras casas de retiro y otros predicadores, de preferencia sacerdotes seculares, con el pensamiento de que éstos podían entender mejor los problemas del clero diocesano. De igual manera, rompimos también la costumbre de hacer los ejercicios espirituales en absoluto silencio aparente. Haciéndonos preguntas acomodadas a nuestras necesidades y deducidas de los temas de predicación, nos dividíamos en pequeños grupos, para reflexionar en común y comunicarnos luego en asamblea plenaria. Guardábamos silencio solamente durante pocas horas, para dar lugar a la reflexión personal o a la lectura.

El CELAM publicaba en ese entonces folletos y revistas con datos novedosos sobre la realidad de la Iglesia en América Latina, desde diversos puntos de vista. Quisimos aprovechar de estos datos para abrir nuestra mentalidad a los problemas grandes y comunes del continente latinoamericano. Utilizando este material, realizamos unos ejercicios espirituales con este anhelo. Examinamos cuáles eran las realidades de la Iglesia en el Ecuador y de la Diócesis de Riobamba. Comprendimos así que la más pequeña de las parroquias de la Diócesis y la Diócesis misma formaban parte de un todo, en muchos aspectos, con problemas y necesidades comunes.

Como resultado de la reflexión de estos días, el equipo «Juan XXIII» publicó, en mimeógrafo, un folleto para nosotros interesante.

Por este estilo, el equipo «Juan XXIII» tomó muchas y valiosas iniciativas. Fue creciendo en número y en influencia. Sin embargo, fue mirado con desconfianza por los sacerdotes que no podían pertenecer a él, sobre todo a causa de las distancias geográficas. Se le juzgó como un grupo de sacerdotes privilegiados. Después hablaré de los esfuerzos que realizamos por lograr una pastoral de conjunto. Hago referencia ahora a esto, porque también hicimos el sacrificio del equipo «Juan XXIII» en aras de esa pastoral de conjunto tan anhelada.

8. La pastoral de conjunto

En el año 1960, fui designado delegado sustituto ante el Consejo Episcopal Latinoamericano. Excepcionalmente y por tratarse de un tema de gran importancia, fuimos invitados también los obispos sustitutos a la Asamblea General de ese año que debía realizarse en Buenos Aires, Argentina. Al mismo tiempo, se realizaba también el primer Congreso Mariano Latinoamericano, en la misma ciudad.

El tema central de estudio de la Asamblea fue la pastoral de conjunto. Entonces tuve la primera oportunidad de conocer a los obispos que ocupaban

la Presidencia del CELAM: Darío Miranda, Manuel Larraín, Helder Cámara. Entonces tuve también la oportunidad de escuchar una ponencia que me pareció inspiradora presentada por don Manuel Larraín, Obispo de Talca, Chile.

Al retornar a la Diócesis, me propuse llevar a la práctica algo de lo mucho que había aprendido en esa reunión del CELAM. Elaboré un plan de acción pastoral que, si bien estaba inspirado en las exposiciones que escuché en Buenos Aires, tenía también mucho de original y propio.

Esforzándome por hacer una síntesis de ese primer plan para una pastoral de conjunto, comienzo explicando que me pareció ver necesario distinguir entre principios teológicos, doctrinales, llamados a iluminar la inteligencia especulativa, y principios de orden práctico, o normas de acción, llamados a iluminar la inteligencia práctico práctica para la realización de acciones.

Después de establecer esta distinción, señalamos, de acuerdo con los miembros del equipo «Juan XXIII», a quienes presenté mi trabajo, los siguientes principios prácticos o normas de acción pastoral:

1.º Debemos partir del conocimiento de la realidad. La realidad nos muestra aspectos positivos y aspectos negativos. Nunca es absolutamente buena ni absolutamente mala.

2.º Los aspectos negativos de la realidad nos descubren las necesidades. Estas pueden ser calificadas de diverso modo y de ordinario son muy numerosas. Hay necesidades graves. Hay necesidades importantes. Hay necesidades urgentes.

3.º Las necesidades así calificadas nos muestran los objetivos de la acción. Tenemos que trabajar para atender a esas necesidades reales. Correspondiendo a la calificación mencionada, también los objetivos, dentro de un plan de acción pastoral, tienen que ser calificados como objetivos claves, aquellos que, conquistados, pueden resolver una cantidad grande de necesidades; objetivos importantes, aquellos que sin encerrar dentro de sí múltiples necesidades, sin embargo atienden necesidades principales; objetivos de emergencia, aquellos que surgen como respuestas en la marcha a necesidades sorpresivas e impostergables.

4.º De lo dicho, aparece otro principio práctico y es la necesidad de jerarquizar necesidades y objetivos. Por no jerarquizarlos, los pastores nos dispersamos en una cantidad de actividades desordenadas y hacemos sólo una pastoral de emergencia. Por esto es que, cuando nos ponemos a reflexionar, encontramos que no sabemos por qué ni para qué estamos trabajando.

5.º Los aspectos positivos de la realidad nos revelan los recursos humanos y materiales, con los que podemos y debemos contar a fin de lograr los objetivos. Para esto, es necesario organizarlos. Organizar es distribuir responsabilidades y aprovechar bien de los recursos materiales. La responsabilidad no debe entenderse sólo como una actitud de conservación o mantenimiento, sino sobre todo como acción que se encamine hacia la conquista de los objetivos. Las responsabilidades son diversas. Por lo mismo, también las acciones. Acciones diversas tienen en mira la conquista de unos mismos objetivos. Aquí aparece la pastoral de conjunto. Si el conocimiento de la realidad nos revela, por ejemplo, que el pueblo se encuentra en una terrible situación de ignorancia del verdadero Dios, del verdadero Jesucristo, el objetivo tiene que ser necesariamente la evangelización. Pero, en la conquista de este objetivo, pueden trabajar realizando diversas acciones muchas personas: unos podrán ser misioneros, otros proclamadores de la Palabra en el ritmo ordinario de la vida, otros educadores en la Fe...

6.º Para que el plan de acción sea concreto, a más de prever acciones adecuadas, a más de distribuirlas entre los disversos agentes de la pastoral, es necesario colocarlo en el espacio y en el tiempo. Lo circunstancial hace lo concreto. Por lo mismo, las diversas acciones, para que se realicen de verdad, deben ser ubicadas en lugares determinados en días y horas previstos. En otras palabras, juntando lo de la organización con lo de la colocación de

acciones en el espacio y en el tiempo, debemos saber respondernos por anticipado a preguntas como éstas: ¿quiénes se comprometen?, ¿a qué se comprometen?, ¿cómo lo van a realizar?, ¿en dónde?, ¿cuándo?

7.º Por último, es necesario dedicar tiempo para evaluaciones periódicas del trabajo realizado. Las evaluaciones pueden comprender etapas cortas, pero tienen una importancia muy grande las evaluaciones que comprendan etapas más largas, de un año por ejemplo.

A partir de aquí nos proponíamos realizar diversas acciones que nos distribuíamos entre todos.

La experiencia nos fue descubriendo más tarde, en primer lugar, que cualquier plan de trabajo debía ser elaborado, no por una persona, aunque esta fuera el obispo, sino junto con las personas interesadas, mejor todavía junto con el pueblo. En segundo lugar descubrimos también pautas para una evaluación seria.

Hablé antes de cambios introducidos en la práctica de ejercicios espirituales. Con el tiempo, fuimos viendo la necesidad de cambiar también el estilo y el contenido de las llamadas conferencias del clero, en las que tradicionalmente se estudiaba un caso de conciencia a la luz de la Teología moral. Organizamos, en consecuencia, jornadas completas de pastoral. Digo «jornadas completas», porque las conferencias del clero ocupaban apenas dos horas o dos horas y media. En cambio cuando iniciamos este tipo de reuniones mensuales, ocupábamos por lo menos un día entero y a veces dos días.

Además, no sólo participaban los sacerdotes, sino también las religiosas y los seglares pertenecientes a las asambleas cristianas o a grupos como la Legión de María.

El contenido de estas reuniones era distinto. Siempre se planteaba algún problema de carácter pastoral. En los años del Concilio, estas reuniones tenían por objeto conocer y estudiar los documentos que se iban aprobando en Roma.

Algún sacerdote o alguna otra persona recibían el encargo de presentar una exposición doctrinaria sobre un tema previsto. Al final, debía proponer algunas preguntas para trabajo en grupos. Luego, se realizaba la plenaria para conocer el resultado del trabajo en grupos. Fue ésta una etapa de mentalización.

Invitamos, para la época de verano, al Canónigo francés Ferdinand Boulard, experto en pastoral de conjunto y experto en el Concilio. Las semanas de pastoral que, durante tres años seguidos, realizamos con él, fueron muy valiosas y despertaron mucho entusiasmo. Fue en una de esas semanas, cuando, por consejo del mismo Canónigo Boulard, decidimos la desaparición del equipo sacerdotal «Juan XXIII».

Tomamos esta decisión con el propósito de organizar una variedad de equipos pastorales: equipos sacerdotales territoriales, ordinariamente alrededor de una Vicaría foránea; equipos funcionales, en los que tomaban parte los educadores y los asesores de movimientos de apostolado. Se organizaron también las Religiosas, de acuerdo con el tipo de actividad a que se dedicaban: pastoral educativa, pastoral misionera, pastoral asistencial u hospitalaria. A más de tomar parte en las reuniones generales con el clero y con los seglares, las religiosas tenían también por su parte una reunión mensual, para estudiar problemas específicos de su participación en la pastoral diocesana.

El funcionamiento de equipos ofreció serias dificultades. De un lado, la dificultad proveniente de las distancias y de las ocupaciones. De otro lado, la dificultad de acoplamiento entre los miembros de un mismo equipo. Esta fue la más grave. Comprendíamos perfectamente que no basta llamar a un conjunto de sacerdotes o de personas equipo para que sea en verdad un equipo. Había necesidad de todo un proceso, hecho de conocimiento interpersonal profundo, de una estimación mutua, de un respeto grande al modo de ser y a los criterios de los otros... Los sacerdotes decían:

«No hemos sido formados en el Seminario para trabajar en equipo».

Sin embargo, hicimos ensayos de equipos, no solamente de trabajo, sino también de vida. Hicimos ensayos de equipos mixtos, en los que formaban parte sacerdotes y religiosas. En este sentido, hubo el caso de un equipo que tomó a su cargo un conjunto de parroquias. Con el anhelo de que el buen entendimiento fuera una realidad, se organizaron en equipo sacerdotes que eran ya de antemano amigos. Ellos mismos se eligieron. Pero resultó después la comprobación de que su amistad había nacido y se había mantenido cuando ellos estaban lejos uno de otro. Ciertamente que se visitaban con alguna frecuencia. Pero, cuando ensayaron vivir y trabajar juntos, comprobaron que cada cual tenía su modo propio de ser, sus preferencias, sus capacidades y limitaciones. Llegó a faltar el entendimiento. No fue posible una superación de estas dificultades. El equipo se deshizo.

Antes aun de la aprobación por el Concilio Ecuménico Vaticano II del organismo llamado «Consejo de Presbiterio», con el asentimiento del Canónico Boulard, nosotros lo ensayamos en la Diócesis de Riobamba. Cuando fue aprobado por el Concilio, el Consejo de Presbiterio adquirió existencia jurídica por medio de un decreto.

Todas estas experiencias fueron valiosas. Pero, un poco a la larga, nos hicieron ver que la vida es más fuerte que las estructuras, aún nuevas, creadas con un sentido legalista. Desaparecieron muchos de los equipos territoriales, por inoperancia. Desaparecieron los equipos funcionales, por el mismo motivo. Desapareció, por disposición consciente, también el Consejo de Presbiterio: se estaba convirtiendo en un grupo de sacerdotes en pugna permanente.

Era necesario recordar, al menos brevemente, esta historia de esfuerzos y fracasos, porque así se entenderá mejor cuanto narraré en el tercer capítulo de este libro.

9. Asambleas Cristianas

Otra experiencia interesante de organización de grupos fueron las Asambleas Cristianas.

Con la colaboración entusiasta de sacerdotes, religiosos y seculares de la ciudad, de las religiosas y aun de las novicias y de seglares competentes, las organizamos como un modo de evangelización a domicilio.

Hicimos una preparación de quienes se constituirían en presidentes de las Asambleas Cristianas. Con ellos mismos, se buscó los lugares de funcionamiento: casas de familia en las cuales se reunirían los vecinos. Era necesario que en esta casa tuvieran un radio receptor o que algún vecino se ofreciera a prestarlo.

Llegada la época del año prevista, tiempo de Cuaresma y tiempo de Adviento, desde la emisora de Escuelas Radiofónicas Populares, hacía yo la lectura y un breve comentario de un texto del Evangelio. Terminaba proponiendo algunas preguntas. Las personas congregadas en las casas reflexionaban alrededor de las preguntas y asimilaban así el Mensaje del Evangelio. El presidente o la presidenta coordinaba y moderaba las intervenciones. Un secretario o secretaria tomaba nota de las diversas intervenciones y de las conclusiones a que llegaban. La persona encargada de tomar estas notas debía enviárselas al día siguiente.

Las Asambleas Cristianas funcionaron una vez por semana durante algún tiempo. Durante la semana anterior a la fiesta de Navidad y durante la semana anterior a la Semana Santa, las Asambleas Cristianas funcionaban todas las noches. Llegaron, así, a reunirse alrededor de 250 grupos.

El pueblo demostró tener hambre de Evangelio.

Tal fue el entusiasmo que despertó en el pueblo este modo de evangelización, que no acababan de terminar su reunión sino en altas horas de la noche. Las religiosas, contra toda costumbre, regresaban a sus casas cerca de media noche. Como demostración de ese mismo entusiasmo, el pueblo pidió insistentemente la continuidad durante todo el año.

Uno de los resultados de las Asambleas Cristianas fue, como lo comentaba la misma gente, el conocimiento y aprecio mutuo entre vecinos. «Antes, aunque vecinos, no nos conocíamos, apenas nos saludábamos. Ahora, nos conocemos mejor, somos amigos y estamos dispuestos a ayudarnos unos a otros». Efectivamente, se dieron casos de ayuda a los más necesitados. Si alguna persona del barrio había caído enferma y estaba hospitalizada, entre los miembros de la Asamblea Cristiana se hacía una colecta y una comisión iba a visitar al enfermo y a depositar en sus manos la pequeña ayuda.

10. Congreso Eucarístico

Las diócesis de Loja, Ibarra y Riobamba fueron erigidas en el mismo año 1865.

Por resolución de la Conferencia Episcopal Ecuatoriana, las tres diócesis hermanas se comprometieron a celebrar el primer centenario de su existencia con un Congreso Mariano la de Loja, con un Congreso Catequístico la de Ibarra y con un Congreso Eucarístico la de Riobamba. No se trataba de congresos nacionales. Se los llamó interdiocesanos, porque debían participar en ellos delegados de las tres diócesis. Naturalmente, la sede de cada uno de esos congresos debía ser la ciudad episcopal de cada una de las diócesis.

En Riobamba, nos propusimos celebrar el Congreso Eucarístico con un nuevo estilo, caracterizado particularmente por la pobreza. Anuncio, programa e invitación se hicieron a mimeógrafo, en papel periódico. Carteles llamativos, ninguno. Grandes concentraciones populares, exceptuadas la del último día, no debían tampoco realizarse, para evitar el espíritu triunfalista que conlleva este tipo de concentraciones. Suprimimos también el campo eucarístico y su templete correspondiente.

Como preparación al Congreso, realizamos una serie de Asambleas Cristianas de modo que desembocaran en el acontecimiento. El Congreso mismo consistió en sesiones de estudio, con la participación de delegados de las Asambleas Cristianas y de los

delegados enviados por cada una de las diócesis hermanas. El tema central de estudio era la comunidad cristiana que tenía su cabal cumplimiento en la celebración Eucarística.

El último día del Congreso se realizó, por la tarde, casi a la noche, una procesión por las calles de la ciudad de Riobamba. Principales participantes fueron los miembros de las Asambleas Cristianas. Se cerraba la procesión con el Santísimo Sacramento. La concurrencia fue enorme.

Esta manera de celebrar un Congreso Eucarístico fue objeto de muchas críticas por parte de algunas personas de espíritu tradicionalista. En cambio, las personas que habían recibido, directa o indirectamente, la influencia de nuestras reuniones de mentalización y de las Asambleas Cristianas, vieron con muy buenos ojos este ensayo de nuevo estilo de Congreso Eucarístico.

El sentido comunitario que debe caracterizar a la Iglesia apareció con claridad meridiana. Y se lo vivió de una manera concreta durante todos los días de esa semana. Todos nos sentíamos hermanos. Era como una preparación inmediata a la nueva línea de acción pastoral que imprimió tan fuertemente el Concilio.

11. El CEAS

Aparte de este proceso de formación de grupos que fueron naciendo sucesivamente desde la aparición del equipo sacerdotal «Juan XXIII», desde la misma perspectiva de organización de grupos, pero ya con finalidades más específicas, debo referirme en primer lugar al Centro de Estudios y Acción Social (CEAS).

Nunca tuve ocasión, mientras fui sacerdote, de salir fuera del país, a no ser a las poblaciones fronterizas de Colombia. Siendo ya Obispo, por decisión de la Conferencia Episcopal Ecuatoriana y con su auspicio, en calidad de delegado, realicé mi primer viaje a Europa, para tomar parte en dos Congresos Internacionales: uno de prensa católica y otro de apostolado de los laicos. El primero se

realizó en Viena. El segundo, en Roma. Fue en el año 1957.

Recibí la designación de delegado con ilusión y alegría. Pensé que tenía la oportunidad de conocer algunos países. Pero me interesaba más que los aspectos exteriores y materiales, conocer al hombre que vive en esos países y sus organizaciones.

Con estos pensamientos, hice un recorrido por Irlanda, Inglaterra, Bélgica, Francia, Suiza, Austria, Italia, España y Portugal. Conservo gratos recuerdos de ese viaje por los encuentros que hice con personas que desde entonces se hicieron amigas.

Al pasar por Suiza, visité las oficinas de la Organización Internacional del Trabajo. Así volví a ver a algunos personeros de esta Organización que me habían visitado en Riobamba, el año anterior, con miras a la iniciación extensiva de la Misión Andina. Durante dos días completos estuve conversando con altos funcionarios de la O. I. T. Parece que les interesó mucho mi preocupación por el problema y situación de los campesinos del Chimborazo. Tomaron nota minuciosa de nuestras conversaciones. Este hecho iba a tener una proyección muy beneficiosa e inesperada para la Diócesis de Riobamba.

En efecto, pasado ya algún tiempo, el correo me trajo dos cartas que trataban del mismo asunto. Por una parte, me escribía un funcionario de la O. I. T., para decirme que un profesor de la Universidad Católica de Lovaina había pasado por Ginebra y había preguntado si conocían allí algún obispo latinoamericano que se interesara por las cooperativas. Y me comunicaba que le habían dado mi nombre. La otra carta era del doctor Rudolf Rezsohazy, el mismo profesor que había visitado la O. I. T.

Entablamos correspondencia con este profesor de la Universidad de Lovaina, a quien conocí sólo más tarde. Toda la correspondencia se centró en la inquietud cooperativista. Al final, tomó él la resolución de venir hasta Riobamba, para dirigir un curso de dos meses de duración, dictado en

horas de la noche, sobre Política de Desarrollo y Cooperativismo.

El curso se realizó en el verano de 1960. Participaron alrededor de treinta jóvenes de Riobamba, hombres y mujeres. Como conclusión del curso, se pensó en organizar una institución promotora de cooperativas. Así nació el CEAS. Dieron su nombre a la organización unos dieciocho jóvenes.

Los estatutos fueron elaborados por el mismo Profesor Rezsohazy y recibieron pronto la aprobación del Gobierno de Ecuador. Finalidades principales de esta institución fueron: la investigación socio-económica de la provincia del Chimborazo y la promoción de cooperativas.

Tomamos con empeño la formación de los miembros. Nos reuníamos, en horas de la noche, dos veces por semana, en la misma casa episcopal. La amistad fue naciendo poco a poco. Nos dedicamos a estudiar la Ley y el Reglamento de Cooperativas dictado por el Gobierno ecuatoriano.

Antes de iniciar la organización de la primera cooperativa de ahorro y crédito, jugamos a las cooperativas. A mano y a máquina, hicimos las primeras libretas de ahorro. Fuimos depositando irrisorias sumas de dinero, para aprender a llevar nuestras libretas. Designamos los miembros del Consejo de Administración, del Consejo de Vigilancia, del Comité de Educación y un Gerente, asimismo para que fuéramos aprendiendo en la práctica cómo tenían que funcionar estos organismos. Después de meses de juego, se lanzó al público la invitación a formar la primera cooperativa de ahorro y crédito.

Mientras tanto, nuestro amigo de Lovaina gestionaba una ayuda financiera para la iniciación de una cooperativa agrícola encaminada a favorecer a un grupo de indígenas. La diócesis era propietaria todavía de una enorme hacienda y yo estaba dispuesto a entregar unas 300 hectáreas, gratuitamente, a los indígenas que esperábamos se organizaran en cooperativa.

Durante once meses, misioneras Lauritas y Jorge Mencías permanecieron en la zona, sopor-

tando toda serie de incomodidades, para preparar a los indígenas a aceptar esta iniciativa. A pesar de tan larga preparación, acabaron por no aceptarla, por razones más bien laudables. No querían en efecto que sólo un número limitado de la comunidad fuera privilegiado de esa manera. Propusieron la venta a la comunidad de una extensión más grande. Desde entonces, empezamos a ver que una cooperativa lesiona gravemente la vida comunitaria y empezamos a valorar ese gran sentido de solidaridad de los campesinos indígenas.

La cooperativa, después de muchos ensayos y fracasos, pudo salir adelante en otra propiedad de la Diócesis, con la ayuda financiera obtenida en Alemania por el profesor Rezsohazy.

No es del caso referir todas las actividades cooperativistas que realizó el CEAS, con sus éxitos y fracasos. Lo que debo señalar es que, después de algunos años de formación y experiencias, el CEAS empezó una vida de mayoría de edad. No necesitaba ya de mi asesoramiento. Muchos de ellos se hicieron acreedores al uso de becas en países extranjeros. Las experiencias que iban realizando les maduró muchísimo. Siempre se mantuvieron en relación con el trabajo de la Diócesis. Y, como lo veremos más tarde, en la etapa de realización comunitaria, forman parte activa de los equipos pastorales y de la coordinación diocesana.

Esta organización está en condiciones de seguir viviendo y trabajando, aunque desaparezca yo, por la madurez que ha conquistado.

12. Escuelas Radiofónicas Populares

El Ecuador tenía y tiene aún un alto porcentaje de habitantes analfabetos. La Provincia del Chimborazo, es entre todas, la de más alto porcentaje: aún ahora cuenta con un 52 %, según los datos proporcionados por el Ministerio de Educación Pública. El porcentaje es tan alto en esta provincia, porque la gran mayoría de los indígenas no han recibido el beneficio de la escuela.

Para salir al frente de esta necesidad tan grave, siguiendo el ejemplo de Radio Sutatenza de Colombia, concebí el proyecto de Escuelas Radiofónicas Populares para la provincia del Chimborazo.

Hubo que recorrer un largo y doloroso calvario. No contaba con medios financieros. Pedí ayuda a quienes podían dármela en la misma provincia del Chimborazo. Conseguí muy poco. Empezaron más bien las críticas. Pedí limosna, en compañía de dos sacerdotes de la Diócesis, en las puertas de las iglesias de Colombia, después de haber explicado la necesidad y el proyecto. También fue insuficiente el dinero que conseguí por este camino. Hubo que acudir a organizaciones extranjeras que empezaban a prestar ayuda a proyectos de desarrollo.

Con esta ayuda, nacieron Escuelas Radiofónicas Populares: una emisora de onda corta y de un kilowatio de potencia en antena; todo el equipamiento necesario para grabaciones y emisiones; 10 radio-receptores. Empezamos con 10 escuelas. Pronto se fundaron escuelas en número creciente, no sólo en la provincia del Chimborazo, sino también en otras provincias del país.

Para ese entonces, Rubén Veloz, el muchacho jocista de Ibarra, era ya sacerdote. El, otro sacerdote y dos misioneras Lauritas realizaron una estadía de observaciones en Sutatenza. Para el funcionamiento de Escuelas Radiofónicas Populares, fue menester integrar en la organización un número crecido de personas y más todavía cuando se fueron creando servicios tales como: dispensario médico, hospedería, taller de reparaciones, periódico, una cooperativa dirigida de ahorro y crédito agrícola.

Cada día se dictaban cursos de alfabetización y aritmética en quichua y en español, por la mañana de 5,30 a 7,00 y por la noche de 6,30 a 8,30, de lunes a viernes. También se transmitían cursos prácticos de agricultura, de mejoramiento del hogar, de cuidado de los niños, de higiene, de deportes, juegos y entretenimientos. La evangelización formaba parte también del programa.

El cuerpo de profesores preparaba las clases. La alfabetización partía de palabras quichuas. Las otras clases eran también dictadas en lengua quichua. Las clases eran de corta duración (siete u ocho minutos), amenizadas con música popular. Auxiliares campesinos, elementalmente preparados, hacían el papel de profesores al frente de cada escuela. Los campesinos se congregaban en la capilla, en alguna choza o en la casita pobre del auxiliar, para escuchar a la emisora y seguir las indicaciones del profesor secundadas por el auxiliar. Este era el método de trabajo y de enseñanza.

Los indígenas despertaron de su sueño de siglos. No sólo pusieron interés en aprender a leer y escribir, sino también en escuchar otros programas y en participar ellos mismos en la presentación de cantos, de música y de recitaciones. Las comunidades enviaban a algunos de sus miembros a tomar parte en los cursos de preparación de auxiliares. Cuando fue posible, enviaron tambien hombres y mujeres a participar en cursos de formación con variedad de temas, de acuerdo a sus necesidades. Siempre con la ayuda de organizaciones extranjeras, también obtenidas en algunos casos a través de la Conferencia Episcopal, este despertar de los indígenas continuó creciendo a nivel nacional, sin desconocer por esto la acción de otras diócesis y también de instituciones como la Misión Andina y otras del Estado.

También esta organización obtuvo personería jurídica y alcanzó su propia madurez para no necesitar del apoyo permanente del Obispo. Tanto al interior como al exterior, ha conseguido logros notables como promotora de vida comunitaria. En muchas ocasiones, he oído hablar a los mismos campesinos de «la familia de Escuelas Radiofónicas Populares».

13. Tepeyac

Monjas-Corral era el nombre de una de las haciendas de la Diócesis de Riobamba que, con la otra a la que hice referencia anteriormente y

que lleva el nombre de Sula constituían el «patrimonio» diocesano. De paso, esas haciendas fueron enajenadas para que se realizara en ellas la Reforma Agraria. Resolvimos cambiar el nombre de la primera. Le pusimos «Tepeyac», en recuerdo del lugar de las apariciones de la Virgen a Juan Diego, en Méjico. Allí se construyó un conjunto de edificios, también con ayuda extranjera, para el funcionamiento de un instituto de formación de líderes campesinos, hombres y mujeres. Empezó a funcionar en el año 1963.

Las finalidades se concretaron de esta manera: elevar el nivel cultural, económico, social y espiritual de las comunidades indígenas, por medio de la formación de jóvenes dirigentes quienes, al regresar a sus caseríos, podrían dinamizar sus comunidades y entrenarlas para un desarrollo económico armonizado.

Tenía dos secciones: una para los muchachos, con alojamiento para profesores y alumnos, con aulas para clases, sala de reuniones, biblioteca, secretaría, cocina y comedor, talleres de carpintería, herrería, cerámica, con establos, una estación esperimental agrícola, una lechería-quesería. La otra sección tenía un edificio central para el funcionamiento de la escuela femenina, talleres para costura y telares. Además, estaba señalada una parte de tierra para cultivo de hortalizas y crianza de animales domésticos.

Los alumnos eran seleccionados, a través de visitas que realizaban los profesores a las comunidades indígenas, contando con la opinión favorable de las mismas comunidades. En esto, se tenía el criterio de que la simpatía debía ser un elemento fundamental para que más tarde esos muchachos pudieran realizar su labor de promotores de desarrollo.

La primera experiencia duró catorce meses divididos en cinco períodos: un curso de tres meses en la granja-escuela, en el que recibían una instrucción básica; un mes en la comunidad; un curso de tres meses, para iniciar una especialización de conocimientos de acuerdo a sus aptitudes; otro

mes en la comunidad; por último; un curso de seis meses, para perfeccionamiento en su especialidad.

El curso de instrucción básica comprendía: gramática, aritmética, historia y geografía del Ecuador, conocimientos iniciales de la función de los dirigentes, elementos de cooperativismo y sindicalismo, agricultura, crianza de animales, apicultura carpintería, herrería, cerámica, textiles. Para las muchachas, a más de la instrucción básica, había enseñanza de culinaria, costura, corte, higiene y primeros auxilios, puericultura; horticultura familiar y crianza de animales domésticos.

En estas mismas materias, se iban especializando en cursos posteriores.

Fue necesario un cuerpo de profesores capacitados para el efecto. Lo compusieron fundamentalmente voluntarios belgas y las misioneras Lauritas. Para la formación espiritual fue designado como director un joven sacerdote diocesano.

La primera experiencia, después de evaluada, nos pareció demasiado larga. Por esta razón, se organizaron cursos posteriores de menor duración y más intensivos.

A pesar de todo, los muchachos campesinos que fueron formados en Tepeyac encontraron serias dificultades en su trabajo posterior de desarrollo de la comunidad. Así empezamos a descubrir que los líderes de una comunidad difícilmente se forman fuera de su propio ambiente.

14. Reflexiones

Estoy a punto de terminar este capítulo. De propósito, no he querido ser muy minucioso hasta ahora. Trataré de serlo más en el tercer capítulo.

Obligado en cierta manera a echar una mirada retrospectiva, para poder cumplir con el pedido que se me ha hecho de escribir un libro sobre el «Credo que ha dado sentido a mi vida», descubro que un poder misterioso, el de Dios, me ha conducido a lo largo de un proceso. Ese proceso no ha sido previsto por mí, menos aún planificado. Los sociólogos dicen que la comunidad es el fruto de un

proceso: aglomeración - grupo - equipo - comunidad. El proceso que Dios ha realizado conmigo es el que voy describiendo: familia - grupos - comunidad cristiana.

De descubrimiento en descubrimiento, el Señor me ha llevado, a través de sueños, de logros y fracasos, a comprender vivencialmente cuáles son sus planes; esta vocación comunitaria a la que llama a todos los hombres; la destrucción del plan de Dios realizada por el pecado: el egoísmo, las rivalidades, las ambiciones, el odio, la envidia, la injusticia, la mentira, el engaño, la calumnia...; la misión de Cristo fundamentalmente orientada a la restauración del plan de Dios en el mundo: el Reino de Dios como vivencia comunitaria aquí mismo en la tierra, para conseguir su cabal cumplimiento en el cielo; la misión de la Iglesia, llamada a ser, como continuadora de la misión de Cristo, signo y testimonio de vivencia comunitaria en medio de este mundo dividido.

A lo largo de este proceso, he encontrado muchas y graves dificultades. No me he detenido en describirlas. Pero las he tenido, tanto en la etapa de vida familiar, como en la etapa de experiencia de grupos. Dificultades que han provenido de mi mismo, de mis defectos de carácter, del ardor exagerado que puse en la realización de mis propósitos, de mi falta de comprensión de las debilidades ajenas... Dificultades que han provenido de los demás: incomprensiones, burlas, intrigas, maledicencias... Dificultades que han provenido de los objetivos mismos que nos hemos propuesto alcanzar sin contar con los medios adecuados o suficientes.

Las dificultades me han ofrecido la oportunidad de templar mi carácter, de purificarme de mis defectos, de compenetrarme más íntimamente con Nuestro Señor Jesucristo. El me ha comunicado su fuerza.

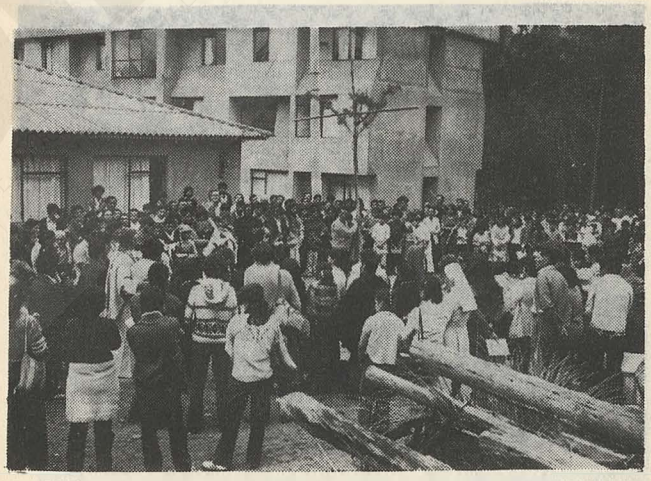
Aprendí a conocer a Jesús en el seno de mi familia. Lo descubrí como Alguien con quien podía hablar, de quien recibía luces y fuerza, en los primeros días de mi ingreso al Seminario Mayor. Desde entonces, El ha sido mi vida. Al comprender

que Dios me ha amado por medio de su Hijo, he experimentado un sentimiento de gratitud muy honda y he sentido, sobre todo en ciertas ocasiones, un amor apasionado por la persona misma de Cristo. Más que en los estudios de Teología, en esta intercomunicación interior con Cristo he llegado a adivinar la vida comunitaria existente entre Dios Padre, Dios Hijo y Dios Espíritu Santo.

Tengo en mí mismo la prueba del poder extraordinariamente transformador de Cristo. Y tengo, en las diversas experiencias de grupos, la experiencia de ese mismo poder transformador, unificador, impulsor y dinámico. Pero también tengo la experiencia de que ese poder transformador de Cristo, cuando se le resiste, divide... Divide dolorosamente. No podemos jugar con El a dos ases: o nos entregamos totalmente o lo resistimos, aunque sea con buenas palabras. El mismo dijo: «No piensen que vine a traer la paz a la tierra; no vine a traer la paz, sino la espada... el hombre hallará enemigos en su propia familia» (Mt. 34 y 36).

Si es doloroso vivir la división que produce Cristo, es alentador experimentar, por otra parte, el «amaos los unos a los otros como Yo os he amado» y el esforzarnos por realizar esa otra frase de Cristo: «En esto conocerán que sois mis discípulos, si os amais los unos a los otros» (Jn. 15, 12; 13,35).

— "EL HOGAR": SANTA CRUZ.
Una experiencia de vida comunitaria

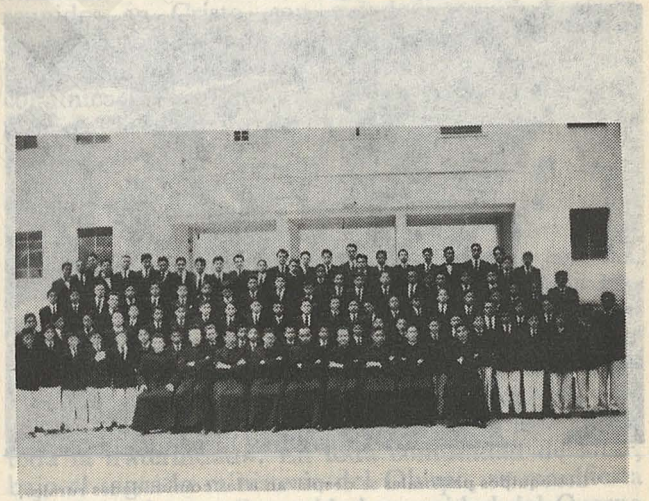


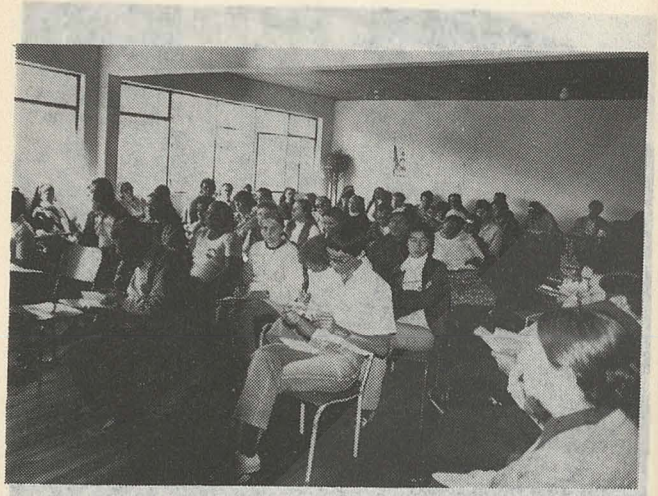
— "EL HOGAR": SANTA CRUZ.
Un lugar de encuentro y de servicio a los demás.

"La gente sencilla tiene mucho que enseñarnos."
". . . más que definir a Dios, lo experimenta en su vida diaria"

". . . Todo encuentro personal y toda comunicación interpersonal comprometen."

"Nuestra preocupación, la formación del sacerdote de hoy y de mañana".





Los equipos pastorales están conformados por un número predominante de seglares.

— "Los equipos pastorales se desplazan a las comunidades rurales, para realizar allí una labor evangelizadora y organizativa. . ."

III

COMUNIDAD

«Los gozos y las esperanzas, las tristezas y las angustias de los hombres de nuestro tiempo, sobre todo de los pobres y de cuantos sufren, son a la vez gozos y esperanzas, tristezas y angustias de los discípulos de Cristo. Nada hay verdaderamente humano que no encuentre eco en su corazón. La comunidad cristiana está integrada por hombres que, reunidos en Cristo, son guiados por el Espíritu Santo en su peregrinar hacia el Reino del Padre y han recibido la buena nueva de la salvación para comunicarla a todos. La Iglesia por ello se siente íntima y realmente solidaria del género humano y de su historia» (G. S. 1).

«Esta Iglesia de Cristo está verdaderamente presente en todas las legítimas reuniones locales de los fieles que, unidas a sus pastores, reciben también en el Nuevo Testamento el nombre de iglesias. Ellas son, en su lugar, el Pueblo Nuevo, llamado por Dios en el Espíritu Santo y en gran plenitud» (Cf. I Tes. 1,5). En ellas se congregan los fieles por la predicación del Evangelio de Cristo y se celebra el misterio de la Cena del Señor «para que por medio del cuerpo y sangre del Señor quede unida toda la fraternidad». En toda comunidad de altar, bajo el sagrado ministerio del Obispo, se manifiesta el símbolo de aquella caridad y «unidad del Cuerpo místico, sin la cual no puede haber salvación». En estas comunidades, aunque sean frecuente-

mente pequeñas y pobres o vivan en la dispersión, está presente Cristo, por cuya virtud se congrega la Iglesia una, santa, católica y apostólica...» (L. G. 26).

«Más el deber del pastor no se limita a cuidar sólo individualmente de los fieles, sino que se extiende también propiamente a formar una genuina comunidad cristiana...

Sin embargo, ninguna comunidad cristiana se edifica si no tiene ru raíz y quicio en la celebración de la santísima Eucaristía, por la que debe, consiguientemente, comenzarse toda educación en el espíritu de comunidad. Esta celebración, para ser sincera y plena, debe conducir tanto a las varias obras de caridad y a la mutua ayuda como a la acción misional y a las varias formas de testimonio cristiano...

Sin embargo, en la construcción de la comunidad de los cristianos, los presbíteros no están nunca al servicio de una ideología o facción humana, sino que, como heraldos del Evangelio y pastores de la Iglesia, trabajan por lograr el espiritual incremento del Cuerpo de Cristo.

Ahora bien, para cultivar debidamente el espíritu de comunidad, ese espíritu ha de abarcar no sólo la Iglesia local, sino también la Iglesia universal. Y la comunidad local no debe fomentar sólo el cuidado de sus propios fieles, sino preparar también, imbuída de celo misional, para todos los hombres el camino hacia Cristo» (P. O. 6).

Textos conciliares como éstos me impresionaron muchísimo. Comprendí que la Iglesia debía sufrir una transformación radical, que los obispos debíamos realizar grandes esfuerzos por transformar una Iglesia de imagen piramidal en una Iglesia comunitaria. Comprendí que la misma organización eclesial en equipos, en Consejos de Presbiterio, de Pastoral, de Laicos estaba enmarcada en este profundo sentido comunitario. Comprendí que los sacerdotes habíamos sido acaparadores de todos los carismas en la Iglesia, que nos habíamos convertido, en vez de servidores, en dominadores del

pueblo y que los laicos estaban llamados a jugar un papel preponderante.

Un año antes de la Conferencia Episcopal Latinoamericana en Medellín, el Episcopado ecuatoriano publicó la «Declaración Programática», documento que intentó aplicar el Concilio a la realidad ecuatoriana. Del capítulo 1.º tomo los siguientes párrafos:

«El plan de Dios consiste en unir a los hombres entre sí y en unirlos a El, mediante la comunicación de la vida de su Hijo; somos hijos en la familia de los Hijos de Dios (L. G. n. 1-4).

La Iglesia ha tomado conciencia de que es la realización de este plan en una etapa de la historia de la salvación; ha tomado conciencia de que es no sólo realización, sino también instrumento del que Dios se sirve para seguir realizando su designio.

Ha tomado conciencia de que es comunidad de vida y, por lo mismo, fuerza transformadora y de que es, sociedad visible y organizada, para servir a la fuerza transformadora de la comunidad de vida; por eso, quiere ser fermento del mundo: la Iglesia es prolongación de Cristo, Hijo de Dios encarnado (L. G., n. 8) y, por tanto, continuadora de su misión profética, sacerdotal y real».

La Conferencia Episcopal de Medellín, con el mismo deseo de buscar una aplicación de la doctrina conciliar a la realidad del continente latinoamericano, elaboró y publicó 16 documentos. Entre las constantes de estos documentos se encuentra, de una manera o de otra, la comunidad cristiana. Sobre las comunidades cristianas de base, dejó aprobado lo siguiente:

«La vivencia de la comunión a que ha sido llamado, debe encontrarla el cristiano en su «comunidad de base»: es decir, una comunidad local o ambiental, que corresponda a la realidad de un grupo homogéneo, y que tenga una dimensión tal que permita el trato personal fraterno entre sus miembros. Por consiguiente, el esfuerzo pastoral de la Iglesia debe estar orientado a la transformación de esas comunidades en «familia de Dios», comenzando por hacerse presente en ellas como fermento

mediante un núcleo, aunque sea pequeño, que constituya una comunidad de fe, de esperanza y de caridad. La comunidad cristiana de base es así el primero y fundamental núcleo eclesial, que debe, en su propio nivel, responsabilizarse de la riqueza y expansión de la fe, como también del culto que es su expresión. Ella es, pues, célula inicial de estructuración eclesial, y foco de la evangelización, y actualmente factor primordial de promoción humana y desarrollo.

Elemento capital para la existencia de comunidades cristianas de base son sus líderes y dirigentes. Estos pueden ser sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas o laicos. Es de desear que pertenezcan a la comunidad por ellos animada. La detección y formación de líderes deberán ser objeto preferente de la preocupación de párrocos y obispos, quienes tendrán siempre presente que la madurez espiritual y moral dependen en gran medida de la asunción de responsabilidades en un clima de autonomía.

Los miembros de estas comunidades, «viviendo conforme a la vocación a que han sido llamados, ejerciten las funciones que Dios les ha confiado, sacerdotal, profética y real», y hagan así de su comunidad «un signo de la presencia de Dios en el mundo» (Pastoral de conjunto n. 10 y 11).

Desde antes de terminarse el Concilio, había empezado a soñar en una casa diocesana que sirviera para retiros espirituales y frecuentes reuniones. Pero la falta de medios financieros me hicieron siempre desistir del propósito. Dios iba a salir al paso para dar una respuesta a este anhelo.

1. El Hogar de Santa Cruz

Por caminos desconocidos, el Señor nos llevó hasta darnos una casa, en la cual iba a realizarse una experiencia comunitaria y de la cual iban a salir organizaciones y actividades de tipo comunitario.

a) *Historia de la casa*

Desde años atrás, en la época en que voluntarios belgas colaboraron en los planes de desarrollo de la Diócesis de Riobamba, nació una amistad muy sincera con una familia belga.

Durante la última sesión del Concilio, con ocasión de la suspensión de las sesiones ocasionada por la fiesta de Todos los Santos y la conmemoración de los Difuntos, entre una veintena de obispos latinoamericanos, fui invitado a viajar hasta la comunidad de Taizé, en Francia. En estos días, se realizaba un encuentro de estos obispos con unos 150 estudiantes en Europa, procedentes de diversos países de América Latina.

Apenas recibí esta invitación, escribí a la familia belga amiga, dándoles a conocer la noticia. Me contestaron diciéndome que, por coincidencia, en esos mismos días, todos los miembros de familia se encontrarían en una casa de ejercicios relativamente cercana a Taizé. Se me anticipaba en la carta que, en uno de esos días, el jefe de la familia iría a buscarme para comer juntos.

Así fue. Se presentó al segundo día. Junto con los miembros de esta familia nos esperaba el sacerdote director de la casa. Mientras comíamos, el sacerdote me hizo esta pregunta: «¿Le gustaría contar con una casa como ésta en su Diócesis?». Le contesté que sí y que lo había deseado desde antes. Al despedirme, el mismo sacerdote depositó en mis manos un sobre, en el que estaba escrito: «Para la primera piedra del Hogar de retiros de Riobamba». Al mismo tiempo, me invitó con amable insistencia a volver, terminado el Concilio, para tomar parte en una semana de retiros que ya estaba prevista para esas mismas fechas, desde el 8 de diciembre de 1965.

Inmediatamente después de la solemne clausura del Concilio Vaticano II, realizada en la plaza de San Pedro, tomé el avión hasta Lyon y, al día siguiente, por carretera, llegué hasta La Roche d'Or, en donde estaba el Foyer de Charité al que se me había invitado. Observé entonces cuál era el estilo de retiros espirituales que se hacían. Al final, por insinuación del sacerdote director, se hizo una colecta y se me ofreció una nueva ayuda económica. En estos mismos días, conocí a un sacerdote francés

que practicaba esos ejercicios y que me manifestó su deseo de ser aceptado para trabajar en la Diócesis de Riobamba. Este sacerdote formó parte más tarde de la comunidad del Hogar de Santa Cruz. Es el Padre Ludovic Rebillard.

Durante una temporada, continué recibiendo ayuda económica de esta casa de ejercicios de Francia. Cuando pudimos contar con una suma apreciable y después de algunas consultas para la elección de un lugar adecuado, nos lanzamos a la construcción del edificio. El dinero que hizo falta nos lo proporcionó otra ayuda proveniente de la Arquidiócesis de Munich (Alemania). Más de un año antes de la iniciación de los trabajos, con ocasión de la visita a Riobamba del Padre Callerand, director del Foyer de Charité de La Roche d'Or, realizamos la bendición de la primera piedra, con una celebración de la Palabra impresionante, en la que participaron miembros de las Asambleas Cristianas, religiosas y estudiantes. Los trabajos de construcción duraron un año. Y el 20 de julio de 1968 se inauguró la casa con la realización del llamado «mes de Nazareth» de los sacerdotes que han optado por la espiritualidad de Carlos de Foucauld, provenientes de diversos países latinoamericanos.

b) *Finalidad y espíritu*

Después de haber sido nombrado delegado sustituto ante el Celam, en el año 1960, la Conferencia Episcopal ecuatoriana me nombró su delegado principal. Participé así en las labores del CELAM hasta terminar el tiempo establecido. De inmediato, la presidencia del CELAM me pidió aceptar la presidencia del Departamento de Pastoral de Conjunto que acababa de crearse. Con este encargo se me dio otro: el de organizar un Instituto Itinerante de Pastoral para América Latina, con el objeto de iniciar un trabajo de renovación conciliar al servicio de las Conferencias Episcopales nacionales. El encargo traía consigo grandes dificultades. ¿Cómo organizar, desde la sede de mi

Diócesis, cursos de pastoral en cada uno de los países latinoamericanos? ¿Cómo saber las necesidades pastorales de cada país? ¿Cómo conocer los resultados de un curso realizado en países lejanos? ¿Con qué personal se podía contar para llevar adelante una empresa semejante?

De acuerdo con el presidente del CELAM, don Manuel Larraín, fue elegido como director de este Instituto el Padre Segundo Galilea y él debía ponerse de acuerdo conmigo para la selección de los profesores. Tanto el presidente del CELAM como el recién nombrado Director del Instituto de Pastoral Latinoamericano vieron que era urgente para mí encontrar una secretaria que atendiera la nutrida correspondencia que se preveía iba a producirse. Por este camino, trazado también por Dios, llegaron a Riobamba personas que más tarde tomaron parte activa en el nacimiento de la comunidad y del equipo de Santa Cruz.

Hubo ya participación en la reflexión sobre la finalidad y el espíritu del Hogar de Santa Cruz. La finalidad fue puesta de manifiesto en un pequeño folleto informativo que decía:

EL HOGAR DE LA IGLESIA
DE RIOBAMBA QUIERE:

1.º Nacer para ayudarnos a hacer esta tarea:
—ser un verdadero hogar,
—abierto para todos los hijos de Dios,
—de la Diócesis,
—del país,
—de otros países que nos honran con su visita y amistad.

2.º Ofrecer:
—un lugar retirado,
—en contacto con la naturaleza,
—propicio para el silencio,
—la reflexión,
—el encuentro con Jesucristo y con los hermanos.

Para facilitar este Encuentro y ayudarnos al compromiso, el Hogar organizará:

—retiros,
—encuentros,
—jornadas,
—cursillos,
—convivencias,
—ejercicios espirituales,
—cursos de pastoral,
—de catequesis,
—de liturgia,
—de formación social, etc.

Además, podrán también solicitar sus servicios de hospedaje y atención otras entidades, asociaciones, parroquias o diócesis.

Personal del Hogar:

Lo constituirá un equipo que se responsabilizará de la dirección, administración y acogida.

El equipo estará integrado por:
—el señor Obispo,
—un sacerdote director,
—sacerdotes,
—religiosos,
—religiosas,
—laicos.

Amigos del Hogar:

Serán todas aquellas personas que se interesen por la vida de este Centro.
—Con su oración,
—con su ayuda personal,
—con su ayuda económica,
—con su ayuda moral,
—dándole a conocer,
—informando sobre sus actividades,
—acudiendo a las celebraciones y actos que organice para estrechar lazos de amistad, etc.

En el mismo folleto, aparecieron dos párrafos muy significativos:

«La Iglesia —y Cristo por medio de ella— nos pide hoy la renovación de nuestra manera de ver y de vivir el cristianismo. Este no consiste en una

serie de prácticas religiosas que enganchamos como podemos a nuestras ocupaciones y nuestra vida.

No, el cristianismo, fundamental y esencialmente es haberse encontrado con Jesucristo, conocerle, amarle y comprometerse con El, para realizar con El la obra que le trajo a este mundo: EL REINO DE DIOS».

El espíritu que debía animar a los habitantes de esta casa quedó diseñado en unas hojas multiplicadas a mimeógrafo. En ellas, se insistía de nuevo en la finalidad y se decía que el Hogar debe ser «el lugar en donde se labren las piedras vivas de una Iglesia viva; en donde se forjen los vínculos que, entrabando unas piedras vivas con otras, realicen la unidad de la Iglesia dentro de un gran respeto a la vocación y diversidad de los miembros; en donde encuentren calor, alimento y reposo, necesario para emprender la marcha, los hijos de la familia de Dios que componen la Iglesia de Riobamba».

Como desde un principio se la concebía abierta al servicio de otras Iglesias del país y del extranjero, como también a los hermanos de cualquier confesión cristiana, se anhelaba que «las demás Iglesias, después de haberse relacionado con la Iglesia de Riobamba, en el Hogar y principalmente fuera de él deben llevarse la convicción de haber hecho una experiencia de profunda fraternidad y de enriquecimiento mutuo en la donación de Cristo», ...«y el deseo de multiplicar estos encuentros».

A la comunidad que debía nacer en el Hogar se le asignaba la misión de ser «la forjadora de la Iglesia viva de Riobamba». Para esto, debía convertirse en «una comunidad cristiana en la que la unidad que le es esencial nazca de Cristo, se desenvuelva y se perfeccione en Cristo»; «una comunidad apostólica y misionera, es decir, dinámica en su interior y dinámica hacia fuera».

La organización de esta comunidad estaba concebida de modo que el Obispo sea «el padre del Hogar, por el hecho de que debe ser el padre de la familia diocesana» de modo que pueda «tomar

parte en la realización de ejercicios espirituales, retiros, cursos de pastoral, sobre todo cuando hubiesen sido organizados para sacerdotes, religiosos, religiosas y laicos en conjunto»; de modo que pueda «presidir, en determinadas ocasiones, las celebraciones litúrgicas»; de modo que pueda «realizar una convivencia mensual con la comunidad».

A más del Obispo, padre del Hogar, debía haber un Director, esto es, «un sacerdote apto para ser el padre espiritual inmediato, en representación y por designación del Obispo»; para «responsabilizarse de la dirección general de la casa, de la formación y crecimiento cristiano de la comunidad y de la organización de las actividades del Hogar»; para «distribuir las funciones de los miembros de la comunidad de acuerdo con sus aptitudes». Estas y otras funciones debía cumplirlas «dialogando con la comunidad y después de haber tomado resoluciones de común acuerdo».

Estas hojas fueron distribuídas entre los amigos, con el pedido de que nos hicieran una crítica. Y algunos de ellos nos la hicieron muy franca y hasta dura. Se nos dijo por ejemplo que «sería mejor que el Hogar fuera una casa sencilla, situada en medio de la ciudad, que desconociera la poesía mística del silencio, reposo y soledad. La comunidad del Hogar corre el riesgo de ser una sal acumulada, limpia y blanca, en la bodega. La Iglesia es claramente ella misma no cuando se la puede ver o experimentar en sí, sino cuando se la percibe transformando todas las cosas con que entra en contacto. La comunidad del Hogar de la Iglesia de Riobamba debe estar «en solución» con el mundo».

Se nos dijo también que había «algo de «iluminismo» en la pretensión de que la comunidad del Hogar» llegara a ser «la forjadora de la Iglesia viva de Riobamba»; que «es mucho más fácil «prefabricar» una comunidad tipo que crear una comunidad insertada en el ritmo normal de la vida de los hombres»; «que la Iglesia viva no está presente en el Chimborazo. Entonces, se quiere llenar esta laguna con una comunidad adelantada que encarne aquello que los cristianos no saben hacer».

Se terminaba sugiriendo «que la Iglesia asegure el apoyo de una vida eclesial vivida en comunidades cristianas de base que se ajusten a la «escala humana... e iniciar experiencias por este camino».

c) *Experiencia de vida comunitaria*

Las críticas nos hicieron reflexionar seriamente. Algunas de ellas ya no podían surtir efecto, pues se habían dado pasos que no podían ya ser destruídos. Además, la vida nos iba a enseñar muchas cosas imprevisibles.

Con el funcionamiento de la casa, empezamos la experiencia de vida comunitaria seis personas: dos religiosas, tres seglares y el Obispo. Hubo mucha inseguridad en cuanto a algunas de estas personas. Por sugerencia de una de ellas, quien ha quedado firme hasta ahora, ensayamos un intercambio de experiencias personales de Cristo, pero sin resultados halagadores. Probablemente no había aún la suficiente confianza para este tipo de comunicación, o tampoco había en algunas de ellas una experiencia vivencial de Cristo.

Sin embargo, vimos que era necesario realizar cada mañana una oración comunitaria y la Eucaristía por la tarde. Vimos también la conveniencia de realizar retiros mensuales fuera de la casa.

Para que nos ayudaran al nacimiento de la comunidad invitamos a algunas personas amigas, para las reuniones semanales, en las que se trataban esos asuntos. Desde un principio, constatamos que la estructura de la casa no favorecía el frecuente contacto entre las personas. Esta dificultad ha sido insalvable hasta ahora.

Democráticamente, se hizo la distribución de funciones. En primer lugar, se hizo una lista de necesidades de la casa. Luego, cada persona escogió libremente la actividad a la que se sentía más inclinado dentro de esa lista de necesidades.

El anhelo de iniciar una vida comunitaria profunda constituía y sigue constituyendo un problema sumamente complejo, no sólo por las circunstancias especiales propias de una casa de reuniones,

sino también por la diversidad de caracteres, de formación, de motivaciones, de criterios, de costumbres de las personas invitadas a formar la comunidad.

Personalmente, por necesidad de mis mismas responsabilidades de Obispo de la Diócesis, no podía permanecer en la casa, sino apenas visitarla, tomar parte en algunos actos y particularmente en las reuniones semanales. Me mantuve así hasta ver la posibilidad de que un sacerdote pudiera integrarse en este ensayo. Este sacerdote llegó de España meses después de haber sido inaugurado el Hogar de Santa Cruz. Debo decirlo de una vez, con esta misma misión, pasaron por la casa tres sacerdotes. Al final, me decidí a compartir más de cerca las preocupaciones del personal, en la medida en que me lo permitían mis múltiples actividades de Obispo.

Como este proyecto constituyó, desde antes de su iniciación, un objetivo apasionadamente querido y considerado como una necesaria experiencia para poder llevar adelante toda una pastoral comunitaria que no fuera puramente doctrinal y teórica, fue para mí motivo de muchas reflexiones, de una búsqueda ansiosa, de tensiones y sufrimientos. La experiencia será contada, en este sentido, en las páginas que siguen.

d) *Proceso vivido*

Durante toda mi vida, he experimentado una sensación de soledad, particularmente en determinadas ocasiones, cuando he tenido que enfrentar graves conflictos, cuando he tenido que mantener una postura irreductible.

De esta sensación de soledad he ido pasando lenta y progresivamente a la comprobación alentadora de encontrarme en comunión con muchas personas, aún desconocidas. Por esto, creo en la Comunidad. Actualmente, ya no me siento solo: me siento más bien estrechamente unido, en círculo concéntrico, con un número incontable de cristianos con quienes nos encontramos en sintonía.

Pero, para llegar a este punto, he tenido que saborear muchos sufrimientos.

Entre mis notas, encuentro ésta, por ejemplo:

«Esta noche, delante del Santísimo, he tenido la sensación, nuevamente, de soledad, de esa soledad de la que tengo dicho que es al mismo tiempo mi dolor y mi gozo. Reuniones y conversaciones personales han sido, como siempre, numerosas. Pero, allí mismo, me descubro solo.

Pienso: tengo que amar al Señor apasionadamente, con locura. Y El está allí, a pocos pasos: por consiguiente, no estoy solo. Mientras constato que hay grandes distancias, hasta abismos de separación entre pensamiento y pensamiento, entre aspiraciones y aspiraciones, entre actitudes y actitudes, El me llama, me atrae, me infunde una especie de coraje y una disposición de búsqueda de mayor entrega. «El que quiera ser mi discípulo, que se niegue a sí mismo, que tome su cruz y me siga». Y aquí está el gozo, no aquel que hace reír, sino el que hace tomar la vida tal como es: un drama, una tensión, una lucha. Entendiendo así la vida, entiendo también la soledad que me acompaña. Sin embargo, no soy infiel a los requerimientos de acompañar y de decir una palabra de aliento a otros. Parece absurdo e incomprensible: ¿cómo puedo acompañar si no me siento acompañado?».

He sentido también, en muchas ocasiones, una impresión de inutilidad en el trabajo, de esterilidad y de sequía, en contraste con mis grandes anhelos. Muestra de esta clase de sentimiento está manifestada en las líneas que siguen y que han sido también espigadas en mi cuaderno de notas:

«*Las primeras flores*»...

No pretendo escribir una poesía. Simplemente quiero dejar constancia de que ayer, al abrir la ventana que da al jardincito de la casa, vi que había empezado a florecer el albaricoque. Y saludé el acontecimiento con esas palabras. Y esta mañana he dicho, al verlo más florecido: «Más flores»...

En este albaricoque de la casa, voy viendo reflejarse o simbolizarse mis diversos estados de ánimo durante el año. Cristianamente hablando, veo en el albaricoque el símbolo del misterio pascual que me esfuerzo en vivir.

En el mes de junio, después de haber entregado todos sus frutos, las hojas del árbol comienzan a amarillarse: es su otoño. Luego, se van cayendo las hojas y el árbol se va quedando en varas desnudas y grises.

En ciertas épocas del año, muchos de mis sueños e ilusiones van tomando también un color amarillento: se destiñen, con el consiguiente sufrimiento. Símbolo de la muerte. Es la renuncia no querida, dolorosa, al colorido y belleza con que he vestido mis grandes anhelos de trabajo. Cumplieron con su función y se van, dejando a veces la sensación de la nada, del vacío. Es entonces cuando me pregunto: ¿qué estoy haciendo aquí? Y me invade una subterránea tentación de desaliento, contra la que tengo que reaccionar constantemente, mientras dura esta etapa de muerte.

El albaricoque empieza a pintarse de flores en setiembre y se cuaja de flores en octubre y noviembre. Después, van apareciendo los frutos. Maduran lentamente y son cosechados en los meses siguientes, hasta el mes de mayo.

Así suele suceder también conmigo: vuelven nuevos sueños y nuevas ilusiones. Siento nuevos impulsos. Quizás abandono ciertas actividades de las que me he decepcionado definitivamente. Y entonces se pueblan mi corazón y mi cabeza de proyectos nuevos que me entusiasman. Muchos de estos proyectos caen, como caen tantas flores al ímpetu de los vientos o por la fuerza de las granizadas. Pero, trabajo vigorosamente y sólo Dios puede saber si en el árbol de mi vida encuentra frutos maduros y cosechables.

Misterio pascual. Muerte y resurrección, hasta que llegue la resurrección definitiva. ¿Poesía? Tal vez sí. Pero principalmente vida cristiana que quiere ser auténtica. ¿Flores nuevas en mi existencia de esta época del año? No las advierto todavía. Las espero. Todavía veo en mí las ramas sarmentosas, resecas, grises. Sin embargo, espero: cualquier día de éstos se me escapará un grito del corazón: «Han aparecido flores nuevas».

Pocos días más tarde, escribía:

«Hoy he entregado tres copias del proyecto del plan de evangelización. Entiendo que las explicaciones que he dado a cada uno me han ido caldeando y el fuego se ha ido encendiendo dentro mismo de las cenizas, hasta que ha brotado la llama. Esta ha sido la noche en que he gritado: «Hay flores nuevas en el árbol de mi vida». Pero la comparación ya no me parece exacta.

Me ha venido a la memoria el recuerdo de un artículo que escribí siendo seminarista, en el que condenaba las aguas dormidas y expresaba mi simpatía por el torrente que socava rocas y arrastra pedrones para ir adelante, hasta convertirse en río y desembocar en el mar.

Ha acudido a mi imaginación el río Pastaza y le he visto cómo se retuerce, gime y brama, aprisionado por negros peñascos y cómo se libera pujante para seguir corriendo estrepitosamente, en busca de un más allá, oscuro e incierto, pero que es camino hacia el océano. Así he sufrido en estas últimas semanas. Me he revuelto dentro de mí mismo. Me he sentido aprisionado, casi asfixiado, oprimido, casi derrotado. Hoy, he comenzado a salir del atolladero y siento en mi interior un impulso nuevo y el atractivo vertiginoso del cauce que se me abre y que es la tarea de evangelizar a los pueblos.

Pienso que no es evasión, sino respuesta al llamamiento de Dios el entusiasmo creciente con que estoy tomando la Comisión Nacional de Evangelización y Catequesis. Los hombres me cierran unos cauces. Dios me abre otro, quizá más rico en posibilidades. Correré por él y quedarán atrás los obstáculos que pretendían ahogarme.

«Señor: ¿qué quieres que haga?... ¿qué quieres que hagamos? Así te pregunté esta mañana y te he preguntado en días anteriores. Creo que tengo la respuesta: la comunidad del Hogar, para llenarnos allí del ímpetu de tu Espíritu, y luego desbordarnos proclamando la Buena Nueva y siendo tus instrumentos para sacar a la vida comunidades eclesiales y comunidades cristianas de base, tanto en la Diócesis de Riobamba como en el país entero. ¡Gracias! ¡Gracias!... porque nos habeis escuchado».

Esta sensación de soledad y de aridez ha sido compensada, desde mi juventud, a lo largo de mi vida, por la experiencia de amistades profundas: la que hicimos en el Seminario Mayor de Quito, la que hicimos los sacerdotes del «Cuardilátero», la que hicimos con los diversos grupos particularmente con los muchachos de la «Cardijn» y con los sacerdotes del equipo «Juan XXIII». Para esta etapa de experiencia comunitaria en mi vida, no podía faltar una nueva experiencia de amistad profunda. Mi Vicario General formó parte, en el Seminario, del grupo de amigos. Siguió siéndolo después de ordenados sacerdotes y sigue siéndolo hasta ahora, con una fidelidad a toda prueba. Del grupo «Juan XXIII» me quedaron algunos amigos sacerdotes. El pequeño grupo del Hogar de Santa Cruz tomó la resolución de fomentar la amistad, como clima indispensable para una vida comunitaria, para una pastoral comunitaria. Fruto de mi experiencia existencial de la amistad son estas frases, escritas precisamente en esta etapa de búsqueda de comunión en Cristo y de amistad profunda:

«En una amistad auténtica y profunda, Dios se nos va entregando, como Luz que es, a través del otro... Buscaba esa luz en mis horas de soledad, muchas veces tristes y fatigadas, muchas veces entenebrecidas por el egoísmo propio y ajeno y, por consiguiente, llenas de angustia, de inquietud, de insatisfacciones, de hastíos.

Pero llegan los días en que vemos brillar esa Luz, en el semblante, en el pensamiento, en los criterios, en la actitud, en el comportamiento. Sin

decirlo, sabemos que nos entendemos. La Luz que hay en tí ilumina mi ser. La luz que hay en mí ilumina tu ser. Y así entre todos. Hay existencias que empiezan a caminar iluminándose en silencio, mutuamente. «Esto mismo estaba pensando yo». «Yo actuaría de la misma manera». Cuando decimos estas frases u otras parecidas, es porque hemos llegado a un entendimiento. El diálogo fluye y la confianza mutua va creciendo. La luz que, a través del diálogo, se proyectan mutuamente los amigos y que yo pienso que es una manera de hacerse presente el mismo Dios que se nos entrega como Luz, me parece que tiene estos efectos: primero, a la luz del otro, y mientras más profundamente conozco su persona, también me reconozco a mí mismo en todo lo que tengo de luminoso, conocido por Dios. Esto nos da más seguridad en nosotros mismos. Afirma más nuestra personalidad. Nos abre perspectivas de crecimiento «en humanidad». Segundo, a la luz del otro, voy descubriendo en mi interior, en lo oculto de mi ser, otras fuentes de luminosodad, escondidas como los diamantes en el seno de la roca, fuentes de luminosidad hasta ese momento insospechadas o quizá, inclusive, tenidas por imposibles. Creíamos no sentirnos capaces de esto o de aquello. Pero cuando la luz del otro me alumbra, me asombro de haber tenido ocultas preciosas virtualidades y empiezo a transformarme. Esto nos comunica nuevos impulsos. Nos infunde valentía, audacia que nos van llevando a acciones que antes juzgábamos imposibles y que agigantan nuestro poder de relacionarnos con otros y de acometer empresas para las que antes no nos sentíamos capacitados. Tercero, a la luz del otro, descubro también mis propias tinieblas, también a veces insospechadas, porque nunca hubo una luz que las persiguiera en sus profundidades, en las cuevas en donde habita el egoísmo con sus múltiples y repugnantes ramificaciones. Este descubrimiento es doloroso. Pero trae consigo la bellísima posibilidad de destrucción de las diversas formas de egoísmo y de gradual y creciente reemplazo por una mayor

generosidad, por la abnegación, por la longanimidad, por la entrega de sí mismo.

Al llegar a este punto, sin decirlo, se está hablando de la amistad, porque el amor es entrega de sí mismo. La amistad es un don que Dios nos hace. Es una manera de dársenos Dios mismo.

Dios nos hace el regalo de múltiples dones, porque nos ama. El aire, la luz, el calor, las fuentes, la tierra con todas sus riquezas, las aves, los animales, los peces... son dones del Dios-Amor. La familia en que nacimos, con toda su carga de amor, de ternura, de sencillez, de verdad, de ejemplo, de sacrificio, de elevación, es un don de Dios. El país al que pertenecemos, con todas sus conquistas; la Iglesia, con la Fe, los Sacramentos, la Eucaristía, el heroísmo, el testimonio, sus ministerios, son dones de Dios. El don supremo, insuperable es su Hijo hecho Hombre: Jesucristo, presente en su Iglesia, en su Palabra, en la Asamblea, en cada Sacramento, en la Eucaristía, en sus ministros, en las maravillas de la naturaleza. Pero ese mismo Dios hecho Hombre se entrega cuando discípulos suyos se unen por una amistad profunda y sincera. Me parece que esa promesa de Cristo «si dos o tres se reúnen en mi nombre Yo estoy en medio de ellos» tiene sentido especialísimo en la amistad cristiana. Quiero decir, una vez más, que a través del amigo es Cristo mismo quien nos hace sentir su presencia, es Cristo mismo quien nos hace sentir que nos ama».

Tentación real y grave para un grupo de amigos es encerrarse en sí mismos. Eventualmente, hemos podido caer en este peligro. Inclusive, se nos ha hecho críticas en parte fundadas. Pero hemos hecho el esfuerzo de mantenernos abiertos, siempre que hemos encontrado sinceridad y rectitud de intenciones. El mismo hecho de haber trabado amistad con miras a realizar una pastoral comunitaria nos ha salvado de convertirnos en ghetto. Anhelo del discípulo de Cristo debe ser llevar al mayor número posible de hombres la experiencia de la Buena Nueva que está viviendo. Vuelvo a mis notas para copiar una reflexión en este sentido:

«Conviene que El crezca y que yo disminuya». Estas palabras del Bautista acuden a mi mente. El debe crecer en mí. Para que El crezca en mí, es necesario que yo vaya disminuyendo, que yo vaya desapareciendo. Mis pensamientos, mis criterios, mi egoísmo, mis apegos, mi comodidad: todo esto debe ir dejando el espacio libre para que me invadan los pensamientos, los criterios y el amor de Cristo. Que El crezca y que yo disminuya.

Si este mismo trabajo se realiza en los amigos, éstos podrán aspirar a decir: «Vivimos nosotros, pero no somos nosotros quienes vivimos, sino que es Cristo quien vive en nosotros».

Y si así vamos muriendo para que El crezca, no serán sólo los amigos unificados en Cristo, sino que irán haciéndose muchos, porque El irá creciendo en muchos, también en la medida en que nosotros vayamos muriendo a nosotros mismos, para que El crezca y se vaya haciendo la comunidad de los creyentes».

Copio también estas otras notas:

«Así pues, ya no sois extranjeros ni meros residentes, sino que compartís la ciudadanía del pueblo santo y sois de la familia de Dios, edificados sobre el cimiento de los apóstoles y profetas, siendo la piedra angular Cristo Jesús, en el cual toda construcción bien ajustada crece hasta formar un templo santo en el Señor; en el cual también vosotros sois edificados juntamente, hasta formar el edificio de Dios en el Espíritu» (Ef. 2, 19-22).

Será atrevido pensar que lo que queremos realizar está descrito en este texto.

Queremos que Cristo Jesús sea la piedra angular.

Pretendemos ser el cimiento, piedras ajustadas a la piedra angular, Cristo.

Aspiramos a construir, ajustando otras y otras piedras, el templo santo, el edificio de Dios en el Espíritu.

En la práctica, esto significa un esfuerzo constante por vivir en Cristo y por hacer vivir en Cristo.

¿Tenemos la voluntad firmemente orientada hacia este objetivo? ¿Avanza la construcción en relación con nuestros hermanos? ¿Viven ellos el

mismo objetivo? ¿Estamos resueltos a luchar contra toda clase de dificultades, ellos y nosotros, para llevar adelante el propósito?

El proceso vivido viene a resultar así, en primer lugar, como un descubrimiento del propio yo, marcado por grandes anhelos y al mismo tiempo por un sentimiento de soledad, de impotencia y de esterilidad. En segundo lugar, el descubrimiento gradual y cada vez más profundo del Tú que es Dios y que se nos revela en Jesucristo, ese Tú que es Luz, que es Amor, que es Fortaleza. En tercer lugar, el descubrimiento del tú humano, a través del cual también se revela la presencia de ese mismo Jesucristo Hijo de Dios, para formar el «nosotros», un «nosotros» cristiano, un comienzo de la comunidad cristiana. En cuarto lugar este pequeño «nosotros» que se abre a una búsqueda ansiosa de otros, de ellos, para el anuncio de la Buena Nueva experimentada ya y vivida hasta cierto punto.

e) *Teología existencial*

Todo cuanto he dejado escrito o transcrito en las últimas páginas puede justificar la crítica que se nos hizo de «iluminismo». También muchos sacerdotes me han criticado diciéndome que era idealista y que fácilmente caía en el ilusionismo.

Pienso que hay este peligro. Pienso también que la vocación a la que nos llama el Señor es tan misteriosa, tan alta, tan profunda, que reflexionar para adivinar algo de los designios de Dios sobre nosotros constituye una obligación de nuestra parte. Pienso que, de otra manera, fácilmente podemos caer en un pragmatismo mezquino y repugnante, totalmente opuesto a esos designios de Dios tan amorosos y desconcertantes.

Se ha concebido la Teología como una ciencia. Está bien. Que la Teología sea una ciencia. Gracias a la Teología elaborada como una ciencia podemos estudiar a Dios y decir que adquirimos muchos conocimientos acerca de El. Conocimientos estructurados. Sistemáticos. Hasta profundos. Muchas

veces complicados. Pero si la Teología se reduce a esto no contribuye mayormente a un cambio de la vida del hombre. Para que el hombre cambie, es necesario vivir la Teología. En otras palabras, es necesario vivir el Evangelio. Es necesario experimentar a Cristo. Es necesario experimentar a Dios, a través de Cristo. Es necesario experimentar esta vivencia entre varios, entre los discípulos de Cristo, en el seno de lo que llamamos Iglesia en su sentido más concreto.

Ensayos de esta Teología existencial encuentro en muchas de mis notas. Los iré mostrando en la medida en que vaya avanzando esta confesión de mi credo en la comunidad cristiana. Oportunamente, inclusive, daré a conocer muestras de reflexión conjunta con el pueblo. El pueblo nos ha enseñado mucha teología vivencial.

Entre las notas correspondientes al año 1969, encuentro lo siguiente:

«Reflexionando en estos días, he alcanzado a ver que, conjugando el verbo amar de manera existencial y profunda, es cómo se va realizando la comunidad, la Comunidad-Iglesia que Dios quiere. Y he alcanzado a ver también cómo puede deteriorarse el designio comunitario de Dios, conjugando el mismo verbo amar, pero de otro modo.

En la conjugación de un verbo, explícita o tácitamente, entran todos los pronombres personales: yo-tú-él-nosotros-vosotros-ellos.

Es necesario valorar el contenido profundo de esa simple designación gramatical «pronombres personales»: yo, tú, él... están en lugar de auténticas personas.

Mirando retrospectivamente mi vida, descubro dos acontecimientos prolongados y crecientes a lo largo de mis años, a) en forma cada vez más creciente, se va afirmando mi propio yo; b) desde fuera de mí aparece un Yo que se me acerca cada vez más y que se dibuja también cada vez más con mayor claridad y que se va haciendo cada vez más íntimo: es el Yo de Cristo, el Tú para mí. Ese Cristo conjuga el verbo amar y me dice yo

te amo. A mi vez, voy haciéndome cada vez más capaz de decir a ese Tú «yo te amo».

Señalo, a grandes líneas, hechos constatatorios del primer acontecimiento. Dios me dio un padre que me educó en y para la libertad y, por lo mismo, para ser persona. La crisis de repugnancia terrible, frente al sacerdocio, que experimenté antes de ingresar en el Seminario Mayor, constituyó una prueba al ejercicio de mi libertad. La absoluta seguridad de que debía y podía actuar libremente y decidir por mí mismo, en que me colocó mi padre, hasta la víspera de mi compromiso decisivo en la recepción del diaconado, me hizo plenamente responsable de los pasos que dí antes de la ordenación sacerdotal y de los que seguí dando posteriormente. A través de muchas circunstancias y de conflictivas situaciones, me veo como un hombre de una independencia hasta desafiante y, sin embargo, profundamente comprometido. He sido capaz de enfrentarme solo a masas populares y de decir «no» a obispos reunidos, como a insinuaciones de compañeros y a atractivos superficiales. Así, la soledad ha sido para mí, al mismo tiempo, un dolor y un gozo: un dolor, por todo lo que significa de separación y aislamiento; un gozo, por todo lo que significa de fidelidad a todo lo que he creído ser verdadero, justo y bueno. La soledad ha sido también para mí un refugio, en donde me he encontrado a mí mismo, pobre y desvalido, y es dónde he encontrado a Dios, mi fortaleza. De ahí he sacado la paz, la serenidad, la alegría interior, el dominio de mí mismo.

Señalo también a grandes líneas otros hechos constatatorios del descubrimiento de Dios y de su Cristo. Sosteniéndome en sus brazos, mi madre me muestra el cielo estrellado y una luna grande y me dice: «Eso lo ha hecho Dios. El es muy bueno y te ama». Mi primera participación en la Misa del Niño, en Navidad; mi primera comunión acompañada de la invitación a ir al Seminario; el catecismo parroquial y la escuela laica; el ingreso en el Seminario Menor; las tinieblas, seguidas de una gran claridad, en la época de mi decisión de opción por

el sacerdocio; la revelación de que Cristo se me muestra, ante el asombro de todo mi ser, día tras día, en la oración, aun en épocas de duras pruebas, durante mi estancia en el Seminario; la continuación de esa misma revelación de Cristo, con claridad cada vez más intensa, de nuevo a través de dolorosas pruebas, durante los años del ejercicio del ministerio sacerdotal y durante los años del ejercicio del episcopado..., constituyen constataciones de ese acontecimiento permanente que es el encuentro con el Tú, mi Salvador y mi Fuerza.

A lo largo de estas vivencias, Cristo me ha venido diciendo: «Yo te amo». A lo largo de esas mismas vivencias, Cristo me ha ido enseñando a responderle: «yo te amo».

Pero el progreso de relaciones amistosas entre Cristo y yo no se ha detenido aquí. Por El, descubrí al Padre y descubrí al Espíritu Santo, no como meros conceptos, sino como Ser, como Vida, como Amor. «Felipe, quien me ve a mí, ve a mi Padre que está en los cielos». «Si alguno me ama, mi Padre y yo vendremos a él y estableceremos en él nuestra morada». «Padre, que sean uno como Tú y Yo somos uno».

«Por Cristo, con El y en El, a Tí Dios Padre omnipotente, en unidad del Espíritu Santo, todo honor y toda gloria». Esta doxología consta en mi escudo, no como una frase sin trascendencia, sino como lema de mi vida. La repito diariamente, no sólo en la misa, sino en varios momentos del día. Me siento introducido en la Trinidad. Me parece adivinar su felicidad. Me estremezco cuando pienso que a esa su felicidad me llama. Cuando viajo, me gusta guardar silencio y contemplar la belleza del mundo, en el que veo reflejado el poder del Padre, la elocuencia luminosa y multicolor (inflexiones de voz) del Hijo, y la música amorosa o arrebatadora del Espíritu, en el aire y en el viento.

La Trinidad beatísima me dice: «Te amamos», con aquellas palabras del Génesis: «Hagamos al hombre a nuestra imagen y semejanza». Y me invita a responderle: «Os amo, Dios Trino y Uno».

Pero, en esos mismos momentos, siento la necesidad de poder decir: «Os amamos», en primera persona de plural, de la misma manera como ha hablado Dios para hacer al hombre: «Hagamos».

¿Con quién o con quiénes debo conjugar el verbo amar en primera persona de plural, para responder al amor del Dios trino y uno, uno y trino? Yo escogí libremente el celibato y de ello no me he arrepentido nunca. Vuelvo a decirlo: la soledad ha sido para mí un dolor y un gozo. Me impresionó profundamente una pintura de Mideros titulada «El solitario»: una montaña escarpada; en la cumbre, la Palabra de Dios; desde el pie de la montaña, un sendero tortuoso y empinado en dirección a la cumbre, abierto por entre duras rocas y bordeando inmensos abismos... Subiendo por ese sendero, la silueta de un hombre solo, y, al parecer, perdido entre las abruptuosidades de la montaña. No fue impresión de miedo lo que sentí, sino de misterioso atractivo. Algo inexplicable, algo así como la seguridad escondida de que, a pesar de todo, no caminaba o no caminaría solo: no caminaba solo, porque en la cima estaba la Palabra de Dios. No caminaría solo, porque alguien podría alguna vez arriesgarse por ese mismo sendero.

Aparentemente, no he dado muestras de tener fácil vocación comunitaria. La pérdida de tiempo, la superficialidad, la pura cortesía vividora, la amistad voluble, calculadora y complaciente..., me disgustan y me hacen daño. Me muevo, actúo, puedo llegar hasta el sacrificio, cuando encuentro que lo que hago tiene un sentido, un sentido trascendente. Las acciones pueden ser muy humildes en sí mismas y tener, sin embargo, un sentido de trascendencia. En el fondo, me parece ver claramente que tengo una auténtica y profunda vocación comunitaria: aspiración a ser uno como el Padre y el Hijo y el Espíritu Santo son uno, o con más precisión, como el Padre y el Hijo son uno en el Espíritu.

De la visión de la comunidad trinitaria, dirijo ahora mi reflexión hacia la comunidad en la tierra. Pero antes, siento la necesidad de expresar que, en

todo este proceso descrito, no hay mérito alguno de mi parte: es la demostración de la pura e infinita bondad de Dios. Y, por esta razón, hago mío el cántico de la Virgen María: «Proclama mi alma la grandeza del Señor y exulta de gozo en Dios mi Salvador: porque ha mirado la pequeñez de su esclava».

Con emoción indescriptible, veo ahora que ese mismo Señor preparó largamente y por caminos desconocidos, personas con quienes era posible establecer y cultivar una amistad profunda, en función de otros. Dios quiere enseñarnos el camino de la realización comunitaria, el camino de la promoción de comunidades eclesiales en esta era de la comunidad, para que, unidos a Jesús, podamos decir al Padre: «Te amamos».

f) *Dificultades*

Poniendo yo pie en tierra, la formación de la comunidad cristiana trae consigo múltiples y serias dificultades. De mi propia formación desde joven, me quedó para siempre el principio y la actitud de realizar todos los esfuerzos posibles para encarnar en la realidad lo que había ideado, lo que había embellecido con la imaginación, lo que había idealizado con la mente y el corazón. Suele suceder de ordinario que pensamos y elaboramos bellísimas aspiraciones. Pero luego, en la hora de ponerlas en práctica, nos desalentamos y nos paralizamos. Quedan así teorías escritas muy bellas, pero no vividas. De la época de nuestro fervor jocista, me quedaron en la memoria como estimulantes esos pensamientos de José Cardjin: Joven es quien tiene una cabeza que calcula y un corazón que no calcula. Es necesario mantener los ojos en el cielo, pero también firmes los pies en la tierra. Siempre he tratado de ser consecuente con lo que pienso, con lo que digo, aunque tenga que vencer graves dificultades.

En la realización del propósito de transformar la estructura misma de la Iglesia de Riobamba en vivencia comunitaria, empezando por hacer una

experiencia en el Hogar de Santa Cruz, fui encontrando dificultades de toda clase, grandes y pequeñas, externas e internas.

Oportunamente me referiré a los graves conflictos que he tenido que enfrentar y que han sido ocasión de experimentar el caudal de reconfortamiento y de esperanza de la vida comunitaria. Por lo pronto, quiero referirme por lo menos a algunas de las dificultades que he encontrado y que hemos encontrado en la realización del proceso. He aquí algunas notas que descubren esa preocupación y esas dificultades:

«Quiero limitarme en estas notas al problema del Hogar de la Iglesia de Riobamba y a sus implicaciones. Veo la necesidad de enfocar, en otras notas, el problema más complejo de la Diócesis y de mis responsabilidades en otros ámbitos.

En cuanto al problema del Hogar de la Iglesia de Riobamba, quiero hacer un análisis de la situación y luego llegar a una síntesis, a un equilibrio, Lo mismo habrá que hacer con el otro problema.

La casa de Santa Cruz, con todas sus proyecciones, es el fruto de muchos sueños y esfuerzos. La hemos considerado como la base para una acción eclesial de profundo y largo alcance».

En las notas siguientes, encuentro que he realizado un análisis de la situación, tanto desde el punto de vista exterior, como desde el punto de vista interno, con una visión más bien psicológica de las personas, con el deseo de descubrir en ellas sus valores y sus defectos. No me creo en el derecho de dar a conocer esos análisis.

Después de este análisis, he dejado escrito lo siguiente:

«Me planteo el problema: ¿es posible en verdad promover una comunidad de valores? ¿Han de ser terreno propicio solo las comunidades naturales? Creo en la factibilidad de una comunidad de valores. Pero debo tener presente que es muy difícil. Que es necesario ir muriendo con Cristo. Que, para esto, es necesario adherirse más y más a Cristo. Creo que es necesario aceptar conscientemente un mismo objetivo y querer alcanzarlo a todo trance.

Si cada uno sólo busca su propia realización, no existe un mismo objetivo y hay el peligro de buscarse sólo a sí mismo. Esto no quiere decir que no se deba respetar la personalidad de cada cual y su propio carisma, sino que se debe poner al servicio común lo que cada uno es y tiene con todas sus limitaciones».

Partiendo de ese mismo análisis psicológico de las personas, he continuado más tarde con estos pensamientos:

«En base de la comunión en Cristo, de la confianza y de las afinidades, podemos construírnos mutuamente equilibrando: la paciencia con la impaciencia, el acicate con la calma, la tendencia a la evasión y al desaliento con la constancia y el espíritu de lucha, la visión inmediata con la visión futurista, la aspiración extensiva con la aspiración intensiva, la rapidez con la lentitud, la preferencia por una clase social con la apertura a todas, la dificultad para el diálogo con los logros ya alcanzados, la sensación de incapacidad con el optimismo razonado».

Después de reuniones de reflexión, en particular y en conjunto y después de haber dejado que el tiempo haga también su obra, la situación de dificultad en las relaciones interpersonales sufrió algunos cambios:

«Desde hace unos dos meses, ha habido un apaciguamiento, una «convivencia pacífica», una mutua «tolerancia». Exteriormente, las relaciones han sido más o menos normales. Pero, en el fondo, la tensión permanece. En todo caso, se ha producido un caminar, aunque a cierta distancia, por lo menos por caminos paralelos. Es algo. Pero del todo insuficiente para alcañzar el objetivo comunitario.

A esta altura, se ve la necesidad de hacer esfuerzos para que los caminos algo distantes y paralelos empiecen a buscarse: deponiendo unos y otros las actitudes que provocan choques, realizando un auténtico diálogo, orando fervorosamente. Me parece que en todo caso, la situación es evangelizable».

Y, después de nuevas reflexiones y pasado otro tiempo, releyendo mis notas, encuentro que los

esfuerzos realizados tienen altibajos. Una comunidad no se realiza fácilmente. Viviendo todo esto, he comprendido la afirmación de teólogos modernos, en el sentido de que la Iglesia no está hecha, sino en un quehacer contínuo, tiene que edificarse permanentemente: nunca está acabada.

«Se han superado muchas cosas penosas y es visible una convivencia gozosa. Me parece que esta convivencia es algo más que una simple tolerancia mutua y que hay esfuerzos positivos de búsqueda de entendimiento. Pero, dentro mismo de todo este logro positivo, puede estar germinando una semilla peligrosa. Se me ocurre llamarla «contentismo». El «contentismo» es una actitud de contentamiento colectivo, de descanso, de alegría en el goce del descanso. El descanso quiere decir quietud. La quietud puede degenerar en ociosidad, en miedo a la aventura y al riesgo. Me viene a la memoria lo que suele suceder cuando se asciende a una montaña: coronada una alta colina, después de fatigosos esfuerzos, los ascensionistas se tienden a descansar en el suelo. Surgen las bromas y las risas. Se siente agradable el descanso y el ambiente de compañerismo. Pero luego cuesta mucho levantarse y renovar el esfuerzo, vencer nuevas fatigas y continuar la aventura. En la marcha de una comunidad, el «contentismo» puede ser fatal, por equivaler a aflojamiento. ¡Cuantos grupos se quedan enanos por este motivo! En horas semejantes, es cuando siento la impaciencia.

En conclusión: debemos dedicarnos a reflexionar con el Evangelio por delante, para descubrir y amar el ideal y proseguirlo, con fe, con entusiasmo, arriesgadamente.

g) *Resultados*

Entre altibajos, entre tensiones, entre faltas de entendimiento y sinceras búsquedas, el espíritu comunitario fue naciendo insensiblemente. Nos lo iban diciendo personas y grupos que se ponían en contacto con nosotros, sea a través de visitas, sea a través de encuentros y convivencias en el Hogar de Santa Cruz. Nosotros mismos lo íbamos comprobando. También yo a lo largo de mis reflexiones escritas.

Echando una mirada retrospectiva, vemos, comunitariamente, que los resultados conseguidos exceden los medios de que nos hemos servido. Constatamos que la ciencia de los hombres es incapaz de lograr ese algo tan indefinible que es el espíritu comunitario. Comprobamos con toda claridad que hay un Alguien que actúa, a pesar de nuestras limitaciones, a pesar de nuestros defectos, de nuestro egoísmo, de nuestros recelos mutuos, de nuestras rivalidades secretas, de nuestras pequeñas maniobras. Por esto, lo que voy a decir a continuación, transcribiendo pensamientos ajenos y observaciones propias, es atribuible únicamente al Señor que nos ama.

—Me ha hecho gran impresión el calor humano que aquí hemos encontrado. Y no sólo nosotros, sino cualquiera que llega.

—He visto realizarse aquí lo que debe ser la Iglesia de hoy.

—Aquí he tenido el primer encuentro con Cristo de mi vida.

—No sólo nos han dado la teoría sino la vida de una comunidad cristiana.

Expresiones como éstas han sido manifestadas con frecuencia, al hacer la evaluación de encuentros comunitarios con grupos que han estado en la casa, durante cuatro o cinco días. Han pasado también por la casa seglares, religiosas, sacerdotes y, después de haber permanecido uno o más meses, han escrito cartas desde sus lugares de trabajo, muchos de ellos en el extranjero, en las que manifiestan con mayor amplitud los sentimientos que despertaron en ellos los días de convivencia con la comunidad de Santa Cruz.

Para no abundar en citas, copio únicamente estos dos párrafos de una comunicación:

«Es el gran «sueño», el anhelo de edificar la Iglesia viva de Riobamba, «signo de equipo, de comunidad cristiana, para todos los hombres». Es el anhelo de llegar a ser lo que debemos ser.

Es un desafío más a la inercia de los «instalados» en la tranquilidad de una «Iglesia establecida»; y, por eso mismo, es un acto de fe integral en el Señor Resucitado, que nunca deja de suscitar en su Cuerpo Místico los carismas necesarios para proseguir su autoedificación en el «aquí» y en el «hoy» de la historia de la salvación que continúa».

Hubo una persona que nos dijo: «He estado indagando cuál es el secreto de esta casa...?». A propósito de esto tengo escrito: «¿Podemos ser el secreto de la casa, en la medida en que Cristo viva en nosotros, en la medida en que reflejemos a Cristo, con sencillez, en nuestras palabras, en nuestras actitudes, en nuestras relaciones con el prójimo, a través de las reuniones, de las comidas, de los recreos, de la liturgia».

Personalmente, he recibido muchísimo de la experiencia comunitaria. En frase de una persona amiga que me conoció cuando trabajé en mi diócesis de origen, la vida comunitaria me ha humanizado. Y, desde el punto de vista de experiencia liberadora de Cristo, éstas han sido mis constataciones:

«El gran acontecimiento es Cristo que viene. Vivirlo cada día. Tomar conciencia de que Cristo viene hoy, a hablarme, a fundirse conmigo con la Eucaristía, a salvarme, a reunirme por medio de El con el Padre y con los hermanos en el Espíritu Santo. Irradiar la felicidad que produce este acontecimiento.

Cristo viene, me salva, me convoca. ¿Tienen validez concreta estas palabras? Es decir, ¿se realizan en mi vida? ¿Puedo de alguna manera experimentarlo y comprobarlo?

Me hago estas preguntas por dos temores: temor de que sean palabras sin sentido; temor de que produzcan apenas un entusiasmo frágil y transitorio.

Pero yo creo que Cristo viene, no sólo porque así me dicen los teólogos, sino porque en realidad se hace presente en mi vida: me habla, ilumina los secretos de mi ser, me ama... Y entonces veo: mis fealdades y mezquindades, pero al mismo tiempo también el inmenso amor con que El viene.

Yo creo que Cristo me salva, porque me saca concretamente de la maraña de mi egoísmo: a más de hacerme ver, me ayuda a salir, a triunfar, a liberarme, a restaurar la paz y la alegría.

Yo creo que Cristo me convoca a reunirme, porque me lleva, liberado de ciertas ataduras egoístas, a mirar con simpatía y comprensión a mis hermanos, a experimentar un sincero amor hacia ellos, a buscar su felicidad y no la mía, aunque en esto mismo me sienta gozoso. En una palabra, me lleva a los demás como transportador de El mismo».

Pensando en el pequeño grupo de hermanos con quienes iniciamos esta experiencia de vida comunitaria, escribí también comprobaciones como éstas:

«Desde el momento en que hemos empezado a esforzarnos por amar de verdad a Cristo y al prójimo, hemos empezado también a ser más humildes a imitación de Cristo: «se anonadó a sí mismo»; a ser más obedientes a la voluntad del Padre, como Cristo «se hizo obediente»: «he aquí que vengo a hacer tu voluntad»; a ser más abnegados, como Cristo: «se hizo obediente hasta la muerte y muerte de cruz»; a ser eficaces evangélicamente, como Cristo: «cuando sea exaltado (en la cruz), atraeré todo hacia mí».

2. Pastoral comunitaria

a) *Nuestro objetivo*

Era muy claro y concreto. Pretendíamos el nacimiento y crecimiento de una Iglesia comunitaria. Pero, si teníamos claro y concreto el objetivo, no se nos presentaba claro el camino que debíamos seguir, sino todo lo contrario: el camino no estaba hecho. Teníamos que abrirlo, con los consiguientes riesgos y posibles fracasos.

Garantizados por la experiencia que llevamos hecha, creo conveniente decir aquí que la razón por la cual, de un modo general, no se lleva a la práctica la renovación tan fuertemente sugerida

por el Concilio Vaticano II y por la Conferencia Episcopal de Medellín, es el miedo que produce esta ignorancia lógica de los caminos que hay que ir descubriendo. Nosotros hemos experimentado ese miedo, la empresa de un cambio en la imagen y en el ser mismo de la Iglesia se constituye en una verdadera aventura. Los hombres necesitamos de un mínimum de seguridad cuando menos. Tenemos que comprender esto, antes que criticar y juzgar peyorativamente esa tendencia de la Iglesia, en algunas partes, a establecerse, a seguir caminos trillados, a retroceder a terrenos conocidos.

Con toda sinceridad, puedo decir que nosotros resolvimos correr la aventura conscientes sin embargo de las dificultades, de la obscuridad, de la complejidad de los riesgos.

En páginas siguientes, volveré a tratar de este momento decisivo, cuando hable del nacimiento del llamado después «Equipo de Santa Cruz». Debo señalar, sin embargo, que los primeros pasos hacia una pastoral comunitaria fueron pensados y ensayados en equipo, constituido por un número muy limitado de personas. Nos propusimos organizar encuentros de pastoral comunitaria: para párrocos, para educadores, para asesores de movimientos apostólicos, para dirigentes y militantes laicos.

En el primer año, pudieron realizarse dos encuentros con párrocos, dos con educadores, uno con asesores y uno con misioneras. Es interesante explicar por qué y cómo se realizó este encuentro con misioneras. No estuvo programado. Enviamos invitaciones para el encuentro programado con dirigentes y militantes laicos. Pero no hubo correspondencia, es decir, no vino nadie perteneciente a grupos de apostolado seglar. Se hicieron presentes, sin haber sido invitadas, en esas mismas fechas, religiosas misioneras provenientes de los lugares más apartados del país. Entonces, tuvimos que cambiar totalmente el proceso del encuentro.

A los encuentros de párrocos concurrieron sacerdotes de Quito, de Latacunga, de Ambato, de Guaranda, de Azoguez, de Cuenca, de Guayaquil,

de Babahoyo, de Riobamba. A los encuentros de educadores concurrieron Hermanos de las Escuelas Cristianas, Religiosas, sacerdotes de Quito, de Ambato, de Guaranda, de Guayaquil, de Riobamba. En el encuentro de asesores participaron sacerdotes de Latacunga, de Ambato, de Azoguez, de Cuenca, de Guayaquil, de Riobamba. Y en el encuentro de pastoral comunitaria misionera estuvieron fundamentalmente presentes religiosas misioneras en la selva oriental, en las islas Galápagos, en Santo Domingo de los Colorados, en Guaranda, en Riobamba.

Cada encuentro tuvo características propias, muy originales, de acuerdo a la problemática específica de cada campo de trabajo, de acuerdo a la mentalidad de los participantes, de acuerdo a su mayor o menor grado de compromiso. Hubo momentos —de ordinario al segundo día— de perplejidad, de angustia, de atormentadora búsqueda de respuesta que obligaba a una reflexión profunda. El encuentro más interesante y dinámico fue el de asesores, sin duda porque se trataba de sacerdotes o de otras personas que traían una gran experiencia de asesoramiento de grupos.

Todos los encuentros fueron sumamente enriquecedores. Todos dejaron, por lo menos en una mayoría de los participantes, luz, inquietud, deseo de cambio de actitudes, inicio de compromisos con tareas comunitarias concretas.

b) *Método*

Uno de los puntos obscuros era el método que debíamos seguir en este tipo de reuniones. Pensábamos, y ahora vemos que teníamos razón, que debíamos abandonar el clásico método de conferencias magistrales. Pensábamos asimismo que debíamos rechazar el método de empezar sentando principios para luego tratar de aplicarlos a la realidad de la vida. Pensábamos también que ya no debíamos seguir usando el método llamado de autoridad, o sea, el de imponer una doctrina a base de citas de autores famosos. En esa época,

habíamos conocido libros y artículos de Paulo Freire y algunos sacerdotes, inclusive, habían seguido cursos en Chile, con la participación del mismo Paulo Freire.

Resolvimos, pues, ensayar un método de trabajo que conjugara el método de la JOC: VER, JUZGAR, ACTUAR; el de Paulo Freire: sicosocial y dialógico; el del Evangelio; «escuchar la Palabra de Dios y ponerla en práctica».

Antes de explicar cómo tratamos de llevar a la práctica esta conjugación en uno de diversos métodos, es necesario añadir que nos propusimos crear un ambiente comunitario para todos los momentos y actividades de los días de cada encuentro. Por consiguiente, debía haber una participación de los concurrentes en la actividades humildes de la casa, tales como el servicio en la mesa, la limpieza de la vajilla, el aseo de sus cuartos... Con el mismo propósito, preveíamos la organización de juegos, para las horas de recreación, que tuvieran un sentido comunitario y una participación comunitaria. También estaban previstos trabajos relacionados con la siembra de árboles y con la ornamentación de la casa. Le dimos una importancia muy grande, y le seguimos dando, a la celebración de la Eucaristía, siguiendo aquello del Concilio: «... ninguna comunidad cristiana se edifica si no tiene su raíz y quicio en la celebración de la santísima Eucaristía, por la que debe, consiguientemente, comenzarse toda educación en el espíritu de comunidad» (P. O. n.º 6).

Volviendo al método, luego de una presentación personal, empezábamos haciendo preguntas sencillas encaminadas a descubrir el grado de percepción de la realidad que habían alcanzado los participantes. Ya en este primer paso se daba una complementación enriquecedora como percepción de la realidad. Pero no nos hemos contentado con este simple ver exterior y superficial, sino que nos hemos esforzado, mediante nuevas preguntas que seguían provocando el diálogo, por alcanzar un ver más en profundidad. ¿Cuáles son las causas que han producido esta realidad concreta? ¿Cuáles

son las causas que continúan manteniendo y consolidando esa misma realidad? ¿Cuáles son los aspectos negativos y cuáles los positivos? ¿Cuáles serían los posibles consecuencias, en caso de mantenerse esa realidad?

Después de una primera etapa consagrada a ver en profundidad la realidad descubierta, hemos dado gran importancia a la reflexión, a la reflexión teológica. Hemos averiguado cuáles son los planes de Dios en relación con el hombre. Para esto, hemos acudido a la Biblia y a los documentos oficiales de la Iglesia, tales como los del Concilio Vaticano II, la Conferencia de Medellín, las encíclicas de los Papas. Hemos tratado de alcanzar la mayor claridad posible sobre los designios de Dios. La comparación, mediante nuevas preguntas y problematizaciones, entre la realidad descubierta, sobre todo en sus aspectos negativos, y los designios de Dios, han provocado crisis, angustias, inquietudes hondas. Muchos de los participantes han perdido el sueño, en fuerza de esa crisis provocada por la reflexión entendida como comparación entre la triste realidad humana y los amorosos designios divinos. Así hemos ido descubriendo gradualmente la dimensión social del pecado. Dimensión monstrusa y aplastante. Así hemos ido descubriendo la estructuración terrible del pecado en el mundo. Así hemos llegado a ver cómo, en nuestros países, en la época en que estamos viviendo, es el capitalismo la estructuración de la «situación de pecado» de que habla Medellín. Y hemos llegado a descubrir también que otros sistemas, actuales o antiguos, fundamentalmente son y han sido estructuración ideológica y social de esa dimensión del pecado.

La crisis ha provocado preguntas, casi desesperadas, en los mismos participantes. ¿Qué podemos hacer? ¿Qué tenemos que hacer? ¿Cómo cambiar esta situación? ¿Somos capaces de enfrentarnos con esperanza a una situación semejante? ¿Qué está haciendo la Iglesia? ¿Qué hemos estado haciendo nosotros? Toda esta serie de preguntas, nacidas en este caso de los mismos participantes, preparaban el ánimo para una búsqueda ansiosa de

respuesta y de compromiso. Dos tendencias se fueron perfilando: una que se inclinaba más por la adopción de ideologías políticas, de métodos violentos, y otra que depositaba su confianza en la fuerza de la Palabra de Dios y en el mandamiento del amor que evita toda medida atentatoria contra la dignidad y la integridad de la persona humana. Haciendo siempre uso del diálogo, abierto y sincero, hemos ido confrontando estas dos tendencias y hemos alcanzado la definición y adopción de una línea para la Iglesia de Riobamba, línea que quiere ser de absoluta fidelidad al Evangelio, libre de compromisos con ideologías y partidos políticos, pero enteramente abierta a compromisos con el Cristo total, con la misión salvadora y liberadora del Hijo de Dios hecho hombre, misión salvadora y liberadora de esa situación monstruosa de pecado.

En los encuentros, no era posible llegar a compromisos controlables o evaluables, porque los participantes venían de diversos lugares del país y se hacía imposible el seguimiento de cada grupo o de cada persona. A este nivel, nos hemos contentado con proyecciones de trabajo, dejando a cada grupo o a cada persona la responsabilidad del cumplimiento de su compromiso. En cambio, en los encuentros realizados a nivel diocesano, poco a poco, hemos ido encontrando formas de seguimiento, como aparecerá de la relación que se hará más adelante.

Con haber sido un método que se ha inspirado, como queda dicho, en diversas fuentes, los mismos participantes empezaron a llamarlo «método de Santa Cruz».

Debo añadir, en primer lugar, que en el trabajo diocesano, nos hemos esforzado con la mayor fidelidad posible por vivir en un ritmo constante de acción y reflexión. La fidelidad a este ritmo nos ha ido abriendo más y más a los cuestionamientos que los conflictos y los hechos nos iban presentando. Creo que, por esto, hemos llegado a adquirir una actitud de constante disposición a comprender e interpretar acontecimientos y a dar siempre pasos hacia adelante. En segundo lugar, sin olvidar otras

razones que han pesado mucho en nuestra actitud, esta misma escucha a las personas, el contacto permanente con la realidad, la aceptación de cuestionamientos, nos han llevado a descubrir que la opción por los pobres es opción auténticamente evangélica. Hemos visto con claridad y hemos entendido el sentido de las palabras de San Pablo: «Cristo, siendo rico, se hizo pobre» 2 Cor. 8,9.

c) *Comunidades de base*

Vivencialmente, éste era el proceso que nos propusimos seguir: comunidad de Hogar - equipo de Santa Cruz - grupo de reflexión teológica - equipo misionero diocesano - equipo nacional de evangelización - comunidades eclesiales de base vinculadas a la Iglesia local y relacionadas entre sí.

La vida nos fue enseñando muchas cosas. Este proceso se ha cumplido en parte, sólo en parte. Por ejemplo, cuando pensamos en el grupo de reflexión teológica, teníamos en la cabeza la idea de una reflexión teórica que ayudara desde afuera y desde arriba a las comunidades eclesiales de base. Pero, posteriormente, hemos visto que la reflexión teológica, para que sea vivencial y transformadora, debe realizarse con el pueblo, en el seno de las comunidades cristianas. La gente sencilla tiene mucho que enseñarnos. Con una intuición, obra evidente del Espíritu Santo, la gente sencilla descubre la profundidad del mensaje salvífico y lo expresa con una simplicidad admirable. Seguramente, porque la gente sencilla está limpia de categorías mentales perturbadoras. Seguramente, porque la gente sencilla, más que definir a Dios, lo experimenta en su vida diaria.

El proceso descrito era, indudablemente, ambicioso. El Señor nos va concediendo la alegría de la realización y de la fructificación que, como leemos en el Evangelio, «la semilla germina y crece, noche y día, sea que duerma o esté despierto el que siembra» (Mc. 4, 26).

Al tratar de las comunidades cristianas de base, dice el documento de Medellín sobre pastoral de

conjunto: «Se recomienda que se hagan estudios serios, de carácter teológico, sociológico e histórico, acerca de estas comunidades cristianas de base, que hoy comienzan a surgir, después de haber sido punto clave en la pastoral de los misioneros que implantan la fe y la Iglesia en nuestro continente. Se recomienda también que las experiencias que se realicen se den a conocer a través del CELAM y se vayan coordinando en la medida de lo posible (n. 12).

Excepción hecha de un sacerdote sociólogo que trabajó con nosotros, en esos años de puesta en marcha de la pastoral comunitaria, no contábamos con especialistas. A pesar de esto quizá por lo mismo con redoblados esfuerzos, ensayamos estudiar las comunidades cristianas de base tanto desde el punto de vista sociológico como teológico.

Así, entre otras cosas, llegamos a saber que los sociólogos caracterizan a una comunidad diciendo que está compuesta: por un área geográfica contínua, por cierta estructura social, por un fondo cultural semejante, por intereses comunes, por relaciones sociales y económicas, por cierta unidad histórica y lingüística.

Así, llegamos a conocer lo que los sociólogos llaman un agregado humano, un grupo, un equipo, una comunidad. Llegamos a conocer que el agregado es natural, cuando surge espontáneamente en busca de respuesta a espectativas comunes. Que el agregado es forzado, cuando surge por la imposición de una fuerza externa, como acontece en el cuartel, en la cárcel, en ciertos tipos de colegios. Llegamos a conocer que hay agregados de valores, en parte como respuesta a necesidades motivadas y en parte con carácter forzado. Aplicando estos conocimientos a la práctica pastoral, decíamos que en lo posible había que partir de agregados naturales, que teníamos que acomodarnos a la mentalidad de las personas integrantes. Continuábamos limpiando nuestra ignorancia con el conocimiento de que, en el grupo, ya se empiezan a cultivar la amistad y las relaciones interpersonales; que el equipo nace cuando aparecen los líderes,

la división de responsabilidades; que la comunidad es ya la plenitud de esas mismas relaciones interpersonales, la desaparición del líder sustituído gradualmente por el liderazgo del mismo grupo. De la comunidad decíamos que es un conjunto de personas que se intercomunican, que interactúan en una acción cooperativa y no competitiva, con miras a conseguir un objetivo común.

He tratado de hacer una síntesis de nuestro aprendizaje desde el punto de vista sociológico y teórico. Tengo que añadir que este aprendizaje fue ocasión de muchas discusiones, a veces acaloradas, porque teníamos impaciencia por llegar ante todo a una vivencia de comunidades cristianas. Personalmente, puedo decir que ese aprendizaje me fue útil, en cierta medida, en la medida del conocimiento, pero también yo eché de menos lo vivencial. Lo puramente sociológico puede entrabar y obstaculizar una vivencia cristiana, cuando se le da a lo sociológico una importancia mayor de la que en realidad tiene y se disminuye, en cambio, la importancia del Evangelio.

Comenzaron entonces nuestros primeros pasos en la búsqueda de una fundamentación teológica. Dijimos que esos fundamentos son los de la Iglesia. Que unas de las características de la semejanza del hombre con Dios es la vocación comunitaria, a partir del Génesis, capítulo 1.º versículo 28. Que Dios, después del pecado, dio comienzo a la organización de un pueblo, con Abraham. Que en la plenitud de los tiempos, Dios quiere la formación de un nuevo pueblo, que es la Iglesia, con Cristo. Que Cristo es el sacramento del Padre y el sacramento de la unión íntima con Dios y de la unidad de todo el género humano, como lo dice el Concilio. Que la Iglesia es sacramento de Cristo y signo visible del amor fraternal entre los hombres, que la Iglesia-comunidad se realiza por medio de reuniones, por medio de la participación en los sacramentos, particularmente en la Eucaristía, por medio de compromisos de acción motivados por el amor fraterno. Aunque nos causaba vértigo, en muchas ocasiones, incursionamos en el misterio trinitario,

para decir que la perfección está en la unidad realizada en la diversidad, que la perfección de Dios se encuentra en su vida comunitaria impenetrable para nosotros.

Con mayor interés, si cabe decir así, partíamos de determinados textos del Nuevo Testamento. «Donde están dos o tres congregados en mi nombre, allí estoy en medio de ellos» (Mt. 18,20). Para que haya comunidad cristiana, debe haber seguidores de Cristo. El fundamento es Cristo. Cristo no es una persona más, decíamos. Cristo es el centro alrededor del cual nos reunimos. La comunidad cristiana no sustituye a la comunidad humana, sino que la supone y la perfecciona.

Tomando en cuenta las primeras comunidades cristianas, de las que se habla en los Hechos de los Apóstoles, y otros textos del Evangelio, particularmente de San Juan, nos esforzamos por encontrar las características de la comunidad cristiana: presencia de Cristo vivida y actualizada: «Yo estaré en medio de ellos»; unidad, de acuerdo con el mandamiento nuevo de Cristo: «Amaos los unos a los otros, como yo os he amado» (Jn. 13, 34); universalidad: «Id por todo el mundo...» Mt. 27, 19; diversidad de carismas que nos obliga a un respeto a la personalidad de cada uno, de acuerdo con la doctrina de San Pablo; espíritu de servicio, por la cual debemos entender que la autoridad misma es un ministerio, es un servicio, de acuerdo también a la doctrina de San Pablo; pequeñez y pobreza: Cristo empieza por lo pequeño y pobre, Cristo desecha los medios espectaculares de las tentaciones en el desierto. Así, cada uno debe tender a desaparecer en la comunidad.

Frente a esta última característica de pequeñez y pobreza, la Iglesia y nosotros como Iglesia hemos caído en el triunfalismo, esto es, en la vanagloria de los números, de las grandes concentraciones masivas, de los edificios grandiosos. Pero la Iglesia y nosotros como Iglesia nos hemos dado cuenta ya de que lo masivo despersonaliza y por esto de que es necesario volver a la pequeña comunidad, a la comunidad de base. ¿Concebida y realizada como

un pequeño círculo cerrado? No. Como fermento. Nuestro Señor Jesucristo escogió de entre sus discípulos a doce, a los cuales llamó apóstoles. Ellos fueron, menos uno, los llamados a aplicar la parábola del fermento en medio de la masa. Por lo mismo, la pequeña comunidad debe estar abierta a fin de penetrar en la masa con la ambición de fermentarla. Esto no quiere decir que haya que abandonar a la masa a la sola acción del fermento. También hay que prepararla, de la misma manera como se prepara la harina, siguiendo la comparación de la parábola. A Nuestro Señor Jesucristo le seguían grandes muchedumbres. Nuestro Señor Jesucristo predicó a estas grandes muchedumbres. Así las preparaba para la labor, en su seno, del pequeño grupo.

Nuestro Señor Jesucristo no deja de interesarse por las personas, todo lo contrario. Poniendo el dedo en la llaga, como en el caso de la samaritana, cura a las personas, las convierte y las transforma en emisarias de su mensaje. Nosotros debemos seguir una línea semejante.

Con mucha frecuencia, desgraciadamente, constatamos esa falta de intercomunicación entre las personas, particularmente esa intercomunicación de experiencias de Cristo a nivel profundo. Da pena pensar que, por un recato hasta cierto punto exagerado que nos detiene y nos impide una más abierta intercomunicación, se mantiene limitado nuestro crecimiento en Cristo. Otras veces, por esa misma causa, hay personas que se quedan indefinidamente en un estado de búsqueda a tientas, cuando bien podríamos ayudarlas. De esta búsqueda a tientas pueden retroceder y volverse indiferentes.

En el libro de Rogers «El desarrollo de la persona», hay una idea céntrica, a saber, que la congruencia entre experiencia, conciencia y comunicación facilitan el crecimiento de los individuos como personas, y que, por el contrario, la incongruencia paraliza ese crecimiento. Congruencia significa una íntima relación entre experiencia, toma de conciencia de esa experiencia y comunicación. Estas tres realidades sicológicas deben co-

rresponderse estrechamente, para que se pueda llegar a las esferas de la autenticidad. Si no tenemos una experiencia de Cristo, podemos hablar de El de una manera muy ilustrada, muy teológica, pero muy teórica. En estas circunstancias, cualquiera comunicación no favorece el crecimiento en Cristo. Pero también puede darse el caso de que, teniendo experiencia de Cristo, no tomemos conciencia clara del encuentro con El, por falta de reflexión, por ofuscación, por debilidad de la fe, por cobardía, por una actitud defensiva. Todo encuentro personal y toda comunicación interpersonal comprometen. Todo compromiso comporta de alguna manera una negación de sí mismo, un sacrificio, una renuncia, y esto causa miedo. El joven rico tuvo experiencia de Cristo, pero tuvo miedo a la renuncia y le volvió las espaldas. Y puede fallar la intercomunicación, por lo que queda ya dicho: por un exagerado recato.

Las experiencias de Cristo pueden ser múltiples y crecientes. Pueden empezar con el primer llamamiento: «Si quieres, ven y sígueme». O con el primer descubrimiento provocado por alguna persona: «Este es el Cordero de Dios». «Al oírle hablar así los dos discípulos siguieron a Jesús» Jn. 1, 36-37.

La congruencia produce claridad; la claridad, transparencia; la transparencia, confianza y seguridad. Cristo llegó a decir a sus amigos: «Os he llamado amigos, porque todo lo que oí de mi Padre os lo he dado a conocer» (Jn. 15,15). De la misma manera, entre amigos de verdad todo nos lo damos a conocer. Esta es la transparencia.

Si esta revelación mutua entre amigos es a propósito del descubrimiento del misterio de Cristo, la transparencia nos ayuda enormemente a crecer en Cristo. Por esto, para una vida comunitaria, es menester ser más y más congruentes, a fin de ser más claros, más transparentes y crecer así en seguridad, en confianza, en Cristo.

¿Qué hacer con los hermanos que no se muestran congruentes? La incongruencia por ser ambigua, por ser doble, engendra malestar, disgusto, desazón,

desconfianza, oscuridad y una sorda sensación de que no estamos unidos de ninguna manera, menos aun unidos en Cristo.

¿Qué hacer?... Esforzarnos por ser siempre congruentes en nuestras relaciones con ellos. Por descubrir en qué está el punto neurálgico de sus incongruencias. Y, en el momento oportuno, esforzarnos por demostrarles con franqueza y caridad ese punto de sus incongruencias.

Los discípulos, porque habían sido mal recibidos en una ciudad, pidieron al Señor que haga llover fuego del cielo. Sin duda, pretendían así demostrar al Señor que le amaban. La respuesta fue: «no sabeis de qué espíritu sois». Así les demostró su incongruencia, pues amar al Señor es amar también al prójimo.

d) *Comunidad de base y evangelización*

En esos años, en los cuales nos propusimos poner en marcha las comunidades de base, nos preguntábamos: ¿Cómo realizar la comunidad cristiana? Tratando de respondernos, sentimos la necesidad de darle importancia fundamental a la evangelización, para el encuentro con Cristo. Ya no se trataba de hacer un estudio sobre diversos tópicos teóricos de la evangelización. Repito: sentimos la necesidad de empezar evangelizando. Todavía no habíamos descubierto, en esa época, la necesidad de evangelizarnos junto con el pueblo. Todavía nos creíamos «los evangelizadores». En todos los cursos iniciales de pastoral comunitaria, tratábamos de este tema, aunque poniendo el acento en unos aspectos más que en otros, de acuerdo con las características del grupo con el que reflexionábamos.

De reuniones con el Equipo Nacional de Evangelización, nacido en cumplimiento de las disposiciones dadas por la Conferencia Episcopal Ecuatoriana, espigo algunas respuestas a la pregunta: ¿cómo está evangelizando la Iglesia en el Ecuador? Estas respuestas nos dan una visión crítica de la acción evangelizadora de la Iglesia en nuestro país.

Buscando lo positivo y lo negativo de la acción evangelizadora de la Iglesia, decíamos entonces: «Es la comunidad, toda la comunidad cristiana, la llamada a cumplir con la misión evangelizadora. Desde este punto de vista, no se puede afirmar que se esté realizando una labor evangelizadora comunitaria; pero sí se puede destacar la acción evangelizadora de determinados agentes, con sus aspectos positivos y negativos».

Analizando la acción evangelizadora de los obispos, constatábamos como algo positivo las visitas pastorales a las parroquias de cada diócesis: «algunas de ellas apartadas y de muy difícil acceso». Las visitas pastorales «han tenido con frecuencia la característica de verdaderas misiones evangelizadoras, que han dejado profunda huella, sobre todo en los habitantes del campo. No se puede negar tampoco el valor, aunque sea muy relativo, de las cartas pastorales, que han iluminado evangélicamente el criterio y la conducta de sectores más capacitados del pueblo. La presencia del Obispo, sea en actos públicos, sea en acontecimientos familiares, ha llevado la intención de transmitir de alguna manera el mensaje evangélico.

De un modo quizá más auténtico, los obispos han cumplido con su misión evangelizadora mediante la predicación de la Palabra, sea de manera continuada en las misas dominicales, sea en ocasiones más solemnes o en determinadas épocas del año.

No por opaca y escondida debe dejarse en la sombra la profunda labor evangelizadora del obispo en su despacho, en donde la exposición y la escucha de múltiples y enredados problemas han sido ocasión para iluminar conciencias atormentadas, fortalecer ánimos decaídos y ayudar a verdaderos encuentros con Cristo».

La contra parte, es decir, lo negativo en el cumplimiento de su labor evangelizadora por parte de los obispos, quedó consignada en estas observaciones:

«Los obispos pierden la oportunidad de evangelizar, cuando callan frente a los conflictos sociales. San Pablo habla del deber de llevar la reconciliación a los hombres: «Dios... nos confirió el servicio de la reconciliación» (2.ª Cor. 5,18). Pero los obispos, de ordinario, frente a estos conflictos que tanto recrudecen hoy día, guardan silencio, para no complicarse la vida, por no correr el riesgo de perder un prestigio mal entendido, por el miedo de provocar divisiones, por el falso criterio de que más vale resguardar «el orden», aunque éste sea el fruto de la injusticia, que provocar inquietudes a través de una valiente denuncia: la reconciliación cristiana no debe ser con el pecado, con la opresión, con la injusticia, sino con el Evangelio.

Los obispos son víctimas de estructuras eclesiásticas esclavizadoras y, mientras no se sacudan de ellas, no podrán cumplir a cabalidad con su misión evangelizadora. Dichas estructuras hacen de los obispos más administradores que pastores, más hombres de despacho oficinesco que padres, más amigos de bendiciones e inauguraciones que mensajeros de la Palabra.

Los obispos son así mismo víctimas de estructuras sociales esclavizantes y de tradiciones medioevales. Al obispo le considera la sociedad como autoridad eclesiástica, al mismo nivel de las más altas autoridades civiles y militares de la provincia. Por esta razón, se reclama su presencia en todos los actos públicos de parte de los poderosos, y el pueblo ve en esta permanente participación una alianza explícita, o por lo menos implícita, con los poderes políticos, con el poder del dinero y con el poder de la influencia. Dentro de esta misma estructura mental de la sociedad, el obispo es considerado como figura decorativa de la ciudad en donde reside. Para colmo de esta situación antievangelizadora y a pesar de los impulsos renovadores del Espíritu, todavía el obispo vive en una casa llamada palacio, viste prendas llamativas y raras, triste recuerdo de épocas principescas ya olvidadas por el mundo... Todo esto impide encarnarse en los problemas del pueblo y le mantiene alejado de las realidades. Por esto, la gente sencilla ve en el obispo

a un ser casi sobrenatural. Las estructuras sociales ingentes y las costumbres heredadas de siglos pasados impiden, así, al obispo evangelizar por el testimonio.

Por su parte, los párrocos han sido generalmente y con mucha abnegación los portadores del Evangelio tanto en los centros parroquiales, como en los más inaccesibles caseríos. La predicación dominical, la catequesis, la organización y dirección de asociaciones piadosas, la organización de misiones populares, el contacto amistoso con familias del pueblo, su presencia en acontecimientos alegres o luctuosos, su vida de disponibilidad a prestar servicios: han sido acciones evangelizadoras que los párrocos han realizado de manera constante y sacrificada.

Muchas comunidades de religiosos y religiosas se han dedicado al magisterio y, en el desempeño de esta tarea, han mantenido viva la preocupación por la enseñanza religiosa. Ordenes y congregaciones se han entregado a la misión evangelizadora, sea en regiones a donde no había llegado la Buena Nueva, sea en regiones en donde ha habido necesidad de sacudir la conciencia de los cristianos. Las congregaciones religiosas, especialmente femeninas, han consagrado buena parte de sus miembros a tareas caritativas y asistenciales, con la constante preocupación de llevar a los miembros sufrientes del Cuerpo de Cristo, no solo el consuelo, sino también el conocimiento de ese mismo Cristo.

Con todo, hay deficiencias en la labor evangelizadora de todos estos agentes.

Los párrocos, al enseñar el catecismo, han provocado en los alumnos una simple adhesión a verdades y no una adhesión a la persona de Cristo. Cuando han predicado a los adultos, han pronunnunciado sermones moralizantes, han domesticado a la gente con normas de comportamiento, han echado mano a veces del Evangelio para defender sus actitudes no del todo evangélicas, han alienado al pueblo con devociones no fundamentadas teológicamente. Sus actividades han sido preferentemente sacramentalizadoras y cultualistas.

A los religiosos les ha hecho falta una integración en la pastoral diocesana. En los colegios, la religión ha sido considerada como una asignatura. Los religiosos y religiosas educadores han tenido más preocupaciones por prepararse intelectualmente como profesores antes que como educadores en la Fe y evangelizadores. Mayor énfasis se pone en el fomento de devociones propias de cada comunidad religiosa y de un moralismo sin sentido, que en el encuentro personal con Cristo. Los mismos religiosos no son tratados, en el seno de su comunidad, como personas y es muy difícil entonces que no dejen traslucir, de alguna manera, su resentimiento en su comportamiento con los alumnos. Los sacerdotes, salvas algunas excepciones, menosprecian a la religiosa como persona. Minimizan la importancia de su trabajo y desaprovechan su enorme buena voluntad para colaborar en auténticas tareas evangelizadoras. A nadie se le ha ocurrido todavía organizar en los colegios un equipo de reflexión que oriente la formación cristiana. Los religiosos son ciertamente pobres, individualmente hablando; pero la comunidad religiosa como comunidad, a causa de sus grandes edificios, de sus propiedades y del cobro de pensiones, en algunos casos muy altas, no dan ante el mundo testimonio de pobreza y, por este motivo, se resiente también el cumplimiento de la misión evangelizadora».

Dentro de este análisis crítico de la acción evangelizadora de la Iglesia en el Ecuador, no se dejó en olvido a los laicos.

Desde un punto de vista positivo, se estableció que «han sido los mejores transmisores de valores evangélicos, tales como el sentido de solidaridad y de justicia, de honestidad y de respeto. En el campo, hay padres de familia patriarcales que transmiten la fe a sus hijos y a los vecinos, tanto de viva voz como por el testimonio de su vida. En la ciudad, los laicos que militan en diversos grupos evangelizan su ambiente mediante la introducción de criterios cristianos y con actitudes valientes».

Desde el punto de vista negativo, se observó que «hay agrupaciones apostólicas que no evan-

gelizan, porque sus miembros no han sido evangelizados sino mal orientados hacia la sacramentalización y el moralismo. La gran masa no está suficientemente evangelizada y los laicos comprometidos son muy reducidos en número. Los mismos movimientos apostólicos existentes no han partido de la comunidad ni se orientan hacia la comunidad. Además, han sido muy clericalizados y han recibido una formación espiritual de tipo religioso que tiende a sacarlos fuera del mundo de los hombres».

Atención especial mereció la reflexión acerca de las misiones populares que por su misma naturaleza están llamadas a ser evangelizadoras. ¿Cómo ha sido la misión popular en el Ecuador?

«Para responder adecuadamente a esta pregunta, es necesario plantearnos otras preguntas. ¿Cuál ha sido, hasta ahora, el objetivo de la misión popular?

En general, una conversión de sentido individualista, de acuerdo con aquel slogan: «salva tu alma». Ha sido una revitalización de la piedad que se traducía de inmediato en la recepción de sacramentos. De una manera más particular, se ha buscado: el cumplimiento del precepto pascual por el mayor número posible de personas; el arreglo de matrimonios desavenidos y principalmente la legalización de uniones libres; la reforma de costumbres y la corrección de vicios tales como la borrachera, el robo; la preservación de la fe, para lo cual se ha insistido en la predicación de las «verdades fundamentales»; la conversión de los pecadores, de los «peces gordos», mediante la predicación terrible de las postrimerías: muerte, juicio, infierno y gloria, y que debía traducirse en la recepción del sacramento de la penitencia.

¿Quiénes han sido los agentes de la misión popular en el Ecuador? Preferentemente se ha buscado religiosos de comunidades misioneras, religiosos desconocidos en el lugar, aureoleados de antemano con la fama de santos misioneros y adornados por el don de cierta facilidad de palabra. A veces, han precedido y acompañado religiosas y seglares que han tenido el encargo de realizar visitas domiciliarias y de investigar los «casos» más escandalosos, como también de llevar cuidadosamente las estadísticas de matrimonios arreglados y de sacramentos repartidos.

En ocasiones, equipos misioneros internacionales, integrados principalmente por religiosos españoles de diversas órdenes y congregaciones, han recorrido el país predicando misiones y sacudiendo las conciencias, mediante todo un aparato complejo de hojas volantes, de propaganda por radio, de carteles, de prédicas, de conferencias a grupos específicos, de vía-crucis públicos, de sermones en el cementerio, de cantos y procesiones, de venta de objetos piadosos, de rosarios de la aurora, de hábiles presiones a través de los miembros de familia más íntimos.

¿Qué resultados se han obtenido de las misiones populares?

Ante todo, un gran impacto emotivo, sobre todo en la gente del pueblo en las ciudades y, en el campo, en los habitantes dispersos. Una rápida evaluación de este impacto acusa: que el recuerdo de la emoción perdura por toda la vida; que se produce una fidelidad a actitudes tales como de adhesión a la Iglesia, de orgullo y satisfacción de llamarse católicos. Pero nada de ésto significa un cambio profundo de vida.

En segundo lugar, las misiones populares han conseguido crear un ambiente religioso muy notable durante los días mismos de su realización, en los pueblos y ciudades pequeñas. En las ciudades grandes, ese ambiente religioso ha sido más débil y, sobre todo, no ha cubierto sino determinadas áreas populares. Después de la misión, dicho ambiente religioso se ha ido debilitando gradualmente. Cierto que, como un recuerdo más duradero de la misión, o bien han quedado establecidas ciertas prácticas religisas nuevas, o bien se han reafirmado las ya establecidas; pero la tónica de fervor colectivo ha venido a menos rápidamente.

En tercer lugar, sí hay que reconocer que la predicación de las misiones populares ha sido evan-

gelizadora y que ha buscado la conversión como respuesta. De hecho, en muchos casos, se han realizado conversiones impresionantes, que han conmovido a la población entera. Y no han sido conversiones de un día, sino en verdad duraderas. Pero también es necesario reconocer que se buscaba una conversión del pueblo en masa, lo cual no quiere decir una conversión en comunidad, sino que era individualista. Se buscaba una conversión masiva e inmediata, lo cual impedía que fuera más reflexionada y duradera.

De las observaciones críticas que vamos haciendo podemos concluir, para nuevos comentarios, que algo fundamental ha faltado como fruto de las misiones populares, ésto es, no ha habido, de un modo general, cambio de vida profundo, duradero, comunitario. En otras palabras, salvas algunas excepciones, no ha habido conversión auténtica que sea el comienzo de una nueva vida, el nacimiento del hombre nuevo. Tenemos la obligación de preguntarnos: y ésto, ¿por qué?

Nos parece que la razón primera es la siguiente: la predicación no ha tomado a Cristo como centro. La predicación ha sido fiel reflejo de una teología concebida y estudiada en tratados diversos. La predicación no ha buscado poner a los oyentes en contacto directo con el Evangelio. No ha presentado la persona de Cristo Salvador. Se ha presentado más bien la imagen del predicador, quien ha echado mano de una oratoria altisonante, artificiosa, técnica si se quiere, pero vacía de Cristo. El predicador se ha presentado como el profesional de lo religioso. Pero muchas veces no ha sido el hombre poseído por Cristo, el hombre con una experiencia de este Cristo Resucitado que le ha ido liberando en su vida del pecado, de tal manera que pudiera repetir como San Juan: «lo que hemos visto y oído y palpado con nuestras manos: eso es lo que os anunciamos» (I Juan 1,1).

Segunda razón: la duración de la acción evangelizadora ha sido corta. La misión ha servido así de tranquilizante. Tranquilizante para el párroco, quien ha creído descargar su conciencia del cumplimiento de su misión evangelizadora. Tranquilizante para los misioneros, quienes han creído ver colmadas sus aspiraciones con el crecido número de «conversiones» y luego no tienen la oportunidad de constatar la inconsistencia de los resultados obtenidos en ocho o quince días. Tranquilizante para el pueblo, pues éste, en su gran mayoría, después de «cumplir» con la confesión y comunión, vuelve a su misma situación de antes. La excesiva preocupación sacramentalista, la casi exclusiva preferencia por las masas, la desconexión entre pastoral ordinaria y extraordinaria y, por lo mismo, la falta de continuidad en la labor evangelizadora del párroco, junto con el cortísimo tiempo dedicado a la misión, explican el hecho lamentable de que no hemos visto nacer el hombre nuevo y de que ha permanecido inmutable el hombre viejo.

Tercera razón: han sido malogrados los frutos de la evangelización, porque los evangelizados no han tenido, para su afianzamiento, una estructura adecuada que les ayude. El único cable de unión con Dios ha sido el sacerdote; pero el párroco, concebido como el animador de todo, no dispone de tiempo suficiente y ha descuidado la formación de grupos de seglares».

He transcrito todos estos largos párrafos, fruto de la reflexión de un grupo de personas, sacerdotes, religiosas y seglares que, como dije antes, constituyó el Equipo Nacional de Evangelización a mi cargo, por las siguientes consideraciones:

Tomé parte activa en este trabajo de reflexión, pero también recibí, y recibí mucho de los aportes de cáda uno de los miembros.

Como Obispo, la crítica hecha a la labor evangelizadora de los Obispos en general, me interpeló muchísimo. Creo ver, por lo menos en parte, una gran influencia de este tipo de reflexiones en mis cambios de comportamiento. Ya había abandonado el uso de la sotana con vivos y colorines: había empezado a vestirme como los seglares. Tomé la resolución de no mezclarme más con las altas autoridades, en desfiles y acontecimientos similares. Tomé también la resolución de no dar tanta im-

portancia a las bendiciones solemnes de puentes, grandes edificios, construcciones, y de dar mayor atención a las celebraciones de pequeños acontecimientos de las comunidades campesinas y de grupos populares...

En relación con la acción pastoral, este tipo de reflexiones influyó también grandemente para tratar de introducir cambios progresivos. No quiero hacer referencia por menudo a todos esos cambios. Quiero señalar quizá el más significativo: las misiones. Oportunamente me referiré al equipo misionero y a la labor misionera de los diversos equipos pastorales que fueron surgiendo posteriormente. Pero veo que todas esas características de «misión» que existieron antes han cambiado totalmente. Nada de espectáculos impresionantes. Nada de oratorias ampulosas y terribles. Nada de persecución de casos escandalosos... Más bien, la conversación amistosa, la reunión en la casa de una familia pobre, la reflexión conjunta a la luz del Evangelio de las realidades que vivimos.

De una manera muy especial, debo señalar los grandes esfuerzos que hemos hecho y que vinimos haciendo para que vayan naciendo y fortaleciéndose las comunidades eclesiales de base, para que vayan conformándose a Cristo los responsables seglares de esas mismas comunidades, para que todos vayamos descubriendo nuestros compromisos para una acción transformadora, no sólo de las personas, sino también de la sociedad en que vivimos.

Después de ser encarcelado Juan, se fue Jesús a Galilea, donde proclamaba el Evangelio de Dios, diciendo: «se ha cumplido el tiempo; el Reino de Dios está cerca; convertíos y creed al Evangelio» (Marcos 1,14-15).

«Sepa, por tanto, con absoluta seguridad toda la casa de Israel que Dios ha hecho Señor y Cristo a este Jesús a quien vosotros crucificasteis». Al oír ésto se dolieron de corazón y dijeron a Pedro y a los demás apóstoles: «¿qué tendríamos que hacer, hermanos?». Pedro les respondió: «Convertíos, y que cada uno de vosotros se bautice en

el nombre de Jesucristo para remisión de vuestros pecados, y recibiréis el don del Espíritu Santo; porque esta promesa para vosotros es, y para vuestros hijos... Los que aceptaron, pues, su Palabra se bautizaron y, se agregaron aquel día como unas tres mil personas» (Hechos, 2, 36-41).

Textos como éstos nos sirvieron para buscar con claridad el objetivo fundamental de la evangelización y que es el anuncio del gran Acontecimiento, del único verdadero acontecimiento: el Reino de Dios está cerca. Jesús es el Señor y el Cristo: lo es redimiéndonos y salvándonos del pecado, restaurando así el Reino de Dios en la tierra.

Este anuncio está llamado a producir la fe y la conversión: «convertíos y creed al Evangelio». Está llamado a congregar a los hombres en comunidad y a hacerse un pueblo: «se agregaron aquel día como unas tres mil personas».

Evangelizar es anunciar a Cristo muerto y resucitado, a Cristo que viene en el hoy de cada día y en el aquí en el que se desenvuelve nuestra vida, a Cristo que viene a liberar al hombre de la esclavitud del pecado en su dimensión individual y comunitaria, que nos pide la fe y la conversión, que nos llama a congregarnos para ser un nuevo pueblo en marcha y a la espera de su segunda venida.

En páginas posteriores, seguramente volveré a referirme a la pastoral comunitaria, a las comunidades de base y a nuestra labor evangelizadora. Pienso que no estoy escribiendo un tratado sobre un tema, sino unas vivencias comunitarias.

3. Equipo de Santa Cruz

a) *Necesidad*

Tal vez sea necesario volver brevemente sobre lo que ya queda referido. La casa de Santa Cruz fue construida con el anhelo de promover una pastoral comunitaria. Para ésto, nos propusimos hacer una experiencia de vida de comunidad.

Pero también organizar cursos o reuniones para reflexionar sobre la pastoral comunitaria.

Para prestar una atención conveniente a estos encuentros de reflexión comunitaria, vimos que había necesidad de un pequeño equipo. Ninguno de nosotros era técnico o especialista en nada. Pero esperábamos poder alcanzar un nivel de experiencia a base de la misma experiencia. No queríamos que una sola persona se encargara de la coordinación de esos encuentros. No queríamos que la casa tuviera un único sacerdote encargado de llevar adelante este tipo de reuniones, como suele suceder en casas de retiros espirituales. No queríamos tampoco que cada grupo viniera con su «director» y que la casa se convirtiera simplemente en una especie de hotel para ofrecer alimentación y alojamiento.

Vimos así la necesidad de contar con un equipo. En primer lugar, para correr juntos la aventura. En segundo lugar, para ayudarnos autocriticándonos. En tercer lugar, para capacitarnos, no sólo en la moderación y coordinación de un grupo, sino también en la práctica misma de una pastoral comunitaria. En cuarto lugar, queríamos proyectarnos gradualmente en todo el ámbito de la Diócesis.

Si bien algunos de mis colaboradores llegaron a ver esta necesidad, no todos quisieron comprometerse, por un motivo o por otro.

b) *Primeros pasos*

Por esta razón, en un comienzo, fuimos pocos los que constituimos el equipo: cinco personas.

Una vez que optamos por ensayar un método hasta cierto punto nuevo, pero en todo caso nada trillado, tuvimos miedo. Hay una seguridad cuando a uno le piden con anticipación que dicte una conferencia o una serie de conferencias. Con un poco de esfuerzo y de lecturas, se las prepara y después se las lee o se las dice de memoria. Inclusive, se puede dar un tiempo prudencial para el diálogo que en realidad no es diálogo, sino preguntas que vienen y respuestas que van. Cuando se dictan

conferencias, hay seguridad: se habla de lo que ya se ha preparado, por lo mismo, sobre algo que ya se conoce.

No era éste el caso para nosotros. Queríamos presentarnos como papel en blanco, con el deseo de descubrir los intereses de las personas que formaban parte del grupo. Era justificado nuestro miedo. Era una manera muy arriesgada de vivir la pobreza de este nivel de actividades.

Cohibidos por este miedo, recuerdo muy bien que, en vísperas mismas o cuando más pocos días antes de iniciar un encuentro, nos poníamos a pensar sobre cuáles temas posibles podrían dialogar y reflexionar. De alguna manera, queríamos contar con un mínimo de seguridad. Previstos así, sólo a base de conjeturas, los temas posibles, nos los repartíamos para prepararlos, por lo menos someramente.

Iniciado ya el encuentro, cada noche de cada día nos reuníamos para examinar con detenimiento cómo había transcurrido el día, cuáles habían sido las deficiencias y cuáles los logros. Preveíamos también lo que podía suceder al día siguiente. Así hicimos nuestro aprendizaje.

Aprendimos a ser humildes. En efecto, nos descubrimos incapaces de dar respuesta a todas las cuestiones. Descubrimos nuestras limitaciones y deficiencias. Descubrimos que nos necesitábamos los unos y los otros.

Aprendimos lo que significa una actitud de búsqueda. Cuando se planteaba alguna cuestión difícil, llegamos a comprender la necesidad de reflexionar a fuerza de preguntas, empezando por las más fáciles. Aprendimos a caminar así pasito a paso, como en la obscuridad de la noche o como en medio de una selva intrincada.

Aprendimos a escuchar a los demás. Descubrimos entonces que cada cual aportaba una parte de verdad, algo así como una lucecita, y que el aporte de todos hacía una luz grande.

Aprendimos a concurrir al diálogo desarmados, es decir, sin argumentos preparados para sacar adelante una tesis y para salir triunfantes, sino con

un gran deseo de buscar un tercero, Cristo, que es el Camino, la Verdad y la Vida.

Aprendimos a tener un gran respeto al otro, para no imponer a nadie nuestro modo de pensar, para no atropellar a las personas, para aprender a caminar juntos.

Aprendimos a autocriticarnos, sin resentimientos, con entera confianza, lo cual equivale a decir que aprendimos a construírnos los unos a los otros.

Antes de seguir adelante, hablando de la experiencia dentro del Equipo de Santa Cruz, y como expresión y constancia de ese rico aprendizaje que acabo de describir brevemente, quiero consignar estas notas fruto de la reflexión individual:

«Después de la reunión con el equipo y de haberles escuchado, veo con toda claridad que, ante todo, debo esforzarme yo primero para vivir la comunidad.

Evitando la artificiosidad, debo esforzarme por conocer profundamente a los hombres con los cuales quiero crear la comunidad. Debo conocer sus problemas con sus motivaciones. Debo amarlos profundamente. Debo respetarlos como personas. Debo descubrir su carisma y contribuir a desarrollarlo. Debo estimularme constantemente a vivir el objetivo como un estado apasionadamente deseado. Debo emplear un método que, siguiendo las líneas del Ver, Juzgar, y Actuar, me lleve a la fidelidad a la Palabra de Dios que se expresa en el Evangelio, a través del Concilio y de acontecimientos similares como la reunión de Medellín, que se expresa a través de los hombres, de sus realidades existenciales, de los acontecimientos. Debo ser concreto en la determinación de metas. Debo estar prevenido y preparado contra el desaliento, frente a las dificultades, a los fracasos, a la obscuridad, a las incomprensiones».

Después de otra reunión de revisión y autócrítica, mis reacciones personales fueron las siguientes:

«Hay signos de cambio en el mundo de hoy: una conciencia de las necesidades colectivas, migraciones internas, influencia de los medios de comunicación colectiva, explosión de expectativas,

insurgencia de la juventud, explosión demográfica, marginación sentida, expectativa de opciones o por la violencia o por la no violencia...

Nos encontramos en un proceso de apertura. La juventud está luchando por romper estructuras. ¿Qué entendemos por estructuras?... .

Lo propio de la Iglesia, el valor permanente de la Iglesia tiene que ser la actitud de cambio.

¿Qué cambios debe realizar la Iglesia frente al proceso de cambios antes descrito?

Si como signos de cambio en la sociedad se han señalado la conciencia de necesidades colectivas, la explosión de espectativas, la insurgencia de la juventud, la marginación sentida, la espectativa de opciones, esto quiere decir que se está produciendo una rápida toma de conciencia de la propia debilidad, de la propia miseria, de la propia esclavitud, del subdesarrollo total. Y quiere decir que empieza, vigoroso, el grito de protesta. A mi modo de ver, está sonando la hora de la liberación: es ésta la voluntad de Dios.

¿Qué cambios deben producirse en la Iglesia? Convertirse. La Iglesia se convierte en la medida en que nos convertimos cada uno de nosotros.

Por consiguiente, de todas las críticas que se han hecho a la Iglesia que está en Riobamba, yo me siento responsable. Debo convertirme como responsable de esta Iglesia. Debo seguir impulsando la toma de conciencia del pueblo. Debo iniciar la formación del Pueblo de Dios. Debo empezar por la pastoral de fermento».

c) *Crecimiento*

El Equipo de Santa Cruz fue creciendo, en diversos sentidos.

Los primeros pasos duraron unos meses. Poco a poco, nos fuimos sintiendo más seguros de nosotros mismos frente a los grupos que venían a reflexionar en la casa de Santa Cruz. Más seguros, no en el sentido de cantidad de conocimientos, sino en el sentido de mayor espíritu de pobreza para saber tratar conjuntamente los temas más variados

y difíciles, con una actitud de búsqueda y de descubrimiento. Nos habíamos despojado ya de esa otra seguridad del que sabe y dicta los conocimientos que tiene. El Equipo de Santa Cruz creció en este sentido.

Como consecuencia, ya no se vio necesaria la participación de todos los miembros del Equipo en todos y cada uno de los encuentros que se iban realizando en la casa de Santa Cruz. Pensamos que bastaban dos. Más tarde, ya no fue necesario contar ni siquiera con dos, porque bastaba uno.

Creció también en cuanto a compromiso. Entendimos que si coordinábamos encuentros de pastoral comunitaria, nosotros debíamos ser los primeros en hacer experiencias de creación y formación de comunidades eclesiales de base. Con esta convicción, cada miembro del Equipo se comprometía a trabajar, en su propio campo, por realizar una experiencia concreta. Para intercambiar nuestras propias experiencias, resolvimos reunirnos una día por semana. Más tarde, estas reuniones se fueron realizando cada quince días.

El Equipo fue creciendo también en número. Empezamos cinco personas. Y llegamos a ser hasa dieciséis, si bien no todos se comprometieron a coordinar grupos en los encuentros.

Insesiblemente, fue naciendo una amistad cada vez más profunda. Este ambiente de amistad favoreció muchísimo la reflexión y la autocrítica. Favoreció sobre todo el nacimiento de una gran confianza. Hemos puesto en común nuestros problemas y dificultades. Cuando recibí, por ejemplo, la noticia oficial de que la Santa Sede había resuelto enviar un Visitador Apostólico a la Diócesis de Riobamba, el primer grupo de personas que tuvo noticia fue el Equipo de Santa Cruz. Por insinuación mía empezamos cantando la canción «Hombres nuevos».

«Danos un corazón grande para amar;
danos un corazón fuerte para luchar.

Hombres nuevos, creadores de la historia,
constructores de nueva humanidad.
Hombres nuevos que viven la existencia
como riesgo de un largo caminar.

Hombres nuevos, luchando en esperanza,
caminantes, sedientos de verdad.
Hombres nuevos, sin frenos ni cadenas,
hombres libres que exigen libertad.

Hombres nuevos, amando sin fronteras,
por encima de razas y lugar.
Hombres nuevos, al lado de los pobres,
compartiendo con ellos techo y pan».

Reflexionamos. Como fruto de la reflexión y después de que la noticia fuera publicada, sin nuestra intervención, por la prensa, resolví poner en conocimiento de este particular a las comunidades de base de la Diócesis, a través de mi programa radial de cada semana.

El Equipo de Santa Cruz llegó a ser así un grupo dinámico y abierto que pudo plantearse una cantidad de problemas relacionados con la vida de la Diócesis, e inclusive con otros grupos existentes en otras diócesis.

Dedicábamos algunos días, al final del año, para realizar una convivencia y al mismo tiempo una evaluación seria de nuestras relaciones al interior y de nuestras actividades pastorales.

4. Formación de sacerdotes

En nuestras preocupaciones por poner en marcha una pastoral comunitaria entró de lleno, como es lógico, la formación de los sacerdotes.

Se trataba, no sólo de adquirir una formación orientada hacia la comunidad para los sacerdotes ya ordenados, sino también y principalmente de encontrar caminos de formación del sacerdote de hoy y de mañana.

a) *Crisis del clero*

De una de las reuniones con sacerdotes tomo algunas observaciones sobre la realidad y algunas reflexiones.

A la pregunta «¿qué señales de crisis hay en el hombre de hoy y en los sacerdotes?», los participantes fueron respondiendo:

—En el hombre de hoy se nota que hay una crisis en varias dimensiones: está pasando de una sociedad de clases a una sociedad más democrática, de una cultura de tipo rural a una cultura de tipo técnico, de un estado de tranquilidad pasiva a otro de inquietud existencial y de búsqueda, de un sentimiento de haber sido tratado como cosa a un ardiente anhelo de personalización, de la religiosidad tradicional y tranquilizante al descubrimiento de una Fé más auténtica y comprometida. El hombre se cuestiona a sí mismo sobre su propio origen y sobre su destino. Los jóvenes protestan airadamente contra la inautenticidad de la sociedad que forjaron sus mayores. Hay una lucha entre el mundo de los jóvenes y el mundo de los adultos que se expresa en protestas, huelgas, enfrentamientos...

La crisis del hombre de hoy se refleja en la crisis de la Iglesia, en la crisis de los sacerdotes. Los seglares toman conciencia de que ya no son fichas y el sacerdote está en búsqueda de descubrir su nuevo ser y existencia. Frente a las estructuras de la sociedad y de la Iglesia, cada vez son más numerosos los sacerdotes contestatarios. Los jóvenes consideran a la Iglesia como capitalista o aliada con el capitalismo y entonces los sacerdotes buscan cómo comprometerse con los pobres y, al no encontrar la aprobación de sus superiores, abandonan el sacerdocio. Frente al problema de su propio mantenimiento económico, hay sacerdotes que buscan cargos bien remunerados propios de los seglares y hay sacerdotes que se sienten seriamente cuestionados cuando tienen que cobrar por actividades culturales, siendo así que ven que no deben hacerlo. Hay una gran crisis afectiva en los sacerdotes: no

han tenido un proceso de maduración y buscan el amor de la mujer más bien como una evasión a las dificultades nuevas que deben afrontar en la época en que estamos viviendo. Hay una desvalorización del propio sacerdocio, por falta de compromiso. El sacerdote ha perdido el privilegio de decir la última palabra y siente que su prestigio está en crisis. Los sacerdotes que se dicen renovados se muestran agresivos y encuentran por lo mismo críticas y resistencias en sus hermanos. El pueblo no ha entendido nunca la predicación del sacerdote, pero ahora quiere entenderla y el sacerdote descubre que no habla el lenguaje del pueblo y siente la necesidad de encarnarse. Hay miedo para seguir las orientaciones renovadoras del Concilio, o a veces se quiere quemar etapas y entra la angustia frente a la lentitud. Muchos sacerdotes reconocen que ellos mismos han sido insuficientemente evangelizados. Está por descubrirse la espiritualidad propia del sacerdote. Hay una campaña de desvalorización de la oración. Hay crisis de tranquilidad: ahora todo se mueve. Todo esto crea un complejo de amarguras y desalientos.

Como causas, se señalaron, entre otras, las siguientes: la evolución rápida del mundo, la dicotomía que ha existido por tanto tiempo entre lo espiritual y lo material, el concepto de Iglesia jerárquica que dejaba en el olvido la Iglesia como misterio, la formación inadecuada del seminario el escolasticismo, el progreso de los estudios bíblicos, el éxito de los movimientos revolucionarios que viven la solidaridad mucho mejor que los cristianos, la publicación de libros nuevos sobre teología y pastoral, la confrontación entre tradicionalismo y progresismo, la imposición de la unicidad cuando debe buscarse la unidad, el descubrimiento de que hemos desfigurado a Cristo y de haberlo traicionado. Hay un paso difícil de la infancia al crecimiento, ha habido un descuido total de atención a la acción del Espíritu Santo, el pluralismo se hace cada día más notable y fuerte...

Después de este análisis de manifestaciones de crisis y de sus posibles causas, tratamos de hacer-

nos un concepto de crisis y dijimos que crisis es la lucha de la vida contra la muerte, que es la tragedia del hombre que lucha entre lo que es y lo que quiere ser, que teológicamente es la tensión entre el ya y el todavía no, que es una situación que interroga al hombre y le pone en dudas, le presenta opciones. La crisis así entendida es una señal de vitalidad y una invitación al crecimiento. Ese crecimiento puede ser frustrado con un «no», o puede ser favorecido con un «sí». Si hay este sí, se abre el camino a la superación, al crecimiento. Si hay el no, se produce una inmersión en la situación de pecado. mediante una actitud de resistencia hasta el endurecimiento, endurecimiento equivalente a la muerte. Cristo puso en crisis al mundo. Por ejemplo, sus enemigos le reclaman que sus discípulos no se lavaban las manos antes de comer. Y Jesús les replica que ellos, por guardar sus tradiciones, quebrantan la ley. Cristo puso en crisis la moral, de los judíos, su religiosidad, su cultualismo y otras tantas cosas.

¿Qué consecuencias podemos prever que se producirán de la crisis que estamos viviendo? Si logramos aceptar la investigación a superar esta crisis y nos aventuramos a buscar los caminos de superación, pueden preverse consecuencias muy halagüeñas. Una aproximación a la Iglesia de los que antes estaban alejados. La construcción de un mundo más humano. La encarnación de la Iglesia en la realidad humana. La consagración del mundo a Dios como consecuencia de la desacralización que está en proceso. La desaparición de los vicios actuales de la Iglesia, tales como el autoritarismo, el clericalismo, el triunfalismo. Un sentido más vivencial y más amplio de Iglesia. El sacerdote, desclericalizado, llegaría a ser más auténtico en su actuar, en su querer, en su ser. A plazo largo, una conquista de la verdadera paz, de la armonía, de la justicia, del auténtico progreso y, por consiguiente, una más grande posibilidad de disminución de las guerras y del hombre.

b) *Supresión del Seminario Menor.*

La crisis del mundo de hoy, la crisis de la Iglesia, la crisis del clero repercuten necesatiamente en esas instituciones conocidas con el nombre de Seminario Menor y Seminario Mayor. Si, como habíamos reflexionado, estábamos llamados a buscar caminos de superación para la crisis del clero y de la Iglesia en medio del mundo, debíamos llegar a dar pasos concretos y sucesivos. Por esta razón, nos enfrentamos con el problema del mantenimiento o no del Seminario Menor de la Diócesis de Riobamba.

Los hechos van indicando claramente, decíamos, que los seminarios menores ya no serán más los «semilleros» de vocaciones sacerdotales. Desde el punto de vista numérico, ya desde antes y más ahora, se comprueba que «hay compensación suficiente y proporcionada a los esfuerzos en gastos de dinero y en dedicación de personal al mantenimiento de seminarios menores. Antes, el porcentaje de muchachos que pasaban de un seminario menor a un seminario mayor era ya mínimo: en el mejor de los casos, un diez por ciento. Y, de este diez por ciento, había que disminuir otro alto porcentaje de quienes no llegaban a la ordenación sacerdotal. Si así fue antes, ahora esos porcentajes vienen a ser nulos o casi nulos.

Desde el punto de vista formativo, es evidente que en los seminarios menores se ha distorsionado el proceso natural de vida del muchacho, al haberlo arrancado de su familia. Es evidente que se le ha desambientado, al haberle colocado en una situación de vida cómoda. Es evidente que se le ha quitado la oportunidad de relacionarse normalmente con muchachos y muchachas de su edad y de su ambiente. Es evidente que a los seminaristas se les ha intoxicado de prácticas piadosas, hasta tal punto que aquellos que no han seguido la vocación sacerdotal más tarde se han vuelto anticlericales.

Para encontrar un nuevo y adecuado estilo de formación de los sacerdotes de hoy y de mañana, es menester ver con claridad:

1) *Cuáles son las exigencias del mundo de hoy, un mundo en el que se realizan cambios rápidos y profundos;*
2) *Cuáles son las deficiencias en la formación que se ha venido dando a los sacerdotes, deficiencias que quizá no lo fueron en su época, pero que los son ahora, precisamente porque el mundo está cambiando.*

El mundo de hoy, a causa de los gigantescos adelantos de la ciencia y de la técnica, se desacraliza a pasos agigantados. El mundo de hoy, gracias al adelanto y multiplicación de los medios de comunicación social que favorecen los intercambios culturales y las inter-relaciones de los pueblos de todos los continentes, es un mundo más y más pluralista. El mundo de hoy se socializa rapidísimamente a diversos niveles.

Estas características del mundo de hoy exigen que el sacerdote se desacralice para humanizarse, encarnándose profundamente en medio de las angustias y esperanzas de los hombres. Exigen que se de lugar a un sacerdocio pluralista que pueda insertarse en los más variados ambientes culturales. Exigen que el sacerdote, en donde quiera que trabaje, sea un promotor de vida comunitaria.

La formación que se ha venido dando a los sacerdotes adolece, para hoy, de graves deficiencias como éstas: la segregación y apartamiento del mundo, el individualismo, la alienación social y cultural, la adquisición de privilegios de casta, el monolitismo y sectarismo, el pietismo como degeneración de espiritualidades monacales, el fariseísmo moralizante y legalista, el cultualismo y sacramentalismo en el ejercicio del ministerio...

Con estas y otras reflexiones, después de numerosas y largas reuniones con un grupo de sacerdotes, acabamos por resolver la supresión del Seminario Menor de la Diócesis, a partir de octubre del año 1965. Obtuve, para ello, una mayoría de votos favorables de los miembros de la Conferencia Episcopal Ecuatoriana. Y nos pusimos a pensar en nuevos caminos.

Partiendo de la observación de la realidad, pusimos nuestro pensamiento en la familia cristiana. Si han surgido vocaciones al sacerdocio en

poblaciones de la Sierra ecuatoriana y muy poco en la Costa, ha sido porque la Sierra, de un modo general, ha habido familia y se ha conservado sana. En la Costa, también de un modo general, la familia no ha estado bien constituída. Sin embargo, la situación va cambiando rápidamente, aun en la Sierra: las familias constituídas a la antigua van desapareciendo y las nuevas familias van adoptando características más modernizantes.

En adelante, el Seminario, nuclearmente, será la familia, y expansivamente, será la comunidad cristiana. El problema está entonces, en hacer de la familia un seminario nuclear y en construir, alrededor de la familia, la comunidad cristiana. La familia y la comunidad cristiana serán fundamentalmente el nuevo seminario o semillero. ¿De qué? De cristianos. ¿Y de dónde saldrán los sacerdotes? De los cristianos. ¿Quién los formará? Fundamentalmente, la familia y la misma comunidad cristiana.

Leemos en el Concilio: «El deber de fomentar las vocaciones afecta a toda la comunidad cristiana, la cual ha de procurarlo ante todo con una vida plenamente cristiana. La mayor ayuda en este sentido la prestan, por un lado, aquellas familias que, animadas del espíritu de fe, caridad y piedad, son como un primer seminario, y, por otro, las parroquias, de cuya fecundidad de vida participan los propios adolescentes» (Optatam totius, 2).

Para que la familia, «primer seminario», llegue a ser la comunidad cristiana y, así, el seminario de cristianos y, por ende, de sacerdotes, se ve necesario dar un paso vital de desarrollo, de primera expansión, todavía nuclear, de comunidad en embrión: la creación del equipo, en el que esté representado el pueblo de Dios por un grupo de laicos y por un número más o menos limitado de religiosas y de sacerdotes.

«Descubrimos más y más la necesidad apostólica del equipo: nuestra misión urgente era construir la Iglesia a través de comunidades cristianas enraizadas en el barrio, en la fábrica, a ras de tierra. Pero esta reunión en Cristo no se producía por ge-

neración espontánea; había necesidad de un núcleo, de una levadura: el equipo era esto» (Jaques Loewe. «Como si viera el Invisible» pág. 178).

Según esto, el equipo debe concebirse en función de la comunidad. Nos propusimos, pues, descubrir familias «animadas de espíritu de fe, de caridad y piedad» con vocación para llevar vida de equipo, religiosas y sacerdotes también con vocación de equipistas.

Se hicieron ensayos en este sentido y en otros. Se pudo contar, en un comienzo, con un pequeño grupo de familias que demostraron interés en esta nueva orientación. Se empezó también a congregar, dos días por semana, a muchachos hijos de esas mismas familias o de otras, con el deseo de darles una orientación cristiana y con la esperanza de que surgieran de entre ellos algunas vocaciones al sacerdocio. Pero el equipo mismo no pudo constituirse, al menos en esta época. Los sacerdotes encargados de llevar adelante esta búsqueda de nuevos caminos no estaban preparados para ello. Y así los ensayos no nos dieron resultado favorable. Pero continuamos en búsqueda...

c) *El Seminario Mayor*

La Diócesis de Riobamba, como otras diócesis del Ecuador, tenía en el Seminario Mayor de Quito un pequeño grupo de jóvenes aspirantes al sacerdocio. Tenía también otro pequeño en el Seminario Mayor de Cuenca.

También los seminarios mayores del Ecuador entraron en crisis. Se produjeron disturbios. Se ensayó una modernización. Los jóvenes no se mostraron satisfechos...

Los aspirantes al sacerdocio de la Diócesis de Riobamba que se encontraban en uno y otro seminario me pidieron reunirme con ellos y fue para manifestarme que no estaban satisfechos del estilo de formación que estaban recibiendo. Después de oírles, les pedí que trazaran ellos mismos un proyecto de formación que estuviera acomodado a sus aspiraciones. Este proyecto fue estudiado más tarde,

recibió observaciones, ellos volvieron a elaborarlo una y tantas veces, hasta que al fin, de acuerdo con los sacerdotes que se interesaban en este asunto, fue admitido como válido.

En junio del año 1969, tuvo lugar una de las asambleas de la Conferencia Episcopal Ecuatoriana, para estudiar precisamente el tema del sacerdocio. Se me encargó una ponencia. Al final, dije, entre otras cosas, lo siguiente:

«Hoy, las cosas han cambiado. Y es que el mundo ha cambiado rapidísima y radicalmente.

Hoy, se busca que el niño madure en su ambiente natural, que es la familia. Y van desapareciendo los seminarios menores y los internados.

Hoy, se quiere que el joven se desarrolle en medio del mundo, para que lo conozca y así pueda entenderlo y orientarlo hacia Cristo.

Hoy, se hace mucho hincapié en que el candidato sea fundamentalmente hombre, esto es, adornado de cualidades humanas, y que sea fundamentalmente cristiano, esto es, comprometido con una fe dinámica.

Hoy, se inculca la apertura al mundo, a los hombres que se han alejado de la Iglesia quizá porque no descubrieron en ella el rostro de Cristo, o porque nadie quiso ocuparse de ellos.

Hoy, se desea que el sacerdote se alimente y se santifique con una espiritualidad propia, tal como la ha dibujado el Concilio.

¿Cómo debe ser, entonces, la formación de los futuros sacerdotes? Es cuestión que debemos encarar seria y valientemente.

En anexos separados, ofrezco un plan de reconversión pastoral a largo plazo, preparado por un pequeño grupo de laicos de mi Diócesis, y proyectos elaborados por los mismos seminaristas de Riobamba en los que se busca una nuevo estilo. Espero que ambos anexos sean estudiados detenidamente».

Me costó trabajo alcanzar la aprobación del proyecto elaborado por los seminaristas. Pero, al final, la Comisión Episcopal de Seminarios dio su consentimiento, aunque un poco a disgusto.

Nos empeñamos en realizar esta nueva experiencia. Surgió de nuevo la necesidad de un equipo que, en esta vez, debería estar en función de la formación de los futuros sacerdotes. Se conformó este equipo. He aquí una muestra de la manera cómo reflexionaron conmigo los miembros del equipo, integrado por matrimonios, profesores, alguna religiosa y sacerdotes:

«Para que el sacerdote futuro sea verdadero pastor, es necesario que siga el ejemplo de Jesucristo lo cual significa vivir todos los días la experiencia de Cristo, de modo que sea maestro al enseñar su experiencia existencial de Cristo, tanto por la palabra como por el testimonio. Al orar y al celebrar las funciones litúrgicas el sacerdote debe actualizar el misterio salvífico de Cristo. Al servir a los hombres, al ponerse en contacto con ellos, debe hacer presente a Cristo mismo, por el amor con que actúe y por el espíritu que le anime en cualquiera situación o circunstancia.

Para lograr una inserción en el mundo, los aspirantes al sacerdocio deberían dedicar diariamente unas horas al trabajo manual. El compromiso de trabajo debería lograr, ante todo, esa inserción en la problemática que viven diariamente los hombres del pueblo, —un aprendizaje de lo que cuesta ganarse el pan de cada día, una contribución a su propio mantenimiento.

Para prepararse a vivir en un mundo pluralista y de marcada tendencia comunitaria, los seminaristas deben aspirar a vivir en contacto normal con toda clase de personas y de culturas y a ser un miembro más de una comunidad concreta, participando de todas sus esperanzas y angustias y procurando ser allí fermento del Evangelio. El ambiente de trabajo, la comunidad, los diversos grupos surgidos bajo la inspiración del plan de acción pastoral de la Diócesis, serán los campos de apostolado en los cuales actuarán, no como deportistas que exhiben un juego, sino como cristianos normales que siguen atentos el proceso de la vida y de la acción creadora y transformadora del espíritu.

Para poder ser, en la medida de lo posible, la continuación de Jesús Maestro, los aspirantes al sacerdocio deben dedicar buena parte de su tiempo al estudio. El estudio no será simplemente la adquisición pasiva de conceptos y teorías ajenos. La nueva experiencia debe llevarles a partir del conocimiento de las realidades de manera vivencial y permaneciendo constantemente dentro de ellas. Con este objeto, se dará lugar preferente a la reflexión conjunta. El esfuerzo empezará siendo asistemático, pero aspirará a una sistematización, producto de la conjugación entre conocimiento vivencial de las realidades, asimilación de los principios doctrinales y reflexión encarnadora de los principios en las realidades.

Para poder aspirar a ser, en la medida de lo posible, la continuación de Cristo-Sacerdote, los jóvenes, junto con los sacerdotes que les acompañarán en su formación, se esforzarán por vivir existencialmente la experiencia de Cristo, cuyo alimento fue siempre hacer la voluntad del Padre que está en el cielo. Como cristianos y, en su condición de tales, como miembros del pueblo de Dios, ya son sacerdotes y están llamados a ofrecer sacrificios espirituales. Su vida de trabajo, de estudio y de apostolado, en lo posible, debe estar impregnada de savia evangélica. Para lograrlo, es menester alimentarse. La mesa ha sido preparada y es ofrecida por el mismo Cristo, y es el mismo Cristo, presente en su Palabra y en la Eucaristía. La Liturgia debe ocupar un lugar central en su vida. Y, alrededor de la Liturgia, como preparación y como consecuencia, escogerán los actos de piedad que mejor conduzcan a una actitud de ofrenda permanente.

En el mundo de hoy, cada día toma mayor importancia el equipo en todos los niveles de actividades. Ellos, pues, se irán haciendo equipo. Para esto, vivirán en una misma casa, comerán en la misma mesa, llevarán bolsa común, estudiarán y reflexionarán juntos, tomarán decisiones de común acuerdo».

Y, como muestra de las reuniones con los jóvenes aspirantes al sacerdocio, presento las siguientes notas:

«*¿Qué rasgos estamos descubriendo como distintivos del sacerdote de mañana?*

—Debemos ser curas desmitificados, menos «reverendos». Hombres encarnados, integrados en la comunidad y en el propio equipo. Menos «doctorcitos.»

—El criterio de la gente va cambiando: tenía al sacerdote como alguien sagrado y sacralizador de todo. Ahora le interesa que sea hombre. Hay también un cambio en los sacerdotes, después de haberse cuestionado cuál era su puesto.

—Debemos cultivar una permanente actitud de servicio al pueblo, particularmente al pobre. Una vida de riesgo económico y social, en permanente percepción de exigencias del pueblo que antes habían sido descubiertas. Con un sentido de búsqueda. La profesionalización condiciona la acción sacerdotal, la vuelve secundaria.

—Nos hemos quedado vacíos de signos anteriores. Hoy buscamos los signos de contacto con Cristo. Desde este punto de vista, prestamos atención a la celebración de la Palabra.

—Si no tenemos una vivencia de Fe, no podemos hacer lo que decimos ni realizar experiencias comunitarias.

—Debemos convertirnos a la realidad, pero para no perdernos y para poder resistir las críticas, debemos adquirir criterios claros, mantener el equilibrio y no olvidar que la suprema realidad es Dios.

—No debemos considerarnos como «clase sacerdotal»: esto supone que debemos luchar por la supresión de clases también en la sociedad.

—El sacerdote está llamado a ser un educador del pueblo. Por lo mismo, él primero debe adquirir una actitud crítica. Es difícil ser crítico consigo mismo: hay necesidad de un mínimum de sinceridad y de valentía. Solamente así el sacerdote puede ser un formador de la conciencia crítica del pueblo.

—Los valores humanos deben ser tomados en cuenta: la actitud de acogida a la gente, la sinceridad, el respeto, la comunicación, la solidaridad, el interés sincero por los demás, el cultivo de la iniciativa personal, la capacidad de creer en las personas, de saber perdonar, de valorar lo positivo de los otros. De acuerdo con el Evangelio, debemos combinar la sencillez de la paloma con la astucia de la serpiente. Debemos adquirir la capacidad de servicio, de renuncia, de búsqueda de la verdad, de práctica de la veracidad y de la lealtad.

¿Que deficiencias encontramos en la experiencia de formación que estamos realizando?

—Falta de integración entre los miembros, sobre todo en lo que se refiere a experiencias de trabajo.

—Hay deficiencias en el estudio: después de horas de trabajo, no tenemos mucho ánimo para dedicarnos a los libros.

—Faltan momentos de descanso, de distracción y, por esto, hay el peligro de buscarlos afuera. No tenemos ni un día libre a la semana.

—Hace falta un intercambio de aspiraciones con otros muchachos que se preparan al sacerdocio.

—Nos hace falta aprender a organizar el tiempo y a jerarquizar nuestras actividades.

—Nos encontramos débiles para superar conflictos pasados, pues los seguimos viviendo y los seguimos recordando.

—Hay un descuido y una falta de esfuerzo para conquistar una vivencia evangélica. Faltan celebraciones de la Palabra y de la Misa, a propósito de los acontecimientos que vivimos.

—No llevamos una vida disciplinada y organizada: hacemos lo que primero viene a la mano.

¿Cuáles son las causas de estas deficiencias?

—No hay suficiente confianza entre compañeros.

—Parece existir una sorda lucha por el liderato.

—Hay falta de sintonía y se producen resentimientos.

—Las deficiencias se producen comprensiblemente, si pensamos que estamos manteniendo una lucha entre el individualismo y las exigencias comunitarias.

—Para educarnos en la Fe, a más de avivar una mayor preocupación por la lectura de la Biblia y por la celebración de la Palabra, procurar crecer en amistad, para corregirnos y ayudarnos».

Esta experiencia de formación sacerdotal tuvo sus vicisitudes. La realizaron seis jóvenes. De los seis, solamente uno llegó al sacerdocio. Los cinco restantes están trabajando diversamente pero como cristianos realmente comprometidos con el pueblo.

Posteriormente, hemos continuado en el esfuerzo por encontrar caminos de formación de jóvenes aspirantes al sacerdocio. Procedentes de diversos lugares, después de haber realizado estudios de Filosofía y Teología, se han integrado en el trabajo pastoral de la Diócesis otros seis jóvenes. Cada uno ha formado parte de un equipo pastoral. Por acuerdo tomado por ellos mismos, cada mes se han reunido, naturalmente con algunas fallas, durante una semana, para realizar un intercambio de experiencias y estudios determinados, siempre sobre aspectos exigidos por el descubrimiento de la realidad del pueblo. Para acelerar, cada cual ha tomado a su cargo el estudio de un aspecto y luego han realizado una puesta en común de sus estudios e investigaciones. Así, el pueblo ha tomado parte en su formación y así también autores de libros han contribuido a esa misma formación.

Como fruto de sus estudios y reflexiones, van allegando una documentación, elaborada por ellos mismos, gradualmente valiosa.

El espíritu comunitario y la vivencia evangélica van adquiriendo, tanto en el contacto con el pueblo, como en la conviviencia con los demás miembros de los equipos pastorales.

Tomando en cuenta al joven que optó por el sacerdocio como resultado de la primera experiencia y a los jóvenes que han realizado esta segunda, en fechas distintas del año 1976, recibieron la ordenación sacerdotal cuatro de ellos. A este propósito, es interesante decir que han sido las comunidades cristianas las que han solicitado con insistencia su ordenación. No ha sido por motivos sentimentales.

Las comunidades han realizado reuniones para analizar detenidamente el comportamiento de los candidatos. Han dicho, por ejemplo, que los más llamados a decir su palabra sobre si los candidatos eran o no aptos para el sacerdocio, eran los cristianos de las comunidades, pues ellos estaban en contacto permanente. El Obispo debía descansar en la opinión de las comunidades, para decir su última palabra. Entre las cualidades examinadas por las comunidades cristianas, sobresalen: la participación en la vida de pobreza, la entrega al servicio de los demás, la vivencia del Evangelio, la expresión de capacidad para la vida comunitaria...

En los Hechos de los Apóstoles, leemos lo siguiente:

«Uno de aquellos días, Pedro se puso de pie en medio de los hermanos, que eran alrededor de ciento veinte, y les dijo:

«Hermanos, era necesario que se cumpliera la Escritura en la que el Espíritu Santo había hablado por boca de David acerca de Judas.

El era uno de los nuestros y se le había dado un puesto en nuestra tarea. Sin embargo, se hizo el guía de los que prendieron a Jesús. Y luego, habiendo comprado un campo con el dinero que le dieron por su traición, cayó de cabeza, reventándose, y sus entrañas se desparramaron. La noticia llegó a todos los habitantes de Jerusalén, quienes llamaron a ese lugar «campo de la sangre». Sabemos que en el libro de los Salmos está escrito lo siguiente: que el lugar donde viva quede desierto y no haya quien habite en él. Y también: que otro ocupe su oficio.

Es preciso, pues, que de entre los hombres que anduvieron con nosotros durante todo el tiempo que convivimos con Jesús, desde el bautismo de Juan hasta el día en que nos fue llevado, uno de ellos venga a ser, junto con nosotros, testigo de su resurrección».

Presentaron a dos: José, llamado Barsaba, por sobrenombre Justo, y Matías.

Entonces oraron así: «Tú, Señor, que conoces los corazones de todos, muéstranos a cuál de estos

dos has elegido para ocupar el lugar que Judas dejó para irse al lugar que le correspondía».

Echaron suertes, y la suerte cayó sobre Matías, el cual fue agregado a los once Apóstoles».

La semejanza de lo que está pasando en la Diócesis de Riobamba con lo que se narra en esta parte de los Hechos de los Apóstoles es impresionante. Hay, sobre todo, una similitud en la consulta y en los criterios para la elección. Procediendo de esta manera, esperamos que nuevos sacerdotes se irán integrando en el Presbiterio diocesano.

Creo que, como fruto de nuestro trabajo por la formación de comunidades cristianas, éstas empiezan a dar a la Iglesia los primeros candidatos al sacerdocio. Efectivamente, jóvenes que han participado activamente en la vida y marcha de estas comunidades, han solicitado ser admitidos como aspirantes al sacerdocio. Son todavía pocos, pero esperamos que se vayan multiplicando con el tiempo.

Desde este mismo punto de vista, es necesario también decir que la gran mayoría de quienes están trabajando en los equipos pastorales son seglares. Y también es necesario decir que van multiplicándose de hecho los seglares que ejercen, dentro de sus respectivas comunidades, determinados ministerios al servicio de la Iglesia: evangelizadores, educadores en la Fe, presidentes de la celebración de la Palabra, administradores de ciertos sacramentos...

5. Equipo Misionero

El Equipo Misionero Diocesano nació en el mes de octubre del año 1970. Del 5 al 8 de ese mes, se realizó una reunión, en la casa de Santa Cruz, para estudiar el tema «Evangelización y formación de comunidades eclesiales de base». La invitación a esta reunión fue dirigida a todos los sacerdotes, a todas las comunidades de religiosas y a representantes seglares de algunos grupos. Concurrieron 49 personas. De éstas, 33 se comprometieron a dar una parte de su tiempo para la realización de labor misionera, y una sola persona, el sacerdote Carlos Vera, se comprometió a entregarse a esta labor a tiempo completo.

a) *Primeras experiencias*

Las primeras experiencias de una labor misionera de distinto estilo del que habían realizado congregaciones religiosas fundadas para ellos, se realizaron en la zona de Guano.

De los 33 voluntarios, 18 se encontraron en condiciones de ofrecer su tiempo para llevar adelante un primer ensayo de misión de diverso estilo. Guano es una pequeña ciudad que cuenta con unas 22 comunidades campesinas, a más de la población urbana.

Después de una visita preparatoria y de conocimiento de cada una de las comunidades, hicieron su plan de trabajo y fueron uno a cada una de ellas. Como el número de comunidades era mayor que el número de misioneros, algunos de éstos se hicieron cargo de dos comunidades.

El trabajo duró algunos días. Como se pretendía la formación de comunidades eclesiales de base, los misioneros dejaron responsables elegidos de la misma comunidad, para que continuaran promoviendo reuniones con todas las personas que quisieran hacerlo.

Como fruto de este primer ensayo, al cabo de algún tiempo, se vio que habían perseverado 6 comunidades, gracias a la constancia de sus responsables.

La segunda experiencia se realizó en la parroquia de Penipe. Geográfica y demográficamente, esta parroquia es extensa. Además, cuenta con conglomerados humanos erigidos en parroquias civiles que, por esta razón, cobran una relativa importancia.

Tanto en Penipe, como antes en Guano y después en otras experiencias, el Equipo Misionero ha consagrado toda su atención a los campesinos y no a los centros más poblados.

Con la primera experiencia, la segunda se enriqueció mucho y así progresivamente se han ido descubriendo nuevos caminos.

Desde un principio, el Equipo Misionero ha dado capital importancia a la preparación, mediante el conocimiento de la realidad de cada conglomerado humano, y a la reflexión, después de determinada la labor misionera, con el deseo de descubrir los fallos, las dificultades y de encontrarles una respuesta al mismo tiempo más conforme con la realidad y más profundamente evangélica. La reflexión no se centraba solamente a descubrir los fallos, sino también los logros, los valores de la gente, las señales de la acción secreta del Verbo, las personas con mayor capacidad de entrega y de servicio.

Más numerosas comunidades perseveraron, después de la misión, en la parroquia de Penipe. Han tenido sus altibajos. Han desaparecido algunas durante algún tiempo. Pero luego han vuelto a ponerse en marcha.

Después de esas primeras experiencias, se fueron realizando otras. Han sido atendidas así, a más de las dos ya mencionadas, otras 4 parroquias de la Diócesis de Riobamba.

b) *Expansión*

Poco a poco, fueron apareciendo personas con voluntad de integrarse en este trabajo a tiempo completo. Fue creciendo el Equipo Misionero, en este sentido. Actualmente, el Equipo está compuesto por diez personas permanentes: dos sacerdotes, tres religiosas, dos aspirantes al sacerdocio y tres seglares.

Muchas personas de diversos países de América Latina y de Europa que trabajan en América Latina, sacerdotes y religiosas, han venido a la Diócesis a hacer una experiencia de trabajo por algunos meses. La mayoría han optado por hacer su experiencia junto con el Equipo Misionero. En cambio, quienes ofrecieron en su comienzo un tiempo libre de sus ocupaciones ordinarias, poco a

poco han ido retirándose. Los extranjeros que han venido se han llevado a sus propios lugares de trabajo, junto con las experiencias logradas, el anhelo de continuar una línea semejante, sea en el sentido de la labor evangelizadora, sea con el objetivo de crear comunidades eclesiales de base, sea con el deseo de conformar un equipo misionero. De esta manera, se ha producido una expansión de labor a otros países, pero también a otras diócesis del Ecuador.

Por esta misma razón, el Equipo Misionero ha extendido su colaboración, yendo personalmente a realizar misiones en cinco jurisdicciones eclesiásticas del Ecuador y en dos de Venezuela.

c) *Metodología*

Si alguien preguntara hoy a algún miembro del Equipo Misionero cuál es el método que se emplea, recibiría como respuesta que el Equipo no tiene ningún método. Esto es cierto, si por método se quiere entender un conjunto de fórmulas casi mágicas, aptas para producir unos resultados infalibles. En este sentido, el Equipo Misionero no tiene método.

Pero, si por método entendemos la manera de hacerse equipo, de acercarse al pueblo, de compartir su trabajo y la situación en que vive, de llevar la Palabra de Dios, de desatar un proceso de cambio... entonces, para entendernos, tenemos que hablar del método del Equipo Misionero de Riobamba.

Ante todo, constantemente están preocupados, sin violencias ni angustias, por hacerse equipo, por vivir profundamente el espíritu comunitario. Tienen sus bienes en común, si es que se pueden llamar bienes los pobres medios de que disponen para su trabajo. Cuando pueden estar reunidos todos, hacen su oración comunitaria diariamente. Cuando realizan su labor misionera, hacen su oración junto con el pueblo. La preparación de cada misión y la reflexión una vez que la han terminado duran algunos días, sobre todo la reflexión. Este tipo de

reuniones contribuye también a formar el espíritu comunitario, a tener una misma mentalidad, un mismo método, unos mismos objetivos.

En páginas anteriores, transcribí largos párrafos de la crítica que hicimos con otro equipo del estilo de misiones clásicas. Con el Equipo Misionero, se ha ido llevando a la práctica un estilo de misiones enteramente diversos. Nada de espectacular ni en propaganda previa, ni en sermones, ni en manifestaciones públicas. La invitación es sencilla, personal, yendo de ordinario de casa en casa. Las reuniones, comúnmente dos cada día, se acomodan a las posibilidades de los campesinos, respetando por lo mismo su horario de trabajo. Son también muy sencillas. Se aprende a cantar. Se lee algún texto del Nuevo Testamento una, dos y hasta tres veces. La lectura es hecha por los mismos campesinos. Todos los participantes tienen en su mano el libro del Nuevo Testamento y pueden seguir así la lectura. Se dividen en pequeños grupos en el lugar de la reunión, que puede ser la capilla, o la escuela, o la casa de alguno de los campesinos. En pequeños grupos, comentan ellos mismos la Palabra de Dios, tratan de entenderla y de aplicarla a la vida. Allí van surgiendo los problemas de la comunidad. Después de este trabajo de reflexión en grupos, se rehace la asamblea, se informa sobre el comentario que cada grupo ha realizado y el misionero hace una síntesis, rectificando si hay algo que rectificar, aclarando dudas y poniendo de relieve todo lo positivo. Se termina con la oración y con el canto. Las reuniones duran así dos o tres horas.

Al final de la misión, la comunidad elige las personas que quedarán como responsables del grupo que haya decidido continuar reuniéndose periódicamente.

Surge el problema del seguimiento, tanto de la marcha de la comunidad, como de los responsables. Para atender la primera necesidad, el equipo se ha hecho una obligación de visitar a las comunidades, durante tres o más días, cada dos o tres meses. Y para atender al seguimiento y formación de los responsables, se han ido organizando reuniones

mensuales de todos los responsables en el centro parroquial, jornadas de reflexión y estudio durante el año, sea en el centro parroquial o en la casa de Santa Cruz.

Tanto al interior del equipo como en sus relaciones con las comunidades y con los responsables, se dialoga mucho, con un espíritu de humilde búsqueda en conjunto de la verdad o de lo más acertado para realizar acciones. Se va conquistando una actitud de respeto muy grande a las personas. Por lo mismo, la marcha no es forzada: se camina al ritmo que puede caminar la gente del pueblo.

Hasta ahora, el Equipo Misionero ha trabajado con comunidades de población blanca o mestiza. Actualmente, se está preparando, mediante el aprendizaje de la lengua quichua, para llevar el Mensaje de Salvación también a las comunidades indígenas. Dije que el trabajo misionero había estado orientado casi exclusivamente a los campesinos. Pero, también en esto, el Equipo ha resuelto hacer sus experiencias en ciudades, tales como Riobamba, Quito, Bogotá.

En resumen, el Equipo Misionero ha contribuido mucho a la creación de comunidades eclesiales de base, dentro de los objetivos pastorales de la Diócesis.

6. **Equipos Pastorales**

a) *Dos antecedentes*

Para entender bien la existencia actual de equipos pastorales en la Diócesis de Riobamba, es conveniente tomar en cuenta dos antecedentes: las experiencias de equipos llamados territoriales y funcionales y el plan de reconversión pastoral de la Diócesis de Riobamba.

Al tratar del equipo sacerdotal «Juan XXIII», hice ya una relación breve de nuestras experiencias de establecimiento de equipos sacerdotales, dentro de un marco de búsqueda de aplicación de la pastoral de conjunto.

Los equipos que se establecieron, en este sentido, por los años 62 a 68, fueron destruyéndose por inoperancia, como ya lo dije. Permaneció y permanece hasta ahora el equipo territorial de Riobamba.

Sin embargo, esas experiencias nos dejaron un fruto: el convencimiento de que ya no se podía trabajar solos y de que era necesario aunar esfuerzos con otras personas, formando un equipo.

A esto hay que añadir el hecho de haber puesto en funcionamiento la casa de Santa Cruz, con el expreso objetivo de promover una pastoral comunitaria. El equipo de Santa Cruz, como quedó también explicado oportunamente, no solamente se dedicó a la coordinación de los grupos que se reunían en esa casa para reflexionar, sino que también llevó a cada uno de sus miembros a comprometerse en un trabajo pastoral que llevara a la formación de comunidades eclesiales de base.

Como antecede, todo esto contribuyó a que fueran naciendo de manera menos legalista y más espontánea lo que ahora llamamos equipos pastorales.

El otro antecedente, al que quiero referirme, es el plan de reconversión pastoral de la Diócesis de Riobamba.

Hablando con mayor precisión, no se trata de un plan perfectamente elaborado sino de un esquema que fue pensado por un pequeño grupo comunitario compuesto principalmente por seglares y por un sacerdote. El esquema no fue el resultado de una insinuación mía, sino el producto de una iniciativa propia de este pequeño grupo comunitario.

El esquema tiene cuatro páginas: presentación, descripción del proceso, incidencia numérica del plan en cuanto al clero y sugerencias para la estrategia de elaboración y ejecución del plan.

En la presentación, se expresa el propósito que es «la conversión progresiva y completa de la estructura, de la actividad y del personal pastoral, para adaptarlos mejor a las necesidades de la misión de la Iglesia en el mundo de nuestro tiempo».

El esquema partía de una hipótesis de base. Prevía una investigación sobre los sacerdotes, los seminaristas y los fenómenos socio-religiosos del pueblo, el grupo comunitario autor del esquema señaló como hipótesis de base: la disminución del número de sacerdotes, la disminución de la proporción de fieles, la maduración de la conciencia eclesial del pueblo de Dios, la disminución de los recursos económicos de la Iglesia.

Tomando en cuenta esta hipótesis de base, en la misma presentación, se dibujaban los rasgos principales de la reconversión: se preveía una estructura de transición, en vez de la parroquia, considerada como estructura caduca. La estructura de transición debía ser el sector pastoral que debía desarrollarse progresivamente al mismo ritmo de progresiva desaparición de la estructura caduca de la parroquia. Se preveía un lapso de 10 años, esto es, hasta 1980, para la realización de estos dos fenómenos de avance y desaparición respectivamente. En la década del año 1980 hasta 1990, las estructuras de transición llamadas sectores pastorales debían también desaparecer progresivamente, para dar lugar al desarrollo progresivo de las diaconías y de los apóstoles evangélicos.

La reconversión de la actividad y del personal pastoral está descrita como proceso en la segunda parte del esquema. De los 50 y más sacerdotes seculares existentes en la Diócesis alrededor del año 1970, se calculaba que permanecerían fieles a su misión unos 18, durante la década 1970-1980 y se añadía que, dependiendo el número de sacerdotes del surgimiento de nuevas vocaciones, para la década de 1980 a 1990, en el peor de los casos, bastarían 13 sacerdotes para asegurar la misión de la Iglesia.

Por lo que se refiere a las actividades pastorales, el esquema consideraba las actividades correspondientes al medio rural y las correspondientes al medio urbano. Para el medio rural, en la etapa de surgimiento de los sectores pastorales, debían conformarse equipos de sacerdotes a cargo de sectores de 40.000 a 60.000 habitantes. El equipo debía

vivir en una misma casa y con medios pobres, trabajando inclusive con sus propias manos, para ganarse los medios de subsistencia. Estos equipos debían ser itinerantes, evangelizadores, formadores de los líderes de comunidades cristianas. Para el medio urbano, se preveía la conformación de un equipo de tres o cuatro sacerdotes que vivirían juntos en el centro de la ciudad y que, igual que sus colegas rurales, debían dedicarse fundamentalmente a una labor evangelizadora y educadora de los responsables de comunidades cristianas.

Se preveía también la transformación de la Curia diocesana. Según el esquema, el Obispo debería ser la cabeza de un equipo diocesano reducido: Obispo, Auxiliar como Vicario General, un sacerdote encargado de la formación de los líderes de comunidades y de los diáconos. Para la Secretaría, bastaría una sola persona. El equipo debía vivir en una casa sencilla. El Obispo debía convivir un mes al año con el equipo de cada sector pastoral. Entre otras actividades de participación con cada equipo, el Obispo debía dar el sacramento de la Confirmación en la época de su permanencia en cada sector pastoral.

Este esquema no pudo ser convenientemente elaborado y, por consiguiente, no entró jamás en vigencia de una manera oficial, menos aún impuesta o libremente aceptada por los sacerdotes. En muchos de ellos, causó más bien una actitud de rechazo. Más bien, desde países extranjeros nos llegaron voces de felicitación y de estímulo. Lo cierto es que el esquema no se puso en ejecución, pero la vida ha venido a comprobar posteriormente que la hipótesis de base no era pura fantasía, pues el número de sacerdotes ha disminuído grandemente. También el trabajo pastoral ha ido surgiendo de tal manera que muchos de los rasgos de la transformación prevista son actualmente realizaciones hechas.

b) *Los Equipos Pastorales hoy*

Los antecedentes anteriores, la primacía dada a la labor evangelizadora, el descubrimiento y

formación de líderes campesinos, el nacimiento de comunidades eclesiales de base, la disminución impresionante de sacerdotes... han conducido a la conformación de equipos pastorales tal como están funcionando hoy.

Los equipos pastorales, como creo haberlo dicho, ya no son equipos sacerdotales: están conformados más bien por un número predominante de seglares.

Se ha realizado una descentralización de la actividad pastoral: los centros urbanos y los centros parroquiales son atendidos actualmente los días sábados y domingos de cada semana, de un modo general; durante los demás días de la semana, los miembros de los equipos pastorales se desplazan a las comunidades rurales, para realizar allí una labor evangelizadora y organizativa, en directa conexión con los problemas que la comunidad vive.

De hecho, grandes territorios con un número crecido de habitantes están siendo atendidos por los equipos pastorales. La estructura parroquial va desaparenciendo y hablamos más bien de zonas.

Los cobros arancelarios por la prestación de servicios pastorales, tales como la celebración de la Misa, de fiestas, de matrimonios, de funerales, ha ido también desapareciendo. Los miembros de los equipos pastorales viven pobremente. Ciertamente que no trabajan con sus manos para subsistir, porque el tiempo de que disponen no se lo permite; pero es notable la pobreza en la que viven y el espíritu con que aceptan esa vida de pobreza. En este campo, no todo va sobre ruedas, pues se producen reacciones regresivas en algunos casos.

Hace algún tiempo, hicimos un recuento del personal que trabaja en los equipos pastorales y sumamos 123 personas. De éstas, eran sacerdotes 17 y 11 religiosas. El resto estaba compuesto por seglares, muchos de ellos campesinos.

De acuerdo con lo que la vida nos va diciendo, hemos dibujado ocho grandes zonas pastorales. Aquí hay que aclarar que quedan en la Diócesis sectores en los cuales todavía se mantiene una actividad pastoral más bien tradicionalista. Con esto

quiero decir que las ocho zonas no abarcan la totalidad del territorio de la Diócesis.

Todos los equipos pastorales, aunque con diversidad de métodos, orientan su actividad hacia la formación de la comunidad eclesial de base y hacia la comunidad cristiana.

c) *Fe y compromiso comunitario*

Dentro del largo proceso que hemos vivido, hemos ido evolucionando y descubriendo, con la ayuda del pueblo, cómo tenemos que vivir la Fe. Durante un tiempo, hemos hecho también nosotros compartimentos y distinciones que han llevado a una dispersión de la acción pastoral, dedicando personal y creando oficinas para evangelización y catequesis, para liturgia, para apostolado de los seglares, para la pastoral social, para el apostolado de las vocaciones al sacerdocio, etc. Actualmente, cada comunidad cristiana, junto con su equipo pastoral, analiza y estudia la totalidad de sus problemas y necesidades. Frente a esa realidad múltiple y compleja, la Fe está llamada a buscar la luz y a buscar una respuesta. De aquí nace el compromiso cristiano, de aquí nace el compromiso comunitario.

Entonces, la comunidad ve que debe prestar atención a sus problemas y necesidades, movida por la Fe, movida por la caridad cristiana, movida por la esperanza. Este es el momento en que la comunidad cristiana debe descubrir cuáles son los carismas de los miembros que la componen y, de acuerdo a ellos, distribuir encargos y comisiones.

La pastoral de conjunto había tenido, al menos entre nosotros, una similitud con la organización de una empresa. Faltaba entonces la vida. En cambio, al haber descubierto cómo tenemos que vivir la Fe de una manera concreta, como compromiso con la misión salvadora de Cristo y con el Cristo total, de hecho se va realizando una pastoral de conjunto viva, menos organizada quizá, pero ciertamente más orgánica, es decir, más vitalizada por un mismo Espíritu.

El compromiso comunitario ha ido progresivamente creciendo y ensanchándose. Ya no se trata de enfocar solamente los problemas múltiples y complejos de la propia comunidad, sino también de asumir los problemas, también múltiples y complejos de otras comunidades. Así, se va construyendo poco a poco la Iglesia-comunidad. Estamos muy lejos del ideal, pero se ha comenzado y seguimos caminando.

Más adelante, habrá necesidad de contar cómo se van tejiendo articulaciones, venas y nervios de este cuerpo orgánico.

7. Equipo de Coordinación

a) *Origen y organización*

El Equipo de Santa Cruz fue cuestionado por algunas personas, porque había asumido funciones de reflexión y asesoramiento en relación con la marcha de la pastoral diocesana.

Por otra parte, se venía constatando que se realizaba un trabajo disperso y desconectado. En cada zona, se trabajaba mucho, pero unos agentes de la pastoral ignoraban lo que hacían los otros.

Efectivamente, el Equipo de Santa Cruz no tenía representatividad en relación con los diversos equipos pastorales y era necesario buscar una mayor cohesión en el trabajo.

Por estas razones, en una reunión realizada durante los días 6 y 7 de febrero de 1974, nos planteamos la necesidad de crear un equipo que se encargara de la coordinación a nivel diocesano. El Equipo de Santa Cruz ofreció su colaboración y desde entonces dejó de existir prácticamente.

Para la organización de este nuevo equipo se pensó en dar representatividad a cada equipo pastoral: cada uno de ellos debía elegir su representante ante el Equipo de Coordinación. En algunos casos, se admitió que pudieran ser dos, uno principal y otro adjunto. Creo no haber hablado del plan de educación liberadora para el desarrollo, por cuya

aplicación estábamos haciendo esfuerzos. Explicaré más adelante el plan de acción pastoral de la Diócesis y, aunque no haga referencia explícita a este otro plan de educación liberadora, de hecho tendrá allí su lugar. Es necesario en este momento mencionar este plan, porque de él tomamos los lineamientos para la organización del Equipo de Coordinación y por esto hemos hablado de equipos de trabajo (los equipos pastorales) y de un equipo de promoción, de coordinación y de prestación de servicios. Así quedaron delineadas las finalidades del Equipo de Coordinación diocesana.

b) *Hacia una mentalidad común*

Durante un tiempo relativamente largo, el Equipo de Coordinación buscó afanosamente la creación de una mentalidad común, después de haber constatado que, hablando un mismo lenguaje, pensábamos de manera diferente.

Los principales temas tratados con este propósito fueron: liberación, desarrollo, estrategia, Iglesia y Política, violencia y no violencia.

En cuanto al tema «liberación», al examinar su contenido en la práctica, vimos que una corriente de pensamiento ponía el énfasis en lo económico, otra en lo sociopolítico y otra en el hombre completo, como persona y como miembro de una sociedad.

Este tercer concepto de liberación es el que está acorde con el Evangelio, con los planes de Dios.

Para comprender bien este concepto, es menester reflexionar detenidamente sobre la realidad que encadena al hombre, tanto en su dimensión individual, como en su dimensión social. Para esto, es menester llegar a las causas profundas de la situación en que vivimos. Por lo mismo, no debemos contentarnos con el descubrimiento de causas históricas, de causas económicas, de causas sociales y políticas. Es necesario descender a las causas que solamente la Fe puede ayudarnos a descubrir, no como teoría, sino como realidad vivida. El egoísmo, la ambición, el orgullo tienen su raíz en el corazón,

pero al mismo tiempo se contagian a todos los hombres, en un grado más o menos fuerte. La ambición, por ejemplo, no tiene su asiento únicamente en el corazón de una persona, sino que viene a ser como la atmósfera que respiramos todos los hombres.

La liberación, en sentido cristiano, tiene que mirar a todo el hombre y a todos los hombres y ha de consistir en el rompimiento de las cadenas de pecado en su dimensión personal y en su dimensión social.

Cuando hablamos de liberación integral del hombre, estamos hablando de la liberación cristiana que incluye todas las liberaciones, porque toma en cuenta todas las esclavitudes.

La liberación así entendida está íntimamente ligada con el desarrollo también integral del hombre.

Desde este punto de vista, los países llamados desarrollados lo son, de ordinario, solamente desde el punto de vista económico. En esos países, los valores humanos y los valores comunitarios van desapareciendo.

En la medida en que un pueblo va liberándose de las múltiples cadenas que le oprimen, en esa misma medida va conquistando también su propio desarrollo.

La evangelización es tarea fundamental de la Iglesia. Sin evangelización, no puede haber Iglesia. La evangelización, al proclamar la Buena Nueva de Salvación, provoca el descubrimiento de Cristo, un encuentro personal con El y un compromiso con su misión salvadora. Cristo vino a salvar a todo el hombre y a todos los hombres. Cristo es el Hombre Nuevo, es el prototipo. En la medida en que los hombres, por la acción del mismo Cristo, vamos transformándonos en el Hombre nuevo, vamos alcanzando el desarrollo para el que estamos llamados.

«En realidad —dice el Concilio—, el misterio del hombre sólo se esclarece con el misterio del verbo encarnado. Porque Adán, el primer hombre, era figura del que había de venir, es decir, Cristo nuestro Señor. Cristo, el nuevo Adán, en la misma revelación del misterio del Padre y de su amor,

manifiesta plenamente el hombre al propio hombre y le descubre la sublimidad de su evocación. Nada extraño, pues, que todas las verdades hasta aquí expuestas encuentren en Cristo su fuente y su corona» (G. S. 22).

Así se entiende que el Evangelio sea liberador de suyo. Así se entiende que la Fe vivida como compromiso debe tener características liberadoras. Así se entiende que la Iglesia, prolongación de Cristo, tenga como misión la liberación integral del hombre.

Pero una fe vivida de esta manera necesariamente incide en lo político, es decir, necesariamente tiene que enfrentar la situación de pecado, tanto en su dimensión individual como en su dimensión social. Desde esta perspectiva, la Iglesia actúa políticamente. Si es fiel a su misión y a su compromiso, su actuación política por lo mismo que acción liberadora es correcta y evangélica. En cambio, sea que la Iglesia establezca alianzas explícitas o implícitas con los poderes de este mundo, o sea que por apego a sus privilegios o a una tranquilidad mal entendida, actúe favorablemente la permanencia y robustecimiento de la situación de pecado, se coloca en una postura de clara infidelidad a su misión y al Evangelio. Los mismos silencios, en momentos en que se pisotea la justicia, por ejemplo, constituyen una complicidad con el sistema establecido, con la situación de pecado.

Las ideologías elaboradas por los hombres, aun en el caso en que éstos sean cristianos, y los partidos políticos dinamizados por esas ideologías, en cambio no constituyen la tarea propia de la Iglesia. Como Cristo, la Iglesia debe mantenerse libre e independiente de todo partido político. Esta actitud de la Iglesia no debe impedir, sin embargo, que determinados miembros suyos, aquellos que sienten que su compromiso de Fe debe canalizarse por la militancia política, contraigan este compromiso, antes bien, debe ayudarlos a motivarse de acuerdo con el Evangelio en su participación con la lucha política, con frecuencia llena de escollos, de ambigüedades y de turbias ambiciones.

¿Podemos hablar, como Iglesia, de estrategia? ¿Debe tener la Iglesia de Riobamba su propia estrategia? Nos hemos hecho preguntas como éstas.

Si por estrategia entendemos un proceso que, partiendo de la realidad, nos va llevando, con la luz de unos principios y de unos métodos, hacia la conquista de una finalidad y de unos objetivos, tal vez podemos decir que tenemos una estrategia. El término se aplica con más propiedad al lenguaje militar y al lenguaje específicamente político. En el lenguaje militar, hay una estrategia y hay unas tácticas que se emplean para conquistar unos objetivos, dentro de una guerra. En el lenguaje político, se utiliza también esta terminología para indicar que unos cuadros políticos, conducidos por una ideología determinada, aspiran a la captación del poder, como medio de establecer teóricamente una sociedad mejor organizada.

Por el mismo hecho de que la Iglesia no tiene como objetivo la captación del poder político, la terminología no se aplica adecuadamente. La utopía por la que trabajamos es el Reino de Dios. Nuestra finalidad trasciende la más calificada intención de captación del poder político. Dentro del proceso mismo, las acciones de la Iglesia deben insertarse, con la mayor fidelidad posible, en el espíritu del Evangelio.

Un tema que, teóricamente, apasiona a muchos es el de saber si, hablando de liberación, hay que optar de antemano por los métodos de acción violenta. En todos los ambientes, se habla de revolución. ¿Los cristianos, estamos o no llamados a ser revolucionarios?

Como resultado de nuestras reflexiones, hemos creído ver que a la Iglesia no le corresponde usar métodos violentos. No está llamada a organizar guerras ni guerrillas. En sus luchas por la Verdad y por la Justicia, debe siempre amar a todos los hombres, respetar la dignidad de la persona, aun cuando se trata de los opresores.

Cristo fue ciertamente un revolucionario, pero en un sentido muy diferente al que utilizamos los hombres cuando queremos transformaciones econó-

micas y socio-políticas. Frente a los poderes de este mundo, poderes de dominación y de desorden, Cristo vino a oponer el Reino de Dios, hecho de humildad, de verdad, de amor, de justicia. La revolución de Cristo consiste en la destrucción de este mundo de pecado para el establecimiento del Reino de Dios entre los hombres.

c) *Al servicio del plan diocesano*

Los puntos de referencia del Equipo de Coordinación están en los alineamientos del plan de acción pastoral diocesano. Al servicio de este plan era necesaria una mentalidad común.

Pero esto no es suficiente. El Equipo debe estar también al servicio del plan concreto adoptado, de común acuerdo, por los agentes de la pastoral y por las comunidades cristianas.

¿En qué consiste este plan? Al hablar de estrategia, he dicho ya que tenemos en cuenta el Reino de Dios como nuestra utopía. Un plan debe trazar líneas concretas. Por esto, hemos señalado las dos primeras grandes líneas expresadas en estas palabras: partimos del conocimiento de la realidad hacia la consecución de la liberación integral del hombre concreto del Chimborazo y hacia la edificación de la Iglesia como comunidad comprometida con esta liberación.

Cuando decimos que partimos del conocimiento de la realidad, en la práctica estamos iniciando nuestro proceso. No nos contentamos con conocer la realidad por simples informaciones de estudios realizados por sociólogos, por antropólogos o por otros especialistas. Nos esforzamos por meternos en ella, por sentirla en carne propia, junto con la gente. No vamos al pueblo como curiosos investigadores. Vamos al pueblo para conscientizarnos mutuamente, para descubrir en su profundidad toda la realidad humana, en lo que tiene de positivo y en lo que tiene de negativo. Pretendemos descubrir la situación de pecado, no como una teoría, sino como una realidad viva. El pecado está socialmente estructurado. El pecado está también mentalmente estructurado. Tenemos una mentalidad de pecado y tenemos unas estructuras sociales de pecado.

Dije que iniciamos así un proceso de conscientización mutua con el pueblo. Al mismo tiempo, iniciamos también un proceso de evangelización mutua.

El proceso de conscientización y el proceso de evangelización nos llevan a buscar cómo organizarnos. Llegamos a ser conscientes, por una parte, de nuestra incapacidad de liberarnos solos y, por otra parte, de nuestra vocación comunitaria. La organización que nos corresponde es la comunidad cristiana, la concreción de la Iglesia en grupos de hombres que se comprometen a ser seguidores de Cristo, discípulos suyos.

También hemos adquirido, dentro de este proceso, la conciencia de que se producirán enfrentamientos entre ese mundo de pecado y el propósito de establecimiento del Reino. No hay posible conciliación entre estos dos mundos. De hecho, tenemos ya muchas experiencias de enfrentamientos.

Concebimos la catequesis, no tanto como una enseñanza y aprendizaje de una doctrina sistemáticamente elaborada, sino como un proceso de crecimiento en Cristo. Para provocar este crecimiento, la reflexión con el Evangelio sobre las diversas situaciones que vive el pueblo, nos lleva a descubrir motivaciones y sustituirlas, cada vez que las descubrimos, por motivaciones inspiradas precisamente por la Palabra de Dios. Debe realizarse en nosotros esa muerte al hombre viejo, de que habla San Pablo, para dar lugar al hombre nuevo. Debemos disminuir nosotros, para que El crezca. En esto, estamos llamados a ayudarnos los unos a los otros para crecer juntos. Así, matando al hombre de pecado, en la comunidad, en la Iglesia, en el mundo, el Cristo total va adquiriendo la estatura que le corresponde. Ojalá podamos decir, a imitación de Pablo: Vivimos nosotros, pero no somos nosotros los que vivimos, sino que es Cristo quien vive en nosotros.

Dentro de esos grandes lineamientos, el plan de acción pastoral de la Diócesis está llamado a ser abierto y dinámico. La realidad de suyo es cambiante. Debemos esperar que nuestra acción contribuya también al cambio. Esa misma realidad cambiante nos va mostrando necesidades concretas a las que hay que responder adecuadamente.

En la segunda parte del año 1975, en fechas diversas, realizamos tres reuniones con la participación de la mayoría de los integrantes de los equipos pastorales. Uno de los resultados de esas tres reuniones fue, precisamente, el descubrimiento de necesidades graves y urgentes. Intensificación de la labor evangelizadora, en respuesta particularmente a los desvíos de la religiosidad popular. Autenticidad mayor de la misma labor evangelizadora, en respuesta a la invitación de sectas protestantes norteamericanas que predican un evangelio divisionista y espiritualista. Búsqueda de medios eficaces de seguimiento y vinculación fuerte, en respuesta al complejo problema de las migraciones campesinas. Reafirmación en la actitud de luchar por la justicia, en respuesta al funcionamiento de costumbres y de mecanismos de injusticia. Mayor atención al descubrimiento y formación de seglares, en respuesta a la necesidad de diversos ministerios en la Iglesia. Búsqueda de equilibrio entre la pastoral urbana y la pastoral rural, en respuesta a la descentralización que ha causado un descuido de atención a los problemas urbanos. Estructuración geográfica y organizativa de la Diócesis, en respuesta a la necesidad de llevar a un mayor número de personas la Buena Nueva de Salvación.

Cada año, realizamos evaluación de nuestro trabajo, tanto a nivel de responsables de comunidades cristianas, como a nivel de equipos pastorales. Hemos hecho últimamente estas evaluaciones y hemos resuelto mantener el programa de acción anteriormente descrito, con respuesta a las siete necesidades señaladas.

d) *Tejiendo articulaciones*

El Equipo de Coordinación es ya un ensayo de creación de un sistema de arterias vitales y vitalizadoras. El problema que se viven en cada zona pastoral son traídos a las reuniones del Equipo de Coordinación por los delegados de los equipos pastorales. El pensamiento y la creación de servicios son ofrecidos, a través de los equipos pastorales, a las comunidades cristianas de cada zona y de toda la Diócesis. A mi modo de ver, esto constituye el más importante esfuerzo de unificación orgánica. Indudablemente, falta mucho que hacer.

Aparte de esto, se han ensayado diversas formas de articulación entre comunidades y comunidades. Cada año, se realiza en la casa de Santa Cruz una convivencia de las comunidades cristianas. La participación ha ido creciendo. Los resultados son excelentes. Después de cada convivencia, las comunidades retornan a su lugar de origen y a su trabajo más animadas y fortalecidas.

Para el presente año, se ha resuelto organizar convivencias zonales, a más de la convivencia anual que ya se viene realizando. Se realizó ya una primera convivencia de este tipo, también con muy buenos resultados.

Desde hace años, mantengo un programa radial semanal. Cada viernes dialogo con grupos comunitarios que se congregan para escucharme y para responder a preguntas que propongo. Me mandan respuestas por escrito. También éste es un medio de vinculación entre las comunidades cristianas. No todas pueden contestarme por escrito, a causa de la distancia. Pero muchas me escuchan y se animan.

Hemos ensayado, sin éxito todavía, la elaboración y difusión de un boletín informativo. Tal vez la falta de éxito se debe a que un boletín es, en cierto modo, impuesto por un grupo de personas; es impersonal y no lleva ese calor humano que lleva, por ejemplo, una carta. Los campesinos, en su evaluación última, se han comprometido a escribir cartas. Lo hacen ya con sus compañeros que

han ido a otras ciudades o a otros campos en busca de trabajo. Quizá es ésta la pista que necesitábamos.

No debo dejar en el olvido el hecho, ya frecuente, de expresión de solidaridad en los momentos difíciles, sea de una comunidad, sea de los agentes de la pastoral.

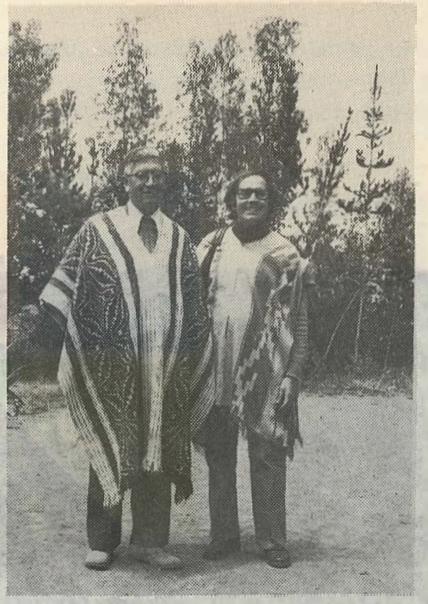
Otro medio de vinculación, particularmente conmigo, está constituído por las visitas que realizo a las comunidades. Casi cada domingo he ido a una comunidad. En el año anterior, ha habido semanas en que he visitado tres comunidades. Por su parte, los campesinos vienen a verme, ordinariamente los sábados.

". . . Se van convirtiendo en verdaderos Maestros o Educadores en la fe de niños y adultos. . . "

MOVIMIENTO INDIGENA: ". . . Veían la necesidad de promover un movimiento unificador de las comunidades indígenas".

— ". . . La solidaridad es fruto de un proceso y la manera actual de expresar el amor a nuestros hermanos que sufren . . ."

— " La fe cristiana nos descubre a un Dios solidario con los pobres, con los oprimidos."



Mons. Leonidas Proaño y Adolfo Pérez Esquivel, Premio Nobel de la Paz.

Mons. Leonidas Proaño y Mons. Sergio Méndez Arceo, Obispo de Cuernavaca, México.

Manifestación de respaldo a Mons. Proaño, después de la Prisión. Agosto de 1976.

IV

SOCIEDAD

1. Evaluación

Dije ya que cada año hemos hecho evaluación de nuestro trabajo pastoral. Ninguno de nosotros ha sido un técnico en evaluaciones: las hemos hecho a nuestro modo de ver y entender, extrayendo criterios de nuestra misma práctica.

Por esta razón, algunos miembros del Equipo de Coordinación Pastoral empezaron a sentir la necesidad de que una institución especializada y proveniente de afuera viniera a evaluar nuestro trabajo.

Teniendo latente esta necesidad, ocurrió que recibí un día la visita de una persona integrante del INODEP, cuya sede se encuentra en París. En la fundación del INODEP tomó parte Paulo Freire. El INODEP (Instituto Ecuménico al servicio del Desarrollo de los Pueblos) tenía en París un Centro Intercultural que organizaba Encuentros de Formación, mediante el uso de una pedagogía liberadora. Un sacerdote de la Diócesis de Riobamba obtuvo una beca que le permitió seguir uno de estos Encuentros.

La visita de esta delegada del INODEP a Riobamba tenía por objeto realizar un seguimiento de la labor de este sacerdote como también la de otras personas que, desde el Ecuador, habían participado en dichos Encuentros. A través de la conversación que mantuve con esta persona, me dí cuenta de que también se dedicaban a hacer evaluaciones de trabajo pastoral. Le propuse, entonces, que el INODEP se

encargara de realizar una evaluación profunda y amplia de la labor pastoral llevada a cabo durante años por la Diócesis de Riobamba. La propuesta fue aceptada.

a) Evaluación del INODEP

El INODEP nos envió dos personas para la evaluación de la labor realizada por la Diócesis de Riobamba.

Ocupamos quince días, entre febrero y marzo de 1979.

El procedimiento que se utilizó siguió las líneas generales de lo que INODEP ha llamado "Crítica institucional y creatividad colectiva".

El método que se siguió recogió las grandes pautas señaladas por Paulo Freire: codificación, descodificación y recodificación.

Para lograr el objetivo, estos dos miembros del INODEP, acompañados de cuatro personas del Equipo de Coordinación Pastoral de la Diócesis, tuvieron reuniones con la mayoría de los integrantes del mismo Equipo de Coordinación Pastoral, con diferentes comunidades indígenas y rurales que estaban recibiendo el beneficio de la acción pastoral de la Diócesis; con las personas que, habiendo estado comprometidas en este trabajo, por algún motivo decidieron retirarse de la Iglesia; con las instituciones o grupos de personas que se mostraron amigas y simpatizantes de este tipo de trabajo, sobre todo en momentos de conflicto, y con las personas que perteneciendo o no a la Iglesia, demostraron no estar de acuerdo con la labor que se estaba realizando.

Después de recoger de estos diversos sectores humanos opiniones y críticas, los miembros del Equipo de Coordinación Pastoral fuimos convocados de nuevo, no sólo para escuchar las críticas y las opiniones, sino también para discutirlas.

Luego se volvió al contacto con esos diversos sectores humanos, también en este caso con el objeto de escuchar su manera de pensar y de recoger sus reacciones.

Por último, volvió a reunirse el Equipo de Coordinación Pastoral para dibujar una posible nueva estrategia de trabajo que, luego de terminada la evaluación, debía continuar elaborándose.

b) Reestructuración del plan pastoral.

Pasamos largos meses trabajando afanosamente en una reestructuración del plan pastoral, dentro de estas grandes líneas:

- Utopía cristiana o finalidad.
- Metas u objetivos generales.
- Política general o criterios.
- Objetivos.
- Tácticas.
- Recursos humanos y materiales.
- Obstáculos.
- Programación.
- Método.

c) Consecuencias.

Quiero señalar tres consecuencias principales de este importante trabajo de evaluación realizado con la ayuda del INODEP.

La pérdida de tiempo fue una de las consecuencias de esta evaluación. Nos enfrascamos en largas y penosas discusiones cuando nos dedicamos a la rees-

tructuración del plan patoral, a veces con demasiadas minuciosidades. En momentos como éstos es cuando hay que hacer valer el principio que dice que la discusión teórica nos lleva siempre a largas e interminables discusiones y que es más bien la práctica la que nos unifica y nos entusiasma.

Otra consecuencia fue la acentuación cada vez más fuerte de discrepancias en el seno mismo del Equipo de Coordinación Pastoral. El fondo de las discrepancias consistió en que unos ponían mayor énfasis en la labor eclesial y otros en la labor política. Estas discrepancias no han desaparecido hasta ahora.

Una tercera consecuencia ha sido una mayor claridad en lo referente a las relaciones Iglesia-Sociedad, Fe-Política, Compromiso Eclesial y Compromiso Político.

d) Marco Teórico.

Fruto positivo de esa evaluación y de las largas discusiones que hemos tenido e inclusive de las divergencias que surgieron en el marco teórico que orienta actualmente el plan pastoral de la Iglesia de Riobamba. Creo conveniente transcribirlo íntegramente:

1. PUNTO DE PARTIDA: Para la realización del trabajo pastoral, en la Diócesis de Riobamba, **partimos del conocimiento de la realidad.** El conocimiento de la realidad es el punto de partida para la planificación y, por consiguiente, para el trabajo mismo.

Para conocer la realidad del pueblo:

1.- Hay que ir al pueblo mismo, en un **proceso de acercamiento;**

2.- Hay que ir a verla, en lo posible, con los ojos del pueblo, en un clima de confianza y de diálogo;

3.- Hay que acostumbrarnos, por lo mismo, a escuchar, en una **actitud de aprendizaje;**

4.- Hay que **aspirar a sentirla,** en carne propia, mediante un esfuerzo de encarnación que conviene sea graduado de acuerdo a nuestras condiciones de aguante físico y psicológico;

5.- Hay que **reflexionar,** con el pueblo, para una profundización en el conocimiento, haciéndonos preguntas sobre las causas, las circunstancias y las posibles consecuencias;

6.- Hay que **ampliar y globalizar,** con el pueblo, el conocimiento que se va adquiriendo, por medio de reuniones de intercambio y por medio del estudio de libros y de publicaciones.

Partir de la realidad significa dar **todos estos pasos,** sin olvidar ninguno.

2. PUNTO DE LLEGADA: La planificación pastoral y el consiguiente trabajo pastoral deben tener **una finalidad última.** Debemos saber a dónde vamos.

Preguntémonos, entonces:

Si ya sabemos cuál debe ser nuestro punto de partida, **¿hacia dónde nos encaminamos? ¿Cuál debe ser nuestro punto de llegada? ¿Para qué nos dedicamos al conocimiento de la realidad del pueblo? ¿Cuál es la finalidad?**

Como somos cristianos, la Fe nos enseña que nuestra finalidad es: **EL REINO DE DIOS.** Nos encaminamos hacia el Reino de Dios,

Y, ¿qué es el Reino de Dios?

ES DIOS MISMO QUE SE NOS DA, QUE SE NOS ENTREGA, EN SU HIJO, JESUCRISTO, gratuitamente, por amor.

El Reino de Dios es **Reino de Gracia,** porque Dios nos ama sin merecerlo nosotros: nos ama gratuitamente; porque, en fuerza de ese amor, Dios nos hace donación de Sí mismo, gratuitamente, en su Hijo, Jesucristo.

El Reino de Dios es **Reino de Vida,** porque Dios es la Vida, y nos envía a su Hijo Jesucristo, para que tengamos Vida y la tengamos en abundancia.

El Reino de Dios es **Reino de Verdad,** porque Dios es la Verdad, y nos envía a su Hijo Jesucristo, para que caminemos en la luz y no en la tinieblas.

El Reino de Dios es **Reino de Amor,** porque Dios es amor, y nos envía a su Hijo Jesucristo, para que aprendamos a amarnos los unos a los otros, como El nos ha amado, hasta dar la vida por sus amigos.

El Reino de Dios es **Reino de Justicia,** porque Dios es la Justicia, y nos envía a su Hijo Jesucristo, para que los que sienten hambre y sed de justicia sean saciados.

El Reino de Dios es **Reino de Paz,** porque Dios es la Paz, y nos ha enviado a su Hijo Jesucristo, para que conquistemos la paz que es el fruto de la Justicia.

El Reino de Dios es **Reino de Libertad,** porque Dios es la Libertad, y nos ha enviado a su Hijo Jesucristo, para que la Verdad nos haga libres, y, como hijos de un Dios que es el Dios de la Libertad, seamos también libres.

El Reino de Dios es **Reino de Gozo,** porque Dios es la Felicidad, y nos ha enviado a su Hijo Jesucristo, para hacernos partícipes de su Felicidad, de la Felicidad Eterna.

Por lo dicho, aparece claramente que el Reino de Dios es enteramente lo contrario del Reino de este mundo, pues el conocimiento de la realidad nos muestra que el Reino de este mundo está hecho de EGOISMO, de MUERTE, de MENTIRA, de ODIO, de INJUSTICIA, de GUERRA, de DOMINACION, de TRISTEZA y ANGUSTIA.

3. OBJETIVOS GENERALES: La Fe es, de parte de Dios, **esta donación, esta entrega que El nos hace de Sí mismo,** en su Hijo Jesucristo, tal como acabamos de recordarlo.

La Fe es, de parte nuestra, **la aceptación de esta donación, la aceptación de Jesucristo,** con todas sus consecuencias.

La aceptación de Jesucristo nos compromete **a trabajar incansablemente por la implantación de este Reino de Dios en el mundo,** lo cual trae consigo duras luchas.

Así, empiezan a perfilarse los **objetivos generales** del Plan Pastoral de la Diócesis de Riobamba, en dos sentidos: en relación con la Iglesia, en relación con la sociedad. Y decimos que la Fe, entendida como aceptación de Jesucristo, nos compromete:

1.- A trabajar en la **edificación de la Iglesia,** desde los pobres y con los pobres, para que sea comu-

nidad, pueblo de Dios, signo expresivo del Reino;

2.- A aportar todo lo posible a **la construcción de una Sociedad Nueva** que sea anticipo del Reino de Dios en la tierra.

Jesucristo recibió de su Padre la misión de salvar al mundo.

Jesucristo cumplió su misión haciéndose pobre y con los pobres.

Jesucristo encargó a su Iglesia continuar su misión de la misma manera: "Así como me envió mi Padre, así les envío Yo a ustedes". (Juan 20, 21).

Lo primero, en la intención, es la salvación del mundo. Lo primero, en la ejecución, es la edificación de la Iglesia. Esto quiere decir que nos dedicamos a la edificación de la Iglesia como signo del Reino de Dios, para poder contribuir así a la construcción de un mundo nuevo que sea también signo del Reino.

4. OBJETIVOS ESPECIFICOS: Entre el punto de partida, la realidad, y el punto de llegada, el Reino de Dios, hay un largo y duro camino. La realidad es muy cercana. El Reino de Dios se muestra muy lejano. Sin embargo, el Reino de Dios nos atrae, nos llama, nos motiva, nos comunica ánimo y entusiasmo.

Los objetivos generales se muestran un poco más cercanos, pues vivimos en el seno de la Iglesia y vivimos en el mundo. Pero nos preguntamos todavía: **¿Qué es construir la Iglesia? ¿Qué es contribuir a la construcción de un mundo nuevo, de una sociedad nueva?**

Estas preguntas reclaman respuestas más concretas. En busca de estas respuestas, dirigimos la mirada, tanto a la finalidad y a los objetivos generales, como a la realidad desde donde iniciamos el camino.

Si prestamos atención a lo que sucede, en estas últimas décadas, descubrimos en la marcha de la Iglesia, **la novedad** de las **Comunidades Cristianas de Base,** y, en la marcha de la Sociedad, **la presencia activa de la organización popular.**

Así, se va despejando el camino.

Edificar la Iglesia, desde y con los pobres, es, entonces, **trabajar por la formación, multiplicación y consolidación de Comunidades Cristianas de Base** y por otros tipos de Comunidades Cristianas.

Y contribuir a la construcción de una Sociedad nueva es **hacernos activamente presentes en el seno de la organización popular, allí, en donde existe,** o **promoverla en donde no existe.**

Estos son, en el Plan Pastoral de la Diócesis de Riobamba, los objetivos específicos, más concretos, más al alcance de la mano.

Al rededor de éstos, brotan otros objetivos, igualmente concretos. Dentro de la labor de edificación de la Iglesia, de la vida misma de las Comunidades Cristianas, brota la necesidad de formar **responsables de la marcha de esas Comunidades, Catequistas,** Misioneros, futuros Sacerdotes. . . Dentro de la tarea de contribuir a la construcción de una Sociedad nueva, brota la necesidad de contribuir a la formación de **dirigentes de organizaciones populares, educadores, divulgadores, administradores, secretarios . . .**

Recogemos, así, una feliz convergencia: en la Comunidad Cristiana de base y en la Organización popular, confluyen los pronunciamientos de la Iglesia jerárgica y el proceso que está siguiendo el pueblo. Indudablemente, esta convergencia es el resultado de una inter-relación Iglesia-pueblo, pueblo-Iglesia.

5. ACCIONES: Misión fundamental de la Iglesia es **la evangelización, el anuncio de la Buena Nueva.**

La Buena Nueva es Jesucristo, Dios con nosotros, nuestro Salvador, el Reino de Dios que está en medio de nosotros. Jesucristo es para nosotros Buena Nueva, porque viene a salvarnos de esa realidad de perdición que se manifiesta en el egoísmo, en la muerte, en la mentira, en el odio, en la injusticia, en la guerra, en la dominación, en la tristeza y en la angustia. Son los enfermos los que necesitan de médico. El médico es buena noticia para el enfermo.

De aquí la necesidad de unir estrechamente al cumplimiento de la misión evangelizadora la **realización del proceso de concientización del pueblo.** Los que se creen sanos no sienten la necesidad del médico. Sentiremos la necesidad de Jesucristo, en la medida en que seamos conscientes de que estamos sumergidos en un mar de miserias. **La misma Palabra de Dios,** cuando no es utilizada al servicio de intereses humanos y de ideologías, **es, de suyo concientizadora.**

El resultado de la Evangelización así entendida y practicada es **un despertar a la esperanza, es un ponernos en pie, es una disposición a emprender la marcha, es una adquisición de conciencia de que solos no podemos nada y de que tenemos que unirnos, que organizarnos, que hacernos pueblo solidario,** para destruir en nosotros, en la Iglesia y en la Sociedad, todo lo que constituye el reino de este mundo e ir implantando en su lugar el Reino de Dios.

Resumiendo, las grandes acciones que estamos llamados a realizar, teniendo a Jesucristo como Camino, son las siguientes: **EVANGELIZACION - CONCIENTIZACION - ORGANIZACION - DENUNCIA Y DESTRUCCION DEL MAL - CONSTRUCCION DE LA IGLESIA COMO SIGNO DEL REINO DE DIOS - PARTICIPACION EN LA CONSTRUCCION DEL MUNDO NUEVO.**

2. Ministerios

Dentro de cada uno de los objetivos generales, la Palabra de Dios y la vida misma nos van indicando cuáles deben ser hoy los objetivos específicos por los que tenemos que trabajar activamente.

Bajo el título "Ministerios", voy a ocuparme brevemente de realidades esperanzadoras que estamos alcanzando y que constituyen esos objetivos específicos a que hice referencia.

a) Misioneros campesinos

Las Comunidades Eclesiales de Base, por cuya promoción venimos trabajando desde el año 1968, empiezan a darnos frutos halagüeños. Siguiendo un orden de importancia, quiero referirme en primer lugar al nacimiento de misioneros seglares campesinos.

La Conferencia de Puebla, realizada a comienzos del año 1979, recogió esta realidad esperanzadora expresándola con las siguientes palabras: "La vitalidad de las Comunidades Eclesiales de Base empieza a dar sus frutos; es una de las fuentes de los ministe-

rios confiados a los laicos: animadores de comunidades, catequistas, misioneros" (No. 97).

San Pablo en su primera carta a los Corintios, escribió: "ustedes son el cuerpo de Cristo, y cada uno en particular es parte de él. Así, pues, Dios nos ha establecido en su Iglesia: en primer lugar, los apóstoles; en segundo lugar, los profetas; en tercer lugar, los maestros . . ." (v. 27 y 28)

En esta Diócesis, los misioneros campesinos nacieron sin insinuación explícita de los agentes de pastoral, más bien por impulso del Espíritu Santo. Una vez que los campesinos descubrieron a Cristo en la lectura y reflexión de la Palabra de Dios, una vez que descubrieron la Buena Noticia para los pobres, experimentaron esa alegría comunicativa de los primeros discípulos de Cristo. San Juan nos cuenta en su Evangelio la historia de los primeros discípulos de Jesús. Fueron dos los que le siguieron hasta la casa en donde vivía y se quedaron a conversar con él todo el tiempo que les quedaba de la tarde de ese encuentro. Después de ésto estos dos discípulos fueron a buscar a sus hermanos y amigos para comunicarles la extraordinaria noticia: habían encontrado al Mesías.

Algo parecido ha pasado con los campesinos: también ellos se han sentido impelidos a llevar la Buena Noticia a otros hermanos y amigos suyos.

Los misioneros indígenas han organizado ya numerosos cursos de preparación. Los han realizado en alguna comunidad indígena, con la cooperación de todos y, por lo mismo, sin solicitar ayuda económica de nadie.

En una de estas reuniones de preparación, convinieron en que eran necesarias diez condiciones para

ser misionero campesino: conocer la realidad y hacerla conocer; comparar la realidad con la Palabra de Dios; saber cómo se hacen las misiones; profundizar el tema y sacar compromisos; tener fe y amor a Dios y al prójimo; ser aceptados por la gente y enviados por la propia comunidad; tener experiencia misionera; convertirse, esto es, evitar la borrachera, llevar una vida armónica en la familia, ser comprensivos de las debilidades de los otros y no tener interés por el dinero; saber hablar quichua y castellano; estar dispuestos a entregarse al servicio del pueblo pobre, para formar la Iglesia y caminar hacia la liberación de los pobres.

b) Animadores de comunidades.

En la medida en que se multiplican las comunidades eclesiales de base se van multiplicando también los animadores. En muchos casos, las comunidades eligen dos, tres o más animadores, hombres y mujeres, con el objeto de que, ausentándose alguno por cualquier motivo, la comunidad no quede desamparada.

El papel del animador ha venido a ser, en pequeño, el mismo del pastor. San Pablo habla del carisma de los pastores. Lo que está llamado a ser el Obispo en su diócesis y el cura en su parroquia, con las debidas limitaciones, están llamados a ser los animadores en sus respectivas comunidades: alimentan la vida de fe con la Palabra de Dios proclamada y reflexionada en reuniones por lo menos semanales; pueden presidir la celebración de la Palabra, los domingos y días festivos, previas unas preparación y el encargo requeridos; pueden con las mismas condiciones realizar la celebración de algunos sacramentos y de funerales; están atentos a salvaguardar la fe y las buenas costumbres, frente a los peligros que, a este respecto, acechan a las comunidades, y reparten funciones y

responsabilidades que tienen que ver con la buena marcha de la comunidad para cuyo servicio han sido elegidos y constituídos.

Gracias a este ministerio no consagrado, la vida cristiana florece y se vigoriza aún en lugares apartados y de difícil acceso.

c) Catequistas o educadores en la fe.

La existencia de catequistas no es nada nuevo en nuestras Iglesias. En los centros poblados, siempre buscó el Párroco colaboradores, particularmente entre las señoritas, para realizar la labor catequética. Desde tiempos de la colonia, se establecieron los "rezachidores", encargados de hacer repetir hasta memorizar las preguntas y respuestas de una cartilla sencilla y para memorizar también algunas oraciones.

Lo nuevo de los catequistas que han nacido de las comunidades eclesiales de base consiste en que se van convirtiendo en verdaderos maestros o educadores en la fe de niños y adultos. Ellos se encargan de la catequesis pre-sacramental. Preparan a la penitencia y a la recepción de la Primera Comunión a los niños. Preparan a los jovencitos de 12 años en adelante para la recepción del sacramento de la Confirmación. Preparan a los padres y padrinos que solicitan el bautismo de un niño. Preparan también a los novios para la recepción del sacramento del matrimonio.

Para ser fieles a los principios doctrinales, se preparan ellos mismos participando en cursos adecuados; pero su catequesis se encarna en la vida y busca el crecimiento en Cristo. Aspiran a ser maestros o educadores en la fe, no sólo con la palabra, sino principalmente con el ejemplo.

d) Muchachas indígenas misioneras.

Más que una realidad, en estos momentos es un anhelo nacido en el corazón de determinadas muchachas indígenas. Desean entregar su vida a una labor misionera al servicio de sus propias comunidades indígenas. Desean vivir juntas para formarse y apoyarse en un nuevo estilo de vida. Están dispuestas a renunciar al matrimonio para poder entregarse de lleno al trabajo misionero en medio de sus comunidades.

No se trata de un anhelo de ingreso en alguna de las Congregaciones religiosas ya conocidas y provenientes de otros países o nacidas en medios sociales y culturales occidentalizados. Estas muchachas desean llevar un estilo de vida independiente del de las Congregaciones religiosas y más de acuerdo con su propia cultura.

Se presenta así un desafío interesante al que hay que dar respuesta de acuerdo con las inspiraciones del Espíritu.

e) Sacerdotes indígenas.

En el seno de algunas comunidades, está naciendo también otro anhelo: contar con sacerdotes indígenas.

Tanto el anhelo de vida religiosa entre muchachas indígenas como este anhelo de tener sacerdotes propios, ha sido detectado en diversas diócesis del Ecuador. Por este motivo, la Conferencia Episcopal Ecuatoriana designó una Comisión de Obispos a la que le dió el encargo de elaborar un proyecto de seminario indígena.

Por lo que se refiere a la Iglesia de Riobamba, he

tenido oportunidad de hablar detenidamente sobre este tema con algunos grupos indígenas y con algunas comunidades. Deseo consignar en estas páginas una síntesis de dos conversaciones.

La primera se realizó en la pequeña plaza frente a la capilla de una comunidad indígena situada a más de 3.000 metros de altura. Con el sentido práctico que les caracteriza, los indígenas manifestaron que un centro de formación de indígenas aspirantes al sacerdocio debía estar situado en el campo, en medio de comunidades más o menos cercanas; que los jóvenes aspirantes debían dedicar al estudio las horas de la mañana y al trabajo las horas de la tarde; que podrían almorzar juntos en el centro de formación, pero que era más conveniente que por la tarde regresaron a sus respectivas casas y comunidades; que había que aspirar a que, con el trabajo, pudieran los muchachos autoabastecerse de lo necesario para la alimentación, para libros y útiles, y que sólo sería necesario obtener ayuda para la instalación de diversos pequeños talleres de trabajo. En cuanto al celibato, los indígenas de esta comunidad se expresaron textualmente con estas palabras: "nosotros, los campesinos indígenas, todos somos casados".

La otra conversación se realizó con un número reducido de miembros del Equipo Misionero Indígena. Ellos analizaron despaciosamente la realidad religiosa en que viven, la realidad de determinados ministerios ya existentes y luego las posibilidades del nacimiento de un seminario indígena. Se mostraron de acuerdo con la mayoría de los puntos antes expuestos. Y acabaron por tomar las decisiones siguientes: iniciar una experiencia de seminario indígena en Santa Cruz; invitar a participar en un curso de tres meses de duración a misioneros indígenas, a catequistas y a animadores de comunidades, como

también a jóvenes que manifiesten el deso de llegar a ser sacerdotes; dedicar todas las horas de la mañana a la oración y al estudio y todas las horas de la tarde al trabajo agrícola y, para comenzar, al trabajo en talleres de carpintería y de tejidos; dedicar un tiempo suficiente en la noche a la reflexión con la Palabra de Dios y a la oración; esforzarse por dar inicio a esta experiencia en el mes de mayo de 1984, para lo cual se repartieron trabajos de preparación en diversas comisiones: preparación de la casa, instalación de talleres e invitación a participar en la experiencia.

Los jóvenes que manifestaran el propósito de llegar al sacerdocio deben continuar realizando esta experiencia de formación por más largo tiempo.

En cuanto a la guarda del celibato, por el contacto que he tenido con algunos jóvenes indígenas que aspiran a llegar al sacerdocio, me he dado cuenta de que estarían dispuestos a permanecer sin compromiso matrimonial durante toda su vida.

f) Instituto Pastoral Diocesano.

El Instituto Pastoral Diocesano nació en el año 1978, por la necesidad de proporcionar a los animadores y catequistas una formación más sistemática y orgánica, a través de cursos de ciclo periódico. A su cargo, ha estado también la organización de cursos para agentes de pastoral, bajo la orientación de teólogos latinoamericanos.

Actualmente, el primer objetivo del Instituto adquiere una importancia todavía mayor que al principio. Los equipos pastorales zonales deben encargarse de una primera formación de sus animadores y catequistas; pero luego para una formación más amplia y profunda, el Instituto Pastoral Diocesano está lla-

mado a organizar cursos adecuados.

A más de la organización de cursos, este Instituto está realizando también publicaciones destinadas a los agentes de pastoral y a las mismas bases. Desde el año 1983, empezó también a publicar un boletín informativo.

g) Centro de Formación Teológica.

En las fechas en que escribo estas líneas, la Diócesis de Riobamba cuenta con catorce jóvenes aspirantes al sacerdocio: tres realizan sus estudios en el Seminario Mayor de Quito; uno viajó a España a estudiar en la Universidad de Comillas; seis se encuentran en Riobamba realizando su preparación en el Centro de Formación Teológica en "La Dolorosa"; cuatro terminaron ya sus estudios y se encuentran trabajando en diversos lugares para completar su formación pastoral, antes de resolver su ordenación al servicio de la Diócesis.

Quiero señalar solamente una de las características del Centro de Formación Teológica de Riobamba: los jóvenes que allí se preparan combinan el estudio con el trabajo pastoral permanente y buscan también realizar alguna experiencia temporal de trabajo físico.

3. Solidaridad.

Todas las actividades y carismas de que he hablado al tratar de los ministerios están orientados a la consecución del primer objetivo general: la edificación de la Iglesia como signo del Reino de Dios. Debo referirme ahora a las principales actividades que la Iglesia de Riobamba realiza en relación con el aporte que está llamada a dar a la construcción de

una sociedad nueva. En este campo también han sido la fe y la vida los indicadores de nuestro compromiso.

a) El Frente de Solidaridad del Chimborazo.

Fue un viernes. Un viernes, como cualquier otro viernes, del año 1978. En esa época mantenía un Programa radial semanal, titulado "Hoy y mañana", a través de la emisora de Escuelas Radiofónicas Populares.

Junto con las comunidades eclesiales de base estudiábamos algún tema. Miembros de estas comunidades se reunían para escuchar el programa y para reflexionar luego con dos ó tres preguntas que dejaba planteadas de acuerdo al tema. Una partecita del programa estaba dedicada también a transmitir breves noticias.

Ese viernes de octubre de 1978, entre las micronoticias que transcmití, hubo una referente a la lucha emprendida por el pueblo de Nicaragua para liberarse de la tiranía de Somoza. Cuando recibí las respuestas de los grupos a mis preguntas, al pie de una hoja encontré esta nota: "hemos escuchado las noticias sobre Nicaragua. Le pedimos que convoque, de urgencia, a todas las comunidades cristianas de la ciudad y de los lugares vecinos, para conocer más ampliamente lo que está sucediendo en Nicaragua y para dialogar sobre lo que debemos hacer en favor de nuestros hermanos"

Convoqué a la reunión, haciéndome eco del pedido. Se congregaron alrededor de cien personas. Después de informarnos sobre lo que estaba pasando en Nicaragua, cruzamos ideas acerca de lo que podíamos hacer. La sugerencia que obtuvo el consenso de todos fue la constitución inmediata de un

Comité provisional de Solidaridad con Nicaragua. Me nombraron presidente y me confiaron la misión de convocar a una asamblea más amplia de organizaciones populares. Esta asamblea se realizó pocos días más tarde. El resultado fue el nacimiento del Frente de Solidaridad del Chimborazo, del que estarían llamadas a participar organizaciones populares de la más diversa ideología. Así nació el Frente, por iniciativa de una comunidad cristiana de base.

Abierto, no solamente para su constitución con delegados de las más variadas organizaciones populares, sino también a todos los pueblos de América Latina y del mundo, el Frente de Solidaridad ha tratado de realizar gestos solidarios valiéndose de los más diversos medios: cartas, telegramas, comunicados, declaraciones, boletines de prensa, visitas personales, movilizaciones masivas, jornadas de oración y ayuno, liturgias, mesas redondas, foros, organización de encuentros nacionales e internacionales, publicación de folletos, participación literaria en la publicación de libros, organización de festivales populares, colectas de dinero, ropa y medicinas . . .

En el año 1982, el Frente de Solidaridad del Chimborazo elaboró una especie de reglamento para su funcionamiento. Extraigo de él lo referente a principios y objetivos:

Principios: El Frente de Solidaridad del Chimborazo se guía por los siguientes principios:

1) La Solidaridad en la lucha de los pobres por la justicia y la liberación de los hombres y de los pueblos;

2) El apoyo a las acciones encaminadas a instaurar una nueva sociedad;

3) La construcción del hombre nuevo sujeto de su propio destino.

Objetivos: Son objetivos del Frente de Solidaridad del Chimborazo:

1) Defender los derechos de los pueblos;

2) Luchar por la vigencia de los derechos humanos;

3) Solidarizarse con las organizaciones populares del país y con los pueblos hermanos que luchan por su liberación;

4) Impulsar y fortalecer la unidad del pueblo.

b) Proceso de la Solidaridad.

Mi participación en las actividades del Frente de Solidaridad del Chimborazo, al principio, como Presidente y después como su Vice-presidente me ha dado la oportunidad de aprender muchísimas cosas que el pueblo me ha enseñado.

Con este pueblo bueno y generoso del Chimborazo he descubierto, entre otras cosas, que la solidaridad es fruto de un proceso y que es la manera actual de expresar el amor a nuestros hermanos que sufren, aunque éstos se encuentren muy distantes geográficamente.

Cualquier sufrimiento puede despertar sentimiento de compasión en corazones humanitarios. Los pobres se muestran solidarios con otros pobres. El sufrimiento nos entra por los sentidos hasta el corazón y nos mostramos solidarios. Empezamos por lo más cercano, por lo accidental, por lo que nos impresiona. Las catástrofes tienen también la fueza de

impresionarnos profundamente y acudimos entonces en ayuda de poblaciones enteras que han resultado víctimas de un terremoto, de unos aluviones o de un flagelo cualquiera de la naturaleza. De aquí, ya resulta fácil pasar a sentir solidaridad con los hombres y con los pueblos que sufren por causa de los atropellos a los fundamentales derechos que Dios les ha concedido. Y de aquí se puede dar un paso más hacia la conquista de una conciencia clara y crítica de que vivimos en un sistema que, no solamente atropella los derechos del hombre y de los pueblos ocasionalmente, sino que los atropella de una manera permanente institucionalizando estructuras de injusticia.

Aunque el Frente de Solidaridad del Chimborazo está integrado por delegados de organizaciones populares con diversa ideología, he comprobado que todos nos movemos, explícita o implícitamente, motivados por la fe cristiana. Si, por ejemplo, el Frente ha organizado jornadas de oración y ayuno, ha sido porque ha tenido presentes las palabras de Cristo: "no se puede arrojar esta clase de demonios sino con la oración y el ayuno". Si ha organizado, de igual manera, celebraciones litúrgicas, ha sido también por motivaciones de esa fe cristiana a la que el pueblo no ha renunciado.

c) Teología de la solidaridad.

Si cualquier ser humano normal es capaz de sentir compasión por otro ser humano que sufre y demostrarse solidario a nivel de sentimiento; si los grupos humanos pueden gozar de la posibilidad de cuestionar la realidad de atropellos a los derechos fundamentales del hombre y de los pueblos y de conquistar, por este camino, la capacidad de vivir la solidaridad a nivel de conciencia y de luchar por una causa común; tratándose de hombres y de pueblos que

creen en Jesucristo, tenemos la obligación de examinar qué aportes da la fe cristiana a la práctica de la solidaridad con otros hombres y con otros pueblos.

La fe cristiana nos descubre a un Dios solidario con los pobres, con los oprimidos. Leemos en el libro del Exodo que Dios dice: "He visto la humillación de mi pueblo en Egipto, y he escuchado sus gritos al maltratarlos sus mayordomos. Yo conozco sus sufrimientos. He bajado para librar a mi pueblo de la opresión de los egipcios. . ." (Ex. 5, 7 y 8).

En los libros de los profetas, abundan las quejas de Dios en contra de los opresores y en favor de los oprimidos. Por ejemplo, en el capítulo 10 de Isaías, leemos estas palabras: "Pobres de aquellos que dictan leyes injustas y con sus decretos organizan la opresión; que despojan de sus derechos a los pobres de mi país e impiden que se les haga justicia; que dejan sin nada a la viuda y se roban la herencia del huérfano". (Is. 10, 1-2).

Pero el acontecimiento de los acontecimientos, a través del cual la fe cristiana nos muestran a un Dios solidario es la encarnación de su Hijo. Para salvarnos, el Hijo de Dios se hace hombre. Hacerse hombre es hacerse misteriosa y tremendamente solidario con los hombres. Para salvar a los hombres, el Hijo de Dios se hace pobre, se confunde con los pobres, escoge a los pobres para que sean sus amigos y colaboradores, y proclama la Buena Noticia de la salvación y de la liberación a los pobres y oprimidos.

Cada vez que una persona o una organización, como el Frente de Solidaridad del Chimborazo, expresan su solidaridad con el pueblo de cualquier parte del mundo, ese hombre o esa organización hacen presente a este Dios solidario con los oprimidos. La

fe cristiana vitaliza todos los niveles de solidaridad: desde el humilde gesto de la persona que ayuda a un anciano a cruzar la calle hasta el hecho de arriesgar y de entregar la vida por ese pueblo que sufre. Nos hacemos así semejantes a Cristo que dió su vida por sus amigos.

A mediados del mes de diciembre de 1983, estuve en Asís, con el objeto de participar en una reunión internacional que estudiaba el tema: teología de la solidaridad. En esta oportunidad, compuse el siguiente poema:

SOLIDARIDAD

Mantener siempre atentos los oídos
al grito de dolor de los demás
y escuchar su pedido de socorro . . .
es solidaridad.

Mantener la mirada siempre alerta
y los ojos tendidos sobre el mar,
en busca de algún náufrago en peligro . . .
es solidaridad.

Sentir como algo propio el sufrimiento
del hermano de aquí y del de allá;
hacer propia la angustia de los pobres . . .
es solidaridad.

Llegar a ser la voz de los humildes,
descubrir la injusticia y la maldad,
denunciar al injusto y al malvado . . .
es solidaridad.

Dejarse transportar por un mensaje
cargado de esperanza, amor y paz,
hasta apretar la mano del hermano . . .
es solidaridad.

Convertirse uno mismo en mensajero
del abrazo sincero y fraternal
que unos pueblos envían a otros pueblos . .
es solidaridad.

Compartir los peligros en la lucha
por vivir en justicia y libertad,
arriesgando en amor hasta la vida . . .
es solidaridad.

Entregar por amor hasta la vida
es la prueba mayor de la amistad:
ES VIVIR Y MORIR CON JESUCRISTO
LA SOLIDARIDAD.

Asís, Dic/83

4. Movimiento indígena

Un día del año 1982, recibí la visita de un pequeño número de indígenas. Venían a comunicarme su inquietud en el sentido de que encontraban mucho divisionismo en las comunidades y por consiguiente, veían la necesidad de promover un movimiento unificador de las comunidades indígenas.

También en este caso, la iniciativa partió de la base. Con ellos y algunos indígenas más, nos pusimos al trabajo de organización de un encuentro provincial de dirigentes indígenas.

a) Encuentro.

Se reunieron alrededor de setenta dirigentes. Para que las mujeres indígenas tuvieran facilidad de participar activa y totalmente en el encuentro, la organización de mujeres del Chimborazo se comprometió a ponerse al frente de la cocina. Toda la dirección del encuentro estuvo en manos de los mismos indígenas. Hablaron en su lengua, el quichua.

Empezaron analizando la realidad del divisionismo: nuestras comunidades campesinas están divididas. Hay divisiones entre dirigentes y comunidades. Hay divisiones entre las mismas familias. Hay divisiones y peleas entre comunidades. Los campesinos ya no estamos unidos como estábamos antes. Han venido gentes a dividirnos. Han venido a dividirnos instituciones de aquí mismo y han venido a dividirnos instituciones del extranjero. Han venido a dividirnos las religiones. Nos dividen también los explotadores, los comerciantes, los terratenientes, los partidos políticos. Se valen del engaño para dividirnos: nos hacen ofrecimientos que después no se cumplen. Se valen del dinero para dividirnos. Inclusive, se valen del evangelio para dividirnos. Cuando una comunidad reclama la aplicación de la Reforma Agraria, los terratenientes llaman aparte a los principales de la comunidad para conquistarlos en favor suyo mediante ofrecimientos de tierras o de dinero. Los que propagan las religiones evangélicas dicen a los campesinos que sólo ellos están salvados, que ellos son los espirituales, que los católicos somos comunistas porque reclamamos la justicia y que iremos al infierno. Así hacen tener miedo. Instituciones como Visión Mundial van regalando dinero. Con el dinero están dividiendo a las comunidades. Despiertan la ambición de unos y la envida de otros. Para recibir ese dinero los campesinos tienen que apuntarse en las religiones evangélicas . . .

Después de exponer así la realidad que las comunidades indígenas estaban viviendo, los dirigentes del Encuentro se hicieron preguntas y preguntas. ¿Será por buenos que esas instituciones extranjeras están repartiendo dinero? ¿Por qué será que se vale de todo, hasta de la religión, para dividirnos? ¿Por qué será que los gringos y los empresarios ecuatorianos actúan de acuerdo para dividirnos?. Los campesinos estamos ahora más conscientes que antes y por esto

reclamamos nuestros derechos. Los gringos y la gente rica de nuestro país quieren hacernos callar la boca dándonos un regalito, haciendo lo mismo que el papá o la mamá cuando quieren hacer callar a su hijito que llora de hambre: ponen en la mano cualquier disparate para que se entretenga y deje de molestar con su lloro. A nosotros también quieren dejarnos tranquilos, para poder seguir explotándonos fácilmente.

Los nacionales roban nuestro trabajo. Los extranjeros roban nuestras riquezas naturales. Para que no digamos nada, las religiones de los gringos hacen tener miedo a la gente diciendo que si reclamamos nos hemos de ir al infierno. Nos dividen con el dinero y nos hacen pelear entre nosotros, para poder llevarse tranquilamente nuestro petróleo, nuestro banano, el atún que nos pertenece porque está en nuestros mares territoriales.

En sus reflexiones analíticas, los dirigentes indígenas pasaron de lo económico a lo cultural y dijeron que no solamente se les estaba robando su trabajo, que no solamente se robaban las riquezas del país, sino también las costumbres. Roban nuestro pensamiento. Roban nuestra cultura. Roban nuestras costumbres. Y quieren meter dentro de nosotros otras costumbres, otros pensamientos, la cultura de ellos. Quitando nuestro pensamiento y nuestras costumbres y poniendo otros pensamientos y otras costumbres, el dinero que nos regalan regresa a ellos mismos y se llevan más todavía, porque les compramos lo que ellos fabrican a precios muy altos. Ellos salen ganando.

Afirmé al principio que fueron ellos mismos, los dirigentes, quienes condujeron todo al Encuentro. Quiero contar aquí algo anecdótico pero muy significativo. Me habían pedido que me encargara de co-

ordinar la reflexión a la luz de la Palabra de Dios, para un segundo momento de su Encuentro. Contra mi costumbre, llegué atrasado a la reunión unos quince minutos, porque tuve que despedir a un grupo de amigos que estaban alojados en la Casa de Santa Cruz. Cuando llegué a la reunión, ya los indígenas habían escogido una lectura del Nuevo Testamento y estaban reflexionando. Comprobé entonces que mi participación era innecesaria y me contenté con seguir sus reflexiones en silencio.

El texto que habían escogido estaba tomado de la I Carta de S. Pablo a los Corintios, capítulo 12, versículos 12 al 31. San Pablo compara a la Iglesia con el cuerpo humano. Los comentarios de los indígenas se desenvolvieron de esta manera: San Pablo pone una comparación. Dice que la Iglesia verdadera es como el cuerpo. Dice que la comunidad es como el cuerpo. Dice que la organización de los campesinos es como el cuerpo. El cuepo tiene cabeza. La cabeza tiene ojos, tiene oídos, tiene boca. Los ojos son para ver. Los oídos son para oir. La boca es para comer y para hablar. El cuerpo tiene brazos, tiene manos, tiene piernas, tiene pecho. El pecho es para guardar el corazón y para guardar los pulmones. El corazón guarda el pensamiento. Los pulmones sirven para tener aire puro. La barriga sirve para guardar el estómago. El estómago sirve para hacer alimento lo que comemos. Las piernas y los pies sirven para caminar, para tener movimiento. Las manos sirven para trabajar y para otras actividades.

La Iglesia verdadera es un solo cuerpo. Cree en un solo Dios, en un solo Jesucristo, en un solo Espíritu, en un solo bautismo. Hay una sola fe. La Iglesia también tiene cabeza. La comunidad y la organización campesina tienen también cabeza. La Iglesia y la comunidad tienen también ojos para ver, oídos para oir, boca para comer y para hablar, brazos y

manos para trabajar, piernas y pies para caminar. Pero todo está unido, todo es un solo cuerpo. Las religiones de los gringos vienen a dividir, a desbaratar el cuerpo. Empiezan desbaratando la familia. Después desbaratan la comunidad y la organización campesina. Así desbaratan a la Iglesia. Diosito no quiere que esté desbaratado el cuerpo. El cuerpo desbaratado queda como enfermo, muy débil. Estando desbaratado el cuerpo, llega la muerte. La comunidad no puede trabajar, no puede caminar, no puede vivir. El cuerpo desbaratado no tiene alegría.

Por todo esto, los campesinos debemos reunirnos, debemos organizarnos. Los dirigentes son los que debemos ver, oir y hablar. Todos los campesinos debemos trabajar, debemos colaborar, debemos caminar unidos para avanzar a la liberación. La Iglesia de Riobamba está trabajando para hacer un camino. ¿De dónde a dónde está haciendo camino la Iglesia de Riobamba?

Está empezando a hacer ese camino desde la gente pobre. Los campesinos somos pobres y somos harta gente. En las ciudades y en los pueblos hay también mucha gente pobre. La Iglesia de Riobamba ha empezado desde aquí a abrir un camino. ¿Para dónde está abriendo camino desde nosotros los pobres? Está yendo para la liberación, para que haya justicia, para que haya unión, para que haya amor, para que haya respeto.

b) Finalidad y objetivos

Los dirigentes campesinos de este Encuentro desembocaron fácilmente, sin saltos ni imposiciones, en la búsqueda de una finalidad y de unos objetivos. Dijeron que el Reino de Dios era entendido por ellos como liberación, como justicia, como unión, como respeto. Dijeron que el camino hacia el Reino de Dios es largo y difícil. Dijeron ellos:

La Palabra de Dios nos está iluminando, nos está despertando a los pobres, está abriendo los ojos, está destapando los oídos, está haciendo soltar la lengua, está haciendo caminar. Eramos como tullidos.

Primerito, la Iglesia, o sea nosotros mismos, tenemos que llegar a ser ejemplo. Nosotros mismos somos la Iglesia. Tenemos que mostrar el Reino de Dios dentro de nosotros mismos, como católicos, como Iglesia católica. Tenemos que trabajar para que los cabildos, las asociaciones, las cooperativas, todas las organizaciones campesinas muestren también el Reino de Dios. Trabajamos con las dos manos para hacer la misma cosa. La comunidad cristiana es una mano. La organización campesina es otra mano. Ambas manos son necesarias. No se puede trabajar con "chulla" mano. La comunidad cristiana nombra a los animadores que reúnen a la gente, que les hacen reflexionar con la Palabra de Dios, que se preocupan de todos los asuntos de la religión. Nombra catequistas, hace nacer a los misioneros campesinos y ha de hacer nacer sacerdotes indígenas. Este es el trabajo de una mano. La otra mano trabaja con la comuna, con el cabildo, con la asociación, con la cooperativa, con los dirigentes de las organizaciones campesinas.

Así estamos haciendo camino largo y difícil, empezando desde nosotros mismos los pobres para llegar al Reino de Dios.

Cierto es que hay organizaciones campesinas. Pero está haciendo falta una organización más grande, para ponernos todos de acuerdo, para caminar juntos, ayudándonos unos a otros, colaborando. Pero tenemos que organizarnos nosotros mismos. Otras gentes quieren venir a organizar a los campesinos, gentes que tienen intención distinta. Quieren venir a organizarnos los empleados del gobierno, los partidos políticos, los gringos. Pero es al gusto de ellos. Esas gentes hacen fuerza de un lado y hacen fuerza de otro lado para desbaratar el cuerpo.

Nosotros mismos tenemos que pensar cómo vamos a liberarnos de la pobreza. Hay comunidades que tienen bonitas experiencias. Tenemos que reunirnos para conocer esas experiencias. Todos tenemos alguna experiencia. Desde nuestros mayores tenemos la costumbre del cambia manos para ayudarnos en el trabajo. No hemos perdido esa costumbre. Hacemos mingas para trabajar en beneficio de todos. Pero hay comunidades que han avanzado más que otras. Han sacado del olvido la tierra comunitaria, el trabajo comunitario, el reparto del beneficio comunitario. Han comprado tierra para todos. Han luchado para conseguir agua para regadío. Han luchado para tener escuela. Han ayudado a los jóvenes a organizar conjuntos de música, canción y danza. Han conversado entre todos, hasta ponerse de acuerdo, para resolver los problemas. Así tenemos que caminar para liberarnos de la pobreza.

Pero también tenemos que pensar nosotros mismos cómo vamos a hacer para defender nuestras propias costumbres, nuestro propio pensamiento, nuestra propia organización, nuestra propia cultura.

Así mismo tenemos que pensar nosotros mismos cómo vamos a hacer nuestra política propia.

Este Encuentro de dirigentes indígenas mostró a las claras el grado de conciencia a que habían llegado y fue el comienzo de un caminar nuevo y prometedor. Personalmente me he puesto a soñar como en mis años juveniles. De lo dicho por los campesinos se puede partir hacia una sociedad nueva, o como ellos dijeron, hacia una nación nueva; pero siempre bajo la inspiración de la Palabra de Dios y con la fuerza de una fe comprometida.

c) Caminando.

Después del Encuentro, hemos seguido caminando.

Por la asamblea fueron designados quince dirigentes representativos de diversas zonas de la Provincia del Chimborazo, con el encargo de que continúen reflexionando y preparando un nuevo encuentro que les lleve a la organización de un movimiento indígena unificador.

Aunque ellos no lo expresaron, nosotros podemos decir en nuestro lenguaje que en ese Encuentro determinaron con claridad la finalidad que es el Reino de Dios y tres objetivos generales que son: la liberación económica, el rescate de la cultura indígena y la búsqueda de una política propia. En este sentido hemos continuado reflexionando.

Hay el pelibro de que el pensamiento y las acciones sean el resultado del esfuerzo de pocos y de que no consigan una fundamentación en el pensamiento y en las acciones de las bases. Para evitar este peligro, hemos tomado la resolución de organizar reuniones en las mismas comunidades buscando la participación de todos. Cada mes y en ocasiones en menor plazo, hemos tenido ya numerosas reuniones en diversas comunidades. El pensamiento va enriqueciéndose con el aporte de muchos. Pero también las acciones han empezado quizá tímidamente. En efecto, ya hay dos comunidades que han empezado a aportar económicamente para la creación de una caja campesina, base indispensable para proyectos que conduzcan a una liberación económica. Pero también hemos visto que en la realización de proyectos de esta índole, se puede aspirar a ir logrando el rescate de la cultura propia indígena y a realizar una práctica gradual de caracter político. Hemos analizado, primero con algunos de los dirigentes indígenas nombrados por la asamblea del primer encuentro, y luego con las comunidades que hemos visitado, que las actividades económicas que pueden programarse deben estar orientadas al rescate de la cultura propia y a la conquista de una experiencia de política propia.

Así estamos caminando.

d) Hacia una sociedad nueva.

Desde algunos sectores ha surgido el temor de que este movimiento indígena se reduzca a un movimiento puramente racista. Antes aún de que surjan estas observaciones, los indígenas dirigentes manifestaron que no querían caminar solos. Afirmaron, eso sí, que necesitaban ser ellos mismos, ante todo, para luego poder hablar con otras organizaciones populares de igual a igual.

Estoy convencido de que los indígenas conservan valores extraordinarios. Si se logra tomar conciencia de ellos, expresarlos en la vida práctica y organizada, esos valores están llamados a redimir a una sociedad que se vuelve cada día más individualista y más conflictiva. Pienso que, inclusive, un esfuerzo de este tipo puede contribuir a la redención del mundo occidentalizado y capitalista.

Por ésto, sueño en la posibilidad de una sociedad nueva. Por ésto veo la necesidad de crear conciencia también en las organizaciones populares urbanas de la necesidad de una práctica económica, educativa y política que sea convergente con el caminar del movimiento indígena, de modo que no se produzcan competencias y conflictos, sino más bien colaboraciones complementarias.

Tanto el pueblo pobre que vive en las ciudades como los campesinos son cristianos. La vivencia de la fe lleva consigo una luz y una fuerza capaces de aglutinar a los hombres y de transformarlos en constructores de una sociedad nueva que plasme en la realidad los grandes valores del Reino.

5. CONFLICTOS

Casi no he dicho nada, a lo largo de este libro, sobre esos acontecimientos conflictivos. Tampoco ahora voy a detenerme en narrarlos minuciosamente. Para ello, resultarían escasas las páginas de todo un libro. He escogido tres acontecimientos: la visita apostólica, los hechos de la comunidad de Toctezinín y la detención de 55 personas ordenada por el Ministerio de Gobierno, 1973, 1974 y 1976.

1.— La Visita Apostólica

El 31 de enero de 1973 apareció la noticia en la prensa: Visitador Apostólico vendrá a Diócesis de Riobamba, en marzo El Nuncio Apostólico,

con fecha 22 de enero de ese mismo año, me había enviado una carta con el Decreto de la Sagrada Congregación para Obispos fechado el 20 de diciembre de 1972. La carta anunciaba el Decreto y el Decreto constituía al P. Jorge Casanova Visitador Apostólico de la Diócesis de Riobamba, con el encargo de conocer y relatar todo lo relacionado con la situación de la misma Diócesis.

De mi carta al Nuncio, escrita el 4 de febrero, son estos párrafos:

«La Santa Sede tiene derecho a nombrar un Visitador Apostólico para conocer la realidad objetiva de cualquier diócesis. Pero también, si existen acusaciones en mi contra, tengo derecho a conocerlas, porque tengo derecho a mi legítima defensa. Desde ahora rclamo este derecho. Además, tengo la obligación de defender a una Iglesia local que, por haberse comprometido con el Evangelio, con el Concilio Vaticano II, con la Conferencia de Medellín y con el hombre pobre y explotado de la provincia del Chimborazo, se ha convertido en signo de contradicción y en objeto de maledicencias y calumnias... Un obispo y una diócesis así comprometidos tienen derecho a esperar el respaldo de sus superiores jerárquicos. Podemos tener errores y fracasos. Sólo quien no se arriesga puede verse libre de errores y fracasos. Pero, desde un punto de vista de justicia, se debe valorar también todo lo que se ha trabajado y todo lo que se ha logrado en la edificación de una Iglesia comunitaria, signo de salvación para unos hombres concretos, siempre oprimidos y siempre olvidados.

Le aseguro que el Visitador Apostólico será recibido con todas las consideraciones del caso y que se le franquearán todas las puertas, a fin de que pueda cumplir a satisfacción con su cometido. Nada le será ocultado, porque pienso que tributando culto a la verdad y a la justicia, tributo culto a Aquel que es la Verdad y la Justicia, es decir, al Señor, por quien lucho, a quien amo y sirvo, cuando lucho por los pobres, cuando amo y sirvo a los pobres».

No fui yo quien entregó la noticia a la prensa. La publicidad dada por otra fuente me autorizó a dar a conocer la noticia a mis colaboradores y a las comunidades cristianas de la Diócesis. El Equipo de Santa Cruz fue el primero en enterarse de las comunicaciones oficiales. En comunión de Fe con sus miembros, reflexionamos acerca de la actitud que teníamos que guardar de acuerdo con el Evangelio.

Comuniqué la noticia a las comunidades cristianas de la Diócesis en mi alocución por radio, titulada: «Les anuncio una noticia», el 9 de febrero de 1973.

Transcribo también párrafos de dicha alocución radiofónica:

«... Todos saben que, en la provincia del Chimborazo, está naciendo una Iglesia comprometida con la liberación del indio y del pueblo oprimido. Pues bien, este atrevimiento ha traído dificultades. Esto es normal...

¿Cuál debe ser nuestra actitud?

Ante todo, de una gran serenidad. Todo apasionamiento debe ser desterrado de nuestro espíritu, porque no trabajamos por conquistar intereses mezquinos, sino que trabajamos por el Evangelio. Conscientes de la nobleza de nuestra misión, debemos mantenernos serenos y equilibrados.

Otra característica de nuestra actitud debe ser la de mostrarnos verdaderos. No se trata ni de defender ni de atacar a las personas. Se trata de buscar la verdad, para que brille, por encima de todo y de todos. Debemos decir la verdad. Debemos hacer la verdad. La verdad se dice con la palabra. La verdad se hace con la actitud. Nada de dobleces ni engaños, porque si aspiramos a ser libres debemos ser esclavos de la verdad.

Con esta disposición, debemos aceptar sinceramente todo cuanto pueda señalársenos como equivocado en nuestra actitud apostólica y debemos estar dispuestos a introducir rectificaciones. De igual manera, quienes me han acusado tienen la obligación de probar fehacientemente el contenido de sus acusaciones. No basta con hacer afirmaciones gratuitas.

Serenos y verdaderos, debemos ser imparciales, debemos tender con todas nuestras fuerzas a que, por encima de todo, triunfe el Unico que pudo afirmar: «Yo soy el camino, la verdad y la vida».

Así empecé a vivir comunitariamente este acontecimiento.

El Visitador Apostólico había llegado a la Diócesis en la tarde del 3 de abril, acompañado por agentes de seguridad política, sorpresivamente y encontrándome yo ausente de la Diócesis por haberme comprometido a acompañar a la reflexión pastoral de sacerdotes y religiosas junto con su Obispo, de una Diócesis hermana. La firme actitud de mi Vicario General logró el retiro de los agentes de seguridad política.

El 13 de abril, siempre a través de mi programa radial semanal, dejé descrito así el trabajo que realizó el Visitador Apostólico.

«En un ambiente de total libertad, de cordialidad y de franqueza, se realizó la Visita Apostólica desde el día de la llegada del P. Jorge Casanova hasta el 11 de abril.

El trabajo realizado por el P. Casanova se resume en los siguientes puntos: recibió la visita de 26 comunidades indígenas, algunas de ellas procedentes de las provincias de Imbabura, de Tungurhua, de Bolívar y de Cañar. Las demás eran representativas de las comunidades de la provincia del Chimborazo.

Concedió 24 audiencias a sacerdotes, religiosos y seminaristas.

Se puso en contacto con todas las comunidades de religiosas y sumaron 12 las reuniones tenidas con ellas.

Para tener facilidad de dialogar con las mismas religiosas, el P. Casanova y su secretario fueron a celebrar la Misa en las propias comunidades y así estuvieron en 12 casas religiosas.

Recibió la visita de 34 delegaciones de grupos e instituciones diversas.

El mismo P. Casanova o su secretario realizaron visitas en el número de 21 a comunidades de base en la ciudad, a organizaciones de la Diócesis y a diversos otros grupos.

Concedió a personas particulares 15 audiencias.

Según informe proporcionado por el mismo P. Casanova, llegaron a 145 las visitas o reuniones tenidas en estos escasos 9 días. Recibió a un total aproximado de dos mil personas».

El Visitador Apostólico, después de haber realizado algunos contactos y de haber escuchado a mis acusadores, me presentó un cuestionario de 21 preguntas. A través de este cuestionario, pude ver con claridad cuáles eran las acusaciones y de dónde procedían. Eran acusaciones gratuitas y muchas de ellas absurdas, como aquellas de que mantengo contacto con los comunistas, de que nuestra catequesis es comunista.

La prensa se ocupó ampliamente de la Diócesis de Riobamba, con ocasión de la Visita Apostólica. Las comunidades, los campesinos, los amigos de dentro y fuera de la Diócesis y del país, me expresaron de manera sencilla sus sentimientos. Indiscriminadamente, tomo de esas cartas algunas frases que hacen ver esa vivencia comunitaria de que estoy hablando.

Un grupo de jóvenes me escribían: «Queremos compartir tus dolores como hemos compartido tus alegrías: alegría de ver una Iglesia radicalizada con los más pobres, por lo que te has hecho acreedor a ser honrado con el título de «Obispo de los indios»; alegría de que los indios con tu entrega se están haciendo personas; alegría de constatar de que al igual que Jesús has hecho de los indios tus amos, convirtiéndote así en siervo de los siervos; alegría de saber que eres el verdadero pobre, porque como decía Juan XXIII «pobre es aquel que es amado por los pobres»; alegría de saber que te has convertido en voz de los que no tienen voz; alegría de constatar que en pleno siglo XX sigue la acción de gratuidad del Evangelio en medio de los marginados, que da la seguridad de que tu pastoral no es demagógica, sino evangélica; alegría de saber que no te importa tu justicia y tu verdad, sino la justicia y la verdad de Jesús...».

Un seglar de una diócesis ecuatoriana confesaba en una carta: «Hoy más que nunca creo».

De la carta escrita por un grupo, extracto las siguientes frases: «Cuando el hombre, ayudado por la gracia divina, llega a encontrarse con Cristo hombre, su hermano, entonces los ojos del hombre ven como Dios quiere que vean; entonces los oídos del hombre oyen como Dios quiere que oigan; entonces el corazón del hombre siente y ama como Dios quiere que sienta y ame; entonces la inteligencia del hombre se abre, se ilumina y entiende la claridad de la verdad de Dios, comprende el incendio de Dios que transforma y convierte al hombre en un comprometido decidido... Y la prueba contundente de todo esto es la resistencia, la oposición del dominio encarnado no solamente en los extraños sino también en la mayoría y quizá lo principal de nuestra propia Iglesia...».

Los campesinos se expresaron también, en su estilo sencillo, con palabras como éstas: «Nosotros sentimos mucho por la visita de los señores delegados del Papa. En unión de todos, le respaldamos, le colaboramos asistiendo todos los días a la escuela, aprendiendo las clases que nos enseñan a través de la radio...».

«Siento mucho porque sufre su corazón de calumnias y porque le tratan de comunista. Monseñor, perdónales, porque no saben lo que hablan, como Cristo dice en el Evangelio: Padre mío, perdónales, porque no saben lo que hacen».

«Unidos a su movimiento de liberación, a su doctrina de Iglesia postconciliar, a su actividad pastoral, a su lucha por la justicia social..., pensamos que no puede ser tan cobardemente ultrajado quien sólo piensa hacer el bien sin mirar clases sociales ni razas...».

En este sentido, el pueblo dictó su veredicto. Pero Roma no llegó a darlo, por razones que no ha querido explicitar.

* * *

2.— Toctezinín

Este es el nombre de una comunidad campesina indígena. 85 familias. Situada a una altura cercana a los cuatro mil metros. Sus padres y sus abuelos habían trabajado dentro de una inmensa hacienda, en las peores condiciones de opresión y de injusticia. Como en tantos otros lugares de la provincia del Chimborazo.

Una primera ley de reforma agraria fue dictada en el año 1964. Su aplicación no tuvo resultados satisfactorios. Una nueva ley de reforma agraria fue dictada a fines del año 1973. Hubo un nuevo despertar de expectativas en los campesinos ecuatorianos.

El Cabildo de Toctezinín, de acuerdo con la comunidad, indicó el trámite establecido por la ley para la adquisición de las tierras que los campesinos venían trabajando en calidad de precaristas. El organismo correspondiente dio trámite a la petición de los campesinos. Dictó disposiciones por las que se declaraba su estado posesorio, en espera del reglamento que aún no se había dictado.

Pasando por encima de la ley, la propietaria intentó vender las tierras trabajadas por los campesinos a una pariente suya. Los campesinos denunciaron la maniobra ante la autoridad correspondiente.

Entonces empezaron los hostigamientos y las amenazas, de acuerdo con el Jefe Civil y Militar de la provincia y con otras autoridades subalternas.

El hostigamiento y amenazas fueron también dirigidos en contra del equipo pastoral de la zona, sin duda, con el objeto de amedrentar a unos y a otros. Apresamientos sin causa justificada. Multas. Presencia amenazadora y frecuente de la policía. Golpes a uno de los miembros del equipo pastoral. Apedreamiento a las ventanas de la casa parroquial. Insultos proferidos en la noche. Amenazas de muerte en la misma presencia de las autoridades locales. Creación de todo un clima de tensiones y zozobra. Durante largos meses del año 1974.

Debidamente autorizados, los campesinos sembraron esas tierras. Estaban también autorizados legalmente para hacer suyas las cosechas. El tiempo de la siega se aproximaba. Para evitar entorpecimientos en su labor, invitaron a algunas comunidades y obtuvieron de ellas la colaboración para el trabajo de numerosas personas. Se proponían terminar la cosecha en tres días. Trancurrió el primer día sin contratiempo alguno. Pero el segundo día vino la catástrofe.

La fuerza pública se hizo presente, primero en el centro parroquial, en la mañana del 26 de septiembre de ese año. Apresó a mi Vicario General, transitoriamente presente allí. Apresaron a ocho miembros de equipos pastorales. Subieron luego hasta la comunidad. Amenazas. Golpes. Allanamientos de casas. Robos. Uso de sus armas de fuego. Bárbaramente asesinaron a un líder campesino de otra comunidad: Lázaro Condo. De igual manera. hirieron de bala a otro campesino también de otra comunidad. Apresaron a treinta campesinos.

Vicario General, miembros de los equipos pastorales y campesinos fueron conducidos hasta la cárcel de Riobamba. Se les tuvo incomunicados.

El acontecimiento nos brindó la ocasión de una intensa y profunda vida comunitaria. Solidarios con quienes tenían la justicia de su parte, sacerdotes, comunidades cristianas, con su Obispo, se mantuvieron o nos mantuvimos en reunión permanente, sentados en el suelo, porque no había asientos suficientes. Para recibir informaciones. Para reflexionar a la luz del Evangelio. Para tomar medidas adecuadas. La opinión pública debía estar convenientemente informada. Las más altas autoridades de Gobierno debían decidir justicieramente en busca de una solución al problema Comisiones diversas empezaron a movilizarse. Estábamos actuando como Iglesia. Por la justicia

Los medios de comunicación colectiva se hicieron eco de los acontecimientos y del justo reclamo de los campesinos. El contacto de las comisiones con las altas autoridades del Gobierno tuvo por resultado una entrevista del Ministro del Go-

bierno conmigo. En esta entrevista, el problema fue clarificado documentadamente. Pronto, el Gobierno designó una comisión que emitió un dictamen justo y favorable.

Llegaron a brillar así la verdad y la justicia, a pesar de que una gran tormenta se levantó amenazante contra la Diócesis de Riobamba y su Obispo.

«En la fuerza de su brazo» fue el título de mi exposición radial, una vez que desapareció la tormenta y se hizo la luz. Decía entonces:

«Nosotros creemos en la Palabra de Dios. Creemos que la Palabra de Dios, como ella misma lo dice, es viva y eficaz, es decir, realiza lo que dice. Basados en esta Fe en la Palabra de Dios, es bueno traer al recuerdo algunos pasajes de la Biblia que nos harán luz en los problemas que estamos viviendo.

«Has revelado, Yavé, la fuerza de tu brazo.
Tu diestra, Yavé, aplasta al enemigo» (Ex. 15,6).

«Librará al hombre pobre que se queja
y al humilde que está desamparado;
compasivo del débil y del pobre
serás su salvador» (S. 72, 12 y 13).

«Manifestó su fuerza vencedora,
y dispersó a los hombres de soberbio corazón.
Derribó a los poderosos de sus tronos
y elevó a los humildes.
Llenó de bienes a los hambrientos
y despidió a los ricos con las manos vacías»
(Lc. 1, 50-53).

Terminaba mi exposición con estas palabras: «Los acontecimientos de Toctezinín, pequeños dentro del inmenso cuadro de injusticias en que viven los pueblos latinoamericanos, me han hecho pensar en que el brazo del Señor ha iniciado la historia de la nueva liberación de América Latina. Me ha hecho pensar que no son los instrumentos poderosos, ni las maquinarias poderosas, ni los armamentos más modernos capaces de oponerse a la fuerza del

brazo del Señor. Me ha hecho pensar que, por lo mismo, no son esos instrumentos poderosos los que deben ser utilizados por los cristianos, sino la Fe activa y comprometida, que es al mismo tiempo conciencia de pobreza y confianza en el poder del brazo del Señor...».

Como expresión de solidaridad comunitaria, recibimos, también en esta ocasión una cantidad enorme de telegramas y de cartas. Extraigo unas pocas frases. Decían de una comunidad indígena:

«Queremos que las autoridades miren el trabajo sacrificado... Se nos ha enseñado cómo debemos vivir en nuestras humildes chozas, sacándonos de esa vida rutinaria y miserable que hemos tenido por muchos años...».

«El pueblo humilde, el pueblo que sufre y clama por la liberación cristiana es testigo de su labor sacrificada y en esta hora de confusión, levanta su voz de protesta...». Así escribía otra comunidad con el respaldo de numerosas firmas.

Estudiantes universitarios hicieron oír su voz en este sentido: «Esta extensión universitaria se solidariza con los humildes de Riobamba... Monseñor Leonidas Proaño es hoy víctima de las mismas calumnia que sufrieron Cristo y los primeros cristianos en su lucha por expulsar a los mercaderes del templo».

Obreros, campesinos, estudiantes, amigos de diversos países manifestaron su solidaridad y nos hicieron vivir esa unión de corazones alrededor de la Justicia.

3.— Detención de 55 personas

Se trata de un hecho reciente. 12 de agosto de 1976. Nos encontrábamos reunidos, en la casa de Santa Cruz, 17 obispos de diversos países latinoamericanos, algunos sacerdotes, unas pocas religiosas y unos tantos seglares. Con propósito claros y definidos: intercambio de experiencias pastorales, ensayo de diagnóstico de la actual situación de América Latina, proyecciones pastorales. Se tra-

taba de una reunión amistosa, particular, privada. Comenzó el 9 de agosto.

Alrededor de 40 policías, vestidos de civiles, armados de metralletas, fusiles cortos, bombas de gas a la mano. Un verdadero asalto. Ninguna explicación. Violencia y rapidez en el apresamiento. Así fuimos conducidos, hacinados en un bus de la policía, hasta la ciudad de Quito. Se llevaron toda clase de papeles y exhibieron más tarde documentos que no pertenecían al encuentro.

Las acusaciones aparecieron, para conocimiento del público, 24 horas después del apresamiento. Acusaciones falsas y calumniosas. Esas mismas acusaciones fueron hilvanadas artificiosamente y presentadas al público en cadena de radio y T.V., doce días más tarde.

El acontecimiento tuvo repercusiones internacionales. A base de la información de las mismas víctimas de semejante atropello, se han hecho publicaciones en libretos por diversas organizaciones publicitarias. En todas partes, fueron rechazadas las acusaciones de que la reunión hubiese tenido un carácter político y subversivo.

De mis comentarios radiales, transcribo también aquí algunos párrafos que ponen de relieve nuestra vivencia comunitaria:

«El Evangelio, para nosotros, es Cristo mismo. El es la Buena Nueva de Salvación para todos los hombres. El es la Buena Nueva de Salvación para los pobres. El es el grito de liberación para los oprimidos. Vivir el Evangelio es comprometerse con la misión que Cristo ha traído a la tierra. Para nosotros, la Fe no es simplemente un conjunto de verdades. No es simplemente un conjunto de conceptos y definiciones. No es el resultado simple de una elaboración ideológica. Para nosotros, la Fe es ante todo una vivencia, un compromiso, una práctica de cada día, una lucha permanente contra el mal, contra la mentira, contra la injusticia, contra el odio, en donde quiera que se encuentren, en nosotros y en la sociedad, en el sistema capitalista o en el sistema comunista. Por consiguiente, quienes se esfuerzan por encasillarnos a todo trance en una

ideología política de derecha o de izquierda, se equivocan totalmente. O demuestran un interés maligno por presentarnos como algo distinto de lo que realmente somos. Una vez más, pretendemos ser simplemente cristianos, seguidores de Cristo, miembros activos de una Iglesia que está llamada a ser el sacramento de salvación en medio de este mundo entenebrecido y destrozado por el pecado. Pero hay muchísimas personas que no entienden. Ante todo, nos entienden los sencillos de corazón, los campesinos, los trabajadores, las gentes del pueblo».

«Agradezco muchísimo a los grupos y comunidades cristianas de la Diócesis de Riobamba por las respuestas que me han enviado».

Quienes las escuchen o las lean con limpieza de corazón, podrán ver con toda claridad que la postura de estas comunidades cristianas, de quienes estamos trabajando pastoralmente por construir una Iglesia comunitaria, no estamos al servicio de ideologías políticas, de movimientos políticos, de partidos políticos. Combatimos la injusticia, en donde quiera que se encuentre, en nombre y con la fuerza del Evangelio.

Un amigo que vivió en Santa Cruz durante un tiempo, escribió desde el Canadá una hermosa carta:

«Querido Leonidas, le deseo paz, fuerza y esperanza. Lea Pablo, 2.ª Cor. 1,3-3. Me siento muy cerca de ustedes al leer este pasaje».

El texto en referencia dice lo siguiente: «Bendito sea Dios, Padre de Cristo Jesús nuestro Señor, el Padre siempre misericordioso, el Dios del que viene todo consuelo, el que nos conforta en todas las pruebas por las que ahora pasamos, de manera que nosotros también podamos confortar a los que están en cualquier prueba, comunicándoles el mismo consuelo que nos comunica Dios a nosotros.

Porque así como tenemos una parte tan grande de los sufrimientos de Cristo, por medio de Cristo recibimos también un gran consuelo. Así, cuando nos encontramos en alguna prueba, es para que ustedes tengan consuelo y salvación, y cuando

nos conforta Dios es para que también ustedes tengan consuelo al soportar pacientemente los mismos sufrimientos que padecemos nosotros. Nuestra esperanza es muy segura respecto a ustedes, pues si comparten nuestros sufrimientos, tendrán parte de nuestro consuelo».

Obispos del Ecuador y particularmente el Cardenal Arzobispo de Quito hicieron oír su voz. De igual manera, el Secretario General del CELAM, la Conferencia Latinoamericana de Religiosos, algunas Conferencias Episcopales latinoamericanas.

He aquí una muestra de los pensamientos y sentimientos de los campesinos: «A nosotros también nos han metido en la cárcel, pero no nos da miedo, porque así no más no podrán apagar la luz de nuestro corazón. Ni aunque nos manden a la cárcel, ni aunque nos maten. Porque los ojos de los campesinos han comenzado a ver la luz».

Otra muestra: «Todos nuestros hermanos que fueron encarcelados son dignos de felicitación, porque están cumpliendo la voluntad de Dios, destruyendo las injusticias y buscando la justicia, la verdad, la liberación».

Termino estas muestras con otra tomada de una carta de un sacerdote: «Esta conmoción o terremoto moral, espiritual, político-social, a nivel no sólo nacional y continental, sino mundial, es un acontecimiento salvífico principalmente para Ecuador y Latinoamética: en un momento el Espíritu divino hizo ver la unidad de la Iglesia a través del CELAM y de todas las Conferencias Episcopales de los distintos países...».

* * *

CAPITULO FINAL
V

CREO...

Voy a terminar... Francamente, no sé cómo hacerlo.

Se me ha pedido que diga, a lo largo de estas páginas, cuál es el credo que ha dado sentido a mi vida.

Una sola es la Fe del cristiano.

Sin embargo, aunque es una, la vivencia de esa Fe tiene sus características propias en cada cristiano.

Cuando se me ha pedido decir cuál es el credo que ha dado sentido a mi vida, pienso que el propósito era descubrir las características propias de mi vivencia de la única Fe de los cristianos.

* * *

¡Creo!... ¿En qué? ¿En quién?... ¿Qué es lo que ha dado sentido a mi vida? ¿O quién ha dado sentido a mi vida?

Me pregunté esto mismo antes de iniciar la redacción de estas páginas. Vuelvo a preguntármelo ahora, cuando me dispongo a terminar mi tarea.

Desde un principio, ya pensé en la comunidad. Hoy sigo pensando que la comunidad cristiana ha dado sentido a mi vida.

* * *

Ante todo, yo creo en Dios. Creo en Dios Padre. Es El quien me ha dado la vida. El me ama infini-

tamente. Lo he comprobado vivencialmente a lo largo de todos mis años de existencia. Y sé que mis relaciones con El han sido filiales.

Creo en el Dios trinitario. En el Dios fecundo. Creo en la felicidad de ese Dios fecundo. Creo en el Dios comunitario.

Creo en el Verbo de Dios. Y creo en el Espíritu Santo. Las primeras páginas de la Biblia y el capítulo primero del Evangelio de San Juan me han impresionado siempre. La Palabra, como si dijéramos al interior de Dios es la reproducción de Dios mismo. El amor que se tienen mutuamente el Padre y el Hijo es su Espíritu. Dios uno y trino. Dios trino y uno.

La Palabra hacia afuera es el mundo, es el hombre. «Dijo Dios: haya luz, y hubo luz»... «El Verbo estaba en el principio junto a Dios. Todo se hizo por El y sin Él no existe nada de lo que se ha hecho. En Él había vida y la vida es la luz de los hombres».

* * *

Creo en el plan amoroso de Dios. Se propone hacernos sus hijos. Quiere que los hombres seamos hermanos. Nos llama para hacernos partícipes de su felicidad eterna.

Creo que Dios ha puesto al hombre en esta tierra, para que vaya haciéndose señor de ella, para someterla. Dios es el único Señor. Pero Dios ha querido hacer al hombre a su imagen y semejanza. Aprender a enseñorearse de la tierra es realizar este importante aspecto de la vocación del hombre: hacerse a imagen y semejanza de Dios Padre.

Creo que Dios ha hecho al hombre para que sea multitud. Es decir, para que sea fecundo como Dios Padre.

Creo que Dios ha hecho al hombre fecundo, para que, siendo muchos, sin embargo se vaya haciendo uno, como es uno el Dios trino.

* * *

El pecado entró en el mundo, en el corazón del hombre. Y, como dice San Pablo, por el pecado, entró la muerte. Es decir, la destrucción de los planes amorosos de Dios.

Creo en Jesucristo, el Verbo de Dios hecho carne, Salvador de los hombres, Restaurador del plan amoroso de Dios, hermano nuestro.

Aprendí a conocer a Dios en los brazos de mi madre. Aprendí a conocer a Jesucristo en la Historia Sagrada, a través de las narraciones de los evangelistas. Jesucristo fue entrando en mi corazón y en mi vida desde que fui niño. El ha sido para mí la manifestación contundente del amor del Padre. Sé por experiencia que me ama. También yo siento por Él un amor apasionado.

Para restaurar el plan de Dios, se hizo pobre, vivió con los pobres, predicó la Buena Nueva a los pobres.

Para restaurar el plan de Dios, se hizo el servidor de todos.

Para restaurar el plan de Dios, predicó su mandamiento nuevo: el amor de los unos a los otros, tomando como modelo el amor que el Padre tiene al Hijo y el amor que el Hijo nos tiene a nosotros.

* * *

Porque creo en Dios y porque creo en Jesucristo, creo también en el hombre. Aunque el pecado ha pretendido destruir la imagen de Dios en el hombre, las semillas del Verbo permanecen en todo hombre, sepultadas quizá debajo del estercolero amontonado por los vicios y maldades producidos por el corazón humano.

Creo en el hombre que está en mí, porque el Verbo de Dios hecho carne me ha ido salvando. Creo en el hombre que está en todos mis hermanos, porque ese mismo Verbo de Dios hecho carne quiere salvar a todos. Por esto, jamás he perdido la esperanza. Por esto, puedo decir también que creo en la esperanza.

Y por la misma razón, creo en la verdad, creo en la justicia, creo en el perdón, creo en la recon-

ciliación, creo que estamos caminando hacia el Reino de Dios, creo que ese Reino está ya en medio de nosotros, aunque todavía falta mucho para que sea cabal su cumplimiento.

* * *

Creo en María, la Madre del Hijo de Dios hecho hombre. Mujer humilde. Esclava del Señor. Fiel a su Palabra. Mujer cristiana. Madre.

* * *

Creo en la Iglesia. Me siento como una parte pequeñita, pero viva, de Ella. Después del Concilio, la he descubierto como comunidad, como comunidad concreta, como la familia llamada a ser signo de fraternidad en medio de este mundo. La amo entrañablemente y porque la amo, me duelen como en carne propia sus desvíos. Y porque la amo entrañablemente, se me ha ido quitando de la boca el amargor que me han producido incomprensiones y acusaciones injustas promovidas o aceptadas por miembros hermanos de esta misma Iglesia.

* * *

Creo en los pobres y oprimidos. Creer en los pobres y oprimidos es creer en las semillas del Verbo. Creo en sus grandes capacidades, particularmente en su capacidad de recibir el mensaje de salvación, de comprenderlo, de acogerlo y de ponerlo en práctica. Por ésto, es verdad que los pobres nos evangelizan. Por ésto, la Conferencia de Puebla habló del "potencial evangelizador de los pobres". Creo en la Iglesia de los pobres, porque Cristo se hizo pobre, nació pobre, creció en un hogar pobre, hizo discípulos entre los pobres y fundó su Iglesia con los pobres. Por todo ésto, al mismo tiempo que hago mi profesión de fe en los pobres, me atrevo a tomar las palabras extremecidas de alegría de Cristo: "Yo te bendigo

Padre, porque has escondido estas cosas a los sabios y entendidos de este mundo y las has revelado a los pequeñitos".

Esta es mi Fe. Esta Fe ha dado sentido a mi vida.

Pero, si se trata de descubrir las características vivenciales de mi Fe, pongo el énfasis en mi Fe en la comunidad. Dios me fue preparando lejanamente para esto. No pertenecí a una familia numerosa, pero esta misma deficiencia me ha hecho sentir la necesidad de amigos, la necesidad de trabajar conjuntamente con otros, la necesidad de la comunicación profunda y de la comunión en valores trascendentales.

Uno de mis defectos ha sido la incapacidad de saber perder el tiempo con los amigos. Pero en esta misma deficiencia descubro un aspecto positivo, como preparación lejana, y es que he buscado siempre relaciones de seriedad y respeto con cualquier persona.

Dios me ha ido preparando lejanamente también desde el punto de vista afectivo. Por una parte, he contado con amigos verdaderos. Nos hemos amado en profundidad. Hemos dialogado. Nos hemos construido mutuamente, criticándonos con franqueza y confianza todo aquello que encontrábamos defectuoso. Por otra parte, mis relaciones con personas del sexo femenino, particularmente durante mi juventud, fueron más bien parcas, como lo dije a su debido tiempo. Veo ahora que esa manera de comportamiento me ha impedido caer en la liviandad de relaciones ligeras y superficiales y no me ha impedido, sin embargo, posteriormente, el cultivo de relaciones amistosas como personas de uno y otro sexo. Más bien, las han favorecido.

He adquirido una capacidad de respeto, indispensable para una auténtica vida comunitaria. Actualmente, los grupos comunitarios de la Diócesis de Riobamba están compuestos por hombres y mujeres.

Cuando joven sacerdote, nadie hablaba de equipo, nadie hablaba de comunidad, a no ser que se tratara de las comunidades religiosas. De hecho, los cuatro antiguos amigos que formábamos el Cuadrilátero contituíamos un auténtico equipo de amistad y de trabajo. Así Dios me fue preparando.

La muerte de mi padre, cuando todavía yo le necesitaba, y diez años más tarde la muerte de mi madre, me dejaron solo, sin lazos familiares íntimos. Estas circunstancias dolorosas me llevaron a vivir una vida de familia con los muchachos trabajadores de la Cardijn . Estos años fueron también una preparación remota.

Lo mismo puedo decir, pero ya como preparación inmediata, de la experiencia del Equipo Juan XXIII , ya en la Diócesis de Riobamba.

Ahora puedo decir con toda verdad y sinceridad: Creo en el hombre y creo en la comunidad cristiana.

* * *

Toda mi vida ha estado llena de luchas y conflictos. Pienso de mí mismo que no soy una persona conflictiva. Más bien, soy un hombre pacífico. Pero también me encuentro un hombre intransigente, cuando se trata de defender valores trascendentales, no ciertamente especulativos, sino encarnados en la existencia de los hombres. He sido intransigente en la defensa de la verdad, porque

he querido que los hombres concretos seamos verdaderos. He sido intransigente en la defensa de la justicia, porque he querido que los hombres practiquemos la justicia. He sido intransigente en la defensa del Amor y de la Amistad, porque he querido una gran autenticidad en las relaciones humanas.

Para dar a entender que mi Fe en la comunidad ha dado sentido a mi vida, a más de los relatos que dejo escritos en estas páginas y en base a ellos, juzgo conveniente referirme ahora a determinados conflictos, a modo de ejemplo. En esas ocasiones ha sido cuando más de cerca y más íntimamente he experimentado lo que es vivir en comunidad, estar en comunión profunda con otras personas, sentir que todos cuantos creemos en Cristo somos miembros de un mismo cuerpo.

En estas ocasiones también, he tenido la oportunidad de revisarme seriamente a la luz del Evangelio, de ir adquiriendo dominio de mí mismo, serenidad, valentía, conflictos.

* * *

Gracias, Padre, por haberme dado la vida. Por haberme hecho nacer en el seno de una familia pobre. Por haberme llevado de la mano hacia el sacerdocio. Por haberme hecho conocer a tu Hijo, Jesucristo. Por haberme dado una madre, la Virgen María. Por haber puesto en mi camino amigos de corazón noble. Por haberme descubierto el misterio de tu plan salvífico. Por haberme hecho comprender que los hombres estamos llamados a vivir como hermanos. Porque me estás haciendo vivir el misterio de la Iglesia como comunidad cristiana. Por la serenidad, por la fuerza, por la luz, por la esperanza que nos comunica tu Palabra. Por la alegría de tu Reino que ya ha comenzado. Por la Fe que ha dado sentido a mi vida. Por los aconte-

cimientos que han dado sentido a mi Fe...

Con la urgencia de acelerar la llegada de tu Reino en plenitud, con la Iglesia que está en Riobamba y con la Iglesia Universal, clamamos a tu Hijo:

* * *

¡VEN, SEÑOR JESUS!

TU . . . TE VAS . . .

Tú . . . te vas . . .
pero quedan
los árboles que sembraste,
como quedan
los árboles
que antes ya sembraron otros.

Los árboles
darán fruto
y darán también semillas.
Las semillas
cultivadas
convertiránse en árboles.

Tú . . . te vas . . .
pero quedan
los árboles que sembraste:
más árboles,
y más frutos.
y más fecundas semillas.

Riobamba, marzo 4 de 1984.

Esta colección es de confesiones sinceras e íntimas de hombres que hacen historia. No debemos asomarnos a ellas con curiosidad, sino con respeto.

Antes y después de su lectura deberíamos preguntarnos: ¿Qué me dice a mí el credo de este hombre que ha dado sentido a su vida?

LEONIDAS E. PROAÑO
(Obispo de Riobamba)

Nació el 29 de enero de 1910 en San Antonio de Ibarra, provincia de Imbabura (Ecuador).

Soy hijo de familia pobre. Supe, como todos los hombres de mi pueblo, lo que es padecer de necesidad y de hambre. Pero aprendí también a soportar privaciones sin quejas ni envidias.

Aprendí lo que es la sencilla fraternidad entre pobres: poner en práctica una generosa y delicada mutua entre vecinos. "Un pobre ayuda a otro pobre, y entonces todo se arregla".

Actualmente es Obispo de Riobamba (Ecuador) desde 1954.

Llamado el obispo del indio

En este libro autobiográfico, nos cuenta con sencillez toda su vida, trabajos, alegrías, conflictos.... y su profunda fe en un Dios que ha querido que lo reconozcamos en el rostro del hombre y que nos va a juzgar únicamente por ello.

editorial Gallo Capirán C.A.
OTAVALO ECUADOR

REINALDO CONFORTI c.m.

La hora de la clase **OBRERA** y de la **IGLESIA**

IGLESIA - OBREROS

REINALDO CONFORTI C.M.

La hora de la clase **OBRERA** y de la **IGLESIA**

IGLESIA - OBREROS

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTACIÓN E IMAGEN

Reinaldo Conforti
Sacerdote Vicentino de Luján

DEDICACION

A Mons. Enrique Angelelli, Asesor queridísimo de la JOC argentina, Padre Obispo del pueblo riojano, Profeta y Mártir de la Justicia Social, con cariño y sincera admiración.

© 1996, Editorial Gran Buenos Aires
H. Yrigoyen 125, (1744) Moreno, Bs. As.
Impreso en la Argentina
Queda hecho el depósito que marca la Ley 11.723

INTRODUCCION

En mis años de asesor de la Juventud Obrera Católica (JOC) argentina (1946-1972) y de colaboración con el Servicio de Educación Popular (SEP) - 1980-1991 - militantes laicos y sacerdotes hemos experimentado la falta de apoyo decidido y eficaz, por parte de la Iglesia en su conjunto, a los movimientos obreros cristianos y de diálogo fluido entre la jerarquía eclesiástica y el mundo del trabajo.

Por cierto, la Iglesia Latinoamericana ha dado pasos importantes para superar esta deficiencia. Las Conferencias Episcopales de Medellín y de Puebla sobre todo, trazaron las líneas y pautas de una pastoral evangelizadora, cuyo punto de arranque y de referencia obligada son los pobres.

Medellín abrió el camino y marcó el rumbo. Puebla fijó la meta: una Iglesia arraigada en el pueblo, y determinó la estrategia: desde los pobres. Y se propuso en el presente y en el futuro de América Latina, la evangelización de la cultura, desde la opción preferencial por los pobres, con miras a su liberación para y por la participación y comunión. La Iglesia hace suya la causa de los pobres y reconoce y se dispone a utilizar el potencial evangelizador de sus hijos "mayoritariamente pobres y explotados".

Resta, sin embargo, promover la conversión creciente y constante de la Iglesia a los pobres. "No todos en América Latina nos hemos comprometido suficientemente con los pobres; no siempre nos preocupamos por ellos y somos solidarios con ellos". (Puebla 1140). La tarea es apremiante por dos razones. La una: el momento que vive América Latina: vive angustiosamente el paso de una civilización agrario-urbana a la civilización urbano-industrial. Momento decisivo para su vocación original, que es "aunar en una síntesis nueva y genial, lo antiguo y lo moderno, lo espiritual y lo temporal, lo que otros entregaron y le dio su propia originalidad" (Pablo VI, 3/7/66).

La otra razón: el papel que hoy asigna a la clase trabajadora la

historia. El Cardenal belga José Cardijn decía: "Es la Hora de la Clase Obrera". "En esta hora que va a decidir el porvenir del mundo y de la Iglesia, la Clase Obrera gravitará en forma tal sobre la orientación de la humanidad que su misión será decisiva en la historia. Del lado hacia el cual se incline ella, se inclinará la mayoría de los hombres, y la orientación que ella adopte decidirá, en gran parte, la orientación del mundo, las dificultades o las posibilidades del mañana"[1]. Pío XI, en carta dirigida al fundador de la JOC, avalaba esta afirmación: "La Clase Obrera, por su parte, está llamada a asumir en esta hora responsabilidades que nunca conoció en el pasado".

El Gral. Perón se expresaba de manera semejante: "Ha terminado en el mundo el reino de la burguesía. Comienza el gobierno de los pueblos. Con ello, el demoliberalismo y, consecuentemente, el capitalismo han cerrado su ciclo; el futuro es de los pueblos"[2].

La historia así lo confirma. Las distintas clases sociales tuvieron su oportunidad de construir un mundo más humano. La tuvo la nobleza y fracasó al organizarlo en base al privilegio de la sangre. La tuvo la burguesía y también fracasó al cimentarlo en el dinero. Nos legaron un modelo social que genera desigualdad (unos tienen de sobra y otros carecen aún de lo indispensable), dominación (los que poseen dominan a los que no poseen), conflictos (luchas entre los que necesitan y los que tienen excesivamente). Y eso porque han construido una sociedad sobre lo que el hombre tiene y no, como debería ser, sobre lo que el hombre es. En una sociedad de este tipo prima el interés.

Hoy la oportunidad de forjar un mundo digno del hombre la tiene la Clase Trabajadora. Ella goza de las mayores posibilidades. Es el cuerpo social más vigoroso y cohesionado. Se sabe fuerza mayoritaria. Tiene conciencia clara de ser víctima de la explotación del hombre por el hombre. Y está firmemente decidida por una sociedad justa y fraterna. "El proletariado de hoy no sólo espera para sí mismo un porvenir mejor, sino además es la esperanza, la única esperanza de todos aquellos que están hastiados del materialismo espeso e insensible egoísmo del mundo burgués. Si el mundo presente posee aún alguna esperanza de

una nueva y auténtica civilización, sabemos que esto no se dará si no es por la participación activa del proletariado, la clase social que, en mayor y mejor grado, mantiene las virtudes sociales, que se llaman sentido de comunidad, solidaridad, fraternidad, desinterés y sed de justicia"[3].

Es la Hora de la Clase Obrera. Es también la Hora de la Iglesia. Cristo Jesús la fundó y la insertó en el mundo para ser "la sal de la tierra" y "la luz del mundo" (Mateo 5, 13 y 14). "Vayan por todo el mundo, anuncien la Buena Noticia (liberación del hombre en Cristo) a toda la creación" (Marcos 16, 15).

El farol de la Iglesia en su marcha evangelizadora, es "el Evangelio" que le ha dejado el Señor de la Historia. Su luz le permite reconocer lo que es fuerza de muerte y retroceso humano, y lo que es fuerza de vida y verdadero avance o aceleración de la Historia. Ella cree que su Evangelio puede ser invocado como medida de todo auténtico humanismo, pues su autor es Quien mejor conoce al hombre (el Dios que le creó y que se encarnó para compartir la naturaleza y la suerte humana) y Quien más le ama, pues murió para liberarlo y permitirle gozar de vida en abundancia (Juan 10, 10). Por eso, nada auténticamente humano puede contrariar el Evangelio. No porque éste sea una "simple doctrina humanista" de origen divino. El Evangelio es otra cosa: un llamado de Dios al hombre y a la comunidad humana a sobrepasarse infinitamente a sí mismos, abriéndose a la vida divina que Cristo les trae. Esa plenitud divina que el Evangelio ofrece va en la misma línea en la que el hombre busca su liberación humana: es justamente la respuesta a este anhelo, una respuesta que lo colma por entero y al mismo tiempo lo sobrepasa. Quien vive el Evangelio se hace así a la vez más humano... y más que humano, porque la libertad de la que goza en Jesucristo es la libertad de los hijos de Dios" (Episcopado chileno: Evangelio, Política y Socialismo, Nº 5). La evangelización es germen y fuerza aceleradora de la promoción humana. Desde su puesta en marcha, la Iglesia ha humanizado los pueblos, concientizándolos sobre la dignidad e igualdad fundamental de los hombres, la fraternidad universal y el valor del trabajo. Fue así como transformó el rostro y el corazón

del imperio romano. Y posteriormente forjó la civilización de la Edad Media. Su acción social directa fue interrumpida en los siglos XVII y XVIII. El mundo moderno de entonces rechazó la revelación divina e ignoró la autoridad de la Iglesia. Construyó una sociedad oficialmente no cristiana. La acción de la Iglesia quedó limitada por la ley al ámbito de lo privado. Hoy, renovada interna y externamente, la Iglesia vuelve a ser, por medio del diálogo con el hombre moderno y por su actitud de servicio y de solidaridad para con él, la audaz promotora del progreso de los pueblos y la mejor abogada de la dignidad y de los derechos del hombre. Fue el fruto del Concilio Vaticano II.

La Iglesia y la Clase Trabajadora constituyen dos fuerzas únicas capaces de un futuro mejor. Ambas, empeñadas en el bien del hombre, intentan construir una civilización nueva. Una civilización, cuyo principio y fin sean la persona humana y los valores superiores sean el amor y el trabajo. Una civilización donde las cosas (el tener) estén subordinadas a la persona humana (el ser del hombre) y asegure "un nuevo ordenamiento social -difícil pero posible- en el que los débiles sean protegidos; los violentos castigados; el deber exigido y la libertad afirmada" (Pablo VI).

Hacia este objetivo convergen la Iglesia y Clase Trabajadora, cada una desde su misión propia y propio quehacer, distintos, no opuestos, que se completan y ayudan mutuamente, como la cultura y la revelación divina, la razón y la fe.

Un diálogo respetuoso, fluido, amplio, sincero facilitará la convergencia y la hará más fecunda en frutos óptimos, como cuando coinciden el trabajo del campesino, el riego o la lluvia oportuna y el buen tiempo.

Estas páginas pretenden, con humildad y audacia, favorecer este diálogo. Son hijas de un deseo ferviente: que la Iglesia y la Clase Trabajadora, en mutua colaboración, triunfen en la ardua tarea de construir un mundo cada vez más digno del hombre. ¡Quiera Dios que no fracasen en esta "su oportunidad"!

El Autor

I - JESUS LIBERADOR DESDE SU CONDICION DE POBRE Y CON LOS POBRES

1 - AL QUERER SER COMO DIOS, EL HOMBRE DESORDENO LA CREACION

Feliz en sus comienzos, la historia del hombre y del mundo había desembocado en un tobogán de fracasos y desgracias sin posibilidades de detención.

La creación había salido buena de las manos del Creador. ¿Cuál fue la causa de su gran deterioro? ¿Cómo explicarlo?... La cuestión supera el alcance o la capacidad de la razón humana. La respuesta satisfactoria solamente puede darla la Biblia.

El Génesis, primer libro de la Biblia, enseña que el hombre -varón y mujer- fue creado "a imagen y semejanza divina", en un estado mínimo de felicidad. En la creación no había forma alguna de conflicto ni desarmonía entre las criaturas ni con el Creador. El hombre recibe la tarea de colaborar con Dios: Sean fecundos, multiplíquense, llenen la tierra y domínenla", por medio del amor y del trabajo. El éxito le estaba asegurado. Una vida dichosa, plena, lograda sería el fruto sabroso de su fidelidad al plan de Dios: vivir como hijo de Dios, ser hermano para con sus semejantes y sabio artífice para con la creación.

El hombre rechazó el plan divino. Se rebeló contra el Creador, de quien había recibido el ser y todo lo que tenía. Y pretendió "ser como Dios" y organizar la creación a su arbitrio, al margen de Dios. Quiso ser un superhombre.

El hombre, al rebelarse contra su condición de criatura e intentar convertirse en dios o superhombre, quedó atrapado en sus limitaciones y sumergido en el fracaso. La creación quedó desordenada. La vida tornóse desdichada. La muerte adquirió rostro de total fracaso y sabor amargo. La tierra dejó de ser un paraíso.

- Ese primer pecado había contaminado el aire puro y el ambiente

sano de la creación: en adelante, los hombres serían concebidos y nacerían contaminados. Es lo que llamamos "pecado original". La situación del género humano fue agravándose con los pecados personales.

Sólo Dios podía sanear de raíz al hombre y la creación entera y encaminarlos de nuevo hacia el destino feliz para el que los había creado.

Y Dios, ante el hombre que había pretendido suplantarlo, reaparece como un juez que salva: promete un salvador. Y comienza la Historia de Salvación.

La promesa de la salvación definitiva infundió esperanzas y alentó la lucha por el bien. Fue como un faro para el náufrago, como una brisa refrescante en un ambiente abrasador.

2 - CUMPLIDO EL TIEMPO, DIOS ENVIO A JESUS EL SALVADOR

Siglos duró la espera del Salvador prometido. Era necesario se dieran las condiciones favorables a su venida.

Dios envió a su Hijo cuando el pueblo de Israel, donde había de nacer, alcanzó la madurez cultural y religiosa y el mundo conocido de entonces había conseguido, por el triunfo universal de las legiones romanas, relaciones pacíficas de comunicación.

Jesús, el Salvador, nació en Belén. Palestina era una provincia del Imperio Romano.

Hijo de María Virgen por obra del Espíritu Santo, fue legalmente reconocido por José, esposo de María. El niño creció en Nazaret. Cuando joven, al igual que su padre adoptivo, fue carpintero hasta la edad de treinta años. Luego se dedicó a anunciar la Buena Noticia de la Salvación, recorriendo las ciudades y los poblados. Sus paisanos quedaban admirados de la "sabiduría y del poder de hacer milagros" de quien conocían como "el hijo de José" (Luc. 4, 22) o "el carpintero, hijo de María" (Marc. 6, 3; Mat. 13, 53-56).

3 - EL REINO DE DIOS CENTRO DE LA ENSEÑANZA DE JESUS

En cierta oportunidad, Jesús se había presentado en la sinagoga de Nazaret como el enviado de Dios para liberar a los pobres, los presos, los ciegos, los oprimidos, asegurando además que iniciaba el tiempo de la salvación que Dios había prometido a los hombres que caminaban sin rumbo y se hallaban atrapados por toda suerte de males, que impedían su realización y el encuentro con Dios.

La audaz presentación había sido precedida y sería confirmada por numerosos gestos sorprendentes de perdón para con los pecadores y de benevolencia para con los pobres y menospreciados, y por hechos maravillosos (milagros), como la conversión del agua en vino, la pesca milagrosa, la tempestad calmada, la multiplicación de los panes, la curación de enfermos, la expulsión de los demonios y resurrección de muertos. Gestos y hechos que manifestaban la presencia salvadora de Dios en medio de los hombres. Las multitudes exclamaban: "Nunca hemos visto nada igual" (Marc. 2, 12). Y acudían a él para presentarle sus dolencias y para escuchar sus enseñanzas.

- Estas giraban en torno del Reino de Dios.

El Reino de Dios, según el joven Maestro, es Dios presente entre los hombres y realizando en la historia la salvación. Dios reconocido y amorosamente obedecido por los hombres. Dios realizando la comunión del hombre con El y de los hombres entre sí, generando justicia, paz, fraternidad. El Reino de Dios es la creación saneada radicalmente y libre del pecado y la corrupción por el poder de Dios y la colaboración del hombre mismo: el hombre nuevo, el mundo nuevo, la vida dichosa, tal como Dios la había comenzado antes del pecado.

Jesús afirmaba que el Reino de Dios había comenzado en la tierra con El. Era ya una realidad en vía de desarrollo, como una semilla que germina, crece y se multiplica. Y que todos los hombres están invitados a ingresar a él. Si bien la primacía y las preferencias las tienen los pobres (Lucas 6, 20-26), los publicanos y prostitutas, y los niños (Marc. 2,

15-17 y 10, 15; Mat. 21, 31-32). Sin embargo, nadie podrá ingresar sin la conversión de corazón y sin creer en la Buena Noticia. "El tiempo se ha cumplido: el Reino de Dios está cerca. Conviértanse y crean en la Buena Noticia", insistía Jesús. No era posible seguir al Maestro de Galilea y asimilar la nueva visión de Dios, del hombre y del mundo que él exponía sin una sólida fe en su persona y un profundo cambio de mentalidad y de comportamiento. Las enseñanzas de Jesús sacudían el orden social establecido. Y diferían totalmente de la enseñanza oficial de entonces. Así lo reconocía el pueblo sencillo, que se asombraba "porque él les enseñaba como quien tiene autoridad y no como sus maestros" (Mat. 7, 28). Mucho más aún lo percibía la autoridad religiosa de Jerusalén: el sanhedrín, especie de senado guardián de la ley y de la tradición, los sacerdotes y los doctores o maestros de la ley.

Todos ellos concebían a Dios, a imagen y semejanza del hombre. Bueno con los justos, implacable con los pecadores. Valorizaban al hombre por lo que éste tenía o por lo que manifestaba exteriormente. Daban a las ceremonias o prácticas exteriores del culto más importancia que a las actitudes internas del corazón, como el amor, la sinceridad, la misericordia. Concedían al sábado, a la tradición y a la ley la primacía frente a la persona humana. Legalizaban la discriminación de las personas, según el sexo (hombres y mujeres), la edad (adultos y niños), la religión (judíos y paganos), la virtud (puros e impuros), la posesión o carencia de bienes materiales (ricos y pobres) o espirituales (sabios e ignorantes de la ley).

Muy otra era la enseñanza de Jesús. Dios es padre de todos. Reparte sus dones a justos y pecadores (Mat. 5,45). Busca con tierna solicitud y paciencia al pecador, se alegra de su conversión (Luc. 15, 1-32; Mat. 9, 10-13). Sus criterios de salvación pasan fundamentalmente, no por la práctica del culto, sino por el amor al prójimo (Mat. 23, 23 y Luc. 11, 42; Mat. 25, 31-46).

Los hombres son todos hijos de Dios y hermanos entre sí (Mat. 6, 5-14 y 23, 8-9). Gozan de la atención y preferencia particular de Dios (Mat. 6, 25-34; Luc. 12, 22-31). Tienen la primacía frente a la tradición,

la ley y el sábado (Marc. 2, 23-27).

Jesús hace del amor la norma de la vida y del comportamiento humano. Sólo el amor conduce a la vida eterna (Marc. 12, 28-34; Luc. 10, 25-37).

Sus conceptos sobre las riquezas y los ricos sorprenden sobremanera, incluso a sus discípulos (Luc. 16, 14-15 y 18, 26-27). ¡Felices los pobres, porque de Uds. es el reino de Dios! (Luc. 6, 20). ¡Desgraciados los ricos! (Luc. 6, 24).

Al rico que acumula para sí más de lo necesario o pone su confianza en las riquezas, Jesús lo llama "insensato", porque "aún en medio de la abundancia, la vida de un hombre no está asegurada por sus riquezas", "no es rico a los ojos de Dios" (Luc. 12, 13-21), y lo invita a cuidarse "de toda avaricia" y buscar "más bien el Reino de Dios; lo demás se les dará por añadidura" (Luc. 12, 31). Advierte que "no se puede servir a Dios y al dinero" (Luc. 16, 13), que "difícil será para los ricos entrar en el Reino de Dios" (Luc. 18, 24), que el rico insensible o indiferente ante el indigente o necesitado cae en "desgracia" de Dios (Luc. 16, 19-25). Y decía: "Gánense amigos con el dinero de la injusticia, para que el día en que éste les falte, ellos los reciban en las moradas eternas" (Luc. 16, 9).

Estas enseñanzas apuntan a señalar el peligro que conllevan las riquezas y a urgir el buen uso de las mismas. Jesús no condena las riquezas en sí mismas: son bienes destinados al bien de todos. Condena las riquezas cuando envuelven falta de solidaridad, cuando consienten que unos naden en la abundancia mientras otros se consumen en un mundo de hambre y de miseria. Entonces nos hacen incapaces de entender y seguir a Cristo.

4 - COMIENZO DE LAS HOSTILIDADES EN CONTRA DE JESUS

La prédica de Jesús le ganaba el afecto y el entusiasmo de los pobres y los humildes. En cambio, lo indisponía con los sacerdotes,

los doctores de la ley, los poderosos. Ellos desde el principio recelaron de Jesús. Muy pronto se dieron cuenta del serio peligro que significaban, para sus intereses y privilegios, las enseñanzas y las actitudes de Jesús. Y actuaron con rapidez y suma astucia para silenciarlo o al menos para que ajustara su palabra y comportamiento dentro de la ley, según la interpretaban ellos. No lo lograron. Recurren entonces al desprestigio: lo acusan de "glotón, borracho y amigo de publicanos y pecadores" (Mat. 11, 18), "falso profeta" (Juan 7, 46-48), "endemoniado" (Marc. 3, 22 y Juan 8, 48 y 10, 20), "blasfemo" (Juan 10, 33). Intentan apresarlo (Mat. 21, 45-46; Juan 7, 30). Finalmente lo arrestan y condenan a muerte" (Mat. 27, 62-66). Lo conducen al tribunal de Poncio Pilato y logran, presionando al gobernador romano, su muerte en la cruz. Pero sufrieron el mayor fracaso: el Crucificado resucitó gloriosamente y, presente en su Iglesia, continúa por medio de sus discípulos, anunciando y realizando la Buena Noticia de la Salvación, el Reino de Dios.

5 - EL REINO DE DIOS UTOPIA HECHA REALIDAD POR CRISTO

La palabra "utopía" nos trae la imagen del soñador o de lo inalcanzable. Se la aplica al ideal que supera las posibilidades del hombre.

El hombre ha soñado siempre con superar todas sus limitaciones y lograr una vida plenamente dichosa. Es una auténtica utopía, porque no puede alcanzar tal sueño con solas sus fuerzas humanas. Solamente Dios, que puso en el corazón humano tal sueño y anhelo, puede convertirlos en realidad. Y lo hizo por medio de Jesucristo.

El Reino de Dios, en otras palabras, el hombre reconciliado con Dios y con sus semejantes, la creación entera liberada de todo mal, la vida plenamente dichosa y sin término es una utopía hecha realidad por Cristo y en Cristo.

La Resurrección gloriosa de Cristo, que significa el comienzo de una vida nueva, semejante a la de Dios, es el modelo y la garantía de la

resurrección y vida nueva que Dios ha prometido a quienes adhieran o sean fieles al Salvador. "No se inquieten, nos dice Jesús. Crean en Dios y crean en Mí. En la Casa de mi Padre hay muchas habitaciones... Yo voy a prepararles un lugar. Y cuando me haya ido y les tenga preparado un lugar, volveré para llevarlos conmigo a fin de que donde yo esté, también estén Uds." (Juan 14, 1-3).

- El Reino de Dios comprende dos etapas: una en el tiempo o en la historia de los hombres; otra en la eternidad.

En el tiempo, el Reino de Dios fue inaugurado por Jesús. Germina, nace y crece como el pequeño grano de mostaza que se convierte en árbol (Mat. 13, 31-32). Va creciendo lentamente, como la luz de un nuevo día que, tenue y débil en el amanecer, se vuelve plena al mediodía. A medida que avanza hacia el mediodía, la luz va arreando las sombras y la oscuridad hasta eliminarlas del todo. Así acontece en el Reino de Dios: mientras avanza hacia su total realización, coexisten en él la gracia y el pecado, las luces y las sombras (Mat. 13, 24-30), retrocediendo sin embargo el pecado y las sombras a medida que el Reino se aproxima a su perfección. El Reino de Dios alcanzará su total perfección más allá de la historia, en la eternidad, que será la etapa definitiva. Entonces, habrán triunfado en forma total la verdad y el amor, la vida y el bien. Dios dará el toque final a su acción creadora y salvífica (Mat. 13, 40 y 47 al 50). Y quedarán perfectamente establecidos "cielo y tierra nuevos y Dios fijará así su morada entre los hombres y éstos serán su pueblo y el mismo Dios secará sus lágrimas. No habrá entonces más muerte, ni pena, ni queja, ni dolor, porque todo lo de antes habrá pasado". (Apocalipsis 21, 1-3-4). Será la bienaventuranza eterna.

6 - EL REINO DE DIOS, DON DIVINO Y ESFUERZO DEL HOMBRE

El Reino de Dios es un don divino: sólo Dios puede construirlo. Pero requiere el esfuerzo humano. Sin la colaboración del hombre,

Dios no salva. Nadie puede ser feliz si no quiere serlo.

Está en las manos del hombre favorecer u obstaculizar el Reino de Dios.

Lo favorece cuando y en la medida en que su acción significa mayor realización de la persona humana, más y mejor humanización de la sociedad. En otros términos, cuando promueve el proceso de la liberación humana. En tal caso, su acción genera un acontecimiento liberador, que será siempre parcial o incompleto. Ya que ninguna acción humana puede alcanzar lo íntimo del corazón, allí donde anida la raíz de todo mal: el egoísmo, el pecado. Solamente Cristo puede sanear el interior del hombre y hacer de éste un hombre nuevo. Solamente él libera la creación del pecado y de la corrupción y hace de ella una nueva creación. Sin esta acción liberadora de Cristo no surge el Reino de Dios.

El Reino de Dios pasa por las realizaciones históricas: la promoción temporal del hombre y el cambio de estructuras de menos humanas a más humanas; pero no se agota ni se identifica con ellas. Va más allá: transforma al hombre mismo y, trascendiendo el tiempo, se perfecciona definitivamente y se instala en la eternidad. Se relacionan íntimamente el crecimiento del Reino de Dios y la promoción del hombre como asimismo la humanización de la sociedad, pero no se identifican. Por eso, todo esfuerzo para construir una sociedad justa es liberador, es ya obra salvadora. Es preparación y colaboración, no llegada del Reino ni toda la salvación. Nada se halla fuera de la acción de Cristo y del don del Espíritu Santo. Cristo y su Espíritu asumen todo lo recto, lo bueno, lo justo, lo humano y lo integran en el proceso de la liberación total, que desata al hombre del egoísmo o pecado y lo abre plenamente a Dios y a los demás, promoviendo su plena realización.

7 - EL REINO DE DIOS SE GESTA EN EL INTERIOR DEL CORAZON

El Reino de Dios se gesta y nace dentro del corazón del hombre y desde allí se exterioriza y encarna en la vida social.

Del corazón, es decir, del interior del hombre brotan las malas intenciones y los desatinos que malogran la persona, pervierten las instituciones, deshumanizan la convivencia humana (Marc. 7, 21-23). Sin corazón nuevo no hay hombre nuevo y sin hombres nuevos no hay sociedad nueva. Por eso, el Divino Maestro dirigía su mensaje, ante todo y primariamente, al corazón del hombre y exigía, como condición ineludible de ingreso al Reino de Dios, la conversión del corazón (Mat. 3, 2).

Convertirse no es otra cosa que cambiar de raíz y profundamente la mentalidad, los criterios que inspiran y generan los comportamientos humanos. Sabía muy bien que ese cambio repercute en forma necesaria e inmediata en la vida, tanto personal como social. Y es el punto de arranque de la liberación integral. Su estrategia liberadora es auténticamente revolucionaria. Ninguna más eficaz. No hay revolución comparable a aquella que logra el cambio de la persona humana. La sociedad va transformándose a medida que se transforman los individuos que la integran. "Aún las mejores estructuras, los sistemas más ideales pronto se convierten en inhumanos, si no son saneadas las intenciones del corazón, si no hay conversión del corazón y de la mentalidad de quienes viven esas estructuras o las rigen", decía Juan Pablo II a los sacerdotes, los consagrados y los laicos del Uruguay (13/3/87). Si no cambia el hombre, "hecha la ley, hecha la trampa", reza la sabiduría popular.

8 - LA IGLESIA ES SIGNO E INSTRUMENTO DEL REINO

Cristo y la Iglesia están inseparablemente unidos.

Cristo instituyó la Iglesia, como signo, prolongación y continuación de su presencia y permanencia entre los hombres. Y dióle por misión: anunciar e instaurar el Reino de Dios. "Ella vive para evangelizar. Esa es su dicha y vocación propia: proclamar a los hombres la persona y el mensaje de Jesús"[4].

El Reino de Dios "está ya en la Iglesia" y "aunque sin ser una realidad desligable de ella, trasciende sus límites visibles. Porque se da en cierto modo donde quiera que Dios esté reinando mediante su gracia y amor, venciendo el pecado y ayudando a los hombres a crecer en la gran comunión que les ofrece Cristo. Tal acción se da también en el corazón de los hombres que viven fuera del ámbito de la Iglesia". (Puebla 226-229). Lo que no significa que sea indiferente pertenecer o no a la Iglesia: quien, ante la evidencia de la verdad sobre la Iglesia, la rechaza con obstinada mala disposición, no puede ingresar al Reino de Dios.

La Iglesia es signo o señal de este Reino, porque manifiesta visiblemente lo que Dios realiza silenciosamente en el mundo entero. Y también es el instrumento que introduce el Reino entre los hombres" (Puebla 227). Constituye, por lo mismo, en la tierra el germen y principio de ese Reino. Germen que deberá crecer en la historia, bajo el influjo del Espíritu Santo" (Puebla 228), hasta el fin del mundo.

9 - POBRE Y CON LOS POBRES

Jesús proclamó y realizó la Buena Noticia de la Salvación del mundo o Reino de Dios desde la condición de pobre y con los pobres. Es San Lucas, sobre todo, quien presenta a Jesús como Mesías pobre y Mesías de los pobres. Como lo había anunciado, siglos antes, el profeta Isaías (42, 2-3; 49, 46; 52, 13; 53, 12). Y así se presentó el mismo Jesús en Nazaret. Después de esta presentación, Jesús se desplaza de pueblo en pueblo, buscando contactos con todos los necesitados para proclamar en hechos y palabras la llegada del Reino de Dios a los pobres. Al mismo tiempo, va formando un pequeño grupo de seguidores, a quienes invita a compartir su vida y su misión y les exige vida de pobre y disposición de servicio. Estos constituyen el núcleo básico de la Iglesia que iba forjando, como signo e instrumento del Reino de Dios, con los pobres reales o al menos de corazón. En la persona de Jesús, la Iglesia va descubriendo y viviendo los valores del Reino: el amor, la

igualdad de hermanos, la comunicación de bienes, la autoridad servicio. Después de la muerte y la resurrección de Jesús, la Iglesia recibe el mandato de continuar la proclamación y la realización de la salvación o Reino de Dios. Y con el mandato, recibe la seguridad de que el Maestro Resucitado estará siempre con ella y que gozará de la asistencia y fuerza del Espíritu Santo.

La Iglesia debe cumplir su misión de salvación, como la realizó su Fundador, en condición de pobre y con los pobres. En la historia de la salvación, Dios siempre se ha servido de los pobres, de los pequeños, de los débiles. Es propio del Dios de los cristianos obrar con poder a través de la debilidad humana. Así lo demostró siempre, particularmente en Jesús de Nazaret, el Mesías pobre y el Mesías de los pobres.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

EL CARPINTERO

"Jesús no había concurrido a la escuela de los escribas ni a la de los griegos. Mas no por ello carece de maestros; conoce tres, más grandes que todos los maestros: el Trabajo, la Naturaleza y el Libro (la Biblia). No hay que olvidar nunca que Jesús fue un obrero e hijo adoptivo de un obrero; no se debe ocultar que nació pobre, entre gente que trabaja con sus propias manos, y que él se ganó el pan de cada días, antes de transmitir el Mensaje, con el trabajo de sus manos... Jesús ha sido un obrero de la materia antes de ser un obrero del espíritu; ha sido pobre antes de invitar a los pobres a la fiesta de su Reino.

No ha nacido entre gente adinerada, en casa de lujo, en lecho cubierto de lana púrpura. Desciende de reyes, vive en el taller de un carpintero; Hijo de Dios, ha nacido en un establo.

No pertenece a la casta de los grandes, a la aristocrática de los guerreros, al gremio de los ricos, al sanedrín de los sacerdotes. Nace en la última clase del pueblo, en aquella que no tiene otras inferiores que los vagos, los mendigos, las prostitutas...

El oficio le enseñó que vivir significa transformar las cosas muertas e inútiles en cosas vivas y útiles; que la materia más baja, golpeada y reformada, puede convertirse en preciosa amiga, auxiliar de los hombres; que es así como de un torcido tronco de olivo, nudoso y terroso, se saca el lecho del niño y de la esposa, así se puede hacer del sórdido recaudador de impuestos y de la desgraciada ramera, dos ciudadanos del Reino de Dios".

(Giovanni Papini: *"Historia de Cristo"*).

EL REINO DE DIOS

"El Reino de Dios, palabra que se halla 122 veces en los Evangelios y 90 en boca de Jesús, significa una revolución total y estructural de los fundamentos de este mundo, introducida por Dios".

"En su sentido amplio, Reino de Dios es la liquidación del pecado con todas sus consecuencias en el hombre, en la sociedad y en el cosmos, la transformación total de este mundo en sentido de Dios".

"El Reino de Dios no puede ser privatizado para una zona del hombre, como su alma, los bienes espirituales o la Iglesia... Abarca toda la realidad humana y cósmica que debe ser transformada y liberada de toda señal de alineación. Si el mundo permanece como está, no puede ser la patria del Reino de Dios. Debe ser transformado en sus estructuras totales".

"Mi Reino no es de este mundo" (Juan 18, 36), es decir, no es de las estructuras ambiguas y pecadoras de este mundo, sino de Dios... es Dios quien intervendrá y sanará la realidad total en su raíz, elevando este mundo a nuevo cielo y nueva tierra".

"Ya San Agustín comentaba: Mi Reino no es de este mundo, pero está en este mundo. Un elemento esencial del reino es la aniquilación de la muerte como el mayor enemigo del hombre en su ansia de realización y vida plena".

(Leonardo Boff: *"Nuestra Resurrección en la muerte"*).

II - EL MUNDO OBRERO Y LA IGLESIA

1 - UNA AUDAZ PREGUNTA Y UN INQUIETANTE PLANTEO

En un encuentro de trabajadores, organizado por el Servicio de Educación Popular (SEP), se incluyó en el cuestionario previo, la siguiente pregunta: "¿La Iglesia es o no una ayuda para la Clase Trabajadora?".

Las respuestas fueron variadas: afirmativas, negativas, indecisas. Algunos participantes respondieron: "la cosa hay que reflexionarla más". Y en más de uno asomó un planteo inquietante: "si la Iglesia no es una ayuda para los trabajadores, ¿para qué pertenecer a ella? Yo me borro".

Algo parecido había planteado un protestante calvinista a San Vicente de Paúl en 1620. El santo se esforzaba por hacerlo volver al seno de la Iglesia Católica. Este se resistía, replicándole al santo: "Según Ud. la Iglesia Católica está dirigida por el Espíritu Santo; yo no puedo creerlo, puesto que, por una parte, se ve a los católicos del campo abandonados en manos de unos pastores viciosos e ignorantes... Y por otra parte, se ven las ciudades llenas de sacerdotes y frailes que no hacen absolutamente nada... mientras que esas pobres gentes campesinas se encuentran en una ignorancia espantosa, por la cual se pierden. ¿Y quiere Ud. convencerme de que esto está bajo la dirección del Espíritu Santo? No puedo creerlo".

Un año más tarde, en 1621, Vicente misionaba Marchais y otros pueblitos de Montmirail. Le acompañaban algunos sacerdotes y religiosos. No se acordaba ya del protestante. Pero éste no se había olvidado de Vicente. Por curiosidad acudió a presenciar los ejercicios de la misión. Fue testigo del interés con que se instruía a los ignorantes, del empeño que se ponía en adaptarse a la capacidad de los más rudos, de las maravillosas conversiones de pecadores empedernidos. Un día se presentó ante Vicente y le dijo: "Ahora he visto que el Espíritu Santo guía a la Iglesia romana, ya que se peocupa de la instrucción y salvación de estos pobres ancianos. Estoy dispuesto a entrar en ella cuando Ud.

quiera recibirme"[5].

La evangelización de los pobres es uno de los signos que manifiestan la presencia del Salvador entre los hombres (Mat. 10, 4; Luc. 7, 18,23). El compromiso con la causa y el servicio para con ellos verifican la fidelidad de la Iglesia a Cristo y la marcan como la "Iglesia de los pobres".

2 - EL MUNDO OBRERO: SUS INTEGRANTES, SU MISION, SU ACCION

Pertenece al mundo obrero, toda persona que necesita, para vivir sobria, pero dignamente, del trabajo, sea manual, sea intelectual. El trabajo es su única fuente de recursos.

Integran este mundo los millones de hombres y mujeres que trabajan en forma estable, los subempleados o desempleados, incluso los mendigos y menores abandonados.

El mundo del trabajo posee clara conciencia de clase y solidaridad, que lo impulsa a organizarse y coordinar sus fuerzas con miras a defender y promover sus intereses. De aquí deriva el Movimiento Obrero en todas sus manifestaciones, particularmente en el sindicalismo.

- El trabajo es una actividad exclusiva del hombre. Solamente él es capaz de trabajar. El trabajo no es mera actividad productiva, esto es, no sólo produce bienes útiles de consumo, crea el capital, como conjunto de los medios de producción y la técnica relacionada con ellos. Es ante todo y por encima de todo, una actividad humana, porque es realizada por una persona humana, que le comunica su misma dignidad. Es humana en la medida que el hombre actúa, no como máquina, sino como hombre, es decir, como alguien consciente, libre y responsable, con propia decisión e iniciativa. No hay trabajo humano donde no hay lugar para la iniciativa personal; en este caso, el hombre se siente como un engranaje de un mecanismo movido desde arriba, como un simple instrumento de producción.

Por ser una actividad humana, el trabajo conlleva un valor ético (moral) que impone a todo hombre el deber de trabajar y exige que todo trabajo humanice y no degrade al hombre. Por lo mismo, el valor del trabajo debe ser determinado fundamentalmente por el hecho de que quien lo ejecuta es una persona humana. Lo que permite afirmar que todo trabajo, por más humilde y corriente que fuere, tiene la misma dignidad. Si bien este valor fundamental puede verse acrecentado por el valor de la obra producida y en consecuencia merece mayor remuneración.

Esta concepción del trabajo, propia de la Iglesia, se fundamenta en la dignidad del hombre, creado a imagen y semejanza de Dios, hecho que lo coloca por encima de las cosas y le otorga la primacía sobre ellas. Es en base a ella que el Papa Juan Pablo II, en su carta sobre el "Hombre que Trabaja", ofrece sobre la materia reflexiones profundas, novedosas, revolucionarias.

- En la época moderna, desde el comienzo de la era industrial, fue abandonada la concepción cristiana del trabajo y desbaratada la organización laboral que se había creado en la Edad Media. Y se la reemplazó con una concepción que invierte los términos hombre-cosas, otorgando a éstas la prioridad sobre el hombre. Es fruto de una visión errónea de la persona, que permite reducir al hombre a simple instrumento de producción y lo subordina al sistema económico productivo o a la voluntad omnipotente del Estado y promueve estructuras de lucha y oposición en vez de estructuras de comunión y colaboración.

Esta concepción equivocada ha sumergido y sigue sumergiendo en la miseria y hambre a la Clase Trabajadora. De ella deriva la degradación del hombre de trabajo y el cortejo de violaciones y atropellos a su dignidad y a sus derechos que dieron origen al Movimiento Obrero. "Los sindicatos modernos han crecido, escribe Juan Pablo II, sobre la base de la lucha de los trabajadores, del mundo del trabajo y ante todo de los trabajadores industriales para la tutela de

sus justos derechos frente a los empresarios y a los propietarios de los medios de producción. La defensa de los intereses existenciales de los trabajadores en todos los sectores, en que entran en juego sus derechos, constituye el cometido de los sindicatos" (Carta sobre el El Hombre que Trabaja, 20).

Esta lucha apunta a lograr:

- el reconocimiento y la promoción de la dignidad del hombre que trabaja y un nuevo orden social cimentado en el principio de la primacía del hombre sobre las cosas y del trabajo sobre el capital;

- condiciones humanas de trabajo, equitativa distribución de las ganancias, fácil acceso a los bienes culturales, igualdad de oportunidades en la vida y sobre todo mayor participación activa en las decisiones que afectan al mundo del trabajo, permitiéndole de esta manera jugar un papel determinante en la construcción de un nuevo orden social.

Con miras a estos objetivos, el Movimiento Obrero debe:

- determinar la estrategia y las tácticas de la lucha por la justicia; lo que requiere un serio análisis de la realidad y la elaboración de un proyecto social más humanizado;

- organizar y multiplicar sus cuadros de activistas y dirigentes, insertados en el mundo del trabajo;

- promover la conciencia, la responsabilidad, la formación o capacitación de los activistas y dirigentes, e incluso de los trabajadores en general, cohonestando la acción de los centros de dominación, tendientes a domesticar la clase trabajadora.

3 - LA IGLESIA: MIEMBROS, MISION, ACTIVIDADES

La Iglesia es la comunidad de los que creen en Cristo. La integran

todos aquellos que creen en Jesucristo y se unen a él visiblemente por medio del bautismo.

La Iglesia es, en Cristo, señal e instrumento de la unión íntima con Dios y de la unión de los hombres entre sí. En ella, hay dos elementos distintos. Uno, espiritual, invisible: la presencia de Dios Padre, de Cristo, del Espíritu Santo, la comunicación de la vida divina y de las virtudes de fe, esperanza y caridad. Otro, sensible, social: los hombres que componen la Iglesia, su organización, la misión que tiene, los sacramentos que administra, la Palabra de Dios que proclama. Elementos distintos, no opuestos, que se unen en forma tan íntima que constituyen una realidad a la vez divina y humana, espiritual y sensible, personal y social. Por eso, en ella, como en Cristo, lo divino se encarna y, en consecuencia, asume las limitaciones propias al ser humano y está sujeto a las leyes de la historia. Los cristianos podemos empañar con el pecado la santidad de la Iglesia; jamás podremos eliminarla: nuestros pecados dejan intacta la santidad de Cristo, que es jefe, y del Espíritu Santo, alma de la Iglesia. De ahí que ésta sea santa y pecadora al mismo tiempo, llamada permanentemente a la conversión.

Sus enemigos pueden combatirla hasta la persecución. Jamás lograrán destruirla. "Las fuerzas del mal no prevalecerán contra ella... Yo estaré con Uds. hasta el fin del mundo", aseguró Jesús (Mat. 16, 18; 28, 20). Es el sentido profundo del Apocalipsis, que a pesar de sus muchas oscuridades, anuncia el triunfo de Dios sobre todos los poderes que se oponen a su plan de salvación, y recuerda las promesas indefectibles hechas por Cristo a su Iglesia.

- Hemos dicho que Cristo vino a librar a los pobres, los presos, los ciegos, los oprimidos, es decir, a todo hombre que camina sin rumbo o se ve atrapado por lazos que le impiden su feliz realización. Y vino a construir un nuevo mundo, liberado de egoísmo, de toda injusticia, de todo mal, o sea el Reino de Dios. Continuar esta tarea es la misión de la Iglesia. Por lo que toda su actividad va dirigida a "la liberación total del hombre", a "iluminar el proceso de cambio de las estructuras injustas y

opresoras, generadas por el pecado"[6], promoviendo y favoreciendo todo esfuerzo tendiente a construir un modelo de sociedad y una convivencia humana dignos del hombre. A este magno objetivo que es, ni más ni menos, la evangelización o en otras palabras, "el anuncio y el hacer efectivo el Evangelio (la Buena Noticia) de la salvación de Cristo", tienden:

- la oración y celebración de los sacramentos, especialmente la Eucaristía, pues, el Reino de Dios o el nuevo mundo es ante todo un don de Dios;

- la catequesis y la predicación sobre la verdad de Jesucristo, de la Iglesia y del hombre;

- la celosa defensa de la persona humana y de sus derechos;

- la pastoral orientada hacia los pobres y desde los intereses de los pobres.

4 - TESTIMONIOS DE LOS HECHOS HISTORICOS

Con relación al mundo del trabajo, la Iglesia de Jesucristo ha sido erróneamente juzgada, incluso por hijos suyos. Contribuyeron en muchos, la ignorancia; en otros, los prejuicios sectarios o intereses en juego; en otros, la mala fe, llámesela deshonestidad o falta de rectitud intelectual.

Ahí están los hechos inscritos en la historia, que dan testimonio en favor de la Iglesia, afirmando que, aparte deficiencias, desaciertos y claudicaciones de muchos de sus hombres, ella ha protegido a los desamparados e impulsado o favorecido la promoción de la clase trabajadora. Basta recorrer su trayectoria desde sus orígenes.

EN LA EDAD ANTIGUA

El mundo antiguo estaba marcado por el signo de la esclavitud

más salvaje y el desprecio por el trabajo manual. Ambos eran productos de la cultura de aquel entonces. Los pensadores griegos y romanos legitimaban la esclavitud y declaraban al trabajo manual ocupación degradante y actividad indigna de un hombre libre. "Unos nacen para dominar, otros para la esclavitud", decía Aristóteles en su "Política", cap. V. Cicerón resumía el pensamiento antigüo acerca del trabajo, cuando afirmaba: "despreciables como obreros y bárbaros". Los judíos constituían, al respecto, una excepción. Entre ellos, al menos en una élite religiosa, se tenía en gran aprecio el trabajo manual. Los maestros de la ley y algunos ricos hacían aprender a sus hijos un oficio manual.

Los proletarios (esclavos, libertos, campesinos y artesanos) se debatían entre la pobreza extrema y la miseria. Sometíanse con fatalismo a esta suerte, acomodándose a ella del mejor modo posible. Era la actitud general.

La aparición del cristianismo provocó una gran conmoción. Su prédica sobre un Hijo de Dios, artesano, evangelizador de los pobres; sobre la dignidad inviolable de toda persona y la fraternidad universal; su respeto y preferencia para con los esclavos y los pobres; su estima del trabajo sorprendieron enormemente a todos: nadie quedó indiferente. Los poderosos y privilegiados vieron amenazado el ordenamiento social que les aseguraba el dominio y la explotación de la vida y el trabajo de sus semejantes. Y con el propósito de extirpar radicalmente tamaña "Herejía" persiguieron violentamente a los cristianos.

Los pobres y oprimidos vieron en el cristianismo la esperanza de la liberación, el germen y comienzo de un mundo más justo, más fraterno, más humano. Veían ese mundo realizándose en el seno de la Iglesia, que en sus asambleas culturales y demás reuniones admitía a todos los bautizados sin exclusiones de sexo, raza o condición social e incorporaba, dentro de sus estructuras, a esclavos, libertos, artesanos y campesinos con posibilidad de llegar a los más altos grados de la cultura y del gobierno eclesial. Cartas de San Basilio y San Gregori Niceno cuentan el hecho curioso de un esclavo consagrado obispo, a pesar del

reclamo de su dueña, la rica Simplicia.

La enseñanza y el comportamiento del cristianismo con relación al marginado y al oprimido explican, desde el punto de vista humano, su prodigiosa expansión en todo el imperio romano, sobre todo entre los pobres y esclavos. No la lograron impedir las persecuciones. "La sangre de los mártires es semilla de los cristianos", decíase.

La Iglesia fue transformando el espíritu, el rostro y la vida del Imperio Romano. Lentamente, por vía pacífica, sin conmociones sociales llevó a cabo una verdadera revolución. Cambiando el corazón del hombre, fue cambiándose la sociedad a medida que se daban las condiciones históricas favorables.

A principios del siglo V, la esclavitud estaba casi totalmente abolida. El trabajo ocupaba su lugar de honor. En la ciudad habíanse multiplicado los artesanos y operarios. Y en el campo había crecido el número de colonos libres que se convertían en pequeños propietarios. La sociedad romana, aunque aristocrática, facilitaba el ascenso a los cargos públicos: todo ciudadano podía desempeñar cargos elevados, no solamente en razón de su riqueza, más también de su mérito intelectual u otros títulos. Las corporaciones de artesanos y los "colegios" de comerciantes, oficialmente reconocidos, formaron parte, el siglo V, de la estructura jerárquica del imperio.

Amanecía un mundo más humano.

EN LA EDAD MEDIA

Este amanecer, preñado de esperanzas, quedó bruscamente obscurecido.

Fuera del inmenso territorio imperial, vivían pueblos de costumbres rústicas, impermeables a la civilización greco-romana, llamados por ello "bárbaros". La opulencia del imperio despertaba su codicia.

La invasión del imperio por parte de los bárbaros se inició el siglo V y finalizó el siglo X. Como olas sucesivas invadieron el territorio codiciado los francos, los anglos, los vándalos, los suevos, los

longobardos, los hunos. Luego, los normandos, los árabes, los eslavos y los húngaros. Fueron quinientos años de luchas sangrientas.

El imperio quedó destruido; sepultada la cultura greco-romana. Europa vivió durante varios siglos en la semibarbarie. Llamóse a este período de la historia la Baja Edad Media.

Los invasores habían arrasado los campos y saqueado y destruido las ciudades. Quedó aniquilada la industria, paralizado el comercio.

Por la ley del más fuerte y el derecho de conquista, cada pueblo invasor forjó su reino independiente. Desapareció así la unidad política en lo que fuera territorio imperial.

La nueva situación significó un gran retroceso social: la fuerza reemplazó a la ley y a la razón; el débil vióse desprotegido; al trabajo e incluso a la vida de un hombre se los consideraba sin valor; la esclavitud fue reimplantada.

Todo lo que el proletariado había logrado, gracias al cristianismo, se había evaporado; convirtióse en un grato recuerdo que generaba inmensa nostalgia.

Había que comenzar de nuevo la tarea de humanizar al hombre y construir, desde los escombros, un orden social nuevo. La Iglesia solamente podía hacerlo.

Por una parte, ella era la única institución que los bárbaros reconocían y respetaban, acatando su autoridad espiritual. Por otra, sólo ella, mantenía una organización férrea y una unidad sólida en todo el antiguo territorio del imperio, y además era la única que poseía una rica tradición cultural, que integraba lo antiguo y lo nuevo. Y la Iglesia emprendió la tarea pacientemente. Sin otras herramientas que el amor, la Palabra de Dios, la plegaria, y el servicio al hombre.

A la crueldad de los bárbaros opuso la caridad. Promovió y construyó hospitales y asilos e instituciones de protección y de promoción social. A la vida placentera y ociosa de los señores opuso la alegría y la vida laboriosa de sus monjes, que éstos condensaban en el lema: "Oración y Trabajo".

En torno a las residencias de los monjes fueron agrupándose los

colonos y artesanos escapados de la masacre y de las ciudades. Allí recibían trato fraterno y protección y con el ejemplo de los monjes reafirmaban su amor y dedicación al trabajo y adquirían, bajo su dirección, capacidad y conciencia profesional. Poco a poco surgieron pequeños poblados que, con el tiempo, serían las nuevas ciudades. Algunos soberanos, de mayor espíritu cristiano, secundaron a los monjes en la reorganización del trabajo, estimularon todas las formas de trabajo en sus reinos, protegieron a los campesinos pequeños propietarios, mejoraron la situación de sus colonos y de sus siervos, organizaron la asistencia a los miserables.

Los señores siguieron el ejemplo de los monjes y de los reyes.

Y comenzó a operare, de modo visible, la transformación social, en la línea de la humanización, de la Europa Occidental. Se reorganizó la industria y el comercio, que fue creciendo a medida que se lograba la seguridad de las rutas. Surgieron y multiplicáronse las organizaciones profesionales (gremios y corporaciones) con funciones sociales y económicas, encargadas de la organización y reglamentación de la profesión, del trabajo y de la producción. Fue disminuyendo la esclavitud y mejorando progresivamente la condición de los siervos.

Esta transformación social engendró en el siglo XII un nuevo orden social: el de la Edad Media. De inspiración cristiana, la nueva sociedad se levantaba sobre dos pilares: Dios y el Hombre. No obstante sus deficiencias y sombras, significó un avance decisivo en la "línea de hacer más humana la vida humana".

Es de destacar que el papel activo en la gran reforma social correspondió a las clases trabajadoras. La Iglesia las había preparado para la toma de conciencia de su valor humano y social. Sin su concurso no se habría dado la emancipación del proletariado, al menos en la Edad Media. Y Carlos Marx no hubiera podido calificar de "edad de oro de los trabajadores" a este período de la historia.[7]

EN LA EDAD MODERNA

La Edad Moderna comienza aproximadamente a mitad del siglo

XV. Es la época del encuentro de América y de los prodigiosos avances de la ciencia y de la técnica. Surgen las mayores comunicaciones intercontinentales. Se producen profundas transformaciones sociales. Nace una nueva cultura: la moderna.

Esta cultura, hasta el siglo XVII, mantiene buenas relaciones con la Iglesia y la revelación cristiana. Es a partir del citado siglo, cuando la cultura moderna rechaza la revelación cristiana y desconoce la autoridad de la Iglesia. Y se autodenomina "cultura de la ilustración". El término "ilustración" manifiesta la pretensión, por parte de sus iniciadores, de descifrar todos los interrogantes y problemas de la existencia del hombre y darles una respuesta satisfactoria, solamente con la ilustración o la luz de la razón: la ciencia y la técnica.

La cultura de la ilustración, llevada al campo social y político, dio origen al liberalismo y luego al socialismo que irrumpe como reacción contra los abusos de aquel.

- La nobleza y la burguesía, adalides de la cultura ilustrada, forjaron la democracia liberal y burguesa, que se caracteriza por la propiedad privada de los medios de producción y el poder político en manos de la burguesía, dueña de estos medios.

La democracia liberal-burguesa se inició con dos medidas desacertadas. Una: despojó a la Iglesia de buena parte de sus bienes y, en la medida de sus posibilidades, intentó marginarla de la esfera social y arrinconarla en el ámbito de la conciencia y de lo privado. Forjó así una sociedad oficialmente "no cristiana". Otra: prohibió asociarse profesionalmente a los trabajadores. Suprimió las organizaciones laborales de tipo reivindicativo; declaró delito legal toda huelga, y sujeta a represión la actividad solidaria reivindicativa de la clase obrera. El trabajador era libre de enfrentarse "individualmente" al patrón, no en forma conjunta. De este modo, la clase obrera fue fácil presa de la voracidad de los patrones, como la oveja del león. Lo que provocó una vergonzosa explotación del hombre por el hombre, que impuso condiciones inhumanas de trabajo y de vida a las masas trabajadoras.

Surgía así una sociedad conflictiva, es decir, de lucha entre los que carecen aún de lo indispensable y los que poseen en demasía.

Aunque las nuevas realidades (acción del sindicalismo, legislación social, intervención del Estado) han forzado al capitalismo liberal a reajustar sus principios y a humanizar sus comportamientos, mantiene sin embargo sus principios básicos: la primacía del capital sobre el trabajo, su predominio en el gobierno, el lucro como motor esencial de la economía; en pocas palabras, la prioridad de las cosas sobre las personas.

- Ante la situación de miseria, impuesta por el capitalismo liberal, algunos burgueses lo cuestionan radicalmente y proponen reemplazarlo por un nuevo modelo social: el socialismo colectivista, que surgirá de la propiedad colectiva de los medios de producción en manos exclusivas del Estado. Entre las diversas formas de socialismo colectivista, predominó la marxista o comunismo.

El cambio no mejoró fundamentalmente la injusta situación de los trabajadores. En cierto modo la empeoró. Porque al capitalismo privado lo reemplazó el capitalismo del Estado omnipotente.

- La Iglesia, atacada furiosamente por el ateísmo práctico -marginación de Dios en la vida social- del liberalismo burgués y por el ateísmo militante -guerra a muerte al concepto de Dios y a toda religión- del socialismo colectivista, se vio obligada a emplear la mayor parte de sus fuerzas y de sus hombres en la defensa de su identidad y derechos y en la conservación de su propia existencia.

De ahí que ella en su conjunto afrontó con cierto retraso los nuevos problemas sociales. Sin embargo, un número mayor de lo que se cree, de obispos, sacerdotes y laicos hizo sentir su presencia desde los comienzos del grave conflicto Trabajo y Capital.

Estos cristianos de avanzada responsabilizaron al capitalismo liberal de la situación inhumana de los trabajadores, por desvincular la economía de los valores morales y anteponer el capital al hombre.

Señalaron lo engañoso de la solución del socialismo colectivista y entregaron los principios para una solución justa. Sobre todo aportaron soluciones concretas para revertir la situación: prudente intervención del Estado en la vida económica, legislación laboral en defensa de los legítimos derechos del trabajo y un organismo de inspección y control de la misma, nuevas formas de empresas, creación y multiplicación de sindicatos obreros...

Finalmente, la Iglesia entera dejó oír su voz. El Papa León XIII, recogiendo lo más maduro de cuanto, durante casi cincuenta años, habían enseñado y realizado aquellos cristianos, publicó su encíclica "Rerum Novarum" (De las Nuevas Realidades) que por vez primera exponían en forma organizada y coherente, lo que posteriormente se llamó "Doctrina Social" de la Iglesia.

Desde entonces la Iglesia en su conjunto volvió a ser, como antaño, abogada sin igual de la dignidad del trabajador y de los pobres y promotora de sus derechos[8]. Sobresalen los Papas Pío XI, Juan XXIII, Pablo VI y Juan Pablo II.

5 - LA IGLESIA DEFENSORA DE LA DIGNIDAD Y LOS DERECHOS DEL TRABAJO

La historia leída con honestidad, sin sectarismo, ni prejuicios, testifica que la Iglesia ha favorecido siempre la dignidad y la promoción de la clase trabajadora. Y lo ha hecho porque siempre ha considerado que "hacer la vida humana más humana", construir un mundo justo, desde el Evangelio y con la fuerza del Evangelio, forma parte de su misión. "La Evangelización comprende necesariamente todo el ámbito total de la promoción humana. Es, pues, nuestro deber trabajar por la liberación total del hombre" (Episcopado argentino 1969). "La promoción de la justicia es parte integrante de la evangelización" (Pablo VI, Sínodo de los Obispos de 1974, Puebla).

"Hacer un mundo justo significa, entre otras cosas, esforzarse para que no haya niños sin nutrición suficiente, sin educación, sin instrucción;

que no haya jóvenes sin la preparación conveniente; que no haya campesinos sin tierras para vivir y desenvolverse dignamente; que no haya trabajadores maltratados ni disminuidos en sus derechos; que no haya sistemas que permitan la explotación del hombre por el hombre o por el Estado; que no haya corrupción; que no haya alguno a quien le sobre mucho, mientras a otros inculpablemente les falte todo; que no haya tanta familia mal constituida, rota, desunida, insuficientemente atendida; que no haya injusticia y desigualdad al impartirse la justicia; que no haya nadie sin amparo de la ley y que la ley ampare a todos por igual; que no prevalezca la fuerza sobre la verdad y el derecho, sino la verdad y el derecho sobre la fuerza, que no prevalezca jamás lo económico y lo político sobre lo humano"[9]. (Juan Pablo II en la Plaza de la Independencia de Santo Domingo).

Hacemos nuestras las palabras del célebre sociólogo italiano José Toniolo: "Si para alcanzar la justicia y la paz en el mundo fuese necesario, a pesar nuestro, aliarse sólo con el pueblo, no vacilaríamos un instante entre los débiles y los que sufren por un lado, y los fuertes y vividores por otro. Pero no podríamos olvidar que nuestra intención no es de guerra, sino de paz (Manifiesto de Milán). Cita de Mons. Fernando Charrier, en su comentario sobre la encíclica "El Hombre que Trabaja" de Juan Pablo II (L'Osservatore Romano. 25-10-81).

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA GLORIA DE DIOS Y LA GLORIA DEL HOMBRE

"Dios, por ser infinito e infinita libertad y plenitud, puede estar infinitamente interesado por la criatura, pero justamente en este sentido: para que ésta sea absolutamente libre, para que llegue a su plenitud, y no se pierda a sí misma, es decir, no se malogre o condene...

"La preocupación de Dios no es precisamente cómo tener frenado y atado corto al hombre frente a él, sino que el hombre sea libre con aquella vida y desde aquella vida que sustenta y permite crecer. Dios vive por ello ocupado y preocupado por el hombre hasta el límite del dolor y de compasión con él. La plenitud, logro y salvación del hombre por un lado, y la degradación y condenación por otro, preocupan a Dios, quien quiere que "todos los hombres se salven y vengan al conocimiento plenificador de la verdad...

"La gloria de Dios se da a conocer en la historia como gloria del hombre. En la persona de Jesús ambas se suman. De esta forma se identifica ya el destino de una y otra. No es posible pensar la gloria de Dios separada de su Hijo encarnado, y éste ya es encarnado para siempre, arrastrando, como cuerpo suyo expresivo y constitutivo, a la humanidad entera, llamada a ser la Iglesia. Allí donde es vulnerada, negada y humillada la gloria de un hombre, allí es vulnerada, negada y humillada la gloria de Dios... Allí donde se niega, excluye o degrada la gloria de Dios, se está negando la suprema posibilidad del hombre y se le condena a vivir exclusivamente de su finitud y a carecer de aquello que es su máxima grandeza posible... Por ello, Dios y el hombre no son restables. La gloria de Dios y la gloria del hombre se suman y consuman juntas; se ciegan y reniegan juntas..."

(*"LA GLORIA DEL DIOS"*, de Olegario González de Cardedal).

LA GRAN APORTACION

"Hacerse cristianos en verdad es hacerse contemporáneos con Cristo.

Junto a otras legítimas y revolucionarias aportaciones de la Iglesia a la humanidad, por lo que siempre podré y necesitaré seguir invocándola en el Credo, como "Santa Madre" -es el hecho de habernos conservado vivo el recuerdo, viviente la persona, vivificante la palabra de Jesús.

Todos los pecados y debilidades de esta madre pierden en peso real frente a esta aportación. Que me haya dado la posibilidad de encontrarme personalmente con Cristo y sentirme contemporáneo suyo a través de la participación de la Eucaristía y audición de su palabra; que haya podido acercarme a El no en la distancia como he tenido que hacer con Buda, Sócrates o Aristóteles, sino en una cercanía real y eficiente.

A través de la voz de la Iglesia, la palabra de Cristo me ha sonado a palabra viva, y cada día me ha ido interpelando, removiendo las brasas de mi existencia a punto de apagarse, y su mensaje moral me ha sido anunciado en toda la virulencia revolucionaria que posee, por medio de las decisiones de la jerarquía, de la interpretación de sus teólogos, del testimonio de sus hombres en el trabajo y de la oración permanente de sus contemplativos.

Ante que todas las realizaciones culturales, intelectuales o sociológicas está la gran aportación que acabamos de describir. Sin ella yo no hubiera podido saltar los dos mil años que me separan de Jesús".

(Olegario González de Cardedal, en *"El Poder y la Conciencia"*).

III - HOY ¿QUIENES SON LOS POBRES?... ¿POR QUE LO SON?

1 - LOS POBRES DE AYER Y LOS POBRES DE HOY

Nuestro concepto de la pobreza y del pobre difiere del concepto que tenían nuestros mayores y aún tienen muchos.

Concebimos la pobreza y al pobre como un fenómeno colectivo relacionado con determinada estructura social, como efecto y causa. Viven en la pobreza grupos, clases sociales, pueblos y continentes enteros. Los pobres, hoy por hoy, constituyen entidades colectivas. Y son productos de un sistema socioeconómico que los explota y despoja. No constituyen un hecho natural. Han sido reducidos a la pobreza (empobrecidos) o mantenidos en ella por las fuerzas de un sistema de dominación. Son grupos, clases, pueblos, continentes dominados.

El siguiente cuadro comparativo visualiza la diferencia de conceptos. En él se confronta Lázaro, pobre de ayer, tal como lo describe San Lucas (16, 19-31) con Lázaro de hoy, tal como sugiere interpretarlo el Papa Juan Pablo II en varios de sus discursos.

LAZARO DE AYER. La persona desligada de las estructuras sociales.	**LAZARO DE HOY. La persona vinculada a las estructuras.**
- Hombre individual: los pobres son personas, casos, etc.	- Clases, pueblos, continentes: los pobres son un fenómeno colectivo.
- Abandonado por el egoísmo de los ricos: se le deja yacer en la pobreza.	- Explotado por los ricos en su afán insaciable de lucro: se hace pobre.
- Pide una caridad: que le den en este mundo, mientras espera la recompensa en el cielo.	- Pide justicia: que se le reconozca y permita ejercer su derecho a sentarse a la mesa con los otros, sin negar el "cielo".

Los pobres son todas aquellas personas que, careciendo de los medios de producción, tienen, como único medio de vida, el trabajo y viven en condiciones de inseguridad más o menos total, por cuanto dependen o están a merced de quienes poseen los medios de producción.

A esta pobreza socioeconómica, pobreza real, contraria a la voluntad divina, pueden agregársele, agravándola, otras formas de pobreza, que derivan de la discriminación racial, sexual, cultural y otras. Así, el indio y el negro, por ser "menospreciados", son sujetos de mayor explotación... Algo similar acontece con la mujer: en razón de la discriminación sexual suele soportar mayor explotación.

2 - TRES GRANDES GRUPOS O BLOQUES DE POBRES

Partiendo de las diversas formas de pobreza se puede distinguir tres grupos o bloques de pobres.

El primer bloque: los explotados. Agrupa a los que trabajan en condiciones injustas. Son los "pobres laboriosos", a quienes el sistema socioeconómico, desconociendo su condición de persona, utiliza como mero factor o instrumento de producción y despoja del legítimo fruto de su trabajo.

Los "pobres laboriosos" constituyen el proletariado urbano y rural, que tiene el perfil más definido.

Integran este bloque:

- Los **obreros urbanos**. Son el 15% de la población latinoamericana. Aunque con referencia al resto de la población son pocos, sin embargo constituyen una fuerza considerable por su organización y espíritu combativo. Es la clase enfrentada más directamente con la fuerza del capital;

- Los **campesinos**. Representan aún en América Latina casi la mitad de la población. Su perfil es menos definido que el de los obreros. Son muy diversificados. Dentro de la masa de los campesinos, muchos indios

entre ellos, encontramos:

- el **asalariado** permanente y el temporario. Este, muy numeroso, e mayoría de los trabajadores rurales, en algunos país

- el **colono**, campesino que explota la tierra, pero no se le reconoce l propiedad;

- el **pequeño propietario** o minifundista, que sufre la poderos competencia del capital;

- el **arrendatario**, etc.

El colono, el pequeño propietario, el arrendatario y otros va desapareciendo a medida que avanza el capital y se transforman e inmigrantes o en asalariados.

En este bloque de pobres, deberíase incluir también a los que forma la capa inferior del sector "servicios" (Bancos, transportes, comercio servicios públicos en general), como los pequeños comerciantes funcionarios, los maestros, etc.

El segundo bloque: los **marginados**. Es decir, todos aquellos qu son excluidos del proceso de la producción. Se les impide positivament el ejercicio del derecho a trabajar. Entran aquí:

- los desempleados o subempleados. Son el 25 o 30% de la fuerza d trabajo de América Latina;

- toda suerte de miserables, como los mendigos, los menore abandonados, los marginales, etc.;

Todos ellos carecen de lo necesario para una vida humana, pueste que se encuentran por debajo del nivel de línea de supervivencia o apena llegan a él. Los economistas los llaman "pobres absolutos", "lumpen subproletariado".

En Latinoamérica se encuentran por millones, constituyen al menos, una tercera parte del pueblo oprimido. Representan un conjunto

socialmente heterogéneo y políticamente inorgánico. Junto a ellos, la Iglesia está particularmente presente como fuerza de afirmación humana y de integración social, a través de organizaciones populares, de las comunidades de base, etc.

El tercer bloque: los **nuevos pobres**. Existen hoy especialmente en la sociedad industrial avanzada, aunque también en los centros más desarrollados de la sociedad de América Latina, un nuevo tipo de pobres. Esos "nuevos pobres" son los deficientes físicos, los deficientes mentales, los inadaptados, los jóvenes desorientados, los drogadictos, los jubilados... Estas categorías no constituyen nuevas clases al lado de las clases explotadas o marginadas, ni tampoco se sitúan por encima de ellas. Se relacionan entre sí. Puede decirse que aunque estos pobres procedan de las clases alta y media, su situación concreta los ubica entre los pobres socioeconómicos en condición de **marginados**.

Por todo lo dicho, quede claro que no se trata aquí de yuxtaponer los tres bloques como si fueran tres grandes grupos sociales distintos. Se trata de tres bloques que se superponen y se implican mutuamente. Tres bloques de dominados (explotados o marginados) que expresan diversos niveles de opresión, pero coinciden en los intereses y por consiguiente, en el objetivo superior de la lucha: la liberación económica, social y cultural. El pueblo desea algo más que ser tan sólo un rebaño bien alimentado y sano. Quiere realmente una vida plena. Por eso, en América Latina se habla hoy más de "pueblo" que de "clase", más de "liberación integral" que de "emancipación económica".

3 - LOS POBRES SON PRODUCTO DE UN SISTEMA EXPLOTADOR Y EXCLUYENTE

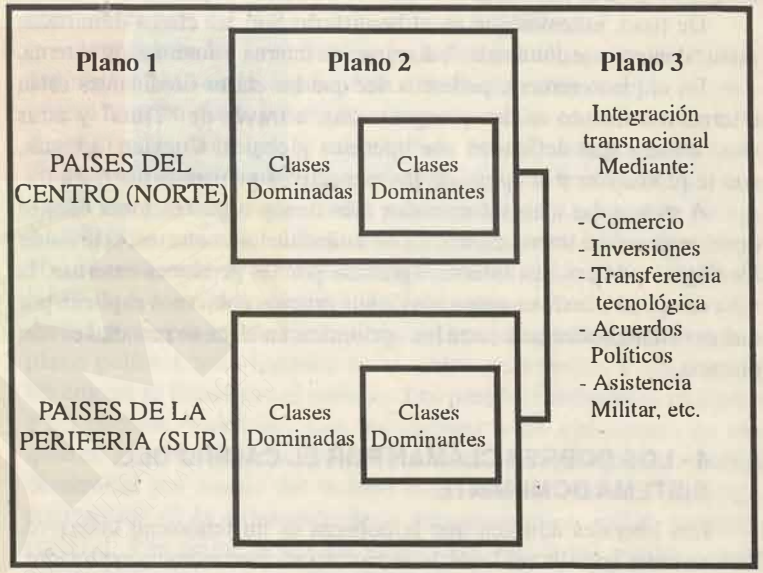
Quienes ven a los pobres, como casos individuales, desligándolos de las estructuras o condiciones sociales, explican la pobreza por la ignorancia o la capacidad o la pereza de los pobres o por el egoísmo de los ricos o por el destino o la suerte (los pobres lo son porque han nacido pobres. Siempre ha sido así). No descubren o se resisten a admitir que la

causa más profunda de la pobreza es un sistema socioeconómico explotador y excluyente que "fabrica pobres". Esta visión cae en el asistencialismo: es preciso dar a los pobres (limosnas, alimentos, escuelas, etc.) y no despertarlos. Naturalmente, en este sentido, los salvadores de los pobres son los ricos y los poderosos, porque son los que tienen. La realidad no avala la explicación y la solución propuesta.

Los pobres son pobres porque los explota o margina un sistema socioeconómico opresor nacional estrechamente ligado a un sistema opresor internacional; ambos, fruto y encarnación del egoísmo. Al respecto, dicen los obispos latinoamericanos: "Al analizar más a fondo tal situación, descubrimos que esta pobreza no es una etapa casual, sino el producto de situaciones y estructuras económicas, sociales y políticas, aunque haya también otras causas de la miseria". Estado interno de nuestros países que encuentra en muchos casos su origen y apoyo en "mecanismos que, por encontrarse impregnados no de un auténtico humanismo, sino de materialismo, producen a nivel internacional, ricos cada vez más ricos a costa de pobres cada vez más pobres" (Puebla 30). Denuncia de Juan Pablo II, que el Papa vuelve a expresar en su Encíclica "La Preocupación Social", 16: "No obstante, es necesario denunciar la existencia de unos mecanismos económicos, financieros y sociales, los cuales, aunque manejados por la voluntad de los hombres, funcionan de modo casi automático, haciendo más rígida las situaciones de riqueza de los unos y de pobreza de los otros. Estos mecanismos, maniobrados por los países más desarrollados de modo directo o indirecto, favorecen a causa de su mismo funcionamiento los intereses de los que los maniobran, aunque termina por sofocar o condicionar las economías de los países menos desarrollados. Es necesario someter en el futuro estos mecanismos a un análisis atento bajo el aspecto ético-moral".

"El Desarrollo de los Pueblos" (Encíclica de Pablo VI) preveía ya que con semejantes sistemas aumentaría la riqueza de los ricos, manteniéndose la miseria de los pobres.

CUADRO DE LA DEPENDENCIA NACIONAL E INTERNACIONAL EN EL MUNDO CAPITALISTA



El cuadro visualiza la división del mundo desde el punto de vista socioeconómico y refleja el "mayor conflicto de nuestros tiempos" que es el conflicto entre las clases y pueblos "empobrecidos" y las clases y pueblos ricos y opresores[10].

En el primer plano se señala la constitución de dos hemisferios: el Norte y el Sur. En el Norte se ubican los países ricos. Y es el centro, desde donde la denominación se extiende al hemisferio SUR.

El plano segundo muestra que, tanto en el Norte como en el Sur, existen clases dominadas y clases dominantes por un lado. Lo cual prueba

que el desarrollo que se da en ambos hemisferios es contradictorio o desigual y por eso mismo genera división de clases. Esto explica por qué en los países ricos hay pobres: 35 millones en los Estados Unidos, 30 millones en la Europa de la Comunidad Económica Europea (CEE), y en los países pobres hay un grupo reducido de ricos "opulentos"[11].

De paso, notemos que en el hemisferio Sur, las clases dominadas están "doblemente dominadas", dominación interna y dominación externa.

En el plano tercero, podemos ver que las clases dominantes están internacionalmente unidas y organizadas, a través de "Truts" y otras asociaciones que defienden sus intereses globales. Cuentan, además, con la protección y el apoyo de los respectivos gobiernos liberales.

A su vez, las clases dominadas sólo tienen organizaciones débiles de defensa a nivel internacional. La dificultad de los contactos, la división ideológica y la política interna, agravada por las presiones externas, la falta de apoyo e incluso oposición de sus propios gobiernos explican por qué esa alianza necesaria entre los oprimidos, en término mundial es aún precaria.

4 - LOS POBRES CLAMAN POR EL CAMBIO DEL SISTEMA DOMINANTE

Los liberales admiten que la pobreza es un fenómeno colectivo. Pero no creen que ella sea fruto de un sistema socioeconómico explotador, sino que es consecuencia del atraso en el desarrollo, atraso que impide una mayor distribución de bienes. Por lo tanto, según ellos, la solución está en una hábil y constante política desarrollista: hay que incrementar la producción con la ayuda del exterior (comercio, técnica, capitales). Los pobres, por cierto tiempo, han de esperar pacientemente. Luego gozarán del nivel de vida propio de los pueblos ricos.

Los frutos no avalan la teoría. De hecho se acrecienta la brecha entre los ricos y los pobres: los ricos son más ricos, los pobres más pobres. No es cuestión de discutir teorías. Se trata del fracaso del "desarrollismo". La "ayuda" externa ha significado mayor dependencia

para los pueblos en vía de desarrollo. Hemos explicado anteriormente que la pobreza es causada por un sistema socioeconómico explotador y excluyente, que "fabrica pobres". La solución de la pobreza, fenómeno colectivo, pasa por el cambio de las estructuras socioeconómicas dominantes para dar lugar a otras justas y solidarias.

Los pobres así lo entienden y claman por el cambio del sistema explotador. No quieren esperar más. "Se afianza la convicción de que el género humano puede y debe no sólo perfeccionar su dominio sobre las cosas creadas, sino que le corresponde además establecer un orden político, económico y social que esté más al servicio del hombre y permita a cada uno y a cada grupo afirmar y cultivar su propia dignidad. De aquí las instantes reivindicaciones económicas de muchísimos, que tienen viva la conciencia de que la carencia de bienes que sufren, se debe a la injusticia o a una mala distribución. Las naciones en vía de desarrollo... desean participar en los bienes de la civilización moderna, no sólo en el plano político, sino también en el orden económico, y desempeñar libremente su función en el mundo... Los pueblos hambrientos interpelan a los pueblos opulentos... Los trabajadores y los agricultores no sólo quieren ganarse lo necesario para la vida, sino que quieren también desarrollar por medio del trabajo sus dotes personales y participar activamente en la ordenación de la vida económica, social, política y cultural. Por primera vez en la historia, todos los pueblos están convencidos de que los beneficios de la cultura pueden y deben extenderse realmente a todas las naciones" (Concilio Vaticano II, Constitución Gozo y Esperanza, Nº 9).

Los oprimidos se están levantando y organizando con vistas a su liberación colectiva. Serán ellos los protagonistas de una liberación de todo el hombre y de todos los hombres: a ellos interesa sobre todo el cambio social.

5 - LUCHA SOLIDARIA A NIVEL NACIONAL E INTERNACIONAL.

El establecimiento de un sistema político y socioeconómico justo y solidario, al servicio de todo el hombre y de todos los hombres, exige unión y organización de todos los oprimidos y una lucha a nivel nacional e internacional. Puesto que los opresores están nacional e internacionalmente organizados en defensa de sus afanes dominadores. Sin unión y organización, la liberación no pasará de ser una palabra vacía, un deseo ineficiente.

En el frente nacional, la lucha tendrá por objetivo la liberación del país y la liberación social. En otras palabras, un país plenamente soberano: que sea artífice de su propio destino y primer agente de su desarrollo integral, y favorezca la autoafirmación de cada uno de sus ciudadanos mediante el acceso a una mayor participación del poder político, social, económico y cultural. Lo que Perón resumía en esta afirmación: una Argentina "políticamente soberana, económicamente independiente y socialmente justa". Todo esto importa una más y mejor forma de gobierno que sea más y mejor democracia, esto es gobierno del pueblo, con el pueblo y para el pueblo.

La liberación nacional y social será obra únicamente de un Movimiento que reúna las mayorías populares del país y los sectores de la burguesía que se solidaricen con la causa de los oprimidos y la causa nacional. Su columna vertebral será el Movimiento Obrero organizado.

En el frente internacional se pretende la liberación del dominio que los países ricos imponen a los pueblos en vía de desarrollo. Esta meta no será posible sin la unión y coordinación de esfuerzos de todos los pueblos oprimidos. Requiere la organización del Tercer Mundo[12], como bloque que agrupe a los países en vía de desarrollo. Es un paso importante, sin duda. Urge sin embargo otros pasos más audaces y efectivos, que vigoricen la unidad en la pluralidad y dinamicen la coordinación de los esfuerzos de cada miembro y del conjunto. El paso inmediato: la constitución de fuertes uniones por continente, como base firme de la unión mundial. Al respecto es hora ya de que los países latinoamericanos

logren la integración: reconstruyan la Patria Grande en consonancia con las realidades actuales. Se busque una integración que haga sentir con eficacia espiritual y material, la unidad que efectivamente existe en el fundamento de estos pueblos: la unidad histórica y cultural.

Otro paso: participación real y activa de los pueblos miembros en la determinación de los objetivos, metas y medios y la coordinación de los esfuerzos. Resultará muy difícil dar ambos pasos si no se logra subordinar toda ideología e interés subalterno al objetivo superior que es la liberación de todos y de cada uno de los pueblos oprimidos. La organización "tercermundista" no debe convertirse en instrumento de lucha ideológica o de intereses bastardos.

Las líneas globales de la lucha por la liberación, que proponemos, concuerdan con las sugerencias certeras y realistas del Papa Juan Pablo II: "El desarrollo requiere sobre todo espíritu de iniciativa por parte de los mismos países que lo necesitan. Cada uno de ellos ha de actuar según sus propias responsabilidades, sin esperarlo todo de los países más favorecidos y actuando en colaboración con los que se encuentran en la misma situación.

Cada uno debe descubrir y aprovechar lo mejor posible el espacio de su propia libertad. Cada uno debería llegar a ser capaz de iniciativas que respondan a las propias exigencias de la sociedad. Cada uno debería darse cuenta también de las necesidades reales, así como de los derechos y obligaciones a que tienen que hacer frente. El desarrollo de los pueblos comienza en el compromiso de cada pueblo para su desarrollo, en colaboración con todos los demás.

Es importante además que las mismas naciones en vía de desarrollo favorezcan la autoafirmación de cada uno de sus ciudadanos mediante el acceso a una mayor cultura y a una libre circulación de las informaciones. Todo lo que favorezca la alfabetización y la educación de base, que la profundice y complete, como proponía la encíclica "El Desarrollo de los Pueblos" del Papa Pablo VI, metas todavía lejos de ser realidad en tantas partes del mundo, es una contribución directa al verdadero desarrollo.

Para caminar en esta dirección, las mismas naciones han de

individualizar sus prioridades y detectar bien las propias necesidades, según las particulares condiciones de su población, de su ambiente geográfico y de sus tradiciones culturales.

Algunas naciones deberán incrementar la producción alimentaria para tener siempre a su disposición lo necesario para la nutrición y la vida. En el mundo contemporáneo, en el que el hambre causa tantas víctimas, especialmente entre los niños, hay naciones, particularmente no desarrolladas, que han conseguido el objetivo de la autosuficiencia alimentaria y que se han convertido en exportadoras de alimentos.

Otras naciones necesitan reformar algunas estructuras y, en particular, sus instituciones políticas, para sustituir regímenes corrompidos, dictatoriales o autoritarios, por otros democráticos y participativos. Es un proceso que, es de esperar, se extienda y consolide, porque la "salud" de una comunidad política, en cuanto se manifiesta mediante la participación y responsabilidad de todos los ciudadanos en la gestión pública, la seguridad del derecho, el respeto y la promoción de los derechos humanos, es "condición necesaria y garantía segura para el desarrollo de todo el hombre y de todos los hombres". ("La Preocupación Social", Nº 44).

La misma encíclica prosigue en el Nº 45.

Cuanto se ha dicho no se podrá realizar sin la colaboración de todos, especialmente de la comunidad internacional, en el marco de una solidaridad que abarque a todos, empezando por los más marginados. Pero las naciones en vía de desarrollo tienen el deber de practicar la solidaridad entre sí y con los países más marginados del mundo.

Es de desear, por ejemplo, que naciones de una misma área geográfica establezcan formas de cooperación que las hagan menos dependientes de productores más poderosos; que abran sus fronteras a los productos de esa zona; que examinen la eventual complementariedad de sus productos; que se asocien para la dotación de servicios, que cada una por separado no sería capaz de proveer; que extiendan esa cooperación al sector monetario y financiero.

La interdependencia es ya una realidad en muchos de estos países. Reconocerla de manera más activa, representa una alternativa a la excesiva dependencia de países más ricos y poderosos, en el orden mismo del desarrollo deseado, sin oponerse a nadie, sino descubriendo y valorizando al máximo las propias responsabilidades. Los países en vía de desarrollo de una misma área geográfica, sobre todo los comprendidos en la zona "Sur" pueden y deben constituir, como ya se ha comenzado a hacer, con resultados prometedores, nuevas organizaciones regionales, inspiradas en criterios de igualdad, libertad y participación en el concierto de las naciones.

"La solidaridad universal requiere, como condición indispensable, la autonomía y libre disponibilidad, incluso dentro de las asociaciones, como las indicadas. Pero al mismo tiempo, requiere disposición a aceptar los sacrificios necesarios por el bien de la comunidad mundial".

- La Iglesia, por su misión y por su opción por los pobres, tiene un papel relevante en esta tarea de unión y de noble lucha por un mundo justo y solidario. Ninguna otra institución se halla en mejores condiciones para denunciar las injusticias y los atropellos a la dignidad de la persona humana y de los pueblos y promover y orientar desde el Evangelio la lucha por un mundo digno del hombre. Posee la presencia activa del Resucitado. Goza de la asistencia atenta del Espíritu Santo. Es experta en humanidad. Y está inserta en los pueblos de ambos hemisferios: Norte y Sur.

Su opción o amor preferencial por los pobres es "una opción o una forma especial de primacía en el ejercicio de la caridad cristiana, de la cual da testimonio toda la tradición de la Iglesia. Se refiere a la vida de cada cristiano, en cuanto imitador de la vida de Cristo, pero se aplica igualmente a nuestras responsabilidades sociales y, consiguientemente, a nuestro modo de vivir y a las decisiones que se deben tomar sobre la propiedad y el uso de los bienes.

Pero hoy, vista la dimensión mundial que ha adquirido la cuestión social, este amor preferencial, con las decisiones que nos inspira, no

puede dejar de abarcar a las inmensas multitudes de hambrientos mendigos, sin techo, sin cuidados médicos y, sobre todo sin esperanza de un futuro mejor. Ignorarlo significaría parecernos al "rico epulón" que fingía no conocer al mendigo Lázaro, postrado a su puerta (Lucas 16, 19-35)" (Juan Pablo II: "La Preocupación Social", N 42).

El aporte de la Iglesia en esta tarea durísima que la liberación impone a los pobres y pueblos oprimidos, por un lado será muy valioso para la causa de la justicia y la solidaridad y por otro, acrecentará, particularmente en la Iglesia de los países ricos, la vida eclesial y una acción efectivamente evangélica.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA LEY DEL LIBRE MERCADO Y LA JUSTICIA

"Las naciones altamente industrializadas exportan sobre todo los productos elaborados, mientras que las naciones poco desarrolladas no tienen para vender más que productos agrícolas y materias primas. Gracias al progreso técnico, los primeros aumentan rápidamente de valor y encuentran suficiente mercado. Por el contrario, los productos primarios que provienen de los países subdesarrollados sufren amplias y bruscas variaciones de precio, muy lejos de esa plusvalía progresiva. De ahí provienen para las naciones poco industrializadas grandes dificultades, cuando han de contar con sus exportaciones, para equilibrar su economía y realizar su plan de desarrollo. Los pueblos pobres permanecen siempre pobres y los ricos se hacen cada vez más ricos...

La regla del libre intercambio no puede seguir rigiendo por sí sola las relaciones internacionales; sus ventajas son ciertamente evidentes, cuando las partes no se encuentran en condiciones demasiado desiguales de potencia económica: es un estímulo del progreso y recompensa del esfuerzo... Pero no es lo mismo cuando las condiciones son demasiado desiguales de país a país: los precios que se forman "libremente" en el mercado pueden llevar consigo resultados no equitativos...

La enseñanza de León XIII... conserva su validez: el consentimiento de las partes, si están en situaciones demasiado desiguales, no basta para garantizar la justicia del contrato; la regla del libre consentimiento queda subordinada a las exigencias de la ley natural. Lo que era verdadero acerca del justo salario individual, lo es también respecto a los contratos internacionales: una economía de intercambio no puede seguir descansando sobre la sola ley de la libre concurrencia, que engendra también demasiado a menudo una dictadura del dinero. El libre intercambio sólo es equitativo si está sometido a las exigencias de la justicia social".

(Pablo VI: *"El desarrollo de los Pueblos"*, Nros. 57, 58, 59).

ES MENESTER CONSTRUIR UN MUNDO NUEVO

"El combate contra la miseria, urgente y necesario, es insuficiente. Se trata de construir un mundo, donde todo hombre, sin excepción de raza, religión o nacionalidad, pueda vivir una vida plenamente humana, emancipado de las servidumbres de la naturaleza insuficientemente dominada. Un mundo, donde la libertad no sea una palabra vacía, y donde el pobre Lázaro pueda sentarse a la misma mesa que el rico. Esto exige a este último mucha generosidad, innumerables sacrificios y un esfuerzo sin descanso.

A cada uno toca examinar su conciencia, que tiene una voz nueva para nuestra época...

El deber de la solidaridad de las personas es también el de los pueblos: los pueblos ya desarrollados tienen la obligación gravísima de ayudar a los países en vía de desarrollo...

Cada pueblo debe producir más y mejor, a la vez para dar a sus súbditos un nivel de vida verdaderamente humano y para contribuir también al desarrollo solidario de la humanidad. Ante la creciente indigencia de los países subdesarrollados, se debe considerar como normal el que un país desarrollado consagre parte de su producción a satisfacer las necesidades de aquellos; igualmente el que forme educadores, ingenieros, técnicos, sabios que pongan su ciencia y competencia al servicio de ellos".

(Pablo VI: *"El Desarrollo de los Pueblos"*, Nros. 47 y 48).

"La interdependencia debe convertirse en solidaridad, fundada en el principio de que los bienes de la creación están destinados a todos. Y lo que la industria humana produce con la colaboración de las materias primas y con la aportación del trabajo, debe servir igualmente al bien de todos".

(Juan Pablo II: *"La Preocupación Social"*, Nº 39).

IV - LA OPCION DE LA IGLESIA POR LOS POBRES

1 - UN COMPROMISO SOLEMNE, EXPLICITO Y PUBLICO

La Iglesia Latinoamericana formuló, en Medellín, el compromiso solemne, explícito y público de optar por la causa de los pobres. Once años después, los obispos en la ciudad de Puebla ratifican el mismo compromiso. "Volveremos a tomar, con renovada esperanza en la fuerza vivificante del Espíritu Santo, la posición de la 11 la. Conferencia General que hizo una clara y profética opción preferencial y solidaria por los pobres[13]". En la IV Conferencia General (Santo Domingo, 1992) la Iglesia de América Latina ratificó el compromiso en el capítulo sobre la Promoción Humana.

La opción significó un cambio de cien grados en la estrategia pastoral de la Iglesia. Hasta entonces ésta elaboraba la pastoral "a distancia" del pueblo, cuyas mayorías son los pobres y oprimidos. Lo hacía desde su interior y con la óptica de las clases acomodadas.

La Iglesia existía ciertamente para los pobres: lo proclaman la inmensa red de obras asistenciales. Pero desaprovechaba la fuerza histórica y el potencial evangelizador de los pobres. En adelante, activamente inserta entre los pobres, necesitados y oprimidos, "desde la perspectiva y los intereses de éstos y con ellos elaborará y llevará a cabo la pastoral: una pastoral popular.

La opción por los pobres no es "excluyente": no se desatiende los demás sectores, porque también a ellos Cristo ofrece la salvación y abre las puertas del Reino de Dios a condición de que hagan suya la causa del pobre y con él luchen por una sociedad justa y fraterna que les asegure una vida digna. No es exclusiva: no excluye las demás actividades de la Iglesia (proclamación de la Palabra de Dios, catequesis, liturgia, etc.), pero exige que ellas sean articuladas desde esta opción. Es preferencial: como la madre que ama a todos los hijos, pero especialmente al más débil o enfermo, así la Iglesia, a ejemplo de Cristo, ama primeramente a los pobres y desde los pobres a todos. Ama a los pobres, combatiendo los

mecanismos socioeconómicos que los hacen pobres, y ama a los ricos, convocándolos a que se liberen de esos mecanismos que los enriquece a costa de los pobres.

2 - OPCION QUE DERIVA DE LA OPCION POR CRISTO

Poco o nada entendería del Dios de la Biblia, aquel que no lo vinculara con el pobre, el indefenso, el oprimido. Dios (Yavé) se ha revelado a los hombres, como el defensor y abogado de los pobres, el liberador de los oprimidos, el rey que se complace y gloría en hacer justicia, primero y sobre todo al débil, al indefenso, al despojado. El Dios de la Biblia, es un Dios que protege el derecho de los sin poder, de los injustamente perseguidos y de los pobres: no toma el partido de los poderosos, que disponen del derecho y lo utilizan en beneficio propio, sino el de los que son ofendidos en su dignidad y justicia.

"Yo soy el Señor, tu Dios, que te hice salir de Egipto, de un lugar de esclavitud" (Exodo 20, 1). "Yavé, vuestro Dios es... el Señor de los señores, el Dios grande, poderosos y temible, que no hace acepción de personas ni admite soborno, que hace justicia al huérfano y a la viuda, y ama al forastero, a quien da pan y vestido" (Dt. 10, 16-18). "El mantiene para siempre la verdad, haciendo justicia a los oprimidos, dando pan a los hambrientos; el Señor libera a los prisioneros, abre los ojos a los ciegos, endereza a los que ya se doblan, protege al extranjero, sustenta al huérfano y a la viuda" (Salmo 146, 145).

En Jesús de Nazaret, la opción por los pobres alcanzó grado sublime y forma definitiva. El Salvador se presentó en la forma de un trabajador humilde y no en la de César, como un pobre y no como un rico o un poderosos. Nació pobre, vivió pobre y murió pobre. Amó especialmente a los pobres y se identificó con ellos. Los pobres fueron para Jesús como la pupila de sus ojos. El Salvador del Evangelio es un Salvador pobre y el Salvador de los pobres. Su opción por los pobres le mereció la opción de los pobres por él: lo reconocieron como a uno de los suyos y cuando entró en conflicto con las autoridades religiosas de su nación encontró el

apoyo de las mayorías empobrecidas que le oían con gusto. Sólo por la traición de uno de los apóstoles (Judas), las autoridades lograron dar con el refugio nocturno de Jesús; lo arrestaron, lo enjuiciaron con celeridad esa misma noche, y a la mañana siguiente lo entregaron al procurador romano.

- Si la Iglesia -comunidad de los cristianos- se pronuncia por los pobres es a partir de su fe en Cristo. Cristo ocupa en ella el centro indiscutible de todo. Y en torno a él se organiza y armoniza todo lo demás, incluso la cuestión de los pobres. Cristo es la raíz profunda de la opción de la Iglesia por los pobres. Esta motivación establece la diferencia fundamental entre la opción por los pobres de la comunidad cristiana y la opción que por ellos hace otro grupo o movimiento social. Sin embargo, la opción cristiana no excluye de por sí otras motivaciones, sean políticas, sean sociales. La opción de un cristiano por los pobres y la opción de un político o de un movimiento social no son "sustancialmente" distintas; simplemente expresan aspectos o niveles distintos de una misma opción. La fe tiene capacidad para asimilar, profundizar y enriquecer los significados y las motivaciones del compromiso temporal. Pues impregna y anima toda la vida del hombre.

3 - ESTA OPCION DEBE SER EFECTIVA Y SOLIDARIA

La opción cristiana por los pobres es fruto sobre todo del amor y debe ser por lo tanto efectiva y solidaria. **Efectiva**. Ante un niño hambriento, una familia en la calle, un trabajador sin empleo, un enfermo sin medicamento, multitud de obreros con salarios de hambre, el hombre común siente compasión y se indigna. Si se contenta con esto solamente, su opción por los pobres y oprimidos se reduce a un sentimiento ineficaz. Y la opción por ellos implica muchísimo más. Es acción liberadora.

Los intelectuales, a su vez, corren el peligro de contentarse con el aporte de ideas y expresiones de condenación. Ciertamente las denuncias, los manifiestos, y cursos y conferencias son útiles y aún necesarios,

pero no bastan. La pobreza es un problema real, una situación concreta no una cuestión teórica solamente ni un simple tema de estudio o reflexión Exige soluciones urgentes y concretas. En ocasiones, es bueno señalarlo las ideas y teorías son contraproducentes, cuando son producto d "laboratorio" y no llevan el aval de la realidad y la experiencia de vida.

Solidaridad, es decir, que asuma la causa de los oprimidos, particip de sus luchas en calidad de aliado, reconociéndoles su papel d protagonista. Unicamente así la opción por los pobres evitará e paternalismo, que es la tutela o protección que domina y castra al otro frenando su desarrollo como sujeto responsable de su destino, porque l considera un menor, incapaz en cierto grado al menos, de actuar co responsabilidad. El paternalismo, en el fondo, esconde una sutil dominación. Se presenta como actuando "en favor de los pobres", e realidad actúa "en lugar de ellos", se mantiene "a costa de los mismos" en consecuencia, actúa "contra ellos": les impide ser ellos mismos.

La opción por los pobres es liberadora en la medida en que se hag opción con los pobres: se trata no tanto de trabajar por los pobres cuanto de trabajar con los pobres. La opción por los pobres será liberador si crea entre éstos y los que trabajan por ellos relaciones de igualdad solidaridad: los pobres son reconocidos y respetados como sujeto capaces de su propia liberación y quienes optan por su causa lo hacen e calidad de aliados y colaboradores, sabiéndose unos y otros del mism lado y en la misma lucha.

Hay momentos y situaciones en que sólo se puede luchar por lo pobres, sin que sea posible luchar con ellos. Es el caso, sobre todo, d los indefensos y abandonados. Con todo, aquí el "por" apunta al "con" "Se lucha para que el pobre sea igual a ti y tú igual a él", dice Sa Agustín.

En conclusión: la opción por los pobres exige colocarse al lado d los pobres para solidarizarse con ellos en su causa y en su lucha; y est no para hacerlos aliados nuestros, sino para hacernos nosotros aliado suyos.

4 - LA NUEVA FORMA DE LA OPCION CRISTIANA POR LOS POBRES

Ciertamente la Iglesia se ha volcado siempre en favor del pobre y oprimido. Es conmovedor su esfuerzo por "resolver" el problema de los desheredados. Lo atestiguan las mil formas de concretar su ayuda: limosna y toda clase de obras de asistencia e instituciones de caridad y de promoción. Es mérito suyo la conciencia de Occidente con relación a la necesidad de atender al pobre. "La historia de la Iglesia está jalonada por figuras luminosas de cristianos de todo tipo que practicaron heroicamente el amor al pobre... Ningún movimiento histórico puede exhibir una galería tan grande de tipos humanos tan acabados"[14].

Sin embargo, de hecho, la Iglesia no pudo eliminar la pobreza ni la marginación social. Porque a fines de la Edad Media, despojada de sus recursos materiales, vióse imposibilitada para enfrentar las nuevas formas de pobreza. Y sobre todo porque atacaba los efectos y no la causa de la pobreza, que era un sistema social que enriquecía a un grupo restringido a costa de la mayoría. En ese entonces, la Iglesia y ninguna otra institución vieron ni hubieran podido ver que la pobreza era un fenómeno colectivo y que era producto de estructuras injustas. Concebían el ordenamiento social como algo estático e inamovible.

- Hoy la pobreza es concebida como un fenómeno colectivo, provocado y mantenido. Y sabemos que la pobreza no puede ser eliminada, si no se cambia el sistema socio-económico que la genera. Y que el cambio sólo es posible por una acción política adecuada. Es la razón, por la cual, la opción de la Iglesia por los pobres reviste forma nueva.

Hoy no se trata tanto de socorrer las necesidades de los individuos cuanto de cuestionar y promover el cambio de las estructuras que generan pobres. No se excluye, especialmente en los casos urgentes, la asistencia, como medida de emergencia, se rechaza el asistencialismo. Ni se excluye las reformas como pasos progresivos hacia la nueva sociedad, se rechaza el reformismo[15]. Se da la primacía al cuestionamiento de la sociedad opresora y a su reemplazo, al crecimiento de la conciencia liberadora de

los pobres y a la promoción de sus organizaciones. Sin embargo, la Igle
no actúa a la manera de un movimiento revolucionario o de una agen
de promoción humana. Simplemente ayuda a la liberación de los oprimid
éstos son los sujetos de su propia liberación. Ella ayuda, solidarizándo
con ellos, legitimando su causa, aportando su contribución específi
Su opción por los pobres asume una forma política, por cuanto promue
desde el Evangelio, una sociedad justa y humana[16].

- Esta opción por los pobres, hoy tal como están las cosas, impli
una opción de clases. Puesto que los pobres constituyen una clase
cial que es víctima de la injusticia y para defender sus legítimos derech
e intereses no tienen otro recurso que el de la lucha. Esta debe
considerada como una dedicación normal en favor del justo bien, en e
caso por el bien que corresponde a las necesidades y a los méritos de l
hombres de trabajo... no es una lucha "contra los demás". Si en cuestion
controvertidas asume también un carácter de oposición a los otros, e
sucede en consideración del bien de la justicia social y no por la "luch
o por eliminar al adversario (Juan Pablo II: "El Hombre que Trabaja",
20).

Resulta lógico que opte por las clases explotadas. No pue
permanecer indiferente o neutral entre el injusto agresor y la víct
despojada.

- ¿Estaremos ante una versión cristiana de la lucha de clases alent
por el marxismo?... Son sustanciales las diferencias de amb
concepciones acerca de la lucha de clases.

Para el cristianismo, la lucha de clases es un hecho provocado por
desenfrenada ambición del capitalista. Acepta la lucha, como últi
recurso para la defensa y la promoción de la justicia. No se lucha p
luchar y menos por la eliminación del adversario. Se lucha sin odio co
la actitud y el comportamiento injusto y no contra la persona del patr
cuya dignidad y legítimos derechos son respetados. En todo momen
hay posibilidades de diálogo. La lucha queda regulada por las exigenc

el Evangelio.

Para el marxista, la lucha es el motor de la historia y constituye el
nstrumento privilegiado del cambio social; la rigen los intereses políticos
ideológicos: todo es bueno y lícito en la medida en que asegure el éxito.

5 - SIN COMPROMISOS CONCRETOS ES ILUSION LA OPCION POR EL POBRE

La opción por los pobres conlleva actitudes y comportamientos
ue exigen un cambio profundo de mentalidad y de vida. No asumir el
ambio o asumirlo a medias reduce la opción a palabras bonitas o deseos
bortados.

La opción por los pobres impone a todo cristiano -obispo, sacerdote,
eligioso, laico- exigencias que se diversifican según el aspecto de la vida
ristiana que está en juego:

Exigencias en la espiritualidad

La espiritualidad, que es el modo de seguir a Cristo o vivir el
vangelio, debe acentuar:

- La conversión a Cristo pobre y a los pobres. Puebla reconoce la
ecesidad de volverse al Cristo pobre y a los pobres (Nros. 1134, 1140,
145). Lo que redundará en una vida nueva y en una fe profundamente
vangélica, que conducirán a una identificación más plena con el Señor y
us "hermanos pequeños" (Puebla Nº 1140 y 1157, más 1158). Solamente
e ama bien al pobre con el corazón de Cristo.

- La pobreza evangélica. Tiene una cara interna: la actitud del corazón
ue lo lleva a ser desprendido (no apegado) frente a los bienes materiales
a compartirlos con el hermano necesitado. Y tiene otra cara externa: un
stilo de vida sobrio, pero digno. No hay pobreza evangélica si falta uno
e estos aspectos. La pobreza evangélica es exigida por Jesucristo a sus
eguidores (Lc. 13, 33-34; 14, 33; 18, 18-30; 19, 1-10; etc.).

Solamente la pobreza puede predicar el Evangelio, por eso, Jesús

mandó a evangelizar en la pobreza (Mt. 10, 9-10). Así lo había hecho mismo. El evangelizador o es un pobre real o es un pobre de corazó desprendido y de vida sobria. Lo admite Puebla (Nº 1157 y 1158).

- La comunión con los pobres. Es mucho más que hablar de lo pobres o querer a los pobres. Es sentirse uno de ellos, estar con ellos compartir de alguna manera su existencia, estar cerca de ellos, identificars con ellos. Lo que permite valorar la vida y la cultura de los pobres supone un movimiento de reciprocidad y de diálogo, en el que ciertamen hablamos y ofrecemos, pero también y sobre todo escuchamos recibimos.

Exigencias pastorales

Tarea de toda la Iglesia, la pastoral sin embargo incumbe de mod eminente y determinante a la jerarquía, a los pastores en razón de s función específica. A ellos especialmente, la opción por los pobres l exige, entre otras cosas:

-Redefinir, en función de la preferencia para con los pobres, todo los sectores de la pastoral: ministerio de la Palabra, catequesis, liturgi administración de los bienes, etc.

- Evangelizar a los pobres como a los destinatarios primeros de buena noticia, anunciándoles específicamente a Jesucristo, liberador i tegral y salvador del género humano.

- Denunciar las injusticias cometidas contra los pobre particularmente cuando ellos carecen de voz y de voto, como también los mecanismos generadores de pobreza (Puebla Nros. 1138, 1159, 12 1160).

- Solidarizarse con los pobres y apoyarlos en sus luchas legítim (Puebla Nº 525 y 1162).

- Estimular y apoyar las organizaciones autónomas de los pobres, tanto en el sentido de su creación como en su recuperación o renovación (Puebla 711, 1163).

- Valorizar la cultura popular, especialmente la religión del pueblo, procurando evangelizarla y fomentar su potencial liberador (Puebla 396, 450).

- Convocar a los pobres no solamente para que vengan a la Iglesia, sino también sean Iglesia a través de las Comunidades Eclesiales de Base, de la creación de nuevos ministerios y de la participación general en todos los niveles.

- Distanciarse de los poderosos para no poner en cuestión la transparencia del Evangelio y no provocar el escándalo de los pequeños.

- Excluir de la comunión sacramental a los opresores notorios e impenitentes, etc.

Exigencias políticas

Estas afectan especialmente a los laicos de la Iglesia, aunque no exclusivamente.

Una opción auténtica por los pobres exige un comportamiento político coherente, ya que solamente una acción política adecuada posibilita el cambio de las estructuras injustas. El pobre surge como criterio-clave de toda actuación política (Puebla 525-792). Esto impone:

- Preocuparse de conocer profunda y críticamente la situación de los pobres y las causas que la generan, a fin de adoptar una posición política lúcida y eficaz;

- Enjuiciar los partidos y organizaciones políticas, los programas de gobierno, las ideologías o los proyectos históricos a partir de la óptica y

de los intereses de los pobres. Y actuar en consecuencia.

No se trata evidentemente de hacer demagogia o apoyar ingenuamente todo lo que el pobre quiere: éste se puede engañar o ser engañado. Se trata de apoyar lo que real y efectivamente contribuye a su liberación, que para el cristiano no termina en lo social, sino que se proyecta a lo espiritual y trasciende lo temporal.

6 - POTENCIAL EVANGELIZADOR DE LOS POBRES

Los pobres y humildes son los confidentes privilegiados de Dios y los más aptos servidores de sus planes. "Yo te alabo, Señor del Cielo y de la Tierra", oraba Jesús, "por haber ocultado estas cosas a los sabios y haberlas revelado a los pequeños". Y San Pablo escribe: "Dios eligió lo que el mundo tiene por necio para confundir a los sabios; lo que el mundo tiene por débil para confundir los poderosos" (1 Cor. 1, 27). Y es así, como los pobres poseen un valioso potencial evangelizador.

San Vicente de Paúl vivió, en forma notable, la opción por los pobres. "Solicitado por todas partes por el espectáculo de la miseria, Vicente de Paúl responde a todos los llamamientos; anticipábase incluso a desgracias que no llegaban a manifestarse... supo enfrentarse a todas las calamidades que los acontecimientos y la inconsciencia de los hombres provocan... Una tras otra salían de sus manos las obras, las instituciones, los grupos cuyo único objetivo era hacer menos dura, menos injusta y cruel la vida de los humildes en la tierra...".

Lo que hoy llamamos nosotros "doctrinas sociales", ya tenía sus bases puestas por él "de bondadosa y sencilla manera, sin preocuparse mucho de las teorías" (Daniel-Rops: La Iglesia de los Tiempos Clásicos. Un arquitecto de la Iglesia moderna: San Vicente de Paúl).

En el contacto directo con los pobres, ignorantes y hambrientos, Vicente fue descubriendo y confesaba que "entre estas pobres gentes se conserva la verdadera religión y se halla una fe viva". Y ya anciano, después de haber dedicado sus últimos cuarenta años a evangelizar, confiesa con emoción y gratitud: "los pobres me han evangelizado"[17]. En

ellos había reconocido el rostro de Cristo. Ellos le ayudaron a descubrir a Cristo pobre, evangelizador de los pobres. Los pobres fueron "camino" y "puerta" hacia la santidad.

Los obispos latinoamericanos reconocen en Puebla el potencial evangelizador de los pobres y lo explican, exhortando a utilizarlo en la tarea de evangelizar América Latina (Nros. 396, 450.1147).

"El fracaso esencial de la Iglesia -la de ayer y la de hoy- sería no dar la "preeminencia" en ella a los pobres. Y mucho más no encontrarlos en sus filas. Consciente de esta "preeminencia" de los pobres en la Iglesia, Vicente lanzará su consigna: "Vayamos, pues, hermanos míos, y dediquemosnos con nuevo amor a servir a los pobres, e incluso busquemos a los más pobres y a los más abandonados; reconozcamos delante de Dios que son nuestros señores y nuestros maestros y que somos indignos de ofrecerles nuestros pequeños servicios. Al mismo tiempo, nos entrega un secreto de amor y de servicio: "la mejor manera de asegurar nuestra felicidad eterna es vivir y morir al servicio de los pobres, en los brazos de la Providencia y en un renunciamiento de nosotros para seguir a Jesucristo".

En esta misma línea de pensamiento nos pone frente a nuestra responsabilidad: "¡Ah, tendríamos que vendernos a nosotros mismos para sacar a nuestros hermanos de la miseria!".

Ansioso de hacer cobrar conciencia a los hombres y de agudizar su responsabilidad social ante la miseria de los pobres, proclama: "Dios nos conceda la gracia de conmover nuestros corazones para con los pobres y pensar que ayudándolos practicamos la justicia y no la misericordia".

Finalmente consciente de que en la Iglesia y en la sociedad, todos vivimos del trabajo de los pobres, exclama: "Vivimos del patrimonio de Jesucristo y del sudor de los pobres... Somos responsables si ellos, los pobres, sufren por su ignorancia y sus pecados; en consecuencia somos culpables de todo lo que sufren, si no sacrificamos toda nuestra vida para instruirlos"[18].

Es la lección magnífica de quien ha hecho de su vida y su sacerdocio un heroico servicio a Cristo en la persona de los pobres.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

CRISTO, IGLESIA, POBRES

"Sea cual sea la realidad y el rostro de la miseria, Vicente de Paúl jamás separará Cristo, Iglesia, Pobres... El encuentro con los pobres le hace descubrir el Evangelio de Jesús, enviado a los pobres. En un mismo acto descubre a Cristo, la Iglesia, y los pobres... tres realidades que mutuamente se iluminan.

La línea original de construcción de la Iglesia -Iglesia-Pobres- parece olvidada, abandonada en la Iglesia de su tiempo... Vicente intenta restablecer el sacerdocio y el laicado en contacto con los pobres. Cuando se está con los pobres, se está seguro de permanecer en la Iglesia de Cristo. En realidad, Vicente piensa e intenta realizar una conversión radical de la actitud de la Iglesia... Entonces se presentará a la mirada de la sociedad como "sierva pobre". Este servicio y esta pobreza harán cobrar conciencia al hombre de una realidad: los ricos no son admitidos en la Iglesia más que para ser los servidores de los pobres", los administradores de las riquezas que Dios ha depositado en sus manos...

Vicente entregará una fórmula de vida: "Los pobres son nuestros señores y maestros", maestros de vida y de pensamiento. Junto a ellos, el pensamiento se rectifica, la acción se ajusta e interiormente se modela. El nos confesará silenciosamente que en la Iglesia y en la sociedad se debe comprender todo, amar todo, organizar todo, a través de estas realidades verdaderas de los pobres".

(*Vicente de Paúl y los pobres de su tiempo*, de J. M. Ibáñez).

LA LECCION DE UNA VIDA

"Dios había transformado a Vicente de Paúl de cazador de cargos eclesiásticos en un consagrado a los pobres".

A partir de ese momento, la voz de Vicente de Paúl será la voz y el clamor de los pobres y desamparados.

Apoyándose en su rica experiencia, deja a sus misioneros y misioneras y a todos los cristianos que optan por los pobres estas palabras-lección: "Es necesario darse a Dios para amar a Jesucristo y servirle en los pobres".

Este don, en definitiva, es la respuesta del hombre a un Dios fiel, sorprendente y comprometido en la historia humana. Al mismo tiempo introduce al hombre en el dinamismo del espíritu de Cristo y le permite desarrollar las dos virtudes, que caracterizan al Hijo de Dios: "La religión para con el Padre y la caridad para con el hombre".

Abordada en esta perspectiva, se puede descubrir la riqueza y la profundidad del pensamiento de Vicente de Paúl: "continuar la misión de Cristo", de ese Cristo que "estará en agonía", en cada hombre "hasta el fin de los días" (Blas Pascal).

...Al mismo tiempo que la gracia y la miseria de los demás le purifican, vuelve a dar a la Iglesia su verdadero sentido: el sentido de los pobres.

Vicente adquiere una visión evangélica de los pobres y comienza todo un movimiento de acción y de doctrina en beneficio de los desdichados"...

(*"Vicente de Paúl (realismo y encarnación): descubrimiento de los pobres"*, de José M. Ibáñez).

NUEVA EXPRESION DEL AMOR A LOS PUEBLOS

"La Opción de los pobres (OP) es el nombre nuevo, la expresión moderna de la "caridad" antigua, del amor al prójimo de siempre... Podríamos decir sintética y rápidamente que consiste en la dimensión social de la caridad o en el carácter político del amor evangélico".

"Para utilizar otros calificativos, se trata en la OP del aspecto estructural, colectivo, transformador, liberador y hasta revolucionario del Evangelio vivo. Más sencillamente, tenemos aquí ante la vista la cuestión de la justicia social, "el amor de relaciones largas" (P. Ricoeur) o la "macro-caridad" (J. Comblin).

...Podríamos decir que el pobre hoy no se presenta como el pobre de ayer. Hoy se muestra, en el nivel de nuestra consciencia histórica, como realidad colectiva y, al mismo tiempo, conflictiva. Pues bien, el pobre ha de ser amado tal como es en concreto. Por eso, la OP ha de asumir las determinaciones históricas que son hoy las suyas".

"Hoy se trata de una "opción", lo cual supone una toma de postura social o de una elección histórica de gran envergadura y de enorme alcance. Si el amor cristiano quiere hoy ser lúcido y eficaz, tiene que tomar la forma de la OP. "La Opción por los pobres" es un nuevo rostro del amor: amor de ojos abiertos y de manos activas; amor fermento en la historia y semilla de una "civilización alternativa", que es precisamente la "civilización del amor"".

(Pixley-Boff: *Opción por los pobres*, cap. VI).

V - EL PUEBLO PROTAGONISTA DE LA HISTORIA ECLESIAL Y CIVIL

1 - UN HECHO PECULIAR DE AMERICA LATINA

En los países dependientes -el nuestro lo es- la noción proletariado incluye no sólo la clase trabajadora, sino también la nación entera. En estas naciones son explotados simultáneamente los trabajadores y todo el pueblo. Se puede hablar, entonces, de un proletariado nacional. Y en este caso, el conflicto obrero-patrón está incluido y agravado en el conflicto nación-imperialismo: lo más incluye lo menos. El hecho modifica la noción de pueblo y antipueblo.

Son pueblo las mayorías empobrecidas y los sectores de la burguesía que se solidarizan con ellas y con la causa del país, y comparten la lucha por la liberación social y nacional. Quienes se colocan en la acera de enfrente configuran el antipueblo.

En este contexto y en relación al tema, entendemos por pueblo el conjunto de los pobres y de los oprimidos que, como bloque social, son mayoría, sujeto y agente de liberación.

El pueblo latinoamericano es protagonista de la historia de la Iglesia y de la Sociedad política, en razón de su cultura de raíces profundamente cristianas y por ser mayoritariamente bautizado. En él, la sociedad eclesial y la civil, sin perjuicio de sus respectivas identidades y autonomías, se relacionan e influencian tan profundamente que puede afirmarse que la Iglesia es latinoamericana y Latinoamérica es católica.

2 - UN PUEBLO POCO INSTRUIDO EN LA FE, PERO DE FE VIVA

El pueblo de América Latina es poco instruido en la fe, pero vive animado y sostenido por la fe.

"Con deficiencias y a pesar del pecado siempre presente", dicen los

obispos en Puebla (Nº 445), "la fe de la Iglesia ha sellado el alma de América Latina, marcando su identidad histórica esencial y constituyéndose en la matriz cultural del continente, de la cual nacieron los nuevos pueblos".

Es así como nuestros pueblos viven espontáneamente los valores evangélicos de la fraternidad, la solidaridad, el servicio, la sencillez y la disponibilidad para acoger el don de Dios (Puebla Nº 1147) y manifiestan una religiosidad que, aparte sus aspectos negativos, brota de los grandes misterios cristianos y nutre su capacidad de sufrimiento ante la dura existencia y de una esperanza que le permita enfrentarla con grandeza de ánimo y le lleva a crear tiempos de alegría y a esperar confiadamente y con astucia los momentos oportunos para avanzar hacia la ansiada liberación (Puebla 448, 452, 4565, 109).

Estas vivencias cristianas y la fidelidad a la Iglesia Católica del pueblo latinoamericano sorprenden y prueban el hondo arraigo del catolicismo en América Latina. Porque "ni las tormentas revolucionarias, ni los abandonos de enormes regiones por parte de un clero diezmado, ni la propaganda adversa al catolicismo han logrado apartar de la Iglesia a la inmensa mayoría de nuestro continente" (Alvarez Mejía: Indices de nuestro catolicismo, Revista "Latinoamérica", tomo IV, 1954).

"Se cree que Hispanoamérica ha sido, durante cinco siglos de historia, un continente católico de continuado desarrollo religioso. Y la verdad dura y triste es que, durante más de un siglo, Hispanoamérica sufrió en su religiosidad católica el más hostil e implacable ataque bifrontal: de parte del liberalismo interno y de parte del imperialismo protestante, ataque mancomunado del Poder y de la Riqueza, sólo comparable con el que realizó Rusia contra los países ocupados" (Cuadra, Revista "Latinoamericana", tomo 111, 1951).

-Esta dimensión religiosa del pueblo ha sido sistemáticamente silenciada por la mayoría de los historiadores, los sociólogos y los intelectuales. Unos a causa de sus prejuicios, otros en razón de sus ideologías o de su espíritu sectario. El hecho está ahí y marca el estilo de

vida del hombre latinoamericano.

Nuestra misma Iglesia, acostumbrada hasta la Conferencia General de Medellín a ver e interpretar la realidad del continente con "ojos europeos", no caló en profundidad este hecho ni percibió la fuerza de transformación y de evangelización que significaba un pueblo protagonista, a la vez de la vida eclesial y política.

Fue en Medellín y en Puebla sobre todo que la Iglesia se decidió por una Pastoral Popular.

3 - PASTORAL DESDE EL PUEBLO Y CON EL PUEBLO

La pastoral es el conjunto de actividades tendientes a evangelizar a los hombres, tanto cristianos como a no cristianos. A éstos para proclamarles el misterio de Jesucristo y facilitar la adhesión a su persona.

A aquellos para promover una mayor identificación con el Divino Maestro. "La Iglesia siempre tiene necesidad de ser evangelizada, si quiere conservar su frescor, su impulso y su fuerza para anunciar el Evangelio" (Pablo VI: Evangelii Nuntiandi, 19).

La Iglesia, hasta Medellín, elaboraba una Pastoral "para el pueblo", no "desde" y "con el pueblo": desaprovechaba la fuerza histórica de éste. En adelante cambia su estrategia. Nace la Pastoral Popular.

La Pastoral Popular gira en torno al pueblo. Este es su punto de arranque y de llegada y su agente sobre todo. "La Iglesia, dicen los obispos argentinos, ha de discernir acerca de la acción liberadora o salvífica desde la perspectiva del pueblo y de sus intereses, pues por ser éste sujeto y agente de la historia humana que "está vinculada íntimamente a la Historia de la Salvación", los signos de los tiempos se hacen presentes y descifrables en los acontecimientos propios de ese mismo pueblo o que a él afectan... Por tanto, la acción de la Iglesia no debe ser orientada solamente hacia el pueblo, sino también y principalmente desde el pueblo mismo.

Esto supone:

- amar al pueblo, compenetrarse con él y comprenderlo;

- confiar en su capacidad de creación y en su fuerza de transformación;

- ayudarle a expresarse y a organizarse;

- escucharlo, captar y entender sus expresiones, aunque respondan a culturas de grado distinto;

- conocer sus "gozos y esperanzas, angustias y dolores", sus necesidades y valores; reconocer especialmente lo que quiere y desea de la Iglesia y de sus ministros;

- discernir en todo ello, lo que debe ser corregido o purificado, lo que tiene una vigencia presente, pero transitoria; lo que contiene valores permanentes y gérmenes de futuro;

- no separarse de él, adelantándose a sus reales deseos y decisiones;

- no transferirle problemáticas, actitudes, normas o valores que le son ajenos y extraños, especialmente cuando ellos le quiten o debiliten sus razones de vivir y razones de esperar" (Declaración de San Miguel: Pastoral Popular - 1969).

- La Pastoral Popular implica la tarea de encarnarse en el pueblo hasta identificarse con él, a imitación del Hijo de Dios que se hizo hombre, semejante en todo a nosotros, excepto en el pecado. Lo que significa "sentirse pueblo", "compartir su vida, sus aspiraciones, sus luchas". Sólo incorporándose a los sujetos reales que construyen la historia en la línea de la liberación, la Iglesia se hace protagonista y tiene significado para los hombres que aspiran y luchan por una sociedad nueva[19].

Esto no equivale a descuidar o subestimar la misión y tarea específica y esencial de la Iglesia. Al contrario, es replantearlas y actualizarlas, desde la óptica del pueblo, para que respondan más y mejor al hombre de hoy y éste reconozca que el aporte de la Iglesia es necesario y no podrá hallarlo en otra parte. Solamente a través de la acción que le es propia, la Iglesia podrá encarnarse en el pueblo, sin menoscabo de su identidad, conservando su razón de ser, que es liberar en Cristo "toda la historia de los hombres, dando paso al Reino de Dios".

- En la Pastoral Popular, el pueblo desempeña el protagonismo principal y decisivo. Un protagonismo que no excluye el protagonismo de los no pobres. También los sectores que poseen mucho (cultura, poder, riqueza, prestigio...) tienen un lugar y una función en la construcción de una sociedad digna del hombre. También ellos son Iglesia y participan de su misión evangelizadora.

Una por su objetivo (convertir, evangelizar, engendrar la nueva criatura: el hijo de Dios), la Pastoral, en razón de las distintas situaciones sociales, particularmente en términos de clase, se diversifican por sus métodos. Así emanan de la Pastoral Popular, la pastoral de los empresarios, de los profesionales, de los trabajadores, de los intelectuales, de la familia, de la juventud, etc.

El pluralismo pastoral es legítimo siempre y cuando todas las pastorales converjan hacia la misma meta: el Reino de Dios, que es reino de verdad y santidad, de amor y solidaridad, de justicia y de paz. Esta convergencia incluye indefectiblemente la opción preferencial por los pobres. Las distintas pastorales anteriormente citadas y toda otra adquieren derecho de ciudadanía en la Iglesia de hoy, sólo en la medida en que incorporen la opción por los pobres y se enlacen con la Pastoral Popular.

- ¿Son antagónicas la pastoral de los pobres y la pastoral de los no pobres? No en todo y necesariamente. No lo son en las cuestiones que están por encima de los intereses de clase. Ni lo son incluso en los asuntos que implican intereses de clase, en la medida en que los no pobres (sectores medios y altos) respeten las exigencias de la justicia y de la solidaridad con los pobres. Pues refuerzan la pastoral de los pobres, contribuyendo a la liberación de los mismos.

Si los no pobres practican la injusticia con los pobres, manteniendo o reforzando las estructuras opresoras, la Iglesia no puede hacer otra cosa que estar contra las prácticas injustas de los no pobres. Y, obrando de esta manera, está a favor de sus personas y de su salvación (Pixley-Boff: *Opción por los pobres*).

4 - UN PASO DECISIVO SIN DUDA; AUN QUED... MUCHO POR ANDAR

La Pastoral "desde" el pueblo y "con" el pueblo los pobres y oprimidos) es un retorno a la estrategia que empleó Jesús y los apóstoles para proclamar la Buena Noticia del Reino de Dios: partieron de la periferia (lo distante, lo empobrecido, lo menospreciado) hacia el Centro de la unidad, el poder, la riqueza, el prestigio. Y lo hicieron en el ámbito geográfico y en el ámbito socio-cultural.

En el ámbito geográfico, Jesús inició su actividad apostólica en Galilea "de los gentiles", distante de Jerusalén, centro religioso y político y de Galilea avanza hacia Jerusalén. Sus discípulos, más concretamente Pedro y Pablo, desde Jerusalén, en la periferia del imperio, avanzan hacia su centro que es Roma.

La estrategia se hace más notoria en el ámbito socio-cultural. Son los pobres, los afligidos, los marginados, los primeros y preferidos destinatarios del Reino. Jesús es el Salvador de todos los hombres, pero lleva a cabo su acción salvífica desde su condición de pobre y con los pobres. "No cabe duda que su plataforma estratégica de lanzamiento de la Buena Noticia son los pobres. Desde allí y sólo desde allí, Jesús habla a todos. Y desde los pobres y los esclavos, Pedro y Pablo comienzan su predicación en la Roma imperial"[20].

- En un continente donde la participación del pueblo "en las decisiones es tan mínima que no le permite ser artífice real de su propio destino, la opción por una pastoral "para", "desde" y "con los pobres" significa un paso de suma audacia y valor, llamado a repercutir hondamente, tanto en la vida de la Iglesia, como en la vida socio-política. Queda aún mucho por andar: entre una decisión y su concreción hay un gran trecho. Y la marcha será lenta y fatigosa: no resultará fácil superar mentalidades instaladas y desmontar costumbres arraigadas.

En nuestra América, aún hay Iglesias que elaboran su pastoral "a distancia" del pueblo y desde la "óptica" de los sectores medios. De ahí una pastoral que no responde satisfactoriamente a la lucha y las

aspiraciones del pueblo y no permite a la Iglesia ser "fermento y alma de la sociedad que debe renovarse en Cristo y transformarse en Familia de Dios" (Concilio Vaticano II: Gozo y Esperanza, 40).

Encarnada en los sectores "satisfechos", la Iglesia corre el peligro de instalarse y aburguesarse. Sólo inserta en el mundo crucificado de los pobres y oprimidos, la Iglesia descubre en el Evangelio y extrae del mismo, su inmensa riqueza y energía liberadoras.

"América Latina, escribe Enrique Dussel, vive en el presente una etapa especial de su historia: su segunda emancipación... En la primera emancipación, el sujeto revolucionario fue la oligarquía criolla; ahora, en la segunda emancipación, es el pueblo de los pobres, como "bloque social" de los oprimidos... Sólo el pueblo mismo puede evangelizar al pueblo, desde su propia cultura popular. Por ello, es esencial, en el proceso evangelizador de la liberación que, desde la comunidad eclesial misma, "el pueblo evangelice al pueblo" en la identidad de su propia cultura. En ello va el destino de la Iglesia, en América Latina y en el mundo periférico del Africa y de Asia" (Etica Comunitaria 16, 1; 8, 10).

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

IGLESIA Y MUNDO

La Iglesia, sin pretender de ninguna manera mezclarse en la política de los Estados, "sólo desea una cosa": continuar, bajo la guía del Espíritu Paráclito, la obra misma de Cristo, quien vino al mundo para dar testimonio de la verdad, para salvar y no para juzgar, para servir y no para ser servido (Juan 3, 17; Mat. 20, 28; Marc. 10, 45). Fundada para establecer desde acá abajo el Reino de los cielos y no para conquistar un poder temporal, afirma claramente que los dos campos son distintos, de la misma manera que son soberanos los dos poderes, el eclesiástico y el civil, cada uno en su terreno. Pero viviendo en la historia ella debe "escrutar a fondo los signos de los tiempos e interpretarlos a la luz del Evangelio". Tomando parte en las mejores aspiraciones de los hombres y sufriendo al no verlas satisfechas, desea ayudarlos a conseguir su pleno desarrollo y esto precisamente porque les propone lo que ella posee como propio: una visión global del hombre y de la humanidad".

(*"EL DESARROLLO DE LOS PUEBLOS"*, Pablo VI, Nº 13).

"EN EL MUNDO SIN SER DEL MUNDO"

"La Iglesia tiene que ser levadura de la masa, debe ir a los hombres y estar plenamente con ellos, con sus problemas y sus tanteos... Esto es verdad. Pero supongamos que no se tenga en el mismo grado o se tenga insuficientemente el sentimiento de que la Iglesia es algo distinto, diferente de la animación del movimiento de la historia o de la felicidad humana en su propia línea: se correría entonces el riesgo de perderse a sí misma en el movimiento del mundo... o en movimiento obrero... y de no aportarles ese "algo distinto" del Evangelio y del Reino de Dios, que es el contenido esencial de su misión. Se olvidaría entonces que, si la Iglesia es para el mundo, no para sí misma... es y debe ser ante todo, algo distinto del mundo: un orden de santidad y salvación que no viene del mundo, que el mundo no puede comprender...".

"Por el contrario, se podría estar muy penetrado por el sentimiento de que la Iglesia es algo diferente del mundo, que es un orden aparte con sus propias leyes, sus maneras de ser propias, sus exigencias, no sólo de vida profunda, sino también de comportamiento social, también propias; pero al mismo tiempo no sentir, como una llaga en carne viva, el gemido del vasto mundo y de la tierra de los hombres. Entonces sería un exacto observante de las reglas católicas... pero existiría poca inquietud por acercarse a los hombres alejados, a sus problemas, a lo que puede haber de válido en las aportaciones de la Historia...

Temo... que la Iglesia, tomada como cuerpo aparte de santidad... adquiere un cariz de secta... Temo también que la Iglesia aparezca, sobre todo, como un gran aparato clerical de poder, muy poco apostólico. Se tendrá entonces, un clero de los fieles, la autoridad de la Iglesia, es decir, de este cuerpo clerical poco abierto al mundo, poco en situación de levadura en la masa".

(*Sacerdocio y Laico*, de Congar.
Capítulo sobre el Apostolado Laico).

VI - PASTORAL DEL MUNDO DEL TRABAJO

1 - UNA FORMA ESPECIFICA DE LA PASTORAL POPULAR

Los trabajadores, aunque son la parte mayoritaria del pueblo, no constituyen todo el pueblo.

Las personas en condición de trabajo, es decir, con capacidad para el trabajo y con derecho y obligación a trabajar, tienen una idiosincrasia aspiraciones y problemas propios. A este sector social atiende la Pastoral del Trabajo o Pastoral Obrera, que no es ni más ni menos que la Pastoral Popular aplicada a las inquietudes y las necesidades de los hombres que trabajan. Una Pastoral Popular especializada.

La importancia y la urgencia de la Pastoral del Trabajo resultan del protagonismo que hoy está llamada a desempeñar la Clase Trabajadora: la historia le ofrece la oportunidad de construir un mundo digno del hombre. Es su hora histórica. Sin la Clase trabajadora, la Iglesia no podría encarnarse en la historia y en la cultura del pueblo. El mundo futuro correría el peligro de ser construido al margen de la misma y de no responder al anhelo universal de una humanidad próspera, justa, solidaria fraterna.

Ciertamente hubieron en nuestra Iglesia intentos de Pastoral del Trabajo y los hay mayores en la actualidad. Pero en muchos de ellos percibimos un pecado original: la ausencia o la reducida presencia de los trabajadores. Y sin la suficiente presencia de trabajadores cristianos en la elaboración y ejecución de la Pastoral del Trabajo, ésta es inadecuada e ineficaz.

2 - LA PASTORAL DEL TRABAJO RECLAMA EN LA ACTUALIDAD DOBLE ACCION

Tal como se dan las cosas, la Pastoral del Trabajo debe accionar en

dos frentes: en el interior de la Iglesia y en el mundo mismo del trabajo.

La acción interna debe ser dirigida a promover la conversión de toda la Iglesia al mundo trabajador. "No todos en la Iglesia de América Latina, afirman los obispos en Puebla, nos hemos comprometido suficientemente con los pobres; no siempre nos preocupamos por ellos y somos solidarios con ellos" (Puebla 1140). En la práctica, la Iglesia ha dado mayor atención a otras clases sociales que a la clase trabajadora. Es significativo que no haya trabajadores o los haya en cantidad insignificante en muchos Consejos Pastorales u Organismos eclesiales de Consulta, tanto a nivel nacional como diocesano y parroquial. Y pocas veces se los consulta seriamente aún en los problemas que atormentan su propio mundo.

No es suficiente la presencia activa de un grupo de cristianos en el mundo del trabajo: resulta poco efectivo y duradero. Es necesario el testimonio de toda la Iglesia o Comunidad Cristiana. Además la evangelización es tarea de la Iglesia entera.

La acción externa apunta a hacer presente a la Iglesia en el mundo del trabajo para:

- proclamar la Buena Noticia de la Salvación y mostrar a Cristo activamente presente en el corazón de las masas trabajadoras;
- ofrecer e impulsar la liberación de todo el hombre y de todos los hombres;
- comprometerse, de palabra y con hechos, en la lucha por la justicia y en la construcción de un modelo social y una convivencia humana dignos el hombre, que es preparar la llegada del Reino de Dios.

3 - PRINCIPIO CLAVE DE LA PASTORAL DEL TRABAJO

La Pastoral del Trabajo se apoya sobre el principio que es la base y la clave de la Pastoral Popular: "Para el Pueblo, desde el Pueblo, con el Pueblo".

El principio, al ser trasladado al mundo del trabajo, sin perder su substancia, recibe una nueva formulación: "Para los trabajadores, desde

los trabajadores, con los trabajadores".

Es el único principio capaz de generar una auténtica Pastoral del Trabajo. Porque reconoce y asume el protagonismo irreemplazable de la clase trabajadora. Y conduce a una pastoral, en la que los trabajadores son sujetos y agentes de la misma. Sin ellos, la Pastoral del Trabajo no logra ser lúcida ni eficaz: carecería del conocimiento en carne propia, de la voluntad de cambio, de la fuerza revolucionaria de quienes son víctima mayoritaria de la injusticia y de la explotación.

Son útiles por cierto y necesarios incluso el diagnóstico del sociólogo y la reflexión del teólogo: profundizan la visión experimental que tiene el trabajador de su situación de injusticia y contribuyen a que su lucha por la justicia no se detenga en los frutos amargos, sino que ataquen las raíces que los genera y se intente el cambio de las estructuras injustas por otras humanas. Pero son imprescindibles la experiencia dolorosa y la voz angustiada del trabajador: hacen que el diagnóstico del sociólogo y la reflexión del teólogo partan de la realidad concreta y señalen el camino acertado hacia una sociedad justa y fraternalmente solidaria.

El Papa Pío XI decía: "Los primeros apóstoles de los obreros, los más inmediatos, son los mismos obreros". "No afirma el Papa, comenta José Cardijn, que éste es el único apostolado... El apostolado del obrero sobre el obrero es irreemplazable. Ni el patrón ni el sacerdote pueden sustituirlo. Pero todos pueden cooperar, ayudar a formarlo, a sostenerlo". El mismo Cardijn, fundador de la JOC, señalaba la urgencia de la Pastoral Obrera, cuando advertía: "Es la Hora de la Clase Obrera"... "En esta hora que va a decidir el porvenir del mundo y de la Iglesia, la Clase Trabajadora gravitará en forma tal sobre la orientación de la humanidad que su misión será decisiva en la historia. Del lado hacia el cual se incline ella, se inclinará la mayoría de los hombres, y la orientación que ella adopte decidirá en gran parte la orientación del mundo, las dificultades o posibilidades del mañana"[21].

4 - LA SALVACION O LIBERACION TOTAL, META DE LA PASTORAL DEL TRABAJO

La evangelización, razón de ser de la Iglesia, se inserta y avanza en la línea de la liberación anhelada por el hombre. Responde a este profundo anhelo humano, no solamente colmándolo plenamente sino sobrepasándolo. Porque le ofrece la libertad de los hijos de Dios.

La misión de la Iglesia se inscribe ciertamente en el campo religioso, pero no se detiene en él; se extiende al campo profano y temporal y abarca todos los aspectos de la existencia humana: lo personal o privado y lo social o público, realizando en uno y otro campo, bajo distintos signos, el Reino de Dios.

El Sínodo de obispos de 1971 justifica la intervención de la Iglesia en el área profano y de lo temporal: "Si la Iglesia se hace presente en la defensa o en la promoción de la dignidad del hombre, lo hace en la línea de su misión, que aún siendo de carácter religioso y no social o político, no puede menos de considerar al hombre en la integridad de su ser. El Señor delineó en la Parábola del Buen Samaritano (Lc. 10, 29 y ss.), el modelo de la atención a todas las necesidades humanas y declaró que en último término se identificará con los desheredados -enfermos, encarcelados, hambrientos, solitarios- a quienes se haya tendido la mano. (Mt. 25, 31 y ss). La Iglesia ha aprendido en estas y otras páginas del Evangelio (Cfr. Mc. 6, 35-44) que su misión evangelizadora tiene como parte indispensable la acción por la justicia y las tareas de promoción del hombre".

La salvación o liberación total del hombre en Cristo, meta suprema de la Pastoral del Trabajo, se anticipa y va realizándose en y a través de las liberaciones históricas.

Entra dentro de su misión anunciar y favorecer la liberación que ofrece Jesucristo. Lo específico de la Iglesia es aportar la salvación evangélica, hacerla explícita y proclamarla a los hombres y ayudar a que muchos de ellos no solamente la realicen sino que la expresen en un acto de adhesión a Cristo (fe) y se incorporen a quienes profesan comunitariamente esa fe (Iglesia).

La salvación y las liberaciones humanas no se identifican. Estas son siempre fragmentarias, nunca plenas y se mantienen siempre en el marco de la historia. La salvación incluye y encierra dentro de sí las liberaciones humanas, sin embargo no se agotan en ellas, las sobrepasa y avanza hacia su plenitud más allá del tiempo, en la eternidad.

La salvación es el proceso de liberación de todo el hombre, que transita a través de las distintas mediaciones: la económica (liberación de la pobreza real); la política (liberación de la marginación del poder político); la cultura (liberación del analfabetismo y de la ignorancia); la pedagógica (liberación de la educación despersonalizada); la religiosa (liberación del pecado o rechazo de Dios y de su proyecto).

Si bien no se identifican salvación y liberación, tampoco se sobreponen. Constituyen una sola liberación con dos dimensiones distintas: la humana y la divina, estrechamente unidas, algo así como acontece en Jesucristo verdadero Dios y verdadero hombre: la misma persona divina (el Hijo de Dios) que asume dos naturalezas distintas (la divina y la humana), íntimamente unidas sin confundirse.

- La tarea de la Pastoral del Trabajo, al igual que la tarea de toda la pastoral, por ser evangelizadora, exige subordinación a tres condiciones:

- **Primera:** actuar desde el Evangelio. "No es, pues, en datos puramente sociológicos, psicológicos o políticos, donde encontramos los criterios de nuestra enseñanza y conducta, sino en la fe, en la comunión de vida con Jesucristo y en la felicidad plena a la doctrina de la Iglesia. Pensando... que en caso de no aportar estas luces que sólo destellan desde el Evangelio, en poco o nada os diferenciaríais de otros analistas y trabajadores sociales. Si vuestros oyentes observan que vuestra mirada no va más allá de lo apreciable dentro de los horizontes profanos, se preguntarían asombrados dónde está y en qué se manifiesta la originalidad de vuestra presencia, de vuestro mensaje"[22].

- **Segunda:** presentar integralmente el mensaje evangélico. "Por otra, prosigue el Papa Juan Pablo II, el mensaje evangélico no será auténtico y, en consecuencia, no será capaz de renovar en profundidad la vida cristiana, si no es proclamado en todo su pureza e integridad. Hay que superar, pues, la tentación de reducir el Evangelio a ciertos pasajes interpretados según los propios gustos y opiniones o según posturas ideológicas preconcebidas... No debemos olvidar que la fuerza eficaz y transformadora de la Palabra de Dios no dimana de la elocuencia humana con que viene proclamada, sino de la verdad inherente a ella, es decir, de su autenticidad como Palabra de Dios".

- **Tercera:** apuntar, ante todo y prioritariamente, al corazón del hombre: la conversión interior. "La Iglesia considera ciertamente importante y urgente la edificación de estructuras más humanas, más justas, más respetuosas de los derechos de las personas, menos depresivas y menos avasalladoras, pero es consciente de que aún en las mejores estructuras, los sistemas más idealizados se convierten pronto en inhumanos, si no hay conversión del corazón y de la mente por parte de aquellos que viven esas estructuras o las rigen"[23].

5 - NECESIDAD DE UN ORGANISMO REPRESENTATIVO

La suerte de la Pastoral del Trabajo depende, además de la gracia divina, del organismo responsable de su elaboración y de su puesta en práctica. Esta es la clave del funcionamiento de toda pastoral.

La Pastoral del Trabajo funcionará en forma adecuada y eficaz en la medida en que el organismo responsable de la misma sea en la realidad representativo del Mundo del Trabajo. Y tal será si los trabajadores activamente comprometidos con su mundo participan en él en cantidad suficiente, con plena libertad de expresión y con poder de decisión.

No hay Iglesia sin sacerdocio y sin laicado. Por consiguiente el organismo de la Pastoral del Trabajo ha de ser integrado por obispos y sacerdotes, por trabajadores y por peritos en las cuestiones que hacen a la problemática de los hombres que trabajan. Todos al servicio de la

evangelización, en relación de fraternidad, aportando generosamente su contribución específica, desde y por la causa de los pobres.

6 - TAREA DE PROMOCION, DE COORDINACION Y DE INSERCION

Tres aspectos comprende la tarea de la Pastoral del Trabajo: el de promoción, el de coordinación y el de inserción.

PROMOCION

- Asumir la cultura del pueblo trabajador y sus hallazgos para difundir y explicar el mensaje de Cristo y expresarlo mejor en la celebración litúrgica e iluminar y acompañar la vida y las luchas del mundo del trabajo.

- Divulgar la Enseñanza Social de la Iglesia e impulsar su estudio y profundización (cursillos, jornadas de estudio, charlas, etc.).

- Crear una escuela de formación de dirigentes y líderes y activistas trabajadores, primer paso para una futura Universidad Laboral. Ambas instituciones con carácter eclesial, no eclesiástico, con un asesor eclesiástico pero dirigida por laicos.

- Apoyar y promover asociaciones y movimientos cristianos laicales dedicados al servicio y evangelización del Mundo del trabajo. Crear otros que llenen los espacios vacíos.

- Estimular las organizaciones autónomas populares tanto en el sentido de su creación como de su renovación.

COORDINACION

- Coordinar la acción y los esfuerzos de las distintas instituciones y diversos movimientos o grupos cristianos que actúen en y en pro del Mundo del Trabajo, a nivel parroquial, diocesano y nacional, con miras a una pastoral de conjunto, que aúne objetivo generales, líneas y criterios de acción.

INSERCION

- Hacerse cada vez más y mejor presente en los acontecimientos que protagoniza el pueblo trabajador o le afectan.

- Solidarizarse con los trabajadores y acompañarlos en las luchas por sus legítimas aspiraciones y en sus esfuerzos por un mundo justo y fraternalmente solidario.

- Tener un diálogo fluido con las organizaciones sindicales, las organizaciones autónomas populares, con los mismos trabajadores.

Es ardua, por lo compleja, la tarea de la Pastoral del Trabajo. No se trata tanto de convocar a los hombres de trabajo para que vengan a la Iglesia cuanto de que la Iglesia se inserte en el mundo del trabajo, como comunión viva de fieles. Y allí responda comunitariamente a los desafíos de la pobreza y de la opresión y sus miembros pongan en común no sólo su fe y su esperanza, sino principalmente su vida, sus problemas, sus dolores, sus triunfos, iluminados siempre por la Palabra de Dios. Se trata sobre todo que la Iglesia sea en el corazón de las masas trabajadoras una Iglesia todo pueblo de Dios, liberado y liberador.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA HORA DE LA CLASE OBRERA

"Hoy, la clase obrera del mundo ha llegado a ser una clase poderosa... Es la clase más numerosa... Sin ella, la Iglesia no puede cumplir su misión. La Iglesia sin la clase obrera no es la Iglesia de Nuestro Señor Jesucristo. La Iglesia tiene necesidad de la clase obrera. El mundo tiene necesidad de la clase obrera".

"De todos los apostolados laicos igualmente necesarios, el que más urge es, sin embargo, el apostolado obrero, organizado entre obreros, por obreros y para obreros, de acuerdo a la consigna solemne dada por S.S. Pío XI: "Los primeros apóstoles de los obreros, los más inmediatos deben ser obreros". No afirma el Papa que éste es el único apostolado...

El apostolado del obrero sobre el obrero es irreemplazable. Ni el patrón, ni el sacerdote pueden sustituirlo. Pero todos pueden cooperar, ayudar a formarlo, a sostenerlo".

"La formación de los apóstoles obreros es una cuestión de vida o muerte para la Iglesia. Es una actividad permanente. Nunca termina. Esta fe en la posibilidad y en la necesidad de formar apóstoles obreros hay que manifestarlas por las obras. Una fe sin obras no basta".

"Ahora bien: no hay vuelta de hoja. Si los jefes de la clase obrera no son cristianos, la Iglesia no podrá ganarse la clase obrera".

(*La Hora de la Clase Obrera*, del Cardenal José Cardijn).

CARISMAS Y FUNCIONES

"Nos atenemos ahora a formas colectivas primordialmente laicales. Estas, desde un punto de vista institucional, pueden diferenciarse en tres modos principales de "canalización"... 1) Asociaciones de laicos; 2) Comunidades de base; 3) Movimientos.

Por "Asociaciones" entendemos las organizaciones de Pax Romana, la Acción Católica especializada de estudiantes, trabajadores, intelectuales y profesionales. Antes se les llamaba "movimientos", pero ahora es útil reservar ese término para otros tipos de comunidad... Luego las "Comunidades de Base"... Finalmente los "Movimientos", rótulo que engloba a comunidades cristianas de muy distinta índole...

Estas tres formas básicas de canalización no parecen agotar todas las modalidades... Pero ahora conviene detenerse en las tres formas capitales anteriores...

"Ante todo, debe destacarse un mal planteo inicial: el de una competencia entre esas tres formas. Muchos las piensan como alternativas: o la una o la otra, o la otra. Los distintos no son necesariamente contrapuestos. Anteayer se contraponía la Acción Católica General a sus movimientos especializados...

Ayer se decretaba la muerte de éstas por la vida de las Comunidades de base. Hoy se pone en contradicción Comunidades de base versus Movimientos. Es ignorar la multiplicidad de carismas y funciones en la Iglesia. Pues la Pastoral es sinfonía. Dice con acierto Balthasar: "...El depósito de la Iglesia es "la profundidad de las riquezas de Dios" en Jesucristo, que se halla instalado en medio de ella. Ella deja a este caudal expandirse en una pluralidad inagotable, que fluye de su unidad". El buen oído sinfónico corresponde al Papa, los obispos y conferencias episcopales. También a cada uno de los cristianos, más allá de sus legítimas preferencias, pero que no son la medida de la Iglesia".

(*UN LLAMADO AL PUEBLO MISIONERO*: Methol Ferré. REVISTA NEXO.-Nº 13.-Tercer Trimestre.-9/87).

VII - JUVENTUD OBRERA CRISTIANA (JOC)

1 - NATURALEZA, FUNDACION Y EXTENSION MUNDIAL DE LA JOC

1 - MOVIMIENTO CRISTIANO AL SERVICIO DEL MUNDO OBRERO

La Juventud Obrera Cristiana (JOC) es la resultante de tres realidades sabiamente combinadas: Juventud, Trabajo, Iglesia.

Nace y se desarrolla como movimiento cristiano de jóvenes trabajadores, dirigido por jóvenes trabajadores, al servicio de la juventud trabajadora.

La JOC es y actúa como clase trabajadora, liderada por Cristo, que "antes de ser obrero de la materia fue obrero del espíritu" (Giovanni Papini). Así la definió Cardijn, su fundador: "Organización de jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras en la que, entre ellos y para ellos, se ayudan y sostienen para recristianizar su propia vida, toda su vida y su propio ambiente, todo su ambiente y la vida y el ambiente de sus compañeros de trabajo... Organización libre y voluntaria, no impuesta por el Estado ni por la Iglesia. Cuanto más pertenezca a los mismos trabajadores y se identifique con ellos, más interpretará sus necesidades y aspiraciones, más hablará su lenguaje y encarnará sus ideales; más sabrá defenderlos y servirá con eficacia a la Iglesia, al País, a la Clase Trabajadora[24].

Así surgió la JOC. Así es la JOC auténtica. Sin paternalismo clerical. Sin pretensiones laicistas. Con la vitalidad y el empuje de la juventud seguidora del joven Maestro de Galilea. Con la sangre rica y el espíritu audazmente luchador de la clase trabajadora. Con la luz y la energía que emanan del Evangelio y de la sabiduría de la Iglesia, "experta en humanidad".

La Juventud Obrera Cristiana es la expresión lograda de la madurez del laicado. Tal como la concibió y la promueve el Concilio Vaticano II.

Cardijn, en este aspecto, se anticipó a la Asamblea Conciliar y le presentó una rica experiencia a nivel mundial.

2 - REPETIDOS INTENTOS Y FELIZ PARTO DE LA JOC

En su libro "Grandes Católicos", el norteamericano Stanley B. Jones escribe: "La situación histórica que nos ubica en el umbral de una edad proletaria con su propia cultura y civilización, es en sí misma de carácter neutral. Queda por ver si, a fin de cuenta, significará una revitalización del cristianismo o el triunfo del materialismo... Aquí encontramos el sentido de Cardijn y de su obra. Representa en forma que consideramos no lograda por otro, a las fuerzas del bien en este conflicto titánico... Se puede afirmar que Cardijn no hizo más que poner en práctica los consejos de las encíclicas papales... Luego de un amplio examen de los hechos y de un valioso contacto personal con el mismo Cardijn, reclamamos a su favor el título de genio"[25].

- En la vida de este humilde sacerdote belga hay dos momentos decisivos. Cuando despierta su vocación de servicio a la juventud obrera. Y cuando sus esfuerzos son coronados por el éxito.

Un hecho lo decide a dedicarse a la Juventud Trabajadora.

Cardijn, desde temprana edad, comenzó a trabajar en fábricas y en talleres. Cierto día manifiesta a sus padres -él minero, ella empleada doméstica- su voluntad de ser sacerdote. Largo y embarazoso silencio tras sus palabras. Luego responde el padre, mientras silenciosas lágrimas corren por el rostro ajado de la madre: "Hemos trabajado ya mucho; quisiéramos descansar, es verdad, pero ¿no vale la pena continuar trabajando por la dicha de tener un hijo sacerdote?... Cardijn ingresó al seminario.

Durante las vacaciones, el joven seminarista se encuentra con antiguos compañeros de trabajo. Estos lo miran como a un extraño, más todavía, como a un traidor a su clase.

Cardijn se siente rechazado y alejado de ellos. Descubre en esos

momentos lo que piensan los hombres que trabajan sobre la Iglesia y el sacerdote. Y se compromete a llenar ese abismo, promoviendo el reencuentro de la Iglesia y de la Clase Trabajadora.

Recién ordenado sacerdote es destinado como profesor en el seminario. Y cinco años después, como colaborador del párroco de una parroquia próxima a la ciudad de Bruselas.

Pronto toma contacto directo con los jóvenes obreros. No le fue fácil. Estos desconfiaban del "cura". Con perseverancia e ingenio ganó su confianza. Las conversaciones trataban de los problemas del trabajo, de la familia y de las frustraciones que, día a día, menguaban las esperanzas y los entusiasmos juveniles, ante la dura realidad del ambiente laboral. El mismo tiempo dedicó especial atención a un grupo de chicas y muchachos, a quienes fue concientizando acerca de la dignidad y el destino de la persona humana, del valor del amor, del noviazgo, de la familia y de la dignidad del trabajo y la responsabilidad de la clase trabajadora en la construcción de un mundo justo. Y les propuso la creación de un movimiento de jóvenes trabajadores. Expuso sus ideas y recogió las de ellos. Y juntos lanzáronse a crearlo.

Los núcleos jocistas nacen, desaparecen y vuelven a surgir. Durante trece años Cardijn comenzó una vez más, otra y otra hasta que la plantita de mejor semilla, con más hábil cultivo y tiempo propicio, arraigó, fue creciendo y transformándose en robusto árbol.

En 1920, la JOC belga era una realidad visible y dinámica, que mereció la aprobación del Episcopado, como Acción Católica especializada, nombrando a Cardijn asesor general.

El empuje y avance del Movimiento Jocista llamó la atención del Papa Pío XI, que varias veces recibió, en audiencia privada, a Cardijn. En una de ellas, cuenta Cardijn, "el Santo Padre me preguntó: "¿Cómo va eso?"... Yo le respondí: "Regular"...

- ¿Cómo?, interrumpió el Papa. ¿Es posible que aún haya quien no crea en vuestro movimiento?

- Los hay aún, Santo Padre... Más, hay sacerdotes, hasta obispos que todavía no están convencidos.

- Pues bien, me dijo el Papa. Id y traedme a vuestros jocistas a Roma, y el Papa en persona mostrará a los Cardenales, a los Obispos, a los Sacerdotes lo que piensa de vuestro movimiento.

Salí del Vaticano. Volví a Bélgica. Me entrevisté con su Eminencia, con los Sres. Obispos y anuncié que el Santo Padre deseaba que los jóvenes trabajadores se presentaran en Roma con sus ropas de trabajo.

- ¡No es posible!

¿Para qué gastar tanto dinero sólo por ir a Roma? Además, los jóvenes obreros se escandalizarán al ver las riquezas del Vaticano. ¿Y qué va a pasar en los trenes?

- Pero, el Papa lo quiere... y hay que ir a Roma.

La "locura" exigió un año de preparación. Y hemos partido para Roma en trenes especiales, a pesar de todas las críticas y objeciones.

El 27 de septiembre de 1927, Pío XI recibía en audiencia particular a 1500 jocistas con su ropa e instrumentos de trabajo. "Hoy no hay protocolo, había ordenado el Papa, Cardijn es el dueño y puede hacer lo que quiera".

El Papa, feliz y visiblemente conmovido, estrechaba las manos callosas de aquellos jóvenes y recibía innumerables regalos hechos por sus propias manos. Luego, dirigióles la palabra: "Mis amados jocistas, vosotros sois los misioneros de la Iglesia en los ambientes de trabajo; vosotros sois los misioneros de la Iglesia en la clase obrera... Hay en la Iglesia dos tipos de misiones. Las misiones del exterior: en China, en Japón, en el Congo, entre los indios o nativos. Pero existen también en la Iglesia de hoy, las misiones del Interior: en las fábricas, en los ambientes de trabajo, donde hay tantos paganos o gente alejada de la Iglesia...

Y hoy día y mañana, las misiones del interior serán muchas veces más importantes y más difíciles que las misioneras del exterior. Pues bien, yo os nombro los misioneros del interior de la Iglesia, encargados de conquistar para Cristo la clase obrera, los ambientes de trabajo"[26].

El acontecimiento fue noticia mundial.

- Dos años después de su fundación, la JOC desbordó las fronteras

de Bélgica y se extendió a Francia y a sus colonias de ultramar. Entre 1927 y 1937 llegaba a Luxemburgo, Portugal, Hungría, Colombia, Canadá, Costa Rica y otros países del Viejo y Nuevo Continente.

De modo especial se palpó el éxito de la obra de Cardijn en la celebración del décimo aniversario de la fundación de la JOC en Bélgica y posteriormente en Francia. En Bélgica, 10.000 jocistas festejaban el acontecimiento. En el país galo, el Parque de los Príncipes albergó 80.000 militantes. En la misa conmemorativa se leyó la carta del Papa Pío XI: "Nuestro corazón experimenta un profundo consuelo... el ver que una legión de militantes jocistas juraron irradiar su ideal de justicia y de caridad frente al comunismo ateo y al nacionalismo ateo. No hemos dudado en reconocer en la organización de la Juventud Obrera Católica, una forma auténtica de Acción Católica, perfectamente apropiada a los tiempos presentes".

Y habló Cardijn. Sus palabras fueron breves, muy breves: "No sois máquinas ni bestias de carga; sois hijos de Dios y herederos del Cielo". El humilde sacerdote escuchó, como respuesta, durante diez minutos, la ovación delirante de miles de jóvenes trabajadores.

- En 1939 estalla la guerra mundial. Bélgica es invadida por los ejércitos alemanes. Y cae vencida Francia.

Cardijn ejerce la capellanía de los jóvenes belgas trasladados a Francia. La JOC desenmascara el "Nuevo Orden Nazista". Y crea diversos servicios de ayuda a los judíos, los "maquis", los evadidos, las esposas de prisioneros políticos, los agentes de servicios secretos, etc. Cardijn y dirigentes jocistas son encarcelados. El movimiento prosigue su actividad en la clandestinidad...

Finalizada la guerra, la JOC recupera sus fuerzas y reinicia su pujante avance: va extendiéndose por América Latina. Desde 1945, Cardijn visitó 75 países, animando, reafirmando y promoviendo el movimiento jocista. Después de él, numerosos dirigentes jocistas internacionales iban abriendo surcos y sembrando semillas de la JOC o simplemente apuntalando las tiernas plantas jocistas.

No causará extrañeza cuando 30.000 jocistas de 91 países realizan un encuentro mundial en Roma (1957), desplegando en la Plaza de San Pedro sus estandartes y banderas, cantando ante el Papa Pío XII su alegría y su entusiasmo.

Este primer encuentro mundial de la JOC coincidía con el encuentro mundial de la juventud comunista en Moscú. En él nace oficialmente la JOC Internacional, reconocida públicamente por la Santa Sede. "Vosotros, expresaba a los jocistas peregrinos el Papa, sois jóvenes; vosotros sois trabajadores; vosotros sois cristianos... Hoy, como en el pasado, nos contamos con vosotros y esperamos grandes cosas".

Quedaron aprobados los Estatutos y el Consejo Representativo del Movimiento Jocista Internacional.

Sobre el encuentro publicaba la Revista madrileña Ecclesia: "Quizás el más importante acontecimiento de todos los que, en estos días pasados, han ido reseñando la Prensa y la Radio, sea la constitución de una Internacional de la Juventud, con realidad en todos los lugares del universo. Esta internacional, cuyos estatutos tienen un carácter plenamente oficial, por cuanto han sido aprobados por el Vaticano, no son productos, probablemente más fácil, de una orden venida de la estructura superior, sino que es algo que se ha ido levantando lenta y arduamente desde la base, a través de años de lucha, con equipos de barrios, de fábricas, de minas... compuestos de humildes trabajadores que nacieron, desde el principio, a la militancia católica, con un espíritu y un ímpetu realmente universales. La Radio del Vaticano afirmaba en ese entonces: "Es una de las pocas veces que un movimiento de la trascendencia y magnitud como el de la JOC no ha salido de Roma y haya entrado en Roma por la puerta ancha. El Movimiento Obrero Juvenil Comunista salió de Moscú y trata de establecer sus bases en los continentes, mientras que el Movimiento Obrero Juvenil Cristiano salió de las bases y marchó sobre Roma"[27].

3 - CUATRO CARACTERISTICAS ESENCIALES DE LA JOC AUTENTICA

Es auténtico el movimiento o institución que evoluciona conservando fielmente el ser y la misión que recibió desde sus orígenes. En caso de evolucionar desvirtuando su ser y su misión primitivos, asumiendo modos incoherentes con sus orígenes, los consideramos inauténticos, es decir, falsos espúreos.

Los caracteres que Cardijn y sus colaboradores imprimieron a la JOC y que ella ha de mantener si quiere ser auténtica, es decir, la JOC de Cardijn, son: Movimiento Eclesial, Obrero, Juvenil y Educativo.

- Movimiento eclesial o de Iglesia

La JOC no es un simple movimiento social, ni un sindicato y menos un partido político, aunque sus militantes actúan en el campo social, sindical y político. Es un movimiento de Iglesia: sus militantes actúan no sólo en cristiano sino también en cuanto cristianos; esto lo relaciona en forma más íntima y especial con la Jerarquía. Así la quiso Cardijn. Y como tal la reconoció Su Santidad Pío XI: "Sois los misioneros en la clase obrera... Yo os nombro los misioneros del Interior, los misioneros de la Iglesia, encargados de ganar para Cristo la clase obrera, los ambientes de trabajo". Y la reconoce el Papa Pío XII: "Os mostraréis verdaderos hijos de la Iglesia al llevar a los otros, como "misioneros jocistas", mediante el ejercicio pleno de vuestra responsabilidad de jóvenes obreros cristianos, el mensaje que os ha sido anunciado... vosotros sois católicos y lo sois en el pleno sentido de la palabra, es decir, no solamente como individuos que profesan las verdades reveladas por Cristo y viven personalmente la gracia de la Redención, sino también como miembros de la comunidad cristiana y cumpliendo en esta comunidad una tarea propia, indispensable para su vida y su equilibrio"[28].

"La JOC, escribe Pablo VI, constituye un fermento de la Iglesia... La vocación de la JOC, hoy como ayer, sigue siendo la evangelización de los jóvenes trabajadores en el seno mismo de la vida"[29].

Por ser Iglesia, la JOC integra en sus filas al sacerdote en calidad de asesor. Este representa a la jerarquía y tiene por tarea la de educar en la fe y la de impulsar la acción apostólica y el sentir con la Iglesia.

El sacerdote es columna del movimiento jocista. "En la Acción Católica y en particular en la JOC son inseparables dos directivas: 1ª) Nada sin el asesor, sin su consentimiento o contra su voluntad, sin su apoyo... 2ª) Todo para, con y en la organización; todo para, con y por los jóvenes trabajadores"[30].

Es vital (de vida o muerte) la presencia del sacerdote en su papel específico dentro de los movimientos apostólicos[31].

- Movimiento obrero

Los jocistas integran simultáneamente el Mundo Obrero y la Iglesia. Son el laicado obrero cristiano.

El carácter obrero marca a fuego el espíritu, el rostro, los sentimientos, el lenguaje y la acción de la JOC.

El joçismo, al igual que sus compañeros de trabajo, padece la explotación o la marginación del sistema socio-económico imperante. Parte del pueblo, lucha por la justicia y la liberación del mundo del trabajo, con decisión y espíritu cristiano. Y lucha junto a sus compañeros, a través de las organizaciones que el pueblo crea. Cardijn dedicó a este carácter de la JOC cuatro conferencias, que configuran el libro "La Hora de la Clase Obrera".

- Movimiento juvenil

La JOC admite en sus filas a muchachos y muchachas de 14 a 25 años aproximadamente. Sin embargo, la edad y el matrimonio no limitan en absoluto el ingreso al movimiento jocista, siempre y cuando no traben o impidan el diálogo fluido y el compromiso con el joven trabajador.

- Movimiento educativo

El joven y la joven van haciéndose respectivamente hombre y mujer adultos. De ahí el carácter eminente educativo de la JOC, que la diferencia substancialmente de toda organización de acción, aunque ambas

coincidan en distintas áreas de acción y determinadas tareas.

La organización de acción (sindicatos, partidos políticos, movimiento social, etc.) tiene como objetivo primero la solución de los problemas que impiden el logro de su fin propio. Y mide su eficacia en relación a la solución que aporta.

La JOC busca ante todo y por encima de todo, educar. Pero educar en y a través del problema. Impulsa a la acción en función de la educación del joven. Actúa para educar y educa para actuar. No se interesa en primera instancia de la solución; frente a ella da primacía a la educación. Actúa en el presente con miras al futuro. Porque siembra hoy para recoger mañana. Hoy moldea, prepara, adiestra al joven para que actúe en el futuro con madurez creciente. Educa no teóricamente a base de ideas o libros, sino prácticamente, en la vida, desde la realidad y la situación concreta que vive el joven trabajador. Hace del hecho o del problema el punto de partida para la reflexión y el conocimiento, la oración y el compromiso transformador. Aprovecha la fuerza educadora que encierra toda acción, negativa o positiva, aún la más pequeña, la de cada día.

La JOC ha forjado un método de educación que responde satisfactoriamente a la idiosincrasia y a la vida del trabajador: **la Revisión de vida**. El método desarróllase en tres momentos. El primero: **VER** la realidad o situación que se vive. El segundo: **JUZGARLA** a la luz del Evangelio y la enseñanza social de la Iglesia. El tercero: **ACTUAR** para transformarla de acuerdo a las exigencias del plan de Dios.

Por esta senda, la JOC educa en y a través de la vida: la del joven trabajador y la de Aquel que es "Camino, Verdad y Vida". El resultado lentamente progresivo: el hombre nuevo, según Cristo, capaz de forjar una sociedad nueva.

Y porque sabe que el primer responsable de la formación es el mismo formando, la JOC respeta la persona del joven, lo impulsa a la acción de acuerdo a su edad, su nivel de formación, su grado de madurez. Da tiempo al tiempo y tiempo a la acción de Dios.

4 - LA EVANGELIZACION, RAZON DE SER DE LA JOC

La JOC fue fundada para "recristianizar" la vida y los ambientes de la juventud trabajadora.

"Recristianizar", decía Cardijn. Hoy decimos "evangelizar".

"Jesús... ha sido el primero y mayor evangelizador... Cristo se aplica a sí mismo las palabras del profeta Isaías: "El Espíritu del Señor está sobre mí, porque me ha ungido para evangelizar a los pobres" (E.N. 7 y 6). Y es desde los pobres y con los pobres que evangeliza a todos los hombres.

La JOC continúa esta evangelizadora en el mundo del trabajo. Son muy claras las palabras del Papa Pío XI a los jocistas peregrinos (1927) y las de Pío XII en el Encuentro Internacional de Roma (1957) ya transcriptas, a las que añadimos otras de Pablo VI, referentes a la vocación del jocista ya su forma de evangelizar. "La vocación de la JOC, hoy como ayer, sigue siendo la evangelización de los jóvenes trabajadores en el seno mismo de la vida, donde Dios actúa, se revela y salva. Estos valores de apertura a los demás, de disposición a compartir con ellos, de acogida, de atención y entrega de sí mismo, de solidaridad humana, de búsqueda de la justicia, los asume la JOC en toda su profundidad y hace que el joven trabajador descubra progresivamente en ellos la dimensión divina"[31].

Hay quienes pretenden que el laico evangelice como lo hacen el clérigo, el religioso, el catequista, predicando, enseñando, hablando. Olvidan que no sólo evangeliza el que predica o enseña el Evangelio, también evangeliza el que refleja o transparenta el Evangelio en su vida. Declara el Concilio Vaticano II: "Es peculiar de los seglares buscar por vocación propia el Reino de Dios, tratando y ordenando los asuntos temporales según Dios... Ahí reciben el llamado de Dios para que, ejerciendo el propio oficio, animados por el espíritu cristiano, contribuyan desde dentro, a manera de fermento, a la santificación del mundo, y manifiesten así a Cristo, mostrándolo ante todo por el testimonio de la propia vida, por la fe, la esperanza y la caridad"[32].

La JOC evangeliza "ante todo" mostrando a Cristo y el Evangelio en la vida y la acción de sus militantes. Como el Divino Maestro primero

practicó y luego enseñó.

5 - ELITE EXTRAIDA DE LA MASA EN FUNCION DE LA MASA

La JOC es un movimiento de masa y elite.

La JOC, explica Cardijn, "por su definición, su finalidad, su composición y sus métodos es una organización de masa... Quiere influenciar y ganar la masa, transformar la vida de la masa, recristianizar el ambiente de la masa, responder a las necesidades de la masa... No actúa a distancia, separada, lejos de la masa. No se aparta de ella, no se desarraiga de ella, no forma exiliados en torres de marfil. No genera un espíritu de fracción.

Vida, medio-ambiente, masa son las tres piedras de toque que jamás engañan acerca de la JOC... Y sin embargo, es también y esencialmente una organización de elites, una escuela de jefes, de dirigentes, de apóstoles... Una escuela completa, integral que prepara para las más altas exigencias y cumbres de la vida espiritual, moral, apostólica, social y política... Pero repetimos, no ha de ser elite al margen de la masa, apartada de ella, ajena y menos hostil a la masa. ¡No! Ha de ser como la levadura en la masa. Como sal en el alimento. No exterior, a distancia, sino parte integrada de la masa que pretende transformar... Es elite que pertenece a la masa y trabaja, actúa, milita en la masa, en el ambiente de la masa, en la vida de la masa" ("Habla Cardijn").

6 - UNA ORGANIZACION PARA EL MOVIMIENTO, NO AL REVES

Sólo la organización vence al tiempo. Multiplica los esfuerzos y los hace eficaces si es adecuada, ágil, funcional. Sin organización se dispersan las fuerzas y éstas pierden eficacia. Un movimiento o institución muere o vegeta sin organización.

La organización de la JOC se inspira en la realidad y se adapta a las exigencias de sus variantes. Tres criterios regulan la organización jocista. Primero: lograr la coordinación de los objetivos, los esfuerzos y la acción mediante una conducción única y escalonada (jerárquica). Segundo: favorecer la mayor atención y el mejor acompañamiento de las bases y de las personas. Tercero: hacer efectiva la participación activa de los militantes en la vida y la acción del Movimiento.

La organización se eleva sobre cuatro planos.

Primer plano: las Secciones. Constituyen las bases de la JOC. Son los grupos de militantes de una parroquia o un determinado barrio, conducidos por dirigentes o responsables locales.

Segundo plano: las Federaciones. La Federación agrupa las Secciones de una diócesis o de una Provincia, coordinadas por el equipo de dirigentes federales.

Tercer plano: la JOC Nacional. La integran todas las Federaciones de un país, coordinadas por el Equipo Nacional o Central.

Cuarto plano: la JOC Internacional. Son miembros de la JOC Nacional de todos los países. Su conducción la ejerce un Bureau o Equipo Internacional.

Esta organización básica puede ser completada por estructuras intermedias tanto a nivel nacional como continental o mundial. De acuerdo a cada realidad.

2 - TRAYECTORIA HISTORICA DE LA JOC ARGENTINA

1 - NACIMIENTO OFICIAL DE LA JOC ARGENTINA: AÑO 1940

En 1938, los obispos habían decidido que se estableciera, donde fuera posible, la Juventud Obrera Católica[36]. Era muy reducida la presencia pastoral de la Iglesia en el mundo obrero.

Algunos sacerdotes de la ciudad de Buenos Aires y de La Plata formaron pequeños grupos de jóvenes trabajadores que se reunían en

las parroquias. Tras un tiempo de estudio sobre el Movimiento Jocista y luego de un período de prueba, los grupos se convirtieron en Secciones de la JOC.

El episcopado argentino aprobó, el 13 de diciembre de 1940, los Estatutos de la JOC argentina y reconoció el carácter apostólico de la organización, designándole un sacerdote como asesor nacional[33].

Surgieron dificultades, provenientes las más de los ambientes parroquiales, en general de mentalidad y estilo de la clase obrera. No obstante, el entusiasmo y la perseverancia de los militantes y asesores lograron extender la JOC con relativa celeridad. Surgieron las Federaciones de la Capital Federal, La Plata, Avellaneda, San Martín, Mercedes, Córdoba, Río IV, Rosario, Tucumán y Catamarca. Y nació la JOC Nacional: quedó instituído el Equipo Nacional, cuyo ejecutivo era el Equipo Central (presidente, secretario, tesorero, vocales y asesor), residente en Buenos Aires. Se adquirió con dinero fruto de rifas, kermeses y donaciones de dos propiedades en la calle Díaz Vélez: una para sede dela JOC y la otra para sede de la JOCF, ambas propiedades inscriptas a nombre de la Curia Metropolitana, por carecer entonces el Movimiento de personería jurídica.

2 - LINEAS DE FORMACION Y DE ACCION APOSTOLICA

Las líneas de la espiritualidad y de la acción apostólica de la JOC argentina de los diez primeros años se hallan vigorosamente marcadas en los Boletines de los dirigentes y militantes y en el material de formación y de trabajo. En ellos se aprecia la atención esmerada que recibía la espiritualidad del jocista[36]. La espiritualidad, ciertamente, era sólida. Pero a nuestro juicio, era de inspiración más clerical que laical: su punto de referencia era la vida del sacerdote más que la vida misma del laico. Surgió, en consecuencia, una espiritualidad sobrepuesta a la vida del laico, caracterizada más por los actos de piedad y no tanto por el estilo cristiano de su vida, cuando la espiritualidad es la misma vida cristianizada e incluye dos elementos distintos e inseparables, que se complementan:

la oración y la acción, la participación sacramental y el compromiso temporal, el encuentro con Dios y el servicio al hombre. Ambos elementos son partes integrantes del estilo cristiano de la vida secular del laico. La espiritualidad laical es una espiritualidad de acción y para la acción en el mundo. Hace de la vida toda del laico un don a Dios y un don al hombre, o mejor, un darse a Dios, dándose a los hombres.

- La línea de acción era misionera: se la orientaba hacia afuera, hacia los ambientes naturales, donde se encuentran los jóvenes trabajadores.

Por eso se exigía con insistencia que todo militante tuviese su equipo o grupo de influencia y toda Sección realizara su Asamblea General, cada mes[34].

La JOC de estos años fue activamente misionera. Sus militantes hacíanse presentes en los ambientes naturales y ejercían en ellos fuerte influencia.

En este período jocista se percibía cierto clericalismo: los asesores tendían a imponer sus ideas y en buena medida intervenían en la dirección del Movimiento.

3 - PUBLICACIONES AL SERVICIO DE LA FORMACION Y ACCION

En 1942, la JOC lanza a la calle "JUVENTUD OBRERA", como órgano oficial del Movimiento.

"Juventud Obrera" -formato semejante al del diario "Clarín", diagramación y artículos ágiles- era dirigido por jocistas y contaba fundamentalmente con la colaboración de los jóvenes trabajadores. Informaba sobre la vida y la acción del Movimiento y sobre hechos referentes al sindicalismo o que afectaban al mundo trabajador. Y, dada la ocasión, opinaba ante los conflictos laborales, promovía la conciencia profesional y los derechos del trabajo, divulgaba la doctrina social de la Iglesia. Su lenguaje era sencillo y concreto.

"Juventud Obrera" aparecía mensualmente. Y por la mano de los

militantes y equipistas llegaba a los barrios y lugares de trabajo.

Poco después se creó la Editorial Jocista y abrióse la Librería "José Cardijn". Y fueron publicándose "Espigas Jocistas", exposición de la mística del Movimiento y de testimonios de sus miembros, "Habla Cardijn", colección de charlas y conferencias de Cardijn sobre la JOC. Siguieron luego los Boletines para dirigentes y militantes, las Guías de la Comisión Directiva, del Presidente, del Secretario, del Tesorero, de la Asamblea General y los Estatutos de la JOC argentina.

En 1944 apareció "Notas de Pastoral Jocista", publicación dedicada sobre todo a los sacerdotes asesores de la JOC. Su temario giraba en torno a los problemas y la evangelización del mundo del trabajo. Interesó no solamente a los asesores, sino también a muchos otros sacerdotes.

"Notas de Pastoral Jocista" adquirió, dentro y fuera del país (América Latina e incluso Europa), un merecido prestigio. Sembró inquietudes por la pastoral obrera, tanto en el clero diocesano como en el clero religioso. Dan testimonio de ello las Semanas Nacionales de Estudio de los Asesores Jocistas. La segunda Semana Nacional reunió a 100 sacerdotes, de los cuales muchos no eran asesores de la JOC. La cantidad aumentó: en la Tercera, 142; en la Cuarta, 137. Provenían de distintas diócesis del país.

"Notas de Pastoral Jocista" dejó de existir en 1958. Era Cardenal Arzobispo de Buenos Aires Mons. Antonio Caggiano. El cardenal había expresado, en varias oportunidades, que "Notas de Pastoral Jocista" debía limitarse a la temática de la JOC para no invadir el campo reservado a la Revista Eclesiástica Argentina. Como la temática jocista estaba plenamente cubierta por las publicaciones de la JOC, "Notas de Pastoral Jocista", acatando las sugerencias de Mons. Caggiano, consideró que ya no tenía razón de ser y se autoeliminó[35].

4 - ACTOS REVELADORES DE LA VITALIDAD Y EL EMPUJE DE LA JOC

Tres actos públicos muestran la vitalidad y el empuje expansivo de la JOC de entonces.

- El homenaje del Movimiento a la jerarquía eclesiástica en la persona del nuevo arzobispo de La Plata, Mons. Antonio Solari.

Así describe el acontecimiento "Notas de Pastoral Jocista": "En 49 ómnibus con capacidad para 50 pasajeros cada uno, llegaron a la Catedral alrededor de 2000 muchachos y muchachas de la JOC, procedentes de los centros urbanos del Gran Buenos Aires.

La Misa dialogada, emocionante. En horas de la tarde, un campeonato de fútbol entre 24 cuadros platenses y porteños. Desfile bullicioso por la ciudad, pasando por la plaza central. Un gran acto en el salón de la Misericordia con danzas criollas, cantos a granel, poesías de carácter obrero. Ambiente jocista cien por cien.

Fue un trabajo formidable de los equipos. Hubo en la Catedral verdaderas conversiones. Gente de fábrica. Militantes y dirigentes que lograron llevar a sus equipistas a la Primera Comunión.

Fiel reflejo de lo que fue la jornada es el comentario de unos militantes en el comunismo, conquistados por un jocista compañero de fábrica: "Lo que nos ha sorprendido es cómo la Iglesia honra a los obreros. El mismo arzobispo presidiendo la reunión, hablándoles con gran familiaridad y nada menos que en la Catedral"[36].

- La concentración en la Federación de Box

Con ocasión de la llegada de Cardijn a Buenos Aires, la JOC convocó a una concentración en la Federación Argentina de Box.

"La concentración, afirma el mismo número de "Notas de Pastoral Jocista", dejó huellas profundas. El acto... congregó a 5.000 trabajadores jocistas que fueron a aclamar a su líder y a escuchar su mensaje y consignas. El Gran Buenos Aires vio, un día, cubiertas sus paredes con el "afiche" ya clásico de la figura sonriente del Padre de la JOC. Nuevamente se mostró que la JOC llega con sus equipos hasta las fábricas.

Cardijn nos trajo una inyección de entusiasmo y de fe. ¡Gracias! Lo mismo en Brasil, en Chile, en todo el mundo".

- Primer encuentro jocista en Tucumán

La citada "Notas de Pastoral Jocista" expresa del encuentro tucumano: "Cerca de un millar de jóvenes trabajadores participaron.

En el campo deportivo del Gimnasio "24 de Septiembre", la Santa Misa y Bendición de los instrumentos de trabajo. Manifestación por las calles céntricas hasta la Estación Gral. Belgrano. Total 20 cuadras. Asistieron 30 Secciones de la Provincia.

Durante todo el día se repiten los grandes capítulos del Programa Jocista: "Conquista de los ambientes de Trabajo, del Barrio, de los lugares de Diversión". Las canciones de la JOC resonaron en todos los oídos. Los muchachos volvieron a sus hogares con el entusiasmo en el alma".

5 - DOS OBISPOS RECOMIENDAN LA JOC A SUS SACERDOTES

Mons. Agustín Barrere, obispo de Tucumán, en carta dirigida al clero, expone la naturaleza y la misión de la JOC y concluye: "Es deber de la jerarquía prestar a la JOC todo su apoyo, afianzar las Secciones existentes y estimular la pronta creación de otras, de manera que no haya parroquia donde no exista y donde el cura párroco, su asesor nato, no perdone esfuerzos para que prospere, es decir, ejerza su apostolado fecundo... Anhelamos vivamente que nuestro clero secular y regular valoren el insustituible papel de la JOC en la recristianización de la diócesis, y le preste decidida colaboración"[37].

Mons. Solari, arzobispo de la Plata, escribía a su clero: "Los sacerdotes en sus parroquias, dedicándose en cuanto sea necesario al cuidado de sus feligreses, reserven lo mejor y la mayor parte de sus fuerzas y de su actividad con el fin de volver a ganar las masas trabajadoras para Cristo y su Iglesia. En éstas hallarán una inesperada correspondencia y abundancia de frutos, que les compensarán el duro trabajo de roturación... para este trabajo, "los primeros e inmediatos apóstoles han de ser los obreros". Urgidos, pues, por las apremiantes recomendaciones del Santo Padre y persuadidos de la necesidad de afrontar decididamente

el problema de la recristianización de la inmensa masa obrera, especialmente de la juventud, recomiendo encarecidamente esta obra providencial de la JOC y de la JOCF a todo el clero, y deseamos vivamente consagre todas sus fuerzas a prolongarlas y vigorizarlas, particularmente en aquellas parroquias donde abunda el elemento obrero, aunque fuese a costa de sacrificios y sinsabores que, por otra parte, serán la mejor levadura para su implantación y fecundo desarrollo".

El arzobispo designa asesor y viceasesor de la Federación Platense y, dividiendo la diócesis en zonas, nombra para cada una un asesor. "Todos éstos, concluye Mons. Solari, bajo nuestra personal e inmediata dirección, elaborarán en el menor tiempo posible un programa de organización e intensa propaganda, y deberán contar con la colaboración real y eficaz de todos los sacerdotes de nuestra arquidiócesis".

A mediados de ese mismo año, el arzobispo vuelve a dirigirse a su clero con ocasión de la fundación de dos escuelas de formación para jóvenes trabajadores. Y reitera sus conceptos y recomendaciones respecto a la JOC[38].

6 - AVANCE DEL MOVIMIENTO. LOS 10 AÑOS DE SU FUNDACION

Siguen multiplicándose las Secciones Jocistas. Y el movimiento se extiende a otras diócesis: San Isidro, San Nicolás, Mar del Plata, Bahía Blanca, Santiago del Estero, Entre Ríos, San Juan, Mendoza, Resistencia y Corrientes[39].

Se agrupó las Federaciones de la JOC en cuatro Regiones. La **Región del Sur**: Federaciones de la Capital, La Plata, San Isidro, Mercedes, San Nicolás, Bahía Blanca; **Región del Litoral**: Federaciones de Córdoba, Rosario y Entre Ríos; **Región Norte**: Federaciones de San Juan, Mendoza, Resistencia, Catamarca, Santiago del Estero y Tucumán. Cada región elegía dos delegados para integrar el Equipo Nacional.

Y llega el 10 aniversario de la fundación de la JOC en la Argentina.

Era tibia y soleada esa mañana del 13 de diciembre de 1950. La

ciudad Capital vio pasar por sus calles a cientos de jóvenes trabajadores -muchachos y muchachas- que rumbo al Luna Park marchaban enarbolando las banderas de la JOC y de Cardijn. Llegaron de todos los rincones del país.

El Luna Park, colmado plenamente, vibraba como una colmena gigantesca. Aplausos, vítores, cantos. Presentes el Presidente de la República, el Gral. Perón, los cardenales Copello y Caggiano, Sres. Obispos y Cardijn. Este, radiante de felicidad, atraía la atención de los jocistas. ¡Cardijn, Cardijn, Cardijn! era el grito permanente.

De pronto se impuso el silencio. Y siguió la misa. Y siguieron los discursos. Y retornaron los cantos y los vítores. Y se escuchó la palabra vibrante del fundador de la JOC. El Luna Park era todo alegría, todo fraternidad, todo esperanza. ¡Si yo tuviera esta juventud!, habría exclamado Perón...

7 - COMIENZA A DECRECER EL EMPUJE DEL MOVIMIENTO

Fueron notables los avances de nuestra JOC durante los primeros diez años de su existencia. La celebración del 10 aniversario de su fundación significó que la JOC era una realidad dinámica. A partir de este acontecimiento el Movimiento comienza a estancarse y se percibe en él algunos síntomas del debilitamiento del empuje misionero.

En la Tercera Semana Nacional de Estudio (1956), Mons. Silvino Martínez decía: "En la mayoría de nuestras parroquias no hay JOC". Y confirmando lo dicho por el obispo, expresaba el Pbro. Osvaldo Ganchegui, asesor nacional: "Lo único que sé es que aquí todos hablamos bien, pero ésta es la tercera Semana Nacional en que nos reunimos y no hemos logrado, salidos de ella, que se intente hacer JOC. Podría dar estadísticas de todo el país. Esta es la realidad, lo demás, literatura".

Años más tarde también el Pbro. Angelelli, posteriormente obispo de La Rioja, aseguraba: "Entre las muchas parroquias que cubren la jurisdicción eclesiástica con características típicamente obreras, podemos

afirmar que es mínimo el número que cuenta con una Sección de JOC. Diócesis enteras que no tienen una, y otras que sobran los dedos de una mano para enumerarlas"[40].

- Explicaciones que dieron asesores jocistas:

Una: el alejamiento y desubicación de la Iglesia frente al mundo obrero. "Debemos confesar humildemente, decía el citado Pbro. Angelelli, que hemos estado alejados de la clase obrera; no hemos penetrado en el corazón de la misma; no hemos estado como Iglesia en sus momentos tristes, duros y de posibilidad de promoción auténtica.

Ante la clase obrera hemos aparecido como extranjeros; no hubo diálogo materno y filial; hemos usado un lenguaje distinto y nos hemos presentado ante ella como una Iglesia burguesa. Con o sin razón así nos han visto los obreros. No les hemos dado la dedicación que hemos proporcionado a otras clases sociales y la atención prestada a otros problemas... Hemos monologado mucho, hemos hablado mucho de las encíclicas papales y tenemos preciosos documentos episcopales sobre la cuestión social o sobre la JOC, pero muy pobre ha sido lo concreto realizado frente a la magnitud del problema" (Notas del Pastoral Jocista, Noviembre-Diciembre de 1958, págs. 113-114).

Otra explicación: la parroquia por sus estructuras cerradas y por su ambiente y estilo de clase media. "Allí, donde la masa obrera se ha constituido como clase separada del resto (como acontece en las grandes concentraciones del cinturón de Buenos Aires), resulta difícil, y a veces imposible, organizar la acción cristiana obrera, tomando como punto de partida la parroquia, por lo menos con la filosofía que ésta tiene entre nosotros... Las parroquias constituidas en lugares donde la masa está descristianizada, están completamente vacías de elementos obreros. Y cuando se ha querido incorporar un obrero a la parroquia de este tipo, éste se ha sentido desgajado de su ambiente y separado de la masa"[41].

Una explicación semejante se dio en Tercer Encuentro Sudamericano de la JOC en Chile (1956): "La JOC frente a la pastoral actual se encuentra ante dos hechos: primero, la JOC en la pastoral tradicional es un estorbo,

molesta; segundo, casi todas nuestras Secciones carecen de asesores. Lo primero se explica porque el espíritu abierto de la JOC está en contraposición con la estructuración funcional de la parroquia. Por lo demás en lo segundo, el vicario sólo puede acordar a la JOC el tiempo que le sobra de sus otras ocupaciones, que lo absorben por el completo"[42].

8 - PRIMER CONGRESO MUNDIAL JOCISTA EN ROMA

Pío XI había manifestado a Cardijn el deseo de encontrarse con jocistas de todo el mundo y reconocer en forma solemne a la JOC, como Movimiento Internacional Misionero del Mundo Obrero.

Con entusiasmo y dedicación seria, la JOC había preparado con tiempo y organizado su Peregrinación a Roma y primer Encuentro Internacional. Estaban listos para viajar 20.000 jocistas. La muerte del Papa y la segunda guerra mundial impidieron el acontecimiento. Este quedó postergado.

Fue en 1957, durante el pontificado de Pío XII, cuando la JOC realizó la Peregrinación y el Encuentro Internacional. Llegaron a Roma 30.000 jocistas. Venían de 91 países. Habían acudido para expresar al Pontífice su adhesión y oír de sus labios el compromiso de la Iglesia por la causa de los jóvenes trabajadores y ofrecerle los mejores esfuerzos en favor de sus compañeros de trabajo. En la misa matutina escucharon la palabra emocionada de Pío XII y renovaron en forma multitudinaria, sincera, atronadora su compromiso misionero.

Por la tarde, en el gran escenario que se había levantado en la Plaza del Vaticano y tenía como fondo la Basílica de San Pedro, muchachas y muchachos jocistas, en forma coreográfica, representaron la historia de la Clase Trabajadora.

Una medianoche, los 30.000 jocistas rezaron el Vía Crusis en el Coliseo Romano, bajo un cielo en el que la luna destacábase como una hostia dorada y lucían las estrellas como lentejuelas de plata.

Los días siguientes llevóse a cabo el Congreso Internacional Jocista. Se analizaron los problemas vitales del Movimiento y se formuló la nueva

orientación. Quedaron aprobados los Estatutos de la JOC Internacional. Y se eligieron sus autoridades, fijándose su sede en Bruselas (Bélgica).

Surgía la JOC Internacional reconocida oficialmente por la Santa Sede.

La JOC Argentina, gracias a la colaboración generosa de todos, había participado de este acontecimiento, con una delegación compuesta, entre militantes, dirigentes y asesores, de 60 miembros aproximadamente.

9 - GESTACION DE LA CRISIS. SIGNOS ALARMANTES

Todo movimiento e institución están sujetos al desgaste que producen el tiempo y el esfuerzo. Y llega el momento en que se renuevan o mueren. Es una constante de la historia.

No constituyen excepción la JOC ni la Iglesia.

Al clausurar el Primer Congreso Jocista de Roma, Cardijn decía: "Hemos visto aquí una JOC transfigurada en su apoteosis. Esta no es la verdadera JOC. Podríamos decir con los apóstoles en el Tabor "instalemos aquí tres tiendas". ¡No! Debemos marcharnos de aquí. Bajar del Tabor. Salir del Cenáculo para ir a las masas que no tienen los medios para vivir humanamente, que no saben leer ni escribir, que no conocen su dignidad ni su destino de cristianos. Esta es la única JOC verdadera. Ella comienza hoy"[43].

Era una orden de avanzar. Y avanzar exige renovación en la estrategia, la táctica, los esfuerzos. Y esto significa permanente comienzo y fecunda creatividad para adaptar el Movimiento a las nuevas situaciones.

- En Roma ya se percibía una crisis.

El Pbro. Ganchegui expresaba en la Cuarta Semana Nacional de nuestra JOC: "Estoy en la JOC desde 1940. La crisis no es solamente de aquí. Están en crisis la JOC belga y la JOC francesa. Las dificultades en este terreno se dan asimismo en España y en Alemania, que constituyen hoy las JOC más dinámicas de Europa. No hablo de oído. Vengo de apreciar personalmente el panorama y de asistir al Congreso Mundial, en

el que participé, junto con 16 asesores y dirigentes más representativos del mundo, en el estudio de los problemas vitales al Movimiento, de sus Estatutos Internacionales y de su nueva orientación. Por otra parte están los hechos a la vista; mientras en los grandes países la JOC está en crisis y seria crisis, como en Francia, se extiende maravillosamente en los países de misión o en los subdesarrollados. Están los ejemplos del Japón y del Africa. Y esto no me lo explico sino por los motivos apuntados... La JOC, sin una revisión a fondo de toda su estructura, no anda ni andará. Lo he dicho en pleno Congreso Internacional. Y allí nadie se escandalizó... Los movimientos tienen una vigencia relativa. Todos ellos tienen su ciclo hasta llegar a la madurez, y luego decrecen. Es aquí cuando debe desaparecer lo que tenga que desaparecer, o mejorar lo mejorable. Revisión o eliminación, según el caso"[44].

Aún antes del Congreso de Roma se gestaba la crisis en la JOC argentina. Aparecían ya signos alarmantes, que indicaban estancamiento y retroceso luego. Los Pbros. Ganchegui y Angelelli habían dado el alerta. Disminuían los militantes, desaparecían Secciones y Federaciones.

10 - VARIAS Y COMPLEJAS CAUSAS DE LA CRISIS

Fueron varias y complejas las causas que provocaron la crisis de nuestra JOC. No se dieron todas a la vez, pero encadenándose unas con otras, todas contribuyeron con su porción a la postración y agonía de la JOC argentina.

Antes de analizar las causas particulares, más y menos cercanas a la crisis, señalaremos un hecho que, a nuestro juicio, en alguna medida es la raíz madre de todas ellas. Se trata del gran desencuentro entre la Iglesia y el mundo moderno que se inició a partir del siglo XVII y concluyó con el Concilio Vaticano II, en el siglo XX.

Durante ese largo período, la Iglesia se aferró al pasado y mostróse recelosa y negativa ante el mundo moderno. Por otra parte, aún no tenía definidas en forma plena y satisfactoria su propia identidad, sus relaciones con el mundo, la situación del laico en su interior y la tarea específica de

éste en el mundo. Por lo que la renovación pastoral resultó insuficiente y fueron deficientes sus directivas y acompañamiento con relación al compromiso temporal del laico. Esto repercutió en la formación y la actuación del laicado cristiano...

El Concilio Vaticano II significó la "puesta al día" de toda la Iglesia. Actualizando la doctrina, la liturgia, la pastoral; la Iglesia se puso en condiciones de relacionarse y dialogar y servir más y mejor al hombre de hoy.

11 - CAUSAS PARTICULARES INTERNAS A NUESTRA JOC

Del desencuentro entre la Iglesia y el mundo moderno derivan en buena medida las causas particulares de la crisis de la JOC argentina. Unas fueron internas al mismo Movimiento. Otras le fueron externas.

Entre las internas destacamos:

- La reticencia de la JOC frente al fenómeno justicialista.

El justicialismo sacudió y transformó profundamente la sociedad argentina. No dejó indiferente a ningún sector social: se estaba a favor o en contra de él. El justicialismo desplegaba tres grandes banderas -Soberanía política, Independencia económica, Justicia social-, que comprendían el anhelo histórico por el que habían luchado, desde la independencia del país, las masas populares, a saber, la liberación nacional y social.

El justicialismo fue primero un movimiento social, que promovió acelerada y eficazmente los sectores sociales más empobrecidos y marginados, y luego, a partir del 17 de octubre de 1945, con el apoyo de éstos, se convirtió en un movimiento político vigorosamente activo. Los que hasta la aparición del justicialismo habían sido marginados y desprotegidos constituyeron su amplia base y sostén firme. Y le fueron fieles, no obstante sus desaciertos y desmanes, porque vieron en él la expresión perfectible de un país nuevo, donde ellos tenían un lugar y una función protagónica.

Ante este fenómeno que conmovía la República, la JOC fue reticente. Ciertamente, la JOC, como institución, no puede ni debe optar por una política partidista. Pero, en razón de su misión evangelizadora, debe defender y promover todo aquello que entra en el ámbito de la justicia y de la dignidad humana. Puede y debe, desde el Evangelio y la opción preferencial por los pobres, esclarecer la conciencia política de sus militantes, asumiendo una actitud crítica ante las ideologías y los movimientos políticos y señalando, en consecuencia, los principios y criterios que permitan a cada militante optar consciente y libremente por el compromiso político que, a juicio propio, responda mejor a la causa del pobre y de los marginados. La JOC es una escuela de vida integral: religiosa, cultural, social y política, que educa en y a través de la misma realidad.

En cuanto a la realidad política, la JOC no atinó a educar al joven trabajador en y a través de la nueva realidad política que era el justicialismo. Su reticencia al respecto, facilitó sin pretenderlo, una conclusión equivocada: la incompatibilidad entre el ideal y la militancia jocista y el ideal y la militancia justicialista. Y en muchos jóvenes trabajadores quedó planteada de hecho una alternativa falsa: Jocista o justicialista. Y planteadas así las cosas, el justicialismo, entonces en el apogeo de su vigor renovador, consiguió mayor atención.

- Escasa y desacertada espiritualidad.

Se había descuidado en nuestra JOC la espiritualidad y la que infundía, lo hemos dicho anteriormente, no era una espiritualidad propiamente laical. Se acentuaba el compromiso temporal y no se insistía tanto en la unión vital con Cristo, en la oración y en la participación sacramental. "Se ha insistido más en la parte reivindicativa de la clase trabajadora que en la verdadera ubicación de las virtudes cristianas", afirma el Pbro. Angelelli[41].

- Secciones encerradas en sí mismas.

En la Cuarta Semana Nacional de Estudio, expresaba el P. Derudi:

"Se ha dado en demasía la absurda posición de dirigentes sin masa, sin bases". Dirigentes, explicaba el Pbro. Angelelli, profesionales de la JOC, declamadores, pero que la JOC no ha llegado a ellos, transformando sus vidas. La característica de nuestros militantes ha sido crear Círculos de estudio o Secciones de militantes no abiertos al barrio, a la masa; militantes, no en actitud de servicio a la juventud trabajadora, sino en función de la misma Sección, de la organización y de la sede parroquial"[46].

El problema nacía de una formación inadecuada y de la escasez de asesores.

"No podemos negar otro hecho: el de la formación de numerosos laicos y verdaderas elites pero en una problemática excesivamente "clerical". Doy al vocablo "clerical" su sentido más amplio y sano. Así, llegado el momento, han obrado, sentido y hablado como nosotros. Quedaron girando, como satélites, alrededor nuestro, felices. No hubo retorno de este laicado al mundo real, donde tendría que actuar en todos los ambientes naturales... En la práctica creamos una elite profesional, más especialistas que apóstoles... fruto de una formación inadecuada" (Derudi)... "Es duro decirlo, para atender otras asociaciones siempre ha habido sacerdotes dispuestos, pero para la JOC no se conseguían; no juzgo las razones, ni me toca juzgarlas. Nuestras Secciones de militantes en su mayoría, dentro del país, desde su fundación, no han tenido un sacerdote que habitualmente los oriente... No puede existir auténtica JOC sin sacerdote, como no puede existir Iglesia sin el sacerdocio. Es fundamental el sacerdote en la JOC, como en todo movimiento apostólico". Palabras del Pbro. Angelelli[47].

- Ambigüedades y desaciertos de la JOC.

El Concilio Vaticano II y Medellín, interpretados por muchos en forma interesada y unilateral, habían agudizado, en el ámbito eclesial, las tensiones y conflictos existentes: los cristianos se dividían en progresistas y tradicionalistas, preconciliares y postconciliares.

Algo similar acontecía en el ámbito civil. Los intentos de liberación por parte de los países latinoamericanos agravaron los conflictos entre

conservadores, desarrollistas y revolucionarios.

Todo esto creó un clima general candente, agitado, poco propicio para la reflexión y la acción prudente.

La JOC vivió este clima y sufrió su influencia en su doble condición de movimiento eclesial y de movimiento obrero. Es en este período agitadísimo que la JOC argentina cae en ciertas ambigüedades y procederes que empañaron su imagen y despistaron a quienes la miraban desde lejos o con ojos no siempre sanos.

En ese entonces, el Movimiento reafirmó su carácter de Movimiento eclesial, obrero y educativo. Adquirió mayor conciencia de que la evangelización pasa por la promoción de la justicia y la tarea de construir una sociedad nueva. No se limitó, como hasta ese momento, a denunciar y combatir los malos efectos, sino también la causa que los genera, a saber, al sistema socio-económico imperante y consecuentemente promover, desde el Evangelio, el reemplazo de las estructuras injustas por otras más justas y dignas del hombre. La postura era válida y legítima. No fue del todo acertado el procedimiento que llevó a ella. Primó más la óptica del sociólogo que la del apóstol. Se buscó más la eficacia de la acción que la educación del militante por la acción. Y es así como hubieron dirigentes que desbordaron, en ocasiones, la acción específica de la JOC y dirigentes que, sin tener en cuenta la edad y el nivel de formación de los militantes, los impulsaron a compromisos para los cuales no se hallaban preparados. Y aparecieron los frutos negativos: mayores recelos y desconfianza de la jerarquía, dirigentes distanciados de sus militantes, militantes que se "borraban", disminución de Secciones.

12 - CAUSAS QUE INFLUYERON DESDE EL EXTERIOR

- La falta de apoyo real de la jerarquía eclesiástica.

La mayoría de nuestros obispos no lograron asimilar la naturaleza de la JOC -Movimiento eclesial y Movimiento obrero- y su forma de evangelizar. Si a esto se suma la libertad de acción y de iniciativa que, en

el marco de obediencia a la jerarquía, ejerce la JOC en lo que se refiere a su propia organización y conducción, a su modo de evangelizar al mundo del trabajo, y a su compromiso temporal, habremos hallado la explicación de la mayor parte de los recelos y las desconfianzas que el Movimiento genera en muchos obispos.

Un diálogo fluido, particularmente en las horas amargas o de dudas, hubiera conducido a relaciones cordiales, y aclarado ambigüedades o errores, fruto no de la rebeldía o la indocilidad, sino de la irreflexión o el apresuramiento o la inexperiencia en una tarea no trillada y difícil, como es la evangelización de los jóvenes trabajadores. Desgraciadamente muy pocas veces dióse este diálogo. Durante la mayor parte de su existencia la JOC sintióse como hija abandonada a su suerte. ¡Cuánta soledad vivieron asesores y militantes jocistas! Por eso, recuerdan con cariño el amor, la confianza, el apoyo eficaz, la atención que brindaron al movimiento jocista algunos obispos, como Antonio Solari, Agustín Barrere, Emilio Di Pasquo, Enrique Rau, Ponce de León, Silvino Martínez, Alfonso M. Buteler, Alejandro Schell, Angelelli, los Cardenales Caggiano, Primatesta y Pironio y otros, no muchos más, cuyos nombres se me escapan.

- El sacudón que conmovió la Iglesia y la sociedad civil.

El Concilio Vaticano II provocó, en la Iglesia Católica, un violento sacudón, cuya máxima intensidad se produjo entre los años 1967 y 1974.

No hubo cristianos ni institución eclesial que no transitara por una "noche obscura".

Decía Pablo VI: "La Iglesia se encuentra en una hora de inquietudes, de autocríticas; se diría de autodestrucción... El tumulto que invade a la Iglesia repercute lógicamente sobre todo en el Papa. Se espera de él hechos sensacionales, intervenciones enérgicas y decisivas. El Papa entiende que aquí no debe seguir otra vía que la de la confianza en Jesucristo; será él quien calmará la tempestad". Y concluía: "las pruebas son difíciles, a veces duras, pero la realidad de nuestro sacerdocio nos hace bendecir al Señor por estas pruebas... El Papa será el primero en ejecutar el mandamiento de la confianza en Dios y en abandonarse, sin

angustias inoportunas, al juego misterioso de la invisible pero segura asistencia de Jesús a su Iglesia"[48]. Un síntoma de la gravísima crisis de la Iglesia fueron los pedidos, por parte de sacerdotes, de reducción al estado laical. "De 162 pedidos en 1963, subieron a 1.128 en 1[illegible]; a 2.263 en 1968; a 3000 en 1970... La crisis también hacía estragos en los cuadros de los Movimientos laicales"[49] y naturalmente en la JOC.

En América Latina, por el hecho de que su pueblo es protagonista de la vida de la Iglesia y de la Sociedad Política, el Concilio Vaticano y Medellín, su versión latinoamericana, conmovieron ambas sociedades. Los acontecimientos eclesiales repercutían en la vida socio-política y los acontecimientos sociopolíticos en la vida de la Iglesia. Señalamos los siguientes acontecimientos socio-políticos que agitaban el Continente Latinoamericano. La instalación en Cuba del marxismo-lenilista en versión latinoamericana; el intento de un socialismo nacional, no ateo ni marxista en Perú; el triunfo por vía electoral de Salvador Allende en Chile; el retorno del justicialismo en Argentina; la extensión de las guerrillas en el continente; asesinatos de John Kennedy, de Robert Kennedy, de Luther King en Estados Unidos; la masacre estudiantil en México; los derrocamientos de los presidentes Quadros y Goulart en Brasil, de Frondizi, Illia, Levingston e Isabel Perón en Argentina; de Salvador Allende en Chile; fracaso del socialismo peruano; aniquilación de las guerrillas en Uruguay y Argentina; los regímenes militares en toda América Latina, etc."[50].

- Los regímenes militares.

Los regímenes militares, con el pretexto de la "Seguridad nacional", reprimieron todo movimiento social: controlaron, amordazaron, persiguieron las organizaciones populares, sobre todo sindicales. Fueron violados los más elementales derechos humanos. No se salvaron de esta pesadilla los movimientos eclesiales y los cristianos comprometidos con los humildes y oprimidos...

13 - NO TODO FUE NEGATIVO EN LA JOC ARGENTINA

La JOC argentina tuvo por cierto su cara positiva. No sería justo callar los abundantes frutos del Movimiento Jocista.

Ya en 1955, el Episcopado argentino expresaba su "más íntima satisfacción al ver los frutos consoladores del trabajo oscuro, paciente y abnegado que vuestro generoso movimiento apostólico y obrero ha producido durante estos quince años: la formación cristiana profunda y el ardor apostólico y conquistador que habéis sabido dar a vuestros socios... La Iglesia, madre de todos sus hijos, pero que rodea de una solicitud particularmente cariñosa a los obreros, se siente orgullosa de esa falange de militantes que van multiplicándose, porque ve en ellos una promesa y garantía de la recristianización del Mundo del trabajo" (Exhortación a la JOC del 30/8/55).

- El Pbro. Angelelli que en la cuarta Semana nacional de Estudio señalara la cara negativa de la JOC, mostró también, a renglón seguido, su cara positiva. "Si se ha insistido en lo negativo no significa que la JOC no diera sus frutos, sino por el contrario el análisis de lo negativo nos debe servir para estar bien ubicados frente al Movimiento.

La JOC ha formado muchachos y chicas que son, a la par de verdaderos jefes obreros, verdaderos apóstoles; ha operado una verdadera transformación de vida en un número crecido de ellos, de suerte que hay algunos que están y han estado muy adentrados en la vida espiritual; muchachos y chicas que han formado modelo de hogares cristianos y apostólicos, realidad hermosa para un Movimiento de adultos; ejemplos de muchachos y chicas que han transformado la vida de un barrio, ambiente de trabajo, etc.; muchachos y chicas que obran maravillas por su extraordinario espíritu de fe, codiciados por sindicatos, clubes, fábricas, comisiones vecinales... para ser contados como sus dirigentes.

Su presencia individual nunca ha pasado desapercibida, y siempre se ha hecho notar la presencia de un jocista, por la manera de ser, por la mística que le anima. Hay ejemplos dignos de ser recogidos en un escritorio, por su actuación en ambientes indiferentes o abiertamente

hostiles, ya sea por el carisma de una labor misionera entregada totalmente a los demás, ya sea por las luchas titánicas para conservar la gracia y la fidelidad a Cristo Obrero... Para muchos muchachos y chicas que han pasado por la JOC, si no se ha logrado la transformación de vida, ciertamente jamás la olvidarán por la mística que tiene y siempre les ha dejado una semilla que, tarde o temprano, germinará en un volcarse a una vida cristiana creciente o saber descubrir a Dios en el dolor o en un problema de vida.

La JOC, si bien es cierto no ha pesado como organización en la masa obrera argentina, ciertamente ha conquistado las mejores simpatías por sus comunicados, sus posiciones frente a determinadas circunstancias de la clase obrera, en problemas sindicales, costo de vida, intervención de la CGT, asaltos a sindicatos, inhabilitaciones de dirigentes... La gran movilización de la JOC con motivo del Congreso Internacional de Roma, ha conquistado la simpatía de la masa trabajadora, que la ha conocido más a fondo; políticos y gobiernos la han tenido no sólo en cuenta, sino que, en determinadas circunstancias, la han temido y en otras, la han consultado.

Creo que la JOC argentina, con los recursos humanos y materiales con que ha contado, la falta de apoyo efectivo y dejada al margen de la vida de la Iglesia, ha hecho demasiado y hasta puede pretender ser puesta como ejemplo de constancia y perseverancia en la lucha por sus ideales, contra todos los de afuera y los de adentro de casa. Hoy puede enseñar humildemente a sus hermanos de apostolado la experiencia de una vida de luchas, un método largo tiempo experimentado, y puede plantear la realidad de un problema, de cuya solución depende una Argentina con una clase obrera dentro o fuera de la Iglesia, y puede suscitar en sacerdotes e instituciones apostólicas laicales, la inquietud de ir al pueblo y llevar la Iglesia al mundo del trabajo"[51].

- Hoy, a tantos años de estas afirmaciones, quien escribe estas páginas, puede afirmar: "En mis andanzas de asesor nacional por los distintos puntos del país, me he encontrado con gran cantidad de

exjocistas (dirigentes y militantes) y gente que pasó brevemente por la JOC comprometidos en el Movimiento Obrero o en Organizaciones Populares, en forma lúcidamente activa. Y más de una vez he oído acerca de su actuación, palabras de alabanza y admiración. No hace mucho, me afirmaba un alto dirigente sindical: "Si en la actualidad son buenas las relaciones entre la CGT y la Iglesia, se debe en gran parte a la gente que militaba en la JOC o tuvo contactos con ella". Y me daba nombres de personas que ejercían funciones de responsabilidad en el máximo organismo del Sindicalismo Argentino".

Sin temor a equivocarse, podemos concluir: la JOC, hoy como ayer, tiene vigencia. Urge su presencia activa en el Mundo del Trabajo. Es insustituible su tarea evangelizadora. Nos referimos a la JOC auténtica: la de Cardijn. Renovada y actualizada. Para el mundo de hoy. Para la Argentina de hoy.

14 - SALIENDO AL PASO DE CIERTAS AFIRMACIONES ERRONEAS

El mote de "subversivo", de "extremista", de "marxista", aplicado a quien hacía suya la causa de los pobres, fue parte de la estrategia utilizada por los gobiernos militares y los sectores del "privilegio". No menos molesta y perjudicial ha sido la acusación de "desviación ideológica" que han recibido, por parte de sus hermanos en la fe, cristianos comprometidos con los oprimidos. "La denuncia profética de la Iglesia y sus compromisos concretos con el pobre le han traído, en no pocos casos, persecuciones y vejaciones de diversa índole... Todo ello ha producido tensiones y conflictos dentro y fuera de la Iglesia. Con frecuencia se la ha acusado, sea de estar con los poderes socio-económico y políticos, sea de una peligrosa desviación ideológica marxista" (Puebla 1138 y 1139).

Y por este camino, se ha logrado generar duda al menos, no sólo entre los fieles, sino también entre los pastores. Es lo que aconteció con la JOC.

Es admisible que se den en asesores y dirigentes o militantes expresiones o gestos ambiguos que engendren dudas, particularmente cuando se improvisa. Pero, lo que no puede admitirse es que se haga juicios de condena, sin antes dialogar en busca de esclarecimiento y con el olvido de la trayectoria pública limpia del Movimiento y de sus abundantes publicaciones.

Es así como se acusó a la JOC de "desviación ideológica" y de convivencia con la guerrilla. Rumores e informaciones erróneas y no razones serias fundamentaron tales acusaciones.

Nos hacemos un deber en poner las cosas en su lugar. Y lo hacemos en base a hechos reales, en los que hemos intervenido.

- ¿Son o no marxistas?

Arquidiócesis del Interior. Curia. Dialogan el arzobispo y el asesor nacional de la JOC.

- ¿A qué se debe, Padre, su presencia entre nosotros?

- He venido a conversar con el Equipo Federal para aclarar una mala interpretación y reanudar las relaciones con el equipo Nacional.

- ¿Qué sucedió? ¿Por qué la interrupción de las relaciones?

- Simplemente, nos consideran marxistas.

- ¿Y no los son?

La pregunta dejó aturdido al asesor, como quien recibe un duro golpe en la cabeza. Su rostro expresó extrañeza.

- Sí, sí, prosigue el arzobispo, ¿son o no son marxistas? Yo tengo el derecho de preguntar y Ud. la obligación de responder.

- No lo somos, Monseñor.

El arzobispo se mostraba receloso por el empleo, por parte del Movimiento, de algunos términos usados también por el marxismo y por la publicación de un primer folleto sobre el marxismo, exponiendo sus tesis.

Los términos a los que se refiere Ud., Monseñor, -liberación, hombre nuevo, nueva sociedad, cambio de estructuras- son originales del cristianismo. Y Uds. en la Conferencia de Medellín los han usado sin

temor alguno.

En cuanto al folleto sobre el marxismo, cuya presencia y fuerza no pueden ser ignorados, fue publicado para que los militantes conocieran al adversario y percibieran su incompatibilidad con la fe cristiana y las razones de la condena del marxismo por parte de la Iglesia. Mis actividades me han impedido, hasta el momento, publicar su refutación en un segundo folleto.

La responsabilidad de esta situación entre la JOC Nacional y la Federación es de algunos asesores de aquí. La explicación es simple. Ciertamente, cuando se improvisa sobre todo, o se habla con tiempo restringido, pueden escaparse gestos o expresiones dudosos o ambiguos. Lo correcto y cristiano es aclarar las cosas, dialogando, en este caso, con los hermanos. Cosa que no han hecho estos asesores y lanzaron a rodar su interpretación errónea, la que llegó finalmente a Ud.

Me pregunto, Monseñor: "¿Cómo congeniar esto con la concelebración de la Eucaristía, el saludo de paz, la comunión?... ¿Cómo congeniar este proceder con la caridad?...

Uds., continuó el arzobispo, ¿rezan?

Por supuesto. Pero no todo el día. Encontramos y nos unimos a Dios también en las personas y en los acontecimientos de la vida. Creemos que la oración y la acción son elementos imprescindibles en el apostolado jocista...

El asesor salió de la entrevista sumamente dolorido.

- "La sede de la JOC, campo de adiestramiento montonero"

Tal era el título con grandes letras que encabezaba la primera página de un matutino capitalino, considerado "serio". Peligroso sensacionalismo en torno al allanamiento de la sede jocista por la policía federal. El matutino afirmaba temeraria e irresponsablemente una falsedad. ¿Cómo fueron los hechos? Eran tiempos del presidente Onganía. La guerrilla iniciaba sus golpes sorpresivos, solapados, sangrientos.

Un dirigente nacional de la JOC se apersona al asesor.

- Padre, le dice, tengo ganas de hacerme montonero.

- Mirá, la cosa no va por ahí. No es el camino. La violencia engendra violencia. Sos mayor de edad. Pensalo muy bien, si elegís ese camino. No puedo impedírtelo. Pero, eso sí, tenés que abandonar la JOC. Olvídate de ella.

Lamentablemente Jorge Rossi se "borró" de la JOC. No volvió por la sede ni tuvo más contacto con el movimiento. Ni se supo de él.

Poco después, su nombre aparece entre los montoneros muertos en una refriega. La policía federal allana el domicilio de Rossi en Zárate (Bs. As.) y en él halla antiguos boletines e informativos de la JOC. Sin pérdida de tiempo, la policía invade la sede jocista con espectacular despliegue de fuerzas. Sorprende a sus habitantes que se ven amenazados por las armas, lo revisan todo y no encuentran nada que permita relacionar a la JOC con los montoneros. Y se retiran sin llevar detenido a ningún ocupante de la casa. Ni posteriormente fue detenido ni citado militante, dirigente o asesor alguno, al menos para ser interrogado.

La JOC publicó de inmediato una solicitada en diversos diarios, aclarando la situación. Por ese entonces, el secuestro y luego el asesinato del Gral. Aramburu llenaron las páginas de los periódicos. Y el caso de la JOC quedó totalmente olvidado. El Movimiento jamás fue molestado...

Ninguna autoridad eclesiástica se interesó por el caso ni solicitó al asesor o a la dirigencia nacional información alguna. ¿Qué repercusión tuvo, en la jerarquía, la noticia del allanamiento? No se supo ni se sabe. Tal vez, podría extraerse cierta conclusión de dos hechos posteriores.

Uno: el asesor nacional renuncia a su cargo por no percibir ya la confianza de algunos dirigentes del Interior y parte de la autoridad eclesiástica. Y por escrito la comunica al Obispo encargado del Apostolado Laico. Este responde: "No es aceptada su renuncia. La Conferencia Episcopal no reconoce ya a la JOC como Movimiento Nacional, por lo tanto Ud. ya no es asesor nacional, si bien cada obispo tiene el derecho de reconocerlo en su diócesis". Era la primera y única noticia de la decisión episcopal que llegó a la JOC argentina.

El segundo hecho. 1988. Reunión de los obispos en San Miguel. Durante la conversación que el último asesor nacional de la JOC tenía

con un obispo del Norte del País, éste expresó: "Nuestra JOC, en los últimos tiempos, se desvió: mantuvo relaciones con las guerrillas". No pareció convencer el obispo la firme e inequívoca negación de su interlocutor...

- La JOC, ¿no es temporalista?

En la tarea evangelizadora se puede caer en uno de estos dos errores: reducir la acción al campo de lo religioso o espiritual (espiritualismo) o reducirla a lo profano o temporal, lo social (temporalismo). Pablo VI rechaza ambas reducciones: la misión de la Iglesia se realiza tanto en lo profano como en lo religioso, abarca todas las dimensiones de la vida personal y social (Evangelio Nuntiandi, 32-34).

Espiritualismo y temporalismo olvidan que el hombre es espíritu-cuerpo, que la historia en la que el hombre se salva o se pierde es una, que la gracia y el pecado empapan toda la historia y atraviesan el corazón humano, que todas las realidades, aún las consideradas como profanas, tienen una dimensión religiosa o conexión con Dios.

Aclarados los conceptos, vamos al caso.

- La JOC, ¿no es temporalista?, dijo el arzobispo.

- Monseñor, no entiendo de cosas abstractas, respondía un dirigente nacional, por eso voy a lo concreto. Antes de conocer a la JOC, era un vago y un borracho.

Me relacioné con los jocistas y entré en la JOC. No dejé de tomar vino, soy buen mendocino, pero desde entonces bebo con moderación y trato de ayudar a los demás e intento, si bien o mal o no lo sé, de que el joven trabajador descubra y siga a Cristo. Es lo que intentamos los jocistas. Para Ud., ¿esto es el Temporalismo?...[52].

La conversación giró hacia otros temas. Sin embargo, el arzobispo, años después, en otra sede arzobispal, en conversación con otros dirigentes nacionales y el mismo asesor nacional, volvió a preguntar: la JOC ¿no es temporalista? Jamás se había hecho presente en la sede de la JOC, ni había participado de alguna reunión jocista y menos de una Semana nacional de Asesores.

15 - LA JOC INTERNACIONAL (JOCI) Y LA SANTA SEDE

En 1986, la JOC sufrió, a nivel internacional, una división. Las Secciones Jocistas en Inglaterra, Francia, Italia y Malta se separaron de la JOCI, argumentando que "el espíritu de fidelidad cristiana dejado por nuestro fundador ha sido reemplazado por categorías ideológicas y políticas". Y formaron la Coordinadora Internacional de la Juventud Obrera Cristiana (CIJOC), con sede en Turín (Italia).

La Santa Sede suprimió recientemente el carácter de organización católica a la juventud Obrera Católica Internacional (JOCI), por considerar que ésta se había desviado, en los últimos años, de los objetivos y fines pastorales originales, trazados por su fundador, el Cardenal belga José Cardijn. Y reconoció en 1987 a la Coordinadora Internacional de la Juventud Católica en el mundo y único interlocutor ante el Vaticano y el Consejo Pontificio para los Laicos.

No obstante, la Santa Sede ha pedido que se establezca un diálogo entre la CIJOC y la JOCI, sobre la base del legado de Cardijn y en el marco del Magisterio y la Misión de la Iglesia", con el fin de lograr la unidad en torno a la verdad.

El episodio es lamentable.

Queremos dejar constancia de nuestra adhesión firme y sincera a la JOC original de Cardijn. De ella dan testimonio las páginas anteriores sobre la naturaleza, los caracteres y la misión de la JOC.

Y afirmamos plenamente conscientes y con la seguridad de haber actuado en la JOC, en calidad de asesor, desde 1946 hasta 1971, que la JOC argentina y la JOC Internacional, hasta 1971 por lo menos, permaneció fiel al legado de Cardijn.

Ignoramos la trayectoria posterior de la JOC argentina, por cuanto mis actividades pastorales, en áreas donde no existía el Movimiento, no me han permitido relacionarme con las nuevas Secciones. Por lo tanto, no puedo emitir juicio alguno sobre ellas.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

EL JURAMENTO DE JOSE CARDIJN

"Era víspera de mi partida para la Fábrica.

Cuando se acostaron todos, bajé descalzo a la cocina.

- Papá, le dije, debo pedirte una cosa: déjame estudiar aún.

- Pero tú sabes que eres el mayor y que tu madre y yo contamos contigo para que nos ayudes en la educación de tus hermanos y hermanas.

Yo me atreví a insistir:

- Papá: he sentido en mí un llamamiento de Dios... ¡Quiero ser sacerdote!

Mi padre enmudeció; de sus ojos brotaron dos lágrimas; mi madre se puso más pálida que las blancas paredes de la cocina. Mi padre me dijo entonces.:

- Mucho hemos trabajado ya. Quisiéramos descansar, es verdad. Pero, ¿no vale la pena seguir trabajando aún por la felicidad de tener un hijo sacerdote?

Fui al Seminario de Malinas.

Estaba terminando mi carrera, cuando un día recibo un telegrama: "Papá está muy grave". Partí al instante y entrando en el cuarto donde mi pobre padre estaba tendido sobre el lecho, me puse de rodillas junto a él. Extendió su mano de anciano, arrugada y encallecida por el duro trabajo y me dio su bendición. Pude asistir a toda su lenta y dolorosa agonía.

Entonces, ante el cadáver de ese hombre, que fue tan valiente en el silencio de su vida obrera, hice el juramento de dar mi vida por la clase obrera".

(José Cardijn, Fundador de la JOC).

LA ORACION DEL JOCISTA

"Señor Jesús:

Te ofrezco todo mi trabajo de este día, mis luchas, mis alegrías y mis penas.

Concédeme, lo mismo que a todos mis hermanos en el trabajo, pensar como Tú, trabajar contigo y vivir en Ti.

Dame la gracia de amarte con todo mi corazón y de servirte con todas mis fuerzas.

Reina en la fábrica, en el taller, en la oficina y en el hogar.

Haz que las almas de los obreros que hoy van a encontrarse en ocasión de pecado permanezcan en tu gracia.

Y que por la misericordia de Dios, los trabajadores muertos en el campo de honor del trabajo, descansen en paz.

Amén.

MADRE OBRERA

¿Por qué al pobre no le dicen que Dios murió para todos?
¿Por qué, Madre, de mil modos lo maltratan y maldicen?
¿No fue acaso un obrero tu hijo, oh Madrecita mía?
¿Acaso menos valía tu Dios por ser carpintero?
Yo... con el traje de obrero soy tan feliz, Madre mía, que por él no aceptaría ni el oro del mundo entero.

(Jocista anónimo de la primera hora).

VIII - SERVICIO DE EDUCACION POPULAR (SEP)

1 - EDUCANDO DESDE EL PUEBLO Y CON EL PUEBLO

En 1970, se reunió en Lima (Perú) un grupo de trabajadores exjocistas. Entre ellos había argentinos, bolivianos, brasileños, chilenos, colombianos, paraguayos, peruanos, uruguayos y un español. Proponíanse crear un servicio de educación popular. Creían en la cultura del pueblo latinoamericano y sabían que mientras éste la mantuviera y fuera actualizándola en forma auténtica, jamás sería del todo avasallado y menos aún domesticado. La cultura forja la comunidad y es el núcleo desde donde un pueblo resiste al opresor o al invasor hasta reconquistar su soberanía. Es la razón por la que todo imperialismo somete a un continuo y certero bombardeo a la cultura del pueblo con el fin de desmontarla y sustituirla luego por otra que justifique y asegure la dominación. Así aconteció en el pasado y hoy acontece en nuestra América Latina. El menosprecio y abandono de la cultura popular por parte de las elites políticas e intelectuales latinoamericanas facilitaron a las potencias imperialistas la destrucción de la unidad política y económica del Continente. La Patria Grande fue sustituida por un conjunto de repúblicas replegadas sobre sí mismas y desconectadas entre sí. Y fueron fácil presa del imperialismo de turno. Queda aún a Latinoamérica su unidad cultural: la misma fe, la misma lengua, un idéntico estilo de vida que muestra valores y rasgos comunes, conservando sin embargo las particularidades de cada nación. Esta cultura es el núcleo que sostiene la resistencia de nuestros pueblos a la invasión imperialista y nutre su voluntad de liberación y sus anhelos de retorno a la Patria Grande con rostro renovado y nuevo espíritu.

Contra esta cultura dirigen sus ataques los que, desde el interior o desde el exterior, se oponen a la reconstrucción de la Patria Grande, condición necesaria para una América Latina "políticamente soberana, económicamente independiente, socialmente justa".

El Servicio de Educación Popular se propone defender, promover y

enriquecer la cultura popular latinoamericana desde el pueblo y con el pueblo. Creado por trabajadores, es un instrumento de autoeducación del pueblo.

2 - METODO PARTICIPATIVO: TODOS EDUCADORES Y EDUCANDOS

El servicio de Educación Popular emplea un método educativo de participación activa del educando. Por dos motivos. Porque educar es ayudar al educando a descubrir y desarrollar virtudes o conocimientos que tiene, al menos en germen, dentro de sí y lograr en consecuencia la madurez y perfección según su vocación. No introduce elementos ajenos o extraños a la persona del educando. Simplemente parte de los valores ocultos y contribuye a hacerlos presentes y aprovecharlos. Quiere que el educando "sea lo mejor de sí mismo para dar lo mejor de sí". Reconoce y promueve la responsabilidad primera que cabe al educando en el proceso educativo. Este es el protagonista principal de su formación.

Y porque el SEP busca transformar la persona más que proporcionar información; pretende dar una visión nueva del hombre y de la sociedad más que ofrecer datos; apunta a perfeccionar la realidad más que a explicarla. El método educativo del Servicio de Educación Popular gira en torno a la participación activa de todos los integrantes del grupo, mediante el diálogo sabia y equilibradamente coordinado. De esta manera cada integrante aporta su porción de verdad y todos avanzan hacia una verdad más rica y más completa... Todos educan educando. Y participan sin temores ni complejos, porque los asuntos o problemas son tratados en base a la experiencia y la vida real de todos y de cada uno. El SEP es una escuela de vida y para la vida.

- El método comprende pasos:

Primero: el cuestionario

Cada invitado que participa del encuentro o seminario recibe con anticipación un cuestionario (pocas preguntas cortas, claras, sencillas)

sobre cada tema a tratar. El cuestionario facilita la reflexión y la participación en el diálogo.

Segundo: síntesis de las respuestas al cuestionario

Los responsables del encuentro recogen las respuestas escritas y elaboran una síntesis de la misma.

Tercero: primer debate

La reunión comienza con la puesta en común de la síntesis elaborada y se desarrolla en torno a ella.

El diálogo-debate es conducido ordinariamente por un miembro del SEP. Este, cuya función es coordinar, no debe manifestar su opinión ni imponer una línea de pensamiento ni favorecer una determinada conclusión. Su tarea se reduce a promover el diálogo y la participación de todos: exigiendo aclaraciones, si fuera el caso; pidiendo las razones de lo que se afirma; haciendo volver al tema, cuando se haya desviado del mismo; intentando, por medio de hábiles preguntas, se considere aspectos importantes del tema olvidados en el debate...

Cuarto: aporte complementario

Agotado el tema, el mismo coordinador o un militante del SEP puede ofrecer al grupo algún aporte complementario, que se somete al parecer del grupo.

Quinto: síntesis final

Finalmente, el grupo elabora, dialogando, la síntesis final o definitiva.

Sexto: evaluación del encuentro

Se evalúa el encuentro en sus diversos aspectos: cuestionario, síntesis, debate o diálogo, coordinación y organización del encuentro.

Después se invita a los participantes del encuentro a constituir un núcleo SEP. Se recogen nombres y apellidos de quienes asumen este compromiso y se fija el lugar y la hora de la primera reunión.

Y con esto ha terminado el encuentro o seminario.

3 - FORMACION INTEGRAL DEL TRABAJADOR. SUS TRES NIVELES

El SEP promueve una formación integral, es decir, que abarca la vida del trabajador en todos sus aspectos: socio-económico, político, cultural y religioso.

Y lo hace particularmente por medio de encuentros o seminarios de estudios, que organiza en tres niveles.

Primer nivel

Son encuentros abiertos a todo trabajador. La participación es limitada: no más de 17 personas aproximadamente por vez. De corta duración, se realizan en el tiempo y lugares favorables a la mayoría de los participantes.

Con estos encuentros el SEP promueve la concientización del trabajador en el marco de la realidad, en la que vive y actúa.

De estos primeros encuentros surgen los núcleos del Servicio de Educación Popular.

Segundo nivel

Los encuentros de este nivel completan y enriquecen la formación básica recibida anteriormente. A ellos son invitados los trabajadores que han participado de encuentros del primer nivel. Son de mayor duración.

Tercer nivel

Aquí se apunta a formar educadores del Servicio de Educación Popular, competentes, con miras a brindar un eficaz servicio al mundo obrero. Son encuentros de máxima duración, abiertos al trabajador que participó ya de los encuentros del segundo nivel.

- Otras formas de servir al mundo del trabajo.

El SEP, además de los encuentros o seminarios de estudio, contribuye a fomentar la cultura popular a través de:

- Mesas redondas y debates sobre problemas concretos o situaciones difíciles que afectan a los trabajadores;
- Publicaciones;
- Asesorías a su cargo a grupos sindicales y organizaciones populares, con relación a la cultura popular, la lucha por la justicia y la liberación, problemas y conflictos laborales. Y asesora, sin comprometer la autonomía de dichos grupos: no exige ningún tipo de subordinación.

4 - ESTRUCTURA Y EXTENSION DEL SEP EN AMERICA LATINA

El Servicio de Educación Popular está organizado a nivel nacional.

En el plano nacional (de cada país), existen los núcleos y el equipo coordinador.

Los núcleos o grupos de militantes constituyen las bases del Servicio de Educación Popular. Son ellos los encargados de los encuentros o seminarios y demás tareas educativas.

El equipo coordinador sostiene, anima, acompaña, coordina a los núcleos. Es tarea suya elaborar y actualizar el temario de los encuentros, como asimismo publicar los materiales de formación integral y contribuir a promover una Pastoral auténtica del trabajo. El equipo coordinador mantiene contactos oficiales con los equipos coordinadores de otros países.

En el plano latinoamericano, hay tres órganos representativos:

- La Asamblea general, máxima autoridad,
- El Comité Ejecutivo,
- El Secretario.

- Actualmente el SEP funciona en 16 países de América Latina. Y mantiene vivos contactos con los otros a los efectos de gestar en ellos la presencia y acción del SEP.

Periódicamente se realizan reuniones de los dirigentes latinoamericanos: dos por país miembro, a los que se agregan expertos en los asuntos a tratar.

5 - VALORES Y PRINCIPIOS ANIMADORES DEL SEP

El Servicio popular se inspira en los valores y principios cristianos que la Iglesia Católica supo inculcar en nuestros pueblos. Porque sus fundadores son cristianos, lo son sus militantes y cristianas son las raíces de la cultura popular latinoamericana.

En consecuencia, la formación integral que promueve, la lucha que sostiene por la justicia y la liberación del mundo del trabajo, la nueva sociedad que intenta, se inspiran en la enseñanza social de la Iglesia.

El SEP actúa con los ojos puestos en el Evangelio y los oídos abiertos al Pueblo trabajador. Quiere ser fiel a Cristo y fiel a los trabajadores. Solamente así constituirá un auténtico y eficaz servicio a la cultura popular latinoamericana, que es "sabiduría profunda, memoria histórica de luchas y de triunfos, común aspiración de Patria, recuerdo del pasado, esfuerzo de actualidad, reto para el futuro" (Juan Pablo II).

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

EL SERVICIO DE EDUCACION POPULAR

UNA CONSTATACION

- La promoción integral del Pueblo es una tarea larga.
- Desde hace años algunos hemos tratado de entregar lo mejor de nosotros en esa tarea.
- Pero estamos conscientes de que hoy las acciones que posibilitan esa promoción deberán ser más eficaces.
- Es decir, es necesario una formación integral a los que generosamente participan en esta tarea.
- Sin esa formación, los trabajadores no serán los artífices libres y responsables de esas acciones que posibilitan su Promoción Integral.

UNA RESPUESTA

- El SEP quiere hacer posible que los trabajadores reflexionen y analicen la realidad existente.

Elaboren una visión global:

- del hombre,
- de la Sociedad,
- de la Historia,
- de la acción del trabajador,
- de la acción cristiana comprometida con un cambio de la sociedad.

- Visión global reflexionada y elaborada como necesidad de la acción y orientada hacia la acción.
- Visión global que así se convierte en motor y en mística.
- Motor que empuja hacia una acción más eficaz.
- Mística que se trasluce en:

- Testimonio evangélico encarnado en la realidad y en el desafío de cambio de estructuras,
- Verdad que se comunica,
- Verdad que se responde.

(De los materiales del SEP).

OPCION ENTRE DOS MODELOS SOCIALES

"Se trata de optar entre un modelo de sociedad y de convivencia basado en lo que el hombre tiene o un modelo basado en lo que el hombre es.

Existe un abismo entre lo que dicen los principios universales y las constituciones de cada país por una parte, y lo que ocurre en la vida.

Según los principios universales y las constituciones de los distintos países, todos los hombres son iguales. En la práctica sabemos de sobra que no lo son... El problema de fondo está en que el modelo de sociedad y de convivencia que se nos ha impuesto está basado, no en lo que cada hombre es, sino en lo que cada hombre tiene. El que tiene dinero, poder y prestigio sale adelante y triunfa en la vida. El que no tiene esas cosas inevitablemente es un desgraciado, por más que las leyes y los principios constitucionales digan que es tan digno como el primero...

Las consecuencias de este estado de cosas están a la vista de todos. Ante todo, la desigualdad: unos tienen de sobra, mientras que otros no tienen ni lo indispensable. En segundo lugar, la dominación: los que tienen dominan a los que no tienen. En tercer lugar, la represión: el totalitarismo no es solamente una organización política terrorista, es también toda forma de organización económico-técnica no terrorista que funciona manipulando las necesidades de la gente en nombre de un falso interés general. Y por último, el desajuste radical de la civilización: los hombres son modelados según las exigencias del mercado, de la competencia, de la ganancia, y manipulados por quienes detentan el capital, que se imponen a la mayoría a través de los medios de expresión...

Es claro que una sociedad modelada así se ve abocada a situaciones sin solución. Porque lo que manda no es el ser del hombre, sino el interés de los que tienen o la necesidad apremiante de los que no tienen, pero cuya aspiración constante es tener".

(José Castillo: *"La Alternativa Cristiana"*).

IX - CULTURA POPULAR

1 - LA CULTURA, CUESTION DE TODO HOMBRE Y NO DE ELITES

A veces se habla de cultura como de un adorno que embellece y califica a la persona. Se considera, entonces, cultos al varón o a la mujer elegante, de finos modales. Otras, se identifica la cultura con el saber intelectual. Y así se tiene por culto al que se dedica al arte, la filosofía, la literatura, es decir, a actividades básicamente ligadas a la Universidad.

El término de por sí tiene un significado más amplio, más rico. Es cultura arar el campo, sembrar, producir alimentos, edificar, etc. En una palabra, toda actividad que transforma la naturaleza en función de las necesidades humanas. Es cultura toda actividad social: contraer matrimonio, crear organizaciones, promover material o espiritualmente un barrio, etc. Y es cultura la actividad política. Y lo es la actividad religiosa, sea personal o sea comunitaria.

El término cultura comprende toda actividad que forma parte del tejido de la vida humana y relaciona al hombre con Dios, con sus semejantes, con la naturaleza. Podríamos definirla "el estilo de vida e incluso de la muerte". Modo o estilo de vivir que se apoya en determinados valores, que son como razones o sus porqués.

Todo hombre tiene un estilo de vida, un modo de vivir. Lo que nos permite concluir con lógica: que la cultura es cuestión de todo hombre, y no solamente de elites. Por tanto, es culto el común de la gente, el pueblo humilde, por muy deficiente que sea su expresión escrita u oral. Es una cultura auténtica que ha sido adquirida en la escuela de la vida, al contacto con la realidad dura y en medio de la acción transformadora del trabajo.

Hay quienes, con aire de superioridad, califican de "analfabeta" la cultura popular. Sin embargo, en esa "cultura analfabeta" hay valores más arraigados que en muchas actividades intelectuales. (Pedro Salinas). ¡Cuánta sabiduría popular expone el Martín Fierro, de Hernández! Y no menos el folklore (ciencia del pueblo) nacional.

Estas líneas no pretenden otra cosa que invitar a los intelectuales a que descubran y reconozcan humildemente las vigencias culturales del pueblo. El intercambio entre cultura popular y cultura intelectual enriquecerá a las dos y contribuiría indudablemente a forjar la cultura nacional, una en los valores que nos identifican, pluralista en las formas de vivirlos y expresarlos.

2 - ES LA COMUNIDAD LA CREADORA DE LA CULTURA

Las personas nacen, se desarrollan y realizan en comunidad. Viven ligadas unas a otras por innumerables lazos sutiles, a través de los cuales reciben el aporte de los otros y dan su propio aporte. De aquí que la cultura es obra de la persona, completada y enriquecida en y por la comunidad. En otras palabras, es fruto del Nosotros, que es la comunidad.

La cultura nace de un pueblo y de la cultura nace una nación. En un momento dado de la historia, el grupo de personas, que se identifican con un concepto de la vida y con determinados valores, forjan una cultura y crean una nación. "La nación, dice Juan Pablo II, existe por y para la cultura, y así ésta es la gran educadora de los hombres para que puedan "ser más" en la comunidad... Existe una soberanía fundamental de la sociedad que se manifiesta en la cultura de la nación... Se trata de la soberanía, por la cual al mismo tiempo el hombre es supremamente soberano" (Discurso en la UNECO, 2/6/80).

"Una nación es una cultura, pero ésta no es unívoca; en su seno pueden cohabitar diversas subculturas regionales, provinciales, estatales, cada una con sus rasgos diferenciales (incluso con lenguas y dialectos distintos), pero con un eje valorativo" (Revista NEXO: Lucio Gera: Religión y Cultura, Septiembre de 1986).

3 - LIMITACIONES DE LA CULTURA Y FUNCION DE LA FE

El hombre y en consecuencia su cultura se enfrentan ineludiblemente con tres problemas que constituyen los interrogantes supremos de su

vida: la muerte, el amor y el pecado.

La muerte se nos presenta como la gran limitación y con apariencias de frustración total. ¿Qué sentido tiene entonces la vida? ¿Qué sentido tienen los seres que valoramos y apreciamos?

El amor es imprescindible al ser humano. Delicioso, pero cercado de espinas. Noble, pero fácil objeto de profanación. Es la única fuerza que libera de la soledad y genera comunidad, que fortalece ante el dolor y hace osado ante la contrariedad, que endulza y embellece la vida. Y sin embargo, es difícil cultivarlo y recoger sus frutos sazonados. ¿Cuán frecuentemente lo carcomen el tiempo y la costumbre, lo agrieta el infortunio, lo ahoga el egoísmo! Y no pocas veces el hombre experimenta que no ama plenamente o que su amor no es correspondido o lo es limitadamente... Y los porqués llevan angustias al corazón del hombre, como las olas del mar dejan restos en la orilla.

Y a los interrogantes que generan la muerte y el amor, súmanse los de la culpa, esa culpa que golpea sordamente la conciencia del hombre.

El ser humano es un proyecto que se realiza con lentitud, entre dificultades, con tropiezos. Cuando contempla lo realizado, descubre que hay déficit en su vida, es decir, que hay en ella aspectos no cumplidos y surgen entonces las preguntas: ¿Soy o no culpable? ¿Acaso no son estas deficiencias productos de una voluntad floja? ¿La culpa podrá ser perdonada?

Esta conciencia de la culpa es lo que los cristianos llamamos pecado.

La razón y la cultura del hombre no pueden dar respuestas satisfactorias a los interrogantes que plantean la muerte, el amor y el pecado, porque ellos están fuera del alcance de la razón humana. Unicamente puede darlas Dios, por ser el creador de todo lo existente.

- Y de hecho las ha dado. "Después de haber hablado antiguamente a nuestros padres por medio de los profetas, en muchas ocasiones y de maneras múltiples, finalmente Dios nos habló por medio de su Hijo (Hebreos 1, 1-2). En su Hijo Jesucristo, Dios ha completado su revelación. Y ésta es el fundamento cristiano.

La revelación cristiana, cuya depositaria es la Iglesia, responde plenamente a los supremos interrogantes de la vida.

Los grandes temas del Evangelio son el amor, la vida, la muerte y, dominándolo todo, el señorío de Dios que salva.

Cristo, "imagen de Dios invisible" Cf. 1,15, y hombre perfecto, esclarece el misterio del hombre. Jesús revela toda la verdad sobre el hombre: que éste sale de Dios elevado por la participación gratuita de la vida divina, realiza su vocación suprema en el mundo y retorna a Dios; que el pecado lo convierte en un rebelde frente al plan divino y el perdón lo reconcilia con Dios y con sus hermanos; que el dolor y el sufrimiento, asumidos serenamente, lo maduran y hacen crecer, y la muerte es el paso obligado a la resurrección: unido a Cristo y con El alcanza plenamente el hombre su destino a la felicidad. La revelación cristiana ofrece a los hombres estas respuestas acerca de los supremos interrogantes de la vida.

Cuando la cultura las acepta y asimila nos hallamos ante el hecho de una cultura evangelizada que puede descifrar el misterio del hombre. En este caso, la fe y la cultura se enriquecen mutuamente. La fe se encarna, sin desmedro de su identidad, en una determinada cultura, asimilando sus valores y su lenguaje. La cultura, sin pérdida de su autonomía, asume el mensaje evangélico y lo convierte en un factor constitutivo de su identidad. El pueblo sujeto de la cultura evangélica pasa a ser pueblo de Dios, es decir, una porción de la Iglesia.

4 - IGLESIA Y CULTURA MODERNA: SUS RELACIONES

Cuando hablamos de Edad Moderna, nos referimos al prolongado período histórico que se extiende desde la Edad Media hasta nuestros días.

La Edad Moderna es la era de los grandes descubrimientos geográficos, de los sorprendentes avances de la ciencia y de la técnica y de los profundos cambios en el campo de la industria y en la misma sociedad, que dan nacimiento, en la Europa occidental, a la civilización

urbano-industrial. Surge una nueva cultura: la moderna.

La cultura moderna se caracteriza por ser **autónoma**[53], **secular**[54], **laical**[55]. Se explica, por una parte, por el hecho de que los nuevos pueblos europeos, educados bajo la tutela de la Iglesia, habían alcanzado la mayoría de la edad psicológica y por otra parte, por las posibilidades que ofrecía al hombre, el maravilloso progreso de las ciencias.

Una cultura de semejantes características no conlleva, de por sí o necesariamente, el ateísmo o la negación de Dios, como no implica negar la existencia y la acción creadora del relojero, el explicar el movimiento y la exactitud del reloj por el mecanismo que contiene interiormente.

- La cultura moderna comenzó con el Renacimiento y el Humanismo[56], movimientos literarios y artísticos que significaron, en alguna manera, el retorno a la antigüedad. "Los contemporáneos quisieron resueltamente inaugurar una nueva época. Y forjaron un mito histórico: el mundo antiguo destruido por la Edad Media a la que, a su vez, era preciso destruir... Esta impresión de fundar un saber nuevo, de romper con una Edad Media incapaz de comprender a los antiguos procede, sin duda, de la decadencia de los escolásticos, quienes en los siglos XIV y XV abandonaron las grandes síntesis humanísticas por una magia neoplatónica hermética, una incipiente ciencia experimental y una lógica seca y bárbara" (Mousnier: Los Progresos de la Civilización Europea. Libro primero).

El hombre moderno buscaba un estilo de vida distinto al que recogió de la Edad Media. Quería vivir de manera más libre, más placentera, más bella. Y acudió al mundo antiguo en busca del ideal del hombre, de la bondad, de la belleza.

Los hombres del Renacimiento, en su mayoría cristianos, se esforzaron por congeniar la nueva cultura con la Revelación cristiana. Generaron la cultura del Barroco[57], que predominó hasta el siglo XVI incluso. A partir del siglo XVII se impone una modalidad cultural hostil a la Revelación cristiana y a la Iglesia, que se autodeterminó cultura de la ilustración. Esta hostilidad dejó paso, en los siglos XIX y XX, al ateísmo práctico en el liberalismo, teórico y militante en el marxismo.

- Cultura del barroco

La gran renovación católica que significó el Concilio de Trento contribuyó notablemente al desarrollo de la cultura del barroco.

El barroco es la primera expresión de la modernidad, en la que se vive una fuerte conciencia de cambio, de la novedad, pero al mismo tiempo coexiste la idea de continuidad con el pasado cristiano.

Esta cultura se inspira en la concepción del mundo y de la vida. Se ocupa más de las relaciones del hombre con el hombre que de las relaciones del hombre con la naturaleza: le importa la vida interior y no tanto el dominio de la naturaleza por la técnica. Da primacía al sentimiento, favorece el ideal de lo heroico que conduce a la exaltación.

La cultura barroca produjo un tipo humano de excepción, como por ejemplo, en España, Ignacio de Loyola, Teresa de Jesús, Francisco Javier, Pizarro, Cortés, etc.

Fue una cultura o más bien una constante histórica permanente de arraigo popular, como se evidencia en América Latina.

- Cultura ilustrada

La cultura ilustrada va gestándose en el siglo XVII y se desarrolla en el XVIII. Sus seguidores pretenden descifrar los misterios y solucionar los problemas del hombre con la sola luz o la ilustración de la razón, por medio de la ciencia y la técnica, de ahí que se autodenomina "cultura de la ilustración". Rechaza la Revelación divina y desconoce la autoridad de la Iglesia. La fe en la razón humana y en el progreso ilimitado sustituye a la fe en Dios. Pretende hacer del hombre un semidios terrestre.

La ilustración se desinteresa de aquellas realidades que están fuera del alcance de la razón y de los sentidos y se entrega exclusivamente al desarrollo de la ciencia y de la técnica. En consecuencia empuja al hombre a no preocuparse de los grandes interrogantes de la vida, lo empuja a desplegar su actividad en lo científico-técnico o en lo socio-económico político.

Aplicada al campo social, la cultura de la ilustración genera dos tipos de humanismo: el liberal y el socialista.

- Humanismo liberal.

El humanismo liberal nace de la contraposición entre la libertad del individuo y la autoridad política. Su gran tema es la libertad del individuo frente al Estado. Es en el siglo XVIII, cuando aparece el liberalismo como sistema. Sus expresiones históricas más visibles serán el capitalismo y la democracia liberal.

El liberalismo surge de la visión individualista del hombre: considera al hombre como un YO autosuficiente, desvinculado de los demás. Consecuentemente ignora que es esencialmente social, abierto a los otros, de quienes necesita para nacer y desarrollarse. Es una visión inadecuada o incompleta.

El liberalismo endiosa la libertad del individuo por encima de la Comunidad y del Estado. "Cree exaltar la libertad individual substrayéndola a toda limitación, estimulándola con la búsqueda exclusiva del interés y del poder, considerando las solidaridades sociales como consecuencia más o menos automáticas de iniciativas sociales y no como un fin y un criterio más elevado del valor de la organización social" (Pablo VI: Carta Apostólica en el 80 aniversario de la Rerum Novarum"). Clama en forma decisiva por los derechos de la persona y calla los derechos de la comunidad, olvidando que los derechos individuales deben sintonizar con los derechos sociales.

- El humanismo socialista.

El socialismo nace como una reacción ante las injusticias tremendas causadas por el liberalismo. Ha forjado un nuevo tipo de sociedad: Las repúblicas socialistas.

El socialismo expone distintas modalidades: unas ateas, otras cristianas, unas compatibles con la dignidad del hombre, otras incompatibles. De hecho, ha predominado el socialismo marxista. A este socialismo apunta fundamentalmente nuestro análisis.

El marxismo se alza sobre la visión colectivista y materialista del hombre. Concibe al hombre exclusivamente como "ser social", es decir, como parte del todo: la sociedad. Según esta visión, la persona humana

queda absorbida por la sociedad, como una gota de agua por un río o las aguas de un río por el océano. Tanto más cuanto que el marxismo, al desconectar del hombre el principio espiritual (el alma) que lo hace sujeto responsable de sus actos, lo reduce a mera materia y le niega capacidad de decidir por sí mismo y de optar libremente. Para el marxista, las condiciones económicas determinan el destino humano y quienes promueven el cambio de las estructuras económicas, sociales y políticas, en otras palabras, quienes ejercen el poder del Estado (los altos dirigentes del partido comunista) deciden por el individuo y señalan las normas de su comportamiento. Es así como el marxismo proclama los derechos sociales e ignora los derechos individuales, particularmente la libertad de la persona humana. Exige justicia social, olvida que sin libertad no hay justicia.

- Con la cultura de la ilustración se rompe el diálogo de la Iglesia.

El mundo moderno que surge de la cultura de la ilustración asume una actitud de rechazo y hostilidad para con el cristianismo. El liberalismo desconoce la revelación cristiana y la autoridad de la Iglesia y pretende encasillar a ésta en el ámbito de la conciencia y de lo privado. La Iglesia se repliega: encerrada en sí misma, ocupa lo mejor y la mayor de sus fuerzas en defender su identidad y su misión. Y se vuelve recelosa y negativa frente a la modernidad. No todo fue negativo sin embargo. La crítica al Estado moderno alerta sobre la tendencia de éste al uso de la violencia y a entrometerse en todo; el rechazo de ciertas doctrinas desenmascara los errores que ocultan y señala las funestas consecuencias que podrían generar.

El marxismo promueve una militancia hostil y persecutoria en contra de la Iglesia. Esta vive sin libertad y actúa en condiciones que imponen exorbitantes limitaciones, allí donde está establecido el marxismo.

León XIII inicia el diálogo con la modernidad. Y el diálogo, continuado por sus sucesores, fue avanzando lentamente, no obstante las tensiones que se daban. El Concilio Vaticano II renueva la Iglesia en función de su presencia en el mundo, la Iglesia desde entonces mira con

respeto y amor al hombre moderno, reconoce en forma clara y explícita la autonomía de lo temporal, se compromete a compartir "los gozos y esperanzas, las tristezas y angustias de los hombres sobre todo de los pobres y de cuantos sufren" y se dispone a servirlos desde el Evangelio, porque ella "se siente íntima y realmente solidaria del género humano y de su historia" (Vaticano II: G. et S. I.).

5 - LA IGLESIA Y LA CULTURA DE AMERICA LATINA

"Desde los orígenes de la América española, la Iglesia, con la predicación, el bautismo y los demás sacramentos, contribuyó a comunicar un espíritu cristiano y evangélico que penetró la raíz misma de la cultura en gestación. Cooperó así a humanizarla en la medida de las limitaciones de toda obra humana... El espíritu cristiano que la Iglesia sembró en el momento en que el elemento autóctono enfrentaba al llegado desde Europa, contribuyó a crear un dinamismo generador de un nuevo tipo cultural y de una particular unidad espiritual a escala latinoamericana... En efecto, al predicar la fe e impartir el bautismo al indígena, la Iglesia reconocía su carácter racional y humano. Procediendo así, cultivaba en él la conciencia de la dignidad del hombre, hijo de Dios, e impulsaba al europeo al reconocimiento de esa dignidad. Por eso, la fe y el bautismo, recibidos por la mayoría, fueron semilla de una básica conciencia de igualdad y de la posesión de derechos comunes al blanco y al indio... Ello coayudó a fortalecer una tendencia integradora de culturas a través del mestizaje, que se manifiesta claramente en estos territorios desde los inicios de la conquista. Prácticamente en el término de un siglo nace una cultura nueva, fruto de la integración del indígena, el negro y el conquistador hispanolusitano que desemboca en un hondo e integrador mestizaje cultural.

Además de la nueva identidad cultural... comienza a gestarse la integración de los pueblos americanos que se saben vinculados por una misma fe, una misma lengua, un idéntico estilo de vida que muestra valores y rasgos comunes, conservando sus particularidades regionales"[58]. Nació

y se formó el pueblo latinoamericano, un mundo nuevo unido económica, política y religiosamente: La Patria Grande.

- El primer sello cultural que aporta España sobre el vasto territorio indígena es el del barroco, que constituye el elemento totalizador de la cultura latinoamericana.

Es muy posteriormente cuando las oligarquías dominantes intentaron suplantar el barroco por la cultura de la ilustración, anticatólica y anticlerical. Entre los medios que emplearon hay uno particularmente significativo: sustituir la población criolla y mestiza "de gente haragana y que no trabajan", decían, por inmigrantes procedentes de países sajones. El proyecto se frustró en la práctica. Las grandes corrientes migratorias que llegaron en el siglo XIX, fueron españolas e italianas, que se asimilaron integralmente al estilo criollo de vida, robusteciendo el espíritu barroco del Nuevo Mundo. De modo tal, que los sectores populares de nuestro continente, siguen arraigados en una concepción católica del mundo, pese a los proyectos elaborados por elites que adhirieron a otros modelos.

- El menosprecio y abandono de la cultura popular por parte de las elites políticas y de la "inteligencia" de la burguesía criolla, condujo a una política de emancipación que desembocó en un mundo de pequeñas patrias desvinculadas entre sí, lo que favorecía los planes de las potencias imperialistas. América Latina sentía que se perdía a sí misma. Y eso se percibe aún hoy en los reclamos y anhelos por reconstruir la Patria Grande, que supone no el retorno a los tiempos del Virreinato ni tampoco el destruir las soberanías nacionales, sino la búsqueda de una integración que exprese con eficacia espiritual y material la unidad cultural que se mantiene vigorosa y permite a nuestros pueblos sentirse hermanos y solidarios.

6 - PUEBLO E IGLESIA, PILARES DE LA PATRIA GRANDE

Reconstruir la Patria Grande es una exigencia imperiosa de la vocación a la libertad de América Latina. Esta vocación nace y se nutre de nuestra cultura popular que es "sabiduría profunda, memoria histórica de luchas y de triunfos, común aspiración de Patria, recuerdo del pasado, esfuerzo de actualidad, reto al futuro". Sabiduría en la que "está inscrita una nueva civilización que se va gestando entre lágrimas y sufrimientos; que es para la plena manifestación de libertad y liberación de los hijos de Dios; que realice la vocación originaria de América Latina, llamada a plasmar... en una síntesis nueva y genial, lo espiritual y lo temporal, lo antiguo y lo moderno, lo que le han dado otros y su propia originalidad"[59].

La Patria Grande es el gran desafío de América Latina. De la respuesta al mismo depende el destino de nuestros pueblos: el afianzamiento de la paz, un mayor desarrollo integral, el logro de un lugar digno y un voto decisivo en el concierto internacional.

Porque así lo intuye, el pueblo latinoamericano anhela la resurrección de la Patria Grande. Porque así lo entiende, la Iglesia de América Latina aboga por la Patria Grande y promueve su reconstrucción. Puebla (Nº 428) expresa: "La Iglesia de América Latina se propone reanudar con renovado vigor la evangelización de la cultura de nuestros pueblos y de los diversos grupos étnicos para que germine o sea reavivada la fe evangélica y para que ésta, como base de comunión, se proyecte hacia formas de integración justa en sus cuadros de nacionalidad, de una gran Patria latinoamericana, y de una integración universal que permita a nuestros pueblos el desarrollo de su propia cultura, capaz de asimilar, de modo propio, los hallazgos científicos y técnicos".

Juan Pablo II alienta esta línea pastoral del episcopado latinoamericano: "Seguid, pues, prestando vuestro aporte, dilectos pastores, a la causa de la justicia, de una bien entendida integración latinoamericana, como un servicio esperanzado de unidad"[60].

Reconstruir la Patria Grande es la condición primera sin la cual América Latina y cada uno de los países jamás lograrán plenamente la soberanía política, la independencia económica, la justicia social.

Podemos reconstruirla, porque se mantiene viva y vigorosa, la fuerza con la que nuestros pueblos y la Iglesia forjaron ayer la Patria Grande y están decididos hoy a rehacerla. Y porque podemos, debemos reconstruirla.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA CULTURA POPULAR

"La cultura popular, estructurada fundamentalmente en torno al trabajo cotidiano... es el núcleo desde donde el pueblo ejerce su resistencia centenaria contra los opresores, a partir de sus cantos, danzas, religiosidad vigente, "economía subterránea" (autoconsumo o autoproducción invisible a la economía capitalista), solidaridad comunitaria, sistema alimenticio, etc.

Sin embargo, en el régimen de opresión que sufren los pueblos de los países periféricos, la cultura popular debe mimetizarse en las artesanías, en el folklore, en un nivel de cultura despreciada y subalterna. Sólo en los casos en que el pueblo logre organizarse, producir una práxis de liberación, sólo en esos casos, la cultura popular se torna creadora; es el caso de los pueblos que realizan una revolución cultural nacional.

La Iglesia de los pobres, las comunidades eclesiales de base, los profetas y santos que articulan con los pobres, se identifican con ese proceso "creador de cultura" y lo asimilan en la liturgia, en la celebración de la Palabra, en el rito en torno al memorial eucarístico, síntesis cultural y económica, donde el "pan" es objeto cultural, sentido desde la Palabra... y comido en la justicia. La comunidad festeja así en su cultura el fruto del trabajo para la vida".

(Etica Comunitaria, Nº 18, 9, de Enrique Dussel).

Podemos reconstruirla, porque se mantiene viva y vigorosa, la fuerza con la que nuestros pueblos y la Iglesia forjaron ayer la Patria Grande y están decididos hoy a rehacerla. Y porque podemos, debemos reconstruirla.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA CULTURA POPULAR

"La cultura popular, estructurada fundamentalmente en torno al trabajo cotidiano... es el núcleo desde donde el pueblo ejerce su resistencia centenaria contra los opresores, a partir de sus cantos, danzas, religiosidad vigente, "economía subterránea" (autoconsumo o autoproducción invisible a la economía capitalista), solidaridad comunitaria, sistema alimenticio, etc.

Sin embargo, en el régimen de opresión que sufren los pueblos de los países periféricos, la cultura popular debe mimetizarse en las artesanías, en el folklore, en un nivel de cultura despreciada y subalterna. Sólo en los casos en que el pueblo logre organizarse, producir una práxis de liberación, sólo en esos casos, la cultura popular se torna creadora; es el caso de los pueblos que realizan una revolución cultural nacional.

La Iglesia de los pobres, las comunidades eclesiales de base, los profetas y santos que articulan con los pobres, se identifican con ese proceso "creador de cultura" y lo asimilan en la liturgia, en la celebración de la Palabra, en el rito en torno al memorial eucarístico, síntesis cultural y económica, donde el "pan" es objeto cultural, sentido desde la Palabra... y comido en la justicia. La comunidad festeja así en su cultura el fruto del trabajo para la vida".

(Etica Comunitaria, Nº 18, 9, de Enrique Dussel).

TRADICION Y CULTURA DE NUESTROS PUEBLOS

El Papa Juan Pablo II, al referirse a la tradición cultural de los pueblos latinoamericanos, la califica de "una sabiduría profunda de vuestra gente, una memoria histórica de luchas y triunfos, una aspiración común de Patria", que "están simbolizadas en los mismos grandes temas religiosos que viven en el pueblo como focos de actividad cultural, y que inspiran la instrucción, el arte, las artesanías, la fiesta y el descanso, la convocación multitudinaria y hasta la organización de las comunidades..."

(Discurso en Quito - Ecuador - 3/1/85).

"Velen con todos los medios a su alcance, por esta soberanía fundamental que posee cada nación en virtud de su propia cultura. ¡Protéjanla como a la niña de sus ojos para el futuro de la gran familia humana! ¡Protéjanla! No permitan que esta soberanía fundamental se convierta en presa de cualquier interés político o económico. No permitan que sea víctima de los totalitarismos, imperialismos o hegemonías, para los que el hombre no cuenta sino como objeto de dominación y no como sujeto de su propia existencia.

Incluso la nación, su propia nación o las otras, no cuentan para ellos sino como objeto de dominación y cebo de sus intereses diversos, y no como sujeto de la soberanía proveniente de la auténtica cultura que les pertenece en propiedad".

(Juan Pablo II: Mensaje a la UNESCO.- 2/6/80, Nros. 14 y 15).

X - LA ESPIRITUALIDAD DEL TRABAJADOR CRISTIANO

1 - LA ESPIRITUALIDAD O ESTILO DE VIDA CRISTIANA

Espiritualidad deriva del término espíritu.

Espíritu es el ser sin mezcla de materia. Distinto de la materia, el espíritu no se opone a ella. Tan es así que ambos, íntimamente unidos, pueden constituir un ser peculiar. Es el caso del ser humano, que en su totalidad es espíritu-cuerpo. Por eso, los actos espirituales más sublimes del hombre (pensar, querer, amar) son penetrados y condicionados por el cuerpo y las acciones corporales más primitivas (comer, caminar, generar) están animadas y dirigidas por el espíritu. El hombre es un YO que expresa su realidad única: alma-cuerpo. Porque es espíritu encarnado (corporizado) o carne (cuerpo) espiritualizado.

Por ignorar esta realidad humana, algunos reducen la espiritualidad a los actos o las cosas del espíritu (alma), como si en el hombre, el espíritu pudiera existir y actuar independientemente del cuerpo. Y esto no es propio del cristianismo.

El cristianismo es la religión de la "encarnación". Su centro es la persona de Jesucristo. Y éste no es un "espíritu", sino un ser de carne y hueso (Lc. 24, 37-40), que "come y bebe" (Lc. 24, 41-43; Mt. 11, 19). Y este hombre es "Hijo de Dios" (Marc. 1, 1), es "Dios... hecho hombre" (Jn. 1, 1-14).

La espiritualidad cristiana, por lo tanto, afecta al hombre (alma-cuerpo), a todos sus actos (del espíritu y del cuerpo) y a todas sus actividades (personales y sociales). Nada escapa a la influencia de Cristo y de su Espíritu. Podemos definirla como el estilo o el modo de vivir cristianamente. Estilo que implica ser y actuar como Cristo, ser otro Cristo hoy y aquí.

2 - ESPIRITUALIDAD PROPIA DEL LAICADO

La espiritualidad cristiana es una en esencia: consiste ésta en "seguir a Cristo", "vivir como Cristo". Pero múltiple en sus formas: se dan distintos modos de seguir a Cristo, de ser como él. Porque el Evangelio y la persona de Jesús envuelven aspectos y virtualidades tan ricos que ningún ser humano pudo ni podrá vivirlos todos. De ahí que el cristiano debe contentarse con escoger un aspecto de la vida de Jesús y, desde este aspecto, interpretar el Evangelio y elaborar su espiritualidad o modo de vivir como Cristo. La elección de ese aspecto es determinada de acuerdo al temperamento, la educación, la vocación de cada persona y el ambiente en que vive. Así surgen en la Iglesia las diversas espiritualidades. Todas se proponen "seguir a Cristo". Cada una desde un aspecto distinto. San Francisco de Asís y San Vicente de Paúl "siguen a Cristo", el primero a Cristo pobre y crea la espiritualidad franciscana que gira alrededor de la pobreza evangélica; el segundo a Cristo evangelizador de los pobres y forja la espiritualidad vicenciana, cuyo eje es la vida y las virtudes de Cristo misionero de los pobres.

Toda espiritualidad cristiana posee dos elementos. Uno, esencial y permanente, que la identifica y la diferencia de otra espiritualidad: es el aspecto del Evangelio que la inspira. Otro, secundario o circunstancial: el temperamento, la educación, la vocación, el ambiente socio-político. Una espiritualidad conserva actualidad y validez, pese al correr del tiempo, en la medida en que, desprendiéndose del elemento circunstancial, adapta a las nuevas realidades su elemento esencial o aspecto evangélico escogido.

- Todo cristiano, por exigencia del bautismo, ha de ser y vivir como Cristo. Cada uno en conformidad con su sexo, temperamento, estado y vocación. Es la razón por la cual, el laico o seglar debe elaborar una espiritualidad propia: la forma de seguir y actuar como Cristo ha de ser diferente de la espiritualidad del sacerdote o del religioso.

El laico "vive en el siglo o mundo secular". En otras palabras, vive en las condiciones ordinarias de la vida de familia y social, con las que está entretejida su existencia[61], ocupado en actividades del mundo. Es

desde esta realidad y en función de la misma que debe elaborar su espiritualidad, avanzando hacia la santidad y contribuyendo a la vez "a la santificación del mundo, como desde dentro, a modo de fermento"[62]. Una espiritualidad de acción secular (en el mundo) y para la acción secular, que surge de la oración y la acción, de la participación sacramental y el compromiso temporal y conduce al encuentro con Dios y con el hombre y encarna el amor a Dios en el servicio al hombre. Espiritualidad que se apoya sobre la **FE** en un Dios activamente presente en la historia de los hombres, la **ESPERANZA** en la acción del Espíritu Santo que atraviesa la historia y la conduce hacia la salvación y la **CARIDAD** que urge la entrega y el servicio al Reino de Dios.

- El bautismo nos une íntimamente a Cristo -"Yo soy la vid, vosotros los sarmientos"- haciéndonos partícipes de su vida divina. Somos hombres divinizados e hijos de Dios. Tal nos quiere Dios desde toda la eternidad. La Fe, la Esperanza y la Caridad, que se nos infunde en el bautismo, nos capacitan para actuar en unión con Cristo. La espiritualidad, acción de Dios y nuestra, nos va modelando a imagen de Cristo y nuestra vida, como la de Jesús, se convierte en una ofrenda agradable a Dios y un servicio del hombre.

3 - ESPIRITUALIDAD LAICAL Y COMPROMISO TEMPORAL

El orden temporal "está constituido por los bienes de la vida, de la familia, de la cultura, de la economía, de las artes y de las profesiones, de las instituciones de la comunidad política, de las relaciones internacionales y de otras realidades semejantes, así como su evolución y progreso". Posee autonomía, destino y fines propicios, como también leyes y medios propios.

Las cosas temporales gozan de una bondad natural que les viene de la creación. "Dios miró todo lo que había hecho, y vio que era muy bueno" (Génesis 1, 31). Destinadas al servicio del hombre, lo esclavizan

éste las convierte en ídolos, resignando su dignidad: el señor de las cosas pasa a ser dominado por ellas. Es misión de la Iglesia, de cada bautizado y de toda institución cristiana denunciar y combatir este error y promover el respeto de la jerarquía de valores instituida por el Creador. Es lo que llamamos compromiso temporal.

En un sentido amplio, el compromiso temporal significa iluminar y orientar las tareas temporales, a la luz del Evangelio y según las exigencias de la caridad cristiana, conservando, sin embargo, las leyes y fines propios de este orden. Es tarea de la Iglesia como institución.

En un sentido estricto, el compromiso temporal significa buscar y dar soluciones concretas a los problemas temporales que se suscitan en el campo político, económico, social, cultural, etc., actuando directamente en dicho orden. Es tarea que corresponde a los laicos en cuanto tales, con responsabilidad propia. Este compromiso temporal es parte constitutiva de la espiritualidad del laico. Sin él la espiritualidad laical no es tal: no responde a la vida y la vocación del laico, cuyo lugar propio es el mundo y su función ordenarlo de acuerdo al plan de Dios. Sin el compromiso temporal, el amor a Dios y al prójimo del laico se reduce a estériles sentimientos y se agota en hermosas palabras.

Son válidas también para los laicos las palabras que San Vicente de Paúl decía a sus misioneros: "Amemos a Dios, hermanos míos, amemos a Dios, pero que sea con el esfuerzo de nuestras manos y el sudor de nuestra frente, pues tantas declaraciones de amor, de complacencia, de benevolencia y otros sentimientos, fruto de un corazón que ama, aunque óptimos y muy de desear, son muy sospechosos si no conducen a la práctica del amor efectivo", que es la acción.

4 - ORACION Y SACRAMENTO NUTREN TODA ESPIRITUALIDAD

Sin una suficiente y buena alimentación, la vida se debilita y termina por extinguirse. No escapa a esta ley la vida cristiana, contenido esencial de toda espiritualidad.

La santidad es la vocación de todo cristiano. El laico debe realizarla a través del compromiso temporal. Escalar la santidad, asumiendo sin desmayos el compromiso temporal de cada día, genera fatiga y agota. Y si a lo difícil de la ascensión en la virtud y lo arduo del combate por un mundo mejor, sumamos los resbalones y desvíos en la marcha, las heridas y los reveses en la lucha, nos resultará evidente la necesidad de replantearse el camino o de modificar la estrategia de la lucha, de recuperar las fuerzas o de atender las heridas. Y es en la oración y en los sacramentos donde el cristiano encuentra luz y energía, alivio y curación para luego reiniciar, renovado y con mejores posibilidades, la marcha y el combate.

- La oración

Orar es conversar con Dios, con Cristo, con María, la Virgen, con los Santos. Como conversamos con nuestros padres o hermanos o amigos o compañeros. Allí donde nos encontramos. De modo espontáneo, sencillo, natural. ¡Tantas cosas nos unen, nos interesan, nos deseamos!

Así ha de ser nuestra oración. Y lo será si brota de nuestra vida, ya que en ella se entrelazan intereses y anhelos, alegrías y fatigas, triunfos y fracasos que afectan a Dios y a nuestros semejantes, y dan lugar a expresar nuestra oración, nuestra alabanza y gratitud, nuestra necesidad de perdón, de ayuda, de protección. ¡Cuántos ejemplos de oración sencilla, filial, confiada contienen los libros de la Sagrada Biblia! Sobresalen los Salmos. Ocupan lugar preponderante las oraciones de Cristo. La oración brota de la vida para transformar la vida obteniendo la gracia de Dios.

Hay quienes buscan afanosamente un método eficaz de oración. Un buen método facilita la oración, no afecta sin embargo a la esencia de la oración, que es "conversar o dialogar con Dios", que supone hablar con Dios y escuchar a Dios. Cada uno lo hace a su modo. La oración es fruto más de la iniciativa divina, de la acción del Espíritu Santo, que del esfuerzo humano. El hombre debe estar atento a la iniciativa divina y a colaborar con ella.

San Vicente de Paúl gustaba decir: "Dadme un hombre de oración y será capaz de todo". Se hace fuerte con la "fuerza de Dios". Cuenta con

la omnipotencia de Dios. Puede forzar su mano, su decisión. Así aconteció con la Virgen María en las Bodas de Caná (Jn. 2, 1-12) y con la mujer cananea (Mt. 15, 21-8).

Dios conoce nuestras necesidades, pero quiere y espera que se las expresemos. "Pidan y se les dará... Si Uds., que son malos, saben dar cosas buenas a sus hijos, ¡cuánto más el Padre celestial dará cosas buenas a aquellos que se las pidan! (Mt. 7, 7-11).

- Los sacramentos

Los sacramentos fueron creados y entregados a la Iglesia por Cristo para continuar y hacer visible su presencia salvadora entre los hombres. Son instrumentos, a través de los cuales el Salvador perdona los pecados, comunica la vida divina, transforma al hombre, forja la nueva creación. Los sacramentos generan el ser y la vida cristiana.

La Eucaristía y el sacramento de la Reconciliación o Confesión se relacionan de modo inmediato y reiterado con el cotidiano vivir del hombre. Por eso, nos detenemos en ellos.

La Eucaristía actualiza el sacrificio de la cruz bajo las apariencias del pan y del vino y nos alimenta con la "carne y la sangre" de Cristo (Jn. 6, 55; 1 Cor. 10, 16).

La Misa celebra la liberación del hombre, obtenida "con la sangre preciosa de Cristo" (1 Pedro 1, 19). En consecuencia, despierta o acrisola, aumenta o vigoriza la conciencia de vivir en libertad. Cuestiona las incoherencias que se dan en la vida personal, en las estructuras sociales, en la misma historia.

La palabra de Dios convoca a la libertad de los hijos de Dios. El Cuerpo y la Sangre de Cristo, recibidos en la Comunión, renuevan e infunden energías liberadoras.

- "La Eucaristía, escribe Alejandro Cussiánovich, es el signo concreto confiado por Cristo a la Iglesia, de su militancia radical; la Cena del Señor tenía pleno sentido porque toda su vida no hizo sino anunciar militantemente el mensaje de liberación, y porque unas horas después cumpliría el gesto supremo de militancia: dar la vida por todos los

hombres...

La fuerza subversiva de la Eucaristía le viene de esto: de la certeza de que hoy somos liberados por el Señor y que este don nos engancha a luchar por la liberación que aún no es realidad para todos, ni lo es plenamente para todos... Sabemos que lo más exigente de la celebración eucarística radica en que ésta no puede ser realmente auténtica por parte de la Iglesia si no está vitalmente ligada al esfuerzo de solidaridad, de amor al prójimo, solidaridad y amor que se expresan al mismo tiempo en la disponibilidad al perdón y a la acogida del otro, y en compromiso por construir la justicia, base de la comunión entre todos... La Eucaristía por lo tanto o corre el riesgo de que su participación sea inauténtica, o debe ser signo concreto de la militancia de la Iglesia... Resumiendo, la Comunidad cristiana que celebra la Eucaristía debe cada vez revisar su compromiso, su militancia. La militancia concreta da sentido a nuestra participación en la Eucaristía; la Eucaristía es el sentido de nuestra militancia" ("NOS HA LIBERADO", cap. XI).

De la Eucaristía, el compromiso temporal del militante cristiano recibe fecundidad en grado insospechado. El militante llega al altar llevando consigo la representación de aquellos con quienes convive y con quienes actúa. Y presenta a Dios, junto con la vida y los sufrimientos de Cristo, la vida y los sufrimientos propios y de sus representados. Y al retornar a sus quehaceres, siembra allí donde vive y donde desarrolla su actividad, las semillas o gérmenes de salvación que ha recogido de este encuentro privilegiado con Cristo Resucitado.

- La Confesión o Reconciliación es el sacramento del perdón recreador.

No siempre triunfamos en la lucha contra el pecado. Más de una vez hemos debilitado e incluso quebrado la amistad con Dios y las relaciones con los demás. Y con nosotros quedó perjudicada la comunidad. El pecado no es sólo "cosa mía". Afecta también a todos. Nuestras actitudes y acciones son solidarias y refuerzan la comunidad o son egoístas y la debilitan e incluso pueden dividirla. El pecado tiene resonancias sociales:

es la "raíz y fuente de toda opresión, injusticia y discriminación" (Puebla 517).

El sacramento de la reconciliación rehace o vigoriza las relaciones amistosas con Dios y con los demás. Más que palabra, el perdón de Dios es acción que extirpa el pecado, reajusta el corazón, devuelve o fortifica la vida. El hombre es renovado, la comunidad queda reparada y crece la solidaridad de sus miembros.

Por el hecho de ser acciones de Cristo, la Eucaristía y la Reconciliación, aunque de por sí son eficaces, sus frutos dependen de las buenas disposiciones de quienes participan de su celebración. San Agustín afirma: "El que te creó sin ti, no te salvará sin ti". Verdad que la JOC aplica así a sus militantes; "Sin Cristo, el militante nada puede hacer. Sin el militante, Cristo nada quiere hacer. Cristo y el militante lo pueden todo".

5 - CRISTO OBRERO Y LA ESPIRITUALIDAD DEL TRABAJADOR

Toda espiritualidad cristiana gira en torno a un aspecto de la vida de Cristo. Y desde este aspecto, el cristiano interpreta y vive el Evangelio y adquiere rostro y estilo propios.

La visión de Cristo Obrero es la más apropiada para fundamentar e inspirar la espiritualidad del trabajador cristiano.

Jesús de Nazaret "pertenece al mundo del trabajo". Su madre era hija del pueblo humilde. Su padre adoptivo era carpintero. El mismo Jesús pasó la mayor parte de su vida terrena trabajando con sus manos en el banco carpintero. Obrero de la materia como artesano, fue luego obrero del espíritu como evangelizador de los pobres.

El trabajo artesanal había marcado a fuego la persona de Jesús. Su acción resumía sentido de la realidad concreta y de la justicia, sensibilidad ante la desgracia y el dolor ajeno, disposición a la solidaridad afectiva y al servicio, preferencia por los pequeños, los débiles, los pobres, valores

éstos innatos a los hombres de trabajo.

"Sus parábolas[62] sobre el Reino de Dios se refieren constantemente al trabajo humano: el trabajo del pastor, del campesino, del médico, del sembrador, del dueño de casa, del siervo, del mercader, del administrador, del pescador, del obrero". Jesús "habla además de los distintos trabajos de las mujeres. Presenta el apostolado a semejanza del trabajo manual de los segadores o de los pescadores. Además se refiere al trabajo de los estudiosos"[63]. Tan es así que en el mundo de los humildes lo reconocen y aceptan como a uno de los suyos.

- Inspirándose en este Cristo Obrero, los trabajadores y militantes cristianos pueden elaborar su propia espiritualidad laical. En su vida y en sus enseñanzas encontrarán las líneas y los criterios ciertos para la tarea de construir un mundo sobre la dignidad del hombre y del trabajo y extender el Reino de Dios. "El cristiano que está en actitud de escucha de la Palabra de Dios vivo, uniendo el trabajo a la oración, sepa que puesto ocupa su trabajo, no solamente en el progreso terreno, sino también en el desarrollo del Reino de Dios, al que todos somos llamados con la fuerza del Espíritu Santo y con la palabra del Evangelio"[64].

LECTURA COMPLEMENTARIA

EUCARISTIA Y LIBERACION

"La Eucaristía celebra la victoria de Cristo sobre la muerte, sobre el pecado. Celebrar la Eucaristía es celebrar a Cristo como liberador, como Salvador, como Señor.

La muerte y la resurrección del Señor constituyen la acción subversiva más radical; es vencer la raíz misma de la injusticia, de la explotación, del egoísmo: es vencer el pecado.

Cuando los cristianos celebramos la Eucaristía estamos celebrando este misterio de subversión radical. Cristo nos ha liberado, y nos sigue llamando a ser libres. La fuerza subversiva de la Eucaristía le viene de esto: de la certeza de que hoy somos liberados por el Señor y que ese don nos engancha a luchar por la liberación que aún no es realidad para todos, ni lo es plenamente para nosotros.

Celebrar la victoria sobre el pecado y comprometerse a seguir luchando por vencer el pecado y sus consecuencias en el hombre y en la sociedad... hacen de la eucaristía una acción que cuestiona nuestro mundo interior, nuestra sociedad, nuestra historia... nuestras incoherencias personales y colectivas.

Toda Eucaristía es un llamado a la conversión, a un cambio radical... Lo más exigente de toda la celebración eucarística radica en que ésta no puede ser realmente auténtica por parte de la Iglesia, si no está ligada al esfuerzo de solidaridad y de amor al prójimo, solidaridad y amor que se expresan al mismo tiempo en la disponibilidad al perdón y a la acogida del otro, y en el compromiso por construir la justicia, base de la comunión entre todos".

(*"Nos ha Liberado"*, de Alejandro Cussiánovich.- Lima (Perú).- 1972).

NOTAS EXPLICATIVAS Y FUENTES DE INFORMACION

1- **Cardijn:** La hora de la clase obrera.

2- **Perón:** La hora de los pueblos.

3- **Ignace Leep:** Angustias y esperanzas del proletariado.

4- **Pablo VI:** Evangelii Nùntiandi Nº 14.

5- **José María Roman:** San Vicente de Paúl. Biografía.

6- **Pablo VI:** Evangelii Nuntiandi-Nº 27 a 36; Declaración del episcopado Argentino de San Miguel: Justicia (2 y 3).

7- **Ignace Leep:** Angustias y esperanzas del proletariado. Capítulo (11,4).

8- **Reinaldo G. Conforti:** Historia de la Clase Trabajadora. Capítulo 11.

9- **Juan Pablo II:** En la Plaza de la Independencia. Santo Domingo.

10- **Jorge Pixley-Clodovis Boff:** Opción por los pobres. Cap. 1, 3.

11- **Pixley-Boff:** Opción por los pobres. Cap. 1, 3.

12- **Tercer Mundo:** Se lo puede definir desde tres puntos de vista:

1º: el geográfico: conjuntos de pueblos subdesarrollados de América Latina, de Asia y de Africa.

2º: el ideológico: los pueblos que asumen una posición ideológica, distinta del liberalismo y del socialismo colectivista e intentan un socialismo humanista, que respete los valores espirituales y religiosos, nacionales e internacionales y armonice lo individual y lo comunitario, la libertad y la justicia.

3º: el político: el grupo de países dominados o dependientes que pretenden forjar un bloque coherente y eficaz con miras a una política internacional liberadora que les permita ser plenamente soberanos y decidir por sí mismo su propio desarrollo integral, en un clima de solidaridad, sin aislarse de los demás países y sin someterse a ninguno. Aún no han logrado su objetivo.

Hoy, después de la crisis del marxismo en Rusia y en los pueblos del este de Europa y la desaparición del imperialismo soviético, hay una nueva realidad mundial: queda una sola superpotencia y el capitalismo liberal que domina y se extiende mundialmente. No se puede hablar de primero, segundo y tercer mundo... Ha cambiado el envase.

No lo envasado. Persiste substancialmente el contenido de lo que hasta hace poco se llamaba el tercer mundo: pueblos dependientes o dominados que, por serlo, son empobrecidos y trabados por los dominadores en sus esfuerzos por desarrollarse. Ideológicamente se puede hablar de un mundo que, al parecer, marcha hacia un orden internacional de ideología capitalista, en el que luchan por imponer su poder diversas potencias capitalistas: Las que conforman la Comunidad Europea, Japón y Estados Unidos. Desde el punto de vista ideológico, existe en el mundo uniformidad, salvo alguna que otra excepción, pero políticamente hay pluralidad de poderes (William Pfaff, periodista norteamericano). Sin embargo, también hoy, como anteriormente, el mundo se divide en dos bloques: el de los países ricos y el de los países pobres, cada vez más distantes unos de otros.

13- **Puebla:** Nº 1134.

14- **Pixley-Boff:** Opción por los pobres. Cap. IX; **Reinaldo G. Conforti:** Historia de la Clase Trabajadora, Capítulo II, Nº 4, 5, 6.

15- **Asistencialismo:** actitud y práctica de quienes pretenden solucionar la pobreza con la sola asistencia. Dan pescado, no enseñan a pescar. **Reformismo:** la política de quienes, interesados en la defensa del sistema imperante que los privilegia, promueven reformas que dejan intacta la esencia del mismo. Conceden algo, para no perderlo todo.

16- **La política** puede entenderse como lucha por el poder (política partidista) o como forma de participación en el ámbito de la sociedad civil en defensa y la promoción del bien común (política en general). La Iglesia, como institución, no puede intervenir en política partidista. No puede desligarse de la política general, particularmente cuando se viola la dignidad y los derechos del hombre, sobre todo de los pobres, cuando son contrariadas las exigencias de la justicia y de la solidaridad.

17- **J. M. Ibáñez:** Vicente de Paúl y los pobres de su tiempo, 4. Evangelización de los pobres. XXXV Asamblea General de la Congregación de la Misión 14.

18- **Ibáñez:** Obra citada. 11. Responsabilidad con respecto a los pobres.

19- **Varios Autores:** Argentinos: Pastoral y dependencia.

20- **Varios Autores:** Argentinos: Obra citada.

21- **Cardijn:** Es la Hora de la Clase Obrera.

22- **Juan Pablo II:** A los Sacerdotes, Religiosos y Laicos de Uruguay (31-3-87).

23- **Juan Pablo II:** Discurso anteriormente citado.

24- **HablaCardijn:** Editorial Jocista, págs. 184-186.

25- **Mons. Rau:** Introducción al libro Habla Cardijn.

26- **Cardijn:** Es la Hora de la Clase Obrera.

27- **Revista Ecclesia:** España.

28- **Papa Pío XII:** Discurso a los 30.000 jocistas. Roma 1957.

29- **Pablo VI:** Al presidente internacional de la JOC (19-9-69).

30- **Habla Cardijn:** Editorial Jocista.

31- **Pablo VI:** Carta al presidente internacional de la JOC 1969.

32- **Concilio Vaticano II:** Lumen Gentium (Luz de los Pueblos) Nº 31.

33- **Carta de Mons. Solari:** Ver Notas de Pastoral Jocista. Abril-Mayo de 1949.

34- **Equipo o grupo de influencia:** El grupo de jóvenes trabajadores que forma el militante jocista en su barrio o lugar donde trabaja o actúa con miras a transformar el ambiente y demás trabajadores.

Asamblea General: Reunión abierta a todo joven trabajador.

35- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.

36- **Notas de Pastoral Jocista.** Marzo-Abril 1949.

37- **Notas de Pastoral Jocista.** Noviembre-Diciembre 1949.

38- **Notas de Pastoral Jocista.** Noviembre-Diciembre 1949.

39- **Boletines y Notas de Pastoral Jocista** del Período 1950-1957.

40- **Notas de Pastoral Jocista.** 1957.

41- **Notas de Pastoral Jocista.** 1957.

42- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.
43- **Notas de Pastoral Jocista.** 1957.
44- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.
45- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.
46- **Notas de Pastoral Jocista.** 1956.
47- **Notas de Pastoral Jocista.** 1956.
48- **Methol Ferré:** La Iglesia en América Latina. Revista NEXO, Nº 10.
49- **Methol Ferré:** La Iglesia en América Latina. Revista NEXO, Nº 10.
50- **Methol Ferré:** Artículo y revista citados.
51- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.
52- **Temporalista.** En la tarea de evangelizar se puede caer en uno de estos dos errores: reducir la acción al campo de lo espiritual o religioso (espiritualismo) o reducirla a lo profano, temporal o social (temporalismo). Pablo VI rechaza ambas reducciones: La misión de la Iglesia se realiza tanto en lo profano como en lo religioso; abarca todas las dimensiones de la vida. (Evangelii Nuntiandi).
53- **Autónoma:** Que no depende de la fe. Busca alcanzar y analizar con sólo la razón las verdades naturales, que están a su alcance, sean filosóficas o científicas, religiosas o morales.
54- **Secular:** Que da una explicación inmediata -primera- de los fenómenos naturales o de los problemas humanos en base a la naturaleza de las cosas o del hombre respectivamente.
55- **Laical:** Que es elaborada fundamentalmente por y para laicos, es decir, personas que viven en las condiciones ordinarias de la vida familiar y social, ocupadas en actividades del mundo.
56- **Renacimiento y Humanismo:** Florecieron durante los siglos XV y XVI; son movimientos distintos, pero estrechamente emparentados. Con el nombre de Humanismo se designa a aquella parte del Renacimiento que preocupóse preferentemente de la formación literaria, del lenguaje, de la educación, de los estudios, del saber.
57- **Barroco:** En su origen, el término significó una forma de arte

que, apartándose de la sencillez y sobriedad del Renacimiento clásico, se distinguió por la exuberancia en el adorno y el decorado. Posteriormente a todas las formas de la cultura.
58- **Episcopado Argentino:** Iglesia y Comunidad Nacional, 4-7 - 8-5-81.
59- **Juan Pablo II:** Discurso en Quito (Ecuador), 3-1-85.
60- **Juan Pablo II:** Discurso en el XXV Aniversario del CELAM. Río de Janeiro.
61- **Vaticano II:** Lumen Gentium 31.
62- **Vaticano II:** Lumen Gentium 31.
63- **Juan Pablo II:** "El hombre que trabaja", 26.
64- **Juan Pablo II:** "El hombre que trabaja", 27.

INDICE

INTRODUCCION 5

I - JESUS LIBERADOR DESDE SU CONDICION DE POBRE Y CON LOS POBRES 9

1 - Al querer ser como Dios, el hombre desordenó la creación 9
2 - Cumplido el tiempo, Dios envió a Jesús El Salvador 10
3 - El Reino de Dios centro de la enseñanza de Jesús 11
4 - Comienzo de las hostilidades en contra de Jesús 13
5 - El Reino de Dios utopía hecha realidad por Cristo 14
6 - El Reino de Dios, don divino y esfuerzo del hombre 15
7 - El Reino de Dios se gesta en el interior del corazón 16
8 - La Iglesia es signo e instrumento del Reino 17
9 - Pobre y con los pobres 18

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 20

EL CARPINTERO 20
EL REINO DE DIOS 21

II - EL MUNDO OBRERO Y LA IGLESIA 22

1 - Una audaz pregunta y un inquietante planteo 22
2 - El mundo obrero: sus integrantes, su misión, su acción 23
3 - La Iglesia: Miembros, misión, actividades 25
4 - Testimonios de los hechos históricos 27
5 - La Iglesia defensora de la dignidad y los derechos del trabajo 34

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 36

LA GLORIA DE DIOS Y LA GLORIA DEL HOMBRE 36
LA GRAN APORTACION 37

III - HOY ¿QUIENES SON LOS POBRES? ¿POR QUE LO SON? 38

1 - Los pobres de ayer y los pobres de hoy 38
2 - Tres grandes grupos o bloques de pobres 39
3 - Los pobres son producto de un sistema explotador y excluyente . 41
4 - Los pobres claman por el cambio del sistema dominante 44
5 - Lucha solidaria a nivel nacional e internacional 46

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 51

LA LEY DEL LIBRE MERCADO Y LA JUSTICIA 51
ES MENESTER CONSTRUIR UN MUNDO NUEVO 52

IV - LA OPCION DE LA IGLESIA POR LOS POBRES .. 53

1 - Un compromiso solemne, explícito y público 53
2 - Opción que deriva de la opción por Cristo 54
3 - Esta opción debe ser efectiva y solidaria 55
4 - La nueva forma de la opción cristiana por los pobres 57
5 - Sin compromisos concretos es ilusión la opción por el pobre 59
6 - Potencial evangelizador de los pobres 62

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 64

CRISTO, IGLESIA, POBRES 64
LA LECCION DE UNA VIDA 65
NUEVA EXPRESION DEL AMOR A LOS PUEBLOS . 66

V - EL PUEBLO PROTAGONISTA DE LA HISTORIA ECLESIAL Y CIVIL 67

1 - Un hecho peculiar en América Latina 67
2 - Un pueblo poco instruido en la fe, pero de fe viva 67
3 - Pastoral desde el pueblo y con el pueblo 69
4 - Un paso decisivo sin duda; aún queda mucho por andar 72

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 74

IGLESIA Y MUNDO 74
"EN EL MUNDO SIN SER DEL MUNDO" 75

VI - PASTORAL DEL MUNDO DEL TRABAJO 76

1 - Una forma específica de la pastoral popular 76
2 - La pastoral del trabajo reclama en la actualidad doble acción 76
3 - Principio clave de la pastoral del trabajo 77
4 - La salvación o liberación total, meta de la pastoral del trabajo ... 79
5 - Necesidad de un organismo representativo 81
6 - Tarea de promoción, de coordinación y de inserción 82

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 84

LA HORA DE LA CLASE OBRERA 84
CARISMAS Y FUNCIONES 85

VII - JUVENTUD OBRERA CRISTIANA (JOC) 86

1 - Naturaleza, fundación y extensión mundial de la JOC 86
1 - Movimiento cristiano al servicio del mundo obrero 86
2 - Repetidos intentos y feliz parto de la JOC 87
3 - Cuatro características esenciales de la JOC auténtica 92
4 - La evangelización, razón de ser de la JOC 95
5 - Elite extraída de la masa en función de la masa 96
6 - Una organización para el movimiento, no al revés 96

2 - Trayectoria histórica de la JOC argentina 97
1 - Nacimiento oficial de la JOC argentina: Año 1940 97
2 - Líneas de formación y de acción apostólica 98
3 - Publicaciones al servicio de la formación y acción 99
4 - Actos reveladores de la vitalidad y el empuje de la JOC 100
5 - Dos obispos recomiendan la JOC a sus sacerdotes 102
6 - Avances del movimiento. Los 10 años de su fundación 103
7 - Comienza a decrecer el empuje del movimiento 104
8 - Primer Congreso Mundial Jocista en Roma 106
9 - Gestación de la crisis. Signos alarmantes 107
10 - Varias y complejas causas de la crisis 108
11 - Causas particulares internas a nuestra JOC 109
12 - Causas que influyeron desde el exterior 112
13 - No todo fue negativo en la JOC argentina 115
14 - Saliendo al paso de ciertas afirmaciones erróneas 117
15 - La JOC Internacional (JOCI) y la Santa Sede 122

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 123

EL JURAMENTO DE JOSE CARDIJN 123
LA ORACION DEL JOCISTA 124
MADRE OBRERA 124

VIII - SERVICIO DE EDUCACION POPULAR (SEP) 125
1 - Educando desde el pueblo y con el pueblo 125
2 - Método participativo: todos educadores y educandos 126
3 - Formación integral del trabajador. Sus tres niveles 128
4 - Estructura y extensión del SEP en América Latina 129
5 - Valores y principios animadores del SEP 130

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 131

EL SERVICIO DE EDUCACION POPULAR 131
OPCION ENTRE DOS MODELOS SOCIALES 132

IX - CULTURA POPULAR 133

1 - La cultura, cuestión de todo hombre y no de elites 133
2 - Es la comunidad la creadora de la cultura 134
3 - Limitaciones de la cultura y función de la fe 134
4 - Iglesia y cultura modernas: sus relaciones 136
5 - La Iglesia y la cultura de América Latina 141
6 - Pueblo e Iglesia, pilares de la patria grande 143

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 145

LA CULTURA POPULAR 145
TRADICION Y CULTURA
DE NUESTROS PUEBLOS 146

X - LA ESPIRITUALIDAD DEL TRABAJADOR CRISTIANO 147

1 - La espiritualidad o estilo de vida cristiana 147
2 - Espiritualidad propia del laicado 148
3 - Espiritualidad laical y compromiso temporal 149
4 - Oración y sacramento nutren toda espiritualidad 150
5 - Cristo obrero y la espiritualidad del trabajador 154

LECTURA COMPLEMENTARIA 156

EUCARISTIA Y LIBERACION 156

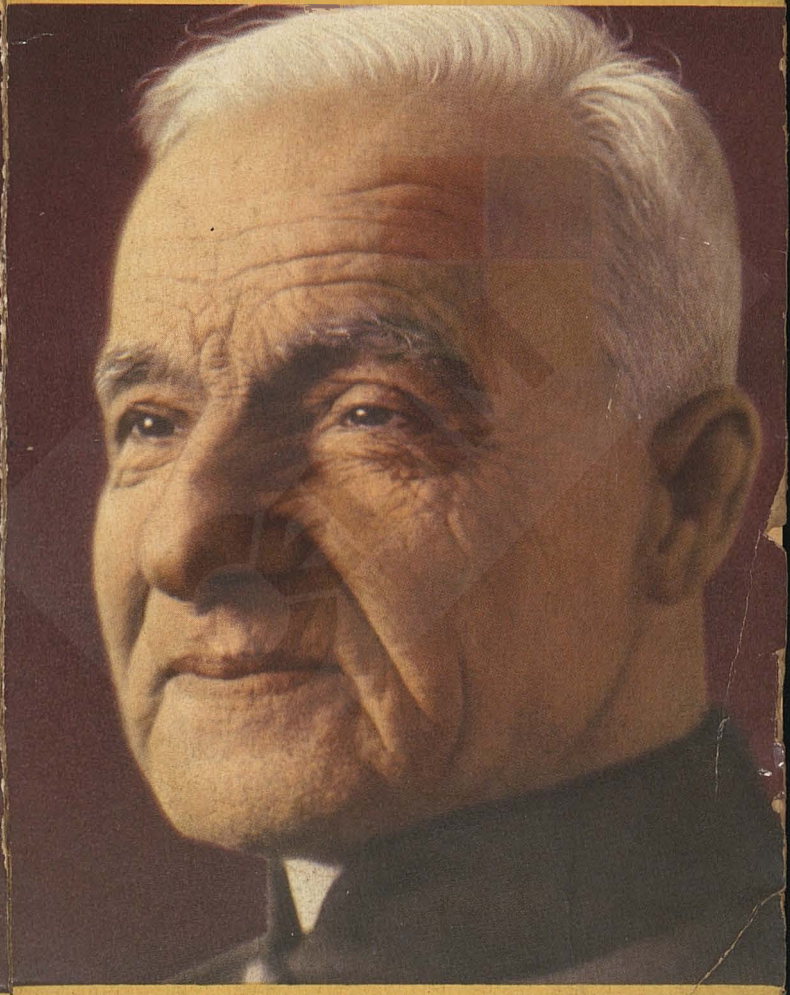
NOTAS EXPLICATIVAS Y
FUENTES DE INFORMACION 157

Este libro se imprimió en octubre de 1996
en los Talleres Gráficos de
LA OPINION DE MORENO
Editor Juan Carlos Lacusta
H. Yrigoyen 125, (1744) Moreno, Bs. As.
Tel.: 037-25353

ENTREGADO POR:
PEDRO M. CASUASIN
ALEM 610-
(6700) - LUJAN - B.A. - ARG.
Tel 0323-23401

1$

Le Frère André



Le Frère André

LE FRÈRE ANDRÉ

de la Congrégation de Sainte-Croix

Dixième édition — 291,000 exemplaires
© Oratoire Saint-Joseph

Dépôt légal — 2e trimestre 1988
Bibliothèque nationale du Québec
Bibliothèque nationale du Canada

ISBN 2-920067-05-2

Imprimé au Canada

Henri-Paul BERGERON, c.s.c.

LE FRÈRE ANDRÉ

de la Congrégation de Sainte-Croix

L'APÔTRE DE SAINT JOSEPH

ORATOIRE SAINT-JOSEPH
3800, chemin Reine-Marie
Montréal, Qué. H3V 1H6
Tél.: (514) 733-8211

Tous droits de traduction, de reproduction et d'adaptation réservés pour tous pays.

NOTE LIMINAIRE

POUR nous conformer aux décrets des pontifes romains, et notamment à ceux du pape Urbain VIII, concernant la béatification des serviteurs de Dieu et la canonisation des saints, nous déclarons que les qualifications contenues dans cette biographie n'ont d'autre portée que de représenter nos impressions personnelles et celles des témoins immédiats de l'histoire que nous racontons, sans que nous ayons l'intention de préjuger en rien les décisions de la sainte Église, dont nous nous faisons gloire d'être les fils très humbles et très soumis.

PRÉSENTATION

Le 29 janvier 1938

Mon cher Père,

Vous avez voulu m'offrir en prémices la lecture de la vie du frère André, apôtre de saint Joseph. J'en suis touché et je vous en remercie. J'ai lu et relu ces pages. Toutes sont vraies et certaines le sont tellement qu'en les parcourant, j'ai goûté comme la douceur et le charme réconfortant d'un entretien avec celui que Dieu vient d'appeler à Lui.

Le frère André, quel mystère! Incompréhensible, si nous le regardons de nos yeux de chair. On a dit qu'il a été un guérisseur, s'imposant par une force de volonté peu commune, auprès de ceux qui venaient à lui. Là résiderait le *secret* de ce que l'on a appelé *ses miracles*. Pourtant quel homme frêle, si simple, une âme d'enfant avec aucune de nos prétentions. L'histoire l'appellera le fondateur de l'Oratoire du mont Royal. Il est toujours resté, lui, sans pause aucune, le très humble serviteur de Dieu.

La foi seule découvre et explique bien ce que fut le vénéré convers. Le sous-titre de ce livre lui donne sa vraie physionomie. C'est l'apôtre de saint Joseph.

Ne cherchons pas ailleurs sa force. Sa mission, faire connaître et aimer le Père de Jésus, comme un guide sûr de vie surnaturelle, il l'accomplit, avec une grande docilité aux inspirations de l'Esprit-Saint. Il nous prouve, par toute sa vie, que Joseph est le protecteur et le modèle qui conduit à Dieu. Aussi sa dévotion par excellence, c'est l'amour de Dieu sous ses formes les plus vraies : la passion du Christ et son eucharistie.

Vous n'avez pas cru nécessaire de consacrer un chapitre à la dévotion particulière de l'apôtre du mont Royal. Vous avez eu raison. Le frère André n'est pas un théoricien. De plus cette dévotion n'est pas chez lui une formalité passagère ; c'est une force de tous les instants, qui soutient tous ses actes, les inspire, les rapproche du modèle.

Pas un de vos chapitres, d'ailleurs, qui ne montre la confiance du cher religieux envers l'époux de Marie, son admiration pour lui, la place qu'il occupe dans toute sa vie. Vous nous présentez donc un frère André tel qu'il a été : en relations constantes avec le patriarche de Nazareth, *l'apôtre de sa puissance comme protecteur de l'Église Universelle*. Ce n'est pas une biographie conventionnelle, coupée en tranches, c'est tout simplement la vie du frère André.

Je salue votre livre comme le témoignage fidèle de ses confrères et je le considère comme l'hommage respectueux de ceux qui l'ont connu et d'autant plus aimé et admiré ! Puisse-t-il aider à mieux connaître et mieux aimer celui que Sa Sainteté Pie XI vient de proclamer, à son tour, « le puissant protecteur de l'Église ».

C'est à ce titre que je me permets, à votre demande, mon cher Père, de présenter ce livre au lecteur : *accipe et lege*, prends et lis, lecteur, c'est l'histoire des merveilles de la grâce de Dieu dans une âme qui s'est mise, chaque jour, inlassablement, à son service, sous le patronage de saint Joseph.

Prends et lis.

L'œuvre du frère André n'est pas finie, elle commence.

Le Supérieur,

Albert COUSINEAU, c.s.c.

R. P. Henri-Paul BERGERON, c.s.c.
Oratoire Saint-Joseph,
Montréal.

I

SOUVENIR D'UNE MAMAN

Dans la plaine bossuée de monts solitaires, à l'est de Montréal, le village de Saint-Grégoire-d'Iberville revendique l'honneur d'avoir vu naître le frère André. Ses habitants montrent avec fierté un lopin de terre, à la croisée des routes de Saint-Grégoire et de Marieville :

— C'est là qu'il est venu au monde.

Aucune trace ne subsiste de la maisonnette où logea la famille du frère André. L'emplacement qu'elle occupait est marqué par une croix monumentale en granit, érigée à la mémoire de l'humble religieux. Tout près, l'abrupte montagne sommeille, telle un monstre étendu dont l'ossature perce par endroits la peau dénudée.

Par cette fraîche après-midi d'octobre, la nature est figée dans un silence profond. Toute la vie s'est tue qui chantait, au long de l'été, sous le soleil dardant. Partout le mélancolique automne étale ses teintes dégradées de verts, allume ses ors blonds ou bruns, mêlés à la pourpre sanglante des érables. Et tandis que nous rêvons devant ce décor, du village montent quelques notes allègres... La cloche chante sans doute la naissance d'un chrétien. À cette voix, nous revivons une scène avec les couleurs fanées que l'imagination jette sur les faits lointains...

*
* *

Dix août 1845. Au-dessus d'une lourde maison canadienne aux murs en pierres des champs, à la fois église et

presbytère, une clochette grêle salue un bien pauvre cortège. Quelques commères, attirées sur le seuil de leurs demeures, murmurent :

—C'est encore Isaac Besset, qui va faire baptiser. C'est son huitième enfant.

Le curé doit se dire, en complétant les cérémonies du baptême qui a été conféré d'urgence au moment de la naissance :

—Il n'en a pas pour longtemps à vivre, celui-là.

Il trace dans le registre :

—Le dix août mil huit cent quarante-cinq, par nous, prêtre soussigné, a été baptisé sous condition, Alfred, né la veille, du légitime mariage d'Isaac Besset, menuisier, et de Clautilde Foisy, de cette paroisse. Le parrain a été Édouard Besset et la marraine Josephte Foisy, oncle et tante de l'enfant, qui, ainsi que le père, ont déclaré ne savoir signer.

P.-A. Sylvestre, prêtre, curé.

Grâce aux soins d'une mère aimante, l'enfant doit survivre, mais il demeurera malingre toute sa vie. Les parents ont contracté mariage à Saint-Mathias, le 27 septembre 1831. Le père, menuisier et charron, métiers de saint Joseph, change fréquemment de village, comme en témoignent les extraits de baptême de ses nombreux enfants.

Chrétien dès le berceau, le frère André ne s'est donc pas sanctifié après une conversion retentissante, comme saint Paul, saint Augustin, le père de Foucauld : son âme pure, qui s'épanouit sous le regard de Dieu, suscite un intérêt aussi réel quoique moins piquant. Fils de la campagne québécoise, où s'est conservée la tradition catholique et française, il représente bien notre race.

Sa sainteté a son origine dans le coeur de sa maman, qui se préoccupe de faire de lui, dès le berceau, un héritier du ciel. Vertueuse, douce, laborieuse, elle se montre une chré-

tienne idéale, la mère du petit Alfred. Entre les mains de cette femme du peuple, illettrée et chargée d'enfants, il apprend les noms de Jésus, Marie, Joseph avec ceux de papa, de maman, et il s'habitue à associer, dans son coeur, sa famille du ciel à celle de la terre.

Dieu donne, avec le baptême, la grâce divine ; aux parents de développer un esprit conforme à cette vie surnaturelle. Âme de cire que celle de l'enfant, mais qui porte indélébiles les premières empreintes qu'on y trace. C'est sur les genoux de la mère que se dessine très souvent l'orientation d'une vie.

Je me plais à songer à cette famille heureuse sur son lopin de terre, à sa maisonnette isolée où chante la vie bruyante de huit enfants en bas âge. Quatre ans se passent en apportant au foyer le cadeau de deux nouvelles bouches à nourrir. Le père, incapable de subvenir aux besoins de la famille, dit adieu à ce logis, au village de Saint-Grégoire et va s'établir dans la petite ville de Farnham. Le 20 février 1855, il meurt accidentellement écrasé par un arbre qu'il abattait dans la forêt. Il laisse son épouse pauvre et chargée d'enfants.

Alfred qui conserve un souvenir brumeux de son père, par contre aimera à causer de sa mère :

—Ma mère, me sachant très faible, semblait avoir pour moi plus d'affection et de soins que pour les autres... Elle m'embrassait plus souvent qu'à mon tour. Souvent, en cachette, elle me donnait de petites friandises... Le soir, pendant la prière récitée en famille, j'étais près d'elle et je suivais sur son chapelet.

—Je n'ai vu ma mère que souriante... et quel beau sourire! Depuis qu'elle est morte, elle m'a souri assez souvent. Sans me parler, elle me regarde avec amour... J'ai rarement prié pour ma mère, mais je l'ai bien souvent priée.

Son âme d'enfant s'épanouit, sous la direction de cette mère bien-aimée. Il est déjà remarquable par sa piété.

Une de ses sœurs répondra à ceux qui, pour la taquiner, sembleront insinuer qu'après tout son frère n'est pas si saint que cela, qu'il a été un mauvais garnement dans sa jeunesse :

—Vous ne diriez pas cela, si vous l'aviez connu. Dans ses plus tendres années, il passait des heures à prier dans l'église de Farnham...

Deux années durant, la courageuse veuve s'efforce de subvenir aux besoins de sa famille, mais elle succombe à la tâche. Brisée de veilles, de labeurs et de privations, minée par la phtisie, elle reçoit l'hospitalité chez sa soeur, madame Timothée Nadeau, qui demeure à Saint-Césaire. Seul Alfred l'accompagne. Le reste de la famille est dispersée chez d'autres parents charitables. La malade entourée des soins de sa soeur, des caresses de son petit préféré, traîne quelque temps encore une vie languissante. Comme la fin approche, ses enfants sont convoqués à son chevet. Le 20 novembre 1857, elle leur adresse un dernier adieu. Avec cette lucidité parfaite coutumière chez les phtisiques, même au moment de la mort, elle doit leur dire :

—Mes chers petits, voilà plus de deux ans que votre papa nous a quittés pour le ciel... Le bon Dieu vient me chercher à mon tour... Priez pour moi... N'oubliez pas la tombe de votre père... Mon corps reposera à côté du sien, dans le cimetière de Farnham... Du haut du ciel, je veillerai sur vous...

Alfred assiste à la détresse de sa chère maman, désolée de quitter la terre, alors que les petites mains de ses nombreux enfants la rattachent à la vie. C'est à cette image, dans le décor de ce logis d'emprunt, que sa piété filiale s'attachera le plus. Ces deuils, qui jalonnent son enfance, creusent son âme par la douleur, la rendent insensible aux plaisirs du monde, allument sa soif d'amour et de dévouement.

Le grand tourment d'une mère est de savoir ce que deviendront ses tendres enfants, petits anges qui apportent dans la vie les pleurs, les sacrifices, semailles prometteuses

de la récompense éternelle. À l'heure de la mort, la mère du petit Alfred, dans l'éblouissement de la rencontre avec le Seigneur, doit murmurer :

— Je ne suis rien qu'une pauvre femme, une très pauvre veuve. Dans la paille de mes actions, je vous ai donné de beaux épis, des adorateurs, dix enfants à qui j'ai inculqué votre amour de mon mieux, autant que le permettaient mon ignorance, mon rude labeur et le peu de jours que vous m'avez laissés. Seigneur, ils sont vôtres, gardez-les bien.

Nous devinons la réponse :

— Ces enfants, ils seront tes joyaux dans le ciel. Autour de ton Alfred, tu verras les âmes qu'il gagnera par ses prières, par ses larmes, et la longue lignée de pécheurs qu'il entraînera à sa suite...

★
★ ★

Au sortir du cimetière, où ils viennent de conduire leur mère, les orphelins se séparent de nouveau en pleurant. Alfred retourne auprès de sa tante dont les traits physiques ainsi que les qualités morales lui rappellent la bien-aimée disparue. Son oncle, sous des dehors un peu rigides, voile un cœur très compatissant. L'orphelin demeurera toujours attaché à ses parents adoptifs. Certains extraits empruntés à des lettres qu'il leur adressera peu après son entrée en religion manifestent combien vive est son affection à leur égard :

— Cher oncle et chère tante, je me trouve heureux dans l'état que j'ai embrassé, sans cependant oublier mes bienfaiteurs... Cher oncle, si j'ai longtemps différé de répondre à votre aimable lettre c'est que je voulais attendre jusqu'à la fête de votre glorieux patron. Comme c'est une coutume générale dans les familles de présenter un bouquet le jour de la fête patronale du père, quel bouquet plus précieux et plus parfumé pourrai-je vous présenter en ce jour que le

souvenir de vos bienfaits à mon égard ? Quel plus riche bouquet pourrai-je vous présenter que le souvenir de toutes les peines et de tous les soins que vous vous êtes donnés pour moi ?...

Généreux mais robuste et dur au travail, Timothée Nadeau entend faire de ses enfants et de son fils adoptif de rudes gaillards, capables de se débrouiller dans la vie... Le trop sensible Alfred regrette un peu les attentions que lui a prodiguées sa mère. Plus tard, dans un moment de confidence, avec une exquise charité, il avouera :

— Mon oncle était un homme fort et il pensait que tous les autres étaient bâtis comme lui.

J'imagine facilement le solide campagnard dire à l'orphelin inconsolable de la mort de sa chère maman :

— Fini de pleurnicher maintenant, tu es capable de travailler, tu as douze ans. À ton âge, je labourais et gagnais ma vie. Il faut t'habituer à te débrouiller, à te tirer d'affaires, car on n'est pas riche... Comme ta faible santé et tes goûts t'éloignent de l'étude, j'ai songé à te faire apprendre le métier de cordonnier.

Et le petit Alfred d'accepter avec plaisir, car toute sa vie, en effet, il se plaira aux rudes tâches. Il sera toujours un travailleur très faible qui abuse de ses forces. Le courageux petit homme se met à la besogne avec acharnement. Je le vois penché tout le jour sur le cuir épais pour faire les solides souliers ou « bottes de bœuf ». Parfois, il se pique avec les alènes, se frappe sur les doigts. De violents maux d'estomac le tenaillent, qui le suivront toute sa vie.

Il fait l'apprentissage de la pitié pour les malades et les travailleurs. En parlant du temps où, bambin pâle et souffreteux, il devait s'astreindre à ce dur métier, il avouera que ce travail surpassait ses forces :

— Vous comprenez, travailler de la cordonnerie presque à quatre pattes, taper du marteau toute la journée, ce n'est pas un moyen pour faire sa digestion.

Vers cette époque, le jeune Alfred se prépare à sa pre-

mière communion. On n'a pas de peine à deviner la ferveur de cette première rencontre avec Jésus-Hostie, chez l'orphelin qui garde, bien vivants dans sa mémoire, les enseignements de sa pieuse mère et qui, toute sa vie, sera un adorateur assidu du saint Sacrement. Le curé Provençal, fervent ami de saint Joseph, le prépare à cette divine rencontre. Qui doutera de sa fidélité à suivre le catéchisme, à écouter le récit de l'évangile ! Il pense souvent déjà à saint Joseph qui veillait sur l'Enfant-Jésus. Peut-être, dès lors, promet-il de ressembler à ce saint travailleur, en veillant sur l'Enfant-Dieu qu'il porte toujours dans son âme, par la grâce, et qu'il reçoit avec tant de piété dans la communion.

Une photo a fixé ses traits de premier communiant. Visage pâlot, maladif, éclairé par des yeux noirs brillants, dont l'un est plus petit que l'autre. Son attitude exprime un mélange de douceur, d'énergie et de recueillement.

Un soir, Alfred se sent bien malade. Madame Nadeau qui l'aide à se mettre au lit, le voyant grimacer de douleur lorsqu'elle essaye de le dévêtir, lui demande :

— Qu'est-ce que tu portes sous ta chemise ?

— Oh ! rien !

— Laisse voir, mon enfant.

Elle découvre une ceinture de cuir armée de quelques broquettes.

— Mais tu deviens fou. Avec une santé comme la tienne, faire des pénitences semblables:

— Ma tante, c'était un sacrifice que j'avais promis. Pardonnez-moi, je ne le ferai plus.

Pleine d'admiration, elle se penche sur son cher neveu et l'embrasse. Quelque temps après, elle lui enlève une chaîne de fer qu'il porte étroitement serrée à la taille. À ses reproches l'enfant répond : «Je ne le ferai plus.» Mais toujours il invente quelque autre sacrifice.

Ses frères d'adoption se moquent de ces excentricités et les rapportent à leur mère :

— Alfred ne couche pas dans son lit, mais sur le plancher ; je l'ai vu, maman... Moi aussi, je l'ai vu.

— Est-ce vrai, Alfred ?

L'enfant baisse la tête et ne dit mot.

— Tu vas te rendre malade. Ne fais plus ça...

Ses petits cousins, qui le chérissent comme un frère, se plaisent toutefois à mettre de temps à autre leurs fredaines à son compte. Souvent, il pleure à l'écart. C'est ainsi, dans le travail et dans l'épreuve, que Dieu le prépare à sa mission.

Afin qu'il puisse mieux servir de modèle aux ouvriers, la Providence lui fait tâter de tous les métiers. L'apprenti cordonnier abandonne son emploi pour travailler dans une boulangerie...

Le 5 avril 1860, Timothée Nadeau, en proie à la fièvre de l'or qui pousse les Canadiens à s'expatrier par centaines, quitte sa famille et se rend en Californie à la recherche de gisements aurifères. L'incurie des gouvernants à protéger et à développer l'agriculture explique cette intense émigration des campagnards québécois.

Vers la même époque, Alfred, âgé de quinze ans, s'embauche comme garçon de ferme, chez un nommé Ouimet, qui demeure non loin du village de Saint-Césaire.

Gai, serviable, laborieux, Alfred toutefois ne ressemble pas aux autres enfants. Au lieu de s'amuser, il passe ses loisirs à prier. Les jours de pluie, les heures de repos, il les consacre à égrener son chapelet, à penser à sa maman.

Il prend l'habitude de causer avec saint Joseph, que le curé Provençal lui a appris à honorer spécialement. Déjà cette dévotion devient un amour efficace qui arque sa vie dans un effort incessant vers l'imitation du modèle des ouvriers. En lui, il trouve l'idéal qu'il s'applique à reproduire et l'ami qui l'aiguille vers la sainteté en lui prêtant son assistance.

Par le rayonnement de sa présence, saint Joseph fait épanouir la vie intérieure de cet enfant, son futur apôtre, et l'achemine vers le culte de la passion. Déjà la spiritualité se dessine qui marquera toute la vie d'Alfred : l'union intime de la dévotion à Jésus souffrant avec celle de son père adoptif. Deux incidents caractérisent bien l'ascension de son âme vers Dieu, sans période de résistance à la grâce et toujours avec une générosité héroïque.

Au cours d'une vente à la criée, monsieur Ouimet fait l'acquisition d'un crucifix. Devant l'intérêt que manifeste l'orphelin en dévorant cet objet des yeux, il demande :

— Aimerais-tu l'avoir ?

— Oh ! oui, monsieur.

Et le cadeau est accordé. Comme, dans la suite, Alfred s'attarde chaque soir dans la grange après son travail, le fermier va à sa recherche et le surprend agenouillé devant le crucifix fixé à une poutre.

Peu après l'enfant semble très incommodé pendant son travail. On réussit à découvrir le sujet de ce malaise : il porte sur sa chair une lourde chaîne de fer.

Un incident survenu à cette époque dénote bien son angélique pureté.

Conduit dans une soirée, il constate, au laisser-aller de l'assistance, que cette réunion est un peu louche. Sans craindre les sarcasmes, il s'esquive aussitôt. Au retour, comme il franchit un ponceau, il entend un murmure insolite qui ne ressemble en rien au gloussement du ruisseau sur son lit de cailloux arrondis. Tout de suite, avec l'habitude qu'il a de penser sans cesse à sa mère, l'orphelin s'écrie :

— Chère maman, si par ce bruit vous voulez m'avertir de ne jamais remettre les pieds dans cette maison, qu'il se répète de nouveau.

Et distinctement le même murmure recommence.

Sans juger de la valeur de ce signe, notons combien le souvenir de cette morte bien-aimée éloigne l'orphelin des

périls, au long de sa jeunesse errante, privée de surveillance.

Le jeune Alfred quitte Saint-Césaire pour Farnham. Il tente de devenir forgeron. Plus tard, il se plaira à rappeler aux ouvriers qui se plaindront de la dureté de leur travail, le temps où il ferrait les chevaux et battait le fer.

Forcé d'abandonner bientôt ce métier trop dur pour lui, il obtient un emploi chez le curé de l'endroit, M. Springer. Dans ce travail qui le rapproche constamment de Jésus-Hostie, Alfred donne libre cours à sa piété.

★
★ ★

Vers l'âge de vingt ans, il suit l'exemple de tant de jeunes Canadiens français qui quittent par centaines la province de Québec pour aller travailler en Nouvelle-Angleterre. Le bon Dieu a ses desseins en l'amenant ainsi aux États-Unis : l'éprouver davantage, le rendre plus sympathique aux Américains, afin de faciliter l'expansion du culte de saint Joseph. Plus tard l'œuvre du frère André se répandra aussi rapidement aux États-Unis qu'au Canada.

Je me représente ce jeune homme de vingt ans, paraissant en avoir seize à cause de sa petite taille, de son mince et pâle visage. Seul le regard voilé et recueilli trahit un peu le grand amour, la vive flamme de son cœur. Depuis longtemps déjà, il prie sans cesse pendant son travail et cause avec son saint de prédilection, l'ouvrier de Nazareth.

Trois ans durant, il vit en exil sans se fixer nulle part, s'employant comme garçon de ferme ou comme ouvrier dans quelque filature de la Nouvelle-Angleterre. Il travaille successivement aux usines des villes de Moosup, Hartford et Phoenix. Sa santé précaire le force à alterner entre le travail plus rémunérateur des villes et les besognes plus saines des campagnes. Sans se décourager, il lutte pour gagner sa vie en s'appliquant à reproduire le mieux possible la vie laborieuse et priante de son saint patron.

Des gens chez qui il demeure sont surpris de le voir consacrer presque tous ses loisirs à la prière.

Évoquant ces jours d'exil, il aimera rappeler une rêverie qui a trait à sa vocation religieuse.

Notons, au passage, cette ressemblance avec saint Joseph. Dans sa vie, comme dans celle de son saint patron, presque jamais d'extase, de phénomène extraordinaire, du moins que nous connaissions clairement, mais plusieurs songes merveilleux.

Il est à travailler aux champs. Très fatigué, il s'appuie sur son râteau et demande à saint Joseph : « À quel endroit dois-je mourir ? » Dans une sorte de rêve, une grande maison de pierre se dessine, jamais entrevue. Le souvenir demeure gravé dans sa mémoire bien distinctement. Et plusieurs années plus tard, il réalisera la ressemblance parfaite de cette image avec le collège Notre-Dame. Il ne mourra pas dans cette maison, mais il y passera quarante ans de sa vie religieuse et c'est là qu'il commencera son œuvre de l'Oratoire Saint-Joseph.

II

VOCATION

Alfred Bessette revient au pays vers l'âge de vingt-trois ans et va demeurer chez des parents, dans le village de Sutton, près des frontières américaines.

Ses relations avec messire Provençal se sont maintenues pendant son séjour à Farnham et aux États-Unis. Admirable conduite de la Providence qui met sur la route de l'orphelin, au milieu des épreuves, une âme d'élite pour le diriger. Un frère de Sainte-Croix, qui doit sa vocation à ce pasteur, répétera avec insistance :

— Le curé Provençal était un saint, père de tout le monde. C'était un bon papa adoré de ses paroissiens ; les mots burinés sur le monument qu'on lui a érigé, près de son église, résument admirablement sa vie : Il était bon. Il nous a aimés.

Au dire de ce religieux, ce pasteur estimé de tous, manifestait la plus vive sollicitude envers ses ouailles. En allant au marché, il tenait son chapeau à la main, pour ne pas être obligé de saluer chacun en particulier, tant il était entouré et fêté.

Alfred se rend parfois à Saint-Césaire et passe quelque temps au presbytère. Parlant de sa dévotion envers saint Joseph, il avouera :

— Quand le curé Provençal avait besoin de mes services, il venait me chercher à l'église, au pied de la statue de saint Joseph.

Laissé à lui-même depuis sa jeunesse, après trois ans de vie aventureuse aux États-Unis, où tant de jeunes ont abandonné leur foi, l'orphelin est donc revenu aussi pieux aussi étranger aux plaisirs du monde qu'à son départ du Canada.

Le curé de Saint-Césaire apporte un grand soin à l'éducation des jeunes. En 1869, il réussit à faire construire un collège commercial et le confie aux religieux de Sainte-Croix. À l'époque où Alfred vient voir ce prêtre, six frères occupent depuis peu la nouvelle institution, en face du presbytère. Un jour, messire Provençal demande :

— Alfred, tu n'as jamais songé à devenir religieux, à vivre toute ta vie dans une maison qui a une chapelle où tu pourrais assister à la messe et communier tous les jours ?

— Mais, vous n'ignorez pas que je ne suis pas instruit.

— Qu'à cela ne tienne, mon enfant. Tous les religieux ne sont pas professeurs. Dans la communauté des frères qui viennent d'arriver ici il y a des religieux qui sont voués aux travaux manuels. Tu n'aimerais pas devenir frère de Sainte-Croix ?

— Est-ce que vous pensez vraiment que j'ai la vocation ?

— Je le crois, mon enfant ; prie bien le bon Dieu pour qu'il t'éclaire.

— Merci beaucoup, monsieur le curé, je vais penser à ça.

Alfred contemple le costume de ces religieux : lévite noire, semblable à la soutane des prêtres, col romain, long cordon de laine muni de glands, médaille de saint Joseph. Il vient causer avec eux de leur état de vie, de leur dévotion spéciale au patriarche de Nazareth.

À cause de sa santé précaire, ceux-ci ne le pressent pas trop d'entrer au noviciat, mais ils se prêtent volontiers à lui donner tous les renseignements sollicités. Formée de deux éléments, le groupe des pères et le groupe des frères, leur communauté a comme caractéristique de reproduire le mystère de l'intimité entre Jésus et son père adoptif.

Venue au pays, en 1847, sur la demande de monseigneur Bourget, évêque de Montréal, cette famille religieuse, fondée au Mans, en France, par un saint prêtre, le père Moreau, compte déjà plusieurs œuvres très florissantes. Chez les frères, il est une catégorie qui imite de plus près la vie de saint Joseph en s'adonnant au labeur manuel. Parmi eux s'épanouissent les âmes qui paraissent les plus unies à Dieu. Beaucoup d'humbles convers se sanctifient de façon admirable, dans les tâches obscures, au service de leurs confrères. Moins exposés aux tentations d'orgueil, libres des sollicitudes absorbantes du prédicateur et du professeur, ils peuvent vaquer à leurs occupations manuelles en méditant sans cesse la vie du Maître.

Alfred Bessette est ravi de ce bonheur qui lui est offert. La vie religieuse répond aux aspirations les plus secrètes de sa jeunesse errante. Ce besoin qu'il avait de passer de maison en maison, de ferme en ferme, d'usine en usine, trahissait sa nostalgie d'un autre genre de vie, d'un état où il pût faire plus large la part à Dieu. Il le sent bien maintenant, ce dégoût du monde, cette obscure inquiétude qui le troublait dans ses prières, c'était l'appel divin à la vie religieuse. Aussi brûle-t-il de réaliser cette vocation.

★
★ ★

Cette année-là, en 1870, au début de l'automne, il prend la route de Montréal. Depuis deux mois à peine, le noviciat des religieux de Sainte-Croix a été transféré de Saint-Laurent au nouvel établissement ouvert, l'année précédente, à la Côte-des-Neiges. Longue construction de bois qui s'est vu infliger la formule architecturale passe-partout, quatre colonnes et un fronton, l'hôtel Bellevue, donnant sur le versant ouest du mont Royal, a été transformé, partie en collège, partie en noviciat. Alfred Bessette est reçu à bras ouverts dans cette demeure par le père Julien Gastineau, à la fois supérieur des élèves et directeur des

novices. Une lettre a préparé la venue de l'aspirant :

— Je vous envoie un saint, dans votre communauté, a écrit le curé de Saint-Césaire.

L'assertion de ce prêtre, qui connaît très bien le jeune homme depuis son enfance, est vraie dans toute la rigueur du terme. Ce n'est pas un cœur à demi fané, lourd des joies du monde, à peine désembourbé des plaisirs terrestres, qu'apporte cet aspirant à la vie religieuse, mais un cœur bien ouvert à l'idéal surnaturel, habitué aux douceurs de Jésus envers ses privilégiés : les épreuves, les fouets, la croix. L'amour divin dilate son âme, la soulève comme un grand vent du large.

Se plier aux exigences tracassières d'une règle religieuse est bien difficile pour un jeune homme habitué de se conduire seul. Alfred se montre néanmoins un véritable modèle d'obéissance, de dévouement et de piété. Quelques semaines d'épreuves, de travail et de prière le préparent à revêtir l'habit religieux, le 27 décembre de la même année. Cérémonie toujours impressionnante, où le jeune postulant se donne à Dieu. Le prêtre qui préside ne se doute certes pas que le jeune homme qu'il interpelle : « Alfred Bessette, désormais vous vous appellerez frère André », doit réaliser une œuvre merveilleuse.

Comme témoignage de reconnaissance envers messire André Provençal, le novice a voulu choisir ce nom. Cet humble petit frère doit remplir une partie de la prédiction attribuée au saint curé d'Ars :

— La congrégation de Sainte-Croix est appelée à réaliser de grandes œuvres après beaucoup d'épreuves.

C'est l'année même que sa sainteté le pape Pie IX constitue saint Joseph patron de l'Église universelle.

Dans la solitude du noviciat, le frère André peut s'étudier à reproduire dans sa vie la doctrine du Christ, s'appliquer à copier trait pour trait l'idéal tracé dans l'évangile. Cette confrontation minutieuse des moindres détails de sa vie avec celle du divin exemplaire est sa grande occupa-

tion, qui le pourchasse inlassablement au long de cette année solitaire d'apprentissage à la vie religieuse. Il trouve chez le père Gastineau un conseiller très expérimenté et très habile pour l'orienter dans la poursuite de la vertu.

★
★ ★

Au milieu de l'année suivante, comme les religieux au collège de Saint-Laurent ne peuvent suffire à la tâche, ils requièrent l'assistance des novices, qui sont ramenés à l'arrière de cette institution, dans leur ancien domicile, « la maison blanche », long bâtiment aux murs passés à la chaux.

Le frère André, dont la santé chancelante donne des inquiétudes, doit discontinuer son noviciat. Il demeure au collège Notre-Dame pour y exercer les fonctions de linger et d'infirmier. Quelques mois plus tard une lettre d'obédience lui ajoute les tâches de portier et de lampiste.

Dans cette période d'incertitude au sujet de sa vocation, le frère André a le bonheur de rencontrer un conseiller spirituel qui lui est d'un grand secours, le père Narcisse Hupier, religieux de Sainte-Croix venu de France. Si l'on en juge d'après les confidences que fera le frère André au soir de sa vie, il semble qu'aucun autre prêtre n'exercera sur lui une influence spirituelle aussi marquante. Comme le maître sculpteur, dans la création d'un chef-d'oeuvre, ne confie à son élève que l'épannelage, ainsi en est-il souvent de l'action divine dans l'art de façonner les saints. L'Esprit-Saint présida à l'épanouissement spirituel de sainte Thérèse de Lisieux, qui déplorait l'absence d'un guide terrestre compétent.

Le frère André, qui invoque son père spirituel à l'égal d'un saint, racontera un jour :

—Le père Hupier m'est déjà apparu en songe et je lui ai demandé : quelle prière fait le plus plaisir au bon Dieu ? Il a récité trois fois le Notre Père, puis il a ajouté :

« Vous répéterez très souvent : Que votre volonté soit faite. » J'ai vu par là que j'aurais bien des épreuves dans ma vie.

Et le religieux qui se sera, par exception, laissé un peu glisser sur le terrain des confidences, commencera de narrer un autre songe :

—Sainte Françoise de Rome m'a bien conseillé...

Mais s'apercevant que quelqu'un fait mine de prendre en note ses paroles, blessé dans son humilité, il coupera court à toute expansion.

Le « Pater » demeure en effet la plus belle prière, composée par le Seigneur lui-même, et la répétition de ces mots : « que votre volonté soit faite » sera bien nécessaire au frère André qui, toute sa vie, doit subir de bien lourdes contrariétés.

La crainte de se voir refuser l'admission à la profession religieuse est à ses yeux une épreuve bien plus douloureuse que la maladie. Lorsque au début de l'année 1872 le noviciat de Sainte-Croix réintègre les locaux du collège Notre-Dame, le frère André est mis au courant de cette décision du Conseil provincial datée du 8 janvier : « Le frère André n'est pas admis aux voeux temporaires, parce que l'état de sa santé ne fait pas espérer qu'il puisse être admis à la profession. »

C'est alors que survient un protecteur inespéré :

—Dans une grande épreuve, au sujet de mon admission à la profession religieuse, racontera-t-il dans la suite, j'eus le bonheur d'aller me jeter aux pieds du saint évêque de Montréal, monseigneur Bourget, et je lui dis ma peine. Il m'accueillit avec une bonté et une charité toute paternelles et m'assura que je resterais dans la communauté.

Scène riche de symbole, l'évêque visite la communauté de Sainte-Croix à Saint-Laurent : le frère André, pâle et souffreteux, triomphe de sa timidité et vient frapper à la chambre d'hôte du collège. L'évêque, vieillard à la longue chevelure blanche, aux traits émaciés d'ascète, encore

droit malgré ses soixante-douze ans, l'accueille avec ces paroles empreintes de bonté :

—Que désirez-vous, mon enfant ?

Le jeune homme s'est agenouillé et, les mains jointes sur un genou du prélat, le visage tendu dans une attente anxieuse, les larmes aux yeux, il confie que son beau rêve de vie religieuse doit être brisé, qu'on veut le renvoyer à cause de sa santé trop frêle. Il dit son grand amour de Dieu, son désir de se dévouer dans les plus obscures tâches.

—Ne craignez pas, mon enfant, vous serez admis à la profession religieuse.

Un obscur pressentiment trouble peut-être l'évêque, à la vue de ce jeune homme levant vers lui la tristesse de son visage, dans une prière ardente. Le souvenir le hante de son grand désir d'honorer saint Joseph, qu'il n'a pu réaliser :

—Il faut donc à saint Joseph, a-t-il écrit, une église qui fasse en quelque sorte son service pour toutes les autres et dans laquelle il pourra recevoir tous les jours les honneurs publics dus à ses éminentes vertus... Nous voulons consacrer à le faire honorer dans cette église tout ce qui nous reste de force et de vie, en faisant de cette église un lieu de pèlerinage où l'on vienne le visiter...

Voies mystérieuses de la Providence, vers 1836, cet évêque est allé lui-même, en France, demander quelques religieux pour son diocèse, au père Moreau, qui nourrit lui aussi une grande dévotion envers saint Joseph. Ces deux hommes de Dieux ont conclu un marché étrange, le fondateur de la congrégation de Sainte-Croix laisse partir neuf de ses fils, et le prélat, en reconnaissance, donne une précieuse relique qu'il rapporte de Rome, le corps d'un tout jeune enfant, martyr à quatre ans, au temps des lointaines persécutions.

Monseigneur Bourget entrevoit peut-être que cette famille religieuse va préparer l'élu de Dieu, l'artisan qui

réalisera son rêve d'un grand sanctuaire dédié à saint Joseph...

Le novice est parti l'âme rassérénée, tout réconforté par tant de douceur. Plus tard, il dira, en racontant ce fait :

—Oh ! que monseigneur Bourget est élevé dans le ciel ! Priez-le beaucoup. Oh ! oui, qu'il est élevé dans le ciel !

* * *

Peut-être le novice attribue-t-il à l'intervention du saint évêque le mot de réconfort que lui glisse dans la suite le père maître :

—Demeurez tranquille, ne vous inquiétez pas, je verrai à votre admission aux voeux.

Ce religieux dira pour le défendre :

—Si ce jeune homme devient incapable de travailler, il saura du moins très bien prier.

Le frère André a bientôt le bonheur de faire sa première profession religieuse, le 22 août 1872. Le matin, à la messe de communauté, devant le prêtre qui tient l'hostie au-dessus du ciboire, juste au moment de recevoir la sainte communion, il lit cette formule de voeux qu'il a tracée de sa rude main d'ouvrier :

—Au nom du Père et du Fils et du Saint-Esprit. Ainsi soit-il.

Moi, Frère André, dit dans le monde Alfred Besset, tout indigne que je suis, appuyé néanmoins par le désir de servir l'adorable Trinité, je fais pour un an au Dieu tout-puissant, les voeux de pauvreté, chasteté, et obéissance, selon le sens des règles et constitutions de cette congrégation, en présence de Notre-Seigneur Jésus-Christ, de la bienheureuse Vierge Marie conçue sans péché, de son digne époux saint Joseph et de toute la cour céleste, promettant d'accepter les emplois quelconques qu'il plaira à mes supérieurs de me confier.

Sa vocation à la vie religieuse est réalisée, sa mission d'apôtre de saint Joseph se prépare.

III

SEMENCE

Au terme du noviciat, le frère André continue d'assumer sa fonction de portier au collège Notre-Dame. Débrouillard, gai, serviable, il remplit à merveille cette obédience. Dans cette maison où une couple de cents élèves sont confiés aux soins de quelques éducateurs, il passera quarante ans de sa vie... Tout le monde sait le mot qu'il se plaira à répéter :

—Au sortir du noviciat, les supérieurs m'ont mis à la porte, et j'y suis demeuré quarante ans... sans partir.

L'ancien hôtel Bellevue est remplacé par la vaste construction de pierre qu'il vit en rêve avant d'entrer en communauté. 1881, l'aile droite s'érige ; 1888, le centre et la chapelle ; 1890, la dernière partie.

Le visiteur qui se présente au parloir, peut jeter un œil dans la cellule du portier, couloir d'à peine six pieds de large, éclairé parcimonieusement par une fenêtre très étroite. À la place du lit, un banc recouvert d'une mince bourrure ; une armoire, un petit écritoire, une chaise, un banc le long de la muraille complètent le mobilier. Sur le mur dénudé, se détachent un crucifix et une image de saint Joseph.

Le nombre des religieux étant beaucoup trop restreint, chacun doit cumuler plusieurs fonctions. Le frère André se voit ainsi confier une multitude de travaux.

Comme portier, il répond au parloir, va à la recherche

des religieux ou des élèves demandés. À lui de sonner le réveil, le matin à cinq heures, de frapper à chaque chambre en disant le traditionnel « Benedicamus Domino ». Tout le jour, il convoque avec la plus rigoureuse exactitude aux divers exercices. Ce souci de la plus stricte ponctualité l'accompagne toute sa vie. Propreté du parloir et de trois corridors, commissions à la ville, courses au bureau de poste voisin remplissent habituellement sa journée.

Chaque lundi, il se rend en voiture, par toute la ville, distribuer le linge sale des élèves chez leurs parents, pour le récolter le samedi.

Coiffeur dans ses moments libres, il profite de l'occasion pour glisser aux enfants quelques conseils et développer en eux l'amour de saint Joseph, « le père du petit Jésus ». Pendant la soirée, il prépare le pain d'autel, fabrique les cordons de laine pour les religieux, ou accomplit quelque autre bricole.

D'une activité, d'un dévouement inlassable, il se dépense sans compter. Le supérieur manifeste le désir de voir se dessiner le parterre devant le collège, le frère André assume cette tâche. Afin de la réaliser, il travaille parfois une partie de la nuit.

— Le soir très tard, racontera-t-il, je transportais, à plusieurs arpents de là, les roches que j'avais enlevées du terrain défriché le jour, pendant les rares moments de répit que me donnaient mes nombreuses occupations. Détail un peu amusant, afin d'éviter la fatigue excessive et la perte de temps, j'utilisais deux brouettes. Je poussais l'une, un arpent environ, et je me reposais et récitais mon chapelet en venant chercher l'autre. Quelquefois, le chant du coq me trouvait encore au travail. J'allais bientôt sonner le réveil de la communauté.

Évidemment, c'est un excès de zèle, mais l'intention est bonne : répondre au désir du supérieur. Ce qui paraîtra un peu étrange à la postérité ne semble pas trop en dehors

de l'ordre, dans ces pénibles débuts de la communauté en terre canadienne.

Dieu se sert de ces sacrifices héroïques pour sanctifier son serviteur. On est ébahi de constater la somme d'efforts déployés, chaque jour, par ce petit homme qui peut à peine digérer quelques bouchées. Les maux d'estomac dont il souffrait dans sa jeunesse continuent de le tenailler, mais la santé est son moindre souci. Il accomplit son devoir le mieux possible, pour le reste il se confie à la Providence. Sa seule nourriture, la plupart du temps, se réduit à un peu de lait coupé d'eau, dans lequel il trempe un croûton de pain. Ses maigres repas sont pris sur le coin de la table, à la dérobée et hâtivement, car sa fonction de portier l'empêche de manger en même temps que la communauté. Évidemment ces pénitences excessives, le supérieur les ignore et seuls quelques confrères en sont par hasard les témoins.

Jamais ce malade ne se prévaut de sa constitution débile en vue d'obtenir une besogne moins lourde :

— Je n'ai jamais demandé à me faire remplacer par un autre religieux afin de me reposer, pendant quinze ans que j'ai souffert de l'estomac, dira-t-il plus tard. Je n'ai jamais refusé d'accomplir la tâche qu'on m'a demandée, j'ai toujours accepté et quand je ne pouvais finir mon travail le jour, je le finissais la nuit.

En donnant ces détails, le frère André, avec sa simplicité parfaite, ne comptera pas apitoyer les gens sur ses misères, mais simplement prouver comment la maladie n'est pas un empêchement au travail.

Vers l'âge de quarante-trois ans, il devient très faible par suite de surmenage. Le médecin du collège qui le voit, à la fin de l'été, laver les vitres du parloir avant l'ouverture des classes, lui ordonne de se mettre au repos, alléguant que, autrement, dans deux mois, le frère aura cessé de vivre. Le portier continue sa besogne quotidienne, sans s'inquiéter. Quelques jours plus tard, le médecin le sur-

prend de nouveau à ce travail. Le laborieux petit frère se contente de dire en souriant :

— Si je meurs, ma communauté sera bien débarrassée de moi.

Ainsi celui qui cumule tant de charges, loin de se penser indispensable, se croit un poids pour la communauté, voulant sans doute souligner l'inestimable bienfait de la vie religieuse, que le dévouement le plus complet ne saurait payer.

Il aime plaisanter au sujet de ses labeurs :

— J'ai « brossé » toute la nuit et je suis allé communier, dit-il aux bonnes religieuses ahuries.

Une visiteuse venue voir son enfant, le dimanche, fait remarquer au bon portier, très pâle d'avoir passé une partie de la nuit à laver le parloir :

— Vous êtes bien changé, frère André !

Et lui de répondre avec un bon sourire :

— Ce n'est pas surprenant, je me change toujours soigneusement, le dimanche.

*
* *

Dans ses multiples occupations, il ne perd pas de vue le surnaturel. Chaque heure est peuplée de prières. Il médite surtout les souffrances du Sauveur et converse avec saint Joseph. Toujours la plus rigoureuse fidélité à ses exercices religieux, qu'il doit, à cause de son obédience, accomplir le plus souvent en particulier. Après avoir assisté avec la communauté aux prières du matin, il s'agenouille pendant la messe, à l'arrière de la chapelle, sur le pavé, près de la porte, afin de mieux entendre les appels au parloir. Immobile, recueilli, il demeure là, comme le publicain de l'évangile au fond du temple.

Pendant le jour, quelle joie n'éprouve-t-il pas, lorsqu'un confrère consent à le remplacer quelques instants à la porterie :

— Seriez-vous assez bon de répondre au parloir, je dois faire mon heure sainte ?

— Oui, mais que ce ne soit pas trop long.

Tout heureux, le bon frère vient s'agenouiller sur le pavé, à l'entrée du chœur. Le temps ne dure pas en présence du Bien-Aimé. Son compagnon vient le chercher :

— Frère André, depuis deux heures vous êtes en prière, c'est bien suffisant.

— Oh !... encore cinq minutes ?

Son regard est si suppliant que l'autre accepte, mais il doit bientôt le tirer encore de son recueillement :

— Ça fait plus de quinze minutes, je pars pour ma classe.

Le bon frère s'arrache à regret de sa prière et se confond ensuite en excuses et remerciements envers son remplaçant.

Au soir d'une pénible journée, il vient frapper timidement à la porte d'un confrère et demande une grande faveur :

— Je tombe de fatigue ; j'ai peur de m'endormir en récitant mes prières. Viendriez-vous les dire avec moi ?

Celui-ci, un jeune prêtre, accepte, mais les prières se prolongent tellement qu'il est exténué et se jure bien de ne pas se faire prendre une autre fois. Aussi, à la requête suivante, il prétexte un travail pressant pour refuser. Le frère recourt à un autre... Tous se dérobent bientôt à son invite, car les victimes de ses oraisons prolongées en ont causé.

Harassé de fatigue, surtout le mercredi et le samedi soir, lorsque après son travail de la journée, il s'est imposé la tâche de brosser le plancher du parloir, le portier accomplit ses exercices de piété à la chapelle, quand tous sont déjà couchés. Dans l'obscurité de la nef, ses prières se déroulent, qu'il sait toutes de mémoire. Perdu de lassitude, il s'endort à genoux et recommence ses oraisons au

réveil. Parfois cette lutte héroïque se poursuit presq jusqu'au matin.

Ces nuits de prières, un incident les dévoile, qui fera tour de la communauté. Les religieux ont l'âme jeune, l faits les plus anodins suscitent l'intérêt, éveillent d'in fensives taquineries.

Dans la chapelle, où seule la lampe du sanctuaire jet une goutte de clarté blafarde, le bon portier continue da le rêve sa causerie avec Dieu. Tout à coup, il s'éveille sursaut ; une lumière filtre par l'œil-de-bœuf qui comm nique avec une cellule déserte, au-dessus de l'abside. croit entendre du bruit. Inquiet, il s'empresse d'aller fra per à la chambre d'un confrère :

— Venez, il y a des voleurs au-dessus de la chapelle.

L'autre s'exécute, le plus rapidement. Une inspecti découvre que la lanterne des prétendus maraudeurs n'e autre qu'un reflet capricieux de la lune pénétrant par croisée.

Certain confrère s'avise de fermer à clef la porte de chapelle, afin d'empêcher le frère André d'y aller la nui Il se dissimule pour assister à la déconvenue du religieu mais il est très surpris de le voir pénétrer sans embarra Il raconte ce fait étrange et se voit traité de naïf.

Les élèves avec leur perspicacité découvrent vite lutte sourde organisée autour du bon portier. Elle défra leurs conversations. D'un air ingénu, ils questionnent surveillants et les professeurs, s'amusent à déterminer q est pour ou contre le frère André.

Un témoin nous les fera revivre, ces scènes survenu en 1890. Petit bout d'homme de dix ans, il est élève exter au collège et se prépare à la première communion. Il pe recevoir les conseils du portier, qui le charge parfois déposer les lettres à la poste. Un jour, cet enfant demande

— Où alliez-vous hier soir ? Je vous ai vu grimper da la montagne.

— J'allais prier saint Joseph. On y est bien tranquil

— Comme ça, tout seul ?

— Mais oui. Aimerais-tu ça venir ?

— Oh ! oui, frère.

— Demande la permission à ta maman. Tu viendras me rejoindre après souper.

Le collégien, fier d'une telle faveur, arrive à l'heure convenue. Ils grimpent tous deux par un étroit sentier rocailleux, et parvenus dans une petite clairière, auprès d'un arbre, ils s'agenouillent.

— J'ai caché là une médaille de saint Joseph. Nous allons prier pour qu'il nous obtienne l'achat de ce terrain...

Souvent le bon frère renouvelle, dans la suite, ce pèlerinage avec son petit compagnon de prière, et il répète :

— On va l'avoir, le terrain... Saint Joseph, il lui faut une place...

* * *

Le frère André pourrait bien se montrer laborieux, organiser sa vie de religieux et se dire, après avoir accompli sa besogne quotidienne : J'en fais bien assez pour vous, Seigneur, ce n'est pas à un ignorant comme moi à prêcher l'amour du bon Dieu, à répandre le culte de saint Joseph. Non, il aime mieux que cela, il aime de toute son âme, voilà pourquoi il souhaite faire partager son amour aux autres. Cet ouvrier peut être proposé en modèle à tous les chrétiens qui comprennent leur religion et veulent gagner l'âme de leurs frères par leurs humbles moyens.

S'il demande à ses confrères de venir s'associer à ses prières, c'est un prétexte pour développer chez eux la grande dévotion que Dieu lui inspire. Dès ses premières années, au collège, un incident trahit le beau rêve qu'il réalisera trente ans plus tard. Chaque avant-midi, il va chercher les lettres chez le procureur pour les mettre à la poste. Celui-ci lui demande un jour :

— Frère André, voulez-vous bien m'expliquer pourquoi,

à chaque fois que je fais le ménage dans ma chambre, l
statuette de saint Joseph, qui est sur mon armoire, s
tourne d'elle-même vers la montagne ?

— C'est que saint Joseph veut y être honoré.

Toujours il apporte un souci constant de faire du bie
de glisser un bon conseil. Il rayonne une jeunesse d'âm
une douceur qui attire les élèves. Pour abuser parfois de s
bonté avec l'espièglerie de leur âge, ils ne l'en aiment pa
moins.

Le frère parle avec une telle simplicité et une telle cha
leur du surnaturel, que tous se plaisent à l'écouter. Le
parents des enfants causent en sa compagnie, lui confien
souvent leurs peines et se recommandent à ses prières, don
ils constatent la grande efficacité.

Son action charitable auprès des malades commenc
à s'exercer. Connu de tous sous l'appellation de « bo
frère André », il profite de ses sorties journalières au bureau
de poste pour s'arrêter de temps à autre auprès d'un
malade, auquel il remet un peu d'huile qui a brûlé quelque
instants devant la statue de saint Joseph, à la chapelle du
collège. Personne dans la communauté ne prête attention à
cette originalité. Au dehors, les bonnes gens murmuren
timidement :

— Vous savez, le bon frère André, c'est un saint. Il
guérit les malades...

Mais rien ne transpire chez ses confrères. Un jour qu'i
doit s'attarder plus que de coutume, il confie le soin de l
porterie à un jeune confrère. Celui-ci s'absente à son tou
quelques minutes. Mal lui en prend : survient un visiteu
qui sonne à plusieurs reprises. Le supérieur, le père Louage,
un bouillant méridional, descend de sa chambre et se met
à faire retentir la cloche par toute la maison. Le jeune
remplaçant se présente tout penaud, et le frère André
fait justement son entrée au milieu de ce branle-bas. Le
père Louage s'écrie :

— Je suis provincial, supérieur, économe, et voilà

maintenant que je suis obligé d'être portier. Baisez la terre, baisez la terre, frère André.

À cet acte d'humilité, le portier se prête sans mot dire. Ce supérieur a pourtant la réputation d'une grande vertu. D'une rigidité parfaite sur l'observance de la règle, doué d'un grand cœur, il est malheureusement d'un caractère fort irascible. Aimé de ses sujets, qui devinent son âme paternelle sous des dehors impétueux, il est l'objet de plaisanteries bénignes de leur part. Malins, ils appellent communément le frère André le paratonnerre de la maison, car sur lui se déchargent le plus souvent les foudres du père Louage.

Jamais le frère André n'essaie d'expliquer sa conduite, de se disculper devant les accusations. Sa fonction de portier l'expose souvent à recevoir des reproches de la part de certains confrères. Ils l'apostrophent parfois :

— Au lieu de passer votre temps en prières, vous seriez bien mieux de remplir votre obédience comme il faut. Pourquoi ne m'avez-vous pas appelé au parloir, lorsque cette personne m'a demandé ?...

Le bon religieux pourrait bien riposter :

— J'ai parcouru tout le collège sans vous découvrir. Si vous gardiez mieux votre cellule, cela n'arriverait pas... Le supérieur m'a donné l'ordre de ne pas convoquer au parloir en de telles circonstances...

Sans mot dire, il reçoit l'avalanche de récriminations humblement, la tête baissée comme un coupable, sans le moindre soupçon d'impatience.

Les témoins de telles scènes diront :

— Nous étions émerveillés de tant de douceur et d'humilité. À sa place, comme nous nous serions défendus ! Et lui, pas même une parole.

Dieu éprouve ses élus en laissant à dessein subsister des défauts chez les gens qui les entourent. Suivant la pensée

de la petite Thérèse, qui eut beaucoup à souffrir dans son cloître :

— Si Dieu ne nous sanctifie pas par les gens avec lesquels nous vivons, par qui le fera-t-il ?

Aux épreuves journalières de la vie commune, aux grandes mortifications habituelles : coucher sur la dure, nuits consacrées au travail et à la prière, jeûnes, le frère André joint quantité de sacrifices pratiqués déjà au temps de sa prime enfance. Il confiera plus tard, en vue de prouver comme il ne faut pas se montrer douillet :

— Souvent, par les nuits d'hiver, j'allais me donner des douches d'eau glacée dans la boutique de forge ; parfois même je me roulais nu dans la neige, dans un recoin sombre, à l'arrière du collège.

Peut-être ces pénitences servent-elles à dompter les tentations, dont le démon l'assaille, qui voit le bien semé sur les pas de ce serviteur de Dieu. Mais bientôt, convaincu de l'inutilité de ses efforts, Satan abandonnera les ruses et se bornera, dans une impuissance rageuse, à causer des ennuis physiques, selon sa coutume auprès des saints. Maintes narrations, dérobées à l'humilité du frère André, le laissent entendre.

Habitué à se mouvoir constamment dans le surnaturel, afin de prouver comment Dieu, dans sa bonté, récompense l'obéissance, le frère racontera le fait suivant, sans se douter que l'éclat du prodige auréole sa vie. Comme souvent, il soigne les malades, les guérit ou les prépare à la mort, les gens du voisinage ont l'habitude de lui demander de donner les derniers soins aux défunts. Un dimanche matin, un enfant se présente et l'avertit que son grand-père, vieillard auquel il avait promis de rendre les derniers devoirs, vient de s'éteindre :

— J'irai l'ensevelir ce soir, vers sept heures, répond le frère portier, que son obédience retient au collège.

L'enfant retourne donc chez lui, mais ses parents le renvoient pour insister, disant :

— Qu'il vienne immédiatement, car sans cela, le corps deviendra trop rigide pour procéder à la toilette funèbre...

— Impossible pour le moment, j'irai ce soir, je ne puis quitter le collège un jour de parloir...

À l'heure du souper, le portier, sa tâche terminée, se rend auprès du défunt et le trouve encore tiède et flexible. Pas la moindre difficulté pour lui donner les derniers soins. Ce travail terminé, s'apercevant que la tête du mort semble par trop inclinée, il essaye de rectifier l'attitude et constate que la rigidité cadavérique, soudain survenue, rend cette légère opération très difficile...

De retour au collège, après ses interminables prières, à peine retiré dans la cellule isolée de celles de ses confrères qui logent à l'étage supérieur, il entend dans la pièce contiguë, le réfectoire, un vacarme assourdissant, entre-choquements de verres, de tasses, d'assiettes, comme si tout eut été fracassé. Il se précipite sur les lieux et fait de la lumière. Chose étrange, tout demeure en ordre, rien n'est brisé.

Cette aventure se répète à plusieurs reprises. Il affirmera dans la suite :

— À chaque fois que j'allais rendre les derniers devoirs à un mort, ces bruits se faisaient entendre...

De temps à autre, un animal est entrevu, sorte de gros chat noir qui semble être l'auteur de l'étrange vacarme. Cette présence demeure inexplicable,

— Le démon, furieux de mes actes de charité, tâche de me faire peur, pense le frère.

Plusieurs, à l'énoncé de tels faits, réprimeront mal un sourire ; les interventions visibles de Satan auprès des saints leur semblent tenir de la légende. Qu'ils lisent la vie du curé d'Ars, si ressemblante à celle du frère André, ils verront les rages enfantines du diable contre celui qui lui arrachait tant d'âmes. Souvent, il l'assaillait sous la

forme d'un animal, et produisait le bruit de déchirure dans ses rideaux, draps et taies d'oreiller.

À maintes reprises, dans sa vie, le frère André subira ces ennuis du démon, comme en témoignent certaines confidences et plusieurs indices.

Ainsi, dans le travail, la prière, la souffrance, les épreuves de toutes sortes, l'élu du Seigneur se prépare à sa grande mission. Pendant cette vie cachée, il jette en terre la semence qui germe dans l'obscurité pour croître rapidement au temps de sa vie publique comme apôtre de saint Joseph.

IV

FLORAISON

Le frère André a trente-quatre ans lorsqu'en terre de France s'éteint la voyante de Lourdes, d'un an son aînée. La mission de Bernadette est depuis longtemps réalisée. Les pèlerins affluent au sanctuaire de l'Immaculée, à la roche de Massabielle. Voies mystérieuses de la Providence, l'apôtre de saint Joseph doit attendre encore vingt-cinq ans avant d'accomplir son œuvre.

Pour faire triompher sa cause, Bernadette a rendu témoignage des apparitions de la Vierge et lorsque, après bien des épreuves, sa voix fut écoutée, elle se retira au loin dans un monastère.

Le frère André pourra accomplir sa mission, lui, par le pouvoir merveilleux de semer les guérisons au nom de saint Joseph, mais il demeurera intimement uni à son œuvre. Trente-trois ans durant, il contribuera à sa croissance et deviendra, aux yeux des foules, la figure vivante du charpentier de Nazareth.

Si, depuis sa plus tendre enfance, le frère André nourrit une dévotion particulière envers son grand ami saint Joseph, si, dès le début de sa vie religieuse, il s'est efforcé de faire rayonner ce culte autour de lui par tous les moyens, c'est seulement lorsqu'il est investi de la faculté de départir les faveurs divines extraordinaires que sa mission spéciale se dessine. Ce pouvoir est pour lui ce que furent les apparitions de la Vierge pour Bernadette.

Cette puissance se manifeste peu à peu, et son entourage est lent à la discerner. La valeur de son intercession s'affirme d'abord envers ses confrères et les élèves. Quelques faits se gravent qu'ils évoqueront dans la suite, surpris de ne pas en avoir saisi tout d'abord le caractère surnaturel.

* * *

Le procureur du collège, un religieux modèle, qui partage avec le frère André l'honneur d'être appelé le paratonnerre du père Louage, est alité depuis plus d'un mois à la suite d'une blessure à la jambe. Quelques jours avant le dix-neuf mars, il dit au portier qui lui rend visite :

— Aucune amélioration dans la plaie. Je crois décidément que je ne pourrai me rendre à la chapelle pour la fête de saint Joseph.

— Faites la neuvaine avec foi et descendez sans crainte à la chapelle.

Au matin de la fête, les religieux sont étonnés de voir dans leurs rangs le malade encore alité la veille. Après la messe, ils constatent que toute trace de plaie est disparue.

Le frère André sait montrer la même sollicitude envers les élèves. Parmi eux, les orphelins surtout reçoivent les attentions de son cœur compatissant, et les malades bénéficient parfois de sa puissante intervention.

Dans l'intimité, en évoquant le début de son action au collège Notre-Dame, le bon frère racontera lui-même le trait suivant : Un élève est à l'infirmerie depuis plusieurs jours. Une fièvre maligne le retient au lit. À l'heure de la récréation, le frère portier se présente auprès de l'enfant et demande avec son bon sourire :

— Qu'est-ce que tu as à faire la paresse ?

— Je suis malade.

— Lève-toi.

— Le médecin ne veut pas.

— Tu n'es plus malade, va-t'en en récréation.

Le gamin, se sentant regaillardi, ne se le fait pas répéter. Il s'habille tout joyeux et le voilà bientôt à gambader, plein d'entrain, parmi ses condisciples, à la grande surprise du surveillant. Après enquête, le frère André est incriminé, taxé d'imprudence, d'ingérence indue dans les attributions de l'infirmier.

— Cet enfant n'est pas malade, riposte-t-il ; faites-le donc examiner.

Le médecin ne trouve plus de trace de maladie. Intrigué, il revient plusieurs fois durant le jour et constate la persistance de la guérison.

Une épidémie de petite vérole ravage la communauté, à Saint-Laurent. L'infirmerie, située dans la « maison blanche », autrefois le noviciat, est remplie de malades, élèves et religieux. Quelques-uns sont morts. Le père Beaudet, supérieur du collège, se charge de veiller les contagieux en quarantaine. Le frère André vient avec plaisir à la rescousse du bon père, sans craindre la contagion de la maladie, qu'il peut contracter facilement, vu sa débilité physique. Dès son entrée dans la salle des malades, il se jette à genoux et prie saint Joseph d'éloigner ce fléau. Pas un autre cas de petite vérole ne se déclare dans la suite, et tous les malades reviennent bientôt à la santé.

Cependant personne n'attache d'importance à ces faits. Aux yeux de tous, le portier demeure le petit frère obscur, passablement original.

Peu à peu, le rayonnement de bonté et de simplicité qui se dégage de sa personne attire les parents des élèves. Pendant les longues après-midi que les mamans passent au parloir avec leurs enfants, les papas, moins patients, viennent fumer dans la cellule du portier et causent avec lui. Celui-ci en profite pour leur parler de sa grande dévotion, tout en glissant de gaies reparties. Les gens prennent

l'habitude de lui confier leurs peines. Il comprend vite et s'apitoie, lui qui a tant souffert. Il donne un bon conseil, parle du consolateur, saint Joseph, tout-puissant sur le cœur de Jésus.

Le bon portier, avec son amabilité coutumière accueille les visiteurs. S'avançant au-devant d'un homme à l'air triste et préoccupé, il demande, plein de sollicitude :

— Comment ça va chez vous ?

L'autre agacé, bourru, réplique :

— Qu'est-ce que ça peut bien vous faire, à vous ?

Le frère ne se tient pas pour battu. Au moment où ce homme quitte le collège, après avoir embrassé ses deux enfants pensionnaires, il l'aborde en souriant :

— Vous avez bien mauvais caractère.

L'autre, pour s'excuser, raconte ses peines :

— Ma femme est malade au lit, depuis des années...

— Elle n'est pas si malade que ça, dit simplement le religieux. Elle a hâte de vous voir arriver, pour avoir des nouvelles des enfants.

Et, devant l'air surpris de son interlocuteur, il ajoute, en lui donnant la main :

— À l'heure qu'il est, elle va mieux.

Le visiteur s'éloigne en murmurant :

— Quel drôle de prophète, que ce portier !

Et pourtant, il fait accélérer l'allure de son cheval vers la ville... Son épouse, encore pâle de sa longue maladie, l'accueille sur le seuil de sa demeure :

— Comment sont les enfants, s'informe-t-elle gaiement ?...

Au moment où son mari soucieux causait avec le frère André, elle s'est sentie mieux. Elle a prié sa garde-malade de l'aider à se lever. Quelques instants plus tard, elle quittait sa chambre et se rendait sur le balcon, attendant avec impatience le retour de son époux.

Les faveurs spirituelles ou temporelles se multiplient de plus en plus. La nouvelle se propage, des visiteurs vien-

nent spécialement pour demander des guérisons au saint portier. Un de ses confrères est témoin d'une scène étrange, dont il garantira l'authenticité :

«Je vous donne ce que je puis certifier, même sous serment. À la fin de novembre 1884, je remplace le frère André qui doit laver le plancher du parloir. C'est un samedi, vers cinq heures du soir. On sonne à la porte. Une dame se présente, que soutiennent deux hommes. Je les fais entrer et leur demande ce qu'ils désirent. Un des hommes répond :

— Cette dame veut voir le frère André.

Celui-ci à genoux, lave justement l'entrée.

— Frère André, cette dame désire vous parler.

Il cesse de brosser le parquet et lui dit : Que désirez-vous ?

— Je suis prise de rhumatisme, je vous prie de me guérir.

— Laissez-la marcher.

Elle se met à faire deux ou trois pas, et le frère continue à brosser le plancher. Après un instant, il dit à la femme :

— Vous n'êtes plus malade, vous pouvez vous en retourner.

Elle sort sans être soutenue. »

★

★ ★

Vingt ans donc avant le début de son œuvre, le frère André porte déjà les marques d'une prédilection divine, mais il ne semble pas encore projeter un sanctuaire en l'honneur de saint Joseph.

En face du collège, un étroit cercle de défrichement, et la montagne s'élève abrupte, sauvage, peuplée d'érables, de chênes et de bouleaux, dont les couleurs pâlissent auprès du vert sombre des conifères. Ça et là, d'épais fourrés, toute une végétation inculte. Le site domine la plaine jusqu'à la ligne lointaine et bleuâtre, à peine infléchie, des Laurentides. Des fermes, des bosquets, quel-

ques villages aux maisons tassées autour d'un clocher. Un anneau se dessine de la rivière des Prairies qui rampe entre son double ruban d'arbres. À l'ouest, le lac Saint-Louis, une décharge du Saint-Laurent, donne plus de vie au paysage...

Les religieux, surtout les novices, s'aventurent par l'étroit sentier qui grimpe la montagne. Le propriétaire, un Écossais hargneux, défend l'accès de ce coin pittoresque et lance parfois ses chiens aux trousses des visiteurs. Attrait de plus, celui du fruit défendu, pour les novices qui n'ont pas abandonné, en revêtant la soutane, les gamineries propres à leur âge. Aux jours de congé, ils se faufilent jusqu'au sommet du mont Royal. Après les moments d'une saine détente, ils ont l'habitude de réciter leur office de la Sainte Vierge au pied d'un bouleau qui ombrage une esplanade dénudée, contrefort de la montagne.

Les autorités du collège convoitent ce terrain, car elles appréhendent d'y voir ériger un hôtel turbulent, mais le prix demandé semble excessif. Cette propriété est vendue à un Canadien français qui se montre aussi exigeant. Un geste de foi naïve réussira là où toutes les démarches humaines ont échoué. Le procureur, le frère Aldéric, qui nourrit la plus filiale dévotion envers l'ouvrier de Nazareth, surtout depuis la guérison qu'il a obtenue par l'entremise du frère André, enfouit dans le sol convoité une médaille de saint Joseph. Hanté déjà par le désir de son oratoire, le bon portier l'a déjà faite, depuis longtemps, cette semaille qu'il conseillera bien des fois afin d'évincer les propriétaires récalcitrants. Le 22 juillet 1896, l'achat est conclu.

Aussitôt, le laborieux portier est le premier à la tâche. Il élargit le sentier, coupe les raidillons par quelques marches d'escalier. Après la rude montée du contrefort de la montagne, une éclaircie vêtue de menus branchages que les défricheurs baptisent : Boulevard Saint-Joseph. Le père Lafond, directeur des travaux, de sa belle écriture

peint ce nom sur la paroi coupée raide, en bordure de l'emplacement.

L'année suivante, on érige un petit kiosque en bois rond. Une échelle donne sur le toit d'où l'on peut apercevoir, au-dessus des arbres, le magnifique paysage. Le frère André ne parle pas encore d'ériger une chapelle en l'honneur de saint Joseph, mais il a logé dans une anfractuosité du rocher une statuette de ce saint.

C'est là qu'il vient prier à ses moments libres. Il place bientôt une petite écuelle au pied de sa statue, afin de recueillir les dons des pèlerins éventuels. Aux heures d'affluence au parloir, le portier cause de ses travaux à ses amis, leur conseille de grimper jusqu'au « Boulevard Saint-Joseph » pour jouir du coup d'œil merveilleux et leur recommande bien de ne pas oublier de faire un bout de prière auprès de la statuette du rocher.

Quel n'est pas le charme de ce premier oratoire, si humble, si naïf ! Un étroit sentier embroussaillé qui débouche dans une clairière sauvage, une statuette, et la pauvre petite écuelle destinée à recevoir les sous. Quelle beauté touchante, dans cette rustique simplicité ! Et c'est avec les sous, les sous du pauvre, que le frère André bâtira sa première chapelle, la crypte et la basilique qui sera un des plus beaux sanctuaires d'Amérique...

Les minuscules oboles se multiplient et, avec la permission des supérieurs, le portier les conserve en vue d'aménager le lieu de pèlerinage qu'il rêve. Il y ajoute les cinq sous que lui donne chaque coupe de cheveux. Et lui, le pauvre, le détaché des biens terrestres, qui durant toute sa vie ne semblera même pas voir de différence entre l'obole infime et la magnifique offrande, recueille les sous avec joie, compte les piécettes blanches : « c'est pour saint Joseph... »

De plus en plus se dessine l'action de l'apôtre de saint Joseph auprès des foules. Chaque jour lui amène un contingent de malades et d'affligés. Il les accueille tous, les

console et leur parle de Jésus et de son père adoptif.

Un adolescent se présente, appuyé fortement au bra d'un homme :

— Me reconnaissez-vous, frère André ?

— Mon petit compagnon qui venait prier avec moi dan la montagne. Comment ça va ?

— Oh ! ça va très mal, j'ai eu un accident de travail, l mois dernier. Le médecin veut m'envoyer à l'hôpital. O parle de me couper la jambe, parce que la gangrène s' est mise... Si vous vouliez, frère André, vous pourriez m guérir.

— Non, pas moi, mais saint Joseph, si vous avez con fiance. Renvoyez la voiture qui vous a transporté.

Il conduit l'estropié dans une salle de débarras atte nante à sa cellule, afin de le dérober à la curiosité.

Le soir, lorsque les autres ne peuvent pas le surprendr et le cingler de propos malveillants, il fait passer le jeun homme dans sa chambre et frictionne quelque temps l jambe enflée et noircie. Le malade peut retourner à so domicile, tout seul, à pied, par des chemins enneigés e glissants.

Les prodiges se multiplient et s'ébruitent au dehors, e dépit de la recommandation expresse de n'en parler personne.

L'histoire, perpétuel recommencement, réédite un épi sode emprunté à la bible. « Le Seigneur dit à Satan As-tu remarqué mon serviteur Job ? Il n'y a pas d'homm comme lui sur la terre, droit, pur, craignant Dieu et éloi gné du mal... Or Dieu permit à Satan d'éprouver so serviteur... »

La théorie des misères infligées à Job ne s'est-elle pa déroulée pour le frère André, au long de sa jeunesse d'or phelin, sans parents, sans amis, pauvre, ballotté de mai son en maison, torturé de souffrances ? Dans la vie reli gieuse, éprouvé par d'austères supérieurs, il voit ses mala dies s'aggraver. Parfois ce guérisseur doit passer quelque

jours à l'infirmerie, en proie aux maux d'estomac, secoué par les spasmes convulsifs de la chorée.

Maintenant, douleur plus cuisante à son âme d'apôtre, tout se ligue afin de paralyser son action. Certains parents se plaignent de ce que leurs enfants subissent la promiscuité des quémandeurs qui visitent le frère portier. Les autorités du collège interviennent. Défense absolue de recevoir les malades aux heures de parloir et invite de les rencontrer dans un minable pavillon, petite gare aménagée de l'autre côté de la route, en face du collège.

Si la peur de jeter du discrédit sur la communauté interdit aux supérieurs de se fourvoyer à la suite d'un illettré original, même s'il est pieux et zélé, par ailleurs, l'esprit de foi leur défend de contrecarrer directement les vues possibles de la Providence. La même pensée guidera la conduite de l'archevêque de Montréal, monseigneur Bruchési :

— Si vous disiez au frère André de cesser de recevoir les malades, le ferait-il ?

— Il s'exécuterait aveuglément.

— Alors laissez-le faire. Si l'œuvre est divine, elle se développera, sinon elle s'écroulera.

Cet esprit de tolérance n'anime pas tout le monde. Quelques confrères et surtout le médecin du village combattent ouvertement le guérisseur :

« Vieux frotteux, vieux tâteux, charlatan... », les épithètes malveillantes pleuvent drues sur sa tête.

Sans se décourager, le religieux continue son œuvre, mais bien souvent il verse des larmes et raconte ses peines à un confrère qui lui est sympathique. Il dit ses espérances, déplore de ne pas avoir l'assistance d'un prêtre pour confesser les gens qui viennent vers lui. Ce compagnon est le témoin involontaire de scènes bien touchantes, pendant les quelques jours qu'il passe à restaurer la masure où le portier reçoit désormais les clients de saint Joseph.

Loin de se contenter de leur demi-victoire, les déni-

greurs portent leurs griefs à l'archevêché. Quelques c
frères et les bénéficiaires de faveurs défendent l'accusé.
pontife, monseigneur Bruchési, dans sa prudence, congé
les deux partis sans se prononcer.

Dépités de leur échec auprès des supérieurs ecc
siastiques, les adversaires vont frapper à la porte
l'autorité civile :

— Le bureau d'hygiène doit absolument se saisir
cette question. Il y va de la santé publique.

Un délégué est choisi pour aller mettre à la raison
contempteur des lois médicales. Le frère reçoit le visite
aimablement et lui explique que ses remèdes, — friction
ner avec une médaille ou un peu d'huile, — ne sauraie
être dommageables. L'autre s'en retourne charmé du bo
sens et de l'aménité du frère.

À ces épreuves s'ajoutent des calomnies contre s
honneur. Ses ennemis le taxent d'immodestie, parce qu
frictionne vigoureusement les plaies. Cette insulte lui e
même jetée à la face par un visiteur auquel il manifeste d
dévouement et de la sympathie.

En butte aux calomnies, suspect dans la communaut
attaqué violemment de l'extérieur, persécuté de tou
façon, il a l'habitude de s'épancher auprès d'un laïc q
semble sympathiser. Il parle en toute confiance, livre l
secrets de son âme, pleure bien souvent en sa présenc
Hélas ! ce confident est un être ignoble, incapable d'u
attitude loyale, plus incapable de comprendre l'âme droi
et haute de son vénérable ami. Il dénature les confidenc
qu'il reçoit. Fermé à l'œuvre de la grâce et à l'action d
l'Esprit Saint dans une âme d'élite, il prend le frère And
pour un fou. Avec les adversaires, il colporte les pir
calomnies. Cette accablante trahison finit par être co
nue. Très sensible, d'une délicatesse exquise, d'une fidéli
absolue en matière d'amitié, le frère André portera lon
temps cette plaie vive au cœur :

— Mon meilleur ami, sur lequel je me fiais le plus, e

allé me trahir. Il n'avait pas la bouche assez grande pour
livrer à tout le monde ce que je lui disais. Vous ne sauriez
croire, vous ne sauriez croire toute la peine que j'éprouvai.

Contre l'œuvre prometteuse de régénération spirituelle,
le démon s'acharne avec fureur. Ces épreuves font res-
sortir la patience, l'humilité, la douceur, l'obéissance et
l'indomptable énergie du serviteur de Dieu.

★
★ ★

Dans la tourmente, une légère éclaircie : la permission
est obtenue d'ériger le premier oratoire. À la fin de l'été de
1904, le frère Abondius, charpentier du collège, bâtit sur
le promontoire, à mi-hauteur de la montagne, une minus-
cule chapelle de dix-huit pieds par quinze. Aucune fe-
nêtre : la lumière filtre par un double ruban de verres
dépolis qui borde l'arête surélevée du toit. Ce bibelot
d'oratoire, percé d'une large porte à deux vantaux pliants,
semble une lanterne jetée dans le décor de la montagne.
Le début des travaux a été marqué par un prodige que le
frère André aimera rappeler :

« Un homme vint me voir au collège. Il était si maigre
qu'on croyait voir le jour au travers. Il souffrait d'un
cancer à l'estomac et ne pouvait presque plus manger. Je
lui ai demandé :

— Pourriez-vous venir travailler pour moi, demain
matin ? Il faudra élargir le chemin qui doit conduire à la
chapelle dans la montagne.

— Je ne demande pas mieux, mais je n'ai pas la force,
il faudrait que je puisse manger.

— C'est bon. Vous viendrez déjeuner avec moi.

Le lendemain, je lui ai servi un bon repas. Il a pu se
mettre au travail la même journée. Toute trace du mal
avait disparu. Je l'ai employé pendant plusieurs mois. »

Le 19 novembre, jour d'exultation : dans la chapelle du
collège, bénédiction d'une statue de saint Joseph, qui est

portée en procession au nouveau sanctuaire, où la mes doit être dite et un chemin de croix érigé. À dessein, négl geons les nombreux figurants de cette scène pour mieu voir, au dernier rang, celui de qui nous revivons à grand traits l'histoire.

Le frère André frise la soixantaine. Petit vieillard alert aux traits creusés par la maladie et la souffrance, au cheveux annelés, grisonnants, il est rajeuni par son regar et par son sourire. Oublieux de ses luttes et de ses misères il goûte le triomphe de son grand ami, l'ouvrier de Naza reth. Sa mission est loin d'être encore totalement approu vée. C'est par tolérance qu'il exerce son action auprès de malades.

À peine inaugurée, la chapelle est fermée aux pèlerins durant les longs mois d'hiver. Le frère André transform en oratoire un réduit attenant à la salle de récréation Quelques privilégiés y viennent, de temps à autre, prie devant une niche, où est placée une statue de saint Joseph Ils font aussi le chemin de la croix avec le frère, dans la chapelle du collège. À chaque station, méditation silen cieuse coupée de prières improvisées. Cet exercice est ac compli très souvent le soir, dans l'obscurité. Un religieux qui ignore cette coutume, pénètre dans la chapelle. Plu sieurs pèlerins, masqués par les bancs derrière lesquels ils sont agenouillés, se lèvent justement pour passer à une autre station. En voyant surgir de l'ombre cette douzaine de fantômes, l'arrivant jette un cri de surprise et détale en vitesse. Tous rient de l'aventure.

Le frère André contemple souvent à travers les arbres dénudés, l'oratoire de la montagne capuchonnée de neige Avec peine, il s'y rend parfois, salué par les gais propos des enfants qui glissent sur les premières pentes. Les malades n'ayant plus accès au collège, doivent attendre dans la petite gare, de l'autre côté du chemin. Le frère portier, à ses moments libres, se rend auprès d'eux. Au printemps, les visiteurs commencent d'affluer. Une après-midi, ils son

une centaine, disséminés entre les arbres, aux abords du collège. Le frère portier ratisse les allees du parterre et ne semble pas s'apercevoir de leur présence. Une dame se risque à l'aborder :

— Allez m'attendre à l'oratoire dans la montagne, dit le religieux, j'irai vous rejoindre quand je serai libre...

Dans la période des vacances, pouvant se faire remplacer fréquemment à la porterie, il passe des journées entières à recevoir les visiteurs.

— Souvent, confiera-t-il dans la suite à un ami intime, je ne prenais pas la peine de déjeuner. Je glissais quelques biscuits dans ma poche et je me rendais à l'Oratoire. Des fois, le soir, en descendant la montagne, je m'apercevais que j'avais oublié de manger...

Les années passent et la tempête redouble autour de l'œuvre. Les médecins et certains confrères lui font une lutte acharnée. Çà et là, par la ville, les têtes fortes se gaussent du « vieux fou » qui croit faire des miracles. Les visiteurs protestent contre l'encombrement de malades à la petite gare située en face du collège. Excédés de ces ennuis, les supérieurs songent à envoyer le frère André dans une autre maison de la communauté, à l'université Saint-Joseph, au Nouveau-Brunswick. Bien souvent, le religieux verse des larmes amères, mais jamais il ne se décourage.

— Ce qui me console, s'écrie-t-il parfois, c'est qu'après chaque grosse épreuve, l'Oratoire se développe beaucoup.

Un groupe de confrères et d'amis le soutiennent. Ils vont demander au provincial, le père Dion, d'agrandir le sanctuaire, de le chauffer et de le rendre accessible en hiver. Cette demande ne semble pas opportune.

Des démarches auprès de l'évêché sont assez mal accueillies. Ces prudentes réserves, fort légitimes de l'autorité, contribueront à mieux prouver la valeur de la mission confiée au frère André. Une fois ralliés à sa cause, mon-

seigneur Bruchési et le père Dion deviendront ses deux plus fermes soutiens.

Le peuple partout célèbre le thaumaturge du mont Royal. Les pèlerinages s'organisent nombreux, la lutte s'effrite, bientôt ce sera le triomphe au grand jour. L'œuvre n'est encore qu'une fleur à peine entr'ouverte, un bouton qui a souffert des gelées, mais bientôt le soleil radieux éclairera son large épanouissement.

V

ÉPANOUISSEMENT

Esquissons à grands traits le prodigieux développement de l'Oratoire : ce n'est pas l'historique de l'œuvre qui nous intéresse, mais la vie de son artisan. À dessein, sacrifions les détails pour mettre en valeur la figure du frère André.

Après l'érection de la première chapelle, le bon religieux conserve encore quatre ans sa fonction de portier au collège Notre-Dame. Au premier moment libre, dans la journée, il va rejoindre les visiteurs qui l'attendent. Muni d'une petite lanterne, il conduit souvent, le soir, quelques privilégiés au minuscule sanctuaire, pour y prier et faire le chemin de la croix. Déjà des pèlerinages s'organisent, qui tournent en débandade lorsqu'un orage imprévu s'abat. Tout l'hiver la chapelle est close, même en la fête de saint Joseph.

Un noyau de laïcs, amis du frère André, fait pression, en 1906, auprès du père provincial, en vue d'obtenir la construction d'une église en l'honneur de saint Joseph. Le projet est jugé prématuré.

En juillet 1908, un abri formé d'une simple toiture soutenue par des poteaux, prolonge le premier édicule jusqu'au flanc rocheux de la montagne. Deux mois plus tard, la moitié de ce local est entourée et devient la nef d'une église dont la primitive chapelle forme le chœur. L'Oratoire, maintenant chauffé, demeure accessible aux pèlerins, tout l'hiver.

Au printemps, un pavillon s'érige, divisé en restaurant ou salle de repos pour les visiteurs, cellule et bureau pour le frère André, qui est désormais libéré de sa fonction de portier au collège et nommé officiellement gardien de l'Oratoire.

L'année suivante, la nef est encore agrandie et la primitive chapelle, trop menue pour un si vaste corps, bourgeonne d'une rallonge à son autre extrémité. Le rez-de-chaussée de cette partie devient la sacristie. Une chambrette pour le frère est aménagée sous le toit, dominé par un clocheton pointu, où s'agite une trop lourde cloche.

En dépit de sa pauvreté, l'Oratoire a grand air dans la beauté du décor. Partout, par là autour, des arbres indisciplinés, aux formes étalées, dressées ou penchantes, des buissons épais, des pentes bien fourrées d'herbe, des rochers aux crevasses recouvertes de verdure. Le regard embrasse la vaste plaine, peinte de villages, pour se perdre vers le bleu détrempé des monts lointains. Le développement s'accroît, les prévisions les plus optimistes sont dépassées. Bientôt, construction du presbytère, nouvel agrandissement de la nef jusqu'à l'extrémité de l'abri adossé à la montagne. Le 17 novembre 1912, monseigneur Bruchési, archevêque de Montréal, venu bénir cette dernière partie, jette à la foule qui déborde de l'enceinte :

— Je vois un mouvement de piété qui me console. Cet oratoire pourrait justement être comparé au grain de sénevé qui est si petit en soi et qui produit cependant un grand arbre. À l'origine, une main pieuse et simple plaça une statue à cet endroit ; chaque jour, on vint prier ici ; bientôt s'éleva une petite chapelle. Mais les dévots à saint Joseph devenant de plus en plus nombreux, on dut l'agrandir et même plusieurs fois ; aujourd'hui, c'est la dernière allonge que je viens de bénir. Mais cette œuvre n'est qu'à son début ; et j'entrevois dans un avenir pas très éloigné, une église, une basilique digne de saint Joseph

s'élevant sur le mont Royal, en face du plus magnifique horizon...

La période des doutes, des hésitations est close. Avec une confiance aveugle dans la Providence, le plan est conçu d'une imposante basilique de granit, qui semble vouloir lutter en majesté avec la montagne.

Dès 1915, tandis qu'en Europe la grande guerre détruit tant d'églises, s'érige sur le mont Royal une vaste crypte en pierre, sorte de bastion trapu. De l'humble oratoire primitif, le clocher et le chœur sont transportés et conservés, qui semblent la tête et le cou de ce corps formé d'allonges successives.

Un vaste jardin français encadré de peupliers en mâts de verdure luisante, des terre-pleins aux pentes roides bien vêtues de gazon sont réalisés au prix de mille labeurs, pour dompter le sol rocailleux et accidenté.

En 1924, derrière la crypte qui lui sert de palier, la basilique commence à surgir de son lit profondément creusé dans le roc. Comme les cathédrales moyenâgeuses, elle prend son temps afin de mieux s'épanouir en beauté. Les travaux, en panne depuis plusieurs années, reprennent en 1937, après le geste de foi suggéré par le frère André :

— Vous voulez couvrir la basilique : installez la statue de saint Joseph dans les murs ouverts, et lui, il trouvera bien de quoi se couvrir.

Au-dessus du mont Royal, de sa tête haut levée, le dôme de la basilique culmine, inspiré de celui de Florence qui est dû au célèbre Brunelleschi. Un grand maître contemporain l'a conçu avec encore plus d'élan, de hardiesse et d'envol, grâce aux audacieuses possibilités des matériaux modernes.

L'intérieur de ce sanctuaire promet un vaste mouvement d'harmonieuses lignes ascendantes, une incomparable symphonie chaudement colorée de mosaïques et de vitraux.

Le visiteur, conduit dans le lanterneau, au sommet du dôme, contemple, massée, prochaine, la ville grouillante de

son million et demi d'existences. À l'est, par delà le Sai
Laurent, le mont Saint-Grégoire rappelle la naissance
frère André ; à l'ouest, dans l'immense plaine éta
jusqu'au tracé sinueux, tremblé, fumeux des Laurenti
deux points riches de souvenirs aussi, les collèges
Côte-des-Neiges et de Saint-Laurent. Toute la vie tient
de l'artisan qui, non seulement a bâti le grand sanctua
au patron de l'Église universelle, mais a popularisé s
culte par toute l'Amérique.

Quelques chiffres, dans leur éloquence aride, exprime
la grandeur de l'œuvre de l'Oratoire.

Plus de dix millions de dollars ont été dépensés. Chaq
année, environ six cent mille lettres, expédiées des qua
coins du monde, viennent solliciter des prières et d
faveurs. La revue mensuelle, *L'Oratoire*, tire à deux ce
cinquante mille exemplaires. Une confrérie compte pl
de soixante et quinze mille adhérents. Les visiteurs chaq
année se chiffrent par plusieurs millions.

Si la splendeur du site explique l'affluence touristiq
elle s'avère insuffisante à motiver l'arrivée continuelle
milliers de pèlerins, venus de toute l'Amérique. La mont
incessante des priants isolés disparaît souvent dans l'assa
des pèlerinages par groupe. Du fond de la cité, par les ru
au tintamarre assourdissant, parfois toute une paroi
chemine vers le mont Royal.

Certaines solennités, comme celle des travailleurs ch
tiens, entraînent une marée humaine ; plus de cinquan
mille personnes transforment les terrasses en prair
mouvantes aux couleurs variées. Sur le versant de la mo
tagne, entre la double haie d'agenouillés, se déroule
procession d'hommes, de femmes et d'enfants qui chante
et prient. Vient le saint Sacrement escorté par les clergeo
écarlates, les prêtres tout de blanc et d'or...

À la tombée de la nuit, le long serpent de flamm
vacillantes, la grande rumeur priante des processions a
flambeaux, laissent un souvenir inoubliable. Dans cet

erveur collective, un seul désir nous empoigne, n'être
u'une voix fondue, un atome perdu dans cette foule que
ieu attire vers lui.

L'Oratoire est un lieu où l'on touche le surnaturel, où
on respire la grâce, où la foi des gens s'étale toute nue.
'est l'oasis où nous tous, pauvres pérégrinants en route
ers l'éternité, nous venons prendre un bain spirituel, un
umul de force pour les batailles de la vie. Les faveurs
emporelles sont l'appât dont le Christ se sert, comme aux
urs de sa vie terrestre, afin de gagner les cœurs... Vous
vez vu, le long du Saint-Laurent, ces immenses nasses
e branchages, ces « pêches », au fond desquelles les
oissons s'engagent à la marée montante et demeurent
risonniers à la décrue des eaux. Le sanctuaire de saint
oseph est la nasse divine où le flux de la grâce pousse les
mes par milliers et le reflux les laisse prisonnières de
amour de Dieu.

Sur l'action divine à l'Oratoire, S. E. monseigneur
authier se prononçait sans ambages, dans sa lettre cir-
ulaire datée du 14 avril 1937. Après avoir rappelé l'exhor-
tion du souverain pontife, qui demande « le recours à
aint Joseph dans la grande action de l'Église catholique
ontre le communisme athée », le chef spirituel du diocèse
oute :

« Ce recours confiant à saint Joseph, il y a longtemps
ue nous le pratiquons à Montréal. Il y est devenu d'une
xtraordinaire intensité depuis que l'Oratoire du mont
oyal a été fondé. Je ne pourrais rien dire de ce qui s'y
asse que tout le monde ne connaisse. Il est sûr que l'on y
it dans l'atmosphère des grands pèlerinages. Personne
'y vient qui n'en reparte meilleur. Je ne pense jamais
ns une émotion profonde à l'action miséricordieuse qui
'y exerce. Tous les soucis, toutes les douleurs de notre
rande ville viennent battre comme une vague le promon-
oire où saint Joseph a élu domicile. Le grand saint y est
ccueillant, bon jusqu'à la tendresse, pitoyable à toutes

les misères. Quel honneur et quel motif de confiance pou nous que saint Joseph étende ses bras puissants sur not ville pour la bénir et la protéger ! »

★
★ ★

Ce prodigieux épanouissement n'est pas une réussit humaine, seule l'action toute spéciale de la Providen saurait l'expliquer.

La première chapelle, la crypte, la basilique sont bâti des millions d'oboles offertes par les bénéficiaires de faveu obtenues au mont Royal. L'apport des curieux, des to ristes américains, est loin d'être aussi appréciable qu'o l'imagine. Les dons considérables sont à peu près inconnu Le Seigneur choisit les aumônes inspirées par un mobi surnaturel, les offrandes des humbles, laissées en témoi gnage de reconnaissance.

Tout est merveilleux dans le développement de cett œuvre. Quelques exemples le font vivement sentir. U jeune professeur, le père Adolphe Clément, menacé d perdre la vue, quitte l'enseignement et vient remplir l fonction de chapelain au premier Oratoire. Un soir qu déambule avec le frère André, il manifeste ce désir :

— Si vous voulez que je travaille pour saint Josep il faudra me rendre la vue. Je ne peux même plus lire mo bréviaire. À peine si je parviens à célébrer la sainte mess

— Demain, vous commencerez la récitation de vot bréviaire, répond simplement le frère.

Pendant vingt-cinq ans ce religieux se consacrera à cet œuvre et il entendra de temps à autre les oculistes lui dire

— Nous ne pouvons pas comprendre comment avec d yeux comme les vôtres, vous puissiez lire.

L'histoire d'un autre collaborateur du frère And mérite d'être retenue. On dirait la plus ravissante légend empruntée à quelque manuscrit enluminé de la grand époque de foi.

Un sexagénaire demeure seul sur son lopin de terre, défriché après une vie de lutte contre la forêt. Son épouse vient de mourir, et son fils, l'unique survivant de ses nombreux enfants, est allé tenter fortune au loin. Ce vieillard, Joseph Malenfant, n'a plus qu'à couler des jours paisibles, mener une bonne petite vie de rentier sur son bien, à Saint-Hubert de Témiscouata, à quelque trois cents milles en aval de la métropole.

Un songe étrange lui survient et le tracasse ; il lui a semblé voir un petit vieillard qui tentait d'édifier péniblement une église et qui le suppliait de l'aider.

— Ce rêve me semble un avertissement du bon Dieu. J'en aurai le cœur net. Je pars à la recherche de celui qui demande mon assistance.

Devant les moqueries de ses connaissances, notre homme répète sa maxime favorite, bien expressive de sa vie de sacrifice et de dévouement envers et contre tous :

— C'est de servir à rien que d'être utile à personne. Mieux vaut obéir à Dieu qu'aux hommes.

Et le voilà parti vers Montréal. Il entend parler du sanctuaire érigé sur la montagne. En gravissant la pente qui conduit à l'Oratoire, il croise le vieillard entrevu dans sa vision. Le frère André racontera lui-même cette rencontre :

— Comme je descendais de la montagne, je l'ai vu qui me regardait. J'ai traversé la route et je lui ai dit : vous êtes justement l'homme dont j'ai besoin...

Monsieur Malenfant demande au supérieur la permission d'entrer dans la communauté en qualité de convers. Son âge avancé le fait refuser. Sans perdre courage, désireux de servir, il conçoit un plan audacieux en vue d'aider quand même le frère André. Il parcourra toute la province, de l'est à l'ouest, demandant l'aumône pour l'Oratoire Saint-Joseph.

Dans ce dessein, il se rend à Chicoutimi, demande l'autorisation d'accomplir cette quête dans ce diocèse. N'ayant ni mission spéciale, ni lettre de créance, il se voit

refuser la permission. Sans se troubler, il commence sa
de vagabond de saint Joseph, égrenant par tous les villa
son refrain :

— C'est de servir à rien que d'être utile à person
Mieux vaut obéir à Dieu qu'aux hommes.

Aux refus, aux insultes, aux difficultés essuyés se j
gnent les tentations de découragement.

— Souvent, confiera-t-il, Satan me souffle à l'oreill
Vieux fou que t'es, Malenfant. T'avais une belle ter
une vie assurée, te voilà maintenant un chemineau,
quêteux, un propre à rien. Tu couches dans les grang
tu traînes les routes... Je lui réponds : Va-t'en. Arriè
Satan !... C'est de servir à rien que d'être utile à personne

Après avoir traversé la province, notre homme se p
sente à l'Oratoire et remet au père Dion la somme ron
lette de quatorze cents dollars. Celui-ci accepte l'off
mais demande au donateur de ne pas continuer sa vie
vagabond. Inhabitué à la politesse digne et réservée de
prêtre, notre homme, après cet accueil, confiera à un au
religieux :

— Votre supérieur n'est pas un homme, c'est de
glace... C'est de servir à rien que d'être utile à personne

Et le voilà de nouveau poursuivant sa mission. Sur
conseil d'un prêtre, il se met à recueillir des abonnemen
aux Annales de Saint-Joseph.

— J'ai décidé, dit-il, d'« annaliser » tout le pays.

Pendant dix ans, jusqu'à sa mort survenue en juil
1924, il continuera cette vie errante. La belle saison
trouvera parfois au Nouveau-Brunswick et même
Labrador. Plusieurs hivers durant, il sera hébergé
l'Oratoire. À lui seul, il recueille environ 35,000 abonn
ments...

* * *

Laissons dans l'ombre les nombreux collaborateurs
l'œuvre accomplie sur le mont Royal, et soulignons l'act

de l'humble convers qui préside toujours à l'expansion du
culte de saint Joseph. Que de détails charmants nous
pourrions glaner dans cette période de sa vie.

« Pendant longtemps, racontera-t-il, je devais voir à la
propreté de l'Oratoire. J'étais aussi sacristain et souvent je
servais cinq ou six messes de suite... Un bon matin, après
plusieurs messes, arrive un prêtre étranger : il ne restait
plus une seule hostie. Je suis allé en chercher au collège
et je suis revenu si vite que le prêtre n'a pas eu à attendre.

Alerte, empressé, infatigable, il manifeste toujours le
souci de la plus minutieuse propreté. Une année, quelques
jours avant Noël, il fait remarquer à l'économe que le pavé
de la crypte aurait besoin d'être lavé. Celui-ci oublie de se
rendre à son désir. Un soir, le frère requiert l'assistance
d'un convers du collège Notre-Dame et se met en devoir
de passer la nuit à laver l'église. Heureusement, le père
provincial le découvre dans cette occupation et l'envoie
se reposer.

Le vieillard si humble, qui est le serviteur de ses con-
frères et qui revendique toujours la dernière place, devient
aux yeux de tous la vivante image de saint Joseph.

— Nous venons, disent les pèlerins, prier le bon saint
Joseph du frère André... Nous allons visiter le bon frère
André.

Ici comme à Lourdes, l'action divine se manifeste par
une floraison de faveurs. La source miraculeuse est rem-
placée par le contact ou la parole de l'humble convers.

En 1912, l'archevêque de Montréal proclame devant la
foule, en montrant les ex-voto laissés à l'Oratoire :

— Puis-je dire que des miracles s'opèrent ici ? Si je le
niais, ces instruments, témoins de toutes les douleurs,
parleraient à ma place...

Presque toutes ces faveurs s'obtiennent par l'entremise
du frère André, qui, le jour, donne audience aux pèlerins,
et passe une partie de la nuit en prière.

Cueillons, çà et là, quelques cas typiques narrés par les témoins eux-mêmes. De tels faits ne sauraient être inventés, et seuls ils peuvent suggérer l'atmosphère de l'Oratoire.

Un jour, débordé par le flot des visiteurs, ne pouvant les recevoir un à un, le bon frère se rend dans la salle d'attente, se place derrière le comptoir des objets de piété et demande successivement ce que désire chaque quémandeur. À tous il donne à peu près la même réponse :

— Frottez-vous avec la médaille, avec l'huile de saint Joseph... faites une neuvaine...

Son regard se fixe avec insistance sur un infirme :

— Donnez-moi vos béquilles, marchez maintenant.

L'autre s'exécute et, sous le coup d'une vive émotion en se voyant soudain guéri, il ne peut articuler une syllabe. Fou de joie, il sort et dévale la pente à la course, monte dans le premier tram qui se présente. Les témoins ravis suivent attentivement la scène. Sans broncher, le frère continue :

— Pour vous, monsieur ?

— J'ai le bras droit paralysé depuis longtemps, je ne peux pas le remuer.

— Vous irez vous confesser et vous commencerez une neuvaine.

— Pardon, vous avez dit ?

— Je vous ai dit d'aller vous confesser et de commencer une neuvaine.

— Il y a vingt-cinq ans que je me suis confessé.

Vainement la jeune fille qui accompagne cet homme le tire par la manche en disant :

— Papa, papa, fais attention, les gens t'entendent.

— Si j'ai eu le cœur de passer vingt-cinq ans sans aller à confesse, je dois bien avoir le courage de le dire.

Le frère André l'interrompt.

— Prenez votre chapeau de votre main droite et mettez-le sur votre tête.

L'homme obéit, un peu hébêté par la surprise de ne plus sentir de mal. Le religieux continue :

— Ce soir vous viendrez coucher au-dessus de la chapelle et demain vous irez communier.

Le miraculé s'en va et un témoin demande au frère :

— Vous l'avez laissé partir, savez-vous s'il reviendra ?

— Oui, j'en suis certain.

Il revient en effet, se confesse, communie le lendemain et le frère se plaira à décrire la joie exubérante de ce converti.

Quelques minutes avant l'office que l'on célèbre à l'Oratoire, chaque après-midi, vers trois heures, le frère André quitte son bureau pour aller y assister. Un ami l'aborde pendant son trajet :

— Frère André, j'ai une demande importante à vous faire.

— Venez après l'office.

— Il sera peut-être trop tard, une de mes cousines est à toute extrémité. On m'a prié de vous la recommander.

— Elle est en bonne santé.

— Vous comprenez mal, elle est mourante.

Sans répondre le frère s'achemine vers la crypte. Le lendemain, le quémandeur est appelé au téléphone :

— Devinez qui vous parle ?

— Je connais cette voix, mais c'est impossible, je fais erreur, cette personne a été administrée, elle est peut-être morte à l'heure qu'il est.

— Non, c'est bien moi, votre cousine. Hier après-midi, entre trois heures moins quart et trois heures, j'ai été subitement guérie. Je suis venue coucher en ville et je me rends aujourd'hui à l'Oratoire...

Dans la suite, ce même ami conduit au bureau du frère une femme au bras ankylosé à la suite d'une longue maladie.

— Frère André, frictionnez-lui le bras, je vous prie.

— Non, prenez votre médaille de saint Joseph et frictionnez vous-même.

Toujours, en effet, le religieux s'est montré d'une scr puleuse réserve sur ce point. Ses ennemis lui ont vain ment envoyé déjà des femmes, qui ont insisté pour se fai traiter afin de pouvoir susciter un prétexte à leurs c lomnies.

— Pendant que je passais la médaille sur le poign raidi, affirma cet homme, je regardais prier le frère And en face de moi. Au moment précis où il ferma les yeux, sentis le membre devenir parfaitement souple...

Parfois, la seule vue du frère suffit à opérer une guéris

Un homme atteint de la tuberculose, voué à une m prochaine, s'est fait conduire à l'Oratoire. Perdu dans rangs serrés des solliciteurs, il entrevoit le religieux et aussitôt à son épouse, qui l'accompagne :

— Inutile d'attendre notre tour, je me sens parfai ment guéri. Allons à l'église remercier le bon Dieu et mettre l'offrande promise pour ma guérison.

Le lendemain, il peut reprendre son travail et jama au long des années, la moindre trace de son mal ne manifeste.

Nombreux sont les témoins oculaires d'un prodige écl tant. Un fort contingent de visiteurs américains a assié le bureau tout l'avant-midi. À l'heure du dîner, le fr regagne le presbytère. Il gravit déjà les premières march de l'escalier, sous les regards de centaines de pèleri lorsqu'un homme s'approche de lui et montre, par portes béantes d'une ambulance qui vient de se frayer chemin dans la cohue, un malade étendu sur une civière.

— Détachez-le, et laissez-le marcher, dit simplement frère.

Sans s'inquiéter, il rentre dans la maison. Le mala délié se met à marcher, nu-bas, au milieu de l'enthousias délirant de la foule.

De tels faits, répétés par centaines, expliquent bi l'affluence continuelle des pèlerins. Plus que ces bienfa corporels, le frère recherche la guérison des âmes. Ce sou

constant prime tous les autres. Même lorsqu'une foule compacte assiège son bureau, il peut passer plus d'une heure à la conquête d'un pécheur, tandis que la réception d'un autre malade est expédiée en une minute. Souvent, il explique combien les faveurs temporelles sont destinées à susciter les régénérescences spirituelles.

Le Seigneur draine vers lui-même l'instinct de prière que suscitent chez l'homme les besoins temporels. Soucieux de gagner les âmes, il emploie la parole ou le contact d'un instrument, une relique, un peu d'huile, pour réaliser ses bienfaits, comme au temps de sa vie terrestre un peu de boue lui servait à guérir l'aveugle-né... Le frère André oriente constamment vers saint Joseph la merveilleuse attirance qu'il exerce auprès des foules. Avec quel charme il évoque la figure de l'artisan nazaréen, compare sa vie de soumission, d'obéissance et d'épreuves avec l'esprit d'orgueil et de sensualité répandu même chez les chrétiens. Un de ses compagnons habituels aime à répéter :

— Il parle toujours de saint Joseph, de la sainte Famille, avec la simplicité, le naturel d'une personne qui cause de ses ancêtres bien connus. Il prie le patron des ouvriers comme s'il conversait avec lui...

La dévotion envers ce patriarche lui sert à conduire les fidèles vers Jésus souffrant. Le soir, au retour des visites aux malades, il a l'habitude de faire le chemin de la croix avec celui qui le ramène. Un de ces privilégiés affirme :

— Chaque fois que je fais le chemin de la croix en sa compagnie, je me dis, en l'entendant improviser ses longues et émouvantes prières : il est comme les apôtres, ignorants pêcheurs, qui devenaient intarissables au sujet du Christ. Jamais les mêmes prières ; cela dure au moins une heure. On dirait qu'il ne peut plus s'arrêter, tant il y met d'intérêt... Le plus souvent sa prière ressemble à une conversation avec un interlocuteur invisible. Il écoute la réponse et repart sur un autre ton.

Peu à peu un noyau d'amis participe à cet exercice ;

telle est l'origine du chemin de la croix public, accompli l'Oratoire chaque vendredi depuis vingt ans.

L'heure sainte, célébrée le même soir, débuta de façc similaire. Le frère André invitait quelques compagnon Dans la chapelle obscure, il allumait un cierge, le fixait son prie-Dieu et prolongeait sa prière jusqu'à ce que cire fût complètement consumée... L'assistance devenu nombreuse, il demanda au père recteur de présider cérémonie...

* * *

Et voilà à peine ébauchée l'esquisse de l'œuvre accom plie sur le mont Royal par l'obscur petit convers de Saint Croix. Ce prodigieux épanouissement, il l'a réalisé par seule force persistante de sa grande foi, de sa fidéli aveugle aux directives divines. Sans doute, il a pu affirme

— Saint Joseph me le disait de placer l'Oratoire à c endroit...

Cette assertion ne semble pas signifier une apparitio véritable, mais plutôt une voix intérieure. Une lettre monseigneur Bruchési confirme cette opinion :

« À propos du cher frère André, il y a un petit déta que l'on n'a pas rapporté, je crois, et qui ne manque p d'intérêt, le voici : quand le père Dion vint, avec le frè André, me parler de l'Oratoire projeté au mont Royal, leur fis remarquer qu'il s'agissait d'une entreprise vaste dispendieuse, et je demandai au bon frère s'il n'éprouva pas de craintes. Il me répondit que non. Je lui dis alors :

— Mon frère, j'ai une chose à vous demander. Y a-t du surnaturel dans ce que vous faites ? Croyez-vous avc quelque vision ? Le bon saint Joseph vous aurait-il fa entendre qu'il voulait un temple sur le mont Royal ?

Il me répondit :

— Il n'y a rien de tout cela. Je n'ai que ma grande dév

tion envers saint Joseph ; c'est elle qui me guide et me donne une entière confiance.

Cette franchise, cette humble et belle simplicité me frappèrent... »

Comme le pèlerin, après avoir contemplé de loin l'Oratoire dressé sur le flanc du mont Royal, se rapproche peu à peu, pénètre dans la crypte sombre, puis s'habitue à la nuit perpétuelle du chœur, et vient prier tout contre l'autel, ainsi, après avoir contemplé rapidement la vie et l'œuvre du frère André, nous tenterons de pénétrer dans l'intimité de son âme. Pas à pas, nous nous avancerons avec respect dans ce sanctuaire, jusqu'à la splendeur voilée de son union intime avec Dieu.

VI

CONFIANCE

Fidèles à la méthode de faire revivre le plus simplement possible le frère André, renonçons à toute idée préconçue dans l'étude de son âme. Appliquons-nous à photographier le réel, mieux, à dégager les lignes caractéristiques de sa sainteté. Au lieu de souligner ses vertus d'après leur ordre de dignité, contemplons son existence, voyons-le tel qu'il fut à nos côtés. Trois notes dominent, que nous plaçons selon l'ordre où nous avons l'habitude de les percevoir : une foi inaltérable, une humilité jamais démentie, une charité héroïque.

Les amis ou confrères de qui j'ai demandé les impressions ont suivi d'eux-mêmes cette voie.

— C'est un homme qui avait une foi peu ordinaire, déclare l'un.

Il cite quelques exemples et poursuit :

— En dépit de cela, pas un soupçon d'orgueil.

Le dévouement et les dévotions du serviteur de Dieu sont ensuite décrits.

Quelques traits de ressemblance physique et morale avec le saint curé d'Ars complètent ce dessin, calqué sur le réel.

Que la confiance est grande chez l'apôtre de saint Joseph, au long de son existence tissée de merveilles divines ! Jamais le moindre découragement dans la réalisation de l'œuvre extraordinaire que lui inspire la Providence. Toute

sa vie durant, ses prières montent, non pas pour demander des faveurs, mais pour remercier à l'avance des largesses divines qui lui seront octroyées. En essayant de conserver la saveur qui imprègne la narration des témoins oculaires, évoquons certains faits qui dénotent bien la foi inaltérable du frère André.

Un malheureux, victime d'un accident, est transporté à l'Oratoire. Ses jambes ne sont plus qu'une bouillie gangrenée.

— Vous devez faire amputer ces membres au plus tôt, a dit le médecin.

Devant l'espoir de guérison caressé par le malade, il a répété :

— Impossible de vous sauver sans une intervention chirurgicale. Autant vaudrait tenter de faire rebrousser chemin au fleuve Saint-Laurent.

Un témoin dit au frère André, qui frictionne délicatement les chairs mutilées de l'infirme :

— Saint Joseph n'est pas toujours pour lui faire pousser des jambes, il ne reste plus rien.

Sans s'émouvoir, l'humble frère ne cesse d'encourager ce malade, qui bientôt s'en retourne parfaitement guéri.

Mandé au chevet d'une mère de famille mourante, le frère André se rend à l'appel. « Trop tard, hélas ! » lui dit-on à son arrivée. Le médecin a déjà remis le certificat du décès, car il a jugé que la malade n'a que quelques instants à vivre. Les parents, qui la croient morte, ont relevé le drap sur le visage.

Le frère André s'agenouille, découvre la figure de la prétendue défunte, la touche légèrement. Celle-ci ouvre les yeux : « J'ai faim », murmure-t-elle bientôt, parfaitement ranimée. Le bon vieillard se met en devoir de lui faire manger un morceau d'orange. Comment ne pas établir ici un rapprochement avec la scène si touchante de l'évangile où le Maître dit à Jaïre, en rendant sa fille à la vie : « Donnez-lui à manger ».

Une mère conduit au bon frère son jeune enfant, dont la colonne vertébrale amollie laisse retomber le corps inerte. Il déclare l'enfant guéri. L'heureuse mère se met immédiatement à enlever le corset de plâtre et la tige de fer qui soutiennent le corps et la tête de son fils. Vainement le supérieur essaie-t-il de la dissuader de cette imprudence. Le bambin dépouillé de sa gangue, se met à gambader.

Perclus de violents rhumatismes, un homme ne peut subir le plus léger contact sans pousser des gémissements. Le frère André frictionne vigoureusement les jambes du malade. « Ça va mieux ? demande-t-il... Debout maintenant, vous êtes guéri... »

Selon la narration même du bon frère, une personne cancéreuse est guérie à l'Oratoire. Le chirurgien, qui ne croit pas à sa guérison, pratique l'opération qu'il avait décidée, mais sans découvrir la moindre trace de cancer.

Voici un autre trait, que le frère André raconte, afin de montrer la bonté de saint Joseph et de rappeler que la plupart des miraculés n'ont pas à expérimenter inutilement les caresses du bistouri. Une femme a dans le dos une tumeur aussi grosse que le poing. On décide de l'opérer le vendredi de la même semaine. Entre temps elle se présente à l'Oratoire et toute trace de mal disparaît. Le jour convenu, elle se présente à l'hôpital et demande de subir un nouvel examen. Au comble de la surprise, le médecin, qui ne découvre plus rien, demande :

— De quel côté était la tumeur ?...

Un malade se recommande-t-il aux prières du frère André avant de subir une opération :

— Ne faites pas cela, priez plutôt saint Joseph, conseille le religieux.

Pas un seul ne s'est trouvé plus mal pour avoir écouté ce conseil, certifient les amis qui ont souvent accompagné le vénéré frère dans ses visites aux malades. Loin d'être témérité, cette confiance absolue dans la Providence, dénote une fidélité constante à l'inspiration divine.

— Comment pouvez-vous prendre de telles décisions sans hésiter ? demande un prêtre. À votre place, je croirais tenter Dieu.

— Ça se voit bien que saint Joseph va les guérir, répond le frère.

— Pourquoi vous contentez-vous souvent d'inviter certaines gens à prier, tandis qu'avec d'autres vous y allez plus rondement en leur disant : « Laissez vos béquilles ; si vous ne marchez pas, c'est que vous êtes paresseux... » Pourquoi cette différence ?

Après un moment de silence, le vieillard reprend avec simplicité :

— Voyez-vous, très souvent, c'est évident qu'ils sont guéris.

Ainsi se dévoile toute l'action qui le guide, au long des heures vouées au soulagement des misères humaines.

Cette même confiance, le frère André l'exige de tous ceux qui s'adressent à lui. Quelqu'un se plaint-il d'être à demi exaucé.

— Si vous ne voulez pas perdre même ce que vous avez obtenu, continuez de prier, dit le vénérable vieillard.

À l'importun qui crie : « Guérissez-moi, guérissez-moi », il répond : « Vous ne serez pas exaucé, parce que vous manquez de confiance en Dieu ; vous venez me commander de vous guérir, comme si j'étais médecin... Si Dieu vous doit quelque chose, allez le lui demander. »

Telle est la narration d'un ami intime du frère André :

« J'étais à causer avec le bon frère. Entre un adolescent perclus :

— J'ai assez temporisé, murmure-t-il, je termine ma neuvaine demain. Si je ne suis pas guéri, je me fais amputer la jambe.

— Comme vous voudrez, réplique le frère. Voulez-vous que je téléphone tout de suite au chirurgien ?

Le jeune homme sort exaspéré ; je m'empresse de le suivre :

— Est-ce une façon de recevoir les gens, me dit-il ! Jamais plus je ne reviendrai.

— Vous serez le seul puni. Depuis combien de temps votre médecin vous soigne-t-il ?

— Depuis cinq ans.

— Vous a-t-il fait du bien ?... Pourtant, loin de vous fâcher contre lui, vous l'avez rémunéré de ses services... Eh bien ! parce que le frère André, qui vous reçoit par pure bonté, ne vous guérit pas immédiatement, vous êtes furieux... Croyez-moi, mon ami, retournez auprès de lui et faites tout ce qu'il vous dira.

Le jeune homme s'exécute et le frère André de lui dire simplement, tant il est certain de voir sa confiance et sa soumission récompensées :

— Commencez une autre neuvaine en l'honneur de saint Joseph. Si, le neuvième jour, vous n'êtes pas guéri, je me charge de vous couper moi-même la jambe.

Une femme qui a les deux jambes absolument inertes est transportée à l'Oratoire. Le compagnon du frère André qui, à la porte du bureau, veille au défilé des solliciteurs, demande :

— Si vous voulez, je vais laisser passer immédiatement cette dame. Il va peut-être y avoir un miracle.

La paralytique entre avec quatre personnes qui l'accompagnent. A travers la mince cloison du bureau la voix du frère perce soudain, aiguë. Tous prêtent l'oreille.

— Levez-vous et marchez.

— Non, je ne peux pas. J'ai les deux jambes complètement paralysées.

— Femme de peu de foi, je vous le commande : levez-vous et marchez.

Dans l'encadrement de la porte, la miraculée apparaît debout, les larmes de joie aux yeux, muette d'émotion. Au milieu de l'enthousiasme des témoins, elle s'avance d'un pas ferme.

Parfois même, le frère exige une foi aveugle, héroïque.

Un cultivateur, blessé par une faucheuse mécanique, se rend à l'Oratoire :

— Allez porter vos béquilles dans l'église ; demain vous reprendrez votre travail, commande le frère André.

Cet homme obéit, mais en boitant péniblement.

— Vous voyez bien que vous n'êtes pas guéri, murmurent ceux qui l'accompagnent.

Sans se laisser troubler, le blessé suit l'injonction donnée et reprend sa tâche le lendemain. Au prix de pénibles efforts, il parvient à labourer ou plutôt à se traîner derrière la charrue. Le soir, il demeure confiant, malgré les sarcasmes de sa famille, malgré ses pieds démesurément enflés qui le font beaucoup souffrir. Le jour suivant, il se réveille parfaitement guéri.

Un homme se présente au bureau du frère André :

— Ma sœur est atteinte d'un cancer à la poitrine. Trois côtes sont complètement cariées. Le seul moyen de la sauver, au dire du médecin, c'est une opération urgente.

— Dites-lui de ne pas se faire opérer, saint Joseph va la guérir.

Chaque après-midi le suppliant revient :

— Ma sœur décline toujours, elle va mourir.

— Si c'est la même maladie, elle ne mourra pas...

En récompense de sa confiance héroïque, la malade, au moment où l'intervention chirurgicale proposée elle-même ne la sauverait pas, est guérie parfaitement. Le cancer disparaît et les côtes, devenues par la carie une bouillie sans nom, se reforment complètement.

Cette confiance, Jésus l'a exigée de ses miraculés : « Crois-tu que je suis le Fils de l'homme, que je puis te guérir ? » demande-t-il parfois, avant d'exercer son pouvoir.

Le miracle n'est jamais une vaine manifestation de puissance. Le Sauveur s'est dérobé à la curiosité des Juifs qui demandaient un prodige. Les faveurs accordées à l'Oratoire ne servent pas non plus à nourrir un intérêt futile.

Une personne se rend, huit jours de suite, au bureau du frère André, avec le seul désir de voir s'opérer un prodige éclatant. On lui fait remarquer :

— Justement parce que vous manquez de foi en la puissance de Dieu, et que seule une curiosité profane vous anime, vous ne verrez pas de miracle.

De guerre lasse, elle cesse ses visites. Le lendemain un paralytique est instantanément guéri.

Excellente façon d'exiger la plus aveugle confiance en Dieu que ces recommandations faites aux solliciteurs par le frère André :

— Frottez-vous avec une médaille... mettez un peu d'huile de saint Joseph... Privez-vous de telle ou telle nourriture...

Des personnes que n'effraient pas les plus rudes pénitences, les longs pèlerinages à pied, les soins médicaux les plus douloureux, méprisent ces directives... Dieu exige, avant d'octroyer ses faveurs, une confiance aveugle. Se frictionner avec une médaille, cela semble bien puéril, mais, pour accomplir cette injonction, il faut sacrifier son jugement propre et s'abandonner à Dieu. Seuls ceux qui exécutent fidèlement ces conseils obtiennent leur guérison, non par l'efficacité intrinsèque des moyens suggérés, mais par la confiance surnaturelle qu'exige leur emploi.

Le frère André relève d'ailleurs ce fait :

— Plusieurs malades n'obtiennent pas la guérison demandée, à cause de leur manque de foi et de leur peu de soumission à la volonté de Dieu. Souvent ils ne font pas ce que je leur dis de faire ; car, vous savez, il faut de la foi pour se frictionner avec la médaille ou l'huile... Il faut prier davantage saint Joseph, mais, en toutes choses et toujours, vouloir la volonté de Dieu.

Pour ce même motif, il recommande :

— Tenez toujours une médaille de saint Joseph dans la main, lorsque vous avez une demande, une entrevue, une transaction importante à faire... Tenir une médaille dans

la main, ça fait mieux penser à saint Joseph que de la porter sur soi, c'est le signe d'une plus grande confiance.

C'est la même raison qu'il allègue dans les conseils similaires : semer une médaille sur un terrain convoité, en mettre une dans une maison que le propriétaire récalcitrant ne veut pas vendre, etc.

★
★ ★

Le frère André croit-il à la vertu naturelle des préceptes qu'il donne ? La plupart du temps, les privations de chocolat, de gâteau, de cigarettes, constituent simplement un programme de mortifications. Peut-être juge-t-il parfois ces moyens capables de faire disparaître certains troubles bénins, pour lesquels il croit inutile de déranger saint Joseph.

Le pouvoir extraordinaire qu'il a de guérir par le toucher, semble le surprendre. Il raconte à ses intimes les grandes merveilles que Dieu accomplit au moyen de si « vils instruments ».

— Un homme qui avait été blessé dans un accident de chasse est venu me voir à mon bureau. Les plombs restés dans la chair avaient causé un empoisonnement et les médecins voulaient lui couper la main. Je l'ai frictionné, la mauvaise chair coulait à terre comme de la graisse fondue. J'avais les mains toutes huileuses ; il s'en est allé parfaitement guéri.

— Pourquoi frictionnez-vous les malades vous-même, lui demande-t-on ?

— Mes mains produisent le même effet que la médaille de saint Joseph.

N'est-ce pas enfantin ? diront les esprits forts. Sans doute, il n'y a aucune proportion entre frictionner, par exemple, un membre affecté d'un cancer, et obtenir une guérison quasi instantanée, mais la vertu divine se glisse dans cette action. N'est-ce pas la façon d'agir du Christ

lui-même ? Rappelez-vous les guérisons du sourd-muet, de l'aveugle-né, narrées dans l'évangile. Jésus leur mit de la salive, les frictionna... C'était aussi ridicule aux yeux des pharisiens que les procédés du frère André le sont pour les demi-chrétiens actuels. Évoquons les paroles mêmes de l'évangile :

— On lui amena un sourd-muet, et on le supplia de lui imposer les mains, et l'ayant tiré de la foule, à l'écart, il lui mit ses doigts dans les oreilles et de sa salive lui toucha la langue, et ayant élevé les yeux au ciel, il soupira et lui dit : « Ephpheta », ce qui veut dire : ouvre-toi ! et ses oreilles s'ouvrirent et aussitôt sa langue se délia et il parla correctement...

— On lui amena un aveugle, et on le supplia de le toucher. Et ayant pris la main de l'aveugle, il l'emmena hors du village, et lui ayant mis de la salive sur les yeux et ayant imposé les mains sur lui, il lui demanda s'il voyait quelque chose. L'aveugle leva les yeux et dit : « Je vois les hommes qui marchent, semblables à des arbres. » Jésus lui mit de nouveau les mains sur les yeux, et l'homme regarda ; il se trouva guéri, et il voyait distinctement toutes choses.

Le Sauveur pouvait bien opérer les miracles d'un seul mot, mais dans le but d'exciter la foi chez certains quémandeurs, il prit ces humbles moyens. Ce motif pousse le frère André à se conduire de la même façon. Aussi peut-il redire aux pèlerins exaucés la parole du Maître :

— Allez en paix, votre foi vous a guéris.

Si, habituellement, c'est par le contact répété de ses mains qu'il obtient une guérison, souvent une parole lui suffit. Au cours d'une réunion chez un de ses amis, après avoir parlé de la passion du Sauveur pendant près d'une heure, il s'adresse à une dame qui est venue dans l'espérance d'obtenir sa guérison. Ses genoux ankylosés depuis plusieurs années l'empêchent de s'agenouiller.

— On m'a dit que vous étiez infirme, je ne le crois pas,

car vous n'êtes pas malade. Mettez-vous à genoux, essayez, dit-il en souriant.

Cette personne obéit facilement et ne sent plus le moindre malaise...

Citons un autre fait irrécusable de l'action divine, à la parole du frère André. Un médecin interne à l'Hôtel-Dieu de Montréal, à la suite d'une phlébite, ne peut se servir d'une jambe. Au témoignage des hommes de science, il doit demeurer infirme et se traîner à l'aide de deux béquilles. Sur le conseil d'un ami, il recourt au frère André qui lui dit :

— Vous êtes médecin, ayez confiance, saint Joseph ne vous laissera pas perdre un si bel avenir et tant de sacrifices de la part de vos parents. Laissez vos béquilles, marchez jusqu'à la porte.

L'infirme accomplit, une fois, deux fois ce trajet.

— Maintenant, allez porter vos béquilles dans l'Oratoire et remerciez saint Joseph de vous avoir obtenu une si grande faveur.

Un jour, huit médecins réunis chez un ami du frère André, se gaussent un peu de lui :

— Votre frère André, c'est un charlatan, ne connaissant pas l'a. b. c. de la médecine, et qui traite les gens avec de l'huile et des médailles... Vous n'êtes pas capable de citer un vrai miracle de lui.

L'interpellé riposte en racontant la guérison du jeune médecin. Les autres continuent de se moquer et de le défier. L'ami du frère André se contente de convier le miraculé à cette réunion. Celui-ci, qui demeure dans le voisinage, répond de bonne grâce à cette invite. Son arrivée est saluée par ces paroles : Est-ce vrai que le frère André vous a dit : « Laissez vos béquilles et marchez ? »

— Mais oui, c'est vrai, et je ne sens plus la moindre douleur.

* * *

Pourquoi toutes ces faveurs accordées au nom de saint Joseph ? Toujours dans le but d'éveiller la confiance, la foi qui s'étiole au cœur du peuple.

— Pendant plus de quinze ans, affirme un de ses fidèles compagnons, je suis venu presque chaque après-midi surveiller le défilé des solliciteurs au bureau du frère André ; pas une semaine, je crois, ne s'est passée sans que je fusse témoin d'un miracle. Tantôt c'était un paralytique guéri, tantôt un aveugle, une malade qu'on amenait couchée... Le frère André me disait parfois :

— On ne peut pas dire que ce sont toujours des miracles, mais ce sont des grandes faveurs que Dieu nous donne pour faire ouvrir les yeux au monde. Mais on dirait que le monde reste aveugle quand même.

Éveilleur de foi au cœur du peuple, le frère André l'a été certainement, mais pas autant que son amour envers Dieu le souhaitait. Le Maître laisse libre, il ne force pas à croire. Devant les miracles les plus éclatants, l'âme peut résister ; les Juifs voulurent tuer Jésus et son ressuscité Lazare, de peur que le peuple ne crût en lui.

En songeant à cette première grande leçon dans la vie du frère André, je revis une petite scène filmée à la dérobée... Ils sont là, foule pressée qui attend aux abords du bureau. Le frère passe, grave, soucieux, l'air fatigué ; soudain, comme il franchit le seuil, une femme se glisse derrière lui, fléchit le genou et frôle le bas de sa soutane. Geste de confiance, de foi naïve, mais si semblable à celui que relate l'évangile :

— Voilà qu'une femme, affligée d'un flux de sang depuis douze années, s'approcha de lui par derrière, et toucha la frange de son manteau, car elle disait en elle-même : si je puis seulement toucher son manteau, je serai guérie.

Je renvoie à plus autorisé le soin de traiter du miracle avec noms, circonstances, témoignages de médecins... Une longue théorie d'affligés passerait sous nos yeux : aveugles, boiteux, paralytiques, cancéreux... Quel charme à évoquer

ces guérisons, à les sérier, à les rapprocher des faits analogues relatés dans l'évangile. Comme il serait intéressant de les rapporter avec la saveur des « fioretti », dans le style des narrateurs anciens :

— Comment frère André guérit un malade de l'âme et du corps... Comment frère André connut les secrets des consciences... Comment frère André apprit la mort d'une personne au moment où pas un seul ne pouvait le savoir...

On compte par milliers ces miracles ou du moins ces faveurs extraordinaires.

La plupart de ceux qui viennent à l'Oratoire citent un fait merveilleux venu à leur connaissance. La vérité est tellement effarante, que cela semble invraisemblable. Incapables de tout rapporter, nous glissons quelques-unes de ces fleurettes, au long du récit uniquement pour mettre à nu l'âme du bon frère.

Quel équilibre dans toute sa conduite ! Quel souci constant d'éviter la moindre apparence de charlatanisme ! Quand après cela des gens prétendent avoir reçu de lui je ne sais quel art de soigner les malades, ils s'avèrent des imposteurs ou des hallucinés. Tant de présomption resterait incroyable si des écrits émanés de ces prétendus thaumaturges ne nous avaient été transmis par les autorités religieuses.

Tout n'est pas imitable chez le frère André. Que l'on s'efforce de pratiquer ses vertus, rien de mieux ; mais personne, à moins d'être investi d'une mission analogue à la sienne, ne peut s'arroger le droit de dire au malade que seule une opération urgente saurait sauver naturellement : « Ne vous faites pas opérer, vous êtes guéri... » Sans doute, l'intéressé lui-même, en raison de sa confiance envers Dieu et envers les saints, peut prendre une telle décision, mais nul autre, à moins d'une inspiration divine, ne peut assumer cette responsabilité.

Le frère André a toujours affirmé n'être détenteur

d'aucun secret. À cette question : « Par quelle magie opérez-vous vos guérisons ? » il entre dans une vive colère et met à la porte celui qui ose proférer cette insulte contre son œuvre. Sans cesse, il attribue les prodiges uniquement à l'action divine. Une scène typique démontre bien comme il n'entend jamais à rire sur ce point. Un visiteur lui fait remarquer :

— Vous valez mieux que saint Joseph. Nous obtenons de vous toutes sortes de faveurs, tandis que saint Joseph reste sourd à nos prières.

Le frêle vieillard est tellement froissé de cette incompréhension qu'il en fait une véritable maladie. Aussitôt, secoué d'un tremblement convulsif, il doit être reconduit à sa chambre.

— Je me suis mis à trembler, racontera-t-il lui-même. Rien ne pouvait m'empêcher de sursauter. J'ai dû me mettre au lit plusieurs jours.

L'unique secret du frère André, nous devons donc le chercher dans sa foi inébranlable en la Providence qui multiplie les miracles à l'Oratoire afin d'y établir le culte de saint Joseph.

VII

HUMILITÉ

Par son chant du Magnificat, la Vierge nous donne l'exemple de la véritable humilité ; elle loue le Seigneur des grandes choses qu'il a accomplies en elle. L'humilité, nous le savons bien, c'est la vérité. Nous conservons pourtant une conception racornie de cette vertu. Pour la pratiquer, croyons-nous, il faudrait nous recroqueviller sur nous-mêmes, dire que nous ne sommes rien, ne pouvons rien. Nous n'osons pas parler de Dieu ni faire du zèle, par crainte d'orgueil. Si le véritable saint se méprise parce qu'il s'aperçoit dans le rayonnement de la vie divine, cette vue ne l'empêche pas de constater qu'il peut réaliser de grandes œuvres par le pouvoir du Très-Haut. La vertu ne consiste pas à nier les talents que Dieu nous a départis, mais à les attribuer à leur auteur.

Le frère André vit comme naturellement de cette vérité. Il ne se dérobe pas en arguant de sa faiblesse, de son ignorance, lorsque Dieu le convie, lui, le dernier dans sa communauté, à accomplir une œuvre que monseigneur Bourget, le saint évêque de Montréal, n'a pu réaliser, malgré son vif désir, en quarante ans d'épiscopat.

Si ce religieux ne semble pas prévoir les répercussions de son premier geste, il le pose néanmoins avec énergie, sans craindre son entourage qui le taxe de folie, sans capituler devant les mille et un obstacles semés sous ses pas. Il persévère avec autant d'acharnement que s'il s'agissait

de la conquête d'un royaume. Docile à l'appel divin, il est bien de la trempe de Jeanne d'Arc, battue, traitée de folle, qui disait :

— J'irai, dussé-je user mes jambes jusqu'aux genoux.

Telle est la conviction profonde de notre héros. Dieu n'a pas égard à la science et se plaît à faire grand avec de faibles moyens. La parabole des talents vaut dans l'ordre surnaturel ; c'est le fruit des grâces divines que le Seigneur couronne dans le ciel.

L'apôtre de saint Joseph se sait ignorant, mais cela ne l'empêche pas de constater que Dieu lui fait accomplir des merveilles. Une de ses paroles traduit admirablement son état d'âme. À la fin de l'été 1936, une après-midi, deux guérisons remarquables s'accomplissent coup sur coup. Une malade portée dans les bras se met à marcher sans difficulté ; un paralytique, au sujet duquel un témoin vient de dire en badinant : « Il est bon, le frère, s'il guérit celui-là », devient absolument normal. Des protestants présents laissent échapper cette exclamation : « God is great ! » Le petit vieillard revient de son bureau, le soir, comme si rien n'était. Le lendemain, un religieux, pour le taquiner, observe :

— Frère André, il paraît qu'il y en a deux qui sont partis de mauvaise humeur de votre bureau hier ?

Saisissant l'allusion faite aux deux guérisons sensationnelles, le frère André répond avec simplicité :

— Vous savez que ce n'est pas de ma faute, c'est la faute du bon Dieu.

Parce qu'il est pénétré de cette vérité, ce thaumaturge, qui voit les foules le suivre, le vénérer, n'en conçoit pas le moindre sentiment d'orgueil... « Ce n'est pas de ma faute, c'est la faute du bon Dieu, c'est la faute de saint Joseph »... D'ordinaire il demeure très discret sur les prodiges qu'il opère. Lorsqu'on lui demande avec insistance de raconter les bontés de saint Joseph, il se décide à les narrer de façon amusante. Après avoir dit combien ce saint est puis-

sant, dès qu'il voit un peu de l'admiration se porter vers lui-même, il déroute l'attention en glissant un bon mot... Parle-t-on d'un paralytique guéri, il riposte :

— Saint Joseph a jugé qu'il avait besoin de ses deux pattes...

Un jour qu'il vient de rendre à un infirme l'usage parfait de ses deux jambes, un témoin lui demande :

— Comment s'appelle cet homme ?

— J'ai oublié de lui demander.

L'ex-infirme dévale la pente du mont Royal, après avoir déposé ses béquilles dans la crypte. L'enquêteur court à ses trousses, le rejoint et lui demande son nom, qu'il rapporte au frère :

— Il s'appelle M. Laverdure.

Et lui de sourire en disant :

— Il a reverdi.

Ce guérisseur a tellement l'habitude de voir toujours le bon Dieu dans ces prodiges, qu'on est mal venu de lui prêcher l'humilité. Un délégué apostolique se croit obligé de lui faire un petit sermon...

— Laissez-le, dit l'évêque qui accompagne cet illustre visiteur, il ne comprend rien à vos grands principes. L'humilité, il l'a dans sa vie.

Un bon chanoine le retient longuement pour le mettre en garde contre les tentations d'orgueil. Un bonhomme, qui attend impatiemment pour obtenir une faveur, coupe l'entretien en disant :

— Voulez-vous me dire lequel des deux est le frère André ? Je viens de loin, et je voudrais obtenir ma guérison.

Le dignitaire, tout surpris de se voir confondu avec un frère convers, se retire en méditant sur la vanité des titres et sur l'inanité de son sermon.

*
* *

La preuve de cette humilité éclate encore dans le fait que le frère accomplit l'œuvre du bon Dieu sans se soucier

de l'estime des hommes. Peu lui importe le rang de la personne qui s'adresse à lui. Ses supérieurs, des évêques se mettent à genoux pour demander de les bénir, et le religieux se soumet à ces marques de respect avec une peine visible. Visitant les malades en compagnie d'un prêtre, il ne se rend jamais aux prières de ceux qui sollicitent une bénédiction :

— C'est à vous, mon père, de les bénir, réplique-t-il.

Le père Frédéric, franciscain, dont le procès de canonisation est introduit à Rome, se présente un jour à l'Oratoire :

— Je viens demander au frère André comment il fait pour être si saint que ça.

Le recteur l'amène à la petite chapelle et grimpe l'escalier qui conduit à la mansarde où loge le frère. Celui-ci descend et le visiteur, à son approche, se jette à genoux et s'écrie :

— Bénissez-moi, frère André.

— Non, c'est à vous de me bénir.

Et ils sont là tous deux à genoux, l'un devant l'autre, dans un noble assaut d'humilité. Quelle charmante réédition de la rencontre de saint Dominique avec saint François d'Assise ! À la fin, les deux religieux s'embrassent.

La première rencontre de ces deux hommes de Dieu avait été touchante. C'était tout à fait au début de l'Oratoire. Après les instances répétées d'un ami auprès du provincial de la communauté, le frère André participa au pèlerinage annuel des pères franciscains à Sainte-Anne-de-Beaupré. Dans ce sanctuaire, comme le père Frédéric revêtait les ornements sacerdotaux, le compagnon qui avait amené le frère survint et demanda :

— Avez-vous quelqu'un pour servir votre messe ?

— Non, mon ami.

— Je vais vous présenter un servant que vous serez très heureux de rencontrer.

Il fit signe au frère André de s'approcher...

Toujours l'humble religieux manifeste une déférence pleine de foi envers les prêtres. Nous avons peine à l'empêcher de nous servir à table, lorsque nous nous trouvons à déjeuner en même temps que lui. Vainement tentons-nous de lui rendre cet office. Lorsqu'un prêtre, au sortir de la sainte messe, l'aborde, le frère retient avec insistance sa main dans la sienne. Sans doute songe-t-il à Jésus-Hostie que cette main vient de toucher.

— Qu'est-ce que je puis dire avec les prêtres, avoue-t-il parfois, moi qui suis si ignorant ?

Il ne se doute pas qu'il a beaucoup à leur enseigner. S'il ne possède pas les deux sagesses inférieures que sont la philosophie et la théologie, il possède la science suprême, la mystique, connaissance directe de Dieu. Ses récits de la passion, qu'il revit avec larmes, éclairent plus que les volumes des savants exégètes.

Présenté à un dignitaire, il se prête de bonne grâce, sans fausse humilité. Aimable, il glissera un mot d'esprit, mais, on le sent bien, son désir est de prendre part à la conversation discrètement, dans un rôle secondaire, et non pas d'être le point de mire des autres. Les marques d'intérêt, de déférence, sont loin de lui faire plaisir. Il recherche avec insistance la dernière place et se l'attribue. Au réfectoire, il est au bas bout de la table ; à l'église, il occupe la stalle la moins digne, derrière l'autel.

Ce qu'il déteste souverainement, c'est de faire prendre sa photographie. Seul un désir manifeste de son supérieur peut lui imposer cette corvée. Voilà pourquoi il a généralement un visage douloureusement renfrogné sur la plupart des photos où il se trouve seul. Quelques instantanés ou portraits de groupe le montrent au naturel, avec son bon sourire. Au début de l'œuvre de l'Oratoire, sur l'injonction du père Dion, provincial de la communauté, il consent à poser devant un photographe, dans deux atti-

tudes différentes. Lorsqu'on lui présente les photos pour lui demander laquelle il préfère, il répond :

— Peu importe, c'est la même bête dans les deux cas.

Sur la demande de son supérieur, le frère pose deux fois devant un peintre célèbre. Il semble en éprouver tant de peine que l'ordre est levé et l'artiste doit terminer son travail de mémoire. À regret, deux mois à peine avant sa mort, il consentira à l'exécution de son buste d'après nature.

Le frère André se sait peut-être l'homme du pays le plus connu à l'étranger, en tout cas, il ne s'en émeut pas. Un Canadien qui a vécu en Amérique du Sud rapporte :

Le mot Canada ou Montréal est à peine prononcé que les gens s'informent du frère André. Ils peuvent ignorer le nom de nos gouvernants et de nos évêques, mais ils ont entendu parler de ce religieux.

Un visiteur a beau venir de très loin, il ne reçoit pas plus d'attention pour cela. Deux ou trois minutes d'entretien et le congé est donné.

Un haut personnage vient un jour le voir et lui dit :

— Je suis le chapelain du roi d'Angleterre. Après avoir pris connaissance du volume de George Ham : « le thaumaturge de Montréal », sa majesté m'a demandé d'aller vous visiter au cours de mon voyage...

Le religieux prête une oreille distraite à ce propos, et, après deux ou trois minutes, il s'excuse en disant :

— Il y a des malades qui m'attendent au bureau.

Les personnes venues par hasard, sans confiance envers saint Joseph, sont aussitôt éconduites. Les curieux surtout sont sûrs de se faire tancer :

— C'est drôle, il y a des gens qui viennent et ils n'ont pas l'air de savoir pourquoi, dit-il à leur sujet.

Une dame qui allègue comme motif de sa visite sa fatigue à soulager, entend cette riposte :

— Priez pour moi, car moi aussi, je suis bien fatigué.

Son humilité ne saurait être attribuée à une incon-

science aveugle devant les honneurs et les signes de vénération. D'une perspicacité remarquable, il saisit vite les louanges et s'en froisse comme d'une atteinte aux droits de Dieu et de saint Joseph. Avec habileté il sait détourner les traits qu'on lui décerne. Il aime s'effacer sans affectation, sans fausse modestie, avec une simplicité de bon aloi.

Sans doute, dans sa vie, pourrions-nous relever plus d'un détail charmant de cette ingénuité coutumière aux saints. Loin d'être carence de perception, leur naïveté est le fruit de leur esprit surnaturel, de leur habitude d'attribuer tout à Dieu, au point d'oublier parfois que les hommes peuvent avoir des mobiles moins nobles dans leurs actions. Ainsi arrive-t-il que le frère André ne discerne pas les marques de déférence ou qu'il les impute à la seule bienveillance chrétienne.

Pendant un voyage aux États-Unis, un curé qui a le bonheur de l'héberger lui ménage la surprise d'une réception officielle ; procession solennelle de toute la paroisse, soirée publique.

— À mon arrivée à Jersey-City, dira le frère au père recteur, la paroisse célébrait justement une grande fête.

Au cours d'une randonnée dans la province d'Ontario, il se trompe de train. Après le départ, le percepteur de billets constate l'erreur et le prie de descendre au prochain arrêt. Le chef de gare, à son arrivée, le fait conduire en vitesse près de la voie ferrée où file le rapide de Toronto. Après signalement, le train stoppe et le voyageur monte, ému d'une telle courtoisie. À son retour à l'Oratoire, il soulignera cette gentillesse, qu'il semble croire coutumière envers les voyageurs.

★
★ ★

Constamment il éprouve un vif sentiment de son indignité. Il pleure à chaudes larmes les impatiences qui lui

échappent. Une de ses dernières paroles sera : « Priez pour ma conversion. »

Mais, dira-t-on, l'humilité c'est la vérité, que ne voit-il pas combien sa vie spirituelle éclipse celle de ceux qui l'entourent ; pourquoi cette mésestime de sa valeur propre ?

Fidèle à méditer la parole du Maître : « Je vous ai donné l'exemple afin que vous fassiez comme vous m'avez vu faire », il se garde bien de se comparer aux autres. Son unique modèle, son seul idéal est le Christ Jésus. Enfantillage que ces larmes pour des peccadilles ? scrupules ? Ne raillons pas. Toute imperfection, si minime soit-elle, déflore à ses yeux l'image qu'il veut être du divin exemplaire. Cette opinion commune à tous les saints, cadre avec le « soyez parfaits comme votre Père céleste est parfait. »

La sainteté, il s'en fait une si haute idée qu'il se défend avec énergie contre toutes les marques de vénération.

— On garde les reliques des saints, dit-il, pas des gens comme moi.

Toujours, dans ce domaine, il se montre intraitable. Apprenant que les religieuses conservent soigneusement ses vieux vêtements, il comptera dans la suite chaque morceau de linge qu'il enverra au lavage et se plaindra si on ne lui remet pas tout exactement. Pour être sûr de ne pas être joué, il brûle lui-même dans la fournaise ses habits trop usés.

Au cours d'une entrevue avec deux religieuses, l'une d'elle lui coupe les glands de son cordon et les dérobe adroitement afin de pourvoir sa communauté de reliques. « Ce sont des voleuses, s'écrie le frère, constatant le larcin après leur départ. Je ne sais pas comment elles peuvent concilier cette action avec leur vœu de pauvreté. » Il sollicite des démarches en vue de rentrer dans son bien...

Un fidèle compagnon qui, à l'entrée du bureau du frère André, veille au défilé des visiteurs, a coutume de leur demander de prier en union avec Jésus, Marie, Joseph et le

frère André. Lorsque ceci arrive aux oreilles du religieux, il en est vivement froissé :

— Non, non, non, pas ça.

— Combien de fois par jour vous récitez des prières pour les gens qui viennent vous voir ! Est-ce que je n'ai pas le droit de leur demander de prier en union avec vous ?

— Comme ça, vous ne me mettez pas au nombre des saints ?

— Il n'y a pas de danger.

La colère du frère tombe, mais, avec peine, il permet de continuer cette pratique.

Seul le motif surnaturel de provoquer le culte envers saint Joseph le fait se prêter à l'attention des gens. Les jours d'affluence à l'Oratoire le trouvent dans l'ombre. Aux grandes fêtes et processions, il demeure de préférence caché aux regards de la foule, savourant le bonheur de voir son grand ami honoré : « le petit chien de saint Joseph », comme il aime à se nommer, demeure silencieux pendant le triomphe de son maître.

— N'avez-vous pas éprouvé quelque tentation d'amour-propre d'avoir été ainsi favorisé par la sainte Vierge, demandait-on à la petite Bernadette ?

— Quelle idée avez-vous, est-ce que je ne sais pas que, si la sainte Vierge m'a choisie, c'est parce que j'étais la plus ignorante. Si elle en avait trouvé une plus ignorante que moi, c'est elle qu'elle aurait choisie.

Le frère André, chargé d'une mission semblable à celle de cette sainte, partage les mêmes sentiments et répond à une question similaire :

— L'artiste, c'est avec les plus petits pinceaux qu'il fait les plus beaux tableaux.

VIII

CHARITÉ

En un laconisme vigoureux, la prière pour obtenir la béatification du frère André résume parfaitement la vie de ce serviteur de Dieu « Ami des pauvres, des malades et des affligés » ; voilà bien, en effet, avec le titre d'apôtre de saint Joseph ce qui le caractérise.

La charité envers le prochain, Jésus l'a érigée comme marque distinctive de ses fidèles. Elle est l'emblème de ceux qui font profession de croire en lui :

— On verra que vous êtes mes disciples si vous vous aimez les uns les autres.

Ce signe, le frère André le possède éminemment. Dès que nous nous laissons aller au charme de muser dans sa vie, c'est à chaque pas un continuel jaillissement de faits qui révèlent les secrètes beautés de son âme, surtout son dévouement héroïque envers les malades. Voici, par exemple, la narration d'un heureux bénéficiaire de cette charité :

« On est au début de l'Oratoire Saint-Joseph. Je suis d'une débilité générale, extrême. À peine puis-je avaler comme unique nourriture un peu de bouillon, une fois le jour. Je crache le sang en abondance, à chaque quinte de toux. Les médecins consultés me disent qu'il n'y a plus rien à faire, que je suis un homme fini.

Il me reste un espoir, j'irai voir le frère André. En gravissant péniblement la montagne, je me dis : je descendrai

de là guéri ou dans ma tombe. Le bon religieux accepte de m'héberger dans la petite chambre qu'il possède sous le comble de l'Oratoire primitif. Dans cette mansarde à peine assez grande pour un seul, il y a déjà un autre malade dont une jambe, à demi putréfiée, répand une odeur infecte. Dans un coin masqué par une tenture, le frère a jeté sur le parquet un mince matelas, sans drap ni couverture, qui lui tient lieu de lit. Chaque soir, harassé par les visites des pèlerins, il passe pourtant près d'une heure à nous frictionner. Puis, quand la lampe est éteinte, il se glisse à pas de loup, dans l'étroit escalier qui mène à la chapelle. Un soir, je le suis à la dérobée. Je l'aperçois à la lueur de la lampe du sanctuaire. Agenouillé à même le pavé, il est perdu dans une ardente prière. Vers trois heures du matin, il vient prendre son repos sur la couche dure qu'il s'est réservée...

Depuis plusieurs jours, je demeure dans ce local. Aucune amélioration de ma santé. Toujours cette toux sèche et une quasi-impossibilité de digérer. Un matin, le frère fait cuire un mélange de viande et de légumes. Il me sert, au dîner, une copieuse ration de cette nourriture et m'ordonne de manger.

Frère André, lui dis-je, quand bien même tous les médecins de Montréal me commanderaient cela, je refuserais. Mais, puisque c'est vous qui le demandez, je vais obéir ; advienne que pourra.

Je m'exécute donc et je suis tout surpris l'après-midi de me sentir revigoré. Au souper, le bon frère me sert encore abondamment... Bientôt je retourne chez moi parfaitement guéri, au grand étonnement de mes parents et des médecins.

Mon compagnon d'infortune doit languir encore longtemps. À maintes reprises, il est sur le point de se rendre à l'avis des chirurgiens qui demandent l'amputation de sa jambe. Je viens le visiter de temps à autre. J'amène, dans le dessein de le convertir, un homme qui a renié la foi pour

adhérer à la franc-maçonnerie. Celui-ci, en apercevant la plaie hideuse que le frère André soigne, est obligé de s'esquiver de peur de perdre connaissance.

— Si celui-là guérit, je croirai, dit-il.

À la mi-novembre, le malade se trouve soudainement guéri... »

Quelle sollicitude et quel dévouement ! Que d'exemples de ce genre nous pourrions citer ! Évoquons une scène qui symbolise bien l'ardeur de ses prières en vue d'obtenir les faveurs que les gens viennent solliciter.

Un soir, dans la crypte déserte, à l'heure où l'ombre s'approprie rapidement chaque recoin, mettant la lumière des cierges et des lampions en valeur, le frère conduit un jeune homme aveugle, qui sollicite sa guérison. Il laisse le malade seul et se met en prière, agenouillé sur le pavé de l'église. Il monte ensuite les marches du chœur et prie de nouveau. Enfin il gravit successivement les degrés qui conduisent au marchepied de l'autel, en faisant à chacun une halte de prière...

Une jeune fille infirme dit au frère André :

— J'ai fait exprès le voyage des Etats-Unis, afin de vous prier de guérir ma sœur.

— Pourquoi ne demandez-vous pas votre propre guérison ?

— Il est bien plus important qu'elle soit en bonne santé; elle a huit enfants.

— Votre sœur va très bien en ce moment. Pensez à vous maintenant.

Il lui demande ses béquilles et la fait marcher. Au comble de la joie, la miraculée expédie un télégramme à sa sœur et reçoit cette réponse : « Guérison subite obtenue ».

Au cours d'une violente tempête hivernale, le frère André voit son bureau désert un long moment. Une jeune fille aux jambes totalement paralysées y est transportée. Quatre personnes l'accompagnent. À la demande du religieux, toutes s'agenouillent et se mettent à prier.

— Vous sentez-vous mieux ? demande le frère à la malade.

— Je commence à ressentir une chaleur dans les jambes.

— C'est bon signe, ma fille, continuons à prier.

Quelques instants se passent et le frère renouvelle sa question.

— J'éprouve une très vive douleur dans les jambes, s'écrie la paralytique...

Elle se lève et se met à marcher. La prière continue avec des larmes de joie.

Voici la réédition d'une scène évangélique. À la fin de sa vie, le frère André, souffrant d'une violente maladie de cœur, a coutume, pour obéir au médecin, de visiter seulement les malades qui habitent au rez-de-chaussée. Ceux qui demeurent aux étages supérieurs sont amenés à la voiture qui le conduit. Un jour, dans la rue Bienville, à Montréal, une malade est ainsi apportée. Mais voilà que de partout, aux alentours on amène des enfants, des femmes, des hommes malades, au point que la rue en est remplie. Le religieux se dépense avec bonté auprès de tous. À grand'peine l'auto parvient à se frayer une route, après un long stationnement. Et l'ami qui conduit le bon frère de dire :

— Je suis émerveillé, c'est comme au temps de Notre-Seigneur, tout le monde accourt demander des faveurs et des guérisons.

Et lui de répondre :

— Peut-être, mais le bon Dieu se sert d'un bien vil instrument...

Que de fois cette aventure s'est répétée :

— Souvent nous devions demander du secours pour pouvoir dégager de la foule notre véhicule, diront ses amis.

Et ce fait, raconté par le bénéficiaire de cette faveur. Un homme se présente au bureau du frère avec son épouse gravement malade. Ils se retirent le soir dans un petit hôtel, près de l'Oratoire. Pendant la nuit survient, chez la

malade, une hémorragie mortelle. Le médecin appelé d'urgence ne lui donne que quelques instants à vivre. Une pâleur de cire, un souffle imperceptible, elle semble déjà morte. Le praticien s'en va, sans laisser l'ombre d'un espoir. Dans un acte de foi, le mari quitte la mourante et vient, au pas de course, frapper à la fenêtre du frère André.

— Ma femme est mourante, sauvez-la.

Écho des supplications de l'évangile : « Ma petite fille est malade à mourir, sauvez-la »... « Dites seulement une parole et mon serviteur sera guéri. » Le frère s'habille à la hâte, ouvre à ce visiteur nocturne et l'amène prier dans la crypte, au pied de l'autel dominé par la statue de saint Joseph...

— Retournez auprès de votre femme, lui dit-il, soyez sans crainte, elle ne mourra pas.

L'homme retrouve son épouse ranimée, elle est sauvée. Le lendemain matin, il téléphone au médecin :

— Mon épouse va mieux.

— Vous vous moquez de moi, elle est morte, réplique l'autre, tant il est convaincu de l'impossibilité d'un retour à la santé.

Ce dévouement, le frère André le nourrit envers tous également, riches ou pauvres, amis ou ennemis. Un médecin s'est acharné depuis plusieurs années, avec un zèle digne d'une meilleure cause, à combattre le frère André. Il a pris tous les moyens pour lui nuire dans sa réputation et dans son œuvre. Or voilà que sa femme commence une hémorragie. Tous les soins restent impuissants à la soulager. De guerre lasse, son époux a recours à ses plus savants confrères ; rien n'y fait.

— J'ai une grande faveur à te demander, murmure faiblement la malade exsangue... Tu le vois, ta science et celle de tes confrères est impuissante à me guérir... Va chercher le frère André. Je t'en supplie, accorde-moi cette faveur...

Le médecin hésite entre son orgueil et la pitié pour sa

femme... Enfin, il se décide à s'humilier. À peine le religieux a-t-il franchi le seuil de la chambre que l'hémorragie cesse.

À l'exemple du Christ qui, venu pour le salut des Juifs, exauça cependant la Chananéenne, le frère André obtient des faveurs signalées pour des protestants. Tout ce qu'il exige d'eux, c'est évidemment d'être de bonne foi et de nourrir une véritable confiance en Dieu. Voici, par exemple, une guérison racontée par celui qui en fut l'objet :

« Comme depuis assez longtemps j'ai le bras paralysé et que je n'obtiens aucun soulagement malgré tous les soins des médecins, j'ai recours au frère André, qui me dit :

— Vous croyez en Dieu et vous avez foi aux miracles, puisque vous vous adressez à moi... Je vous le commande, levez votre bras.

— Je ne puis pas, il est paralysé.

— Levez-le, je vous l'ordonne.

Avec un effort je tente de lever mon bras et soudain je me sens parfaitement guéri... »

Un soir que le frère est resté à souper chez un médecin de ses amis, il lui demande :

— Est-ce qu'il y a des malades dans les environs ?

— Mon voisin, un anglais protestant, est paralysé depuis plus d'un an, il ne peut marcher.

Dans la soirée, le religieux se fait conduire auprès du malade, qu'il trouve étendu sur une chaise roulante. Il lui ordonne de se lever et de marcher... Un vieil ami, qui accompagne souvent le frère, est témoin de la guérison.

D'un dévouement inlassable envers les malades du corps, le frère André l'est aussi envers ceux de l'âme.

— C'est ce qui me fait le plus plaisir, affirme-t-il, quand je parle à un pécheur et que je peux le réconcilier avec le bon Dieu.

Et ses amis intimes le savent bien, qui lui amènent sou-

vent quelque mauvais garnement, avec qui il se montre si heureux de causer ou de faire le chemin de la croix.

Il aime de tout cœur les malheureux, surtout les loqueteux de l'ordre spirituel, les pécheurs, les incroyants et même les adversaires de la religion. Il voit avec angoisse le communisme s'infiltrer dans notre pays. Il s'inquiète et prie :

— Avez-vous entendu parler des menées communistes, à Montréal ? demande-t-il à ses amis.

Comme ceux-ci s'efforcent de le rassurer, il répond :

— C'est dans le temps qu'on entend le moins parler d'eux qu'ils sont le plus dangereux... On viendrait me chercher et on me ferait mourir en me coupant tout en petits morceaux, ça ne me ferait rien, pourvu que le peuple ne souffre pas.

Longtemps il espère mourir de la main des communistes et pour leur salut...

Ses sorties du soir auprès des malades sont motivées par le dessein de gagner les âmes à Dieu. À ceux qui l'accompagnent, il explique le bien spirituel qui se produit chez les visités, chez les membres de leur famille ou chez d'autres personnes qui viennent à connaître les guérisons obtenues.

— Sur la requête d'un curé, raconte-t-il lui-même, j'étais allé visiter un malade incroyant et pécheur endurci. À mon entrée dans la chambre, j'ai demandé : Voulez-vous que je vous frictionne avec la médaille de saint Joseph ? Il y en a de bien plus malades que vous qui ont été guéris par ce moyen. Comme le lit était très bas, je me suis agenouillé auprès du malade pour le frictionner. Soudain, j'ai senti qu'il me passait les deux bras autour du cou et m'attirait à lui. Je me suis dit : je t'ai, mon gars... Il s'est converti et a fait une sainte mort.

Rarement un pécheur résiste à l'autorité de ce frêle vieillard, qui dit avec larmes la passion du Sauveur. Il y aurait tout un chapitre à écrire sur sa façon de toucher les cœurs. Afin de convertir les pécheurs endurcis, ordinaire-

ment il prend un crucifix dans le tiroir de son bureau, explique les souffrances du Christ, détaillant le nombre des coups de fouets, les douleurs de chaque plaie. Il décrit les chairs déchirées, les os broyés par les clous, énumère les insultes infamantes des Juifs et des soldats romains. Le rappel de l'infinie miséricorde termine cette prédication. On dirait que ses paroles sont directement inspirées, « que ça lui vient d'ailleurs, d'en haut », disent les témoins.

Tantôt il s'impose avec audace, tantôt avec délicatesse il s'insinue doucement dans l'âme. Une fois son interlocuteur touché, il commence à dire la bonté divine. Quel charme dans ses évocations réalistes de l'enfant prodigue, de la brebis perdue... Comme il sait dire les ruses, les feintes de la grâce qui séduit le pécheur pour le sauver. Comme il sait ranimer l'espérance, en montrant l'exemple de grands pécheurs, devenus de grands saints, parce qu'ils ont mis leur ardeur à aimer Dieu et non plus à l'offenser.

— On ne parle pas assez de la bonté divine, dit-il fréquemment à son entourage.

Pour parler de la miséricorde, il n'oublie pas la justice. Faisant allusion aux accidents et morts subites, il répète souvent :

— Il faut se tenir prêt ; le bon Dieu nous a dit qu'il viendrait comme un voleur.

Il sait trouver les comparaisons réalistes pour vaincre les objections. Il répond, par exemple, à quelqu'un qui lui dit avoir cessé de pratiquer la religion parce qu'il a perdu confiance dans les prêtres :

— Lorsque vous allez acheter dans un magasin, vous ne vous préoccupez pas de savoir si le commis qui vous sert mène telle ou telle vie...

S'il aime évoquer les paraboles du Maître, il sait en créer d'autres qui sont adaptées aux situations. Un homme qui se plaint de ne pas être exaucé, d'avoir même été frappé cruellement à la suite d'une neuvaine à saint Joseph, entend cette parabole :

— Un homme a trois fils. Il vient à l'Oratoire faire la neuvaine préparatoire à la fête de saint Joseph, en vue d'obtenir des bénédictions pour sa famille. Peu après la neuvaine, son fils aîné tombe malade et meurt. L'année suivante, il décide de faire encore la neuvaine. Son deuxième enfant tombe malade et meurt. Exaspéré, le père jure de ne jamais plus prier. Comme, dans la suite, il est à faire seul un voyage, son auto s'arrête tout à coup. Un inconnu s'approche et l'invite à le suivre dans la forêt prochaine. Il lui montre deux corps pendus à un arbre, et dit : vos deux fils qui sont morts seraient devenus des voleurs et des assassins et auraient été pendus. Le troisième doit devenir évêque. Imaginez votre douleur et votre désolation, si je les avais laissés vivre...

Nous pouvons bien rapporter les enseignements du frère André, mais impossible de faire sentir son accent convaincu, son regard qui dénote une passion inapaisable d'être bienfaisant.

* * *

Cette préoccupation charitable le suit dans toutes ses conversations. La plupart du temps, il aiguille l'attention vers les sujets sérieux. Tous sont émerveillés de la sagesse de ses remarques. Il profite des propos des gens sur la mode pour donner une directive sûre en cette matière. Son expérience des âmes lui a fait sentir profondément cette grande lézarde dans le mur de notre civilisation chrétienne : l'esclavage de la femme envers les modes païennes.

— Si ça va mal, ça dépend de la femme, dit-il crûment.

Les ruines accumulées dans les âmes par la toilette provocante des femmes, il a pu les toucher dans les confidences qui lui viennent. Il a vu les familles désorganisées ou du moins l'éducation, la formation chrétienne des enfants négligées par les mères frivoles. Après cette génération, oublieuse de la modestie chrétienne, de l'esprit de sacrifice

si chers à nos ancêtres, il entrevoit une génération où non seulement le masque, mais l'âme elle-même serait païenne.

Lui parle-t-on des malheurs économiques du temps, il donne les raisons profondes de ce marasme. Quelques mois avant sa mort, un de ses amis lui demande :

— Est-ce qu'elle va bientôt cesser, cette crise économique qui nous étreint depuis si longtemps ?

— Non, répond-il, car le bon Dieu est en colère, le monde ne prie pas encore assez. Cette crise devrait être une leçon pour tous, cependant on oublie le bon Dieu, on blasphème et on ne prie pas. Les églises sont vides. Elle finira quand on priera davantage.

Il censure le dévergondage, par souci du devoir. Mais d'instinct il est bienveillant.

— Ne soyons jamais tristes, répète-t-il, soyons gais mais sans faire de peine aux autres...

Pour couper court à un propos dangereux, il glisse souvent un calembour inoffensif.

— Ça n'a pas toujours l'air fin, avoue-t-il, mais ça évite les manquements à la charité. Dieu regarde l'intention.

Quelle délicatesse exquise pour éviter tout déplaisir au prochain ! C'est un art de deviner ses désirs. De peur de froisser la sœur cuisinière, il fait semblant de prendre les mets que son estomac digère mal. Un confrère qui le voit grignoter un biscuit du bout des lèvres, sans toucher aux mets servis lui dit :

— Demandez donc autre chose.

— Non, répond-il, ça pourrait faire de la peine à la religieuse.

Sa sympathie se manifeste bien vive envers ses amis. Presque tous groupés autour de lui depuis le début de l'Oratoire, ils sont assidus à l'heure sainte et au chemin de la croix, le vendredi. Souvent, le dimanche, le frère en amène quelques-uns à sa chambre afin de leur narrer la vie de saint Joseph et la passion du Sauveur. Cette amitié est toute imprégnée de surnaturel.

— Il ne faut s'attacher qu'à Dieu, leur dit-il parfois dans l'intimité, je ne veux pas vous aimer plus les uns que les autres.

Sa sympathie s'accuse davantage envers le pauvre ou le malheureux. Un de ses amis remarquera :

— Tant que j'ai été dans de grandes difficultés financières, des soucis de santé, j'ai rencontré une plus grande attention de sa part. Il me guidait dans chacune de mes démarches importantes, s'informait du résultat. J'ai été souvent à même de constater combien il vénérait et respectait les miséreux. Vers eux, surtout, se portait son affection. Il était remué et ne se possédait plus lorsqu'il les voyait pleurer ; il s'ingéniait à les distraire, à les réconforter. Fréquemment, il se préoccupait de chercher de l'ouvrage pour les sans-travail.

Ces compagnons sont chargés de lui amener des pécheurs ou de le conduire auprès des malades. Pendant ses courses charitables, après ses heures de bureau, il fait halte, chez l'un ou l'autre de ses amis, pour prendre le souper.

À leur égard, il a des délicatesses admirables. Mandé au chevet d'un de ses fidèles compagnons mourant, il s'agenouille auprès du lit et se met en prière. Bientôt le malade qui agonisait ouvre les yeux :

— Eh bien ! comment ça va ? demande le frère.

— Ça va pas mal, répond l'interpellé.

Le surlendemain, cet homme parfaitement guéri vient voir le religieux à son bureau.

Un autre doit subir une opération : un chancre lui ronge le pouce ; au moindre choc le sang gicle en abondance. Le frère frictionne quelque temps la partie malade ; toute trace de mal disparaît soudainement. Et lui, rieur, de dire, en faisant allusion à un remède qui a soulagé momentanément le malade :

— Les patates vous ont enlevé les douleurs ; le médecin, vos dollars ; saint Joseph a tout enlevé.

Ce fait, il le rapportera en souriant, peu avant sa mort,

afin de remercier la religieuse infirmière de son dévouement.

Citons une scène qui ressemble à la guérison de la belle-mère de saint Pierre, le soir où Jésus, venant souper, trouva cette femme malade de la fièvre, incapable de servir à table. Une après-midi, le frère André arrive à l'improviste chez un médecin de ses amis. La femme de ce dernier souffre de paralysie à un bras depuis quelques semaines. Le frère dit simplement à la malade :

— À l'heure qu'il est, le bras ne vous fait plus mal.

Et la malade est toute heureuse de pouvoir détendre son bras, de le mouvoir aisément. Le premier moment de surprise passé, elle sert elle-même la table, au souper.

— Ça fait longtemps que vous faites des mauvais coups, laissez-moi guérir le malade cette fois-ci, dit, en riant, au frère André un ami, qui le conduit à l'hôpital auprès d'un homme victime d'un accident.

— Très bien, je vous prends au mot, riposte le religieux.

Il ordonne à ce compagnon d'enlever les pansements et de frictionner le malade avec la médaille de saint Joseph. La guérison s'opère. Au retour, le frère glisse à son compagnon ému :

— Vous voyez comme le bon Dieu est miséricordieux, vous ne douterez pas, à l'avenir, de sa miséricorde à votre égard.

S'il accorde des faveurs à ses amis, il sait aussi leur inculquer l'amour de la souffrance, à l'exemple du Sauveur. Souvent il répète :

— On ne doit pas prier pour éloigner les misères, mais pour les supporter mieux.

Il donne l'exemple des saints, qui savaient souffrir le martyre avec joie.

— Remerciez le bon Dieu de venir vous visiter par l'épreuve, vous êtes bien chanceux. Si on connaissait la valeur de la souffrance, on la demanderait à genoux et les mains jointes.

À un vieil ami, qui lui dit sa peine, il répond :

— Faites des prières d'action de grâces pour remercier le bon Dieu de s'occuper de vous.

— Drôle de façon d'agir.

— Ne parlez pas de même, vous le comprendrez plus tard. Le bon Dieu s'occupe de ses meilleurs amis et de ses meilleurs sujets, par la souffrance... Quand une âme a fait quelque chose pour le bon Dieu, il la paie par la souffrance... La souffrance est une chose si grande et de si grand prix, qu'elle ne peut trouver sa récompense qu'au ciel...

Le danger de ce dévouement aurait pu être, pour le frère André, de se répandre en œuvres extérieures, au détriment de sa vie spirituelle. Mais dans sa charité se vérifie la pensée profonde du grand mystique, saint Jean de la Croix:

— Quand l'amour que l'on porte à la créature est une affection toute spirituelle et fondée en Dieu seul, à mesure qu'elle croît, l'amour de Dieu croît aussi dans notre âme ; plus alors le cœur se souvient du prochain, plus il se souvient aussi de Dieu.

Charité, charité, conseil inlassable du Maître, amplifié par son exemple de tous les instants. Voilà bien la consigne qui doit guider tout véritable imitateur du Christ. Cette doctrine, reléguée dans l'ombre par la devise païenne du chacun pour soi, de la lutte pour la vie entre les individus comme entre les peuples, le frère André nous la redit, et sa pratique intégrale du dévouement évangélique exerce sur les foules son charme puissant.

IX

IMPERFECTIONS

Quelle déception ne produisent pas les vies de saints à l'eau de rose, les récits décolorés, où l'on a eu soin de dissimuler toute trace d'imperfection chez les héros, les rendant irréels et inhumains. Le sentiment qu'éveillent de telles lectures n'est pas un éblouissement devant une perfection qui jure auprès de nos vies blafardes. Évoquons le mot d'une personne qui s'y connaît en matière de sainteté, la charmante Bernadette, de qui la mission révèle plus d'un trait de ressemblance avec celle du frère André :

— On présente les saints comme étant parfaits, d'une perfection toute unie, sans une défaillance, sans une faute, sans une inégalité, sans une ombre. Ils sont tellement célestes que cela tend à nous décourager, nous qui sommes si loin d'un tel état.

La grâce de Dieu travaille sur la nature qu'elle rencontre et, comme cette nature n'est jamais parfaite, elle oublie toujours des lacunes et des ombres. Le frère André n'échappe pas à cette loi ; c'est avec un grand respect, mais avec un souci sérieux d'objectivité que nous nous appliquerons à analyser les légères imperfections que Dieu laisse subsister dans son fidèle serviteur.

*
* *

Si, en général, le frère André se montre d'un commerce agréable, il devient parfois irascible, et plusieurs qué-

mandeurs doivent essuyer de rudes paroles, qui les déconcertent. Tout en constatant ces emportements, assez fréquents chez ce religieux, il ne faut pas prêter plus d'attention à ce minuscule défaut qu'à l'héroïcité de ses vertus. D'ailleurs, un coup d'œil impartial atténue beaucoup cette déficience apparente.

Loin d'être désagréable à Dieu, le frère André semble lui plaire, même dans ses emportements. Une dame protestante, qui s'est présentée à son bureau, est éconduite brusquement. Cette visiteuse sort en larmes, mais, tout à coup, à la descente de l'escalier, elle constate sa guérison. Elle revient sur ses pas et se jette aux pieds du frère pour le remercier...

L'union intime avec Dieu ne souffre pas de demi-mesure; la moindre attache à un défaut paralyse une telle amitié. Le frère André combat donc vigoureusement son penchant à la colère, puisque Dieu lui est lié si étroitement et se sert de lui comme collaborateur de choix.

Sans parti pris, nous pouvons alléguer plusieurs excuses à son crédit. Tempérament nerveux, assez violent, il est laissé à lui-même dès son jeune âge ; son éducation d'orphelin embauché çà et là, forcément rudimentaire, lui conserve un peu les rudes manières de l'ouvrier. Les sautes d'humeur fréquentes dans sa vieillesse ne se produisaient pas au début de son œuvre. Ceux qui l'ont connu alors sont unanimes à rendre ce témoignage : il pouvait accueillir les pèlerins, de six heures du matin à dix heures du soir, toujours avec la même affabilité. Son âge avancé, sa santé délabrée, son système nerveux exacerbé par son dur travail de bureau, où il consacre, presque toujours debout, plus de cinq heures par jour à écouter les litanies des misères humaines, expliquent bien certains moments d'impatience. Sa voix éteinte, enrouée, le force à répéter plusieurs fois, afin de se faire comprendre. À la suite de ces efforts, il crache le sang et devient exténué.

Bien des fois, il va trouver un confrère et lui avoue :

— Hélas, j'ai encore fait pleurer quelqu'un.

De grosses larmes roulent sur ses vieilles joues fanées. Si les personnes rabrouées par lui le voyaient alors, tous leurs griefs tomberaient.

Je doute fort qu'il soit toujours responsable de ces mouvements d'humeur.

— Mais, lui demande-t-on, avez-vous réfléchi avant de faire cette colère ?

— Pas du tout, je m'en suis aperçu après.

Et le cher vieillard se désole tellement que ses confrères tentent de le consoler et de le rasséréner.

Dieu laisse à dessein ce défaut, chez lui, comme un dérivatif puissant aux tentations d'orgueil, en lui rappelant sa fragilité. Quand la Providence choisit quelqu'un pour accomplir une haute mission, elle le garantit contre les tentations de vaine gloire par des moyens spéciaux. Voilà pourquoi fréquemment quelque faiblesse apparente voile l'éclat de la sainteté chez les élus de Dieu. C'est ce qui explique le caractère irascible du frère André.

Souvent ses colères ressemblent à celle de Jésus chassant les voleurs du temple.

— Je ne suis pas content de moi, dit-il parfois, car cet après-midi, j'ai été impatient. Mais si les gens comprenaient que c'est saint Joseph qui guérit.

Ce sont les gens venus par simple curiosité qui l'irritent surtout. Il chasse les quémandeurs qui, sans se préoccuper de prier, s'adressent à lui comme à un médecin. N'est-ce pas le zèle des intérêts divins qui l'anime ?

Ses mouvements de brusquerie, certaines remarques cinglantes sont souvent inspirés par une angélique pureté, un souci constant du salut des âmes. On aime évoquer les traits décochés aux personnes qui se présentent devant lui dans un costume indécent. Une dame lui désigne sa fille, poupée légère, au visage peint :

— C'est une bonne enfant.

— C'est votre fille ? À votre place je ne m'en vanterais pas, note sèchement le frère.

Une autre qui se plaint d'être toujours oppressée entend cette verte réflexion :

— Ce n'est toujours pas votre collet qui vous gêne.

— Vous n'avez pas peur de vous empêtrer dans votre robe, demande-t-il à une visiteuse court vêtue.

— Frottez-vous jusqu'à ce que le linge pousse, dit-il à une personne au col largement ouvert et qui se plaint de la faiblesse de ses poumons.

Avec la vue profonde d'un saint, il constate que cette idolâtrie de la mode, qui ne met aucune différence entre une chrétienne et une femme de mauvaise vie, est la faille par où s'en va notre civilisation chrétienne. À celui qui sonde la misère que sème cette vanité, il n'est pas d'expression outrée pour la fustiger. On ne saurait donc reprocher au frère André ses remarques aigres devant la folie des modes.

Ce qui le brûle, c'est tout soupçon de charlatanisme. L'irritation le gagne en présence d'un fanfaron, colosse américain, qui vient à son bureau lui demander par quels trucs il suggestionne les malades. Il le fait jeter dehors à l'instant. Ce n'est pas lui-même — il ferait bon marché de son humble personne, — mais c'est saint Joseph qui est en cause. Ses sentiments sont ceux d'un fils qui voit son père frappé ou insulté.

Les dispositions défectueuses lui apparaissent de prime abord et lui dictent sa conduite.

— Celui-ci ne sera pas exaucé, car il n'a pas de bonnes intentions, dit-il d'un étranger à peine entrevu à son bureau.

Une personne dirige une pension qu'elle voit sans motif absolument désertée. Sur le conseil d'une amie, elle vient demander des prières au frère André, qui riposte :

— Quand vous aurez fini de vous moquer de moi et de l'Oratoire, les pensionnaires se présenteront.

La quémandeuse, qui sent la justesse du reproche, affirmera :

— J'ai eu tellement honte d'être ainsi devinée que j'aurais voulu me voir à cent lieues de son bureau.

Les impatiences du bon vieillard sont donc, le plus souvent, des actes vertueux destinés à défendre les droits divins, et, dans les autres cas, que d'excuses à son crédit !

* * *

Quelques-uns lui reprochent un certain manque de régularité religieuse. Dieu forme des saints à son gré, les uns par une exactitude irréprochable dans tous les instants de leur vie, une exécution constante de chaque détail de la règle, d'autres en marge un peu de la communauté, lorsque c'est nécessité par leur mission. La règle est un moyen de sanctification et non une fin.

Il faut avoir assez de largeur de vue pour saisir l'action divine en tout cela. Si le Seigneur désire qu'un de ses élus se sanctifie au moyen d'instruments difficiles à manier n'est-il pas dans son droit ? Pourquoi jalouser son frère d'avoir accompli une œuvre supérieure par un moyen inattendu ? Ce n'est pas l'exécution matérielle de la règle qui compte. Il en est qui peuvent se promener toute leur vie avec cet instrument dans leurs mains, sans réaliser l'union intime avec Dieu. Le frère André s'en sert un peu différemment, mais il réussit à acquérir un haut degré de vertu.

Cette pensée, « un religieux qui accomplit parfaitement sa règle mérite de monter sur les autels », ne vise pas surtout l'observance extérieure ; elle exige une fidélité à l'esprit de cette loi, à l'âme qui l'informe.

Le frère André possède cette ligne de conduite souple qui moule exactement son existence jusque dans les moindres détails, poursuivant les sinuosités des déficiences ; c'est son grand amour de Dieu, son désir de conformer tota-

lement sa vie à celle de Jésus crucifié. Rien n'échappe à la souplesse enveloppante d'un tel amour, qui pénètre chaque action, tandis que la règle religieuse suivie à la lettre, dans sa raideur, sans son esprit, laisse souvent des manques, des creux, des faux plis.

Toujours fidèle à l'esprit de la règle, il se conforme à la volonté de ses supérieurs avec la plus scrupuleuse obéissance. Ses multiples sorties sont nécessaires à son œuvre. Il voyage en vue de semer le bien, très souvent sur la recommandation expresse du médecin.

Il se repose de recevoir des malades en allant en visiter d'autres. Sa nervosité, son travail assommant exigent ce dérivatif. Sa jeunesse errante est bien expressive de son besoin de changement. Les pharisiens scandalisés par ses multiples sorties devraient demander l'avis des malades qu'il va réconforter et guérir.

Il semble tenir un peu trop à ses randonnées du soir. Aussitôt son bureau terminé, il attend l'auto qui doit le transporter auprès d'autres malades et revient, ordinairement vers neuf ou dix heures, de sa tournée coupée par une courte halte dans une maison amie. Avec la permission de ses supérieurs, il se rend parfois assez loin, jusqu'à Ottawa, par exemple, et revient le matin reprendre son labeur, comme si rien n'était.

Il se montre gai, affable, enjoué même, au cours de ces voyages, afin de se concilier l'affection des gens et de les rapprocher de Dieu. Après avoir glissé quelques mots d'esprit, il oriente la conversation vers les sujets religieux. Il en cause avec une telle simplicité que personne n'en est le moindrement choqué. Dans ses vacances, passées chez des parents ou des amis, il cause constamment du bon Dieu.

De peur de mal édifier ses confrères, il leur dit dans l'intimité :

— Vous savez, ce n'est pas défendu de voyager pour faire le bien.

Au retour de ses voyages aux États-Unis, par exemple, il rapporte les instruments de ceux qu'il a guéris. Le soir, à la dérobée, il va les ajouter aux faisceaux qui entourent la statue de saint Joseph, comme un brave soldat rapporte le drapeau pris à l'ennemi, en hommage à son chef.

Loin de nuire à sa vie religieuse, ces randonnées contribuent à sa sanctification. Voilà pourquoi les supérieurs se montrent, surtout à la fin de sa vie, très larges pour lui accorder les permissions.

Il ne s'embarrasse pas d'une interprétation pharisaïque de la règle. S'il parle dans un temps réservé au silence, c'est en vue de faire du bien, d'inspirer à ses confrères la pauvreté, la charité, l'amour de Dieu. Pendant les récréations de la communauté, il est retenu par son labeur. S'il retarde le coucher, c'est avec la permission de son supérieur. Ce sacrifice, sa sanctification le demande. Un prêtre lui reproche de trop prolonger ses prières :

— Offrez plutôt votre sommeil au Seigneur.

— Vous ne diriez pas cela si vous saviez comme les âmes en ont besoin.

C'est le frère André qui a raison. Croyez-vous qu'il atteindrait la même haute perfection s'il ne passait pas une partie de sa nuit en prière, après avoir dépensé le jour au service du prochain ? Un saint, comme un génie, s'affranchit en apparence des lois, pour mieux s'épanouir en beauté.

La pratique d'offrir ses actions au souverain Maître devient parfois le masque de la loi du moindre effort. Ce n'est pas tout d'offrir sa vie, encore faut-il qu'elle soit expressive de renoncement et d'amour. Les chrétiens sont portés à se payer de mots, à prendre l'ombre pour la réalité. Ils s'organisent une bonne petite existence facile, sans heurts, semée de repas plantureux, de douceurs et de repos, pour la plus grande gloire de Dieu. Le Seigneur ne saurait se contenter de cette égoïste tranquillité.

Sainte Marguerite-Marie, dit-on, demeura d'une vive

susceptibilité et tomba dans un profond découragement parce que sa supérieure, croyait-elle, ne l'aimait plus...

Le frère André n'est pas tout à fait exempt de ce défaut. Chez lui aussi se rencontrent, à cause de sa nature impressionnable, ces retours sur soi, ces recherches plus ou moins déguisées de l'amour-propre, en dépit de sa tendance continue vers la perfection. Fermé par la souffrance, par les contradictions de toutes sortes, il demeure susceptible. Un rien suffit parfois à briser ses amitiés, la moindre indélicatesse lui fait beaucoup de peine. Avec la meilleure volonté du monde, certains confrères le blessent ; il souffre profondément de cette mésestime qu'il suppose chez les siens.

Évidemment, le bon Dieu permet cela en vue de le purifier davantage. S'il éprouvait de grandes consolations auprès de ses confrères, une admiration soutenue, quel serait son mérite ? La Providence se plaît toujours à joncher d'épines la voie de la sainteté.

Marguerite-Marie reçut une taloche en plein visage, parce qu'elle avait échappé un plat dans un moment d'extase. Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus entendit sur son lit de mort une vieille religieuse murmurer :

— Qu'est-ce qu'on va bien pouvoir écrire d'elle ?

Le frère André, persécuté au début de son œuvre, ne rencontre pas, dans le triomphe, toutes les consolations qu'il peut souhaiter. Il est remarquable de constater comment, lorsqu'il devient intime avec un confrère et qu'il en éprouve du plaisir, survient un malentendu qui brise cette amitié.

Peu importe que l'épreuve soit véritable ou imaginaire, il en souffre comme si elle était toujours réelle. Dans une déférente réserve, que l'admiration inspire à ses confrères, il lit mal parfois et croit à l'indifférence. Cela s'explique par l'âge, par sa nature sensible, aussi par la Providence qui veut le sanctifier. Il s'est imaginé, en interprétant mal

un geste évasif, que son supérieur se moque de lui, le croit fou, et il en souffre beaucoup.

Certains théologiens vont dire :

— Mais alors, il ne possède pas la doctrine de la souffrance : se soumettre par amour pour Dieu.

Il est facile de supporter héroïquement la souffrance des autres. Tout en se montrant parfaitement soumis au bon vouloir divin, le frère André gémit et pleure comme un enfant, qui se croit incompris. Il ne faut jamais oublier que la grâce travaille sur la nature et ne la détruit pas, si elle rencontre une nature super-émotive, elle ne la changera pas.

Certains esprits imbus d'une fausse spiritualité, oublieux du réel, lui reprochent des plaintes au sujet des maladies, des commandements pénibles...

Pour être catholique, faut-il être stoïcien, nier la souffrance, en faire abstraction ? Le frère André qui suit pas à pas la vie de Jésus, surtout dans sa passion, ne voit pas son divin modèle insensible aux dures épreuves que lui impose le Père éternel. En dépit de son obéissance parfaite jusqu'à la mort de la croix, le Sauveur supplie d'éloigner le calice, verse des larmes, tente même d'aller s'épancher auprès de ses amis. Pour dire que son âme est triste jusqu'à la mort, il ne demeure pas moins le modèle accompli de l'obéissance.

Le disciple de Jésus voit très bien la volonté de Dieu, chez ses supérieurs, ce qui ne l'empêche pas de souffrir de la rigueur de certains commandements.

— Le bon Dieu, répète-t-il souvent, donne des forces extraordinaires au religieux obéissant. Quelquefois, quand il veut faire souffrir une âme, il ferme les yeux des supérieurs. Par exemple, vous êtes surchargé d'ouvrage, on vous demande encore plus, acceptez quand même ; il faut toujours respecter les décisions des supérieurs. Si nous n'acceptons pas les grâces que le bon Dieu nous avait préparées, il ne nous les donnera pas... Tout est voulu par le bon Dieu, on ne devrait jamais l'oublier... Travaillons

toujours avec le consentement des supérieurs, même dans les œuvres les meilleures.

Disons-le donc sans crainte : les rares imperfections qui se glissent dans la vie du frère André, loin d'être aussi notables que certains peuvent le croire, sont parfois le signe d'une vertu authentique ou, du moins, ne l'empêchent pas d'être une copie vivante du divin exemplaire.

X

DÉVOTIONS

Les pèlerins qui viennent s'agenouiller devant la dépouille du frère André, qui repose si humblement dans son tombeau de granit noir, peuvent voir, dans le décor, dû au maître Henri Charlier, le résumé des dévotions du serviteur de Dieu (1).

Une fresque centrale rappelle la mort de saint Joseph, au culte de qui le cher disparu a consacré son existence. Ce groupe est environné d'un ruban qui se déroule dans un rythme libre : des élans, des repos, mais toujours un calme, une paix, une sérénité chrétienne. On dirait une mélodie grégorienne traduite en peinture, peut-être le développement du Requiem. Envolée des ailes frémissantes et lumineuses, chant des couleurs riches et variées, audacieuses et parfaitement harmonisées !

Ce qui domine de prime abord dans la vie du frère André, c'est le culte de saint Joseph, mais pour ceux qui pénètrent dans son intimité, la dévotion aux souffrances du Christ semble l'emporter. Derrière la tombe, la croix surgit, qu'environnent les instruments de la passion : fouets, liens, clous, tenailles, roseau, couronne d'épines. Tout est animé ; nous sentons la vigueur des coups de

(1) Depuis l'aménagement d'une vaste chapelle réservée aux ex-voto et aux milliers de lampes et lampions qui se consument journellement à l'Oratoire, la disposition décrite ici par l'auteur s'est quelque peu modifiée, mais l'ensemble demeure.

fouet dans le serpentement violent des lanières armées ; la lourde couronne est tressée de branches vertes, bien vivantes, bandées comme des arcs sur le point de se détendre.

★
★ ★

Dès sa plus tendre enfance, le frère André voue un culte tout spécial à saint Joseph. Il en fait son compagnon assidu et son confident, pendant sa vie errante d'orphelin. Il chemine toujours la main dans celle de son grand ami, qui le conduit dans une communauté religieuse ayant pour but l'imitation constante du patron des ouvriers. Cet amour, il s'efforce de le faire partager à ses confrères, aux élèves, aux visiteurs, aux malades. Dans l'intérêt de cette grande passion, que de luttes à soutenir, que d'obstacles, de souffrances à surmonter, jusqu'à l'épanouissement de son œuvre, qui défie les siècles.

Comme il se montre habile à dépeindre surtout la vie souffrante de saint Joseph. Quels soins jaloux ne met-il pas à lui attribuer les prodiges opérés en son nom. Il éprouve une véritable révolte devant les quémandeurs qui crient : « guérissez-moi », sans se soucier de prier saint Joseph. Il exige une simplicité, une confiance absolues dans la dévotion envers ce saint. Voici par exemple la prière qu'il dicte à un de ses amis :

— Ô bon saint Joseph, faites pour moi ce que vous feriez, si vous étiez vous-même à ma place, sur la terre, avec une nombreuse famille et un commerce difficile à administrer. Bon saint Joseph du mont Royal, aidez-moi et exaucez-moi.

Le culte de saint Joseph, ce religieux ne l'a pas compris comme le culte d'un saint ordinaire. Sous la gouverne de l'Esprit Saint, il veut développer la dévotion envers le patron de l'Église universelle. Il comprend cette vérité : comme Jésus fut confié aux soins de Joseph, ainsi l'Église,

« le Christ répandu », est sous la garde de ce protecteur. Le frère André veut bien mettre en relief cette doctrine : si Jésus demeure l'unique sanctificateur, la source intarissable de toute grâce ; si la Vierge, la plus rapprochée de cette source surnaturelle, en déverse le cours vers l'humanité et se montre ainsi la médiatrice de toute grâce ; saint Joseph est constitué le protecteur de l'Église, l'intendant qui distribue aux hommes les largesses divines.

— C'est grâce à ce bon saint Joseph du mont Royal, aime-t-il répéter, que nous devons d'être jusqu'à ce jour protégés contre les révolutions communistes au pays.

Avec une pudeur discrète, il emportera dans la tombe bien des secrets précieux de son intimité avec le patriarche qui l'a fait son représentant sur terre. Glissons à regret sur cette dévotion effleurée çà et là au long de notre récit.

★
★ ★

Dans sa vie, une constatation déroute qui, au fond, avec les prodiges multipliés sous ses pas, est la plus sûre garantie de sa mission. Après avoir déclenché un prodigieux mouvement envers le patron de l'Église universelle, il parle plus volontiers de la passion du Sauveur, de la messe, de la communion, de la vie intérieure, que de ce saint.

Il dira bien : « faites une neuvaine à saint Joseph, priez saint Joseph », mais il aura soin d'ajouter le plus souvent que ce doit être une neuvaine de communions, de chemins de la croix... Dans l'intimité, sa conversation roule habituellement sur les souffrances de Jésus, à tel point que ses amis conservent mille souvenirs d'entretiens semblables, sans presque pouvoir évoquer d'enseignements sur la vie de saint Joseph.

De temps à autre, le frère parlera de la parfaite obéissance de l'ouvrier de Nazareth, de sa soumission au milieu des épreuves, de ses souffrances, de ses joies ; mais bientôt il est ramené à son thème favori, l'amour, la miséricorde de

Dieu, la rédemption, le ciel. Alors seulement il donne la pleine mesure de son âme ; ses paroles se pressent abondantes comme devant un spectacle vécu ; les larmes accompagnent presque toujours de telles descriptions.

Autre motif de cette réserve au sujet du patriarche de Nazareth, c'est que sa dévotion est avant tout une imitation. Ce convers n'est pas destiné à concevoir ni à décrire une théologie de saint Joseph, mais bien, comme il appert tout le long de notre récit, à se montrer la vivante figure de ce saint.

Guidé par l'Esprit Saint, le frère André s'efforce d'orienter constamment vers Dieu le culte de saint Joseph. Il est formellement opposé à la spiritualité marécageuse de dévotionnettes, qui s'arrête aux saints, sans remonter en pratique à l'unique terme du culte liturgique chrétien, la Trinité, en passant par l'humanité du Christ.

Il doit lutter constamment contre l'ignorance des gens qui, sans se préoccuper de vivre en état de grâce, d'aimer Dieu de tout leur cœur, viennent quémander des faveurs temporelles auprès du saint, de la sainte en vogue, comme auprès d'un nouveau ministre terrestre parvenu au pouvoir.

Sa conduite est l'assertion de cette vérité : si l'Église, — et c'est même une note caractéristique du catholicisme, — demande d'offrir un culte spécial aux saints, selon une hiérarchie d'honneur, en raison des largesses surnaturelles dispensées, si elle tisse l'année liturgique en grande partie de leur office, toutes les prières sacerdotales, collectes, secrètes, préfaces, canon, postcommunion, sont dirigées vers la Trinité par l'intermédiaire du Christ, et les formules secondaires, les cérémonies à l'adresse des saints, sont les ruisseaux happés par le grand fleuve liturgique dans sa course vers l'océan de la divinité.

Dans cette voie vers la Trinité, le frère André rencontre la dévotion à la Vierge, surtout à Notre-Dame des Sept-Douleurs, particulièrement honorée dans sa communauté.

L'ouvrier de Nazareth, le premier à se rendre à Jésus par Marie, lui enseigne ce chemin. Comme dans cette brève étude nous ne voulons toucher que les sommets, glissons à regret sur son amour envers Marie, condition nécessaire de toute action divine dans les âmes.

La sainteté consiste à pratiquer à un très haut degré la charité divine. La porte de cette vie intime avec la Trinité, c'est Jésus souffrant.

Une converse visitandine, Marie-Marthe Chambon, à cause de sa dévotion spéciale aux cinq plaies de Notre-Seigneur, suscite la plus vive sympathie au frère André. Une religieuse, qui rend visite fréquemment au frère, apporte la biographie de cette sainte. Il est si enchanté de cette vie, sur plus d'un point semblable à la sienne, qu'il demande, à l'entrevue suivante :

— Il me faut absolument dix-huit volumes semblables, pour convertir dix-huit pécheurs.

— Vous n'y pensez pas, frère André, je ne les ai pas et il m'est impossible de me les procurer à Montréal.

— N'importe, il me les faut absolument.

La sœur se retire, un peu ennuyée par ce caprice du religieux. Parvenue à son monastère, en regardant la bibliothèque, elle découvre deux douzaines des livres désirés, soigneusement empaquetés. Personne, dans la maison, ne peut la renseigner sur la provenance de ces volumes.

Depuis longtemps, le frère André pratique le conseil que Jésus donne à l'humble visitandine en lui montrant ses saintes plaies :

— Ne bouge pas les yeux de dessus ce livre et tu en apprendras plus que les plus grands savants. La prière aux saintes plaies comprend tout.

Tel est donc son grand amour, sa constante préoccupation, les souffrances du Bien-Aimé. L'habitude d'orienter toujours sa conversation vers ce sujet, de se complaire dans les détails puisés chez les prophètes, chez les mys-

tiques, est le principe de grande envergure, le levier de commande dans sa vie.

— Pour bien prier, affirme-t-il souvent, il faut penser à Jésus sur la croix. Est-il possible d'être distrait quand on voit son frère crucifié ?

Toujours le plus profond respect envers les signes de la passion. Tous sont frappés de la gravité du salut, accompagné d'un long regard d'amour, qu'il adresse aux croix plantées le long des routes, aux crucifix des demeures. À l'heure sainte et au salut du très saint Sacrement, il enlève le voile de l'ostensoir déposé sur le crucifix, à la crédence.

— L'image de Jésus en croix ne doit pas servir de support, note-t-il au sortir de l'office.

Entrant chez un ami, il remarque :

— Votre maison est très bien arrangée. Il n'y a qu'une erreur.

— Dites, frère André, ça me ferait plaisir de le savoir.

— Une très grave erreur : Jésus n'a pas la première place, dit-il en désignant le crucifix appendu au mur dans un recoin.

Sa piété le porte à rechercher avidement les écrits de sainte Gertrude et de la bienheureuse Catherine Emmerich au sujet de la passion.

Si nous n'étions pas limités à explorer les points saillants de son âme, il faudrait considérer sa grande dévotion à l'eucharistie. C'est en tremblant que le prêtre lui donne la communion, approche le corps sacré du Maître devant ce visage soudain avivé, tendu dans une muette attente amoureuse. Comme le frère André sait trouver les expressions hardies, capables d'inciter à la communion fréquente !

— Si vous restiez longtemps sans prendre de nourriture, comment pourriez-vous vivre ? Si vous ne communiez pas, vous ne pourrez pas rester longtemps en état de grâce.

Il découvre des comparaisons d'un sain réalisme :

— Qu'est-ce que votre femme dirait si vous passiez un mois sans lui donner des marques d'affection ?... Que vous ne l'aimez plus. Ça irait mal dans votre ménage... Eh bien ! le bon Dieu, lui, quand vous n'allez pas communier, se dit que vous ne l'aimez pas. Ça ne va plus dans votre âme.

— Avant la sainte messe, recommande-t-il, répétez toujours cette prière : O saints anges, pénétrez-moi du regard de Dieu sur l'autel, comme vous en êtes pénétrés dans le ciel.

Son amour de l'eucharistie est imprégné des souffrances du Maître ; l'heure sainte qu'il a instituée à l'Oratoire, tous les vendredis soirs, est suivie du chemin de la croix.

Même dans leur vie profonde, les saints sont bien caractérisés. Ils ne sont pas coulés en série, comme les plâtreries qui peuplent nos églises, mais chacun est une œuvre unique de l'artiste divin. Ce qui individualise la piété du frère André, c'est le lien intime entre la dévotion à saint Joseph et celle de la passion : tel est le nœud de sa spiritualité.

Pendant son chemin de la croix il semble converser avec saint Joseph. Au cours de ses maladies, il fait cet exercice de piété en tenant son crucifix devant la statue de ce saint.

Rien de plus conforme à la nature des choses que de lier ces deux dévotions. Certainement Dieu, qui sculpte l'âme de ses élus avec le rude ciseau de la souffrance, n'a pas préservé saint Joseph du glaive des douleurs qui, de sa pointe lancinante, déchira le cœur de la Vierge. Joseph, qui prépara avec Marie la victime divine, eut toute sa vie durant l'appréhension du grand sacrifice ; la passion se réfléchit dans son cœur aimant.

Un bas-relief, que nous projetons de placer au début du chemin de croix tracé dans la montagne, résume parfaitement la spiritualité du frère André : saint Joseph donne la main à son apôtre afin de le conduire vers la voie douloureuse.

Sa dévotion au patriarche de Nazareth, dirigée vers l'humanité souffrante de Jésus en passant par Marie, dans un cycle parfait se rend à la Trinité. Fréquemment, il invite à prier l'Esprit divin, et il éprouve une grande dévotion à Notre-Dame du Saint-Esprit. Docile à l'inspiration divine, il suit l'enchaînement normal du culte liturgique : Joseph, Marie, Jésus souffrant, la Trinité, Père, Fils et Esprit.

*
* *

Un autre caractère de sa spiritualité, c'est le reflet que jette sur son âme sa formation d'ouvrier. Il ne se sanctifie pas à la façon d'un savant théologien, mais comme un frère convers. Chez lui, par exemple, un grand amour des prières vocales, de toutes les pratiques extérieures simples, à la portée du peuple : neuvaine, dévotion aux sept douleurs et aux sept allégresses de saint Joseph, ascension des escaliers de l'Oratoire à genoux, en récitant des avé...

Cette route vers l'union intime avec Dieu, il faut la bien marquer ; elle fera comprendre au peuple que la sainteté est du devoir et du ressort de tous. Négliger cet aspect serait commettre l'erreur de l'art académique glacial, qui, sous prétexte de beauté, représente l'artisan de Nazareth avec la majesté d'un philosophe grec ou d'un empereur romain, au lieu de dire sa vie surnaturelle avec ses traits d'ouvrier.

Quoique nombreux et variés, les exercices religieux n'alourdissent pas la spiritualité du frère André. La liberté des enfants de Dieu l'anime toujours. L'âme peu fervente s'empêtre par trop de pratiques, tandis que l'âme aimante en vit, comme un foyer mourant s'éteint sous le poids d'un lourd fagot, alors qu'une flamme vive s'y alimente et crépite.

Au début de la première chapelle, souvent la nuit entière se passe à converser avec Dieu.

— Fréquemment, après ses visites auprès des malades, révélera un de ses amis, il m'invitait à coucher dans sa cellule, au-dessus de la chapelle primitive. Plusieurs fois, j'ai lutté contre le sommeil afin de l'épier. Vers le matin, je m'endormais et il demeurait en prière. Au réveil, vers cinq heures, je constatais parfois que son grabat n'avait pas été touché.

Parvenu à un âge plus avancé, il ne pourra plus se permettre facilement de passer des nuits entières sans sommeil. Cependant, jusqu'à son extrême vieillesse, quelques heures de repos sembleront lui suffire. Très souvent, à peine couché il se lèvera et passera le reste de la nuit en prière.

Les témoins de ses veilles seront tout surpris de le voir frais et dispos, le matin. Un de ses amis rapporte :

« Pendant l'été de 1936, j'eus le bonheur d'héberger le frère André quelque temps. Il était très souffrant. De violentes attaques d'angine menaçaient parfois de l'emporter. Habituellement, à neuf heures du soir, il se retirait dans sa chambre, voisine de la mienne. Vers onze heures, il se levait pour prier et lire jusqu'au matin. Je m'attendais toujours à le voir exténué par une nuit d'insomnie.

— Comment allez-vous ? lui disais-je au lever.

— Ça va mieux, répondait-il.

Vraiment ses forces semblaient restaurées. On eût dit que la prière le reposait autant que le sommeil. »

Le soir, au retour de ses visites aux malades, demeure toute sa vie l'heure des longues causeries avec Dieu. Lorsque les portes de l'église sont closes, dans la nef déserte animée par la danse rougeâtre des lampions, le frère pénètre seul ou avec quelques compagnons. L'odeur d'encens et de cire l'accueille dans cette crypte où la pensée l'accable de tant de misères côtoyées. Il prie pour tous ceux à qui il l'a promis. Une dizaine de chapelet pour tel pécheur... une dizaine pour tel malade... La prière se lit sur ses lèvres et dans son regard fixé en Dieu. Celui qui peut le contempler, à la dérobée, apprend comment l'on

prie quand il y a quelque chose derrière les paroles murmurées. Le vieillard ne cesse son colloque avec Dieu que recru de fatigue, perdu de lassitude.

Un employé de l'Oratoire qui, presque chaque soir de l'an 1927, est le témoin ému de ces longs entretiens avec Dieu, nous les décrira soigneusement.

À genoux, sur le dur pavé, près de la table sainte, en face du maître-autel, le frère André passe une heure les mains jointes, sans appui, immobile perdu en Dieu. Puis il fait son chemin de la croix, qui ne ressemble en rien à notre course pressée et distraite. À chaque station il s'agenouille longuement. On dirait qu'il souffre lui-même les tortures de la passion, tant ses traits sont crispés par la douleur. Il met près d'une heure à parcourir l'église. Son compagnon, homme robuste, s'avoue vaincu par le vieillard et demeure assis dans un banc.

★
★ ★

Des faits merveilleux surviennent au cours des longues causeries avec Dieu.

Le frère l'avoue lui-même, son recueillement est si profond que son compagnon peut le quitter, marcher dans l'église, sans que le pieux vieillard s'en aperçoive. Un soir qu'il est ainsi prosterné dans l'allée centrale, la statue de saint Joseph, devenue soudain éblouissante dans l'obscurité, semble s'avancer au-dessus de lui, sur une traînée de nuages lumineux. L'ouvrier témoin de la scène, au comble de la surprise et de la crainte, pousse le frère sans pouvoir le tirer de sa prière. Il sort de l'église à la course, tout blême et tout tremblant, explique la cause de son émoi au premier religieux qu'il rencontre. Conduit au père recteur, il raconte de nouveau la vision et s'avoue trop ému pour rentrer dans l'église ce soir-là. Les religieux n'attachent pas d'importance à ce fait, en dépit des protestations énergiques du témoin :

— Je ne dormais pas, je suis en parfaite santé. Cette apparition a duré trois minutes. Jamais je ne pourrais être aussi bouleversé par une simple imagination.

Un autre soir, comme le frère André s'est attardé, dans l'obscurité, à sa stalle, derrière l'autel, cette partie du chœur s'éclaire soudain et une vive lumière l'environne.

À trois ou quatre reprises, un feu en forme d'étoile brille au-dessus de sa tête et le suit pendant le chemin de la croix. Très souvent un personnage semble l'accompagner à chaque station. Perdu dans ses prières, le bon frère ne semble pas conscient du phénomène. Son compagnon parcourt les moindres recoins de l'église, sans jamais découvrir quelqu'un de caché. Dès qu'il s'approche, le personnage s'évanouit. L'explication de ce fait étrange serait-elle dans la prière caractéristique du frère André, l'union de la dévotion à saint Joseph avec celle de la passion ? Le patriarche nazaréen viendrait-il converser avec lui en vue de l'aider à remplir sa mission ?

Peut-être allons-nous dire : voilà le fruit d'une imagination surchauffée. Ce témoignage émane d'un homme d'âge mûr, d'un ouvrier qui n'a rien d'un mystique. Ordinairement Dieu ne fait que lever un coin du voile qui cache la vie merveilleuse d'un saint. Il le met à l'abri des questions indiscrètes, tout en laissant des signes pour aider à son triomphe après sa mort.

Une apparition, narrée par le frère André lui-même, est immédiatement consignée par un père de l'Oratoire. Le 28 septembre 1931, le frère va se mettre au lit lorsque ses yeux sont frappés par la vue d'une image lumineuse formée d'un cœur. Il se croit en présence de Notre-Seigneur ; mais, avec le plus grand souci de véracité, il avoue ne pas avoir vu assez distinctement pour l'affirmer. Quelques instants après, et cette fois-ci très distinctement, il aperçoit la Sainte Vierge portant l'Enfant-Dieu dans ses bras. En la voyant s'avancer vers lui, il se lève sur son lit et répète plusieurs fois : « Ma mère, ô ma bonne mère ! »

Dans la suite, il racontera aussi cette vision à un autre prêtre, en mimant tous les détails de la scène.

Passons rapidement sur ces manifestations extraordinaires. Dieu, qui comble certains saints de ces phénomènes mystiques, ne semble pas vouloir les faire prédominer chez d'autres. La meilleure garantie de la mission du frère André demeure sa réussite humainement inexplicable, sa vie de prière, de dévouement, de sacrifices et les innombrables prodiges semés sous ses pas.

Et voilà, à peine ébauchés, quelques traits de l'apôtre de saint Joseph. Un regret amer nous saisit qu'il n'ait pas, à l'exemple de la petite Thérèse, dessiné lui-même les grandes lignes de son âme. Dieu semble s'être réservé soigneusement la direction de sa vie spirituelle, en avoir voilé à dessein les beautés, pour laisser éclater seulement la grandeur de sa mission.

XI

VIE SPIRITUELLE

DERNIERE étape de notre cheminement graduel par les avenues de l'âme du frère André. Après un sommaire délinéament de sa vie, nous avons tenté de dégager les lignes expressives de sa sainteté : sa confiance, son humilité, sa charité. Nous avons marqué les quelques ombres du tableau, avant de pénétrer dans un domaine moins sensible, ses dévotions ou la caractéristique apparente de la vie profonde de son âme. Quittons maintenant le sensible et scrutons le cœur de sa sainteté.

C'est un peu la question qui nous tenaille devant une œuvre artistique vraiment chrétienne, par exemple l'ange peint à fresque à l'endroit où était d'abord le tombeau du frère André. Nous lisons le dessin, nous saisissons les lignes expressives de religieux chrétien, mais comment se fait-il que cet ange, dans toute son attitude, indique si vivement le sentiment de la présence de Dieu, de la vision béatifique, tandis que des centaines d'autres œuvres, peintes avec un soin plus minutieux, sont impuissantes à suggérer ce surnaturel ? Cela ne tient donc pas à l'habileté technique de l'auteur, mais à la valeur de son inspiration. Nous pouvons lire la pensée de l'artiste dans son œuvre seulement dans la mesure où notre esprit s'élève vers le sien.

Un saint est une œuvre de l'artiste divin : il est facile d'apercevoir les lignes matérielles de sa vie ; il est moins aisé de sentir obscurément le rythme qui anime le dessin

et lui donne un caractère surnaturel. Nous pénétrons le fond de son âme dans la mesure où nous nous élevons par la foi vivante et éclairée jusqu'à la pensée divine, à ses agissements secrets dans l'âme.

Le saint n'est pas un portrait figé, mais un être vivant d'une vie surnaturelle. Il faut donc, pour le comprendre, saisir sa vie intense dans toute la beauté de la croissance continue, de son mouvement puissant, et non pas seulement les lignes qui figent arbitrairement le réel. Notre intelligence est portée à immobiliser tout ce qu'elle considère, à détacher quelques notes, au lieu de saisir la mélodie dans son ensemble mouvant. La vie spirituelle est un enrichissement continu de la vie d'une âme sous l'action divine, c'est la grâce vécue, la charité se développant, un chef-d'œuvre s'épanouissant.

Pour étudier plus facilement une statue, les Grecs se reportaient au chef-d'œuvre d'un très grand maître. Ce modèle, le mieux proportionné, le plus harmonieux, le plus expressif de la vie intellectuelle et même religieuse, se nommait le canon de la beauté antique. Dans l'étude d'un saint, il faut se reporter au canon de la beauté surnaturelle, au chef-d'œuvre par excellence, au Christ, à la fois artiste et œuvre, Dieu et créature.

Tout chrétien est, lui aussi, à la fois œuvre et artiste. Dieu n'agit pas dans l'âme sans le secours de la liberté qui, dans un effort constant, s'efforce de copier trait pour trait le divin Modèle. Notre unique raison d'être consiste à reproduire la vie de Jésus, à faire de notre vie comme un autre évangile.

*
* *

Ce qui est intéressant, c'est d'étudier le saint comme artiste. Comment le frère André connaît-il son modèle et comment le réalise-t-il ?

Sa connaissance, il la puise dans un commerce assidu

avec l'évangile qu'il médite inlassablement. Tout son enseignement origine de ce livre. Lorsque nous questionnons ceux qui ont eu le bonheur de recevoir ses conseils, tous affirment que c'est par l'évangile qu'il les gagne et les touche, comme pas un prédicateur ne sait le faire. La passion et les paraboles, voilà toute sa doctrine.

Loin d'être rebuté par les dures leçons que nous tâchons de fuir sans cesse, il a contemplé le Christ en croix pour y chercher la loi de sa propre existence. De très grands saints avouent s'être fourvoyés au début de leur vie spirituelle, parce qu'ils ont visé directement à l'union avec la Trinité. Le frère André l'a bien compris : le point de contact avec le monde divin, c'est l'humanité souffrante de Jésus, que saint Joseph lui aide à pénétrer.

Cette conduite avisée est due à l'Esprit Saint qui infuse en son âme la sagesse surnaturelle. Telle est la lumière qui le guide dans la jouissance de l'incompréhensible. Cette vérité : la connaissance de Jésus n'est pas une question de talent, mais d'illumination divine, nulle part ailleurs ne nous apparaît plus nette que dans la vie du frère André.

Outre l'évangile, il a un autre livre de chevet, l'*Imitation de Jésus-Christ*, ouvrage si goûté de la petite Thérèse de Lisieux. Dans ses loisirs, il se délecte dans ces pages toutes imprégnées de la sève de l'évangile. Que de fois, en l'abordant au bureau, ses amis le trouvent dans cette occupation. Une religieuse qui lui rend visite ne peut s'empêcher de demander, en voyant entre ses mains ce livre écrit en caractères minuscules :

— Frère André, comment pouvez-vous déchiffrer ce volume ? Ce n'est pas moi qui pourrais faire cela.

— C'est facile, prenez cette page et lisez.

— Vous n'y pensez pas, j'ai brisé mes verres et je vois à peine assez clair pour me conduire.

— Lisez, je vous le demande.

La religieuse s'exécute et est ébahie de pouvoir lire sans difficulté. Au sortir du bureau, retrouvant sa myopie, elle

dit à sa compagne, témoin de la scène : « Dire que c'est moi qui ai pu lire cela. »

Ce livre, le frère André le médite si souvent qu'il vient à le savoir presque par cœur. Surtout aux âmes religieuses, il expose les chapitres qui ont trait à la vie intérieure, souligne comment la pensée de Dieu peut et doit être entretenue au milieu des occupations absorbantes...

Cette connaissance du Maître est aussi puisée dans la vie des plus fidèles disciples ; le frère André se plaît à lire la biographie des saints. Un volume parcouru est assimilé ; il en relève toutes sortes de détails, au cours de ses conversations. Ceux qui le croient dénué de connaissances religieuses, parce qu'il n'a pas fait d'études, sont vite détrompés. Il aborde avec aisance les sujets les plus profonds de la spiritualité, donne des aperçus très larges ; quand il se sent incompris, il revient sur sa pensée par toutes sortes de comparaisons réalistes.

Mais ce n'est pas dans les livres qu'il cherche le plus la connaissance de Notre-Seigneur, c'est auprès de l'inspirateur même des textes sacrés. Il ne perd jamais l'occasion d'exhorter à prier l'Esprit Saint, qui inonde son âme de lumières divines. Souvent il répète :

— Ce que l'Esprit Saint a fait pour les Apôtres, il peut le faire aussi pour nous.

★
★ ★

Cette science surnaturelle se reflète dans sa vie. Que le frère André ait modelé son zèle sur l'action extérieure de Jésus, c'est bien évident : nous avons pu le noter à chaque page. Mais il s'applique avec autant de soin à reproduire la vie intérieure et le renoncement du Maître.

Au soir de son existence, il confiera :

— J'ai demandé à Dieu de me tenir toujours devant lui, comme les saints dans le ciel.

Quelle union avec Dieu ne suppose pas ce désir de mener

ici-bas l'existence du paradis ? Cette habitude de se mouvoir constamment dans le monde de la foi explique son enseignement, son art de toucher les cœurs.

La science de Jésus souffrant l'amène à la connaissance amoureuse de la Trinité, qui doit être le fond même de la vie chrétienne. Le paradis est, en effet, l'épanouissement de cette connaissance de la foi dans la vision béatifique. Sa véritable existence, la seule importante à ses yeux, est celle du ciel anticipé. Voilà qui explique pourquoi il semble déjà y demeurer.

— On dirait qu'il voit le ciel quand il le décrit, tant son visage est inondé de joie, affirment ses amis intimes, qui l'entendent fréquemment causer de ce sujet.

Surtout pendant les dernières années, le paradis devient le thème inépuisable de ses conversations. Il peut passer des heures à décrire les beautés du ciel, parce que son cœur y est déjà. À maintes reprises, il affirme :

— Rien qu'un voile nous sépare du bon Dieu.

Ce voile, il a hâte de le déchirer :

— Vous savez, dit-il, ce n'est pas défendu de désirer la mort pour aller voir le bon Dieu.

Une personne qui l'entend dépeindre les beautés du paradis, lui fait observer :

— Tout de même, nous avons toujours peur de mourir.

— Quand on a mené une bonne vie, on ne doit pas craindre la mort, c'est la porte du ciel.

— C'est si loin, le ciel.

— Il y a si peu de distance entre le ciel et la terre que Dieu nous entend toujours.

Et le bon frère, afin de mieux inculquer cette pensée, récite le *Notre Père* et le *Je vous salue Marie*, à voix basse. Les syllabes sont à peine perceptibles sur ses lèvres.

— Vous voyez, poursuit-il, le bon Dieu m'entend, lui : c'est signe qu'on est bien près du ciel.

Depuis longtemps, il a abandonné la façon enfantine de voir le paradis comme une sorte d'enclos où l'on entre après

la mort. Toute son existence rappelle cette vérité profonde: le ciel étant une pénétration de la divinité, il faut le vivre constamment par la foi, derrière le voile qui cache le monde surnaturel ici-bas. Cette compréhension de plus en plus profonde, par la lumière que laisse filtrer en son âme l'Esprit Saint, est la préoccupation constante du frère André.

Comme il aime rêver aux choses de Dieu ! Quelles douces visions, quels colloques divins le tiennent des heures à genoux, les yeux mi-clos sur les secrètes beautés qu'il vit en son âme. Celui qui est forcé de le déranger alors, peut soupçonner à quelle profondeur il est plongé. Ces instants-là, il en est jaloux, et seul un motif grave peut les faire sacrifier. Le ton de sa réponse à celui qui insiste pour l'amener auprès des malades le démontre bien :

— Vous n'y pensez pas, mes prières ! Non, c'est impossible.

Sa prière ne ressemble pas à celle de l'enfant câlin, qui s'insinue seulement pour obtenir quelque chose. Il ne sait pas lésiner avec Dieu, et le mot de Péguy peut lui être appliqué :

« Il ne marchande pas sur un vœu ; quand il donne, il donne ; quand il demande, il demande. Il ne fait pas traîner ce qu'il donne dans ce qu'il demande, ni ce qu'il demande dans ce qu'il donne. Il n'embarbouille pas tout cela, l'un dans l'autre. Il n'emmêle pas. Il ne demande pas pour donner, il ne donne pas pour demander et ne donne pas pour recevoir. »

Combien touchante est sa prière pour chaque nation, devant le saint Sacrement. Agenouillé, la tête dans les mains, il fait défiler successivement tous les pays.

Quelle beauté dans le catholicisme qui unit, dans la même pensée, le pape sur la colline éternelle, le grand vieillard blanc qui veille sur le monde, et le petit vieillard qui prie aux mêmes intentions sur le mont Royal.

— Que faites-vous des heures, seul dans votre chambre ?

lui demande un confrère. Vous ne prenez pas d'exercice ?

— Ah ! oui, répond-il en souriant, quand je suis fatigué d'être à genoux, je me mets debout, et lorsque je suis fatigué d'être debout, je me remets à genoux.

Ce grand esprit d'oraison développe en lui une vie spirituelle profonde, une connaissance intime de Jésus-Christ et, par lui, de la Trinité. Il prie comme le petit enfant supplie sa mère ; il pleure, crie son indigence, parle cœur à cœur avec le bon Dieu, en se rappelant cette vérité : « Sans moi vous ne pouvez rien faire. » Il cherche, de toute son âme, le Seigneur, qui répond à son affection passionnée en illuminant son intelligence. Dieu aime cet abandon qui ne laisse subsister rien du raidissement de l'âme compassée. Il aime le bel élancement d'un amour libre, spontané, d'un amour d'enfant caressant, dont toute la vie est polarisée vers le Bien-Aimé. À travers les agitations, les secousses, le frère André est infailliblement ramené vers son Maître, par cette tendance qui est comme une prière silencieuse, un tissu de prières silencieuses, de secrètes aspirations jaillies inconsciemment. Elle est bien expressive de sa vie, cette parole jetée par un de ses amis :

— On dirait qu'il est attiré vers Dieu comme vers un aimant.

Les beautés de l'action divine en son âme se trahissent par le zèle qui l'entraîne à sanctifier les autres. Les conversations profanes sont des transitions qui l'amènent au seul sujet qui l'intéresse, Dieu.

— Il glisse un bon mot, puis il nous parle toujours du surnaturel, affirment ses amis.

★
★ ★

Fidèle à imiter le Christ par une vie de prières continuelles, il l'est aussi par un renoncement de chaque jour. Comme il sait rappeler l'obligation de briser toute attache terrestre pour vivre uni avec Dieu !

— Vous savez, répète-t-il souvent, il ne faut pas s'attacher au monde, si on veut être un bon chrétien.

Lui-même, il est prêt à tous les sacrifices. Quelques mois avant sa mort, il s'imagine que ses supérieurs ont le dessein de l'éloigner de l'Oratoire, et il confie à l'un de ses amis :

— À l'Oratoire, maintenant je ne peux plus rendre beaucoup de services, peut-être même que je nuis ; je suis devenu trop vieux. Aux prochaines obédiences, si mes supérieurs me donnent un autre ouvrage, je serai content, pourvu que je sois utile à la communauté. Le bon Dieu veut peut-être ce sacrifice avant que je meure. Un peu reposé, je me sentirais encore la force de remplir une autre tâche.

Quel degré de renoncement ne suppose pas ce fait d'envisager sérieusement la possibilité de se voir changer brusquement d'obédience, et d'être prêt à subir une injustice qui semblerait un désaveu public de toute sa vie !

Sa vision anticipée du ciel lui octroie le courage de suivre le Christ dans la voie des sacrifices. Sans connaître habituellement les macérations excessives, que sa santé ne lui permet pas, il se montre en tout fort mortifié. Le désir d'imiter Jésus crucifié, qui lui faisait s'infliger des pénitences pendant sa jeunesse, l'accompagne au long de sa vie, tissée de rudes besognes et de maladies incessantes. Que de sacrifices : prières et travaux nocturnes, courts moments de repos sur un grabat, pendant les quarante ans de séjour au collège, nuits passées sur le plancher ou sur un matelas jeté à terre, au-dessus de sa petite chapelle... Pendant longtemps, au presbytère, son bref repos est pris sur un sommier délabré, recouvert de planches. Il ne demande aucun service, accepte seulement ce qu'on lui offre. De préférence, il prend sa nourriture sans condiments. D'une frugalité extraordinaire, il se contente souvent de grignoter une préparation culinaire peu appétissante, faite d'un

simple mélange d'eau et de farine. Le tabac, le journal, la radio, tous les amusements lui sont inconnus...

N'allons pas croire que ce détachement ne coûte rien au frère André. Il a le cœur sensible et affectueux. Il aime beaucoup la nature, les fleurs, les enfants, ses amis ; mais tout s'efface devant le grand amour qui consume sa vie.

Pour mieux imiter son divin Maître, il pratique la plus rigoureuse pauvreté. Comme portier au collège, il doit attacher un peu de soin à sa toilette. S'apercevant que sa soutane, usée, rapiécée, verdie, n'est plus convenable, il glisse discrètement au jeune externe qui porte parfois ses lettres à la poste :

— On dit que ta maman coud souvent pour les pauvres.

— Ah ! oui.

— Voudrais-tu lui demander si, en lui envoyant deux vieilles soutanes, elle pourrait m'en faire une bonne ?

Cette dame, heureuse de rendre service au « bon frère André », vient lui dire :

— Ne vous inquiétez pas, je me chargerai de trouver les vieilles soutanes, car, je le sais bien, les vôtres sont inutilisables.

Quelque temps après, le portier, revêtu de sa nouvelle livrée, accueille cette couturière charitable au parloir et lui dit en souriant :

— J'ai été pris quand même : le frère économe a reconnu les morceaux de lévite.

Ce souci de pauvreté l'accompagne toute sa vie. Par amour pour cette vertu, même dans sa vieillesse, le soir, au retour de ses visites aux malades, il vérifie si fenêtres et portes sont bien closes et toutes les lumières éteintes.

Lui qui dépense des millions de dollars à la gloire de saint Joseph et pour le bien-être des ouvriers, il vit toujours comme un pauvre. Il aime à s'appeler le petit chien de saint Joseph. Jamais il ne reçoit ni ne donne la moindre bagatelle, sans la permission de ses supérieurs.

N'allons pas croire que le frère André ait acquis ce

degré de renoncement en un instant.

— Vous savez, dit-il à un confrère, vers la fin de sa vie, la sainteté, ça n'arrive pas comme un coup de fouet.

La vie spirituelle est à l'image du monde charnel. Les êtres se développent à force de renoncement, de pourriture de la semence qui les fait naître, à force de soins, d'eau et de lumière ; mais jamais ils ne jaillissent spontanément. Cette loi de la croissance, Dieu la respecte dans le monde de la grâce. Les consolations spirituelles sont de rares accidents. Le sacrifice de tout ce qui est naturel, afin de réaliser ici-bas l'union avec Dieu et d'obtenir au ciel la magnifique récompense, tel est le principe du progrès spirituel. La vertu du frère André y trouve ses accroissements. Outre les maladies continuelles, les contradictions de toutes sortes, il subit certaines épreuves qui rappellent particulièrement celles de Jésus. Contentons-nous de citer un fait, raconté par un témoin oculaire. Au soir de sa vie, après une maladie qui faillit l'emporter, le frère André obtient la permission de passer quelques jours de convalescence chez un de ses amis intimes. Mais là, rechute grave. Il doit être transporté à l'hôpital. Les ambulanciers, chez qui l'habitude de voir souffrir a étouffé la pitié, ficellent le malade sur la civière et le descendent sans précaution, la tête la première. Narquois, l'un d'eux murmure :

— Lui qui en a guéri d'autres, il ne peut pas se guérir !

C'est la réédition du blasphème des Juifs : « Il a sauvé les autres, il ne peut se sauver lui-même. »

Qui dira les souffrances beaucoup plus profondes de son âme assoiffée de l'amour divin, les tristesses de son cœur uniquement épris de surnaturel, quand Dieu se dérobe soudain et qu'il répand le dégoût et l'ennui ? Ah ! l'angoissante tristesse en l'absence de l'Ami, parti brusquement, enfui dans la nuit noire, emportant avec lui toute la lumière de l'âme, toute sa nourriture ! La poignante tristesse du cœur sans feu, sans clarté, sans pain ! L'attente

morne, au long des heures vides, quand l'Ami pour qui il a tout sacrifié, qu'il aime éperdument, l'a délaissé ! Il faut que tout véritable chrétien éprouve cet abandon, qui fit dire à Jésus : « Père, pourquoi m'avez-vous abandonné ? »

* * *

Devant la beauté de cette âme, entièrement façonnée à la lumière de l'évangile, dans le contact direct, personnel de ces pages inspirées, nous nous prenons à songer à la vertu des textes sacrés pour tous les fidèles. L'évangile possède une force de pénétration que ne peuvent remplacer les études profondes. Nous songeons aux lumières que Dieu donne à l'humble qui s'approche de lui, sans la desséchante et déroutante curiosité intellectuelle, mais avec son cœur, son amour. Qui voit le plus clair dans la vie du Christ ? N'est-ce pas le fidèle dont l'attente amoureuse mendie auprès de celui qui est toute lumière venant en ce monde ? Nous sommes inconsciemment des indigents, qui veulent exploiter en maîtres les trésors de la foi, et non pas de pauvres bougres qui tendent une main suppliante vers Dieu. Nous obtenons les miettes, le saint participe au banquet des livres sacrés.

Ce qui fait paraître le frère André si extraordinaire à notre époque, c'est que nous vivons sur les ruines de la civilisation chrétienne, dans un monde qui, dans l'ensemble, sous un masque chrétien, est loin de reproduire les lignes essentielles de la figure du Christ.

Les chrétiens ont oublié le « soyez parfaits comme votre Père céleste est parfait », la loi de l'amour de Dieu, qui exclut complètement l'amour du monde. Leur idéal est ravalé au niveau d'êtres qui n'auraient pas été élevés à l'ordre surnaturel : simplement viser à ne pas commettre le péché mortel. C'est oublier l'identification que le Christ fait de l'amour réel de Dieu avec le mépris des choses

bonnes, naturellement, et du monde naturel : « Si quelqu'un aime le monde, la charité du Père n'est pas en lui... Nul ne peut servir deux maîtres. »

La majorité des chrétiens s'acharne pourtant à concilier l'incompatible et arrive à l'absurdité : satisfaire au précepte d'aimer Dieu de tout son cœur, de toute son âme, de toutes ses forces, tout en réservant une part de ces forces, de cette âme et de ce cœur à l'autre, le monde et ses modes, son luxe et ses débordements. Ils désirent la perle précieuse, le trésor caché de l'évangile, mais sans l'acheter avec tout ce qu'ils possèdent.

La plupart de ceux qui prétendent connaître le Christ, le connaissent à peine en étranger. Pourtant il est l'Ami, le modèle à reproduire, au point de pouvoir répéter, après saint Paul : « Ce n'est plus moi qui vis, c'est le Christ qui vit en moi ». Inconsciemment ils édulcorent l'essentiel de la vie de Jésus, sa passion, sa croix. Quel est celui qui prend à la lettre l'invite du Maître : « Si quelqu'un veut être mon disciple, qu'il prenne sa croix et qu'il me suive » ?

Nous nous sommes fait un Christ un peu à la façon des Juifs, qui prirent chez les prophètes les traits qui flattaient leurs sens et laissèrent tomber les caractères qui heurtaient leurs convoitises. Nous nous sommes fait un Christ rapetissé à la mesure de nos aspirations naturelles. Nous nous sommes fait un modèle qui approuve le luxe, le confort, la vie large, qui tolère les maximes mondaines, les plaisirs inavouables, satisfaits, pour l'apaisement de la conscience, d'un petit débouché intermittent vers les aspirations célestes.

La rechristianisation s'impose, non seulement au milieu des communistes, mais aussi chez les catholiques. Il faut retrouver l'esprit des premiers chrétiens, parce que l'écart est trop grand entre nous et le modèle, entre l'évangile de notre vie et celui du Christ.

Digression fantaisiste ? Non pas. Ce n'est pas tout de dire la vie du frère André, c'est de l'exprimer en sorte

qu'elle produise des fruits. Si nous devons étudier Jésus comme modèle à reproduire, sous peine de rendre stérile l'évangile, nous devons aussi regarder une copie de Jésus, un saint, de la même façon : sa vie est un autre évangile.

L'Église, dans sa prudence, se réserve le droit de couronner officiellement la vertu des saints. Avec le plus profond respect envers cette sage décision, nous pouvons simplement constater combien, en pratique, le frère André apparaît déjà à tout le monde comme un modèle à imiter.

C'est tout un peuple que, dans son existence, le frère André a voulu sculpter à l'effigie du crucifié ; c'est tout un peuple que, depuis sa mort, son grand pèlerinage, il veut réajuster à la mesure du Christ. Elles peuvent lui être appropriées, ces paroles que Paul Claudel, dans « L'Annonce faite à Marie », met sur les lèvres du vieil Anne Vercors, partant en pèlerinage vers les lieux témoins de la passion du Sauveur :

« C'est tout le royaume avec moi qui appelle et tire au siège de Dieu et qui reprend sens et direction vers lui.

Et dont je suis le député et que j'emporte avec moi pour l'étendre de nouveau sur l'éternel patron. »

La vie du frère André semble, non pas simplement un reflet quelconque de l'éblouissante figure du modèle, mais une réussite contemporaine, inspirée du divin exemplaire, un chef-d'œuvre exécuté exprès pour nous montrer comment sculpter notre âme. S'il faut insister sur l'obligation absolue de tendre à reproduire de plus en plus la vie du Christ, on ne doit pas se méprendre et sous-estimer les héros de la vertu, parce que tout le monde est appelé à un haut développement de vie spirituelle. Entre la sainteté des personnes susceptibles d'être couronnées par l'Église et celle des chrétiens même très unis à Dieu, demeure l'infranchissable que nous comptons entre le talent et le génie. Dans ce sens seulement, nous pouvons assumer, en l'atténuant, la pensée de Léon Bloy :

« Personne n'a plus l'air de savoir que la sainteté est

l'octroi surnaturel qui sépare autant un homme des autres hommes que si sa nature était changée. Et cela ne se fait pas tout à coup, ni peu à peu. C'est une chose qui se passe au fond de Dieu, dans les avenues silencieuses de sa volonté. On est un saint comme on est un homme de génie, c'est-à-dire une créature aussi à part, aussi séquestrée, aussi prodigieusement solitaire, que pourrait l'être une espèce végétale du paradis perdu. Il n'y a pas de route pour aller du talent au génie et tous les torrents mugiraient à l'aise entre la vertu la plus gigantesque et une sainteté rudimentaire. »

Un saint véritable est un don de Dieu incomparable. Tous les efforts d'une paroisse, d'un diocèse, d'un pays n'aboutiraient-ils qu'à fournir une de ces âmes d'élite, qu'ils seraient parfaitement récompensés. Ce qui compte dans l'humanité, ce sont les génies, ce sont les saints. Supprimez quelques génies, toute la face de l'histoire est changée. Supprimez quelques saints, il en va de même. À preuve, l'action profonde du frère André pendant sa vie et depuis sa mort. Ce qui compte pour Dieu, ce n'est pas le nombre, c'est la qualité des apôtres, comme des fidèles.

Pour ne pas être œuvre transcendante, géniale, notre vie doit être profondément imprégnée de surnaturel. Elle doit ressembler à une sculpture, due au ciseau d'élève dans quelque portail de cathédrale moyenâgeuse ; sans égaler le chef-d'œuvre ravissant du maître, à ses côtés, elle demeure profondément expressive de beauté chrétienne. De même, sans atteindre la perfection des saints reconnus par l'Église, nous devons leur ressembler, refléter, nous aussi, réellement la figure du Christ.

XII

DEUX FIGURES DE SAINTS

Tous les saints ont entre eux un air de parenté ; c'est que leur conduite est modelée sur celle du Maître, que leur vie profonde est un évangile à l'image du premier. Outre cette ressemblance foncière, certains peuvent présenter des traits de beauté identique, tout comme deux disciples d'un artiste génial peuvent refléter dans leurs œuvres une même caractéristique du maître.

Devant la figure du frère André, instinctivement nous faisons un rapprochement avec celle de saint Jean-Marie Vianney. Le sculpteur français Vermare, auteur d'une statue de ce saint, est présenté au frère André. Saisi de la ressemblance frappante avec la figure qu'il s'est efforcé de reproduire, il embrasse presque le religieux en s'écriant : « Mon curé d'Ars, mon curé d'Ars... Quelle figure ! quel œil ! comme j'aimerais exécuter cette tête ! » dit-il au père recteur, après cette entrevue.

Sosie du curé d'Ars au point d'impressionner un observateur qui a longuement étudié les traits de ce saint, le frère André porte dans tout son aspect le même air de sainteté. Tout le monde sait combien le cachet de vie intellectuelle ou de vie spirituelle informe le visage, comment le regard surtout exprime très bien la flamme intérieure de l'homme. Si le masque de Voltaire peut ressembler matériellement à celui du curé d'Ars, il est totalement différent dans son aspect formel. Chez Voltaire se lit la

finesse rusée, la malignité triomphante, la fourberie redoutable. Chez l'autre, la vue intérieure avec l'idéal toujours présent, la bonté douce et humble, une sorte de candeur alliée à la vivacité de l'esprit. Chez nos deux émules de la vertu, au contraire, c'est la parenté d'âme qui apparaît.

Nous sommes ainsi amenés à rapprocher ces deux existences merveilleuses. Cette comparaison fera jaillir la lumière, résumera en quelques traits la physionomie que nous étudions.

Jean-Marie Vianney doit son orientation constante vers Dieu à sa mère bien-aimée, qui le chérit plus que ses autres enfants. « Mon petit Jean-Marie, lui dit-elle souvent, si je te voyais offenser le bon Dieu, cela me ferait plus de peine que si c'était un de mes autres enfants. » Choyé de sa maman plus que ses frères et sœurs, le petit Alfred, qui a l'habitude de réciter sa prière tout près d'elle, en suivant sur le même chapelet, doit entendre à peu près la même réflexion. C'est ainsi que la vertu des mères passe dans le cœur des enfants, qui accomplissent volontiers ce qu'ils voient faire.

L'un et l'autre ont une enfance besogneuse, criblée d'épreuves. L'un et l'autre rencontrent des misères au foyer, des difficultés dans l'étude.

L'épisode d'Alfred, surpris à prier dans la grange, reproduit la scène du jeune Jean-Marie à genoux, lui aussi, dans l'étable, devant une statuette.

Détail charmant, tous les deux invitent à venir prier des camarades qui se dérobent à la deuxième expérience, jugeant leurs oraisons trop prolongées.

L'un et l'autre, avant de voir les foules se presser autour d'eux, se mortifient, se sacrifient. Ils couchent sur la dure, jeûnent tous les jours, se privent héroïquement des douceurs de la vie, préparent leur mission par une existence tissée de prières et d'épreuves. Tous les deux sont en suspicion, se voient combattus auprès de l'autorité, rencontrent des adversités, même lorsque leur œuvre triomphe.

En dépit de leur humilité, ils ne se laissent pas abattre par les contradictions. « Quand il veut quelque chose, affirment du frère André ses confrères, seule l'obéissance peut l'arrêter. »

Tout le monde connaît les assauts du « grappin » contre le chétif curé d'Ars. Sans éprouver des rencontres aussi fréquentes avec le diable, le frère André semble avoir maille à partir avec lui.

Avant de venir comme un animal qui veut faire peur, le démon certes a raté d'autres attaques. Ses ruses ont échoué contre la belle simplicité toute droite de cet amant de Jésus. Il a dû lui souffler à l'oreille des paroles bien décourageantes : « Tu t'es grossièrement trompé... Tu vas sombrer dans le ridicule... Ta communauté va te rejeter... »

Le frère André ne parle pas volontiers de ses luttes ouvertes avec Satan, mais il rappelle fréquemment à ses amis la présence de l'esprit infernal sur la terre et il laisse entrevoir qu'il a parfois des combats physiques avec lui.

En cette matière la circonspection s'impose. Mais qui prendra pour des lubies les faits suivants, empruntés à des personnes chez qui la prudence, la pondération, le souci de vérité sont évidents ?

À qui attribuer les bruits étranges dont il est assailli quand il vient de remplir ses devoirs auprès des morts ? Dans le galetas de la chapelle primitive, sur la montagne, il connaît des nuits d'angoisse. Un de ses amis, qui couche un soir dans ce local, est réveillé la nuit par un vacarme assourdissant : bruits de pas, de chaînes...

— Frère André, il y a certainement des voleurs dans la chapelle.

— Non, ne vous inquiétez pas, n'ayez pas peur, se contente-t-il de répondre, comme s'il était habitué à ces visites nocturnes.

Un curé en pèlerinage veut absolument rencontrer le frère André. Le père recteur lui dit :

— Rendez-vous dans sa cellule, au-dessus de la chapelle, il sera content de vous recevoir.

Celui-ci enfile l'étroit escalier qui conduit sous le comble, mais il s'arrête, interdit et n'ose frapper, car il entend le bruit d'une lutte à l'intérieur :

— Va-t'en, lâche-moi !... Va-t'en.

Le prêtre court raconter le fait au père recteur :

— Vous êtes sûr que le frère André n'a conduit personne dans sa cellule ?

— Absolument, il vient de se retirer seul pour prier et se reposer un peu.

— Alors cette lutte, ce bruit qui m'a fait peur, c'est bien ce que je croyais, un combat avec le démon...

À plusieurs reprises, le frère affirme avoir peur d'entrer dans sa chambre, car il y a souvent un animal noir qui lui apparaît. Il rapporte aussi à un confrère qu'un jour il a senti très bien comme une main qui lui serrait la jambe fortement.

Un soir, au retour de ses visites aux malades, il évoque la bonté, la puissance de saint Joseph qui a érigé le sanctuaire du mont Royal.

Il montre à son compagnon les travaux de restauration et d'agrandissement du presbytère. Il devise ainsi, sur le seuil d'une pièce située au rez-de-chaussée, où le parquet enlevé en partie laisse voir les poutres transversales. Soudain, juste au moment où il dit la bonté de saint Joseph, sans prendre d'élan, d'un bond il franchit l'ouverture d'une douzaine de pieds. Il se heurte l'avant-jambe sur le bord de l'ouverture béante, au point d'arrivée, et son front frappe violemment le sol. Son compagnon, surpris, contourne l'espace vide, se porte à son secours et le ramène à sa chambre. Le frère ne semble pas vouloir souffler mot de l'aventure, et son ami demeure intrigué, parce qu'il se rend bien compte de l'impossibilité physique d'un tel saut,

exécuté par un vieillard. Il croit trouver la réponse indirecte dans un livre que lui prête le frère : c'est la biographie d'une sainte, qui fréquemment était transportée par le démon.

Souvent le bon frère parle à mots couverts de luttes physiques avec Satan, l'ennemi de son œuvre.

À ce récit, plusieurs haussent peut-être les épaules :

— Vous n'y songez pas, parler d'interventions diaboliques en plein vingtième siècle !

Telle est justement la victoire capitale de Satan, cette négation pratique de son influence dans le monde. L'ennemi a beau jeu contre ceux qui ne soupçonnent même pas son approche. S'il se démasque rarement en présence des chrétiens ordinaires, il s'y résout par dépit, devant les forts qui éventent ses ruses. L'histoire du Christ, celle des saints au long des âges, en fournissent la preuve...

Ces attaques importunes, l'apôtre de saint Joseph ne s'en préoccupe guère, car elles sont le signe du bien accompli ou sur le point de l'être. À la suite du curé d'Ars, il peut dire du démon : « Il est en colère, tant mieux ! Qu'il est bête ! Il m'annonce lui-même l'arrivée des grands pécheurs. »

* * *

Le refus brutal de la grâce cause la plus grande souffrance que puissent éprouver ces deux convertisseurs. Parlant des nombreux miracles accomplis à l'Oratoire, le frère André murmure :

— C'est pour faire ouvrir les yeux du monde, le convertir, mais on dirait qu'il ne voit pas clair.

Bien souvent, il pleure sur le communisme. Au milieu de son apostolat si fructueux, il rencontre des résistances inconcevables. Un homme adonné à la boisson et à toutes les débauches lui promet un jour de s'amender :

— Si vous obtenez la guérison de ce malade, dit-il en la

présence d'un homme dont la jambe, à demi putréfiée, tombe en lambeaux, il n'y aura pas de meilleur chrétien que moi.

Après quelque temps, cette faveur est accordée. L'homme, contre toute évidence, en nie le caractère surnaturel. Le frère n'abandonne pas la partie et lui demande dans la suite :

— Si je vous enlevais le goût des plaisirs défendus, vous convertiriez-vous ?

L'autre réplique cyniquement :

— Ne faites pas cela, ne vous donnez pas tant de peine. Dieu a assez de ses anges, il n'a pas besoin de moi.

Le frère André, comme le curé d'Ars, est taxé de folie et voit sa vertu attaquée par de hideuses calomnies. Ils ont un programme de vie semblable : longues séances de bureau coupées d'heures de prières, chez le frère. Bréviaire, oraisons et interminables heures de confessionnal, pour le prêtre. Leurs récréations sont les mêmes : visites aux malades. Le pasteur d'un misérable village attire les foules par sa réputation de sainteté ; le portier d'un collège opère la même merveille et par le même moyen.

Tous deux conservent une souriante humilité dans le concert de louanges suscitées par leurs bienfaits. Le frère André, lui aussi, voit des évêques agenouillés à ses pieds, ce qui ne l'empêche pas de parler de lui comme du pauvre petit chien de saint Joseph, et de demander des prières pour sa conversion.

Tous deux nourrissent une modestie constante. Les attaques infligées à cette vertu leur semblent des attentats, des affronts aux droits de Dieu, auteur de tout bien. Quelles colères ne soulèvent pas le frère André contre les personnes qui mettent uniquement leur confiance en lui sans se soucier de prier.

Tous deux aiment à déguiser leurs bonnes actions, en détournant l'intérêt par un bon mot, un calembour.

Un point sur lequel ils diffèrent, c'est leur façon d'agir

envers ceux qui cherchent à se procurer leurs reliques. Le curé d'Ars se moque de cette vénération et vend à prix d'or ses vêtements, ses cheveux, la dernière dent de sa bouche, pour nourrir ses aumônes. Le frère André se montre intraitable sur ce point ; ceux qu'il soupçonne de tels desseins reçoivent de rudes semonces.

Un motif vertueux inspire cette conduite opposée : la charité chez l'un, chez l'autre l'humilité.

Si nous pouvons dire du curé d'Ars que sa théologie se résume à l'expression du plus grand des commandements : le monde créé et racheté par l'amour divin se sauve en s'élevant à l'amour de Dieu, ne pouvons-nous pas dire du frère André que tel est aussi le résumé de son enseignement ? Tous deux ignorent et dédaignent l'éloquence, mais ils possèdent une parole directe qui touche les cœurs.

— Aimez-vous le bon Dieu ? demande le frère André à un visiteur.

— Oui, répond l'autre d'une voix hésitante.

— Quelles preuves d'amour lui donnez-vous ? Combien de fois, par exemple, allez-vous communier ?... Est-ce à chaque semaine, à chaque mois ?

— De temps à autre, n'est-ce pas suffisant ?

— Quand vous avez un ami intime, passez-vous des semaines, des mois, sans aller le voir, sans lui donner des signes d'affection, sans savoir quoi lui dire ?... Quels gros sacrifices faites-vous pour Jésus, qui est mort sur la croix afin de nous racheter ?... Oh ! si on aimait le bon Dieu !

Des larmes roulent sur ces vieilles joues ridées.

Combien d'auditeurs s'en retournent profondément remués par ces paroles et par ces pleurs. Combien attribuent hautement leur conversion au bon frère :

— J'étais venu solliciter une faveur ; le frère André m'a tellement impressionné, en me parlant de l'amour divin, que j'ai changé radicalement ma manière de concevoir la religion. Savez-vous qu'on peut vivre des années dans le péché mortel, sans presque s'en apercevoir. J'ai compris

mes devoirs de chrétien, je vais communier chaque matin et je m'efforce de faire aimer Dieu autour de moi...

Le frère André convertit des protestants, des Juifs, des francs-maçons notoires. Très discret sur les miracles opérés, il aime souvent décrire l'art de favoriser le cheminement de la grâce dans les âmes.

Voici un exemple de conversion choisi entre mille. Un ancien élève du collège Notre-Dame ne pratique plus sa religion depuis une vingtaine d'années. Gravement malade, il se dérobe aux instances des siens qui essaient d'obtenir sa conversion. Désolés, ils ont recours au bon frère, qui machine un plan pour jeter cette âme dans les filets du bon Dieu.

— Puisqu'il ne veut pas voir de prêtre, dit-il, parlez-lui de ses confrères de classe, de ses professeurs, de l'ancien portier du collège. Demandez-lui s'il aimerait me revoir.

Le plan réussit, et le frère est mandé au chevet du malade.

— Il faut vous préparer à mourir, lui murmure-t-il. Il ne faut pas avoir peur de Jésus. Il a pardonné au bon larron qui était aussi coupable que vous...

Il lui parle de la miséricorde divine, il décrit la passion et ajoute :

— Il est encore temps, voyez un prêtre... je vais vous donner une médaille de saint Joseph...

Le malade se met à pleurer et lui promet d'accepter le confesseur qu'il voudra bien envoyer. Le frère glisse à celui qu'il charge de cette mission :

— N'allez pas trop vite en besogne, ne faites pas de reproches...

★
★ ★

Pour conquérir les âmes, tout comme le curé d'Ars, le frère André s'en remet à celui qui veut bien emprunter sa bouche et sa pauvre voix éteinte. Les secrets des cœurs

lui sont dévoilés. Il avertit soigneusement les uns de se confesser avant de commencer une neuvaine, tandis que cette recommandation est omise pour ceux qui vivent en chrétiens.

Un inconnu qui sollicite sa guérison s'entend apostropher ainsi :

— Pourquoi avez-vous laissé entrer les pourceaux dans votre maison ? Allez d'abord nettoyer votre âme, allez vous confesser.

— Cet homme, affirme-t-il d'un étranger, que son interlocuteur ne peut connaître, ne sera pas exaucé, parce qu'il n'est pas venu avec de bonnes dispositions.

Un ami intime du frère André aperçoit un aveugle qui sanglote tout haut, dans la chapelle primitive conservée près de la crypte. Il s'avance et murmure :

— Il faut avoir confiance, mon ami.

— Devenu aveugle, je suis parti de très loin pour venir ici demander ma guérison.

— Avez-vous été voir le frère André ?

— Oui, il m'a dit d'aller prier dans l'église. J'ai suivi son conseil, sans succès.

— Retournez donc le voir.

Le malade s'exécute, mais sort bientôt sans obtenir de faveur.

L'ami du frère André se présente aussitôt au bureau :

— Comme ça, votre aveugle va repartir pas guéri ?

— Le connaissez-vous ?

— Non, c'est un étranger. Je lui ai dit un mot parce qu'il pleurait.

— Non, pas de danger qu'il soit guéri, en vivant avec la femme d'un autre.

— Est-ce lui qui vous a dit cela ?

— Il n'y a pas grand danger qu'il le dise.

Le bon frère ne semble pas s'apercevoir qu'il dévoile son pouvoir de lire dans les cœurs.

Une jeune fille vient dire au père recteur :

— Mon frère veut se marier. Nous sommes cinq filles, nos parents sont morts et il est notre soutien. Priez donc saint Joseph de le faire changer d'idée.

— Allez donc consulter le frère André.

Elle obéit, mais elle n'ose pas confier le sens de sa requête au bon frère :

— Je viens vous demander des prières.

— À quelles intentions ?

— À mes intentions.

Après son départ, le frère André remarque :

— C'est drôle, ces cachotteries. Elle est venue me demander de prier à ses intentions. Mais ses intentions ne sont pas bonnes ; son frère n'est pas pour perdre son avenir à cause d'elle, il a parfaitement le droit de se marier.

*
* *

Si le frère rabroue certains visiteurs importuns, saint Vianney agit de la même façon. Que de bonnes femmes partent mécontentes du saint curé, tandis que des pécheurs reçoivent de lui un chaleureux accueil. Bien des quémandeurs reprocheront aussi des mouvements d'impatience au frère André.

À ce sujet, deux petites scènes croquées sur le vif. Le frère cause avec un ami dans son bureau ; survient une visiteuse qui, avec volubilité, explique ses maux. Vainement le frère André tente, à trois reprises, de glisser quelques paroles.

— Si vous ne voulez rien entendre, dit-il, allez donc vous arranger toute seule avec le bon Dieu.

La femme se retire et le frère glisse à son ami :

— Si elle supporte bien cela, c'est assez pour qu'elle soit exaucée...

Se présente une personne qui souffre de violents rhumatismes inflammatoires depuis des années.

— Frère André, je suis très malade.

— Non, vous n'êtes pas malade.

— Mais oui, je suis venue pour obtenir ma guérison.

— Quand je vous dis que vous n'êtes pas malade, réplique le frère vivement.

L'autre interloquée, timide, n'ose pas insister et se retire.

« J'aurais bien dû lui tenir tête » songe-t-elle. Dans la suite, jamais plus le mal ne l'assaille qui la tenait au lit des semaines durant.

À l'exemple du curé d'Ars, le frère André se montre toujours l'adversaire acharné des modes et des toilettes inconvenantes.

Le premier se réjouit ouvertement de la mort d'un enfant en bas âge et dit :

— Heureuse mère !... Heureux fils à qui la lutte a été ainsi abrégée !...

Le second, animé des mêmes sentiments, guérit souvent les bébés qu'on lui présente, mais parfois il répond à des parents éplorés, qui lui font violence pour obtenir la guérison d'un tout jeune enfant :

— Vous ne savez pas ce que l'avenir lui réserve, il vous causera peut-être beaucoup de chagrin et vous souhaiteriez alors le voir mort et rendu dans le ciel... S'il guérit, je n'y serai pour rien...

Le frère André et saint Vianney manifestent la même prudence surnaturelle dans les conseils donnés aux milliers de personnes qui viennent les voir.

À ces ressemblances dans leur action auprès des âmes s'ajoutent celles de leur vie intérieure.

Ils méditent constamment la passion du Sauveur et la décrivent presque dans les mêmes termes. L'oraison vitale, l'union continuelle avec Dieu au milieu des tracas et des soucis se rencontre chez les deux serviteurs de Dieu.

Si le curé d'Ars aime tant décrire le ciel et s'exclame en versant des larmes : « Nous le verrons... Nous le verrons !... » le frère André semble, lui aussi, en vivre déjà et

pleure à chaque fois qu'il en parle. Il demande à Dieu de garder toujours l'attitude même qu'ont les bienheureux dans le ciel.

Tous deux sont pénétrés de cette vérité : l'existence terrestre ne doit pas être regardée uniquement comme la préparation à l'autre vie, ou comme l'achat au rabais du droit d'entrée au lieu de réjouissance. À leurs yeux, la vie présente est le paradis anticipé. Ils semblent étrangers au climat terrestre et se considèrent comme citoyens authentiques de la patrie surnaturelle. Selon l'expression thomiste, ils ont épousé les mœurs de la divinité en se conformant à l'esprit du Christ.

Nous n'en finirions plus d'établir des rapprochements entre eux, tellement ils cheminent sur les pas l'un de l'autre. Chez les deux nous rencontrons des faiblesses, qui accusent davantage l'action divine. La définition pittoresque que donne d'un saint le curé d'Ars s'applique aux deux : « Un peu de peau sur une brassée d'os ». Ils sont, l'un et l'autre, sans vigueur, sans taille ni prestance. Et tous deux n'ont qu'une science, celle de Jésus crucifié.

Jaloux de sa gloire, Dieu choisit les humbles comme collaborateurs de choix ; il les envoie chercher les brebis perdues, panser les plaies saignantes, guérir les corps et donner aux âmes consolation et repentance. Au long des âges, l'histoire se renouvelle des apôtres, humbles pêcheurs galiléens lancés à la conquête du monde.

XIII

DERNIERS JOURS

A LARGES traits, nous venons d'ébaucher la vie et l'œuvre de celui qui rappelle tant le saint curé d'Ars. Attardons-nous à le contempler au soir de son existence, quelques mois avant sa mort. Visage émacié d'ascète, petits yeux bridés au regard vif, jeune et pur. Sur ses lèvres s'épanouit habituellement un bon sourire. Sa voix se fait grêle et chevrotante. Énergiquement, il se cambre afin de paraître moins voûté.

Depuis plus d'un an, le vénérable nonagénaire ne reçoit plus les pèlerins régulièrement. Pendant ses apparitions intermittentes à l'Oratoire, nous constatons avec douleur combien sa santé décline. Le mercredi et le dimanche seulement, il se rend à son bureau.

— Je dois aller à mon « bourreau », dit-il gaîment.

— Encore une journée de purgatoire passée, remarque-t-il, dans un bon sourire, après les heures consacrées à recevoir les solliciteurs.

Pendant l'été, il prend plusieurs jours de repos chez des parents ou des amis. Il passe son temps à décrire les beautés du ciel aux heureux qui ont le bonheur de lui procurer une oasis de tranquillité.

Son inlassable dévouement le pousse à dépenser le reste de ses forces au service du prochain. Au retour d'une de ses visites auprès des malades, il manque de s'effondrer : l'ami qui l'accompagne doit le soutenir. Une douleur aiguë

au cœur l'assaille fréquemment. Dès qu'elle cesse, il est prêt à entreprendre une randonnée en vue de semer les guérisons et les conversions.

Les supérieurs, qui le voient décliner, désirent couronner son beau rêve, parachever la basilique avant sa mort. Les démarches tentées dans ce dessein laissent peu d'espoir. Un geste de foi aplanit toutes les difficultés. Le premier mercredi de novembre, à la réunion du conseil de l'Oratoire, le bon frère André propose d'aller mettre une statue de saint Joseph dans les murs inachevés de la basilique. Le jour même, après dîner, nous nous rendons prier quelques instants à l'Oratoire primitif. Nous nous mettons à gravir en récitant le chapelet, la rude pente qui conduit à la basilique. Le frère André, qui essaie de suivre cette procession, s'arrête exténué. Une tristesse poignante, un serrement de cœur dans l'allégresse de notre geste de foi et la même pensée nous assaillent : la basilique se terminera, mais son artisan, le frère André, ne sera plus au milieu de nous... Par les durs escaliers de ciment rugueux, nous gagnons la nef écrasante, aux piliers monstres ; çà et là, un coin du ciel apparaît au travers des échafaudages.

Dans l'abside, la statue de saint Joseph est déposée. Au milieu de nos prières, la grandeur nous saisit de l'œuvre réalisée sur le mont Royal. Il semble bien que le vénérable vieillard ait été vraiment inspiré en proposant la démarche que nous exécutons. C'est la répétition, à quarante ans de distance, du geste qu'il accomplit lui-même, en logeant une statuette dans l'anfractuosité du rocher.

Et voilà comment, par le même acte de confiance, se continue l'œuvre de l'Oratoire. Toutes les difficultés jugées insurmontables s'aplanissent. Les permissions sont obtenues, l'emprunt bâclé, le grand maître choisi, qui remplacera l'architecte défunt et rajeunira les plans.

* * *

Le vieillard demande avec insistance la permission d'entreprendre son voyage annuel aux États-Unis. Au désir de revoir ses nombreux amis américains, se joint l'espoir de recueillir les offrandes requises afin de poursuivre les travaux de la basilique.

À son retour, il semble se porter un peu mieux. Il est plein d'entrain et de gaieté. Le soir même de son arrivée, il se glisse à la dérobée dans l'obscurité de la crypte et dépose, en ex-voto, les béquilles et instruments de souffrance remis par les miraculés, au cours de son voyage.

Cependant, il semble pressentir sa fin prochaine. Déjà au mois d'octobre, il disait à M. Chartier, qui exécutait son buste :

— La continuation des travaux de la basilique est assurée, je suis inutile maintenant : c'est le temps de m'en aller.

Un confrère lui dit, quelques jours avant Noël :

— Les gens le disaient bien que vous verriez votre basilique.

— Je n'ai jamais dit que je la verrais terminée.

Rarement les saints voient le parachèvement de leur œuvre ici-bas. Un tel bonheur sera-t-il accordé au frère André ? En dépit de ces présages, il vivra, nous l'espérons, assez longtemps pour voir sa basilique ouverte au culte.

À la messe de minuit, il assiste dans sa stalle, derrière l'autel, à genoux tout le temps, la tête dans les mains, perdu en Dieu. La fatigue le force à se retirer avant la fin de la troisième messe. Son visage respire la joie. Il songe sans doute : « Dans un an ou deux, la fête de Noël sera célébrée dans la basilique. » Son « Nunc dimittis » vient à ses lèvres ; au sortir de l'église, il dit en effet au compagnon qui le conduit à sa chambre :

— J'ai tout fait ce que j'avais à faire, l'œuvre n'a plus besoin de moi.

Le soir, au souper, un vieil ami, qui fut son compagnon dès le début de l'Oratoire, lui dit :

— Encore un jour de Noël de passé.

— Pour moi c'est probablement le dernier.

— Mais l'Oratoire a encore besoin de vous.

— Quand quelqu'un fait du bien sur la terre, ce n'est rien en comparaison de ce qu'il pourra faire une fois rendu au ciel...

Le lendemain, revenant en auto avec un de ses amis, comme il passe près du petit hôpital de Saint-Laurent où il doit mourir, il fait cette réflexion :

— Comme ce serait une bonne place pour se reposer... Comme les malades sont bien ici pour se préparer à mourir.

Et pourtant, jamais il n'y a séjourné.

★

★ ★

La nuit même, il est saisi par la maladie qui doit le terrasser. Une gastrite aiguë a raison de celui qui, depuis son enfance, souffre de l'estomac. Nous sommes dans la nuit du 27 décembre 1936. Le 31, au soir, il est transporté à l'hôpital de Saint-Laurent. Au moment du départ du monastère, pâle et tout tremblant, couché sur la civière, il trouve encore le moyen de sourire et de dire aux religieuses qui l'emmitouflent soigneusement :

— On dirait que je pars pour le pôle Nord.

À l'hôpital, après une crise qui le secoue violemment, il confie à la religieuse garde-malade :

— Le grand Tout-Puissant s'en vient.

Trois jours d'attente avant la rencontre du Bien-Aimé, trois jours de souffrance qu'il supporte en souriant.

— Pourquoi ne pas demander à saint Joseph de vous guérir ? lui demande-t-on.

Et celui qui a rendu la santé à tant de malades répond :

— Je ne peux rien pour moi-même.

Jusqu'à sa mort, il conserve sa gaieté souriante, sa lucidité d'esprit. Au moindre service rendu, il se montre reconnaissant et semble oublier ses souffrances. Toujours

gaiement il accueille les visiteurs. À la religieuse qu'il mande à son chevet, il dit, dans un sourire, pour s'excuser :

— C'est encore votre vieux « tanant » qui sonne.

Comme son bras, gagné par la paralysie, lui fait bien mal, il murmure :

— Mon bras, c'est un communiste, il m'en veut... il me fait souffrir, le méchant.

— Vous souffrez beaucoup ? lui demande-t-on.

— Oui, mais je remercie le bon Dieu de m'accorder la grâce de la souffrance, j'en ai tant besoin.

Il sait bien la pratiquer jusqu'au dernier moment, cette doctrine de la souffrance acceptée avec action de grâces, qu'il a prêchée toute sa vie. Quelques années auparavant, sa vieille sœur malade lui disait :

— Guéris-moi donc, tu sais que je souffre beaucoup. Tu guéris tout le monde et tu ne fais rien pour moi.

— Ce n'est pas moi qui guéris, c'est saint Joseph. Mais souffre donc, endure donc pour l'amour du bon Dieu. Cela vaut bien mieux avant de mourir.

Le bon frère, cloué à son lit d'hôpital, murmure à son supérieur :

— Mon père, nous ne pensons pas assez à la mort... J'ai quelque chose à vous demander... priez pour ma conversion...

Il accepte donc la mort pour le pardon de ses péchés, mais il semble bien y joindre une autre intention capitale. Son insistance à s'informer de la maladie du Souverain Pontife, à noter que celui-ci est bien plus nécessaire au monde que lui-même, nous laisse aisément soupçonner que le petit vieillard du mont Royal offre sa vie pour le vieillard de la colline éternelle.

— Souffre-t-il encore beaucoup, notre Saint-Père ? demande-t-il.

Quelques jours auparavant, il confiait à des amis qui lui

disaient combien l'œuvre de l'Oratoire requérait encore ses services :

— Il y en a un autre qui manquerait bien plus au monde que le frère André, c'est le pape. Si le Saint-Père partait, ce serait un désastre, il a tant à régler...

Ses prières et ses douleurs, il les offre également aux intentions de la sanglante Espagne. Il s'informe à maintes reprises de cette guerre fratricide.

Jusqu'à sa mort, le parachèvement de l'Oratoire le préoccupe, mais toujours il éprouve la plus inaltérable confiance. À deux reprises, il affirme en termes clairs, après s'être informé des démarches des supérieurs en vue de poursuivre les travaux :

— Ça va réussir, le temple de saint Joseph s'achèvera.

Le 4 janvier 1937, vers 11 heures du soir, au milieu des douleurs qui l'accablent, il évoque l'œuvre du mont Royal :

— Vous ne savez pas, dit-il, tout ce que le bon Dieu réalise à l'Oratoire... Quels malheurs il y a dans le monde ! J'étais placé pour voir cela. Il aurait fallu que je sois tout : avocat, médecin, prêtre... mais le bon Dieu aidait. Voyez sa puissance...

Il raconte comment saint Joseph guérit les malades, comment un paralytique peut le suivre et venir au salut du Saint-Sacrement avec lui, comment il en envoie un autre à confesse.

— Que Dieu est bon, qu'il est beau, qu'il est puissant ! Il faut qu'il soit bien beau, puisque notre âme n'est qu'un rayon de sa beauté et qu'elle est si belle !

Enfin, les dernières paroles avant le morne abattement :

— O Marie, ma douce mère et mère de mon doux Sauveur, soyez-moi propice et secourez-moi...

Puis il reprend faiblement, dans un souffle : « Saint Joseph... » les autres paroles deviennent inintelligibles...

Pendant trois heures, avant d'entrer dans le coma, il redit cette plainte résignée :

— Que je souffre, mon Dieu, que je souffre !

Alors commence le grand silence qui précède la mort de plus de vingt heures... Vers 8 heures, le 5 au matin, il reçoit l'extrême-onction, en présence de plusieurs amis et confrères, qui suivent la lutte terrible du mal.

Le vieillard s'affaiblit rapidement. Les religieuses cessent alors de défendre l'entrée aux gens qui ont découvert son refuge. Tout le jour durant, jusqu'à sa mort, c'est un défilé ininterrompu à son chevet. Quel amour et quelle vénération ! Depuis près de quarante ans il reçoit les malades, il continue.

Rapidement chacun s'approche avec respect, dans le plus profond silence, et fait toucher quelque objet de piété, aux mains exsangues et décharnées, aux vieilles mains qui ont frictionné et guéri tant de malades. Ses confrères, les yeux embués, enlèvent le crucifix qu'ils portent sur la poitrine pour le lui faire toucher. Le malade, les yeux clos, semble sommeiller. Hommes, jeunes gens, femmes, jeunes filles, de tout petits enfants s'approchent. Leurs lèvres murmurent une prière et leurs yeux disent la ferveur de leur supplication :

— Bon frère André, quand tu seras au ciel, souviens-toi de moi.

Dans bien des foyers, en cette veille d'Épiphanie, les réjouissances sont oubliées. Tous sont aux écoutes, à la radio, afin d'entendre les nouvelles que l'on donne du vieillard qui s'éteint dans le petit hôpital. Des familles entières sont à genoux... « Saint Joseph, gardez-nous notre frère André, qui a guéri papa, maman, ma sœur, mon petit frère, mon ami... qui m'a guéri. » C'est comme si un membre de la famille était à l'agonie. Ce mourant est l'ami, le bienfaiteur de tous. Par milliers, les faveurs insignes ont fleuri sous ses pas.

Dans la chambre du malade, quelques confrères et amis

agenouillés supplient ardemment... Derrière la crypte de l'Oratoire Saint-Joseph, les ouvriers préparent d'urgence un tombeau, et les coups de marteau résonnent caverneux, amplifiés après avoir heurté le flanc de la montagne. Nous nous défendons mal contre un reste d'espoir : il ne mourra pas, il ne peut pas mourir, il faut qu'il voie sa basilique terminée... Ces pensées nous poursuivent dans notre travail, avec l'image du vieillard décharné qui décline à Saint-Laurent. Dans nos moments libres, nous nous portons à son chevet. Hélas ! le mal s'aggrave. « À peine quelques heures à vivre », affirment les médecins.

En contemplant ce grand silence, nous évoquons une scène vieille de quatre ans. Victime d'une pneumonie double, le frère André semblait voué à une mort prochaine.

— S'il avait seulement vingt ans, affirmait le médecin, je dirais qu'il a une chance sur mille de s'en sauver. Mais comme c'est le frère André, je ne puis rien prévoir.

Une nuit, le malade était demeuré seul. Un ami intime, retiré dans une chambre voisine, prêt à répondre au premier appel, entendit sonner. Vite il courut au chevet du frère qui, tout bouleversé, articula péniblement :

— Je devais rêver, mais je ne suis pas sûr. Le diable m'avait par le cou et me serrait à m'étouffer... Je suis très mal, le cœur me fait mal... Savez-vous qu'on peut désirer la mort pour aller voir le bon Dieu?

Sur sa demande, son compagnon lui frictionna la poitrine avec la médaille de saint Joseph et glissa, pour le distraire :

— Je crois bien que c'est permis, mais il n'y a pas de presse, nous avons besoin de vous... J'ai vu le ciel en rêve, frère André. .

Il se mit à lui décrire la beauté éblouissante de Dieu, la splendeur des anges, des élus, de la Vierge, de saint Joseph, un peu selon la façon dont le frère lui en avait si souvent causé :

— Auprès de saint Joseph, il y avait un beau fauteuil libre. Je m'approche et demande effrontément :

— Pour qui est réservée cette belle place ?

— C'est pour mon meilleur ami sur terre, répond saint Joseph.

— Il n'y a pas de danger qu'un autre le prenne ?

— Non, j'y ai gravé son nom. Regardez plus près.

— Devinez ce que j'ai lu ?

Le frère André, qui avait écouté le récit avec intérêt, sans se douter du piège, murmura :

— Dites-le, je ne sais pas.

— J'ai lu... frère André.

— Non, ne dites pas ça ; je voudrais seulement être le petit chien de saint Joseph.

— Oui, mais le petit chien de saint Joseph jappera si fort que toute la terre l'entendra.

Au rappel de cet épisode, nous nous raccrochons à un reste d'espoir : si Dieu voulait nous laisser encore notre frère André, s'il voulait continuer le miracle de cette longévité.

Quelques amis et ses confrères de l'Oratoire passent la veillée à son chevet. En dépit de nos espérances, le malade s'affaiblit toujours. Voilà bientôt vingt heures que le mal triomphe. Vers onze heures et demie, vive alerte : la respiration semble cesser. L'assemblée récite la prière des agonisants, les litanies des mourants, celles de saint Joseph.

Le calme se rétablit chez le malade ; la respiration reprend plus régulière. Dieu nous laissera-t-il notre cher frère André ? Espérance vaine. La respiration redevient plus oppressée. La dernière agonie commence vers minuit et demi. De nouveau les prières montent, ardentes. À minuit et cinquante, le mercredi, 6 janvier, le malade expire.

Le De Profundis traduit mal notre état d'âme ; les paroles du Magnificat fusent de nos lèvres.

Nous contemplons la figure qui a repris son calme dans

la mort, et nous entonnons le cantique même du bienheureux, à son entrée dans le ciel, le Te Deum. Nous croyons entendre la parole de Jésus à son fidèle serviteur :

— Venez, le béni de mon Père !... car j'étais malade et vous m'avez visité...

— Mais quand donc, Seigneur ?

— Chaque fois que vous l'avez fait à un de ces petits, c'est à moi-même que vous l'avez fait...

XIV

TRIOMPHE

Six janvier mil neuf cent trente-sept, Épiphanie, manifestation du Sauveur, jour choisi pour l'exaltation de son fidèle imitateur, le frère André. C'est en même temps le premier mercredi de l'année, le premier jour consacré à saint Joseph.

Le frère André est mort ! Le frère André est mort ! La même exclamation douloureuse se répercute dans tous les foyers, se propage par toute l'Amérique et déborde le continent. Même les protestants et les agnostiques accordent une pensée au vieillard qui vient de s'éteindre dans l'obscur hôpital de Saint-Laurent.

Le masque mortuaire est coulé, l'exérèse du cœur pratiquée. Par respect, le corps n'est pas embaumé ; il doit cependant demeurer exposé une semaine à la vénération des fidèles. Déjà les visiteurs commencent d'affluer. L'après-midi, retour à l'Oratoire par un temps froid et gris. Théorie de confrères et d'amis silencieux, sanglots dans les clochers de l'église et du vieux collège de Saint-Laurent.

Aux abords du mont Royal, cette procession funèbre se mue en triomphe. Tout un peuple dévale la pente, à la rencontre du grand ami, et se joint au cortège pour une solennelle entrée dans la crypte de l'Oratoire. Le corps du frère André est déposé au milieu de cette enceinte bâtie de

son dévouement, dans la chapelle latérale opposée à la porte centrale.

Il règne un climat de paradis... Toute la foule chante le Magnificat devant la tombe, et quand le père Albert Cousineau, recteur de l'Oratoire, d'une voix émue, résume l'œuvre et raconte les derniers moments du serviteur de Dieu, quelques sanglots dominent bien des pleurs étouffés...

Autour du pauvre cercueil de bois commun, recouvert de drap noir, les fidèles se pressent dans un débordement de vénération qu'on a peine à maîtriser. Une semaine entière ils défileront sans interruption.

Les lettres de sympathie, les télégrammes d'évêques et de notables pleuvent à l'Oratoire. Les communautés s'associent au deuil. Presque tous les journaux d'Amérique, de toutes langues, de toutes croyances, consacrent plusieurs colonnes au disparu. C'est plus qu'un deuil national.

En dépit d'une température inclémente, neige fondante, pluie et verglas, les visiteurs affluent au mont Royal. C'est une procession continuelle devant la tombe. Tous veulent contempler le grand ami du peuple, lui faire toucher des médailles, des chapelets, des crucifix. Le soir, le gros des gens se disperse, mais toute la nuit les portes de l'église doivent demeurer ouvertes.

★
★ ★

Le samedi, neuf janvier, sous une pluie glacée, diluvienne, par les rues où l'eau coule, entraînant la neige, une foule suit à pied la dépouille, qui est conduite à la cathédrale de Montréal. Cette vaste enceinte s'avère insuffisante devant l'assaut du peuple.

Le Requiem est imprégné d'une joie contenue, c'est presque l'allégresse du « Resurrexi », l'envolée d'une prière déjà exaucée. On se prend à rêver à la lumière, au repos éternel que goûte le disparu...

La dernière prière liturgique à peine terminée, la foule

se précipite afin de vénérer la tombe ou les moindres objets qu'elle a touchés.

Au dehors, les nuages en déroute se bousculent et se déchirent. De nouveau s'organise le cortège d'hommes, de femmes et d'enfants. Courbés sous les rafales du vent, tous cheminent, irrésistiblement entraînés à la suite du pauvre qui les a tant aimés. Ils vont par les rues montantes, insoucieux de tout, vers l'Oratoire, où depuis trente-trois ans les foules sont attirées.

Avant l'ascension de la montagne, une courte halte au collège Notre-Dame. La tombe ouverte est déposée à l'endroit même où, pendant quarante ans, le frère André exerça ses humbles fonctions de portier. Ils sont là tout autour, vieillis, blanchis, les confrères qui l'ont connu au temps de sa vie cachée. Celui-ci l'aida à tracer le premier sentier de la montagne ; cet autre, vivante image de saint Joseph, tout blanc, à la barbe fleurie, édifia le tout premier Oratoire ; un autre consola le frère André aux heures d'une rude épreuve. Ils sont là, revivant bien des scènes passées, tout fiers de leur ancien compagnon d'armes. Les collégiens viennent, un à un, toucher avec respect la dépouille mortelle. Ils symbolisent les générations écolières qui connurent le frère André comme portier...

Une dernière fois, le saint religieux gravit la montagne. Le souvenir nous assaille de ses milliers de retours, après avoir visité les malades, opéré des guérisons, allumé des repentirs, écouté les confidences sombres qui lui venaient avec larmes... Maintenant, le silence, la paix éternelle, le grand repos, lourd encore d'actions charitables envers les mortels.

Il continue d'être exposé en chapelle ardente, face à l'entrée, au milieu de la forêt d'ex-voto, d'instruments de souffrances laissés par ceux qu'il a guéris. Le défilé ininterrompu de pèlerins devient de plus en plus dense.

★
★ ★

Le dimanche, c'est l'assaut d'une marée humaine indescriptible. Tous les véhicules de Montréal ne semblent avoir qu'un but, l'Oratoire. Les trains de tous les coins du Canada et des États-Unis déversent par milliers ceux qui viennent voir une dernière fois l'apôtre de saint Joseph. Ils sont là près de cent mille aux abords de l'église. L'immense esplanade est un champ humain aux épis drus comme blé, c'est une forêt de gerbes, toutes debout, serrées, ne faisant qu'une gerbe.

Le triomphe inouï autour d'une tombe durera jour et nuit, sans relâche jusqu'au mardi. Ils sont là attendant, quatre, cinq, six heures debout, le privilège de toucher une seconde les pieds du mort. Cette foule au dehors semble en arrêt, dans le remuement sans progrès de la mer avant le jusant ; toutefois, à l'intérieur, deux par deux, les gens défilent devant la tombe, au rythme de cent à cent vingt à la minute. Des infirmes, des aveugles, des malades de toutes sortes sont amenés, même un moribond est apporté sur une civière. La foule prie tout haut, jette des cris d'enthousiasme, quand une guérison semble s'opérer.

Et cette apothéose se maintient, qui exténue les plus fulgurantes descriptions. Cette réalité, les postérités la croiront légendaire. La prévision de S. E. Mgr Gauthier est dépassée. Un illustre visiteur de France lui demandait:

— Quel est ce frère André dont tout le monde parle ?

— C'est un homme de Dieu, répondit Son Excellence. À sa mort nous verrons plus de la moitié de la population de Montréal accourir à son tombeau.

Même des saints très célèbres n'ont pas connu un tel triomphe, lorsque leurs restes étaient à peine refroidis. L'ouragan de gloire qui a passé sur plusieurs semble éclipsé par cette mort du très humble. Un souffle puissant soulève la ville comme une mer, et ses flots viennent frap-

per le mont Royal, tant est vive la conviction de sainteté que l'on éprouve au sujet du frère André. On l'entoure d'autant de vénération, de marques de respect, que s'il était canonisé.

Combien se lamentent d'être passés jadis indifférents, incrédules devant lui, d'avoir frôlé un saint sans le connaître, d'avoir possédé un si riche trésor et de l'apprécier au moment de le perdre.

L'histoire des saints, copies fidèles de Jésus, ressemble toujours à celle du Maître. Pendant leur vie, ordinairement méconnus de leurs proches, parfois en grande estime chez le peuple, ils sont souvent combattus ou méprisés par un groupe d'esprits forts, successeurs des pharisiens et des saducéens. Rappelons-nous la petite Thérèse méconnue dans son cloître, sainte Bernadette traitée d'hallucinée par son entourage, apparemment sous-estimée même pendant sa vie religieuse. Mais après leur mort, on dirait que Dieu dessille les yeux.

Ce sont les simples, les humbles qui savent reconnaître la sainteté, comme ce fut le cas au temps du Christ. Au soir de la mort du frère André, l'admiration cachée au cœur des « intelligents » commence à se manifester ; ils sont entraînés par le courant populaire ; témoin, ce journaliste qui l'avoue franchement :

— J'étais du nombre de ceux qui se croyaient trop intelligents pour se déranger pour le frère André. J'aurais regretté toute ma vie de ne m'être pas rendu auprès de sa tombe.

La semence jetée dans les âmes par l'exemple du frère André fleurit en ces jours. Ce n'est pas en vain qu'il a prié et souffert, que son dévouement s'est heurté à bien des attaques, à des incompréhensions, qu'il s'est impatienté contre la piété fausse et intéressée des gens, qu'il s'est offert en victime, qu'il a désiré être coupé en mille morceaux plutôt que de voir son peuple livré à la barbarie du communisme. Ce triomphe est la garantie de sa mission.

Aux quatre coins du pays et des États-Unis, il a été le semeur de Dieu et cette multitude de conversions à son tombeau marque la sainteté de son œuvre.

Plusieurs, venus pour le plaisir de se donner un bain de mouvement, d'agitation et de bigarrure, sont profondément touchés. La crainte les saisit soudain que leur vie ne s'harmonise pas avec la grandeur de la vocation chrétienne. Que de cœurs obstinés, fermés à la grâce, se sont réconciliés avec leur Dieu, qu'ils pensaient n'aimer plus. Dans les ténèbres des confessionnaux propices au guet-apens de la grâce, que d'aveux, de régénérations morales, non seulement à l'Oratoire, mais par toutes les églises de la ville.

Seule la vue de cette apothéose peut nous en donner l'idée. Il faut vivre ces heures hallucinantes, entendre cette rumeur de la foule que rien ne peut dissuader de son attente ; il faut être saisi par l'élan de cette foi irrésistible. Nous vivons ce spectacle, les yeux mouillés, le cœur nous battant dans la gorge.

Cet hommage envers la sainteté est l'aveu inconscient de nos cœurs, faits non pour l'à peu près d'une religion anémiée, mais pour un don total, absolu, un amour qui sacrifie tout à Dieu. Cette appétence de la perfection gît même au cœur des païens, même au cœur de ceux que la haine et la misère poussent à étouffer ce désir. L'obstacle à l'extension du règne du Christ, c'est la veulerie des demi-chrétiens qui pullulent, donnant une fausse idée du christianisme par leur religion décolorée. Le christianisme dans sa beauté, sa splendeur, ses sacrifices, est le seul qui vainc. D'après ses fruits, les vies conformes à l'évangile, nous devons le juger. Cette pensée en arrêterait plusieurs au bord du reniement. Les frère André sont légion dans l'histoire de l'Église.

— Et quand on dit, écrit un célèbre converti, que l'Église a reçu des promesses éternelles, il faut entendre que les saints rejailliraient toujours.

L'espérance du grand soir des jouissances temporelles,

des jouissances charnelles dans la paix et l'amour, ce rêve, cher aux communistes de bonne foi, remplace le désir inavoué de se sacrifier à une grande cause, au bonheur souverain. Le frère André, lui, a vécu constamment pour l'éternel soir de jouissance infinie, le seul capable de rassasier nos cœurs, hantés d'un bonheur perdurable.

Le mardi matin, quelques instants avant le service funèbre, septime, le corps est porté à l'extérieur par la porte centrale, à la vue du peuple qui ne peut pénétrer. Dans l'église à peine endeuillée, la liturgie des morts commence, que l'on voudrait blanche et fleurie comme celle des saints. Monseigneur Limoges, évêque de Mont-Laurier, officie ; le cardinal Villeneuve, archevêque de Québec, avant de chanter l'absoute, exprime le triomphe inouï de l'humble serviteur de Dieu :

« Quelle que soit la réputation de vertu de ses enfants, l'Église impose qu'on leur fasse à tous des funérailles de prières et de suffrages pour les fragilités humaines qu'ils ont pu commettre dans leur vie, et elle défend de prévenir le jugement qu'elle se réserve de porter sur l'héroïsme de leur vie et sur l'assurance de leur entrée au ciel. Respectueux de cette prudence de la sainte Église, nous pouvons tout de même dire ce matin que nous faisons la fête de l'humilité.

» Sur la tombe qui garde les restes vénérés de l'apôtre de saint Joseph, le frère André, vous lirez trois mots : *Pauper, Servus et Humilis. Pauper :* pauvre, le religieux que vous êtes venus voir ici tant de fois ; *Servus :* serviteur, frère convers, au dernier rang de sa communauté ; *Humilis :* humble, si petit à ses propres yeux qu'il ne soupçonnait même pas l'ampleur de son œuvre, et qu'il ignora toujours qu'il pût attirer les foules.

» Et cela reporte notre pensée sur un autre pauvre, un autre obscur, Joseph, époux de Marie, que Dieu choisit pour abriter la virginité de sa Mère et protéger la divinité de son fils. Voyez celui que saint Joseph a choisi, non seu-

lement pour construire cette basilique, mais pour répandre la dévotion qui s'est emparée de notre peuple depuis trente ans.

» Du frère André à saint Joseph, remontons encore plus haut, allons jusqu'au Christ, descendu du ciel sur la terre et né dans une crèche pour sauver le monde. Voilà le vrai christianisme, que nous célébrons en ces jours où ces murs ont été trop étroits pour recevoir les centaines de mille croyants. C'est à l'humilité que vous venez de rendre hommage, et c'est sur la doctrine de l'humilité qu'il nous faut insister aujourd'hui.

» O vous, les humbles de la terre, vous qui souffrez, vous qui travaillez, retournez à vos labeurs et à vos foyers avec cet enseignement du christianisme. Comparez cette doctrine avec celles qui vous promettent un vain paradis sur terre. Cette mort et ces funérailles sont pour vous une grande leçon de charité. Elles sont aussi l'occasion d'une augmentation de foi et de confiance dans l'éternelle récompense. Tout en priant pour ce saint serviteur de Dieu, c'est le sentiment qui doit trouver place dans vos cœurs.

» Vous allez redescendre au travail quotidien ; vous allez retourner à vos peines et à vos souffrances. Pensez au sceau divin que le Seigneur met sur la vie des humbles. Pensez qu'aucun prince de l'Église ou de la terre ne saurait songer à avoir des funérailles qui provoquent les sentiments du plus profond des cœurs, comme celles de ce jour. Continuez à entendre la voix de l'humble serviteur de Dieu qui vous dit : « *Ite ad Joseph.* »

Après l'absoute, détail infime mais ayant valeur de symbole, l'*In paradisum* est oublié, qui supplie les anges de conduire l'âme au ciel. Ce souhait est déjà réalisé, sans doute. Le corps, transporté au lieu de la sépulture, en la chapelle même où il fut exposé, est placé dans un sarcophage de ciment.

Le peuple désire revoir encore les traits de son bien-

faiteur tant aimé. Deux jeunes gens, qui, dans cette intention, ont parcouru cinquante milles à pied, doivent sacrifier cette joie. L'après-midi, monseigneur Gauthier vient présider la mise au tombeau. Une dernière fois quelques privilégiés ont le bonheur d'entrevoir le visage du cher disparu...

Devant le tombeau scellé sur la dépouille du petit paysan de Nouvelle-France, choisi par Dieu afin de développer le culte de saint Joseph, nous songeons au dernier sommeil de la bergerette de France qui eut une mission semblable à la sienne ; nous songeons à la gentille Bernadette Soubirous qui reposa, elle aussi, sous les murs d'une chapelle dédiée à saint Joseph, dans le jardin de son cloître.

Bien des divergences dans la manière dont vous a conduits tous deux la Providence, mais bien des similitudes aussi. Pauvrette de Massabielle, bambine sans culture, élue pour développer le culte de l'Immaculée Conception, après la proclamation de ce dogme, que votre vocation ressemble à celle de l'humble convers de Sainte-Croix, destiné à propager la dévotion envers saint Joseph, peu après le choix officiel de ce saint comme patron de l'Église universelle. Tous deux, artisans d'une œuvre disproportionnée à vos forces, vous êtes auréolés par la grandeur de votre mission.

XV

SURVIE

Le triomphe inouï que fut la mort du frère André persiste. À toute heure du jour, des pèlerins s'agenouillent à son tombeau. Le fidèle serviteur continue de recevoir les gens, de recueillir leurs suppliques et de les porter à saint Joseph.

Il dort là, dans une humble alcôve, léger enfoncement du mur, qui rappelle les « Loculi » des catacombes. L'or, le marbre, les richesses d'une prétentieuse chapelle funéraire auraient trop contrasté avec sa vie de renoncement, de pauvreté et d'humilité. Quelle austère grandeur ! Seul un nom se détache sur le cercueil enrobé dans son velours noir de granit poli : frère André, c.s.c.

Comme elle est touchante, la foi des malades, des déshérités, des désolés, au tombeau de leur ami. Sans respect humain, ils s'agenouillent, souvent le front appuyé sur cette tombe ; parfois une mère y couche même son tout jeune enfant. L'ardeur de la prière se lit sur leurs lèvres et dans leurs yeux fixés en Dieu. Obtenez-moi cette guérison, convertissez mon enfant, donnez-moi du travail, disent les suppliques qu'ils déposent avant de partir.

Puis ils se rendent par les escaliers roulants au Musée du frère André où sont reproduites des scènes émouvantes de sa vie et de sa mort. Il leur est donné de vénérer le cœur du frère André, conservé dans une urne de verre enchâssée dans une stèle de marbre.

À « l'heure du frère André », nous sentons combien vive est la fidélité du peuple à son grand ami. Au lendemain de l'ensevelissement, un compagnon qui, pendant plus de quinze ans, ordonna le défilé des gens au bureau du frère, demande l'autorisation de venir, avec un groupe d'intimes, commémorer la mort de leur ami commun, chaque premier mercredi du mois, dans une heure de garde à son tombeau. À la première rencontre, ils n'étaient pas une poignée, mais plus de mille ; et depuis, chaque mois, pendant cette veillée, l'église est remplie à déborder.

Autre signe de la vénération des fidèles, c'est leur concours généreux apporté au parachèvement de l'Oratoire. Le nombre des pèlerins s'accroît et le rêve du cher disparu se réalise.

Dix mois à peine après le départ de l'animateur de l'Oratoire, ce que tous concevaient comme un rêve irréalisable, avant de nombreuses années, est accompli ; le dôme majestueux de la basilique se dressait déjà sur le mont Royal. À cette époque, les religieux renouvelèrent le geste de foi qu'avait demandé l'année précédente, le frère André :

— Vous voulez couvrir la basilique : installez la statue de saint Joseph dans les murs ouverts, et lui, il trouvera bien de quoi se couvrir...

Par une froide après-midi automnale, nous nous rendions en procession dans l'abside de la basilique maintenant couverte. En présence des quelque deux cents ouvriers à genoux, devant la statuette de saint Joseph, nous avons récité le chapelet, chanté les litanies du saint patriarche, et demandé la glorification du frère André. En une seule année, quel travail, quelle réussite au delà de toute espérance !

Même le chemin de croix, dans la montagne, est érigé, que le bon frère a tant souhaité. Saisi d'une émotion extraordinaire, le regard avivé, il confiait à un ami, quelque temps avant sa mort :

— Comme il va y en avoir des conversions, au chemin de croix de la montagne. Je pense même qu'il va y en avoir plus que dans la basilique.

Un maître dans l'art de disposer les réalités de manière à ce qu'elles enchantent l'âme, a bien voulu dessiner les allées sinueuses où les foules viendront revivre la passion du Sauveur. Le terrain boisé, capricieux, embroussaillé, inculte, il a su le discipliner sans heurts, l'harmoniser « en respectant la virginité de la nature », par le seul tracé des voies ou ronds-points. On dirait un parc séculaire aux essences forestières variées, savamment disposées.

Au long du chemin tourmenté, les chênes, les érables, les bouleaux s'alignent comme plantés là à dessein. Quelques marches de pierre coupent parfois un raidillon. Çà et là, l'ossature de la montagne a été dénudée. Dans les décors les mieux choisis, d'étroits bouts de sentiers filent, que terminent de hautes croix blanches.

D'année en année, les croix sont remplacées par des statues de pierre, à mesure que le sculpteur peut poursuivre son œuvre gigantesque.

L'œuvre matérielle du frère André se développe, pâle image de son action spirituelle.

* * *

Le peuple commence à méditer, à mieux comprendre cette vie d'obscur travailleur, de petit convers qui s'est dévoué totalement à ses frères, les pauvres, les malades et les affligés.

La mort dégage la véritable physionomie du frère André, en estompant les légères imperfections qui pouvaient demeurer en lui. À la pensée de tous s'imposent son bon sourire rayonnant de joie intérieure, son visage torturé et souffrant, lorsqu'il parlait de la passion de son Sauveur, ses traits illuminés lorsqu'il causait si simplement de saint Joseph et du ciel.

Tous peuvent voir en lui l'homme aux miracles, l'honnête, le juste envers tous, du plus petit au plus grand, le bienfaiteur social, l'auteur d'un monument qui attire des millions de visiteurs. Mais la vérité, que seules les lumières d'une foi vibrante découvrent, c'est l'action merveilleuse de l'Esprit-Saint en lui, l'idéal de vie chrétienne qu'il incarna.

Il ignora toujours nos atermoiements, notre art d'édulcorer la doctrine du Maître ; il fut un chrétien convaincu, agissant, loin de cette tourbe de gens routiniers, qui suivent le courant du laisser-aller général. Il embrassa loyalement l'évangile et le suivit à la lettre sans s'occuper de la moutonnerie du grand nombre.

Sachons voir son existence toute droite, toute simple, centrée en Dieu, modèle de ce que seraient les nôtres si nous pratiquions intégralement la doctrine du Maître. Cet exemple s'affirme plus tranchant dans notre siècle où s'affichent le relâchement, l'amour du monde, du confort, de l'argent pour jouir, la poursuite hallucinante des plaisirs, la démangeaison de vitesse, l'abrutissement d'occupations matérielles vaines, l'oubli pratique de Dieu avec un christianisme de surface.

Sa vie condamne notre conception d'un Christ à la page, qui rappelle le Messie imaginaire que s'étaient créé les Juifs. Nous nous sommes fait un modèle ami des richesses, des plaisirs, des sports, du théâtre, de la mangeaille et des beuveries. Et nous oublions le véritable Sauveur, bafoué, flagellé, crucifié, à l'effigie duquel les aspirants au royaume céleste doivent être façonnés.

Cette immense grâce d'une vivante fleur de l'évangile, placée sous nos yeux, nous rappelle vivement l'enseignement que nous avons peine à lire, devenu un amas d'assertions inertes. En songeant à cette action qu'exerce le frère André, il nous vient à la pensée l'image de Péguy décrivant le rôle des saints :

« Quelques saints marchent en tête. Et le grand cortège

des pécheurs suit derrière. Ainsi est faite la chrétienté.

» C'est ainsi qu'on obtient les grandes professions.

» Quelques pasteurs marchent devant, et le grand troupeau suit derrière.

» Ainsi est fait le cortège de la chrétienté. »

La vie et l'œuvre du frère André font éprouver cette appétence morale qui incite les âmes vers les spectacles et les êtres où elles trouvent leur nourriture propre. Le même désir qui poussait les Palestiniens vers le Christ, porte les chrétiens, au long des siècles, avec un sentiment infaillible vers les serviteurs de Dieu. Sans doute, parfois, Jésus eut-il à reprocher aux foules de le rechercher uniquement parce qu'elles voulaient du pain matériel. De même le frère André a combattu les assiduités qu'inspirait un intérêt matériel ; il a rectifié sans cesse la poussée des fidèles en l'orientant vers Dieu.

À visiter les lieux sanctifiés par lui, à se représenter les conditions de son séjour, les fidèles trouvent comme une pente qui rend accessible les abrupts sommets de la vertu. D'un léger contact avec ce modèle, ils obtiennent un durable avantage. La perfection n'est plus à leurs yeux un catalogue d'affirmations décharnées. Ils sont en présence d'un homme qui a lutté, souffert, vécu comme eux, au milieu d'eux.

La mort n'a fait que hausser le frère André dans l'estime et la vénération des fidèles, mais n'y a-t-il pas danger d'exagération de leur part ? Le serviteur ne va-t-il pas supplanter un peu son maître, faire figure de voleur posthume, en dérobant la gloire de saint Joseph, après s'être appliqué toute sa vie à l'édifier ? Non pas, l'artisan nazaréen se moque bien de cette crainte puérile, et c'est lui-même qui a dû préparer à son vaillant serviteur ce triomphe éclatant que seule l'action d'en haut peut expliquer.

D'ailleurs, le sens chrétien guide les fidèles les plus ignorants. Ils savent hiérarchiser leurs dévotions ; presque

tous les billets, déposés sur le tombeau du frère André, demandent à ce bon serviteur de présenter leurs requêtes à saint Joseph, afin que Dieu leur accorde telle faveur...

L'affection que le monde porte à cet humble convers semble bien voulue du ciel. À dessein Jésus a fait fleurir le culte de son père adoptif, patron des ouvriers, à l'heure où les travailleurs, mal partagés dans la vie, sont sollicités par des doctrines de haine pires que leurs maux. À dessein aussi, il a choisi pour propager ce culte en Amérique une copie vivante de saint Joseph. Cet obscur tâcheron, penché pendant toute sa vie sur les membres souffrants du Christ, ne ressemble-t-il pas un peu à son modèle, l'artisan de Nazareth qui veillait sur Jésus ? La mission du frère André n'est pas seulement de conduire les travailleurs à saint Joseph, mais aussi d'être une pâle réplique de ce saint, d'être l'ouvrier qui a modelé sa vie sur son saint patron, prêchant ainsi au peuple, de façon concrète, le travail, l'humilité, l'obéissance, l'amour de Dieu et du prochain.

De l'aveu de tous, une grande grâce a passé, un réveil chrétien se constate depuis la mort du frère André. Il faut avoir vécu à l'Oratoire les jours inoubliables qui ont suivi le décès de ce religieux, il faut avoir vu la foule d'une centaine de mille à la fois prendre d'assaut le mont Royal, pour comprendre cette poussée de conversions dont nous sommes témoins. Il en est qui sont venus jeter le fardeau de leurs péchés avant de toucher le tombeau de cet homme de Dieu en disant :

— Je n'étais pas digne de m'approcher de lui.

Des gens viennent confesser en pleurant une vie de désordre, et le prêtre demande :

— Qu'est-ce qui vous a décidé à revenir à Dieu ?

— Je suis venu à l'Oratoire presque malgré moi, à la mort du frère André, et j'ai été tellement bouleversé. Proclamez-le, mon père, c'est lui qui m'a tiré du péché. Le bon frère André a obtenu ma conversion.

Ainsi, dans la mort, l'humble frère continue la mission que la Providence lui a confiée, conduire les fidèles à saint Joseph pour les rapprocher de Jésus. La guérison des âmes a toujours été l'intention primordiale de cet apôtre. Au début de son œuvre, il confiait à un ami, frère convers comme lui : « Ah ! si j'avais un prêtre pour nettoyer l'âme de ces gens qui viennent me voir ; ils s'en vont bien disposés, mais qui sait s'ils iront se confesser ? »

Dieu conserve à son serviteur les mêmes appâts pour attirer les âmes, les faveurs temporelles obtenues par l'intercession de saint Joseph. À son tombeau se renouvellent les merveilles dont furent témoins les pauvres murs de son bureau.

À voir les milliers de faveurs accordées, à constater le grand nombre des conversions, des faveurs, qui lui sont attribuables, il semble bien que le frère André soit appelé à devenir officiellement ce qu'il est déjà dans le cœur du peuple, le saint qui, auprès de son maître saint Joseph, patron du Canada, dirige notre nation dans ses destinées.

★
★ ★

Nous voilà au terme de cette esquisse biographique. Telle est la mosaïque composée de détails grappillés dans cette longue existence. Nous n'avons pas essayé de couler ce saint dans un moule tout fait, selon notre idéal propre de perfection, mais nous avons suivi les sinuosités de son âme et de sa vie. Nos efforts ont tendu à le saisir tel qu'il est, avec son degré de culture et son caractère. Il est apparu profondément marqué à l'effigie du Maître, depuis les pas hésitants de l'enfance jusqu'au cheminement encore robuste de la vieillesse.

La pénurie de documents écrits, la réserve jalouse de son âme repliée sur elle-même par humilité, expliquent le dessin parfois un peu flou de ces pages. Il s'est défendu en effet contre toute incursion dans son intimité ; seul un

motif charitable lui fit de temps à autre trahir l'éclat de ses dons surnaturels. Nous avons laissé tomber les noms et dates inutiles, sacrifié la savante anatomie d'une rigoureuse analyse critique, nous contentant d'indiquer les sommets et de sonder çà et là quelques beautés. N'est-ce pas la constante préoccupation du portraitiste de choisir seulement les traits qui disent l'âme, d'essayer d'exprimer le modèle mieux que les photos enregistreuses d'instants fugitifs ? Ces pages, dans le désordre de leur germination hâtive, ne visent pas à dérouler complètement le film d'une existence terrestre, mais à décrire la vie spirituelle sous-jacente...

Elles veulent être un témoignage de fidélité à la mémoire du cher disparu. Dans un geste d'amour, nous venons les déposer sur sa tombe, parmi les fleurs demi-fanées que laissa une main inconnue...

Bon frère André, après avoir appris à te mieux connaître, nous pénétrons dans la crypte à la voûte surbaissée, aux larges vitraux avares de lumière, et, mêlés à la foule des pèlerins, nous venons nous agenouiller à ton tombeau. Tu restes encore l'animateur de l'Oratoire. Vieillard si bon, bien pâle, toujours souriant, frêle vieillard au regard jeune, tu hantes l'esprit du peuple. Comme aux jours de ta vie terrestre, les visiteurs, dès leur arrivée au mont Royal, posent cette question : « Où se trouve le frère André ? » Ton aimable bureau, que tu nommais « ton bourreau » à la fin de ta vie, est remplacé par le lieu de ta sépulture. Le contact de cette pierre froide qui recouvre ta dépouille mortelle continue l'action merveilleuse de tes mains décharnées. Du haut du ciel, tu répands une pluie de grâces, tu demeures l'intermédiaire entre nous et saint Joseph. Ta parole : « Quand quelqu'un fait du bien sur la terre, ce n'est rien en comparaison de ce qu'il pourra faire, une fois rendu au ciel » est la réplique de la promesse laissée par la petite Thérèse : « Je veux passer mon ciel à faire du bien sur la terre. »

Avec ferveur fuse de nos lèvres cette prière qui renferme la synthèse de ta vie et de ta survie :

« O Jésus, qui avez voulu propager le culte de votre père adoptif, saint Joseph, par l'humble frère André, obtenez-nous que la sainte Église glorifie au plus tôt ce fidèle ami des pauvres, des malades et des affligés. »

TABLE DES MATIÈRES

Présentation 9
Souvenir d'une maman 13
Vocation 25
Semence 33
Floraison 45
Épanouissement 59
Confiance 75
Humilité 89
Charité 99
Imperfections 113
Dévotions 123
Vie spirituelle 135
Deux figures de saints 149
Derniers jours 161
Triomphe 171
Survie 181

PRINTED IN CHINA
STAMPATO IN CINA

Georges Béjot
ancien évêque auxiliaire de Reims

UN ÉVÊQUE A L'ÉCOLE DE LA J.O.C.

(entretiens avec Etienne Gau)

LES ÉDITIONS OUVRIÈRES

UN EVEQUE A L'ECOLE DE LA JOC

Georges BÉJOT
Ancien évêque auxiliaire de Reims

UN ÉVÊQUE A L'ÉCOLE DE LA JOC

(entretiens avec Étienne GAU)

PRÉFACE DE MONSEIGNEUR VIAL
ÉVÊQUE DE NANTES

LES EDITIONS OUVRIERES
12, avenue Sœur-Rosalie
75621 Paris Cedex 13

Tous droits réservés
© Les Editions ouvrières, Paris, 1978
Imprimé en France Printed in France

PRÉFACE

En l'année du cinquantième anniversaire de la JOC française, c'est un précieux témoignage que nous livre l'un de ceux qui ont particulièrement contribué à la fondation et au développement du mouvement dans notre pays. Le Père Georges Béjot a su faire mieux encore : en réalité, il a écrit une page de l'histoire de l'Eglise en France dans son ouverture apostolique au monde ouvrier à travers les jeunes travailleurs et les jeunes travailleuses.

Un effort lucide et tenace pour offrir concrètement à ces jeunes la chance d'accueillir la Bonne Nouvelle, de découvrir qu'ils sont fils de Dieu et frères en Jésus-Christ et de vivre concrètement la richesse et les exigences de cette révélation, sous-tend l'éclosion et la progression du mouvement jociste. Cette démarche, il ne faut pas s'en étonner, va se trouver confrontée à un environnement ecclésial obligeant la JOC à affirmer son originalité et à affiner ses traits. Elle se veut alors : école, pour la formation de ses membres, corps représentatif de la jeunesse ouvrière, service aussi des jeunes travailleurs en l'absence de moyens aptes à répondre à leurs besoins urgents.

« Nous referons chrétiens nos frères ! » : partout dans le pays, le chant jociste monte et grandit comme l'affirmation non surfaite d'une volonté apostolique, liée à la préoccupation de ne pas faire l'économie des réalités sou-

vent très humbles qui forment le tissu de la vie des jeunes du monde ouvrier.

Un peu plus tard, la JOC devra traverser les années qui, à partir de 1939, ont bouleversé le monde. Formés à l'école du réalisme de la vie et de la foi, les jocistes, aidés par leurs aumôniers, seront capables d'affronter, parfois au prix de leur vie, les dures conditions de la guerre, de l'occupation, de la captivité ou de la déportation. Dans un contexte inédit, ils poursuivront leur action. Et la JOC sortira victorieuse d'une redoutable épreuve avec la volonté et la capacité d'aller de l'avant.

Le mouvement a sans doute évolué depuis cette époque : ne le devait-il pas, pour tenir compte des transformations de la classe ouvrière sans cesser d'être fidèle à ses intuitions fondamentales ?

Il reste que la JOC dans la totalité de son histoire constitue une expérience exemplaire. Elle a ouvert des voies nouvelles, toujours à explorer au bénéfice de la mission de l'Eglise. Nous sommes vivement reconnaissants au Père Béjot de nous y aider, comme il savait le faire autrefois dans les sessions d'aumôniers où la chance me fut offerte de le rencontrer au début d'une longue route fraternelle.

MICHEL VIAL,
évêque de Nantes.

Notice biographique

Georges Béjot est né le 23 août 1896 à Besançon.

Fils de pharmacien. Quatrième d'une famille de six enfants.

A fait ses études primaires dans une école de quartier des Frères des Ecoles chrétiennes.

A fait ses études secondaires à l'externat Sainte-Marie (Marianistes), scolarité au lycée Victor-Hugo.

A préparé l'Ecole centrale de Paris à l'école Massillon (Oratoriens), cours au lycée Saint-Louis.

Admis à l'Ecole centrale en 1916. Mobilisé en 1917. Croix de guerre 1918.

Ingénieur ECP en 1920.

Grand séminaire de Saint-Sulpice, 1920-1925. Ordonné prêtre le 29 juin 1925.

Vicaire à Saint-Joseph de Belfort, 1925-1928.

Sous-directeur des œuvres diocésaines à Besançon, 1928-1939.

Mobilisé, capitaine d'artillerie, 1939-1940.

Curé de Beaumotte-lez-Pin (Haute-Saône), 1941-1943.

Vicaire général à Besançon, 1943-1947.

Nommé évêque auxiliaire de Mgr Dubourg, archevêque de Besançon, le 19 avril 1947.

Vicaire capitulaire, 1954.

Auxiliaire de Mgr Marmottin, archevêque de Reims, le 24 novembre 1955.

Auxiliaire de Mgr Marty, archevêque de Reims, 1960-1968.

Auxiliaire de Mgr Maury, archevêque de Reims, 1968-1971.

Admis à la retraite, le 20 août 1971.

Retiré chez les Clarisses de Tinqueux-Reims.

A fait partie de la Commission épiscopale du monde ouvrier de 1950 à 1971.

CHAPITRE I

L'irruption de la JOC en France

— Père Béjot, pouvez-vous dater avec précision votre toute première rencontre avec la JOC ? Et quelles étaient les circonstances de cette rencontre ?

— C'était en 1927, c'est-à-dire dès la naissance de la JOC à Clichy, alors que j'étais moi-même vicaire à Belfort. J'avais été condisciple de l'abbé Georges Guérin au séminaire de Saint-Sulpice, à Issy-les-Moulineaux et rue du Regard. Nous étions ordonnés du 29 juin 1925, avec une soixantaine de prêtres de Paris et une vingtaine de province. Tous se connaissaient bien pour avoir fait ensemble cinq années d'études ecclésiastiques.

Dès cette époque, avec tous mes confrères, j'étais préoccupé de la situation du monde ouvrier, reconnu comme étant très éloigné de l'Eglise. Après la guerre de 1914-1918, que presque tous nous avions faite, en 1919 et 1920, il y avait eu de grandes grèves qui nous avaient marqués. Au cours des années de séminaire, nous avions eu des conférences de prêtres déjà engagés dans le ministère... Je me souviens en particulier d'un exposé circonstancié

de Monsieur Pierre Gerlier — qui devint plus tard cardinal-archevêque de Lyon — alors directeur des œuvres diocésaines à Paris. Il nous avait décrit comment l'usine était hermétiquement fermée à l'influence de l'Eglise.

Le monde ouvrier était ce monde de l'usine.

L'expérience pastorale d'alors révélait que si les enfants de ce milieu populaire faisaient encore la communion solennelle, préparée par deux ou trois années de catéchisme, ensuite, ils ne « persévéraient » pas. Dès qu'ils entraient à l'usine, on ne les revoyait plus, ni à la messe le dimanche, ni dans les œuvres paroissiales.

Que la persévérance n'existât point, on l'attribuait au monde du travail, à l'usine. Les jeunes ne résistaient pas à son ambiance. En 1931, le pape Pie XI devait consacrer cette conviction, dans son Encyclique *Quadregesimo Anno,* dans une phrase souvent citée : « La matière inerte sort ennoblie de l'atelier, tandis que les hommes s'y corrompent et s'y dégradent. »

C'était aussi le temps de « la banlieue rouge », à Paris, telle que la faisait connaître un livre du P. Lhande, sur l'expérience qu'il en avait faite, monde fermé, avec toutes les préventions possibles contre l'Eglise.

— Après des études à Paris, vous vous retrouviez donc vicaire à Belfort. C'était votre ville d'origine ?

— Je suis originaire de Besançon, ville épiscopale de ce grand diocèse qui comprend les départements du Doubs, de la Haute-Saône et le Territoire de Belfort. Etant une « vocation tardive », comme on disait à l'époque, j'avais fait mon séminaire à Paris, après des études d'ingénieur à l'Ecole centrale. Après mon ordination, l'archevêque de Besançon m'avait nommé à la paroisse de Saint-

Joseph de Belfort, paroisse de prédilection pour lui qui l'avait fondée, et dont le curé était alors son neveu, « le prêtre le plus intelligent du diocèse », m'avait-il dit. C'était une paroisse de 20 000 âmes, une paroisse de banlieue ouvrière, « le faubourg des Vosges ». J'étais comblé, puisque c'était ce qui me hantait, à ma sortie de séminaire. Je n'étais pas du tout d'origine ouvrière — mon père était pharmacien — mais je m'étais engagé dans le sacerdoce par souci missionnaire, et, en particulier, pour ce monde populaire qui me paraissait frustré de la Bonne Nouvelle.

— Mais ce monde ouvrier, comment le découvriez-vous alors ? Quels rapports pouvait-il y avoir, à cette époque, entre lui et une paroisse ?

— L'assistance paroissiale était alors composée pour une bonne part de cette population ouvrière. Il faut dire qu'elle était presque entièrement d'origine alsacienne, Belfort ayant pris son importance par l'exode des Alsaciens qui avaient fui l'annexion, après la guerre de 1870. Devenue ville industrielle, ses grandes entreprises avaient prospéré : la Société alsacienne, devenue plus tard l'Alsthom ; une filature, le DMC qui avait sa réplique à Mulhouse... ces usines avaient absorbé cette main-d'œuvre, qui résidait presque entièrement sur la paroisse Saint-Joseph. Bien faible, malgré les apparences, était la proportion des pratiquants !

Nous étions quatre vicaires. J'étais chargé des garçons, au catéchisme, du cercle des adolescents jusqu'à 16 ans, du Patro. Le cercle était une avant-garde de l'ACJF, l'Association catholique de la jeunesse française. Avec ces garçons, très ouverts, on faisait des commentaires d'évangile et des études suivies visant à leur formation spirituelle

et sociale. Le patro était affilié à la FGSPF, devenue plus tard la FSCF (Fédération sportive et culturelle de France) ; il avait ses sections de gymnastique et de sports divers, de théâtre... c'était « la Quand-Même », toute une jeunesse, de 120 à 150 membres, bref, de quoi s'occuper, et se satisfaire !

Mais il m'arrivait aussi de me trouver sur le passage de la sortie d'usine, un flot humain qui commençait à déferler, au son de la sirène. Alors, le remontant à contre-courant, en soutane, je ne rencontrais que des regards fermés. Des jeunes que je connaissais, s'il s'en trouvait, évitaient de se manifester.

A l'épreuve, j'avais l'impression de deux fleuves qui ne se rencontraient jamais : le fleuve de la pratique paroissiale et ce fleuve humain des usines.

C'était l'époque où l'on s'appliquait à tenir à jour un *liber animarum*, un livre des âmes : les paroisses rivalisaient d'ingéniosité pour faire des fichiers, des répertoires par quartiers, par rues, par familles. On faisait pour cela des visites pastorales à domicile. On était aussi très axé sur les bilans numériques : dénombrement des pratiquants du dimanche, des pasquatins (ceux qui faisaient leurs pâques tous les ans), et même de ceux qui participaient aux exercices d'une « mission », tous les dix ans. C'était l'époque où commençaient les études de sociologie religieuse.

Les bilans étaient assez déprimants. On demeurait dans une optique de chrétienté, mais en voie de déperdition. Les cadres, les commerçants, la bourgeoisie pratiquaient, dans l'ensemble, mais le monde ouvrier... Pour l'atteindre, j'avais cherché à avoir des contacts avec les responsables d'entreprises, en jouant naïvement de mon titre d'ingénieur, sans résultat, bien sûr ! J'avais aussi fondé une section de l'USIC (l'Union sociale des ingénieurs catholiques). Mon curé en était très fier ! Personnellement, j'en ai beaucoup retiré. Mais ce n'était encore pas une voie

d'accès au monde ouvrier. Sans doute, en ce qui regarde les jeunes, nous avions la satisfaction, avec l'ACJF, d'en former quelques-uns, de les armer contre le milieu ambiant, d'en faire des chrétiens convaincus... plusieurs sont devenus prêtres.

— C'est donc dans ces circonstances que vous entendez parler de l'abbé Guérin, de ses initiatives vers un nouveau mouvement de jeunesse ?

— C'est cela : ayant été condisciple de l'abbé Guérin, j'ai été informé très vite des initiatives de l'abbé Cardijn. Tout le monde connaît l'histoire de la fondation de la JOC en Belgique, en 1925. Dès cette époque, par l'abbé Guérin, j'ai connu les premiers bulletins polycopiés. J'ai su que, lui aussi, essayait de commencer quelque chose à Clichy.

Alors que j'étais dans le ministère depuis deux ans, et très engagé dans toutes mes entreprises apostoliques, j'ai ressenti la naissance de la JOC comme un événement, comme une nouveauté déterminante, comme une Bonne Nouvelle. Sans commencer aussitôt à lancer la JOC à Belfort, j'en ai parlé à des jeunes ; et, en 1928, j'ai invité l'abbé Guérin à venir sur place pour une réunion d'information. Il a accepté, ce qui prouve, soit dit en passant, qu'il s'est senti, dès le début, une responsabilité sur le plan national.

Il se trouve que je suis tombé malade, l'avant-veille de son arrivée à Belfort. Du moins, j'ai eu des échos de son passage, dès le lendemain, quand il est venu me voir, dans ma famille, à Besançon. Que s'était-il passé ?

Nous avions une salle d'œuvre de 200 à 300 places : elle était pleine, des jeunes de 14 à 20 ans et plus,

quelques adultes venus écouter ce prophète de Paris, car on commençait, dans la presse catholique, à parler de la JOC. Mon curé était resté au fond de la salle. A la fin de l'exposé de l'abbé Guérin, on le vit remonter toute l'allée centrale... Silence impressionnant ! Qu'allait-il dire ? Il gravit les marches de la scène, et sans hausser le ton, gentiment, il s'adressa à l'abbé Guérin : « Ecoutez, Monsieur l'abbé, il y a vingt-cinq ans que l'on fait tout cela ici. » De fait, la paroisse était fondée depuis vingt-cinq ans, et l'on s'employait à garder les jeunes à la foi. Mais mon curé n'avait rien perçu de la nouveauté de la JOC.

Pourtant, je n'étais pas seul à ressentir comme une onde de choc ! Tous les jeunes vicaires qui avaient fait leurs études ensemble à Paris, nourris des mêmes préoccupations, se trouvaient concernés de la même façon. Très rapidement, à Paris comme en province, la JOC a fait figure d'éruption insolite dans la pastorale en cours ! Elle apportait un autre regard sur la responsabilité missionnaire à l'endroit de la jeunesse ouvrière.

— Pouvez-vous développer davantage la nouveauté que la JOC vous apportait ?

— Mais c'était un autre regard dans la foi, une autre optique pastorale. Pour faire court, je dirai qu'à la hantise du salut des âmes, prises individuellement, Cardijn substituait le regard du monde à sauver pour qu'il chante la gloire de Dieu.

Cardijn avait des phrases percutantes pour dire : « Nous nous représentons l'usine comme un mauvais lieu, un lieu de perdition pour la foi et les mœurs, mais dans le plan du Créateur, l'usine est un chantier où les hommes se grandissent à lui faire chanter la gloire de Dieu, elle est un sanctuaire où ils Lui rendent hommage. »

Il ne s'agissait plus de bilans à tenir à jour, de quartiers à se partager entre vicaires pour une visite systématique en vue de remplir notre fichier. Autre perspective ! Je me souviens... et c'est la première fois que je le raconte... qu'un après-midi je suis monté au Salbert, promenade que je m'accordais sans le dire à mes confrères, ni à mon curé ! C'est la montagne qui domine Belfort. De là-haut, j'ai médité longuement sur ces usines : la Société alsacienne, le DMC... qui étaient sous mon regard : « Ces usines, me disais-je, doivent chanter la gloire de Dieu. Mais qui fera monter cet hommage ? Quels seront les prêtres de cette célébration, sinon les ouvriers qui sont là ? » Ainsi surgissait dans mon esprit, d'une manière décisive, le rôle du laïcat.

Le laïcat... Cardijn fut le premier à en parler, avec quelle force et quelle insistance ! Le laïcat est irremplaçable. Même si le prêtre fait bien son « métier », il ne peut remplacer le laïc. Celui-ci a un rôle spécifique, irréductible... Cardijn a accumulé les qualificatifs pour définir l'apostolat des laïcs. Voyez quelle stature cela donnait à des gars de 14 ou 15 ans ! Voilà qu'ils n'étaient plus des rescapés qui avaient réussi à s'en sortir indemnes, ils se trouvaient investis d'une mission exaltante, faire de leur milieu de travail, par un climat d'amitié, un hommage au Créateur.

Je dois dire que, prêtres de 1925, nous n'étions pas entièrement pris au dépourvu. Les intuitions de Cardijn nous faisaient rejoindre un Père de l'Eglise que notre professeur de dogme affectionnait, saint Irénée. *Gloria Dei, vivens homo* était un de ses leitmotiv — sorte d'équation difficile à traduire en français. Disons que Dieu trouve sa gloire à donner à l'homme toute sa stature de fils de Dieu. Cardijn s'appliquait à faire prendre conscience de leur dignité aux jeunes travailleurs, il les appelait toujours « fils et filles de Dieu ».

— Votre rencontre avec les intuitions de Cardijn, c'est donc par l'intermédiaire du P. Guérin qu'elle s'est faite. Mais le P. Guérin... on cite souvent son nom, on rappelle son rôle, mais on ne parle guère de sa personnalité. Pourriez-vous le décrire un peu plus ?

— L'abbé Guérin était, lui aussi, une « vocation tardive », entré au Grand séminaire à près de trente ans. Il était originaire de Meurthe-et-Moselle : l'an dernier, j'ai fait pèlerinage dans son village natal, Ecrouves, près de Toul. Il y prenait huit ou dix jours de repos chaque année. Au séminaire, il apparaissait comme un étudiant moyen. N'ayant pas fait d'études secondaires classiques, il était un peu handicapé. Alors il travaillait avec acharnement, ce qui ne l'empêchait pas d'être toujours souriant. Il était très discret, un peu mystérieux, pas du tout en vedette. Dans ces années d'après-guerre, sauf un petit contingent qui sortait du Petit séminaire de Conflans, nous étions des adultes, ayant pour la plupart un métier. Je me souviens d'un médecin, d'un notaire, d'un colonel... Georges Guérin, avant la guerre avait été ouvrier orfèvre... Tous, donc, des gens qui ne voulaient pas perdre de temps, qui voulaient acquérir vite le bagage nécessaire pour entrer dans le ministère.

C'est donc surtout lorsque le P. Guérin est devenu vicaire à Clichy qu'il s'est révélé.

Pour lui, la JOC a été vraiment... une nouvelle Pentecôte. Il est désormais apparu comme saisi, possédé par cette lumière... au point qu'il était difficile de l'en distraire... Je me souviens qu'étant devenu aumônier diocésain, à Besançon, je l'ai fait venir pour un séjour en Franche-Comté. Je le promenais à travers ce vaste diocèse aux sites variés et pittoresques. J'essayais de temps en temps de lui faire admirer le paysage. Mais en fait, il n'y prêtait guère attention. Crayon à la main, il tenait son

calepin, non pas comme un Baedeker, pour pointer les endroits visités, mais comme un livre-journal, pour recueillir vos propos. Car il vous interrogeait, façon d'exprimer au passage ses propres convictions. Il était l'homme d'une idée, ou plutôt d'un dessein apostolique. Tout son travail de pensée était orienté dans cette perspective missionnaire. Il a fini par connaître comme personne les épîtres de saint Paul, les citant de mémoire à l'impromptu, en donnant les références !

Il se sentait responsable de la fondation de la JOC, responsabilité qui lui faisait surmonter toutes les timidités. Le P. Guérin n'était pas du tout un leader, mais il était très obstiné. Bien avant le Concile, il allait voir les évêques séparément chez eux, ou lorsque se réunissait, à Paris, l'assemblée des cardinaux et archevêques. Au moment, il avait toujours quelque chose à leur dire. Il flairait tous les périls qui pouvaient se présenter pour le Mouvement : défiance, ou simplement incompréhension. A la limite — mais ce n'était pas sans raison — il était soupçonneux des intentions, car la JOC a toujours eu à défendre sa visée missionnaire. Au moins, il se sentait soutenu dans ses convictions par les encouragements que le pape Pie XI avait prodigués à la JOC naissante. Pie XI avait reçu l'abbé Cardijn en lui disant : « Enfin quelqu'un qui vient me parler du monde ouvrier ! » Pie XI était lui-même hanté par ce qu'il appelait le scandale du XIXe siècle : avoir perdu la classe ouvrière. Il avait perçu d'emblée le caractère exemplaire de la JOC comme expérience missionnaire. Il n'a cessé d'encourager Cardijn à poursuivre son expérience, pour neuve et révolutionnaire qu'elle puisse paraître.

Comme Cardijn parcourait le monde, l'abbé Guérin parcourait la France pour promouvoir la JOC.

— *Se ressemblaient-ils, avaient-ils les mêmes méthodes ?*

— Non. Leur style différait notablement. Cardijn était le prophète ; il aimait haranguer les foules. Il avait des formules percutantes, qui portaient loin, et qui devenaient des slogans. Le P. Guérin se voulait un disciple modeste. Sa présence était toute d'écoute, de sympathie, de bienveillance. « Vous êtes des fils et des filles de Dieu », disait Cardijn. Le P. Guérin allait à leur rencontre, regardant les jeunes d'un regard émerveillé. Il voyait le Seigneur à travers eux. Je me souviens de son enthousiasme, au retour de cette réunion de Belfort, où il avait pourtant été plutôt éconduit. C'étaient les jeunes qui l'avaient séduit, qui l'avaient entouré, interrogé. Il avait lié connaissance avec le gars de 14 ans, qui lui avait spontanément servi la messe, le lendemain matin... Dix ans après, ce jeune était devenu permanent jociste !... Avec les prêtres, la même bienveillance. Il ne venait pas leur faire la leçon. Il se mettait à leur école. Leurs propos étaient des paroles en or, qu'il notait soigneusement. Le souci du fait vécu était sa loi. Il en exerçait la contagion. Ainsi m'a-t-il aidé à voir, à m'émerveiller à mon tour, à discerner tant de richesses chez les jeunes du monde ouvrier.

Nous nous sommes liés d'une amitié profonde. Il m'écrivait spontanément. Il me relançait, me signalant un événement, une lecture... Il m'écrivit encore trois fois, de l'hôpital Saint-Joseph où il devait mourir. Lorsque je le vis pour la dernière fois, déjà il ne pouvait plus parler. Il prit son bloc-notes, à portée de la main, et il m'écrivit son dernier message, véritable testament spirituel. Il me le tendit, puis brusquement le reprit, pour écrire, en diagonale : « Vive le P. Béjot. »

Vraiment, à la vie et à la mort !...

Aérophagie –
Parasite vigoureux qui peut
étouffer la plante

Que je vive ou que je
meurs que ce soit toujours
un témoignage au Christ
Ressuscité

"Le dernier apostolat"

Faire passer le monde
vers son terme –

Que les chrétiens découvrent
l'insondable richesse du Christ
et veuillent transformer le
monde – pour à la manière
ouvrière

Alleluia
le 9-3-72

Vive le P. Béjot

L. Guérin

CHAPITRE II

Le premier visage de la JOC

— La « Pentecôte » du P. Guérin, l'accord de Pie XI... c'étaient déjà deux conditions réunies pour que la JOC démarre en France ?

— Certes oui ! Mais avant même cet appui de Pie XI, je peux dire qu'il y avait un ensemble de circonstances favorables, au moins en France, pour le P. Guérin. Il y a eu cette génération de prêtres ordonnés de l'après-guerre. Durant la guerre, il y avait eu un brassage de toutes les classes de la société. On s'était reconnus, à partager le même destin ! Les préventions réciproques étaient tombées. Séminaristes et prêtres se sont trouvés proches du monde populaire... Pour eux, après la guerre, ce n'était plus supportable de retrouver l'impression qu'ils étaient dans un autre camp... et que ce monde populaire était à jamais éloigné de l'Eglise.

Or en 1919 et 1920, sont survenues des grèves dans lesquelles le monde ouvrier s'est retrouvé dans toute sa cohésion. A l'époque, j'étais à Centrale. On a demandé aux élèves ingénieurs d'aller conduire les trains pour

assurer le ravitaillement. Et comme les autres, j'ai joué les briseurs de grève !

— Paradoxal, comme manière de rencontrer ce monde des travailleurs... Vos études d'ingénieur ne vous avaient-elles pas donné d'autres occasions de rencontre ?

— Non, je m'en suis aperçu, les études d'ingénieur ne nous apprenaient rien du monde ouvrier. Même des stages en usine, pour des apprentis ingénieurs, n'apportaient rien. Récemment encore, j'ai eu les confidences d'un camarade de promotion : « Pendant ces stages, m'a-t-il dit, je n'ai pas du tout compris le monde ouvrier. Pour un futur cadre qui venait préparer son avenir et travaillait avec acharnement, ce n'était pas possible d'admettre ces attitudes d'ouvriers qui rouspétaient tout le temps, dénigraient leur travail, refusaient les accélérations de cadences. » Non, ce genre d'expérience ne favorisait pas une compréhension... Personnellement, je n'avais pas « la tripe ouvrière » ! Il a fallu l'expérience du ministère et l'avènement de la JOC, pour que je commence à comprendre le monde ouvrier.

— Etait-ce à ce point, une découverte ? Même avant vos études, n'aviez-vous rien perçu du monde ouvrier ?

— J'ai fait mes toutes premières études dans une école de quartier des Frères des Ecoles chrétiennes. Il y avait là des enfants de toutes conditions, les fils du coiffeur, du charcutier, du boulanger, du typo et du manœuvre

de l'imprimerie... Ils étaient tous, pour moi, des camarades. J'allais chez eux, leurs mamans étaient très gentilles, bref, je n'ai pas du tout perçu qu'il pouvait y avoir une question sociale !

Plus tard, à Paris, comme « confrère de Saint-Vincent-de-Paul », j'ai fréquenté assidûment le patronage Sainte-Mélanie dans le quartier Mouffetard, des gosses du monde populaire, très attachants... ils m'ont mené au séminaire !... Sans doute, il y avait ce côté un peu vertical des relations, ils vous appelaient Monsieur, sans se priver d'ailleurs de vous affubler de surnoms, par-derrière !

Vraiment, le monde ouvrier, en tant que tel, ma première révélation en a été ces grèves de 1919-1920, la gare de Lyon paralysée et déserte, la gare de Bercy embouteillée ! Quel fossé entre la société et le monde du travail !

Je l'ai perçu davantage, comme séminariste, dans ma première rencontre avec des militants de la CFTC, en session, à Besançon : des chrétiens que j'entendais parler mal de leurs patrons... ces mêmes patrons que je connaissais comme de bons pratiquants, toujours prêts à donner de leur argent et de leur temps aux œuvres paroissiales. C'était pour moi très inattendu !

Il aura donc fallu l'expérience de la JOC pour m'initier à la mentalité ouvrière et me faire découvrir, comme un autre univers, le monde ouvrier. Cette initiation fut toutefois progressive, et plus accomplie par la fréquentation du monde adulte, à travers l'ACO. Du moins, la JOC m'a mis à son écoute.

— Par rapport à l'ACJF (1), qu'est-ce que la JOC vous apportait de nouveau pour mieux connaître les jeunes du monde ouvrier ?

— Bonne question, car ce fut alors très mal compris. Il est certain que les réunions d'équipes jocistes, par rapport aux anciens cercles d'étude d'ACJF avaient une apparence de pauvreté, je dirais presque de mesquinerie. On s'attachait à des faits, au lieu d'éclairer par la doctrine sociale de l'Eglise les grands problèmes du moment. Cet effort, modeste, paraissait vraiment très mineur : comment pouvait-on passer une soirée avec des jeunes pour parler de choses si terre à terre ? Et pourtant, il fallait aller jusque-là pour découvrir les jeunes eux-mêmes dans leur contexte. Ce n'était pas tant les faits qui étaient en cause que les personnes. « Voir, juger, agir... »

Voir, c'était déballer, regarder ce qui s'était passé, surprendre les attitudes, recueillir les réflexions spontanées, discerner certains manques...

Juger, c'était, dans la foi, se mettre en question : on était concerné là-dedans, on était impliqué. Juger un fait, c'était cela : le voir, non pas en lui-même, mais pour la part qu'on y avait prise, pour la connivence qu'on avait vécue... Par exemple, pour la responsabilité qu'on avait dans le mauvais climat d'un bureau, d'un atelier. On était très axé sur cette question de climat jusque dans le concret. Cela pouvait comporter des choses très matérielles : le remplacement d'un carreau à cause du courant d'air, des portes qui battaient, des lieux d'aisance qui étaient malpropres... Il fallait qu'on se prenne par la main pour faire quelque chose, c'était important. Celui qui vit dans un atelier, dans un bureau, dans quelle mesure est-il

(1) Association catholique de la jeunesse française. Voir chapitre III.

partie prenante de la fraternité qui s'y vit, des liens entre les personnes, quelle considération a-t-il pour chacune ? Ces personnes, on les appelait par leurs noms, ou plutôt par leurs prénoms. Le gars — ou la fille — se situait ainsi par rapport à tous ses compagnons de travail. Il apprenait à leur porter intérêt. Telle fille changeait d'attitude vis-à-vis de sa voisine, elle apprenait à la discerner, à entrer dans sa vie, à se décentrer d'elle-même.

Prendre les gens pour ce qu'ils sont, dans leur vraie stature, dans toute leur dignité, et leur vouloir du bien : c'est cela le commandement de l'amour fraternel, c'est aimer ses frères de l'amour que Dieu leur porte. Juger, c'est regarder les camarades de travail avec le regard du Christ. Cela demande que l'on voie la vie de tout près, dans le quotidien.

Vis-à-vis d'un cercle d'étude, c'est tout à fait autre chose : non pas un travail intellectuel, mais une démarche de responsabilité apostolique. La JOC a pris dès le départ et a toujours gardé cette optique. Si un approfondissement culturel peut s'ensuivre, sa visée est directement apostolique.

— Comment la JOC que vous décrivez pouvait-elle rejoindre le combat ouvrier, faire honneur à son titre de jeunesse ouvrière ?

— La JOC eut assez à faire, dans ses débuts, de prendre en charge les jeunes travailleurs, dans leurs problèmes à eux. Ses services voulaient y répondre, sans recourir aux adultes. « Par eux avec eux, pour eux » était un slogan dirigé en partie contre les adultes. La formation par l'action exigeait que l'action demeure à leur taille. Par souci d'autonomie.

Aussi bien, le combat ouvrier n'était pas tellement perceptible aux jeunes dans la vie ouvrière quotidienne. Pas encore de comité d'entreprise, pas de délégués, pas de convention collective, pas de réunions paritaires où assurer une représentation et formuler des revendications. La lutte ouvrière était circonstancielle, voire événementielle : la grève en était la seule manifestation — 1936 en fut l'expression la plus accomplie.

Mais la grève, ce n'est pas du quotidien ! Dans le quotidien, les jocistes ne discernaient que la propagande syndicale, avec la concurrence entre la CGT et la CFTC. Ils reprochaient aux adultes de réduire l'action ouvrière à une propagande. Pour eux, il s'agissait de changer l'atmosphère, de « créer une âme » dans l'atelier, au bureau, par une camaraderie active et des initiatives à ras de terre. Porter à deux ou trois la responsabilité de l'atelier, c'était avoir le Christ avec soi, selon sa promesse. Le Seigneur était présent à leur vie.

Le champ de la JOC, jusqu'en 1936, fut donc bien circonscrit : les jeunes travailleurs auxquels il fallait annoncer la Bonne Nouvelle. Le monde adulte lui était mal connu, le « combat ouvrier » lui échappait. Il a fallu 1936 et les occupations d'usines, jeunes et adultes solidaires, pour que le lien se fasse et soit vécu.

Pourtant la JOC était bien authentiquement, et dès l'origine, du monde ouvrier. Elle eut moins à s'opposer au monde bourgeois comme classe sociale, qu'au milieu paroissial dont elle émanait. Car enfin, à l'image du vicaire de Clichy, les vicaires de paroisse en étaient les instigateurs et leur éducation d'aumôniers de mouvement, respectueux du laïcat, n'était pas faite d'entrée de jeu. Ce fut la tâche des sessions d'aumôniers. Le pape Pie XI avait trouvé une formule pour définir le rôle du prêtre dans sa nouvelle responsabilité : il était « l'assistant ecclésiastique ». Une nouvelle attitude du prêtre était à inventer, pour sortir du cadre et de l'emprise cléricale. Cela

ne s'est pas fait sans douleur : les curés ne comprenaient pas que la JOC, à laquelle leurs vicaires consacraient tant de soirées, ne leur apportât point des bataillons de nouveaux pratiquants. Pire que cela, les journées d'étude distrayaient quelques jeunes de la grand-messe... parfois l'organiste, un comble !

— Ainsi vous-même, et les autres jeunes prêtres qui souteniez la JOC, vous étiez plus ou moins contestés, soupçonnés ?...

— Oui. Et c'était inévitable. Il fallait s'en faire raison. Dès lors que la JOC se voulait ouvrière, elle était suspecte à l'opinion paroissiale. Il y avait une solide méconnaissance réciproque entre le monde ouvrier et l'Eglise. On en restait à une vue très négative du monde ouvrier. De l'usine, comme de l'école laïque, on pensait que Dieu était absent. On percevait le mouvement ouvrier comme subversif pour l'ordre établi. Les jocistes, on en parlait beaucoup, mais on n'en voyait guère dans les œuvres paroissiales ! Ils vendaient *Jeunesse ouvrière,* à la porte de l'église, mais ce journal paraissait contestataire, et il ne parlait jamais du Bon Dieu !

Quand j'étais aumônier diocésain, à Besançon, lors d'une réunion des curés de la ville, devant moi l'archiprêtre m'a mis en question auprès du directeur des œuvres dont j'étais le second, lui disant : « Devrons-nous supporter longtemps que l'abbé Béjot vienne mettre la révolution dans nos paroisses, donner du mauvais esprit à nos vicaires ? »

Prêtre éminent, cet archiprêtre !... Quelques années plus tard, je le prenais comme confesseur !...

La bourgeoisie pratiquante commençait à parler des

« abbés rouges ». Le rouge m'a toujours accompagné dans mon ministère !...

Il n'y avait pas que le clergé et les paroisses à suspecter la JOC. La CFTC elle-même la supportait mal. C'est qu'au début on n'encourageait pas tellement les jeunes à se syndiquer. Cela ne paraissait pas de leur âge. Et surtout, on ne voulait pas fonder une jeunesse syndicaliste, ce que la CFTC de l'époque aurait trouvé normal, et même souhaité. De plus, les syndicalistes chrétiens ressentaient comme une naïve suppléance la prétention des jocistes à être apôtres. Eux aussi avaient l'esprit apostolique !

— Mais ces premiers militants, comment vous les rappelez-vous ? Comment prenaient-ils leurs responsabilités de laïcs ?

— Pour vous répondre, je pense à certains d'entre eux, que je vais essayer de camper devant vous.

Jean était membre de l'ACJF, il était même du comité diocésain. Mais il était typographe, il vivait vraiment dans le monde ouvrier ; aussi fut-il très vite sensible à la JOC, et on lui confia la responsabilité de la fondation du mouvement dans le diocèse.

Sous le signe de l'ACJF, une réunion est organisée à la paroisse Saint-Mainbœuf, à Montbéliard ; les membres du comité diocésain viennent de Besançon. Dès le début de la réunion, on propose que les jeunes qui sont au travail, parmi les présents, se groupent autour de Jean. On passe dans une petite salle, et Jean explique ce que veut être la JOC : un mouvement par lequel les jeunes travailleurs vont prendre en charge leurs camarades, pour annoncer le Christ à tous... « Nous referons chrétiens nos

frères... » Et puis Jean compte cette petite assistance, et il s'écrie : « Eh bien ! voilà ; nous sommes douze ici, pas plus c... que les apôtres, nous devons bien être capables, nous aussi, de répandre la Bonne Nouvelle ! » Tout le monde s'est montré d'accord... C'est un exemple d'une première réunion de fondation de la JOC à partir de l'ACJF.

Dans ces premières années, on faisait aussi des récollections trimestrielles. Cela durait un week-end, dans un style très... religieux : l'aumônier en assumait la plus grande partie, souvent devant le Saint-Sacrement ; tout de même, quelques jeunes intervenaient, rapportant, en s'adressant au Seigneur, en le tutoyant, quelques faits des jours précédents ; le dimanche, l'aumônier disait la messe (en latin, en tournant le dos à l'assistance), mais on lisait en français l'Epître et l'Evangile, et le prêtre commentait cet évangile en relation avec la trame de ces journées.

Et donc, je me souviens d'une de ces récollections. Une trentaine de gars, de Besançon, d'Ornans, de Baume-les-Dames. Parmi eux, Maurice, qui est venu avec son équipe d'Ornans, petite cité industrielle sur la Loue. Maurice est le président de sa section. Et voici qu'après la messe, Maurice me rejoint précipitamment à la sacristie, tout bouleversé : « Angelo a fait un sacrilège ! » Angelo était un apprenti de quatorze ou quinze ans. Et Maurice de m'expliquer davantage : « Oui, il est allé communier, alors qu'il n'a pas fait sa première communion, il ne s'est jamais confessé non plus. »

J'apaise Maurice comme je peux, puis je vais voir l'auteur du « sacrilège » : « Alors, Angelo, tu as fait ta première communion ? »

« Ah oui, monsieur l'abbé. Mon père n'a jamais voulu que j'aille au catéchisme, je me suis dit que l'occasion était trop belle. »

C'est ce qui s'est produit bien des fois : des participants à des récollections ou à des sessions s'approchant pour la

première fois du sacrement de l'Eucharistie, sans passer au préalable par le sacrement de pénitence, qui suppose déjà une intelligence beaucoup plus profonde du mystère sacramentel, du mystère du Salut.

— Ces premiers responsables, eux, avaient déjà donc des connaissances religieuses ?

— Oui, certains, mais ils n'avaient pas tous pour autant le même type de réactions. Par exemple, je me souviens de deux Georges. En l'occurrence, c'est Georges B., qui était président fédéral ; toujours au cours d'une récollection, après la messe, de la sacristie, j'entends Georges qui rend grâce au nom de tous ses camarades : « Aujourd'hui, c'est jour de paie. C'est jour de paie parce que la paie, Seigneur, nous savons ce que c'est : nous l'avons bien gagnée quand elle vient, et puis elle nous fait vivre toute la quinzaine qui suit ; eh bien, aujourd'hui, c'est toi, Seigneur, qui nous récompenses de tous nos efforts, et qui nous donnes de la force pour être tes témoins les jours prochains... »

Maintenant, je revois le même Georges B., et un autre, Georges D. Tous deux sont responsables fédéraux (2) ; un jour, ils se trouvent ensemble dans une visite de section, à la paroisse de la Madeleine (que son curé venait de quitter pour devenir évêque de Troyes : le P. Feltin...). Ils sont là tous les deux pour aider cette petite section à réfléchir à la fois sur l'enquête campagne et sur l'Evangile. Et Georges D., qui lisait beaucoup, qui était un mystique, de dire, dans un grand silence : « Mais au fait,

(2) Une fédération, dans la JOC, coordonne plusieurs sections d'une ville, d'une partie d'agglomération, ou d'un département.

interrogeons-nous ; qui parmi nous est en état de grâce ? » Il était très épris de pureté ; mais notre autre Georges lui réplique aussitôt : « Mais nous sommes tous en état de grâce, il n'y a peut-être que toi qui ne l'es pas ! » C'étaient bien deux optiques assez différentes, l'une reflétant plus une certaine « culture religieuse » ancienne, l'autre reflétant davantage des réactions typiques de la masse ouvrière.

— Vous disiez que l'aumônier assumait l'essentiel de ces rencontres. Pourtant voilà bien des jeunes qui prenaient vite leurs responsabilités ?

— Eh bien, il y avait ce partage. Un autre souvenir, un peu tardif celui-là : j'accompagne Fernand, président fédéral lui aussi, déjà très éducateur, à une réunion dans un village d'un millier d'habitants, à quelques kilomètres de Besançon, avec une usine de papeterie où travaillent des jeunes.

Monsieur le curé est là. Je présente Fernand, puis je le laisse assumer la réunion. Il faut dire que dans son quartier, une cité ouvrière de Besançon, il avait déjà une grande activité apostolique, une grande influence. Et Fernand, très simplement, commence à interroger les huit ou neuf garçons qui étaient là, tous assez jeunes, les fait parler de leur village. Sur une carte à peine ébauchée, il les invite à se situer, puis à situer aussi leurs camarades de voisinage... bref, il leur fait établir ce qu'on a appelé plus tard la « carte de relations ». Et il conclut la réunion en proposant et récitant lui-même la prière jociste : « Seigneur Jésus, ouvrier comme nous... »

Après cette réunion, le curé est un peu surpris : « Mais vous n'avez rien dit ? Mais en tout cas, ce jeune-là, il

croit drôlement à ce qu'il fait ! » Et nous avons admiré ensemble le caractère encore très neuf de cette réunion, sans exposé, sans sermon, mais où un jeune de dix-neuf ou vingt ans avait su, avec tant de réalisme, prendre en charge d'autres garçons plus jeunes encore.

Ainsi, d'une part, nous avons eu assez vite des garçons comme Angelo ; la JOC a tout de suite voulu être un mouvement de masse sans mettre de condition d'instruction ou de pratique religieuse ; et d'autre part, des garçons qui avaient à cœur d'être des apôtres : le Christ était présent dans leur vie et tout spontanément, le rôle qu'ils se donnaient était de l'annoncer à leurs camarades, à travers leur vie ouvrière. Et ce que voulaient les premiers jocistes, c'était bien de faire des autres aussi des apôtres, d'abord, plus que des pratiquants.

— Vous dites « à partir de leur vie ouvrière », et en même temps on voit beaucoup de références directes à l'Evangile. Comment les choses s'articulaient-elles ?

— Le schéma d'une réunion d'alors, c'étaient trois temps : un commentaire d'Evangile, le point sur l'enquête campagne, et la « révision d'influence » ; mais précisément, le leitmotiv, lancé par Cardijn en particulier, c'était : « des faits, des faits, apportez des faits » ; l'on ne pouvait avoir un échange réel que sur des faits de vie, et donc nécessairement de la vie ouvrière, de l'atelier ou du bureau, et aussi du quartier. C'était un peu une réaction contre les cercles d'étude tels qu'à l'ACJF, où l'aumônier « instruisait » les jeunes. Vers 1929, on a beaucoup parlé du chômage — déjà —, des permanences qui s'organisaient pour y faire face ; on parlait aussi des initiatives qui pouvaient être prises pour les loisirs (les

sorties à bicyclette) ; et encore, les problèmes avec les conscrits. Ça, c'était un grand souci : de ce point de vue, il y a eu des jeunes qui ont agi à ce moment, très simplement, avec une grande audace, allant jusqu'à accompagner leurs copains dans des lieux pas très bien famés, pour... essayer de faire face aux situations ; il m'est arrivé, dans des réunions d'aumôniers, de citer des faits qui faisaient choc.

Tout a été progressif, de plus en plus concret, de plus en plus engagé en pleine vie, et de plus en plus efficace, parce que les militants ont peu à peu pris toute leur stature, sont devenus des leaders dans leur entreprise ou dans leur quartier.

— Et ces premiers militants, étaient-ils issus de tous les secteurs du monde ouvrier, de toutes les branches de l'industrie, de toutes les catégories ?

— Je vous ai cité un typographe ; à Besançon, il y avait aussi bien sûr beaucoup d'horlogers, assez qualifiés ; des employés aussi... Au total, je pense que la JOC était bien représentative de toute la jeunesse ouvrière d'alors.

CHAPITRE III

Les années 1930 : l'ACJF et la JOC

— Père Béjot, nous avons fait le tour de l'événement qu'a représenté la naissance de la JOC. Mais comment s'est-elle inscrite dans l'ensemble des efforts de l'Eglise à cette époque ?

— Le surgissement de la JOC, et l'engouement qu'elle suscita ne manquèrent pas de poser quelques problèmes.

Les œuvres paroissiales se partageaient alors entre l'ACJF et la FGSPF. L'Association catholique de la jeunesse française, qui devait fêter son cinquantenaire en 1936, promouvait des cercles d'étude, avec la devise « Piété, Etude, Action », qui définissait tout un programme. Ses cercles d'étude comportaient, en effet, une formation spirituelle, l'étude de la doctrine sociale de l'Eglise, pour préparer à l'action, celle-ci orientée vers l'établissement d'un ordre social chrétien. Ainsi concevait-on l'apostolat. Le clergé soucieux de la formation d'une élite choisissait l'ACJF, le clergé plus préoccupé de la masse faisait du patro, celui-ci affilié à la Fédération gymnastique et sportive des patronages de France, la FGSPF.

Certaines paroisses avaient les deux. C'était notre cas à la paroisse Saint-Joseph de Belfort.

La JOC mettait davantage en cause l'ACJF, par sa visée apostolique. Déjà, l'ACJF, sensible à l'urgence qui s'imposait à l'époque, avait entrepris une certaine spécialisation en direction du monde ouvrier. Elle avait suscité des « équipes ouvrières », avec un bulletin spécial, et un responsable au plan national, Jean Mondange, du Comité général.

La JOC venant à naître en dehors de son sein, l'ACJF fit face à l'événement avec ouverture. Le premier signe en fut la négociation qui eut lieu à la Semaine sociale de Nancy, en juillet 1929, entre Pierre Dietsch, du Comité général et mandaté par lui, et l'abbé Guérin. Au terme de cet accord, les « Equipes ouvrières » de l'ACJF se dissolvaient, et Jean Mondange devenait secrétaire général de la JOC. Rien n'était défini quant aux structures des deux mouvements, on verrait bien.

L'accord s'avéra heureux. Jean Mondange fut un excellent secrétaire général de la JOC, et l'autonomie de celle-ci fit école pour d'autres mouvements en train de naître : l'apparition de la JOC ouvrit en effet une ère nouvelle de travail apostolique, particulièrement féconde et exaltante. Ce fut dans les années 1930 et jusqu'à la guerre de 1939, l'éclosion et l'épanouissement des mouvements spécialisés de jeunes : Jeunesse agricole chrétienne (JAC), Jeunesse étudiante chrétienne (JEC), Jeunesse indépendante chrétienne (JIC), voire Jeunesse maritime chrétienne (JMC). L'ACJF en fut le lieu de confrontation, sinon d'élaboration.

— *Comment cela se faisait-il ?*

— L'ACJF tenait chaque année, au mois de novembre, son Conseil fédéral, qui rassemblait, à Paris, les présidents

et aumôniers diocésains, avec le Comité général (président, aumônier, et quelques membres). Ces assises reçurent l'onde de choc de la JOC, dont les slogans constituaient pour elles autant de paradoxes : « Mouvement de masse »... mais comment un mouvement apostolique pouvait-il faire l'économie d'une élite ? « Formation par l'action »... comment admettre qu'une formation préalable ne soit nécessaire pour une action féconde ? « Par eux, avec eux, pour eux »... comment des jeunes du monde ouvrier pourraient-ils se passer d'un enseignement doctrinal venu d'ailleurs ?

Pas d'autre réponse à ces questions que l'expérience même de la JOC. Présidents et aumôniers diocésains en étaient les témoins et souvent les responsables à la base. D'année en année, les « conversions » se firent plus nombreuses. Il ne s'agissait de rien moins que de se lancer à corps perdu. En pleine assemblée, j'entends encore le chanoine Tiberghien, de Lille, interpeller le chanoine Leynaud, de Caen : « Alors, Père Leynaud, avez-vous fait le plongeon ? » Il fallut attendre l'année suivante pour avoir une réponse positive.

Des formules jaillirent parfois, pour sortir des impasses. « Elite, ou masse ? — Elite pour la masse. » « Pêcher à la ligne, ou au filet ? — Il s'agit plutôt de changer l'eau. » « Et qui donc changera l'eau ? — Les poissons eux-mêmes l'assainiront. »

Les assemblées se déroulaient dans une atmosphère très cordiale, voire dans un climat d'euphorie. Car, très vite, les mouvements pour d'autres milieux sociaux prirent naissance et se développèrent. Avec les mêmes postulats, « Formation par l'action », « Voir, juger, agir », ils s'implantèrent rapidement. Enquêtes, journées d'étude, récollections, retraites, leur donnaient consistance, au plan diocésain. Des secrétariats nationaux prirent corps. Bulletins de militants et bientôt journaux de masse s'imposèrent, à l'égal de la JOC. L'ACJF joua le jeu, sans

réticence, se donnant la mission de confrontation, de réflexion, de coordination. Des expériences en précisèrent l'intérêt et les limites.

— *Pouvez-vous en citer des exemples ?*

— Je me souviens de la célébration du cinquantenaire de l'ACJF, en mai ou juin 1936. On avait vu grand. Mais l'événement n'était pas mobilisateur pour les nouveaux mouvements. Le Parc des Princes ne fut pas rempli, et le cadre se prêta mal aux manifestations oratoires prévues. Par contre, au mois de novembre, le Conseil fédéral faisait réflexion sur les événements des mois précédents, grèves et occupations d'usines. C'est un fédéral jociste qui, le premier, prit la parole. Avec son langage ouvrier, il décrivit les moments qu'il avait vécus, solidarité, discipline, respect des outils de travail, espérance, il expliqua les avantages acquis, congés payés, 40 heures, et avec pertinence, les conventions collectives... Et l'assemblée, un peu prise de court, écouta ce point de vue d'un jeune ouvrier comme une information de qualité, et l'accepta dans une large mesure : un élément du monde ouvrier avait donné son éclairage à l'événement.

Je me souviens aussi d'une session d'aumôniers diocésains — c'était en 1938 — sur le milieu de vie, réalité qui avait été perçue, et qui, dans une perspective apostolique, avait provoqué le surgissement des mouvements spécialisés d'Action catholique. L'inspiration en était solennellement approuvée par le Pape Pie XI, dans son encyclique *Quadragesimo Anno* (1931), selon la loi de proximité de la charité : « Les premiers apôtres, les apôtres immédiats des ouvriers seront des ouvriers, les apôtres du monde industriel et commerçant seront des industriels et des

commerçants » (n° 152). On osait parler alors, en toute innocence, de classes sociales, sans être taxé de marxisme ! Pour autant, le chanoine Tiberghien ne fut pas très à l'aise pour en donner une définition. Il s'excusa d'une apparence de tautologie en les définissant : un ensemble de familles classées. Du moins le qualificatif ouvrait un registre où tous les éléments d'une culture pouvaient se retrouver. L'avenir devait se charger de l'enrichir. La session eut alors assez d'intérêt pour faire l'objet d'une brochure intitulée : *Nouveaux chantiers dans l'Eglise.*

En 1938 encore, sous la présidence d'André Colin, le Conseil fédéral se donna pour tâche de définir des structures de liaison ou d'harmonisation entre les sections locales de divers mouvements. On avait surtout en vue les bourgs où la spécialisation posait des problèmes de partage, dans une perspective de pastorale d'encadrement. Ces structures n'ont jamais vu le jour.

Au plan local, j'ai continué jusqu'à la guerre à réunir le comité diocésain, trois ou quatre fois l'an. Il était constitué de deux ou trois responsables par mouvement (JOC, JAC, JEC, JIC), le diocèse couvrant trois départements : Doubs, Haute-Saône, Territoire de Belfort. Ces réunions n'avaient plus rien de statutaire ni d'opérationnel. Mais elles constituaient des rencontres très enrichissantes, très stimulantes aussi pour l'action apostolique de ces responsables qui l'exerçaient dans des conditions tellement différentes. De vrais liens d'amitié les unissaient, et une admiration réciproque dont j'étais le confident. Il faut dire que les rapprochait la même visée apostolique.

— Ce que vous avez connu au plan local, en avez-vous vécu des manifestations semblables à plus grande échelle ?

— Au plan national aussi, ce fut une période exaltante de germination, de croissance, d'épanouissement. Des manifestations marquantes en furent les cérémonies du Xe anniversaire de la JOC, en 1937. Elles firent plus que confirmer la JOC dans sa vocation spécifique, elles témoignèrent de la vitalité de l'Eglise, d'un renouveau qui concernait toute la jeunesse, du bien-fondé de la spécialisation. Les mouvements étaient alors assez solidaires pour se sentir concernés par l'ampleur surprenante de l'événement. Car ce fut un vrai choc, une « révélation » que ce fameux rassemblement nocturne au Parc des Princes de 50 000 jocistes. L'abbé Jean Rodhain, alors aumônier fédéral à Paris, en avait été le maître d'œuvre. Défilés de drapeaux, cortèges folkloriques, chants, chœurs parlés avaient tenu en haleine l'immense assistance, dans un enthousiasme spontané. Le lendemain, la messe était célébrée par un jociste des premières heures devenu prêtre, sur un autel préalablement édifié par tous les corps de métiers. La participation active de l'assemblée ne s'était pas démentie. L'événement fit date, éclipsant la célébration belge de 1935, à Bruxelles.

Durant toute cette période, les mouvements vivaient au même rythme, localement sous la responsabilité d'un unique aumônier diocésain. Oserai-je ajouter qu'ils avaient la même spiritualité, sous le signe de la mission : « Nous referons chrétiens nos frères ». Ils avaient leurs thèmes d'année, « l'enquête campagne », leur fréquentation de l'évangile, le recours aux faits dans leur réflexion « Voir, juger, agir », leurs journées d'étude, récollections, retraites... La formation des militants n'était pas un leurre. Ils prenaient une réelle stature. De vrais responsables surgirent, qui prenaient en charge leur mouvement. Un laïcat majeur s'affirma, incarnant la spécificité de l'apostolat laïc. Le mot spécifique eût d'ailleurs mieux convenu, pour qualifier les mouvements, que le mot « spécialisé ». Celui-ci donnait le change sur leur vrai caractère d'intégralité, et offrait le champ à une « action catholique générale » difficile à définir et à situer. Vertu des mots, qui tourne souvent au piège.

CHAPITRE IV

La révision de vie

— Nous avons survolé les dix premières années de la JOC, ses liens avec l'ACJF, l'éclosion des Mouvements « spécialisés » ; mais à partir de l'apparition de ses premiers militants, la JOC elle-même a-t-elle évolué, pendant cette période faste d'avant la guerre ?

— Oui. Et ce fut passionnant !

Je ne reviens pas sur le congrès du Xe anniversaire, qui fut une révélation : 1937. Il se trouve que dans les années 1936-1937 est venu à la JOC, de la vie à la base, comme un second souffle. 1936, vous connaissez ! le Front populaire au pouvoir, Léon Blum, la grève générale, les occupations d'usines... Les jocistes qui étaient au travail ont vécu l'événement. Un événement qui a eu un retentissement considérable, avec ses menaces et ses risques, avec ses joies intenses, ses exultations. Le monde ouvrier a communié dans un certain nombre d'actions solidaires. La JOC a communié à tout cela. Je pense que 1936, pour les jeunes, a été une introduction dans l'action ouvrière, une entrée dans le combat ouvrier. 1936

a joué, de ce point de vue, un très grand rôle, parce que tout le monde se sentait concerné. Les occupations d'usines ont été très généralisées, les avantages acquis sensibles à tous.

— Les occupations d'usines avaient un aspect révolutionnaire. Comment ont-elles été reçues par l'opinion ?

— Certes, elles ont été ressenties par la bourgeoisie, et par tout le monde pratiquant comme une violation de la propriété, comme une véritable agression. Le cardinal Verdier, archevêque de Paris, a surpris, à l'époque, en les avalisant pour ainsi dire. Par son attitude, et par ses déclarations, il a cherché à apaiser l'émotion, à désamorcer toute répression, à faire admettre comme un état de fait que les travailleurs se sentaient un peu chez eux dans l'entreprise, de par leur travail. Tout cela n'a pas été formulé très explicitement, mais en tout cas, à ce moment-là, l'intervention du cardinal Verdier a été décisive, déterminante.

— Dans de telles circonstances, la JOC avait-elle déjà des interventions publiques, au niveau de ses instances nationales ?

— Non, je n'en ai pas le souvenir. *Jeunesse ouvrière* en a certainement fait état, mais je ne me souviens pas de déclaration à chaud. L'événement dépassait la JOC ; il lui apportait plus qu'elle ne pouvait lui donner. C'est

par son appartenance ouvrière qu'elle en a été marquée, c'est par son enracinement local, à la base, qu'elle l'a vécu.

C'est d'ailleurs de la base qu'un autre apport d'importance a contribué à lui donner son second souffle. Je veux parler de la révision de vie.

Il faut se rappeler qu'au départ, la réunion de section jociste comportait trois temps : la lecture d'Evangile, l'enquête campagne, la révision d'influence. La lecture d'Evangile était une épreuve pour l'aumônier : témoin la parabole du Parisien et du républicain (au lieu du pharisien et du publicain) ! Je veux dire que la lecture était souvent difficile, ânonnante. Mais plus encore, le rôle de l'aumônier se devait d'être discret, tout juste de préciser le sens, donner du relief, pour provoquer l'apport de faits de vie. Expérience, en compensation, de véritables « fioretti ». Les trouvailles étaient émouvantes.

L'enquête campagne était le thème d'année sur le plan national. Elle centrait l'attention, l'observation des faits, sur un aspect de la vie : le travail, le quartier, les loisirs, l'amour... Les faits saillants devaient remonter « au national », c'était la tâche du secrétaire. Et le journal *Jeunesse ouvrière* d'y trouver son butin ! Enfin, la révision d'influence. Là, il s'agissait pour chacun de s'exprimer sur l'influence qu'il avait pu exercer dans la quinzaine précédente. Tour de table assez décevant. On était très court. Initiatives ? Propos tenus ? Et dans cette optique : « Nous referons chrétiens nos frères ! ». Tous les jocistes étaient-ils donc des caïds, des leaders, pour « influencer » leur milieu ? D'aucuns gardaient le silence. Recherche difficile qui terminait mal la réunion...

...Jusqu'au jour où un militant de section s'avisa spontanément d'apporter, non pas des faits d'influence, mais des faits de vie, où il découvrait les richesses de son milieu ouvrier, à l'atelier chez ses camarades de travail, dans son quartier, et même dans sa propre famille, très prolétaire pourtant, et pas du tout « chrétienne ».

Des souvenirs, pour illustrer cela, souvenirs que je garde en mémoire pour les avoir souvent cités déjà !

Ce jeune gars sortait d'une école professionnelle et avait une réelle qualification ; il travaillait dans un atelier d'horlogerie. Il voit un jeune « arpète » qui s'y prend mal dans son travail, « il fait de la limaille ». Il pense à aller l'aider... mais pour cela, il faut arrêter son tour, quitter sa pièce, s'essuyer les mains... pendant qu'il hésite, un camarade l'a précédé, « le plus crapoteux de l'atelier », souligne-t-il. Quelle leçon !... Un jour, rentrant à midi à la maison, la chaussée est en réfection devant chez lui, des travailleurs épandent du goudron. Une déviation est indiquée pour les poids lourds, déviation difficile, en épingle à cheveux. Un camion se présente, qui veut passer quand même... sur le goudron fraîchement épandu ! Altercation. Le camion démarre... un des travailleurs fait barrage de son corps, au péril de sa vie... Respect du beau travail !... En novembre, il annonce : « Mon père a fait sa Toussaint » (comme « on fait ses pâques »). Surprise, on connaissait son père fort loin d'une telle pratique ! Non, son père n'est pas allé à confesse, il n'a pas communié. Non, il n'est pas allé à l'église, ni même au cimetière... mais, chez lui, à la radio, il a fait un tri, il a évincé toute musique ou chanson légère, il n'a pris que des émissions sérieuses.

De tels faits, cités en fin de réunion, changeaient le climat, dégageaient l'atmosphère, donnaient des ailes, pour retourner à la vie « militante » de tous les jours.

Ce fut un changement de regard, dont on recueillit les heureux fruits, avant que d'en justifier l'inspiration. Au lieu de s'examiner soi-même, on découvrait les richesses de son milieu de vie. Autre regard qui impliquait une autre démarche, plus humble, plus vraie, plus réaliste ! Elle fit fortune. Elle se répandit de section en section, quand le militant devint fédéral.

Ce fut ce fédéral qui récusa un jour le terme de

révision d'influence pour parler de « révision de vie ». Ainsi, la « révision de vie » n'est pas une « méthode » conçue au sommet par des éducateurs avisés, et proposée au Mouvement, elle est une inspiration à la base, jaillie de l'expérience de la vie militante, apostolique. On peut lui donner une date de naissance : 1936.

— Mais comment une expérience aussi personnelle et localisée a-t-elle pu retentir si loin, au point qu'aujourd'hui « la révision de vie » est devenue une panacée ?

— C'est là le bienfait d'un Mouvement organisé, disons organique, comme la JOC.

Tout d'abord, l'expérience fit l'objet d'une longue maturation, au plan fédéral et diocésain. Elle ne s'est pas imposée d'emblée, tant s'en faut. Elle fut l'objet de contestation, surtout de la part des aumôniers. Elle était en porte-à-faux par rapport à une saine doctrine. En bref, comment des croyants pouvaient-ils recevoir des incroyants ?

Recevoir du monde ouvrier et me nourrir de ses richesses, j'ai dû moi-même me convertir à cette démarche.

C'est là que j'ai découvert que l'apostolat laïc pouvait nous en apprendre, à nous, prêtres ! J'oserais dire que je me suis formé à l'école de ce militant, devenu fédéral, et bientôt président de la fédération. Ma responsabilité était bien de partager avec lui : il m'est arrivé d'y passer des après-midi entiers du samedi, de quinzaine en quinzaine — un vrai partage, où j'ai appris ce que l'on appelle aujourd'hui l'autonomie du laïcat apostolique, non pas seulement l'autonomie du laïc dans son engagement temporel, ce qui va de soi, mais son autonomie dans l'action apostolique, et même dans l'expression de sa foi chrétienne.

— Pouvez-vous éclairer cela par des souvenirs concrets ?

— Je citerai des réflexions comme celles-ci : « L'imitation de Jésus-Christ... ça ne me dit rien. Le Christ n'est pas à côté de moi, pour que je louche sur lui et que je l'imite, le Christ est en moi. » « Le Christ est dans les copains. » La main sur son carnet de « révision de vie » : « Ça, c'est les quatre évangiles en un seul » (à l'époque, courait en librairie un composé des quatre évangiles). Quant au paradoxe, il en usait largement, « Nous sommes des pauvres types », « Les richesses de la masse »...

Je me souviens d'une retraite de normaliens — élèves de l'Ecole normale d'instituteurs, Ecole qui avant la guerre était encore un véritable séminaire de laïcisme militant — les chrétiens s'y trouvaient dans une situation missionnaire inconfortable. Ils voulurent connaître l'expérience jociste et invitèrent le président fédéral à venir passer une soirée avec eux... Celui-ci, d'entrée de jeu, les interrogea : « — Pour vous, les jocistes, qu'est-ce que c'est ? » Et par un harcèlement de questions, il leur arracha des réponses, pour composer finalement un portrait-robot avantageux du militant, sous le signe du chant de la JOC « Nous referons chrétiens nos frères ».

Alors, après un silence, et un regard outragé : « — Eh bien, non, et non ! Ce n'est pas ça ! Les jocistes sont de pauvres types, qui se mettent à l'école de la masse, pour y rencontrer le Seigneur. » Et d'apporter des faits, à foison, avec la joie d'un moissonneur.

Au terme de cette soirée « historique », où les retraitants décontenancés cherchèrent à retrouver leur souffle, nous avons veillé tard dans la nuit, entre les trois prêtres présents, pour vérifier le paradoxe. Il me fallait la connaissance approfondie de ce baroudeur, pour me constituer garant de son propos, expression d'une expérience vécue, apostolique et spirituelle.

Localement, en tout cas, l'expérience s'affermit : un moral retrouvé, aussi bien dans les sections qu'au comité fédéral, une JOC présente partout, aussi bien dans l'action ouvrière... qu'au bal des conscrits !

— Et à partir de là, comment s'est poursuivie la diffusion de cette inspiration ?

— Cette maturation locale a eu son retentissement plus large par les réunions d'aumôniers, du moins comme je le perçois ; d'abord par une session régionale, en Franche-Comté, où le chanoine Charles Bordet, adjoint et ami du P. Guérin, fut littéralement conquis. Les sessions qui ont suivi, à travers la France, eurent l'écho insistant de ce retournement de perspective. La révision de vie supplanta la révision d'influence. Les « richesses de la masse » devinrent un slogan que les années d'avant-guerre ont mis à l'honneur dans tout le Mouvement.

Pour autant, la démarche prit du temps pour s'imposer. Devenu permanent, à la veille de la guerre, notre baroudeur ne rencontra pas au Secrétariat général l'accord qu'il escomptait, sauf l'appui du P. Guérin et des aumôniers.

Du moins, la guerre ne devait pas arrêter l'engouement d'une révision de vie qui se cherchait, à partir d'un regard désormais mieux orienté. Je me souviens de sessions de militants en 1940, après la débâcle, dans une France coupée en deux par la ligne de démarcation. Démobilisé (à Castres), j'avais rejoint, en première étape, le Secrétariat général en Zone Sud, à Sainte-Foy-lès-Lyon. Dès l'automne, des sessions se sont tenues, à Limoges, à Grenoble, à Annecy... Une session d'aumôniers eut lieu à Lyon, à laquelle le P. Dewitte et le P. Bordet me demandèrent de parler de la révision de vie. Je suis resté très

court sur le fondement doctrinal de la démarche, au point d'embarrasser ceux qui m'avaient fait confiance. Preuve cependant que l'élan était donné et la recherche en route.

La Providence me ménagea un temps de réflexion. Rentré dans mon diocèse, sous l'occupation, sollicité même par le P. Guérin pour accepter une responsabilité régionale, ma santé fléchit à faire des parcours à bicyclette et contre la montre pour attraper les trains : plus d'essence pour les voitures ! Les temps étaient changés !

Promu curé de campagne en Haute-Saône, je fus ainsi favorisé d'une double année sabbatique, comme pasteur de 250 paroissiens, — en deux villages — dont un petit tiers de pratiquants. J'apportai la même démarche « apostolique », apprise de la JOC, dans mon ministère, cette fois en monde rural. Cela me valut deux années de découvertes, dont je garde le plus grand souvenir.

Mes paroissiens ne furent pas insensibles à l'attitude insolite de leur curé. Je m'en aperçus lors de la visite d'un jociste, en quête de ravitaillement, et qui passa la journée à parcourir le village pour trouver des œufs. A l'heure de midi, il s'en vint au presbytère, et me rapporta ce propos, tenu en manière d'éloge, par une maman de prisonnier, que je n'avais jamais vu à l'église : « Oh, notre curé, qu'on pratique ou qu'on ne pratique pas, ça lui est égal ! » Dans l'occasion, je m'empressai de rétorquer : « Surtout, ne va pas rapporter cela à l'archevêque ! »

Visite d'une autre inspiration, celle de l'abbé Henri Godin, natif d'un village voisin, Audeux, et qui venait tout droit du Secrétariat général, où le P. Guérin se l'était adjoint, comme aumônier fédéral de Paris Nord. Il avait déjà produit ses petits livres de méditations évangéliques qui ont connu un si grand succès dans le monde des aumôniers et des militants. Bonne journée d'échanges dans une amitié confiante.

Autre visite, celle du P. Guérin lui-même. Il venait me demander une intervention à la session d'aumôniers qui

devait rassembler, avenue Reille, à Paris, en septembre 1943, les aumôniers fédéraux de toute la France. La ligne de démarcation n'existait plus depuis l'occupation généralisée qui avait répondu au débarquement des Alliés en Afrique.

Il s'agissait de décrire « la méthode fondamentale » de la JOC dans cette perspective : « Partir des ressources de la masse, pour la faire agir chrétiennement ». L'énoncé avantageux vaut d'être remarqué ! En fait, il ne s'agissait de rien moins que d'un témoignage réfléchi et fondé en doctrine, sur la révision de vie. Aventure audacieuse, que je n'ai pas récusée. Le texte en a paru intégralement dans la première livraison de *Masses ouvrières*, en 1944, livraison hors série avant le n° 1 de la collection (1). Il m'a d'ailleurs valu quelques ennuis que j'ai rapporté lors du 300e numéro de la revue...

— Pouvez-vous préciser quels ennuis ? A quel climat de l'époque correspondaient-ils, et se sont-ils répercutés longtemps dans votre « carrière » d'évêque ?

— Ce texte a trouvé place dans mon dossier, lors de ma proposition à l'épiscopat, par la sollicitude d'un censeur, inquiet sur ma doctrine. Ce dossier, bien sûr, m'a suivi tout au long de ce que vous appelez ma « carrière »... pour m'éviter un siège résidentiel d'évêque, en plusieurs occasions.

L'aventure est assez pittoresque pour qu'elle interrompe un instant notre dialogue. Le censeur était de la même famille religieuse que le Père Teilhard de Chardin. Est-ce

(1) Revue éditée par les aumôneries nationales de la JOC-JOCF et de l'ACO. Voir page 101.

cette parenté qui lui fit faire un rapprochement entre ma doctrine et celle de l'éminent jésuite ? Toujours est-il que j'avais l'imprudence dans ce texte, sinon l'impudence, de parler de « milieu » à propos de la Trinité... ce qui était « à coup sûr », une référence à l'étude du Père sur « le Milieu divin », étude qui, à l'époque, circulait sous le manteau en pages polycopiées, sans la faveur du Magistère. Or, j'en étais simplement à faire un rapprochement entre personne et milieu de vie, pour la formation des militants, et Personnes et milieu trinitaire, rapport définissant les Personnes divines comme relations subsistantes au sein de l'Unité de nature. C'était bien Maurice Zundel qui m'avait inspiré, et non pas Teilhard de Chardin ! Mais toutes ces honorables compagnies ne me déplaisent pas ! Elles m'auront préservé de responsabilités redoutables, et mes assujettis éventuels, d'un joug mal ajusté.

Mais revenons, si vous le voulez bien, à la session de septembre 1943, avenue Reille.

Mon exposé, favorisé de la présence du cardinal Suhard, se trouva, du même fait, frustré d'une discussion, l'intervention du cardinal, en fin de séance, en tenant lieu.

Mais la question rebondit curieusement le lendemain. Un autre sujet d'actualité était en effet traité par un professeur du tout jeune séminaire de la Mission de France, qui démarrait à Lisieux. Il s'agissait de l'équilibre à trouver entre la prière et l'action, chez les aumôniers jocistes surchargés de travail. A partir de l'ouvrage de Dom Chautard : *L'Ame de tout apostolat*, ce débat, toujours d'actualité, se trouvait en piste très loin de sa ligne d'arrivée. Du moins la Mission de France, dans sa grâce baptismale, devait avoir la solution.

Or l'exposé laissa l'assistance insatisfaite. Et le débat languit jusqu'à l'heure de midi. A mon rang de curé de campagne, j'hésitais à crier mes évidences. Mais quand le P. Guérin fit mine de lever la séance, je demandai la parole. Ma conviction s'était renforcée récemment au

cours d'une retraite que j'avais faite à la Trappe d'Acey, et où j'avais découvert un bouquin éclairant d'un trappiste, le P. de Besse, sur « l'oraison de foi ». Action et contemplation s'y trouvaient si bien associées qu'il retint très fort ma réflexion, jusqu'à découvrir qu'il décrivait la révision de vie ! Fort de ce témoignage, j'intervins donc pour m'étonner que personne des aumôniers chevronnés présents n'ait apporté la révision de vie comme solution au problème posé. En quelques mots, je situai la révision de vie dans cette perspective.

La séance fut levée dans un certain émoi, et je fus sollicité par plusieurs de tenir séance improvisée, après le repas... au Parc Montsouris !

Cette année 1943 me paraît marquer l'adhésion irréversible de la JOC à la révision de vie, comme expression de sa démarche missionnaire. Il s'agit de bien plus que d'une « méthode fondamentale », voire d'une doctrine à soumettre à l'agrément des théologiens, mais d'un regard de foi, à la rencontre du Seigneur en œuvre de Salut dans le monde, agissant au cœur de tous les hommes.

CHAPITRE V

La JOC et l'expérience des prêtres ouvriers

— Vous avez évoqué la Mission de France ; à la même époque, me semble-t-il, a commencé l'expérience des prêtres ouvriers : la JOC a-t-elle été dans le coup ?

— Non. Ces expériences, quoique de même inspiration missionnaire — climat d'époque —, ont été absolument distinctes.

La « Mission de France » eut comme inspirateur le cardinal Suhard, dans le double souci, face à la « déchristianisation » de la France, d'une péréquation du clergé entre diocèses riches et diocèses pauvres en prêtres, et d'autre part, de la constitution d'équipes sacerdotales qui auraient certaines franchises, pour une pastorale inventive, dans les milieux particulièrement déchristianisés. Le cardinal pensait autant, et plus, au monde rural, dont il avait perçu les besoins, comme archevêque de Reims. La JOC n'était pas concernée.

Pour l'expérience des prêtres ouvriers, dont l'abbé Henri Godin fut l'inspirateur, la JOC se trouva concernée indirectement par l'impact de cette initiative en monde

ouvrier. Mais elle le reçut plutôt comme un désaveu. Je l'ai ressentie moi-même ainsi, à son origine. J'en peux témoigner ! En effet, à cette même session de septembre 1943, l'abbé Godin, qui y participait au titre d'aumônier fédéral, m'accrocha le premier jour, après le repas de midi, pour me confier où il en était de ses réflexions. Il venait de faire paraître sa fameuse enquête, menée avec Yvan Daniel, sous le titre percutant : *France, pays de mission ?* En bref, elle révélait, cette enquête, avec des faits et des chiffres à l'appui, que la France n'était plus une chrétienté, que la clientèle paroissiale qui absorbait l'activité du clergé, ne représentait qu'une faible proportion de la population, et cela, en plein Paris, dans les meilleures paroisses — que le monde ouvrier en était absent... Le cardinal Suhard en fit une insomnie !

Mais, de surcroît, son expérience d'aumônier jociste donnait à l'abbé Godin le crédit d'une perception très réaliste du monde ouvrier, et l'acheminait à des conclusions qui, dans l'occasion, me prirent à contre-courant ! Il m'en saisissait juste avant l'exposé que je devais faire sur les « richesses de la masse » pour fonder « la méthode fondamentale »... et voilà qu'il me représentait le monde ouvrier comme un prolétariat massivement déshumanisé, démuni, pauvre en ressources humaines, prévenu contre l'Eglise, contre « les curés » ; il fallait que les prêtres « retroussent les manches », aillent à l'usine pour faire le poids, les laïcs n'y pouvaient suffire.

Je reçus très mal cette présentation. D'une part, elle me paraissait contradictoire avec l'expérience qui allait servir de fondement à mon exposé. D'autre part, je subodorais là un certain cléricalisme, par manque de respect de la mission du laïcat.

Nous avons donc discuté ferme, au point que le P. Guérin est venu nous rappeler aux exigences du moment : tout le monde, dans la salle, attendait le conférencier !

Pour la première fois, nous n'étions pas d'accord, et cela

nous peinait, l'un et l'autre. J'en garde d'autant le souvenir, que ce fut notre dernière rencontre : l'abbé Godin mourait accidentellement au mois de janvier de l'année suivante.

L'inspiration du P. Godin rencontra l'agrément du cardinal Suhard, hanté par sa sollicitude pastorale vis-à-vis d'un diocèse qui débordait largement, à l'époque, la ville de Paris. Les premiers prêtres ouvriers constituèrent la « mission de Paris », sous la responsabilité directe de l'archevêque. Le cardinal Liénart à Lille, le cardinal Gerlier à Lyon couvrirent la même expérience.

La JOC resta sur la réserve assez longtemps. J'en peux témoigner par un autre événement, daté fin juillet 1947.

Je venais d'être nommé évêque auxiliaire de Besançon. Et je me trouvais le premier aumônier jociste à accéder à l'épiscopat. Bien sûr, le P. Guérin n'a pas manqué d'avoir recours à moi pour une session d'aumôniers de base qui se tenait au Collège des Pères eudistes de Versailles. Il y avait là un millier de prêtres. Cardijn était présent. J'ai simplement donné mon témoignage sur les découvertes que m'avait fait faire la JOC : renouvellement du regard de foi, éclairage que donnait la révision de vie, changement d'optique pastorale... mais j'ai mentionné, d'une manière allusive, l'expérience en cours, des prêtres ouvriers, pour encourager les aumôniers jocistes dans la mission de susciter et « d'assister » des militants laïcs. Quelques prêtres ouvriers étaient dans la salle, et naturellement, à la reprise de séance, ils n'ont pas manqué d'intervenir. Or, même si j'ai convenu n'avoir pas abordé au fond, leur mission, les permanents des deux mouvements, JOC et JOCF, sont venus au micro, pour revendiquer le rôle irremplaçable du laïcat ! Ils ressentaient encore l'initiative des prêtres au travail comme un désaveu.

— Cette attitude a-t-elle évolué ?

— Les réserves des jocistes vis-à-vis des prêtres ouvriers se sont maintenues, *grosso modo,* durant plusieurs années. Il a fallu en fait, la décision de Rome, en 1954, de suspendre l'expérience pour qu'ils perçoivent le retentissement en monde ouvrier de leur retrait, et pressentir le rôle très différent du leur qu'ils pouvaient remplir, pour une reconnaissance de l'Eglise en classe ouvrière.

Personnellement, je n'ai pas attendu aussi longtemps. L'expérience, que j'ai suivie de près, par des prêtres de mon diocèse et par d'autres, diocésains ou religieux, au plan national, m'a fait entrer davantage dans la perception des réalités qui l'avaient inspirée. Des échanges, en tête-à-tête ou collectifs, m'ont révélé les attitudes paradoxales qu'exigeait leur vocation singulière (ou mieux, spécifique) : refus de tout ministère, non pas seulement d'assistance à un laïcat militant, jeune ou adulte, mais de service sacramentel, refus de donner à croire au monde ouvrier qu'ils étaient parachutés par l'Eglise honnie, pour le « récupérer ». Je me souviens de l'un d'eux racontant comment il avait refusé à une femme de son quartier de baptiser son enfant, malgré ses instances, à l'insu de son mari : quelques mois après, le mari, mis au courant du refus par sa femme, venait le remercier en copain reconnu ! Ainsi leur mission m'est apparue progressivement se situer au niveau de la crédibilité de l'Eglise en monde ouvrier. Celui-ci, prévenu contre l'Eglise établie qu'un long passé lui a fait voir compromise avec l'argent et le pouvoir répressif, ne peut retrouver l'Eglise vivante que sur nouveaux frais. Le prêtre ouvrier se veut témoin d'une Eglise autre, présente et solidaire, sans rejeter ses liens avec l'Eglise de toujours. Les « curés » deviennent crédibles, quand leur vie, toute transparente par le partage de son destin, est vouée à la classe ouvrière, voire à

sa libération, expression la plus tangible de la Bonne Nouvelle.

Alors que le « projet » de la JOC est directement de mettre à la portée des jeunes travailleurs l'expérience de la Bonne Nouvelle, pour leur révéler le Christ, le « projet » des prêtres ouvriers se situe à un niveau plus modeste, liminaire pour ainsi dire : restaurer l'image de marque d'une Eglise, récusée par le poids d'une longue histoire, et qui se veut pourtant Sacrement de la Bonne Nouvelle.

Cet hiatus entre deux expériences distinctes s'est trouvé entretenu par le partage entre deux instances épiscopales différentes, de leur prise en charge par l'Eglise, en France. Avant le Concile, l'ACA, Assemblée des cardinaux et archevêques, était l'instance nationale de l'épiscopat, communément reconnue. Elle créa, en 1950, une Commission épiscopale du monde ouvrier, à laquelle m'associa son responsable, Mgr Guerry, dès son début. Or cette commission a restreint son champ de tutelle aux seuls Mouvements d'action catholique, JOC, JOCF, ACO.

L'expérience des prêtres ouvriers restait sous la responsabilité directe du cardinal Feltin, successeur du cardinal Suhard. Il m'est arrivé à deux reprises d'exprimer à Mgr Guerry ma surprise que notre commission « du monde ouvrier » se désintéressât des prêtres ouvriers. Celui-ci m'a opposé un refus réitéré, soit qu'il fût personnellement réservé par rapport à l'expérience, soit qu'il n'ait pas voulu aller sur les brisées du cardinal Feltin, qui, d'ailleurs, partageait les vicissitudes de l'entreprise avec les cardinaux Liénart et Gerlier.

Quoi qu'il en soit, la suppression de 1954 a été unanimement ressentie comme une épreuve douloureuse, et comme un contre-témoignage dans l'effort d'évangélisation de la classe ouvrière.

Maintenant que l'expérience est reprise et amplifiée, il demeure qu'un permanent effort de compréhension mutuelle est à poursuivre, tant à la base qu'aux instances

responsables, — en deçà d'une collaboration institutionnelle, utopique et même non justifiable — pour que prêtres ouvriers et Mouvements d'action catholique (aumôniers et militants) communient dans la même découverte du travail de l'Esprit au sein de la classe ouvrière, et dans le même respect de Son action, prévenante, insistante... autant que patiente, pour y faire naître l'Eglise visible, à travers tous les liens d'une solidarité vécue.

— A vous entendre, on imagine mal comment Rome a pu interrompre une expérience aussi missionnaire. Quelles raisons a-t-elle données de sa décision ?

— Ce que j'ai reconnu moi-même avoir eu du mal à comprendre, ce que des milieux catholiques ouverts comme la JOC n'ont pas perçu, il est explicable que Rome, éloignée du champ d'opération, y soit restée réfractaire. Ce ne fut point, certes, par respect du laïcat. Mais l'expérience allait à l'encontre de toutes les idées reçues sur le prêtre. Le prêtre, arraché au monde et mis à part pour le service de l'Eglise, ne pouvait se commettre à travailler à l'usine. C'était pour lui, à la fois, perdre de son caractère sacré, et encourir des risques pour sa foi. L'expérience a prouvé que le risque existait, par manque de préparation, face à un véritable changement d'univers. Surtout, Rome ne pouvait admettre que le prêtre, ministre des biens spirituels, par vocation, prétendît s'abstenir de tout ministère : c'était se nier lui-même, et attenter à la doctrine du sacerdoce.

La décision intervint, sans appel.

Je me souviens d'une soirée cruciale, au couvent de Saint-Jacques, en compagnie du P. Chenu et de deux de ses frères dominicains prêtres ouvriers. Outre que la formulation même de la décision romaine fut sommaire et maladroite, l'argumentation qu'elle présentait n'était pas crédible, pour un théologien de la taille du P. Chenu.

Les trois cardinaux Feltin, Liénart, Gerlier s'en furent à Rome pour défendre l'expérience dont ils avaient assumé les risques. Le pape Pie XII, pour qui la cause était entendue, mit quelque résistance à les recevoir. Il se laissa arracher un compromis, après le délai d'un nouvel examen : les prêtres pourraient consacrer trois heures par jour au travail en usine, temps maximum qu'ils étaient autorisés à distraire de leurs obligations et de leurs tâches sacerdotales. Le compromis n'était pas viable, le travail à temps partiel ne pouvant asseoir le crédit du prêtre en monde ouvrier.

Dix ans après, le Concile se chargeait d'approfondir la théologie du sacerdoce ministériel, et de ménager le créneau qui rend acceptable ces situations d'exceptions. Il faut toutefois reconnaître que ce créneau fut difficile à consentir par d'autres épiscopats que celui de France. Mgr Marty, alors archevêque de Reims, comme responsable de la commission conciliaire chargé de la rédaction du décret *Presbyterorum Ordinis* concernant le prêtre, dut user de toute sa force de conviction pour obtenir que soit mentionné le partage de la condition ouvrière, par le prêtre, partage favorisé de la qualification de ministère — et là où l'autorité compétente le jugeait opportun (*P.O.*, n° 8).

C'est à la fin de la dernière session du Concile, en 1965, que Mgr Veuillot, alors coadjuteur de Paris, obtint de Rome la reprise de l'expérience. Elle concerne actuellement, en France, plus de 400 prêtres.

CHAPITRE VI

Les années 1950 : épreuves et maturation

— Nous en sommes arrivés aux années 1950. Comment la JOC a-t-elle vécu cette période qui a précédé le Concile ? Devenu évêque, êtes-vous resté en lien avec elle ?

— Il est certain que mes rapports avec elle furent moins immédiats, plus circonstanciels. Il m'est arrivé pourtant d'être appelé à animer des récollections ou des retraites des permanents du Mouvement, ce qui comportait une reprise de contact de qualité avec ses responsables.

Je vous ai dit aussi que dès 1950, j'ai fait partie de la Commission épiscopale du monde ouvrier. A cette époque, mon archevêque, Mgr Dubourg, m'a fait part du désir de Mgr Guerry de me compter parmi les membres de la Commission qu'il était chargé de constituer. Nous étions alors peu nombreux : Mgr Ancel, Mgr Courbe, Mgr Renard, alors évêque de Versailles. J'ai été chargé bientôt de la représenter auprès de la Commission de la jeunesse, autre commission épiscopale, celle-là chargée de la jeunesse. Ces deux commissions avaient du mal à se situer l'une par rapport à l'autre, en ce qui concerne la JOC

particulièrement. Cette Commission de la jeunesse s'était proposé de redonner vigueur à l'ACJF. C'était une vue qui paraissait bien raisonnable : je vous ai dit comment jusqu'en 1939, au plan local, diocésain, j'avais obtenu une rencontre périodique des responsables de ces différents Mouvements spécialisés. J'en garde le meilleur souvenir, et tous les participants en ont effectivement beaucoup profité. Toutefois, cette rencontre était relativement gratuite, en ce sens qu'on ne se donnait pas d'autre but que des rapports d'information mutuelle, des rapports d'amitié entre responsables de différents milieux.

Mais, dans les années 1950, l'ACJF existait toujours au plan national : elle avait ses aumôniers généraux, elle avait son président, et on comprend qu'elle ait eu le souci de faire que tous les Mouvements spécialisés gardent entre eux des rapports réguliers. Effectivement, ces rapports étaient suscités par le président et par l'aumônier général.

Les rapports se sont révélés de plus en plus difficiles entre les différents Mouvements, difficiles surtout à cause d'un clivage qui s'établissait entre la JAC et la JEC d'une part, la JOC et la JIC d'autre part. Ce clivage venait, me semble-t-il, de ce que les Mouvements avaient évolué assez différemment depuis la guerre. Ils avaient pris une complète autonomie, avec un responsable national, des aumôniers généraux dans chaque Mouvement, chacun étant sollicité par les besoins, les situations, par les réflexes de son milieu.

Ces Mouvements ayant évolué d'une manière assez différente, lorsqu'ils se retrouvaient, au niveau des responsables, ils ne parlaient plus le même langage. Je n'ai pas assisté à ces réunions, mais j'en avais l'écho par les aumôniers et les responsables de la JOC. C'est dans cette conjoncture que la Commission de la jeunesse avait sollicité la Commission du monde ouvrier de déléguer un de ses membres auprès d'elle.

J'ai eu là une expérience assez difficile. C'est que, dans

ces réunions, j'avais le sentiment que la JOC apparaissait toujours en accusée : elle était sectaire, elle n'acceptait pas cette sorte de collaboration institutionnelle avec les autres Mouvements...

La JOC n'entrait pas dans le jeu. Elle faisait figure de sectaire parce qu'elle n'acceptait pas une sorte de structure qui la « chapeauterait ». Elle avait souci de son autonomie qui lui paraissait imprescriptible, étant donné sa mission apostolique auprès de la jeunesse ouvrière. Elle récusait comme d'instinct une structure contraignante, de caractère national, et puis confessionnel par surcroît. L'ACJF, Association catholique de la jeunesse française, avait ce double caractère... Dans la mesure où elle voulait se donner plus de consistance, elle l'accusait davantage.

La JOC n'était pas d'accord ; elle ne se voyait pas obligée d'ajuster ses thèmes d'enquête et ses activités à ceux et celles d'autres Mouvements dans un cadre national, cadre temporel qui se voulait, de surcroît, confessionnel...

Au fond, je crois que les Mouvements avaient pris effectivement, — et cela s'est bien vérifié par après — des orientations très différentes. Je dirai — je serai peut-être contesté, mais enfin c'est mon sentiment — que la JAC et la JEC étaient revenues à l'époque, d'une certaine manière, à une optique d'efficacité temporelle, sous la couverture de l'idéal chrétien, retour à l'ancienne ACJF.

Personnellement, je ne reconnaissais pas dans la JAC des années 1950, celle à laquelle je m'étais voué avant la guerre. Ce mouvement, qui se voulait à la fois mouvement d'Eglise et mouvement de jeunesse, avait fait ses choix, ses options, sur le plan temporel. Vous ai-je parlé déjà de cette « réflexion chrétienne » qui avait cours dans les Mouvements ruraux, et qui tenait lieu de révision de vie ? En réalité, l'optique n'était pas du tout la même. Une réflexion chrétienne sur l'action menée, c'était trouver dans l'évangile des raisons de son choix, y trouver confirmation de ses initiatives. C'est une autre démarche, en

vérité, que la « révision de vie » qui est une démarche de découverte dans la vie et dans le milieu de vie, une découverte du Christ en action, en train d'agir au cœur des personnes. Il ne peut échapper que « la réflexion chrétienne » se tient sur le plan des problèmes à résoudre, tandis que « la révision de vie » se tient sur le plan des personnes engagées, habitées par le Christ. Si bien que, spontanément, sans trop savoir pourquoi, tout ce monde-là ne parlait pas le même langage.

Je constatai, par l'aumônier général de la JOC et par les permanents concernés, que ces réunions d'où ils venaient leur paraissaient un quiproquo intolérable : les mots n'avaient pas le même sens, c'était vraiment très difficile de s'entendre. Les Mouvements avaient pris de la distance les uns vis-à-vis des autres ; comment, à partir de là, prétendre tracer une accolade, faire un faisceau, prévoir une structure permanente où les différents Mouvements auraient à rendre compte et à ajuster leur action les uns avec les autres ? La tension s'est aggravée progressivement. Finalement, je crois que c'est en 1958, que la rupture a été consommée. L'ACJF a renoncé à une existence propre.

— D'aucuns ne l'ont-ils pas regretté ?

— Certes. Je me souviens de la Semaine sociale de Reims, en 1960, où l'événement était relativement récent, et qui portait justement sur la jeunesse. Des anciens de l'ACJF, qui m'étaient très chers par tant de souvenirs communs, engagés les uns et les autres sur le plan politique, social, universitaire, ou dans la presse, étaient très amers sur cette disparition, et ils s'en prenaient au sectarisme de la JOC.

Je pense que les présidents et aumôniers de cette période cruciale ont eu un certain mérite, et en tout cas,

une grande clairvoyance, en n'acceptant pas de composer sur la visée apostolique et missionnaire de la JOC.

La JOC se veut un mouvement d'Eglise. Sans doute est-elle un mouvement de jeunesse, dans un sens, tout en cherchant pourtant à ne pas faire nombre, en monde ouvrier, avec d'autres jeunesses : elle continue à vouloir s'adresser à toute la jeunesse travailleuse, à tous les jeunes travailleurs. Les engagements peuvent être très divers (le monde adulte en donne un témoignage encore plus décisif). La JOC refuse de se situer au niveau d'une option temporelle, même si, aujourd'hui, elle proclame son adhésion au socialisme ! Ce n'est pas là un préalable, c'est plutôt un constat, du fait que, dans le monde ouvrier, on est socialiste. C'est un fait, la JOC ne se donne pas pour but de faire du socialisme. Elle exprime sa foi dans le langage de son milieu. Qui n'en fait autant, quoi qu'il en veuille ?

La JOC se donne pour but de rejoindre les jeunes travailleurs pour les rendre participants de la Bonne Nouvelle, et participants de l'Eglise à naître en monde ouvrier. C'est cela sa finalité, son objectif direct. Bien sûr qu'en milieu ouvrier, cet objectif se trouve coloré par des choix, la lutte ouvrière, le combat ouvrier. Tout cela, on ne peut en faire l'économie. Tout cela intervient dans la vérité de l'engagement. Mais cela n'est pas un but que se donne la JOC.

Voilà qui est assez délicat, et difficile à percevoir pour qui n'est pas dans le coup, directement, et ne participe pas à ces contacts et à ces échanges en monde ouvrier.

Avec le recul du temps, je pense que la disparition de l'ACJF n'est pas une catastrophe. En cela je ne partage pas les vues de René Rémond (1). Elle fut plutôt un signe

(1) Historien, ancien président de l'université de Nanterre, René Rémond a été secrétaire général de la JEC (1946-1947) et vice-président de l'ACJF (1946-1949).

des temps, la prise en compte, dans la foi, de clivages qui dépassent les frontières nationales, et qui intéressent le Royaume au plan universel. Elle fut une échéance qu'il était grand temps d'honorer, échéance d'un « ordre social chrétien » à l'échelon d'une nation, celle-ci fût-elle la « fille aînée de l'Eglise »... pour l'avènement d'une Eglise qui assume la diversité des cultures et l'affrontement des civilisations.

Il est patent que la JOC se veut ouvrière, par la prise de conscience aiguë du contenu de libération et de promotion que comporte la Bonne Nouvelle en monde ouvrier. Un palier de « collaboration de classes » est incongru dans une optique apostolique, surtout au plan national, niveau privilégié du politique. Une structure aussi ambiguë n'est supportable par aucune institution qui se veut d'Eglise ; la discussion est largement dépassée aujourd'hui. Autant jocistes et jicistes trouvent d'intérêt à se lier d'amitié sur le plan apostolique, en se reconnaissant différents dans leurs responsabilités propres vis-à-vis de leurs milieux, autant ils appréhenderaient de devoir se rencontrer sur les problèmes de société qui les opposent. La pratique du Pavillon du Lac, à Lourdes (2), me rend évidente de telles affirmations, leurs contraires me paraissent insoutenables.

— Y a-t-il eu, dans ces années 1950, d'autres difficultés à surmonter pour la JOC ?

— A partir du moment où la JOC devenait partie prenante du combat ouvrier, le problème de l'appartenance

(2) Un service assuré en commun par plusieurs mouvements d'Action catholique ; voir chapitre IX.

syndicale revêtait de l'importance... et cela de deux façons : d'une part la CFTC (Confédération française des travailleurs chrétiens) pouvait prétendre voir entrer dans ses rangs les jocistes et bénéficier de leur action apostolique ; d'autre part, les aumôniers pouvaient urger auprès des militants l'obligation de choisir l'organisation syndicale chrétienne.

Ces deux « propensions » ont existé, très tôt dénoncées par les faits.

Il était difficile, pour un militant CFTC d'admettre que l'action apostolique des jocistes puisse être différente de la sienne, car lui aussi avait l'esprit apostolique. Je me souviens en avoir discuté avec un de ces militants, de grande qualité, avec qui je m'entendais fort bien. J'essayais de l'amener à distinguer entre action syndicale et action missionnaire. « Ton action syndicale, lui disais-je, tu penses que c'est de l'action catholique ? » Et lui de me regarder avec de grands yeux, interrogatifs : « Eh bien alors, si ce n'est pas pour le Bon Dieu que j'accepte la vie que je mène ? » J'étais d'autant plus ému qu'il venait de me dire qu'avec son salaire de permanent, il ne pouvait payer des cerises à ses gosses, en pleine saison.

Dans une telle conjoncture, la gêne ne pouvait manquer de régner, et prendre figure de scandale, si d'aventure, les jocistes s'affiliaient à la CGT.

Du côté des aumôniers, la question se posait, aiguë. Comment admettre de bon cœur, que des fédéraux, familiers de leurs aumôniers, les bravent en toute sérénité, pour adhérer à la CGT, tenue dans leur esprit pour une succursale du Parti communiste ! Pourtant, c'est un fait que, souvent, dans leur entreprise, ils n'avaient pas d'autre choix ; et leur action les menait impérativement à adhérer au syndicat existant. Pour eux, ça ne faisait pas de question. Comme évêque, j'ai étonné des aumôniers en paraissant ne pas faire de cas de leurs scrupules : le respect du laïcat devait aller jusque-là.

Au plan national, le problème se posa dans les mêmes termes, et fut traité de même façon — de quoi inquiéter la commission épiscopale, où la question retentit à plusieurs reprises, occasion d'approfondissement au sujet de « l'engagement temporel », réflexion à laquelle Mgr Guerry apporta ses vues prophétiques. Il se trouve qu'à la même époque, Mgr Guerry avait dû remettre sur les rails apostoliques le mouvement adulte, en favorisant son nouveau départ sous le signe de l'ACO. Il avait rendu sa liberté au Mouvement populaire des familles qui s'était situé sur le plan temporel, dans une optique de civilisation, et il avait réfléchi aux exigences d'un mouvement apostolique en monde ouvrier. Ces exigences tenaient en trois mots : engagement, regroupement, évangélisation. Il n'est pas hors d'actualité de rappeler aujourd'hui ces exigences qui ont éclairé la route de l'ACO.

L'engagement était une exigence de crédibilité en monde ouvrier. Pour être crédible, le chrétien devait être engagé dans le combat ouvrier, si modeste que soit son concours — mais son choix lui appartenait de l'organisation ouvrière à laquelle il se vouait.

Le regroupement était l'exigence d'accueillir dans la même équipe de base des militants engagés différemment, la différence étant un droit à respecter dans l'option de chacun sur le plan temporel — et dès lors que tous communiaient dans le même projet d'être témoins de la Bonne Nouvelle pour leurs frères ; ce projet commun étant la troisième exigence, l'évangélisation du monde ouvrier.

Mgr Guerry ménageait ainsi la liberté des choix temporels qui ressortissent à la responsabilité de chacun dans sa stature de personne humaine, et le caractère ecclésial de l'équipe se situant au niveau de la mission apostolique. Il assurait l'avenir d'un laïcat d'Eglise en monde ouvrier.

Forte de ses arrières, la JOC demeurait en première ligne. Elle recevait les coups — suspicion, dénonciation,

procès d'intention. Le chanoine Grenet, aumônier général, a fait face à ces difficultés avec un courage et une constance qui ont passé pour du sectarisme. Après lui, l'abbé Zinty a maintenu le cap avec la même fermeté. Les présidents de l'époque ont eu l'instinct des positions à tenir, sans qu'ils sachent toujours expliciter leurs raisons en des termes valables pour leurs interlocuteurs. Eux aussi paraissaient obstinés et intraitables. Ce qui était en jeu n'était rien moins que la visée apostolique de la JOC. La révision de vie les tenait en familiarité avec l'action prévenante du Seigneur dans le cœur de leurs camarades. Les ajustements de structures leur paraissaient dérisoires. Les règles préétablies de comportement confessionnel n'avaient sur eux aucune prise. Ils avaient en somme une maturité que les années 1960 devaient leur reconnaître, en avalisant toutes leurs intuitions.

CHAPITRE VII

Vatican II : heure de vérité pour la JOC

— Les années 1960 auxquelles nous arrivons ont été celles du Concile Vatican II. De ce Concile, auquel vous avez participé, Père Béjot, on a dit qu'il avait largement consacré les intuitions de l'Action catholique. L'avez-vous perçu ainsi ?

— Le Concile m'a révélé que l'événement de la JOC, cette création de Cardijn, n'avait eu encore qu'un impact fort limité dans l'Eglise universelle. Ce qui, par rapport à mon expérience, en France et de l'intérieur de la JOC, n'a pas manqué de me surprendre.

Nous avions eu, dès l'abord, l'approbation chaleureuse de Pie XI. Dans sa première encyclique, il avait souligné le divorce entre la religion et la vie, appelant les chrétiens à prendre le monde à bras-le-corps pour le transformer ; voulant que la foi inspire l'action des chrétiens, c'est lui qui avait parlé d'Action catholique. Donc l'expérience de Cardijn entrait en correspondance avec son souci majeur.

Je me souviens de son message pour le Xe anniversaire de la JOC de Belgique, en 1935 ; 80 000 jocistes étaient

rassemblés au parc de Heysel, et le message du pape pour eux était de pleine approbation, présentant même leur expérience comme exemplaire. Pie XI a renouvelé les mêmes encouragements aux dix ans de la JOC française, en 1937. On voyait encore que la JOC avait servi d'exemple aux mouvements des différents milieux sociaux, selon l'intuition du pape et de Cardijn : le premier apôtre de l'ouvrier sera l'ouvrier, le premier apôtre du paysan sera le paysan.

Pie XI était mort en 1939 ; son successeur, Pie XII, a exprimé les mêmes approbations. Encore que l'on ait eu parfois quelque inquiétude ; devenu évêque, en 1947, j'ai fait mon premier voyage à Rome, avec mon archevêque, Mgr Dubourg. Nous avions recueilli l'impression des évêques français que Pie XII était en retrait par rapport à l'Action catholique : Pie XI avait défini l'apostolat des laïcs comme une participation de ceux-ci à l'apostolat de la hiérarchie, et Pie XII avait substitué le terme de collaboration à celui de participation. Et Mgr Dubourg eut la sainte audace filiale de faire part de ces inquiétudes au pape.

Pie XII, qui était très sensible, a comme bondi de son siège, a été très véhément pour dire que loin d'être une atténuation, le mot de collaboration exprimait beaucoup mieux que le laïc avait un devoir différent de celui du prêtre, que de plus ce terme était beaucoup plus biblique que celui de participation. Pie XII se référait à l'épître de Paul aux Philippiens, lorsqu'il les salue au nom de ses collaborateurs (ceux qui ont collaboré avec moi, *collaboraverunt*). Ainsi, Pie XII manifestait son intelligence et son souci de l'Action catholique en voulant que les laïcs se distinguent bien des prêtres dans leur action apostolique.

Outre cet appui des papes, d'autre part, le P. Guérin allait très régulièrement à Rome avec des responsables des deux mouvements, et il en revenait toujours heureux

de l'accueil qu'il y avait reçu, aussi bien du pape que des responsables des congrégations romaines.

Tout cela me faisait penser que Rome avait tout à fait l'intelligence de l'expérience apostolique de la JOC, et que celle-ci était bien connue dans toute l'Eglise. Mais lorsque nous nous sommes trouvés au Concile, dans cette assemblée de 2 300 évêques, j'ai vite perçu que bien rares parmi eux étaient ceux qui avaient l'expérience d'un vrai laïcat.

— A quels signes l'avez-vous ressenti ?

— Cela est apparu d'une manière spécialement déterminante lorsqu'il s'est agi du schéma sur l'apostolat des laïcs. Dans sa première mouture, ce texte était extrêmement décevant pour les évêques français : on n'envisageait l'action des laïcs que sous un angle caritatif ou de suppléance à l'apostolat des prêtres en matière de catéchisme, ou des autres collaborations que les laïcs peuvent avoir avec les prêtres dans les paroisses. Alors l'épiscopat français s'est mis à agir pour que se prépare un schéma plus valable ; ce qui a porté ses fruits, d'ailleurs, et la seconde rédaction faisait explicitement mention de l'Action catholique, et dans l'ensemble de l'apostolat des laïcs.

La partie n'était pourtant pas toute gagnée de ce fait-là. Je me souviens d'une intervention du cardinal Liénart en faveur de l'Action catholique spécialisée par milieux de vie ; il s'agissait de répondre à une intervention du cardinal Suenens et, pour « faire le poids », il fallait que ce fût un cardinal français qui répondît ; de plus, le cardinal Liénart avait des convictions profondes en ce domaine. En fait, comme pour noyer le poisson, le cardinal Suenens mettait sous le nom d'Action catholique

toutes les manifestations et activités des laïcs, donnant par exemple beaucoup de relief à la Légion de Marie.

Alors le cardinal Liénart est intervenu — il en fait d'ailleurs état dans ses *Mémoires* — faisant valoir que l'Action catholique spécialisée était vraiment un apostolat propre au laïcat, dont on ne pouvait le déposséder ; et il fallait donc que le Concile insistât sur cette vocation des laïcs à participer à l'évangélisation du monde.

Il n'en reste pas moins que la masse des évêques était fort étrangère à cette expérience missionnaire ; c'est ce qui est apparu tout particulièrement avec l'irruption de Cardijn, devenu cardinal, au Concile.

— Cette arrivée de Cardijn n'a pas dû manquer de retentissement ?

— C'était un événement : Cardijn arrivant à la quatrième session du Concile, tout de rouge habillé ; un événement dû à Paul VI, un hommage éclatant rendu au fondateur de la JOC. Et d'ailleurs, Cardijn en a largement profité pour intervenir : je me souviens de deux interventions de lui dans les congrégations générales du Concile. Mais je dois dire aussi que son type d'éloquence n'était pas du tout adapté à cet auditoire. Autant une assistance de jeunes pouvait vibrer à sa parole, autant son ton véhément était peu accessible à ces 2 300 évêques bien installés dans leur expérience. Cardijn l'a parfaitement ressenti ; les jeunes travailleurs dont il parlait avec des accents vibrants existent partout, et ce qu'il disait concernait donc bien tous les évêques, mais ses interventions ne passaient pas lorsqu'il les mettait en garde, à sa manière, contre la déchristianisation de ces jeunes travailleurs.

Cardijn a donc cherché une autre méthode pour se faire entendre. En novembre 1965, pour célébrer les quarante ans de la JOC, il a fait une petite réunion dans son « titre » de cardinal. Par son titre cardinalice, en effet, un cardinal fait partie du clergé de Rome, et il faut donc, d'une manière assez fictive, qu'il soit chargé d'une paroisse de Rome ; Cardijn avait fait le choix d'un « titre » fort modeste : Saint-Michel-de-Pietra-Lata, une banlieue populaire du nord-est de Rome. Nous étions douze évêques de tous les continents, pour concélébrer avec lui : trois d'Europe (Allemagne, France, Espagne), deux de l'Amérique du Nord et du Sud, d'Afrique (Cameroun, Madagascar), d'Asie (Ceylan, Liban), et d'Australie.

Donc durant cette concélébration du 17 novembre, fête de saint Grégoire le Thaumaturge, devant une trentaine de personnes du quartier, le P. Cardijn fit une homélie vraiment véhémente sur la foi qui transporte les montagnes...

Mais il nous avait conviés deux heures avant la célébration pour un échange ; il était avec Dom Fragoso, qui était un peu son secrétaire, et il nous a soumis une « adresse » solennelle aux Pères conciliaires, pour les inviter à vraiment prendre en intérêt les jeunes travailleurs.

Ce texte nous a paru dangereux : on arrivait à la fin de la dernière session du Concile, on risquait de paraître vouloir faire la leçon aux Pères un peu tardivement ; nous avons donc été plusieurs à suggérer des modifications ; puis l'heure de la célébration arrivant, on a conclu en chargeant justement ceux qui étaient intervenus de rédiger rapidement un texte définitif qui serait acceptable par l'ensemble des Pères. Et je me souviens avoir été désigné pour cela avec l'archevêque maronite d'Alep, et l'archevêque de Salamanque.

Le lendemain ou le surlendemain, nous nous sommes retrouvés devant la Pieta de Michel-Ange, dans la basi-

lique de Saint-Pierre de Rome, pour confronter les textes que nous avions élaborés. C'était à l'issue d'une congrégation générale, vers une heure de l'après-midi ; et nous nous sommes attardés assez longtemps dans cette enceinte qui se vidait, jusqu'à intriguer le garde suisse qui était là. Nous avons arrêté un texte qui nous paraissait susceptible de retenir l'attention, et je l'ai remis le lendemain, en congrégation générale, à Dom Fragoso. En fait, ce texte n'a finalement jamais vu le jour, soit que le P. Cardijn se soit découragé, soit qu'il ait vraiment eu l'impression qu'il était trop tard. Quoi qu'il en soit, c'est un signe de plus, probablement, qu'il était difficile d'avoir l'audience de l'épiscopat mondial sur cette question de la spécificité de l'Action catholique, en particulier pour celle des jeunes du monde ouvrier.

Il faut donc bien se rendre compte que, même s'il existe une JOC internationale, l'expérience de celle de France est une expérience pionnière qui n'a pas beaucoup de répondant ailleurs : en Espagne, au Portugal peut-être... Beaucoup des JOC qui ont été fondées directement par Cardijn, par exemple en Amérique latine, sont à reconstruire ; elles ont trop été absorbées par les structures paroissiales, par l'Eglise établie. La France garde une certaine mission, de continuer à donner l'exemple d'une JOC qui ait cette consistance ecclésiale, cette responsabilité d'annoncer l'Evangile aux jeunes travailleurs.

Dans cet ordre d'idées, il est certain que les évêques français et quelques experts ont eu un rôle déterminant dans la rédaction du schéma sur l'apostolat des laïcs, sa deuxième mouture a été pour une grande part l'œuvre de l'épiscopat français.

— En fait, comment se faisait le travail conciliaire ? Des contributions diverses pouvaient-elles y être entendues ?

— Le travail du Concile se partageait entre les congrégations générales, le matin, et les travaux de commissions ; aux congrégations générales, les Pères intervenaient dans l'ordre d'inscription de leurs demandes et aussi dans l'ordre hiérarchique (cardinaux, archevêques, évêques) ; il pouvait y avoir de vingt à vingt-cinq interventions chaque matin sur le même schéma.

L'après-midi, on travaillait dans des commissions, en différents lieux de Rome, par groupes de dix ou douze évêques, avec quelques experts, pour préparer des modifications, et l'un d'entre nous était ensuite chargé d'intervenir pour les défendre en congrégation générale.

Le travail conciliaire était un travail extrêmement sérieux, qui se distingue du travail parlementaire — non pas que celui-ci ne soit pas sérieux aussi — mais par la méthode de travail. Dans une assemblée parlementaire, une commission intervient, fait des propositions, mais ensuite le vote est tranché, à la majorité, et l'apport de l'opposition peut très bien ainsi rester nul et non avenu. La méthode conciliaire, c'est de collationner toutes les interventions, pour et contre, afin que la commission puisse en apprécier l'impact, moduler le texte et le rendre acceptable à tous.

C'est ainsi que l'on arrive à une quasi-unanimité, car les opposants voient que leurs objections ont été prises en compte ; de plus, un rapport de la commission sur son travail est imprimé et chacun peut vérifier que l'on a tenu compte de ses interventions. Personne ainsi n'a l'impression d'être écrasé par le grand nombre, de ne plus rien avoir à dire et de devoir accepter ce qui vient ; et en même temps, chaque épiscopat avait la possibilité de manifester sa pensée collective dans l'élaboration des textes conciliaires. C'est ainsi que les évêques français ont pu faire que le schéma sur l'apostolat des laïcs distingue bien la spécificité de l'action catholique des autres

formes d'activités, d'aide, de suppléance aux prêtres, que peuvent aussi avoir les laïcs.

D'autres grands textes du Concile donnent aussi une vision juste de l'apostolat des laïcs, de sa vraie place dans l'Eglise. Je pense en particulier à la Constitution *Gaudium et Spes,* sur l'Eglise dans le monde de ce temps, et au décret *Ad Gentes,* sur l'activité missionnaire de l'Eglise.

— Vous-même, avez-vous participé plus spécialement à l'élaboration de tel texte du Concile ?

— J'ai participé à des réunions à propos d'à peu près tous les schémas. C'était le lot de tous les Pères conciliaires ! J'ai fait aussi partie d'un petit groupe réuni sous le signe de ce qu'on a appelé alors « l'Eglise des pauvres ». Mgr Himmer, évêque de Tournai, en était l'animateur. Le cardinal Gerlier y était assidu, Mgr Ancel, Mgr Mercier, l'évêque du Sahara, Helder Camara, Dom Fragoso, le cardinal Lercaro, de Bologne, Mgr Yago, d'Abidjan... Ce groupe avait en vue que tous les textes du Concile aient bien cette tonalité du « Bienheureux les pauvres », que ce soit bien à eux d'abord que l'Eglise cherche à apporter la Bonne Nouvelle.

A propos de *Gaudium et Spes,* la première version ne nous satisfaisait pas du tout. On y présentait le rôle de l'Eglise en différents domaines, sous l'angle de la personne humaine, ensuite de la famille, puis de la culture, puis encore de la politique... en une sorte d'éventail, sans aucun lien entre eux. Avec d'autres, en congrégation générale, je suis intervenu pour suggérer que ces réalités soient regroupées à partir d'une théologie de la destinée humaine, éclairant notamment la notion de personne, à

la lumière des relations trinitaires entre Personnes divines. Nous avons obtenu une refonte complète du schéma, qui fut confiée, par bonheur, à Mgr Pierre Haubtmann, ancien aumônier national de l'ACO, expert au Concile, devenu, par la suite, recteur de l'Institut catholique de Paris. Personnellement, j'ai eu la satisfaction de voir avalisées par le Concile, des vues que j'avais formulées, dès 1943, avenue Reille, et qui, parues dans la première livraison de *Masses ouvrières,* m'avaient valu un soupçon tenace, quant à la sûreté de ma doctrine ! Le troisième paragraphe du n° 24 se réfère explicitement à l'union des Personnes divines, pour affirmer que l'homme ne peut pleinement se trouver que par le don désintéressé de lui-même.

Il est donc désormais bien affirmé, dans le droit fil des intuitions de l'expérience jociste, que l'homme trouve sa vraie stature de fils de Dieu, en assumant, dans la vérité et dans l'amour... sa « carte de relations » !

CHAPITRE VIII

Le Concile, confirmation et approfondissement pour la JOC

— Il me semble, Père Béjot, que vous n'avez pas été trop dépaysé au Concile, que vous y trouviez l'écho d'expériences antérieures ?

— Je dois dire qu'en effet, autant le Concile a bouleversé certains de mes collègues de l'épiscopat, surtout parmi ceux qui avaient été formés à Rome, autant le Concile m'est apparu comme un âge d'or. Pour moi c'était la validation par l'Eglise de multiples intuitions antérieures, de vues relativement nouvelles. Auparavant, on disait : « Hors de l'Eglise, point de salut » ; c'était une manière de comprendre l'apostolat, c'était un axiome très important dans la Tradition, et il restait en un sens vrai ; mais il fallait l'entendre de manière dynamique. Il s'agissait non plus d'aller saisir ceux qui étaient dehors pour les amener dedans, mais de reconnaître que partout où le Saint-Esprit est à l'œuvre, il est en train de susciter son Eglise. L'Eglise visible, c'est le signe sensible du salut en action.

Cette vue-là est d'ailleurs déjà une explicitation ultérieure du Concile, telle que l'a formulée par exemple Mgr Coffy dans son rapport à l'Assemblée des évêques français, en 1971, sur : « Eglise, sacrement du salut ». Même la constitution du Concile sur l'Eglise, *Lumen Gentium,* n'est pas aussi explicite. Mais ces vues résultent de l'expérience missionnaire que l'on fait en parlant de naissance de l'Eglise en monde ouvrier. C'est d'abord l'action du Saint Esprit à laquelle on apporte sa collaboration. Il fomente des communautés de base, de nouvelles parentés entre les hommes, infiniment plus profondes que les parentés du sang.

— Le Concile s'est nourri d'expériences déjà vécues. N'a-t-il pas aussi bénéficié de l'apport de théologiens ?

— C'est vrai que le Concile a été, en tout cas, la première occasion vraie d'une collaboration consistante, efficace, exemplaire entre évêques et théologiens. C'étaient des réunions très simples, les uns et les autres écoutant et prenant des notes, s'apportant des éclairages complémentaires.

Pour ce qui me concerne, j'ai toujours eu l'impression que l'expérience missionnaire de la JOC précédait les théologiens... parce que cette expérience missionnaire était une œuvre du Saint-Esprit qui n'attend personne pour agir dans son Eglise. L'expérience missionnaire de la JOC a été une expérience spécifique, c'est ensuite que les théologiens l'ont perçue et ont cherché à la comprendre.

Ainsi, dès le principe, les jocistes ont eu un sens très existentiel du Corps mystique du Christ ; ils avaient le sentiment que le Christ vivait en eux et que c'était le Corps du Christ qui les soudait les uns aux autres. Ce

sens du Corps du Christ qu'ils remettaient en valeur, c'est ensuite que des théologiens y ont fait écho, le P. Congar, par exemple, dès les années 1930-1935 ; mais c'était déjà vécu vraiment avant que les théologiens ne s'en saisissent. On a à la fois cette impression que l'action du Saint-Esprit précède les théologiens, mais aussi que leur effort est indispensable pour donner à ces intuitions vécues une qualification qui les pose mieux dans l'ensemble de l'Eglise.

Ainsi les réunions qui se déroulaient au long du Concile étaient-elles très passionnantes : avec le P. Daniélou, le P. Martelet, le P. de Surgy, le P. Chenu, le P. Congar, le P. Benoît (de l'Ecole biblique de Jérusalem), tous des hommes qui avaient un enracinement théologique profond, dont les réactions étaient donc du plus grand prix.

— Et pourtant, dans les années 1950, certains d'entre eux avaient été soupçonnés, sanctionnés...

— Ah oui, il est certain que le Concile a remis en selle quantité de théologiens qui avaient été suspectés pendant une période assez triste, assez sombre pour l'Eglise ; des hommes comme de Lubac, Congar, Chenu, dont les recherches avaient prêté à contestation, ont été alors réhabilités ; mieux même, ils ont joué un très grand rôle, sollicités qu'ils étaient par tous les épiscopats, ceux d'Afrique et d'Amérique latine en particulier.

Je dois dire qu'une des plus grandes joies du Concile, pour moi, a été cette concélébration, lors de la dernière session, pour laquelle Paul VI a voulu être entouré d'une douzaine de théologiens, au premier rang desquels on a vu entrer dans l'aula conciliaire le P. de Lubac.

Le P. de Lubac qui, dès le principe, dès 1962, a été

particulièrement consulté... Je me souviens des réactions au premier schéma sur l'Ecriture et la Tradition. D'emblée, le cardinal Liénart lui a fait un sort, le rejetant d'un *non placet* retentissant. Mais avant même cela, nous avions eu plus d'une réunion, entre évêques et avec le P. de Lubac pour approfondir notre réaction, mieux comprendre pourquoi ce texte nous paraissait en porte-à-faux par rapport à la Parole de Dieu et aux applications pratiques que nous en vivions. Des hommes comme de Lubac ne prenaient pas la parole en congrégation générale, mais ils inspiraient, étoffaient bien des interventions.

— Voilà qui ne devait pas manquer de surprendre les milieux de la Curie romaine...

— La Curie romaine était à ce moment-là très en retrait, très silencieuse. Administration du souverain pontife, la Curie n'est pas faite que d'évêques, elle comprend, si je puis dire, tout un personnel... fonctionnaire ; et elle qui avait réduit des gens au silence, du jour au lendemain, se voyait prise à partie, reprocher les condamnations du Saint Office ; il y a eu des interventions très vives, très dures à l'égard de la Curie, venant d'hommes comme le cardinal Frings, de Cologne, Léger, de Montréal, Suenens, de Bruxelles.

Durant la deuxième session, la Curie a de nouveau essayé de peser, et c'est Paul VI lui-même qui a dû faire une mise en garde extrêmement sévère contre des interventions qui allaient à l'encontre du travail du Concile : à la Toussaint 1963, il a adressé une semonce à l'université du Latran d'où émanaient des tracts hostiles aux exégètes.

Mais même auparavant, j'avais été témoin de ce que

Jean XXIII avait convoqué le Concile en partie parce qu'il sentait qu'il ne pourrait pas faire seul l'*aggiornamento* de l'Eglise, sans l'appui de l'épiscopat du monde entier.

Jean XXIII a dit un jour : ici, je ne suis que le pape. Je me suis trouvé une fois, un peu à l'improviste, reçu en audience, avec Mgr Renard ; nous parlions avec lui d'une manière très ouverte, concrète, et l'entretien se prolongeait ; pendant ce temps, le Monsignore qui était de service a frappé trois fois. Et quand nous sortions, il a dit au pape : « Mais, très saint Père, le cardinal Cicognani attend depuis un quart d'heure. » Et Jean XXIII, nous prenant à témoins, s'est écrié : « Mais nous avons travaillé », comme s'il était pris en faute et avait à se défendre.

— Comme Pie XI ou Pie XII, Jean XXIII était-il sensible à l'Action catholique ?

— Avant d'être pape, quand il était nonce à Paris, le cardinal Roncalli avait connu les mouvements d'Action catholique française d'abord dans une période d'expansion, puis dans le début de leurs difficultés. Et je crois qu'il avait eu quelque inquiétude pour eux d'une tentation de confusion dans l'action temporelle. Je l'ai vu à un rassemblement d'anniversaire de la JAC, auquel assistaient plusieurs ministres du gouvernement Georges Bidault, et il avait été choqué du ton revendicatif des orateurs ; à vrai dire, il avait assisté à la partie meeting, où l'on avait bien sûr évoqué des problèmes temporels, et non à la célébration. Cela aurait pu être la même chose à un rassemblement jociste, car il est bien sûr que dans un meeting, l'expression de l'action a une consistance temporelle.

Mais Jean XXIII était très ouvert, d'un réalisme très grand. Sa volonté d'*aggiornamento* pour l'Eglise est venue de l'expérience : nonce en Turquie, en Bulgarie, confronté au monde musulman, au monde orthodoxe, à l'athéisme, il avait subi dans sa chair l'épreuve des divisions des chrétiens et d'une fermeture de l'Eglise au monde contemporain. « Ils ne sont jamais sortis », disait-il en parlant du monde romain... Et c'est ainsi qu'il a en quelque sorte appelé à la rescousse les évêques du monde entier pour l'aider à renouveler un air confiné. Et de ce point de vue, contrairement à ce qu'on aurait pu craindre, la libération de l'expression a été très grande, personne ne s'est laissé intimider par les schémas qui sortaient tout faits des commissions pré-conciliaires ; les *non placet* du cardinal Liénart ont pesé très lourd, mais aussi bien on a entendu par exemple de jeunes évêques africains faire des interventions très agressives.

C'est un trait à retenir du Concile : la recherche exégétique, la recherche théologique, l'approfondissement de réflexion qu'il a fallu pour répondre aux critiques de type rationaliste, moderniste, tous ces efforts de mise au point, de mise en ordre, ont convergé en une sorte de synthèse, d'équilibre nouveau qui sont très satisfaisants, même s'il subsiste bien sûr une part d'obscurité, car l'Eglise est un mystère... réalité inépuisable.

On était partis au Concile en pensant qu'en quelques phrases on arriverait à parler de l'Eglise comme d'une société visible : le pape, les évêques, les prêtres, les fidèles ; cela paraissait évident comme une réponse de catéchisme... Puis au bout d'une session, on a conclu que l'Eglise est un mystère... C'était comme un retour sur une ligne de départ et cela s'est révélé extrêmement fécond.

— Pourriez-vous préciser ?

— Eh bien, c'est qu'à partir de là, on a consulté la Bible qui nous donne des images de l'Eglise : le corps du Christ, l'épouse du Christ, la Nouvelle Alliance, la nouvelle Jérusalem, le Peuple de Dieu. Autant d'images qui ne sont pas à prendre au pied de la lettre, mais qui expriment des manières d'entrer dans le mystère de l'Eglise. Parmi ces images, le Concile a surtout retenu celle du Peuple de Dieu.

Et c'est à partir de là qu'a pu se situer à l'aise le laïcat ; l'Eglise est d'abord un peuple ; et c'est ainsi que dans la constitution *Lumen Gentium*, la hiérarchie, le ministère n'interviennent qu'au troisième chapitre, au service de ce peuple, pour lui assurer sa consistance, son organicité. Vue féconde, révolutionnaire même par rapport à ce qu'on vivait avant ce Concile, par rapport dans une certaine mesure au Concile de Trente : jusqu'alors, tout partait de la hiérarchie, les pieux fidèles étaient invités à apporter leur petite collaboration aux ministres.

Et je pense que l'on n'a pas fini d'en tirer toutes les conséquences ; on n'est pas encore arrivé à ce que, dans tous les pays, l'épiscopat soit au service du Peuple de Dieu, pieds et poings liés si je peux dire. C'est révolutionnaire par rapport à ce qui se vit encore en beaucoup d'endroits où l'évêque reste un notable, un puissant, un seigneur avec toute une curie, un appareil qui peut parfois faire oublier que l'évêque est au service du Peuple de Dieu. Remarquez que cela peut être compensé par la qualité de la personne ; mais il peut y avoir encore tout un appareil visible qui donne le change.

Le décret sur les prêtres a été le dernier du Concile, mis en forme un peu contre la montre, parce que Paul VI avait décidé que le Concile se terminerait le 8 décembre 1965. Et donc le texte du décret *Presbyterorum Ordinis*

a été en chantier tout au long de la dernière session. Mgr Marty était le secrétaire de la commission chargée de ce décret ; c'est-à-dire qu'il était en fait chargé de la dernière rédaction, et il s'était entouré d'une équipe de théologiens, pour la plupart français d'ailleurs : le P. Salaün, le P. Marcus, le P. Henri Denis, le P. Jean Frisque, un Belge.

Toute cette équipe travaillait justement surtout dans la chambre de ce dernier, contiguë à la mienne, à Sainte-Marthe, et j'allais donc les voir de temps en temps. Après les discussions en congrégation générale, ils essayaient de faire un texte pour concilier deux accents qui avaient été exprimés : d'une part, le prêtre consacré, d'une consécration faisant de lui un être à part ; d'autre part, le prêtre envoyé en mission. Il s'agissait donc d'exprimer une consécration qui soit en vue de cette mission, une mise à part qui ne soit pas une séparation. Le texte a été très étudié de ce point de vue.

Le prêtre ne doit pas apparaître comme un religieux, à part, qui préserve sa vie spirituelle de l'action qu'il est obligé d'avoir et par laquelle il se disperserait. Au contraire, le schéma exprime très bien que le prêtre doit chercher à se sustenter spirituellement dans son ministère, à partir d'ailleurs d'un texte de saint Jean : cette parole du Seigneur à ses apôtres après sa conversation avec la Samaritaine : « Ma nourriture est de faire la volonté de mon Père. » Par cette conversation, loin de s'être dispersé, le Seigneur s'est nourri spirituellement, vivant son union filiale avec le Père.

— Les mouvements eux-mêmes ont-ils participé de près au Concile ?

Durant le Concile, les responsables et les aumôniers des mouvements venaient de temps en temps passer

quelques jours, une semaine, et c'était l'occasion de les faire intervenir dans des réunions avec les évêques.

C'était toujours l'occasion de débats. Je me souviens d'une discussion, avec la JAC, à propos de la révision d'influence, de sa différence avec la révision de vie. Mais le cardinal Lefebvre, qui était à l'époque président de la Commission épiscopale du monde rural, m'avait vite imposé silence, me disant qu'il ne fallait pas être sectaire. Pourtant, je crois qu'il n'avait pas perçu le sens de mon intervention, qui était de dire que la réflexion chrétienne des mouvements du monde rural ne me paraissait pas de la même visée, du même contenu que la révision de vie. C'était un débat important à cette époque, et l'évolution ultérieure des mouvements a tenu pour une bonne part à ces malentendus.

— En somme, le Concile vous a ménagé de multiples expériences. Le bilan vous apparaît-il positif ?

— Vatican II a bien marqué pour moi une étape de confirmation de la visée de la JOC, de consécration de son expérience missionnaire. En fait, j'attends encore que cela retentisse vraiment ; or, il me semble que, même en France, on attend encore de nouvelles formules ; par exemple, on fait beaucoup de cas des expériences de mouvements charismatiques. Bon, dans la mesure où ces mouvements révèlent à leurs membres leur vocation au sein du Peuple de Dieu, cela peut être valable. Mais il me semble qu'il y a là un risque ; que les membres de ces mouvements ne s'enferment en eux-mêmes, ne cherchent à cultiver une sorte de relation directe exclusive avec le Saint-Esprit, de prière éthérée, de joie spirituelle coupée d'un assujettissement au prochain. Or, pourtant,

c'est déjà dans les épîtres de Jean, la seule expression visible que l'on puisse donner de son amour pour Dieu, c'est l'amour du prochain. Bien sûr, l'amour de Dieu cela regarde notre vie intérieure, mais nous ne pouvons vraiment en témoigner que par des gestes fraternels vis-à-vis de notre prochain.

On peut toujours craindre une sorte de dichotomie entre la religion et la vie. Elle peut prendre des aspects très religieux, mais masquer un certain désintéressement vis-à-vis de nos frères, du milieu dans lequel on est inscrit. Le Concile lui-même a toujours tenté d'éviter cette dichotomie entre la religion et la vie, l'Eglise et le monde. A propos de *Gaudium et Spes,* je l'ai dit plus d'une fois, il s'agit de montrer que l'Eglise n'a de finalité que d'être pour le monde. Le Concile a fait dépasser cette tentation de l'Eglise *ad intra,* comme disait le cardinal Suenens, l'Eglise à l'intérieur d'elle-même, oubliant sa mission d'être témoin, messagère du Christ pour le monde.

CHAPITRE IX

Du Concile au 50e

— La JOC avait donc trouvé dans le Concile une confirmation de ses inspirations premières. Comment cela s'est-il traduit dans l'après-Concile ?

— Ce nouveau regard porté par le Concile sur l'Eglise vis-à-vis du monde, et sa vocation missionnaire, se trouvaient déjà particulièrement vécus dans le mouvement. Si bien qu'après le Concile, la JOC a gardé son cap apostolique, alors que cette période ouvrait pour l'Eglise un temps de crise dont les manifestations ont été multiples.

Ce fut, par exemple, l'époque où Mgr Veuillot eut à intervenir auprès de la JEC, devant contester son caractère apostolique, craignant qu'elle ne s'oriente trop vers une recherche exclusive d'efficacité temporelle. Dans les années 1966-1967, le cardinal a eu les mêmes inquiétudes quant à la JOC ; et faisant partie comme lui à ce moment de la Commission épiscopale du monde ouvrier, j'ai assisté à un entretien qu'il a eu avec la présidente et le président d'alors, Monique Lahay et Jack Salinas. Le cardinal les a, en quelque sorte, soumis à un interrogatoire très serré.

Mais leurs réponses, spontanément, étaient toutes convergentes dans une optique apostolique.

Tant et si bien qu'au bout d'une demi-heure, j'ai vu le cardinal Veuillot complètement rasséréné, rayonnant même. La JOC lui était bien apparue fidèle à son inspiration première, assumant sa tâche d'évangélisation de la jeunesse ouvrière. Cela m'a beaucoup réjoui : bien sûr, j'étais toujours prêt, moi-même, à défendre les mouvements, mais je ne convainquais guère, alors que ce contact direct avec leurs responsables avait été décisif pour le cardinal Veuillot.

Ainsi la JOC restait-elle en santé : c'était aussi le cas en ce qui concerne son jugement sur le prêtre, en une période où beaucoup d'entre eux se posaient beaucoup de questions où certains même abandonnaient leur ministère. Je me souviens d'une réunion de la Commission épiscopale du monde ouvrier. Avec l'aumônier général, le P. Cornil, il y avait là le président du moment, Guy Léger. Et à brûle-pourpoint, Mgr Maziers, président de la Commission, demande à Guy Léger : « Pour toi, Guy, qu'est-ce que le prêtre ? » Et Guy Léger, sans prendre une minute de réflexion : « Pour moi, le prêtre, c'est le commencement de l'Eglise. » Un raccourci plein de densité : pour le jociste, l'aumônier marque un commencement de l'Eglise, l'équipe jociste prend sa consistance ecclésiale par la présence du prêtre, sa participation à la vie de l'équipe. « Lorsque deux ou trois sont rassemblés en mon nom, je suis au milieu d'eux », mais lorsque plusieurs sont assemblés avec la participation du prêtre, c'est une cellule d'Eglise. Cette réponse montre bien comment Guy Léger voyait la JOC comme un mouvement apostolique, un mouvement venant annoncer la Bonne Nouvelle aux jeunes travailleurs.

Dans cette même période, la JOC approfondissait son enracinement dans le destin du monde ouvrier ; elle devenait en ce sens plus adulte, par rapport aux premières

années où elle restait plus entre jeunes travailleurs, gardant une distance avec les problèmes et les organisations adultes. A partir de 1967 surtout, la JOC s'est davantage sentie partie prenante du combat ouvrier.

Mais toujours sans confusion. J'en ai vu des signes, au rassemblement de Paris-1967, au long duquel divers meetings se sont attachés à tous les aspects de la vie de la jeunesse ouvrière. Je me rappelle la participation, au meeting sur le chômage, d'un groupe de jeunes chômeuses des Ardennes. Elles en étaient transformées : pas dans leur situation concrète, elles restaient bien des chômeuses ; mais elles avaient communié à l'effort d'un mouvement qui prenait bien en charge tout leur sort ; elles-mêmes s'étaient senties plus considérées, elles sentaient qu'elles devaient être parties prenantes d'une tâche pour laquelle elles n'étaient pas seules.

C'est déjà cela la Bonne Nouvelle : la communion entre jeunes travailleurs, l'ouverture aux besoins des autres, la participation à un effort commun au prix de beaucoup de sacrifices.

D'autres événements ont été déterminants : mai 1968, qui a retenti très profondément aussi bien chez les adultes que chez les jeunes, mais surtout chez les jeunes : ils ont davantage pris conscience de leur appartenance à des classes sociales, dans une insatisfaction générale de la jeunesse vis-à-vis de la société de consommation.

La participation de la JOC française aux travaux de la JOC internationale, notamment au Conseil mondial de Beyrouth, en 1969, a aussi joué un rôle. Dans ces assises internationales, la JOC de France découvrait qu'elle avait beaucoup à se taire, parce qu'elle apparaissait favorisée par rapport aux JOC naissantes d'autres pays : en Amérique latine, en Espagne, au Portugal. D'abord, la JOC française venait d'une nation de profonde tradition chrétienne ; mais surtout, d'un pays où il y a des organisations ouvrières adultes, majeures, efficaces. Par conséquent, en France, la JOC avait moins eu de mal à éviter de s'engager dans une action temporelle de suppléance.

Ainsi, dans le climat de la JOCI, le mouvement français apparaissait comme ayant relativement beau jeu, par rapport à ceux d'autres pays ; bien sûr, la JOC française ne nie pas l'utilité de services, elle sait qu'elle a à prendre en charge directement certains problèmes de la jeunesse ouvrière ; mais elle est largement relayée par d'autres organisations. Ainsi, en même temps, sur le plan international, la JOC française apparaît comme celle qui a le mieux su garder et approfondir l'inspiration de Cardijn.

— Pourtant, cette fidélité de la JOC à ses origines, certains la contestent ; on lui reproche de se politiser...

— Il est certain que toute cette évolution a conduit la JOC à employer un langage plus vigoureux, plus marqué par des accents temporels ; en tant que composante du mouvement ouvrier, son langage a un ton plus politique, reflète des options plus tranchées.

Mais c'est une réflexion qui se poursuit. Moi-même, étant par mon origine du monde bourgeois, il m'est arrivé d'être comme agressé, un peu inquiet devant l'expression de la JOC dans ses organes de masse. Là, naturellement, on parle d'abord de la vie de la jeunesse ouvrière, de tout ce qui l'opprime, de toutes les libérations qui sont nécessaires. Mais quand on regarde de près la pratique du mouvement, on s'aperçoit bien qu'en aucun cas il ne s'agit que le mouvement donne des solutions directes aux problèmes temporels. La visée reste celle de personnes prenant en main leur destinée, qui prennent leurs responsabilités en se dévouant pour leurs frères afin que tous grandissent. Comme disait, je crois, Berdiaeff : « Le pro-

blème de mon pain quotidien, c'est temporel ; mais le problème du pain quotidien de mon frère, c'est spirituel. »

Et là on est bien dans la fidélité à Cardijn ; c'était son leitmotiv : « Vous êtes tous des fils et des filles de Dieu » ; chaque jeune travailleur, chaque apprenti a sa dignité de fils de Dieu ; il faut que chacun, dans toutes ses activités, puisse prendre toute sa stature, toutes ses responsabilités. Et alors, c'est normal, cela se traduit dans toute une panoplie de revendications. La tentation constante, c'est l'amour de l'efficacité, plutôt que l'efficacité de l'amour ; c'est de chercher directement des solutions, au lieu de faire que l'amour de ses frères conduise chacun à agir pour que tous puissent avoir toute leur dignité, réaliser toutes leurs capacités.

Une autre manifestation de cette santé de la JOC a été le rassemblement Objectif 74. Bien sûr, on a beaucoup épilogué sur la présence de Georges Marchais et du cardinal Marty, alors qu'en fait ils ne s'y sont pas trouvés au même moment (le cardinal à l'ouverture et à la messe du rassemblement, M. Marchais au meeting de clôture). Mais ce à quoi ont surtout été sensibles les jocistes, ce fut de se sentir à la fois pleinement membres de la classe ouvrière, participant à son histoire, et en même temps participant à la mission de l'Eglise voulant annoncer le salut aux jeunes travailleurs.

J'en ai eu un écho dans le pèlerinage des jeunes du monde ouvrier qui a suivi, en août, à Lourdes. J'assistais à une rencontre, un « carrefour » de sept ou huit jeunes travailleurs. Voici qu'après le récit des apparitions le plus jeune, Michel, manifeste son scepticisme, plaisante un peu... Un autre, d'environ 19 ans, le regarde d'un œil noir et finit par s'exclamer : « Mais qu'est-ce qui te gêne là-dedans ? Les miracles ? S'il n'y a jamais eu de miracles dans ta vie, c'est que tu n'as jamais rien fait... » Et il explique : dans sa fédération, on l'avait chargé de préparer un meeting d'Objectif 74. « Je ne savais pas trop

ce que c'était ; mais avec un ou deux copains, on s'y est mis, on s'est remué pendant deux mois... et à ce meeting, on était finalement 115. Ce n'est pas un miracle, ça ? »

Puis il enchaîne, poursuivant sa réflexion. Il s'enthousiasme des quinze apparitions successives qui font de Marie une éducatrice exemplaire, et conclut, du même souffle : « le 25 mars, Elle a dit " je suis l'Immaculée Conception " C'est signé ! c'est signé ! »... Un rapprochement singulier surgit alors dans son esprit : — « C'est comme nous, à " Objectif 74 ", Marty-Marchais, c'est signé ! »

Objectif 74 a eu ce retentissement à la fois pour confirmer les jocistes dans leur mission et en même temps pour les engager pleinement comme croyants dans ce monde des jeunes travailleurs, non seulement pour affirmer leur foi, mais pour qu'ils discernent la présence du Seigneur, pour qu'ils en découvrent, par la révision de vie, la présence et les initiatives.

— Pourquoi donc cette fidélité n'est-elle pas mieux comprise ?

— Manque de réalisme. Manque de connaissance du monde ouvrier. Il est bien certain que la JOC prend de plus en plus en charge d'une manière très clairvoyante et très directe, toutes les contraintes, toutes les injustices d'un état violent où les travailleurs ne sont pas maîtres de leur destinée.

Pour la JOC, mouvement de jeunes travailleurs, c'est une étape vers la maturité que de prendre davantage conscience d'un état d'injustice, d'un désordre établi, et de participer plus consciemment au combat contre cet état de fait.

La JOC est indéniablement de plus en plus inscrite dans un contexte politique donné, au point que son expression a une tonalité socialiste. J'ai eu l'occasion, à ce propos, de répondre à un article de Jacques Tessier, le président de la CFTC, qui mettait en cause la JOC comme ayant fait un choix temporel déterminé. La cause n'est pas très facile à défendre... mais elle se défend quand même : il est désormais clair qu'on ne peut exprimer sa foi en faisant abstraction des idéologies dans lesquelles on vit. Mieux vaut savoir par quelle idéologie on est marqué. Prétendre ne pas faire de politique, ne pas être influencé par une idéologie, c'est exprimer tacitement une vue politique, car cela revient à avaliser un « ordre » établi.

Mais cette coloration politique de la JOC ne signifie pas, comme c'est peut-être le cas dans d'autres mouvements de jeunes, un souci exclusif d'efficacité temporelle. Elle s'inscrit dans une continuité, dans une fidélité ; quand on disait aux origines de la JOC : « L'appel du Christ résonne... », c'était un appel lancé à chacun de sortir d'un souci exclusif de soi-même pour être attentif aux soucis des autres, et, ensemble, chercher à se transformer, à promouvoir des aspirations communes, en prenant chacun et ensemble des responsabilités.

Ce souci d'une promotion, ce souci que tous accèdent à leur vraie stature, n'est-ce pas déjà l'œuvre du Salut dans le monde, le passage de solidarités pécheresses à des solidarités libératrices, la mise en œuvre de tous les moyens pour transformer le monde, le rendre plus heureux, bénéficiaire de la Bonne Nouvelle ? Evangéliser, n'est-ce pas, en premier lieu, conscientiser ? Je pense là à l'expérience d'évêques brésiliens comme Dom Fragoso ou Helder Camara : ils se trouvent, au départ, parmi une population très... sous-humanisée, qui attend tout de la providence avec un petit *p*, je veux dire la puissance publique, ou la puissance tout court. Et ces évêques

prétendent bien que cette population prenne d'abord conscience de sa situation sous-humaine, que ces « pauvres », ensemble, entre eux, prennent leur sort en charge, qu'avec leurs pauvres moyens, ils amorcent leur propre libération ; et c'est le début d'une réponse à l'action salvatrice du Seigneur dans leurs cœurs.

De même, si la JOC affirme des positions qui la situent dans l'ensemble du courant socialiste, ce n'est pas un choix déterminé *a priori*, et ce n'est pas non plus une condition qu'elle mettrait à l'appartenance au mouvement. L'option socialiste n'est pas un seuil qu'il faudrait obligatoirement franchir pour être membre de la JOC.

Ce qu'exprime spontanément la JOC, c'est que le choix socialiste est globalement le choix du monde ouvrier. Celui-ci n'accepte pas le capitalisme, il récuse un ordre social fondé sur l'argent, ou plutôt un monde où l'argent est le médiateur souverain, la condition nécessaire, pour accéder au pouvoir, c'est-à-dire au niveau des responsabilités. Dans la mesure où la JOC se veut partie prenante du mouvement ouvrier, et où elle veut être vraie par rapport à cet engagement, elle se trouve, de fait, dans le camp socialiste.

Mais le seuil à franchir pour l'appartenance à la JOC, c'est d'abord le souci des autres, le souci que tous les jeunes du monde ouvrier puissent prendre leurs responsabilités, prendre toute leur stature, le souci apostolique en dernière analyse, qu'ils puissent tous bénéficier de la Bonne Nouvelle et participer à la naissance de l'Eglise en monde ouvrier.

— Il reste que la JOC est accusée de faire des choix partisans. On lui reproche d'accentuer la division entre milieux sociaux au sein de l'Eglise.

— Je sais. On fait le même reproche, d'ailleurs, à l'ACO et à l'ACI. La JOC est en bonne compagnie !

Le Pavillon du Lac, à Lourdes, a vécu cette mise en cause (1). Le seul fait de prétendre partager les pèlerins en carrefours d'après leur milieu de vie a provoqué des réactions très vives quelquefois parmi les pèlerins eux-mêmes, mais surtout chez les responsables de pèlerinage. Ce n'est pas de l'histoire ancienne ! « Faire un tel partage à Lourdes, où tous les conflits sont oubliés... où tout le monde fraternise !... »

Je renonce à formuler des arguments que j'ai déjà, me semble-t-il, largement développés. Je craindrais de me répéter, dans les mêmes termes. J'en appelle simplement à l'expérience des faits.

A Lourdes, déjà, puisque j'ai évoqué le Pavillon du Lac, le partage par milieu de vie n'est pas un tribut à la lutte des classes. Il évite, d'expérience, que l'échange n'y tourne court, irrémédiablement. On n'est pas à Lourdes pour résoudre les problèmes, mais pour se convertir. Entre pèlerins du même milieu, on évoque les problèmes de points de vue semblables, pour se situer, comme chrétiens, dans ce quotidien qui est le lieu de la rencontre du Seigneur, pour discerner et faire réponse à Ses appels, dans une « économie d'amour ».

Certes, les points de vue sont opposés, d'un carrefour à l'autre, selon les milieux. Autant il est périlleux de débattre de ces conflits à l'impromptu, entre pèlerins, autant l'échange est fructueux au Pavillon du Lac (ou ailleurs, à des instances de même niveau), entre responsables des mouvements, jocistes et jicistes, adultes de l'ACO et de l'ACI (monde ouvrier et monde indépendant). Ces responsables se découvrent frères et amis, dans leurs différences, au plan de leurs responsabilités apostoliques.

J'évoquerai Sylvie, une jeune fédérale jociste de Cambrai, découvrant au Pavillon du Lac le milieu indépendant. Dans sa courée du Nord, elle n'avait jamais perçu ce milieu de vie. Après dix jours de permanence, elle s'était fait des amis de jeunes et d'adultes du monde indépendant : « Pour moi, le Pavillon du Lac, c'est l'Eglise », proclamait-elle à son départ... Expérience qui se répète, sans faire jamais long feu.

Expérience qui en éclaire d'autres.

J'évoquerai la densité spirituelle de telles rencontres de responsables, au fort de conflits sociaux, dans les Ardennes, militants de milieux opposés dans l'événement, et concernés dans leur chair. « Ni la chair ni le sang » ne pouvaient hausser les partenaires à ce niveau. Mais les responsabilités de la Bonne Nouvelle, en Eglise, les unissaient jusque dans une célébration commune. Quelles poignées de mains, au départ ! Non, de telles rencontres ne s'improvisent pas. Je dirai même qu'elles ressortissent à la gratuité de Dieu. Du moins, qu'on n'en méconnaisse pas les conditions, en notre humanité pécheresse !

Il me revient pourtant de citer des circonstances qui relèvent de l'événement, où la foule elle-même assume ses conflits, dans un climat de Peuple de Dieu.

Deux faits, l'un plus ancien, l'autre récent.

Le premier, vieux de dix ans : une confirmation à Revin (Ardennes) dans une période de grève. La veille, un meeting et un cortège, après un déroulement pacifique sous la discrète vigilance de la gendarmerie locale, avaient dégénéré en bagarre, au vu d'une compagnie de CRS envoyée en renfort par le préfet. A la cérémonie de confirmation, les lectures bibliques furent faites par le capitaine de gendarmerie et par l'orateur CFDT du meeting. Le témoignage d'Eglise a porté.

Le second, c'est l'enterrement de Pierre Maître, à Reims, ce syndicaliste mitraillé de sang-froid, dans l'exercice de sa solidarité de travailleur, au fort d'un conflit. Plusieurs dizaines de milliers de personnes, de tous milieux sociaux,

(1) Voir chapitre VI.

ont vécu, dans une intense communion, ces obsèques célébrées par un prêtre ouvrier, sous la présidence de l'archevêque. Les mass media parisiens ont trahi la portée de l'événement. Pouvaient-ils diffuser la Présence du Seigneur à ce peuple rassemblé ? Non, certes. Du moins auraient-ils dû la respecter.

Pour en revenir à votre question, « les choix partisans » de la JOC ne sont que l'expression d'une appartenance à un monde ouvrier étrangement méconnu des autres milieux sociaux. Ceux-là sont-ils exempts de tout choix ? Que celui d'entre eux qui, honnêtement, s'en convainc « lui jette la première pierre ».

— Peut-on pourtant admettre « la naissance de l'Eglise en monde ouvrier » — selon la formule en usage en « Mission ouvrière » — sans craindre une « Eglise ouvrière » qui consacrerait une sorte de pluralité attentatoire à l'unité de l'Eglise ?

— Bonne question, qui exprime un souci constant que doivent garder, et que gardent, j'en témoigne, les artisans, prêtres et laïcs, de cette naissance et de cette croissance de l'Eglise en monde ouvrier.

C'est plus facile qu'il n'y paraît.

Spontanément, les plus engagés dans la mission en monde ouvrier, laïcs jeunes et adultes, se dégagent de tout exclusivisme de classe.

Je pense à une retraite de fédéraux jocistes de la région Est, en montagne du Doubs. L'un d'entre eux mettait en cause son patron, dans des termes plutôt vigoureux. Un autre l'interrompt : « Ton patron, tu le hais ? » Silence. « Non, il est un fils de Dieu, comme moi, mais je hais le péché. »

Et je songe à ce militant d'ACO, unanimement respecté en vallée de la Meuse, qui, m'accueillant sur le seuil de l'église, au nom de la paroisse, me parla de la présence du Christ à toute la population, pour dépasser les conflits sociaux, et créer la famille des enfants de Dieu.

A partir du moment où l'on entre dans la perspective missionnaire de susciter l'Eglise en tous milieux (comme en toute culture ou civilisation), il faut bien admettre que la germination d'une communauté de base ne puisse se dégager de la « coloration » de son milieu d'origine. Elle est de tel milieu, elle est de telle culture, tout en étant œuvre de l'Esprit. Je crois à la conception immaculée de toute cellule d'Eglise, comme je crois à l'Immaculée Conception. Marie de Nazareth était, sans en rougir, de son temps et de son milieu.

L'unité de l'Eglise visible n'est pas un préalable sous peine de n'être qu'une contrainte. Elle est un fruit de sa maturité. Elle est pourtant perceptible, dans le champ d'un milieu de vie, par la diversité des options et des engagements des chrétiens.

Naissance et croissance de l'Eglise !... Laissons l'œuvre du Salut prendre son temps. Avons-nous la prétention de fixer des délais au Seigneur ?

La JOC est partie prenante d'une expérience missionnaire dont je cherche les correspondants en d'autres milieux sociaux. Ils apparaissent pourtant, mais avec du retard... Laissons à la JOC le bénéfice, tout gratuit, certes, mais combien riche d'espérance, d'avoir perçu, la première, la présence au monde, au niveau des plus démunis, du Christ ressuscité. « Bienheureux les pauvres, à bout de souffle, la Bonne Nouvelle est pour eux ! »

Sans esprit de propriété, la JOC se réjouit de voir reconnaître son intuition par d'autres milieux sociaux, mais aussi, sans distraction, elle en poursuit les heureuses exigences. Dans la foi, elle reconnaît l'œuvre du Salut dans les solidarités qui s'établissent entre jeunes pour

surmonter les servitudes, échapper à l'avilissement, dénoncer les vilenies, retrouver la stature de fils et de filles de Dieu, dans un monde pécheur qui s'affiche sans vergogne et chante des lendemains trompeurs.

Puisse-t-elle, cinquantenaire, garder le souffle et l'enthousiasme de la jeunesse !

ANNEXES

Extraits de l'exposé du 21 septembre 1943, a la Session des aumôniers fédéraux, avenue Reille

Notre foi commune pourrait s'énoncer comme suit : « Je crois dans les ressources de la masse pour une mystique chrétienne. »

. . . . . .

Tant que le militant ne pratiquera pas habituellement cet acte de foi : « Je crois, Seigneur, que c'est dans mon milieu de vie que je dois rencontrer votre grâce et m'en nourrir », il ne sera pas un vrai militant chrétien.

. . . . . .

Et voici qu'aujourd'hui nous préconisons la révision de vie. Il faut bien comprendre dans quel esprit.

La révision de vie n'est pas un examen de conscience. Elle n'est pas davantage le tableau de chasse des succès d'influence.

Elle consiste à visionner le film de la journée pour découvrir les beautés, les richesses rencontrées, le travail de la grâce divine. Elle est faite avec un parti pris d'optimisme. C'est le juron de l'ouvrier qui vient de manquer un bel ouvrage, comme la fierté d'un autre qui l'a réussi : tous deux ont révélé l'amour de leur tâche. C'est la détresse d'une maman devant le désordre de sa fille, comme le soin qu'elle a mis à rapiécer

la culotte de son gamin. Ici et là, elle s'est montrée soigneusement diligente...

Faite dans cet esprit, la révision de vie a une vertu inépuisable :

1° elle fait entrer l'âme dans le concert de louanges et de gratitude des élus. Elle prédispose à l'oraison de foi le militant nourrissant son commerce avec Dieu des beautés découvertes ;

2° elle est une école d'assujettissement du militant à son milieu, le préservant de s'en évader. Ecole de charité dans la vérité par un appel incessant à correspondre à la grâce divine qu'il découvre être en travail autour de lui ;

3° elle est déjà une conquête par la médiation qui s'établit dans l'âme du militant, par une prise en charge surnaturelle des personnes qui l'entourent et des communautés naturelles dont il est membre et par une sujétion amoureuse qui les exhausse.

C'est toute une spiritualité d'action catholique qui se dessine.

.....

A ce prix, le militant sera le levain dans la pâte, et toute la masse sera soulevée.

(Paru dans *Masses ouvrières,* première livraison, avant numérotation, en mars 1944.)

Témoignage du 23 septembre 1947, a la Session nationale des aumôniers jocistes, a Versailles

Extraits

Souvenez-vous, les anciens, de ces messages fulgurants (de Cardijn) qui nous ont enthousiasmés, parce qu'ils nous ouvraient des perspectives illimitées, là même où le mur de

nos impossibilités nous apparaissait plus épais et plus infranchissable :

« L'usine n'est pas un bagne, mais un chantier, un sanctuaire. »

« Le travailleur n'est pas un esclave, ni une bête de somme, ni un forçat, mais un collaborateur de Dieu, un fils de Dieu. »

Ce point de vue est libérateur, parce qu'il est vrai.

Ma paroisse, je la vois désormais avec des yeux neufs. Elle n'est pas seulement un chiffre de population. Elle est une portion d'humanité où je dois promouvoir le règne de Dieu. Je la parcours pour y découvrir ici l'usine, cette « maison fermée » où je ne pénétrerai jamais que précédé d'une carte de visite, dans les bureaux de la direction ; là, une école professionnelle, autre « maison fermée », où une soutane ferait sensation, jusqu'à émouvoir l'Académie ; là, des ateliers de couture ou de mode, là une banque, là une rue commerçante, là un quartier ouvrier, cité ou coron, autant de communautés naturelles où la vie humaine coule à pleins bords, hostile, indifférente ou attentive au règne de Dieu, soit qu'elle s'enlise dans la promiscuité ou le vice, soit qu'elle se déroule au hasard des rencontres et des oppositions d'intérêt, soit qu'elle s'essaie à chanter Dieu par des initiatives désintéressées, généreuses, inspirées par l'amour et qui lui donnent une âme.

Heureux vicaire, heureux curé, si parcourant ma paroisse à quelque heure du jour ou de la nuit, je sens comme les pulsations de ces diverses communautés humaines, jusqu'à discerner en elles les mouvements de fièvre, les convalescences pleines d'espoir, le rythme de la santé, parce que je vis avec elles, parce que je suis associé par mon sacerdoce à la libération d'une louange à Dieu, du sein de la terre des vivants.

Heureux vicaire, heureux curé, si rien dans ma paroisse ne m'est étranger, si ma médiation, avec du plus et du moins dans l'efficacité, est universelle, si ma messe présente au Père la vie totale de ces humains dont j'ai charge d'âmes et qui réalisent leur salut dans l'exercice de leurs responsa-

bilités, de leurs devoirs, dans une entière union avec le Verbe incarné et Rédempteur, grand prêtre de l'humanité.

Ces vues nous font accéder à l'intelligence du laïcat, dans ce grand œuvre dont nous avons la charge.

.....

Le grand paradoxe de la JOC naissante fut : la formation par l'action...

La formation par l'action est une formation par la vie et dans la vie... Formation éminemment personnelle et sur mesure tout entière suspendue à cette trouvaille de la JOC qu'est *la révision de vie.*

La révision de vie n'est pas une *révision d'activité,* ni même une révision d'influence. Dans le premier sens, elle serait (elle est) une pédale de débrayage de la vie ouvrière. Hélas, nous avons expérimenté cela : telle section, magnifiquement active, tournant à vide dans un monde clos, en marge de la vraie vie, et des préoccupations du quartier, du monde du travail, voire même de la vie de famille des propres militants jocistes.

Dans le second sens, *révision d'influence,* elle est une entreprise d'époumonnement, de claquage du militant, qui doit bien vite constater que son influence est nulle, que sa prétention est vaine, que ses attitudes et ses initiatives de plus en plus héroïques se trouvent, par un choc en retour, le séparer de ses compagnons qu'il prend tant de peine à « avoir ».

La révision de vie est quelque chose d'autrement plus vrai, d'autrement plus profond, d'autrement plus désintéressé. Elle est essentiellement ce regard attentif du jeune ouvrier touché par la grâce, sur sa vie ouvrière — ce possessif est encore de trop — sur *la vie ouvrière* telle qu'elle se présente à lui. Il y a, dans ce regard, plus ou moins furtif au début, le principe de cette médiation active qui est toute la spiritualité du jociste, disons du laïcat d'action catholique... Ce regard, assuré, encouragé, purifié, fait accéder normalement le simple jociste à la vie intérieure.

Ce regard doit lui faire aimer son milieu ouvrier.

Alors sa médiation s'affirme :

Le militant *rend grâces* des beautés perçues, des grandeurs de la vie ouvrière, et il accède à cette complaisance filiale qui répond en Jésus-Christ à celle du Père pour son Fils.

Le militant *répare* pour sa classe ouvrière, dont il veut porter le péché. Voir couramment cet ascétisme de nos militants : discipline du lever, privation de tabac, de vin, en esprit de réparation.

Le militant *demande* : il prie pour ses frères, pour sa classe ouvrière, et finalement, il adore le Dieu souverain, provident Père qui mène nos destinées, et travaille de son amour la masse humaine.

Cette médiation active mène normalement à la vie sacramentelle : l'Eucharistie, la messe et la communion, la Pénitence, le prêtre, la direction spirituelle, l'Eglise... Alors le militant, à cette école, agit non pour faire honneur à la religion, ou la défendre. Il agit par religion, religieusement, il participe au sacerdoce du Christ, au sein de l'Eglise et à sa place, il est participant à l'apostolat hiérarchique. Voilà l'Action catholique.

La révision de vie, en somme, une re-vision, désintéressée, aimante, généreuse, de la vie ouvrière à laquelle il participe, dans laquelle il se meut ; et c'est elle — pratiquée sous des formes très variées et adaptées — qui l'entraîne sur le chemin de la perfection.

Révision de vie : moyen de formation, qui trouve place dans toutes les réunions jocistes, réunions de sections, réunions fédérales, et qui constitue la substance de l'entretien en tête-à-tête du militant avec son aumônier.

(Paru dans *Masses ouvrières,* n° 29, décembre 1947)

QUELQUES POINTS DE REPERE DANS 50 ANS DE JOC

1919-1925 : la JOC naît en Belgique autour du P. Cardijn ; celui-ci est reçu en 1925 par le pape Pie XI ; la JOC belge tient son premier congrès.

1926-1927 : la JOC française naît autour de l'abbé Georges Guérin.

1928 : lancement de la JOC féminine (JOCF).

1930-1934 : premières campagnes, premiers services lancés par la JOC en direction des jeunes chômeurs.

1935 : dans le sillage de la JOC, naissance de la Ligue des ouvriers chrétiens (LOC) pour les adultes.

1936 : les jocistes participent nombreux aux mouvements sociaux qui marquent le temps du Front populaire.

1939 : la guerre empêche la tenue du premier rassemblement international, prévu à Rome.

1940-1945 : sous l'Occupation, la JOC refuse l'intégration dans les organisations pour la jeunesse du régime de Vichy.

1950 : grâce à l'action de la JOC, des jeunes travailleurs obtiennent une loi accordant 4 semaines de congé payé aux moins de 18 ans, et 3 semaines de 18 à 20 ans.

1957 : premier Conseil mondial de la JOC à Rome ; adoption des statuts de la JOC internationale.

1961 : deuxième Conseil mondial à Rome. Rio-de-Janeiro.

1963 : rassemblement européen à Strasbourg ; adoption d'un statut du jeune travailleur.

1965 : troisième Conseil mondial de la JOCI, à Bangkok.

1967 : rassemblement du 40e anniversaire de la JOC française « Paris 67 », 50 000 jeunes acclament une série de dix-neuf propositions visant à améliorer la condition de la jeunesse ouvrière.

1968 : les jocistes sont dans les « événements » de mai ; la JOC rappelle ses revendications.

1969 : campagne internationale de solidarité avec la JOC du Brésil.

1969 : enquête — 400 000 questionnaires — sur l'avenir professionnel.

1969 : Conseil mondial à Beyrouth.

1973 : solidarité internationale avec la JOC du Vietnam.

1974 : le rassemblement Objectif 74, à Paris.

1975 : Conseil mondial de Linz (Autriche).

1976 : rassemblement national de 5 000 apprentis à Paris.

14 mai 1978 : à La Courneuve (Seine-Saint-Denis), rassemblement final de l'année du 50e anniversaire de la JOC-JOCF française...

TABLE DES MATIÈRES

Préface 7

Notice biographique 9

CHAPITRE I
L'irruption de la JOC en France 11

CHAPITRE II
Le premier visage de la JOC 22

CHAPITRE III
Les années 1930 : l'ACJF et la JOC 35

CHAPITRE IV
La révision de vie 42

CHAPITRE V
La JOC et l'expérience des prêtres ouvriers .. 53

CHAPITRE VI
Les années 1950 : épreuves et maturation 60

CHAPITRE VII
Vatican II : heure de vérité pour la JOC 69

CHAPITRE VIII

Le Concile, confirmation et approfondissement pour la JOC 78

CHAPITRE IX

Du Concile au 50e 88

ANNEXES 101

Quelques points de repère dans 50 ans de JOC .. 107

20

Achevé d'imprimer en avril 1978
sur les presses de l'imprimerie Laballery et Cie
58500 Clamecy
Dépôt légal : 2e trimestre 1978 — Numéro d'Editeur : 3900
Numéro d'impression : 18750

Au fil des souvenirs évoqués par Mgr Béjot, ce n'est pas seulement cinquante années de la vie de la J.O.C. qui sont ici observées. Ancien aumônier fédéral, puis régional de la J.O.C., le Père Béjot reste l'un des « Pères » de la Jeunesse ouvrière chrétienne. Cette J.O.C. lui a appris, à lui prêtre et évêque, ce qu'est la jeunesse ouvrière, ce qu'est la classe ouvrière.

Et ce n'est pas la plus mince qualité de cet ouvrage que de nous restituer, ici, une des plus belles entreprises évangéliques de ce siècle : faire naître l'Eglise du Christ, au sein de la masse des travailleurs.

LES EDITIONS OUVRIERES
12, avenue Sœur-Rosalie
75621 Paris Cedex 13

LA OPCION POR LOS POBRES

Mons. Leonidas Proaño

Palabra viva 3

LA OPCION POR LOS POBRES

LA OPCION POR LOS POBRES

MONS. LEONIDAS PROAÑO

Mons. Leonidas Proaño
PALABRA VIVA 3
"LA OPCION POR LOS POBRES"

Edición: CECCA, CEDECO, FEPP
Fundación Pueblo Indio del Ecuador.
Diagramación y fotografía: CEDECO
Titulación: Fundación Pueblo Indio del Ecuador.
IQuito, agosto de l990

PRESENTACION

UN POBRE LLAMADO LEONIDAS

"Siempre habrá pobres entre ustedes"

Las palabras de Jesús las habíamos interpretado a partir de nuestro egoísmo como una bendición de pobreza. Hablo de la pobreza sufrida, no de la que se asume libremente por amor solidario. Servía además como justificativo al secular contubernio entre la Iglesia y los poderosos de esta tierra.

Es sintomático constatar, como lo señala Víctor Codina, que si bien la palabra "pobreza" abunda en los índices de la teología anterior al Concilio Vaticano II (1962), la palabra "pobre" es muy difícil encontrarle (1).

Fue menester que surgieran hombres y acontecimientos para que llegara a su fin tan grave omisión. Un Juan XXIII, un Leocaro, Charles de Foucauld, Vaillaume, L'abbé Pierre, Cardiun, Ancel, los curas obreros y

(1) Víctor Codina,"De la modernidad de la solidaridad", CEP, Lima, Perú, 1984

ese nuevo Pentecostes: el Concilio Vaticano II, sin mencionar otros nombres y acontecimientos, pero sin omitir tampoco la Renovación bíblica preconciliar.

El empobrecimiento creciente del Tercer Mundo fue coincidentemente el detonador. Igualmente los movimientos de liberación que estallaron en el continente africano. Igual ocurrió en el nuestro. América Latina apareció de pronto ante nuestros ojos, "ancho y ajeno". La frase de Gustavo Gutiérrez, como una "totalidad de dominación", de cuyas entrañas emergió un ronco clamor cada vez más amenazante. La del pobre que exigía justicia.

La nómina de los hombres que nos ayudaron a despertamos, a reconocer al pobre, así como a descubrir el potencial liberador de la palabra de Dios, es incompleta. Corresponde, cronológicamente al tramo de la historia que parte de la década del 60: MANUEL LARRAIN, CAMILO TORRES, HECTOR GALLEGOS, HELEDER CAMARA, LUIS ESPINAL, OSCAR ROMERO, LEONIDAS PROAÑO, ANGELELLI, VALENCIA, ELLACURIA y sus compañeros y una multitud de profetas y mártires, de hombres y mujeres que constituyen la mayor gloria de la iglesia latinoamericana de los últimos tiempos.

Entre los sucesos, Medellín (1968) y Puebla (1979). Por supuesto también "Santa Cruz de Riobamba" (1976) en donde cerca de medio centenar de obispos religiosos y laicos fueron reducidos a prisión, siendo la principal figura el Obispo de los indios "Santa Cruz", golpe mortal al modelo constantineano de Iglesia.

Estos hombres y acontecimientos manifestaban, aquella doble conversión iniciada en el Concilio: conversión a Dios y conversión al hombre. En definitiva una sola porque no hay camino hacia Dios que no pase por el hombre y viceversa, como ya lo señalaba Pablo VI al clausurar el Vaticano II.

Fuimos descubriendo poco a poco que el Dios de Jesús y por lo tanto el nuestro, era el Dios de los pobres que por supuesto no excluye a nadie de su proyecto salvador.

Que no había otra manera de entender correctamente la palabra de Dios consignada en la Biblia sino desde la óptica de los pobres, a los cuales urgía devolver su libro.

Que detrás de cada hombre empobrecido había un empobrecedor y todo un sistema injusto y esclavizante, que era necesario denunciar y combatir, a tiempo y a destiempo. Sistema de pecado.

No olvidaré aquella mañana cuando luego de abrir la correspondencia que le había llegado me dijo: "La carta que me ha emocionado es la de una pequeña comunidad indígena del Chimborazo. Me dicen que están conmigo. Que siga luchando sin temor por la causa de los pobres. ¿Qué te parece? Esto es lo que me sostiene para seguir adelante.

Un pobre vino a evangelizamos, se llamaba Leonidas.

Guayaquil, 3 de junio de 1990
José Gómez Izquierdo.

FUNDAMENTOS DE LA OPCION POR LOS POBRES

Mi querido hermano de sacerdocio, Párroco de Huaca, Señor Teniente Político, Sr. Presidente del Centro Cultural y queridos amigos aquí presentes.

Voy a hablar con ustedes sencillamente. Se me ha pedido dejar unas palabras de siembras, siembras del Evangelio. Si se me ha invitado a venir a Huaca, como se me ha invitado a otras partes del país, es principalmente porque, como se lo ha recordado ahora, ha habido un trabajo durante más de treinta años, al frente de la Diocésis de Riobamba, en favor de los más pobres, de los indígenas.

Ha sido un trabajo duro, trabajo difícil pero consolador; por eso me parece conveniente que en esta noche yo les hable de los fundamentos de la opción por los pobres, como lo dijo la Conferencia Episcopal de Puebla. La Iglesia hizo allí una opción por los pobres, una opción preferencial.

Discurso pronunciado por Mons. Leonidas Proaño en el Acto en Huaca, Carchi, 1 de julio de 1985

Cuáles son los fundamentos, llamémosles teológicos, de esa opción por los pobres? Recordemos a grandes rasgos.

Preferencia de Dios por los pobres

Dios es el Creador de todas las cosas. El creó el mundo, el universo, creó nuestra tierra con todas las riquezas que ella contiene; fue como una especie de preparación para la creación del hombre. Después de hacer todo cuanto nosotros conocemos, y muchas cosas que no conocemos todavía, Dios se dijo a sí mismo: hagamos al hombre a nuestra imagen y semejanza. Retengamos bien estas palabras, a nuestra imagen y semejanza, e hizo al hombre.

Pero este hombre abusó de su facultad de ser libre y por este abuso se introdujo el pecado en el mundo. A partir de allí la historia de la humanidad, es una historia de muchas tristezas. Si consideramos esta historia, a grandes rasgos, vemos que hay muerte.

La primera historia que nos cuenta la Sagrada Escritura es el asesinato, el fratricidio cometido por Caín en su hermano Abel. Por qué? Porque el sacrificio de Abel era grato a los ojos de Dios, en cambio, el sacrificio de Caín no era grato a los ojos de Dios. No lo dice la Bilbia, pero muy probablemente el sacrificio de Caín no era grato porque era un sacrificio interesado.

Muchas veces puede ocurrirnos también a nosotros, que hacemos actos religiosos, actos de piedad, actos de devoción, más bien por interés antes que por un auténtico servicio a Dios. Y así se manchó la tierra con sangre humana, derramada con la sangre de un mismo hermano.

Podemos ir viendo que, a lo largo de la historia de la humanidad, la guerra ha constituído el hecho culminante de esa historia. Es una historia de verguenza para la humanidad. Guerras, matanzas, asesinatos y con todo eso, juntamente, el surgimiento de la ambición, de la ambición de riquezas, de la ambición de poder. La ambición de riqueza anda del brazo con la ambición de poder político.

Ha sobrevivido una especie de división de la humanidad. Unos hacen todo lo posible para enriquecerse, para captar el poder económico y con éste el poder político, a costa de la explotación y la opresión de otros seres humanos dominados por ellos.

El amor por los más pobres debe ser nuestra bandera

Ya en el Antiguo Testamento encontramos que Dios se muestra favorable hacia los pobres, hacia las viudas, hacia los huérfanos, hacia los extranjeros que, quizás emigran a otros país en busca de pan para saciar su hambre. En el Antiguo Testamento leemos toda la historia de la liberación del pueblo de Israel que fue sojuzgado por los faraones. Cuando se aparece el Señor a Moisés en la cumbre de una montaña le dice: he visto la opresión de mi pueblo, he escuchado el clamor de mi pueblo y he bajado para liberarle. En prueba de que ha bajado a liberarlo, da a Moisés una misión muy difícil: preséntate ante el faraón y dile que

deje marchar libremente a mi pueblo hacia el desierto, para que allí me ofrezca sacrificio. El corazón del faraón se endurece y sucede todo lo que conocemos acerca de las diez plagas de Egipto. Finalmente, el faraón permite, al menos transitoriamente, que el pueblo de Israel salga de la opresión. El faraón se arrepiente, arma sus ejércitos y va en persecución del pueblo. Conocemos, de igual manera, la intervención del Señor en el paso del mar Rojo, cómo ampara al pueblo que está conquistando su libertad.

No vamos a extendernos en esta historia de la liberación de Israel; la hemos recordado así, brevemente, pero esa preferencia de Dios por el pobre, se hace presente a través de los profetas, quienes levantan su voz con una valentía extraordinaria, diría yo, hasta con una dureza de lenguaje poco común, en contra de los poderosos, en contra de los que quebrantan los mandamientos de Dios, que se fundamentan en el amor al prójimo, en el amor al más pobre.

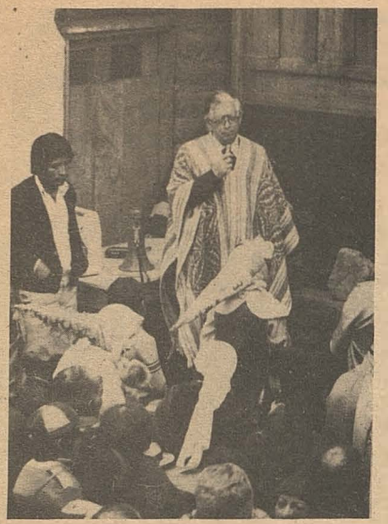
Hacerse pobre entre los más pobres

Así prepara el Señor el día de la salvación, que llega con la encarnación del Verbo de Dios. Aquí quiero detenerme un poco más. Hablando de Jesucristo, San Pablo, nos dice en una de sus cartas que, siendo rico, se hizo pobre, y esa es la verdad.

Si hemos hablado esta noche de la creación del mundo, es la palabra de Dios, es el verbo de Dios, quien actuó en esa creación. En la Biblia encontramos que Dios habló y dijo: sea la luz, y la luz, fue. Por lo mismo, este Jesús en quien creemos los cristianos, es la palabra de Dios, es el Verbo de Dios, por el cual, según dice San Juan, fueron hechas todas las cosas y nada de cuanto existe ha sido hecho sin él.

Este es el Hijo de Dios, el Verbo de Dios, el que ha hecho tantas cosas, tantas riquezas. De suyo, es pues, rico; por eso dice San Pablo siendo rico se hizo pobre; se hizo pobre, al tomar la naturaleza humana, al tomar un cuerpo como el que tenemos nosotros, un cuerpo con tantas limitaciones, al tomar una sensibilidad como la nuestra, al hacerse capaz de sentir hambre, de sentir sed, de sentir cansancio, ya que Jesús sí experimentó el cansancio, la fatiga, experimentó sed. Recordemos, para comprobarlo:

Dice el Evangelio que Jesús se quedó sentado junto al brocal del pozo de Jacob, mientras iban sus discípulos a comprar pan, en la población vecina de Samaria. Fatigado estaba, no podía continuar caminando con ellos. Se quedó a descansar, los demás fueron a comprar pan porque tenían hambre. Jesús tenía sed y cuando se acerca la mujer samaritana le dice: dame de beber, dame un vasito de agua. La mujer le replica: ¿Cómo tú, siendo judío, me pides a mí que soy samaritana que te dé de beber?, y entabla un diálogo. Tampoco vamos a detenernos en el diálogo, nada más que quede claro que allí se demuestra que Jesús experimentó fatiga, cansancio, sus piernas ya no le daban más para continuar caminando; se sentó a descansar. El tenía hambre como tenían también sus compañeros de viaje y experimentaba sed; se hizo humano como nosotros, San Pablo dice: asumió todas nuestras miserias menos la del pecado. Se hizo pobre no sólo en el sentido de haber tomado nuestra naturaleza humana, tan frágil, tan débil, tan proclive a sentir muchas



necesidades, sino que se hizo pobre entre los más pobres, porque él quiso nacer en un hogar pobre, quiso nacer en Belén, no siquiera en una casita, sino en un pesebre. María y José eran pobres, José, todos lo sabemos y lo reconocemos como humilde artesano, como un artesano de pueblito pequeño. Allí creció Jesús y cuando a la edad de treinta años más o menos, le tocó salir al público para predicar la Buena Nueva de salvación, de quiénes se rodeó? Se rodeó de pobres que eran sus discípulos escogidos entre humildes pescadores. Y si podemos decir que hubo alguien que fuera rico fue Mateo, Saqueo, él entró en el Colegio Apostólico, en el grupo de los apóstoles de Jesús, después de renunciar a la riqueza, después de decir: voy a devolver todo lo que he robado y voy a repartir la mitad de mis bienes a los pobres.

Jesús subió a la montaña y predicó allí su famoso Sermón de la Montaña en donde dijo: bienaventurados los pobres porque de ellos es el reino de los cielos. Podría alargarme más comprobando cómo Jesús, nuestro salvador, el hijo de Dios hecho hombre, se hizo pobre y vivió con los pobres, se rodeó de pobres, pero creo que debemos detenernos para hacer algunas reflexiones.

La opción por los pobres, un desafío de la Iglesia Latinoamericana

Empecé diciendo que la Iglesia Latinoamericana reunida en Puebla, aprobó el capítulo en el cual se habla de la opción preferencial por los pobres. En esto, la Iglesia de América Latina no ha hecho otra cosa sino reorientar la línea del Evangelio, aplicarla a nuestra realidad

latinoamericana, por lo mismo, aplicarla a nuestra realidad ecuatoriana. Cuando se aprobó este documento en Puebla, me llené de alegría, Porqué? Porque en la Diócesis de Riobamba, había hecho esa opción por los pobres desde un comienzo. La documentación de Puebla fue como una comprobación o aprobación de algo que veníamos haciendo.

A los pobres se les anuncia esa buena nueva de salvación que Cristo proclamó en la sinagoga de Cafarnaún: he sido ungido y enviado para predicar la buena nueva a los pobres, para dar vista a los ciegos, para proclamar también la liberación de los oprimidos. Se aplicó así mismo la profecía de Isaías que Cristo les estaba enseñando: que la Buena Nueva hay que predicarla a los pobres.

Son los pobres los que reciben la revelación del Padre

Quiero añadir lo siguiente: se están haciendo muchos elogios. Ahora mismo, las palabras que se han pronunciado, son de elogio para mi persona. Yo les digo con toda sencillez y con toda verdad que no soy yo el que merece esos elogios, no, de ninguna manera. Si bien es verdad

que fui a la Diócesis con ese anhelo de proclamar la Buena Nueva a los pobres, y mis colaboradores, sacerdotes, religiosas, seglares, todos, hemos cumplido con esa misión encargada por Cristo, los pobres nos han devuelto con creces. Hay una frase que recorre el mundo y dice que los pobres nos evangelizan. La misma conferencia de Puebla dice que hay que aprovechar el potencial evangelizador de los pobres. Yo puedo decir que eso lo hemos vivido en carne propia, que he podido comprobar cómo los pobres, cómo los indígenas, analfabetos muchos de ellos, han captado la profundidad del mensaje del Evangelio, lo entienden, lo comprenden.

Los marginados comprenden y viven mejor el Evangelio

Dice el Evangelio que un día Jesús hizo una oración que consistió en estas palabras: Padre, dirigéndose a Dios, Padre, yo te bendigo porque has revelado todas estas cosas a los pequeñitos, a los pobres, diríamos ahora a los analfabetos, a los más despreciados, a los que han sido, precisamente, despreciados por la sociedad rica, les has revelado todas estas cosas y las has ocultado a los poderosos, a los que se llaman entendidos. Esto lo he comprobado yo en cantidad de veces. Son los pobres los que reciben una revelación de lo alto, del Padre que está en los cielos; captan el mensaje evangélico con una claridad extraordinaria, pero no solamente lo captan, luego lo viven, lo ponen en práctica. Jesús dijo que no basta con escuchar la palabra de Dios, que hay que ponerla en práctica; ellos lo han entendido perfectamente bien.

Como ejemplo de lo dicho, he visto indígenas que, una vez que recibieron la luz de la revelación de la palabra de Dios, indígenas pobres, pobrísimos, han ido a trabajar en la zafra, en los ingenios de azúcar, uno o dos meses, trabajando duramente y ahorrando lo que más podían para atender a su familia y dedicar luego, un mes entero, a realizar un trabajo de evangelización en las comunidades indígenas, es una muestra de cómo ellos viven el evangelio, de cómo el pobre nos evangeliza.

He visto así mismo, entre dos campesinos dirigentes indígenas de una misma comunidad, establecer una especie de turno para atender las necesidades de la comunidad. Mientras uno de ellos trabaja un mes en la costa, el otro que al frente atendiendo todas las necesidades, para nodejar huérfana a la comunidad en ningún día del año. Los he visto estar dedicados constantemente al trabajo apostólico, y vuelo a repetir que, cuando veo esto, digo que los pobres realmente nos evangelizan, nos conmueven, nos sacuden, y por eso también he afirmado que los elogios no son para mí; cuando los escucho, como en esta noche, yo lo enderezo hacia ellos, hacia el pueblo pobre del Ecuador, hacia este pueblo cristiano del Ecuador, hacia ustedes, entre quienes puede haber ciertas diferencias pequeñas en cuanto a bienestar, pero no es una

población rica la del Ecuador, no es una población opulenta, no, es un pueblo pobre, un pueblo creyente en Dios y en la Virgen, un pueblo que cree en la providencia de Dios, que cree en el amor protector de la Virgen Santísima, que cree en el Evangelio, que cree en Jesús, y es su seguidor.

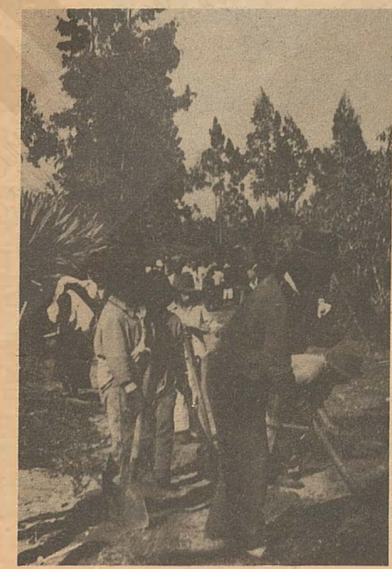
Este pueblo capaz de muchas acciones, de muchos compromisos, es nuestro pueblo y a él me pertenezco. Este pueblo es el que merece todos los elogios, de modo que, devuelvo a ustedes todos los elogios que he recibido.

Un pueblo que no pierda sus genuinos valores

Se está hablando de mi candidatura al Premio Nobel de la Paz. Se habla del honor que eso puede significar. Todo lo que significa honor viene a ser vacío, puede ser vacío, inclusive el mismo premio, si ese premio no trae un compromiso, un desafo con el pueblo.

Este pueblo es el que tiene que cambiar, tiene que avanzar, avanzar en qué sentido, a la riqueza? No. Quisiera que avance a cierta conquista de la justicia y a la conquista de una suma de bienes necesarios, indispensables, de acuerdo con la voluntad de Dios, para que este pueblo pueda desenvolverse, pueda educarse, pueda crecer. Pero, fundamentalmente, quisiera que fuésemos un pueblo unido y nos identifiquemos como tales, como ecuatorianos, como latinoamericanos, un pueblo que no pierde su fe, un pueblo que no pierde sus valores.

Hay muchas influencias que nos vienen de diversos costados, influencias perniciosas, tendientes a hacernos perder nuestros valores culturales. Séame permitido en este momento saludar la iniciativa de haber creado un Centro Cultural que, seguramente, quiere rescatar valores culturales ancestrales de nuestros antepasados. No debemos negar ni renegar del porcentaje de sangre india que también llevamos en nuestras venas, y por lo mismo, no debemos renegar de los valores culturales que, como herencia, nos dejaron esos indios, que vivieron unos valores culturales extraordinarios.



El pueblo de Carchi se ha distinguido y ha conquistado fama con las grandes mingas que ha realizado en tantas oportunidades. Qué es la minga? La minga es una herencia de los indígenas, es trabajo comunitario en busca del bienestar de todos al realizar una obra grande o pequeña en bien de la comunidad. Señal de que hemos heredado valores culturales es este sentido comunitario, este sentido de fraternidad, de justicia mutua, y son valores que deben distinguimos, caracterizarnos como ecuatorianos y como creyentès en Cristo, como discípulos de El.

Tenemos también que poner en

claro otros valores que nacen de la voluntad de Dios, que el Señor mismo ha sembrado en el corazón humano, pero que el pecado ha ido destruyendo en lo que llamamos civilización. A más de la justicia, a más del amor que es la fuente del espíritu comunitario, de ese espíritu fraterno, tenemos que aprender a ser verdaderos, transparentes, claros, de tal manera que, lo que pensemos lo digamos; lo que sintamos en el corazón lo digamos; que no disfracemos nuestro pensamiento, que no disfracemos nuestros sentimientos, que no entre la hipocresía, que no entre el engaño y no entren las apariencias en nuestra vida cotidiana, en nuestras relaciones con otros, sino que seamos siempre limpios, sinceros, sencillos en nuestro proceder como en nuestra manera de hablar.

La verdad nos hace libres

Otro valor que tenemos que cultivar es el valor de la libertad. Dios nos llama a ser libres, a no ser esclavos de nada ni de nadie, ayudándonos unos a otros estamos llamados a ser libres, y Jesús dice en el Evangelio: la verdad os hará libres.

Si practicamos lo que acabo de decir, de ser verdaderos, de ser limpios, de ser transparentes, en ese mismo hecho empezamos a conquistar la libertad para ser un pueblo, el pueblo de Dios, un pueblo que pueda irradiar desde su vida, desde la práctica diaria, cotidiana, a veces rutinaria de nuestras actividades, irradiar luz, irradiar amor, fuego, en América Latina y en el mundo.

Felicito la existencia de un Centro Cultural en donde haya el cultivo, el descubrimiento de nuestros auténticos valores, a través de qué? Habrán múltiples manifestaciones. La música es una expresión de la cultura propia, en esto debemos ser celosos. No dejemos penetrar músicas extrañas que nos aturden y nos roban nuestros propios valores. Podrán ser la poesía, el teatro, la danza y tantas otras manifestaciones artísticas las que nos permitan ser creadores de una cultura propia, escarbando diría yo, en nuestros valores anteriores, y cultivando todo eso porque ahí está la autenticidad de una semilla de salvación.

Es necesario unimos a otras personas que pueden tener otras preocupaciones, como los agricultores, por ejemplo, unirnos con los que cultivan la tierra, con los que sudan con el azadón en la mano para extraer del seno amoroso de la tierra los alimentos para nuestra vida, con ellos, con los artesanos, con el carpintero, con el herrero, con el mecánico, con el sastre, con todos, del brazo unidos. Ellos realizando sus propias actividades de acuerdo con el plan de Dios, contribuyendo a crear un pueblo, un pueblo ecuatoriano que sea auténtico, que se identifique por unas características, que nace del mismo Evangelio, de la misma voluntad de Dios.

Este es el proceso que se está siguiendo en toda América Latina y constituye una esperanza. Ahora, hay gente que predica el Evangelio, no solamente los sacerdotes. Por fortuna tenemos la posibilidad de que nos ayuden en esta tarea de predicar el evangelio, religiosas y seglares. Los seglares tienen un puesto en la Iglesia, una responsabilidad, y si ellos van predicando este Evangelio auténtico de hacer la voluntad de Dios, de constituir el reino de Dios en nuestras relaciones, todos estamos juntos, todos estamos del brazo.

La iglesia latinoamericana humilde pero grande

Lo que estoy diciendo me hace recordar que, en momentos de prueba, en momentos de conflicto, en momentos tenebrosos, que los hemos vivido, siempre me han llegado voces de aliento, voces de fraternidad, tanto de personas amigas, de cristianos conocidos, como también de otros cristianos con quienes no habíamos tenido la oportunidad de hablar, de conocernos personalmente. Cristianos del país, cristianos de otros países. Cartas, telegramas, que llegan con una voz de aliento. He visto a través de ese gesto que ésta Iglesia de la que formamos parte es algo humilde, pero grande; que esas voces nos llegan como voces de fraternidad, como una mano que se acerca al brazo del hermano que está padeciendo para decirle: estamos contigo, no te desanimes, no te desalientes, sigue adelante en tu tarea. A través de esas voces de nuestros hermanos, me ha parecido escuchar la misma voz de Dios.

Este es el mensaje que les dejo a ustedes. Ojalá les nazcan muchas inquietudes, ojalá nazca en el corazón de cada uno de ustedes,

cualquiera sea la actividad que realicen, el deseo, la aspiración de aportar con lo que puedan para el proceso de formación de este pueblo del Ecuador, unido a todos los pueblos hermanos de América Latina. Si contribuímos así, aceleraremos la venida del Reino de Dios, si contribuímos así aportaremos a la salvación de este mundo, de este mundo en peligro, en pecado, que puede llevamos a la destrucción y a la muerte.

Construyamos la Patria Grande

Queridos hermanos amigos de Huaca. Después de reflexionar sobre todo esto, de comentar en nuestras casas, con nuestros vecinos, pueden descubrir que hay la necesidad de concretar estas ideas en algo práctico, y ese algo práctico serán organizándose. Pertenecer a alguna organización, fundamentalmente a una comunidad cristiana, que se reúna para leer la palabra de Dios y aplicarla a la realidad, para comprometerse a trabajar por los demás hermanos. Si de esa comunidad cristiana van naciendo otras organizaciones, de acuerdo con otras necesidades, en buena hora; pero hay necesidad de organizamos, de vivir juntos, de experimentar allí, en las reuniones periódicas, en la fraternidad, este amor mutuo, este espíritu de servicio. Por allí el corazón se irá ensanchando para amar no solamente a los próximos, a los que están más cercanos a nostros, sino también para amar a otros hermanos desconocidos dentro del país, para amar a otros hermanos que están viviendo en otros países y que están sufriendo.

De esta manera se llega a expresar la solidaridad, que no es otra cosa que, una forma de expresar el amor cristiano a seres que están sufriendo: Esto nos vinculará poco a poco con otros países, con otros hermanos y así, llegaremos a construír una patria grandes que se llama América Latina, esa América Latina que en estos momentos padece, como alguien dijo, dolores de parto, porque está en vísperas de dar a luz, a un nuevo hombre, a una nueva sociedad, a un mundo nuevo de acuerdo con las sagradas escrituras. Encaminémonos hacia allá queridos amigos.

SOLIDARIOS CON LOS POBRES

Querido público: nada más una palabra de saludo en esta linda mañana en la que nos encontramos en este estadio. Al llegar aquí, vuestra presencia y vuestros gritos por la paz, me han emocionado profundamente. Tenemos que trabajar por ella a todo nivel, tenemos que hacer conciencia de que la construcción de la paz, está, principalmente, en manos de los jóvenes, por lo mismo en manos de ustedes. Mi saludo entonces muy cariñoso, salido de lo hondo del corazón, porque para mí, un hombre que ha llegado ya a los setenta y seis años, la juventud constituye la esperanza del mañana, la esperanza de la patria, la esperanza de la Iglesia.

Vamos a unimos estrechamente en nuestra fe en la celebración eucarística de esta mañana; vamos a pedir al Señor que El nos fortalezca y nos ilumine para poder ser luchadores incansables por la paz. Jóvenes, adultos, viejos, todos unidos hacia el mismo objetivo noble como es este de la paz. Permitidme entonces que, después de haberles saludado, suba al altar para tomar los ornamentos y empezar esta celebración eucarística. Muchas gracias.

Discurso pronunciado por Mons. Leonidas Proaño en la Jornada por la Paz y la Justicia. Tulcán, 15 de noviembre de 1986.

HOMILIA DE LA MISA CAMPAL

Les invito a dedicar unos minutos a la reflexión con la palabra de Dios que hemos escuchado. No voy a hacer otra cosa sino sugerencias de reflexiones.

Urge ser solidarios con el que sufre

En primer lugar, recordemos lo que hemos escuchado en las primera lectura tomada del libro del Exodo. Recordemos que se trata del pueblo israelita, esclavo en Egipto, esclavo y padeciendo muchas torturas, maltratos del faraón, quien había dictado una ley, por la cual, todo niño varón que naciera de una mujer hebrea, debía ser muerto. Quería extinguir la raza del pueblo israelita.

Lo que hemos escuchado en la lectura primera, es el encuentro de Dios con Moisés. Trate de verse, cada uno un poquito, en la actitud de Moisés. El estaba en la montaña, pastoreando ganado, y vio de repente que ardía una zarza; había un gran fuego pero no se consumía; no había cenizas. Le picó la curiosidad y se acercó para ver qué pasaba allí, entonces escuchó una voz que le dijo: quítate las sandalias Moisés porque la tierra que pisas es sagrada. He visto la tristeza y sufrimiento de mi pueblo, he oído el clamor de mi pueblo y he bajado para liberarlo. Tres acciones: ver, escuchar y actuar. Eso es lo que hace el Señor, ve, escucha y actúa.

Todo este recuento de la primera lectura que nos sirva para reconocer en Dios, nuestro creador y padres, al principal ser solidario con el que sufre.

Ahora, en nuestro tiempo. hablamos mucho de solidaridad porque es necesaria entre los seres humanos. La solidaridad con los que sufren, con los abandonados, con los que padecen hambre; la solidaridad con los que son víctimas, por ejemplo, de terremotos o de otros accidentes semejantes; la solidaridad con los pueblos como el de El Salvador, como el de Nicaragua, que están martirizados por fuerzas extrañas. El comprobar que Dios es el mayor solidario nos da fortaleza y una mayor visión. Cuando Dios ve al pueblo israelita sumergido en el sufrimiento, cuando El escucha el clamor, el grito que nace del fondo del pueblo israelita que sufre, El desciende, se hace presente a través de Moisés para decirle: he bajado para liberar a mi pueblo, anda y di al faraón que lo deje libre para que venga a la montaña a celebrarme el culto.

Hoy también se atenta contra el pueblo

Queridos jóvenes, yo dije que tratemos de mirarnos un poco en la persona de Moisés. Cada uno de nosotros recibe también de Dios una misión, sobre todo, cuando el pueblo que le pertenece a Dios está sufriendo, cuando está maltratado, cuando se atenta contra la vida misma de ese pueblo, contra la vida de niños que nacen. Esto está sucediendo precisamente en nuestra época, en nuestro pueblo también ahora se matan niños, también ahora se pretende quitar la cultura propia del pueblo ecuatoriano, también ahora se pretende arrancar la cultura propia

del pueblo indígena del Ecuador y de América Latina. Todo esto significa matar, y dentro de este marco tenemos que escuchar lo que Dios dice.

Dios ha bajado a la tierra, no física y materialmente, porque El no tiene cuerpo. El se sirve de intermediarios como Moisés, de mujeres como tantas que aparecen en la Biblia, Judith, Esther, Débora y otras; Dios se sirve para hacerse presente, y a nosotros también nos da una misión, ardua muchas veces, difícil, al parecer imposible. Preséntate ante el faraón, dice Dios a Moisés, anda y dile que deje libre a mi pueblo. Quizá a cada uno de nosotros nos está diciendo una cosa parecida, para que reforcemos el amor al pueblo que sufre, al pueblo pobre.

Dios no está en un cielo muy lejano

Reflexionemos también un momento en la segunda lectura, la de las bienaventuranzas. Bienaventurados los pobres porque de ellos es el Reino de los Cielos, bienaventurados los que lloran porque ellos serán consolados, bienaventurados los que padecen persecución por la justicia, bienaventurados los que construyen la paz, porque de ellos será la posesión de la tierra, etc. Qué significa todo esto? Parecería un absurdo lo que escuchamos en el Evangelio que hemos leído ahora. Cómo ha de ser posible que los pobres sean bienaventurados y felices. Efectivamente, así es, porque, reflexionando en la primera lectura, el primer solidario es Dios, y tener a Dios con nosotros, constituye la base fundamental de la felicidad; saber que Dios está con nosotros, es un motivo digno de felicidad, y ésto lo saben los pobres.

Cuando vosotros os acerquéis con amor, con sinceridad, con un corazón abierto, a dialogar con los pobres, a penetrar un poco en el interior de su vida, descubriréis que ellos tienen una enorme confianza en Dios, su padre, Dios está con ellos.

Queridos jóvenes y queridos amigos aquí presentes, tenemos que recordar que nosotros podríamos también ser llamados felices, si nos unimos a los pobres, si aceptamos la misión que Dios nos da para ir a trabajar, en su nombre, por la liberación de los pobres, por la liberación de la miseria y del hambre, por la liberación de todo temor y de todo miedo, por la liberación de toda injusticia, de toda mentira y de todo engaño; para que aprendamos a ser libres, a ser justos, para que aprendamos a respetar, a amar la vida y defenderla ardientemente, esa es la misión que Dios nos da. Entonces nosotros también podremos escuchar de labios de Dios, esas palabras alentadoras: bienaventurados, felices los pobres, porque de ellos es el reino de los cielos.

Felices los que nos comprometemos con los pobres

El reino de los cielos puede empezar ahora mismo, porque, el reino de los cielos es, en definitiva, Dios, y si acabo de decir que Dios está con nosotros, que Dios está en el corazón del pobre, que Dios quiere estar en el corazón del hombre, ya poseemos ese reino de Dios, en la medida en que aceptamos, mediante nuestra fe, a ese Dios nuestro padre.

Por eso felices nosotros, felices los que nos comprometemos con los pobres, para hacer de ellos seres libres, seres que vivan la justicia y tengan un trato justo. Por este hecho nos constituímos también nosotros en obreros y constructores de la paz verdadera.

Queridos jóvenes: que nos hagamos merecedores de esta bienaventuranza, particularmente de aquella que dice, bienaventurados los pobres porque de ellos es el reino de los cielos. Que el reino de los cielos sea nuestro, que Dios sea nuestro, que El nos posea y que nosotros seámos poseedores de Dios a través de nuestra vida, en nuestro pensamiento, en nuestro afecto, en nuestras acciones; sobre todo, a través de la acción liberadora de los pobres, de los desposeídos y de los que sufren, de los que padecen.

Felices los pobres, felices ustedes, jóvenes, cada vez que se acerquen a los pobres, para llevarles esa voz de esperanza, para que puedan repetir esas mismas palabras de Dios: yo he visto el sufrimiento de mi pueblo, he escuchado su clamor, y he bajado, he venido hasta aquí para liberarlo.

Que esto se cumpla a lo largo de nuestra vida.

Las instituciones que editamos esta serie
"Mons. Leonidas Proaño, PALABRA VIVA,
nos hemos comprometido a mantener
con vitalidad indeclinable
el pensamiento del Obispo de los Indios.

No se trata de acumular documentos y escritos.
Nuestra preocupación es más profunda:
rescatar la palabra de Mons. Proaño
madurada en las entrañas del pueblo.
La palabra analítica, problematizadora,
educadora
y, por ello, de esperanza.

CECCA, CEDECO. FEPP,
Fundación Pueblo Indio del Ecuador

RODOLFO ESCAMILLA
SIGNO DE LIBERACION

Agostinho: con todo cariño
Salvador García A.
7 de junio 1988

RODOLFO ESCAMILLA
SIGNO DE LIBERACION

INTRODUCCION

Rodolfo Escamilla García, sacerdote y maestro, nació el 24 de agosto de 1920 en Maravatío Michoacán, y fue asesinado el 27 de abril de 1977 en la ciudad de México.

Hoy como hace 10 años su ejemplo sigue ne el compromiso de lucha diaria de quienes lo conocimos e influye en mucha gente de nuestro país y de algunos otros países.

En conmemoración de sus 10 años de asesinado, con el que se pretendía destruir su trabajo y sus enseñanzas, los que en base a estas enseñanzas seguimos unidos y apoyándonos, no en una organización sino en un impulso que es la "corriente Rodolfo Escamilla de lucha por la liberación" (CRELL) queremos dar a conocer su vida de lucha para que nos sirva a todos.

Hemos dividido su vida en tres etapas, de acuerdo al tipo de trabajo que más caracterizó cada una de ellas y hemos recogido algunos testimonios.

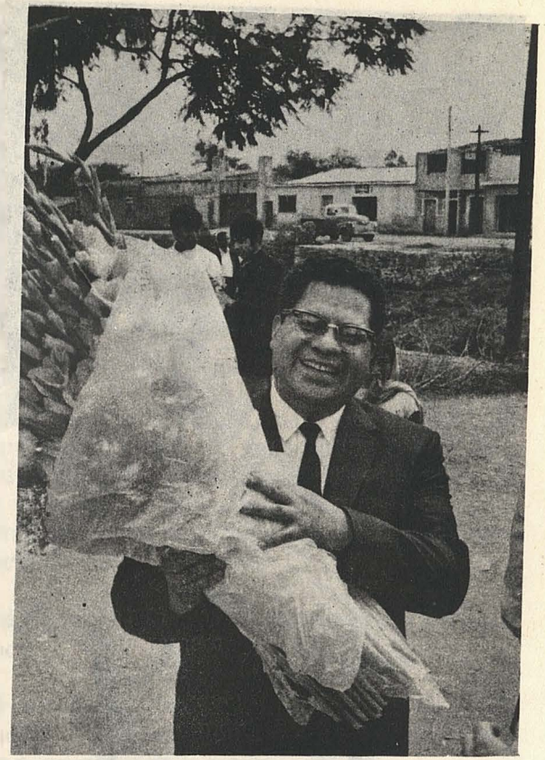
Las etapas son:

1o. de 1933 – 1952; compromiso sacerdotal y compromiso social.
2o. de 1952 – 1965; promoción de movimientos cristianos concientizados
3o. de 1965 – 1977; compromiso con las luchas socio-políticas.

Sentimos la necesidad de mostrar la vida de un promotor natural, sacerdote rebelde y dirigente de masas que desde su juventud se comprometió con las luchas de la clase trabajadora y fue a lado de ella que comprendió que teníamos que lograr una sociedad donde no exista la miseria, la opresión y la explotación.

Sin embargo no queremos presentar a nuestro amigo y compañero de trabajo Rodolfo, como un mito o un objeto de culto, queremos recuperar, reflexionar y aprender de su experiencia.

Rodolfo Escamilla con su compromiso nos entregó todo; su alegría, su comprensión, su amistad, su gran sentido de responsabilidad, su visión, tenacidad y conocimientos, su rebeldía y hasta su vida. El nos abrió los ojos y nos mostró el camino: ahora a nosotros, como una exigencia nos toca después de 10 años seguir la lucha que ya está en marcha y que nadie podrá detener.



RODOLFO ESCAMILLA
SIGNO DE LIBERACION

Miércoles 27 de abril de 1977. Cuatro y cuarto de la tarde.

Oficina en la calle de Monterrey, Ciudad de México. Un joven avanza hacia el escritorio. De su boca salen disparadas estas palabras "¡o ustedes o nosotros!"; de su revólver tres balas que terminan con la vida de Rodolfo Escamilla García. "El inspector de policía encargado de la investigación, declaró que la organización que dirigía el P. Escamilla era mas peligrosa que la "Liga Comunista 23 de Septiembre" considerada como una organización terrorista guerrillera. "El grupo, ha dicho, representa un peligro público nacional porque han llegado a un método muy avanzado para la toma de conciencia del pueblo". (INFO: boletin de la JOC Internacional).

¿Por qué murió? ¿Por que vivió? No vale la pena vivir sino por aquello por lo que vale la pena morir. La razón de la muerte del "gordo" Escamilla fue la misma razón de su vida. En este pequeño folleto tratamos de descubrir la explicación de su vida y de su muerte.

PRIMERA ETAPA:
TRABAJO PARROQUIAL (1944-1952)

"Fue el séptimo hijo de once que adornaron esa hermosa familia".

Nació el 24 de agosto de 1920 en Maravatío, Mich. Tres hermanos sacerdotes y una madre Guadalupana atestiguan el ambiente religioso que incubó su infancia. Familia pobre y comprometida con los pobres. "Vean siempre por el pobre, en él verán otro Cristo" les decía su padre.

1935.— Estudia en el seminario de Montezuma. Tiene la suerte de convivir con jóvenes seminaristas de toda la república. No se conforma con aprender cánones y absoluciones. Forma círculos de estudio sobre los problemas sociales de la patria. La situación de la clase trabajadora, obreros, campesinos, estudiantes es su preocupación desde entonces. Comunica sus inquietudes a sus compañeros y forma un secretariado social interno.

1944.— Se ordena de sacerdote. Hace estudios de Cooperativismo y Ciencias Sociales por correspondencia.

1946.— Su primer trabajo parroquial. Tlalpujahua. Se cierran las minas agotadas por siglos de explotación. Organiza cooperativas de talleres de mezclilla y convive con campesinos e indígenas de la región.

Agrupa a los mineros que quedan y logran la autogestión de las minas.

1947.— Segunda parroquia: Zacapu. Se está instalando la fábrica Celanese. Los jóvenes de este pueblo semirural no están preparados para aprovechar la nueva fuente de trabajo. Sin duda la empresa traerá obreros de otra parte.

El Padre Rodolfo instala en los anexos parroquiales un centro de capacitación y logra que el 90% de los obreros contratados sean de Zacapu. "Durante horas avanzadas de la noche se dedicó a darles capacitación en el aspecto laboral, estudiando a fondo la Ley Federal del Trabajo, que llevó a los obreros a ser capaces de elaborar ellos mismos el primer contrato inicial con la empresa y logra el 95% de las claúsulas, discutiendo los obreros personalmente sin abogado, con el abogado de la empresa". Esto se logra el 28 de octubre de 1948.

La reacción de los poderosos no hace esperar. Treinta años antes de su sacrificio, Rodolfo recibe las primeras amenazas de muerte. La empresa y el gobierno del estado presionan a las autoridades eclesiásticas y se repite una vez mas la historia de tantos sacerdotes que se comprometen con el pueblo: El destierro. El Padre Escamilla es traicionado por uno de los compañeros que habrán sido promotores de la misma escuela de capacitación, quien descubre ante la empresa que el Padre Escamilla realmente es la pieza clave de la fortaleza y la independencia del Sindicato, y entonces le llega al padre una orden escrita de salir de Zacapu y desterrado también del estado de Michoacán".

1951.— Escamilla es enviado por su obispo a una parroquia a Celaya, que pertenecía a la arquidiócesis de Morelia, pero fuera del estado de Michoacán, con instrucciones precisas de atender solo el catecismo.

En 1952 termina esta etapa en la vida del P. Escamilla. Su concepción del trabajo pastoral entra en abierta contradicción con la tradición religiosa domesticadora. Para entender su postura puede ayudarnos el testimonio de un sacerdote que fue amigo y compañero de trabajo de Rodolfo: "Teníamos un círculo bíblico con muchachas obreras. Una de ellas se quejaba de su mala suerte: cada rato tenía que cambiar de trabajo. Había trabajado en muchas fábricas y en todas había sido solicitada por los patrones. Un día supo la verdad, por boca del patrón: su mismo padre acostumbraba pedir dinero a los patrones para alimentar su vicio de embriaguez, a cambio del derecho de disponer de su hija. Yo conocía a su padre: era muy apegado a la parroquia y su religiosidad llegaba al extremo de hincarse a media calle para pedirme la bendición. Este hecho me cuestionó profundamente sobre el sentido del trabajo parroquial. En ese tiempo conocí a Escamilla. Me invitó al primer Consejo Nacional de la JOC (Juventud Obrera Cristiana), que se realizó en Zacapu, su primera parroquia, quince años después de su salida. Mi primera impresión fue negativa. Los muchachos obreros me parecieron rudos y mal educados, no me servían a la mesa y me pusieron a lavar platos. Ahora comprendo que allí empezó mi reeducación. El segundo día descubrí una fuente de agua que satisfizo mi sed de autenticidad, una luz que iluminó para siempre mi camino. Los Jocistas presentaron un sociodrama en el que entrelazaban hechos de vida de los barrios y de las fábricas con textos del evangelio. "Cristo vive en su cuerpo místico", decían y mostraban esa vida en los actos de solidaridad obrera y popular, así como su muerte en la opresión, la mentira y la injusticia. Yo había estudiado la Biblia en el seminario, pero en una forma de erudición: que si la hermeneútica, que si los esenios, que si el deuteronomio. Nunca me habían mostrado un evangelio vivo, solo palabras muertas".

SEGUNDA ETAPA:

Promoción de movimientos nacionales (1952-1964) el Padre Rodolfo se encuentra aparentemente en un callejón sin salida. Quiere seguir en la iglesia, pero no le dejan alternativa. No puede aceptar el reducir su trabajo al catecismo. Entonces se le abre un espacio mayor, gracias a la solidaridad de antiguos condiscípulos de Montezuma, que lo invitan a colaborar en el secretariado social mexicano. El arzobispado de Morelia concede gustoso el pemiso, contento de librarse de un sacerdote problemático.

El campo de su acción se amplía al nivel nacional. Con sus compañeros del secretariado promueve equipos sacerdotales de acción social, así como la fundación de secretariados sociales en casi todas las diócesis. Se organizan cooperativas de producción y de consumo y cajas de ahorro, aprovechando las experiencias que conoció Escamilla y otros compañeros en Antigonish, Canadá.

Rodolfo ve en el movimiento internacional de la JOC una esperanza, un movimiento autónomo de jóvenes obreros, que lucha por su dignidad y que cuenta con un método, el "ver, juzgar, actuar" que viene a dar nuevo filo a la espada del evangelio, enmohecida por siglos de compromisos con el dinero y con el poder. "Los curas en los templos enseñan solo la mitad del evangelio. Porque el evangelio es buena noticia, y lo que dicen en sus sermones es bueno: —"Amarse unos a otros" no es noticia porque se viene diciendo por siglos," "dice un antiguo Jocista al confrontar el mensaje con los hechos de vida, la sal evangélica que había sido arrojada al suelo y pisoteada, viene de nuevo a dar el sabor a la historia. . .

El Episcopado Mexicano ve con recelo al movimiento Jocista. Prefiere el modelo italiano de la acción católica, en el que se mezclan toda clase de laicos, incluyendo en la misma sopa dominadores y dominados.

1957.— Colonia Buenos Aires, Ciudad de México.— El Padre Escamilla empieza a formar los primeros equipos de militantes Jocistas en este barrio popular. "Me invitó Rodolfo a una reunión de militantes".

Se inició una revisión de los compromisos tomados una semana antes. La mayoría no había cumplido, por falta de tiempo, compromisos familiares, etc. Antes de pasar al segundo punto, Rodolfo se puso de pie y dijo: — Nos

vemos dentro de ocho días—. El grupo se quedó sorprendido, y uno de los muchachos dijo: — ¡Pero, padre, apenas estamos empezando la reunión! Rodolfo replicó; las reuniones son trampolin para la acción y si no hemos podido hacer nada esta semana, mas vale que dediquemos este tiempo a hacer lo que no pudimos".

Formación en la acción, reflexión sobre la vida, trabajo de equipo eran piezas claves en su forma de educar.

Los equipos militantes hacían labor de concientización en las fábricas y en los barrios, como fermentos en la masa.

Pronto se forma otro equipo en la colonia Progreso Nacional, y de allí se empieza a extender a la provincia. Cada año se realiza un Consejo Nacional para revisar y planear la marcha del movimiento: Zacapu, Salvatierra, León, Fresnillo, Querétaro, Saltillo, Guadalajara y la ciudad de México, son sedes sucesivas de los encuentros nacionales.

1960.— El Episcopado, ante el empuje del movimiento y la influencia de la JOC Internacional, da un permiso provisional sujeto a condiciones que ahora parecen ridículas: en las reuniones de militantes, deberían cantarse el himno de la JCFM y de la ACJM (Acción Católica) antes del himno de la JOC. . .

1961-63.— Encabeza delegaciones de Jocistas mexicanos a encuentros Centroamericanos y del Caribe:

Panamá, Costa Rica, Nicaragua, Puerto Rico.

"Lo acompañé al encuentro de la región Camexcar (Centroamérica, México y Caribe) de la JOC Internacional, en Managua. Era Presidente René Schick, de la dinastía de Somoza, quien ofreció una recepción en el Palacio Nacional. Los organizadores aceptaron, por una errónea política contemponizadora. La delegación mexicana fue la única que manifestó su inconformidad con la participación en dicha recepción" (testimonio de un asesor Jocista).

1964.— El P. Escamilla es destituido como asesor nacional de la JOC y se dedica a promover la organización hermana JAC (Juventud Agrícola Cristiana) y el movimiento de obreros adultos ACO (Acción Cristiana Obrera).

En 1968 el movimiento de la JOC es desconocido por la jerarquía eclesiástica como movimientos de iglesia, por presiones del Gobierno Federal.

La JOC y el ACO diez (ahora MTC Movimiento de Trabajadores Cristianos). Siguen trabajando fiez años después de la muerte de Escamilla. De estos movimientos surgieron muchos militantes obreros y campesinos, que están actualmente comprometidos en sindicatos, centros de formación, movimientos populares.

En esta etapa Rodolfo participa activamente en la fundación del frente auténtico del trabajo (FAT), alternativa independiente al sindicalismo charro de las centrales oficiales.

También colabora con sus compañeros en la creación del IMES (Instituto Mexicano de Estudios Sociales) de COPEVI (Centro Operacional de Vivienda y Poblamiento) y de P.D.P. (Promoción del Desarrollo Popular) asociaciones civiles de apoyo a movimientos populares.

"Fue un asesor que despertaba confianza; por muy tímidos que fuéramos sentíamos confianza para comunicarnos abiertamente con él, siempre dispuesto a platicar y a oir a las personas, siempre sonriendo como si no tuviera problemas. Nunca lo oímos quejarse cuando se sentía mal". "era bromista".

Un principio fundamental de su trabajo en esta etapa, fue el del "Apostolado del semejante por el semejante" o como dice nuestro pueblo "Para que la cuña apriete, tiene que ser del mismo palo".

TESTIMONIO DE UNA EX JOCISTA – 2da. ETAPA

Preocupado por la situación de los trabajadores el P. Rodolfo Escamilla, toma contacto con la JOC en Canadá, ahí descubre a la JOC como un movimiento de educación integral y sobre todo responde a sus anhelos apostólicos.

Con mucho interés por seguir conociendo el movimiento a través de las experiencias internacionales, asiste al 1er. Consejo Mundial de la JOC que se celebra en Roma en agosto de 1957.

Recaba un sinnúmero de experiencias que afirman en él la necesidad de que en México haya j.t. que transmitan elevangelio al mundo del trabajo.

Con todas estas inquietudes y experiencias regresa a México, y a fines de 1957 conoce a un grupo de muchachos y muchachas de la colonia Buenos Aires que realizaban actividades parroquiales. Estos muchachos a sí mismos se llamaban jocistas, pero no conocían ni trabajaban de acuerdo al método y mística de la JOC.

En 1958 empieza a trabajar en forma organizada con estos j.t. De un grupo de 40 selecciona a ocho y con estos ocho empieza un proceso de formación "pero en la acción" como él decía, exige a estos jóvenes militancia ya que insistía en que "un militante sin equipo, no es militante". Exigía disciplina como parte esencial de la educación.

Empieza a experimentar con estos jóvenes el método de Ver, Juzgar y Actuar a través de las Revisiones de Vida Obrera. Esta revisión se hacía en los niveles personal y del mabiente.

Surgen de esta revisión consignas a nivel personal y de equipo y acciones realizadas directamente entre la masa de j.t. y se llega a tener influencia en una población de cerca de 40,000 habitantes.

Descubre a estos j.t. que son Iglesia y que su misión es evangelizar el mundo del trabajo.

Les descubre también que la Iglesia es misionera y que ellos también deben ser misioneros dentro de los ambientes de trabajo.

Y así con esta conciencia de Iglesia misionera empiezan a formar grupos en otras colonias del D.F., empezando en la colonia Progreso Nacional, San Angel, La Malinche, Arenal, etc. etc.

En todos estos grupos se desarrolla el sentido evangelizador y se influye en un gran número de j.t. Son dos años de trabajo y aprendizaje tanto para los j.t. como para el P. Rodolfo Escamilla y algunos sacerdotes que empezaban a comprometerse con los j.t.

Pero al mismo tiempo surgen problemas especialmente con la Jerarquía Eclesiástica y la Acción Católica, pues nunca pensaron que la JOC impactara a los j.t. como lo estaba haciendo. Empieza la lucha del P. Escamilla porque la JOC reconocida como un movimiento autónomo de la A.C., que fuera dirigido por los propios trabajadores.

Como resultado de la lucha por tratar de que la JOC fuese reconocida por la Iglesia como Mov. apostólico de los j.t. al P. Escamilla es catalogado por la Jerarquía Eclesiástica es decir los Obispos como una persona rebelde y peligrosa.

La Jerarquía, caracterizada por su alianza con los poderes políticos y económicos no podía aceptar que en el seno de la Iglesia naciera un Movimiento que formara a los j.t. dentro del espíritu de la auténtica Iglesia de Cristo es decir un espíritu que tuviera como escencia la concientización de los trabajadores de su dignidad como personas e hijos de Dios y sobre todo de su conciencia de ser clase obrera.

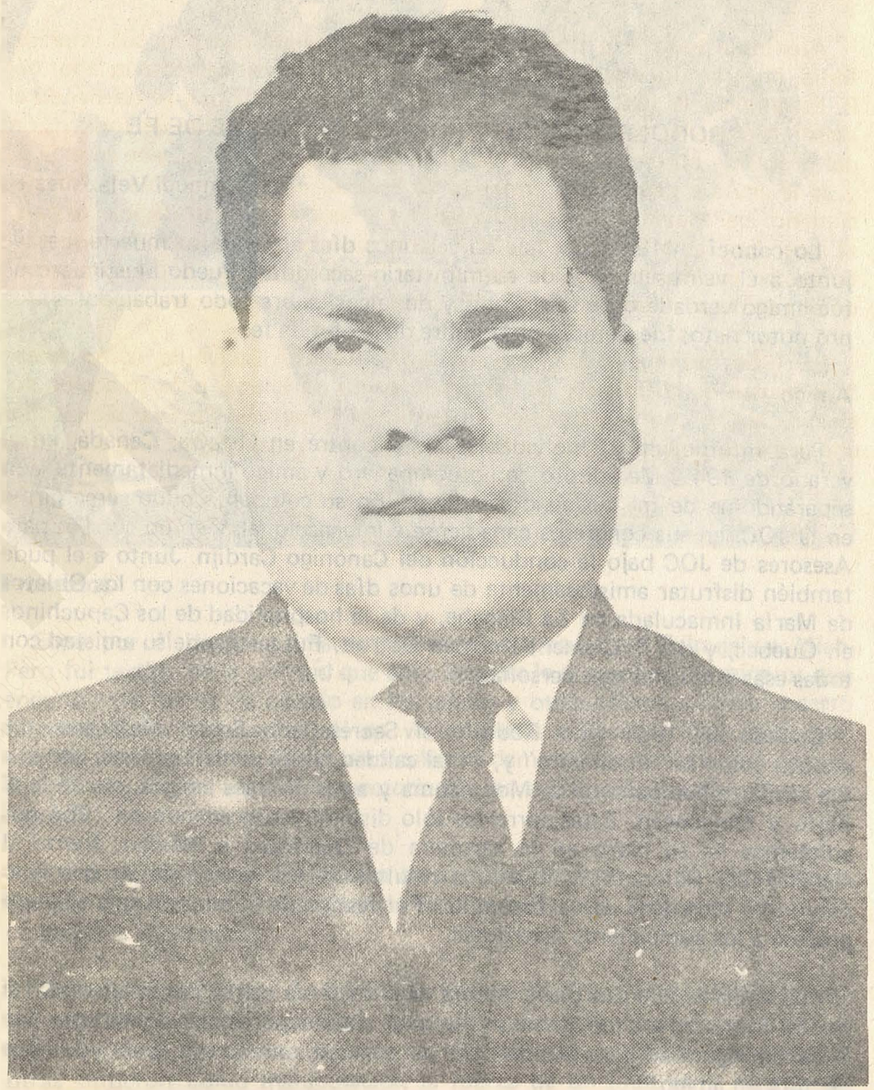
Dentro de este marco de prejuicios eclesiales la JOC y el P. Escamilla empiezan a desbordar los límites del D.F. y Edo. de México se contactan con trabajadores de varios estados de la república (Guanajuato, Michoacán, Zacatecas, Coahuila, Veracruz, Oaxaca, Querétaro, etc.) y se irradia el entusiasmo a algunos países de Centroamérica.

Muchas han de ser las reuniones del P. Escamilla con trabajadores del país (seminarios de estudios, reuniones regionales, Consejos Nacionales e Internacionales, etc.).

Se empieza por primera vez a hacer un trabajo de Pastoral Obrera a nivel nacional con sacerdotes. Este esfuerzo intenta integrar al clero en su misión evangelizadora en el seno de la clase obrera.

Atentos a todo este trabajo y sintiendo el peligro que para sus intereses tenía, la Jerarquía empieza a reprimir abierta y sistemáticamente la labor del P. Escamilla y la JOC. Separa de la JOC al P. Escamilla que venía siendo el asesor nacional y nombran a un obispo como asesor carente de toda visión del problema obrero, a la JOC Nacional se le destierra de su sede en el D.F, y se le envía a León, Gto., tratando de impedir con esta medida el fortalecimiento del Movimiento en la ciudad mas importante y estratégica del país, se incendian las oficinas de la JOCF, se le prohibe al P. Escamilla toda participación en Movimientos de Iglesia y se le impide ejercer su derecho sacerdotal a celebrar misas e impartir la Eucaristía.

En 1964 termina la participación del P. Rodolfo Escamilla, como sacerdote dentro de la Iglesia y en los movimientos de Iglesia, pero su acción no termina ahí; y continúa creando el Centro de Desarrollo Popular realizando una gama de organizaciones populares de las que ya se hablará más adelante.



RODOLFO: AMIGO, PROMOTOR, HOMBRE DE FE

por Manuel Velázquez H.

Lo conocí en 1947. Lo dejé de ver unos días antes de su muerte. Estuve junto a él veintiséis años de su ministerio sacerdotal. Puedo atestiguar que fue amigo verdadero de sacerdotes y de laicos, sobre todo trabajadores; fue promotor nato; fue siempre un hombre de profunda fe.

Amigo

Para mí fue amigo inolvidable. Lo encontré en Ottawa, Canadá, en el verano de 1947. Me adoptó como compañero y amigo inmediatamente, aún separándome de mi hermano sacerdote. En su compañía pude sumergirme en la JOC, en sus congresos canadiense e internacional, y en un cursillo para Asesores de JOC bajo la conducción del Canónigo Cardijn. Junto a él pude también disfrutar amistosamente de unos días de vacaciones con los Oblatos de María Inmaculada en La Blanche, y de la hospitalidad de los Capuchinos en Quebec, y del P. Clement Kern en Detroit. Fui testigo de su amistad con todas esas y muchas más personas.

Cuando en 1951 vino Rodolfo al Secretariado Social Mexicano, me adoptó como su "machetero" y, en tal calidad, visité contínuamente con él a sus antiguos compañeros de Montezuma y a sus diversos amigos, por todo el Bajío y Michoacán. Estas correrías sólo disminuyeron cuando en 1954 nos volteamos en su carro en la carretera de Querétaro a México, frente al Rancho del Colorado, y murió, a resultas de ese accidente su hermano mayor, el sacerdote Jesús Escamilla. Fui festigo de la amistad que siempre profesó a los compañeros sacerdotes.

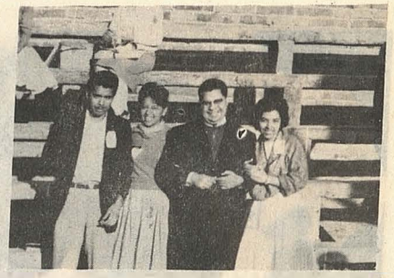
¿La amistad que nos dispensaba a algunos tenía cierto paternalismo? Tal vez así fue, pero era indudable su madurez y sus experiencias prematuras que le daban seguridad para brindar, con su amistad, enseñanzas y apoyo. ¡Fue siempre un amigo!

Promotor

Supe por él de sus primeras experiencias sociales en Tlalpujahua, Mich. Pero fui testigo de la gratitud que años después le guardaban los mineros que encontraron fuente de trabajo en los telares y otros oficios, cuando se cerró la mina. Como estuve con él en varias visitas a Zacapu, Mich.; primero, cuando era él el alma de un sindicalismo democrático auténtico, y, luego, cuando siguió por años la trayectoria de los militantes que con él se formaron.

Sus correrías por el Bajío eran de impulso, de apoyo y de animación: a equipos sacerdotales, a experiencias de desarrollo, a la JAC, a la JOC, a Secretariados Diocesanos. . .

Siempre tuvo la idea de formar un grupo de Trabajadores Sociales para impulsar el movimiento popular. Para ello, puso los ojos muy temprano en algunas chicas de los alrededores del Secretariado. Algunas perseveraron, otras sintieron como manipulación la fuerza de un impulso y desertaron; pero todas desarrollaron algún tiempo diversas labores formativas.



Hombre de fe cristiana

Su fe cristiana tenía aspectos postconciliares desde los años cincuenta. Como Abraham, salió Rodolfo en la oscuridad, hacia la tierra prometida de la promoción y la liberación integral de la clase trabajadora. Abandonó para ello familia, diócesis, y calor del Equipo Sacerdotal del Secretariado, para sumergirse cada vez más en las luchas del pueblo. No evaporó su fe, pero sí relativizó estructuras, prácticas y poderes que se oponían a su llamado a la promoción auténtica de la clase trabajadora.

Conocía la Doctrina Social Cristiana como pocos, pero estuve siempre atento a la voz del Señor en los acontecimientos. La "revisión de vida" no la aplicaba a otros solamente, sino la practicaba para él mismo.

Analizaba la historia y, en busca de mayor lucidez, llegó a usar los instrumentos del análisis histórico y estructural.

Su noche más oscura fue indudablemente el rechazo que padeció de autoridades eclesiásticas; pero descubrió siempre el llamado del Señor en el hambre y sed de justicia de los trabajadores y en la voz explícita de los Papas.

El cáncer que padeció en un ganglio del cuello al fin de sus días fue su última etapa para poder decir: "estoy preparado", cuando se le anunció que estaba amenazado de muerte.

Lo asesinó un judas, pseudo-compañero de labores, porque fue amigo, porque quiso morir en la brecha de la liberación, y porque su fe en el Señor de la historia pasaba por una especie de fe ingenua en la bondad de los hombres.

México, D.F , 21 de marzo de 1985

ETAPA: 1965 – 1977

COMPROMISO CON LAS LUCHAS SOCIALES Y POLITICAS

En esta última etapa Rodolfo deja de participar como asesor reconocido por la Iglesia en los movimientos cristianos, a ellos les apoya pero decide comprometerse directamente en los movimientos sociales y políticos de la clase trabajadora explotada tanto del campo como de la ciudad, clase que para poder sobrevivir tiene que vender lo único que tiene propio, esto es su fuerza de trabajo.

En base a sus experiencias anteriores y para lograr un mayor y mejor compromiso, Rodolfo forma un equipo de trabajo social y una asociación civil independiente de la Iglesia. El equipo poco a poco fue especializándose para trabajar en la ciudad y en el campo. Rodolfo quiere ser uno mas en las luchas y por elección propia elige participar como "el maestro" aunque hasta el fin de su vida sigue siendo sacerdote y participando como tal dentro del Secretariado Social Mexicano, organismo de cristianos sacerdotes y laicos comprometidos con el Pueblo.

En esta etapa junto con el equipo de trabajo social buscan tener cada vez más disciplina y realizan trabajos de promoción con obreros en zona industrial del Estado de México. Promueven varios servicios como: comedor para trabajadores, primaria para adultos, talleres de capacitación técnica, telesecundaria, escuela Sindical, organización y apoyo a las luchas laborales.

Con campesinos en Hidalgó y Oaxaca realizan un trabajo de organización y apoyo a las luchas por la tierra y por la producción u comercialización en forma colectiva.

En zonas urbanas con pobladores del Distrito Federal y Estado de México promueven luchas por la tierra, vivienda, urbanización y servicios en forma cooperativa.

Rodolfo dentro del equipo era uno más con iguales responsabilidades, pero por su visión y experiencia era el principal impulsor. En todos los trabajos se partió de los problemas que eran más sentidos por la mayoría y que permitióse una mayor organización y movilización.

Se buscó fortalecer la asamblea permanente y unión entre los afectados por una misma problemática pero no aislados sino en relación, apoyo y compromiso con otros grupos en lucha.

Se promovió la acción, la planeación y revisión por los mismos interesados junto con la movilización, organización y educación concientizadora.

Todo este proceso de toma de conciencia y organización van generando brotes de poder del pueblo "poder popular" y lleva al equipo a comprender más la realidad de la sociedad de una manera más total, no cada lucha separada sin entender la urgente necesidad de transformar toda la sociedad donde la injusticia y explotación se da de una manera natural. Sin embargo por este tiempo 1974 el equipo no tenía definido como tenía que ser esta nueva sociedad, después por el análisis de las experiencias, del país y del mundo y por el estudio de las teorías revolucionarias aunado la experiencia de tantos años y su compromiso concreto y diario con la clase trabajadora llevaron a Rodolfo primeramente y al equipo a ver que si bien las mejoras inmediatas por las que se había luchado son importantes, exigen una solución más radical, solución de fondo.

Es importante la vivienda, la tenencia de la tierra, la capacitación, la producción colectiva, etc., pero hay que llegar a la raíz, hay que luchar porque se acabe la explotación, en el campo, en la ciudad y en todos los países.

El equipo comprendió: no debemos de tolerar la miseria causada por la explotación de una clase, la capitalista, la clase explotada debemos darnos cuenta cómo nos explotan, para que unos a otros nos unamos, organicemos y luchemos por construir una nueva sociedad y esta tiene que ser socialista.

TEXTO

Rodolfo y el equipo reflexionaban como en esta nueva sociedad socialista, no deben existir clases sociales, no deben existir unos privilegiados dueños de la tierra, de las fábricas, de las riquezas naturales, controladores de todo lo que el hombre necesita para vivir.

Una sociedad en donde todo sea de todos, en donde todos participemos para la producción y distribución de una riqueza de la sociedad. Luchar para que todos logremos una vida más aceptable.

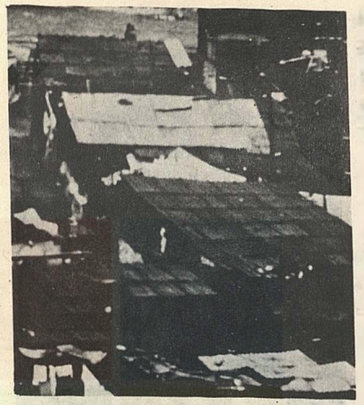
Esta meta requiere de un trabajo colectivo de mejoramiento constante en donde todos seamos responsables para poder desarrollarnos íntegramente en lo político, económico y cultural.

Rodolfo decía, no podremos alcanzar a un nuevo hombre si no alcanzamos una nueva sociedad.

Estas ideas fueron las que impulsaron sus últimos años de trabajo y a las que llego por su lucha incansable que abarca 44 años. Con estas ideas influye y cuestiona diversas agrupaciones cristianas y no cristianas, nacionales e internacionales.

En 1974 se le descubre un cancer maligno en los ganglios, pero no por eso disminuye su compromiso, ni su entrega por sus convicciones.

Fue el día 27 de abril de 1977, como a las 16.15 horas en su oficina de trabajo, es asesinado cobardemente a balazos. Rodolfo tenía entonces 57 años y como siempre, su última actitud fue de valiente lucha.



1969 ésta era una ciudad perdida, que ya estaba condenada a desaparecer, pero en 1970 conocimos al gran maestro y fue que con sus consejos, nos hizo ver que también somos seres humanos y mexicanos que teníamos derecho a un pedazo de tierra donde vivir y teníamos que organizarnos.

Rodolfo Escamilla no solamente trabajaba para los pobres, no solamente trabajaba con obreros, campesinos, con los marginados, sino que también a un grupo de profesionistas en el año de 1970 nos hizo sensibles a esa realidad, nos dió los elementos, nos dió su experiencia.

La experiencia que vimos el pasar de un compromiso con la gente, de luchar con ella, porque tuviera cosas necesarias para vivir dígnamente al descubrir el problema de todos los campesinos, de todos los problemas de los marginados y de los obreros, no consistía más que en la explotación de una clase, la capitalista a los trabajadores.

La educación para nosotros no solamente era el ir a tomar clases, hay otros tipos de clases que nosotros por lo menos yo, tuvimos de parte del gordo, nos tocó descubrir un campo nuevo, un campo que se abría para combatir y luchar en contra de la explotación.

Honrar su memoria no olvidando las palabras que él nos mencionaba porque cuando él estaba en alguna parte, supongamos con un grupo de campesinos y obreros lo único que él decía vamos a luchar para no seguir explotados y no seguir siendo jodidos.

El esfuerzo, la semilla que Rodolfo Escamilla sembró, no quedó sin fertilizar, bastantes compañeros que estuvimos en la telesecundaria, hoy en la actualidad participamos en diferentes organizaciones políticas.

Creó que una de las características que distinguieron a Rodolfo fué la sensibilidad que tuvo para darse cuenta de lo importante que es en la lucha revolucionaria, la solidaridad internacional, Rodolfo Escamilla, además de estar entregado a un trabajo de base permanente, buscó siempre que esas relaciones con otras luchas, con otros pueblos del mundo, estuviera presente.

Todos los trabajos que él inició y eso que lo sepa el asesino, verdad que lo sepan los que esten de acuerdo con su muerte, que todo el trabajo que él hizo no ha dado marcha atrás, al contrario va avanzando.

Por lo que dió su vida, por lograr que se organizara y acabar con la explotación, es lo que nos dejó presente y es por lo que seguimos, tenemos que seguir adelante. ¡Hasta la victoria Rodolfo!

Escamilla no ha desaparecido, porque lejos de desaparecer a un dirigente se crea un héroe, se levanta más la conciencia revolucionaria de cada uno.

Siempre tenía la inquietud de avanzar, de cuestionarse, de criticarse, si entonces nosotros tenemos precisamente que continuar esto, el inicio de su lucha, significó para nosotros una etapa, pero a nosotros nos toca concluirla y concluir esta lucha que significa, lograr una sociedad en la que todos seamos iguales si, en la que todos tengamos pan, trabajo, descanso, educación, diversión, no unos cuantos solamente, esa es la meta y no debemos de descansar ni un instante, hasta que logremos esa meta.

Su muerte fué un duro golpe
para el mundo proletario
que lloró sobre su cuerpo
envuelto en rojo sudario.

Más este choque del alma
duró tan solo un momento
porque de nuevo la lucha
nos hizo su llamamiento.

Todos toditos decimos
ya no debemos llorar
honraremos su memoria
luchando sin descansar.

Viva Hidalgo y Escamilla
les diré de despedida
que dió todita su sangre
por nuestra patria querida.

No obstante toda su historia
entregó toda su vida.

JUVENTUD OBRERA CRISTIANA INTERNACIONAL
JUVENTUDE OPERARIA CRISTÃ INTERNACIONAL
JEUNESSE OUVRIÈRE CHRETIENNE INTERNATIONALE
INTERNATIONAL YOUNG CHRISTIAN WORKERS

JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA JOCAMERICA

Bogotá, Septiembre 5 de 1989

AGOSTINHO PRETTO
Catedral de Santo Antonio
Nova Iguacu - Rio de Janeiro
BRASIL
CEP 26.000

Estimado Amigo:

Este documento anexo, es de uso interno de la JOC de América. No es un documento terminado, pues está siendo sometido a la apreciación de los Movimientos Nacionales de la JOC. Entretanto, Usted es una persona la cual consideramos importante sea informada sobre lo que estamos desarrollando en cuanto a la reflexión de esta situación que vive la JOC. Entendemos que en una situación como esta, es muy importante que Usted nos pueda aportar en cuanto a complementación y crítica al proceso que ahora desarrollamos, también porque sabemos que un patrimonio como es la JOC es una obra hecha por muchas manos.

Entonces, lo que pedimos, es que si Usted tiene algo que le parezca importante señalar, nos envíe su reacción.

Llamamos su atención al hecho de que este es un documento interno, puesto que algunas informaciones están sujetas a cambios ya que son los Movimientos Nacionales los que pueden dar muchas informaciones de forma conclusiva.

Nosotros, la Coordinación, apenas estamos dando el primer chute en el balón. Lo pasamos a Usted también!

Un fuerte abrazo y esperamos poder contar con su reacción.

Gilberto Ferreira da Costa
por la Coordinación JOC América.

Uso interno
JOC AMERICA.

LA DIVISION EN LA JOC

Compartimos aquí algunas reflexiones e informaciones sobre la evolución de la Situación Interna a nivel de América. Es una reflexión inicial que pretendemos sea discutida por los Movimientos y que hagan sus reacciones a la Coordinación como forma de ampliar conjuntamente nuestra comprensión a cerca de esta situación.

Como Ustedes pueden constatar, en el "Boletín Continental" No. 15 de Abril de 1989, ya presentamos un poco el recorrido hecho por el Secretario General de la CIJOC, Tomaso Panero, en el continente americano. Sólo para retomar, vemos que en el año 88 el Señor Tomaso Panero estuvo visitando los siguientes países: Argentina, Brasil, Chile, Colombia, Ecuador, Costa Rica, Nicaragua, Paraguay y México. Si estuvo en otros países, no logramos saberlo como tampoco recibimos información desde los Movimientos. La información fue más que todo por contactos en las visitas, pero no llegamos a recibir cartas de los Movimientos. De hecho, esto es para retomar, porque la información que no está escrita se pierde con el tiempo.

Después, logramos hacer una reconstrucción del trabajo que ha hecho la CIJOC en estas visitas. Lo que falta mencionar aquí, sería bueno que los mismos Movimientos lo hicieran y lo envíen a la Coordinación. Pensamos que reconstruir todo el proceso es muy importante para el análisis que debemos hacer en el próximo Encuentro Continental y en el VIII Consejo Mundial.

ALGUNOS HECHOS EN LOS PAISES

Argentina:

Tomaso Panero se reunió con dos Dirigentes de la JOC y habló con ellos sobre el Movimiento en Argentina. Los Dirigentes confrontaron sobre aspectos del Movimiento y le insistieron sobre el diálogo y la unidad del Movimiento. El Pbro. Juan Carlos Angocani, en una charla informal con un Coordinador Continental, reconocía que se había precipitado al convocar al Movimiento de Argentina a pasarse para la CIJOC. Según él, su actitud fue motivada por la carta que recibió de la Secretaría de Estado.

Brasil:

Tomaso Panero estuvo con algunos antiguos de la JOC. Se sabe que hay un antiguo presidente nacional de la JOC (Tibor Sulik) que trabaja con el Cardinal Mr. Eugenio Salles y es miembro del SEP (Servicio de Educación Popular), quien declaró públicamente su apoyo a la CIJOC en un artículo publicado en el "Jornal do Brasil" (véase en anexo). Tomaso Panero también estuvo en el Encuentro Nacional de la PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular), donde fue cuestionado cuando empezó a hablar críticamente de la JOC de Brasil sin que la misma estuviera representada en dicho Encuentro.

Chile:

En conversaciones con algunos Obispos que simpatizan con la JOC, Monseñor Sergio Contreras y Fernando Ariztia, nos hicieron llegar su posición frente a la situación dejando en claro que no presionarían al Movimiento, pero que mantuviéramos prudencia en el transcurso de sucesos que se fueran presentando, en una actitud de cuestionamiento y escuchar que son necesarios en estos casos.

La JOC ha recibido al coordinador de la CIJOC, Tomaso Panero, "*con el cual compartimos abiertamente nuestros puntos de vista, manteniendo con firmeza nuestra crítica a la división internacional por lo que significa para los*

jóvenes trabajadores, especialmente del Tercer Mundo y porsupuesto nuestro cuestionamiento a la nueva estructura impulsada y nacida en Europa reconocida por el Vaticano en primera instancia... CIJOC".

Monseñor Sergio Contreras y Fernando Ariztia se reunieron con 4 Dirigentes de la JOC Chilena y una Coordinadora Continental. En esta reunión se compartió sobre la acción que realizan los militantes de la JOC, su compromiso con los jóvenes trabajadores arraigado en una fe liberadora, encarnada en Jesús hombre presente en el pueblo chileno que sufre la explotación, humillación, represión, atropello de los derechos humanos. También se reflexionó sobre la formación y papel de los Asesores.

Monseñor Fernando Ariztia vió la posibilidad de nombrar al Vicario de la Pastoral Obrera, Alfonso Baeza, para que acompañe el Equipo Nacional, y planteó la importancia de continuar informándole sobre lo que hace el Movimiento en Chile.

Haiti:

Durante la última Semana de Estudios de la JOC, Julio 89, han reafirmado su fidelidad y pertenencia a la JOCI.

Colombia:

El Asesor Internacional de la CIJOC, P. Giovanni Fornero, estuvo en Medellín. Se sabe que hizo una visita a la Curia y que se encontró con Sacerdotes de la Diócesis. En Medellín hay un grupo de JOC que se ha desligado del Movimiento J.O.C. Nacional. El P. Giovanni Fornero, no se encontró con los jóvenes de este grupo, pero después de su visita a la Diócesis, desde la Curia se pidió a los Jóvenes Trabajadores de este grupo que informaran los nombres de los jóvenes con los cuales están en contacto. El cardenal, Alfonso López Trujillo, escribió en el Boletín de la Diócesis que "la única JOC, es la que quiere el Papa".

Ecuador:

Durante los dos últimos años, Tomaso Panero, Pe. Pietro y el Pe. Giovanni Fornero, han visitado a Ecuador. En estas visitas encontraron a sacerdotes, jóvenes y laicos. También encontraron a la Comisión de Pastoral Obrera.

La Coordinación Continental, está apoyando el proceso de extensión de la JOC en la ciudad de Guayaquil desde 1982. Han dado pasos y hoy día son un equipo de militantes y dos grupos de iniciación. Estos jóvenes están caminando con la JOCI.

La CIJOC propuso al Secretario de la Pastoral Juvenil que fuera permanente para desarrollar la JOC a nivel del país. Fernando Teran aceptó el compromiso de trabajar con la CIJOC al mismo tiempo que la JOC de Turin en Italia se comprometió a enviar US$ 5.000.oo como forma de asegurar el desarrollo de la JOC.

La Conferencia Episcopal pidió a Fernando Teran que se desligara de la Secretaría de Pastoral Juvenil, puesto que como Conferencia Episcopal no quiere ser promotora de ningún movimiento específico. Fernando pidió su dimisión, la cual fue aceptada, aunque sigue apoyando la Comisión de Jóvenes y participa en la Comisión de Laicos.

La Coordinación Continental, estuvo en Quito y se encontró con la Comisión de Laicos, con Fernando Teran (3 veces), con Monseñor Gonzalo López Marañon (responsable de la Sub-comisión de Laicos en la Conferencia Episcopal Ecuatoriana), Cristianos comprometidos, organizaciones populares y sindicales, sacerdotes y jóvenes trabajadores. Con todos reflexionamos esta situación y les pedimos su apoyo para avanzar.

Resultados:

- La JOC de Guayaquil sigue su proceso y está bastante motivada.

- La Conferencia Episcopal recomienda que no se afilie la JOC que está impulsando Fernando Teran , ni a la JOCI ni a la CIJOC hasta que haya un Movimiento organizado con condiciones de decidir. También se recomienda que no se acepte el dinero. Que la Coordinación Continental cuando haga sus visitas se encuentre con Fernando Teran y con los grupos que él está trabajando. Que la JOC de Ecuador no participe en el Consejo de la CIJOC como un Movimiento Nacional y si hubiere participación, que sea más bien a título personal y que esto quede claro con las personas que acompañan la JOC.

Costa Rica:

En este país, Tomaso Panero, visitó algunos Obispos y mantuvo contactos con jóvenes trabajadores y gente de Pastoral. Tuvimos la oportunidad de hablar con el Obispo responsable de la Pastoral Juvenil en este país y de constatar que El tiene una preocupación muy fuerte con respecto a los jóvenes trabajadores. Lo que pasa es que El no se muestra convencido de que sea la JOC una cosa útil actualmente, pero al mismo tiempo, se mostró bastante interesado por conocer la JOC de hoy día.

En sus contactos en este país, la postura de la CIJOC fue de omitir todas las informaciones sobre la existencia de un Movimiento organizado en América. Con esto, algunas personas quedaron sin entender el hecho mismo de que hay JOC en Puntarenas (región costeña de este país en el Pacífico).A Algunas personas les cayó muy mal saber que Tomaso Panero conocía la Coordinación de América y ya se había encontrado más de una vez con diversos Movimientos Nacionales, pero que no les pasó dicha información. De hecho, para algunas personas dejó la impresión de que los intentó utilizar de manera poco transparente.

Nicaragua:

La única información que tenemos, es que después de la visita que hizo la CIJOC a este país, ellos recibieron críticas y advertencias de personas en Roma. Después de esto no se tienen más noticias.

Paraguay:

Lo que se sabe, es que en este país hay una disposición de fortalecer y de apoyar algo que sea fruto de una experiencia Latinoamericana.

En este país hubo un pequeño incidente, ya que Tomaso Panero, reclamó a un Coordinador Continental en México, de que estábamos diciendo en este país, que la CIJOC está ligada al Opus Dei. Aclaramos a Tomaso Panero, que por la información que tenemos, la misma ligazón que tiene la CIJOC con el Opus Dei, la tenemos nosotros también.

México:

Hace algunos años, hubo muchas tensiones internas en el Movimiento en este país. Sin que se llegara a consolidar una ruptura, los dos grupos que se confrotaban siguieron trabajando y cada uno fue consolidando en la práctica sus puntos de vista. De hecho, hay hasta una buena relación entre los militantes de los dos grupos. Lo que pasó, fue que la CIJOC mencionó el Movimiento de México como parte de su organización, lo que generó una reacción de los jóvenes del Movimiento quienes manifestaron su desacuerdo con la división y su deseo de que se concretara el diálogo para llegar a la unidad entre los jóvenes trabajadores.

En el año 88, los Equipos Nacionales de estos dos Movimientos, se encontraron algunas veces, sobre todo en el momento de las visitas de la Coordinación.

Desde la Coordinación no vemos que hay antagonismos entre los dos Movimientos, mas bien hay una complementación. Esto porque un Movimiento está más ubicado en el ambiente eclesial (Parroquia, Pastoral Juvenil, CEBS) y el otro es un Movimiento que está más presente en el barrio, pero sin tener necesariamente una ligazón con una Parroquia. Lo más importante, es, que tanto el uno como el otro, manifiestan una motivación muy fuerte por llegar a los jóvenes trabajadores en donde sea.

Las veces que la Coordinación tuvo la oportunidad de hablar con los dos Movimientos, no aceptamos hablar de la CIJOC sin que ellos tuvieran la oportunidad de contestar.

Fue por esto, que aprovechando que había una coincidencia en la fecha de la visita de Septiembre 88, se acordó un encuentro donde estuvieran presentes los dos Movimientos, el Coordinador de América y también Tomaso Panero para hablar de las causas de la división y de las perspectivas de unidad en la JOC Internacional. De hecho, la actitud de Tomaso panero decepcionó a todos.

Después de haber sido cuestionado por algunos jóvenes durante su visita, Panero tomó la decisión de partir dos días antes de dicho encuentro. Algunos jóvenes habían viajado hasta 6 horas para tal reunión y criticaron enérgicamente su actitud calificándola de "anti-militante".

Venezuela:

Estuvimos reunidos, el Equipo Nacional, un Coordinador Continental y el Asesor Internacional de la CIJOC. Fue una reunión de hora y media donde se compartió un poco la realidad en el país y la realidad de los jóvenes trabajadores de Europa. Se habló de las diferencias que han generado la división, y la posición del P. G. Fornero fue de que la JOCI no ha cambiado y por lo tanto sigue la división.

Perú:

El Movimiento Nacional reitera su pertenencia a la JOC Internacional y está reflexionando sobre el conflicto y sus consecuencias para la JOC de Perú.

OTROS HECHOS

Además de las visitas, la CIJOC ha impulsado otros medios para desarrollarse en América. Se sabe que sacerdotes europeos estuvieron visitando el continente y hablando con personas comprometidas en la Iglesia acerca de la situación.

Los artículos en la prensa también han sido un medio para impulsar la CIJOC. De estos artículos se puede hacer algún comentario, por ejemplo, el artículo publicado en la revista "Vida Nueva" (ver anexo) en Diciembre 88, que el mismo título muestra la estrategia de esta organización de cara a América: *"Un Movimiento que estuvo a punto de extinguirse - CRISIS DE LA JOC EN AMERICA LATINA"*; el artículo intenta presentar la CIJOC como la salvación para un Movimiento que estuvo a punto de extinguirse y que además está en crísis. Es interesante ver que el grupo disidente que no tuvo en todos los años anteriores la preocupación de compartir los problemas de la JOC en América, ahora se convierta en el que quiere salvarla combatiéndola, criticándola e impulsando disidencias en los Movimientos Nacionales. Pero lo más negativo está en el hecho de hacer afirmaciones bastante graves en contra de la Coordinación, por ejemplo, Tomaso Panero, habla en su artículo que *"a nivel continental se ha impuesto una línea ideológica y secularizada que ha pretendido hacer de la JOC un Movimiento exclusivamente político, en el mejor de*

los casos la fe venía identificada, reductivamente, con la acción, descuidando la espiritualidad y la vida sacramentel [...]". Es importante detenerse a buscar el objetivo de tal afirmación. Es posible que por su desconocimiento de la realidad del Movimiento en América, ésta afirmación sea fruto de un VER superficial y sin base concreta en cuanto a lo que es el papel de la Coordinación en América. Se podría preguntar entonces, dónde se ubican los hechos concretos para esto?. Por otra parte, no se puede negar que la JOC en América, en su búsqueda de vivir un compromiso con la Juventud Trabajadora haya cometido errores y descuidos, pero que al mismo tiempo ha mantenido su determinación de buscar junto con los cristianos de otros Movimientos y Pastorales, las respuestas para ser efectivamente: Joven, Obrera y Cristiana. Esto significa, que si tal afirmación es fruto de un ver superficial, ya es un grave problema y una contradicción con el método de la JOC.

En la JOC decimos que el VER es fundamental en todo el proceso. El VER de la JOC no acepta juicios superficiales y desligados de la realidad concreta que se vive.

Podemos comprender perfectamente, si se trata de un joven que está apenas iniciando en el Movimiento, pero a un Dirigente Internacional no se le puede aceptar que cometa tal falla. Sería importante confrontar tal afirmación con lo que se vive en los Movimientos Nacionales donde vemos muchísimos jóvenes que afirman haber descubierto a través de la JOC un sentido más profundo para su fe que es el de ser "*pescadores de hombres*", "*levadura en la masa*", una nueva forma de ser Iglesia en medio de los jóvenes trabajadores, el desarrollo de las relaciones fe y acción, fe y vida, fe y compromiso...

De otra parte, vemos tales afirmaciones como una "caricaturización" del Movimiento en América. Esta si, en lo mejor de los casos, bastante reductiva en cuanto a lo que es vivir la fe y la opción por los pobres en Latinoamérica.

La JOC de América no se muestra satisfecha con el aporte del conjunto de la Iglesia a los jóvenes trabajadores. Este es un hecho, pero tampoco por esto nos ponemos al margen, sino que buscamos ayudar a que se avance en este compromiso. De la misma manera, estamos atentos a las observaciones que se nos hacen con amor y también intentamos avanzar.

Ahora, es inaceptable que se quiera ponernos contra la pared como si fuéramos un cuerpo extraño en la Iglesia, alegando "ideologilización y secularización" de esta manera.

Esta cuestión no es nueva en América y tampoco es la JOC la única que vive tal tipo de presión; mismo, hasta injusticias, muchos están sufriendo por su compromiso con la Clase Obrera. Lo que vemos claramente, es que con este tipo de acusación, la CIJOC está aglutinando en torno a su propuesta, sectores que hasta hoy y desde hace mucho tiempo no han movido una paja para ayudarnos. Al contrario, lo que Tomaso Panero, llama de "apoyo insuficiente de los Obispos", nosotros llamamos omisión de muchos hermanos de cara al sufrimiento porque pasó y sigue pasando en el Movimiento.

Se podría preguntar, si en Europa la JOC no está en crísis y si allá el Movimiento es tan fuerte y organizado para que vengan a enseñarnos cómo salir adelante.

EL CUADRO JURIDICO

A consecuencia de la represión sufrida por la JOC en los tiempos más duros de las dictaduras militares, que aún siguen duras en varios países (basta ver que en el mes de Agosto de este año, un Coordinador Nacional de la JOC de Chile fue detenido e incomunicado por nueve días y que después fue liberado por falta de pruebas), el Movimiento ha sido marginado. Hace falta una ubicación clara en cuanto al marco jurídico de la JOC en los países. Hay desconfianza en muchos países porque hay un concepto de que la JOC es algo que se acabó en algunos países. Aunque la realidad muestra, mismo que sea bastante reducida, si se compara con la JOC de las dos décadas atrás, el Movimiento sigue existiendo y creciendo. El hecho es que, del punto de vista jurídico, la situación de la JOC es bastante débil en muchos países. Lo que planteamos es que se debe buscar en los países expertos en derecho canónico que nos ayuden a encontrar una ubicación de acuerdo con la realidad actual del Movimiento y también de toda la Iglesia. Al mismo tiempo, son los Obispos los que deben tomar decisiones a este nivel. Para lo cual hay que presentarles lo que hace el Movimiento, cómo está organizado, los contenidos y orientaciones, el método, y, más que todo, los frutos del trabajo.. Hay muchos Obispos que piensan que la JOC es un árbol que ya no da frutos, por esto debe ser cortado. El Evangelio nos habla que en estos casos, hay que ponerle abono y esperar.

En el Plan Internacional, tenemos ahora el desconocimiento de la JOCI como O.I.C. En el caso de América, este desconocimiento no corresponde a la realidad ya que tenemos el reconocimiento en muchas Diócesis y mismo en el plan de algunas Conferencias Episcopales. Esto significa que el reconocimiento de la CIJOC como O.I.C., es apenas una cosa que se da a ellos pero no se puede interpretar como algo que se nos quita. A lo mejor, significa que el llamado que se hace es para que los Obispos reflexionen con los Movimientos sobre su orientación, aspecto positivo para nosotros, puesto que es lo que estamos buscando.

ALGUNOS ELEMENTOS MAS SOBRE LA CIJOC

Nos han hecho algunas solicitudes de buscar más elementos sobre la JOC de Malta, puesto que la expulsión de este Movimiento en el 86 fue un hecho bastante significativo en cuanto a la división ocurrida en el mismo año. Aunque de manera bastante informal, hay un concenso en el Equipo Internacional de que fue una actitud precipitada promover la expulsión de la JOC de Malta. El mismo hecho de que el Consejo Mundial de Sao Paulo haya aprobado una moción de que en otras situaciones semejantes se promueba una consulta a los Movimientos Nacionales, fortifica esta comprensión. Además de esto, hemos recurrido a la Guía del Tercer Mundo para sacar algunos datos sobre el país: Malta tiene una población de 380.000 habitantes; su superficie es de 316 Km^2; comprende un grupo de 5 Islas de las cuales 2 están deshabitadas; el turismo es una de las principales fuentes de ingreso; en 1964 se independizó de Inglaterra (datos de 1985).

Francia: Hemos hecho dos contactos directos con la JOC de Francia. En 1988 y 1989. En este año pudimos compartir por algunas horas con tres Coordinadores Nacionales y entre ellos estaba el Secretario de Relaciones Internacionales, Luc Thoral. Hablamos de la realidad vivida por los jóvenes trabajadores en Francia y en América, también de los hechos provocados por la situación de división. De hecho en Francia lo que ocurre es que el Movimiento sigue trabajando y la división no trae consecuencias de mayor significación. Por otra parte, al presentar algunos hechos que están sucediendo en América, la reacción de estos compañeros fue de no estar de acuerdo; por ejemplo, que no les parece sano que se motiven divisiones en los Movimientos Nacionales.

En los contactos que hicimos con algunos antiguos del Movimiento, vimos que no hay mucha discusión sobre la división en la base del Movimiento. Sentimos un clima de solidaridad bastante positivo en estos Coordinadores con quienes hablamos y también con antiguos asesores de este Movimiento. Hay esperanza de que la JOC vuelva a la UNIDAD!

PERSPECTIVAS

El próximo año la CIJOC realizará su segundo Consejo Internacional en Africa. Es normal que estén buscando una mayor representatividad en tal encuentro. Pensamos que es importante aclarar que en la CIJOC sólo hay dos niveles de estatuto: MIEMBRO Y OBSERVADOR. En esta organización, el estatuto de OBSERVADOR se asemeja a lo que tienen nuestros estatutos como PERIODO DE PRUEBA.

Es importante recordar también que en el último Consejo de la CIJOC, los delegados que fueron enviados por el Consejo de Sao Paulo, fueron retirados de la plenaria porque manifestaron que estaban allí como representantes de los 40 Movimientos presentes en este Consejo. En la reunión del Equipo Internacional, acordamos hacer una solicitud de invitación para participar de este encuentro.

Desde la Coordinación de América, vemos que la participación de Movimientos Nacionales del continente americano debe ser de carácter colectivo. Es decir, que si hay invitaciones o interés de participar a este encuentro, que sea una decisión del conjunto de los Movimientos y no una actitud aislada de algún Movimiento. Esto porque no queremos que se presenten hechos de desinformación y provoquen confusiones en cuanto a la unidad de los Movimientos de América. Por tal razón, solicitamos desde ahora que los Movimientos que han recibido o que reciban invitaciones, informen a la Coordinación lo más pronto para que se pueda informar al conjunto de Movimientos Nacionales.

También decidimos solicitar a través del Secretario General del CELAM para que la CIJOC nos invite a su encuentro.

Durante todo el proceso hemos solicitado ayuda de los Obispos para que se llegue de nuevo a la UNIDAD de la JOC Internacional. Entonces, también vemos que para este encuentro se debe informar a los Obispos y pedirles que soli-

citen a la CIJOC la participación de algunos Movimientos de América. Para que queden claros los aspectos más importantes a asegurar, los participantes deben ser ubicados en la condición de Invitados Especiales y que tengan el acuerdo del conjunto de Movimientos de América. Por tanto, el proceso a seguir depende de la dinamización de las informaciones y de las reacciones del conjunto de los Movimientos.

Participación de disidencias:

Pensamos que algunas disidencias como es el caso de Chile y de Colombia, van a ser invitadas a participar de este Consejo como representantes de la CIJOC en estos países. Además de esto, seguramente van a participar personas que están trabajando para la CIJOC como es el caso en Ecuador.

Es importante que los Movimientos que viven tales situaciones envíen sus reacciones de cara a tales hechos.

También pedimos que nos informen sobre posibles visitas de la CIJOC a sus Movimientos Nacionales, aunque Tomaso Panero ya nos informó que no seguirá visitando el continente.

El Asesor Internacional de la CIJOC, hizo una visita aprovechando la participación del Primer Encuentro Latinoamericano de Pastoral Obrera, promovido por el DEPAS del CELAM. A pesar de estar en Colombia, no quizo encontrarse con el Equipo Continental como tampoco nos quizo informar sobre su programa de visitas, dijo que esto era una cosa interna de la CIJOC.

Por parte de la Coordinación de América, hay un gran interés de encontrar a las personas que vienen de la CIJOC, para seguir dialogando. Por esto, rogamos a Ustedes, que si tienen información al respecto nos la envíen.

Uso interno
JOC América.

EL PRIMER ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE PASTORAL OBRERA

Participamos de este Encuentro por invitación del DEPAS (Departamento de Pastoral Social del CELAM). En anexo, encuentran la relación de todos los participantes. Lo más importante a informar a Ustedes sobre este Encuentro es la parte que corresponde a la discusión sobre la JOC.

El Pe. Giovanni Fornero, argumentaba que se debía relanzar el Movimiento en América, mientras nosotros decíamos que era necesario una MAYOR INTEGRACION DEL MOVIMIENTO. A la hora de la aprobación del informe, se optó por la MAYOR INTEGRACION.

Aún no hemos recibido el informe final del Encuentro, pensamos que sólo lo tendremos después de las visitas que se extienden hasta el mes de Diciembre.

Es de suma importancia que los Movimientos Nacionales busquen a las personas que han participado de dicho Encuentro para seguir reflexionando sobre esta MAYOR INTEGRACION DE LA JOC y nos envíen los resultados.

RELACION DE ANEXOS

1- Grupo estuda documentaçao sobre a JOC (Jornal do Brasil, Agosto 88).

2- Artículo de Tomaso Panero en Vida Nueva.

3- Extracto de "GIOVENTU OPERARIA", de la JOC Italiana- Jul./Agosto 88.

4- La Santa Sede define... - El Catolicismo Agosto 89.

5- Relación de participantes al Primer Encuentro Latinoamericano de Pastoral Obrera.

La Santa Sede define discrepancias con la JOC

La Juventud Obrera Cristiana Internacional (JOCI), eliminada de la lista de Organizaciones Internacionales Católicas (OIC)

Roma/Bruselas, (APIC/CIP). Hace tres años, a raíz de una crisis que se incubaba desde diez años antes, la Santa Sede reconoció a la CIJOC (Coordinación Internacional de la Juventud Obrera, fundada menos de dos meses antes) como la nueva estructura provisional del movimiento de jóvenes trabajadores cristianos, en sustitución de la JOCI (Juventud Obrera Cristiana Internacional). Ahora, la Santa Sede acaba de firmar con la CIJOC un protocolo en que reconoce a la nueva estructura el estatuto de Organización Internacional Católica (OIC), "con todos los derechos y efectos correspondientes". Lo cual significa, como corolario, que la JOCI, cuya base está en Bruselas, deja de ser reconocida como OIC. Pero esta pide al Vaticano que reconsidere la decisión.

En una carta firmada por responsables de la JOCI y su presidente Félix Ollarves, la JOCI pide al Vaticano que reanude el diálogo y reconsidere la decisión de no reconocerla en adelante como OIC. La carta va dirigida a monseñor Edward Idris Cassidy, sustituto de la Secretaría de Estado del Vaticano. En carta dirigida al presidente de la JOCI el 26 de junio pasado, monseñor Cassidy recordaba que las diferentes JOC locales pueden sin embargo estar afiliadas a las Iglesias locales, dado que los obispos tienen el derecho de dar reconocimiento a las organizaciones dentro de su jurisdicción.

Una crisis que se veía venir

La CIJOC fue fundada en París el 22 de junio de 1986 por las JOC de Francia, Italia, Inglaterra y Malta a raíz de una crisis que se incubaba desde hacía diez años y que se vio exacerbada por el Consejo internacional reunido en Madrid en 1983. Al poco tiempo, la Santa Sede nombró un capellán internacional de la CIJOC (lo cual no hacía con la JOCI desde 1983). Más adelante, otros ocho movimientos nacionales adhirieron a la nueva coordinación, y otros han anunciado su participación.

Brevemente recapitulamos los motivos que provocaron la disidencia y que fueron ampliamente conocidos en el momento de la ruptura. Esencialmente se refieren a la naturaleza y a los fines del movimiento frente a las ideologías y a las religiones no cristianas, a su característica cristiana, su "dimensión misionera", la "fidelidad a la intuición de Cardijn" (el sacerdote belga que fundó la JOC en 1925), lo mismo que al estilo de relaciones entre el equipo internacional y los movimientos nacionales.

Uno de los problemas más discutidos, sobre todo en el tercer mundo, es el de si la JOC es un movimiento de masa, que acoge sin distinción a jóvenes trabajadores de todas las convicciones religiosas y filosóficas, o si, por el contrario, debe reclutar solamente trabajadores cristianos. En Asia, en donde los cristianos son minoría, la JOC trabaja frecuentemente con trabajadores no cristianos, lo cual ha provocado dificultades con los episcopados locales, como ya ha sucedido en India desde hace varios años. Sobre este tema deben celebrarse reuniones de la JOC en estos meses.

¿Qué es la característica cristiana de la JOC?

El asunto de la característica cristiana fue examinado por la JOCI en 1976 a petición de Roma, en un documento sobre "La especificidad cristiana y eclesial de la JOC". Documento aprobado por la Secretaría de Estado y más adelante por un protocolo de acuerdo. En su carta del pasado 26 de junio, en la que informaba a la JOCI de las nuevas disposiciones, monseñor Cassidy explica que la decisión "provisional" de reconocer a la CIJOC como nueva estructura, había sido tomada "en la esperanza de que la JOCI se comprometería hacia nuevas orientaciones que permitan un acercamiento y una unificación. En vista de que no ha habido claridad alguna sobre las cuestiones fundamentales, y en razón de la violación del protocolo de acuerdo (...), este queda revocado. Por lo tanto, a partir de la fecha, la JOCI ya no es reconodida como OIC".

Los responsables de la JOCI respondieron en una carta fechada el 14 de julio, ante todo para manifestar su sorpresa: la carta de monseñor Cassidy –escriben– "es la primera que recibimos desde que fue elegido el nuevo Equipo Internacional (septiembre de 1987)". El Consejo Internacional de la JOC había, sin embargo, dirigido una carta al Papa el 5 de octubre de 1987. La JOCI había escrito también al cardenal Pironio (el 3 de noviembre de 1987) y enviado las conclusiones del Consejo Internacional a la Secretaría de Esta-

do del Vaticano y al Consejo Pontificio para los Laicos (16 de noviembre), reafirmado en cada ocasión el deseo de encontrar las instancias respectivas para dialogar sobre la vida y las preocupaciones de la JOCI.

La sorpresa es tanto mayor, –añade la JOCI– puesto que en el último Congreso Internacional los movimientos nacionales "habían expresado unánimemente la voluntad de continuar siendo un movimiento de jóvenes trabajadores en el interior de la Iglesia, y de que su experiencia sea reconocida por esta", además, los movimientos nacionales habían resuelto comenzar una reflexión sobre la orientación del movimiento, para desembocar en una clarificación en el próximo Consejo Internacional (1991); también una Comisión de Orientación, en la que participan antiguos responsables de la JOCI, fue nombrada y comenzó a trabajar en junio; por último, los movimientos nacionales habían decidido establecer diálogo con la CIJOC y ya, por iniciativa de la JOCI, estaba previsto un encuentro para el presente año.

Quedan esperanzas

Aunque lamentan que su organización no sea reconocida en adelante como OIC, los responsables de la JOCI se alegran de la conclusión de la carta que les ha dirigido monseñor Cassidy, en la que se lee que "esta decisión tomada a nivel internacional no prejuzga sobre las relaciones que las Conferencias episcopales tienen con los Movimientos jocistas de su propio país, sino que es una invitación a que reflexionen con ellos acerca de su orientación. Por otra parte, esperamos que el diálogo entre la CIJOC y la JOCI se realice sobre cuestiones fundamentales, en vista de la búsqueda de una eventual unificación sobre bases de fidelidad a la herencia jocista de Cardijn, en comunión con el Magisterio y con la misión de la Iglesia".

Los responsables de la JOCI piden reunirse con monseñor Cassidy. Y le escriben: "Si nos ha impresionado que una decisión tan importante como la que usted nos comunica haya sido tomada en forma tan abrupta, sin tener en cuenta lo que acabamos de exponerle sobre la marcha de la JOCI ni los sentimientos de los Movimientos nacionales, reafirmamos nuestra fe en el diálogo y nuestra voluntad de situarnos en el interior de la Iglesia. Por ello pedimos a usted que reconsidere su decisión y que dé a los trámites comenzados el tiempo de llegar a conclusiones (en el próximo Consejo Internacional), antes de tomar cualquiera otra decisión".

Discreción a la orden

En el secretariado de la JOCI en Bruselas, la discreción es la consigna: "No es el momento de polémicas –manifiesta un responsable–. Ahora lo que se necesita es dar la posibilidad de un análisis sobre la forma en que se toman las decisiones en la Iglesia. Nuestro conflicto se sitúa en el marco más amplio del debate interno y del diálogo dentro de la Iglesia. No somos los únicos afectados". En la JOCI se espera también que la Santa Sede precise cuál es de ahora en adelante el estatuto de esa entidad, dado que ya no es reconocida como organización internacional católica.

AGOSTO 27 DE 1989

Un movimiento que estuvo a punto de extinguirse

CRISIS DE LA JOC EN AMERICA LATINA

Por **Tommaso PANERO**, de la Coordinadora Internacional de la Juventud Obrera Cristiana

A JOC, un movimiento que ha sabido ser una auténtica escuela de formación social y cristiana para los jóvenes obreros, ha vivido en estos últimos años una historia agitada y una profunda crisis, que en América Latina ha sido particularmente radical y la ha llevado al borde de la desaparición. Sin embargo, la JOC mantiene vivo su mensaje al interior de la Iglesia y desde esta perspectiva, el siguiente informe intenta desvelar cuál puede ser el futuro de este movimiento en Latinoamérica.

Balance y perspectivas

Ya en sí mismo sería interesante reflexionar sobre esta crisis para identificar sus causas. Pero hay otro elemento, al interior de una difícil situación que se ha arrastrado por años, que puede suscitar interés en relación con esta organización internacional de jóvenes obreros.

Hace poco más de un año, las JOC de 21 países (provenientes de Europa, Africa, Asia) decidían separarse de la histórica JOCI (Juventud Obrera Cristiana Internacional) para constituir una nueva internacional, la CIJOC (Coordinación Internacional de la JOC).

Esta decisión nos permite percibir la gravedad de la crisis, pero al mismo tiempo la firme voluntad de comprometerse para superarla, de aceptar el desafío sin estar seguros de vencerlo, de «abrir a la JOC las puertas del futuro», como decía el lema del primer congreso de la CIJOC realizado en Roma, el mes de octubre del año pasado.

Pero ¿hay un futuro para la JOC en América Latina? ¿Cuál es el balance del primer año de trabajo de la nueva secretaría internacional de la CIJOC, y cuáles son sus proyectos en América Latina? Nos puede ayudar a buscar alguna respuesta el señalar, antes de aquellos negativos, algunos aspectos positivos de esta crisis. Como lo ha recordado el **Padre Chenu**, la experiencia de la JOC y de otros sectores de la Acción Católica, ha prefigurado opciones teológicas y pastorales asumidas posteriormente por el Concilio.

Y, después, justamente por su fuerte eclesialidad, la JOC ha sabido «disolverse» en la Iglesia, enriqueciéndola con su experiencia y renovándola. El proceso que ha provocado la casi extinción de la JOC, al mismo tiempo ha ayudado a mantener vivo su mensaje al interior de la Iglesia.

Un estudio de **Scott Mainwaring** pone en evidencia cuánto ha sido relevante el rol que ha ejercido la JOC en el nacimiento de las comunidades eclesiales de base en el Brasil. Pero, de manera general, ha sido la Iglesia en su conjunto que ha asumido algunos aspectos significativos de la JOC: la encarnación en las diferentes situaciones y culturas, el método inductivo, la relación fe y vida, el rol activo de los laicos.

Sin embargo, no se pueden descuidar los aspectos negativos de la crisis.

Situaciones difíciles

Ciertamente la JOC ha debido soportar situaciones extremadamente difíciles a nivel social y político. En el Brasil ha desaparecido alrededor de los años 70, víctima de la brutal represión de parte de la dictadura y por el insuficiente apoyo de los obispos. La misma suerte ha sufrido en otros países donde regímenes violentos la han exterminado. Aun en otras naciones, como México, ha sido la misma Iglesia que, asustada por su fuerte compromiso social, le ha cortado su apoyo.

Pero la crisis también ha estado presente en su interior. El proceso de radicalización política vivida en los años 60-70 ha golpeado profundamente la JOC, influenciando sus orientaciones y trastornando su identidad. Y si bien algunos grupos nacionales han conseguido realizar una nueva síntesis entre el compromiso por el cambio, aun a nivel estructural, y la fe vivida al interior y a partir de este proceso de liberación, a nivel continental se ha impuesto una línea ideológica y secularizada que ha pretendido hacer de la JOC un movimiento exclusivamente político.

En el mejor de los casos, la fe venía identificada, reductivamente, con la acción, descuidando la espiritualidad y la vida sacramental. Una exasperada concepción de la autonomía, unida a un análisis de la fe y de la Iglesia dependiente de las posiciones más ideologicas y extremistas, llevaba luego a la JOC a los márgenes de la realidad eclesial, justamente en los años en que se iniciaba el fecundo camino de realización del Concilio.

Perdidos los contactos con la Iglesia, también se ha ido alejando paulatinamente de los jóvenes obreros, reduciéndose —no obstante sus intentos de expansión— a pequeños grupos muy politizados y siempre más aislados.

Lo expuesto sólo son algunas notas incompletas de una historia compleja, que necesitaría de un análisis menos superficial y que ha gozado de características propias en cada país. Por ejemplo, en algunos de ellos la desaparición de la JOC se ha debido preponderantemente a la dificultad de continuidad y a la fragilidad siempre presente en un movimiento juvenil, o al desinterés de la Iglesia respecto a ella.

Puesta al día

«La JOC puede tener un amplio espacio en América Latina: cerca del 70 por 100 de los jóvenes son trabajadores o pertenecientes al mundo popular. Ahora necesita una renovada expresión y una puesta al día». Probablemente, estas afirmaciones de un obispo de Costa Rica representan la opinión de otros obispos latinoamericanos, y no sólo de ellos. El cardenal **Carlo María Martini**, arzobispo de Milán y presidente de la Conferencia Episcopal Europea, hablando a los sacerdotes presentes en el encuentro internacional de los asesores, organizado por la CIJOC, afirmaba: «Tenéis la responsabilidad de realizar una reflexión sobre la actualidad de la JOC, hoy: cuál es la diferencia entre aquello que la JOC ha realizado al inicio y cómo puede responder a los problemas que encuentra hoy. Se necesita pensar nuevamente en la JOC para el presente. Les animo mucho a esta acción».

Este pensar nuevamente en la JOC se ha iniciado en el congreso de la CIJOC. A partir de sus experiencias, los movimientos presentes han comenzado a definir las características de la JOC de los años 2000. La JOC debe ser un movimiento de educación y de evangelización, en grado de formar militantes comprometidos en los sindicatos y en los movimientos populares, y que sean capaces de anunciar en ellos la buena noticia del Reino. A los riesgos innatos del compromiso social y político, la CIJOC no pretende responder con la fuga en el espiritualismo o en el integrismo, sino proponiendo al mismo tiempo un fuerte compromiso social y una profunda espiritualidad.

En este año que nos separa del congreso internacional, los responsables de la CIJOC han dedicado tiempo para visitar los países latinoamericanos, sobre todo para conocer y escuchar, pero también para interrogar a la Iglesia sobre su presencia evangelizadora en medio de los jóvenes trabajadores. Observando las multitudes de jóvenes latinoamericanos se ha podido notar la veracidad de cuanto dramáticamente se ha afirmado en el congreso de la CIJOC.

Efectivamente, los jóvenes de los países del tercer mundo viven en peores condiciones de aquéllas en las que vivían los jóvenes trabajadores belgas al inicio del siglo, cuando Cardijn, joven vicepárroco de Bruselas, y después cardenal, inició la JOC. Y, para la Iglesia latinoamericana es también difícil estar presente en esta realidad en la cual el anuncio del Evangelio debe medirse con la espantosa miseria y el escandaloso empobrecimiento del continente.

Por ello se comprende inmediatamente la llamada del Papa en la *Sollicitudo rei socialis*, para realizar una evangelización a la cual le «pertenece también la **denuncia** de los males y de las injusticias» (n. 41). Se trata de partir nuevamente de la vida de los jóvenes obreros, desocupados, desheredados, y de organizarse con ellos aprendiendo a ver, juzgar y actuar en cada situación, asumiendo la categoría de la liberación, correctamente entendida, como principio fundamental de acción para afrontar los problemas de la miseria y del subdesarrollo (*Sollicitudo rei socialis*, n. 46).

La pastoral juvenil

De la crisis de la JOC y de la Acción Católica han nacido, además de las comunidades de base, otras experiencias interesantes. Sin lugar a dudas, la pastoral juvenil es de las más animadas y de masa. Ella tiene en cada país diversas características, pero en todas está buscando una organización y una metodología que les permitan llegar a los sectores más difíciles de la realidad juvenil: jóvenes trabajadores, campesinos, indígenas.

En algunos países como el **Brasil**, es la misma pastoral juvenil que busca promover pastorales específicas. Así, desde hace algunos años, se está organizando a nivel nacional la pastoral juvenil de ambiente popular. En otros, la búsqueda aún continúa en curso y está abierta a diferentes soluciones. La JOC podría contribuir provechosamente, como en parte ya lo está haciendo la JEC, poniendo al servicio de la pastoral juvenil su metodología y su larga experiencia pedagógica con los jóvenes obreros.

El cardenal Cardijn, fundador de la JOC.

Las posiciones al respecto son diversas. Algunos continúan, a pesar que la JOC ya tuvo su época; otros, en la pastoral obrera y al interior de las comunidades eclesiales de base, también se están preguntando sobre la utilidad de un espacio específico para los jóvenes. «Nos estamos dando cuenta —me decía un obispo chileno— que es difícil formar militantes y dirigentes laicos maduros. La JOC y otros movimientos apostólicos han tenido esta gran capacidad que deberíamos redescubrirla».

La dramática realidad de los jóvenes, la fuerte exigencia de formación, las preocupaciones de muchos pastores de realizar una pastoral cercana a los obreros, la necesidad de poner en práctica las indicaciones que nos vienen del magisterio de la Iglesia a nivel social pueden representar el contexto en el cual la JOC puede encontrar espacio para una amplia reflexión sobre su propia identidad y un relanzamiento.

Transformar desde abajo

«Tenemos necesidad de una JOC pastoral y eclesial». Esta afirmación de un obispo del **Ecuador** también recoge bien las preocupaciones de la CIJOC. Iniciar nuevamente un trabajo de masa, ya sea con jóvenes que viven una religiosidad popular como también con aquellos secularizados de las grandes metrópolis, sólo será posible con la participación de la Iglesia, y si la JOC sabrá inserirse en el fecundo camino que ella ha trazado en **Medellín** y en **Puebla**.

Su eclesialidad deberá ser tal que permita realizar, aun hoy, aquello que ha sido su gran mérito: transformar desde abajo, llevando en su interior los obreros, la Iglesia. No se pueden reconstruir en un año relaciones que por mucho tiempo han sido olvidadas o conservadas sólo instrumentalmente. La CIJOC es consciente que se debe recorrer un largo camino, que quizás debe encontrar en cada país diversos itinerarios y nuevos protagonistas.

Por otra parte, no hay ninguna pretensión «colonial», sino el solo deseo de no dispersar un patrimonio latinoamericano tan rico en un sector igualmente difícil. Los positivos contactos con la pastoral juvenil, con militantes y sacerdotes comprometidos en la pastoral obrera y con numerosas conferencias episcopales son el inicio de un trabajo.

Ello tendrá que desarrollarse en una situación difícil aún si no parte de cero. Se han mantenido vivas y han crecido aquí y allá, junto a aquellas sectarias y confusas, experiencias significativas y complejas de JOC que nos pueden ayudar a encontrar el camino. Tampoco faltan señales positivas a nivel eclesial.

El cardenal **Pironio**, en su mensaje al congreso de la CIJOC, invitaba a los jóvenes presentes a no sentirse solos en la inmensa tarea de reconstrucción de la JOC. La beatificación de Marcel Callo, militante de la JOC, en la inauguración del Sínodo sobre los Laicos, es otro signo y una confiada invitación a recoger el desafío de ser capaces, también hoy, de formar en el mundo obrero militantes y santos. ■

Jornal Brasil

Grupo estuda documentação sobre a JOC

"Senhor Jesus (...), Permanecei em nossas fábricas, em nossos escritórios e em nossos lares. Fazei que permaneçam na Vossa amizade os operários que hoje se acharem em perigo.(...)" Com a *Oração Jocista* os integrantes da Juventude Operária Cristã (JOC), reunidos nos salões paroquiais iniciavam, até meados da década de 60, seus encontros semanais para discutir a doutrina social da igreja aplicada ao mundo do trabalho, à vida doméstica e ao convívio social. Devidamente adaptada aos novos tempos a JOC está voltando para reorganizar a ação pastoral dos trabalhadores católicos de acordo com a mística pregada e vivida no dia a dia.

Um grupo de antigos adeptos do movimento operário católico estuda a documentação da velha JOC, que sobreviveu à época autoritária. Segundo Tibor Sulik, membro do secretariado de pastoral da Arquidiocese do Rio e ex-presidente da JOC brasileira nos anos 50, os trabalhos serão iniciados com um grupo de jovens de Campo Grande, Zona Oeste do Rio. " Recriaremos uma experiência e são esses jovens que irão dinamizar o movimento", diz Sulik, um metalúrgico aposentado. O ressurgimento da JOC e a evangelização entre jovens trabalhadores, sob a diretriz da Comissão Internacional de Juventude Operária Cristã (CIJOC), foi estimulado a partir de orientação do Vaticano e do cardeal-arcebispo do Rio, Dom Eugênio Sales.

Em 1912 o jovem Cardijn, ao se formar sacerdote, foi designado para trabalhar numa paróquia do bairro operário de Laeken, em Bruxelas. Ele desenvolveu uma ação junto aos jovens para que eles pudessem ter uma "influência sã" em seu trabalho, como conta Tibor Sulik. Segundo ele, "o jovem deveria ter uma formação integral, no aspecto moral e religioso para enfrentar não só o ambiente de trabalho mas o seu próprio cotidiano." Nascia assim a Juventude Operária Cristã e em 1925 cinco mil jocistas foram até Roma para ter o primeiro contato com o papa Pio XI. "Esse é o tipo de movimento de ação católica que eu apoio plenamente", teria dito o papa, segundo Sulik. A partir daí, a JOC se estendeu para os países da Europa e depois por todo o mundo até que em 1957 durante a Assembléia Mundial da JOC, em Roma, reunindo 80 mil jovens de vários países, o movimento jocista foi reconhe-

TRADUCCION DE UN TEXTO ORIGINAL EN ITALIANO

LA JOC LATINOAMERICANA - UNA EXPERIENCIA QUE RENACE

En el mes de abril, Tommaso Panero, del Secretariado Internacional de la CIJOC realizo un viaje largo a América Latina, visitando Chile, Peru, Colombia y Nicaragua.
Durante su viaje, ademas de los dirigentes de la JOC de estos paises, encontro a responsables de la Pastoral obrera, obispos, militantes. Algunos encuentros tuvieron un interes particular, como los que tuvo con algunos obispos chilenos que son antiguos asesores de la JOC y que actualmente se situan en primera linea en la lucha contra la dictadura, o también con el teologo peruano Gustavo Gutierrez, fundador de la teologia de la liberacion. Durante su estancia en Bogota, el responsable de la CIJOC encontro a Monsenor Oscar Rodriguez Maradiaga, Secretario General del CELAM y a los responsables latinoamericanos de la Pastoral social y juvenil.

En Nicaragua, la JOC existió hasta el final de los anos 60. El viaje a este pais de America Central ha sido una oportunidad para conocer directamente la experiencia que se esta viviendo y expresar la solidaridad de la JOC de muchos paises con la revolucion Nicaraguense y con los jovenes sandinistas comprometidos personalmente en esta experiencia extraordinaria de liberacion.

A pesar de la profunda crisis que existio en la JOC de América Latina, se mantuvieron o van reapareciendo experiencias muy significativas que permiten vislumbrar perspectivas muy interesantes.

Hemos pedido a Panero que nos cuente las cosas mas interesantes de su viaje.

PREGUNTA: al mirar la lista de los 21 M/N afiliados a la CIJOC, se constata que, con excepcion de Jamaica, faltan todos los otros paises de América Latina. Cuales fueron los objetivos de tu viaje?

RESPUESTA: En estos anos, hemos intentado mantener contactos con todos los movimientos de la JOC, esten o no afiliados a la CIJOC.
Después de los 2 congresos internacionales realizados el ano pasado, parecia util informar a los movimientos que no habian participado en nuestro congreso de sus resultados, y también evaluar el congreso de la JOC Internacional (JOCI).
Muchos M/N, sobre todo en America Latina, a pesar de no compartir su orientacion, se quedaron en la JOCI porque pensaban que todavia era posible cambiarla desde dentro.
Teniamos objetivos comunes, escogiendo vias diferentes para alcanzarlos. Pero existen muchas posibilidades de colaboracion. Por ejemplo, son los M/N los que, durante el congreso, instaron a que la JOCI cambiara de actitud frente a la CIJOC y aceptara el dialogo.

Y también tienen un juicio critico del congreso. Basta pensar que se discutio de la division unicamente por que ellos lo han pedido con insistencia. En realidad, los dirigentes de la JOCI no habian previsto esto en el programa del Congreso.

Pero encontrar a los M/N no era el unico objetivo. En nuestro Congreso, habiamos decidido implicar a la Iglesia en el proceso de reconstruccion de la JOC. Tenemos la conviccion de que la crisis es tan profunda que los M/N no tienen la fuerza suficiente para superarla. Y ademas, la crisis de la JOC es un hecho de importancia eclesial. Sea por que la JOC es una experiencia eclesial, es la accion catolica por los Jovenes Trabajadores, sea por que la Iglesia tiene una responsabilidad frente a la crisis que estamos viviendo.

Tenemos la conviccion de que tenemos que interpelar a la Iglesia y pedirle que se preocupe de la formacion y la evangelizacion de los jovenes trabajadores.

PREGUNTA: Puedes decir algo sobre los jovenes trabajadores de América Latina?

RESPUESTA: Es dificil describir la situacion de los jovenes de América Latina a los jovenes trabajadores europeos. En nuestro Congreso, dijimos que en nuestros paises del Tercer Mundo, los jovenes viven en condiciones mas dramaticas que las que vivian los jovenes trabajadores belgas a principios del siglo XX, cuando Cardijn creo la JOC. Y es cierto. El 70-80% de los jovenes trabajadores de America Latina son pobres. Muy pocos tienen un empleo. Los otros viven de trabajos precarios o estan desempleados. En Lima, hay miles de empleados de hogar y en todos los lugares hay ninos que trabajan. La JOC de Peru lanzo con ellos el "MANTHOC", movimiento de ninos trabajadores.

Marcos trabaja en la fabrica "Renault" de Colombia. Es militante sindical y por eso ha sido amenazado de muerte varias veces.
Me llamo la atencion la realidad de violencia, de la cual se habla muy poco. La violencia de gente como Pinochet, o de jovenes democratas de Peru o Colombia, la violencia de los guerrilleros o de los traficantes de droga.
Delante la Universidad de Lima, junto a la bandera nacional ondeaba la del Sendero Luminoso. Cierto numero de jovenes apoyan la guerrilla, esperando cambiar la situacion de este modo.
Pero no es esto el medio, pues el proyecto del Sendero, me decia un intelectual peruano, es de hacer de Peru un gran cementero, de matar a todos los que no estan de acuerdo, como lo hicieron los jemeres rojos en Camboya.
La situacion es grave, sobre todo en Peru y Colombia.

PREGUNTA: Puedes explicar un poco mejor cual es la situacion de la JOC en América Latina?

RESPUESTA: Cuando uno me hace esta pregunta, contesto de una forma que puede parecer demasiado dura. Entonces ante todo quiero decir que nuestras relaciones con muchos M/N de América Latina son fraternales y que los militantes de la JOC en este Continente merecen todo nuestro aprecio y nuestra admiracion.
No sé lo que hariamos en su lugar. La JOC en América Latina tiene una historia gloriosa. Ha formado a miles de militantes laicos, lideres sindicales y politicos, sacerdotes y obispos.

Hoy casi ha desaparecido, o mejor dicho en los paises donde ha seguido la linea de la JOC, ha practicamente desaparecido o se ha reducido a unos pequenos grupos aislados e insignificantes.
Alli donde la JOC no ha seguido la linea de la JOCI sino que ha mantenido su identidad como en Chile, Peru y Haiti, ha sobrevivido pero de forma minima.

No quiero dar la impresion de ser superficial o despreciar los movimientos pequenos. Lo que me interesa es dar algunos elementos que permitan conocer con mas precision la situacion y sus causas muy complejas.
En muchos paises la JOC ha sido destruida por la dictadura, en otros el ha faltado el apoyo de la Iglesia. Pero la situacion empeoro después del Congreso Internacional de Linz en 1975. La responsabilidad incumbe a la JOCI que quiso imponer entonces a todos los paises un esquema unico de movimiento, y mas aun, de un movimiento politico que ignoraba totalmente la dimension educativa y evangelizadora que son caracteristicas propias de la JOC.

He hablado con algunos dirigentes latinoamericanos de la JOC de esta época, que ahora se dan cuenta de la gravedad de los errores cometidos. Pero van renaciendo experiencias extraordinarias, como la de la JOC de Medellin o la de la nueva JOC mejicana, demostrando que existe un espacio para una JOC completa, movimiento de formacion a traves de la accion y de la lucha, y movimiento de evangelizacion.

PREGUNTA: Como se posiciona la Iglesia latinoamericana frente a la crisis de la JOC?

RESPUESTA: La Iglesia latinoamericana esta dividida y hay procesos preocupantes. Incluso la misma CELAM ya no es la de Medellin y la de Puebla.
La Iglesia conservadora siempre ha visto la JOC con malos ojos. En la Iglesia progresista, hubieron muchas desilusiones frente a lo vivido en el movimiento en los ultimos anos, aunque la JOC haya mantenido un prestigio notable por su historia muy rica. La CIJOC hizo una reflexion muy simple con algunos obispos sobre la pastoral obrera y juvenil y les hemos preguntado si la JOC sigue siendo actual y puede responder a la situacion. Casi todos contestaron que si. Y es algo significativo, porque en los ultimos anos parecia que otras experiencias como las comunidades de base, u otras similares, podian remplazar la JOC.

Se noto la gran dificultad para formar a militantes adultos, papel que desempenaban muy bien los movimientos de accion catolica especializados en el pasado.

Muchos han entendido que la crisis de la JOC es un problema de Iglesia y miran hacia la CIJOC con esperanza. Gustavo Gutierrez es uno de ellos. Mi encuentro con él me gusto especialmente. En la JOC Italiana, habiamos seguido con mucho interes sus investigaciones y en particular aquellas sobre la espiritualidad.
El Padre Gutierrez me dijo con fuerza su conviccion de que la mision de un movimiento como la JOC es la evangelizacion y que se debe trabajar dentro de la Iglesia, aunque sea dificil. "Te lo digo por experiencia propia" me dijo. Me invito a continuar y esta dispuesto a ayudarnos.

PREGUNTA: Qué puedes decir de NIcaragua?

RESPUESTA: Con todo lo que mencioné antes, llegué a Nicaragua con muchos interrogantes. Durante mi estancia de una semana, he podido observar que la revolucion es un fenomeno de masas que ha transformado la vida del pueblo. Los contras, verdaderos terroristas, aunque sean pocos, tienen mucho poder destabilizador.

Me llamo la atencion la actitud de la jerarquia de la Iglesia que se encuentra en confrontacion directa con el gobierno y el pueblo, una confrontacion que aleja de la Iglesia a los cristianos comprometidos en la revolucion. Por lo que se refiere a la posibilidad de iniciar la JOC, hace falta mantener los contactos, a pesar de la dificultad de hacer previsiones.

PREGUNTA: Cuales son las perspectivas para los proximos anos?

RESPUESTA: Puedo decir que hay espacio y posibilidad significativa para relanzar la JOC, pero se necesita mucho trabajo. Esperamos poder llevarlo a cabo. Se trata de extender y continuar la reflexion que hemos tenido y establecer programas diferentes segun los paises. En algunos, como Chile, podemos pensar en un trabajo con el apoyo de los obispos; en otros como Colombia, hara falta trabajar mas en la base.

Me parece importante mantener los contactos con los M/N mas cercanos de la CIJOC. Se trata de entender bien qué es lo que quieren cambiar en la JOCI. Qué tiempo se dan para alcanzar estos cambios y como piensan trabajar.

En algunos paises han nacido nuevas experiencias de JOC o experiencias muy cercanas de la JOC, que no tienen relacion con la JOCI.

Es fundamental seguir desarrollando los contactos con ellas. Y también la CIJOC tiene que establecer la JOC en paises donde no existe.

Pero a los militantes de la JOC italiana les queda mucho trabajo que hacer. Los dirigentes de las JOC latinoamericanas que encontré muestran mucho interes por un intercambio con los jocistas italianos. Seria muy importante organizar para el verano del ano proximo un viaje a Italia para algunos responsables de la JOC de Chile, Colombia, Peru...

Ademas de conocer mejor la JOC italiana, les daria la posibilidad de compartir lo que viven, realizan y esperan con los jovenes de su pais.

EXTRACTO de "GIOVENTU OPERAIA", de la JOC italiana , de julio/agosto 1988.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM

ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE PASTORAL OBRERA

NOMBRE Y APELLIDO	PAIS	Dirección	Cargo
Pbro. JUAN CARLOS ANGOLANI	ARGENTINA	Uspallata 2086 Hurlinghann (1686) Bs. Aires	Vicario Episcop. Pastoral S. Morón
Mon. ITALO D'STEFANO	ARGENTINA	Obispo de San Juan de Cuyo Argentina	Presidente del DEPAS
OBISP. LADISLAU BIERNASKI	BRASIL	R. Isabel Redentora, 1372-83100 S. José Dos Pinhais. Curitiba	Obispo Aux.
JOSE DARI KREIN	BRASIL	Av. Pres. Kennedy, 1861/ 508 25.020 Duque de Caxias - Rio de Janeiro.	Coordinador Nac. Da Po Do Brasil
HENRIQUE PIZZOLATO	BRASIL	R. Atilio Formigmieri, 312 CX.P. 611-85900 TOLEDO - PR.	Secretario Polit. Sindical-CUTIPR.
R.P. HECTOR FABIO HENAO G.	COLOMBIA	Av. 28#35A 33 BOGOTA..	Subdirector S.N.P.S.
ORLANDO OBREGON SABOGAL	COLOMBIA	Calle 35#7-25 Piso 9 BOGOTA..	Vicepresidente C.U.T.
DARIO RUIZ LOPEZ	COLOMBIA	Calle 34 # 56-98 Bloque 1 Apto. 302Bello (ant)	Vicepresidente SINTRACRYOGAS
MIGUEL ANGEL CASTRILLON C.	COLOMBIA	Calle 34# 18-30 BOGOTA..	Secretario Seg. Social C.U.T.
MIGUEL ANGEL QUINTERO	COLOMBIA	Av. 28 # 35A-33 BOGOTA..	ASISTENTE DE PAST. SNPS.
R.P. JAIME PRIETO	COLOMBIA	CELAM- COLOMBIA	Secretario Ejec. del DEPAS.-
Mon. ALFONSO BAEZA D.	CHILE	Av. Bernardo O'Higgins 3155 2°piso Santiago	Vicario Episc. Pastoral Obrera
JOSE AGUILERA BELMAR	CHILE	Av. Bernardo O'Higgins 3155 2°piso Dep.C.Santiag.	Secret. Ejecut. V.P.O.Santiago
ENRIQUE VERGARA CORDOVA	CHILE	Arturo PRAT#1490-5T50	Dirig. Sindical CUT

ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE PASTORAL OBRERA

NOMBRE Y APELLIDO	PAIS	Dirección	Cargo
ENRIQUE M. ASTUDILLO C.	ECUADOR	MANABI 536 y VARGAS	Coordinador Nac. de FENACOMI
MON. GONZALO LOPEZ MARAÑON	ECUADOR	APARTADO 176	Presidente Past. trab. de C. Epis.
JORGE CUISANA VALENCIA	ECUADOR	APARTADO 1081-QUITO	Direct. Dep. Past. de los Trab. de la C.E.E
FRANCISCO MINDA	ECUADOR	Quito Rocafuerte 1477 y Venezuela	Presd. de la FETAL.
R.P. ARTURO CHAVEZ H.	MEXICO	Sranate #19-F. Pedregal Cd.López Mateos. Edo. de Mexico.	Promotor Dioces. Pastoral Social Caritas.
RAMON PERALTA MALDONADO	PERU	Apartado 432 Chimbote	Presid.Nac. del Mov. de trab. Xtos.
P. JORGE ALVAREZ CALDERON	PERU	Apartado1012 Lima-Peru	Asesor Nac. del Mov. de trab. Xtos.
HERNAN SILVA SANTISTEBAN LARCO	PERU	Av. Edo. Unidos 838 Jesús María Lima-Peru	Secret. Ejec.Ajet. del CEAS.
R.P. JORGE TECHERA	URUGUAY	Casilla de Correo 6476 11000 Montevideo-Urug.	Secretario del DEPAS.
ROSARIO RUSSI	URUGUAY	Soriano 1461-11200 Montevideo-Uruguay	Militante Sindical
GILBERTO FERREIRA DA COSTA	BRASIL--JOCI Ame.	Apto. Aereo. 37890 Bogotá Colombia	Coordinad. Intern. para América.
R.P. GIOVANNI FORNERO	ITALIA	perogonal C.R Marghezita 201 9144 Torino	CIJOL V.dei Bazbicc 22.
		Telf. 488835	00186 Roma Tef. 6865253

ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE PASTORAL OBRERA

NOMBRE Y APELLIDO	PAIS	Dirección	Cargo
MON. OVIDIO PEREZ MORALES	VENEZUELA	Curia Diocesana de Coro Edo. Falcón -Venezla.	Obispo de Coro
R.P.ANGEL RIBA C.	VENEZUELA	Torre Madrices Edf. Juan XXIII	Director de Pastoral Social
VICTOR VARGAS	VENEZUELA	El Guarataro, de cola a calle ciega #21	Respons. de JOC.
EDUARDO MONTES	VENEZUELA	Apatdo. 3437 Caracas 1010 A	Coord. Past. Obrera.
R.P.TEODORO HANSEN	VENEZUELA	Apdo. 94. 8024A San Felix	Comisión Past. Obrera.
FELIPE FOSSATI	VENEZUELA	Cesar Zamora s/n, Resid. La Floresta, Piso 3	
		Apto 33 Los teques EDo. Miranda Apartado 6681, Caracas 1010-A	DIRECTOR CIDUTAL.

Ado.20962
Carac. 10
20 A

BOLETIM
ATUAIS E ANTIGOS JOCISTAS

No. 3 - março/95

Semana Internacional da Juventude Trabalhadora

No período de 24 de abril a 1o. de Maio, a JOC Brasileira estará realizando mais uma Semana Internacional da Juventude Trabalhadora - SIJT. O tema este ano será: "Do Brasil à África do Sul, a solidariedade quebra correntes". Esperamos que você embarque nessa ideia e que sejamos sempre construtores de uma sociedade melhor.

Encontro de Jocistas

Atuais e Antigos

Em 18 de fevereiro foi realizado um encontro de Jocistas atuais e antigos, na sede da JOC, que durou o dia inteiro. O objetivo do encontro era de se definir como os antigos poderiam apoiar a expansão do movimento na cidade de São Paulo e contou com o seguinte programa:

1.análise da juventude hoje, formação/informação;

2. retomada do movimento na cidade - trajetória até hoje e perspectivas;

3. como o grupo pode contribuir para a retomada;

4. quais atividades podem ser feitas em conjunto?

5. avaliação.

Análise da Juventude

Foi levantada a situação da juventude de hoje, que se caracteriza como migrante, que perde a identidade numa metrópole como São Paulo. Quando encontra trabalho é no setor informal, até porque é onde consegue ganhar um pouco mais. Tem mais acesso à escola, porém com mais rotatividade, sonha muito e busca na droga e nas gangs as respostas à sua sobrevivência. Desenvolve precocemente sua sexualidade e não se identifica com as propostas da Igreja. "Fogem" a uma proposta de trabalho em grupo porém demonstram necessidade de estarem juntos no lazer.

Trajetória e Retomada

Nos últimos dez anos, o movimento não contou com muitos militantes. No período de 85/89, quando a Izilda era liberada, haviam dois militantes na zona sul e quatro na zona oeste. Foi formado um grupo de assessores, dos quais o pe. Abib permanece até hoje. Foram feitos trabalhos em conjunto com a Congregação dos Filhos da Caridade. No período seguinte, foi tentada a extensão do movimento, através do trabalho de ex-coordenadores que fixaram residência na cidade, como o Leacir e Julia com o apoio da irmã Martina na zona leste, e do Valerim e Maria na zona sul. Esta experiência não se consolidou, restando alguns contatos.

Em seguida ocorreu o processo da realização do 5o. Congresso da Juventude Trabalhadora, que atingiu os bairros de Pedreira, Campo Limpo, Valo Velho e Jardim Jaqueline, não se conseguindo garantir sua continuidade. Foram também realizados trabalhos no MOVA e no projeto Mutirão, da Prefeitura, os quais tinham também um aspecto de sobrevivência dos militantes.

No sentido de conhecer melhor a realidade do movimento hoje, foi perguntado se a idade mais elevada dos militantes, e o fato de alguns serem casados não estaria dificultando a militância no meio dos jovens. Foi discutida ainda a questão da espiritualidade da ação do militante jocista, considerando-se que esta é que diferencia o militante cristão, dos demais. Foi colocado ainda que a opção político partidária deve ser de cada um e não do movimento, o qual deve estar acima dos partidos políticos. Ficou entendido também que o militante deve ser residente na cidade e que sob certo aspecto, o acesso dos simpatizantes à sede nacional do movimento, o envolvimento com seus problemas e peculiaridades, podem representar

uma situação de queima de etapas em sua formação, terminando por prejudicá-la.

Retomada

Nena informou que deixou a coordenação do movimento em dezembro e assumiu a tarefa de expandir a JOC em São Paulo. Ainda não decidiu onde irá morar, sendo Guaianazes uma opção. Fez uma primeira reunião de planejamento junto com o Davi, Roberto e João. Para as próximas etapas do planejamento convocará os antigos, cujo apoio julgou fundamental. Foram sugeridos contatos na zona leste para um possível início de trabalho.

Avaliação

Embora houvesse uma certa apreensão de parte a parte, a franqueza utilizada nas discussões foi aceita de maneira positiva e terminou por ajudar a remover dúvidas do lado dos atuais e dos antigos. Este clima de cooperação criou uma expectativa positiva de continuidade dos trabalhos. Como disse a Nena: "É bom saber que há pessoas querendo ajudar o movimento. Eu gostei e quero mais!" Ou ainda a Marli: "Estou sentindo firmeza". Os trabalhos foram encerrados com uma reflexão sôbre o Salmo 147, comentada pelo Luiz Fernandes.

Gente Nova na Coordenação da JOC

À partir de janeiro último, passaram a integrar a Coordenação Nacional Executiva da JOC, três novos militantes: Josinete (Nete), de Pernambuco; Amauri, de Minas Gerais e Marisete de São Paulo. Substituem a Nena, o Helio e a Mônica, que terminaram seu período na Coordenação.

Assumiu também a Coordenação Ampliada pelo Estado de São Paulo, o Eduardo (Dudu), de Mauá, que fará companhia à Marli, que já vinha desenvolvendo seu trabalho.

Aos que entram e aos que saem, nossos votos de um bom trabalho e muitas felicidades nesta nova fase que se inicia.

Falecimentos

Comunicamos o falecimento do Sr. Leonardo, pai da nossa companheira Mariana, ocorrido em 9/11/94; do pai da Lurdinha, da coordenação nacional da JOC, Sr. Jezo Candido, ocorrido no dia 24/1/95 e do pai da Marcia, Sr. Lopes, ocorrido em 31/1/95. Aos companheiros nossos sinceros sentimentos.

Alô Minas Gerais

O Grupo de atuais e antigos jocistas de São Paulo manda um alô para os companheiros de Minas Gerais. O negócio é o seguinte: O Gomes, da Coordenação Nacional da JOC, fez chegar às nossas mãos, uma listagem com 130 nomes de companheiros aí das Minas Gerais, entre eles o Tió, que tem muitos conhecidos por aqui. Embora alguns endereços estejam incompletos, gostariamos de estar enviando este Boletim aí para vocês. Antes porém, é necessário que vocês estejam de acôrdo e passem a mandar alguma matéria para a gente publicar. Como o Bartolo de Pôrto Alegre tem feito. O Bartolo colaborou com artigos enviados por carta, em vários números do Boletim. Depois enviou-nos uma listagem com mais de trinta nomes de companheiros. Pediremos para o pessoal da Coordenação levar em mãos alguns exemplares deste número e ficaremos aguardando a resposta bem como sugestões.

Curiosidades e Verdades

Em vários encontros de antigos jocistas, tem se brincado algumas vezes, dizendo que as moças jocistas da época, fizeram alguns padres desistir do clero.

A bem da verdade e sem delegação de nenhum dos envolvidos, devo esclarecer que a maioria deles tinha grandes dificuldades para fazer o seu apostolado, devido aos bloqueios oferecidos por seus superiores que não compreendiam e nem aceitavam a JOC. Daí de reunir o útil ao agradável: o padre deixava a batina e casava-se com a jocista que o tinha conquistado.

Pelo que sabemos, "deu certo".

Silvio (Vila Maria)

P.S. Seja você o próximo a escrever nesta coluna.

Benvindas

Desejamos boas vindas à Dandara e à Samara. Para quem não sabe, são as filhas gêmeas dos

nossos companheiros Davi e da Margarida, que nasceram prematuras mas estão crescendo e ganhando pêso, graças ao amor e à dedicação dos pais. Nossos votos de muitas felicidades ao casal e às meninas.

Vem aí o Dia Internacional da JOC, em 25 de agosto. Vamos fazer um encontro com todos os jocistas, atuais e antigos. Aguarde.

Construtores da Sociedade

O Vicariato dos Construtores da Sociedade, que conta com a participação de jocistas atuais e antigos, entra em seu terceiro ano de criação, com alguns projetos que estão sendo discutidos e implementados. Mensalmente, em suas reuniões, haverá um momento dedicado à formação dos seus integrantes, como maneira de apoiá-los nos seus engajamentos.

Outro projeto realizado, foi o encontro preparatório para a Conferência de Cúpula sôbre o Desenvolvimento Social, realizado no dia 4 de março, na sede do Parlamento Latinoamericano em São Paulo. Foram debatidos os três temas da Conferência, a saber:

- o combate à pobreza;
- a criação de empregos produtivos e
- a promoção da integração social.

O encontro contou com a participação de 120 pessoas, representativas dos diversos setores sociais que atuam na cidade, inclusive um grupo de jocistas. Do encontro foi tirado um documento com proposições e recomendações à delegação brasileira à Conferência que se realizou em Copenhague entre 6 e 12 de março e que teve o patrocínio da ONU.

Bodas de Prata

No dia 21 de janeiro foram comemoradas a bodas de prata do Valter Tavares e da Val. O pe. Croimans que realizou o casamento do casal estava lá e confirmou tudo de novo. Estiveram presentes dezenas de amigos e familiares. O acontecimento foi animado com muita música pelos integrantes do Bando Flor do Mato e do grupo do Ricardinho, filho do casal.

Rap: Protesto

Esta maneira de protesto, através de uma "música" falada, não aceita por alguns setores da sociedade, inclusive jovens, que consideram os cantores do Rap como marginais. As músicas, são na verdade poesias ou frases de ritmo cadenciado, conforme se observa nas gravações dos grupos de Rap. As letras procuram revelar a realidade dos excluidos pela sociedade, o desrespeito da polícia para com eles, e a discriminação racial que sofrem os negros e os nordestinos. Os seus valores são mais realçados pelo ritmo do que pela melodia que praticamente não existe. Os jovens favelados se identificam com o Rap, porque o conteúdo das letras descreve o problema das drogas, os traficantes (muitas vezes estes ligados por laços de parentesco) e o repúdio à polícia. A admiração que os defensores do Rap tem pelo mesmo, é pela maneira agressiva com que podem atingir a sociedade, a qual os coloca à margem do seu convívio.

Maria Dalva (V.Maria)

Solidariedade e Mudança Social

A campanha que o Betinho começou contra a fome e que teve tanta repercussão no Brasil todo, levou muita gente a sair do seu comodismo, de seu egoismo e a pensar mais no irmão que sofre. Mas levou também muita gente a repensar as ideias que tinha a respeito da solidariedade, do exercício concreto da ajuda mútua. Porque para muita gente, a solidariedade era simplesmente sinônimo de assistencialismo. Ora no assistencialismo, o que se pretende é ajudar o que sofre sem pensar mais adiante, isto é, sem pensar na maneira de acabar com a pobreza e o sofrimento. No assistencialismo se perpetua a injustiça que causa a fome, ao passo que na solidariedade a gente procura ajudar o irmão e ao mesmo tempo lutar para que as causas desses problemas possam ser eliminadas. Não é por acaso que a campanha do Betinho está agora dando ênfase a reforma agrária porque a péssima distribuição de terras é uma das causas da fome no Brasil.

O que estamos com tudo isso descobrindo é que uma coisa não exclui a outra, isto é, a gente pode ser solidário com o irmão que sofre, organizar um comitê para dar comida a quem está passando fome e ao mesmo tempo lutar para que as reformas das estruturas sociais possibilitem que ninguém mais passe fome. Muitos chegam mesmo a dizer que quem não é capaz de se solidarizar com o irmão faminto, não é capaz de lutar por uma reforma social e política que tenha uma verdadeira dimensão humana. Ou para citar uma frase do Betinho em entrevista à Folha: "há uma relação estreita entre conjuntura e estrutura. Se eu não sou capaz de mudar alguma coisa aqui e agora, seguramente não serei capaz de mudar no futuro."

A Campanha da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, começou a partir da luta pela Ética na Politica. Foi quando se fez chegar a todas as pessoas o grito de que nada mais imoral do que a fome de milhões de brasileiros. Ora, esse comportamento ético faz que a pessoa, com a mesma indignação com que se levanta contra a fome e a miséria, proclame que a estrutura fundiária é imoral, que a distribuição da renda é injusta. Ou seja, a consciência moral leva a lutar pelas reformas estruturais.

É verdade que muitas pessoas param no gesto meramente assistencialista, daquele que dá ajuda somente para se ver livre do pobre que o importuna. Essa atitude não é de solidariedade, é assistencialismo. Já a solidariedade nasce da consciência do valor da pessoa humana e de sua vida, da percepção de que somos todos irmãos e que temos todos os mesmos direitos e os mesmos deveres. No cristianismo, essa solidariedade tem o nome de caridade, de amor, que é o maior de todos os valores dos seguidores de Cristo. Eles sabem muito bem que é de todo impossivel ser discípulo de Cristo sem amar o próximo, sem dar um copo d'agua a quem tem sede ou um pão a quem tem fome. Mas é preciso também que os cristãos cada vez mais descubram que essa sua ação concreta de ajuda ao próximo seja capaz de desencadear um processo que leve a uma nova maneira de construir a nossa sociedade.

Parece que estamos chegando em nosso modo de pensar e de agir, a não separar mais a solidariedade e mudanças sociais, ajuda concreta e reforma, agir local e transformação global. Se isso de fato começar a acontecer, estaremos caminhando para um mundo mais justo e verdadeiramente solidário.

Pe. Dario Bevilacqua

do Vicariato dos Construtores da Sociedade

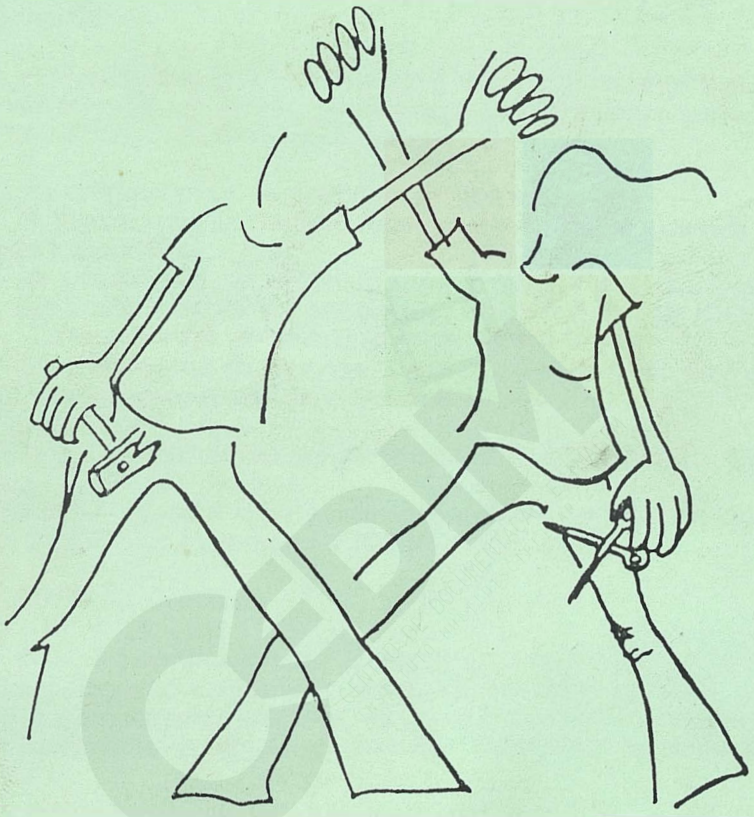
Colaboraram nesta edição: Roberto Custodio, Dalva e Sylvio Augusto Bento, Mariana Fernandes, Emilia Zanardo, Cida Nassif, Valter Tavares e Mons. Dario Bevilacqua.

Apoio: Papelaria São Miguel.

Expediente: Grupo de Atuais e Antigos Jocistas - R.Condessa de São Joaquim, 215 - cep 01320-000 - Tel.605-5146 - São Paulo - SP

C. I. J. O. C.
Coordination Internationale
de la J.O.C.
Via DEI BARBIERI , 22
00186 ROMA - ITALIA
Tél : 06/ 68 65 259

J O C



declaração de princípios

I. FUNDAMENTOS

A)ORIGENS

1. A JOC (Juventude Operária Católica) nasceu na Bélgica em 1925 pela iniciativa de um jovem Padre Joseph Cardijn e de um grupo de jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras.

2. Na origem da JOC há uma dupla constatação:
— A constatação da situação intolerável de trabalho e de vida da juventude trabalhadora.
— A constatação da distância entre a Igreja e a Classe Operária. Uma dupla missão constitui e continua a constituir a base da JOC:
— A libertação dos jovens trabalhdores e trabalhadoras..
— Ser testemunho da presença libertadora de Jesus e do projecto de Jesus Cristo no interior da Classe Operária.

3. A JOC desenvolve-se rapidamente em muitos paises dos 5 continentes.
Em 1957 , constitui-se oficialmente a JOC Internacional, cujo objectivo é coordenar e promover a JOC no mundo.

B) A QUEM SE DIRIGE:

4. A JOC é um Movimento de jovens (rapazes e raparigas) aprendizes, operários, empregados, estudantes, trabalhadores agricolas, desempregados e empregados precários, etc., jovens que estão marcados pela condição operária na familia, no trabalho, na escola, nos tempos livres, na cultura.

5. A JOC é dirigida e organizada pelos próprios jovens: entre eles, para eles, por eles.

C) OBJECTIVOS GERAIS:

6. O objectivo geral da JOC é o anúncio de Jesus Cristo a todos os jovens trabalhadores. Este anúncio é inseparável do compromisso na luta pela libertação completa de todos os Homens de todos os tipos de opressão, de alienação, e de exploração, tanto ao nivel individual como ao nivel colectivo e social.

7. Uma libertação pela qual todos e cada um poderão descobrir e viver o sentido profundo da sua vida, das suas aspirações e procurar os valores que podem verdadeiramente realizá-los.

8. No caminho da libertação, a JOC reconhece-se nas esperanças dos Homens e de todos os povos que na sua história e hoje lutam na mesma direcção.

9. Concretamente, a JOC reconhece-se no processo histórico de libertação do movimento operário, na sua luta, nos seus valores, na sua esperança, no seu objectivo de realização de uma sociedade sem classes na qual a igualdade, a justiça, a solidariedade, a liberdade, e a não violência serão as condições de base da realização de todos e de cada um.

10. Na perspectiva da libertação, a JOC anuncia e propõe ao mundo operário, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, como acontecimento decisivo para uma libertação completa, promessa e sinal de um futuro aberto para os Homens e para o mundo.

11. Pela descoberta de Cristo, pela celebração dos sacramentos, pela aquisição de uma experiência de Igreja, o que os torna protagonistas na construção da Igreja, sinal do reino de Deus.

D) OBJECTIVOS ESPECIFICOS

12. A JOC para tornar mais eficaz o seu objectivo geral de libertação, assume uma tarefa especifica no interior do movimento operário: a educação dos jovens para o compromisso e a militância.

13. A JOC propõe e vive um processo permanente de consciencialização que se realiza através da reflexão e da acção. É através desta ligação, reflexão-acção, que se desenvolve a tomada de consciência critica, a formação de um projecto e a transformação daqueles que aí estão implicados

14. A consciencialização conduz à militancia, valoriza-a e torna-a dinâmica. A militância é o modo de compromisso activo, critico, criativo e libertador que leva cada um a situar-se face a si mesmo, face aos outros, e à realidade social do mundo. É a capacidade de se situar historicamente e de se comprometer totalmente na perspectiva da libertação do Homem.

15. O processo de formação e de educação da JOC é um projecto completo porque ele toca e toma em consideração todas as dimensões do Homem e da sua vida: desde a dimensão pessoal e psicológica à dimensão social, politica e também à dimensão ética e religiosa.

16. A educação libertadora é um processo que parte das situações concretas dos jovens. Sobre estas situações faz-se uma análise profunda e uma descoberta das causas e consequências, dos valores e das aspirações maiores da vida, determinantes das acções concretas que provocam uma mudança.

17. A experiência de consciêncialização proposta pela JOC desenvolve-se num itinerário educativo que tem por objectivo levar os jovens da Classe Operária a um compromisso militante e crente, no interior do movimento operário e em todos os aspectos da vida.

E) O MÉTODO: PONTO DE PARTIDA

18. A atenção à vida da pessoa, de cada trabalhador é tipica na JOC. "Um Jovem trabalhador vale mais que todo o ouro do mundo" dizia Cardijn.

19. Esta atenção abre-se à análise da dimensão pessoal, mas também estrutural da vida dos jovens, descobrindo as situações ao nivel local, nacional e internacional, ultrapassando assim o risco do intimismo. Trata-se de um aspecto tipico da JOC e dos Movimentos da Acção Católica especializada.

20. A análise da realidade permite conhecer as situações de dependência, de insegurança, de alienação, de exploração dos jovens trabalhadores e dos jovens desempregados dos paises ricos, as quais são vividas de uma maneira mais dramática pelos jovens dos paises pobres.

F) Proposta original: A REVISÃO DE VIDA (RDV)

21. A JOC criou e elaborou um método original para realizar o papel educativo que ela fixou: A REVISÃO DE VIDA. Esta proposta enraiza-se em duas convicções: a vida de cada jovem trabalhador é importante e Deus está presente nesta vida.

22. *A RDV deve permitir:*

- transformar os jovens e as situações em que vivem
- formar militantes do Movimento capazes de conduzir eficazmente a acção com os seus companheiros
- formar crentes, capazes de discernir na vida e na acção os sinais do espirito de Cristo e capazes de testemunhar a sua fé aos seus companheiros.

O método da RDV é exigente. Ela leva os militantes a uma atitude de abertura: que passem de "estar na JOC por si" a "estar na JOC para os companheiros.

23. A RDV, tendo em conta a qualidade e o conteúdo que lhe se quer dar é uma autêntico método de Igreja. Ela situa-nos de maneira original na Igreja.

24. É uma experiência colectiva de militantes operários e de crentes. Ela formou gerações de militantes operários crentes e continua a fazê-lo.

25. A RDV é utilizada nas reuniões de grupos como método de reflexão, de análise, de verificação da acção. A RDV na JOC não é uma técnica, nem uma estratégia para realizar um objectivo.

26. Ela articula-se em três momentos fundamentais:

VER: Factos - situações - consequências - causas

JULGAR: Valores - aspirações - palavra de Deus - descoberta da fé

AGIR: Acção

27. *VER:*

O ponto de partida da JOC não é o problema dos jovens, nem tão pouco a teoria sobre os jovens.

O ponto de partida da JOC são os próprios jovens trabalhadores, na densidade e na riqueza da vida. Sua vida concreta. São as situações nas quais eles estão inseridos e que condicionam a sua vida.

O "VER" deve ser um olhar preciso sobre a vida, as situações, as necessidades, aspirações que exprimem os companheiros. Deve permitir procurar as causas de tais situações, já que o "VER" supõe que a fatalidade não existe. É um método vital para descobrir que é possivel agir e adquirir uma consciência de classe.

28. *JULGAR:*

Deve permitir a cada um avaliar como se vai transformando e expressar um projecto de vida. No "JULGAR" realiza-se uma confrontação entre aquilo que somos e aquilo que queremos ser. A partir desta confrontação, somos impulsionados à acção. O "JULGAR" deve ser também um tempo de recolhimento, um olhar de amor sobre a vida enraizada no "VER, na vida dos companheiros, e sua transformação.

É também um tempo de confrontação com a palavra de Deus para conhecer a sua presença na nossa vida e na dos companheiros. Um tempo de acolhimento do Outro, do testemunho dos primeiros crentes, de uma Palavra que nos interpela hoje. Este método deve permitir a cada um exprimir a sua própria palavra de fé, de a estruturar até suscitar a oração e a celebração em RDV.

29. *AGIR:*

Deve permitir a cada um concretizar os apelos contidos no "VER" e no "JULGAR" em direcção aos companheiros. Deve convidar a dar testemunho aos companheiros do sentido dado à acção, as suas riquezas, os sinais de Jesus Cristo vivo, que a RDV revelou. Deve também permitir encontrar os meios para avançar face às dificuldades ou questões encontradas no "JULGAR", na nossa expressão de fé.

A equipa deve dispor dos meios necessários para apoiar o "AGIR" de cada um.

G) O MILITANTE E O GRUPO DE MILITANTES

30. A base do Movimento, em sentido lato, é formada por todos os jovens que estão implicados na acção da JOC, e em sentido estrito, é constituida pelos militantes.

31. Os militantes da JOC são jovens do mundo operário, organizados em grupo, que se reconhecem nos objectivos do Movimento e que os realizam na sua vida. Eles suportam financeiramente o Movimento.

32. Antes de tudo, eles estão comprometidos no seu meio (trabalho, escola, bairro ...) para transformar as situações de injustiça e de alienação, participando na luta dos trabalhadores e do povo.

33. O grupo de militantes é uma pequena comunidade que se reune periodicamente. Aí os militantes avaliam a sua vida e acção, decidem,

planificam, realizam a acção, aprofundam e celebram a sua fé. Aí eles aprendem a dialogar e a escutar, a criticar a realidade e a criticar-se, a viver juntos e a desenvolver o sentido da solidariedade, a assumir a responsabilidade e a praticar um minimo de organização e disciplina. Neste sentido o grupo de militantes é uma escola de formação.

34. O grupo militante como pequena comunidade quer ser testemunho de um estilo de vida e de verdade que demonstra que é possivel lutar, viver e alegrar-se juntos.

II. CARACTERISTICAS

A) JOVEM E DE MASSA

35. A JOC é constituida, dirigida e organizada pelos próprios jovens, e propõe-se aos outros jovens.

36. Nesta afirmação a JOC quer por em evidência a forma como hoje a juventude está marcada por uma condição de marginalização, de exploração, de dependência, etc... mas portadora também de um potencial para fazer projectos de criatividade, de transformação, de luta e de esperança.

37. Este potencial dos jovens da JOC exprime-se de uma forma concreta. São os jovens que formam o Movimento, que o organizam, que decidem as orientações, que divulgam o Movimento e o seu conteúdo aos outros jovens, que decidem e organizam as acções e as intervenções face às diferentes situações da juventude.

38. A JOC defende que a acção dos jovens trabalhadores deve desenvolver-se a partir das suas capacidades, do seu nivel de compreensão e de formação.

39. A JOC com a sua acção e a sua proposta quer chegar ao conjunto dos jovens. Também, por outro lado, não se propõe aos jovens a massa pela massa ou uma identificação fácil, mas pelo contrário, propõe-se aos jovens tornarem-se protagonistas através da acção sobre o seu próprio meio (trabalho, escola, bairro ...).

Para salvaguardar esta caracteristica jovem, cada movimento estabelece uma idade limite e, se fôr possivel, estabelecerá laços com um movimento de adultos.

B) OPERÁRIA

40. A JOC nasceu no grito dos jovens trabalhadores, na opressão dos horários extenuantes, da fadiga insuportável, da humilhação social. Ela difundiu-se rapidamente porque por todo o mundo a juventude trabalhadora vive em condições de esmagamento e de alienação.

41. A JOC faz parte do povo oprimido, da massa dos trabalhadores, da Classe Operária. Ela identifica-se nas aspirações e na luta pela emancipação e o desenvolvimento, por uma libertação radical, por uma nova ordem económica e social.

42. No interior da Classe Operária e do povo oprimido, a JOC valoriza e analisa a condição dos jovens, denuncia as condições desumanizantes e trabalha para promover uma acção representativa dos próprios jovens e reivindicadora dos seus direitos.

43. A JOC, todavia, não se limita a este tipo de acção, pois a sua tarefa especifica é educativa. A JOC educa os jovens a agir em conjunto com os trabalhadores e com os movimentos que prosseguem um objectivo de justiça e de igualdade, de luta contra o sistema económico capitalista, de emprego para todos e de libertação do trabalho, por uma sociedade humana que não seja mais dominada pela opressão de uma classe sobre outra classe, ou de um pequeno número de pessoas ou de um povo sobre a grande maioria da humanidade.

44. Em particular, a JOC educa à participação e ao compromisso dos seus militantes no Movimento Operário. Há uma tal diversidade de associações politicas e sindicais para os trabalhadores, nos diversos países e continentes, que cabe a cada Movimento nacional determinar as formas de participação.

45. A caracteristica operária e popular da JOC é essencial e determinante, pois ela qualifica o Movimento, faz realçar a sua originalidade. A caracteristica operária, por outro lado, especifica a caracteristica jovem e indica o meio, o contexto e a cultura, na qual se enraiza a caracteristica cristã.

C) CRISTÃ

46. A JOC dirige-se a todos os jovens sem discriminação.

47. A JOC parte das situações e das condições pessoais e propõe a cada jovem um processo educativo de acção e de reflexão que o leva a descobrir e a viver os valores fundamentais da vida: a justiça, a liberdade, a solidariedade, o sacrificio, a generosidade, a alegria, o amor.

48. Neste processo de libertação, a JOC educa os jovens a colocarem a si próprios as questões de fundo que nascem do próprio processo de li-

bertação:

- Qual é para mim o sentido da minha acção?
- Que sentido tem a vida e a morte?
- Tudo acabará um dia para mim?
- Há alguma garantia que a opressão, de que os jovens são também vitimas, acabará um dia?

49. A JOC tem a sua própria proposta cristã neste processo de libertação e de consciencialização dos jovens trabalhadores. Ela oferece aos jovens a possibilidade de conhecer Jesus Cristo, como homem e libertador, Messias dos pobres e pecadores, crucificado pelos homens e ressuscitado pelo Pai para uma vida mais forte que a morte. Hoje Jesus continua vivo entre nós.

50. Deus torna-se fonte de amor para todos os Homens. É o Espirito que os anima, qualquer que seja a época em que vivem e qualquer que seja a sua fé, na busca incessante da dignidade do ser humano.

51. Esta experiência de fé deve viver-se na pequena comunidade que é o grupo de militantes, no Movimento e com os outros crentes do povo oprimido da Classe Operária.

52. A JOC experimenta na vida, a dificil relação entre a Igreja e o Mundo Operário, conhecedora da desconfiança e dos preconceitos que existem. A JOC propõe, também, aos jovens viver uma experiência de fé profundamente enraizada na realidade operária e popular. Não uma Igreja que se mostra hostil e longinqua, mas uma Igreja que se enraiza, que cresce no povo: pelo povo, pelo trabalho do Espirito, com a acção dos padres, religiosos, religiosas e dos leigos. Os padres reforçam a dimensão de Igreja, no Movimento.

53. Os jovens trabalhadores crentes e não crentes sentem-se então aceites e reconhecidos por uma comunidade eclesial mais larga, guiada pelos bispos, portadora das suas riquezas e da sua dignidade. Na Igreja Católica a JOC está presente com a sua responsabilidade e com o seu dinamismo operário. Ela torna protagonistas os jovens trabalhadores e interpela os crentes para uma conversão pelos pobres e os mais pequenos.

54. Nos paises onde fazem parte da JOC militantes de outras religiões ou não crentes, a JOC (sem perder a sua identidade eclesial) propõe-lhes descobrir, aprofundar e viver a fé na riqueza da sua tradição religiosa, com a abertura a uma atitude ecuménica do diálogo e da confrontação, com um enraizamento nas instâncias de libertação dos povos oprimidos.

D) INTERNACIONAL

55. A vida de todo o jovem trabalhador tem uma dimensão internacional. Cada vez mais o mundo está ligado e interdependente. As causas de muitas situações dificeis são internacionais, como as consequências de decisões são muitas vezes de ordem mundial. No mundo inteiro, jovens trabalhadores, de maneiras e formas diversas, vivem situações dificeis de esmagamento e de alienação, alimentam e exprimem aspirações comuns.

56. A CIJOC torna possivel o intercâmbio, a confrontação e a coordenação entre diferentes movimentos nacionais. Cada movimento nacional põe em comum as suas riquezas, a especificidade do seu próprio pais, as suas dificuldades e suas exigências. Em conjunto aprofundam os aspectos comuns, os laços reciprocos, a dimensão internacional. A CIJOC suscita a solidariedade entre eles.

A CIJOC é uma voz e um apelo da juventude trabalhadora que se dirige à mesma juventude, à sociedade no seu conjunto, à opinião pública mundial e às instituições.

Por isso a CIJOC é representativa da juventude trabalhadora.

E) AUTONOMIA

57. A CIJOC, como coordenação internacional de movimentos de jovens trabalhadores, eles mesmos autónomos, tem a sua personalidade e a sua autonomia.

58. A autonomia é, antes de tudo financeira. Para realizar isto, os movimentos nacionais contribuem para a auto-financiação que deve assegurar as despesas fundamentais da organização.

59. A JOC é um Movimento de jovens que forma para o compromisso e a militância. Cabe aos militantes decidir a que organização politica e sindical aderir.

A JOC não se confunde nem adere à linha de um grupo politico ou sindical, ela quer permanecer livre nas suas decisões.

Redação e Administração:
Rua das Escolas Gerais, 67 - 1100 Lisboa
Composição: Fundação Cardijn
impresso nos Serviços Regionais do F.A.O.J.

(Publicação interna do Movimento JOC)

50 ANOS de Missão
1960 - 2010

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

A história da Diocese de Nova Iguaçu ao longo dos seus 50 anos de missão tem muito em comum com a história recente do próprio Brasil. Criada em 26 de março de 1960 pela Bula Quandoquidem Verbis do papa João XXIII, a Diocese de Nova Iguaçu nasceu a partir do território desmembrado das Dioceses de Barra do Piraí-Volta Redonda e de Petrópolis. A Diocese de Nova Iguaçu abrange os municípios de Belford Roxo, Japeri, Mesquita, Nova Iguaçu (sede), Nilópolis, Paracambi, Queimados e o distrito de Conrado (Miguel Pereira).

Geograficamente está situada no Centro-Sul do Estado do Rio de Janeiro, limita-se com a Arquidiocese do Rio de Janeiro e com as Dioceses de Duque de Caxias, Itaguaí, Barra do Piraí-Volta Redonda e Valença. Segundo os dados do IBGE (2007) possui uma população de 1.908.216 habitantes numa área de 997 km², apresentando assim uma densidade demográfica elevada: 1.914 habitantes por km².

Baseada entre os valores cristãos e a consciência social, a luta sempre foi direcionada aos interesses comunitários, obtendo, assim, o amplo reconhecimento da sociedade em geral e a colaboração de todos que se mobilizam no esforço de amparar aos que mais necessitam.

A determinação da Diocese em lutar por condições humanas dignas e justas para todos, por muitas vezes se fez contrária aos interesses, alheios ao bem comum. E em defesa desses interesses alguns cristãos sofreram graves consequências por defender de forma incondicional os valores do evangelho.

O período registra acima de tudo a presença da Igreja na vida política e social do povo.

Completar e documentar 50 anos de missão da Igreja católica e da comunidade é motivo de grande júbilo a todos que participaram desta luta por um mundo melhor.

Essa sempre foi e será a grande missão da Diocese de Nova Iguaçu.

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU
50 ANOS de Missão
1960 2010

Agradecimentos:
Rio de Janeiro
Nova Iguaçu
Nilópolis
Paracambi
Queimados
Belford Roxo
Japeri
Mesquita

Apoio:
Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima
Unimed Nova Iguaçu

Patrocinadores:
ALERJ
PETROBRAS
BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

LEONIDAS E. PROAÑO VILLALBA

OBISPO DE RIOBAMBA

CREO EN EL HOMBRE Y EN LA COMUNIDAD

2da. EDICION

LEONIDAS E. PROAÑO VILLALBA
Obispo de Riobamba

CREO EN EL HOMBRE Y EN LA COMUNIDAD

EL CREDO QUE HA DADO SENTIDO A MI VIDA
DESCLÉE DE BROUWER

CREO EN EL HOMBRE
Y
EN LA COMUNIDAD

Colección

EL CREDO QUE HA DADO SENTIDO A MI VIDA

1.—José M.ª González Ruiz: **«¡Ay de mí, si no evangelizare!»**

2.—José M.ª Llanos: **«¡Creo...!»**

3.—José M.ª Díez Alegría: **«¡Yo creo en la esperanza!»**

4.—Javier Domínguez: **«¡Yo creo en la justicia!»**

5.—Enrique Miret Magdalena: **«Catolicismo para mañana»**

6.—I. Rodríguez Argüello: **«¡Yo creo en el amor!»**

7.—Alfonso C. Comín: **«Fe en la tierra»**

8.—José M.ª Gil Robles: **«La fe, a través de mi vida»**

9.—Pedro Casaldáliga: **«¡Yo creo en la justicia y en la esperanza!»**

10.—Francisco Cuervo: **«¡Yo creo en Jesús de Nazaret!»**

11.—Alberto Iniesta: **«¡Creo en Dios Padre!»**

12.—Rosario Bofill: **«Creo, ayuda mi poca fe»**

13.—Carlos Alberto Libanio Cristo: **«¡Creo desde la cárcel!»**

14.—José M.ª García Escudero: **«El escándalo del cristianismo»**

15.—Eva Jardiel Poncela: **«Dios dentro»**

16.—José Vila Selma: **«Creo en Cristo hombre»**

17.—José Ortega López: **«Creo en el trabajo»**

INDICE

	Pág.
Prólogo: El obispo del hombre	9
Prólogo: Segunda Edición	13
I.— FAMILIA	21
1.— Pobreza	21
2.— Trabajo	23
3.— Amor al pobre	24
4.— Honradez	26
5.— Libertad	27
6.— Valentía	29
7.— Enseñanzas prácticas	32
8.— Vida religiosa	34
9.— Vocación al sacerdocio	36
10.— Aspectos negativos	40
II.— GRUPO	53
1.— Centro cultural	53
2.— Excelsior	55
3.— El Cuadrilátero	56
4.— La JOC	60
5.— La Cardijn	63
6.— "La Verdad"	66
7.— El equipo "Juan XXIII"	75
8.— La pastoral de conjunto	77
9.— Asambleas Cristianas	83
10.— Congreso Eucarístico	84
11.— El CEAS	85
12.— Escuelas Radiofónicas Populares	88
13.— Tepeyac	90
14.— Reflexiones	92
III.— COMUNIDAD	99
1.— El Hogar de Santa Cruz	102
a) Historia de la casa	102
b) Finalidad y espíritu	104
c) Experiencia de vida comunitaria	109
d) Proceso vivido	110
e) Teología existencial	118

f) Dificultades. 123
g) Resultados 126
2.– Pastoral comunitaria. 129
a) Nuestro objetivo 129
b) Método 131
c) Comunidades de base 135
d) Comunidad de base y evangelización 141
3.– Equipo de Santa Cruz 151
a) Necesidad 151
b) Primeros pasos 152
c) Crecimiento 155
4.– Formación de sacerdotes 157
a) Crisis del clero 158
b) Supresión del Seminario Menor 161
c) El Seminario Mayor 164
5.– Equipo Misionero 172
a) Primeras experiencias 173
b) Expansión 174
c) Metodología 175
6.– Equipos Pastorales 177
a) Dos antecedentes 177
b) Los equipos pastorales hoy 180
c) Fe y compromiso comunitario 182
7.– Equipo de Coordinación 183
a) Origen y organización 183
b) Hacia una mentalidad común 184
c) Al servicio del plan diocesano 188
d) Tejiendo articulaciones 191

IV.– LA SOCIEDAD 197

1.– Evaluación 197
2.– Ministerios 207
3.– Solidaridad 214
4.– Movimiento Indígena 221
5.– Conflictos 230
* La visita apostólica 230
* Toctezinin 236
* Detención de 55 personas 239

CREO 243

POEMA: "Tú . . . te vas . . ." 251

EL OBISPO DEL HOMBRE

Quiero que me escriba el prólogo... En vano intenté disuadirlo. Grandes o pequeñas, el Obispo Proaño no es un hombre que se vuelva atrás en sus decisiones. De todas maneras, me pregunté una y otra vez la razón por la cual me escogió para estar junto a él, en su profesión de fe. No encuentro otra respuesta que una virtud que él cultiva con amor: la amistad. Sobre ella escribía poéticamente hace varios lustros:

«Amistad..., vínculo fuerte,
de unión íntima y eterna,
eterna como las almas
entrelazadas por ella».

Las últimas líneas de las páginas que siguen: «Ven, Señor Jesús», confirman mi supuesto. Ellas fueron la divisa de otro gran obispo, luminaria de la Iglesia Católica de América Latina: Monseñor Manuel Larraín Errázuriz, obispo de Talca, Chile, al que también me unió una estrecha amistad y cuyos restos reposan en su catedral. Todos cuantos lo conocieron sabían de sus inesperados gestos de bondad con todos sus amigos a lo largo y a lo ancho de nuestro continente, por pequeños que fueren. Ambos obispos «rojos», rojos de amor evangélico, estuvieron también unidos por el ideal y el afecto.

Sólo la amistad «que al amigo eleva», me da, en este caso, el coraje necesario para cumplir este delicado encargo, que lo hiciera mil veces mejor, cualquiera de los indígenas de los que recibe continuamente cartas conmovedoras y a los que tanto ama.

América Latina ha sido descrita como una totalidad de dominación. La tierra y sus bienes, la ciencia —que no la

sabiduría— y la cultura, el trabajo dignificante y el sano esparcimiento, las posibilidades de realización personal, son ajenos a la inmensa mayoría de sus habitantes, lo que equivale a decir que son privilegios de unos pocos que, como es de suponer, no están dispuestos a cederlos y cuentan para ello con el apoyo de la fuerza.

La toma de conciencia cada vez más generalizada de esta situación, determina el que en nuestro continente la lucha por el hombre y su destino, tome características dramáticas. No es de extrañar que la Iglesia Católica juegue un papel decisivo en ella. Ningún otro continente de nuestro pequeño mundo, tiene tantos bautizados en su credo como ella. Si estuvo presente en los albores de su primera independencia, mal puede no estarlo en la que se está fraguíndo ahora, en favor de quienes, desde antes del Incario, son los primeros dueños de estas tierras, hoy en otras manos, y de todos los que con el sudor de su frente y la sangre de sus manos, generan día a día una riqueza, de la que no disfrutan.

Una cosa es cierta: a partir de la Conferencia Episcopal de Medellín (1968), *la fe cristiana, para esta Iglesia, ya no puede ser evasión sino compromiso. Compromiso con la liberación total del hombre. Del hombre de aquí y de ahora, porque como ya lo señalaba San Ireneo en los primeros siglos: «La gloria de Dios es el hombre viviente». Explicitemos: el hombre que vive como hombre.*

Sin embargo, se dan aún viejos y por desgracia «nuevos» cristianos que todavía siguen hablando de la felicidad en el «más allá» como del ámbito exclusivo de la Iglesia. Propugnan una Iglesia que a fuerza de ser trascendente, lejos de constituirse en sal y fermento como lo quiso Jesús, se vuelve incolora, inodora e insípida. La quieren, alejada de los problemas terrenales. Que desde un altísimo trono, bendiga por igual al explotador y al explotado, al que vive en la opulencia y al necesitado, dándole así la razón al marxismo. Cristianos que separan al Dios, Ser fuera del hombre, del que mora en su corazón; que ponen un primero y un después, en el culto que les es debido a cada uno, con lo cual no sólo vuelven ambigua la unicidad de Dios, sino que también vacían de contenido a la Encarnación y el objetivo final del proyecto redentor: incorporar plenamente

al hombre a la vida divina. Cristianos, finalmente, que califican de marxistas y subversivos, o en el mejor de los casos, de «idealistas», a todos los que piensan que la fe cristiana debe iluminar el quehacer histórico de los hombres y de los pueblos; que la Iglesia, como ya lo señaló el Concilio Ecuménico hace 15 años, debe hacer suyas todas las vicisitudes del hombre.

La opción en su favor, especialmente en pro del hombre marginado, no puede ser lujo o exotismo para un cristiano. Menos aún del que vive en nuestra América. Ella es un imperativo que surge del corazón mismo de su fe. Cuando ésta hunde sus raíces en el mismo Evangelio y en la experiencia personal del Cristo vivo, no hay peligro de horizontalismo. El amor a Dios y el amor al hombre hallan en El la más perfecta síntesis.

Mons. Leónidas Proaño es testimonio preclaro de esa fe. De la fe en un Dios que ha querido que lo reconozcamos en el rostro del hombre y que nos va a juzgar únicamente por ello (Mateo 25,31 y ss.).

A lo largo de las páginas que siguen, con estilo directo, sencillo, diáfano como un amanecer andino —el estilo trasunta al hombre— el obispo de Riobamba hace patente esa fe desde que nos relata, con singular encanto, varios episodios de su niñez. Luego, cuando paso a paso nos lleva desde su decisión de ingresar al Seminario hasta sus primeras actividades como novel pastor de la diócesis de Ibarra y por la explicación aleccionadora de su trabajo como obispo de la diocesis de mayor población indígena del Ecuador, trabajo complejo, erizado de dificultades y peligros, labor pascual, de muerte y de vida. Fe que, al llegar al capítulo de su «Creo», estalla con acentos de Gloria y en el que pone de manifiesto tanto su amor a María como a la Iglesia, en cuyo seno ha recibido tantos sinsabores, pero a la que sigue amando con su amor primero, amor probado.

Quienes no conocen a Mons. Leónidas Proaño, harán su descubrimiento al leer su «Credo». No pocos, espero, verán desvanecerse los prejuicios que tienen contra su persona, al conocer cuál es su verdadero pensamiento. Quienes nos identificamos con él y nos honramos con su fiel amistad, no podemos sino alegrarnos profundamente al leer esta pequeña

riquísima obra. En ella nos entrega, junto a facetas aún inéditas de su vida, reflexiones que abren horizontes, pautas que orientan la acción. Sobre todo, un mensaje de eseperanza: la que debemos tener en nuestra América, ancha y todavía ajena, hoy como nunca, rica en mártires y en profetas.

Voz de los que no pueden pronunciarla, Mons. Proaño es llamado «el obispo del indio». Otros hermanos suyos en el episcopado, también laboran sacrificadamente por el campesinado de nuestra sierra. Por ello me atrevo a extender ese calificativo: Mons. Proaño, el obispo del hombre y su vocación comunitaria.

José Gómez Izquierdo

párroco

PROLOGO A LA SEGUNDA EDICION

"El que cree en Cristo, hombre perfecto, se perfecciona cada vez más en su propia dignidad de hombre" (Gaudium et spes, n. 41).

La Comisión encargada de programar la celebración de los 30 años de labor pastoral de Monseñor Proaño como Obispo de Riobamba, ha resuelto reeditar su libro: "CREO EN EL HOMBRE Y EN LA COMUNIDAD"; y, para ello, me ha pedido unas palabras a manera de prólogo. Las consigno aquí con todo gusto, en esta hora crucial en que, prácticamente, Monseñor Proaño nos dice adiós, sabiendo a qué Dios nos encomienda. Este libro es algo así como su testamento pastoral. Es su autobiografía. En ella nos va narrando cuál ha sido el credo que ha dado sentido, coherencia lógica, a su vida de hombre, de cristiano, de Sacerdote y de Obispo.

Monseñor Proaño, ante todo y sobre todo, cree en el Dios vivo y verdadero, Quien ha sido, es y será el primero en creer en el hombre y en la comunidad. Al crear modélicamente al hombre a su imagen y semejanza, soñó hacerse hombre El mismo. Realizó su sueño: el Verbo de Dios se hizo hombre, plantó su tienda en medio de los hombres, formó comunidad con los hombres. Ese sueño de Dios se llama Jesucristo: ¡la solidaridad de nuestro Dios! ¡la verdadera divinidad de Dios, en la verdadera humanidad del hombre! Desde entonces, una vez por todas y para siempre, en la escala de valores de Dios, el hombre ocupa el primer puesto y la primera dignidad es la dignidad humana.

Con su extraordinaria personalidad, Monseñor Proaño es, llana y sencillamente, un hombre que ha vivido la vocación y la tarea de ir haciéndose hombre. Pendiente de Dios, en actitud de plegaria silenciosa, se ha ido recibiendo como un regalo de Dios; y, en actitud de humildad agradecida, se ha ido regalando a todos los hombres, especialmente a aquéllos en quienes ha sido más pisoteada la dignidad humana. Se ha ido haciendo hombre, dando a los pobres y recibiendo de ellos esas pequeñas muestras de humanidad que saben dar los pobres espontáneamente: servicialidad, sencillez, amistad, veracidad, lealtad, comprensión, solidaridad.

Monseñor Proaño es un cristiano que se ha ido haciendo cristiano en medio de una comunidad cristiana, en sus diversos niveles. Se ha dejado encontrar por el Cristo pobre que vive entre los pobres y se ha dejado evangelizar por ellos. Ha dialogado largamente con el Peregrino de Emaús. Ha descubierto el compromiso de la fe de El: su entrega total a Dios y a su Reino: ¡la cruz de su fe, que, como consecuencia lógica, lo llevó a morir crucificado a manos de los beneficiarios del pecado del mundo! Descubrió, así, que el sueño de Cristo era su Iglesia: nacida de su Costado abierto, llamada a ser comunidad de hermanos, comunidad de pobres de corazón y de vida, lanzada por el Espíritu Santo a continuar la revolución de Dios en la historia.

Nombrado Obispo, Monseñor Proaño se ha ido haciendo Obispo a lo largo de 30 años. Ha ido realizando el sueño que acarició cuando joven seminarista: llegar a ser Párroco de indios. Se lanzó a la arriesgada aventura de construir la Iglesia viva del Dios vivo, desde los impedidos de vivir, los "Cristos azotados de América": ¡los pobres indios!

Los miró, compasivo y cariñoso, con los ojos de María y, en su poncho, contempló el rostro desfigurado de Cristo.

Y, "entre las persecuciones del mundo y los consuelos de Dios", al conjuro del Sermón de la Montaña, está naciendo y creciendo esta conflictiva y alentadora realidad de fe, de amor y de esperanza: LA IGLESIA DE RIOBAMBA, auténtica y autóctona, que "se simboliza en el rostro mestizo de María de Guadalupe" (Puebla, n. 446).

Aspira a ser una respuesta clara, evangélica y sencilla, a una de las preguntas claves del Catecismo Elemental: "¿Para qué estamos los cristianos en el mundo?" Para edificar, desde los pobres, la Iglesia viva del Dios vivo y contribuir a la construcción de una nueva sociedad.

Una nueva sociedad desde los marginados de la sociedad . . . La Iglesia de Riobamba, dicen los campesinos, está empezando a abrir un camino nuevo, largo y difícil, hacia la liberación, desde los pobres y con los pobres, pero con los pobres evangelizados y evangelizadores, organizados y organizadores. ¡Un nuevo sueño del Obispo que cree en el hombre y en la comunidad! ¡La revolución del poncho, desatada por el Obispo que cambió su capa magna de "Príncipe de la Iglesia", por el humilde poncho de los hombres de poncho!

Así, por la puerta grande del Evangelio, han entrado juntos y seguirán viviendo juntos en la Historia Monseñor Proaño y LA IGLESIA DE RIOBAMBA. Han marcado una frontera cuyos hitos ya nadie po-

drá quitar. No separará el hombre lo que ha unido Dios. La aventura se está haciendo bienaventuranza. Los sueños se están haciendo realidad. Muchos testigos de la fe, unidos a Monseñor Proaño y siguiendo una línea pastoral, con un largo hilo de sangre, han escrito un nuevo e inmortal "delirio sobre el Chimborazo". El Rey de los Andes brilla hoy más que nunca, con resplandores de Tabor, que son las luces del Calvario que iluminaron el rostro transfigurado de Cristo en su diálogo con Moisés y con Elías acerca de su salida de este mundo, a través de la Pasión y la Muerte. (Cfr. Lc. 9, 30-31).

La fe "no es una flor de montaña que sólo abre sus pétalos en la cima de las montañas nevadas" (E. Schillebeeckx). Es una flor del valle de toda vida humilde. La peregrinación de la fe que estamos reseñando, viene desde muy lejos y tiene que avanzar más lejos todavía, anunciando la muerte del Señor, proclamando su resurrección y gritándole que venga. El Peregrino de Emaús continuará peregrinando sin descanso.

Consumando su entrega en el Calvario, Jesús nos descubrió la clave del misterio de su identidad. El "Yo soy", del libro del Exodo, tuvo su pleno sentido en la muerte del Testigo Fiel: "Cuando levantéis en alto al Hijo del Hombre, entonces comprenderéis que Yo soy el que soy" (Jn. 8, 27).

San Ignacio de Antioquía exclamó en la víspera de su martirio: "Cuando llegue . . . seré hombre".

Todos nosotros, como hombres, como cristianos, como Iglesia, somos peregrinos de nuestra identidad: vamos al encuentro de lo que estamos llamados a ser en plenitud. Mientras llegue nuestro último día, caminemos como pueblo de Dios en marcha,

convencidos de que "va Dios mismo en nuestro mismo caminar".

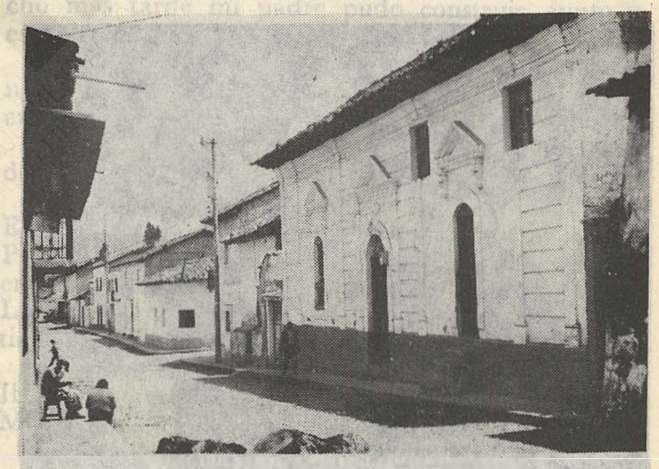
"Caminante! no hay camino:
se hace camino al andar" . . .
Por eso, Dios mismo vino
y se puso a caminar. . . . . .

AGUSTIN E. BRAVO MUÑOZ

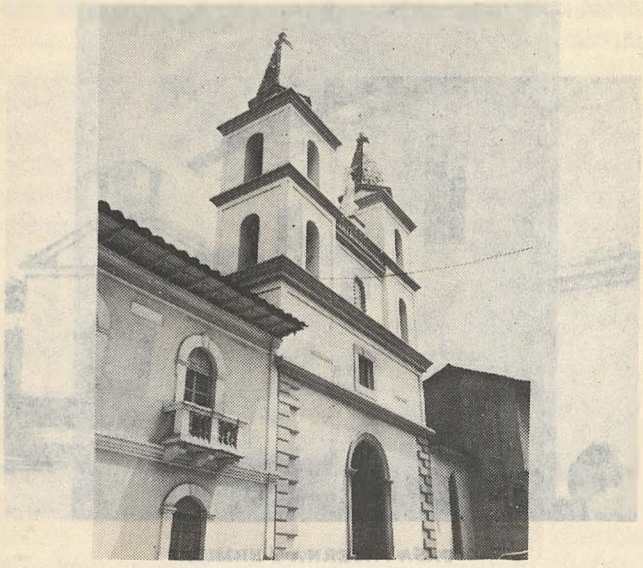
Sra. Zoila Villalba Ponce de Proaño

El joven Leonidas, cuando estudiante en el colegio San Diego

CASA PATERNA Y ERMITA



ESCUELA FISCAL "JUAN MONTALVO"



San Antonio de Ibarra: Iglesia Parroquial

Cuando seminarista: con el párroco, familiares y amigos.

I

FAMILIA

1. Pobreza

Soy hijo de familia pobre.

La casa en donde nací tenía tres piezas: un cuarto grande que servía de dormitorio, de sala de visitas y de taller de trabajo; una cocina, y un corredor que era utilizado para refectorio. Sólo mucho más tarde mi padre pudo construir, junto a esta casa, unas dos piezas más.

Detrás de la casa, teníamos un pequeño terreno —un cuarto de hectárea—, sembrado de maíz cada año.

Nací el 29 de enero de 1910, en San Antonio de Ibarra.

Mi pueblo pertenece a la provincia de Imbabura. El Ecuador, mi país, está dividido políticamente en Provincias. La provincia, en cantones. El cantón, en parroquias. La parroquia, en barrios o caseríos. La capital del Ecuador es Quito. Cada Provincia tiene su ciudad capital y cada cantón su cabecera.

La capital de la provincia de Imbabura se llama Ibarra, en recuerdo de su fundador español, don Miguel de Ibarra.

San Antonio de Ibarra, mi pueblo natal, se encuentra a 5 kilómetros de la capital de la Provincia.

Era un pueblo pobre. Digo «era», porque ahora ya no lo es tanto, pues las cualidades artísticas de

sus habitantes han encontrado caminos para el mercado de sus esculturas y pinturas, de sus tallados folklóricos en madera, dentro del país y en el extranjero.

En general, las casas de mi pueblo eran pobres. La mía, construída en las goteras de la población, era una de ellas.

Supe, como todos los pobres hombres, lo que es padecer de necesidad y de hambre. Pero aprendí también a soportar privaciones sin quejas ni envidias.

Aprendí lo que es la sencilla fraternidad entre pobres: poner en práctica una generosa y delicada **ayuda mutua entre vecinos. Mi mamá me envía a dejarles** estos poroticos tiernos, para que se sirvan», explicaba cualquier chiquillo o chiquilla del vecindario, portador del don y del mensaje. El don podía ser variado: maíz, fréjoles, **arb**ejas, papas. El mensaje era siempre el mismo. Y luego, había correspondencia de regalo y de mensaje.

¡La pobreza!... Es también un don. «Bienaventurados los pobres». Es un don, siempre que se llegue a tener conciencia de que somos pobres. Siempre que lleguemos los hombres a ser conscientes de nuestra congénita indigencia.

Todos podemos llegar a ser conscientes de nuestra congénita indigencia. Lo que pasa es que los pobres de bienes materiales están en condiciones de adquirir más fácilmente esa conciencia. En cambio, los ricos en bienes materiales endurecen el corazón, por el apego a las riquezas. Endurecido el corazón, la conciencia queda gravemente impedida, como por una costra o por una coraza de acero.

Los pobres sienten casi espontáneamente la solidaridad con otros pobres, con todos los que sufren. Los ricos se vuelven egoístas.

El inicio de las comunidades de base en el Brasil se debe a esta filosofía popular, la filosofía de los pobres, que se expresa de esta manera: «Un pobre ayuda a otro pobre, y entonces todo se arregla».

Los pobres viven más fácilmente la vocación comunitaria. Los ricos necesitan hacerse pobres para poder entrar en el Reino de los cielos. «Créanme que a un rico se le hace muy difícil entrar al Reino de los cielos. Se lo repito, es más fácil para un camello pasar por el ojo de una aguja, que para un rico entrar al Reino de los cielos» (Mt. 19, 23 y 24).

Si la pobreza es un don, este don viene también con su mensaje. El mensaje es éste: «Bienaventurados los pobres» (Mt. 5,3). Agradezco a Dios por el don y por el Mensaje que le da sentido.

2. Trabajo

Teníamos que trabajar, por lo mismo que éramos pobres.

Como en Nazareth, nuestra familia estaba compuesta sólo de tres miembros. Tres hermanos nacidos antes que yo murieron tempranamente. Como en Nazareth, los tres nos entregábamos al trabajo en la medida de nuestras fuerzas.

Tanto mi padre como mi madre dedicaban largas horas del día a tejer sombreros de paja. Desde temprana edad, en las vacaciones de verano, aprendí también a tejer sombreros. Malo el primero. Pero el estímulo de mis padres hizo que fuera perfeccionándome en el arte de tejer parejo y fino. Era para mí una alegría constatar que cada vez el precio de venta era más alto. Este trabajo era penoso. Había que permanecer sentado horas y horas, cruzando pajas. Dolía la espalda.

Pero, mientras tejíamos, mis padres cantaban. Canciones del pueblo, unas muy tristes y otras un tanto alegres. También conversábamos. Mis padres hacían planes para conquistar algún mejoramiento.

Mi padre tenía montado también un pequeño taller para el arreglo de esos mismos sombreros de paja que nosotros habíamos confeccionado y de los sombreros de uso de una numerosa clientela. El taller consistía en una gran piedra fina y lisa que servía para «macetear» los sombreros con un mazo de madera; en un gran cajón que podía cerrarse herméticamente: servía para el blanqueado de los sombreros, por medio del humo de azúfre; en una mesa convenientemente arreglada para planchar

los sombreros y darles la forma solicitada por los clientes; para darles forma, se utilizaba un poco de cola diluída; consistía también en una cantidad variada de hormas de madera, para adecuar cada sombrero a la cabeza y al gusto de cada cliente...

Tendría 10 u 11 años de edad, cuando empecé a ayudar a mi padre en este trabajo. Lo más duro y peligroso era macetear los sombreros. Duro, porque se rompían las manos, mientras no se formaran callos. Peligroso, porque el sombrero también podía romperse. Recuerdo que llegué a cumplir esta tarea satisfactoriamente y que me sentía orgulloso de ver mis manos ampolladas, sangrantes y luego encallecidas.

El trabajo agrícola fue, de ordinario, escaso, por la pequeñez del terreno que poseíamos. Pero, durante unos pocos años, mi padre arrendó unas cinco hectáreas de tierras. Entonces, también aprendí a sembrar, a desyerbar y a cosechar.

Aunque en pequeño, a través de estas diversas formas de trabajo, absorbí insensiblemente el sentido comunitario del trabajo. En la casa, todos aportábamos para nuestra subsistencia. La dureza o la monotonía del trabajo eran suavizados por la conversación y por el canto. El diálogo y el canto tienen un profundo sentido comunitario. El primero, el diálogo, es el mejor vehículo de intercomunicación personal. El segundo, el canto, es un vehículo inapreciable de armonización, a través de las voces, de los sentimientos. Y es un medio de crear alegría y entusiasmo.

3. Amor al pobre

Como ya dije antes, el trabajo de «compositor» de sombreros de paja que desempeñaba mi padre atraía a la casa una numerosa clientela de gentes del pueblo, también de campesinos.

Mis padres siempre se relacionaron con ellos con suma amabilidad. Su ejemplo fue dejando en mí un gran respeto y una gran simpatía por la gente.

Pero no era solamente el ejemplo la fuerza inspiradora de ese amor y respeto. También ejercieron

su influencia poderosa los hechos concretos, explícitos, y las palabras.

Hechos explícitos y concretos: Cada sábado, nuestra casa, como las casas de otros vecinos, era visitada por personas menesterosas, mendicantes. Por disposición expresa de mis padres, era yo el encargado de atenderlos, sea para depositar en sus manos alguna pequeña suma de dinero, sea para ofrecerles un plato de comida o, en otras ocasiones, una pequeña porción de víveres en crudo.

Las palabras: Frecuentemente me inculcaron ese mismo amor y respeto, a través de sus palabras. Tanto mi padre como mi madre tenían un grande aprecio a los indígenas. Parecía que encontraran un gozo especial en conversar con ellos y en servirles. Esto mismo inculcaban en mi ánimo, en conversaciones y reflexiones. Por ejemplo, cuando habíamos constatado que los indígenas eran objeto del desprecio, de la burla, de la explotación de otras personas, me hacían ver lo malo de un comportamiento semejante, diciéndome que ellos eran también hijos de Dios y hermanos. Llegaron a enseñarme las formas de trato en gestos y palabras que tenía que utilizar cada vez que me ponía en contacto con ellos.

Recuerdo que mis padres dieron hospedaje en nuestra pobre casa a un mendigo extranjero. Permaneció con nosotros largas semanas. Llegó vestido de harapos. Despedía de sí un olor repugnante. Sin embargo, le acogieron con todo cariño. Durante todas esas semanas, era como un miembro de la familia. Atendieron a sus necesidades de vestido y de limpieza, en la medida de lo posible y con una abnegación muy grande.

Ese amor y respeto a los pobres, particularmente a los indígenas, llegó a formar parte de mi propia existencia. Por esto, he dicho más tarde que no he querido nunca ser traidor a los pobres, pues nací en un hogar pobre y aprendí en ese mismo hogar a amar a los pobres.

Si antes dije que la pobreza es un don y que ese don tiene un sentido cuando viene acompañado del mensaje del Evangelio, ahora digo que tam-

bién la amistad de los pobres es un don y que también este don viene acompañado de un mensaje. «Entonces el Rey dirá a los que están a la derecha: ¡Bendecidos por mi Padre! Vengan a tomar posesión del Reino que está preparado para ustedes desde el principio del mundo. Porque tuve hambre y ustedes me alimentaron; tuve sed y ustedes me dieron de beber. Pasé como forastero y ustedes me recibieron en su casa. Anduve sin ropas y me vistieron. Estuve enfermo y fueron a visitarme. Estuve en la cárcel y me fueron a ver. En verdad les digo que cuando lo hicieron con alguno de estos mis hermanos más pequeños, lo hicieron conmigo» (Mt. 25, 34-40).

4. Honradez

«De lo ajeno, ni una aguja». Esta es una frase que se repetía mucho en el seno de mi pequeña familia y que tenía que ver, particularmente, en nuestras relaciones con los demás pobres.

De igual manera, no debía decir mentiras por nada de este mundo, aunque por decir la verdad pudieran sobrevenir dificultades y castigos, especialmente en la escuela.

Mi padre me enseñó a jugar. Se hizo niño con su hijo niño, quizá comprendiendo que no tenía otros hermanos. Le gustaba que aprendiera a jugar limpiamente y a realizar todos los esfuerzos para salir triunfante, pero sin trampas.

Mi padre me enseñó a jugar a la pelota de mano, a la pelota de tabla, a hacer bailar los trompos, a las bolas...

No era que me impidiese jugar con los niños del vecindario. Todo lo contrario, él mismo me insinuaba que fuera a jugar al caer de la tarde, después de largas horas de trabajo. Pero, me enseñaba a jugar y jugaba conmigo, para educarme en la honradez. Me decía, por ejemplo: «Si usted, en el juego de bolas, al asentar en el suelo su bola con la que pretende sacar las bolas que están en la «bomba», adelanta tramposamente unos centímetros y saca una o varias bolas, ha cometido un robo a su compañero».

De igual manera, hacía referencias concretas y minuciosas para la práctica de otros juegos.

La honradez, en relación con la verdad, sembró en mi ánimo una especie de culto por la verdad. No podía decir mentiras y me dolía cuando constataba que otros compañeros las decían con una facilidad espantosa, tanto en sus relaciones con otros compañeros, como en relación con sus padres y maestros.

Así, el respeto a los bienes ajenos y al derecho que tiene toda persona a la verdad imprimieron en mí uno de los rasgos característicos de mi personalidad, para toda la vida.

En muchas ocasiones, siendo ya sacerdote y obispo, frente a conflictos que he tenido que enfrentar, algunas personas amigas, llenas de la mejor buena voluntad, me han dicho que tenía que ser un poco más diplomático en mis relaciones con mis semejantes. Han explicado el uso de la palabra «diplomático», diciendo que no se trata de serlo en el sentido peyorativo de la palabra y han añadido que debía aprender a jugar un poco con las palabras, sin faltar a la verdad, y a utilizar ciertas circunstancias, sin dejar de ser sincero. Pero, me es imposible caminar por sendas tortuosas, aunque lleven a una meta buena y determinada. Pienso que la verdad se impone tarde o temprano. Pienso que los demás hombres tienen derecho total a la verdad total y que solamente así podemos entendernos y establecer vínculos de unidad auténtica. Una vida comunitaria, en escala reducida o en gran escala, no puede asentarse firmemente sino sobre la verdad clara, comprendida, aceptada, sin reticencias, sin reservas. «Digan sí cuando es sí, y no cuando es no» (Mt. 5, 37).

5. Libertad

Lo que más agradezco a mis padres es su permanente educación en la libertad y para la libertad.

Todos sabemos que el culto a la verdad engendra la libertad, al menos en teoría. Desde el punto de vista existencial, puedo decir que, cuando se actúa con honradez, con verdad, se experimenta la libertad interior que nada ni nadie puede arrebatarnos.

Mis padres no tuvieron grandes estudios: terminaron apenas la primaria. No estudiaron, por consiguiente, pedagogía. Pero fueron auténticos educadores.

Jamás escuché de sus labios prohibiciones. Gocé siempre de libertad para reunirme con los muchachos de mi edad del vecindario. Gocé siempre de libertad en el uso de las cosas de la casa. Aunque en mínima cantidad, cada domingo recibí un dinerillo para que pudiera gastarlo a mi gusto.

Cuando, alguna vez, realicé algo que no estaba de acuerdo con su manera de pensar y de sentir, no me castigaron ni me avergonzaron con reproches duros. Me hicieron reflexionar cariñosamente.

Un ejemplo de este modo de proceder: tendría 16 ó 17 años. Había terminado tercero o cuarto de secundaria. Nos encontrábamos en vacaciones. A mediados de setiembre, mi pueblo celebra la fiesta de la Virgen como Patrona. A esta fiesta concurre muchísima gente, no sólo del pueblo mismo, sino también de pueblos vecinos y aun de la ciudad de Ibarra. Con permiso de mi padre, salí a participar como espectador en algunos números del programa de fiestas que se realizaba en la noche. Me encontré con algunos compañeros de curso. Uno de los números del programa de fiestas era una representación dramática que debía iniciarse a las 9 de la noche y terminar a la 1 ó 2 de la madrugada. El permiso obtenido no comprendía la asistencia a esta velada. Pero los compañeros me insinuaron con insistencia que me quedara con ellos para este número del programa. Acepté, no sin remordimiento, por no haber contado con el conocimiento de mis padres. Cuando llegué a la casa, ellos me esperaban, pero no me dijeron ni una sola palabra de reproche. Interiormente, experimentaba una gran pena y una gran vergüenza.

Al día siguiente, cuando casi había olvidado mi falta de la víspera, mi padre me invitó a sentarme junto a él y empezó a hablar tranquilamente, como si nada hubiese pasado. En medio de la conversación, cuando comprobó la inexistencia de todo recelo o de cualquier mecanismo de defensa, me preguntó sobre lo ocurrido en la noche anterior. Le expliqué cómo sucedieron las cosas. Se mostró satisfecho, pero añadió estas palabras: «Quizá para otra vez convenga que invite a sus compañeros a nuestra casa, que nos dé a conocer su deseo, como éste de asistir a una velada. Usted sabe que no le negamos nada. Así, nosotros podremos estar tranquilos».

Cuando tenga que referirme a mi opción por el sacerdocio, volveré a tocar este importantísimo punto de la libertad, porque en ningún momento me he sentido constreñido a seguir el camino del sacerdocio.

No acabo de entender, por esto, la conducta de muchos padres de familia que creen **educar** a sus hijos haciéndoles una letanía de prohibiciones y castigándoles, a veces cruelmente, por la infracción de alguna de sus disposiciones. El miedo no educa. Vuelve más bien hipócritas. «Ustedes serán mis verdaderos discípulos si guardan siempre mi palabra; entonces conocerán la Verdad, y la Verdad los hará libres» (Jn. 8, 31-32).

La vida de familia y la verdadera vida comunitaria nos ayudan a ir conquistando la libertad, en todo sentido, en la medida en que somos verdaderos.

6. Valentía

Del mismo modo como la honradez en relación con los bienes ajenos, nos hace libres de toda traba interior para actuar con sencillez, con claridad, con amor, también nos comunica esa tranquilidad de ánimo la actitud que se llama valentía.

La actitud verdadera, esto es, la actitud de permanente búsqueda de la verdad y de sumisión a la verdad, una vez que creemos haberla encontrado, nos comunica una seguridad, una fuerza,

una capacidad de aceptación de desafíos y de riesgos que jamás puede proporcionar el miedo.

No es posible razonar de esta manera en la primera infancia. En esta etapa de nuestra vida, la seguridad que estoy llamando valentía nace de un sentimiento de confianza.

Uno de los primeros recuerdos que conservo en mi memoria es el siguiente: mi padre me llevó una tarde, en momentos caminando y en otros momentos subiéndome a sus hombros, a recoger de diversas casas sombreros de paja que había comprado. Vino la noche. Sentado sobre sus hombros, empezamos el regreso a casa. Cuando atravesábamos una quebrada, recordó que había dejado de visitar a una familia que vivía por allí y que tenía que entregar un sombrero. Haciéndome previamente un elogio, acomodó su «poncho» sobre una piedra grande, me hizo sentar allí y me dijo que esperara, mientras visitaba esta familia. El elogio iba en el sentido de infundirme confianza para vencer el miedo a la soledad en medio de la oscuridad de la noche y en un lugar desamparado. «Mi hijo es todo un hombre. Es valiente. Espéreme aquí. Regreso enseguida». Sentía que, interiormente, me hacía conquillas el miedo. Pero fui capaz de permanecer silencioso y esperanzado en esas condiciones. Pocos minutos después, sentí que una piedrecita se estrelló a un costado del lugar en donde me encontraba. Luego, cayeron otras y otras. Aunque tuve miedo, no dije una palabra ni lancé grito alguno. Mi padre se hizo presente al momento. Era él mismo quien había lanzado las piedras. Me tomó en sus brazos. Me apretó fuertemente y volvió a elogiarme por mi valentía. Tendría yo alrededor de 4 años.

Ya más crecido en edad, eran las narraciones de hechos históricos o de hechos en los que habían tomado parte mis padres los modeladores de la valentía. Llegué a tener, cuando estudiante de primaria, un gran afecto por determinados héroes de la Independencia. Admiraba a Abdón Calderón, el héroe de Pichincha. Admiraba y estimaba como

a un amigo al Mariscal Antonio José de Sucre: me gustaban su corrección y su valentía.

Mis padres y mis vecinos, en algunas ocasiones, se reunían para conversar. Y era muy sabroso para los muchachos, para mí especialmente, escuchar con toda atención los relatos de las revoluciones que se habían sucedido unas después de otras, dentro de esa pugna por el poder entre conservadores y liberales. Los conservadores, como es sabido, se identificaban como católicos. Mi padre y también mi madre tomaron parte, en algunas ocasiones, en estos movimientos guerreros y revolucionarios.

Quiero relatar aquí una de esas participaciones, cuando mi padre y mi madre estaban de novios. Soldados gobiernistas, en número crecido, habían sido asaltados por civiles desarmados, al sur del pueblo de San Antonio. Con las pocas armas que habían logrado arrebatarles y con las que ya tenían de otros encuentros, muchos hombres de mi pueblo les hicieron frente y llegaron a pelear en las calles mismas de la población. Según lo he escuchado de labios de mis padres, mi padre se encontraba al norte de la población sin arma alguna. En un momento dado, llegaron refuerzos de civiles provenientes del Carchi. Uno de ellos, fatigado por la caminata, le entregó un fusil. En compañía de un amigo, mi padre empezó a avanzar hacia la plaza del pueblo hasta que lograron tomársela y conquistar una cantidad de municiones.

Por su parte, mi madre, al ver pasar a un civil sin la insignia de los conservadores, salió de su casa, desafiando las balas, para colocarle un lazo azul en el brazo derecho. Y, a la espera de mi padre, salió al terreno interior de su casa, en donde tenían escondidos algunos proyectiles, para sacarlos y entregárselos, en un gesto de aliento y de colaboración en la causa por la que se estaba luchando.

Es indudable que relatos de este tipo me entusiasmaban. Desde el punto de vista de la formación de la valentía, ejercieron una fuerte influencia. Aprender a vencer el miedo. A superar inclusive una fuerza más grande. Pero nunca soñé en llegar

a ser soldado. Todo esto, unido a la reflexión posterior, fue creando en mí un espíritu de lucha. El mismo proceso me ha llevado también al convencimiento de que la lucha por los más grandes valores del hombre, si bien debe ser activa e incansable, de preferencia debe ser no violenta, no sangrienta, no atropelladora de la dignidad de la persona humana, aunque se trate de quienes ejerzan la opresión y la injusticia. El ideal del cristiano debe ser alcanzar la actitud de Cristo: «Uno de los que estaban con Jesús sacó la espada e hirió al sirviente del jefe de los sacerdotes, cortándole una oreja. Entonces Jesús le dijo: Vuelve la espada a su sitio, pues quien usa la espada perecerá también por la espada. ¿No crees que puedo llamar a mi Padre, y El al momento me mandaría más de doce ejércitos de ángeles?» (Mt. 26, 31-34).

Dentro de este espíritu de valentía, debo colocar las reflexiones que me hacía mi padre para dibujar el comportamiento que debía tener en medio de los peligros que trae consigo el ambiente en que vivimos. Nunca quiso que fuera interno en el Colegio, a pretexto de resguardarse de esos peligros. Usando un lenguaje militar, me decía: «Al soldado no se le conoce en el interior del cuartel. Al soldado se le conoce en el campo de batalla. De igual manera, al cristiano verdadero no se le forma en el interior de un seminario, resguardándole con gruesos muros y con un reglamento que le sirva de barrera. Al verdadero cristiano se le reconoce en medio de los peligros: debe saber luchar contra los peligros de su propio ambiente con firmeza de carácter».

7. Enseñanzas prácticas

Continuación del tema «valentía» es el tema «enseñanzas prácticas».

Con alguna frecuencia, en horas de la noche, antes de acostarnos para el descanso, mi padre solía contarme sus propias experiencias, los peligros que había corrido, el modo como los había enfrentado. Era ésta una pedagogía que me orientaba a saber aceptar los desafíos de la naturaleza. En muchas ocasiones, esas experiencias de mi padre me sirvieron muchísimo.

De sus experiencias aprendí, por ejemplo, a atravesar un río crecido con las debidas precauciones. Es necesario sostener en la mano un fuerte bastón para apoyarse contra el piso: es más difícil que el agua pueda vencer tres columnas que dos. Es necesario, en este mismo sentido, caminar arrastrando los pies, antes que levantándolos. Es necesario atravesar el río en sesgo, no contra corriente, sino siguiendo en parte la dirección del agua. Es necesario mirar al frente, para no marearse, pues si se mira la corriente sobreviene el mareo y se cae.

Lecciones como éstas he podido más tarde transmitir a grupos de muchachos con quienes he organizado excursiones largas y no exentas de peligros. Recuerdo haberlas utilizado para una excursión de siete días a través de una zona montañosa y de altos páramos, en donde abundaban toros salvajes y bravíos. Mi padre me había dicho que, en caso de encontrarse frente a esta clase de animales, no se debe correr. Que el toro ataca cuando ve que se corre. Que, en caso de ataque, lo conveniente es tumbarse resguardando la cabeza y permanecer quieto en esa postura. Antes de emprender la excursión, había yo repetido estas normas prácticas a los muchachos. Y tuvimos la ocasión de ponerlas en práctica. Al descender de un alto páramo, nos salió al paso uno de esos toros. Caminábamos en fila india. Siempre colocábamos a la cabeza al más débil por su edad o por su estado físico, para acomodar los demás nuestro paso al suyo. Cuando nos sorprendió la presencia del toro, el muchacho que marchaba adelante me regresó a ver con la angustia pintada en su rostro y particularmente en sus ojos. Le recordé en voz baja y brevemente las enseñanzas que les había transmitido. El muchacho continuó caminando. Detrás de él, sin modificar el paso ni la fila, continuamos los demás. El toro se mantuvo quieto y erguido, como un oficial que estuviera pasando revista a sus tropas. Yo era el último en la fila. Después

que pasé delante del toro, éste continuó caminando detrás de nosotros por un largo trecho. Al final, se detuvo y nos quedó mirando mientras nosotros descendíamos silenciosamente. Sólo cuando ya nos sentimos lejos del animal rompimos a hablar y nos sentamos a tomar un descanso para calmar la tensión que habíamos mantenido.

«Cuando se encuentre frente a cualquier peligro, póngase a pensar», me decía mi padre y añadía: «Nunca se debe perder la cabeza». La serenidad es condición indispensable para poder afrontar cualquier peligro. Y es necesario inventar una salida, la que más probabilidades de éxito ofrezca. Inventar una salida es saber tomar iniciativas. «Nunca hay que dejarse morir» era otro de los pensamientos de mi padre.

8. Vida religiosa

No debo olvidar que estoy escribiendo estas páginas para que sean publicadas dentro de la colección «El credo que ha dado sentido a mi vida». ¿Qué tiene que ver con la vida religiosa todo cuanto dejo relatado? ¿Qué tiene que ver todo esto con el título específico que he querido dar a estas páginas? ¿Qué tiene que ver concretamente con el título. «Yo creo en la comunidad cristiana»?

Cuanto dejo narrado, lo veo ahora, estuvo encaminado a la adquisición de lo que llamamos valores humanos, a la formación del carácter. Los valores humanos son algo fundamental para una vida cristiana auténtica, para una vida comunitaria auténtica.

Quiero contestar aquí un interrogante que yo mismo me he hecho y que puede se hagan también los lectores: ¿cómo fue posible que mis padres, sin mayor instrucción, fueran capaces de educarme de esta manera?

Acertada o no, completa o parcial, me doy la explicación siguiente: en primer lugar, mis padres, particularmente mi padre, aunque pobres, adquirieron una pequeña biblioteca. No era para tenerla de adorno. Mi padre leía. Cuando juzgaba que

algo podía interesarnos, nos leía a mi madre y a mí páginas del libro que tenía en manos. En segundo lugar, siempre les oí hablar de un párroco del pueblo de quien muchos padres de familia, todos los que quisieron, habían recibido muchas y valiosas enseñanzas. Cada domingo, congregaba en la iglesia parroquial a los padres de familia que aceptaban su invitación, para realizar lo que él llamaba «Catecismo de adultos». Y era el mismo párroco quien había divulgado libros interesantes de lectura en los hogares. Creo que mis padres aprovecharon bien de la acción apostólica de este sacerdote.

Volviendo a referirme a los valores humanos anteriormente mencionados, con esta mirada retrospectiva que tengo que tender para escribir estas páginas, comprendo que de allí parten: mi opción por los pobres, mi estimación a los trabajadores, mi postura inflexible en relación con la verdad y con la justicia, una permanente apertura unida a un inconformismo en relación con la conquista de la libertad, la capacidad de compromiso arriesgado al servicio del bien de los demás y en la proclamación de los valores trascendentales del hombre. Los años de mi infancia fueron, una lejana preparación para la misión y tareas a que Dios me destinaba.

Mis padres no fueron precisamente «piadosos». Fueron cristianos normales y corrientes, en el sentido de que no eran amigos de lo que el pueblo llama «beaterías».

Sin embargo, Dios estaba muy presente en nuestra vida. También conservo en la memoria, entre los primeros recuerdos, cómo mi madre, teniéndome en brazos, me mostraba, en una noche clara, la luna que ascendía por el oriente y me decía que esa luna y esas estrellas que aparecían en el cielo habían sido creadas por Dios. Recuerdo también que ella, tomando mi pequeña mano en el interior de la suya, me enseñaba a santiguarme.

A más de las enseñanzas religiosas que me daban en casa, mis padres se preocupaban también de que concurriera infaltablemente al Catecismo Pa-

rroquial de niños. Por otra parte, debo decir también que iba con gusto y prestaba toda atención a las palabras del párroco.

Mientras fui pequeñito, era mi madre quien me llevaba a la misa dominical. Cuando fui más crecido, iba con mi padre. Me impresionaba ver a mi padre en el templo. Guardaba una postura viril, seria, concentrada. Conservaba siempre cruzados los brazos.

No éramos fiesteros ni amigos de tomar parte en romerías. Solamente una vez organizó mi padre un viaje, la mayor parte a pie, hasta el santuario de las Lajas (Colombia). Fue cuando terminé mis estudios secundarios y de una manera enteramente distinta a lo que suele ser una romería. El propósito era pedir a Dios por medio de la Virgen luz para escoger el camino que debía seguir en mi vida.

En cuanto a la práctica de sacramentos, tampoco era muy frecuente. En tres o cuatro ocasiones del año, mi madre se preparaba para confesarse. Con un calor maternal inolvidable, me ayudaba a hacer el examen de conciencia; ella sabía cuáles eran todas mis faltas. Juntos íbamos al templo parroquial y nos acercábamos al confesionario. Comulgábamos al día siguiente y no volvíamos a hacerlo hasta después de tres o cuatro meses.

Hubo un párroco que se empeñó en organizar la Cruzada Eucarística para los niños. Decidí no dar mi nombre y permanecer libre, ante el asombro del señor cura.

En páginas posteriores, volveré sobre este tema e iré explicando cuándo y cómo llegué al descubrimiento de Cristo.

9. Vocación al sacerdocio

Ligada con este tipo de vida religiosa fue sembrándose, a través de hechos concretos, la vocación al sacerdocio.

Por este motivo, debo hablar ahora de mi primera comunión. La hice fuera de mi pueblo, cuando tenía siete años. Pasaba una temporada en casa de un tío paterno, cuando llegaron a la población en

donde él vivía los misioneros lazaristas. Su permanencia fue relativamente larga y uno de los misioneros se encargó de la preparación de los niños a la primera comunión. Por esta razón, la hice fuera de mi pueblo.

Este acontecimiento tiene relación con mi vocación al sacerdocio, porque el misionero que nos preparó me dijo, después de la misa de primera comunión: «Cuando seas más grande, te esperamos en el seminario». Yo no sabía lo que era el seminario, pero la invitación se me grabó en la memoria.

Nunca, que yo recuerde, me dio por celebrar misa, como he oído que han hecho otros niños que llegaron al sacerdocio. Ni se me ocurrió hacer de predicador del Evangelio. Lo que sí recuerdo es que, cuando ya aprendí a leer corrientemente, mis padres pusieron en mis manos una Historia Sagrada, bastante voluminosa, con estampas y dibujos. La fui leyendo día tras día con un gusto extraordinario. Motivado por este gusto, volví a leerla unas tantas veces. Y la mayor parte de los hechos bíblicos que constaban en esta Historia Sagrada se me grabaron en la memoria. Creo que a través de esta lectura, a más de la admiración que me despertaban personajes como Abraham, Moisés, el rey David, experimenté una gran simpatía hacia nuestro Señor Jesucristo. En relación con el sacerdocio, esta lectura, si bien no tuvo una explícita influencia, sentó sin embargo las primeras bases, nada sentimentales.

Estaba a punto de terminar la primaria. Una tarde, llegó hasta nuestra casa el párroco. Después de conversar sobre temas indiferentes, el párroco preguntó: «¿Qué piensan ustedes hacer con su hijo el próximo año»?

Mi sueño era ser pintor. Así se lo expliqué al párroco. Mis padres ya lo sabían.

El párroco, entonces, tomó un aire de severidad y dijo directamente a mi padre: «Tienes que ponerlo en el seminario». Objetó mi padre que éramos pobres y no estábamos, por lo mismo, en condiciones de sufragar los gastos del seminario. Con mayor severidad aún, el párroco conminó a mi

padre: «Si no le pones en el seminario, te irás al infierno». Dicho esto, se despidió.

Mis padres quedaron preocupados. Me consultaron. Y acabaron por resolver que me enviarían al colegio-seminario «San Diego» de Ibarra. Recuerdo que mi padre dijo palabras como éstas: «Trabajaré lo más que pueda, todo lo que den mis fuerzas, para que usted pueda realizar sus estudios. Usted verá oportunamente si se hace o no sacerdote».

Llegado el mes de octubre de 1923, acompañado de mis padres y de algunos familiares, fui a matricularme en el seminario. En el momento mismo en que habíamos ingresado en el edificio, descendía por las gradas el mismo misionero lazarista que me hizo la invitación el día de mi primera comunión. Para él y para todos nosotros este encuentro fue un motivo de gran alegría.

Me matriculé como externo. Para poder atenderme, convinieron: mi padre en permanecer en el pueblo, trabajando, aunque solo, y mi madre en que se trasladaría a vivir en Ibarra, para atenderme, en un cuarto tomado en arriendo. Mi padre iba a Ibarra, para vernos, con la frecuencia que le permitían sus compromisos de trabajo. También yo hacía a pie el viaje de cinco kilómetros entre la ciudad y el pueblo, en los días libres, para estar con mi padre.

Me adapté fácilmente al reglamento y a las costumbres del seminario. De acuerdo con el reglamento, todos los días concurríamos a la misa, dedicábamos a la meditación un cuarto de hora, rezábamos el rosario, hacíamos el examen de conciencia, repetíamos las oraciones de la mañana y de la noche, naturalmente en horas oportunas. Debíamos los externos estar en el seminario minutos antes de las seis de la mañana, para la oración, la meditación y la misa. El horario estaba arreglado de tal manera que podíamos salir en las horas de las comidas. Pero también debíamos volver a horas fijas para dedicarnos al estudio, a la participación en las clases y a las tareas escritas. Por esta razón, la jornada se terminaba a las 8 de la noche.

Quienes deseaban confesarse podían hacerlo cualquier día. Bastaba con que en la mañana el estudiante que quisiera hacerlo entregara un billete con esta frase: «deseo confesarme con el P. N. N.» El sacerdote solicitado entregaba billetes como éstos en horas del llamado «salón de deberes»: de seis a siete y media de la noche, a cada uno de los estudiantes que le habían manifestado el deseo de confesarse con él. Y les esperaba para ésto en la capilla. Hasta cierto punto, éste era un método de respetar la libertad. También había libertad para acercarse a la comunión o para dejar de hacerlo.

En este ambiente, mi vida de piedad se volvió intensa, aunque no exenta del peligro del rutinarismo.

No me preocupaba el problema de mi vocación. Había dentro de mí como un compás de espera. Mis padres tampoco me urgían una definición en este punto. Todo lo contrario: me hablaban de respeto a la decisión que yo quisiera tomar oportunamente. Los estudios del colegio-seminario «San Diego» no estaban, en ese entonces, reconocidos oficialmente. Mi padre me decía que si deseaba obtener el grado de bachiller, podíamos viajar a Colombia y convalidar los estudios hechos. El Gobierno ecuatoriano reconocía los títulos de bachillerato obtenidos en el país vecino.

El problema de elección de un camino para mi vida me acució al final de mis estudios secundarios. Pasé por una auténtica crisis. Tuve la buena o mala oportunidad de escuchar una conversación en la que se hablaba muy mal particularmente de un sacerdote. Se le describía con una gran voracidad por el dinero, con un apego muy fuerte a la bebida y también con una inclinación muy fuerte hacia las mujeres. La conversación produjo en mi ánimo una repugnacia tal que el camino del sacerdocio me parecía repudiable. Volví a pensar en la pintura. Recordé el ofrecimiento de mi padre para la obtención del bachillerato. Cualquier trabajo manual me habría agradado más que llegar a ser sacerdote. Sin embargo, una terrible angustia interior me acompañaba. No sabía qué hacer. Así terminé los

estudios secundarios. Así pasé la mitad de las vacaciones. Era como si tuviera una negra muralla delante de mis ojos. No veía claro. Mis padres adivinaban mi angustia y no acertaban a decirme otra cosa que la que ya me habían dicho tantas veces: debía sentirme enteramente libre en mi elección de camino.

Esta libertad solucionaba mi problema. Resolví, al fin, ponerme en camino desde mi pueblo hasta Ibarra, para hablar con uno de los sacerdotes profesores que más confianza me inspiraba.

Este profesor sacerdote me acogió bondadosamente. Pero, él también respetando mi libertad, me dijo que podía ingresar en el Seminario Mayor, para profundizar allí los estudios de Filosofía y, mientras tanto, estudiar si era mío el camino al sacerdocio. Si bien su respuesta no era terminante, me dio sin embargo fuerza para decidirme a ingresar en el Seminario Mayor y así se lo conté a mis padres.

La crisis se resolvió a los pocos días de mi permanencia en el Seminario. Puedo afirmar, sin vacilaciones, que en esos días descubrí al Señor de una manera clara, interior, experiencial, particularmente en la lectura de la Biblia y en el Sagrario. Junto con esta gran luz que me inundó de gozo, se hizo también luz acerca de mi camino en la vida. Vi que debía ser sacerdote. Se me hizo una convicción profunda. Desde entonces, jamás he dudado. Me aguardaban épocas muy duras de incomprensión, de lucha, de soledad. Pero he visto que todo eso formaba parte de la vida sacerdotal, de la misión a la que había sido llamado. Y, en lugar de desalentarme, esas épocas duras me han fortalecido y hasta han llegado a ser motivo de alegría.

10. Aspectos negativos

Lo que he contado hasta ahora puede dar la impresión de que es una apología de mi familia y una apología de mí mismo.

En realidad, lo que he tratado de recoger de mis recuerdos de infancia es lo que ha sido positivo,

como preparación lejana, a mis vivencias posteriores, comunitarias y comprometidas. Sin embargo, siento la necesidad de señalar algunos de los aspectos negativos de esa misma formación, aspectos negativos que se han proyectado a lo largo de mi existencia, a veces de manera invencible.

De vez en cuando, personas que han entrado en un clima de confianza me han preguntado si, por haber sido hijo único, aunque el último de otros hermanos, mis padres no me habrán mimado excesivamente.

Haciendo un examen detenido, compruebo que, desde ciertos puntos de vista, fui objeto de cuidados que no los habría tenido si mis hermanos hubieran vivido y hubieran sido numerosos. El cuidado de mi madre por presentarme siempre limpiamente vestido, por comprarme a veces prendas de vestir elegantes, a pesar de nuestra pobreza, pienso que es una prueba de eso que se llama mimo y que a mí me daba un sentimiento de superioridad frente a mis compañeros. Mi padre y mi madre, cada vez que volvían de algún viaje a ciudades como Ibarra u Otavalo, siempre se sentían obligados a traerme alguna cosa, como recuerdo de su viaje. Mi padre se desvivió trabajando para atender las necesidades y posteriormente mis estudios. Después de una experiencia frustrada de solicitud de ayuda económica, orgullosamente se hizo esta reflexión: «Me mataré en el trabajo, pero no volveré a abrir la boca a nadie para solicitar una ayuda».

Con todo, no puedo decir que he sido un hijo mimado en el sentido de «consentido».

Estimulado por mi padre y por propio temperamento, luché siempre por ser el primero, tanto en el juego como en los estudios. Este sentido de competencia, fomentado tanto en el seno de la familia como en la escuela y en el colegio y que forma parte de la mentalidad ambiental, es un serio obstáculo para la vida comunitaria, en la que se debe aspirar a marchar todos juntos. Además, el orgullo de ser el primero humilla a los demás, les impulsa hacia la murmuración y deja con frecuencia

en la soledad al que se adelantó a ocupar el primer puesto.

Estrechamente ligado con el aspecto negativo anterior, está el de la terquedad. He sido terco en mis decisiones. He pasado por encima de pedidos de compañeros y amigos. No aprendí a perder el tiempo para dar alguna satisfacción a mis compañeros. Si previamente había tomado alguna resolución, tenía que cumplirla cueste lo que cueste. Por esta terquedad, he provocado resentimientos de auténticos amigos.

Por esta misma terquedad, he sido duro conmigo mismo, con peligro de deshumanizarme. Y como he visto que era capaz de exigirme mucho, he cometido el error de ser también duro y exigente con los otros. Hasta ahora, me hacen falta palabras de estímulo para mis colaboradores, gestos de aprecio de su trabajo y comprensión de la necesidad que tienen de descansar, de expansionarse, de entregarse a un relajamiento de sus tensiones, por ejemplo, a través de un paseo o de una convivencia fraterna.

En la vida de una persona, todo está entrelazado, tanto lo bueno como lo malo. Nada hay bueno absoluto, nada hay tampoco absolutamente malo. Los anillos de los aspectos negativos antes señalados se entrelazan con este otro: he sido poco comunicativo. Hombre de pocas palabras, quizá con un sentido de ahorro del tiempo, de apremio por hacer otras cosas, no he sido jamás ni de lejos el ideal del conversador ameno. Si he tenido que decir algo, lo he dicho con la mayor claridad posible y con el menor número posible de palabras. Después, o corto la conversación o guardo largos silencios que deben resultar molestos para mis interlocutores. Me ha ocurrido muchas veces que, si alguien viene a consultarme algo o a pedirme alguna cosa, y empieza con rodeos, le llamo de inmediato la atención para pedirle que vaya al grano. He adquirido así lo que se suele llamar el estilo directo.

Si soy poco comunicativo, no es solamente por ahorro de tiempo para hacer otras cosas, sino también porque me creo de temperamento reflexivo,

amante de la soledad, del silencio, de la contemplación. Cuando viajo, converso poco, pero contemplo mucho la naturaleza y pienso, reflexiono, descubro el sentido de las cosas. Me parece escuchar, a través de las bellezas de la naturaleza, la misma voz de Dios y entonces permanezco como embelesado en ese mundo maravilloso de ideas y sentimientos. Me gustaría saber conversar como tantas personas que conozco. Pero, por más esfuerzos que hago, no lo consigo. En esto también puede haber influído mi vida de familia: éramos sólo tres, no tuve hermanos, no tuve hermanas. Y, desde el punto de vista comunitario, aquí reside una de las más serias dificultades, aunque, personalmente, creo haberla en parte vencido, cuando se trata de una comunicación a nivel profundo.

A pesar de encontrar poca comunicatividad en mi vida, desde el punto de vista afectivo, me veo fuertemente inclinado a la búsqueda de la amistad. No de la amistad fácil. Sino de la amistad profunda.

Desde luego, amé mucho a mis padres y, cuando niño, tuve mucho afecto a algunos de mis primos, compañeros de juegos y a veces de aventuras infantiles.

En relación con las niñas, fui siempre muy reservado. Guardo en la memoria el recuerdo de una de ellas quien, después de haber pasado largos ratos de juego con los muchachos de mi barrio y conmigo, había manifestado hacia mí un afecto especial. Esto me lo dijo un compañero. Pero la noticia no me impresionó. Por otra razón, la niña había comentado diciendo de mí que era «un ingrato». He sabido también más tarde que otras niñas de mi edad me observaban con curiosidad e interés, cuando pasaba yo por delante de sus casas.

Puedo decir, en este aspecto, que me mantuve extraño a todo lo que se llama enamoramiento, aun en mi adolescencia y en mi juventud. Ocasionalmente, me llamó la atención alguna chica, pero ese sentimiento de admiración y de atractivo pasó rápidamente. Repasando en la memoria algunos de mis primeros ensayos en prosa y en verso, encuentro que mis temas preferidos eran la noche

estrellada, las montañas, la tierra... Como deber de vacaciones cuando estudiaba literatura, como el profesor nos dejara libertad para escoger el tema, hice una novelita en la que describía los amores de un joven andariego con una chica del pueblo.

Siendo ya estudiante en el Seminario Mayor y más tarde sacerdote, guardé una distancia exagerada en el trato con las mujeres. Todavía hoy algunas señoras de mi provincia me recuerdan que pasaba sin mirarlas ni saludarlas. Esta actitud dio la impresión de que yo era frío, seco, rígido. Y creo que mi conducta daba pie para que así se pensara de mí. Sé que algunas mujeres hasta me tenían miedo.

Juzgo ahora que esta manera de proceder, si bien podía tener algunos aspectos positivos, era sin embargo negativa, sea simplemente para el ejercicio del ministerio sacerdotal, sea para un proceso de vida comunitaria.

Una de las explicaciones que me doy a mí mismo de esta actitud es que, en mi niñez, fui un apasionado por el juego. Me entregaba al juego, cualquiera que fuera éste, a fondo: quería ganar y todas las horas libres las dedicaba al juego. Más tarde, adolescente y joven, se me despertó la pasión por la lectura. Estudiaba a conciencia las materias que se enseñaban en la escuela y en el colegio. Como en el colegio, durante el día, no quedara tiempo para lectura alguna, dedicaba a la satisfacción de esta sed de leer largas horas de la noche: después de salir del colegio, iba a alguna de las bibliotecas públicas de la ciudad y me quedaba a leer allí hasta las diez de la noche. Volvía a la casa a continuar leyendo. Para ello, como no tenía dinero para comprar libros, los pedía prestados. Empecé a los 17 años a acostumbrarme a dormir poco: me acostaba a las doce de la noche y tenía que levantarme a las cinco y media de la mañana para poder llegar con puntualidad al colegio. Mi ambición era, por ese entonces, llegar a ser un gran literato. Por entonces descubrí mi vocación de escritor. Me gustaba escribir, aunque tampoco había dejado de lado la afición a la pintura. Al

final de mis estudios secundarios y durante los primeros años de mi permanencia en el Seminario Mayor, la afición por la literatura fue sustituída por la filosofía. No por la filosofía que se nos enseñaba, solamente. Me gustaba leer libros de filósofos tales como Olé Laprune, Ernesto Hello. Leí con mucha afición al Padre Gratry: propugnaba el estudio de la ciencia comparada.

Era tal mi afición por la lectura, que llegué a cometer permanentemente verdaderos abusos contra la salud. No sólo abusaba de la noche, para pasarme largas horas y a veces toda la noche leyendo, sino que también llevaba un libro para leerlo durante las horas de la comida, esto en los años en que estudiaba en el colegio. A pesar de las reprensiones de mi padre, no dejaba de hacerlo. Mi padre me advirtió de que así podía perder la vista. Efectivamente, a los 19 años tuve que hacer uso de lentes.

Siguiendo con mis aficiones, después de la filosofía tocó el turno a las ciencias sociales y a la Teología dogmática. No me gustaban nada la Teología moral ni el Derecho canónico. Contribuyeron a despertar en mí la afición por el estudio de las ciencias sociales los libros que cayeron en mis manos, el grupo de amigos del Seminario Mayor que tenían iguales aficiones y el mismo Rector quien se hizo un deber orientarnos en este campo a todos. La Teología dogmática me cayó en gracia, porque me ayudaba en el conocimiento de Dios, de Jesucristo, de la Virgen, de la Iglesia, del hombre. Y me desagradaba la Teología moral, porque la encontraba muy metida en una casuística angustiante y confusa. Estudiarla me parecía, cada vez, estar condenado a recoger del suelo granitos de trigo dispersos...

Esta pasión, primero por el juego y más tarde por los libros, explica que, en mi existencia, no hubiese podido tener preponderancia el impulso afectivo. Pero también, desde el punto de vista del exceso y del abuso, señalo lo negativo de esta pasión, pues me impedía relacionarme con los demás, hasta con mis mismos padres. La vida pastoral pudo de-

volverme la oportunidad de cultivar el contacto con la realidad de los hombres. De otra manera, bien habría podido ser un teórico, un estudioso, un hombre de escritorio, un especulativo.

Me falta señalar otros defectos procedentes de mi infancia. He sido muy propenso a la cólera. En aquellos lejanos días, la cólera fue violenta. De acuerdo con la formación que recibí en la familia y más tarde de acuerdo con los propios esfuerzos, la cólera se ha convertido en mí en una fuerza concentrada. Aprendí a no explotar de inmediato. Aprendí también que la cólera es destructiva. Cuando niño, causé un daño que pudo ser grave a otro niño vecino mío, introduciéndole la punta de un carrizo en la cara: por suerte no le hice daño en el ojo.

En mi primer año de sacerdote, cuando empecé a ejercer el magisterio en el Seminario Menor de Ibarra, en dos ocasiones, di violentas bofetadas a alumnos míos que me dieron respuestas altaneras.

Por último, quiero señalar un defecto que ha sido descubierto por mis más íntimos colaboradores. Se trata del excesivo respeto que suelo tener con las personas. Respeto que da la impresión de falta de interés y de olvido de los problemas de los otros. Quizá esta exageración se debe también, al menos en parte, a la dureza de mi carácter. Como me acostumbré en temprana edad a resolver mis problemas por mí mismo, a hacer uso de mi libertad, a ser exigente conmigo mismo y exigente con los demás, tengo la tendencia a dejar que cada cual aprenda a resolver su problema, o también a dejar que el tiempo se encargue de hacerlo. No me creo jefe. Jefe es el que da órdenes, el que toma medidas inmediatas frente a un problema dado. Me creo más bien un educador. Pero pienso que en ocasiones debo ayudar a los demás, pasando por encima de este excesivo respecto e interesándome por propia iniciativa en sus problemas.

GRUPO "CARDIJN"

"Por fin has venido Taitamito:"
Saludo de un campesino anónimo el día del ingreso a Riobamba.

". . . De la JOC aprendí, sobre todo, el proceso de su método: VER, JUZGAR, ACTUAR . . ."

Cursillo de Cristiandad con obras.

Las misioneras Lauritas fueron las primeras en integrarse a la pastoral campesina

". . . Debemos partir de la realidad . . ."

CEAS: — Centro de Estudios y Acción Social
Asamblea General en 1965

CEAS:— Curso práctico de forestación

ERPE:— Escuelas Radiofónicas Populares del Ecuador:
El día de su fundación

Personal de ERPE: hoy.

TEPEYAC: Líderes campesinos participan en un curso de formación

TEPEYAC: La Asociación de Conjuntos Musicales en un curso de capacitación

II

GRUPO

1. Centro Cultural

No estoy escribiendo mi vida. Estoy recogiendo lo que me parece significativo en relación con el «Credo que ha dado sentido a mi vida».

Cuanto he descrito hasta ahora, ya lo dije, viene a ser como una preparación remota, como si se tratara de la iniciación de un proceso. Inclusive los aspectos negativos tienen mucho que ver con mi fe en la comunidad cristiana.

Por estas razones, no he hecho una relación cronológica de edad ni acontecimientos.

En este segundo capítulo, escogeré sin sujeción estricta a la cronología, iniciativas y hechos que continúan un proceso, aunque no previsto por la mente humana. Me parece ver que Dios, a través de la vida, me ha ido llevando a lo largo de este proceso.

Inquietudes de organización de grupos nacieron en mí desde los últimos años de estudios secundarios. Quienes fuimos más amigos entre los compañeros de curso, intentamos organizarnos como un grupo de ensayistas literarios. Recuerdo que hicimos una hojita, multiplicada a través de un método primitivo, con nuestros primeros balbuceos en prosa y en verso. Recuerdo también que formé parte de un club deportivo que llevó el nombre de Simón Bolívar, con la finalidad de practicar el foot-ball

y las excursiones a pie. Adquirimos uniforme e insignias, pero tuvo corta duración.

Mi primera experiencia en la organización de grupos se realizó en las primeras vacaciones de estudiantes en el Seminario Mayor de Quito. Cuando regresé a mi pueblo, tomé la iniciativa de invitar a un grupo de jóvenes, con el que constituímos el Centro Cultural. Estaba formado por unas 30 personas.

Cada domingo, en horas de la noche, les dictaba alguna conferencia de carácter social y cultural. No solo concurrían los miembros del Centro. Asistían también numerosas personas adultas del pueblo.

El Centro dejaba de funcionar durante los nueve meses de mi ausencia en Quito y si alguna vez se reunían era simplemente para conversar y pasar el tiempo. Esperaban mi regreso en vacaciones.

Así funcionó este Centro durante todos los años de mi permanencia en Quito. Cuando fui ya ordenado sacerdote y designado como profesor para el Seminario Menor de Ibarra, continué con mi programa de conferencias todos los domingos. Viajaba a pie, desde Ibarra hasta San Antonio, los domingos por la tarde y regresaba, también a pie, por la noche.

Un domingo de esos, encontré a los jóvenes del Centro y a los pobladores en general muy inquietos con un problema. El pueblo estaba parcialmente rodeado por una gran hacienda. Inclusive, se conservaba la tradición de que parte de esa hacienda habían sido terrenos comunales del pueblo. Los jóvenes y los pobladores querían expropiar parte de esa hacienda. Me consultaron si se podía o no hacer esto de acuerdo con la doctrina de la Iglesia.

Les pedí plazo de ocho días para darles la respuesta. La Encíclica social con que podíamos contar en ese entonces era la Rerum Novarum de León XIII. A base de esta encíclica, elaboré una conferencia, poniendo el acento en la posibilidad de expropiación de la hacienda. Cuando fui, el domingo siguiente, a leerla, el pueblo se había congregado

en número tan grande que fue necesario reunirnos en el patio de la casa parroquial.

Los pensamientos expuestos en la conferencia no cayeron en saco roto. De inmediato, iniciaron las gestiones presentándose directamente ante el propietario de la hacienda. El propietario llevó la queja al señor Obispo. El señor Obispo, prudentemente, no me dijo nada de inmediato; pero buscó la oportunidad de hacerme ver con buenas palabras que no me convenía meterme en estos asuntos, añadiendo que una petición semejante era atentatoria contra la propiedad privada.

El problema no encontró solución de manera inmediata, por más que se movilizaron mucho los habitantes del pueblo. No había leyes adecuadas. Hablar de un asunto semejante en esa época era escandaloso. Sólo años más tarde la hacienda pudo ser parcelada.

Esta fue mi primera experiencia de organización de un grupo, como también de toma de posición frente a un problema social concreto.

2. Excelsior

Poco a poco fuimos descubriéndonos con inquietudes semejantes algunos estudiantes del Seminario Mayor de Quito, aunque éramos de diversos cursos.

Cuando íbamos de paseo reglamentario, cada domingo, procurábamos reunirnos en el sitio a donde nos había llevado el profesor de turno. Cada cual traía consigo el libro que estaba leyendo. Hacíamos resúmenes y comentarios de nuestras lecturas. Alguna vez, también nos leíamos cualquier ensayo, sea literario, sea de estudio sobre problemas sociales.

Así, nació la idea de publicar para conocimiento interno, una revista. No necesitamos pensar mucho para bautizarla con el nombre de «Excelsior». Los primeros números fueron escritos a mano. Obtu-

vimos del Rector del Seminario el permiso de leer cada número, a la hora del desayuno a todos los seminaristas. Esto provocó murmuraciones y un comienzo de división entre los seminaristas.

A pesar de todo, continuamos adelante, logramos el obsequio de un viejo mimcógrafo y la revista podía adquirirla el que quisiera, porque ya no se continuó dándole lectura a la hora del desayuno. Logramos más tarde, con ocasión de uno de los grandes aniversarios de fundación del Seminario Mayor de Quito, la publicación por la imprenta de un número extraordinario de «Excelsior». Extraordinario, por haberse publicado en la imprenta. Extraordinario, por el número de sus páginas. Extraordinario, por las ilustraciones. Hasta por la calidad del papel. Estuvimos orgullosos de este número. Nos esmeramos en la elaboración de nuestros artículos y poesías. Fue el último número de «Excelsior». Algunos de nosotros recibieron ya la ordenación sacerdotal. Los superiores tomaron parte en el asunto, para evitar las rivalidades que ya se habían agudizado. Una revista continuó publicándose bajo el control de los mismos superiores. Así queda explicado por qué murió «Excelsior» y también el grupo.

3. El Cuadrilátero

Otra experiencia muy significativa de grupo se realizó al poco tiempo de haber sido ordenados sacerdotes antiguos compañeros del Seminario Menor de Ibarra. Uno de ellos realizó estudios en Roma. Los demás los realizamos en Quito.

Eramos cuatro. Por disposición del señor Obispo, nos quedamos a trabajar en la ciudad de Ibarra como profesores y capellanes: dos en el Seminario Menor «San Diego» y dos en el recién fundado colegio católico «Sánchez y Cifuentes».

El antiguo compañerismo fue la base de una amistad cada día más profunda entre los cuatro. Poco a poco sentimos la necesidad de reunirnos, no sólo para conversar amenamente, sino también para cuestionarnos nuestra labor y nuestra vida.

Convinimos en reunirnos una vez por semana, por turno en la casa de cada uno. Nos contábamos entonces nuestras experiencias de trabajo, las dificultades que encontrábamos y nos ayudábamos mucho con nuestras propias reflexiones.

Después, vimos la necesidad de realizar mensualmente un retiro espiritual. Buscábamos un día en que todos estuviéramos libres de clases. Nos reuníamos la víspera por la noche, para preparar el programa del día siguiente: quién tenía que dirigir la meditación, quién tenía que escoger lecturas adecuadas, a dónde íbamos a salir por la tarde. Terminábamos esta reunión trasladándonos a la capilla del Santísimo en la Catedral. A la mañana siguiente, muy temprano, nos congregábamos de nuevo para hacer nuestra oración en común. Ibamos a nuestras capellanías y nos volvíamos a reunir alrededor de las diez de la mañana, para escuchar los pensamientos que sugería el compañero que había sido designado la víspera y ocupábamos en la meditación un tiempo largo. Por la tarde, salíamos al campo. Por este motivo, dimos en llamar a este día mensual, «día de potrero». Sentados en la hierba, escuchábamos la lectura de algún libro y la comentábamos. Luego, nos dedicábamos a una autocrítica bastante severa al mismo tiempo que fraterna. Por último, terminábamos la jornada jugando a las cartas.

Como éramos cuatro y se nos veía siempre juntos, el pueblo nos puso el nombre de «El Cuadrilátero». Al interior del grupo, todos fuimos conscientes del enorme beneficio que nos hacíamos mutuamente, tanto en el mantenimiento de nuestra vida espiritual, como en las realizaciones de nuestro trabajo apostólico. No se había introducido todavía la palabra equipo, para designar este tipo de grupo así cohesionado. Sin pretenderlo, dábamos un excelente testimonio de amistad sacerdotal. Así lo apreciaba el señor Obispo. Así lo apreciaba también el pueblo.

Pero, no solamente nos reuníamos cada semana y cada mes para fomentar nuestra vida espiritual y nuestra amistad, sino que nos ayudábamos en

nuestros trabajos ordinarios y en las iniciativas que íbamos tomando. Eran esos los años de mucho entusiasmo, en la Diócesis de Ibarra y en el Ecuador, por organizar la Acción Católica, en sus cuatro ramas. Yo recibí el encargo de organizar la Acción Católica de hombres. Otros compañeros tenían a cargo otras ramas de la Acción Católica. Cuando digo otros compañeros, me refiero, no sólo a los del grupo, sino también a otros que no pertenecían al grupo.

Más por iniciativa personal y de grupo, aunque con la aprobación del Prelado Diocesano, dos amigos de «El Cuadrilátero» se dedicaron a promover todo un movimiento de organizaciones obreras, a lo largo y a lo ancho de las provincias de Imbabura y Carchi que integraban en ese entonces la Diócesis de Ibarra. El movimiento adquirió, durante los primeros años, un auge extraordinario. Reuniones. Concentraciones. Congresos. Un periódico...

Los otros dos ayudábamos a este movimiento en todo lo que podíamos. Pero, a nuestra vez, nos pusimos de acuerdo para impulsar la JOC, ese movimiento de Acción Católica especializada que estaba cubriendo el mundo. El principal responsable era el P. Carlos Suárez Veintimilla. Yo era su ayudante. De la JOC volveré a ocuparme en páginas posteriores.

Nuestro grupo pretendió abrirse a otros sacerdotes. Hicimos la prueba. Una de las iniciativas que tomamos fue de invitar a comer juntos a algunos párrocos, el día de la reunión mensual del clero para el estudio de algún caso de conciencia, de acuerdo con los reglamentos vigentes. Les invitábamos a comer en alguno de los modestos hoteles de la ciudad. Nuestro propósito era conquistar su amistad y tratar de sembrar en ellos inquietudes pastorales. Pero no faltaron sacerdotes que interpretaron mal nuestras intenciones. Dijeron que estábamos propagando el rotarismo, pues nos reuníamos para almorzar y conversar y en esto se veía una semejanza con la sesión-almuerzo del Rotary Club.

Como jóvenes, sentíamos con frecuencia la necesidad de que una persona con mayor experiencia nos ayudara a reflexionar y a madurar nuestras inquietudes apostólicas. Había en Ibarra un sacerdote de avanzada edad, a quien la mayoría de los sacerdotes tenía verdadero miedo. Era un hombre rectilíneo, justiciero, inteligente, organizado, preparado. Estoy hablando del Deán de la Catedral, Mons. Elías Liborio Madera. Resolvimos un día visitarle y pedirle que nos asesorara. Aceptó gustoso. Nosotros empezamos a conocerlo a fondo. De exterior sumamente austero, tenía un corazón ancho para comprender a los jóvenes. El mismo solía decir de sí que era como ciertos frutos de cáscara amarga y dura, pero de comida interior dulce y agradable. Se constituyó en nuestro mejor amigo y guía. Empezamos a reunirnos con él, en su propia casa, cada semana. Nos sostuvo en las horas difíciles.

En las reuniones con él, empezamos a pensar en la publicación de una revista. Maduramos el proyecto. Pedimos la autorización del señor Obispo. Y nos lanzamos a sacar a luz el primer número el 13 de mayo de 1942. Debía aparecer cada dos meses. Salieron algunos números. No pudimos sostenerla desde el punto de vista económico. Con todo, este trabajo de escritores nos ayudó muchísimo para cohesionarnos más.

Por mi parte, como capellán de la escuela de los Hermanos de la Doctrina Cristiana, pensé en la utilidad de un periódico infantil. Lo llamé «Granitos de trigo». La colaboración de mis amigos consistía en la difusión en sus respectivas capellanías. También algunos párrocos colaboraron en este mismo sentido. El periodiquito alcanzó un tiraje de 3.000 ejemplares. Los niños lo leían con mucho entusiasmo y ellos mismos escribían cartas y respuestas a cuestionarios que les hacía a través de sus páginas.

Otro hecho que nos ayudó muchísimo a vivir la amistad sacerdotal fue nuestra participación en las visitas pastorales. Mons. César Antonio Mosquera realizaba las visitas pastorales con todas las

características de una misión evangelizadora. Las organizaba en el tiempo de verano, época de nuestras vacaciones. Se hacía acompañar de diez o doce sacerdotes. Entre ellos, casi siempre estábamos los del grupo. El trabajo era duro. En la atención a las confesiones, nos quedábamos ordinariamente hasta la una o dos de la mañana. El señor Obispo no dejaba literalmente casa alguna sin ser visitada.

Si bien es cierto que el trabajo era duro durante la visita pastoral, ésta sin embargo nos era también ocasión de fortalecer la amistad, no sólo entre el pequeño grupo de los cuatro, sino también con el mismo señor Obispo y con los demás sacerdotes, tanto compañeros de visita, como párrocos. Cuando nos reuníamos todos, nos contábamos los trabajos y aventuras, los problemas, la situación en que veíamos a la gente... Menudeaban los chistes y las tomaduras de pelo. Se vivía un gran ambiente de alegría. Cansados físicamente, retornábamos tonificados por el trabajo y por los resultados obtenidos.

4. La JOC

Uno de los compañeros y amigos del grupo del Seminario Mayor recibió una beca para estudiar en Francia. La amistad que habíamos trabado en el Seminario fue honda y fuerte. Duró hasta el día en el que el Señor quiso llevárselo: murió a la edad de 50 años, después de una vida sacerdotal íntegra y fructífera.

Wilfrido Barrera. Este fue su nombre. Cuando estudiaba en Francia, me envió muchos libros, entre ellos, una pequeña colección sobre la JOC. Aprendí a conocer esta organización a través de su lectura. Nació en mi interior el anhelo de iniciarla en Ibarra.

Poco tiempo después, Carlos Suárez Veintimilla, el compañero amigo del Seminario Menor, regresó de Roma, después de haber realizado allí sus estudios de Filosofía y Teología y después de haber sido ordenado sacerdote. También él regresó a la patria chica con un gran entusiasmo por la JOC.

Además de la amistad, éstos fueron los antecedentes que nos unieron a los dos para trabajar en la iniciación de este movimiento de juventudes obreras cristianas.

Visitas a los lugares de trabajo de los jóvenes. Ibarra no era una ciudad industrial. No lo es hasta ahora. Buscábamos a los jóvenes oficiales de talleres tales como: sastrería, carpintería, mecánica... Encontramos también jóvenes trabajadores en los talleres del ferrocarril. Nos quedábamos hablando con ellos largamente. Después, les invitábamos a reuniones en día y hora prefijados. Así, prendió el movimiento.

Cuando fuí ordenado sacerdote, en el año 1936, mi padre había muerto hacía algo más de un año. Ya sacerdote, se me destinó a Ibarra. Me acompañó mi madre. En un principio, arrendamos para vivir un pequeño departamento en casa de una señora, ella también viuda como mi madre. Cuando regresó Carlos Suárez Veintimilla, me invitó a ocupar un departamento de su casa. Esta circunstancia facilitó muchísimo la labor conjunta en la promoción de la JOC. Siempre estuvimos juntos en las reuniones. Compartíamos las inquietudes y los problemas de formación de los muchachos.

Ya dije que mi papel era simplemente de ayudante. El asesor era Carlos Suárez Veintimilla. Sin embargo, con frecuencia me encargó charlas y días de retiro, para la formación cristiana y apostólica de los muchachos. De esos días de retiro llamados «recolección jocista», conservo estas notas:

Primeras armas.—Hacer las primeras armas. Esta es una expresión que significa que un joven soldado ha tenido los primeros combates.

Un militante jocista es también un soldado, y un soldado de línea, un soldado que pelea, un soldado que conquista, un soldado que está resuelto al sacrificio.

Por eso ahora vamos a hablar de cómo ha de hacer las primeras armas un militante jocista, cómo ha de pelear, cómo ha de conquistar.

Distingamos tres clases de soldados: los soldados cobardes, los soldados temerarios e imprudentes, los soldados valientes.

Los soldados cobardes son: amantes de su propia comodidad, ciegos en el peligro, traidores.

Los soldados temerarios son: cobardes, pero orgullosos; también ciegos en el peligro; atolondrados e imprudentes.

El soldado valiente es: amante de su Patria, sereno, constante y táctico.

El militante jocista ha de ser como el soldado valiente: amante de Cristo y de la clase obrera, sereno en las dificultades y en las luchas, perseverante y táctico.

De la siguiente recolección jocista transcribo también estas notas:

Obreros de Dios.—Ustedes, no sólo son soldados de Cristo, como les dije en el retiro del mes pasado, sino también obreros de Dios. Y digo obreros de Dios y no de Cristo, porque Cristo es también obrero de su Padre y ustedes tienen que serlo con El.

Encuentro que se puede ser: obrero de sí mismo, o del mundo, o del demonio: son los que buscan su propia comodidad, o buscan hacer adeptos para el mundo o para el demonio; obrero de Dios, pero independiente, sin acordarse de El sino de cuando en cuando, como quien trabaja a destajo; obrero de Dios a cada momento, como un hijo: trabaja siempre delante de sus ojos y no se preocupa del mañana.

El movimiento jocista fue para mi otra valiosa experiencia de grupo. Allí aprendí a respetar el pensamiento ajeno. Aprendí, sobre todo, el proceso de su método: Ver, Juzgar, Actuar. Este método se hizo carne en mí. Ver la realidad. Verla en profundidad. Averiguar sus causas. Luego juzgarla, es decir, establecer una comparación entre lo que es y lo que debe ser, entre esa realidad y el Plan de Dios. Por último, actuar, esto es, tomar resoluciones para cambiar esa realidad de acuerdo a los planes divinos. Cuando en los últimos años se me ha calificado calumniosamente de comunista y de marxista, pienso en esas lejanas enseñanzas del método jocista y pienso también que mis detractores no tienen razón de acusarme de esa manera, pues ignoran que desde muchos años atrás me hice un hábito conocer la realidad y analizarla, para llegar, a través de la reflexión, a verdaderos compromisos de cambio. Más tarde, el Papa Juan XXIII canonizó en cierta manera este método.

5. La Cardijn

La amistad es fecunda. El Cuadrilátero produjo por un lado un gran movimiento obrero de adultos y, por otro, el movimiento jocista. De aquí, iban a salir otras organizaciones. Quiero hablar ahora de La Cardijn.

Carlos Suárez Veintimilla y yo, después de haber constatado la necesidad de una librería de orientación católica, concebimos la idea de fundar una que, además de llenar esta necesidad, promoviera entre los habitantes de la ciudad y de la provincia el gusto por la lectura.

No contábamos con medios económicos. Obtuvimos un préstamo de cinco mil sucres, a plazo indefinido y sin intereses. Con este dinero hicimos el primer pedido a la Editorial «Difusión» de Buenos Aires, Argentina. Nos llegaron los libros. No teníamos un local en donde exhibirlos para venderlos. Los mantuvimos arrumados en una de las piezas de la casa de mi compañero y amigo. Cada mes, cuando llegaba el día de la reunión del clero, llevábamos a la sala de reuniones una cantidad variada de esos libros. Si bien es cierto que los libros merecieron el interés de los sacerdotes, pronto vimos que era necesario contar con un local adecuado y con una persona que se encargara permanentemente de venderlos.

Escogimos a un muchacho de la JOC, oficial de sastrería quien se prestó con la mejor voluntad del mundo. Empezamos así una larga y, a veces, angustiosa aventura. Desde un principio, convinimos en que no haríamos negocio y en que, si se producía alguna ganancia, luego de sufragados

todos los gastos, se atendería al crecimiento de esta obra.

Conseguimos un local muy adecuado por su ubicación en la calle principal de la ciudad. Era pobre la presentación de la flamante librería. Quedaban largos espacios en los estantes sin libros. Se me ofreció entonces una oportunidad que era otra aventura: un amigo había cerrado su papelería y nos la ofreció en venta a crédito. Desde entonces, los espacios se llenaron y las ventas crecieron.

Como demostración del afecto que guardábamos al fundador de la JOC, el entonces canónigo José Cardijn, le pusimos el nombre de Librería Cardijn. Hicimos pintar un rótulo que fue colocado encima de la puerta de entrada. Fue Rubén Veloz el muchacho jocista que se puso al frente.

Sería largo narrar todas las aventuras que corrimos en la conducción de esta empresa de tintes económicos y con verdadera intención apostólica. Toda esta historia, aunque interesante, no viene al caso.

Poco a poco, vimos la necesidad de contar con otros muchachos. Otro artesano, miembro de la JOC, fue uno de ellos. El tercero fue un chico que terminó la primaria.

Me entregué de lleno a la tarea de formarlos, en todo sentido, inclusive en lo referente a la complementación de sus estudios.

No fui muy aficionado a matemáticas ni a cuentas, cuando fui estudiante. Pero, por esta necesidad de formación de estos muchachos y también por la necesidad de que se llevara una contabilidad adecuada, me dediqué a repasar el texto que habíamos seguido en el Seminario Menor. Así, las cosas marcharon correctamente. Más tarde, el primero de ellos siguió un curso de contabilidad hasta obtener el diploma.

Pretendíamos sobre todo una vida de unión, fraternal, casi de familia. Trabajábamos juntos, cuando había necesidad, hasta largas horas de la noche. Cada vez, procurábamos presentar los libros de manera novedosa y atractiva. Organizamos

concursos premiados. Se logró despertar de esta manera una gran afición por la lectura aun en los medios populares.

Entre los medios de formación introdujimos el ascensionismo. Subir a las montañas era para nosotros un ejercicio físico que nos obligaba a templar nuestra voluntad, a dominar la fatiga, a cultivar la constancia en el esfuerzo, a utilizar el método adecuado para la marcha, a conocernos más profundamente, a interesarnos los unos por los otros, a correr riesgos solidariamente, a descubrir a Dios en las bellezas de la naturaleza, a orar, a reflexionar, en una palabra, a unirnos estrechamente.

De mis notas sobre la preparación de una de esas excursiones a la montaña, recojo las siguientes expresiones:

Una grande e inexplicable alegría me embarga. Me siento luminoso, entusiasta. Veo, amo y agradezco. Quiero comunicarme. Es la armonía la que reina en estos momentos en mi espíritu.

Y es el impulso al canto el que brota en lo íntimo de mi ser. Gozo, en grande paz, de toda la belleza de la vida que me rodea, de la belleza de la vida entregada a Dios. Nado en poesía y en los dones de Dios. Ahora entiendo al salmista: «los montes saltarán de júbilo».

En este estado de ánimo preparo nuestra excursión. Dos cosas se me ocurren que debemos hacer allá arriba: 1.;) empaparnos de varios textos bíblicos y evangélicos que hablan de los montes, para descubrir el sentido de elevación espiritual que hay en ellos; 2.ª) situar bien a La Cardijn y planear su marcha: tratamos de apoderarnos de la ciudad para Cristo. ¿Un periódico para pronto que sirva a la Cardijn, a la JOC, a la A. C. en general? ¿Cuándo entraremos en la etapa de liberación de La Cardijn?

Realicé todos los esfuerzos que pude imaginar para lograr la formación de valores humanos en los muchachos: veracidad, constancia en los propósitos, espíritu de servicio, amabilidad en el trato, creatividad en toda circunstancia, esfuerzo de su-

peración... Para su formación en la vida cristiana, puse también en juego muchas iniciativas, entre ellas, la realización de la oración en común, por lo menos en determinados días de la semana.

No todo salía como había planeado, como había soñado. Muchas veces, me descubría a mí mismo demasiado exigente, nada metódico en la labor formativa, disgustado conmigo mismo y con los otros. Vi que era necesario hacer uso de paciencia, de una paciencia larga, para lograr el dominio de mí mismo y para ir caminando al ritmo que podían estos jóvenes. Pero nos fuimos unificando. También esta experiencia fue fecunda.

6. «La Verdad»

Juntos, en nuestras frecuentes reuniones, empezamos a soñar en un periódico que fuera instrumento de esa gran ambición de apoderarnos de la ciudad para Cristo.

Conforme avanzaba en edad y experiencia, iba viendo con claridad que debíamos compaginar en nuestra vida el sueño con la realidad, lo grande con lo pequeño, lo ideal con lo práctico. En mis mismas lecciones de profesor de Literatura en el Seminario Menor, decía a mis alumnos que teníamos que aspirar a ser a la vez quijotes y sanchos.

Muestras de este espíritu soñador y quijotesco y de este otro espíritu realista y concreto se encuentran en estas notas:

En una página titulada «hacer un camino», encuentro las siguientes reflexiones hechas en el silencio de un retiro espiritual: Estuve paseándome esta tarde después del almuerzo. Con mis pasos, se fue formando poco a poco un sendero blanco. Y me han venido, con esta ocasión, estos pensamientos:

Un camino se hace volviendo mil veces sobre sus propios pasos. No hacen camino los vagabundos, porque sus huellas se borran con el tiempo. No hacen camino los perezosos, porque no se mueven.

Para hacer un camino se necesitan: un punto de partida y otro de llegada. Se necesita andarlo y desandarlo muchas veces. El camino que no es transitado muy pronto se borra.

En las llanuras sembradas de grano, no es tarea difícil hacer un camino. Más difícil es abrirlo en la roca. Pero en ella queda trazado de manera indeleble.

Un camino puede hacerlo uno solo. Pero es más fácil hacerlo entre varios.

Lo que acabo de decir es un símbolo. A través de la vida, hay hombres que abren caminos, Yo quiero ser uno de ellos.

No son capaces de abrir estos caminos los espíritus noveleros, porque son semejantes a los vagabundos; ni los espíritus sedentarios, porque se asemejan a los ociosos.

Para abrir un camino se requiere un punto de partida: el hombre, aquí en la tierra; y un punto de llegada: Dios, en el cielo.

Para abrir un camino se requiere volver muchas veces sobre los propios pasos, es decir, hay que ir hasta Dios por la oración y volver sobre sí mismo por el examen, para constatar la distancia que hay entre nuestra miseria y nuestra divinización.

Lo que hace que estos caminos se graben indeleblemente son las dificultades vencidas: una grave dificultad vencida es como una roca destrozada.

Mientras mayor sea el número de los que trabajamos este camino, más fácilmente lo haremos. Y después, otros y otros y otros transitarán por este camino...

Si he dicho que queríamos apoderarnos de la ciudad para Cristo, era porque soñábamos con una ciudad cristiana en todo el sentido de la palabra. Los libros que difundíamos tenían ese sentido. El periódico con que soñábamos tenía el mismo sentido, el mismo anhelo. Preveíamos que la ciudad de Ibarra crecería rápidamente, una vez terminados los trabajos de construcción de la vía ferroviaria a la costa. Preveíamos también los peligros que sobrevendrían en esas circunstancias. Y queríamos adelantarnos.

Muestra del esfuerzo por ser concretos es la siguiente página de la misma libreta. Con el título

«El periódico», desmenuzo todas las previsiones que podían ser imaginables.

Dinero: dedicaremos a sostenerlo unos S/. 2.000,0 de los fondos propios de la librería «Cardijn».

Imprenta: la del señor Jaramillo que, si Dios lo quiere, pasará muy pronto a ser nuestra.

Formatum: de ser posible como el de «El Bien Social». Para que sea posible, trataremos de comprar una prensa más grande. Ocho páginas, si el formatum es grande. Doce páginas, si es pequeño.

Nombre: Hay que pensarlo bien. Podría ser uno de éstos: «La Palabra», «La Religión». Un nombre que sea sencillo y expresivo.

Fin: El Reino de Cristo. De un modo especial, la reforma del ambiente pagano, indiferente, materialista, apático que nos rodea. Se predicará a Cristo. Se predicará la Religión. Se predicará la Verdad. Se predicará la Moral. Se atacará al vicio y el error. Un periódico católico sin esclavitudes partidistas, sin esclavitudes interesadas y mezquinas. En todo, sumisión incondicional a la Iglesia.

Material: Religión, Moral, Acción Católica, Historia, Noticias...

Redactores: Los sacerdotes amigos. Seglares escogidos: Dr. Luis Madera, Sr. Jaramillo. Les pediré un artículo mensual. Tema libre. Turno en la publicación de esos artículos.

Dirección y administración: en mis manos.

Censura: ojalá el señor Obispo me deje la responsabilidad en este punto, comprometiéndome a ser severo y a consultar en las dudas.

Número: para comenzar, sólo 300 ejemplares.

Administración: todo el material debe estar listo en la imprenta el domingo por la tarde. El periódico debe estar impreso cuando más tarde el viernes a las 10 de la mañana: así se podrá despacharlo por correo viernes y sábado. Así se podrá venderlo en Ibarra sábado y domingo. Por lo mismo, los artículos deben estar sobre la mesa de redacción cuando más tarde el viernes por la noche, para tener tiempo de revisarlos hasta el domingo. Uno de la «Cardijn» pasará por la casa de la persona a quien toque el turno de entregar su artículo

el día lunes, para anticiparle, y el día viernes, para recogerlo. Prevenir a los redactores que avisen el lunes si prevén que no podrán escribir para en tal caso arreglar de otro modo las cosas. Toda la tarde del viernes será dedicada por uno de la «Cardijn» por turno al despacho de las suscripciones por correo.

Propaganda y venta: antes de la fecha de salida, habrá que hacer propaganda por medio de hojas volantes y la radio. Para la venta, procuraremos ir formando poco a poco una pequeña tropa infantil de voceadores que se llenen de espíritu apostólico más que de ambición del dinero. Poner los ojos para esto en algunos niños de la escuela de los Hermanos. Estos niños podrán ser más tarde agentes del mismo periódico y de libros en otras ciudades y en los pueblos. Mientras esto suceda, hay que contentarnos con los voceadores conocidos. Llevar una libreta de suscriptores. Llevar otra libreta de voceadores: hacer la entrega viernes por la noche o sábado por la mañana y tomarles cuentas el lunes. Para estímulo, a más de pagarles lo justo, premiar mensualmente al que más haya vendido. Si alguno comete faltas de honradez será rechazado.

Avisos: Se admitirán avisos comerciales. Pero también serán censurados. Cada jueves, un agente de la «Cardijn» recorrerá la ciudad buscando avisos y cobrando los que ya hubieren salido: llevará una libreta.

La libreta del periodista: así llamaremos a la libreta que llevaremos Rubén y yo. En ella anotaremos cuanto hallemos ser de algún provecho para el periódico: noticias, notas sociales, costumbres, lecturas, etc. La llevaremos siempre con nosotros y anotaremos en el primer momento que algo ocurra. Estudiaremos estas notas antes de ponernos al trabajo de redacción.

Propaganda de la «Cardijn»: Nos valdremos del periódico para hacer propaganda de libros. Un anuncio permanente. También de vez en cuando algún artículo. Promoveremos concursos como éste: un premio al mejor resumen o al mejor elogio de un libro dado.

Preparación: La mejor será unos días de oración con esta intención especial. Después pediré el consentimiento al señor Obispo. Luego hablaré a las personas cuya colaboración necesito. Buscaré las normas que ha dado el Papa a los periodistas católicos.

Nuestro deseo de tener un periódico era tan grande y ardiente que, en nuestras reuniones dominicales, resolvimos sacar a máquina un periódico semanal que nos sirviera de ensayo. Pero nos servía también como estimulante para mantener nuestra petición a Dios y obtener la oportunidad y la facilidad de lograr nuestro anhelo. Le pusimos el nombre de «La Verdad». Conservo todavía una colección y me emociono al ver la pasión con que todos los miembros del pequeño grupo nos sacrificábamos por lograr este objetivo.

No llegamos a comprar la imprenta de nuestro amigo, el señor Víctor Alejandro Jaramillo. El no quería desprenderse de ella. Pero fue él mismo quien nos dio aviso de que, en Quito, estaba en venta una imprenta usada. Viajamos de inmediato a comprarla, pero sin contar con un centavo en el bolsillo. Ibamos a correr otra aventura. Efectivamente, nos pusimos de acuerdo en cuanto al precio. La forma de pago era de contado. En este punto, visitamos a dos amigos. Entre los dos, nos prestaron la suma requerida. Y trasladamos la imprenta inmediatamente, viajando toda la noche desde Quito a Ibarra. Ya en esta ciudad, como no teníamos lugar en donde descargarla, ocupamos transitoriamente un garaje que nos prestó un amigo. Pasados pocos días, logramos arrendar una amplia pieza para el funcionamiento de la imprenta. Con la imprenta, contratamos que viajaran con nosotros a trabajar dos tipógrafos de la empresa que nos la había vendido.

Fue necesario buscar otros jóvenes que ingresaran en la «Cardijn», pero ya para trabajar en este nuevo empeño de sacar a la luz un periódico. Ingresaron efectivamente algunos como aprendices de tipografía. También ingresaron los dos muchachos que nos acompañaron desde Quito. Estos fueron los maestros de tipografía de los otros.

Al cabo de pocos meses, nos creímos en posibilidades de sacar a luz el periódico como semanario. Di entonces los pasos que había previsto. Obtuve el permiso del señor Obispo. Hablé con los sacerdotes amigos tanto del grupo «Cuadrilátero» como otros. Aceptaron la invitación con mucho entusiasmo. Nos distribuímos el trabajo. Discutimos acerca del nombre que debía llevar el periódico. Se sugirieron muchísimos nombres. Al final, se optó porque se llamara «La Verdad».

Vio la luz pública el semanario «La Verdad» el 14 de mayo de 1944, cuando se inauguraba también en mi pueblo el Colegio artístico «Daniel Reyes». Creo que vale la pena transcribir el artículo editorial del primer número:

«A cualquiera que vea nuestro semanario puede parecerle pretencioso el título que lleva. Y es que puede creer que nos presentamos al público con aires de maestros infalibles.

No es esa, sin embargo, nuestra actitud.

Partimos desde un punto más hondo, más sincero, más humilde: partimos desde nuestra condición de indigentes: vamos *en busca de la verdad*, como el sediento en busca del agua, como el ave en busca del espacio, como la flor en busca de la luz.

¿Qué es la verdad? —preguntó Pilatos a Cristo. Y no tuvo paciencia para esperar la respuesta.

¿Qué es la Verdad? —se han preguntado en todo tiempo los espíritus. Y es conmovedora el ansia que han puesto en su pregunta. Pero, cuántas veces no han tenido tampoco paciencia para esperar la respuesta.

Sobre todo, no han sabido guardar la paz, la soledad y el silencio, absolutamente indispensables, para poder escuchar en el interior la respuesta. Como Pilatos, han salido precipitadamente a la terraza del Pretorio, a escuchar el vocerío del populacho y a dar oídos a las intrigas de los fariseos.

Y es triste ver entonces al hombre claudicar cobardemente ante el griterío y ante la amenaza.

Es triste ver al hombre condenar a la Verdad, o dejar que se la condene, cuando se tiene autoridad y obligación de sacarla triunfante.

Es triste ver al hombre, abandonado a la maldad ajena y a la turbación propia, tratar de persuadirse de que obra rectamente y llamar verdad a la mentira.

Y es más triste todavía ver al hombre sumido en las tinieblas, sin remordimientos, sin ansias, sin ahogos, resignado a su propia miseria. «El hombre está muerto desde que cesa de esperar, de desear y de buscar» —ha dicho un filósofo.

Nosotros no queremos esclavizarnos al criterío de las muchedumbres, ni a la amenaza de los Césares. Nosotros no queremos morir por falta de deseos, de esperanzas, de inquietudes. Nosotros no queremos conformarnos con nuestra propia indigencia. Partimos de ella, eso sí, para ser verdaderos desde el principio. Pero partimos llevados de un gran anhelo de tener paciencia para escuchar la respuesta; con la esperanza firme de que podremos escucharla; con el deseo ardiente de comunicar a los demás cuánto nos diga en el silencio Aquel que «es el Camino, la Verdad y la Vida».

Buscaremos la Verdad en todos los campos que estén a nuestro alcance. La buscaremos, sobre todo, allí en donde más necesitemos de Ella: en el campo de la Sociología, para ver nuestros múltiples problemas sociales y tratar de hallarles una solución *verdadera;* en el campo de la Historia, para reafirmar nuestra personalidad en las tradiciones gloriosas; en el campo de la Literatura y el Arte, para levantar nuestro espíritu a la contemplación de la Belleza; en el campo de la Moral, para regenerarnos con la práctica del Bien y de la Virtud; en el campo de la Religión, para encontrar a Aquel que es el Principio y el Fin de todas las cosas.

«La Verdad os hará libres». Vamos en busca de la Verdad para ser libres.

El entusiasmo de mis colaboradores en la tarea de escribir artículos no duró mucho tiempo. Es realmente difícil mantener un compromiso tan serio sobreañadido a otros compromisos no menos serios.

Tuve que redoblar esfuerzos y disminuir horas de sueño para llevar adelante el anhelado proyecto. También yo tenía ya mucho trabajo.

A estas alturas, escribí lo siguiente en mi libreta de anotaciones:

La «Cardijn» es ahora una librería, una imprenta y un periódico, con unos jóvenes libreros, con unos jóvenes tipógrafos, y ojalá pronto también con unos jóvenes periodistas.

Señor: Tú sabes lo que es y lo que quiere llegar a ser la «Cardijn», con todos sus servicios. Es una obra de apostolado. Cuánto le hace falta para que sea también una obra de apostolado considerada espiritualmente, por la cantidad de ideal, por la cantidad de amor, por la cantidad de gracia tuya, por la cantidad de esfuerzo de los miembros vivos, de la «Cardijn».

Para una mayor eficiencia de esta obra, tengo que pensar en una organización mejor de las actividades exteriores y en una progresiva transformación de los espíritus, a fin de llegar a la creación del espíritu distintivo de la «Cardijn».

Debo tener en cuenta que la buena organización exterior, a más de conseguir mayor fruto en el trabajo, debe influir también poderosamente en la transformación de los espíritus. Debo tener en cuenta que la transformación de los espíritus no se consigue en dos por tres. Se la consigue más a fuerza de oración que de palabra, más a fuerza de sacrificio que de reprensiones. Luego: PACIENCIA, MUCHA PACIENCIA.

Debo tener en cuenta que no todos pueden lo mismo y que de unos hay que contentarse con poco y de otros hay que exigir mucho. Debo tomar en cuenta que las transformaciones se consiguen en la medida en que se ama. Luego: amarles mucho y amarles como son, con todos sus defectos. En la medida en que los ame, disimularé sus defectos, trataré de corregirlos con paciencia y estaré siempre preocupado por su progreso.

Para la organización exterior, anoto los siguientes puntos:

1) puntualidad en las horas de trabajo;

2) comenzar el trabajo de cada día con una oración;

3) procurar pasar juntos los domingos;

4) cada trimestre, un día de retiro;

5) ordenar bien el trabajo del periódico, de modo que podamos dormir lo suficiente, así: miércoles, dos páginas, jueves dos y viernes dos;

6) establecer un aprendizaje por grados.

Para la organización interna: aquí quiero señalar de manera concreta el objetivo inmediato que quiero conseguir de cada uno:

1) R. Más armónico, esto es, que junte a una cultura y amabilidad exquisita la circunspección y el respeto; la seriedad serena a la alegría; la reflexión a la vivacidad natural; la suavidad a la energía; la prudencia al entusiasmo.

2) A. Que se mantenga en su espíritu de buena voluntad y de servicio y que al mismo tiempo vaya matando su egoísmo.

3) O. Preservarle de la crisis de su edad, despertándole al ideal, dándole trabajo absorbente, ayudándole para que salga bien y se entusiasme, evitando todo medio que parezca coactivo.

4) M. Que sea más responsable como maestro de tipógrafos. Corregirle sus faltas, cada vez de la manera que mejor convenga.

5) V. Despertarle, casi empujarle, a una vida superior, mediante la amistad y procurando que R. le ayude a descubrir una vida cristiana.

6) E. Que adquiera más disciplina por sí mismo y sea más franco.

7) Mc. Que termine la primaria, ayudándole nosotros y que él venga a ayudarnos en los momentos libres.

El seminario se convirtió después en bisemanario. Tuvo que suspenderse su publicación por más de un año, a causa del déficit económico que dejaba. Volvió a salir para transformarse luego en diario.

Mi ambición era realizar con los muchachos una auténtica vida comunitaria al servicio de la ciudad y de la provincia. Cuando murió mi madre, el 15 de mayo de 1945, diez años más tarde que mi

padre, los muchachos de la «Cardijn» fueron para mí los mismo que una familia.

7. El equipo «Juan XXIII»

El 18 de marzo de 1954, se publicó la noticia oficial de mi nombramiento para Obispo de Riobamba. El 26 de mayo de ese mismo año, recibí la ordenación episcopal en la catedral de Ibarra. Y el 29 del mismo mes vine a Riobamba.

Me costó mucho salir de Ibarra. Me costó muchísimo dejar esta organización que, como ya dije, se convirtió en mi familia. Los muchachos también sufrieron mucho. Uno de ellos, Rubén Veloz, pasados algunos meses, dejó también la organización y vino a Riobamba para servirme de compañero.

Durante los primeros años, me dediqué a conocer la Diócesis un poco a fondo, realizando para ello visitas pastorales largas, un poco al estilo de lo que había visto hacer al Obispo de Ibarra.

Siempre inquieto y descontento de las realidades que iba descubriendo, empecé a buscar caminos de respuesta a los grandes problemas de la gente, particularmente de los campesinos. Cuando estudiante en el Seminario Mayor de Quito, mi sueño era llegar a ser párroco rural y dedicarme especialmente a los indígenas. No lo logré durante mis dieciocho años de ministerio sacerdotal en Ibarra. Vi que ahora se me presentaba la oportunidad, no precisamente de ser párroco rural, pero sí de dedicar mis afanes pastorales a los indígenas. Me impresionó el contraste entre la situación del indígena de la provincia de Imbabura con la del indígena del Chimborazo. Por esta razón, hice lo posible por conseguir la fundación de una casa de Misioneras Lauritas en Riobamba. Y lo conseguí en el año 1958. En el año 1956, pioneros de la Misión Andina, organización dependiente de la O. I. T., se pusieron en contacto conmigo, como con las autoridades de la Provincia, para estudiar las posibilidades de extensión desde Perú y Bolivia

a Ecuador, comenzando por la provincia del Chimborazo.

Cuento todo esto, porque las Misioneras Lauritas se comprometieron a trabajar en colaboración con la Misión Andina y porque para el mismo trabajo vino a la Diócesis de Riobamba un valioso sacerdote de Ibarra, Jorge Mencías.

Fue Jorge Mencías quien, a más de realizar su trabajo, tomó la iniciativa de ponerse en contacto con algunos sacerdotes y de iniciar con ellos la conformación de un equipo sacerdotal que luego tomó el nombre de «Juan XXIII».

Después de una experiencia de reuniones en las parroquias, el mismo iniciador vio la conveniencia de que las reuniones se realizarn en la casa episcopal. Participé continuamente en sus reuniones. Leíamos, al comienzo, el capítulo de algún libro que nos hiciera reflexionar sobre nuestra vida espiritual. Luego, estudiábamos algunos asuntos de carácter pastoral y tomábamos algunas resoluciones.

Para mí fue una experiencia alentadora. Encontré eco a mis inquietudes y a mi tendencia a romper ciertas barreras que podían encerrarnos en el pasivismo y en la rutina.

Los ejercicios espirituales del clero se realizaban cada año, en una misma casa, un convento de religiosos. Predicador era siempre uno de los religiosos de esa misma casa. De acuerdo con los sacerdotes del equipo «Juan XXIII», resolvimos buscar fuera de la Diócesis otras casas de retiro y otros predicadores, de preferencia sacerdotes seculares, con el pensamiento de que éstos podían entender mejor los problemas del clero diocesano. De igual manera, rompimos también la costumbre de hacer los ejercicios espirituales en absoluto silencio aparente. Haciéndonos preguntas acomodadas a nuestras necesidades y deducidas de los temas de predicación, nos dividíamos en pequeños grupos, para reflexionar en común y comunicarnos luego en asamblea plenaria. Guardábamos silencio solamente durante pocas horas, para dar lugar a la reflexión personal o a la lectura.

El CELAM publicaba en ese entonces folletos y revistas con datos novedosos sobre la realidad de la Iglesia en América Latina, desde diversos puntos de vista. Quisimos aprovechar de estos datos para abrir nuestra mentalidad a los problemas grandes y comunes del continente latinoamericano. Utilizando este material, realizamos unos ejercicios espirituales con este anhelo. Examinamos cuáles eran las realidades de la Iglesia en el Ecuador y de la Diócesis de Riobamba. Comprendimos así que la más pequeña de las parroquias de la Diócesis y la Diócesis misma formaban parte de un todo, en muchos aspectos, con problemas y necesidades comunes.

Como resultado de la reflexión de estos días, el equipo «Juan XXIII» publicó, en mimeógrafo, un folleto para nosotros interesante.

Por este estilo, el equipo «Juan XXIII» tomó muchas y valiosas iniciativas. Fue creciendo en número y en influencia. Sin embargo, fue mirado con desconfianza por los sacerdotes que no podían pertenecer a él, sobre todo a causa de las distancias geográficas. Se le juzgó como un grupo de sacerdotes privilegiados. Después hablaré de los esfuerzos que realizamos por lograr una pastoral de conjunto. Hago referencia ahora a esto, porque también hicimos el sacrificio del equipo «Juan XXIII» en aras de esa pastoral de conjunto tan anhelada.

8. La pastoral de conjunto

En el año 1960, fui designado delegado sustituto ante el Consejo Episcopal Latinoamericano. Excepcionalmente y por tratarse de un tema de gran importancia, fuimos invitados también los obispos sustitutos a la Asamblea General de ese año que debía realizarse en Buenos Aires, Argentina. Al mismo tiempo, se realizaba también el primer Congreso Mariano Latinoamericano, en la misma ciudad.

El tema central de estudio de la Asamblea fue la pastoral de conjunto. Entonces tuve la primera oportunidad de conocer a los obispos que ocupaban

la Presidencia del CELAM: Darío Miranda, Manuel Larraín, Helder Cámara. Entonces tuve también la oportunidad de escuchar una ponencia que me pareció inspiradora presentada por don Manuel Larraín, Obispo de Talca, Chile.

Al retornar a la Diócesis, me propuse llevar a la práctica algo de lo mucho que había aprendido en esa reunión del CELAM. Elaboré un plan de acción pastoral que, si bien estaba inspirado en las exposiciones que escuché en Buenos Aires, tenía también mucho de original y propio.

Esforzándome por hacer una síntesis de ese primer plan para una pastoral de conjunto, comienzo explicando que me pareció ver necesario distinguir entre principios teológicos, doctrinales, llamados a iluminar la inteligencia especulativa, y principios de orden práctico, o normas de acción, llamados a iluminar la inteligencia práctico práctica para la realización de acciones.

Después de establecer esta distinción, señalamos, de acuerdo con los miembros del equipo «Juan XXIII», a quienes presenté mi trabajo, los siguientes principios prácticos o normas de acción pastoral:

1.º Debemos partir del conocimiento de la realidad. La realidad nos muestra aspectos positivos y aspectos negativos. Nunca es absolutamente buena ni absolutamente mala.

2.º Los aspectos negativos de la realidad nos descubren las necesidades. Estas pueden ser calificadas de diverso modo y de ordinario son muy numerosas. Hay necesidades graves. Hay necesidades importantes. Hay necesidades urgentes.

3.º Las necesidades así calificadas nos muestran los objetivos de la acción. Tenemos que trabajar para atender a esas necesidades reales. Correspondiendo a la calificación mencionada, también los objetivos, dentro de un plan de acción pastoral, tienen que ser calificados como objetivos claves, aquellos que, conquistados, pueden resolver una cantidad grande de necesidades; objetivos importantes, aquellos que sin encerrar dentro de sí múltiples necesidades, sin embargo atienden necesidades principales; objetivos de emergencia, aquellos que surgen como respuestas en la marcha a necesidades sorpresivas e impostergables.

4.º De lo dicho, aparece otro principio práctico y es la necesidad de jerarquizar necesidades y objetivos. Por no jerarquizarlos, los pastores nos dispersamos en una cantidad de actividades desordenadas y hacemos sólo una pastoral de emergencia. Por esto es que, cuando nos ponemos a reflexionar, encontramos que no sabemos por qué ni para qué estamos trabajando.

5.º Los aspectos positivos de la realidad nos revelan los recursos humanos y materiales, con los que podemos y debemos contar a fin de lograr los objetivos. Para esto, es necesario organizarlos. Organizar es distribuir responsabilidades y aprovechar bien de los recursos materiales. La responsabilidad no debe entenderse sólo como una actitud de conservación o mantenimiento, sino sobre todo como acción que se encamine hacia la conquista de los objetivos. Las responsabilidades son diversas. Por lo mismo, también las acciones. Acciones diversas tienen en mira la conquista de unos mismos objetivos. Aquí aparece la pastoral de conjunto. Si el conocimiento de la realidad nos revela, por ejemplo, que el pueblo se encuentra en una terrible situación de ignorancia del verdadero Dios, del verdadero Jesucristo, el objetivo tiene que ser necesariamente la evangelización. Pero, en la conquista de este objetivo, pueden trabajar realizando diversas acciones muchas personas: unos podrán ser misioneros, otros proclamadores de la Palabra en el ritmo ordinario de la vida, otros educadores en la Fe...

6.º Para que el plan de acción sea concreto, a más de prever acciones adecuadas, a más de distribuirlas entre los disversos agentes de la pastoral, es necesario colocarlo en el espacio y en el tiempo. Lo circunstancial hace lo concreto. Por lo mismo, las diversas acciones, para que se realicen de verdad, deben ser ubicadas en lugares determinados en días y horas previstos. En otras palabras, juntando lo de la organización con lo de la colocación de

acciones en el espacio y en el tiempo, debemos saber respondernos por anticipado a preguntas como éstas: ¿quiénes se comprometen?, ¿a qué se comprometen?, ¿cómo lo van a realizar?, ¿en dónde?, ¿cuándo?

7.º Por último, es necesario dedicar tiempo para evaluaciones periódicas del trabajo realizado. Las evaluaciones pueden comprender etapas cortas, pero tienen una importancia muy grande las evaluaciones que comprendan etapas más largas, de un año por ejemplo.

A partir de aquí nos proponíamos realizar diversas acciones que nos distribuíamos entre todos.

La experiencia nos fue descubriendo más tarde, en primer lugar, que cualquier plan de trabajo debía ser elaborado, no por una persona, aunque esta fuera el obispo, sino junto con las personas interesadas, mejor todavía junto con el pueblo. En segundo lugar descubrimos también pautas para una evaluación seria.

Hablé antes de cambios introducidos en la práctica de ejercicios espirituales. Con el tiempo, fuimos viendo la necesidad de cambiar también el estilo y el contenido de las llamadas conferencias del clero, en las que tradicionalmente se estudiaba un caso de conciencia a la luz de la Teología moral. Organizamos, en consecuencia, jornadas completas de pastoral. Digo «jornadas completas», porque las conferencias del clero ocupaban apenas dos horas o dos horas y media. En cambio cuando iniciamos este tipo de reuniones mensuales, ocupábamos por lo menos un día entero y a veces dos días.

Además, no sólo participaban los sacerdotes, sino también las religiosas y los seglares pertenecientes a las asambleas cristianas o a grupos como la Legión de María.

El contenido de estas reuniones era distinto. Siempre se planteaba algún problema de carácter pastoral. En los años del Concilio, estas reuniones tenían por objeto conocer y estudiar los documentos que se iban aprobando en Roma.

Algún sacerdote o alguna otra persona recibían el encargo de presentar una exposición doctrinaria sobre un tema previsto. Al final, debía proponer algunas preguntas para trabajo en grupos. Luego, se realizaba la plenaria para conocer el resultado del trabajo en grupos. Fue ésta una etapa de mentalización.

Invitamos, para la época de verano, al Canónigo francés Ferdinand Boulard, experto en pastoral de conjunto y experto en el Concilio. Las semanas de pastoral que, durante tres años seguidos, realizamos con él, fueron muy valiosas y despertaron mucho entusiasmo. Fue en una de esas semanas, cuando, por consejo del mismo Canónigo Boulard, decidimos la desaparición del equipo sacerdotal «Juan XXIII».

Tomamos esta decisión con el propósito de organizar una variedad de equipos pastorales: equipos sacerdotales territoriales, ordinariamente alrededor de una Vicaría foránea; equipos funcionales, en los que tomaban parte los educadores y los asesores de movimientos de apostolado. Se organizaron también las Religiosas, de acuerdo con el tipo de actividad a que se dedicaban: pastoral educativa, pastoral misionera, pastoral asistencial u hospitalaria. A más de tomar parte en las reuniones generales con el clero y con los seglares, las religiosas tenían también por su parte una reunión mensual, para estudiar problemas específicos de su participación en la pastoral diocesana.

El funcionamiento de equipos ofreció serias dificultades. De un lado, la dificultad proveniente de las distancias y de las ocupaciones. De otro lado, la dificultad de acoplamiento entre los miembros de un mismo equipo. Esta fue la más grave. Comprendíamos perfectamente que no basta llamar a un conjunto de sacerdotes o de personas equipo para que sea en verdad un equipo. Había necesidad de todo un proceso, hecho de conocimiento interpersonal profundo, de una estimación mutua, de un respeto grande al modo de ser y a los criterios de los otros... Los sacerdotes decían:

«No hemos sido formados en el Seminario para trabajar en equipo».

Sin embargo, hicimos ensayos de equipos, no solamente de trabajo, sino también de vida. Hicimos ensayos de equipos mixtos, en los que formaban parte sacerdotes y religiosas. En este sentido, hubo el caso de un equipo que tomó a su cargo un conjunto de parroquias. Con el anhelo de que el buen entendimiento fuera una realidad, se organizaron en equipo sacerdotes que eran ya de antemano amigos. Ellos mismos se eligieron. Pero resultó después la comprobación de que su amistad había nacido y se había mantenido cuando ellos estaban lejos uno de otro. Ciertamente que se visitaban con alguna frecuencia. Pero, cuando ensayaron vivir y trabajar juntos, comprobaron que cada cual tenía su modo propio de ser, sus preferencias, sus capacidades y limitaciones. Llegó a faltar el entendimiento. No fue posible una superación de estas dificultades. El equipo se deshizo.

Antes aun de la aprobación por el Concilio Ecuménico Vaticano II del organismo llamado «Consejo de Presbiterio», con el asentimiento del Canónico Boulard, nosotros lo ensayamos en la Diócesis de Riobamba. Cuando fue aprobado por el Concilio, el Consejo de Presbiterio adquirió existencia jurídica por medio de un decreto.

Todas estas experiencias fueron valiosas. Pero, un poco a la larga, nos hicieron ver que la vida es más fuerte que las estructuras, aún nuevas, creadas con un sentido legalista. Desaparecieron muchos de los equipos territoriales, por inoperancia. Desaparecieron los equipos funcionales, por el mismo motivo. Desapareció, por disposición consciente, también el Consejo de Presbiterio: se estaba convirtiendo en un grupo de sacerdotes en pugna permanente.

Era necesario recordar, al menos brevemente, esta historia de esfuerzos y fracasos, porque así se entenderá mejor cuanto narraré en el tercer capítulo de este libro.

9. Asambleas Cristianas

Otra experiencia interesante de organización de grupos fueron las Asambleas Cristianas.

Con la colaboración entusiasta de sacerdotes, religiosos y seculares de la ciudad, de las religiosas y aun de las novicias y de seglares competentes, las organizamos como un modo de evangelización a domicilio.

Hicimos una preparación de quienes se constituirían en presidentes de las Asambleas Cristianas. Con ellos mismos, se buscó los lugares de funcionamiento: casas de familia en las cuales se reunirían los vecinos. Era necesario que en esta casa tuvieran un radio receptor o que algún vecino se ofreciera a prestarlo.

Llegada la época del año prevista, tiempo de Cuaresma y tiempo de Adviento, desde la emisora de Escuelas Radiofónicas Populares, hacía yo la lectura y un breve comentario de un texto del Evangelio. Terminaba proponiendo algunas preguntas. Las personas congregadas en las casas reflexionaban alrededor de las preguntas y asimilaban así el Mensaje del Evangelio. El presidente o la presidenta coordinaba y moderaba las intervenciones. Un secretario o secretaria tomaba nota de las diversas intervenciones y de las conclusiones a que llegaban. La persona encargada de tomar estas notas debía enviárselas al día siguiente.

Las Asambleas Cristianas funcionaron una vez por semana durante algún tiempo. Durante la semana anterior a la fiesta de Navidad y durante la semana anterior a la Semana Santa, las Asambleas Cristianas funcionaban todas las noches. Llegaron, así, a reunirse alrededor de 250 grupos.

El pueblo demostró tener hambre de Evangelio.

Tal fue el entusiasmo que despertó en el pueblo este modo de evangelización, que no acababan de terminar su reunión sino en altas horas de la noche. Las religiosas, contra toda costumbre, regresaban a sus casas cerca de media noche. Como demostración de ese mismo entusiasmo, el pueblo pidió insistentemente la continuidad durante todo el año.

Uno de los resultados de las Asambleas Cristianas fue, como lo comentaba la misma gente, el conocimiento y aprecio mutuo entre vecinos. «Antes, aunque vecinos, no nos conocíamos, apenas nos saludábamos. Ahora, nos conocemos mejor, somos amigos y estamos dispuestos a ayudarnos unos a otros». Efectivamente, se dieron casos de ayuda a los más necesitados. Si alguna persona del barrio había caído enferma y estaba hospitalizada, entre los miembros de la Asamblea Cristiana se hacía una colecta y una comisión iba a visitar al enfermo y a depositar en sus manos la pequeña ayuda.

10. Congreso Eucarístico

Las diócesis de Loja, Ibarra y Riobamba fueron erigidas en el mismo año 1865.

Por resolución de la Conferencia Episcopal Ecuatoriana, las tres diócesis hermanas se comprometieron a celebrar el primer centenario de su existencia con un Congreso Mariano la de Loja, con un Congreso Catequístico la de Ibarra y con un Congreso Eucarístico la de Riobamba. No se trataba de congresos nacionales. Se los llamó interdiocesanos, porque debían participar en ellos delegados de las tres diócesis. Naturalmente, la sede de cada uno de esos congresos debía ser la ciudad episcopal de cada una de las diócesis.

En Riobamba, nos propusimos celebrar el Congreso Eucarístico con un nuevo estilo, caracterizado particularmente por la pobreza. Anuncio, programa e invitación se hicieron a mimeógrafo, en papel periódico. Carteles llamativos, ninguno. Grandes concentraciones populares, exceptuadas la del último día, no debían tampoco realizarse, para evitar el espíritu triunfalista que conlleva este tipo de concentraciones. Suprimimos también el campo eucarístico y su templete correspondiente.

Como preparación al Congreso, realizamos una serie de Asambleas Cristianas de modo que desembocaran en el acontecimiento. El Congreso mismo consistió en sesiones de estudio, con la participación de delegados de las Asambleas Cristianas y de los

delegados enviados por cada una de las diócesis hermanas. El tema central de estudio era la comunidad cristiana que tenía su cabal cumplimiento en la celebración Eucarística.

El último día del Congreso se realizó, por la tarde, casi a la noche, una procesión por las calles de la ciudad de Riobamba. Principales participantes fueron los miembros de las Asambleas Cristianas. Se cerraba la procesión con el Santísimo Sacramento. La concurrencia fue enorme.

Esta manera de celebrar un Congreso Eucarístico fue objeto de muchas críticas por parte de algunas personas de espíritu tradicionalista. En cambio, las personas que habían recibido, directa o indirectamente, la influencia de nuestras reuniones de mentalización y de las Asambleas Cristianas, vieron con muy buenos ojos este ensayo de nuevo estilo de Congreso Eucarístico.

El sentido comunitario que debe caracterizar a la Iglesia apareció con claridad meridiana. Y se lo vivió de una manera concreta durante todos los días de esa semana. Todos nos sentíamos hermanos. Era como una preparación inmediata a la nueva línea de acción pastoral que imprimió tan fuertemente el Concilio.

11. El CEAS

Aparte de este proceso de formación de grupos que fueron naciendo sucesivamente desde la aparición del equipo sacerdotal «Juan XXIII», desde la misma perspectiva de organización de grupos, pero ya con finalidades más específicas, debo referirme en primer lugar al Centro de Estudios y Acción Social (CEAS).

Nunca tuve ocasión, mientras fui sacerdote, de salir fuera del país, a no ser a las poblaciones fronterizas de Colombia. Siendo ya Obispo, por decisión de la Conferencia Episcopal Ecuatoriana y con su auspicio, en calidad de delegado, realicé mi primer viaje a Europa, para tomar parte en dos Congresos Internacionales: uno de prensa católica y otro de apostolado de los laicos. El primero se

realizó en Viena. El segundo, en Roma. Fue en el año 1957.

Recibí la designación de delegado con ilusión y alegría. Pensé que tenía la oportunidad de conocer algunos países. Pero me interesaba más que los aspectos exteriores y materiales, conocer al hombre que vive en esos países y sus organizaciones.

Con estos pensamientos, hice un recorrido por Irlanda, Inglaterra, Bélgica, Francia, Suiza, Austria, Italia, España y Portugal. Conservo gratos recuerdos de ese viaje por los encuentros que hice con personas que desde entonces se hicieron amigas.

Al pasar por Suiza, visité las oficinas de la Organización Internacional del Trabajo. Así volví a ver a algunos personeros de esta Organización que me habían visitado en Riobamba, el año anterior, con miras a la iniciación extensiva de la Misión Andina. Durante dos días completos estuve conversando con altos funcionarios de la O. I. T. Parece que les interesó mucho mi preocupación por el problema y situación de los campesinos del Chimborazo. Tomaron nota minuciosa de nuestras conversaciones. Este hecho iba a tener una proyección muy beneficiosa e inesperada para la Diócesis de Riobamba.

En efecto, pasado ya algún tiempo, el correo me trajo dos cartas que trataban del mismo asunto. Por una parte, me escribía un funcionario de la O. I. T., para decirme que un profesor de la Universidad Católica de Lovaina había pasado por Ginebra y había preguntado si conocían allí algún obispo latinoamericano que se interesara por las cooperativas. Y me comunicaba que le habían dado mi nombre. La otra carta era del doctor Rudolf Rezsohazy, el mismo profesor que había visitado la O. I. T.

Entablamos correspondencia con este profesor de la Universidad de Lovaina, a quien conocí sólo más tarde. Toda la correspondencia se centró en la inquietud cooperativista. Al final, tomó él la resolución de venir hasta Riobamba, para dirigir un curso de dos meses de duración, dictado en

horas de la noche, sobre Política de Desarrollo y Cooperativismo.

El curso se realizó en el verano de 1960. Participaron alrededor de treinta jóvenes de Riobamba, hombres y mujeres. Como conclusión del curso, se pensó en organizar una institución promotora de cooperativas. Así nació el CEAS. Dieron su nombre a la organización unos dieciocho jóvenes.

Los estatutos fueron elaborados por el mismo Profesor Rezsohazy y recibieron pronto la aprobación del Gobierno de Ecuador. Finalidades principales de esta institución fueron: la investigación socio-económica de la provincia del Chimborazo y la promoción de cooperativas.

Tomamos con empeño la formación de los miembros. Nos reuníamos, en horas de la noche, dos veces por semana, en la misma casa episcopal. La amistad fue naciendo poco a poco. Nos dedicamos a estudiar la Ley y el Reglamento de Cooperativas dictado por el Gobierno ecuatoriano.

Antes de iniciar la organización de la primera cooperativa de ahorro y crédito, jugamos a las cooperativas. A mano y a máquina, hicimos las primeras libretas de ahorro. Fuimos depositando irrisorias sumas de dinero, para aprender a llevar nuestras libretas. Designamos los miembros del Consejo de Administración, del Consejo de Vigilancia, del Comité de Educación y un Gerente, asimismo para que fuéramos aprendiendo en la práctica cómo tenían que funcionar estos organismos. Después de meses de juego, se lanzó al público la invitación a formar la primera cooperativa de ahorro y crédito.

Mientras tanto, nuestro amigo de Lovaina gestionaba una ayuda financiera para la iniciación de una cooperativa agrícola encaminada a favorecer a un grupo de indígenas. La diócesis era propietaria todavía de una enorme hacienda y yo estaba dispuesto a entregar unas 300 hectáreas, gratuitamente, a los indígenas que esperábamos se organizaran en cooperativa.

Durante once meses, misioneras Lauritas y Jorge Mencías permanecieron en la zona, sopor-

tando toda serie de incomodidades, para preparar a los indígenas a aceptar esta iniciativa. A pesar de tan larga preparación, acabaron por no aceptarla, por razones más bien laudables. No querían en efecto que sólo un número limitado de la comunidad fuera privilegiado de esa manera. Propusieron la venta a la comunidad de una extensión más grande. Desde entonces, empezamos a ver que una cooperativa lesiona gravemente la vida comunitaria y empezamos a valorar ese gran sentido de solidaridad de los campesinos indígenas.

La cooperativa, después de muchos ensayos y fracasos, pudo salir adelante en otra propiedad de la Diócesis, con la ayuda financiera obtenida en Alemania por el profesor Rezsohazy.

No es del caso referir todas las actividades cooperativistas que realizó el CEAS, con sus éxitos y fracasos. Lo que debo señalar es que, después de algunos años de formación y experiencias, el CEAS empezó una vida de mayoría de edad. No necesitaba ya de mi asesoramiento. Muchos de ellos se hicieron acreedores al uso de becas en países extranjeros. Las experiencias que iban realizando les maduró muchísimo. Siempre se mantuvieron en relación con el trabajo de la Diócesis. Y, como lo veremos más tarde, en la etapa de realización comunitaria, forman parte activa de los equipos pastorales y de la coordinación diocesana.

Esta organización está en condiciones de seguir viviendo y trabajando, aunque desaparezca yo, por la madurez que ha conquistado.

12. Escuelas Radiofónicas Populares

El Ecuador tenía y tiene aún un alto porcentaje de habitantes analfabetos. La Provincia del Chimborazo, es entre todas, la de más alto porcentaje: aún ahora cuenta con un 52 %, según los datos proporcionados por el Ministerio de Educación Pública. El porcentaje es tan alto en esta provincia, porque la gran mayoría de los indígenas no han recibido el beneficio de la escuela.

Para salir al frente de esta necesidad tan grave, siguiendo el ejemplo de Radio Sutatenza de Colombia, concebí el proyecto de Escuelas Radiofónicas Populares para la provincia del Chimborazo.

Hubo que recorrer un largo y doloroso calvario. No contaba con medios financieros. Pedí ayuda a quienes podían dármela en la misma provincia del Chimborazo. Conseguí muy poco. Empezaron más bien las críticas. Pedí limosna, en compañía de dos sacerdotes de la Diócesis, en las puertas de las iglesias de Colombia, después de haber explicado la necesidad y el proyecto. También fue insuficiente el dinero que conseguí por este camino. Hubo que acudir a organizaciones extranjeras que empezaban a prestar ayuda a proyectos de desarrollo.

Con esta ayuda, nacieron Escuelas Radiofónicas Populares: una emisora de onda corta y de un kilowatio de potencia en antena; todo el equipamiento necesario para grabaciones y emisiones; 10 radio-receptores. Empezamos con 10 escuelas. Pronto se fundaron escuelas en número creciente, no sólo en la provincia del Chimborazo, sino también en otras provincias del país.

Para ese entonces, Rubén Veloz, el muchacho jocista de Ibarra, era ya sacerdote. El, otro sacerdote y dos misioneras Lauritas realizaron una estadía de observaciones en Sutatenza. Para el funcionamiento de Escuelas Radiofónicas Populares, fue menester integrar en la organización un número crecido de personas y más todavía cuando se fueron creando servicios tales como: dispensario médico, hospedería, taller de reparaciones, periódico, una cooperativa dirigida de ahorro y crédito agrícola.

Cada día se dictaban cursos de alfabetización y aritmética en quichua y en español, por la mañana de 5,30 a 7,00 y por la noche de 6,30 a 8,30, de lunes a viernes. También se transmitían cursos prácticos de agricultura, de mejoramiento del hogar, de cuidado de los niños, de higiene, de deportes, juegos y entretenimientos. La evangelización formaba parte también del programa.

El cuerpo de profesores preparaba las clases. La alfabetización partía de palabras quichuas. Las otras clases eran también dictadas en lengua quichua. Las clases eran de corta duración (siete u ocho minutos), amenizadas con música popular. Auxiliares campesinos, elementalmente preparados, hacían el papel de profesores al frente de cada escuela. Los campesinos se congregaban en la capilla, en alguna choza o en la casita pobre del auxiliar, para escuchar a la emisora y seguir las indicaciones del profesor secundadas por el auxiliar. Este era el método de trabajo y de enseñanza.

Los indígenas despertaron de su sueño de siglos. No sólo pusieron interés en aprender a leer y escribir, sino también en escuchar otros programas y en participar ellos mismos en la presentación de cantos, de música y de recitaciones. Las comunidades enviaban a algunos de sus miembros a tomar parte en los cursos de preparación de auxiliares. Cuando fue posible, enviaron tambien hombres y mujeres a participar en cursos de formación con variedad de temas, de acuerdo a sus necesidades. Siempre con la ayuda de organizaciones extranjeras, también obtenidas en algunos casos a través de la Conferencia Episcopal, este despertar de los indígenas continuó creciendo a nivel nacional, sin desconocer por esto la acción de otras diócesis y también de instituciones como la Misión Andina y otras del Estado.

También esta organización obtuvo personería jurídica y alcanzó su propia madurez para no necesitar del apoyo permanente del Obispo. Tanto al interior como al exterior, ha conseguido logros notables como promotora de vida comunitaria. En muchas ocasiones, he oído hablar a los mismos campesinos de «la familia de Escuelas Radiofónicas Populares».

13. Tepeyac

Monjas-Corral era el nombre de una de las haciendas de la Diócesis de Riobamba que, con la otra a la que hice referencia anteriormente y

que lleva el nombre de Sula constituían el «patrimonio» diocesano. De paso, esas haciendas fueron enajenadas para que se realizara en ellas la Reforma Agraria. Resolvimos cambiar el nombre de la primera. Le pusimos «Tepeyac», en recuerdo del lugar de las apariciones de la Virgen a Juan Diego, en Méjico. Allí se construyó un conjunto de edificios, también con ayuda extranjera, para el funcionamiento de un instituto de formación de líderes campesinos, hombres y mujeres. Empezó a funcionar en el año 1963.

Las finalidades se concretaron de esta manera: elevar el nivel cultural, económico, social y espiritual de las comunidades indígenas, por medio de la formación de jóvenes dirigentes quienes, al regresar a sus caseríos, podrían dinamizar sus comunidades y entrenarlas para un desarrollo económico armonizado.

Tenía dos secciones: una para los muchachos, con alojamiento para profesores y alumnos, con aulas para clases, sala de reuniones, biblioteca, secretaría, cocina y comedor, talleres de carpintería, herrería, cerámica, con establos, una estación esperimental agrícola, una lechería-quesería. La otra sección tenía un edificio central para el funcionamiento de la escuela femenina, talleres para costura y telares. Además, estaba señalada una parte de tierra para cultivo de hortalizas y crianza de animales domésticos.

Los alumnos eran seleccionados, a través de visitas que realizaban los profesores a las comunidades indígenas, contando con la opinión favorable de las mismas comunidades. En esto, se tenía el criterio de que la simpatía debía ser un elemento fundamental para que más tarde esos muchachos pudieran realizar su labor de promotores de desarrollo.

La primera experiencia duró catorce meses divididos en cinco períodos: un curso de tres meses en la granja-escuela, en el que recibían una instrucción básica; un mes en la comunidad; un curso de tres meses, para iniciar una especialización de conocimientos de acuerdo a sus aptitudes; otro

mes en la comunidad; por último; un curso de seis meses, para perfeccionamiento en su especialidad.

El curso de instrucción básica comprendía: gramática, aritmética, historia y geografía del Ecuador, conocimientos iniciales de la función de los dirigentes, elementos de cooperativismo y sindicalismo, agricultura, crianza de animales, apicultura carpintería, herrería, cerámica, textiles. Para las muchachas, a más de la instrucción básica, había enseñanza de culinaria, costura, corte, higiene y primeros auxilios, puericultura; horticultura familiar y crianza de animales domésticos.

En estas mismas materias, se iban especializando en cursos posteriores.

Fue necesario un cuerpo de profesores capacitados para el efecto. Lo compusieron fundamentalmente voluntarios belgas y las misioneras Lauritas. Para la formación espiritual fue designado como director un joven sacerdote diocesano.

La primera experiencia, después de evaluada, nos pareció demasiado larga. Por esta razón, se organizaron cursos posteriores de menor duración y más intensivos.

A pesar de todo, los muchachos campesinos que fueron formados en Tepeyac encontraron serias dificultades en su trabajo posterior de desarrollo de la comunidad. Así empezamos a descubrir que los líderes de una comunidad difícilmente se forman fuera de su propio ambiente.

14. Reflexiones

Estoy a punto de terminar este capítulo. De propósito, no he querido ser muy minucioso hasta ahora. Trataré de serlo más en el tercer capítulo.

Obligado en cierta manera a echar una mirada retrospectiva, para poder cumplir con el pedido que se me ha hecho de escribir un libro sobre el «Credo que ha dado sentido a mi vida», descubro que un poder misterioso, el de Dios, me ha conducido a lo largo de un proceso. Ese proceso no ha sido previsto por mí, menos aún planificado. Los sociólogos dicen que la comunidad es el fruto de un

proceso: aglomeración - grupo - equipo - comunidad. El proceso que Dios ha realizado conmigo es el que voy describiendo: familia - grupos - comunidad cristiana.

De descubrimiento en descubrimiento, el Señor me ha llevado, a través de sueños, de logros y fracasos, a comprender vivencialmente cuáles son sus planes; esta vocación comunitaria a la que llama a todos los hombres; la destrucción del plan de Dios realizada por el pecado: el egoísmo, las rivalidades, las ambiciones, el odio, la envidia, la injusticia, la mentira, el engaño, la calumnia...; la misión de Cristo fundamentalmente orientada a la restauración del plan de Dios en el mundo: el Reino de Dios como vivencia comunitaria aquí mismo en la tierra, para conseguir su cabal cumplimiento en el cielo; la misión de la Iglesia, llamada a ser, como continuadora de la misión de Cristo, signo y testimonio de vivencia comunitaria en medio de este mundo dividido.

A lo largo de este proceso, he encontrado muchas y graves dificultades. No me he detenido en describirlas. Pero las he tenido, tanto en la etapa de vida familiar, como en la etapa de experiencia de grupos. Dificultades que han provenido de mi mismo, de mis defectos de carácter, del ardor exagerado que puse en la realización de mis propósitos, de mi falta de comprensión de las debilidades ajenas... Dificultades que han provenido de los demás: incomprensiones, burlas, intrigas, maledicencias... Dificultades que han provenido de los objetivos mismos que nos hemos propuesto alcanzar sin contar con los medios adecuados o suficientes.

Las dificultades me han ofrecido la oportunidad de templar mi carácter, de purificarme de mis defectos, de compenetrarme más íntimamente con Nuestro Señor Jesucristo. El me ha comunicado su fuerza.

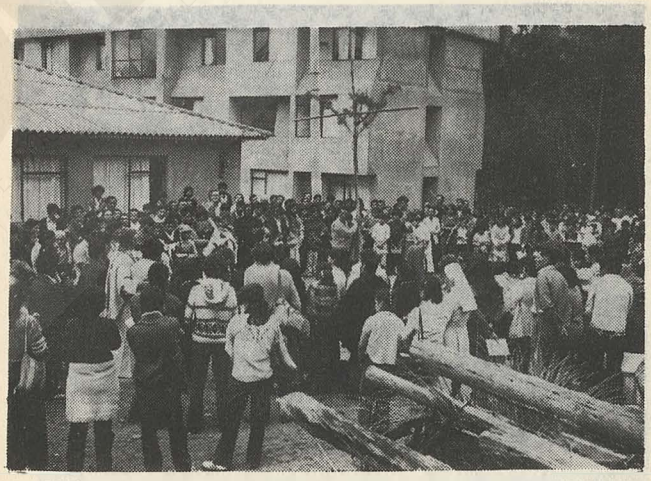
Aprendí a conocer a Jesús en el seno de mi familia. Lo descubrí como Alguien con quien podía hablar, de quien recibía luces y fuerza, en los primeros días de mi ingreso al Seminario Mayor. Desde entonces, El ha sido mi vida. Al comprender

que Dios me ha amado por medio de su Hijo, he experimentado un sentimiento de gratitud muy honda y he sentido, sobre todo en ciertas ocasiones, un amor apasionado por la persona misma de Cristo. Más que en los estudios de Teología, en esta intercomunicación interior con Cristo he llegado a adivinar la vida comunitaria existente entre Dios Padre, Dios Hijo y Dios Espíritu Santo.

Tengo en mí mismo la prueba del poder extraordinariamente transformador de Cristo. Y tengo, en las diversas experiencias de grupos, la experiencia de ese mismo poder transformador, unificador, impulsor y dinámico. Pero también tengo la experiencia de que ese poder transformador de Cristo, cuando se le resiste, divide... Divide dolorosamente. No podemos jugar con El a dos ases: o nos entregamos totalmente o lo resistimos, aunque sea con buenas palabras. El mismo dijo: «No piensen que vine a traer la paz a la tierra; no vine a traer la paz, sino la espada... el hombre hallará enemigos en su propia familia» (Mt. 34 y 36).

Si es doloroso vivir la división que produce Cristo, es alentador experimentar, por otra parte, el «amaos los unos a los otros como Yo os he amado» y el esforzarnos por realizar esa otra frase de Cristo: «En esto conocerán que sois mis discípulos, si os amais los unos a los otros» (Jn. 15, 12; 13,35).

— "EL HOGAR": SANTA CRUZ.
Una experiencia de vida comunitaria

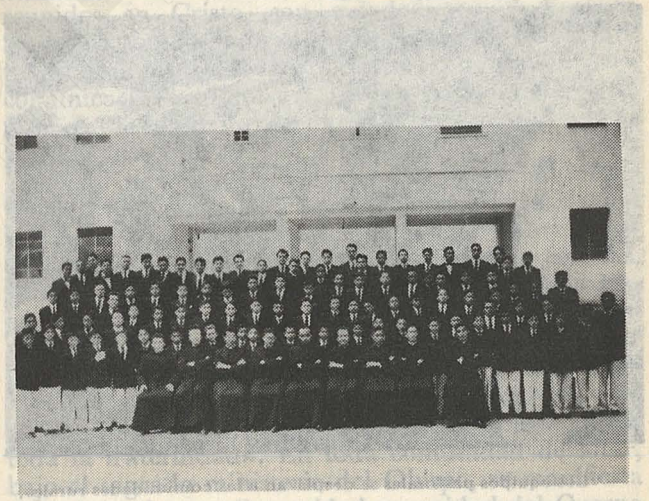


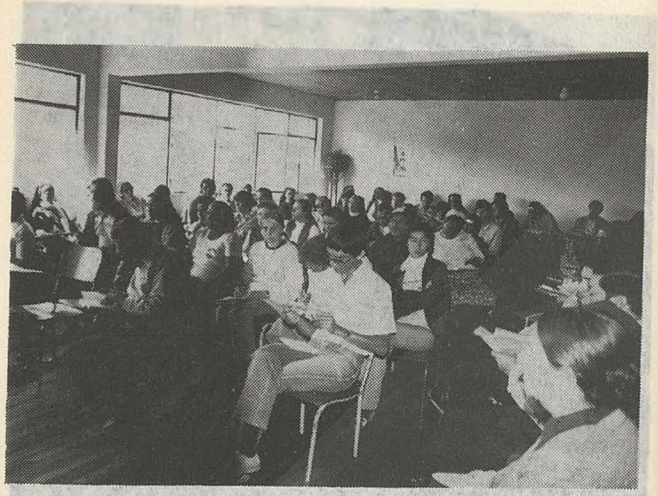
— "EL HOGAR": SANTA CRUZ.
Un lugar de encuentro y de servicio a los demás.

"La gente sencilla tiene mucho que enseñarnos."
". . . más que definir a Dios, lo experimenta en su vida diaria"

". . . Todo encuentro personal y toda comunicación interpersonal comprometen."

"Nuestra preocupación, la formación del sacerdote de hoy y de mañana".





Los equipos pastorales están conformados por un número predominante de seglares.

— "Los equipos pastorales se desplazan a las comunidades rurales, para realizar allí una labor evangelizadora y organizativa. . ."

III

COMUNIDAD

«Los gozos y las esperanzas, las tristezas y las angustias de los hombres de nuestro tiempo, sobre todo de los pobres y de cuantos sufren, son a la vez gozos y esperanzas, tristezas y angustias de los discípulos de Cristo. Nada hay verdaderamente humano que no encuentre eco en su corazón. La comunidad cristiana está integrada por hombres que, reunidos en Cristo, son guiados por el Espíritu Santo en su peregrinar hacia el Reino del Padre y han recibido la buena nueva de la salvación para comunicarla a todos. La Iglesia por ello se siente íntima y realmente solidaria del género humano y de su historia» (G. S. 1).

«Esta Iglesia de Cristo está verdaderamente presente en todas las legítimas reuniones locales de los fieles que, unidas a sus pastores, reciben también en el Nuevo Testamento el nombre de iglesias. Ellas son, en su lugar, el Pueblo Nuevo, llamado por Dios en el Espíritu Santo y en gran plenitud» (Cf. I Tes. 1,5). En ellas se congregan los fieles por la predicación del Evangelio de Cristo y se celebra el misterio de la Cena del Señor «para que por medio del cuerpo y sangre del Señor quede unida toda la fraternidad». En toda comunidad de altar, bajo el sagrado ministerio del Obispo, se manifiesta el símbolo de aquella caridad y «unidad del Cuerpo místico, sin la cual no puede haber salvación». En estas comunidades, aunque sean frecuente-

mente pequeñas y pobres o vivan en la dispersión, está presente Cristo, por cuya virtud se congrega la Iglesia una, santa, católica y apostólica...» (L. G. 26).

«Más el deber del pastor no se limita a cuidar sólo individualmente de los fieles, sino que se extiende también propiamente a formar una genuina comunidad cristiana...

Sin embargo, ninguna comunidad cristiana se edifica si no tiene ru raíz y quicio en la celebración de la santísima Eucaristía, por la que debe, consiguientemente, comenzarse toda educación en el espíritu de comunidad. Esta celebración, para ser sincera y plena, debe conducir tanto a las varias obras de caridad y a la mutua ayuda como a la acción misional y a las varias formas de testimonio cristiano...

Sin embargo, en la construcción de la comunidad de los cristianos, los presbíteros no están nunca al servicio de una ideología o facción humana, sino que, como heraldos del Evangelio y pastores de la Iglesia, trabajan por lograr el espiritual incremento del Cuerpo de Cristo.

Ahora bien, para cultivar debidamente el espíritu de comunidad, ese espíritu ha de abarcar no sólo la Iglesia local, sino también la Iglesia universal. Y la comunidad local no debe fomentar sólo el cuidado de sus propios fieles, sino preparar también, imbuída de celo misional, para todos los hombres el camino hacia Cristo» (P. O. 6).

Textos conciliares como éstos me impresionaron muchísimo. Comprendí que la Iglesia debía sufrir una transformación radical, que los obispos debíamos realizar grandes esfuerzos por transformar una Iglesia de imagen piramidal en una Iglesia comunitaria. Comprendí que la misma organización eclesial en equipos, en Consejos de Presbiterio, de Pastoral, de Laicos estaba enmarcada en este profundo sentido comunitario. Comprendí que los sacerdotes habíamos sido acaparadores de todos los carismas en la Iglesia, que nos habíamos convertido, en vez de servidores, en dominadores del

pueblo y que los laicos estaban llamados a jugar un papel preponderante.

Un año antes de la Conferencia Episcopal Latinoamericana en Medellín, el Episcopado ecuatoriano publicó la «Declaración Programática», documento que intentó aplicar el Concilio a la realidad ecuatoriana. Del capítulo 1.º tomo los siguientes párrafos:

«El plan de Dios consiste en unir a los hombres entre sí y en unirlos a El, mediante la comunicación de la vida de su Hijo; somos hijos en la familia de los Hijos de Dios (L. G. n. 1-4).

La Iglesia ha tomado conciencia de que es la realización de este plan en una etapa de la historia de la salvación; ha tomado conciencia de que es no sólo realización, sino también instrumento del que Dios se sirve para seguir realizando su designio.

Ha tomado conciencia de que es comunidad de vida y, por lo mismo, fuerza transformadora y de que es, sociedad visible y organizada, para servir a la fuerza transformadora de la comunidad de vida; por eso, quiere ser fermento del mundo: la Iglesia es prolongación de Cristo, Hijo de Dios encarnado (L. G., n. 8) y, por tanto, continuadora de su misión profética, sacerdotal y real».

La Conferencia Episcopal de Medellín, con el mismo deseo de buscar una aplicación de la doctrina conciliar a la realidad del continente latinoamericano, elaboró y publicó 16 documentos. Entre las constantes de estos documentos se encuentra, de una manera o de otra, la comunidad cristiana. Sobre las comunidades cristianas de base, dejó aprobado lo siguiente:

«La vivencia de la comunión a que ha sido llamado, debe encontrarla el cristiano en su «comunidad de base»: es decir, una comunidad local o ambiental, que corresponda a la realidad de un grupo homogéneo, y que tenga una dimensión tal que permita el trato personal fraterno entre sus miembros. Por consiguiente, el esfuerzo pastoral de la Iglesia debe estar orientado a la transformación de esas comunidades en «familia de Dios», comenzando por hacerse presente en ellas como fermento

mediante un núcleo, aunque sea pequeño, que constituya una comunidad de fe, de esperanza y de caridad. La comunidad cristiana de base es así el primero y fundamental núcleo eclesial, que debe, en su propio nivel, responsabilizarse de la riqueza y expansión de la fe, como también del culto que es su expresión. Ella es, pues, célula inicial de estructuración eclesial, y foco de la evangelización, y actualmente factor primordial de promoción humana y desarrollo.

Elemento capital para la existencia de comunidades cristianas de base son sus líderes y dirigentes. Estos pueden ser sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas o laicos. Es de desear que pertenezcan a la comunidad por ellos animada. La detección y formación de líderes deberán ser objeto preferente de la preocupación de párrocos y obispos, quienes tendrán siempre presente que la madurez espiritual y moral dependen en gran medida de la asunción de responsabilidades en un clima de autonomía.

Los miembros de estas comunidades, «viviendo conforme a la vocación a que han sido llamados, ejerciten las funciones que Dios les ha confiado, sacerdotal, profética y real», y hagan así de su comunidad «un signo de la presencia de Dios en el mundo» (Pastoral de conjunto n. 10 y 11).

Desde antes de terminarse el Concilio, había empezado a soñar en una casa diocesana que sirviera para retiros espirituales y frecuentes reuniones. Pero la falta de medios financieros me hicieron siempre desistir del propósito. Dios iba a salir al paso para dar una respuesta a este anhelo.

1. El Hogar de Santa Cruz

Por caminos desconocidos, el Señor nos llevó hasta darnos una casa, en la cual iba a realizarse una experiencia comunitaria y de la cual iban a salir organizaciones y actividades de tipo comunitario.

a) *Historia de la casa*

Desde años atrás, en la época en que voluntarios belgas colaboraron en los planes de desarrollo de la Diócesis de Riobamba, nació una amistad muy sincera con una familia belga.

Durante la última sesión del Concilio, con ocasión de la suspensión de las sesiones ocasionada por la fiesta de Todos los Santos y la conmemoración de los Difuntos, entre una veintena de obispos latinoamericanos, fui invitado a viajar hasta la comunidad de Taizé, en Francia. En estos días, se realizaba un encuentro de estos obispos con unos 150 estudiantes en Europa, procedentes de diversos países de América Latina.

Apenas recibí esta invitación, escribí a la familia belga amiga, dándoles a conocer la noticia. Me contestaron diciéndome que, por coincidencia, en esos mismos días, todos los miembros de familia se encontrarían en una casa de ejercicios relativamente cercana a Taizé. Se me anticipaba en la carta que, en uno de esos días, el jefe de la familia iría a buscarme para comer juntos.

Así fue. Se presentó al segundo día. Junto con los miembros de esta familia nos esperaba el sacerdote director de la casa. Mientras comíamos, el sacerdote me hizo esta pregunta: «¿Le gustaría contar con una casa como ésta en su Diócesis?». Le contesté que sí y que lo había deseado desde antes. Al despedirme, el mismo sacerdote depositó en mis manos un sobre, en el que estaba escrito: «Para la primera piedra del Hogar de retiros de Riobamba». Al mismo tiempo, me invitó con amable insistencia a volver, terminado el Concilio, para tomar parte en una semana de retiros que ya estaba prevista para esas mismas fechas, desde el 8 de diciembre de 1965.

Inmediatamente después de la solemne clausura del Concilio Vaticano II, realizada en la plaza de San Pedro, tomé el avión hasta Lyon y, al día siguiente, por carretera, llegué hasta La Roche d'Or, en donde estaba el Foyer de Charité al que se me había invitado. Observé entonces cuál era el estilo de retiros espirituales que se hacían. Al final, por insinuación del sacerdote director, se hizo una colecta y se me ofreció una nueva ayuda económica. En estos mismos días, conocí a un sacerdote francés

que practicaba esos ejercicios y que me manifestó su deseo de ser aceptado para trabajar en la Diócesis de Riobamba. Este sacerdote formó parte más tarde de la comunidad del Hogar de Santa Cruz. Es el Padre Ludovic Rebillard.

Durante una temporada, continué recibiendo ayuda económica de esta casa de ejercicios de Francia. Cuando pudimos contar con una suma apreciable y después de algunas consultas para la elección de un lugar adecuado, nos lanzamos a la construcción del edificio. El dinero que hizo falta nos lo proporcionó otra ayuda proveniente de la Arquidiócesis de Munich (Alemania). Más de un año antes de la iniciación de los trabajos, con ocasión de la visita a Riobamba del Padre Callerand, director del Foyer de Charité de La Roche d'Or, realizamos la bendición de la primera piedra, con una celebración de la Palabra impresionante, en la que participaron miembros de las Asambleas Cristianas, religiosas y estudiantes. Los trabajos de construcción duraron un año. Y el 20 de julio de 1968 se inauguró la casa con la realización del llamado «mes de Nazareth» de los sacerdotes que han optado por la espiritualidad de Carlos de Foucauld, provenientes de diversos países latinoamericanos.

b) *Finalidad y espíritu*

Después de haber sido nombrado delegado sustituto ante el Celam, en el año 1960, la Conferencia Episcopal ecuatoriana me nombró su delegado principal. Participé así en las labores del CELAM hasta terminar el tiempo establecido. De inmediato, la presidencia del CELAM me pidió aceptar la presidencia del Departamento de Pastoral de Conjunto que acababa de crearse. Con este encargo se me dio otro: el de organizar un Instituto Itinerante de Pastoral para América Latina, con el objeto de iniciar un trabajo de renovación conciliar al servicio de las Conferencias Episcopales nacionales. El encargo traía consigo grandes dificultades. ¿Cómo organizar, desde la sede de mi

Diócesis, cursos de pastoral en cada uno de los países latinoamericanos? ¿Cómo saber las necesidades pastorales de cada país? ¿Cómo conocer los resultados de un curso realizado en países lejanos? ¿Con qué personal se podía contar para llevar adelante una empresa semejante?

De acuerdo con el presidente del CELAM, don Manuel Larraín, fue elegido como director de este Instituto el Padre Segundo Galilea y él debía ponerse de acuerdo conmigo para la selección de los profesores. Tanto el presidente del CELAM como el recién nombrado Director del Instituto de Pastoral Latinoamericano vieron que era urgente para mí encontrar una secretaria que atendiera la nutrida correspondencia que se preveía iba a producirse. Por este camino, trazado también por Dios, llegaron a Riobamba personas que más tarde tomaron parte activa en el nacimiento de la comunidad y del equipo de Santa Cruz.

Hubo ya participación en la reflexión sobre la finalidad y el espíritu del Hogar de Santa Cruz. La finalidad fue puesta de manifiesto en un pequeño folleto informativo que decía:

EL HOGAR DE LA IGLESIA
DE RIOBAMBA QUIERE:

1.º Nacer para ayudarnos a hacer esta tarea:
—ser un verdadero hogar,
—abierto para todos los hijos de Dios,
—de la Diócesis,
—del país,
—de otros países que nos honran con su visita y amistad.

2.º Ofrecer:
—un lugar retirado,
—en contacto con la naturaleza,
—propicio para el silencio,
—la reflexión,
—el encuentro con Jesucristo y con los hermanos.

Para facilitar este Encuentro y ayudarnos al compromiso, el Hogar organizará:

—retiros,
—encuentros,
—jornadas,
—cursillos,
—convivencias,
—ejercicios espirituales,
—cursos de pastoral,
—de catequesis,
—de liturgia,
—de formación social, etc.

Además, podrán también solicitar sus servicios de hospedaje y atención otras entidades, asociaciones, parroquias o diócesis.

Personal del Hogar:

Lo constituirá un equipo que se responsabilizará de la dirección, administración y acogida.

El equipo estará integrado por:
—el señor Obispo,
—un sacerdote director,
—sacerdotes,
—religiosos,
—religiosas,
—laicos.

Amigos del Hogar:

Serán todas aquellas personas que se interesen por la vida de este Centro.
—Con su oración,
—con su ayuda personal,
—con su ayuda económica,
—con su ayuda moral,
—dándole a conocer,
—informando sobre sus actividades,
—acudiendo a las celebraciones y actos que organice para estrechar lazos de amistad, etc.

En el mismo folleto, aparecieron dos párrafos muy significativos:

«La Iglesia —y Cristo por medio de ella— nos pide hoy la renovación de nuestra manera de ver y de vivir el cristianismo. Este no consiste en una

serie de prácticas religiosas que enganchamos como podemos a nuestras ocupaciones y nuestra vida.

No, el cristianismo, fundamental y esencialmente es haberse encontrado con Jesucristo, conocerle, amarle y comprometerse con El, para realizar con El la obra que le trajo a este mundo: EL REINO DE DIOS».

El espíritu que debía animar a los habitantes de esta casa quedó diseñado en unas hojas multiplicadas a mimeógrafo. En ellas, se insistía de nuevo en la finalidad y se decía que el Hogar debe ser «el lugar en donde se labren las piedras vivas de una Iglesia viva; en donde se forjen los vínculos que, entrabando unas piedras vivas con otras, realicen la unidad de la Iglesia dentro de un gran respeto a la vocación y diversidad de los miembros; en donde encuentren calor, alimento y reposo, necesario para emprender la marcha, los hijos de la familia de Dios que componen la Iglesia de Riobamba».

Como desde un principio se la concebía abierta al servicio de otras Iglesias del país y del extranjero, como también a los hermanos de cualquier confesión cristiana, se anhelaba que «las demás Iglesias, después de haberse relacionado con la Iglesia de Riobamba, en el Hogar y principalmente fuera de él deben llevarse la convicción de haber hecho una experiencia de profunda fraternidad y de enriquecimiento mutuo en la donación de Cristo», ...«y el deseo de multiplicar estos encuentros».

A la comunidad que debía nacer en el Hogar se le asignaba la misión de ser «la forjadora de la Iglesia viva de Riobamba». Para esto, debía convertirse en «una comunidad cristiana en la que la unidad que le es esencial nazca de Cristo, se desenvuelva y se perfeccione en Cristo»; «una comunidad apostólica y misionera, es decir, dinámica en su interior y dinámica hacia fuera».

La organización de esta comunidad estaba concebida de modo que el Obispo sea «el padre del Hogar, por el hecho de que debe ser el padre de la familia diocesana» de modo que pueda «tomar

parte en la realización de ejercicios espirituales, retiros, cursos de pastoral, sobre todo cuando hubiesen sido organizados para sacerdotes, religiosos, religiosas y laicos en conjunto»; de modo que pueda «presidir, en determinadas ocasiones, las celebraciones litúrgicas»; de modo que pueda «realizar una convivencia mensual con la comunidad».

A más del Obispo, padre del Hogar, debía haber un Director, esto es, «un sacerdote apto para ser el padre espiritual inmediato, en representación y por designación del Obispo»; para «responsabilizarse de la dirección general de la casa, de la formación y crecimiento cristiano de la comunidad y de la organización de las actividades del Hogar»; para «distribuir las funciones de los miembros de la comunidad de acuerdo con sus aptitudes». Estas y otras funciones debía cumplirlas «dialogando con la comunidad y después de haber tomado resoluciones de común acuerdo».

Estas hojas fueron distribuídas entre los amigos, con el pedido de que nos hicieran una crítica. Y algunos de ellos nos la hicieron muy franca y hasta dura. Se nos dijo por ejemplo que «sería mejor que el Hogar fuera una casa sencilla, situada en medio de la ciudad, que desconociera la poesía mística del silencio, reposo y soledad. La comunidad del Hogar corre el riesgo de ser una sal acumulada, limpia y blanca, en la bodega. La Iglesia es claramente ella misma no cuando se la puede ver o experimentar en sí, sino cuando se la percibe transformando todas las cosas con que entra en contacto. La comunidad del Hogar de la Iglesia de Riobamba debe estar «en solución» con el mundo».

Se nos dijo también que había «algo de «iluminismo» en la pretensión de que la comunidad del Hogar» llegara a ser «la forjadora de la Iglesia viva de Riobamba»; que «es mucho más fácil «prefabricar» una comunidad tipo que crear una comunidad insertada en el ritmo normal de la vida de los hombres»; «que la Iglesia viva no está presente en el Chimborazo. Entonces, se quiere llenar esta laguna con una comunidad adelantada que encarne aquello que los cristianos no saben hacer».

Se terminaba sugiriendo «que la Iglesia asegure el apoyo de una vida eclesial vivida en comunidades cristianas de base que se ajusten a la «escala humana... e iniciar experiencias por este camino».

c) *Experiencia de vida comunitaria*

Las críticas nos hicieron reflexionar seriamente. Algunas de ellas ya no podían surtir efecto, pues se habían dado pasos que no podían ya ser destruídos. Además, la vida nos iba a enseñar muchas cosas imprevisibles.

Con el funcionamiento de la casa, empezamos la experiencia de vida comunitaria seis personas: dos religiosas, tres seglares y el Obispo. Hubo mucha inseguridad en cuanto a algunas de estas personas. Por sugerencia de una de ellas, quien ha quedado firme hasta ahora, ensayamos un intercambio de experiencias personales de Cristo, pero sin resultados halagadores. Probablemente no había aún la suficiente confianza para este tipo de comunicación, o tampoco había en algunas de ellas una experiencia vivencial de Cristo.

Sin embargo, vimos que era necesario realizar cada mañana una oración comunitaria y la Eucaristía por la tarde. Vimos también la conveniencia de realizar retiros mensuales fuera de la casa.

Para que nos ayudaran al nacimiento de la comunidad invitamos a algunas personas amigas, para las reuniones semanales, en las que se trataban esos asuntos. Desde un principio, constatamos que la estructura de la casa no favorecía el frecuente contacto entre las personas. Esta dificultad ha sido insalvable hasta ahora.

Democráticamente, se hizo la distribución de funciones. En primer lugar, se hizo una lista de necesidades de la casa. Luego, cada persona escogió libremente la actividad a la que se sentía más inclinado dentro de esa lista de necesidades.

El anhelo de iniciar una vida comunitaria profunda constituía y sigue constituyendo un problema sumamente complejo, no sólo por las circunstancias especiales propias de una casa de reuniones,

sino también por la diversidad de caracteres, de formación, de motivaciones, de criterios, de costumbres de las personas invitadas a formar la comunidad.

Personalmente, por necesidad de mis mismas responsabilidades de Obispo de la Diócesis, no podía permanecer en la casa, sino apenas visitarla, tomar parte en algunos actos y particularmente en las reuniones semanales. Me mantuve así hasta ver la posibilidad de que un sacerdote pudiera integrarse en este ensayo. Este sacerdote llegó de España meses después de haber sido inaugurado el Hogar de Santa Cruz. Debo decirlo de una vez, con esta misma misión, pasaron por la casa tres sacerdotes. Al final, me decidí a compartir más de cerca las preocupaciones del personal, en la medida en que me lo permitían mis múltiples actividades de Obispo.

Como este proyecto constituyó, desde antes de su iniciación, un objetivo apasionadamente querido y considerado como una necesaria experiencia para poder llevar adelante toda una pastoral comunitaria que no fuera puramente doctrinal y teórica, fue para mí motivo de muchas reflexiones, de una búsqueda ansiosa, de tensiones y sufrimientos. La experiencia será contada, en este sentido, en las páginas que siguen.

d) *Proceso vivido*

Durante toda mi vida, he experimentado una sensación de soledad, particularmente en determinadas ocasiones, cuando he tenido que enfrentar graves conflictos, cuando he tenido que mantener una postura irreductible.

De esta sensación de soledad he ido pasando lenta y progresivamente a la comprobación alentadora de encontrarme en comunión con muchas personas, aún desconocidas. Por esto, creo en la Comunidad. Actualmente, ya no me siento solo: me siento más bien estrechamente unido, en círculo concéntrico, con un número incontable de cristianos con quienes nos encontramos en sintonía.

Pero, para llegar a este punto, he tenido que saborear muchos sufrimientos.

Entre mis notas, encuentro ésta, por ejemplo:

«Esta noche, delante del Santísimo, he tenido la sensación, nuevamente, de soledad, de esa soledad de la que tengo dicho que es al mismo tiempo mi dolor y mi gozo. Reuniones y conversaciones personales han sido, como siempre, numerosas. Pero, allí mismo, me descubro solo.

Pienso: tengo que amar al Señor apasionadamente, con locura. Y El está allí, a pocos pasos: por consiguiente, no estoy solo. Mientras constato que hay grandes distancias, hasta abismos de separación entre pensamiento y pensamiento, entre aspiraciones y aspiraciones, entre actitudes y actitudes, El me llama, me atrae, me infunde una especie de coraje y una disposición de búsqueda de mayor entrega. «El que quiera ser mi discípulo, que se niegue a sí mismo, que tome su cruz y me siga». Y aquí está el gozo, no aquel que hace reír, sino el que hace tomar la vida tal como es: un drama, una tensión, una lucha. Entendiendo así la vida, entiendo también la soledad que me acompaña. Sin embargo, no soy infiel a los requerimientos de acompañar y de decir una palabra de aliento a otros. Parece absurdo e incomprensible: ¿cómo puedo acompañar si no me siento acompañado?».

He sentido también, en muchas ocasiones, una impresión de inutilidad en el trabajo, de esterilidad y de sequía, en contraste con mis grandes anhelos. Muestra de esta clase de sentimiento está manifestada en las líneas que siguen y que han sido también espigadas en mi cuaderno de notas:

«*Las primeras flores*»...

No pretendo escribir una poesía. Simplemente quiero dejar constancia de que ayer, al abrir la ventana que da al jardincito de la casa, vi que había empezado a florecer el albaricoque. Y saludé el acontecimiento con esas palabras. Y esta mañana he dicho, al verlo más florecido: «Más flores»...

En este albaricoque de la casa, voy viendo reflejarse o simbolizarse mis diversos estados de ánimo durante el año. Cristianamente hablando, veo en el albaricoque el símbolo del misterio pascual que me esfuerzo en vivir.

En el mes de junio, después de haber entregado todos sus frutos, las hojas del árbol comienzan a amarillarse: es su otoño. Luego, se van cayendo las hojas y el árbol se va quedando en varas desnudas y grises.

En ciertas épocas del año, muchos de mis sueños e ilusiones van tomando también un color amarillento: se destiñen, con el consiguiente sufrimiento. Símbolo de la muerte. Es la renuncia no querida, dolorosa, al colorido y belleza con que he vestido mis grandes anhelos de trabajo. Cumplieron con su función y se van, dejando a veces la sensación de la nada, del vacío. Es entonces cuando me pregunto: ¿qué estoy haciendo aquí? Y me invade una subterránea tentación de desaliento, contra la que tengo que reaccionar constantemente, mientras dura esta etapa de muerte.

El albaricoque empieza a pintarse de flores en setiembre y se cuaja de flores en octubre y noviembre. Después, van apareciendo los frutos. Maduran lentamente y son cosechados en los meses siguientes, hasta el mes de mayo.

Así suele suceder también conmigo: vuelven nuevos sueños y nuevas ilusiones. Siento nuevos impulsos. Quizás abandono ciertas actividades de las que me he decepcionado definitivamente. Y entonces se pueblan mi corazón y mi cabeza de proyectos nuevos que me entusiasman. Muchos de estos proyectos caen, como caen tantas flores al ímpetu de los vientos o por la fuerza de las granizadas. Pero, trabajo vigorosamente y sólo Dios puede saber si en el árbol de mi vida encuentra frutos maduros y cosechables.

Misterio pascual. Muerte y resurrección, hasta que llegue la resurrección definitiva. ¿Poesía? Tal vez sí. Pero principalmente vida cristiana que quiere ser auténtica. ¿Flores nuevas en mi existencia de esta época del año? No las advierto todavía. Las espero. Todavía veo en mí las ramas sarmentosas, resecas, grises. Sin embargo, espero: cualquier día de éstos se me escapará un grito del corazón: «Han aparecido flores nuevas».

Pocos días más tarde, escribía:

«Hoy he entregado tres copias del proyecto del plan de evangelización. Entiendo que las explicaciones que he dado a cada uno me han ido caldeando y el fuego se ha ido encendiendo dentro mismo de las cenizas, hasta que ha brotado la llama. Esta ha sido la noche en que he gritado: «Hay flores nuevas en el árbol de mi vida». Pero la comparación ya no me parece exacta.

Me ha venido a la memoria el recuerdo de un artículo que escribí siendo seminarista, en el que condenaba las aguas dormidas y expresaba mi simpatía por el torrente que socava rocas y arrastra pedrones para ir adelante, hasta convertirse en río y desembocar en el mar.

Ha acudido a mi imaginación el río Pastaza y le he visto cómo se retuerce, gime y brama, aprisionado por negros peñascos y cómo se libera pujante para seguir corriendo estrepitosamente, en busca de un más allá, oscuro e incierto, pero que es camino hacia el océano. Así he sufrido en estas últimas semanas. Me he revuelto dentro de mí mismo. Me he sentido aprisionado, casi asfixiado, oprimido, casi derrotado. Hoy, he comenzado a salir del atolladero y siento en mi interior un impulso nuevo y el atractivo vertiginoso del cauce que se me abre y que es la tarea de evangelizar a los pueblos.

Pienso que no es evasión, sino respuesta al llamamiento de Dios el entusiasmo creciente con que estoy tomando la Comisión Nacional de Evangelización y Catequesis. Los hombres me cierran unos cauces. Dios me abre otro, quizá más rico en posibilidades. Correré por él y quedarán atrás los obstáculos que pretendían ahogarme.

«Señor: ¿qué quieres que haga?... ¿qué quieres que hagamos? Así te pregunté esta mañana y te he preguntado en días anteriores. Creo que tengo la respuesta: la comunidad del Hogar, para llenarnos allí del ímpetu de tu Espíritu, y luego desbordarnos proclamando la Buena Nueva y siendo tus instrumentos para sacar a la vida comunidades eclesiales y comunidades cristianas de base, tanto en la Diócesis de Riobamba como en el país entero. ¡Gracias! ¡Gracias!... porque nos habeis escuchado».

Esta sensación de soledad y de aridez ha sido compensada, desde mi juventud, a lo largo de mi vida, por la experiencia de amistades profundas: la que hicimos en el Seminario Mayor de Quito, la que hicimos los sacerdotes del «Cuardilátero», la que hicimos con los diversos grupos particularmente con los muchachos de la «Cardijn» y con los sacerdotes del equipo «Juan XXIII». Para esta etapa de experiencia comunitaria en mi vida, no podía faltar una nueva experiencia de amistad profunda. Mi Vicario General formó parte, en el Seminario, del grupo de amigos. Siguió siéndolo después de ordenados sacerdotes y sigue siéndolo hasta ahora, con una fidelidad a toda prueba. Del grupo «Juan XXIII» me quedaron algunos amigos sacerdotes. El pequeño grupo del Hogar de Santa Cruz tomó la resolución de fomentar la amistad, como clima indispensable para una vida comunitaria, para una pastoral comunitaria. Fruto de mi experiencia existencial de la amistad son estas frases, escritas precisamente en esta etapa de búsqueda de comunión en Cristo y de amistad profunda:

«En una amistad auténtica y profunda, Dios se nos va entregando, como Luz que es, a través del otro... Buscaba esa luz en mis horas de soledad, muchas veces tristes y fatigadas, muchas veces entenebrecidas por el egoísmo propio y ajeno y, por consiguiente, llenas de angustia, de inquietud, de insatisfacciones, de hastíos.

Pero llegan los días en que vemos brillar esa Luz, en el semblante, en el pensamiento, en los criterios, en la actitud, en el comportamiento. Sin

decirlo, sabemos que nos entendemos. La Luz que hay en tí ilumina mi ser. La luz que hay en mí ilumina tu ser. Y así entre todos. Hay existencias que empiezan a caminar iluminándose en silencio, mutuamente. «Esto mismo estaba pensando yo». «Yo actuaría de la misma manera». Cuando decimos estas frases u otras parecidas, es porque hemos llegado a un entendimiento. El diálogo fluye y la confianza mutua va creciendo. La luz que, a través del diálogo, se proyectan mutuamente los amigos y que yo pienso que es una manera de hacerse presente el mismo Dios que se nos entrega como Luz, me parece que tiene estos efectos: primero, a la luz del otro, y mientras más profundamente conozco su persona, también me reconozco a mí mismo en todo lo que tengo de luminoso, conocido por Dios. Esto nos da más seguridad en nosotros mismos. Afirma más nuestra personalidad. Nos abre perspectivas de crecimiento «en humanidad». Segundo, a la luz del otro, voy descubriendo en mi interior, en lo oculto de mi ser, otras fuentes de luminosodad, escondidas como los diamantes en el seno de la roca, fuentes de luminosidad hasta ese momento insospechadas o quizá, inclusive, tenidas por imposibles. Creíamos no sentirnos capaces de esto o de aquello. Pero cuando la luz del otro me alumbra, me asombro de haber tenido ocultas preciosas virtualidades y empiezo a transformarme. Esto nos comunica nuevos impulsos. Nos infunde valentía, audacia que nos van llevando a acciones que antes juzgábamos imposibles y que agigantan nuestro poder de relacionarnos con otros y de acometer empresas para las que antes no nos sentíamos capacitados. Tercero, a la luz del otro, descubro también mis propias tinieblas, también a veces insospechadas, porque nunca hubo una luz que las persiguiera en sus profundidades, en las cuevas en donde habita el egoísmo con sus múltiples y repugnantes ramificaciones. Este descubrimiento es doloroso. Pero trae consigo la bellísima posibilidad de destrucción de las diversas formas de egoísmo y de gradual y creciente reemplazo por una mayor

generosidad, por la abnegación, por la longanimidad, por la entrega de sí mismo.

Al llegar a este punto, sin decirlo, se está hablando de la amistad, porque el amor es entrega de sí mismo. La amistad es un don que Dios nos hace. Es una manera de dársenos Dios mismo.

Dios nos hace el regalo de múltiples dones, porque nos ama. El aire, la luz, el calor, las fuentes, la tierra con todas sus riquezas, las aves, los animales, los peces... son dones del Dios-Amor. La familia en que nacimos, con toda su carga de amor, de ternura, de sencillez, de verdad, de ejemplo, de sacrificio, de elevación, es un don de Dios. El país al que pertenecemos, con todas sus conquistas; la Iglesia, con la Fe, los Sacramentos, la Eucaristía, el heroísmo, el testimonio, sus ministerios, son dones de Dios. El don supremo, insuperable es su Hijo hecho Hombre: Jesucristo, presente en su Iglesia, en su Palabra, en la Asamblea, en cada Sacramento, en la Eucaristía, en sus ministros, en las maravillas de la naturaleza. Pero ese mismo Dios hecho Hombre se entrega cuando discípulos suyos se unen por una amistad profunda y sincera. Me parece que esa promesa de Cristo «si dos o tres se reúnen en mi nombre Yo estoy en medio de ellos» tiene sentido especialísimo en la amistad cristiana. Quiero decir, una vez más, que a través del amigo es Cristo mismo quien nos hace sentir su presencia, es Cristo mismo quien nos hace sentir que nos ama».

Tentación real y grave para un grupo de amigos es encerrarse en sí mismos. Eventualmente, hemos podido caer en este peligro. Inclusive, se nos ha hecho críticas en parte fundadas. Pero hemos hecho el esfuerzo de mantenernos abiertos, siempre que hemos encontrado sinceridad y rectitud de intenciones. El mismo hecho de haber trabado amistad con miras a realizar una pastoral comunitaria nos ha salvado de convertirnos en ghetto. Anhelo del discípulo de Cristo debe ser llevar al mayor número posible de hombres la experiencia de la Buena Nueva que está viviendo. Vuelvo a mis notas para copiar una reflexión en este sentido:

«Conviene que El crezca y que yo disminuya». Estas palabras del Bautista acuden a mi mente. El debe crecer en mí. Para que El crezca en mí, es necesario que yo vaya disminuyendo, que yo vaya desapareciendo. Mis pensamientos, mis criterios, mi egoísmo, mis apegos, mi comodidad: todo esto debe ir dejando el espacio libre para que me invadan los pensamientos, los criterios y el amor de Cristo. Que El crezca y que yo disminuya.

Si este mismo trabajo se realiza en los amigos, éstos podrán aspirar a decir: «Vivimos nosotros, pero no somos nosotros quienes vivimos, sino que es Cristo quien vive en nosotros».

Y si así vamos muriendo para que El crezca, no serán sólo los amigos unificados en Cristo, sino que irán haciéndose muchos, porque El irá creciendo en muchos, también en la medida en que nosotros vayamos muriendo a nosotros mismos, para que El crezca y se vaya haciendo la comunidad de los creyentes».

Copio también estas otras notas:

«Así pues, ya no sois extranjeros ni meros residentes, sino que compartís la ciudadanía del pueblo santo y sois de la familia de Dios, edificados sobre el cimiento de los apóstoles y profetas, siendo la piedra angular Cristo Jesús, en el cual toda construcción bien ajustada crece hasta formar un templo santo en el Señor; en el cual también vosotros sois edificados juntamente, hasta formar el edificio de Dios en el Espíritu» (Ef. 2, 19-22).

Será atrevido pensar que lo que queremos realizar está descrito en este texto.

Queremos que Cristo Jesús sea la piedra angular.

Pretendemos ser el cimiento, piedras ajustadas a la piedra angular, Cristo.

Aspiramos a construir, ajustando otras y otras piedras, el templo santo, el edificio de Dios en el Espíritu.

En la práctica, esto significa un esfuerzo constante por vivir en Cristo y por hacer vivir en Cristo.

¿Tenemos la voluntad firmemente orientada hacia este objetivo? ¿Avanza la construcción en relación con nuestros hermanos? ¿Viven ellos el

mismo objetivo? ¿Estamos resueltos a luchar contra toda clase de dificultades, ellos y nosotros, para llevar adelante el propósito?

El proceso vivido viene a resultar así, en primer lugar, como un descubrimiento del propio yo, marcado por grandes anhelos y al mismo tiempo por un sentimiento de soledad, de impotencia y de esterilidad. En segundo lugar, el descubrimiento gradual y cada vez más profundo del Tú que es Dios y que se nos revela en Jesucristo, ese Tú que es Luz, que es Amor, que es Fortaleza. En tercer lugar, el descubrimiento del tú humano, a través del cual también se revela la presencia de ese mismo Jesucristo Hijo de Dios, para formar el «nosotros», un «nosotros» cristiano, un comienzo de la comunidad cristiana. En cuarto lugar este pequeño «nosotros» que se abre a una búsqueda ansiosa de otros, de ellos, para el anuncio de la Buena Nueva experimentada ya y vivida hasta cierto punto.

e) *Teología existencial*

Todo cuanto he dejado escrito o transcrito en las últimas páginas puede justificar la crítica que se nos hizo de «iluminismo». También muchos sacerdotes me han criticado diciéndome que era idealista y que fácilmente caía en el ilusionismo.

Pienso que hay este peligro. Pienso también que la vocación a la que nos llama el Señor es tan misteriosa, tan alta, tan profunda, que reflexionar para adivinar algo de los designios de Dios sobre nosotros constituye una obligación de nuestra parte. Pienso que, de otra manera, fácilmente podemos caer en un pragmatismo mezquino y repugnante, totalmente opuesto a esos designios de Dios tan amorosos y desconcertantes.

Se ha concebido la Teología como una ciencia. Está bien. Que la Teología sea una ciencia. Gracias a la Teología elaborada como una ciencia podemos estudiar a Dios y decir que adquirimos muchos conocimientos acerca de El. Conocimientos estructurados. Sistemáticos. Hasta profundos. Muchas

veces complicados. Pero si la Teología se reduce a esto no contribuye mayormente a un cambio de la vida del hombre. Para que el hombre cambie, es necesario vivir la Teología. En otras palabras, es necesario vivir el Evangelio. Es necesario experimentar a Cristo. Es necesario experimentar a Dios, a través de Cristo. Es necesario experimentar esta vivencia entre varios, entre los discípulos de Cristo, en el seno de lo que llamamos Iglesia en su sentido más concreto.

Ensayos de esta Teología existencial encuentro en muchas de mis notas. Los iré mostrando en la medida en que vaya avanzando esta confesión de mi credo en la comunidad cristiana. Oportunamente, inclusive, daré a conocer muestras de reflexión conjunta con el pueblo. El pueblo nos ha enseñado mucha teología vivencial.

Entre las notas correspondientes al año 1969, encuentro lo siguiente:

«Reflexionando en estos días, he alcanzado a ver que, conjugando el verbo amar de manera existencial y profunda, es cómo se va realizando la comunidad, la Comunidad-Iglesia que Dios quiere. Y he alcanzado a ver también cómo puede deteriorarse el designio comunitario de Dios, conjugando el mismo verbo amar, pero de otro modo.

En la conjugación de un verbo, explícita o tácitamente, entran todos los pronombres personales: yo-tú-él-nosotros-vosotros-ellos.

Es necesario valorar el contenido profundo de esa simple designación gramatical «pronombres personales»: yo, tú, él... están en lugar de auténticas personas.

Mirando retrospectivamente mi vida, descubro dos acontecimientos prolongados y crecientes a lo largo de mis años, a) en forma cada vez más creciente, se va afirmando mi propio yo; b) desde fuera de mí aparece un Yo que se me acerca cada vez más y que se dibuja también cada vez más con mayor claridad y que se va haciendo cada vez más íntimo: es el Yo de Cristo, el Tú para mí. Ese Cristo conjuga el verbo amar y me dice yo

te amo. A mi vez, voy haciéndome cada vez más capaz de decir a ese Tú «yo te amo».

Señalo, a grandes líneas, hechos constatatorios del primer acontecimiento. Dios me dio un padre que me educó en y para la libertad y, por lo mismo, para ser persona. La crisis de repugnancia terrible, frente al sacerdocio, que experimenté antes de ingresar en el Seminario Mayor, constituyó una prueba al ejercicio de mi libertad. La absoluta seguridad de que debía y podía actuar libremente y decidir por mí mismo, en que me colocó mi padre, hasta la víspera de mi compromiso decisivo en la recepción del diaconado, me hizo plenamente responsable de los pasos que dí antes de la ordenación sacerdotal y de los que seguí dando posteriormente. A través de muchas circunstancias y de conflictivas situaciones, me veo como un hombre de una independencia hasta desafiante y, sin embargo, profundamente comprometido. He sido capaz de enfrentarme solo a masas populares y de decir «no» a obispos reunidos, como a insinuaciones de compañeros y a atractivos superficiales. Así, la soledad ha sido para mí, al mismo tiempo, un dolor y un gozo: un dolor, por todo lo que significa de separación y aislamiento; un gozo, por todo lo que significa de fidelidad a todo lo que he creído ser verdadero, justo y bueno. La soledad ha sido también para mí un refugio, en donde me he encontrado a mí mismo, pobre y desvalido, y es dónde he encontrado a Dios, mi fortaleza. De ahí he sacado la paz, la serenidad, la alegría interior, el dominio de mí mismo.

Señalo también a grandes líneas otros hechos constatatorios del descubrimiento de Dios y de su Cristo. Sosteniéndome en sus brazos, mi madre me muestra el cielo estrellado y una luna grande y me dice: «Eso lo ha hecho Dios. El es muy bueno y te ama». Mi primera participación en la Misa del Niño, en Navidad; mi primera comunión acompañada de la invitación a ir al Seminario; el catecismo parroquial y la escuela laica; el ingreso en el Seminario Menor; las tinieblas, seguidas de una gran claridad, en la época de mi decisión de opción por

el sacerdocio; la revelación de que Cristo se me muestra, ante el asombro de todo mi ser, día tras día, en la oración, aun en épocas de duras pruebas, durante mi estancia en el Seminario; la continuación de esa misma revelación de Cristo, con claridad cada vez más intensa, de nuevo a través de dolorosas pruebas, durante los años del ejercicio del ministerio sacerdotal y durante los años del ejercicio del episcopado..., constituyen constataciones de ese acontecimiento permanente que es el encuentro con el Tú, mi Salvador y mi Fuerza.

A lo largo de estas vivencias, Cristo me ha venido diciendo: «Yo te amo». A lo largo de esas mismas vivencias, Cristo me ha ido enseñando a responderle: «yo te amo».

Pero el progreso de relaciones amistosas entre Cristo y yo no se ha detenido aquí. Por El, descubrí al Padre y descubrí al Espíritu Santo, no como meros conceptos, sino como Ser, como Vida, como Amor. «Felipe, quien me ve a mí, ve a mi Padre que está en los cielos». «Si alguno me ama, mi Padre y yo vendremos a él y estableceremos en él nuestra morada». «Padre, que sean uno como Tú y Yo somos uno».

«Por Cristo, con El y en El, a Tí Dios Padre omnipotente, en unidad del Espíritu Santo, todo honor y toda gloria». Esta doxología consta en mi escudo, no como una frase sin trascendencia, sino como lema de mi vida. La repito diariamente, no sólo en la misa, sino en varios momentos del día. Me siento introducido en la Trinidad. Me parece adivinar su felicidad. Me estremezco cuando pienso que a esa su felicidad me llama. Cuando viajo, me gusta guardar silencio y contemplar la belleza del mundo, en el que veo reflejado el poder del Padre, la elocuencia luminosa y multicolor (inflexiones de voz) del Hijo, y la música amorosa o arrebatadora del Espíritu, en el aire y en el viento.

La Trinidad beatísima me dice: «Te amamos», con aquellas palabras del Génesis: «Hagamos al hombre a nuestra imagen y semejanza». Y me invita a responderle: «Os amo, Dios Trino y Uno».

Pero, en esos mismos momentos, siento la necesidad de poder decir: «Os amamos», en primera persona de plural, de la misma manera como ha hablado Dios para hacer al hombre: «Hagamos».

¿Con quién o con quiénes debo conjugar el verbo amar en primera persona de plural, para responder al amor del Dios trino y uno, uno y trino? Yo escogí libremente el celibato y de ello no me he arrepentido nunca. Vuelvo a decirlo: la soledad ha sido para mí un dolor y un gozo. Me impresionó profundamente una pintura de Mideros titulada «El solitario»: una montaña escarpada; en la cumbre, la Palabra de Dios; desde el pie de la montaña, un sendero tortuoso y empinado en dirección a la cumbre, abierto por entre duras rocas y bordeando inmensos abismos... Subiendo por ese sendero, la silueta de un hombre solo, y, al parecer, perdido entre las abruptuosidades de la montaña. No fue impresión de miedo lo que sentí, sino de misterioso atractivo. Algo inexplicable, algo así como la seguridad escondida de que, a pesar de todo, no caminaba o no caminaría solo: no caminaba solo, porque en la cima estaba la Palabra de Dios. No caminaría solo, porque alguien podría alguna vez arriesgarse por ese mismo sendero.

Aparentemente, no he dado muestras de tener fácil vocación comunitaria. La pérdida de tiempo, la superficialidad, la pura cortesía vividora, la amistad voluble, calculadora y complaciente..., me disgustan y me hacen daño. Me muevo, actúo, puedo llegar hasta el sacrificio, cuando encuentro que lo que hago tiene un sentido, un sentido trascendente. Las acciones pueden ser muy humildes en sí mismas y tener, sin embargo, un sentido de trascendencia. En el fondo, me parece ver claramente que tengo una auténtica y profunda vocación comunitaria: aspiración a ser uno como el Padre y el Hijo y el Espíritu Santo son uno, o con más precisión, como el Padre y el Hijo son uno en el Espíritu.

De la visión de la comunidad trinitaria, dirijo ahora mi reflexión hacia la comunidad en la tierra. Pero antes, siento la necesidad de expresar que, en

todo este proceso descrito, no hay mérito alguno de mi parte: es la demostración de la pura e infinita bondad de Dios. Y, por esta razón, hago mío el cántico de la Virgen María: «Proclama mi alma la grandeza del Señor y exulta de gozo en Dios mi Salvador: porque ha mirado la pequeñez de su esclava».

Con emoción indescriptible, veo ahora que ese mismo Señor preparó largamente y por caminos desconocidos, personas con quienes era posible establecer y cultivar una amistad profunda, en función de otros. Dios quiere enseñarnos el camino de la realización comunitaria, el camino de la promoción de comunidades eclesiales en esta era de la comunidad, para que, unidos a Jesús, podamos decir al Padre: «Te amamos».

f) *Dificultades*

Poniendo yo pie en tierra, la formación de la comunidad cristiana trae consigo múltiples y serias dificultades. De mi propia formación desde joven, me quedó para siempre el principio y la actitud de realizar todos los esfuerzos posibles para encarnar en la realidad lo que había ideado, lo que había embellecido con la imaginación, lo que había idealizado con la mente y el corazón. Suele suceder de ordinario que pensamos y elaboramos bellísimas aspiraciones. Pero luego, en la hora de ponerlas en práctica, nos desalentamos y nos paralizamos. Quedan así teorías escritas muy bellas, pero no vividas. De la época de nuestro fervor jocista, me quedaron en la memoria como estimulantes esos pensamientos de José Cardjin: Joven es quien tiene una cabeza que calcula y un corazón que no calcula. Es necesario mantener los ojos en el cielo, pero también firmes los pies en la tierra. Siempre he tratado de ser consecuente con lo que pienso, con lo que digo, aunque tenga que vencer graves dificultades.

En la realización del propósito de transformar la estructura misma de la Iglesia de Riobamba en vivencia comunitaria, empezando por hacer una

experiencia en el Hogar de Santa Cruz, fui encontrando dificultades de toda clase, grandes y pequeñas, externas e internas.

Oportunamente me referiré a los graves conflictos que he tenido que enfrentar y que han sido ocasión de experimentar el caudal de reconfortamiento y de esperanza de la vida comunitaria. Por lo pronto, quiero referirme por lo menos a algunas de las dificultades que he encontrado y que hemos encontrado en la realización del proceso. He aquí algunas notas que descubren esa preocupación y esas dificultades:

«Quiero limitarme en estas notas al problema del Hogar de la Iglesia de Riobamba y a sus implicaciones. Veo la necesidad de enfocar, en otras notas, el problema más complejo de la Diócesis y de mis responsabilidades en otros ámbitos.

En cuanto al problema del Hogar de la Iglesia de Riobamba, quiero hacer un análisis de la situación y luego llegar a una síntesis, a un equilibrio, Lo mismo habrá que hacer con el otro problema.

La casa de Santa Cruz, con todas sus proyecciones, es el fruto de muchos sueños y esfuerzos. La hemos considerado como la base para una acción eclesial de profundo y largo alcance».

En las notas siguientes, encuentro que he realizado un análisis de la situación, tanto desde el punto de vista exterior, como desde el punto de vista interno, con una visión más bien psicológica de las personas, con el deseo de descubrir en ellas sus valores y sus defectos. No me creo en el derecho de dar a conocer esos análisis.

Después de este análisis, he dejado escrito lo siguiente:

«Me planteo el problema: ¿es posible en verdad promover una comunidad de valores? ¿Han de ser terreno propicio solo las comunidades naturales? Creo en la factibilidad de una comunidad de valores. Pero debo tener presente que es muy difícil. Que es necesario ir muriendo con Cristo. Que, para esto, es necesario adherirse más y más a Cristo. Creo que es necesario aceptar conscientemente un mismo objetivo y querer alcanzarlo a todo trance.

Si cada uno sólo busca su propia realización, no existe un mismo objetivo y hay el peligro de buscarse sólo a sí mismo. Esto no quiere decir que no se deba respetar la personalidad de cada cual y su propio carisma, sino que se debe poner al servicio común lo que cada uno es y tiene con todas sus limitaciones».

Partiendo de ese mismo análisis psicológico de las personas, he continuado más tarde con estos pensamientos:

«En base de la comunión en Cristo, de la confianza y de las afinidades, podemos construírnos mutuamente equilibrando: la paciencia con la impaciencia, el acicate con la calma, la tendencia a la evasión y al desaliento con la constancia y el espíritu de lucha, la visión inmediata con la visión futurista, la aspiración extensiva con la aspiración intensiva, la rapidez con la lentitud, la preferencia por una clase social con la apertura a todas, la dificultad para el diálogo con los logros ya alcanzados, la sensación de incapacidad con el optimismo razonado».

Después de reuniones de reflexión, en particular y en conjunto y después de haber dejado que el tiempo haga también su obra, la situación de dificultad en las relaciones interpersonales sufrió algunos cambios:

«Desde hace unos dos meses, ha habido un apaciguamiento, una «convivencia pacífica», una mutua «tolerancia». Exteriormente, las relaciones han sido más o menos normales. Pero, en el fondo, la tensión permanece. En todo caso, se ha producido un caminar, aunque a cierta distancia, por lo menos por caminos paralelos. Es algo. Pero del todo insuficiente para alcañzar el objetivo comunitario.

A esta altura, se ve la necesidad de hacer esfuerzos para que los caminos algo distantes y paralelos empiecen a buscarse: deponiendo unos y otros las actitudes que provocan choques, realizando un auténtico diálogo, orando fervorosamente. Me parece que en todo caso, la situación es evangelizable».

Y, después de nuevas reflexiones y pasado otro tiempo, releyendo mis notas, encuentro que los

esfuerzos realizados tienen altibajos. Una comunidad no se realiza fácilmente. Viviendo todo esto, he comprendido la afirmación de teólogos modernos, en el sentido de que la Iglesia no está hecha, sino en un quehacer contínuo, tiene que edificarse permanentemente: nunca está acabada.

«Se han superado muchas cosas penosas y es visible una convivencia gozosa. Me parece que esta convivencia es algo más que una simple tolerancia mutua y que hay esfuerzos positivos de búsqueda de entendimiento. Pero, dentro mismo de todo este logro positivo, puede estar germinando una semilla peligrosa. Se me ocurre llamarla «contentismo». El «contentismo» es una actitud de contentamiento colectivo, de descanso, de alegría en el goce del descanso. El descanso quiere decir quietud. La quietud puede degenerar en ociosidad, en miedo a la aventura y al riesgo. Me viene a la memoria lo que suele suceder cuando se asciende a una montaña: coronada una alta colina, después de fatigosos esfuerzos, los ascensionistas se tienden a descansar en el suelo. Surgen las bromas y las risas. Se siente agradable el descanso y el ambiente de compañerismo. Pero luego cuesta mucho levantarse y renovar el esfuerzo, vencer nuevas fatigas y continuar la aventura. En la marcha de una comunidad, el «contentismo» puede ser fatal, por equivaler a aflojamiento. ¡Cuantos grupos se quedan enanos por este motivo! En horas semejantes, es cuando siento la impaciencia.

En conclusión: debemos dedicarnos a reflexionar con el Evangelio por delante, para descubrir y amar el ideal y proseguirlo, con fe, con entusiasmo, arriesgadamente.

g) *Resultados*

Entre altibajos, entre tensiones, entre faltas de entendimiento y sinceras búsquedas, el espíritu comunitario fue naciendo insensiblemente. Nos lo iban diciendo personas y grupos que se ponían en contacto con nosotros, sea a través de visitas, sea a través de encuentros y convivencias en el Hogar de Santa Cruz. Nosotros mismos lo íbamos comprobando. También yo a lo largo de mis reflexiones escritas.

Echando una mirada retrospectiva, vemos, comunitariamente, que los resultados conseguidos exceden los medios de que nos hemos servido. Constatamos que la ciencia de los hombres es incapaz de lograr ese algo tan indefinible que es el espíritu comunitario. Comprobamos con toda claridad que hay un Alguien que actúa, a pesar de nuestras limitaciones, a pesar de nuestros defectos, de nuestro egoísmo, de nuestros recelos mutuos, de nuestras rivalidades secretas, de nuestras pequeñas maniobras. Por esto, lo que voy a decir a continuación, transcribiendo pensamientos ajenos y observaciones propias, es atribuible únicamente al Señor que nos ama.

—Me ha hecho gran impresión el calor humano que aquí hemos encontrado. Y no sólo nosotros, sino cualquiera que llega.

—He visto realizarse aquí lo que debe ser la Iglesia de hoy.

—Aquí he tenido el primer encuentro con Cristo de mi vida.

—No sólo nos han dado la teoría sino la vida de una comunidad cristiana.

Expresiones como éstas han sido manifestadas con frecuencia, al hacer la evaluación de encuentros comunitarios con grupos que han estado en la casa, durante cuatro o cinco días. Han pasado también por la casa seglares, religiosas, sacerdotes y, después de haber permanecido uno o más meses, han escrito cartas desde sus lugares de trabajo, muchos de ellos en el extranjero, en las que manifiestan con mayor amplitud los sentimientos que despertaron en ellos los días de convivencia con la comunidad de Santa Cruz.

Para no abundar en citas, copio únicamente estos dos párrafos de una comunicación:

«Es el gran «sueño», el anhelo de edificar la Iglesia viva de Riobamba, «signo de equipo, de comunidad cristiana, para todos los hombres». Es el anhelo de llegar a ser lo que debemos ser.

Es un desafío más a la inercia de los «instalados» en la tranquilidad de una «Iglesia establecida»; y, por eso mismo, es un acto de fe integral en el Señor Resucitado, que nunca deja de suscitar en su Cuerpo Místico los carismas necesarios para proseguir su autoedificación en el «aquí» y en el «hoy» de la historia de la salvación que continúa».

Hubo una persona que nos dijo: «He estado indagando cuál es el secreto de esta casa...?». A propósito de esto tengo escrito: «¿Podemos ser el secreto de la casa, en la medida en que Cristo viva en nosotros, en la medida en que reflejemos a Cristo, con sencillez, en nuestras palabras, en nuestras actitudes, en nuestras relaciones con el prójimo, a través de las reuniones, de las comidas, de los recreos, de la liturgia».

Personalmente, he recibido muchísimo de la experiencia comunitaria. En frase de una persona amiga que me conoció cuando trabajé en mi diócesis de origen, la vida comunitaria me ha humanizado. Y, desde el punto de vista de experiencia liberadora de Cristo, éstas han sido mis constataciones:

«El gran acontecimiento es Cristo que viene. Vivirlo cada día. Tomar conciencia de que Cristo viene hoy, a hablarme, a fundirse conmigo con la Eucaristía, a salvarme, a reunirme por medio de El con el Padre y con los hermanos en el Espíritu Santo. Irradiar la felicidad que produce este acontecimiento.

Cristo viene, me salva, me convoca. ¿Tienen validez concreta estas palabras? Es decir, ¿se realizan en mi vida? ¿Puedo de alguna manera experimentarlo y comprobarlo?

Me hago estas preguntas por dos temores: temor de que sean palabras sin sentido; temor de que produzcan apenas un entusiasmo frágil y transitorio.

Pero yo creo que Cristo viene, no sólo porque así me dicen los teólogos, sino porque en realidad se hace presente en mi vida: me habla, ilumina los secretos de mi ser, me ama... Y entonces veo: mis fealdades y mezquindades, pero al mismo tiempo también el inmenso amor con que El viene.

Yo creo que Cristo me salva, porque me saca concretamente de la maraña de mi egoísmo: a más de hacerme ver, me ayuda a salir, a triunfar, a liberarme, a restaurar la paz y la alegría.

Yo creo que Cristo me convoca a reunirme, porque me lleva, liberado de ciertas ataduras egoístas, a mirar con simpatía y comprensión a mis hermanos, a experimentar un sincero amor hacia ellos, a buscar su felicidad y no la mía, aunque en esto mismo me sienta gozoso. En una palabra, me lleva a los demás como transportador de El mismo».

Pensando en el pequeño grupo de hermanos con quienes iniciamos esta experiencia de vida comunitaria, escribí también comprobaciones como éstas:

«Desde el momento en que hemos empezado a esforzarnos por amar de verdad a Cristo y al prójimo, hemos empezado también a ser más humildes a imitación de Cristo: «se anonadó a sí mismo»; a ser más obedientes a la voluntad del Padre, como Cristo «se hizo obediente»: «he aquí que vengo a hacer tu voluntad»; a ser más abnegados, como Cristo: «se hizo obediente hasta la muerte y muerte de cruz»; a ser eficaces evangélicamente, como Cristo: «cuando sea exaltado (en la cruz), atraeré todo hacia mí».

2. Pastoral comunitaria

a) *Nuestro objetivo*

Era muy claro y concreto. Pretendíamos el nacimiento y crecimiento de una Iglesia comunitaria. Pero, si teníamos claro y concreto el objetivo, no se nos presentaba claro el camino que debíamos seguir, sino todo lo contrario: el camino no estaba hecho. Teníamos que abrirlo, con los consiguientes riesgos y posibles fracasos.

Garantizados por la experiencia que llevamos hecha, creo conveniente decir aquí que la razón por la cual, de un modo general, no se lleva a la práctica la renovación tan fuertemente sugerida

por el Concilio Vaticano II y por la Conferencia Episcopal de Medellín, es el miedo que produce esta ignorancia lógica de los caminos que hay que ir descubriendo. Nosotros hemos experimentado ese miedo, la empresa de un cambio en la imagen y en el ser mismo de la Iglesia se constituye en una verdadera aventura. Los hombres necesitamos de un mínimum de seguridad cuando menos. Tenemos que comprender esto, antes que criticar y juzgar peyorativamente esa tendencia de la Iglesia, en algunas partes, a establecerse, a seguir caminos trillados, a retroceder a terrenos conocidos.

Con toda sinceridad, puedo decir que nosotros resolvimos correr la aventura conscientes sin embargo de las dificultades, de la obscuridad, de la complejidad de los riesgos.

En páginas siguientes, volveré a tratar de este momento decisivo, cuando hable del nacimiento del llamado después «Equipo de Santa Cruz». Debo señalar, sin embargo, que los primeros pasos hacia una pastoral comunitaria fueron pensados y ensayados en equipo, constituido por un número muy limitado de personas. Nos propusimos organizar encuentros de pastoral comunitaria: para párrocos, para educadores, para asesores de movimientos apostólicos, para dirigentes y militantes laicos.

En el primer año, pudieron realizarse dos encuentros con párrocos, dos con educadores, uno con asesores y uno con misioneras. Es interesante explicar por qué y cómo se realizó este encuentro con misioneras. No estuvo programado. Enviamos invitaciones para el encuentro programado con dirigentes y militantes laicos. Pero no hubo correspondencia, es decir, no vino nadie perteneciente a grupos de apostolado seglar. Se hicieron presentes, sin haber sido invitadas, en esas mismas fechas, religiosas misioneras provenientes de los lugares más apartados del país. Entonces, tuvimos que cambiar totalmente el proceso del encuentro.

A los encuentros de párrocos concurrieron sacerdotes de Quito, de Latacunga, de Ambato, de Guaranda, de Azoguez, de Cuenca, de Guayaquil,

de Babahoyo, de Riobamba. A los encuentros de educadores concurrieron Hermanos de las Escuelas Cristianas, Religiosas, sacerdotes de Quito, de Ambato, de Guaranda, de Guayaquil, de Riobamba. En el encuentro de asesores participaron sacerdotes de Latacunga, de Ambato, de Azoguez, de Cuenca, de Guayaquil, de Riobamba. Y en el encuentro de pastoral comunitaria misionera estuvieron fundamentalmente presentes religiosas misioneras en la selva oriental, en las islas Galápagos, en Santo Domingo de los Colorados, en Guaranda, en Riobamba.

Cada encuentro tuvo características propias, muy originales, de acuerdo a la problemática específica de cada campo de trabajo, de acuerdo a la mentalidad de los participantes, de acuerdo a su mayor o menor grado de compromiso. Hubo momentos —de ordinario al segundo día— de perplejidad, de angustia, de atormentadora búsqueda de respuesta que obligaba a una reflexión profunda. El encuentro más interesante y dinámico fue el de asesores, sin duda porque se trataba de sacerdotes o de otras personas que traían una gran experiencia de asesoramiento de grupos.

Todos los encuentros fueron sumamente enriquecedores. Todos dejaron, por lo menos en una mayoría de los participantes, luz, inquietud, deseo de cambio de actitudes, inicio de compromisos con tareas comunitarias concretas.

b) *Método*

Uno de los puntos obscuros era el método que debíamos seguir en este tipo de reuniones. Pensábamos, y ahora vemos que teníamos razón, que debíamos abandonar el clásico método de conferencias magistrales. Pensábamos asimismo que debíamos rechazar el método de empezar sentando principios para luego tratar de aplicarlos a la realidad de la vida. Pensábamos también que ya no debíamos seguir usando el método llamado de autoridad, o sea, el de imponer una doctrina a base de citas de autores famosos. En esa época,

habíamos conocido libros y artículos de Paulo Freire y algunos sacerdotes, inclusive, habían seguido cursos en Chile, con la participación del mismo Paulo Freire.

Resolvimos, pues, ensayar un método de trabajo que conjugara el método de la JOC: VER, JUZGAR, ACTUAR; el de Paulo Freire: sicosocial y dialógico; el del Evangelio; «escuchar la Palabra de Dios y ponerla en práctica».

Antes de explicar cómo tratamos de llevar a la práctica esta conjugación en uno de diversos métodos, es necesario añadir que nos propusimos crear un ambiente comunitario para todos los momentos y actividades de los días de cada encuentro. Por consiguiente, debía haber una participación de los concurrentes en la actividades humildes de la casa, tales como el servicio en la mesa, la limpieza de la vajilla, el aseo de sus cuartos... Con el mismo propósito, preveíamos la organización de juegos, para las horas de recreación, que tuvieran un sentido comunitario y una participación comunitaria. También estaban previstos trabajos relacionados con la siembra de árboles y con la ornamentación de la casa. Le dimos una importancia muy grande, y le seguimos dando, a la celebración de la Eucaristía, siguiendo aquello del Concilio: «... ninguna comunidad cristiana se edifica si no tiene su raíz y quicio en la celebración de la santísima Eucaristía, por la que debe, consiguientemente, comenzarse toda educación en el espíritu de comunidad» (P. O. n.º 6).

Volviendo al método, luego de una presentación personal, empezábamos haciendo preguntas sencillas encaminadas a descubrir el grado de percepción de la realidad que habían alcanzado los participantes. Ya en este primer paso se daba una complementación enriquecedora como percepción de la realidad. Pero no nos hemos contentado con este simple ver exterior y superficial, sino que nos hemos esforzado, mediante nuevas preguntas que seguían provocando el diálogo, por alcanzar un ver más en profundidad. ¿Cuáles son las causas que han producido esta realidad concreta? ¿Cuáles

son las causas que continúan manteniendo y consolidando esa misma realidad? ¿Cuáles son los aspectos negativos y cuáles los positivos? ¿Cuáles serían los posibles consecuencias, en caso de mantenerse esa realidad?

Después de una primera etapa consagrada a ver en profundidad la realidad descubierta, hemos dado gran importancia a la reflexión, a la reflexión teológica. Hemos averiguado cuáles son los planes de Dios en relación con el hombre. Para esto, hemos acudido a la Biblia y a los documentos oficiales de la Iglesia, tales como los del Concilio Vaticano II, la Conferencia de Medellín, las encíclicas de los Papas. Hemos tratado de alcanzar la mayor claridad posible sobre los designios de Dios. La comparación, mediante nuevas preguntas y problematizaciones, entre la realidad descubierta, sobre todo en sus aspectos negativos, y los designios de Dios, han provocado crisis, angustias, inquietudes hondas. Muchos de los participantes han perdido el sueño, en fuerza de esa crisis provocada por la reflexión entendida como comparación entre la triste realidad humana y los amorosos designios divinos. Así hemos ido descubriendo gradualmente la dimensión social del pecado. Dimensión monstrusa y aplastante. Así hemos ido descubriendo la estructuración terrible del pecado en el mundo. Así hemos llegado a ver cómo, en nuestros países, en la época en que estamos viviendo, es el capitalismo la estructuración de la «situación de pecado» de que habla Medellín. Y hemos llegado a descubrir también que otros sistemas, actuales o antiguos, fundamentalmente son y han sido estructuración ideológica y social de esa dimensión del pecado.

La crisis ha provocado preguntas, casi desesperadas, en los mismos participantes. ¿Qué podemos hacer? ¿Qué tenemos que hacer? ¿Cómo cambiar esta situación? ¿Somos capaces de enfrentarnos con esperanza a una situación semejante? ¿Qué está haciendo la Iglesia? ¿Qué hemos estado haciendo nosotros? Toda esta serie de preguntas, nacidas en este caso de los mismos participantes, preparaban el ánimo para una búsqueda ansiosa de

respuesta y de compromiso. Dos tendencias se fueron perfilando: una que se inclinaba más por la adopción de ideologías políticas, de métodos violentos, y otra que depositaba su confianza en la fuerza de la Palabra de Dios y en el mandamiento del amor que evita toda medida atentatoria contra la dignidad y la integridad de la persona humana. Haciendo siempre uso del diálogo, abierto y sincero, hemos ido confrontando estas dos tendencias y hemos alcanzado la definición y adopción de una línea para la Iglesia de Riobamba, línea que quiere ser de absoluta fidelidad al Evangelio, libre de compromisos con ideologías y partidos políticos, pero enteramente abierta a compromisos con el Cristo total, con la misión salvadora y liberadora del Hijo de Dios hecho hombre, misión salvadora y liberadora de esa situación monstruosa de pecado.

En los encuentros, no era posible llegar a compromisos controlables o evaluables, porque los participantes venían de diversos lugares del país y se hacía imposible el seguimiento de cada grupo o de cada persona. A este nivel, nos hemos contentado con proyecciones de trabajo, dejando a cada grupo o a cada persona la responsabilidad del cumplimiento de su compromiso. En cambio, en los encuentros realizados a nivel diocesano, poco a poco, hemos ido encontrando formas de seguimiento, como aparecerá de la relación que se hará más adelante.

Con haber sido un método que se ha inspirado, como queda dicho, en diversas fuentes, los mismos participantes empezaron a llamarlo «método de Santa Cruz».

Debo añadir, en primer lugar, que en el trabajo diocesano, nos hemos esforzado con la mayor fidelidad posible por vivir en un ritmo constante de acción y reflexión. La fidelidad a este ritmo nos ha ido abriendo más y más a los cuestionamientos que los conflictos y los hechos nos iban presentando. Creo que, por esto, hemos llegado a adquirir una actitud de constante disposición a comprender e interpretar acontecimientos y a dar siempre pasos hacia adelante. En segundo lugar, sin olvidar otras

razones que han pesado mucho en nuestra actitud, esta misma escucha a las personas, el contacto permanente con la realidad, la aceptación de cuestionamientos, nos han llevado a descubrir que la opción por los pobres es opción auténticamente evangélica. Hemos visto con claridad y hemos entendido el sentido de las palabras de San Pablo: «Cristo, siendo rico, se hizo pobre» 2 Cor. 8,9.

c) *Comunidades de base*

Vivencialmente, éste era el proceso que nos propusimos seguir: comunidad de Hogar - equipo de Santa Cruz - grupo de reflexión teológica - equipo misionero diocesano - equipo nacional de evangelización - comunidades eclesiales de base vinculadas a la Iglesia local y relacionadas entre sí.

La vida nos fue enseñando muchas cosas. Este proceso se ha cumplido en parte, sólo en parte. Por ejemplo, cuando pensamos en el grupo de reflexión teológica, teníamos en la cabeza la idea de una reflexión teórica que ayudara desde afuera y desde arriba a las comunidades eclesiales de base. Pero, posteriormente, hemos visto que la reflexión teológica, para que sea vivencial y transformadora, debe realizarse con el pueblo, en el seno de las comunidades cristianas. La gente sencilla tiene mucho que enseñarnos. Con una intuición, obra evidente del Espíritu Santo, la gente sencilla descubre la profundidad del mensaje salvífico y lo expresa con una simplicidad admirable. Seguramente, porque la gente sencilla está limpia de categorías mentales perturbadoras. Seguramente, porque la gente sencilla, más que definir a Dios, lo experimenta en su vida diaria.

El proceso descrito era, indudablemente, ambicioso. El Señor nos va concediendo la alegría de la realización y de la fructificación que, como leemos en el Evangelio, «la semilla germina y crece, noche y día, sea que duerma o esté despierto el que siembra» (Mc. 4, 26).

Al tratar de las comunidades cristianas de base, dice el documento de Medellín sobre pastoral de

conjunto: «Se recomienda que se hagan estudios serios, de carácter teológico, sociológico e histórico, acerca de estas comunidades cristianas de base, que hoy comienzan a surgir, después de haber sido punto clave en la pastoral de los misioneros que implantan la fe y la Iglesia en nuestro continente. Se recomienda también que las experiencias que se realicen se den a conocer a través del CELAM y se vayan coordinando en la medida de lo posible (n. 12).

Excepción hecha de un sacerdote sociólogo que trabajó con nosotros, en esos años de puesta en marcha de la pastoral comunitaria, no contábamos con especialistas. A pesar de esto quizá por lo mismo con redoblados esfuerzos, ensayamos estudiar las comunidades cristianas de base tanto desde el punto de vista sociológico como teológico.

Así, entre otras cosas, llegamos a saber que los sociólogos caracterizan a una comunidad diciendo que está compuesta: por un área geográfica contínua, por cierta estructura social, por un fondo cultural semejante, por intereses comunes, por relaciones sociales y económicas, por cierta unidad histórica y lingüística.

Así, llegamos a conocer lo que los sociólogos llaman un agregado humano, un grupo, un equipo, una comunidad. Llegamos a conocer que el agregado es natural, cuando surge espontáneamente en busca de respuesta a espectativas comunes. Que el agregado es forzado, cuando surge por la imposición de una fuerza externa, como acontece en el cuartel, en la cárcel, en ciertos tipos de colegios. Llegamos a conocer que hay agregados de valores, en parte como respuesta a necesidades motivadas y en parte con carácter forzado. Aplicando estos conocimientos a la práctica pastoral, decíamos que en lo posible había que partir de agregados naturales, que teníamos que acomodarnos a la mentalidad de las personas integrantes. Continuábamos limpiando nuestra ignorancia con el conocimiento de que, en el grupo, ya se empiezan a cultivar la amistad y las relaciones interpersonales; que el equipo nace cuando aparecen los líderes,

la división de responsabilidades; que la comunidad es ya la plenitud de esas mismas relaciones interpersonales, la desaparición del líder sustituído gradualmente por el liderazgo del mismo grupo. De la comunidad decíamos que es un conjunto de personas que se intercomunican, que interactúan en una acción cooperativa y no competitiva, con miras a conseguir un objetivo común.

He tratado de hacer una síntesis de nuestro aprendizaje desde el punto de vista sociológico y teórico. Tengo que añadir que este aprendizaje fue ocasión de muchas discusiones, a veces acaloradas, porque teníamos impaciencia por llegar ante todo a una vivencia de comunidades cristianas. Personalmente, puedo decir que ese aprendizaje me fue útil, en cierta medida, en la medida del conocimiento, pero también yo eché de menos lo vivencial. Lo puramente sociológico puede entrabar y obstaculizar una vivencia cristiana, cuando se le da a lo sociológico una importancia mayor de la que en realidad tiene y se disminuye, en cambio, la importancia del Evangelio.

Comenzaron entonces nuestros primeros pasos en la búsqueda de una fundamentación teológica. Dijimos que esos fundamentos son los de la Iglesia. Que unas de las características de la semejanza del hombre con Dios es la vocación comunitaria, a partir del Génesis, capítulo 1.º versículo 28. Que Dios, después del pecado, dio comienzo a la organización de un pueblo, con Abraham. Que en la plenitud de los tiempos, Dios quiere la formación de un nuevo pueblo, que es la Iglesia, con Cristo. Que Cristo es el sacramento del Padre y el sacramento de la unión íntima con Dios y de la unidad de todo el género humano, como lo dice el Concilio. Que la Iglesia es sacramento de Cristo y signo visible del amor fraternal entre los hombres, que la Iglesia-comunidad se realiza por medio de reuniones, por medio de la participación en los sacramentos, particularmente en la Eucaristía, por medio de compromisos de acción motivados por el amor fraterno. Aunque nos causaba vértigo, en muchas ocasiones, incursionamos en el misterio trinitario,

para decir que la perfección está en la unidad realizada en la diversidad, que la perfección de Dios se encuentra en su vida comunitaria impenetrable para nosotros.

Con mayor interés, si cabe decir así, partíamos de determinados textos del Nuevo Testamento. «Donde están dos o tres congregados en mi nombre, allí estoy en medio de ellos» (Mt. 18,20). Para que haya comunidad cristiana, debe haber seguidores de Cristo. El fundamento es Cristo. Cristo no es una persona más, decíamos. Cristo es el centro alrededor del cual nos reunimos. La comunidad cristiana no sustituye a la comunidad humana, sino que la supone y la perfecciona.

Tomando en cuenta las primeras comunidades cristianas, de las que se habla en los Hechos de los Apóstoles, y otros textos del Evangelio, particularmente de San Juan, nos esforzamos por encontrar las características de la comunidad cristiana: presencia de Cristo vivida y actualizada: «Yo estaré en medio de ellos»; unidad, de acuerdo con el mandamiento nuevo de Cristo: «Amaos los unos a los otros, como yo os he amado» (Jn. 13, 34); universalidad: «Id por todo el mundo...» Mt. 27, 19; diversidad de carismas que nos obliga a un respeto a la personalidad de cada uno, de acuerdo con la doctrina de San Pablo; espíritu de servicio, por la cual debemos entender que la autoridad misma es un ministerio, es un servicio, de acuerdo también a la doctrina de San Pablo; pequeñez y pobreza: Cristo empieza por lo pequeño y pobre, Cristo desecha los medios espectaculares de las tentaciones en el desierto. Así, cada uno debe tender a desaparecer en la comunidad.

Frente a esta última característica de pequeñez y pobreza, la Iglesia y nosotros como Iglesia hemos caído en el triunfalismo, esto es, en la vanagloria de los números, de las grandes concentraciones masivas, de los edificios grandiosos. Pero la Iglesia y nosotros como Iglesia nos hemos dado cuenta ya de que lo masivo despersonaliza y por esto de que es necesario volver a la pequeña comunidad, a la comunidad de base. ¿Concebida y realizada como

un pequeño círculo cerrado? No. Como fermento. Nuestro Señor Jesucristo escogió de entre sus discípulos a doce, a los cuales llamó apóstoles. Ellos fueron, menos uno, los llamados a aplicar la parábola del fermento en medio de la masa. Por lo mismo, la pequeña comunidad debe estar abierta a fin de penetrar en la masa con la ambición de fermentarla. Esto no quiere decir que haya que abandonar a la masa a la sola acción del fermento. También hay que prepararla, de la misma manera como se prepara la harina, siguiendo la comparación de la parábola. A Nuestro Señor Jesucristo le seguían grandes muchedumbres. Nuestro Señor Jesucristo predicó a estas grandes muchedumbres. Así las preparaba para la labor, en su seno, del pequeño grupo.

Nuestro Señor Jesucristo no deja de interesarse por las personas, todo lo contrario. Poniendo el dedo en la llaga, como en el caso de la samaritana, cura a las personas, las convierte y las transforma en emisarias de su mensaje. Nosotros debemos seguir una línea semejante.

Con mucha frecuencia, desgraciadamente, constatamos esa falta de intercomunicación entre las personas, particularmente esa intercomunicación de experiencias de Cristo a nivel profundo. Da pena pensar que, por un recato hasta cierto punto exagerado que nos detiene y nos impide una más abierta intercomunicación, se mantiene limitado nuestro crecimiento en Cristo. Otras veces, por esa misma causa, hay personas que se quedan indefinidamente en un estado de búsqueda a tientas, cuando bien podríamos ayudarlas. De esta búsqueda a tientas pueden retroceder y volverse indiferentes.

En el libro de Rogers «El desarrollo de la persona», hay una idea céntrica, a saber, que la congruencia entre experiencia, conciencia y comunicación facilitan el crecimiento de los individuos como personas, y que, por el contrario, la incongruencia paraliza ese crecimiento. Congruencia significa una íntima relación entre experiencia, toma de conciencia de esa experiencia y comunicación. Estas tres realidades sicológicas deben co-

rresponderse estrechamente, para que se pueda llegar a las esferas de la autenticidad. Si no tenemos una experiencia de Cristo, podemos hablar de El de una manera muy ilustrada, muy teológica, pero muy teórica. En estas circunstancias, cualquiera comunicación no favorece el crecimiento en Cristo. Pero también puede darse el caso de que, teniendo experiencia de Cristo, no tomemos conciencia clara del encuentro con El, por falta de reflexión, por ofuscación, por debilidad de la fe, por cobardía, por una actitud defensiva. Todo encuentro personal y toda comunicación interpersonal comprometen. Todo compromiso comporta de alguna manera una negación de sí mismo, un sacrificio, una renuncia, y esto causa miedo. El joven rico tuvo experiencia de Cristo, pero tuvo miedo a la renuncia y le volvió las espaldas. Y puede fallar la intercomunicación, por lo que queda ya dicho: por un exagerado recato.

Las experiencias de Cristo pueden ser múltiples y crecientes. Pueden empezar con el primer llamamiento: «Si quieres, ven y sígueme». O con el primer descubrimiento provocado por alguna persona: «Este es el Cordero de Dios». «Al oírle hablar así los dos discípulos siguieron a Jesús» Jn. 1, 36-37.

La congruencia produce claridad; la claridad, transparencia; la transparencia, confianza y seguridad. Cristo llegó a decir a sus amigos: «Os he llamado amigos, porque todo lo que oí de mi Padre os lo he dado a conocer» (Jn. 15,15). De la misma manera, entre amigos de verdad todo nos lo damos a conocer. Esta es la transparencia.

Si esta revelación mutua entre amigos es a propósito del descubrimiento del misterio de Cristo, la transparencia nos ayuda enormemente a crecer en Cristo. Por esto, para una vida comunitaria, es menester ser más y más congruentes, a fin de ser más claros, más transparentes y crecer así en seguridad, en confianza, en Cristo.

¿Qué hacer con los hermanos que no se muestran congruentes? La incongruencia por ser ambigua, por ser doble, engendra malestar, disgusto, desazón,

desconfianza, oscuridad y una sorda sensación de que no estamos unidos de ninguna manera, menos aun unidos en Cristo.

¿Qué hacer?... Esforzarnos por ser siempre congruentes en nuestras relaciones con ellos. Por descubrir en qué está el punto neurálgico de sus incongruencias. Y, en el momento oportuno, esforzarnos por demostrarles con franqueza y caridad ese punto de sus incongruencias.

Los discípulos, porque habían sido mal recibidos en una ciudad, pidieron al Señor que haga llover fuego del cielo. Sin duda, pretendían así demostrar al Señor que le amaban. La respuesta fue: «no sabeis de qué espíritu sois». Así les demostró su incongruencia, pues amar al Señor es amar también al prójimo.

d) *Comunidad de base y evangelización*

En esos años, en los cuales nos propusimos poner en marcha las comunidades de base, nos preguntábamos: ¿Cómo realizar la comunidad cristiana? Tratando de respondernos, sentimos la necesidad de darle importancia fundamental a la evangelización, para el encuentro con Cristo. Ya no se trataba de hacer un estudio sobre diversos tópicos teóricos de la evangelización. Repito: sentimos la necesidad de empezar evangelizando. Todavía no habíamos descubierto, en esa época, la necesidad de evangelizarnos junto con el pueblo. Todavía nos creíamos «los evangelizadores». En todos los cursos iniciales de pastoral comunitaria, tratábamos de este tema, aunque poniendo el acento en unos aspectos más que en otros, de acuerdo con las características del grupo con el que reflexionábamos.

De reuniones con el Equipo Nacional de Evangelización, nacido en cumplimiento de las disposiciones dadas por la Conferencia Episcopal Ecuatoriana, espigo algunas respuestas a la pregunta: ¿cómo está evangelizando la Iglesia en el Ecuador? Estas respuestas nos dan una visión crítica de la acción evangelizadora de la Iglesia en nuestro país.

Buscando lo positivo y lo negativo de la acción evangelizadora de la Iglesia, decíamos entonces: «Es la comunidad, toda la comunidad cristiana, la llamada a cumplir con la misión evangelizadora. Desde este punto de vista, no se puede afirmar que se esté realizando una labor evangelizadora comunitaria; pero sí se puede destacar la acción evangelizadora de determinados agentes, con sus aspectos positivos y negativos».

Analizando la acción evangelizadora de los obispos, constatábamos como algo positivo las visitas pastorales a las parroquias de cada diócesis: «algunas de ellas apartadas y de muy difícil acceso». Las visitas pastorales «han tenido con frecuencia la característica de verdaderas misiones evangelizadoras, que han dejado profunda huella, sobre todo en los habitantes del campo. No se puede negar tampoco el valor, aunque sea muy relativo, de las cartas pastorales, que han iluminado evangélicamente el criterio y la conducta de sectores más capacitados del pueblo. La presencia del Obispo, sea en actos públicos, sea en acontecimientos familiares, ha llevado la intención de transmitir de alguna manera el mensaje evangélico.

De un modo quizá más auténtico, los obispos han cumplido con su misión evangelizadora mediante la predicación de la Palabra, sea de manera continuada en las misas dominicales, sea en ocasiones más solemnes o en determinadas épocas del año.

No por opaca y escondida debe dejarse en la sombra la profunda labor evangelizadora del obispo en su despacho, en donde la exposición y la escucha de múltiples y enredados problemas han sido ocasión para iluminar conciencias atormentadas, fortalecer ánimos decaídos y ayudar a verdaderos encuentros con Cristo».

La contra parte, es decir, lo negativo en el cumplimiento de su labor evangelizadora por parte de los obispos, quedó consignada en estas observaciones:

«Los obispos pierden la oportunidad de evangelizar, cuando callan frente a los conflictos sociales. San Pablo habla del deber de llevar la reconciliación a los hombres: «Dios... nos confirió el servicio de la reconciliación» (2.ª Cor. 5,18). Pero los obispos, de ordinario, frente a estos conflictos que tanto recrudecen hoy día, guardan silencio, para no complicarse la vida, por no correr el riesgo de perder un prestigio mal entendido, por el miedo de provocar divisiones, por el falso criterio de que más vale resguardar «el orden», aunque éste sea el fruto de la injusticia, que provocar inquietudes a través de una valiente denuncia: la reconciliación cristiana no debe ser con el pecado, con la opresión, con la injusticia, sino con el Evangelio.

Los obispos son víctimas de estructuras eclesiásticas esclavizadoras y, mientras no se sacudan de ellas, no podrán cumplir a cabalidad con su misión evangelizadora. Dichas estructuras hacen de los obispos más administradores que pastores, más hombres de despacho oficinesco que padres, más amigos de bendiciones e inauguraciones que mensajeros de la Palabra.

Los obispos son así mismo víctimas de estructuras sociales esclavizantes y de tradiciones medioevales. Al obispo le considera la sociedad como autoridad eclesiástica, al mismo nivel de las más altas autoridades civiles y militares de la provincia. Por esta razón, se reclama su presencia en todos los actos públicos de parte de los poderosos, y el pueblo ve en esta permanente participación una alianza explícita, o por lo menos implícita, con los poderes políticos, con el poder del dinero y con el poder de la influencia. Dentro de esta misma estructura mental de la sociedad, el obispo es considerado como figura decorativa de la ciudad en donde reside. Para colmo de esta situación antievangelizadora y a pesar de los impulsos renovadores del Espíritu, todavía el obispo vive en una casa llamada palacio, viste prendas llamativas y raras, triste recuerdo de épocas principescas ya olvidadas por el mundo... Todo esto impide encarnarse en los problemas del pueblo y le mantiene alejado de las realidades. Por esto, la gente sencilla ve en el obispo

a un ser casi sobrenatural. Las estructuras sociales ingentes y las costumbres heredadas de siglos pasados impiden, así, al obispo evangelizar por el testimonio.

Por su parte, los párrocos han sido generalmente y con mucha abnegación los portadores del Evangelio tanto en los centros parroquiales, como en los más inaccesibles caseríos. La predicación dominical, la catequesis, la organización y dirección de asociaciones piadosas, la organización de misiones populares, el contacto amistoso con familias del pueblo, su presencia en acontecimientos alegres o luctuosos, su vida de disponibilidad a prestar servicios: han sido acciones evangelizadoras que los párrocos han realizado de manera constante y sacrificada.

Muchas comunidades de religiosos y religiosas se han dedicado al magisterio y, en el desempeño de esta tarea, han mantenido viva la preocupación por la enseñanza religiosa. Ordenes y congregaciones se han entregado a la misión evangelizadora, sea en regiones a donde no había llegado la Buena Nueva, sea en regiones en donde ha habido necesidad de sacudir la conciencia de los cristianos. Las congregaciones religiosas, especialmente femeninas, han consagrado buena parte de sus miembros a tareas caritativas y asistenciales, con la constante preocupación de llevar a los miembros sufrientes del Cuerpo de Cristo, no solo el consuelo, sino también el conocimiento de ese mismo Cristo.

Con todo, hay deficiencias en la labor evangelizadora de todos estos agentes.

Los párrocos, al enseñar el catecismo, han provocado en los alumnos una simple adhesión a verdades y no una adhesión a la persona de Cristo. Cuando han predicado a los adultos, han pronunnunciado sermones moralizantes, han domesticado a la gente con normas de comportamiento, han echado mano a veces del Evangelio para defender sus actitudes no del todo evangélicas, han alienado al pueblo con devociones no fundamentadas teológicamente. Sus actividades han sido preferentemente sacramentalizadoras y cultualistas.

A los religiosos les ha hecho falta una integración en la pastoral diocesana. En los colegios, la religión ha sido considerada como una asignatura. Los religiosos y religiosas educadores han tenido más preocupaciones por prepararse intelectualmente como profesores antes que como educadores en la Fe y evangelizadores. Mayor énfasis se pone en el fomento de devociones propias de cada comunidad religiosa y de un moralismo sin sentido, que en el encuentro personal con Cristo. Los mismos religiosos no son tratados, en el seno de su comunidad, como personas y es muy difícil entonces que no dejen traslucir, de alguna manera, su resentimiento en su comportamiento con los alumnos. Los sacerdotes, salvas algunas excepciones, menosprecian a la religiosa como persona. Minimizan la importancia de su trabajo y desaprovechan su enorme buena voluntad para colaborar en auténticas tareas evangelizadoras. A nadie se le ha ocurrido todavía organizar en los colegios un equipo de reflexión que oriente la formación cristiana. Los religiosos son ciertamente pobres, individualmente hablando; pero la comunidad religiosa como comunidad, a causa de sus grandes edificios, de sus propiedades y del cobro de pensiones, en algunos casos muy altas, no dan ante el mundo testimonio de pobreza y, por este motivo, se resiente también el cumplimiento de la misión evangelizadora».

Dentro de este análisis crítico de la acción evangelizadora de la Iglesia en el Ecuador, no se dejó en olvido a los laicos.

Desde un punto de vista positivo, se estableció que «han sido los mejores transmisores de valores evangélicos, tales como el sentido de solidaridad y de justicia, de honestidad y de respeto. En el campo, hay padres de familia patriarcales que transmiten la fe a sus hijos y a los vecinos, tanto de viva voz como por el testimonio de su vida. En la ciudad, los laicos que militan en diversos grupos evangelizan su ambiente mediante la introducción de criterios cristianos y con actitudes valientes».

Desde el punto de vista negativo, se observó que «hay agrupaciones apostólicas que no evan-

gelizan, porque sus miembros no han sido evangelizados sino mal orientados hacia la sacramentalización y el moralismo. La gran masa no está suficientemente evangelizada y los laicos comprometidos son muy reducidos en número. Los mismos movimientos apostólicos existentes no han partido de la comunidad ni se orientan hacia la comunidad. Además, han sido muy clericalizados y han recibido una formación espiritual de tipo religioso que tiende a sacarlos fuera del mundo de los hombres».

Atención especial mereció la reflexión acerca de las misiones populares que por su misma naturaleza están llamadas a ser evangelizadoras. ¿Cómo ha sido la misión popular en el Ecuador?

«Para responder adecuadamente a esta pregunta, es necesario plantearnos otras preguntas. ¿Cuál ha sido, hasta ahora, el objetivo de la misión popular?

En general, una conversión de sentido individualista, de acuerdo con aquel slogan: «salva tu alma». Ha sido una revitalización de la piedad que se traducía de inmediato en la recepción de sacramentos. De una manera más particular, se ha buscado: el cumplimiento del precepto pascual por el mayor número posible de personas; el arreglo de matrimonios desavenidos y principalmente la legalización de uniones libres; la reforma de costumbres y la corrección de vicios tales como la borrachera, el robo; la preservación de la fe, para lo cual se ha insistido en la predicación de las «verdades fundamentales»; la conversión de los pecadores, de los «peces gordos», mediante la predicación terrible de las postrimerías: muerte, juicio, infierno y gloria, y que debía traducirse en la recepción del sacramento de la penitencia.

¿Quiénes han sido los agentes de la misión popular en el Ecuador? Preferentemente se ha buscado religiosos de comunidades misioneras, religiosos desconocidos en el lugar, aureoleados de antemano con la fama de santos misioneros y adornados por el don de cierta facilidad de palabra. A veces, han precedido y acompañado religiosas y seglares que han tenido el encargo de realizar visitas domiciliarias y de investigar los «casos» más escandalosos, como también de llevar cuidadosamente las estadísticas de matrimonios arreglados y de sacramentos repartidos.

En ocasiones, equipos misioneros internacionales, integrados principalmente por religiosos españoles de diversas órdenes y congregaciones, han recorrido el país predicando misiones y sacudiendo las conciencias, mediante todo un aparato complejo de hojas volantes, de propaganda por radio, de carteles, de prédicas, de conferencias a grupos específicos, de vía-crucis públicos, de sermones en el cementerio, de cantos y procesiones, de venta de objetos piadosos, de rosarios de la aurora, de hábiles presiones a través de los miembros de familia más íntimos.

¿Qué resultados se han obtenido de las misiones populares?

Ante todo, un gran impacto emotivo, sobre todo en la gente del pueblo en las ciudades y, en el campo, en los habitantes dispersos. Una rápida evaluación de este impacto acusa: que el recuerdo de la emoción perdura por toda la vida; que se produce una fidelidad a actitudes tales como de adhesión a la Iglesia, de orgullo y satisfacción de llamarse católicos. Pero nada de ésto significa un cambio profundo de vida.

En segundo lugar, las misiones populares han conseguido crear un ambiente religioso muy notable durante los días mismos de su realización, en los pueblos y ciudades pequeñas. En las ciudades grandes, ese ambiente religioso ha sido más débil y, sobre todo, no ha cubierto sino determinadas áreas populares. Después de la misión, dicho ambiente religioso se ha ido debilitando gradualmente. Cierto que, como un recuerdo más duradero de la misión, o bien han quedado establecidas ciertas prácticas religisas nuevas, o bien se han reafirmado las ya establecidas; pero la tónica de fervor colectivo ha venido a menos rápidamente.

En tercer lugar, sí hay que reconocer que la predicación de las misiones populares ha sido evan-

gelizadora y que ha buscado la conversión como respuesta. De hecho, en muchos casos, se han realizado conversiones impresionantes, que han conmovido a la población entera. Y no han sido conversiones de un día, sino en verdad duraderas. Pero también es necesario reconocer que se buscaba una conversión del pueblo en masa, lo cual no quiere decir una conversión en comunidad, sino que era individualista. Se buscaba una conversión masiva e inmediata, lo cual impedía que fuera más reflexionada y duradera.

De las observaciones críticas que vamos haciendo podemos concluir, para nuevos comentarios, que algo fundamental ha faltado como fruto de las misiones populares, ésto es, no ha habido, de un modo general, cambio de vida profundo, duradero, comunitario. En otras palabras, salvas algunas excepciones, no ha habido conversión auténtica que sea el comienzo de una nueva vida, el nacimiento del hombre nuevo. Tenemos la obligación de preguntarnos: y ésto, ¿por qué?

Nos parece que la razón primera es la siguiente: la predicación no ha tomado a Cristo como centro. La predicación ha sido fiel reflejo de una teología concebida y estudiada en tratados diversos. La predicación no ha buscado poner a los oyentes en contacto directo con el Evangelio. No ha presentado la persona de Cristo Salvador. Se ha presentado más bien la imagen del predicador, quien ha echado mano de una oratoria altisonante, artificiosa, técnica si se quiere, pero vacía de Cristo. El predicador se ha presentado como el profesional de lo religioso. Pero muchas veces no ha sido el hombre poseído por Cristo, el hombre con una experiencia de este Cristo Resucitado que le ha ido liberando en su vida del pecado, de tal manera que pudiera repetir como San Juan: «lo que hemos visto y oído y palpado con nuestras manos: eso es lo que os anunciamos» (I Juan 1,1).

Segunda razón: la duración de la acción evangelizadora ha sido corta. La misión ha servido así de tranquilizante. Tranquilizante para el párroco, quien ha creído descargar su conciencia del cumplimiento de su misión evangelizadora. Tranquilizante para los misioneros, quienes han creído ver colmadas sus aspiraciones con el crecido número de «conversiones» y luego no tienen la oportunidad de constatar la inconsistencia de los resultados obtenidos en ocho o quince días. Tranquilizante para el pueblo, pues éste, en su gran mayoría, después de «cumplir» con la confesión y comunión, vuelve a su misma situación de antes. La excesiva preocupación sacramentalista, la casi exclusiva preferencia por las masas, la desconexión entre pastoral ordinaria y extraordinaria y, por lo mismo, la falta de continuidad en la labor evangelizadora del párroco, junto con el cortísimo tiempo dedicado a la misión, explican el hecho lamentable de que no hemos visto nacer el hombre nuevo y de que ha permanecido inmutable el hombre viejo.

Tercera razón: han sido malogrados los frutos de la evangelización, porque los evangelizados no han tenido, para su afianzamiento, una estructura adecuada que les ayude. El único cable de unión con Dios ha sido el sacerdote; pero el párroco, concebido como el animador de todo, no dispone de tiempo suficiente y ha descuidado la formación de grupos de seglares».

He transcrito todos estos largos párrafos, fruto de la reflexión de un grupo de personas, sacerdotes, religiosas y seglares que, como dije antes, constituyó el Equipo Nacional de Evangelización a mi cargo, por las siguientes consideraciones:

Tomé parte activa en este trabajo de reflexión, pero también recibí, y recibí mucho de los aportes de cáda uno de los miembros.

Como Obispo, la crítica hecha a la labor evangelizadora de los Obispos en general, me interpeló muchísimo. Creo ver, por lo menos en parte, una gran influencia de este tipo de reflexiones en mis cambios de comportamiento. Ya había abandonado el uso de la sotana con vivos y colorines: había empezado a vestirme como los seglares. Tomé la resolución de no mezclarme más con las altas autoridades, en desfiles y acontecimientos similares. Tomé también la resolución de no dar tanta im-

portancia a las bendiciones solemnes de puentes, grandes edificios, construcciones, y de dar mayor atención a las celebraciones de pequeños acontecimientos de las comunidades campesinas y de grupos populares...

En relación con la acción pastoral, este tipo de reflexiones influyó también grandemente para tratar de introducir cambios progresivos. No quiero hacer referencia por menudo a todos esos cambios. Quiero señalar quizá el más significativo: las misiones. Oportunamente me referiré al equipo misionero y a la labor misionera de los diversos equipos pastorales que fueron surgiendo posteriormente. Pero veo que todas esas características de «misión» que existieron antes han cambiado totalmente. Nada de espectáculos impresionantes. Nada de oratorias ampulosas y terribles. Nada de persecución de casos escandalosos... Más bien, la conversación amistosa, la reunión en la casa de una familia pobre, la reflexión conjunta a la luz del Evangelio de las realidades que vivimos.

De una manera muy especial, debo señalar los grandes esfuerzos que hemos hecho y que vinimos haciendo para que vayan naciendo y fortaleciéndose las comunidades eclesiales de base, para que vayan conformándose a Cristo los responsables seglares de esas mismas comunidades, para que todos vayamos descubriendo nuestros compromisos para una acción transformadora, no sólo de las personas, sino también de la sociedad en que vivimos.

Después de ser encarcelado Juan, se fue Jesús a Galilea, donde proclamaba el Evangelio de Dios, diciendo: «se ha cumplido el tiempo; el Reino de Dios está cerca; convertíos y creed al Evangelio» (Marcos 1,14-15).

«Sepa, por tanto, con absoluta seguridad toda la casa de Israel que Dios ha hecho Señor y Cristo a este Jesús a quien vosotros crucificasteis». Al oír ésto se dolieron de corazón y dijeron a Pedro y a los demás apóstoles: «¿qué tendríamos que hacer, hermanos?». Pedro les respondió: «Convertíos, y que cada uno de vosotros se bautice en

el nombre de Jesucristo para remisión de vuestros pecados, y recibiréis el don del Espíritu Santo; porque esta promesa para vosotros es, y para vuestros hijos... Los que aceptaron, pues, su Palabra se bautizaron y, se agregaron aquel día como unas tres mil personas» (Hechos, 2, 36-41).

Textos como éstos nos sirvieron para buscar con claridad el objetivo fundamental de la evangelización y que es el anuncio del gran Acontecimiento, del único verdadero acontecimiento: el Reino de Dios está cerca. Jesús es el Señor y el Cristo: lo es redimiéndonos y salvándonos del pecado, restaurando así el Reino de Dios en la tierra.

Este anuncio está llamado a producir la fe y la conversión: «convertíos y creed al Evangelio». Está llamado a congregar a los hombres en comunidad y a hacerse un pueblo: «se agregaron aquel día como unas tres mil personas».

Evangelizar es anunciar a Cristo muerto y resucitado, a Cristo que viene en el hoy de cada día y en el aquí en el que se desenvuelve nuestra vida, a Cristo que viene a liberar al hombre de la esclavitud del pecado en su dimensión individual y comunitaria, que nos pide la fe y la conversión, que nos llama a congregarnos para ser un nuevo pueblo en marcha y a la espera de su segunda venida.

En páginas posteriores, seguramente volveré a referirme a la pastoral comunitaria, a las comunidades de base y a nuestra labor evangelizadora. Pienso que no estoy escribiendo un tratado sobre un tema, sino unas vivencias comunitarias.

3. Equipo de Santa Cruz

a) *Necesidad*

Tal vez sea necesario volver brevemente sobre lo que ya queda referido. La casa de Santa Cruz fue construida con el anhelo de promover una pastoral comunitaria. Para ésto, nos propusimos hacer una experiencia de vida de comunidad.

Pero también organizar cursos o reuniones para reflexionar sobre la pastoral comunitaria.

Para prestar una atención conveniente a estos encuentros de reflexión comunitaria, vimos que había necesidad de un pequeño equipo. Ninguno de nosotros era técnico o especialista en nada. Pero esperábamos poder alcanzar un nivel de experiencia a base de la misma experiencia. No queríamos que una sola persona se encargara de la coordinación de esos encuentros. No queríamos que la casa tuviera un único sacerdote encargado de llevar adelante este tipo de reuniones, como suele suceder en casas de retiros espirituales. No queríamos tampoco que cada grupo viniera con su «director» y que la casa se convirtiera simplemente en una especie de hotel para ofrecer alimentación y alojamiento.

Vimos así la necesidad de contar con un equipo. En primer lugar, para correr juntos la aventura. En segundo lugar, para ayudarnos autocriticándonos. En tercer lugar, para capacitarnos, no sólo en la moderación y coordinación de un grupo, sino también en la práctica misma de una pastoral comunitaria. En cuarto lugar, queríamos proyectarnos gradualmente en todo el ámbito de la Diócesis.

Si bien algunos de mis colaboradores llegaron a ver esta necesidad, no todos quisieron comprometerse, por un motivo o por otro.

b) *Primeros pasos*

Por esta razón, en un comienzo, fuimos pocos los que constituimos el equipo: cinco personas.

Una vez que optamos por ensayar un método hasta cierto punto nuevo, pero en todo caso nada trillado, tuvimos miedo. Hay una seguridad cuando a uno le piden con anticipación que dicte una conferencia o una serie de conferencias. Con un poco de esfuerzo y de lecturas, se las prepara y después se las lee o se las dice de memoria. Inclusive, se puede dar un tiempo prudencial para el diálogo que en realidad no es diálogo, sino preguntas que vienen y respuestas que van. Cuando se dictan

conferencias, hay seguridad: se habla de lo que ya se ha preparado, por lo mismo, sobre algo que ya se conoce.

No era éste el caso para nosotros. Queríamos presentarnos como papel en blanco, con el deseo de descubrir los intereses de las personas que formaban parte del grupo. Era justificado nuestro miedo. Era una manera muy arriesgada de vivir la pobreza de este nivel de actividades.

Cohibidos por este miedo, recuerdo muy bien que, en vísperas mismas o cuando más pocos días antes de iniciar un encuentro, nos poníamos a pensar sobre cuáles temas posibles podrían dialogar y reflexionar. De alguna manera, queríamos contar con un mínimo de seguridad. Previstos así, sólo a base de conjeturas, los temas posibles, nos los repartíamos para prepararlos, por lo menos someramente.

Iniciado ya el encuentro, cada noche de cada día nos reuníamos para examinar con detenimiento cómo había transcurrido el día, cuáles habían sido las deficiencias y cuáles los logros. Preveíamos también lo que podía suceder al día siguiente. Así hicimos nuestro aprendizaje.

Aprendimos a ser humildes. En efecto, nos descubrimos incapaces de dar respuesta a todas las cuestiones. Descubrimos nuestras limitaciones y deficiencias. Descubrimos que nos necesitábamos los unos y los otros.

Aprendimos lo que significa una actitud de búsqueda. Cuando se planteaba alguna cuestión difícil, llegamos a comprender la necesidad de reflexionar a fuerza de preguntas, empezando por las más fáciles. Aprendimos a caminar así pasito a paso, como en la obscuridad de la noche o como en medio de una selva intrincada.

Aprendimos a escuchar a los demás. Descubrimos entonces que cada cual aportaba una parte de verdad, algo así como una lucecita, y que el aporte de todos hacía una luz grande.

Aprendimos a concurrir al diálogo desarmados, es decir, sin argumentos preparados para sacar adelante una tesis y para salir triunfantes, sino con

un gran deseo de buscar un tercero, Cristo, que es el Camino, la Verdad y la Vida.

Aprendimos a tener un gran respeto al otro, para no imponer a nadie nuestro modo de pensar, para no atropellar a las personas, para aprender a caminar juntos.

Aprendimos a autocriticarnos, sin resentimientos, con entera confianza, lo cual equivale a decir que aprendimos a construírnos los unos a los otros.

Antes de seguir adelante, hablando de la experiencia dentro del Equipo de Santa Cruz, y como expresión y constancia de ese rico aprendizaje que acabo de describir brevemente, quiero consignar estas notas fruto de la reflexión individual:

«Después de la reunión con el equipo y de haberles escuchado, veo con toda claridad que, ante todo, debo esforzarme yo primero para vivir la comunidad.

Evitando la artificiosidad, debo esforzarme por conocer profundamente a los hombres con los cuales quiero crear la comunidad. Debo conocer sus problemas con sus motivaciones. Debo amarlos profundamente. Debo respetarlos como personas. Debo descubrir su carisma y contribuir a desarrollarlo. Debo estimularme constantemente a vivir el objetivo como un estado apasionadamente deseado. Debo emplear un método que, siguiendo las líneas del Ver, Juzgar, y Actuar, me lleve a la fidelidad a la Palabra de Dios que se expresa en el Evangelio, a través del Concilio y de acontecimientos similares como la reunión de Medellín, que se expresa a través de los hombres, de sus realidades existenciales, de los acontecimientos. Debo ser concreto en la determinación de metas. Debo estar prevenido y preparado contra el desaliento, frente a las dificultades, a los fracasos, a la obscuridad, a las incomprensiones».

Después de otra reunión de revisión y autócrítica, mis reacciones personales fueron las siguientes:

«Hay signos de cambio en el mundo de hoy: una conciencia de las necesidades colectivas, migraciones internas, influencia de los medios de comunicación colectiva, explosión de expectativas,

insurgencia de la juventud, explosión demográfica, marginación sentida, expectativa de opciones o por la violencia o por la no violencia...

Nos encontramos en un proceso de apertura. La juventud está luchando por romper estructuras. ¿Qué entendemos por estructuras?... .

Lo propio de la Iglesia, el valor permanente de la Iglesia tiene que ser la actitud de cambio.

¿Qué cambios debe realizar la Iglesia frente al proceso de cambios antes descrito?

Si como signos de cambio en la sociedad se han señalado la conciencia de necesidades colectivas, la explosión de espectativas, la insurgencia de la juventud, la marginación sentida, la espectativa de opciones, esto quiere decir que se está produciendo una rápida toma de conciencia de la propia debilidad, de la propia miseria, de la propia esclavitud, del subdesarrollo total. Y quiere decir que empieza, vigoroso, el grito de protesta. A mi modo de ver, está sonando la hora de la liberación: es ésta la voluntad de Dios.

¿Qué cambios deben producirse en la Iglesia? Convertirse. La Iglesia se convierte en la medida en que nos convertimos cada uno de nosotros.

Por consiguiente, de todas las críticas que se han hecho a la Iglesia que está en Riobamba, yo me siento responsable. Debo convertirme como responsable de esta Iglesia. Debo seguir impulsando la toma de conciencia del pueblo. Debo iniciar la formación del Pueblo de Dios. Debo empezar por la pastoral de fermento».

c) *Crecimiento*

El Equipo de Santa Cruz fue creciendo, en diversos sentidos.

Los primeros pasos duraron unos meses. Poco a poco, nos fuimos sintiendo más seguros de nosotros mismos frente a los grupos que venían a reflexionar en la casa de Santa Cruz. Más seguros, no en el sentido de cantidad de conocimientos, sino en el sentido de mayor espíritu de pobreza para saber tratar conjuntamente los temas más variados

y difíciles, con una actitud de búsqueda y de descubrimiento. Nos habíamos despojado ya de esa otra seguridad del que sabe y dicta los conocimientos que tiene. El Equipo de Santa Cruz creció en este sentido.

Como consecuencia, ya no se vio necesaria la participación de todos los miembros del Equipo en todos y cada uno de los encuentros que se iban realizando en la casa de Santa Cruz. Pensamos que bastaban dos. Más tarde, ya no fue necesario contar ni siquiera con dos, porque bastaba uno.

Creció también en cuanto a compromiso. Entendimos que si coordinábamos encuentros de pastoral comunitaria, nosotros debíamos ser los primeros en hacer experiencias de creación y formación de comunidades eclesiales de base. Con esta convicción, cada miembro del Equipo se comprometía a trabajar, en su propio campo, por realizar una experiencia concreta. Para intercambiar nuestras propias experiencias, resolvimos reunirnos una día por semana. Más tarde, estas reuniones se fueron realizando cada quince días.

El Equipo fue creciendo también en número. Empezamos cinco personas. Y llegamos a ser hasa dieciséis, si bien no todos se comprometieron a coordinar grupos en los encuentros.

Insesiblemente, fue naciendo una amistad cada vez más profunda. Este ambiente de amistad favoreció muchísimo la reflexión y la autocrítica. Favoreció sobre todo el nacimiento de una gran confianza. Hemos puesto en común nuestros problemas y dificultades. Cuando recibí, por ejemplo, la noticia oficial de que la Santa Sede había resuelto enviar un Visitador Apostólico a la Diócesis de Riobamba, el primer grupo de personas que tuvo noticia fue el Equipo de Santa Cruz. Por insinuación mía empezamos cantando la canción «Hombres nuevos».

«Danos un corazón grande para amar;
danos un corazón fuerte para luchar.

Hombres nuevos, creadores de la historia,
constructores de nueva humanidad.
Hombres nuevos que viven la existencia
como riesgo de un largo caminar.

Hombres nuevos, luchando en esperanza,
caminantes, sedientos de verdad.
Hombres nuevos, sin frenos ni cadenas,
hombres libres que exigen libertad.

Hombres nuevos, amando sin fronteras,
por encima de razas y lugar.
Hombres nuevos, al lado de los pobres,
compartiendo con ellos techo y pan».

Reflexionamos. Como fruto de la reflexión y después de que la noticia fuera publicada, sin nuestra intervención, por la prensa, resolví poner en conocimiento de este particular a las comunidades de base de la Diócesis, a través de mi programa radial de cada semana.

El Equipo de Santa Cruz llegó a ser así un grupo dinámico y abierto que pudo plantearse una cantidad de problemas relacionados con la vida de la Diócesis, e inclusive con otros grupos existentes en otras diócesis.

Dedicábamos algunos días, al final del año, para realizar una convivencia y al mismo tiempo una evaluación seria de nuestras relaciones al interior y de nuestras actividades pastorales.

4. Formación de sacerdotes

En nuestras preocupaciones por poner en marcha una pastoral comunitaria entró de lleno, como es lógico, la formación de los sacerdotes.

Se trataba, no sólo de adquirir una formación orientada hacia la comunidad para los sacerdotes ya ordenados, sino también y principalmente de encontrar caminos de formación del sacerdote de hoy y de mañana.

a) *Crisis del clero*

De una de las reuniones con sacerdotes tomo algunas observaciones sobre la realidad y algunas reflexiones.

A la pregunta «¿qué señales de crisis hay en el hombre de hoy y en los sacerdotes?», los participantes fueron respondiendo:

—En el hombre de hoy se nota que hay una crisis en varias dimensiones: está pasando de una sociedad de clases a una sociedad más democrática, de una cultura de tipo rural a una cultura de tipo técnico, de un estado de tranquilidad pasiva a otro de inquietud existencial y de búsqueda, de un sentimiento de haber sido tratado como cosa a un ardiente anhelo de personalización, de la religiosidad tradicional y tranquilizante al descubrimiento de una Fé más auténtica y comprometida. El hombre se cuestiona a sí mismo sobre su propio origen y sobre su destino. Los jóvenes protestan airadamente contra la inautenticidad de la sociedad que forjaron sus mayores. Hay una lucha entre el mundo de los jóvenes y el mundo de los adultos que se expresa en protestas, huelgas, enfrentamientos...

La crisis del hombre de hoy se refleja en la crisis de la Iglesia, en la crisis de los sacerdotes. Los seglares toman conciencia de que ya no son fichas y el sacerdote está en búsqueda de descubrir su nuevo ser y existencia. Frente a las estructuras de la sociedad y de la Iglesia, cada vez son más numerosos los sacerdotes contestatarios. Los jóvenes consideran a la Iglesia como capitalista o aliada con el capitalismo y entonces los sacerdotes buscan cómo comprometerse con los pobres y, al no encontrar la aprobación de sus superiores, abandonan el sacerdocio. Frente al problema de su propio mantenimiento económico, hay sacerdotes que buscan cargos bien remunerados propios de los seglares y hay sacerdotes que se sienten seriamente cuestionados cuando tienen que cobrar por actividades culturales, siendo así que ven que no deben hacerlo. Hay una gran crisis afectiva en los sacerdotes: no

han tenido un proceso de maduración y buscan el amor de la mujer más bien como una evasión a las dificultades nuevas que deben afrontar en la época en que estamos viviendo. Hay una desvalorización del propio sacerdocio, por falta de compromiso. El sacerdote ha perdido el privilegio de decir la última palabra y siente que su prestigio está en crisis. Los sacerdotes que se dicen renovados se muestran agresivos y encuentran por lo mismo críticas y resistencias en sus hermanos. El pueblo no ha entendido nunca la predicación del sacerdote, pero ahora quiere entenderla y el sacerdote descubre que no habla el lenguaje del pueblo y siente la necesidad de encarnarse. Hay miedo para seguir las orientaciones renovadoras del Concilio, o a veces se quiere quemar etapas y entra la angustia frente a la lentitud. Muchos sacerdotes reconocen que ellos mismos han sido insuficientemente evangelizados. Está por descubrirse la espiritualidad propia del sacerdote. Hay una campaña de desvalorización de la oración. Hay crisis de tranquilidad: ahora todo se mueve. Todo esto crea un complejo de amarguras y desalientos.

Como causas, se señalaron, entre otras, las siguientes: la evolución rápida del mundo, la dicotomía que ha existido por tanto tiempo entre lo espiritual y lo material, el concepto de Iglesia jerárquica que dejaba en el olvido la Iglesia como misterio, la formación inadecuada del seminario el escolasticismo, el progreso de los estudios bíblicos, el éxito de los movimientos revolucionarios que viven la solidaridad mucho mejor que los cristianos, la publicación de libros nuevos sobre teología y pastoral, la confrontación entre tradicionalismo y progresismo, la imposición de la unicidad cuando debe buscarse la unidad, el descubrimiento de que hemos desfigurado a Cristo y de haberlo traicionado. Hay un paso difícil de la infancia al crecimiento, ha habido un descuido total de atención a la acción del Espíritu Santo, el pluralismo se hace cada día más notable y fuerte...

Después de este análisis de manifestaciones de crisis y de sus posibles causas, tratamos de hacer-

nos un concepto de crisis y dijimos que crisis es la lucha de la vida contra la muerte, que es la tragedia del hombre que lucha entre lo que es y lo que quiere ser, que teológicamente es la tensión entre el ya y el todavía no, que es una situación que interroga al hombre y le pone en dudas, le presenta opciones. La crisis así entendida es una señal de vitalidad y una invitación al crecimiento. Ese crecimiento puede ser frustrado con un «no», o puede ser favorecido con un «sí». Si hay este sí, se abre el camino a la superación, al crecimiento. Si hay el no, se produce una inmersión en la situación de pecado. mediante una actitud de resistencia hasta el endurecimiento, endurecimiento equivalente a la muerte. Cristo puso en crisis al mundo. Por ejemplo, sus enemigos le reclaman que sus discípulos no se lavaban las manos antes de comer. Y Jesús les replica que ellos, por guardar sus tradiciones, quebrantan la ley. Cristo puso en crisis la moral, de los judíos, su religiosidad, su cultualismo y otras tantas cosas.

¿Qué consecuencias podemos prever que se producirán de la crisis que estamos viviendo? Si logramos aceptar la investigación a superar esta crisis y nos aventuramos a buscar los caminos de superación, pueden preverse consecuencias muy halagüeñas. Una aproximación a la Iglesia de los que antes estaban alejados. La construcción de un mundo más humano. La encarnación de la Iglesia en la realidad humana. La consagración del mundo a Dios como consecuencia de la desacralización que está en proceso. La desaparición de los vicios actuales de la Iglesia, tales como el autoritarismo, el clericalismo, el triunfalismo. Un sentido más vivencial y más amplio de Iglesia. El sacerdote, desclericalizado, llegaría a ser más auténtico en su actuar, en su querer, en su ser. A plazo largo, una conquista de la verdadera paz, de la armonía, de la justicia, del auténtico progreso y, por consiguiente, una más grande posibilidad de disminución de las guerras y del hombre.

b) *Supresión del Seminario Menor.*

La crisis del mundo de hoy, la crisis de la Iglesia, la crisis del clero repercuten necesatiamente en esas instituciones conocidas con el nombre de Seminario Menor y Seminario Mayor. Si, como habíamos reflexionado, estábamos llamados a buscar caminos de superación para la crisis del clero y de la Iglesia en medio del mundo, debíamos llegar a dar pasos concretos y sucesivos. Por esta razón, nos enfrentamos con el problema del mantenimiento o no del Seminario Menor de la Diócesis de Riobamba.

Los hechos van indicando claramente, decíamos, que los seminarios menores ya no serán más los «semilleros» de vocaciones sacerdotales. Desde el punto de vista numérico, ya desde antes y más ahora, se comprueba que «hay compensación suficiente y proporcionada a los esfuerzos en gastos de dinero y en dedicación de personal al mantenimiento de seminarios menores. Antes, el porcentaje de muchachos que pasaban de un seminario menor a un seminario mayor era ya mínimo: en el mejor de los casos, un diez por ciento. Y, de este diez por ciento, había que disminuir otro alto porcentaje de quienes no llegaban a la ordenación sacerdotal. Si así fue antes, ahora esos porcentajes vienen a ser nulos o casi nulos.

Desde el punto de vista formativo, es evidente que en los seminarios menores se ha distorsionado el proceso natural de vida del muchacho, al haberlo arrancado de su familia. Es evidente que se le ha desambientado, al haberle colocado en una situación de vida cómoda. Es evidente que se le ha quitado la oportunidad de relacionarse normalmente con muchachos y muchachas de su edad y de su ambiente. Es evidente que a los seminaristas se les ha intoxicado de prácticas piadosas, hasta tal punto que aquellos que no han seguido la vocación sacerdotal más tarde se han vuelto anticlericales.

Para encontrar un nuevo y adecuado estilo de formación de los sacerdotes de hoy y de mañana, es menester ver con claridad:

1) *Cuáles son las exigencias del mundo de hoy, un mundo en el que se realizan cambios rápidos y profundos;*
2) *Cuáles son las deficiencias en la formación que se ha venido dando a los sacerdotes, deficiencias que quizá no lo fueron en su época, pero que los son ahora, precisamente porque el mundo está cambiando.*

El mundo de hoy, a causa de los gigantescos adelantos de la ciencia y de la técnica, se desacraliza a pasos agigantados. El mundo de hoy, gracias al adelanto y multiplicación de los medios de comunicación social que favorecen los intercambios culturales y las inter-relaciones de los pueblos de todos los continentes, es un mundo más y más pluralista. El mundo de hoy se socializa rapidísimamente a diversos niveles.

Estas características del mundo de hoy exigen que el sacerdote se desacralice para humanizarse, encarnándose profundamente en medio de las angustias y esperanzas de los hombres. Exigen que se de lugar a un sacerdocio pluralista que pueda insertarse en los más variados ambientes culturales. Exigen que el sacerdote, en donde quiera que trabaje, sea un promotor de vida comunitaria.

La formación que se ha venido dando a los sacerdotes adolece, para hoy, de graves deficiencias como éstas: la segregación y apartamiento del mundo, el individualismo, la alienación social y cultural, la adquisición de privilegios de casta, el monolitismo y sectarismo, el pietismo como degeneración de espiritualidades monacales, el fariseísmo moralizante y legalista, el cultualismo y sacramentalismo en el ejercicio del ministerio...

Con estas y otras reflexiones, después de numerosas y largas reuniones con un grupo de sacerdotes, acabamos por resolver la supresión del Seminario Menor de la Diócesis, a partir de octubre del año 1965. Obtuve, para ello, una mayoría de votos favorables de los miembros de la Conferencia Episcopal Ecuatoriana. Y nos pusimos a pensar en nuevos caminos.

Partiendo de la observación de la realidad, pusimos nuestro pensamiento en la familia cristiana. Si han surgido vocaciones al sacerdocio en

poblaciones de la Sierra ecuatoriana y muy poco en la Costa, ha sido porque la Sierra, de un modo general, ha habido familia y se ha conservado sana. En la Costa, también de un modo general, la familia no ha estado bien constituída. Sin embargo, la situación va cambiando rápidamente, aun en la Sierra: las familias constituídas a la antigua van desapareciendo y las nuevas familias van adoptando características más modernizantes.

En adelante, el Seminario, nuclearmente, será la familia, y expansivamente, será la comunidad cristiana. El problema está entonces, en hacer de la familia un seminario nuclear y en construir, alrededor de la familia, la comunidad cristiana. La familia y la comunidad cristiana serán fundamentalmente el nuevo seminario o semillero. ¿De qué? De cristianos. ¿Y de dónde saldrán los sacerdotes? De los cristianos. ¿Quién los formará? Fundamentalmente, la familia y la misma comunidad cristiana.

Leemos en el Concilio: «El deber de fomentar las vocaciones afecta a toda la comunidad cristiana, la cual ha de procurarlo ante todo con una vida plenamente cristiana. La mayor ayuda en este sentido la prestan, por un lado, aquellas familias que, animadas del espíritu de fe, caridad y piedad, son como un primer seminario, y, por otro, las parroquias, de cuya fecundidad de vida participan los propios adolescentes» (Optatam totius, 2).

Para que la familia, «primer seminario», llegue a ser la comunidad cristiana y, así, el seminario de cristianos y, por ende, de sacerdotes, se ve necesario dar un paso vital de desarrollo, de primera expansión, todavía nuclear, de comunidad en embrión: la creación del equipo, en el que esté representado el pueblo de Dios por un grupo de laicos y por un número más o menos limitado de religiosas y de sacerdotes.

«Descubrimos más y más la necesidad apostólica del equipo: nuestra misión urgente era construir la Iglesia a través de comunidades cristianas enraizadas en el barrio, en la fábrica, a ras de tierra. Pero esta reunión en Cristo no se producía por ge-

neración espontánea; había necesidad de un núcleo, de una levadura: el equipo era esto» (Jaques Loewe. «Como si viera el Invisible» pág. 178).

Según esto, el equipo debe concebirse en función de la comunidad. Nos propusimos, pues, descubrir familias «animadas de espíritu de fe, de caridad y piedad» con vocación para llevar vida de equipo, religiosas y sacerdotes también con vocación de equipistas.

Se hicieron ensayos en este sentido y en otros. Se pudo contar, en un comienzo, con un pequeño grupo de familias que demostraron interés en esta nueva orientación. Se empezó también a congregar, dos días por semana, a muchachos hijos de esas mismas familias o de otras, con el deseo de darles una orientación cristiana y con la esperanza de que surgieran de entre ellos algunas vocaciones al sacerdocio. Pero el equipo mismo no pudo constituirse, al menos en esta época. Los sacerdotes encargados de llevar adelante esta búsqueda de nuevos caminos no estaban preparados para ello. Y así los ensayos no nos dieron resultado favorable. Pero continuamos en búsqueda...

c) *El Seminario Mayor*

La Diócesis de Riobamba, como otras diócesis del Ecuador, tenía en el Seminario Mayor de Quito un pequeño grupo de jóvenes aspirantes al sacerdocio. Tenía también otro pequeño en el Seminario Mayor de Cuenca.

También los seminarios mayores del Ecuador entraron en crisis. Se produjeron disturbios. Se ensayó una modernización. Los jóvenes no se mostraron satisfechos...

Los aspirantes al sacerdocio de la Diócesis de Riobamba que se encontraban en uno y otro seminario me pidieron reunirme con ellos y fue para manifestarme que no estaban satisfechos del estilo de formación que estaban recibiendo. Después de oírles, les pedí que trazaran ellos mismos un proyecto de formación que estuviera acomodado a sus aspiraciones. Este proyecto fue estudiado más tarde,

recibió observaciones, ellos volvieron a elaborarlo una y tantas veces, hasta que al fin, de acuerdo con los sacerdotes que se interesaban en este asunto, fue admitido como válido.

En junio del año 1969, tuvo lugar una de las asambleas de la Conferencia Episcopal Ecuatoriana, para estudiar precisamente el tema del sacerdocio. Se me encargó una ponencia. Al final, dije, entre otras cosas, lo siguiente:

«Hoy, las cosas han cambiado. Y es que el mundo ha cambiado rapidísima y radicalmente.

Hoy, se busca que el niño madure en su ambiente natural, que es la familia. Y van desapareciendo los seminarios menores y los internados.

Hoy, se quiere que el joven se desarrolle en medio del mundo, para que lo conozca y así pueda entenderlo y orientarlo hacia Cristo.

Hoy, se hace mucho hincapié en que el candidato sea fundamentalmente hombre, esto es, adornado de cualidades humanas, y que sea fundamentalmente cristiano, esto es, comprometido con una fe dinámica.

Hoy, se inculca la apertura al mundo, a los hombres que se han alejado de la Iglesia quizá porque no descubrieron en ella el rostro de Cristo, o porque nadie quiso ocuparse de ellos.

Hoy, se desea que el sacerdote se alimente y se santifique con una espiritualidad propia, tal como la ha dibujado el Concilio.

¿Cómo debe ser, entonces, la formación de los futuros sacerdotes? Es cuestión que debemos encarar seria y valientemente.

En anexos separados, ofrezco un plan de reconversión pastoral a largo plazo, preparado por un pequeño grupo de laicos de mi Diócesis, y proyectos elaborados por los mismos seminaristas de Riobamba en los que se busca una nuevo estilo. Espero que ambos anexos sean estudiados detenidamente».

Me costó trabajo alcanzar la aprobación del proyecto elaborado por los seminaristas. Pero, al final, la Comisión Episcopal de Seminarios dio su consentimiento, aunque un poco a disgusto.

Nos empeñamos en realizar esta nueva experiencia. Surgió de nuevo la necesidad de un equipo que, en esta vez, debería estar en función de la formación de los futuros sacerdotes. Se conformó este equipo. He aquí una muestra de la manera cómo reflexionaron conmigo los miembros del equipo, integrado por matrimonios, profesores, alguna religiosa y sacerdotes:

«Para que el sacerdote futuro sea verdadero pastor, es necesario que siga el ejemplo de Jesucristo lo cual significa vivir todos los días la experiencia de Cristo, de modo que sea maestro al enseñar su experiencia existencial de Cristo, tanto por la palabra como por el testimonio. Al orar y al celebrar las funciones litúrgicas el sacerdote debe actualizar el misterio salvífico de Cristo. Al servir a los hombres, al ponerse en contacto con ellos, debe hacer presente a Cristo mismo, por el amor con que actúe y por el espíritu que le anime en cualquiera situación o circunstancia.

Para lograr una inserción en el mundo, los aspirantes al sacerdocio deberían dedicar diariamente unas horas al trabajo manual. El compromiso de trabajo debería lograr, ante todo, esa inserción en la problemática que viven diariamente los hombres del pueblo, —un aprendizaje de lo que cuesta ganarse el pan de cada día, una contribución a su propio mantenimiento.

Para prepararse a vivir en un mundo pluralista y de marcada tendencia comunitaria, los seminaristas deben aspirar a vivir en contacto normal con toda clase de personas y de culturas y a ser un miembro más de una comunidad concreta, participando de todas sus esperanzas y angustias y procurando ser allí fermento del Evangelio. El ambiente de trabajo, la comunidad, los diversos grupos surgidos bajo la inspiración del plan de acción pastoral de la Diócesis, serán los campos de apostolado en los cuales actuarán, no como deportistas que exhiben un juego, sino como cristianos normales que siguen atentos el proceso de la vida y de la acción creadora y transformadora del espíritu.

Para poder ser, en la medida de lo posible, la continuación de Jesús Maestro, los aspirantes al sacerdocio deben dedicar buena parte de su tiempo al estudio. El estudio no será simplemente la adquisición pasiva de conceptos y teorías ajenos. La nueva experiencia debe llevarles a partir del conocimiento de las realidades de manera vivencial y permaneciendo constantemente dentro de ellas. Con este objeto, se dará lugar preferente a la reflexión conjunta. El esfuerzo empezará siendo asistemático, pero aspirará a una sistematización, producto de la conjugación entre conocimiento vivencial de las realidades, asimilación de los principios doctrinales y reflexión encarnadora de los principios en las realidades.

Para poder aspirar a ser, en la medida de lo posible, la continuación de Cristo-Sacerdote, los jóvenes, junto con los sacerdotes que les acompañarán en su formación, se esforzarán por vivir existencialmente la experiencia de Cristo, cuyo alimento fue siempre hacer la voluntad del Padre que está en el cielo. Como cristianos y, en su condición de tales, como miembros del pueblo de Dios, ya son sacerdotes y están llamados a ofrecer sacrificios espirituales. Su vida de trabajo, de estudio y de apostolado, en lo posible, debe estar impregnada de savia evangélica. Para lograrlo, es menester alimentarse. La mesa ha sido preparada y es ofrecida por el mismo Cristo, y es el mismo Cristo, presente en su Palabra y en la Eucaristía. La Liturgia debe ocupar un lugar central en su vida. Y, alrededor de la Liturgia, como preparación y como consecuencia, escogerán los actos de piedad que mejor conduzcan a una actitud de ofrenda permanente.

En el mundo de hoy, cada día toma mayor importancia el equipo en todos los niveles de actividades. Ellos, pues, se irán haciendo equipo. Para esto, vivirán en una misma casa, comerán en la misma mesa, llevarán bolsa común, estudiarán y reflexionarán juntos, tomarán decisiones de común acuerdo».

Y, como muestra de las reuniones con los jóvenes aspirantes al sacerdocio, presento las siguientes notas:

«*¿Qué rasgos estamos descubriendo como distintivos del sacerdote de mañana?*

—Debemos ser curas desmitificados, menos «reverendos». Hombres encarnados, integrados en la comunidad y en el propio equipo. Menos «doctorcitos.»

—El criterio de la gente va cambiando: tenía al sacerdote como alguien sagrado y sacralizador de todo. Ahora le interesa que sea hombre. Hay también un cambio en los sacerdotes, después de haberse cuestionado cuál era su puesto.

—Debemos cultivar una permanente actitud de servicio al pueblo, particularmente al pobre. Una vida de riesgo económico y social, en permanente percepción de exigencias del pueblo que antes habían sido descubiertas. Con un sentido de búsqueda. La profesionalización condiciona la acción sacerdotal, la vuelve secundaria.

—Nos hemos quedado vacíos de signos anteriores. Hoy buscamos los signos de contacto con Cristo. Desde este punto de vista, prestamos atención a la celebración de la Palabra.

—Si no tenemos una vivencia de Fe, no podemos hacer lo que decimos ni realizar experiencias comunitarias.

—Debemos convertirnos a la realidad, pero para no perdernos y para poder resistir las críticas, debemos adquirir criterios claros, mantener el equilibrio y no olvidar que la suprema realidad es Dios.

—No debemos considerarnos como «clase sacerdotal»: esto supone que debemos luchar por la supresión de clases también en la sociedad.

—El sacerdote está llamado a ser un educador del pueblo. Por lo mismo, él primero debe adquirir una actitud crítica. Es difícil ser crítico consigo mismo: hay necesidad de un mínimum de sinceridad y de valentía. Solamente así el sacerdote puede ser un formador de la conciencia crítica del pueblo.

—Los valores humanos deben ser tomados en cuenta: la actitud de acogida a la gente, la sinceridad, el respeto, la comunicación, la solidaridad, el interés sincero por los demás, el cultivo de la iniciativa personal, la capacidad de creer en las personas, de saber perdonar, de valorar lo positivo de los otros. De acuerdo con el Evangelio, debemos combinar la sencillez de la paloma con la astucia de la serpiente. Debemos adquirir la capacidad de servicio, de renuncia, de búsqueda de la verdad, de práctica de la veracidad y de la lealtad.

¿Que deficiencias encontramos en la experiencia de formación que estamos realizando?

—Falta de integración entre los miembros, sobre todo en lo que se refiere a experiencias de trabajo.

—Hay deficiencias en el estudio: después de horas de trabajo, no tenemos mucho ánimo para dedicarnos a los libros.

—Faltan momentos de descanso, de distracción y, por esto, hay el peligro de buscarlos afuera. No tenemos ni un día libre a la semana.

—Hace falta un intercambio de aspiraciones con otros muchachos que se preparan al sacerdocio.

—Nos hace falta aprender a organizar el tiempo y a jerarquizar nuestras actividades.

—Nos encontramos débiles para superar conflictos pasados, pues los seguimos viviendo y los seguimos recordando.

—Hay un descuido y una falta de esfuerzo para conquistar una vivencia evangélica. Faltan celebraciones de la Palabra y de la Misa, a propósito de los acontecimientos que vivimos.

—No llevamos una vida disciplinada y organizada: hacemos lo que primero viene a la mano.

¿Cuáles son las causas de estas deficiencias?

—No hay suficiente confianza entre compañeros.

—Parece existir una sorda lucha por el liderato.

—Hay falta de sintonía y se producen resentimientos.

—Las deficiencias se producen comprensiblemente, si pensamos que estamos manteniendo una lucha entre el individualismo y las exigencias comunitarias.

—Para educarnos en la Fe, a más de avivar una mayor preocupación por la lectura de la Biblia y por la celebración de la Palabra, procurar crecer en amistad, para corregirnos y ayudarnos».

Esta experiencia de formación sacerdotal tuvo sus vicisitudes. La realizaron seis jóvenes. De los seis, solamente uno llegó al sacerdocio. Los cinco restantes están trabajando diversamente pero como cristianos realmente comprometidos con el pueblo.

Posteriormente, hemos continuado en el esfuerzo por encontrar caminos de formación de jóvenes aspirantes al sacerdocio. Procedentes de diversos lugares, después de haber realizado estudios de Filosofía y Teología, se han integrado en el trabajo pastoral de la Diócesis otros seis jóvenes. Cada uno ha formado parte de un equipo pastoral. Por acuerdo tomado por ellos mismos, cada mes se han reunido, naturalmente con algunas fallas, durante una semana, para realizar un intercambio de experiencias y estudios determinados, siempre sobre aspectos exigidos por el descubrimiento de la realidad del pueblo. Para acelerar, cada cual ha tomado a su cargo el estudio de un aspecto y luego han realizado una puesta en común de sus estudios e investigaciones. Así, el pueblo ha tomado parte en su formación y así también autores de libros han contribuido a esa misma formación.

Como fruto de sus estudios y reflexiones, van allegando una documentación, elaborada por ellos mismos, gradualmente valiosa.

El espíritu comunitario y la vivencia evangélica van adquiriendo, tanto en el contacto con el pueblo, como en la conviviencia con los demás miembros de los equipos pastorales.

Tomando en cuenta al joven que optó por el sacerdocio como resultado de la primera experiencia y a los jóvenes que han realizado esta segunda, en fechas distintas del año 1976, recibieron la ordenación sacerdotal cuatro de ellos. A este propósito, es interesante decir que han sido las comunidades cristianas las que han solicitado con insistencia su ordenación. No ha sido por motivos sentimentales.

Las comunidades han realizado reuniones para analizar detenidamente el comportamiento de los candidatos. Han dicho, por ejemplo, que los más llamados a decir su palabra sobre si los candidatos eran o no aptos para el sacerdocio, eran los cristianos de las comunidades, pues ellos estaban en contacto permanente. El Obispo debía descansar en la opinión de las comunidades, para decir su última palabra. Entre las cualidades examinadas por las comunidades cristianas, sobresalen: la participación en la vida de pobreza, la entrega al servicio de los demás, la vivencia del Evangelio, la expresión de capacidad para la vida comunitaria...

En los Hechos de los Apóstoles, leemos lo siguiente:

«Uno de aquellos días, Pedro se puso de pie en medio de los hermanos, que eran alrededor de ciento veinte, y les dijo:

«Hermanos, era necesario que se cumpliera la Escritura en la que el Espíritu Santo había hablado por boca de David acerca de Judas.

El era uno de los nuestros y se le había dado un puesto en nuestra tarea. Sin embargo, se hizo el guía de los que prendieron a Jesús. Y luego, habiendo comprado un campo con el dinero que le dieron por su traición, cayó de cabeza, reventándose, y sus entrañas se desparramaron. La noticia llegó a todos los habitantes de Jerusalén, quienes llamaron a ese lugar «campo de la sangre». Sabemos que en el libro de los Salmos está escrito lo siguiente: que el lugar donde viva quede desierto y no haya quien habite en él. Y también: que otro ocupe su oficio.

Es preciso, pues, que de entre los hombres que anduvieron con nosotros durante todo el tiempo que convivimos con Jesús, desde el bautismo de Juan hasta el día en que nos fue llevado, uno de ellos venga a ser, junto con nosotros, testigo de su resurrección».

Presentaron a dos: José, llamado Barsaba, por sobrenombre Justo, y Matías.

Entonces oraron así: «Tú, Señor, que conoces los corazones de todos, muéstranos a cuál de estos

dos has elegido para ocupar el lugar que Judas dejó para irse al lugar que le correspondía».

Echaron suertes, y la suerte cayó sobre Matías, el cual fue agregado a los once Apóstoles».

La semejanza de lo que está pasando en la Diócesis de Riobamba con lo que se narra en esta parte de los Hechos de los Apóstoles es impresionante. Hay, sobre todo, una similitud en la consulta y en los criterios para la elección. Procediendo de esta manera, esperamos que nuevos sacerdotes se irán integrando en el Presbiterio diocesano.

Creo que, como fruto de nuestro trabajo por la formación de comunidades cristianas, éstas empiezan a dar a la Iglesia los primeros candidatos al sacerdocio. Efectivamente, jóvenes que han participado activamente en la vida y marcha de estas comunidades, han solicitado ser admitidos como aspirantes al sacerdocio. Son todavía pocos, pero esperamos que se vayan multiplicando con el tiempo.

Desde este mismo punto de vista, es necesario también decir que la gran mayoría de quienes están trabajando en los equipos pastorales son seglares. Y también es necesario decir que van multiplicándose de hecho los seglares que ejercen, dentro de sus respectivas comunidades, determinados ministerios al servicio de la Iglesia: evangelizadores, educadores en la Fe, presidentes de la celebración de la Palabra, administradores de ciertos sacramentos...

5. Equipo Misionero

El Equipo Misionero Diocesano nació en el mes de octubre del año 1970. Del 5 al 8 de ese mes, se realizó una reunión, en la casa de Santa Cruz, para estudiar el tema «Evangelización y formación de comunidades eclesiales de base». La invitación a esta reunión fue dirigida a todos los sacerdotes, a todas las comunidades de religiosas y a representantes seglares de algunos grupos. Concurrieron 49 personas. De éstas, 33 se comprometieron a dar una parte de su tiempo para la realización de labor misionera, y una sola persona, el sacerdote Carlos Vera, se comprometió a entregarse a esta labor a tiempo completo.

a) *Primeras experiencias*

Las primeras experiencias de una labor misionera de distinto estilo del que habían realizado congregaciones religiosas fundadas para ellos, se realizaron en la zona de Guano.

De los 33 voluntarios, 18 se encontraron en condiciones de ofrecer su tiempo para llevar adelante un primer ensayo de misión de diverso estilo. Guano es una pequeña ciudad que cuenta con unas 22 comunidades campesinas, a más de la población urbana.

Después de una visita preparatoria y de conocimiento de cada una de las comunidades, hicieron su plan de trabajo y fueron uno a cada una de ellas. Como el número de comunidades era mayor que el número de misioneros, algunos de éstos se hicieron cargo de dos comunidades.

El trabajo duró algunos días. Como se pretendía la formación de comunidades eclesiales de base, los misioneros dejaron responsables elegidos de la misma comunidad, para que continuaran promoviendo reuniones con todas las personas que quisieran hacerlo.

Como fruto de este primer ensayo, al cabo de algún tiempo, se vio que habían perseverado 6 comunidades, gracias a la constancia de sus responsables.

La segunda experiencia se realizó en la parroquia de Penipe. Geográfica y demográficamente, esta parroquia es extensa. Además, cuenta con conglomerados humanos erigidos en parroquias civiles que, por esta razón, cobran una relativa importancia.

Tanto en Penipe, como antes en Guano y después en otras experiencias, el Equipo Misionero ha consagrado toda su atención a los campesinos y no a los centros más poblados.

Con la primera experiencia, la segunda se enriqueció mucho y así progresivamente se han ido descubriendo nuevos caminos.

Desde un principio, el Equipo Misionero ha dado capital importancia a la preparación, mediante el conocimiento de la realidad de cada conglomerado humano, y a la reflexión, después de determinada la labor misionera, con el deseo de descubrir los fallos, las dificultades y de encontrarles una respuesta al mismo tiempo más conforme con la realidad y más profundamente evangélica. La reflexión no se centraba solamente a descubrir los fallos, sino también los logros, los valores de la gente, las señales de la acción secreta del Verbo, las personas con mayor capacidad de entrega y de servicio.

Más numerosas comunidades perseveraron, después de la misión, en la parroquia de Penipe. Han tenido sus altibajos. Han desaparecido algunas durante algún tiempo. Pero luego han vuelto a ponerse en marcha.

Después de esas primeras experiencias, se fueron realizando otras. Han sido atendidas así, a más de las dos ya mencionadas, otras 4 parroquias de la Diócesis de Riobamba.

b) *Expansión*

Poco a poco, fueron apareciendo personas con voluntad de integrarse en este trabajo a tiempo completo. Fue creciendo el Equipo Misionero, en este sentido. Actualmente, el Equipo está compuesto por diez personas permanentes: dos sacerdotes, tres religiosas, dos aspirantes al sacerdocio y tres seglares.

Muchas personas de diversos países de América Latina y de Europa que trabajan en América Latina, sacerdotes y religiosas, han venido a la Diócesis a hacer una experiencia de trabajo por algunos meses. La mayoría han optado por hacer su experiencia junto con el Equipo Misionero. En cambio, quienes ofrecieron en su comienzo un tiempo libre de sus ocupaciones ordinarias, poco a

poco han ido retirándose. Los extranjeros que han venido se han llevado a sus propios lugares de trabajo, junto con las experiencias logradas, el anhelo de continuar una línea semejante, sea en el sentido de la labor evangelizadora, sea con el objetivo de crear comunidades eclesiales de base, sea con el deseo de conformar un equipo misionero. De esta manera, se ha producido una expansión de labor a otros países, pero también a otras diócesis del Ecuador.

Por esta misma razón, el Equipo Misionero ha extendido su colaboración, yendo personalmente a realizar misiones en cinco jurisdicciones eclesiásticas del Ecuador y en dos de Venezuela.

c) *Metodología*

Si alguien preguntara hoy a algún miembro del Equipo Misionero cuál es el método que se emplea, recibiría como respuesta que el Equipo no tiene ningún método. Esto es cierto, si por método se quiere entender un conjunto de fórmulas casi mágicas, aptas para producir unos resultados infalibles. En este sentido, el Equipo Misionero no tiene método.

Pero, si por método entendemos la manera de hacerse equipo, de acercarse al pueblo, de compartir su trabajo y la situación en que vive, de llevar la Palabra de Dios, de desatar un proceso de cambio... entonces, para entendernos, tenemos que hablar del método del Equipo Misionero de Riobamba.

Ante todo, constantemente están preocupados, sin violencias ni angustias, por hacerse equipo, por vivir profundamente el espíritu comunitario. Tienen sus bienes en común, si es que se pueden llamar bienes los pobres medios de que disponen para su trabajo. Cuando pueden estar reunidos todos, hacen su oración comunitaria diariamente. Cuando realizan su labor misionera, hacen su oración junto con el pueblo. La preparación de cada misión y la reflexión una vez que la han terminado duran algunos días, sobre todo la reflexión. Este tipo de

reuniones contribuye también a formar el espíritu comunitario, a tener una misma mentalidad, un mismo método, unos mismos objetivos.

En páginas anteriores, transcribí largos párrafos de la crítica que hicimos con otro equipo del estilo de misiones clásicas. Con el Equipo Misionero, se ha ido llevando a la práctica un estilo de misiones enteramente diversos. Nada de espectacular ni en propaganda previa, ni en sermones, ni en manifestaciones públicas. La invitación es sencilla, personal, yendo de ordinario de casa en casa. Las reuniones, comúnmente dos cada día, se acomodan a las posibilidades de los campesinos, respetando por lo mismo su horario de trabajo. Son también muy sencillas. Se aprende a cantar. Se lee algún texto del Nuevo Testamento una, dos y hasta tres veces. La lectura es hecha por los mismos campesinos. Todos los participantes tienen en su mano el libro del Nuevo Testamento y pueden seguir así la lectura. Se dividen en pequeños grupos en el lugar de la reunión, que puede ser la capilla, o la escuela, o la casa de alguno de los campesinos. En pequeños grupos, comentan ellos mismos la Palabra de Dios, tratan de entenderla y de aplicarla a la vida. Allí van surgiendo los problemas de la comunidad. Después de este trabajo de reflexión en grupos, se rehace la asamblea, se informa sobre el comentario que cada grupo ha realizado y el misionero hace una síntesis, rectificando si hay algo que rectificar, aclarando dudas y poniendo de relieve todo lo positivo. Se termina con la oración y con el canto. Las reuniones duran así dos o tres horas.

Al final de la misión, la comunidad elige las personas que quedarán como responsables del grupo que haya decidido continuar reuniéndose periódicamente.

Surge el problema del seguimiento, tanto de la marcha de la comunidad, como de los responsables. Para atender la primera necesidad, el equipo se ha hecho una obligación de visitar a las comunidades, durante tres o más días, cada dos o tres meses. Y para atender al seguimiento y formación de los responsables, se han ido organizando reuniones

mensuales de todos los responsables en el centro parroquial, jornadas de reflexión y estudio durante el año, sea en el centro parroquial o en la casa de Santa Cruz.

Tanto al interior del equipo como en sus relaciones con las comunidades y con los responsables, se dialoga mucho, con un espíritu de humilde búsqueda en conjunto de la verdad o de lo más acertado para realizar acciones. Se va conquistando una actitud de respeto muy grande a las personas. Por lo mismo, la marcha no es forzada: se camina al ritmo que puede caminar la gente del pueblo.

Hasta ahora, el Equipo Misionero ha trabajado con comunidades de población blanca o mestiza. Actualmente, se está preparando, mediante el aprendizaje de la lengua quichua, para llevar el Mensaje de Salvación también a las comunidades indígenas. Dije que el trabajo misionero había estado orientado casi exclusivamente a los campesinos. Pero, también en esto, el Equipo ha resuelto hacer sus experiencias en ciudades, tales como Riobamba, Quito, Bogotá.

En resumen, el Equipo Misionero ha contribuido mucho a la creación de comunidades eclesiales de base, dentro de los objetivos pastorales de la Diócesis.

6. **Equipos Pastorales**

a) *Dos antecedentes*

Para entender bien la existencia actual de equipos pastorales en la Diócesis de Riobamba, es conveniente tomar en cuenta dos antecedentes: las experiencias de equipos llamados territoriales y funcionales y el plan de reconversión pastoral de la Diócesis de Riobamba.

Al tratar del equipo sacerdotal «Juan XXIII», hice ya una relación breve de nuestras experiencias de establecimiento de equipos sacerdotales, dentro de un marco de búsqueda de aplicación de la pastoral de conjunto.

Los equipos que se establecieron, en este sentido, por los años 62 a 68, fueron destruyéndose por inoperancia, como ya lo dije. Permaneció y permanece hasta ahora el equipo territorial de Riobamba.

Sin embargo, esas experiencias nos dejaron un fruto: el convencimiento de que ya no se podía trabajar solos y de que era necesario aunar esfuerzos con otras personas, formando un equipo.

A esto hay que añadir el hecho de haber puesto en funcionamiento la casa de Santa Cruz, con el expreso objetivo de promover una pastoral comunitaria. El equipo de Santa Cruz, como quedó también explicado oportunamente, no solamente se dedicó a la coordinación de los grupos que se reunían en esa casa para reflexionar, sino que también llevó a cada uno de sus miembros a comprometerse en un trabajo pastoral que llevara a la formación de comunidades eclesiales de base.

Como antecede, todo esto contribuyó a que fueran naciendo de manera menos legalista y más espontánea lo que ahora llamamos equipos pastorales.

El otro antecedente, al que quiero referirme, es el plan de reconversión pastoral de la Diócesis de Riobamba.

Hablando con mayor precisión, no se trata de un plan perfectamente elaborado sino de un esquema que fue pensado por un pequeño grupo comunitario compuesto principalmente por seglares y por un sacerdote. El esquema no fue el resultado de una insinuación mía, sino el producto de una iniciativa propia de este pequeño grupo comunitario.

El esquema tiene cuatro páginas: presentación, descripción del proceso, incidencia numérica del plan en cuanto al clero y sugerencias para la estrategia de elaboración y ejecución del plan.

En la presentación, se expresa el propósito que es «la conversión progresiva y completa de la estructura, de la actividad y del personal pastoral, para adaptarlos mejor a las necesidades de la misión de la Iglesia en el mundo de nuestro tiempo».

El esquema partía de una hipótesis de base. Prevía una investigación sobre los sacerdotes, los seminaristas y los fenómenos socio-religiosos del pueblo, el grupo comunitario autor del esquema señaló como hipótesis de base: la disminución del número de sacerdotes, la disminución de la proporción de fieles, la maduración de la conciencia eclesial del pueblo de Dios, la disminución de los recursos económicos de la Iglesia.

Tomando en cuenta esta hipótesis de base, en la misma presentación, se dibujaban los rasgos principales de la reconversión: se preveía una estructura de transición, en vez de la parroquia, considerada como estructura caduca. La estructura de transición debía ser el sector pastoral que debía desarrollarse progresivamente al mismo ritmo de progresiva desaparición de la estructura caduca de la parroquia. Se preveía un lapso de 10 años, esto es, hasta 1980, para la realización de estos dos fenómenos de avance y desaparición respectivamente. En la década del año 1980 hasta 1990, las estructuras de transición llamadas sectores pastorales debían también desaparecer progresivamente, para dar lugar al desarrollo progresivo de las diaconías y de los apóstoles evangélicos.

La reconversión de la actividad y del personal pastoral está descrita como proceso en la segunda parte del esquema. De los 50 y más sacerdotes seculares existentes en la Diócesis alrededor del año 1970, se calculaba que permanecerían fieles a su misión unos 18, durante la década 1970-1980 y se añadía que, dependiendo el número de sacerdotes del surgimiento de nuevas vocaciones, para la década de 1980 a 1990, en el peor de los casos, bastarían 13 sacerdotes para asegurar la misión de la Iglesia.

Por lo que se refiere a las actividades pastorales, el esquema consideraba las actividades correspondientes al medio rural y las correspondientes al medio urbano. Para el medio rural, en la etapa de surgimiento de los sectores pastorales, debían conformarse equipos de sacerdotes a cargo de sectores de 40.000 a 60.000 habitantes. El equipo debía

vivir en una misma casa y con medios pobres, trabajando inclusive con sus propias manos, para ganarse los medios de subsistencia. Estos equipos debían ser itinerantes, evangelizadores, formadores de los líderes de comunidades cristianas. Para el medio urbano, se preveía la conformación de un equipo de tres o cuatro sacerdotes que vivirían juntos en el centro de la ciudad y que, igual que sus colegas rurales, debían dedicarse fundamentalmente a una labor evangelizadora y educadora de los responsables de comunidades cristianas.

Se preveía también la transformación de la Curia diocesana. Según el esquema, el Obispo debería ser la cabeza de un equipo diocesano reducido: Obispo, Auxiliar como Vicario General, un sacerdote encargado de la formación de los líderes de comunidades y de los diáconos. Para la Secretaría, bastaría una sola persona. El equipo debía vivir en una casa sencilla. El Obispo debía convivir un mes al año con el equipo de cada sector pastoral. Entre otras actividades de participación con cada equipo, el Obispo debía dar el sacramento de la Confirmación en la época de su permanencia en cada sector pastoral.

Este esquema no pudo ser convenientemente elaborado y, por consiguiente, no entró jamás en vigencia de una manera oficial, menos aún impuesta o libremente aceptada por los sacerdotes. En muchos de ellos, causó más bien una actitud de rechazo. Más bien, desde países extranjeros nos llegaron voces de felicitación y de estímulo. Lo cierto es que el esquema no se puso en ejecución, pero la vida ha venido a comprobar posteriormente que la hipótesis de base no era pura fantasía, pues el número de sacerdotes ha disminuído grandemente. También el trabajo pastoral ha ido surgiendo de tal manera que muchos de los rasgos de la transformación prevista son actualmente realizaciones hechas.

b) *Los Equipos Pastorales hoy*

Los antecedentes anteriores, la primacía dada a la labor evangelizadora, el descubrimiento y

formación de líderes campesinos, el nacimiento de comunidades eclesiales de base, la disminución impresionante de sacerdotes... han conducido a la conformación de equipos pastorales tal como están funcionando hoy.

Los equipos pastorales, como creo haberlo dicho, ya no son equipos sacerdotales: están conformados más bien por un número predominante de seglares.

Se ha realizado una descentralización de la actividad pastoral: los centros urbanos y los centros parroquiales son atendidos actualmente los días sábados y domingos de cada semana, de un modo general; durante los demás días de la semana, los miembros de los equipos pastorales se desplazan a las comunidades rurales, para realizar allí una labor evangelizadora y organizativa, en directa conexión con los problemas que la comunidad vive.

De hecho, grandes territorios con un número crecido de habitantes están siendo atendidos por los equipos pastorales. La estructura parroquial va desaparenciendo y hablamos más bien de zonas.

Los cobros arancelarios por la prestación de servicios pastorales, tales como la celebración de la Misa, de fiestas, de matrimonios, de funerales, ha ido también desapareciendo. Los miembros de los equipos pastorales viven pobremente. Ciertamente que no trabajan con sus manos para subsistir, porque el tiempo de que disponen no se lo permite; pero es notable la pobreza en la que viven y el espíritu con que aceptan esa vida de pobreza. En este campo, no todo va sobre ruedas, pues se producen reacciones regresivas en algunos casos.

Hace algún tiempo, hicimos un recuento del personal que trabaja en los equipos pastorales y sumamos 123 personas. De éstas, eran sacerdotes 17 y 11 religiosas. El resto estaba compuesto por seglares, muchos de ellos campesinos.

De acuerdo con lo que la vida nos va diciendo, hemos dibujado ocho grandes zonas pastorales. Aquí hay que aclarar que quedan en la Diócesis sectores en los cuales todavía se mantiene una actividad pastoral más bien tradicionalista. Con esto

quiero decir que las ocho zonas no abarcan la totalidad del territorio de la Diócesis.

Todos los equipos pastorales, aunque con diversidad de métodos, orientan su actividad hacia la formación de la comunidad eclesial de base y hacia la comunidad cristiana.

c) *Fe y compromiso comunitario*

Dentro del largo proceso que hemos vivido, hemos ido evolucionando y descubriendo, con la ayuda del pueblo, cómo tenemos que vivir la Fe. Durante un tiempo, hemos hecho también nosotros compartimentos y distinciones que han llevado a una dispersión de la acción pastoral, dedicando personal y creando oficinas para evangelización y catequesis, para liturgia, para apostolado de los seglares, para la pastoral social, para el apostolado de las vocaciones al sacerdocio, etc. Actualmente, cada comunidad cristiana, junto con su equipo pastoral, analiza y estudia la totalidad de sus problemas y necesidades. Frente a esa realidad múltiple y compleja, la Fe está llamada a buscar la luz y a buscar una respuesta. De aquí nace el compromiso cristiano, de aquí nace el compromiso comunitario.

Entonces, la comunidad ve que debe prestar atención a sus problemas y necesidades, movida por la Fe, movida por la caridad cristiana, movida por la esperanza. Este es el momento en que la comunidad cristiana debe descubrir cuáles son los carismas de los miembros que la componen y, de acuerdo a ellos, distribuir encargos y comisiones.

La pastoral de conjunto había tenido, al menos entre nosotros, una similitud con la organización de una empresa. Faltaba entonces la vida. En cambio, al haber descubierto cómo tenemos que vivir la Fe de una manera concreta, como compromiso con la misión salvadora de Cristo y con el Cristo total, de hecho se va realizando una pastoral de conjunto viva, menos organizada quizá, pero ciertamente más orgánica, es decir, más vitalizada por un mismo Espíritu.

El compromiso comunitario ha ido progresivamente creciendo y ensanchándose. Ya no se trata de enfocar solamente los problemas múltiples y complejos de la propia comunidad, sino también de asumir los problemas, también múltiples y complejos de otras comunidades. Así, se va construyendo poco a poco la Iglesia-comunidad. Estamos muy lejos del ideal, pero se ha comenzado y seguimos caminando.

Más adelante, habrá necesidad de contar cómo se van tejiendo articulaciones, venas y nervios de este cuerpo orgánico.

7. Equipo de Coordinación

a) *Origen y organización*

El Equipo de Santa Cruz fue cuestionado por algunas personas, porque había asumido funciones de reflexión y asesoramiento en relación con la marcha de la pastoral diocesana.

Por otra parte, se venía constatando que se realizaba un trabajo disperso y desconectado. En cada zona, se trabajaba mucho, pero unos agentes de la pastoral ignoraban lo que hacían los otros.

Efectivamente, el Equipo de Santa Cruz no tenía representatividad en relación con los diversos equipos pastorales y era necesario buscar una mayor cohesión en el trabajo.

Por estas razones, en una reunión realizada durante los días 6 y 7 de febrero de 1974, nos planteamos la necesidad de crear un equipo que se encargara de la coordinación a nivel diocesano. El Equipo de Santa Cruz ofreció su colaboración y desde entonces dejó de existir prácticamente.

Para la organización de este nuevo equipo se pensó en dar representatividad a cada equipo pastoral: cada uno de ellos debía elegir su representante ante el Equipo de Coordinación. En algunos casos, se admitió que pudieran ser dos, uno principal y otro adjunto. Creo no haber hablado del plan de educación liberadora para el desarrollo, por cuya

aplicación estábamos haciendo esfuerzos. Explicaré más adelante el plan de acción pastoral de la Diócesis y, aunque no haga referencia explícita a este otro plan de educación liberadora, de hecho tendrá allí su lugar. Es necesario en este momento mencionar este plan, porque de él tomamos los lineamientos para la organización del Equipo de Coordinación y por esto hemos hablado de equipos de trabajo (los equipos pastorales) y de un equipo de promoción, de coordinación y de prestación de servicios. Así quedaron delineadas las finalidades del Equipo de Coordinación diocesana.

b) *Hacia una mentalidad común*

Durante un tiempo relativamente largo, el Equipo de Coordinación buscó afanosamente la creación de una mentalidad común, después de haber constatado que, hablando un mismo lenguaje, pensábamos de manera diferente.

Los principales temas tratados con este propósito fueron: liberación, desarrollo, estrategia, Iglesia y Política, violencia y no violencia.

En cuanto al tema «liberación», al examinar su contenido en la práctica, vimos que una corriente de pensamiento ponía el énfasis en lo económico, otra en lo sociopolítico y otra en el hombre completo, como persona y como miembro de una sociedad.

Este tercer concepto de liberación es el que está acorde con el Evangelio, con los planes de Dios.

Para comprender bien este concepto, es menester reflexionar detenidamente sobre la realidad que encadena al hombre, tanto en su dimensión individual, como en su dimensión social. Para esto, es menester llegar a las causas profundas de la situación en que vivimos. Por lo mismo, no debemos contentarnos con el descubrimiento de causas históricas, de causas económicas, de causas sociales y políticas. Es necesario descender a las causas que solamente la Fe puede ayudarnos a descubrir, no como teoría, sino como realidad vivida. El egoísmo, la ambición, el orgullo tienen su raíz en el corazón,

pero al mismo tiempo se contagian a todos los hombres, en un grado más o menos fuerte. La ambición, por ejemplo, no tiene su asiento únicamente en el corazón de una persona, sino que viene a ser como la atmósfera que respiramos todos los hombres.

La liberación, en sentido cristiano, tiene que mirar a todo el hombre y a todos los hombres y ha de consistir en el rompimiento de las cadenas de pecado en su dimensión personal y en su dimensión social.

Cuando hablamos de liberación integral del hombre, estamos hablando de la liberación cristiana que incluye todas las liberaciones, porque toma en cuenta todas las esclavitudes.

La liberación así entendida está íntimamente ligada con el desarrollo también integral del hombre.

Desde este punto de vista, los países llamados desarrollados lo son, de ordinario, solamente desde el punto de vista económico. En esos países, los valores humanos y los valores comunitarios van desapareciendo.

En la medida en que un pueblo va liberándose de las múltiples cadenas que le oprimen, en esa misma medida va conquistando también su propio desarrollo.

La evangelización es tarea fundamental de la Iglesia. Sin evangelización, no puede haber Iglesia. La evangelización, al proclamar la Buena Nueva de Salvación, provoca el descubrimiento de Cristo, un encuentro personal con El y un compromiso con su misión salvadora. Cristo vino a salvar a todo el hombre y a todos los hombres. Cristo es el Hombre Nuevo, es el prototipo. En la medida en que los hombres, por la acción del mismo Cristo, vamos transformándonos en el Hombre nuevo, vamos alcanzando el desarrollo para el que estamos llamados.

«En realidad —dice el Concilio—, el misterio del hombre sólo se esclarece con el misterio del verbo encarnado. Porque Adán, el primer hombre, era figura del que había de venir, es decir, Cristo nuestro Señor. Cristo, el nuevo Adán, en la misma revelación del misterio del Padre y de su amor,

manifiesta plenamente el hombre al propio hombre y le descubre la sublimidad de su evocación. Nada extraño, pues, que todas las verdades hasta aquí expuestas encuentren en Cristo su fuente y su corona» (G. S. 22).

Así se entiende que el Evangelio sea liberador de suyo. Así se entiende que la Fe vivida como compromiso debe tener características liberadoras. Así se entiende que la Iglesia, prolongación de Cristo, tenga como misión la liberación integral del hombre.

Pero una fe vivida de esta manera necesariamente incide en lo político, es decir, necesariamente tiene que enfrentar la situación de pecado, tanto en su dimensión individual como en su dimensión social. Desde esta perspectiva, la Iglesia actúa políticamente. Si es fiel a su misión y a su compromiso, su actuación política por lo mismo que acción liberadora es correcta y evangélica. En cambio, sea que la Iglesia establezca alianzas explícitas o implícitas con los poderes de este mundo, o sea que por apego a sus privilegios o a una tranquilidad mal entendida, actúe favorablemente la permanencia y robustecimiento de la situación de pecado, se coloca en una postura de clara infidelidad a su misión y al Evangelio. Los mismos silencios, en momentos en que se pisotea la justicia, por ejemplo, constituyen una complicidad con el sistema establecido, con la situación de pecado.

Las ideologías elaboradas por los hombres, aun en el caso en que éstos sean cristianos, y los partidos políticos dinamizados por esas ideologías, en cambio no constituyen la tarea propia de la Iglesia. Como Cristo, la Iglesia debe mantenerse libre e independiente de todo partido político. Esta actitud de la Iglesia no debe impedir, sin embargo, que determinados miembros suyos, aquellos que sienten que su compromiso de Fe debe canalizarse por la militancia política, contraigan este compromiso, antes bien, debe ayudarlos a motivarse de acuerdo con el Evangelio en su participación con la lucha política, con frecuencia llena de escollos, de ambigüedades y de turbias ambiciones.

¿Podemos hablar, como Iglesia, de estrategia? ¿Debe tener la Iglesia de Riobamba su propia estrategia? Nos hemos hecho preguntas como éstas.

Si por estrategia entendemos un proceso que, partiendo de la realidad, nos va llevando, con la luz de unos principios y de unos métodos, hacia la conquista de una finalidad y de unos objetivos, tal vez podemos decir que tenemos una estrategia. El término se aplica con más propiedad al lenguaje militar y al lenguaje específicamente político. En el lenguaje militar, hay una estrategia y hay unas tácticas que se emplean para conquistar unos objetivos, dentro de una guerra. En el lenguaje político, se utiliza también esta terminología para indicar que unos cuadros políticos, conducidos por una ideología determinada, aspiran a la captación del poder, como medio de establecer teóricamente una sociedad mejor organizada.

Por el mismo hecho de que la Iglesia no tiene como objetivo la captación del poder político, la terminología no se aplica adecuadamente. La utopía por la que trabajamos es el Reino de Dios. Nuestra finalidad trasciende la más calificada intención de captación del poder político. Dentro del proceso mismo, las acciones de la Iglesia deben insertarse, con la mayor fidelidad posible, en el espíritu del Evangelio.

Un tema que, teóricamente, apasiona a muchos es el de saber si, hablando de liberación, hay que optar de antemano por los métodos de acción violenta. En todos los ambientes, se habla de revolución. ¿Los cristianos, estamos o no llamados a ser revolucionarios?

Como resultado de nuestras reflexiones, hemos creído ver que a la Iglesia no le corresponde usar métodos violentos. No está llamada a organizar guerras ni guerrillas. En sus luchas por la Verdad y por la Justicia, debe siempre amar a todos los hombres, respetar la dignidad de la persona, aun cuando se trata de los opresores.

Cristo fue ciertamente un revolucionario, pero en un sentido muy diferente al que utilizamos los hombres cuando queremos transformaciones econó-

micas y socio-políticas. Frente a los poderes de este mundo, poderes de dominación y de desorden, Cristo vino a oponer el Reino de Dios, hecho de humildad, de verdad, de amor, de justicia. La revolución de Cristo consiste en la destrucción de este mundo de pecado para el establecimiento del Reino de Dios entre los hombres.

c) *Al servicio del plan diocesano*

Los puntos de referencia del Equipo de Coordinación están en los alineamientos del plan de acción pastoral diocesano. Al servicio de este plan era necesaria una mentalidad común.

Pero esto no es suficiente. El Equipo debe estar también al servicio del plan concreto adoptado, de común acuerdo, por los agentes de la pastoral y por las comunidades cristianas.

¿En qué consiste este plan? Al hablar de estrategia, he dicho ya que tenemos en cuenta el Reino de Dios como nuestra utopía. Un plan debe trazar líneas concretas. Por esto, hemos señalado las dos primeras grandes líneas expresadas en estas palabras: partimos del conocimiento de la realidad hacia la consecución de la liberación integral del hombre concreto del Chimborazo y hacia la edificación de la Iglesia como comunidad comprometida con esta liberación.

Cuando decimos que partimos del conocimiento de la realidad, en la práctica estamos iniciando nuestro proceso. No nos contentamos con conocer la realidad por simples informaciones de estudios realizados por sociólogos, por antropólogos o por otros especialistas. Nos esforzamos por meternos en ella, por sentirla en carne propia, junto con la gente. No vamos al pueblo como curiosos investigadores. Vamos al pueblo para conscientizarnos mutuamente, para descubrir en su profundidad toda la realidad humana, en lo que tiene de positivo y en lo que tiene de negativo. Pretendemos descubrir la situación de pecado, no como una teoría, sino como una realidad viva. El pecado está socialmente estructurado. El pecado está también mentalmente estructurado. Tenemos una mentalidad de pecado y tenemos unas estructuras sociales de pecado.

Dije que iniciamos así un proceso de conscientización mutua con el pueblo. Al mismo tiempo, iniciamos también un proceso de evangelización mutua.

El proceso de conscientización y el proceso de evangelización nos llevan a buscar cómo organizarnos. Llegamos a ser conscientes, por una parte, de nuestra incapacidad de liberarnos solos y, por otra parte, de nuestra vocación comunitaria. La organización que nos corresponde es la comunidad cristiana, la concreción de la Iglesia en grupos de hombres que se comprometen a ser seguidores de Cristo, discípulos suyos.

También hemos adquirido, dentro de este proceso, la conciencia de que se producirán enfrentamientos entre ese mundo de pecado y el propósito de establecimiento del Reino. No hay posible conciliación entre estos dos mundos. De hecho, tenemos ya muchas experiencias de enfrentamientos.

Concebimos la catequesis, no tanto como una enseñanza y aprendizaje de una doctrina sistemáticamente elaborada, sino como un proceso de crecimiento en Cristo. Para provocar este crecimiento, la reflexión con el Evangelio sobre las diversas situaciones que vive el pueblo, nos lleva a descubrir motivaciones y sustituirlas, cada vez que las descubrimos, por motivaciones inspiradas precisamente por la Palabra de Dios. Debe realizarse en nosotros esa muerte al hombre viejo, de que habla San Pablo, para dar lugar al hombre nuevo. Debemos disminuir nosotros, para que El crezca. En esto, estamos llamados a ayudarnos los unos a los otros para crecer juntos. Así, matando al hombre de pecado, en la comunidad, en la Iglesia, en el mundo, el Cristo total va adquiriendo la estatura que le corresponde. Ojalá podamos decir, a imitación de Pablo: Vivimos nosotros, pero no somos nosotros los que vivimos, sino que es Cristo quien vive en nosotros.

Dentro de esos grandes lineamientos, el plan de acción pastoral de la Diócesis está llamado a ser abierto y dinámico. La realidad de suyo es cambiante. Debemos esperar que nuestra acción contribuya también al cambio. Esa misma realidad cambiante nos va mostrando necesidades concretas a las que hay que responder adecuadamente.

En la segunda parte del año 1975, en fechas diversas, realizamos tres reuniones con la participación de la mayoría de los integrantes de los equipos pastorales. Uno de los resultados de esas tres reuniones fue, precisamente, el descubrimiento de necesidades graves y urgentes. Intensificación de la labor evangelizadora, en respuesta particularmente a los desvíos de la religiosidad popular. Autenticidad mayor de la misma labor evangelizadora, en respuesta a la invitación de sectas protestantes norteamericanas que predican un evangelio divisionista y espiritualista. Búsqueda de medios eficaces de seguimiento y vinculación fuerte, en respuesta al complejo problema de las migraciones campesinas. Reafirmación en la actitud de luchar por la justicia, en respuesta al funcionamiento de costumbres y de mecanismos de injusticia. Mayor atención al descubrimiento y formación de seglares, en respuesta a la necesidad de diversos ministerios en la Iglesia. Búsqueda de equilibrio entre la pastoral urbana y la pastoral rural, en respuesta a la descentralización que ha causado un descuido de atención a los problemas urbanos. Estructuración geográfica y organizativa de la Diócesis, en respuesta a la necesidad de llevar a un mayor número de personas la Buena Nueva de Salvación.

Cada año, realizamos evaluación de nuestro trabajo, tanto a nivel de responsables de comunidades cristianas, como a nivel de equipos pastorales. Hemos hecho últimamente estas evaluaciones y hemos resuelto mantener el programa de acción anteriormente descrito, con respuesta a las siete necesidades señaladas.

d) *Tejiendo articulaciones*

El Equipo de Coordinación es ya un ensayo de creación de un sistema de arterias vitales y vitalizadoras. El problema que se viven en cada zona pastoral son traídos a las reuniones del Equipo de Coordinación por los delegados de los equipos pastorales. El pensamiento y la creación de servicios son ofrecidos, a través de los equipos pastorales, a las comunidades cristianas de cada zona y de toda la Diócesis. A mi modo de ver, esto constituye el más importante esfuerzo de unificación orgánica. Indudablemente, falta mucho que hacer.

Aparte de esto, se han ensayado diversas formas de articulación entre comunidades y comunidades. Cada año, se realiza en la casa de Santa Cruz una convivencia de las comunidades cristianas. La participación ha ido creciendo. Los resultados son excelentes. Después de cada convivencia, las comunidades retornan a su lugar de origen y a su trabajo más animadas y fortalecidas.

Para el presente año, se ha resuelto organizar convivencias zonales, a más de la convivencia anual que ya se viene realizando. Se realizó ya una primera convivencia de este tipo, también con muy buenos resultados.

Desde hace años, mantengo un programa radial semanal. Cada viernes dialogo con grupos comunitarios que se congregan para escucharme y para responder a preguntas que propongo. Me mandan respuestas por escrito. También éste es un medio de vinculación entre las comunidades cristianas. No todas pueden contestarme por escrito, a causa de la distancia. Pero muchas me escuchan y se animan.

Hemos ensayado, sin éxito todavía, la elaboración y difusión de un boletín informativo. Tal vez la falta de éxito se debe a que un boletín es, en cierto modo, impuesto por un grupo de personas; es impersonal y no lleva ese calor humano que lleva, por ejemplo, una carta. Los campesinos, en su evaluación última, se han comprometido a escribir cartas. Lo hacen ya con sus compañeros que

han ido a otras ciudades o a otros campos en busca de trabajo. Quizá es ésta la pista que necesitábamos.

No debo dejar en el olvido el hecho, ya frecuente, de expresión de solidaridad en los momentos difíciles, sea de una comunidad, sea de los agentes de la pastoral.

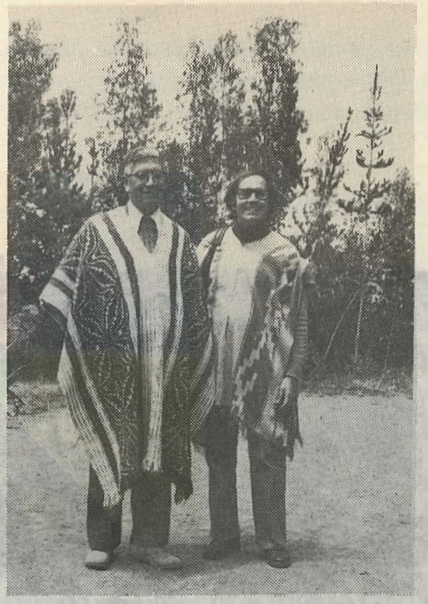
Otro medio de vinculación, particularmente conmigo, está constituído por las visitas que realizo a las comunidades. Casi cada domingo he ido a una comunidad. En el año anterior, ha habido semanas en que he visitado tres comunidades. Por su parte, los campesinos vienen a verme, ordinariamente los sábados.

". . . Se van convirtiendo en verdaderos Maestros o Educadores en la fe de niños y adultos. . . "

MOVIMIENTO INDIGENA: ". . . Veían la necesidad de promover un movimiento unificador de las comunidades indígenas".

— ". . . La solidaridad es fruto de un proceso y la manera actual de expresar el amor a nuestros hermanos que sufren . . ."

— " La fe cristiana nos descubre a un Dios solidario con los pobres, con los oprimidos."



Mons. Leonidas Proaño y Adolfo Pérez Esquivel, Premio Nobel de la Paz.

Mons. Leonidas Proaño y Mons. Sergio Méndez Arceo, Obispo de Cuernavaca, México.

Manifestación de respaldo a Mons. Proaño, después de la Prisión. Agosto de 1976.

IV

SOCIEDAD

1. Evaluación

Dije ya que cada año hemos hecho evaluación de nuestro trabajo pastoral. Ninguno de nosotros ha sido un técnico en evaluaciones: las hemos hecho a nuestro modo de ver y entender, extrayendo criterios de nuestra misma práctica.

Por esta razón, algunos miembros del Equipo de Coordinación Pastoral empezaron a sentir la necesidad de que una institución especializada y proveniente de afuera viniera a evaluar nuestro trabajo.

Teniendo latente esta necesidad, ocurrió que recibí un día la visita de una persona integrante del INODEP, cuya sede se encuentra en París. En la fundación del INODEP tomó parte Paulo Freire. El INODEP (Instituto Ecuménico al servicio del Desarrollo de los Pueblos) tenía en París un Centro Intercultural que organizaba Encuentros de Formación, mediante el uso de una pedagogía liberadora. Un sacerdote de la Diócesis de Riobamba obtuvo una beca que le permitió seguir uno de estos Encuentros.

La visita de esta delegada del INODEP a Riobamba tenía por objeto realizar un seguimiento de la labor de este sacerdote como también la de otras personas que, desde el Ecuador, habían participado en dichos Encuentros. A través de la conversación que mantuve con esta persona, me dí cuenta de que también se dedicaban a hacer evaluaciones de trabajo pastoral. Le propuse, entonces, que el INODEP se

encargara de realizar una evaluación profunda y amplia de la labor pastoral llevada a cabo durante años por la Diócesis de Riobamba. La propuesta fue aceptada.

a) Evaluación del INODEP

El INODEP nos envió dos personas para la evaluación de la labor realizada por la Diócesis de Riobamba.

Ocupamos quince días, entre febrero y marzo de 1979.

El procedimiento que se utilizó siguió las líneas generales de lo que INODEP ha llamado "Crítica institucional y creatividad colectiva".

El método que se siguió recogió las grandes pautas señaladas por Paulo Freire: codificación, descodificación y recodificación.

Para lograr el objetivo, estos dos miembros del INODEP, acompañados de cuatro personas del Equipo de Coordinación Pastoral de la Diócesis, tuvieron reuniones con la mayoría de los integrantes del mismo Equipo de Coordinación Pastoral, con diferentes comunidades indígenas y rurales que estaban recibiendo el beneficio de la acción pastoral de la Diócesis; con las personas que, habiendo estado comprometidas en este trabajo, por algún motivo decidieron retirarse de la Iglesia; con las instituciones o grupos de personas que se mostraron amigas y simpatizantes de este tipo de trabajo, sobre todo en momentos de conflicto, y con las personas que perteneciendo o no a la Iglesia, demostraron no estar de acuerdo con la labor que se estaba realizando.

Después de recoger de estos diversos sectores humanos opiniones y críticas, los miembros del Equipo de Coordinación Pastoral fuimos convocados de nuevo, no sólo para escuchar las críticas y las opiniones, sino también para discutirlas.

Luego se volvió al contacto con esos diversos sectores humanos, también en este caso con el objeto de escuchar su manera de pensar y de recoger sus reacciones.

Por último, volvió a reunirse el Equipo de Coordinación Pastoral para dibujar una posible nueva estrategia de trabajo que, luego de terminada la evaluación, debía continuar elaborándose.

b) Reestructuración del plan pastoral.

Pasamos largos meses trabajando afanosamente en una reestructuración del plan pastoral, dentro de estas grandes líneas:

- Utopía cristiana o finalidad.
- Metas u objetivos generales.
- Política general o criterios.
- Objetivos.
- Tácticas.
- Recursos humanos y materiales.
- Obstáculos.
- Programación.
- Método.

c) Consecuencias.

Quiero señalar tres consecuencias principales de este importante trabajo de evaluación realizado con la ayuda del INODEP.

La pérdida de tiempo fue una de las consecuencias de esta evaluación. Nos enfrascamos en largas y penosas discusiones cuando nos dedicamos a la rees-

tructuración del plan patoral, a veces con demasiadas minuciosidades. En momentos como éstos es cuando hay que hacer valer el principio que dice que la discusión teórica nos lleva siempre a largas e interminables discusiones y que es más bien la práctica la que nos unifica y nos entusiasma.

Otra consecuencia fue la acentuación cada vez más fuerte de discrepancias en el seno mismo del Equipo de Coordinación Pastoral. El fondo de las discrepancias consistió en que unos ponían mayor énfasis en la labor eclesial y otros en la labor política. Estas discrepancias no han desaparecido hasta ahora.

Una tercera consecuencia ha sido una mayor claridad en lo referente a las relaciones Iglesia-Sociedad, Fe-Política, Compromiso Eclesial y Compromiso Político.

d) Marco Teórico.

Fruto positivo de esa evaluación y de las largas discusiones que hemos tenido e inclusive de las divergencias que surgieron en el marco teórico que orienta actualmente el plan pastoral de la Iglesia de Riobamba. Creo conveniente transcribirlo íntegramente:

1. PUNTO DE PARTIDA: Para la realización del trabajo pastoral, en la Diócesis de Riobamba, **partimos del conocimiento de la realidad.** El conocimiento de la realidad es el punto de partida para la planificación y, por consiguiente, para el trabajo mismo.

Para conocer la realidad del pueblo:

1.- Hay que ir al pueblo mismo, en un **proceso de acercamiento;**

2.- Hay que ir a verla, en lo posible, con los ojos del pueblo, en un clima de confianza y de diálogo;

3.- Hay que acostumbrarnos, por lo mismo, a escuchar, en una **actitud de aprendizaje;**

4.- Hay que **aspirar a sentirla,** en carne propia, mediante un esfuerzo de encarnación que conviene sea graduado de acuerdo a nuestras condiciones de aguante físico y psicológico;

5.- Hay que **reflexionar,** con el pueblo, para una profundización en el conocimiento, haciéndonos preguntas sobre las causas, las circunstancias y las posibles consecuencias;

6.- Hay que **ampliar y globalizar,** con el pueblo, el conocimiento que se va adquiriendo, por medio de reuniones de intercambio y por medio del estudio de libros y de publicaciones.

Partir de la realidad significa dar **todos estos pasos,** sin olvidar ninguno.

2. PUNTO DE LLEGADA: La planificación pastoral y el consiguiente trabajo pastoral deben tener **una finalidad última.** Debemos saber a dónde vamos.

Preguntémonos, entonces:

Si ya sabemos cuál debe ser nuestro punto de partida, **¿hacia dónde nos encaminamos? ¿Cuál debe ser nuestro punto de llegada? ¿Para qué nos dedicamos al conocimiento de la realidad del pueblo? ¿Cuál es la finalidad?**

Como somos cristianos, la Fe nos enseña que nuestra finalidad es: **EL REINO DE DIOS.** Nos encaminamos hacia el Reino de Dios,

Y, ¿qué es el Reino de Dios?

ES DIOS MISMO QUE SE NOS DA, QUE SE NOS ENTREGA, EN SU HIJO, JESUCRISTO, gratuitamente, por amor.

El Reino de Dios es **Reino de Gracia,** porque Dios nos ama sin merecerlo nosotros: nos ama gratuitamente; porque, en fuerza de ese amor, Dios nos hace donación de Sí mismo, gratuitamente, en su Hijo, Jesucristo.

El Reino de Dios es **Reino de Vida,** porque Dios es la Vida, y nos envía a su Hijo Jesucristo, para que tengamos Vida y la tengamos en abundancia.

El Reino de Dios es **Reino de Verdad,** porque Dios es la Verdad, y nos envía a su Hijo Jesucristo, para que caminemos en la luz y no en la tinieblas.

El Reino de Dios es **Reino de Amor,** porque Dios es amor, y nos envía a su Hijo Jesucristo, para que aprendamos a amarnos los unos a los otros, como El nos ha amado, hasta dar la vida por sus amigos.

El Reino de Dios es **Reino de Justicia,** porque Dios es la Justicia, y nos envía a su Hijo Jesucristo, para que los que sienten hambre y sed de justicia sean saciados.

El Reino de Dios es **Reino de Paz,** porque Dios es la Paz, y nos ha enviado a su Hijo Jesucristo, para que conquistemos la paz que es el fruto de la Justicia.

El Reino de Dios es **Reino de Libertad,** porque Dios es la Libertad, y nos ha enviado a su Hijo Jesucristo, para que la Verdad nos haga libres, y, como hijos de un Dios que es el Dios de la Libertad, seamos también libres.

El Reino de Dios es **Reino de Gozo,** porque Dios es la Felicidad, y nos ha enviado a su Hijo Jesucristo, para hacernos partícipes de su Felicidad, de la Felicidad Eterna.

Por lo dicho, aparece claramente que el Reino de Dios es enteramente lo contrario del Reino de este mundo, pues el conocimiento de la realidad nos muestra que el Reino de este mundo está hecho de EGOISMO, de MUERTE, de MENTIRA, de ODIO, de INJUSTICIA, de GUERRA, de DOMINACION, de TRISTEZA y ANGUSTIA.

3. OBJETIVOS GENERALES: La Fe es, de parte de Dios, **esta donación, esta entrega que El nos hace de Sí mismo,** en su Hijo Jesucristo, tal como acabamos de recordarlo.

La Fe es, de parte nuestra, **la aceptación de esta donación, la aceptación de Jesucristo,** con todas sus consecuencias.

La aceptación de Jesucristo nos compromete **a trabajar incansablemente por la implantación de este Reino de Dios en el mundo,** lo cual trae consigo duras luchas.

Así, empiezan a perfilarse los **objetivos generales** del Plan Pastoral de la Diócesis de Riobamba, en dos sentidos: en relación con la Iglesia, en relación con la sociedad. Y decimos que la Fe, entendida como aceptación de Jesucristo, nos compromete:

1.- A trabajar en la **edificación de la Iglesia,** desde los pobres y con los pobres, para que sea comu-

nidad, pueblo de Dios, signo expresivo del Reino;

2.- A aportar todo lo posible a **la construcción de una Sociedad Nueva** que sea anticipo del Reino de Dios en la tierra.

Jesucristo recibió de su Padre la misión de salvar al mundo.

Jesucristo cumplió su misión haciéndose pobre y con los pobres.

Jesucristo encargó a su Iglesia continuar su misión de la misma manera: "Así como me envió mi Padre, así les envío Yo a ustedes". (Juan 20, 21).

Lo primero, en la intención, es la salvación del mundo. Lo primero, en la ejecución, es la edificación de la Iglesia. Esto quiere decir que nos dedicamos a la edificación de la Iglesia como signo del Reino de Dios, para poder contribuir así a la construcción de un mundo nuevo que sea también signo del Reino.

4. OBJETIVOS ESPECIFICOS: Entre el punto de partida, la realidad, y el punto de llegada, el Reino de Dios, hay un largo y duro camino. La realidad es muy cercana. El Reino de Dios se muestra muy lejano. Sin embargo, el Reino de Dios nos atrae, nos llama, nos motiva, nos comunica ánimo y entusiasmo.

Los objetivos generales se muestran un poco más cercanos, pues vivimos en el seno de la Iglesia y vivimos en el mundo. Pero nos preguntamos todavía: **¿Qué es construir la Iglesia? ¿Qué es contribuir a la construcción de un mundo nuevo, de una sociedad nueva?**

Estas preguntas reclaman respuestas más concretas. En busca de estas respuestas, dirigimos la mirada, tanto a la finalidad y a los objetivos generales, como a la realidad desde donde iniciamos el camino.

Si prestamos atención a lo que sucede, en estas últimas décadas, descubrimos en la marcha de la Iglesia, **la novedad** de las **Comunidades Cristianas de Base,** y, en la marcha de la Sociedad, **la presencia activa de la organización popular.**

Así, se va despejando el camino.

Edificar la Iglesia, desde y con los pobres, es, entonces, **trabajar por la formación, multiplicación y consolidación de Comunidades Cristianas de Base** y por otros tipos de Comunidades Cristianas.

Y contribuir a la construcción de una Sociedad nueva es **hacernos activamente presentes en el seno de la organización popular, allí, en donde existe,** o **promoverla en donde no existe.**

Estos son, en el Plan Pastoral de la Diócesis de Riobamba, los objetivos específicos, más concretos, más al alcance de la mano.

Al rededor de éstos, brotan otros objetivos, igualmente concretos. Dentro de la labor de edificación de la Iglesia, de la vida misma de las Comunidades Cristianas, brota la necesidad de formar **responsables de la marcha de esas Comunidades, Catequistas,** Misioneros, futuros Sacerdotes. . . Dentro de la tarea de contribuir a la construcción de una Sociedad nueva, brota la necesidad de contribuir a la formación de **dirigentes de organizaciones populares, educadores, divulgadores, administradores, secretarios . . .**

Recogemos, así, una feliz convergencia: en la Comunidad Cristiana de base y en la Organización popular, confluyen los pronunciamientos de la Iglesia jerárgica y el proceso que está siguiendo el pueblo. Indudablemente, esta convergencia es el resultado de una inter-relación Iglesia-pueblo, pueblo-Iglesia.

5. ACCIONES: Misión fundamental de la Iglesia es **la evangelización, el anuncio de la Buena Nueva.**

La Buena Nueva es Jesucristo, Dios con nosotros, nuestro Salvador, el Reino de Dios que está en medio de nosotros. Jesucristo es para nosotros Buena Nueva, porque viene a salvarnos de esa realidad de perdición que se manifiesta en el egoísmo, en la muerte, en la mentira, en el odio, en la injusticia, en la guerra, en la dominación, en la tristeza y en la angustia. Son los enfermos los que necesitan de médico. El médico es buena noticia para el enfermo.

De aquí la necesidad de unir estrechamente al cumplimiento de la misión evangelizadora la **realización del proceso de concientización del pueblo.** Los que se creen sanos no sienten la necesidad del médico. Sentiremos la necesidad de Jesucristo, en la medida en que seamos conscientes de que estamos sumergidos en un mar de miserias. **La misma Palabra de Dios,** cuando no es utilizada al servicio de intereses humanos y de ideologías, **es, de suyo concientizadora.**

El resultado de la Evangelización así entendida y practicada es **un despertar a la esperanza, es un ponernos en pie, es una disposición a emprender la marcha, es una adquisición de conciencia de que solos no podemos nada y de que tenemos que unirnos, que organizarnos, que hacernos pueblo solidario,** para destruir en nosotros, en la Iglesia y en la Sociedad, todo lo que constituye el reino de este mundo e ir implantando en su lugar el Reino de Dios.

Resumiendo, las grandes acciones que estamos llamados a realizar, teniendo a Jesucristo como Camino, son las siguientes: **EVANGELIZACION - CONCIENTIZACION - ORGANIZACION - DENUNCIA Y DESTRUCCION DEL MAL - CONSTRUCCION DE LA IGLESIA COMO SIGNO DEL REINO DE DIOS - PARTICIPACION EN LA CONSTRUCCION DEL MUNDO NUEVO.**

2. Ministerios

Dentro de cada uno de los objetivos generales, la Palabra de Dios y la vida misma nos van indicando cuáles deben ser hoy los objetivos específicos por los que tenemos que trabajar activamente.

Bajo el título "Ministerios", voy a ocuparme brevemente de realidades esperanzadoras que estamos alcanzando y que constituyen esos objetivos específicos a que hice referencia.

a) Misioneros campesinos

Las Comunidades Eclesiales de Base, por cuya promoción venimos trabajando desde el año 1968, empiezan a darnos frutos halagüeños. Siguiendo un orden de importancia, quiero referirme en primer lugar al nacimiento de misioneros seglares campesinos.

La Conferencia de Puebla, realizada a comienzos del año 1979, recogió esta realidad esperanzadora expresándola con las siguientes palabras: "La vitalidad de las Comunidades Eclesiales de Base empieza a dar sus frutos; es una de las fuentes de los ministe-

rios confiados a los laicos: animadores de comunidades, catequistas, misioneros" (No. 97).

San Pablo en su primera carta a los Corintios, escribió: "ustedes son el cuerpo de Cristo, y cada uno en particular es parte de él. Así, pues, Dios nos ha establecido en su Iglesia: en primer lugar, los apóstoles; en segundo lugar, los profetas; en tercer lugar, los maestros . . ." (v. 27 y 28)

En esta Diócesis, los misioneros campesinos nacieron sin insinuación explícita de los agentes de pastoral, más bien por impulso del Espíritu Santo. Una vez que los campesinos descubrieron a Cristo en la lectura y reflexión de la Palabra de Dios, una vez que descubrieron la Buena Noticia para los pobres, experimentaron esa alegría comunicativa de los primeros discípulos de Cristo. San Juan nos cuenta en su Evangelio la historia de los primeros discípulos de Jesús. Fueron dos los que le siguieron hasta la casa en donde vivía y se quedaron a conversar con él todo el tiempo que les quedaba de la tarde de ese encuentro. Después de ésto estos dos discípulos fueron a buscar a sus hermanos y amigos para comunicarles la extraordinaria noticia: habían encontrado al Mesías.

Algo parecido ha pasado con los campesinos: también ellos se han sentido impelidos a llevar la Buena Noticia a otros hermanos y amigos suyos.

Los misioneros indígenas han organizado ya numerosos cursos de preparación. Los han realizado en alguna comunidad indígena, con la cooperación de todos y, por lo mismo, sin solicitar ayuda económica de nadie.

En una de estas reuniones de preparación, convinieron en que eran necesarias diez condiciones para

ser misionero campesino: conocer la realidad y hacerla conocer; comparar la realidad con la Palabra de Dios; saber cómo se hacen las misiones; profundizar el tema y sacar compromisos; tener fe y amor a Dios y al prójimo; ser aceptados por la gente y enviados por la propia comunidad; tener experiencia misionera; convertirse, esto es, evitar la borrachera, llevar una vida armónica en la familia, ser comprensivos de las debilidades de los otros y no tener interés por el dinero; saber hablar quichua y castellano; estar dispuestos a entregarse al servicio del pueblo pobre, para formar la Iglesia y caminar hacia la liberación de los pobres.

b) Animadores de comunidades.

En la medida en que se multiplican las comunidades eclesiales de base se van multiplicando también los animadores. En muchos casos, las comunidades eligen dos, tres o más animadores, hombres y mujeres, con el objeto de que, ausentándose alguno por cualquier motivo, la comunidad no quede desamparada.

El papel del animador ha venido a ser, en pequeño, el mismo del pastor. San Pablo habla del carisma de los pastores. Lo que está llamado a ser el Obispo en su diócesis y el cura en su parroquia, con las debidas limitaciones, están llamados a ser los animadores en sus respectivas comunidades: alimentan la vida de fe con la Palabra de Dios proclamada y reflexionada en reuniones por lo menos semanales; pueden presidir la celebración de la Palabra, los domingos y días festivos, previas unas preparación y el encargo requeridos; pueden con las mismas condiciones realizar la celebración de algunos sacramentos y de funerales; están atentos a salvaguardar la fe y las buenas costumbres, frente a los peligros que, a este respecto, acechan a las comunidades, y reparten funciones y

responsabilidades que tienen que ver con la buena marcha de la comunidad para cuyo servicio han sido elegidos y constituídos.

Gracias a este ministerio no consagrado, la vida cristiana florece y se vigoriza aún en lugares apartados y de difícil acceso.

c) Catequistas o educadores en la fe.

La existencia de catequistas no es nada nuevo en nuestras Iglesias. En los centros poblados, siempre buscó el Párroco colaboradores, particularmente entre las señoritas, para realizar la labor catequética. Desde tiempos de la colonia, se establecieron los "rezachidores", encargados de hacer repetir hasta memorizar las preguntas y respuestas de una cartilla sencilla y para memorizar también algunas oraciones.

Lo nuevo de los catequistas que han nacido de las comunidades eclesiales de base consiste en que se van convirtiendo en verdaderos maestros o educadores en la fe de niños y adultos. Ellos se encargan de la catequesis pre-sacramental. Preparan a la penitencia y a la recepción de la Primera Comunión a los niños. Preparan a los jovencitos de 12 años en adelante para la recepción del sacramento de la Confirmación. Preparan a los padres y padrinos que solicitan el bautismo de un niño. Preparan también a los novios para la recepción del sacramento del matrimonio.

Para ser fieles a los principios doctrinales, se preparan ellos mismos participando en cursos adecuados; pero su catequesis se encarna en la vida y busca el crecimiento en Cristo. Aspiran a ser maestros o educadores en la fe, no sólo con la palabra, sino principalmente con el ejemplo.

d) Muchachas indígenas misioneras.

Más que una realidad, en estos momentos es un anhelo nacido en el corazón de determinadas muchachas indígenas. Desean entregar su vida a una labor misionera al servicio de sus propias comunidades indígenas. Desean vivir juntas para formarse y apoyarse en un nuevo estilo de vida. Están dispuestas a renunciar al matrimonio para poder entregarse de lleno al trabajo misionero en medio de sus comunidades.

No se trata de un anhelo de ingreso en alguna de las Congregaciones religiosas ya conocidas y provenientes de otros países o nacidas en medios sociales y culturales occidentalizados. Estas muchachas desean llevar un estilo de vida independiente del de las Congregaciones religiosas y más de acuerdo con su propia cultura.

Se presenta así un desafío interesante al que hay que dar respuesta de acuerdo con las inspiraciones del Espíritu.

e) Sacerdotes indígenas.

En el seno de algunas comunidades, está naciendo también otro anhelo: contar con sacerdotes indígenas.

Tanto el anhelo de vida religiosa entre muchachas indígenas como este anhelo de tener sacerdotes propios, ha sido detectado en diversas diócesis del Ecuador. Por este motivo, la Conferencia Episcopal Ecuatoriana designó una Comisión de Obispos a la que le dió el encargo de elaborar un proyecto de seminario indígena.

Por lo que se refiere a la Iglesia de Riobamba, he

tenido oportunidad de hablar detenidamente sobre este tema con algunos grupos indígenas y con algunas comunidades. Deseo consignar en estas páginas una síntesis de dos conversaciones.

La primera se realizó en la pequeña plaza frente a la capilla de una comunidad indígena situada a más de 3.000 metros de altura. Con el sentido práctico que les caracteriza, los indígenas manifestaron que un centro de formación de indígenas aspirantes al sacerdocio debía estar situado en el campo, en medio de comunidades más o menos cercanas; que los jóvenes aspirantes debían dedicar al estudio las horas de la mañana y al trabajo las horas de la tarde; que podrían almorzar juntos en el centro de formación, pero que era más conveniente que por la tarde regresaron a sus respectivas casas y comunidades; que había que aspirar a que, con el trabajo, pudieran los muchachos autoabastecerse de lo necesario para la alimentación, para libros y útiles, y que sólo sería necesario obtener ayuda para la instalación de diversos pequeños talleres de trabajo. En cuanto al celibato, los indígenas de esta comunidad se expresaron textualmente con estas palabras: "nosotros, los campesinos indígenas, todos somos casados".

La otra conversación se realizó con un número reducido de miembros del Equipo Misionero Indígena. Ellos analizaron despaciosamente la realidad religiosa en que viven, la realidad de determinados ministerios ya existentes y luego las posibilidades del nacimiento de un seminario indígena. Se mostraron de acuerdo con la mayoría de los puntos antes expuestos. Y acabaron por tomar las decisiones siguientes: iniciar una experiencia de seminario indígena en Santa Cruz; invitar a participar en un curso de tres meses de duración a misioneros indígenas, a catequistas y a animadores de comunidades, como

también a jóvenes que manifiesten el deso de llegar a ser sacerdotes; dedicar todas las horas de la mañana a la oración y al estudio y todas las horas de la tarde al trabajo agrícola y, para comenzar, al trabajo en talleres de carpintería y de tejidos; dedicar un tiempo suficiente en la noche a la reflexión con la Palabra de Dios y a la oración; esforzarse por dar inicio a esta experiencia en el mes de mayo de 1984, para lo cual se repartieron trabajos de preparación en diversas comisiones: preparación de la casa, instalación de talleres e invitación a participar en la experiencia.

Los jóvenes que manifestaran el propósito de llegar al sacerdocio deben continuar realizando esta experiencia de formación por más largo tiempo.

En cuanto a la guarda del celibato, por el contacto que he tenido con algunos jóvenes indígenas que aspiran a llegar al sacerdocio, me he dado cuenta de que estarían dispuestos a permanecer sin compromiso matrimonial durante toda su vida.

f) Instituto Pastoral Diocesano.

El Instituto Pastoral Diocesano nació en el año 1978, por la necesidad de proporcionar a los animadores y catequistas una formación más sistemática y orgánica, a través de cursos de ciclo periódico. A su cargo, ha estado también la organización de cursos para agentes de pastoral, bajo la orientación de teólogos latinoamericanos.

Actualmente, el primer objetivo del Instituto adquiere una importancia todavía mayor que al principio. Los equipos pastorales zonales deben encargarse de una primera formación de sus animadores y catequistas; pero luego para una formación más amplia y profunda, el Instituto Pastoral Diocesano está lla-

mado a organizar cursos adecuados.

A más de la organización de cursos, este Instituto está realizando también publicaciones destinadas a los agentes de pastoral y a las mismas bases. Desde el año 1983, empezó también a publicar un boletín informativo.

g) Centro de Formación Teológica.

En las fechas en que escribo estas líneas, la Diócesis de Riobamba cuenta con catorce jóvenes aspirantes al sacerdocio: tres realizan sus estudios en el Seminario Mayor de Quito; uno viajó a España a estudiar en la Universidad de Comillas; seis se encuentran en Riobamba realizando su preparación en el Centro de Formación Teológica en "La Dolorosa"; cuatro terminaron ya sus estudios y se encuentran trabajando en diversos lugares para completar su formación pastoral, antes de resolver su ordenación al servicio de la Diócesis.

Quiero señalar solamente una de las características del Centro de Formación Teológica de Riobamba: los jóvenes que allí se preparan combinan el estudio con el trabajo pastoral permanente y buscan también realizar alguna experiencia temporal de trabajo físico.

3. Solidaridad.

Todas las actividades y carismas de que he hablado al tratar de los ministerios están orientados a la consecución del primer objetivo general: la edificación de la Iglesia como signo del Reino de Dios. Debo referirme ahora a las principales actividades que la Iglesia de Riobamba realiza en relación con el aporte que está llamada a dar a la construcción de

una sociedad nueva. En este campo también han sido la fe y la vida los indicadores de nuestro compromiso.

a) El Frente de Solidaridad del Chimborazo.

Fue un viernes. Un viernes, como cualquier otro viernes, del año 1978. En esa época mantenía un Programa radial semanal, titulado "Hoy y mañana", a través de la emisora de Escuelas Radiofónicas Populares.

Junto con las comunidades eclesiales de base estudiábamos algún tema. Miembros de estas comunidades se reunían para escuchar el programa y para reflexionar luego con dos ó tres preguntas que dejaba planteadas de acuerdo al tema. Una partecita del programa estaba dedicada también a transmitir breves noticias.

Ese viernes de octubre de 1978, entre las micronoticias que transcmití, hubo una referente a la lucha emprendida por el pueblo de Nicaragua para liberarse de la tiranía de Somoza. Cuando recibí las respuestas de los grupos a mis preguntas, al pie de una hoja encontré esta nota: "hemos escuchado las noticias sobre Nicaragua. Le pedimos que convoque, de urgencia, a todas las comunidades cristianas de la ciudad y de los lugares vecinos, para conocer más ampliamente lo que está sucediendo en Nicaragua y para dialogar sobre lo que debemos hacer en favor de nuestros hermanos"

Convoqué a la reunión, haciéndome eco del pedido. Se congregaron alrededor de cien personas. Después de informarnos sobre lo que estaba pasando en Nicaragua, cruzamos ideas acerca de lo que podíamos hacer. La sugerencia que obtuvo el consenso de todos fue la constitución inmediata de un

Comité provisional de Solidaridad con Nicaragua. Me nombraron presidente y me confiaron la misión de convocar a una asamblea más amplia de organizaciones populares. Esta asamblea se realizó pocos días más tarde. El resultado fue el nacimiento del Frente de Solidaridad del Chimborazo, del que estarían llamadas a participar organizaciones populares de la más diversa ideología. Así nació el Frente, por iniciativa de una comunidad cristiana de base.

Abierto, no solamente para su constitución con delegados de las más variadas organizaciones populares, sino también a todos los pueblos de América Latina y del mundo, el Frente de Solidaridad ha tratado de realizar gestos solidarios valiéndose de los más diversos medios: cartas, telegramas, comunicados, declaraciones, boletines de prensa, visitas personales, movilizaciones masivas, jornadas de oración y ayuno, liturgias, mesas redondas, foros, organización de encuentros nacionales e internacionales, publicación de folletos, participación literaria en la publicación de libros, organización de festivales populares, colectas de dinero, ropa y medicinas . . .

En el año 1982, el Frente de Solidaridad del Chimborazo elaboró una especie de reglamento para su funcionamiento. Extraigo de él lo referente a principios y objetivos:

Principios: El Frente de Solidaridad del Chimborazo se guía por los siguientes principios:

1) La Solidaridad en la lucha de los pobres por la justicia y la liberación de los hombres y de los pueblos;

2) El apoyo a las acciones encaminadas a instaurar una nueva sociedad;

3) La construcción del hombre nuevo sujeto de su propio destino.

Objetivos: Son objetivos del Frente de Solidaridad del Chimborazo:

1) Defender los derechos de los pueblos;

2) Luchar por la vigencia de los derechos humanos;

3) Solidarizarse con las organizaciones populares del país y con los pueblos hermanos que luchan por su liberación;

4) Impulsar y fortalecer la unidad del pueblo.

b) Proceso de la Solidaridad.

Mi participación en las actividades del Frente de Solidaridad del Chimborazo, al principio, como Presidente y después como su Vice-presidente me ha dado la oportunidad de aprender muchísimas cosas que el pueblo me ha enseñado.

Con este pueblo bueno y generoso del Chimborazo he descubierto, entre otras cosas, que la solidaridad es fruto de un proceso y que es la manera actual de expresar el amor a nuestros hermanos que sufren, aunque éstos se encuentren muy distantes geográficamente.

Cualquier sufrimiento puede despertar sentimiento de compasión en corazones humanitarios. Los pobres se muestran solidarios con otros pobres. El sufrimiento nos entra por los sentidos hasta el corazón y nos mostramos solidarios. Empezamos por lo más cercano, por lo accidental, por lo que nos impresiona. Las catástrofes tienen también la fueza de

impresionarnos profundamente y acudimos entonces en ayuda de poblaciones enteras que han resultado víctimas de un terremoto, de unos aluviones o de un flagelo cualquiera de la naturaleza. De aquí, ya resulta fácil pasar a sentir solidaridad con los hombres y con los pueblos que sufren por causa de los atropellos a los fundamentales derechos que Dios les ha concedido. Y de aquí se puede dar un paso más hacia la conquista de una conciencia clara y crítica de que vivimos en un sistema que, no solamente atropella los derechos del hombre y de los pueblos ocasionalmente, sino que los atropella de una manera permanente institucionalizando estructuras de injusticia.

Aunque el Frente de Solidaridad del Chimborazo está integrado por delegados de organizaciones populares con diversa ideología, he comprobado que todos nos movemos, explícita o implícitamente, motivados por la fe cristiana. Si, por ejemplo, el Frente ha organizado jornadas de oración y ayuno, ha sido porque ha tenido presentes las palabras de Cristo: "no se puede arrojar esta clase de demonios sino con la oración y el ayuno". Si ha organizado, de igual manera, celebraciones litúrgicas, ha sido también por motivaciones de esa fe cristiana a la que el pueblo no ha renunciado.

c) Teología de la solidaridad.

Si cualquier ser humano normal es capaz de sentir compasión por otro ser humano que sufre y demostrarse solidario a nivel de sentimiento; si los grupos humanos pueden gozar de la posibilidad de cuestionar la realidad de atropellos a los derechos fundamentales del hombre y de los pueblos y de conquistar, por este camino, la capacidad de vivir la solidaridad a nivel de conciencia y de luchar por una causa común; tratándose de hombres y de pueblos que

creen en Jesucristo, tenemos la obligación de examinar qué aportes da la fe cristiana a la práctica de la solidaridad con otros hombres y con otros pueblos.

La fe cristiana nos descubre a un Dios solidario con los pobres, con los oprimidos. Leemos en el libro del Exodo que Dios dice: "He visto la humillación de mi pueblo en Egipto, y he escuchado sus gritos al maltratarlos sus mayordomos. Yo conozco sus sufrimientos. He bajado para librar a mi pueblo de la opresión de los egipcios. . ." (Ex. 5, 7 y 8).

En los libros de los profetas, abundan las quejas de Dios en contra de los opresores y en favor de los oprimidos. Por ejemplo, en el capítulo 10 de Isaías, leemos estas palabras: "Pobres de aquellos que dictan leyes injustas y con sus decretos organizan la opresión; que despojan de sus derechos a los pobres de mi país e impiden que se les haga justicia; que dejan sin nada a la viuda y se roban la herencia del huérfano". (Is. 10, 1-2).

Pero el acontecimiento de los acontecimientos, a través del cual la fe cristiana nos muestran a un Dios solidario es la encarnación de su Hijo. Para salvarnos, el Hijo de Dios se hace hombre. Hacerse hombre es hacerse misteriosa y tremendamente solidario con los hombres. Para salvar a los hombres, el Hijo de Dios se hace pobre, se confunde con los pobres, escoge a los pobres para que sean sus amigos y colaboradores, y proclama la Buena Noticia de la salvación y de la liberación a los pobres y oprimidos.

Cada vez que una persona o una organización, como el Frente de Solidaridad del Chimborazo, expresan su solidaridad con el pueblo de cualquier parte del mundo, ese hombre o esa organización hacen presente a este Dios solidario con los oprimidos. La

fe cristiana vitaliza todos los niveles de solidaridad: desde el humilde gesto de la persona que ayuda a un anciano a cruzar la calle hasta el hecho de arriesgar y de entregar la vida por ese pueblo que sufre. Nos hacemos así semejantes a Cristo que dió su vida por sus amigos.

A mediados del mes de diciembre de 1983, estuve en Asís, con el objeto de participar en una reunión internacional que estudiaba el tema: teología de la solidaridad. En esta oportunidad, compuse el siguiente poema:

SOLIDARIDAD

Mantener siempre atentos los oídos
al grito de dolor de los demás
y escuchar su pedido de socorro . . .
es solidaridad.

Mantener la mirada siempre alerta
y los ojos tendidos sobre el mar,
en busca de algún náufrago en peligro . . .
es solidaridad.

Sentir como algo propio el sufrimiento
del hermano de aquí y del de allá;
hacer propia la angustia de los pobres . . .
es solidaridad.

Llegar a ser la voz de los humildes,
descubrir la injusticia y la maldad,
denunciar al injusto y al malvado . . .
es solidaridad.

Dejarse transportar por un mensaje
cargado de esperanza, amor y paz,
hasta apretar la mano del hermano . . .
es solidaridad.

Convertirse uno mismo en mensajero
del abrazo sincero y fraternal
que unos pueblos envían a otros pueblos . .
es solidaridad.

Compartir los peligros en la lucha
por vivir en justicia y libertad,
arriesgando en amor hasta la vida . . .
es solidaridad.

Entregar por amor hasta la vida
es la prueba mayor de la amistad:
ES VIVIR Y MORIR CON JESUCRISTO
LA SOLIDARIDAD.

Asís, Dic/83

4. Movimiento indígena

Un día del año 1982, recibí la visita de un pequeño número de indígenas. Venían a comunicarme su inquietud en el sentido de que encontraban mucho divisionismo en las comunidades y por consiguiente, veían la necesidad de promover un movimiento unificador de las comunidades indígenas.

También en este caso, la iniciativa partió de la base. Con ellos y algunos indígenas más, nos pusimos al trabajo de organización de un encuentro provincial de dirigentes indígenas.

a) Encuentro.

Se reunieron alrededor de setenta dirigentes. Para que las mujeres indígenas tuvieran facilidad de participar activa y totalmente en el encuentro, la organización de mujeres del Chimborazo se comprometió a ponerse al frente de la cocina. Toda la dirección del encuentro estuvo en manos de los mismos indígenas. Hablaron en su lengua, el quichua.

Empezaron analizando la realidad del divisionismo: nuestras comunidades campesinas están divididas. Hay divisiones entre dirigentes y comunidades. Hay divisiones entre las mismas familias. Hay divisiones y peleas entre comunidades. Los campesinos ya no estamos unidos como estábamos antes. Han venido gentes a dividirnos. Han venido a dividirnos instituciones de aquí mismo y han venido a dividirnos instituciones del extranjero. Han venido a dividirnos las religiones. Nos dividen también los explotadores, los comerciantes, los terratenientes, los partidos políticos. Se valen del engaño para dividirnos: nos hacen ofrecimientos que después no se cumplen. Se valen del dinero para dividirnos. Inclusive, se valen del evangelio para dividirnos. Cuando una comunidad reclama la aplicación de la Reforma Agraria, los terratenientes llaman aparte a los principales de la comunidad para conquistarlos en favor suyo mediante ofrecimientos de tierras o de dinero. Los que propagan las religiones evangélicas dicen a los campesinos que sólo ellos están salvados, que ellos son los espirituales, que los católicos somos comunistas porque reclamamos la justicia y que iremos al infierno. Así hacen tener miedo. Instituciones como Visión Mundial van regalando dinero. Con el dinero están dividiendo a las comunidades. Despiertan la ambición de unos y la envida de otros. Para recibir ese dinero los campesinos tienen que apuntarse en las religiones evangélicas . . .

Después de exponer así la realidad que las comunidades indígenas estaban viviendo, los dirigentes del Encuentro se hicieron preguntas y preguntas. ¿Será por buenos que esas instituciones extranjeras están repartiendo dinero? ¿Por qué será que se vale de todo, hasta de la religión, para dividirnos? ¿Por qué será que los gringos y los empresarios ecuatorianos actúan de acuerdo para dividirnos?. Los campesinos estamos ahora más conscientes que antes y por esto

reclamamos nuestros derechos. Los gringos y la gente rica de nuestro país quieren hacernos callar la boca dándonos un regalito, haciendo lo mismo que el papá o la mamá cuando quieren hacer callar a su hijito que llora de hambre: ponen en la mano cualquier disparate para que se entretenga y deje de molestar con su lloro. A nosotros también quieren dejarnos tranquilos, para poder seguir explotándonos fácilmente.

Los nacionales roban nuestro trabajo. Los extranjeros roban nuestras riquezas naturales. Para que no digamos nada, las religiones de los gringos hacen tener miedo a la gente diciendo que si reclamamos nos hemos de ir al infierno. Nos dividen con el dinero y nos hacen pelear entre nosotros, para poder llevarse tranquilamente nuestro petróleo, nuestro banano, el atún que nos pertenece porque está en nuestros mares territoriales.

En sus reflexiones analíticas, los dirigentes indígenas pasaron de lo económico a lo cultural y dijeron que no solamente se les estaba robando su trabajo, que no solamente se robaban las riquezas del país, sino también las costumbres. Roban nuestro pensamiento. Roban nuestra cultura. Roban nuestras costumbres. Y quieren meter dentro de nosotros otras costumbres, otros pensamientos, la cultura de ellos. Quitando nuestro pensamiento y nuestras costumbres y poniendo otros pensamientos y otras costumbres, el dinero que nos regalan regresa a ellos mismos y se llevan más todavía, porque les compramos lo que ellos fabrican a precios muy altos. Ellos salen ganando.

Afirmé al principio que fueron ellos mismos, los dirigentes, quienes condujeron todo al Encuentro. Quiero contar aquí algo anecdótico pero muy significativo. Me habían pedido que me encargara de co-

ordinar la reflexión a la luz de la Palabra de Dios, para un segundo momento de su Encuentro. Contra mi costumbre, llegué atrasado a la reunión unos quince minutos, porque tuve que despedir a un grupo de amigos que estaban alojados en la Casa de Santa Cruz. Cuando llegué a la reunión, ya los indígenas habían escogido una lectura del Nuevo Testamento y estaban reflexionando. Comprobé entonces que mi participación era innecesaria y me contenté con seguir sus reflexiones en silencio.

El texto que habían escogido estaba tomado de la I Carta de S. Pablo a los Corintios, capítulo 12, versículos 12 al 31. San Pablo compara a la Iglesia con el cuerpo humano. Los comentarios de los indígenas se desenvolvieron de esta manera: San Pablo pone una comparación. Dice que la Iglesia verdadera es como el cuerpo. Dice que la comunidad es como el cuerpo. Dice que la organización de los campesinos es como el cuerpo. El cuepo tiene cabeza. La cabeza tiene ojos, tiene oídos, tiene boca. Los ojos son para ver. Los oídos son para oir. La boca es para comer y para hablar. El cuerpo tiene brazos, tiene manos, tiene piernas, tiene pecho. El pecho es para guardar el corazón y para guardar los pulmones. El corazón guarda el pensamiento. Los pulmones sirven para tener aire puro. La barriga sirve para guardar el estómago. El estómago sirve para hacer alimento lo que comemos. Las piernas y los pies sirven para caminar, para tener movimiento. Las manos sirven para trabajar y para otras actividades.

La Iglesia verdadera es un solo cuerpo. Cree en un solo Dios, en un solo Jesucristo, en un solo Espíritu, en un solo bautismo. Hay una sola fe. La Iglesia también tiene cabeza. La comunidad y la organización campesina tienen también cabeza. La Iglesia y la comunidad tienen también ojos para ver, oídos para oir, boca para comer y para hablar, brazos y

manos para trabajar, piernas y pies para caminar. Pero todo está unido, todo es un solo cuerpo. Las religiones de los gringos vienen a dividir, a desbaratar el cuerpo. Empiezan desbaratando la familia. Después desbaratan la comunidad y la organización campesina. Así desbaratan a la Iglesia. Diosito no quiere que esté desbaratado el cuerpo. El cuerpo desbaratado queda como enfermo, muy débil. Estando desbaratado el cuerpo, llega la muerte. La comunidad no puede trabajar, no puede caminar, no puede vivir. El cuerpo desbaratado no tiene alegría.

Por todo esto, los campesinos debemos reunirnos, debemos organizarnos. Los dirigentes son los que debemos ver, oir y hablar. Todos los campesinos debemos trabajar, debemos colaborar, debemos caminar unidos para avanzar a la liberación. La Iglesia de Riobamba está trabajando para hacer un camino. ¿De dónde a dónde está haciendo camino la Iglesia de Riobamba?

Está empezando a hacer ese camino desde la gente pobre. Los campesinos somos pobres y somos harta gente. En las ciudades y en los pueblos hay también mucha gente pobre. La Iglesia de Riobamba ha empezado desde aquí a abrir un camino. ¿Para dónde está abriendo camino desde nosotros los pobres? Está yendo para la liberación, para que haya justicia, para que haya unión, para que haya amor, para que haya respeto.

b) Finalidad y objetivos

Los dirigentes campesinos de este Encuentro desembocaron fácilmente, sin saltos ni imposiciones, en la búsqueda de una finalidad y de unos objetivos. Dijeron que el Reino de Dios era entendido por ellos como liberación, como justicia, como unión, como respeto. Dijeron que el camino hacia el Reino de Dios es largo y difícil. Dijeron ellos:

La Palabra de Dios nos está iluminando, nos está despertando a los pobres, está abriendo los ojos, está destapando los oídos, está haciendo soltar la lengua, está haciendo caminar. Eramos como tullidos.

Primerito, la Iglesia, o sea nosotros mismos, tenemos que llegar a ser ejemplo. Nosotros mismos somos la Iglesia. Tenemos que mostrar el Reino de Dios dentro de nosotros mismos, como católicos, como Iglesia católica. Tenemos que trabajar para que los cabildos, las asociaciones, las cooperativas, todas las organizaciones campesinas muestren también el Reino de Dios. Trabajamos con las dos manos para hacer la misma cosa. La comunidad cristiana es una mano. La organización campesina es otra mano. Ambas manos son necesarias. No se puede trabajar con "chulla" mano. La comunidad cristiana nombra a los animadores que reúnen a la gente, que les hacen reflexionar con la Palabra de Dios, que se preocupan de todos los asuntos de la religión. Nombra catequistas, hace nacer a los misioneros campesinos y ha de hacer nacer sacerdotes indígenas. Este es el trabajo de una mano. La otra mano trabaja con la comuna, con el cabildo, con la asociación, con la cooperativa, con los dirigentes de las organizaciones campesinas.

Así estamos haciendo camino largo y difícil, empezando desde nosotros mismos los pobres para llegar al Reino de Dios.

Cierto es que hay organizaciones campesinas. Pero está haciendo falta una organización más grande, para ponernos todos de acuerdo, para caminar juntos, ayudándonos unos a otros, colaborando. Pero tenemos que organizarnos nosotros mismos. Otras gentes quieren venir a organizar a los campesinos, gentes que tienen intención distinta. Quieren venir a organizarnos los empleados del gobierno, los partidos políticos, los gringos. Pero es al gusto de ellos. Esas gentes hacen fuerza de un lado y hacen fuerza de otro lado para desbaratar el cuerpo.

Nosotros mismos tenemos que pensar cómo vamos a liberarnos de la pobreza. Hay comunidades que tienen bonitas experiencias. Tenemos que reunirnos para conocer esas experiencias. Todos tenemos alguna experiencia. Desde nuestros mayores tenemos la costumbre del cambia manos para ayudarnos en el trabajo. No hemos perdido esa costumbre. Hacemos mingas para trabajar en beneficio de todos. Pero hay comunidades que han avanzado más que otras. Han sacado del olvido la tierra comunitaria, el trabajo comunitario, el reparto del beneficio comunitario. Han comprado tierra para todos. Han luchado para conseguir agua para regadío. Han luchado para tener escuela. Han ayudado a los jóvenes a organizar conjuntos de música, canción y danza. Han conversado entre todos, hasta ponerse de acuerdo, para resolver los problemas. Así tenemos que caminar para liberarnos de la pobreza.

Pero también tenemos que pensar nosotros mismos cómo vamos a hacer para defender nuestras propias costumbres, nuestro propio pensamiento, nuestra propia organización, nuestra propia cultura.

Así mismo tenemos que pensar nosotros mismos cómo vamos a hacer nuestra política propia.

Este Encuentro de dirigentes indígenas mostró a las claras el grado de conciencia a que habían llegado y fue el comienzo de un caminar nuevo y prometedor. Personalmente me he puesto a soñar como en mis años juveniles. De lo dicho por los campesinos se puede partir hacia una sociedad nueva, o como ellos dijeron, hacia una nación nueva; pero siempre bajo la inspiración de la Palabra de Dios y con la fuerza de una fe comprometida.

c) Caminando.

Después del Encuentro, hemos seguido caminando.

Por la asamblea fueron designados quince dirigentes representativos de diversas zonas de la Provincia del Chimborazo, con el encargo de que continúen reflexionando y preparando un nuevo encuentro que les lleve a la organización de un movimiento indígena unificador.

Aunque ellos no lo expresaron, nosotros podemos decir en nuestro lenguaje que en ese Encuentro determinaron con claridad la finalidad que es el Reino de Dios y tres objetivos generales que son: la liberación económica, el rescate de la cultura indígena y la búsqueda de una política propia. En este sentido hemos continuado reflexionando.

Hay el pelibro de que el pensamiento y las acciones sean el resultado del esfuerzo de pocos y de que no consigan una fundamentación en el pensamiento y en las acciones de las bases. Para evitar este peligro, hemos tomado la resolución de organizar reuniones en las mismas comunidades buscando la participación de todos. Cada mes y en ocasiones en menor plazo, hemos tenido ya numerosas reuniones en diversas comunidades. El pensamiento va enriqueciéndose con el aporte de muchos. Pero también las acciones han empezado quizá tímidamente. En efecto, ya hay dos comunidades que han empezado a aportar económicamente para la creación de una caja campesina, base indispensable para proyectos que conduzcan a una liberación económica. Pero también hemos visto que en la realización de proyectos de esta índole, se puede aspirar a ir logrando el rescate de la cultura propia indígena y a realizar una práctica gradual de caracter político. Hemos analizado, primero con algunos de los dirigentes indígenas nombrados por la asamblea del primer encuentro, y luego con las comunidades que hemos visitado, que las actividades económicas que pueden programarse deben estar orientadas al rescate de la cultura propia y a la conquista de una experiencia de política propia.

Así estamos caminando.

d) Hacia una sociedad nueva.

Desde algunos sectores ha surgido el temor de que este movimiento indígena se reduzca a un movimiento puramente racista. Antes aún de que surjan estas observaciones, los indígenas dirigentes manifestaron que no querían caminar solos. Afirmaron, eso sí, que necesitaban ser ellos mismos, ante todo, para luego poder hablar con otras organizaciones populares de igual a igual.

Estoy convencido de que los indígenas conservan valores extraordinarios. Si se logra tomar conciencia de ellos, expresarlos en la vida práctica y organizada, esos valores están llamados a redimir a una sociedad que se vuelve cada día más individualista y más conflictiva. Pienso que, inclusive, un esfuerzo de este tipo puede contribuir a la redención del mundo occidentalizado y capitalista.

Por ésto, sueño en la posibilidad de una sociedad nueva. Por ésto veo la necesidad de crear conciencia también en las organizaciones populares urbanas de la necesidad de una práctica económica, educativa y política que sea convergente con el caminar del movimiento indígena, de modo que no se produzcan competencias y conflictos, sino más bien colaboraciones complementarias.

Tanto el pueblo pobre que vive en las ciudades como los campesinos son cristianos. La vivencia de la fe lleva consigo una luz y una fuerza capaces de aglutinar a los hombres y de transformarlos en constructores de una sociedad nueva que plasme en la realidad los grandes valores del Reino.

5. CONFLICTOS

Casi no he dicho nada, a lo largo de este libro, sobre esos acontecimientos conflictivos. Tampoco ahora voy a detenerme en narrarlos minuciosamente. Para ello, resultarían escasas las páginas de todo un libro. He escogido tres acontecimientos: la visita apostólica, los hechos de la comunidad de Toctezinín y la detención de 55 personas ordenada por el Ministerio de Gobierno, 1973, 1974 y 1976.

1.— La Visita Apostólica

El 31 de enero de 1973 apareció la noticia en la prensa: Visitador Apostólico vendrá a Diócesis de Riobamba, en marzo El Nuncio Apostólico,

con fecha 22 de enero de ese mismo año, me había enviado una carta con el Decreto de la Sagrada Congregación para Obispos fechado el 20 de diciembre de 1972. La carta anunciaba el Decreto y el Decreto constituía al P. Jorge Casanova Visitador Apostólico de la Diócesis de Riobamba, con el encargo de conocer y relatar todo lo relacionado con la situación de la misma Diócesis.

De mi carta al Nuncio, escrita el 4 de febrero, son estos párrafos:

«La Santa Sede tiene derecho a nombrar un Visitador Apostólico para conocer la realidad objetiva de cualquier diócesis. Pero también, si existen acusaciones en mi contra, tengo derecho a conocerlas, porque tengo derecho a mi legítima defensa. Desde ahora rclamo este derecho. Además, tengo la obligación de defender a una Iglesia local que, por haberse comprometido con el Evangelio, con el Concilio Vaticano II, con la Conferencia de Medellín y con el hombre pobre y explotado de la provincia del Chimborazo, se ha convertido en signo de contradicción y en objeto de maledicencias y calumnias... Un obispo y una diócesis así comprometidos tienen derecho a esperar el respaldo de sus superiores jerárquicos. Podemos tener errores y fracasos. Sólo quien no se arriesga puede verse libre de errores y fracasos. Pero, desde un punto de vista de justicia, se debe valorar también todo lo que se ha trabajado y todo lo que se ha logrado en la edificación de una Iglesia comunitaria, signo de salvación para unos hombres concretos, siempre oprimidos y siempre olvidados.

Le aseguro que el Visitador Apostólico será recibido con todas las consideraciones del caso y que se le franquearán todas las puertas, a fin de que pueda cumplir a satisfacción con su cometido. Nada le será ocultado, porque pienso que tributando culto a la verdad y a la justicia, tributo culto a Aquel que es la Verdad y la Justicia, es decir, al Señor, por quien lucho, a quien amo y sirvo, cuando lucho por los pobres, cuando amo y sirvo a los pobres».

No fui yo quien entregó la noticia a la prensa. La publicidad dada por otra fuente me autorizó a dar a conocer la noticia a mis colaboradores y a las comunidades cristianas de la Diócesis. El Equipo de Santa Cruz fue el primero en enterarse de las comunicaciones oficiales. En comunión de Fe con sus miembros, reflexionamos acerca de la actitud que teníamos que guardar de acuerdo con el Evangelio.

Comuniqué la noticia a las comunidades cristianas de la Diócesis en mi alocución por radio, titulada: «Les anuncio una noticia», el 9 de febrero de 1973.

Transcribo también párrafos de dicha alocución radiofónica:

«... Todos saben que, en la provincia del Chimborazo, está naciendo una Iglesia comprometida con la liberación del indio y del pueblo oprimido. Pues bien, este atrevimiento ha traído dificultades. Esto es normal...

¿Cuál debe ser nuestra actitud?

Ante todo, de una gran serenidad. Todo apasionamiento debe ser desterrado de nuestro espíritu, porque no trabajamos por conquistar intereses mezquinos, sino que trabajamos por el Evangelio. Conscientes de la nobleza de nuestra misión, debemos mantenernos serenos y equilibrados.

Otra característica de nuestra actitud debe ser la de mostrarnos verdaderos. No se trata ni de defender ni de atacar a las personas. Se trata de buscar la verdad, para que brille, por encima de todo y de todos. Debemos decir la verdad. Debemos hacer la verdad. La verdad se dice con la palabra. La verdad se hace con la actitud. Nada de dobleces ni engaños, porque si aspiramos a ser libres debemos ser esclavos de la verdad.

Con esta disposición, debemos aceptar sinceramente todo cuanto pueda señalársenos como equivocado en nuestra actitud apostólica y debemos estar dispuestos a introducir rectificaciones. De igual manera, quienes me han acusado tienen la obligación de probar fehacientemente el contenido de sus acusaciones. No basta con hacer afirmaciones gratuitas.

Serenos y verdaderos, debemos ser imparciales, debemos tender con todas nuestras fuerzas a que, por encima de todo, triunfe el Unico que pudo afirmar: «Yo soy el camino, la verdad y la vida».

Así empecé a vivir comunitariamente este acontecimiento.

El Visitador Apostólico había llegado a la Diócesis en la tarde del 3 de abril, acompañado por agentes de seguridad política, sorpresivamente y encontrándome yo ausente de la Diócesis por haberme comprometido a acompañar a la reflexión pastoral de sacerdotes y religiosas junto con su Obispo, de una Diócesis hermana. La firme actitud de mi Vicario General logró el retiro de los agentes de seguridad política.

El 13 de abril, siempre a través de mi programa radial semanal, dejé descrito así el trabajo que realizó el Visitador Apostólico.

«En un ambiente de total libertad, de cordialidad y de franqueza, se realizó la Visita Apostólica desde el día de la llegada del P. Jorge Casanova hasta el 11 de abril.

El trabajo realizado por el P. Casanova se resume en los siguientes puntos: recibió la visita de 26 comunidades indígenas, algunas de ellas procedentes de las provincias de Imbabura, de Tungurhua, de Bolívar y de Cañar. Las demás eran representativas de las comunidades de la provincia del Chimborazo.

Concedió 24 audiencias a sacerdotes, religiosos y seminaristas.

Se puso en contacto con todas las comunidades de religiosas y sumaron 12 las reuniones tenidas con ellas.

Para tener facilidad de dialogar con las mismas religiosas, el P. Casanova y su secretario fueron a celebrar la Misa en las propias comunidades y así estuvieron en 12 casas religiosas.

Recibió la visita de 34 delegaciones de grupos e instituciones diversas.

El mismo P. Casanova o su secretario realizaron visitas en el número de 21 a comunidades de base en la ciudad, a organizaciones de la Diócesis y a diversos otros grupos.

Concedió a personas particulares 15 audiencias.

Según informe proporcionado por el mismo P. Casanova, llegaron a 145 las visitas o reuniones tenidas en estos escasos 9 días. Recibió a un total aproximado de dos mil personas».

El Visitador Apostólico, después de haber realizado algunos contactos y de haber escuchado a mis acusadores, me presentó un cuestionario de 21 preguntas. A través de este cuestionario, pude ver con claridad cuáles eran las acusaciones y de dónde procedían. Eran acusaciones gratuitas y muchas de ellas absurdas, como aquellas de que mantengo contacto con los comunistas, de que nuestra catequesis es comunista.

La prensa se ocupó ampliamente de la Diócesis de Riobamba, con ocasión de la Visita Apostólica. Las comunidades, los campesinos, los amigos de dentro y fuera de la Diócesis y del país, me expresaron de manera sencilla sus sentimientos. Indiscriminadamente, tomo de esas cartas algunas frases que hacen ver esa vivencia comunitaria de que estoy hablando.

Un grupo de jóvenes me escribían: «Queremos compartir tus dolores como hemos compartido tus alegrías: alegría de ver una Iglesia radicalizada con los más pobres, por lo que te has hecho acreedor a ser honrado con el título de «Obispo de los indios»; alegría de que los indios con tu entrega se están haciendo personas; alegría de constatar de que al igual que Jesús has hecho de los indios tus amos, convirtiéndote así en siervo de los siervos; alegría de saber que eres el verdadero pobre, porque como decía Juan XXIII «pobre es aquel que es amado por los pobres»; alegría de saber que te has convertido en voz de los que no tienen voz; alegría de constatar que en pleno siglo XX sigue la acción de gratuidad del Evangelio en medio de los marginados, que da la seguridad de que tu pastoral no es demagógica, sino evangélica; alegría de saber que no te importa tu justicia y tu verdad, sino la justicia y la verdad de Jesús...».

Un seglar de una diócesis ecuatoriana confesaba en una carta: «Hoy más que nunca creo».

De la carta escrita por un grupo, extracto las siguientes frases: «Cuando el hombre, ayudado por la gracia divina, llega a encontrarse con Cristo hombre, su hermano, entonces los ojos del hombre ven como Dios quiere que vean; entonces los oídos del hombre oyen como Dios quiere que oigan; entonces el corazón del hombre siente y ama como Dios quiere que sienta y ame; entonces la inteligencia del hombre se abre, se ilumina y entiende la claridad de la verdad de Dios, comprende el incendio de Dios que transforma y convierte al hombre en un comprometido decidido... Y la prueba contundente de todo esto es la resistencia, la oposición del dominio encarnado no solamente en los extraños sino también en la mayoría y quizá lo principal de nuestra propia Iglesia...».

Los campesinos se expresaron también, en su estilo sencillo, con palabras como éstas: «Nosotros sentimos mucho por la visita de los señores delegados del Papa. En unión de todos, le respaldamos, le colaboramos asistiendo todos los días a la escuela, aprendiendo las clases que nos enseñan a través de la radio...».

«Siento mucho porque sufre su corazón de calumnias y porque le tratan de comunista. Monseñor, perdónales, porque no saben lo que hablan, como Cristo dice en el Evangelio: Padre mío, perdónales, porque no saben lo que hacen».

«Unidos a su movimiento de liberación, a su doctrina de Iglesia postconciliar, a su actividad pastoral, a su lucha por la justicia social..., pensamos que no puede ser tan cobardemente ultrajado quien sólo piensa hacer el bien sin mirar clases sociales ni razas...».

En este sentido, el pueblo dictó su veredicto. Pero Roma no llegó a darlo, por razones que no ha querido explicitar.

* * *

2.— Toctezinín

Este es el nombre de una comunidad campesina indígena. 85 familias. Situada a una altura cercana a los cuatro mil metros. Sus padres y sus abuelos habían trabajado dentro de una inmensa hacienda, en las peores condiciones de opresión y de injusticia. Como en tantos otros lugares de la provincia del Chimborazo.

Una primera ley de reforma agraria fue dictada en el año 1964. Su aplicación no tuvo resultados satisfactorios. Una nueva ley de reforma agraria fue dictada a fines del año 1973. Hubo un nuevo despertar de expectativas en los campesinos ecuatorianos.

El Cabildo de Toctezinín, de acuerdo con la comunidad, indicó el trámite establecido por la ley para la adquisición de las tierras que los campesinos venían trabajando en calidad de precaristas. El organismo correspondiente dio trámite a la petición de los campesinos. Dictó disposiciones por las que se declaraba su estado posesorio, en espera del reglamento que aún no se había dictado.

Pasando por encima de la ley, la propietaria intentó vender las tierras trabajadas por los campesinos a una pariente suya. Los campesinos denunciaron la maniobra ante la autoridad correspondiente.

Entonces empezaron los hostigamientos y las amenazas, de acuerdo con el Jefe Civil y Militar de la provincia y con otras autoridades subalternas.

El hostigamiento y amenazas fueron también dirigidos en contra del equipo pastoral de la zona, sin duda, con el objeto de amedrentar a unos y a otros. Apresamientos sin causa justificada. Multas. Presencia amenazadora y frecuente de la policía. Golpes a uno de los miembros del equipo pastoral. Apedreamiento a las ventanas de la casa parroquial. Insultos proferidos en la noche. Amenazas de muerte en la misma presencia de las autoridades locales. Creación de todo un clima de tensiones y zozobra. Durante largos meses del año 1974.

Debidamente autorizados, los campesinos sembraron esas tierras. Estaban también autorizados legalmente para hacer suyas las cosechas. El tiempo de la siega se aproximaba. Para evitar entorpecimientos en su labor, invitaron a algunas comunidades y obtuvieron de ellas la colaboración para el trabajo de numerosas personas. Se proponían terminar la cosecha en tres días. Trancurrió el primer día sin contratiempo alguno. Pero el segundo día vino la catástrofe.

La fuerza pública se hizo presente, primero en el centro parroquial, en la mañana del 26 de septiembre de ese año. Apresó a mi Vicario General, transitoriamente presente allí. Apresaron a ocho miembros de equipos pastorales. Subieron luego hasta la comunidad. Amenazas. Golpes. Allanamientos de casas. Robos. Uso de sus armas de fuego. Bárbaramente asesinaron a un líder campesino de otra comunidad: Lázaro Condo. De igual manera. hirieron de bala a otro campesino también de otra comunidad. Apresaron a treinta campesinos.

Vicario General, miembros de los equipos pastorales y campesinos fueron conducidos hasta la cárcel de Riobamba. Se les tuvo incomunicados.

El acontecimiento nos brindó la ocasión de una intensa y profunda vida comunitaria. Solidarios con quienes tenían la justicia de su parte, sacerdotes, comunidades cristianas, con su Obispo, se mantuvieron o nos mantuvimos en reunión permanente, sentados en el suelo, porque no había asientos suficientes. Para recibir informaciones. Para reflexionar a la luz del Evangelio. Para tomar medidas adecuadas. La opinión pública debía estar convenientemente informada. Las más altas autoridades de Gobierno debían decidir justicieramente en busca de una solución al problema Comisiones diversas empezaron a movilizarse. Estábamos actuando como Iglesia. Por la justicia

Los medios de comunicación colectiva se hicieron eco de los acontecimientos y del justo reclamo de los campesinos. El contacto de las comisiones con las altas autoridades del Gobierno tuvo por resultado una entrevista del Ministro del Go-

bierno conmigo. En esta entrevista, el problema fue clarificado documentadamente. Pronto, el Gobierno designó una comisión que emitió un dictamen justo y favorable.

Llegaron a brillar así la verdad y la justicia, a pesar de que una gran tormenta se levantó amenazante contra la Diócesis de Riobamba y su Obispo.

«En la fuerza de su brazo» fue el título de mi exposición radial, una vez que desapareció la tormenta y se hizo la luz. Decía entonces:

«Nosotros creemos en la Palabra de Dios. Creemos que la Palabra de Dios, como ella misma lo dice, es viva y eficaz, es decir, realiza lo que dice. Basados en esta Fe en la Palabra de Dios, es bueno traer al recuerdo algunos pasajes de la Biblia que nos harán luz en los problemas que estamos viviendo.

«Has revelado, Yavé, la fuerza de tu brazo.
Tu diestra, Yavé, aplasta al enemigo» (Ex. 15,6).

«Librará al hombre pobre que se queja
y al humilde que está desamparado;
compasivo del débil y del pobre
serás su salvador» (S. 72, 12 y 13).

«Manifestó su fuerza vencedora,
y dispersó a los hombres de soberbio corazón.
Derribó a los poderosos de sus tronos
y elevó a los humildes.
Llenó de bienes a los hambrientos
y despidió a los ricos con las manos vacías»
(Lc. 1, 50-53).

Terminaba mi exposición con estas palabras: «Los acontecimientos de Toctezinín, pequeños dentro del inmenso cuadro de injusticias en que viven los pueblos latinoamericanos, me han hecho pensar en que el brazo del Señor ha iniciado la historia de la nueva liberación de América Latina. Me ha hecho pensar que no son los instrumentos poderosos, ni las maquinarias poderosas, ni los armamentos más modernos capaces de oponerse a la fuerza del

brazo del Señor. Me ha hecho pensar que, por lo mismo, no son esos instrumentos poderosos los que deben ser utilizados por los cristianos, sino la Fe activa y comprometida, que es al mismo tiempo conciencia de pobreza y confianza en el poder del brazo del Señor...».

Como expresión de solidaridad comunitaria, recibimos, también en esta ocasión una cantidad enorme de telegramas y de cartas. Extraigo unas pocas frases. Decían de una comunidad indígena:

«Queremos que las autoridades miren el trabajo sacrificado... Se nos ha enseñado cómo debemos vivir en nuestras humildes chozas, sacándonos de esa vida rutinaria y miserable que hemos tenido por muchos años...».

«El pueblo humilde, el pueblo que sufre y clama por la liberación cristiana es testigo de su labor sacrificada y en esta hora de confusión, levanta su voz de protesta...». Así escribía otra comunidad con el respaldo de numerosas firmas.

Estudiantes universitarios hicieron oír su voz en este sentido: «Esta extensión universitaria se solidariza con los humildes de Riobamba... Monseñor Leonidas Proaño es hoy víctima de las mismas calumnia que sufrieron Cristo y los primeros cristianos en su lucha por expulsar a los mercaderes del templo».

Obreros, campesinos, estudiantes, amigos de diversos países manifestaron su solidaridad y nos hicieron vivir esa unión de corazones alrededor de la Justicia.

3.— Detención de 55 personas

Se trata de un hecho reciente. 12 de agosto de 1976. Nos encontrábamos reunidos, en la casa de Santa Cruz, 17 obispos de diversos países latinoamericanos, algunos sacerdotes, unas pocas religiosas y unos tantos seglares. Con propósito claros y definidos: intercambio de experiencias pastorales, ensayo de diagnóstico de la actual situación de América Latina, proyecciones pastorales. Se tra-

taba de una reunión amistosa, particular, privada. Comenzó el 9 de agosto.

Alrededor de 40 policías, vestidos de civiles, armados de metralletas, fusiles cortos, bombas de gas a la mano. Un verdadero asalto. Ninguna explicación. Violencia y rapidez en el apresamiento. Así fuimos conducidos, hacinados en un bus de la policía, hasta la ciudad de Quito. Se llevaron toda clase de papeles y exhibieron más tarde documentos que no pertenecían al encuentro.

Las acusaciones aparecieron, para conocimiento del público, 24 horas después del apresamiento. Acusaciones falsas y calumniosas. Esas mismas acusaciones fueron hilvanadas artificiosamente y presentadas al público en cadena de radio y T.V., doce días más tarde.

El acontecimiento tuvo repercusiones internacionales. A base de la información de las mismas víctimas de semejante atropello, se han hecho publicaciones en libretos por diversas organizaciones publicitarias. En todas partes, fueron rechazadas las acusaciones de que la reunión hubiese tenido un carácter político y subversivo.

De mis comentarios radiales, transcribo también aquí algunos párrafos que ponen de relieve nuestra vivencia comunitaria:

«El Evangelio, para nosotros, es Cristo mismo. El es la Buena Nueva de Salvación para todos los hombres. El es la Buena Nueva de Salvación para los pobres. El es el grito de liberación para los oprimidos. Vivir el Evangelio es comprometerse con la misión que Cristo ha traído a la tierra. Para nosotros, la Fe no es simplemente un conjunto de verdades. No es simplemente un conjunto de conceptos y definiciones. No es el resultado simple de una elaboración ideológica. Para nosotros, la Fe es ante todo una vivencia, un compromiso, una práctica de cada día, una lucha permanente contra el mal, contra la mentira, contra la injusticia, contra el odio, en donde quiera que se encuentren, en nosotros y en la sociedad, en el sistema capitalista o en el sistema comunista. Por consiguiente, quienes se esfuerzan por encasillarnos a todo trance en una

ideología política de derecha o de izquierda, se equivocan totalmente. O demuestran un interés maligno por presentarnos como algo distinto de lo que realmente somos. Una vez más, pretendemos ser simplemente cristianos, seguidores de Cristo, miembros activos de una Iglesia que está llamada a ser el sacramento de salvación en medio de este mundo entenebrecido y destrozado por el pecado. Pero hay muchísimas personas que no entienden. Ante todo, nos entienden los sencillos de corazón, los campesinos, los trabajadores, las gentes del pueblo».

«Agradezco muchísimo a los grupos y comunidades cristianas de la Diócesis de Riobamba por las respuestas que me han enviado».

Quienes las escuchen o las lean con limpieza de corazón, podrán ver con toda claridad que la postura de estas comunidades cristianas, de quienes estamos trabajando pastoralmente por construir una Iglesia comunitaria, no estamos al servicio de ideologías políticas, de movimientos políticos, de partidos políticos. Combatimos la injusticia, en donde quiera que se encuentre, en nombre y con la fuerza del Evangelio.

Un amigo que vivió en Santa Cruz durante un tiempo, escribió desde el Canadá una hermosa carta:

«Querido Leonidas, le deseo paz, fuerza y esperanza. Lea Pablo, 2.ª Cor. 1,3-3. Me siento muy cerca de ustedes al leer este pasaje».

El texto en referencia dice lo siguiente: «Bendito sea Dios, Padre de Cristo Jesús nuestro Señor, el Padre siempre misericordioso, el Dios del que viene todo consuelo, el que nos conforta en todas las pruebas por las que ahora pasamos, de manera que nosotros también podamos confortar a los que están en cualquier prueba, comunicándoles el mismo consuelo que nos comunica Dios a nosotros.

Porque así como tenemos una parte tan grande de los sufrimientos de Cristo, por medio de Cristo recibimos también un gran consuelo. Así, cuando nos encontramos en alguna prueba, es para que ustedes tengan consuelo y salvación, y cuando

nos conforta Dios es para que también ustedes tengan consuelo al soportar pacientemente los mismos sufrimientos que padecemos nosotros. Nuestra esperanza es muy segura respecto a ustedes, pues si comparten nuestros sufrimientos, tendrán parte de nuestro consuelo».

Obispos del Ecuador y particularmente el Cardenal Arzobispo de Quito hicieron oír su voz. De igual manera, el Secretario General del CELAM, la Conferencia Latinoamericana de Religiosos, algunas Conferencias Episcopales latinoamericanas.

He aquí una muestra de los pensamientos y sentimientos de los campesinos: «A nosotros también nos han metido en la cárcel, pero no nos da miedo, porque así no más no podrán apagar la luz de nuestro corazón. Ni aunque nos manden a la cárcel, ni aunque nos maten. Porque los ojos de los campesinos han comenzado a ver la luz».

Otra muestra: «Todos nuestros hermanos que fueron encarcelados son dignos de felicitación, porque están cumpliendo la voluntad de Dios, destruyendo las injusticias y buscando la justicia, la verdad, la liberación».

Termino estas muestras con otra tomada de una carta de un sacerdote: «Esta conmoción o terremoto moral, espiritual, político-social, a nivel no sólo nacional y continental, sino mundial, es un acontecimiento salvífico principalmente para Ecuador y Latinoamética: en un momento el Espíritu divino hizo ver la unidad de la Iglesia a través del CELAM y de todas las Conferencias Episcopales de los distintos países...».

* * *

CAPITULO FINAL
V

CREO...

Voy a terminar... Francamente, no sé cómo hacerlo.

Se me ha pedido que diga, a lo largo de estas páginas, cuál es el credo que ha dado sentido a mi vida.

Una sola es la Fe del cristiano.

Sin embargo, aunque es una, la vivencia de esa Fe tiene sus características propias en cada cristiano.

Cuando se me ha pedido decir cuál es el credo que ha dado sentido a mi vida, pienso que el propósito era descubrir las características propias de mi vivencia de la única Fe de los cristianos.

* * *

¡Creo!... ¿En qué? ¿En quién?... ¿Qué es lo que ha dado sentido a mi vida? ¿O quién ha dado sentido a mi vida?

Me pregunté esto mismo antes de iniciar la redacción de estas páginas. Vuelvo a preguntármelo ahora, cuando me dispongo a terminar mi tarea.

Desde un principio, ya pensé en la comunidad. Hoy sigo pensando que la comunidad cristiana ha dado sentido a mi vida.

* * *

Ante todo, yo creo en Dios. Creo en Dios Padre. Es El quien me ha dado la vida. El me ama infini-

tamente. Lo he comprobado vivencialmente a lo largo de todos mis años de existencia. Y sé que mis relaciones con El han sido filiales.

Creo en el Dios trinitario. En el Dios fecundo. Creo en la felicidad de ese Dios fecundo. Creo en el Dios comunitario.

Creo en el Verbo de Dios. Y creo en el Espíritu Santo. Las primeras páginas de la Biblia y el capítulo primero del Evangelio de San Juan me han impresionado siempre. La Palabra, como si dijéramos al interior de Dios es la reproducción de Dios mismo. El amor que se tienen mutuamente el Padre y el Hijo es su Espíritu. Dios uno y trino. Dios trino y uno.

La Palabra hacia afuera es el mundo, es el hombre. «Dijo Dios: haya luz, y hubo luz»... «El Verbo estaba en el principio junto a Dios. Todo se hizo por El y sin Él no existe nada de lo que se ha hecho. En Él había vida y la vida es la luz de los hombres».

* * *

Creo en el plan amoroso de Dios. Se propone hacernos sus hijos. Quiere que los hombres seamos hermanos. Nos llama para hacernos partícipes de su felicidad eterna.

Creo que Dios ha puesto al hombre en esta tierra, para que vaya haciéndose señor de ella, para someterla. Dios es el único Señor. Pero Dios ha querido hacer al hombre a su imagen y semejanza. Aprender a enseñorearse de la tierra es realizar este importante aspecto de la vocación del hombre: hacerse a imagen y semejanza de Dios Padre.

Creo que Dios ha hecho al hombre para que sea multitud. Es decir, para que sea fecundo como Dios Padre.

Creo que Dios ha hecho al hombre fecundo, para que, siendo muchos, sin embargo se vaya haciendo uno, como es uno el Dios trino.

* * *

El pecado entró en el mundo, en el corazón del hombre. Y, como dice San Pablo, por el pecado, entró la muerte. Es decir, la destrucción de los planes amorosos de Dios.

Creo en Jesucristo, el Verbo de Dios hecho carne, Salvador de los hombres, Restaurador del plan amoroso de Dios, hermano nuestro.

Aprendí a conocer a Dios en los brazos de mi madre. Aprendí a conocer a Jesucristo en la Historia Sagrada, a través de las narraciones de los evangelistas. Jesucristo fue entrando en mi corazón y en mi vida desde que fui niño. El ha sido para mí la manifestación contundente del amor del Padre. Sé por experiencia que me ama. También yo siento por Él un amor apasionado.

Para restaurar el plan de Dios, se hizo pobre, vivió con los pobres, predicó la Buena Nueva a los pobres.

Para restaurar el plan de Dios, se hizo el servidor de todos.

Para restaurar el plan de Dios, predicó su mandamiento nuevo: el amor de los unos a los otros, tomando como modelo el amor que el Padre tiene al Hijo y el amor que el Hijo nos tiene a nosotros.

* * *

Porque creo en Dios y porque creo en Jesucristo, creo también en el hombre. Aunque el pecado ha pretendido destruir la imagen de Dios en el hombre, las semillas del Verbo permanecen en todo hombre, sepultadas quizá debajo del estercolero amontonado por los vicios y maldades producidos por el corazón humano.

Creo en el hombre que está en mí, porque el Verbo de Dios hecho carne me ha ido salvando. Creo en el hombre que está en todos mis hermanos, porque ese mismo Verbo de Dios hecho carne quiere salvar a todos. Por esto, jamás he perdido la esperanza. Por esto, puedo decir también que creo en la esperanza.

Y por la misma razón, creo en la verdad, creo en la justicia, creo en el perdón, creo en la recon-

ciliación, creo que estamos caminando hacia el Reino de Dios, creo que ese Reino está ya en medio de nosotros, aunque todavía falta mucho para que sea cabal su cumplimiento.

* * *

Creo en María, la Madre del Hijo de Dios hecho hombre. Mujer humilde. Esclava del Señor. Fiel a su Palabra. Mujer cristiana. Madre.

* * *

Creo en la Iglesia. Me siento como una parte pequeñita, pero viva, de Ella. Después del Concilio, la he descubierto como comunidad, como comunidad concreta, como la familia llamada a ser signo de fraternidad en medio de este mundo. La amo entrañablemente y porque la amo, me duelen como en carne propia sus desvíos. Y porque la amo entrañablemente, se me ha ido quitando de la boca el amargor que me han producido incomprensiones y acusaciones injustas promovidas o aceptadas por miembros hermanos de esta misma Iglesia.

* * *

Creo en los pobres y oprimidos. Creer en los pobres y oprimidos es creer en las semillas del Verbo. Creo en sus grandes capacidades, particularmente en su capacidad de recibir el mensaje de salvación, de comprenderlo, de acogerlo y de ponerlo en práctica. Por ésto, es verdad que los pobres nos evangelizan. Por ésto, la Conferencia de Puebla habló del "potencial evangelizador de los pobres". Creo en la Iglesia de los pobres, porque Cristo se hizo pobre, nació pobre, creció en un hogar pobre, hizo discípulos entre los pobres y fundó su Iglesia con los pobres. Por todo ésto, al mismo tiempo que hago mi profesión de fe en los pobres, me atrevo a tomar las palabras extremecidas de alegría de Cristo: "Yo te bendigo

Padre, porque has escondido estas cosas a los sabios y entendidos de este mundo y las has revelado a los pequeñitos".

Esta es mi Fe. Esta Fe ha dado sentido a mi vida.

Pero, si se trata de descubrir las características vivenciales de mi Fe, pongo el énfasis en mi Fe en la comunidad. Dios me fue preparando lejanamente para esto. No pertenecí a una familia numerosa, pero esta misma deficiencia me ha hecho sentir la necesidad de amigos, la necesidad de trabajar conjuntamente con otros, la necesidad de la comunicación profunda y de la comunión en valores trascendentales.

Uno de mis defectos ha sido la incapacidad de saber perder el tiempo con los amigos. Pero en esta misma deficiencia descubro un aspecto positivo, como preparación lejana, y es que he buscado siempre relaciones de seriedad y respeto con cualquier persona.

Dios me ha ido preparando lejanamente también desde el punto de vista afectivo. Por una parte, he contado con amigos verdaderos. Nos hemos amado en profundidad. Hemos dialogado. Nos hemos construido mutuamente, criticándonos con franqueza y confianza todo aquello que encontrábamos defectuoso. Por otra parte, mis relaciones con personas del sexo femenino, particularmente durante mi juventud, fueron más bien parcas, como lo dije a su debido tiempo. Veo ahora que esa manera de comportamiento me ha impedido caer en la liviandad de relaciones ligeras y superficiales y no me ha impedido, sin embargo, posteriormente, el cultivo de relaciones amistosas como personas de uno y otro sexo. Más bien, las han favorecido.

He adquirido una capacidad de respeto, indispensable para una auténtica vida comunitaria. Actualmente, los grupos comunitarios de la Diócesis de Riobamba están compuestos por hombres y mujeres.

Cuando joven sacerdote, nadie hablaba de equipo, nadie hablaba de comunidad, a no ser que se tratara de las comunidades religiosas. De hecho, los cuatro antiguos amigos que formábamos el Cuadrilátero contituíamos un auténtico equipo de amistad y de trabajo. Así Dios me fue preparando.

La muerte de mi padre, cuando todavía yo le necesitaba, y diez años más tarde la muerte de mi madre, me dejaron solo, sin lazos familiares íntimos. Estas circunstancias dolorosas me llevaron a vivir una vida de familia con los muchachos trabajadores de la Cardijn . Estos años fueron también una preparación remota.

Lo mismo puedo decir, pero ya como preparación inmediata, de la experiencia del Equipo Juan XXIII , ya en la Diócesis de Riobamba.

Ahora puedo decir con toda verdad y sinceridad: Creo en el hombre y creo en la comunidad cristiana.

* * *

Toda mi vida ha estado llena de luchas y conflictos. Pienso de mí mismo que no soy una persona conflictiva. Más bien, soy un hombre pacífico. Pero también me encuentro un hombre intransigente, cuando se trata de defender valores trascendentales, no ciertamente especulativos, sino encarnados en la existencia de los hombres. He sido intransigente en la defensa de la verdad, porque

he querido que los hombres concretos seamos verdaderos. He sido intransigente en la defensa de la justicia, porque he querido que los hombres practiquemos la justicia. He sido intransigente en la defensa del Amor y de la Amistad, porque he querido una gran autenticidad en las relaciones humanas.

Para dar a entender que mi Fe en la comunidad ha dado sentido a mi vida, a más de los relatos que dejo escritos en estas páginas y en base a ellos, juzgo conveniente referirme ahora a determinados conflictos, a modo de ejemplo. En esas ocasiones ha sido cuando más de cerca y más íntimamente he experimentado lo que es vivir en comunidad, estar en comunión profunda con otras personas, sentir que todos cuantos creemos en Cristo somos miembros de un mismo cuerpo.

En estas ocasiones también, he tenido la oportunidad de revisarme seriamente a la luz del Evangelio, de ir adquiriendo dominio de mí mismo, serenidad, valentía, conflictos.

* * *

Gracias, Padre, por haberme dado la vida. Por haberme hecho nacer en el seno de una familia pobre. Por haberme llevado de la mano hacia el sacerdocio. Por haberme hecho conocer a tu Hijo, Jesucristo. Por haberme dado una madre, la Virgen María. Por haber puesto en mi camino amigos de corazón noble. Por haberme descubierto el misterio de tu plan salvífico. Por haberme hecho comprender que los hombres estamos llamados a vivir como hermanos. Porque me estás haciendo vivir el misterio de la Iglesia como comunidad cristiana. Por la serenidad, por la fuerza, por la luz, por la esperanza que nos comunica tu Palabra. Por la alegría de tu Reino que ya ha comenzado. Por la Fe que ha dado sentido a mi vida. Por los aconte-

cimientos que han dado sentido a mi Fe...

Con la urgencia de acelerar la llegada de tu Reino en plenitud, con la Iglesia que está en Riobamba y con la Iglesia Universal, clamamos a tu Hijo:

* * *

¡VEN, SEÑOR JESUS!

TU . . . TE VAS . . .

Tú . . . te vas . . .
pero quedan
los árboles que sembraste,
como quedan
los árboles
que antes ya sembraron otros.

Los árboles
darán fruto
y darán también semillas.
Las semillas
cultivadas
convertiránse en árboles.

Tú . . . te vas . . .
pero quedan
los árboles que sembraste:
más árboles,
y más frutos.
y más fecundas semillas.

Riobamba, marzo 4 de 1984.

Esta colección es de confesiones sinceras e íntimas de hombres que hacen historia. No debemos asomarnos a ellas con curiosidad, sino con respeto.

Antes y después de su lectura deberíamos preguntarnos: ¿Qué me dice a mí el credo de este hombre que ha dado sentido a su vida?

LEONIDAS E. PROAÑO
(Obispo de Riobamba)

Nació el 29 de enero de 1910 en San Antonio de Ibarra, provincia de Imbabura (Ecuador).

Soy hijo de familia pobre. Supe, como todos los hombres de mi pueblo, lo que es padecer de necesidad y de hambre. Pero aprendí también a soportar privaciones sin quejas ni envidias.

Aprendí lo que es la sencilla fraternidad entre pobres: poner en práctica una generosa y delicada mutua entre vecinos. "Un pobre ayuda a otro pobre, y entonces todo se arregla".

Actualmente es Obispo de Riobamba (Ecuador) desde 1954.

Llamado el obispo del indio

En este libro autobiográfico, nos cuenta con sencillez toda su vida, trabajos, alegrías, conflictos.... y su profunda fe en un Dios que ha querido que lo reconozcamos en el rostro del hombre y que nos va a juzgar únicamente por ello.

editorial Gallo Capirán C.A.
OTAVALO ECUADOR

DIME LA VERDAD

Vida y fe de jóvenes trabajadores

JOC Internacional, Bruselas 1995.

Para Agustinho.
Es nuestra misma experiencia - Tu vas a encontrar en ella y quizás puedes aprovechar para añadir a ella 50% más de tu propia experiencia, como siempre haces; que es lo que le da más gusto a la historia.
Un abrazo,
David
18/12/95.

"DIME LA VERDAD"

Vida y fe de jóvenes trabajadores

JOC Internacional, Bruselas 1995.

ÍNDICE

Pág

PRÓLOGO: Un manojo de flores silvestres 7

PALABRA DE UN "ANTIGUO" Jacques Meert, Bélgica 9

PRIMERA PARTE: "Escuchádles y hablarán con el corazón en la mano"

"Me preguntaron cómo me llamaba"
AKIKO, Japón 14

"Fue todo un despertar"
JEAN BLAISE, Gabón 19

"¿Y si fuéramos a ver a los otros...?
RONALD, Quebec 23

"Una fe vivida, no idealista"
JULIO, Colombia 26

"Tras la represión, la esperanza".
MARGARIDA y EDENILSON, Brasil 29

"Somos la JOC"
HELIO, Brasil 35

"Hay que tener ánimos"
BIRGIT, Alemania 37

"Le debo todo lo que soy"
TERESA, Perú 40

"Me siento muy cercano a la Biblia"
POGISO, Africa del Sur 45

"Todas se pararon de trabajar"
MEI YUK CHEUNG, Hong Kong 49

"Pensaba vivir una vida normal"
MEI YI, Hong Kong 54

"Jesucristo y el movimiento no son dos cosas distintas"
YUEN YEE y WAI CHING, Hong Kong 58

"Aprendí a ser paciente"
YOUSSEF, Egipto 62

"Antes sentía tristeza"
MÓNICA, Colombia 66

"Callarme sería una falta de fe"
DANIEL, Ghana 68

"Lloraba pero estaba contenta"
STEPHANIE, Suiza 70

"Pasar de la teoría a la práctica"
JOSÉ LUIS, inmigrante en Alemania 76

"Triunfará la vida"
EDMOND, Argentina 79

"Un camino hacia la autorealización"
LUZ MARINA, Colombia 81

"Quiero tener amigos"
MACHIKO, Japón 87

SEGUNDA PARTE: Visión de teólogos

"Quiero tener amigos o el camino de liberación por la acción"
Honda Tetsuro, Japón 92

"No soy ni ebanista ni escultor"
Anastasio Gallego, Ecuador 96

"Lo que cuenta es la vida"
Benedito Ferraro, Brasil 104

"Los jóvenes, la JOC, la fe"
Jean-Claude Brau, Bélgica 109

"Una necesaria fraternidad"
Emmanuel Ntakarutimana, Roma 119

"Cambiar el mundo..."
Albert Nolan, Africa del Sur 123

A MODO DE CONCLUSIÓN

"Alzar la mirada hacia el futuro"
Moses G. Cloete, Presidente de la JOC Internacional 126

PRÓLOGO:
Un manojo de flores silvestres

"La JOC trabaja sin hacer ruido", dice Teresa en su testimonio. Si bien es una calidad, esta discreción puede tener también aspectos negativos. Los jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras organizados en el movimiento viven muchísimas cosas. Al margen del círculo, a menudo restringido, de los militantes y de los adultos que acompañan su proceso, ¿quiénes son conscientes de ello?

La JOC Internacional quiso conservar y dar a conocer los signos de esta inmensa riqueza, ocultada con demasiada frecuencia. Así pues, en distintas ocasiones, pedimos a militantes expresar cómo viven su compromiso en el movimiento y en la sociedad, frente a sus realidades, y qué incidencia tiene dicho compromiso sobre su fe, sobre el sentido de su vida.

Una reunión del Equipo Internacional

Es lo principal de este libro. No se trata ni del resultado de un estudio sobre la JOC de hoy en día, ni de las conclusiones de una encuesta sistemática a jocistas de todos los continentes, ni es la síntesis de una reflexión teológica sobre los principales temas de actualidad, sino más bien "un manojo de testimonios" recogidos en encuentros con jóvenes cuya vida fue marcada por la JOC.

Estos testimonios varían por su grandeza, origen, contexto, carácter, pero todos irradían la luz y la vida halladas en la JOC.

Los militantes que se expresan en el libro no están realizando sus primeros pasos en el movimiento. Todos tuvieron ya una trayectoria de años en la JOC, con sus altibajos. Su compromiso y las responsabilidades asumidas les ayudaron a crecer, a madurar. Es así como son capaces de echar una mirada lúcida a su experiencia.

Aun si se sienten próximos de la Biblia y demuestran tener un fe reflexiva, no son profesionales de la reflexión teológica y sólo quieren dar testimonio de lo que viven. Por esta razón hemos invitado a teólogos a reflexionar sobre estos testimonios de vida y de fe para ayudarnos a descubrir sus riquezas y sus cuestionamientos.

Procedentes de orígenes muy distintos, dichos teólogos fueron interpelados por los testimonios y entraron a su vez en el compartir. Confirman nuestra fe en la acción del Espíritu en el mundo y en el corazón de cada joven trabajador y cada joven trabajadora, de cada ser humano.

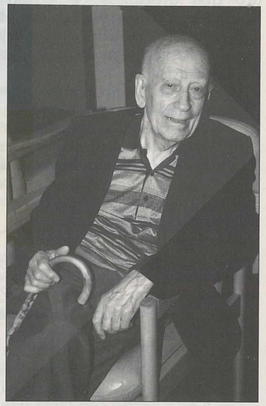
Agradecemos a cada uno de ellos por su testimonio y su reflexión. Agradecemos igualmente a los jóvenes que aceptaron presentar su testimonio y compartir su experiencia, y a los traductores y colaboradores que hicieron posible la compilación de este "manojo".

Este libro invita a los lectores a sumarse al compartir, abriendo su corazón, para descubrir las riquezas y las maravillas que a menudo brotan en la vida y las luchas cotidianas. Es una invitación a participar del dinamismo del Espíritu, que hoy en día hace nuevas todas las cosas.

El Equipo Internacional de la JOC

PALABRA DE UN "ANTIGUO"

JACQUES MEERT*



Me cuesta describir la sorpresa que me llevé al leer las páginas a continuación. Son testimonios llenos de espontaneidad, simplicidad, y verdad.

Son quizás la mejor definición de la JOC que uno pueda desear. Nada de teorías sino la vida tal y como es, completada por los comentarios y las reflexiones de los teólogos, quienes no se olvidan plantear algunos interrogantes.

Algunos rasgos se desprenden de forma sorprendente. El origen de los/as militantes que hablan: origen geográfico, familiar, social y cultural, e incluso religioso. Cada uno y cada una tiene su historia, su propio papel, que adquiere un significado total por el contexto en el que se desarrolla. Sin embargo, y eso es lo característico, todos los testimonios convergen, y tienen como claro denominador común la JOC en todos sus fundamentos. Cada uno de los protagonistas, joven del mundo popular, chico y chica, por muy pobre y desamparado que se encuentre, es un hermano o una hermana. Por el mismo hecho de ser hijo o hija de Dios. ¿No fue lo que dijo Cardijn?

Y Dios, lo encuentra casi sin darse cuenta, con vuestra amistad, vuestro compañerismo, vuestra ayuda y espíritu de equipo. El rasgo específico de vuestra fe como testigos no es más que vuestra fe puesta en práctica. Es decir la caridad evangélica.

Al leer los distintos testimonios, me sorprendió descubrir los tesoros de una fe viva que la juventud trabajadora oculta en los recovecos de su vida cotidiana, de lo más banal en apariencia. Es poco frecuente que una obra inspirada y escrita por jóvenes que en su mayoría no pudieron terminar la enseñanza básica revele a un amplio sector de la opinión pública el misterio que Jesucristo no temió en depositar entre sus manos, por absoluta confianza.

Y en la JOC, vemos que se responde a esta llamada, cualquiera que sea la generación. Esta constatación produjo en mí, en el momento en que escribía este breve preámbulo, una contemplación emocionante. El cuadro que evocamos en una visión mística durante la Asamblea Internacional del movimiento en Roma en 1957 en vísperas del primer Consejo Mundial, quedó gravado para siempre en mi memoria. Era para nosotros la actualización del extracto, lleno de esperanza, de la visión del profeta Isaías:

> *Levántate y resplandece, pues ha llegado tu luz, y la gloria del Señor alborea sobre ti.*
> *Alza en torno tus ojos y mira: Todos se reúnen y vienen hacia ti, llegan de lejos tus hijos, y tus hijas son traídas a ancas. Entonces mirarás y resplandecerás, palpitará y se ensanchará tu corazón.*
> (Isaías, 60)

Esta visión se mantiene de actualidad en una sociedad que parece haber perdido su alma. Es más: se ensancha cada vez más en el desarrollo y la toma de conciencia de los pueblos que traen al viejo mundo la esencia de lo que más le falta: la llamada a la solidaridad y al amor.
En este sentido, observamos en varios testimonios que lo aportado se refiere también a los no cristianos, de quienes se dice que tienen perfectamente cabida en el movimiento internacional. Todos no consideran este hecho con tanta naturalidad. Habrá que profundizar progresivamente la legitimidad de este hecho. No es nuevo en realidad y responde a la propia lógica de la universalidad del movimiento, que nunca erigió barreras ante nadie. Entonces, por qué negaría a determinados jóvenes el inestimable privilegio que cada uno de nosotros hemos tenido y vivido. Hubiésemos necesitado mucha imaginación en los inicios de la JOC para pensar que a finales del siglo, habrían jocistas en Bangladesh y en los confines de nuestro planeta.

Militantes de la JOC Internacional, es hora de alegraros por lo que la JOC realiza a través de vosotros entre la juventud trabajadora, hasta transformar la sociedad. Si tenéis fe, no olvidéis que ella mueve montañas cada día; que la JOC es como el grano de mostaza del Evangelio: al sembrarlo es el más pequeño de todos los granos - luego crece y un día se hace un árbol grande donde anidan los pájaros del cielo.

¡Tenéis todos un mismo lema: Fe, coraje y solidaridad!

** Jacques MEERT, que nació en Bruselas en 1902, es cofundador de la JOC. Conoció al Padre José Cardijn en 1919, siendo joven ferretero y cerrajero de Bruselas.*
Formando con Fernand Tonnet y Paul Garcet el "trío fundador de la JOC" asumió en 1925 la función de Secretario General.
Fue uno de los más íntimos colaboradores de Cardijn a quien acompañó en la evolución de su pensamiento y en sus viajes a todos los continentes.
Hoy, con 93 años, Jacques continúa al tanto de la evolución de la JOC y sus opiniones son siempre muy apreciadas.

Entre otros "antiguos":

Marguerite FIEVEZ
Antigua secretaria de la JOC Internacional

Alex ERICX
Enviado durante 11 años al Africa, al servicio de los jóvenes trabajadores y de la JOC.

PRIMERA PARTE

"Escuchádles y hablarán con el corazón en la mano"

AKIKO, Japón, 1990

"Me preguntaron cómo me llamaba"

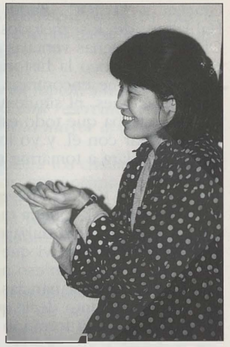
P. Como responsable nacional de un movimiento que acaba de celebrar su 40 aniversario, ¿cómo ves la JOC del Japón hoy en día? ¿Cuáles son las preocupaciones actuales del movimiento?

En la sociedad japonesa existen diversos movimientos sindicales o populares. Pienso que frente a estos movimientos la JOC tiene un lugar que ocupar porque es diferente y lo que busca también es diferente.

En el Japón existen muchos movimientos preocupados por los problemas de la sociedad. La JOC no parte de los problemas sino de la experiencia de las personas que sufren dichos problemas, lo cual es muy diferente. Se parte de las dificultades de los jóvenes para intentar resolverlas, pero a través de estos problemas, de estas acciones, ¿cómo se puede cambiar al mismo joven? Para nosotros, estos cambios personales en los mismos jóvenes es algo muy importante.

En relación al ocio, por ejemplo, antes de incorporarme a la JOC, yo no percibía la importancia de vivir con nuestros compañeros/as. Tenía algún tiempo de ocio, pero me lo pasaba sola y pensaba que así estaba bien, y no tenía otro tipo de experiencia. Desde que estoy en la JOC, he descubierto toda la riqueza del vivir en contacto con amigos para hacer algo juntos. Esto es también algo importante en la JOC y que no se conoce en ningún otro movimiento.

Cuando entré en la JOC, lo que me pareció interesante en este movimiento fue que los jóvenes me preguntaron cómo me llamaba. Luego, después del primer contacto, me volvieron a llamar por teléfono. Buscaron saber lo que estaba haciendo. Se interesaron por mí y eso me encantó. Con este punto de partida intenté descubrir los valores que podemos vivir juntos, a pesar de todas las diferencias que pueden existir y cómo se puede prestar interés en los demás. Pienso que se puede ser feliz en la medida que crece nuestro interés por los demás.



Al principio, no hice acciones aparatosas en la JOC, no fui a ver a ningún director de empresa para negociar esto o lo otro, sino que aprendí a reflexionar sobre el significado de la vida humana. Pienso que fue un gran cambio en mi manera de reflexionar y para mí, aún en la JOC y después fuera de ella, voy a seguir reflexionando sobre la vida humana.

P. ¿Cómo entraste en contacto con la JOC?

Después de 3 años de trabajo logré ahorrar algún dinero y pude tomar 5 días de vacaciones. Se lo comenté a mi párroco quien me dijo: "Sabes, hay un asesor que va a viajar a Filipinas con un grupo de jóvenes. Si quieres participar te puedo facilitar el contacto."

Luego de ese primer contacto con los jocistas, participé en una reunión, hablamos de cosas y luego me volvieron a llamar por teléfono y me preguntaron: "¿Vas a volver? ¿Qué te pareció la reunión? " Contesté que me gustó y me pregunté qué interés tenían por mí? Fue un problema para mí comprender que estos jóvenes, para quienes yo no representaba nada al principio, se interesaban por mis problemas y mi vida.

Para Filipinas, bien. No tendría problema en ir. Los jóvenes que iban eran cristianos y habría un sacerdote para acompañarme, o sea que acepté la invitación.

P. ¿Encontraste la JOC en Filipinas?

Casi puedo decir que fue la JOC de Filipinas la que me enseñó lo que es la JOC. Allí participé en un programa de cinco días. Aprendí muchas cosas. Hablamos en particular de las fábricas japonesas presentes en el país, en las que trabajan jóvenes en condiciones muy difíciles. Estaban explotados. Así es como ellos lo expresaban. Y yo relacioné esto con mi vida. ¿Qué vida llevo en Japón? Por vez primera me di cuenta que tenía las mismas condiciones de trabajo, a diferentes niveles, que los jóvenes filipinos.

Gracias a la JOC, pude descubrir muchas cosas en Filipinas. Hablaban de los métodos patronales en las fábricas japonesas. Ofrecen pequeñas ventajas a los trabajadores para impedirles reivindicar, es un poco la historia de la zanahoria y el palo. Yo me pregunté si no me encontraba a fin de cuentas al mismo nivel. Nunca cogí vacaciones, ni siquiera sabía que existían las vacaciones pagadas, y pensaba que todo estaba bien así. Vi que el patrono me invitaba a cenar con él, y yo lo veía bien, pero sabía que lo hacía para que renunciara a tomarme mis vacaciones.

Creo que los jóvenes quieren ser reconocidos por su valor, y a mi también me pasó. Quería que me reconocieran pero desde una imagen patronal. Quería trabajar más para que el patrono me considerara bien. Ahora bien, vi que el patrono utilizaba esa aspiración profunda que tenía, pero eso no me ayudaba. Vi que así la empresa iba acumulando más ganancias pero yo permanecía al mismo nivel de siempre. Es distinto decir que queremos crecer a nivel personal. La empresa se estaba forrando pero yo no.

P. De lo que dices se desprende que eres cristiana, e incluso católica... Tu encuentro con la JOC, ¿cambió algo en tu manera de ser cristiana, de vivir tu fe o tu religión?

En realidad, yo tenía ya la fe, iba a misa, pero no sabía lo que significa exactamente tener la fe. Pensaba que era ir a misa, hacer como hacían mis padres, pero eso no era tanto tener fe.

Descubrí que la vida y la fe no se viven por separado.

Desde que estoy en la JOC me doy cuenta que cuando voy a la iglesia, hay allí mucha gente pero no se habla de la vida. A la Iglesia no le gusta que se hable de la vida. Veo ahora que se trata de una aberración y me parece extraño.

Ahora el hecho de ir a la iglesia y vivir según el Evangelio, según las vivencias de Cristo, son dos cosas distintas. Se puede vivir profundamente el ejemplo de Cristo sin ir a la iglesia, encontrándose con gente con quien no se habla nunca.

Un día de Viernes Santo, por ejemplo, con unas amigas de las que una era también cristiana, fuimos a un restaurante donde ese día había carne en el menú. La amiga me dijo: "Hoy Viernes Santo no se puede comer carne". Nos pusimos a hablar de esta cuestión, y yo dije que ser cristiano no es seguir reglas establecidas en otra época y en

otro lugar. Si queremos privarnos para recordar a Jesús, se puede hacer cualquier otro día del año. Tener la fe no es hacer cosas, cumplir con reglas decididas por otras personas.

P. La JOC es un movimiento importante en Japón. Sin embargo, en tu país hay muy pocos cristianos. ¿La JOC está reservada exclusivamente para los católicos como tú u ofrece una mayor apertura?

Pienso que no es normal que la JOC se limite a los cristianos porque en mi sentir profundo cualquier trabajador, por encima de las diferencias de religión, tiene las mismas aspiraciones, una aspiración a vivir con dignidad humana. La belleza y la fuerza de la JOC radica en su apertura a todos los jóvenes trabajadores. Esa es en opinión mía la especificidad de la JOC.

P. ¿Tienes la impresión de que la JOC ayuda también a los otros jóvenes trabajadores a crecer en su propia fe, en su personalidad?

Por regla general, los jóvenes no hablan de religión y nosotros no hablamos de religión. Es así. Algunos en la JOC piden conocer y leer el Evangelio. Hay grupos que se forman así para conocer el Evangelio y algunos acceden así al bautismo.

Otros no hablan nunca de ello. Nos encontramos a un nivel más amplio, tratamos de atender a los demás, ver qué dificultades pueden tener o qué problemas se pueden compartir, cómo trabajar juntos, actuar en solidaridad, etc. Coincidimos en estos puntos que nos parecen a todos, cristianos o no, muy importantes en la vida.

P. ¿Tu contacto con jóvenes no cristianos, cuestionó tu fe, la hizo avanzar, crecer, madurar?

Cuando estoy con los jóvenes trabajadores no me pregunto nunca si son cristianos o no. En mis contactos aprendo muchísimo, me enriquezco, pero nunca me pregunté si este aporte era porque los jóvenes eran o no cristianos. Por regla general, es el contacto con otros jóvenes el que me aporta muchísimas cosas.

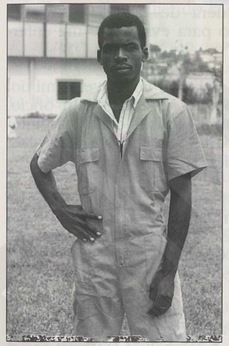
P. El Movimiento suele tener muchas dificultades para encontrar a jóvenes que acepten asumir responsabilidades. ¿Es así también en el Japón? Y tú, ¿por qué aceptaste asumir responsabilidades en el Movimiento? ¿Lamentas haberlo hecho o esto te ha aportado algo?

Cuando me pidieron si quería asumir responsabilidades, éramos varios en tener esa posibilidad. No sé por qué me preguntaron a mí. Acepté, y tampoco sé demasiado por qué. Pero no lo lamento. Estoy muy contenta de mi trabajo porque me permite ampliar mi visión, tener contactos con personas que sufren situaciones que yo no conocía, jóvenes a quienes les cuesta vivir, que no tienen competencias escolares, que incluso pasan hambre... todo esto nunca lo hubiera percibido quedándome recluida en mi propio entorno y no tomando responsabilidades. No, de verdad que no lamento para nada asumir responsabilidades.

Ahora puedo tomar tiempo para encontrar a la gente, discutir con ellos, algo que no hubiera podido hacer sin haber tomado responsabilidades en la JOC. Es para mí una gran riqueza que jamás hubiera conocido de no haber aceptado. Es formidable y estoy muy contenta de estar donde estoy.

JEAN BLAISE, Gabón, 1990

"Fue todo un despertar"



P. ¿Por qué acudiste a la JOC?

Es toda una historia. Había estado enfermo durante años. Al final del curso, cuando terminé quinto, mis padres vinieron del pueblo y quisieron que me iniciara [1] porque los estudios no me iban nada bien. No quise pasar por la iniciación. Fui al pueblo de mi abuelo que me recomendó la iniciación si esa era la voluntad de mi familia. Al final acepté a regañadientes... Fuimos tres en iniciarnos: mi tía, mi hermana mayor y yo. Estuve una semana en el templo. Me dieron madera sagrada, que es una madera amarga, es como una droga que te cambia por completo. Ellos dicen que ven a los muertos...me dieron de comer esa madera hasta que empecé a tener crisis de locura.

Tuve una crisis durante 5 meses. Me había vuelto como loco. Luego empecé a agonizar. Me llevaron a todas partes para curarme. Decían que me había convertido en vampiro, que yo había matado al hijo de mi hermana mayor, me acusaron de muchas cosas, porque eran incapaces de curarme, de devolverme mi estado normal.

Estuve en un estado parecido al coma durante cuatro meses. Hasta que un día, al parecer, empecé a hablar: "Mamá llévame al hospital". Mi mamá lo habló con la familia, pero la familia no quería, decía que me iban a hacer una inyección y que me iba a morir puesto que era un vampiro. Entonces mi madre dijo que me había llevado a todas partes para que me curaran y ella dijo que prefería verme morir en el hospital antes que dejarme como estaba.

1 *Rito africano de introducción del joven a la vida adulta*

Me llevaron al hospital de Libreville, a la unidad de cuidados intensivos. Era como un fenómeno, no sabían lo que me había pasado. Los médicos no comprendían y llamaron a un psiquiatra que me abrió los ojos y vio en seguida que me habían dado madera amarga. Mi madre tuvo que reconocer lo acontecido. Le explicaron que me habían dado una dosis muy fuerte y no la había soportado.

El psiquiatra comenzó a atenderme. Al cabo de 3 años ya estaba mejor y mi memoria comenzó a activarse de nuevo gracias a los medicamentos. El médico quiso que fuera de nuevo al colegio pidiendo al profesor no forzar demasiado para evitar que me enfermara de nuevo.

Mi mamá no tenía dinero para costear el colegio. Fue a ver a mi tío. El tampoco tenía medios, pero propuso que aprendiera un oficio, pues él era carpintero. Trabajé allí durante dos años como carpintero, pero seguía sufriendo momentos de cansancio... y tuve una recaída. El médico me atendió y sigue atendiéndome hoy en día.

Cuando mejoró mi estado, empecé a trabajar en Gabón Rotin. Mi padres me aconsejaron concentrarme en la oración, ir a misa... Así que fue lo que hice. Fui a la iglesia, escuché el Evangelio. Conocía los movimientos que existían en la parroquia. Beka dirigía los coros y yo formaba parte de ellos. Siempre me decía que viniera a la JOC. Siempre me hablaba de la JOC.

Un día se hizo un anuncio en la misa para aquellos jóvenes interesados por la JOC. Beka volvió a insistir. Y yo pensé: "Bueno voy a ver lo que pasa con la JOC puesto que estoy participando en todo lo que existe en la parroquia, incluso en los grupos de oración." Había poca gente en la JOC. Los jóvenes acudían después de un anuncio y se marchaban inmediatamente. Se les explicaba la historia de la JOC y ellos no comprendían nada en absoluto. Yo aceptaba todo lo que se proponía, y por eso me quedé. Primero creía que la JOC era un grupo de oración o algo por el estilo y por eso me quedé.

Comencé a conocer el movimiento cuando recibimos la visita de un responsable de la JOC Internacional. Me dio un ejemplar de "Echange" (publicación de la coordinación africana), me explicó cómo hacer las reuniones... Empecé a comprender...

P. Y ahora, ¿Qué es la JOC para ti?

La JOC me permite no retroceder ante las situaciones difíciles y tener confianza en el cambio de mi situación de vida. Sé que soy capaz de cambiar una situación y no desanimarme por una u otra situación.

Por ejemplo, en la empresa en la que trabajo, como me sentía solidario de mis compañeros, intentamos realizar una acción para tener tarjetas de fichaje y seguridad social. Fue la primera acción llevada a cabo ya comprendiendo la orientación de la JOC.

P. ¿Eres católico? ¿Lo que vives en la JOC, tiene algo que ver con tu fe o no?

La JOC tiene que ver con mi fe. Antes me centraba en los grupos de oración. Me había convertido en una persona que no reflexionaba bastante. Dios dijo: "Comerás el pan con el sudor de tu frente". En cambio cuando uno está en un grupo de oración, espera que Dios te lo dé todo, esperas, esperas...rezas al Señor.... pero la Biblia lo que dice es :"Llamen a mi puerta y os la abriré, quién me busca me encontrará". O sea que el hombre no debe recluirse sólo en la oración, debe dar el primer paso, y es lo que la JOC me enseñó, dar el primer paso para obtener lo que se quiere. Porque yo estaba esperando que Dios me lo diera todo. Pero no es así.

La JOC me enseñó cómo analizar una situación, cómo ver claro lo que pasa a mi alrededor. Por ejemplo, hay cosas que pasaban en el país y a mi no me interesaban, pues "eran asunto del partido". Ahora veo la necesidad de comprender lo que pasa a mi alrededor. En esta sesión de formación internacional, por ejemplo, descubrimos que es importante conocer bien su país, los vecinos del barrio, etc.

Estoy muy contento de estar aquí. Y si estoy aquí es gracias al responsable de la JOCI que vino a visitar Gabón. Me estimuló de forma que me despertó, porque es verdad que estaba dormido, estaba sumido en un sueño profundo. No sabía lo que era la JOC. Cuando me desperté dije que tenía que cambiar mi comportamiento. Comencé a abrir los ojos, a aproximarme más a los otros, a mis compañeros de trabajo, intentando discutir con ellos y haciéndoles muchas preguntas. Aun cuando te dan una respuesta, hay que seguir haciendo preguntas.

Aprendí a estar más en contacto con los otros y a ser más solidario con los otros militantes. Esto me permitió ampliar el diálogo con la

gente que encontré, esto me abrió el espíritu y el corazón. Cuando estaba en el grupo de oración, sólo veía a la gente que rezaban junto conmigo, y no a los demás. Ahora trato de analizar la realidad de mi entorno y considerar a toda la gente en pie de igualdad.

P. Hace varios años que estás en la JOC. ¿Los compañeros/as a tu alrededor, tú ves que la JOC les haya ayudado a cambiar o bien eres un caso aparte, y el único que haya logrado cambiar a través del movimiento?

Creo que la JOC también ha ayudado mucho a la actual permanente. Ella avanzó y cambió mucho. Comprende el movimiento, y es gracias a ella que tenemos contactos dentro del país y en mi grupo de base, todos intentamos avanzar, por ejemplo, en nuestra comprensión de la realidad.

RONALD, Quebec, 1990

"¿Y si fuéramos a ver a los otros...?

P. ¿Cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Era paisajista. Trabajaba en verano y estaba desempleado en invierno. Con mi subsidio de desempleo tenía algunos ingresos. Durante el invierno, me dedicaba a la música. Tenía una compañera... que acababa de perder a sus padres en un incendio. Los niños se salvaron pero no los padres. Carol, la hermana de Annie, mi compañera, tenía miedo de quedarse sola en casa. Entonces empezamos a renovarlo todo y vivimos allí. Benoit, el asesor de la JOC, notó en el entierro que Carol tenía una voz bonita. Se la invitó a la coral. Allí se encontró con Yves que era permanente de la JOC, y es así como se concretaron los contactos.

A mi también me pasó que durante los dos primeros años mis únicos contactos con la JOC se hicieron a través de la música y del grupo musical. Con Yves hacíamos excursiones. El quería que conociéramos la JOC, porque veía una relación entre nuestra situación y lo que reivindicaba en la JOC.

Yo sabía por donde iban los tiros y no quería comprometerme. No me sentía capaz de asumir los problemas de los demás, bastante tenía con los míos. Esto duró hasta que empecé a hablar de mis problemas de desempleo: el subsidio llegaba con retraso. Me pasé incluso dos meses sin recibir nada, y sin ninguna explicación de parte de la oficina del desempleo. Me decían que la culpa la tenían las computadoras.

Entonces Yves me dijo: vamos a ver a los demás, porque viven lo mismo que tú. Hicimos una encuesta, el secretariado nacional nos ayudó a perfeccionarla y a difundirla. La encuesta no partía de la situación de desempleo. Las preguntas eran para saber si nuestra vida había mejorado en los últimos 3 años. Se abordaban todos los aspectos del trabajo: servicios, industria, etc. Al ver dicha encuesta pensé que la JOC era algo bueno, una buena organización, bien estructurada.

Cuando se acabó el proceso hicimos una asamblea cuyo eslógan era: "Si tienes un trabajo malo, date prisa en denunciarlo". Fue así como comencé a militar. Presionamos a un parlamentario, nos movilizamos, reivindicamos. Con unos treinta amigos, fuimos incluso hasta la oficina del diputado. Le preguntamos por qué habían recortado el subsidio de desempleo, queríamos una respuesta precisa.

Luego me hice militante a nivel nacional. Me encargaron de lo que me gustaba: la música y la organización de juegos. Luego me propusieron para la coordinación nacional. Entonces Yves me pidió seguir mi compromiso, ir en busca de personas de otros movimientos, la JEC, el representante del obispo. Es así como aprendí a vincular lo que hacía, la fe, y nuestra acción.

Siempre fui cristiano, no siempre practicante. Cuando surgía la cuestión de la fe, no me resultaba molesto hablar de ello, sobre todo de la forma como lo abordábamos, en un ambiente de amistad.

También tuvimos problemas financieros. A Yves le suprimieron el salario, su mujer se quedó embarazada y él tuvo que buscar otro trabajo. Entró en el sindicato, y con él hicimos una acción importante y esto también me abrió los ojos.

Como él estaba muy ocupado, ya no tenía tiempo para dedicar a la JOC. Yo tomé el relevo, éramos unos doce en encontrarnos, todos jóvenes contactados a través de la encuesta. Nos encontrábamos de vez en cuando para hablar de cosas. El nivel nacional me animó a hacer reuniones más estructuradas. Yo dudé mucho y decía que no, que yo no era quien debía ocuparme de la JOC. Pero a fin de cuentas fui yo quien tomé la iniciativa y organicé reuniones más formales. Era la época en que se estaba reformando la legislación sobre ayudas sociales, y yo me encargué de un equipo de trabajadores y desempleados. Hasta el día en que me pidieron ser permanente. Dividimos el grupo en categorías: restaurantes, oficinas, fábricas, bares, peluqueras. Así seguimos funcionando hoy.

P. Ahora conocemos mejor tu trayectoria. ¿Que te aportó la JOC? Si echas una mirada hacia atrás, qué ha cambiado para ti?

Antes pensaba que todo estaba bien como estaba. No habían problemas en este mundo. Y si los había, los evitaba. Decía siempre: hay que ver las cosas positivas. De hecho quería ignorar los problemas, pero hoy ya no los ignoro. Además, me gusta poder vivir otras referencias, otros valores. Soy más sensible ante las otras personas. Hablamos de cosas concretas, a veces de fe, también. Aprendí cómo analizar las situaciones. En cierto modo, creo que he madurado.

P. Ronald, acabas de participar en una reunión de asesores. ¿Qué te pareció?

En la JOC los asesores participan con nosotros. Pero esto fue una reunión internacional, continental. Yo pensaba ver a los asesores bien vestidos, muy rectos, y así. Y qué iba yo a hacer a una reunión como aquella. De hecho, hablamos de cosas serias, pero el ambiente era juvenil. Hablamos de asuntos de la Iglesia que no entendía demasiado, de las estructuras... Aprendí algunas cosas.

Comprendí que era una necesidad tener asesores para ayudar a los jóvenes en su militancia. Los asesores están para apoyar, si no uno se queda estancado. El asesor asegura un equilibrio. Entendí también que los militantes necesitaban tener un análisis sobre temas que los jóvenes tenemos dificultad en comprender. Es lo que quiero transmitir a la JOC del Quebec. Debemos avanzar en la cuestión de los asesores.

JULIO, Colombia, 1990

"Una fe vivida, no idealista"

P. ¿Cómo encontraste la JOC?

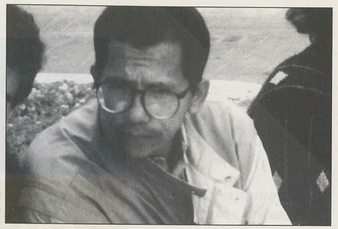
Conocí la JOC a través de un sacerdote francés, el Padre Michel Jeanne. Estaba en el seminario, en el primer año de filosofía. Me hacía muchas preguntas en relación a una opción por un compromiso social, por una atención por la vida de la gente. Lo hablé con un sacerdote que me habló de la JOC y me puso en contacto con militantes del lugar. Así que estando en el seminario empecé a participar en encuentros de fin de semana y durante las vacaciones participaba en las actividades. Es así como conocí la JOC.

P. Tras este primer contacto, ¿por qué sigues en la JOC?

Estudié en el seminario durante 5 años. Primero me preocupé mucho del aspecto social de mis compañeros y trabajé mucho con el mundo obrero. Mi espiritualidad estaba muy marcada por los pobres y yo no encontraba el tipo de sacerdocio que correspondiera a mis preocupaciones.

Cuando terminé el seminario, la JOC en un consejo nacional me dio la oportunidad de tener una experiencia alternativa trabajando con ella. Ya tenía una experiencia de catequesis y como conocía un poco la JOC pensé que la juventud trabajadora era un sector en el que no existían planes pastorales. Todo el mundo está interesado por un trabajo con estudiantes o clases altas, pero nadie quiere trabajar con los obreros. Fue entonces cuando opté claramente por la juventud trabajadora y en concreto por la JOC.

Me gusta mucho el método del movimiento y me aporta mucho en mi formación a nivel de trabajo pastoral y de fe en Jesucristo, una fe vivida y no idealista, sentimental o espiritualista, pero de una manera más encarnada, más cercana a la realidad. El trabajo de equipo me ayudó a hacer una evaluación permanente, una planificación continua, y es lo que me motivó a quedarme en la JOC.



P. ¿Qué te aporta la JOC?

Me ayudó mucho en mi compromiso de clase y me dio más claridad en mi búsqueda de un proyecto de vida. Ya como seglar estaba buscando un trabajo pastoral enlazado con la comunidad y en particular con la JOC. Ahora cuando entro en el sacerdocio, me da una visión más clara del tipo de sacerdote que quiero ser y al servicio de quién debo ponerme. Me aporta mucho en mis opciones personales.

P. Así que cuando seas cura, ¿seguirás trabajando con la JOC?

Sí. Es mi proyecto, es lo que busco. Como sacerdote quiero tener la posibilidad de continuar trabajando con la JOC, apoyar en las parroquias y acompañar el equipo nacional, es la propuesta que me hacen de trabajar en la línea de la asesoría nacional. De todos modos, apoyaré el trabajo de la JOC porque es un movimiento válido para mi.

P. ¿Qué piensas del encuentro de asesores en el que acabas de participar?

Para mi fue un encuentro genial, primero porque fue mi primera experiencia de un contacto internacional con la gente de la JOC.

Luego por el compartir de las experiencias: algunos asesores trabajaron mucho tiempo con la JOC y siguen creyendo en la validez de su proyecto. Tienen mucho entusiasmo por seguir dicha labor. Son gente muy clara en su compromiso.

El encuentro aportó también mucho a través del compartir y de la comparación de la realidad vivida en los distintos países de América latina, muy similar en todos ellos. Nos planteamos también algunas preguntas sobre qué hacer ante esta realidad común.

En el encuentro, hubo mucho ambiente, espontaneidad, y buen humor. De verdad que estoy muy contento de haber participado.

MARGARIDA y EDENILSON, Brasil, 1990.

"Tras la represión, la esperanza".

P: Brasil ha vivido momentos muy importantes recientemente, las elecciones presidenciales, etc. ¿Cuáles son las grandes preocupaciones del movimiento actualmente?

Margarida:

Estamos ahora en un país que parece democrático, pero que pasó por 30 años de régimen militar, que acabó con todos los derechos de los trabajadores, que asesinó, torturó, exilió a las personas. El pueblo eligió un hombre que viene de la extrema derecha. El tiene una popularidad muy fuerte pero la realidad socioeconómica es muy compleja. La situación política también presenta muchas dificultades. Pero el pueblo conserva la esperanza.

Por esta razón debemos trabajar con el pueblo, ver cómo los trabajadores pueden descubrir la realidad y luchar para cambiarla. Hay que trabajar con los jóvenes, pues estamos en un país en que solamente el 40% de los jóvenes entre 16 y 18 años está en la escuela, la gran mayoría de los jóvenes de esta edad están trabajando. Y la gran mayoría de los que trabajan, trabajan en la economía informal.

El nuevo plan económico afecta a distintos sectores económicos: los metalúrgicos, la construcción, la economía informal y las pequeñas y medianas empresas. La realidad del desempleo, de la educación, es también un problema muy grave. Brasil cuenta hoy con 30 millones de analfabetos y los abandonos escolares son un fenómeno generalizado.

Hay otra preocupación en cuanto a las perspectivas que se presentan para la juventud. Porque vivimos en un país con mucha violencia, agresión a todos los niveles, violencia policial muy fuerte, violencia patronal, política,... Los jóvenes tienen mucho miedo de la policía porque en cualquier momento pueden ser detenidos e incluso asesinados sin motivo. En los últimos meses la policía asesinó a más de 10 jóvenes así, sin ningún motivo. Entonces todos estos aspectos sociales preocupan mucho.

Desde 1987, tenemos una serie de reivindicaciones específicas a este nivel: derecho al empleo, a la educación gratuita e igualitaria, derecho de voto... En el campo también es una situación muy difícil, sobre todo los jóvenes se ven muy afectados y la represión es muy fuerte. Entonces es un país donde se dice que hay democracia pero para los trabajadores aún no ha llegado esta democracia. La JOC debe adaptarse a esta realidad.

P. ¿Podéis presentaros en pocas palabras?

Edenilson:

Tengo 24 años y participo en la JOC desde hace ocho. Cuando era niño nuestra casa se derrumbó y toda la familia quedó dispersada. Me recogieron en una familia que participaba de la comunidad de base del barrio. Yo no estaba bautizado; tenía ganas de estarlo y seguir el catecismo para hacer mi primera comunión. Mi familia de acogida estaba muy interesada en que estuviera bautizado. Era una familia muy distinta de la mía, típica de muchas familias que se dicen católicas pero no asumen ningún compromiso ni participan en nada. Me gustaba porque los jóvenes de esta familia participaban en grupos juveniles de la parroquia y de la comunidad de base. Me incorporé a un movimiento de niños.

Cuando tuve 16 ó 17 años, hubo una misa del Primero de Mayo organizada por la JOC de mi ciudad. La JOC se estaba iniciando allí. Luego tres jocistas que organizaban el Congreso de la Juventud Trabajadora invitaron al grupo parroquial del que formaba parte a participar en el congreso.

Fui a una reunión de presentación de la JOC. Es así como comencé a participar en el movimiento. Hacía tres meses que conocía la JOC. No tuve demasiadas dificultades para asumir mi compromiso. Este fue cada vez a más porque pude desarrollar algunas relaciones; además, era un período muy difícil a nivel político (1982). Vivía en un

barrio donde los vecinos luchaban por poseer la casa en la que vivían, un conjunto de casas modestas, construidas por el gobierno para los trabajadores pero cuyos precios eran inasequibles. Había muchos movimientos políticos en el barrio y yo participaba en algunas cosas. Ocupamos una casa. En el colegio, tuve algunas experiencias en el sindicato estudiantil. Todo ello facilitó mi comprensión de la JOC.

Participaba también de pequeñas actividades de la Iglesia, grupos de jóvenes, etc. y era simpatizante del Partido de los Trabajadores. Fue así como adquirí un nivel de información que aceleró mi paso a la militancia.

Margarida

Vengo del Nordeste brasileño. Conocí la JOC con motivo del Congreso de la juventud trabajadora en 1983. Una permanente nacional visitó mi región para lanzar grupos de contacto y crear la JOC. A raíz del Congreso, un grupo de jóvenes relanzó la JOC en Fortaleza. La JOC del Nordeste había sido prácticamente desmantelada por la represión militar. Fue una época muy difícil. Así pues, entré en la JOC justo después del Congreso. Ya estaba participando en un movimiento de Iglesia y también un poco en un sindicato.

P. Ya van varios años que estáis en la JOC. ¿Podríais explicar tal vez porque os quedasteis tanto tiempo?

Edenilson:

Cuando uno descubre la JOC, se enamora de ella. Algunos aspectos del movimiento son atractivos, no sólo el aspecto político sino también el proyecto que ofrece. De hecho, cuando uno entra en la JOC no domina todavía toda la dimensión del proyecto. Lo que sí se comprende es el respeto por los demás, la amistad, la posibilidad de hacer cosas juntos. El Congreso, por ejemplo, fue un acontecimiento histórico para el movimiento y sentí que estaba participando de lleno.
Margarida y yo conocimos la JOC en las mismas circunstancias históricas. Jóvenes como nosotros, con 17 ó 18 años, lograban asumir

responsabilidades y contribuir a todo un proceso. Busqué profundizar la experiencia; observé, hice preguntas, y la JOC me ayudó a hacerlo. Por eso estoy en la JOC. Este movimiento logra a menudo dar respuestas o al menos procura siempre buscarlas.

Margarida:

Cuando conocí la JOC, tenía contactos con varios grupos, algunos trabajaban en la parroquia, otros tenían contactos más estrechos con los partidos políticos. Tenía entonces una gran necesidad de estar en un grupo, para reflexionar sobre mi experiencia, aunque sin comprometerme de lleno. Me sedujeron dos aspectos: en primer lugar, la formación integral y la educación. En este sentido vi que la JOC era bastante diferente de las otras organizaciones. La educación se comprendía de una forma más colectiva.

En segundo lugar, la JOC hace descubrir a las personas su capacidad de actuar. Para mí es fundamental. Ahora estoy en la coordinación nacional y tengo el privilegio de conocer la realidad de otros países y otros continentes. Es un privilegio para nosotros, sobre todo para quienes venimos del Nordeste, donde la mayoría de la población es analfabeta, donde los jóvenes se encuentran desempleados, donde muchas personas deben emigrar hacia el sur.

Estos dos aspectos fueron determinantes para mí. Cuando entramos en el equipo nacional en 1986, la JOC vivía un momento difícil debido a la división a nivel internacional. Tuvimos que enfrentar distintas situaciones, tuvimos algunos roces con la Iglesia. Nos preguntamos cómo los militantes podrían reflexionar una situación de este tipo.

P. Los dos tuvísteis relaciones con vuestra parroquia. El hecho de participar en la JOC, ¿os ayudó en vuestra vida cristiana, en vuestra fe?

Margarida

Cuando entré en contacto con la JOC, el movimiento estaba en conflicto con la Iglesia, un conflicto relacionado con la fe. En mi parroquia existían también algunas divergencias. El párroco, un sacerdote holandés, condenaba la "macumba", que es una tradición religiosa afrobresiliana. Era una parroquia con un concepto de Iglesia muy europeo. Habían también sacerdotes alemanes.
En aquel entonces, colaboré con un grupo que hacía catecismo. Preparábamos a los niños para su primera comunión. No estábamos

de acuerdo con esa forma de catecismo. Éramos de un barrio pobre, y el cura quería que la gente viniera a la parroquia. Nosotros más bien pensábamos que teníamos que ir a encontrar a la gente. La JOC compartía esta idea y ello nos daba esperanza de cambiar la situación en la parroquia.

Edenilson

Mi experiencia de la fe, mi testimonio cristiano, se desarrollaron paulatinamente y en positivo. Al principio no participaba en nada, no tenía ni idea de lo que podía significar el hecho de ser cristiano. Según nuestra tradición familiar, nos educamos siempre en un ambiente "cultural" cristiano, católico. El primer cambio a realizar era pasar de un cristianismo cultural, tradicional, a una fe más profunda.

La JOC me ayudó a comprender mejor lo que significaba ser cristiano. Me hizo descubrir valores distintos a los que me proponía la sociedad. Por ejemplo, en mi región de origen la mayoría de la población es de raza negra. Yo tengo la piel muy clara y por ende, una mayor facilidad para encontrar un empleo. Asimilamos los valores impuestos por la sociedad capitalista, se educa a la gente en esa perspectiva. Se nos dice que tendremos más oportunidades que los demás. Ante una situación como ésta, la JOC nos enseña a ser cristianos, no de forma individual, sino colectiva. La búsqueda de soluciones colectivas es, a mi parecer, una forma de comprender y experimentar el sentido de lo cristiano.

Margarida

En primer lugar está mi experiencia en el equipo. La revisión de vida es para mí una experiencia muy positiva. Permite muchos cambios personales a partir de una autocrítica permanente y colectiva. Hacemos también revisión de vida a través de las celebraciones. Son momentos clave en la JOC, cercanos a lo que hacemos y vivimos. Es así como pude borrar de mi mente algunos prejuicios que tenía acerca de la Iglesia tradicional, oficial, porque lo veía todo de una manera diferente.

Otro elemento importante fue la posibilidad de vivir en comuna, con seis, siete u ocho personas de distintas culturas. De hecho, hay cinco Brasiles o más: la gente del sur tiene raíces italianas, alemanas, polacas. En nuestra región, la gente es más bien negra o indígena. La Iglesia del sur es más clerical, más tradicional, mientras que en mi región hay un mayor sincretismo religioso, más mezclas. La JOC, por

su parte, permite la confrontación de las distintas realidades del país, y creo que es una experiencia muy enriquecedora.

La Iglesia se aleja mucho de los jóvenes porque se impone desde arriba hacia abajo. Lo de la imposición es un rasgo típico de la Iglesia. La JOC lo rechaza pero da a entender que todo ello puede vivirse de otra forma.

Si a la gente les gusta las celebraciones y se identifican con ellas, comparten también las alegrías de quienes les rodean. A veces los caminos por los que se opta no son los que ofrecen la mayor facilidad, pero hay una búsqueda constante por saber qué camino elegir.

Fui miembro del equipo nacional con 22 años. Es una gran responsabilidad que me dio confianza en mis capacidades. Es un reto permanente. A veces es difícil explicar nuestra motivación, puede ser muy íntima. Es una forma de sentir que no estamos solos y podemos construir algo con los demás.

HELIO, Brasil, 1990

"Somos la JOC"

P. ¿Cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Me invitaron a participar en un seminario de la JOC en una ciudad de mi provincia. Participaba de la pastoral juvenil y con un compañero la representé en este encuentro. Fue así como conocí la JOC.

Luego, la pastoral juvenil de mi ciudad organizó un gran encuentro de jóvenes en el que participaron muchos jóvenes. La JOC también fue invitada a participar. A partir de ahí, militantes de la JOC y un asesor comenzaron a visitar mi ciudad. Un día organizaron una asamblea de jóvenes trabajadores con motivo de la semana de la juventud. A partir de esta asamblea, comenzamos a hablar mucho de la JOC y la comenzamos a organizar en la ciudad. En aquella época trabajaba en una empresa de ingeniería.

El año siguiente, comenzamos el proceso de preparación del Congreso Nacional de jóvenes trabajadores organizado por la JOC del Brasil. Es así como la organización de la JOC en la ciudad coincidió con la preparación del Congreso Nacional.

P. Hace ocho años que estás en la JOC: ¿por qué continúas en ella?

Cuando comencé en la JOC, acababa de encontrar un trabajo. La JOC me ayudó mucho. Fue un espacio que nos ayudó a evaluar y a organizarnos frente a los problemas que vivíamos.

P. ¿Por qué aceptaste asumir responsabilidades en el movimiento?

Porque la JOC es un movimiento formado y organizado por los propios jóvenes

trabajadores. Somos nosotros pues quienes debemos acometer los desafíos de organización y acción del movimiento. Pienso que los militantes de la JOC deben asumir como una de las tareas más importantes la de asumir las estructuras de su movimiento, así como la acción en el lugar de trabajo o el barrio. Nosotros somos la JOC, a nosotros nos toca asumir ese desafío.

P. Estabas en la pastoral juvenil y ahora tienes una larga experiencia en la JOC. Esta experiencia, ¿cambió tu forma de ver la pastoral juvenil y tiene una influencia en tu fe?

Para mí, la acción fue un paso adelante en la forma concreta de vivir mi fe. Esto se lo debo a la JOC. La pastoral juvenil era más general, no realiza un trabajo consistente que permita la continuidad de la reflexión realizada en los grupos de jóvenes. Estos vienen al grupo, reflexionan y luego se van porque su reflexión no conduce a una acción, otros vienen y a su vez se marchan. Por el contrario en la JOC hay una continuidad en los grupos que no es posible en la pastoral juvenil.

P. Durante el encuentro en el que has participado, hubieron distintas celebraciones. ¿Qué te parecieron?

Pienso que fueron buenas porque partían de lo que vivíamos. Para mí, una celebración es el complemento que refuerza nuestro trabajo dentro de la JOC por y para los jóvenes trabajadores. Para mi, cualquier celebración que parte de la vida, como fue en este encuentro, es una celebración rica, que nos ayuda, nos refuerza.

BIRGIT, Alemania, 1994

"Hay que tener ánimos"

¿Cómo conociste la JOC?

Una amiga que era miembro de un grupo de la JOC me presentó el movimiento. En nuestra parroquia habían varios grupos de la JOC pero estaban mal considerados, tal vez porque trastornaban la vida tan ordenada de esta comunidad. Un día, por ejemplo, la JOC distribuyó un cuestionario a los participantes en una peregrinación preguntándoles por qué participaron, si esto había tenido un impacto en su vida cotidiana, etc. La gente se indignó por este cuestionario, se sentía molesta. La JOC era considerada una organización de izquierdas y se aprovechaba cada ocasión para denigrarla.

Cuando era más joven no quería oír hablar de la JOC. Fue tras unos contactos personales y después de consolidar la confianza en mi amiga cuando dejé de tener prejuicios. En aquella época, la JOC se había implicado en una acción de protesta internacional contra las condiciones de trabajo de los trabajadores de Volkswagen Brasil. Yo estaba indignada por las condiciones sobre todo que teníamos en nuestra familia un coche Volkswagen.

La preparación del Congreso de la JOC alemana en 1980 cuyo tema era "La juventud trabajadora rompe su silencio" fue una etapa muy importante para mis inicios en la JOC. Era la primera vez que otros se interesaban realmente por mí, la gente quería saber cómo me iba. Nos pidieron relatar nuestras experiencias por escrito porque iban a ser publicadas en el "Libro de las mil verdades". Estaba muy entusiasmada porque había comenzado a analizar, porque relacionaba mi análisis con lo que vivía, porque tomaba conciencia de algunas cosas durante las reuniones de nuestro grupo. Además esta vida de grupo era importante para mí. Cantábamos, jugábamos a voleibol, nos encontrábamos para bailar, etc.

Durante la preparación del congreso, aprendí a conocer las distintas estructuras de la JOC. Los delegados eran elegidos, se hacían informes en las comisiones. Todo de repente se convertía en algo importante. Nosotros avanzamos en medio de una gran compromiso, de un sentido de la responsabilidad, y de cierto orgullo. Después del congreso, reflexioné sobre el tiempo dedicado a la JOC. No lamentaba haber dedicado aunque fuera un solo minuto a la JOC. Quería seguir adelante.

Me hice más activa en mi trabajo. Entré en el sindicato y me sorprendió mucho ver que militantes de la JOC me pedían si quería asumir mayores responsabilidades en las estructuras del movimiento. Aunque tenía ciertos temores, estaba dispuesta a hacerlo, porque me gustaba ese trabajo, aprendía mucho, aprendía a ver lo que ocurre en otros lugares y, de verdad, eso me dio ganas de comprometerme con y por los demás.

¿Qué importancia reviste para ti la JOC y el compromiso con otros trabajadores?

Es una pregunta que siempre me hice cuando me pidieron ser permanente de la JOC. En aquella época, significaba para mí renunciar a un trabajo "seguro" y "bien considerado" y lo hice en contra de la voluntad de mis padres y de mi compañero. Pero los amigos de la JOC no me dejaron de lado. Hubieron varias experiencias fundamentales que facilitaron mi decisión: tenía ganas de estar en la JOC.

Había esta relación de amistad, comunidad, solidaridad, y gracias al VER-JUZGAR-ACTUAR, es decir al descubrimiento de relaciones, cuando se descubren y se evalúan en común, una es llevada a actuar. Por otro lado, la revisión de vida me ayudó a lograr un "equilibrio" entre la vida cotidiana y la fe, una relación que no había entendido bien hasta entonces. Además mi compromiso reforzó mi personalidad a través del reconocimiento de los demás, de la confianza que se me daba y de la forma democrática que la JOC tiene para trabajar. Todos los jocistas son importantes, todos participan en la toma de decisiones y todos pueden elegir a su responsable, una experiencia que sólo conocía en el sistema de elección de delegados escolares.

Esa militancia en la JOC me marcó. Me estimuló en la autoreflexión, me llevó a soñar en la posibilidad de un mundo más justo, pese a todos los problemas que hay, a no perder la esperanza. Luego hubo la experiencia de ver que otros pensaban lo mismo que yo, que estaban buscando oponerse a todo lo que se nos imponía. A ello hubo

que agregar ciertos momentos de desilusión. Hay que tener "ánimos", muchos ánimos.

Estos se alimentan del encuentro con los demás, de signos de esperanza y de una fe en Dios basada en este mundo. Para mí, Dios y la fe ya no son algo aparte. Dios está en mí, en toda la gente, en todo lo que me rodea. Dios es más que un criterio para analizar mis experiencias, es una experiencia por sí sola. Es tal vez en períodos de crisis en la vida cuando se vive esta experiencia con mayor profundidad.

En nuestra sociedad "moderna", se exige que comprendamos, que trabaje la cabeza, que analicemos. Creo que es un peligro despreciar el campo de la vida, de la experiencia. Para mí ambas cosas van unidas y es esta unidad la que me da la fuerza y la esperanza. Con esta energía, me gustaría y me veo capaz de comprometerme en este mundo, sobre todo en los lugares donde viven personas dominadas y despreciadas. Para mí la JOC ha sido una escuela de vida, para la vida.

TERESA, Perú, 1990

"Le debo todo lo que soy"

P. Teresa, ¿Puedes explicarnos cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Antes de venir a la JOC formaba parte de un grupo de niños, el movimiento de niños trabajadores. Habían chicos y chicas que trabajaban en la calle. Es así como comencé a conocer un poco el mundo del trabajo. Es a partir de ahí cuando conocí la JOC a causa de la proximidad entre ambos movimientos.

Cuando entré en la etapa de adolescente, después de esta experiencia como niña trabajadora, me tomé el tiempo para conocer mejor la JOC porque lo veía como una gran responsabilidad para mí. Aprendí a conocerla, conocí a sus militantes a través de su testimonio de vida, y ello me interesó mucho y me motivó a incorporarme a la JOC.

P. Desde hace seis años participas en la JOC, ¿qué te aporta esa participación?

Creo en la JOC, en primer lugar, porque me da una identidad de clase, me ayuda a conocer mi realidad como joven, me motiva, es así como me inicié en la acción. Me ayudó a comprender la importancia de la lucha del mundo obrero, y la importancia de vivir en comunidad.

A la JOC le debo todo lo que soy, mi formación, incluso teórica, le debo el conocer a otros jóvenes, y hasta mi familia, puesto que me casé con un militante jocista, y le debo al movimiento el hecho de haber podido conocer al que es mi compañero, le debo mi felicidad y creo que también mi futuro.

P. Eres cristiana. ¿La JOC cambió algo en tu forma de vivir lo cristiano?

Sí. Yo diría que "volví a nacer" en la JOC, porque de costumbre, la Iglesia es muy tradicional, todas las formas procedentes de ella son muy tradicionales, pero en la JOC descubrí una Iglesia nueva, una

nueva manera de servir a Dios. Siento que todos los tabúes, todas las prescripciones de la Iglesia tradicional están cambiando y encuentro a un Jesús muy presente en mi vida cotidiana, un Jesús que me da la fuerza de continuar a luchar frente a la situación de mi país. Lo siento en mí, es mi esperanza, mi vida, mi lucha.

P. Preséntanos a grandes rasgos la JOC del Perú...

La JOC peruana no es un movimiento muy grande en términos de número de militantes. Reúne a jóvenes trabajadores de distintos oficios: carpinteros, vendedores ambulantes, jóvenes que hacen teatro popular, músicos, gente dedicada a la cultura... también alcanzamos a desempleados, jóvenes de fábricas, campesinos, muchachos/as que trabajan de profesores. Podemos decir que es un movimiento muy diversificado en términos de categorías.

Trabajamos con comunidades de jóvenes a partir del barrio. Estas comunidades se articulan en torno a una coordinación regional y una coordinación nacional. Trabajamos también por categorías. Hay dos: los que trabajan y los que están en el barrio. La categoría de barrio es la más fuerte debido a la situación del país. Es sobre todo a nivel del barrio donde encontramos a los jóvenes. Es más fácil el encuentro de estos jóvenes en el barrio que en el lugar de trabajo.

Trabajamos con las organizaciones populares. Nuestros militantes participan de estas organizaciones. El militante jocista suele ser una referencia a través de su apoyo, su trabajo desinteresado, y porque aporta el Evangelio a estos jóvenes. Les trae también una esperanza y una fuerza para seguir la lucha, porque en una situación tan dura como la nuestra, es fácil perder la esperanza. Trabajamos mucho sobre la mística de la esperanza, de la fuerza.

P. ¿Qué prioridades se marca hoy el movimiento del Perú?

Nuestras preocupaciones principales se centran en la juventud trabajadora. Tenemos una juventud desplazada, debido a la economía del país. En otros tiempos, teníamos a muchos jóvenes en las fábricas. Hoy en día, la mayoría de

los jóvenes están desempleados, y al menos un 50% de la población juvenil activa se encuentra desempleada. Los que trabajan lo suelen hacer de manera informal como vendedores ambulantes, o lo que salga...

Estamos pues muy preocupados por nuestra juventud y esto se sitúa también a nivel de la participación juvenil en la política del país. Los jóvenes no tienen ni voz ni voto frente a los problemas de nuestro país y no hay organización que pueda erigirse como portavoz de la juventud trabajadora.

La otra preocupación es que la juventud trabajadora pueda formarse a través de la acción. Saber como ayudar a los jóvenes trabajadores a descubrir una nueva forma de creer en Dios. Es un tema poco abordado en las organizaciones juveniles y nosotros insistimos mucho en la formación y la educación de los jóvenes trabajadores

La JOC es importante para el joven trabajador que la descubre. Decimos que la JOC es nuestra familia, es la gran familia de los trabajadores, porque se preocupa por las personas, te ayuda, y ayuda a otros jóvenes sobre elementos de fe, laborales, etc... Para ello, un grupo en la parroquia o un grupo sindical o barrial no ofrecen ese mismo espacio en el que los jóvenes pueden reflexionar, confrontarse, y ponerse en cuestión, porque la JOC proporciona este espacio donde se va cuestionando el militante. Se trata de una crítica, pero positiva y constructiva, que centra su preocupación en el militante o el joven en iniciación.

Otro elemento importante es cómo nuestro movimiento pudo extender su trabajo y originar otro movimiento como es el de los niños trabajadores. Es una experiencia lanzada por la JOC del Perú para dar respuesta a la situación de los niños que trabajan en la calle. Son los militantes quienes lanzaron un movimiento que pasó a ser autónomo. La JOC continúa apoyando y colaborando, pero lo hace de una forma muy discreta. En la JOC hacemos poco ruido, trabajamos con mucha discreción.

P. La JOC te permitió pasar de una religión muy tradicional a otra experiencia de Iglesia. ¿Cuál es la reacción de la Iglesia oficial frente a esto?

Participamos de manera muy activa en la vida de la Iglesia en colaboración con la jerarquía, por ejemplo a través de la pastoral de juventud, pastoral obrera, comisión de laicos, etc. Participamos porque creemos que es importante una presencia, sobre todo cuando

vemos que no se nos escucha mucho, y de cierto modo nos vemos marginados por nuestra opción de clase... porque somos algo diferentes de las otras organizaciones.

Pero nos parece importante y necesario participar, primero porque hay pocas oportunidades para que la juventud trabajadora exprese su opinión. Así pues, nos tomamos muy en serio y con mucha sinceridad esta participación y es un primer paso en la conquista de un espacio para los jóvenes trabajadores. Si nosotros como movimiento representante de la juventud obrera no podemos ofrecerles este espacio de expresión, ¿quién lo va a hacer?

En nuestra participación es necesario afirmar que los jóvenes trabajadores necesitan otra forma de anunciar la Palabra de Dios, es necesario considerar sus diferencias, su especificidad. La Iglesia debe comprenderlo. En este sentido, participamos muy sinceramente en esas instancias y a través de ellas desarrollamos nuestros contactos con la Iglesia.

Pero tenemos contactos más frecuentes con obispos que forman parte de la corriente de la teología de la liberación. Son obispos que nos apoyan, aunque siempre con sus límites.

P. Esta participación parece ser bastante cuestionante. ¿Cómo reacciona la Iglesia frente a esta participación?

El tipo de participación que la JOC ha iniciado es también el de los otros movimientos de la coordinación, como es el movimiento de trabajadores cristianos, los estudiantes y todo un grupo de movimientos entre los cuales está el de niños trabajadores. Juntos representamos una fuerza dentro de la Iglesia y frente a la Jerarquía. Intentamos avanzar de manera muy prudente, intentamos hacer un trabajo evitando las tensiones. Intentamos explicar la necesidad e importancia de que la Iglesia se preocupe por los jóvenes trabajadores.

La reacción de la jerarquía no es muy buena porque dice: "No sabemos quienes son, puesto que no participan en las parroquias... apenas participan de la vida y mundo de la Iglesia..." Les respondemos que si queremos trabajar con los jóvenes trabajadores no es en las iglesias donde los vamos a encontrar, porque hoy los jóvenes trabajadores ya no tienen tiempo para formar grupos parroquiales, deben trabajar. Los encontramos en sus barrios y sin embargo, estamos trabajando para la misma Iglesia, pero de una forma que se corresponde con la manera de ver de los jóvenes.

Últimamente recibimos un apoyo total de un obispo que no acepta necesariamente todo lo que hacemos pero que nos dice y eso nos alegra, que es necesario que la JOC trabaje en el mundo de la juventud trabajadora, porque es el único movimiento que une a los jóvenes trabajadores a la Iglesia, es el único vínculo entre ellos. Esto nos dio una gran alegría...

POGISO, Africa del Sur, 1990

"Me siento muy cercano a la Biblia""

P. En todo el mundo se sigue con atención los acontecimientos de Africa del Sur. Estaría bien que nos hables de la reacción de la JOC frente a la evolución de la situación de este país. ¿Cómo se sitúa la JOC frente a los cambios que están teniendo lugar actualmente en Africa del Sur?

Las negociaciones actuales en Sudáfrica son muy importantes. En el movimiento estamos en favor de esas negociaciones y esperamos que permitirán una mayor libertad. Antes había mucha represión y era difícil que la JOC alcanzara a la masa de los jóvenes trabajadores, los organizara y realizara acciones, etc. Después de las negociaciones lo primero que se hará será suprimir el estado de urgencia. La gente estará libre de organizarse y tendremos más espacio para trabajar.

Por otro lado, esto va a ayudar a la gente a comprender el derecho de las distintas organizaciones a existir. Antes y durante las negociaciones, la mayoría de las organizaciones juveniles se dispersaron para adherirse al CNA. La JOC se planteó lo siguiente: "¿Debemos unirnos a la Liga de Juventudes". Intentamos explicar: "No, no debemos diluirnos y adherirnos a otras organizaciones porque somos un movimiento internacional, somos autónomos y tenemos el derecho de existir".

P. ¿Muchos jóvenes trabajadores de la JOC dejaron el movimiento para meterse en la Liga de Juventudes del CNA?

No, muchos no. El planteamiento era mucho más profundo. Como

movimiento, ¿teníamos que unirnos al CNA como lo hicieron muchas organizaciones afiliadas a la UDF? Hemos decidido mantener nuestra autonomía como movimiento.

P. ¿Piensas que la JOC puede desempeñar un papel en la evolución del país sin estar dentro del CNA?

Sí. Porque la JOC es muy diferente de todas las demás organizaciones juveniles. Su papel es muy específico. En Africa del Sur hay muy pocas organizaciones de base para los jóvenes trabajadores Así pues, necesitamos desarrollar nuestro papel. Este se aclarará una vez que el CNA acceda al poder. La gente se dará cuenta que organizaciones como la JOC son necesarias. El problema es que en muchos países la gente cree que todas las organizaciones deben unirse en una sola. Esto es una prueba de que la lucha todavía es muy larga.

P. ¿Cómo las otras organizaciones, la Iglesia... consideran la JOC? ¿Qué piensan del movimiento?

Las relaciones exteriores con las otras organizaciones varían de una región a la otra. Por ejemplo, en Soweto, los estudiantes de la JOC trabajan con los estudiantes de otras organizaciones, mientras que en otras regiones, algunas organizaciones estudiantiles se sienten amenazadas por los estudiantes de la JOC.

Incluso las relaciones con la Iglesia varían según las regiones, en función de la orientación de la Iglesia, según que ésta sea más progresista o más tradicional. Las relaciones con los sindicatos son muy buenas. La mayoría de ellos aprecian la JOC. Algunos nos preguntaron porque no nos unimos al gran movimiento lanzado por el CNA. Se lo explicamos y ellos respetan nuestra posición. Pienso que este asunto de la autonomía fue uno de los mejores logros de la JOC.

P. ¿Cómo llegaste a la JOC?

De hecho, conocí la JOC a través de la acción. En aquella época, era estudiante y participábamos en una acción. La situación estaba fuera de control, queríamos matar a un estudiante que había matado a uno de mis compañeros de clase. Afortunadamente, estaba presente un chico de la JOC que nos invitó a su casa para reflexionar sobre lo que se podía hacer. A través de esto descubrimos que habíamos encaminado mal esta acción.

P. Hace unos años que estás en la JOC y ahora eres responsable nacional. ¿Por qué demuestras tanto interés por la JOC?

Porque descubrí muchas cosas gracias al movimiento. Pienso que sólo pude lograrlo porque era la JOC. Ahora puedo reflexionar. Desde que estoy en la JOC he aprendido más que en la escuela a este nivel. Me gusta el método de reflexión del movimiento. No me siento nunca frustrado, incluso cuando hay problemas, porque el análisis y el método del movimiento me ayudan a enfrentar situaciones muy difíciles y muy complejas. Y eso, nadie puede quitármelo. El movimiento me ayuda mucho en este sentido.

El movimiento me da más fuerzas. Además, antes no sabía cómo preparar un folleto. Ahora sé cómo se hace, y también aprendí a mecanografiar y a conducir un coche...

P. ¿Piensas que lo que vives en la JOC tiene algún vínculo con tu creencia, tu fe, tu manera de comprender la vida?

Ya dije que la JOC me daba más fuerzas. No soy miembro de ninguna Iglesia. Lo fui siendo más joven. Acompañaba a mis padres a la iglesia. Ya de mayor dejé de ir. Sin embargo, me siento más cristiano que muchos cristianos.

Mi manera de comprender la Biblia es muy simple. Me acuerdo que un día, tuvimos un intercambio con seminaristas. Ellos decían que éramos teólogos. Bueno, la palabra no tiene mucha importancia pero se dieron cuenta que nuestra oferta de fe a los jóvenes trabajadores era más excepcional que la suya. En un grupo de trabajo hemos compartido nuestra propuesta de fe a los jóvenes trabajadores Es en ese sentido que dijeron que nosotros éramos teólogos. Me sorprendió mucho porque pensaba que un teólogo era un cura o algo por el estilo.

Aunque no pertenezco a ninguna Iglesia, vivo mi fe porque en la JOC rezamos, hacemos misas, etc. Pienso que la Iglesia que conozco en la JOC es más eficaz que de ir a rezar a una iglesia. En la JOC me siento más cercano a la Biblia que estando en una iglesia. Cuando voy a la iglesia, critico la manera que el cura tiene de interpretar la Biblia. Para mí eso no es aceptable. Dicen cosas que convierten la Biblia en algo incomprensible. Cuando estoy en la JOC entiendo la Biblia y puedo explicarlo sencillamente porque se hace a nivel de la base. Por esta razón, la JOC es más mi Iglesia que las Iglesias tradicionales.

Esto lo tengo que explicar a menudo porque me lo preguntan. A mi parecer, el carácter cristiano es uno de los más importantes en el movimiento. No podemos perderlo. Si lo perdemos, nos convertimos en un sindicato. Lo mismo pasa con el carácter obrero, que es esencial. Si perdemos alguno de estos caracteres entonces ya no somos la JOC. Si perdemos la característica obrera, no seremos más que un club de jóvenes. Por esta razón estas dos características me parecen fundamentales.

MEI YUK CHEUNG, Hong Kong, 1990

"Todas se pararon de trabajar"

P. ¿Cómo conociste la JOC?

Hace ocho años, la JOC lanzó un proyecto de extensión en mi parroquia. Me invitaron a participar. Estaba muy interesada. Para entonces ya había cumplido los 23 años. Comencé a trabajar en una fábrica de confecciones cuando tenía trece años. Sólo pude terminar mis estudios primarios.

Me sentía muy mayor y les pregunté: "Tengo 23 años, ¿puedo participar en vuestras actividades?" Y me dijeron que sí. Les pregunté qué hacían en sus reuniones y me dijeron que me invitaban porque eran una organización de jóvenes trabajadores en la Iglesia. "Compartimos sobre nuestra vida, nuestro trabajo".

Me interesaba mucho porque era muy tímida. Iba a la iglesia cada domingo cuando no tenía que trabajar. Pero inmediatamente después de la misa me escapaba porque en mi parroquia hay mucha gente de clase media, empleados de oficina, maestros, estudiantes... Yo como trabajadora manual me sentía inferior y por eso desaparecía nada más terminada la misa. No había participado nunca en ningún grupo.

Fue entonces cuando comencé a asistir a las reuniones de la JOC. Éramos como siete los que compartíamos nuestros problemas, el trabajo... Para mí era fácil porque explicaba simplemente cómo era mi trabajo en la fábrica. Pero cuando me preguntaron qué pensaba y lo que podía hacer, eso me llevó a reflexionar.

Hasta entonces, me conformaba con un compartir. Nunca había reflexionado sobre lo que podía hacer y lo que quería. Les dije: "Qué puedo hacer si sólo soy una obrera" Me contestaron: "Sí, somos trabajadores pero somos importantes con nuestro trabajo. Tenemos papeles diferentes y somos nosotros quienes creamos el trabajo". Esto era muy importante porque me permitieron descubrir mis valores y recobrar autoconfianza.

Algunos militantes hablaban de su experiencia. Explicaban cómo organizaban a los trabajadores en la fábrica. Así que yo también me dispuse a organizar a los trabajadores en mi fábrica.

Gracias a estas discusiones y mi compromiso en la JOC, aprendí a ver, a juzgar y a actuar. Me gusta ese método. Me ayuda en todos los aspectos de mi vida. Incluso cuando sea mayor y que la JOC ya no me necesite, este método seguirá ayudándome.

P. Tu dijiste que no creías ser capaz de actuar. ¿Puedes explicarnos tu primera acción?

Recuerdo que un responsable había dicho que para Navidad prepararían alguna comida y la compartirían con sus compañeros de trabajo durante el descanso del mediodía. Intenté hacer lo mismo. Propuse a dos colegas comprar unos regalos y tal vez organizar una rifa para divertirnos porque en mi fábrica sólo los empleados de oficina celebraban la navidad mientras los otros trabajadores seguían trabajando. Mis amigas estuvieron de acuerdo. Me encargaron la compra de los regalos y ellas traerían caramelos.

Estaba muy entusiasmada. Me levanté a las cuatro. Eramos entre 30 y 40 en nuestra planta, todas cosiendo. Pasé cerca de cada una de ellas para distribuir caramelos y pedirles que cogieran un trocito de papel en el que se les deseaba una feliz navidad. Mi sorpresa fue cuando todas se levantaron y dejaron su máquina de coser. Empezamos a hablar y a comer juntas. Algunas trabajaban en la fábrica desde hacía 9 años. Era la primera vez que se paraban de trabajar y se ponían a hablar juntas.

En nuestra fábrica trabajábamos a destajo. Algunas que solían trabajar mucho también se pararon. Mis dos compañeras también trabajaban mucho. Ellas compraron los caramelos pero yo fui la única en distribuirlos a cada obrera. Poco a poco todas se pararon de trabajar. Estaba muy contenta y esto me animó mucho.

P. Tienes buenas relaciones con tus compañeras de trabajo. ¿Organizaste la JOC en la fábrica?

No. Trabajé allí un año y medio y luego dejé la fábrica para ser permanente. En Hong Kong es muy difícil crear grupos de la JOC en las fábricas porque los trabajadores cambian mucho de empleo, sobre todo los jóvenes. Los que quedan muchos años en la misma fábrica es porque están casados y tienen hijos. Por eso se quedan y trabajan mucho. Los jóvenes cambian mucho. Yo también cambiaba mucho, salvo en la primera fábrica donde me quedé cuatro años. Luego ya no me mantuve nunca más de seis meses en una misma fábrica. ¿Por qué? Pues a veces porque no hay trabajo suficiente, o porque los salarios son más altos en otras fábricas.

En la última fábrica donde trabajé antes de ser permanente, los salarios eran muy bajos. No me era suficiente y quería irme pero yo pensaba que eso no era lo que la JOC me había enseñado, irse en lugar de enfrentar los problemas. Los bajos salarios no eran un problema propio de aquella fábrica. Si cambiaba de fábrica, estaría confrontada con el mismo problema. Entonces procuré quedarme en la misma fábrica para enfrentar el problema, organizar a los trabajadores para cambiar esa situación. En la JOC descubrí que evitar los problemas no era una solución. Pero era difícil porque necesitaba dinero. Era un gran desafío para mí y estaba muy contenta de ver que algunas compañeras pensaban como yo.

P. ¿Por qué necesitabas dinero?

Para comprarme un nuevo jersey, ir al cine... Y por supuesto, ayudar a mi familia. Mi padre tiene dos mujeres. En Hong Kong sólo se puede tener una mujer pero hace años la gente venía de la China para vivir en Hong Kong y tenían una mujer en China y otra en Hong Kong. Cuando yo era niña, mi padre no vivía con nosotros. Mi madre tenía que trabajar mucho. Por eso quise trabajar tan joven. Muchos jóvenes de mi edad no podían costearse estudios. Después de la primaria había que ir a trabajar. Los que no eran buenos en la escuela, no tenían ninguna posibilidad salvo si tenían dinero.

P. ¿Cuál es tu impresión al pensar en todos los años pasados en la JOC? ¿Crees que perdiste tu tiempo, o te aportó algo?

Claro que me aportó. Si no hubiese conocido la JOC, no habría cambiado, sería muy tímida y no habría encontrado un sentido a mi vida.

La JOC me permitió descubrir que soy importante como persona y como trabajadora. Comprendí que tenía una dignidad y responsabilidades que asumir.

La JOC cambió mis valores. Antes no tenía ninguna esperanza en la vida. Me conformaba con trabajar, siempre trabajar. Fue en el equipo de la JOC donde por vez primera me preguntaron lo que quería. En la familia, en la escuela, en la misma sociedad, te dicen lo que debes hacer pero nunca te preguntan lo que quieres hacer. La JOC me abrió los ojos. Me enseñó a analizar la situación en el trabajo, en la familia, y vi que había esperanza de que cambiaran las cosas.

P. ¿Por qué aceptaste trabajar para ASPAC ? (2)

Al principio, no quise ser miembro del equipo ASPAC porque conocía la situación de la JOC de Hong Kong. Nos faltaban militantes. Pensaba ser útil, incluso después de mi mandato como permanente, a nivel nacional. Pensaba que podría implicarme en los grupos locales.

Fue un responsable internacional que me animó a recapacitar. Me dijo que tal vez no era la mejor manera de contribuir, tal vez es más fácil contribuir cuando se pasa por otra experiencia, se ayuda a otro movimiento nacional. Acabé aceptando. Hablo muy mal inglés. Entonces pienso que puedo ayudar sobre todo a los países de habla china como Taiwan, Malasia, Singapur.

Algunas personas de Hong Kong estuvieron muy sorprendidas de que yo aceptara el cargo de ASPAC. Pero vi que aseguraron el relevo y se organizaron sin mí. La gente quería implicarse más en el movimiento. Eso se debe a que me había integrado en el equipo asiático. Por ejemplo, el nuevo permanente siempre había rechazado serlo pero finalmente aceptó porque yo me iba al ASPAC.

P. Y en relación con tu fe, ¿la JOC cambió algo?

Al principio me daba cuenta que tenía que hacer algo en mi vida pero qué. Iba a la Iglesia, pero no ligaba mi fe con mi vida. Lo que aprendía en la Iglesia era que había que ser una buena católica, no hacer cosas malas... pero en la realidad en la que vivía había mucha competencia con mis compañeras de trabajo y era muy difícil tener buenas relaciones con ellas.

2 *Asia-Pacífico*

La revisión de vida en el equipo de la JOC me animó a desarrollar el aspecto relacional con mis compañeros de trabajo. Era un gran desafío para mi por el sistema de trabajo que teníamos.

Así pues, no pienso que fuera una buena católica, aun si no hacía cosas malas, porque no había comprendido que tenía que asumir responsabilidades en la Iglesia y en la sociedad. Gracias a la JOC, me di cuenta que ser una buena católica era mucho más que ir a misa. Tenía que vivenciar mi fe en lo cotidiano.

Creo que hay muchos católicos como yo que no entendían que la fe debía vivirse en la vida cotidiana. Mi experiencia en el movimiento me demuestra que los no cristianos que participan en él no son distintos de los católicos en su compromiso, y a veces incluso se comprometen más. En Asia tenemos distintas religiones. Lo importante es que haya respeto mutuo y colaboración. Participamos juntos de un mismo movimiento porque todos tenemos la misma fe en la dignidad personal y queremos actuar por que se respete. Ya seamos cristianos, budistas o musulmanes, debemos trasladar nuestra fe a nuestra vida cotidiana.

En cuanto a ocupar responsabilidades en el movimiento, los miembros son quienes eligen como responsables a personas que entienden la orientación del movimiento y son capaces de asumir dichas responsabilidades. Por tanto, no veo ningún problema en que los no cristianos ocupen cargos de responsabilidad en el movimiento.

MEI YI, Hong Kong, 1990

"Pensaba vivir una vida normal"

P. ¿Cómo llegaste a la JOC?

¡Fue pura casualidad! Un día que volvía a mi casa vi un cartel que anunciaba una sesión de formación para responsables. Me informé y me dijeron que los trabajadores también eran bienvenidos. Me interesaba mucho: cómo era posible que los trabajadores pudieran recibir una formación de responsables. Participé en la sesión. Dos permanentes de la JOC eran responsables del evento. En aquel entonces, yo trabajaba ya hacía seis meses.

Al final de la sesión, uno de los permanentes me preguntó si queríamos continuar. Sentíamos que nos faltaba la confianza y la experiencia. El permanente nos propuso organizar un grupo para hablar de las relaciones humanas.

A partir de ahí, establecimos un grupo en el que discutimos cosas muy sencillas de la vida. Eramos 15 en participar pero sólo tres de nosotros estábamos dispuestos a continuar a hablar de relaciones humanas. Uno de nosotros invitó a dos de sus amigos. Así que éramos 5 además del permanente.

P. ¿Por qué decidiste continuar en el grupo?

Porque durante la sesión para responsables, me di cuenta que los trabajadores teníamos problemas en el trabajo. Sólo hacían seis meses que trabajaba y estaba harto de seguir contando siempre conmigo mismo y tenía ganas de conocer más aspectos de la sociedad. Todo era nuevo para mí. Este grupo fue para mí una ocasión de seguir aprendiendo.

P. ¿Ya hace cuatro años que estás en la JOC. Nos puedes decir lo que te aportó?

Los dos primeros años me quedé en un nivel de contacto. Seguía un proceso de iniciación. El movimiento nos ayudaba a hablar de nuestra vida cotidiana. Empecé pues a hablar de mi vida y de mi trabajo.

Luego la JOC nos ayudó a asumir algunas responsabilidades, por ejemplo preparar alguna actividad. Gracias a esta preparación, pude descubrir el potencial que tenía en mí. Descubrí que podía hacer algo.

Luego me invitaron a participar como observadora en el Consejo Nacional. Comprendí mejor lo que era la JOC, su tarea, sus objetivos. Poco a poco fui comprendiendo la importancia de la acción.

Aquel año me eligieron secretaria nacional. Ahora trabajo a nivel nacional y veo que en la JOC nos ocupamos de muchos aspectos diferentes. Veo también hasta qué punto es importante realizar acciones con los jóvenes trabajadores.

Hago lo posible por cambiar las situaciones que descubrimos en la JOC, por ayudar a los jóvenes trabajadores a tomar conciencia de la realidad como a mi me ha pasado. Antes no sabía nada. Ahora estoy creciendo y quiero transmitir esto a los otros para que a su vez puedan compartirlo.

Cuando se intenta ayudar a los trabajadores más jóvenes a tomar conciencia de la realidad y de su vida, a veces nos vemos confrontados con fracasos. A veces estoy decepcionada pero la JOC me apoya y me anima. Me da la fuerza de continuar.

P. ¿En qué has cambiado en estos cuatro años?

Tuve que decidir si me comprometía en la JOC o no. Esta decisión fue un gran reto para mí. Pensaba que podía vivir una vida normal, aprovechar de la vida preocupándome de otras cosas como lo hace mucha gente. Seguir el camino de la JOC significaba implicarme a fondo y actuar. Era un gran reto que finalmente decidí acometer.

Este reto me ayudó a madurar, a preocuparme del mundo que me rodea, de lo que pasa a mi alrededor. La JOC no sólo se preocupa de lo que ocurre en el trabajo sino también en la familia, en todo lo

que nos rodea. Me ayudó en ese sentido pero me dio el desafío de no sólo pensar en mí, en mi vida sino también en la de los seres que me rodean.

P. ¿En lo referente a la fe y la religión, qué situación viven los jóvenes trabajadores de Hong Kong?

En Hong Kong, muchos jóvenes trabajadores como yo no tienen religión o creencia personal. En cierto modo siguen simplemente la tradición budista de la familia. Somos siete hermanos. Seguimos la tradición budista pero estamos bastante abiertos en lo religioso. Mis dos hermanos menores son protestantes. Esto se remonta al período en que estuvieron en el colegio.

En la JOC de Hong Kong, la mayoría de los miembros no son católicos. Muchos no tienen referencia religiosa. En nuestra iniciación contactamos a muchos jóvenes que no tienen dicha referencia.

P. ¿Estos jóvenes trabajadores sienten que la JOC les quiere imponer una religión, quiere convertirlos al catolicismo? ¿Qué impresión tienen cuando se incorporan al movimiento?

No nos da la impresión de que la JOC quiere convertirnos al catolicismo. Porque cuando la JOC contacta a jóvenes lo más importante es la amistad, la preocupación de compartir cosas de nuestra vida. Hablamos de nuestra vida, de nuestras condiciones de trabajo... Es cuando salimos que nos damos cuenta de que es una organización católica. No nos molesta porque la JOC demuestra ocuparse de nosotros, de nuestra vida...

Hasta el asesor piensa lo mismo. No se comporta como un sacerdote que pretende ser superior a nosotros. En su forma de hablar y comportarse, demuestra ser un trabajador como los demás.

Cuando la JOC organiza una celebración, participamos a menudo por sus contenidos. Se habla de la vida, está vinculado con nuestra vida. Entonces, eso no nos plantea ningún problema. Encuentro que esta participación es una oportunidad para tener una reflexión espiritual. Es algo positivo para mí. Aunque desconozca la fe católica, me gusta participar en las celebraciones.

P. ¿La JOC tiene problemas con la jerarquía de la Iglesia católica debido a que está abierta a los no católicos e incluso a los no cristianos?

En Hong Kong tenemos buenas relaciones con los responsables de la jerarquía. Les ayudamos a comprender lo que hacemos mediante el envío de informes anuales, de encuentros con ellos... No tenemos problemas.

P. No eres cristiana y sin embargo eres secretaria nacional. Algunos dicen que pueden aceptar que jóvenes trabajadores no cristianos formen parte de la JOC siempre que no se hagan responsables del movimiento porque de ser así la JOC perdería su orientación. ¿Qué experiencia tienes tú a ese nivel?

Es la primera vez que me dicen que alguien que no es católico no puede trabajar a nivel nacional. En Hong Kong, nunca hemos hablado de eso. No pienso que sea un problema tener responsables no católicos en el equipo nacional, pues éste cuenta también con católicos y tenemos un colaborador. Además, seguimos la declaración de principios y siempre evaluamos para situarnos y asegurarnos de que estamos bien encaminados. Seguimos la orientación de la JOC. Así que no pienso que esto sea un problema.

P. ¿En Hong Kong, qué piensa la gente sobre la JOC?

La gente externa sabe que la JOC es un movimiento obrero, esto queda totalmente claro. Todos los miembros de la JOC son trabajadores. Mis amigos me preguntan por qué me sacrifico tanto, por qué dedico tanto tiempo al movimiento. Están impresionados porque siempre tengo algo que hacer. Por mi parte, intento explicarles que en el movimiento hablamos de nuestra vida, intentamos comprender nuestra situación. Les invito a determinadas actividades organizadas por la JOC. Quiero que hagan como yo, que se impliquen en la JOC.

YUEN YEE y WAI CHING, Hong Kong, 1990

"Jesucristo y el movimiento no son dos cosas distintas"

P. ¿Cómo las dos permanentes pueden sentirse responsables de la Juventud Obrera Cristiana siendo budistas?

YUEN YEE

"No me siento extranjera, ni en la piel de otra persona, porque la JOC es mi vida, es mi movimiento. No creo ser una excepción pues en el equipo nacional de Hong Kong sólo hay un cristiano en este momento, que es el presidente.

Fue a través de mi grupo de base como me puse en contacto con el movimiento jocista. Cuando llegué al equipo nacional, este grupo había desaparecido. Me hubiera gustado contar con el apoyo de un grupo en mi participación en el equipo nacional. Pues la formación de un joven trabajador se realiza a través del grupo de base y de la revisión de vida.

Antes de la JOC yo no sabía nada de lo que era la fe. Lo que compartimos en el equipo, en particular en el equipo nacional, está relacionado con la fe del movimiento. Cuando vine al Equipo Nacional, todos los miembros eran cristianos. Yo era la única no cristiana. Cuando hablábamos de ciertos acontecimientos, nuestra discusión se centraba en la fe.

Tengo un profundo sentido de pertenencia al movimiento, y pensaba que para poder compartir con mayor profundidad la vida de la JOC algo faltaba en mi vida. La JOC, con el ejemplo de Cristo, tiene una relación profunda que desconocía. Como era miembro del movimiento y me sentía partícipe de la JOC, pensé que yo también necesitaba tener dentro de mí algo de ese Cristo, de su actitud.

Precisamente en la JOC hay un grupo de reflexión para quienes están interesados por esos temas. Me apunté por curiosidad para saber de lo que iban a hablar.

Estuve en la escuela primaria en un colegio católico. Tuvimos clases de religión pero no me impresionaron. En el grupo compartíamos la fe de los que creen y vi una relación con lo que vive el movimiento. Esto permite orientarme, me ayuda a evaluar, a pensar en las cosas. Ahora ya no son dos cosas distintas, la fe y la vida son indivisibles, como Jesucristo y el Movimiento."

WAI CHING

"Mi formación procede más del grupo de base que del equipo nacional. No es que en el grupo haya visto que nos identifiquemos con un movimiento de Iglesia o cuestiones de fe, pero vi que lo que se comparte es la vida, la evaluamos y eso nos ayuda.

De niña estudié en una escuela protestante. Me habían hablado de Jesucristo, de los sacrificios, pero en eso me quedé. Luego una sí que ve lo que significa el sacrificio.

Para mí, la JOC es un movimiento de base, un movimiento obrero. Es distinta a los otros movimientos, porque los otros movimientos editan publicaciones y esperan a que la gente acuda. La JOC, por su parte, sale a contactar a la gente que no confía en si misma y que por eso no quieren venir. Es un movimiento obrero de base y eso es importante. Esto te da un sentido a la vida, un sentido de las relaciones con los demás, un sentido de lo humano.

En Hong Kong siempre es un problema cuando se busca a gente para el equipo nacional o para la permanencia. El año pasado me encontré frente a una necesidad de reflexionar: ¿acepto o no de ser permanente? El año pasado mi respuesta fue negativa. Eramos dos las que debíamos plantearnos esta cuestión. Decidí no aceptar y mi compañera tampoco aceptó.

¿Por qué no acepté? Porque hacían falta planes para la extensión del movimiento, yo no me veía capaz de ponerlos en marcha. Me veía con capacidades para participar en su realización pero no en su preparación y definición.

Había otro problema. Mi categoría de trabajo (textil) estaba perdiendo fuerza y acababa de seguir una formación profesional para especializarme. Pensé que una vez concluida esta formación podría entrar en una empresa de confecciones.
Pero había otro problema: mi personalidad no me ayuda cuando se trata de colaborar con los demás. Tengo dificultades para relacionarme con los demás. Entonces, me preguntaba si era realista ser permanente debido a mis dificultades relacionales.

Y el año pasado hubo los acontecimientos de Pequín, y eso cambió mucho mi visión de las cosas. Hubo el encuentro de responsables clave de la región asiática, vi que había gente que se sacrificaba por la JOC, y vi también que en China la gente se sacrificaba por una causa y esto me planteó de nuevo la cuestión de la responsabilidad, y acabé aceptando."

P. ¿Supone muchos sacrificios el ser permanente?

"Se reciben cosas y se pierden otras. Estoy pensando en algunas antiguas del movimiento, muy comprometidas en él, que aportaron y descubrieron mucho a través de su trabajo, que apoyaron a muchos miembros. Estas personas luego pasan a ser colaboradoras del movimiento.

Estas antiguas, cuando terminan en la JOC, se dan prisa por encontrar un trabajo, o una formación que mejore sus competencias profesionales. Siempre es un problema volver al trabajo después de haber sido permanente. Entonces cuando se tiene un trabajo uno reflexiona bien antes de dejarlo por un cargo de liberada. Las antiguas de la JOC sacrificaron mucho tiempo de formación sin tener asegurado el porvenir cuando acaban su mandato.

Está también la familia. Cuando se pasa a ser permanente, siempre hay problemas con la familia porque tienes poco tiempo que dedicarle. Muchas antiguas, cuando acaban su mandato, se precipitan para compensar el vacío que tuvieron con la familia.

Pero en un movimiento como la JOC, son los jóvenes los que deben venir, son jóvenes los que deben asegurar el relevo. Tener responsa-

bilidades en el movimiento cuando se es joven vale la pena. Pero siempre hay que cuidar que otros también asuman responsabilidades.

Al principio pensaba que después de mi mandato volvería al trabajo de producción. Hoy me pregunto si va a ser así. Tengo que ver cómo este compromiso me puede proporcionar otra visión para el futuro. Esto es también una formación para el futuro.

Pienso que estaría bien que durante mi mandato pudiera seguir una formación profesional distinta a la que lleva al trabajo de producción. Trataré de conseguir ese tipo de formación. Pero para mí, ser permanente no es un sacrificio. Incluso para un obrero al que le gusta su trabajo, éste no es tanto un sacrificio. No hay sacrificio cuando se hace algo que gusta."

YOUSSEF, Egipto , 1990

"Aprendí a ser paciente"

P. Te estás preparando para el sacerdocio copto y en este momento estás muy implicado en la JOC. ¿No puedes decir cómo entraste en contacto con la JOC y porqué te interesa trabajar con ella mientras que para muchos sectores de la Iglesia la JOC es algo anticuado?

Formo parte del Prado.(3) Hace tres años que vivo en comunidad con hermanos del Prado. Me muestran su vida, todo lo que hacen. Entre ellas, está la JOC. Cuando comencé con la JOC y el Movimiento Mundial de Trabajadores Cristianos, hablé con Michel (del equipo). "¿Qué hacemos?" porque yo estaba acostumbrado a trabajar con otros movimientos que hacían actividades. Michel me explicó lo que era la JOC. Es una manera de vivir.

Hace unos años me encontraba en el sur del Sudán donde pasé casi tres años. Mi encuentro con Jesús lo tuve en Sudán. Fue un hito que marcó mi vida. Me planteé muchas preguntas. Por qué hay gente así. Por qué la gente es pobre. Por qué no se mueve. Por qué, por qué, siempre por qué... Yo pensé que algo se podía hacer.

P. ¿Qué te sorprendió en el Sudán?

La pobreza, la simplicidad, la manera de cómo aceptan la cosas, no sé, pero al mismo tiempo vemos que no aceptan, y que son muy pobres. Entonces comprendí que se trataba de una forma de pensar. Es la forma de pensar la que condiciona el cómo vivir.

Pensé que se podían cambiar las cosas diciéndole a la gente: "Venga, despertad". Pero tras pasar un año en la JOC, me di cuenta que era lo contrario. Son ellos los que deben descubrir las cosas por ellos mismos. No hacen falta los bonitos discursos. No basta con decirles, sino que deben comprender que sin acción, nada es posible. Y esto sí que me sorprendió en la JOC.

Entonces, con Michel, comencé. A veces sólo escuchaba. Luego aprendí a ser paciente. Nunca en mi vida fui tan paciente como

3 *Asociación de sacerdotes*

estando en la JOC. Aprendí a aceptar a los demás, aun cuando no tienen la misma mentalidad que yo. Primero hay que desarrollar la amistad y la confianza.

Aprendo cosas en la JOC. No doy sino que recibo. Con la revisión de vida, aprendí mucho de la JOC y aprendí a vivir y a saber cómo actuar con los demás. Por esa razón continúo en la JOC. Ahora y después de mi ordenación, e incluso si no me ordenan, seguiré en la JOC.

Es una pena que yo no haya podido estar en la JOC de joven. Comencé mi vida laboral como mecánico en la fábrica "Hierro y Acero" del sector público. Vi como los obreros se juntaban aunque siempre con dificultades.

En el sector público algunos derechos están respetados. Desafortunadamente, en el sector privado, no hay sindicatos. En Egipto, debido al desempleo, hay gente que trabaja 2 ó 3 meses sin recibir salario, por ejemplo, en el sector de la construcción. Se les dice a los trabajadores que les pagarán cuando se termine la obra. Algunos están pagados con dos meses de retraso y conozco amigos que trabajando por cuenta de un ingeniero no fueron pagados durante más de tres meses. Cuando pidieron su salario les dijeron "otro día". Entonces dijeron: "si no nos pagáis, no trabajamos. Y los dueños les dijeron: "si no queréis trabajar, iros, no tenéis ningún derecho a reclamar".

Trabajé en una empresa petrolera. Era una empresa egipcio-americana. La costumbre de las empresas norteamericanas es trabajar con subcontratos. Por ejemplo, si necesita a un soldador, ofrecen 30 libras por un soldador, el subcontratista da 2 ó 3 libras al soldador y se queda con el resto. Veo que hay que hacer algo, hay que reflexionar y no aceptar algunas cosas.

P. ¿Piensas que la JOC puede ayudar en este sentido?

Con los adultos es difícil. Lo que hacemos es más para el futuro. Es

cómo plantar un árbol. El árbol tomará mucho tiempo antes de dar frutos, y a veces no dará nunca. Pero si se piensa que nada va a poder cambiar, entonces no se hará nada, pero siempre hay que tener esperanza en el cambio. Si se mira la historia, siempre hubo gente que creyó que no había nada que hacer. Por eso es necesaria la JOC.

P. En Egipto, trabajáis con jóvenes trabajadores sin mirar si son católicos. ¿Esto no os plantea dificultades?

Sí, a veces hay dificultades. Hay gente que tiene miedo porque los que iniciaron la JOC fueron todos extranjeros y los asesores son extranjeros. Piensan que es algo que procede de Europa. Incluso en la Iglesia local se dice que lo que viene de Europa no tiene nada que ver con lo nuestro. Y es que la Iglesia no le gusta los movimientos que ayudan a la gente a comprender. En la Iglesia se prefiere decir que hay que rezar o hacer tal cosa así o así. Es una dificultad. Ahora esperamos tener a antiguos jocistas bien formados que puedan hacer algo. Al menos es lo que esperamos.

P. ¿Hay musulmanes en la JOC de Egipto?

Sí que los hay. No sé, si un día un militante musulmán se hace responsable de la JOC, ¿cómo la Iglesia de Egipto va a aceptar esto? Es un interrogante que nos planteamos. O entonces, no hace falta alcanzar a los musulmanes, formarlos y decirles luego que sólo podrán asumir la JOC de manera limitada.

Sé que en Hong Kong, por ejemplo, hay no cristianos que pueden ser responsables del movimiento, incluso permanentes, incluso algún día podrían estar en el Secretariado Internacional, ¿entonces, por qué no los musulmanes?

Creo que está bien que en tal o tal país la Iglesia acepte a musulmanes como responsables jocistas, pero no creo que la Iglesia egipcia vaya a aceptarlo. Va a parecer muy extraño que un responsable de la acción católica sea musulmán. Ellos no podrían comprenderlo. La JOC es un movimiento de acción católica pero todos los obispos no la respetan. Tenemos incluso un cura del Prado que trabaja con la JOC y el MMTC. Su obispo dice: "No me gusta tu acción católica, hay que ser algo más espiritual." Cuando ves que un obispo le cuesta entender esto, pues mejor no imaginarse si el responsable fuera musulmán en nuestro contexto. Por otro lado, los musulmanes no entienden esto.

Pienso que deben haber musulmanes en la JOC. En una canción de la película egipcia de Youssef Shahin, se dice: "Tu nombre no me interesa, tu dirección no me interesa, ni el color de tu piel, lo que me interesa es lo humano". A nosotros nos gusta mucha esa canción. Esperamos que en Egipto todos van a pensar así.

Algunos sacerdotes u obispos entienden perfectamente esto, entonces con ellos no hay problemas, pero con otros... el trabajo va a ser duro. Siempre tendremos que llevar una cruz a cuestas, y la nuestra creemos que se llama "JOC".

cómo plantar un árbol. El árbol tomará mucho tiempo antes de dar frutos, y a veces no dará nunca. Pero si se piensa que nada va a poder cambiar, entonces no se hará nada, pero siempre hay que tener esperanza en el cambio. Si se mira la historia, siempre hubo gente que creyó que no había nada que hacer. Por eso es necesaria la JOC.

P. En Egipto, trabajáis con jóvenes trabajadores sin mirar si son católicos. ¿Esto no os plantea dificultades?

Sí, a veces hay dificultades. Hay gente que tiene miedo porque los que iniciaron la JOC fueron todos extranjeros y los asesores son extranjeros. Piensan que es algo que procede de Europa. Incluso en la Iglesia local se dice que lo que viene de Europa no tiene nada que ver con lo nuestro. Y es que la Iglesia no le gusta los movimientos que ayudan a la gente a comprender. En la Iglesia se prefiere decir que hay que rezar o hacer tal cosa así o así. Es una dificultad. Ahora esperamos tener a antiguos jocistas bien formados que puedan hacer algo. Al menos es lo que esperamos.

P. ¿Hay musulmanes en la JOC de Egipto?

Sí que los hay. No sé, si un día un militante musulmán se hace responsable de la JOC, ¿cómo la Iglesia de Egipto va a aceptar esto? Es un interrogante que nos planteamos. O entonces, no hace falta alcanzar a los musulmanes, formarlos y decirles luego que sólo podrán asumir la JOC de manera limitada.

Sé que en Hong Kong, por ejemplo, hay no cristianos que pueden ser responsables del movimiento, incluso permanentes, incluso algún día podrían estar en el Secretariado Internacional, ¿entonces, por qué no los musulmanes?

Creo que está bien que en tal o tal país la Iglesia acepte a musulmanes como responsables jocistas, pero no creo que la Iglesia egipcia vaya a aceptarlo. Va a parecer muy extraño que un responsable de la acción católica sea musulmán. Ellos no podrían comprenderlo. La JOC es un movimiento de acción católica pero todos los obispos no la respetan. Tenemos incluso un cura del Prado que trabaja con la JOC y el MMTC. Su obispo dice: "No me gusta tu acción católica, hay que ser algo más espiritual." Cuando ves que un obispo le cuesta entender esto, pues mejor no imaginarse si el responsable fuera musulmán en nuestro contexto. Por otro lado, los musulmanes no entienden esto.

Pienso que deben haber musulmanes en la JOC. En una canción de la película egipcia de Youssef Shahin, se dice: "Tu nombre no me interesa, tu dirección no me interesa, ni el color de tu piel, lo que me interesa es lo humano". A nosotros nos gusta mucha esa canción. Esperamos que en Egipto todos van a pensar así.

Algunos sacerdotes u obispos entienden perfectamente esto, entonces con ellos no hay problemas, pero con otros... el trabajo va a ser duro. Siempre tendremos que llevar una cruz a cuestas, y la nuestra creemos que se llama "JOC".

MÓNICA, Colombia, 1990

"Antes sentía tristeza"

P. ¿Cómo llegaste a conocer la JOC?

Entré en la JOC teniendo unos 16 años. Vivía en un barrio popular a 30 minutos de Bogotá. Era catequista en la parroquia y conocía a un militante de la JOC que era responsable nacional.

La JOC había lanzado una encuesta y distribuyó cuestionarios en el barrio. Teníamos un grupo de jóvenes que hacían teatro, danza y cosas por el estilo... les pasé la encuesta así como a otros jóvenes. Luego me invitaron a participar en un grupo que discutía sobre la encuesta. Allí encontré a varios jóvenes trabajadores conocidos.

En aquel entonces, trabajaba en una fábrica de material para pescar. Estábamos desarrollando una acción allí. Luego, después de la acción, de su evaluación y de una reflexión con mis compañeros, pensamos que necesitábamos un coordinador y es así como creamos la coordinación de la JOC en la ciudad. Me eligieron para asumir esta coordinación junto con un compañero.

Participé en esa coordinación durante 2 años. Hoy estoy en el equipo nacional de permanentes con un mandato de cuatro años, de los que ya he cumplido dos.

P. ¿Qué te aporta la JOC?

Pienso que me aporta mucho. A nivel personal, una formación que me permite conocer la realidad, tener un mínimo de análisis de esta realidad, compartir, comparar las experiencias de acción en los distintos ambientes.

A nivel personal me aportó un cambio. Antes sentía tristeza por las condiciones de vida que teníamos en casa, me peleaba con mi madre, mi padre, mi hermano. Teníamos una situación económica muy difícil, yo era estudiante. Cuando conocí la JOC y comencé a compartir mi situación con otros compañeros, encontré la alegría de vivir. No quería quedar en eso y comencé a ser militante en la casa... Pienso que uno de los grandes aspectos que me aportó la JOC fue esta formación que da la capacidad de construir una familia, una vida.

Otro elemento que me aportó fue confrontar la vida de los jóvenes trabajadores con el Evangelio. Esto me parece muy importante. Es así como los jóvenes trabajadores adquieren fuerza y coraje para luchar.

P. ¿Dijiste que fuiste catequista en la parroquia. La participación en la JOC influyó sobre tu fe? ¿Esta cambió y cómo?

Sí, mi fe ha cambiado. Como catequista se trabaja más a nivel teórico, se presenta el evangelio, lo que Jesús nos dice, pero no tanto la práctica. Había aprendido cómo presentar las cosas a los jóvenes pero no cómo vivirlas, sentirlas, expresarlas.

Es algo que encontramos en cada joven, la vivencia y la expresión de su fe. Hemos organizado un taller para compartir cómo los jóvenes trabajadores de Colombia vivimos nuestra fe. Hemos sacado un folleto sobre el tema y aparecieron muchas cosas. Por ejemplo, una joven trabajadora de las flores decía que en ese sector ella descubre a Jesucristo a través de sus compañeros/as. Ella dice que siente la situación de explotación y de represión como una llamada a construir algo con sus compañeros. "Sé que Jesús es quien me guía en lo que debo hacer para cambiar la situación."

Muchos de nosotros descubrimos a Jesús en nuestro compromiso con la juventud de una forma más educativa y más constructiva. Siento que así se va construyendo algo, no sé si llamarlo Reino, pero creo que algo va construyéndose.

DANIEL, Ghana, 1990

"Callarme sería una falta de fe"

P. ¿Cómo llegaste a conocer la JOC?

Ya van siete años que estoy en la JOC. Alguien me presentó el movimiento. Cuando iba al colegio estaba en la JEC, un movimiento de estudiantes. Cuando dejé el colegio y empecé a trabajar de maestro, una chica llamada Teresa me habló de la JOC. Me dijo: "Cuando eras estudiante, ibas a la JEC, pero ahora trabajas, y debes estar en la Juventud Obrera Cristiana". Le pregunté lo que se hacía allí. Intentó explicarme y me entregó un folleto sobre la JOC. Lo leí y vi que estaba bien. Se utilizaba el mismo método que en la JEC y pensé que tenía que seguir mi lucha dentro de la JOC.

Cuando me incorporé a mi grupo de base por primera vez, me eligieron secretario porque vieron que al ser maestro, podría realizar esta labor. Eramos dos maestros en el grupo, la mujer que me invitó a venir y yo mismo, los otros eran aprendices, técnicos o vendedores del mercado.

Después de un tiempo, me pidieron asistir a la reunión del Consejo Regional. Mi contribución fue buena y un año y medio después fuimos a un congreso regional. En dicho congreso, me nombraron coordinador regional de la región de Ashanti por dos años. Sin embargo, el secretariado nacional necesitaba a alguien para ayudarle y me cooptaron. Así que trabajé con ellos durante un tiempo. En el Congreso Nacional, salí elegido Tesorero Nacional.

P. ¿La JOC te aporta algo?

Lo que me hace seguir en la JOC es el aspecto educativo. Antes no lograba hablar con la gente. En la JEC, me encontraba con chicos y chicas, pero cuando llegué a la JOC, vi que allí las personas eran más maduras. Era difícil pero el movimiento me ayudó a expresarme mejor.

P. Eres cristiano y católico. ¿Tú crees que la JOC tiene algo que ver con tu fe?

En Ghana, la JOC es miembro de la Iglesia católica, está en las parroquias. Soy de la parroquia de St. Mary y es ahí donde me inicié.

P. ¿Así que la JOC es un asunto de Iglesia?

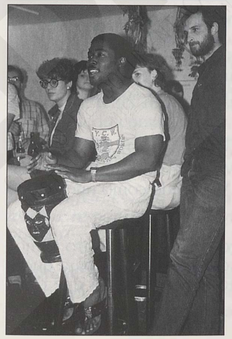
No, la JOC no es la Iglesia como tal. La JOC no tiene nada que ver con actividades de la Iglesia como la misa, etc. No. En la JOC hablamos de nuestros problemas. Cada uno los comparte y los reflexionamos.

P. ¿La JOC tiene un impacto en tu fe? ¿Cambió algo en tu forma de ver y vivir tu fe?

Pienso que sí. Si algo no funciona en el trabajo y no lo advierto, en cierto modo se trata de una falta de fe. Porque si Jesús estuviera aquí y le pasara lo mismo, él nunca hubiera aceptado que te exploten, que se aprovechen de ti obligándote a hacer horas extras. Así que yo les digo a mis compañeros que no deben prestar horas extras, hay que descansar y tener tiempo para cada cosa.

P. ¿Esto tal vez es política?

No, es una cuestión de fe, es así como debe expresarse la fe.



STEPHANIE, Suiza, 1990

"Lloraba pero estaba contenta"

P. ¿Cómo conociste la JOC?

Llegué a la JOC porque en mi pueblo (800 habitantes) no había grupo de jóvenes, no había nada. Al llegar a nuestra parroquia, el cura que de joven había estado en la JOC decidió formar un grupo de jóvenes pero sin saber exactamente qué tipo de grupo. Se presentaron distintos movimientos durante una velada organizada por él. Una chica permanente de la JOC de Friburgo vino a presentar el movimiento.

Personalmente no me sentía muy atraída por la oferta. No era una chica sociable, era un poco salvaje... No me gustaba el contacto con la gente y me sentía muy bien sola...

La chica de la JOC me llamó luego a casa y acepté ver de qué se trataba. Y a final lo encontré bien porque pensé que en lugar de pasarme una noche delante de la televisión o en la cafetería, tuve una velada bien simpática donde todos pudimos hablar.

La primera vez me encontré sola con la permanente y luego me presentó a un equipo que contaba con tres chicas de otro pueblo. Vino a buscarme para ir a una reunión con las otras chicas que hacía dos años que estaban en la JOC. Durante 6 meses no hablé mucho. Iba para escuchar... y decía: "Ay, si esas pobres chicas sólo tienen problemas..."

Hasta que un día me tocó abrirme. Me preguntaron: "¿quién eres, qué haces?" Esto me hizo tomar conciencia. Me acuerdo que después de la reunión, lloraba pero estaba contenta. Me quedé como nueva. Fue una toma de conciencia fulminante.

En mi familia éramos muy creyentes, y yo pensaba que claro vamos a misa cada domingo pero no cambia nada. No entiendo para qué y además lo veo muy aburrido. Y de pronto sentí que había que darle sentido a todas estas cosas y teorías.

Y 6 meses después asumí la responsabilidad de un equipo de adolescentes que había iniciado con la ayuda del cura. Eramos unas diez chicas. Un año después lancé otro equipo que pasó a ser mi grupo de base, pues el primer equipo había desaparecido porque las chicas se habían marchado a la Suiza alemánica.

Estuve trabajando como un año. La chica que aseguraba la transición se iba a casar, entonces acepté asumir la permanencia antes de tiempo. Fui al congreso europeo en septiembre. Esto me dio otra visión que la de mi pequeño pueblo suizo, porque era un acontecimiento de ámbito verdaderamente europeo. Esto me motivó, me dio energías. Empezamos a difundir información, publicamos pequeños anuncios en la prensa local, estábamos a tope de entusiasmo. Y esto reforzó mis convicciones en la JOC.

P. ¿Y ahora, no temes a asumir la responsabilidad de permanente para Friburgo?

¡No! No hay grupos en Friburgo, pero hicimos una fiesta de extensión con grupos que terminaban en el movimiento de apostolado de niños. Todo funcionó bien... el contacto fue bueno y los jóvenes estuvieron muy motivados. Estoy contenta porque es probable que tres grupos comiencen a funcionar este otoño, además de los dos grupos que ya acompaño actualmente. Fuimos al encuentro con una chica de mi grupo que tenía 18 años. Está bien también porque es una chica con la que puedo contar. Yo a veces soy un poco despistada, y ella siempre está para ayudarme en mi responsabilidad. Es importante tener a alguien con quien contar.

P. La JOC es algo importante para ti, y por eso aceptas continuar y asumir responsabilidades. ¿Puedes decirme lo que te aportó el movimiento?

En primer lugar, aprendí a ser tolerante. Aprendí también a creer en mis propias posibilidades, a tener confianza en mí y de hecho si antes no era muy sociable tal vez se debía a que no confiaba mucho

en mi, que era muy tímida y pensaba que no necesitaba de los demás. En realidad si que necesitaba a los demás y eso lo descubrí a través de la JOC.

Esto dio también otra dimensión a mi fe. Dije: eso es lo que quiero vivir, es así como quiero vivir mi fe. Mi fuerza la encuentro en los contactos que tengo a través de la JOC, intentando ayudar a los demás, creciendo, realizándome. Creo que la JOC fue una verdadera toma de conciencia. No sé donde estaría ahora sin la JOC. Todos los que me conocen no llegan a comprender cómo he podido cambiar. Logré tener seguridad en mi misma, saber administrar mi vida, mis problemas, reflexionar...

Este método de la JOC me ayuda en toda mi vida, incluso me ayudó en mi trabajo en la tienda, en la manera de resolver los problemas con mis compañeras de trabajo, discutíamos, veíamos, y luego actuábamos. Es así como hicimos una acción porque había gente enferma y el dueño no quería contratar a nadie para reemplazarla, así que teníamos que hacer todo el trabajo solitas.

La JOC ha influido en todo lo que hago en mi vida. Incluso en mi familia, donde habían muchas barreras, yo la puse en cuestión y no siempre es evidente que una chica de 20 años venga a poner en cuestión a su propia familia.

Ahora sí que he encontrado los valores que quiero defender.

P. A veces se dice que la JOC es algo para el tercer mundo, que en Suiza se tiene todo lo que se quiere, entonces... ¿Qué piensas? ¿Crees que la JOC es algo útil en Suiza?

Sí, porque en Suiza los jóvenes no tienen espacios para hablar de sus problemas. Trabajan para ganar dinero. Tienen tarjetas de crédito, lo cual facilita el endeudamiento. Deben trabajar aún más, hacer horas extras para ganar dinero. Cuando tienen un momento libre, salen, se emborrachan y esto no resuelve los problemas. No tienen espacio para hablar porque la familia no quiere hablar. Nos ponemos ante la televisión y nada más. Los padres también tienen sus problemas y no tienen ganas de hablar de los problemas de sus hijos. La enseñanza, la sociedad, la escuela nos educa para que seamos individualistas.

Y no es fácil tener amigos, gente en quien confiar. Creo que la JOC tiene algo que aportar, porque si bien el tercer mundo conoce problemas, tiene pobreza, también existe la solidaridad, la alegría, momentos de amistad, mientras que en Suiza a este nivel hay mucha pobreza, la gente no tiene nada, es arisca.

Los jóvenes tienen una urgente necesidad de expresarse, encontrar progresivamente la confianza, expresar sus problemas sin que se les diga: "eres tonto, tío, no supiste resolver el problema solo cuando ya tienes edad para hacerlo..."

Y a nivel de la fe, también. Yo encuentro que los jóvenes tienen ganas de hacer un montón de cosas, pero se ven decepcionados a menudo porque no encuentran respuestas a sus interrogantes, porque la Iglesia les hizo tragar la Biblia de memoria, sin explicarles para qué servía.

Los propios jóvenes buscan entonces su propio camino teniendo malas experiencias, porque no saben cómo actuar. Algunos lo buscan en las drogas, otros en el alcohol. Algunos encuentran solitos el camino, pero se quedan solitos... Mientras que la JOC es una dimensión de amistad, de compañerismo, de solidaridad. Creo que cuando van dándose cuenta de eso, es porque tienen mucha necesidad.

Por supuesto, desde el exterior, Suiza parece ser un país donde todo está bien pero la soledad de su gente es algo terrible. Los jóvenes intentan juntarse, pero lo hacen sobre todo en pandillas y para entrar en una pandilla, o bien hay que fumar o beber alcohol o drogarse, o bien hay que ser violento y esto da pena.

La gente no nos acepta tal y como somos. No hay espacio donde uno pueda realizarse. Siempre hay que demostrar una imagen, esto es Suiza, hay que tener dinero y creo que esto es terrible.

P. Es tu primera experiencia internacional a este nivel. Cuando piensas en tu experiencia suiza, ¿hay cosas que te chocan en la forma en que los otros participantes viven o expresan la JOC? ¿Hay cosas con las que no estás de acuerdo o que en opinión tuya no pueden funcionar en tu país?

No creo. Creo que somos todos iguales. Son los problemas los que cambian, la situación política y económica, pero los jóvenes somos todos iguales, todos expresamos el deseo de ser respetados como seres humanos.

Intenté tener un máximo de contactos. Me sentí solidaria con cuantos discutieron conmigo. A veces me daba la impresión de no ser ya una persona procedente de Suiza, sino de formar parte de lo que todos exponían.

Al principio temía no comprender lo que pasaba fuera de mi país, al venir yo de Suiza, pero me desgarró el hecho de saber que formaba parte del mismo mundo que el de los demás participantes. Fue una impresión muy fuerte. Hubo momentos en los que ya no comprendía nada, donde todo era demasiado intenso para mí. Harán falta meses para que asimile todo esto y le saque el mejor provecho.

Me gustaría aportar esto a los demás en Suiza, voy a intentar pero creo que es una experiencia que hay que vivir. La JOC es realmente una familia. Para darse cuenta hay que pasar por etapas, comprender la dimensión internacional, la solidaridad entre la gente, es un camino, una experiencia. La JOC es eso: un aprendizaje y una búsqueda permanentes.

P. A veces se dice que la JOC siempre habla de los problemas de los trabajadores y de luchas obreras, pero en Suiza... ya no hay luchas obreras...

¡Sí que las hay, y muchas! Tenemos todavía grandes sindicatos que intentan aportar cambios profundos, pero una vez más, el problema de los sindicatos es la dificultad para un joven que no sabe hablar de tomar el lugar que le corresponda en su estructura.

Por ejemplo en mi equipo de base hay dos jóvenes que forman parte de un sindicato de la construcción que creó una rama juvenil. Les pregunté qué hacían y me dijo: "Mira, escuchamos e intentamos participar en la lucha". Ahora estamos haciendo la revisión con ellos y evaluamos. Nos formamos una opinión juntos así que cuando vayan al sindicato sabrán de que va. Ya no deberá limitarse a escuchar sin actuar como pasa en la mayoría de los sindicatos.
De verdad que siguen habiendo luchas en Suiza y hay que darse cuenta que hay muchas cosas que hacer todavía en este país.

Personalmente, tuve la suerte de crecer en una familia sin demasiados problemas, estable, viviendo en el campo... Mi padre es obrero electricista. Pero uno debe elegir: o bien sigue siendo una máquina toda su vida o bien se toma conciencia de lo que acontece a nuestro alrededor.

Y lo mismo pasa con la fe, o bien toda la vida nos quedamos con una escucha dominical del Evangelio, pensando que así iremos al paraíso cuando nos moriremos o bien se decide que hay algo que hacer, se lucha, se intenta mejorar lo que debe ser mejorado. Eso es el Evangelio para mí.

JOSÉ LUIS, España, inmigrante en Alemania, 1990

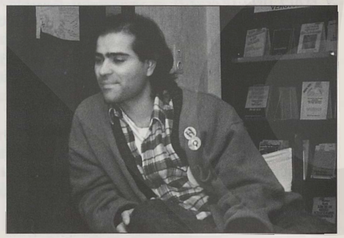
"Pasar de la teoría a la práctica"

P. ¿Cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Soy hijo de padres españoles emigrados a Alemania. Estaba metido en un grupo de jóvenes de una parroquia de Francfort. Tenía a un amigo sacerdote que acompañaba nuestro grupo. A través de él entramos en contacto con otros jóvenes en otras ciudades y en particular con una federación de la JOC Emigrante.

Entré en contacto con esta federación y a través de los encuentros y del trabajo de coordinación, pude conocer a la gente de la JOC y el método del movimiento. Lo que me interesaba sobre todo era el aspecto cristiano. Encontré interesante el trabajo que hacía la JOC, me uní al movimiento y empecé a ser militante. En aquel entonces, ya había dejado los estudios de bachillerato y empezado a trabajar para la empresa de aviación Iberia y por la noche seguía clases en nocturno.

P. ¿Por qué te has quedado tanto tiempo en la JOC?



Es sólo después de unos años cuando me impliqué realmente en la JOC, hace ya unos 6 años. Tuve la convicción de que podía cambiar las cosas, vivir y luchar por un proyecto: la construcción de un mundo nuevo.

Comprendí también que todo ello sólo era posible organizándonos. Descubrí

la importancia de estar organizados, y estarlo en un movimiento internacional, que amplia la visión y comprensión de la realidad.

Otro aspecto muy importante que siempre viví en la JOC fue el aspecto humano. En la JOC uno no se siente nunca extranjero... vivimos como en una familia, entre amigos. La JOC es como una escuela que permite desarrollar nuestras capacidades, y por tanto el comprometerme no era más que ser coherente conmigo mismo, era la consecuencia de todo un encaminamiento que viví en la JOC.

P. Dijiste al principio que te interesaba sobre todo el aspecto cristiano del movimiento. ¿Puedes explicar qué influencia tuvo la JOC sobre ti a este nivel?

Cuando entré en contacto con la JOC, era activo en una parroquia de Francfort, en la Misión española y tenía mucha amistad con un cura llamado Luis. En aquella época, yo me hacía muchas preguntas, buscaba una opción para un compromiso cristiano. Pero la parroquia y la misión española tenían poca visión,: perspectivas de cambio muy limitadas debido en parte a la difícil situación vivida por la gente. Es así como mi conciencia de un compromiso más sociopolítico era muy limitada.

Fue sólo después, a través de la JOC, cuando descubrí mejor la relación entre la clase obrera y su compromiso sociopolítico, y el compromiso cristiano. Gracias a la JOC, comprendí que no había contradicción entre ambos tipos de compromiso.

Para mi fue un momento importante que me motivó en mi compromiso cristiano porque la JOC vive el aspecto cristiano de una forma diferente. No solo lo hablamos en teoría sino que también lo vivimos en lo concreto. Para esto tiene mucho significado porque es importante no sólo hablar sino también actuar y provocar cambios. Es lo que vive la JOC y para mí fue como un paso de la teoría a la práctica, del verbo a la acción. Me abrió muchas puertas en referencia a mi compromiso. Me podía implicar en la Iglesia entendida como pueblo de Dios.

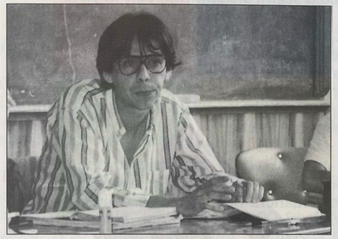
Es una labor de cristianos pero no sólo de ellos, porque en la JOC Emigrante se vive el aspecto intercultural... no sólo hay cristianos o católicos. En Alemania, hay bastante gente atea, pero no es realmente una contradicción porque si se es consecuente con la corriente cristiana, vemos en la Biblia que Jesús y sus apóstoles recibían a los forasteros y los paganos y les abrían su puerta.

Esto significa que los trabajadores extranjeros en Alemania están doblemente explotados y deben responder a esta situación y pienso que la referencia del Evangelio puede ayudar, así como otras referencias como el budismo o el Corán.

Al fin y al cabo, lo importante somos nosotros mismos, y no sólo lo que piensa la gente. Es así como explico las cosas tal como las vivimos en la JOC y no en teoría, sino tal y como las vivo personalmente.

EDMOND, Argentina, 1990

"Triunfará la vida"



P. ¿Me puedes decir cómo alcanzaste a conocer la JOC?

Mi encuentro con la JOC se debe al esfuerzo de extensión del movimiento en mi región. Un responsable del Equipo Internacional que visitaba el país vino a mi región a encontrarse con antiguos de la JOC con la esperanza de relanzar la JOC, desaparecida tras la dictadura. Eran antiguos ya entrados en años. Estudiaba entonces en la capital y formaba parte de un instituto seglar para sacerdotes. Cuando volví a mi provincia, encontré a dichos antiguos. Fue así como comencé a hacerme una idea de lo que se estaba haciendo en el movimiento.

Luego hubo un encuentro en la región con un permanente nacional. Con él trabajamos el análisis y empezamos a discutir de nuestra experiencia pastoral. Yo trabajaba entonces en un sector marginado de la capital y en la línea específica de la pastoral juvenil. En estos contactos, conocí muchos aspectos referentes a la metodología y la experiencia de acción del Movimiento. Con este permanente discutimos la posibilidad y necesidad de un acompañamiento a nivel de la Iglesia y se planeó un encuentro nacional de colaboradores. Fue mi primer encuentro con el movimiento.

A partir de ahí, proyectamos con un militante poder compartir más, compartir el análisis como primer paso. Luego me propuso acompañar al equipo nacional. Así pues, comencé con muchos límites a nivel de comprensión, y límites en mi propia formación. Es así como hemos avanzado hasta ahora.

P. ¿Desde que trabajas con la JOC, sientes que te aporta algo?

Lo que la JOC me aportó hasta ahora sobre todo fue cierta definición de mi opción y un proyecto de vida más global. Mi encaminamiento fue formador, con muchas luchas y la necesidad de asumir compromisos. Me aportó también un modelo de Iglesia, y un modo de espiritualidad, que me ayudó fundamentalmente en lo personal.

P. ¿Por qué estás dispuesto a seguir trabajando con la JOC?

Sigo trabajando con la JOC porque qué es la fe si no se traduce en una acción militante, en luchas. No tiene sentido. Entre las opciones que se presentan está la posibilidad de elegir. Depende de nuestra comprensión de la fe. Yo creo que esta opción por la clase obrera, a la que pertenezco puesto que soy hijo de obrero, tiene más sentido que todas las opciones que pudiera tener.

Sigo también con la JOC porque como movimiento me permite expresarme a todos los niveles, porque en ella me siento Iglesia, no de forma separada sino como manera de ser Iglesia. Para mí es una forma de concreta una opción por el Evangelio que es en definitiva lo único absoluto.

P. ¿Qué piensas del encuentro de asesores en el que has participado?

Para mí el encuentro de asesores fue una experiencia vitalizadora. Viví algunas dificultades e incluso tensiones en mi encaminamiento con los responsables nacionales hace un tiempo, y me encontré aquí con gente, sacerdotes, religiosos, laicos, que tienen una opción radical por el mundo obrero y que lo acompañan con una conciencia clara de las exigencias que ello representa. Para mi el encuentro fue vitalizador, renovó mi esperanza. Es el Evangelio que se hace realidad con la luz que inunda las tinieblas... La última celebración fue para mí una representación de todo ello, con un sentido especial de fiesta. Esta fiesta es un indicio de que la vida triunfará de la muerte.

LUZ MARINA, Colombia, 1990

"Un camino hacia la autorealización"

P. Luz Marina, nos puedes explicar como llegaste a la JOC?

Conocí la JOC por mediación de un sacerdote que era asesor en Barranquilla. Trabajaba en una fábrica. El barrio donde yo vivía no tenía parroquia, era un barrio muy marginado, y el párroco había anexionado ese barrio al suyo.

Tenía muchos prejuicios con los curas porque no tuve formación religiosa, no había parroquia en el barrio, no se celebraba la navidad ni la semana santa. En mi familia no se seguía ninguna tradición religiosa. A lo sumo, algún cura o religiosa nos ofrecían caramelos en Navidad.

A petición del párroco, formamos un grupo en el barrio. Al principio me mostraba muy reacia por mis prejuicios acerca de los curas. Tenía 17 años y era la única del grupo que trabajaba. El cura empezó a preguntarme sobre mi trabajo. Tomamos la costumbre de hablar juntos, conocernos mejor. El no dejaba de hacerme preguntas. Como era mi primera experiencia laboral, las preguntas que me hacía sobre mi salario, las condiciones de trabajo, etc. me ayudaron a situarme frente al trabajo.

En la fábrica trabajábamos por turnos. Una semana trabajábamos de 7 de la noche a 7 de la mañana. Era una fábrica de plásticos. El hecho de estar con otros militantes me llevó a hacerme preguntas sobre la realidad que vivía y a preguntar a los demás sobre lo que vivían.

Creo que conocí la JOC en un momento muy importante de su historia, que fue el de la preparación de la Declaración de Principios para el Consejo de Linz. La JOC de mi ciudad hizo todo un proceso de estudio y reflexión en el que yo entré. Para mí, todo esto fue muy importante porque conocí la Declaración de Principios nada más entrar en la JOC y así me identifiqué con sus objetivos. No lo comprendía todo pero de manera intuitiva me sentía cerca de todo esto, sentía que ello me indicaba cómo vivirlo.

Me invitaron al Consejo Nacional donde pude saber de la experiencia de otros jóvenes trabajadores. Creo que esto me marcó para siempre. Luego viví otros momentos que me permitieron comparar la JOC con otras organizaciones, con gente del Partido Comunista, por ejemplo.

Pienso que en la JOC tuve un proceso bastante rápido y estable. Por supuesto, hubieron momentos difíciles, momentos en el que una va descubriendo cada vez más la realidad y se plantea interrogantes, e incluso se pone en cuestión la misma JOC. Me planteé saber si la JOC era eficaz frente a las propuestas de otras organizaciones políticas y militares.

Fue un momento importante porque me vi obligada a hacer opciones y a mirar la eficacia de la JOC no sólo en términos políticos sino más bien en lo educativo, por una educación progresiva mucho más eficaz a largo plazo de que la eficacia político/militar o simplemente política, sin menospreciar por ello la importancia de la eficacia política. Pero se trata de un proceso de educación, un proceso de transformación profunda de las personas, una transformación profunda de lo que queremos cambiar. Porque no se quiere una transformación superficial sino profunda.

Es sobre 1980/81 cuando comencé a definirme y pensé optar más clara y radicalmente por el proyecto de la JOC, no para adueñarme dicho proyecto sino porque era importante vivirlo y ayudar a que otros lo vivieran. Independientemente de que yo esté o no en la JOC, creo que el proyecto de la JOC es válido.

Veo que la sociedad crea condiciones para enajenarnos, prostituirnos, volvernos pasivos. Ahora bien, una organización como la JOC es capaz de alcanzar con mucho tacto a sectores de la juventud a los que no llegan las otras organizaciones, es decir a los jóvenes marginados. Pienso que la JOC debe alcanzar este sector, claro que no es el único a alcanzar, pero debe hacerlo por sus condiciones y los valores que en él se viven.

Desde mi experiencia personal, puedo decir que la JOC fue un instrumento fundamental para mi realización personal, no sólo afectiva sino que permitiera también construir un proyecto de vida. Y hoy puedo decir que mi deseo es llevar a cabo dicho proyecto.

P. Ya no eres jocista porque eres adulta pero sigues trabajando con la JOC.

La primera razón es que creo en el proyecto de la JOC, como medio, dinámica, posibilidad de organización, de acción, de motivación para dar un sentido a la vida de los jóvenes que se inician en el proceso.

El segundo aspecto es que la JOC me formó, creo que recibí más de la JOC que lo que yo le pude dar. Pienso que es una forma de contribuir y retribuir el movimiento por lo que me trajo. No es algo sentimental sino que se trata de un proyecto válido. Por ejemplo, en el caso concreto de la JOC Colombia, movimiento con numerosas debilidades, me parece que los adultos pueden ser una referencia sana para los jóvenes, sin ideas de manipulación.

Cuando hemos comprendido claramente lo que podemos aportar, y si lo hacemos en una actitud de servicio, sin buscar a controlar, pero considerando que la JOC evoluciona, vive su experiencia, participa, se construye, es necesario aportar una referencia, un elemento de equilibrio frente a lo que viven los jóvenes. Es así como si tenemos una actitud sana a nivel psicológico en nuestra relación con los jóvenes, podemos ser un factor de equilibrio y estabilidad de forma que los jóvenes vayan sintiéndose seguros de si mismos frente a lo que son y lo que viven.

Un tercer aspecto, para mi muy importante, es que la JOC, de Colombia, de América e incluso la JOC Internacional, atraviesan por una difícil situación que desde luego no es exclusiva de la JOC. Frente a esta situación, no se trata tanto de criticar los aspectos positivos y negativos de la JOC sino preguntarse cómo a partir de lo que vivo y soy, puede contribuir a que el movimiento avance. Si creo en este proyecto, es precisamente porque el movimiento tiene dificultades y debemos estar presentes.

P. Tú explicaste que antes de encontrar la JOC sufrías un vacío religioso. La participación en la JOC, ¿cambió algo en tu enfoque de la fe?

Ya expliqué que no había tenido formación religiosa y vivía en un entorno religioso muy tradicional, muy popular, sin ninguna práctica del culto. La Iglesia era algo aparte, algo ajeno al mundo en el que me encontraba.

Cuando conocí a ese sacerdote, asesor de la JOC, comencé a tener otra visión de la que tenía, de los curas, gente diferente de los demás... Ello me llevó a reflexionar más profundamente sobre la Iglesia, la misión de la Iglesia en la sociedad.

Comencé a tener una posición muy crítica y muy dura. Fui radical en mi relación con la Iglesia.Y poco a poco fui entrando en un proceso de descubrimiento y equilibrio entre una posición rígida que compromete a la Iglesia con las instituciones y la política del gobierno, etc. y el descubrimiento de otro proyecto de fe que es proyecto liberador, proyecto de Jesucristo y eso lo descubrí en la JOC.

Hoy diría que se trata de un encaminamiento que no fue directo sino que tuvo altibajos. A veces era como si quisiéramos hacernos daño para crear un proyecto aceptando que el otro proyecto tuviera el espacio suficiente para desarrollarse. Encontramos también cierto equilibrio, y es así como me pasó, que nos impide fanatizar la fe. En esta propuesta de Jesús hay vacilaciones, límites, corrientes, ambigüedades, etc. pero lo importante es que me ayuda en mis convicciones y en dar un sentido a mi vida.

Pienso también que estoy en un proceso de escucha y de memoria. Pienso que la fe no es algo meramente individual sino un proceso en el que la experiencia de los demás nos ayuda a crecer. Y el encuentro de los asesores me aportó mucho a este nivel. Sentí que había mucha expresión de fe, una fe arraigada en la realidad. No soy muy mística... pero cuando es posible compartir la fe, la fe en Jesucristo, la fe en El a través de la realidad de los jóvenes trabajadores, que significa también fe en un cambio de sociedad, en condiciones dignas, esto me ayuda a desarrollar mi confianza, me da la alegría de tener una fe más profunda.

Todo esto fue un proceso que estamos viviendo. No es fácil luchar. Por ejemplo, para mí, todo lo que vive la JOC, la reacción del Vaticano, etc. me hace mucho daño, pero poco a poco una va pensando que nuestro proyecto no existe porque haya sido aprobado por ahí, y si Jesucristo es nuestra referencia, lo que está claro es que él no fue apoyado ni aceptado en la sociedad en la que vivió. Le seguimos, compartimos su proyecto y también todos los cuestionamientos y rechazos que vivió en su época.

P. Antes estuviste comentando algo sobre el encuentro en el que acabas de participar. ¿Nos puedes decir lo que te pareció?

Fue un encuentro vital, fundamental para la JOC América. Porque en primer lugar tuvimos la posibilidad de encontrarnos y que en el centro de nuestro encuentro no se trató de la asesoría como tal sino de la realidad del movimiento y la de los jóvenes trabajadores.

Hemos hablado de nuestra tarea... Pienso que fue una oportunidad para "desmistificar" el lugar de los adultos en el Movimiento. No nos situamos ni encima ni debajo ni en el centro, sino que estamos en colaboración con el proceso de desarrollo del Movimiento. Para cumplir con nuestro cometido como adultos, debemos tener la posibilidad de comparar, tener otras referencias. Cuando un adulto se encuentro solo con una responsabilidad sin ser confrontado por otros adultos, corre todos los peligros y tentaciones de las que hablamos.

Un adulto no puede negar que sus intereses, su vida y sus motivaciones sean diferentes de la de los jóvenes, y me parece muy conveniente ser conscientes de ello. Para que los adultos puedan colaborar con el Movimiento, éste quiere que asuman responsabilidades también en su vida de adultos.

El hecho de encontrarnos entre adultos es importante. Nos permite hablar de lo que somos, de lo que intentamos ser y de lo que deberíamos ser.

Este encuentro fue fundamental para el proceso de la JOC en América. Sentí que todos los participantes iban en una dinámica de aportar y no de cuestionar la JOC. Es una dinámica sana. Los asesores no se pasaron el tiempo cuestionando al movimiento sobre lo que es y lo que no es.

En este caso también encontré una expresión de este proyecto de Iglesia al que me referí. Se expresó el proyecto y hubo unanimidad en la búsqueda. Sentí una actitud de apertura de parte de los asesores.

P. ¿Tu compromiso actual en un proyecto de educación para adultos en Medellín te permite continuar de cierto modo lo que emprendiste en la JOC?

Sí. Porque en el proceso de formación de la JOC hay cosas que se reciben para toda la vida. Por ejemplo, un método, y también un aspecto ideológico, un concepto de la vida, proyectos. Nuestra participación en la JOC fue una etapa de la vida, pero el proyecto de la JOC sigue válido para toda la vida. Siento que en mi trabajo, transmito los elementos y valores adquiridos en la JOC.

Pienso que no hay dicotomía entre mi vida y el proyecto de la JOC. A partir de lo que vivo y hago, alcanzo un nivel de realización que me llena de alegría y entusiasmo...

MACHIKO, Japón, 1995

"Quiero tener amigos"

Me llamo Machiko. Soy miembro de la JOC de Osaka y me gustaría contaros cómo conocí la JOC. La conocí a través del "Diario Católico de Osaka" que relataba las acciones de la JOC.

En la JOC del Japón encontramos proporcionalmente un gran número de militantes que no comparten una fe explícita en Jesucristo. Pero, ¿cabe sorprenderse de esto en un país como el Japón, donde la población cristiana alcanza apenas el 1%, y en un movimiento que pretende estar abierto a todos los jóvenes trabajadores? Cuando leí el artículo del periódico, me pregunté: "¿Qué es la JOC? ¿Qué hace?" Entonces fui a ver.

Fue precisamente cuando empecé a trabajar en una agencia de trabajo interino. Son empresas que te colocan en una lista de espera y te envían como personal especializado a las empresas que tienen una necesidad momentánea de personal. Te mandan allí con un contrato de duración limitada, de 3 ó 6 meses, y luego hay posibilidades de renovar el contrato. De no ser así uno vuelve al punto de partida.

En la empresa donde me enviaron, tenía en teoría el mismo trabajo que los demás empleados, pero me decían: "tú no eres como las otras, si quieres conservar el puesto debes trabajar más y con mayor rapidez. Y es lo no que no dudé en hacer al principio. Trabajé con mucho ahínco, convencida de que tenía que comprobar que era una buena empleada.. No temía a las muchas horas extras que tenía que hacer, aun cuando no estaban pagadas. Regresaba a casa por la noche, y me encontraba sin nadie con quien compartir mis preocupaciones. Esto era cada vez más insoportable.

Me estaba estropeando la salud. Las computadoras que utilizábamos eran antiguas y desprendían mucho calor. Por tanto era imprescindible mantener baja la temperatura del despacho. Allí hacía siempre mucho frío. Como no me encontraba bien, fui al hospital. El médico me dijo que de seguir haciendo ese trabajo, podría quedarme estéril. Una compañera de trabajo me dijo que el médico le había dicho lo mismo. Ya no sabía qué hacer, estaba atormentada y lloré sin parar en muchas ocasiones. Dije: "Quiero tener amigos".

Fue en aquel momento en el que leí el artículo del periódico y que fui a ver un grupo de la JOC. Comencé a tener dudas sobre la empresa que me contrataba y sobre mi actitud. Después de trabajar desenfrenadamente, no sabía si me iban a renovar el contrato. Me pedía hacer un trabajo que superaba mis posibilidades y que no respetaba mi contrato. Las relaciones humanas en la empresa eran cada vez más complicadas.

Pude hablar de todo esto en el grupo de la JOC. Comprendí que se trataba de una empresa de trabajo interino. Comprendí mi posición de inferioridad como trabajadora con contrato eventual.

A menudo sentí tristeza porque me daba cuenta de que era débil psicológicamente y que utilizaban como un objeto que se arroja cuando ya no sirve. Cuando pude hablar sobre mi situación con los compañeros de la JOC, reflexionaron sobre mis problemas conmigo como si fueran los suyos. Para mí fue una gran consolación y sentí que "no estaba sola". Era difícil mostrar mi debilidad ante mis amigas pero cuando les hablé con franqueza me sentí aliviada.

Un día una de mis amigas me preguntó: ¿cuáles son las prioridades de tu vida? En ese momento no supe que contestarle. En mi lugar de trabajo, donde paso la mayor parte de mi vida, me llevo muchos disgustos y tengo muchas preocupaciones y yo nunca me había planteado ese tipo de problemas. Mi cerebro estaba como adormecido y eso me producía tristeza.

Con la JOC he podido crecer. Al participar en las actividades de la JOC, al estar apoyada por mis compañeras de la JOC que miran las cosas tal y como son, decidí también enfrentar mis problemas para mejorar mi situación y la de mis colegas de trabajo.

Los miembros del Equipo Internacional

En Quito para las Américas

En Nairobi para Africa

En Bruselas para Europa

En Hong Kong para Asia y el Pacífico

SEGUNDA PARTE

Visión de teólogos

Una celebración eucarística

QUIERO TENER AMIGOS O EL CAMINO DE LIBERACIÓN POR LA ACCIÓN

HONDA TETSURO, JAPÓN*

El sufrimiento de los débiles

Machiko, la muchacha japonesa, tenía un contrato en una "empresa de trabajo interino". Como sabía que su contrato era por un tiempo determinado, ella trabajaba por encima de sus propios límites. El trabajo que uno hace en estas empresas de trabajo interino es de lo más precario.

El sistema es sencillo. Te inscriben en una lista de espera y en cuanto una empresa expresa la necesidad de personal, te mandan allí teóricamente en función de tus capacidades.

Puede parecer un servicio a la sociedad pero en realidad en un país como Japón donde los empleos vitalicios siguen siendo una fuerte realidad, este sistema es un tapaagujeros sin ninguna seguridad.

En la empresa donde trabajas por un tiempo limitado, el salario es más bajo que el de los obreros fijos, y no existe ningún sistema de seguro.

El patrono te puede despedir en todo momento según su parecer. Uno se halla continuamente ante la obsesión de saber si te van a renovar o no el contrato. El obrero se encuentra en una absoluta inseguridad, preguntándose. "¿Qué me deparará el futuro".

Por esta razón trabaja por encima de sus fuerzas y posibilidades. Estas diferencias de trato son motivo de conflictos con los obreros fijos de la empresa. En la narración de su testimonio, Machiko dice que "las relaciones humanas se hacían complicadas".

En esta situación de debilidad, aun consciente de estas injusticias y sufriendo una gran soledad, Machiko decía que lo único en que pensaba era huir de las dificultades. Por regla general, la persona cree

que es responsable de la situación y esto es muy duro de vivir psicológicamente.

Esto es la pobreza, la inferioridad, la discriminación, que se suman a la falta de títulos y la inexperiencia de la juventud. Es el tapaagujeros de la sociedad, lo que se desecha cuando ya no sirve, típico del sistema de trabajo llamado de la tres "K" (Kitanai, Konnan, Kiken): sucio, duro, peligroso. Quienes deben sufrir este sistema son los verdaderos pobres de la sociedad, abocados a la desesperación.

Jesús de Nazaret era tal vez uno de ellos. Se dice que Jesús fue carpintero, sucediendo a José, su padre putativo. Está claro que la imagen del carpintero es desde siempre y en todas las civilizaciones la imagen de un artesano noble, dotado de una buena técnica. También en la Palestina de hace 2000 años, estos artesanos construían las casas, las carreteras, trabajaban para el rey o para el templo. Era en principio un oficio de buena fama y útil para la sociedad.

Sin embargo, pese a las apariencias, nadie elegía este oficio de su propia voluntad. En la sociedad judía de la época quienes se hacían carpinteros eran los llamados "impuros y pecadores", es decir aquellos que vivían en una extrema miseria, habían huido de la esclavitud, los refugiados, o aquellos que no tenían otro trabajo.

Se trataba de bajar bloques de piedra de la montaña, y tallarlos con un martillo y un buril. Desde la mañana hasta por la noche, cubiertos por el polvo de las piedras, estos hombres padecían dolencias pulmonares y morían por enfermedad del sistema respiratorio.

Esto está históricamente comprobado. En el libro de las Crónicas (22,2) "Mandó David que se reuniesen todos los extranjeros que había en la tierra de Israel, y encargó a los canteros que fuesen preparando piedras talladas para la construcción de la casa de Dios". En la época de David, 10 siglos antes de Cristo, los extranjeros residentes, así como las prostitutas y los huérfanos, se situaban en el peldaño más bajo del escalafón social, eran los más oprimidos, los más pobres. Se les llamaba "anawim". Eran requisados para el país, hacían trabajos forzosos como canteros.

Al hacer este oficio de carpintero o cantero (Hozeb, en hebreo), Jesús era considerado por su entorno como amigo de los publicanos y los pecadores (Mat.11,19). Al faltar el trabajo de talla de piedras, no era difícil imaginar que se trabajaba como jornalero en los tiempos de cosechas.

Jesús, al llevar el peso de la pobreza y la discriminación, fue con toda probabilidad uno de esos hombres que tallaron las piedras sin descanso, sin tener a nadie con quien compartir sus problemas. Jesús tiene relación con aquellos hombres y mujeres que viven en situaciones muy precarias y cuyas circunstancias les convierten en seres pequeños.

"Quiero tener amigos"

Cuando Machiko, en el trabajo, se halla en lo más profundo de su soledad y desesperación, lo primero que afirma con toda naturalidad es "Quiero tener amigos".

Ella no quiere ni ser "líder" ni profesora. Lo que quiere es "tener amigos", amigos que estén en la misma situación que ella, que sientan las mismas cosas, amigos con quien compartir sus debilidades en toda tranquilidad, amigos que piensen seriamente en los problemas como si fueran suyos...

Machiko dice haber descubierto a estos amigos en la JOC. En ese momento, fue grande su alegría de haber sentido en carne propia el hecho de no estar más sola.

Al comienzo de su obra de evangelización, Jesús empezó creándose amigos o un grupo de discípulos. En lugar de buscar a nobles o a una élite, Jesús llamó a hombres y mujeres que conocían la pobreza y el dolor debido a la discriminación, gente que la sociedad hizo pequeña y marginada, como Mateo el pecador, publicano despreciado o los hombres del mar, Pedro y Jacobo, todos ellos despreciados en la sociedad. Las prostitutas también formaban parte de su grupo, y pronto lo serían también los enfermos, aquellos que sufrían por tener un espíritu impuro (Lucas, 8,2-3). Fue con esos amigos con quien Jesús inició su obra de liberación según el Evangelio.

Este grito: "Quiero tener amigos" que surge de lo más hondo del sufrimiento y del dolor no es más que el grito y la llamada apremiante de la "comunión en el espíritu" (Ph 2,1) (koinonia). Las relaciones de amistad con quienes comparten el dolor son tal vez también las relaciones de amistad con Jesús tal y como las describe Pablo en su carta a los Corintios. (1 Cor. 1-9).

La comunión en el Espíritu, la "koinonia", parte del compartir del dolor y del sufrimiento. No se trata de meras relaciones amistosas. La verdadera koinonia es esta relación profunda, capaz de comprometerse y mancharse las manos por los demás. El grito "Quiero tener amigos" es de hecho un clamor evangélico y el eco de la labor del Espíritu Santo.

A Machiko le sorprendieron profundamente esos "amigos de la JOC que tenían una actitud positiva y en lugar de huir de los problemas, se ponían de pie".

Luego profundizó las relaciones de confianza con sus colegas de trabajo para hacer frente a las condiciones de trabajo.

** El Padre Honda Tetsuro nació en Japón en 1942. Tras un mandato como provincial de los Franciscanos en el Japón, se fue a vivir y a compartir su vida con los jornaleros de Osaka. En la actualidad, compagina sus estudios bíblicos con un trabajo como peón de albañil pagado por jornales.*

NO SOY NI EBANISTA NI ESCULTOR

ANASTASIO GALLEGO, ECUADOR*

Me puse a leer los relatos que preceden y si bien sus autores no son todos cristianos y provienen de diversas tradiciones, el elemento FE no deja de ser un aglutinante, tanto para los que la tienen como para los que no la tienen.

Estos testimonios vienen, una vez más, a afirmar la realidad de una Iglesia viva, una presencia del Señor actuante y sorprendente, que se basa "no en los problemas sino en la experiencia de quien vive esos problemas", como dice el primer testimonio. Es decir, una Iglesia que va más allá de los tratados teológicos, los catecismos y las exhortaciones, y que vive y palpita en las luchas, aspiraciones, ilusiones y desengaños de los jóvenes que se sienten seres humanos, hijos de Dios llevando en sí, "como frágiles vasijas de barro" un misterio insondable.

Por ello, intentar una reflexión teológica sobre estas experiencias es una tarea similar a la del ebanista que frente a un tronco de madera sueña con un mueble, o del escultor que adivina la estatua en el árbol que va a esculpir.

Ni ebanista ni escultor

El ebanista corre el riesgo de "ver" el mueble cómodo, confortable, con una familia reunida compartiendo el amor, el cariño, los sueños, los proyectos, mientras el más pequeño de los hijos se sube al mueble con sus zapatos sucios y su madre le recuerda lo que les costó comprarlo.

Lo mismo le sucede al artista: sueña con "su" escultura, casi confundiendo si ésta estaba en el tronco o en su imaginación. Si estaba en el tronco, la tratará con cariño, con delicadeza, como quien no quiere herir y sólo curar, no lastimar, sino embellecer.

Pero ambos pueden olvidar que un campesino plantó el árbol, lo cuidó, lo limpió, soñó a su sombra y lo convirtió en parte de la familia, como el compañero que siempre le esperó de pie, pues "los árboles siempre mueren de pie. De pie soportó el calor, el frío, la sequía,

el aguacero, el viento, la helada, la noche y el día. Se le subieron hormigas, se le posaron los pájaros e hicieron sus nidos. Hubo ramas que se secaron y cayeron, cambiaron las hojas y el árbol siguió creciendo, ensanchando y, si tuvo suerte, llegó a viejo. Tal vez por eso lo cortaron y dejó un "vacío que no lo puede llenar la llegada de otro amigo".

Si el artista, en vez de soñar "su" escultura, ve en el tronco una vida, quizás lamente que lo hayan cortado y en vez de su escultura vea la imagen del árbol de pie como el mejor de los diseños.

Si se decide a esculpir, cada golpe de gibia, cada pedazo de biruta, será un lamento de parto.

Así me siento frente a estas páginas.

Pienso en la costurera, en el seminarista del Prado, en la angustia de Stephanie en su Suiza relojera, en el carpintero de Gabón, en los dos meses de Ronald sin sueldo, en José Luis hijo de emigrantes. Luz Marina me sonó a cumbia, vallenato [4] y desplazados de la violencia. Edenilson me recordó a los metalúrgicos cuyas luchas son "de vinho tinto de sangue".
Todo esto produce en mí una impresión imborrable: Cristo sigue vivo y actuando. "El cielo y la tierra pasarán, pero mis palabras no pasarán".

Pero son ellos quienes me lo han pedido. Me han ofrecido el tronco y yo les digo que no soy ebanista ni escultor. Que me gustan los árboles de pie, con hormigas, hojas secas, cortezas que se desprenden, nidos en la altura, pájaros que pasan la noche bajo sus hojas y que de día, cuando salen a volar, les espera siempre en el mismo sitio.

Así que, permítanme que me acueste boca arriba bajo su sombra y contemple los detalles, sin tocarles, sin el afán de coger el arbolito y hacer un bonsai.

4 *Músicas y danzas de origen colombiano.*

Pido perdón a los hermanos japoneses. No me gustan los bonsai. Vivo en el trópico, donde los árboles crecen libres, grandes, enredados en mil otras plantas (que los técnicos llaman parásitos) en una gran familia. Viven así hasta que, desgraciadamente, llegaron los seringueiros, los madereros, las empresas con sus tractores y motosierras. Entonces empieza la locura. Hasta los animales enloquecen. En el trópico, donde todo es subdesarrollado, sólo los árboles, las flores y las frutas, son desarrolladas. Por eso no me gustan los bonsai en el trópico. Me parecen árboles que les pasmaron sus ilusiones.

Un ecumenismo basado en la vida

Entre las cosas que veo, hay una que me llamó la atención: el ECUMENISMO.
Un ecumenismo que se plantea desde la vida, desde el encuentro con jóvenes trabajadores que buscan vivir con dignidad, y de pronto, descubren que la JOC es cristiana y que para participar en la organización y dirigencia hay que ser cristiano.

Pero, ¿por qué? He ahí la pregunta... Si son JÓVENES y TRABAJADORES...que sean musulmanes, budistas, sintoistas, agnósticos ¿les envejece o les hace empresarios?.

De nuevo surge, bajo un disfraz, el tema del poder. ¿Qué pasaría si la JOC la dirige un musulmán o un budista o un agnóstico? Se puede perder la recta doctrina, dejaría de ser "cristiana". Esto preocupa más que el hecho de ser trabajador y joven y luchar por la justicia. ¿Y si siguen siendo trabajadores y jóvenes y consiguen una "vida en abundancia"?. Nos hemos olvidado con frecuencia de aquello de "buscad primero el reino de Dios y su justicia, y lo demás se os dará por añadidura".

Es el problema del ECUMENISMO cuando se lo entiende como relaciones públicas, como un cese al fuego o como un moderno maquillaje. Para algunos el ecumenismo es una especie de cirugía plástica que mejora la figura, en unos tiempos en que el diálogo es lo civilizado (hasta que se cansa de dialogar el fuerte) "Cuando alguien viene a mi iglesia, es un convertido; cuando alguien se va a otra iglesia es un renegado". Así entienden algunos el ecumenismo: que vengan y sean como yo.

Esto es tergiversar el ecumenismo, que es el proceso de superar barreras para cumplir el mandato del Señor "que sean uno", pero añade, "como Tu y yo somos uno". Sin dejar de ser Padre e Hijo. Son

"tres personas distintas y un solo Dios verdadero". Qué poco han entendido algunos católicos, y cristianos en general, aquello que estudiaron sobre las procesiones y las relaciones...! Entienden la unidad como "fundición", como amalgama.

El ecumenismo es la intuición que se refleja en los testimonios: un proyecto de vida común, empujado desde las diversas concepciones de Dios, y a partir de Dios que va más allá de nuestras concepciones, que es absolutamente el OTRO y no se funde con nada. Para el cristiano hacer todo Dios, es panteísmo. Por eso para muchos el ecumenismo sería un panteísmo religioso.

Como se ve, entiende la JOC y los jocistas iguales y distintos. Somos JOC: proceso de llevar la "buena nueva" al mundo obrero y juvenil. Creo que esto es lo que aflora en los testimonios de casi todos los jocistas. Siendo la JOC un medio, no se transforma en un fin en si misma, por eso caben todos.

Ciertamente que hay que mantener una identidad, porque sólo quien la tiene, puede ofrecer algo. Caso contrario, copia. Lo específico de la JOC es llevar la buena nueva al mundo de los jóvenes trabajadores. Y la BUENA NUEVA aparece muy clara: luz a los ciegos, libertad a los presos, el año de gracia".

Dom Pedro Casaldáliga acuñó el término MACROECUMENISMO para hablar de ese caminar junto al encuentro del Señor. Ecumenismo macro que nos hace, a los cristianos conscientes de que los ídolos andan por doquier, pues cada uno de nosotros nos fabricamos el nuestro. Son los dioses digitales a control remoto. Dios en un grano de cuarzo, fácilmente manejable, programable y que responde siempre a nuestras preguntas, porque para eso le hemos programado. Pero Dios es más que eso. Es El quien pregunta y para escucharle hay que tener los oídos atentos, los ojos abiertos y la sensibilidad a flor de piel. ¿Un budista o un musulmán en la JOC?

Es la mejor noticia que hemos recibido en lo que va de año, pues no es el publicitado diálogo interreligioso, con TV incluida. Es no preguntar por el credo, sino vivirlo en tiempos de neoliberalismo.

Me preguntaron mi nombre

Desde mi puesto a la sombra del árbol, leyendo otro testimonio, me detuve en una frase: "me preguntaron mi nombre". Y me vino a la memoria el Buen Pastor..."que conoce a sus ovejas y las llama por su nombre".

La relación personal, dentro de un movimiento es la base. Si no se conoce el nombre que identifica, que pone rostro y apellido, que ve la clase o el sector social, pero, sobre todo, ve personas de carne y hueso que el sistema hizo números, pero que siguen siendo personas. Digo, si no se conoce el nombre, uno se convierte en un simple contribuyente identificado con un número que sirve para el Seguro Social, la policía, el banco y hasta el permiso de conducir.

En este mundo en el que vivimos, este mundo de la "excelencia", la "calidad total" y la "reingeniería", la eficacia en busca de la máxima rentabilidad, es interesante mejorar sus relaciones con el mundo del trabajo y hablar del conocimiento personal. Cualquier gerente y/o jefe de personal sabe hoy que debe conocer a sus obreros por sus nombres, conocer sus problemas, hasta el extremo de una anécdota sucedida en el reciente conflicto entre Ecuador y Perú. Un soldado no estaba rindiendo bien en los entrenamientos militares. La causa, según llegó a conocer su jefe inmediato, era la preocupación que tenía pues su casa se había derrumbado luego de una lluvia torrencial. Puesto esta situación en conocimiento de la superioridad militar, ésta dispuso que se le consiguiera de inmediato otra casa "para que pudiera estar tranquilo y rindiera mejor". Claro, el mejor rendimiento era en la guerra.

Un elemento importante en la vida de un movimiento, de una comunidad, es la ausencia de anónimos. Todos se conocen, con un conocimiento que es compartir la vida, las ilusiones, las esperanzas, pero respetando el espacio de individualidad. Esa parte del ser humano en la que no entra, ni debe entrar nadie. En el caso del creyente, sólo él y Dios. Una relación, pues, de compartir y de respeto al misterio del "otro", pues Dios quiere una relación personal y comunitaria.

Personal porque el movimiento no puede anular al individuo y convertirlo en víctima de la eficacia. El movimiento no puede ser una máquina trituradora de personas que están a su servicio y que las convierte en papilla o en "desechables", sino todo lo contrario.

De ahí la alegría que se siente no en que se haya descubierto al movimiento, sino en que en el movimiento, el militante se descubre a sí mismo y en relación. No es un club de corazones solitarios.

La otra relación que quiere Dios, es la relación comunitaria. El movimiento obrero juvenil tiene un reto por delante que es la evangelización en los más puros términos teológicos. Por eso, casi todos los testimonios hablan del "envío". "Alguien me habló", "alguien me dijo", "alguien me invitó".

San Pablo en su cartas nos dice "cómo creerán si no oyen; cómo oirán si nadie les predica; cómo les predicarán si nadie es enviado.."

Tres patas para un banco

Este trípode es el sustento que aparece en casi todos los testimonios: el nombre, el envío, el ecumenismo.

Si uno no se siente enviado, no por ser mejor que los demás, no como contrato o un honor, sino como una "urgencia" que brota de dentro, de comunicar a otros la propia vivencia, se convierte en un ensimismamiento infructuoso. Claro que en el mundo de los medios de comunicación masivos, el mundo de la TV que encadena y esclaviza, la relación es individualmente colectiva y ajena. Por eso, frente al esclavo encadenado al aparato, le han dado la ilusión de la libertad, el mando a distancia o control remoto, para que pueda cambiar de canal, no para que pueda cambiar lo que dicen en el canal.

Nosotros hablamos de otra relación, que es de persona a persona, recuperando la sorpresa de la aceptación y la libertad de la respuesta.

Hasta entonces la fe era una institución (soy católico, es decir pertenezco a la Iglesia católica), unos ritos, una cuasi-obligación. Luego del descubrimiento, se convierte en un desafío: la vida es la fe y la fe es la vida. La vida y la fe se van fundiendo en un encuentro siempre nuevo con el "Dios desconocido"; entra la obsesión por ir conociendo, viviendo a ese Dios que se revela permanentemente siempre más cercano y siempre más lejano. Se descubre "la música callada de la soledad sonora" y se percibe la fe como una "luz oscura", algo así como las lentes infrarrojas que detectan en la oscuridad y ve lo que a simple vista no se ve. Es Dios que se va metiendo dentro, hasta llegar al "fondo del abismo sin fondo" de nuestra propia vida. Se va descubriendo la fe al estilo de Jeremías: amada y rechazada.

Es desde esta experiencia que se puede pensar en un ecumenismo serio. Dios está más allá y más acá de los dogmas y las doctrinas que intentan, con la debilidad humana, explicar lo que El es, sabiendo que es más. La tragedia es que hemos hecho del dogma una barrera infranqueable, un "nec plus ultra", para que nadie pase en su búsqueda. Un PROHIBIDO, campo minado solo para expertos.

Tal vez sea por esto que los santos han estado tan cerca de ser herejes, y los guardianes de la doctrina, nunca llegarán a santos. El

dogma creado para dar seguridad a la comunidad ("confirma a tus hermanos"), se ha convertido, o mejor, la convirtieron en espada de Damocles que pende sobre aquéllos que se aventuran más allá.

EL MACROECUMENISMO: es el Pueblo de Dios que son muchos pueblos. Todas aquellas comunidades y Pueblos que asumimos ese sueño (el sueño de Dios), proyecto de Dios, somos Pueblo de Dios. Ninguna religión, ninguna iglesia, puede arrogarse la exclusividad de ser ese pueblo. Se excluyen, eso sí, del pueblo de Dios todos aquellos y aquellas que se niegan a asumir ese sueño de Dios y de su pueblo, sirviendo a los dioses del capital, del imperialismo, de la corrupción y de la violencia institucionalizada. Por ese culto idolátrico, en nuestra América y en todo el Tercer Mundo, cada vez son más los pobres y cada vez son más los empobrecidos.

Nadie, pues, puede arrogarse la exclusividad, aunque en la práctica lo hagamos todos y encerramos al Pueblo de Dios en unas cercas tan estrechas que sólo caben los de nuestro grupo.

Por eso, la necesidad de sentir el envío, la fuerza que nos impulsa a salir de nosotros mismos, de nuestro grupo, al encuentro siempre nuevo del OTRO, que nunca es como nosotros nos lo imaginamos. Ya lo decía el filósofo griego: "no son las cosas o las personas las que nos hacen daño, sino la idea que nosotros nos hacemos de ellas". EL OTRO siempre sorprende; no se trata de una "pesca selectiva".

El hecho de sentirse enviados, urgidos de comunicar " lo que hemos sentido y experimentado", nos lleva a la confrontación de nuestra vida con la vida del otro.

Los árboles mueren de pie

Podía seguir mirando al árbol y encontrar más cosas, pero otro riesgo es convertirlo en árbol de navidad, que ha venido a ser uno de los árboles menos apreciados. Le colgaron tantas cosas que lo taparon y le dieron más valor a lo que colgaba que al árbol mismo. Incluso, le cortaron, la arrancaron (lo mataron) para que soporte todas nuestras impertinencias.

Quiero el árbol del testimonio de la JOC. En la lucha de las discusiones sobre la pobreza en el siglo XIII, San Francisco de Asís decía a su frailes: Evangelio, sin comentario, sin comentario, sin comentario" Y es que los comentaristas de textos bíblicos creaban tal follaje que ocultaban lo verdadero. Ponían tantos matices, tantas explicaciones legales, que las vitaminas del Evangelio se perdían. Por ello, el santo quería el texto sin comentarios, sino vivido. Ser pobre y no discutir hasta dónde llega la pobreza. No son las cosas la medida. San Juan de la Cruz decía que era igual estar atado con una soga o con un hilo; mientras no se rompa, estás atado. Ciertamente que es más fácil romper el hilo, pero... hay que romperlo.

** Anastasio Gallego, que nació en España, participa desde hace 28 años al movimiento ecuménico en el Ecuador. Es uno de los colaboradores muy activos del Consejo latinoamericano de Iglesias (CLAI).*

LO QUE CUENTA, ES LA VIDA

BENEDITO FERRARO, BRASIL*

"El sábado ha sido hecho para el hombre, y no el hombre para el sábado." (Marcos 2,27)

Los testimonios de los jóvenes revelan un tema fundamental : "ellos hablan de la vida!" nos demuestran que lo más importante al final de cuentas, es la vida!. Esta es seguramente la mejor expresión que se desprende de esos testimonios de personas que llegan de diferentes continentes y países del mundo : Hong Kong, Canadá, Alemania, Ghana, Australia, Sudáfrica, Argentina, Japón, Egipto, Gabón, Suiza, Colombia, Brasil, Perú. Entre ellos existe una identidad clara : la comprensión del mundo a partir del trabajo!

Podemos analizar estos testimonios a partir de cinco ejes centrales :

El vínculo entre Fe y Vida

Encontramos a la base de todo, la comprensión de la vida como valor fundamental. Todo gira alrededor de su defensa, particularmente cuando está amenazada por la explotación, por la exclusión. Normalmente, el compromiso de los militantes tiene como punto de partida la experiencia de personas que sufren. De personas que experimentan el sufrimiento en carne propia o de aquellas que se vuelven solidarias de los sufrimientos del prójimo. Es esta solidaridad la que sustenta estos testimonios. Es la "Compasión" que está presente en la experiencia de Jesús mismo y que es descrita en los Evangelios: "Su corazón se llenó de piedad por la muchedumbre que veía, porque esas gentes estaban cansadas y desanimadas, como un rebaño que no tiene pastor." Esta piedad o compasión viene del verbo splagohnizomai y quiere decir "sentir dolor en las entrañas", ser solidario en el sufrimiento, estar abierto a la acogida. De hecho se trata de una acción divina. En todos estos textos, la acción está ligada a Jesús o a Dios. En Lucas 10,33 ella aparece aplicada al Buen Samaritano: defendiendo al excluido, al oprimido, él cumple una acción divina!

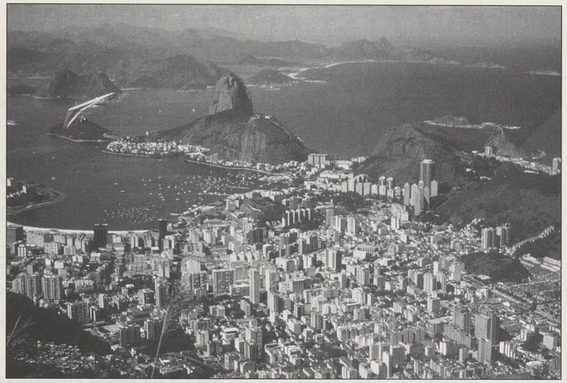
Yo creo que los testimonios de los militantes de la JOC nos ayudan a comprender la importancia de la solidaridad que une por medio de la acción, la Fe y la Vida! Los militantes afirman que ellos viven su fe

compartiendo sus vidas con sus compañeros y compañeras de trabajo. En este hecho de compartir no hay compromiso a medias. Es la Vida la que grita más fuerte. Las instituciones como la Iglesia, los partidos políticos, los sindicatos, pueden ofrecer un apoyo; pero lo que cuenta finalmente es el potencial de las relaciones personales. Lo que cuenta es la apertura hacia todos los trabajadores. Lo que cuenta es el saber escuchar. Y, a partir de la capacidad de escuchar, caminar hacia la acción. Parece que nos encontramos frente a lo que se dice en el Exodo 3,7 : "He visto la humillación de mi pueblo en Egipto, y he escuchado sus gritos, al maltratarlos sus mayordomos. Yo conozco sus sufrimientos. He bajado para liberar a mi pueblo de la opresión..." Es la escucha solidaria que hace que los jóvenes comprendan esta situación de explotación presente en todo el país. Esto hace también que los militantes trabajadores del mundo rico comprendan la explotación de los trabajadores de los países pobres. Esto les ayuda a comprender que las condiciones de trabajo son prácticamente iguales en todo el mundo y los abre a una nueva solidaridad hacia los niños trabajadores, los más explotados!

En realidad, el lazo fe - Vida reviste toda su importancia cuando pensamos en el trabajo como fuente de producción de vida y - como dice Juan-Pablo II en su Encíclica Laborem Exercens - como una clave esencial para comprender la cuestión social. Cuando, en una sociedad, el trabajo está mal organizado, esto termina por desorganizar toda la vida social. La miseria aumenta. La marginación aumenta. La violencia explota. Los valores se desmoronan y las personas se destruyen. Una economía deteriorada termina por deteriorar la vida de los trabajadores. Esa es la comprensión que sobresale de las afirmación del militante de Ghana, Daniel Kwabla, cuando se refería al lazo fe-Vida-Trabajo : "Si algo no funciona en el trabajo y que yo no me doy cuenta, se trata seguramente de una falta de fe!"

El valor del método "Ver - Juzgar - Actuar".

A partir de los testimonios, salta a la vista como el método utilizado por la JOC es importante. Si a la base del compromiso de los militantes encontramos la experiencia de vida y el compartir solidario del sufrimiento, el método cuanto a él mismo ofrece a los militantes las herramientas necesarios para una nueva comprensión de la vida y del mundo. El hecho de poder analizar la situación y de reflexionar sobre la realidad, abre las perspectivas para "el actuar", tratando de transformar el mundo dentro del cual vivimos. Analizar, tomar conciencia, poder actuar, encontrar medios para aportar cambios, poder



soñar en un mundo más equilibrado, hablarse de la vida : estos son unos de los tantos valores inherentes a este método. La revisión de vida, ligada a la vida comunitaria, nos parece una excelente base para mantener el equilibrio del individuo. Incluso en el Primer Mundo, los militantes demuestran el valor de este método que ofrece un espacio a los jóvenes para que puedan sobrepasar el peligro de "cada uno por si mismo, pensamiento no solidario", fuertemente en moda en nuestro mundo dominado por el Neoliberalismo. Es gracias a este método que los jóvenes trabajadores - incluso del Primer Mundo - llegan a hablarse, a discutir de sus problemas y a poder desmitificar la realidad opresora en la cual ellos y ellas viven. Es a partir de lo concreto, de la vida, de los problemas vividos que el método "ver-juzgar-actuar" colabora al descubrimiento de alternativas, a la planificación de acciones, la búsqueda de un sentido de la vida y a la acción misma.

Un desafío macroecuménico

La vida es la base para el encuentro, macro-ecuménico. Cuando la vida está amenazada, todos están presentes para defenderla. Y ahí, se encuentran con el Dios de la Vida! Sin tratar absolutamente de formar una masa gelatinosa, irrespetuosa de todas las tradiciones, los

testimonios de los militantes de la JOC nos conducen hacia el desafío macro-ecuménico. ¿Cómo los budistas, los musulmanes, los cristianos que no comparten la misma fe pueden ellos trabajar en el seno de un organismo católico? Ciertamente la respuesta no puede venir ni de la institución, ni de la doctrina. No, ella viene de la vida misma, por la vía de la práctica de los valores, de la "convivencia". Como uno de los militantes (José Luis, un inmigrante español en Alemania) se recuerda, había varios extranjeros y paganos en el seno del grupo que seguía a Jesús y sus apóstoles, y¡ todos eran acogidos! Una vez más, podemos decir que ¡lo que cuenta es la vida!

Viviendo valores comunes, la institución misma se depasa. Ella debe abrirse para coger y para fortalecer la vida que late en su seno. La institución se vuelve flexible para acoger esta nueva vida, como el vientre de una madre que se dilata a medida que el niño crece, hasta el momento en el que un nuevo ser viene al mundo! Los testimonios de los militantes señalan una nueva manera de vivir juntos en el plan ecuménico: "Pues el que no está contra nosotros, está con nosotros." (Marcos 9,40) En ese sentido el comentario hecho por uno de los militantes de Hong Kong es significativo : "Yo frecuenté una escuela primaria católica. Teníamos cursos de religión, pero no me impresionaron nada. En nuestro grupo, compartimos a partir de la Fe de los que son creyentes y descubrí una relación con lo que el movimiento vive. Esto me permite orientarme, recapitular y pensar en cosas. Ahora, la vida y la Fe no son dos cosas distintas : ellas son indivisibles como lo son Jesús y el movimiento."

O aún, esta afirmación hecha por Mei Yi, una militante de Hong Kong, refiriéndose a una celebración : "Cuando la JOC organiza una celebración, participamos a causa del contenido. Se habla de la vida y ella está vinculada con lo que vivimos!". Ciertamente el desafío está lanzado!

La visión internacional : uno de los valores de la JOC

Frente a la globalización de la economía, acompañado de una libertad total del capital repartido por la economía de mercado - con el mercado total - los testimonios de los militantes revelan la importancia de la JOC a nivel internacional. Por medio de diferentes encuentros y reuniones, la JOC favorece el intercambio cultural entre los trabajadores y colabora dando a conocer las experiencias de alternativas de lucha contra la explotación y la exclusión, fenómenos que son cada vez más internacionalizados. En este sentido, estos testimonios

demuestran que la JOC funciona como un instrumento de gran valor para contrarrestar el sistema neoliberal al que no le importa quebrantar la solidaridad entre los trabajadores. Este sistema trata de hacerlo por medio de un proceso de deregulación de la economía, de un proceso de privatización, por medio de nuevas tecnologías,..., y atacando al movimiento organizado de los trabajadores : los sindicatos y las asociaciones.

El trabajo de la JOC puede funcionar a contracorriente de esta ola neoliberal, sirviendo de lazo de unión entre los trabajadores del mundo entero. Ella puede fortalecer la resistencia a nivel internacional y ofrecer elementos para la construcción de una posible alternativa.

Retomando el sueño : una nueva espiritualidad

Varios testimonios hablan de la importancia de la espiritualidad que viene del trabajo. Los militantes se enfrentan a muchas exigencias, entre otras, la inseguridad frente al futuro, porque la militancia crea obstáculos para insertarse en su medio de trabajo e incluso para regresar hacia un trabajo en la base. A pesar de este hecho, notamos que la JOC implementa una "mística de esperanza" en sus militantes. Asumiendo incluso las dificultades, el militante suena con un mundo fraterno, donde pueda compartir y que sea más equilibrado.

En otras palabras, abre a los jóvenes trabajadores hacia el futuro. Ella les ayuda a reconstruir el sueño, dentro de un mundo en el que se predica " el fin del mundo"! Ayuda a pensar en lo imposible a fin de poder trabajar a partir de nuevas posibilidades. Ella muestra que siempre existe una brecha, aunque esta sea muy pequeña! Ahí está el germen de la esperanza: "El Reino de Dios es semejante a una semilla de mostaza. Cuando se la siembra es la más pequeña de todas las semillas de la tierra. Pero una vez sembrada crece y se hace más grande que todas las plantas del huerto. Entonces echa ramas tan grandes que los pájaros del cielo pueden refugiarse bajo su sombra". (Marcos 4,31-32)

** Benedito Ferraro nació en el Brasil en 1946. Como doctor en teología ocupó una cátedra de teología en São Paulo. Es capellán de las CEB (Comunidades Eclesiales de base) y párroco en Campiñas en el Estado de São Paulo.*

LOS JÓVENES, LA JOC, LA FE

JEAN-CLAUDE BRAU, BÉLGICA*

INTRODUCCIÓN

La lectura de estos veinte testimonios suscita en mí algunas impresiones contradictorias. En primer lugar se desprende una idea de semejanza. Se corresponden sus experiencias, sus interrogantes, sus problemas, su lenguaje, sus trayectorias. Es un indicio de situaciones comparables: las que viven los jóvenes trabajadores de todos los países, en un mundo unificado bajo la férula del neoliberalismo arrogante. Es también un indicio de la convergencia del trabajo realizado por la JOC en todos los lugares del mundo.

Tras una rápida mirada las diferencias adquieren un mayor relieve. Cada uno vive en un país. Hong Kong no es el Perú. Suiza es tan distinta de Ghana. Los países y los continentes tienen su propia historia, y los individuos también. Akiko cuenta una historia que no se parece a ninguna otra historia. Birgit también, y todos los demás.

¿Son todos parecidos? ¿Son todos diferentes? Son las dos cosas a la vez, de forma inextricable.

Voy a intentar recoger lo que contestan los jóvenes a la pregunta: ¿Qué es la JOC? Dicho de forma más precisa: si nos ponemos a la escucha de estos jóvenes, ¿en qué sentido podemos decir que la JOC es cristiana? A partir de su experiencia, ¿se puede contemplar las relaciones entre la JOC y la Iglesia?

LOS JÓVENES, SU IDENTIDAD, LA IGLESIA CATÓLICA

La carencia de algo es un punto de partida de muchos testimonios: falta de reconocimiento por los demás: la familia, el entorno, la sociedad; falta de confianza en sí mismo, puesto que nadie confía en ellos; falta de existencia como persona humana, como individuo. Resulta imposible afirmar: "soy alguien".

No es de extrañar que aumente el individualismo. Antes que considerarlo una traba a la solidaridad o una de las plagas de la sociedad moderna, es la expresión de múltiples maneras del valor esencial que Cardijn proclamaba: "Un joven trabajador vale más que todo el oro del mundo".

Al ensanchar nuestra mirada podemos reconocer en su experiencia la de muchos trabajadores del mundo entero, tanto jóvenes como menos jóvenes. Estos no son más que una estadística en los debates económicos o políticos de los centros de decisión en el mundo. No tienen voz ni voto. Representan a menudo una carga anónima. Cuestan demasiado dinero. Frenan la necesaria evolución. A través de la JOC, descubren que tienen verdaderamente una existencia.

Iglesia lejana

Muchos de estos jóvenes sólo ven la Iglesia como una institución ajena a su vida. Algunos no la conocieron o la conocieron poco. Son como una voz de alarma: en su mayoría, los habitantes del planeta, tanto ayer como hoy y mañana, no son católicos ni cristianos. Esta invitación a ser más modestos nos viene de los países de Asia. Los cristianos no son el centro del mundo, son uno de sus componentes, al lado de otros.

Los testimonios de quienes viven en los países de tradición cristiana suelen tener un carácter triste. Como jóvenes trabajadores, no fueron reconocidos por las comunidades cristianas. Tuvieron en la Iglesia la misma experiencia que en la sociedad, por ejemplo en el trabajo. No cuentan. No tienen rostro. Su testimonio es el de la verdadera evangelización, tal y como la viven quienes la reciben. "La Iglesia les enseñó la Biblia de memoria, pero no les explicó lo que debían hacer con ella.... Creo que soy más cristiano que muchos practicantes... Dicen cosas que hacen incomprensible la Biblia... Nada más terminada la misa me iba porque pensaba que muchas personas tenían un nivel de educación muy elevado... La Iglesia era como algo aparte, algo ajeno al mundo en el que me encontraba." Estas experiencias dejan huellas.

Los testimonios recibidos, expresión de jóvenes de países de mayoría o minoría cristiana, son el reflejo de la mayoría de los seres humanos del planeta. No conocen la Iglesia o sólo tienen de ella una imagen negativa. ¿Qué podrían esperar de ella?

En busca de una identidad

Gracias a su recorrido, estos jóvenes encuentran las palabras que expresan su búsqueda de identidad. Miden las injusticias que les aquejan: productivismo, obediencia condicionada, fatalismo, culpabilización. Tienen la posibilidad de expresar lo que se toman a pecho en su vida: libertad, amistad, autonomía... son palabras que todos mencionan.

Sin embargo, no es posible ninguna identidad individual sin una referencia colectiva. Descubren y afirman su pertenencia a la "clase obrera". En muchos ambientes, estas palabras ya no se estilan. Siempre causaron temor en las esferas de la Iglesia. Cuando no tienen la credibilidad necesaria, en las periferias urbanas, en los partidos o los movimientos, dan paso al nacionalismo o al integrismo religioso.

Las entrevistas tienen una convergencia: es a través de su identidad principal, personal y de clase donde los jóvenes trabajadores encuentran un camino de vida humana.

Oyeron hablar de la fe cristiana

Los entrevistados son miembros de la JOC desde hace ya mucho tiempo. Tuvieron la oportunidad de experimentar el proceso del movimiento, de encontrar a otros jóvenes y sacerdotes que les hablan de Jesús de una forma diferente, del Dios al que llamó "Padre", de la comunidad de los creyentes. Estas afirmaciones sólo tienen sentido porque designan con palabras su experiencia cotidiana. Sin esta coherencia, lo que se proclama no sería más que pura retórica.

Quienes tienen la ocasión de tener esta experiencia son una pequeña minoría. No son o no se sienten plenamente partícipes de la Iglesia. No obstante, tienen la oportunidad de conocer una forma de vivir y proponer la fe cristiana que corresponde a su vida, a sus interrogantes. Es algo que tiene credibilidad.

El encuentro personal, camino de humanización

El centro del proceso personal de muchos jóvenes en la JOC es el descubrimiento de si mismos, al lado de la mayoría de experiencias vividas en la sociedad, en el trabajo o en otros ambientes, en la familia y también en la Iglesia. En su camino encuentran a otros jóvenes que viven situaciones semejantes, que están preocupados por los mismos temas. Se convierten en alguien para los demás, se hacen más humanos. Entre ellos algunos son cristianos y otros no lo son.

Se les preguntó sobre su evolución en la fe cristiana. No la descubren en los grandes e impresionantes actos multitudinarios.

Encuentran la fe cristiana en una experiencia fuerte, inmediata, en contactos personales. Un rostro les habla. Con frecuencia el descubrimiento de la Biblia es determinante. Un hecho que no es sorprendente en los países con fuertes mayorías no cristianas.

Observamos sin más remedio que en los países cristianos la evangelización que allí se practica parece ser un fracaso total.

Tomemos en serio estos testimonios. Estos son portadores implícitamente de una despiadada crítica de la sociedad en la que vivimos, de Norte a Sur, de Este a Oeste: una sociedad inhumana, anónima, que genera la exclusión de la mayoría de sus miembros y les despoja del reconocimiento mínimo que las personas necesitan para vivir. Raras veces la Iglesia se libra de esto.

Complicidad entre el método de la JOC y la fe cristiana

En todo el mundo, los grupos de la JOC siguen partiendo de las realidades vividas por los jóvenes. La narración de la vida en toda su diversidad es un punto de partida inagotable. No es un pretexto para transmitir algo distinto, unas convicciones, un análisis, una ideología, sino la vida por la vida, la de las personas, grupos, clase obrera.

No es una casualidad que este tipo de pedagogía haya nacido y se haya desarrollado en un entorno cristiano, a iniciativas de un sacerdote, José Cardijn. Es sorpresa permanente. Se respeta la vida en su diversidad. Los demás no pueden quedar limitados a proyectos o programas.

Los testimonios cuentan historias positivas: descubrimiento de si mismo, de sus capacidades de acción, de la estima a los demás. El lector puede adivinar implícitamente los sufrimientos vividos por personas ignoradas, las trayectorias personales quebradas, una franja de edad víctima de las crisis del sistema económico y político, trabajadores sujetos a producciones reventantes e inhumanas.

Sin embargo, estos jóvenes no sólo son víctimas. No sufren simple y meramente su realidad. Sus gritos son también gritos de rechazo, de revuelta contra una situación injusta. No se quedan mudos.

Ni pasivos. Lo que dicen abre posibilidades. Abre una brecha en la morosidad capitalista. Apuestan por el futuro. Son jóvenes. El pueblo hebreo protestó contra la esclavitud impuesta por Egipto. Job se rebeló contra la desdicha que le aquejaba y contra los maestros de teología de la época que le culpabilizaban. Los jóvenes trabajadores siguen clamando un rechazo que es portador de esperanza.

Del clamor a la acción

El rechazo del fatalismo y la lucidez adquirida hacen posible un impresionante compromiso por la justicia a todos los niveles. A nivel local en las relaciones de proximidad, a nivel regional y nacional, a nivel internacional en las grandes corrientes de solidaridad en las que se integran. Esta acción es una escuela de vida formidable.

Un compromiso como éste es alimentado por las responsabilidades que cada joven quiere asumir dentro de la JOC. En ella el joven encuentra un sentido a su dignidad y saca la motivación, fuerza y experiencia necesarias para obrar por un cambio de sociedad.

Todos no tienen la misma historia dentro del movimiento y sin embargo todos están reconocidos con todo su valor. Todos no tienen las mismas convicciones. Varios testimonios hablan de tolerancia.

No se trata de un alto el fuego en el que cada uno aguanta al otro para ser tolerado a su vez. Es una vida común, dinámica, con la riqueza de las diferencias, basada en el respeto mutuo y los debates sin concesiones. Permite actuar juntos, en la aceptación de la diversidad. Es así como la JOC es una gran escuela de espiritualidad. Es portadora de una potente inspiración de lucha y de transformación personal y social.

No es de extrañar que varios de los entrevistados se alegren de haber descubierto por fin una relación entre la vida y la fe en el movimiento. La vida sin apertura a la espiritualidad carece de inspiración. La espiritualidad que no esté ligada a la vida es inconsistente.

UN CAMINO ABIERTO

Una realidad mosaica

No se puede comprender la JOC sin tener en cuenta el lugar que ocupa. Se sitúa en los confines de la sociedad: reúne a jóvenes que tienen acceso a un trabajo y también a otros muchos que no tienen empleo o el que tienen es precario. La JOC se halla también en los confines de la Iglesia: sus miembros son cristianos o no, se adhieren o no a una religión, creen en la vida o se sienten hastiados de todo. Además muchos rehusan ser catalogados en una categoría simple. Sienten afinidades con "creencias", con varias corrientes de pensamiento.

Entonces, estos jóvenes, ¿no son de Iglesia? Algunos sí, otros no. Sus trayectorias son variadas y fluctuantes. Aun cuando a veces se observa una aspiración a la seguridad institucional, muchos se integran en un ambiente antiinstitucional que influye en muchos jóvenes - y adultos - hoy en día. La Iglesia no se libra de ello. Raras veces, los jóvenes se adhieren explícitamente a otra pertenencia, por ejemplo a una corriente humanista o al Islam. Otros no sienten ninguna pertenencia significativa a la Iglesia, pero no quieren que nadie se adueñe de ello, para reforzar este nexo o declararlos fuera de la Iglesia.

Jóvenes de todos los países, culturas, razas, tradiciones, de muchas religiones o convicciones diferentes, todos forman juntos un lugar extraordinario donde hay abiertos espacios de encuentro. Hay lugar para que sople un viento nuevo. Los confines, las fronteras, son lugares de innovación.

La originalidad de la JOC, una oportunidad para la Iglesia

Debemos evitar las falsas reinterpretaciones del pasado. El nacimiento de la JOC no fue acogido con entusiasmo en todas las esferas de la Iglesia. Se pudo imponer gracias a la calidad del trabajo de tantos jóvenes y a la personalidad de su fundador. Después de un tiempo, pudieron obtener el reconocimiento de la jerarquía de la Iglesia.

Debido al trabajo que hace, al lugar donde se encuentra, a los jóvenes que organiza, la JOC tiene preocupaciones, utiliza un lenguaje que no es una mera reproducción de las posturas oficiales de la Iglesia. Es más: una JOC que utilizaría siempre el mismo lenguaje y las mismas posturas que la Iglesia no serviría de nada. Su práctica la lleva a tomar posiciones y expresar una palabra que poseen su originalidad - y por tanto sus diferencias - respecto de las posiciones oficiales. ¿No se trata acaso del papel de los jóvenes en todas las instituciones?

Una identidad abierta por construir

Uno siempre podría pensar que aquellos que hacen preguntas molestas están pasados de moda. El pasado grandioso de la JOC no le impide estar al día. La JOC es una forma indispensable de recordar los problemas estructurales más graves de nuestra época.

Al permitir que los jóvenes se organicen, es una interpelación para los cristianos. No se trata de abordar la cuestión de la exclusión sin los excluidos, de una forma humanitaria, como si fuera una ayuda otorgada por los pudientes, por los responsables del mundo o de los países ricos. La "caridad cristiana" debe resistir esta tentación. Los jóvenes son socios que asumen por sí mismos su situación y buscan en el conjunto de la sociedad, inclusive en la Iglesia, a quienes desean llevar la misma lucha.

Está de moda el repliegue sobre sí mismo, sobre su comunidad, sus especificidades. El refugiarse en una identidad nacional es una tentación muy actual. Una organización internacional permite reconocer, al margen de las diferencias, las afinidades existentes entre jóvenes de todos los países. Ofrece la posibilidad de identificarse con una causa, un proyecto. Evita asimismo el repliegue sobre una identidad religiosa recortada, por su preocupación por todos los jóvenes trabajadores del mundo y organizándolos entre ellos.

Libertad y autonomía

La JOC permite a sus miembros una verdadera experiencia democrática. No se trata de idealizar su funcionamiento pero ofrece un espacio donde sus miembros hacen una búsqueda, experimentan las distintas maneras de debatir democráticamente y compartir el poder. Una experiencia de este tipo es valiosa para la formación de ciudadanos responsables y cristianos adultos.

Este espacio de libertad permite también plantear libremente y sin tabúes la cuestión del sentido de la vida. Es así como es posible debatir convicciones, la fe de cada uno, en el respeto y la riqueza de las diferencias. ¿Acaso estos debates no son una forma de evangelización para quienes están apasionados por la fe en Jesucristo? Esta claro que un enfoque como éste, que respeta a cada persona y sus convicciones, exige una verdadera autonomía de las personas y del movimiento.

¿Es cristiana la JOC?

Con relación al pasado, la respuesta no da cabida para la duda. Sus orígenes, su fundador, el entorno donde nació, todo enmarca a la JOC dentro de una tradición cristiana. Además, nunca dejó de proclamar esta relación y reivindicarla frente a quienes la ponían en duda. La JOC no ha roto con dicho pasado en ningún momento de su historia. Muestra dicha referencia con orgullo y la reivindica.

Hoy en día, la JOC es consciente de que sigue el mismo camino, con la misma fidelidad. La elección de una ética solidaria se sitúa en el centro de la acción de la JOC. El movimiento lucha contra las actitudes incompatibles con el mensaje evangélico: la lógica del lucro, la negación de lo humano y de la dignidad de cada uno. Afortunadamente, los cristianos no somos propietarios de estas opciones. Tienen numerosos aliados para apoyarles, en la JOC y fuera de ella.

La JOC es consciente también de que no posee la verdad. La verdad queda siempre por descubrir y construir. No se limita a lo descubierto por una corriente o una persona determinada. Nuestra humildad ante la verdad nos ayuda a resistir todos los totalitarismos que quieren imponer su verdad, cada uno a su manera. La fe cristiana nos llama a una gran humildad.

En esta búsqueda de la verdad se plantea la cuestión del sentido de la vida. Nadie se libra de ello. Cuando tuvo que dar cuenta de sus actos, Jesús evocaba a Dios su Padre. Los cristianos se plantean la cuestión de Dios como lo hizo Jesús: un Dios que se descubre más claramente con quienes están al margen de la sociedad. Un Dios que respeta la autonomía humana. Esta búsqueda de Dios no tiene credibilidad, no puede ser "evangelizadora" si no se hace en el mayor respeto posible de las demás convicciones.

Por tanto podemos afirmar sin ambigüedad que la JOC es plenamente un movimiento cristiano.

Apertura a los no cristianos

Al situarse allí donde se desarrolla, en los confines de la sociedad, la JOC debe acoger a los jóvenes trabajadores, cualesquiera que sean. Si alcanza a no cristianos, no es por laxismo o por oportunismo, sino porque su razón de ser es ponerse al servicio de todos los jóvenes trabajadores, para formarles y organizarles. José Cardijn lo reiteró en una infinidad de ocasiones.

El respeto de cada joven impone un respeto de sus convicciones, de sus referencias. La JOC permite a cada cual tener confianza en sí mismo, abrir los ojos ante la realidad y analizarla, organizarse con otros para un cambio. Es una opción de vida muy clara. Una opción alternativa en la sociedad capitalista. Cada cual se ve estimulado a reflexionar sobre sus referencias y profundizarlas. Dicho respeto se origina y alimenta en la fe cristiana, que es propuesta con fuerza y suavidad. Los testimonios son prueba de que esta propuesta tiene credibilidad.

La JOC propone una formación seria y da a sus miembros la ocasión de asumir responsabilidades. Sería inaceptable reconocer como miembros de la JOC a jóvenes que luego serían apartado de determinadas responsabilidades, por ejemplo porque no se adhieren a la fe cristiana.

La relación entre la JOC y la Iglesia: un permanente reinvento

Este diálogo sólo es posible en el respeto mutuo. Exige que cada uno reconozca la verdad de la que es portadora el otro socio. Nadie posee toda la verdad. El intercambio permite progresar. No transcurre sin diferencias o sin tensiones. Es el precio de la vida.

El diálogo con la JOC permite a la Iglesia ser ella misma: católica, la que está abierta a todos los seres humanos. Si decidiera excluir a parte de la humanidad, tal vez renunciaría a ser lo que debe ser. Pero si renunciara a un grupo que está en primera línea en el mundo para recibir las bofetadas y para luchar por la justicia, tal vez daría la espalda a un interrogante que subyace en toda la Biblia: ¿Qué hiciste con tu hermano herido?

La JOC no es toda la Iglesia: ni tiene la ambición ni los medios de serlo. Se da cuenta de lo que puede hacer un movimiento de jóvenes, con sus límites y sus grandezas. No es más que eso y es todo eso. En este sentido, la JOC es portadora de futuro.

En nombre de la solidaridad que aplica, la JOC insiste en tener un diálogo que desafíe a los otros cristianos: ¿Qué hacen con el Evangelio? La pregunta produce perplejidad cuando vemos que algunos cristianos no respetan los derechos más elementales de la persona, apoyan a dictaduras, imponen condiciones de vida inhumanas a los trabajadores, agravan las injusticias hasta hacer imposibles las condiciones de vida de los jóvenes trabajadoras y de otras muchas personas. En sí su silencio ya nos parece una grave complicidad. Frente a estos contratestimonios, la JOC es, para muchos jóvenes, la única forma de Iglesia accesible.

La evangelización es una preocupación central en la Iglesia actual. Es muy normal. Pero no siempre fue fácil entenderse en este aspecto. Es sorprendente leer en varios testimonios que la fe cristiana sólo adquiere un sentido verdadero para estos jóvenes cuando han conocido la JOC. El movimiento estimula la escucha recíproca. Abre un espacio de diálogo. Desarrolla continuamente una profunda reflexión sobre las realidades de la vida. Impulsa un deseo de justicia y verdad. Impulsa a concretar en la acción las convicciones de cada persona.

No es tanto en su discurso como en las formas de ser y en la acción que se expresa y comunica lo que da sentido a la existencia. ¿Acaso esto no es presencia evangelizadora?

El que los cristianos reconocen como Hijo de Dios acabó siendo cómplice de los excluidos. Afirmaba que ellos eran los elegidos del Reino de Dios, su Padre. Por esa razón precisamente, los amos del mundo le asesinaron.

Quienes le conocieron y amaron nos dicen que ha resucitado. Su palabra sigue siendo un aliento de esperanza que compartimos, primeramente con los más débiles. Este aliento y esta esperanza pueden con todo.

** Jean-Claude Brau nació en 1944. Fue Asesor Nacional de la JOC Valona, Bélgica. Es actualmente asesor de la JOC Europea y al mismo tiempo coordinador del CEFOC (Centro de Formación Cardijn) en Namur, Bélgica.*

UNA NECESARIA FRATERNIDAD

EMMANUEL NTAKARUTIMANA, ROMA*

Más allá del lenguaje habitual de la fe, ya codificado en fórmulas, a riesgo incluso de crearse un lenguaje estereotipado con un vocabulario técnico para iniciados, nos encontramos ante una espontaneidad de la expresión que narra la vida tal y como es. Algunos testimonios parten de experiencias vividas en un entorno laboral que la Iglesia, tal y como está organizada oficialmente, no entiende en absoluto. Otros testimonios parten más bien de frustraciones personales que indican un deseo de evolucionar hacia un desarrollo de la personalidad. En muchos casos, el punto de partida no es ante todo una expresión de tipo espiritual. De entrada, parecen estar presentes una identidad de clase, una toma de conciencia efectiva de las injusticias en las empresas o las entidades sociopolíticas, una necesidad de ser tratados como personas y no como instrumentos de una institución, una necesidad de quebrar la soledad para construir espacios de encuentro donde puedan vivir como amigos - compañeros - en comunidades solidarias, un deseo de circunscribir mejor los problemas y organizarse mejor para enfrentarlos, una necesidad de descubrir el potencial que tenemos, la capacidad creadora, para recobrar confianza en sí mismos, un deseo de formación permanente a la vida.

Determinados testimonios cuestionan fuertemente el funcionamiento de la Iglesia oficial por su falta de sensibilidad ante las ya mencionadas preocupaciones. Según estos testimonios, la Iglesia debería desarrollar entre sus miembros el sentido crítico, el sentido de las iniciativas históricas, una solidaridad concreta, una fe concreta. El discurso de la Iglesia debería permitir que la Biblia fuera algo más comprensible. Se divisa un deseo de pasar de un cristianismo cultural hacia una fe efectiva.

Aunque algunos desean ver en la J.O.C. una "Iglesia nueva", "una nueva manera de servir a Dios", la impresión general es que la JOC

no es en primer lugar una referencia religiosa sino una experiencia de amistad y un deseo de compartir las cosas de la vida. En un contexto como éste, el "sentido ecuménico" que se percibe no es el fruto de una armonización de opciones espirituales o teológicas sino la puesta en común de un destino humano común. Se tiene la impresión de que se expresa un sentido ecuménico basado en las necesidades humanas más básicas. Es así como cristianos y no cristianos se dan la mano para un compartir de vida y no para un movimiento de Iglesia. En un contexto como éste, es normal que la atribución de responsabilidades dentro de la JOC no se base en un criterio de rigor ortodoxo y una rectitud moral como los ha magnificado el magisterio católico sino en un sentido del liderazgo que da respuesta a los anhelos de sus afiliados.

De paso se evocan aprendizajes bíblicos y la importancia discreta del asesor. En algunos testimonios hasta se afirma el nexo descubierto con la actitud de Cristo, un Jesús vivo, una experiencia interior de Dios, una espiritualidad muy marcada por los pobres.

De todos los testimonios se desprende una impresión de acierto pedagógico. A través de las experiencias concretas de la vida, se divisa una formación por grupos de edad, con la creación de un liderazgo y una creatividad organizadora. Parece importante el papel del "que tiene más experiencia e inicia a los más jóvenes, no sólo en materia de conocimientos y técnicas sino también para la vida y la sabiduría de la vida.

Cuestionar la experiencia actual de la sociedad

Hoy, en casi todos los países del mundo, todo sucede como si una opción radical contra las necesidades y valores éticos fuera la principal opción de la sociedad. Estamos confrontados con una estructura de pecado a gran escala que produce una sociedad en la que las demás estructuras se convierten en estructura de pecado que genera la muerte con su propio funcionamiento. Observamos un enorme conflicto de intereses que lleva a edificar un orden político, económico, social y cultural sin base moral ni fermento espiritual, llevando así a un juego de equilibrio de fuerzas de muchísima crueldad. Todo ello sucede ante la fría mirada de las distintas potencias que velan con mucha atención por sus intereses, en particular en el contexto mundial actual en el que el liberalismo se ha convertido en el partido único.

Frente a la tentación de ocultar su propia responsabilidad invocando realidades que superan nuestra comprensión y capacidad de resol-

verlas, iniciativas como las de la JOC intentan recordar la necesidad de cambiar las estructuras de muerte por estructuras de amor en un espíritu de solidaridad, compartir y justicia. Se trata de inventar lo social más allá de la violencia. Se trata de volver a una sociedad que reconoce el valor de la persona humana, de todas las personas. ¿Cómo salir de la ruina de las ambiciones del hombre sin Dios demostradas por el lamentable espectáculo de la torre de Babel?

Cuestionar la experiencia actual de la Iglesia

Como en todos los demás períodos de cambios históricos, las Iglesias se ven desafiadas hoy en día en sus discursos religiosos tradicionales por temas como la evangelización, la inculturación, el desarrollo, la liberación. Las Iglesias se encuentran ante nuevas responsabilidades que no habían sido preparadas desde el discurso religioso tradicional y el modo de organización eclesial tradicional. Los nuevos tiempos requieren nuevas estructuras. Va a ser difícil que la Iglesia católica dé respuesta a la situación si se empeña en perpetuar sus tradiciones. Serán nuevas fraternidades apostólicas las que van a ayudar a encontrar al Mesías, lo cual da paso a todas las posibilidades de transformación hacia el Mundo Nuevo. Ahora bien, cada período de mutación histórica da lugar al nacimiento de nuevos estratos socioprofesionales que se salen del control de las estructuras eclesiales existentes.

Se trataría de que la Iglesia vea cómo acompañar las distintas mutaciones, que éstas afecten las protestas de tipo sociopolítico o las difíciles relaciones con el Islam, el diálogo necesario con las otras religiones del mundo, la creciente agresión de las sectas, etc. La Iglesia no podría conformarse con una religión fijada en la ortodoxia de la doctrina y la rectitud moral, aunque ello se haga sin fraternidad controlable. La propuesta de una reflexión sobre el sentido de la vida humana debe tener en cuenta las condicionalidades concretas de la existencia humana.

Algunos interrogantes a la JOC

El Evangelio nos lleva ineludiblemente a una paradoja cristiana. Los cristianos son llamados a transformar el mundo para construir el Reino de Dios. Una fraternidad construida de esa manera se diferencia claramente de los hechos inmediatos que determinan las relaciones sociales y el trabajo, sobre todo en estos tiempos de crisis. La presencia de la fraternidad cristiana debe provocar una gran ruptura entre la gloria donde se desarrollan los encantos populares y el

mesianismo de la cruz a través de los cuales Dios presenta el Reino mediante la figura de un justo humillado y sacrificado a los intereses del poder político y religioso de turno. Es en este aspecto donde tendrá un profundo papel la diferencia entre un movimiento fundamentalmente cristiano y un sindicato meramente profesional. ¿Puede afirmar la JOC que no tiene de entrada esta referencia religiosa y seguir siendo un movimiento cristiano? Al igual que en el movimiento scout, una apertura a cualquier sensibilidad religiosa tal vez llevaría a suprimir la "C" de JOC para seguir siendo una juventud obrera con una vocación muy humanitaria.

¿Qué relaciones contemplar con la Iglesia? A partir del Evangelio, se pueden acometer desafíos, incluso frente a la Iglesia, como Jesús lo hizo con el judaísmo. Ello además no excluye la presencia de conflictos dentro de la Iglesia, siempre que la marca profética de la Iglesia no funcione de la misma manera que la marca sacerdotal o real, aunque cada una de ellas es indispensable para la Iglesia. ¿Cómo actuar de modo que la JOC sea el sacramento del "Ser Iglesia en el mundo del trabajo" sin institucionalizar un carisma profético para aniquilarlo?

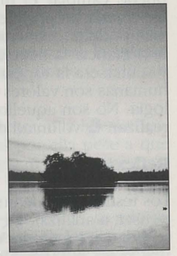
Con independencia de las condiciones y la organización del trabajo, trataríase tal vez de hallar el propio sentido del trabajo humano como fundamento de una existencia humana con vocación creadora.

Al plantear a la sociedad y la Iglesia interrogaciones sobre el sentido del trabajo humano, la JOC parece desempeñar un papel fundamentalmente profético en la locura productora y consumidora del mundo actual, con todas las perversiones e injusticias que acompañan las opciones de las civilizaciones mundiales actuales. Dada la evolución hacia una civilización universal de la informática que apuesta por una capitalización creciente del saber, del saber sobre el saber, por un funcionamiento en redes, por las hipervelocidades, etc. la persona humana se convierte con facilidad en un eslabón hiperespecializado de una red, sabiendo que los parados estarán condenados a dudar de su propia humanidad. Las sociedades que no logran entrar en estos circuitos están condenadas al olvido del resto de la humanidad, en medio de una miseria y conflictos inextricables. ¿Cuál es el sentido del trabajo en la sociedad actual?

** Fray Emmanuel, natural de Burundi, es profesor de teología. Es también, desde 1992, asesor del Maestro de los Dominicos para el continente africano.*

CAMBIAR EL MUNDO

ALBERT NOLAN, SUDÁFRICA*



Al analizar estos testimonios, lo primero que me sorprende es cómo estos jóvenes descubren los valores, valores humanos, morales, evangélicos, a través de su experiencia en la JOC. Aprendieron a rechazar los valores de la sociedad y se trata de un logro notable.

Sin embargo, es aún más notable el hecho de que se hayan naturalmente adueñado de estos valores. No son valores impuestos sobre ellos desde el exterior y que tengan que aceptar a regañadientes. Son en adelante *sus* valores.

Desde un punto de vista teológico observamos claramente la obra de gracia de Dios en estas actitudes.

¿De qué valores hablan?

Desinterés

Los jóvenes han aprendido a interesarse en los demás, a respetar y tolerar al prójimo e incluso a sacrificar su persona y su tiempo por los demás. En términos teológicos, esto es virtud de amor.

Comunidad

La JOC ha permitido a estos jóvenes superar el individualismo y el aislamiento. Encontraron a amigos en quienes confiar, un sentido de la solidaridad, apoyo, pertenencia, coraje y fuerzas (para utilizar sus propias palabras). Dicho de otra forma, descubrieron algo de la *Koinonia* (Comunión) en la que creemos como cristianos aunque a menudo no la practiquemos.

Autoconfianza

Todos hablan de ese descubrimiento de su propio valor, dignidad, capacidad de actuación, potencial. "Puedo hacer algo". Se trata de un logro notable que atestigua nuestra creencia de que todos los seres humanos estamos hechos a imagen y semejanza de Dios.

Esperanza

Uno de los mayores descubrimientos para estos jóvenes es que se puede cambiar el mundo y se pueden cambiar a sí mismos. Hay esperanza, es posible un mundo nuevo, llegará el Reino y las personas podrán convertirse. En este descubrimiento adquiere mucha importancia la necesidad de actuar. No se trata únicamente de rezar y sentarse a la espera de que Dios actúe. La acción y la planificación humanas son valores muy importantes en la JOC y es una buena teología. No son aquellos que dicen "Señor, Señor..." sino aquellos que realizan la voluntad de Dios (Mat. 7:21).

Reflexión

Los testimonios demuestran que los jóvenes trabajadores aprenden a pensar, a analizar, a evaluar y en general a ser más conscientes de su realidad. El método Ver-Juzgar-Actuar les ha ayudado a no caer en una mera militancia y a ser más reflexivos y críticos. "Juzgad para vosotros", dijo Jesús (Lc 12:57). "Interpretad los signos de los tiempos" (Lc 12:54-56)

LA FE

¿Y la fe en todo esto? En la JOC no parece existir ninguna experiencia de pérdida o incluso debilitamiento de la fe. Por el contrario: los jóvenes hablan de profundizar su fe, de unir fe y vida, de una fe activa en lugar de una fe idealista, emotiva y espiritual.

Un joven trabajador habla sobre su "renacimiento" en la JOC. Otro habla de pasar de un "cristianismo cultural a una fe más profunda". Y la fe está presente en cada uno de los testimonios aun cuando no se utiliza la palabra "fe". Dicen a menudo que ahora la vida tiene sentido y han descubierto una nueva forma de compromiso.

Pero, ¿esto es fe cristiana?
En la mayoría de los testimonios, la fe en Jesucristo es clara y explícita. "Encontré a Jesús en la JOC". "Muchos descubrimos a Jesús en nuestro compromiso". "Nos sentimos más próximos a la Biblia y a Jesús que muchos practicantes."

Jesús es el punto de referencia para estos jóvenes. Están inspirados y animados por El y están convencidos de que deben seguirle. Un joven dice: "El es mi esperanza, mi vida, mi lucha".

No obstante, lo más significante es que Jesucristo se convirtió en una realidad del presente para estos jóvenes trabajadores a través de su experiencia en la JOC.

Desde el punto de vista de la teología, el rasgo más revelador de su experiencia es el gran contraste entre la experiencia muy positiva sobre Jesús y el sentimiento sobradamente negativo sobre la Iglesia, o más precisamente sobre las parroquias, los sacerdotes y las jerarquías.

No pudieron encontrar los valores, la fe o Jesucristo en la iglesia "institucional". Critican la Iglesia. Se ven rechazados por ella pese a que valoran la importancia de la Iglesia y que intentan involucrarse en ella.

Como consecuencia, algunos experimentan la JOC como siendo su iglesia, su *Koinonia*. Y se inspiran y cobran fuerza en las liturgias o celebraciones realizadas en la JOC. Por otra parte, no pueden entender por qué los musulmanes y los budistas no son los bienvenidos. Un testimonio recoge que "Jesús acogió a los forasteros y los paganos".

Se trata en este caso de un problema teológico. Pero no es su problema sino nuestro problema. ¿Tenemos una eclesiología o un modelo de Iglesia en los que pueda cobrar sentido la experiencia de Iglesia de la JOC?

Tal vez es posible en este caso una comparación con el culto oficial del Templo en tiempos de Isaías y Amós. Era correcto desde un punto de vista litúrgico, legal, estructural y doctrinario, pero no era del gusto de Dios (Is. 1:11).

** Albert Nolan nació en Surâfrica en 1934. Una vez acabada su carrera de teología se dedicó a una labor pastoral en el mundo popular. Fue asesor de la JEC (Juventud Estudiante Cristiana). Actualmente trabaja para el Institute for Contextual Theology de Johanesburgo y es también redactor jefe de la revista "Challenge".*

A modo de conclusión

ALZAR LA MIRADA HACIA EL FUTURO

"¿Qué vais a hacer con todos estos testimonios y estas reflexiones de teólogos?", preguntaba una jocista del Quebec que tuvo en sus manos la compilación de documentos que serían la base para la publicación de este libro. Y agregaba: "Sabéis, me emocionó tanto la lectura de estos textos. Es como si de repente me dieran palabras para decir lo que sentía en mí."

La JOC, tal como la vivimos, tal como la vivieron tantos jóvenes trabajadores desde su fundación, se caracteriza por un hecho particular que le permite ocupar un lugar casi único en la Iglesia: parte de la vida, de la vida cotidiana de los jóvenes del mundo popular, la de las grises periferias urbanas de Europa o la de las favelas de América latina, la de las muchedumbres de Asia o la de los guetos del Apartheid... Una vida de mucho peso, de un peso a veces arrollador, que los militantes jocistas tratan de asumir día tras día a la medida de sus capacidades y de la solidaridad que logran construir con sus compañeros/as de trabajo.

Precisamente porque parte de la vida de los jóvenes trabajadores/as, la JOC siempre quiso ser una organización abierta a todos, sin distinción de razas, culturas o religiones, de la misma manera que la vida tejió los lienzos de la sociedad compleja en la que vivimos actualmente. Podríamos decir que se sitúa en los confines de la Iglesia establecida, allí donde la sal del Evangelio se mezcla con las aguas profundas del mundo.

Siendo su esencia la lucha y la esperanza de los jóvenes que se reúnen en ella, la JOC sólo puede pertenecer a quienes la conforman: es un movimiento "entre ellos, por ellos, para ellos", decía repetidamente su fundador, José Cardijn.

Es también "entre ellos, por ellos y para ellos" cómo se elabora, en los numerosos compartires de los equipos de base del movimiento, una búsqueda de sentido, una búsqueda de "palabras herramientas

de expresión" y cómo se realiza el encuentro con otras palabras, palabras nuevas, a veces inauditas, procedentes de otras luchas y otras esperanzas con las que el movimiento se identifica. No son palabras para contarse y sellar la verdad sino palabras que abren horizontes nuevos, inmensos, insospechados, palabras para contarse la vida de otra forma, palabras para reinterpretar su historia de acuerdo con la dimensión histórica de la humanidad. Son palabras para atreverse a levantar la mirada hacia el horizonte del Reino de los oprimidos y de los sedientos de justicia del que soñaba Jesús el carpintero.

La primera motivación de este libro es tal vez la de permitir la difusión de estas palabras entre los distintos grupos de militantes de la JOC Internacional: ¡para que se abran horizontes nuevos!

Este libro se publica tal vez también para que estas palabras nos permitan comunicar con tantas otras personas en el mundo que comparten nuestra lucha y nuestra fe.

Moses G. CLOETE
Presidente de la JOC Internacional.

El Secretariado Internacional

Editeur responsable : JOC Internationale, Rue Plantin 11, 1070 Bruxelles

Dépot légal : D/1995/7506/2
ISBN : 90-9008740-0

1995

Impression : Gillis s.a., Bruxelles

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

La JOC Internacional ha querido conservar y dar a conocer la inmensa riqueza contenida en la vida de los jóvenes trabajadores.

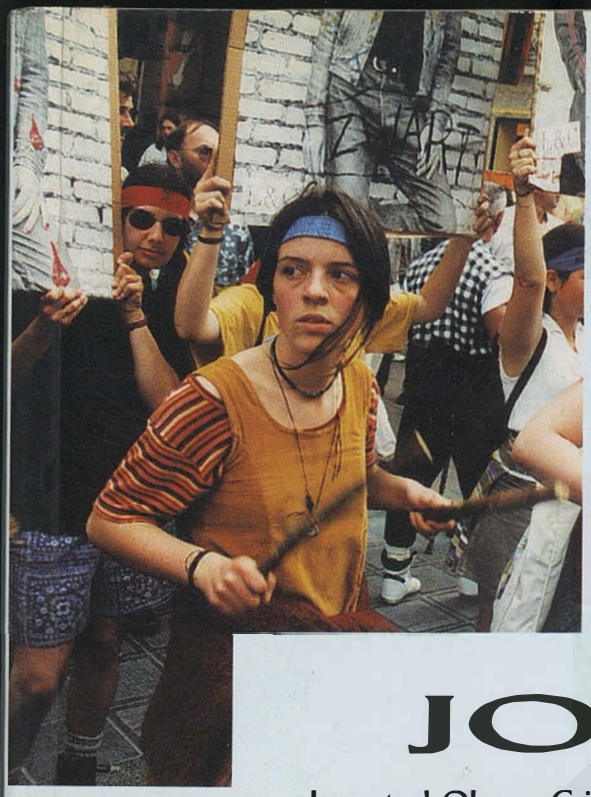
En distintas ocasiones, el movimiento pidió a militantes, hombres y mujeres, expresar cómo viven su compromiso en la JOC y en la sociedad, frente a sus realidades, y qué incidencia tiene dicho compromiso en su fe, en el sentido de su vida.

Es ante todo lo que presentamos en este libro. Quien lo lea se dará cuenta de la simplicidad del lenguaje utilizado por los jóvenes en las entrevistas: hablan como viven, sin preocupación por expresarlo con una gramática y un lenguaje más pulidos.

Por otro lado, el vocablo "fe" no deja de ser algo abstracto. Los jóvenes no están nada acostumbrados a explicarlo. Su explicación va más allá porque relatan meramente lo que es su vida.

Por último, cabe señalar que muchos de estos textos fueron traducidos de otro idioma, con lo cual fue necesario todo el arte de los traductores para lograr una fiel interpretación de los matices expresados.

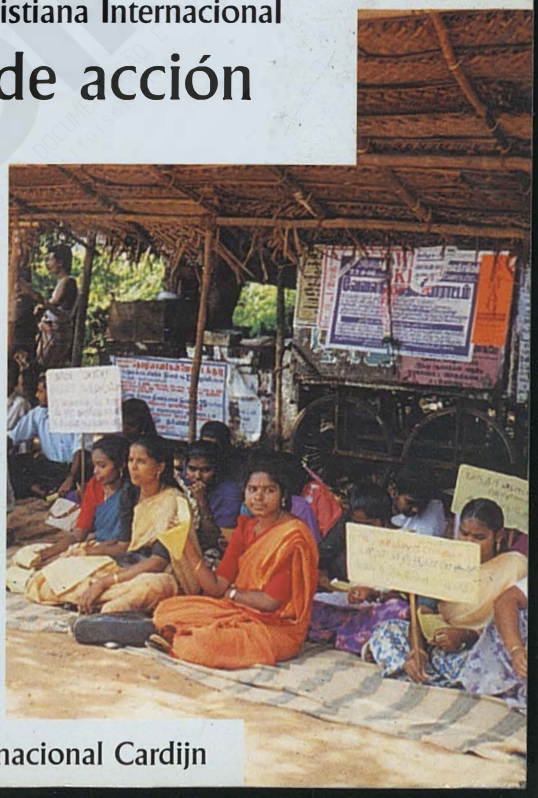
La JOC Internacional agradece profundamente a los teólogos invitados a reflexionar sobre estos relatos de vida, hallandoen ellos sus riquezas e interrogantes.



JOCI

Juventud Obrera Cristiana Internacional

75 años de acción



Fundación Internacional Cardijn

Editorial:
Éditions du Signe
1, rue Alfred Kastler
B.P. 94
67038 Strasbourg Cedex 2 - Francia

Tel.: 33 (0) 3 88 78 91 91
Fax: 33 (0) 3 88 78 91 99

© Fundación Internacional Cardijn
ISBN: 2-87718-976-7
Todos los derechos reservados
Dépôt légal 1er trimestre 2000

Fotografías:
© Alsace Média: págs. 31 (medio), 36
© Archivo de la JOCI
© AZIK: pág. 28
© Alain Kaufmann: pág 39
© Frantisek Zvardon: pág. 31 (arriba y medio), 42, 43, 45, 62-63

Impreso en España por Beta.

Fotos de portada:

Arr. Izq.: Bélgica flamenca, pág. 99
Arr. Dcha.: África 1999, pág. 131
Abjo. Izq.: Brasil 1999, pág. 137
Abjo. Dcha.: India 1997, pág. 124

JOCI

Juventud Obrera Cristiana Internacional

75 años de acción

Bajo la dirección de la
Fundación Internacional Cardijn

Elaborado por: Albert Hari
en colaboración con:
Stefan Gigacz
Pierre Perrard
Luc Roussel

ÉDITIONS DU SIGNE

Sumario

1. Nacimiento y desarrollo
1912 - 1939

2. La prueba del fuego
1939 - 1945

3. Fundación de la JOCI
1945 - 1965

4. Maduración y crisis
1966 - 1986

5. Nuevo arranque
1987 - 2000

Bruselas 2000

La JOCI en el mundo

Las distintas denominaciones de la JOC : YCW (países anglófonos), KAJ (Bélgica flamenca y Austria), CAJ (Alemania), KPM (Eslovaquia), CPM (Polonia), TMC (Rumania), JOCK (Hungria).

Introducción

La JOC es internacional desde sus principios.
Cardijn decía: "Vamos hacia los jóvenes trabajadores del mundo entero". Esto proyecto fue cobrando forma desde la fundación de la JOC hasta hoy en día, con sus etapas buenas y malas: guerra, aparente prosperidad, crisis económicas, mundialización. Jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras de muchos países se pusieron en acción y asumieron su movimiento.

La historia de la JOCI aún debe escribirse. Este libro es único en su género. Sus contenidos deben valorarse en conjunción con los volúmenes relativos a la JOC en los continentes: Africa, América latina, Asia-Pacífico y Europa. Se trata de un primer intento. Cada cual podrá identificarse con una determinada etapa de esta historia y solidarizarse a la vez con el dinamismo actual del movimiento.

Este libro es el resultado de un trabajo de equipo, realizado en cooperación con la "Fundación Internacional Cardijn". Sus límites corresponden a los plazos que nos dimos, es decir la fecha del Consejo Internacional de Bruselas en el año 2000. Su elaboración fue posible en gran parte gracias a la valiosa labor de los archivistas y de testigos que aceptaron expresarse. Se trata de un trabajo pedagógico y evolutivo, que se proseguirá en los próximos años con la máxima participación posible. En efecto, aunque está escrito para los jóvenes trabajadores de hoy en día, este libro pretende ser también una llamada a todos los antiguos jocistas, a fin de que den su testimonio (oral o escrito) y entreguen documentos que permitirán continuar la investigación histórica sobre puntos precisos y a veces conflictivos.

Esta mirada a la historia no sirve para complacerse en lo que ha sido el pasado de la JOC. La historia sólo cobra sentido si se convierte en enseñanza dinámica para el presente y el futuro. Por esta razón, el libro en su epílogo ofrece las perspectivas actuales de la JOCI, con la historia que va construyéndose hoy y seguirá construyéndose mañana en un mundo el que habrá que afirmar con la mayor determinación que "Un joven trabajador y una joven trabajadora valen más que todo el oro del mundo"

Paisaje simbólico del mundo obrero en la Bélgica francófona en los años 30. Cartel de la JOC.

1912 - 1939

Nacimiento y desarrollo

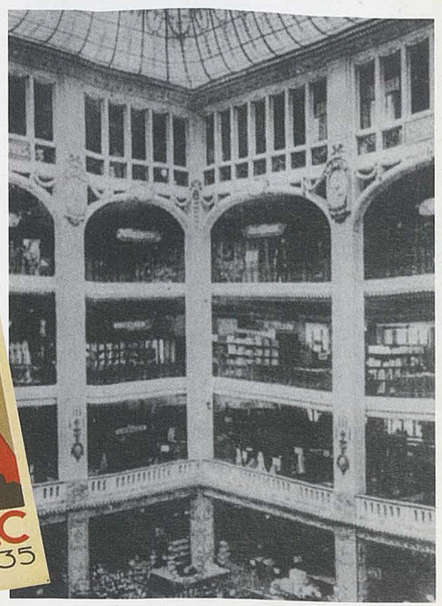
Cronología
La "Belle Époque"
Diferencias profundas
José Cardijn
Sindicatos de jóvenes trabajadores
La JOC
La mística de la JOC
En Francia
Crecimiento y expansión
Las tres verdades
La JOC en la crisis
Primera acción representativa internacional
Primera concentración internacional
París 1937
La JOC en el mundo en 1939

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1882	13/11: Nacimiento de José Cardijn.	
1883		Muere Karl Marx en Londres.
1884		Reparto colonial del Africa después la Conferencia de Berlín.
1886		Primeros "Primero de mayo".
1891		Encíclica "Rerum Novarum" de León XIII sobre la condición obrera.
1893		Nacimiento de Mao Tse Tung.
1894	18/4: Nacimiento de Fernand Tonnet, un pionero jocista.	En Francia, comienzos del "Sillon" por Marc Sangnier.
1895		Creación del sindicato CGT en Francia.
1904-05		Guerra entre Rusia y Japón.
1906	Ordenación sacerdotal de Cardijn, Viajes al extranjero.	
1912	Cardijn es nombrado vicario de Laeken. Sindicatos locales de jóvenes trabajadoras.	
1914		Primera Guerra Mundial. Los alemanes invaden Bélgica. .
1916-18	Cardijn es encarcelado en dos ocasiones..	1917: Revolución de octubre en Rusia.
1919	Fundación de la "Juventud Sindicalista" en Bruselas.	Fundación de la O.I.T. Comienza la acción de Gandhi en la India.
1920	Fundación de "De Jonge Werkman" en Amberes..	
1924	Las dos organizaciones pasan a llamarse JOC y KAJ.	
1925	Estatutos de la JOC belga. Encuentro de Cardijn con Pío XI.	Musolini. Fascismo en Italia.
1927	JOC en Francia.	
1928	JOCF en Francia.	
1929		Quiebra de la Bolsa de Nueva York. Crisis del capitalismo mundial. Quiebras y desempleo.
1931	JOC en Canadá.	Encíclica social "Quadragesimo Anno" de Pío XI.
1932	JOC en Colombia.	1931-1932: Guerra entre Japón y Manchuria..

1912 - 1939

JOC en Suiza.		1932
JOC en el Congo.	Hitler accede al poder en Alemania.	1933
JOC en Polonia. 5/6: Acción representativa internacional ante la O.I.T. 25/8: Gran Encuentro de la JOC Mundial en el estadio de Heysel en Bruselas.		1935
JOC en Inglaterra y en el Vietnam.	1936-1938: Frente Popular en Francia. Guerra civil en España.	1936
En París, gran encuentro con motivo del 10° Aniversario de la JOC francesa.		1937
Viaje de Cardijn a Austria (a principios de año). Agosto: viajes de Cardijn a Checoslovaquia, Hungría, Yugoslavia.	11/3: Anexión de Austria por Hitler.	1938
Preparación de la Peregrinación Mundial de la JOC a Roma.	3/9: Hitler ocupa Checoslovaquia y luego Polonia. Estalla la Segunda Guerra Mundial.	1939



Grandes almacenes en Bruselas en los años 20.

La "Belle Époque"

La JOCI (Juventud Obrera Cristiana Internacional) no nació por arte de magia. Sus raíces se extienden, a través de la JOC belga, hasta la sociedad de comienzos de siglo XX, el período previo a la primera guerra mundial, a veces llamado "Belle Epoque".

Es también el período en que se inició una segunda revolución industrial.
En la primera (en los siglos XVIII y XIX), las manufacturas y gran parte del trabajo a domicilio fueron sustituidos por las fábricas. La segunda se caracterizó por la aparición de nuevas fuerzas motrices (electricidad, derivados del petróleo, motor de explosión) y el desarrollo de la industria química y metalúrgica, de la producción de automóviles y armamento. Para los obreros, este período no era precisamente una "bella época". Muchos de ellos, emigrados del campo a los centros industriales, vivían en condiciones inhumanas: largas y duras jornadas laborales, trabajo peligroso, salarios de miseria, viviendas insalubres, deterioro de la salud, dislocación de la vida familiar, inseguridad ante el futuro, trabajo infantil.

Taller de costura
en Bélgica en los años 20.

" Belle époque ".
Museo de la cerámica,
Sarguemines (Francia).

Diferencias profundas

Los trabajadores no esperaron a entrar en el siglo XX para organizarse. En Gran Bretaña, se crearon las "alianzas obreras" que fueron la base del desarrollo posterior del movimiento sindical. Ya en 1825 - 1826, se reconoció el Trade Unionismo en el citado país. El sindicalismo alemán apareció entre 1830 y 1870.
En Francia, las "mutuas" fueron sustituidas por Cámaras sindicales que luego dieron lugar a la creación de la Confederación General del Trabajo (CGT) en 1895. En los EE.UU., el sindicalismo se organizó con arreglo al modelo de los Trade Unions ingleses. En Bélgica, la Primera Internacional Socialista ya contaba con numerosas secciones a mediados del siglo XIX. A partir de 1885, el Partido Obrero Belga (POB), de tendencia socialista, emprendió la creación de cooperativas, sindicatos, mutuas y cajas de auxilio. El sindicalismo se vio a menudo influido por corrientes revolucionarias marcadas por el marxismo y el socialismo.
La Iglesia católica en conjunto fue ajena a la fundación de un movimiento obrero organizado. Consideraba naturales las desigualdades y fomentaba actitudes paternalistas. La encíclica Rerum Novarum de León XIII sobre la condición de los obreros (15/5/ 1891) constituyó un esfuerzo por llenar el vacío que separaba a la clase obrera de la Iglesia. En dicha encíclica se denunciaba el mal social representado por "trabajadores aislados e indefensos... que viven a la merced de dueños inhumanos y son víctimas de la codicia de una desenfrenada competencia". Se rechazaba el socialismo por ser una "falsa solución y se invitaba a establecer instituciones cristianas" en las que el patrono y el obrero deberían aplicar principios de justicia y fraternidad. Esta encíclica tuvo un escaso impacto en el mundo obrero y su aplicación fue frenada por la reacción de los cristianos conservadores.
Aun así, un pequeño grupo de cristianos, "católicos sociales" se involucraron en la acción social. Estas iniciativas, pese a la buena voluntad de la que eran portadoras, fueron muy limitadas y quedaron marcadas por una mentalidad paternalista, corporativista y burguesa. Años después, los "demócratas cristianos" concederían un mayor respeto a la voluntad obrera.
El movimiento "Le Sillon" (1894 - 1910) optó por uno camino más innovador y dinámico organizando campañas de educación popular, círculos de estudio, cooperativas de producción y de consumo. Sin embargo, sus esfuerzos por vincular la religión católica con la República y la democracia llevaron al rechazo del movimiento por el

papa Pío X, el 25 de agosto de 1910, y a la sumisión de Marc Sangnier, fundador del "Sillon".

José Cardijn

José Cardijn nació nueve años antes de la publicación de Rerum Novarum y once años antes de la fundación del "Sillon". En una nota de 1955, Mgr. Cardijn recuerda su infancia y su compromiso:

Cardijn con 18 años.

"Según el Estado Civil, nací el *13* de noviembre de 1882 en Chaussée de Haecht, en Schaerbeek, donde mis padres eran porteros. Mi padre trabajaba también de cochero. Después de mi bautizo, el 16 de noviembre, en la Iglesia Saint-Servais, me dejaron con una nodriza en Hal, en la región de origen de mi padre, porque mi madre padecía una enfermedad grave. A los cinco ó seis años, mis padres se trasladaron a Hal, donde abrieron una pequeña tienda de alimentación que en seguida hubo que cerrar por falta de clientela. Luego iniciaron un pequeño negocio de repartidores de carbón. Al principio sólo teníamos una carretilla con perros para repartir el carbón y luego utilizamos ya una carreta y caballos para descargar el carbón en la estación o en el canal.

En casa se hablaba a menudo de las fábricas de la región, en particular de las fábricas de seda artificial de Tubize que atraían a muchas muchachas y mujeres, las cuales, embriagadas por el éter, ejercían la prostitución de forma precoz en los prados vecinos de las fábricas, y por la noche, en la estación y en los trenes. Era el principio de los abonos obreros y, por la mañana y por la noche, los grupos de obreros y obreras calzados con zuecos caminaban el trayecto que separaba su pueblo de la estación. Se les oía discutir y meterse unos con otros al pasar por la puerta de casa. Se hablaba también de huelgas y revueltas obreras en la vecina Valonia... Los líderes obreros ya venían a tomar la palabra en los mítines populares. Casi todos eran socialistas. Aunque estaba también el Padre Daens que organizaba reuniones políticas y de joven me colaba entre los asistentes para escuchar a los oradores.

Tenía entonces 13 años. Fue la edad con la que conocí por vez primera el problema de la juventud trabajadora.

Al regresar a casa de vacaciones, siendo estudiante en el seminario menor, vi que mis compañeros de aula y de primera comunión, que eran más inteligentes y devotos que yo, habían tenido que ir a trabajar a la fábrica o a otros lugares. Les encontraba corruptos, opuestos a la Iglesia, y ya no querían relacionarse conmigo. Para mi, fue como si me clavaran una espada en el corazón. Busqué las causas de esta perdición y corrupción y prometí dedicarme a su salvación. Comencé mis primeras encuestas en las fábricas y en los pueblos vecinos, y desde entonces no he dejado de caminar junto con estos jóvenes trabajadores, tanto en este país como en el extranjero".

(Nota autobiográfica de Cardijn, 1955).

Primeros contactos internacionales

José Cardijn estudió en el Seminario Menor y luego en el Seminario Mayor de Malinas. Su padre murió en 1903. José fue ordenado sacerdote en 1906. Estuvo estudiando derecho natural, sociología y ciencias sociales y políticas en la Universidad de Lovaina y luego le nombraron profesor de latín en el Seminario Menor de Basse-Wavre.

"Esto es una desdicha providencial", dijo Cardijn.

En efecto, aprovechó estos cinco años, en particular los períodos de vacaciones, para conocer mejor la situación, la organización y la acción de los obreros en distintos países de Europa.

En abril de 1907, realizó una encuesta sobre el trabajo a domicilio en la región de Colonia (Alemania) y se puso en contacto con responsables del movimiento obrero cristiano en Essen y Colonia. Luego participó en la Semana Social de Amiens (Francia), conoció a responsables del "Sillon" en la región de Lille, al Padre Six y a patronos sociales como Léon Harmel en Val de Blois. En aquel viaje, Cardijn vio que había entre los cristianos de Francia una oposición entre dos movimientos sociales: por un lado, el de los patronos sociales animado por los jesuitas, y por el otro, un auténtico movimiento obrero con sindicatos cristianos que el Padre Six intentaba crear pese a la resistencia de la jerarquía eclesiástica.

Entre 1908 y 1910, Cardijn visitó el sur de Francia e Italia. Se puso en contacto con grupos progresistas en Bélgica como el "Sillon" en Lieja. En 1911, estuvo en Inglaterra

Ben Tillett 1860-1943

Ben Tillett es considerado el fundador del sindicato inglés de cargadores portuarios. Posteriormente fue elegido diputado por el partido laborista. Tillet se consideraba socialista cristiano.
Cardijn conoció a Ben Tillett y estuvo con él durante su viaje de estudios a Gran Bretaña, al principio de su ministerio. Quedó muy impresionado por su personalidad y su compromiso en favor de la educación de los trabajadores. Con esta experiencia, Cardijn se dio cuenta que el cristianismo, en lugar de ser un obstáculo, podía ser una fuerza en la lucha de la clase obrera. Ben Tillett era la prueba en vivo de que ello era posible.

donde conoció a responsables sindicalistas y estudió los métodos de los movimientos juveniles (Scouts, YWCA). Este viaje a Inglaterra le dejó profundamente marcado. Cardijn escribiría posteriormente: "Este fue mi mejor retiro de los principios de mi sacerdocio... En Londres estuve prácticamente viviendo dos semanas con los jefes de los sindicatos, con Ben Tillet y otros. Fue poco antes de la huelga general. Asistía a las reuniones y, lo que me pareció más fundamental, participaba en las conferencias religiosas de Tillet dirigidas a los obreros, en sus barrios o en Hyde Park".

(Apuntes inéditos mencionados en "Cardijn", M. Fiévez y J. Meert, Bruselas, EVO, 3ra ed., 1978, p.31).

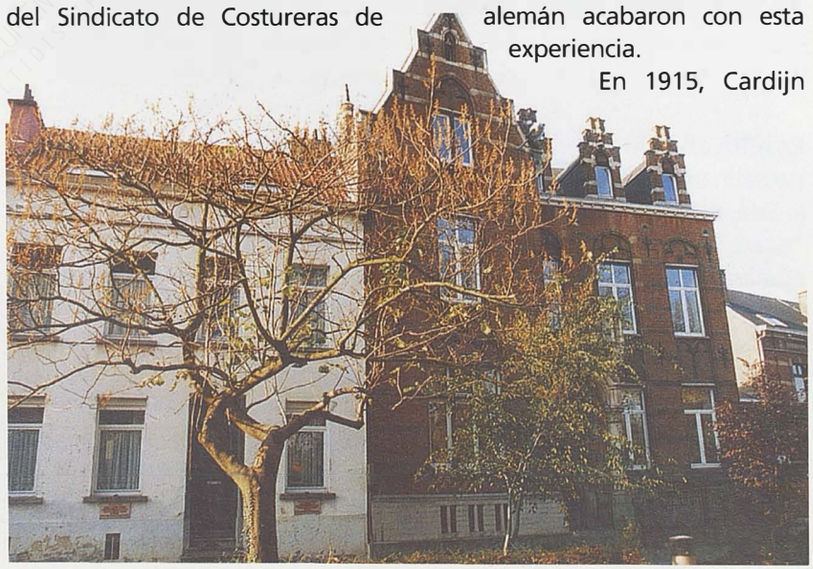
La casa blanca es aquella donde Cardijn organizó las primeras reuniones de jóvenes trabajadoras.

Sindicatos de jóvenes trabajadores

En 1912, la parroquia Nuestra Señora de Laeken, en las afueras de Bruselas, contaba con 25 000 habitantes. Cardijn no había estado allí nunca. El 17 de abril fue nombrado vicario de dicha parroquia. Tenía treinta años y ganas de meter manos a la obra.
Conoció la situación de los jóvenes trabajadores, en particular la sobreexplotación a que eran sometidas las jóvenes mujeres aprendices. Multiplicó los círculos de estudios, creó con ellas sindicatos femeninos en los oficios de la confección que se afiliaron al Sindicato de la Costura. Trabajó en estrecha colaboración con Madeleine De Roo, responsable de la Secretaría social de Laeken, y con Victoire Cappe, fundadora del Sindicato de Costureras de Lieja (primer sindicato cristiano de mujeres). A partir de entonces, fueron organizándose visitas a domicilio, encuestas sobre condiciones de vida y sesiones de formación. En 1914, el "Movimiento" tenía 89 afiliadas. Sin embargo, la primera guerra mundial y la ocupación de Bélgica por el ejército alemán acabaron con esta experiencia.

Madeleine De Roo en 1912.

En 1915, Cardijn



fue nombrado Director de las Obras Sociales de Bruselas. Hasta que acabara la guerra estuvo realizando esta labor paralelamente a su misión como vicario de Laeken. Le encarcelaron en 1916 por oponerse a la deportación de obreros a Alemania, y estuvo en la cárcel en otra ocasión, de junio de 1918 hasta el Armisticio.

Ya en 1916 existía en Bruselas un círculo de estudios para la juventud. No se trataba ya de "obras" para la juventud, dirigidas por adultos o jóvenes intelectuales católicos. Es así que en noviembre de 1919, Cardijn y Fernand Tonnet, secretario de las Obras Sociales católicas de Bruselas, fundaron un movimiento sindical de jóvenes llamado "Juventud Sindicalista". Este sindicato reunía a jóvenes entre los 14 años y la edad de ir al servicio militar. Fernand Tonnet, Jacques Meert y Paul Garcet estuvieron entre los más activos de este movimiento. En la parte flamenca, Jan Schellekens y otros pusieron en marcha "De Jonge Werkman" con sede en Amberes (1920).

Jacques Meert (alto), Fernand Tonnet (izquierda), Paul Garcet (centro), Jan Schellekens (derecha).

La JOC

En estos años, fue cobrando forma paulatinamente el futuro método jocista, el "ver-juzgar-actuar" y el "entre, por y para ellos". Sin embargo, las dos organizaciones (Bruselas y Amberes) entraron en conflicto con el sindicato cristiano (la CSC, Confederación de Sindicatos Cristianos) que estaba opuesto al principio de un sindicalismo juvenil.

Esta fue una de las razones por la que el movimiento que iba naciendo cambió su denominación. A partir de 1924, se le conoció como "Jeunesse Ouvrière Chrétienne" y "Kristelijke Arbeidersjeugd".

Al no encontrar un apoyo claro dentro del movimiento obrero cristiano, la incipiente J.O.C. lo buscó en la Iglesia. El hecho no era tan evidente debido a la férrea oposición expresada por los dirigentes de la Asociación Católica de la Juventud Belga (A.C.J.B.). La J.O.C. aparecía como un factor de división.

En efecto, el concepto de Acción Católica especializada ideado por Cardijn era muy distinto del de la Acción Católica general encaminada a reunir indiscriminadamente a todos los movimientos juveniles católicos. La jerarquía de la Iglesia se hizo eco de la crítica y valieron todos los argumentos. En una memorable sesión presidida por el Cardenal Mercier en 1924, Monseñor Picard acusó a la JOC de "romper la unidad del Cuerpo de Cristo".

Pese a ello, los estatutos de la J.O.C. fueron adoptados en 1925, y también los de la K.A.J., J.O.C.F. y V.K.A.J. en 1925. La audiencia concedida por el papa Pío XI a Cardijn en marzo de 1925 constituyó un indiscutible apoyo al proyecto de "Acción Católica Especializada" y a la JOC.

El primer congreso general de la J.O.C. tuvo lugar en Bruselas el 18 y 19 de abril de 1925. En él, 190 delegados afirmaron públicamente la existencia del Movimiento y presentaron su programa. Se consideró esta fecha la del nacimiento oficial del Movimiento fundado por los jóvenes trabajadores.

Los grupos locales no tardaron en multiplicarse. Muchos grupos parroquiales y círculos juveniles pasaron a ser JOC y JOCF. Se abrieron secciones locales en los centros industriales. El Movimiento jocista trascendió las fronteras y se desarrolló en distintos países europeos. Fueron los años en que la JOC belga organizó sus primeras peregrinaciones a Roma. La JOC realizó la suya en 1929 y la JOCF en 1931.

« La mística de la JOC »

Cardijn siempre pensó que los primeros grupos de jóvenes trabajadores y trabajadoras que había formado en la parroquia de Laeken en 1912- 1914 eran los que mejor encarnaban el ideal jocista, que llamaba también " mística de la JOC".

Así lo escribía Cardijn en 1958:

"La característica más fundamental de los inicios de la JOC fue aquella llamada absoluta y total para aquellas trabajadoras que debían formar a sus compañeras. Fue una época de muchas exigencias y compromisos apostólicos: dejar un buen puesto de trabajo para ir a trabajar a un taller, a un fábrica, para realizar un trabajo sucio, repugnante e infrahumano ; aceptar compartir su almuerzo con las obreras en las cantinas de las fábricas de caucho o de seda artificial; ir a vivir a un ático o a un barrio de prostitución".

Esta "leyenda dorada", que nunca se escribió, explica el fervor extraordinario creado por la JOC, la mística jocista. Creo que es la condición esencial para una verdadera revolución obrera. Sin ella, el aburguesamiento es casi una fatalidad y este es tal vez al mayor peligro actual. Esta mística jocista, esta llamada a un apostolado total, es la única explicación de este poder tan extraordinario de la JOC.

Fuente: "Fonds Cardijn, AGR 12".

En Francia

La JOC francesa nació poco después de la JOC belga, con sus primeros grupos en la región parisina y en el norte. En 1926, el Padre Georges Guérin que era vicario de Clichy (al norte de París) conoció el Manual de la JOC en la biblioteca de los jesuitas de la Acción Popular. Organizó una reunión con Georges Quiclet y dos ó

Jeanne Aubert.

tres muchachos más el 9 de julio de 1926. Se establecieron contactos con José Cardijn y Fernand Tonnet. El Movimiento se desarrolló y ya en enero de 1927 se publicó una hoja mimeografiada llamada "Boletín de la Sección francesa de la JOC". En los departamentos del Norte, fronterizos con Bélgica, la J.O.C. ya existía en 1927 con un equipo en Lille y cinco secciones en Tourcoing. En 1928, Francia contaba con unos 4200 jocistas distribuidos en diez federaciones: Angers, Clermont-Ferrand, Lille, Roubaix-Tourcoing, Lyon, Nancy, Reims, Nantes, Toulouse, París y Seine et Oise.

La JOCF siguió los pasos de la JOC. El movimiento arrancó bajo el impulso de Jeanne Aubert, Germaine Gautier... y el Padre Guichard. El 3 de marzo de 1928 el boletín "Jeunesse Ouvrière" (Juventud Obrera) anuncia el nacimiento de la JOCF en Clichy el 22 de febrero con el titular "Les jeunes filles s'y mettent", es decir "las chicas deciden ponerse manos a la obra".

En aquella época, la A.C.J.F. (Asociación Católica de la Juventud Francesa, fundada en 1886) acababa de crear sus "equipos obreros". Tras unos tensos debates acerca de la autonomía y especificidad del movimiento, la JOC aceptó entrar en la A.C.J.F.

La fundación del Movimiento se situaba en una Francia en la que el mundo obrero estaba muy alejado de la Iglesia, en la que los cristianos adoptaban una actitud defensiva. Un espíritu de conquista animó a las primeras generaciones de jocistas que cantaban: "Volveremos a hacer cristianos a nuestros hermanos".

Los padres Guérin (Francia) y Cardijn.

Crecimiento y Expansión

El período de 1928 a 1939 podría calificarse de "década gloriosa de la JOC". La JOC superó las fronteras de Europa e intentó asentarse en Asia, en Africa y en América. Un espíritu de "conquista" animaba a los jocistas. El número de miembros de la JOC fue creciendo. En 1939 en Bélgica, según informes elaborados para la ACJB y ACJBF, la KAJ tenía unos 23 000 miembros, la JOC unos 7000 miembros, la VKAJ, unos 25 000 y la JOCF unos 10 000. En Francia, el número de jocistas pasó de 4200 en 1928 a 90 000 en 1938.

Carnet de socio e insignia jocista.

La tirada del boletín "Jeunesse Ouvrière" pasó de 3000 ejemplares en 1927 a 270 000 en 1939.

Existía el orgullo de ser obrero, de ser jocista. Todo era "Orgullo, pureza, alegría y conquista". La insignia, las publicaciones, los cantos, la oración y el misal jocista, y la cuota permitían a los jóvenes trabajadores identificarse con el movimiento.

El método jocista fue desarrollándose y afinándose. Una referencia sigue siendo el Manual de la JOC, publicado en 1925 y reeditado en 1930. Se profundizó la espiritualidad jocista. La doctrina adquirió mayor coherencia pero dejó de lado parte de las características sindicalistas de sus inicios. Se dio un mayor protagonismo al aspecto religioso y el papel de los capellanes fue cada vez más importante. Se organizaron peregrinaciones para la JOC belga y para la JOC francesa.

Ya a principios de los años 30, Cardijn quiso establecer una verdadera secretaría internacional. Dicha secretaría reconocería a las JOC recién creadas en otros países. Sin embargo, Cardijn se tropezó con Mgr. Pizzardo de la Secretaría de Estado del Vaticano. El prelado, que luego sería presidente del Oficio Central de la Acción Católica, alegó que los obispos sólo reciben órdenes de Roma. La secretaría de Bruselas se conformó por tanto con tener una función de acogida, de información y de documentación. El padre Robert Kothen fue nombrado responsable de la coordinación internacional.

En este período, la JOC superó resueltamente las fronteras. Fueron diversos los caminos de la expansión, abiertos muy a menudo por las relaciones eclesiásticas y coloniales.
Misioneros, sacerdotes, religiosas, estudiantes que habían conocido la J.O.C. en Bélgica o en otro país fueron a implantar el movimiento en otras partes del mundo. Se iniciaron relaciones entre países fronterizos. Animada enérgicamente por Pío XI, la jerarquía local apoyó la fundación del movimiento.
"La característica del período de entreguerras fue la expansión internacional casi espontánea de la J.O.C. Se quería dar respuesta a un problema internacional. Los distintos países de Europa que conocieron esta respuesta jocista la adoptaron de forma espontánea.
Aceptaron inmediatamente las invitaciones jocistas, participaron en las Semanas de Estudios, en los Congresos, en las primeras reuniones internacionales; invitaron a dirigentes jocistas de otros países y las relaciones entre las JOC nacionales se habían hecho tan naturales que el Buró Internacional pudo preparar con facilidad la primera peregrinación internacional a Roma". Cardijn, 6/8/1965.

« Las tres verdades »

La acción de la JOC se basa en tres ideas fundamentales de Cardijn conocidas como las « tres verdades »

- *Cada joven trabajador, cada joven trabajadora, al igual que todos los seres humanos, tiene un destino humano y divino que nadie le puede arrebatar. « No son esclavos ni máquinas, sino hijos e hijas de Dios ». Todos tienen una misión específica.*
- *La sociedad en la que viven está en total contradicción con dicho destino, habida cuenta de las condiciones de vida, de trabajo, de vivienda, familiares, recreativas, etc.*
- *Es así que estos jóvenes deben juntarse, en una organización fuerte que les permita defenderse, luchar contra los abusos y extraerles de la injusta situación de explotación y dependencia en la que están sumidos. Nadie podrá hacerlo en lugar de ellos.*

Marguerite Fiévez, el Proyecto de Cardijn, número especial del Boletín JOCI, con motivo del 25° aniversario de la muerte de Cardijn, p. 12.

La JOC en la crisis de los años 30

La crisis económica de los años 29-33 y el desempleo que generó fueron una provocación para la incipiente JOC.
El movimiento vivió por vez primera una crisis mundial del capitalismo. La quiebra de la Bolsa de Nueva York, el 24 de octubre de 1928, el "jueves negro", anunció no sólo la quiebra de muchas empresas sino también una generalización del desempleo en Europa y en Norteamérica. Los jóvenes se vieron más afectados que los otros grupos de edad. En 1935, habían en Bélgica 100 000 jóvenes sin trabajo ni subsidio de desempleo.

La JOC reaccionó a esta crisis. En Bélgica, organizó campamentos de desempleados, publicó el boletín "Le Jeune Chômeur" (el joven desempleado) en francés y su versión en flamenco, "De Jonge Werkloze", organizó sesiones de formación y bolsas de empleo, reivindicó la prolongación de la escolaridad (más allá de los 14 años) y la reducción de la jornada laboral. En Francia, la JOC publicó en 1932 y 1933 un suplemento al "Jeunesse Ouvrière", "Le Jeune Chômeur". El movimiento creó numerosos servicios: centros de colocación, comedores de beneficencia, albergues, recaudación de fondos, centros de reciclaje de jóvenes desempleados.

Según el Manual de 1930: "La JOC quiere ser la tutora, protectora y representante de la juventud asalariada. Es una escuela, un cuerpo representativo, un conjunto de servicios profesionales y sociales". La crisis de los años 30 fue motivo para que la JOC realizara su primera acción representativa internacional.

Centro para desempleados en Tourneppe (Bélgica) en 1934-35.

Primera acción representativa internacional

Cartel de la KAJ anunciando la acción representativa en Ginebra.

El "Buró Internacional de la JOC" en Bruselas inició la acción en 1935 en cooperación con los sindicatos cristianos. La acción consistía en presionar a la O.I.T. (Oficina Internacional del Trabajo) en Ginebra. De este modo, el Buró tendría más fuerza para influir en la política de los Estados. Una acción paralela se llevó a cabo en muchos países: Bélgica, Francia, Suiza, Países Bajos, Checoslovaquia, Cataluña, Luxemburgo, Austria y Canadá.

El 5 de junio de 1935, cien delegados jocistas, muchos de ellos desempleados, entregaron a la O.I.T. una petición firmada por 86 000 jóvenes. En ella se proponían medios para reducir el desempleo como la puesta en marcha de obras públicas a gran escala, la prolongación de la escolaridad y la reducción de la jornada laboral sin disminución de salario... La J.O.C. pidió asimismo medidas urgentes como ayudas alimentarias y la creación de un subsidio de desempleo.

Fue la primera vez que la J.O.C. actuó a un nivel internacional en nombre de millones de jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras afectados por la situación en su salud y su dignidad.

Recepción de la delegación internacional (desempleados) en la OIT.

Primera concentración internacional

Delegados de la JOC de Francia en el 1er Congreso Mundial en Bruselas (1935).

La JOC belga preparó una gran concentración con motivo de su décimo aniversario. La concentración sería internacional. De visita en Roma, Cardijn percibió la oposición de determinados prelados cuya influencia se extendía hasta el entorno del sumo pontífice. ¿La internacionalización de la JOC no tenía acaso algún resabio de Internacional socialista? No obstante, el apoyo oficial del cardinal Pacelli, secretario de Estado de Pío XI, acabó con estos recelos.

La concentración tuvo lugar el 25 de agosto de 1935 en el estadio de Heysel, donde se agolparon 100 000 participantes. Ya no se trataba de un simple congreso nacional belga, sino de una concentración internacional, un primer "Congreso Mundial", que reunió a delegaciones de la juventud obrera de Francia, de Luxemburgo, de Suiza, de España, de Portugal, de Colombia, de Canadá, de Inglaterra y de países africanos y asiáticos.

El buen tiempo acompañó a los participantes y el entusiasmo fue máximo. Los lemas clave de la concentración fueron: "Respeto a la juventud trabajadora", "Estamos con los desempleados", "Paz entre los hombres", "El futuro es nuestro", "¡Ayer éramos 500, hoy 100 000 y mañana millones!".

Al día siguiente, unos mil participantes, sacerdotes y laicos, participaron en una sesión de cuatro días. Fue la primera Semana de Estudios Internacional. En ella, Cardijn afirmó las tres verdades de la J.O.C.: verdad de fe, de experiencia y de método.

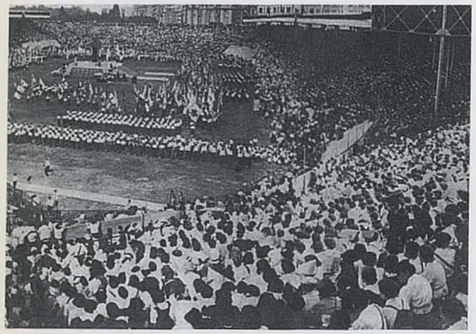
París 1937

Dos años después, le tocó a la JOC francesa celebrar su décimo aniversario, en pleno período de gobierno del Frente Popular.

La gran concentración de 16, 17 y 18 de julio fue preparada con 600 concentraciones regionales. El último día, 80 000 participantes se congregaron en el Parque de los Príncipes. Se mandaron mensajes de apoyo desde muchos países del mundo. Estuvieron presentes los dirigentes de la J.O.C. belga. En la sesión de clausura, se hizo hincapié en el respeto del joven trabajador y de la joven trabajadora, y de su legítima dignidad: "Ten orgullo, obrero, tu obra es fecunda, qué sería el mundo sin ti..."

Se hizo un llamamiento: "¡Clase obrera de Francia, cree en la esperanza, cree en tu valor, en tu victoria!"

Ese fue tal vez el acontecimiento en el que pensó Fernand Tonnet cuando dos meses después estuvo asistiendo a una semana de estudios francesa que contó con unos dos mil participantes. Durante este encuentro, Tonnet transmitió los saludos de Bélgica y expresó el deseo de realizar pronto la Internacional jocista.



10° Aniversario de la JOC de Francia en 1937.

"Un joven trabajador vale más que todo el oro del mundo porque es Hijo de Dios".

José Cardijn

La JOC en el mundo en 1939

Tras quince años de existencia, gracias al dinamismo de sus fundadores, a la acción de la secretaría de Bruselas, a las muchas relaciones creadas en todo el mundo, al apoyo de la Iglesia, a la forma en que el movimiento respondía a los problemas de la juventud trabajadora, la J.O.C. estaba presente en unos cincuenta países del mundo. Era una presencia muy diversificada, que iba desde humildes núcleos de jóvenes trabajadores hasta potentes organizaciones nacionales.

Aún va a ser necesario, en muchos casos, elaborar una historia de los orígenes de la JOC en estos países y cualquier testimonio escrito u oral sobre el tema va a ser valioso para dicha historia.

La panorámica que presentamos a continuación no es una reconstitución histórica de la historia de la J.O.C. sino la visión que tenía Cardijn de la JOC en el mundo en agosto de 1939, poco antes de la gran peregrinación internacional a Roma. Esta visión general fue elaborada a modo de "guía para los capellanes, para exaltar la ambición apostólica de sus jocistas".

Cardijn proponía a sus lectores realizar un "planisferio jocista" a partir de estos apuntes "recogidos apresuradamente".

En todo caso, sigue siendo difícil hoy en día determinar el momento exacto del nacimiento de un movimiento nacional. He aquí un documento significativo que cabe resituar en el contexto de la época.

En Europa

Bélgica. Catorce años después de su fundación, la primera JOC del mundo se ha convertido en una de las instituciones nacionales más potentes del país.

Francia. Ya en 1927, la JOC belga se propaga en este país. En 1936, la JOC y la JOCF tienen un contacto regular con más de 250 000 jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras. Los boletines mensuales alcanzan una tirada de 520 000 ejemplares.

Países Bajos. El "Jonge Werkman" (el joven trabajador), que es una organización nacional potente mantiene relaciones regulares con la JOC flamenca.

Luxemburgo. La JOC, que fue creada en 1929 a partir del aporte belga, cuenta con 27 secciones y la JOCF con unos cuantos grupos que ofrecen buenas perspectivas.

Portugal. La JOC fue implantada y desarrollada por jóvenes sacerdotes que estudiaban en Lovaina. La JOC masculina y femenina está implantada en todas las diócesis del continente y de las islas.

España. Antes de la guerra civil, la JOC belga estaba en contacto con distintos centros en Navarra y en el país vasco. Fue introducida en Cataluña por el Padre Bonnet. La organización navarra publica semanalmente una hoja jocista en un periódico regional.

Suiza. La secretaría nacional de Suiza Romanda se fundó en 1934. El primer Congreso jocista de 1936 reunió a 20 000 participantes en Ginebra.

Hungría. El movimiento va prosperando. Existe en 29 parroquias de Budapest y en algunos centros industriales (30 secciones). La acción va dirigida a obtener viviendas para los aprendices y al tiempo libre con la organización de campamentos de verano. El periódico jocista tiene una tirada de 7000 ejemplares.

Yugoslavia. Tres organizaciones existen en Zagreb (Croacia), en la región de Maribor y en Eslovenia.

Polonia. La Acción Católica va avanzando y mantiene relaciones con la JOC belga.

Inglaterra. La JOC, que existe desde 1930, tiene su secretaría nacional, publica un "magnífico boletín" en 5000 ejemplares y en 1938 organizó un congreso con más de 200 militantes procedentes de todas las regiones de Inglaterra.
Irlanda. La JOC aparece tempranamente en este país. Se organizó una gran fiesta en Dublín con la participación de casi 1000 personas.

Escocia. No hay una verdadera organización jocista aunque si hay algunos militantes.

Austria y Checoslovaquia. Tras unos principios prometedores, estamos sin noticias de estos países desde que están ocupados por los nazis.

Dinamarca, Lituania, Ucrania, Suecia, Rumania y Grecia. Existen contactos con la JOC belga.

Italia. La JOC mantiene relaciones con la Acción Católica italiana.

En América

Canadá. En 1935, un Congreso nacional de la JOC canadiense reunió a varios miles de jóvenes trabajadores. Otro Congreso está previsto en julio de 1939.

Terranova. JOC fundada en 1939.

Estados Unidos. La JOC existe entre los inmigrantes portugueses. Además, la JOC recién fundada organizó su primer Congreso el 18 de mayo de 1938 en Oklahoma-City. La JOC existe en distintos Estados o ciudades como Nueva York, New-Hampshire, Nueva Inglaterra, Chicago, Toledo, Illinois, Cleveland, Detroit, Michigan, Ohio, San Francisco, California.

México. Se conoce la JOC pero los acontecimientos (revolución y represión) demoran su organización.

San Salvador. La JOC existe y se desarrolla.

Costa Rica. Contactos con la JOC belga.

Colombia. El Congreso nacional del 15 de agosto de 1938 en Bogotá reúne a 10.000 participantes. La delegación colombiana ya emprendió camino hacia Roma.

Ecuador. Reacción de tristeza de la secretaría nacional al conocerse la muerte del Papa Pío XI, "defensor del obrero".

Venezuela. La J.O.C.F. existe oficialmente desde el 7 de octubre de 1936. La acción del movimiento se centra sobre todo en los tiempos libres.

Brasil. El movimiento aún no está unificado. Existen varias organizaciones y varios boletines jocistas masculinos y femeninos.

Argentina. La JOC acaba de nacer en Salta, en la Cordillera de los Andes. Sorprende a toda la provincia y publica un boletín mensual, el "Juventud Obrera".

Chile. Existen contactos entre la JOC belga y personas chilenas que desean que haya JOC en su país.

Perú, Uruguay, Paraguay. Sacerdotes de estos países estuvieron visitando la Central Jocista en Bélgica.

Antillas. Integradas en la JOC mundial a través de la JOC de Francia. Secciones jocistas en Cuba, en Puerto Rico, Santo Domingo, Guadalupe, Martinica.

En Asia

Siria. Fundación de la JOC en Alep.

Líbano. La sección jocista mantiene relaciones con la JOC francesa.

China. Relaciones de la JOC belga con China desde hace 10 años. Sin embargo, las circunstancias y los problemas financieros no permiten que acudan a Roma personas de dicho país.

Indochina, Annam, Cochinchina, Tonkin. Existen secciones jocistas que tienen relaciones con la JOC de Francia.

Corea y Filipinas. Existen secciones jocistas.

India. Numerosos corresponsales.

Japón. Sacerdotes salesianos informan de la creación de la JOC en escuelas profesionales.

En el Africa

Congo belga. La JOC entró en el Africa gracias a misioneros y a antiguos jocistas.

Marruecos, Argelia, Túnez. La JOC de estos países son una parte integrante de la JOC de Francia. Asimismo sucede con otras colonias francesas como son Sudán, Somalia, Senegal, Costa de Marfil, Dahomey, Congo francés, Guinea, Madagascar, Reunion.

Natal, Sudáfrica anglófona, Egipto. Contactos periódicos con la JOC belga.

Seychelles. Existe una organización jocista gracias a misioneros suizos.

En Oceanía

Australia. La JOC belga tiene muchos amigos en Australia y la idea jocista va abriéndose camino.

Nueva Zelanda. Interés por la JOC. Fundación reciente de una sección en Dunedin.

La JOC en el mundo en 1939, según Cardijn.

La ausencia de la Alemania nazi de este cuadro de la JOC mundial pesó como un silencio amenazador. En efecto, la segunda guerra mundial impidió la realización de la concentración internacional. En lugar de ir a Roma, los jóvenes trabajadores fueron al ejército, a los campos de trabajo, a los campos de concentración y a la muerte.

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1939	5/9: Fecha prevista para la gran concentración jocista en Roma, cancelada por motivos de guerra.	3/9: Estalla la 2a guerra mundial.
1940	22/8: La JOC queda prohibida en la zona francesa ocupada.	15/5: Ofensiva general alemana. Ocupación de Bélgica, Países Bajos, Luxemburgo, y parte de Francia. 16/6: Italia entra en la guerra.
1941	8/9: Fundación oficial de la JOC de Australia.	Abril. Hitler invade los Balcanes. 22/6: Hitler ataca la URSS. 7/12: Ataque de Japón en Pearl Harbour. Japón y Estados Unidos entran en la guerra. Comienza la guerra del Pacífico. 31/12: El ejército japonés ocupa Hong Kong, Filipinas, Malasia, y Birmania.
1942	11/6: Detención de Cardijn y de dos presidentes nacionales de Bélgica. 21/6: 15o aniversario de la JOC francesa (en la zona "libre"). Concentración de 70 000 jóvenes en 7 ciudades. 21/9: Cardijn sale de la cárcel. 6/10: Trabajo forzoso de los obreros belgas en Alemania. Reacción de la J.O.C.	Febrero. Japón ocupa Singapur. Marzo. Japón ocupa Indonesia. Agosto. Japón ocupa Nueva Guinea, Guadalcanal y amenaza a Australia. 6/9: Comienza la batalla de Estalingrado. 8/11: Desembarque aliado en Norteáfrica. 11/11: Los alemanes ocupan la zona "libre" de Francia.
1943	16/2: Servicio de trabajo obligatorio para los jóvenes en Francia. Reacción de la JOC. 13-14/6: Reunificación de la JOC francesa (zona ocupada y antigua zona "libre"). 3/8: Se cierra la secretaría de la JOC en París. Detención del Padre Guérin. 12/9: Primera jornada nacional de la "JOC del exterior" en Dessau en Alemania. 3/12: Comienza la represión de la Gestapo.	18/1: Rebelión del ghetto de Varsovia. 2/2: Capitulación del ejército alemán en Estalingrado. 10/8: Desembarque aliado en Italia. 8/9: Armisticio en Italia.
1944	(Principios). La JOC (del exterior) cuenta con 70 federaciones y existe en 400 ciudades alemanas. 7/4: Detención de los dirigentes de Berlín y de 10 militantes deportados al campo de concentración de Orlanenburg. 19/8: Reapertura de la Central jocista de París	6/6: Desembarque aliado en Normandía. 25/8: Liberación de París. 6/9: Liberación de Bruselas.

1939 - 1945

23/1: Muere Paul Garcet en Dachau. 2/2: Muere Fernand Tonnet en Dachau. 19/2: Muere Marcel Callo en Matthausen. 27-28/8: Jornadas de estudios internacionales de la JOC en Bruselas .	4-11/2: Conferencia de Yalta. Nuevo reparto del mundo. 25/4-26/6: Elaboración de la Carta de las Naciones Unidas. 8/5: Capitulación de la Alemania nazi. 6/8: Bomba atómica en Hiroshima. 2/9: Capitulación del Japón. Ho Chi Minh proclama la independencia del Vietnam.	1945

No iremos a Roma...

Mientras Italia se hundía en el fascismo, Franco vencía a los republicanos en España, Japón continuaba su política imperialista en Asia, Francia salía del Frente Popular y la Alemania de Hitler iba ampliando su "espacio vital", los jocistas de cuarenta países estuvieron preparando la Concentración internacional de Roma que debía ser una peregrinación por la paz. Sin embargo, la guerra estaba a la vuelta de la esquina y la concentración tuvo que ser cancelada. Se enviaron telegramas a todos los países del mundo. Las delegaciones de Canadá, de Colombia y del Tonkín, así como dos jocistas norteamericanos que ya estaban en camino, fueron los únicos en llegar a la Ciudad Santa. Cardijn dijo: "¡Pues ahora vamos a trabajar con todas nuestras fuerzas para quienes sufren, y después de la guerra iremos a Roma!"

El 1° de septiembre de 1939 las tropas hitlerianas invaden Polonia. Dos días después, Francia e Inglaterra declararon la guerra a Alemania. Había comenzado la segunda guerra mundial, que duraría cinco años.

La JOC debe ser reinventada cada día y en todas partes, porque los problemas de los jóvenes trabajadores, no se descubrirán ni resolverán de una vez para todas.

José Cardijn

La guerra lo trastorna todo

Esta guerra ponía frente a frente a democracias y dictaduras, países en los que el movimiento obrero podía organizarse y países donde dicho movimiento estaba integrado en el régimen político, países donde los jóvenes trabajadores podían tener su propia organización y aquellos en los que la juventud estaba enrolada por el Estado.

Todo quedó trastornado con este conflicto. Se modificaron las fronteras, a veces en varias ocasiones. Los valores vacilaron y el ser humano fue abofeteado. Los jóvenes trabajadores se fueron al ejército, algunos fueron incorporados a filas a la fuerza, otros fueron enviados a campos de trabajo, otros fueron prisioneros de guerra o prisioneros políticos torturados hasta la muerte en los campos de concentración. Las familias quedaron desgarradas, las ciudades y los pueblos fueron destruidos, la población quedó diezmada.

Surgieron nuevas necesidades. Había que dar acogida a los desplazados o refugiados, alimentar a los hambrientos, alojar a los damnificados, apoyar a quienes estaban en el ejército, en los campos de trabajo o en la cárcel, reaccionar contra el adoctrinamiento oficial, comunicar por allende unas fronteras totalmente cerradas, aprovechar todos los traslados debidos a la guerra (campos de trabajo, traslados de ejércitos por los continentes y a países de ultramar), encontrar medios de acción en nuevos entornos (fábricas, campos, cuarteles), andarse con rodeos con las autoridades de ocupación, tomar posición de cara a los movimientos de la resistencia, inventar modos de acción clandestinos, estar listos si fuera necesario para destruir cualquier documento comprometedor. Cabe preguntarse si esta escuela de guerra iba a ser saludable para el Movimiento, si la JOC iba a hallar su camino en esta nueva situación.

la " rue des Palais " en Bruselas, tras un bombardeo

La JOC en el torbellino mundial

La mayoría de los países indicados en el folleto de Cardijn "La JOC en el mundo" en 1939 se vieron afectados por la guerra. Raros fueron los países que se libraron directamente del conflicto mundial al adoptar una postura de neutralidad: Irlanda, Suiza, Suecia y Argentina. A estos países cabe agregar dos dictaduras: la de Salazar en Portugal y la de Franco en España. El primero permitió una presencia de los aliados en las islas Azores y en Timor y el segundo envió tropas para luchar contra el bolchevismo.

Todos los demás países, en los que la JOC estaba balbuceante o en pleno desarrollo, estuvieron implicados de una forma u otra en la guerra. Algunos incluso ya estaban integrados en el Tercer Reich como Austria o Checoslovaquia. Otros vieron afluir a las tropas enemigas y sufrieron la ocupación de los nazis: Bélgica, Países Bajos, Luxemburgo, Francia, parte de Polonia y de la URSS, países bálticos como Lituania. Otros países fueron ocupados por Japón: Indochina, Corea, Filipinas. Otros se unieron contra el nazismo: Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, Colombia, Egipto, Brasil, Australia, Nueva Zelanda, Seychelles. Las colonias francesas quedaron divididas: parte de ellas siguieron sumisas al gobierno de Vichy que colaboraba con Alemania (gran parte del Africa negra, Madagascar, Reunion), otros como Gabón, Camerún o Chad recibieron al ejército francés libre liderado por De Gaulle.

Pese a estos trastornos mundiales, y a veces gracias a ellos, la J.O.C. siguió viviendo y creciendo en un determinado número de países. Aún queda por recoger el balance de la acción del Movimiento durante estos cinco años de guerra. Se dieron tres tipos de situación. En primer lugar, estaban los países donde la J.O.C. estaba ya bien implantada y que fueron ocupados por la Alemania nazi (Bélgica y Francia); en segundo lugar, estaban los países como Alemania donde no existía la J.O.C., y con razón, pues sólo era permitido un movimiento de jóvenes que era la "Hitlerjugend", las juventudes hitlerianas; y por último estaban los países que pese a su intervención en el conflicto se situaban fuera de las zonas de combate, en particular Australia y Canadá. Cabe señalar que en otras regiones del mundo, el movimiento JOC llegó a desaparecer durante este período. Fue así con las JOC de China, del Japón, de las Filipinas.

En Bélgica

Durante los años previos a la guerra, la J.O.C. belga había condenado el nacionalismo, el fascismo y su forma belga, el rexismo.

En 1933, se publicó en el boletín "Jeunesse Ouvrière" que: "nos oponemos a una intoxicación colectiva de mano de dictadores que llevan a su pueblo a un abismo". En octubre de 1936, el boletín de los responsables de la K.A.J. se opuso a la "idolatría del Estado y a la divinización de la raza".

En mayo de 1940 Bélgica quedó sumergida por el ejército alemán. Ante los avances nazis, muchos belgas huyeron al sur de Francia, entre ellos los dirigentes nacionales de las cuatro ramas (JOC - JOCF - KAJ y VKAJ). El 27 de mayo, tras 18 días de combates, el ejército belga capituló y en septiembre los refugiados volvieron al país.

La J.O.C quedó parcialmente decapitada por la movilización y la no liberación de los prisioneros de guerra francófonos. Pese a los decretos que regulaban las actividades de los movimientos juveniles, los jocistas prosiguieron su acción y cada año se organizaron sesiones en las que participaron entre 6000 y 8000 militantes.

A partir de 1942, las actividades de los Movimientos fueron estrechamente vigiladas. El 11 de junio, Cardijn, su asistente y dos presidentes nacionales fueron detenidos y encarcelados por tres meses. Otros militantes fueron enviados a los campos de concentración.

Antiguos dirigentes como Fernand Tonnet y Paul Garcet murieron en dichos campos. Aun así, la J.O.C. continuó su acción utilizando el pretexto de reuniones religiosas. Se insistió en la educación, totalmente opuesta a la que proponía el Estado totalitario.

La J.O.C. y sobre todo la K.A.J. se tomaron a pecho el problema del trabajo forzoso en Alemania, logrando una rápida liberación de sus cuadros prisioneros políticos.

Durante la guerra el movimiento hizo también un inventario de las necesidades de los jóvenes trabajadores y sentó las bases de un programa de acción que se aplicaría nada más lograrse la Liberación. Este programa fue bautizado "Estatuto de la Juventud Trabajadora".

" Flores de fuego ", cristalización del vidrio, por Sachiko Hari.

En Francia

En Francia, la segunda guerra mundial comenzó con la llamada "guerra boba" que duró nueve meses (hasta septiembre de 1940) en los que los jóvenes fueron movilizados y la población fronteriza evacuada. La ofensiva relámpago de los alemanes en mayo y junio de 1940 dejó Francia dividida en dos zonas. En el norte, una zona ocupada y bajo el mando directo de los nazis, con Alsacia y Lorena integradas en el Reich. En el sur, la llamada zona "libre" dirigida por el gobierno de Vichy bajo las órdenes del mariscal Pétain.

En la zona "libre"

Durante la avanzada alemana, la Secretaría general tuvo que replegarse en Limoges, y luego en Lyon, desde donde se organizaron las acciones.

La JOC buscó estar presente en todos los lugares donde estaban los jóvenes trabajadores. Se organizaron servicios, sesiones de formación, acciones. Todo ello se llevó a cabo fuera de las políticas oficiales del Estado. La J.O.C. se opuso al sindicalismo único fomentado por el Gobierno de Vichy (Carta del Trabajo), reforzó su pertenencia al mundo obrero y consideró que había hecho demasiado hincapié en determinados aspectos espirituales.

El 15° aniversario del Movimiento en Francia se celebró el 21 de junio de 1942. Las manifestaciones en las que participaron unos 70.000 jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras en Lyon, Marsella, Saint-Etienne, Grenoble, Toulouse y Limoges consolidaron la unidad del movimiento y afirmaron su identidad.

El campo de Struthof en Alsacia (Francia).

En la zona ocupada

Tras la derrota de 1940, se reorganizó la secretaría de la JOC en París. La situación presentaba más dificultades que en la zona "libre". Los nazis estaban omnipresentes. A pesar del decreto del Gobierno militar (24/8) que prohibía las actividades de cualquier unión, sociedad o asociación, la JOC siguió existiendo y actuando. Se mantuvo en contacto con la JOC de la zona "libre" y con la JOC belga, a menudo a costa de traslados arriesgados (cruce de fronteras o zonas prohibidas).

En 1942 se organizaron casi treinta sesiones de estudios regionales en las que participaron entre 60 y 150 participantes en cada sesión. Además, el movimiento preservó su independencia financiera. Es así que en 1943, la venta de calendarios generó ingresos por más de dos millones de francos, cuando sólo bastaba un millón para asegurar el pago de los salarios de los permanentes y los demás gastos de funcionamiento.

El desembarque aliado en Africa del norte provocó la entrada del ejército nazi en la zona libre el 11 de noviembre de 1942. Siete meses después, el 13 y 14 de junio de 1943 tuvo lugar en Buzenval (cerca de Versalles) el "encuentro de la unidad" en el que fusionaron las dos secretarías (Lyon y París). Sin embargo, surgieron otros problemas que desafiaron a la JOC. En efecto, el Servicio de Trabajo Obligatorio (S.T.O.) instaurado el 16/2/1943 afectaba a numerosos jóvenes trabajadores.

El 3 de agosto de 1943, los locales de la secretaría de París fueron pesquisados y precintados. El Padre Guérin, considerado presidente de la J.O.C., fue detenido y encarcelado durante 142 días. Ese mismo día, un dirigente de Lyon, Paul Buttet, fue detenido y deportado a un campo de concentración. Muchos jocistas se comprometieron personalmente con la Resistencia.

" Un medio para identificarse "

En los campos de trabajo los jocistas de distintos países se identificaban silboteando el himno jocista.

De pie. La voz de Cristo Obrero
Nos llama el mundo a conquistar.
De pie, que el jefe nos invita
Legiones nuevas a formar.

Alegres, puros, sin temor,
Conquistadores del ideal,
Y firmes en compacto batallón
Jocistas avanzad.

En la Alemania nazi

La Alemania nazi necesitaba mano de obra para su industria de guerra. Sin embargo, los obreros alemanes, tanto jóvenes como adultos, estaban en el ejército y combatían en los distintos frentes. Era insuficiente la mano de obra constituida con los dos millones de prisioneros políticos. Por esta razón, Alemania organizó la requisición de trabajadores de Bélgica, de Francia y de los otros países ocupados, afectando en total a 1,3 millones de franceses y 200 000 belgas. Los movimientos jocistas de estos dos países fueron alcanzados de lleno por las consecuencias de este trabajo forzoso impuesto a los jóvenes.

Trabajo forzoso

En Bélgica se declaró obligatorio el trabajo forzoso el 6 de octubre de 1942 para los hombres entre 18 y 50 años, y para las mujeres solteras entre 21 y 35 años.

Opresión. Cerámica de Argentina.

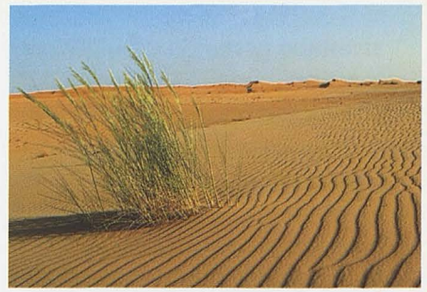
El movimiento reaccionó con fuerza: "No firméis, no os vayáis". Se emprendió una acción disuasiva que resultó ser muy eficaz con las muchachas. Es así que durante seis meses en 1943, de 84 000 mujeres convocadas, sólo 1000 se marcharon a Alemania. Obviamente, el movimiento puso en marcha medios para ayudar a los recalcitrantes que tenían que vivir en la clandestinidad.

En otro momento, la K.A.J. obró con determinación para apoyar a aquellos jóvenes que habían tenido que irse. La J.O.C. valona lo haría también aunque en menor medida dado el gran número de jóvenes trabajadores francófonos que seguían siendo prisioneros de guerra.

En Francia, no tardó en aplicarse la Ley sobre el Trabajo Obligatorio (S.T.O.). En efecto, habían fracasado las negociaciones con las que se proponía liberar a un prisionero por cada tres obreros que iban a trabajar a Alemania. El Trabajo Obligatorio afectaba a todos los hombres nacidos entre el 1 de enero de 1920 y el 31 de diciembre de 1922. 600 000 jóvenes entraban en esta categoría. La JOC francesa no se involucró plenamente en una acción para disuadir a los jóvenes de marcharse sino que prefirió dedicar sus fuerzas a quienes iban a trabajar a Alemania.

Nacimiento de la J.O.C.

Durante el año 1943 nacieron tres organizaciones jocistas en la Alemania de Hitler. Estas tres organizaciones fueron establecidas por la K.A.J. flamenca, La J.O.C. valona y la J.O.C. francesa. En muchos casos, todo empezó con la identificación de quienes llevaban la insignia jocista (cuando se autorizaba llevarla), de aquellos que silboteaban el himno jocista, con encuentros durante las misas del domingo. Las secretarías de Bruselas y de París recibieron centenares de cartas que describían la difícil situación en las barracas de los campos y en el trabajo. Al principio fueron formándose grupos que no tenían que ver unos con otros. Los movimientos nacionales enviaron sus boletines. La K.A.J. envió a dos permanentes a Alemania para organizar el Movimiento. Sacerdotes franceses salieron a trabajar como obreros para apoyar a los jocistas. Se organizaron encuentros más amplios, jornadas de estudios, acciones simbólicas, concentraciones, todo ello bajo "cubierta" religiosa. Se puso en marcha una amplia organización. La estructura de la K.A.J. se decidió en una reunión seguida poco después por una asamblea general en Dassau, el 12 de septiembre de 1943.



Siempre vuelve a brotar la vida.

La K.A.J. en Alemania tenía entonces unos 1800 miembros. No se trataba de todos los jóvenes que se encontraban en la JOC sino aquellos que tenían una relación más directa con Bruselas. El Movimiento se distribuyó por 25 regiones, siendo Berlín y Leipzig las más fuertes.

La J.O.C. belga francófona disponía también de una organización en Alemania, que colaboraba con los compañeros franceses.

En 1944, unos 10 000 militantes franceses y belgas estuvieron involucrados en acciones de ayuda mutua, de defensa de la dignidad del trabajador, y de resistencia al nazismo. El Movimiento estaba organizado en 70 federaciones y estaba presente en 400 ciudades. Entre las regiones más importantes estaban Berlín, Silesia, Stettin y Renania.

Las muchachas también dejaban Francia y Bélgica para ir a ayudar a las jóvenes trabajadoras obligadas de marcharse a Alemania. Aún queda por escribir su historia. Así pues, en plena guerra mun-

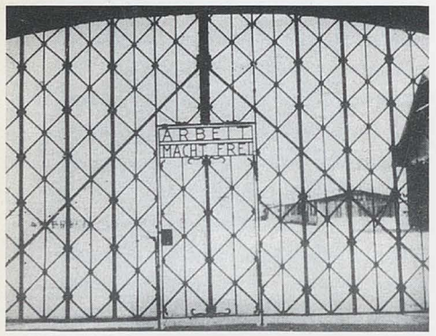
dial, en el antro mismo del león, se estaba gestando una "JOC del exterior", una "Auslands CAJ". ¿Cómo reaccionaría el león?

Represión

En el momento en que la K.A.J. adoptó sus estructuras comenzaron las dificultades con la Gestapo. La presión sobre los dirigentes fue cada vez mayor. Los alemanes preguntaban: "¿Por qué no trabajáis con nosotros puesto que luchamos contra el comunismo?" Se sucedieron intimidaciones, detenciones, interrogatorios y encarcelamientos. A partir del 3 de diciembre de 1943, las actividades antialemanas de sacerdotes, seminaristas y jocistas estuvieron en el punto de mira de una directiva dirigida a la Gestapo. La ola de represión alcanzó su auge en el verano de 1944. Numerosos jocistas fueron encarcelados y algunos pagaron su compromiso con su vida.

Sor Schalkhaz, colaboradora de la JOC de Hungría, asesinada por los nazis.

Entre ellos Marcel Callo es tal vez el más conocido porque fue beatificado. Conviene sin embargo no olvidar a todos los demás, conocidos y desconocidos, a los mártires de la resistencia, y a quienes fueron alistados a la fuerza en el ejército alemán.



Verja del campo de Dachau donde murieron Tonnet y Garcet.

Marcel Callo.

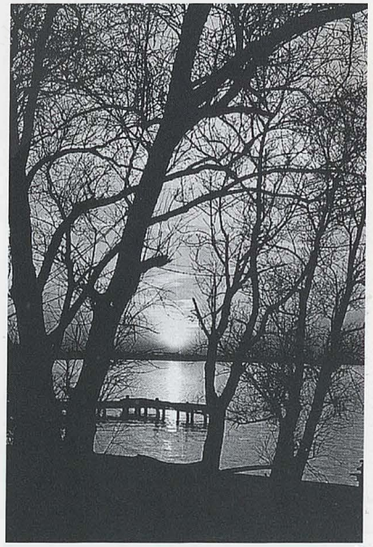
Una experiencia internacional fecunda

Implantada en un país dictatorial, la J.O.C. tuvo que buscar nuevos métodos de acción, a menudo clandestinos, y tuvo que sufrir persecuciones y muertes. Esta experiencia difícil, original y arriesgada fue internacional en varios aspectos.

En primer lugar, porque tenía lugar en un país extranjero y se situaba en entornos donde convivían personas de muchas culturas europeas distintas.
Luego, por que pese a algunas dificultades, se estableció una colaboración entre la J.O.C. francesa y la J.O.C. belga.
Por último, por que en muchos lugares se establecieron contactos con los alemanes, en particular con sacerdotes.

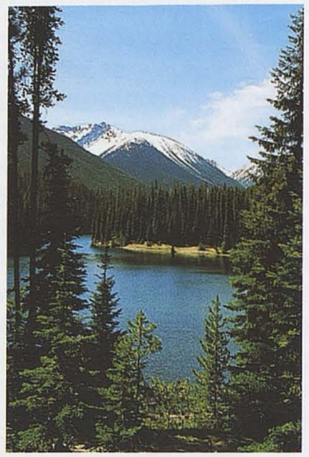
Esta experiencia fue fecunda porque tuvo que ver con la fundación de la J.O.C. alemana.
Además de los contactos de la JOC con sacerdotes alemanes que se la jugaban todas, se crearon otros contactos, pese a los problemas de lengua, con jóvenes trabajadores alemanes de modo que entraran en la J.O.C. En Stuttgart y en Aschaffenburg, todo quedó en meras relaciones amistosas. En Mannheim y en Meersburg, parece ser que algunos grupos de la J.O.C. alemana fueron descubiertos y reprimidos en la sangre por la Gestapo.

Una vez terminada la guerra, la J.O.C. belga emprendió acciones de ayuda mutua y de solidaridad con la incipiente J.O.C. alemana.
Además, la fundación de la J.O.C. alemana en Ludwigshafen fue el resultado de la acción de dos antiguos trabajadores del S.T.O. que intentaron convencer a los obispos, a sacerdotes y a jóvenes trabajadores de fundar su propia J.O.C.



Puesta de sol en Alemania septentrional.

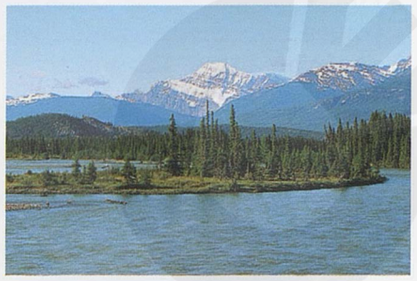
La vocación internacional del Canadá



Gran parte de Europa estaba bajo el dominio nazi, Norteáfrica era un verdadero campo de batalla, la guerra del Pacífico iniciada en Pearl Harbor (7/12/1941) estaba en su punto culminante. Mientras tanto, la J.O.C. iba naciendo, seguía viviendo y se desarrollaba en un determinado número de países fuera de Europa como Canadá, Australia o el Vietnam.

¿Que sucedió en el Canadá? La Juventud Obrera Católica del Quebec se fundó tempranamente, en 1931, tan sólo seis años después de la fundación oficial de la J.O.C. belga. Uno de los principales artífices de la fundación de la J.O.C. fue el Padre Henri Roy. El movimiento nació en el catolicismo tradicional del Quebec. La denominación "Católica" muestra cuáles fueron los orígenes de esta J.O.C. que, varias décadas después, tras realizar su "revolución tranquila" cambió "Católica" por "Cristiana".

A pesar del ambiente tradicional en que se desarrolló, la J.O.C. se abrió a lo internacional gracias a sus relaciones con Bélgica sobre todo, y también con Francia y Gran Bretaña. Les encíclicas sensibilizaron a la JOC al nacionalsocialismo y al comunismo. La prensa del movimiento presentó la historia y los problemas de la clase obrera en otros países. La J.O.C. del Quebec tomó conciencia de los problemas mundiales principalmente a través de los círculos eclesiásticos.



El 9 de septiembre de 1939 Canadá declaró la guerra a Alemania. Según determinadas fuentes, la J.O.C del Quebec tenía entonces unos 42 000 miembros de los que

4000 eran militantes. En 1941 se restableció la obligatoriedad del servicio militar. Más de medio millón de hombres fueron movilizados. La intervención de Canadá en los frentes franceses e italianos se cobró la vida de 41 000 soldados. Más de 10 000 jocistas fueron llamados a filas. Decenas de miles de mujeres jóvenes fueron empleadas en la industria de guerra.

Durante estos años, la acción de la J.O.C. continuó. Se organizó un "Servicio Jocista al soldado" que facilitaba la redacción de cartas y el envío de regalos a los soldados francófonos que combatían en Europa. Las concentraciones sobre temas de interés para los jóvenes trabajadores reunían con facilidad entre 400 y 500 personas.
Continuó el servicio de preparación al matrimonio iniciado antes de la guerra. En 1944, este servicio alcanzaba a 8000 novios (en las dos lenguas). Se organizó una cruzada de oración en favor de la "liberación de Cardijn o para que su detención, si debiera prolongarse en el plan de la Providencia, contribuyera al mayor desarrollo posible de la J.O.C. en su país y en el mundo entero".

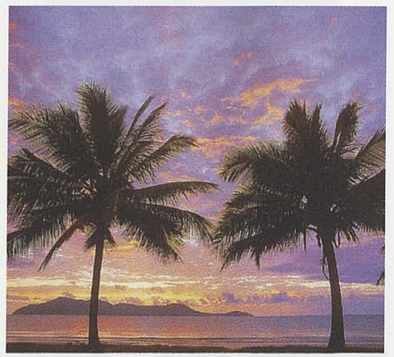
En 1944, se fundó oficialmente la JOC de lengua inglesa, la Y.C.W. (Young Christian Workers). Se organizaron sesiones conjuntas con las dos ramas (francófona y anglófona).

La J.O.C. del Canadá mantuvo relaciones importantes con los países extranjeros. En efecto, debido a la guerra estos países quedaron aislados de Europa. Las relaciones se establecieron con unos quince países, entre los cuales Chile, Costa Rica, México, Martinica, Haití, Cuba, y también Indochina.

¿ Volverá la paz ?

La articulación de la J.O.C. en Australia

La fundación oficial de la JOC australiana tuvo lugar durante la segunda guerra mundial. En realidad, el movimiento ya estaba formándose y actuando desde hacía unos diez años. Creemos útil recordar esta historia.



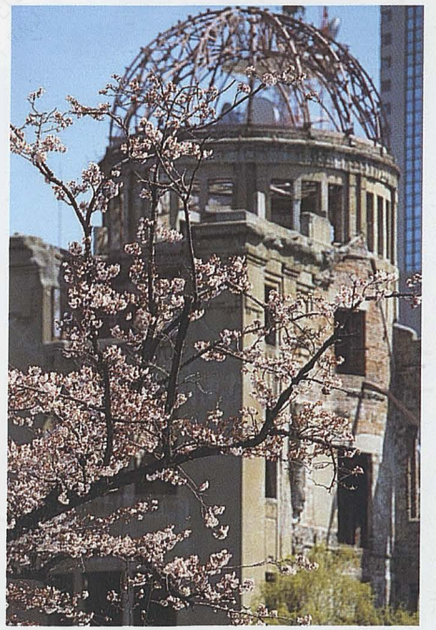
Queensland, Australia.

A principios de los años 30, la "Gran Depresión" llegó a Australia. El desempleo y la pobreza alcanzaron niveles sin precedentes. Decepcionados por la economía capitalista, los Estudiantes Católicos formaron un grupo para estudiar las enseñanzas sociales de la Iglesia y dar una respuesta cristiana. Kevin Kelly era uno de estos estudiantes. Kelly conoció la JOC en un libro y convencido de que la JOC era necesaria en Australia, organizó una campaña para dar a conocer el movimiento y sus métodos. Comenzó a escribirse con Cardijn y en particular con el Padre Robert Kothen.
Los esfuerzos de Kelly le llevaron a ser reconocido como corresponsal oficial de la JOC en Australia.

Kevin Kelly puso en marcha al menos un grupo sobre la base del método jocista. En 1939, él y otro laico publicaron un folleto sobre la JOC y la Acción Católica. Se vendieron más de 15 000 ejemplares de este folleto. Esto creó el contexto en que nació realmente la JOC

Durante aquel período, personas de otras ciudades de Australia, en particular de Adelaida, que era la ciudad natal de Paul Mc Guire, comenzaron también a experimentar y a promover la JOC
En 1939, Frank Lombard y unos jóvenes sacerdotes de Melbourne iniciaron a grupos de jóvenes trabajadores en sus parroquias. En 1941 lograron convencer al Arzobispo Daniel Mannix de que la JOC era el movimiento que se necesitaba. Mgr. Mannix ordenó convertir la existente "Legión Católica de Muchachos" en JOC
El 8 de septiembre de 1941, festividad de Nuestra Señora, fue la fecha simbólica elegida para la fundación oficial de la JOC de Australia, si bien ya existían grupos de JOC desde hacía varios años en Melbourne y en otras ciudades australianas.
Mientras tanto aparecieron los primeros dirigentes nacionales laicos de la JOC Frank Mc Cann y Ted Long fueron respectivamente primer presidente y primer secretario de la JOC de Australia. El primer Consejo Nacional tuvo lugar en 1943. Ted Long participó en la Semana de Estudios Internacional de Montreal en 1947.
Por su parte, las muchachas no tenían JOCF sino la NCGM (National Catholic Girls Movement - movimiento nacional de chicas católicas) que pasó a llamarse juventud obrera en 1959.

Durante la segunda guerra mundial, la JOC pasó por la tercera etapa de su breve existencia. Tras los años de fundación y la euforia de una rápida expansión internacional, la JOC entraba en un período de riesgo, purificación y profundización.



Hiroshima, Japón.

Roma 57

1945 - 1965

Fundación de la JOCI

Días de posguerra
Panorámica
La JOC se dota de un Buró internacional
Ver Juzgar Actuar
Montreal 1947
Braine-l'Alleud 1950
Misioneros laicos
Roma 1957 (1° Consejo internacional)
Nacimiento oficial de la JOCI
Después de Roma
Programas de año
Rio 1961 (2° Consejo Internacional)
Jocistas ingleses en Estrasburgo
Bangkok 1965 (3° Consejo internacional)
Los viajes de Cardijn

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1945	27-28/8: Jornadas de estudios internacionales de la JOC en Bruselas.	8/5: Capitulación de la Alemania nazi. 2/9: Capitulación definitiva del Japón. Ho Chi Minh proclama la independencia del Vietnam.
1947	Inicios de la JOC Alemana. Congreso Internacional de Montreal.	5/6: Plan Marshall. 15/8: Independencia de la India.
1948	Primer Congreso Nacional de la JOC del Brasil.	15/3: Proclamación del Estado de Israel. 26/6: Comienza el bloqueo de Berlín. 10/12: Declaración Universal de los Derechos Humanos.
1949	21/3: Primera sección de la J.O.C. japonesa en Kokura.	19/3: Llamada de Estocolmo en favor de la prohibición absoluta de los armamentos nucleares. 1/10: Mao Tse Tung proclama la República de China Popular. 7/10: Fundación de la República Democrática de Alemania.
1950	3-10/9: Concentración internacional de Braine-L'Alleud (Bélgica).	26/1: Creación de la Confederación Internacional de Organizaciones Sindicales Libres (CIOSCL), diferente de la Federación Sindical Mundial (F.S.M.) procomunista. 26/6: Comienza la guerra de Corea (hasta 1954).
1953	Los primeros "Extension Workers" ("extensionistas") salen de Bélgica.	
1954		7/5: Caída de Dien Bien Phu. 23/7: Acuerdos de Ginebra. División del Vietnam en dos zonas.
1955		17-24/4: Conferencia de Bandung de 29 países no alineados..
1956	12/9: Primer foro de las JOC de Africa en Duala (Camerún).	23/10: Principio de la insurrección húngara.
1957	23/8-4/9: Concentración de Roma (Italia). Primer Consejo Internacional y Fundación oficial de la JOCI.	25/3: Tratado de Roma. Fundación de la Comunidad Económica Europea.
1958	Encuesta mundial sobre la preparación para la vida familiar.	20-26/8: El Africa negra francesa accede a la independencia.
1960	Encuentro de las JOC de lengua árabe en D'Jounieh (Líbano). Encuentro Continental de Asia en Kuala Lumpur (67 participantes).	30/6: Independencia del Congo belga.

1945 - 1965

2-11/11: Segundo Consejo Internacional, en Río de Janeiro (Brasil).	La O.N.U. proclama el primer Decenio del Desarrollo. 13/8: Muro de Berlín.	1961
Encuesta mundial sobre el trabajo de los jóvenes.	18/3: Independencia de Argelia. 11/10: Juan XXIII abre el 2° Concilio del Vaticano.	1962
	3/8: Muere Juan XXIII. 22/11: Asesinato de John Kennedy.	1963
1-2/8: Marcha europea en Estrasburgo.	31/3: Golpe de Estado militar en el Brasil.	1964
Febrero de 1965: Cardijn es nombrado cardenal. 30/11-14/2: 3° Consejo Internacional en Bangkok (Tailandia). Encuesta mundial sobre los tiempos libres de los jóvenes. Plan de acción : migraciones, grandes ciudades. Establecimiento del equipo de extensión de Asia.	7/2: Principio de los ataques aéreos norte americanos en el Vietnam del Norte. Empieza la 2ª guerra del Vietnam..	1965

Comité Ejecutivo de la JOC.
Montreal, agosto de 1963.

Primer local de la JOC japonesa en Kokura.

1955 !
O primeiro
missionário-jocista alemão,
Paulo Fey,
sai da Alemanha para
trabalhar no Brasil
(até 1959)

Días de posguerra

El año 1945 fue un año terrible y a la vez lleno de esperanzas. Fue un año terrible porque se conocieron los horrores perpetrados en los campos de concentración nazis y el poder destructor del arma atómica en Hiroshima y Nagasaki. Fue terrible también por el balance que arrojó la segunda guerra mundial. Fue también un año de esperanzas, de regreso a la paz, de nuevos comienzos. Un año en el que se fue agrietando rápidamente la gran alianza contra Hitler y el Reich nazi sellada desde la agresión alemana contra la URSS el 22 de junio de 1942. Una prueba de ello fue la tensión en las discusiones entre los "grandes" en Teherán, Yalta y Potsdam sobre el futuro de Europa. El conflicto armado fue seguido por una "guerra fría" y la división del mundo en dos bloques. El 24 de febrero de 1948, los comunistas tomaron el poder en Praga; el 4 de abril de 1949, se firmó en Washington el Tratado del Atlántico Norte; y el 7 de octubre de 1949 se fundó la RDA... En un contexto como éste, las JOC de Hungría, de Polonia, de Rumania y de Eslovaquia pasaron a la clandestinidad y desaparecieron paulatinamente.

La JOC, que vivió de lleno el conflicto en todos los continentes, no tardó en hacer un balance y asentar los cimientos del futuro. Japón aún no había firmado su rendición (2/9/1945) cuando tuvieron lugar las jornadas de estudios internacionales. Este encuentro reunió a treinta y cinco dirigentes procedentes de siete países: Bélgica, Francia, Países Bajos, Luxemburgo, Inglaterra, Canadá y Estados Unidos..

Este encuentro puede considerarse el crisol en el que nació oficialmente la JOCI, Juventud Obrera Cristiana Internacional.

Panorámica

Los dirigentes reunidos en Bruselas comenzaron el encuentro con un examen general de la situación de la juventud trabajadora y de la J.O.C. en los distintos países. He aquí unos extractos de esta panorámica:

En Francia, "la juventud obrera experimenta una difícil situación tras cinco años de guerra.... La JOC adaptó y afinó sus métodos... La JOCF insiste en el gran número de madres adolescentes y de abortos, en particular entre las muchachas de 14, 15 y 16 años debido a la presencia de tropas". El movimiento se organizó por ramas: los mayores y los jóvenes.

En el Canadá, las deficiencias provocadas por la guerra "son menores que en Europa". La JOC "tiende a preocuparse por los aspectos materiales y sociales de los jóvenes trabajadores para alcanzar con ello los aspectos morales y religiosos". La JOCF indica que muchas chicas tienen mala salud por el trabajo de guerra y el hecho de que muchas fueron empleadas antes de los 14 años.

En Inglaterra, la mayoría de los jóvenes estaban en el ejército. "¿Cómo reintegrarlos en la industria después de la desmovilización?". Tras los bombardeos, el problema de la vivienda se ha vuelto crucial. Las encuestas sobre la juventud trabajadora son una preparación para la Carta de la Juventud Trabajadora.

En Holanda, en particular en el norte del país, la guerra causó estragos terribles, sobre todo en la situación de muchos jóvenes trabajadores. Muchas escuelas fueron destruidas. La inmoralidad y el desempleo van desarrollándose entre los jóvenes. Dos movimientos, el "St Josef Gezellenverein" y el "Jonge Werkman" fusionan y adoptan el nombre, el espíritu y los métodos de la K.A.J. belga

En Luxemburgo, los jóvenes han sido incorporados en las Juventudes Hitlerianas. La ofensiva de von Rundstedt en el invierno de 1944-45 destruyó una tercera parte del país. Se observa una reagrupación de las secciones jocistas. Hay que relanzar la JOC "en las masas".

En los Estados Unidos, "la guerra no ha afectado al estado general de la salud". Sin embargo, se observa un fuerte aumento de la delincuencia, en particular entre las muchachas. Los "negros" que son una décima parte de la población están muy abandonados. Se están creando núcleos en 48 Estados. Es importante "unificar y orientar a todos estos grupos hacia un movimiento único"

En Bélgica, la juventud trabajadora está marcada profundamente por la guerra: viviendas insalubres, bombardeos, trabajo de guerra, movilización, deportación, resistencia... A pesar de la ocupación alemana, las cuatro ramas del movimiento continuaron y adaptaron su acción (véase capítulo 2).

Central jocista en Bruselas.

La JOC se dota de un Buró internacional

El encuentro de agosto de 1945 no fue sólo internacional por la procedencia de sus participantes y por la visión que tenían de los diferentes países, sino también

Marguerite Fiévez, secretaria internacional del Buró internacional.

por el hecho de que sentó las bases de una futura labor internacional. En efecto, los participantes en dicho encuentro decidieron dotar a la JOC de una organización internacional más eficaz. La sede del Secretariado Internacional se mantuvo en Bruselas. Grupos locales de las JOC belga, francesa e irlandesa apoyaron a las JOC alemana y austríaca.

Era necesario formar un comité que reuniera a los delegados de todos los países afiliados. A él se incorporaron los capellanes nacionales. Por último, había que crear un Buró que estaría compuesto provisionalmente por delegados de Francia, Inglaterra y Bélgica, con objeto de asegurar la dirección cotidiana del Secretariado y de las actividades internacionales. El Comité contaría con una representación femenina de cada país y el Buró integraría también a representantes femeninas. A este Buró le encomendaron tres misiones fundamentales:

1) fomentar la fundación de las J.O.C.
2) facilitar los contactos entre los distintos países a través del Boletín de la JOC Internacional y preparar los viajes de Cardijn
3) representar el movimiento ante los numerosos organismos internacionales creados después de la guerra: Unesco, Consejo Económico y Social de las Naciones Unidas, Servicio europeo de la ONU, Conferencia de las Organizaciones Internacionales Católicas, Asamblea Mundial de la Juventud.

Cardijn y Pat Keegan.

Pat Keegan, de la JOC de Inglaterra, fue nombrado presidente, convirtiéndose así en el primer presidente internacional (no electo) de la JOC.

La labor de este Buró era titánica. Había que improvisarlo todo, buscar recursos, contar con colaboraciones voluntarias, mantener contactos epistolarios, recibir a los visitantes, clasificar la documentación, preparar las publicaciones, las reuniones, los Congresos y los viajes, llevar a cabo la acción representativa.

Es así que durante diez años, este Buró estuvo preparando la fundación oficial de la JOCI en el Congreso de Roma en 1957.

En mayo de 1946, se organizó en San José (Costa Rica) una sesión internacional para las Américas coincidiendo con una viaje de J. Cardijn; en junio de 1946 tuvo lugar en Bruselas una sesión con semejantes características para Europa.

Ver Juzgar Actuar

No se trata de una mera fórmula, de un botón en el que se debe pulsar para obtener lo que se quiere, sino del encaminamiento de una persona, de su proceso de vida.

Se invita a los chicos y chicas del mundo popular a mirar, observar su propia vida y la de sus compañeros. Esta capacidad de observación la adquieren con preguntas bastante sencillas, expresadas o no:
¿Cómo te llamas? ¿Dónde trabajas?
¿Cuánto ganas? ¿Vas al fútbol?
¿Quién es tu novia? Es esto que llamamos encuesta.
Luego se plantean otras preguntas más profundas que ayudan a reflexionar.
¿Qué cabe pensar de esto? ¿Cuál es la causa? ¿Qué sentido tiene mi vida?
¿Quién soy? ¿Qué vamos a hacer para que cambien nuestras condiciones de vida? Tras la reflexión y el juicio, se llega a la acción,
uno de los grandes pilares de la formación.

José Cardijn

Montreal 1947

El primer Congreso Internacional tuvo lugar en Bruselas en 1935, seguido por el de París en 1937. En julio de 1947, es decir diez años después y dos años después de acabada la segunda guerra mundial, se organizaron un nuevo

Dirigentes de la JOC en Montreal, un año antes del Congreso.

Congreso y una Sesión de Estudios Internacional. Ambos actos se realizaron en Montreal, en el Canadá. Fue el primer Congreso Internacional de la JOC organizado fuera de Europa. El movimiento canadiense realizó una preparación intensiva del Congreso. En el año previo al Congreso, cada federación y cada grupo organizaron una "quincena de propaganda" para galvanizar a los participantes.

Estuvieron representados todos los continentes: 12 países de Europa, 14 de América, 6 del Africa y 6 de Asia. Se contabilizaron en total 2860 participantes. Para la mayoría de los responsables delegados se trataba de una primera experiencia internacional. Fue así para los 75 participantes de Estados Unidos, para los delegados de Europa central (Alemania, Austria, Checoslovaquia), y para los delegados de Martinica, Cuba, Panamá, Ecuador y Jamaica.

El Congreso de Montreal fue la prueba de que era posible desarrollar el movimiento JOC en las repúblicas americanas. Fue asimismo en Montreal donde quedó expresada la necesidad de una JOC Internacional. En efecto, los delegados deseaban que "todas las J.O.C. de los distintos países se unieran para formar una JOC Internacional fuerte que diera una respuesta mundial a los muchos problemas encontrados". Las JOC se comprometieron claramente a brindar un apoyo financiero al Secretariado Internacional de Bruselas. Además, en el Congreso los delegados elaboraron un "Manifiesto de la Juventud Trabajadora".

La JOC en Cuba en 1949.

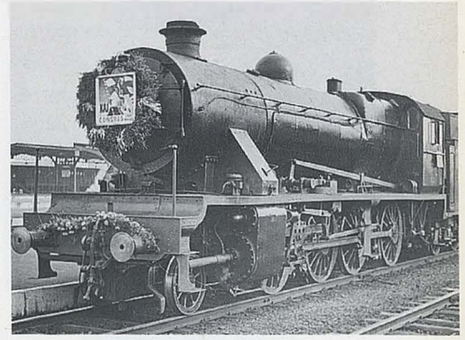
Braine l'Alleud 1950

El décimo aniversario de la J.O.C. belga en 1935 tuvo un marcado carácter internacional. Dicho carácter fue multiplicado con ocasión del 25° aniversario del movimiento. Braine-l'Alleud fue la cumbre de la JOC en la posguerra. Fue una etapa decisiva de la Internacional jocista.

Pío XII envió una carta a Cardijn y dirigió un mensaje radiofónico al Congreso jubilar celebrado el 3 de septiembre de 1950 en el estadio de Heysel en Bruselas. La concentración fue seguida por una "Conferencia Internacional" que se realizó durante una semana en Braine-l'Alleud, del 3 al 10 de septiembre.

Cuatrocientos cincuenta delegados de 45 países (en total 510 participantes procedentes de 52 países) se reunieron para trabajar juntos. La labor de esta asamblea internacional ya había sido preparada en los países en los 18 meses previos al acto. El 1 de julio de 1949, el Buró Internacional había enviado una circular a las secretarías nacionales para indicar en qué espíritu se quería desarrollar la preparación: "responsabilidad, esfuerzo, fe y unidad a fin de contribuir a la liberación y salvación de los jóvenes trabajadores de todos los países".

Tres años antes, el Congreso de Montreal había puesto de relieve el potencial de América latina. El Congreso de Bruselas hizo ya más hincapié en los países denominados en aquella época "países subdesarrollados". A partir de entonces, se organizaría una "Jorna-



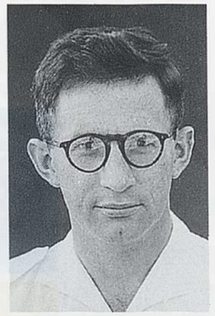
Camino de Braine-l'Alleud.

da Internacional" en cada país.
Treinta y dos países prepararon la encuesta sobre cultura, vivienda, familia, trabajo, desempleo, tiempos libres, higiene y salud. La síntesis de esta labor fue como un toque de alarma dado por la juventud obrera. La reflexión sobre "La hora de la clase obrera en la revolución mundial" no fue apreciada por Roma que formuló una advertencia criticando el documento por su orientación "clasista".
En 1952 y 1953 tuvieron lugar encuentros continentales: en Petrópolis (Brasil) para las JOC de América latina; en La Habana (Cuba) para las JOC de Centroamérica, en Hilversum (Países Bajos) para las JOC de Europa...
En 1955, las JOC americanas crearon un equipo itinerante encaminado a ayudar al desarrollo de los movimientos nacionales; en 1956, se creó un Asian Pacific Committee en Manila (Filipinas); y en Duala (Camerún), 50 delegados africanos se reunieron con motivo de una sesión continental.

Delegados africanos en Braine-l'Alleud.

Misioneros laicos

A partir de 1953 y por un período de unos quince años, la JOC estuvo enviando a "misioneros jocistas, laicos" al Africa, a América latina y a Asia. Fueron los llamados "extension workers" o "extensionistas".
En 1961, más dos 200 muchachos y muchachas ya habían respondido a la llamada del movimiento. Su tarea estaba muy definida y no era nada fácil. Se comprometían por tres años y trabajaban en equipos.
No recibían un sueldo sino sólo dinero para gastos menudos. En muchos casos trabajaban a media jornada. El país de origen y la JOC Internacional se encargaban de los gastos y de los seguros. Las diócesis locales debían garantizar el alojamiento y la comida, y en lo posible, darles algún dinero para gastos personales.
Los extensionistas debían tener una experiencia como responsables en el movimiento. Era importante que dominaran idiomas, fueran conscientes de las condiciones de vida, mentalidad y costumbres del país de acogida y conocieran a las organizaciones e instituciones de dicho país.



Alex Ericx (izq) y Jacques Meert (dcha), dos de los muchos extensionistas que tuvo la JOC.

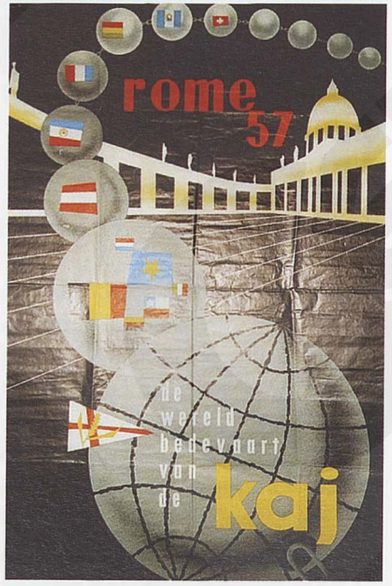
La misión de quienes eran enviados a los países donde la JOC ya existía era la de formar a responsables, ayudarles a adaptar el Movimiento a la situación local, a articularlo y a desarrollarlo. Quienes fueron enviados a países donde no había JOC tenían el objetivo de darla a conocer a sacerdotes, a seminaristas, y a otras personas.
Se presentaba la Acción Católica y el papel de los laicos en la Iglesia, el potencial de los y las jóvenes y la acción educativa de la JOC.
El 16 de mayo de 1963, en un encuentro de información, Cardijn dijo: "Los misioneros jocistas no se marchan como colonialistas, ni con medios capitalistas, ni con el objetivo de que los jóvenes africanos se parezcan a nosotros. Debemos ser misioneros desinteresados, para que la gente viva lo suyo. La JOC en el Congo debe ser congoleña, en Asia debe ser asiática".

Bernadette Dionne Dubuc (Quebec), extensionista en Argelia.

Roma 1957

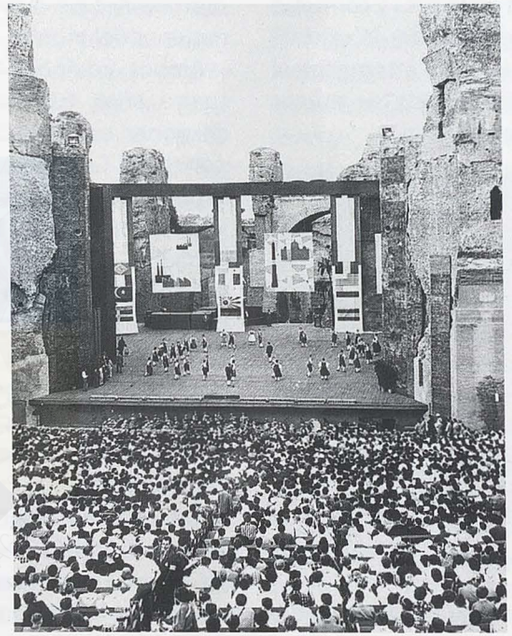
Hasta 1957, el Buró Internacional de Bruselas fue la clave del desarrollo del Movimiento en todo el mundo. En 1954, se amplió el equipo del Secretariado, abriéndose a responsables de otros continentes. Fue entonces cuando se inició una labor de definición de nuevas estructuras internacionales más estables, más centralizadas y más democráticas. Estos cambios se dieron al mismo tiempo que la preparación de la peregrinación mundial y del Consejo Internacional previstos en Roma para 1957.

La gran concentración mundial de Roma congregó a unos 32 000 jóvenes trabajadores de 85 países. Las delegaciones comenzaron a llegar el 21 de agosto de 1957. La velada folclórica en los Términos de Caracalla el viernes 23 de agosto marcó el inicio de los actos mayores. Los jóvenes trabajadores resaltaron la belleza de su cultura, de sus cantos, y terminaron la noche bailando una farándula internacional. El acto más importante del sábado fue el desfile con antorchas hacia el Coliseo y el Vía Crucis. La Misa del domingo 25 de agosto tuvo lugar en la Basílica de San Pedro. En la tarde del domingo, el Papa Pío XII saludó a los jocistas y a otras 10 000 personas presentes en la plaza de San Pedro. El lunes se clausuraron las celebraciones oficiales con un acto folclórico internacional en la Basílica de Majencio. Ese día y el siguiente permitieron una gran fraternización internacional superando países, lenguas y orígenes étnicos. Los últimos actos de preparación del Consejo Internacional fueron los encuentros continentales (Africa, Asia, América, Países Árabes) y una reunión de capellanes.



¡ Cita en Roma !

Nacimiento oficial de la JOCI


espectáculo escénico.

El Consejo Internacional celebró sus sesiones del 29 de agosto al 4 de septiembre de 1957. En él participaron unos 450 jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras representantes de 75 países.
El Consejo abordó principalmente los puntos siguientes:

- Un balance de la acción de la JOC Internacional que recogía un resumen de toda la historia del Movimiento
- Un estudio de la situación religiosa de la juventud trabajadora en el mundo, realizado a partir de una encuesta lanzada por la JOC Internacional.
- Un estudio de los fundamentos de la J.O.C. con aspectos como los principios doctrinarios del Movimiento, la JOC como movimiento organizado de jóvenes trabajadores/as que realizan "entre ellos, por ellos y para ellos" su vocación humana, divina, personal y comunitaria, y contribuyen a dar soluciones a los grandes problemas de la humanidad, y a construir un mundo nuevo.
- Una discusión sobre los Estatutos (previamente aproba-

dos por la Santa Sede) y el Reglamento de Orden Interno. Esta discusión marcó la constitución jurídica de la JOCI y confirmó un hecho consumado: la oficialización de la JOC Internacional con la realización de su primer Consejo Internacional

Maria Meersman (Bélgica), vicepresidenta de 1957 a 1961.

- La elaboración y la adopción de un plan de trabajo de cuatro años cuyos ejes eran los siguientes:

Prioridad al desarrollo de las JOC nacionales a través de la formación de los responsables y capellanes y del desarrollo de la JOC entre los jóvenes trabajadores;
Desarrollo de la JOC Internacional mediante la consolidación de la coordinación y el apoyo entre JOC nacionales. En adelante, los "extensionistas" serían enviados por la JOC Internacional.

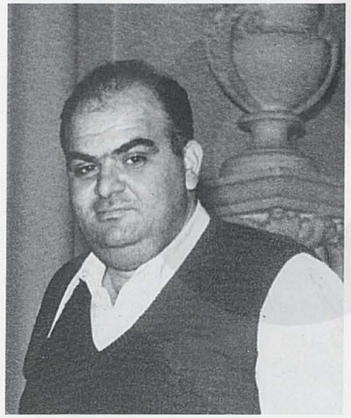
- Elección del primer Buró Internacional y de un Comité Ejecutivo de 16 responsables procedentes de distintos países y regiones del mundo.
- Ambos equipos, elegidos por cuatro años, fueron encargados de poner en aplicación las decisiones del Consejo Internacional.

El primer presidente electo de la JOCI fue Romeo Maione del Canadá.

- Adopción y publicación del Manifiesto de la JOC Internacional.

Como vemos, la labor de los delegados fue ardua y productiva, y siguió a la gran fiesta de la semana anterior.

Según Romeo Maione, "Roma fue una celebración y una fiesta. Era normal organizar una fiesta con motivo del nacimiento de la JOCI".



Romeo Maione (Canada), primer presidente electo.

El manifiesto de la JOCI

El primer Consejo Internacional se terminó con la publicación del Manifiesto de la JOCI Este fue la continuación de los manifiestos anteriores de la JOC: Montreal 1947 y Braine-l'Alleud 1950. Manifiestos como éstos no sólo desafiaron a la juventud trabajadora sino también a los responsables de las grandes organizaciones internacionales.

En efecto, el Manifiesto de 1957 quiso ser claramente internacional. Comenzaba con una mirada a un mundo en que las dos terceras partes de la población estaban subalimentadas, numerosos países sufrían una crisis de la vivienda, y había mucha desigualdad en los aspectos de la higiene, salud y esperanza de vida.

El Manifiesto invitaba al joven trabajador a ocupar un lugar específico en el mundo, entre los jóvenes que trabajan, buscan divertirse, están a menudo privados de cultura, viven en familias muy diversas, sin olvidar a las chicas y mujeres que trabajan.

Se planteaban los interrogantes siguientes: "¿Adónde va el mundo? ¿Qué peligros y qué esperanzas entraña? ¿Nos dirigimos hacia la fraternidad, en un respeto de las razas y de las civilizaciones? ¿Cómo dar respuesta a las verdaderas necesidades religiosas del ser humano? ¿Nos dirigimos hacia una paz mundial?"

El Manifiesto concluía con una conmovedora llamada, (véase página siguiente).

Ha nacido la JOCI.

Nuestro llamamiento

Joven trabajador, camarada y hermano.
Joven trabajadora, hermana y compañera
¿Has leído el Manifiesto que te dirigimos?
¿Puedes quedarte indiferente ante los problemas que deciden el futuro de toda la juventud trabajadora del mundo?
No seas escéptico (a)
No seas egoísta.
Es posible que no estés de acuerdo con algunos puntos de este Manifiesto. Dínoslo, escríbenos..
Quizás no tienes confianza en la J.O.C. que te hace llegar este llamamiento. Estúdiala, acércate a los jocistas.
En todo caso, no permanezcas solo y aislado. No te dejes cegar por el placer, el egoísmo, la indiferencia, la pasión o la ambición personal.

Ven con nosotros !

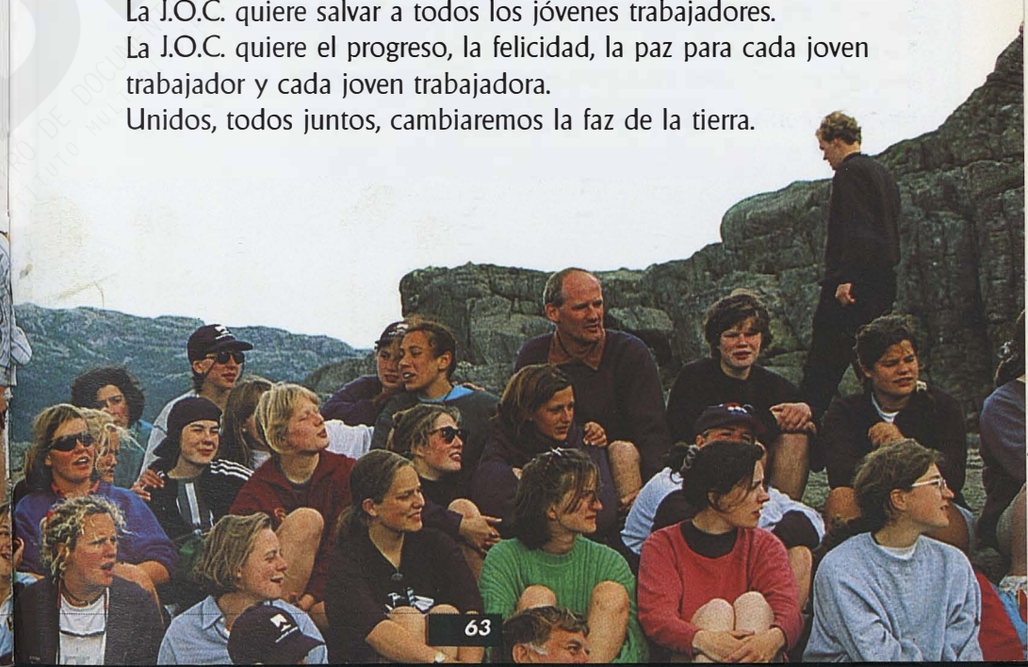
Tú tienes una misión magnífica.
Millones de jóvenes te esperan en Europa, en Africa, en Asia, en América, en Australia.
Millones de jóvenes cuentan contigo para ayudarles a levantarse, para tener confianza de salvarlos.
Todos tienen derecho a la felicidad, al respeto, a la dignidad

Ven con nosotros!

Nosotros queremos organizar una juventud nueva para construir juntos un mundo nuevo.
No un mundo estructurado en la explotación, la ignorancia, la violencia, la guerra.
Sino un mundo edificado sobre el respeto de la persona, de la familia, de la vida, de la conciencia.
Un mundo construido en la confianza, el desinterés, la amistad.
Un mundo construido sobre la fe en la misión y en la dignidad del más pobre, del más humilde.

Ven con nosotros!

La J.O.C. no te engañará jamás
La J.O.C. no te mentirá.
La J.O.C. te exigirá un gran esfuerzo, grandes sacrificios y una gran entrega, pero te dará, a cambio, un objetivo para tu vida, un solución para tus dudas, una esperanza para tus temores.
La J.O.C. quiere unir a todos los jóvenes trabajadores.
La J.O.C. quiere salvar a todos los jóvenes trabajadores.
La J.O.C. quiere el progreso, la felicidad, la paz para cada joven trabajador y cada joven trabajadora.
Unidos, todos juntos, cambiaremos la faz de la tierra.



Después de Roma

A partir de "Roma 1957", la vida del movimiento fue transcurriendo al compás de los Consejos Internacionales, organizados normalmente cada cuatro años. En cada Consejo, se examinaba o analizaba la situación de los jóvenes trabajadores de los distintos continentes, se evaluaba la acción de los años anteriores, se elaboraba y adoptaba un plan de acción para los cuatro años siguientes, y se renovaba el equipo dirigente.

Entre el primer Consejo y el segundo, que tuvo lugar en 1961, la economía del mundo capitalista parecía estar floreciente. Continuaban los "30 años gloriosos" iniciados en la posguerra. Asimismo seguía habiendo una división del mundo en bloques. Se hablaba sobre todo de guerra fría. La descolonización avanzaba a pasos gigantescos y numerosos países africanos accedían a la independencia.

Entre 1957 y 1961, la JOC creó Comisiones de estudios regionales para América latina, Europa, Africa y Asia.

Programas de año

Sudáfrica: El trabajo (JOC y JOCF)
Africa occidental: La dignidad de la joven (JOCF)
España: Por unos tiempos libres que contribuyan a desarrollar nuestras capacidades (JOCF). Respeto de la condición obrera (JOC)
Francia: La JOCF en el entorno laboral (JOCF). Nuestro futuro está en peligro: posibilidades de empleo, aprendizaje, salarios (JOCF)
Haití: ¿Dónde viven los jóvenes trabajadores? (JOC)
Trabajo: « escuela, aprendizaje, salarios » (JOCF)
Suiza: ¿Qué haces con tu salario? (JOC)
Tiempos libres, un medio para construirte (J.O.C.F.)
Chile: Tiempos libres (JOC). Profesión y cultura (JOCF)
Brasil: Desempleo, aplicación del salario mínimo (JOCF)
Ocio y cultura popular (JOC)
Uruguay: Situación y papel de la mujer y de la joven del mundo popular (JOCF)
Colombia: El Trabajo (JOC y JOCF)
Inglaterra: Situación del mercado de trabajo y de los trabajadores (JOC y JOCF)
Costa Rica: El trabajo (JOC y JOCF)
Bélgica: Ante el futuro (JOCF francófona). Familia nueva, mundo nuevo (JOC francófona). Hacia nuestra felicidad (JOCF flamenca)
Canadá: Importancia del cuerpo en la vida de la joven trabajadora (JOCF francófona)
Ceilán: La vivienda (JOC y JOCF)
Japón: El matrimonio (JOC y JOCF)

Rio 1961

El 2° Consejo Internacional de la JOCI se reunió en América latina, a Río de Janeiro, del 2 al 11 de noviembre de 1961, año y medio después de inaugurarse la nueva capital del país, Brasilia.

El Boletín de la JOCI indica que estuvieron presentes más de 262 participantes procedentes de 85 países. El Consejo fue totalmente financiado por la JOC del Brasil. Gérard Van Bakel, que era tesorero de la JOCI, subrayó la sorpresa y la alegría que le produjo el hecho de que un movimiento de un país subdesarrollado hiciera un esfuerzo como éste.

Este Consejo fue más que nada un Consejo de consolidación y estudio. A fin de consolidar el movimiento presente en distintas partes del mundo, se estableció un servicio de extensión y de formación, se optó por formar mejor a los "extensionistas", organizar su traslado a los países y apoyarles. Dicho servicio organizó asimismo seminarios de formación de responsables nacionales y continentales. Los estudios atañían a los fundamentos apostólicos de la JOC. Esta se preguntaba cómo el Movimiento podía ocupar su lugar original en el Movimiento Obrero o en países donde no había conciencia obrera? Una de las decisiones importantes de este Consejo fue el lanzamiento de una encuesta mundial sobre el trabajo.

Al mismo tiempo que el Consejo, la JOC del Brasil organizó junto con el sindicato de metalúrgicos su primer Congreso Nacional de jóvenes trabajadores, en el que participaron delegados de todos los Estados del Brasil. Estuvieron

participando Cardijn, Bartolo Perez y Betty Villa, vicepresidenta de la JOCI, interviniendo para apoyar a los congresistas.

A nivel europeo, la encuesta mundial sirvió para preparar la Marcha de Estrasburgo en 1964 y la elaboración del Estatuto del Joven Trabajador de Europa. Las JOC de Alemania y de España decidieron emprender una acción común con relación a la inmigración.

Betty Villa (Filipinas), vicepresidenta.

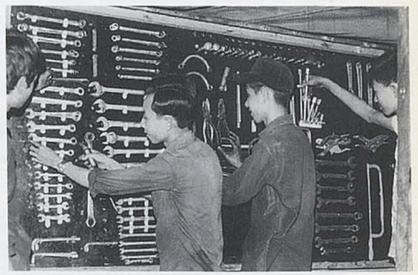
En 1963, en virtud del estatuto consultivo de la JOCI ante la UNESCO, el presidente internacional, Bartolo Perez, fue invitado a participar en calidad de vicepresidente en una comisión del citado organismo internacional. En septiembre de 1963, dicha comisión organizó la primera Conferencia mundial de la juventud en Grenoble.

Cuando se le pregunta acerca del Consejo de Rio, el padre Stan Fernando, asesor eclesiástico de Asia, natural de Sri Lanka, dice: " En aquella etapa observábamos los avances y la integración del movimiento asiático en la JOC Internacional. Fue también en aquella época cuando Asia comenzó a tomar iniciativas propias. Además, en las JOC nacionales de países como el Japón, Hong Kong, Malasia o Singapur, un determinado número de jóvenes trabajadores implicados en la JOC eran no cristianos o no católicos, y no pudimos encontrar la forma más adecuada de lograr una integración real de estos "no cristianos".

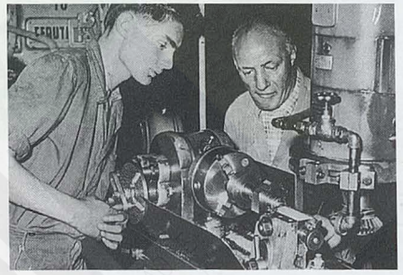
Bartolo Peres (Brasil), presidente.

1962 - 1964
Encuesta mundial sobre el trabajo

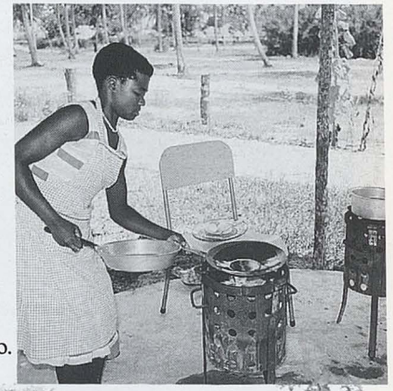
Japón.



Vietnam.



Europa.



Congo.

Tanzania.

Tras el Consejo de Rio y la encuesta mundial sobre el trabajo : **la marcha de Estrasburgo** en 1964.

Espectáculo escénico.

Jo Weber, secretario europeo, uno de los organizadores de la marcha.

Jocistas ingleses en Estrasburgo

Inglaterra envió a Estrasburgo a 120 responsables jóvenes trabajadores para participar en un acto de tres días previo a la concentración del 1° de agosto a la que acudieron 30.000 jóvenes. En dicho acto se promulgó una Carta de la Juventud Trabajadora de Europa. La preparación se había iniciado dos años atrás en Inglaterra y llevó a la organización de acciones locales, regionales y nacionales antes y después de la concentración de Estrasburgo.

En 1963 se inició una encuesta a gran escala sobre casi todos los aspectos de la vida de la juventud trabajadora (en ese mismo período se realizaron encuestas semejantes en la mayoría de los países de Europa). La encuesta concernía a la preparación al trabajo, formación en los lugares de trabajo, actitud ante el trabajo, y lugar de los jóvenes trabajadores en la empresa. Se analizaron unos 15 000 cuestionarios rellenados por los jóvenes trabajadores en el ámbito local, regional y nacional. Los resultados se utilizaron para demostrar la necesidad de mejorar las condiciones de trabajo de los jóvenes y realizar campañas en este campo.

En el ámbito local, los jóvenes trabajadores tomaron la iniciativa de crear comités para aprendices con objeto de analizar sus condiciones y representarlos ante sus empleadores. En Lancashire y en el norte de Inglaterra muchos jóvenes trabajadores se encontraban desempleados. Las acciones locales consistían en la búsqueda de trabajo y la oferta de servicios a los jóvenes desempleados a través de clubs y hogares juveniles.

En el ámbito nacional, los resultados de la encuesta permitieron al movimiento contribuir al debate parlamentario sobre el proyecto de ley de formación profesional y ofrecer testimonios al Comité Gubernamental (Government Committee) sobre los programas de formación para jóvenes trabajadores. Los responsables nacionales de la JOC entregaron información a los parlamentarios durante el proceso de aprobación del proyecto de ley, con objeto de pedir mejoras en dicho proyecto, aprobado finalmente en 1964. El informe tuvo una amplia difusión en todo el país y propició discusiones con miembros del Consejo Central para la Formación (Central Training Council) y del Congreso de Sindicatos (Trades Union Congress – TUC).

Bangkok 1965

El período entre el Consejo Internacional de Rio en 1961 y el Consejo siguiente en 1965 corresponde grosso modo al del Segundo Concilio del Vaticano (de 11/10/62 al 8/12/65). José Cardijn participó en dicho Concilio, primeramente como observador, y luego, una vez nombrado Cardenal, como participante con pleno derecho. Se invitó a Bartolo Perez a participar como observador laico. Su participación le permitió encontrarse con obispos de diócesis donde existía la JOC y con obispos que habían sido antiguos capellanes de la JOC Junto con Cardijn, intentaron insertar en el decreto sobre apostolado seglar (Apostolicam Actuositatem) algunos principios propios de la JOC.

Para su 3° Consejo Mundial, la JOCI eligió un país de Asia, Tailandia, y el Consejo eligió a un presidente asiático. Del 30 de noviembre al 14 de diciembre de 1965, se reunieron en Bangkok 260 delegados de 69 países, representantes de 116 movimientos nacionales. Se observó un protagonismo cada vez mayor de los movimientos no europeos. Los delegados latinoamericanos insistieron en el carácter obrero de la JOC. Otro eje de reflexión fue también la apertura a los musulmanes, budistas y no creyentes.

Se presentaron sesenta monografías que relataban acciones realizadas en distintos países, por ejemplo: cooperativas de soldadores o de viviendas, talleres de ebanistería, artesanía y reparaciones, centros de acogida para inmigrantes, grupos de amistad, comités de vecinos, centros de alfabetización, servicio de preparación para el matrimonio, cursillos de cocina, cuidado de niños, mecanografía, bordado, peluquería, fotografía, etc.

Rienzie Rupashinghe (Sri Lanka), presidente.

La reflexión estuvo centrada en el carácter obrero de la JOC porque este aspecto no quedaba claro. En

algunos países, la toma de conciencia de clase era mucho mayor que en otros donde, con la industrialización y el desarrollo, aquel aspecto de clase tal vez iba perdiendo importancia.
Además, Bangkok retomó la encuesta mundial sobre el trabajo y tradujo sus resultados en un "Manifiesto sobre el trabajo". Este manifiesto recogía cuatro ejes principales de análisis para la acción:
1. El sistema económico está basado en el lucro
2. Los falsos conceptos del hombre y de la sociedad colocan al hombre al servicio del lucro y de la producción.
3. Existen condiciones que facilitan el desarrollo de este sistema.
4. La falta de solidaridad entre los trabajadores fomenta la explotación.

Los delegados de este Consejo decidieron que los extensionistas que trabajarían en Asia debían ser asiáticos. Esta decisión se tomó sobre la base de las conclusiones de la Conferencia de Chittagong (Bangladesh) 1964 y comenzó a aplicarse a partir de 1967.
Según Jack Salinas, antiguo dirigente de la JOC francesa, *"pese al carácter folclórico de las primeras concentraciones internacionales de la JOC, Bangkok 65 tuvo mucha importancia para mí, porque me permitió conocer otras realidades y sobre todo otras mentalidades. Comencé a tener una idea más precisa de lo que llamábamos realidades diferentes".*

Grupo de delegados.

En 1973, Brian Burke, asesor de Australia, que sería asesor internacional de 1969 a 1973, escribía lo siguiente: *"El aspecto común de los tres Consejos (Roma, Rio y Bangkok) fue la decisión de realizar una encuesta mundial. En esto se notaba, me parece, la influencia europea, pues la encuesta era el medio utilizado en casi todos los Movimientos Nacionales de Europa. Se había concebido la encuesta mundial como un medio para desarrollar una acción internacional. Teníamos el sentimiento de que era necesario otro tipo de acción y unidad internacionales. En mi opinión, los resultados de Bangkok se notaron en Beirut."*

Los viajes de Cardijn

El primer viaje intercontinental de Cardijn se remonta a 1946, cuando tenía 64 años. Sus continuos periplos al servicio de la juventud trabajadora duraron 20 años.

1946. Gira por las tres Américas. El punto central fue la primera Sesión panamericana de asesores jocistas en San José de Costa Rica. En total, Cardijn recorrió 36 000 kilómetros en avión. Se dirigió a 3000 sacerdotes.

Cardijn en los Estados Unidos en 1946.

1947. Estados Unidos y Canadá, con motivo del 15° Aniversario de la JOC canadiense y de la Conferencia Internacional de la JOC en Montreal.

1948. Viaje a toda Norteáfrica, luego al Brasil y a toda Sudamérica. El motivo fue la constitución de la JOC brasileña como movimiento nacional. 34 000 kilómetros en avión.

1951. Viaje a América latina con regreso por Estados Unidos y Canadá. Escala y semana de contactos en Dakar durante el viaje de ida. Motivo del viaje: dar una serie de conferencias a petición de la Acción Social de Rio de Janeiro.

1952. Vuelta al mundo tras cuatro meses de hospitalización: Roma, India, Ceilán, Filipinas, Japón, Estados Unidos, Cuba. 42 000 kilómetros en avión.

1953. Primera visita al Congo belga, a Ruanda y Burundi.

1955. Cuarto viaje a Sudamérica con motivo del Congreso eucarístico internacional, de la Conferencia de las OIC, y de la primera asamblea episcopal latinoamericana en Rio de Janeiro. Dos meses después, primera visita a Israel y a los países de Oriente próximo.

Cardijn visitando Alemania.

1956. Duala (Camerún), Santiago de Chile, San José (Costa Rica) y Toronto (Canadá) en cuatro meses. Objetivo principal: cuatro encuentros continentales preparatorios a la concentración de la J.O.C. en Roma.

1957. Nuevos contactos con los países de Oriente próximo.

1958. Sureste asiático, Australia y Nueva Zelanda, región del Pacífico Norte. Regreso por Birmania, Paquistán, Irak y el Líbano. Antes de regresar a Bruselas, encuentro de asesores jocistas de Europa en Niza. En total 180 horas de vuelo.

1959. A partir de los Estados Unidos, visita a diez países de América latina, incluyendo Cuba poco tiempo después de su revolución, y regreso por Canadá. Presencia en el Comité Ejecutivo de la J.O.C. Internacional en La Habana.

1960. Dos viajes al Africa en espacio de cinco meses. Uno centrado en el Africa francófona con el primer Congreso nacional de la JOC del Congo ; otro dedicado al Africa anglófona y a Sudáfrica. Participación en el encuentro panafricano de Lomé (Togo).

1961. Viaje al Brasil (Rio de Janeiro y Petrópolis), país anfitrión del Consejo Mundial de la JOC.

1962. Estados Unidos: visita a la J.O.C. en las trece ciudades más importantes del país. Canadá: 30° aniversario de la JOC canadiense.

1963. Julio y agosto: viaje al Canadá para la reunión del Comité Ejecutivo de la J.O.C. Internacional.Noviembre: viaje a la Argentina donde Mgr. Podesta acoge el encuentro continental de la JOC sudamericana.

1964. Tres viajes intercontinentales: a Centroamérica para el Congreso centroamericano, y al Caribe ; al Africa oriental para el Comité Ejecutivo ; y a la India con motivo del Congreso eucarístico internacional de Bombay.

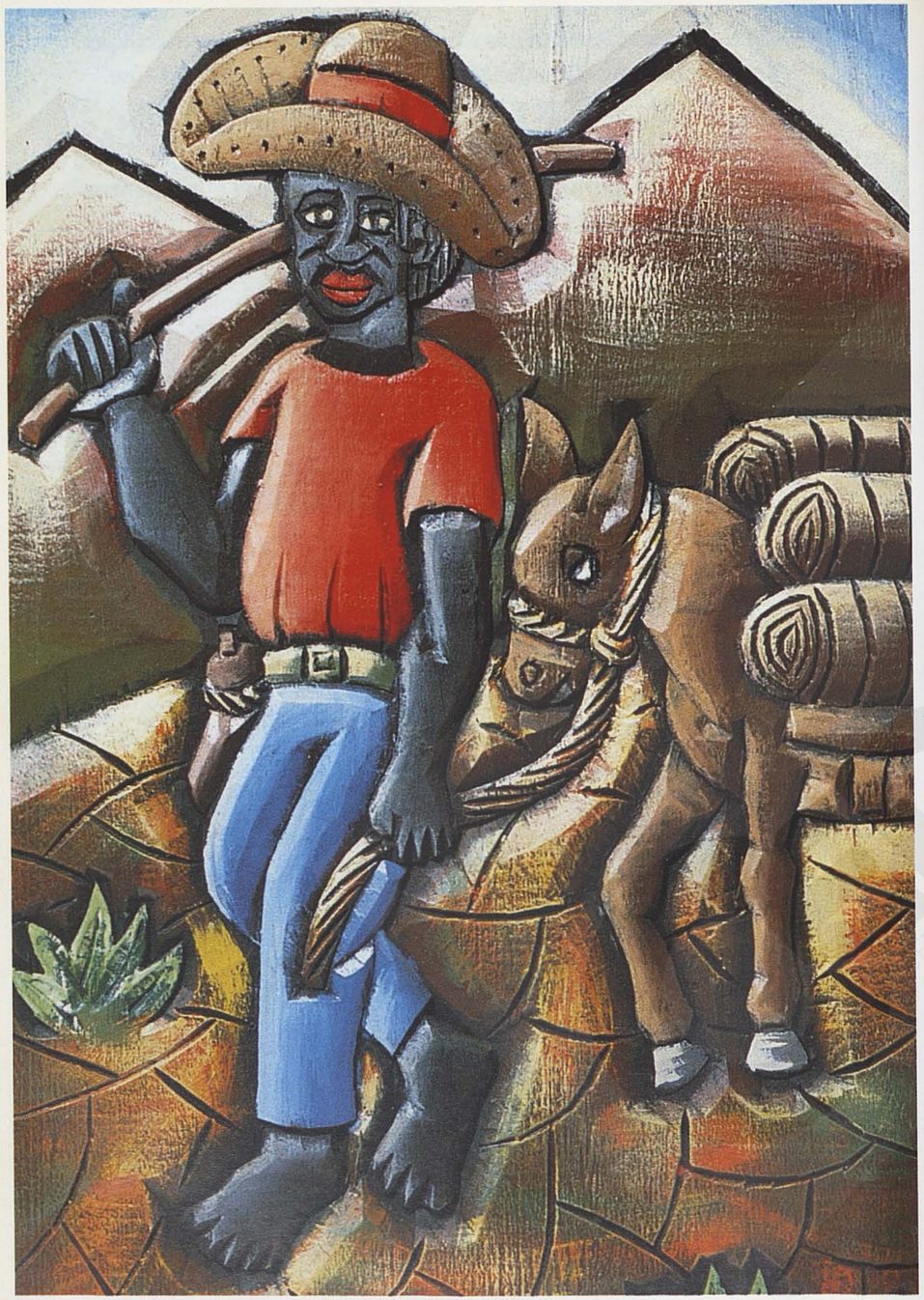
1965. Gira de cuatro meses por el Sureste asiático, Australia y el Pacífico Norte. Participación en el Consejo Mundial de la J.O.C. en Bangkok (Tailandia). 52 000 km.

1966. Visita a la JOC de México.

1967. Lejano Oriente: Hong Kong, Taiwán (Formosa) y Japón. Regreso a Bruselas sin haber podido entrar en el Vietnam.

M. Fiévez, J. Meert, Cardijn, 3ra ed., Bruselas, EVO, 1978, p.180-182.

Último viaje de Cardijn : Japón 1967.



Escultura sobre madera, Brasil.

1966 - 1986
Maduración y crisis

Cronología

Turbulencias

Beirut 1969 (4° Consejo Internacional)

Características de una acción por el desarrollo

Solidaridad con Brasil y Vietnam

Linz 1975 (5° Consejo Internacional)

Dificultades a nivel internacional

Madrid 1983 (6° Consejo Internacional)

La disidencia

El objetivo fundamental de la JOC

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1966	Encuesta mundial sobre los tiempos libres.	Revolución cultural en China.
1967	50 000 participantes en la concentración de la JOC/F francesa " París 67 ". 24/7: Muere Cardijn.	8/10: Asesinato de Che Guevara en Bolivia.
1968	Programa de Formación Internacional en Chile.	22/3: Primavera de Praga (20/8). 4/4.: Asesinato de Martin Luther King. Mayo: Disturbios estudiantiles y obreros en Francia, y luego en la RFA, en Italia, en Inglaterra, en España y en Estados Unidos. Creación de la Confederación Mundial del Trabajo (CMT).
1969	Campaña " Solidaridad Brasil ". Campaña " Solidaridad Vietnam ". 24/9–13/10: 4° Consejo Internacional de Beirut.	13/12: Abolición de las libertades en el Brasil. 21/7: Primer hombre en pisar la luna.
1970	Plan de acción internacional sobre el desarrollo.	14-15/11: Revuelta de Gdansk en Polonia.
1971	Comité Ejecutivo de la JOCI: evaluación de las decisiones de Beirut.	28/10: la China popular entra en la O.N.U.
1972	Encuentro de los países de Europa del sur en Malta. Participación en el Festival de la Juventud en Cuba.	
1973		11/9: Golpe de Estado militar en Chile (Pinochet) y represión.
1974	Sesión de Formación Internacional de Accra, en Ghana.	25/4: Comienza la revolución de los claveles en Portugal.
1975	7-20/4: 5° Consejo Internacional de la JOCI en Linz. Declaración de Principios. Encuentros " Empresas " en Bogotá, Colombia.	17/4: En Camboya comienza el genocidio perpetrado por los jemeres rojos 30/4: Caída de Saigón. Reunificación del Vietnam. 20/11: Muere Franco. Fin de la dictadura en España.
1977	Relaciones con los países del Este.	
1978	3/5: Detención del presidente de la JOC de Sudáfrica. Acción de solidaridad internacional.	16/8: Karol Wojtyla elegido Papa con el nombre de Juan Pablo II.
1979		1/4: Irán se convierte en un Estado islámico.

1966 - 1986

	31/8: Tras la huelga de los obreros de los astilleros de Gdansk, el gobierno acepta a los sindicatos independientes (Acuerdos de Gdansk).	1980
Manifiesto de la juventud inmigrada en Europa.		1981
Centenario del nacimiento de Cardijn. 25° aniversario de la JOCI.		1982
2-28/10: 6° Consejo Internacional en Madrid.		1983
Campaña por el empleo en Europa. Octubre. Sesión de Formación en Asia-Pacífico.		1984
Marzo: Sesión de Formación en Africa (Austral y del Este). 26-29/5: Intercambio europeo de militantes. Octubre: Encuentro de los movimientos nacionales de América. Noviembre: Encuentro de los movimientos en extensión.		1985
Febrero: Encuentro de los movimientos nacionales de Asia/Pacífico. 14-31/5: Sesión de Formación Internacional en Manila, Filipinas. 26/6: Disidencia de un grupo de movimientos y creación de la CIJOC.		1986

Revolución de los claveles en Portugal (1974).

Mayo del 68 en París.

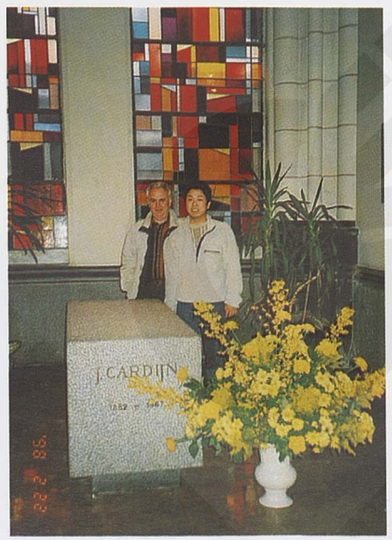
Tailandia.

Turbulencias

El final de los años sesenta anunciaba un período de turbulencias. El crecimiento económico fue menor. Algunas viejas dictaduras desaparecieron (Portugal) y otras nacieron (Brasil, Chile). Después de mayo de 1968, la juventud vivió una explosión, el mundo obrero fue cambiando. El tercer mundo fue cobrando más protagonismo. Tras abrir sus puertas al Concilio de Vaticano II, la Iglesia católica se hizo más tímida. Fueron consolidándose los integrismos religiosos (República Islámica de Irán ...) y las sectas fueron multiplicándose y desarrollándose.

La JOC continuó sin Cardijn. Era necesaria una renovación. Esta se situaba en la lógica de los desafíos que planteaban los países no europeos, en muchos de los cuales los cristianos eran minoritarios. Un momento importante de esta evolución fue el Programa de formación internacional de 1968. Reunió durante tres meses a 25 dirigentes de todos los continentes. El primer mes se dedicó a la visita de un país y de un movimiento de otro continente; el segundo a una visita a un segundo continente; y el tercero a la participación en una sesión en Santiago de Chile para poner en común todo lo adquirido durante las visitas. En opinión de los participantes, esta experiencia fue determinante en la consolidación de la acción internacional de la JOC. Fue también un factor que reforzó la voluntad de transformación radical de la sociedad.

Tras su nacimiento y desarrollo, tras la prueba del fuego y la reconstrucción, el Movimiento había llegado a un momento de cuestionamientos, con una necesidad de redefinirse como movimiento internacional. Todo ello produciría crisis internas y externas.



Cardijn descansa en la iglesia de Laeken.

Beirut 1969

El Consejo Internacional de Beirut en 1969 fue un momento clave de la historia jocista. Bangkok ya había levantado, aunque tímidamente, algunos interrogantes acerca de la acción internacional, de las estructuras, de la relación con los no cristianos, etc. El Consejo de Beirut abordó estos temas de forma más abierta.
La preparación del Consejo de Beirut estuvo marcada por dos acontecimientos importantes: la muerte de Cardijn el 24 de julio de 1967 y el Programa de Formación Internacional en Chile en 1968.

El Consejo, precedido y seguido por encuentros regionales (América latina, Norteamérica/Oceanía, Africa, Asia, Europa, Países Árabes), se realizó del 25 de septiembre al 13 de octubre con 150 participantes procedentes de unos 50 países.
Los puntos más importantes del programa del Consejo fueron:

1. La revisión del plan de cuatro años adoptado en Bangkok sobre los tiempos libres, la inmigración y la penetración de la JOC en las grandes ciudades;

2. Una reflexión sobre la JOC actual: Los jóvenes trabajadores estaban viviendo una época de cambios rápidos. Querían algo distinto y no siempre sabían cómo conseguirlo. Cuestionaban la sociedad y las estructuras de la Iglesia. No estaban dispuestos a conformarse con las normas tradicionales y las experiencias del pasado. Se daban cuenta además que las acciones a menudo se centraban únicamente en las consecuencias de la situación, que el movimiento no ayuda-

Picapedrera.

ba lo suficiente a los jóvenes trabajadores a conocer las causas de dicha situación y a emprender acciones para resolverlas. Decían: "ponemos una venda en la herida sin saber por qué hay una herida".

Una acción encaminada a ayudar a un joven trabajador en un país de Europa, en Australia o en Norteamérica podía acrecentar la explotación de los jóvenes trabajadores en el tercer mundo. De ahí que la JOC se preguntara qué aspectos permitían decir que el movimiento era realmente internacional. ¿Era internacional porque existía en muchos países del mundo, porque realizaba encuestas

Enrique Del Río (España), presidente, e Irene Kurzawska (Bélgica).

mundiales o porque su acción iba dirigida a las causas de la situación?

La acción de la JOC no se limitó a la juventud cristiana. Fue ampliándose a todos los jóvenes trabajadores sin distinción de religión o de ideología. Esta cooperación pretendía respetar todas las creencias. No se trataba de convertir a los jóvenes a las estructuras de la JOC o a la Iglesia sino que había que trabajar juntos para lograr más justicia y paz.

En Beirut se llegó incluso a decir que no era fácil hablar de Cristo: "Cada esfuerzo que hagamos debe tender en primer lugar a ayudar a los jóvenes trabajadores a vivir estos valores y luego a presentarles a Jesucristo y los valores cristianos de forma apropiada y significativa. Es necesario que la J.O.C. ayude a promover valores humanos como la amistad, la justicia, la solidaridad, etc. y vea en estos valores la señal y la llamada de Dios".

Se intentó analizar lo que significaba ser movimiento de Iglesia: "¿Qué Iglesia quieren los jóvenes trabajadores de hoy? ¿Cómo la JOC puede ser una fuerza vital en el

El desarrollo es asunto de todos

seno de la Iglesia? A veces la JOC tiene dificultades para alcanzar a cualquier joven trabajador, porque se la identifica con la Iglesia que a su vez es identificada con las tradiciones y el poder".

3. Campaña mundial por el desarrollo.

En lugar de organizar una encuesta como sucedió en los Consejos Internacionales anteriores, Beirut hizo hincapié en el tema del desarrollo.

Esto implicaba una nueva solidaridad internacional, acciones comunes, una respuesta a los acontecimientos, formación e información. El Consejo definió las características de una acción por el desarrollo:

Caracteristicas de una acción por el desarrollo

- ❑ La acción debe permitir que los jóvenes trabajadores adquieran paulatinamente una conciencia.
- ❑ Debe ser continua y fijarse siempre nuevos objetivos a partir de una reflexión sobre la acción llevada a cabo anteriormente.
- ❑ Debe alcanzar las estructuras, que son el espacio donde se toman las decisiones.
- ❑ Debe atacar las causas de los problemas y no simplemente las consecuencias.
- ❑ Debe desarrollar la solidaridad, desde las pequeñas comunidades locales, para alcanzar una solidaridad mundial.
- ❑ Debe dar una respuesta realista a la situación.
- ❑ Debe permitir a los jóvenes trabajadores reflexionar a fin de que puedan optar libre y personalmente por lo que van a hacer.
- ❑ Debe partir de la situación real en la que viven y llevarles a tener una dimensión total de esta situación.
- ❑ Debe tener en cuenta a la comunidad mundial.

Niños trabajadores en Egipto.

A raíz de este Consejo, se implementaron nuevos espacios de acción: empleadas de hogar, trabajadores de empresas multinacionales, desempleados.

La reflexión y las orientaciones de Beirut fueron decisivas. Plantearon interrogantes fundamentales. Hasta entonces, la JOC intentaba entrar en los países y en determinados sectores. A partir de Beirut, la juventud que planteaba nuevos interrogantes, el tercer mundo explotado, los militantes reprimidos por las dictaduras, ocuparon un mayor espacio dentro la JOCI y la cuestionaron profundamente. Se multiplicaron las reacciones más políticas acerca del Vietnam, de Chile, de Sudáfrica. Algunas certezas comenzaron a vacilar. Algunos militantes buscaron respuestas en otras organizaciones. Algunas discrepancias comenzaron a aparecer en determinados movimientos como en la JOCF de Francia. Beirut 1969 no fue más que una etapa en el camino hacia Linz 1975.

Angelina de Oliveira (Brasil), miembro del Comité Ejecutivo.

La reunión del Comité Ejecutivo de 1971 fue un momento decisivo. Fue en esta reunión donde se decidió el principio de trabajar "por categorías". En adelante se daría la prioridad a la organización de los jóvenes de acuerdo con su ocupación o su situación. Los estudiantes se reunirían entre ellos, y lo mismo sucedería con las empleadas de hogar, los aprendices, los trabajadores de grandes empresas... Es así que se organizaron acciones locales, nacionales e internacionales por categorías. Se dio la prioridad al compromiso político de los militantes. Los grupos en las parroquias ya no serían el único medio de organizar a la juventud trabajadora.

Solidaridad con Brasil y Vietnam

En **el Brasil**, un proceso de toma de conciencia fue desarrollándose a partir de 1961 con la fundación de Ligas campesinas, sindicatos rurales, movimientos de alfabetización y cultura popular, con la ley encaminada a una reforma agraria y la nacionalización de las minas. Todo este proceso se quebró con el golpe de Estado militar del 31 de marzo de 1964. El 13 de diciembre de 1968, el llamado "5° Acto constitucional" promulgó la abolición de las libertades.

El esfuerzo de la JOC por concienciar y actuar en las fábricas se vio muy comprometido. Algunos asesores fueron encarcelados y torturados. El capellán de la Juventud Universitaria, colaborador de Don Helder Cámara, fue asesinado. El hermano de dos militantes que pudieron huir fue secuestrado. En Nova Hamburgo, en el Estado de Rio Grande del Sur, cuarenta obreros fueros detenidos, entre ellos dieciocho antiguos de la JOC. En São Paulo, el ejército ocupó la sede de la JOC, acusada de "realizar actividades subversivas y en particular de organizar planes de guerra". En Rio de Janeiro, dos dirigentes fueron detenidos. Entre quienes fueron encarcelados, se sabe que dos hombres y una mujer murieron tras ser sometidos a la tortura. Algunos que sufrieron torturas acabaron teniendo desequilibrios mentales.

Según las autoridades, la JOC brasileña debía convertirse en un movimiento de jóvenes y de cristianos. Debía desaparecer su carácter obrero. La Iglesia estaba dividida. De 250 obispos, unos diez como mucho quisieron una JOC en su diócesis. Algunos tomaron la palabra en favor de la acción del Movimiento.

Acción " Brasil " de la JOC/F de Francia.

La JOC nacional, compuesta por miembros de cada región, informó a la JOCI sobre las dificultades que se vivían y expresó la voluntad de continuar. El 13 de mayo de 1969, el Equipo Nacional envió una carta a los militantes de los distintos grupos para informarles sobre la situación y animarles a continuar.

En esta situación en que quedaba silenciada la JOC del Brasil, la JOCI y con ella numerosos movimientos nacionales, se hizo el portavoz

de la JOC y de la clase obrera del Brasil. El presidente de la JOCI hizo un viaje al Brasil y pidió a la Conferencia Nacional de Obispos del Brasil (CNBB) que se esforzara por obtener la liberación de los jocistas encarcelados. Sin embargo, la acción de solidaridad de la JOCI no quedó exenta de cuestionamientos. Algunos pensaron que esta acción de apoyo no tenía nada que ver con la Acción católica. Otros prefirieron callarse o actuar por la vía diplomática. Otros más siguieron sin comprender que las manifestaciones pacíficas eran una nueva forma de expresión democrática. Pese a esto, el 17 de octubre, la JOC organizó una manifestación en varias ciudades europeas. En ese mismo momento, se inició una huelga de hambre en el secretariado de la JOCI. La pasividad del Vaticano en este asunto indignó a los militantes.

Marcia y Teodoro, responsables jocistas brasileños encarcelados.

El Consejo Internacional de Beirut tomó en consideración todas estas formas de expresión de la solidaridad. Analizó la relación existente entre la represión "aquí y allá" y fomentó una solidaridad internacional desde las bases. La campaña por el Brasil se reanudó en 1970, después del Consejo.

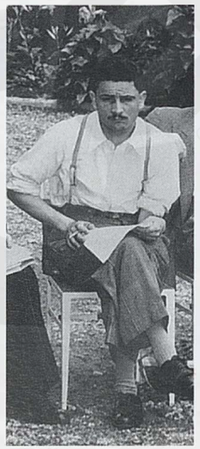
Durante la Navidad de 1968, el equipo de São Paulo recordó con mucha razón a los militantes una afirmación recogida del Monumento de Tiradentes:

Aun si me encadenas los pies;
Aun si me atas las manos
O me callas la boca,
Mi corazón clamará en favor
de la libertad.

En junio de 1972, le tocó a dirigentes de la JOC del **Vietnam** ser reprimidos y encarcelados. La JOCI hizo una nueva llamada de solidaridad. Se condenaron la guerra y la miseria. En los distintos países se publicaron folletos denunciando el imperialismo y la explotación del tercer mundo.

El golpe de Estado en **Chile** en 1973 fue también una ocasión para llevar a cabo una campaña de información y acción en solidaridad con el pueblo chileno.

En la **Argentina**, "Pepe" Palacio, antiguo presidente y asesor adulto de la JOC nacional, fue asesinado por la junta militar en 1976.



José " Pepe " Palacio.

Linz 1975

El 5° Consejo Internacional de la J.O.C. tuvo lugar en Linz, en Austria, del 7 al 20 de abril de 1975. Reunió a 107 participantes representantes de 52 movimientos.

La fecha del Consejo tenía mucho significado: se realizaba 50 años después de los inicios oficiales de la J.O.C. y casi 18 años después de que la J.O.C. se convirtiera en movimiento internacional en Roma 1957.

El Consejo de Linz se situó en la continuidad de las estructuras creadas en Bangkok y de los interrogantes planteados claramente por Beirut.

El Consejo intentó "reformular el pensamiento de Cardijn, sus intuiciones, sus orientaciones fundamentales, a la luz de 50 años de experiencia". Esto fue tanto más necesario cuanto que el mundo obrero y la JOC habían atravesado por momentos graves en los últimos años. Varios movimientos nacionales habían sufrido una represión debido a su acción. Se habían iniciado nuevas experiencias de acción y de coordinación de la acción en determinados países de cada continente. Quedó patente el hecho de que las estructuras y los medios utilizados con éxito durante muchos años ya no respondían a las necesidades de la juventud trabajadora.

La primera parte del Consejo se dedicó a la evaluación del período entre Beirut 1969 y Linz 1975, que fue un período de inflación y recesión, de mayor control de las multinacionales, de represión. Se examinaron los siguientes puntos:

- Los acontecimientos políticos que exigían al Movimiento hacer una evaluación y esclarecer su posición.
- Las campañas de solidaridad (Brasil, Vietnam).
- Los intercambios entre los países.
- Los encuentros continentales.
- La experiencia iniciada en Beirut acerca del trabajo por categorías.

Se observó una multiplicación de las tensiones, tanto dentro como fuera del Movimiento, debido a la "opción obrera". Se insistió en que había que prestar atención a las multinacionales. Se vio la necesidad de clarificar el tema

Acogida de los jocistas austríacos.

del "análisis" de la realidad obrera.
Se dedicaron cinco días a la "misión actual de la JOC". Se discutieron y sometieron a votación tres documentos preparados con mucha antelación en los continentes.

Equipo Internacional en Linz.

Primer documento: la Declaración de Principios.
Durante muchos años, las únicas referencias habían sido Cardijn y los Estatutos de la JOC de 1957. Ahora bien, Cardijn había fallecido y según lo expresado en Beirut, los Estatutos estaban desfasados. La Declaración de Principios no era un dogma intocable sino unos puntos de referencia que necesitaba el Movimiento. Pues se decía que: "Hoy en día cada cual se atribuye el lujo de decidir lo que es la JOC. No podemos mantenernos en una ambigüedad en la que cada cual justifica lo que quiere valiéndose de citas de Cardijn tomadas fuera de su contexto".
Fue la primera vez que la JOC como movimiento de jóvenes trabajadores trató de definirse a nivel mundial.

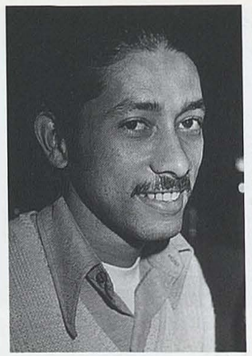
Segundo documento: La Tarea de Educación, una educación en y a través de la acción. En este documento, la JOC afirma su voluntad de educar a las masas de la juventud trabajadora. En él se expone el método de educación a través de la acción y se explica la necesidad de coordinarse para llevar a cabo esta tarea.

Tercer documento: La Revisión de Vida y de Acción Obrera.
Era necesario precisar la comprensión del "Ver-Juzgar-Actuar". Este "método Cardijn" había tenido mucho éxito y se utilizaba en otros muchos movimientos cristianos para valorar cualquier acción o situación en la que se podían hallar "valores evangélicos". A veces el método tenía un carácter moralizador. A veces, impedía descubrir las causas de la situación que

Marlyse Strasser (Francia) y Fabrizio Epis (Bélgica), del equipo europeo.

oprimía a los jóvenes trabajadores. El "Juzgar" cristiano se sustituía al "Juzgar" obrero. Era importante rescatar las raíces obreras de este método sin menospreciar la reflexión cristiana.
Estos tres documentos fueron aprobados por amplias mayorías en el Consejo.
En cuanto a los Estatutos y al Reglamento de Orden Interno, se adoptaron enmiendas para responder mejor a las decisiones tomadas en el Consejo con relación a la orientación y a las estructuras. Asimismo se decidió renovar el "Protocolo Adicional", un texto que regulaba las relaciones entre la JOC y el Vaticano. El plan de acción aprobado en el Consejo estaba encaminado a desarrollar la solidaridad de clase entre los jóvenes trabajadores.

Este Consejo estuvo marcado por una serie de preocupaciones: el carácter obrero del Movimiento, el esfuerzo por situar la dimensión cristiana en el carácter obrero, el persistente deseo de la JOC de abrirse a los jóvenes trabajadores de cualquier religión, la interdependencia de la juventud trabajadora y la unidad de acción que ello requería, la tarea específica de educación, la autonomía del Movimiento y su independencia.



José Luis Vélez (Puerto Rico), presidente.

De ahí que se insistiera en pers-pectivas financieras que apuntaban a una participación directa de los jóvenes trabajadores y en la petición de organizar campañas de financiación en favor de la JOCI. Esto debía servir para reducir paulatinamente la dependencia financiera de las fuentes externas.
En Linz cambió también la forma de contemplar la extensión del movimiento. En el período anterior a 1975, la extensión se realizaba según la experiencia y el modelo europeo; en adelante la referencia sería la síntesis de la experiencia vivida en Europa, en América latina, en Norteamérica, en Africa, en Asia y en el Mundo Árabe. Eran los militantes quienes debían tener mayor protagonismo en la acción y en la iniciación a la JOC. Desde Linz, se disponía de una referencia y de principios comunes. La JOC podía seguir construyéndose en cada país.

Delegación japonesa.

En Beirut, un delegado que descubría la injusticia de la situación mundial se preguntó: "¿A qué bando pertenezco?". El Consejo de Linz se hizo eco de esta preocupación, no sólo ante todos los jocistas sino también ante todos cuantos trabajaban directa o indirectamente con el movimiento. Así pues, el período posterior a Linz no iba a ser nada fácil.

Como indicio de estas dificultades, se publicaron artículos que criticaban la acción de la JOCI en periódicos austríacos, alemanes y latinoamericanos.

Un año después del Consejo de Linz, el Vaticano emprendió una encuesta en las conferencias episcopales para informarse sobre las orientaciones de la JOC en los distintos países.

Dos años después del Consejo, la JOC de Francia, que había votado en favor de los Documentos de Linz, se negó a pagar su cuota a la JOCI.

Dificultades a nivel internacional

Pasaron ocho años entre el 5° y el 6° Consejo Internacional. Entre 1975 y 1979, el Equipo Internacional elegido en Linz se reunió periódicamente para realizar su labor de evaluación e implementación de las decisiones tomadas en el Consejo Internacional.

Entre las acciones realizadas, la JOCI participó en 1976 en el Foro Internacional de la Juventud dedicado al desempleo juvenil en Ginebra. Ese mismo año, la Organización Internacional del Trabajo (OIT) convocó una conferencia tripartita sobre el empleo. La JOC estuvo representada en ella. Se organizaron encuentros continentales por categorías: América latina en noviembre de 1975, Asia en agosto de 1976.

En 1978, fueron detenidos unos treinta militantes de la JOC sudafricana. Afluyeron mensajes de solidaridad de todas partes. La Iglesia local brindó todo su apoyo al movimiento. En varios países del Africa, los sistemas de partido único llevaron a la prohibición de la JOC.

Sin embargo, fueron surgiendo otras dificultades. Estas dificultades concernían por ejemplo al equilibrio interno de la organización. Se había creado una relación de fuerzas entre el primer mundo y el tercer mundo. Algunos desacuerdos fueron surgiendo dentro del Equipo Internacional. Comenzaron a cuajar distintas interpretaciones sobre la Declaración de Principios y su aplicación. Estas dificultades desembocaron en 1979 en la disolución del Equipo Internacional por el Presidente, y la dimisión de la mayoría de sus miembros a principios de 1980. Se tuvo que cancelar el Consejo Internacional previsto en 1980 en Bangalore (India). Las JOC de Alemania y de Francia dejaron el comité preparatorio del Consejo Internacional.

Se creó una comisión encargada de preparar el Consejo Internacional para fin de año pero ésta no logró terminar su labor.

En 1981, la JOCI se encontró prácticamente sin coordinación. Sólo se mantuvieron los secretariados y los Equipos regionales de Asia, de América, de Africa y de Europa pero ya no había Equipo Internacional.

Fue entonces cuando tuvieron lugar dos encuentros. Por una parte, un Consejo Extraordinario en Malinas, Bélgica, del 25 de abril al 5 de mayo de 1981, y por otra, un Encuentro Intercontinental en Bogotá, Colombia, del 25 al 28 de noviembre de 1981.

Algunas conclusiones sacadas en ambos encuentros permitieron, tras una puesta en común, el establecimiento de un Comité Internacional Interino. El año 1982 se dedicaría a la preparación del 6° Consejo Internacional.

Concentración del primero de mayo en Manila (Filipinas) en 1979.

Madrid 1983

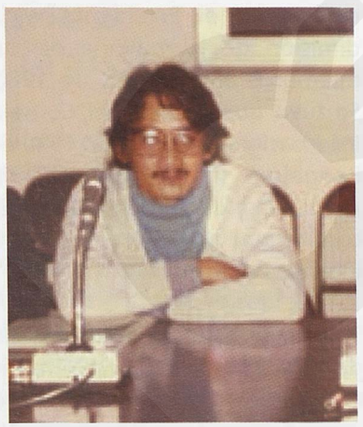
El 6° Consejo Internacional se reunió en Madrid del 2 al 28 de octubre de 1983. La elección de esta ciudad se hizo a pesar de las reticencias expresadas por el Vaticano que no quería que se organizara un Consejo Internacional en un país donde habían dos movimientos JOC diferentes. Madrid fue el Consejo más largo de toda la historia de la JOCI.
Casi todos los movimientos nacionales estuvieron representados, con un total de 130 participantes. Tras una larga crisis interna, el Consejo suponía un nuevo comenzar. En él se hizo un balance de:

1. La realidad de la juventud trabajadora, del movimiento obrero, de la situación económica, política, social y religiosa en el mundo.
2. La acción realizada por la JOC ante esta realidad.
3. La Coordinación Internacional adoptada en Linz en 1975.

El Consejo aprobó determinados cambios en los documentos jurídicos aunque no fueron modificaciones fundamentales. Así pues, se mantuvo la misma estructura internacional.
El Plan de Acción de la JOCI quedó aprobado por unanimidad. Se quería continuar el "desarrollo de la solidaridad internacional de clase entre los jóvenes trabajadores". El Plan de Acción insistía en la necesidad de un análisis constante, prestando especial atención a la interdependencia y a la acción militante en las cinco categorías prioritarias: empresas, escuelas, desempleo, barrios y plantaciones.

Asimismo se propuso la organización anual de una Semana Internacional del 24 de abril al 1 de mayo.

Se reafirmaron las perspectivas financieras en el sentido de una mayor participación de los jóvenes trabajadores y se decidió organizar una campaña financiera.



Juanito Penequito (Filipinas), presidente.

" Interdependientes y solidarios "

Testimonio de María del Carmen Archilla (España), a raíz del 6° Consejo Internacional de Madrid.

Nuestro tema era: " Somos interdependientes, seamos solidarios.. "
Nos unimos jóvenes trabajadores/as excluidos de todo poder de decisión, afectados por el desempleo internacional y por duras condiciones de vida y de trabajo...

En Europa... los jóvenes nacemos consumidores y una gran mayoría estamos en el paro. En España, el 80% de la juventud trabajadora sin empleo se sitúa entre los 16 y los 35 años. Casi un millón de jóvenes están buscando su primer empleo. En Alemania, en tres años, el número de desempleados pasó de 900 000 a más de 2 millones... Mientras las relaciones sociales se rigen por la propiedad privada de los medios de producción y el principio del máximo lucro, Europa tiene 12 millones de inmigrantes, excluidos hasta en su derecho de elegir a sus representantes.

Ante esta situación, que hemos analizado en el Consejo Mundial, nos hemos dado un Plan de Acción de cuatro años a fin de dar respuesta a los problemas que vemos prioritarios y de construir la solidaridad internacional.

Después de Madrid

En los años siguientes al Consejo de Madrid, el nuevo Equipo Internacional se reunió en cuatro ocasiones para recoger las experiencias, evaluarlas y poner en aplicación el Plan de Acción Internacional adoptado en Madrid.

Se organizaron numerosos encuentros y sesiones de formación en todos los continentes, y tuvieron lugar intercambios de responsables y militantes de muchos países.
Treinta movimientos estuvieron representados en la Sesión de Formación Internacional de Manila, en las Filipinas. Se organizaron concentraciones masivas sobre objetivos precisos como sucedió en Estrasburgo en mayo de 1985 en favor del empleo juvenil y en contra del desempleo.
Se promovió la extensión en los Estados Unidos, en la Argentina, en Birmania, en Bangladesh, en Tailandia, en Nueva Zelanda y en el Zimbabue. Se hizo más regular la publicación del Info, la revista de la JOCI. El Movimiento reanudó su participación en las OIC (Organizaciones Internacionales Católicas). La JOCI empezó a estar presente en los Foros de la Unesco. En 1985, se publicó un Manifiesto internacional de la juventud trabajadora.

Se reanudó la Semana Internacional y se realizaron acciones de solidaridad con objeto de defender a los militantes encarcelados en Chile, en Haití y en Sudáfrica.

Pese a los muchos aspectos positivos del Consejo de Madrid, se mantuvieron algunas dificultades: por ejemplo, el realizar procesos de acción con jóvenes que asumían cada vez menos compromisos a largo plazo; las diferencias de opinión acerca de la coordinación de la acción, la persistencia de los sistemas represivos, la disminución del número de militantes.

Sólo faltaba una disidencia, que en realidad estaba latente desde hacía algún tiempo. Se realizaron reuniones más o menos secretas al margen de las estructuras establecidas. En septiembre de 1985, el Equipo Internacional retiró el estatuto de movimiento miembro a la JOC de Malta alegando que la JOC de este país "estaba llamando a la creación de una federación disidente de la JOCI".

La disidencia

Reunidos en Turín (Italia) del 28 de febrero al 2 de marzo 1986, responsables nacionales de Italia, de Inglaterra, de Malta y de Francia, decidieron dejar la JOCI y crear otra estructura. El 4 de abril, la JOC de Francia escribió a todas las coordinaciones continentales y al Secretariado Internacional anunciando que ya no seguiría participando en la JOCI. Ese mismo día, la asesoría nacional francesa envió un documento confidencial a todos los sacerdotes franceses que trabajaban con la JOC en el que se afirmaba que "la escisión se había vuelto inevitable". En la concentración masiva de "Villavenir" de 25 y 26 de abril, los movimientos franceses comunicaron a los representantes de los movimientos nacionales invitados su intención de crear una disidencia.

Acción de la JOC Europea por el Empleo. Estrasburgo, 1985.

El 22 de junio de 1986, las JOC de Francia, de Italia, de Inglaterra y de Malta dimitieron de la JOC Internacional y decidieron crear una nueva coordinación denominada Coordinación Internacional de las JOC (CIJOC). Esta obtuvo en un plazo brevísimo (un mes y medio) el reconocimiento del Vaticano mientras que a la JOCI ya no se la consideraba un interlocutor válido.
El 4 de agosto de 1986, el Consejo Pontificio para los Laicos escribió a todas las Conferencias episcopales para brindar su apoyo a la CIJOC. En una carta de la Secretaría de Estado del Vaticano, con fecha de 26 de junio de 1989, se precisó que "en la fecha del 4 de agosto, la Santa Sede ha reconocido a la CIJOC como nueva estructura provisional de la JOC a nivel internacional". En esta misma carta, la Secretaría de Estado puntualizó que la decisión tomada a nivel internacional "no prejuzga las relaciones que mantienen las Conferencias episcopales con los movimientos jocistas en su propio país".

La rapidez con que la CIJOC obtuvo su reconocimiento fue un indicio de la determinación de Roma en un conflicto cuyas raíces ya se remontaban unos quince años atrás.

En la carta del Consejo Pontificio para los Laicos (CPPL) firmada por el Presidente y el Vicepresidente de dicho organismo, con fecha de 4 de agosto de 1986, el CPPL atribuyó los orígenes de la crisis al Consejo Internacional de Madrid en 1983. Según el Cardenal Pironio, las "orientaciones" definidas entonces y el "no respeto del Protocolo Adicional a los Estatutos" fueron motivo de tensiones internas y de dificultades con la Santa Sede. "Por tanto", el Presidente de la JOCI, "elegido de forma irregular en 1983, no ha sido reconocido". En realidad, el Presidente fue elegido de conformidad con los Estatutos pero su candidatura no fue ni aceptada ni rechazada por el Vaticano. En 1986, la CIJOC logró la adhesión de algunos movimientos europeos además de los miembros fundadores: Portugal, España "disidente" y V.K.A.J. Esta última volvió a incorporarse a la JOCI a tenor de una fusión entre la KAJ y la VKAJ. Determinados movimientos del Africa francófona se unieron también a la nueva coordinación. La CIJOC no tuvo éxito en América y tuvo poco en Asia.

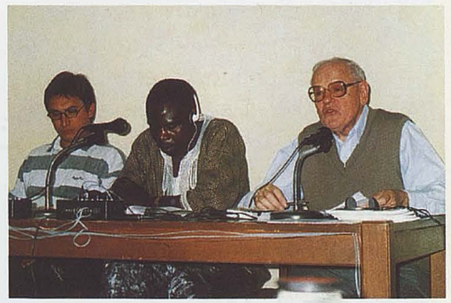
Obviamente, esta escisión no se hizo en un día. Muchas discusiones habían tenido lugar entre los movimientos de todos los continentes. Uno de los signos precursores fue el documento propuesto a la Conferencia Europea de Dworp (Bélgica) en 1977. En él la JOC francesa proponía una "reflexión global sobre la coordinación europea". El documento destacaba ciertas divergencias relativas a la finalidad de la JOC, criticando la creación de una coordinación internacional que se presentaba como superestructura que comprometía a los movimientos nacionales en nuevas orientaciones. En la conclusión, la JOC francesa declaraba que "no puede sino plantearnos interrogantes este concepto del movimiento de ser una organización de masas y de brindar su contribución a la construcción de la Iglesia. Nos parece en contradicción con nuestro concepto del movimiento, organización obrera de masas y de clase, Iglesia en la juventud trabajadora, tal y como lo hemos definido en nuestro 52° Consejo Nacional." Como vemos, se hacía hincapié en la misión de la JOC que era ser Iglesia para la juventud obrera e instrumento de liberación total de la juventud obrera.
Entre los motivos evocados para explicar este conflicto internacional, se mencionaron a menudo las consecuencias del Consejo Internacional de Linz, que modificó profundamente las estructuras y el tipo de acción de la JOC.

Uno de los elementos que contribuyeron igualmente a esta ruptura fue una definición "teológica" de la JOC que sobrevaloraba la misión evangelizadora del Movimiento.

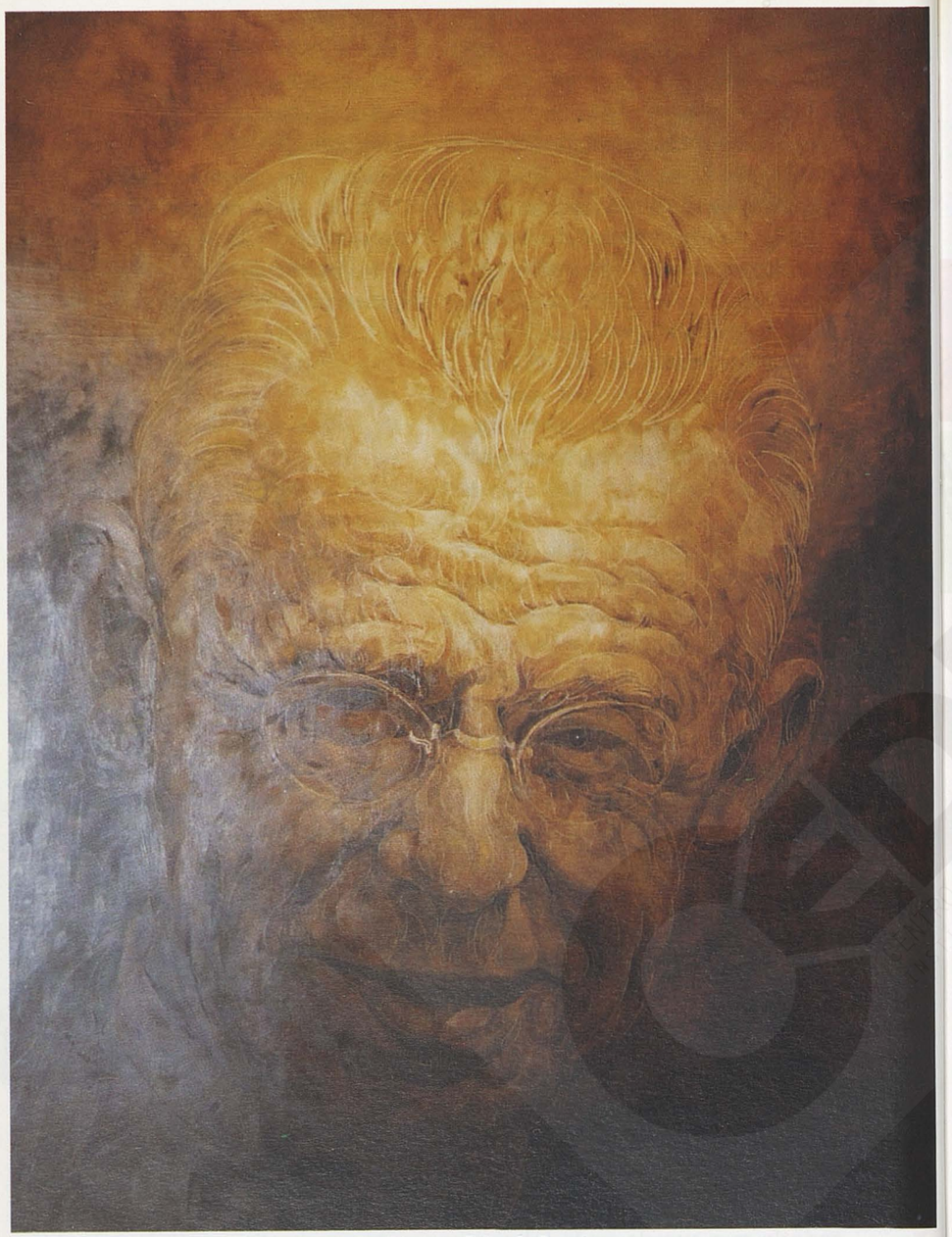
Las reflexiones del Concilio de Vaticano II sobre la Iglesia, "pueblo de Dios" en el mundo representaron indiscutiblemente un nuevo aliento. Sin embargo, este nuevo enfoque de la Iglesia dejó de lado una realidad sociológica que perduraba. El mirar la Iglesia, no ya como una estructura, sino únicamente como un misterio, imposibilitaba cualquier crítica y análisis sociológico.

A estos elementos que contribuyeron a la disidencia, cabe agregar hechos que vulneraron a la JOC y tienen que ver con los acontecimientos que trastornaron el mundo en los años 70: descolonización, reacción a Vaticano II, teologías de la liberación, movimiento de protesta juvenil, y comunidades de base. Muchos jocistas dejaron el Movimiento que juzgaban inapropiado para adherirse a otras organizaciones. Las nuevas orientaciones de Linz debían dar respuesta a estas expectativas. En España y en Bélgica tuvieron lugar escisiones apoyadas a veces por las jerarquías locales.

Esta evolución tiene que ver con todo lo que sucede en la Iglesia. Juan Pablo II propuso un proyecto de restauración de una sociedad cristiana y representantes de esta corriente fueron nombrados en los cargos clave de la institución. Numerosas organizaciones internacionales viven tensiones con el Vaticano. Las dificultades se sitúan siempre en el tema de la identidad cristiana y de la autonomía frente a la Jerarquía.



François Houtart (dcha) del CETRI (Centro de Estudios Tricontinentales), experto en el equipo internacional.



Cardijn, por Felix de Boeck.

El objetivo fundamental de la JOC

El objetivo fundamental de la JOC es que todos los jóvenes trabajadores:

- Descubran el sentido más profundo de su vida;
- Vivan de acuerdo con su dignidad personal y colectiva;
- Y asuman la responsabilidad de buscar soluciones a las situaciones que viven a nivel local, nacional y internacional.

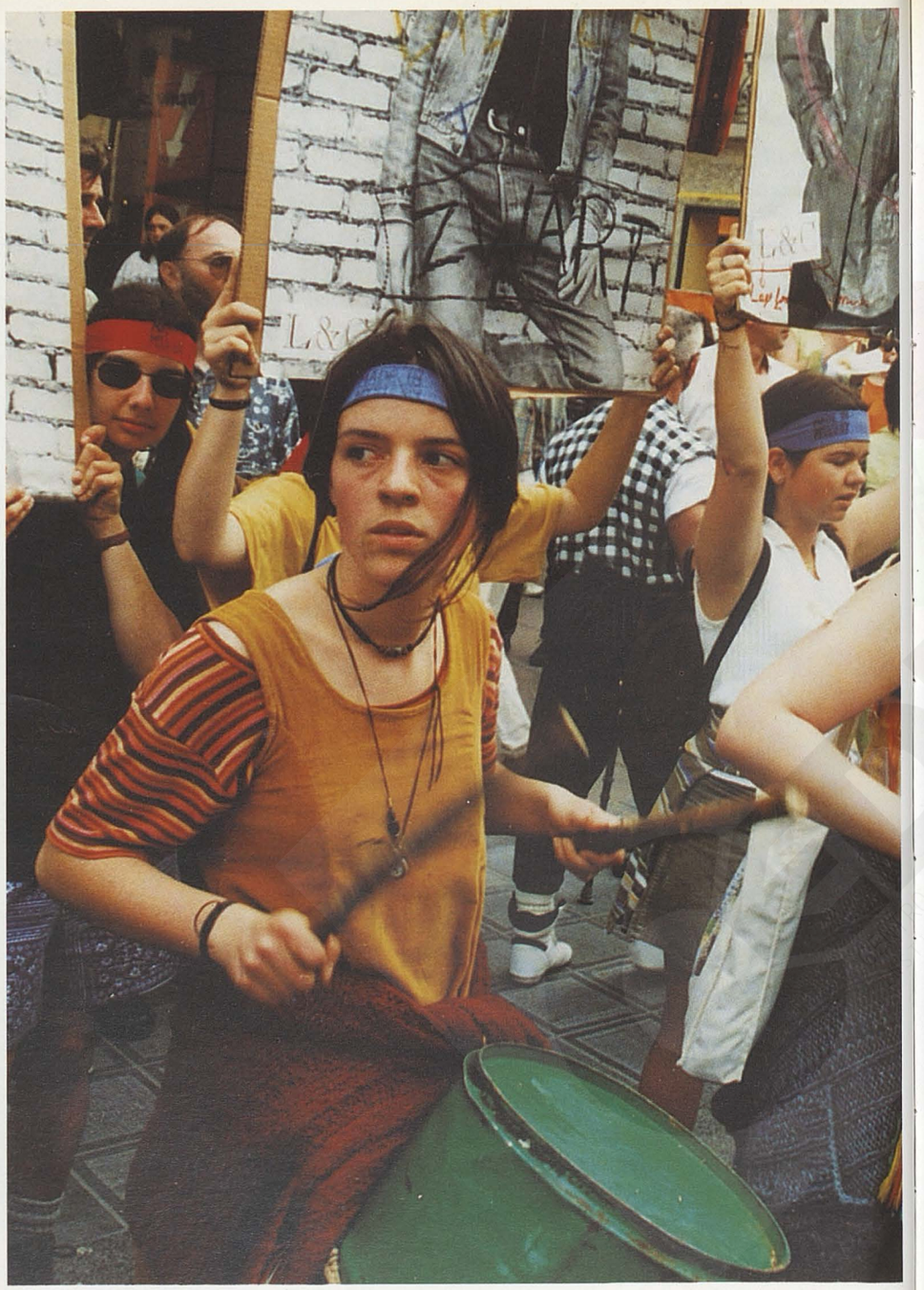
La JOC se esfuerza por alcanzar este objetivo:

- Llamando a cada joven trabajador y joven trabajadora a marcarse metas personales, a difundir un mensaje de liberación, de amor, de esperanza, de justicia, de paz, de solidaridad en la acción y la vida cotidiana.
- Luchando por la liberación total de los jóvenes trabajadores en particular y de la clase obrera, oprimidos, excluidos, en todos los ámbitos de la vida; para esto vive nuevos valores que lleven a un cambio total en la mentalidad de las personas y en las estructuras de la sociedad.
- Actuando por un cambio que lleve a una nueva sociedad, justa y sin clases, donde ya no haya explotación, pobreza, hambre o discriminación; donde la producción y el consumo estén organizados para servir a la humanidad y cubrir las necesidades de todos; donde las personas, pueblos y culturas tengan su propio espacio; una sociedad solidaria donde por fin se cumpla el sueño de la Tierra Nueva prometida a los oprimidos.

La JOC cree en la capacidad de cada joven trabajador y cada joven trabajadora de descubrir su importancia y su dignidad, de reflexionar sobre todos los asuntos que le conciernen, de decidir los ámbitos en los que desea involucrarse. Su participación es esencial.

Como la JOC cree en todo lo anterior, ofrece a todos los jóvenes trabajadores el desafío y la alegría de vivir y luchar. Es así como podrán nacer una persona y sociedad nuevas.

Declaración de Principios de la JOCI, 1995.



La KAJ (Bélgica) en acción.

1987 - 2000
Nuevo arranque

Cronología
Sao Paulo (7° Consejo internacional)
Semana internacional
Adelaida 1991 (8° Consejo internacional)
Johanesburgo 1995 (9° Consejo internacional)
Mandela: "¡Prosigan su labor!"

BRUSELAS 2000 (10° Consejo internacional)
La acción de la JOCI
La JOCI ha evolucionado desde hace cuatro años
Desafíos el futuro
¿Qué queremos celebrar?
"¿De qué religión eres?"
Países en los que está presente la JOCI en el 2000
Relación de dirigentes internacionales de la JOC
Afiliaciones internacionales

Cronología

	LA JOC	EL MUNDO
1986		25/4: Catástrofe nuclear de Chernobil.
1987	2/9-4/10: 7° Consejo Internacional en São Paulo.	2/2: Victoria de Cory Aquino en el Referéndum de las Filipinas. En la URSS, Gorbachov y la Perestroika.
1988	5-20/11: Sesión de formación y de acción"Fe y Acción" en Asia-Pacífico.	
1989	26/6: Carta del Vaticano a la JOCI negándole a ésta el estatuto de Organización Internacional Católica.	2-28/5: Disturbios estudiantiles en la China y represión en la Plaza Tien An Men. 10/11: Caída del muro de Berlín, símbolo del fin de la guerra fría.
1990	24/4-1/5: Semana Internacional sobre la situación de la joven trabajadora. 24-27/5: Sesión de Formación Internacional en Aquisgrán, en Alemania (25 países).	
1991	26/11-17/12: 8° Consejo Internacional en Adelaida, Australia.	Guerra del Golfo.
1992	Participación de la JOC en la Cumbre de la Tierra en Río (Brasil). Agosto: Acción internacional de solidaridad con Haití.	12/10: 500° aniversario de la conquista española en América.
1994	Sesión de Fonmación Internacional en Bogotá (Colombia).	6/4: Comienza el genocidio en Ruanda.
1995	25/11-6/12: 9° Consejo Internacional en Johanesburgo (Sudáfrica).	6-10/3: Cumbre Mundial por el Desarrollo Social en Copenhague, Dinamarca. 4/11: En Jerusalén, asesinato de Izhak Rabin por su apoyo al proceso de paz con los palestinos . 14/12: Tras tres años y medio de guerra, firma de los acuerdos de paz en Bosnia.
1997		4/6-1/7: Devolución de la colonia británica de Hong Kong a la China. 3-28/11: Estalla una crisis financiera en Japón y en Corea del Sur.
1998	22/6-5/7: Sesión de Formación Internacional en Alejandría, en Egipto: Reinventar el mundo con nuestras acciones. 17-25/10: Encuentro de los países postindustrializados en Macao.	Febrero. Reunión de 300 delegados de movimientos populares de 71 países en Ginebra: Acción global de los pueblos contra el Mercado y la Organización Mundial del Comercio.

1987 - 2000

1-10/11: Sesión de formación de las JOC centroamericanas en Nicaragua. 9-12/12: Acción de la JOC Europea en Luxemburgo: "Contra la exclusión social y por una sociedad intercultural".	20/10: Renuncia al proyecto A.M.I. (Acuerdo multilateral sobre la Inversión) a raíz de la campaña organizada por los movimientos populares..	1998
25/5: La JOC participa en la Marcha de Colonia, donde estaba reunido el G8, para a pedir la abolición de la deuda del tercer mundo. 6/5-15/6: Encuentro continental en Lima, Perú. Septiembre. Sesión de formación continental en Nairobi, en Kenia.	Guerra en Kósovo. Referéndum y liberación del Timor oriental.	1999
30/4-21/5: 10° Consejo Internacional en Bruselas. 75° aniversario de la JOC.		2000

Encuentro regional del Africa austral 1988.

Sesión de Formación Internacional en Alemania, 1990.

Visita de la JOC de Taiwán a la KAI belga, 1993.

São Paulo 1987

Un año después de la escisión se reunió el 7° Consejo Internacional en São Paulo, en el Brasil, del 11 de septiembre al 4 de octubre. La elección de esta ciudad no fue fortuita. São Paulo es una ciudad superpoblada con 15 millones de habitantes en busca de un espacio en una metrópolis industrial con muchas posibilidades.

Brasil, famoso por su café, su fútbol y su deuda externa, es un país que cuenta con muchos pobres y São Paulo no es una excepción. La ciudad es una síntesis de los problemas que padece el mundo. La riqueza extrema coteja la más absoluta pobreza.
La acogida organizada por la J.O.C. de Brasil fue calurosa:

Reunión del Equipo Internacional, 1987.

"... Somos jóvenes trabajadores procedentes de distintas regiones del Brasil. Hemos seguido un largo recorrido rico de hallazgos, análisis, intentos de respuesta a las distintas realidades vividas. Hemos realizado el Congreso en 50 ciudades diferentes... Hemos celebrado Congresos locales en más de 220 municipios... 15.000 jóvenes participaron en este proceso. Nuestras condiciones de vida son muy precarias. Nuestros salarios son insuficientes y somos víctimas de la malnutrición. La salud está en manos de grupos privados. Pocos jóvenes trabajadores tenemos la ocasión de acceder a los estudios. No somos respetados en los lugares de trabajo. Las mujeres y los niños son los que más sufren la explotación porque realizan a menudo el mismo trabajo que hombres adultos por un salario más bajo. Nuestro poder adquisitivo sufrió una disminución real de un 39% entre 1986 y 1987...
Los jóvenes trabajadores del Brasil expresamos nuestra solidaridad con el 7° Consejo Internacional de la JOCI Les deseamos toda la firmeza y autonomía necesarias para tomar decisiones. Esperamos que el Consejo dará respuesta a las aspiraciones más profundas de la clase obrera y reforzará la organización de la juventud a nivel local, nacional e internacional. Transmitimos nuestro más caluroso saludo y esperamos poder reunirnos más a menudo para celebrar nuestras victorias. Un sueño no es más que un sueño, pero un sueño que tenemos todos juntos acaba siendo una realidad. Estamos construyendo una nueva Historia."

Estos saludos de bienvenida iban dirigidos a los 120 participantes del Consejo, entre los cuales estaban 91 jóvenes trabajadores de 42 países delegados de su movimiento nacional. El mensaje iba dirigido también a Don Eduardo Koaik, obispo de Piracicaba (región de São Paulo) que representaba a la Conferencia Episcopal del Brasil. Por su parte, la CIJOC no aceptó la invitación de la JOCI a participar en el Consejo.

El Consejo se desarrolló en dos etapas. En primer lugar se realizaron unos intercambios de experiencias y acciones, y luego se tomaron las decisiones y se identificaron las perspectivas de futuro.
En cuatro años había empeorado la situación de los jóvenes trabajadores: desempleo, malas condiciones de trabajo (bajos salarios, jornadas de más de diez horas, trabajo a tiempo parcial o a domicilio, sistemas de control, falta de higiene y seguridad), enseñanza y formación no adaptadas a la vida y a las necesidades de los jóvenes trabajadores, falta de participación y pésimas condiciones de vida (vivienda, transporte, etc.).

Félix Ollarves (Venezuela), presidente, con su familia.

¿Cómo reaccionaban los jóvenes ante estas situaciones? Algunos las aceptaban, otros perdían la confianza en si mismos, y otros más reaccionaban y participaban en las acciones para desarrollar la responsabilidad, la solidaridad, la justicia y la paz. Los jóvenes solían tomar la iniciativa de manifestarse contra los Estados represivos o la carrera armamentista.

¿Y la fe de los jóvenes trabajadores? Este aspecto se vivía de forma diferente según cada contexto. Muchos jóvenes consideraban el Evangelio un medio para su liberación. Aunque, por regla general, la mayoría no veían que la Iglesia fuera una referencia. Algunos jóvenes se precipitaban

en las sectas donde buscaban una solución para sus problemas.

Estas situaciones eran el punto de partida de la acción de la JOC. En la reflexión se examinaron todas las características de la J.O.C. concediendo especial atención a las características obrera y cristiana. El Evangelio anunciado por la JOC era el de la Liberación. Gracias a su testimonio de vida, a su compromiso y su lucha, el militante era portador del Evangelio de Liberación.

¿Qué decisiones se tomaron en São Paulo? El plan de acción para los cuatro años siguientes se titulaba: "Actuar colectivamente en el presente para construir el futuro".

El plan se concretaba en la acción, la educación, el análisis, la expresión diversificada de la fe, la extensión, la solidaridad internacional. Se tomó la decisión de emprender un proceso de revisión de la Declaración de Principios a fin de adaptarla a las nuevas situaciones de la juventud trabajadora y a la realidad del movimiento.

Se decidió continuar el diálogo con la CIJOC y sus movimientos nacionales. Con relación a la jerarquía de la Iglesia, pese a las experiencias frustradas de los años anteriores, la JOCI insistió en encontrarse con los responsables de la Iglesia (Santa Sede, Conferencias episcopales regionales y nacionales).

Semana internacional

La JOC venía organizando Semanas Internacionales desde hacía muchos años. En 1990, la JOCI propuso como tema de la Semana (celebrada del 24 de abril al 1 de mayo): "Las jóvenes trabajadoras construimos el futuro".

En efecto, se decía que "las mujeres representan la mitad de la población mundial. Realizan las dos terceras partes del trabajo (remunerado o no) pero sólo se benefician de una décima parte de la renta mundial y sólo son propietarias del uno por ciento de los bienes mundiales.

En 1980, el 58% de las mujeres económicamente activas en los países industrializados trabajaban en los servicios, el 26% en la industria y el 16% en la agricultura. El trabajo de la mujer es más barato; las mujeres son víctimas de la precariedad y están más afectadas que los hombres por la evolución del mercado y del empleo (tiempo parcial, contratos temporarios); las mujeres son las primeras víctimas del desempleo y las nuevas técnicas provocan nuevos problemas de salud.

En los países del tercer mundo, las mujeres representan un 34% de la población activa según los criterios habituales (en los sectores agrícola, agroindustrial, industrial de exportación, y de servicios).

Mujeres del Equipo Internacional, 1990.

¿Qué es una mujer económicamente activa en el tercer mundo? En las zonas rurales, las jornadas son largas (14-16 horas) y agotadoras: hay que producir los alimentos, prepararlos, ir a por leña, ir a por agua, hacer el comercio, criar a los hijos.

El acoso sexual existe tanto en los países del tercer mundo como en los países industrializados.

En conjunto, las mujeres son víctimas del sistema económico, de cierta imagen tradicional de la mujer (madre, esposa, sumisa, dependiente) y de la formación que reciben."

Ante esta situación, la JOCI compartió las acciones y llamó a la acción:

Algunos dirigentes internacionales.

- Acción por el aumento de salarios en una fábrica de prendas de vestir en las Filipinas
- Acción por la organización del trabajo, el pago de los salarios y el respeto al trabajador en un hospital de Venezuela
- Acción de las empleadas de hogar de Madagascar por el respeto de sus derechos
- Huelga para conseguir mejores condiciones de trabajo y oponerse a la represión en una planta textil de España
- Acción en la administración de Hong Kong para pedir el pago de las horas extraordinarias
- Campaña de acción de la J.O.C. de Austria contra la situación de inferioridad de las jóvenes trabajadoras "Pech Maria" ["María la mala pata"]
- Campaña de la J.O.C. alemana contra la flexibilidad.

Una militante del Quebec hizo un aporte a modo de conclusión:

"Las chicas que conozco en la J.O.C. son tan "vocingleras" como los chicos. No conozco a una que no sea capaz de tomar la palabra y echar para adelante. Esto es evidente. Cualquiera que entra en la J.O.C. cree en valores como la igualdad. En la J.O.C. queremos la igualdad de los trabajadores; por consiguiente, queremos también una igualdad de géneros. Para mí es una contradicción querer la igualdad en la sociedad y al mismo tiempo ser sexista."

Adelaida 1991

El 8° Consejo Internacional tuvo lugar en un momento particular de la historia. Se llegaba al final de un "orden internacional" que dividía el mundo en dos bloques desde 1945. Se anunciaba a bombo y platillo la llegada de un "nuevo orden internacional".

Estas contradicciones son más agudas que nunca. El hundimiento del comunismo puso fin a la guerra fría y quienes defienden el capitalismo lo presentan como el único sistema viable capaz de organizar a la humanidad. La sociedad en la que vivimos es una sociedad en la que el capitalismo domina y actúa a escala internacional.

Reunión del Equipo Internacional en 1991 en Lovaina, Bélgica, para preparar Adelaida 91.

La Declaración de Principios, preparada en los movimientos nacionales y elaborada en el Consejo Internacional de Adelaida en 1991, se adoptó en Johanesburgo en 1995.

Comenzaba echando una mirada al mundo de hoy en día
Hoy en día, al igual que cuando nació el movimiento, los jóvenes trabajadores están confrontados con las contradicciones del capitalismo.

El capitalismo ha creado un abismo cada vez mayor entre países ricos y países pobres, y entre los ricos y los pobres dentro de un país. La tecnología y la información están controladas por la clase dominante. Así pues, una pequeña minoría de ricos domina, explota y toma las decisiones por la mayoría de la población, la cual está sumida en la pobreza y la exclusión permanente.

Mientras siguen aumentando las

riquezas en el mundo, éstas sólo son en provecho de una minoría. La tasa de desempleo va crecien-

Delegaciones asiáticas.

do en todo el mundo y un número cada vez mayor de personas tienen un empleo precario o trabajan en el sector informal, mientras otros trabajadores están obligados de emigrar para ganarse la vida. Las mujeres están más explotadas y dominadas que los hombres. Los pueblos indígenas se ven forzados a abandonar sus tierras ancestrales; su lengua y su cultura son amenazadas y a veces destruidas.

Los recursos naturales quedan destruidos sin ningún miramiento por el medio ambiente. En muchos países aumentan el racismo, el fanatismo religioso y ciertas formas de nacionalismo que llevan a la exclusión.

Se impulsa el consumo a ultranza. El materialismo, la competitividad y el individualismo reinantes llevan a un número cada vez mayor de personas a la desesperación, a una pérdida del sentido de la vida, a la falta de perspectivas de futuro.

Van perdiéndose paulatinamente los derechos que los trabajadores pudieron conquistar en algunos países. Si bien la fuerza y el peso de la clase obrera y de sus organizaciones disminuyeron considerablemente, encontrándose éstas en una posición defensiva, sigue siendo tan importante la necesidad de crear alternativas a la sociedad actual.

Al margen de las formas históricas de organización de la clase obrera, aparecieron nuevas formas de organización que cubren aspectos diferentes de la vida y contemplan nuevos retos. Todos estos movimientos y organizaciones generan esperanza en un cambio aún posible de la sociedad.

(Extracto de la Declaración de Principios, Johanesburgo 1995).

Voto.

Australia que es un país tan extenso como un continente, contaba en la época del Consejo con 20 millones de habitantes. Los aborígenes, que fueron sus primeros pobladores, ya no eran más que 128 000. Formaban una comunidad pobre, necesitada, a menudo condenada a ser asistida. Australia es uno de los países más urbanizados, una sociedad rica. Sin embargo, estas riquezas se concentran en manos de una minoría. Las 2000 personas más ricas del país poseen tanto como

Día de descanso en Australia.

los 2,5 millones más pobres.

En 1991, la J.O.C. de Australia celebró su 50° aniversario, coincidiendo con el Centenario de la primera Encíclica social de León XIII, "Rerum Novarum".

La fecha y el lugar convenían perfectamente para este 8° Consejo Mundial. Es así que un centenar de delegados emprendieron camino hacia Adelaida, con escalas en otros países donde pudieron conocer a otros jóvenes trabajadores y otras realidades, a menudo muy distintas de la suya.

Los delegados de Kenia hicieron una escala en Bombay, los de Ghana pasaron por Malasia, que recibió también a las delega-

Delegación de Nueva Zelanda.

ciones del Japón y de Hong Kong.

Los delegados de Egipto y de las islas Seychelles fueron recibidos en Singapur, la delegada del Gabón aprovechó para visitar la J.O.C. valona en Bélgica. Los delegados de la República Dominicana hicieron una parada en España y los de la Argentina y del Quebec estuvieron en Nueva Zelanda.

Los de la JOC valona y los de Suiza estuvieron en Corea. Los delegados belgas flamencos y los españoles fueron recibidos por la JOC de las Filipinas, y los de Alemania y Luxemburgo estuvieron en Tailandia.

Enriquecidos por las acciones y los hallazgos realizados en camino hacia Australia y en los encuentros continentales previos al Consejo organizados en distintas

ciudades de Australia (Port Pirie, Sydney, Melbourne), estos delegados procedentes de 37 países se reunieron en Adelaida del 26 de noviembre al 17 de diciembre de 1991.

Ante la situación vivida por la juventud trabajadora y a pesar de la pasividad que caracterizaba a muchos jóvenes, las reacciones de algunos eran espontáneas y a veces violentas. Los delegados y delegadas compartieron acciones realizadas por la JOC en todo el mundo (Haití, Filipinas, Egipto, Venezuela, Suiza, Alemania, Ghana, etc...). Nueve grupos de trabajo hicieron una evaluación de estas acciones e identificaron los distintos desafíos que iban planteándose a la JOC.

Se decía que "la JOC debe intensificar su acción, responder a las necesidades de la juventud trabajadora, adaptar la acción a la mentalidad actual, fomentar una participación cada vez más amplia de los jóvenes".

A fin de ayudar al conjunto de los movimientos nacionales y grupos de base a acometer estos desafíos y luchar contra la marginación cada vez más generalizada de la juventud popular, el Consejo decidió lanzar una Campaña Internacional en favor de la participación de los jóvenes trabajadores.

La campaña se inició con una encuesta internacional sobre la juventud trabajadora en el mundo. Se planificó la organización de una sesión internacional de militantes de distintos países para examinar los resultados de la encuesta. La reflexión sería una base para la elaboración de un Manifiesto sobre la participación de los jóvenes trabajadores que se examinaría en

el siguiente Consejo Internacional. En los cuatro años siguientes a Adelaida 91, la preocupación fue sobre todo la de fomentar la participación de la juventud trabajadora.
Los delegados examinaron las relaciones existentes entre la JOCI y la CIJOC. Expresaron su voluntad de obrar por la reunificación y encomendaron al Equipo Internacional la tarea de impulsar el diálogo. El Consejo se centró también en la extensión de la JOCI, en particular a Europa central, a Centroamérica y al Africa austral.

En Adelaida, los 19 asesores y colaboradores adultos que participaron en el Consejo tuvieron la (rara) oportunidad de dirigir una carta abierta a los delegados:

"Nos impresionó la calidad del compartir entre los delegados, su voluntad de comprender las distintas situaciones en las que viven, su capacidad para acogerse mutuamente en un espíritu de apertura, respeto mutuo y compañerismo.

Fuimos testigos del compromiso militante de estos jocistas de tantos países que con su acciones buscan mejorar sus condiciones de vida. Hemos visto una JOC vivida en lo cotidiano, un movimiento construido por los mismos jóvenes trabajadores, como un indicio esperanzador y liberador.

Moses Cloete (Sudáfrica), presidente.

Hemos observado también que tanto hoy como en el pasado, el movimiento permite a los jóvenes trabajadores encontrar en su encaminamiento militante el mensaje liberador de Jesucristo. Los numerosos grupos de trabajo en los que participamos a menudo nos dieron la posibilidad de vivir estos aspectos juntos.

En nuestra opinión, creemos lamentable que el Vaticano haya retirado a la JOCI su estatuto de Organización Internacional Católica (OIC). Al actuar de esa forma,

Delegación de Egipto.

Colaboradores adultos de África y Asia.

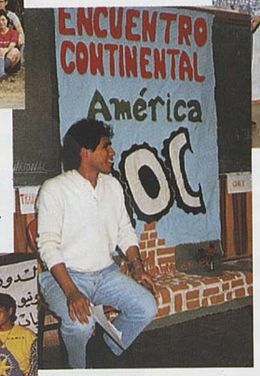
les da a estos jóvenes trabajadores y a la JOC en conjunto la sensación de que no hay lugar para ellos en la Iglesia.

Fuimos testigos de la inquietud provocada por esta decisión entre los militantes del movimiento. Asimismo, fuimos testigos de sus esfuerzos por continuar el diálogo y de sus esperanzas de que sea nuevamente reconocida por la jerarquía de la Iglesia la misión específica que ejercen en el mundo obrero.

Creemos que nuestra participación en el 8° Consejo Internacional de la JOCI, en nombre de centenares de asesores y colaboradores adultos del movimiento, y el apoyo oficial de parte de los episcopados de muchos países, en particular de la Iglesia australiana, es un signo que indica que la Iglesia sigue interesándose por la suerte de la juventud trabajadora, reconociendo el compromiso y la misión de los militantes de esta JOC, que ha sido una fuente de esperanza en tantos países durante más de 70 años".

Colaboradores adultos de las Américas.

en Asia.



en América latina.

En Europa.

en Oriente Medio.

LA JOCI EN LOS CONTINENTES

en Quebec.

en Africa central.

en Africa occidental.

en China.

Johanesburgo 1995

Después de "Adelaida 91", la JOCI decidió celebrar su Consejo Internacional siguiente en Sudáfrica. Fue como un acto de fe en la evolución de este país. Cuando algunos anunciaban una carnicería, una catástrofe total, la JOCI creyó en la victoria de la justicia y en las aspiraciones profundas de las millones de víctimas del apartheid.

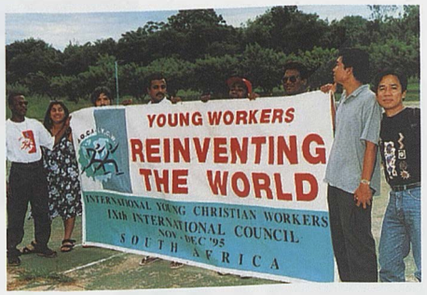
Hace tres siglos se impuso una minoría europea en este país de 40 millones de habitantes: 30 millones de negros, 5 millones de blancos, 3 millones de mestizos, y un millón de asiáticos.

La JOC sudafricana fue fundada en 1952 como movimiento no racial. Siempre estuvo opuesta al apartheid. Ya en sus inicios ayudó a los militantes a situarse en la lucha de empresa y en los barrios.

Reunión preparatoria en Sudáfrica.

Todo cambió con el fin del apartheid y la instauración de la democracia.

En 1994, el fundador de la JOC sudafricana, Erick Tyacke, declaró: "Hubo una época en que era casi imposible que un militante de la JOC sudafricana participara en un encuentro internacional. Mañana, el mundo entero se dará cita en Johanesburgo con motivo del Consejo Internacional del movimiento".



¡Reinventar el mundo!

El Consejo reunió efectivamente a finales de noviembre de 1995 a 120 delegados de 40 países. La apertura se hizo el 26 de noviembre en Oukasie, una pequeña ciudad negra, antigua zona de chabolas, un foco de lucha contra el apartheid, un lugar destacado de la lucha contra los traslados forzosos de la población negra, un lugar simbólico para la JOC sudafricana que contribuyó a esta victoria.

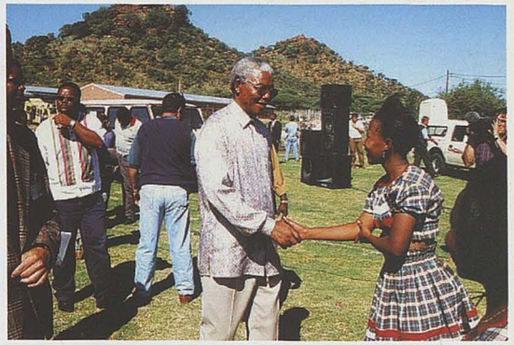
En el campo de fútbol, los jóvenes trabajadores locales presentaron la Carta Reivindicativa de la JOC nacional. La JOCI lanzó su Carta Reivindicativa Internacional. El Presidente Mandela acudió al acto y estrechó manos y dirigió algunas palabras a cada delegado. En su emotivo discurso, Mandela recordó que no había acabado la lucha contra la opresión y la injusticia, sino que iba a ser aún más intensa, contra el hambre, la ignorancia y la enfermedad.

Al día siguiente, el Consejo comenzó su trabajo en Johanesburgo. La mirada a la situación de la juventud trabajadora, alimentada por los resultados de la encuesta internacional sobre la participación, apuntaba a un mundo enfermo. Las potencias económicas y financieras extendían su dominio y controlaban todos los aspectos de la vida. Se utilizaban todos los medios para avivar la competencia sin importar las consecuencias en las masas de la población y en el equilibrio del planeta. Sin embargo, el futuro no se veía totalmente tan oscuro. El fin del apartheid o la revolución de Haití representaban una luz de esperanza en la oscuridad.

Se organizó un Seminario con la JOC sudafricana sobre la extensión del movimiento en el Africa austral: Alex Ericx, uno de los primeros extensionistas enviados al Africa, estuvo reunido un día con los delegados.

La misa de apertura del Consejo fue concelebrada y presidida por Mgr. Orsmond, obispo de Johanesburgo. La celebración tuvo lugar en Soweto, un lugar sumamente simbólico, testigo de tantas luchas, de la represión y de la esperanza. Mgr. Orsmond explicó por qué Cardijn fundó la JOC,

El presidente Mandela en la apertura del Consejo.



Mandela: " ¡Prosigan su labor! "

Extracto de la alocución del Presidente de la República sudafricana pronunciada en el acto de apertura del Consejo Internacional.

"Tengo el gran privilegio de asistir al acto oficial de apertura del Consejo Mundial de la JOCI. Me complace en especial asociarme a la larga tradición de lucha de la Juventud Obrera Cristiana contra la injusticia en el mundo, incluido en Sudáfrica.

La decisión de Uds. de celebrar el Consejo aquí, en esta pequeña y pobre comunidad de Oukasie, habla por sí mismo. Una vez más, la JOC demuestra concretamente que un verdadero compromiso por la justicia exige mucho más que buenas intenciones y palabras al viento. Ello exige en realidad una total solidaridad con quienes luchan por dicha justicia..."

Mandela recordó en breve la historia de la lucha de esta comunidad por su supervivencia. "Oukasie se convirtió en un símbolo de la fuerza que puede generar una resistencia común apoyada por la solidaridad internacional.
Una de las características más importantes de la JOC es que se sitúa ella misma en el seno de las realidades sociales del pueblo, en particular de las vividas por la juventud trabajadora, y hace especial hincapié en la necesidad de contar con una organización eficaz."

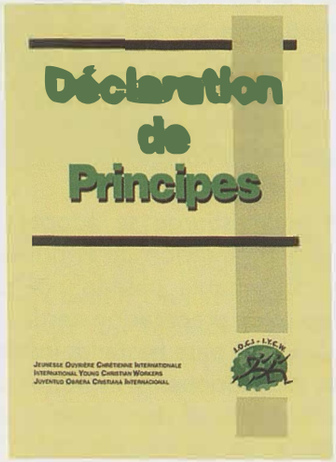
Recordó que la experiencia de Sudáfrica va en el mismo sentido y demuestra que cuando la gente está comprometida y bien organizada, nadie en definitiva puede callarla. A esto, Nelson Mandela agregó:
"Quiero agradecer a la JOC por su contribución a esta magnífica victoria."

cómo confió en la capacidad de los jóvenes trabajadores para organizarse y actuar juntos. Al final de la celebración, el primer ministro de la provincia de Gauteng recordó en pocas palabras lo que había vivido el pueblo sudafricano: "Cuando regresen a sus países, queremos que sean testigos de lo que han visto aquí. Tras 300 años de opresión, es un verdadero milagro lo que está sucediendo en este país".

El Plan de Acción Internacional tenía como meta la de reinventar el mundo y la JOC : una JOC más dinámica, más eficaz, más representativa, presente en todos los sectores (sector informal, inmigrantes, zonas francas, desempleados, empleos precarios, industrias, servicios...), una JOC en expansión, una JOC que colabore con las organizaciones obreras y populares, que intervenga ante las instituciones internacionales, que estreche relaciones de amistad y solidaridad con las distintas instituciones ecuménicas; una JOC que, pese al mutismo de la CIJOC ante las llamadas al diálogo, siga preocupada por su unidad; una JOC que dialogue con los organismos de la Iglesia para que se reconozcan a todos los niveles el lugar y la misión del Movimiento.

En Johanesburgo se adoptó la nueva Declaración de Principios. La "DP" había pasado por un proceso de preparación desde los equipos de base hasta las instancias internacionales, en todos los continentes. El texto tiene en cuenta la evolución de la sociedad, la situación actual de los jóvenes trabajadores, y la historia del Movimiento. No fue

nada fácil elaborar un documento como éste. En efecto, debía considerar las distintas sensibilidades, evitar un lenguaje estereotipado, ser una fuente de inspiración para los jóvenes tra-



La Declaración de Principios.

bajadores en todo el mundo, recoger los fundamentos de la JOC y hacerlos accesibles a los jóvenes trabajadores actuales.

Al leer este nuevo texto, algunos observadores tal vez verán pocas diferencias fundamentales con respecto a la Declaración de Linz de 1975. Esto es tal vez un indicio de que la JOC de hoy en día quiere mantenerse fiel a las convicciones que la animaron desde su fundación y a lo largo de toda su historia.

Poco antes de iniciarse el Consejo, los tres movimientos flamencos lograron reunificarse. En efecto, existían tres movimientos de la JOC en Flandes (Bélgica): la KAJ, movimiento mixto afiliado a la JOCI, la VKAJ, movimiento femenino afiliado a la CIJOC, y otro movimiento de chicos sin ninguna afiliación internacional. Tras dos años de esfuerzos y voluntad comunes por avanzar en el diálogo, estos tres movimientos lograron su reunificación. El nuevo movimiento, denominado KAJ, se afilió a la JOCI. El Consejo de Johanesburgo ratificó esta decisión con una votación.

En el Consejo se adoptaron también numerosas mociones: sobre los conflictos violentos que asolan en el Africa, el deterioro de la situación política en este continente, una llamada a construir un mundo desnuclearizado, el desarme de los grupos paramilitares de Haití, el fin del bloqueo de Cuba, la solidaridad con los trabajadores franceses en huelga, y la solidaridad con la JOC de Costa de Marfil, un país en el que las autoridades religiosas obligaron al movimiento a dimitir de la JOCI en contra de la voluntad de la mayoría de sus militantes.

La última palabra la daremos a Marguerite Fiévez, invitada al Consejo, que trabajó en estrecha colaboración con Cardijn durante muchos años:

"Cardijn siempre soñó mucho... al igual que Martín Luther King, Jesucristo o Mandela. Estos hombres tuvieron un sueño y buscaron concretarlo hasta donde fuera posible."

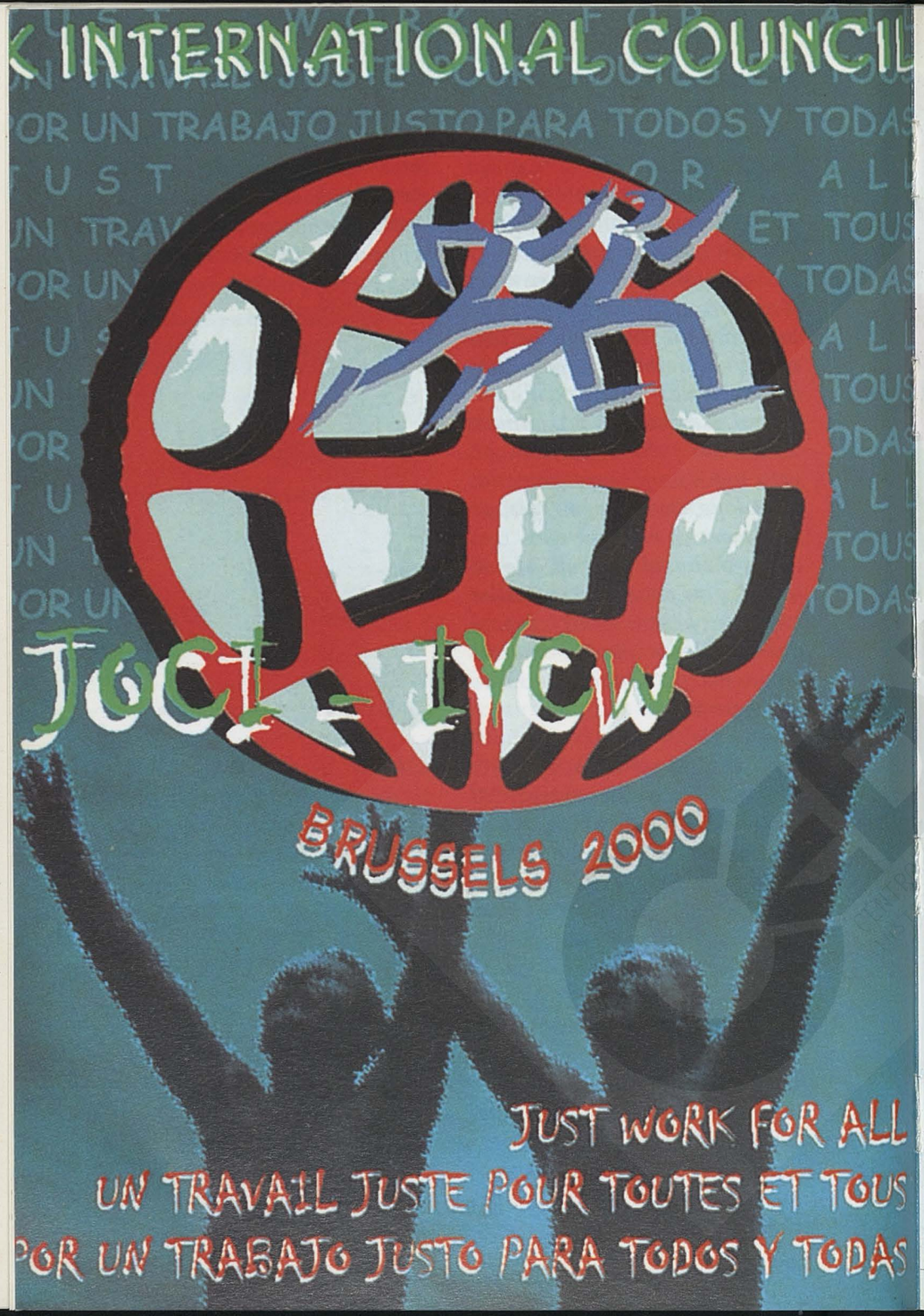
"¿Cuál es mi sueño? preguntaba Cardijn en 1930. El soñaba con ver a todos sus jóvenes hermanos de Europa, de Africa, de Asia, de las Américas, expresar cada uno en su idioma el gran alcance de la JOC y su expansión en todos los países y entre todas las razas del mundo, afirmar en el mundo entero la gran fraternidad que iba naciendo."

"¿Soñáis para construir la JOC?", preguntó Marguerite Fiévez. "El sueño debe impulsaros e impulsar a los demás... Soñad, atreveos, prendedle fuego al mundo. En el centro de la JOC hay fuego, la estructura mata pero la mística es salvadora."

"Si Cardijn no hubiese juntado a tantos miles de jóvenes trabajadores, este sueño no habría llevado a nada... ¿Quién ha de reinventar la JOC? No ya Cardijn sino vosotros. Así también lo dijo a nosotros: 'sois los fundadores de la JOC'. Hoy es responsabilidad vuestra."

"Quiero reafirmar el llamamiento que hizo en el primer Consejo Internacional de la JOC en 1957, para que lo hagáis vuestro para siempre: '¡Jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras de todos los países, uníos en la JOC Internacional!"

Helio Alves (Brasil), presidente.



Bruselas 2000

"Por un trabajo justo para todos y todas"

Por el Secretariado Internacional de la JOCI

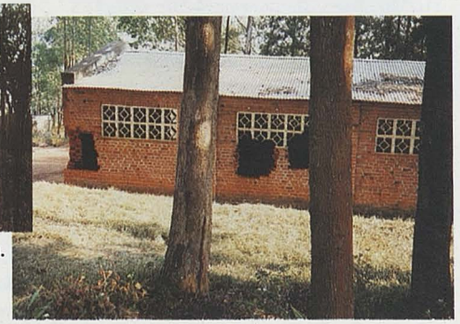
El texto a continuación concierne a los años venideros. Fue elaborado, no ya por historiadores o antiguos jocistas, sino por los responsables actuales del Secretariado Internacional. Es una muestra del compromiso de la JOCI y de sus proyectos. Es una llamada de la JOC Internacional.

"Por un trabajo justo para todos y todas" es el tema del 10° Consejo Internacional de Bruselas 2000.

En los años que siguieron al último Consejo Internacional, en noviembre de 1995, la JOCI fue el testigo de muchos acontecimientos que trastornaron el mundo. Personas fueron asesinadas o tuvieron que huir de sus casas por culpa de las guerras en Oriente medio, en el Africa central, en Colombia y en Europa del Este; fueron asesinados negociadores que participaban en conversaciones de paz; se justificaron algunas dictaduras. El milagro económico asiático se convirtió en una quimera del día a la mañana; Rusia se hundió en el caos económico y social; la economía mundial está trastornada; y el proyecto neoliberal en conjunto está siendo muy cuestionado.

Huracanes e inundaciones se han cobrado miles de víctimas mientras continúa la deforestación y sigue ampliándose el agujero en la capa de ozono.

Los fascistas y la extrema derecha han incrementado su clientela electoral y matanzas de carácter racial y genocidios (Ruanda, Timor oriental...) han sido denunciados en todo el mundo.



Rastros del genocidio en Ruanda.

Esperanzas.

Pese a esta situación, algunos signos positivos percibidos estos últimos años entrañaron muchas esperanzas. En el ámbito internacional, nos animan los esfuerzos realizados por muchas organizaciones que desean la implementación de las propuestas presentadas en la Cumbre Mundial por el Desarrollo Social de Copenhague (1995), en particular la promoción del pleno empleo.

Asimismo, estamos motivados por la campaña internacional "Jubileo 2000" que llama a la anulación de la deuda externa de los países pobres, una campaña que movilizó a numerosas organizaciones y personas en las comunidades locales.

Cabe mencionar también otros avances como la Declaración de derechos fundamentales del trabajo en 1998; la creación de un Tribunal Penal Internacional (avance en materia de respeto de los derechos humanos); el Convenio de Lomé que une el desarrollo de los países pobres a la economía europea; y la exitosa campaña internacional contra el Acuerdo Multilateral sobre la Inversión propuesto por los países ricos miembros de la OCDE.
Incluso se comienza a pensar que las políticas económicas neoliberales se han pasado de la raya y necesitamos una nueva "arquitectura financiera internacional".

Si bien estos avances nos animan, sabemos también que en definitiva nuestra situación ha ido a peor y aún queda que recorrer mucho camino.

Motivada por su fe en todos los jóvenes trabajadores y todas las jóvenes trabajadoras, la JOCI ha podido consolidarse como movimiento internacional. Gracias a la labor realizada estos últimos años, la JOCI está tal vez mejor preparada para acometer los retos que se le plantean , y para organizar a los jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras del siglo XXI.

La acción de la JOCI

En su aplicación del Plan de Acción Internacional adoptado en su 9° Consejo Internacional con el tema "Reinventar el mundo de la juventud trabajadora", la JOCI centró sus prioridades, en cada continente, en la formación de los jóvenes trabajadores a través de la acción.

En Europa, la "Campaña abierta" y el "Programa de Formación Global" dominaron la vida del Movimiento desde el Consejo Internacional de Sudáfrica.

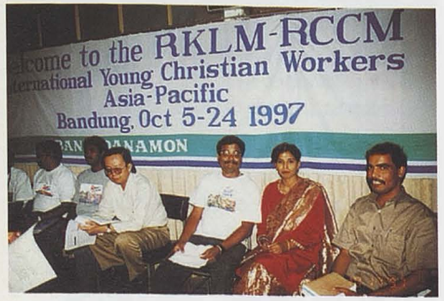
La Campaña Abierta estaba encaminada a promover el desarrollo de acciones locales en los movimientos nacionales, reuniéndose todos ellos en diciembre de 1998 con motivo de una acción común que congregó en Luxemburgo a más de 300 jóvenes trabajadores y trabajadoras. En el acto de Luxemburgo, los jóvenes trabajadores se encontraron con responsables de la Unión Europea y adoptaron una declaración "Contra la exclusión y por una sociedad intercultural".

Encuentro europeo
en Budapest (Hungría).

La JOC de España ha tomado la iniciativa de organizar una "bolsa de trabajo" cuya finalidad es facilitar la inserción profesional de las jóvenes. La JOC ha establecido servicios de gestión de la oferta y demanda de empleo, información sobre derechos laborales, asesoramiento jurídico y orientación profesional.

Acción por el derecho
de asilo en Bélgica.

Mientras tanto, en **Asia-Pacífico**, las campañas "China de mañana" y "países menos industrializados, nuevos países industrializados y países postindustrializados" sirvieron para promover la formación a través de la acción de los jóvenes trabajadores de esta región.



Encuentro continental Asia Pacífico 1997.

La campaña "China de mañana" reunió a jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras de la región (Taiwán, Hong Kong, Singapur y Macao) a fin de compartir su realidad común, llevar a cabo acciones comunes y ayudar a extender la JOC en la China continental.

Queremos una nueva sociedad, una sociedad justa y sin clases. Una sociedad libre de cualquier forma de explotación y discriminación, donde el trabajo esté al servicio del pueblo y las ganancias del trabajo humano se compartan equitativamente.

Plan de Acción internacional de la JOCI, 1996-2000, § 106.

Manifestación por los derechos laborales en la India, 1997.

La JOC de Tailandia ha sido la protagonista de una campaña de apoyo a los trabajadores de « Par Garment Company », iniciada por la JOCI en 1999.

Las actividades de Par Garment comenzaron en 1988. La empresa produce distintas marcas de prendas de vestir mundialmente conocidas. Los productos son exportados a los Estados Unidos, Canadá, Europa, Australia, Japón y Hong Kong. En 1988-1990, la empresa tenía una plantilla de 500 trabajadores, mujeres en su mayoría. Aplicó un sistema de trabajo por turnos e instauró condiciones de trabajo deplorables: salario mínimo, horas extraordinarias no pagadas, ambiente laboral insalubre, acoso sexual, etc. Un miembro de la JOC comenzó a organizar clandestinamente a los trabajadores. Paulatinamente, los trabajadores y trabajadoras fueron uniéndose a las acciones, comenzaron a hablar de sus condiciones de trabajo y acabaron presentando sus reivindicaciones a la dirección de la empresa.

Las acciones de la JOC impidieron una deslocalización anunciada de la empresa.

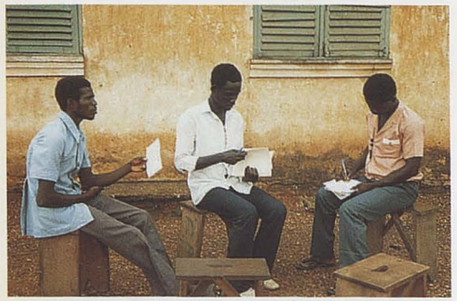
Hoy por hoy, la empresa tiene contratados a 202 trabajadores, de los que 180 están afiliados al sindicato.

El Convenio colectivo firmado en 1997 caduca en 1999. Por tanto, el sindicato tiene el derecho de volver a negociar las condiciones de trabajo con la dirección. Los jocistas siguen siendo muy activos dentro de la empresa.

Encuentro de asesores de Asia en Indonesia, 1997.

Jóvenes rescatados de la secta Moon a través de la labor de la JOC Japonesa.

En Africa, la JOCI aún debía realizar una amplia labor de consolidación. Por consiguiente, el movimiento centró sus esfuerzos en los programas de intercambio y en las sesiones de formación nacionales, subregionales y continentales.

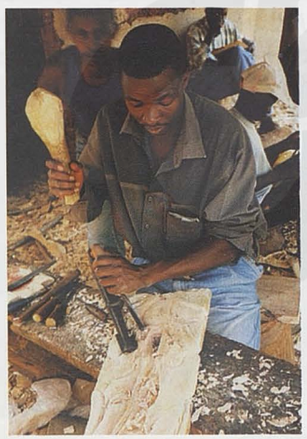


Reunión.

Durante las visitas de trabajo realizadas por los responsables continentales de la JOCI, se organizaron sesiones de formación nacionales con objeto de formar a los responsables nacionales al método ver-juzgar-actuar y enseñarles cómo desarrollar el movimiento a través de las acciones locales.

Jocistas de Ghana, 1995.

En 1998, la JOC de Sudáfrica realizó una campaña importante con los trabajadores eventuales. La campaña se desarrolló en tres etapas. En primer lugar, se identificaron los problemas específicos a través de más de 1000 entrevistas a jóvenes de este sector. Luego, se elaboraron las reivindicaciones en las asambleas locales. Los Congresos Regionales permitieron recoger todas estas reivindicaciones para la elaboración de un Manifiesto. La elaboración definitiva se hizo en un Congreso Nacional y el Manifiesto se presentó a empresas, sindicatos, y al Ministerio de Trabajo.



Artesano.

En los Andes, Perú.

En las Américas, la JOCI realizó una encuesta continental sobre el trabajo precario, el sector informal y el desempleo, animando a los movimientos nacionales a organizar más acciones con estas categorías de la juventud trabajadora.

La encuesta pudo evaluarse en el encuentro continental que tuvo lugar en el Perú en 1999 (organizado cada cuatro años). En dicho encuentro, los movimientos adoptaron acciones encaminadas a reforzar el proceso de iniciación y de formación, así como acciones en los sectores prioritarios.

La JOC del Quebec lanzó una campaña nacional sobre la precariedad del trabajo. En este caso, la JOC también partió de una encuesta realizada con unos 4000 jóvenes. Esta permitió darse cuenta que los trabajadores y las trabajadoras no están protegidos por la legislación laboral. La encuesta ofrece elementos que identifican las mejoras imprescindibles en la legislación para impedir los despidos arbitrarios de la empresas. Se definieron ejes de acción para cada región. Es así que se lanzaron peticiones y se organizaron obras teatrales en las que los grupos locales denunciaron los abusos de las empresas. En una gran concentración, la JOC presentó reivindicaciones claras a las autoridades políticas locales y nacionales.

Encuentro continental de América latina.

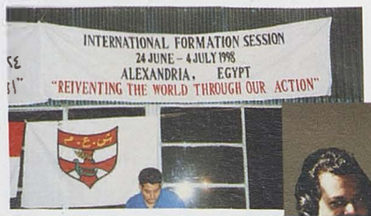
Jocistas de Egipto.

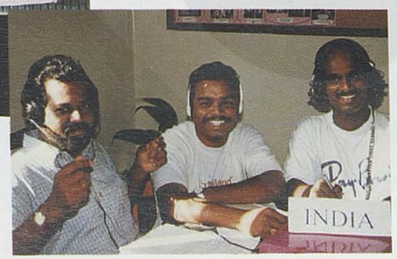
Por último, en **el ámbito internacional**, la JOCI realizó en 1998 su Sesión de Formación Internacional en Egipto (organizada cada cuatro años), en la que presentó oficialmente su campaña "Por un trabajo justo para todos y todas".

La Sesión de Formación Internacional (SFI) reunió a 42 jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras procedentes de 30 países diferentes. En ella, compartieron su forma de concretar en su movimiento nacional el plan de acción internacional adoptado en el Consejo Internacional de 1995.

Por otro lado, la SFI fue también un espacio donde se propusieron nuevas acciones, en particular la de unirse a las campañas en favor de la anulación de la deuda externa y la de fomentar la campaña de la JOCI, "Por un trabajo justo para todos y todas". La promoción de esta campaña se hizo mediante la elaboración de dossieres sobre los jóvenes trabajadores desempleados, el sector informal, la reorganización del trabajo y la exclusión, mediante la publicación de materiales y la organización de actividades con motivo de la Semana Internacional de la Juventud Trabajadora (24 de abril - 1 de mayo).

Desde el 9° Consejo Internacional de 1995, la JOCI estuvo prosiguiendo su labor de extensión internacional con el desarrollo de la JOC en Europa central, en los Estados Unidos, en Centroamérica, en el Africa central, en Asia meridional y en la China continental.





Sesión de Formación Internacional en Alejandría. Delegación de la India.

Asimismo, se reforzaron **las relaciones con la Iglesia** mediante un reconocimiento oficial o informal de la JOCI por parte de las conferencias episcopales continentales y nacionales. En la Conferencia de las Organizaciones Internacionales Católicas de 1997 (de la que la JOCI es miembro asociado), las 35 organizaciones internacionales católicas se pronunciaron por unanimidad menos una abstención en favor de la continuación del diálogo entre la JOCI y la CIJOC a fin de lograr una reunificación. En 1999, la Conferencia de las OIC celebrada en Beirut (Líbano) confirmó esta resolución por una mayoría muy amplia.

En cuanto a **la reunificación**, no se ha observado estos últimos años ningún avance significativo de parte de las instancias internacionales de la CIJOC, aunque observamos que se van creando buenas relaciones con determinados movimientos nacionales miembros de la CIJOC. De conformidad con la decisión tomada en el 9° Consejo Internacional, la JOCI está aguardando respuesta a la petición formulada al equipo internacional de la CIJOC de organizar otra reunión a fin de discutir sobre las formas en que podemos obrar juntos por la reunificación del movimiento.

Por último, la JOCI consolidó sus relaciones con **las organizaciones internacionales**, en particular con los órganos de las Naciones Unidas. Se creó la Unidad de

Los miembros del Secretariado Internacional.

Juventud del Consejo Económico y Social (ECOSOC) con objeto de promover la participación de los jóvenes en las distintas organizaciones de las Naciones Unidas. La JOCI tuvo una participación activa en el 2° Foro Mundial de la Juventud que se celebró en Portugal. En 1999, la JOCI participó en la Asamblea General de la OIT, lo cual permitió afianzar los contactos establecidos en el Foro Mundial de la Juventud o crear nuevos contactos. A raíz de estos contactos, la JOCI está en discusión con la OIT a fin de organizar una acción conjunta en favor de los jóvenes trabajadores del sector informal.

La JOCI ha evolucionado desde hace cuatro años

La primera evolución ha sido una nueva insistencia en el método jocista.

En Europa, en el empeño por desarrollar las acciones del movimiento, la JOCI debatió sobre el sentido de la acción y el de las actividades, llevando a los movimientos nacionales europeos a adoptar un plan de acción centrado en la formación a través de la acción, aprovechando mejor la "Revisión de Vida y de acción Obrera" (RVAO) y el método ver-juzgar-actuar.

En Las Américas, la JOCI buscó consolidar su proceso de iniciación y de formación. Es así que el Encuentro Continental en el Perú en 1999 hizo hincapié en la importancia de los grupos de base y de los equipos militantes, y en una práctica periódica de la RVAO.

En Asia-Pacífico, la JOCI trabaja en este sentido desde hace ya unos años, insistiendo últimamente en la importancia de la acción como medio fundamental para la formación.

En el Africa, la JOCI también hizo hincapié en la importancia de la RVAO en los grupos de base y en la cuota de los militantes.

El hecho más significativo es tal vez que la RVAO va a ser un punto prioritario del programa del X° Consejo Internacional del año 2000 en Bruselas. Va a ser la primera vez que la RVAO se va a someter a un amplio debate desde el Consejo Internacional de Linz.

Encuentro continental de las Américas, Perú 1999.

Cumbre del Congo Brazzaville/Kinshasa en Boma, 1999.

Otra evolución significativa es la toma de conciencia de que la JOCI debe ser una organización independiente para poder sobrevivir en el siglo XXI.

La creación de la "Fundación Internacional Cardijn" y la adquisición de una casa para las oficinas del Secretariado Internacional son gestos simbólicos encaminados a alcanzar este objetivo.

Tras muchos años de experiencia, la JOCI se vio obligada a organizarse fuera de las superestructuras de la Iglesia y del Movimiento Obrero. Si bien en muchos países, la JOC sigue apoyada por estas organizaciones (ayuda financiera, locales y personal), este apoyo va siendo cada vez más precario y es probable que no pueda continuar por mucho tiempo más.

Con esta ojeada a lo que fue la JOCI y a los cambios importantes acontecidos en estos últimos años, hemos llegado al momento de levantar interrogantes, de plantear los desafíos que tendrá que enfrentar la JOCI al entrar en una nueva etapa de su historia.

El nuevo secretariado internacional en Bruselas.

Desafíos para la JOCI del futuro

1) Análisis y acción

Necesitamos desarrollar con urgencia un análisis riguroso que sea comparable con cualquier investigación universitaria o profesional. No vamos a negar que vivimos en la edad de la información y la información es el poder, y si queremos que se nos tome en serio, debemos presentar un análisis que tenga en cuenta la complejidad de las relaciones económicas y sociales en una sociedad mundializada.

Como organización de jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras, nuestro análisis debe enfocar claramente los problemas de los trabajadores que se viven de forma aguda entre los jóvenes. Conviene presentar este proceso como el que hace que la JOCI sea única en el mundo, convirtiéndola en la voz de la juventud trabajadora. Como organización cristiana, nuestro análisis debe descansar en determinados fundamentos éticos, sin por ello ser un análisis fundamentalista. Asimismo debemos integrar en nuestras prioridades muchas preocupaciones sociales como los derechos humanos, la protección social, y la igualdad de géneros.

Se nos plantea el desafío de realizar acciones que respondan al mismo tiempo a las necesidades locales y a las prioridades internacionales. La acción debe ofrecer respuestas concretas a muchos jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras, producir resultados concretos y cuestionar el sistema actual, proponiendo cambios estructurales.

La JOCI debe realizar estas acciones en un marco global, debe crear un enlace entre los trabajadores de un mismo sector

en diferentes países, trabajadores de empresas multinacionales, productores y consumidores, jóvenes trabajadoras de distintos países, trabajadores del sector informal de distintos países, etc. Nuestras acciones deben superar las fronteras nacionales.

Esta solidaridad debe tener la forma de verdaderas asociaciones con otras organizaciones, sin caer en el riesgo de perder nuestra identidad o nuestra autonomía.

2) Misión

La JOCI, ¿tiene una tarea educativa? ¿Cuál debe ser? ¿Qué objetivo debe marcarse el proceso del ver-juzgar-actuar?

La realidad de los jóvenes trabajadores es en sí un principio de respuesta a estas preguntas. A diferencia de lo que sucedía a principios del siglo XX, hoy en día las víctimas de la explotación no saben que son explotadas, y sobre todo no saben por quiénes están explotadas. Hoy en día el sistema de autoridad visible ha sido sustituido por un sistema de manipulación en el que las víctimas ya no logran identificar su estatus. Si bien la pobreza y la insatisfacción de los necesitados eran obvias a principios de siglo, ya no lo son tanto en la actualidad. La posibilidad que tienen hoy los jóvenes trabajadores, hasta los más explotados, de poseer una televisión o un teléfono celular, o también la de cursar estudios universitarios, nos da la impresión de que no están tan explotados como algunos lo afirman. Están manipulados y acaban creyendo que al trabajar duro, todo les será posible.

El equipo internacional en 1999.

Esta realidad coloca a la JOCI ante el reto de realizar su tarea de educación a fin de identificar los mecanismos de la exclusión y construir una comunidad entre los jóvenes trabajadores. El paso de los jóvenes trabajadores por la JOCI debe ser un momento para conocerse a si mismos, conocer la realidad colectiva y descubrir el valor de la dignidad humana; un momento para descubrir los valores personales y sociales (diálogo, tolerancia y liberación) y el significado espiritual de la vida con los demás en el seno de una clase, de una familia, de un barrio, de una iglesia; un momento para descubrir las contradicciones de la sociedad y de la vida, así como la necesidad y posibilidad de cambio.

Teníamos la costumbre de referirnos a las características joven, cristiana y obrera como elementos separados, haciendo a menudo hincapié en una más que en las otras. Vemos sin embargo desde todo lo anterior que estas características tienen muchas similitudes y le toca a la JOCI armonizar estos elementos, reunirlos en un todo coherente. Además, la JOCI debe procurar rearticular estas características porque su significado ha cambiado. Incluso se percibe un cambio respecto del significado que tenían hace 10 años.

Hoy en día se es joven más tiempo. Con las elevadas tasas de desempleo y la prolongación de la escolaridad, muchos pretenden que se está desarrollando el fenómeno de la prolongación de la adolescencia. En efecto, se observa que muchos jóvenes, en particular en los países ricos, sólo consiguen su primer empleo a los 20 ó 25 años. Esto significa que la JOCI debe trabajar con un grupo de edad más amplio, tanto con jóvenes entre 25 y 35 años como con jóvenes entre 15 y 20 años. No cabe duda que esto acarreará consecuencias en el tipo de movimiento que la JOCI será en el futuro.

La dimensión cristiana de los jóvenes trabajadores sigue existiendo. Está viva aunque también ha cambiado radicalmente. Debemos redefinir lo que significa ser cristiano en un diálogo ecuménico e interreligioso. Esto conduciría a reforzar la característica cristiana de una forma nueva, haciendo hincapié en la dimensión espiritual de la vida que es común a todos. Como dijo Cardijn, la JOCI puede existir para TODOS los jóvenes trabajadores del mundo.

El mayor desafío que debe acometer la JOCI tiene que ver tal vez con la dimensión obrera de la vida del joven. Al igual que sucede con la característica cristiana, el concepto tradicional de obrero no se corresponde a veces con la forma en que los jóvenes perciben su identidad. Paradójicamente, se sigue valorando la dignidad del trabajo y su valor para el desarrollo humano se ha convertido últimamente en un tema prioritario en el ámbito internacional.

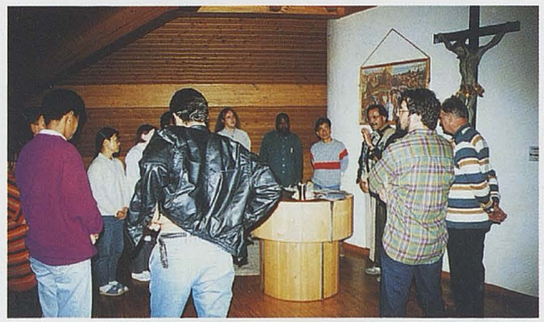
Al igual que ha sucedido con las dimensiones joven y cristiana, el sentido del trabajo en la vida de los jóvenes ha cambiado radicalmente estos últimos años. Antes que ser un medio para definir la pertenencia a una clase social, el trabajo tiene hoy un sentido más fundamental en relación con las personas y con la sociedad en conjunto. Se trata de transformar la imagen del trabajo, para que pase de ser una actividad de una clase de personas sin valor a un medio de valorización de la humanidad. De este modo, explotar a los jóvenes trabajadores significaría actuar en contra de la misma humanidad.

Cuando nos referimos a los jóvenes trabajadores, estamos pensado también en los desempleados y en los estudiantes que siguen una formación profesional.

3) ¿Cómo llevar a cabo todo esto?

La JOCI se encuentra ante la necesidad de transmitir su método con medios nuevos a una nueva generación de jóvenes trabajadores y responsables jocistas.

Para lograrlo eficazmente, la JOCI debe realizar programas de formación a través de la acción, identificando bien no sólo las distintas categorías de jóvenes trabajadores sino también los distintos grupos de edad (15-20;20-25;25-35) y los diferentes niveles de compromiso en la JOC: jóvenes en contacto, jóvenes en iniciación, y militantes. Por consiguiente, la JOCI necesita desarrollar nuevos medios, siendo los grupos de base una etapa importante de este proceso.



Celebración ecuménica.

En este tipo de programas se prestaría una atención particular a la formación de colaboradores adultos que podría considerarse el cuarto nivel de compromiso dentro de la JOCI. Los colaboradores no sólo desempeñan un papel fundamental de apoyo sino que garantizan también la continuidad entre las distintas generaciones de responsables jocistas. Además, el desarrollo de esta labor educativa y el riguroso análisis internacional y las acciones locales y globales no dejan de plantear algunos desafíos para las estructuras de la JOCI.

La JOCI necesitaría un tipo de organización en la que los movimientos nacionales asumirían más responsabilidades en las acciones, en la extensión a nuevos países, en la organización de los encuentros internacionales, etc. Al mismo tiempo, debería definir mecanismos de apoyo efectivos, capaces de dar respuesta a las necesidades técnicas del Movimiento como son la gestión financiera y la difusión de la información.

En este marco, la JOCI podrá gozar de una autonomía consolidada que garantizará su desarrollo futuro. Se van a preparar nuevas formas de organizar a los jóvenes, se van a idear nuevas formas de cooperación con la Iglesia y se van a crear alianzas con nuevas organizaciones internacionales.

¿Qué queremos celebrar?

Si bien celebramos el 75° aniversario del nacimiento de la JOC en Bélgica, todas las generaciones de responsables jocistas en todo el mundo van a poder celebrar una verdad: la capacidad de la JOCI para transformar la vida de los jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras.

En estos últimos años, un número incalculable de jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras experimentaron la mística de la JOC, descubrieron su dignidad humana, y pese a la adversidad, lucharon por la justicia al lado de otros jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras.

Esto es lo que cabe celebrar realmente, en un mundo que niega a los jóvenes la libertad de ser críticos, de ser solidarios con los demás, con la humanidad.

Cada paso adelante que dé la JOCI, por muy pequeño que sea, representa un avance hacia un mejor futuro en el que por fin "se concretará el sueño de una Tierra Nueva, prometida hace tantos años a los oprimidos". (Declaración de Principios).

Congreso de jóvenes trabajadores del Brasil, organizado por la JOC, 1999.

"¿De qué religión eres?"

Testimonio de Hara Tomio, presidente de la JOC japonesa en 1986, presentado con motivo del 50° Aniversario de la fundación de la JOC japonesa, el 25 de julio de 1999.
Tomio es hoy obrero en la cadena de montaje de la empresa automovilística Mazda.

"Estimados amigos, les doy un caluroso saludo y mi enhorabuena por el 50° Aniversario de la JOC japonesa.
Les quiero hablar de mi experiencia personal, de la época en que yo estaba en la JOC.
Estoy convencido de que la decisión del Consejo Nacional de la JOC en 1970 fue un acontecimiento de los más importantes en la historia de la JOC de los años 70 y 80.
Como saben, esta decisión fue la de reforzar la orientación obrera del movimiento.
En el período de desarrollo económico acelerado de la década de los 60, la situación de los trabajadores en las empresas no dejó de empeorarse. En aquella época, los trabajadores debían prestar entre 100 y 200 horas extraordinarias para incrementar la productividad de la empresa. Con estas condiciones de trabajo sumamente duras, la tasa de suicidios se había disparado. Fue un problema social tan grave que la JOC no tuvo más remedio que abordar el problema. Esto fue lo que motivó la decisión del Consejo Nacional.

En efecto, en aquel momento, la JOC del Japón había optado por vivir y permanecer entre los más explotados de la clase obrera. Debido a esta opción radical, muchos militantes y colaboradores dejaron el movimiento. No obstante, un puñado de militantes convencidos y muy comprometidos decidimos dejar nuestro empleo en una oficina para ir a trabajar al sector de la producción. Y con esto, la JOC pudo sobrevivir.

Me eligieron presidente nacional en 1986. Era la primera vez que se elegía a un presidente nacional de la JOC que no fuera católico.

Estuve en el Consejo Mundial de São Paulo en el Brasil en 1987 y uno de los delegados me preguntó: "¿De qué religión eres?". La gente pensaba que les iba a decir que era budista, pero les dije: "Mi religión es vivir con mis compañeros de trabajo y confiar en ellos". Esta respuesta les sorprendió mucho, pero la expresé con mucha serenidad puesto que eso era lo que realmente estaba viviendo en la JOC.

En la actualidad formo parte de un movimiento de adultos llamado "Asociación de trabajadores católicos" (Catholic Association Workers, CWA). Este movimiento se fundó en 1991 a partir de "antiguos de la JOC".
Al principio hubo mucho debate sobre la "denominación" de este nuevo movimiento, en particular sobre la "C". Esto hizo que muchos no quisieran entrar en el movimiento. Al final, mantuvimos la "C" y yo fui uno de los que apoyaron esta opción.
Desde hace 50 años, el catolicismo acepta y apoya la JOC, un movimiento en que personas como yo que no somos católicas estamos plenamente admitidas. Es en este movimiento en el que conocí los valores de humanidad y en el que crecí como persona. Comprendí que el espíritu de la JOC era el de un tal Jesucristo, cuyo estilo de vida era muy cercano al de los pobres, que había optado por ellos, viviendo con ellos. La "C" de la JOC es este espíritu de acogida, respeto, tolerancia y apertura al mundo.
Por último me gustaría decir lo siguiente: "Hay una palabra que llaman "fe". Muchos dicen que hace falta la fe para vivir. Así es como lo entiendo yo:

Cada persona quiere vivir en lo más profundo de su corazón, y basta con una ocasión para que ello se convierta en una fuente. Para mí, esa ocasión fue el encontrar a otros jóvenes trabajadores, el encontrar a la JOC.

En este sentido, no es exagerado decir que estos 50 años de JOC han sido 50 años de buena nueva, o como dicen algunos, de evangelización. Quiero pedirles a los responsables de la Iglesia seguir acogiendo a todos los jóvenes trabajadores, sin distinción de religión. Gracias por su atención."

Países en los que está presente la JOCI en el 2000

Europa

Alemania	Italia (Tirol del Sur)
Austria	Luxemburgo
Bélgica	Polonia
España	Rumania
Hungría	Eslovaquia
Irlanda	Suiza

Secretariado JOCI para Europa
Rue Vanderstichelen 21
B – 1080 Bruxelles - BELGIQUE
Tfno: 32-2-4262149
Fax: 32-2-4264172
E mail: joceurope@jociycw.net

América

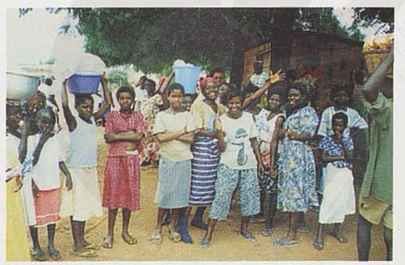
Argentina	Guatemala
Bolivia	Haití
Brasil	Honduras
Chile	Nicaragua
Colombia	Paraguay
Costa Rica	Perú
Ecuador	Quebec
Estados Unidos	Rep. Dominicana
	Venezuela

Secretariado JOCI
para las Américas
Apartado 17 – 21
1200 Quito – ECUADOR
Tfno: 593-2-501655
Fax: 593-2-501657
E-mail: jocamerica@jociycw.net

Africa

Sudáfrica	Kenia
Botswana	Mozambique
Congo	Namibia
R.D. Congo	Seychelles
Egipto	Zambia
Gabón	Zimbabue
Ghana	

Secretariado Panafricano JOCI
2nd floor Undugu House
Jogoo Road
PO BOX 46528
Nairobi – KENYA
Tfno: 254-2-53 70 78
Fax: 254-2-53 70 78
E-mail: ycwpanaf@jociycw.net



Asia – Pacífico

Australia	Nueva Zelanda
China	Paquistán
Hong Kong	Filipinas
India	Singapur
Indonesia	Sri Lanka
Japón	Taiwán
Macao	Tailandia
Malasia	

Secretariado JOCI para Asia Pacífico
P.O. Box nr 89464
Kowloon City Post Office
HONG KONG
Tfno: 852-2-3390939
Fax: 852-2-3390939
E-mail: ycwaspac@jociycw.net

Relación de dirigentes internacionales de la JOC

- Hasta 1957

- Marguerite Fiévez, responsable desde 1945 con un groupo compuesto por:
- Pat Keegan (Gran Bretaña)
- Arnold Wynants (Bélgica),
- Rosa Van Salen (Bélgica),
- Caroline Pezzullo (USA),
- José Castanó Colomer (España),Flo Triendl (USA), alguno tiempo más tarde de: René Salanne (Francia), Fred Martinache (Francia)
- José Cardijn, asesor general

Los padres Grenet (Francia), Edward Mitchinson (Gran Bretaña), participaban en las reuniónes de la junta directiva

- Primer Consejo Internacional en ROMA, 1957

- Romeo Maione (Canadá) primer presidente electo
- Maria Meersman (Bélgica), vicepresidenta
- René Salanne (Francia), secretario general
- Dora Torres (Chile) secretaria general adjunta, y luego Maria Pinto (Venezuela)
- Gérard Van Bakel (Países Bajos), tesorero no permanente
- Marcel Uylenbroeck (Bélgica), asesor adjunto que sustituyó a Cardijn como asesor general en 1964

- Segundo Consejo Internacional en RIO, 1961

- Bartolo Perez (Brasil), presidente
- Betty Villa (Filipinas), vicepresidenta
- Gérard Van Bakel (Países Bajos), tesorero no permanente
- Norbert Balle (Alemania), secretario general
- Denyse Gauthier (Quebec), secretaria general adjunta
- Marcel Uylenbroeck (Bélgica), asesor general

- Tercer Consejo Internacional en BANGKOK, 1965

- Rienzie Rupasinghe (Sri Lanka), presidente
- Sonia Bravo (Chile), vicepresidenta, y luego Maria Gimbel (Alemania)
- Helen Jagoe (Australia), secretaria general
- France Têvi Sedalo (Togo), secretario general adjunto
- Jo Weber (Francia), tesorero
- Marcel Uylenbroeck (Bélgica), asesor general
- Brian Burke (Australia), asesor adjunto en 1967

- Cuarto Consejo Internacional en BEIRUT, 1969

- Enrique Del Rio (España), presidente
- Bill Hebb (Australia), tesorero 1969-1973 secretario general 1973-1975
- Margaret Bacon (Canadá), secretaria general 1969-1973
- Sergio Regazzoni (Suiza), tesorero 1973-1975
- Brian Burke (Australia), asesor 1967-1969

- Quinto Consejo Internacional en LINZ, 1975

- José Luis Vélez Berrios (Puerto Rico), presidente
- Sylvester Thomas (India), secretario general
- Sergio Regazzoni (Suiza), tesorero 1975-1977
- Marie-Thérèse Pouget (Francia), tesorera 1977-1979
- Theo Schepers (Alemania), tesorero 1979-1981
- Rethinam Vincent Mathias (India), asesor 1977-1983

- Consejo internacional extraordinario en Malinas, 1981 y encuentro intercontinental en Bogotá, 1981

- Emilia Bráz Cardoso (Portugal)
- Richard Ochieng Menya (Kenia)
- Ezequiel Avila Curiel (México)
- Evelyn Victorino (Philipinas)
- Rethinam Vincent Mathias (India)

- Sexto Consejo Internacional en MADRID, 1983

- Juanito Penequito (Filipinas), presidente
- Sagrario Guerrero Peces (España), secretaria general
- Marinete Alves Bayer (Brasil), tesorera

- Séptimo Consejo Internacional en SÃO PAULO, 1987

- Félix Ollarves Sanchez (Venezuela), presidente
- Moses Cloete (Sudáfrica), secretario general
- Jean-Paul Saint-Germain (Quebec), tesorero 1987-1990
- Stefan Gigacz (Australia), tesorero 1990-1991
- Jean Marc Gaspoz (Suiza), asesor 1989-1992

- Octavo Consejo Internacional en ADELAIDA, 1991

- Moses Cloete (Sudáfrica), presidente
- Gilberto Ferreira Da Costa (Brasil), secretario general
- Stefan Gigacz (Australia), tesorero 1991-1993
- Pierre Perrard (Francia), asesor 1993-1995

- Noveno Consejo Internacional en JOHANESBURGO, 1995

- Helio Alves (Brasil), presidente
- Joe Magri (Australia), tesorero
- Dominador Olavere (Filipinas), secretario general, 1995-1997
- Gertraud Langwiesner (Austria), secretaria general 1997-2000
- Pierre Perrard (Francia), asesor 1995-2000

- Décimo Consejo Internacional en BRUSELAS, 2000

* La denominación "Secretariado Internacional" es de 1975. Entre 1945 y 1957, se hablaba de Buró Internacional, y entre 1957 y 1975, de Buró Restringido. No hay que olvidar tampoco a todos los dirigentes continentales y regionales.

Afiliaciones internacionales

OIT (Oficina Internacional del Trabajo) en Ginebra.
Estatuto especial.

UNESCO en París. Estatuto operativo.

ECOSOC (Consejo Económico y Social) en Nueva York.
Estatuto operativo.

UNIDAD de JUVENTUD de la ONU en Nueva York.

OIC (Organizaciones Internacionales Católicas).
Miembro asociado.

En el ámbito regional o continental, existen distintas afiliaciones específicas. En Europa, por ejemplo, la JOCI posee un estatuto en el Consejo de Europa y en el Foro de la Juventud de la UE.

Fundación Internacional Cardijn (FIC)

El objetivo de la Fundación es garantizar la estabilidad financiera a largo plazo de la JOCI y promover la herencia de Cardijn gracias a los archivos y a los testimonios.

FIC: 4, Av. Georges Rodenbach
B-1030 BRUXELLES - BÉLGICA
Tel: 32 2 245 0252 - Fax: 32 2 242 4800
E-mail: fic@cardijn.net
Internet: www.cardijn.net

Juventud Obrera Cristiana Internacional (JOCI)

JOCI: 4, Av. Georges Rodenbach
B-1030 BRUXELLES - BÉLGICA
Tel: 32 2 242 1811 - Fax: 32 2 242 4800
E-mail: international.secretariat@jociycw.net
Internet: www.jociycw.net

La JOC es internacional desde sus principios.
Cardijn decía: "Vamos hacia los jóvenes trabajadores del mundo entero".
Esto proyecto fue cobrando forma desde la fundación de la JOC hasta hoy en día, con sus etapas buenas y malas: guerra, aparente prosperidad, crisis económicas, mundialización.
Jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras del muchos países se pusieron en acción y asumieron su movimiento.

Este libro presenta por vez primera la historia de la JOCI en el tiempo (75 años) y en el espacio (internacional). Sin embargo, no sólo examina el pasado del movimiento.

Nos permite compartir también las perspectivas y el dinamismo que animan a la JOCI en el principio del 21° siglo.

CEDIM

REINALDO CONFORTI c.m.

La hora de la clase **OBRERA** y de la **IGLESIA**

IGLESIA - OBREROS

REINALDO CONFORTI C.M.

La hora de la clase **OBRERA** y de la **IGLESIA**

IGLESIA - OBREROS

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTACIÓN E IMAGEN

Reinaldo Conforti
Sacerdote Vicentino de Luján

DEDICACION

A Mons. Enrique Angelelli, Asesor queridísimo de la JOC argentina, Padre Obispo del pueblo riojano, Profeta y Mártir de la Justicia Social, con cariño y sincera admiración.

© 1996, Editorial Gran Buenos Aires
H. Yrigoyen 125, (1744) Moreno, Bs. As.
Impreso en la Argentina
Queda hecho el depósito que marca la Ley 11.723

INTRODUCCION

En mis años de asesor de la Juventud Obrera Católica (JOC) argentina (1946-1972) y de colaboración con el Servicio de Educación Popular (SEP) - 1980-1991 - militantes laicos y sacerdotes hemos experimentado la falta de apoyo decidido y eficaz, por parte de la Iglesia en su conjunto, a los movimientos obreros cristianos y de diálogo fluido entre la jerarquía eclesiástica y el mundo del trabajo.

Por cierto, la Iglesia Latinoamericana ha dado pasos importantes para superar esta deficiencia. Las Conferencias Episcopales de Medellín y de Puebla sobre todo, trazaron las líneas y pautas de una pastoral evangelizadora, cuyo punto de arranque y de referencia obligada son los pobres.

Medellín abrió el camino y marcó el rumbo. Puebla fijó la meta: una Iglesia arraigada en el pueblo, y determinó la estrategia: desde los pobres. Y se propuso en el presente y en el futuro de América Latina, la evangelización de la cultura, desde la opción preferencial por los pobres, con miras a su liberación para y por la participación y comunión. La Iglesia hace suya la causa de los pobres y reconoce y se dispone a utilizar el potencial evangelizador de sus hijos "mayoritariamente pobres y explotados".

Resta, sin embargo, promover la conversión creciente y constante de la Iglesia a los pobres. "No todos en América Latina nos hemos comprometido suficientemente con los pobres; no siempre nos preocupamos por ellos y somos solidarios con ellos". (Puebla 1140). La tarea es apremiante por dos razones. La una: el momento que vive América Latina: vive angustiosamente el paso de una civilización agrario-urbana a la civilización urbano-industrial. Momento decisivo para su vocación original, que es "aunar en una síntesis nueva y genial, lo antiguo y lo moderno, lo espiritual y lo temporal, lo que otros entregaron y le dio su propia originalidad" (Pablo VI, 3/7/66).

La otra razón: el papel que hoy asigna a la clase trabajadora la

historia. El Cardenal belga José Cardijn decía: "Es la Hora de la Clase Obrera". "En esta hora que va a decidir el porvenir del mundo y de la Iglesia, la Clase Obrera gravitará en forma tal sobre la orientación de la humanidad que su misión será decisiva en la historia. Del lado hacia el cual se incline ella, se inclinará la mayoría de los hombres, y la orientación que ella adopte decidirá, en gran parte, la orientación del mundo, las dificultades o las posibilidades del mañana"[1]. Pío XI, en carta dirigida al fundador de la JOC, avalaba esta afirmación: "La Clase Obrera, por su parte, está llamada a asumir en esta hora responsabilidades que nunca conoció en el pasado".

El Gral. Perón se expresaba de manera semejante: "Ha terminado en el mundo el reino de la burguesía. Comienza el gobierno de los pueblos. Con ello, el demoliberalismo y, consecuentemente, el capitalismo han cerrado su ciclo; el futuro es de los pueblos"[2].

La historia así lo confirma. Las distintas clases sociales tuvieron su oportunidad de construir un mundo más humano. La tuvo la nobleza y fracasó al organizarlo en base al privilegio de la sangre. La tuvo la burguesía y también fracasó al cimentarlo en el dinero. Nos legaron un modelo social que genera desigualdad (unos tienen de sobra y otros carecen aún de lo indispensable), dominación (los que poseen dominan a los que no poseen), conflictos (luchas entre los que necesitan y los que tienen excesivamente). Y eso porque han construido una sociedad sobre lo que el hombre tiene y no, como debería ser, sobre lo que el hombre es. En una sociedad de este tipo prima el interés.

Hoy la oportunidad de forjar un mundo digno del hombre la tiene la Clase Trabajadora. Ella goza de las mayores posibilidades. Es el cuerpo social más vigoroso y cohesionado. Se sabe fuerza mayoritaria. Tiene conciencia clara de ser víctima de la explotación del hombre por el hombre. Y está firmemente decidida por una sociedad justa y fraterna. "El proletariado de hoy no sólo espera para sí mismo un porvenir mejor, sino además es la esperanza, la única esperanza de todos aquellos que están hastiados del materialismo espeso e insensible egoísmo del mundo burgués. Si el mundo presente posee aún alguna esperanza de

una nueva y auténtica civilización, sabemos que esto no se dará si no es por la participación activa del proletariado, la clase social que, en mayor y mejor grado, mantiene las virtudes sociales, que se llaman sentido de comunidad, solidaridad, fraternidad, desinterés y sed de justicia"[3].

Es la Hora de la Clase Obrera. Es también la Hora de la Iglesia. Cristo Jesús la fundó y la insertó en el mundo para ser "la sal de la tierra" y "la luz del mundo" (Mateo 5, 13 y 14). "Vayan por todo el mundo, anuncien la Buena Noticia (liberación del hombre en Cristo) a toda la creación" (Marcos 16, 15).

El farol de la Iglesia en su marcha evangelizadora, es "el Evangelio" que le ha dejado el Señor de la Historia. Su luz le permite reconocer lo que es fuerza de muerte y retroceso humano, y lo que es fuerza de vida y verdadero avance o aceleración de la Historia. Ella cree que su Evangelio puede ser invocado como medida de todo auténtico humanismo, pues su autor es Quien mejor conoce al hombre (el Dios que le creó y que se encarnó para compartir la naturaleza y la suerte humana) y Quien más le ama, pues murió para liberarlo y permitirle gozar de vida en abundancia (Juan 10, 10). Por eso, nada auténticamente humano puede contrariar el Evangelio. No porque éste sea una "simple doctrina humanista" de origen divino. El Evangelio es otra cosa: un llamado de Dios al hombre y a la comunidad humana a sobrepasarse infinitamente a sí mismos, abriéndose a la vida divina que Cristo les trae. Esa plenitud divina que el Evangelio ofrece va en la misma línea en la que el hombre busca su liberación humana: es justamente la respuesta a este anhelo, una respuesta que lo colma por entero y al mismo tiempo lo sobrepasa. Quien vive el Evangelio se hace así a la vez más humano... y más que humano, porque la libertad de la que goza en Jesucristo es la libertad de los hijos de Dios" (Episcopado chileno: Evangelio, Política y Socialismo, Nº 5). La evangelización es germen y fuerza aceleradora de la promoción humana. Desde su puesta en marcha, la Iglesia ha humanizado los pueblos, concientizándolos sobre la dignidad e igualdad fundamental de los hombres, la fraternidad universal y el valor del trabajo. Fue así como transformó el rostro y el corazón

del imperio romano. Y posteriormente forjó la civilización de la Edad Media. Su acción social directa fue interrumpida en los siglos XVII y XVIII. El mundo moderno de entonces rechazó la revelación divina e ignoró la autoridad de la Iglesia. Construyó una sociedad oficialmente no cristiana. La acción de la Iglesia quedó limitada por la ley al ámbito de lo privado. Hoy, renovada interna y externamente, la Iglesia vuelve a ser, por medio del diálogo con el hombre moderno y por su actitud de servicio y de solidaridad para con él, la audaz promotora del progreso de los pueblos y la mejor abogada de la dignidad y de los derechos del hombre. Fue el fruto del Concilio Vaticano II.

La Iglesia y la Clase Trabajadora constituyen dos fuerzas únicas capaces de un futuro mejor. Ambas, empeñadas en el bien del hombre, intentan construir una civilización nueva. Una civilización, cuyo principio y fin sean la persona humana y los valores superiores sean el amor y el trabajo. Una civilización donde las cosas (el tener) estén subordinadas a la persona humana (el ser del hombre) y asegure "un nuevo ordenamiento social -difícil pero posible- en el que los débiles sean protegidos; los violentos castigados; el deber exigido y la libertad afirmada" (Pablo VI).

Hacia este objetivo convergen la Iglesia y Clase Trabajadora, cada una desde su misión propia y propio quehacer, distintos, no opuestos, que se completan y ayudan mutuamente, como la cultura y la revelación divina, la razón y la fe.

Un diálogo respetuoso, fluido, amplio, sincero facilitará la convergencia y la hará más fecunda en frutos óptimos, como cuando coinciden el trabajo del campesino, el riego o la lluvia oportuna y el buen tiempo.

Estas páginas pretenden, con humildad y audacia, favorecer este diálogo. Son hijas de un deseo ferviente: que la Iglesia y la Clase Trabajadora, en mutua colaboración, triunfen en la ardua tarea de construir un mundo cada vez más digno del hombre. ¡Quiera Dios que no fracasen en esta "su oportunidad"!

El Autor

I - JESUS LIBERADOR DESDE SU CONDICION DE POBRE Y CON LOS POBRES

1 - AL QUERER SER COMO DIOS, EL HOMBRE DESORDENO LA CREACION

Feliz en sus comienzos, la historia del hombre y del mundo había desembocado en un tobogán de fracasos y desgracias sin posibilidades de detención.

La creación había salido buena de las manos del Creador. ¿Cuál fue la causa de su gran deterioro? ¿Cómo explicarlo?... La cuestión supera el alcance o la capacidad de la razón humana. La respuesta satisfactoria solamente puede darla la Biblia.

El Génesis, primer libro de la Biblia, enseña que el hombre -varón y mujer- fue creado "a imagen y semejanza divina", en un estado mínimo de felicidad. En la creación no había forma alguna de conflicto ni desarmonía entre las criaturas ni con el Creador. El hombre recibe la tarea de colaborar con Dios: Sean fecundos, multiplíquense, llenen la tierra y domínenla", por medio del amor y del trabajo. El éxito le estaba asegurado. Una vida dichosa, plena, lograda sería el fruto sabroso de su fidelidad al plan de Dios: vivir como hijo de Dios, ser hermano para con sus semejantes y sabio artífice para con la creación.

El hombre rechazó el plan divino. Se rebeló contra el Creador, de quien había recibido el ser y todo lo que tenía. Y pretendió "ser como Dios" y organizar la creación a su arbitrio, al margen de Dios. Quiso ser un superhombre.

El hombre, al rebelarse contra su condición de criatura e intentar convertirse en dios o superhombre, quedó atrapado en sus limitaciones y sumergido en el fracaso. La creación quedó desordenada. La vida tornóse desdichada. La muerte adquirió rostro de total fracaso y sabor amargo. La tierra dejó de ser un paraíso.

- Ese primer pecado había contaminado el aire puro y el ambiente

sano de la creación: en adelante, los hombres serían concebidos y nacerían contaminados. Es lo que llamamos "pecado original". La situación del género humano fue agravándose con los pecados personales.

Sólo Dios podía sanear de raíz al hombre y la creación entera y encaminarlos de nuevo hacia el destino feliz para el que los había creado.

Y Dios, ante el hombre que había pretendido suplantarlo, reaparece como un juez que salva: promete un salvador. Y comienza la Historia de Salvación.

La promesa de la salvación definitiva infundió esperanzas y alentó la lucha por el bien. Fue como un faro para el náufrago, como una brisa refrescante en un ambiente abrasador.

2 - CUMPLIDO EL TIEMPO, DIOS ENVIO A JESUS EL SALVADOR

Siglos duró la espera del Salvador prometido. Era necesario se dieran las condiciones favorables a su venida.

Dios envió a su Hijo cuando el pueblo de Israel, donde había de nacer, alcanzó la madurez cultural y religiosa y el mundo conocido de entonces había conseguido, por el triunfo universal de las legiones romanas, relaciones pacíficas de comunicación.

Jesús, el Salvador, nació en Belén. Palestina era una provincia del Imperio Romano.

Hijo de María Virgen por obra del Espíritu Santo, fue legalmente reconocido por José, esposo de María. El niño creció en Nazaret. Cuando joven, al igual que su padre adoptivo, fue carpintero hasta la edad de treinta años. Luego se dedicó a anunciar la Buena Noticia de la Salvación, recorriendo las ciudades y los poblados. Sus paisanos quedaban admirados de la "sabiduría y del poder de hacer milagros" de quien conocían como "el hijo de José" (Luc. 4, 22) o "el carpintero, hijo de María" (Marc. 6, 3; Mat. 13, 53-56).

3 - EL REINO DE DIOS CENTRO DE LA ENSEÑANZA DE JESUS

En cierta oportunidad, Jesús se había presentado en la sinagoga de Nazaret como el enviado de Dios para liberar a los pobres, los presos, los ciegos, los oprimidos, asegurando además que iniciaba el tiempo de la salvación que Dios había prometido a los hombres que caminaban sin rumbo y se hallaban atrapados por toda suerte de males, que impedían su realización y el encuentro con Dios.

La audaz presentación había sido precedida y sería confirmada por numerosos gestos sorprendentes de perdón para con los pecadores y de benevolencia para con los pobres y menospreciados, y por hechos maravillosos (milagros), como la conversión del agua en vino, la pesca milagrosa, la tempestad calmada, la multiplicación de los panes, la curación de enfermos, la expulsión de los demonios y resurrección de muertos. Gestos y hechos que manifestaban la presencia salvadora de Dios en medio de los hombres. Las multitudes exclamaban: "Nunca hemos visto nada igual" (Marc. 2, 12). Y acudían a él para presentarle sus dolencias y para escuchar sus enseñanzas.

- Estas giraban en torno del Reino de Dios.

El Reino de Dios, según el joven Maestro, es Dios presente entre los hombres y realizando en la historia la salvación. Dios reconocido y amorosamente obedecido por los hombres. Dios realizando la comunión del hombre con El y de los hombres entre sí, generando justicia, paz, fraternidad. El Reino de Dios es la creación saneada radicalmente y libre del pecado y la corrupción por el poder de Dios y la colaboración del hombre mismo: el hombre nuevo, el mundo nuevo, la vida dichosa, tal como Dios la había comenzado antes del pecado.

Jesús afirmaba que el Reino de Dios había comenzado en la tierra con El. Era ya una realidad en vía de desarrollo, como una semilla que germina, crece y se multiplica. Y que todos los hombres están invitados a ingresar a él. Si bien la primacía y las preferencias las tienen los pobres (Lucas 6, 20-26), los publicanos y prostitutas, y los niños (Marc. 2,

15-17 y 10, 15; Mat. 21, 31-32). Sin embargo, nadie podrá ingresar sin la conversión de corazón y sin creer en la Buena Noticia. "El tiempo se ha cumplido: el Reino de Dios está cerca. Conviértanse y crean en la Buena Noticia", insistía Jesús. No era posible seguir al Maestro de Galilea y asimilar la nueva visión de Dios, del hombre y del mundo que él exponía sin una sólida fe en su persona y un profundo cambio de mentalidad y de comportamiento. Las enseñanzas de Jesús sacudían el orden social establecido. Y diferían totalmente de la enseñanza oficial de entonces. Así lo reconocía el pueblo sencillo, que se asombraba "porque él les enseñaba como quien tiene autoridad y no como sus maestros" (Mat. 7, 28). Mucho más aún lo percibía la autoridad religiosa de Jerusalén: el sanhedrín, especie de senado guardián de la ley y de la tradición, los sacerdotes y los doctores o maestros de la ley.

Todos ellos concebían a Dios, a imagen y semejanza del hombre. Bueno con los justos, implacable con los pecadores. Valorizaban al hombre por lo que éste tenía o por lo que manifestaba exteriormente. Daban a las ceremonias o prácticas exteriores del culto más importancia que a las actitudes internas del corazón, como el amor, la sinceridad, la misericordia. Concedían al sábado, a la tradición y a la ley la primacía frente a la persona humana. Legalizaban la discriminación de las personas, según el sexo (hombres y mujeres), la edad (adultos y niños), la religión (judíos y paganos), la virtud (puros e impuros), la posesión o carencia de bienes materiales (ricos y pobres) o espirituales (sabios e ignorantes de la ley).

Muy otra era la enseñanza de Jesús. Dios es padre de todos. Reparte sus dones a justos y pecadores (Mat. 5,45). Busca con tierna solicitud y paciencia al pecador, se alegra de su conversión (Luc. 15, 1-32; Mat. 9, 10-13). Sus criterios de salvación pasan fundamentalmente, no por la práctica del culto, sino por el amor al prójimo (Mat. 23, 23 y Luc. 11, 42; Mat. 25, 31-46).

Los hombres son todos hijos de Dios y hermanos entre sí (Mat. 6, 5-14 y 23, 8-9). Gozan de la atención y preferencia particular de Dios (Mat. 6, 25-34; Luc. 12, 22-31). Tienen la primacía frente a la tradición,

la ley y el sábado (Marc. 2, 23-27).

Jesús hace del amor la norma de la vida y del comportamiento humano. Sólo el amor conduce a la vida eterna (Marc. 12, 28-34; Luc. 10, 25-37).

Sus conceptos sobre las riquezas y los ricos sorprenden sobremanera, incluso a sus discípulos (Luc. 16, 14-15 y 18, 26-27). ¡Felices los pobres, porque de Uds. es el reino de Dios! (Luc. 6, 20). ¡Desgraciados los ricos! (Luc. 6, 24).

Al rico que acumula para sí más de lo necesario o pone su confianza en las riquezas, Jesús lo llama "insensato", porque "aún en medio de la abundancia, la vida de un hombre no está asegurada por sus riquezas", "no es rico a los ojos de Dios" (Luc. 12, 13-21), y lo invita a cuidarse "de toda avaricia" y buscar "más bien el Reino de Dios; lo demás se les dará por añadidura" (Luc. 12, 31). Advierte que "no se puede servir a Dios y al dinero" (Luc. 16, 13), que "difícil será para los ricos entrar en el Reino de Dios" (Luc. 18, 24), que el rico insensible o indiferente ante el indigente o necesitado cae en "desgracia" de Dios (Luc. 16, 19-25). Y decía: "Gánense amigos con el dinero de la injusticia, para que el día en que éste les falte, ellos los reciban en las moradas eternas" (Luc. 16, 9).

Estas enseñanzas apuntan a señalar el peligro que conllevan las riquezas y a urgir el buen uso de las mismas. Jesús no condena las riquezas en sí mismas: son bienes destinados al bien de todos. Condena las riquezas cuando envuelven falta de solidaridad, cuando consienten que unos naden en la abundancia mientras otros se consumen en un mundo de hambre y de miseria. Entonces nos hacen incapaces de entender y seguir a Cristo.

4 - COMIENZO DE LAS HOSTILIDADES EN CONTRA DE JESUS

La prédica de Jesús le ganaba el afecto y el entusiasmo de los pobres y los humildes. En cambio, lo indisponía con los sacerdotes,

los doctores de la ley, los poderosos. Ellos desde el principio recelaron de Jesús. Muy pronto se dieron cuenta del serio peligro que significaban, para sus intereses y privilegios, las enseñanzas y las actitudes de Jesús. Y actuaron con rapidez y suma astucia para silenciarlo o al menos para que ajustara su palabra y comportamiento dentro de la ley, según la interpretaban ellos. No lo lograron. Recurren entonces al desprestigio: lo acusan de "glotón, borracho y amigo de publicanos y pecadores" (Mat. 11, 18), "falso profeta" (Juan 7, 46-48), "endemoniado" (Marc. 3, 22 y Juan 8, 48 y 10, 20), "blasfemo" (Juan 10, 33). Intentan apresarlo (Mat. 21, 45-46; Juan 7, 30). Finalmente lo arrestan y condenan a muerte" (Mat. 27, 62-66). Lo conducen al tribunal de Poncio Pilato y logran, presionando al gobernador romano, su muerte en la cruz. Pero sufrieron el mayor fracaso: el Crucificado resucitó gloriosamente y, presente en su Iglesia, continúa por medio de sus discípulos, anunciando y realizando la Buena Noticia de la Salvación, el Reino de Dios.

5 - EL REINO DE DIOS UTOPIA HECHA REALIDAD POR CRISTO

La palabra "utopía" nos trae la imagen del soñador o de lo inalcanzable. Se la aplica al ideal que supera las posibilidades del hombre.

El hombre ha soñado siempre con superar todas sus limitaciones y lograr una vida plenamente dichosa. Es una auténtica utopía, porque no puede alcanzar tal sueño con solas sus fuerzas humanas. Solamente Dios, que puso en el corazón humano tal sueño y anhelo, puede convertirlos en realidad. Y lo hizo por medio de Jesucristo.

El Reino de Dios, en otras palabras, el hombre reconciliado con Dios y con sus semejantes, la creación entera liberada de todo mal, la vida plenamente dichosa y sin término es una utopía hecha realidad por Cristo y en Cristo.

La Resurrección gloriosa de Cristo, que significa el comienzo de una vida nueva, semejante a la de Dios, es el modelo y la garantía de la

resurrección y vida nueva que Dios ha prometido a quienes adhieran o sean fieles al Salvador. "No se inquieten, nos dice Jesús. Crean en Dios y crean en Mí. En la Casa de mi Padre hay muchas habitaciones... Yo voy a prepararles un lugar. Y cuando me haya ido y les tenga preparado un lugar, volveré para llevarlos conmigo a fin de que donde yo esté, también estén Uds." (Juan 14, 1-3).

- El Reino de Dios comprende dos etapas: una en el tiempo o en la historia de los hombres; otra en la eternidad.

En el tiempo, el Reino de Dios fue inaugurado por Jesús. Germina, nace y crece como el pequeño grano de mostaza que se convierte en árbol (Mat. 13, 31-32). Va creciendo lentamente, como la luz de un nuevo día que, tenue y débil en el amanecer, se vuelve plena al mediodía. A medida que avanza hacia el mediodía, la luz va arreando las sombras y la oscuridad hasta eliminarlas del todo. Así acontece en el Reino de Dios: mientras avanza hacia su total realización, coexisten en él la gracia y el pecado, las luces y las sombras (Mat. 13, 24-30), retrocediendo sin embargo el pecado y las sombras a medida que el Reino se aproxima a su perfección. El Reino de Dios alcanzará su total perfección más allá de la historia, en la eternidad, que será la etapa definitiva. Entonces, habrán triunfado en forma total la verdad y el amor, la vida y el bien. Dios dará el toque final a su acción creadora y salvífica (Mat. 13, 40 y 47 al 50). Y quedarán perfectamente establecidos "cielo y tierra nuevos y Dios fijará así su morada entre los hombres y éstos serán su pueblo y el mismo Dios secará sus lágrimas. No habrá entonces más muerte, ni pena, ni queja, ni dolor, porque todo lo de antes habrá pasado". (Apocalipsis 21, 1-3-4). Será la bienaventuranza eterna.

6 - EL REINO DE DIOS, DON DIVINO Y ESFUERZO DEL HOMBRE

El Reino de Dios es un don divino: sólo Dios puede construirlo. Pero requiere el esfuerzo humano. Sin la colaboración del hombre,

Dios no salva. Nadie puede ser feliz si no quiere serlo.

Está en las manos del hombre favorecer u obstaculizar el Reino de Dios.

Lo favorece cuando y en la medida en que su acción significa mayor realización de la persona humana, más y mejor humanización de la sociedad. En otros términos, cuando promueve el proceso de la liberación humana. En tal caso, su acción genera un acontecimiento liberador, que será siempre parcial o incompleto. Ya que ninguna acción humana puede alcanzar lo íntimo del corazón, allí donde anida la raíz de todo mal: el egoísmo, el pecado. Solamente Cristo puede sanear el interior del hombre y hacer de éste un hombre nuevo. Solamente él libera la creación del pecado y de la corrupción y hace de ella una nueva creación. Sin esta acción liberadora de Cristo no surge el Reino de Dios.

El Reino de Dios pasa por las realizaciones históricas: la promoción temporal del hombre y el cambio de estructuras de menos humanas a más humanas; pero no se agota ni se identifica con ellas. Va más allá: transforma al hombre mismo y, trascendiendo el tiempo, se perfecciona definitivamente y se instala en la eternidad. Se relacionan íntimamente el crecimiento del Reino de Dios y la promoción del hombre como asimismo la humanización de la sociedad, pero no se identifican. Por eso, todo esfuerzo para construir una sociedad justa es liberador, es ya obra salvadora. Es preparación y colaboración, no llegada del Reino ni toda la salvación. Nada se halla fuera de la acción de Cristo y del don del Espíritu Santo. Cristo y su Espíritu asumen todo lo recto, lo bueno, lo justo, lo humano y lo integran en el proceso de la liberación total, que desata al hombre del egoísmo o pecado y lo abre plenamente a Dios y a los demás, promoviendo su plena realización.

7 - EL REINO DE DIOS SE GESTA EN EL INTERIOR DEL CORAZON

El Reino de Dios se gesta y nace dentro del corazón del hombre y desde allí se exterioriza y encarna en la vida social.

Del corazón, es decir, del interior del hombre brotan las malas intenciones y los desatinos que malogran la persona, pervierten las instituciones, deshumanizan la convivencia humana (Marc. 7, 21-23). Sin corazón nuevo no hay hombre nuevo y sin hombres nuevos no hay sociedad nueva. Por eso, el Divino Maestro dirigía su mensaje, ante todo y primariamente, al corazón del hombre y exigía, como condición ineludible de ingreso al Reino de Dios, la conversión del corazón (Mat. 3, 2).

Convertirse no es otra cosa que cambiar de raíz y profundamente la mentalidad, los criterios que inspiran y generan los comportamientos humanos. Sabía muy bien que ese cambio repercute en forma necesaria e inmediata en la vida, tanto personal como social. Y es el punto de arranque de la liberación integral. Su estrategia liberadora es auténticamente revolucionaria. Ninguna más eficaz. No hay revolución comparable a aquella que logra el cambio de la persona humana. La sociedad va transformándose a medida que se transforman los individuos que la integran. "Aún las mejores estructuras, los sistemas más ideales pronto se convierten en inhumanos, si no son saneadas las intenciones del corazón, si no hay conversión del corazón y de la mentalidad de quienes viven esas estructuras o las rigen", decía Juan Pablo II a los sacerdotes, los consagrados y los laicos del Uruguay (13/3/87). Si no cambia el hombre, "hecha la ley, hecha la trampa", reza la sabiduría popular.

8 - LA IGLESIA ES SIGNO E INSTRUMENTO DEL REINO

Cristo y la Iglesia están inseparablemente unidos.

Cristo instituyó la Iglesia, como signo, prolongación y continuación de su presencia y permanencia entre los hombres. Y dióle por misión: anunciar e instaurar el Reino de Dios. "Ella vive para evangelizar. Esa es su dicha y vocación propia: proclamar a los hombres la persona y el mensaje de Jesús"[4].

El Reino de Dios "está ya en la Iglesia" y "aunque sin ser una realidad desligable de ella, trasciende sus límites visibles. Porque se da en cierto modo donde quiera que Dios esté reinando mediante su gracia y amor, venciendo el pecado y ayudando a los hombres a crecer en la gran comunión que les ofrece Cristo. Tal acción se da también en el corazón de los hombres que viven fuera del ámbito de la Iglesia". (Puebla 226-229). Lo que no significa que sea indiferente pertenecer o no a la Iglesia: quien, ante la evidencia de la verdad sobre la Iglesia, la rechaza con obstinada mala disposición, no puede ingresar al Reino de Dios.

La Iglesia es signo o señal de este Reino, porque manifiesta visiblemente lo que Dios realiza silenciosamente en el mundo entero. Y también es el instrumento que introduce el Reino entre los hombres" (Puebla 227). Constituye, por lo mismo, en la tierra el germen y principio de ese Reino. Germen que deberá crecer en la historia, bajo el influjo del Espíritu Santo" (Puebla 228), hasta el fin del mundo.

9 - POBRE Y CON LOS POBRES

Jesús proclamó y realizó la Buena Noticia de la Salvación del mundo o Reino de Dios desde la condición de pobre y con los pobres. Es San Lucas, sobre todo, quien presenta a Jesús como Mesías pobre y Mesías de los pobres. Como lo había anunciado, siglos antes, el profeta Isaías (42, 2-3; 49, 46; 52, 13; 53, 12). Y así se presentó el mismo Jesús en Nazaret. Después de esta presentación, Jesús se desplaza de pueblo en pueblo, buscando contactos con todos los necesitados para proclamar en hechos y palabras la llegada del Reino de Dios a los pobres. Al mismo tiempo, va formando un pequeño grupo de seguidores, a quienes invita a compartir su vida y su misión y les exige vida de pobre y disposición de servicio. Estos constituyen el núcleo básico de la Iglesia que iba forjando, como signo e instrumento del Reino de Dios, con los pobres reales o al menos de corazón. En la persona de Jesús, la Iglesia va descubriendo y viviendo los valores del Reino: el amor, la

igualdad de hermanos, la comunicación de bienes, la autoridad servicio. Después de la muerte y la resurrección de Jesús, la Iglesia recibe el mandato de continuar la proclamación y la realización de la salvación o Reino de Dios. Y con el mandato, recibe la seguridad de que el Maestro Resucitado estará siempre con ella y que gozará de la asistencia y fuerza del Espíritu Santo.

La Iglesia debe cumplir su misión de salvación, como la realizó su Fundador, en condición de pobre y con los pobres. En la historia de la salvación, Dios siempre se ha servido de los pobres, de los pequeños, de los débiles. Es propio del Dios de los cristianos obrar con poder a través de la debilidad humana. Así lo demostró siempre, particularmente en Jesús de Nazaret, el Mesías pobre y el Mesías de los pobres.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

EL CARPINTERO

"Jesús no había concurrido a la escuela de los escribas ni a la de los griegos. Mas no por ello carece de maestros; conoce tres, más grandes que todos los maestros: el Trabajo, la Naturaleza y el Libro (la Biblia). No hay que olvidar nunca que Jesús fue un obrero e hijo adoptivo de un obrero; no se debe ocultar que nació pobre, entre gente que trabaja con sus propias manos, y que él se ganó el pan de cada días, antes de transmitir el Mensaje, con el trabajo de sus manos... Jesús ha sido un obrero de la materia antes de ser un obrero del espíritu; ha sido pobre antes de invitar a los pobres a la fiesta de su Reino.

No ha nacido entre gente adinerada, en casa de lujo, en lecho cubierto de lana púrpura. Desciende de reyes, vive en el taller de un carpintero; Hijo de Dios, ha nacido en un establo.

No pertenece a la casta de los grandes, a la aristocrática de los guerreros, al gremio de los ricos, al sanedrín de los sacerdotes. Nace en la última clase del pueblo, en aquella que no tiene otras inferiores que los vagos, los mendigos, las prostitutas...

El oficio le enseñó que vivir significa transformar las cosas muertas e inútiles en cosas vivas y útiles; que la materia más baja, golpeada y reformada, puede convertirse en preciosa amiga, auxiliar de los hombres; que es así como de un torcido tronco de olivo, nudoso y terroso, se saca el lecho del niño y de la esposa, así se puede hacer del sórdido recaudador de impuestos y de la desgraciada ramera, dos ciudadanos del Reino de Dios".

(Giovanni Papini: *"Historia de Cristo"*).

EL REINO DE DIOS

"El Reino de Dios, palabra que se halla 122 veces en los Evangelios y 90 en boca de Jesús, significa una revolución total y estructural de los fundamentos de este mundo, introducida por Dios".

"En su sentido amplio, Reino de Dios es la liquidación del pecado con todas sus consecuencias en el hombre, en la sociedad y en el cosmos, la transformación total de este mundo en sentido de Dios".

"El Reino de Dios no puede ser privatizado para una zona del hombre, como su alma, los bienes espirituales o la Iglesia... Abarca toda la realidad humana y cósmica que debe ser transformada y liberada de toda señal de alineación. Si el mundo permanece como está, no puede ser la patria del Reino de Dios. Debe ser transformado en sus estructuras totales".

"Mi Reino no es de este mundo" (Juan 18, 36), es decir, no es de las estructuras ambiguas y pecadoras de este mundo, sino de Dios... es Dios quien intervendrá y sanará la realidad total en su raíz, elevando este mundo a nuevo cielo y nueva tierra".

"Ya San Agustín comentaba: Mi Reino no es de este mundo, pero está en este mundo. Un elemento esencial del reino es la aniquilación de la muerte como el mayor enemigo del hombre en su ansia de realización y vida plena".

(Leonardo Boff: *"Nuestra Resurrección en la muerte"*).

II - EL MUNDO OBRERO Y LA IGLESIA

1 - UNA AUDAZ PREGUNTA Y UN INQUIETANTE PLANTEO

En un encuentro de trabajadores, organizado por el Servicio de Educación Popular (SEP), se incluyó en el cuestionario previo, la siguiente pregunta: "¿La Iglesia es o no una ayuda para la Clase Trabajadora?".

Las respuestas fueron variadas: afirmativas, negativas, indecisas. Algunos participantes respondieron: "la cosa hay que reflexionarla más". Y en más de uno asomó un planteo inquietante: "si la Iglesia no es una ayuda para los trabajadores, ¿para qué pertenecer a ella? Yo me borro".

Algo parecido había planteado un protestante calvinista a San Vicente de Paúl en 1620. El santo se esforzaba por hacerlo volver al seno de la Iglesia Católica. Este se resistía, replicándole al santo: "Según Ud. la Iglesia Católica está dirigida por el Espíritu Santo; yo no puedo creerlo, puesto que, por una parte, se ve a los católicos del campo abandonados en manos de unos pastores viciosos e ignorantes... Y por otra parte, se ven las ciudades llenas de sacerdotes y frailes que no hacen absolutamente nada... mientras que esas pobres gentes campesinas se encuentran en una ignorancia espantosa, por la cual se pierden. ¿Y quiere Ud. convencerme de que esto está bajo la dirección del Espíritu Santo? No puedo creerlo".

Un año más tarde, en 1621, Vicente misionaba Marchais y otros pueblitos de Montmirail. Le acompañaban algunos sacerdotes y religiosos. No se acordaba ya del protestante. Pero éste no se había olvidado de Vicente. Por curiosidad acudió a presenciar los ejercicios de la misión. Fue testigo del interés con que se instruía a los ignorantes, del empeño que se ponía en adaptarse a la capacidad de los más rudos, de las maravillosas conversiones de pecadores empedernidos. Un día se presentó ante Vicente y le dijo: "Ahora he visto que el Espíritu Santo guía a la Iglesia romana, ya que se peocupa de la instrucción y salvación de estos pobres ancianos. Estoy dispuesto a entrar en ella cuando Ud.

quiera recibirme"[5].

La evangelización de los pobres es uno de los signos que manifiestan la presencia del Salvador entre los hombres (Mat. 10, 4; Luc. 7, 18,23). El compromiso con la causa y el servicio para con ellos verifican la fidelidad de la Iglesia a Cristo y la marcan como la "Iglesia de los pobres".

2 - EL MUNDO OBRERO: SUS INTEGRANTES, SU MISION, SU ACCION

Pertenece al mundo obrero, toda persona que necesita, para vivir sobria, pero dignamente, del trabajo, sea manual, sea intelectual. El trabajo es su única fuente de recursos.

Integran este mundo los millones de hombres y mujeres que trabajan en forma estable, los subempleados o desempleados, incluso los mendigos y menores abandonados.

El mundo del trabajo posee clara conciencia de clase y solidaridad, que lo impulsa a organizarse y coordinar sus fuerzas con miras a defender y promover sus intereses. De aquí deriva el Movimiento Obrero en todas sus manifestaciones, particularmente en el sindicalismo.

- El trabajo es una actividad exclusiva del hombre. Solamente él es capaz de trabajar. El trabajo no es mera actividad productiva, esto es, no sólo produce bienes útiles de consumo, crea el capital, como conjunto de los medios de producción y la técnica relacionada con ellos. Es ante todo y por encima de todo, una actividad humana, porque es realizada por una persona humana, que le comunica su misma dignidad. Es humana en la medida que el hombre actúa, no como máquina, sino como hombre, es decir, como alguien consciente, libre y responsable, con propia decisión e iniciativa. No hay trabajo humano donde no hay lugar para la iniciativa personal; en este caso, el hombre se siente como un engranaje de un mecanismo movido desde arriba, como un simple instrumento de producción.

Por ser una actividad humana, el trabajo conlleva un valor ético (moral) que impone a todo hombre el deber de trabajar y exige que todo trabajo humanice y no degrade al hombre. Por lo mismo, el valor del trabajo debe ser determinado fundamentalmente por el hecho de que quien lo ejecuta es una persona humana. Lo que permite afirmar que todo trabajo, por más humilde y corriente que fuere, tiene la misma dignidad. Si bien este valor fundamental puede verse acrecentado por el valor de la obra producida y en consecuencia merece mayor remuneración.

Esta concepción del trabajo, propia de la Iglesia, se fundamenta en la dignidad del hombre, creado a imagen y semejanza de Dios, hecho que lo coloca por encima de las cosas y le otorga la primacía sobre ellas. Es en base a ella que el Papa Juan Pablo II, en su carta sobre el "Hombre que Trabaja", ofrece sobre la materia reflexiones profundas, novedosas, revolucionarias.

- En la época moderna, desde el comienzo de la era industrial, fue abandonada la concepción cristiana del trabajo y desbaratada la organización laboral que se había creado en la Edad Media. Y se la reemplazó con una concepción que invierte los términos hombre-cosas, otorgando a éstas la prioridad sobre el hombre. Es fruto de una visión errónea de la persona, que permite reducir al hombre a simple instrumento de producción y lo subordina al sistema económico productivo o a la voluntad omnipotente del Estado y promueve estructuras de lucha y oposición en vez de estructuras de comunión y colaboración.

Esta concepción equivocada ha sumergido y sigue sumergiendo en la miseria y hambre a la Clase Trabajadora. De ella deriva la degradación del hombre de trabajo y el cortejo de violaciones y atropellos a su dignidad y a sus derechos que dieron origen al Movimiento Obrero. "Los sindicatos modernos han crecido, escribe Juan Pablo II, sobre la base de la lucha de los trabajadores, del mundo del trabajo y ante todo de los trabajadores industriales para la tutela de

sus justos derechos frente a los empresarios y a los propietarios de los medios de producción. La defensa de los intereses existenciales de los trabajadores en todos los sectores, en que entran en juego sus derechos, constituye el cometido de los sindicatos" (Carta sobre el El Hombre que Trabaja, 20).

Esta lucha apunta a lograr:

- el reconocimiento y la promoción de la dignidad del hombre que trabaja y un nuevo orden social cimentado en el principio de la primacía del hombre sobre las cosas y del trabajo sobre el capital;

- condiciones humanas de trabajo, equitativa distribución de las ganancias, fácil acceso a los bienes culturales, igualdad de oportunidades en la vida y sobre todo mayor participación activa en las decisiones que afectan al mundo del trabajo, permitiéndole de esta manera jugar un papel determinante en la construcción de un nuevo orden social.

Con miras a estos objetivos, el Movimiento Obrero debe:

- determinar la estrategia y las tácticas de la lucha por la justicia; lo que requiere un serio análisis de la realidad y la elaboración de un proyecto social más humanizado;

- organizar y multiplicar sus cuadros de activistas y dirigentes, insertados en el mundo del trabajo;

- promover la conciencia, la responsabilidad, la formación o capacitación de los activistas y dirigentes, e incluso de los trabajadores en general, cohonestando la acción de los centros de dominación, tendientes a domesticar la clase trabajadora.

3 - LA IGLESIA: MIEMBROS, MISION, ACTIVIDADES

La Iglesia es la comunidad de los que creen en Cristo. La integran

todos aquellos que creen en Jesucristo y se unen a él visiblemente por medio del bautismo.

La Iglesia es, en Cristo, señal e instrumento de la unión íntima con Dios y de la unión de los hombres entre sí. En ella, hay dos elementos distintos. Uno, espiritual, invisible: la presencia de Dios Padre, de Cristo, del Espíritu Santo, la comunicación de la vida divina y de las virtudes de fe, esperanza y caridad. Otro, sensible, social: los hombres que componen la Iglesia, su organización, la misión que tiene, los sacramentos que administra, la Palabra de Dios que proclama. Elementos distintos, no opuestos, que se unen en forma tan íntima que constituyen una realidad a la vez divina y humana, espiritual y sensible, personal y social. Por eso, en ella, como en Cristo, lo divino se encarna y, en consecuencia, asume las limitaciones propias al ser humano y está sujeto a las leyes de la historia. Los cristianos podemos empañar con el pecado la santidad de la Iglesia; jamás podremos eliminarla: nuestros pecados dejan intacta la santidad de Cristo, que es jefe, y del Espíritu Santo, alma de la Iglesia. De ahí que ésta sea santa y pecadora al mismo tiempo, llamada permanentemente a la conversión.

Sus enemigos pueden combatirla hasta la persecución. Jamás lograrán destruirla. "Las fuerzas del mal no prevalecerán contra ella... Yo estaré con Uds. hasta el fin del mundo", aseguró Jesús (Mat. 16, 18; 28, 20). Es el sentido profundo del Apocalipsis, que a pesar de sus muchas oscuridades, anuncia el triunfo de Dios sobre todos los poderes que se oponen a su plan de salvación, y recuerda las promesas indefectibles hechas por Cristo a su Iglesia.

- Hemos dicho que Cristo vino a librar a los pobres, los presos, los ciegos, los oprimidos, es decir, a todo hombre que camina sin rumbo o se ve atrapado por lazos que le impiden su feliz realización. Y vino a construir un nuevo mundo, liberado de egoísmo, de toda injusticia, de todo mal, o sea el Reino de Dios. Continuar esta tarea es la misión de la Iglesia. Por lo que toda su actividad va dirigida a "la liberación total del hombre", a "iluminar el proceso de cambio de las estructuras injustas y

opresoras, generadas por el pecado"[6], promoviendo y favoreciendo todo esfuerzo tendiente a construir un modelo de sociedad y una convivencia humana dignos del hombre. A este magno objetivo que es, ni más ni menos, la evangelización o en otras palabras, "el anuncio y el hacer efectivo el Evangelio (la Buena Noticia) de la salvación de Cristo", tienden:

- la oración y celebración de los sacramentos, especialmente la Eucaristía, pues, el Reino de Dios o el nuevo mundo es ante todo un don de Dios;

- la catequesis y la predicación sobre la verdad de Jesucristo, de la Iglesia y del hombre;

- la celosa defensa de la persona humana y de sus derechos;

- la pastoral orientada hacia los pobres y desde los intereses de los pobres.

4 - TESTIMONIOS DE LOS HECHOS HISTORICOS

Con relación al mundo del trabajo, la Iglesia de Jesucristo ha sido erróneamente juzgada, incluso por hijos suyos. Contribuyeron en muchos, la ignorancia; en otros, los prejuicios sectarios o intereses en juego; en otros, la mala fe, llámesela deshonestidad o falta de rectitud intelectual.

Ahí están los hechos inscritos en la historia, que dan testimonio en favor de la Iglesia, afirmando que, aparte deficiencias, desaciertos y claudicaciones de muchos de sus hombres, ella ha protegido a los desamparados e impulsado o favorecido la promoción de la clase trabajadora. Basta recorrer su trayectoria desde sus orígenes.

EN LA EDAD ANTIGUA

El mundo antiguo estaba marcado por el signo de la esclavitud

más salvaje y el desprecio por el trabajo manual. Ambos eran productos de la cultura de aquel entonces. Los pensadores griegos y romanos legitimaban la esclavitud y declaraban al trabajo manual ocupación degradante y actividad indigna de un hombre libre. "Unos nacen para dominar, otros para la esclavitud", decía Aristóteles en su "Política", cap. V. Cicerón resumía el pensamiento antigüo acerca del trabajo, cuando afirmaba: "despreciables como obreros y bárbaros". Los judíos constituían, al respecto, una excepción. Entre ellos, al menos en una élite religiosa, se tenía en gran aprecio el trabajo manual. Los maestros de la ley y algunos ricos hacían aprender a sus hijos un oficio manual.

Los proletarios (esclavos, libertos, campesinos y artesanos) se debatían entre la pobreza extrema y la miseria. Sometíanse con fatalismo a esta suerte, acomodándose a ella del mejor modo posible. Era la actitud general.

La aparición del cristianismo provocó una gran conmoción. Su prédica sobre un Hijo de Dios, artesano, evangelizador de los pobres; sobre la dignidad inviolable de toda persona y la fraternidad universal; su respeto y preferencia para con los esclavos y los pobres; su estima del trabajo sorprendieron enormemente a todos: nadie quedó indiferente. Los poderosos y privilegiados vieron amenazado el ordenamiento social que les aseguraba el dominio y la explotación de la vida y el trabajo de sus semejantes. Y con el propósito de extirpar radicalmente tamaña "Herejía" persiguieron violentamente a los cristianos.

Los pobres y oprimidos vieron en el cristianismo la esperanza de la liberación, el germen y comienzo de un mundo más justo, más fraterno, más humano. Veían ese mundo realizándose en el seno de la Iglesia, que en sus asambleas culturales y demás reuniones admitía a todos los bautizados sin exclusiones de sexo, raza o condición social e incorporaba, dentro de sus estructuras, a esclavos, libertos, artesanos y campesinos con posibilidad de llegar a los más altos grados de la cultura y del gobierno eclesial. Cartas de San Basilio y San Gregori Niceno cuentan el hecho curioso de un esclavo consagrado obispo, a pesar del

reclamo de su dueña, la rica Simplicia.

La enseñanza y el comportamiento del cristianismo con relación al marginado y al oprimido explican, desde el punto de vista humano, su prodigiosa expansión en todo el imperio romano, sobre todo entre los pobres y esclavos. No la lograron impedir las persecuciones. "La sangre de los mártires es semilla de los cristianos", decíase.

La Iglesia fue transformando el espíritu, el rostro y la vida del Imperio Romano. Lentamente, por vía pacífica, sin conmociones sociales llevó a cabo una verdadera revolución. Cambiando el corazón del hombre, fue cambiándose la sociedad a medida que se daban las condiciones históricas favorables.

A principios del siglo V, la esclavitud estaba casi totalmente abolida. El trabajo ocupaba su lugar de honor. En la ciudad habíanse multiplicado los artesanos y operarios. Y en el campo había crecido el número de colonos libres que se convertían en pequeños propietarios. La sociedad romana, aunque aristocrática, facilitaba el ascenso a los cargos públicos: todo ciudadano podía desempeñar cargos elevados, no solamente en razón de su riqueza, más también de su mérito intelectual u otros títulos. Las corporaciones de artesanos y los "colegios" de comerciantes, oficialmente reconocidos, formaron parte, el siglo V, de la estructura jerárquica del imperio.

Amanecía un mundo más humano.

EN LA EDAD MEDIA

Este amanecer, preñado de esperanzas, quedó bruscamente obscurecido.

Fuera del inmenso territorio imperial, vivían pueblos de costumbres rústicas, impermeables a la civilización greco-romana, llamados por ello "bárbaros". La opulencia del imperio despertaba su codicia.

La invasión del imperio por parte de los bárbaros se inició el siglo V y finalizó el siglo X. Como olas sucesivas invadieron el territorio codiciado los francos, los anglos, los vándalos, los suevos, los

longobardos, los hunos. Luego, los normandos, los árabes, los eslavos y los húngaros. Fueron quinientos años de luchas sangrientas.

El imperio quedó destruido; sepultada la cultura greco-romana. Europa vivió durante varios siglos en la semibarbarie. Llamóse a este período de la historia la Baja Edad Media.

Los invasores habían arrasado los campos y saqueado y destruido las ciudades. Quedó aniquilada la industria, paralizado el comercio.

Por la ley del más fuerte y el derecho de conquista, cada pueblo invasor forjó su reino independiente. Desapareció así la unidad política en lo que fuera territorio imperial.

La nueva situación significó un gran retroceso social: la fuerza reemplazó a la ley y a la razón; el débil vióse desprotegido; al trabajo e incluso a la vida de un hombre se los consideraba sin valor; la esclavitud fue reimplantada.

Todo lo que el proletariado había logrado, gracias al cristianismo, se había evaporado; convirtióse en un grato recuerdo que generaba inmensa nostalgia.

Había que comenzar de nuevo la tarea de humanizar al hombre y construir, desde los escombros, un orden social nuevo. La Iglesia solamente podía hacerlo.

Por una parte, ella era la única institución que los bárbaros reconocían y respetaban, acatando su autoridad espiritual. Por otra, sólo ella, mantenía una organización férrea y una unidad sólida en todo el antiguo territorio del imperio, y además era la única que poseía una rica tradición cultural, que integraba lo antiguo y lo nuevo. Y la Iglesia emprendió la tarea pacientemente. Sin otras herramientas que el amor, la Palabra de Dios, la plegaria, y el servicio al hombre.

A la crueldad de los bárbaros opuso la caridad. Promovió y construyó hospitales y asilos e instituciones de protección y de promoción social. A la vida placentera y ociosa de los señores opuso la alegría y la vida laboriosa de sus monjes, que éstos condensaban en el lema: "Oración y Trabajo".

En torno a las residencias de los monjes fueron agrupándose los

colonos y artesanos escapados de la masacre y de las ciudades. Allí recibían trato fraterno y protección y con el ejemplo de los monjes reafirmaban su amor y dedicación al trabajo y adquirían, bajo su dirección, capacidad y conciencia profesional. Poco a poco surgieron pequeños poblados que, con el tiempo, serían las nuevas ciudades. Algunos soberanos, de mayor espíritu cristiano, secundaron a los monjes en la reorganización del trabajo, estimularon todas las formas de trabajo en sus reinos, protegieron a los campesinos pequeños propietarios, mejoraron la situación de sus colonos y de sus siervos, organizaron la asistencia a los miserables.

Los señores siguieron el ejemplo de los monjes y de los reyes.

Y comenzó a operare, de modo visible, la transformación social, en la línea de la humanización, de la Europa Occidental. Se reorganizó la industria y el comercio, que fue creciendo a medida que se lograba la seguridad de las rutas. Surgieron y multiplicáronse las organizaciones profesionales (gremios y corporaciones) con funciones sociales y económicas, encargadas de la organización y reglamentación de la profesión, del trabajo y de la producción. Fue disminuyendo la esclavitud y mejorando progresivamente la condición de los siervos.

Esta transformación social engendró en el siglo XII un nuevo orden social: el de la Edad Media. De inspiración cristiana, la nueva sociedad se levantaba sobre dos pilares: Dios y el Hombre. No obstante sus deficiencias y sombras, significó un avance decisivo en la "línea de hacer más humana la vida humana".

Es de destacar que el papel activo en la gran reforma social correspondió a las clases trabajadoras. La Iglesia las había preparado para la toma de conciencia de su valor humano y social. Sin su concurso no se habría dado la emancipación del proletariado, al menos en la Edad Media. Y Carlos Marx no hubiera podido calificar de "edad de oro de los trabajadores" a este período de la historia.[7]

EN LA EDAD MODERNA

La Edad Moderna comienza aproximadamente a mitad del siglo

XV. Es la época del encuentro de América y de los prodigiosos avances de la ciencia y de la técnica. Surgen las mayores comunicaciones intercontinentales. Se producen profundas transformaciones sociales. Nace una nueva cultura: la moderna.

Esta cultura, hasta el siglo XVII, mantiene buenas relaciones con la Iglesia y la revelación cristiana. Es a partir del citado siglo, cuando la cultura moderna rechaza la revelación cristiana y desconoce la autoridad de la Iglesia. Y se autodenomina "cultura de la ilustración". El término "ilustración" manifiesta la pretensión, por parte de sus iniciadores, de descifrar todos los interrogantes y problemas de la existencia del hombre y darles una respuesta satisfactoria, solamente con la ilustración o la luz de la razón: la ciencia y la técnica.

La cultura de la ilustración, llevada al campo social y político, dio origen al liberalismo y luego al socialismo que irrumpe como reacción contra los abusos de aquel.

- La nobleza y la burguesía, adalides de la cultura ilustrada, forjaron la democracia liberal y burguesa, que se caracteriza por la propiedad privada de los medios de producción y el poder político en manos de la burguesía, dueña de estos medios.

La democracia liberal-burguesa se inició con dos medidas desacertadas. Una: despojó a la Iglesia de buena parte de sus bienes y, en la medida de sus posibilidades, intentó marginarla de la esfera social y arrinconarla en el ámbito de la conciencia y de lo privado. Forjó así una sociedad oficialmente "no cristiana". Otra: prohibió asociarse profesionalmente a los trabajadores. Suprimió las organizaciones laborales de tipo reivindicativo; declaró delito legal toda huelga, y sujeta a represión la actividad solidaria reivindicativa de la clase obrera. El trabajador era libre de enfrentarse "individualmente" al patrón, no en forma conjunta. De este modo, la clase obrera fue fácil presa de la voracidad de los patrones, como la oveja del león. Lo que provocó una vergonzosa explotación del hombre por el hombre, que impuso condiciones inhumanas de trabajo y de vida a las masas trabajadoras.

Surgía así una sociedad conflictiva, es decir, de lucha entre los que carecen aún de lo indispensable y los que poseen en demasía.

Aunque las nuevas realidades (acción del sindicalismo, legislación social, intervención del Estado) han forzado al capitalismo liberal a reajustar sus principios y a humanizar sus comportamientos, mantiene sin embargo sus principios básicos: la primacía del capital sobre el trabajo, su predominio en el gobierno, el lucro como motor esencial de la economía; en pocas palabras, la prioridad de las cosas sobre las personas.

- Ante la situación de miseria, impuesta por el capitalismo liberal, algunos burgueses lo cuestionan radicalmente y proponen reemplazarlo por un nuevo modelo social: el socialismo colectivista, que surgirá de la propiedad colectiva de los medios de producción en manos exclusivas del Estado. Entre las diversas formas de socialismo colectivista, predominó la marxista o comunismo.

El cambio no mejoró fundamentalmente la injusta situación de los trabajadores. En cierto modo la empeoró. Porque al capitalismo privado lo reemplazó el capitalismo del Estado omnipotente.

- La Iglesia, atacada furiosamente por el ateísmo práctico -marginación de Dios en la vida social- del liberalismo burgués y por el ateísmo militante -guerra a muerte al concepto de Dios y a toda religión- del socialismo colectivista, se vio obligada a emplear la mayor parte de sus fuerzas y de sus hombres en la defensa de su identidad y derechos y en la conservación de su propia existencia.

De ahí que ella en su conjunto afrontó con cierto retraso los nuevos problemas sociales. Sin embargo, un número mayor de lo que se cree, de obispos, sacerdotes y laicos hizo sentir su presencia desde los comienzos del grave conflicto Trabajo y Capital.

Estos cristianos de avanzada responsabilizaron al capitalismo liberal de la situación inhumana de los trabajadores, por desvincular la economía de los valores morales y anteponer el capital al hombre.

Señalaron lo engañoso de la solución del socialismo colectivista y entregaron los principios para una solución justa. Sobre todo aportaron soluciones concretas para revertir la situación: prudente intervención del Estado en la vida económica, legislación laboral en defensa de los legítimos derechos del trabajo y un organismo de inspección y control de la misma, nuevas formas de empresas, creación y multiplicación de sindicatos obreros...

Finalmente, la Iglesia entera dejó oír su voz. El Papa León XIII, recogiendo lo más maduro de cuanto, durante casi cincuenta años, habían enseñado y realizado aquellos cristianos, publicó su encíclica "Rerum Novarum" (De las Nuevas Realidades) que por vez primera exponían en forma organizada y coherente, lo que posteriormente se llamó "Doctrina Social" de la Iglesia.

Desde entonces la Iglesia en su conjunto volvió a ser, como antaño, abogada sin igual de la dignidad del trabajador y de los pobres y promotora de sus derechos[8]. Sobresalen los Papas Pío XI, Juan XXIII, Pablo VI y Juan Pablo II.

5 - LA IGLESIA DEFENSORA DE LA DIGNIDAD Y LOS DERECHOS DEL TRABAJO

La historia leída con honestidad, sin sectarismo, ni prejuicios, testifica que la Iglesia ha favorecido siempre la dignidad y la promoción de la clase trabajadora. Y lo ha hecho porque siempre ha considerado que "hacer la vida humana más humana", construir un mundo justo, desde el Evangelio y con la fuerza del Evangelio, forma parte de su misión. "La Evangelización comprende necesariamente todo el ámbito total de la promoción humana. Es, pues, nuestro deber trabajar por la liberación total del hombre" (Episcopado argentino 1969). "La promoción de la justicia es parte integrante de la evangelización" (Pablo VI, Sínodo de los Obispos de 1974, Puebla).

"Hacer un mundo justo significa, entre otras cosas, esforzarse para que no haya niños sin nutrición suficiente, sin educación, sin instrucción;

que no haya jóvenes sin la preparación conveniente; que no haya campesinos sin tierras para vivir y desenvolverse dignamente; que no haya trabajadores maltratados ni disminuidos en sus derechos; que no haya sistemas que permitan la explotación del hombre por el hombre o por el Estado; que no haya corrupción; que no haya alguno a quien le sobre mucho, mientras a otros inculpablemente les falte todo; que no haya tanta familia mal constituida, rota, desunida, insuficientemente atendida; que no haya injusticia y desigualdad al impartirse la justicia; que no haya nadie sin amparo de la ley y que la ley ampare a todos por igual; que no prevalezca la fuerza sobre la verdad y el derecho, sino la verdad y el derecho sobre la fuerza, que no prevalezca jamás lo económico y lo político sobre lo humano"[9]. (Juan Pablo II en la Plaza de la Independencia de Santo Domingo).

Hacemos nuestras las palabras del célebre sociólogo italiano José Toniolo: "Si para alcanzar la justicia y la paz en el mundo fuese necesario, a pesar nuestro, aliarse sólo con el pueblo, no vacilaríamos un instante entre los débiles y los que sufren por un lado, y los fuertes y vividores por otro. Pero no podríamos olvidar que nuestra intención no es de guerra, sino de paz (Manifiesto de Milán). Cita de Mons. Fernando Charrier, en su comentario sobre la encíclica "El Hombre que Trabaja" de Juan Pablo II (L'Osservatore Romano. 25-10-81).

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA GLORIA DE DIOS Y LA GLORIA DEL HOMBRE

"Dios, por ser infinito e infinita libertad y plenitud, puede estar infinitamente interesado por la criatura, pero justamente en este sentido: para que ésta sea absolutamente libre, para que llegue a su plenitud, y no se pierda a sí misma, es decir, no se malogre o condene...

"La preocupación de Dios no es precisamente cómo tener frenado y atado corto al hombre frente a él, sino que el hombre sea libre con aquella vida y desde aquella vida que sustenta y permite crecer. Dios vive por ello ocupado y preocupado por el hombre hasta el límite del dolor y de compasión con él. La plenitud, logro y salvación del hombre por un lado, y la degradación y condenación por otro, preocupan a Dios, quien quiere que "todos los hombres se salven y vengan al conocimiento plenificador de la verdad...

"La gloria de Dios se da a conocer en la historia como gloria del hombre. En la persona de Jesús ambas se suman. De esta forma se identifica ya el destino de una y otra. No es posible pensar la gloria de Dios separada de su Hijo encarnado, y éste ya es encarnado para siempre, arrastrando, como cuerpo suyo expresivo y constitutivo, a la humanidad entera, llamada a ser la Iglesia. Allí donde es vulnerada, negada y humillada la gloria de un hombre, allí es vulnerada, negada y humillada la gloria de Dios... Allí donde se niega, excluye o degrada la gloria de Dios, se está negando la suprema posibilidad del hombre y se le condena a vivir exclusivamente de su finitud y a carecer de aquello que es su máxima grandeza posible... Por ello, Dios y el hombre no son restables. La gloria de Dios y la gloria del hombre se suman y consuman juntas; se ciegan y reniegan juntas..."

(*"LA GLORIA DEL DIOS"*, de Olegario González de Cardedal).

LA GRAN APORTACION

"Hacerse cristianos en verdad es hacerse contemporáneos con Cristo.

Junto a otras legítimas y revolucionarias aportaciones de la Iglesia a la humanidad, por lo que siempre podré y necesitaré seguir invocándola en el Credo, como "Santa Madre" -es el hecho de habernos conservado vivo el recuerdo, viviente la persona, vivificante la palabra de Jesús.

Todos los pecados y debilidades de esta madre pierden en peso real frente a esta aportación. Que me haya dado la posibilidad de encontrarme personalmente con Cristo y sentirme contemporáneo suyo a través de la participación de la Eucaristía y audición de su palabra; que haya podido acercarme a El no en la distancia como he tenido que hacer con Buda, Sócrates o Aristóteles, sino en una cercanía real y eficiente.

A través de la voz de la Iglesia, la palabra de Cristo me ha sonado a palabra viva, y cada día me ha ido interpelando, removiendo las brasas de mi existencia a punto de apagarse, y su mensaje moral me ha sido anunciado en toda la virulencia revolucionaria que posee, por medio de las decisiones de la jerarquía, de la interpretación de sus teólogos, del testimonio de sus hombres en el trabajo y de la oración permanente de sus contemplativos.

Ante que todas las realizaciones culturales, intelectuales o sociológicas está la gran aportación que acabamos de describir. Sin ella yo no hubiera podido saltar los dos mil años que me separan de Jesús".

(Olegario González de Cardedal, en *"El Poder y la Conciencia"*).

III - HOY ¿QUIENES SON LOS POBRES?... ¿POR QUE LO SON?

1 - LOS POBRES DE AYER Y LOS POBRES DE HOY

Nuestro concepto de la pobreza y del pobre difiere del concepto que tenían nuestros mayores y aún tienen muchos.

Concebimos la pobreza y al pobre como un fenómeno colectivo relacionado con determinada estructura social, como efecto y causa. Viven en la pobreza grupos, clases sociales, pueblos y continentes enteros. Los pobres, hoy por hoy, constituyen entidades colectivas. Y son productos de un sistema socioeconómico que los explota y despoja. No constituyen un hecho natural. Han sido reducidos a la pobreza (empobrecidos) o mantenidos en ella por las fuerzas de un sistema de dominación. Son grupos, clases, pueblos, continentes dominados.

El siguiente cuadro comparativo visualiza la diferencia de conceptos. En él se confronta Lázaro, pobre de ayer, tal como lo describe San Lucas (16, 19-31) con Lázaro de hoy, tal como sugiere interpretarlo el Papa Juan Pablo II en varios de sus discursos.

LAZARO DE AYER. La persona desligada de las estructuras sociales.	**LAZARO DE HOY. La persona vinculada a las estructuras.**
- Hombre individual: los pobres son personas, casos, etc.	- Clases, pueblos, continentes: los pobres son un fenómeno colectivo.
- Abandonado por el egoísmo de los ricos: se le deja yacer en la pobreza.	- Explotado por los ricos en su afán insaciable de lucro: se hace pobre.
- Pide una caridad: que le den en este mundo, mientras espera la recompensa en el cielo.	- Pide justicia: que se le reconozca y permita ejercer su derecho a sentarse a la mesa con los otros, sin negar el "cielo".

Los pobres son todas aquellas personas que, careciendo de los medios de producción, tienen, como único medio de vida, el trabajo y viven en condiciones de inseguridad más o menos total, por cuanto dependen o están a merced de quienes poseen los medios de producción.

A esta pobreza socioeconómica, pobreza real, contraria a la voluntad divina, pueden agregársele, agravándola, otras formas de pobreza, que derivan de la discriminación racial, sexual, cultural y otras. Así, el indio y el negro, por ser "menospreciados", son sujetos de mayor explotación... Algo similar acontece con la mujer: en razón de la discriminación sexual suele soportar mayor explotación.

2 - TRES GRANDES GRUPOS O BLOQUES DE POBRES

Partiendo de las diversas formas de pobreza se puede distinguir tres grupos o bloques de pobres.

El primer bloque: los explotados. Agrupa a los que trabajan en condiciones injustas. Son los "pobres laboriosos", a quienes el sistema socioeconómico, desconociendo su condición de persona, utiliza como mero factor o instrumento de producción y despoja del legítimo fruto de su trabajo.

Los "pobres laboriosos" constituyen el proletariado urbano y rural, que tiene el perfil más definido.

Integran este bloque:

- Los **obreros urbanos**. Son el 15% de la población latinoamericana. Aunque con referencia al resto de la población son pocos, sin embargo constituyen una fuerza considerable por su organización y espíritu combativo. Es la clase enfrentada más directamente con la fuerza del capital;

- Los **campesinos**. Representan aún en América Latina casi la mitad de la población. Su perfil es menos definido que el de los obreros. Son muy diversificados. Dentro de la masa de los campesinos, muchos indios

entre ellos, encontramos:

- el **asalariado** permanente y el temporario. Este, muy numeroso, e mayoría de los trabajadores rurales, en algunos país

- el **colono**, campesino que explota la tierra, pero no se le reconoce l propiedad;

- el **pequeño propietario** o minifundista, que sufre la poderos competencia del capital;

- el **arrendatario**, etc.

El colono, el pequeño propietario, el arrendatario y otros va desapareciendo a medida que avanza el capital y se transforman e inmigrantes o en asalariados.

En este bloque de pobres, deberíase incluir también a los que forma la capa inferior del sector "servicios" (Bancos, transportes, comercio servicios públicos en general), como los pequeños comerciantes funcionarios, los maestros, etc.

El segundo bloque: los **marginados**. Es decir, todos aquellos qu son excluidos del proceso de la producción. Se les impide positivament el ejercicio del derecho a trabajar. Entran aquí:

- los desempleados o subempleados. Son el 25 o 30% de la fuerza d trabajo de América Latina;

- toda suerte de miserables, como los mendigos, los menore abandonados, los marginales, etc.;

Todos ellos carecen de lo necesario para una vida humana, pueste que se encuentran por debajo del nivel de línea de supervivencia o apena llegan a él. Los economistas los llaman "pobres absolutos", "lumpen subproletariado".

En Latinoamérica se encuentran por millones, constituyen al menos, una tercera parte del pueblo oprimido. Representan un conjunto

socialmente heterogéneo y políticamente inorgánico. Junto a ellos, la Iglesia está particularmente presente como fuerza de afirmación humana y de integración social, a través de organizaciones populares, de las comunidades de base, etc.

El tercer bloque: los **nuevos pobres**. Existen hoy especialmente en la sociedad industrial avanzada, aunque también en los centros más desarrollados de la sociedad de América Latina, un nuevo tipo de pobres. Esos "nuevos pobres" son los deficientes físicos, los deficientes mentales, los inadaptados, los jóvenes desorientados, los drogadictos, los jubilados... Estas categorías no constituyen nuevas clases al lado de las clases explotadas o marginadas, ni tampoco se sitúan por encima de ellas. Se relacionan entre sí. Puede decirse que aunque estos pobres procedan de las clases alta y media, su situación concreta los ubica entre los pobres socioeconómicos en condición de **marginados**.

Por todo lo dicho, quede claro que no se trata aquí de yuxtaponer los tres bloques como si fueran tres grandes grupos sociales distintos. Se trata de tres bloques que se superponen y se implican mutuamente. Tres bloques de dominados (explotados o marginados) que expresan diversos niveles de opresión, pero coinciden en los intereses y por consiguiente, en el objetivo superior de la lucha: la liberación económica, social y cultural. El pueblo desea algo más que ser tan sólo un rebaño bien alimentado y sano. Quiere realmente una vida plena. Por eso, en América Latina se habla hoy más de "pueblo" que de "clase", más de "liberación integral" que de "emancipación económica".

3 - LOS POBRES SON PRODUCTO DE UN SISTEMA EXPLOTADOR Y EXCLUYENTE

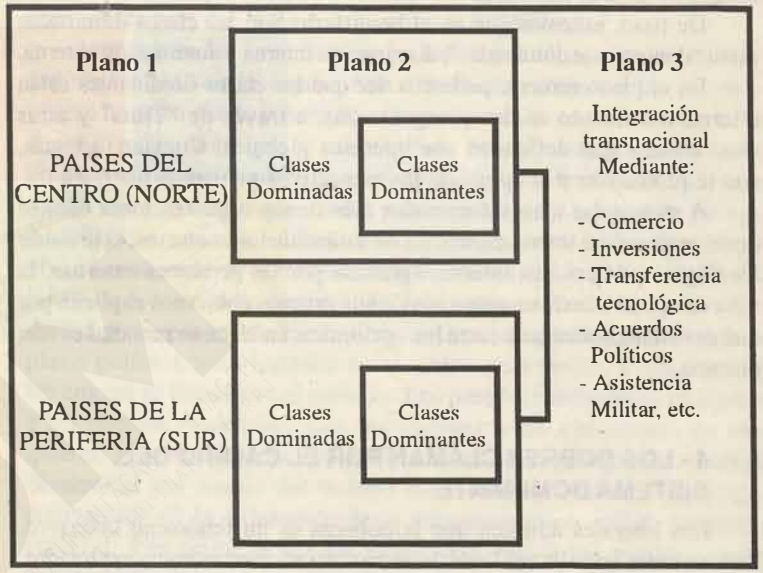
Quienes ven a los pobres, como casos individuales, desligándolos de las estructuras o condiciones sociales, explican la pobreza por la ignorancia o la capacidad o la pereza de los pobres o por el egoísmo de los ricos o por el destino o la suerte (los pobres lo son porque han nacido pobres. Siempre ha sido así). No descubren o se resisten a admitir que la

causa más profunda de la pobreza es un sistema socioeconómico explotador y excluyente que "fabrica pobres". Esta visión cae en el asistencialismo: es preciso dar a los pobres (limosnas, alimentos, escuelas, etc.) y no despertarlos. Naturalmente, en este sentido, los salvadores de los pobres son los ricos y los poderosos, porque son los que tienen. La realidad no avala la explicación y la solución propuesta.

Los pobres son pobres porque los explota o margina un sistema socioeconómico opresor nacional estrechamente ligado a un sistema opresor internacional; ambos, fruto y encarnación del egoísmo. Al respecto, dicen los obispos latinoamericanos: "Al analizar más a fondo tal situación, descubrimos que esta pobreza no es una etapa casual, sino el producto de situaciones y estructuras económicas, sociales y políticas, aunque haya también otras causas de la miseria". Estado interno de nuestros países que encuentra en muchos casos su origen y apoyo en "mecanismos que, por encontrarse impregnados no de un auténtico humanismo, sino de materialismo, producen a nivel internacional, ricos cada vez más ricos a costa de pobres cada vez más pobres" (Puebla 30). Denuncia de Juan Pablo II, que el Papa vuelve a expresar en su Encíclica "La Preocupación Social", 16: "No obstante, es necesario denunciar la existencia de unos mecanismos económicos, financieros y sociales, los cuales, aunque manejados por la voluntad de los hombres, funcionan de modo casi automático, haciendo más rígida las situaciones de riqueza de los unos y de pobreza de los otros. Estos mecanismos, maniobrados por los países más desarrollados de modo directo o indirecto, favorecen a causa de su mismo funcionamiento los intereses de los que los maniobran, aunque termina por sofocar o condicionar las economías de los países menos desarrollados. Es necesario someter en el futuro estos mecanismos a un análisis atento bajo el aspecto ético-moral".

"El Desarrollo de los Pueblos" (Encíclica de Pablo VI) preveía ya que con semejantes sistemas aumentaría la riqueza de los ricos, manteniéndose la miseria de los pobres.

CUADRO DE LA DEPENDENCIA NACIONAL E INTERNACIONAL EN EL MUNDO CAPITALISTA



El cuadro visualiza la división del mundo desde el punto de vista socioeconómico y refleja el "mayor conflicto de nuestros tiempos" que es el conflicto entre las clases y pueblos "empobrecidos" y las clases y pueblos ricos y opresores[10].

En el primer plano se señala la constitución de dos hemisferios: el Norte y el Sur. En el Norte se ubican los países ricos. Y es el centro, desde donde la denominación se extiende al hemisferio SUR.

El plano segundo muestra que, tanto en el Norte como en el Sur, existen clases dominadas y clases dominantes por un lado. Lo cual prueba

que el desarrollo que se da en ambos hemisferios es contradictorio o desigual y por eso mismo genera división de clases. Esto explica por qué en los países ricos hay pobres: 35 millones en los Estados Unidos, 30 millones en la Europa de la Comunidad Económica Europea (CEE), y en los países pobres hay un grupo reducido de ricos "opulentos"[11].

De paso, notemos que en el hemisferio Sur, las clases dominadas están "doblemente dominadas", dominación interna y dominación externa.

En el plano tercero, podemos ver que las clases dominantes están internacionalmente unidas y organizadas, a través de "Truts" y otras asociaciones que defienden sus intereses globales. Cuentan, además, con la protección y el apoyo de los respectivos gobiernos liberales.

A su vez, las clases dominadas sólo tienen organizaciones débiles de defensa a nivel internacional. La dificultad de los contactos, la división ideológica y la política interna, agravada por las presiones externas, la falta de apoyo e incluso oposición de sus propios gobiernos explican por qué esa alianza necesaria entre los oprimidos, en término mundial es aún precaria.

4 - LOS POBRES CLAMAN POR EL CAMBIO DEL SISTEMA DOMINANTE

Los liberales admiten que la pobreza es un fenómeno colectivo. Pero no creen que ella sea fruto de un sistema socioeconómico explotador, sino que es consecuencia del atraso en el desarrollo, atraso que impide una mayor distribución de bienes. Por lo tanto, según ellos, la solución está en una hábil y constante política desarrollista: hay que incrementar la producción con la ayuda del exterior (comercio, técnica, capitales). Los pobres, por cierto tiempo, han de esperar pacientemente. Luego gozarán del nivel de vida propio de los pueblos ricos.

Los frutos no avalan la teoría. De hecho se acrecienta la brecha entre los ricos y los pobres: los ricos son más ricos, los pobres más pobres. No es cuestión de discutir teorías. Se trata del fracaso del "desarrollismo". La "ayuda" externa ha significado mayor dependencia

para los pueblos en vía de desarrollo. Hemos explicado anteriormente que la pobreza es causada por un sistema socioeconómico explotador y excluyente, que "fabrica pobres". La solución de la pobreza, fenómeno colectivo, pasa por el cambio de las estructuras socioeconómicas dominantes para dar lugar a otras justas y solidarias.

Los pobres así lo entienden y claman por el cambio del sistema explotador. No quieren esperar más. "Se afianza la convicción de que el género humano puede y debe no sólo perfeccionar su dominio sobre las cosas creadas, sino que le corresponde además establecer un orden político, económico y social que esté más al servicio del hombre y permita a cada uno y a cada grupo afirmar y cultivar su propia dignidad. De aquí las instantes reivindicaciones económicas de muchísimos, que tienen viva la conciencia de que la carencia de bienes que sufren, se debe a la injusticia o a una mala distribución. Las naciones en vía de desarrollo... desean participar en los bienes de la civilización moderna, no sólo en el plano político, sino también en el orden económico, y desempeñar libremente su función en el mundo... Los pueblos hambrientos interpelan a los pueblos opulentos... Los trabajadores y los agricultores no sólo quieren ganarse lo necesario para la vida, sino que quieren también desarrollar por medio del trabajo sus dotes personales y participar activamente en la ordenación de la vida económica, social, política y cultural. Por primera vez en la historia, todos los pueblos están convencidos de que los beneficios de la cultura pueden y deben extenderse realmente a todas las naciones" (Concilio Vaticano II, Constitución Gozo y Esperanza, Nº 9).

Los oprimidos se están levantando y organizando con vistas a su liberación colectiva. Serán ellos los protagonistas de una liberación de todo el hombre y de todos los hombres: a ellos interesa sobre todo el cambio social.

5 - LUCHA SOLIDARIA A NIVEL NACIONAL E INTERNACIONAL.

El establecimiento de un sistema político y socioeconómico justo y solidario, al servicio de todo el hombre y de todos los hombres, exige unión y organización de todos los oprimidos y una lucha a nivel nacional e internacional. Puesto que los opresores están nacional e internacionalmente organizados en defensa de sus afanes dominadores. Sin unión y organización, la liberación no pasará de ser una palabra vacía, un deseo ineficiente.

En el frente nacional, la lucha tendrá por objetivo la liberación del país y la liberación social. En otras palabras, un país plenamente soberano: que sea artífice de su propio destino y primer agente de su desarrollo integral, y favorezca la autoafirmación de cada uno de sus ciudadanos mediante el acceso a una mayor participación del poder político, social, económico y cultural. Lo que Perón resumía en esta afirmación: una Argentina "políticamente soberana, económicamente independiente y socialmente justa". Todo esto importa una más y mejor forma de gobierno que sea más y mejor democracia, esto es gobierno del pueblo, con el pueblo y para el pueblo.

La liberación nacional y social será obra únicamente de un Movimiento que reúna las mayorías populares del país y los sectores de la burguesía que se solidaricen con la causa de los oprimidos y la causa nacional. Su columna vertebral será el Movimiento Obrero organizado.

En el frente internacional se pretende la liberación del dominio que los países ricos imponen a los pueblos en vía de desarrollo. Esta meta no será posible sin la unión y coordinación de esfuerzos de todos los pueblos oprimidos. Requiere la organización del Tercer Mundo[12], como bloque que agrupe a los países en vía de desarrollo. Es un paso importante, sin duda. Urge sin embargo otros pasos más audaces y efectivos, que vigoricen la unidad en la pluralidad y dinamicen la coordinación de los esfuerzos de cada miembro y del conjunto. El paso inmediato: la constitución de fuertes uniones por continente, como base firme de la unión mundial. Al respecto es hora ya de que los países latinoamericanos

logren la integración: reconstruyan la Patria Grande en consonancia con las realidades actuales. Se busque una integración que haga sentir con eficacia espiritual y material, la unidad que efectivamente existe en el fundamento de estos pueblos: la unidad histórica y cultural.

Otro paso: participación real y activa de los pueblos miembros en la determinación de los objetivos, metas y medios y la coordinación de los esfuerzos. Resultará muy difícil dar ambos pasos si no se logra subordinar toda ideología e interés subalterno al objetivo superior que es la liberación de todos y de cada uno de los pueblos oprimidos. La organización "tercermundista" no debe convertirse en instrumento de lucha ideológica o de intereses bastardos.

Las líneas globales de la lucha por la liberación, que proponemos, concuerdan con las sugerencias certeras y realistas del Papa Juan Pablo II: "El desarrollo requiere sobre todo espíritu de iniciativa por parte de los mismos países que lo necesitan. Cada uno de ellos ha de actuar según sus propias responsabilidades, sin esperarlo todo de los países más favorecidos y actuando en colaboración con los que se encuentran en la misma situación.

Cada uno debe descubrir y aprovechar lo mejor posible el espacio de su propia libertad. Cada uno debería llegar a ser capaz de iniciativas que respondan a las propias exigencias de la sociedad. Cada uno debería darse cuenta también de las necesidades reales, así como de los derechos y obligaciones a que tienen que hacer frente. El desarrollo de los pueblos comienza en el compromiso de cada pueblo para su desarrollo, en colaboración con todos los demás.

Es importante además que las mismas naciones en vía de desarrollo favorezcan la autoafirmación de cada uno de sus ciudadanos mediante el acceso a una mayor cultura y a una libre circulación de las informaciones. Todo lo que favorezca la alfabetización y la educación de base, que la profundice y complete, como proponía la encíclica "El Desarrollo de los Pueblos" del Papa Pablo VI, metas todavía lejos de ser realidad en tantas partes del mundo, es una contribución directa al verdadero desarrollo.

Para caminar en esta dirección, las mismas naciones han de

individualizar sus prioridades y detectar bien las propias necesidades, según las particulares condiciones de su población, de su ambiente geográfico y de sus tradiciones culturales.

Algunas naciones deberán incrementar la producción alimentaria para tener siempre a su disposición lo necesario para la nutrición y la vida. En el mundo contemporáneo, en el que el hambre causa tantas víctimas, especialmente entre los niños, hay naciones, particularmente no desarrolladas, que han conseguido el objetivo de la autosuficiencia alimentaria y que se han convertido en exportadoras de alimentos.

Otras naciones necesitan reformar algunas estructuras y, en particular, sus instituciones políticas, para sustituir regímenes corrompidos, dictatoriales o autoritarios, por otros democráticos y participativos. Es un proceso que, es de esperar, se extienda y consolide, porque la "salud" de una comunidad política, en cuanto se manifiesta mediante la participación y responsabilidad de todos los ciudadanos en la gestión pública, la seguridad del derecho, el respeto y la promoción de los derechos humanos, es "condición necesaria y garantía segura para el desarrollo de todo el hombre y de todos los hombres". ("La Preocupación Social", Nº 44).

La misma encíclica prosigue en el Nº 45.

Cuanto se ha dicho no se podrá realizar sin la colaboración de todos, especialmente de la comunidad internacional, en el marco de una solidaridad que abarque a todos, empezando por los más marginados. Pero las naciones en vía de desarrollo tienen el deber de practicar la solidaridad entre sí y con los países más marginados del mundo.

Es de desear, por ejemplo, que naciones de una misma área geográfica establezcan formas de cooperación que las hagan menos dependientes de productores más poderosos; que abran sus fronteras a los productos de esa zona; que examinen la eventual complementariedad de sus productos; que se asocien para la dotación de servicios, que cada una por separado no sería capaz de proveer; que extiendan esa cooperación al sector monetario y financiero.

La interdependencia es ya una realidad en muchos de estos países. Reconocerla de manera más activa, representa una alternativa a la excesiva dependencia de países más ricos y poderosos, en el orden mismo del desarrollo deseado, sin oponerse a nadie, sino descubriendo y valorizando al máximo las propias responsabilidades. Los países en vía de desarrollo de una misma área geográfica, sobre todo los comprendidos en la zona "Sur" pueden y deben constituir, como ya se ha comenzado a hacer, con resultados prometedores, nuevas organizaciones regionales, inspiradas en criterios de igualdad, libertad y participación en el concierto de las naciones.

"La solidaridad universal requiere, como condición indispensable, la autonomía y libre disponibilidad, incluso dentro de las asociaciones, como las indicadas. Pero al mismo tiempo, requiere disposición a aceptar los sacrificios necesarios por el bien de la comunidad mundial".

- La Iglesia, por su misión y por su opción por los pobres, tiene un papel relevante en esta tarea de unión y de noble lucha por un mundo justo y solidario. Ninguna otra institución se halla en mejores condiciones para denunciar las injusticias y los atropellos a la dignidad de la persona humana y de los pueblos y promover y orientar desde el Evangelio la lucha por un mundo digno del hombre. Posee la presencia activa del Resucitado. Goza de la asistencia atenta del Espíritu Santo. Es experta en humanidad. Y está inserta en los pueblos de ambos hemisferios: Norte y Sur.

Su opción o amor preferencial por los pobres es "una opción o una forma especial de primacía en el ejercicio de la caridad cristiana, de la cual da testimonio toda la tradición de la Iglesia. Se refiere a la vida de cada cristiano, en cuanto imitador de la vida de Cristo, pero se aplica igualmente a nuestras responsabilidades sociales y, consiguientemente, a nuestro modo de vivir y a las decisiones que se deben tomar sobre la propiedad y el uso de los bienes.

Pero hoy, vista la dimensión mundial que ha adquirido la cuestión social, este amor preferencial, con las decisiones que nos inspira, no

puede dejar de abarcar a las inmensas multitudes de hambrientos mendigos, sin techo, sin cuidados médicos y, sobre todo sin esperanza de un futuro mejor. Ignorarlo significaría parecernos al "rico epulón" que fingía no conocer al mendigo Lázaro, postrado a su puerta (Lucas 16, 19-35)" (Juan Pablo II: "La Preocupación Social", N 42).

El aporte de la Iglesia en esta tarea durísima que la liberación impone a los pobres y pueblos oprimidos, por un lado será muy valioso para la causa de la justicia y la solidaridad y por otro, acrecentará, particularmente en la Iglesia de los países ricos, la vida eclesial y una acción efectivamente evangélica.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA LEY DEL LIBRE MERCADO Y LA JUSTICIA

"Las naciones altamente industrializadas exportan sobre todo los productos elaborados, mientras que las naciones poco desarrolladas no tienen para vender más que productos agrícolas y materias primas. Gracias al progreso técnico, los primeros aumentan rápidamente de valor y encuentran suficiente mercado. Por el contrario, los productos primarios que provienen de los países subdesarrollados sufren amplias y bruscas variaciones de precio, muy lejos de esa plusvalía progresiva. De ahí provienen para las naciones poco industrializadas grandes dificultades, cuando han de contar con sus exportaciones, para equilibrar su economía y realizar su plan de desarrollo. Los pueblos pobres permanecen siempre pobres y los ricos se hacen cada vez más ricos...

La regla del libre intercambio no puede seguir rigiendo por sí sola las relaciones internacionales; sus ventajas son ciertamente evidentes, cuando las partes no se encuentran en condiciones demasiado desiguales de potencia económica: es un estímulo del progreso y recompensa del esfuerzo... Pero no es lo mismo cuando las condiciones son demasiado desiguales de país a país: los precios que se forman "libremente" en el mercado pueden llevar consigo resultados no equitativos...

La enseñanza de León XIII... conserva su validez: el consentimiento de las partes, si están en situaciones demasiado desiguales, no basta para garantizar la justicia del contrato; la regla del libre consentimiento queda subordinada a las exigencias de la ley natural. Lo que era verdadero acerca del justo salario individual, lo es también respecto a los contratos internacionales: una economía de intercambio no puede seguir descansando sobre la sola ley de la libre concurrencia, que engendra también demasiado a menudo una dictadura del dinero. El libre intercambio sólo es equitativo si está sometido a las exigencias de la justicia social".

(Pablo VI: *"El desarrollo de los Pueblos"*, Nros. 57, 58, 59).

ES MENESTER CONSTRUIR UN MUNDO NUEVO

"El combate contra la miseria, urgente y necesario, es insuficiente. Se trata de construir un mundo, donde todo hombre, sin excepción de raza, religión o nacionalidad, pueda vivir una vida plenamente humana, emancipado de las servidumbres de la naturaleza insuficientemente dominada. Un mundo, donde la libertad no sea una palabra vacía, y donde el pobre Lázaro pueda sentarse a la misma mesa que el rico. Esto exige a este último mucha generosidad, innumerables sacrificios y un esfuerzo sin descanso.

A cada uno toca examinar su conciencia, que tiene una voz nueva para nuestra época...

El deber de la solidaridad de las personas es también el de los pueblos: los pueblos ya desarrollados tienen la obligación gravísima de ayudar a los países en vía de desarrollo...

Cada pueblo debe producir más y mejor, a la vez para dar a sus súbditos un nivel de vida verdaderamente humano y para contribuir también al desarrollo solidario de la humanidad. Ante la creciente indigencia de los países subdesarrollados, se debe considerar como normal el que un país desarrollado consagre parte de su producción a satisfacer las necesidades de aquellos; igualmente el que forme educadores, ingenieros, técnicos, sabios que pongan su ciencia y competencia al servicio de ellos".

(Pablo VI: *"El Desarrollo de los Pueblos"*, Nros. 47 y 48).

"La interdependencia debe convertirse en solidaridad, fundada en el principio de que los bienes de la creación están destinados a todos. Y lo que la industria humana produce con la colaboración de las materias primas y con la aportación del trabajo, debe servir igualmente al bien de todos".

(Juan Pablo II: *"La Preocupación Social"*, Nº 39).

IV - LA OPCION DE LA IGLESIA POR LOS POBRES

1 - UN COMPROMISO SOLEMNE, EXPLICITO Y PUBLICO

La Iglesia Latinoamericana formuló, en Medellín, el compromiso solemne, explícito y público de optar por la causa de los pobres. Once años después, los obispos en la ciudad de Puebla ratifican el mismo compromiso. "Volveremos a tomar, con renovada esperanza en la fuerza vivificante del Espíritu Santo, la posición de la 11 la. Conferencia General que hizo una clara y profética opción preferencial y solidaria por los pobres[13]". En la IV Conferencia General (Santo Domingo, 1992) la Iglesia de América Latina ratificó el compromiso en el capítulo sobre la Promoción Humana.

La opción significó un cambio de cien grados en la estrategia pastoral de la Iglesia. Hasta entonces ésta elaboraba la pastoral "a distancia" del pueblo, cuyas mayorías son los pobres y oprimidos. Lo hacía desde su interior y con la óptica de las clases acomodadas.

La Iglesia existía ciertamente para los pobres: lo proclaman la inmensa red de obras asistenciales. Pero desaprovechaba la fuerza histórica y el potencial evangelizador de los pobres. En adelante, activamente inserta entre los pobres, necesitados y oprimidos, "desde la perspectiva y los intereses de éstos y con ellos elaborará y llevará a cabo la pastoral: una pastoral popular.

La opción por los pobres no es "excluyente": no se desatiende los demás sectores, porque también a ellos Cristo ofrece la salvación y abre las puertas del Reino de Dios a condición de que hagan suya la causa del pobre y con él luchen por una sociedad justa y fraterna que les asegure una vida digna. No es exclusiva: no excluye las demás actividades de la Iglesia (proclamación de la Palabra de Dios, catequesis, liturgia, etc.), pero exige que ellas sean articuladas desde esta opción. Es preferencial: como la madre que ama a todos los hijos, pero especialmente al más débil o enfermo, así la Iglesia, a ejemplo de Cristo, ama primeramente a los pobres y desde los pobres a todos. Ama a los pobres, combatiendo los

mecanismos socioeconómicos que los hacen pobres, y ama a los ricos, convocándolos a que se liberen de esos mecanismos que los enriquece a costa de los pobres.

2 - OPCION QUE DERIVA DE LA OPCION POR CRISTO

Poco o nada entendería del Dios de la Biblia, aquel que no lo vinculara con el pobre, el indefenso, el oprimido. Dios (Yavé) se ha revelado a los hombres, como el defensor y abogado de los pobres, el liberador de los oprimidos, el rey que se complace y gloría en hacer justicia, primero y sobre todo al débil, al indefenso, al despojado. El Dios de la Biblia, es un Dios que protege el derecho de los sin poder, de los injustamente perseguidos y de los pobres: no toma el partido de los poderosos, que disponen del derecho y lo utilizan en beneficio propio, sino el de los que son ofendidos en su dignidad y justicia.

"Yo soy el Señor, tu Dios, que te hice salir de Egipto, de un lugar de esclavitud" (Exodo 20, 1). "Yavé, vuestro Dios es... el Señor de los señores, el Dios grande, poderosos y temible, que no hace acepción de personas ni admite soborno, que hace justicia al huérfano y a la viuda, y ama al forastero, a quien da pan y vestido" (Dt. 10, 16-18). "El mantiene para siempre la verdad, haciendo justicia a los oprimidos, dando pan a los hambrientos; el Señor libera a los prisioneros, abre los ojos a los ciegos, endereza a los que ya se doblan, protege al extranjero, sustenta al huérfano y a la viuda" (Salmo 146, 145).

En Jesús de Nazaret, la opción por los pobres alcanzó grado sublime y forma definitiva. El Salvador se presentó en la forma de un trabajador humilde y no en la de César, como un pobre y no como un rico o un poderosos. Nació pobre, vivió pobre y murió pobre. Amó especialmente a los pobres y se identificó con ellos. Los pobres fueron para Jesús como la pupila de sus ojos. El Salvador del Evangelio es un Salvador pobre y el Salvador de los pobres. Su opción por los pobres le mereció la opción de los pobres por él: lo reconocieron como a uno de los suyos y cuando entró en conflicto con las autoridades religiosas de su nación encontró el

apoyo de las mayorías empobrecidas que le oían con gusto. Sólo por la traición de uno de los apóstoles (Judas), las autoridades lograron dar con el refugio nocturno de Jesús; lo arrestaron, lo enjuiciaron con celeridad esa misma noche, y a la mañana siguiente lo entregaron al procurador romano.

- Si la Iglesia -comunidad de los cristianos- se pronuncia por los pobres es a partir de su fe en Cristo. Cristo ocupa en ella el centro indiscutible de todo. Y en torno a él se organiza y armoniza todo lo demás, incluso la cuestión de los pobres. Cristo es la raíz profunda de la opción de la Iglesia por los pobres. Esta motivación establece la diferencia fundamental entre la opción por los pobres de la comunidad cristiana y la opción que por ellos hace otro grupo o movimiento social. Sin embargo, la opción cristiana no excluye de por sí otras motivaciones, sean políticas, sean sociales. La opción de un cristiano por los pobres y la opción de un político o de un movimiento social no son "sustancialmente" distintas; simplemente expresan aspectos o niveles distintos de una misma opción. La fe tiene capacidad para asimilar, profundizar y enriquecer los significados y las motivaciones del compromiso temporal. Pues impregna y anima toda la vida del hombre.

3 - ESTA OPCION DEBE SER EFECTIVA Y SOLIDARIA

La opción cristiana por los pobres es fruto sobre todo del amor y debe ser por lo tanto efectiva y solidaria. **Efectiva**. Ante un niño hambriento, una familia en la calle, un trabajador sin empleo, un enfermo sin medicamento, multitud de obreros con salarios de hambre, el hombre común siente compasión y se indigna. Si se contenta con esto solamente, su opción por los pobres y oprimidos se reduce a un sentimiento ineficaz. Y la opción por ellos implica muchísimo más. Es acción liberadora.

Los intelectuales, a su vez, corren el peligro de contentarse con el aporte de ideas y expresiones de condenación. Ciertamente las denuncias, los manifiestos, y cursos y conferencias son útiles y aún necesarios,

pero no bastan. La pobreza es un problema real, una situación concreta no una cuestión teórica solamente ni un simple tema de estudio o reflexión Exige soluciones urgentes y concretas. En ocasiones, es bueno señalarlo las ideas y teorías son contraproducentes, cuando son producto d "laboratorio" y no llevan el aval de la realidad y la experiencia de vida.

Solidaridad, es decir, que asuma la causa de los oprimidos, particip de sus luchas en calidad de aliado, reconociéndoles su papel d protagonista. Unicamente así la opción por los pobres evitará e paternalismo, que es la tutela o protección que domina y castra al otro frenando su desarrollo como sujeto responsable de su destino, porque l considera un menor, incapaz en cierto grado al menos, de actuar co responsabilidad. El paternalismo, en el fondo, esconde una sutil dominación. Se presenta como actuando "en favor de los pobres", e realidad actúa "en lugar de ellos", se mantiene "a costa de los mismos" en consecuencia, actúa "contra ellos": les impide ser ellos mismos.

La opción por los pobres es liberadora en la medida en que se hag opción con los pobres: se trata no tanto de trabajar por los pobres cuanto de trabajar con los pobres. La opción por los pobres será liberador si crea entre éstos y los que trabajan por ellos relaciones de igualdad solidaridad: los pobres son reconocidos y respetados como sujeto capaces de su propia liberación y quienes optan por su causa lo hacen e calidad de aliados y colaboradores, sabiéndose unos y otros del mism lado y en la misma lucha.

Hay momentos y situaciones en que sólo se puede luchar por lo pobres, sin que sea posible luchar con ellos. Es el caso, sobre todo, d los indefensos y abandonados. Con todo, aquí el "por" apunta al "con" "Se lucha para que el pobre sea igual a ti y tú igual a él", dice Sa Agustín.

En conclusión: la opción por los pobres exige colocarse al lado d los pobres para solidarizarse con ellos en su causa y en su lucha; y est no para hacerlos aliados nuestros, sino para hacernos nosotros aliado suyos.

4 - LA NUEVA FORMA DE LA OPCION CRISTIANA POR LOS POBRES

Ciertamente la Iglesia se ha volcado siempre en favor del pobre y oprimido. Es conmovedor su esfuerzo por "resolver" el problema de los desheredados. Lo atestiguan las mil formas de concretar su ayuda: limosna y toda clase de obras de asistencia e instituciones de caridad y de promoción. Es mérito suyo la conciencia de Occidente con relación a la necesidad de atender al pobre. "La historia de la Iglesia está jalonada por figuras luminosas de cristianos de todo tipo que practicaron heroicamente el amor al pobre... Ningún movimiento histórico puede exhibir una galería tan grande de tipos humanos tan acabados"[14].

Sin embargo, de hecho, la Iglesia no pudo eliminar la pobreza ni la marginación social. Porque a fines de la Edad Media, despojada de sus recursos materiales, vióse imposibilitada para enfrentar las nuevas formas de pobreza. Y sobre todo porque atacaba los efectos y no la causa de la pobreza, que era un sistema social que enriquecía a un grupo restringido a costa de la mayoría. En ese entonces, la Iglesia y ninguna otra institución vieron ni hubieran podido ver que la pobreza era un fenómeno colectivo y que era producto de estructuras injustas. Concebían el ordenamiento social como algo estático e inamovible.

- Hoy la pobreza es concebida como un fenómeno colectivo, provocado y mantenido. Y sabemos que la pobreza no puede ser eliminada, si no se cambia el sistema socio-económico que la genera. Y que el cambio sólo es posible por una acción política adecuada. Es la razón, por la cual, la opción de la Iglesia por los pobres reviste forma nueva.

Hoy no se trata tanto de socorrer las necesidades de los individuos cuanto de cuestionar y promover el cambio de las estructuras que generan pobres. No se excluye, especialmente en los casos urgentes, la asistencia, como medida de emergencia, se rechaza el asistencialismo. Ni se excluye las reformas como pasos progresivos hacia la nueva sociedad, se rechaza el reformismo[15]. Se da la primacía al cuestionamiento de la sociedad opresora y a su reemplazo, al crecimiento de la conciencia liberadora de

los pobres y a la promoción de sus organizaciones. Sin embargo, la Igle
no actúa a la manera de un movimiento revolucionario o de una agen
de promoción humana. Simplemente ayuda a la liberación de los oprimid
éstos son los sujetos de su propia liberación. Ella ayuda, solidarizándo
con ellos, legitimando su causa, aportando su contribución específi
Su opción por los pobres asume una forma política, por cuanto promue
desde el Evangelio, una sociedad justa y humana[16].

- Esta opción por los pobres, hoy tal como están las cosas, impli
una opción de clases. Puesto que los pobres constituyen una clase
cial que es víctima de la injusticia y para defender sus legítimos derech
e intereses no tienen otro recurso que el de la lucha. Esta debe
considerada como una dedicación normal en favor del justo bien, en e
caso por el bien que corresponde a las necesidades y a los méritos de l
hombres de trabajo... no es una lucha "contra los demás". Si en cuestion
controvertidas asume también un carácter de oposición a los otros, e
sucede en consideración del bien de la justicia social y no por la "luch
o por eliminar al adversario (Juan Pablo II: "El Hombre que Trabaja",
20).

Resulta lógico que opte por las clases explotadas. No pue
permanecer indiferente o neutral entre el injusto agresor y la víct
despojada.

- ¿Estaremos ante una versión cristiana de la lucha de clases alent
por el marxismo?... Son sustanciales las diferencias de amb
concepciones acerca de la lucha de clases.

Para el cristianismo, la lucha de clases es un hecho provocado por
desenfrenada ambición del capitalista. Acepta la lucha, como últi
recurso para la defensa y la promoción de la justicia. No se lucha p
luchar y menos por la eliminación del adversario. Se lucha sin odio co
la actitud y el comportamiento injusto y no contra la persona del patr
cuya dignidad y legítimos derechos son respetados. En todo momen
hay posibilidades de diálogo. La lucha queda regulada por las exigenc

el Evangelio.

Para el marxista, la lucha es el motor de la historia y constituye el
nstrumento privilegiado del cambio social; la rigen los intereses políticos
ideológicos: todo es bueno y lícito en la medida en que asegure el éxito.

5 - SIN COMPROMISOS CONCRETOS ES ILUSION LA OPCION POR EL POBRE

La opción por los pobres conlleva actitudes y comportamientos
ue exigen un cambio profundo de mentalidad y de vida. No asumir el
ambio o asumirlo a medias reduce la opción a palabras bonitas o deseos
bortados.

La opción por los pobres impone a todo cristiano -obispo, sacerdote,
eligioso, laico- exigencias que se diversifican según el aspecto de la vida
ristiana que está en juego:

Exigencias en la espiritualidad

La espiritualidad, que es el modo de seguir a Cristo o vivir el
vangelio, debe acentuar:

- La conversión a Cristo pobre y a los pobres. Puebla reconoce la
ecesidad de volverse al Cristo pobre y a los pobres (Nros. 1134, 1140,
145). Lo que redundará en una vida nueva y en una fe profundamente
vangélica, que conducirán a una identificación más plena con el Señor y
us "hermanos pequeños" (Puebla Nº 1140 y 1157, más 1158). Solamente
e ama bien al pobre con el corazón de Cristo.

- La pobreza evangélica. Tiene una cara interna: la actitud del corazón
ue lo lleva a ser desprendido (no apegado) frente a los bienes materiales
a compartirlos con el hermano necesitado. Y tiene otra cara externa: un
stilo de vida sobrio, pero digno. No hay pobreza evangélica si falta uno
e estos aspectos. La pobreza evangélica es exigida por Jesucristo a sus
eguidores (Lc. 13, 33-34; 14, 33; 18, 18-30; 19, 1-10; etc.).

Solamente la pobreza puede predicar el Evangelio, por eso, Jesús

mandó a evangelizar en la pobreza (Mt. 10, 9-10). Así lo había hecho mismo. El evangelizador o es un pobre real o es un pobre de corazó desprendido y de vida sobria. Lo admite Puebla (Nº 1157 y 1158).

- La comunión con los pobres. Es mucho más que hablar de lo pobres o querer a los pobres. Es sentirse uno de ellos, estar con ellos compartir de alguna manera su existencia, estar cerca de ellos, identificars con ellos. Lo que permite valorar la vida y la cultura de los pobres supone un movimiento de reciprocidad y de diálogo, en el que ciertamen hablamos y ofrecemos, pero también y sobre todo escuchamos recibimos.

Exigencias pastorales

Tarea de toda la Iglesia, la pastoral sin embargo incumbe de mod eminente y determinante a la jerarquía, a los pastores en razón de s función específica. A ellos especialmente, la opción por los pobres l exige, entre otras cosas:

-Redefinir, en función de la preferencia para con los pobres, todo los sectores de la pastoral: ministerio de la Palabra, catequesis, liturgi administración de los bienes, etc.

- Evangelizar a los pobres como a los destinatarios primeros de buena noticia, anunciándoles específicamente a Jesucristo, liberador i tegral y salvador del género humano.

- Denunciar las injusticias cometidas contra los pobre particularmente cuando ellos carecen de voz y de voto, como también los mecanismos generadores de pobreza (Puebla Nros. 1138, 1159, 12 1160).

- Solidarizarse con los pobres y apoyarlos en sus luchas legítim (Puebla Nº 525 y 1162).

- Estimular y apoyar las organizaciones autónomas de los pobres, tanto en el sentido de su creación como en su recuperación o renovación (Puebla 711, 1163).

- Valorizar la cultura popular, especialmente la religión del pueblo, procurando evangelizarla y fomentar su potencial liberador (Puebla 396, 450).

- Convocar a los pobres no solamente para que vengan a la Iglesia, sino también sean Iglesia a través de las Comunidades Eclesiales de Base, de la creación de nuevos ministerios y de la participación general en todos los niveles.

- Distanciarse de los poderosos para no poner en cuestión la transparencia del Evangelio y no provocar el escándalo de los pequeños.

- Excluir de la comunión sacramental a los opresores notorios e impenitentes, etc.

Exigencias políticas

Estas afectan especialmente a los laicos de la Iglesia, aunque no exclusivamente.

Una opción auténtica por los pobres exige un comportamiento político coherente, ya que solamente una acción política adecuada posibilita el cambio de las estructuras injustas. El pobre surge como criterio-clave de toda actuación política (Puebla 525-792). Esto impone:

- Preocuparse de conocer profunda y críticamente la situación de los pobres y las causas que la generan, a fin de adoptar una posición política lúcida y eficaz;

- Enjuiciar los partidos y organizaciones políticas, los programas de gobierno, las ideologías o los proyectos históricos a partir de la óptica y

de los intereses de los pobres. Y actuar en consecuencia.

No se trata evidentemente de hacer demagogia o apoyar ingenuamente todo lo que el pobre quiere: éste se puede engañar o ser engañado. Se trata de apoyar lo que real y efectivamente contribuye a su liberación, que para el cristiano no termina en lo social, sino que se proyecta a lo espiritual y trasciende lo temporal.

6 - POTENCIAL EVANGELIZADOR DE LOS POBRES

Los pobres y humildes son los confidentes privilegiados de Dios y los más aptos servidores de sus planes. "Yo te alabo, Señor del Cielo y de la Tierra", oraba Jesús, "por haber ocultado estas cosas a los sabios y haberlas revelado a los pequeños". Y San Pablo escribe: "Dios eligió lo que el mundo tiene por necio para confundir a los sabios; lo que el mundo tiene por débil para confundir los poderosos" (1 Cor. 1, 27). Y es así, como los pobres poseen un valioso potencial evangelizador.

San Vicente de Paúl vivió, en forma notable, la opción por los pobres. "Solicitado por todas partes por el espectáculo de la miseria, Vicente de Paúl responde a todos los llamamientos; anticipábase incluso a desgracias que no llegaban a manifestarse... supo enfrentarse a todas las calamidades que los acontecimientos y la inconsciencia de los hombres provocan... Una tras otra salían de sus manos las obras, las instituciones, los grupos cuyo único objetivo era hacer menos dura, menos injusta y cruel la vida de los humildes en la tierra...".

Lo que hoy llamamos nosotros "doctrinas sociales", ya tenía sus bases puestas por él "de bondadosa y sencilla manera, sin preocuparse mucho de las teorías" (Daniel-Rops: La Iglesia de los Tiempos Clásicos. Un arquitecto de la Iglesia moderna: San Vicente de Paúl).

En el contacto directo con los pobres, ignorantes y hambrientos, Vicente fue descubriendo y confesaba que "entre estas pobres gentes se conserva la verdadera religión y se halla una fe viva". Y ya anciano, después de haber dedicado sus últimos cuarenta años a evangelizar, confiesa con emoción y gratitud: "los pobres me han evangelizado"[17]. En

ellos había reconocido el rostro de Cristo. Ellos le ayudaron a descubrir a Cristo pobre, evangelizador de los pobres. Los pobres fueron "camino" y "puerta" hacia la santidad.

Los obispos latinoamericanos reconocen en Puebla el potencial evangelizador de los pobres y lo explican, exhortando a utilizarlo en la tarea de evangelizar América Latina (Nros. 396, 450.1147).

"El fracaso esencial de la Iglesia -la de ayer y la de hoy- sería no dar la "preeminencia" en ella a los pobres. Y mucho más no encontrarlos en sus filas. Consciente de esta "preeminencia" de los pobres en la Iglesia, Vicente lanzará su consigna: "Vayamos, pues, hermanos míos, y dediquemosnos con nuevo amor a servir a los pobres, e incluso busquemos a los más pobres y a los más abandonados; reconozcamos delante de Dios que son nuestros señores y nuestros maestros y que somos indignos de ofrecerles nuestros pequeños servicios. Al mismo tiempo, nos entrega un secreto de amor y de servicio: "la mejor manera de asegurar nuestra felicidad eterna es vivir y morir al servicio de los pobres, en los brazos de la Providencia y en un renunciamiento de nosotros para seguir a Jesucristo".

En esta misma línea de pensamiento nos pone frente a nuestra responsabilidad: "¡Ah, tendríamos que vendernos a nosotros mismos para sacar a nuestros hermanos de la miseria!".

Ansioso de hacer cobrar conciencia a los hombres y de agudizar su responsabilidad social ante la miseria de los pobres, proclama: "Dios nos conceda la gracia de conmover nuestros corazones para con los pobres y pensar que ayudándolos practicamos la justicia y no la misericordia".

Finalmente consciente de que en la Iglesia y en la sociedad, todos vivimos del trabajo de los pobres, exclama: "Vivimos del patrimonio de Jesucristo y del sudor de los pobres... Somos responsables si ellos, los pobres, sufren por su ignorancia y sus pecados; en consecuencia somos culpables de todo lo que sufren, si no sacrificamos toda nuestra vida para instruirlos"[18].

Es la lección magnífica de quien ha hecho de su vida y su sacerdocio un heroico servicio a Cristo en la persona de los pobres.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

CRISTO, IGLESIA, POBRES

"Sea cual sea la realidad y el rostro de la miseria, Vicente de Paúl jamás separará Cristo, Iglesia, Pobres... El encuentro con los pobres le hace descubrir el Evangelio de Jesús, enviado a los pobres. En un mismo acto descubre a Cristo, la Iglesia, y los pobres... tres realidades que mutuamente se iluminan.

La línea original de construcción de la Iglesia -Iglesia-Pobres- parece olvidada, abandonada en la Iglesia de su tiempo... Vicente intenta restablecer el sacerdocio y el laicado en contacto con los pobres. Cuando se está con los pobres, se está seguro de permanecer en la Iglesia de Cristo. En realidad, Vicente piensa e intenta realizar una conversión radical de la actitud de la Iglesia... Entonces se presentará a la mirada de la sociedad como "sierva pobre". Este servicio y esta pobreza harán cobrar conciencia al hombre de una realidad: los ricos no son admitidos en la Iglesia más que para ser los servidores de los pobres", los administradores de las riquezas que Dios ha depositado en sus manos...

Vicente entregará una fórmula de vida: "Los pobres son nuestros señores y maestros", maestros de vida y de pensamiento. Junto a ellos, el pensamiento se rectifica, la acción se ajusta e interiormente se modela. El nos confesará silenciosamente que en la Iglesia y en la sociedad se debe comprender todo, amar todo, organizar todo, a través de estas realidades verdaderas de los pobres".

(*Vicente de Paúl y los pobres de su tiempo*, de J. M. Ibáñez).

LA LECCION DE UNA VIDA

"Dios había transformado a Vicente de Paúl de cazador de cargos eclesiásticos en un consagrado a los pobres".

A partir de ese momento, la voz de Vicente de Paúl será la voz y el clamor de los pobres y desamparados.

Apoyándose en su rica experiencia, deja a sus misioneros y misioneras y a todos los cristianos que optan por los pobres estas palabras-lección: "Es necesario darse a Dios para amar a Jesucristo y servirle en los pobres".

Este don, en definitiva, es la respuesta del hombre a un Dios fiel, sorprendente y comprometido en la historia humana. Al mismo tiempo introduce al hombre en el dinamismo del espíritu de Cristo y le permite desarrollar las dos virtudes, que caracterizan al Hijo de Dios: "La religión para con el Padre y la caridad para con el hombre".

Abordada en esta perspectiva, se puede descubrir la riqueza y la profundidad del pensamiento de Vicente de Paúl: "continuar la misión de Cristo", de ese Cristo que "estará en agonía", en cada hombre "hasta el fin de los días" (Blas Pascal).

...Al mismo tiempo que la gracia y la miseria de los demás le purifican, vuelve a dar a la Iglesia su verdadero sentido: el sentido de los pobres.

Vicente adquiere una visión evangélica de los pobres y comienza todo un movimiento de acción y de doctrina en beneficio de los desdichados"...

(*"Vicente de Paúl (realismo y encarnación): descubrimiento de los pobres"*, de José M. Ibáñez).

NUEVA EXPRESION DEL AMOR A LOS PUEBLOS

"La Opción de los pobres (OP) es el nombre nuevo, la expresión moderna de la "caridad" antigua, del amor al prójimo de siempre... Podríamos decir sintética y rápidamente que consiste en la dimensión social de la caridad o en el carácter político del amor evangélico".

"Para utilizar otros calificativos, se trata en la OP del aspecto estructural, colectivo, transformador, liberador y hasta revolucionario del Evangelio vivo. Más sencillamente, tenemos aquí ante la vista la cuestión de la justicia social, "el amor de relaciones largas" (P. Ricoeur) o la "macro-caridad" (J. Comblin).

...Podríamos decir que el pobre hoy no se presenta como el pobre de ayer. Hoy se muestra, en el nivel de nuestra consciencia histórica, como realidad colectiva y, al mismo tiempo, conflictiva. Pues bien, el pobre ha de ser amado tal como es en concreto. Por eso, la OP ha de asumir las determinaciones históricas que son hoy las suyas".

"Hoy se trata de una "opción", lo cual supone una toma de postura social o de una elección histórica de gran envergadura y de enorme alcance. Si el amor cristiano quiere hoy ser lúcido y eficaz, tiene que tomar la forma de la OP. "La Opción por los pobres" es un nuevo rostro del amor: amor de ojos abiertos y de manos activas; amor fermento en la historia y semilla de una "civilización alternativa", que es precisamente la "civilización del amor"".

(Pixley-Boff: *Opción por los pobres*, cap. VI).

V - EL PUEBLO PROTAGONISTA DE LA HISTORIA ECLESIAL Y CIVIL

1 - UN HECHO PECULIAR DE AMERICA LATINA

En los países dependientes -el nuestro lo es- la noción proletariado incluye no sólo la clase trabajadora, sino también la nación entera. En estas naciones son explotados simultáneamente los trabajadores y todo el pueblo. Se puede hablar, entonces, de un proletariado nacional. Y en este caso, el conflicto obrero-patrón está incluido y agravado en el conflicto nación-imperialismo: lo más incluye lo menos. El hecho modifica la noción de pueblo y antipueblo.

Son pueblo las mayorías empobrecidas y los sectores de la burguesía que se solidarizan con ellas y con la causa del país, y comparten la lucha por la liberación social y nacional. Quienes se colocan en la acera de enfrente configuran el antipueblo.

En este contexto y en relación al tema, entendemos por pueblo el conjunto de los pobres y de los oprimidos que, como bloque social, son mayoría, sujeto y agente de liberación.

El pueblo latinoamericano es protagonista de la historia de la Iglesia y de la Sociedad política, en razón de su cultura de raíces profundamente cristianas y por ser mayoritariamente bautizado. En él, la sociedad eclesial y la civil, sin perjuicio de sus respectivas identidades y autonomías, se relacionan e influencian tan profundamente que puede afirmarse que la Iglesia es latinoamericana y Latinoamérica es católica.

2 - UN PUEBLO POCO INSTRUIDO EN LA FE, PERO DE FE VIVA

El pueblo de América Latina es poco instruido en la fe, pero vive animado y sostenido por la fe.

"Con deficiencias y a pesar del pecado siempre presente", dicen los

obispos en Puebla (Nº 445), "la fe de la Iglesia ha sellado el alma de América Latina, marcando su identidad histórica esencial y constituyéndose en la matriz cultural del continente, de la cual nacieron los nuevos pueblos".

Es así como nuestros pueblos viven espontáneamente los valores evangélicos de la fraternidad, la solidaridad, el servicio, la sencillez y la disponibilidad para acoger el don de Dios (Puebla Nº 1147) y manifiestan una religiosidad que, aparte sus aspectos negativos, brota de los grandes misterios cristianos y nutre su capacidad de sufrimiento ante la dura existencia y de una esperanza que le permita enfrentarla con grandeza de ánimo y le lleva a crear tiempos de alegría y a esperar confiadamente y con astucia los momentos oportunos para avanzar hacia la ansiada liberación (Puebla 448, 452, 4565, 109).

Estas vivencias cristianas y la fidelidad a la Iglesia Católica del pueblo latinoamericano sorprenden y prueban el hondo arraigo del catolicismo en América Latina. Porque "ni las tormentas revolucionarias, ni los abandonos de enormes regiones por parte de un clero diezmado, ni la propaganda adversa al catolicismo han logrado apartar de la Iglesia a la inmensa mayoría de nuestro continente" (Alvarez Mejía: Indices de nuestro catolicismo, Revista "Latinoamérica", tomo IV, 1954).

"Se cree que Hispanoamérica ha sido, durante cinco siglos de historia, un continente católico de continuado desarrollo religioso. Y la verdad dura y triste es que, durante más de un siglo, Hispanoamérica sufrió en su religiosidad católica el más hostil e implacable ataque bifrontal: de parte del liberalismo interno y de parte del imperialismo protestante, ataque mancomunado del Poder y de la Riqueza, sólo comparable con el que realizó Rusia contra los países ocupados" (Cuadra, Revista "Latinoamericana", tomo 111, 1951).

-Esta dimensión religiosa del pueblo ha sido sistemáticamente silenciada por la mayoría de los historiadores, los sociólogos y los intelectuales. Unos a causa de sus prejuicios, otros en razón de sus ideologías o de su espíritu sectario. El hecho está ahí y marca el estilo de

vida del hombre latinoamericano.

Nuestra misma Iglesia, acostumbrada hasta la Conferencia General de Medellín a ver e interpretar la realidad del continente con "ojos europeos", no caló en profundidad este hecho ni percibió la fuerza de transformación y de evangelización que significaba un pueblo protagonista, a la vez de la vida eclesial y política.

Fue en Medellín y en Puebla sobre todo que la Iglesia se decidió por una Pastoral Popular.

3 - PASTORAL DESDE EL PUEBLO Y CON EL PUEBLO

La pastoral es el conjunto de actividades tendientes a evangelizar a los hombres, tanto cristianos como a no cristianos. A éstos para proclamarles el misterio de Jesucristo y facilitar la adhesión a su persona.

A aquellos para promover una mayor identificación con el Divino Maestro. "La Iglesia siempre tiene necesidad de ser evangelizada, si quiere conservar su frescor, su impulso y su fuerza para anunciar el Evangelio" (Pablo VI: Evangelii Nuntiandi, 19).

La Iglesia, hasta Medellín, elaboraba una Pastoral "para el pueblo", no "desde" y "con el pueblo": desaprovechaba la fuerza histórica de éste. En adelante cambia su estrategia. Nace la Pastoral Popular.

La Pastoral Popular gira en torno al pueblo. Este es su punto de arranque y de llegada y su agente sobre todo. "La Iglesia, dicen los obispos argentinos, ha de discernir acerca de la acción liberadora o salvífica desde la perspectiva del pueblo y de sus intereses, pues por ser éste sujeto y agente de la historia humana que "está vinculada íntimamente a la Historia de la Salvación", los signos de los tiempos se hacen presentes y descifrables en los acontecimientos propios de ese mismo pueblo o que a él afectan... Por tanto, la acción de la Iglesia no debe ser orientada solamente hacia el pueblo, sino también y principalmente desde el pueblo mismo.

Esto supone:

- amar al pueblo, compenetrarse con él y comprenderlo;

- confiar en su capacidad de creación y en su fuerza de transformación;

- ayudarle a expresarse y a organizarse;

- escucharlo, captar y entender sus expresiones, aunque respondan a culturas de grado distinto;

- conocer sus "gozos y esperanzas, angustias y dolores", sus necesidades y valores; reconocer especialmente lo que quiere y desea de la Iglesia y de sus ministros;

- discernir en todo ello, lo que debe ser corregido o purificado, lo que tiene una vigencia presente, pero transitoria; lo que contiene valores permanentes y gérmenes de futuro;

- no separarse de él, adelantándose a sus reales deseos y decisiones;

- no transferirle problemáticas, actitudes, normas o valores que le son ajenos y extraños, especialmente cuando ellos le quiten o debiliten sus razones de vivir y razones de esperar" (Declaración de San Miguel: Pastoral Popular - 1969).

- La Pastoral Popular implica la tarea de encarnarse en el pueblo hasta identificarse con él, a imitación del Hijo de Dios que se hizo hombre, semejante en todo a nosotros, excepto en el pecado. Lo que significa "sentirse pueblo", "compartir su vida, sus aspiraciones, sus luchas". Sólo incorporándose a los sujetos reales que construyen la historia en la línea de la liberación, la Iglesia se hace protagonista y tiene significado para los hombres que aspiran y luchan por una sociedad nueva[19].

Esto no equivale a descuidar o subestimar la misión y tarea específica y esencial de la Iglesia. Al contrario, es replantearlas y actualizarlas, desde la óptica del pueblo, para que respondan más y mejor al hombre de hoy y éste reconozca que el aporte de la Iglesia es necesario y no podrá hallarlo en otra parte. Solamente a través de la acción que le es propia, la Iglesia podrá encarnarse en el pueblo, sin menoscabo de su identidad, conservando su razón de ser, que es liberar en Cristo "toda la historia de los hombres, dando paso al Reino de Dios".

- En la Pastoral Popular, el pueblo desempeña el protagonismo principal y decisivo. Un protagonismo que no excluye el protagonismo de los no pobres. También los sectores que poseen mucho (cultura, poder, riqueza, prestigio...) tienen un lugar y una función en la construcción de una sociedad digna del hombre. También ellos son Iglesia y participan de su misión evangelizadora.

Una por su objetivo (convertir, evangelizar, engendrar la nueva criatura: el hijo de Dios), la Pastoral, en razón de las distintas situaciones sociales, particularmente en términos de clase, se diversifican por sus métodos. Así emanan de la Pastoral Popular, la pastoral de los empresarios, de los profesionales, de los trabajadores, de los intelectuales, de la familia, de la juventud, etc.

El pluralismo pastoral es legítimo siempre y cuando todas las pastorales converjan hacia la misma meta: el Reino de Dios, que es reino de verdad y santidad, de amor y solidaridad, de justicia y de paz. Esta convergencia incluye indefectiblemente la opción preferencial por los pobres. Las distintas pastorales anteriormente citadas y toda otra adquieren derecho de ciudadanía en la Iglesia de hoy, sólo en la medida en que incorporen la opción por los pobres y se enlacen con la Pastoral Popular.

- ¿Son antagónicas la pastoral de los pobres y la pastoral de los no pobres? No en todo y necesariamente. No lo son en las cuestiones que están por encima de los intereses de clase. Ni lo son incluso en los asuntos que implican intereses de clase, en la medida en que los no pobres (sectores medios y altos) respeten las exigencias de la justicia y de la solidaridad con los pobres. Pues refuerzan la pastoral de los pobres, contribuyendo a la liberación de los mismos.

Si los no pobres practican la injusticia con los pobres, manteniendo o reforzando las estructuras opresoras, la Iglesia no puede hacer otra cosa que estar contra las prácticas injustas de los no pobres. Y, obrando de esta manera, está a favor de sus personas y de su salvación (Pixley-Boff: *Opción por los pobres*).

4 - UN PASO DECISIVO SIN DUDA; AUN QUED... MUCHO POR ANDAR

La Pastoral "desde" el pueblo y "con" el pueblo los pobres y oprimidos) es un retorno a la estrategia que empleó Jesús y los apóstoles para proclamar la Buena Noticia del Reino de Dios: partieron de la periferia (lo distante, lo empobrecido, lo menospreciado) hacia el Centro de la unidad, el poder, la riqueza, el prestigio. Y lo hicieron en el ámbito geográfico y en el ámbito socio-cultural.

En el ámbito geográfico, Jesús inició su actividad apostólica en Galilea "de los gentiles", distante de Jerusalén, centro religioso y político y de Galilea avanza hacia Jerusalén. Sus discípulos, más concretamente Pedro y Pablo, desde Jerusalén, en la periferia del imperio, avanzan hacia su centro que es Roma.

La estrategia se hace más notoria en el ámbito socio-cultural. Son los pobres, los afligidos, los marginados, los primeros y preferidos destinatarios del Reino. Jesús es el Salvador de todos los hombres, pero lleva a cabo su acción salvífica desde su condición de pobre y con los pobres. "No cabe duda que su plataforma estratégica de lanzamiento de la Buena Noticia son los pobres. Desde allí y sólo desde allí, Jesús habla a todos. Y desde los pobres y los esclavos, Pedro y Pablo comienzan su predicación en la Roma imperial"[20].

- En un continente donde la participación del pueblo "en las decisiones es tan mínima que no le permite ser artífice real de su propio destino, la opción por una pastoral "para", "desde" y "con los pobres" significa un paso de suma audacia y valor, llamado a repercutir hondamente, tanto en la vida de la Iglesia, como en la vida socio-política. Queda aún mucho por andar: entre una decisión y su concreción hay un gran trecho. Y la marcha será lenta y fatigosa: no resultará fácil superar mentalidades instaladas y desmontar costumbres arraigadas.

En nuestra América, aún hay Iglesias que elaboran su pastoral "a distancia" del pueblo y desde la "óptica" de los sectores medios. De ahí una pastoral que no responde satisfactoriamente a la lucha y las

aspiraciones del pueblo y no permite a la Iglesia ser "fermento y alma de la sociedad que debe renovarse en Cristo y transformarse en Familia de Dios" (Concilio Vaticano II: Gozo y Esperanza, 40).

Encarnada en los sectores "satisfechos", la Iglesia corre el peligro de instalarse y aburguesarse. Sólo inserta en el mundo crucificado de los pobres y oprimidos, la Iglesia descubre en el Evangelio y extrae del mismo, su inmensa riqueza y energía liberadoras.

"América Latina, escribe Enrique Dussel, vive en el presente una etapa especial de su historia: su segunda emancipación... En la primera emancipación, el sujeto revolucionario fue la oligarquía criolla; ahora, en la segunda emancipación, es el pueblo de los pobres, como "bloque social" de los oprimidos... Sólo el pueblo mismo puede evangelizar al pueblo, desde su propia cultura popular. Por ello, es esencial, en el proceso evangelizador de la liberación que, desde la comunidad eclesial misma, "el pueblo evangelice al pueblo" en la identidad de su propia cultura. En ello va el destino de la Iglesia, en América Latina y en el mundo periférico del Africa y de Asia" (Etica Comunitaria 16, 1; 8, 10).

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

IGLESIA Y MUNDO

La Iglesia, sin pretender de ninguna manera mezclarse en la política de los Estados, "sólo desea una cosa": continuar, bajo la guía del Espíritu Paráclito, la obra misma de Cristo, quien vino al mundo para dar testimonio de la verdad, para salvar y no para juzgar, para servir y no para ser servido (Juan 3, 17; Mat. 20, 28; Marc. 10, 45). Fundada para establecer desde acá abajo el Reino de los cielos y no para conquistar un poder temporal, afirma claramente que los dos campos son distintos, de la misma manera que son soberanos los dos poderes, el eclesiástico y el civil, cada uno en su terreno. Pero viviendo en la historia ella debe "escrutar a fondo los signos de los tiempos e interpretarlos a la luz del Evangelio". Tomando parte en las mejores aspiraciones de los hombres y sufriendo al no verlas satisfechas, desea ayudarlos a conseguir su pleno desarrollo y esto precisamente porque les propone lo que ella posee como propio: una visión global del hombre y de la humanidad".

(*"EL DESARROLLO DE LOS PUEBLOS"*, Pablo VI, Nº 13).

"EN EL MUNDO SIN SER DEL MUNDO"

"La Iglesia tiene que ser levadura de la masa, debe ir a los hombres y estar plenamente con ellos, con sus problemas y sus tanteos... Esto es verdad. Pero supongamos que no se tenga en el mismo grado o se tenga insuficientemente el sentimiento de que la Iglesia es algo distinto, diferente de la animación del movimiento de la historia o de la felicidad humana en su propia línea: se correría entonces el riesgo de perderse a sí misma en el movimiento del mundo... o en movimiento obrero... y de no aportarles ese "algo distinto" del Evangelio y del Reino de Dios, que es el contenido esencial de su misión. Se olvidaría entonces que, si la Iglesia es para el mundo, no para sí misma... es y debe ser ante todo, algo distinto del mundo: un orden de santidad y salvación que no viene del mundo, que el mundo no puede comprender...".

"Por el contrario, se podría estar muy penetrado por el sentimiento de que la Iglesia es algo diferente del mundo, que es un orden aparte con sus propias leyes, sus maneras de ser propias, sus exigencias, no sólo de vida profunda, sino también de comportamiento social, también propias; pero al mismo tiempo no sentir, como una llaga en carne viva, el gemido del vasto mundo y de la tierra de los hombres. Entonces sería un exacto observante de las reglas católicas... pero existiría poca inquietud por acercarse a los hombres alejados, a sus problemas, a lo que puede haber de válido en las aportaciones de la Historia...

Temo... que la Iglesia, tomada como cuerpo aparte de santidad... adquiere un cariz de secta... Temo también que la Iglesia aparezca, sobre todo, como un gran aparato clerical de poder, muy poco apostólico. Se tendrá entonces, un clero de los fieles, la autoridad de la Iglesia, es decir, de este cuerpo clerical poco abierto al mundo, poco en situación de levadura en la masa".

(*Sacerdocio y Laico*, de Congar.
Capítulo sobre el Apostolado Laico).

VI - PASTORAL DEL MUNDO DEL TRABAJO

1 - UNA FORMA ESPECIFICA DE LA PASTORAL POPULAR

Los trabajadores, aunque son la parte mayoritaria del pueblo, no constituyen todo el pueblo.

Las personas en condición de trabajo, es decir, con capacidad para el trabajo y con derecho y obligación a trabajar, tienen una idiosincrasia aspiraciones y problemas propios. A este sector social atiende la Pastoral del Trabajo o Pastoral Obrera, que no es ni más ni menos que la Pastoral Popular aplicada a las inquietudes y las necesidades de los hombres que trabajan. Una Pastoral Popular especializada.

La importancia y la urgencia de la Pastoral del Trabajo resultan del protagonismo que hoy está llamada a desempeñar la Clase Trabajadora: la historia le ofrece la oportunidad de construir un mundo digno del hombre. Es su hora histórica. Sin la Clase trabajadora, la Iglesia no podría encarnarse en la historia y en la cultura del pueblo. El mundo futuro correría el peligro de ser construido al margen de la misma y de no responder al anhelo universal de una humanidad próspera, justa, solidaria fraterna.

Ciertamente hubieron en nuestra Iglesia intentos de Pastoral del Trabajo y los hay mayores en la actualidad. Pero en muchos de ellos percibimos un pecado original: la ausencia o la reducida presencia de los trabajadores. Y sin la suficiente presencia de trabajadores cristianos en la elaboración y ejecución de la Pastoral del Trabajo, ésta es inadecuada e ineficaz.

2 - LA PASTORAL DEL TRABAJO RECLAMA EN LA ACTUALIDAD DOBLE ACCION

Tal como se dan las cosas, la Pastoral del Trabajo debe accionar en

dos frentes: en el interior de la Iglesia y en el mundo mismo del trabajo.

La acción interna debe ser dirigida a promover la conversión de toda la Iglesia al mundo trabajador. "No todos en la Iglesia de América Latina, afirman los obispos en Puebla, nos hemos comprometido suficientemente con los pobres; no siempre nos preocupamos por ellos y somos solidarios con ellos" (Puebla 1140). En la práctica, la Iglesia ha dado mayor atención a otras clases sociales que a la clase trabajadora. Es significativo que no haya trabajadores o los haya en cantidad insignificante en muchos Consejos Pastorales u Organismos eclesiales de Consulta, tanto a nivel nacional como diocesano y parroquial. Y pocas veces se los consulta seriamente aún en los problemas que atormentan su propio mundo.

No es suficiente la presencia activa de un grupo de cristianos en el mundo del trabajo: resulta poco efectivo y duradero. Es necesario el testimonio de toda la Iglesia o Comunidad Cristiana. Además la evangelización es tarea de la Iglesia entera.

La acción externa apunta a hacer presente a la Iglesia en el mundo del trabajo para:

- proclamar la Buena Noticia de la Salvación y mostrar a Cristo activamente presente en el corazón de las masas trabajadoras;
- ofrecer e impulsar la liberación de todo el hombre y de todos los hombres;
- comprometerse, de palabra y con hechos, en la lucha por la justicia y en la construcción de un modelo social y una convivencia humana dignos el hombre, que es preparar la llegada del Reino de Dios.

3 - PRINCIPIO CLAVE DE LA PASTORAL DEL TRABAJO

La Pastoral del Trabajo se apoya sobre el principio que es la base y la clave de la Pastoral Popular: "Para el Pueblo, desde el Pueblo, con el Pueblo".

El principio, al ser trasladado al mundo del trabajo, sin perder su substancia, recibe una nueva formulación: "Para los trabajadores, desde

los trabajadores, con los trabajadores".

Es el único principio capaz de generar una auténtica Pastoral del Trabajo. Porque reconoce y asume el protagonismo irreemplazable de la clase trabajadora. Y conduce a una pastoral, en la que los trabajadores son sujetos y agentes de la misma. Sin ellos, la Pastoral del Trabajo no logra ser lúcida ni eficaz: carecería del conocimiento en carne propia, de la voluntad de cambio, de la fuerza revolucionaria de quienes son víctima mayoritaria de la injusticia y de la explotación.

Son útiles por cierto y necesarios incluso el diagnóstico del sociólogo y la reflexión del teólogo: profundizan la visión experimental que tiene el trabajador de su situación de injusticia y contribuyen a que su lucha por la justicia no se detenga en los frutos amargos, sino que ataquen las raíces que los genera y se intente el cambio de las estructuras injustas por otras humanas. Pero son imprescindibles la experiencia dolorosa y la voz angustiada del trabajador: hacen que el diagnóstico del sociólogo y la reflexión del teólogo partan de la realidad concreta y señalen el camino acertado hacia una sociedad justa y fraternalmente solidaria.

El Papa Pío XI decía: "Los primeros apóstoles de los obreros, los más inmediatos, son los mismos obreros". "No afirma el Papa, comenta José Cardijn, que éste es el único apostolado... El apostolado del obrero sobre el obrero es irreemplazable. Ni el patrón ni el sacerdote pueden sustituirlo. Pero todos pueden cooperar, ayudar a formarlo, a sostenerlo". El mismo Cardijn, fundador de la JOC, señalaba la urgencia de la Pastoral Obrera, cuando advertía: "Es la Hora de la Clase Obrera"... "En esta hora que va a decidir el porvenir del mundo y de la Iglesia, la Clase Trabajadora gravitará en forma tal sobre la orientación de la humanidad que su misión será decisiva en la historia. Del lado hacia el cual se incline ella, se inclinará la mayoría de los hombres, y la orientación que ella adopte decidirá en gran parte la orientación del mundo, las dificultades o posibilidades del mañana"[21].

4 - LA SALVACION O LIBERACION TOTAL, META DE LA PASTORAL DEL TRABAJO

La evangelización, razón de ser de la Iglesia, se inserta y avanza en la línea de la liberación anhelada por el hombre. Responde a este profundo anhelo humano, no solamente colmándolo plenamente sino sobrepasándolo. Porque le ofrece la libertad de los hijos de Dios.

La misión de la Iglesia se inscribe ciertamente en el campo religioso, pero no se detiene en él; se extiende al campo profano y temporal y abarca todos los aspectos de la existencia humana: lo personal o privado y lo social o público, realizando en uno y otro campo, bajo distintos signos, el Reino de Dios.

El Sínodo de obispos de 1971 justifica la intervención de la Iglesia en el área profano y de lo temporal: "Si la Iglesia se hace presente en la defensa o en la promoción de la dignidad del hombre, lo hace en la línea de su misión, que aún siendo de carácter religioso y no social o político, no puede menos de considerar al hombre en la integridad de su ser. El Señor delineó en la Parábola del Buen Samaritano (Lc. 10, 29 y ss.), el modelo de la atención a todas las necesidades humanas y declaró que en último término se identificará con los desheredados -enfermos, encarcelados, hambrientos, solitarios- a quienes se haya tendido la mano. (Mt. 25, 31 y ss). La Iglesia ha aprendido en estas y otras páginas del Evangelio (Cfr. Mc. 6, 35-44) que su misión evangelizadora tiene como parte indispensable la acción por la justicia y las tareas de promoción del hombre".

La salvación o liberación total del hombre en Cristo, meta suprema de la Pastoral del Trabajo, se anticipa y va realizándose en y a través de las liberaciones históricas.

Entra dentro de su misión anunciar y favorecer la liberación que ofrece Jesucristo. Lo específico de la Iglesia es aportar la salvación evangélica, hacerla explícita y proclamarla a los hombres y ayudar a que muchos de ellos no solamente la realicen sino que la expresen en un acto de adhesión a Cristo (fe) y se incorporen a quienes profesan comunitariamente esa fe (Iglesia).

La salvación y las liberaciones humanas no se identifican. Estas son siempre fragmentarias, nunca plenas y se mantienen siempre en el marco de la historia. La salvación incluye y encierra dentro de sí las liberaciones humanas, sin embargo no se agotan en ellas, las sobrepasa y avanza hacia su plenitud más allá del tiempo, en la eternidad.

La salvación es el proceso de liberación de todo el hombre, que transita a través de las distintas mediaciones: la económica (liberación de la pobreza real); la política (liberación de la marginación del poder político); la cultura (liberación del analfabetismo y de la ignorancia); la pedagógica (liberación de la educación despersonalizada); la religiosa (liberación del pecado o rechazo de Dios y de su proyecto).

Si bien no se identifican salvación y liberación, tampoco se sobreponen. Constituyen una sola liberación con dos dimensiones distintas: la humana y la divina, estrechamente unidas, algo así como acontece en Jesucristo verdadero Dios y verdadero hombre: la misma persona divina (el Hijo de Dios) que asume dos naturalezas distintas (la divina y la humana), íntimamente unidas sin confundirse.

- La tarea de la Pastoral del Trabajo, al igual que la tarea de toda la pastoral, por ser evangelizadora, exige subordinación a tres condiciones:

- **Primera:** actuar desde el Evangelio. "No es, pues, en datos puramente sociológicos, psicológicos o políticos, donde encontramos los criterios de nuestra enseñanza y conducta, sino en la fe, en la comunión de vida con Jesucristo y en la felicidad plena a la doctrina de la Iglesia. Pensando... que en caso de no aportar estas luces que sólo destellan desde el Evangelio, en poco o nada os diferenciaríais de otros analistas y trabajadores sociales. Si vuestros oyentes observan que vuestra mirada no va más allá de lo apreciable dentro de los horizontes profanos, se preguntarían asombrados dónde está y en qué se manifiesta la originalidad de vuestra presencia, de vuestro mensaje"[22].

- **Segunda:** presentar integralmente el mensaje evangélico. "Por otra, prosigue el Papa Juan Pablo II, el mensaje evangélico no será auténtico y, en consecuencia, no será capaz de renovar en profundidad la vida cristiana, si no es proclamado en todo su pureza e integridad. Hay que superar, pues, la tentación de reducir el Evangelio a ciertos pasajes interpretados según los propios gustos y opiniones o según posturas ideológicas preconcebidas... No debemos olvidar que la fuerza eficaz y transformadora de la Palabra de Dios no dimana de la elocuencia humana con que viene proclamada, sino de la verdad inherente a ella, es decir, de su autenticidad como Palabra de Dios".

- **Tercera:** apuntar, ante todo y prioritariamente, al corazón del hombre: la conversión interior. "La Iglesia considera ciertamente importante y urgente la edificación de estructuras más humanas, más justas, más respetuosas de los derechos de las personas, menos depresivas y menos avasalladoras, pero es consciente de que aún en las mejores estructuras, los sistemas más idealizados se convierten pronto en inhumanos, si no hay conversión del corazón y de la mente por parte de aquellos que viven esas estructuras o las rigen"[23].

5 - NECESIDAD DE UN ORGANISMO REPRESENTATIVO

La suerte de la Pastoral del Trabajo depende, además de la gracia divina, del organismo responsable de su elaboración y de su puesta en práctica. Esta es la clave del funcionamiento de toda pastoral.

La Pastoral del Trabajo funcionará en forma adecuada y eficaz en la medida en que el organismo responsable de la misma sea en la realidad representativo del Mundo del Trabajo. Y tal será si los trabajadores activamente comprometidos con su mundo participan en él en cantidad suficiente, con plena libertad de expresión y con poder de decisión.

No hay Iglesia sin sacerdocio y sin laicado. Por consiguiente el organismo de la Pastoral del Trabajo ha de ser integrado por obispos y sacerdotes, por trabajadores y por peritos en las cuestiones que hacen a la problemática de los hombres que trabajan. Todos al servicio de la

evangelización, en relación de fraternidad, aportando generosamente su contribución específica, desde y por la causa de los pobres.

6 - TAREA DE PROMOCION, DE COORDINACION Y DE INSERCION

Tres aspectos comprende la tarea de la Pastoral del Trabajo: el de promoción, el de coordinación y el de inserción.

PROMOCION

- Asumir la cultura del pueblo trabajador y sus hallazgos para difundir y explicar el mensaje de Cristo y expresarlo mejor en la celebración litúrgica e iluminar y acompañar la vida y las luchas del mundo del trabajo.

- Divulgar la Enseñanza Social de la Iglesia e impulsar su estudio y profundización (cursillos, jornadas de estudio, charlas, etc.).

- Crear una escuela de formación de dirigentes y líderes y activistas trabajadores, primer paso para una futura Universidad Laboral. Ambas instituciones con carácter eclesial, no eclesiástico, con un asesor eclesiástico pero dirigida por laicos.

- Apoyar y promover asociaciones y movimientos cristianos laicales dedicados al servicio y evangelización del Mundo del trabajo. Crear otros que llenen los espacios vacíos.

- Estimular las organizaciones autónomas populares tanto en el sentido de su creación como de su renovación.

COORDINACION

- Coordinar la acción y los esfuerzos de las distintas instituciones y diversos movimientos o grupos cristianos que actúen en y en pro del Mundo del Trabajo, a nivel parroquial, diocesano y nacional, con miras a una pastoral de conjunto, que aúne objetivo generales, líneas y criterios de acción.

INSERCION

- Hacerse cada vez más y mejor presente en los acontecimientos que protagoniza el pueblo trabajador o le afectan.

- Solidarizarse con los trabajadores y acompañarlos en las luchas por sus legítimas aspiraciones y en sus esfuerzos por un mundo justo y fraternalmente solidario.

- Tener un diálogo fluido con las organizaciones sindicales, las organizaciones autónomas populares, con los mismos trabajadores.

Es ardua, por lo compleja, la tarea de la Pastoral del Trabajo. No se trata tanto de convocar a los hombres de trabajo para que vengan a la Iglesia cuanto de que la Iglesia se inserte en el mundo del trabajo, como comunión viva de fieles. Y allí responda comunitariamente a los desafíos de la pobreza y de la opresión y sus miembros pongan en común no sólo su fe y su esperanza, sino principalmente su vida, sus problemas, sus dolores, sus triunfos, iluminados siempre por la Palabra de Dios. Se trata sobre todo que la Iglesia sea en el corazón de las masas trabajadoras una Iglesia todo pueblo de Dios, liberado y liberador.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA HORA DE LA CLASE OBRERA

"Hoy, la clase obrera del mundo ha llegado a ser una clase poderosa... Es la clase más numerosa... Sin ella, la Iglesia no puede cumplir su misión. La Iglesia sin la clase obrera no es la Iglesia de Nuestro Señor Jesucristo. La Iglesia tiene necesidad de la clase obrera. El mundo tiene necesidad de la clase obrera".

"De todos los apostolados laicos igualmente necesarios, el que más urge es, sin embargo, el apostolado obrero, organizado entre obreros, por obreros y para obreros, de acuerdo a la consigna solemne dada por S.S. Pío XI: "Los primeros apóstoles de los obreros, los más inmediatos deben ser obreros". No afirma el Papa que éste es el único apostolado...

El apostolado del obrero sobre el obrero es irreemplazable. Ni el patrón, ni el sacerdote pueden sustituirlo. Pero todos pueden cooperar, ayudar a formarlo, a sostenerlo".

"La formación de los apóstoles obreros es una cuestión de vida o muerte para la Iglesia. Es una actividad permanente. Nunca termina. Esta fe en la posibilidad y en la necesidad de formar apóstoles obreros hay que manifestarlas por las obras. Una fe sin obras no basta".

"Ahora bien: no hay vuelta de hoja. Si los jefes de la clase obrera no son cristianos, la Iglesia no podrá ganarse la clase obrera".

(*La Hora de la Clase Obrera*, del Cardenal José Cardijn).

CARISMAS Y FUNCIONES

"Nos atenemos ahora a formas colectivas primordialmente laicales. Estas, desde un punto de vista institucional, pueden diferenciarse en tres modos principales de "canalización"... 1) Asociaciones de laicos; 2) Comunidades de base; 3) Movimientos.

Por "Asociaciones" entendemos las organizaciones de Pax Romana, la Acción Católica especializada de estudiantes, trabajadores, intelectuales y profesionales. Antes se les llamaba "movimientos", pero ahora es útil reservar ese término para otros tipos de comunidad... Luego las "Comunidades de Base"... Finalmente los "Movimientos", rótulo que engloba a comunidades cristianas de muy distinta índole...

Estas tres formas básicas de canalización no parecen agotar todas las modalidades... Pero ahora conviene detenerse en las tres formas capitales anteriores...

"Ante todo, debe destacarse un mal planteo inicial: el de una competencia entre esas tres formas. Muchos las piensan como alternativas: o la una o la otra, o la otra. Los distintos no son necesariamente contrapuestos. Anteayer se contraponía la Acción Católica General a sus movimientos especializados...

Ayer se decretaba la muerte de éstas por la vida de las Comunidades de base. Hoy se pone en contradicción Comunidades de base versus Movimientos. Es ignorar la multiplicidad de carismas y funciones en la Iglesia. Pues la Pastoral es sinfonía. Dice con acierto Balthasar: "...El depósito de la Iglesia es "la profundidad de las riquezas de Dios" en Jesucristo, que se halla instalado en medio de ella. Ella deja a este caudal expandirse en una pluralidad inagotable, que fluye de su unidad". El buen oído sinfónico corresponde al Papa, los obispos y conferencias episcopales. También a cada uno de los cristianos, más allá de sus legítimas preferencias, pero que no son la medida de la Iglesia".

(*UN LLAMADO AL PUEBLO MISIONERO*: Methol Ferré. REVISTA NEXO.-Nº 13.-Tercer Trimestre.-9/87).

VII - JUVENTUD OBRERA CRISTIANA (JOC)

1 - NATURALEZA, FUNDACION Y EXTENSION MUNDIAL DE LA JOC

1 - MOVIMIENTO CRISTIANO AL SERVICIO DEL MUNDO OBRERO

La Juventud Obrera Cristiana (JOC) es la resultante de tres realidades sabiamente combinadas: Juventud, Trabajo, Iglesia.

Nace y se desarrolla como movimiento cristiano de jóvenes trabajadores, dirigido por jóvenes trabajadores, al servicio de la juventud trabajadora.

La JOC es y actúa como clase trabajadora, liderada por Cristo, que "antes de ser obrero de la materia fue obrero del espíritu" (Giovanni Papini). Así la definió Cardijn, su fundador: "Organización de jóvenes trabajadores y jóvenes trabajadoras en la que, entre ellos y para ellos, se ayudan y sostienen para recristianizar su propia vida, toda su vida y su propio ambiente, todo su ambiente y la vida y el ambiente de sus compañeros de trabajo... Organización libre y voluntaria, no impuesta por el Estado ni por la Iglesia. Cuanto más pertenezca a los mismos trabajadores y se identifique con ellos, más interpretará sus necesidades y aspiraciones, más hablará su lenguaje y encarnará sus ideales; más sabrá defenderlos y servirá con eficacia a la Iglesia, al País, a la Clase Trabajadora[24].

Así surgió la JOC. Así es la JOC auténtica. Sin paternalismo clerical. Sin pretensiones laicistas. Con la vitalidad y el empuje de la juventud seguidora del joven Maestro de Galilea. Con la sangre rica y el espíritu audazmente luchador de la clase trabajadora. Con la luz y la energía que emanan del Evangelio y de la sabiduría de la Iglesia, "experta en humanidad".

La Juventud Obrera Cristiana es la expresión lograda de la madurez del laicado. Tal como la concibió y la promueve el Concilio Vaticano II.

Cardijn, en este aspecto, se anticipó a la Asamblea Conciliar y le presentó una rica experiencia a nivel mundial.

2 - REPETIDOS INTENTOS Y FELIZ PARTO DE LA JOC

En su libro "Grandes Católicos", el norteamericano Stanley B. Jones escribe: "La situación histórica que nos ubica en el umbral de una edad proletaria con su propia cultura y civilización, es en sí misma de carácter neutral. Queda por ver si, a fin de cuenta, significará una revitalización del cristianismo o el triunfo del materialismo... Aquí encontramos el sentido de Cardijn y de su obra. Representa en forma que consideramos no lograda por otro, a las fuerzas del bien en este conflicto titánico... Se puede afirmar que Cardijn no hizo más que poner en práctica los consejos de las encíclicas papales... Luego de un amplio examen de los hechos y de un valioso contacto personal con el mismo Cardijn, reclamamos a su favor el título de genio"[25].

- En la vida de este humilde sacerdote belga hay dos momentos decisivos. Cuando despierta su vocación de servicio a la juventud obrera. Y cuando sus esfuerzos son coronados por el éxito.

Un hecho lo decide a dedicarse a la Juventud Trabajadora.

Cardijn, desde temprana edad, comenzó a trabajar en fábricas y en talleres. Cierto día manifiesta a sus padres -él minero, ella empleada doméstica- su voluntad de ser sacerdote. Largo y embarazoso silencio tras sus palabras. Luego responde el padre, mientras silenciosas lágrimas corren por el rostro ajado de la madre: "Hemos trabajado ya mucho; quisiéramos descansar, es verdad, pero ¿no vale la pena continuar trabajando por la dicha de tener un hijo sacerdote?... Cardijn ingresó al seminario.

Durante las vacaciones, el joven seminarista se encuentra con antiguos compañeros de trabajo. Estos lo miran como a un extraño, más todavía, como a un traidor a su clase.

Cardijn se siente rechazado y alejado de ellos. Descubre en esos

momentos lo que piensan los hombres que trabajan sobre la Iglesia y el sacerdote. Y se compromete a llenar ese abismo, promoviendo el reencuentro de la Iglesia y de la Clase Trabajadora.

Recién ordenado sacerdote es destinado como profesor en el seminario. Y cinco años después, como colaborador del párroco de una parroquia próxima a la ciudad de Bruselas.

Pronto toma contacto directo con los jóvenes obreros. No le fue fácil. Estos desconfiaban del "cura". Con perseverancia e ingenio ganó su confianza. Las conversaciones trataban de los problemas del trabajo, de la familia y de las frustraciones que, día a día, menguaban las esperanzas y los entusiasmos juveniles, ante la dura realidad del ambiente laboral. El mismo tiempo dedicó especial atención a un grupo de chicas y muchachos, a quienes fue concientizando acerca de la dignidad y el destino de la persona humana, del valor del amor, del noviazgo, de la familia y de la dignidad del trabajo y la responsabilidad de la clase trabajadora en la construcción de un mundo justo. Y les propuso la creación de un movimiento de jóvenes trabajadores. Expuso sus ideas y recogió las de ellos. Y juntos lanzáronse a crearlo.

Los núcleos jocistas nacen, desaparecen y vuelven a surgir. Durante trece años Cardijn comenzó una vez más, otra y otra hasta que la plantita de mejor semilla, con más hábil cultivo y tiempo propicio, arraigó, fue creciendo y transformándose en robusto árbol.

En 1920, la JOC belga era una realidad visible y dinámica, que mereció la aprobación del Episcopado, como Acción Católica especializada, nombrando a Cardijn asesor general.

El empuje y avance del Movimiento Jocista llamó la atención del Papa Pío XI, que varias veces recibió, en audiencia privada, a Cardijn. En una de ellas, cuenta Cardijn, "el Santo Padre me preguntó: "¿Cómo va eso?"... Yo le respondí: "Regular"...

- ¿Cómo?, interrumpió el Papa. ¿Es posible que aún haya quien no crea en vuestro movimiento?

- Los hay aún, Santo Padre... Más, hay sacerdotes, hasta obispos que todavía no están convencidos.

- Pues bien, me dijo el Papa. Id y traedme a vuestros jocistas a Roma, y el Papa en persona mostrará a los Cardenales, a los Obispos, a los Sacerdotes lo que piensa de vuestro movimiento.

Salí del Vaticano. Volví a Bélgica. Me entrevisté con su Eminencia, con los Sres. Obispos y anuncié que el Santo Padre deseaba que los jóvenes trabajadores se presentaran en Roma con sus ropas de trabajo.

- ¡No es posible!

¿Para qué gastar tanto dinero sólo por ir a Roma? Además, los jóvenes obreros se escandalizarán al ver las riquezas del Vaticano. ¿Y qué va a pasar en los trenes?

- Pero, el Papa lo quiere... y hay que ir a Roma.

La "locura" exigió un año de preparación. Y hemos partido para Roma en trenes especiales, a pesar de todas las críticas y objeciones.

El 27 de septiembre de 1927, Pío XI recibía en audiencia particular a 1500 jocistas con su ropa e instrumentos de trabajo. "Hoy no hay protocolo, había ordenado el Papa, Cardijn es el dueño y puede hacer lo que quiera".

El Papa, feliz y visiblemente conmovido, estrechaba las manos callosas de aquellos jóvenes y recibía innumerables regalos hechos por sus propias manos. Luego, dirigióles la palabra: "Mis amados jocistas, vosotros sois los misioneros de la Iglesia en los ambientes de trabajo; vosotros sois los misioneros de la Iglesia en la clase obrera... Hay en la Iglesia dos tipos de misiones. Las misiones del exterior: en China, en Japón, en el Congo, entre los indios o nativos. Pero existen también en la Iglesia de hoy, las misiones del Interior: en las fábricas, en los ambientes de trabajo, donde hay tantos paganos o gente alejada de la Iglesia...

Y hoy día y mañana, las misiones del interior serán muchas veces más importantes y más difíciles que las misioneras del exterior. Pues bien, yo os nombro los misioneros del interior de la Iglesia, encargados de conquistar para Cristo la clase obrera, los ambientes de trabajo"[26].

El acontecimiento fue noticia mundial.

- Dos años después de su fundación, la JOC desbordó las fronteras

de Bélgica y se extendió a Francia y a sus colonias de ultramar. Entre 1927 y 1937 llegaba a Luxemburgo, Portugal, Hungría, Colombia, Canadá, Costa Rica y otros países del Viejo y Nuevo Continente.

De modo especial se palpó el éxito de la obra de Cardijn en la celebración del décimo aniversario de la fundación de la JOC en Bélgica y posteriormente en Francia. En Bélgica, 10.000 jocistas festejaban el acontecimiento. En el país galo, el Parque de los Príncipes albergó 80.000 militantes. En la misa conmemorativa se leyó la carta del Papa Pío XI: "Nuestro corazón experimenta un profundo consuelo... el ver que una legión de militantes jocistas juraron irradiar su ideal de justicia y de caridad frente al comunismo ateo y al nacionalismo ateo. No hemos dudado en reconocer en la organización de la Juventud Obrera Católica, una forma auténtica de Acción Católica, perfectamente apropiada a los tiempos presentes".

Y habló Cardijn. Sus palabras fueron breves, muy breves: "No sois máquinas ni bestias de carga; sois hijos de Dios y herederos del Cielo". El humilde sacerdote escuchó, como respuesta, durante diez minutos, la ovación delirante de miles de jóvenes trabajadores.

- En 1939 estalla la guerra mundial. Bélgica es invadida por los ejércitos alemanes. Y cae vencida Francia.

Cardijn ejerce la capellanía de los jóvenes belgas trasladados a Francia. La JOC desenmascara el "Nuevo Orden Nazista". Y crea diversos servicios de ayuda a los judíos, los "maquis", los evadidos, las esposas de prisioneros políticos, los agentes de servicios secretos, etc. Cardijn y dirigentes jocistas son encarcelados. El movimiento prosigue su actividad en la clandestinidad...

Finalizada la guerra, la JOC recupera sus fuerzas y reinicia su pujante avance: va extendiéndose por América Latina. Desde 1945, Cardijn visitó 75 países, animando, reafirmando y promoviendo el movimiento jocista. Después de él, numerosos dirigentes jocistas internacionales iban abriendo surcos y sembrando semillas de la JOC o simplemente apuntalando las tiernas plantas jocistas.

No causará extrañeza cuando 30.000 jocistas de 91 países realizan un encuentro mundial en Roma (1957), desplegando en la Plaza de San Pedro sus estandartes y banderas, cantando ante el Papa Pío XII su alegría y su entusiasmo.

Este primer encuentro mundial de la JOC coincidía con el encuentro mundial de la juventud comunista en Moscú. En él nace oficialmente la JOC Internacional, reconocida públicamente por la Santa Sede. "Vosotros, expresaba a los jocistas peregrinos el Papa, sois jóvenes; vosotros sois trabajadores; vosotros sois cristianos... Hoy, como en el pasado, nos contamos con vosotros y esperamos grandes cosas".

Quedaron aprobados los Estatutos y el Consejo Representativo del Movimiento Jocista Internacional.

Sobre el encuentro publicaba la Revista madrileña Ecclesia: "Quizás el más importante acontecimiento de todos los que, en estos días pasados, han ido reseñando la Prensa y la Radio, sea la constitución de una Internacional de la Juventud, con realidad en todos los lugares del universo. Esta internacional, cuyos estatutos tienen un carácter plenamente oficial, por cuanto han sido aprobados por el Vaticano, no son productos, probablemente más fácil, de una orden venida de la estructura superior, sino que es algo que se ha ido levantando lenta y arduamente desde la base, a través de años de lucha, con equipos de barrios, de fábricas, de minas... compuestos de humildes trabajadores que nacieron, desde el principio, a la militancia católica, con un espíritu y un ímpetu realmente universales. La Radio del Vaticano afirmaba en ese entonces: "Es una de las pocas veces que un movimiento de la trascendencia y magnitud como el de la JOC no ha salido de Roma y haya entrado en Roma por la puerta ancha. El Movimiento Obrero Juvenil Comunista salió de Moscú y trata de establecer sus bases en los continentes, mientras que el Movimiento Obrero Juvenil Cristiano salió de las bases y marchó sobre Roma"[27].

3 - CUATRO CARACTERISTICAS ESENCIALES DE LA JOC AUTENTICA

Es auténtico el movimiento o institución que evoluciona conservando fielmente el ser y la misión que recibió desde sus orígenes. En caso de evolucionar desvirtuando su ser y su misión primitivos, asumiendo modos incoherentes con sus orígenes, los consideramos inauténticos, es decir, falsos espúreos.

Los caracteres que Cardijn y sus colaboradores imprimieron a la JOC y que ella ha de mantener si quiere ser auténtica, es decir, la JOC de Cardijn, son: Movimiento Eclesial, Obrero, Juvenil y Educativo.

- Movimiento eclesial o de Iglesia

La JOC no es un simple movimiento social, ni un sindicato y menos un partido político, aunque sus militantes actúan en el campo social, sindical y político. Es un movimiento de Iglesia: sus militantes actúan no sólo en cristiano sino también en cuanto cristianos; esto lo relaciona en forma más íntima y especial con la Jerarquía. Así la quiso Cardijn. Y como tal la reconoció Su Santidad Pío XI: "Sois los misioneros en la clase obrera... Yo os nombro los misioneros del Interior, los misioneros de la Iglesia, encargados de ganar para Cristo la clase obrera, los ambientes de trabajo". Y la reconoce el Papa Pío XII: "Os mostraréis verdaderos hijos de la Iglesia al llevar a los otros, como "misioneros jocistas", mediante el ejercicio pleno de vuestra responsabilidad de jóvenes obreros cristianos, el mensaje que os ha sido anunciado... vosotros sois católicos y lo sois en el pleno sentido de la palabra, es decir, no solamente como individuos que profesan las verdades reveladas por Cristo y viven personalmente la gracia de la Redención, sino también como miembros de la comunidad cristiana y cumpliendo en esta comunidad una tarea propia, indispensable para su vida y su equilibrio"[28].

"La JOC, escribe Pablo VI, constituye un fermento de la Iglesia... La vocación de la JOC, hoy como ayer, sigue siendo la evangelización de los jóvenes trabajadores en el seno mismo de la vida"[29].

Por ser Iglesia, la JOC integra en sus filas al sacerdote en calidad de asesor. Este representa a la jerarquía y tiene por tarea la de educar en la fe y la de impulsar la acción apostólica y el sentir con la Iglesia.

El sacerdote es columna del movimiento jocista. "En la Acción Católica y en particular en la JOC son inseparables dos directivas: 1ª) Nada sin el asesor, sin su consentimiento o contra su voluntad, sin su apoyo... 2ª) Todo para, con y en la organización; todo para, con y por los jóvenes trabajadores"[30].

Es vital (de vida o muerte) la presencia del sacerdote en su papel específico dentro de los movimientos apostólicos[31].

- Movimiento obrero

Los jocistas integran simultáneamente el Mundo Obrero y la Iglesia. Son el laicado obrero cristiano.

El carácter obrero marca a fuego el espíritu, el rostro, los sentimientos, el lenguaje y la acción de la JOC.

El joçismo, al igual que sus compañeros de trabajo, padece la explotación o la marginación del sistema socio-económico imperante. Parte del pueblo, lucha por la justicia y la liberación del mundo del trabajo, con decisión y espíritu cristiano. Y lucha junto a sus compañeros, a través de las organizaciones que el pueblo crea. Cardijn dedicó a este carácter de la JOC cuatro conferencias, que configuran el libro "La Hora de la Clase Obrera".

- Movimiento juvenil

La JOC admite en sus filas a muchachos y muchachas de 14 a 25 años aproximadamente. Sin embargo, la edad y el matrimonio no limitan en absoluto el ingreso al movimiento jocista, siempre y cuando no traben o impidan el diálogo fluido y el compromiso con el joven trabajador.

- Movimiento educativo

El joven y la joven van haciéndose respectivamente hombre y mujer adultos. De ahí el carácter eminente educativo de la JOC, que la diferencia substancialmente de toda organización de acción, aunque ambas

coincidan en distintas áreas de acción y determinadas tareas.

La organización de acción (sindicatos, partidos políticos, movimiento social, etc.) tiene como objetivo primero la solución de los problemas que impiden el logro de su fin propio. Y mide su eficacia en relación a la solución que aporta.

La JOC busca ante todo y por encima de todo, educar. Pero educar en y a través del problema. Impulsa a la acción en función de la educación del joven. Actúa para educar y educa para actuar. No se interesa en primera instancia de la solución; frente a ella da primacía a la educación. Actúa en el presente con miras al futuro. Porque siembra hoy para recoger mañana. Hoy moldea, prepara, adiestra al joven para que actúe en el futuro con madurez creciente. Educa no teóricamente a base de ideas o libros, sino prácticamente, en la vida, desde la realidad y la situación concreta que vive el joven trabajador. Hace del hecho o del problema el punto de partida para la reflexión y el conocimiento, la oración y el compromiso transformador. Aprovecha la fuerza educadora que encierra toda acción, negativa o positiva, aún la más pequeña, la de cada día.

La JOC ha forjado un método de educación que responde satisfactoriamente a la idiosincrasia y a la vida del trabajador: **la Revisión de vida**. El método desarróllase en tres momentos. El primero: **VER** la realidad o situación que se vive. El segundo: **JUZGARLA** a la luz del Evangelio y la enseñanza social de la Iglesia. El tercero: **ACTUAR** para transformarla de acuerdo a las exigencias del plan de Dios.

Por esta senda, la JOC educa en y a través de la vida: la del joven trabajador y la de Aquel que es "Camino, Verdad y Vida". El resultado lentamente progresivo: el hombre nuevo, según Cristo, capaz de forjar una sociedad nueva.

Y porque sabe que el primer responsable de la formación es el mismo formando, la JOC respeta la persona del joven, lo impulsa a la acción de acuerdo a su edad, su nivel de formación, su grado de madurez. Da tiempo al tiempo y tiempo a la acción de Dios.

4 - LA EVANGELIZACION, RAZON DE SER DE LA JOC

La JOC fue fundada para "recristianizar" la vida y los ambientes de la juventud trabajadora.

"Recristianizar", decía Cardijn. Hoy decimos "evangelizar".

"Jesús... ha sido el primero y mayor evangelizador... Cristo se aplica a sí mismo las palabras del profeta Isaías: "El Espíritu del Señor está sobre mí, porque me ha ungido para evangelizar a los pobres" (E.N. 7 y 6). Y es desde los pobres y con los pobres que evangeliza a todos los hombres.

La JOC continúa esta evangelizadora en el mundo del trabajo. Son muy claras las palabras del Papa Pío XI a los jocistas peregrinos (1927) y las de Pío XII en el Encuentro Internacional de Roma (1957) ya transcriptas, a las que añadimos otras de Pablo VI, referentes a la vocación del jocista ya su forma de evangelizar. "La vocación de la JOC, hoy como ayer, sigue siendo la evangelización de los jóvenes trabajadores en el seno mismo de la vida, donde Dios actúa, se revela y salva. Estos valores de apertura a los demás, de disposición a compartir con ellos, de acogida, de atención y entrega de sí mismo, de solidaridad humana, de búsqueda de la justicia, los asume la JOC en toda su profundidad y hace que el joven trabajador descubra progresivamente en ellos la dimensión divina"[31].

Hay quienes pretenden que el laico evangelice como lo hacen el clérigo, el religioso, el catequista, predicando, enseñando, hablando. Olvidan que no sólo evangeliza el que predica o enseña el Evangelio, también evangeliza el que refleja o transparenta el Evangelio en su vida. Declara el Concilio Vaticano II: "Es peculiar de los seglares buscar por vocación propia el Reino de Dios, tratando y ordenando los asuntos temporales según Dios... Ahí reciben el llamado de Dios para que, ejerciendo el propio oficio, animados por el espíritu cristiano, contribuyan desde dentro, a manera de fermento, a la santificación del mundo, y manifiesten así a Cristo, mostrándolo ante todo por el testimonio de la propia vida, por la fe, la esperanza y la caridad"[32].

La JOC evangeliza "ante todo" mostrando a Cristo y el Evangelio en la vida y la acción de sus militantes. Como el Divino Maestro primero

practicó y luego enseñó.

5 - ELITE EXTRAIDA DE LA MASA EN FUNCION DE LA MASA

La JOC es un movimiento de masa y elite.

La JOC, explica Cardijn, "por su definición, su finalidad, su composición y sus métodos es una organización de masa... Quiere influenciar y ganar la masa, transformar la vida de la masa, recristianizar el ambiente de la masa, responder a las necesidades de la masa... No actúa a distancia, separada, lejos de la masa. No se aparta de ella, no se desarraiga de ella, no forma exiliados en torres de marfil. No genera un espíritu de fracción.

Vida, medio-ambiente, masa son las tres piedras de toque que jamás engañan acerca de la JOC... Y sin embargo, es también y esencialmente una organización de elites, una escuela de jefes, de dirigentes, de apóstoles... Una escuela completa, integral que prepara para las más altas exigencias y cumbres de la vida espiritual, moral, apostólica, social y política... Pero repetimos, no ha de ser elite al margen de la masa, apartada de ella, ajena y menos hostil a la masa. ¡No! Ha de ser como la levadura en la masa. Como sal en el alimento. No exterior, a distancia, sino parte integrada de la masa que pretende transformar... Es elite que pertenece a la masa y trabaja, actúa, milita en la masa, en el ambiente de la masa, en la vida de la masa" ("Habla Cardijn").

6 - UNA ORGANIZACION PARA EL MOVIMIENTO, NO AL REVES

Sólo la organización vence al tiempo. Multiplica los esfuerzos y los hace eficaces si es adecuada, ágil, funcional. Sin organización se dispersan las fuerzas y éstas pierden eficacia. Un movimiento o institución muere o vegeta sin organización.

La organización de la JOC se inspira en la realidad y se adapta a las exigencias de sus variantes. Tres criterios regulan la organización jocista. Primero: lograr la coordinación de los objetivos, los esfuerzos y la acción mediante una conducción única y escalonada (jerárquica). Segundo: favorecer la mayor atención y el mejor acompañamiento de las bases y de las personas. Tercero: hacer efectiva la participación activa de los militantes en la vida y la acción del Movimiento.

La organización se eleva sobre cuatro planos.

Primer plano: las Secciones. Constituyen las bases de la JOC. Son los grupos de militantes de una parroquia o un determinado barrio, conducidos por dirigentes o responsables locales.

Segundo plano: las Federaciones. La Federación agrupa las Secciones de una diócesis o de una Provincia, coordinadas por el equipo de dirigentes federales.

Tercer plano: la JOC Nacional. La integran todas las Federaciones de un país, coordinadas por el Equipo Nacional o Central.

Cuarto plano: la JOC Internacional. Son miembros de la JOC Nacional de todos los países. Su conducción la ejerce un Bureau o Equipo Internacional.

Esta organización básica puede ser completada por estructuras intermedias tanto a nivel nacional como continental o mundial. De acuerdo a cada realidad.

2 - TRAYECTORIA HISTORICA DE LA JOC ARGENTINA

1 - NACIMIENTO OFICIAL DE LA JOC ARGENTINA: AÑO 1940

En 1938, los obispos habían decidido que se estableciera, donde fuera posible, la Juventud Obrera Católica[36]. Era muy reducida la presencia pastoral de la Iglesia en el mundo obrero.

Algunos sacerdotes de la ciudad de Buenos Aires y de La Plata formaron pequeños grupos de jóvenes trabajadores que se reunían en

las parroquias. Tras un tiempo de estudio sobre el Movimiento Jocista y luego de un período de prueba, los grupos se convirtieron en Secciones de la JOC.

El episcopado argentino aprobó, el 13 de diciembre de 1940, los Estatutos de la JOC argentina y reconoció el carácter apostólico de la organización, designándole un sacerdote como asesor nacional[33].

Surgieron dificultades, provenientes las más de los ambientes parroquiales, en general de mentalidad y estilo de la clase obrera. No obstante, el entusiasmo y la perseverancia de los militantes y asesores lograron extender la JOC con relativa celeridad. Surgieron las Federaciones de la Capital Federal, La Plata, Avellaneda, San Martín, Mercedes, Córdoba, Río IV, Rosario, Tucumán y Catamarca. Y nació la JOC Nacional: quedó instituído el Equipo Nacional, cuyo ejecutivo era el Equipo Central (presidente, secretario, tesorero, vocales y asesor), residente en Buenos Aires. Se adquirió con dinero fruto de rifas, kermeses y donaciones de dos propiedades en la calle Díaz Vélez: una para sede dela JOC y la otra para sede de la JOCF, ambas propiedades inscriptas a nombre de la Curia Metropolitana, por carecer entonces el Movimiento de personería jurídica.

2 - LINEAS DE FORMACION Y DE ACCION APOSTOLICA

Las líneas de la espiritualidad y de la acción apostólica de la JOC argentina de los diez primeros años se hallan vigorosamente marcadas en los Boletines de los dirigentes y militantes y en el material de formación y de trabajo. En ellos se aprecia la atención esmerada que recibía la espiritualidad del jocista[36]. La espiritualidad, ciertamente, era sólida. Pero a nuestro juicio, era de inspiración más clerical que laical: su punto de referencia era la vida del sacerdote más que la vida misma del laico. Surgió, en consecuencia, una espiritualidad sobrepuesta a la vida del laico, caracterizada más por los actos de piedad y no tanto por el estilo cristiano de su vida, cuando la espiritualidad es la misma vida cristianizada e incluye dos elementos distintos e inseparables, que se complementan:

la oración y la acción, la participación sacramental y el compromiso temporal, el encuentro con Dios y el servicio al hombre. Ambos elementos son partes integrantes del estilo cristiano de la vida secular del laico. La espiritualidad laical es una espiritualidad de acción y para la acción en el mundo. Hace de la vida toda del laico un don a Dios y un don al hombre, o mejor, un darse a Dios, dándose a los hombres.

- La línea de acción era misionera: se la orientaba hacia afuera, hacia los ambientes naturales, donde se encuentran los jóvenes trabajadores.

Por eso se exigía con insistencia que todo militante tuviese su equipo o grupo de influencia y toda Sección realizara su Asamblea General, cada mes[34].

La JOC de estos años fue activamente misionera. Sus militantes hacíanse presentes en los ambientes naturales y ejercían en ellos fuerte influencia.

En este período jocista se percibía cierto clericalismo: los asesores tendían a imponer sus ideas y en buena medida intervenían en la dirección del Movimiento.

3 - PUBLICACIONES AL SERVICIO DE LA FORMACION Y ACCION

En 1942, la JOC lanza a la calle "JUVENTUD OBRERA", como órgano oficial del Movimiento.

"Juventud Obrera" -formato semejante al del diario "Clarín", diagramación y artículos ágiles- era dirigido por jocistas y contaba fundamentalmente con la colaboración de los jóvenes trabajadores. Informaba sobre la vida y la acción del Movimiento y sobre hechos referentes al sindicalismo o que afectaban al mundo trabajador. Y, dada la ocasión, opinaba ante los conflictos laborales, promovía la conciencia profesional y los derechos del trabajo, divulgaba la doctrina social de la Iglesia. Su lenguaje era sencillo y concreto.

"Juventud Obrera" aparecía mensualmente. Y por la mano de los

militantes y equipistas llegaba a los barrios y lugares de trabajo.

Poco después se creó la Editorial Jocista y abrióse la Librería "José Cardijn". Y fueron publicándose "Espigas Jocistas", exposición de la mística del Movimiento y de testimonios de sus miembros, "Habla Cardijn", colección de charlas y conferencias de Cardijn sobre la JOC. Siguieron luego los Boletines para dirigentes y militantes, las Guías de la Comisión Directiva, del Presidente, del Secretario, del Tesorero, de la Asamblea General y los Estatutos de la JOC argentina.

En 1944 apareció "Notas de Pastoral Jocista", publicación dedicada sobre todo a los sacerdotes asesores de la JOC. Su temario giraba en torno a los problemas y la evangelización del mundo del trabajo. Interesó no solamente a los asesores, sino también a muchos otros sacerdotes.

"Notas de Pastoral Jocista" adquirió, dentro y fuera del país (América Latina e incluso Europa), un merecido prestigio. Sembró inquietudes por la pastoral obrera, tanto en el clero diocesano como en el clero religioso. Dan testimonio de ello las Semanas Nacionales de Estudio de los Asesores Jocistas. La segunda Semana Nacional reunió a 100 sacerdotes, de los cuales muchos no eran asesores de la JOC. La cantidad aumentó: en la Tercera, 142; en la Cuarta, 137. Provenían de distintas diócesis del país.

"Notas de Pastoral Jocista" dejó de existir en 1958. Era Cardenal Arzobispo de Buenos Aires Mons. Antonio Caggiano. El cardenal había expresado, en varias oportunidades, que "Notas de Pastoral Jocista" debía limitarse a la temática de la JOC para no invadir el campo reservado a la Revista Eclesiástica Argentina. Como la temática jocista estaba plenamente cubierta por las publicaciones de la JOC, "Notas de Pastoral Jocista", acatando las sugerencias de Mons. Caggiano, consideró que ya no tenía razón de ser y se autoeliminó[35].

4 - ACTOS REVELADORES DE LA VITALIDAD Y EL EMPUJE DE LA JOC

Tres actos públicos muestran la vitalidad y el empuje expansivo de la JOC de entonces.

- El homenaje del Movimiento a la jerarquía eclesiástica en la persona del nuevo arzobispo de La Plata, Mons. Antonio Solari.

Así describe el acontecimiento "Notas de Pastoral Jocista": "En 49 ómnibus con capacidad para 50 pasajeros cada uno, llegaron a la Catedral alrededor de 2000 muchachos y muchachas de la JOC, procedentes de los centros urbanos del Gran Buenos Aires.

La Misa dialogada, emocionante. En horas de la tarde, un campeonato de fútbol entre 24 cuadros platenses y porteños. Desfile bullicioso por la ciudad, pasando por la plaza central. Un gran acto en el salón de la Misericordia con danzas criollas, cantos a granel, poesías de carácter obrero. Ambiente jocista cien por cien.

Fue un trabajo formidable de los equipos. Hubo en la Catedral verdaderas conversiones. Gente de fábrica. Militantes y dirigentes que lograron llevar a sus equipistas a la Primera Comunión.

Fiel reflejo de lo que fue la jornada es el comentario de unos militantes en el comunismo, conquistados por un jocista compañero de fábrica: "Lo que nos ha sorprendido es cómo la Iglesia honra a los obreros. El mismo arzobispo presidiendo la reunión, hablándoles con gran familiaridad y nada menos que en la Catedral"[36].

- La concentración en la Federación de Box

Con ocasión de la llegada de Cardijn a Buenos Aires, la JOC convocó a una concentración en la Federación Argentina de Box.

"La concentración, afirma el mismo número de "Notas de Pastoral Jocista", dejó huellas profundas. El acto... congregó a 5.000 trabajadores jocistas que fueron a aclamar a su líder y a escuchar su mensaje y consignas. El Gran Buenos Aires vio, un día, cubiertas sus paredes con el "afiche" ya clásico de la figura sonriente del Padre de la JOC. Nuevamente se mostró que la JOC llega con sus equipos hasta las fábricas.

Cardijn nos trajo una inyección de entusiasmo y de fe. ¡Gracias! Lo mismo en Brasil, en Chile, en todo el mundo".

- Primer encuentro jocista en Tucumán

La citada "Notas de Pastoral Jocista" expresa del encuentro tucumano: "Cerca de un millar de jóvenes trabajadores participaron.

En el campo deportivo del Gimnasio "24 de Septiembre", la Santa Misa y Bendición de los instrumentos de trabajo. Manifestación por las calles céntricas hasta la Estación Gral. Belgrano. Total 20 cuadras. Asistieron 30 Secciones de la Provincia.

Durante todo el día se repiten los grandes capítulos del Programa Jocista: "Conquista de los ambientes de Trabajo, del Barrio, de los lugares de Diversión". Las canciones de la JOC resonaron en todos los oídos. Los muchachos volvieron a sus hogares con el entusiasmo en el alma".

5 - DOS OBISPOS RECOMIENDAN LA JOC A SUS SACERDOTES

Mons. Agustín Barrere, obispo de Tucumán, en carta dirigida al clero, expone la naturaleza y la misión de la JOC y concluye: "Es deber de la jerarquía prestar a la JOC todo su apoyo, afianzar las Secciones existentes y estimular la pronta creación de otras, de manera que no haya parroquia donde no exista y donde el cura párroco, su asesor nato, no perdone esfuerzos para que prospere, es decir, ejerza su apostolado fecundo... Anhelamos vivamente que nuestro clero secular y regular valoren el insustituible papel de la JOC en la recristianización de la diócesis, y le preste decidida colaboración"[37].

Mons. Solari, arzobispo de la Plata, escribía a su clero: "Los sacerdotes en sus parroquias, dedicándose en cuanto sea necesario al cuidado de sus feligreses, reserven lo mejor y la mayor parte de sus fuerzas y de su actividad con el fin de volver a ganar las masas trabajadoras para Cristo y su Iglesia. En éstas hallarán una inesperada correspondencia y abundancia de frutos, que les compensarán el duro trabajo de roturación... para este trabajo, "los primeros e inmediatos apóstoles han de ser los obreros". Urgidos, pues, por las apremiantes recomendaciones del Santo Padre y persuadidos de la necesidad de afrontar decididamente

el problema de la recristianización de la inmensa masa obrera, especialmente de la juventud, recomiendo encarecidamente esta obra providencial de la JOC y de la JOCF a todo el clero, y deseamos vivamente consagre todas sus fuerzas a prolongarlas y vigorizarlas, particularmente en aquellas parroquias donde abunda el elemento obrero, aunque fuese a costa de sacrificios y sinsabores que, por otra parte, serán la mejor levadura para su implantación y fecundo desarrollo".

El arzobispo designa asesor y viceasesor de la Federación Platense y, dividiendo la diócesis en zonas, nombra para cada una un asesor. "Todos éstos, concluye Mons. Solari, bajo nuestra personal e inmediata dirección, elaborarán en el menor tiempo posible un programa de organización e intensa propaganda, y deberán contar con la colaboración real y eficaz de todos los sacerdotes de nuestra arquidiócesis".

A mediados de ese mismo año, el arzobispo vuelve a dirigirse a su clero con ocasión de la fundación de dos escuelas de formación para jóvenes trabajadores. Y reitera sus conceptos y recomendaciones respecto a la JOC[38].

6 - AVANCE DEL MOVIMIENTO. LOS 10 AÑOS DE SU FUNDACION

Siguen multiplicándose las Secciones Jocistas. Y el movimiento se extiende a otras diócesis: San Isidro, San Nicolás, Mar del Plata, Bahía Blanca, Santiago del Estero, Entre Ríos, San Juan, Mendoza, Resistencia y Corrientes[39].

Se agrupó las Federaciones de la JOC en cuatro Regiones. La **Región del Sur**: Federaciones de la Capital, La Plata, San Isidro, Mercedes, San Nicolás, Bahía Blanca; **Región del Litoral**: Federaciones de Córdoba, Rosario y Entre Ríos; **Región Norte**: Federaciones de San Juan, Mendoza, Resistencia, Catamarca, Santiago del Estero y Tucumán. Cada región elegía dos delegados para integrar el Equipo Nacional.

Y llega el 10 aniversario de la fundación de la JOC en la Argentina.

Era tibia y soleada esa mañana del 13 de diciembre de 1950. La

ciudad Capital vio pasar por sus calles a cientos de jóvenes trabajadores -muchachos y muchachas- que rumbo al Luna Park marchaban enarbolando las banderas de la JOC y de Cardijn. Llegaron de todos los rincones del país.

El Luna Park, colmado plenamente, vibraba como una colmena gigantesca. Aplausos, vítores, cantos. Presentes el Presidente de la República, el Gral. Perón, los cardenales Copello y Caggiano, Sres. Obispos y Cardijn. Este, radiante de felicidad, atraía la atención de los jocistas. ¡Cardijn, Cardijn, Cardijn! era el grito permanente.

De pronto se impuso el silencio. Y siguió la misa. Y siguieron los discursos. Y retornaron los cantos y los vítores. Y se escuchó la palabra vibrante del fundador de la JOC. El Luna Park era todo alegría, todo fraternidad, todo esperanza. ¡Si yo tuviera esta juventud!, habría exclamado Perón...

7 - COMIENZA A DECRECER EL EMPUJE DEL MOVIMIENTO

Fueron notables los avances de nuestra JOC durante los primeros diez años de su existencia. La celebración del 10 aniversario de su fundación significó que la JOC era una realidad dinámica. A partir de este acontecimiento el Movimiento comienza a estancarse y se percibe en él algunos síntomas del debilitamiento del empuje misionero.

En la Tercera Semana Nacional de Estudio (1956), Mons. Silvino Martínez decía: "En la mayoría de nuestras parroquias no hay JOC". Y confirmando lo dicho por el obispo, expresaba el Pbro. Osvaldo Ganchegui, asesor nacional: "Lo único que sé es que aquí todos hablamos bien, pero ésta es la tercera Semana Nacional en que nos reunimos y no hemos logrado, salidos de ella, que se intente hacer JOC. Podría dar estadísticas de todo el país. Esta es la realidad, lo demás, literatura".

Años más tarde también el Pbro. Angelelli, posteriormente obispo de La Rioja, aseguraba: "Entre las muchas parroquias que cubren la jurisdicción eclesiástica con características típicamente obreras, podemos

afirmar que es mínimo el número que cuenta con una Sección de JOC. Diócesis enteras que no tienen una, y otras que sobran los dedos de una mano para enumerarlas"[40].

- Explicaciones que dieron asesores jocistas:

Una: el alejamiento y desubicación de la Iglesia frente al mundo obrero. "Debemos confesar humildemente, decía el citado Pbro. Angelelli, que hemos estado alejados de la clase obrera; no hemos penetrado en el corazón de la misma; no hemos estado como Iglesia en sus momentos tristes, duros y de posibilidad de promoción auténtica.

Ante la clase obrera hemos aparecido como extranjeros; no hubo diálogo materno y filial; hemos usado un lenguaje distinto y nos hemos presentado ante ella como una Iglesia burguesa. Con o sin razón así nos han visto los obreros. No les hemos dado la dedicación que hemos proporcionado a otras clases sociales y la atención prestada a otros problemas... Hemos monologado mucho, hemos hablado mucho de las encíclicas papales y tenemos preciosos documentos episcopales sobre la cuestión social o sobre la JOC, pero muy pobre ha sido lo concreto realizado frente a la magnitud del problema" (Notas del Pastoral Jocista, Noviembre-Diciembre de 1958, págs. 113-114).

Otra explicación: la parroquia por sus estructuras cerradas y por su ambiente y estilo de clase media. "Allí, donde la masa obrera se ha constituido como clase separada del resto (como acontece en las grandes concentraciones del cinturón de Buenos Aires), resulta difícil, y a veces imposible, organizar la acción cristiana obrera, tomando como punto de partida la parroquia, por lo menos con la filosofía que ésta tiene entre nosotros... Las parroquias constituidas en lugares donde la masa está descristianizada, están completamente vacías de elementos obreros. Y cuando se ha querido incorporar un obrero a la parroquia de este tipo, éste se ha sentido desgajado de su ambiente y separado de la masa"[41].

Una explicación semejante se dio en Tercer Encuentro Sudamericano de la JOC en Chile (1956): "La JOC frente a la pastoral actual se encuentra ante dos hechos: primero, la JOC en la pastoral tradicional es un estorbo,

molesta; segundo, casi todas nuestras Secciones carecen de asesores. Lo primero se explica porque el espíritu abierto de la JOC está en contraposición con la estructuración funcional de la parroquia. Por lo demás en lo segundo, el vicario sólo puede acordar a la JOC el tiempo que le sobra de sus otras ocupaciones, que lo absorben por el completo"[42].

8 - PRIMER CONGRESO MUNDIAL JOCISTA EN ROMA

Pío XI había manifestado a Cardijn el deseo de encontrarse con jocistas de todo el mundo y reconocer en forma solemne a la JOC, como Movimiento Internacional Misionero del Mundo Obrero.

Con entusiasmo y dedicación seria, la JOC había preparado con tiempo y organizado su Peregrinación a Roma y primer Encuentro Internacional. Estaban listos para viajar 20.000 jocistas. La muerte del Papa y la segunda guerra mundial impidieron el acontecimiento. Este quedó postergado.

Fue en 1957, durante el pontificado de Pío XII, cuando la JOC realizó la Peregrinación y el Encuentro Internacional. Llegaron a Roma 30.000 jocistas. Venían de 91 países. Habían acudido para expresar al Pontífice su adhesión y oír de sus labios el compromiso de la Iglesia por la causa de los jóvenes trabajadores y ofrecerle los mejores esfuerzos en favor de sus compañeros de trabajo. En la misa matutina escucharon la palabra emocionada de Pío XII y renovaron en forma multitudinaria, sincera, atronadora su compromiso misionero.

Por la tarde, en el gran escenario que se había levantado en la Plaza del Vaticano y tenía como fondo la Basílica de San Pedro, muchachas y muchachos jocistas, en forma coreográfica, representaron la historia de la Clase Trabajadora.

Una medianoche, los 30.000 jocistas rezaron el Vía Crusis en el Coliseo Romano, bajo un cielo en el que la luna destacábase como una hostia dorada y lucían las estrellas como lentejuelas de plata.

Los días siguientes llevóse a cabo el Congreso Internacional Jocista. Se analizaron los problemas vitales del Movimiento y se formuló la nueva

orientación. Quedaron aprobados los Estatutos de la JOC Internacional. Y se eligieron sus autoridades, fijándose su sede en Bruselas (Bélgica).

Surgía la JOC Internacional reconocida oficialmente por la Santa Sede.

La JOC Argentina, gracias a la colaboración generosa de todos, había participado de este acontecimiento, con una delegación compuesta, entre militantes, dirigentes y asesores, de 60 miembros aproximadamente.

9 - GESTACION DE LA CRISIS. SIGNOS ALARMANTES

Todo movimiento e institución están sujetos al desgaste que producen el tiempo y el esfuerzo. Y llega el momento en que se renuevan o mueren. Es una constante de la historia.

No constituyen excepción la JOC ni la Iglesia.

Al clausurar el Primer Congreso Jocista de Roma, Cardijn decía: "Hemos visto aquí una JOC transfigurada en su apoteosis. Esta no es la verdadera JOC. Podríamos decir con los apóstoles en el Tabor "instalemos aquí tres tiendas". ¡No! Debemos marcharnos de aquí. Bajar del Tabor. Salir del Cenáculo para ir a las masas que no tienen los medios para vivir humanamente, que no saben leer ni escribir, que no conocen su dignidad ni su destino de cristianos. Esta es la única JOC verdadera. Ella comienza hoy"[43].

Era una orden de avanzar. Y avanzar exige renovación en la estrategia, la táctica, los esfuerzos. Y esto significa permanente comienzo y fecunda creatividad para adaptar el Movimiento a las nuevas situaciones.

- En Roma ya se percibía una crisis.

El Pbro. Ganchegui expresaba en la Cuarta Semana Nacional de nuestra JOC: "Estoy en la JOC desde 1940. La crisis no es solamente de aquí. Están en crisis la JOC belga y la JOC francesa. Las dificultades en este terreno se dan asimismo en España y en Alemania, que constituyen hoy las JOC más dinámicas de Europa. No hablo de oído. Vengo de apreciar personalmente el panorama y de asistir al Congreso Mundial, en

el que participé, junto con 16 asesores y dirigentes más representativos del mundo, en el estudio de los problemas vitales al Movimiento, de sus Estatutos Internacionales y de su nueva orientación. Por otra parte están los hechos a la vista; mientras en los grandes países la JOC está en crisis y seria crisis, como en Francia, se extiende maravillosamente en los países de misión o en los subdesarrollados. Están los ejemplos del Japón y del Africa. Y esto no me lo explico sino por los motivos apuntados... La JOC, sin una revisión a fondo de toda su estructura, no anda ni andará. Lo he dicho en pleno Congreso Internacional. Y allí nadie se escandalizó... Los movimientos tienen una vigencia relativa. Todos ellos tienen su ciclo hasta llegar a la madurez, y luego decrecen. Es aquí cuando debe desaparecer lo que tenga que desaparecer, o mejorar lo mejorable. Revisión o eliminación, según el caso"[44].

Aún antes del Congreso de Roma se gestaba la crisis en la JOC argentina. Aparecían ya signos alarmantes, que indicaban estancamiento y retroceso luego. Los Pbros. Ganchegui y Angelelli habían dado el alerta. Disminuían los militantes, desaparecían Secciones y Federaciones.

10 - VARIAS Y COMPLEJAS CAUSAS DE LA CRISIS

Fueron varias y complejas las causas que provocaron la crisis de nuestra JOC. No se dieron todas a la vez, pero encadenándose unas con otras, todas contribuyeron con su porción a la postración y agonía de la JOC argentina.

Antes de analizar las causas particulares, más y menos cercanas a la crisis, señalaremos un hecho que, a nuestro juicio, en alguna medida es la raíz madre de todas ellas. Se trata del gran desencuentro entre la Iglesia y el mundo moderno que se inició a partir del siglo XVII y concluyó con el Concilio Vaticano II, en el siglo XX.

Durante ese largo período, la Iglesia se aferró al pasado y mostróse recelosa y negativa ante el mundo moderno. Por otra parte, aún no tenía definidas en forma plena y satisfactoria su propia identidad, sus relaciones con el mundo, la situación del laico en su interior y la tarea específica de

éste en el mundo. Por lo que la renovación pastoral resultó insuficiente y fueron deficientes sus directivas y acompañamiento con relación al compromiso temporal del laico. Esto repercutió en la formación y la actuación del laicado cristiano...

El Concilio Vaticano II significó la "puesta al día" de toda la Iglesia. Actualizando la doctrina, la liturgia, la pastoral; la Iglesia se puso en condiciones de relacionarse y dialogar y servir más y mejor al hombre de hoy.

11 - CAUSAS PARTICULARES INTERNAS A NUESTRA JOC

Del desencuentro entre la Iglesia y el mundo moderno derivan en buena medida las causas particulares de la crisis de la JOC argentina. Unas fueron internas al mismo Movimiento. Otras le fueron externas.

Entre las internas destacamos:

- La reticencia de la JOC frente al fenómeno justicialista.

El justicialismo sacudió y transformó profundamente la sociedad argentina. No dejó indiferente a ningún sector social: se estaba a favor o en contra de él. El justicialismo desplegaba tres grandes banderas -Soberanía política, Independencia económica, Justicia social-, que comprendían el anhelo histórico por el que habían luchado, desde la independencia del país, las masas populares, a saber, la liberación nacional y social.

El justicialismo fue primero un movimiento social, que promovió acelerada y eficazmente los sectores sociales más empobrecidos y marginados, y luego, a partir del 17 de octubre de 1945, con el apoyo de éstos, se convirtió en un movimiento político vigorosamente activo. Los que hasta la aparición del justicialismo habían sido marginados y desprotegidos constituyeron su amplia base y sostén firme. Y le fueron fieles, no obstante sus desaciertos y desmanes, porque vieron en él la expresión perfectible de un país nuevo, donde ellos tenían un lugar y una función protagónica.

Ante este fenómeno que conmovía la República, la JOC fue reticente. Ciertamente, la JOC, como institución, no puede ni debe optar por una política partidista. Pero, en razón de su misión evangelizadora, debe defender y promover todo aquello que entra en el ámbito de la justicia y de la dignidad humana. Puede y debe, desde el Evangelio y la opción preferencial por los pobres, esclarecer la conciencia política de sus militantes, asumiendo una actitud crítica ante las ideologías y los movimientos políticos y señalando, en consecuencia, los principios y criterios que permitan a cada militante optar consciente y libremente por el compromiso político que, a juicio propio, responda mejor a la causa del pobre y de los marginados. La JOC es una escuela de vida integral: religiosa, cultural, social y política, que educa en y a través de la misma realidad.

En cuanto a la realidad política, la JOC no atinó a educar al joven trabajador en y a través de la nueva realidad política que era el justicialismo. Su reticencia al respecto, facilitó sin pretenderlo, una conclusión equivocada: la incompatibilidad entre el ideal y la militancia jocista y el ideal y la militancia justicialista. Y en muchos jóvenes trabajadores quedó planteada de hecho una alternativa falsa: Jocista o justicialista. Y planteadas así las cosas, el justicialismo, entonces en el apogeo de su vigor renovador, consiguió mayor atención.

- Escasa y desacertada espiritualidad.

Se había descuidado en nuestra JOC la espiritualidad y la que infundía, lo hemos dicho anteriormente, no era una espiritualidad propiamente laical. Se acentuaba el compromiso temporal y no se insistía tanto en la unión vital con Cristo, en la oración y en la participación sacramental. "Se ha insistido más en la parte reivindicativa de la clase trabajadora que en la verdadera ubicación de las virtudes cristianas", afirma el Pbro. Angelelli[41].

- Secciones encerradas en sí mismas.

En la Cuarta Semana Nacional de Estudio, expresaba el P. Derudi:

"Se ha dado en demasía la absurda posición de dirigentes sin masa, sin bases". Dirigentes, explicaba el Pbro. Angelelli, profesionales de la JOC, declamadores, pero que la JOC no ha llegado a ellos, transformando sus vidas. La característica de nuestros militantes ha sido crear Círculos de estudio o Secciones de militantes no abiertos al barrio, a la masa; militantes, no en actitud de servicio a la juventud trabajadora, sino en función de la misma Sección, de la organización y de la sede parroquial"[46].

El problema nacía de una formación inadecuada y de la escasez de asesores.

"No podemos negar otro hecho: el de la formación de numerosos laicos y verdaderas elites pero en una problemática excesivamente "clerical". Doy al vocablo "clerical" su sentido más amplio y sano. Así, llegado el momento, han obrado, sentido y hablado como nosotros. Quedaron girando, como satélites, alrededor nuestro, felices. No hubo retorno de este laicado al mundo real, donde tendría que actuar en todos los ambientes naturales... En la práctica creamos una elite profesional, más especialistas que apóstoles... fruto de una formación inadecuada" (Derudi)... "Es duro decirlo, para atender otras asociaciones siempre ha habido sacerdotes dispuestos, pero para la JOC no se conseguían; no juzgo las razones, ni me toca juzgarlas. Nuestras Secciones de militantes en su mayoría, dentro del país, desde su fundación, no han tenido un sacerdote que habitualmente los oriente... No puede existir auténtica JOC sin sacerdote, como no puede existir Iglesia sin el sacerdocio. Es fundamental el sacerdote en la JOC, como en todo movimiento apostólico". Palabras del Pbro. Angelelli[47].

- Ambigüedades y desaciertos de la JOC.

El Concilio Vaticano II y Medellín, interpretados por muchos en forma interesada y unilateral, habían agudizado, en el ámbito eclesial, las tensiones y conflictos existentes: los cristianos se dividían en progresistas y tradicionalistas, preconciliares y postconciliares.

Algo similar acontecía en el ámbito civil. Los intentos de liberación por parte de los países latinoamericanos agravaron los conflictos entre

conservadores, desarrollistas y revolucionarios.

Todo esto creó un clima general candente, agitado, poco propicio para la reflexión y la acción prudente.

La JOC vivió este clima y sufrió su influencia en su doble condición de movimiento eclesial y de movimiento obrero. Es en este período agitadísimo que la JOC argentina cae en ciertas ambigüedades y procederes que empañaron su imagen y despistaron a quienes la miraban desde lejos o con ojos no siempre sanos.

En ese entonces, el Movimiento reafirmó su carácter de Movimiento eclesial, obrero y educativo. Adquirió mayor conciencia de que la evangelización pasa por la promoción de la justicia y la tarea de construir una sociedad nueva. No se limitó, como hasta ese momento, a denunciar y combatir los malos efectos, sino también la causa que los genera, a saber, al sistema socio-económico imperante y consecuentemente promover, desde el Evangelio, el reemplazo de las estructuras injustas por otras más justas y dignas del hombre. La postura era válida y legítima. No fue del todo acertado el procedimiento que llevó a ella. Primó más la óptica del sociólogo que la del apóstol. Se buscó más la eficacia de la acción que la educación del militante por la acción. Y es así como hubieron dirigentes que desbordaron, en ocasiones, la acción específica de la JOC y dirigentes que, sin tener en cuenta la edad y el nivel de formación de los militantes, los impulsaron a compromisos para los cuales no se hallaban preparados. Y aparecieron los frutos negativos: mayores recelos y desconfianza de la jerarquía, dirigentes distanciados de sus militantes, militantes que se "borraban", disminución de Secciones.

12 - CAUSAS QUE INFLUYERON DESDE EL EXTERIOR

- La falta de apoyo real de la jerarquía eclesiástica.

La mayoría de nuestros obispos no lograron asimilar la naturaleza de la JOC -Movimiento eclesial y Movimiento obrero- y su forma de evangelizar. Si a esto se suma la libertad de acción y de iniciativa que, en

el marco de obediencia a la jerarquía, ejerce la JOC en lo que se refiere a su propia organización y conducción, a su modo de evangelizar al mundo del trabajo, y a su compromiso temporal, habremos hallado la explicación de la mayor parte de los recelos y las desconfianzas que el Movimiento genera en muchos obispos.

Un diálogo fluido, particularmente en las horas amargas o de dudas, hubiera conducido a relaciones cordiales, y aclarado ambigüedades o errores, fruto no de la rebeldía o la indocilidad, sino de la irreflexión o el apresuramiento o la inexperiencia en una tarea no trillada y difícil, como es la evangelización de los jóvenes trabajadores. Desgraciadamente muy pocas veces dióse este diálogo. Durante la mayor parte de su existencia la JOC sintióse como hija abandonada a su suerte. ¡Cuánta soledad vivieron asesores y militantes jocistas! Por eso, recuerdan con cariño el amor, la confianza, el apoyo eficaz, la atención que brindaron al movimiento jocista algunos obispos, como Antonio Solari, Agustín Barrere, Emilio Di Pasquo, Enrique Rau, Ponce de León, Silvino Martínez, Alfonso M. Buteler, Alejandro Schell, Angelelli, los Cardenales Caggiano, Primatesta y Pironio y otros, no muchos más, cuyos nombres se me escapan.

- El sacudón que conmovió la Iglesia y la sociedad civil.

El Concilio Vaticano II provocó, en la Iglesia Católica, un violento sacudón, cuya máxima intensidad se produjo entre los años 1967 y 1974.

No hubo cristianos ni institución eclesial que no transitara por una "noche obscura".

Decía Pablo VI: "La Iglesia se encuentra en una hora de inquietudes, de autocríticas; se diría de autodestrucción... El tumulto que invade a la Iglesia repercute lógicamente sobre todo en el Papa. Se espera de él hechos sensacionales, intervenciones enérgicas y decisivas. El Papa entiende que aquí no debe seguir otra vía que la de la confianza en Jesucristo; será él quien calmará la tempestad". Y concluía: "las pruebas son difíciles, a veces duras, pero la realidad de nuestro sacerdocio nos hace bendecir al Señor por estas pruebas... El Papa será el primero en ejecutar el mandamiento de la confianza en Dios y en abandonarse, sin

angustias inoportunas, al juego misterioso de la invisible pero segura asistencia de Jesús a su Iglesia"[48]. Un síntoma de la gravísima crisis de la Iglesia fueron los pedidos, por parte de sacerdotes, de reducción al estado laical. "De 162 pedidos en 1963, subieron a 1.128 en 1[illegible]; a 2.263 en 1968; a 3000 en 1970... La crisis también hacía estragos en los cuadros de los Movimientos laicales"[49] y naturalmente en la JOC.

En América Latina, por el hecho de que su pueblo es protagonista de la vida de la Iglesia y de la Sociedad Política, el Concilio Vaticano y Medellín, su versión latinoamericana, conmovieron ambas sociedades. Los acontecimientos eclesiales repercutían en la vida socio-política y los acontecimientos sociopolíticos en la vida de la Iglesia. Señalamos los siguientes acontecimientos socio-políticos que agitaban el Continente Latinoamericano. La instalación en Cuba del marxismo-lenilista en versión latinoamericana; el intento de un socialismo nacional, no ateo ni marxista en Perú; el triunfo por vía electoral de Salvador Allende en Chile; el retorno del justicialismo en Argentina; la extensión de las guerrillas en el continente; asesinatos de John Kennedy, de Robert Kennedy, de Luther King en Estados Unidos; la masacre estudiantil en México; los derrocamientos de los presidentes Quadros y Goulart en Brasil, de Frondizi, Illia, Levingston e Isabel Perón en Argentina; de Salvador Allende en Chile; fracaso del socialismo peruano; aniquilación de las guerrillas en Uruguay y Argentina; los regímenes militares en toda América Latina, etc."[50].

- Los regímenes militares.

Los regímenes militares, con el pretexto de la "Seguridad nacional", reprimieron todo movimiento social: controlaron, amordazaron, persiguieron las organizaciones populares, sobre todo sindicales. Fueron violados los más elementales derechos humanos. No se salvaron de esta pesadilla los movimientos eclesiales y los cristianos comprometidos con los humildes y oprimidos...

13 - NO TODO FUE NEGATIVO EN LA JOC ARGENTINA

La JOC argentina tuvo por cierto su cara positiva. No sería justo callar los abundantes frutos del Movimiento Jocista.

Ya en 1955, el Episcopado argentino expresaba su "más íntima satisfacción al ver los frutos consoladores del trabajo oscuro, paciente y abnegado que vuestro generoso movimiento apostólico y obrero ha producido durante estos quince años: la formación cristiana profunda y el ardor apostólico y conquistador que habéis sabido dar a vuestros socios... La Iglesia, madre de todos sus hijos, pero que rodea de una solicitud particularmente cariñosa a los obreros, se siente orgullosa de esa falange de militantes que van multiplicándose, porque ve en ellos una promesa y garantía de la recristianización del Mundo del trabajo" (Exhortación a la JOC del 30/8/55).

- El Pbro. Angelelli que en la cuarta Semana nacional de Estudio señalara la cara negativa de la JOC, mostró también, a renglón seguido, su cara positiva. "Si se ha insistido en lo negativo no significa que la JOC no diera sus frutos, sino por el contrario el análisis de lo negativo nos debe servir para estar bien ubicados frente al Movimiento.

La JOC ha formado muchachos y chicas que son, a la par de verdaderos jefes obreros, verdaderos apóstoles; ha operado una verdadera transformación de vida en un número crecido de ellos, de suerte que hay algunos que están y han estado muy adentrados en la vida espiritual; muchachos y chicas que han formado modelo de hogares cristianos y apostólicos, realidad hermosa para un Movimiento de adultos; ejemplos de muchachos y chicas que han transformado la vida de un barrio, ambiente de trabajo, etc.; muchachos y chicas que obran maravillas por su extraordinario espíritu de fe, codiciados por sindicatos, clubes, fábricas, comisiones vecinales... para ser contados como sus dirigentes.

Su presencia individual nunca ha pasado desapercibida, y siempre se ha hecho notar la presencia de un jocista, por la manera de ser, por la mística que le anima. Hay ejemplos dignos de ser recogidos en un escritorio, por su actuación en ambientes indiferentes o abiertamente

hostiles, ya sea por el carisma de una labor misionera entregada totalmente a los demás, ya sea por las luchas titánicas para conservar la gracia y la fidelidad a Cristo Obrero... Para muchos muchachos y chicas que han pasado por la JOC, si no se ha logrado la transformación de vida, ciertamente jamás la olvidarán por la mística que tiene y siempre les ha dejado una semilla que, tarde o temprano, germinará en un volcarse a una vida cristiana creciente o saber descubrir a Dios en el dolor o en un problema de vida.

La JOC, si bien es cierto no ha pesado como organización en la masa obrera argentina, ciertamente ha conquistado las mejores simpatías por sus comunicados, sus posiciones frente a determinadas circunstancias de la clase obrera, en problemas sindicales, costo de vida, intervención de la CGT, asaltos a sindicatos, inhabilitaciones de dirigentes... La gran movilización de la JOC con motivo del Congreso Internacional de Roma, ha conquistado la simpatía de la masa trabajadora, que la ha conocido más a fondo; políticos y gobiernos la han tenido no sólo en cuenta, sino que, en determinadas circunstancias, la han temido y en otras, la han consultado.

Creo que la JOC argentina, con los recursos humanos y materiales con que ha contado, la falta de apoyo efectivo y dejada al margen de la vida de la Iglesia, ha hecho demasiado y hasta puede pretender ser puesta como ejemplo de constancia y perseverancia en la lucha por sus ideales, contra todos los de afuera y los de adentro de casa. Hoy puede enseñar humildemente a sus hermanos de apostolado la experiencia de una vida de luchas, un método largo tiempo experimentado, y puede plantear la realidad de un problema, de cuya solución depende una Argentina con una clase obrera dentro o fuera de la Iglesia, y puede suscitar en sacerdotes e instituciones apostólicas laicales, la inquietud de ir al pueblo y llevar la Iglesia al mundo del trabajo"[51].

- Hoy, a tantos años de estas afirmaciones, quien escribe estas páginas, puede afirmar: "En mis andanzas de asesor nacional por los distintos puntos del país, me he encontrado con gran cantidad de

exjocistas (dirigentes y militantes) y gente que pasó brevemente por la JOC comprometidos en el Movimiento Obrero o en Organizaciones Populares, en forma lúcidamente activa. Y más de una vez he oído acerca de su actuación, palabras de alabanza y admiración. No hace mucho, me afirmaba un alto dirigente sindical: "Si en la actualidad son buenas las relaciones entre la CGT y la Iglesia, se debe en gran parte a la gente que militaba en la JOC o tuvo contactos con ella". Y me daba nombres de personas que ejercían funciones de responsabilidad en el máximo organismo del Sindicalismo Argentino".

Sin temor a equivocarse, podemos concluir: la JOC, hoy como ayer, tiene vigencia. Urge su presencia activa en el Mundo del Trabajo. Es insustituible su tarea evangelizadora. Nos referimos a la JOC auténtica: la de Cardijn. Renovada y actualizada. Para el mundo de hoy. Para la Argentina de hoy.

14 - SALIENDO AL PASO DE CIERTAS AFIRMACIONES ERRONEAS

El mote de "subversivo", de "extremista", de "marxista", aplicado a quien hacía suya la causa de los pobres, fue parte de la estrategia utilizada por los gobiernos militares y los sectores del "privilegio". No menos molesta y perjudicial ha sido la acusación de "desviación ideológica" que han recibido, por parte de sus hermanos en la fe, cristianos comprometidos con los oprimidos. "La denuncia profética de la Iglesia y sus compromisos concretos con el pobre le han traído, en no pocos casos, persecuciones y vejaciones de diversa índole... Todo ello ha producido tensiones y conflictos dentro y fuera de la Iglesia. Con frecuencia se la ha acusado, sea de estar con los poderes socio-económico y políticos, sea de una peligrosa desviación ideológica marxista" (Puebla 1138 y 1139).

Y por este camino, se ha logrado generar duda al menos, no sólo entre los fieles, sino también entre los pastores. Es lo que aconteció con la JOC.

Es admisible que se den en asesores y dirigentes o militantes expresiones o gestos ambiguos que engendren dudas, particularmente cuando se improvisa. Pero, lo que no puede admitirse es que se haga juicios de condena, sin antes dialogar en busca de esclarecimiento y con el olvido de la trayectoria pública limpia del Movimiento y de sus abundantes publicaciones.

Es así como se acusó a la JOC de "desviación ideológica" y de convivencia con la guerrilla. Rumores e informaciones erróneas y no razones serias fundamentaron tales acusaciones.

Nos hacemos un deber en poner las cosas en su lugar. Y lo hacemos en base a hechos reales, en los que hemos intervenido.

- ¿Son o no marxistas?

Arquidiócesis del Interior. Curia. Dialogan el arzobispo y el asesor nacional de la JOC.

- ¿A qué se debe, Padre, su presencia entre nosotros?

- He venido a conversar con el Equipo Federal para aclarar una mala interpretación y reanudar las relaciones con el equipo Nacional.

- ¿Qué sucedió? ¿Por qué la interrupción de las relaciones?

- Simplemente, nos consideran marxistas.

- ¿Y no los son?

La pregunta dejó aturdido al asesor, como quien recibe un duro golpe en la cabeza. Su rostro expresó extrañeza.

- Sí, sí, prosigue el arzobispo, ¿son o no son marxistas? Yo tengo el derecho de preguntar y Ud. la obligación de responder.

- No lo somos, Monseñor.

El arzobispo se mostraba receloso por el empleo, por parte del Movimiento, de algunos términos usados también por el marxismo y por la publicación de un primer folleto sobre el marxismo, exponiendo sus tesis.

Los términos a los que se refiere Ud., Monseñor, -liberación, hombre nuevo, nueva sociedad, cambio de estructuras- son originales del cristianismo. Y Uds. en la Conferencia de Medellín los han usado sin

temor alguno.

En cuanto al folleto sobre el marxismo, cuya presencia y fuerza no pueden ser ignorados, fue publicado para que los militantes conocieran al adversario y percibieran su incompatibilidad con la fe cristiana y las razones de la condena del marxismo por parte de la Iglesia. Mis actividades me han impedido, hasta el momento, publicar su refutación en un segundo folleto.

La responsabilidad de esta situación entre la JOC Nacional y la Federación es de algunos asesores de aquí. La explicación es simple. Ciertamente, cuando se improvisa sobre todo, o se habla con tiempo restringido, pueden escaparse gestos o expresiones dudosos o ambiguos. Lo correcto y cristiano es aclarar las cosas, dialogando, en este caso, con los hermanos. Cosa que no han hecho estos asesores y lanzaron a rodar su interpretación errónea, la que llegó finalmente a Ud.

Me pregunto, Monseñor: "¿Cómo congeniar esto con la concelebración de la Eucaristía, el saludo de paz, la comunión?... ¿Cómo congeniar este proceder con la caridad?...

Uds., continuó el arzobispo, ¿rezan?

Por supuesto. Pero no todo el día. Encontramos y nos unimos a Dios también en las personas y en los acontecimientos de la vida. Creemos que la oración y la acción son elementos imprescindibles en el apostolado jocista...

El asesor salió de la entrevista sumamente dolorido.

- "La sede de la JOC, campo de adiestramiento montonero"

Tal era el título con grandes letras que encabezaba la primera página de un matutino capitalino, considerado "serio". Peligroso sensacionalismo en torno al allanamiento de la sede jocista por la policía federal. El matutino afirmaba temeraria e irresponsablemente una falsedad. ¿Cómo fueron los hechos? Eran tiempos del presidente Onganía. La guerrilla iniciaba sus golpes sorpresivos, solapados, sangrientos.

Un dirigente nacional de la JOC se apersona al asesor.

- Padre, le dice, tengo ganas de hacerme montonero.

- Mirá, la cosa no va por ahí. No es el camino. La violencia engendra violencia. Sos mayor de edad. Pensalo muy bien, si elegís ese camino. No puedo impedírtelo. Pero, eso sí, tenés que abandonar la JOC. Olvídate de ella.

Lamentablemente Jorge Rossi se "borró" de la JOC. No volvió por la sede ni tuvo más contacto con el movimiento. Ni se supo de él.

Poco después, su nombre aparece entre los montoneros muertos en una refriega. La policía federal allana el domicilio de Rossi en Zárate (Bs. As.) y en él halla antiguos boletines e informativos de la JOC. Sin pérdida de tiempo, la policía invade la sede jocista con espectacular despliegue de fuerzas. Sorprende a sus habitantes que se ven amenazados por las armas, lo revisan todo y no encuentran nada que permita relacionar a la JOC con los montoneros. Y se retiran sin llevar detenido a ningún ocupante de la casa. Ni posteriormente fue detenido ni citado militante, dirigente o asesor alguno, al menos para ser interrogado.

La JOC publicó de inmediato una solicitada en diversos diarios, aclarando la situación. Por ese entonces, el secuestro y luego el asesinato del Gral. Aramburu llenaron las páginas de los periódicos. Y el caso de la JOC quedó totalmente olvidado. El Movimiento jamás fue molestado...

Ninguna autoridad eclesiástica se interesó por el caso ni solicitó al asesor o a la dirigencia nacional información alguna. ¿Qué repercusión tuvo, en la jerarquía, la noticia del allanamiento? No se supo ni se sabe. Tal vez, podría extraerse cierta conclusión de dos hechos posteriores.

Uno: el asesor nacional renuncia a su cargo por no percibir ya la confianza de algunos dirigentes del Interior y parte de la autoridad eclesiástica. Y por escrito la comunica al Obispo encargado del Apostolado Laico. Este responde: "No es aceptada su renuncia. La Conferencia Episcopal no reconoce ya a la JOC como Movimiento Nacional, por lo tanto Ud. ya no es asesor nacional, si bien cada obispo tiene el derecho de reconocerlo en su diócesis". Era la primera y única noticia de la decisión episcopal que llegó a la JOC argentina.

El segundo hecho. 1988. Reunión de los obispos en San Miguel. Durante la conversación que el último asesor nacional de la JOC tenía

con un obispo del Norte del País, éste expresó: "Nuestra JOC, en los últimos tiempos, se desvió: mantuvo relaciones con las guerrillas". No pareció convencer el obispo la firme e inequívoca negación de su interlocutor...

- La JOC, ¿no es temporalista?

En la tarea evangelizadora se puede caer en uno de estos dos errores: reducir la acción al campo de lo religioso o espiritual (espiritualismo) o reducirla a lo profano o temporal, lo social (temporalismo). Pablo VI rechaza ambas reducciones: la misión de la Iglesia se realiza tanto en lo profano como en lo religioso, abarca todas las dimensiones de la vida personal y social (Evangelio Nuntiandi, 32-34).

Espiritualismo y temporalismo olvidan que el hombre es espíritu-cuerpo, que la historia en la que el hombre se salva o se pierde es una, que la gracia y el pecado empapan toda la historia y atraviesan el corazón humano, que todas las realidades, aún las consideradas como profanas, tienen una dimensión religiosa o conexión con Dios.

Aclarados los conceptos, vamos al caso.

- La JOC, ¿no es temporalista?, dijo el arzobispo.

- Monseñor, no entiendo de cosas abstractas, respondía un dirigente nacional, por eso voy a lo concreto. Antes de conocer a la JOC, era un vago y un borracho.

Me relacioné con los jocistas y entré en la JOC. No dejé de tomar vino, soy buen mendocino, pero desde entonces bebo con moderación y trato de ayudar a los demás e intento, si bien o mal o no lo sé, de que el joven trabajador descubra y siga a Cristo. Es lo que intentamos los jocistas. Para Ud., ¿esto es el Temporalismo?...[52].

La conversación giró hacia otros temas. Sin embargo, el arzobispo, años después, en otra sede arzobispal, en conversación con otros dirigentes nacionales y el mismo asesor nacional, volvió a preguntar: la JOC ¿no es temporalista? Jamás se había hecho presente en la sede de la JOC, ni había participado de alguna reunión jocista y menos de una Semana nacional de Asesores.

15 - LA JOC INTERNACIONAL (JOCI) Y LA SANTA SEDE

En 1986, la JOC sufrió, a nivel internacional, una división. Las Secciones Jocistas en Inglaterra, Francia, Italia y Malta se separaron de la JOCI, argumentando que "el espíritu de fidelidad cristiana dejado por nuestro fundador ha sido reemplazado por categorías ideológicas y políticas". Y formaron la Coordinadora Internacional de la Juventud Obrera Cristiana (CIJOC), con sede en Turín (Italia).

La Santa Sede suprimió recientemente el carácter de organización católica a la juventud Obrera Católica Internacional (JOCI), por considerar que ésta se había desviado, en los últimos años, de los objetivos y fines pastorales originales, trazados por su fundador, el Cardenal belga José Cardijn. Y reconoció en 1987 a la Coordinadora Internacional de la Juventud Católica en el mundo y único interlocutor ante el Vaticano y el Consejo Pontificio para los Laicos.

No obstante, la Santa Sede ha pedido que se establezca un diálogo entre la CIJOC y la JOCI, sobre la base del legado de Cardijn y en el marco del Magisterio y la Misión de la Iglesia", con el fin de lograr la unidad en torno a la verdad.

El episodio es lamentable.

Queremos dejar constancia de nuestra adhesión firme y sincera a la JOC original de Cardijn. De ella dan testimonio las páginas anteriores sobre la naturaleza, los caracteres y la misión de la JOC.

Y afirmamos plenamente conscientes y con la seguridad de haber actuado en la JOC, en calidad de asesor, desde 1946 hasta 1971, que la JOC argentina y la JOC Internacional, hasta 1971 por lo menos, permaneció fiel al legado de Cardijn.

Ignoramos la trayectoria posterior de la JOC argentina, por cuanto mis actividades pastorales, en áreas donde no existía el Movimiento, no me han permitido relacionarme con las nuevas Secciones. Por lo tanto, no puedo emitir juicio alguno sobre ellas.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

EL JURAMENTO DE JOSE CARDIJN

"Era víspera de mi partida para la Fábrica.

Cuando se acostaron todos, bajé descalzo a la cocina.

- Papá, le dije, debo pedirte una cosa: déjame estudiar aún.

- Pero tú sabes que eres el mayor y que tu madre y yo contamos contigo para que nos ayudes en la educación de tus hermanos y hermanas.

Yo me atreví a insistir:

- Papá: he sentido en mí un llamamiento de Dios... ¡Quiero ser sacerdote!

Mi padre enmudeció; de sus ojos brotaron dos lágrimas; mi madre se puso más pálida que las blancas paredes de la cocina. Mi padre me dijo entonces.:

- Mucho hemos trabajado ya. Quisiéramos descansar, es verdad. Pero, ¿no vale la pena seguir trabajando aún por la felicidad de tener un hijo sacerdote?

Fui al Seminario de Malinas.

Estaba terminando mi carrera, cuando un día recibo un telegrama: "Papá está muy grave". Partí al instante y entrando en el cuarto donde mi pobre padre estaba tendido sobre el lecho, me puse de rodillas junto a él. Extendió su mano de anciano, arrugada y encallecida por el duro trabajo y me dio su bendición. Pude asistir a toda su lenta y dolorosa agonía.

Entonces, ante el cadáver de ese hombre, que fue tan valiente en el silencio de su vida obrera, hice el juramento de dar mi vida por la clase obrera".

(José Cardijn, Fundador de la JOC).

LA ORACION DEL JOCISTA

"Señor Jesús:

Te ofrezco todo mi trabajo de este día, mis luchas, mis alegrías y mis penas.

Concédeme, lo mismo que a todos mis hermanos en el trabajo, pensar como Tú, trabajar contigo y vivir en Ti.

Dame la gracia de amarte con todo mi corazón y de servirte con todas mis fuerzas.

Reina en la fábrica, en el taller, en la oficina y en el hogar.

Haz que las almas de los obreros que hoy van a encontrarse en ocasión de pecado permanezcan en tu gracia.

Y que por la misericordia de Dios, los trabajadores muertos en el campo de honor del trabajo, descansen en paz.

Amén.

MADRE OBRERA

¿Por qué al pobre no le dicen que Dios murió para todos?
¿Por qué, Madre, de mil modos lo maltratan y maldicen?
¿No fue acaso un obrero tu hijo, oh Madrecita mía?
¿Acaso menos valía tu Dios por ser carpintero?
Yo... con el traje de obrero soy tan feliz, Madre mía, que por él no aceptaría ni el oro del mundo entero.

(Jocista anónimo de la primera hora).

VIII - SERVICIO DE EDUCACION POPULAR (SEP)

1 - EDUCANDO DESDE EL PUEBLO Y CON EL PUEBLO

En 1970, se reunió en Lima (Perú) un grupo de trabajadores exjocistas. Entre ellos había argentinos, bolivianos, brasileños, chilenos, colombianos, paraguayos, peruanos, uruguayos y un español. Proponíanse crear un servicio de educación popular. Creían en la cultura del pueblo latinoamericano y sabían que mientras éste la mantuviera y fuera actualizándola en forma auténtica, jamás sería del todo avasallado y menos aún domesticado. La cultura forja la comunidad y es el núcleo desde donde un pueblo resiste al opresor o al invasor hasta reconquistar su soberanía. Es la razón por la que todo imperialismo somete a un continuo y certero bombardeo a la cultura del pueblo con el fin de desmontarla y sustituirla luego por otra que justifique y asegure la dominación. Así aconteció en el pasado y hoy acontece en nuestra América Latina. El menosprecio y abandono de la cultura popular por parte de las elites políticas e intelectuales latinoamericanas facilitaron a las potencias imperialistas la destrucción de la unidad política y económica del Continente. La Patria Grande fue sustituida por un conjunto de repúblicas replegadas sobre sí mismas y desconectadas entre sí. Y fueron fácil presa del imperialismo de turno. Queda aún a Latinoamérica su unidad cultural: la misma fe, la misma lengua, un idéntico estilo de vida que muestra valores y rasgos comunes, conservando sin embargo las particularidades de cada nación. Esta cultura es el núcleo que sostiene la resistencia de nuestros pueblos a la invasión imperialista y nutre su voluntad de liberación y sus anhelos de retorno a la Patria Grande con rostro renovado y nuevo espíritu.

Contra esta cultura dirigen sus ataques los que, desde el interior o desde el exterior, se oponen a la reconstrucción de la Patria Grande, condición necesaria para una América Latina "políticamente soberana, económicamente independiente, socialmente justa".

El Servicio de Educación Popular se propone defender, promover y

enriquecer la cultura popular latinoamericana desde el pueblo y con el pueblo. Creado por trabajadores, es un instrumento de autoeducación del pueblo.

2 - METODO PARTICIPATIVO: TODOS EDUCADORES Y EDUCANDOS

El servicio de Educación Popular emplea un método educativo de participación activa del educando. Por dos motivos. Porque educar es ayudar al educando a descubrir y desarrollar virtudes o conocimientos que tiene, al menos en germen, dentro de sí y lograr en consecuencia la madurez y perfección según su vocación. No introduce elementos ajenos o extraños a la persona del educando. Simplemente parte de los valores ocultos y contribuye a hacerlos presentes y aprovecharlos. Quiere que el educando "sea lo mejor de sí mismo para dar lo mejor de sí". Reconoce y promueve la responsabilidad primera que cabe al educando en el proceso educativo. Este es el protagonista principal de su formación.

Y porque el SEP busca transformar la persona más que proporcionar información; pretende dar una visión nueva del hombre y de la sociedad más que ofrecer datos; apunta a perfeccionar la realidad más que a explicarla. El método educativo del Servicio de Educación Popular gira en torno a la participación activa de todos los integrantes del grupo, mediante el diálogo sabia y equilibradamente coordinado. De esta manera cada integrante aporta su porción de verdad y todos avanzan hacia una verdad más rica y más completa... Todos educan educando. Y participan sin temores ni complejos, porque los asuntos o problemas son tratados en base a la experiencia y la vida real de todos y de cada uno. El SEP es una escuela de vida y para la vida.

- El método comprende pasos:

Primero: el cuestionario

Cada invitado que participa del encuentro o seminario recibe con anticipación un cuestionario (pocas preguntas cortas, claras, sencillas)

sobre cada tema a tratar. El cuestionario facilita la reflexión y la participación en el diálogo.

Segundo: síntesis de las respuestas al cuestionario

Los responsables del encuentro recogen las respuestas escritas y elaboran una síntesis de la misma.

Tercero: primer debate

La reunión comienza con la puesta en común de la síntesis elaborada y se desarrolla en torno a ella.

El diálogo-debate es conducido ordinariamente por un miembro del SEP. Este, cuya función es coordinar, no debe manifestar su opinión ni imponer una línea de pensamiento ni favorecer una determinada conclusión. Su tarea se reduce a promover el diálogo y la participación de todos: exigiendo aclaraciones, si fuera el caso; pidiendo las razones de lo que se afirma; haciendo volver al tema, cuando se haya desviado del mismo; intentando, por medio de hábiles preguntas, se considere aspectos importantes del tema olvidados en el debate...

Cuarto: aporte complementario

Agotado el tema, el mismo coordinador o un militante del SEP puede ofrecer al grupo algún aporte complementario, que se somete al parecer del grupo.

Quinto: síntesis final

Finalmente, el grupo elabora, dialogando, la síntesis final o definitiva.

Sexto: evaluación del encuentro

Se evalúa el encuentro en sus diversos aspectos: cuestionario, síntesis, debate o diálogo, coordinación y organización del encuentro.

Después se invita a los participantes del encuentro a constituir un núcleo SEP. Se recogen nombres y apellidos de quienes asumen este compromiso y se fija el lugar y la hora de la primera reunión.

Y con esto ha terminado el encuentro o seminario.

3 - FORMACION INTEGRAL DEL TRABAJADOR. SUS TRES NIVELES

El SEP promueve una formación integral, es decir, que abarca la vida del trabajador en todos sus aspectos: socio-económico, político, cultural y religioso.

Y lo hace particularmente por medio de encuentros o seminarios de estudios, que organiza en tres niveles.

Primer nivel

Son encuentros abiertos a todo trabajador. La participación es limitada: no más de 17 personas aproximadamente por vez. De corta duración, se realizan en el tiempo y lugares favorables a la mayoría de los participantes.

Con estos encuentros el SEP promueve la concientización del trabajador en el marco de la realidad, en la que vive y actúa.

De estos primeros encuentros surgen los núcleos del Servicio de Educación Popular.

Segundo nivel

Los encuentros de este nivel completan y enriquecen la formación básica recibida anteriormente. A ellos son invitados los trabajadores que han participado de encuentros del primer nivel. Son de mayor duración.

Tercer nivel

Aquí se apunta a formar educadores del Servicio de Educación Popular, competentes, con miras a brindar un eficaz servicio al mundo obrero. Son encuentros de máxima duración, abiertos al trabajador que participó ya de los encuentros del segundo nivel.

- Otras formas de servir al mundo del trabajo.

El SEP, además de los encuentros o seminarios de estudio, contribuye a fomentar la cultura popular a través de:

- Mesas redondas y debates sobre problemas concretos o situaciones difíciles que afectan a los trabajadores;
- Publicaciones;
- Asesorías a su cargo a grupos sindicales y organizaciones populares, con relación a la cultura popular, la lucha por la justicia y la liberación, problemas y conflictos laborales. Y asesora, sin comprometer la autonomía de dichos grupos: no exige ningún tipo de subordinación.

4 - ESTRUCTURA Y EXTENSION DEL SEP EN AMERICA LATINA

El Servicio de Educación Popular está organizado a nivel nacional.

En el plano nacional (de cada país), existen los núcleos y el equipo coordinador.

Los núcleos o grupos de militantes constituyen las bases del Servicio de Educación Popular. Son ellos los encargados de los encuentros o seminarios y demás tareas educativas.

El equipo coordinador sostiene, anima, acompaña, coordina a los núcleos. Es tarea suya elaborar y actualizar el temario de los encuentros, como asimismo publicar los materiales de formación integral y contribuir a promover una Pastoral auténtica del trabajo. El equipo coordinador mantiene contactos oficiales con los equipos coordinadores de otros países.

En el plano latinoamericano, hay tres órganos representativos:

- La Asamblea general, máxima autoridad,
- El Comité Ejecutivo,
- El Secretario.

- Actualmente el SEP funciona en 16 países de América Latina. Y mantiene vivos contactos con los otros a los efectos de gestar en ellos la presencia y acción del SEP.

Periódicamente se realizan reuniones de los dirigentes latinoamericanos: dos por país miembro, a los que se agregan expertos en los asuntos a tratar.

5 - VALORES Y PRINCIPIOS ANIMADORES DEL SEP

El Servicio popular se inspira en los valores y principios cristianos que la Iglesia Católica supo inculcar en nuestros pueblos. Porque sus fundadores son cristianos, lo son sus militantes y cristianas son las raíces de la cultura popular latinoamericana.

En consecuencia, la formación integral que promueve, la lucha que sostiene por la justicia y la liberación del mundo del trabajo, la nueva sociedad que intenta, se inspiran en la enseñanza social de la Iglesia.

El SEP actúa con los ojos puestos en el Evangelio y los oídos abiertos al Pueblo trabajador. Quiere ser fiel a Cristo y fiel a los trabajadores. Solamente así constituirá un auténtico y eficaz servicio a la cultura popular latinoamericana, que es "sabiduría profunda, memoria histórica de luchas y de triunfos, común aspiración de Patria, recuerdo del pasado, esfuerzo de actualidad, reto para el futuro" (Juan Pablo II).

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

EL SERVICIO DE EDUCACION POPULAR

UNA CONSTATACION

- La promoción integral del Pueblo es una tarea larga.
- Desde hace años algunos hemos tratado de entregar lo mejor de nosotros en esa tarea.
- Pero estamos conscientes de que hoy las acciones que posibilitan esa promoción deberán ser más eficaces.
- Es decir, es necesario una formación integral a los que generosamente participan en esta tarea.
- Sin esa formación, los trabajadores no serán los artífices libres y responsables de esas acciones que posibilitan su Promoción Integral.

UNA RESPUESTA

- El SEP quiere hacer posible que los trabajadores reflexionen y analicen la realidad existente.

Elaboren una visión global:

- del hombre,
- de la Sociedad,
- de la Historia,
- de la acción del trabajador,
- de la acción cristiana comprometida con un cambio de la sociedad.

- Visión global reflexionada y elaborada como necesidad de la acción y orientada hacia la acción.
- Visión global que así se convierte en motor y en mística.
- Motor que empuja hacia una acción más eficaz.
- Mística que se trasluce en:

- Testimonio evangélico encarnado en la realidad y en el desafío de cambio de estructuras,
- Verdad que se comunica,
- Verdad que se responde.

(De los materiales del SEP).

OPCION ENTRE DOS MODELOS SOCIALES

"Se trata de optar entre un modelo de sociedad y de convivencia basado en lo que el hombre tiene o un modelo basado en lo que el hombre es.

Existe un abismo entre lo que dicen los principios universales y las constituciones de cada país por una parte, y lo que ocurre en la vida.

Según los principios universales y las constituciones de los distintos países, todos los hombres son iguales. En la práctica sabemos de sobra que no lo son... El problema de fondo está en que el modelo de sociedad y de convivencia que se nos ha impuesto está basado, no en lo que cada hombre es, sino en lo que cada hombre tiene. El que tiene dinero, poder y prestigio sale adelante y triunfa en la vida. El que no tiene esas cosas inevitablemente es un desgraciado, por más que las leyes y los principios constitucionales digan que es tan digno como el primero...

Las consecuencias de este estado de cosas están a la vista de todos. Ante todo, la desigualdad: unos tienen de sobra, mientras que otros no tienen ni lo indispensable. En segundo lugar, la dominación: los que tienen dominan a los que no tienen. En tercer lugar, la represión: el totalitarismo no es solamente una organización política terrorista, es también toda forma de organización económico-técnica no terrorista que funciona manipulando las necesidades de la gente en nombre de un falso interés general. Y por último, el desajuste radical de la civilización: los hombres son modelados según las exigencias del mercado, de la competencia, de la ganancia, y manipulados por quienes detentan el capital, que se imponen a la mayoría a través de los medios de expresión...

Es claro que una sociedad modelada así se ve abocada a situaciones sin solución. Porque lo que manda no es el ser del hombre, sino el interés de los que tienen o la necesidad apremiante de los que no tienen, pero cuya aspiración constante es tener".

(José Castillo: *"La Alternativa Cristiana"*).

IX - CULTURA POPULAR

1 - LA CULTURA, CUESTION DE TODO HOMBRE Y NO DE ELITES

A veces se habla de cultura como de un adorno que embellece y califica a la persona. Se considera, entonces, cultos al varón o a la mujer elegante, de finos modales. Otras, se identifica la cultura con el saber intelectual. Y así se tiene por culto al que se dedica al arte, la filosofía, la literatura, es decir, a actividades básicamente ligadas a la Universidad.

El término de por sí tiene un significado más amplio, más rico. Es cultura arar el campo, sembrar, producir alimentos, edificar, etc. En una palabra, toda actividad que transforma la naturaleza en función de las necesidades humanas. Es cultura toda actividad social: contraer matrimonio, crear organizaciones, promover material o espiritualmente un barrio, etc. Y es cultura la actividad política. Y lo es la actividad religiosa, sea personal o sea comunitaria.

El término cultura comprende toda actividad que forma parte del tejido de la vida humana y relaciona al hombre con Dios, con sus semejantes, con la naturaleza. Podríamos definirla "el estilo de vida e incluso de la muerte". Modo o estilo de vivir que se apoya en determinados valores, que son como razones o sus porqués.

Todo hombre tiene un estilo de vida, un modo de vivir. Lo que nos permite concluir con lógica: que la cultura es cuestión de todo hombre, y no solamente de elites. Por tanto, es culto el común de la gente, el pueblo humilde, por muy deficiente que sea su expresión escrita u oral. Es una cultura auténtica que ha sido adquirida en la escuela de la vida, al contacto con la realidad dura y en medio de la acción transformadora del trabajo.

Hay quienes, con aire de superioridad, califican de "analfabeta" la cultura popular. Sin embargo, en esa "cultura analfabeta" hay valores más arraigados que en muchas actividades intelectuales. (Pedro Salinas). ¡Cuánta sabiduría popular expone el Martín Fierro, de Hernández! Y no menos el folklore (ciencia del pueblo) nacional.

Estas líneas no pretenden otra cosa que invitar a los intelectuales a que descubran y reconozcan humildemente las vigencias culturales del pueblo. El intercambio entre cultura popular y cultura intelectual enriquecerá a las dos y contribuiría indudablemente a forjar la cultura nacional, una en los valores que nos identifican, pluralista en las formas de vivirlos y expresarlos.

2 - ES LA COMUNIDAD LA CREADORA DE LA CULTURA

Las personas nacen, se desarrollan y realizan en comunidad. Viven ligadas unas a otras por innumerables lazos sutiles, a través de los cuales reciben el aporte de los otros y dan su propio aporte. De aquí que la cultura es obra de la persona, completada y enriquecida en y por la comunidad. En otras palabras, es fruto del Nosotros, que es la comunidad.

La cultura nace de un pueblo y de la cultura nace una nación. En un momento dado de la historia, el grupo de personas, que se identifican con un concepto de la vida y con determinados valores, forjan una cultura y crean una nación. "La nación, dice Juan Pablo II, existe por y para la cultura, y así ésta es la gran educadora de los hombres para que puedan "ser más" en la comunidad... Existe una soberanía fundamental de la sociedad que se manifiesta en la cultura de la nación... Se trata de la soberanía, por la cual al mismo tiempo el hombre es supremamente soberano" (Discurso en la UNECO, 2/6/80).

"Una nación es una cultura, pero ésta no es unívoca; en su seno pueden cohabitar diversas subculturas regionales, provinciales, estatales, cada una con sus rasgos diferenciales (incluso con lenguas y dialectos distintos), pero con un eje valorativo" (Revista NEXO: Lucio Gera: Religión y Cultura, Septiembre de 1986).

3 - LIMITACIONES DE LA CULTURA Y FUNCION DE LA FE

El hombre y en consecuencia su cultura se enfrentan ineludiblemente con tres problemas que constituyen los interrogantes supremos de su

vida: la muerte, el amor y el pecado.

La muerte se nos presenta como la gran limitación y con apariencias de frustración total. ¿Qué sentido tiene entonces la vida? ¿Qué sentido tienen los seres que valoramos y apreciamos?

El amor es imprescindible al ser humano. Delicioso, pero cercado de espinas. Noble, pero fácil objeto de profanación. Es la única fuerza que libera de la soledad y genera comunidad, que fortalece ante el dolor y hace osado ante la contrariedad, que endulza y embellece la vida. Y sin embargo, es difícil cultivarlo y recoger sus frutos sazonados. ¿Cuán frecuentemente lo carcomen el tiempo y la costumbre, lo agrieta el infortunio, lo ahoga el egoísmo! Y no pocas veces el hombre experimenta que no ama plenamente o que su amor no es correspondido o lo es limitadamente... Y los porqués llevan angustias al corazón del hombre, como las olas del mar dejan restos en la orilla.

Y a los interrogantes que generan la muerte y el amor, súmanse los de la culpa, esa culpa que golpea sordamente la conciencia del hombre.

El ser humano es un proyecto que se realiza con lentitud, entre dificultades, con tropiezos. Cuando contempla lo realizado, descubre que hay déficit en su vida, es decir, que hay en ella aspectos no cumplidos y surgen entonces las preguntas: ¿Soy o no culpable? ¿Acaso no son estas deficiencias productos de una voluntad floja? ¿La culpa podrá ser perdonada?

Esta conciencia de la culpa es lo que los cristianos llamamos pecado.

La razón y la cultura del hombre no pueden dar respuestas satisfactorias a los interrogantes que plantean la muerte, el amor y el pecado, porque ellos están fuera del alcance de la razón humana. Unicamente puede darlas Dios, por ser el creador de todo lo existente.

- Y de hecho las ha dado. "Después de haber hablado antiguamente a nuestros padres por medio de los profetas, en muchas ocasiones y de maneras múltiples, finalmente Dios nos habló por medio de su Hijo (Hebreos 1, 1-2). En su Hijo Jesucristo, Dios ha completado su revelación. Y ésta es el fundamento cristiano.

La revelación cristiana, cuya depositaria es la Iglesia, responde plenamente a los supremos interrogantes de la vida.

Los grandes temas del Evangelio son el amor, la vida, la muerte y, dominándolo todo, el señorío de Dios que salva.

Cristo, "imagen de Dios invisible" Cf. 1,15, y hombre perfecto, esclarece el misterio del hombre. Jesús revela toda la verdad sobre el hombre: que éste sale de Dios elevado por la participación gratuita de la vida divina, realiza su vocación suprema en el mundo y retorna a Dios; que el pecado lo convierte en un rebelde frente al plan divino y el perdón lo reconcilia con Dios y con sus hermanos; que el dolor y el sufrimiento, asumidos serenamente, lo maduran y hacen crecer, y la muerte es el paso obligado a la resurrección: unido a Cristo y con El alcanza plenamente el hombre su destino a la felicidad. La revelación cristiana ofrece a los hombres estas respuestas acerca de los supremos interrogantes de la vida.

Cuando la cultura las acepta y asimila nos hallamos ante el hecho de una cultura evangelizada que puede descifrar el misterio del hombre. En este caso, la fe y la cultura se enriquecen mutuamente. La fe se encarna, sin desmedro de su identidad, en una determinada cultura, asimilando sus valores y su lenguaje. La cultura, sin pérdida de su autonomía, asume el mensaje evangélico y lo convierte en un factor constitutivo de su identidad. El pueblo sujeto de la cultura evangélica pasa a ser pueblo de Dios, es decir, una porción de la Iglesia.

4 - IGLESIA Y CULTURA MODERNA: SUS RELACIONES

Cuando hablamos de Edad Moderna, nos referimos al prolongado período histórico que se extiende desde la Edad Media hasta nuestros días.

La Edad Moderna es la era de los grandes descubrimientos geográficos, de los sorprendentes avances de la ciencia y de la técnica y de los profundos cambios en el campo de la industria y en la misma sociedad, que dan nacimiento, en la Europa occidental, a la civilización

urbano-industrial. Surge una nueva cultura: la moderna.

La cultura moderna se caracteriza por ser **autónoma**[53], **secular**[54], **laical**[55]. Se explica, por una parte, por el hecho de que los nuevos pueblos europeos, educados bajo la tutela de la Iglesia, habían alcanzado la mayoría de la edad psicológica y por otra parte, por las posibilidades que ofrecía al hombre, el maravilloso progreso de las ciencias.

Una cultura de semejantes características no conlleva, de por sí o necesariamente, el ateísmo o la negación de Dios, como no implica negar la existencia y la acción creadora del relojero, el explicar el movimiento y la exactitud del reloj por el mecanismo que contiene interiormente.

- La cultura moderna comenzó con el Renacimiento y el Humanismo[56], movimientos literarios y artísticos que significaron, en alguna manera, el retorno a la antigüedad. "Los contemporáneos quisieron resueltamente inaugurar una nueva época. Y forjaron un mito histórico: el mundo antiguo destruido por la Edad Media a la que, a su vez, era preciso destruir... Esta impresión de fundar un saber nuevo, de romper con una Edad Media incapaz de comprender a los antiguos procede, sin duda, de la decadencia de los escolásticos, quienes en los siglos XIV y XV abandonaron las grandes síntesis humanísticas por una magia neoplatónica hermética, una incipiente ciencia experimental y una lógica seca y bárbara" (Mousnier: Los Progresos de la Civilización Europea. Libro primero).

El hombre moderno buscaba un estilo de vida distinto al que recogió de la Edad Media. Quería vivir de manera más libre, más placentera, más bella. Y acudió al mundo antiguo en busca del ideal del hombre, de la bondad, de la belleza.

Los hombres del Renacimiento, en su mayoría cristianos, se esforzaron por congeniar la nueva cultura con la Revelación cristiana. Generaron la cultura del Barroco[57], que predominó hasta el siglo XVI incluso. A partir del siglo XVII se impone una modalidad cultural hostil a la Revelación cristiana y a la Iglesia, que se autodeterminó cultura de la ilustración. Esta hostilidad dejó paso, en los siglos XIX y XX, al ateísmo práctico en el liberalismo, teórico y militante en el marxismo.

- Cultura del barroco

La gran renovación católica que significó el Concilio de Trento contribuyó notablemente al desarrollo de la cultura del barroco.

El barroco es la primera expresión de la modernidad, en la que se vive una fuerte conciencia de cambio, de la novedad, pero al mismo tiempo coexiste la idea de continuidad con el pasado cristiano.

Esta cultura se inspira en la concepción del mundo y de la vida. Se ocupa más de las relaciones del hombre con el hombre que de las relaciones del hombre con la naturaleza: le importa la vida interior y no tanto el dominio de la naturaleza por la técnica. Da primacía al sentimiento, favorece el ideal de lo heroico que conduce a la exaltación.

La cultura barroca produjo un tipo humano de excepción, como por ejemplo, en España, Ignacio de Loyola, Teresa de Jesús, Francisco Javier, Pizarro, Cortés, etc.

Fue una cultura o más bien una constante histórica permanente de arraigo popular, como se evidencia en América Latina.

- Cultura ilustrada

La cultura ilustrada va gestándose en el siglo XVII y se desarrolla en el XVIII. Sus seguidores pretenden descifrar los misterios y solucionar los problemas del hombre con la sola luz o la ilustración de la razón, por medio de la ciencia y la técnica, de ahí que se autodenomina "cultura de la ilustración". Rechaza la Revelación divina y desconoce la autoridad de la Iglesia. La fe en la razón humana y en el progreso ilimitado sustituye a la fe en Dios. Pretende hacer del hombre un semidios terrestre.

La ilustración se desinteresa de aquellas realidades que están fuera del alcance de la razón y de los sentidos y se entrega exclusivamente al desarrollo de la ciencia y de la técnica. En consecuencia empuja al hombre a no preocuparse de los grandes interrogantes de la vida, lo empuja a desplegar su actividad en lo científico-técnico o en lo socio-económico político.

Aplicada al campo social, la cultura de la ilustración genera dos tipos de humanismo: el liberal y el socialista.

- Humanismo liberal.

El humanismo liberal nace de la contraposición entre la libertad del individuo y la autoridad política. Su gran tema es la libertad del individuo frente al Estado. Es en el siglo XVIII, cuando aparece el liberalismo como sistema. Sus expresiones históricas más visibles serán el capitalismo y la democracia liberal.

El liberalismo surge de la visión individualista del hombre: considera al hombre como un YO autosuficiente, desvinculado de los demás. Consecuentemente ignora que es esencialmente social, abierto a los otros, de quienes necesita para nacer y desarrollarse. Es una visión inadecuada o incompleta.

El liberalismo endiosa la libertad del individuo por encima de la Comunidad y del Estado. "Cree exaltar la libertad individual substrayéndola a toda limitación, estimulándola con la búsqueda exclusiva del interés y del poder, considerando las solidaridades sociales como consecuencia más o menos automáticas de iniciativas sociales y no como un fin y un criterio más elevado del valor de la organización social" (Pablo VI: Carta Apostólica en el 80 aniversario de la Rerum Novarum"). Clama en forma decisiva por los derechos de la persona y calla los derechos de la comunidad, olvidando que los derechos individuales deben sintonizar con los derechos sociales.

- El humanismo socialista.

El socialismo nace como una reacción ante las injusticias tremendas causadas por el liberalismo. Ha forjado un nuevo tipo de sociedad: Las repúblicas socialistas.

El socialismo expone distintas modalidades: unas ateas, otras cristianas, unas compatibles con la dignidad del hombre, otras incompatibles. De hecho, ha predominado el socialismo marxista. A este socialismo apunta fundamentalmente nuestro análisis.

El marxismo se alza sobre la visión colectivista y materialista del hombre. Concibe al hombre exclusivamente como "ser social", es decir, como parte del todo: la sociedad. Según esta visión, la persona humana

queda absorbida por la sociedad, como una gota de agua por un río o las aguas de un río por el océano. Tanto más cuanto que el marxismo, al desconectar del hombre el principio espiritual (el alma) que lo hace sujeto responsable de sus actos, lo reduce a mera materia y le niega capacidad de decidir por sí mismo y de optar libremente. Para el marxista, las condiciones económicas determinan el destino humano y quienes promueven el cambio de las estructuras económicas, sociales y políticas, en otras palabras, quienes ejercen el poder del Estado (los altos dirigentes del partido comunista) deciden por el individuo y señalan las normas de su comportamiento. Es así como el marxismo proclama los derechos sociales e ignora los derechos individuales, particularmente la libertad de la persona humana. Exige justicia social, olvida que sin libertad no hay justicia.

- Con la cultura de la ilustración se rompe el diálogo de la Iglesia.

El mundo moderno que surge de la cultura de la ilustración asume una actitud de rechazo y hostilidad para con el cristianismo. El liberalismo desconoce la revelación cristiana y la autoridad de la Iglesia y pretende encasillar a ésta en el ámbito de la conciencia y de lo privado. La Iglesia se repliega: encerrada en sí misma, ocupa lo mejor y la mayor de sus fuerzas en defender su identidad y su misión. Y se vuelve recelosa y negativa frente a la modernidad. No todo fue negativo sin embargo. La crítica al Estado moderno alerta sobre la tendencia de éste al uso de la violencia y a entrometerse en todo; el rechazo de ciertas doctrinas desenmascara los errores que ocultan y señala las funestas consecuencias que podrían generar.

El marxismo promueve una militancia hostil y persecutoria en contra de la Iglesia. Esta vive sin libertad y actúa en condiciones que imponen exorbitantes limitaciones, allí donde está establecido el marxismo.

León XIII inicia el diálogo con la modernidad. Y el diálogo, continuado por sus sucesores, fue avanzando lentamente, no obstante las tensiones que se daban. El Concilio Vaticano II renueva la Iglesia en función de su presencia en el mundo, la Iglesia desde entonces mira con

respeto y amor al hombre moderno, reconoce en forma clara y explícita la autonomía de lo temporal, se compromete a compartir "los gozos y esperanzas, las tristezas y angustias de los hombres sobre todo de los pobres y de cuantos sufren" y se dispone a servirlos desde el Evangelio, porque ella "se siente íntima y realmente solidaria del género humano y de su historia" (Vaticano II: G. et S. I.).

5 - LA IGLESIA Y LA CULTURA DE AMERICA LATINA

"Desde los orígenes de la América española, la Iglesia, con la predicación, el bautismo y los demás sacramentos, contribuyó a comunicar un espíritu cristiano y evangélico que penetró la raíz misma de la cultura en gestación. Cooperó así a humanizarla en la medida de las limitaciones de toda obra humana... El espíritu cristiano que la Iglesia sembró en el momento en que el elemento autóctono enfrentaba al llegado desde Europa, contribuyó a crear un dinamismo generador de un nuevo tipo cultural y de una particular unidad espiritual a escala latinoamericana... En efecto, al predicar la fe e impartir el bautismo al indígena, la Iglesia reconocía su carácter racional y humano. Procediendo así, cultivaba en él la conciencia de la dignidad del hombre, hijo de Dios, e impulsaba al europeo al reconocimiento de esa dignidad. Por eso, la fe y el bautismo, recibidos por la mayoría, fueron semilla de una básica conciencia de igualdad y de la posesión de derechos comunes al blanco y al indio... Ello coayudó a fortalecer una tendencia integradora de culturas a través del mestizaje, que se manifiesta claramente en estos territorios desde los inicios de la conquista. Prácticamente en el término de un siglo nace una cultura nueva, fruto de la integración del indígena, el negro y el conquistador hispanolusitano que desemboca en un hondo e integrador mestizaje cultural.

Además de la nueva identidad cultural... comienza a gestarse la integración de los pueblos americanos que se saben vinculados por una misma fe, una misma lengua, un idéntico estilo de vida que muestra valores y rasgos comunes, conservando sus particularidades regionales"[58]. Nació

y se formó el pueblo latinoamericano, un mundo nuevo unido económica, política y religiosamente: La Patria Grande.

- El primer sello cultural que aporta España sobre el vasto territorio indígena es el del barroco, que constituye el elemento totalizador de la cultura latinoamericana.

Es muy posteriormente cuando las oligarquías dominantes intentaron suplantar el barroco por la cultura de la ilustración, anticatólica y anticlerical. Entre los medios que emplearon hay uno particularmente significativo: sustituir la población criolla y mestiza "de gente haragana y que no trabajan", decían, por inmigrantes procedentes de países sajones. El proyecto se frustró en la práctica. Las grandes corrientes migratorias que llegaron en el siglo XIX, fueron españolas e italianas, que se asimilaron integralmente al estilo criollo de vida, robusteciendo el espíritu barroco del Nuevo Mundo. De modo tal, que los sectores populares de nuestro continente, siguen arraigados en una concepción católica del mundo, pese a los proyectos elaborados por elites que adhirieron a otros modelos.

- El menosprecio y abandono de la cultura popular por parte de las elites políticas y de la "inteligencia" de la burguesía criolla, condujo a una política de emancipación que desembocó en un mundo de pequeñas patrias desvinculadas entre sí, lo que favorecía los planes de las potencias imperialistas. América Latina sentía que se perdía a sí misma. Y eso se percibe aún hoy en los reclamos y anhelos por reconstruir la Patria Grande, que supone no el retorno a los tiempos del Virreinato ni tampoco el destruir las soberanías nacionales, sino la búsqueda de una integración que exprese con eficacia espiritual y material la unidad cultural que se mantiene vigorosa y permite a nuestros pueblos sentirse hermanos y solidarios.

6 - PUEBLO E IGLESIA, PILARES DE LA PATRIA GRANDE

Reconstruir la Patria Grande es una exigencia imperiosa de la vocación a la libertad de América Latina. Esta vocación nace y se nutre de nuestra cultura popular que es "sabiduría profunda, memoria histórica de luchas y de triunfos, común aspiración de Patria, recuerdo del pasado, esfuerzo de actualidad, reto al futuro". Sabiduría en la que "está inscrita una nueva civilización que se va gestando entre lágrimas y sufrimientos; que es para la plena manifestación de libertad y liberación de los hijos de Dios; que realice la vocación originaria de América Latina, llamada a plasmar... en una síntesis nueva y genial, lo espiritual y lo temporal, lo antiguo y lo moderno, lo que le han dado otros y su propia originalidad"[59].

La Patria Grande es el gran desafío de América Latina. De la respuesta al mismo depende el destino de nuestros pueblos: el afianzamiento de la paz, un mayor desarrollo integral, el logro de un lugar digno y un voto decisivo en el concierto internacional.

Porque así lo intuye, el pueblo latinoamericano anhela la resurrección de la Patria Grande. Porque así lo entiende, la Iglesia de América Latina aboga por la Patria Grande y promueve su reconstrucción. Puebla (Nº 428) expresa: "La Iglesia de América Latina se propone reanudar con renovado vigor la evangelización de la cultura de nuestros pueblos y de los diversos grupos étnicos para que germine o sea reavivada la fe evangélica y para que ésta, como base de comunión, se proyecte hacia formas de integración justa en sus cuadros de nacionalidad, de una gran Patria latinoamericana, y de una integración universal que permita a nuestros pueblos el desarrollo de su propia cultura, capaz de asimilar, de modo propio, los hallazgos científicos y técnicos".

Juan Pablo II alienta esta línea pastoral del episcopado latinoamericano: "Seguid, pues, prestando vuestro aporte, dilectos pastores, a la causa de la justicia, de una bien entendida integración latinoamericana, como un servicio esperanzado de unidad"[60].

Reconstruir la Patria Grande es la condición primera sin la cual América Latina y cada uno de los países jamás lograrán plenamente la soberanía política, la independencia económica, la justicia social.

Podemos reconstruirla, porque se mantiene viva y vigorosa, la fuerza con la que nuestros pueblos y la Iglesia forjaron ayer la Patria Grande y están decididos hoy a rehacerla. Y porque podemos, debemos reconstruirla.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA CULTURA POPULAR

"La cultura popular, estructurada fundamentalmente en torno al trabajo cotidiano... es el núcleo desde donde el pueblo ejerce su resistencia centenaria contra los opresores, a partir de sus cantos, danzas, religiosidad vigente, "economía subterránea" (autoconsumo o autoproducción invisible a la economía capitalista), solidaridad comunitaria, sistema alimenticio, etc.

Sin embargo, en el régimen de opresión que sufren los pueblos de los países periféricos, la cultura popular debe mimetizarse en las artesanías, en el folklore, en un nivel de cultura despreciada y subalterna. Sólo en los casos en que el pueblo logre organizarse, producir una práxis de liberación, sólo en esos casos, la cultura popular se torna creadora; es el caso de los pueblos que realizan una revolución cultural nacional.

La Iglesia de los pobres, las comunidades eclesiales de base, los profetas y santos que articulan con los pobres, se identifican con ese proceso "creador de cultura" y lo asimilan en la liturgia, en la celebración de la Palabra, en el rito en torno al memorial eucarístico, síntesis cultural y económica, donde el "pan" es objeto cultural, sentido desde la Palabra... y comido en la justicia. La comunidad festeja así en su cultura el fruto del trabajo para la vida".

(Etica Comunitaria, Nº 18, 9, de Enrique Dussel).

Podemos reconstruirla, porque se mantiene viva y vigorosa, la fuerza con la que nuestros pueblos y la Iglesia forjaron ayer la Patria Grande y están decididos hoy a rehacerla. Y porque podemos, debemos reconstruirla.

LECTURAS COMPLEMENTARIAS

LA CULTURA POPULAR

"La cultura popular, estructurada fundamentalmente en torno al trabajo cotidiano... es el núcleo desde donde el pueblo ejerce su resistencia centenaria contra los opresores, a partir de sus cantos, danzas, religiosidad vigente, "economía subterránea" (autoconsumo o autoproducción invisible a la economía capitalista), solidaridad comunitaria, sistema alimenticio, etc.

Sin embargo, en el régimen de opresión que sufren los pueblos de los países periféricos, la cultura popular debe mimetizarse en las artesanías, en el folklore, en un nivel de cultura despreciada y subalterna. Sólo en los casos en que el pueblo logre organizarse, producir una práxis de liberación, sólo en esos casos, la cultura popular se torna creadora; es el caso de los pueblos que realizan una revolución cultural nacional.

La Iglesia de los pobres, las comunidades eclesiales de base, los profetas y santos que articulan con los pobres, se identifican con ese proceso "creador de cultura" y lo asimilan en la liturgia, en la celebración de la Palabra, en el rito en torno al memorial eucarístico, síntesis cultural y económica, donde el "pan" es objeto cultural, sentido desde la Palabra... y comido en la justicia. La comunidad festeja así en su cultura el fruto del trabajo para la vida".

(Etica Comunitaria, Nº 18, 9, de Enrique Dussel).

TRADICION Y CULTURA DE NUESTROS PUEBLOS

El Papa Juan Pablo II, al referirse a la tradición cultural de los pueblos latinoamericanos, la califica de "una sabiduría profunda de vuestra gente, una memoria histórica de luchas y triunfos, una aspiración común de Patria", que "están simbolizadas en los mismos grandes temas religiosos que viven en el pueblo como focos de actividad cultural, y que inspiran la instrucción, el arte, las artesanías, la fiesta y el descanso, la convocación multitudinaria y hasta la organización de las comunidades..."

(Discurso en Quito - Ecuador - 3/1/85).

"Velen con todos los medios a su alcance, por esta soberanía fundamental que posee cada nación en virtud de su propia cultura. ¡Protéjanla como a la niña de sus ojos para el futuro de la gran familia humana! ¡Protéjanla! No permitan que esta soberanía fundamental se convierta en presa de cualquier interés político o económico. No permitan que sea víctima de los totalitarismos, imperialismos o hegemonías, para los que el hombre no cuenta sino como objeto de dominación y no como sujeto de su propia existencia.

Incluso la nación, su propia nación o las otras, no cuentan para ellos sino como objeto de dominación y cebo de sus intereses diversos, y no como sujeto de la soberanía proveniente de la auténtica cultura que les pertenece en propiedad".

(Juan Pablo II: Mensaje a la UNESCO.- 2/6/80, Nros. 14 y 15).

X - LA ESPIRITUALIDAD DEL TRABAJADOR CRISTIANO

1 - LA ESPIRITUALIDAD O ESTILO DE VIDA CRISTIANA

Espiritualidad deriva del término espíritu.

Espíritu es el ser sin mezcla de materia. Distinto de la materia, el espíritu no se opone a ella. Tan es así que ambos, íntimamente unidos, pueden constituir un ser peculiar. Es el caso del ser humano, que en su totalidad es espíritu-cuerpo. Por eso, los actos espirituales más sublimes del hombre (pensar, querer, amar) son penetrados y condicionados por el cuerpo y las acciones corporales más primitivas (comer, caminar, generar) están animadas y dirigidas por el espíritu. El hombre es un YO que expresa su realidad única: alma-cuerpo. Porque es espíritu encarnado (corporizado) o carne (cuerpo) espiritualizado.

Por ignorar esta realidad humana, algunos reducen la espiritualidad a los actos o las cosas del espíritu (alma), como si en el hombre, el espíritu pudiera existir y actuar independientemente del cuerpo. Y esto no es propio del cristianismo.

El cristianismo es la religión de la "encarnación". Su centro es la persona de Jesucristo. Y éste no es un "espíritu", sino un ser de carne y hueso (Lc. 24, 37-40), que "come y bebe" (Lc. 24, 41-43; Mt. 11, 19). Y este hombre es "Hijo de Dios" (Marc. 1, 1), es "Dios... hecho hombre" (Jn. 1, 1-14).

La espiritualidad cristiana, por lo tanto, afecta al hombre (alma-cuerpo), a todos sus actos (del espíritu y del cuerpo) y a todas sus actividades (personales y sociales). Nada escapa a la influencia de Cristo y de su Espíritu. Podemos definirla como el estilo o el modo de vivir cristianamente. Estilo que implica ser y actuar como Cristo, ser otro Cristo hoy y aquí.

2 - ESPIRITUALIDAD PROPIA DEL LAICADO

La espiritualidad cristiana es una en esencia: consiste ésta en "seguir a Cristo", "vivir como Cristo". Pero múltiple en sus formas: se dan distintos modos de seguir a Cristo, de ser como él. Porque el Evangelio y la persona de Jesús envuelven aspectos y virtualidades tan ricos que ningún ser humano pudo ni podrá vivirlos todos. De ahí que el cristiano debe contentarse con escoger un aspecto de la vida de Jesús y, desde este aspecto, interpretar el Evangelio y elaborar su espiritualidad o modo de vivir como Cristo. La elección de ese aspecto es determinada de acuerdo al temperamento, la educación, la vocación de cada persona y el ambiente en que vive. Así surgen en la Iglesia las diversas espiritualidades. Todas se proponen "seguir a Cristo". Cada una desde un aspecto distinto. San Francisco de Asís y San Vicente de Paúl "siguen a Cristo", el primero a Cristo pobre y crea la espiritualidad franciscana que gira alrededor de la pobreza evangélica; el segundo a Cristo evangelizador de los pobres y forja la espiritualidad vicenciana, cuyo eje es la vida y las virtudes de Cristo misionero de los pobres.

Toda espiritualidad cristiana posee dos elementos. Uno, esencial y permanente, que la identifica y la diferencia de otra espiritualidad: es el aspecto del Evangelio que la inspira. Otro, secundario o circunstancial: el temperamento, la educación, la vocación, el ambiente socio-político. Una espiritualidad conserva actualidad y validez, pese al correr del tiempo, en la medida en que, desprendiéndose del elemento circunstancial, adapta a las nuevas realidades su elemento esencial o aspecto evangélico escogido.

- Todo cristiano, por exigencia del bautismo, ha de ser y vivir como Cristo. Cada uno en conformidad con su sexo, temperamento, estado y vocación. Es la razón por la cual, el laico o seglar debe elaborar una espiritualidad propia: la forma de seguir y actuar como Cristo ha de ser diferente de la espiritualidad del sacerdote o del religioso.

El laico "vive en el siglo o mundo secular". En otras palabras, vive en las condiciones ordinarias de la vida de familia y social, con las que está entretejida su existencia[61], ocupado en actividades del mundo. Es

desde esta realidad y en función de la misma que debe elaborar su espiritualidad, avanzando hacia la santidad y contribuyendo a la vez "a la santificación del mundo, como desde dentro, a modo de fermento"[62]. Una espiritualidad de acción secular (en el mundo) y para la acción secular, que surge de la oración y la acción, de la participación sacramental y el compromiso temporal y conduce al encuentro con Dios y con el hombre y encarna el amor a Dios en el servicio al hombre. Espiritualidad que se apoya sobre la **FE** en un Dios activamente presente en la historia de los hombres, la **ESPERANZA** en la acción del Espíritu Santo que atraviesa la historia y la conduce hacia la salvación y la **CARIDAD** que urge la entrega y el servicio al Reino de Dios.

- El bautismo nos une íntimamente a Cristo -"Yo soy la vid, vosotros los sarmientos"- haciéndonos partícipes de su vida divina. Somos hombres divinizados e hijos de Dios. Tal nos quiere Dios desde toda la eternidad. La Fe, la Esperanza y la Caridad, que se nos infunde en el bautismo, nos capacitan para actuar en unión con Cristo. La espiritualidad, acción de Dios y nuestra, nos va modelando a imagen de Cristo y nuestra vida, como la de Jesús, se convierte en una ofrenda agradable a Dios y un servicio del hombre.

3 - ESPIRITUALIDAD LAICAL Y COMPROMISO TEMPORAL

El orden temporal "está constituido por los bienes de la vida, de la familia, de la cultura, de la economía, de las artes y de las profesiones, de las instituciones de la comunidad política, de las relaciones internacionales y de otras realidades semejantes, así como su evolución y progreso". Posee autonomía, destino y fines propicios, como también leyes y medios propios.

Las cosas temporales gozan de una bondad natural que les viene de la creación. "Dios miró todo lo que había hecho, y vio que era muy bueno" (Génesis 1, 31). Destinadas al servicio del hombre, lo esclavizan

éste las convierte en ídolos, resignando su dignidad: el señor de las cosas pasa a ser dominado por ellas. Es misión de la Iglesia, de cada bautizado y de toda institución cristiana denunciar y combatir este error y promover el respeto de la jerarquía de valores instituida por el Creador. Es lo que llamamos compromiso temporal.

En un sentido amplio, el compromiso temporal significa iluminar y orientar las tareas temporales, a la luz del Evangelio y según las exigencias de la caridad cristiana, conservando, sin embargo, las leyes y fines propios de este orden. Es tarea de la Iglesia como institución.

En un sentido estricto, el compromiso temporal significa buscar y dar soluciones concretas a los problemas temporales que se suscitan en el campo político, económico, social, cultural, etc., actuando directamente en dicho orden. Es tarea que corresponde a los laicos en cuanto tales, con responsabilidad propia. Este compromiso temporal es parte constitutiva de la espiritualidad del laico. Sin él la espiritualidad laical no es tal: no responde a la vida y la vocación del laico, cuyo lugar propio es el mundo y su función ordenarlo de acuerdo al plan de Dios. Sin el compromiso temporal, el amor a Dios y al prójimo del laico se reduce a estériles sentimientos y se agota en hermosas palabras.

Son válidas también para los laicos las palabras que San Vicente de Paúl decía a sus misioneros: "Amemos a Dios, hermanos míos, amemos a Dios, pero que sea con el esfuerzo de nuestras manos y el sudor de nuestra frente, pues tantas declaraciones de amor, de complacencia, de benevolencia y otros sentimientos, fruto de un corazón que ama, aunque óptimos y muy de desear, son muy sospechosos si no conducen a la práctica del amor efectivo", que es la acción.

4 - ORACION Y SACRAMENTO NUTREN TODA ESPIRITUALIDAD

Sin una suficiente y buena alimentación, la vida se debilita y termina por extinguirse. No escapa a esta ley la vida cristiana, contenido esencial de toda espiritualidad.

La santidad es la vocación de todo cristiano. El laico debe realizarla a través del compromiso temporal. Escalar la santidad, asumiendo sin desmayos el compromiso temporal de cada día, genera fatiga y agota. Y si a lo difícil de la ascensión en la virtud y lo arduo del combate por un mundo mejor, sumamos los resbalones y desvíos en la marcha, las heridas y los reveses en la lucha, nos resultará evidente la necesidad de replantearse el camino o de modificar la estrategia de la lucha, de recuperar las fuerzas o de atender las heridas. Y es en la oración y en los sacramentos donde el cristiano encuentra luz y energía, alivio y curación para luego reiniciar, renovado y con mejores posibilidades, la marcha y el combate.

- La oración

Orar es conversar con Dios, con Cristo, con María, la Virgen, con los Santos. Como conversamos con nuestros padres o hermanos o amigos o compañeros. Allí donde nos encontramos. De modo espontáneo, sencillo, natural. ¡Tantas cosas nos unen, nos interesan, nos deseamos!

Así ha de ser nuestra oración. Y lo será si brota de nuestra vida, ya que en ella se entrelazan intereses y anhelos, alegrías y fatigas, triunfos y fracasos que afectan a Dios y a nuestros semejantes, y dan lugar a expresar nuestra oración, nuestra alabanza y gratitud, nuestra necesidad de perdón, de ayuda, de protección. ¡Cuántos ejemplos de oración sencilla, filial, confiada contienen los libros de la Sagrada Biblia! Sobresalen los Salmos. Ocupan lugar preponderante las oraciones de Cristo. La oración brota de la vida para transformar la vida obteniendo la gracia de Dios.

Hay quienes buscan afanosamente un método eficaz de oración. Un buen método facilita la oración, no afecta sin embargo a la esencia de la oración, que es "conversar o dialogar con Dios", que supone hablar con Dios y escuchar a Dios. Cada uno lo hace a su modo. La oración es fruto más de la iniciativa divina, de la acción del Espíritu Santo, que del esfuerzo humano. El hombre debe estar atento a la iniciativa divina y a colaborar con ella.

San Vicente de Paúl gustaba decir: "Dadme un hombre de oración y será capaz de todo". Se hace fuerte con la "fuerza de Dios". Cuenta con

la omnipotencia de Dios. Puede forzar su mano, su decisión. Así aconteció con la Virgen María en las Bodas de Caná (Jn. 2, 1-12) y con la mujer cananea (Mt. 15, 21-8).

Dios conoce nuestras necesidades, pero quiere y espera que se las expresemos. "Pidan y se les dará... Si Uds., que son malos, saben dar cosas buenas a sus hijos, ¡cuánto más el Padre celestial dará cosas buenas a aquellos que se las pidan! (Mt. 7, 7-11).

- Los sacramentos

Los sacramentos fueron creados y entregados a la Iglesia por Cristo para continuar y hacer visible su presencia salvadora entre los hombres. Son instrumentos, a través de los cuales el Salvador perdona los pecados, comunica la vida divina, transforma al hombre, forja la nueva creación. Los sacramentos generan el ser y la vida cristiana.

La Eucaristía y el sacramento de la Reconciliación o Confesión se relacionan de modo inmediato y reiterado con el cotidiano vivir del hombre. Por eso, nos detenemos en ellos.

La Eucaristía actualiza el sacrificio de la cruz bajo las apariencias del pan y del vino y nos alimenta con la "carne y la sangre" de Cristo (Jn. 6, 55; 1 Cor. 10, 16).

La Misa celebra la liberación del hombre, obtenida "con la sangre preciosa de Cristo" (1 Pedro 1, 19). En consecuencia, despierta o acrisola, aumenta o vigoriza la conciencia de vivir en libertad. Cuestiona las incoherencias que se dan en la vida personal, en las estructuras sociales, en la misma historia.

La palabra de Dios convoca a la libertad de los hijos de Dios. El Cuerpo y la Sangre de Cristo, recibidos en la Comunión, renuevan e infunden energías liberadoras.

- "La Eucaristía, escribe Alejandro Cussiánovich, es el signo concreto confiado por Cristo a la Iglesia, de su militancia radical; la Cena del Señor tenía pleno sentido porque toda su vida no hizo sino anunciar militantemente el mensaje de liberación, y porque unas horas después cumpliría el gesto supremo de militancia: dar la vida por todos los

hombres...

La fuerza subversiva de la Eucaristía le viene de esto: de la certeza de que hoy somos liberados por el Señor y que este don nos engancha a luchar por la liberación que aún no es realidad para todos, ni lo es plenamente para todos... Sabemos que lo más exigente de la celebración eucarística radica en que ésta no puede ser realmente auténtica por parte de la Iglesia si no está vitalmente ligada al esfuerzo de solidaridad, de amor al prójimo, solidaridad y amor que se expresan al mismo tiempo en la disponibilidad al perdón y a la acogida del otro, y en compromiso por construir la justicia, base de la comunión entre todos... La Eucaristía por lo tanto o corre el riesgo de que su participación sea inauténtica, o debe ser signo concreto de la militancia de la Iglesia... Resumiendo, la Comunidad cristiana que celebra la Eucaristía debe cada vez revisar su compromiso, su militancia. La militancia concreta da sentido a nuestra participación en la Eucaristía; la Eucaristía es el sentido de nuestra militancia" ("NOS HA LIBERADO", cap. XI).

De la Eucaristía, el compromiso temporal del militante cristiano recibe fecundidad en grado insospechado. El militante llega al altar llevando consigo la representación de aquellos con quienes convive y con quienes actúa. Y presenta a Dios, junto con la vida y los sufrimientos de Cristo, la vida y los sufrimientos propios y de sus representados. Y al retornar a sus quehaceres, siembra allí donde vive y donde desarrolla su actividad, las semillas o gérmenes de salvación que ha recogido de este encuentro privilegiado con Cristo Resucitado.

- La Confesión o Reconciliación es el sacramento del perdón recreador.

No siempre triunfamos en la lucha contra el pecado. Más de una vez hemos debilitado e incluso quebrado la amistad con Dios y las relaciones con los demás. Y con nosotros quedó perjudicada la comunidad. El pecado no es sólo "cosa mía". Afecta también a todos. Nuestras actitudes y acciones son solidarias y refuerzan la comunidad o son egoístas y la debilitan e incluso pueden dividirla. El pecado tiene resonancias sociales:

es la "raíz y fuente de toda opresión, injusticia y discriminación" (Puebla 517).

El sacramento de la reconciliación rehace o vigoriza las relaciones amistosas con Dios y con los demás. Más que palabra, el perdón de Dios es acción que extirpa el pecado, reajusta el corazón, devuelve o fortifica la vida. El hombre es renovado, la comunidad queda reparada y crece la solidaridad de sus miembros.

Por el hecho de ser acciones de Cristo, la Eucaristía y la Reconciliación, aunque de por sí son eficaces, sus frutos dependen de las buenas disposiciones de quienes participan de su celebración. San Agustín afirma: "El que te creó sin ti, no te salvará sin ti". Verdad que la JOC aplica así a sus militantes; "Sin Cristo, el militante nada puede hacer. Sin el militante, Cristo nada quiere hacer. Cristo y el militante lo pueden todo".

5 - CRISTO OBRERO Y LA ESPIRITUALIDAD DEL TRABAJADOR

Toda espiritualidad cristiana gira en torno a un aspecto de la vida de Cristo. Y desde este aspecto, el cristiano interpreta y vive el Evangelio y adquiere rostro y estilo propios.

La visión de Cristo Obrero es la más apropiada para fundamentar e inspirar la espiritualidad del trabajador cristiano.

Jesús de Nazaret "pertenece al mundo del trabajo". Su madre era hija del pueblo humilde. Su padre adoptivo era carpintero. El mismo Jesús pasó la mayor parte de su vida terrena trabajando con sus manos en el banco carpintero. Obrero de la materia como artesano, fue luego obrero del espíritu como evangelizador de los pobres.

El trabajo artesanal había marcado a fuego la persona de Jesús. Su acción resumía sentido de la realidad concreta y de la justicia, sensibilidad ante la desgracia y el dolor ajeno, disposición a la solidaridad afectiva y al servicio, preferencia por los pequeños, los débiles, los pobres, valores

éstos innatos a los hombres de trabajo.

"Sus parábolas[62] sobre el Reino de Dios se refieren constantemente al trabajo humano: el trabajo del pastor, del campesino, del médico, del sembrador, del dueño de casa, del siervo, del mercader, del administrador, del pescador, del obrero". Jesús "habla además de los distintos trabajos de las mujeres. Presenta el apostolado a semejanza del trabajo manual de los segadores o de los pescadores. Además se refiere al trabajo de los estudiosos"[63]. Tan es así que en el mundo de los humildes lo reconocen y aceptan como a uno de los suyos.

- Inspirándose en este Cristo Obrero, los trabajadores y militantes cristianos pueden elaborar su propia espiritualidad laical. En su vida y en sus enseñanzas encontrarán las líneas y los criterios ciertos para la tarea de construir un mundo sobre la dignidad del hombre y del trabajo y extender el Reino de Dios. "El cristiano que está en actitud de escucha de la Palabra de Dios vivo, uniendo el trabajo a la oración, sepa que puesto ocupa su trabajo, no solamente en el progreso terreno, sino también en el desarrollo del Reino de Dios, al que todos somos llamados con la fuerza del Espíritu Santo y con la palabra del Evangelio"[64].

LECTURA COMPLEMENTARIA

EUCARISTIA Y LIBERACION

"La Eucaristía celebra la victoria de Cristo sobre la muerte, sobre el pecado. Celebrar la Eucaristía es celebrar a Cristo como liberador, como Salvador, como Señor.

La muerte y la resurrección del Señor constituyen la acción subversiva más radical; es vencer la raíz misma de la injusticia, de la explotación, del egoísmo: es vencer el pecado.

Cuando los cristianos celebramos la Eucaristía estamos celebrando este misterio de subversión radical. Cristo nos ha liberado, y nos sigue llamando a ser libres. La fuerza subversiva de la Eucaristía le viene de esto: de la certeza de que hoy somos liberados por el Señor y que ese don nos engancha a luchar por la liberación que aún no es realidad para todos, ni lo es plenamente para nosotros.

Celebrar la victoria sobre el pecado y comprometerse a seguir luchando por vencer el pecado y sus consecuencias en el hombre y en la sociedad... hacen de la eucaristía una acción que cuestiona nuestro mundo interior, nuestra sociedad, nuestra historia... nuestras incoherencias personales y colectivas.

Toda Eucaristía es un llamado a la conversión, a un cambio radical... Lo más exigente de toda la celebración eucarística radica en que ésta no puede ser realmente auténtica por parte de la Iglesia, si no está ligada al esfuerzo de solidaridad y de amor al prójimo, solidaridad y amor que se expresan al mismo tiempo en la disponibilidad al perdón y a la acogida del otro, y en el compromiso por construir la justicia, base de la comunión entre todos".

(*"Nos ha Liberado"*, de Alejandro Cussiánovich.- Lima (Perú).- 1972).

NOTAS EXPLICATIVAS Y FUENTES DE INFORMACION

1- **Cardijn:** La hora de la clase obrera.

2- **Perón:** La hora de los pueblos.

3- **Ignace Leep:** Angustias y esperanzas del proletariado.

4- **Pablo VI:** Evangelii Nùntiandi Nº 14.

5- **José María Roman:** San Vicente de Paúl. Biografía.

6- **Pablo VI:** Evangelii Nuntiandi-Nº 27 a 36; Declaración del episcopado Argentino de San Miguel: Justicia (2 y 3).

7- **Ignace Leep:** Angustias y esperanzas del proletariado. Capítulo (11,4).

8- **Reinaldo G. Conforti:** Historia de la Clase Trabajadora. Capítulo 11.

9- **Juan Pablo II:** En la Plaza de la Independencia. Santo Domingo.

10- **Jorge Pixley-Clodovis Boff:** Opción por los pobres. Cap. 1, 3.

11- **Pixley-Boff:** Opción por los pobres. Cap. 1, 3.

12- **Tercer Mundo:** Se lo puede definir desde tres puntos de vista:

1º: el geográfico: conjuntos de pueblos subdesarrollados de América Latina, de Asia y de Africa.

2º: el ideológico: los pueblos que asumen una posición ideológica, distinta del liberalismo y del socialismo colectivista e intentan un socialismo humanista, que respete los valores espirituales y religiosos, nacionales e internacionales y armonice lo individual y lo comunitario, la libertad y la justicia.

3º: el político: el grupo de países dominados o dependientes que pretenden forjar un bloque coherente y eficaz con miras a una política internacional liberadora que les permita ser plenamente soberanos y decidir por sí mismo su propio desarrollo integral, en un clima de solidaridad, sin aislarse de los demás países y sin someterse a ninguno. Aún no han logrado su objetivo.

Hoy, después de la crisis del marxismo en Rusia y en los pueblos del este de Europa y la desaparición del imperialismo soviético, hay una nueva realidad mundial: queda una sola superpotencia y el capitalismo liberal que domina y se extiende mundialmente. No se puede hablar de primero, segundo y tercer mundo... Ha cambiado el envase.

No lo envasado. Persiste substancialmente el contenido de lo que hasta hace poco se llamaba el tercer mundo: pueblos dependientes o dominados que, por serlo, son empobrecidos y trabados por los dominadores en sus esfuerzos por desarrollarse. Ideológicamente se puede hablar de un mundo que, al parecer, marcha hacia un orden internacional de ideología capitalista, en el que luchan por imponer su poder diversas potencias capitalistas: Las que conforman la Comunidad Europea, Japón y Estados Unidos. Desde el punto de vista ideológico, existe en el mundo uniformidad, salvo alguna que otra excepción, pero políticamente hay pluralidad de poderes (William Pfaff, periodista norteamericano). Sin embargo, también hoy, como anteriormente, el mundo se divide en dos bloques: el de los países ricos y el de los países pobres, cada vez más distantes unos de otros.

13- **Puebla:** Nº 1134.

14- **Pixley-Boff:** Opción por los pobres. Cap. IX; **Reinaldo G. Conforti:** Historia de la Clase Trabajadora, Capítulo II, Nº 4, 5, 6.

15- **Asistencialismo:** actitud y práctica de quienes pretenden solucionar la pobreza con la sola asistencia. Dan pescado, no enseñan a pescar. **Reformismo:** la política de quienes, interesados en la defensa del sistema imperante que los privilegia, promueven reformas que dejan intacta la esencia del mismo. Conceden algo, para no perderlo todo.

16- **La política** puede entenderse como lucha por el poder (política partidista) o como forma de participación en el ámbito de la sociedad civil en defensa y la promoción del bien común (política en general). La Iglesia, como institución, no puede intervenir en política partidista. No puede desligarse de la política general, particularmente cuando se viola la dignidad y los derechos del hombre, sobre todo de los pobres, cuando son contrariadas las exigencias de la justicia y de la solidaridad.

17- **J. M. Ibáñez:** Vicente de Paúl y los pobres de su tiempo, 4. Evangelización de los pobres. XXXV Asamblea General de la Congregación de la Misión 14.

18- **Ibáñez:** Obra citada. 11. Responsabilidad con respecto a los pobres.

19- **Varios Autores:** Argentinos: Pastoral y dependencia.

20- **Varios Autores:** Argentinos: Obra citada.

21- **Cardijn:** Es la Hora de la Clase Obrera.

22- **Juan Pablo II:** A los Sacerdotes, Religiosos y Laicos de Uruguay (31-3-87).

23- **Juan Pablo II:** Discurso anteriormente citado.

24- **HablaCardijn:** Editorial Jocista, págs. 184-186.

25- **Mons. Rau:** Introducción al libro Habla Cardijn.

26- **Cardijn:** Es la Hora de la Clase Obrera.

27- **Revista Ecclesia:** España.

28- **Papa Pío XII:** Discurso a los 30.000 jocistas. Roma 1957.

29- **Pablo VI:** Al presidente internacional de la JOC (19-9-69).

30- **Habla Cardijn:** Editorial Jocista.

31- **Pablo VI:** Carta al presidente internacional de la JOC 1969.

32- **Concilio Vaticano II:** Lumen Gentium (Luz de los Pueblos) Nº 31.

33- **Carta de Mons. Solari:** Ver Notas de Pastoral Jocista. Abril-Mayo de 1949.

34- **Equipo o grupo de influencia:** El grupo de jóvenes trabajadores que forma el militante jocista en su barrio o lugar donde trabaja o actúa con miras a transformar el ambiente y demás trabajadores.

Asamblea General: Reunión abierta a todo joven trabajador.

35- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.

36- **Notas de Pastoral Jocista.** Marzo-Abril 1949.

37- **Notas de Pastoral Jocista.** Noviembre-Diciembre 1949.

38- **Notas de Pastoral Jocista.** Noviembre-Diciembre 1949.

39- **Boletines y Notas de Pastoral Jocista** del Período 1950-1957.

40- **Notas de Pastoral Jocista.** 1957.

41- **Notas de Pastoral Jocista.** 1957.

42- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.
43- **Notas de Pastoral Jocista.** 1957.
44- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.
45- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.
46- **Notas de Pastoral Jocista.** 1956.
47- **Notas de Pastoral Jocista.** 1956.
48- **Methol Ferré:** La Iglesia en América Latina. Revista NEXO, Nº 10.
49- **Methol Ferré:** La Iglesia en América Latina. Revista NEXO, Nº 10.
50- **Methol Ferré:** Artículo y revista citados.
51- **Notas de Pastoral Jocista.** 1958.
52- **Temporalista.** En la tarea de evangelizar se puede caer en uno de estos dos errores: reducir la acción al campo de lo espiritual o religioso (espiritualismo) o reducirla a lo profano, temporal o social (temporalismo). Pablo VI rechaza ambas reducciones: La misión de la Iglesia se realiza tanto en lo profano como en lo religioso; abarca todas las dimensiones de la vida. (Evangelii Nuntiandi).
53- **Autónoma:** Que no depende de la fe. Busca alcanzar y analizar con sólo la razón las verdades naturales, que están a su alcance, sean filosóficas o científicas, religiosas o morales.
54- **Secular:** Que da una explicación inmediata -primera- de los fenómenos naturales o de los problemas humanos en base a la naturaleza de las cosas o del hombre respectivamente.
55- **Laical:** Que es elaborada fundamentalmente por y para laicos, es decir, personas que viven en las condiciones ordinarias de la vida familiar y social, ocupadas en actividades del mundo.
56- **Renacimiento y Humanismo:** Florecieron durante los siglos XV y XVI; son movimientos distintos, pero estrechamente emparentados. Con el nombre de Humanismo se designa a aquella parte del Renacimiento que preocupóse preferentemente de la formación literaria, del lenguaje, de la educación, de los estudios, del saber.
57- **Barroco:** En su origen, el término significó una forma de arte

que, apartándose de la sencillez y sobriedad del Renacimiento clásico, se distinguió por la exuberancia en el adorno y el decorado. Posteriormente a todas las formas de la cultura.
58- **Episcopado Argentino:** Iglesia y Comunidad Nacional, 4-7 - 8-5-81.
59- **Juan Pablo II:** Discurso en Quito (Ecuador), 3-1-85.
60- **Juan Pablo II:** Discurso en el XXV Aniversario del CELAM. Río de Janeiro.
61- **Vaticano II:** Lumen Gentium 31.
62- **Vaticano II:** Lumen Gentium 31.
63- **Juan Pablo II:** "El hombre que trabaja", 26.
64- **Juan Pablo II:** "El hombre que trabaja", 27.

INDICE

INTRODUCCION 5

I - JESUS LIBERADOR DESDE SU CONDICION DE POBRE Y CON LOS POBRES 9

1 - Al querer ser como Dios, el hombre desordenó la creación 9
2 - Cumplido el tiempo, Dios envió a Jesús El Salvador 10
3 - El Reino de Dios centro de la enseñanza de Jesús 11
4 - Comienzo de las hostilidades en contra de Jesús 13
5 - El Reino de Dios utopía hecha realidad por Cristo 14
6 - El Reino de Dios, don divino y esfuerzo del hombre 15
7 - El Reino de Dios se gesta en el interior del corazón 16
8 - La Iglesia es signo e instrumento del Reino 17
9 - Pobre y con los pobres 18

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 20

EL CARPINTERO 20
EL REINO DE DIOS 21

II - EL MUNDO OBRERO Y LA IGLESIA 22

1 - Una audaz pregunta y un inquietante planteo 22
2 - El mundo obrero: sus integrantes, su misión, su acción 23
3 - La Iglesia: Miembros, misión, actividades 25
4 - Testimonios de los hechos históricos 27
5 - La Iglesia defensora de la dignidad y los derechos del trabajo 34

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 36

LA GLORIA DE DIOS Y LA GLORIA DEL HOMBRE 36
LA GRAN APORTACION 37

III - HOY ¿QUIENES SON LOS POBRES? ¿POR QUE LO SON? 38

1 - Los pobres de ayer y los pobres de hoy 38
2 - Tres grandes grupos o bloques de pobres 39
3 - Los pobres son producto de un sistema explotador y excluyente . 41
4 - Los pobres claman por el cambio del sistema dominante 44
5 - Lucha solidaria a nivel nacional e internacional 46

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 51

LA LEY DEL LIBRE MERCADO Y LA JUSTICIA 51
ES MENESTER CONSTRUIR UN MUNDO NUEVO 52

IV - LA OPCION DE LA IGLESIA POR LOS POBRES .. 53

1 - Un compromiso solemne, explícito y público 53
2 - Opción que deriva de la opción por Cristo 54
3 - Esta opción debe ser efectiva y solidaria 55
4 - La nueva forma de la opción cristiana por los pobres 57
5 - Sin compromisos concretos es ilusión la opción por el pobre 59
6 - Potencial evangelizador de los pobres 62

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 64

CRISTO, IGLESIA, POBRES 64
LA LECCION DE UNA VIDA 65
NUEVA EXPRESION DEL AMOR A LOS PUEBLOS . 66

V - EL PUEBLO PROTAGONISTA DE LA HISTORIA ECLESIAL Y CIVIL 67

1 - Un hecho peculiar en América Latina 67
2 - Un pueblo poco instruido en la fe, pero de fe viva 67
3 - Pastoral desde el pueblo y con el pueblo 69
4 - Un paso decisivo sin duda; aún queda mucho por andar 72

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 74

IGLESIA Y MUNDO 74
"EN EL MUNDO SIN SER DEL MUNDO" 75

VI - PASTORAL DEL MUNDO DEL TRABAJO 76

1 - Una forma específica de la pastoral popular 76
2 - La pastoral del trabajo reclama en la actualidad doble acción 76
3 - Principio clave de la pastoral del trabajo 77
4 - La salvación o liberación total, meta de la pastoral del trabajo ... 79
5 - Necesidad de un organismo representativo 81
6 - Tarea de promoción, de coordinación y de inserción 82

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 84

LA HORA DE LA CLASE OBRERA 84
CARISMAS Y FUNCIONES 85

VII - JUVENTUD OBRERA CRISTIANA (JOC) 86

1 - Naturaleza, fundación y extensión mundial de la JOC 86
1 - Movimiento cristiano al servicio del mundo obrero 86
2 - Repetidos intentos y feliz parto de la JOC 87
3 - Cuatro características esenciales de la JOC auténtica 92
4 - La evangelización, razón de ser de la JOC 95
5 - Elite extraída de la masa en función de la masa 96
6 - Una organización para el movimiento, no al revés 96

2 - Trayectoria histórica de la JOC argentina 97
1 - Nacimiento oficial de la JOC argentina: Año 1940 97
2 - Líneas de formación y de acción apostólica 98
3 - Publicaciones al servicio de la formación y acción 99
4 - Actos reveladores de la vitalidad y el empuje de la JOC 100
5 - Dos obispos recomiendan la JOC a sus sacerdotes 102
6 - Avances del movimiento. Los 10 años de su fundación 103
7 - Comienza a decrecer el empuje del movimiento 104
8 - Primer Congreso Mundial Jocista en Roma 106
9 - Gestación de la crisis. Signos alarmantes 107
10 - Varias y complejas causas de la crisis 108
11 - Causas particulares internas a nuestra JOC 109
12 - Causas que influyeron desde el exterior 112
13 - No todo fue negativo en la JOC argentina 115
14 - Saliendo al paso de ciertas afirmaciones erróneas 117
15 - La JOC Internacional (JOCI) y la Santa Sede 122

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 123

EL JURAMENTO DE JOSE CARDIJN 123
LA ORACION DEL JOCISTA 124
MADRE OBRERA 124

VIII - SERVICIO DE EDUCACION POPULAR (SEP) 125
1 - Educando desde el pueblo y con el pueblo 125
2 - Método participativo: todos educadores y educandos 126
3 - Formación integral del trabajador. Sus tres niveles 128
4 - Estructura y extensión del SEP en América Latina 129
5 - Valores y principios animadores del SEP 130

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 131

EL SERVICIO DE EDUCACION POPULAR 131
OPCION ENTRE DOS MODELOS SOCIALES 132

IX - CULTURA POPULAR 133

1 - La cultura, cuestión de todo hombre y no de elites 133
2 - Es la comunidad la creadora de la cultura 134
3 - Limitaciones de la cultura y función de la fe 134
4 - Iglesia y cultura modernas: sus relaciones 136
5 - La Iglesia y la cultura de América Latina 141
6 - Pueblo e Iglesia, pilares de la patria grande 143

LECTURAS COMPLEMENTARIAS 145

LA CULTURA POPULAR 145
TRADICION Y CULTURA
DE NUESTROS PUEBLOS 146

X - LA ESPIRITUALIDAD DEL TRABAJADOR CRISTIANO 147

1 - La espiritualidad o estilo de vida cristiana 147
2 - Espiritualidad propia del laicado 148
3 - Espiritualidad laical y compromiso temporal 149
4 - Oración y sacramento nutren toda espiritualidad 150
5 - Cristo obrero y la espiritualidad del trabajador 154

LECTURA COMPLEMENTARIA 156

EUCARISTIA Y LIBERACION 156

NOTAS EXPLICATIVAS Y
FUENTES DE INFORMACION 157

Este libro se imprimió en octubre de 1996
en los Talleres Gráficos de
LA OPINION DE MORENO
Editor Juan Carlos Lacusta
H. Yrigoyen 125, (1744) Moreno, Bs. As.
Tel.: 037-25353

ENTREGADO POR:
PEDRO M. CASUASIN
ALEM 610-
(6700) - LUJAN - B.A. - ARG.
Tel 0323-23401

LA OPCION POR LOS POBRES

Mons. Leonidas Proaño

Palabra viva 3

LA OPCION POR LOS POBRES

LA OPCION POR LOS POBRES

MONS. LEONIDAS PROAÑO

Mons. Leonidas Proaño
PALABRA VIVA 3
"LA OPCION POR LOS POBRES"

Edición: CECCA, CEDECO, FEPP
Fundación Pueblo Indio del Ecuador.
Diagramación y fotografía: CEDECO
Titulación: Fundación Pueblo Indio del Ecuador.
IQuito, agosto de l990

PRESENTACION

UN POBRE LLAMADO LEONIDAS

"Siempre habrá pobres entre ustedes"

Las palabras de Jesús las habíamos interpretado a partir de nuestro egoísmo como una bendición de pobreza. Hablo de la pobreza sufrida, no de la que se asume libremente por amor solidario. Servía además como justificativo al secular contubernio entre la Iglesia y los poderosos de esta tierra.

Es sintomático constatar, como lo señala Víctor Codina, que si bien la palabra "pobreza" abunda en los índices de la teología anterior al Concilio Vaticano II (1962), la palabra "pobre" es muy difícil encontrarle (1).

Fue menester que surgieran hombres y acontecimientos para que llegara a su fin tan grave omisión. Un Juan XXIII, un Leocaro, Charles de Foucauld, Vaillaume, L'abbé Pierre, Cardiun, Ancel, los curas obreros y

(1) Víctor Codina,"De la modernidad de la solidaridad", CEP, Lima, Perú, 1984

ese nuevo Pentecostes: el Concilio Vaticano II, sin mencionar otros nombres y acontecimientos, pero sin omitir tampoco la Renovación bíblica preconciliar.

El empobrecimiento creciente del Tercer Mundo fue coincidentemente el detonador. Igualmente los movimientos de liberación que estallaron en el continente africano. Igual ocurrió en el nuestro. América Latina apareció de pronto ante nuestros ojos, "ancho y ajeno". La frase de Gustavo Gutiérrez, como una "totalidad de dominación", de cuyas entrañas emergió un ronco clamor cada vez más amenazante. La del pobre que exigía justicia.

La nómina de los hombres que nos ayudaron a despertamos, a reconocer al pobre, así como a descubrir el potencial liberador de la palabra de Dios, es incompleta. Corresponde, cronológicamente al tramo de la historia que parte de la década del 60: MANUEL LARRAIN, CAMILO TORRES, HECTOR GALLEGOS, HELEDER CAMARA, LUIS ESPINAL, OSCAR ROMERO, LEONIDAS PROAÑO, ANGELELLI, VALENCIA, ELLACURIA y sus compañeros y una multitud de profetas y mártires, de hombres y mujeres que constituyen la mayor gloria de la iglesia latinoamericana de los últimos tiempos.

Entre los sucesos, Medellín (1968) y Puebla (1979). Por supuesto también "Santa Cruz de Riobamba" (1976) en donde cerca de medio centenar de obispos religiosos y laicos fueron reducidos a prisión, siendo la principal figura el Obispo de los indios "Santa Cruz", golpe mortal al modelo constantineano de Iglesia.

Estos hombres y acontecimientos manifestaban, aquella doble conversión iniciada en el Concilio: conversión a Dios y conversión al hombre. En definitiva una sola porque no hay camino hacia Dios que no pase por el hombre y viceversa, como ya lo señalaba Pablo VI al clausurar el Vaticano II.

Fuimos descubriendo poco a poco que el Dios de Jesús y por lo tanto el nuestro, era el Dios de los pobres que por supuesto no excluye a nadie de su proyecto salvador.

Que no había otra manera de entender correctamente la palabra de Dios consignada en la Biblia sino desde la óptica de los pobres, a los cuales urgía devolver su libro.

Que detrás de cada hombre empobrecido había un empobrecedor y todo un sistema injusto y esclavizante, que era necesario denunciar y combatir, a tiempo y a destiempo. Sistema de pecado.

No olvidaré aquella mañana cuando luego de abrir la correspondencia que le había llegado me dijo: "La carta que me ha emocionado es la de una pequeña comunidad indígena del Chimborazo. Me dicen que están conmigo. Que siga luchando sin temor por la causa de los pobres. ¿Qué te parece? Esto es lo que me sostiene para seguir adelante.

Un pobre vino a evangelizamos, se llamaba Leonidas.

Guayaquil, 3 de junio de 1990
José Gómez Izquierdo.

FUNDAMENTOS DE LA OPCION POR LOS POBRES

Mi querido hermano de sacerdocio, Párroco de Huaca, Señor Teniente Político, Sr. Presidente del Centro Cultural y queridos amigos aquí presentes.

Voy a hablar con ustedes sencillamente. Se me ha pedido dejar unas palabras de siembras, siembras del Evangelio. Si se me ha invitado a venir a Huaca, como se me ha invitado a otras partes del país, es principalmente porque, como se lo ha recordado ahora, ha habido un trabajo durante más de treinta años, al frente de la Diocésis de Riobamba, en favor de los más pobres, de los indígenas.

Ha sido un trabajo duro, trabajo difícil pero consolador; por eso me parece conveniente que en esta noche yo les hable de los fundamentos de la opción por los pobres, como lo dijo la Conferencia Episcopal de Puebla. La Iglesia hizo allí una opción por los pobres, una opción preferencial.

Discurso pronunciado por Mons. Leonidas Proaño en el Acto en Huaca, Carchi, 1 de julio de 1985

Cuáles son los fundamentos, llamémosles teológicos, de esa opción por los pobres? Recordemos a grandes rasgos.

Preferencia de Dios por los pobres

Dios es el Creador de todas las cosas. El creó el mundo, el universo, creó nuestra tierra con todas las riquezas que ella contiene; fue como una especie de preparación para la creación del hombre. Después de hacer todo cuanto nosotros conocemos, y muchas cosas que no conocemos todavía, Dios se dijo a sí mismo: hagamos al hombre a nuestra imagen y semejanza. Retengamos bien estas palabras, a nuestra imagen y semejanza, e hizo al hombre.

Pero este hombre abusó de su facultad de ser libre y por este abuso se introdujo el pecado en el mundo. A partir de allí la historia de la humanidad, es una historia de muchas tristezas. Si consideramos esta historia, a grandes rasgos, vemos que hay muerte.

La primera historia que nos cuenta la Sagrada Escritura es el asesinato, el fratricidio cometido por Caín en su hermano Abel. Por qué? Porque el sacrificio de Abel era grato a los ojos de Dios, en cambio, el sacrificio de Caín no era grato a los ojos de Dios. No lo dice la Bilbia, pero muy probablemente el sacrificio de Caín no era grato porque era un sacrificio interesado.

Muchas veces puede ocurrirnos también a nosotros, que hacemos actos religiosos, actos de piedad, actos de devoción, más bien por interés antes que por un auténtico servicio a Dios. Y así se manchó la tierra con sangre humana, derramada con la sangre de un mismo hermano.

Podemos ir viendo que, a lo largo de la historia de la humanidad, la guerra ha constituído el hecho culminante de esa historia. Es una historia de verguenza para la humanidad. Guerras, matanzas, asesinatos y con todo eso, juntamente, el surgimiento de la ambición, de la ambición de riquezas, de la ambición de poder. La ambición de riqueza anda del brazo con la ambición de poder político.

Ha sobrevivido una especie de división de la humanidad. Unos hacen todo lo posible para enriquecerse, para captar el poder económico y con éste el poder político, a costa de la explotación y la opresión de otros seres humanos dominados por ellos.

El amor por los más pobres debe ser nuestra bandera

Ya en el Antiguo Testamento encontramos que Dios se muestra favorable hacia los pobres, hacia las viudas, hacia los huérfanos, hacia los extranjeros que, quizás emigran a otros país en busca de pan para saciar su hambre. En el Antiguo Testamento leemos toda la historia de la liberación del pueblo de Israel que fue sojuzgado por los faraones. Cuando se aparece el Señor a Moisés en la cumbre de una montaña le dice: he visto la opresión de mi pueblo, he escuchado el clamor de mi pueblo y he bajado para liberarle. En prueba de que ha bajado a liberarlo, da a Moisés una misión muy difícil: preséntate ante el faraón y dile que

deje marchar libremente a mi pueblo hacia el desierto, para que allí me ofrezca sacrificio. El corazón del faraón se endurece y sucede todo lo que conocemos acerca de las diez plagas de Egipto. Finalmente, el faraón permite, al menos transitoriamente, que el pueblo de Israel salga de la opresión. El faraón se arrepiente, arma sus ejércitos y va en persecución del pueblo. Conocemos, de igual manera, la intervención del Señor en el paso del mar Rojo, cómo ampara al pueblo que está conquistando su libertad.

No vamos a extendernos en esta historia de la liberación de Israel; la hemos recordado así, brevemente, pero esa preferencia de Dios por el pobre, se hace presente a través de los profetas, quienes levantan su voz con una valentía extraordinaria, diría yo, hasta con una dureza de lenguaje poco común, en contra de los poderosos, en contra de los que quebrantan los mandamientos de Dios, que se fundamentan en el amor al prójimo, en el amor al más pobre.

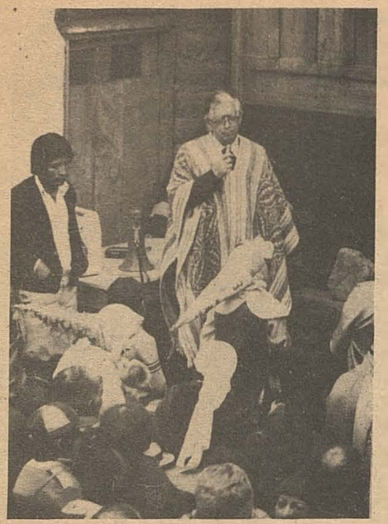
Hacerse pobre entre los más pobres

Así prepara el Señor el día de la salvación, que llega con la encarnación del Verbo de Dios. Aquí quiero detenerme un poco más. Hablando de Jesucristo, San Pablo, nos dice en una de sus cartas que, siendo rico, se hizo pobre, y esa es la verdad.

Si hemos hablado esta noche de la creación del mundo, es la palabra de Dios, es el verbo de Dios, quien actuó en esa creación. En la Biblia encontramos que Dios habló y dijo: sea la luz, y la luz, fue. Por lo mismo, este Jesús en quien creemos los cristianos, es la palabra de Dios, es el Verbo de Dios, por el cual, según dice San Juan, fueron hechas todas las cosas y nada de cuanto existe ha sido hecho sin él.

Este es el Hijo de Dios, el Verbo de Dios, el que ha hecho tantas cosas, tantas riquezas. De suyo, es pues, rico; por eso dice San Pablo siendo rico se hizo pobre; se hizo pobre, al tomar la naturaleza humana, al tomar un cuerpo como el que tenemos nosotros, un cuerpo con tantas limitaciones, al tomar una sensibilidad como la nuestra, al hacerse capaz de sentir hambre, de sentir sed, de sentir cansancio, ya que Jesús sí experimentó el cansancio, la fatiga, experimentó sed. Recordemos, para comprobarlo:

Dice el Evangelio que Jesús se quedó sentado junto al brocal del pozo de Jacob, mientras iban sus discípulos a comprar pan, en la población vecina de Samaria. Fatigado estaba, no podía continuar caminando con ellos. Se quedó a descansar, los demás fueron a comprar pan porque tenían hambre. Jesús tenía sed y cuando se acerca la mujer samaritana le dice: dame de beber, dame un vasito de agua. La mujer le replica: ¿Cómo tú, siendo judío, me pides a mí que soy samaritana que te dé de beber?, y entabla un diálogo. Tampoco vamos a detenernos en el diálogo, nada más que quede claro que allí se demuestra que Jesús experimentó fatiga, cansancio, sus piernas ya no le daban más para continuar caminando; se sentó a descansar. El tenía hambre como tenían también sus compañeros de viaje y experimentaba sed; se hizo humano como nosotros, San Pablo dice: asumió todas nuestras miserias menos la del pecado. Se hizo pobre no sólo en el sentido de haber tomado nuestra naturaleza humana, tan frágil, tan débil, tan proclive a sentir muchas



necesidades, sino que se hizo pobre entre los más pobres, porque él quiso nacer en un hogar pobre, quiso nacer en Belén, no siquiera en una casita, sino en un pesebre. María y José eran pobres, José, todos lo sabemos y lo reconocemos como humilde artesano, como un artesano de pueblito pequeño. Allí creció Jesús y cuando a la edad de treinta años más o menos, le tocó salir al público para predicar la Buena Nueva de salvación, de quiénes se rodeó? Se rodeó de pobres que eran sus discípulos escogidos entre humildes pescadores. Y si podemos decir que hubo alguien que fuera rico fue Mateo, Saqueo, él entró en el Colegio Apostólico, en el grupo de los apóstoles de Jesús, después de renunciar a la riqueza, después de decir: voy a devolver todo lo que he robado y voy a repartir la mitad de mis bienes a los pobres.

Jesús subió a la montaña y predicó allí su famoso Sermón de la Montaña en donde dijo: bienaventurados los pobres porque de ellos es el reino de los cielos. Podría alargarme más comprobando cómo Jesús, nuestro salvador, el hijo de Dios hecho hombre, se hizo pobre y vivió con los pobres, se rodeó de pobres, pero creo que debemos detenernos para hacer algunas reflexiones.

La opción por los pobres, un desafío de la Iglesia Latinoamericana

Empecé diciendo que la Iglesia Latinoamericana reunida en Puebla, aprobó el capítulo en el cual se habla de la opción preferencial por los pobres. En esto, la Iglesia de América Latina no ha hecho otra cosa sino reorientar la línea del Evangelio, aplicarla a nuestra realidad

latinoamericana, por lo mismo, aplicarla a nuestra realidad ecuatoriana. Cuando se aprobó este documento en Puebla, me llené de alegría, Porqué? Porque en la Diócesis de Riobamba, había hecho esa opción por los pobres desde un comienzo. La documentación de Puebla fue como una comprobación o aprobación de algo que veníamos haciendo.

A los pobres se les anuncia esa buena nueva de salvación que Cristo proclamó en la sinagoga de Cafarnaún: he sido ungido y enviado para predicar la buena nueva a los pobres, para dar vista a los ciegos, para proclamar también la liberación de los oprimidos. Se aplicó así mismo la profecía de Isaías que Cristo les estaba enseñando: que la Buena Nueva hay que predicarla a los pobres.

Son los pobres los que reciben la revelación del Padre

Quiero añadir lo siguiente: se están haciendo muchos elogios. Ahora mismo, las palabras que se han pronunciado, son de elogio para mi persona. Yo les digo con toda sencillez y con toda verdad que no soy yo el que merece esos elogios, no, de ninguna manera. Si bien es verdad

que fui a la Diócesis con ese anhelo de proclamar la Buena Nueva a los pobres, y mis colaboradores, sacerdotes, religiosas, seglares, todos, hemos cumplido con esa misión encargada por Cristo, los pobres nos han devuelto con creces. Hay una frase que recorre el mundo y dice que los pobres nos evangelizan. La misma conferencia de Puebla dice que hay que aprovechar el potencial evangelizador de los pobres. Yo puedo decir que eso lo hemos vivido en carne propia, que he podido comprobar cómo los pobres, cómo los indígenas, analfabetos muchos de ellos, han captado la profundidad del mensaje del Evangelio, lo entienden, lo comprenden.

Los marginados comprenden y viven mejor el Evangelio

Dice el Evangelio que un día Jesús hizo una oración que consistió en estas palabras: Padre, dirigéndose a Dios, Padre, yo te bendigo porque has revelado todas estas cosas a los pequeñitos, a los pobres, diríamos ahora a los analfabetos, a los más despreciados, a los que han sido, precisamente, despreciados por la sociedad rica, les has revelado todas estas cosas y las has ocultado a los poderosos, a los que se llaman entendidos. Esto lo he comprobado yo en cantidad de veces. Son los pobres los que reciben una revelación de lo alto, del Padre que está en los cielos; captan el mensaje evangélico con una claridad extraordinaria, pero no solamente lo captan, luego lo viven, lo ponen en práctica. Jesús dijo que no basta con escuchar la palabra de Dios, que hay que ponerla en práctica; ellos lo han entendido perfectamente bien.

Como ejemplo de lo dicho, he visto indígenas que, una vez que recibieron la luz de la revelación de la palabra de Dios, indígenas pobres, pobrísimos, han ido a trabajar en la zafra, en los ingenios de azúcar, uno o dos meses, trabajando duramente y ahorrando lo que más podían para atender a su familia y dedicar luego, un mes entero, a realizar un trabajo de evangelización en las comunidades indígenas, es una muestra de cómo ellos viven el evangelio, de cómo el pobre nos evangeliza.

He visto así mismo, entre dos campesinos dirigentes indígenas de una misma comunidad, establecer una especie de turno para atender las necesidades de la comunidad. Mientras uno de ellos trabaja un mes en la costa, el otro que al frente atendiendo todas las necesidades, para nodejar huérfana a la comunidad en ningún día del año. Los he visto estar dedicados constantemente al trabajo apostólico, y vuelo a repetir que, cuando veo esto, digo que los pobres realmente nos evangelizan, nos conmueven, nos sacuden, y por eso también he afirmado que los elogios no son para mí; cuando los escucho, como en esta noche, yo lo enderezo hacia ellos, hacia el pueblo pobre del Ecuador, hacia este pueblo cristiano del Ecuador, hacia ustedes, entre quienes puede haber ciertas diferencias pequeñas en cuanto a bienestar, pero no es una

población rica la del Ecuador, no es una población opulenta, no, es un pueblo pobre, un pueblo creyente en Dios y en la Virgen, un pueblo que cree en la providencia de Dios, que cree en el amor protector de la Virgen Santísima, que cree en el Evangelio, que cree en Jesús, y es su seguidor.

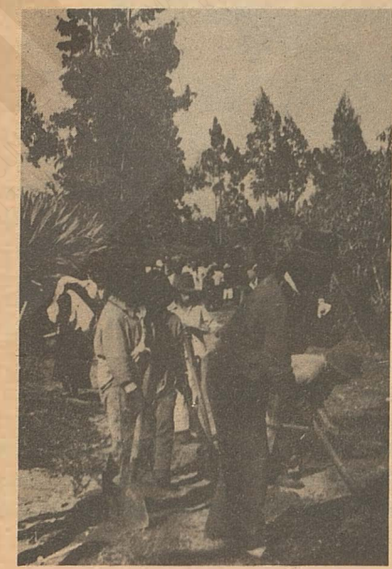
Este pueblo capaz de muchas acciones, de muchos compromisos, es nuestro pueblo y a él me pertenezco. Este pueblo es el que merece todos los elogios, de modo que, devuelvo a ustedes todos los elogios que he recibido.

Un pueblo que no pierda sus genuinos valores

Se está hablando de mi candidatura al Premio Nobel de la Paz. Se habla del honor que eso puede significar. Todo lo que significa honor viene a ser vacío, puede ser vacío, inclusive el mismo premio, si ese premio no trae un compromiso, un desafo con el pueblo.

Este pueblo es el que tiene que cambiar, tiene que avanzar, avanzar en qué sentido, a la riqueza? No. Quisiera que avance a cierta conquista de la justicia y a la conquista de una suma de bienes necesarios, indispensables, de acuerdo con la voluntad de Dios, para que este pueblo pueda desenvolverse, pueda educarse, pueda crecer. Pero, fundamentalmente, quisiera que fuésemos un pueblo unido y nos identifiquemos como tales, como ecuatorianos, como latinoamericanos, un pueblo que no pierde su fe, un pueblo que no pierde sus valores.

Hay muchas influencias que nos vienen de diversos costados, influencias perniciosas, tendientes a hacernos perder nuestros valores culturales. Séame permitido en este momento saludar la iniciativa de haber creado un Centro Cultural que, seguramente, quiere rescatar valores culturales ancestrales de nuestros antepasados. No debemos negar ni renegar del porcentaje de sangre india que también llevamos en nuestras venas, y por lo mismo, no debemos renegar de los valores culturales que, como herencia, nos dejaron esos indios, que vivieron unos valores culturales extraordinarios.



El pueblo de Carchi se ha distinguido y ha conquistado fama con las grandes mingas que ha realizado en tantas oportunidades. Qué es la minga? La minga es una herencia de los indígenas, es trabajo comunitario en busca del bienestar de todos al realizar una obra grande o pequeña en bien de la comunidad. Señal de que hemos heredado valores culturales es este sentido comunitario, este sentido de fraternidad, de justicia mutua, y son valores que deben distinguimos, caracterizarnos como ecuatorianos y como creyentès en Cristo, como discípulos de El.

Tenemos también que poner en

claro otros valores que nacen de la voluntad de Dios, que el Señor mismo ha sembrado en el corazón humano, pero que el pecado ha ido destruyendo en lo que llamamos civilización. A más de la justicia, a más del amor que es la fuente del espíritu comunitario, de ese espíritu fraterno, tenemos que aprender a ser verdaderos, transparentes, claros, de tal manera que, lo que pensemos lo digamos; lo que sintamos en el corazón lo digamos; que no disfracemos nuestro pensamiento, que no disfracemos nuestros sentimientos, que no entre la hipocresía, que no entre el engaño y no entren las apariencias en nuestra vida cotidiana, en nuestras relaciones con otros, sino que seamos siempre limpios, sinceros, sencillos en nuestro proceder como en nuestra manera de hablar.

La verdad nos hace libres

Otro valor que tenemos que cultivar es el valor de la libertad. Dios nos llama a ser libres, a no ser esclavos de nada ni de nadie, ayudándonos unos a otros estamos llamados a ser libres, y Jesús dice en el Evangelio: la verdad os hará libres.

Si practicamos lo que acabo de decir, de ser verdaderos, de ser limpios, de ser transparentes, en ese mismo hecho empezamos a conquistar la libertad para ser un pueblo, el pueblo de Dios, un pueblo que pueda irradiar desde su vida, desde la práctica diaria, cotidiana, a veces rutinaria de nuestras actividades, irradiar luz, irradiar amor, fuego, en América Latina y en el mundo.

Felicito la existencia de un Centro Cultural en donde haya el cultivo, el descubrimiento de nuestros auténticos valores, a través de qué? Habrán múltiples manifestaciones. La música es una expresión de la cultura propia, en esto debemos ser celosos. No dejemos penetrar músicas extrañas que nos aturden y nos roban nuestros propios valores. Podrán ser la poesía, el teatro, la danza y tantas otras manifestaciones artísticas las que nos permitan ser creadores de una cultura propia, escarbando diría yo, en nuestros valores anteriores, y cultivando todo eso porque ahí está la autenticidad de una semilla de salvación.

Es necesario unimos a otras personas que pueden tener otras preocupaciones, como los agricultores, por ejemplo, unirnos con los que cultivan la tierra, con los que sudan con el azadón en la mano para extraer del seno amoroso de la tierra los alimentos para nuestra vida, con ellos, con los artesanos, con el carpintero, con el herrero, con el mecánico, con el sastre, con todos, del brazo unidos. Ellos realizando sus propias actividades de acuerdo con el plan de Dios, contribuyendo a crear un pueblo, un pueblo ecuatoriano que sea auténtico, que se identifique por unas características, que nace del mismo Evangelio, de la misma voluntad de Dios.

Este es el proceso que se está siguiendo en toda América Latina y constituye una esperanza. Ahora, hay gente que predica el Evangelio, no solamente los sacerdotes. Por fortuna tenemos la posibilidad de que nos ayuden en esta tarea de predicar el evangelio, religiosas y seglares. Los seglares tienen un puesto en la Iglesia, una responsabilidad, y si ellos van predicando este Evangelio auténtico de hacer la voluntad de Dios, de constituir el reino de Dios en nuestras relaciones, todos estamos juntos, todos estamos del brazo.

La iglesia latinoamericana humilde pero grande

Lo que estoy diciendo me hace recordar que, en momentos de prueba, en momentos de conflicto, en momentos tenebrosos, que los hemos vivido, siempre me han llegado voces de aliento, voces de fraternidad, tanto de personas amigas, de cristianos conocidos, como también de otros cristianos con quienes no habíamos tenido la oportunidad de hablar, de conocernos personalmente. Cristianos del país, cristianos de otros países. Cartas, telegramas, que llegan con una voz de aliento. He visto a través de ese gesto que ésta Iglesia de la que formamos parte es algo humilde, pero grande; que esas voces nos llegan como voces de fraternidad, como una mano que se acerca al brazo del hermano que está padeciendo para decirle: estamos contigo, no te desanimes, no te desalientes, sigue adelante en tu tarea. A través de esas voces de nuestros hermanos, me ha parecido escuchar la misma voz de Dios.

Este es el mensaje que les dejo a ustedes. Ojalá les nazcan muchas inquietudes, ojalá nazca en el corazón de cada uno de ustedes,

cualquiera sea la actividad que realicen, el deseo, la aspiración de aportar con lo que puedan para el proceso de formación de este pueblo del Ecuador, unido a todos los pueblos hermanos de América Latina. Si contribuímos así, aceleraremos la venida del Reino de Dios, si contribuímos así aportaremos a la salvación de este mundo, de este mundo en peligro, en pecado, que puede llevamos a la destrucción y a la muerte.

Construyamos la Patria Grande

Queridos hermanos amigos de Huaca. Después de reflexionar sobre todo esto, de comentar en nuestras casas, con nuestros vecinos, pueden descubrir que hay la necesidad de concretar estas ideas en algo práctico, y ese algo práctico serán organizándose. Pertenecer a alguna organización, fundamentalmente a una comunidad cristiana, que se reúna para leer la palabra de Dios y aplicarla a la realidad, para comprometerse a trabajar por los demás hermanos. Si de esa comunidad cristiana van naciendo otras organizaciones, de acuerdo con otras necesidades, en buena hora; pero hay necesidad de organizamos, de vivir juntos, de experimentar allí, en las reuniones periódicas, en la fraternidad, este amor mutuo, este espíritu de servicio. Por allí el corazón se irá ensanchando para amar no solamente a los próximos, a los que están más cercanos a nostros, sino también para amar a otros hermanos desconocidos dentro del país, para amar a otros hermanos que están viviendo en otros países y que están sufriendo.

De esta manera se llega a expresar la solidaridad, que no es otra cosa que, una forma de expresar el amor cristiano a seres que están sufriendo: Esto nos vinculará poco a poco con otros países, con otros hermanos y así, llegaremos a construír una patria grandes que se llama América Latina, esa América Latina que en estos momentos padece, como alguien dijo, dolores de parto, porque está en vísperas de dar a luz, a un nuevo hombre, a una nueva sociedad, a un mundo nuevo de acuerdo con las sagradas escrituras. Encaminémonos hacia allá queridos amigos.

SOLIDARIOS CON LOS POBRES

Querido público: nada más una palabra de saludo en esta linda mañana en la que nos encontramos en este estadio. Al llegar aquí, vuestra presencia y vuestros gritos por la paz, me han emocionado profundamente. Tenemos que trabajar por ella a todo nivel, tenemos que hacer conciencia de que la construcción de la paz, está, principalmente, en manos de los jóvenes, por lo mismo en manos de ustedes. Mi saludo entonces muy cariñoso, salido de lo hondo del corazón, porque para mí, un hombre que ha llegado ya a los setenta y seis años, la juventud constituye la esperanza del mañana, la esperanza de la patria, la esperanza de la Iglesia.

Vamos a unimos estrechamente en nuestra fe en la celebración eucarística de esta mañana; vamos a pedir al Señor que El nos fortalezca y nos ilumine para poder ser luchadores incansables por la paz. Jóvenes, adultos, viejos, todos unidos hacia el mismo objetivo noble como es este de la paz. Permitidme entonces que, después de haberles saludado, suba al altar para tomar los ornamentos y empezar esta celebración eucarística. Muchas gracias.

Discurso pronunciado por Mons. Leonidas Proaño en la Jornada por la Paz y la Justicia. Tulcán, 15 de noviembre de 1986.

HOMILIA DE LA MISA CAMPAL

Les invito a dedicar unos minutos a la reflexión con la palabra de Dios que hemos escuchado. No voy a hacer otra cosa sino sugerencias de reflexiones.

Urge ser solidarios con el que sufre

En primer lugar, recordemos lo que hemos escuchado en las primera lectura tomada del libro del Exodo. Recordemos que se trata del pueblo israelita, esclavo en Egipto, esclavo y padeciendo muchas torturas, maltratos del faraón, quien había dictado una ley, por la cual, todo niño varón que naciera de una mujer hebrea, debía ser muerto. Quería extinguir la raza del pueblo israelita.

Lo que hemos escuchado en la lectura primera, es el encuentro de Dios con Moisés. Trate de verse, cada uno un poquito, en la actitud de Moisés. El estaba en la montaña, pastoreando ganado, y vio de repente que ardía una zarza; había un gran fuego pero no se consumía; no había cenizas. Le picó la curiosidad y se acercó para ver qué pasaba allí, entonces escuchó una voz que le dijo: quítate las sandalias Moisés porque la tierra que pisas es sagrada. He visto la tristeza y sufrimiento de mi pueblo, he oído el clamor de mi pueblo y he bajado para liberarlo. Tres acciones: ver, escuchar y actuar. Eso es lo que hace el Señor, ve, escucha y actúa.

Todo este recuento de la primera lectura que nos sirva para reconocer en Dios, nuestro creador y padres, al principal ser solidario con el que sufre.

Ahora, en nuestro tiempo. hablamos mucho de solidaridad porque es necesaria entre los seres humanos. La solidaridad con los que sufren, con los abandonados, con los que padecen hambre; la solidaridad con los que son víctimas, por ejemplo, de terremotos o de otros accidentes semejantes; la solidaridad con los pueblos como el de El Salvador, como el de Nicaragua, que están martirizados por fuerzas extrañas. El comprobar que Dios es el mayor solidario nos da fortaleza y una mayor visión. Cuando Dios ve al pueblo israelita sumergido en el sufrimiento, cuando El escucha el clamor, el grito que nace del fondo del pueblo israelita que sufre, El desciende, se hace presente a través de Moisés para decirle: he bajado para liberar a mi pueblo, anda y di al faraón que lo deje libre para que venga a la montaña a celebrarme el culto.

Hoy también se atenta contra el pueblo

Queridos jóvenes, yo dije que tratemos de mirarnos un poco en la persona de Moisés. Cada uno de nosotros recibe también de Dios una misión, sobre todo, cuando el pueblo que le pertenece a Dios está sufriendo, cuando está maltratado, cuando se atenta contra la vida misma de ese pueblo, contra la vida de niños que nacen. Esto está sucediendo precisamente en nuestra época, en nuestro pueblo también ahora se matan niños, también ahora se pretende quitar la cultura propia del pueblo ecuatoriano, también ahora se pretende arrancar la cultura propia

del pueblo indígena del Ecuador y de América Latina. Todo esto significa matar, y dentro de este marco tenemos que escuchar lo que Dios dice.

Dios ha bajado a la tierra, no física y materialmente, porque El no tiene cuerpo. El se sirve de intermediarios como Moisés, de mujeres como tantas que aparecen en la Biblia, Judith, Esther, Débora y otras; Dios se sirve para hacerse presente, y a nosotros también nos da una misión, ardua muchas veces, difícil, al parecer imposible. Preséntate ante el faraón, dice Dios a Moisés, anda y dile que deje libre a mi pueblo. Quizá a cada uno de nosotros nos está diciendo una cosa parecida, para que reforcemos el amor al pueblo que sufre, al pueblo pobre.

Dios no está en un cielo muy lejano

Reflexionemos también un momento en la segunda lectura, la de las bienaventuranzas. Bienaventurados los pobres porque de ellos es el Reino de los Cielos, bienaventurados los que lloran porque ellos serán consolados, bienaventurados los que padecen persecución por la justicia, bienaventurados los que construyen la paz, porque de ellos será la posesión de la tierra, etc. Qué significa todo esto? Parecería un absurdo lo que escuchamos en el Evangelio que hemos leído ahora. Cómo ha de ser posible que los pobres sean bienaventurados y felices. Efectivamente, así es, porque, reflexionando en la primera lectura, el primer solidario es Dios, y tener a Dios con nosotros, constituye la base fundamental de la felicidad; saber que Dios está con nosotros, es un motivo digno de felicidad, y ésto lo saben los pobres.

Cuando vosotros os acerquéis con amor, con sinceridad, con un corazón abierto, a dialogar con los pobres, a penetrar un poco en el interior de su vida, descubriréis que ellos tienen una enorme confianza en Dios, su padre, Dios está con ellos.

Queridos jóvenes y queridos amigos aquí presentes, tenemos que recordar que nosotros podríamos también ser llamados felices, si nos unimos a los pobres, si aceptamos la misión que Dios nos da para ir a trabajar, en su nombre, por la liberación de los pobres, por la liberación de la miseria y del hambre, por la liberación de todo temor y de todo miedo, por la liberación de toda injusticia, de toda mentira y de todo engaño; para que aprendamos a ser libres, a ser justos, para que aprendamos a respetar, a amar la vida y defenderla ardientemente, esa es la misión que Dios nos da. Entonces nosotros también podremos escuchar de labios de Dios, esas palabras alentadoras: bienaventurados, felices los pobres, porque de ellos es el reino de los cielos.

Felices los que nos comprometemos con los pobres

El reino de los cielos puede empezar ahora mismo, porque, el reino de los cielos es, en definitiva, Dios, y si acabo de decir que Dios está con nosotros, que Dios está en el corazón del pobre, que Dios quiere estar en el corazón del hombre, ya poseemos ese reino de Dios, en la medida en que aceptamos, mediante nuestra fe, a ese Dios nuestro padre.

Por eso felices nosotros, felices los que nos comprometemos con los pobres, para hacer de ellos seres libres, seres que vivan la justicia y tengan un trato justo. Por este hecho nos constituímos también nosotros en obreros y constructores de la paz verdadera.

Queridos jóvenes: que nos hagamos merecedores de esta bienaventuranza, particularmente de aquella que dice, bienaventurados los pobres porque de ellos es el reino de los cielos. Que el reino de los cielos sea nuestro, que Dios sea nuestro, que El nos posea y que nosotros seámos poseedores de Dios a través de nuestra vida, en nuestro pensamiento, en nuestro afecto, en nuestras acciones; sobre todo, a través de la acción liberadora de los pobres, de los desposeídos y de los que sufren, de los que padecen.

Felices los pobres, felices ustedes, jóvenes, cada vez que se acerquen a los pobres, para llevarles esa voz de esperanza, para que puedan repetir esas mismas palabras de Dios: yo he visto el sufrimiento de mi pueblo, he escuchado su clamor, y he bajado, he venido hasta aquí para liberarlo.

Que esto se cumpla a lo largo de nuestra vida.

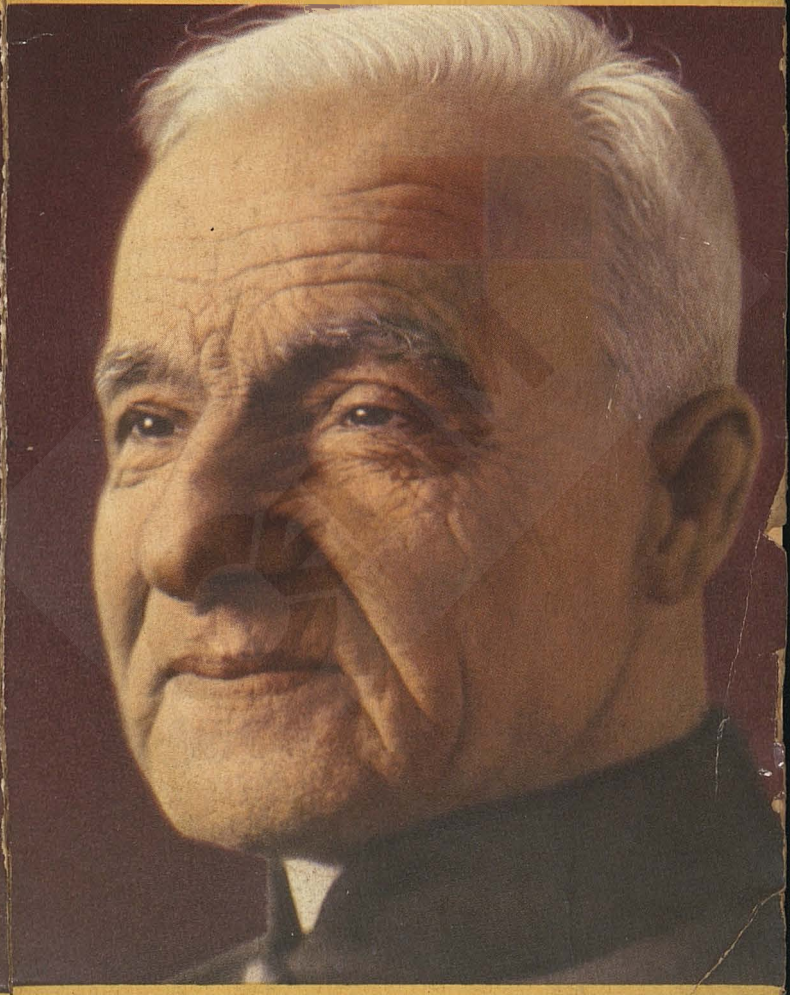
Las instituciones que editamos esta serie
"Mons. Leonidas Proaño, PALABRA VIVA,
nos hemos comprometido a mantener
con vitalidad indeclinable
el pensamiento del Obispo de los Indios.

No se trata de acumular documentos y escritos.
Nuestra preocupación es más profunda:
rescatar la palabra de Mons. Proaño
madurada en las entrañas del pueblo.
La palabra analítica, problematizadora,
educadora
y, por ello, de esperanza.

CECCA, CEDECO. FEPP,
Fundación Pueblo Indio del Ecuador

1$

Le Frère André



Le Frère André

LE FRÈRE ANDRÉ

de la Congrégation de Sainte-Croix

Dixième édition — 291,000 exemplaires
© Oratoire Saint-Joseph

Dépôt légal — 2e trimestre 1988
Bibliothèque nationale du Québec
Bibliothèque nationale du Canada

ISBN 2-920067-05-2

Imprimé au Canada

Henri-Paul BERGERON, c.s.c.

LE FRÈRE ANDRÉ

de la Congrégation de Sainte-Croix

L'APÔTRE DE SAINT JOSEPH

ORATOIRE SAINT-JOSEPH
3800, chemin Reine-Marie
Montréal, Qué. H3V 1H6
Tél.: (514) 733-8211

Tous droits de traduction, de reproduction et d'adaptation réservés pour tous pays.

NOTE LIMINAIRE

POUR nous conformer aux décrets des pontifes romains, et notamment à ceux du pape Urbain VIII, concernant la béatification des serviteurs de Dieu et la canonisation des saints, nous déclarons que les qualifications contenues dans cette biographie n'ont d'autre portée que de représenter nos impressions personnelles et celles des témoins immédiats de l'histoire que nous racontons, sans que nous ayons l'intention de préjuger en rien les décisions de la sainte Église, dont nous nous faisons gloire d'être les fils très humbles et très soumis.

PRÉSENTATION

Le 29 janvier 1938

Mon cher Père,

Vous avez voulu m'offrir en prémices la lecture de la vie du frère André, apôtre de saint Joseph. J'en suis touché et je vous en remercie. J'ai lu et relu ces pages. Toutes sont vraies et certaines le sont tellement qu'en les parcourant, j'ai goûté comme la douceur et le charme réconfortant d'un entretien avec celui que Dieu vient d'appeler à Lui.

Le frère André, quel mystère! Incompréhensible, si nous le regardons de nos yeux de chair. On a dit qu'il a été un guérisseur, s'imposant par une force de volonté peu commune, auprès de ceux qui venaient à lui. Là résiderait le *secret* de ce que l'on a appelé *ses miracles*. Pourtant quel homme frêle, si simple, une âme d'enfant avec aucune de nos prétentions. L'histoire l'appellera le fondateur de l'Oratoire du mont Royal. Il est toujours resté, lui, sans pause aucune, le très humble serviteur de Dieu.

La foi seule découvre et explique bien ce que fut le vénéré convers. Le sous-titre de ce livre lui donne sa vraie physionomie. C'est l'apôtre de saint Joseph.

Ne cherchons pas ailleurs sa force. Sa mission, faire connaître et aimer le Père de Jésus, comme un guide sûr de vie surnaturelle, il l'accomplit, avec une grande docilité aux inspirations de l'Esprit-Saint. Il nous prouve, par toute sa vie, que Joseph est le protecteur et le modèle qui conduit à Dieu. Aussi sa dévotion par excellence, c'est l'amour de Dieu sous ses formes les plus vraies : la passion du Christ et son eucharistie.

Vous n'avez pas cru nécessaire de consacrer un chapitre à la dévotion particulière de l'apôtre du mont Royal. Vous avez eu raison. Le frère André n'est pas un théoricien. De plus cette dévotion n'est pas chez lui une formalité passagère ; c'est une force de tous les instants, qui soutient tous ses actes, les inspire, les rapproche du modèle.

Pas un de vos chapitres, d'ailleurs, qui ne montre la confiance du cher religieux envers l'époux de Marie, son admiration pour lui, la place qu'il occupe dans toute sa vie. Vous nous présentez donc un frère André tel qu'il a été : en relations constantes avec le patriarche de Nazareth, *l'apôtre de sa puissance comme protecteur de l'Église Universelle*. Ce n'est pas une biographie conventionnelle, coupée en tranches, c'est tout simplement la vie du frère André.

Je salue votre livre comme le témoignage fidèle de ses confrères et je le considère comme l'hommage respectueux de ceux qui l'ont connu et d'autant plus aimé et admiré ! Puisse-t-il aider à mieux connaître et mieux aimer celui que Sa Sainteté Pie XI vient de proclamer, à son tour, « le puissant protecteur de l'Église ».

C'est à ce titre que je me permets, à votre demande, mon cher Père, de présenter ce livre au lecteur : *accipe et lege*, prends et lis, lecteur, c'est l'histoire des merveilles de la grâce de Dieu dans une âme qui s'est mise, chaque jour, inlassablement, à son service, sous le patronage de saint Joseph.

Prends et lis.

L'œuvre du frère André n'est pas finie, elle commence.

Le Supérieur,

Albert COUSINEAU, c.s.c.

R. P. Henri-Paul BERGERON, c.s.c.
Oratoire Saint-Joseph,
Montréal.

I

SOUVENIR D'UNE MAMAN

Dans la plaine bossuée de monts solitaires, à l'est de Montréal, le village de Saint-Grégoire-d'Iberville revendique l'honneur d'avoir vu naître le frère André. Ses habitants montrent avec fierté un lopin de terre, à la croisée des routes de Saint-Grégoire et de Marieville :

— C'est là qu'il est venu au monde.

Aucune trace ne subsiste de la maisonnette où logea la famille du frère André. L'emplacement qu'elle occupait est marqué par une croix monumentale en granit, érigée à la mémoire de l'humble religieux. Tout près, l'abrupte montagne sommeille, telle un monstre étendu dont l'ossature perce par endroits la peau dénudée.

Par cette fraîche après-midi d'octobre, la nature est figée dans un silence profond. Toute la vie s'est tue qui chantait, au long de l'été, sous le soleil dardant. Partout le mélancolique automne étale ses teintes dégradées de verts, allume ses ors blonds ou bruns, mêlés à la pourpre sanglante des érables. Et tandis que nous rêvons devant ce décor, du village montent quelques notes allègres... La cloche chante sans doute la naissance d'un chrétien. À cette voix, nous revivons une scène avec les couleurs fanées que l'imagination jette sur les faits lointains...

*
* *

Dix août 1845. Au-dessus d'une lourde maison canadienne aux murs en pierres des champs, à la fois église et

presbytère, une clochette grêle salue un bien pauvre cortège. Quelques commères, attirées sur le seuil de leurs demeures, murmurent :

—C'est encore Isaac Besset, qui va faire baptiser. C'est son huitième enfant.

Le curé doit se dire, en complétant les cérémonies du baptême qui a été conféré d'urgence au moment de la naissance :

—Il n'en a pas pour longtemps à vivre, celui-là.

Il trace dans le registre :

—Le dix août mil huit cent quarante-cinq, par nous, prêtre soussigné, a été baptisé sous condition, Alfred, né la veille, du légitime mariage d'Isaac Besset, menuisier, et de Clautilde Foisy, de cette paroisse. Le parrain a été Édouard Besset et la marraine Josephte Foisy, oncle et tante de l'enfant, qui, ainsi que le père, ont déclaré ne savoir signer.

P.-A. Sylvestre, prêtre, curé.

Grâce aux soins d'une mère aimante, l'enfant doit survivre, mais il demeurera malingre toute sa vie. Les parents ont contracté mariage à Saint-Mathias, le 27 septembre 1831. Le père, menuisier et charron, métiers de saint Joseph, change fréquemment de village, comme en témoignent les extraits de baptême de ses nombreux enfants.

Chrétien dès le berceau, le frère André ne s'est donc pas sanctifié après une conversion retentissante, comme saint Paul, saint Augustin, le père de Foucauld : son âme pure, qui s'épanouit sous le regard de Dieu, suscite un intérêt aussi réel quoique moins piquant. Fils de la campagne québécoise, où s'est conservée la tradition catholique et française, il représente bien notre race.

Sa sainteté a son origine dans le coeur de sa maman, qui se préoccupe de faire de lui, dès le berceau, un héritier du ciel. Vertueuse, douce, laborieuse, elle se montre une chré-

tienne idéale, la mère du petit Alfred. Entre les mains de cette femme du peuple, illettrée et chargée d'enfants, il apprend les noms de Jésus, Marie, Joseph avec ceux de papa, de maman, et il s'habitue à associer, dans son coeur, sa famille du ciel à celle de la terre.

Dieu donne, avec le baptême, la grâce divine ; aux parents de développer un esprit conforme à cette vie surnaturelle. Âme de cire que celle de l'enfant, mais qui porte indélébiles les premières empreintes qu'on y trace. C'est sur les genoux de la mère que se dessine très souvent l'orientation d'une vie.

Je me plais à songer à cette famille heureuse sur son lopin de terre, à sa maisonnette isolée où chante la vie bruyante de huit enfants en bas âge. Quatre ans se passent en apportant au foyer le cadeau de deux nouvelles bouches à nourrir. Le père, incapable de subvenir aux besoins de la famille, dit adieu à ce logis, au village de Saint-Grégoire et va s'établir dans la petite ville de Farnham. Le 20 février 1855, il meurt accidentellement écrasé par un arbre qu'il abattait dans la forêt. Il laisse son épouse pauvre et chargée d'enfants.

Alfred qui conserve un souvenir brumeux de son père, par contre aimera à causer de sa mère :

—Ma mère, me sachant très faible, semblait avoir pour moi plus d'affection et de soins que pour les autres... Elle m'embrassait plus souvent qu'à mon tour. Souvent, en cachette, elle me donnait de petites friandises... Le soir, pendant la prière récitée en famille, j'étais près d'elle et je suivais sur son chapelet.

—Je n'ai vu ma mère que souriante... et quel beau sourire! Depuis qu'elle est morte, elle m'a souri assez souvent. Sans me parler, elle me regarde avec amour... J'ai rarement prié pour ma mère, mais je l'ai bien souvent priée.

Son âme d'enfant s'épanouit, sous la direction de cette mère bien-aimée. Il est déjà remarquable par sa piété.

Une de ses sœurs répondra à ceux qui, pour la taquiner, sembleront insinuer qu'après tout son frère n'est pas si saint que cela, qu'il a été un mauvais garnement dans sa jeunesse :

—Vous ne diriez pas cela, si vous l'aviez connu. Dans ses plus tendres années, il passait des heures à prier dans l'église de Farnham...

Deux années durant, la courageuse veuve s'efforce de subvenir aux besoins de sa famille, mais elle succombe à la tâche. Brisée de veilles, de labeurs et de privations, minée par la phtisie, elle reçoit l'hospitalité chez sa soeur, madame Timothée Nadeau, qui demeure à Saint-Césaire. Seul Alfred l'accompagne. Le reste de la famille est dispersée chez d'autres parents charitables. La malade entourée des soins de sa soeur, des caresses de son petit préféré, traîne quelque temps encore une vie languissante. Comme la fin approche, ses enfants sont convoqués à son chevet. Le 20 novembre 1857, elle leur adresse un dernier adieu. Avec cette lucidité parfaite coutumière chez les phtisiques, même au moment de la mort, elle doit leur dire :

—Mes chers petits, voilà plus de deux ans que votre papa nous a quittés pour le ciel... Le bon Dieu vient me chercher à mon tour... Priez pour moi... N'oubliez pas la tombe de votre père... Mon corps reposera à côté du sien, dans le cimetière de Farnham... Du haut du ciel, je veillerai sur vous...

Alfred assiste à la détresse de sa chère maman, désolée de quitter la terre, alors que les petites mains de ses nombreux enfants la rattachent à la vie. C'est à cette image, dans le décor de ce logis d'emprunt, que sa piété filiale s'attachera le plus. Ces deuils, qui jalonnent son enfance, creusent son âme par la douleur, la rendent insensible aux plaisirs du monde, allument sa soif d'amour et de dévouement.

Le grand tourment d'une mère est de savoir ce que deviendront ses tendres enfants, petits anges qui apportent dans la vie les pleurs, les sacrifices, semailles prometteuses

de la récompense éternelle. À l'heure de la mort, la mère du petit Alfred, dans l'éblouissement de la rencontre avec le Seigneur, doit murmurer :

— Je ne suis rien qu'une pauvre femme, une très pauvre veuve. Dans la paille de mes actions, je vous ai donné de beaux épis, des adorateurs, dix enfants à qui j'ai inculqué votre amour de mon mieux, autant que le permettaient mon ignorance, mon rude labeur et le peu de jours que vous m'avez laissés. Seigneur, ils sont vôtres, gardez-les bien.

Nous devinons la réponse :

— Ces enfants, ils seront tes joyaux dans le ciel. Autour de ton Alfred, tu verras les âmes qu'il gagnera par ses prières, par ses larmes, et la longue lignée de pécheurs qu'il entraînera à sa suite...

★
★ ★

Au sortir du cimetière, où ils viennent de conduire leur mère, les orphelins se séparent de nouveau en pleurant. Alfred retourne auprès de sa tante dont les traits physiques ainsi que les qualités morales lui rappellent la bien-aimée disparue. Son oncle, sous des dehors un peu rigides, voile un cœur très compatissant. L'orphelin demeurera toujours attaché à ses parents adoptifs. Certains extraits empruntés à des lettres qu'il leur adressera peu après son entrée en religion manifestent combien vive est son affection à leur égard :

— Cher oncle et chère tante, je me trouve heureux dans l'état que j'ai embrassé, sans cependant oublier mes bienfaiteurs... Cher oncle, si j'ai longtemps différé de répondre à votre aimable lettre c'est que je voulais attendre jusqu'à la fête de votre glorieux patron. Comme c'est une coutume générale dans les familles de présenter un bouquet le jour de la fête patronale du père, quel bouquet plus précieux et plus parfumé pourrai-je vous présenter en ce jour que le

souvenir de vos bienfaits à mon égard ? Quel plus riche bouquet pourrai-je vous présenter que le souvenir de toutes les peines et de tous les soins que vous vous êtes donnés pour moi ?...

Généreux mais robuste et dur au travail, Timothée Nadeau entend faire de ses enfants et de son fils adoptif de rudes gaillards, capables de se débrouiller dans la vie... Le trop sensible Alfred regrette un peu les attentions que lui a prodiguées sa mère. Plus tard, dans un moment de confidence, avec une exquise charité, il avouera :

— Mon oncle était un homme fort et il pensait que tous les autres étaient bâtis comme lui.

J'imagine facilement le solide campagnard dire à l'orphelin inconsolable de la mort de sa chère maman :

— Fini de pleurnicher maintenant, tu es capable de travailler, tu as douze ans. À ton âge, je labourais et gagnais ma vie. Il faut t'habituer à te débrouiller, à te tirer d'affaires, car on n'est pas riche... Comme ta faible santé et tes goûts t'éloignent de l'étude, j'ai songé à te faire apprendre le métier de cordonnier.

Et le petit Alfred d'accepter avec plaisir, car toute sa vie, en effet, il se plaira aux rudes tâches. Il sera toujours un travailleur très faible qui abuse de ses forces. Le courageux petit homme se met à la besogne avec acharnement. Je le vois penché tout le jour sur le cuir épais pour faire les solides souliers ou « bottes de bœuf ». Parfois, il se pique avec les alènes, se frappe sur les doigts. De violents maux d'estomac le tenaillent, qui le suivront toute sa vie.

Il fait l'apprentissage de la pitié pour les malades et les travailleurs. En parlant du temps où, bambin pâle et souffreteux, il devait s'astreindre à ce dur métier, il avouera que ce travail surpassait ses forces :

— Vous comprenez, travailler de la cordonnerie presque à quatre pattes, taper du marteau toute la journée, ce n'est pas un moyen pour faire sa digestion.

Vers cette époque, le jeune Alfred se prépare à sa pre-

mière communion. On n'a pas de peine à deviner la ferveur de cette première rencontre avec Jésus-Hostie, chez l'orphelin qui garde, bien vivants dans sa mémoire, les enseignements de sa pieuse mère et qui, toute sa vie, sera un adorateur assidu du saint Sacrement. Le curé Provençal, fervent ami de saint Joseph, le prépare à cette divine rencontre. Qui doutera de sa fidélité à suivre le catéchisme, à écouter le récit de l'évangile ! Il pense souvent déjà à saint Joseph qui veillait sur l'Enfant-Jésus. Peut-être, dès lors, promet-il de ressembler à ce saint travailleur, en veillant sur l'Enfant-Dieu qu'il porte toujours dans son âme, par la grâce, et qu'il reçoit avec tant de piété dans la communion.

Une photo a fixé ses traits de premier communiant. Visage pâlot, maladif, éclairé par des yeux noirs brillants, dont l'un est plus petit que l'autre. Son attitude exprime un mélange de douceur, d'énergie et de recueillement.

Un soir, Alfred se sent bien malade. Madame Nadeau qui l'aide à se mettre au lit, le voyant grimacer de douleur lorsqu'elle essaye de le dévêtir, lui demande :

— Qu'est-ce que tu portes sous ta chemise ?

— Oh ! rien !

— Laisse voir, mon enfant.

Elle découvre une ceinture de cuir armée de quelques broquettes.

— Mais tu deviens fou. Avec une santé comme la tienne, faire des pénitences semblables:

— Ma tante, c'était un sacrifice que j'avais promis. Pardonnez-moi, je ne le ferai plus.

Pleine d'admiration, elle se penche sur son cher neveu et l'embrasse. Quelque temps après, elle lui enlève une chaîne de fer qu'il porte étroitement serrée à la taille. À ses reproches l'enfant répond : «Je ne le ferai plus.» Mais toujours il invente quelque autre sacrifice.

Ses frères d'adoption se moquent de ces excentricités et les rapportent à leur mère :

— Alfred ne couche pas dans son lit, mais sur le plancher ; je l'ai vu, maman... Moi aussi, je l'ai vu.

— Est-ce vrai, Alfred ?

L'enfant baisse la tête et ne dit mot.

— Tu vas te rendre malade. Ne fais plus ça...

Ses petits cousins, qui le chérissent comme un frère, se plaisent toutefois à mettre de temps à autre leurs fredaines à son compte. Souvent, il pleure à l'écart. C'est ainsi, dans le travail et dans l'épreuve, que Dieu le prépare à sa mission.

Afin qu'il puisse mieux servir de modèle aux ouvriers, la Providence lui fait tâter de tous les métiers. L'apprenti cordonnier abandonne son emploi pour travailler dans une boulangerie...

Le 5 avril 1860, Timothée Nadeau, en proie à la fièvre de l'or qui pousse les Canadiens à s'expatrier par centaines, quitte sa famille et se rend en Californie à la recherche de gisements aurifères. L'incurie des gouvernants à protéger et à développer l'agriculture explique cette intense émigration des campagnards québécois.

Vers la même époque, Alfred, âgé de quinze ans, s'embauche comme garçon de ferme, chez un nommé Ouimet, qui demeure non loin du village de Saint-Césaire.

Gai, serviable, laborieux, Alfred toutefois ne ressemble pas aux autres enfants. Au lieu de s'amuser, il passe ses loisirs à prier. Les jours de pluie, les heures de repos, il les consacre à égrener son chapelet, à penser à sa maman.

Il prend l'habitude de causer avec saint Joseph, que le curé Provençal lui a appris à honorer spécialement. Déjà cette dévotion devient un amour efficace qui arque sa vie dans un effort incessant vers l'imitation du modèle des ouvriers. En lui, il trouve l'idéal qu'il s'applique à reproduire et l'ami qui l'aiguille vers la sainteté en lui prêtant son assistance.

Par le rayonnement de sa présence, saint Joseph fait épanouir la vie intérieure de cet enfant, son futur apôtre, et l'achemine vers le culte de la passion. Déjà la spiritualité se dessine qui marquera toute la vie d'Alfred : l'union intime de la dévotion à Jésus souffrant avec celle de son père adoptif. Deux incidents caractérisent bien l'ascension de son âme vers Dieu, sans période de résistance à la grâce et toujours avec une générosité héroïque.

Au cours d'une vente à la criée, monsieur Ouimet fait l'acquisition d'un crucifix. Devant l'intérêt que manifeste l'orphelin en dévorant cet objet des yeux, il demande :

— Aimerais-tu l'avoir ?

— Oh ! oui, monsieur.

Et le cadeau est accordé. Comme, dans la suite, Alfred s'attarde chaque soir dans la grange après son travail, le fermier va à sa recherche et le surprend agenouillé devant le crucifix fixé à une poutre.

Peu après l'enfant semble très incommodé pendant son travail. On réussit à découvrir le sujet de ce malaise : il porte sur sa chair une lourde chaîne de fer.

Un incident survenu à cette époque dénote bien son angélique pureté.

Conduit dans une soirée, il constate, au laisser-aller de l'assistance, que cette réunion est un peu louche. Sans craindre les sarcasmes, il s'esquive aussitôt. Au retour, comme il franchit un ponceau, il entend un murmure insolite qui ne ressemble en rien au gloussement du ruisseau sur son lit de cailloux arrondis. Tout de suite, avec l'habitude qu'il a de penser sans cesse à sa mère, l'orphelin s'écrie :

— Chère maman, si par ce bruit vous voulez m'avertir de ne jamais remettre les pieds dans cette maison, qu'il se répète de nouveau.

Et distinctement le même murmure recommence.

Sans juger de la valeur de ce signe, notons combien le souvenir de cette morte bien-aimée éloigne l'orphelin des

périls, au long de sa jeunesse errante, privée de surveillance.

Le jeune Alfred quitte Saint-Césaire pour Farnham. Il tente de devenir forgeron. Plus tard, il se plaira à rappeler aux ouvriers qui se plaindront de la dureté de leur travail, le temps où il ferrait les chevaux et battait le fer.

Forcé d'abandonner bientôt ce métier trop dur pour lui, il obtient un emploi chez le curé de l'endroit, M. Springer. Dans ce travail qui le rapproche constamment de Jésus-Hostie, Alfred donne libre cours à sa piété.

★
★ ★

Vers l'âge de vingt ans, il suit l'exemple de tant de jeunes Canadiens français qui quittent par centaines la province de Québec pour aller travailler en Nouvelle-Angleterre. Le bon Dieu a ses desseins en l'amenant ainsi aux États-Unis : l'éprouver davantage, le rendre plus sympathique aux Américains, afin de faciliter l'expansion du culte de saint Joseph. Plus tard l'œuvre du frère André se répandra aussi rapidement aux États-Unis qu'au Canada.

Je me représente ce jeune homme de vingt ans, paraissant en avoir seize à cause de sa petite taille, de son mince et pâle visage. Seul le regard voilé et recueilli trahit un peu le grand amour, la vive flamme de son cœur. Depuis longtemps déjà, il prie sans cesse pendant son travail et cause avec son saint de prédilection, l'ouvrier de Nazareth.

Trois ans durant, il vit en exil sans se fixer nulle part, s'employant comme garçon de ferme ou comme ouvrier dans quelque filature de la Nouvelle-Angleterre. Il travaille successivement aux usines des villes de Moosup, Hartford et Phoenix. Sa santé précaire le force à alterner entre le travail plus rémunérateur des villes et les besognes plus saines des campagnes. Sans se décourager, il lutte pour gagner sa vie en s'appliquant à reproduire le mieux possible la vie laborieuse et priante de son saint patron.

Des gens chez qui il demeure sont surpris de le voir consacrer presque tous ses loisirs à la prière.

Évoquant ces jours d'exil, il aimera rappeler une rêverie qui a trait à sa vocation religieuse.

Notons, au passage, cette ressemblance avec saint Joseph. Dans sa vie, comme dans celle de son saint patron, presque jamais d'extase, de phénomène extraordinaire, du moins que nous connaissions clairement, mais plusieurs songes merveilleux.

Il est à travailler aux champs. Très fatigué, il s'appuie sur son râteau et demande à saint Joseph : « À quel endroit dois-je mourir ? » Dans une sorte de rêve, une grande maison de pierre se dessine, jamais entrevue. Le souvenir demeure gravé dans sa mémoire bien distinctement. Et plusieurs années plus tard, il réalisera la ressemblance parfaite de cette image avec le collège Notre-Dame. Il ne mourra pas dans cette maison, mais il y passera quarante ans de sa vie religieuse et c'est là qu'il commencera son œuvre de l'Oratoire Saint-Joseph.

II

VOCATION

Alfred Bessette revient au pays vers l'âge de vingt-trois ans et va demeurer chez des parents, dans le village de Sutton, près des frontières américaines.

Ses relations avec messire Provençal se sont maintenues pendant son séjour à Farnham et aux États-Unis. Admirable conduite de la Providence qui met sur la route de l'orphelin, au milieu des épreuves, une âme d'élite pour le diriger. Un frère de Sainte-Croix, qui doit sa vocation à ce pasteur, répétera avec insistance :

— Le curé Provençal était un saint, père de tout le monde. C'était un bon papa adoré de ses paroissiens ; les mots burinés sur le monument qu'on lui a érigé, près de son église, résument admirablement sa vie : Il était bon. Il nous a aimés.

Au dire de ce religieux, ce pasteur estimé de tous, manifestait la plus vive sollicitude envers ses ouailles. En allant au marché, il tenait son chapeau à la main, pour ne pas être obligé de saluer chacun en particulier, tant il était entouré et fêté.

Alfred se rend parfois à Saint-Césaire et passe quelque temps au presbytère. Parlant de sa dévotion envers saint Joseph, il avouera :

— Quand le curé Provençal avait besoin de mes services, il venait me chercher à l'église, au pied de la statue de saint Joseph.

Laissé à lui-même depuis sa jeunesse, après trois ans de vie aventureuse aux États-Unis, où tant de jeunes ont abandonné leur foi, l'orphelin est donc revenu aussi pieux aussi étranger aux plaisirs du monde qu'à son départ du Canada.

Le curé de Saint-Césaire apporte un grand soin à l'éducation des jeunes. En 1869, il réussit à faire construire un collège commercial et le confie aux religieux de Sainte-Croix. À l'époque où Alfred vient voir ce prêtre, six frères occupent depuis peu la nouvelle institution, en face du presbytère. Un jour, messire Provençal demande :

— Alfred, tu n'as jamais songé à devenir religieux, à vivre toute ta vie dans une maison qui a une chapelle où tu pourrais assister à la messe et communier tous les jours ?

— Mais, vous n'ignorez pas que je ne suis pas instruit.

— Qu'à cela ne tienne, mon enfant. Tous les religieux ne sont pas professeurs. Dans la communauté des frères qui viennent d'arriver ici il y a des religieux qui sont voués aux travaux manuels. Tu n'aimerais pas devenir frère de Sainte-Croix ?

— Est-ce que vous pensez vraiment que j'ai la vocation ?

— Je le crois, mon enfant ; prie bien le bon Dieu pour qu'il t'éclaire.

— Merci beaucoup, monsieur le curé, je vais penser à ça.

Alfred contemple le costume de ces religieux : lévite noire, semblable à la soutane des prêtres, col romain, long cordon de laine muni de glands, médaille de saint Joseph. Il vient causer avec eux de leur état de vie, de leur dévotion spéciale au patriarche de Nazareth.

À cause de sa santé précaire, ceux-ci ne le pressent pas trop d'entrer au noviciat, mais ils se prêtent volontiers à lui donner tous les renseignements sollicités. Formée de deux éléments, le groupe des pères et le groupe des frères, leur communauté a comme caractéristique de reproduire le mystère de l'intimité entre Jésus et son père adoptif.

Venue au pays, en 1847, sur la demande de monseigneur Bourget, évêque de Montréal, cette famille religieuse, fondée au Mans, en France, par un saint prêtre, le père Moreau, compte déjà plusieurs œuvres très florissantes. Chez les frères, il est une catégorie qui imite de plus près la vie de saint Joseph en s'adonnant au labeur manuel. Parmi eux s'épanouissent les âmes qui paraissent les plus unies à Dieu. Beaucoup d'humbles convers se sanctifient de façon admirable, dans les tâches obscures, au service de leurs confrères. Moins exposés aux tentations d'orgueil, libres des sollicitudes absorbantes du prédicateur et du professeur, ils peuvent vaquer à leurs occupations manuelles en méditant sans cesse la vie du Maître.

Alfred Bessette est ravi de ce bonheur qui lui est offert. La vie religieuse répond aux aspirations les plus secrètes de sa jeunesse errante. Ce besoin qu'il avait de passer de maison en maison, de ferme en ferme, d'usine en usine, trahissait sa nostalgie d'un autre genre de vie, d'un état où il pût faire plus large la part à Dieu. Il le sent bien maintenant, ce dégoût du monde, cette obscure inquiétude qui le troublait dans ses prières, c'était l'appel divin à la vie religieuse. Aussi brûle-t-il de réaliser cette vocation.

★
★ ★

Cette année-là, en 1870, au début de l'automne, il prend la route de Montréal. Depuis deux mois à peine, le noviciat des religieux de Sainte-Croix a été transféré de Saint-Laurent au nouvel établissement ouvert, l'année précédente, à la Côte-des-Neiges. Longue construction de bois qui s'est vu infliger la formule architecturale passe-partout, quatre colonnes et un fronton, l'hôtel Bellevue, donnant sur le versant ouest du mont Royal, a été transformé, partie en collège, partie en noviciat. Alfred Bessette est reçu à bras ouverts dans cette demeure par le père Julien Gastineau, à la fois supérieur des élèves et directeur des

novices. Une lettre a préparé la venue de l'aspirant :

— Je vous envoie un saint, dans votre communauté, a écrit le curé de Saint-Césaire.

L'assertion de ce prêtre, qui connaît très bien le jeune homme depuis son enfance, est vraie dans toute la rigueur du terme. Ce n'est pas un cœur à demi fané, lourd des joies du monde, à peine désembourbé des plaisirs terrestres, qu'apporte cet aspirant à la vie religieuse, mais un cœur bien ouvert à l'idéal surnaturel, habitué aux douceurs de Jésus envers ses privilégiés : les épreuves, les fouets, la croix. L'amour divin dilate son âme, la soulève comme un grand vent du large.

Se plier aux exigences tracassières d'une règle religieuse est bien difficile pour un jeune homme habitué de se conduire seul. Alfred se montre néanmoins un véritable modèle d'obéissance, de dévouement et de piété. Quelques semaines d'épreuves, de travail et de prière le préparent à revêtir l'habit religieux, le 27 décembre de la même année. Cérémonie toujours impressionnante, où le jeune postulant se donne à Dieu. Le prêtre qui préside ne se doute certes pas que le jeune homme qu'il interpelle : « Alfred Bessette, désormais vous vous appellerez frère André », doit réaliser une œuvre merveilleuse.

Comme témoignage de reconnaissance envers messire André Provençal, le novice a voulu choisir ce nom. Cet humble petit frère doit remplir une partie de la prédiction attribuée au saint curé d'Ars :

— La congrégation de Sainte-Croix est appelée à réaliser de grandes œuvres après beaucoup d'épreuves.

C'est l'année même que sa sainteté le pape Pie IX constitue saint Joseph patron de l'Église universelle.

Dans la solitude du noviciat, le frère André peut s'étudier à reproduire dans sa vie la doctrine du Christ, s'appliquer à copier trait pour trait l'idéal tracé dans l'évangile. Cette confrontation minutieuse des moindres détails de sa vie avec celle du divin exemplaire est sa grande occupa-

tion, qui le pourchasse inlassablement au long de cette année solitaire d'apprentissage à la vie religieuse. Il trouve chez le père Gastineau un conseiller très expérimenté et très habile pour l'orienter dans la poursuite de la vertu.

★
★ ★

Au milieu de l'année suivante, comme les religieux au collège de Saint-Laurent ne peuvent suffire à la tâche, ils requièrent l'assistance des novices, qui sont ramenés à l'arrière de cette institution, dans leur ancien domicile, « la maison blanche », long bâtiment aux murs passés à la chaux.

Le frère André, dont la santé chancelante donne des inquiétudes, doit discontinuer son noviciat. Il demeure au collège Notre-Dame pour y exercer les fonctions de linger et d'infirmier. Quelques mois plus tard une lettre d'obédience lui ajoute les tâches de portier et de lampiste.

Dans cette période d'incertitude au sujet de sa vocation, le frère André a le bonheur de rencontrer un conseiller spirituel qui lui est d'un grand secours, le père Narcisse Hupier, religieux de Sainte-Croix venu de France. Si l'on en juge d'après les confidences que fera le frère André au soir de sa vie, il semble qu'aucun autre prêtre n'exercera sur lui une influence spirituelle aussi marquante. Comme le maître sculpteur, dans la création d'un chef-d'oeuvre, ne confie à son élève que l'épannelage, ainsi en est-il souvent de l'action divine dans l'art de façonner les saints. L'Esprit-Saint présida à l'épanouissement spirituel de sainte Thérèse de Lisieux, qui déplorait l'absence d'un guide terrestre compétent.

Le frère André, qui invoque son père spirituel à l'égal d'un saint, racontera un jour :

—Le père Hupier m'est déjà apparu en songe et je lui ai demandé : quelle prière fait le plus plaisir au bon Dieu ? Il a récité trois fois le Notre Père, puis il a ajouté :

« Vous répéterez très souvent : Que votre volonté soit faite. » J'ai vu par là que j'aurais bien des épreuves dans ma vie.

Et le religieux qui se sera, par exception, laissé un peu glisser sur le terrain des confidences, commencera de narrer un autre songe :

—Sainte Françoise de Rome m'a bien conseillé...

Mais s'apercevant que quelqu'un fait mine de prendre en note ses paroles, blessé dans son humilité, il coupera court à toute expansion.

Le « Pater » demeure en effet la plus belle prière, composée par le Seigneur lui-même, et la répétition de ces mots : « que votre volonté soit faite » sera bien nécessaire au frère André qui, toute sa vie, doit subir de bien lourdes contrariétés.

La crainte de se voir refuser l'admission à la profession religieuse est à ses yeux une épreuve bien plus douloureuse que la maladie. Lorsque au début de l'année 1872 le noviciat de Sainte-Croix réintègre les locaux du collège Notre-Dame, le frère André est mis au courant de cette décision du Conseil provincial datée du 8 janvier : « Le frère André n'est pas admis aux voeux temporaires, parce que l'état de sa santé ne fait pas espérer qu'il puisse être admis à la profession. »

C'est alors que survient un protecteur inespéré :

—Dans une grande épreuve, au sujet de mon admission à la profession religieuse, racontera-t-il dans la suite, j'eus le bonheur d'aller me jeter aux pieds du saint évêque de Montréal, monseigneur Bourget, et je lui dis ma peine. Il m'accueillit avec une bonté et une charité toute paternelles et m'assura que je resterais dans la communauté.

Scène riche de symbole, l'évêque visite la communauté de Sainte-Croix à Saint-Laurent : le frère André, pâle et souffreteux, triomphe de sa timidité et vient frapper à la chambre d'hôte du collège. L'évêque, vieillard à la longue chevelure blanche, aux traits émaciés d'ascète, encore

droit malgré ses soixante-douze ans, l'accueille avec ces paroles empreintes de bonté :

—Que désirez-vous, mon enfant ?

Le jeune homme s'est agenouillé et, les mains jointes sur un genou du prélat, le visage tendu dans une attente anxieuse, les larmes aux yeux, il confie que son beau rêve de vie religieuse doit être brisé, qu'on veut le renvoyer à cause de sa santé trop frêle. Il dit son grand amour de Dieu, son désir de se dévouer dans les plus obscures tâches.

—Ne craignez pas, mon enfant, vous serez admis à la profession religieuse.

Un obscur pressentiment trouble peut-être l'évêque, à la vue de ce jeune homme levant vers lui la tristesse de son visage, dans une prière ardente. Le souvenir le hante de son grand désir d'honorer saint Joseph, qu'il n'a pu réaliser :

—Il faut donc à saint Joseph, a-t-il écrit, une église qui fasse en quelque sorte son service pour toutes les autres et dans laquelle il pourra recevoir tous les jours les honneurs publics dus à ses éminentes vertus... Nous voulons consacrer à le faire honorer dans cette église tout ce qui nous reste de force et de vie, en faisant de cette église un lieu de pèlerinage où l'on vienne le visiter...

Voies mystérieuses de la Providence, vers 1836, cet évêque est allé lui-même, en France, demander quelques religieux pour son diocèse, au père Moreau, qui nourrit lui aussi une grande dévotion envers saint Joseph. Ces deux hommes de Dieux ont conclu un marché étrange, le fondateur de la congrégation de Sainte-Croix laisse partir neuf de ses fils, et le prélat, en reconnaissance, donne une précieuse relique qu'il rapporte de Rome, le corps d'un tout jeune enfant, martyr à quatre ans, au temps des lointaines persécutions.

Monseigneur Bourget entrevoit peut-être que cette famille religieuse va préparer l'élu de Dieu, l'artisan qui

réalisera son rêve d'un grand sanctuaire dédié à saint Joseph...

Le novice est parti l'âme rassérénée, tout réconforté par tant de douceur. Plus tard, il dira, en racontant ce fait :

—Oh ! que monseigneur Bourget est élevé dans le ciel ! Priez-le beaucoup. Oh ! oui, qu'il est élevé dans le ciel !

* * *

Peut-être le novice attribue-t-il à l'intervention du saint évêque le mot de réconfort que lui glisse dans la suite le père maître :

—Demeurez tranquille, ne vous inquiétez pas, je verrai à votre admission aux voeux.

Ce religieux dira pour le défendre :

—Si ce jeune homme devient incapable de travailler, il saura du moins très bien prier.

Le frère André a bientôt le bonheur de faire sa première profession religieuse, le 22 août 1872. Le matin, à la messe de communauté, devant le prêtre qui tient l'hostie au-dessus du ciboire, juste au moment de recevoir la sainte communion, il lit cette formule de voeux qu'il a tracée de sa rude main d'ouvrier :

—Au nom du Père et du Fils et du Saint-Esprit. Ainsi soit-il.

Moi, Frère André, dit dans le monde Alfred Besset, tout indigne que je suis, appuyé néanmoins par le désir de servir l'adorable Trinité, je fais pour un an au Dieu tout-puissant, les voeux de pauvreté, chasteté, et obéissance, selon le sens des règles et constitutions de cette congrégation, en présence de Notre-Seigneur Jésus-Christ, de la bienheureuse Vierge Marie conçue sans péché, de son digne époux saint Joseph et de toute la cour céleste, promettant d'accepter les emplois quelconques qu'il plaira à mes supérieurs de me confier.

Sa vocation à la vie religieuse est réalisée, sa mission d'apôtre de saint Joseph se prépare.

III

SEMENCE

Au terme du noviciat, le frère André continue d'assumer sa fonction de portier au collège Notre-Dame. Débrouillard, gai, serviable, il remplit à merveille cette obédience. Dans cette maison où une couple de cents élèves sont confiés aux soins de quelques éducateurs, il passera quarante ans de sa vie... Tout le monde sait le mot qu'il se plaira à répéter :

—Au sortir du noviciat, les supérieurs m'ont mis à la porte, et j'y suis demeuré quarante ans... sans partir.

L'ancien hôtel Bellevue est remplacé par la vaste construction de pierre qu'il vit en rêve avant d'entrer en communauté. 1881, l'aile droite s'érige ; 1888, le centre et la chapelle ; 1890, la dernière partie.

Le visiteur qui se présente au parloir, peut jeter un œil dans la cellule du portier, couloir d'à peine six pieds de large, éclairé parcimonieusement par une fenêtre très étroite. À la place du lit, un banc recouvert d'une mince bourrure ; une armoire, un petit écritoire, une chaise, un banc le long de la muraille complètent le mobilier. Sur le mur dénudé, se détachent un crucifix et une image de saint Joseph.

Le nombre des religieux étant beaucoup trop restreint, chacun doit cumuler plusieurs fonctions. Le frère André se voit ainsi confier une multitude de travaux.

Comme portier, il répond au parloir, va à la recherche

des religieux ou des élèves demandés. À lui de sonner le réveil, le matin à cinq heures, de frapper à chaque chambre en disant le traditionnel « Benedicamus Domino ». Tout le jour, il convoque avec la plus rigoureuse exactitude aux divers exercices. Ce souci de la plus stricte ponctualité l'accompagne toute sa vie. Propreté du parloir et de trois corridors, commissions à la ville, courses au bureau de poste voisin remplissent habituellement sa journée.

Chaque lundi, il se rend en voiture, par toute la ville, distribuer le linge sale des élèves chez leurs parents, pour le récolter le samedi.

Coiffeur dans ses moments libres, il profite de l'occasion pour glisser aux enfants quelques conseils et développer en eux l'amour de saint Joseph, « le père du petit Jésus ». Pendant la soirée, il prépare le pain d'autel, fabrique les cordons de laine pour les religieux, ou accomplit quelque autre bricole.

D'une activité, d'un dévouement inlassable, il se dépense sans compter. Le supérieur manifeste le désir de voir se dessiner le parterre devant le collège, le frère André assume cette tâche. Afin de la réaliser, il travaille parfois une partie de la nuit.

— Le soir très tard, racontera-t-il, je transportais, à plusieurs arpents de là, les roches que j'avais enlevées du terrain défriché le jour, pendant les rares moments de répit que me donnaient mes nombreuses occupations. Détail un peu amusant, afin d'éviter la fatigue excessive et la perte de temps, j'utilisais deux brouettes. Je poussais l'une, un arpent environ, et je me reposais et récitais mon chapelet en venant chercher l'autre. Quelquefois, le chant du coq me trouvait encore au travail. J'allais bientôt sonner le réveil de la communauté.

Évidemment, c'est un excès de zèle, mais l'intention est bonne : répondre au désir du supérieur. Ce qui paraîtra un peu étrange à la postérité ne semble pas trop en dehors

de l'ordre, dans ces pénibles débuts de la communauté en terre canadienne.

Dieu se sert de ces sacrifices héroïques pour sanctifier son serviteur. On est ébahi de constater la somme d'efforts déployés, chaque jour, par ce petit homme qui peut à peine digérer quelques bouchées. Les maux d'estomac dont il souffrait dans sa jeunesse continuent de le tenailler, mais la santé est son moindre souci. Il accomplit son devoir le mieux possible, pour le reste il se confie à la Providence. Sa seule nourriture, la plupart du temps, se réduit à un peu de lait coupé d'eau, dans lequel il trempe un croûton de pain. Ses maigres repas sont pris sur le coin de la table, à la dérobée et hâtivement, car sa fonction de portier l'empêche de manger en même temps que la communauté. Évidemment ces pénitences excessives, le supérieur les ignore et seuls quelques confrères en sont par hasard les témoins.

Jamais ce malade ne se prévaut de sa constitution débile en vue d'obtenir une besogne moins lourde :

— Je n'ai jamais demandé à me faire remplacer par un autre religieux afin de me reposer, pendant quinze ans que j'ai souffert de l'estomac, dira-t-il plus tard. Je n'ai jamais refusé d'accomplir la tâche qu'on m'a demandée, j'ai toujours accepté et quand je ne pouvais finir mon travail le jour, je le finissais la nuit.

En donnant ces détails, le frère André, avec sa simplicité parfaite, ne comptera pas apitoyer les gens sur ses misères, mais simplement prouver comment la maladie n'est pas un empêchement au travail.

Vers l'âge de quarante-trois ans, il devient très faible par suite de surmenage. Le médecin du collège qui le voit, à la fin de l'été, laver les vitres du parloir avant l'ouverture des classes, lui ordonne de se mettre au repos, alléguant que, autrement, dans deux mois, le frère aura cessé de vivre. Le portier continue sa besogne quotidienne, sans s'inquiéter. Quelques jours plus tard, le médecin le sur-

prend de nouveau à ce travail. Le laborieux petit frère se contente de dire en souriant :

— Si je meurs, ma communauté sera bien débarrassée de moi.

Ainsi celui qui cumule tant de charges, loin de se penser indispensable, se croit un poids pour la communauté, voulant sans doute souligner l'inestimable bienfait de la vie religieuse, que le dévouement le plus complet ne saurait payer.

Il aime plaisanter au sujet de ses labeurs :

— J'ai « brossé » toute la nuit et je suis allé communier, dit-il aux bonnes religieuses ahuries.

Une visiteuse venue voir son enfant, le dimanche, fait remarquer au bon portier, très pâle d'avoir passé une partie de la nuit à laver le parloir :

— Vous êtes bien changé, frère André !

Et lui de répondre avec un bon sourire :

— Ce n'est pas surprenant, je me change toujours soigneusement, le dimanche.

*
* *

Dans ses multiples occupations, il ne perd pas de vue le surnaturel. Chaque heure est peuplée de prières. Il médite surtout les souffrances du Sauveur et converse avec saint Joseph. Toujours la plus rigoureuse fidélité à ses exercices religieux, qu'il doit, à cause de son obédience, accomplir le plus souvent en particulier. Après avoir assisté avec la communauté aux prières du matin, il s'agenouille pendant la messe, à l'arrière de la chapelle, sur le pavé, près de la porte, afin de mieux entendre les appels au parloir. Immobile, recueilli, il demeure là, comme le publicain de l'évangile au fond du temple.

Pendant le jour, quelle joie n'éprouve-t-il pas, lorsqu'un confrère consent à le remplacer quelques instants à la porterie :

— Seriez-vous assez bon de répondre au parloir, je dois faire mon heure sainte ?

— Oui, mais que ce ne soit pas trop long.

Tout heureux, le bon frère vient s'agenouiller sur le pavé, à l'entrée du chœur. Le temps ne dure pas en présence du Bien-Aimé. Son compagnon vient le chercher :

— Frère André, depuis deux heures vous êtes en prière, c'est bien suffisant.

— Oh !... encore cinq minutes ?

Son regard est si suppliant que l'autre accepte, mais il doit bientôt le tirer encore de son recueillement :

— Ça fait plus de quinze minutes, je pars pour ma classe.

Le bon frère s'arrache à regret de sa prière et se confond ensuite en excuses et remerciements envers son remplaçant.

Au soir d'une pénible journée, il vient frapper timidement à la porte d'un confrère et demande une grande faveur :

— Je tombe de fatigue ; j'ai peur de m'endormir en récitant mes prières. Viendriez-vous les dire avec moi ?

Celui-ci, un jeune prêtre, accepte, mais les prières se prolongent tellement qu'il est exténué et se jure bien de ne pas se faire prendre une autre fois. Aussi, à la requête suivante, il prétexte un travail pressant pour refuser. Le frère recourt à un autre... Tous se dérobent bientôt à son invite, car les victimes de ses oraisons prolongées en ont causé.

Harassé de fatigue, surtout le mercredi et le samedi soir, lorsque après son travail de la journée, il s'est imposé la tâche de brosser le plancher du parloir, le portier accomplit ses exercices de piété à la chapelle, quand tous sont déjà couchés. Dans l'obscurité de la nef, ses prières se déroulent, qu'il sait toutes de mémoire. Perdu de lassitude, il s'endort à genoux et recommence ses oraisons au

réveil. Parfois cette lutte héroïque se poursuit presq jusqu'au matin.

Ces nuits de prières, un incident les dévoile, qui fera tour de la communauté. Les religieux ont l'âme jeune, l faits les plus anodins suscitent l'intérêt, éveillent d'in fensives taquineries.

Dans la chapelle, où seule la lampe du sanctuaire jet une goutte de clarté blafarde, le bon portier continue da le rêve sa causerie avec Dieu. Tout à coup, il s'éveille sursaut ; une lumière filtre par l'œil-de-bœuf qui comm nique avec une cellule déserte, au-dessus de l'abside. croit entendre du bruit. Inquiet, il s'empresse d'aller fra per à la chambre d'un confrère :

— Venez, il y a des voleurs au-dessus de la chapelle.

L'autre s'exécute, le plus rapidement. Une inspecti découvre que la lanterne des prétendus maraudeurs n'e autre qu'un reflet capricieux de la lune pénétrant par croisée.

Certain confrère s'avise de fermer à clef la porte de chapelle, afin d'empêcher le frère André d'y aller la nui Il se dissimule pour assister à la déconvenue du religieu mais il est très surpris de le voir pénétrer sans embarra Il raconte ce fait étrange et se voit traité de naïf.

Les élèves avec leur perspicacité découvrent vite lutte sourde organisée autour du bon portier. Elle défra leurs conversations. D'un air ingénu, ils questionnent surveillants et les professeurs, s'amusent à déterminer q est pour ou contre le frère André.

Un témoin nous les fera revivre, ces scènes survenu en 1890. Petit bout d'homme de dix ans, il est élève exter au collège et se prépare à la première communion. Il pe recevoir les conseils du portier, qui le charge parfois déposer les lettres à la poste. Un jour, cet enfant demande

— Où alliez-vous hier soir ? Je vous ai vu grimper da la montagne.

— J'allais prier saint Joseph. On y est bien tranquil

— Comme ça, tout seul ?

— Mais oui. Aimerais-tu ça venir ?

— Oh ! oui, frère.

— Demande la permission à ta maman. Tu viendras me rejoindre après souper.

Le collégien, fier d'une telle faveur, arrive à l'heure convenue. Ils grimpent tous deux par un étroit sentier rocailleux, et parvenus dans une petite clairière, auprès d'un arbre, ils s'agenouillent.

— J'ai caché là une médaille de saint Joseph. Nous allons prier pour qu'il nous obtienne l'achat de ce terrain...

Souvent le bon frère renouvelle, dans la suite, ce pèlerinage avec son petit compagnon de prière, et il répète :

— On va l'avoir, le terrain... Saint Joseph, il lui faut une place...

* * *

Le frère André pourrait bien se montrer laborieux, organiser sa vie de religieux et se dire, après avoir accompli sa besogne quotidienne : J'en fais bien assez pour vous, Seigneur, ce n'est pas à un ignorant comme moi à prêcher l'amour du bon Dieu, à répandre le culte de saint Joseph. Non, il aime mieux que cela, il aime de toute son âme, voilà pourquoi il souhaite faire partager son amour aux autres. Cet ouvrier peut être proposé en modèle à tous les chrétiens qui comprennent leur religion et veulent gagner l'âme de leurs frères par leurs humbles moyens.

S'il demande à ses confrères de venir s'associer à ses prières, c'est un prétexte pour développer chez eux la grande dévotion que Dieu lui inspire. Dès ses premières années, au collège, un incident trahit le beau rêve qu'il réalisera trente ans plus tard. Chaque avant-midi, il va chercher les lettres chez le procureur pour les mettre à la poste. Celui-ci lui demande un jour :

— Frère André, voulez-vous bien m'expliquer pourquoi,

à chaque fois que je fais le ménage dans ma chambre, l
statuette de saint Joseph, qui est sur mon armoire, s
tourne d'elle-même vers la montagne ?

— C'est que saint Joseph veut y être honoré.

Toujours il apporte un souci constant de faire du bie
de glisser un bon conseil. Il rayonne une jeunesse d'âm
une douceur qui attire les élèves. Pour abuser parfois de s
bonté avec l'espièglerie de leur âge, ils ne l'en aiment pa
moins.

Le frère parle avec une telle simplicité et une telle cha
leur du surnaturel, que tous se plaisent à l'écouter. Le
parents des enfants causent en sa compagnie, lui confien
souvent leurs peines et se recommandent à ses prières, don
ils constatent la grande efficacité.

Son action charitable auprès des malades commenc
à s'exercer. Connu de tous sous l'appellation de « bo
frère André », il profite de ses sorties journalières au bureau
de poste pour s'arrêter de temps à autre auprès d'un
malade, auquel il remet un peu d'huile qui a brûlé quelque
instants devant la statue de saint Joseph, à la chapelle du
collège. Personne dans la communauté ne prête attention à
cette originalité. Au dehors, les bonnes gens murmuren
timidement :

— Vous savez, le bon frère André, c'est un saint. Il
guérit les malades...

Mais rien ne transpire chez ses confrères. Un jour qu'i
doit s'attarder plus que de coutume, il confie le soin de l
porterie à un jeune confrère. Celui-ci s'absente à son tou
quelques minutes. Mal lui en prend : survient un visiteu
qui sonne à plusieurs reprises. Le supérieur, le père Louage,
un bouillant méridional, descend de sa chambre et se met
à faire retentir la cloche par toute la maison. Le jeune
remplaçant se présente tout penaud, et le frère André
fait justement son entrée au milieu de ce branle-bas. Le
père Louage s'écrie :

— Je suis provincial, supérieur, économe, et voilà

maintenant que je suis obligé d'être portier. Baisez la terre, baisez la terre, frère André.

À cet acte d'humilité, le portier se prête sans mot dire. Ce supérieur a pourtant la réputation d'une grande vertu. D'une rigidité parfaite sur l'observance de la règle, doué d'un grand cœur, il est malheureusement d'un caractère fort irascible. Aimé de ses sujets, qui devinent son âme paternelle sous des dehors impétueux, il est l'objet de plaisanteries bénignes de leur part. Malins, ils appellent communément le frère André le paratonnerre de la maison, car sur lui se déchargent le plus souvent les foudres du père Louage.

Jamais le frère André n'essaie d'expliquer sa conduite, de se disculper devant les accusations. Sa fonction de portier l'expose souvent à recevoir des reproches de la part de certains confrères. Ils l'apostrophent parfois :

— Au lieu de passer votre temps en prières, vous seriez bien mieux de remplir votre obédience comme il faut. Pourquoi ne m'avez-vous pas appelé au parloir, lorsque cette personne m'a demandé ?...

Le bon religieux pourrait bien riposter :

— J'ai parcouru tout le collège sans vous découvrir. Si vous gardiez mieux votre cellule, cela n'arriverait pas... Le supérieur m'a donné l'ordre de ne pas convoquer au parloir en de telles circonstances...

Sans mot dire, il reçoit l'avalanche de récriminations humblement, la tête baissée comme un coupable, sans le moindre soupçon d'impatience.

Les témoins de telles scènes diront :

— Nous étions émerveillés de tant de douceur et d'humilité. À sa place, comme nous nous serions défendus ! Et lui, pas même une parole.

Dieu éprouve ses élus en laissant à dessein subsister des défauts chez les gens qui les entourent. Suivant la pensée

de la petite Thérèse, qui eut beaucoup à souffrir dans son cloître :

— Si Dieu ne nous sanctifie pas par les gens avec lesquels nous vivons, par qui le fera-t-il ?

Aux épreuves journalières de la vie commune, aux grandes mortifications habituelles : coucher sur la dure, nuits consacrées au travail et à la prière, jeûnes, le frère André joint quantité de sacrifices pratiqués déjà au temps de sa prime enfance. Il confiera plus tard, en vue de prouver comme il ne faut pas se montrer douillet :

— Souvent, par les nuits d'hiver, j'allais me donner des douches d'eau glacée dans la boutique de forge ; parfois même je me roulais nu dans la neige, dans un recoin sombre, à l'arrière du collège.

Peut-être ces pénitences servent-elles à dompter les tentations, dont le démon l'assaille, qui voit le bien semé sur les pas de ce serviteur de Dieu. Mais bientôt, convaincu de l'inutilité de ses efforts, Satan abandonnera les ruses et se bornera, dans une impuissance rageuse, à causer des ennuis physiques, selon sa coutume auprès des saints. Maintes narrations, dérobées à l'humilité du frère André, le laissent entendre.

Habitué à se mouvoir constamment dans le surnaturel, afin de prouver comment Dieu, dans sa bonté, récompense l'obéissance, le frère racontera le fait suivant, sans se douter que l'éclat du prodige auréole sa vie. Comme souvent, il soigne les malades, les guérit ou les prépare à la mort, les gens du voisinage ont l'habitude de lui demander de donner les derniers soins aux défunts. Un dimanche matin, un enfant se présente et l'avertit que son grand-père, vieillard auquel il avait promis de rendre les derniers devoirs, vient de s'éteindre :

— J'irai l'ensevelir ce soir, vers sept heures, répond le frère portier, que son obédience retient au collège.

L'enfant retourne donc chez lui, mais ses parents le renvoient pour insister, disant :

— Qu'il vienne immédiatement, car sans cela, le corps deviendra trop rigide pour procéder à la toilette funèbre...

— Impossible pour le moment, j'irai ce soir, je ne puis quitter le collège un jour de parloir...

À l'heure du souper, le portier, sa tâche terminée, se rend auprès du défunt et le trouve encore tiède et flexible. Pas la moindre difficulté pour lui donner les derniers soins. Ce travail terminé, s'apercevant que la tête du mort semble par trop inclinée, il essaye de rectifier l'attitude et constate que la rigidité cadavérique, soudain survenue, rend cette légère opération très difficile...

De retour au collège, après ses interminables prières, à peine retiré dans la cellule isolée de celles de ses confrères qui logent à l'étage supérieur, il entend dans la pièce contiguë, le réfectoire, un vacarme assourdissant, entre-choquements de verres, de tasses, d'assiettes, comme si tout eut été fracassé. Il se précipite sur les lieux et fait de la lumière. Chose étrange, tout demeure en ordre, rien n'est brisé.

Cette aventure se répète à plusieurs reprises. Il affirmera dans la suite :

— À chaque fois que j'allais rendre les derniers devoirs à un mort, ces bruits se faisaient entendre...

De temps à autre, un animal est entrevu, sorte de gros chat noir qui semble être l'auteur de l'étrange vacarme. Cette présence demeure inexplicable,

— Le démon, furieux de mes actes de charité, tâche de me faire peur, pense le frère.

Plusieurs, à l'énoncé de tels faits, réprimeront mal un sourire ; les interventions visibles de Satan auprès des saints leur semblent tenir de la légende. Qu'ils lisent la vie du curé d'Ars, si ressemblante à celle du frère André, ils verront les rages enfantines du diable contre celui qui lui arrachait tant d'âmes. Souvent, il l'assaillait sous la

forme d'un animal, et produisait le bruit de déchirure dans ses rideaux, draps et taies d'oreiller.

À maintes reprises, dans sa vie, le frère André subira ces ennuis du démon, comme en témoignent certaines confidences et plusieurs indices.

Ainsi, dans le travail, la prière, la souffrance, les épreuves de toutes sortes, l'élu du Seigneur se prépare à sa grande mission. Pendant cette vie cachée, il jette en terre la semence qui germe dans l'obscurité pour croître rapidement au temps de sa vie publique comme apôtre de saint Joseph.

IV

FLORAISON

Le frère André a trente-quatre ans lorsqu'en terre de France s'éteint la voyante de Lourdes, d'un an son aînée. La mission de Bernadette est depuis longtemps réalisée. Les pèlerins affluent au sanctuaire de l'Immaculée, à la roche de Massabielle. Voies mystérieuses de la Providence, l'apôtre de saint Joseph doit attendre encore vingt-cinq ans avant d'accomplir son œuvre.

Pour faire triompher sa cause, Bernadette a rendu témoignage des apparitions de la Vierge et lorsque, après bien des épreuves, sa voix fut écoutée, elle se retira au loin dans un monastère.

Le frère André pourra accomplir sa mission, lui, par le pouvoir merveilleux de semer les guérisons au nom de saint Joseph, mais il demeurera intimement uni à son œuvre. Trente-trois ans durant, il contribuera à sa croissance et deviendra, aux yeux des foules, la figure vivante du charpentier de Nazareth.

Si, depuis sa plus tendre enfance, le frère André nourrit une dévotion particulière envers son grand ami saint Joseph, si, dès le début de sa vie religieuse, il s'est efforcé de faire rayonner ce culte autour de lui par tous les moyens, c'est seulement lorsqu'il est investi de la faculté de départir les faveurs divines extraordinaires que sa mission spéciale se dessine. Ce pouvoir est pour lui ce que furent les apparitions de la Vierge pour Bernadette.

Cette puissance se manifeste peu à peu, et son entourage est lent à la discerner. La valeur de son intercession s'affirme d'abord envers ses confrères et les élèves. Quelques faits se gravent qu'ils évoqueront dans la suite, surpris de ne pas en avoir saisi tout d'abord le caractère surnaturel.

* * *

Le procureur du collège, un religieux modèle, qui partage avec le frère André l'honneur d'être appelé le paratonnerre du père Louage, est alité depuis plus d'un mois à la suite d'une blessure à la jambe. Quelques jours avant le dix-neuf mars, il dit au portier qui lui rend visite :

— Aucune amélioration dans la plaie. Je crois décidément que je ne pourrai me rendre à la chapelle pour la fête de saint Joseph.

— Faites la neuvaine avec foi et descendez sans crainte à la chapelle.

Au matin de la fête, les religieux sont étonnés de voir dans leurs rangs le malade encore alité la veille. Après la messe, ils constatent que toute trace de plaie est disparue.

Le frère André sait montrer la même sollicitude envers les élèves. Parmi eux, les orphelins surtout reçoivent les attentions de son cœur compatissant, et les malades bénéficient parfois de sa puissante intervention.

Dans l'intimité, en évoquant le début de son action au collège Notre-Dame, le bon frère racontera lui-même le trait suivant : Un élève est à l'infirmerie depuis plusieurs jours. Une fièvre maligne le retient au lit. À l'heure de la récréation, le frère portier se présente auprès de l'enfant et demande avec son bon sourire :

— Qu'est-ce que tu as à faire la paresse ?

— Je suis malade.

— Lève-toi.

— Le médecin ne veut pas.

— Tu n'es plus malade, va-t'en en récréation.

Le gamin, se sentant regaillardi, ne se le fait pas répéter. Il s'habille tout joyeux et le voilà bientôt à gambader, plein d'entrain, parmi ses condisciples, à la grande surprise du surveillant. Après enquête, le frère André est incriminé, taxé d'imprudence, d'ingérence indue dans les attributions de l'infirmier.

— Cet enfant n'est pas malade, riposte-t-il ; faites-le donc examiner.

Le médecin ne trouve plus de trace de maladie. Intrigué, il revient plusieurs fois durant le jour et constate la persistance de la guérison.

Une épidémie de petite vérole ravage la communauté, à Saint-Laurent. L'infirmerie, située dans la « maison blanche », autrefois le noviciat, est remplie de malades, élèves et religieux. Quelques-uns sont morts. Le père Beaudet, supérieur du collège, se charge de veiller les contagieux en quarantaine. Le frère André vient avec plaisir à la rescousse du bon père, sans craindre la contagion de la maladie, qu'il peut contracter facilement, vu sa débilité physique. Dès son entrée dans la salle des malades, il se jette à genoux et prie saint Joseph d'éloigner ce fléau. Pas un autre cas de petite vérole ne se déclare dans la suite, et tous les malades reviennent bientôt à la santé.

Cependant personne n'attache d'importance à ces faits. Aux yeux de tous, le portier demeure le petit frère obscur, passablement original.

Peu à peu, le rayonnement de bonté et de simplicité qui se dégage de sa personne attire les parents des élèves. Pendant les longues après-midi que les mamans passent au parloir avec leurs enfants, les papas, moins patients, viennent fumer dans la cellule du portier et causent avec lui. Celui-ci en profite pour leur parler de sa grande dévotion, tout en glissant de gaies reparties. Les gens prennent

l'habitude de lui confier leurs peines. Il comprend vite et s'apitoie, lui qui a tant souffert. Il donne un bon conseil, parle du consolateur, saint Joseph, tout-puissant sur le cœur de Jésus.

Le bon portier, avec son amabilité coutumière accueille les visiteurs. S'avançant au-devant d'un homme à l'air triste et préoccupé, il demande, plein de sollicitude :

— Comment ça va chez vous ?

L'autre agacé, bourru, réplique :

— Qu'est-ce que ça peut bien vous faire, à vous ?

Le frère ne se tient pas pour battu. Au moment où ce homme quitte le collège, après avoir embrassé ses deux enfants pensionnaires, il l'aborde en souriant :

— Vous avez bien mauvais caractère.

L'autre, pour s'excuser, raconte ses peines :

— Ma femme est malade au lit, depuis des années...

— Elle n'est pas si malade que ça, dit simplement le religieux. Elle a hâte de vous voir arriver, pour avoir des nouvelles des enfants.

Et, devant l'air surpris de son interlocuteur, il ajoute, en lui donnant la main :

— À l'heure qu'il est, elle va mieux.

Le visiteur s'éloigne en murmurant :

— Quel drôle de prophète, que ce portier !

Et pourtant, il fait accélérer l'allure de son cheval vers la ville... Son épouse, encore pâle de sa longue maladie, l'accueille sur le seuil de sa demeure :

— Comment sont les enfants, s'informe-t-elle gaiement ?...

Au moment où son mari soucieux causait avec le frère André, elle s'est sentie mieux. Elle a prié sa garde-malade de l'aider à se lever. Quelques instants plus tard, elle quittait sa chambre et se rendait sur le balcon, attendant avec impatience le retour de son époux.

Les faveurs spirituelles ou temporelles se multiplient de plus en plus. La nouvelle se propage, des visiteurs vien-

nent spécialement pour demander des guérisons au saint portier. Un de ses confrères est témoin d'une scène étrange, dont il garantira l'authenticité :

«Je vous donne ce que je puis certifier, même sous serment. À la fin de novembre 1884, je remplace le frère André qui doit laver le plancher du parloir. C'est un samedi, vers cinq heures du soir. On sonne à la porte. Une dame se présente, que soutiennent deux hommes. Je les fais entrer et leur demande ce qu'ils désirent. Un des hommes répond :

— Cette dame veut voir le frère André.

Celui-ci à genoux, lave justement l'entrée.

— Frère André, cette dame désire vous parler.

Il cesse de brosser le parquet et lui dit : Que désirez-vous ?

— Je suis prise de rhumatisme, je vous prie de me guérir.

— Laissez-la marcher.

Elle se met à faire deux ou trois pas, et le frère continue à brosser le plancher. Après un instant, il dit à la femme :

— Vous n'êtes plus malade, vous pouvez vous en retourner.

Elle sort sans être soutenue. »

★

★ ★

Vingt ans donc avant le début de son œuvre, le frère André porte déjà les marques d'une prédilection divine, mais il ne semble pas encore projeter un sanctuaire en l'honneur de saint Joseph.

En face du collège, un étroit cercle de défrichement, et la montagne s'élève abrupte, sauvage, peuplée d'érables, de chênes et de bouleaux, dont les couleurs pâlissent auprès du vert sombre des conifères. Ça et là, d'épais fourrés, toute une végétation inculte. Le site domine la plaine jusqu'à la ligne lointaine et bleuâtre, à peine infléchie, des Laurentides. Des fermes, des bosquets, quel-

ques villages aux maisons tassées autour d'un clocher. Un anneau se dessine de la rivière des Prairies qui rampe entre son double ruban d'arbres. À l'ouest, le lac Saint-Louis, une décharge du Saint-Laurent, donne plus de vie au paysage...

Les religieux, surtout les novices, s'aventurent par l'étroit sentier qui grimpe la montagne. Le propriétaire, un Écossais hargneux, défend l'accès de ce coin pittoresque et lance parfois ses chiens aux trousses des visiteurs. Attrait de plus, celui du fruit défendu, pour les novices qui n'ont pas abandonné, en revêtant la soutane, les gamineries propres à leur âge. Aux jours de congé, ils se faufilent jusqu'au sommet du mont Royal. Après les moments d'une saine détente, ils ont l'habitude de réciter leur office de la Sainte Vierge au pied d'un bouleau qui ombrage une esplanade dénudée, contrefort de la montagne.

Les autorités du collège convoitent ce terrain, car elles appréhendent d'y voir ériger un hôtel turbulent, mais le prix demandé semble excessif. Cette propriété est vendue à un Canadien français qui se montre aussi exigeant. Un geste de foi naïve réussira là où toutes les démarches humaines ont échoué. Le procureur, le frère Aldéric, qui nourrit la plus filiale dévotion envers l'ouvrier de Nazareth, surtout depuis la guérison qu'il a obtenue par l'entremise du frère André, enfouit dans le sol convoité une médaille de saint Joseph. Hanté déjà par le désir de son oratoire, le bon portier l'a déjà faite, depuis longtemps, cette semaille qu'il conseillera bien des fois afin d'évincer les propriétaires récalcitrants. Le 22 juillet 1896, l'achat est conclu.

Aussitôt, le laborieux portier est le premier à la tâche. Il élargit le sentier, coupe les raidillons par quelques marches d'escalier. Après la rude montée du contrefort de la montagne, une éclaircie vêtue de menus branchages que les défricheurs baptisent : Boulevard Saint-Joseph. Le père Lafond, directeur des travaux, de sa belle écriture

peint ce nom sur la paroi coupée raide, en bordure de l'emplacement.

L'année suivante, on érige un petit kiosque en bois rond. Une échelle donne sur le toit d'où l'on peut apercevoir, au-dessus des arbres, le magnifique paysage. Le frère André ne parle pas encore d'ériger une chapelle en l'honneur de saint Joseph, mais il a logé dans une anfractuosité du rocher une statuette de ce saint.

C'est là qu'il vient prier à ses moments libres. Il place bientôt une petite écuelle au pied de sa statue, afin de recueillir les dons des pèlerins éventuels. Aux heures d'affluence au parloir, le portier cause de ses travaux à ses amis, leur conseille de grimper jusqu'au « Boulevard Saint-Joseph » pour jouir du coup d'œil merveilleux et leur recommande bien de ne pas oublier de faire un bout de prière auprès de la statuette du rocher.

Quel n'est pas le charme de ce premier oratoire, si humble, si naïf ! Un étroit sentier embroussaillé qui débouche dans une clairière sauvage, une statuette, et la pauvre petite écuelle destinée à recevoir les sous. Quelle beauté touchante, dans cette rustique simplicité ! Et c'est avec les sous, les sous du pauvre, que le frère André bâtira sa première chapelle, la crypte et la basilique qui sera un des plus beaux sanctuaires d'Amérique...

Les minuscules oboles se multiplient et, avec la permission des supérieurs, le portier les conserve en vue d'aménager le lieu de pèlerinage qu'il rêve. Il y ajoute les cinq sous que lui donne chaque coupe de cheveux. Et lui, le pauvre, le détaché des biens terrestres, qui durant toute sa vie ne semblera même pas voir de différence entre l'obole infime et la magnifique offrande, recueille les sous avec joie, compte les piécettes blanches : « c'est pour saint Joseph... »

De plus en plus se dessine l'action de l'apôtre de saint Joseph auprès des foules. Chaque jour lui amène un contingent de malades et d'affligés. Il les accueille tous, les

console et leur parle de Jésus et de son père adoptif.

Un adolescent se présente, appuyé fortement au bra d'un homme :

— Me reconnaissez-vous, frère André ?

— Mon petit compagnon qui venait prier avec moi dan la montagne. Comment ça va ?

— Oh ! ça va très mal, j'ai eu un accident de travail, l mois dernier. Le médecin veut m'envoyer à l'hôpital. O parle de me couper la jambe, parce que la gangrène s' est mise... Si vous vouliez, frère André, vous pourriez m guérir.

— Non, pas moi, mais saint Joseph, si vous avez con fiance. Renvoyez la voiture qui vous a transporté.

Il conduit l'estropié dans une salle de débarras atte nante à sa cellule, afin de le dérober à la curiosité.

Le soir, lorsque les autres ne peuvent pas le surprendr et le cingler de propos malveillants, il fait passer le jeun homme dans sa chambre et frictionne quelque temps l jambe enflée et noircie. Le malade peut retourner à so domicile, tout seul, à pied, par des chemins enneigés e glissants.

Les prodiges se multiplient et s'ébruitent au dehors, e dépit de la recommandation expresse de n'en parler personne.

L'histoire, perpétuel recommencement, réédite un épi sode emprunté à la bible. « Le Seigneur dit à Satan As-tu remarqué mon serviteur Job ? Il n'y a pas d'homm comme lui sur la terre, droit, pur, craignant Dieu et éloi gné du mal... Or Dieu permit à Satan d'éprouver so serviteur... »

La théorie des misères infligées à Job ne s'est-elle pa déroulée pour le frère André, au long de sa jeunesse d'or phelin, sans parents, sans amis, pauvre, ballotté de mai son en maison, torturé de souffrances ? Dans la vie reli gieuse, éprouvé par d'austères supérieurs, il voit ses mala dies s'aggraver. Parfois ce guérisseur doit passer quelque

jours à l'infirmerie, en proie aux maux d'estomac, secoué par les spasmes convulsifs de la chorée.

Maintenant, douleur plus cuisante à son âme d'apôtre, tout se ligue afin de paralyser son action. Certains parents se plaignent de ce que leurs enfants subissent la promiscuité des quémandeurs qui visitent le frère portier. Les autorités du collège interviennent. Défense absolue de recevoir les malades aux heures de parloir et invite de les rencontrer dans un minable pavillon, petite gare aménagée de l'autre côté de la route, en face du collège.

Si la peur de jeter du discrédit sur la communauté interdit aux supérieurs de se fourvoyer à la suite d'un illettré original, même s'il est pieux et zélé, par ailleurs, l'esprit de foi leur défend de contrecarrer directement les vues possibles de la Providence. La même pensée guidera la conduite de l'archevêque de Montréal, monseigneur Bruchési :

— Si vous disiez au frère André de cesser de recevoir les malades, le ferait-il ?

— Il s'exécuterait aveuglément.

— Alors laissez-le faire. Si l'œuvre est divine, elle se développera, sinon elle s'écroulera.

Cet esprit de tolérance n'anime pas tout le monde. Quelques confrères et surtout le médecin du village combattent ouvertement le guérisseur :

« Vieux frotteux, vieux tâteux, charlatan... », les épithètes malveillantes pleuvent drues sur sa tête.

Sans se décourager, le religieux continue son œuvre, mais bien souvent il verse des larmes et raconte ses peines à un confrère qui lui est sympathique. Il dit ses espérances, déplore de ne pas avoir l'assistance d'un prêtre pour confesser les gens qui viennent vers lui. Ce compagnon est le témoin involontaire de scènes bien touchantes, pendant les quelques jours qu'il passe à restaurer la masure où le portier reçoit désormais les clients de saint Joseph.

Loin de se contenter de leur demi-victoire, les déni-

greurs portent leurs griefs à l'archevêché. Quelques c
frères et les bénéficiaires de faveurs défendent l'accusé.
pontife, monseigneur Bruchési, dans sa prudence, congé
les deux partis sans se prononcer.

Dépités de leur échec auprès des supérieurs ecc
siastiques, les adversaires vont frapper à la porte
l'autorité civile :

— Le bureau d'hygiène doit absolument se saisir
cette question. Il y va de la santé publique.

Un délégué est choisi pour aller mettre à la raison
contempteur des lois médicales. Le frère reçoit le visite
aimablement et lui explique que ses remèdes, — friction
ner avec une médaille ou un peu d'huile, — ne sauraie
être dommageables. L'autre s'en retourne charmé du bo
sens et de l'aménité du frère.

À ces épreuves s'ajoutent des calomnies contre s
honneur. Ses ennemis le taxent d'immodestie, parce qu
frictionne vigoureusement les plaies. Cette insulte lui e
même jetée à la face par un visiteur auquel il manifeste d
dévouement et de la sympathie.

En butte aux calomnies, suspect dans la communaut
attaqué violemment de l'extérieur, persécuté de tou
façon, il a l'habitude de s'épancher auprès d'un laïc q
semble sympathiser. Il parle en toute confiance, livre l
secrets de son âme, pleure bien souvent en sa présenc
Hélas ! ce confident est un être ignoble, incapable d'u
attitude loyale, plus incapable de comprendre l'âme droi
et haute de son vénérable ami. Il dénature les confidenc
qu'il reçoit. Fermé à l'œuvre de la grâce et à l'action d
l'Esprit Saint dans une âme d'élite, il prend le frère And
pour un fou. Avec les adversaires, il colporte les pir
calomnies. Cette accablante trahison finit par être co
nue. Très sensible, d'une délicatesse exquise, d'une fidéli
absolue en matière d'amitié, le frère André portera lon
temps cette plaie vive au cœur :

— Mon meilleur ami, sur lequel je me fiais le plus, e

allé me trahir. Il n'avait pas la bouche assez grande pour
livrer à tout le monde ce que je lui disais. Vous ne sauriez
croire, vous ne sauriez croire toute la peine que j'éprouvai.

Contre l'œuvre prometteuse de régénération spirituelle,
le démon s'acharne avec fureur. Ces épreuves font res-
sortir la patience, l'humilité, la douceur, l'obéissance et
l'indomptable énergie du serviteur de Dieu.

★
★ ★

Dans la tourmente, une légère éclaircie : la permission
est obtenue d'ériger le premier oratoire. À la fin de l'été de
1904, le frère Abondius, charpentier du collège, bâtit sur
le promontoire, à mi-hauteur de la montagne, une minus-
cule chapelle de dix-huit pieds par quinze. Aucune fe-
nêtre : la lumière filtre par un double ruban de verres
dépolis qui borde l'arête surélevée du toit. Ce bibelot
d'oratoire, percé d'une large porte à deux vantaux pliants,
semble une lanterne jetée dans le décor de la montagne.
Le début des travaux a été marqué par un prodige que le
frère André aimera rappeler :

« Un homme vint me voir au collège. Il était si maigre
qu'on croyait voir le jour au travers. Il souffrait d'un
cancer à l'estomac et ne pouvait presque plus manger. Je
lui ai demandé :

— Pourriez-vous venir travailler pour moi, demain
matin ? Il faudra élargir le chemin qui doit conduire à la
chapelle dans la montagne.

— Je ne demande pas mieux, mais je n'ai pas la force,
il faudrait que je puisse manger.

— C'est bon. Vous viendrez déjeuner avec moi.

Le lendemain, je lui ai servi un bon repas. Il a pu se
mettre au travail la même journée. Toute trace du mal
avait disparu. Je l'ai employé pendant plusieurs mois. »

Le 19 novembre, jour d'exultation : dans la chapelle du
collège, bénédiction d'une statue de saint Joseph, qui est

portée en procession au nouveau sanctuaire, où la mes doit être dite et un chemin de croix érigé. À dessein, négl geons les nombreux figurants de cette scène pour mieu voir, au dernier rang, celui de qui nous revivons à grand traits l'histoire.

Le frère André frise la soixantaine. Petit vieillard alert aux traits creusés par la maladie et la souffrance, au cheveux annelés, grisonnants, il est rajeuni par son regar et par son sourire. Oublieux de ses luttes et de ses misères il goûte le triomphe de son grand ami, l'ouvrier de Naza reth. Sa mission est loin d'être encore totalement approu vée. C'est par tolérance qu'il exerce son action auprès de malades.

À peine inaugurée, la chapelle est fermée aux pèlerins durant les longs mois d'hiver. Le frère André transform en oratoire un réduit attenant à la salle de récréation Quelques privilégiés y viennent, de temps à autre, prie devant une niche, où est placée une statue de saint Joseph Ils font aussi le chemin de la croix avec le frère, dans la chapelle du collège. À chaque station, méditation silen cieuse coupée de prières improvisées. Cet exercice est ac compli très souvent le soir, dans l'obscurité. Un religieux qui ignore cette coutume, pénètre dans la chapelle. Plu sieurs pèlerins, masqués par les bancs derrière lesquels ils sont agenouillés, se lèvent justement pour passer à une autre station. En voyant surgir de l'ombre cette douzaine de fantômes, l'arrivant jette un cri de surprise et détale en vitesse. Tous rient de l'aventure.

Le frère André contemple souvent à travers les arbres dénudés, l'oratoire de la montagne capuchonnée de neige Avec peine, il s'y rend parfois, salué par les gais propos des enfants qui glissent sur les premières pentes. Les malades n'ayant plus accès au collège, doivent attendre dans la petite gare, de l'autre côté du chemin. Le frère portier, à ses moments libres, se rend auprès d'eux. Au printemps, les visiteurs commencent d'affluer. Une après-midi, ils son

une centaine, disséminés entre les arbres, aux abords du collège. Le frère portier ratisse les allees du parterre et ne semble pas s'apercevoir de leur présence. Une dame se risque à l'aborder :

— Allez m'attendre à l'oratoire dans la montagne, dit le religieux, j'irai vous rejoindre quand je serai libre...

Dans la période des vacances, pouvant se faire remplacer fréquemment à la porterie, il passe des journées entières à recevoir les visiteurs.

— Souvent, confiera-t-il dans la suite à un ami intime, je ne prenais pas la peine de déjeuner. Je glissais quelques biscuits dans ma poche et je me rendais à l'Oratoire. Des fois, le soir, en descendant la montagne, je m'apercevais que j'avais oublié de manger...

Les années passent et la tempête redouble autour de l'œuvre. Les médecins et certains confrères lui font une lutte acharnée. Çà et là, par la ville, les têtes fortes se gaussent du « vieux fou » qui croit faire des miracles. Les visiteurs protestent contre l'encombrement de malades à la petite gare située en face du collège. Excédés de ces ennuis, les supérieurs songent à envoyer le frère André dans une autre maison de la communauté, à l'université Saint-Joseph, au Nouveau-Brunswick. Bien souvent, le religieux verse des larmes amères, mais jamais il ne se décourage.

— Ce qui me console, s'écrie-t-il parfois, c'est qu'après chaque grosse épreuve, l'Oratoire se développe beaucoup.

Un groupe de confrères et d'amis le soutiennent. Ils vont demander au provincial, le père Dion, d'agrandir le sanctuaire, de le chauffer et de le rendre accessible en hiver. Cette demande ne semble pas opportune.

Des démarches auprès de l'évêché sont assez mal accueillies. Ces prudentes réserves, fort légitimes de l'autorité, contribueront à mieux prouver la valeur de la mission confiée au frère André. Une fois ralliés à sa cause, mon-

seigneur Bruchési et le père Dion deviendront ses deux plus fermes soutiens.

Le peuple partout célèbre le thaumaturge du mont Royal. Les pèlerinages s'organisent nombreux, la lutte s'effrite, bientôt ce sera le triomphe au grand jour. L'œuvre n'est encore qu'une fleur à peine entr'ouverte, un bouton qui a souffert des gelées, mais bientôt le soleil radieux éclairera son large épanouissement.

V

ÉPANOUISSEMENT

Esquissons à grands traits le prodigieux développement de l'Oratoire : ce n'est pas l'historique de l'œuvre qui nous intéresse, mais la vie de son artisan. À dessein, sacrifions les détails pour mettre en valeur la figure du frère André.

Après l'érection de la première chapelle, le bon religieux conserve encore quatre ans sa fonction de portier au collège Notre-Dame. Au premier moment libre, dans la journée, il va rejoindre les visiteurs qui l'attendent. Muni d'une petite lanterne, il conduit souvent, le soir, quelques privilégiés au minuscule sanctuaire, pour y prier et faire le chemin de la croix. Déjà des pèlerinages s'organisent, qui tournent en débandade lorsqu'un orage imprévu s'abat. Tout l'hiver la chapelle est close, même en la fête de saint Joseph.

Un noyau de laïcs, amis du frère André, fait pression, en 1906, auprès du père provincial, en vue d'obtenir la construction d'une église en l'honneur de saint Joseph. Le projet est jugé prématuré.

En juillet 1908, un abri formé d'une simple toiture soutenue par des poteaux, prolonge le premier édicule jusqu'au flanc rocheux de la montagne. Deux mois plus tard, la moitié de ce local est entourée et devient la nef d'une église dont la primitive chapelle forme le chœur. L'Oratoire, maintenant chauffé, demeure accessible aux pèlerins, tout l'hiver.

Au printemps, un pavillon s'érige, divisé en restaurant ou salle de repos pour les visiteurs, cellule et bureau pour le frère André, qui est désormais libéré de sa fonction de portier au collège et nommé officiellement gardien de l'Oratoire.

L'année suivante, la nef est encore agrandie et la primitive chapelle, trop menue pour un si vaste corps, bourgeonne d'une rallonge à son autre extrémité. Le rez-de-chaussée de cette partie devient la sacristie. Une chambrette pour le frère est aménagée sous le toit, dominé par un clocheton pointu, où s'agite une trop lourde cloche.

En dépit de sa pauvreté, l'Oratoire a grand air dans la beauté du décor. Partout, par là autour, des arbres indisciplinés, aux formes étalées, dressées ou penchantes, des buissons épais, des pentes bien fourrées d'herbe, des rochers aux crevasses recouvertes de verdure. Le regard embrasse la vaste plaine, peinte de villages, pour se perdre vers le bleu détrempé des monts lointains. Le développement s'accroît, les prévisions les plus optimistes sont dépassées. Bientôt, construction du presbytère, nouvel agrandissement de la nef jusqu'à l'extrémité de l'abri adossé à la montagne. Le 17 novembre 1912, monseigneur Bruchési, archevêque de Montréal, venu bénir cette dernière partie, jette à la foule qui déborde de l'enceinte :

— Je vois un mouvement de piété qui me console. Cet oratoire pourrait justement être comparé au grain de sénevé qui est si petit en soi et qui produit cependant un grand arbre. À l'origine, une main pieuse et simple plaça une statue à cet endroit ; chaque jour, on vint prier ici ; bientôt s'éleva une petite chapelle. Mais les dévots à saint Joseph devenant de plus en plus nombreux, on dut l'agrandir et même plusieurs fois ; aujourd'hui, c'est la dernière allonge que je viens de bénir. Mais cette œuvre n'est qu'à son début ; et j'entrevois dans un avenir pas très éloigné, une église, une basilique digne de saint Joseph

s'élevant sur le mont Royal, en face du plus magnifique horizon...

La période des doutes, des hésitations est close. Avec une confiance aveugle dans la Providence, le plan est conçu d'une imposante basilique de granit, qui semble vouloir lutter en majesté avec la montagne.

Dès 1915, tandis qu'en Europe la grande guerre détruit tant d'églises, s'érige sur le mont Royal une vaste crypte en pierre, sorte de bastion trapu. De l'humble oratoire primitif, le clocher et le chœur sont transportés et conservés, qui semblent la tête et le cou de ce corps formé d'allonges successives.

Un vaste jardin français encadré de peupliers en mâts de verdure luisante, des terre-pleins aux pentes roides bien vêtues de gazon sont réalisés au prix de mille labeurs, pour dompter le sol rocailleux et accidenté.

En 1924, derrière la crypte qui lui sert de palier, la basilique commence à surgir de son lit profondément creusé dans le roc. Comme les cathédrales moyenâgeuses, elle prend son temps afin de mieux s'épanouir en beauté. Les travaux, en panne depuis plusieurs années, reprennent en 1937, après le geste de foi suggéré par le frère André :

— Vous voulez couvrir la basilique : installez la statue de saint Joseph dans les murs ouverts, et lui, il trouvera bien de quoi se couvrir.

Au-dessus du mont Royal, de sa tête haut levée, le dôme de la basilique culmine, inspiré de celui de Florence qui est dû au célèbre Brunelleschi. Un grand maître contemporain l'a conçu avec encore plus d'élan, de hardiesse et d'envol, grâce aux audacieuses possibilités des matériaux modernes.

L'intérieur de ce sanctuaire promet un vaste mouvement d'harmonieuses lignes ascendantes, une incomparable symphonie chaudement colorée de mosaïques et de vitraux.

Le visiteur, conduit dans le lanterneau, au sommet du dôme, contemple, massée, prochaine, la ville grouillante de

son million et demi d'existences. À l'est, par delà le Sai
Laurent, le mont Saint-Grégoire rappelle la naissance
frère André ; à l'ouest, dans l'immense plaine éta
jusqu'au tracé sinueux, tremblé, fumeux des Laurenti
deux points riches de souvenirs aussi, les collèges
Côte-des-Neiges et de Saint-Laurent. Toute la vie tient
de l'artisan qui, non seulement a bâti le grand sanctua
au patron de l'Église universelle, mais a popularisé s
culte par toute l'Amérique.

Quelques chiffres, dans leur éloquence aride, exprime
la grandeur de l'œuvre de l'Oratoire.

Plus de dix millions de dollars ont été dépensés. Chaq
année, environ six cent mille lettres, expédiées des qua
coins du monde, viennent solliciter des prières et d
faveurs. La revue mensuelle, *L'Oratoire*, tire à deux ce
cinquante mille exemplaires. Une confrérie compte pl
de soixante et quinze mille adhérents. Les visiteurs chaq
année se chiffrent par plusieurs millions.

Si la splendeur du site explique l'affluence touristiq
elle s'avère insuffisante à motiver l'arrivée continuelle
milliers de pèlerins, venus de toute l'Amérique. La mont
incessante des priants isolés disparaît souvent dans l'assa
des pèlerinages par groupe. Du fond de la cité, par les ru
au tintamarre assourdissant, parfois toute une paroi
chemine vers le mont Royal.

Certaines solennités, comme celle des travailleurs ch
tiens, entraînent une marée humaine ; plus de cinquan
mille personnes transforment les terrasses en prair
mouvantes aux couleurs variées. Sur le versant de la mo
tagne, entre la double haie d'agenouillés, se déroule
procession d'hommes, de femmes et d'enfants qui chante
et prient. Vient le saint Sacrement escorté par les clergeo
écarlates, les prêtres tout de blanc et d'or...

À la tombée de la nuit, le long serpent de flamm
vacillantes, la grande rumeur priante des processions a
flambeaux, laissent un souvenir inoubliable. Dans cet

erveur collective, un seul désir nous empoigne, n'être
u'une voix fondue, un atome perdu dans cette foule que
ieu attire vers lui.

L'Oratoire est un lieu où l'on touche le surnaturel, où
on respire la grâce, où la foi des gens s'étale toute nue.
'est l'oasis où nous tous, pauvres pérégrinants en route
ers l'éternité, nous venons prendre un bain spirituel, un
umul de force pour les batailles de la vie. Les faveurs
emporelles sont l'appât dont le Christ se sert, comme aux
urs de sa vie terrestre, afin de gagner les cœurs... Vous
vez vu, le long du Saint-Laurent, ces immenses nasses
e branchages, ces « pêches », au fond desquelles les
oissons s'engagent à la marée montante et demeurent
risonniers à la décrue des eaux. Le sanctuaire de saint
oseph est la nasse divine où le flux de la grâce pousse les
mes par milliers et le reflux les laisse prisonnières de
amour de Dieu.

Sur l'action divine à l'Oratoire, S. E. monseigneur
authier se prononçait sans ambages, dans sa lettre cir-
ulaire datée du 14 avril 1937. Après avoir rappelé l'exhor-
tion du souverain pontife, qui demande « le recours à
aint Joseph dans la grande action de l'Église catholique
ontre le communisme athée », le chef spirituel du diocèse
oute :

« Ce recours confiant à saint Joseph, il y a longtemps
ue nous le pratiquons à Montréal. Il y est devenu d'une
xtraordinaire intensité depuis que l'Oratoire du mont
oyal a été fondé. Je ne pourrais rien dire de ce qui s'y
asse que tout le monde ne connaisse. Il est sûr que l'on y
it dans l'atmosphère des grands pèlerinages. Personne
'y vient qui n'en reparte meilleur. Je ne pense jamais
ns une émotion profonde à l'action miséricordieuse qui
'y exerce. Tous les soucis, toutes les douleurs de notre
rande ville viennent battre comme une vague le promon-
oire où saint Joseph a élu domicile. Le grand saint y est
ccueillant, bon jusqu'à la tendresse, pitoyable à toutes

les misères. Quel honneur et quel motif de confiance pou nous que saint Joseph étende ses bras puissants sur not ville pour la bénir et la protéger ! »

★
★ ★

Ce prodigieux épanouissement n'est pas une réussit humaine, seule l'action toute spéciale de la Providen saurait l'expliquer.

La première chapelle, la crypte, la basilique sont bâti des millions d'oboles offertes par les bénéficiaires de faveu obtenues au mont Royal. L'apport des curieux, des to ristes américains, est loin d'être aussi appréciable qu'o l'imagine. Les dons considérables sont à peu près inconnu Le Seigneur choisit les aumônes inspirées par un mobi surnaturel, les offrandes des humbles, laissées en témoi gnage de reconnaissance.

Tout est merveilleux dans le développement de cett œuvre. Quelques exemples le font vivement sentir. U jeune professeur, le père Adolphe Clément, menacé d perdre la vue, quitte l'enseignement et vient remplir l fonction de chapelain au premier Oratoire. Un soir qu déambule avec le frère André, il manifeste ce désir :

— Si vous voulez que je travaille pour saint Josep il faudra me rendre la vue. Je ne peux même plus lire mo bréviaire. À peine si je parviens à célébrer la sainte mess

— Demain, vous commencerez la récitation de vot bréviaire, répond simplement le frère.

Pendant vingt-cinq ans ce religieux se consacrera à cet œuvre et il entendra de temps à autre les oculistes lui dire

— Nous ne pouvons pas comprendre comment avec d yeux comme les vôtres, vous puissiez lire.

L'histoire d'un autre collaborateur du frère And mérite d'être retenue. On dirait la plus ravissante légend empruntée à quelque manuscrit enluminé de la grand époque de foi.

Un sexagénaire demeure seul sur son lopin de terre, défriché après une vie de lutte contre la forêt. Son épouse vient de mourir, et son fils, l'unique survivant de ses nombreux enfants, est allé tenter fortune au loin. Ce vieillard, Joseph Malenfant, n'a plus qu'à couler des jours paisibles, mener une bonne petite vie de rentier sur son bien, à Saint-Hubert de Témiscouata, à quelque trois cents milles en aval de la métropole.

Un songe étrange lui survient et le tracasse ; il lui a semblé voir un petit vieillard qui tentait d'édifier péniblement une église et qui le suppliait de l'aider.

— Ce rêve me semble un avertissement du bon Dieu. J'en aurai le cœur net. Je pars à la recherche de celui qui demande mon assistance.

Devant les moqueries de ses connaissances, notre homme répète sa maxime favorite, bien expressive de sa vie de sacrifice et de dévouement envers et contre tous :

— C'est de servir à rien que d'être utile à personne. Mieux vaut obéir à Dieu qu'aux hommes.

Et le voilà parti vers Montréal. Il entend parler du sanctuaire érigé sur la montagne. En gravissant la pente qui conduit à l'Oratoire, il croise le vieillard entrevu dans sa vision. Le frère André racontera lui-même cette rencontre :

— Comme je descendais de la montagne, je l'ai vu qui me regardait. J'ai traversé la route et je lui ai dit : vous êtes justement l'homme dont j'ai besoin...

Monsieur Malenfant demande au supérieur la permission d'entrer dans la communauté en qualité de convers. Son âge avancé le fait refuser. Sans perdre courage, désireux de servir, il conçoit un plan audacieux en vue d'aider quand même le frère André. Il parcourra toute la province, de l'est à l'ouest, demandant l'aumône pour l'Oratoire Saint-Joseph.

Dans ce dessein, il se rend à Chicoutimi, demande l'autorisation d'accomplir cette quête dans ce diocèse. N'ayant ni mission spéciale, ni lettre de créance, il se voit

refuser la permission. Sans se troubler, il commence sa
de vagabond de saint Joseph, égrenant par tous les villa
son refrain :

— C'est de servir à rien que d'être utile à person
Mieux vaut obéir à Dieu qu'aux hommes.

Aux refus, aux insultes, aux difficultés essuyés se j
gnent les tentations de découragement.

— Souvent, confiera-t-il, Satan me souffle à l'oreill
Vieux fou que t'es, Malenfant. T'avais une belle ter
une vie assurée, te voilà maintenant un chemineau,
quêteux, un propre à rien. Tu couches dans les grang
tu traînes les routes... Je lui réponds : Va-t'en. Arriè
Satan !... C'est de servir à rien que d'être utile à personne

Après avoir traversé la province, notre homme se p
sente à l'Oratoire et remet au père Dion la somme ron
lette de quatorze cents dollars. Celui-ci accepte l'off
mais demande au donateur de ne pas continuer sa vie
vagabond. Inhabitué à la politesse digne et réservée de
prêtre, notre homme, après cet accueil, confiera à un au
religieux :

— Votre supérieur n'est pas un homme, c'est de
glace... C'est de servir à rien que d'être utile à personne

Et le voilà de nouveau poursuivant sa mission. Sur
conseil d'un prêtre, il se met à recueillir des abonnemen
aux Annales de Saint-Joseph.

— J'ai décidé, dit-il, d'« annaliser » tout le pays.

Pendant dix ans, jusqu'à sa mort survenue en juil
1924, il continuera cette vie errante. La belle saison
trouvera parfois au Nouveau-Brunswick et même
Labrador. Plusieurs hivers durant, il sera hébergé
l'Oratoire. À lui seul, il recueille environ 35,000 abonn
ments...

* * *

Laissons dans l'ombre les nombreux collaborateurs
l'œuvre accomplie sur le mont Royal, et soulignons l'act

de l'humble convers qui préside toujours à l'expansion du
culte de saint Joseph. Que de détails charmants nous
pourrions glaner dans cette période de sa vie.

« Pendant longtemps, racontera-t-il, je devais voir à la
propreté de l'Oratoire. J'étais aussi sacristain et souvent je
servais cinq ou six messes de suite... Un bon matin, après
plusieurs messes, arrive un prêtre étranger : il ne restait
plus une seule hostie. Je suis allé en chercher au collège
et je suis revenu si vite que le prêtre n'a pas eu à attendre.

Alerte, empressé, infatigable, il manifeste toujours le
souci de la plus minutieuse propreté. Une année, quelques
jours avant Noël, il fait remarquer à l'économe que le pavé
de la crypte aurait besoin d'être lavé. Celui-ci oublie de se
rendre à son désir. Un soir, le frère requiert l'assistance
d'un convers du collège Notre-Dame et se met en devoir
de passer la nuit à laver l'église. Heureusement, le père
provincial le découvre dans cette occupation et l'envoie
se reposer.

Le vieillard si humble, qui est le serviteur de ses con-
frères et qui revendique toujours la dernière place, devient
aux yeux de tous la vivante image de saint Joseph.

— Nous venons, disent les pèlerins, prier le bon saint
Joseph du frère André... Nous allons visiter le bon frère
André.

Ici comme à Lourdes, l'action divine se manifeste par
une floraison de faveurs. La source miraculeuse est rem-
placée par le contact ou la parole de l'humble convers.

En 1912, l'archevêque de Montréal proclame devant la
foule, en montrant les ex-voto laissés à l'Oratoire :

— Puis-je dire que des miracles s'opèrent ici ? Si je le
niais, ces instruments, témoins de toutes les douleurs,
parleraient à ma place...

Presque toutes ces faveurs s'obtiennent par l'entremise
du frère André, qui, le jour, donne audience aux pèlerins,
et passe une partie de la nuit en prière.

Cueillons, çà et là, quelques cas typiques narrés par les témoins eux-mêmes. De tels faits ne sauraient être inventés, et seuls ils peuvent suggérer l'atmosphère de l'Oratoire.

Un jour, débordé par le flot des visiteurs, ne pouvant les recevoir un à un, le bon frère se rend dans la salle d'attente, se place derrière le comptoir des objets de piété et demande successivement ce que désire chaque quémandeur. À tous il donne à peu près la même réponse :

— Frottez-vous avec la médaille, avec l'huile de saint Joseph... faites une neuvaine...

Son regard se fixe avec insistance sur un infirme :

— Donnez-moi vos béquilles, marchez maintenant.

L'autre s'exécute et, sous le coup d'une vive émotion en se voyant soudain guéri, il ne peut articuler une syllabe. Fou de joie, il sort et dévale la pente à la course, monte dans le premier tram qui se présente. Les témoins ravis suivent attentivement la scène. Sans broncher, le frère continue :

— Pour vous, monsieur ?

— J'ai le bras droit paralysé depuis longtemps, je ne peux pas le remuer.

— Vous irez vous confesser et vous commencerez une neuvaine.

— Pardon, vous avez dit ?

— Je vous ai dit d'aller vous confesser et de commencer une neuvaine.

— Il y a vingt-cinq ans que je me suis confessé.

Vainement la jeune fille qui accompagne cet homme le tire par la manche en disant :

— Papa, papa, fais attention, les gens t'entendent.

— Si j'ai eu le cœur de passer vingt-cinq ans sans aller à confesse, je dois bien avoir le courage de le dire.

Le frère André l'interrompt.

— Prenez votre chapeau de votre main droite et mettez-le sur votre tête.

L'homme obéit, un peu hébêté par la surprise de ne plus sentir de mal. Le religieux continue :

— Ce soir vous viendrez coucher au-dessus de la chapelle et demain vous irez communier.

Le miraculé s'en va et un témoin demande au frère :

— Vous l'avez laissé partir, savez-vous s'il reviendra ?

— Oui, j'en suis certain.

Il revient en effet, se confesse, communie le lendemain et le frère se plaira à décrire la joie exubérante de ce converti.

Quelques minutes avant l'office que l'on célèbre à l'Oratoire, chaque après-midi, vers trois heures, le frère André quitte son bureau pour aller y assister. Un ami l'aborde pendant son trajet :

— Frère André, j'ai une demande importante à vous faire.

— Venez après l'office.

— Il sera peut-être trop tard, une de mes cousines est à toute extrémité. On m'a prié de vous la recommander.

— Elle est en bonne santé.

— Vous comprenez mal, elle est mourante.

Sans répondre le frère s'achemine vers la crypte. Le lendemain, le quémandeur est appelé au téléphone :

— Devinez qui vous parle ?

— Je connais cette voix, mais c'est impossible, je fais erreur, cette personne a été administrée, elle est peut-être morte à l'heure qu'il est.

— Non, c'est bien moi, votre cousine. Hier après-midi, entre trois heures moins quart et trois heures, j'ai été subitement guérie. Je suis venue coucher en ville et je me rends aujourd'hui à l'Oratoire...

Dans la suite, ce même ami conduit au bureau du frère une femme au bras ankylosé à la suite d'une longue maladie.

— Frère André, frictionnez-lui le bras, je vous prie.

— Non, prenez votre médaille de saint Joseph et frictionnez vous-même.

Toujours, en effet, le religieux s'est montré d'une scr puleuse réserve sur ce point. Ses ennemis lui ont vain ment envoyé déjà des femmes, qui ont insisté pour se fai traiter afin de pouvoir susciter un prétexte à leurs c lomnies.

— Pendant que je passais la médaille sur le poign raidi, affirma cet homme, je regardais prier le frère And en face de moi. Au moment précis où il ferma les yeux, sentis le membre devenir parfaitement souple...

Parfois, la seule vue du frère suffit à opérer une guéris

Un homme atteint de la tuberculose, voué à une m prochaine, s'est fait conduire à l'Oratoire. Perdu dans rangs serrés des solliciteurs, il entrevoit le religieux et aussitôt à son épouse, qui l'accompagne :

— Inutile d'attendre notre tour, je me sens parfai ment guéri. Allons à l'église remercier le bon Dieu et mettre l'offrande promise pour ma guérison.

Le lendemain, il peut reprendre son travail et jama au long des années, la moindre trace de son mal ne manifeste.

Nombreux sont les témoins oculaires d'un prodige écl tant. Un fort contingent de visiteurs américains a assié le bureau tout l'avant-midi. À l'heure du dîner, le fr regagne le presbytère. Il gravit déjà les premières march de l'escalier, sous les regards de centaines de pèleri lorsqu'un homme s'approche de lui et montre, par portes béantes d'une ambulance qui vient de se frayer chemin dans la cohue, un malade étendu sur une civière.

— Détachez-le, et laissez-le marcher, dit simplement frère.

Sans s'inquiéter, il rentre dans la maison. Le mala délié se met à marcher, nu-bas, au milieu de l'enthousias délirant de la foule.

De tels faits, répétés par centaines, expliquent bi l'affluence continuelle des pèlerins. Plus que ces bienfa corporels, le frère recherche la guérison des âmes. Ce sou

constant prime tous les autres. Même lorsqu'une foule compacte assiège son bureau, il peut passer plus d'une heure à la conquête d'un pécheur, tandis que la réception d'un autre malade est expédiée en une minute. Souvent, il explique combien les faveurs temporelles sont destinées à susciter les régénérescences spirituelles.

Le Seigneur draine vers lui-même l'instinct de prière que suscitent chez l'homme les besoins temporels. Soucieux de gagner les âmes, il emploie la parole ou le contact d'un instrument, une relique, un peu d'huile, pour réaliser ses bienfaits, comme au temps de sa vie terrestre un peu de boue lui servait à guérir l'aveugle-né... Le frère André oriente constamment vers saint Joseph la merveilleuse attirance qu'il exerce auprès des foules. Avec quel charme il évoque la figure de l'artisan nazaréen, compare sa vie de soumission, d'obéissance et d'épreuves avec l'esprit d'orgueil et de sensualité répandu même chez les chrétiens. Un de ses compagnons habituels aime à répéter :

— Il parle toujours de saint Joseph, de la sainte Famille, avec la simplicité, le naturel d'une personne qui cause de ses ancêtres bien connus. Il prie le patron des ouvriers comme s'il conversait avec lui...

La dévotion envers ce patriarche lui sert à conduire les fidèles vers Jésus souffrant. Le soir, au retour des visites aux malades, il a l'habitude de faire le chemin de la croix avec celui qui le ramène. Un de ces privilégiés affirme :

— Chaque fois que je fais le chemin de la croix en sa compagnie, je me dis, en l'entendant improviser ses longues et émouvantes prières : il est comme les apôtres, ignorants pêcheurs, qui devenaient intarissables au sujet du Christ. Jamais les mêmes prières ; cela dure au moins une heure. On dirait qu'il ne peut plus s'arrêter, tant il y met d'intérêt... Le plus souvent sa prière ressemble à une conversation avec un interlocuteur invisible. Il écoute la réponse et repart sur un autre ton.

Peu à peu un noyau d'amis participe à cet exercice ;

telle est l'origine du chemin de la croix public, accompli l'Oratoire chaque vendredi depuis vingt ans.

L'heure sainte, célébrée le même soir, débuta de façc similaire. Le frère André invitait quelques compagnon Dans la chapelle obscure, il allumait un cierge, le fixait son prie-Dieu et prolongeait sa prière jusqu'à ce que cire fût complètement consumée... L'assistance devenu nombreuse, il demanda au père recteur de présider cérémonie...

* * *

Et voilà à peine ébauchée l'esquisse de l'œuvre accom plie sur le mont Royal par l'obscur petit convers de Saint Croix. Ce prodigieux épanouissement, il l'a réalisé par seule force persistante de sa grande foi, de sa fidéli aveugle aux directives divines. Sans doute, il a pu affirme

— Saint Joseph me le disait de placer l'Oratoire à c endroit...

Cette assertion ne semble pas signifier une apparitio véritable, mais plutôt une voix intérieure. Une lettre monseigneur Bruchési confirme cette opinion :

« À propos du cher frère André, il y a un petit déta que l'on n'a pas rapporté, je crois, et qui ne manque p d'intérêt, le voici : quand le père Dion vint, avec le frè André, me parler de l'Oratoire projeté au mont Royal, leur fis remarquer qu'il s'agissait d'une entreprise vaste dispendieuse, et je demandai au bon frère s'il n'éprouva pas de craintes. Il me répondit que non. Je lui dis alors :

— Mon frère, j'ai une chose à vous demander. Y a-t du surnaturel dans ce que vous faites ? Croyez-vous avc quelque vision ? Le bon saint Joseph vous aurait-il fa entendre qu'il voulait un temple sur le mont Royal ?

Il me répondit :

— Il n'y a rien de tout cela. Je n'ai que ma grande dév

tion envers saint Joseph ; c'est elle qui me guide et me donne une entière confiance.

Cette franchise, cette humble et belle simplicité me frappèrent... »

Comme le pèlerin, après avoir contemplé de loin l'Oratoire dressé sur le flanc du mont Royal, se rapproche peu à peu, pénètre dans la crypte sombre, puis s'habitue à la nuit perpétuelle du chœur, et vient prier tout contre l'autel, ainsi, après avoir contemplé rapidement la vie et l'œuvre du frère André, nous tenterons de pénétrer dans l'intimité de son âme. Pas à pas, nous nous avancerons avec respect dans ce sanctuaire, jusqu'à la splendeur voilée de son union intime avec Dieu.

VI

CONFIANCE

Fidèles à la méthode de faire revivre le plus simplement possible le frère André, renonçons à toute idée préconçue dans l'étude de son âme. Appliquons-nous à photographier le réel, mieux, à dégager les lignes caractéristiques de sa sainteté. Au lieu de souligner ses vertus d'après leur ordre de dignité, contemplons son existence, voyons-le tel qu'il fut à nos côtés. Trois notes dominent, que nous plaçons selon l'ordre où nous avons l'habitude de les percevoir : une foi inaltérable, une humilité jamais démentie, une charité héroïque.

Les amis ou confrères de qui j'ai demandé les impressions ont suivi d'eux-mêmes cette voie.

— C'est un homme qui avait une foi peu ordinaire, déclare l'un.

Il cite quelques exemples et poursuit :

— En dépit de cela, pas un soupçon d'orgueil.

Le dévouement et les dévotions du serviteur de Dieu sont ensuite décrits.

Quelques traits de ressemblance physique et morale avec le saint curé d'Ars complètent ce dessin, calqué sur le réel.

Que la confiance est grande chez l'apôtre de saint Joseph, au long de son existence tissée de merveilles divines ! Jamais le moindre découragement dans la réalisation de l'œuvre extraordinaire que lui inspire la Providence. Toute

sa vie durant, ses prières montent, non pas pour demander des faveurs, mais pour remercier à l'avance des largesses divines qui lui seront octroyées. En essayant de conserver la saveur qui imprègne la narration des témoins oculaires, évoquons certains faits qui dénotent bien la foi inaltérable du frère André.

Un malheureux, victime d'un accident, est transporté à l'Oratoire. Ses jambes ne sont plus qu'une bouillie gangrenée.

— Vous devez faire amputer ces membres au plus tôt, a dit le médecin.

Devant l'espoir de guérison caressé par le malade, il a répété :

— Impossible de vous sauver sans une intervention chirurgicale. Autant vaudrait tenter de faire rebrousser chemin au fleuve Saint-Laurent.

Un témoin dit au frère André, qui frictionne délicatement les chairs mutilées de l'infirme :

— Saint Joseph n'est pas toujours pour lui faire pousser des jambes, il ne reste plus rien.

Sans s'émouvoir, l'humble frère ne cesse d'encourager ce malade, qui bientôt s'en retourne parfaitement guéri.

Mandé au chevet d'une mère de famille mourante, le frère André se rend à l'appel. « Trop tard, hélas ! » lui dit-on à son arrivée. Le médecin a déjà remis le certificat du décès, car il a jugé que la malade n'a que quelques instants à vivre. Les parents, qui la croient morte, ont relevé le drap sur le visage.

Le frère André s'agenouille, découvre la figure de la prétendue défunte, la touche légèrement. Celle-ci ouvre les yeux : « J'ai faim », murmure-t-elle bientôt, parfaitement ranimée. Le bon vieillard se met en devoir de lui faire manger un morceau d'orange. Comment ne pas établir ici un rapprochement avec la scène si touchante de l'évangile où le Maître dit à Jaïre, en rendant sa fille à la vie : « Donnez-lui à manger ».

Une mère conduit au bon frère son jeune enfant, dont la colonne vertébrale amollie laisse retomber le corps inerte. Il déclare l'enfant guéri. L'heureuse mère se met immédiatement à enlever le corset de plâtre et la tige de fer qui soutiennent le corps et la tête de son fils. Vainement le supérieur essaie-t-il de la dissuader de cette imprudence. Le bambin dépouillé de sa gangue, se met à gambader.

Perclus de violents rhumatismes, un homme ne peut subir le plus léger contact sans pousser des gémissements. Le frère André frictionne vigoureusement les jambes du malade. « Ça va mieux ? demande-t-il... Debout maintenant, vous êtes guéri... »

Selon la narration même du bon frère, une personne cancéreuse est guérie à l'Oratoire. Le chirurgien, qui ne croit pas à sa guérison, pratique l'opération qu'il avait décidée, mais sans découvrir la moindre trace de cancer.

Voici un autre trait, que le frère André raconte, afin de montrer la bonté de saint Joseph et de rappeler que la plupart des miraculés n'ont pas à expérimenter inutilement les caresses du bistouri. Une femme a dans le dos une tumeur aussi grosse que le poing. On décide de l'opérer le vendredi de la même semaine. Entre temps elle se présente à l'Oratoire et toute trace de mal disparaît. Le jour convenu, elle se présente à l'hôpital et demande de subir un nouvel examen. Au comble de la surprise, le médecin, qui ne découvre plus rien, demande :

— De quel côté était la tumeur ?...

Un malade se recommande-t-il aux prières du frère André avant de subir une opération :

— Ne faites pas cela, priez plutôt saint Joseph, conseille le religieux.

Pas un seul ne s'est trouvé plus mal pour avoir écouté ce conseil, certifient les amis qui ont souvent accompagné le vénéré frère dans ses visites aux malades. Loin d'être témérité, cette confiance absolue dans la Providence, dénote une fidélité constante à l'inspiration divine.

— Comment pouvez-vous prendre de telles décisions sans hésiter ? demande un prêtre. À votre place, je croirais tenter Dieu.

— Ça se voit bien que saint Joseph va les guérir, répond le frère.

— Pourquoi vous contentez-vous souvent d'inviter certaines gens à prier, tandis qu'avec d'autres vous y allez plus rondement en leur disant : « Laissez vos béquilles ; si vous ne marchez pas, c'est que vous êtes paresseux... » Pourquoi cette différence ?

Après un moment de silence, le vieillard reprend avec simplicité :

— Voyez-vous, très souvent, c'est évident qu'ils sont guéris.

Ainsi se dévoile toute l'action qui le guide, au long des heures vouées au soulagement des misères humaines.

Cette même confiance, le frère André l'exige de tous ceux qui s'adressent à lui. Quelqu'un se plaint-il d'être à demi exaucé.

— Si vous ne voulez pas perdre même ce que vous avez obtenu, continuez de prier, dit le vénérable vieillard.

À l'importun qui crie : « Guérissez-moi, guérissez-moi », il répond : « Vous ne serez pas exaucé, parce que vous manquez de confiance en Dieu ; vous venez me commander de vous guérir, comme si j'étais médecin... Si Dieu vous doit quelque chose, allez le lui demander. »

Telle est la narration d'un ami intime du frère André :

« J'étais à causer avec le bon frère. Entre un adolescent perclus :

— J'ai assez temporisé, murmure-t-il, je termine ma neuvaine demain. Si je ne suis pas guéri, je me fais amputer la jambe.

— Comme vous voudrez, réplique le frère. Voulez-vous que je téléphone tout de suite au chirurgien ?

Le jeune homme sort exaspéré ; je m'empresse de le suivre :

— Est-ce une façon de recevoir les gens, me dit-il ! Jamais plus je ne reviendrai.

— Vous serez le seul puni. Depuis combien de temps votre médecin vous soigne-t-il ?

— Depuis cinq ans.

— Vous a-t-il fait du bien ?... Pourtant, loin de vous fâcher contre lui, vous l'avez rémunéré de ses services... Eh bien ! parce que le frère André, qui vous reçoit par pure bonté, ne vous guérit pas immédiatement, vous êtes furieux... Croyez-moi, mon ami, retournez auprès de lui et faites tout ce qu'il vous dira.

Le jeune homme s'exécute et le frère André de lui dire simplement, tant il est certain de voir sa confiance et sa soumission récompensées :

— Commencez une autre neuvaine en l'honneur de saint Joseph. Si, le neuvième jour, vous n'êtes pas guéri, je me charge de vous couper moi-même la jambe.

Une femme qui a les deux jambes absolument inertes est transportée à l'Oratoire. Le compagnon du frère André qui, à la porte du bureau, veille au défilé des solliciteurs, demande :

— Si vous voulez, je vais laisser passer immédiatement cette dame. Il va peut-être y avoir un miracle.

La paralytique entre avec quatre personnes qui l'accompagnent. A travers la mince cloison du bureau la voix du frère perce soudain, aiguë. Tous prêtent l'oreille.

— Levez-vous et marchez.

— Non, je ne peux pas. J'ai les deux jambes complètement paralysées.

— Femme de peu de foi, je vous le commande : levez-vous et marchez.

Dans l'encadrement de la porte, la miraculée apparaît debout, les larmes de joie aux yeux, muette d'émotion. Au milieu de l'enthousiasme des témoins, elle s'avance d'un pas ferme.

Parfois même, le frère exige une foi aveugle, héroïque.

Un cultivateur, blessé par une faucheuse mécanique, se rend à l'Oratoire :

— Allez porter vos béquilles dans l'église ; demain vous reprendrez votre travail, commande le frère André.

Cet homme obéit, mais en boitant péniblement.

— Vous voyez bien que vous n'êtes pas guéri, murmurent ceux qui l'accompagnent.

Sans se laisser troubler, le blessé suit l'injonction donnée et reprend sa tâche le lendemain. Au prix de pénibles efforts, il parvient à labourer ou plutôt à se traîner derrière la charrue. Le soir, il demeure confiant, malgré les sarcasmes de sa famille, malgré ses pieds démesurément enflés qui le font beaucoup souffrir. Le jour suivant, il se réveille parfaitement guéri.

Un homme se présente au bureau du frère André :

— Ma sœur est atteinte d'un cancer à la poitrine. Trois côtes sont complètement cariées. Le seul moyen de la sauver, au dire du médecin, c'est une opération urgente.

— Dites-lui de ne pas se faire opérer, saint Joseph va la guérir.

Chaque après-midi le suppliant revient :

— Ma sœur décline toujours, elle va mourir.

— Si c'est la même maladie, elle ne mourra pas...

En récompense de sa confiance héroïque, la malade, au moment où l'intervention chirurgicale proposée elle-même ne la sauverait pas, est guérie parfaitement. Le cancer disparaît et les côtes, devenues par la carie une bouillie sans nom, se reforment complètement.

Cette confiance, Jésus l'a exigée de ses miraculés : « Crois-tu que je suis le Fils de l'homme, que je puis te guérir ? » demande-t-il parfois, avant d'exercer son pouvoir.

Le miracle n'est jamais une vaine manifestation de puissance. Le Sauveur s'est dérobé à la curiosité des Juifs qui demandaient un prodige. Les faveurs accordées à l'Oratoire ne servent pas non plus à nourrir un intérêt futile.

Une personne se rend, huit jours de suite, au bureau du frère André, avec le seul désir de voir s'opérer un prodige éclatant. On lui fait remarquer :

— Justement parce que vous manquez de foi en la puissance de Dieu, et que seule une curiosité profane vous anime, vous ne verrez pas de miracle.

De guerre lasse, elle cesse ses visites. Le lendemain un paralytique est instantanément guéri.

Excellente façon d'exiger la plus aveugle confiance en Dieu que ces recommandations faites aux solliciteurs par le frère André :

— Frottez-vous avec une médaille... mettez un peu d'huile de saint Joseph... Privez-vous de telle ou telle nourriture...

Des personnes que n'effraient pas les plus rudes pénitences, les longs pèlerinages à pied, les soins médicaux les plus douloureux, méprisent ces directives... Dieu exige, avant d'octroyer ses faveurs, une confiance aveugle. Se frictionner avec une médaille, cela semble bien puéril, mais, pour accomplir cette injonction, il faut sacrifier son jugement propre et s'abandonner à Dieu. Seuls ceux qui exécutent fidèlement ces conseils obtiennent leur guérison, non par l'efficacité intrinsèque des moyens suggérés, mais par la confiance surnaturelle qu'exige leur emploi.

Le frère André relève d'ailleurs ce fait :

— Plusieurs malades n'obtiennent pas la guérison demandée, à cause de leur manque de foi et de leur peu de soumission à la volonté de Dieu. Souvent ils ne font pas ce que je leur dis de faire ; car, vous savez, il faut de la foi pour se frictionner avec la médaille ou l'huile... Il faut prier davantage saint Joseph, mais, en toutes choses et toujours, vouloir la volonté de Dieu.

Pour ce même motif, il recommande :

— Tenez toujours une médaille de saint Joseph dans la main, lorsque vous avez une demande, une entrevue, une transaction importante à faire... Tenir une médaille dans

la main, ça fait mieux penser à saint Joseph que de la porter sur soi, c'est le signe d'une plus grande confiance.

C'est la même raison qu'il allègue dans les conseils similaires : semer une médaille sur un terrain convoité, en mettre une dans une maison que le propriétaire récalcitrant ne veut pas vendre, etc.

★
★ ★

Le frère André croit-il à la vertu naturelle des préceptes qu'il donne ? La plupart du temps, les privations de chocolat, de gâteau, de cigarettes, constituent simplement un programme de mortifications. Peut-être juge-t-il parfois ces moyens capables de faire disparaître certains troubles bénins, pour lesquels il croit inutile de déranger saint Joseph.

Le pouvoir extraordinaire qu'il a de guérir par le toucher, semble le surprendre. Il raconte à ses intimes les grandes merveilles que Dieu accomplit au moyen de si « vils instruments ».

— Un homme qui avait été blessé dans un accident de chasse est venu me voir à mon bureau. Les plombs restés dans la chair avaient causé un empoisonnement et les médecins voulaient lui couper la main. Je l'ai frictionné, la mauvaise chair coulait à terre comme de la graisse fondue. J'avais les mains toutes huileuses ; il s'en est allé parfaitement guéri.

— Pourquoi frictionnez-vous les malades vous-même, lui demande-t-on ?

— Mes mains produisent le même effet que la médaille de saint Joseph.

N'est-ce pas enfantin ? diront les esprits forts. Sans doute, il n'y a aucune proportion entre frictionner, par exemple, un membre affecté d'un cancer, et obtenir une guérison quasi instantanée, mais la vertu divine se glisse dans cette action. N'est-ce pas la façon d'agir du Christ

lui-même ? Rappelez-vous les guérisons du sourd-muet, de l'aveugle-né, narrées dans l'évangile. Jésus leur mit de la salive, les frictionna... C'était aussi ridicule aux yeux des pharisiens que les procédés du frère André le sont pour les demi-chrétiens actuels. Évoquons les paroles mêmes de l'évangile :

— On lui amena un sourd-muet, et on le supplia de lui imposer les mains, et l'ayant tiré de la foule, à l'écart, il lui mit ses doigts dans les oreilles et de sa salive lui toucha la langue, et ayant élevé les yeux au ciel, il soupira et lui dit : « Ephpheta », ce qui veut dire : ouvre-toi ! et ses oreilles s'ouvrirent et aussitôt sa langue se délia et il parla correctement...

— On lui amena un aveugle, et on le supplia de le toucher. Et ayant pris la main de l'aveugle, il l'emmena hors du village, et lui ayant mis de la salive sur les yeux et ayant imposé les mains sur lui, il lui demanda s'il voyait quelque chose. L'aveugle leva les yeux et dit : « Je vois les hommes qui marchent, semblables à des arbres. » Jésus lui mit de nouveau les mains sur les yeux, et l'homme regarda ; il se trouva guéri, et il voyait distinctement toutes choses.

Le Sauveur pouvait bien opérer les miracles d'un seul mot, mais dans le but d'exciter la foi chez certains quémandeurs, il prit ces humbles moyens. Ce motif pousse le frère André à se conduire de la même façon. Aussi peut-il redire aux pèlerins exaucés la parole du Maître :

— Allez en paix, votre foi vous a guéris.

Si, habituellement, c'est par le contact répété de ses mains qu'il obtient une guérison, souvent une parole lui suffit. Au cours d'une réunion chez un de ses amis, après avoir parlé de la passion du Sauveur pendant près d'une heure, il s'adresse à une dame qui est venue dans l'espérance d'obtenir sa guérison. Ses genoux ankylosés depuis plusieurs années l'empêchent de s'agenouiller.

— On m'a dit que vous étiez infirme, je ne le crois pas,

car vous n'êtes pas malade. Mettez-vous à genoux, essayez, dit-il en souriant.

Cette personne obéit facilement et ne sent plus le moindre malaise...

Citons un autre fait irrécusable de l'action divine, à la parole du frère André. Un médecin interne à l'Hôtel-Dieu de Montréal, à la suite d'une phlébite, ne peut se servir d'une jambe. Au témoignage des hommes de science, il doit demeurer infirme et se traîner à l'aide de deux béquilles. Sur le conseil d'un ami, il recourt au frère André qui lui dit :

— Vous êtes médecin, ayez confiance, saint Joseph ne vous laissera pas perdre un si bel avenir et tant de sacrifices de la part de vos parents. Laissez vos béquilles, marchez jusqu'à la porte.

L'infirme accomplit, une fois, deux fois ce trajet.

— Maintenant, allez porter vos béquilles dans l'Oratoire et remerciez saint Joseph de vous avoir obtenu une si grande faveur.

Un jour, huit médecins réunis chez un ami du frère André, se gaussent un peu de lui :

— Votre frère André, c'est un charlatan, ne connaissant pas l'a. b. c. de la médecine, et qui traite les gens avec de l'huile et des médailles... Vous n'êtes pas capable de citer un vrai miracle de lui.

L'interpellé riposte en racontant la guérison du jeune médecin. Les autres continuent de se moquer et de le défier. L'ami du frère André se contente de convier le miraculé à cette réunion. Celui-ci, qui demeure dans le voisinage, répond de bonne grâce à cette invite. Son arrivée est saluée par ces paroles : Est-ce vrai que le frère André vous a dit : « Laissez vos béquilles et marchez ? »

— Mais oui, c'est vrai, et je ne sens plus la moindre douleur.

* * *

Pourquoi toutes ces faveurs accordées au nom de saint Joseph ? Toujours dans le but d'éveiller la confiance, la foi qui s'étiole au cœur du peuple.

— Pendant plus de quinze ans, affirme un de ses fidèles compagnons, je suis venu presque chaque après-midi surveiller le défilé des solliciteurs au bureau du frère André ; pas une semaine, je crois, ne s'est passée sans que je fusse témoin d'un miracle. Tantôt c'était un paralytique guéri, tantôt un aveugle, une malade qu'on amenait couchée... Le frère André me disait parfois :

— On ne peut pas dire que ce sont toujours des miracles, mais ce sont des grandes faveurs que Dieu nous donne pour faire ouvrir les yeux au monde. Mais on dirait que le monde reste aveugle quand même.

Éveilleur de foi au cœur du peuple, le frère André l'a été certainement, mais pas autant que son amour envers Dieu le souhaitait. Le Maître laisse libre, il ne force pas à croire. Devant les miracles les plus éclatants, l'âme peut résister ; les Juifs voulurent tuer Jésus et son ressuscité Lazare, de peur que le peuple ne crût en lui.

En songeant à cette première grande leçon dans la vie du frère André, je revis une petite scène filmée à la dérobée... Ils sont là, foule pressée qui attend aux abords du bureau. Le frère passe, grave, soucieux, l'air fatigué ; soudain, comme il franchit le seuil, une femme se glisse derrière lui, fléchit le genou et frôle le bas de sa soutane. Geste de confiance, de foi naïve, mais si semblable à celui que relate l'évangile :

— Voilà qu'une femme, affligée d'un flux de sang depuis douze années, s'approcha de lui par derrière, et toucha la frange de son manteau, car elle disait en elle-même : si je puis seulement toucher son manteau, je serai guérie.

Je renvoie à plus autorisé le soin de traiter du miracle avec noms, circonstances, témoignages de médecins... Une longue théorie d'affligés passerait sous nos yeux : aveugles, boiteux, paralytiques, cancéreux... Quel charme à évoquer

ces guérisons, à les sérier, à les rapprocher des faits analogues relatés dans l'évangile. Comme il serait intéressant de les rapporter avec la saveur des « fioretti », dans le style des narrateurs anciens :

— Comment frère André guérit un malade de l'âme et du corps... Comment frère André connut les secrets des consciences... Comment frère André apprit la mort d'une personne au moment où pas un seul ne pouvait le savoir...

On compte par milliers ces miracles ou du moins ces faveurs extraordinaires.

La plupart de ceux qui viennent à l'Oratoire citent un fait merveilleux venu à leur connaissance. La vérité est tellement effarante, que cela semble invraisemblable. Incapables de tout rapporter, nous glissons quelques-unes de ces fleurettes, au long du récit uniquement pour mettre à nu l'âme du bon frère.

Quel équilibre dans toute sa conduite ! Quel souci constant d'éviter la moindre apparence de charlatanisme ! Quand après cela des gens prétendent avoir reçu de lui je ne sais quel art de soigner les malades, ils s'avèrent des imposteurs ou des hallucinés. Tant de présomption resterait incroyable si des écrits émanés de ces prétendus thaumaturges ne nous avaient été transmis par les autorités religieuses.

Tout n'est pas imitable chez le frère André. Que l'on s'efforce de pratiquer ses vertus, rien de mieux ; mais personne, à moins d'être investi d'une mission analogue à la sienne, ne peut s'arroger le droit de dire au malade que seule une opération urgente saurait sauver naturellement : « Ne vous faites pas opérer, vous êtes guéri... » Sans doute, l'intéressé lui-même, en raison de sa confiance envers Dieu et envers les saints, peut prendre une telle décision, mais nul autre, à moins d'une inspiration divine, ne peut assumer cette responsabilité.

Le frère André a toujours affirmé n'être détenteur

d'aucun secret. À cette question : « Par quelle magie opérez-vous vos guérisons ? » il entre dans une vive colère et met à la porte celui qui ose proférer cette insulte contre son œuvre. Sans cesse, il attribue les prodiges uniquement à l'action divine. Une scène typique démontre bien comme il n'entend jamais à rire sur ce point. Un visiteur lui fait remarquer :

— Vous valez mieux que saint Joseph. Nous obtenons de vous toutes sortes de faveurs, tandis que saint Joseph reste sourd à nos prières.

Le frêle vieillard est tellement froissé de cette incompréhension qu'il en fait une véritable maladie. Aussitôt, secoué d'un tremblement convulsif, il doit être reconduit à sa chambre.

— Je me suis mis à trembler, racontera-t-il lui-même. Rien ne pouvait m'empêcher de sursauter. J'ai dû me mettre au lit plusieurs jours.

L'unique secret du frère André, nous devons donc le chercher dans sa foi inébranlable en la Providence qui multiplie les miracles à l'Oratoire afin d'y établir le culte de saint Joseph.

VII

HUMILITÉ

Par son chant du Magnificat, la Vierge nous donne l'exemple de la véritable humilité ; elle loue le Seigneur des grandes choses qu'il a accomplies en elle. L'humilité, nous le savons bien, c'est la vérité. Nous conservons pourtant une conception racornie de cette vertu. Pour la pratiquer, croyons-nous, il faudrait nous recroqueviller sur nous-mêmes, dire que nous ne sommes rien, ne pouvons rien. Nous n'osons pas parler de Dieu ni faire du zèle, par crainte d'orgueil. Si le véritable saint se méprise parce qu'il s'aperçoit dans le rayonnement de la vie divine, cette vue ne l'empêche pas de constater qu'il peut réaliser de grandes œuvres par le pouvoir du Très-Haut. La vertu ne consiste pas à nier les talents que Dieu nous a départis, mais à les attribuer à leur auteur.

Le frère André vit comme naturellement de cette vérité. Il ne se dérobe pas en arguant de sa faiblesse, de son ignorance, lorsque Dieu le convie, lui, le dernier dans sa communauté, à accomplir une œuvre que monseigneur Bourget, le saint évêque de Montréal, n'a pu réaliser, malgré son vif désir, en quarante ans d'épiscopat.

Si ce religieux ne semble pas prévoir les répercussions de son premier geste, il le pose néanmoins avec énergie, sans craindre son entourage qui le taxe de folie, sans capituler devant les mille et un obstacles semés sous ses pas. Il persévère avec autant d'acharnement que s'il s'agissait

de la conquête d'un royaume. Docile à l'appel divin, il est bien de la trempe de Jeanne d'Arc, battue, traitée de folle, qui disait :

— J'irai, dussé-je user mes jambes jusqu'aux genoux.

Telle est la conviction profonde de notre héros. Dieu n'a pas égard à la science et se plaît à faire grand avec de faibles moyens. La parabole des talents vaut dans l'ordre surnaturel ; c'est le fruit des grâces divines que le Seigneur couronne dans le ciel.

L'apôtre de saint Joseph se sait ignorant, mais cela ne l'empêche pas de constater que Dieu lui fait accomplir des merveilles. Une de ses paroles traduit admirablement son état d'âme. À la fin de l'été 1936, une après-midi, deux guérisons remarquables s'accomplissent coup sur coup. Une malade portée dans les bras se met à marcher sans difficulté ; un paralytique, au sujet duquel un témoin vient de dire en badinant : « Il est bon, le frère, s'il guérit celui-là », devient absolument normal. Des protestants présents laissent échapper cette exclamation : « God is great ! » Le petit vieillard revient de son bureau, le soir, comme si rien n'était. Le lendemain, un religieux, pour le taquiner, observe :

— Frère André, il paraît qu'il y en a deux qui sont partis de mauvaise humeur de votre bureau hier ?

Saisissant l'allusion faite aux deux guérisons sensationnelles, le frère André répond avec simplicité :

— Vous savez que ce n'est pas de ma faute, c'est la faute du bon Dieu.

Parce qu'il est pénétré de cette vérité, ce thaumaturge, qui voit les foules le suivre, le vénérer, n'en conçoit pas le moindre sentiment d'orgueil... « Ce n'est pas de ma faute, c'est la faute du bon Dieu, c'est la faute de saint Joseph »... D'ordinaire il demeure très discret sur les prodiges qu'il opère. Lorsqu'on lui demande avec insistance de raconter les bontés de saint Joseph, il se décide à les narrer de façon amusante. Après avoir dit combien ce saint est puis-

sant, dès qu'il voit un peu de l'admiration se porter vers lui-même, il déroute l'attention en glissant un bon mot... Parle-t-on d'un paralytique guéri, il riposte :

— Saint Joseph a jugé qu'il avait besoin de ses deux pattes...

Un jour qu'il vient de rendre à un infirme l'usage parfait de ses deux jambes, un témoin lui demande :

— Comment s'appelle cet homme ?

— J'ai oublié de lui demander.

L'ex-infirme dévale la pente du mont Royal, après avoir déposé ses béquilles dans la crypte. L'enquêteur court à ses trousses, le rejoint et lui demande son nom, qu'il rapporte au frère :

— Il s'appelle M. Laverdure.

Et lui de sourire en disant :

— Il a reverdi.

Ce guérisseur a tellement l'habitude de voir toujours le bon Dieu dans ces prodiges, qu'on est mal venu de lui prêcher l'humilité. Un délégué apostolique se croit obligé de lui faire un petit sermon...

— Laissez-le, dit l'évêque qui accompagne cet illustre visiteur, il ne comprend rien à vos grands principes. L'humilité, il l'a dans sa vie.

Un bon chanoine le retient longuement pour le mettre en garde contre les tentations d'orgueil. Un bonhomme, qui attend impatiemment pour obtenir une faveur, coupe l'entretien en disant :

— Voulez-vous me dire lequel des deux est le frère André ? Je viens de loin, et je voudrais obtenir ma guérison.

Le dignitaire, tout surpris de se voir confondu avec un frère convers, se retire en méditant sur la vanité des titres et sur l'inanité de son sermon.

*
* *

La preuve de cette humilité éclate encore dans le fait que le frère accomplit l'œuvre du bon Dieu sans se soucier

de l'estime des hommes. Peu lui importe le rang de la personne qui s'adresse à lui. Ses supérieurs, des évêques se mettent à genoux pour demander de les bénir, et le religieux se soumet à ces marques de respect avec une peine visible. Visitant les malades en compagnie d'un prêtre, il ne se rend jamais aux prières de ceux qui sollicitent une bénédiction :

— C'est à vous, mon père, de les bénir, réplique-t-il.

Le père Frédéric, franciscain, dont le procès de canonisation est introduit à Rome, se présente un jour à l'Oratoire :

— Je viens demander au frère André comment il fait pour être si saint que ça.

Le recteur l'amène à la petite chapelle et grimpe l'escalier qui conduit à la mansarde où loge le frère. Celui-ci descend et le visiteur, à son approche, se jette à genoux et s'écrie :

— Bénissez-moi, frère André.

— Non, c'est à vous de me bénir.

Et ils sont là tous deux à genoux, l'un devant l'autre, dans un noble assaut d'humilité. Quelle charmante réédition de la rencontre de saint Dominique avec saint François d'Assise ! À la fin, les deux religieux s'embrassent.

La première rencontre de ces deux hommes de Dieu avait été touchante. C'était tout à fait au début de l'Oratoire. Après les instances répétées d'un ami auprès du provincial de la communauté, le frère André participa au pèlerinage annuel des pères franciscains à Sainte-Anne-de-Beaupré. Dans ce sanctuaire, comme le père Frédéric revêtait les ornements sacerdotaux, le compagnon qui avait amené le frère survint et demanda :

— Avez-vous quelqu'un pour servir votre messe ?

— Non, mon ami.

— Je vais vous présenter un servant que vous serez très heureux de rencontrer.

Il fit signe au frère André de s'approcher...

Toujours l'humble religieux manifeste une déférence pleine de foi envers les prêtres. Nous avons peine à l'empêcher de nous servir à table, lorsque nous nous trouvons à déjeuner en même temps que lui. Vainement tentons-nous de lui rendre cet office. Lorsqu'un prêtre, au sortir de la sainte messe, l'aborde, le frère retient avec insistance sa main dans la sienne. Sans doute songe-t-il à Jésus-Hostie que cette main vient de toucher.

— Qu'est-ce que je puis dire avec les prêtres, avoue-t-il parfois, moi qui suis si ignorant ?

Il ne se doute pas qu'il a beaucoup à leur enseigner. S'il ne possède pas les deux sagesses inférieures que sont la philosophie et la théologie, il possède la science suprême, la mystique, connaissance directe de Dieu. Ses récits de la passion, qu'il revit avec larmes, éclairent plus que les volumes des savants exégètes.

Présenté à un dignitaire, il se prête de bonne grâce, sans fausse humilité. Aimable, il glissera un mot d'esprit, mais, on le sent bien, son désir est de prendre part à la conversation discrètement, dans un rôle secondaire, et non pas d'être le point de mire des autres. Les marques d'intérêt, de déférence, sont loin de lui faire plaisir. Il recherche avec insistance la dernière place et se l'attribue. Au réfectoire, il est au bas bout de la table ; à l'église, il occupe la stalle la moins digne, derrière l'autel.

Ce qu'il déteste souverainement, c'est de faire prendre sa photographie. Seul un désir manifeste de son supérieur peut lui imposer cette corvée. Voilà pourquoi il a généralement un visage douloureusement renfrogné sur la plupart des photos où il se trouve seul. Quelques instantanés ou portraits de groupe le montrent au naturel, avec son bon sourire. Au début de l'œuvre de l'Oratoire, sur l'injonction du père Dion, provincial de la communauté, il consent à poser devant un photographe, dans deux atti-

tudes différentes. Lorsqu'on lui présente les photos pour lui demander laquelle il préfère, il répond :

— Peu importe, c'est la même bête dans les deux cas.

Sur la demande de son supérieur, le frère pose deux fois devant un peintre célèbre. Il semble en éprouver tant de peine que l'ordre est levé et l'artiste doit terminer son travail de mémoire. À regret, deux mois à peine avant sa mort, il consentira à l'exécution de son buste d'après nature.

Le frère André se sait peut-être l'homme du pays le plus connu à l'étranger, en tout cas, il ne s'en émeut pas. Un Canadien qui a vécu en Amérique du Sud rapporte :

Le mot Canada ou Montréal est à peine prononcé que les gens s'informent du frère André. Ils peuvent ignorer le nom de nos gouvernants et de nos évêques, mais ils ont entendu parler de ce religieux.

Un visiteur a beau venir de très loin, il ne reçoit pas plus d'attention pour cela. Deux ou trois minutes d'entretien et le congé est donné.

Un haut personnage vient un jour le voir et lui dit :

— Je suis le chapelain du roi d'Angleterre. Après avoir pris connaissance du volume de George Ham : « le thaumaturge de Montréal », sa majesté m'a demandé d'aller vous visiter au cours de mon voyage...

Le religieux prête une oreille distraite à ce propos, et, après deux ou trois minutes, il s'excuse en disant :

— Il y a des malades qui m'attendent au bureau.

Les personnes venues par hasard, sans confiance envers saint Joseph, sont aussitôt éconduites. Les curieux surtout sont sûrs de se faire tancer :

— C'est drôle, il y a des gens qui viennent et ils n'ont pas l'air de savoir pourquoi, dit-il à leur sujet.

Une dame qui allègue comme motif de sa visite sa fatigue à soulager, entend cette riposte :

— Priez pour moi, car moi aussi, je suis bien fatigué.

Son humilité ne saurait être attribuée à une incon-

science aveugle devant les honneurs et les signes de vénération. D'une perspicacité remarquable, il saisit vite les louanges et s'en froisse comme d'une atteinte aux droits de Dieu et de saint Joseph. Avec habileté il sait détourner les traits qu'on lui décerne. Il aime s'effacer sans affectation, sans fausse modestie, avec une simplicité de bon aloi.

Sans doute, dans sa vie, pourrions-nous relever plus d'un détail charmant de cette ingénuité coutumière aux saints. Loin d'être carence de perception, leur naïveté est le fruit de leur esprit surnaturel, de leur habitude d'attribuer tout à Dieu, au point d'oublier parfois que les hommes peuvent avoir des mobiles moins nobles dans leurs actions. Ainsi arrive-t-il que le frère André ne discerne pas les marques de déférence ou qu'il les impute à la seule bienveillance chrétienne.

Pendant un voyage aux États-Unis, un curé qui a le bonheur de l'héberger lui ménage la surprise d'une réception officielle ; procession solennelle de toute la paroisse, soirée publique.

— À mon arrivée à Jersey-City, dira le frère au père recteur, la paroisse célébrait justement une grande fête.

Au cours d'une randonnée dans la province d'Ontario, il se trompe de train. Après le départ, le percepteur de billets constate l'erreur et le prie de descendre au prochain arrêt. Le chef de gare, à son arrivée, le fait conduire en vitesse près de la voie ferrée où file le rapide de Toronto. Après signalement, le train stoppe et le voyageur monte, ému d'une telle courtoisie. À son retour à l'Oratoire, il soulignera cette gentillesse, qu'il semble croire coutumière envers les voyageurs.

★
★ ★

Constamment il éprouve un vif sentiment de son indignité. Il pleure à chaudes larmes les impatiences qui lui

échappent. Une de ses dernières paroles sera : « Priez pour ma conversion. »

Mais, dira-t-on, l'humilité c'est la vérité, que ne voit-il pas combien sa vie spirituelle éclipse celle de ceux qui l'entourent ; pourquoi cette mésestime de sa valeur propre ?

Fidèle à méditer la parole du Maître : « Je vous ai donné l'exemple afin que vous fassiez comme vous m'avez vu faire », il se garde bien de se comparer aux autres. Son unique modèle, son seul idéal est le Christ Jésus. Enfantillage que ces larmes pour des peccadilles ? scrupules ? Ne raillons pas. Toute imperfection, si minime soit-elle, déflore à ses yeux l'image qu'il veut être du divin exemplaire. Cette opinion commune à tous les saints, cadre avec le « soyez parfaits comme votre Père céleste est parfait. »

La sainteté, il s'en fait une si haute idée qu'il se défend avec énergie contre toutes les marques de vénération.

— On garde les reliques des saints, dit-il, pas des gens comme moi.

Toujours, dans ce domaine, il se montre intraitable. Apprenant que les religieuses conservent soigneusement ses vieux vêtements, il comptera dans la suite chaque morceau de linge qu'il enverra au lavage et se plaindra si on ne lui remet pas tout exactement. Pour être sûr de ne pas être joué, il brûle lui-même dans la fournaise ses habits trop usés.

Au cours d'une entrevue avec deux religieuses, l'une d'elle lui coupe les glands de son cordon et les dérobe adroitement afin de pourvoir sa communauté de reliques. « Ce sont des voleuses, s'écrie le frère, constatant le larcin après leur départ. Je ne sais pas comment elles peuvent concilier cette action avec leur vœu de pauvreté. » Il sollicite des démarches en vue de rentrer dans son bien...

Un fidèle compagnon qui, à l'entrée du bureau du frère André, veille au défilé des visiteurs, a coutume de leur demander de prier en union avec Jésus, Marie, Joseph et le

frère André. Lorsque ceci arrive aux oreilles du religieux, il en est vivement froissé :

— Non, non, non, pas ça.

— Combien de fois par jour vous récitez des prières pour les gens qui viennent vous voir ! Est-ce que je n'ai pas le droit de leur demander de prier en union avec vous ?

— Comme ça, vous ne me mettez pas au nombre des saints ?

— Il n'y a pas de danger.

La colère du frère tombe, mais, avec peine, il permet de continuer cette pratique.

Seul le motif surnaturel de provoquer le culte envers saint Joseph le fait se prêter à l'attention des gens. Les jours d'affluence à l'Oratoire le trouvent dans l'ombre. Aux grandes fêtes et processions, il demeure de préférence caché aux regards de la foule, savourant le bonheur de voir son grand ami honoré : « le petit chien de saint Joseph », comme il aime à se nommer, demeure silencieux pendant le triomphe de son maître.

— N'avez-vous pas éprouvé quelque tentation d'amour-propre d'avoir été ainsi favorisé par la sainte Vierge, demandait-on à la petite Bernadette ?

— Quelle idée avez-vous, est-ce que je ne sais pas que, si la sainte Vierge m'a choisie, c'est parce que j'étais la plus ignorante. Si elle en avait trouvé une plus ignorante que moi, c'est elle qu'elle aurait choisie.

Le frère André, chargé d'une mission semblable à celle de cette sainte, partage les mêmes sentiments et répond à une question similaire :

— L'artiste, c'est avec les plus petits pinceaux qu'il fait les plus beaux tableaux.

VIII

CHARITÉ

En un laconisme vigoureux, la prière pour obtenir la béatification du frère André résume parfaitement la vie de ce serviteur de Dieu « Ami des pauvres, des malades et des affligés » ; voilà bien, en effet, avec le titre d'apôtre de saint Joseph ce qui le caractérise.

La charité envers le prochain, Jésus l'a érigée comme marque distinctive de ses fidèles. Elle est l'emblème de ceux qui font profession de croire en lui :

— On verra que vous êtes mes disciples si vous vous aimez les uns les autres.

Ce signe, le frère André le possède éminemment. Dès que nous nous laissons aller au charme de muser dans sa vie, c'est à chaque pas un continuel jaillissement de faits qui révèlent les secrètes beautés de son âme, surtout son dévouement héroïque envers les malades. Voici, par exemple, la narration d'un heureux bénéficiaire de cette charité :

« On est au début de l'Oratoire Saint-Joseph. Je suis d'une débilité générale, extrême. À peine puis-je avaler comme unique nourriture un peu de bouillon, une fois le jour. Je crache le sang en abondance, à chaque quinte de toux. Les médecins consultés me disent qu'il n'y a plus rien à faire, que je suis un homme fini.

Il me reste un espoir, j'irai voir le frère André. En gravissant péniblement la montagne, je me dis : je descendrai

de là guéri ou dans ma tombe. Le bon religieux accepte de m'héberger dans la petite chambre qu'il possède sous le comble de l'Oratoire primitif. Dans cette mansarde à peine assez grande pour un seul, il y a déjà un autre malade dont une jambe, à demi putréfiée, répand une odeur infecte. Dans un coin masqué par une tenture, le frère a jeté sur le parquet un mince matelas, sans drap ni couverture, qui lui tient lieu de lit. Chaque soir, harassé par les visites des pèlerins, il passe pourtant près d'une heure à nous frictionner. Puis, quand la lampe est éteinte, il se glisse à pas de loup, dans l'étroit escalier qui mène à la chapelle. Un soir, je le suis à la dérobée. Je l'aperçois à la lueur de la lampe du sanctuaire. Agenouillé à même le pavé, il est perdu dans une ardente prière. Vers trois heures du matin, il vient prendre son repos sur la couche dure qu'il s'est réservée...

Depuis plusieurs jours, je demeure dans ce local. Aucune amélioration de ma santé. Toujours cette toux sèche et une quasi-impossibilité de digérer. Un matin, le frère fait cuire un mélange de viande et de légumes. Il me sert, au dîner, une copieuse ration de cette nourriture et m'ordonne de manger.

Frère André, lui dis-je, quand bien même tous les médecins de Montréal me commanderaient cela, je refuserais. Mais, puisque c'est vous qui le demandez, je vais obéir ; advienne que pourra.

Je m'exécute donc et je suis tout surpris l'après-midi de me sentir revigoré. Au souper, le bon frère me sert encore abondamment... Bientôt je retourne chez moi parfaitement guéri, au grand étonnement de mes parents et des médecins.

Mon compagnon d'infortune doit languir encore longtemps. À maintes reprises, il est sur le point de se rendre à l'avis des chirurgiens qui demandent l'amputation de sa jambe. Je viens le visiter de temps à autre. J'amène, dans le dessein de le convertir, un homme qui a renié la foi pour

adhérer à la franc-maçonnerie. Celui-ci, en apercevant la plaie hideuse que le frère André soigne, est obligé de s'esquiver de peur de perdre connaissance.

— Si celui-là guérit, je croirai, dit-il.

À la mi-novembre, le malade se trouve soudainement guéri... »

Quelle sollicitude et quel dévouement ! Que d'exemples de ce genre nous pourrions citer ! Évoquons une scène qui symbolise bien l'ardeur de ses prières en vue d'obtenir les faveurs que les gens viennent solliciter.

Un soir, dans la crypte déserte, à l'heure où l'ombre s'approprie rapidement chaque recoin, mettant la lumière des cierges et des lampions en valeur, le frère conduit un jeune homme aveugle, qui sollicite sa guérison. Il laisse le malade seul et se met en prière, agenouillé sur le pavé de l'église. Il monte ensuite les marches du chœur et prie de nouveau. Enfin il gravit successivement les degrés qui conduisent au marchepied de l'autel, en faisant à chacun une halte de prière...

Une jeune fille infirme dit au frère André :

— J'ai fait exprès le voyage des Etats-Unis, afin de vous prier de guérir ma sœur.

— Pourquoi ne demandez-vous pas votre propre guérison ?

— Il est bien plus important qu'elle soit en bonne santé; elle a huit enfants.

— Votre sœur va très bien en ce moment. Pensez à vous maintenant.

Il lui demande ses béquilles et la fait marcher. Au comble de la joie, la miraculée expédie un télégramme à sa sœur et reçoit cette réponse : « Guérison subite obtenue ».

Au cours d'une violente tempête hivernale, le frère André voit son bureau désert un long moment. Une jeune fille aux jambes totalement paralysées y est transportée. Quatre personnes l'accompagnent. À la demande du religieux, toutes s'agenouillent et se mettent à prier.

— Vous sentez-vous mieux ? demande le frère à la malade.

— Je commence à ressentir une chaleur dans les jambes.

— C'est bon signe, ma fille, continuons à prier.

Quelques instants se passent et le frère renouvelle sa question.

— J'éprouve une très vive douleur dans les jambes, s'écrie la paralytique...

Elle se lève et se met à marcher. La prière continue avec des larmes de joie.

Voici la réédition d'une scène évangélique. À la fin de sa vie, le frère André, souffrant d'une violente maladie de cœur, a coutume, pour obéir au médecin, de visiter seulement les malades qui habitent au rez-de-chaussée. Ceux qui demeurent aux étages supérieurs sont amenés à la voiture qui le conduit. Un jour, dans la rue Bienville, à Montréal, une malade est ainsi apportée. Mais voilà que de partout, aux alentours on amène des enfants, des femmes, des hommes malades, au point que la rue en est remplie. Le religieux se dépense avec bonté auprès de tous. À grand'peine l'auto parvient à se frayer une route, après un long stationnement. Et l'ami qui conduit le bon frère de dire :

— Je suis émerveillé, c'est comme au temps de Notre-Seigneur, tout le monde accourt demander des faveurs et des guérisons.

Et lui de répondre :

— Peut-être, mais le bon Dieu se sert d'un bien vil instrument...

Que de fois cette aventure s'est répétée :

— Souvent nous devions demander du secours pour pouvoir dégager de la foule notre véhicule, diront ses amis.

Et ce fait, raconté par le bénéficiaire de cette faveur. Un homme se présente au bureau du frère avec son épouse gravement malade. Ils se retirent le soir dans un petit hôtel, près de l'Oratoire. Pendant la nuit survient, chez la

malade, une hémorragie mortelle. Le médecin appelé d'urgence ne lui donne que quelques instants à vivre. Une pâleur de cire, un souffle imperceptible, elle semble déjà morte. Le praticien s'en va, sans laisser l'ombre d'un espoir. Dans un acte de foi, le mari quitte la mourante et vient, au pas de course, frapper à la fenêtre du frère André.

— Ma femme est mourante, sauvez-la.

Écho des supplications de l'évangile : « Ma petite fille est malade à mourir, sauvez-la »... « Dites seulement une parole et mon serviteur sera guéri. » Le frère s'habille à la hâte, ouvre à ce visiteur nocturne et l'amène prier dans la crypte, au pied de l'autel dominé par la statue de saint Joseph...

— Retournez auprès de votre femme, lui dit-il, soyez sans crainte, elle ne mourra pas.

L'homme retrouve son épouse ranimée, elle est sauvée. Le lendemain matin, il téléphone au médecin :

— Mon épouse va mieux.

— Vous vous moquez de moi, elle est morte, réplique l'autre, tant il est convaincu de l'impossibilité d'un retour à la santé.

Ce dévouement, le frère André le nourrit envers tous également, riches ou pauvres, amis ou ennemis. Un médecin s'est acharné depuis plusieurs années, avec un zèle digne d'une meilleure cause, à combattre le frère André. Il a pris tous les moyens pour lui nuire dans sa réputation et dans son œuvre. Or voilà que sa femme commence une hémorragie. Tous les soins restent impuissants à la soulager. De guerre lasse, son époux a recours à ses plus savants confrères ; rien n'y fait.

— J'ai une grande faveur à te demander, murmure faiblement la malade exsangue... Tu le vois, ta science et celle de tes confrères est impuissante à me guérir... Va chercher le frère André. Je t'en supplie, accorde-moi cette faveur...

Le médecin hésite entre son orgueil et la pitié pour sa

femme... Enfin, il se décide à s'humilier. À peine le religieux a-t-il franchi le seuil de la chambre que l'hémorragie cesse.

À l'exemple du Christ qui, venu pour le salut des Juifs, exauça cependant la Chananéenne, le frère André obtient des faveurs signalées pour des protestants. Tout ce qu'il exige d'eux, c'est évidemment d'être de bonne foi et de nourrir une véritable confiance en Dieu. Voici, par exemple, une guérison racontée par celui qui en fut l'objet :

« Comme depuis assez longtemps j'ai le bras paralysé et que je n'obtiens aucun soulagement malgré tous les soins des médecins, j'ai recours au frère André, qui me dit :

— Vous croyez en Dieu et vous avez foi aux miracles, puisque vous vous adressez à moi... Je vous le commande, levez votre bras.

— Je ne puis pas, il est paralysé.

— Levez-le, je vous l'ordonne.

Avec un effort je tente de lever mon bras et soudain je me sens parfaitement guéri... »

Un soir que le frère est resté à souper chez un médecin de ses amis, il lui demande :

— Est-ce qu'il y a des malades dans les environs ?

— Mon voisin, un anglais protestant, est paralysé depuis plus d'un an, il ne peut marcher.

Dans la soirée, le religieux se fait conduire auprès du malade, qu'il trouve étendu sur une chaise roulante. Il lui ordonne de se lever et de marcher... Un vieil ami, qui accompagne souvent le frère, est témoin de la guérison.

D'un dévouement inlassable envers les malades du corps, le frère André l'est aussi envers ceux de l'âme.

— C'est ce qui me fait le plus plaisir, affirme-t-il, quand je parle à un pécheur et que je peux le réconcilier avec le bon Dieu.

Et ses amis intimes le savent bien, qui lui amènent sou-

vent quelque mauvais garnement, avec qui il se montre si heureux de causer ou de faire le chemin de la croix.

Il aime de tout cœur les malheureux, surtout les loqueteux de l'ordre spirituel, les pécheurs, les incroyants et même les adversaires de la religion. Il voit avec angoisse le communisme s'infiltrer dans notre pays. Il s'inquiète et prie :

— Avez-vous entendu parler des menées communistes, à Montréal ? demande-t-il à ses amis.

Comme ceux-ci s'efforcent de le rassurer, il répond :

— C'est dans le temps qu'on entend le moins parler d'eux qu'ils sont le plus dangereux... On viendrait me chercher et on me ferait mourir en me coupant tout en petits morceaux, ça ne me ferait rien, pourvu que le peuple ne souffre pas.

Longtemps il espère mourir de la main des communistes et pour leur salut...

Ses sorties du soir auprès des malades sont motivées par le dessein de gagner les âmes à Dieu. À ceux qui l'accompagnent, il explique le bien spirituel qui se produit chez les visités, chez les membres de leur famille ou chez d'autres personnes qui viennent à connaître les guérisons obtenues.

— Sur la requête d'un curé, raconte-t-il lui-même, j'étais allé visiter un malade incroyant et pécheur endurci. À mon entrée dans la chambre, j'ai demandé : Voulez-vous que je vous frictionne avec la médaille de saint Joseph ? Il y en a de bien plus malades que vous qui ont été guéris par ce moyen. Comme le lit était très bas, je me suis agenouillé auprès du malade pour le frictionner. Soudain, j'ai senti qu'il me passait les deux bras autour du cou et m'attirait à lui. Je me suis dit : je t'ai, mon gars... Il s'est converti et a fait une sainte mort.

Rarement un pécheur résiste à l'autorité de ce frêle vieillard, qui dit avec larmes la passion du Sauveur. Il y aurait tout un chapitre à écrire sur sa façon de toucher les cœurs. Afin de convertir les pécheurs endurcis, ordinaire-

ment il prend un crucifix dans le tiroir de son bureau, explique les souffrances du Christ, détaillant le nombre des coups de fouets, les douleurs de chaque plaie. Il décrit les chairs déchirées, les os broyés par les clous, énumère les insultes infamantes des Juifs et des soldats romains. Le rappel de l'infinie miséricorde termine cette prédication. On dirait que ses paroles sont directement inspirées, « que ça lui vient d'ailleurs, d'en haut », disent les témoins.

Tantôt il s'impose avec audace, tantôt avec délicatesse il s'insinue doucement dans l'âme. Une fois son interlocuteur touché, il commence à dire la bonté divine. Quel charme dans ses évocations réalistes de l'enfant prodigue, de la brebis perdue... Comme il sait dire les ruses, les feintes de la grâce qui séduit le pécheur pour le sauver. Comme il sait ranimer l'espérance, en montrant l'exemple de grands pécheurs, devenus de grands saints, parce qu'ils ont mis leur ardeur à aimer Dieu et non plus à l'offenser.

— On ne parle pas assez de la bonté divine, dit-il fréquemment à son entourage.

Pour parler de la miséricorde, il n'oublie pas la justice. Faisant allusion aux accidents et morts subites, il répète souvent :

— Il faut se tenir prêt ; le bon Dieu nous a dit qu'il viendrait comme un voleur.

Il sait trouver les comparaisons réalistes pour vaincre les objections. Il répond, par exemple, à quelqu'un qui lui dit avoir cessé de pratiquer la religion parce qu'il a perdu confiance dans les prêtres :

— Lorsque vous allez acheter dans un magasin, vous ne vous préoccupez pas de savoir si le commis qui vous sert mène telle ou telle vie...

S'il aime évoquer les paraboles du Maître, il sait en créer d'autres qui sont adaptées aux situations. Un homme qui se plaint de ne pas être exaucé, d'avoir même été frappé cruellement à la suite d'une neuvaine à saint Joseph, entend cette parabole :

— Un homme a trois fils. Il vient à l'Oratoire faire la neuvaine préparatoire à la fête de saint Joseph, en vue d'obtenir des bénédictions pour sa famille. Peu après la neuvaine, son fils aîné tombe malade et meurt. L'année suivante, il décide de faire encore la neuvaine. Son deuxième enfant tombe malade et meurt. Exaspéré, le père jure de ne jamais plus prier. Comme, dans la suite, il est à faire seul un voyage, son auto s'arrête tout à coup. Un inconnu s'approche et l'invite à le suivre dans la forêt prochaine. Il lui montre deux corps pendus à un arbre, et dit : vos deux fils qui sont morts seraient devenus des voleurs et des assassins et auraient été pendus. Le troisième doit devenir évêque. Imaginez votre douleur et votre désolation, si je les avais laissés vivre...

Nous pouvons bien rapporter les enseignements du frère André, mais impossible de faire sentir son accent convaincu, son regard qui dénote une passion inapaisable d'être bienfaisant.

* * *

Cette préoccupation charitable le suit dans toutes ses conversations. La plupart du temps, il aiguille l'attention vers les sujets sérieux. Tous sont émerveillés de la sagesse de ses remarques. Il profite des propos des gens sur la mode pour donner une directive sûre en cette matière. Son expérience des âmes lui a fait sentir profondément cette grande lézarde dans le mur de notre civilisation chrétienne : l'esclavage de la femme envers les modes païennes.

— Si ça va mal, ça dépend de la femme, dit-il crûment.

Les ruines accumulées dans les âmes par la toilette provocante des femmes, il a pu les toucher dans les confidences qui lui viennent. Il a vu les familles désorganisées ou du moins l'éducation, la formation chrétienne des enfants négligées par les mères frivoles. Après cette génération, oublieuse de la modestie chrétienne, de l'esprit de sacrifice

si chers à nos ancêtres, il entrevoit une génération où non seulement le masque, mais l'âme elle-même serait païenne.

Lui parle-t-on des malheurs économiques du temps, il donne les raisons profondes de ce marasme. Quelques mois avant sa mort, un de ses amis lui demande :

— Est-ce qu'elle va bientôt cesser, cette crise économique qui nous étreint depuis si longtemps ?

— Non, répond-il, car le bon Dieu est en colère, le monde ne prie pas encore assez. Cette crise devrait être une leçon pour tous, cependant on oublie le bon Dieu, on blasphème et on ne prie pas. Les églises sont vides. Elle finira quand on priera davantage.

Il censure le dévergondage, par souci du devoir. Mais d'instinct il est bienveillant.

— Ne soyons jamais tristes, répète-t-il, soyons gais mais sans faire de peine aux autres...

Pour couper court à un propos dangereux, il glisse souvent un calembour inoffensif.

— Ça n'a pas toujours l'air fin, avoue-t-il, mais ça évite les manquements à la charité. Dieu regarde l'intention.

Quelle délicatesse exquise pour éviter tout déplaisir au prochain ! C'est un art de deviner ses désirs. De peur de froisser la sœur cuisinière, il fait semblant de prendre les mets que son estomac digère mal. Un confrère qui le voit grignoter un biscuit du bout des lèvres, sans toucher aux mets servis lui dit :

— Demandez donc autre chose.

— Non, répond-il, ça pourrait faire de la peine à la religieuse.

Sa sympathie se manifeste bien vive envers ses amis. Presque tous groupés autour de lui depuis le début de l'Oratoire, ils sont assidus à l'heure sainte et au chemin de la croix, le vendredi. Souvent, le dimanche, le frère en amène quelques-uns à sa chambre afin de leur narrer la vie de saint Joseph et la passion du Sauveur. Cette amitié est toute imprégnée de surnaturel.

— Il ne faut s'attacher qu'à Dieu, leur dit-il parfois dans l'intimité, je ne veux pas vous aimer plus les uns que les autres.

Sa sympathie s'accuse davantage envers le pauvre ou le malheureux. Un de ses amis remarquera :

— Tant que j'ai été dans de grandes difficultés financières, des soucis de santé, j'ai rencontré une plus grande attention de sa part. Il me guidait dans chacune de mes démarches importantes, s'informait du résultat. J'ai été souvent à même de constater combien il vénérait et respectait les miséreux. Vers eux, surtout, se portait son affection. Il était remué et ne se possédait plus lorsqu'il les voyait pleurer ; il s'ingéniait à les distraire, à les réconforter. Fréquemment, il se préoccupait de chercher de l'ouvrage pour les sans-travail.

Ces compagnons sont chargés de lui amener des pécheurs ou de le conduire auprès des malades. Pendant ses courses charitables, après ses heures de bureau, il fait halte, chez l'un ou l'autre de ses amis, pour prendre le souper.

À leur égard, il a des délicatesses admirables. Mandé au chevet d'un de ses fidèles compagnons mourant, il s'agenouille auprès du lit et se met en prière. Bientôt le malade qui agonisait ouvre les yeux :

— Eh bien ! comment ça va ? demande le frère.

— Ça va pas mal, répond l'interpellé.

Le surlendemain, cet homme parfaitement guéri vient voir le religieux à son bureau.

Un autre doit subir une opération : un chancre lui ronge le pouce ; au moindre choc le sang gicle en abondance. Le frère frictionne quelque temps la partie malade ; toute trace de mal disparaît soudainement. Et lui, rieur, de dire, en faisant allusion à un remède qui a soulagé momentanément le malade :

— Les patates vous ont enlevé les douleurs ; le médecin, vos dollars ; saint Joseph a tout enlevé.

Ce fait, il le rapportera en souriant, peu avant sa mort,

afin de remercier la religieuse infirmière de son dévouement.

Citons une scène qui ressemble à la guérison de la belle-mère de saint Pierre, le soir où Jésus, venant souper, trouva cette femme malade de la fièvre, incapable de servir à table. Une après-midi, le frère André arrive à l'improviste chez un médecin de ses amis. La femme de ce dernier souffre de paralysie à un bras depuis quelques semaines. Le frère dit simplement à la malade :

— À l'heure qu'il est, le bras ne vous fait plus mal.

Et la malade est toute heureuse de pouvoir détendre son bras, de le mouvoir aisément. Le premier moment de surprise passé, elle sert elle-même la table, au souper.

— Ça fait longtemps que vous faites des mauvais coups, laissez-moi guérir le malade cette fois-ci, dit, en riant, au frère André un ami, qui le conduit à l'hôpital auprès d'un homme victime d'un accident.

— Très bien, je vous prends au mot, riposte le religieux.

Il ordonne à ce compagnon d'enlever les pansements et de frictionner le malade avec la médaille de saint Joseph. La guérison s'opère. Au retour, le frère glisse à son compagnon ému :

— Vous voyez comme le bon Dieu est miséricordieux, vous ne douterez pas, à l'avenir, de sa miséricorde à votre égard.

S'il accorde des faveurs à ses amis, il sait aussi leur inculquer l'amour de la souffrance, à l'exemple du Sauveur. Souvent il répète :

— On ne doit pas prier pour éloigner les misères, mais pour les supporter mieux.

Il donne l'exemple des saints, qui savaient souffrir le martyre avec joie.

— Remerciez le bon Dieu de venir vous visiter par l'épreuve, vous êtes bien chanceux. Si on connaissait la valeur de la souffrance, on la demanderait à genoux et les mains jointes.

À un vieil ami, qui lui dit sa peine, il répond :

— Faites des prières d'action de grâces pour remercier le bon Dieu de s'occuper de vous.

— Drôle de façon d'agir.

— Ne parlez pas de même, vous le comprendrez plus tard. Le bon Dieu s'occupe de ses meilleurs amis et de ses meilleurs sujets, par la souffrance... Quand une âme a fait quelque chose pour le bon Dieu, il la paie par la souffrance... La souffrance est une chose si grande et de si grand prix, qu'elle ne peut trouver sa récompense qu'au ciel...

Le danger de ce dévouement aurait pu être, pour le frère André, de se répandre en œuvres extérieures, au détriment de sa vie spirituelle. Mais dans sa charité se vérifie la pensée profonde du grand mystique, saint Jean de la Croix:

— Quand l'amour que l'on porte à la créature est une affection toute spirituelle et fondée en Dieu seul, à mesure qu'elle croît, l'amour de Dieu croît aussi dans notre âme ; plus alors le cœur se souvient du prochain, plus il se souvient aussi de Dieu.

Charité, charité, conseil inlassable du Maître, amplifié par son exemple de tous les instants. Voilà bien la consigne qui doit guider tout véritable imitateur du Christ. Cette doctrine, reléguée dans l'ombre par la devise païenne du chacun pour soi, de la lutte pour la vie entre les individus comme entre les peuples, le frère André nous la redit, et sa pratique intégrale du dévouement évangélique exerce sur les foules son charme puissant.

IX

IMPERFECTIONS

Quelle déception ne produisent pas les vies de saints à l'eau de rose, les récits décolorés, où l'on a eu soin de dissimuler toute trace d'imperfection chez les héros, les rendant irréels et inhumains. Le sentiment qu'éveillent de telles lectures n'est pas un éblouissement devant une perfection qui jure auprès de nos vies blafardes. Évoquons le mot d'une personne qui s'y connaît en matière de sainteté, la charmante Bernadette, de qui la mission révèle plus d'un trait de ressemblance avec celle du frère André :

— On présente les saints comme étant parfaits, d'une perfection toute unie, sans une défaillance, sans une faute, sans une inégalité, sans une ombre. Ils sont tellement célestes que cela tend à nous décourager, nous qui sommes si loin d'un tel état.

La grâce de Dieu travaille sur la nature qu'elle rencontre et, comme cette nature n'est jamais parfaite, elle oublie toujours des lacunes et des ombres. Le frère André n'échappe pas à cette loi ; c'est avec un grand respect, mais avec un souci sérieux d'objectivité que nous nous appliquerons à analyser les légères imperfections que Dieu laisse subsister dans son fidèle serviteur.

*
* *

Si, en général, le frère André se montre d'un commerce agréable, il devient parfois irascible, et plusieurs qué-

mandeurs doivent essuyer de rudes paroles, qui les déconcertent. Tout en constatant ces emportements, assez fréquents chez ce religieux, il ne faut pas prêter plus d'attention à ce minuscule défaut qu'à l'héroïcité de ses vertus. D'ailleurs, un coup d'œil impartial atténue beaucoup cette déficience apparente.

Loin d'être désagréable à Dieu, le frère André semble lui plaire, même dans ses emportements. Une dame protestante, qui s'est présentée à son bureau, est éconduite brusquement. Cette visiteuse sort en larmes, mais, tout à coup, à la descente de l'escalier, elle constate sa guérison. Elle revient sur ses pas et se jette aux pieds du frère pour le remercier...

L'union intime avec Dieu ne souffre pas de demi-mesure; la moindre attache à un défaut paralyse une telle amitié. Le frère André combat donc vigoureusement son penchant à la colère, puisque Dieu lui est lié si étroitement et se sert de lui comme collaborateur de choix.

Sans parti pris, nous pouvons alléguer plusieurs excuses à son crédit. Tempérament nerveux, assez violent, il est laissé à lui-même dès son jeune âge ; son éducation d'orphelin embauché çà et là, forcément rudimentaire, lui conserve un peu les rudes manières de l'ouvrier. Les sautes d'humeur fréquentes dans sa vieillesse ne se produisaient pas au début de son œuvre. Ceux qui l'ont connu alors sont unanimes à rendre ce témoignage : il pouvait accueillir les pèlerins, de six heures du matin à dix heures du soir, toujours avec la même affabilité. Son âge avancé, sa santé délabrée, son système nerveux exacerbé par son dur travail de bureau, où il consacre, presque toujours debout, plus de cinq heures par jour à écouter les litanies des misères humaines, expliquent bien certains moments d'impatience. Sa voix éteinte, enrouée, le force à répéter plusieurs fois, afin de se faire comprendre. À la suite de ces efforts, il crache le sang et devient exténué.

Bien des fois, il va trouver un confrère et lui avoue :

— Hélas, j'ai encore fait pleurer quelqu'un.

De grosses larmes roulent sur ses vieilles joues fanées. Si les personnes rabrouées par lui le voyaient alors, tous leurs griefs tomberaient.

Je doute fort qu'il soit toujours responsable de ces mouvements d'humeur.

— Mais, lui demande-t-on, avez-vous réfléchi avant de faire cette colère ?

— Pas du tout, je m'en suis aperçu après.

Et le cher vieillard se désole tellement que ses confrères tentent de le consoler et de le rasséréner.

Dieu laisse à dessein ce défaut, chez lui, comme un dérivatif puissant aux tentations d'orgueil, en lui rappelant sa fragilité. Quand la Providence choisit quelqu'un pour accomplir une haute mission, elle le garantit contre les tentations de vaine gloire par des moyens spéciaux. Voilà pourquoi fréquemment quelque faiblesse apparente voile l'éclat de la sainteté chez les élus de Dieu. C'est ce qui explique le caractère irascible du frère André.

Souvent ses colères ressemblent à celle de Jésus chassant les voleurs du temple.

— Je ne suis pas content de moi, dit-il parfois, car cet après-midi, j'ai été impatient. Mais si les gens comprenaient que c'est saint Joseph qui guérit.

Ce sont les gens venus par simple curiosité qui l'irritent surtout. Il chasse les quémandeurs qui, sans se préoccuper de prier, s'adressent à lui comme à un médecin. N'est-ce pas le zèle des intérêts divins qui l'anime ?

Ses mouvements de brusquerie, certaines remarques cinglantes sont souvent inspirés par une angélique pureté, un souci constant du salut des âmes. On aime évoquer les traits décochés aux personnes qui se présentent devant lui dans un costume indécent. Une dame lui désigne sa fille, poupée légère, au visage peint :

— C'est une bonne enfant.

— C'est votre fille ? À votre place je ne m'en vanterais pas, note sèchement le frère.

Une autre qui se plaint d'être toujours oppressée entend cette verte réflexion :

— Ce n'est toujours pas votre collet qui vous gêne.

— Vous n'avez pas peur de vous empêtrer dans votre robe, demande-t-il à une visiteuse court vêtue.

— Frottez-vous jusqu'à ce que le linge pousse, dit-il à une personne au col largement ouvert et qui se plaint de la faiblesse de ses poumons.

Avec la vue profonde d'un saint, il constate que cette idolâtrie de la mode, qui ne met aucune différence entre une chrétienne et une femme de mauvaise vie, est la faille par où s'en va notre civilisation chrétienne. À celui qui sonde la misère que sème cette vanité, il n'est pas d'expression outrée pour la fustiger. On ne saurait donc reprocher au frère André ses remarques aigres devant la folie des modes.

Ce qui le brûle, c'est tout soupçon de charlatanisme. L'irritation le gagne en présence d'un fanfaron, colosse américain, qui vient à son bureau lui demander par quels trucs il suggestionne les malades. Il le fait jeter dehors à l'instant. Ce n'est pas lui-même — il ferait bon marché de son humble personne, — mais c'est saint Joseph qui est en cause. Ses sentiments sont ceux d'un fils qui voit son père frappé ou insulté.

Les dispositions défectueuses lui apparaissent de prime abord et lui dictent sa conduite.

— Celui-ci ne sera pas exaucé, car il n'a pas de bonnes intentions, dit-il d'un étranger à peine entrevu à son bureau.

Une personne dirige une pension qu'elle voit sans motif absolument désertée. Sur le conseil d'une amie, elle vient demander des prières au frère André, qui riposte :

— Quand vous aurez fini de vous moquer de moi et de l'Oratoire, les pensionnaires se présenteront.

La quémandeuse, qui sent la justesse du reproche, affirmera :

— J'ai eu tellement honte d'être ainsi devinée que j'aurais voulu me voir à cent lieues de son bureau.

Les impatiences du bon vieillard sont donc, le plus souvent, des actes vertueux destinés à défendre les droits divins, et, dans les autres cas, que d'excuses à son crédit !

* * *

Quelques-uns lui reprochent un certain manque de régularité religieuse. Dieu forme des saints à son gré, les uns par une exactitude irréprochable dans tous les instants de leur vie, une exécution constante de chaque détail de la règle, d'autres en marge un peu de la communauté, lorsque c'est nécessité par leur mission. La règle est un moyen de sanctification et non une fin.

Il faut avoir assez de largeur de vue pour saisir l'action divine en tout cela. Si le Seigneur désire qu'un de ses élus se sanctifie au moyen d'instruments difficiles à manier n'est-il pas dans son droit ? Pourquoi jalouser son frère d'avoir accompli une œuvre supérieure par un moyen inattendu ? Ce n'est pas l'exécution matérielle de la règle qui compte. Il en est qui peuvent se promener toute leur vie avec cet instrument dans leurs mains, sans réaliser l'union intime avec Dieu. Le frère André s'en sert un peu différemment, mais il réussit à acquérir un haut degré de vertu.

Cette pensée, « un religieux qui accomplit parfaitement sa règle mérite de monter sur les autels », ne vise pas surtout l'observance extérieure ; elle exige une fidélité à l'esprit de cette loi, à l'âme qui l'informe.

Le frère André possède cette ligne de conduite souple qui moule exactement son existence jusque dans les moindres détails, poursuivant les sinuosités des déficiences ; c'est son grand amour de Dieu, son désir de conformer tota-

lement sa vie à celle de Jésus crucifié. Rien n'échappe à la souplesse enveloppante d'un tel amour, qui pénètre chaque action, tandis que la règle religieuse suivie à la lettre, dans sa raideur, sans son esprit, laisse souvent des manques, des creux, des faux plis.

Toujours fidèle à l'esprit de la règle, il se conforme à la volonté de ses supérieurs avec la plus scrupuleuse obéissance. Ses multiples sorties sont nécessaires à son œuvre. Il voyage en vue de semer le bien, très souvent sur la recommandation expresse du médecin.

Il se repose de recevoir des malades en allant en visiter d'autres. Sa nervosité, son travail assommant exigent ce dérivatif. Sa jeunesse errante est bien expressive de son besoin de changement. Les pharisiens scandalisés par ses multiples sorties devraient demander l'avis des malades qu'il va réconforter et guérir.

Il semble tenir un peu trop à ses randonnées du soir. Aussitôt son bureau terminé, il attend l'auto qui doit le transporter auprès d'autres malades et revient, ordinairement vers neuf ou dix heures, de sa tournée coupée par une courte halte dans une maison amie. Avec la permission de ses supérieurs, il se rend parfois assez loin, jusqu'à Ottawa, par exemple, et revient le matin reprendre son labeur, comme si rien n'était.

Il se montre gai, affable, enjoué même, au cours de ces voyages, afin de se concilier l'affection des gens et de les rapprocher de Dieu. Après avoir glissé quelques mots d'esprit, il oriente la conversation vers les sujets religieux. Il en cause avec une telle simplicité que personne n'en est le moindrement choqué. Dans ses vacances, passées chez des parents ou des amis, il cause constamment du bon Dieu.

De peur de mal édifier ses confrères, il leur dit dans l'intimité :

— Vous savez, ce n'est pas défendu de voyager pour faire le bien.

Au retour de ses voyages aux États-Unis, par exemple, il rapporte les instruments de ceux qu'il a guéris. Le soir, à la dérobée, il va les ajouter aux faisceaux qui entourent la statue de saint Joseph, comme un brave soldat rapporte le drapeau pris à l'ennemi, en hommage à son chef.

Loin de nuire à sa vie religieuse, ces randonnées contribuent à sa sanctification. Voilà pourquoi les supérieurs se montrent, surtout à la fin de sa vie, très larges pour lui accorder les permissions.

Il ne s'embarrasse pas d'une interprétation pharisaïque de la règle. S'il parle dans un temps réservé au silence, c'est en vue de faire du bien, d'inspirer à ses confrères la pauvreté, la charité, l'amour de Dieu. Pendant les récréations de la communauté, il est retenu par son labeur. S'il retarde le coucher, c'est avec la permission de son supérieur. Ce sacrifice, sa sanctification le demande. Un prêtre lui reproche de trop prolonger ses prières :

— Offrez plutôt votre sommeil au Seigneur.

— Vous ne diriez pas cela si vous saviez comme les âmes en ont besoin.

C'est le frère André qui a raison. Croyez-vous qu'il atteindrait la même haute perfection s'il ne passait pas une partie de sa nuit en prière, après avoir dépensé le jour au service du prochain ? Un saint, comme un génie, s'affranchit en apparence des lois, pour mieux s'épanouir en beauté.

La pratique d'offrir ses actions au souverain Maître devient parfois le masque de la loi du moindre effort. Ce n'est pas tout d'offrir sa vie, encore faut-il qu'elle soit expressive de renoncement et d'amour. Les chrétiens sont portés à se payer de mots, à prendre l'ombre pour la réalité. Ils s'organisent une bonne petite existence facile, sans heurts, semée de repas plantureux, de douceurs et de repos, pour la plus grande gloire de Dieu. Le Seigneur ne saurait se contenter de cette égoïste tranquillité.

Sainte Marguerite-Marie, dit-on, demeura d'une vive

susceptibilité et tomba dans un profond découragement parce que sa supérieure, croyait-elle, ne l'aimait plus...

Le frère André n'est pas tout à fait exempt de ce défaut. Chez lui aussi se rencontrent, à cause de sa nature impressionnable, ces retours sur soi, ces recherches plus ou moins déguisées de l'amour-propre, en dépit de sa tendance continue vers la perfection. Fermé par la souffrance, par les contradictions de toutes sortes, il demeure susceptible. Un rien suffit parfois à briser ses amitiés, la moindre indélicatesse lui fait beaucoup de peine. Avec la meilleure volonté du monde, certains confrères le blessent ; il souffre profondément de cette mésestime qu'il suppose chez les siens.

Évidemment, le bon Dieu permet cela en vue de le purifier davantage. S'il éprouvait de grandes consolations auprès de ses confrères, une admiration soutenue, quel serait son mérite ? La Providence se plaît toujours à joncher d'épines la voie de la sainteté.

Marguerite-Marie reçut une taloche en plein visage, parce qu'elle avait échappé un plat dans un moment d'extase. Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus entendit sur son lit de mort une vieille religieuse murmurer :

— Qu'est-ce qu'on va bien pouvoir écrire d'elle ?

Le frère André, persécuté au début de son œuvre, ne rencontre pas, dans le triomphe, toutes les consolations qu'il peut souhaiter. Il est remarquable de constater comment, lorsqu'il devient intime avec un confrère et qu'il en éprouve du plaisir, survient un malentendu qui brise cette amitié.

Peu importe que l'épreuve soit véritable ou imaginaire, il en souffre comme si elle était toujours réelle. Dans une déférente réserve, que l'admiration inspire à ses confrères, il lit mal parfois et croit à l'indifférence. Cela s'explique par l'âge, par sa nature sensible, aussi par la Providence qui veut le sanctifier. Il s'est imaginé, en interprétant mal

un geste évasif, que son supérieur se moque de lui, le croit fou, et il en souffre beaucoup.

Certains théologiens vont dire :

— Mais alors, il ne possède pas la doctrine de la souffrance : se soumettre par amour pour Dieu.

Il est facile de supporter héroïquement la souffrance des autres. Tout en se montrant parfaitement soumis au bon vouloir divin, le frère André gémit et pleure comme un enfant, qui se croit incompris. Il ne faut jamais oublier que la grâce travaille sur la nature et ne la détruit pas, si elle rencontre une nature super-émotive, elle ne la changera pas.

Certains esprits imbus d'une fausse spiritualité, oublieux du réel, lui reprochent des plaintes au sujet des maladies, des commandements pénibles...

Pour être catholique, faut-il être stoïcien, nier la souffrance, en faire abstraction ? Le frère André qui suit pas à pas la vie de Jésus, surtout dans sa passion, ne voit pas son divin modèle insensible aux dures épreuves que lui impose le Père éternel. En dépit de son obéissance parfaite jusqu'à la mort de la croix, le Sauveur supplie d'éloigner le calice, verse des larmes, tente même d'aller s'épancher auprès de ses amis. Pour dire que son âme est triste jusqu'à la mort, il ne demeure pas moins le modèle accompli de l'obéissance.

Le disciple de Jésus voit très bien la volonté de Dieu, chez ses supérieurs, ce qui ne l'empêche pas de souffrir de la rigueur de certains commandements.

— Le bon Dieu, répète-t-il souvent, donne des forces extraordinaires au religieux obéissant. Quelquefois, quand il veut faire souffrir une âme, il ferme les yeux des supérieurs. Par exemple, vous êtes surchargé d'ouvrage, on vous demande encore plus, acceptez quand même ; il faut toujours respecter les décisions des supérieurs. Si nous n'acceptons pas les grâces que le bon Dieu nous avait préparées, il ne nous les donnera pas... Tout est voulu par le bon Dieu, on ne devrait jamais l'oublier... Travaillons

toujours avec le consentement des supérieurs, même dans les œuvres les meilleures.

Disons-le donc sans crainte : les rares imperfections qui se glissent dans la vie du frère André, loin d'être aussi notables que certains peuvent le croire, sont parfois le signe d'une vertu authentique ou, du moins, ne l'empêchent pas d'être une copie vivante du divin exemplaire.

X

DÉVOTIONS

Les pèlerins qui viennent s'agenouiller devant la dépouille du frère André, qui repose si humblement dans son tombeau de granit noir, peuvent voir, dans le décor, dû au maître Henri Charlier, le résumé des dévotions du serviteur de Dieu (1).

Une fresque centrale rappelle la mort de saint Joseph, au culte de qui le cher disparu a consacré son existence. Ce groupe est environné d'un ruban qui se déroule dans un rythme libre : des élans, des repos, mais toujours un calme, une paix, une sérénité chrétienne. On dirait une mélodie grégorienne traduite en peinture, peut-être le développement du Requiem. Envolée des ailes frémissantes et lumineuses, chant des couleurs riches et variées, audacieuses et parfaitement harmonisées !

Ce qui domine de prime abord dans la vie du frère André, c'est le culte de saint Joseph, mais pour ceux qui pénètrent dans son intimité, la dévotion aux souffrances du Christ semble l'emporter. Derrière la tombe, la croix surgit, qu'environnent les instruments de la passion : fouets, liens, clous, tenailles, roseau, couronne d'épines. Tout est animé ; nous sentons la vigueur des coups de

(1) Depuis l'aménagement d'une vaste chapelle réservée aux ex-voto et aux milliers de lampes et lampions qui se consument journellement à l'Oratoire, la disposition décrite ici par l'auteur s'est quelque peu modifiée, mais l'ensemble demeure.

fouet dans le serpentement violent des lanières armées ; la lourde couronne est tressée de branches vertes, bien vivantes, bandées comme des arcs sur le point de se détendre.

★
★ ★

Dès sa plus tendre enfance, le frère André voue un culte tout spécial à saint Joseph. Il en fait son compagnon assidu et son confident, pendant sa vie errante d'orphelin. Il chemine toujours la main dans celle de son grand ami, qui le conduit dans une communauté religieuse ayant pour but l'imitation constante du patron des ouvriers. Cet amour, il s'efforce de le faire partager à ses confrères, aux élèves, aux visiteurs, aux malades. Dans l'intérêt de cette grande passion, que de luttes à soutenir, que d'obstacles, de souffrances à surmonter, jusqu'à l'épanouissement de son œuvre, qui défie les siècles.

Comme il se montre habile à dépeindre surtout la vie souffrante de saint Joseph. Quels soins jaloux ne met-il pas à lui attribuer les prodiges opérés en son nom. Il éprouve une véritable révolte devant les quémandeurs qui crient : « guérissez-moi », sans se soucier de prier saint Joseph. Il exige une simplicité, une confiance absolues dans la dévotion envers ce saint. Voici par exemple la prière qu'il dicte à un de ses amis :

— Ô bon saint Joseph, faites pour moi ce que vous feriez, si vous étiez vous-même à ma place, sur la terre, avec une nombreuse famille et un commerce difficile à administrer. Bon saint Joseph du mont Royal, aidez-moi et exaucez-moi.

Le culte de saint Joseph, ce religieux ne l'a pas compris comme le culte d'un saint ordinaire. Sous la gouverne de l'Esprit Saint, il veut développer la dévotion envers le patron de l'Église universelle. Il comprend cette vérité : comme Jésus fut confié aux soins de Joseph, ainsi l'Église,

« le Christ répandu », est sous la garde de ce protecteur. Le frère André veut bien mettre en relief cette doctrine : si Jésus demeure l'unique sanctificateur, la source intarissable de toute grâce ; si la Vierge, la plus rapprochée de cette source surnaturelle, en déverse le cours vers l'humanité et se montre ainsi la médiatrice de toute grâce ; saint Joseph est constitué le protecteur de l'Église, l'intendant qui distribue aux hommes les largesses divines.

— C'est grâce à ce bon saint Joseph du mont Royal, aime-t-il répéter, que nous devons d'être jusqu'à ce jour protégés contre les révolutions communistes au pays.

Avec une pudeur discrète, il emportera dans la tombe bien des secrets précieux de son intimité avec le patriarche qui l'a fait son représentant sur terre. Glissons à regret sur cette dévotion effleurée çà et là au long de notre récit.

★
★ ★

Dans sa vie, une constatation déroute qui, au fond, avec les prodiges multipliés sous ses pas, est la plus sûre garantie de sa mission. Après avoir déclenché un prodigieux mouvement envers le patron de l'Église universelle, il parle plus volontiers de la passion du Sauveur, de la messe, de la communion, de la vie intérieure, que de ce saint.

Il dira bien : « faites une neuvaine à saint Joseph, priez saint Joseph », mais il aura soin d'ajouter le plus souvent que ce doit être une neuvaine de communions, de chemins de la croix... Dans l'intimité, sa conversation roule habituellement sur les souffrances de Jésus, à tel point que ses amis conservent mille souvenirs d'entretiens semblables, sans presque pouvoir évoquer d'enseignements sur la vie de saint Joseph.

De temps à autre, le frère parlera de la parfaite obéissance de l'ouvrier de Nazareth, de sa soumission au milieu des épreuves, de ses souffrances, de ses joies ; mais bientôt il est ramené à son thème favori, l'amour, la miséricorde de

Dieu, la rédemption, le ciel. Alors seulement il donne la pleine mesure de son âme ; ses paroles se pressent abondantes comme devant un spectacle vécu ; les larmes accompagnent presque toujours de telles descriptions.

Autre motif de cette réserve au sujet du patriarche de Nazareth, c'est que sa dévotion est avant tout une imitation. Ce convers n'est pas destiné à concevoir ni à décrire une théologie de saint Joseph, mais bien, comme il appert tout le long de notre récit, à se montrer la vivante figure de ce saint.

Guidé par l'Esprit Saint, le frère André s'efforce d'orienter constamment vers Dieu le culte de saint Joseph. Il est formellement opposé à la spiritualité marécageuse de dévotionnettes, qui s'arrête aux saints, sans remonter en pratique à l'unique terme du culte liturgique chrétien, la Trinité, en passant par l'humanité du Christ.

Il doit lutter constamment contre l'ignorance des gens qui, sans se préoccuper de vivre en état de grâce, d'aimer Dieu de tout leur cœur, viennent quémander des faveurs temporelles auprès du saint, de la sainte en vogue, comme auprès d'un nouveau ministre terrestre parvenu au pouvoir.

Sa conduite est l'assertion de cette vérité : si l'Église, — et c'est même une note caractéristique du catholicisme, — demande d'offrir un culte spécial aux saints, selon une hiérarchie d'honneur, en raison des largesses surnaturelles dispensées, si elle tisse l'année liturgique en grande partie de leur office, toutes les prières sacerdotales, collectes, secrètes, préfaces, canon, postcommunion, sont dirigées vers la Trinité par l'intermédiaire du Christ, et les formules secondaires, les cérémonies à l'adresse des saints, sont les ruisseaux happés par le grand fleuve liturgique dans sa course vers l'océan de la divinité.

Dans cette voie vers la Trinité, le frère André rencontre la dévotion à la Vierge, surtout à Notre-Dame des Sept-Douleurs, particulièrement honorée dans sa communauté.

L'ouvrier de Nazareth, le premier à se rendre à Jésus par Marie, lui enseigne ce chemin. Comme dans cette brève étude nous ne voulons toucher que les sommets, glissons à regret sur son amour envers Marie, condition nécessaire de toute action divine dans les âmes.

La sainteté consiste à pratiquer à un très haut degré la charité divine. La porte de cette vie intime avec la Trinité, c'est Jésus souffrant.

Une converse visitandine, Marie-Marthe Chambon, à cause de sa dévotion spéciale aux cinq plaies de Notre-Seigneur, suscite la plus vive sympathie au frère André. Une religieuse, qui rend visite fréquemment au frère, apporte la biographie de cette sainte. Il est si enchanté de cette vie, sur plus d'un point semblable à la sienne, qu'il demande, à l'entrevue suivante :

— Il me faut absolument dix-huit volumes semblables, pour convertir dix-huit pécheurs.

— Vous n'y pensez pas, frère André, je ne les ai pas et il m'est impossible de me les procurer à Montréal.

— N'importe, il me les faut absolument.

La sœur se retire, un peu ennuyée par ce caprice du religieux. Parvenue à son monastère, en regardant la bibliothèque, elle découvre deux douzaines des livres désirés, soigneusement empaquetés. Personne, dans la maison, ne peut la renseigner sur la provenance de ces volumes.

Depuis longtemps, le frère André pratique le conseil que Jésus donne à l'humble visitandine en lui montrant ses saintes plaies :

— Ne bouge pas les yeux de dessus ce livre et tu en apprendras plus que les plus grands savants. La prière aux saintes plaies comprend tout.

Tel est donc son grand amour, sa constante préoccupation, les souffrances du Bien-Aimé. L'habitude d'orienter toujours sa conversation vers ce sujet, de se complaire dans les détails puisés chez les prophètes, chez les mys-

tiques, est le principe de grande envergure, le levier de commande dans sa vie.

— Pour bien prier, affirme-t-il souvent, il faut penser à Jésus sur la croix. Est-il possible d'être distrait quand on voit son frère crucifié ?

Toujours le plus profond respect envers les signes de la passion. Tous sont frappés de la gravité du salut, accompagné d'un long regard d'amour, qu'il adresse aux croix plantées le long des routes, aux crucifix des demeures. À l'heure sainte et au salut du très saint Sacrement, il enlève le voile de l'ostensoir déposé sur le crucifix, à la crédence.

— L'image de Jésus en croix ne doit pas servir de support, note-t-il au sortir de l'office.

Entrant chez un ami, il remarque :

— Votre maison est très bien arrangée. Il n'y a qu'une erreur.

— Dites, frère André, ça me ferait plaisir de le savoir.

— Une très grave erreur : Jésus n'a pas la première place, dit-il en désignant le crucifix appendu au mur dans un recoin.

Sa piété le porte à rechercher avidement les écrits de sainte Gertrude et de la bienheureuse Catherine Emmerich au sujet de la passion.

Si nous n'étions pas limités à explorer les points saillants de son âme, il faudrait considérer sa grande dévotion à l'eucharistie. C'est en tremblant que le prêtre lui donne la communion, approche le corps sacré du Maître devant ce visage soudain avivé, tendu dans une muette attente amoureuse. Comme le frère André sait trouver les expressions hardies, capables d'inciter à la communion fréquente !

— Si vous restiez longtemps sans prendre de nourriture, comment pourriez-vous vivre ? Si vous ne communiez pas, vous ne pourrez pas rester longtemps en état de grâce.

Il découvre des comparaisons d'un sain réalisme :

— Qu'est-ce que votre femme dirait si vous passiez un mois sans lui donner des marques d'affection ?... Que vous ne l'aimez plus. Ça irait mal dans votre ménage... Eh bien ! le bon Dieu, lui, quand vous n'allez pas communier, se dit que vous ne l'aimez pas. Ça ne va plus dans votre âme.

— Avant la sainte messe, recommande-t-il, répétez toujours cette prière : O saints anges, pénétrez-moi du regard de Dieu sur l'autel, comme vous en êtes pénétrés dans le ciel.

Son amour de l'eucharistie est imprégné des souffrances du Maître ; l'heure sainte qu'il a instituée à l'Oratoire, tous les vendredis soirs, est suivie du chemin de la croix.

Même dans leur vie profonde, les saints sont bien caractérisés. Ils ne sont pas coulés en série, comme les plâtreries qui peuplent nos églises, mais chacun est une œuvre unique de l'artiste divin. Ce qui individualise la piété du frère André, c'est le lien intime entre la dévotion à saint Joseph et celle de la passion : tel est le nœud de sa spiritualité.

Pendant son chemin de la croix il semble converser avec saint Joseph. Au cours de ses maladies, il fait cet exercice de piété en tenant son crucifix devant la statue de ce saint.

Rien de plus conforme à la nature des choses que de lier ces deux dévotions. Certainement Dieu, qui sculpte l'âme de ses élus avec le rude ciseau de la souffrance, n'a pas préservé saint Joseph du glaive des douleurs qui, de sa pointe lancinante, déchira le cœur de la Vierge. Joseph, qui prépara avec Marie la victime divine, eut toute sa vie durant l'appréhension du grand sacrifice ; la passion se réfléchit dans son cœur aimant.

Un bas-relief, que nous projetons de placer au début du chemin de croix tracé dans la montagne, résume parfaitement la spiritualité du frère André : saint Joseph donne la main à son apôtre afin de le conduire vers la voie douloureuse.

Sa dévotion au patriarche de Nazareth, dirigée vers l'humanité souffrante de Jésus en passant par Marie, dans un cycle parfait se rend à la Trinité. Fréquemment, il invite à prier l'Esprit divin, et il éprouve une grande dévotion à Notre-Dame du Saint-Esprit. Docile à l'inspiration divine, il suit l'enchaînement normal du culte liturgique : Joseph, Marie, Jésus souffrant, la Trinité, Père, Fils et Esprit.

*
* *

Un autre caractère de sa spiritualité, c'est le reflet que jette sur son âme sa formation d'ouvrier. Il ne se sanctifie pas à la façon d'un savant théologien, mais comme un frère convers. Chez lui, par exemple, un grand amour des prières vocales, de toutes les pratiques extérieures simples, à la portée du peuple : neuvaine, dévotion aux sept douleurs et aux sept allégresses de saint Joseph, ascension des escaliers de l'Oratoire à genoux, en récitant des avé...

Cette route vers l'union intime avec Dieu, il faut la bien marquer ; elle fera comprendre au peuple que la sainteté est du devoir et du ressort de tous. Négliger cet aspect serait commettre l'erreur de l'art académique glacial, qui, sous prétexte de beauté, représente l'artisan de Nazareth avec la majesté d'un philosophe grec ou d'un empereur romain, au lieu de dire sa vie surnaturelle avec ses traits d'ouvrier.

Quoique nombreux et variés, les exercices religieux n'alourdissent pas la spiritualité du frère André. La liberté des enfants de Dieu l'anime toujours. L'âme peu fervente s'empêtre par trop de pratiques, tandis que l'âme aimante en vit, comme un foyer mourant s'éteint sous le poids d'un lourd fagot, alors qu'une flamme vive s'y alimente et crépite.

Au début de la première chapelle, souvent la nuit entière se passe à converser avec Dieu.

— Fréquemment, après ses visites auprès des malades, révélera un de ses amis, il m'invitait à coucher dans sa cellule, au-dessus de la chapelle primitive. Plusieurs fois, j'ai lutté contre le sommeil afin de l'épier. Vers le matin, je m'endormais et il demeurait en prière. Au réveil, vers cinq heures, je constatais parfois que son grabat n'avait pas été touché.

Parvenu à un âge plus avancé, il ne pourra plus se permettre facilement de passer des nuits entières sans sommeil. Cependant, jusqu'à son extrême vieillesse, quelques heures de repos sembleront lui suffire. Très souvent, à peine couché il se lèvera et passera le reste de la nuit en prière.

Les témoins de ses veilles seront tout surpris de le voir frais et dispos, le matin. Un de ses amis rapporte :

« Pendant l'été de 1936, j'eus le bonheur d'héberger le frère André quelque temps. Il était très souffrant. De violentes attaques d'angine menaçaient parfois de l'emporter. Habituellement, à neuf heures du soir, il se retirait dans sa chambre, voisine de la mienne. Vers onze heures, il se levait pour prier et lire jusqu'au matin. Je m'attendais toujours à le voir exténué par une nuit d'insomnie.

— Comment allez-vous ? lui disais-je au lever.

— Ça va mieux, répondait-il.

Vraiment ses forces semblaient restaurées. On eût dit que la prière le reposait autant que le sommeil. »

Le soir, au retour de ses visites aux malades, demeure toute sa vie l'heure des longues causeries avec Dieu. Lorsque les portes de l'église sont closes, dans la nef déserte animée par la danse rougeâtre des lampions, le frère pénètre seul ou avec quelques compagnons. L'odeur d'encens et de cire l'accueille dans cette crypte où la pensée l'accable de tant de misères côtoyées. Il prie pour tous ceux à qui il l'a promis. Une dizaine de chapelet pour tel pécheur... une dizaine pour tel malade... La prière se lit sur ses lèvres et dans son regard fixé en Dieu. Celui qui peut le contempler, à la dérobée, apprend comment l'on

prie quand il y a quelque chose derrière les paroles murmurées. Le vieillard ne cesse son colloque avec Dieu que recru de fatigue, perdu de lassitude.

Un employé de l'Oratoire qui, presque chaque soir de l'an 1927, est le témoin ému de ces longs entretiens avec Dieu, nous les décrira soigneusement.

À genoux, sur le dur pavé, près de la table sainte, en face du maître-autel, le frère André passe une heure les mains jointes, sans appui, immobile perdu en Dieu. Puis il fait son chemin de la croix, qui ne ressemble en rien à notre course pressée et distraite. À chaque station il s'agenouille longuement. On dirait qu'il souffre lui-même les tortures de la passion, tant ses traits sont crispés par la douleur. Il met près d'une heure à parcourir l'église. Son compagnon, homme robuste, s'avoue vaincu par le vieillard et demeure assis dans un banc.

★
★ ★

Des faits merveilleux surviennent au cours des longues causeries avec Dieu.

Le frère l'avoue lui-même, son recueillement est si profond que son compagnon peut le quitter, marcher dans l'église, sans que le pieux vieillard s'en aperçoive. Un soir qu'il est ainsi prosterné dans l'allée centrale, la statue de saint Joseph, devenue soudain éblouissante dans l'obscurité, semble s'avancer au-dessus de lui, sur une traînée de nuages lumineux. L'ouvrier témoin de la scène, au comble de la surprise et de la crainte, pousse le frère sans pouvoir le tirer de sa prière. Il sort de l'église à la course, tout blême et tout tremblant, explique la cause de son émoi au premier religieux qu'il rencontre. Conduit au père recteur, il raconte de nouveau la vision et s'avoue trop ému pour rentrer dans l'église ce soir-là. Les religieux n'attachent pas d'importance à ce fait, en dépit des protestations énergiques du témoin :

— Je ne dormais pas, je suis en parfaite santé. Cette apparition a duré trois minutes. Jamais je ne pourrais être aussi bouleversé par une simple imagination.

Un autre soir, comme le frère André s'est attardé, dans l'obscurité, à sa stalle, derrière l'autel, cette partie du chœur s'éclaire soudain et une vive lumière l'environne.

À trois ou quatre reprises, un feu en forme d'étoile brille au-dessus de sa tête et le suit pendant le chemin de la croix. Très souvent un personnage semble l'accompagner à chaque station. Perdu dans ses prières, le bon frère ne semble pas conscient du phénomène. Son compagnon parcourt les moindres recoins de l'église, sans jamais découvrir quelqu'un de caché. Dès qu'il s'approche, le personnage s'évanouit. L'explication de ce fait étrange serait-elle dans la prière caractéristique du frère André, l'union de la dévotion à saint Joseph avec celle de la passion ? Le patriarche nazaréen viendrait-il converser avec lui en vue de l'aider à remplir sa mission ?

Peut-être allons-nous dire : voilà le fruit d'une imagination surchauffée. Ce témoignage émane d'un homme d'âge mûr, d'un ouvrier qui n'a rien d'un mystique. Ordinairement Dieu ne fait que lever un coin du voile qui cache la vie merveilleuse d'un saint. Il le met à l'abri des questions indiscrètes, tout en laissant des signes pour aider à son triomphe après sa mort.

Une apparition, narrée par le frère André lui-même, est immédiatement consignée par un père de l'Oratoire. Le 28 septembre 1931, le frère va se mettre au lit lorsque ses yeux sont frappés par la vue d'une image lumineuse formée d'un cœur. Il se croit en présence de Notre-Seigneur ; mais, avec le plus grand souci de véracité, il avoue ne pas avoir vu assez distinctement pour l'affirmer. Quelques instants après, et cette fois-ci très distinctement, il aperçoit la Sainte Vierge portant l'Enfant-Dieu dans ses bras. En la voyant s'avancer vers lui, il se lève sur son lit et répète plusieurs fois : « Ma mère, ô ma bonne mère ! »

Dans la suite, il racontera aussi cette vision à un autre prêtre, en mimant tous les détails de la scène.

Passons rapidement sur ces manifestations extraordinaires. Dieu, qui comble certains saints de ces phénomènes mystiques, ne semble pas vouloir les faire prédominer chez d'autres. La meilleure garantie de la mission du frère André demeure sa réussite humainement inexplicable, sa vie de prière, de dévouement, de sacrifices et les innombrables prodiges semés sous ses pas.

Et voilà, à peine ébauchés, quelques traits de l'apôtre de saint Joseph. Un regret amer nous saisit qu'il n'ait pas, à l'exemple de la petite Thérèse, dessiné lui-même les grandes lignes de son âme. Dieu semble s'être réservé soigneusement la direction de sa vie spirituelle, en avoir voilé à dessein les beautés, pour laisser éclater seulement la grandeur de sa mission.

XI

VIE SPIRITUELLE

DERNIERE étape de notre cheminement graduel par les avenues de l'âme du frère André. Après un sommaire délinéament de sa vie, nous avons tenté de dégager les lignes expressives de sa sainteté : sa confiance, son humilité, sa charité. Nous avons marqué les quelques ombres du tableau, avant de pénétrer dans un domaine moins sensible, ses dévotions ou la caractéristique apparente de la vie profonde de son âme. Quittons maintenant le sensible et scrutons le cœur de sa sainteté.

C'est un peu la question qui nous tenaille devant une œuvre artistique vraiment chrétienne, par exemple l'ange peint à fresque à l'endroit où était d'abord le tombeau du frère André. Nous lisons le dessin, nous saisissons les lignes expressives de religieux chrétien, mais comment se fait-il que cet ange, dans toute son attitude, indique si vivement le sentiment de la présence de Dieu, de la vision béatifique, tandis que des centaines d'autres œuvres, peintes avec un soin plus minutieux, sont impuissantes à suggérer ce surnaturel ? Cela ne tient donc pas à l'habileté technique de l'auteur, mais à la valeur de son inspiration. Nous pouvons lire la pensée de l'artiste dans son œuvre seulement dans la mesure où notre esprit s'élève vers le sien.

Un saint est une œuvre de l'artiste divin : il est facile d'apercevoir les lignes matérielles de sa vie ; il est moins aisé de sentir obscurément le rythme qui anime le dessin

et lui donne un caractère surnaturel. Nous pénétrons le fond de son âme dans la mesure où nous nous élevons par la foi vivante et éclairée jusqu'à la pensée divine, à ses agissements secrets dans l'âme.

Le saint n'est pas un portrait figé, mais un être vivant d'une vie surnaturelle. Il faut donc, pour le comprendre, saisir sa vie intense dans toute la beauté de la croissance continue, de son mouvement puissant, et non pas seulement les lignes qui figent arbitrairement le réel. Notre intelligence est portée à immobiliser tout ce qu'elle considère, à détacher quelques notes, au lieu de saisir la mélodie dans son ensemble mouvant. La vie spirituelle est un enrichissement continu de la vie d'une âme sous l'action divine, c'est la grâce vécue, la charité se développant, un chef-d'œuvre s'épanouissant.

Pour étudier plus facilement une statue, les Grecs se reportaient au chef-d'œuvre d'un très grand maître. Ce modèle, le mieux proportionné, le plus harmonieux, le plus expressif de la vie intellectuelle et même religieuse, se nommait le canon de la beauté antique. Dans l'étude d'un saint, il faut se reporter au canon de la beauté surnaturelle, au chef-d'œuvre par excellence, au Christ, à la fois artiste et œuvre, Dieu et créature.

Tout chrétien est, lui aussi, à la fois œuvre et artiste. Dieu n'agit pas dans l'âme sans le secours de la liberté qui, dans un effort constant, s'efforce de copier trait pour trait le divin Modèle. Notre unique raison d'être consiste à reproduire la vie de Jésus, à faire de notre vie comme un autre évangile.

*
* *

Ce qui est intéressant, c'est d'étudier le saint comme artiste. Comment le frère André connaît-il son modèle et comment le réalise-t-il ?

Sa connaissance, il la puise dans un commerce assidu

avec l'évangile qu'il médite inlassablement. Tout son enseignement origine de ce livre. Lorsque nous questionnons ceux qui ont eu le bonheur de recevoir ses conseils, tous affirment que c'est par l'évangile qu'il les gagne et les touche, comme pas un prédicateur ne sait le faire. La passion et les paraboles, voilà toute sa doctrine.

Loin d'être rebuté par les dures leçons que nous tâchons de fuir sans cesse, il a contemplé le Christ en croix pour y chercher la loi de sa propre existence. De très grands saints avouent s'être fourvoyés au début de leur vie spirituelle, parce qu'ils ont visé directement à l'union avec la Trinité. Le frère André l'a bien compris : le point de contact avec le monde divin, c'est l'humanité souffrante de Jésus, que saint Joseph lui aide à pénétrer.

Cette conduite avisée est due à l'Esprit Saint qui infuse en son âme la sagesse surnaturelle. Telle est la lumière qui le guide dans la jouissance de l'incompréhensible. Cette vérité : la connaissance de Jésus n'est pas une question de talent, mais d'illumination divine, nulle part ailleurs ne nous apparaît plus nette que dans la vie du frère André.

Outre l'évangile, il a un autre livre de chevet, l'*Imitation de Jésus-Christ*, ouvrage si goûté de la petite Thérèse de Lisieux. Dans ses loisirs, il se délecte dans ces pages toutes imprégnées de la sève de l'évangile. Que de fois, en l'abordant au bureau, ses amis le trouvent dans cette occupation. Une religieuse qui lui rend visite ne peut s'empêcher de demander, en voyant entre ses mains ce livre écrit en caractères minuscules :

— Frère André, comment pouvez-vous déchiffrer ce volume ? Ce n'est pas moi qui pourrais faire cela.

— C'est facile, prenez cette page et lisez.

— Vous n'y pensez pas, j'ai brisé mes verres et je vois à peine assez clair pour me conduire.

— Lisez, je vous le demande.

La religieuse s'exécute et est ébahie de pouvoir lire sans difficulté. Au sortir du bureau, retrouvant sa myopie, elle

dit à sa compagne, témoin de la scène : « Dire que c'est moi qui ai pu lire cela. »

Ce livre, le frère André le médite si souvent qu'il vient à le savoir presque par cœur. Surtout aux âmes religieuses, il expose les chapitres qui ont trait à la vie intérieure, souligne comment la pensée de Dieu peut et doit être entretenue au milieu des occupations absorbantes...

Cette connaissance du Maître est aussi puisée dans la vie des plus fidèles disciples ; le frère André se plaît à lire la biographie des saints. Un volume parcouru est assimilé ; il en relève toutes sortes de détails, au cours de ses conversations. Ceux qui le croient dénué de connaissances religieuses, parce qu'il n'a pas fait d'études, sont vite détrompés. Il aborde avec aisance les sujets les plus profonds de la spiritualité, donne des aperçus très larges ; quand il se sent incompris, il revient sur sa pensée par toutes sortes de comparaisons réalistes.

Mais ce n'est pas dans les livres qu'il cherche le plus la connaissance de Notre-Seigneur, c'est auprès de l'inspirateur même des textes sacrés. Il ne perd jamais l'occasion d'exhorter à prier l'Esprit Saint, qui inonde son âme de lumières divines. Souvent il répète :

— Ce que l'Esprit Saint a fait pour les Apôtres, il peut le faire aussi pour nous.

★
★ ★

Cette science surnaturelle se reflète dans sa vie. Que le frère André ait modelé son zèle sur l'action extérieure de Jésus, c'est bien évident : nous avons pu le noter à chaque page. Mais il s'applique avec autant de soin à reproduire la vie intérieure et le renoncement du Maître.

Au soir de son existence, il confiera :

— J'ai demandé à Dieu de me tenir toujours devant lui, comme les saints dans le ciel.

Quelle union avec Dieu ne suppose pas ce désir de mener

ici-bas l'existence du paradis ? Cette habitude de se mouvoir constamment dans le monde de la foi explique son enseignement, son art de toucher les cœurs.

La science de Jésus souffrant l'amène à la connaissance amoureuse de la Trinité, qui doit être le fond même de la vie chrétienne. Le paradis est, en effet, l'épanouissement de cette connaissance de la foi dans la vision béatifique. Sa véritable existence, la seule importante à ses yeux, est celle du ciel anticipé. Voilà qui explique pourquoi il semble déjà y demeurer.

— On dirait qu'il voit le ciel quand il le décrit, tant son visage est inondé de joie, affirment ses amis intimes, qui l'entendent fréquemment causer de ce sujet.

Surtout pendant les dernières années, le paradis devient le thème inépuisable de ses conversations. Il peut passer des heures à décrire les beautés du ciel, parce que son cœur y est déjà. À maintes reprises, il affirme :

— Rien qu'un voile nous sépare du bon Dieu.

Ce voile, il a hâte de le déchirer :

— Vous savez, dit-il, ce n'est pas défendu de désirer la mort pour aller voir le bon Dieu.

Une personne qui l'entend dépeindre les beautés du paradis, lui fait observer :

— Tout de même, nous avons toujours peur de mourir.

— Quand on a mené une bonne vie, on ne doit pas craindre la mort, c'est la porte du ciel.

— C'est si loin, le ciel.

— Il y a si peu de distance entre le ciel et la terre que Dieu nous entend toujours.

Et le bon frère, afin de mieux inculquer cette pensée, récite le *Notre Père* et le *Je vous salue Marie*, à voix basse. Les syllabes sont à peine perceptibles sur ses lèvres.

— Vous voyez, poursuit-il, le bon Dieu m'entend, lui : c'est signe qu'on est bien près du ciel.

Depuis longtemps, il a abandonné la façon enfantine de voir le paradis comme une sorte d'enclos où l'on entre après

la mort. Toute son existence rappelle cette vérité profonde: le ciel étant une pénétration de la divinité, il faut le vivre constamment par la foi, derrière le voile qui cache le monde surnaturel ici-bas. Cette compréhension de plus en plus profonde, par la lumière que laisse filtrer en son âme l'Esprit Saint, est la préoccupation constante du frère André.

Comme il aime rêver aux choses de Dieu ! Quelles douces visions, quels colloques divins le tiennent des heures à genoux, les yeux mi-clos sur les secrètes beautés qu'il vit en son âme. Celui qui est forcé de le déranger alors, peut soupçonner à quelle profondeur il est plongé. Ces instants-là, il en est jaloux, et seul un motif grave peut les faire sacrifier. Le ton de sa réponse à celui qui insiste pour l'amener auprès des malades le démontre bien :

— Vous n'y pensez pas, mes prières ! Non, c'est impossible.

Sa prière ne ressemble pas à celle de l'enfant câlin, qui s'insinue seulement pour obtenir quelque chose. Il ne sait pas lésiner avec Dieu, et le mot de Péguy peut lui être appliqué :

« Il ne marchande pas sur un vœu ; quand il donne, il donne ; quand il demande, il demande. Il ne fait pas traîner ce qu'il donne dans ce qu'il demande, ni ce qu'il demande dans ce qu'il donne. Il n'embarbouille pas tout cela, l'un dans l'autre. Il n'emmêle pas. Il ne demande pas pour donner, il ne donne pas pour demander et ne donne pas pour recevoir. »

Combien touchante est sa prière pour chaque nation, devant le saint Sacrement. Agenouillé, la tête dans les mains, il fait défiler successivement tous les pays.

Quelle beauté dans le catholicisme qui unit, dans la même pensée, le pape sur la colline éternelle, le grand vieillard blanc qui veille sur le monde, et le petit vieillard qui prie aux mêmes intentions sur le mont Royal.

— Que faites-vous des heures, seul dans votre chambre ?

lui demande un confrère. Vous ne prenez pas d'exercice ?

— Ah ! oui, répond-il en souriant, quand je suis fatigué d'être à genoux, je me mets debout, et lorsque je suis fatigué d'être debout, je me remets à genoux.

Ce grand esprit d'oraison développe en lui une vie spirituelle profonde, une connaissance intime de Jésus-Christ et, par lui, de la Trinité. Il prie comme le petit enfant supplie sa mère ; il pleure, crie son indigence, parle cœur à cœur avec le bon Dieu, en se rappelant cette vérité : « Sans moi vous ne pouvez rien faire. » Il cherche, de toute son âme, le Seigneur, qui répond à son affection passionnée en illuminant son intelligence. Dieu aime cet abandon qui ne laisse subsister rien du raidissement de l'âme compassée. Il aime le bel élancement d'un amour libre, spontané, d'un amour d'enfant caressant, dont toute la vie est polarisée vers le Bien-Aimé. À travers les agitations, les secousses, le frère André est infailliblement ramené vers son Maître, par cette tendance qui est comme une prière silencieuse, un tissu de prières silencieuses, de secrètes aspirations jaillies inconsciemment. Elle est bien expressive de sa vie, cette parole jetée par un de ses amis :

— On dirait qu'il est attiré vers Dieu comme vers un aimant.

Les beautés de l'action divine en son âme se trahissent par le zèle qui l'entraîne à sanctifier les autres. Les conversations profanes sont des transitions qui l'amènent au seul sujet qui l'intéresse, Dieu.

— Il glisse un bon mot, puis il nous parle toujours du surnaturel, affirment ses amis.

★
★ ★

Fidèle à imiter le Christ par une vie de prières continuelles, il l'est aussi par un renoncement de chaque jour. Comme il sait rappeler l'obligation de briser toute attache terrestre pour vivre uni avec Dieu !

— Vous savez, répète-t-il souvent, il ne faut pas s'attacher au monde, si on veut être un bon chrétien.

Lui-même, il est prêt à tous les sacrifices. Quelques mois avant sa mort, il s'imagine que ses supérieurs ont le dessein de l'éloigner de l'Oratoire, et il confie à l'un de ses amis :

— À l'Oratoire, maintenant je ne peux plus rendre beaucoup de services, peut-être même que je nuis ; je suis devenu trop vieux. Aux prochaines obédiences, si mes supérieurs me donnent un autre ouvrage, je serai content, pourvu que je sois utile à la communauté. Le bon Dieu veut peut-être ce sacrifice avant que je meure. Un peu reposé, je me sentirais encore la force de remplir une autre tâche.

Quel degré de renoncement ne suppose pas ce fait d'envisager sérieusement la possibilité de se voir changer brusquement d'obédience, et d'être prêt à subir une injustice qui semblerait un désaveu public de toute sa vie !

Sa vision anticipée du ciel lui octroie le courage de suivre le Christ dans la voie des sacrifices. Sans connaître habituellement les macérations excessives, que sa santé ne lui permet pas, il se montre en tout fort mortifié. Le désir d'imiter Jésus crucifié, qui lui faisait s'infliger des pénitences pendant sa jeunesse, l'accompagne au long de sa vie, tissée de rudes besognes et de maladies incessantes. Que de sacrifices : prières et travaux nocturnes, courts moments de repos sur un grabat, pendant les quarante ans de séjour au collège, nuits passées sur le plancher ou sur un matelas jeté à terre, au-dessus de sa petite chapelle... Pendant longtemps, au presbytère, son bref repos est pris sur un sommier délabré, recouvert de planches. Il ne demande aucun service, accepte seulement ce qu'on lui offre. De préférence, il prend sa nourriture sans condiments. D'une frugalité extraordinaire, il se contente souvent de grignoter une préparation culinaire peu appétissante, faite d'un

simple mélange d'eau et de farine. Le tabac, le journal, la radio, tous les amusements lui sont inconnus...

N'allons pas croire que ce détachement ne coûte rien au frère André. Il a le cœur sensible et affectueux. Il aime beaucoup la nature, les fleurs, les enfants, ses amis ; mais tout s'efface devant le grand amour qui consume sa vie.

Pour mieux imiter son divin Maître, il pratique la plus rigoureuse pauvreté. Comme portier au collège, il doit attacher un peu de soin à sa toilette. S'apercevant que sa soutane, usée, rapiécée, verdie, n'est plus convenable, il glisse discrètement au jeune externe qui porte parfois ses lettres à la poste :

— On dit que ta maman coud souvent pour les pauvres.

— Ah ! oui.

— Voudrais-tu lui demander si, en lui envoyant deux vieilles soutanes, elle pourrait m'en faire une bonne ?

Cette dame, heureuse de rendre service au « bon frère André », vient lui dire :

— Ne vous inquiétez pas, je me chargerai de trouver les vieilles soutanes, car, je le sais bien, les vôtres sont inutilisables.

Quelque temps après, le portier, revêtu de sa nouvelle livrée, accueille cette couturière charitable au parloir et lui dit en souriant :

— J'ai été pris quand même : le frère économe a reconnu les morceaux de lévite.

Ce souci de pauvreté l'accompagne toute sa vie. Par amour pour cette vertu, même dans sa vieillesse, le soir, au retour de ses visites aux malades, il vérifie si fenêtres et portes sont bien closes et toutes les lumières éteintes.

Lui qui dépense des millions de dollars à la gloire de saint Joseph et pour le bien-être des ouvriers, il vit toujours comme un pauvre. Il aime à s'appeler le petit chien de saint Joseph. Jamais il ne reçoit ni ne donne la moindre bagatelle, sans la permission de ses supérieurs.

N'allons pas croire que le frère André ait acquis ce

degré de renoncement en un instant.

— Vous savez, dit-il à un confrère, vers la fin de sa vie, la sainteté, ça n'arrive pas comme un coup de fouet.

La vie spirituelle est à l'image du monde charnel. Les êtres se développent à force de renoncement, de pourriture de la semence qui les fait naître, à force de soins, d'eau et de lumière ; mais jamais ils ne jaillissent spontanément. Cette loi de la croissance, Dieu la respecte dans le monde de la grâce. Les consolations spirituelles sont de rares accidents. Le sacrifice de tout ce qui est naturel, afin de réaliser ici-bas l'union avec Dieu et d'obtenir au ciel la magnifique récompense, tel est le principe du progrès spirituel. La vertu du frère André y trouve ses accroissements. Outre les maladies continuelles, les contradictions de toutes sortes, il subit certaines épreuves qui rappellent particulièrement celles de Jésus. Contentons-nous de citer un fait, raconté par un témoin oculaire. Au soir de sa vie, après une maladie qui faillit l'emporter, le frère André obtient la permission de passer quelques jours de convalescence chez un de ses amis intimes. Mais là, rechute grave. Il doit être transporté à l'hôpital. Les ambulanciers, chez qui l'habitude de voir souffrir a étouffé la pitié, ficellent le malade sur la civière et le descendent sans précaution, la tête la première. Narquois, l'un d'eux murmure :

— Lui qui en a guéri d'autres, il ne peut pas se guérir !

C'est la réédition du blasphème des Juifs : « Il a sauvé les autres, il ne peut se sauver lui-même. »

Qui dira les souffrances beaucoup plus profondes de son âme assoiffée de l'amour divin, les tristesses de son cœur uniquement épris de surnaturel, quand Dieu se dérobe soudain et qu'il répand le dégoût et l'ennui ? Ah ! l'angoissante tristesse en l'absence de l'Ami, parti brusquement, enfui dans la nuit noire, emportant avec lui toute la lumière de l'âme, toute sa nourriture ! La poignante tristesse du cœur sans feu, sans clarté, sans pain ! L'attente

morne, au long des heures vides, quand l'Ami pour qui il a tout sacrifié, qu'il aime éperdument, l'a délaissé ! Il faut que tout véritable chrétien éprouve cet abandon, qui fit dire à Jésus : « Père, pourquoi m'avez-vous abandonné ? »

* * *

Devant la beauté de cette âme, entièrement façonnée à la lumière de l'évangile, dans le contact direct, personnel de ces pages inspirées, nous nous prenons à songer à la vertu des textes sacrés pour tous les fidèles. L'évangile possède une force de pénétration que ne peuvent remplacer les études profondes. Nous songeons aux lumières que Dieu donne à l'humble qui s'approche de lui, sans la desséchante et déroutante curiosité intellectuelle, mais avec son cœur, son amour. Qui voit le plus clair dans la vie du Christ ? N'est-ce pas le fidèle dont l'attente amoureuse mendie auprès de celui qui est toute lumière venant en ce monde ? Nous sommes inconsciemment des indigents, qui veulent exploiter en maîtres les trésors de la foi, et non pas de pauvres bougres qui tendent une main suppliante vers Dieu. Nous obtenons les miettes, le saint participe au banquet des livres sacrés.

Ce qui fait paraître le frère André si extraordinaire à notre époque, c'est que nous vivons sur les ruines de la civilisation chrétienne, dans un monde qui, dans l'ensemble, sous un masque chrétien, est loin de reproduire les lignes essentielles de la figure du Christ.

Les chrétiens ont oublié le « soyez parfaits comme votre Père céleste est parfait », la loi de l'amour de Dieu, qui exclut complètement l'amour du monde. Leur idéal est ravalé au niveau d'êtres qui n'auraient pas été élevés à l'ordre surnaturel : simplement viser à ne pas commettre le péché mortel. C'est oublier l'identification que le Christ fait de l'amour réel de Dieu avec le mépris des choses

bonnes, naturellement, et du monde naturel : « Si quelqu'un aime le monde, la charité du Père n'est pas en lui... Nul ne peut servir deux maîtres. »

La majorité des chrétiens s'acharne pourtant à concilier l'incompatible et arrive à l'absurdité : satisfaire au précepte d'aimer Dieu de tout son cœur, de toute son âme, de toutes ses forces, tout en réservant une part de ces forces, de cette âme et de ce cœur à l'autre, le monde et ses modes, son luxe et ses débordements. Ils désirent la perle précieuse, le trésor caché de l'évangile, mais sans l'acheter avec tout ce qu'ils possèdent.

La plupart de ceux qui prétendent connaître le Christ, le connaissent à peine en étranger. Pourtant il est l'Ami, le modèle à reproduire, au point de pouvoir répéter, après saint Paul : « Ce n'est plus moi qui vis, c'est le Christ qui vit en moi ». Inconsciemment ils édulcorent l'essentiel de la vie de Jésus, sa passion, sa croix. Quel est celui qui prend à la lettre l'invite du Maître : « Si quelqu'un veut être mon disciple, qu'il prenne sa croix et qu'il me suive » ?

Nous nous sommes fait un Christ un peu à la façon des Juifs, qui prirent chez les prophètes les traits qui flattaient leurs sens et laissèrent tomber les caractères qui heurtaient leurs convoitises. Nous nous sommes fait un Christ rapetissé à la mesure de nos aspirations naturelles. Nous nous sommes fait un modèle qui approuve le luxe, le confort, la vie large, qui tolère les maximes mondaines, les plaisirs inavouables, satisfaits, pour l'apaisement de la conscience, d'un petit débouché intermittent vers les aspirations célestes.

La rechristianisation s'impose, non seulement au milieu des communistes, mais aussi chez les catholiques. Il faut retrouver l'esprit des premiers chrétiens, parce que l'écart est trop grand entre nous et le modèle, entre l'évangile de notre vie et celui du Christ.

Digression fantaisiste ? Non pas. Ce n'est pas tout de dire la vie du frère André, c'est de l'exprimer en sorte

qu'elle produise des fruits. Si nous devons étudier Jésus comme modèle à reproduire, sous peine de rendre stérile l'évangile, nous devons aussi regarder une copie de Jésus, un saint, de la même façon : sa vie est un autre évangile.

L'Église, dans sa prudence, se réserve le droit de couronner officiellement la vertu des saints. Avec le plus profond respect envers cette sage décision, nous pouvons simplement constater combien, en pratique, le frère André apparaît déjà à tout le monde comme un modèle à imiter.

C'est tout un peuple que, dans son existence, le frère André a voulu sculpter à l'effigie du crucifié ; c'est tout un peuple que, depuis sa mort, son grand pèlerinage, il veut réajuster à la mesure du Christ. Elles peuvent lui être appropriées, ces paroles que Paul Claudel, dans « L'Annonce faite à Marie », met sur les lèvres du vieil Anne Vercors, partant en pèlerinage vers les lieux témoins de la passion du Sauveur :

« C'est tout le royaume avec moi qui appelle et tire au siège de Dieu et qui reprend sens et direction vers lui.

Et dont je suis le député et que j'emporte avec moi pour l'étendre de nouveau sur l'éternel patron. »

La vie du frère André semble, non pas simplement un reflet quelconque de l'éblouissante figure du modèle, mais une réussite contemporaine, inspirée du divin exemplaire, un chef-d'œuvre exécuté exprès pour nous montrer comment sculpter notre âme. S'il faut insister sur l'obligation absolue de tendre à reproduire de plus en plus la vie du Christ, on ne doit pas se méprendre et sous-estimer les héros de la vertu, parce que tout le monde est appelé à un haut développement de vie spirituelle. Entre la sainteté des personnes susceptibles d'être couronnées par l'Église et celle des chrétiens même très unis à Dieu, demeure l'infranchissable que nous comptons entre le talent et le génie. Dans ce sens seulement, nous pouvons assumer, en l'atténuant, la pensée de Léon Bloy :

« Personne n'a plus l'air de savoir que la sainteté est

l'octroi surnaturel qui sépare autant un homme des autres hommes que si sa nature était changée. Et cela ne se fait pas tout à coup, ni peu à peu. C'est une chose qui se passe au fond de Dieu, dans les avenues silencieuses de sa volonté. On est un saint comme on est un homme de génie, c'est-à-dire une créature aussi à part, aussi séquestrée, aussi prodigieusement solitaire, que pourrait l'être une espèce végétale du paradis perdu. Il n'y a pas de route pour aller du talent au génie et tous les torrents mugiraient à l'aise entre la vertu la plus gigantesque et une sainteté rudimentaire. »

Un saint véritable est un don de Dieu incomparable. Tous les efforts d'une paroisse, d'un diocèse, d'un pays n'aboutiraient-ils qu'à fournir une de ces âmes d'élite, qu'ils seraient parfaitement récompensés. Ce qui compte dans l'humanité, ce sont les génies, ce sont les saints. Supprimez quelques génies, toute la face de l'histoire est changée. Supprimez quelques saints, il en va de même. À preuve, l'action profonde du frère André pendant sa vie et depuis sa mort. Ce qui compte pour Dieu, ce n'est pas le nombre, c'est la qualité des apôtres, comme des fidèles.

Pour ne pas être œuvre transcendante, géniale, notre vie doit être profondément imprégnée de surnaturel. Elle doit ressembler à une sculpture, due au ciseau d'élève dans quelque portail de cathédrale moyenâgeuse ; sans égaler le chef-d'œuvre ravissant du maître, à ses côtés, elle demeure profondément expressive de beauté chrétienne. De même, sans atteindre la perfection des saints reconnus par l'Église, nous devons leur ressembler, refléter, nous aussi, réellement la figure du Christ.

XII

DEUX FIGURES DE SAINTS

Tous les saints ont entre eux un air de parenté ; c'est que leur conduite est modelée sur celle du Maître, que leur vie profonde est un évangile à l'image du premier. Outre cette ressemblance foncière, certains peuvent présenter des traits de beauté identique, tout comme deux disciples d'un artiste génial peuvent refléter dans leurs œuvres une même caractéristique du maître.

Devant la figure du frère André, instinctivement nous faisons un rapprochement avec celle de saint Jean-Marie Vianney. Le sculpteur français Vermare, auteur d'une statue de ce saint, est présenté au frère André. Saisi de la ressemblance frappante avec la figure qu'il s'est efforcé de reproduire, il embrasse presque le religieux en s'écriant : « Mon curé d'Ars, mon curé d'Ars... Quelle figure ! quel œil ! comme j'aimerais exécuter cette tête ! » dit-il au père recteur, après cette entrevue.

Sosie du curé d'Ars au point d'impressionner un observateur qui a longuement étudié les traits de ce saint, le frère André porte dans tout son aspect le même air de sainteté. Tout le monde sait combien le cachet de vie intellectuelle ou de vie spirituelle informe le visage, comment le regard surtout exprime très bien la flamme intérieure de l'homme. Si le masque de Voltaire peut ressembler matériellement à celui du curé d'Ars, il est totalement différent dans son aspect formel. Chez Voltaire se lit la

finesse rusée, la malignité triomphante, la fourberie redoutable. Chez l'autre, la vue intérieure avec l'idéal toujours présent, la bonté douce et humble, une sorte de candeur alliée à la vivacité de l'esprit. Chez nos deux émules de la vertu, au contraire, c'est la parenté d'âme qui apparaît.

Nous sommes ainsi amenés à rapprocher ces deux existences merveilleuses. Cette comparaison fera jaillir la lumière, résumera en quelques traits la physionomie que nous étudions.

Jean-Marie Vianney doit son orientation constante vers Dieu à sa mère bien-aimée, qui le chérit plus que ses autres enfants. « Mon petit Jean-Marie, lui dit-elle souvent, si je te voyais offenser le bon Dieu, cela me ferait plus de peine que si c'était un de mes autres enfants. » Choyé de sa maman plus que ses frères et sœurs, le petit Alfred, qui a l'habitude de réciter sa prière tout près d'elle, en suivant sur le même chapelet, doit entendre à peu près la même réflexion. C'est ainsi que la vertu des mères passe dans le cœur des enfants, qui accomplissent volontiers ce qu'ils voient faire.

L'un et l'autre ont une enfance besogneuse, criblée d'épreuves. L'un et l'autre rencontrent des misères au foyer, des difficultés dans l'étude.

L'épisode d'Alfred, surpris à prier dans la grange, reproduit la scène du jeune Jean-Marie à genoux, lui aussi, dans l'étable, devant une statuette.

Détail charmant, tous les deux invitent à venir prier des camarades qui se dérobent à la deuxième expérience, jugeant leurs oraisons trop prolongées.

L'un et l'autre, avant de voir les foules se presser autour d'eux, se mortifient, se sacrifient. Ils couchent sur la dure, jeûnent tous les jours, se privent héroïquement des douceurs de la vie, préparent leur mission par une existence tissée de prières et d'épreuves. Tous les deux sont en suspicion, se voient combattus auprès de l'autorité, rencontrent des adversités, même lorsque leur œuvre triomphe.

En dépit de leur humilité, ils ne se laissent pas abattre par les contradictions. « Quand il veut quelque chose, affirment du frère André ses confrères, seule l'obéissance peut l'arrêter. »

Tout le monde connaît les assauts du « grappin » contre le chétif curé d'Ars. Sans éprouver des rencontres aussi fréquentes avec le diable, le frère André semble avoir maille à partir avec lui.

Avant de venir comme un animal qui veut faire peur, le démon certes a raté d'autres attaques. Ses ruses ont échoué contre la belle simplicité toute droite de cet amant de Jésus. Il a dû lui souffler à l'oreille des paroles bien décourageantes : « Tu t'es grossièrement trompé... Tu vas sombrer dans le ridicule... Ta communauté va te rejeter... »

Le frère André ne parle pas volontiers de ses luttes ouvertes avec Satan, mais il rappelle fréquemment à ses amis la présence de l'esprit infernal sur la terre et il laisse entrevoir qu'il a parfois des combats physiques avec lui.

En cette matière la circonspection s'impose. Mais qui prendra pour des lubies les faits suivants, empruntés à des personnes chez qui la prudence, la pondération, le souci de vérité sont évidents ?

À qui attribuer les bruits étranges dont il est assailli quand il vient de remplir ses devoirs auprès des morts ? Dans le galetas de la chapelle primitive, sur la montagne, il connaît des nuits d'angoisse. Un de ses amis, qui couche un soir dans ce local, est réveillé la nuit par un vacarme assourdissant : bruits de pas, de chaînes...

— Frère André, il y a certainement des voleurs dans la chapelle.

— Non, ne vous inquiétez pas, n'ayez pas peur, se contente-t-il de répondre, comme s'il était habitué à ces visites nocturnes.

Un curé en pèlerinage veut absolument rencontrer le frère André. Le père recteur lui dit :

— Rendez-vous dans sa cellule, au-dessus de la chapelle, il sera content de vous recevoir.

Celui-ci enfile l'étroit escalier qui conduit sous le comble, mais il s'arrête, interdit et n'ose frapper, car il entend le bruit d'une lutte à l'intérieur :

— Va-t'en, lâche-moi !... Va-t'en.

Le prêtre court raconter le fait au père recteur :

— Vous êtes sûr que le frère André n'a conduit personne dans sa cellule ?

— Absolument, il vient de se retirer seul pour prier et se reposer un peu.

— Alors cette lutte, ce bruit qui m'a fait peur, c'est bien ce que je croyais, un combat avec le démon...

À plusieurs reprises, le frère affirme avoir peur d'entrer dans sa chambre, car il y a souvent un animal noir qui lui apparaît. Il rapporte aussi à un confrère qu'un jour il a senti très bien comme une main qui lui serrait la jambe fortement.

Un soir, au retour de ses visites aux malades, il évoque la bonté, la puissance de saint Joseph qui a érigé le sanctuaire du mont Royal.

Il montre à son compagnon les travaux de restauration et d'agrandissement du presbytère. Il devise ainsi, sur le seuil d'une pièce située au rez-de-chaussée, où le parquet enlevé en partie laisse voir les poutres transversales. Soudain, juste au moment où il dit la bonté de saint Joseph, sans prendre d'élan, d'un bond il franchit l'ouverture d'une douzaine de pieds. Il se heurte l'avant-jambe sur le bord de l'ouverture béante, au point d'arrivée, et son front frappe violemment le sol. Son compagnon, surpris, contourne l'espace vide, se porte à son secours et le ramène à sa chambre. Le frère ne semble pas vouloir souffler mot de l'aventure, et son ami demeure intrigué, parce qu'il se rend bien compte de l'impossibilité physique d'un tel saut,

exécuté par un vieillard. Il croit trouver la réponse indirecte dans un livre que lui prête le frère : c'est la biographie d'une sainte, qui fréquemment était transportée par le démon.

Souvent le bon frère parle à mots couverts de luttes physiques avec Satan, l'ennemi de son œuvre.

À ce récit, plusieurs haussent peut-être les épaules :

— Vous n'y songez pas, parler d'interventions diaboliques en plein vingtième siècle !

Telle est justement la victoire capitale de Satan, cette négation pratique de son influence dans le monde. L'ennemi a beau jeu contre ceux qui ne soupçonnent même pas son approche. S'il se démasque rarement en présence des chrétiens ordinaires, il s'y résout par dépit, devant les forts qui éventent ses ruses. L'histoire du Christ, celle des saints au long des âges, en fournissent la preuve...

Ces attaques importunes, l'apôtre de saint Joseph ne s'en préoccupe guère, car elles sont le signe du bien accompli ou sur le point de l'être. À la suite du curé d'Ars, il peut dire du démon : « Il est en colère, tant mieux ! Qu'il est bête ! Il m'annonce lui-même l'arrivée des grands pécheurs. »

* * *

Le refus brutal de la grâce cause la plus grande souffrance que puissent éprouver ces deux convertisseurs. Parlant des nombreux miracles accomplis à l'Oratoire, le frère André murmure :

— C'est pour faire ouvrir les yeux du monde, le convertir, mais on dirait qu'il ne voit pas clair.

Bien souvent, il pleure sur le communisme. Au milieu de son apostolat si fructueux, il rencontre des résistances inconcevables. Un homme adonné à la boisson et à toutes les débauches lui promet un jour de s'amender :

— Si vous obtenez la guérison de ce malade, dit-il en la

présence d'un homme dont la jambe, à demi putréfiée, tombe en lambeaux, il n'y aura pas de meilleur chrétien que moi.

Après quelque temps, cette faveur est accordée. L'homme, contre toute évidence, en nie le caractère surnaturel. Le frère n'abandonne pas la partie et lui demande dans la suite :

— Si je vous enlevais le goût des plaisirs défendus, vous convertiriez-vous ?

L'autre réplique cyniquement :

— Ne faites pas cela, ne vous donnez pas tant de peine. Dieu a assez de ses anges, il n'a pas besoin de moi.

Le frère André, comme le curé d'Ars, est taxé de folie et voit sa vertu attaquée par de hideuses calomnies. Ils ont un programme de vie semblable : longues séances de bureau coupées d'heures de prières, chez le frère. Bréviaire, oraisons et interminables heures de confessionnal, pour le prêtre. Leurs récréations sont les mêmes : visites aux malades. Le pasteur d'un misérable village attire les foules par sa réputation de sainteté ; le portier d'un collège opère la même merveille et par le même moyen.

Tous deux conservent une souriante humilité dans le concert de louanges suscitées par leurs bienfaits. Le frère André, lui aussi, voit des évêques agenouillés à ses pieds, ce qui ne l'empêche pas de parler de lui comme du pauvre petit chien de saint Joseph, et de demander des prières pour sa conversion.

Tous deux nourrissent une modestie constante. Les attaques infligées à cette vertu leur semblent des attentats, des affronts aux droits de Dieu, auteur de tout bien. Quelles colères ne soulèvent pas le frère André contre les personnes qui mettent uniquement leur confiance en lui sans se soucier de prier.

Tous deux aiment à déguiser leurs bonnes actions, en détournant l'intérêt par un bon mot, un calembour.

Un point sur lequel ils diffèrent, c'est leur façon d'agir

envers ceux qui cherchent à se procurer leurs reliques. Le curé d'Ars se moque de cette vénération et vend à prix d'or ses vêtements, ses cheveux, la dernière dent de sa bouche, pour nourrir ses aumônes. Le frère André se montre intraitable sur ce point ; ceux qu'il soupçonne de tels desseins reçoivent de rudes semonces.

Un motif vertueux inspire cette conduite opposée : la charité chez l'un, chez l'autre l'humilité.

Si nous pouvons dire du curé d'Ars que sa théologie se résume à l'expression du plus grand des commandements : le monde créé et racheté par l'amour divin se sauve en s'élevant à l'amour de Dieu, ne pouvons-nous pas dire du frère André que tel est aussi le résumé de son enseignement ? Tous deux ignorent et dédaignent l'éloquence, mais ils possèdent une parole directe qui touche les cœurs.

— Aimez-vous le bon Dieu ? demande le frère André à un visiteur.

— Oui, répond l'autre d'une voix hésitante.

— Quelles preuves d'amour lui donnez-vous ? Combien de fois, par exemple, allez-vous communier ?... Est-ce à chaque semaine, à chaque mois ?

— De temps à autre, n'est-ce pas suffisant ?

— Quand vous avez un ami intime, passez-vous des semaines, des mois, sans aller le voir, sans lui donner des signes d'affection, sans savoir quoi lui dire ?... Quels gros sacrifices faites-vous pour Jésus, qui est mort sur la croix afin de nous racheter ?... Oh ! si on aimait le bon Dieu !

Des larmes roulent sur ces vieilles joues ridées.

Combien d'auditeurs s'en retournent profondément remués par ces paroles et par ces pleurs. Combien attribuent hautement leur conversion au bon frère :

— J'étais venu solliciter une faveur ; le frère André m'a tellement impressionné, en me parlant de l'amour divin, que j'ai changé radicalement ma manière de concevoir la religion. Savez-vous qu'on peut vivre des années dans le péché mortel, sans presque s'en apercevoir. J'ai compris

mes devoirs de chrétien, je vais communier chaque matin et je m'efforce de faire aimer Dieu autour de moi...

Le frère André convertit des protestants, des Juifs, des francs-maçons notoires. Très discret sur les miracles opérés, il aime souvent décrire l'art de favoriser le cheminement de la grâce dans les âmes.

Voici un exemple de conversion choisi entre mille. Un ancien élève du collège Notre-Dame ne pratique plus sa religion depuis une vingtaine d'années. Gravement malade, il se dérobe aux instances des siens qui essaient d'obtenir sa conversion. Désolés, ils ont recours au bon frère, qui machine un plan pour jeter cette âme dans les filets du bon Dieu.

— Puisqu'il ne veut pas voir de prêtre, dit-il, parlez-lui de ses confrères de classe, de ses professeurs, de l'ancien portier du collège. Demandez-lui s'il aimerait me revoir.

Le plan réussit, et le frère est mandé au chevet du malade.

— Il faut vous préparer à mourir, lui murmure-t-il. Il ne faut pas avoir peur de Jésus. Il a pardonné au bon larron qui était aussi coupable que vous...

Il lui parle de la miséricorde divine, il décrit la passion et ajoute :

— Il est encore temps, voyez un prêtre... je vais vous donner une médaille de saint Joseph...

Le malade se met à pleurer et lui promet d'accepter le confesseur qu'il voudra bien envoyer. Le frère glisse à celui qu'il charge de cette mission :

— N'allez pas trop vite en besogne, ne faites pas de reproches...

★
★ ★

Pour conquérir les âmes, tout comme le curé d'Ars, le frère André s'en remet à celui qui veut bien emprunter sa bouche et sa pauvre voix éteinte. Les secrets des cœurs

lui sont dévoilés. Il avertit soigneusement les uns de se confesser avant de commencer une neuvaine, tandis que cette recommandation est omise pour ceux qui vivent en chrétiens.

Un inconnu qui sollicite sa guérison s'entend apostropher ainsi :

— Pourquoi avez-vous laissé entrer les pourceaux dans votre maison ? Allez d'abord nettoyer votre âme, allez vous confesser.

— Cet homme, affirme-t-il d'un étranger, que son interlocuteur ne peut connaître, ne sera pas exaucé, parce qu'il n'est pas venu avec de bonnes dispositions.

Un ami intime du frère André aperçoit un aveugle qui sanglote tout haut, dans la chapelle primitive conservée près de la crypte. Il s'avance et murmure :

— Il faut avoir confiance, mon ami.

— Devenu aveugle, je suis parti de très loin pour venir ici demander ma guérison.

— Avez-vous été voir le frère André ?

— Oui, il m'a dit d'aller prier dans l'église. J'ai suivi son conseil, sans succès.

— Retournez donc le voir.

Le malade s'exécute, mais sort bientôt sans obtenir de faveur.

L'ami du frère André se présente aussitôt au bureau :

— Comme ça, votre aveugle va repartir pas guéri ?

— Le connaissez-vous ?

— Non, c'est un étranger. Je lui ai dit un mot parce qu'il pleurait.

— Non, pas de danger qu'il soit guéri, en vivant avec la femme d'un autre.

— Est-ce lui qui vous a dit cela ?

— Il n'y a pas grand danger qu'il le dise.

Le bon frère ne semble pas s'apercevoir qu'il dévoile son pouvoir de lire dans les cœurs.

Une jeune fille vient dire au père recteur :

— Mon frère veut se marier. Nous sommes cinq filles, nos parents sont morts et il est notre soutien. Priez donc saint Joseph de le faire changer d'idée.

— Allez donc consulter le frère André.

Elle obéit, mais elle n'ose pas confier le sens de sa requête au bon frère :

— Je viens vous demander des prières.

— À quelles intentions ?

— À mes intentions.

Après son départ, le frère André remarque :

— C'est drôle, ces cachotteries. Elle est venue me demander de prier à ses intentions. Mais ses intentions ne sont pas bonnes ; son frère n'est pas pour perdre son avenir à cause d'elle, il a parfaitement le droit de se marier.

*
* *

Si le frère rabroue certains visiteurs importuns, saint Vianney agit de la même façon. Que de bonnes femmes partent mécontentes du saint curé, tandis que des pécheurs reçoivent de lui un chaleureux accueil. Bien des quémandeurs reprocheront aussi des mouvements d'impatience au frère André.

À ce sujet, deux petites scènes croquées sur le vif. Le frère cause avec un ami dans son bureau ; survient une visiteuse qui, avec volubilité, explique ses maux. Vainement le frère André tente, à trois reprises, de glisser quelques paroles.

— Si vous ne voulez rien entendre, dit-il, allez donc vous arranger toute seule avec le bon Dieu.

La femme se retire et le frère glisse à son ami :

— Si elle supporte bien cela, c'est assez pour qu'elle soit exaucée...

Se présente une personne qui souffre de violents rhumatismes inflammatoires depuis des années.

— Frère André, je suis très malade.

— Non, vous n'êtes pas malade.

— Mais oui, je suis venue pour obtenir ma guérison.

— Quand je vous dis que vous n'êtes pas malade, réplique le frère vivement.

L'autre interloquée, timide, n'ose pas insister et se retire.

« J'aurais bien dû lui tenir tête » songe-t-elle. Dans la suite, jamais plus le mal ne l'assaille qui la tenait au lit des semaines durant.

À l'exemple du curé d'Ars, le frère André se montre toujours l'adversaire acharné des modes et des toilettes inconvenantes.

Le premier se réjouit ouvertement de la mort d'un enfant en bas âge et dit :

— Heureuse mère !... Heureux fils à qui la lutte a été ainsi abrégée !...

Le second, animé des mêmes sentiments, guérit souvent les bébés qu'on lui présente, mais parfois il répond à des parents éplorés, qui lui font violence pour obtenir la guérison d'un tout jeune enfant :

— Vous ne savez pas ce que l'avenir lui réserve, il vous causera peut-être beaucoup de chagrin et vous souhaiteriez alors le voir mort et rendu dans le ciel... S'il guérit, je n'y serai pour rien...

Le frère André et saint Vianney manifestent la même prudence surnaturelle dans les conseils donnés aux milliers de personnes qui viennent les voir.

À ces ressemblances dans leur action auprès des âmes s'ajoutent celles de leur vie intérieure.

Ils méditent constamment la passion du Sauveur et la décrivent presque dans les mêmes termes. L'oraison vitale, l'union continuelle avec Dieu au milieu des tracas et des soucis se rencontre chez les deux serviteurs de Dieu.

Si le curé d'Ars aime tant décrire le ciel et s'exclame en versant des larmes : « Nous le verrons... Nous le verrons !... » le frère André semble, lui aussi, en vivre déjà et

pleure à chaque fois qu'il en parle. Il demande à Dieu de garder toujours l'attitude même qu'ont les bienheureux dans le ciel.

Tous deux sont pénétrés de cette vérité : l'existence terrestre ne doit pas être regardée uniquement comme la préparation à l'autre vie, ou comme l'achat au rabais du droit d'entrée au lieu de réjouissance. À leurs yeux, la vie présente est le paradis anticipé. Ils semblent étrangers au climat terrestre et se considèrent comme citoyens authentiques de la patrie surnaturelle. Selon l'expression thomiste, ils ont épousé les mœurs de la divinité en se conformant à l'esprit du Christ.

Nous n'en finirions plus d'établir des rapprochements entre eux, tellement ils cheminent sur les pas l'un de l'autre. Chez les deux nous rencontrons des faiblesses, qui accusent davantage l'action divine. La définition pittoresque que donne d'un saint le curé d'Ars s'applique aux deux : « Un peu de peau sur une brassée d'os ». Ils sont, l'un et l'autre, sans vigueur, sans taille ni prestance. Et tous deux n'ont qu'une science, celle de Jésus crucifié.

Jaloux de sa gloire, Dieu choisit les humbles comme collaborateurs de choix ; il les envoie chercher les brebis perdues, panser les plaies saignantes, guérir les corps et donner aux âmes consolation et repentance. Au long des âges, l'histoire se renouvelle des apôtres, humbles pêcheurs galiléens lancés à la conquête du monde.

XIII

DERNIERS JOURS

A LARGES traits, nous venons d'ébaucher la vie et l'œuvre de celui qui rappelle tant le saint curé d'Ars. Attardons-nous à le contempler au soir de son existence, quelques mois avant sa mort. Visage émacié d'ascète, petits yeux bridés au regard vif, jeune et pur. Sur ses lèvres s'épanouit habituellement un bon sourire. Sa voix se fait grêle et chevrotante. Énergiquement, il se cambre afin de paraître moins voûté.

Depuis plus d'un an, le vénérable nonagénaire ne reçoit plus les pèlerins régulièrement. Pendant ses apparitions intermittentes à l'Oratoire, nous constatons avec douleur combien sa santé décline. Le mercredi et le dimanche seulement, il se rend à son bureau.

— Je dois aller à mon « bourreau », dit-il gaîment.

— Encore une journée de purgatoire passée, remarque-t-il, dans un bon sourire, après les heures consacrées à recevoir les solliciteurs.

Pendant l'été, il prend plusieurs jours de repos chez des parents ou des amis. Il passe son temps à décrire les beautés du ciel aux heureux qui ont le bonheur de lui procurer une oasis de tranquillité.

Son inlassable dévouement le pousse à dépenser le reste de ses forces au service du prochain. Au retour d'une de ses visites auprès des malades, il manque de s'effondrer : l'ami qui l'accompagne doit le soutenir. Une douleur aiguë

au cœur l'assaille fréquemment. Dès qu'elle cesse, il est prêt à entreprendre une randonnée en vue de semer les guérisons et les conversions.

Les supérieurs, qui le voient décliner, désirent couronner son beau rêve, parachever la basilique avant sa mort. Les démarches tentées dans ce dessein laissent peu d'espoir. Un geste de foi aplanit toutes les difficultés. Le premier mercredi de novembre, à la réunion du conseil de l'Oratoire, le bon frère André propose d'aller mettre une statue de saint Joseph dans les murs inachevés de la basilique. Le jour même, après dîner, nous nous rendons prier quelques instants à l'Oratoire primitif. Nous nous mettons à gravir en récitant le chapelet, la rude pente qui conduit à la basilique. Le frère André, qui essaie de suivre cette procession, s'arrête exténué. Une tristesse poignante, un serrement de cœur dans l'allégresse de notre geste de foi et la même pensée nous assaillent : la basilique se terminera, mais son artisan, le frère André, ne sera plus au milieu de nous... Par les durs escaliers de ciment rugueux, nous gagnons la nef écrasante, aux piliers monstres ; çà et là, un coin du ciel apparaît au travers des échafaudages.

Dans l'abside, la statue de saint Joseph est déposée. Au milieu de nos prières, la grandeur nous saisit de l'œuvre réalisée sur le mont Royal. Il semble bien que le vénérable vieillard ait été vraiment inspiré en proposant la démarche que nous exécutons. C'est la répétition, à quarante ans de distance, du geste qu'il accomplit lui-même, en logeant une statuette dans l'anfractuosité du rocher.

Et voilà comment, par le même acte de confiance, se continue l'œuvre de l'Oratoire. Toutes les difficultés jugées insurmontables s'aplanissent. Les permissions sont obtenues, l'emprunt bâclé, le grand maître choisi, qui remplacera l'architecte défunt et rajeunira les plans.

* * *

Le vieillard demande avec insistance la permission d'entreprendre son voyage annuel aux États-Unis. Au désir de revoir ses nombreux amis américains, se joint l'espoir de recueillir les offrandes requises afin de poursuivre les travaux de la basilique.

À son retour, il semble se porter un peu mieux. Il est plein d'entrain et de gaieté. Le soir même de son arrivée, il se glisse à la dérobée dans l'obscurité de la crypte et dépose, en ex-voto, les béquilles et instruments de souffrance remis par les miraculés, au cours de son voyage.

Cependant, il semble pressentir sa fin prochaine. Déjà au mois d'octobre, il disait à M. Chartier, qui exécutait son buste :

— La continuation des travaux de la basilique est assurée, je suis inutile maintenant : c'est le temps de m'en aller.

Un confrère lui dit, quelques jours avant Noël :

— Les gens le disaient bien que vous verriez votre basilique.

— Je n'ai jamais dit que je la verrais terminée.

Rarement les saints voient le parachèvement de leur œuvre ici-bas. Un tel bonheur sera-t-il accordé au frère André ? En dépit de ces présages, il vivra, nous l'espérons, assez longtemps pour voir sa basilique ouverte au culte.

À la messe de minuit, il assiste dans sa stalle, derrière l'autel, à genoux tout le temps, la tête dans les mains, perdu en Dieu. La fatigue le force à se retirer avant la fin de la troisième messe. Son visage respire la joie. Il songe sans doute : « Dans un an ou deux, la fête de Noël sera célébrée dans la basilique. » Son « Nunc dimittis » vient à ses lèvres ; au sortir de l'église, il dit en effet au compagnon qui le conduit à sa chambre :

— J'ai tout fait ce que j'avais à faire, l'œuvre n'a plus besoin de moi.

Le soir, au souper, un vieil ami, qui fut son compagnon dès le début de l'Oratoire, lui dit :

— Encore un jour de Noël de passé.

— Pour moi c'est probablement le dernier.

— Mais l'Oratoire a encore besoin de vous.

— Quand quelqu'un fait du bien sur la terre, ce n'est rien en comparaison de ce qu'il pourra faire une fois rendu au ciel...

Le lendemain, revenant en auto avec un de ses amis, comme il passe près du petit hôpital de Saint-Laurent où il doit mourir, il fait cette réflexion :

— Comme ce serait une bonne place pour se reposer... Comme les malades sont bien ici pour se préparer à mourir.

Et pourtant, jamais il n'y a séjourné.

★

★ ★

La nuit même, il est saisi par la maladie qui doit le terrasser. Une gastrite aiguë a raison de celui qui, depuis son enfance, souffre de l'estomac. Nous sommes dans la nuit du 27 décembre 1936. Le 31, au soir, il est transporté à l'hôpital de Saint-Laurent. Au moment du départ du monastère, pâle et tout tremblant, couché sur la civière, il trouve encore le moyen de sourire et de dire aux religieuses qui l'emmitouflent soigneusement :

— On dirait que je pars pour le pôle Nord.

À l'hôpital, après une crise qui le secoue violemment, il confie à la religieuse garde-malade :

— Le grand Tout-Puissant s'en vient.

Trois jours d'attente avant la rencontre du Bien-Aimé, trois jours de souffrance qu'il supporte en souriant.

— Pourquoi ne pas demander à saint Joseph de vous guérir ? lui demande-t-on.

Et celui qui a rendu la santé à tant de malades répond :

— Je ne peux rien pour moi-même.

Jusqu'à sa mort, il conserve sa gaieté souriante, sa lucidité d'esprit. Au moindre service rendu, il se montre reconnaissant et semble oublier ses souffrances. Toujours

gaiement il accueille les visiteurs. À la religieuse qu'il mande à son chevet, il dit, dans un sourire, pour s'excuser :

— C'est encore votre vieux « tanant » qui sonne.

Comme son bras, gagné par la paralysie, lui fait bien mal, il murmure :

— Mon bras, c'est un communiste, il m'en veut... il me fait souffrir, le méchant.

— Vous souffrez beaucoup ? lui demande-t-on.

— Oui, mais je remercie le bon Dieu de m'accorder la grâce de la souffrance, j'en ai tant besoin.

Il sait bien la pratiquer jusqu'au dernier moment, cette doctrine de la souffrance acceptée avec action de grâces, qu'il a prêchée toute sa vie. Quelques années auparavant, sa vieille sœur malade lui disait :

— Guéris-moi donc, tu sais que je souffre beaucoup. Tu guéris tout le monde et tu ne fais rien pour moi.

— Ce n'est pas moi qui guéris, c'est saint Joseph. Mais souffre donc, endure donc pour l'amour du bon Dieu. Cela vaut bien mieux avant de mourir.

Le bon frère, cloué à son lit d'hôpital, murmure à son supérieur :

— Mon père, nous ne pensons pas assez à la mort... J'ai quelque chose à vous demander... priez pour ma conversion...

Il accepte donc la mort pour le pardon de ses péchés, mais il semble bien y joindre une autre intention capitale. Son insistance à s'informer de la maladie du Souverain Pontife, à noter que celui-ci est bien plus nécessaire au monde que lui-même, nous laisse aisément soupçonner que le petit vieillard du mont Royal offre sa vie pour le vieillard de la colline éternelle.

— Souffre-t-il encore beaucoup, notre Saint-Père ? demande-t-il.

Quelques jours auparavant, il confiait à des amis qui lui

disaient combien l'œuvre de l'Oratoire requérait encore ses services :

— Il y en a un autre qui manquerait bien plus au monde que le frère André, c'est le pape. Si le Saint-Père partait, ce serait un désastre, il a tant à régler...

Ses prières et ses douleurs, il les offre également aux intentions de la sanglante Espagne. Il s'informe à maintes reprises de cette guerre fratricide.

Jusqu'à sa mort, le parachèvement de l'Oratoire le préoccupe, mais toujours il éprouve la plus inaltérable confiance. À deux reprises, il affirme en termes clairs, après s'être informé des démarches des supérieurs en vue de poursuivre les travaux :

— Ça va réussir, le temple de saint Joseph s'achèvera.

Le 4 janvier 1937, vers 11 heures du soir, au milieu des douleurs qui l'accablent, il évoque l'œuvre du mont Royal :

— Vous ne savez pas, dit-il, tout ce que le bon Dieu réalise à l'Oratoire... Quels malheurs il y a dans le monde ! J'étais placé pour voir cela. Il aurait fallu que je sois tout : avocat, médecin, prêtre... mais le bon Dieu aidait. Voyez sa puissance...

Il raconte comment saint Joseph guérit les malades, comment un paralytique peut le suivre et venir au salut du Saint-Sacrement avec lui, comment il en envoie un autre à confesse.

— Que Dieu est bon, qu'il est beau, qu'il est puissant ! Il faut qu'il soit bien beau, puisque notre âme n'est qu'un rayon de sa beauté et qu'elle est si belle !

Enfin, les dernières paroles avant le morne abattement :

— O Marie, ma douce mère et mère de mon doux Sauveur, soyez-moi propice et secourez-moi...

Puis il reprend faiblement, dans un souffle : « Saint Joseph... » les autres paroles deviennent inintelligibles...

Pendant trois heures, avant d'entrer dans le coma, il redit cette plainte résignée :

— Que je souffre, mon Dieu, que je souffre !

Alors commence le grand silence qui précède la mort de plus de vingt heures... Vers 8 heures, le 5 au matin, il reçoit l'extrême-onction, en présence de plusieurs amis et confrères, qui suivent la lutte terrible du mal.

Le vieillard s'affaiblit rapidement. Les religieuses cessent alors de défendre l'entrée aux gens qui ont découvert son refuge. Tout le jour durant, jusqu'à sa mort, c'est un défilé ininterrompu à son chevet. Quel amour et quelle vénération ! Depuis près de quarante ans il reçoit les malades, il continue.

Rapidement chacun s'approche avec respect, dans le plus profond silence, et fait toucher quelque objet de piété, aux mains exsangues et décharnées, aux vieilles mains qui ont frictionné et guéri tant de malades. Ses confrères, les yeux embués, enlèvent le crucifix qu'ils portent sur la poitrine pour le lui faire toucher. Le malade, les yeux clos, semble sommeiller. Hommes, jeunes gens, femmes, jeunes filles, de tout petits enfants s'approchent. Leurs lèvres murmurent une prière et leurs yeux disent la ferveur de leur supplication :

— Bon frère André, quand tu seras au ciel, souviens-toi de moi.

Dans bien des foyers, en cette veille d'Épiphanie, les réjouissances sont oubliées. Tous sont aux écoutes, à la radio, afin d'entendre les nouvelles que l'on donne du vieillard qui s'éteint dans le petit hôpital. Des familles entières sont à genoux... « Saint Joseph, gardez-nous notre frère André, qui a guéri papa, maman, ma sœur, mon petit frère, mon ami... qui m'a guéri. » C'est comme si un membre de la famille était à l'agonie. Ce mourant est l'ami, le bienfaiteur de tous. Par milliers, les faveurs insignes ont fleuri sous ses pas.

Dans la chambre du malade, quelques confrères et amis

agenouillés supplient ardemment... Derrière la crypte de l'Oratoire Saint-Joseph, les ouvriers préparent d'urgence un tombeau, et les coups de marteau résonnent caverneux, amplifiés après avoir heurté le flanc de la montagne. Nous nous défendons mal contre un reste d'espoir : il ne mourra pas, il ne peut pas mourir, il faut qu'il voie sa basilique terminée... Ces pensées nous poursuivent dans notre travail, avec l'image du vieillard décharné qui décline à Saint-Laurent. Dans nos moments libres, nous nous portons à son chevet. Hélas ! le mal s'aggrave. « À peine quelques heures à vivre », affirment les médecins.

En contemplant ce grand silence, nous évoquons une scène vieille de quatre ans. Victime d'une pneumonie double, le frère André semblait voué à une mort prochaine.

— S'il avait seulement vingt ans, affirmait le médecin, je dirais qu'il a une chance sur mille de s'en sauver. Mais comme c'est le frère André, je ne puis rien prévoir.

Une nuit, le malade était demeuré seul. Un ami intime, retiré dans une chambre voisine, prêt à répondre au premier appel, entendit sonner. Vite il courut au chevet du frère qui, tout bouleversé, articula péniblement :

— Je devais rêver, mais je ne suis pas sûr. Le diable m'avait par le cou et me serrait à m'étouffer... Je suis très mal, le cœur me fait mal... Savez-vous qu'on peut désirer la mort pour aller voir le bon Dieu?

Sur sa demande, son compagnon lui frictionna la poitrine avec la médaille de saint Joseph et glissa, pour le distraire :

— Je crois bien que c'est permis, mais il n'y a pas de presse, nous avons besoin de vous... J'ai vu le ciel en rêve, frère André. .

Il se mit à lui décrire la beauté éblouissante de Dieu, la splendeur des anges, des élus, de la Vierge, de saint Joseph, un peu selon la façon dont le frère lui en avait si souvent causé :

— Auprès de saint Joseph, il y avait un beau fauteuil libre. Je m'approche et demande effrontément :

— Pour qui est réservée cette belle place ?

— C'est pour mon meilleur ami sur terre, répond saint Joseph.

— Il n'y a pas de danger qu'un autre le prenne ?

— Non, j'y ai gravé son nom. Regardez plus près.

— Devinez ce que j'ai lu ?

Le frère André, qui avait écouté le récit avec intérêt, sans se douter du piège, murmura :

— Dites-le, je ne sais pas.

— J'ai lu... frère André.

— Non, ne dites pas ça ; je voudrais seulement être le petit chien de saint Joseph.

— Oui, mais le petit chien de saint Joseph jappera si fort que toute la terre l'entendra.

Au rappel de cet épisode, nous nous raccrochons à un reste d'espoir : si Dieu voulait nous laisser encore notre frère André, s'il voulait continuer le miracle de cette longévité.

Quelques amis et ses confrères de l'Oratoire passent la veillée à son chevet. En dépit de nos espérances, le malade s'affaiblit toujours. Voilà bientôt vingt heures que le mal triomphe. Vers onze heures et demie, vive alerte : la respiration semble cesser. L'assemblée récite la prière des agonisants, les litanies des mourants, celles de saint Joseph.

Le calme se rétablit chez le malade ; la respiration reprend plus régulière. Dieu nous laissera-t-il notre cher frère André ? Espérance vaine. La respiration redevient plus oppressée. La dernière agonie commence vers minuit et demi. De nouveau les prières montent, ardentes. À minuit et cinquante, le mercredi, 6 janvier, le malade expire.

Le De Profundis traduit mal notre état d'âme ; les paroles du Magnificat fusent de nos lèvres.

Nous contemplons la figure qui a repris son calme dans

la mort, et nous entonnons le cantique même du bienheureux, à son entrée dans le ciel, le Te Deum. Nous croyons entendre la parole de Jésus à son fidèle serviteur :

— Venez, le béni de mon Père !... car j'étais malade et vous m'avez visité...

— Mais quand donc, Seigneur ?

— Chaque fois que vous l'avez fait à un de ces petits, c'est à moi-même que vous l'avez fait...

XIV

TRIOMPHE

Six janvier mil neuf cent trente-sept, Épiphanie, manifestation du Sauveur, jour choisi pour l'exaltation de son fidèle imitateur, le frère André. C'est en même temps le premier mercredi de l'année, le premier jour consacré à saint Joseph.

Le frère André est mort ! Le frère André est mort ! La même exclamation douloureuse se répercute dans tous les foyers, se propage par toute l'Amérique et déborde le continent. Même les protestants et les agnostiques accordent une pensée au vieillard qui vient de s'éteindre dans l'obscur hôpital de Saint-Laurent.

Le masque mortuaire est coulé, l'exérèse du cœur pratiquée. Par respect, le corps n'est pas embaumé ; il doit cependant demeurer exposé une semaine à la vénération des fidèles. Déjà les visiteurs commencent d'affluer. L'après-midi, retour à l'Oratoire par un temps froid et gris. Théorie de confrères et d'amis silencieux, sanglots dans les clochers de l'église et du vieux collège de Saint-Laurent.

Aux abords du mont Royal, cette procession funèbre se mue en triomphe. Tout un peuple dévale la pente, à la rencontre du grand ami, et se joint au cortège pour une solennelle entrée dans la crypte de l'Oratoire. Le corps du frère André est déposé au milieu de cette enceinte bâtie de

son dévouement, dans la chapelle latérale opposée à la porte centrale.

Il règne un climat de paradis... Toute la foule chante le Magnificat devant la tombe, et quand le père Albert Cousineau, recteur de l'Oratoire, d'une voix émue, résume l'œuvre et raconte les derniers moments du serviteur de Dieu, quelques sanglots dominent bien des pleurs étouffés...

Autour du pauvre cercueil de bois commun, recouvert de drap noir, les fidèles se pressent dans un débordement de vénération qu'on a peine à maîtriser. Une semaine entière ils défileront sans interruption.

Les lettres de sympathie, les télégrammes d'évêques et de notables pleuvent à l'Oratoire. Les communautés s'associent au deuil. Presque tous les journaux d'Amérique, de toutes langues, de toutes croyances, consacrent plusieurs colonnes au disparu. C'est plus qu'un deuil national.

En dépit d'une température inclémente, neige fondante, pluie et verglas, les visiteurs affluent au mont Royal. C'est une procession continuelle devant la tombe. Tous veulent contempler le grand ami du peuple, lui faire toucher des médailles, des chapelets, des crucifix. Le soir, le gros des gens se disperse, mais toute la nuit les portes de l'église doivent demeurer ouvertes.

★
★ ★

Le samedi, neuf janvier, sous une pluie glacée, diluvienne, par les rues où l'eau coule, entraînant la neige, une foule suit à pied la dépouille, qui est conduite à la cathédrale de Montréal. Cette vaste enceinte s'avère insuffisante devant l'assaut du peuple.

Le Requiem est imprégné d'une joie contenue, c'est presque l'allégresse du « Resurrexi », l'envolée d'une prière déjà exaucée. On se prend à rêver à la lumière, au repos éternel que goûte le disparu...

La dernière prière liturgique à peine terminée, la foule

se précipite afin de vénérer la tombe ou les moindres objets qu'elle a touchés.

Au dehors, les nuages en déroute se bousculent et se déchirent. De nouveau s'organise le cortège d'hommes, de femmes et d'enfants. Courbés sous les rafales du vent, tous cheminent, irrésistiblement entraînés à la suite du pauvre qui les a tant aimés. Ils vont par les rues montantes, insoucieux de tout, vers l'Oratoire, où depuis trente-trois ans les foules sont attirées.

Avant l'ascension de la montagne, une courte halte au collège Notre-Dame. La tombe ouverte est déposée à l'endroit même où, pendant quarante ans, le frère André exerça ses humbles fonctions de portier. Ils sont là tout autour, vieillis, blanchis, les confrères qui l'ont connu au temps de sa vie cachée. Celui-ci l'aida à tracer le premier sentier de la montagne ; cet autre, vivante image de saint Joseph, tout blanc, à la barbe fleurie, édifia le tout premier Oratoire ; un autre consola le frère André aux heures d'une rude épreuve. Ils sont là, revivant bien des scènes passées, tout fiers de leur ancien compagnon d'armes. Les collégiens viennent, un à un, toucher avec respect la dépouille mortelle. Ils symbolisent les générations écolières qui connurent le frère André comme portier...

Une dernière fois, le saint religieux gravit la montagne. Le souvenir nous assaille de ses milliers de retours, après avoir visité les malades, opéré des guérisons, allumé des repentirs, écouté les confidences sombres qui lui venaient avec larmes... Maintenant, le silence, la paix éternelle, le grand repos, lourd encore d'actions charitables envers les mortels.

Il continue d'être exposé en chapelle ardente, face à l'entrée, au milieu de la forêt d'ex-voto, d'instruments de souffrances laissés par ceux qu'il a guéris. Le défilé ininterrompu de pèlerins devient de plus en plus dense.

★
★ ★

Le dimanche, c'est l'assaut d'une marée humaine indescriptible. Tous les véhicules de Montréal ne semblent avoir qu'un but, l'Oratoire. Les trains de tous les coins du Canada et des États-Unis déversent par milliers ceux qui viennent voir une dernière fois l'apôtre de saint Joseph. Ils sont là près de cent mille aux abords de l'église. L'immense esplanade est un champ humain aux épis drus comme blé, c'est une forêt de gerbes, toutes debout, serrées, ne faisant qu'une gerbe.

Le triomphe inouï autour d'une tombe durera jour et nuit, sans relâche jusqu'au mardi. Ils sont là attendant, quatre, cinq, six heures debout, le privilège de toucher une seconde les pieds du mort. Cette foule au dehors semble en arrêt, dans le remuement sans progrès de la mer avant le jusant ; toutefois, à l'intérieur, deux par deux, les gens défilent devant la tombe, au rythme de cent à cent vingt à la minute. Des infirmes, des aveugles, des malades de toutes sortes sont amenés, même un moribond est apporté sur une civière. La foule prie tout haut, jette des cris d'enthousiasme, quand une guérison semble s'opérer.

Et cette apothéose se maintient, qui exténue les plus fulgurantes descriptions. Cette réalité, les postérités la croiront légendaire. La prévision de S. E. Mgr Gauthier est dépassée. Un illustre visiteur de France lui demandait:

— Quel est ce frère André dont tout le monde parle ?

— C'est un homme de Dieu, répondit Son Excellence. À sa mort nous verrons plus de la moitié de la population de Montréal accourir à son tombeau.

Même des saints très célèbres n'ont pas connu un tel triomphe, lorsque leurs restes étaient à peine refroidis. L'ouragan de gloire qui a passé sur plusieurs semble éclipsé par cette mort du très humble. Un souffle puissant soulève la ville comme une mer, et ses flots viennent frap-

per le mont Royal, tant est vive la conviction de sainteté que l'on éprouve au sujet du frère André. On l'entoure d'autant de vénération, de marques de respect, que s'il était canonisé.

Combien se lamentent d'être passés jadis indifférents, incrédules devant lui, d'avoir frôlé un saint sans le connaître, d'avoir possédé un si riche trésor et de l'apprécier au moment de le perdre.

L'histoire des saints, copies fidèles de Jésus, ressemble toujours à celle du Maître. Pendant leur vie, ordinairement méconnus de leurs proches, parfois en grande estime chez le peuple, ils sont souvent combattus ou méprisés par un groupe d'esprits forts, successeurs des pharisiens et des saducéens. Rappelons-nous la petite Thérèse méconnue dans son cloître, sainte Bernadette traitée d'hallucinée par son entourage, apparemment sous-estimée même pendant sa vie religieuse. Mais après leur mort, on dirait que Dieu dessille les yeux.

Ce sont les simples, les humbles qui savent reconnaître la sainteté, comme ce fut le cas au temps du Christ. Au soir de la mort du frère André, l'admiration cachée au cœur des « intelligents » commence à se manifester ; ils sont entraînés par le courant populaire ; témoin, ce journaliste qui l'avoue franchement :

— J'étais du nombre de ceux qui se croyaient trop intelligents pour se déranger pour le frère André. J'aurais regretté toute ma vie de ne m'être pas rendu auprès de sa tombe.

La semence jetée dans les âmes par l'exemple du frère André fleurit en ces jours. Ce n'est pas en vain qu'il a prié et souffert, que son dévouement s'est heurté à bien des attaques, à des incompréhensions, qu'il s'est impatienté contre la piété fausse et intéressée des gens, qu'il s'est offert en victime, qu'il a désiré être coupé en mille morceaux plutôt que de voir son peuple livré à la barbarie du communisme. Ce triomphe est la garantie de sa mission.

Aux quatre coins du pays et des États-Unis, il a été le semeur de Dieu et cette multitude de conversions à son tombeau marque la sainteté de son œuvre.

Plusieurs, venus pour le plaisir de se donner un bain de mouvement, d'agitation et de bigarrure, sont profondément touchés. La crainte les saisit soudain que leur vie ne s'harmonise pas avec la grandeur de la vocation chrétienne. Que de cœurs obstinés, fermés à la grâce, se sont réconciliés avec leur Dieu, qu'ils pensaient n'aimer plus. Dans les ténèbres des confessionnaux propices au guet-apens de la grâce, que d'aveux, de régénérations morales, non seulement à l'Oratoire, mais par toutes les églises de la ville.

Seule la vue de cette apothéose peut nous en donner l'idée. Il faut vivre ces heures hallucinantes, entendre cette rumeur de la foule que rien ne peut dissuader de son attente ; il faut être saisi par l'élan de cette foi irrésistible. Nous vivons ce spectacle, les yeux mouillés, le cœur nous battant dans la gorge.

Cet hommage envers la sainteté est l'aveu inconscient de nos cœurs, faits non pour l'à peu près d'une religion anémiée, mais pour un don total, absolu, un amour qui sacrifie tout à Dieu. Cette appétence de la perfection gît même au cœur des païens, même au cœur de ceux que la haine et la misère poussent à étouffer ce désir. L'obstacle à l'extension du règne du Christ, c'est la veulerie des demi-chrétiens qui pullulent, donnant une fausse idée du christianisme par leur religion décolorée. Le christianisme dans sa beauté, sa splendeur, ses sacrifices, est le seul qui vainc. D'après ses fruits, les vies conformes à l'évangile, nous devons le juger. Cette pensée en arrêterait plusieurs au bord du reniement. Les frère André sont légion dans l'histoire de l'Église.

— Et quand on dit, écrit un célèbre converti, que l'Église a reçu des promesses éternelles, il faut entendre que les saints rejailliraient toujours.

L'espérance du grand soir des jouissances temporelles,

des jouissances charnelles dans la paix et l'amour, ce rêve, cher aux communistes de bonne foi, remplace le désir inavoué de se sacrifier à une grande cause, au bonheur souverain. Le frère André, lui, a vécu constamment pour l'éternel soir de jouissance infinie, le seul capable de rassasier nos cœurs, hantés d'un bonheur perdurable.

Le mardi matin, quelques instants avant le service funèbre, septime, le corps est porté à l'extérieur par la porte centrale, à la vue du peuple qui ne peut pénétrer. Dans l'église à peine endeuillée, la liturgie des morts commence, que l'on voudrait blanche et fleurie comme celle des saints. Monseigneur Limoges, évêque de Mont-Laurier, officie ; le cardinal Villeneuve, archevêque de Québec, avant de chanter l'absoute, exprime le triomphe inouï de l'humble serviteur de Dieu :

« Quelle que soit la réputation de vertu de ses enfants, l'Église impose qu'on leur fasse à tous des funérailles de prières et de suffrages pour les fragilités humaines qu'ils ont pu commettre dans leur vie, et elle défend de prévenir le jugement qu'elle se réserve de porter sur l'héroïsme de leur vie et sur l'assurance de leur entrée au ciel. Respectueux de cette prudence de la sainte Église, nous pouvons tout de même dire ce matin que nous faisons la fête de l'humilité.

» Sur la tombe qui garde les restes vénérés de l'apôtre de saint Joseph, le frère André, vous lirez trois mots : *Pauper, Servus et Humilis. Pauper :* pauvre, le religieux que vous êtes venus voir ici tant de fois ; *Servus :* serviteur, frère convers, au dernier rang de sa communauté ; *Humilis :* humble, si petit à ses propres yeux qu'il ne soupçonnait même pas l'ampleur de son œuvre, et qu'il ignora toujours qu'il pût attirer les foules.

» Et cela reporte notre pensée sur un autre pauvre, un autre obscur, Joseph, époux de Marie, que Dieu choisit pour abriter la virginité de sa Mère et protéger la divinité de son fils. Voyez celui que saint Joseph a choisi, non seu-

lement pour construire cette basilique, mais pour répandre la dévotion qui s'est emparée de notre peuple depuis trente ans.

» Du frère André à saint Joseph, remontons encore plus haut, allons jusqu'au Christ, descendu du ciel sur la terre et né dans une crèche pour sauver le monde. Voilà le vrai christianisme, que nous célébrons en ces jours où ces murs ont été trop étroits pour recevoir les centaines de mille croyants. C'est à l'humilité que vous venez de rendre hommage, et c'est sur la doctrine de l'humilité qu'il nous faut insister aujourd'hui.

» O vous, les humbles de la terre, vous qui souffrez, vous qui travaillez, retournez à vos labeurs et à vos foyers avec cet enseignement du christianisme. Comparez cette doctrine avec celles qui vous promettent un vain paradis sur terre. Cette mort et ces funérailles sont pour vous une grande leçon de charité. Elles sont aussi l'occasion d'une augmentation de foi et de confiance dans l'éternelle récompense. Tout en priant pour ce saint serviteur de Dieu, c'est le sentiment qui doit trouver place dans vos cœurs.

» Vous allez redescendre au travail quotidien ; vous allez retourner à vos peines et à vos souffrances. Pensez au sceau divin que le Seigneur met sur la vie des humbles. Pensez qu'aucun prince de l'Église ou de la terre ne saurait songer à avoir des funérailles qui provoquent les sentiments du plus profond des cœurs, comme celles de ce jour. Continuez à entendre la voix de l'humble serviteur de Dieu qui vous dit : « *Ite ad Joseph.* »

Après l'absoute, détail infime mais ayant valeur de symbole, l'*In paradisum* est oublié, qui supplie les anges de conduire l'âme au ciel. Ce souhait est déjà réalisé, sans doute. Le corps, transporté au lieu de la sépulture, en la chapelle même où il fut exposé, est placé dans un sarcophage de ciment.

Le peuple désire revoir encore les traits de son bien-

faiteur tant aimé. Deux jeunes gens, qui, dans cette intention, ont parcouru cinquante milles à pied, doivent sacrifier cette joie. L'après-midi, monseigneur Gauthier vient présider la mise au tombeau. Une dernière fois quelques privilégiés ont le bonheur d'entrevoir le visage du cher disparu...

Devant le tombeau scellé sur la dépouille du petit paysan de Nouvelle-France, choisi par Dieu afin de développer le culte de saint Joseph, nous songeons au dernier sommeil de la bergerette de France qui eut une mission semblable à la sienne ; nous songeons à la gentille Bernadette Soubirous qui reposa, elle aussi, sous les murs d'une chapelle dédiée à saint Joseph, dans le jardin de son cloître.

Bien des divergences dans la manière dont vous a conduits tous deux la Providence, mais bien des similitudes aussi. Pauvrette de Massabielle, bambine sans culture, élue pour développer le culte de l'Immaculée Conception, après la proclamation de ce dogme, que votre vocation ressemble à celle de l'humble convers de Sainte-Croix, destiné à propager la dévotion envers saint Joseph, peu après le choix officiel de ce saint comme patron de l'Église universelle. Tous deux, artisans d'une œuvre disproportionnée à vos forces, vous êtes auréolés par la grandeur de votre mission.

XV

SURVIE

Le triomphe inouï que fut la mort du frère André persiste. À toute heure du jour, des pèlerins s'agenouillent à son tombeau. Le fidèle serviteur continue de recevoir les gens, de recueillir leurs suppliques et de les porter à saint Joseph.

Il dort là, dans une humble alcôve, léger enfoncement du mur, qui rappelle les « Loculi » des catacombes. L'or, le marbre, les richesses d'une prétentieuse chapelle funéraire auraient trop contrasté avec sa vie de renoncement, de pauvreté et d'humilité. Quelle austère grandeur ! Seul un nom se détache sur le cercueil enrobé dans son velours noir de granit poli : frère André, c.s.c.

Comme elle est touchante, la foi des malades, des déshérités, des désolés, au tombeau de leur ami. Sans respect humain, ils s'agenouillent, souvent le front appuyé sur cette tombe ; parfois une mère y couche même son tout jeune enfant. L'ardeur de la prière se lit sur leurs lèvres et dans leurs yeux fixés en Dieu. Obtenez-moi cette guérison, convertissez mon enfant, donnez-moi du travail, disent les suppliques qu'ils déposent avant de partir.

Puis ils se rendent par les escaliers roulants au Musée du frère André où sont reproduites des scènes émouvantes de sa vie et de sa mort. Il leur est donné de vénérer le cœur du frère André, conservé dans une urne de verre enchâssée dans une stèle de marbre.

À « l'heure du frère André », nous sentons combien vive est la fidélité du peuple à son grand ami. Au lendemain de l'ensevelissement, un compagnon qui, pendant plus de quinze ans, ordonna le défilé des gens au bureau du frère, demande l'autorisation de venir, avec un groupe d'intimes, commémorer la mort de leur ami commun, chaque premier mercredi du mois, dans une heure de garde à son tombeau. À la première rencontre, ils n'étaient pas une poignée, mais plus de mille ; et depuis, chaque mois, pendant cette veillée, l'église est remplie à déborder.

Autre signe de la vénération des fidèles, c'est leur concours généreux apporté au parachèvement de l'Oratoire. Le nombre des pèlerins s'accroît et le rêve du cher disparu se réalise.

Dix mois à peine après le départ de l'animateur de l'Oratoire, ce que tous concevaient comme un rêve irréalisable, avant de nombreuses années, est accompli ; le dôme majestueux de la basilique se dressait déjà sur le mont Royal. À cette époque, les religieux renouvelèrent le geste de foi qu'avait demandé l'année précédente, le frère André :

— Vous voulez couvrir la basilique : installez la statue de saint Joseph dans les murs ouverts, et lui, il trouvera bien de quoi se couvrir...

Par une froide après-midi automnale, nous nous rendions en procession dans l'abside de la basilique maintenant couverte. En présence des quelque deux cents ouvriers à genoux, devant la statuette de saint Joseph, nous avons récité le chapelet, chanté les litanies du saint patriarche, et demandé la glorification du frère André. En une seule année, quel travail, quelle réussite au delà de toute espérance !

Même le chemin de croix, dans la montagne, est érigé, que le bon frère a tant souhaité. Saisi d'une émotion extraordinaire, le regard avivé, il confiait à un ami, quelque temps avant sa mort :

— Comme il va y en avoir des conversions, au chemin de croix de la montagne. Je pense même qu'il va y en avoir plus que dans la basilique.

Un maître dans l'art de disposer les réalités de manière à ce qu'elles enchantent l'âme, a bien voulu dessiner les allées sinueuses où les foules viendront revivre la passion du Sauveur. Le terrain boisé, capricieux, embroussaillé, inculte, il a su le discipliner sans heurts, l'harmoniser « en respectant la virginité de la nature », par le seul tracé des voies ou ronds-points. On dirait un parc séculaire aux essences forestières variées, savamment disposées.

Au long du chemin tourmenté, les chênes, les érables, les bouleaux s'alignent comme plantés là à dessein. Quelques marches de pierre coupent parfois un raidillon. Çà et là, l'ossature de la montagne a été dénudée. Dans les décors les mieux choisis, d'étroits bouts de sentiers filent, que terminent de hautes croix blanches.

D'année en année, les croix sont remplacées par des statues de pierre, à mesure que le sculpteur peut poursuivre son œuvre gigantesque.

L'œuvre matérielle du frère André se développe, pâle image de son action spirituelle.

* * *

Le peuple commence à méditer, à mieux comprendre cette vie d'obscur travailleur, de petit convers qui s'est dévoué totalement à ses frères, les pauvres, les malades et les affligés.

La mort dégage la véritable physionomie du frère André, en estompant les légères imperfections qui pouvaient demeurer en lui. À la pensée de tous s'imposent son bon sourire rayonnant de joie intérieure, son visage torturé et souffrant, lorsqu'il parlait de la passion de son Sauveur, ses traits illuminés lorsqu'il causait si simplement de saint Joseph et du ciel.

Tous peuvent voir en lui l'homme aux miracles, l'honnête, le juste envers tous, du plus petit au plus grand, le bienfaiteur social, l'auteur d'un monument qui attire des millions de visiteurs. Mais la vérité, que seules les lumières d'une foi vibrante découvrent, c'est l'action merveilleuse de l'Esprit-Saint en lui, l'idéal de vie chrétienne qu'il incarna.

Il ignora toujours nos atermoiements, notre art d'édulcorer la doctrine du Maître ; il fut un chrétien convaincu, agissant, loin de cette tourbe de gens routiniers, qui suivent le courant du laisser-aller général. Il embrassa loyalement l'évangile et le suivit à la lettre sans s'occuper de la moutonnerie du grand nombre.

Sachons voir son existence toute droite, toute simple, centrée en Dieu, modèle de ce que seraient les nôtres si nous pratiquions intégralement la doctrine du Maître. Cet exemple s'affirme plus tranchant dans notre siècle où s'affichent le relâchement, l'amour du monde, du confort, de l'argent pour jouir, la poursuite hallucinante des plaisirs, la démangeaison de vitesse, l'abrutissement d'occupations matérielles vaines, l'oubli pratique de Dieu avec un christianisme de surface.

Sa vie condamne notre conception d'un Christ à la page, qui rappelle le Messie imaginaire que s'étaient créé les Juifs. Nous nous sommes fait un modèle ami des richesses, des plaisirs, des sports, du théâtre, de la mangeaille et des beuveries. Et nous oublions le véritable Sauveur, bafoué, flagellé, crucifié, à l'effigie duquel les aspirants au royaume céleste doivent être façonnés.

Cette immense grâce d'une vivante fleur de l'évangile, placée sous nos yeux, nous rappelle vivement l'enseignement que nous avons peine à lire, devenu un amas d'assertions inertes. En songeant à cette action qu'exerce le frère André, il nous vient à la pensée l'image de Péguy décrivant le rôle des saints :

« Quelques saints marchent en tête. Et le grand cortège

des pécheurs suit derrière. Ainsi est faite la chrétienté.

» C'est ainsi qu'on obtient les grandes professions.

» Quelques pasteurs marchent devant, et le grand troupeau suit derrière.

» Ainsi est fait le cortège de la chrétienté. »

La vie et l'œuvre du frère André font éprouver cette appétence morale qui incite les âmes vers les spectacles et les êtres où elles trouvent leur nourriture propre. Le même désir qui poussait les Palestiniens vers le Christ, porte les chrétiens, au long des siècles, avec un sentiment infaillible vers les serviteurs de Dieu. Sans doute, parfois, Jésus eut-il à reprocher aux foules de le rechercher uniquement parce qu'elles voulaient du pain matériel. De même le frère André a combattu les assiduités qu'inspirait un intérêt matériel ; il a rectifié sans cesse la poussée des fidèles en l'orientant vers Dieu.

À visiter les lieux sanctifiés par lui, à se représenter les conditions de son séjour, les fidèles trouvent comme une pente qui rend accessible les abrupts sommets de la vertu. D'un léger contact avec ce modèle, ils obtiennent un durable avantage. La perfection n'est plus à leurs yeux un catalogue d'affirmations décharnées. Ils sont en présence d'un homme qui a lutté, souffert, vécu comme eux, au milieu d'eux.

La mort n'a fait que hausser le frère André dans l'estime et la vénération des fidèles, mais n'y a-t-il pas danger d'exagération de leur part ? Le serviteur ne va-t-il pas supplanter un peu son maître, faire figure de voleur posthume, en dérobant la gloire de saint Joseph, après s'être appliqué toute sa vie à l'édifier ? Non pas, l'artisan nazaréen se moque bien de cette crainte puérile, et c'est lui-même qui a dû préparer à son vaillant serviteur ce triomphe éclatant que seule l'action d'en haut peut expliquer.

D'ailleurs, le sens chrétien guide les fidèles les plus ignorants. Ils savent hiérarchiser leurs dévotions ; presque

tous les billets, déposés sur le tombeau du frère André, demandent à ce bon serviteur de présenter leurs requêtes à saint Joseph, afin que Dieu leur accorde telle faveur...

L'affection que le monde porte à cet humble convers semble bien voulue du ciel. À dessein Jésus a fait fleurir le culte de son père adoptif, patron des ouvriers, à l'heure où les travailleurs, mal partagés dans la vie, sont sollicités par des doctrines de haine pires que leurs maux. À dessein aussi, il a choisi pour propager ce culte en Amérique une copie vivante de saint Joseph. Cet obscur tâcheron, penché pendant toute sa vie sur les membres souffrants du Christ, ne ressemble-t-il pas un peu à son modèle, l'artisan de Nazareth qui veillait sur Jésus ? La mission du frère André n'est pas seulement de conduire les travailleurs à saint Joseph, mais aussi d'être une pâle réplique de ce saint, d'être l'ouvrier qui a modelé sa vie sur son saint patron, prêchant ainsi au peuple, de façon concrète, le travail, l'humilité, l'obéissance, l'amour de Dieu et du prochain.

De l'aveu de tous, une grande grâce a passé, un réveil chrétien se constate depuis la mort du frère André. Il faut avoir vécu à l'Oratoire les jours inoubliables qui ont suivi le décès de ce religieux, il faut avoir vu la foule d'une centaine de mille à la fois prendre d'assaut le mont Royal, pour comprendre cette poussée de conversions dont nous sommes témoins. Il en est qui sont venus jeter le fardeau de leurs péchés avant de toucher le tombeau de cet homme de Dieu en disant :

— Je n'étais pas digne de m'approcher de lui.

Des gens viennent confesser en pleurant une vie de désordre, et le prêtre demande :

— Qu'est-ce qui vous a décidé à revenir à Dieu ?

— Je suis venu à l'Oratoire presque malgré moi, à la mort du frère André, et j'ai été tellement bouleversé. Proclamez-le, mon père, c'est lui qui m'a tiré du péché. Le bon frère André a obtenu ma conversion.

Ainsi, dans la mort, l'humble frère continue la mission que la Providence lui a confiée, conduire les fidèles à saint Joseph pour les rapprocher de Jésus. La guérison des âmes a toujours été l'intention primordiale de cet apôtre. Au début de son œuvre, il confiait à un ami, frère convers comme lui : « Ah ! si j'avais un prêtre pour nettoyer l'âme de ces gens qui viennent me voir ; ils s'en vont bien disposés, mais qui sait s'ils iront se confesser ? »

Dieu conserve à son serviteur les mêmes appâts pour attirer les âmes, les faveurs temporelles obtenues par l'intercession de saint Joseph. À son tombeau se renouvellent les merveilles dont furent témoins les pauvres murs de son bureau.

À voir les milliers de faveurs accordées, à constater le grand nombre des conversions, des faveurs, qui lui sont attribuables, il semble bien que le frère André soit appelé à devenir officiellement ce qu'il est déjà dans le cœur du peuple, le saint qui, auprès de son maître saint Joseph, patron du Canada, dirige notre nation dans ses destinées.

★
★ ★

Nous voilà au terme de cette esquisse biographique. Telle est la mosaïque composée de détails grappillés dans cette longue existence. Nous n'avons pas essayé de couler ce saint dans un moule tout fait, selon notre idéal propre de perfection, mais nous avons suivi les sinuosités de son âme et de sa vie. Nos efforts ont tendu à le saisir tel qu'il est, avec son degré de culture et son caractère. Il est apparu profondément marqué à l'effigie du Maître, depuis les pas hésitants de l'enfance jusqu'au cheminement encore robuste de la vieillesse.

La pénurie de documents écrits, la réserve jalouse de son âme repliée sur elle-même par humilité, expliquent le dessin parfois un peu flou de ces pages. Il s'est défendu en effet contre toute incursion dans son intimité ; seul un

motif charitable lui fit de temps à autre trahir l'éclat de ses dons surnaturels. Nous avons laissé tomber les noms et dates inutiles, sacrifié la savante anatomie d'une rigoureuse analyse critique, nous contentant d'indiquer les sommets et de sonder çà et là quelques beautés. N'est-ce pas la constante préoccupation du portraitiste de choisir seulement les traits qui disent l'âme, d'essayer d'exprimer le modèle mieux que les photos enregistreuses d'instants fugitifs ? Ces pages, dans le désordre de leur germination hâtive, ne visent pas à dérouler complètement le film d'une existence terrestre, mais à décrire la vie spirituelle sous-jacente...

Elles veulent être un témoignage de fidélité à la mémoire du cher disparu. Dans un geste d'amour, nous venons les déposer sur sa tombe, parmi les fleurs demi-fanées que laissa une main inconnue...

Bon frère André, après avoir appris à te mieux connaître, nous pénétrons dans la crypte à la voûte surbaissée, aux larges vitraux avares de lumière, et, mêlés à la foule des pèlerins, nous venons nous agenouiller à ton tombeau. Tu restes encore l'animateur de l'Oratoire. Vieillard si bon, bien pâle, toujours souriant, frêle vieillard au regard jeune, tu hantes l'esprit du peuple. Comme aux jours de ta vie terrestre, les visiteurs, dès leur arrivée au mont Royal, posent cette question : « Où se trouve le frère André ? » Ton aimable bureau, que tu nommais « ton bourreau » à la fin de ta vie, est remplacé par le lieu de ta sépulture. Le contact de cette pierre froide qui recouvre ta dépouille mortelle continue l'action merveilleuse de tes mains décharnées. Du haut du ciel, tu répands une pluie de grâces, tu demeures l'intermédiaire entre nous et saint Joseph. Ta parole : « Quand quelqu'un fait du bien sur la terre, ce n'est rien en comparaison de ce qu'il pourra faire, une fois rendu au ciel » est la réplique de la promesse laissée par la petite Thérèse : « Je veux passer mon ciel à faire du bien sur la terre. »

Avec ferveur fuse de nos lèvres cette prière qui renferme la synthèse de ta vie et de ta survie :

« O Jésus, qui avez voulu propager le culte de votre père adoptif, saint Joseph, par l'humble frère André, obtenez-nous que la sainte Église glorifie au plus tôt ce fidèle ami des pauvres, des malades et des affligés. »

TABLE DES MATIÈRES

Présentation 9
Souvenir d'une maman 13
Vocation 25
Semence 33
Floraison 45
Épanouissement 59
Confiance 75
Humilité 89
Charité 99
Imperfections 113
Dévotions 123
Vie spirituelle 135
Deux figures de saints 149
Derniers jours 161
Triomphe 171
Survie 181

PRINTED IN CHINA
STAMPATO IN CINA

RODOLFO ESCAMILLA
SIGNO DE LIBERACION

Agostinho: con todo cariño
Salvador García A.
7 de junio 1988

RODOLFO ESCAMILLA
SIGNO DE LIBERACION

INTRODUCCION

Rodolfo Escamilla García, sacerdote y maestro, nació el 24 de agosto de 1920 en Maravatío Michoacán, y fue asesinado el 27 de abril de 1977 en la ciudad de México.

Hoy como hace 10 años su ejemplo sigue ne el compromiso de lucha diaria de quienes lo conocimos e influye en mucha gente de nuestro país y de algunos otros países.

En conmemoración de sus 10 años de asesinado, con el que se pretendía destruir su trabajo y sus enseñanzas, los que en base a estas enseñanzas seguimos unidos y apoyándonos, no en una organización sino en un impulso que es la "corriente Rodolfo Escamilla de lucha por la liberación" (CRELL) queremos dar a conocer su vida de lucha para que nos sirva a todos.

Hemos dividido su vida en tres etapas, de acuerdo al tipo de trabajo que más caracterizó cada una de ellas y hemos recogido algunos testimonios.

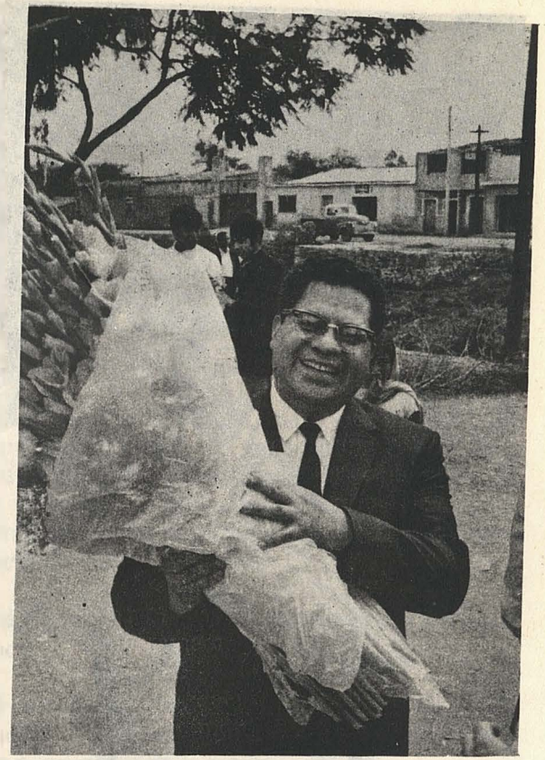
Las etapas son:

1o. de 1933 – 1952; compromiso sacerdotal y compromiso social.
2o. de 1952 – 1965; promoción de movimientos cristianos concientizados
3o. de 1965 – 1977; compromiso con las luchas socio-políticas.

Sentimos la necesidad de mostrar la vida de un promotor natural, sacerdote rebelde y dirigente de masas que desde su juventud se comprometió con las luchas de la clase trabajadora y fue a lado de ella que comprendió que teníamos que lograr una sociedad donde no exista la miseria, la opresión y la explotación.

Sin embargo no queremos presentar a nuestro amigo y compañero de trabajo Rodolfo, como un mito o un objeto de culto, queremos recuperar, reflexionar y aprender de su experiencia.

Rodolfo Escamilla con su compromiso nos entregó todo; su alegría, su comprensión, su amistad, su gran sentido de responsabilidad, su visión, tenacidad y conocimientos, su rebeldía y hasta su vida. El nos abrió los ojos y nos mostró el camino: ahora a nosotros, como una exigencia nos toca después de 10 años seguir la lucha que ya está en marcha y que nadie podrá detener.



RODOLFO ESCAMILLA
SIGNO DE LIBERACION

Miércoles 27 de abril de 1977. Cuatro y cuarto de la tarde.

Oficina en la calle de Monterrey, Ciudad de México. Un joven avanza hacia el escritorio. De su boca salen disparadas estas palabras "¡o ustedes o nosotros!"; de su revólver tres balas que terminan con la vida de Rodolfo Escamilla García. "El inspector de policía encargado de la investigación, declaró que la organización que dirigía el P. Escamilla era mas peligrosa que la "Liga Comunista 23 de Septiembre" considerada como una organización terrorista guerrillera. "El grupo, ha dicho, representa un peligro público nacional porque han llegado a un método muy avanzado para la toma de conciencia del pueblo". (INFO: boletin de la JOC Internacional).

¿Por qué murió? ¿Por que vivió? No vale la pena vivir sino por aquello por lo que vale la pena morir. La razón de la muerte del "gordo" Escamilla fue la misma razón de su vida. En este pequeño folleto tratamos de descubrir la explicación de su vida y de su muerte.

PRIMERA ETAPA:
TRABAJO PARROQUIAL (1944-1952)

"Fue el séptimo hijo de once que adornaron esa hermosa familia".

Nació el 24 de agosto de 1920 en Maravatío, Mich. Tres hermanos sacerdotes y una madre Guadalupana atestiguan el ambiente religioso que incubó su infancia. Familia pobre y comprometida con los pobres. "Vean siempre por el pobre, en él verán otro Cristo" les decía su padre.

1935.— Estudia en el seminario de Montezuma. Tiene la suerte de convivir con jóvenes seminaristas de toda la república. No se conforma con aprender cánones y absoluciones. Forma círculos de estudio sobre los problemas sociales de la patria. La situación de la clase trabajadora, obreros, campesinos, estudiantes es su preocupación desde entonces. Comunica sus inquietudes a sus compañeros y forma un secretariado social interno.

1944.— Se ordena de sacerdote. Hace estudios de Cooperativismo y Ciencias Sociales por correspondencia.

1946.— Su primer trabajo parroquial. Tlalpujahua. Se cierran las minas agotadas por siglos de explotación. Organiza cooperativas de talleres de mezclilla y convive con campesinos e indígenas de la región.

Agrupa a los mineros que quedan y logran la autogestión de las minas.

1947.— Segunda parroquia: Zacapu. Se está instalando la fábrica Celanese. Los jóvenes de este pueblo semirural no están preparados para aprovechar la nueva fuente de trabajo. Sin duda la empresa traerá obreros de otra parte.

El Padre Rodolfo instala en los anexos parroquiales un centro de capacitación y logra que el 90% de los obreros contratados sean de Zacapu. "Durante horas avanzadas de la noche se dedicó a darles capacitación en el aspecto laboral, estudiando a fondo la Ley Federal del Trabajo, que llevó a los obreros a ser capaces de elaborar ellos mismos el primer contrato inicial con la empresa y logra el 95% de las claúsulas, discutiendo los obreros personalmente sin abogado, con el abogado de la empresa". Esto se logra el 28 de octubre de 1948.

La reacción de los poderosos no hace esperar. Treinta años antes de su sacrificio, Rodolfo recibe las primeras amenazas de muerte. La empresa y el gobierno del estado presionan a las autoridades eclesiásticas y se repite una vez mas la historia de tantos sacerdotes que se comprometen con el pueblo: El destierro. El Padre Escamilla es traicionado por uno de los compañeros que habrán sido promotores de la misma escuela de capacitación, quien descubre ante la empresa que el Padre Escamilla realmente es la pieza clave de la fortaleza y la independencia del Sindicato, y entonces le llega al padre una orden escrita de salir de Zacapu y desterrado también del estado de Michoacán".

1951.— Escamilla es enviado por su obispo a una parroquia a Celaya, que pertenecía a la arquidiócesis de Morelia, pero fuera del estado de Michoacán, con instrucciones precisas de atender solo el catecismo.

En 1952 termina esta etapa en la vida del P. Escamilla. Su concepción del trabajo pastoral entra en abierta contradicción con la tradición religiosa domesticadora. Para entender su postura puede ayudarnos el testimonio de un sacerdote que fue amigo y compañero de trabajo de Rodolfo: "Teníamos un círculo bíblico con muchachas obreras. Una de ellas se quejaba de su mala suerte: cada rato tenía que cambiar de trabajo. Había trabajado en muchas fábricas y en todas había sido solicitada por los patrones. Un día supo la verdad, por boca del patrón: su mismo padre acostumbraba pedir dinero a los patrones para alimentar su vicio de embriaguez, a cambio del derecho de disponer de su hija. Yo conocía a su padre: era muy apegado a la parroquia y su religiosidad llegaba al extremo de hincarse a media calle para pedirme la bendición. Este hecho me cuestionó profundamente sobre el sentido del trabajo parroquial. En ese tiempo conocí a Escamilla. Me invitó al primer Consejo Nacional de la JOC (Juventud Obrera Cristiana), que se realizó en Zacapu, su primera parroquia, quince años después de su salida. Mi primera impresión fue negativa. Los muchachos obreros me parecieron rudos y mal educados, no me servían a la mesa y me pusieron a lavar platos. Ahora comprendo que allí empezó mi reeducación. El segundo día descubrí una fuente de agua que satisfizo mi sed de autenticidad, una luz que iluminó para siempre mi camino. Los Jocistas presentaron un sociodrama en el que entrelazaban hechos de vida de los barrios y de las fábricas con textos del evangelio. "Cristo vive en su cuerpo místico", decían y mostraban esa vida en los actos de solidaridad obrera y popular, así como su muerte en la opresión, la mentira y la injusticia. Yo había estudiado la Biblia en el seminario, pero en una forma de erudición: que si la hermeneútica, que si los esenios, que si el deuteronomio. Nunca me habían mostrado un evangelio vivo, solo palabras muertas".

SEGUNDA ETAPA:

Promoción de movimientos nacionales (1952-1964) el Padre Rodolfo se encuentra aparentemente en un callejón sin salida. Quiere seguir en la iglesia, pero no le dejan alternativa. No puede aceptar el reducir su trabajo al catecismo. Entonces se le abre un espacio mayor, gracias a la solidaridad de antiguos condiscípulos de Montezuma, que lo invitan a colaborar en el secretariado social mexicano. El arzobispado de Morelia concede gustoso el pemiso, contento de librarse de un sacerdote problemático.

El campo de su acción se amplía al nivel nacional. Con sus compañeros del secretariado promueve equipos sacerdotales de acción social, así como la fundación de secretariados sociales en casi todas las diócesis. Se organizan cooperativas de producción y de consumo y cajas de ahorro, aprovechando las experiencias que conoció Escamilla y otros compañeros en Antigonish, Canadá.

Rodolfo ve en el movimiento internacional de la JOC una esperanza, un movimiento autónomo de jóvenes obreros, que lucha por su dignidad y que cuenta con un método, el "ver, juzgar, actuar" que viene a dar nuevo filo a la espada del evangelio, enmohecida por siglos de compromisos con el dinero y con el poder. "Los curas en los templos enseñan solo la mitad del evangelio. Porque el evangelio es buena noticia, y lo que dicen en sus sermones es bueno: —"Amarse unos a otros" no es noticia porque se viene diciendo por siglos," "dice un antiguo Jocista al confrontar el mensaje con los hechos de vida, la sal evangélica que había sido arrojada al suelo y pisoteada, viene de nuevo a dar el sabor a la historia. . .

El Episcopado Mexicano ve con recelo al movimiento Jocista. Prefiere el modelo italiano de la acción católica, en el que se mezclan toda clase de laicos, incluyendo en la misma sopa dominadores y dominados.

1957.— Colonia Buenos Aires, Ciudad de México.— El Padre Escamilla empieza a formar los primeros equipos de militantes Jocistas en este barrio popular. "Me invitó Rodolfo a una reunión de militantes".

Se inició una revisión de los compromisos tomados una semana antes. La mayoría no había cumplido, por falta de tiempo, compromisos familiares, etc. Antes de pasar al segundo punto, Rodolfo se puso de pie y dijo: — Nos

vemos dentro de ocho días—. El grupo se quedó sorprendido, y uno de los muchachos dijo: — ¡Pero, padre, apenas estamos empezando la reunión! Rodolfo replicó; las reuniones son trampolin para la acción y si no hemos podido hacer nada esta semana, mas vale que dediquemos este tiempo a hacer lo que no pudimos".

Formación en la acción, reflexión sobre la vida, trabajo de equipo eran piezas claves en su forma de educar.

Los equipos militantes hacían labor de concientización en las fábricas y en los barrios, como fermentos en la masa.

Pronto se forma otro equipo en la colonia Progreso Nacional, y de allí se empieza a extender a la provincia. Cada año se realiza un Consejo Nacional para revisar y planear la marcha del movimiento: Zacapu, Salvatierra, León, Fresnillo, Querétaro, Saltillo, Guadalajara y la ciudad de México, son sedes sucesivas de los encuentros nacionales.

1960.— El Episcopado, ante el empuje del movimiento y la influencia de la JOC Internacional, da un permiso provisional sujeto a condiciones que ahora parecen ridículas: en las reuniones de militantes, deberían cantarse el himno de la JCFM y de la ACJM (Acción Católica) antes del himno de la JOC. . .

1961-63.— Encabeza delegaciones de Jocistas mexicanos a encuentros Centroamericanos y del Caribe:

Panamá, Costa Rica, Nicaragua, Puerto Rico.

"Lo acompañé al encuentro de la región Camexcar (Centroamérica, México y Caribe) de la JOC Internacional, en Managua. Era Presidente René Schick, de la dinastía de Somoza, quien ofreció una recepción en el Palacio Nacional. Los organizadores aceptaron, por una errónea política contemponizadora. La delegación mexicana fue la única que manifestó su inconformidad con la participación en dicha recepción" (testimonio de un asesor Jocista).

1964.— El P. Escamilla es destituido como asesor nacional de la JOC y se dedica a promover la organización hermana JAC (Juventud Agrícola Cristiana) y el movimiento de obreros adultos ACO (Acción Cristiana Obrera).

En 1968 el movimiento de la JOC es desconocido por la jerarquía eclesiástica como movimientos de iglesia, por presiones del Gobierno Federal.

La JOC y el ACO diez (ahora MTC Movimiento de Trabajadores Cristianos). Siguen trabajando fiez años después de la muerte de Escamilla. De estos movimientos surgieron muchos militantes obreros y campesinos, que están actualmente comprometidos en sindicatos, centros de formación, movimientos populares.

En esta etapa Rodolfo participa activamente en la fundación del frente auténtico del trabajo (FAT), alternativa independiente al sindicalismo charro de las centrales oficiales.

También colabora con sus compañeros en la creación del IMES (Instituto Mexicano de Estudios Sociales) de COPEVI (Centro Operacional de Vivienda y Poblamiento) y de P.D.P. (Promoción del Desarrollo Popular) asociaciones civiles de apoyo a movimientos populares.

"Fue un asesor que despertaba confianza; por muy tímidos que fuéramos sentíamos confianza para comunicarnos abiertamente con él, siempre dispuesto a platicar y a oir a las personas, siempre sonriendo como si no tuviera problemas. Nunca lo oímos quejarse cuando se sentía mal". "era bromista".

Un principio fundamental de su trabajo en esta etapa, fue el del "Apostolado del semejante por el semejante" o como dice nuestro pueblo "Para que la cuña apriete, tiene que ser del mismo palo".

TESTIMONIO DE UNA EX JOCISTA – 2da. ETAPA

Preocupado por la situación de los trabajadores el P. Rodolfo Escamilla, toma contacto con la JOC en Canadá, ahí descubre a la JOC como un movimiento de educación integral y sobre todo responde a sus anhelos apostólicos.

Con mucho interés por seguir conociendo el movimiento a través de las experiencias internacionales, asiste al 1er. Consejo Mundial de la JOC que se celebra en Roma en agosto de 1957.

Recaba un sinnúmero de experiencias que afirman en él la necesidad de que en México haya j.t. que transmitan elevangelio al mundo del trabajo.

Con todas estas inquietudes y experiencias regresa a México, y a fines de 1957 conoce a un grupo de muchachos y muchachas de la colonia Buenos Aires que realizaban actividades parroquiales. Estos muchachos a sí mismos se llamaban jocistas, pero no conocían ni trabajaban de acuerdo al método y mística de la JOC.

En 1958 empieza a trabajar en forma organizada con estos j.t. De un grupo de 40 selecciona a ocho y con estos ocho empieza un proceso de formación "pero en la acción" como él decía, exige a estos jóvenes militancia ya que insistía en que "un militante sin equipo, no es militante". Exigía disciplina como parte esencial de la educación.

Empieza a experimentar con estos jóvenes el método de Ver, Juzgar y Actuar a través de las Revisiones de Vida Obrera. Esta revisión se hacía en los niveles personal y del mabiente.

Surgen de esta revisión consignas a nivel personal y de equipo y acciones realizadas directamente entre la masa de j.t. y se llega a tener influencia en una población de cerca de 40,000 habitantes.

Descubre a estos j.t. que son Iglesia y que su misión es evangelizar el mundo del trabajo.

Les descubre también que la Iglesia es misionera y que ellos también deben ser misioneros dentro de los ambientes de trabajo.

Y así con esta conciencia de Iglesia misionera empiezan a formar grupos en otras colonias del D.F., empezando en la colonia Progreso Nacional, San Angel, La Malinche, Arenal, etc. etc.

En todos estos grupos se desarrolla el sentido evangelizador y se influye en un gran número de j.t. Son dos años de trabajo y aprendizaje tanto para los j.t. como para el P. Rodolfo Escamilla y algunos sacerdotes que empezaban a comprometerse con los j.t.

Pero al mismo tiempo surgen problemas especialmente con la Jerarquía Eclesiástica y la Acción Católica, pues nunca pensaron que la JOC impactara a los j.t. como lo estaba haciendo. Empieza la lucha del P. Escamilla porque la JOC reconocida como un movimiento autónomo de la A.C., que fuera dirigido por los propios trabajadores.

Como resultado de la lucha por tratar de que la JOC fuese reconocida por la Iglesia como Mov. apostólico de los j.t. al P. Escamilla es catalogado por la Jerarquía Eclesiástica es decir los Obispos como una persona rebelde y peligrosa.

La Jerarquía, caracterizada por su alianza con los poderes políticos y económicos no podía aceptar que en el seno de la Iglesia naciera un Movimiento que formara a los j.t. dentro del espíritu de la auténtica Iglesia de Cristo es decir un espíritu que tuviera como escencia la concientización de los trabajadores de su dignidad como personas e hijos de Dios y sobre todo de su conciencia de ser clase obrera.

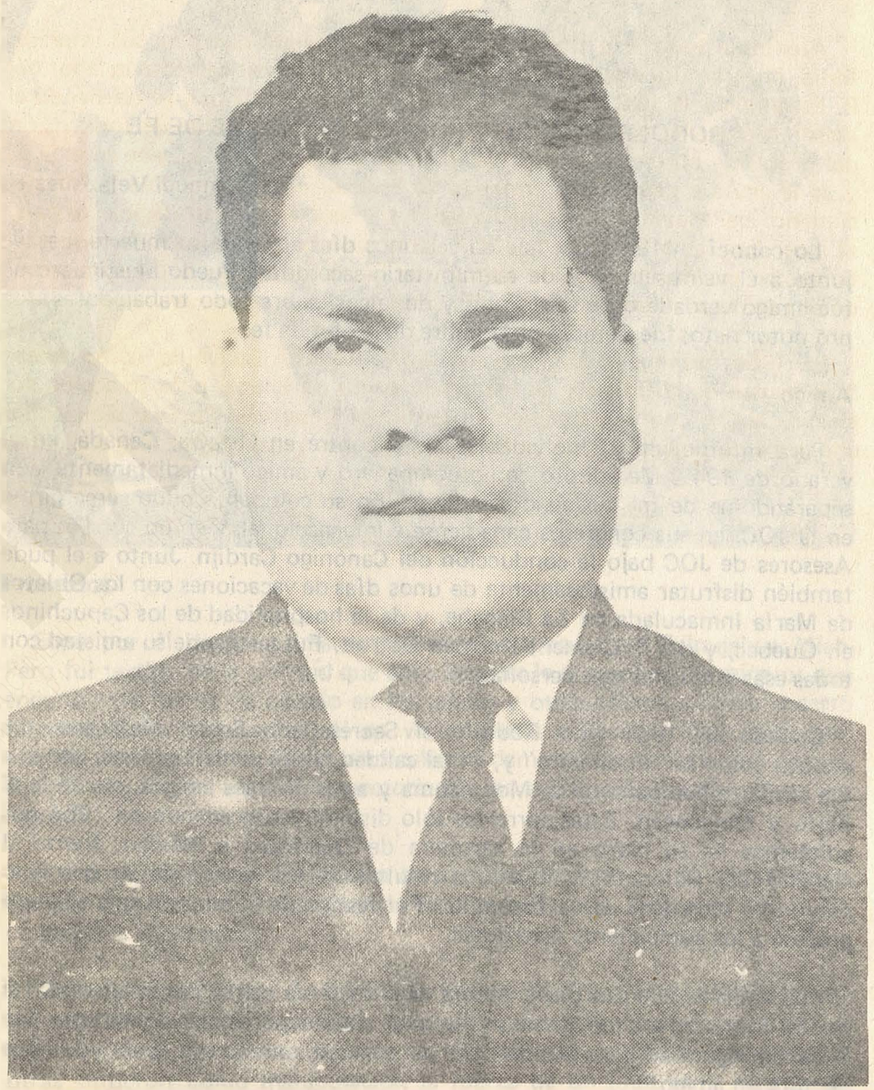
Dentro de este marco de prejuicios eclesiales la JOC y el P. Escamilla empiezan a desbordar los límites del D.F. y Edo. de México se contactan con trabajadores de varios estados de la república (Guanajuato, Michoacán, Zacatecas, Coahuila, Veracruz, Oaxaca, Querétaro, etc.) y se irradia el entusiasmo a algunos países de Centroamérica.

Muchas han de ser las reuniones del P. Escamilla con trabajadores del país (seminarios de estudios, reuniones regionales, Consejos Nacionales e Internacionales, etc.).

Se empieza por primera vez a hacer un trabajo de Pastoral Obrera a nivel nacional con sacerdotes. Este esfuerzo intenta integrar al clero en su misión evangelizadora en el seno de la clase obrera.

Atentos a todo este trabajo y sintiendo el peligro que para sus intereses tenía, la Jerarquía empieza a reprimir abierta y sistemáticamente la labor del P. Escamilla y la JOC. Separa de la JOC al P. Escamilla que venía siendo el asesor nacional y nombran a un obispo como asesor carente de toda visión del problema obrero, a la JOC Nacional se le destierra de su sede en el D.F, y se le envía a León, Gto., tratando de impedir con esta medida el fortalecimiento del Movimiento en la ciudad mas importante y estratégica del país, se incendian las oficinas de la JOCF, se le prohibe al P. Escamilla toda participación en Movimientos de Iglesia y se le impide ejercer su derecho sacerdotal a celebrar misas e impartir la Eucaristía.

En 1964 termina la participación del P. Rodolfo Escamilla, como sacerdote dentro de la Iglesia y en los movimientos de Iglesia, pero su acción no termina ahí; y continúa creando el Centro de Desarrollo Popular realizando una gama de organizaciones populares de las que ya se hablará más adelante.



RODOLFO: AMIGO, PROMOTOR, HOMBRE DE FE

por Manuel Velázquez H.

Lo conocí en 1947. Lo dejé de ver unos días antes de su muerte. Estuve junto a él veintiséis años de su ministerio sacerdotal. Puedo atestiguar que fue amigo verdadero de sacerdotes y de laicos, sobre todo trabajadores; fue promotor nato; fue siempre un hombre de profunda fe.

Amigo

Para mí fue amigo inolvidable. Lo encontré en Ottawa, Canadá, en el verano de 1947. Me adoptó como compañero y amigo inmediatamente, aún separándome de mi hermano sacerdote. En su compañía pude sumergirme en la JOC, en sus congresos canadiense e internacional, y en un cursillo para Asesores de JOC bajo la conducción del Canónigo Cardijn. Junto a él pude también disfrutar amistosamente de unos días de vacaciones con los Oblatos de María Inmaculada en La Blanche, y de la hospitalidad de los Capuchinos en Quebec, y del P. Clement Kern en Detroit. Fui testigo de su amistad con todas esas y muchas más personas.

Cuando en 1951 vino Rodolfo al Secretariado Social Mexicano, me adoptó como su "machetero" y, en tal calidad, visité contínuamente con él a sus antiguos compañeros de Montezuma y a sus diversos amigos, por todo el Bajío y Michoacán. Estas correrías sólo disminuyeron cuando en 1954 nos volteamos en su carro en la carretera de Querétaro a México, frente al Rancho del Colorado, y murió, a resultas de ese accidente su hermano mayor, el sacerdote Jesús Escamilla. Fui festigo de la amistad que siempre profesó a los compañeros sacerdotes.

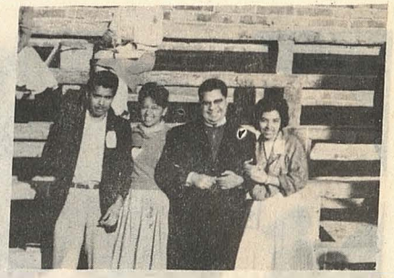
¿La amistad que nos dispensaba a algunos tenía cierto paternalismo? Tal vez así fue, pero era indudable su madurez y sus experiencias prematuras que le daban seguridad para brindar, con su amistad, enseñanzas y apoyo. ¡Fue siempre un amigo!

Promotor

Supe por él de sus primeras experiencias sociales en Tlalpujahua, Mich. Pero fui testigo de la gratitud que años después le guardaban los mineros que encontraron fuente de trabajo en los telares y otros oficios, cuando se cerró la mina. Como estuve con él en varias visitas a Zacapu, Mich.; primero, cuando era él el alma de un sindicalismo democrático auténtico, y, luego, cuando siguió por años la trayectoria de los militantes que con él se formaron.

Sus correrías por el Bajío eran de impulso, de apoyo y de animación: a equipos sacerdotales, a experiencias de desarrollo, a la JAC, a la JOC, a Secretariados Diocesanos. . .

Siempre tuvo la idea de formar un grupo de Trabajadores Sociales para impulsar el movimiento popular. Para ello, puso los ojos muy temprano en algunas chicas de los alrededores del Secretariado. Algunas perseveraron, otras sintieron como manipulación la fuerza de un impulso y desertaron; pero todas desarrollaron algún tiempo diversas labores formativas.



Hombre de fe cristiana

Su fe cristiana tenía aspectos postconciliares desde los años cincuenta. Como Abraham, salió Rodolfo en la oscuridad, hacia la tierra prometida de la promoción y la liberación integral de la clase trabajadora. Abandonó para ello familia, diócesis, y calor del Equipo Sacerdotal del Secretariado, para sumergirse cada vez más en las luchas del pueblo. No evaporó su fe, pero sí relativizó estructuras, prácticas y poderes que se oponían a su llamado a la promoción auténtica de la clase trabajadora.

Conocía la Doctrina Social Cristiana como pocos, pero estuve siempre atento a la voz del Señor en los acontecimientos. La "revisión de vida" no la aplicaba a otros solamente, sino la practicaba para él mismo.

Analizaba la historia y, en busca de mayor lucidez, llegó a usar los instrumentos del análisis histórico y estructural.

Su noche más oscura fue indudablemente el rechazo que padeció de autoridades eclesiásticas; pero descubrió siempre el llamado del Señor en el hambre y sed de justicia de los trabajadores y en la voz explícita de los Papas.

El cáncer que padeció en un ganglio del cuello al fin de sus días fue su última etapa para poder decir: "estoy preparado", cuando se le anunció que estaba amenazado de muerte.

Lo asesinó un judas, pseudo-compañero de labores, porque fue amigo, porque quiso morir en la brecha de la liberación, y porque su fe en el Señor de la historia pasaba por una especie de fe ingenua en la bondad de los hombres.

México, D.F , 21 de marzo de 1985

ETAPA: 1965 – 1977

COMPROMISO CON LAS LUCHAS SOCIALES Y POLITICAS

En esta última etapa Rodolfo deja de participar como asesor reconocido por la Iglesia en los movimientos cristianos, a ellos les apoya pero decide comprometerse directamente en los movimientos sociales y políticos de la clase trabajadora explotada tanto del campo como de la ciudad, clase que para poder sobrevivir tiene que vender lo único que tiene propio, esto es su fuerza de trabajo.

En base a sus experiencias anteriores y para lograr un mayor y mejor compromiso, Rodolfo forma un equipo de trabajo social y una asociación civil independiente de la Iglesia. El equipo poco a poco fue especializándose para trabajar en la ciudad y en el campo. Rodolfo quiere ser uno mas en las luchas y por elección propia elige participar como "el maestro" aunque hasta el fin de su vida sigue siendo sacerdote y participando como tal dentro del Secretariado Social Mexicano, organismo de cristianos sacerdotes y laicos comprometidos con el Pueblo.

En esta etapa junto con el equipo de trabajo social buscan tener cada vez más disciplina y realizan trabajos de promoción con obreros en zona industrial del Estado de México. Promueven varios servicios como: comedor para trabajadores, primaria para adultos, talleres de capacitación técnica, telesecundaria, escuela Sindical, organización y apoyo a las luchas laborales.

Con campesinos en Hidalgó y Oaxaca realizan un trabajo de organización y apoyo a las luchas por la tierra y por la producción u comercialización en forma colectiva.

En zonas urbanas con pobladores del Distrito Federal y Estado de México promueven luchas por la tierra, vivienda, urbanización y servicios en forma cooperativa.

Rodolfo dentro del equipo era uno más con iguales responsabilidades, pero por su visión y experiencia era el principal impulsor. En todos los trabajos se partió de los problemas que eran más sentidos por la mayoría y que permitióse una mayor organización y movilización.

Se buscó fortalecer la asamblea permanente y unión entre los afectados por una misma problemática pero no aislados sino en relación, apoyo y compromiso con otros grupos en lucha.

Se promovió la acción, la planeación y revisión por los mismos interesados junto con la movilización, organización y educación concientizadora.

Todo este proceso de toma de conciencia y organización van generando brotes de poder del pueblo "poder popular" y lleva al equipo a comprender más la realidad de la sociedad de una manera más total, no cada lucha separada sin entender la urgente necesidad de transformar toda la sociedad donde la injusticia y explotación se da de una manera natural. Sin embargo por este tiempo 1974 el equipo no tenía definido como tenía que ser esta nueva sociedad, después por el análisis de las experiencias, del país y del mundo y por el estudio de las teorías revolucionarias aunado la experiencia de tantos años y su compromiso concreto y diario con la clase trabajadora llevaron a Rodolfo primeramente y al equipo a ver que si bien las mejoras inmediatas por las que se había luchado son importantes, exigen una solución más radical, solución de fondo.

Es importante la vivienda, la tenencia de la tierra, la capacitación, la producción colectiva, etc., pero hay que llegar a la raíz, hay que luchar porque se acabe la explotación, en el campo, en la ciudad y en todos los países.

El equipo comprendió: no debemos de tolerar la miseria causada por la explotación de una clase, la capitalista, la clase explotada debemos darnos cuenta cómo nos explotan, para que unos a otros nos unamos, organicemos y luchemos por construir una nueva sociedad y esta tiene que ser socialista.

TEXTO

Rodolfo y el equipo reflexionaban como en esta nueva sociedad socialista, no deben existir clases sociales, no deben existir unos privilegiados dueños de la tierra, de las fábricas, de las riquezas naturales, controladores de todo lo que el hombre necesita para vivir.

Una sociedad en donde todo sea de todos, en donde todos participemos para la producción y distribución de una riqueza de la sociedad. Luchar para que todos logremos una vida más aceptable.

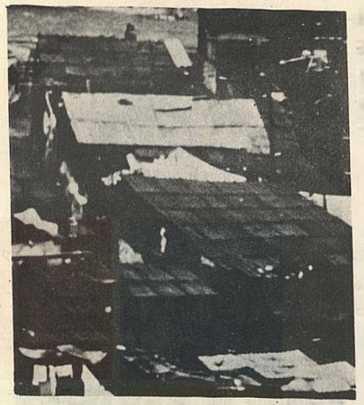
Esta meta requiere de un trabajo colectivo de mejoramiento constante en donde todos seamos responsables para poder desarrollarnos íntegramente en lo político, económico y cultural.

Rodolfo decía, no podremos alcanzar a un nuevo hombre si no alcanzamos una nueva sociedad.

Estas ideas fueron las que impulsaron sus últimos años de trabajo y a las que llego por su lucha incansable que abarca 44 años. Con estas ideas influye y cuestiona diversas agrupaciones cristianas y no cristianas, nacionales e internacionales.

En 1974 se le descubre un cancer maligno en los ganglios, pero no por eso disminuye su compromiso, ni su entrega por sus convicciones.

Fue el día 27 de abril de 1977, como a las 16.15 horas en su oficina de trabajo, es asesinado cobardemente a balazos. Rodolfo tenía entonces 57 años y como siempre, su última actitud fue de valiente lucha.



1969 ésta era una ciudad perdida, que ya estaba condenada a desaparecer, pero en 1970 conocimos al gran maestro y fue que con sus consejos, nos hizo ver que también somos seres humanos y mexicanos que teníamos derecho a un pedazo de tierra donde vivir y teníamos que organizarnos.

Rodolfo Escamilla no solamente trabajaba para los pobres, no solamente trabajaba con obreros, campesinos, con los marginados, sino que también a un grupo de profesionistas en el año de 1970 nos hizo sensibles a esa realidad, nos dió los elementos, nos dió su experiencia.

La experiencia que vimos el pasar de un compromiso con la gente, de luchar con ella, porque tuviera cosas necesarias para vivir dígnamente al descubrir el problema de todos los campesinos, de todos los problemas de los marginados y de los obreros, no consistía más que en la explotación de una clase, la capitalista a los trabajadores.

La educación para nosotros no solamente era el ir a tomar clases, hay otros tipos de clases que nosotros por lo menos yo, tuvimos de parte del gordo, nos tocó descubrir un campo nuevo, un campo que se abría para combatir y luchar en contra de la explotación.

Honrar su memoria no olvidando las palabras que él nos mencionaba porque cuando él estaba en alguna parte, supongamos con un grupo de campesinos y obreros lo único que él decía vamos a luchar para no seguir explotados y no seguir siendo jodidos.

El esfuerzo, la semilla que Rodolfo Escamilla sembró, no quedó sin fertilizar, bastantes compañeros que estuvimos en la telesecundaria, hoy en la actualidad participamos en diferentes organizaciones políticas.

Creó que una de las características que distinguieron a Rodolfo fué la sensibilidad que tuvo para darse cuenta de lo importante que es en la lucha revolucionaria, la solidaridad internacional, Rodolfo Escamilla, además de estar entregado a un trabajo de base permanente, buscó siempre que esas relaciones con otras luchas, con otros pueblos del mundo, estuviera presente.

Todos los trabajos que él inició y eso que lo sepa el asesino, verdad que lo sepan los que esten de acuerdo con su muerte, que todo el trabajo que él hizo no ha dado marcha atrás, al contrario va avanzando.

Por lo que dió su vida, por lograr que se organizara y acabar con la explotación, es lo que nos dejó presente y es por lo que seguimos, tenemos que seguir adelante. ¡Hasta la victoria Rodolfo!

Escamilla no ha desaparecido, porque lejos de desaparecer a un dirigente se crea un héroe, se levanta más la conciencia revolucionaria de cada uno.

Siempre tenía la inquietud de avanzar, de cuestionarse, de criticarse, si entonces nosotros tenemos precisamente que continuar esto, el inicio de su lucha, significó para nosotros una etapa, pero a nosotros nos toca concluirla y concluir esta lucha que significa, lograr una sociedad en la que todos seamos iguales si, en la que todos tengamos pan, trabajo, descanso, educación, diversión, no unos cuantos solamente, esa es la meta y no debemos de descansar ni un instante, hasta que logremos esa meta.

Su muerte fué un duro golpe
para el mundo proletario
que lloró sobre su cuerpo
envuelto en rojo sudario.

Más este choque del alma
duró tan solo un momento
porque de nuevo la lucha
nos hizo su llamamiento.

Todos toditos decimos
ya no debemos llorar
honraremos su memoria
luchando sin descansar.

Viva Hidalgo y Escamilla
les diré de despedida
que dió todita su sangre
por nuestra patria querida.

No obstante toda su historia
entregó toda su vida.

Georges Béjot
ancien évêque auxiliaire de Reims

UN ÉVÊQUE A L'ÉCOLE DE LA J.O.C.

(entretiens avec Etienne Gau)

LES ÉDITIONS OUVRIÈRES

UN EVEQUE A L'ECOLE DE LA JOC

Georges BÉJOT
Ancien évêque auxiliaire de Reims

UN ÉVÊQUE A L'ÉCOLE DE LA JOC

(entretiens avec Étienne GAU)

PRÉFACE DE MONSEIGNEUR VIAL
ÉVÊQUE DE NANTES

LES EDITIONS OUVRIERES
12, avenue Sœur-Rosalie
75621 Paris Cedex 13

Tous droits réservés
© Les Editions ouvrières, Paris, 1978
Imprimé en France Printed in France

PRÉFACE

En l'année du cinquantième anniversaire de la JOC française, c'est un précieux témoignage que nous livre l'un de ceux qui ont particulièrement contribué à la fondation et au développement du mouvement dans notre pays. Le Père Georges Béjot a su faire mieux encore : en réalité, il a écrit une page de l'histoire de l'Eglise en France dans son ouverture apostolique au monde ouvrier à travers les jeunes travailleurs et les jeunes travailleuses.

Un effort lucide et tenace pour offrir concrètement à ces jeunes la chance d'accueillir la Bonne Nouvelle, de découvrir qu'ils sont fils de Dieu et frères en Jésus-Christ et de vivre concrètement la richesse et les exigences de cette révélation, sous-tend l'éclosion et la progression du mouvement jociste. Cette démarche, il ne faut pas s'en étonner, va se trouver confrontée à un environnement ecclésial obligeant la JOC à affirmer son originalité et à affiner ses traits. Elle se veut alors : école, pour la formation de ses membres, corps représentatif de la jeunesse ouvrière, service aussi des jeunes travailleurs en l'absence de moyens aptes à répondre à leurs besoins urgents.

« Nous referons chrétiens nos frères ! » : partout dans le pays, le chant jociste monte et grandit comme l'affirmation non surfaite d'une volonté apostolique, liée à la préoccupation de ne pas faire l'économie des réalités sou-

vent très humbles qui forment le tissu de la vie des jeunes du monde ouvrier.

Un peu plus tard, la JOC devra traverser les années qui, à partir de 1939, ont bouleversé le monde. Formés à l'école du réalisme de la vie et de la foi, les jocistes, aidés par leurs aumôniers, seront capables d'affronter, parfois au prix de leur vie, les dures conditions de la guerre, de l'occupation, de la captivité ou de la déportation. Dans un contexte inédit, ils poursuivront leur action. Et la JOC sortira victorieuse d'une redoutable épreuve avec la volonté et la capacité d'aller de l'avant.

Le mouvement a sans doute évolué depuis cette époque : ne le devait-il pas, pour tenir compte des transformations de la classe ouvrière sans cesser d'être fidèle à ses intuitions fondamentales ?

Il reste que la JOC dans la totalité de son histoire constitue une expérience exemplaire. Elle a ouvert des voies nouvelles, toujours à explorer au bénéfice de la mission de l'Eglise. Nous sommes vivement reconnaissants au Père Béjot de nous y aider, comme il savait le faire autrefois dans les sessions d'aumôniers où la chance me fut offerte de le rencontrer au début d'une longue route fraternelle.

MICHEL VIAL,
évêque de Nantes.

Notice biographique

Georges Béjot est né le 23 août 1896 à Besançon.

Fils de pharmacien. Quatrième d'une famille de six enfants.

A fait ses études primaires dans une école de quartier des Frères des Ecoles chrétiennes.

A fait ses études secondaires à l'externat Sainte-Marie (Marianistes), scolarité au lycée Victor-Hugo.

A préparé l'Ecole centrale de Paris à l'école Massillon (Oratoriens), cours au lycée Saint-Louis.

Admis à l'Ecole centrale en 1916. Mobilisé en 1917. Croix de guerre 1918.

Ingénieur ECP en 1920.

Grand séminaire de Saint-Sulpice, 1920-1925. Ordonné prêtre le 29 juin 1925.

Vicaire à Saint-Joseph de Belfort, 1925-1928.

Sous-directeur des œuvres diocésaines à Besançon, 1928-1939.

Mobilisé, capitaine d'artillerie, 1939-1940.

Curé de Beaumotte-lez-Pin (Haute-Saône), 1941-1943.

Vicaire général à Besançon, 1943-1947.

Nommé évêque auxiliaire de Mgr Dubourg, archevêque de Besançon, le 19 avril 1947.

Vicaire capitulaire, 1954.

Auxiliaire de Mgr Marmottin, archevêque de Reims, le 24 novembre 1955.

Auxiliaire de Mgr Marty, archevêque de Reims, 1960-1968.

Auxiliaire de Mgr Maury, archevêque de Reims, 1968-1971.

Admis à la retraite, le 20 août 1971.

Retiré chez les Clarisses de Tinqueux-Reims.

A fait partie de la Commission épiscopale du monde ouvrier de 1950 à 1971.

CHAPITRE I

L'irruption de la JOC en France

— Père Béjot, pouvez-vous dater avec précision votre toute première rencontre avec la JOC ? Et quelles étaient les circonstances de cette rencontre ?

— C'était en 1927, c'est-à-dire dès la naissance de la JOC à Clichy, alors que j'étais moi-même vicaire à Belfort. J'avais été condisciple de l'abbé Georges Guérin au séminaire de Saint-Sulpice, à Issy-les-Moulineaux et rue du Regard. Nous étions ordonnés du 29 juin 1925, avec une soixantaine de prêtres de Paris et une vingtaine de province. Tous se connaissaient bien pour avoir fait ensemble cinq années d'études ecclésiastiques.

Dès cette époque, avec tous mes confrères, j'étais préoccupé de la situation du monde ouvrier, reconnu comme étant très éloigné de l'Eglise. Après la guerre de 1914-1918, que presque tous nous avions faite, en 1919 et 1920, il y avait eu de grandes grèves qui nous avaient marqués. Au cours des années de séminaire, nous avions eu des conférences de prêtres déjà engagés dans le ministère... Je me souviens en particulier d'un exposé circonstancié

de Monsieur Pierre Gerlier — qui devint plus tard cardinal-archevêque de Lyon — alors directeur des œuvres diocésaines à Paris. Il nous avait décrit comment l'usine était hermétiquement fermée à l'influence de l'Eglise.

Le monde ouvrier était ce monde de l'usine.

L'expérience pastorale d'alors révélait que si les enfants de ce milieu populaire faisaient encore la communion solennelle, préparée par deux ou trois années de catéchisme, ensuite, ils ne « persévéraient » pas. Dès qu'ils entraient à l'usine, on ne les revoyait plus, ni à la messe le dimanche, ni dans les œuvres paroissiales.

Que la persévérance n'existât point, on l'attribuait au monde du travail, à l'usine. Les jeunes ne résistaient pas à son ambiance. En 1931, le pape Pie XI devait consacrer cette conviction, dans son Encyclique *Quadregesimo Anno,* dans une phrase souvent citée : « La matière inerte sort ennoblie de l'atelier, tandis que les hommes s'y corrompent et s'y dégradent. »

C'était aussi le temps de « la banlieue rouge », à Paris, telle que la faisait connaître un livre du P. Lhande, sur l'expérience qu'il en avait faite, monde fermé, avec toutes les préventions possibles contre l'Eglise.

— Après des études à Paris, vous vous retrouviez donc vicaire à Belfort. C'était votre ville d'origine ?

— Je suis originaire de Besançon, ville épiscopale de ce grand diocèse qui comprend les départements du Doubs, de la Haute-Saône et le Territoire de Belfort. Etant une « vocation tardive », comme on disait à l'époque, j'avais fait mon séminaire à Paris, après des études d'ingénieur à l'Ecole centrale. Après mon ordination, l'archevêque de Besançon m'avait nommé à la paroisse de Saint-

Joseph de Belfort, paroisse de prédilection pour lui qui l'avait fondée, et dont le curé était alors son neveu, « le prêtre le plus intelligent du diocèse », m'avait-il dit. C'était une paroisse de 20 000 âmes, une paroisse de banlieue ouvrière, « le faubourg des Vosges ». J'étais comblé, puisque c'était ce qui me hantait, à ma sortie de séminaire. Je n'étais pas du tout d'origine ouvrière — mon père était pharmacien — mais je m'étais engagé dans le sacerdoce par souci missionnaire, et, en particulier, pour ce monde populaire qui me paraissait frustré de la Bonne Nouvelle.

— Mais ce monde ouvrier, comment le découvriez-vous alors ? Quels rapports pouvait-il y avoir, à cette époque, entre lui et une paroisse ?

— L'assistance paroissiale était alors composée pour une bonne part de cette population ouvrière. Il faut dire qu'elle était presque entièrement d'origine alsacienne, Belfort ayant pris son importance par l'exode des Alsaciens qui avaient fui l'annexion, après la guerre de 1870. Devenue ville industrielle, ses grandes entreprises avaient prospéré : la Société alsacienne, devenue plus tard l'Alsthom ; une filature, le DMC qui avait sa réplique à Mulhouse... ces usines avaient absorbé cette main-d'œuvre, qui résidait presque entièrement sur la paroisse Saint-Joseph. Bien faible, malgré les apparences, était la proportion des pratiquants !

Nous étions quatre vicaires. J'étais chargé des garçons, au catéchisme, du cercle des adolescents jusqu'à 16 ans, du Patro. Le cercle était une avant-garde de l'ACJF, l'Association catholique de la jeunesse française. Avec ces garçons, très ouverts, on faisait des commentaires d'évangile et des études suivies visant à leur formation spirituelle

et sociale. Le patro était affilié à la FGSPF, devenue plus tard la FSCF (Fédération sportive et culturelle de France) ; il avait ses sections de gymnastique et de sports divers, de théâtre... c'était « la Quand-Même », toute une jeunesse, de 120 à 150 membres, bref, de quoi s'occuper, et se satisfaire !

Mais il m'arrivait aussi de me trouver sur le passage de la sortie d'usine, un flot humain qui commençait à déferler, au son de la sirène. Alors, le remontant à contre-courant, en soutane, je ne rencontrais que des regards fermés. Des jeunes que je connaissais, s'il s'en trouvait, évitaient de se manifester.

A l'épreuve, j'avais l'impression de deux fleuves qui ne se rencontraient jamais : le fleuve de la pratique paroissiale et ce fleuve humain des usines.

C'était l'époque où l'on s'appliquait à tenir à jour un *liber animarum*, un livre des âmes : les paroisses rivalisaient d'ingéniosité pour faire des fichiers, des répertoires par quartiers, par rues, par familles. On faisait pour cela des visites pastorales à domicile. On était aussi très axé sur les bilans numériques : dénombrement des pratiquants du dimanche, des pasquatins (ceux qui faisaient leurs pâques tous les ans), et même de ceux qui participaient aux exercices d'une « mission », tous les dix ans. C'était l'époque où commençaient les études de sociologie religieuse.

Les bilans étaient assez déprimants. On demeurait dans une optique de chrétienté, mais en voie de déperdition. Les cadres, les commerçants, la bourgeoisie pratiquaient, dans l'ensemble, mais le monde ouvrier... Pour l'atteindre, j'avais cherché à avoir des contacts avec les responsables d'entreprises, en jouant naïvement de mon titre d'ingénieur, sans résultat, bien sûr ! J'avais aussi fondé une section de l'USIC (l'Union sociale des ingénieurs catholiques). Mon curé en était très fier ! Personnellement, j'en ai beaucoup retiré. Mais ce n'était encore pas une voie

d'accès au monde ouvrier. Sans doute, en ce qui regarde les jeunes, nous avions la satisfaction, avec l'ACJF, d'en former quelques-uns, de les armer contre le milieu ambiant, d'en faire des chrétiens convaincus... plusieurs sont devenus prêtres.

— C'est donc dans ces circonstances que vous entendez parler de l'abbé Guérin, de ses initiatives vers un nouveau mouvement de jeunesse ?

— C'est cela : ayant été condisciple de l'abbé Guérin, j'ai été informé très vite des initiatives de l'abbé Cardijn. Tout le monde connaît l'histoire de la fondation de la JOC en Belgique, en 1925. Dès cette époque, par l'abbé Guérin, j'ai connu les premiers bulletins polycopiés. J'ai su que, lui aussi, essayait de commencer quelque chose à Clichy.

Alors que j'étais dans le ministère depuis deux ans, et très engagé dans toutes mes entreprises apostoliques, j'ai ressenti la naissance de la JOC comme un événement, comme une nouveauté déterminante, comme une Bonne Nouvelle. Sans commencer aussitôt à lancer la JOC à Belfort, j'en ai parlé à des jeunes ; et, en 1928, j'ai invité l'abbé Guérin à venir sur place pour une réunion d'information. Il a accepté, ce qui prouve, soit dit en passant, qu'il s'est senti, dès le début, une responsabilité sur le plan national.

Il se trouve que je suis tombé malade, l'avant-veille de son arrivée à Belfort. Du moins, j'ai eu des échos de son passage, dès le lendemain, quand il est venu me voir, dans ma famille, à Besançon. Que s'était-il passé ?

Nous avions une salle d'œuvre de 200 à 300 places : elle était pleine, des jeunes de 14 à 20 ans et plus,

quelques adultes venus écouter ce prophète de Paris, car on commençait, dans la presse catholique, à parler de la JOC. Mon curé était resté au fond de la salle. A la fin de l'exposé de l'abbé Guérin, on le vit remonter toute l'allée centrale... Silence impressionnant ! Qu'allait-il dire ? Il gravit les marches de la scène, et sans hausser le ton, gentiment, il s'adressa à l'abbé Guérin : « Ecoutez, Monsieur l'abbé, il y a vingt-cinq ans que l'on fait tout cela ici. » De fait, la paroisse était fondée depuis vingt-cinq ans, et l'on s'employait à garder les jeunes à la foi. Mais mon curé n'avait rien perçu de la nouveauté de la JOC.

Pourtant, je n'étais pas seul à ressentir comme une onde de choc ! Tous les jeunes vicaires qui avaient fait leurs études ensemble à Paris, nourris des mêmes préoccupations, se trouvaient concernés de la même façon. Très rapidement, à Paris comme en province, la JOC a fait figure d'éruption insolite dans la pastorale en cours ! Elle apportait un autre regard sur la responsabilité missionnaire à l'endroit de la jeunesse ouvrière.

— Pouvez-vous développer davantage la nouveauté que la JOC vous apportait ?

— Mais c'était un autre regard dans la foi, une autre optique pastorale. Pour faire court, je dirai qu'à la hantise du salut des âmes, prises individuellement, Cardijn substituait le regard du monde à sauver pour qu'il chante la gloire de Dieu.

Cardijn avait des phrases percutantes pour dire : « Nous nous représentons l'usine comme un mauvais lieu, un lieu de perdition pour la foi et les mœurs, mais dans le plan du Créateur, l'usine est un chantier où les hommes se grandissent à lui faire chanter la gloire de Dieu, elle est un sanctuaire où ils Lui rendent hommage. »

Il ne s'agissait plus de bilans à tenir à jour, de quartiers à se partager entre vicaires pour une visite systématique en vue de remplir notre fichier. Autre perspective ! Je me souviens... et c'est la première fois que je le raconte... qu'un après-midi je suis monté au Salbert, promenade que je m'accordais sans le dire à mes confrères, ni à mon curé ! C'est la montagne qui domine Belfort. De là-haut, j'ai médité longuement sur ces usines : la Société alsacienne, le DMC... qui étaient sous mon regard : « Ces usines, me disais-je, doivent chanter la gloire de Dieu. Mais qui fera monter cet hommage ? Quels seront les prêtres de cette célébration, sinon les ouvriers qui sont là ? » Ainsi surgissait dans mon esprit, d'une manière décisive, le rôle du laïcat.

Le laïcat... Cardijn fut le premier à en parler, avec quelle force et quelle insistance ! Le laïcat est irremplaçable. Même si le prêtre fait bien son « métier », il ne peut remplacer le laïc. Celui-ci a un rôle spécifique, irréductible... Cardijn a accumulé les qualificatifs pour définir l'apostolat des laïcs. Voyez quelle stature cela donnait à des gars de 14 ou 15 ans ! Voilà qu'ils n'étaient plus des rescapés qui avaient réussi à s'en sortir indemnes, ils se trouvaient investis d'une mission exaltante, faire de leur milieu de travail, par un climat d'amitié, un hommage au Créateur.

Je dois dire que, prêtres de 1925, nous n'étions pas entièrement pris au dépourvu. Les intuitions de Cardijn nous faisaient rejoindre un Père de l'Eglise que notre professeur de dogme affectionnait, saint Irénée. *Gloria Dei, vivens homo* était un de ses leitmotiv — sorte d'équation difficile à traduire en français. Disons que Dieu trouve sa gloire à donner à l'homme toute sa stature de fils de Dieu. Cardijn s'appliquait à faire prendre conscience de leur dignité aux jeunes travailleurs, il les appelait toujours « fils et filles de Dieu ».

— Votre rencontre avec les intuitions de Cardijn, c'est donc par l'intermédiaire du P. Guérin qu'elle s'est faite. Mais le P. Guérin... on cite souvent son nom, on rappelle son rôle, mais on ne parle guère de sa personnalité. Pourriez-vous le décrire un peu plus ?

— L'abbé Guérin était, lui aussi, une « vocation tardive », entré au Grand séminaire à près de trente ans. Il était originaire de Meurthe-et-Moselle : l'an dernier, j'ai fait pèlerinage dans son village natal, Ecrouves, près de Toul. Il y prenait huit ou dix jours de repos chaque année. Au séminaire, il apparaissait comme un étudiant moyen. N'ayant pas fait d'études secondaires classiques, il était un peu handicapé. Alors il travaillait avec acharnement, ce qui ne l'empêchait pas d'être toujours souriant. Il était très discret, un peu mystérieux, pas du tout en vedette. Dans ces années d'après-guerre, sauf un petit contingent qui sortait du Petit séminaire de Conflans, nous étions des adultes, ayant pour la plupart un métier. Je me souviens d'un médecin, d'un notaire, d'un colonel... Georges Guérin, avant la guerre avait été ouvrier orfèvre... Tous, donc, des gens qui ne voulaient pas perdre de temps, qui voulaient acquérir vite le bagage nécessaire pour entrer dans le ministère.

C'est donc surtout lorsque le P. Guérin est devenu vicaire à Clichy qu'il s'est révélé.

Pour lui, la JOC a été vraiment... une nouvelle Pentecôte. Il est désormais apparu comme saisi, possédé par cette lumière... au point qu'il était difficile de l'en distraire... Je me souviens qu'étant devenu aumônier diocésain, à Besançon, je l'ai fait venir pour un séjour en Franche-Comté. Je le promenais à travers ce vaste diocèse aux sites variés et pittoresques. J'essayais de temps en temps de lui faire admirer le paysage. Mais en fait, il n'y prêtait guère attention. Crayon à la main, il tenait son

calepin, non pas comme un Baedeker, pour pointer les endroits visités, mais comme un livre-journal, pour recueillir vos propos. Car il vous interrogeait, façon d'exprimer au passage ses propres convictions. Il était l'homme d'une idée, ou plutôt d'un dessein apostolique. Tout son travail de pensée était orienté dans cette perspective missionnaire. Il a fini par connaître comme personne les épîtres de saint Paul, les citant de mémoire à l'impromptu, en donnant les références !

Il se sentait responsable de la fondation de la JOC, responsabilité qui lui faisait surmonter toutes les timidités. Le P. Guérin n'était pas du tout un leader, mais il était très obstiné. Bien avant le Concile, il allait voir les évêques séparément chez eux, ou lorsque se réunissait, à Paris, l'assemblée des cardinaux et archevêques. Au moment, il avait toujours quelque chose à leur dire. Il flairait tous les périls qui pouvaient se présenter pour le Mouvement : défiance, ou simplement incompréhension. A la limite — mais ce n'était pas sans raison — il était soupçonneux des intentions, car la JOC a toujours eu à défendre sa visée missionnaire. Au moins, il se sentait soutenu dans ses convictions par les encouragements que le pape Pie XI avait prodigués à la JOC naissante. Pie XI avait reçu l'abbé Cardijn en lui disant : « Enfin quelqu'un qui vient me parler du monde ouvrier ! » Pie XI était lui-même hanté par ce qu'il appelait le scandale du XIXe siècle : avoir perdu la classe ouvrière. Il avait perçu d'emblée le caractère exemplaire de la JOC comme expérience missionnaire. Il n'a cessé d'encourager Cardijn à poursuivre son expérience, pour neuve et révolutionnaire qu'elle puisse paraître.

Comme Cardijn parcourait le monde, l'abbé Guérin parcourait la France pour promouvoir la JOC.

— *Se ressemblaient-ils, avaient-ils les mêmes méthodes ?*

— Non. Leur style différait notablement. Cardijn était le prophète ; il aimait haranguer les foules. Il avait des formules percutantes, qui portaient loin, et qui devenaient des slogans. Le P. Guérin se voulait un disciple modeste. Sa présence était toute d'écoute, de sympathie, de bienveillance. « Vous êtes des fils et des filles de Dieu », disait Cardijn. Le P. Guérin allait à leur rencontre, regardant les jeunes d'un regard émerveillé. Il voyait le Seigneur à travers eux. Je me souviens de son enthousiasme, au retour de cette réunion de Belfort, où il avait pourtant été plutôt éconduit. C'étaient les jeunes qui l'avaient séduit, qui l'avaient entouré, interrogé. Il avait lié connaissance avec le gars de 14 ans, qui lui avait spontanément servi la messe, le lendemain matin... Dix ans après, ce jeune était devenu permanent jociste !... Avec les prêtres, la même bienveillance. Il ne venait pas leur faire la leçon. Il se mettait à leur école. Leurs propos étaient des paroles en or, qu'il notait soigneusement. Le souci du fait vécu était sa loi. Il en exerçait la contagion. Ainsi m'a-t-il aidé à voir, à m'émerveiller à mon tour, à discerner tant de richesses chez les jeunes du monde ouvrier.

Nous nous sommes liés d'une amitié profonde. Il m'écrivait spontanément. Il me relançait, me signalant un événement, une lecture... Il m'écrivit encore trois fois, de l'hôpital Saint-Joseph où il devait mourir. Lorsque je le vis pour la dernière fois, déjà il ne pouvait plus parler. Il prit son bloc-notes, à portée de la main, et il m'écrivit son dernier message, véritable testament spirituel. Il me le tendit, puis brusquement le reprit, pour écrire, en diagonale : « Vive le P. Béjot. »

Vraiment, à la vie et à la mort !...

Aérophagie –
Parasite vigoureux qui peut
étouffer la plante

Que je vive ou que je
meurs que ce soit toujours
un témoignage au Christ
Ressuscité

"Le dernier apostolat"

Faire passer le monde
vers son terme –

Que les chrétiens découvrent
l'insondable richesse du Christ
et veuillent transformer le
monde – pour à la manière
ouvrière

Alleluia
le 9-3-72

Vive le P. Béjot

L. Guérin

CHAPITRE II

Le premier visage de la JOC

— La « Pentecôte » du P. Guérin, l'accord de Pie XI... c'étaient déjà deux conditions réunies pour que la JOC démarre en France ?

— Certes oui ! Mais avant même cet appui de Pie XI, je peux dire qu'il y avait un ensemble de circonstances favorables, au moins en France, pour le P. Guérin. Il y a eu cette génération de prêtres ordonnés de l'après-guerre. Durant la guerre, il y avait eu un brassage de toutes les classes de la société. On s'était reconnus, à partager le même destin ! Les préventions réciproques étaient tombées. Séminaristes et prêtres se sont trouvés proches du monde populaire... Pour eux, après la guerre, ce n'était plus supportable de retrouver l'impression qu'ils étaient dans un autre camp... et que ce monde populaire était à jamais éloigné de l'Eglise.

Or en 1919 et 1920, sont survenues des grèves dans lesquelles le monde ouvrier s'est retrouvé dans toute sa cohésion. A l'époque, j'étais à Centrale. On a demandé aux élèves ingénieurs d'aller conduire les trains pour

assurer le ravitaillement. Et comme les autres, j'ai joué les briseurs de grève !

— Paradoxal, comme manière de rencontrer ce monde des travailleurs... Vos études d'ingénieur ne vous avaient-elles pas donné d'autres occasions de rencontre ?

— Non, je m'en suis aperçu, les études d'ingénieur ne nous apprenaient rien du monde ouvrier. Même des stages en usine, pour des apprentis ingénieurs, n'apportaient rien. Récemment encore, j'ai eu les confidences d'un camarade de promotion : « Pendant ces stages, m'a-t-il dit, je n'ai pas du tout compris le monde ouvrier. Pour un futur cadre qui venait préparer son avenir et travaillait avec acharnement, ce n'était pas possible d'admettre ces attitudes d'ouvriers qui rouspétaient tout le temps, dénigraient leur travail, refusaient les accélérations de cadences. » Non, ce genre d'expérience ne favorisait pas une compréhension... Personnellement, je n'avais pas « la tripe ouvrière » ! Il a fallu l'expérience du ministère et l'avènement de la JOC, pour que je commence à comprendre le monde ouvrier.

— Etait-ce à ce point, une découverte ? Même avant vos études, n'aviez-vous rien perçu du monde ouvrier ?

— J'ai fait mes toutes premières études dans une école de quartier des Frères des Ecoles chrétiennes. Il y avait là des enfants de toutes conditions, les fils du coiffeur, du charcutier, du boulanger, du typo et du manœuvre

de l'imprimerie... Ils étaient tous, pour moi, des camarades. J'allais chez eux, leurs mamans étaient très gentilles, bref, je n'ai pas du tout perçu qu'il pouvait y avoir une question sociale !

Plus tard, à Paris, comme « confrère de Saint-Vincent-de-Paul », j'ai fréquenté assidûment le patronage Sainte-Mélanie dans le quartier Mouffetard, des gosses du monde populaire, très attachants... ils m'ont mené au séminaire !... Sans doute, il y avait ce côté un peu vertical des relations, ils vous appelaient Monsieur, sans se priver d'ailleurs de vous affubler de surnoms, par-derrière !

Vraiment, le monde ouvrier, en tant que tel, ma première révélation en a été ces grèves de 1919-1920, la gare de Lyon paralysée et déserte, la gare de Bercy embouteillée ! Quel fossé entre la société et le monde du travail !

Je l'ai perçu davantage, comme séminariste, dans ma première rencontre avec des militants de la CFTC, en session, à Besançon : des chrétiens que j'entendais parler mal de leurs patrons... ces mêmes patrons que je connaissais comme de bons pratiquants, toujours prêts à donner de leur argent et de leur temps aux œuvres paroissiales. C'était pour moi très inattendu !

Il aura donc fallu l'expérience de la JOC pour m'initier à la mentalité ouvrière et me faire découvrir, comme un autre univers, le monde ouvrier. Cette initiation fut toutefois progressive, et plus accomplie par la fréquentation du monde adulte, à travers l'ACO. Du moins, la JOC m'a mis à son écoute.

— Par rapport à l'ACJF (1), qu'est-ce que la JOC vous apportait de nouveau pour mieux connaître les jeunes du monde ouvrier ?

— Bonne question, car ce fut alors très mal compris. Il est certain que les réunions d'équipes jocistes, par rapport aux anciens cercles d'étude d'ACJF avaient une apparence de pauvreté, je dirais presque de mesquinerie. On s'attachait à des faits, au lieu d'éclairer par la doctrine sociale de l'Eglise les grands problèmes du moment. Cet effort, modeste, paraissait vraiment très mineur : comment pouvait-on passer une soirée avec des jeunes pour parler de choses si terre à terre ? Et pourtant, il fallait aller jusque-là pour découvrir les jeunes eux-mêmes dans leur contexte. Ce n'était pas tant les faits qui étaient en cause que les personnes. « Voir, juger, agir... »

Voir, c'était déballer, regarder ce qui s'était passé, surprendre les attitudes, recueillir les réflexions spontanées, discerner certains manques...

Juger, c'était, dans la foi, se mettre en question : on était concerné là-dedans, on était impliqué. Juger un fait, c'était cela : le voir, non pas en lui-même, mais pour la part qu'on y avait prise, pour la connivence qu'on avait vécue... Par exemple, pour la responsabilité qu'on avait dans le mauvais climat d'un bureau, d'un atelier. On était très axé sur cette question de climat jusque dans le concret. Cela pouvait comporter des choses très matérielles : le remplacement d'un carreau à cause du courant d'air, des portes qui battaient, des lieux d'aisance qui étaient malpropres... Il fallait qu'on se prenne par la main pour faire quelque chose, c'était important. Celui qui vit dans un atelier, dans un bureau, dans quelle mesure est-il

(1) Association catholique de la jeunesse française. Voir chapitre III.

partie prenante de la fraternité qui s'y vit, des liens entre les personnes, quelle considération a-t-il pour chacune ? Ces personnes, on les appelait par leurs noms, ou plutôt par leurs prénoms. Le gars — ou la fille — se situait ainsi par rapport à tous ses compagnons de travail. Il apprenait à leur porter intérêt. Telle fille changeait d'attitude vis-à-vis de sa voisine, elle apprenait à la discerner, à entrer dans sa vie, à se décentrer d'elle-même.

Prendre les gens pour ce qu'ils sont, dans leur vraie stature, dans toute leur dignité, et leur vouloir du bien : c'est cela le commandement de l'amour fraternel, c'est aimer ses frères de l'amour que Dieu leur porte. Juger, c'est regarder les camarades de travail avec le regard du Christ. Cela demande que l'on voie la vie de tout près, dans le quotidien.

Vis-à-vis d'un cercle d'étude, c'est tout à fait autre chose : non pas un travail intellectuel, mais une démarche de responsabilité apostolique. La JOC a pris dès le départ et a toujours gardé cette optique. Si un approfondissement culturel peut s'ensuivre, sa visée est directement apostolique.

— Comment la JOC que vous décrivez pouvait-elle rejoindre le combat ouvrier, faire honneur à son titre de jeunesse ouvrière ?

— La JOC eut assez à faire, dans ses débuts, de prendre en charge les jeunes travailleurs, dans leurs problèmes à eux. Ses services voulaient y répondre, sans recourir aux adultes. « Par eux avec eux, pour eux » était un slogan dirigé en partie contre les adultes. La formation par l'action exigeait que l'action demeure à leur taille. Par souci d'autonomie.

Aussi bien, le combat ouvrier n'était pas tellement perceptible aux jeunes dans la vie ouvrière quotidienne. Pas encore de comité d'entreprise, pas de délégués, pas de convention collective, pas de réunions paritaires où assurer une représentation et formuler des revendications. La lutte ouvrière était circonstancielle, voire événementielle : la grève en était la seule manifestation — 1936 en fut l'expression la plus accomplie.

Mais la grève, ce n'est pas du quotidien ! Dans le quotidien, les jocistes ne discernaient que la propagande syndicale, avec la concurrence entre la CGT et la CFTC. Ils reprochaient aux adultes de réduire l'action ouvrière à une propagande. Pour eux, il s'agissait de changer l'atmosphère, de « créer une âme » dans l'atelier, au bureau, par une camaraderie active et des initiatives à ras de terre. Porter à deux ou trois la responsabilité de l'atelier, c'était avoir le Christ avec soi, selon sa promesse. Le Seigneur était présent à leur vie.

Le champ de la JOC, jusqu'en 1936, fut donc bien circonscrit : les jeunes travailleurs auxquels il fallait annoncer la Bonne Nouvelle. Le monde adulte lui était mal connu, le « combat ouvrier » lui échappait. Il a fallu 1936 et les occupations d'usines, jeunes et adultes solidaires, pour que le lien se fasse et soit vécu.

Pourtant la JOC était bien authentiquement, et dès l'origine, du monde ouvrier. Elle eut moins à s'opposer au monde bourgeois comme classe sociale, qu'au milieu paroissial dont elle émanait. Car enfin, à l'image du vicaire de Clichy, les vicaires de paroisse en étaient les instigateurs et leur éducation d'aumôniers de mouvement, respectueux du laïcat, n'était pas faite d'entrée de jeu. Ce fut la tâche des sessions d'aumôniers. Le pape Pie XI avait trouvé une formule pour définir le rôle du prêtre dans sa nouvelle responsabilité : il était « l'assistant ecclésiastique ». Une nouvelle attitude du prêtre était à inventer, pour sortir du cadre et de l'emprise cléricale. Cela

ne s'est pas fait sans douleur : les curés ne comprenaient pas que la JOC, à laquelle leurs vicaires consacraient tant de soirées, ne leur apportât point des bataillons de nouveaux pratiquants. Pire que cela, les journées d'étude distrayaient quelques jeunes de la grand-messe... parfois l'organiste, un comble !

— Ainsi vous-même, et les autres jeunes prêtres qui souteniez la JOC, vous étiez plus ou moins contestés, soupçonnés ?...

— Oui. Et c'était inévitable. Il fallait s'en faire raison. Dès lors que la JOC se voulait ouvrière, elle était suspecte à l'opinion paroissiale. Il y avait une solide méconnaissance réciproque entre le monde ouvrier et l'Eglise. On en restait à une vue très négative du monde ouvrier. De l'usine, comme de l'école laïque, on pensait que Dieu était absent. On percevait le mouvement ouvrier comme subversif pour l'ordre établi. Les jocistes, on en parlait beaucoup, mais on n'en voyait guère dans les œuvres paroissiales ! Ils vendaient *Jeunesse ouvrière,* à la porte de l'église, mais ce journal paraissait contestataire, et il ne parlait jamais du Bon Dieu !

Quand j'étais aumônier diocésain, à Besançon, lors d'une réunion des curés de la ville, devant moi l'archiprêtre m'a mis en question auprès du directeur des œuvres dont j'étais le second, lui disant : « Devrons-nous supporter longtemps que l'abbé Béjot vienne mettre la révolution dans nos paroisses, donner du mauvais esprit à nos vicaires ? »

Prêtre éminent, cet archiprêtre !... Quelques années plus tard, je le prenais comme confesseur !...

La bourgeoisie pratiquante commençait à parler des

« abbés rouges ». Le rouge m'a toujours accompagné dans mon ministère !...

Il n'y avait pas que le clergé et les paroisses à suspecter la JOC. La CFTC elle-même la supportait mal. C'est qu'au début on n'encourageait pas tellement les jeunes à se syndiquer. Cela ne paraissait pas de leur âge. Et surtout, on ne voulait pas fonder une jeunesse syndicaliste, ce que la CFTC de l'époque aurait trouvé normal, et même souhaité. De plus, les syndicalistes chrétiens ressentaient comme une naïve suppléance la prétention des jocistes à être apôtres. Eux aussi avaient l'esprit apostolique !

— Mais ces premiers militants, comment vous les rappelez-vous ? Comment prenaient-ils leurs responsabilités de laïcs ?

— Pour vous répondre, je pense à certains d'entre eux, que je vais essayer de camper devant vous.

Jean était membre de l'ACJF, il était même du comité diocésain. Mais il était typographe, il vivait vraiment dans le monde ouvrier ; aussi fut-il très vite sensible à la JOC, et on lui confia la responsabilité de la fondation du mouvement dans le diocèse.

Sous le signe de l'ACJF, une réunion est organisée à la paroisse Saint-Mainbœuf, à Montbéliard ; les membres du comité diocésain viennent de Besançon. Dès le début de la réunion, on propose que les jeunes qui sont au travail, parmi les présents, se groupent autour de Jean. On passe dans une petite salle, et Jean explique ce que veut être la JOC : un mouvement par lequel les jeunes travailleurs vont prendre en charge leurs camarades, pour annoncer le Christ à tous... « Nous referons chrétiens nos

frères... » Et puis Jean compte cette petite assistance, et il s'écrie : « Eh bien ! voilà ; nous sommes douze ici, pas plus c... que les apôtres, nous devons bien être capables, nous aussi, de répandre la Bonne Nouvelle ! » Tout le monde s'est montré d'accord... C'est un exemple d'une première réunion de fondation de la JOC à partir de l'ACJF.

Dans ces premières années, on faisait aussi des récollections trimestrielles. Cela durait un week-end, dans un style très... religieux : l'aumônier en assumait la plus grande partie, souvent devant le Saint-Sacrement ; tout de même, quelques jeunes intervenaient, rapportant, en s'adressant au Seigneur, en le tutoyant, quelques faits des jours précédents ; le dimanche, l'aumônier disait la messe (en latin, en tournant le dos à l'assistance), mais on lisait en français l'Epître et l'Evangile, et le prêtre commentait cet évangile en relation avec la trame de ces journées.

Et donc, je me souviens d'une de ces récollections. Une trentaine de gars, de Besançon, d'Ornans, de Baume-les-Dames. Parmi eux, Maurice, qui est venu avec son équipe d'Ornans, petite cité industrielle sur la Loue. Maurice est le président de sa section. Et voici qu'après la messe, Maurice me rejoint précipitamment à la sacristie, tout bouleversé : « Angelo a fait un sacrilège ! » Angelo était un apprenti de quatorze ou quinze ans. Et Maurice de m'expliquer davantage : « Oui, il est allé communier, alors qu'il n'a pas fait sa première communion, il ne s'est jamais confessé non plus. »

J'apaise Maurice comme je peux, puis je vais voir l'auteur du « sacrilège » : « Alors, Angelo, tu as fait ta première communion ? »

« Ah oui, monsieur l'abbé. Mon père n'a jamais voulu que j'aille au catéchisme, je me suis dit que l'occasion était trop belle. »

C'est ce qui s'est produit bien des fois : des participants à des récollections ou à des sessions s'approchant pour la

première fois du sacrement de l'Eucharistie, sans passer au préalable par le sacrement de pénitence, qui suppose déjà une intelligence beaucoup plus profonde du mystère sacramentel, du mystère du Salut.

— Ces premiers responsables, eux, avaient déjà donc des connaissances religieuses ?

— Oui, certains, mais ils n'avaient pas tous pour autant le même type de réactions. Par exemple, je me souviens de deux Georges. En l'occurrence, c'est Georges B., qui était président fédéral ; toujours au cours d'une récollection, après la messe, de la sacristie, j'entends Georges qui rend grâce au nom de tous ses camarades : « Aujourd'hui, c'est jour de paie. C'est jour de paie parce que la paie, Seigneur, nous savons ce que c'est : nous l'avons bien gagnée quand elle vient, et puis elle nous fait vivre toute la quinzaine qui suit ; eh bien, aujourd'hui, c'est toi, Seigneur, qui nous récompenses de tous nos efforts, et qui nous donnes de la force pour être tes témoins les jours prochains... »

Maintenant, je revois le même Georges B., et un autre, Georges D. Tous deux sont responsables fédéraux (2) ; un jour, ils se trouvent ensemble dans une visite de section, à la paroisse de la Madeleine (que son curé venait de quitter pour devenir évêque de Troyes : le P. Feltin...). Ils sont là tous les deux pour aider cette petite section à réfléchir à la fois sur l'enquête campagne et sur l'Evangile. Et Georges D., qui lisait beaucoup, qui était un mystique, de dire, dans un grand silence : « Mais au fait,

(2) Une fédération, dans la JOC, coordonne plusieurs sections d'une ville, d'une partie d'agglomération, ou d'un département.

interrogeons-nous ; qui parmi nous est en état de grâce ? » Il était très épris de pureté ; mais notre autre Georges lui réplique aussitôt : « Mais nous sommes tous en état de grâce, il n'y a peut-être que toi qui ne l'es pas ! » C'étaient bien deux optiques assez différentes, l'une reflétant plus une certaine « culture religieuse » ancienne, l'autre reflétant davantage des réactions typiques de la masse ouvrière.

— Vous disiez que l'aumônier assumait l'essentiel de ces rencontres. Pourtant voilà bien des jeunes qui prenaient vite leurs responsabilités ?

— Eh bien, il y avait ce partage. Un autre souvenir, un peu tardif celui-là : j'accompagne Fernand, président fédéral lui aussi, déjà très éducateur, à une réunion dans un village d'un millier d'habitants, à quelques kilomètres de Besançon, avec une usine de papeterie où travaillent des jeunes.

Monsieur le curé est là. Je présente Fernand, puis je le laisse assumer la réunion. Il faut dire que dans son quartier, une cité ouvrière de Besançon, il avait déjà une grande activité apostolique, une grande influence. Et Fernand, très simplement, commence à interroger les huit ou neuf garçons qui étaient là, tous assez jeunes, les fait parler de leur village. Sur une carte à peine ébauchée, il les invite à se situer, puis à situer aussi leurs camarades de voisinage... bref, il leur fait établir ce qu'on a appelé plus tard la « carte de relations ». Et il conclut la réunion en proposant et récitant lui-même la prière jociste : « Seigneur Jésus, ouvrier comme nous... »

Après cette réunion, le curé est un peu surpris : « Mais vous n'avez rien dit ? Mais en tout cas, ce jeune-là, il

croit drôlement à ce qu'il fait ! » Et nous avons admiré ensemble le caractère encore très neuf de cette réunion, sans exposé, sans sermon, mais où un jeune de dix-neuf ou vingt ans avait su, avec tant de réalisme, prendre en charge d'autres garçons plus jeunes encore.

Ainsi, d'une part, nous avons eu assez vite des garçons comme Angelo ; la JOC a tout de suite voulu être un mouvement de masse sans mettre de condition d'instruction ou de pratique religieuse ; et d'autre part, des garçons qui avaient à cœur d'être des apôtres : le Christ était présent dans leur vie et tout spontanément, le rôle qu'ils se donnaient était de l'annoncer à leurs camarades, à travers leur vie ouvrière. Et ce que voulaient les premiers jocistes, c'était bien de faire des autres aussi des apôtres, d'abord, plus que des pratiquants.

— Vous dites « à partir de leur vie ouvrière », et en même temps on voit beaucoup de références directes à l'Evangile. Comment les choses s'articulaient-elles ?

— Le schéma d'une réunion d'alors, c'étaient trois temps : un commentaire d'Evangile, le point sur l'enquête campagne, et la « révision d'influence » ; mais précisément, le leitmotiv, lancé par Cardijn en particulier, c'était : « des faits, des faits, apportez des faits » ; l'on ne pouvait avoir un échange réel que sur des faits de vie, et donc nécessairement de la vie ouvrière, de l'atelier ou du bureau, et aussi du quartier. C'était un peu une réaction contre les cercles d'étude tels qu'à l'ACJF, où l'aumônier « instruisait » les jeunes. Vers 1929, on a beaucoup parlé du chômage — déjà —, des permanences qui s'organisaient pour y faire face ; on parlait aussi des initiatives qui pouvaient être prises pour les loisirs (les

sorties à bicyclette) ; et encore, les problèmes avec les conscrits. Ça, c'était un grand souci : de ce point de vue, il y a eu des jeunes qui ont agi à ce moment, très simplement, avec une grande audace, allant jusqu'à accompagner leurs copains dans des lieux pas très bien famés, pour... essayer de faire face aux situations ; il m'est arrivé, dans des réunions d'aumôniers, de citer des faits qui faisaient choc.

Tout a été progressif, de plus en plus concret, de plus en plus engagé en pleine vie, et de plus en plus efficace, parce que les militants ont peu à peu pris toute leur stature, sont devenus des leaders dans leur entreprise ou dans leur quartier.

— Et ces premiers militants, étaient-ils issus de tous les secteurs du monde ouvrier, de toutes les branches de l'industrie, de toutes les catégories ?

— Je vous ai cité un typographe ; à Besançon, il y avait aussi bien sûr beaucoup d'horlogers, assez qualifiés ; des employés aussi... Au total, je pense que la JOC était bien représentative de toute la jeunesse ouvrière d'alors.

CHAPITRE III

Les années 1930 : l'ACJF et la JOC

— Père Béjot, nous avons fait le tour de l'événement qu'a représenté la naissance de la JOC. Mais comment s'est-elle inscrite dans l'ensemble des efforts de l'Eglise à cette époque ?

— Le surgissement de la JOC, et l'engouement qu'elle suscita ne manquèrent pas de poser quelques problèmes.

Les œuvres paroissiales se partageaient alors entre l'ACJF et la FGSPF. L'Association catholique de la jeunesse française, qui devait fêter son cinquantenaire en 1936, promouvait des cercles d'étude, avec la devise « Piété, Etude, Action », qui définissait tout un programme. Ses cercles d'étude comportaient, en effet, une formation spirituelle, l'étude de la doctrine sociale de l'Eglise, pour préparer à l'action, celle-ci orientée vers l'établissement d'un ordre social chrétien. Ainsi concevait-on l'apostolat. Le clergé soucieux de la formation d'une élite choisissait l'ACJF, le clergé plus préoccupé de la masse faisait du patro, celui-ci affilié à la Fédération gymnastique et sportive des patronages de France, la FGSPF.

Certaines paroisses avaient les deux. C'était notre cas à la paroisse Saint-Joseph de Belfort.

La JOC mettait davantage en cause l'ACJF, par sa visée apostolique. Déjà, l'ACJF, sensible à l'urgence qui s'imposait à l'époque, avait entrepris une certaine spécialisation en direction du monde ouvrier. Elle avait suscité des « équipes ouvrières », avec un bulletin spécial, et un responsable au plan national, Jean Mondange, du Comité général.

La JOC venant à naître en dehors de son sein, l'ACJF fit face à l'événement avec ouverture. Le premier signe en fut la négociation qui eut lieu à la Semaine sociale de Nancy, en juillet 1929, entre Pierre Dietsch, du Comité général et mandaté par lui, et l'abbé Guérin. Au terme de cet accord, les « Equipes ouvrières » de l'ACJF se dissolvaient, et Jean Mondange devenait secrétaire général de la JOC. Rien n'était défini quant aux structures des deux mouvements, on verrait bien.

L'accord s'avéra heureux. Jean Mondange fut un excellent secrétaire général de la JOC, et l'autonomie de celle-ci fit école pour d'autres mouvements en train de naître : l'apparition de la JOC ouvrit en effet une ère nouvelle de travail apostolique, particulièrement féconde et exaltante. Ce fut dans les années 1930 et jusqu'à la guerre de 1939, l'éclosion et l'épanouissement des mouvements spécialisés de jeunes : Jeunesse agricole chrétienne (JAC), Jeunesse étudiante chrétienne (JEC), Jeunesse indépendante chrétienne (JIC), voire Jeunesse maritime chrétienne (JMC). L'ACJF en fut le lieu de confrontation, sinon d'élaboration.

— *Comment cela se faisait-il ?*

— L'ACJF tenait chaque année, au mois de novembre, son Conseil fédéral, qui rassemblait, à Paris, les présidents

et aumôniers diocésains, avec le Comité général (président, aumônier, et quelques membres). Ces assises reçurent l'onde de choc de la JOC, dont les slogans constituaient pour elles autant de paradoxes : « Mouvement de masse »... mais comment un mouvement apostolique pouvait-il faire l'économie d'une élite ? « Formation par l'action »... comment admettre qu'une formation préalable ne soit nécessaire pour une action féconde ? « Par eux, avec eux, pour eux »... comment des jeunes du monde ouvrier pourraient-ils se passer d'un enseignement doctrinal venu d'ailleurs ?

Pas d'autre réponse à ces questions que l'expérience même de la JOC. Présidents et aumôniers diocésains en étaient les témoins et souvent les responsables à la base. D'année en année, les « conversions » se firent plus nombreuses. Il ne s'agissait de rien moins que de se lancer à corps perdu. En pleine assemblée, j'entends encore le chanoine Tiberghien, de Lille, interpeller le chanoine Leynaud, de Caen : « Alors, Père Leynaud, avez-vous fait le plongeon ? » Il fallut attendre l'année suivante pour avoir une réponse positive.

Des formules jaillirent parfois, pour sortir des impasses. « Elite, ou masse ? — Elite pour la masse. » « Pêcher à la ligne, ou au filet ? — Il s'agit plutôt de changer l'eau. » « Et qui donc changera l'eau ? — Les poissons eux-mêmes l'assainiront. »

Les assemblées se déroulaient dans une atmosphère très cordiale, voire dans un climat d'euphorie. Car, très vite, les mouvements pour d'autres milieux sociaux prirent naissance et se développèrent. Avec les mêmes postulats, « Formation par l'action », « Voir, juger, agir », ils s'implantèrent rapidement. Enquêtes, journées d'étude, récollections, retraites, leur donnaient consistance, au plan diocésain. Des secrétariats nationaux prirent corps. Bulletins de militants et bientôt journaux de masse s'imposèrent, à l'égal de la JOC. L'ACJF joua le jeu, sans

réticence, se donnant la mission de confrontation, de réflexion, de coordination. Des expériences en précisèrent l'intérêt et les limites.

— *Pouvez-vous en citer des exemples ?*

— Je me souviens de la célébration du cinquantenaire de l'ACJF, en mai ou juin 1936. On avait vu grand. Mais l'événement n'était pas mobilisateur pour les nouveaux mouvements. Le Parc des Princes ne fut pas rempli, et le cadre se prêta mal aux manifestations oratoires prévues. Par contre, au mois de novembre, le Conseil fédéral faisait réflexion sur les événements des mois précédents, grèves et occupations d'usines. C'est un fédéral jociste qui, le premier, prit la parole. Avec son langage ouvrier, il décrivit les moments qu'il avait vécus, solidarité, discipline, respect des outils de travail, espérance, il expliqua les avantages acquis, congés payés, 40 heures, et avec pertinence, les conventions collectives... Et l'assemblée, un peu prise de court, écouta ce point de vue d'un jeune ouvrier comme une information de qualité, et l'accepta dans une large mesure : un élément du monde ouvrier avait donné son éclairage à l'événement.

Je me souviens aussi d'une session d'aumôniers diocésains — c'était en 1938 — sur le milieu de vie, réalité qui avait été perçue, et qui, dans une perspective apostolique, avait provoqué le surgissement des mouvements spécialisés d'Action catholique. L'inspiration en était solennellement approuvée par le Pape Pie XI, dans son encyclique *Quadragesimo Anno* (1931), selon la loi de proximité de la charité : « Les premiers apôtres, les apôtres immédiats des ouvriers seront des ouvriers, les apôtres du monde industriel et commerçant seront des industriels et des

commerçants » (n° 152). On osait parler alors, en toute innocence, de classes sociales, sans être taxé de marxisme ! Pour autant, le chanoine Tiberghien ne fut pas très à l'aise pour en donner une définition. Il s'excusa d'une apparence de tautologie en les définissant : un ensemble de familles classées. Du moins le qualificatif ouvrait un registre où tous les éléments d'une culture pouvaient se retrouver. L'avenir devait se charger de l'enrichir. La session eut alors assez d'intérêt pour faire l'objet d'une brochure intitulée : *Nouveaux chantiers dans l'Eglise.*

En 1938 encore, sous la présidence d'André Colin, le Conseil fédéral se donna pour tâche de définir des structures de liaison ou d'harmonisation entre les sections locales de divers mouvements. On avait surtout en vue les bourgs où la spécialisation posait des problèmes de partage, dans une perspective de pastorale d'encadrement. Ces structures n'ont jamais vu le jour.

Au plan local, j'ai continué jusqu'à la guerre à réunir le comité diocésain, trois ou quatre fois l'an. Il était constitué de deux ou trois responsables par mouvement (JOC, JAC, JEC, JIC), le diocèse couvrant trois départements : Doubs, Haute-Saône, Territoire de Belfort. Ces réunions n'avaient plus rien de statutaire ni d'opérationnel. Mais elles constituaient des rencontres très enrichissantes, très stimulantes aussi pour l'action apostolique de ces responsables qui l'exerçaient dans des conditions tellement différentes. De vrais liens d'amitié les unissaient, et une admiration réciproque dont j'étais le confident. Il faut dire que les rapprochait la même visée apostolique.

— Ce que vous avez connu au plan local, en avez-vous vécu des manifestations semblables à plus grande échelle ?

— Au plan national aussi, ce fut une période exaltante de germination, de croissance, d'épanouissement. Des manifestations marquantes en furent les cérémonies du Xe anniversaire de la JOC, en 1937. Elles firent plus que confirmer la JOC dans sa vocation spécifique, elles témoignèrent de la vitalité de l'Eglise, d'un renouveau qui concernait toute la jeunesse, du bien-fondé de la spécialisation. Les mouvements étaient alors assez solidaires pour se sentir concernés par l'ampleur surprenante de l'événement. Car ce fut un vrai choc, une « révélation » que ce fameux rassemblement nocturne au Parc des Princes de 50 000 jocistes. L'abbé Jean Rodhain, alors aumônier fédéral à Paris, en avait été le maître d'œuvre. Défilés de drapeaux, cortèges folkloriques, chants, chœurs parlés avaient tenu en haleine l'immense assistance, dans un enthousiasme spontané. Le lendemain, la messe était célébrée par un jociste des premières heures devenu prêtre, sur un autel préalablement édifié par tous les corps de métiers. La participation active de l'assemblée ne s'était pas démentie. L'événement fit date, éclipsant la célébration belge de 1935, à Bruxelles.

Durant toute cette période, les mouvements vivaient au même rythme, localement sous la responsabilité d'un unique aumônier diocésain. Oserai-je ajouter qu'ils avaient la même spiritualité, sous le signe de la mission : « Nous referons chrétiens nos frères ». Ils avaient leurs thèmes d'année, « l'enquête campagne », leur fréquentation de l'évangile, le recours aux faits dans leur réflexion « Voir, juger, agir », leurs journées d'étude, récollections, retraites... La formation des militants n'était pas un leurre. Ils prenaient une réelle stature. De vrais responsables surgirent, qui prenaient en charge leur mouvement. Un laïcat majeur s'affirma, incarnant la spécificité de l'apostolat laïc. Le mot spécifique eût d'ailleurs mieux convenu, pour qualifier les mouvements, que le mot « spécialisé ». Celui-ci donnait le change sur leur vrai caractère d'intégralité, et offrait le champ à une « action catholique générale » difficile à définir et à situer. Vertu des mots, qui tourne souvent au piège.

CHAPITRE IV

La révision de vie

— Nous avons survolé les dix premières années de la JOC, ses liens avec l'ACJF, l'éclosion des Mouvements « spécialisés » ; mais à partir de l'apparition de ses premiers militants, la JOC elle-même a-t-elle évolué, pendant cette période faste d'avant la guerre ?

— Oui. Et ce fut passionnant !

Je ne reviens pas sur le congrès du Xe anniversaire, qui fut une révélation : 1937. Il se trouve que dans les années 1936-1937 est venu à la JOC, de la vie à la base, comme un second souffle. 1936, vous connaissez ! le Front populaire au pouvoir, Léon Blum, la grève générale, les occupations d'usines... Les jocistes qui étaient au travail ont vécu l'événement. Un événement qui a eu un retentissement considérable, avec ses menaces et ses risques, avec ses joies intenses, ses exultations. Le monde ouvrier a communié dans un certain nombre d'actions solidaires. La JOC a communié à tout cela. Je pense que 1936, pour les jeunes, a été une introduction dans l'action ouvrière, une entrée dans le combat ouvrier. 1936

a joué, de ce point de vue, un très grand rôle, parce que tout le monde se sentait concerné. Les occupations d'usines ont été très généralisées, les avantages acquis sensibles à tous.

— Les occupations d'usines avaient un aspect révolutionnaire. Comment ont-elles été reçues par l'opinion ?

— Certes, elles ont été ressenties par la bourgeoisie, et par tout le monde pratiquant comme une violation de la propriété, comme une véritable agression. Le cardinal Verdier, archevêque de Paris, a surpris, à l'époque, en les avalisant pour ainsi dire. Par son attitude, et par ses déclarations, il a cherché à apaiser l'émotion, à désamorcer toute répression, à faire admettre comme un état de fait que les travailleurs se sentaient un peu chez eux dans l'entreprise, de par leur travail. Tout cela n'a pas été formulé très explicitement, mais en tout cas, à ce moment-là, l'intervention du cardinal Verdier a été décisive, déterminante.

— Dans de telles circonstances, la JOC avait-elle déjà des interventions publiques, au niveau de ses instances nationales ?

— Non, je n'en ai pas le souvenir. *Jeunesse ouvrière* en a certainement fait état, mais je ne me souviens pas de déclaration à chaud. L'événement dépassait la JOC ; il lui apportait plus qu'elle ne pouvait lui donner. C'est

par son appartenance ouvrière qu'elle en a été marquée, c'est par son enracinement local, à la base, qu'elle l'a vécu.

C'est d'ailleurs de la base qu'un autre apport d'importance a contribué à lui donner son second souffle. Je veux parler de la révision de vie.

Il faut se rappeler qu'au départ, la réunion de section jociste comportait trois temps : la lecture d'Evangile, l'enquête campagne, la révision d'influence. La lecture d'Evangile était une épreuve pour l'aumônier : témoin la parabole du Parisien et du républicain (au lieu du pharisien et du publicain) ! Je veux dire que la lecture était souvent difficile, ânonnante. Mais plus encore, le rôle de l'aumônier se devait d'être discret, tout juste de préciser le sens, donner du relief, pour provoquer l'apport de faits de vie. Expérience, en compensation, de véritables « fioretti ». Les trouvailles étaient émouvantes.

L'enquête campagne était le thème d'année sur le plan national. Elle centrait l'attention, l'observation des faits, sur un aspect de la vie : le travail, le quartier, les loisirs, l'amour... Les faits saillants devaient remonter « au national », c'était la tâche du secrétaire. Et le journal *Jeunesse ouvrière* d'y trouver son butin ! Enfin, la révision d'influence. Là, il s'agissait pour chacun de s'exprimer sur l'influence qu'il avait pu exercer dans la quinzaine précédente. Tour de table assez décevant. On était très court. Initiatives ? Propos tenus ? Et dans cette optique : « Nous referons chrétiens nos frères ! ». Tous les jocistes étaient-ils donc des caïds, des leaders, pour « influencer » leur milieu ? D'aucuns gardaient le silence. Recherche difficile qui terminait mal la réunion...

...Jusqu'au jour où un militant de section s'avisa spontanément d'apporter, non pas des faits d'influence, mais des faits de vie, où il découvrait les richesses de son milieu ouvrier, à l'atelier chez ses camarades de travail, dans son quartier, et même dans sa propre famille, très prolétaire pourtant, et pas du tout « chrétienne ».

Des souvenirs, pour illustrer cela, souvenirs que je garde en mémoire pour les avoir souvent cités déjà !

Ce jeune gars sortait d'une école professionnelle et avait une réelle qualification ; il travaillait dans un atelier d'horlogerie. Il voit un jeune « arpète » qui s'y prend mal dans son travail, « il fait de la limaille ». Il pense à aller l'aider... mais pour cela, il faut arrêter son tour, quitter sa pièce, s'essuyer les mains... pendant qu'il hésite, un camarade l'a précédé, « le plus crapoteux de l'atelier », souligne-t-il. Quelle leçon !... Un jour, rentrant à midi à la maison, la chaussée est en réfection devant chez lui, des travailleurs épandent du goudron. Une déviation est indiquée pour les poids lourds, déviation difficile, en épingle à cheveux. Un camion se présente, qui veut passer quand même... sur le goudron fraîchement épandu ! Altercation. Le camion démarre... un des travailleurs fait barrage de son corps, au péril de sa vie... Respect du beau travail !... En novembre, il annonce : « Mon père a fait sa Toussaint » (comme « on fait ses pâques »). Surprise, on connaissait son père fort loin d'une telle pratique ! Non, son père n'est pas allé à confesse, il n'a pas communié. Non, il n'est pas allé à l'église, ni même au cimetière... mais, chez lui, à la radio, il a fait un tri, il a évincé toute musique ou chanson légère, il n'a pris que des émissions sérieuses.

De tels faits, cités en fin de réunion, changeaient le climat, dégageaient l'atmosphère, donnaient des ailes, pour retourner à la vie « militante » de tous les jours.

Ce fut un changement de regard, dont on recueillit les heureux fruits, avant que d'en justifier l'inspiration. Au lieu de s'examiner soi-même, on découvrait les richesses de son milieu de vie. Autre regard qui impliquait une autre démarche, plus humble, plus vraie, plus réaliste ! Elle fit fortune. Elle se répandit de section en section, quand le militant devint fédéral.

Ce fut ce fédéral qui récusa un jour le terme de

révision d'influence pour parler de « révision de vie ». Ainsi, la « révision de vie » n'est pas une « méthode » conçue au sommet par des éducateurs avisés, et proposée au Mouvement, elle est une inspiration à la base, jaillie de l'expérience de la vie militante, apostolique. On peut lui donner une date de naissance : 1936.

— Mais comment une expérience aussi personnelle et localisée a-t-elle pu retentir si loin, au point qu'aujourd'hui « la révision de vie » est devenue une panacée ?

— C'est là le bienfait d'un Mouvement organisé, disons organique, comme la JOC.

Tout d'abord, l'expérience fit l'objet d'une longue maturation, au plan fédéral et diocésain. Elle ne s'est pas imposée d'emblée, tant s'en faut. Elle fut l'objet de contestation, surtout de la part des aumôniers. Elle était en porte-à-faux par rapport à une saine doctrine. En bref, comment des croyants pouvaient-ils recevoir des incroyants ?

Recevoir du monde ouvrier et me nourrir de ses richesses, j'ai dû moi-même me convertir à cette démarche.

C'est là que j'ai découvert que l'apostolat laïc pouvait nous en apprendre, à nous, prêtres ! J'oserais dire que je me suis formé à l'école de ce militant, devenu fédéral, et bientôt président de la fédération. Ma responsabilité était bien de partager avec lui : il m'est arrivé d'y passer des après-midi entiers du samedi, de quinzaine en quinzaine — un vrai partage, où j'ai appris ce que l'on appelle aujourd'hui l'autonomie du laïcat apostolique, non pas seulement l'autonomie du laïc dans son engagement temporel, ce qui va de soi, mais son autonomie dans l'action apostolique, et même dans l'expression de sa foi chrétienne.

— Pouvez-vous éclairer cela par des souvenirs concrets ?

— Je citerai des réflexions comme celles-ci : « L'imitation de Jésus-Christ... ça ne me dit rien. Le Christ n'est pas à côté de moi, pour que je louche sur lui et que je l'imite, le Christ est en moi. » « Le Christ est dans les copains. » La main sur son carnet de « révision de vie » : « Ça, c'est les quatre évangiles en un seul » (à l'époque, courait en librairie un composé des quatre évangiles). Quant au paradoxe, il en usait largement, « Nous sommes des pauvres types », « Les richesses de la masse »...

Je me souviens d'une retraite de normaliens — élèves de l'Ecole normale d'instituteurs, Ecole qui avant la guerre était encore un véritable séminaire de laïcisme militant — les chrétiens s'y trouvaient dans une situation missionnaire inconfortable. Ils voulurent connaître l'expérience jociste et invitèrent le président fédéral à venir passer une soirée avec eux... Celui-ci, d'entrée de jeu, les interrogea : « — Pour vous, les jocistes, qu'est-ce que c'est ? » Et par un harcèlement de questions, il leur arracha des réponses, pour composer finalement un portrait-robot avantageux du militant, sous le signe du chant de la JOC « Nous referons chrétiens nos frères ».

Alors, après un silence, et un regard outragé : « — Eh bien, non, et non ! Ce n'est pas ça ! Les jocistes sont de pauvres types, qui se mettent à l'école de la masse, pour y rencontrer le Seigneur. » Et d'apporter des faits, à foison, avec la joie d'un moissonneur.

Au terme de cette soirée « historique », où les retraitants décontenancés cherchèrent à retrouver leur souffle, nous avons veillé tard dans la nuit, entre les trois prêtres présents, pour vérifier le paradoxe. Il me fallait la connaissance approfondie de ce baroudeur, pour me constituer garant de son propos, expression d'une expérience vécue, apostolique et spirituelle.

Localement, en tout cas, l'expérience s'affermit : un moral retrouvé, aussi bien dans les sections qu'au comité fédéral, une JOC présente partout, aussi bien dans l'action ouvrière... qu'au bal des conscrits !

— Et à partir de là, comment s'est poursuivie la diffusion de cette inspiration ?

— Cette maturation locale a eu son retentissement plus large par les réunions d'aumôniers, du moins comme je le perçois ; d'abord par une session régionale, en Franche-Comté, où le chanoine Charles Bordet, adjoint et ami du P. Guérin, fut littéralement conquis. Les sessions qui ont suivi, à travers la France, eurent l'écho insistant de ce retournement de perspective. La révision de vie supplanta la révision d'influence. Les « richesses de la masse » devinrent un slogan que les années d'avant-guerre ont mis à l'honneur dans tout le Mouvement.

Pour autant, la démarche prit du temps pour s'imposer. Devenu permanent, à la veille de la guerre, notre baroudeur ne rencontra pas au Secrétariat général l'accord qu'il escomptait, sauf l'appui du P. Guérin et des aumôniers.

Du moins, la guerre ne devait pas arrêter l'engouement d'une révision de vie qui se cherchait, à partir d'un regard désormais mieux orienté. Je me souviens de sessions de militants en 1940, après la débâcle, dans une France coupée en deux par la ligne de démarcation. Démobilisé (à Castres), j'avais rejoint, en première étape, le Secrétariat général en Zone Sud, à Sainte-Foy-lès-Lyon. Dès l'automne, des sessions se sont tenues, à Limoges, à Grenoble, à Annecy... Une session d'aumôniers eut lieu à Lyon, à laquelle le P. Dewitte et le P. Bordet me demandèrent de parler de la révision de vie. Je suis resté très

court sur le fondement doctrinal de la démarche, au point d'embarrasser ceux qui m'avaient fait confiance. Preuve cependant que l'élan était donné et la recherche en route.

La Providence me ménagea un temps de réflexion. Rentré dans mon diocèse, sous l'occupation, sollicité même par le P. Guérin pour accepter une responsabilité régionale, ma santé fléchit à faire des parcours à bicyclette et contre la montre pour attraper les trains : plus d'essence pour les voitures ! Les temps étaient changés !

Promu curé de campagne en Haute-Saône, je fus ainsi favorisé d'une double année sabbatique, comme pasteur de 250 paroissiens, — en deux villages — dont un petit tiers de pratiquants. J'apportai la même démarche « apostolique », apprise de la JOC, dans mon ministère, cette fois en monde rural. Cela me valut deux années de découvertes, dont je garde le plus grand souvenir.

Mes paroissiens ne furent pas insensibles à l'attitude insolite de leur curé. Je m'en aperçus lors de la visite d'un jociste, en quête de ravitaillement, et qui passa la journée à parcourir le village pour trouver des œufs. A l'heure de midi, il s'en vint au presbytère, et me rapporta ce propos, tenu en manière d'éloge, par une maman de prisonnier, que je n'avais jamais vu à l'église : « Oh, notre curé, qu'on pratique ou qu'on ne pratique pas, ça lui est égal ! » Dans l'occasion, je m'empressai de rétorquer : « Surtout, ne va pas rapporter cela à l'archevêque ! »

Visite d'une autre inspiration, celle de l'abbé Henri Godin, natif d'un village voisin, Audeux, et qui venait tout droit du Secrétariat général, où le P. Guérin se l'était adjoint, comme aumônier fédéral de Paris Nord. Il avait déjà produit ses petits livres de méditations évangéliques qui ont connu un si grand succès dans le monde des aumôniers et des militants. Bonne journée d'échanges dans une amitié confiante.

Autre visite, celle du P. Guérin lui-même. Il venait me demander une intervention à la session d'aumôniers qui

devait rassembler, avenue Reille, à Paris, en septembre 1943, les aumôniers fédéraux de toute la France. La ligne de démarcation n'existait plus depuis l'occupation généralisée qui avait répondu au débarquement des Alliés en Afrique.

Il s'agissait de décrire « la méthode fondamentale » de la JOC dans cette perspective : « Partir des ressources de la masse, pour la faire agir chrétiennement ». L'énoncé avantageux vaut d'être remarqué ! En fait, il ne s'agissait de rien moins que d'un témoignage réfléchi et fondé en doctrine, sur la révision de vie. Aventure audacieuse, que je n'ai pas récusée. Le texte en a paru intégralement dans la première livraison de *Masses ouvrières*, en 1944, livraison hors série avant le n° 1 de la collection (1). Il m'a d'ailleurs valu quelques ennuis que j'ai rapporté lors du 300e numéro de la revue...

— Pouvez-vous préciser quels ennuis ? A quel climat de l'époque correspondaient-ils, et se sont-ils répercutés longtemps dans votre « carrière » d'évêque ?

— Ce texte a trouvé place dans mon dossier, lors de ma proposition à l'épiscopat, par la sollicitude d'un censeur, inquiet sur ma doctrine. Ce dossier, bien sûr, m'a suivi tout au long de ce que vous appelez ma « carrière »... pour m'éviter un siège résidentiel d'évêque, en plusieurs occasions.

L'aventure est assez pittoresque pour qu'elle interrompe un instant notre dialogue. Le censeur était de la même famille religieuse que le Père Teilhard de Chardin. Est-ce

(1) Revue éditée par les aumôneries nationales de la JOC-JOCF et de l'ACO. Voir page 101.

cette parenté qui lui fit faire un rapprochement entre ma doctrine et celle de l'éminent jésuite ? Toujours est-il que j'avais l'imprudence dans ce texte, sinon l'impudence, de parler de « milieu » à propos de la Trinité... ce qui était « à coup sûr », une référence à l'étude du Père sur « le Milieu divin », étude qui, à l'époque, circulait sous le manteau en pages polycopiées, sans la faveur du Magistère. Or, j'en étais simplement à faire un rapprochement entre personne et milieu de vie, pour la formation des militants, et Personnes et milieu trinitaire, rapport définissant les Personnes divines comme relations subsistantes au sein de l'Unité de nature. C'était bien Maurice Zundel qui m'avait inspiré, et non pas Teilhard de Chardin ! Mais toutes ces honorables compagnies ne me déplaisent pas ! Elles m'auront préservé de responsabilités redoutables, et mes assujettis éventuels, d'un joug mal ajusté.

Mais revenons, si vous le voulez bien, à la session de septembre 1943, avenue Reille.

Mon exposé, favorisé de la présence du cardinal Suhard, se trouva, du même fait, frustré d'une discussion, l'intervention du cardinal, en fin de séance, en tenant lieu.

Mais la question rebondit curieusement le lendemain. Un autre sujet d'actualité était en effet traité par un professeur du tout jeune séminaire de la Mission de France, qui démarrait à Lisieux. Il s'agissait de l'équilibre à trouver entre la prière et l'action, chez les aumôniers jocistes surchargés de travail. A partir de l'ouvrage de Dom Chautard : *L'Ame de tout apostolat*, ce débat, toujours d'actualité, se trouvait en piste très loin de sa ligne d'arrivée. Du moins la Mission de France, dans sa grâce baptismale, devait avoir la solution.

Or l'exposé laissa l'assistance insatisfaite. Et le débat languit jusqu'à l'heure de midi. A mon rang de curé de campagne, j'hésitais à crier mes évidences. Mais quand le P. Guérin fit mine de lever la séance, je demandai la parole. Ma conviction s'était renforcée récemment au

cours d'une retraite que j'avais faite à la Trappe d'Acey, et où j'avais découvert un bouquin éclairant d'un trappiste, le P. de Besse, sur « l'oraison de foi ». Action et contemplation s'y trouvaient si bien associées qu'il retint très fort ma réflexion, jusqu'à découvrir qu'il décrivait la révision de vie ! Fort de ce témoignage, j'intervins donc pour m'étonner que personne des aumôniers chevronnés présents n'ait apporté la révision de vie comme solution au problème posé. En quelques mots, je situai la révision de vie dans cette perspective.

La séance fut levée dans un certain émoi, et je fus sollicité par plusieurs de tenir séance improvisée, après le repas... au Parc Montsouris !

Cette année 1943 me paraît marquer l'adhésion irréversible de la JOC à la révision de vie, comme expression de sa démarche missionnaire. Il s'agit de bien plus que d'une « méthode fondamentale », voire d'une doctrine à soumettre à l'agrément des théologiens, mais d'un regard de foi, à la rencontre du Seigneur en œuvre de Salut dans le monde, agissant au cœur de tous les hommes.

CHAPITRE V

La JOC et l'expérience des prêtres ouvriers

— Vous avez évoqué la Mission de France ; à la même époque, me semble-t-il, a commencé l'expérience des prêtres ouvriers : la JOC a-t-elle été dans le coup ?

— Non. Ces expériences, quoique de même inspiration missionnaire — climat d'époque —, ont été absolument distinctes.

La « Mission de France » eut comme inspirateur le cardinal Suhard, dans le double souci, face à la « déchristianisation » de la France, d'une péréquation du clergé entre diocèses riches et diocèses pauvres en prêtres, et d'autre part, de la constitution d'équipes sacerdotales qui auraient certaines franchises, pour une pastorale inventive, dans les milieux particulièrement déchristianisés. Le cardinal pensait autant, et plus, au monde rural, dont il avait perçu les besoins, comme archevêque de Reims. La JOC n'était pas concernée.

Pour l'expérience des prêtres ouvriers, dont l'abbé Henri Godin fut l'inspirateur, la JOC se trouva concernée indirectement par l'impact de cette initiative en monde

ouvrier. Mais elle le reçut plutôt comme un désaveu. Je l'ai ressentie moi-même ainsi, à son origine. J'en peux témoigner ! En effet, à cette même session de septembre 1943, l'abbé Godin, qui y participait au titre d'aumônier fédéral, m'accrocha le premier jour, après le repas de midi, pour me confier où il en était de ses réflexions. Il venait de faire paraître sa fameuse enquête, menée avec Yvan Daniel, sous le titre percutant : *France, pays de mission ?* En bref, elle révélait, cette enquête, avec des faits et des chiffres à l'appui, que la France n'était plus une chrétienté, que la clientèle paroissiale qui absorbait l'activité du clergé, ne représentait qu'une faible proportion de la population, et cela, en plein Paris, dans les meilleures paroisses — que le monde ouvrier en était absent... Le cardinal Suhard en fit une insomnie !

Mais, de surcroît, son expérience d'aumônier jociste donnait à l'abbé Godin le crédit d'une perception très réaliste du monde ouvrier, et l'acheminait à des conclusions qui, dans l'occasion, me prirent à contre-courant ! Il m'en saisissait juste avant l'exposé que je devais faire sur les « richesses de la masse » pour fonder « la méthode fondamentale »... et voilà qu'il me représentait le monde ouvrier comme un prolétariat massivement déshumanisé, démuni, pauvre en ressources humaines, prévenu contre l'Eglise, contre « les curés » ; il fallait que les prêtres « retroussent les manches », aillent à l'usine pour faire le poids, les laïcs n'y pouvaient suffire.

Je reçus très mal cette présentation. D'une part, elle me paraissait contradictoire avec l'expérience qui allait servir de fondement à mon exposé. D'autre part, je subodorais là un certain cléricalisme, par manque de respect de la mission du laïcat.

Nous avons donc discuté ferme, au point que le P. Guérin est venu nous rappeler aux exigences du moment : tout le monde, dans la salle, attendait le conférencier !

Pour la première fois, nous n'étions pas d'accord, et cela

nous peinait, l'un et l'autre. J'en garde d'autant le souvenir, que ce fut notre dernière rencontre : l'abbé Godin mourait accidentellement au mois de janvier de l'année suivante.

L'inspiration du P. Godin rencontra l'agrément du cardinal Suhard, hanté par sa sollicitude pastorale vis-à-vis d'un diocèse qui débordait largement, à l'époque, la ville de Paris. Les premiers prêtres ouvriers constituèrent la « mission de Paris », sous la responsabilité directe de l'archevêque. Le cardinal Liénart à Lille, le cardinal Gerlier à Lyon couvrirent la même expérience.

La JOC resta sur la réserve assez longtemps. J'en peux témoigner par un autre événement, daté fin juillet 1947.

Je venais d'être nommé évêque auxiliaire de Besançon. Et je me trouvais le premier aumônier jociste à accéder à l'épiscopat. Bien sûr, le P. Guérin n'a pas manqué d'avoir recours à moi pour une session d'aumôniers de base qui se tenait au Collège des Pères eudistes de Versailles. Il y avait là un millier de prêtres. Cardijn était présent. J'ai simplement donné mon témoignage sur les découvertes que m'avait fait faire la JOC : renouvellement du regard de foi, éclairage que donnait la révision de vie, changement d'optique pastorale... mais j'ai mentionné, d'une manière allusive, l'expérience en cours, des prêtres ouvriers, pour encourager les aumôniers jocistes dans la mission de susciter et « d'assister » des militants laïcs. Quelques prêtres ouvriers étaient dans la salle, et naturellement, à la reprise de séance, ils n'ont pas manqué d'intervenir. Or, même si j'ai convenu n'avoir pas abordé au fond, leur mission, les permanents des deux mouvements, JOC et JOCF, sont venus au micro, pour revendiquer le rôle irremplaçable du laïcat ! Ils ressentaient encore l'initiative des prêtres au travail comme un désaveu.

— Cette attitude a-t-elle évolué ?

— Les réserves des jocistes vis-à-vis des prêtres ouvriers se sont maintenues, *grosso modo,* durant plusieurs années. Il a fallu en fait, la décision de Rome, en 1954, de suspendre l'expérience pour qu'ils perçoivent le retentissement en monde ouvrier de leur retrait, et pressentir le rôle très différent du leur qu'ils pouvaient remplir, pour une reconnaissance de l'Eglise en classe ouvrière.

Personnellement, je n'ai pas attendu aussi longtemps. L'expérience, que j'ai suivie de près, par des prêtres de mon diocèse et par d'autres, diocésains ou religieux, au plan national, m'a fait entrer davantage dans la perception des réalités qui l'avaient inspirée. Des échanges, en tête-à-tête ou collectifs, m'ont révélé les attitudes paradoxales qu'exigeait leur vocation singulière (ou mieux, spécifique) : refus de tout ministère, non pas seulement d'assistance à un laïcat militant, jeune ou adulte, mais de service sacramentel, refus de donner à croire au monde ouvrier qu'ils étaient parachutés par l'Eglise honnie, pour le « récupérer ». Je me souviens de l'un d'eux racontant comment il avait refusé à une femme de son quartier de baptiser son enfant, malgré ses instances, à l'insu de son mari : quelques mois après, le mari, mis au courant du refus par sa femme, venait le remercier en copain reconnu ! Ainsi leur mission m'est apparue progressivement se situer au niveau de la crédibilité de l'Eglise en monde ouvrier. Celui-ci, prévenu contre l'Eglise établie qu'un long passé lui a fait voir compromise avec l'argent et le pouvoir répressif, ne peut retrouver l'Eglise vivante que sur nouveaux frais. Le prêtre ouvrier se veut témoin d'une Eglise autre, présente et solidaire, sans rejeter ses liens avec l'Eglise de toujours. Les « curés » deviennent crédibles, quand leur vie, toute transparente par le partage de son destin, est vouée à la classe ouvrière, voire à

sa libération, expression la plus tangible de la Bonne Nouvelle.

Alors que le « projet » de la JOC est directement de mettre à la portée des jeunes travailleurs l'expérience de la Bonne Nouvelle, pour leur révéler le Christ, le « projet » des prêtres ouvriers se situe à un niveau plus modeste, liminaire pour ainsi dire : restaurer l'image de marque d'une Eglise, récusée par le poids d'une longue histoire, et qui se veut pourtant Sacrement de la Bonne Nouvelle.

Cet hiatus entre deux expériences distinctes s'est trouvé entretenu par le partage entre deux instances épiscopales différentes, de leur prise en charge par l'Eglise, en France. Avant le Concile, l'ACA, Assemblée des cardinaux et archevêques, était l'instance nationale de l'épiscopat, communément reconnue. Elle créa, en 1950, une Commission épiscopale du monde ouvrier, à laquelle m'associa son responsable, Mgr Guerry, dès son début. Or cette commission a restreint son champ de tutelle aux seuls Mouvements d'action catholique, JOC, JOCF, ACO.

L'expérience des prêtres ouvriers restait sous la responsabilité directe du cardinal Feltin, successeur du cardinal Suhard. Il m'est arrivé à deux reprises d'exprimer à Mgr Guerry ma surprise que notre commission « du monde ouvrier » se désintéressât des prêtres ouvriers. Celui-ci m'a opposé un refus réitéré, soit qu'il fût personnellement réservé par rapport à l'expérience, soit qu'il n'ait pas voulu aller sur les brisées du cardinal Feltin, qui, d'ailleurs, partageait les vicissitudes de l'entreprise avec les cardinaux Liénart et Gerlier.

Quoi qu'il en soit, la suppression de 1954 a été unanimement ressentie comme une épreuve douloureuse, et comme un contre-témoignage dans l'effort d'évangélisation de la classe ouvrière.

Maintenant que l'expérience est reprise et amplifiée, il demeure qu'un permanent effort de compréhension mutuelle est à poursuivre, tant à la base qu'aux instances

responsables, — en deçà d'une collaboration institutionnelle, utopique et même non justifiable — pour que prêtres ouvriers et Mouvements d'action catholique (aumôniers et militants) communient dans la même découverte du travail de l'Esprit au sein de la classe ouvrière, et dans le même respect de Son action, prévenante, insistante... autant que patiente, pour y faire naître l'Eglise visible, à travers tous les liens d'une solidarité vécue.

— A vous entendre, on imagine mal comment Rome a pu interrompre une expérience aussi missionnaire. Quelles raisons a-t-elle données de sa décision ?

— Ce que j'ai reconnu moi-même avoir eu du mal à comprendre, ce que des milieux catholiques ouverts comme la JOC n'ont pas perçu, il est explicable que Rome, éloignée du champ d'opération, y soit restée réfractaire. Ce ne fut point, certes, par respect du laïcat. Mais l'expérience allait à l'encontre de toutes les idées reçues sur le prêtre. Le prêtre, arraché au monde et mis à part pour le service de l'Eglise, ne pouvait se commettre à travailler à l'usine. C'était pour lui, à la fois, perdre de son caractère sacré, et encourir des risques pour sa foi. L'expérience a prouvé que le risque existait, par manque de préparation, face à un véritable changement d'univers. Surtout, Rome ne pouvait admettre que le prêtre, ministre des biens spirituels, par vocation, prétendît s'abstenir de tout ministère : c'était se nier lui-même, et attenter à la doctrine du sacerdoce.

La décision intervint, sans appel.

Je me souviens d'une soirée cruciale, au couvent de Saint-Jacques, en compagnie du P. Chenu et de deux de ses frères dominicains prêtres ouvriers. Outre que la formulation même de la décision romaine fut sommaire et maladroite, l'argumentation qu'elle présentait n'était pas crédible, pour un théologien de la taille du P. Chenu.

Les trois cardinaux Feltin, Liénart, Gerlier s'en furent à Rome pour défendre l'expérience dont ils avaient assumé les risques. Le pape Pie XII, pour qui la cause était entendue, mit quelque résistance à les recevoir. Il se laissa arracher un compromis, après le délai d'un nouvel examen : les prêtres pourraient consacrer trois heures par jour au travail en usine, temps maximum qu'ils étaient autorisés à distraire de leurs obligations et de leurs tâches sacerdotales. Le compromis n'était pas viable, le travail à temps partiel ne pouvant asseoir le crédit du prêtre en monde ouvrier.

Dix ans après, le Concile se chargeait d'approfondir la théologie du sacerdoce ministériel, et de ménager le créneau qui rend acceptable ces situations d'exceptions. Il faut toutefois reconnaître que ce créneau fut difficile à consentir par d'autres épiscopats que celui de France. Mgr Marty, alors archevêque de Reims, comme responsable de la commission conciliaire chargé de la rédaction du décret *Presbyterorum Ordinis* concernant le prêtre, dut user de toute sa force de conviction pour obtenir que soit mentionné le partage de la condition ouvrière, par le prêtre, partage favorisé de la qualification de ministère — et là où l'autorité compétente le jugeait opportun (*P.O.*, n° 8).

C'est à la fin de la dernière session du Concile, en 1965, que Mgr Veuillot, alors coadjuteur de Paris, obtint de Rome la reprise de l'expérience. Elle concerne actuellement, en France, plus de 400 prêtres.

CHAPITRE VI

Les années 1950 : épreuves et maturation

— Nous en sommes arrivés aux années 1950. Comment la JOC a-t-elle vécu cette période qui a précédé le Concile ? Devenu évêque, êtes-vous resté en lien avec elle ?

— Il est certain que mes rapports avec elle furent moins immédiats, plus circonstanciels. Il m'est arrivé pourtant d'être appelé à animer des récollections ou des retraites des permanents du Mouvement, ce qui comportait une reprise de contact de qualité avec ses responsables.

Je vous ai dit aussi que dès 1950, j'ai fait partie de la Commission épiscopale du monde ouvrier. A cette époque, mon archevêque, Mgr Dubourg, m'a fait part du désir de Mgr Guerry de me compter parmi les membres de la Commission qu'il était chargé de constituer. Nous étions alors peu nombreux : Mgr Ancel, Mgr Courbe, Mgr Renard, alors évêque de Versailles. J'ai été chargé bientôt de la représenter auprès de la Commission de la jeunesse, autre commission épiscopale, celle-là chargée de la jeunesse. Ces deux commissions avaient du mal à se situer l'une par rapport à l'autre, en ce qui concerne la JOC

particulièrement. Cette Commission de la jeunesse s'était proposé de redonner vigueur à l'ACJF. C'était une vue qui paraissait bien raisonnable : je vous ai dit comment jusqu'en 1939, au plan local, diocésain, j'avais obtenu une rencontre périodique des responsables de ces différents Mouvements spécialisés. J'en garde le meilleur souvenir, et tous les participants en ont effectivement beaucoup profité. Toutefois, cette rencontre était relativement gratuite, en ce sens qu'on ne se donnait pas d'autre but que des rapports d'information mutuelle, des rapports d'amitié entre responsables de différents milieux.

Mais, dans les années 1950, l'ACJF existait toujours au plan national : elle avait ses aumôniers généraux, elle avait son président, et on comprend qu'elle ait eu le souci de faire que tous les Mouvements spécialisés gardent entre eux des rapports réguliers. Effectivement, ces rapports étaient suscités par le président et par l'aumônier général.

Les rapports se sont révélés de plus en plus difficiles entre les différents Mouvements, difficiles surtout à cause d'un clivage qui s'établissait entre la JAC et la JEC d'une part, la JOC et la JIC d'autre part. Ce clivage venait, me semble-t-il, de ce que les Mouvements avaient évolué assez différemment depuis la guerre. Ils avaient pris une complète autonomie, avec un responsable national, des aumôniers généraux dans chaque Mouvement, chacun étant sollicité par les besoins, les situations, par les réflexes de son milieu.

Ces Mouvements ayant évolué d'une manière assez différente, lorsqu'ils se retrouvaient, au niveau des responsables, ils ne parlaient plus le même langage. Je n'ai pas assisté à ces réunions, mais j'en avais l'écho par les aumôniers et les responsables de la JOC. C'est dans cette conjoncture que la Commission de la jeunesse avait sollicité la Commission du monde ouvrier de déléguer un de ses membres auprès d'elle.

J'ai eu là une expérience assez difficile. C'est que, dans

ces réunions, j'avais le sentiment que la JOC apparaissait toujours en accusée : elle était sectaire, elle n'acceptait pas cette sorte de collaboration institutionnelle avec les autres Mouvements...

La JOC n'entrait pas dans le jeu. Elle faisait figure de sectaire parce qu'elle n'acceptait pas une sorte de structure qui la « chapeauterait ». Elle avait souci de son autonomie qui lui paraissait imprescriptible, étant donné sa mission apostolique auprès de la jeunesse ouvrière. Elle récusait comme d'instinct une structure contraignante, de caractère national, et puis confessionnel par surcroît. L'ACJF, Association catholique de la jeunesse française, avait ce double caractère... Dans la mesure où elle voulait se donner plus de consistance, elle l'accusait davantage.

La JOC n'était pas d'accord ; elle ne se voyait pas obligée d'ajuster ses thèmes d'enquête et ses activités à ceux et celles d'autres Mouvements dans un cadre national, cadre temporel qui se voulait, de surcroît, confessionnel...

Au fond, je crois que les Mouvements avaient pris effectivement, — et cela s'est bien vérifié par après — des orientations très différentes. Je dirai — je serai peut-être contesté, mais enfin c'est mon sentiment — que la JAC et la JEC étaient revenues à l'époque, d'une certaine manière, à une optique d'efficacité temporelle, sous la couverture de l'idéal chrétien, retour à l'ancienne ACJF.

Personnellement, je ne reconnaissais pas dans la JAC des années 1950, celle à laquelle je m'étais voué avant la guerre. Ce mouvement, qui se voulait à la fois mouvement d'Eglise et mouvement de jeunesse, avait fait ses choix, ses options, sur le plan temporel. Vous ai-je parlé déjà de cette « réflexion chrétienne » qui avait cours dans les Mouvements ruraux, et qui tenait lieu de révision de vie ? En réalité, l'optique n'était pas du tout la même. Une réflexion chrétienne sur l'action menée, c'était trouver dans l'évangile des raisons de son choix, y trouver confirmation de ses initiatives. C'est une autre démarche, en

vérité, que la « révision de vie » qui est une démarche de découverte dans la vie et dans le milieu de vie, une découverte du Christ en action, en train d'agir au cœur des personnes. Il ne peut échapper que « la réflexion chrétienne » se tient sur le plan des problèmes à résoudre, tandis que « la révision de vie » se tient sur le plan des personnes engagées, habitées par le Christ. Si bien que, spontanément, sans trop savoir pourquoi, tout ce monde-là ne parlait pas le même langage.

Je constatai, par l'aumônier général de la JOC et par les permanents concernés, que ces réunions d'où ils venaient leur paraissaient un quiproquo intolérable : les mots n'avaient pas le même sens, c'était vraiment très difficile de s'entendre. Les Mouvements avaient pris de la distance les uns vis-à-vis des autres ; comment, à partir de là, prétendre tracer une accolade, faire un faisceau, prévoir une structure permanente où les différents Mouvements auraient à rendre compte et à ajuster leur action les uns avec les autres ? La tension s'est aggravée progressivement. Finalement, je crois que c'est en 1958, que la rupture a été consommée. L'ACJF a renoncé à une existence propre.

— D'aucuns ne l'ont-ils pas regretté ?

— Certes. Je me souviens de la Semaine sociale de Reims, en 1960, où l'événement était relativement récent, et qui portait justement sur la jeunesse. Des anciens de l'ACJF, qui m'étaient très chers par tant de souvenirs communs, engagés les uns et les autres sur le plan politique, social, universitaire, ou dans la presse, étaient très amers sur cette disparition, et ils s'en prenaient au sectarisme de la JOC.

Je pense que les présidents et aumôniers de cette période cruciale ont eu un certain mérite, et en tout cas,

une grande clairvoyance, en n'acceptant pas de composer sur la visée apostolique et missionnaire de la JOC.

La JOC se veut un mouvement d'Eglise. Sans doute est-elle un mouvement de jeunesse, dans un sens, tout en cherchant pourtant à ne pas faire nombre, en monde ouvrier, avec d'autres jeunesses : elle continue à vouloir s'adresser à toute la jeunesse travailleuse, à tous les jeunes travailleurs. Les engagements peuvent être très divers (le monde adulte en donne un témoignage encore plus décisif). La JOC refuse de se situer au niveau d'une option temporelle, même si, aujourd'hui, elle proclame son adhésion au socialisme ! Ce n'est pas là un préalable, c'est plutôt un constat, du fait que, dans le monde ouvrier, on est socialiste. C'est un fait, la JOC ne se donne pas pour but de faire du socialisme. Elle exprime sa foi dans le langage de son milieu. Qui n'en fait autant, quoi qu'il en veuille ?

La JOC se donne pour but de rejoindre les jeunes travailleurs pour les rendre participants de la Bonne Nouvelle, et participants de l'Eglise à naître en monde ouvrier. C'est cela sa finalité, son objectif direct. Bien sûr qu'en milieu ouvrier, cet objectif se trouve coloré par des choix, la lutte ouvrière, le combat ouvrier. Tout cela, on ne peut en faire l'économie. Tout cela intervient dans la vérité de l'engagement. Mais cela n'est pas un but que se donne la JOC.

Voilà qui est assez délicat, et difficile à percevoir pour qui n'est pas dans le coup, directement, et ne participe pas à ces contacts et à ces échanges en monde ouvrier.

Avec le recul du temps, je pense que la disparition de l'ACJF n'est pas une catastrophe. En cela je ne partage pas les vues de René Rémond (1). Elle fut plutôt un signe

(1) Historien, ancien président de l'université de Nanterre, René Rémond a été secrétaire général de la JEC (1946-1947) et vice-président de l'ACJF (1946-1949).

des temps, la prise en compte, dans la foi, de clivages qui dépassent les frontières nationales, et qui intéressent le Royaume au plan universel. Elle fut une échéance qu'il était grand temps d'honorer, échéance d'un « ordre social chrétien » à l'échelon d'une nation, celle-ci fût-elle la « fille aînée de l'Eglise »... pour l'avènement d'une Eglise qui assume la diversité des cultures et l'affrontement des civilisations.

Il est patent que la JOC se veut ouvrière, par la prise de conscience aiguë du contenu de libération et de promotion que comporte la Bonne Nouvelle en monde ouvrier. Un palier de « collaboration de classes » est incongru dans une optique apostolique, surtout au plan national, niveau privilégié du politique. Une structure aussi ambiguë n'est supportable par aucune institution qui se veut d'Eglise ; la discussion est largement dépassée aujourd'hui. Autant jocistes et jicistes trouvent d'intérêt à se lier d'amitié sur le plan apostolique, en se reconnaissant différents dans leurs responsabilités propres vis-à-vis de leurs milieux, autant ils appréhenderaient de devoir se rencontrer sur les problèmes de société qui les opposent. La pratique du Pavillon du Lac, à Lourdes (2), me rend évidente de telles affirmations, leurs contraires me paraissent insoutenables.

— Y a-t-il eu, dans ces années 1950, d'autres difficultés à surmonter pour la JOC ?

— A partir du moment où la JOC devenait partie prenante du combat ouvrier, le problème de l'appartenance

(2) Un service assuré en commun par plusieurs mouvements d'Action catholique ; voir chapitre IX.

syndicale revêtait de l'importance... et cela de deux façons : d'une part la CFTC (Confédération française des travailleurs chrétiens) pouvait prétendre voir entrer dans ses rangs les jocistes et bénéficier de leur action apostolique ; d'autre part, les aumôniers pouvaient urger auprès des militants l'obligation de choisir l'organisation syndicale chrétienne.

Ces deux « propensions » ont existé, très tôt dénoncées par les faits.

Il était difficile, pour un militant CFTC d'admettre que l'action apostolique des jocistes puisse être différente de la sienne, car lui aussi avait l'esprit apostolique. Je me souviens en avoir discuté avec un de ces militants, de grande qualité, avec qui je m'entendais fort bien. J'essayais de l'amener à distinguer entre action syndicale et action missionnaire. « Ton action syndicale, lui disais-je, tu penses que c'est de l'action catholique ? » Et lui de me regarder avec de grands yeux, interrogatifs : « Eh bien alors, si ce n'est pas pour le Bon Dieu que j'accepte la vie que je mène ? » J'étais d'autant plus ému qu'il venait de me dire qu'avec son salaire de permanent, il ne pouvait payer des cerises à ses gosses, en pleine saison.

Dans une telle conjoncture, la gêne ne pouvait manquer de régner, et prendre figure de scandale, si d'aventure, les jocistes s'affiliaient à la CGT.

Du côté des aumôniers, la question se posait, aiguë. Comment admettre de bon cœur, que des fédéraux, familiers de leurs aumôniers, les bravent en toute sérénité, pour adhérer à la CGT, tenue dans leur esprit pour une succursale du Parti communiste ! Pourtant, c'est un fait que, souvent, dans leur entreprise, ils n'avaient pas d'autre choix ; et leur action les menait impérativement à adhérer au syndicat existant. Pour eux, ça ne faisait pas de question. Comme évêque, j'ai étonné des aumôniers en paraissant ne pas faire de cas de leurs scrupules : le respect du laïcat devait aller jusque-là.

Au plan national, le problème se posa dans les mêmes termes, et fut traité de même façon — de quoi inquiéter la commission épiscopale, où la question retentit à plusieurs reprises, occasion d'approfondissement au sujet de « l'engagement temporel », réflexion à laquelle Mgr Guerry apporta ses vues prophétiques. Il se trouve qu'à la même époque, Mgr Guerry avait dû remettre sur les rails apostoliques le mouvement adulte, en favorisant son nouveau départ sous le signe de l'ACO. Il avait rendu sa liberté au Mouvement populaire des familles qui s'était situé sur le plan temporel, dans une optique de civilisation, et il avait réfléchi aux exigences d'un mouvement apostolique en monde ouvrier. Ces exigences tenaient en trois mots : engagement, regroupement, évangélisation. Il n'est pas hors d'actualité de rappeler aujourd'hui ces exigences qui ont éclairé la route de l'ACO.

L'engagement était une exigence de crédibilité en monde ouvrier. Pour être crédible, le chrétien devait être engagé dans le combat ouvrier, si modeste que soit son concours — mais son choix lui appartenait de l'organisation ouvrière à laquelle il se vouait.

Le regroupement était l'exigence d'accueillir dans la même équipe de base des militants engagés différemment, la différence étant un droit à respecter dans l'option de chacun sur le plan temporel — et dès lors que tous communiaient dans le même projet d'être témoins de la Bonne Nouvelle pour leurs frères ; ce projet commun étant la troisième exigence, l'évangélisation du monde ouvrier.

Mgr Guerry ménageait ainsi la liberté des choix temporels qui ressortissent à la responsabilité de chacun dans sa stature de personne humaine, et le caractère ecclésial de l'équipe se situant au niveau de la mission apostolique. Il assurait l'avenir d'un laïcat d'Eglise en monde ouvrier.

Forte de ses arrières, la JOC demeurait en première ligne. Elle recevait les coups — suspicion, dénonciation,

procès d'intention. Le chanoine Grenet, aumônier général, a fait face à ces difficultés avec un courage et une constance qui ont passé pour du sectarisme. Après lui, l'abbé Zinty a maintenu le cap avec la même fermeté. Les présidents de l'époque ont eu l'instinct des positions à tenir, sans qu'ils sachent toujours expliciter leurs raisons en des termes valables pour leurs interlocuteurs. Eux aussi paraissaient obstinés et intraitables. Ce qui était en jeu n'était rien moins que la visée apostolique de la JOC. La révision de vie les tenait en familiarité avec l'action prévenante du Seigneur dans le cœur de leurs camarades. Les ajustements de structures leur paraissaient dérisoires. Les règles préétablies de comportement confessionnel n'avaient sur eux aucune prise. Ils avaient en somme une maturité que les années 1960 devaient leur reconnaître, en avalisant toutes leurs intuitions.

CHAPITRE VII

Vatican II : heure de vérité pour la JOC

— Les années 1960 auxquelles nous arrivons ont été celles du Concile Vatican II. De ce Concile, auquel vous avez participé, Père Béjot, on a dit qu'il avait largement consacré les intuitions de l'Action catholique. L'avez-vous perçu ainsi ?

— Le Concile m'a révélé que l'événement de la JOC, cette création de Cardijn, n'avait eu encore qu'un impact fort limité dans l'Eglise universelle. Ce qui, par rapport à mon expérience, en France et de l'intérieur de la JOC, n'a pas manqué de me surprendre.

Nous avions eu, dès l'abord, l'approbation chaleureuse de Pie XI. Dans sa première encyclique, il avait souligné le divorce entre la religion et la vie, appelant les chrétiens à prendre le monde à bras-le-corps pour le transformer ; voulant que la foi inspire l'action des chrétiens, c'est lui qui avait parlé d'Action catholique. Donc l'expérience de Cardijn entrait en correspondance avec son souci majeur.

Je me souviens de son message pour le Xe anniversaire de la JOC de Belgique, en 1935 ; 80 000 jocistes étaient

rassemblés au parc de Heysel, et le message du pape pour eux était de pleine approbation, présentant même leur expérience comme exemplaire. Pie XI a renouvelé les mêmes encouragements aux dix ans de la JOC française, en 1937. On voyait encore que la JOC avait servi d'exemple aux mouvements des différents milieux sociaux, selon l'intuition du pape et de Cardijn : le premier apôtre de l'ouvrier sera l'ouvrier, le premier apôtre du paysan sera le paysan.

Pie XI était mort en 1939 ; son successeur, Pie XII, a exprimé les mêmes approbations. Encore que l'on ait eu parfois quelque inquiétude ; devenu évêque, en 1947, j'ai fait mon premier voyage à Rome, avec mon archevêque, Mgr Dubourg. Nous avions recueilli l'impression des évêques français que Pie XII était en retrait par rapport à l'Action catholique : Pie XI avait défini l'apostolat des laïcs comme une participation de ceux-ci à l'apostolat de la hiérarchie, et Pie XII avait substitué le terme de collaboration à celui de participation. Et Mgr Dubourg eut la sainte audace filiale de faire part de ces inquiétudes au pape.

Pie XII, qui était très sensible, a comme bondi de son siège, a été très véhément pour dire que loin d'être une atténuation, le mot de collaboration exprimait beaucoup mieux que le laïc avait un devoir différent de celui du prêtre, que de plus ce terme était beaucoup plus biblique que celui de participation. Pie XII se référait à l'épître de Paul aux Philippiens, lorsqu'il les salue au nom de ses collaborateurs (ceux qui ont collaboré avec moi, *collaboraverunt*). Ainsi, Pie XII manifestait son intelligence et son souci de l'Action catholique en voulant que les laïcs se distinguent bien des prêtres dans leur action apostolique.

Outre cet appui des papes, d'autre part, le P. Guérin allait très régulièrement à Rome avec des responsables des deux mouvements, et il en revenait toujours heureux

de l'accueil qu'il y avait reçu, aussi bien du pape que des responsables des congrégations romaines.

Tout cela me faisait penser que Rome avait tout à fait l'intelligence de l'expérience apostolique de la JOC, et que celle-ci était bien connue dans toute l'Eglise. Mais lorsque nous nous sommes trouvés au Concile, dans cette assemblée de 2 300 évêques, j'ai vite perçu que bien rares parmi eux étaient ceux qui avaient l'expérience d'un vrai laïcat.

— A quels signes l'avez-vous ressenti ?

— Cela est apparu d'une manière spécialement déterminante lorsqu'il s'est agi du schéma sur l'apostolat des laïcs. Dans sa première mouture, ce texte était extrêmement décevant pour les évêques français : on n'envisageait l'action des laïcs que sous un angle caritatif ou de suppléance à l'apostolat des prêtres en matière de catéchisme, ou des autres collaborations que les laïcs peuvent avoir avec les prêtres dans les paroisses. Alors l'épiscopat français s'est mis à agir pour que se prépare un schéma plus valable ; ce qui a porté ses fruits, d'ailleurs, et la seconde rédaction faisait explicitement mention de l'Action catholique, et dans l'ensemble de l'apostolat des laïcs.

La partie n'était pourtant pas toute gagnée de ce fait-là. Je me souviens d'une intervention du cardinal Liénart en faveur de l'Action catholique spécialisée par milieux de vie ; il s'agissait de répondre à une intervention du cardinal Suenens et, pour « faire le poids », il fallait que ce fût un cardinal français qui répondît ; de plus, le cardinal Liénart avait des convictions profondes en ce domaine. En fait, comme pour noyer le poisson, le cardinal Suenens mettait sous le nom d'Action catholique

toutes les manifestations et activités des laïcs, donnant par exemple beaucoup de relief à la Légion de Marie.

Alors le cardinal Liénart est intervenu — il en fait d'ailleurs état dans ses *Mémoires* — faisant valoir que l'Action catholique spécialisée était vraiment un apostolat propre au laïcat, dont on ne pouvait le déposséder ; et il fallait donc que le Concile insistât sur cette vocation des laïcs à participer à l'évangélisation du monde.

Il n'en reste pas moins que la masse des évêques était fort étrangère à cette expérience missionnaire ; c'est ce qui est apparu tout particulièrement avec l'irruption de Cardijn, devenu cardinal, au Concile.

— Cette arrivée de Cardijn n'a pas dû manquer de retentissement ?

— C'était un événement : Cardijn arrivant à la quatrième session du Concile, tout de rouge habillé ; un événement dû à Paul VI, un hommage éclatant rendu au fondateur de la JOC. Et d'ailleurs, Cardijn en a largement profité pour intervenir : je me souviens de deux interventions de lui dans les congrégations générales du Concile. Mais je dois dire aussi que son type d'éloquence n'était pas du tout adapté à cet auditoire. Autant une assistance de jeunes pouvait vibrer à sa parole, autant son ton véhément était peu accessible à ces 2 300 évêques bien installés dans leur expérience. Cardijn l'a parfaitement ressenti ; les jeunes travailleurs dont il parlait avec des accents vibrants existent partout, et ce qu'il disait concernait donc bien tous les évêques, mais ses interventions ne passaient pas lorsqu'il les mettait en garde, à sa manière, contre la déchristianisation de ces jeunes travailleurs.

Cardijn a donc cherché une autre méthode pour se faire entendre. En novembre 1965, pour célébrer les quarante ans de la JOC, il a fait une petite réunion dans son « titre » de cardinal. Par son titre cardinalice, en effet, un cardinal fait partie du clergé de Rome, et il faut donc, d'une manière assez fictive, qu'il soit chargé d'une paroisse de Rome ; Cardijn avait fait le choix d'un « titre » fort modeste : Saint-Michel-de-Pietra-Lata, une banlieue populaire du nord-est de Rome. Nous étions douze évêques de tous les continents, pour concélébrer avec lui : trois d'Europe (Allemagne, France, Espagne), deux de l'Amérique du Nord et du Sud, d'Afrique (Cameroun, Madagascar), d'Asie (Ceylan, Liban), et d'Australie.

Donc durant cette concélébration du 17 novembre, fête de saint Grégoire le Thaumaturge, devant une trentaine de personnes du quartier, le P. Cardijn fit une homélie vraiment véhémente sur la foi qui transporte les montagnes...

Mais il nous avait conviés deux heures avant la célébration pour un échange ; il était avec Dom Fragoso, qui était un peu son secrétaire, et il nous a soumis une « adresse » solennelle aux Pères conciliaires, pour les inviter à vraiment prendre en intérêt les jeunes travailleurs.

Ce texte nous a paru dangereux : on arrivait à la fin de la dernière session du Concile, on risquait de paraître vouloir faire la leçon aux Pères un peu tardivement ; nous avons donc été plusieurs à suggérer des modifications ; puis l'heure de la célébration arrivant, on a conclu en chargeant justement ceux qui étaient intervenus de rédiger rapidement un texte définitif qui serait acceptable par l'ensemble des Pères. Et je me souviens avoir été désigné pour cela avec l'archevêque maronite d'Alep, et l'archevêque de Salamanque.

Le lendemain ou le surlendemain, nous nous sommes retrouvés devant la Pieta de Michel-Ange, dans la basi-

lique de Saint-Pierre de Rome, pour confronter les textes que nous avions élaborés. C'était à l'issue d'une congrégation générale, vers une heure de l'après-midi ; et nous nous sommes attardés assez longtemps dans cette enceinte qui se vidait, jusqu'à intriguer le garde suisse qui était là. Nous avons arrêté un texte qui nous paraissait susceptible de retenir l'attention, et je l'ai remis le lendemain, en congrégation générale, à Dom Fragoso. En fait, ce texte n'a finalement jamais vu le jour, soit que le P. Cardijn se soit découragé, soit qu'il ait vraiment eu l'impression qu'il était trop tard. Quoi qu'il en soit, c'est un signe de plus, probablement, qu'il était difficile d'avoir l'audience de l'épiscopat mondial sur cette question de la spécificité de l'Action catholique, en particulier pour celle des jeunes du monde ouvrier.

Il faut donc bien se rendre compte que, même s'il existe une JOC internationale, l'expérience de celle de France est une expérience pionnière qui n'a pas beaucoup de répondant ailleurs : en Espagne, au Portugal peut-être... Beaucoup des JOC qui ont été fondées directement par Cardijn, par exemple en Amérique latine, sont à reconstruire ; elles ont trop été absorbées par les structures paroissiales, par l'Eglise établie. La France garde une certaine mission, de continuer à donner l'exemple d'une JOC qui ait cette consistance ecclésiale, cette responsabilité d'annoncer l'Evangile aux jeunes travailleurs.

Dans cet ordre d'idées, il est certain que les évêques français et quelques experts ont eu un rôle déterminant dans la rédaction du schéma sur l'apostolat des laïcs, sa deuxième mouture a été pour une grande part l'œuvre de l'épiscopat français.

— En fait, comment se faisait le travail conciliaire ? Des contributions diverses pouvaient-elles y être entendues ?

— Le travail du Concile se partageait entre les congrégations générales, le matin, et les travaux de commissions ; aux congrégations générales, les Pères intervenaient dans l'ordre d'inscription de leurs demandes et aussi dans l'ordre hiérarchique (cardinaux, archevêques, évêques) ; il pouvait y avoir de vingt à vingt-cinq interventions chaque matin sur le même schéma.

L'après-midi, on travaillait dans des commissions, en différents lieux de Rome, par groupes de dix ou douze évêques, avec quelques experts, pour préparer des modifications, et l'un d'entre nous était ensuite chargé d'intervenir pour les défendre en congrégation générale.

Le travail conciliaire était un travail extrêmement sérieux, qui se distingue du travail parlementaire — non pas que celui-ci ne soit pas sérieux aussi — mais par la méthode de travail. Dans une assemblée parlementaire, une commission intervient, fait des propositions, mais ensuite le vote est tranché, à la majorité, et l'apport de l'opposition peut très bien ainsi rester nul et non avenu. La méthode conciliaire, c'est de collationner toutes les interventions, pour et contre, afin que la commission puisse en apprécier l'impact, moduler le texte et le rendre acceptable à tous.

C'est ainsi que l'on arrive à une quasi-unanimité, car les opposants voient que leurs objections ont été prises en compte ; de plus, un rapport de la commission sur son travail est imprimé et chacun peut vérifier que l'on a tenu compte de ses interventions. Personne ainsi n'a l'impression d'être écrasé par le grand nombre, de ne plus rien avoir à dire et de devoir accepter ce qui vient ; et en même temps, chaque épiscopat avait la possibilité de manifester sa pensée collective dans l'élaboration des textes conciliaires. C'est ainsi que les évêques français ont pu faire que le schéma sur l'apostolat des laïcs distingue bien la spécificité de l'action catholique des autres

formes d'activités, d'aide, de suppléance aux prêtres, que peuvent aussi avoir les laïcs.

D'autres grands textes du Concile donnent aussi une vision juste de l'apostolat des laïcs, de sa vraie place dans l'Eglise. Je pense en particulier à la Constitution *Gaudium et Spes,* sur l'Eglise dans le monde de ce temps, et au décret *Ad Gentes,* sur l'activité missionnaire de l'Eglise.

— Vous-même, avez-vous participé plus spécialement à l'élaboration de tel texte du Concile ?

— J'ai participé à des réunions à propos d'à peu près tous les schémas. C'était le lot de tous les Pères conciliaires ! J'ai fait aussi partie d'un petit groupe réuni sous le signe de ce qu'on a appelé alors « l'Eglise des pauvres ». Mgr Himmer, évêque de Tournai, en était l'animateur. Le cardinal Gerlier y était assidu, Mgr Ancel, Mgr Mercier, l'évêque du Sahara, Helder Camara, Dom Fragoso, le cardinal Lercaro, de Bologne, Mgr Yago, d'Abidjan... Ce groupe avait en vue que tous les textes du Concile aient bien cette tonalité du « Bienheureux les pauvres », que ce soit bien à eux d'abord que l'Eglise cherche à apporter la Bonne Nouvelle.

A propos de *Gaudium et Spes,* la première version ne nous satisfaisait pas du tout. On y présentait le rôle de l'Eglise en différents domaines, sous l'angle de la personne humaine, ensuite de la famille, puis de la culture, puis encore de la politique... en une sorte d'éventail, sans aucun lien entre eux. Avec d'autres, en congrégation générale, je suis intervenu pour suggérer que ces réalités soient regroupées à partir d'une théologie de la destinée humaine, éclairant notamment la notion de personne, à

la lumière des relations trinitaires entre Personnes divines. Nous avons obtenu une refonte complète du schéma, qui fut confiée, par bonheur, à Mgr Pierre Haubtmann, ancien aumônier national de l'ACO, expert au Concile, devenu, par la suite, recteur de l'Institut catholique de Paris. Personnellement, j'ai eu la satisfaction de voir avalisées par le Concile, des vues que j'avais formulées, dès 1943, avenue Reille, et qui, parues dans la première livraison de *Masses ouvrières,* m'avaient valu un soupçon tenace, quant à la sûreté de ma doctrine ! Le troisième paragraphe du n° 24 se réfère explicitement à l'union des Personnes divines, pour affirmer que l'homme ne peut pleinement se trouver que par le don désintéressé de lui-même.

Il est donc désormais bien affirmé, dans le droit fil des intuitions de l'expérience jociste, que l'homme trouve sa vraie stature de fils de Dieu, en assumant, dans la vérité et dans l'amour... sa « carte de relations » !

CHAPITRE VIII

Le Concile, confirmation et approfondissement pour la JOC

— Il me semble, Père Béjot, que vous n'avez pas été trop dépaysé au Concile, que vous y trouviez l'écho d'expériences antérieures ?

— Je dois dire qu'en effet, autant le Concile a bouleversé certains de mes collègues de l'épiscopat, surtout parmi ceux qui avaient été formés à Rome, autant le Concile m'est apparu comme un âge d'or. Pour moi c'était la validation par l'Eglise de multiples intuitions antérieures, de vues relativement nouvelles. Auparavant, on disait : « Hors de l'Eglise, point de salut » ; c'était une manière de comprendre l'apostolat, c'était un axiome très important dans la Tradition, et il restait en un sens vrai ; mais il fallait l'entendre de manière dynamique. Il s'agissait non plus d'aller saisir ceux qui étaient dehors pour les amener dedans, mais de reconnaître que partout où le Saint-Esprit est à l'œuvre, il est en train de susciter son Eglise. L'Eglise visible, c'est le signe sensible du salut en action.

Cette vue-là est d'ailleurs déjà une explicitation ultérieure du Concile, telle que l'a formulée par exemple Mgr Coffy dans son rapport à l'Assemblée des évêques français, en 1971, sur : « Eglise, sacrement du salut ». Même la constitution du Concile sur l'Eglise, *Lumen Gentium,* n'est pas aussi explicite. Mais ces vues résultent de l'expérience missionnaire que l'on fait en parlant de naissance de l'Eglise en monde ouvrier. C'est d'abord l'action du Saint Esprit à laquelle on apporte sa collaboration. Il fomente des communautés de base, de nouvelles parentés entre les hommes, infiniment plus profondes que les parentés du sang.

— Le Concile s'est nourri d'expériences déjà vécues. N'a-t-il pas aussi bénéficié de l'apport de théologiens ?

— C'est vrai que le Concile a été, en tout cas, la première occasion vraie d'une collaboration consistante, efficace, exemplaire entre évêques et théologiens. C'étaient des réunions très simples, les uns et les autres écoutant et prenant des notes, s'apportant des éclairages complémentaires.

Pour ce qui me concerne, j'ai toujours eu l'impression que l'expérience missionnaire de la JOC précédait les théologiens... parce que cette expérience missionnaire était une œuvre du Saint-Esprit qui n'attend personne pour agir dans son Eglise. L'expérience missionnaire de la JOC a été une expérience spécifique, c'est ensuite que les théologiens l'ont perçue et ont cherché à la comprendre.

Ainsi, dès le principe, les jocistes ont eu un sens très existentiel du Corps mystique du Christ ; ils avaient le sentiment que le Christ vivait en eux et que c'était le Corps du Christ qui les soudait les uns aux autres. Ce

sens du Corps du Christ qu'ils remettaient en valeur, c'est ensuite que des théologiens y ont fait écho, le P. Congar, par exemple, dès les années 1930-1935 ; mais c'était déjà vécu vraiment avant que les théologiens ne s'en saisissent. On a à la fois cette impression que l'action du Saint-Esprit précède les théologiens, mais aussi que leur effort est indispensable pour donner à ces intuitions vécues une qualification qui les pose mieux dans l'ensemble de l'Eglise.

Ainsi les réunions qui se déroulaient au long du Concile étaient-elles très passionnantes : avec le P. Daniélou, le P. Martelet, le P. de Surgy, le P. Chenu, le P. Congar, le P. Benoît (de l'Ecole biblique de Jérusalem), tous des hommes qui avaient un enracinement théologique profond, dont les réactions étaient donc du plus grand prix.

— Et pourtant, dans les années 1950, certains d'entre eux avaient été soupçonnés, sanctionnés...

— Ah oui, il est certain que le Concile a remis en selle quantité de théologiens qui avaient été suspectés pendant une période assez triste, assez sombre pour l'Eglise ; des hommes comme de Lubac, Congar, Chenu, dont les recherches avaient prêté à contestation, ont été alors réhabilités ; mieux même, ils ont joué un très grand rôle, sollicités qu'ils étaient par tous les épiscopats, ceux d'Afrique et d'Amérique latine en particulier.

Je dois dire qu'une des plus grandes joies du Concile, pour moi, a été cette concélébration, lors de la dernière session, pour laquelle Paul VI a voulu être entouré d'une douzaine de théologiens, au premier rang desquels on a vu entrer dans l'aula conciliaire le P. de Lubac.

Le P. de Lubac qui, dès le principe, dès 1962, a été

particulièrement consulté... Je me souviens des réactions au premier schéma sur l'Ecriture et la Tradition. D'emblée, le cardinal Liénart lui a fait un sort, le rejetant d'un *non placet* retentissant. Mais avant même cela, nous avions eu plus d'une réunion, entre évêques et avec le P. de Lubac pour approfondir notre réaction, mieux comprendre pourquoi ce texte nous paraissait en porte-à-faux par rapport à la Parole de Dieu et aux applications pratiques que nous en vivions. Des hommes comme de Lubac ne prenaient pas la parole en congrégation générale, mais ils inspiraient, étoffaient bien des interventions.

— Voilà qui ne devait pas manquer de surprendre les milieux de la Curie romaine...

— La Curie romaine était à ce moment-là très en retrait, très silencieuse. Administration du souverain pontife, la Curie n'est pas faite que d'évêques, elle comprend, si je puis dire, tout un personnel... fonctionnaire ; et elle qui avait réduit des gens au silence, du jour au lendemain, se voyait prise à partie, reprocher les condamnations du Saint Office ; il y a eu des interventions très vives, très dures à l'égard de la Curie, venant d'hommes comme le cardinal Frings, de Cologne, Léger, de Montréal, Suenens, de Bruxelles.

Durant la deuxième session, la Curie a de nouveau essayé de peser, et c'est Paul VI lui-même qui a dû faire une mise en garde extrêmement sévère contre des interventions qui allaient à l'encontre du travail du Concile : à la Toussaint 1963, il a adressé une semonce à l'université du Latran d'où émanaient des tracts hostiles aux exégètes.

Mais même auparavant, j'avais été témoin de ce que

Jean XXIII avait convoqué le Concile en partie parce qu'il sentait qu'il ne pourrait pas faire seul l'*aggiornamento* de l'Eglise, sans l'appui de l'épiscopat du monde entier.

Jean XXIII a dit un jour : ici, je ne suis que le pape. Je me suis trouvé une fois, un peu à l'improviste, reçu en audience, avec Mgr Renard ; nous parlions avec lui d'une manière très ouverte, concrète, et l'entretien se prolongeait ; pendant ce temps, le Monsignore qui était de service a frappé trois fois. Et quand nous sortions, il a dit au pape : « Mais, très saint Père, le cardinal Cicognani attend depuis un quart d'heure. » Et Jean XXIII, nous prenant à témoins, s'est écrié : « Mais nous avons travaillé », comme s'il était pris en faute et avait à se défendre.

— Comme Pie XI ou Pie XII, Jean XXIII était-il sensible à l'Action catholique ?

— Avant d'être pape, quand il était nonce à Paris, le cardinal Roncalli avait connu les mouvements d'Action catholique française d'abord dans une période d'expansion, puis dans le début de leurs difficultés. Et je crois qu'il avait eu quelque inquiétude pour eux d'une tentation de confusion dans l'action temporelle. Je l'ai vu à un rassemblement d'anniversaire de la JAC, auquel assistaient plusieurs ministres du gouvernement Georges Bidault, et il avait été choqué du ton revendicatif des orateurs ; à vrai dire, il avait assisté à la partie meeting, où l'on avait bien sûr évoqué des problèmes temporels, et non à la célébration. Cela aurait pu être la même chose à un rassemblement jociste, car il est bien sûr que dans un meeting, l'expression de l'action a une consistance temporelle.

Mais Jean XXIII était très ouvert, d'un réalisme très grand. Sa volonté d'*aggiornamento* pour l'Eglise est venue de l'expérience : nonce en Turquie, en Bulgarie, confronté au monde musulman, au monde orthodoxe, à l'athéisme, il avait subi dans sa chair l'épreuve des divisions des chrétiens et d'une fermeture de l'Eglise au monde contemporain. « Ils ne sont jamais sortis », disait-il en parlant du monde romain... Et c'est ainsi qu'il a en quelque sorte appelé à la rescousse les évêques du monde entier pour l'aider à renouveler un air confiné. Et de ce point de vue, contrairement à ce qu'on aurait pu craindre, la libération de l'expression a été très grande, personne ne s'est laissé intimider par les schémas qui sortaient tout faits des commissions pré-conciliaires ; les *non placet* du cardinal Liénart ont pesé très lourd, mais aussi bien on a entendu par exemple de jeunes évêques africains faire des interventions très agressives.

C'est un trait à retenir du Concile : la recherche exégétique, la recherche théologique, l'approfondissement de réflexion qu'il a fallu pour répondre aux critiques de type rationaliste, moderniste, tous ces efforts de mise au point, de mise en ordre, ont convergé en une sorte de synthèse, d'équilibre nouveau qui sont très satisfaisants, même s'il subsiste bien sûr une part d'obscurité, car l'Eglise est un mystère... réalité inépuisable.

On était partis au Concile en pensant qu'en quelques phrases on arriverait à parler de l'Eglise comme d'une société visible : le pape, les évêques, les prêtres, les fidèles ; cela paraissait évident comme une réponse de catéchisme... Puis au bout d'une session, on a conclu que l'Eglise est un mystère... C'était comme un retour sur une ligne de départ et cela s'est révélé extrêmement fécond.

— Pourriez-vous préciser ?

— Eh bien, c'est qu'à partir de là, on a consulté la Bible qui nous donne des images de l'Eglise : le corps du Christ, l'épouse du Christ, la Nouvelle Alliance, la nouvelle Jérusalem, le Peuple de Dieu. Autant d'images qui ne sont pas à prendre au pied de la lettre, mais qui expriment des manières d'entrer dans le mystère de l'Eglise. Parmi ces images, le Concile a surtout retenu celle du Peuple de Dieu.

Et c'est à partir de là qu'a pu se situer à l'aise le laïcat ; l'Eglise est d'abord un peuple ; et c'est ainsi que dans la constitution *Lumen Gentium*, la hiérarchie, le ministère n'interviennent qu'au troisième chapitre, au service de ce peuple, pour lui assurer sa consistance, son organicité. Vue féconde, révolutionnaire même par rapport à ce qu'on vivait avant ce Concile, par rapport dans une certaine mesure au Concile de Trente : jusqu'alors, tout partait de la hiérarchie, les pieux fidèles étaient invités à apporter leur petite collaboration aux ministres.

Et je pense que l'on n'a pas fini d'en tirer toutes les conséquences ; on n'est pas encore arrivé à ce que, dans tous les pays, l'épiscopat soit au service du Peuple de Dieu, pieds et poings liés si je peux dire. C'est révolutionnaire par rapport à ce qui se vit encore en beaucoup d'endroits où l'évêque reste un notable, un puissant, un seigneur avec toute une curie, un appareil qui peut parfois faire oublier que l'évêque est au service du Peuple de Dieu. Remarquez que cela peut être compensé par la qualité de la personne ; mais il peut y avoir encore tout un appareil visible qui donne le change.

Le décret sur les prêtres a été le dernier du Concile, mis en forme un peu contre la montre, parce que Paul VI avait décidé que le Concile se terminerait le 8 décembre 1965. Et donc le texte du décret *Presbyterorum Ordinis*

a été en chantier tout au long de la dernière session. Mgr Marty était le secrétaire de la commission chargée de ce décret ; c'est-à-dire qu'il était en fait chargé de la dernière rédaction, et il s'était entouré d'une équipe de théologiens, pour la plupart français d'ailleurs : le P. Salaün, le P. Marcus, le P. Henri Denis, le P. Jean Frisque, un Belge.

Toute cette équipe travaillait justement surtout dans la chambre de ce dernier, contiguë à la mienne, à Sainte-Marthe, et j'allais donc les voir de temps en temps. Après les discussions en congrégation générale, ils essayaient de faire un texte pour concilier deux accents qui avaient été exprimés : d'une part, le prêtre consacré, d'une consécration faisant de lui un être à part ; d'autre part, le prêtre envoyé en mission. Il s'agissait donc d'exprimer une consécration qui soit en vue de cette mission, une mise à part qui ne soit pas une séparation. Le texte a été très étudié de ce point de vue.

Le prêtre ne doit pas apparaître comme un religieux, à part, qui préserve sa vie spirituelle de l'action qu'il est obligé d'avoir et par laquelle il se disperserait. Au contraire, le schéma exprime très bien que le prêtre doit chercher à se sustenter spirituellement dans son ministère, à partir d'ailleurs d'un texte de saint Jean : cette parole du Seigneur à ses apôtres après sa conversation avec la Samaritaine : « Ma nourriture est de faire la volonté de mon Père. » Par cette conversation, loin de s'être dispersé, le Seigneur s'est nourri spirituellement, vivant son union filiale avec le Père.

— Les mouvements eux-mêmes ont-ils participé de près au Concile ?

Durant le Concile, les responsables et les aumôniers des mouvements venaient de temps en temps passer

quelques jours, une semaine, et c'était l'occasion de les faire intervenir dans des réunions avec les évêques.

C'était toujours l'occasion de débats. Je me souviens d'une discussion, avec la JAC, à propos de la révision d'influence, de sa différence avec la révision de vie. Mais le cardinal Lefebvre, qui était à l'époque président de la Commission épiscopale du monde rural, m'avait vite imposé silence, me disant qu'il ne fallait pas être sectaire. Pourtant, je crois qu'il n'avait pas perçu le sens de mon intervention, qui était de dire que la réflexion chrétienne des mouvements du monde rural ne me paraissait pas de la même visée, du même contenu que la révision de vie. C'était un débat important à cette époque, et l'évolution ultérieure des mouvements a tenu pour une bonne part à ces malentendus.

— En somme, le Concile vous a ménagé de multiples expériences. Le bilan vous apparaît-il positif ?

— Vatican II a bien marqué pour moi une étape de confirmation de la visée de la JOC, de consécration de son expérience missionnaire. En fait, j'attends encore que cela retentisse vraiment ; or, il me semble que, même en France, on attend encore de nouvelles formules ; par exemple, on fait beaucoup de cas des expériences de mouvements charismatiques. Bon, dans la mesure où ces mouvements révèlent à leurs membres leur vocation au sein du Peuple de Dieu, cela peut être valable. Mais il me semble qu'il y a là un risque ; que les membres de ces mouvements ne s'enferment en eux-mêmes, ne cherchent à cultiver une sorte de relation directe exclusive avec le Saint-Esprit, de prière éthérée, de joie spirituelle coupée d'un assujettissement au prochain. Or, pourtant,

c'est déjà dans les épîtres de Jean, la seule expression visible que l'on puisse donner de son amour pour Dieu, c'est l'amour du prochain. Bien sûr, l'amour de Dieu cela regarde notre vie intérieure, mais nous ne pouvons vraiment en témoigner que par des gestes fraternels vis-à-vis de notre prochain.

On peut toujours craindre une sorte de dichotomie entre la religion et la vie. Elle peut prendre des aspects très religieux, mais masquer un certain désintéressement vis-à-vis de nos frères, du milieu dans lequel on est inscrit. Le Concile lui-même a toujours tenté d'éviter cette dichotomie entre la religion et la vie, l'Eglise et le monde. A propos de *Gaudium et Spes,* je l'ai dit plus d'une fois, il s'agit de montrer que l'Eglise n'a de finalité que d'être pour le monde. Le Concile a fait dépasser cette tentation de l'Eglise *ad intra,* comme disait le cardinal Suenens, l'Eglise à l'intérieur d'elle-même, oubliant sa mission d'être témoin, messagère du Christ pour le monde.

CHAPITRE IX

Du Concile au 50e

— La JOC avait donc trouvé dans le Concile une confirmation de ses inspirations premières. Comment cela s'est-il traduit dans l'après-Concile ?

— Ce nouveau regard porté par le Concile sur l'Eglise vis-à-vis du monde, et sa vocation missionnaire, se trouvaient déjà particulièrement vécus dans le mouvement. Si bien qu'après le Concile, la JOC a gardé son cap apostolique, alors que cette période ouvrait pour l'Eglise un temps de crise dont les manifestations ont été multiples.

Ce fut, par exemple, l'époque où Mgr Veuillot eut à intervenir auprès de la JEC, devant contester son caractère apostolique, craignant qu'elle ne s'oriente trop vers une recherche exclusive d'efficacité temporelle. Dans les années 1966-1967, le cardinal a eu les mêmes inquiétudes quant à la JOC ; et faisant partie comme lui à ce moment de la Commission épiscopale du monde ouvrier, j'ai assisté à un entretien qu'il a eu avec la présidente et le président d'alors, Monique Lahay et Jack Salinas. Le cardinal les a, en quelque sorte, soumis à un interrogatoire très serré.

Mais leurs réponses, spontanément, étaient toutes convergentes dans une optique apostolique.

Tant et si bien qu'au bout d'une demi-heure, j'ai vu le cardinal Veuillot complètement rasséréné, rayonnant même. La JOC lui était bien apparue fidèle à son inspiration première, assumant sa tâche d'évangélisation de la jeunesse ouvrière. Cela m'a beaucoup réjoui : bien sûr, j'étais toujours prêt, moi-même, à défendre les mouvements, mais je ne convainquais guère, alors que ce contact direct avec leurs responsables avait été décisif pour le cardinal Veuillot.

Ainsi la JOC restait-elle en santé : c'était aussi le cas en ce qui concerne son jugement sur le prêtre, en une période où beaucoup d'entre eux se posaient beaucoup de questions où certains même abandonnaient leur ministère. Je me souviens d'une réunion de la Commission épiscopale du monde ouvrier. Avec l'aumônier général, le P. Cornil, il y avait là le président du moment, Guy Léger. Et à brûle-pourpoint, Mgr Maziers, président de la Commission, demande à Guy Léger : « Pour toi, Guy, qu'est-ce que le prêtre ? » Et Guy Léger, sans prendre une minute de réflexion : « Pour moi, le prêtre, c'est le commencement de l'Eglise. » Un raccourci plein de densité : pour le jociste, l'aumônier marque un commencement de l'Eglise, l'équipe jociste prend sa consistance ecclésiale par la présence du prêtre, sa participation à la vie de l'équipe. « Lorsque deux ou trois sont rassemblés en mon nom, je suis au milieu d'eux », mais lorsque plusieurs sont assemblés avec la participation du prêtre, c'est une cellule d'Eglise. Cette réponse montre bien comment Guy Léger voyait la JOC comme un mouvement apostolique, un mouvement venant annoncer la Bonne Nouvelle aux jeunes travailleurs.

Dans cette même période, la JOC approfondissait son enracinement dans le destin du monde ouvrier ; elle devenait en ce sens plus adulte, par rapport aux premières

années où elle restait plus entre jeunes travailleurs, gardant une distance avec les problèmes et les organisations adultes. A partir de 1967 surtout, la JOC s'est davantage sentie partie prenante du combat ouvrier.

Mais toujours sans confusion. J'en ai vu des signes, au rassemblement de Paris-1967, au long duquel divers meetings se sont attachés à tous les aspects de la vie de la jeunesse ouvrière. Je me rappelle la participation, au meeting sur le chômage, d'un groupe de jeunes chômeuses des Ardennes. Elles en étaient transformées : pas dans leur situation concrète, elles restaient bien des chômeuses ; mais elles avaient communié à l'effort d'un mouvement qui prenait bien en charge tout leur sort ; elles-mêmes s'étaient senties plus considérées, elles sentaient qu'elles devaient être parties prenantes d'une tâche pour laquelle elles n'étaient pas seules.

C'est déjà cela la Bonne Nouvelle : la communion entre jeunes travailleurs, l'ouverture aux besoins des autres, la participation à un effort commun au prix de beaucoup de sacrifices.

D'autres événements ont été déterminants : mai 1968, qui a retenti très profondément aussi bien chez les adultes que chez les jeunes, mais surtout chez les jeunes : ils ont davantage pris conscience de leur appartenance à des classes sociales, dans une insatisfaction générale de la jeunesse vis-à-vis de la société de consommation.

La participation de la JOC française aux travaux de la JOC internationale, notamment au Conseil mondial de Beyrouth, en 1969, a aussi joué un rôle. Dans ces assises internationales, la JOC de France découvrait qu'elle avait beaucoup à se taire, parce qu'elle apparaissait favorisée par rapport aux JOC naissantes d'autres pays : en Amérique latine, en Espagne, au Portugal. D'abord, la JOC française venait d'une nation de profonde tradition chrétienne ; mais surtout, d'un pays où il y a des organisations ouvrières adultes, majeures, efficaces. Par conséquent, en France, la JOC avait moins eu de mal à éviter de s'engager dans une action temporelle de suppléance.

Ainsi, dans le climat de la JOCI, le mouvement français apparaissait comme ayant relativement beau jeu, par rapport à ceux d'autres pays ; bien sûr, la JOC française ne nie pas l'utilité de services, elle sait qu'elle a à prendre en charge directement certains problèmes de la jeunesse ouvrière ; mais elle est largement relayée par d'autres organisations. Ainsi, en même temps, sur le plan international, la JOC française apparaît comme celle qui a le mieux su garder et approfondir l'inspiration de Cardijn.

— Pourtant, cette fidélité de la JOC à ses origines, certains la contestent ; on lui reproche de se politiser...

— Il est certain que toute cette évolution a conduit la JOC à employer un langage plus vigoureux, plus marqué par des accents temporels ; en tant que composante du mouvement ouvrier, son langage a un ton plus politique, reflète des options plus tranchées.

Mais c'est une réflexion qui se poursuit. Moi-même, étant par mon origine du monde bourgeois, il m'est arrivé d'être comme agressé, un peu inquiet devant l'expression de la JOC dans ses organes de masse. Là, naturellement, on parle d'abord de la vie de la jeunesse ouvrière, de tout ce qui l'opprime, de toutes les libérations qui sont nécessaires. Mais quand on regarde de près la pratique du mouvement, on s'aperçoit bien qu'en aucun cas il ne s'agit que le mouvement donne des solutions directes aux problèmes temporels. La visée reste celle de personnes prenant en main leur destinée, qui prennent leurs responsabilités en se dévouant pour leurs frères afin que tous grandissent. Comme disait, je crois, Berdiaeff : « Le pro-

blème de mon pain quotidien, c'est temporel ; mais le problème du pain quotidien de mon frère, c'est spirituel. »

Et là on est bien dans la fidélité à Cardijn ; c'était son leitmotiv : « Vous êtes tous des fils et des filles de Dieu » ; chaque jeune travailleur, chaque apprenti a sa dignité de fils de Dieu ; il faut que chacun, dans toutes ses activités, puisse prendre toute sa stature, toutes ses responsabilités. Et alors, c'est normal, cela se traduit dans toute une panoplie de revendications. La tentation constante, c'est l'amour de l'efficacité, plutôt que l'efficacité de l'amour ; c'est de chercher directement des solutions, au lieu de faire que l'amour de ses frères conduise chacun à agir pour que tous puissent avoir toute leur dignité, réaliser toutes leurs capacités.

Une autre manifestation de cette santé de la JOC a été le rassemblement Objectif 74. Bien sûr, on a beaucoup épilogué sur la présence de Georges Marchais et du cardinal Marty, alors qu'en fait ils ne s'y sont pas trouvés au même moment (le cardinal à l'ouverture et à la messe du rassemblement, M. Marchais au meeting de clôture). Mais ce à quoi ont surtout été sensibles les jocistes, ce fut de se sentir à la fois pleinement membres de la classe ouvrière, participant à son histoire, et en même temps participant à la mission de l'Eglise voulant annoncer le salut aux jeunes travailleurs.

J'en ai eu un écho dans le pèlerinage des jeunes du monde ouvrier qui a suivi, en août, à Lourdes. J'assistais à une rencontre, un « carrefour » de sept ou huit jeunes travailleurs. Voici qu'après le récit des apparitions le plus jeune, Michel, manifeste son scepticisme, plaisante un peu... Un autre, d'environ 19 ans, le regarde d'un œil noir et finit par s'exclamer : « Mais qu'est-ce qui te gêne là-dedans ? Les miracles ? S'il n'y a jamais eu de miracles dans ta vie, c'est que tu n'as jamais rien fait... » Et il explique : dans sa fédération, on l'avait chargé de préparer un meeting d'Objectif 74. « Je ne savais pas trop

ce que c'était ; mais avec un ou deux copains, on s'y est mis, on s'est remué pendant deux mois... et à ce meeting, on était finalement 115. Ce n'est pas un miracle, ça ? »

Puis il enchaîne, poursuivant sa réflexion. Il s'enthousiasme des quinze apparitions successives qui font de Marie une éducatrice exemplaire, et conclut, du même souffle : « le 25 mars, Elle a dit " je suis l'Immaculée Conception " C'est signé ! c'est signé ! »... Un rapprochement singulier surgit alors dans son esprit : — « C'est comme nous, à " Objectif 74 ", Marty-Marchais, c'est signé ! »

Objectif 74 a eu ce retentissement à la fois pour confirmer les jocistes dans leur mission et en même temps pour les engager pleinement comme croyants dans ce monde des jeunes travailleurs, non seulement pour affirmer leur foi, mais pour qu'ils discernent la présence du Seigneur, pour qu'ils en découvrent, par la révision de vie, la présence et les initiatives.

— Pourquoi donc cette fidélité n'est-elle pas mieux comprise ?

— Manque de réalisme. Manque de connaissance du monde ouvrier. Il est bien certain que la JOC prend de plus en plus en charge d'une manière très clairvoyante et très directe, toutes les contraintes, toutes les injustices d'un état violent où les travailleurs ne sont pas maîtres de leur destinée.

Pour la JOC, mouvement de jeunes travailleurs, c'est une étape vers la maturité que de prendre davantage conscience d'un état d'injustice, d'un désordre établi, et de participer plus consciemment au combat contre cet état de fait.

La JOC est indéniablement de plus en plus inscrite dans un contexte politique donné, au point que son expression a une tonalité socialiste. J'ai eu l'occasion, à ce propos, de répondre à un article de Jacques Tessier, le président de la CFTC, qui mettait en cause la JOC comme ayant fait un choix temporel déterminé. La cause n'est pas très facile à défendre... mais elle se défend quand même : il est désormais clair qu'on ne peut exprimer sa foi en faisant abstraction des idéologies dans lesquelles on vit. Mieux vaut savoir par quelle idéologie on est marqué. Prétendre ne pas faire de politique, ne pas être influencé par une idéologie, c'est exprimer tacitement une vue politique, car cela revient à avaliser un « ordre » établi.

Mais cette coloration politique de la JOC ne signifie pas, comme c'est peut-être le cas dans d'autres mouvements de jeunes, un souci exclusif d'efficacité temporelle. Elle s'inscrit dans une continuité, dans une fidélité ; quand on disait aux origines de la JOC : « L'appel du Christ résonne... », c'était un appel lancé à chacun de sortir d'un souci exclusif de soi-même pour être attentif aux soucis des autres, et, ensemble, chercher à se transformer, à promouvoir des aspirations communes, en prenant chacun et ensemble des responsabilités.

Ce souci d'une promotion, ce souci que tous accèdent à leur vraie stature, n'est-ce pas déjà l'œuvre du Salut dans le monde, le passage de solidarités pécheresses à des solidarités libératrices, la mise en œuvre de tous les moyens pour transformer le monde, le rendre plus heureux, bénéficiaire de la Bonne Nouvelle ? Evangéliser, n'est-ce pas, en premier lieu, conscientiser ? Je pense là à l'expérience d'évêques brésiliens comme Dom Fragoso ou Helder Camara : ils se trouvent, au départ, parmi une population très... sous-humanisée, qui attend tout de la providence avec un petit *p*, je veux dire la puissance publique, ou la puissance tout court. Et ces évêques

prétendent bien que cette population prenne d'abord conscience de sa situation sous-humaine, que ces « pauvres », ensemble, entre eux, prennent leur sort en charge, qu'avec leurs pauvres moyens, ils amorcent leur propre libération ; et c'est le début d'une réponse à l'action salvatrice du Seigneur dans leurs cœurs.

De même, si la JOC affirme des positions qui la situent dans l'ensemble du courant socialiste, ce n'est pas un choix déterminé *a priori*, et ce n'est pas non plus une condition qu'elle mettrait à l'appartenance au mouvement. L'option socialiste n'est pas un seuil qu'il faudrait obligatoirement franchir pour être membre de la JOC.

Ce qu'exprime spontanément la JOC, c'est que le choix socialiste est globalement le choix du monde ouvrier. Celui-ci n'accepte pas le capitalisme, il récuse un ordre social fondé sur l'argent, ou plutôt un monde où l'argent est le médiateur souverain, la condition nécessaire, pour accéder au pouvoir, c'est-à-dire au niveau des responsabilités. Dans la mesure où la JOC se veut partie prenante du mouvement ouvrier, et où elle veut être vraie par rapport à cet engagement, elle se trouve, de fait, dans le camp socialiste.

Mais le seuil à franchir pour l'appartenance à la JOC, c'est d'abord le souci des autres, le souci que tous les jeunes du monde ouvrier puissent prendre leurs responsabilités, prendre toute leur stature, le souci apostolique en dernière analyse, qu'ils puissent tous bénéficier de la Bonne Nouvelle et participer à la naissance de l'Eglise en monde ouvrier.

— Il reste que la JOC est accusée de faire des choix partisans. On lui reproche d'accentuer la division entre milieux sociaux au sein de l'Eglise.

— Je sais. On fait le même reproche, d'ailleurs, à l'ACO et à l'ACI. La JOC est en bonne compagnie !

Le Pavillon du Lac, à Lourdes, a vécu cette mise en cause (1). Le seul fait de prétendre partager les pèlerins en carrefours d'après leur milieu de vie a provoqué des réactions très vives quelquefois parmi les pèlerins eux-mêmes, mais surtout chez les responsables de pèlerinage. Ce n'est pas de l'histoire ancienne ! « Faire un tel partage à Lourdes, où tous les conflits sont oubliés... où tout le monde fraternise !... »

Je renonce à formuler des arguments que j'ai déjà, me semble-t-il, largement développés. Je craindrais de me répéter, dans les mêmes termes. J'en appelle simplement à l'expérience des faits.

A Lourdes, déjà, puisque j'ai évoqué le Pavillon du Lac, le partage par milieu de vie n'est pas un tribut à la lutte des classes. Il évite, d'expérience, que l'échange n'y tourne court, irrémédiablement. On n'est pas à Lourdes pour résoudre les problèmes, mais pour se convertir. Entre pèlerins du même milieu, on évoque les problèmes de points de vue semblables, pour se situer, comme chrétiens, dans ce quotidien qui est le lieu de la rencontre du Seigneur, pour discerner et faire réponse à Ses appels, dans une « économie d'amour ».

Certes, les points de vue sont opposés, d'un carrefour à l'autre, selon les milieux. Autant il est périlleux de débattre de ces conflits à l'impromptu, entre pèlerins, autant l'échange est fructueux au Pavillon du Lac (ou ailleurs, à des instances de même niveau), entre responsables des mouvements, jocistes et jicistes, adultes de l'ACO et de l'ACI (monde ouvrier et monde indépendant). Ces responsables se découvrent frères et amis, dans leurs différences, au plan de leurs responsabilités apostoliques.

J'évoquerai Sylvie, une jeune fédérale jociste de Cambrai, découvrant au Pavillon du Lac le milieu indépendant. Dans sa courée du Nord, elle n'avait jamais perçu ce milieu de vie. Après dix jours de permanence, elle s'était fait des amis de jeunes et d'adultes du monde indépendant : « Pour moi, le Pavillon du Lac, c'est l'Eglise », proclamait-elle à son départ... Expérience qui se répète, sans faire jamais long feu.

Expérience qui en éclaire d'autres.

J'évoquerai la densité spirituelle de telles rencontres de responsables, au fort de conflits sociaux, dans les Ardennes, militants de milieux opposés dans l'événement, et concernés dans leur chair. « Ni la chair ni le sang » ne pouvaient hausser les partenaires à ce niveau. Mais les responsabilités de la Bonne Nouvelle, en Eglise, les unissaient jusque dans une célébration commune. Quelles poignées de mains, au départ ! Non, de telles rencontres ne s'improvisent pas. Je dirai même qu'elles ressortissent à la gratuité de Dieu. Du moins, qu'on n'en méconnaisse pas les conditions, en notre humanité pécheresse !

Il me revient pourtant de citer des circonstances qui relèvent de l'événement, où la foule elle-même assume ses conflits, dans un climat de Peuple de Dieu.

Deux faits, l'un plus ancien, l'autre récent.

Le premier, vieux de dix ans : une confirmation à Revin (Ardennes) dans une période de grève. La veille, un meeting et un cortège, après un déroulement pacifique sous la discrète vigilance de la gendarmerie locale, avaient dégénéré en bagarre, au vu d'une compagnie de CRS envoyée en renfort par le préfet. A la cérémonie de confirmation, les lectures bibliques furent faites par le capitaine de gendarmerie et par l'orateur CFDT du meeting. Le témoignage d'Eglise a porté.

Le second, c'est l'enterrement de Pierre Maître, à Reims, ce syndicaliste mitraillé de sang-froid, dans l'exercice de sa solidarité de travailleur, au fort d'un conflit. Plusieurs dizaines de milliers de personnes, de tous milieux sociaux,

(1) Voir chapitre VI.

ont vécu, dans une intense communion, ces obsèques célébrées par un prêtre ouvrier, sous la présidence de l'archevêque. Les mass media parisiens ont trahi la portée de l'événement. Pouvaient-ils diffuser la Présence du Seigneur à ce peuple rassemblé ? Non, certes. Du moins auraient-ils dû la respecter.

Pour en revenir à votre question, « les choix partisans » de la JOC ne sont que l'expression d'une appartenance à un monde ouvrier étrangement méconnu des autres milieux sociaux. Ceux-là sont-ils exempts de tout choix ? Que celui d'entre eux qui, honnêtement, s'en convainc « lui jette la première pierre ».

— Peut-on pourtant admettre « la naissance de l'Eglise en monde ouvrier » — selon la formule en usage en « Mission ouvrière » — sans craindre une « Eglise ouvrière » qui consacrerait une sorte de pluralité attentatoire à l'unité de l'Eglise ?

— Bonne question, qui exprime un souci constant que doivent garder, et que gardent, j'en témoigne, les artisans, prêtres et laïcs, de cette naissance et de cette croissance de l'Eglise en monde ouvrier.

C'est plus facile qu'il n'y paraît.

Spontanément, les plus engagés dans la mission en monde ouvrier, laïcs jeunes et adultes, se dégagent de tout exclusivisme de classe.

Je pense à une retraite de fédéraux jocistes de la région Est, en montagne du Doubs. L'un d'entre eux mettait en cause son patron, dans des termes plutôt vigoureux. Un autre l'interrompt : « Ton patron, tu le hais ? » Silence. « Non, il est un fils de Dieu, comme moi, mais je hais le péché. »

Et je songe à ce militant d'ACO, unanimement respecté en vallée de la Meuse, qui, m'accueillant sur le seuil de l'église, au nom de la paroisse, me parla de la présence du Christ à toute la population, pour dépasser les conflits sociaux, et créer la famille des enfants de Dieu.

A partir du moment où l'on entre dans la perspective missionnaire de susciter l'Eglise en tous milieux (comme en toute culture ou civilisation), il faut bien admettre que la germination d'une communauté de base ne puisse se dégager de la « coloration » de son milieu d'origine. Elle est de tel milieu, elle est de telle culture, tout en étant œuvre de l'Esprit. Je crois à la conception immaculée de toute cellule d'Eglise, comme je crois à l'Immaculée Conception. Marie de Nazareth était, sans en rougir, de son temps et de son milieu.

L'unité de l'Eglise visible n'est pas un préalable sous peine de n'être qu'une contrainte. Elle est un fruit de sa maturité. Elle est pourtant perceptible, dans le champ d'un milieu de vie, par la diversité des options et des engagements des chrétiens.

Naissance et croissance de l'Eglise !... Laissons l'œuvre du Salut prendre son temps. Avons-nous la prétention de fixer des délais au Seigneur ?

La JOC est partie prenante d'une expérience missionnaire dont je cherche les correspondants en d'autres milieux sociaux. Ils apparaissent pourtant, mais avec du retard... Laissons à la JOC le bénéfice, tout gratuit, certes, mais combien riche d'espérance, d'avoir perçu, la première, la présence au monde, au niveau des plus démunis, du Christ ressuscité. « Bienheureux les pauvres, à bout de souffle, la Bonne Nouvelle est pour eux ! »

Sans esprit de propriété, la JOC se réjouit de voir reconnaître son intuition par d'autres milieux sociaux, mais aussi, sans distraction, elle en poursuit les heureuses exigences. Dans la foi, elle reconnaît l'œuvre du Salut dans les solidarités qui s'établissent entre jeunes pour

surmonter les servitudes, échapper à l'avilissement, dénoncer les vilenies, retrouver la stature de fils et de filles de Dieu, dans un monde pécheur qui s'affiche sans vergogne et chante des lendemains trompeurs.

Puisse-t-elle, cinquantenaire, garder le souffle et l'enthousiasme de la jeunesse !

ANNEXES

Extraits de l'exposé du 21 septembre 1943, a la Session des aumôniers fédéraux, avenue Reille

Notre foi commune pourrait s'énoncer comme suit : « Je crois dans les ressources de la masse pour une mystique chrétienne. »

. . . . . .

Tant que le militant ne pratiquera pas habituellement cet acte de foi : « Je crois, Seigneur, que c'est dans mon milieu de vie que je dois rencontrer votre grâce et m'en nourrir », il ne sera pas un vrai militant chrétien.

. . . . . .

Et voici qu'aujourd'hui nous préconisons la révision de vie. Il faut bien comprendre dans quel esprit.

La révision de vie n'est pas un examen de conscience. Elle n'est pas davantage le tableau de chasse des succès d'influence.

Elle consiste à visionner le film de la journée pour découvrir les beautés, les richesses rencontrées, le travail de la grâce divine. Elle est faite avec un parti pris d'optimisme. C'est le juron de l'ouvrier qui vient de manquer un bel ouvrage, comme la fierté d'un autre qui l'a réussi : tous deux ont révélé l'amour de leur tâche. C'est la détresse d'une maman devant le désordre de sa fille, comme le soin qu'elle a mis à rapiécer

la culotte de son gamin. Ici et là, elle s'est montrée soigneusement diligente...

Faite dans cet esprit, la révision de vie a une vertu inépuisable :

1° elle fait entrer l'âme dans le concert de louanges et de gratitude des élus. Elle prédispose à l'oraison de foi le militant nourrissant son commerce avec Dieu des beautés découvertes ;

2° elle est une école d'assujettissement du militant à son milieu, le préservant de s'en évader. Ecole de charité dans la vérité par un appel incessant à correspondre à la grâce divine qu'il découvre être en travail autour de lui ;

3° elle est déjà une conquête par la médiation qui s'établit dans l'âme du militant, par une prise en charge surnaturelle des personnes qui l'entourent et des communautés naturelles dont il est membre et par une sujétion amoureuse qui les exhausse.

C'est toute une spiritualité d'action catholique qui se dessine.

.....

A ce prix, le militant sera le levain dans la pâte, et toute la masse sera soulevée.

(Paru dans *Masses ouvrières,* première livraison, avant numérotation, en mars 1944.)

Témoignage du 23 septembre 1947, a la Session nationale des aumôniers jocistes, a Versailles

Extraits

Souvenez-vous, les anciens, de ces messages fulgurants (de Cardijn) qui nous ont enthousiasmés, parce qu'ils nous ouvraient des perspectives illimitées, là même où le mur de

nos impossibilités nous apparaissait plus épais et plus infranchissable :

« L'usine n'est pas un bagne, mais un chantier, un sanctuaire. »

« Le travailleur n'est pas un esclave, ni une bête de somme, ni un forçat, mais un collaborateur de Dieu, un fils de Dieu. »

Ce point de vue est libérateur, parce qu'il est vrai.

Ma paroisse, je la vois désormais avec des yeux neufs. Elle n'est pas seulement un chiffre de population. Elle est une portion d'humanité où je dois promouvoir le règne de Dieu. Je la parcours pour y découvrir ici l'usine, cette « maison fermée » où je ne pénétrerai jamais que précédé d'une carte de visite, dans les bureaux de la direction ; là, une école professionnelle, autre « maison fermée », où une soutane ferait sensation, jusqu'à émouvoir l'Académie ; là, des ateliers de couture ou de mode, là une banque, là une rue commerçante, là un quartier ouvrier, cité ou coron, autant de communautés naturelles où la vie humaine coule à pleins bords, hostile, indifférente ou attentive au règne de Dieu, soit qu'elle s'enlise dans la promiscuité ou le vice, soit qu'elle se déroule au hasard des rencontres et des oppositions d'intérêt, soit qu'elle s'essaie à chanter Dieu par des initiatives désintéressées, généreuses, inspirées par l'amour et qui lui donnent une âme.

Heureux vicaire, heureux curé, si parcourant ma paroisse à quelque heure du jour ou de la nuit, je sens comme les pulsations de ces diverses communautés humaines, jusqu'à discerner en elles les mouvements de fièvre, les convalescences pleines d'espoir, le rythme de la santé, parce que je vis avec elles, parce que je suis associé par mon sacerdoce à la libération d'une louange à Dieu, du sein de la terre des vivants.

Heureux vicaire, heureux curé, si rien dans ma paroisse ne m'est étranger, si ma médiation, avec du plus et du moins dans l'efficacité, est universelle, si ma messe présente au Père la vie totale de ces humains dont j'ai charge d'âmes et qui réalisent leur salut dans l'exercice de leurs responsa-

bilités, de leurs devoirs, dans une entière union avec le Verbe incarné et Rédempteur, grand prêtre de l'humanité.

Ces vues nous font accéder à l'intelligence du laïcat, dans ce grand œuvre dont nous avons la charge.

.....

Le grand paradoxe de la JOC naissante fut : la formation par l'action...

La formation par l'action est une formation par la vie et dans la vie... Formation éminemment personnelle et sur mesure tout entière suspendue à cette trouvaille de la JOC qu'est *la révision de vie.*

La révision de vie n'est pas une *révision d'activité,* ni même une révision d'influence. Dans le premier sens, elle serait (elle est) une pédale de débrayage de la vie ouvrière. Hélas, nous avons expérimenté cela : telle section, magnifiquement active, tournant à vide dans un monde clos, en marge de la vraie vie, et des préoccupations du quartier, du monde du travail, voire même de la vie de famille des propres militants jocistes.

Dans le second sens, *révision d'influence,* elle est une entreprise d'époumonnement, de claquage du militant, qui doit bien vite constater que son influence est nulle, que sa prétention est vaine, que ses attitudes et ses initiatives de plus en plus héroïques se trouvent, par un choc en retour, le séparer de ses compagnons qu'il prend tant de peine à « avoir ».

La révision de vie est quelque chose d'autrement plus vrai, d'autrement plus profond, d'autrement plus désintéressé. Elle est essentiellement ce regard attentif du jeune ouvrier touché par la grâce, sur sa vie ouvrière — ce possessif est encore de trop — sur *la vie ouvrière* telle qu'elle se présente à lui. Il y a, dans ce regard, plus ou moins furtif au début, le principe de cette médiation active qui est toute la spiritualité du jociste, disons du laïcat d'action catholique... Ce regard, assuré, encouragé, purifié, fait accéder normalement le simple jociste à la vie intérieure.

Ce regard doit lui faire aimer son milieu ouvrier.

Alors sa médiation s'affirme :

Le militant *rend grâces* des beautés perçues, des grandeurs de la vie ouvrière, et il accède à cette complaisance filiale qui répond en Jésus-Christ à celle du Père pour son Fils.

Le militant *répare* pour sa classe ouvrière, dont il veut porter le péché. Voir couramment cet ascétisme de nos militants : discipline du lever, privation de tabac, de vin, en esprit de réparation.

Le militant *demande* : il prie pour ses frères, pour sa classe ouvrière, et finalement, il adore le Dieu souverain, provident Père qui mène nos destinées, et travaille de son amour la masse humaine.

Cette médiation active mène normalement à la vie sacramentelle : l'Eucharistie, la messe et la communion, la Pénitence, le prêtre, la direction spirituelle, l'Eglise... Alors le militant, à cette école, agit non pour faire honneur à la religion, ou la défendre. Il agit par religion, religieusement, il participe au sacerdoce du Christ, au sein de l'Eglise et à sa place, il est participant à l'apostolat hiérarchique. Voilà l'Action catholique.

La révision de vie, en somme, une re-vision, désintéressée, aimante, généreuse, de la vie ouvrière à laquelle il participe, dans laquelle il se meut ; et c'est elle — pratiquée sous des formes très variées et adaptées — qui l'entraîne sur le chemin de la perfection.

Révision de vie : moyen de formation, qui trouve place dans toutes les réunions jocistes, réunions de sections, réunions fédérales, et qui constitue la substance de l'entretien en tête-à-tête du militant avec son aumônier.

(Paru dans *Masses ouvrières,* n° 29, décembre 1947)

QUELQUES POINTS DE REPERE DANS 50 ANS DE JOC

1919-1925 : la JOC naît en Belgique autour du P. Cardijn ; celui-ci est reçu en 1925 par le pape Pie XI ; la JOC belge tient son premier congrès.

1926-1927 : la JOC française naît autour de l'abbé Georges Guérin.

1928 : lancement de la JOC féminine (JOCF).

1930-1934 : premières campagnes, premiers services lancés par la JOC en direction des jeunes chômeurs.

1935 : dans le sillage de la JOC, naissance de la Ligue des ouvriers chrétiens (LOC) pour les adultes.

1936 : les jocistes participent nombreux aux mouvements sociaux qui marquent le temps du Front populaire.

1939 : la guerre empêche la tenue du premier rassemblement international, prévu à Rome.

1940-1945 : sous l'Occupation, la JOC refuse l'intégration dans les organisations pour la jeunesse du régime de Vichy.

1950 : grâce à l'action de la JOC, des jeunes travailleurs obtiennent une loi accordant 4 semaines de congé payé aux moins de 18 ans, et 3 semaines de 18 à 20 ans.

1957 : premier Conseil mondial de la JOC à Rome ; adoption des statuts de la JOC internationale.

1961 : deuxième Conseil mondial à Rome. Rio-de-Janeiro.

1963 : rassemblement européen à Strasbourg ; adoption d'un statut du jeune travailleur.

1965 : troisième Conseil mondial de la JOCI, à Bangkok.

1967 : rassemblement du 40e anniversaire de la JOC française « Paris 67 », 50 000 jeunes acclament une série de dix-neuf propositions visant à améliorer la condition de la jeunesse ouvrière.

1968 : les jocistes sont dans les « événements » de mai ; la JOC rappelle ses revendications.

1969 : campagne internationale de solidarité avec la JOC du Brésil.

1969 : enquête — 400 000 questionnaires — sur l'avenir professionnel.

1969 : Conseil mondial à Beyrouth.

1973 : solidarité internationale avec la JOC du Vietnam.

1974 : le rassemblement Objectif 74, à Paris.

1975 : Conseil mondial de Linz (Autriche).

1976 : rassemblement national de 5 000 apprentis à Paris.

14 mai 1978 : à La Courneuve (Seine-Saint-Denis), rassemblement final de l'année du 50e anniversaire de la JOC-JOCF française...

TABLE DES MATIÈRES

Préface 7

Notice biographique 9

CHAPITRE I
L'irruption de la JOC en France 11

CHAPITRE II
Le premier visage de la JOC 22

CHAPITRE III
Les années 1930 : l'ACJF et la JOC 35

CHAPITRE IV
La révision de vie 42

CHAPITRE V
La JOC et l'expérience des prêtres ouvriers .. 53

CHAPITRE VI
Les années 1950 : épreuves et maturation 60

CHAPITRE VII
Vatican II : heure de vérité pour la JOC 69

CHAPITRE VIII

Le Concile, confirmation et approfondissement pour la JOC 78

CHAPITRE IX

Du Concile au 50e 88

ANNEXES 101

Quelques points de repère dans 50 ans de JOC .. 107

20

Achevé d'imprimer en avril 1978
sur les presses de l'imprimerie Laballery et Cie
58500 Clamecy
Dépôt légal : 2e trimestre 1978 — Numéro d'Editeur : 3900
Numéro d'impression : 18750

Au fil des souvenirs évoqués par Mgr Béjot, ce n'est pas seulement cinquante années de la vie de la J.O.C. qui sont ici observées. Ancien aumônier fédéral, puis régional de la J.O.C., le Père Béjot reste l'un des « Pères » de la Jeunesse ouvrière chrétienne. Cette J.O.C. lui a appris, à lui prêtre et évêque, ce qu'est la jeunesse ouvrière, ce qu'est la classe ouvrière.

Et ce n'est pas la plus mince qualité de cet ouvrage que de nous restituer, ici, une des plus belles entreprises évangéliques de ce siècle : faire naître l'Eglise du Christ, au sein de la masse des travailleurs.

LES EDITIONS OUVRIERES
12, avenue Sœur-Rosalie
75621 Paris Cedex 13

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM (CEDIM)

http://r1.ufrrj.br/cedim/

Acesse nosso site e saiba mais sobre nós.

Dezembro de 2017

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Facebook: @cedimimufrrj

E-mail: cedim.ufrrjim@gmail.com

Site: http://r1.ufrrj.br/cedim/